REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

JORNAL

DOS

INTERESSES PHISICOS, MORAES E INTELLECTUAES.

COLLABORADO

POR

MUITOS E DISTINCTOS LITTERATOS

E

REDIGIDO

POR

JOSÉ MARIA DA SILVA LEAL.

TOMO V.

ANNO DE 1845—1846.

LISBOA

IMPRENSA DA GAZETA DOS TRIBUNAES

Rua dos Fanqueiros n.° 82.

1846.

CATALOGO DOS COLLABORADORES E CORRESPONDENTES D'ESTE VOLUME.

Os Srs.

A.

A. A.
A. Herculano
A. F. Lima
A. J. Viale
A. L.
A. Lima
A. M. R. da Costa Holtreman
A. Mauricio Cabral
A. Pereira da Cunha
A. R. O. Lopes Branco
A. R. Saraiva
A. de Serpa
Abbade Castro
Antonio Augusto de Lacerda
Antonio Lopes de Rego
Antonio Pedro de Salles
Augusto Xavier Palmeirim
B.
B. J. de Senna Freitas
Barão d'Almeirim
Caetano Xavier Pereira Brandão
Claudio Adriano da Costa
Cazimiro Antonio Ferreira
D.
Dr. Silva Abranches
Dr. Matheus Cezario Rodrigues Moacho
D. S. M. de Vilhena Saldanha
F. A. C. M. V.
F. L. de A. Velho da Fonseca
Francisco d'Assiz Baleizão
G. A.
H. J. de Sousa Telles
Isidoro José Gonçalves
J. W.
J. M. C.
J. P. de Lima
J. B. d'Almeida Garrett
J. J. F. de Mello e Andrade
J. M. Campêlo
J. Freyre de Serpa
Jacintho Luiz d'Amaral Frazão
João Augusto de Amaral Frazão
João Baptista da Silva Lopes
João José de Sousa Telles
João de Mello Pereira
João Vicente Martins
José Ignacio Godinho Simões
José Joaquim de Mattos
José Osorio
José Thedeschi
L...
L. A. Palmeirim
L. Augusto Rebello da Silva
Luiz Antonio Rebello da Silva
M. de V.
M. A. M.
M. L. O. M.
M. M. Franzini
M. J. F. Branco
Maria J. de S. C.
Marianno José Cabral
Marquez de Vallada
Martinho José de Gouvêa
Mendes Leal
Miguel Januario Fernandes Branco
O P...
P. B.
P. F. L.
R. C. de S.
R. de Gusmão
Ribeiro
S....
S. B.
S. M.
Silvestre Pinheiro Ferreira
Thomaz Oom Junior
Um assignante egresso
Um Catholico
Um Cirurgião
Um Commerciante
Um — dx — de litterato
Um Elvense
Um lavrador da provincia
Um Official de Cavallaria
Um proprietario agricula
Verissimo Alves Pereira
Xavier d'Araujo
Y.

Outros muitos artigos teem sido subscrevidos d'este modo * * *, e alguns ha tambem *communicados*.

INDICE ALPHABETICO

DAS

MATERIAS CONTIDAS N'ESTE QUINTO VOLUME.

Os algarismos indicam os numeros dos artigos.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

JORNAL DOS INTERESSES PHYSICOS, INTELLECTUAES, E MORAES.

Collaborado por muitos Sabios e Litteratos — redigido por J. M. da Silva Leal.

PROLOGO.

N'um tempo como este nosso em que vai pelo mundo tamanho movimento social no pensamento, commercio e industria; quando os carris de ferro e o vapor communicam as nações umas com outras quasi como conductores electricos, e não tardarão talvez a fazer mudar, pelo menos, o systema do commercio universal; é de necessidade absoluta que em Portugal — situado a um canto da Europa e quasi isolado, por consequencia, d'esse turbilhão moral e industrial em que se agita o centro do antigo e o norte do novo mundo — haja, quando mais não seja, um jornal que siquer ao menos faça conhecidos do nosso povo — ponha patentes a todas as intelligencias — as graves questões que ahi se debatem de socialismo e economia pública, e as invenções e melhoramentos que, por assim dizer, diariamente se poem em prática em todos os ramos da industria, com progresso tão vasto e tão rapido que a Europa de ha vinte annos é velha para a Europa de hoje.

A grande sociedade humana começa, na verdade, a apresentar um espectaculo grandioso. Todos os esforços do talento se applicam hoje, quasi exclusivamente, aos meios de augmentar a prosperidade geral, e de proporcionar ás classes menos abastadas o maior bem-estar possivel. Nunca o *mens agitat molem* pôde ter mais bella applicação — nem mais verdadeiro e universal sentido! Hoje todo o mundo principia a ser examinado, explorado, cortado por canaes e caminhos de ferro; e o vapor tem levado a todas as partes da terra, desde o centro da Europa aos confins da China, aos extremos do Canadá, ás margens da Australia e quasi ás fontes do Nilo, os productos trocados de todos estes remotos paizes, com elles o conhecimento e talvez as sympathias dos povos, é pouco a pouco a civilisação e a paz.

Todos os povos são irmãos; todos elles compozeram sempre a mesma familia, é verdade; mas affastados por distancias immensas, separados entre si por extensos desertos, por aguas invadeaveis, por montes inacessiveis, não curaram até agora uns dos outros, olhavam-se talvez com odio, consideravam-se quasi sempre como inimigos. D'antes construiam-se muralhas de centenares de leguas para separar os povos confinantes: fortalezas inexpugnaveis guardavam as fronteiras dos paizes limitrophes; e ainda ha bem poucos annos eram as ballas de artilheria que annunciavam a visita de uma nação a outra.

Tudo tem mudado em nossos dias. Embora uma grande nação, por transitorios motivos politicos, cerque ainda hoje a sua capital de muros e baluartes; nas suas raias mesmas outra grande nação liga todos os povos commarcãos por meio de mutuos interesses, e quasi faz d'elles uma só familia. O *zollverein* é o symbolo do grande pensamento social do seculo XIX. Por toda a parte se abatem os montes, se furam as montanhas, se ajuntam os rios, e se inventam meios de toda a especie para facilitar as communicações, abreviar as mais remotas, vencer as mais difficeis. E o poderoso meio que hoje une as nações pelo tracto — pelo interesse commum — liga-as tambem moralmente com intimidade de familia, e vai de dia para dia tornando cada vez mais impraticavel a applicação da força bruta. O povo mais forte será aquelle que for mais sabio; e o podêr da intelligencia hade vir a ser o unico podêr dominador da terra.

A primeira necessidade pois é instruir o povo. Não basta talento tambem é preciso estudo:

o espirito de observação é o suprémo preceptor do homem. Ora, se nós os d'este paiz não podêmos desinvolver esse espirito de observação em tamanha escalla como os outros povos, que circumstancias especiaes collocam na posição de carecerem d'elle para subsistirem melhor em reciproca lide de interesses — aproveitemo-nos ao menos da experiencia devida a essa necessidade industrial dos outros povos; e teremos, por outro lado, a vantagem de podêrmos gozar do fructo d'essa experiencia sem a necessidade de passar pelas vicissitudes do tyrocinio de que elles teem carecido para chegarem ao ponto em que hoje os vemos.

O homem aprende não advinha as coisas. Se os homens em geral no nosso paiz não estão preparados para certas innovações, como é que nos admirâmos de as não vermos até aqui acceitas, e algumas nem siquer conhecidas? Querermos os resultados sem o principio é loucura. O nosso povo carece de educação social; isto é: carece de ser instruido nos elementos da sciencia social como ella hoje começa a desinvolver-se no mundo. Dê-se-lhe essa educação.

Tal é a missão da REVISTA UNIVERSAL.

Mas se ésta missão houvesse de ser desimpenhada por mim — unicamente por mim, que tanto a custo tomei o pesado cargo da sua redacção, ainda que em boa vontade não cedo a nenhum outro ânimo por mais zeloso que seja — nem eu decerto a poderia preencher, nem jamais tomaria tal incargo. Felizmente porém ésta nobre missão da REVISTA UNIVERSAL tem por apostolos alguns dos homens mais eminentes de Portugal na sciencia e na litteratura. E ja que a direcção e última redacção dos trabalhos d'este jornal perderam tanto com sahirem das habeis mãos do illustre poeta que em seus mais aridos lavores sabia desparzir as rosas de um estylo sempre viçoso e florido, buscarei indemnizar, quanto fôr possivel d'essa perda, nos leitores da REVISTA, por um constante e assiduo empenho em dilatar a esphera dos conhecimentos uteis, e onde baste zêlo e estudo para se chegar com proveito.

Sería vergonha nacional não haver, quando menos, um jornal assim concebido em portuguez, havendo tantos em inglez, francez, alemão, italiano, e ainda hispanhol! Pois só quem souber algumas d'estas linguas, e ainda assim só quem tiver occasião de ver esses jornaes, é que lhe será dado conhecer o mundo em que vive? Digo mui pensadamente *conhecer*, porque não conhece o mundo d'hoje quem é extranho ás importantes e transcendentes questões economicas e sociaes que lhe preparam o porvir, e hão de chegar talvez a mudar-lhe a face.

Blainville quer, e quer bem, que o character essencial de um complexo de conhecimentos quando elles teem chegado ao estado de sciencia, seja a *previsão*. Ora, ás statisticas, á observação da sociedade, ao estudo moral do homem, e a toda essa reunião de conhecimentos mais ou menos ligados com a economia politica, ja hoje se póde chamar *sciencia social*. Se a meditarmos, nada nos custará a prever que está latente um profundo pensamento de reforma social de que os escriptos de Fourrier, Owen, e Saint-Simon, são apenas simples indicios. Os melhoramentos sociaes são hoje uma especie de instincto nos povos, que os leva para o desinvolvimento d'esse grande pensamento sem que elles mesmos o pressintam.

Pareceu pois que neste sentido e n'este ponto particularmente se deviam fixar com mais attenção os esforços da redacção d'este jornal. Mas para que ésta parte por exclusiva se não tornasse inutil, adoptou-se a divisão do jornal em tres secções, para que, servindo a todos os gôstos, o agradavel de umas tornasse mais efficaz o effeito da outra.

Assim constará o jornal de trez partes. A primeira de *Conhecimentos-uteis* — que, como se deprehende do que deixo dito, é seguramente a mais importante no estado actual do mundo, e tambem se torna no estado actual do nosso paiz a mais necessaria: abrangerá em breve resumo quanto se faça nas sciencias, artes, e industria, acompanhando essa notícia de desenhos de machinas, etc., quando ella fôr de natureza que o mereça, ou carecer indispensavelmente d'esse auxílio. D'este modo as fábricas, a agricultura e o commercio, todos os melhoramentos materiaes encontrarão na REVISTA um quadro verdadeiro, pontual e animado, dos seus progressos e das idêas que a seu respeito se discutem no mundo.

A segunda parte que se chamará *litteraria* comprehenderá tambem as Bellas-Artes e o romance, cuja importancia moral e litteraria é incontestavel no nosso seculo. A crítica theatral é o complemento indispensavel d'esta parte.

A terceira e última parte, que poderá ser chamada de *Variedades* constará de notícias e outros artigos curiosos, que não tenham tido cabimento nas duas primeiras partes. Debaixo da epigraphe *Correio nacional* dar-se-hão as notícias

da capital e provincias, que pareçam de interesse; exceptuando porém as politicas, porque a Revista universal será rigorosa e completamente extranha a todas as indicações, ainda as mais innocentes, da politica. Debaixo d'est'outra epigraphe *Correio extrangeiro* serão dadas da mesma maneira as noticias de todo o mundo que mereçam saber-se.

N'este plano está concebido um jornal verdadeiramente universal. Mas é necessario que os leitores *especiaes* tenham a complacencia de tolerar n'este complexo o diverso gôsto das outras classes de leitores, alias o que fôr affeiçoado aos conhecimentos uteis julgará as outras como *inoportunas-bagatellas*; e vice-versa, o amador da litteratura e variedades lhe parecerá ess'outra parte *seccante impertinencia*.

Em um paiz tão limitado em número de habitantes e de leitores, é quasi impossivel, absolutamente fallando, estabelecer jornaes exclusivos de tal ou tal ramo. O jornal portuguez ou hade ser todo *leve*, curioso, popular, como dizem, para o maior número; ou hade ser completamente *universal* para contentar a todos: suppondo sempre que cada um d'estes *todos* o não queira unicamente ao seu gôsto.

A Revista deseja ser esse jornal.

Os artigos que não levarem assignatura, ou qualquer outro signal, devem intender-se da redacção. Todos os outros, quer sejam de collaboradores quer de correspondentes, serão distinctos pela assignatura, ou qualquer outro signal particular.

Lisboa 20 de junho de 1845.

J. M. da Silva Leal.

CONHECIMENTOS UTEIS.

BANCO-RURAL.

1 O estabelecimento d'um banco-rural no nosso paiz é coisa geralmente desejada, e que de dia para dia se torna cada vez mais necessaria.

A agricultura é universalmente reconhecida como a primeira das fontes da riqueza nacional. No nosso paiz particularmente é ella o principal ramo da sua industria e da sua prosperidade.

A cultura dos campos tem ha annos augmentado consideravelmente entre nós. Hoje cultiva-se mais e talvez melhor. Esta causa, a que outras porventura menos lisongeiras se reunem, tem feito descer o genero progressiva e rapidamente. Sabemos que até certo ponto ésta barateza é util e de bom presagio, mas é certo tambem que no estado especial do nosso territorio, pela falta de communicações e mercados, falta que ainda se sentirá por muitos annos, se o genero se chega a depreciar póde produzir a ruina de muitos lavradores, que pela maior parte não são abastados; o que seria uma calamidade geral.

E' um facto que o valor do genero tem descido no mercado quasi repentinamente. O proprietario agricula não estava preparado para ésta descida sem transição; e póde haver tal anno em que se deem circumstancias e tão desastrosas que elle fique arruinado por falta de fundo para sustentar uma maior perda. N'este caso é indispensavel acudir-lhe, e acudir-lhe desde ja e efficazmente, porque não é ao individuo que se acode mas á agricultura. E' indispensavel que o proprietario possa ganhar tempo para alcançar os beneficos resultados da nova variação dos valores agriculas, sem soffrer os inconvenientes da sua repentina apparição, para que não estava preparado. Parece-nos que este é o ponto capital da questão. Quando a mudança dos valores agriculas fôr geral em todos elles — queremos dizer, quando o preço do genero estiver em harmonia com o preço dos trabalhos, com o preço e facilidade dos transportes, etc., então a barateza, não sendo depreciação, contribuirá para a prosperidade commum. Não acontece porém assim ainda hoje, e antes que assim venha a acontecer é necessario primeiro resistir á desharmonia, podêr affrontal-a, e mesmo habilitar-se para a tornar em harmonia.

Quando as coisas são justas e se querem deveras, conseguem-se sempre. Lembrâmos hoje dois alvitres que nos parecem grandemente efficazes para proteger e ingrandecer a industria agricula entre nós:

O estabelecimento de uma associação de proprietarios agricultores de todo o paiz, e o estabelecimento de um banco-rural. — Do primeiro tractaremos n'outra occasição: hoje começâmos a fallar só do segundo porque ja é *questão do dia*.

O govêrno de S. M. de accôrdo com a Companhia das Lezirias encarregou uma commissão de confeccionar certas bases para estabelecimento de um banco-rural. Mas, como talvez as disposições, origem, ou fórma d'esta providencia nos fizesse apprehender que o estabelecimento que se projecta poderá não satisfazer a todas as indicações a que suppomos de absoluta necessidade attender-se, pareceu-nos conveniente dizer alguma coisa sôbre o assumpto.

Julgâmos que o banco de que se tracta se limitará a fazer alguns imprestimos aos lavradores, mediante um modico interesse e sôbre hypotheca das suas propriedades.(*) E' possivel que não seja isto, que seja mais, ou que não seja tanto; porque emfim se temos apenas conhecimento da idêa. Sendo porém o que suppomos é ja muito bom — é excellente; mas ainda não basta. Os nossos proprietarios agricultores necessitam, a meu vêr, mais do que isso. Com similhante estabelecimento podem, é verdade, melhorar de posição e desinvolver a sua industria, mas podem tambem, victimas d'uma vicissitude, natural ou não, ou d'uma especulação mal-calculada, perderem o imprestimo que contrahiram, impossibilitarem-se de o pagar, ficarem finalmente sem as suas propriedades; e consequentemente peior do que antes estavam.

Convinha portanto fazer mais. Seria summamente vantajoso pôr os proprietarios a coberto d'alguns revezes mesmo successivos. Affrontar a salvo um complexo de circumstancias desastrosas não será, seguramente, pos-

(*) Informam-nos de que apenas imprestà sôbre penhor dos generos depositados no terreiro.

sivel; mas ao menos que não seja um primeiro desastre que evite poder-se combater com segundo, e que não baste esse segundo para occasionar uma desgraça completa. O caso está pois em estabelecer o *credito territorial*, criar um verdadeiro banco de hypothecas, onde o proprietario não va pedir imprestado mas va saccar sôbre os seus mesmos bens immoveis os valores moveis de que necessita — isto quer dizer, que se mobilise a propriedade.

Não sei se ésta idêa será bem compreendida por todas as intelligencias por isso vou expol-a mais claramente. Supponhamos que um proprietario inscripto no banco com o valor de 10:000$000 rs. precisa de um terço da sua hypotheca em valores divisiveis para o seu tráfico; sacca sôbre o banco ésta importancia, o banco acceita, e fica realisada a somma. De maneira que o proprietario responde para o banco com a sua hypotheca, e o banco responde com a moeda aos portadores das suas ordens. Ja se vê que assim ficaria mobilisada a propriedade pelas ordens e immobilisado o credito pela hypotheca.

Um banco assim póde ser instituido por uma associação de capitalistas, pela 'Companhia das Lezirias,' por exemplo; mas haveria muito maior vantagem para a classe sendo feito pelos proprietarios mesmos. E ainda isto não serìa tudo, era necessario que um similhante banco, limitado unicamente ao fim da sua instituição, não distrahisse os seus fundos em especulações de nenhuma especie de agiotagem, para os não ter sugeitos nem ás alternativas da praça, nem aos perigos da bancarota; era necessario tambem como complemento das suas vistas economicas, que empregasse uma parte dos seus capitaes em applicações uteis á agricultura do paiz; tanto fomentando a boa cultura das terras, como promovendo o consumo da producção, etc.

Parece-nos, que a criação de um estabelecimento similhante entrou ja no pensamento de alguem: e a Revista muito se honraria de que fosse nas suas columnas que esse pensamento começasse a desinvolver-se.

Agora pelo que respeita ao banco que ja está em projecto, é bem de suppôr que as pessoas encarregadas do seu andamento se não esquecerão nem do banco creado na Russia em 1786, para evitar o que a sua organisação teve de menos bem calculado, nem do que existe na Prussia, para imitar o que n'elle ha de melhor pensado.

Assumpto é este a que seremos obrigados a voltar mais de uma vez, e sôbre o qual pedimos o valioso auxílio de todas as capacidades que estão no caso de discutil-o, porque os nossos bons desejos não podem supprir as habilitações de que carecemos para o tractar cabalmente.

ESCHOLAS REGIMENTAES.

2 Muito importante é em verdade o assumpto das escholas regimentaes, que o Sr. Palmeirim encetou em o n.° 42 da Revista Universal, e habilmente esclareceu e desinvolveu o Exm.° Sr. Visconde de Sá da Bandeira em o n.° 45 da mesma Revista. Convencido da grande utilidade que éstas escholas poderiam produzir ao Estado, me havia eu occupado d'essa materia, preparando ainda alguns trabalhos com o intuito de apresentar um projecto na camara dos deputados na última sessão d'esta legislatura; a abundancia e importancia de negocios que n'ella havia para tractar me desviou d'esse intento, deixando o negocio para pessoa e tempo mais proprio. Tendo porém aquelles illustres militares apresentado no interesssante periodico, que V. redige, tão luminosos principios sôbre a materia, julgo que me será desculpado expender como additamento mais algumas idêas que a tal respeito me teem occorrido; e por isso rogo a V. o obsequio de as transcrever em algum dos numeros proximos da Revista, se assim lhe agradar.

Talvez fosse o govêrno portuguez o primeiro que estabeleceu escholas militares para n'ellas se ensinarem diversas materias, pois já em 1732 creou por decreto de 24 de dezembro academias militares na côrte, e nas praças de Valença, Almeida e Elvas; depois se estabeleceram aulas de mathematica nos regimentos d'artilheria, e ainda nos de infanteria de Tavira e Lagos no Algarve, a cujos alumnos foi permittido por decreto de 13 d'agosto de 1790 fazer exame na academia da marinha como se d'ella fossem filhos.

Não poucos homens distinctos, tirados das fileiras dos soldados, adquiriram n'estas aulas regimentaes os principios que em outras maiores foram depois cultivando a ponto de virem a ter nomeada na Europa: taes como os insignes mathematicos Custodio Gomes Villas Boas, José Anastacio da Cunha, João Manuel d'Abreu, e varios outros; assim como os habeis artilheiros generaes Roza, Teixeira, Reboxo etc. etc. N'estas aulas se formaram os dignos officiaes, que o tenente-general Valaré empregou nas differentes obras e diligencias de que foi encarregado: aquelles excellentes artilheiros no Roussillon mereceram ser elogiados pelo generaes alliados, e pelos mesmos inimigos; nas aulas dos seus regimentos haviam tomado os principios theoricos da sua arma que alli foram desinvolver na prática. Na secretaria d'estado dos negocios da marinha, na bibliotheca-publica d'esta côrte, e até na do Rio-de-Janeiro, se conservam plantas de varias praças, rios, e outros sitios do Algarve, levantadas pelos lentes e alumnos das aulas dos regimentos de infanteria de Tavira e Lagos. N'estes côrpos nem a graduação de anspeçada se dava, senão por exame das materias que nas aulas se ensinavam; sendo propostos pelo lente tres dos mais distinctos para d'elles escolher o commandante do corpo ou da companhia aquelle que havia de ser promovido ao posto vago. D'aqui resultava um estímulo proveitoso, que dava número sufficiente de praças para escolher officiaes inferiores com mais alguma instrucção do que lêr e escrever simplesmente. A aula do regimento de Lagos veio a ter um incremento consideravel pelos disvellos do seu benemerito coronel o fallecido barão d'Albufeira; e n'ella se ensinavam diversas materias por mestres escolhidos d'entre os officiaes e officiaes inferiores do regimento, sem outra despeza do Estado mais do que a gratificação de 20:000 réis mensaes ao lente de mathematica. A invasão do reino pelos francezes em 1807 veio cortar á nascença tão util estabelecimento: e com a guerra subsequente pararam o seu desinvolvimento essas sementes de pública e geral instrucção que n'aquelle regimento se tinham ido gradualmente augmentando. Depois da paz foram renovadas as aulas nos regimentos d'artilheria, e se estabeleceram escholas de primeiras lettras em todos os outros do exercito por portaria de 10 d'outubro de 1815 publicada na ordem do dia n.° 1 de 1816; mas foram ellas de curta duração; pois que pelo decreto

de 17 d'abril de 1823 acabaram a sua existencia quasi com a da liberdade que nos ía fugindo. Novamente foram installadas as escholas de primeiras lettras nos corpos do exercito por decreto de 4 de janeiro de 1837. Demonstrado foi no mappa que apresentou o Exm.° Sr. Visconde de Sá da Bandeira o pequeno desinvolvimento que ellas teem tido; não estando ainda estabelecidas em todos os corpos, nem sendo frequentadas n'aquelles em que estão, por todos os individuos que não sabem ler e escrever, como determina mui explicitamente o § 8.° do art. 3.° do ultimo decreto.

Bem palpaveis são as vantagens que d'estas escholas podem resultar assim para a classe militar em particular, como para a sociedade em geral; pois que havendo um systema regular de recrutamento devem sahir das fileiras do exercito todos os annos tres a quatro mil homens, que tendo aprendido nos corpos a ler, escrever, e contar vão para as suas aldeas com mais instrucção que d'ellas sahiram, e com meios de aproveitar para os seus misteres o que estiver escripto ou se fôr escrevendo. Maiores serão ainda as vantagens, se, modellando as escholas regimentaes pelas que já tivemos nos dois regimentos de infanteria do Algarve, as ampliarmos com o ensino dos elementos d'arithmetica, algebra e geometria, que se ensinam no primeiro anno da eschola polytechnica, e algumas nóções de desenho linear, admittindo os discipulos que se habilitarem n'estas materias a fazer exame d'ellas na polytechnica como seus filhos.

Reduzido o serviço nos corpos e guarnições das praças ao absolutamente necessario, deixará bastante tempo livre aos soldados e officiaes inferiores, tempo que ordinariamente empregam na ociosidade contrahindo maus habitos que influem na disciplina, e até na carreira d'aquelles que poderem subir aos postos maiores. A profissão militar está sendo olhada entre nós como um encargo odioso que torna o cidadão quasi extranho á sociedade, que o arranca por largo tempo dos serviços que lhe são mais uteis, voltando para o seu seio corrompido em costumes, e quasi inutil para trabalhar. Ésta censura já lhe tem sido feita por graves estadistas, e em alguns paizes com razão. Se pois proporcionarmos a todos os militares, desde que se alistam nos corpos do exercito, uma educação instructiva, e fizermos com que empreguem utilmente o tempo que lhes restar do serviço, virá ésta profissão a ser considerada, ao contrario, como uma grande eschola, na qual a mocidade aprendendo a manejar as armas adquirirá conhecimentos uteis que depois irá derramar no paiz em grande cópia; e contribuirá poderosamente para diffundir a civilisação, que é consequencia necessaria da instrucção entre os habitantes do campo, para onde volta a maior parte.

Não é completa ésta instrucção nos corpos para formar bons officiaes; mas é sufficiente para officiaes inferiores: entre estes se podem discernir muito bem os que mais provas tenham dado da sua applicação, e se destinem para seguir os postos na carreira das armas; a estes pois cumpre que o estado proporcione meios de completarem a instrucção correspondente nas aulas superiores. Para este fim se poderia então estabelecer um collegio, em que fosse admittido um ou dois de cada corpo que tivessem merecido ser approvados na eschola polytechnica nas materias do anno de mathematica e desenho ensinadas nas escholas regimentaes. Talvez fosse proprio para este estabelecimento o edificio do extincto Collegiuho, onde está a hospedaria militar. Bastaria se fornecesse a cada um a prestação diaria que com o producto do pret, pão, massa de fardamento, prefizesse 300 réis: com a qual alli se poderiam manter em communidade, e occorrer a mais algumas despezas miudas. Um official com os requisitos necessarios deveria ser encarregado da direcção do collegio e administração dos fundos, assim como de manter a ordem e subordinação, fazendo executar o regulamento que se deveria fazer.

D'estes collegiaes havia a bem fundada esperança de formar habeis officiaes das armas, a cujos estudos se dedicassem; e as vagaturas seriam prehenchidas por outros do mesmo corpo, ou de differente, quando no mesmo não houvesse algum habilitado.

A despeza com este collegio de trinta e oito individuos ao principio (um por cada corpo incluindo o batalhão naval) não excederia a tres contos de réis, que com pouco mais de quatro que custaria uma gratificação de dez mil réis mensaes dada ao official que fosse lente de mathematica e desenho em cada uma das escholas regimentaes, montaria quando muito a oito contos de réis por anno; quantia que anda com pouca differença pela terça parte do que custa hoje em dia o collegio militar, o qual, em verdade, não corresponde, como diz muito bem o nobre visconde de Sá da Bandeira, ao fim da sua instituição, pois que tendo em dez annos, decorridos desde 1835 até 1844, completado alli os seus estudos 67 alumnos, vem a sahir a despeza de cada um ao estado, por mais de tres contos de réis!!!

D'este modo mais real seria a vantagem para a classe militar e para o paiz em geral, e menos despeza para o Estado; pois ainda quando o número dos admittidos n'este novo collegio houvesse de se elevar ao dobro ou ao triplo, ainda ficava sendo menor do que 22 ou 23 contos de réis, a que monta a despeza annual do collegio militar, o qual com o novo ficava cabalmente substituido e reformado.

Oxalá que o Exm.° Sr. ministro da guerra leve por diante a sua boa intenção de fazer pôr em plena e inteira execução a disposição d'aquelle § 8.° do decreto de 4 de janeiro de 1837, porque de certo será em pouco tempo bem conhecida a vantagem que resulta de haver nos corpos avultado numero de praças habilitadas para os postos de officiaes inferiores, cuja falta tanto se faz sentir ao presente.

Lisboa 10 de junho de 1844.

João Baptista da Silva Lopes.

A Redacção agradece aô Sr. J. B. da Silva Lopes o artigo que acaba de ler-se tão competentemente elaborado, e présa em muito a distincta collaboração do seu illustre auctor.

PÃO COZIDO POR VAPOR.

3 A *Gazeta municipal* de París dá noticia d'uma innovação que se vai fazer na *boulangerie* d'aquella cidade. Tracta-se de cozer o pão por vapor e por meio de carvão de pedra. A principal economia hade consistir no poupar do combustivel que ficará reduzido a quatro quintos, isto é: com tres francos de carvão de pedra se obterá a mesma quantidade de pão cozido que com quinze francos de lenha. Além d'isso todo o fumo é inteiramente absorvido em razão da construcção particular do forno. Este projecto está submettido á ap-

provação da perfeitura da policia, e por isso o jornal de que tractâmos não entra em maiores desinvolvimentos.

PETRIFICAÇÃO ARTIFICIAL.

4 Uma novidade admiravel tem excitado em Paris a curiosidade de muita gente. Pós-se á venda uma collecção de medalhas, camafeus, baixos-relevos petrificados artificialmente por meio das aguas-thermaes de Saint-Nectaire, aldeola ao pé de Clermont.

Éstas aguas depositam grande quantidade de carbonato de cal: os objectos expostos á sua acção achamse cobertos, passado alguns mezes, d'uma substancia pedregosa tão lisa como marmore ou alabastro. Este primeiro resultado deu occasião á especulação industrial de que acima fallámos, e que promette consideravel desinvolvimento. Dirigiu-se habilmente a acção das aguas nos moldes e obtiveram-se incrustações de grande valor.

Com este processo podem-se vulgarisar os retratos em relevo de qualquer tamanho, e os camafeus, que não são inferiores aos da Toscana no acabado dos contornos, sendo-lhes muito superiores na variedade das tintas. Além da parte artistica, estes objectos elegantes são tambem muito proprios para infeites das senhoras.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

5 A redacção da Revista tem a satisfação de annunciar ao público ter obtido a continuação e complemento do manuscripto que com este mesmo titulo se começou a publicar no 3.° volume do seu jornal.

Os nossos leitores terão pois o gósto de ler em portuguez um livro interessante, tanto pelo lado moral como pelo crítico e litterario, em que acharão fundidos, em mui bem intendida harmonia, os admiraveis estylos de Swift, Sterne e Xavier de Maistre; e em que resplandece a philosophia, erudição e amor das coisas patrias, sem o phantastico das *Viagens de Guliver*, nem a satyra mordente de *Tristram Shandy*, mas com toda a elegancia e graça da *Viagem á roda do meu quarto*.

E vendo que o auctor tinha notavelmente corrigido os primeiros capitulos publicados ha dois annos, pareceu á redacção que sería mais conveniente, depois de tão longo intervallo, reproduzil-os agora juntamente com os ineditos, não só para continuar sem interrupção a serie toda, como para aproveitar as valiosas correcções e additamentos com que um escriptor tão escrupuloso costuma sempre inriquecer e melhorar as segundas edições de todas as suas obras.

Por este modo poderão os nossos leitores levar a fio um escripto que precisa ser lido seguidamente para se não perder nada do admiravel effeito que produzem a singelesa e graça do estylo, a fina crítica, e o tacto philosophico das obras do Sr. A. G.

Começâmos hoje portanto com o primeiro capítulo, e d'aqui em diante cada número da Revista publicará um até final conclusão.

Reproduzimos aqui tambem o que a respeito d'esta obra escrevia nas nossas columnas o Sr. A. F. de Castilho no principio da sua publicação: é um ornamento d'ella, e de que a não devemos privar.

« O escripto, cuja publicação agora incetâmos, é exemplar de genero precioso e novo em nossa litteratura. A seu auctor, o Sr. Conselheiro Almeida Garrett, que nos honra com a sua amizade e collaboração, cabe a glória de ter aberto mais de um caminho, que outros apóz elle tem seguido e hão de seguir. — O theatro moderno, e o romance patrio fundou-os elles inconstestavalmente. As *impressões de viagem*, como em todos os paizes de adiantada civilisação hoje se escrevem em grande abundancia, estrêa-as tambem elle agora.

« No que damos á luz offerecemos pois aos frívolos um estudo desinfastiado, — aos estudisos, uma recreação prestadia — aos ingenhos fecundos, um incentivo poderoso. »

VIAGENS NA MINHA TERRA.

> Qu' il est glorieux d'ouvrir une nouvelle carrière, et de paraitre tout-à-coup dans un monde savant un livre de découvertes à la main, comme une comète inattendue étincelle dans l'espace!
>
> X. DE MAISTRE.

CAPITULO I.

De como o auctor d'este erudito livro se resolveu a viajar na sua terra, depois de ter viajado no seu quarto; e como resolveu immortalizar-se escrevendo éstas suas viagens. Parte para Santarem. Chega ao Terreiro do Paço, imbarca no vapor de Villa-Nova; e o que ahi lhe succede. A Deducção-Chronologica e a baixa de Lisboa. Lord Byron e um bom charuto. Travam-se de razões os ilhavos e os bordas-d'agua, e os da calça larga levam a melhor.

Que viage á roda do seu quarto quem está á beira dos Alpes, de hynverno, em Turim, que é quasi tão frio como San'Petersbourgo — intende-se. Mas com este clima, com este ar que Deus nos deu, onde a larangeira cresce na horta, e o mato é de murta, o proprio *Xavier de Maistre*, que aqui escrevesse, ao menos ía até o quintal.

Eu muitas vezes, n'estas suffocadas noites d'estio, viajo até á minha janella para ver uma nesguita de Téjo que está no fim da rua, e me inganar com uns verdes de arvores que alli vegetam sua laboriosa infancia nos intulhos do Caes-do-Sodré. E nunca escrevi éstas minhas viagens nem as suas impressões: pois tinham muito que ver! Foi sempre ambiciosa a minha penna: pobre e soberba, quer assumpto mais largo. Pois hei de dar-lh'o. Vou nada menos que a Santarem: e protesto que de quanto vir e ouvir, de quanto eu pensar e sentir se hade fazer chronica.

Era uma idêa vaga, mais desejo que tenção, que eu tinha ha muito de ir conhecer as ricas varzeas d'esse Ribatejo, e saudar em seu alto cume a mais historica e monumental das nossas villas. Aballam-me as instancias de um amigo, decidem-me as tonterias de um jornal, que por mexeriquice quiz incabeçar em desígnio politico determinado a minha visita.

Pois por isso mesmo vou; — *pronunciei-me*.

São 17 d'este mez de julho, anno de graça de 1843, uma segunda-feira, dia sem nota e de boa estrea: Seis horas da manhan a dar em San'Paulo, e eu a caminhar para o Terreiro-do-Paço. Chego muito a horas, invergonhei os meus madrugadores dos meus companheiros de viagem, que todos se presam de mais matutinos homens que eu. Ja vou quasi no fim

da praça, quando oiço o rodar grave mas pressuroso de uma carroça *d'ancien regime*: é o nosso chefe e commandante, o capitão da impresa, o Sr. C. da T. que chega em estado.

Tambem são chegados os outros companheiros: o sino dá o ultimo rebate. Partimos.

N'uma *regata* de vapores o nosso barco não ganhava decerto o premio. E se, no andar do progresso, se chegarem a instituir alguns isthmicos ou olympicos para este genero de carreiras — e se para ellas houver algum Pindaro ancioso de correr, em strophes e antistrophes, atraz do vencedor que vai coroar de seus hymnos immortaes — não cabe nemum triste minguado epodo a este cançado corredor de Villa-nova. — É um barco sério e sezudo que se não mette n'essas andanças.

Assim vamos de todo o nosso vagar contemplando este majestoso e pitteresco amphitheatro de Lisboa oriental que é, vista de fóra, a mais bella e grandiosa parte da cidade, a mais characteristica, e onde, aqui e alli, algumas raras feições se percebem, ou mais exactamento se adivinham, da nossa velha e boa Lisboa das chronicas. Da Fundição para baixo tudo é prosaico e burguez, chato, vulgar e semsabor como um periodo da *Deducção Chronologica*, aqui e alli assoprado n'uma tentativa ao grandioso do mau gôsto, como alguma oitava menos rasteira do *Oriente*.

Assim o povo, que tem sempre melhor gôsto e mais puro do que ésta escuma descórada que anda ao decima das populações, e que se chama a si mesma per excellencia a *Sociedade*, os seus passeios favoritos são a Madre-de-Deus, e o Beato e Xabregas e Marvilla, e as hortas de Chellas. A um lado a immensa majestade do Tejo em sua maior extensão e podêr, que alli mais parece um pequeno mar mediterraneo; do outro a frescura das hortas e a sombra das árvores, palacios, mosteiros, sitios consagrados todos a recordações grandes ou queridas. Que outra sahida tem Lisboa que se compare em belleza com ésta? Tirado Bellem, nenhuma. E ainda assim, Bellem é mais arido.

Ja saudâmos Alhandra, a toireira; Villa-franca, a que foi de Xira, e depois da Restauração, e depois outra vez de Xira, quando a tal Restauração cahiu, como a todas as restaurações sempre succedeu e hade succeder, em odio e execração tal que nem uma pobre villa a quiz para sobrenome.

— 'A questão não era de restaurar nem de não restaurar, mas de se livrar a gente do um governo de patuscos, que é o mais odioso e ingulhoso dos governos possiveis.'

É a reflexão com que um dos nossos companheiros de viajem accudiu ao principio de ponderação que eu ía involuntariamente fazendo a respeito de Villa-franca.

Mas eu não tenho odio nenhum a Villa-franca, nem a esse famoso e último cirio que lá foi fazer a velha monarchia. Era uma coisa que estava na ordem das coisas, e que por fôrça havia de succeder. Este necessario e inevitavel reviramento por que vai passando o mundo, hade levar muito tempo, hade ser contrastado por muita reacção antes de completar-se.

No entretanto vamos accender os nossos charutos, e deixemos os precintos aristocraticos da ré: á proa que é paiz de cigarro livre.

Não me lembra que lord Byron celebrasse nunca o prazer de fumar a bordo. É notavel esquecimento no poeta mais embarcadiço, mais marujo que ainda houve, e que até cantou o enjôo, a mais prosaica e nauseante das miserias da vida! Pois n'um dia d'estes, sentia na face e nos cabellos a brisa refrigerante que passou por cima da agua, emquanto se aspiram mollemente as narcoticas exhalações de um bom cigarro da Havana, é uma das poucas coisas sinceramente boas que ha n'este mundo.

Fummemos!

Aqui está um campino fummando gravemente o seu cigarro de papel que me vai emprestar lume.

'Dou-lh'o eu, Senhor...' accode cortezmente outra figura muito diversa, cujas feições, trajo e modos, singularmente contrastam com os do *musarabe* ribatejano.

Accenderam-se os charutos, e attentámos mais de vagar na companhia em que estavamos.

Era com effeito notavel e interessante o grupo a que nos tinhamos chegado, e destacava pittorescamente do resto dos passageiros, mistura hybrida de trajos e feições descharacterisadas e vulgares — que abunda nos arredores de uma grande cidade maritima e commercial. — Não assim este grupo mais separado com que fomos topar. Constava elle de uns doze homens: cinco eram d'esses famosos athletas da Alhandra que vão todos os domingos colher o *pulverem olympicum* da praça de Sancta-Anna, e que á voz soberana e irresistivel de: *á unha, á unha, á cernelha!*.. correm a arcar com mais generosos, não mais possantes, animaes que elles, ao som das immensas palmas, e a trôco dos raros pintos por que se manifesta o sempre clamororo e sempre vazio enthusiasmo das multidões. Voltavam á sua terra os meus cinco luctadores ainda em trajo de praça, ainda esmurrados e cheios de glória da contenda da vespera. Mas aopé d'estes cinco e de altercação com elles — ja direi porque — estavam seis ou sette homens que em tudo pareciam os seus antipodas.

Emvez do calção amarello, e da jaqueta de ramagem que characterizam o homem do forcado, estes vestiam o amplo saiote grego dos varinos, e o tabardo arrequifado siciliano de panno de varas. O campino, assim como o saloio, tem o cunho da raça africana; estes são da familia pelasga: feições regulares e moveis, a fórma agil.

Ora os homens do norte estavam disputando com os homens do sul: e a questão fôra interrompida com a nossa chegada á proa do barco. Mas um dos Ilhavos — bella e poetica figura de homem — voltando-se para nós disse n'aquelle seu tom accentuado:

— «Ora aqui está quem hade decidir: vejam-n'os senhores. Elles, por agarrar um toiro, cuidam que são mais que ninguem, que não ha quem lhes chegue. E os senhores a serem ca de Lisboa, hão de dizer que sim. Mas nós.... »

— Nenhum de nós é de Lisboa: só este senhor que aqui vem agora.

Era o Sr. C. da T. que chegava.

— 'Este conheço eu; este é cá dos nossos (bradou um homem do forcado, assim que o viu).. Isto é um fidalgo como se quer. Nunca o vi n'uma ferra, isso é verdade; mas aqui de Vallada a Almeirim ninguem corre mais do que elle por sol e por chuva, e hade saber o que é um boi de lei, e o que é lidar com gado.'

— 'Pois oiçamos lá a questão.'

— 'Não é questão' — tornou o Ilhavo; mas se es-

te senhor fidalgo anda por Almeirim, para Almeirim vamos nós, que era uma charneca o outro dia, e hoje é um jardim, benza-o Deus! — mas não foram os campinos que o fizeram, foi a nossa gente que o sachou e plantou, e o fez o que é, e fez terra das arêas da charneca.'

— 'Lá isso é verdade.'

— 'Não, não é. Que está forte habilidade fazer dar trigo aqui aos nateiros do Tejo, que é como quem semeia em manteiga. É uma laveira que a faz Deus por sua mão, regar e adubar e tudo: e o que Deus não faz não o fazem elles, que nem sabem ter mão n'esses monchões c'o plantio das arvores: so la por cima é que algumas teem mettido, e é bem pouco para o rio que é, e as ricas terras que lhes levam as enchentes. — Mas nós, pe no barco e pe na terra, tam depressa estamos a sachar o milhinho na charneca, como vimos per ahi abaixo com a vara no peito, e o saveiro a para n'arê por não haver agua.... mas sempre labutando pela vida.'

— 'A' fôrça é que se falla, — tornou o campino para estabelecer a questão em terreno que lhe convinha. — 'Á fôrça é que se falla: um homem do campo que se deita alli á cernelha de um toiro que uma campanha inteira de varinos lhe não pegava, com perdão dos senhores pelo rabo!....'

E reforçou o argumento com uma gargalhada triumphante, que achou echo nos interessados circumstantes que ja se tinham apinhado a ouvir os debates.

Os Ilhavos ficaram um tanto abatidos; sem perderem a consciencia da sua superioridade, mas acanhados pela algazarra.

Parecia a esquerda de um parlamento quando vê sumir-se no borburinho acintoso das turbas ministeriaes as melhores phrases e as mais fortes razões dos seus oradores.

Mas o orador ilhavo não era homem de se dar assim por derrotado. Olhou para os seus, como quem os consultava, e animava, com um gesto expressivo, e voltando-se a nós, com a direita estendida aos seus antagonistas:

— 'Então agora como é de fôrça, quero eu saber, estes senhores que digam qual é tem mais força, se é um toiro ou se é o mar.'

— 'Essa agora....'

— 'Queriamos saber.'

— 'É o mar.'

— 'Pois nós que brigamos com o mar, oito, e dez dias a fio n'uma tormenta de Aveiro a Lisboa, e estes que brigam uma tarde com um toiro, qual é que tem mais força?'

Os campinos ficaram cabisbaixos; o publico imparcial applaudiu por ésta vez a opposição, e o Vouga triumphou do Tejo. *A. G.*

(Continúa.)

O MENDIGO.

6 Pela primeira vez publica a Revista um excerpto poetico do illustre auctor da *Harpa de um Crente* — O Sr. A. Herculano que como historiador e incansavel investigador da archeologia patria, goza de uma reputação tão grande como sabiamente alcançada: que como philosopho, como critico, e como pai do romance historico entre nós, tem merecido com igual jus igual renome, é ainda como poeta não menos bemquisto que admirado. Todos os seus versos respiram a mais san philosophia, e sentem-se repassados dos ingenuos sentimentos religiosos d'um verdadeiro poeta christão. O Mendigo é um d'esses melancholicos trechos de poesia orthodoxa que nossos leitores muito hão de apreciar, e que a Revista tem a maior satisfação em podêr apresentar nas suas columnas.

O MENDIGO.

I.

O sol passa nos ceus: — sob o carvalho,
Por cujos troncos se pendura a vide,
Cego ancião,
Mirrada dextra supplice estendendo
Ao passageiro, que o despreza, implora
Do opprobrio o pão.

Ninguem o escuta, o dia foge, e a noite
Involve a luz no manto impenetravel:
E elle chorou —
E em seus andrajos para a choça alpestre,
Sem se queixar de Deus, tardios passos
Encaminhou:

Mas antes que chegasse ao pobre alvergue,
Do presbiterio o sino harmonioso
Soar ouvia,
Que, despedindo em roda os sons pausados,
Convidava os fieis a erguer as preces
Da Ave-maria.

A' cruz do adro relvoso as mãos mirradas
O velho ergueu, e ao ceu inuteis olhos,
E uma oração —
A oração do infeliz — que Deus so ouve
Quando o desdenha o mundo e ludibria
Sua afflicção.

Para o velho a existencia é solitaria,
Bem como a fonte que esgotou o estio,
Onde os pastores
Se vinham saciar e o manso gado;
Onde cantavam penas e prazeres
Dos seus amores.

A alampada na egreja triste e muda
Bruxuleava seu clarão, pendendo
Ante o altar-mór:
Como o templo o porvir era do velho
Cheio de sustos — muda como o templo
Era sua dôr.

Rezou, rezou — e os olhos se enxugaram —
O orar fervente as lagrimas enxuga,
Qual prado o leste:
Deus o inspirou — 'sperança é filha sua
Doce esperança que os mortaes so deixa
Sob o cypreste.

Voltou á choça, e a macilenta fome,
Sem gemer, supportou sobre o seu leito
Que é quasi a terra,
E confiado em Deus entre as angustias
Do mal — menos crueis que as do remorso —
Os olhos cerra.

II.

Restruge o mar cavado — o vento zune
Pelos mastros da nau — colhido o panno
Das vergas pende :
Brinco das vagas o baixel arfando
Fluctua incerto, o dos bulcões guiado
Os mares fende.

Correndo árvore sècca avulta ao longe
Como alma em pena vagueando á noite
Em seu fadario : —
E pelas trevas branquejando a escuma,
Que da prôa espadana, imita as pregas
D'alvo sudario.

Involto no gibão amplo e felpudo,
Rude piloto ao leme trabalhoso
Vela encostado ;
Que, se não mentem calculos, o porto
Proximo está, dos lassos navegantes
Tão anciado.

III.

O vento vai quebrando — no ar raream
Grossos montões de acastelladas nuvens:
Diurno alvor
Traça no ceu d'Oriente um disco immenso,
Que reflecte no mar, que verte ao longe
Cerulea côr.

Surge o sol radioso e innunda as vagas
Que se acalmam — nivelam-se : o horisonte
Mais amplo é ja :
Cava aragem ligeira a larga vela
E do cesto o gageiro clama : — terra ! —
Ei-la acolá ! —

Como delisa o goso nos semblantes
Por entre as rugas do terror passado !
Como é formosa
Essa pallida praia — e esses rochedos
E la no extremo os pincaros da serra
Erma e saudosa !

De indicas merces, de ouro carregada
Aproa á terra, com celeuma alegre,
A nau pujante :
E pelo verde mar do porto amigo
Abrindo a esteira restitue á patria
O navegante.

IV.

E' meia noite : — os gallos pela aldea
Dizem que um dia mais desceu ao nada
E que outro vem,
Para dar luz a dores e alegrias
E depois nos abysmos do passado
Cair tambem.

E o mendigo da aldeia, o velho cego,
Sobre o duro grabato, em choça humilde
Achou a paz.
Em sonhos via um filho : a longes terras
A miseria o levou : mudada sorte
Feliz o traz.

Quantas vezes presaga a mente do homem
Véla como um propheta em quanto o somno
Seus membros prende ;
E como em trevas de amargosos dias
No porvir uma luz, prevista em sonhos,
Grata se accende !

V.

Nos gonzos ferrugentos range a porta
Do tugurio do pobre adormecido —
E descuidado :
Que do mendigo o umbral patente é sempre,
Nem carece de estar, como o do rico,
Afferrolhado.

O bom do velho ao sobresalto acorda,
E as lagrimas de alguem banham-lhe a face
E o pranto é mudo :
Mas breve um grito — e o soluçar — e os beijos
E sonho que passou — e a voz do sangue
Lhe dizem tudo.

Não mais sob o carvalho ao velho honrado,
Esmoladora mão o perigrino
Estenderá :
Meigos lhe sorrirão extremos dias,
E suas cinzas filial gemido
Consolará.

A. Herculano.

THEATRO DE S. CARLOS.

CONCERTOS.

7 Acabou a estação da Opera-italiana, e o theatro incerrou-se por seis mezes; é uma epocha de lucto e saudade para os dilettanti, que o imperio das circumstancias nos obriga a atravessar por muito que nos custe.

Em logar da Opera, temos tido os concertos. A troca, para os verdadeiros amadores de musica, não é das peiores: ha mesmo nos concertos algumas circumstancias porque elles os preferem ás mesmas operas. Os primeiros concertos datam apenas do meiado do seculo XVII, e ainda assim bem froixamente começaram; comtudo a sua importancia tem augmentado todos os dias, e hoje são elles em todas as grandes cidades da Europa, verdadeiras festas musicaes. As composições de Haydn e Beethoven, algumas das mais famosas de Mozart, as do Berlioz, a Ode-symphonia de David, etc. não brilham senão nos concertos para que foram expressamente escriptas.

Entre nós porém estão bem longe da grandeza a que teem alcançado chegar em França. Berlioz la reune mil artistas e celebra n'um concerto-monstro a exposição da industria-franceza : o Conservatorio de Paris abre todos os hynvernos as suas sallas onde se ouvem admiraveis concertos : e são innumeraveis os que se dão todos os annos em beneficio, nas sallas expressamente construidas; além das orchestras permanentes dos campos-elysios, jardim-turco, e Ranelagh. Napoleão foi fanatico pelos concertos. Todos os musicos distinctos que chegavam a Paris eram convidados para n'elles executarem, e recompensava-os *só á dinheiro* mas briosamente. A célebre Catalani que alguns dos leitores se lembrarão de ter ouvido no nosso theatro, recebeu d'elle por ter cantado nos concertos de

S. Cloud um presente de 5,000 francos, uma pensão de 1,200 francos, e o impreśtimo dá salla da Opera e todos os arranjos gratuitos, para ella dar dois concertos que lhe renderam 49,000 francos.

Alguma coisa d'estas existiu ja entre nós. No paço real houve sempre um grande número de musicos para os concertos de D. João V, D. José, D. Maria I, e D. João VI. Uma parte d'estes vinham escripturados da Italia por grandes sommas, e eram condecorados com o titulo de *musicos da real camara*. Havia tambem, e ha ainda, um theatro no paço d'Ajuda onde se executavam operas exclusivamente para a real familia. As grandes festas da Capella-real eram verdairos concertos; e todos sabem que D. João VI se deleitava em extremo com essas festas grandiosas que elle multiplicava em Lisboa, Mafra etc.

As nossas philarmonicas de hoje são tambem sallas de concertos onde todas as semanas se executam trechos das operas italianas mais applaudidas.

Mas apesar d'isto tudo repetiremos que os concertos não alcançaram ainda no nosso paiz a importancia que la fóra se lhes dá. A musica escripta propriamente para elles ainda ca a não ouvimos. A *creação* e as *estações* de Haydn, as symphonias de Mozart, as grandiosas composições de Beethoven, incessantemente gabadas em toda a parte, qual de nós as ouviu ainda nos nossos concertos? D'aqui vem que o gôsto do nosso povo não está ainda formado para os concertos públicos. Se lhe dão a mesma musica que elle ja tem ouvido nas operas com o interesse da acção e com o prestigio dos accessorios, como querem que elle va ouvir com enthusiasmo esses bocados desligados, sem novidade e sem attractivos, e demais a mais na mesma salla do theatro? D'esta maneira o gôsto dos concertos nunca chegará a introduzir-se entre nós.

Carecemos tambem d'uma salla propria, sem o que nunca elles poderão ter conveniente importancia por muito que a outros respeitos se melhorem. A construcção do edificio de que fallâmos devia convir a qualquer capitalista mesmo como especulação commercial. Na supposição de ser feito como deve, não só se poderia ficar certo de que elle chamaria a si todos os concertos públicos de Lisboa, mas ainda poderia ser aproveitado tambem n'um sem número de outros usos. Pelo lado do embelezamento da cidade, pelo apropriado do sitio, e talvez tambem pela economia da obra, o *largo da abegoaria* seria um local excellente.

Força é porém abreviar. Ouvimos ha dias em S. Carlos varios cantos nacionaes executados por uma familia tyroleza que veio a Lisboa. É impossivel formar siquer idêa, sem ouvir, de certas novidades d'este canto singular. Eram tres homens e uma rapariga. Appareceram trajados em *costume*, e manifestavam ser com effeito gente do campo, peritos comtudo no exercicio dos seus cantos graciosos. Não se póde mesmo imaginar como quatro vozes combinadas podem fazer um pianissimo, ao mesmo tempo que se distinguem todas as syllabas, produzindo o mais agradavel effeito d'um som longiquo que vai sumir-se pelas cavidades dos montes. Não se imagina como a voz humana póde fazer um acompanhamento harmonico como se fora um instrumento, dando a perfeita illusão d'um arpejo. Foram éstas as duas coisas que mais nos admiraram; mas não é menos digna de admirar-se a afinação e o bem combinado das vozes: percebia-se isto principalmente quando depois de cantarem uma strophe, sem acompanhamento, os instrumentos rompiam incontrando as vozes em perfeito accorde; e tambem na escalla chromatica começada na nota mais aguda do soprano, continuada pelo tenor, e terminada pelo baritono, tão seguida e uniformemente como se fôra uma só voz ou instrumento d'onde ella se extrahisse.

Todas éstas circumstancias porém não poderam satisfazer o publico: elle gostou, admirou, applaudiu, mas não se satisfez. A razão é clara: aquelles bellos cantos characterisados com toda a originalidade e candura da nacionalidade d'um povo enthusiasta pela musica, cravado entre os povos mais eminentes n'ella, eram uma optima coisa para intervallos, mesmo para base d'um concerto; mas não eram sufficientes, nem apropriados, nem capazes de preencher uma noite inteira, de substituirem um espectaculo no theatro. Faltava a variedade, o interesse, alguma coisa em que o espirito se apoiasse para ficar disposto a receber segunda e terceira impressão do mesmo genero.

Depois d'este veio o concerto do Sr. Manuel Innocencio, pianista mui distincto e amado do público. O illustre artista executou varias phantazias com a sua reconhecida habilidade, acompanhou a Sr.ª Clementina e tocou dois duettos com o Sr. Mazoni. Esteve a noite inteira ao piano.

A Sr.ª Clementina cantou excellentemente a cavatina da *Gemma*, em particular o adagio. Mas as honras da noite alcançou-as o dueto da *Somnambula* em que a rebeca do Sr. Mazoni e o piano do Sr. Manuel Innocencio nos promoveram por differentes vezes um verdadeiro enthusiasmo. Sería necessario ouvil-o muitas vezes para podêr analysa-lo; as sensações que nos produziu não nos deixaram logar para a observação.

BIBLIOGRAPHIA.

8 Livraria classica portugueza. Excerptos de todos os principaes auctores portuguezes de boa nota, assim prosadores como poetas, Por *Castilhos* (*Antonio e José*) Tom. 1.º Padre Manuel Bernardes. Parte I.

O pensamento d'esta publicação é altamente litterario. Reunir n'um corpo os melhores excerptos da nossa litteratura classica, apurando-a de tudo quanto poderia ser fastidioso para os mais difficeis de contentar, é um valioso serviço feito á lingua e ás letras patrias, acredor de elogio e de animação.

O Sr. Castilho (Antonio) nome tão grandioso na litteratura portugueza, e a quem a pureza e as gallas poeticas da nossa bella lingua teem sempre tido por apostolo e campeão, era com effeito o mais proprio para este serviço, e um dos mais capazes para fazer ésta escolha.

A *livraria classica* estreou-se com varios excerptos da *Floresta* do P. Manuel Bernardes. Haveria decerto muitos outros escriptores cuja leitura sería talvez mais agradavel e porventura mais interessante, mas será difficil achar-se outro de linguagem mais amena e abundante, estylo mais natural e fluente.

Os pequeninos tomos da *livraria classica* hão de ser, nos parece, muito bem recebidos; assim a edição tivesse um pouco mais de apuro pelo lado typographico — merecia-o. — Mas é de crer que na segunda, que não deixará de fazer-se, se attenda a ésta circumstancia, que é ja tambem hoje uma necessidade com-

mercial, e que não deixa de ter, digam lá o que disserem, grande influencia sôbre os consumidores.

Ensaio sobre a orthographia portugueza, por *Carlos Augusto de Figueiredo Vieira.* — *Porto.* — 1 *vol. em* 8.°

Uma das nossas primeiras necessidades litterarias é a regularisação da orthographia. Não são pois de desprezar os escriptos que possam concorrer para esse grande fim. Quando mais razões não houvera, ésta por si só bastaria para tornar interessante a obra que acima mencionamos; outras porém avultam que a tornam recomendavel. Seu auctor cingindo-se em geral ás opiniões dos nossos mais acreditados escriptores, redigiu, depois de traçar a historia das variações orthographicas da lingua, claras e importantes regras, para o acertado emprego das lettras e sua duplicação, uso dos signaes orthographicos, pontuação etc.: deunos em seguida um rico vocabulario, e terminou com um catalogo de homonymos e algumas considerações que ainda sobre a materia se offereciam. Merecêra, por certo, mais minuciosa analyse ésta obra, de que ja tinhamos noticia pelo n.° 124 da *Coallisão*, pelo n.° 71 do 11 tomo da *Revista litteraria* do Porto; mas falhanos para isso tempo. Limitamo-nos portanto a dizer que julgâmos a sua leitura de transcendente utilidade para a diffusão das boas doutrinas orthographicas.

---

* * *

Contestação ás allegações contra o titulo de Penamacor.

Com este nome se acaba de publicar um fôlheto nitidamente impresso na typographia nacional, e dedicado ao Sr. Conde de Penamacor, no qual se responde ás objecções que se dizem feitas sôbre a legalidade do seu titulo.

A contestação parece-nos bem escripta, e tractada com habilidade.

LATINIDADE.

Está annunciada para se imprimir uma *collecção de phrases; e a interpretação dos logares mais difficeis de Tito Livio. Selecta terceira de Coimbra*, por F A. Martins Bastos, professor de lingua latina, n'esta côrte.

A importancia de tal obra, feita pelo sr. *Martins Bastos*, que aos muitos annos de magesterio, reune bom conhecimento do latim, não ha mister de se recommendar, e sôbre tudo, para os estudantes d'esta lingua, é de uma utilidade inapreciavel.

VARIEDADES.

O MEZ DE JULHO.

9 O signo d'este mez é o *leão*. Um antigo astrologo portuguez vaticinava assim os destinos dos homens que durante elle veem ao mundo:

> Quem nasce sob este signo
> Por nonnada briga e zanga;
> Mas de amor cedendo ao jugo
> Qualquer dama lhe põe canga.

Este mez tem 31 dias. A sua lua começou a 4 de junho e acabará no seu dia 3. N'este mez diminuem os dias 27 m. de manhã e 27 m. de tarde. O dia maior é o 1.° que tem 15 horas. No dia 1 nasce o sol ás 4 h. e 37 m., e põe-se ás 7 h. e 32 m., no dia 31 nasce ás 4 h. e 50 m. e põe-se ás 7 h. e 5 m.

O mez de julho é de todos os mezes aquelle em que teem acontecido maior número de successos transcendentes no mundo, tanto na ordem moral como na ordem physica.

N'este mez celebravam os gregos as festas de Apollo e as de Adonis. Para os romanos era o mez de maiores folganças. Celebravam a festa da Fortuna das mulheres, a das Escravas, a de Vitula, ou deusa da alegria, as mercuriaes, a de Castor e Pollux; os jogos de Neptuno, as offerendas á deusa Opigena, os jogos circenses, e os sacrificios a Ceres, e á Canicula.

EPHEMERIDES.

Descobrimento da ilha da Madeira (1—1420). Partida de Vasco da Gama ao descobrimento da India (8—1497). Desembarque do Mindello (8—1832). Nascimento de Camões (17—1524). Conquista da cidade de Malaca por Affonso de Albuquerque (24—1511). Entrada da divisão do duque da Terceira em Lisboa (24—1833). Victoria do Campo d'Ourique por D. Affonso Henriques (25—1139). Primeira victoria naval portugueza (29—1180).

CORREIO ESTRANGEIRO.

---

10 Uma companhia anglo-franceza tracta de estabelecer um carril de ferro de Rouen a Dieppe, e affiança o transporte dos viajantes de Londres a Paris só em doze horas. Ésta companhia deve ter um serviço especial de barcos de vapor para atravessar o canal entre Dieppe e Brighton.

Assim haverão em breve trez caminhos de ferro differentes de Paris a Londres, que luctarão á porfia na maior rapidez do transporte, e nas melhores commodidades dos passageiros.

O meio-dia da Polonia foi accommettido d'uma fome horrorosa. A miseria é tal que os camponezes desinterram os cadaveres dos animaes para alimento. Depois de se haverem esgotado os últimos recursos, a grande maioria dos habitantes do districto de Viélitska declararam ás auctoridades que so lhes restava a morte. Deram-se ordens para que de Varsovia fosse algum trigo: mas ésta remessa deve ser pouco consideravel porque a fome ameaça igualmente as planicies de Varsovia e o norte da Polonia.

M. Uwarow, ministro da instrucção pública na Russia, fez um relatorio sôbre o resultado da missão de M. Middendorf á Siberia. Este sabio visitou as duas provincias de Taimyrland e de Utzkoi e as ilhas de Schantar, onde não tinha ainda ido nenhum viajante, e póde penetrar até ás fronteiras da China atravez de mil perigos.

M. Middendorf deve publicar a relação da sua viagem que produziu, segundo se diz, interessantes descobertas scientificas. O tzar concedeu-lhe a cruz de S. Wladimir, quarta classe, e uma pensão annual de 400 rublos.

O divan acaba de fazer reorganizar as escholas mi-

litares fundadas pelo sultão Mahmud. Os estudos preparatorios para éstas escholas especiaes, são: leitura e escripta turca, alguma coisa de arabe e persiano, religião, geographia e arithmetica. As escholas militares serão quatro, uma em Constantinopla, outra na Anatolia, outra na Arabia, e a última na Romelia.

Os progressos que a industria da Hungria tem feito ja n'este anno de 1845 são verdadeiramente espantosos. As sedas de Pest são ja tão magnificas que se confundem com as de Milão, e pela qualidade de tecido rivalisam com as de Lyon. O que falta á Hungria para chegar ao último ponto de desinvolvimento commercial são as vias de communicação. O estado das estradas n'este paiz é o peior que se póde imaginar; mesmo na capital so as ruas dos principaes bairros é que são calçadas, o resto da cidade é todo um lodaçal em que a gente de pé corre risco a cada passo de ficar interrada até ao joelho.

O commercio francez está ameaçado de ficar anniquilado em todo o Oriente greco-slavo. Os carris de ferro austriacos que tendiam unicamente para os paizes slavos, e não tinham tido até hoje nenhuma relação directa com o Zollverein, vão-se completando agora dilatando as suas ramificações para a Prussia. A companhia do caminho de ferro de Leipzig a Dresde decidiu prolongar á sua custa o carril de ferro de Dresde até Praga, atravessando a Bohemia. Quando as cidades de Berlim, Leipzig, Dresde, Praga, Vienna e Trieste communicarem entre si por um mesmo carril de ferro não interrompido, e quando forem, como desejam, comprehendidas n'uma so união aduaneira, a federação industrial da Allemanha dominará o Adriatico, o mar Negro, e todos os paizes intermedios.

É muito para notar a resistencia do govêrno pontificio a todas as creações da industria, e principalmente á introducção dos carris de ferro em seus Estados. Ultimamente a doiradura dos metaes pelo processo galvanico, que ja se pratica entre nós, foi tambem prohibida no territorio pontificio. A sciencia tem demonstrado que o uso do mercurio é essencialmente nocivo á saude dos artifices, e a substituição do galvanismo a ésta substancia perniciosa, foi um dos melhoramentos mais uteis da sciencia applicada: por isso uma prohibição similhante é tanto mais d'extranhar quanto é certo que ella tem alguma coisa d'inhumano.

O govêrno da Prussia está empenhado n'um projecto da mais alta importancia: pertende obter de todos os Estados secundarios do Zollverein fazerem-se representar por ministros e consules *prussianos* nas côrtes extrangeiras. Este projecto cuja realisação seria um grande passo para a união politica da Allemanha e concentraria o seu podêr nas mãos da Prussia, não tem achado grande opposição.

Quatro brahmines da India chegaram a Inglaterra, para aprenderem medicina na Universidade.

CORREIO NACIONAL.

S. M. I. a Sr.ª Duqueza de Bragança e sua Augusta Filha chegaram a ésta capital no dia 3, de volta da sua viagem á Allemanha.

Consta officialmente haver-se descoberto nos suburbios da cidade de Elvas, intra-muros da horta de St.ª Paula uma mina de certo mineral, cuja analyse deu o resultado seguinte:

Sessenta por cento de chumbo, nove e meio de enxofre, trinta e meio de silica e oxydo de ferro, e um por milhar de prata.

O govêrno faculta a lavra d'ésta mina a quem e a convier.

Os melhoramentos materiaes vão em progresso nos Açores. As folhas de Angra enumeram uma serie de uteis providencias tomadas n'aquelle districto: avultam entre ellas — o estabelecimento de uma caixa economica, a reconstrucção da principal estrada da ilha, a centralisação dos cartorios judiciaes e casa de audiencia, a plantação de amoreiras, e a creação de uma eschola de ensino primario n'uma freguezia populosa que não gozava de similhante beneficio.

Sentia-se na Graciosa falta de cereaes que lhe iam ser remettidos da Terceira.

Por portaria de 31 de maio ultimo se mandou pôr em vigor a carta de lei de 28 d'abril do corrente anno relativa ao mais amplo estabelecimento de seminarios nas diversas diocezes do reino e ilhas adjacentes, e á melhor regulação litteraria e economica d'elles. As diocezes em que já havia seminarios são: Braga, Bragança, Coimbra, Faro, Guarda, Lamego, Leiria, Porto, Vizeu; as que ainda os não tinham, mas onde se vão constituir agora são: Angra, Aveiro, Beja, Castello Branco, Elvas, Evora, Funchal, Pinhel.

No dia 14 do corrente falleceu n'um hospital, na cidade do Porto, um macrobio de 109 annos que era casado com uma mulher de 103 annos.

Do 1.º de janeiro até 31 de maio d'este anno teem-se exportado pela barra do Porto, 8,931 pip., 3 alm. e 11 e meia can. de vinho.

Ensaia-se no Theatro da Rua dos Condes *A condessa d'Altemberg*, drama de Alfon. Roger e Gust. Waez, que mereceu o melhor acolhimento no theatro do Odeon em Paris.

Sexta-feira (27) dá o Sr. Daddi um concerto em S. Carlos. Os meritos do illustre artista são a sua melhor recommendação.

A companhia das Obras-Publicas acaba de provocar a emigração dos açorianos e madeirenses para o nosso continente, afim de serem empregados nos trabalhos que vão ser imprehendidos pela mesma companhia. E' provavel que nos occupemos d'este assumpto n'algum dos proximos numeros.

O govêrno acaba de instituir uma eschola d'instrucção primaria na ilha do Corvo (uma dos açores), onde não havia nem uma só eschola pública nem particular (!)

CONHECIMENTOS UTEIS.

OBRAS PUBLICAS.

12 A 'Companhia das Obras-publicas' pediu e obteve do governo de S. M. a approvação de umas condições com que se propõe empregar nos trabalhos que vai imprehender os açorianos e madeirenses que se quizerem transportar ao continente de Portugal para esse fim. A Companhia garante-lhes nunca menos de cento e sessenta reis por dia, e paga-lhes a passagem, e a da suas familias se porventura os quizerem acompanhar. Os ajustes d'estes transportes, etc., hão de ser feitos com os agentes da Companhia estabelecidos nas ilhas.

É grave este objecto, e todo inteiro do dominio da economia nacional. A REVISTA faltaria pois ao mais sagrado da sua missão — trabalhar pelos interesses sociaes do paiz — se deixasse de fazer algumas das ponderações que ésta providencia suscita, e que eu entrego á consideração de todos os que querem devéras o bem da sua patria, e para elle trabalham.

A 'Companhia das Obras-públicas' necessariamente deve ter achado embaraços em reunir a gente precisa para os seus immensos trabalhos. Os operarios em Portugal não abundam; e em quanto que as grandes cidades se acham cheias de vadios, ociosos, e mendigos, falta pelos campos quem amanhe as terras. A consequencia d'isto e a carestia dos trabalhos agricolas, incomportavel n'alguns districtos pelas fôrças do lavrador. Ja se vê pois que a Companhia tem que ponderar ésta necessidade rural — a primeira de todas — para lhe não distrahir a pouca gente de que ella so póde dispôr — e que lhe é indispensavel.

N'este caso lembrou chamar ao continente a gente das ilhas. Mas este pensamento, que póde até certo ponto ser approvado, tem o inconveniente tambem de podêr produsir n'aquellas possessões uma calamidade, roubando-lhe a gente necessaria para a cultura d'ellas. As ilhas todas, que são de uma grande fertilidade, acham-se não obstante por cultivar na sua maior parte: a Terceira, por exemplo, agricultada apenas nas orlas, tem todo o seu centro (*sertão*, como os indigenas lhes chamam) inculto e çafaro como póde ser um deserto improductivo da Arabia.

No emtanto a emigração dos Açores para o Brazil (e mesmo do continente do reino), que nos poderão aqui allegar como prova de sobejidão de braços, não se faz por esse motivo. Pelo que respeita aos individuos que de Portugal mesmo se transportam para o Brazil, são elles pela maior parte artifices, a quem a esperança de la aproveitarem melhor os seus misteres induz a deixarem a patria. Os açorianos porém emigram por outras razões. Ha n'aquelles povos tendencia e gôsto pronunciados para a emigração. O meio de lhe obstar sería fazer com que a industria se desinvolvesse em todos os seus ramos no archipelago dos Açores; propagar as povoações (freguezias) pelas ilhas dando-lhes o necessario para ellas se poderem manter — queremos dizer: fornecendo-lhes agua onde ella escacêa; construindo certos edificios públicos, como igreja, etc.; creando escholas de instrucção primaria; exemptando de impostos por certo número de annos; dando os instrumentos agrarios precisos para um primeiro roteio, etc., etc. Ora, se em logar de se fazer isto, se fôr dar novo incentivo á emigração; se se fôr dizer a estes povos — viude para Portugal onde tendes subsistencia certa e a muitos respeitos mais commoda, e onde não sereis soldados — se a elles se lhes despertar a cobiça com a idêa lisongeira de poderem achar aqui circumstancias mais favoraveis para melhorarem a existencia, que açoriano deixará de abandonar a sua patria? Quem conhece o espirito d'aquelles povos affirma que virão os mesmos que não mereceram o nome de indigentes ou ainda de proletarios.

Bem se vê que estes dois alvitres: o de chamar a gente do paiz em massa para trabalhos de obras públicas, e o de provocar uma migração nos Açores; podem ser alvitres de calamitosos resultados para o paiz. Não tenho dúvida em dizer: *provocar uma migração*, porque outra coisa se não deprehende das condições publicadas, do estabelecimento de agentes nas diversas ilhas, e mais que tudo, porque não vimos que se marcasse o número dos individuos que poderiam sahir das ilhas, sem grave prejuizo do seu immediato territorio, calculado sôbre previas informações das auctoridades locaes.

E' principalmente n'este ponto que as minhas apprehensões mais se apoiam.

Preveniram-se acaso todas as consequencias da providencia que se adoptou? Anteviu-se qual sería a sorte d'esses individuos em relação a elles e ao paiz, quando concluidos os trabalhos para que são chamados?

E, por outro lado, teria a Companhia outros meios de acudir á suprema necessidade de braços para as suas obras sem aproveitar os recursos que condemnámes; um por absolutamente inadmissivel, outro pela demasiada latitude que parece dar-se-lhe?

Supponho que sim.

Entre as questões importantes que a economia-politica hoje tem creado, suscitado, ou reproduzido; a questão da applicação dos exercitos aos trabalhos públicos apresenta-se naturalmente ao observar-se o ocio em que existem muitos centenares de mil homens mantidos pelas nações sem immediato proveito visivel e geralmente sentido, e portanto difficil de bem apreciar. Os exercitos, a guerra mesma, poderão ter sido algum tempo uma especulação do Estado, um meio de vida para os cidadãos, quando a industria era demasiado limitada para os occupar todos, quando o commercio era quasi nullo, quando emfim o movimento social distava tanto da agitação e celeridade que hoje se lhe conhece: agora porém que a *guerra pacifica* da permutação e da industria occupa os povos internacional e *externamente*; que a emulação de mais vender e melhor fabricar, parece ser a unica rivalidade das nações; a guerra não está no coração de ninguem. E, se por desgraça, um erro politico a fizesse rebentar, não sería necessario ser propheta para vaticinar que a conflagração não havia de ser geral nem duradoira.

N'este estado de coisas, nada ha mais natural do que pensar no modo de aproveitar essa multidão de gente que a prudencia politica, e porventura as circumstancias especiaes de alguns Estados, aconselham todavia a manter numerosa e respeitavel; mas que pela sua organisação mesma parece mais disposta a podêr ser vantajosamente empregada nos melhoramentos materiaes.

Applicando estas considerações ao nosso paiz, penso eu que uma parte do exercito licenciada para podêr ser empregada pela 'Companhia das Obras-publicas' seria de todos os alvitres o mais conveniente ao paiz e á Companhia mesma. O Thesoiro tiraria tambem d'isso incalculavel vantagem, e o Estado nada arriscaria porque a força pública poderia continuar arregimentada prompta a reunir logo que fosse necessario.

Uma parte d'essa immensa economia que teria o Thesoiro deixando de pagar a uns poucos de mil homens, poderia tambem ser applicada, se isso fosse julgado a proposito, para esses mesmos melhoramentos materiaes, além do que lhes está votado. E' assim que os Estados-Unidos com tanto territorio como a França, a Allemanha, a Inglaterra, a Hispanha e Portugal juntos, tem apenas 10:000 homens em armas, e tem elles sós tantos caminhos de ferro e canaes como todos ess'outros Estados, imprehendidos e acabados no espaço de vinte e cinco annos, com apenas desoito milhões de habitantes: porque aquelle paiz póde applicar para os trabalhos públicos os braços e o dinheiro que os outros paizes applicam para um exercito permanente e inactivo, que consome a melhor parte dos rendimentos do Estado.

Dado porém que haja inconvenientes (que eu não antevejo) para realizar este alvitre, e estando a Companhia necessitada de braços, haveria ainda outros meios de supprir essa necessidade sem ir buscar gente aos Açôres? Não me parece que os haja: note-se bem, longe de condemnar eu approvo e muito que a todos os cidadãos portuguezes se proporcionem recursos para ganhar a subsistencia; e não menos approvo que se procurem todos os meios para gozarmos depressa dos beneficios dos melhoramentos materiaes. Que a prudencia porém presida a todas as medidas que para isso se tomarem!

Não me parece que os haja, disse eu; mas, depois do que tambem acima deixo dito, bem se conhece quantas cautellas demanda uma providencia tão importante, e que póde ter tão funestos resultados. Além d'isso, outros recursos ha no paiz que se poderiam aproveitar com vantagem. A lei sobre os vadios e vagabundos pósta em rigorosa execução daria ás obras publicas numerosos trabalhadores: alguns centenares de présos, que fazem despeza ao Estado e povoam as cadeas do reino, era tambem um contingente aproveitavel: provocar na Galiza uma maior emigração, era outro recurso que não deixaria de produzir algum bom resultado: os mendigos — e bastantes ha — que se incontrassem em estado de poderem trabalhar, e talvez uma boa porção dos quinhentos asylados em 'Santo-Antonio': tudo isto, seriam porções que reunidas dariam um avultado número de trabalhadores com proveito do Estado e dos proprios, e, certamente, com vantagem para a Companhia.

Assumpto é este que demandaria grande desinvolvimento. Toquei apenas alguns topicos; e ás vezes com bastante receio de não ser intendido pela nimia concisão com que me expliquei: é natural porém que eu tenha de voltar á questão, e espero que será para manifestar a maior tranquillidade a todos os respeitos; pelo acêrto com que certamente será posta em execução a providencia a que me refiro.

EXECUÇÃO DE UM CAMINHO DE FERRO HYDRAULICO.

13 Os caminhos de ferro propagam-se em todos os paizes, e por todos os methodos: depois dos de vapor vieram os *atmosphericos*, e agora apparecem os *hydraulicos*.

Uma folha ingleza annuncia que acaba de se formar uma companhia para construir um caminho de ferro conforme os planos de E. Stuttleworth. A linha de Dublin a Sallers, que é a principal arteria de Dublin a Cork, vai estabelecer-se segundo este systema, e denominar-se-ha: *grande caminho de ferro de propulsão hydraulica*. O comprimento é de obra de 30 kilometros, e a empreza custará 83.000 libras, isto é, 2,760 libras pouco mais ou menos cada kilometro.

TRANSPLANTAÇÃO DAS ARVORES.

14 Para o bom resultado de toda a transplantação, é de grande importancia a seguinte recommendação. Cumpre antes de arrancar as arvores, quer seja nos viveiros quer nas florestas de córte, marcal-as na direcção de um ponto da sua orientação com um signal qualquer que seja, porém fixo e uniforme, a fim de as tornar a collocar ou plantar na mesma posição.

A causa d'esta util precaução tão facil, e que não traz comsigo despeza alguma, é a seguinte:

Ninguem ha que não tenha observado muitas vezes, que nas bolas tiradas do corpo das arvores serradas transversalmente, o coração da arvore não está quasi nunca no centro, e que está mais ou menos (algumas vezes muito) vizinho a um dos lados. De que procede pois este desvio? De que a arvore, pela sua fórma circular, apresentando cada uma das suas faces a outros tantos orientes diversos, aproveitou-se de uma maneira desigual das phases do sol; e se nos quizermos certificar das situações mais favoraveis á sua vegetação, conhece-las-hemos ao ver as porções de arvores serradas transversalmente antes de serem arrancadas. Com effeito bem se vê e intende, que na sua primeira posição a arvore não recebe a influencia do sol senão pela sucessão da sua passagem diaria de léste a sul e a oeste; que os lados oppostos de noroéste, norte, e nordeste ficam privados d'estes beneficios, e que por consequencia não podem adquirir o mesmo desinvolvimento.

CURA DO LINHO.

15 Acham-se na *Chronica de Courtrai* algumas particularidades que não podem deixar de inspirar um vivo interesse nos paizes onde os tecidos de linho são um ramo importante de industria.

Vai-se pôr em execução em *Courtrai*, dentro de pouco tempo, um methodo de invenção nova, que parece dever apresentar grandes vantagens, tanto á fiação *á mão* como á fiação *mechanica*. Tracta-se de curar o linho antes de fiado, por um modo descoberto por M. Mariotte, chimico de Bruxellas, que já por isso obteve um *privilegio de invenção*. Os linhos e estopas assim preparados foram fiados, tecidos e tinctos, e está demonstrado pelos differentes ensaios já feitos, que assim o linho como a estopa soffrem éstas differentes manipulações muito mais facilmente do que os linhos e estopas crus ordinarios. O fio de linho assim curado tem mais força, é brilhante, pare-

ce-se com a seda, e tem todas as qualidades que se podem desejar para as diversas obras em que se empregam os fios de linha.

Em menos de um mez póde-se curar o linho, manda-lo fiar, fazer a têa, e assim curada entregá-lo ao commercio. E' facil de vêr que immensa utilidade este meio de curar o panno de linho deve causar em todos os ramos da industria respectiva. Poupa ao linho o cortimento, que sempre o altera ou mais ou menos, e transfórma o que é grosso ao estado de fino. Na fabrica de M. Feyerick, em Gand, fiou-se linho n.° 120, que sendo cru, não se poderia ter fiado do n.° 30.

Extrahimos ésta noticia d'um jornal francez que promette revelar-nos o methodo a que se refere n'algum dos seus seguintes numeros mensaes, e o qual revelaremos logo tambem aos nossos leitores; mas ja a noticia de per si nos pareceu interessante.

O VINHATEIRO.

16 Com este titulo vai o Sr. Dr. Francisco Pereira Rubião publicando pela imprensa, no Porto, em numeros successivos, uma obra que constará de tres volumes: o 1.° sobre a cultura das vinhas; o 2.° sobre o fabrico dos vinhos; o 3.° sobre a destillação das aguas-ardentes.

O primoroso trabalho do 1.° volume, ja publicado com as suas duas estampas, afiança igual primor dos outros dois: e o todo apresentará sobre este importantissimo objecto de riqueza nacional a obra mais completa e perfeita até hoje publicada no reino, ou fóra d'elle, pois que é a unica em que se comprehende e combina simultaneamente a plantação e grangearia das vinhas com a feitura dos vinhos e destillação de aguas-ardentes.

O Sr. Rubião, proprietario de vinhos no Alto-Doiro, depois de conduzir brilhantemente o curso de Sciencias-Naturaes e Medicina na Universidade de Coimbra, passou a residir por muitos annos em França, dedicando os seus talentos e estudos a profundar os diversos ramos que entram no vasto ambito da industria agricula; a possuir e acompanhar nos seus progressos a chimica applicada ás artes e á agricultura; e a especializar com singular esforço tudo o que toca á cultura das vinhas, para o que visitou os departamentos e locaes de França mais afamados ou pelos methodos de grangear as vinhas, ou pela qualidade dos vinhos e seu fabrico respectivo, ou pela destillação de aguas-ardentes: rectificando em toda a parte, e a todos os respeitos, a theoria pela pratica.

Com estes cabedaes especialissimos, que raras vezes se encontram em um só homem e escriptor, compõe o Sr. Rubião a sua obra em linguagem clara, preciza, e definida, aproveitando e applicando com admiravel escolha e criterio as doutrinas dos mais celebres enologistas desde os gregos e romanos, proseguindo pelos das nações que teem marchado á frente dos progressos d'esta industria; e não desdenhando, mas antes apreciando, os valiosos escriptos dos nossos compatriotas, Dr. *Rebello*, *Constantino Botelho*, e *Girão*, todos proprietarios e sabedores theoricos e praticos da cultura das vinhas do Alto-Douro; que apesar dos atrazos, imperfeições, e mau fado, que tem corrido, é todavia a primeira e mais adiantada eschola de lavoira das vinhas em Portugal; assim como a França, desde o seu patriarcha de agricultura, Olivier de Serres, tem apresentado sempre, e principalmente desde 1830 até hoje, o exemplar vivo, completo e perfeito, em tudo o que respeita á prosperidade, grangearia, e commercio dos vinhos e aguas-ardentes d'aquelle grande paiz, collocado no centro da região vinhateira da Europa.

Com effeito, a nova ordem politica da França, fixando desde 1830 no ânimo dos povos e do governo, a maxima fundamental, *de que o podêr, a paz e a prosperidade, dependem dos interesses e melhoramentos materiaes, tendo por base a agricultura como a primeira das industrias que sustenta a nação, e produz a materia e alimento de todas as outras industrias*, levantou á porfia o espirito e cooperação patriotica de todas as classes, profissões, e auctoridades a prol do augmento e melhoramento progressivo dos diversos ramos de agricultura, e entre elles dos vinhos e aguas-ardentes.

Para este fim tem concorrido simultaneamente: os mais distinctos enologistas, e as corporações scientificas com os seus escriptos; as sociedades de agricultura com as suas luzes e exemplo; a academia de industria franceza com os seus fecundos trabalhos; recolhendo e publicando ao mesmo tempo os melhoramentos, e recommendando os escriptos e escriptores; as auctoridades administractivas dos departamentos identificando-se com as sociedades de agricultura, estimulando e auxiliando os lavradores e a lavoura por todos os modos, e facilitando o transito e transporte dos generos com boas estradas departamentaes; as municipalidades cooperando com os meios e providencias, e entre estas com bons caminhos do municipio até se metterem nas respectivas estradas departamentaes; o governo, lealmente coadjuvado pelas camaras legislativas, adoptando as medidas mais favoraveis á agricultura e commercio, e, sôbre todas, imprimindo-lhe o impulso e movimento geral com vias fluviaes, e estradas de ferro cruzando a superficie da França, para o facil e rapido transporte dos generos até aos pontos do seu consumo e mercado interno ou de sahida para o externo; o commercio procurando e promovendo o mercado e a concorrencia das aguas-ardentes e vinhos de França em todos os paizes extrangeiros, com apropriação ao gôsto dos respectivos consumidores, zelando a reputação e qualidade dos vinhos nacionaes, e fazendo castigar os falsificadores; e os consules e agentes consulares protegendo e auxiliando em toda a parte este commercio, prestando todos os convenientes esclarecimentos locaes, e inspirando as providencias adequadas ao credito e interesse nacional.

Na presença d'esta licção viva da França, e sua applicação a Portugal, particularmente favorecido pela sua posição e clima para produzir vinhos excellentes, das diversas qualidades que se estimam nos varios mercados extrangeiros, e constituem o primeiro e mais importante objecto do nosso commercio de exportação, cabe ao Sr. Rubião a glória, e o grandissimo serviço de comprehender e resumir na sua obra o fructo maduro e apurado dos escriptos e experiencias dos enologistas e corporações scientificas da França, fecundado com os cabedaes proprios e applicado, com previdente segurança e certeza, ás

diversas exposições, terrenos e qualidades de vinhas e vinhos que se pertendam grangear.

Com o primeiro volume d'esta obra na mão todo o proprietario em qualquer parte de Portugal, desde a provincia de Tros-os-Montes até ao Algarve, está habilitado para saber escolher, apropriar, e conduzir com certeza de resultado, ou a plantação e cultura de novas vinhas, ou o melhoramento e grangeio das existentes, conforme a qualidade e destino dos vinhos; quer seja para venda em tavernas, quer para a mesa das classes ricas ou opulentas; quer para os mercados extrangeiros; quer para converter em aguas-ardentes, que sendo perfeitamente fabricadas não cederão para quaesquer usos ás melhores de França; quer finalmente para vinagres, que sendo legitimos e puros concorrerão no extrangeiro com os melhores de qualquer paiz, feitos de vinho, e terão preferencia indisputavel sôbre toda a especie de vinagres arteficiaes. Fazemos votos sinceros para que o Sr. Rubião tenha vida e saude para continuar e concluir a sua obra.

E por quanto a operação da poda das videiras é summamente difficil, ao mesmo tempo que d'ella depende ter o lavrador vinha e vinho; esperâmos por isso do patriotismo e profundo saber theorico e pratico do Sr. Rubião, que, concluida a sua obra, componha e publique em separado um *Manual do podador*, contendo as regras mais geraes e necessarias da poda, tanto das vinhas baixas como das altas; e quando estas forem *de enforcado* ensinando tambem a conveniente poda das arvores a que se encostarem as videiras.

Este 'Manual' assim talhado para bem servir em escholas práticas de agricultura, guiará desde logo os podadores e os proprietarios inexpertos, para saberem praticar com acerto a poda na maior parte dos casos, e evitará golpes mortaes da cega ignorancia nos casos menos frequentes: devendo ao mesmo tempo generalizar-se o serviço do podão usado no Alto-Doiro, como o mais aperfeiçoado que se conhece em Portugal; e não consta que o haja mais perfeito em França, onde alias se tem aperfeiçoado varios outros instrumentos de lavoira.

Agora, se junto aos governos civis se formarem sociedades de agricultura, que de mãos dadas com as auctoridades administrativas e conselhos de districto, promovam e melhorem os diversos ramos da lavoira e economia rural, e influam para boas estradas centraes dos respectivos districtos administrativos e provinciaes, por onde se obtenha o mais facil e economico transporte dos productos industriaes de toda a especie, obrando conforme o pensamento da circular do Sr. governador civil de Beja, proximamente manifestada pela imprensa; se as municipalidades, entre as suas outras attribuições, se esmerarem em bons caminhos do concelho, por onde se transportem commodamente os generos, desde as casas e officinas do productor até se metterem nas estradas centraes dos respectivos districtos administrativos, ou chegarem aos pontos de seu immediato mercado ou deposito; se, por espirito do verdadeiro patriotismo e interesse nacional, se reunirem e dedicarem todas as classes, profissões, e individuos, para irem por diante e effectuarem com a possivel brevidade as medidas adoptadas pelo governo e camaras legislativas o bem da lavoira, e do commercio, se entre ellas as vias por agua, e as estradas geraes atravessando a superficie do reino, nas quaes se vão mettendo as centraes dos respectivos districtos administrativos, e por onde se transportem rapida e economicamente os productos de todas as industrias até aos pontos do seu consumo e mercado interno, ou de sahida para o externo; se o commercio se esmerar em procurar e promover nos paizes extrangeiros o mercado e concorrencia dos nossos vinhos, apropriados ao gôsto dos respectivos consumidores, zelando sobre tudo a pureza e reputação da sua qualidade, e fazendo escarmentar os falsificadores como inimigos da lavoira, credito e commercio nacional, e praticar outro tanto com os excedentes que já vamos tendo de trigo e azeite; se finalmente os consules e agentes consulares protegerem e auxiliarem em toda a parte o commercio, prestarem todos os convenientes esclarecimentos locaes, e inspirarem as providencias adequadas ao credito e interesse nacional: se tudo isto se fizer e proseguir simultaneamente e com perseverança, conseguiremos, ao exemplo da França, o progressivo melhoramento e prosperidade da lavoira, industria e commercio, á sombra da ordem civil e politica, e da paz interior, sem a qual não é possivel haver nem agricultura, nem industria, nem commercio interno ou externo.

Lisboa 20 de junho de 1845.

Luiz Antonio Rebello da Silva.

O excellente artigo que se acaba de ler, e que a Redacção muito agradece a seu illustre auctor, nos faz desejar outros da mesma natureza que instantemente lhe pedimos para bem do paiz. O Sr. Rebello proprietario agricula, membro da 'Academia da Industria' em França, e com estudos agronomicos muito vastos, a que reune tambem a prática, é dos mais proprios em Portugal para dar-lhe a instrucção rural de que ainda muito carecemos.

SAINFOIN OU ESPARCETO.

17 No dia 10 do corrente julho e seguintes achar-se-ha á venda no escriptorio da *Revista Universal Lisbonense* a semente d'este prado artificial, o melhor que se conhece, pois produz nos terrenos mais aridos, é de optima nutrição para o gado, e torna productivos ainda os terrenos mais estereis; os quaes finda a colheita do sainfoin, que dura sem nova sementeira por 5 ou 6 annos na terra, produzem depois uma optima colheita de trigo.

As vantagens da cultura do sainfoin vão hoje sendo geralmente reconhecidas em Portugal, e d'ellas teem feito especial menção os artigos 749 e 750 do 1.° vol. 813 do 2.° dito, 2379, 2427, e 3073 do 3.° dito da nossa *Revista*.

A semente é ja colhida este anno na quinta da Piedade em Santo-Quintino, do Sr. Dr. Antonio Maria Ribeiro da Costa Holtreman, é muito bem sécca. Preço de cada alqueire 800 rs.

Desde ja se adverte que havendo como no anno proximo passado, muitas pessoas que a tinham incommendado, e não se sabendo os seus nomes nem a quantidade que cada um pertendia, os 90 alqueires que pouco mais ou menos será a totalidade de que se poderá dispôr, se venderão a quem primeiro os procurar.

Aos compradores se entregará gratis uma instrucção do modo de a semear, colher etc., que a *Revista* ja

publicou sob n.° 813, em n.° 1.° do 2.° vol. de 22 de septembro de 1842.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA. (*)

CAPITULO II.

Declaram-se typicas, symbolicas e mythicas éstas viagens. Faz o A. modestamente o seu proprio elogio. Da marcha da civilização; e mostra-se como ella é dirigida pelo cavalleiro da Mancha D. Quixote e por seu escudeiro Sancho Pança. — Chegada a Villa-Nova-da-Rainha. Supplicio de Tantalo. — A virtude galardão de si mesma; e sophisma de Jeremias Bentham. — Azambuja.

18 Éstas minhas interessantes viagens hãode ser uma obra prima, erudita, brilhante de pensamentos novos, uma coisa digna do seculo. Preciso de o dizer ao leitor, para que elle esteja prevenido; não cuide que são quaesquer d'essas rabiscaduras da moda que, com o titulo de *Impressões de Viagem*, ou outros que taes, fatigam as imprensas da Europa sem nenhum proveito da sciencia e do adiantamento da especie.

Primeiro que tudo, a minha obra é um symbolo... é um mytho, palavra grega, e de moda germanica, que se mette hoje em tudo e com que se explica tudo... quanto se não sabe explicar.

É um mytho porque — porque... Ja agora rasgo o veu, e declaro abertamente ao benevolo leitor a profunda idèa que está occulta debaixo d'esta ligeira apparencia de uma viagemzita, que parece feita a brincar, e no fim de contas é uma coisa séria, grave, pensada como um livro novo da feira de Leipsick, não das taes brochurinhas dos *boulevards* de París.

Houve aqui ha annos um profundo e cavo philosopho d'alem Rheno, que escreveu uma obra sobre a marcha da civilisação, do intellecto — o que diriamos, para nos intenderem todos melhor, *o Progresso*. Descobriu elle que ha dois principios no mundo: o *espiritualista* que marcha sem attender á parte material e terrena d'esta vida, com os olhos fittos em seus grandes e abstractos principios, hirto, sêcco, duro, inflexivel, e que póde bem personalisar-se, symbolisar-se, expressar-se pelo famoso mytho do cavalleiro da Mancha, D. Quixote; — o *materialista*, que, sem fazer caso nem cabedal d'esses principios, em que não cre, e cujas impossiveis applicações declara todas utopias, tracta so dos bens e cómmodos da vida real e tangivel, e póde bem representar-se pela rotunda e anafada presença do nosso amigo velho, Sancho Pança.

Mas, como na historia do malicioso Cervantes, estes dois principios tam avessos, tam desincontrados, andam comtudo junctos sempre, ora um mais atraz, ora outro mais adiante, impecendo-se muitas vezes, coadjuvando-se poucas, mas *progredindo* sempre.

E aqui está o que é possivel ao progresso humano.

(*) Continuação da pag. 8.

E eis-aqui a chronica do passado, a historia do presente, o programma do futuro.

Hoje o mundo é uma vasta Barataria, em que domina elrei Sancho.

Depois hade vir D. Quixote.

O senso commum virá para o millenio: reinado dos filhos de Deus! Está promettido nas divinas promessas... como elrei de Prussia prometteu uma constituição; e não faltou ainda, porque — porque o contracto não tem dia; prometteu mas não disse para quando.

Ora n'esta minha viagem Tejo-a-riba está symbolisada a marcha do nosso progresso social: espero que o leitor intendesse agora. Tomarei cuidado de lh'o lembrar de vez em quando, porque receio muito que se esqueça.

Somos chegados ao triste desembarcadoiro de Villa-Nova-da-Rainha, que é o mais feio pedaço de terra alluvial em que ainda poisei os meus pés. O sol arde como ainda não ardeu este anno.

Um immenso arraial de caleças, de machinhos, de burros e arrieiros, nos espera n'aquelle descampado africano. É forçoso optar entre os dois martyrios da caleça ou do macho. Do mal o menos; seja este.

E acolá — oh supplicio de Tantalo! — vejo duas possantes e nedeas mulas castelhanas jungidas a um vehiculo, que, n'estas paragens e ao pé d'aquel'outros, me parece mais esplendido do que um landaw de Hyde-Park, mais elegante que um calecbe de Longchamps, mais commodo e elastico do que o mais aerio briska da princeza Hellena. E comtudo — oh magico poder das situações! — elle não é senão uma substancial e bem apessoada traquitana de cortinas.

Togados manes dos antigos desembargadores, venerandas cabelleiras de anneis e castanhola que dizeis, ó respeitadas sombras, se d'esse limbo onde estaes esperando pela resurreição do Pègas... e do livro quinto — vêdes este degenerado e espurio successor vosso em calças largas, frak verde, chapeu branco, gravata de côr, chicotinho de caoutchouc na mão, prompto a cavalgar em mulinha de Palito-Metrico como um garraio estudantinho do segundo anno, e deitando olhos invejosos para esso natural, proprio e adscripticio modo de conducção desembargatoria? Oh que direis vós! Com que justo desprezo não olhareis para tanta degradação e derogação!

Eu commungava silenciosamente commigo n'estas graves meditações, e revolvia incertamente no ânimo a ponderosa dúvida: — se o administrar justiça direita aos povos valia a pena de andar um desembargador a pé!... Luctava no meu ser o Sancho Pança da carne com o D. Quixote do espirito — quando a Providencia, que nos maiores apertos e tentações não nos abandona nunca, me trouxe a generosa offerta de um amigo e companheiro de vapor o Sr. L. S.: era sua a invejada carroça e n'ella me deu um logar até á Azambuja.

A virtude é o galardão de si mesma, disse um philosopho antigo; e eu não creio no famoso ditto de Bentham, que sabedoria antiga seja um sophisma. O mais moderno é o mais velho, não ha dúvida; mas o antigo que dura ainda, é porque tem achado na experiencia a confirmação que o moderno não tem. Jeremias Bentham tambem fazia o seu sophisma como qualquer outro.

Vamos percorrendo lentamente aquelle mal-composto marachão, que poucos palmos se eleva do nivel baixo e salgadiço do solo: de inverno não se passará sem perigo; ainda agora se não anda sem incommodo e receio. Estamos em Villa-Nova e ás portas do nojento caravanseray, unico asylo do viajante n'esta, hoje, a mais frequentada das estradas do reino.

Parece-me estar mais deserto e sujo, mais abandonado e em ruinas oste asqueroso logarejo, desde que alli ao-pe tem a estação dos vapores, que são a commodidade, a vida, a alma do Ribatejo. Imagino que uma aldêa de Alarves nas faldas do Atlas deve ser mais limpa e commoda.

Oh! Sancho, Sancho, nem siquer tu reinarás entre nós! Cahiu o carunchoso throno de teu predecessor, antagonista, e ás vezes amo; açoitaram-te essas nádegas para desincantar a formosa *del Toboso*, proclamaram-te depois rei em *Barataria*, e n'esta tua provincia lusitana nem o paternal govêrno de teu estupido materialismo póde estabelecer-se para commodo e salvação do corpo, ja que a alma... oh! a alma...

Fallemos n'outra coisa.

Fujamos depressa d'este monturo. — É monótona, arida e sem frescura de árvores a estrada: apenas alguma rara oliveira mal-medrada, a longos e desiguaes espaços, mostra o seu tronco rachitico e braços contorcidos, ornados de ramusculos doentios, em que o natural verde-alvo das folhas é mais alva-cento e desbotado que o costume. O solo porém, com raras excepções, é optimo, e a trôco de pouco trabalho e insignificante despeza, daria uma estrada tão boa como as melhores da Europa.

Dizia um secretario d'Estado meu amigo que para se repartir com igualdade o melhoramento das ruas por toda Lisboa, deviam ser obrigados os ministros a mudar de rua e bairro todos os tres mezes. Quando se fizer a lei da responsabilidade ministerial, para as kalendas gregas, eu heide propôr que cada ministro seja obrigado a viajar por este seu reino de Portugal ao menos uma vez cada anno, como a desobriga.

Ahi está a Azambuja, pequena mas não triste povoação, com visiveis signaes de vida, aceadas e com ar de conforto as suas casas. É a primeira povoação que dá indicio de estarmos nas ferteis margens do Nilo portuguez.

Corremos a apear-nos no elegante estabelecimento que ao mesmo tempo cumulla as tres distinctas funcções de *hotel, de restaurant e de cafe* da terra.

Santo Deus! que bruxa que está á porta! que antro lá dentro!... Cai-me a penna da mão.

(Continúa.) *A. G.*

O ARCO DE SANT'ANNA.

19 A IMPRENSA tinha ha muito discutido, larga senão profundamente, ésta publicação recente, e nova entre nós no seu genero. Ainda o 2.° vol. que deve trazer o complemento da obra, não appareceu, e ja a discussão se quer reanimar.

Vimos com pezar e tristeza na *Revista Academica* da semana passada, um artiguinho de pouca extenção e menos fundamento em que, começando por nos dizer que a *discussão andára desvairada porque deixára o fundo pela fórma, e antepozera a questão d'arte á questão social*, continúa e conclue sem tractar nem uma nem outra das taes questões, asseverando-nos por fim duas coisas que nós, francamente e por muito que nos custe, temos obrigação de declarar que são falsas.

Uma é — que o facto em que se funda o romance é mera ficção da phantazia do poeta:

Outra — que vistas as tendencias do seculo não ha que ter receio das tentativas do clero.

A auctoridade de Duarte Nunes em que se estriba a primeira d'estas asserções, é das mais fracas e suspeitas da nossa história. Com a *España sagrada*, e com argumentos e auctoridades de outra polpa lh'o mostraremos quando queira disputar. A tam laconico dizer basta por ora ésta resposta.

Mais curta é ainda, porêm mais terminante, a resposta que damos á segunda. Remettemos o A. do artigo á leitura dos jornaes francezes do mez passado, *signanter* á sessão da camara dos deputados de França de 2 de maio último.

E por emquanto fiquemos aqui.

Ha porém no mesmo artigo um periodo que precisa correcção: não pertendemos dar-lh'a, estamos certos que lh'a dará o público; mas desejariamos antes que a corrigisse a redacção d'aquelle esperançoso jornal, como decerto lhe fará muita honra.

Eis-aqui o periodo.

« O A. do Arco de Sant'Anna julgou que... devia « ir revolver as chronicas á cata de um facto escandaloso... atirar com elle ás turbas... e dizer-lhes: *Ahi « tendes o que é o clero, odiai toda essa classe...* »

Estas coisas não se escrevem, accusações d'estas não se fazem — desde o P. Alvito Buella de saudosa memoria. E nós conhecemos tanto alguns dos redactores da *Revista Academica*, sabemos tanto que elles são incapazes do viljssimo officio de calumniador, que estamos certos foram illudidos por quem lhes mandou o artiguinho, e não repararam no alcance d'estas descomedidas palavras.

No artigo que hoje inserimos na REVISTA, com muita decencia e boa-fe se allude a uma accusação parecida com ésta — accusação muito menos grosseira, posto que não mais fundada.

O A. d'este elegante e primoroso artigo, que nós publicâmos com muita satisfação, mais refere do que faz sua a dita accusação: e n'isso mostra sua boa-fe e delicadeza. Diz-se que o A do 'Arco de Sant'Anna' pertende oppor-se á reacção religiosa do seculo presente e fazer com que voltemos ao philosophismo do seculo passado. A asserção parece-nos de todo infundada.

O A. do romance bem claro e positivo se expressa sôbre essa reacção religiosa e moral que elle tanto applaude, tanto approva, e, sem receio de muito aventurar, cremos podêr dizer que bastante ajudou entre nós. Ou nos erram muito bem fundadas conjecturas, ou a pessoa que suppomos ser, pelo menos, *editor* do 'Arco de Sant'Anna' é a mesma que em outras obras bem conhecidas levantou o pendão d'essa reacção, que a dirigiu, que a excitou, que fez mudar os que ja estavam n'outro caminho, que instigou a começar n'elle os que ainda não tinham começado. E se a historia litteraria d'este seculo em Portugal forçosamente tem de confessar (ainda que a escrevam os mais invejosos inimigos) que a reacção, que a revolução moral da nossa litteratura foi capitaneada pelo A. de *Camões*, de *Catão*, de *Adozinda*, do *Alfageme*, do *Gil-Vicente*, de *Fr. Luiz de Sousa*, do *Tractado da Educação*,

do *Portugal na Balança da Europa* e de tantas obras em tantos e tão diversos generos — a critica contemporanea tambem não poderá, sem injustiça, accusar o A. ou pelo menos o editor do 'Arco de Sant'Anna' de querer obstar a essa reacção.

Bem claro, repetimos, o diz elle no prologo: essa reacção, louva-a, que-la, ajuda-a com todos seus desejos e esforços; mas não quer que a torçam os interesseiros e materialistas do seculo em seu damnado proveito, não quer que os fanaticos e os hypocritas a grangeiem em sua ganancia, que é ruina da religião, da moral e da sociedade. Eis-aqui o que elle não quer. Contra essa reacção, cuja bandeira elle levantou em Portugal — e talvez na Peninsula toda, *é* que depois foi seguida por tam honrados e brilhantes espiritos, elle não levanta agora nova e opposta bandeira; não, certo: levanta-se a infileirar-se na denodada phalange em que militam os Montolosiers, os Chateaubriands mesmo, os Delamartines, os Eugenios Sue.

Pouco sabe, ou muito finge ignorar do movimento social e litterario da Europa quem não vê o proprio A. das *Meditações Poeticas* e da *Viagem ao Oriente*, combater, em nome do Catholicismo, os falsos christãos e os falsos sacerdotes, que querem hastear a Cruz do Redemptor como vehiculo do despotismo, do obscurantismo e da intolerancia, quando elle poeta, elle e os seus predecessores, e os seus seguidores, (apostolos e prophetas do seculo) a tinham feito amar e adorar dos povos, por que lh'a mostraram abraçada com a liberdade, porque viam pregada n'ella, com os braços abertos, a VERDADE ETERNA o *Verbo increado* da Salvação.

A memoravel e ja citada sessão de maio na camara dos deputados de França, deve tirar todas as dúvidas aos que não véem ainda bem claro a presente conspiração da oligarchia ecclesiastica, contra as liberdades e contra a civilisação dos povos. Não é so o eloquente e ponderado discurso de Mr. Thiers; são as tristes respostas de Mr. Berrier, são as confissões e promessas do ministerio francez, as que provam a existencia, a extenção e amplissimas tenções d'essa conspiração.

Ja disseram por ahi gentes que em Portugal não havia perigo nem receio d'essa conspiração. Ignorâmos em que se fundam os que tal dizem; desconhecemos o poderozo *isolador* que esses estadistas tenham descuberto para nos não chegar o impulso. Ignoramo'-lo tanto mais, quanto vemos na nossa terra menos geral a illustração, menos conhecida a religião santa de que se abusa, menos intendido o Evangelho, a lei da liberdade e da igualdade, em cujo nome todavia por tantos seculos nos impuseram o despotismo.

E receia-se em França o que em Portugal não mette medo!

Para nós é claro que o A. do 'Arco de Sant'Anna', tam bom christão como bom patriota, o que quer é que a reacção religiosa não seja sophismada. Tambem para nós é claro que elle não teve a louca pertenção de suppor que com um romancinho se fazem ou desfazem reacções; mas que sabe, conhece e crê que a reacção moral e religiosa do principio d'este seculo foi em grande parte trazida pela poesia e pela litteratura, que a não trouxeram em nenhuma parte, e *em Portugal menos que em parte alguma*, nem as prégações dos padres; nem os seus escriptos — e quasi que tinhamos vontade de dizer, nem os *seus exemplos*.

Não quer, não quer decerto — nós o jurâmos por elle — não quer o A. do 'Arco de Sant'Anna' que voltemos ao *Philosophismo* que tudo derrancou. Como o ha-de querer elle, elle que o denunciou, elle que o escarnece, que o accusa que o fustiga, elle *primeiro homem liberal* de Portugal que ousou fazê-lo, e conservar-se liberal, e protestar que a liberdade, que a san philosophia, que a verdadeira sciencia e a verdadeira politica o renegavam e expulsavam?

Quem ousaria em Portugal voltar ás insensatas e ridiculas blasphemias do philosophismo encyclopedico depois que o fulminou para sempre na tribuna um deputado liberal, tantas vezes proscripto por liberal, perseguido por liberal, o Sr. Almeida Garrett?

Não o crê o elegante e erudito escriptor do seguinte artigo: não o crê, e declara que o não crê. Tam pouco o crê o *imprudente* escriptor d'ess'outro em que fallâmos e que tanto excathedra, em tam poucas palavras julgou uma obra d'aquellas.

Est'outro artigo, que inserimos, responde a si mesmo e responde ao jornal de Coimbra. Ficâmos que ésta será a opinião de quantos o lerem como elle merece por que é modelo de stylo, de elegancia e de cortezia: é critica como a sabem fazer pessoas de bem quando para a honrarem e se honrarem a si, tomam a penna.

***

O ARCO DE SANCTA ANNA.

O 'Arco de Sancta Anna' é um romance, que ultimamente por ahi tem dado muito que fallar. Uns dizem, que o livro fôra escripto de proposito para obstar a completar-se no seculo actual, e nos seguintes, (*) a reacção a favor da religião e da crença, que tanto se ia adiantando contra os principios de immoralidade e corrupção, que o seculo precedente n'os havia legado; outros acham, que o romance é uma coisa a modo de folhetim de periodico de opposição, feito de caso pensado e a sangue-frio, para preparar a opinião eleitoral, e dar com todos os votos de malhão sobre o descocado estudante Vasco, ou em quem com elle se pareça: estes vêem alli uma satira allegorica contra imaginarias notabilidades da presente epocha; aquelles teimam, que, á imitação dos habeis romancistas da Europa, o auctor do 'Arco de Sancta Anna' quiz formar um quadro, onde n'os fizesse ver as idêas e os costumes da nossa idade média junctos a um facto notavel na historia d'esse tempo: e tambem não falta quem se persuada, gente simples, que foi realmente um manuscripto achado entre varios calhamaços que parávam na deserta livraria do convento dos Grillos, porventura composto pelo Padre Mestre Fr. João d'Arrifana; tanto ao vivo acham elles pintado o retrato do reverendo, que sómente por elle proprio têem por possivel que fôsse feito!

No meio d'esta prodigiosa variedade, e incerteza de opiniões, todos concordam em um ponto essencial para o merecimento litterario do romance, e é que o seu estilo possue toda a belleza e propriedade que se requerem n'um similhante genero de composições; até, quem o pensaria, até a mesma seita dos *Piégas*, avêssa por força d'instincto a uma producção de merecimento tão subido, ficou de queixo cahido e bôca á banda, quan-

(*) Veja a nota que precede este artigo.

do viu resurgir a orthoxia litteraria tão formosa por entre os montões do entulho heretico, em que a tal *pieguice* a havia sepultado! A critica, essa caprichosa sultana da litteratura, que com rasão aborrecida e enfastiada dos *Piégas*, ha tanto tempo dormia lethargico somno, tambem acordou agora muito esperta, e vividoira; o 'Arco de Sancta Anna' foi agua-ardente de cem graus, com que a senhora critica levou pelas meninas dos seus olhos, pestanejou, pestanejou, e afinal saltou sobre o 'Arco' com tal frescura e segurança, que decerto elle tem, como os das aguas-livres, algum passeio por cima construido fortemente para ahi se poder andar com toda a soltura e desembaraço. O romance tem sem duvida comsigo alguma attracção talismanica: uns o louvam, outros o censuram, mas todos o querem ler; e tambem nós humilde, e pequena familia de insectos imperceptiveis no paiz das bellas lettras tivémos appetite de ler o 'Arco de Sancta Anna' e, por não ficar em mingua com a moda, de dizer alguma coisa a respeito d'este ja celebre monumento da nossa litteratura nacional: ahi vai pois sem mais preambulos o que n'os pareceu, principiando pelo prologo.

Diz o publicador do romance que, o motivo porque este sai á luz do dia, é para neutralisar o mau effeito que as obras de Walter Scott, Chateaubriand, Lamartine, e de muitos outros escriptores illustres iam promovendo no espirito da geração actual. Saudosas recordações, compaixão, amor mesmo pelos monumentos desamparados, e por algumas, hoje abandonadas, instituições da idade media iam renascendo na Europa; á campina sêcca e desolada do arido scepticismo, em que o seculo 18 se mirrou desesperado, succediam os prados viçosos e amenos da crença e sentimentalismo religioso, regados e animados pelo enthusiasmo, e pelos esforços litterarios de uma mocidade brilhante, cheia de vida, de desejos, e de esperanças! Já não era do *grande tom* ser incredulo; já os pequenos auctores não precisavam de escrever por força alguma coisa contra o Christianismo para poderem alcançar a graça, mais que efficaz, de um benevolo sorriso, e curto mas lisonjeiro louvor da parte dos grandes philosophos e colossaes litteratos: a religião tornava a ser moda, os costumes doces e puros, e com elles a felicidade social, ganhavam terreno. Tudo isto diz, e affirma o author do prologo, quando a paginas 9 se explica d'este modo: « Ganhava a tolerancia, ganhava a moral, ganhava a religião com ella; porque em verdade o philosophismo do seculo passado tinha *derrancado* tudo á força de corrigir, e apperfeiçoar. » Ora, se pela confissão do proprio auctor do prologo o philosophismo do seculo anterior tudo *derrancou*, porque n'os vai logo depois o mesmo prologo dizer a paginas 11 que esse seculo tem direito para n'os arguir de inconstantes e ingratos, como desacreditadores, deshonradores, sophismadores, e annulladores da sua missão? Como?! Porventura quem *derranca tudo* terá direito para queixar-se contra aquelles que procuram salvar alguns restos puros e incolumes, que por milagre escapassem do *derrancamento* universal?! Teremos nós de fazer ainda o processo monstro a Noé porque poz em coberta enxuta as reliquias do genero humano?! Isto é na verdade incomprehensivel! Não negâmos, antes confessâmos, que o seculo 18 derrocou completamente a oligarchia ecclesiastica que nos tempos da idade media tanto mal causára ao verdadeiro espirito religioso, o qual deve proteger, e jámais escravisar os interesses e a liberdade da sociedade humana; mas que substituição se deu então a essa com tanta justiça derrocada oligarchia? O atheismo, o scepticismo, a desmoralisação, isto é, o *derrancamento de tudo*. Tambem o seculo 18 destruiu uma por uma, moral e materialmente, as louças pertenções do feudalismo brutal, que pesava terrivelmente sobre a humanidade oppressa, e a invilecia degradando-a do seu sublime character; mas por quem foi substituido o elemento *governativo*, embora monstruoso, que o feudalismo offerecia? Primeiro pelo despotismo dos reis, depois pela successão rapida e interminavel de revoluções desnecessarias e medonhas, pela habilidade especuladora de desalmados *agiotas*, pela dictadura sanguinaria e barbara de obscuros tribunos, e sôbre tudo pelo egoismo desmoralisador, queremos dizer: pelo *derrancamento*.

Foi para estabelecer uma linha de separação entre este fatal *derrancamento* e o que ainda existia puro na sociedade, que os escriptores mencionados pelo auctor do prologo, se reuniram em um unico e magestoso pensamento, qual foi o de restaurar do abatimento em que jazia a velha crença religiosa sempre boa, e sempre consoladôra. Esses homens inspirados conheceram, que o philosophismo encetára uma obra justa no seu principio, vantajosa nas suas consequencias, como era a destruição da oligarchia clerical e do feudalismo mixto; mas viram tambem, que o mesmo philosophismo por incognito impulso de seu philosophico destino, querendo exclusivamente empregar o elemento sceptico, tudo confundiu e *derrancou*, substituindo um cahos a outro cahos, e ás folias da estupidez os desvarios da intelligencia. Acharam então que sómente na religião estava o elemento verdadeiro e proprio para dar firmeza e duração a uma nova ordem de coisas, que sendo visivelmente boa e civilisadora, comtudo acabava sempre pela confusão e *derrancamento*: levantaram-se nos diversos pontos da Europa essas vozes poderosas, e cheias de persuação e encanto, que fizeram accordar do mais desastroso adormecimento muitas intelligencias superiores, que por não reflectirem um pouco, se deixavam arrastar, como cegas, no meio do quasi geral delirio. Abriram finalmente os olhos, fixaram-n'os sôbre o mundo, e sôbre ellas mesmas, e comprehenderam quanto convinha pôr termo a tão desatinada carreira; abraçaram-se com a religião, como o unico centro natural e capaz de sustentar os homens nas suas tentativas de razoavel civilisação, e bem intendido progresso. Estes grandes genios foram intendidos e seguidos, porque na verdade é preciso um enthusiasmo extraordinario para não perceber que o scepticismo traz forçosamente o egoismo comsigo, e sendo o egoismo na sociedade humana por sua natureza centrifugo, não póde servir de centro á existencia de corpo algum social. D'esta convicção, que entrou no espirito de grande parte dos homens pensadores, nasceu a reacção religiosa que desde os começos do seculo actual se tem felizmente sentido.

Não pertendemos assegurar que entre os individuos de que se compoem a classe ecclesiastica não haja quem, vendo succeder ao orgulho sceptico a

benevolencia religiosa, outra esperanças de tornar outra vez a empoleirar-se sobre a liberdade espiritual, e bens temporaes dos fieis; estamos persuadidos de que é isso muito possivel, não só porque ha muito padre sceptico, mas até porque em trôco de um Pedro Celestino, que resigna o pontificado, apparecem meia duzia de Bonifacios que por elle estão morrendo! mas porventura será mister, que, por medo de ser cavalgadas por algum padre, n'os lancemos de novo nos braços do philophismo, que tudo *derrancou*? Não haverá um meio termo entre *cavalgado* ou *derrancado*? Supponhamos que o amigo padre, vindo a modo de quem não quer a cousa, escondido por detras de Walter Scott, Chateaubriand, e Lamartine, firma de repente os pés no chão com uma força, que faz tremer a terra, inteiriça-se e aperta os dentes, como um indemoninhado, e dando um pulo diabolico tracta de se escarranchar sobre nossos cachaços livres, e ha muito tempo desacostumados de similhantes cargas talares: não teremos o recurso de o sacudir por cima de um tojal, ou dentro de um atoleiro, antes que corrermos com elle a um precipicio infallivel, em que todos devemos acabar, como fez Sansão, e como ia fazendo o cavallo de D. Fuas Roupinho nos pincaros da Pederneira?! Pois os governos não terão força bastante para conter o clero dentro dos limites, que lhe estão marcados? É uma verdade incontestavel que sem ministros não póde existir a religião; mas porque estes ministros são susceptives de conspirar, passemos sem elles, deixemos de gozar os effeitos civilisadores e beneficos que n'os promettia a reacção romantico-religiosa, e voltemos sem demora ao philosophismo, que tudo *derrancou*! Escrevam-se romances que desfaçam depressa as saudaveis impressões, que com trabalho, e vagar iam fazendo o 'Mosteiro', o 'Abbade' os 'Puritanos de Escocia, os 'Martyres' a 'Viagem ao Oriente' etc.? Somos sinceros, e por isso declaramos francamente que n'os desagrada este pensamento. Se o clero urde uma vasta conspiração com o fim de tornar aos tempos em que o Arcebispo de Braga D. Lourenço andava na guerra dando catanada de criar bicho nos scismaticos dos castelhanos, pedimos a quem tiver d'isso noticia, que revele os nomes dos chefes e dos instrumentos, que se empregam em tão criminosa como anachronica pertensão; é um dever sagrado, de que ninguem se póde dispensar sem deshonra; cem annos de continuados esforços da civilisação contra a ignorancia valem bem a pena de que não haja quem hesite um momento em declarar á face do mundo inteiro, o que sabe de tenebrosas machinações tramadas por clerigos traidores á patria, assim como ao seu proprio instituto; porém que se escreva um romance para tornar suspeita e aborrecida uma classe de homens, de cuja existencia a religião do paiz não póde prescindir, e que se inventem factos imaginarios, todos elles abominaveis, para transtornar as cabeças da multidão, que lê e não reflecte, é isto o que n'os parece dar á justiça de menos o que dá de mais ao perigo: é o mesmo que faria um valente espadachim, o qual para vingar-se do seu offensor, em uma sala de companhia, apagasse primeiro as luzes, e amiudasse depois as cutiladas á direita e á esquerda. Quantos innocentes cahiriam victimas d'esta vingança de amouco?

Ainda bem que o pensamento annunciado pelo auctor do prologo como presidindo á publicação do 'Arco de Sancta Anna', não produz no romance o effeito que o mesmo auctor promette: seu proprio coração o trahiu; cuidou que hia por uma estrada, e foi por outra. Passemos já a esmiuçar este phenomeno notavel no romance, onde tudo é bello, e deixemos o prologo, que n'os afflige e violenta, por isso que o auctor o escreveu talvez em occasião que se achava de mau humor, e se lhe figurou descobrir no romance um pensamento que lá realmente não existe; examinemos. Um bispo soberbo e vicioso, abusando hypocritamente da sua dignidade sagrada, sómente d'ella se serve para conter o povo em respeito, em quanto o vai continuamente opprimindo com toda a qualidade de vexações e tyrannias. Os foros e direitos feudaes, que seus vassallos lhe pagam, são cobrados com o maior desavergonhamento e crueldade; a insolencia do maldicto Pero-Cão, almudeiro do prelado, não guarda pêso nem medida; e como se não bastára extrahir aos pobres homens do povo o derradeiro ceitil das algibeiras, lá vai Pero-Cão á frente de uma cafila de brejeiros, que se acoitam no paço episcopal; *almudar-lhes* tambem as mulheres e as filhas, que tiveram a desgraça de excitar a muito respeitavel concupiscencia de S. illm.ª É com um d'estes factos altamente escandolosos que o 'Arco de Sancta Anna' nos entretem, tomando-o por seu assumpto principal. Havia partido para Lisboa cuidar de certos arranjos domesticos um ourives do Porto, cazado de pouco tempo com uma rapariga de vinte annos, chamada Anna, tão virtuosa como bella, que fazia a felicidade do bom ourives, tendo-lhe ja dado um filhinho por premicia da ternura conjugal. Durante a ausencia do marido o bispo por acaso bispou as feições graciosas da amavel Anninha, e no mesmo instante se ateou em S. illm.ª a chamma da concupiscencia, que para estar sempre acesa, segundo conta a historia, uma braza lhe bastava! Desde então começou o bispo de buscar todos os modos possiveis com que satisfizesse a infame paixão que o atormentava; Pero-Cão principiou logo as suas visitas ao arco de Sancta Anna. Promessas, ameaças, inganos, terrores, tudo foi posto em jogo para obrigar a virtuosa Anninha a sujeitar-se ao energico appetite ecclesiastico de S. illm.ª; porem tudo inutilmente, porque a joven espoza, fiel aos seus deveres, rejeitou com altivez e desabrimento, as infames offertas que se lhe faziam; e ainda que não deixava de temer a fulminante vingança do bispo desprezado, nem assim mesmo succumbiu á malvada vontade d'elle.

Eis-aqui o que nos conta o romance em um dialogo da meiga Anninha com a sua joven amiga e vizinha Gertrudes. Este dialogo modêlo de simplicidade e de pureza, tanto ao natural retrata a ingenua linguagem e credula conversação de duas raparigas do povo, que não temos pejo de confessar que n'este genero ainda não lemos cousa portugueza de merecimento maior. Pero-Cão faz uma das suas usadas avançadas nocturnas; a innocente Anninha vê-se arrebatada para os paços episcopaes; e é no dia seguinte á noite do rapto que o padre mestre Fr. João da Arrifana, intimo amigo e valido do bispo, subia pelas sete horas da manhan as sonóras escadas do paço. A pintura do frade e a sua subtil-

pelas escadas acima, é uma das mais lindas coisas que havemos lido na nossa vida; aquelle sorriso malicioso brincando por entre as roscas das bochechas gordas e córadas; aquelle impulso dado á formidavel barriga logo ao trepar o primeiro degrau... parece até que se está ouvindo o surdo bater do cordão de esparto pelas pregas do hirto burel do habito: quem ha ahi, que não ficasse conhecendo o padre mestre Fr. João da Arrifana, que não assistisse com elle em varias *patuscadas* por occasião do peditorio, e que lhe não ouvisse as retumbantes gargalhadas, que dava, e chascosas historietas que contava para divertir os bemfeitores? Dois traços dados em um retrato como este de Fr. João, bastam para classificar o pintor de primeira ordem. Pois a beata Briolanja Gomes! O brio, coragem e desfastio escholastico do bravo e ingenuo estudante Vasco! A paternidade, e pachorra classica de Martim Rodrigues, e de Gil Eannes seu companheiro! E' uma galeria de paineis tão primorosos, tão bem acabados, que não se sabe qual escolher por pena dos que ficam! Não nos lembrâmos de ter rido tanto, e com tamanha vontade, como quando vimos os dois Edís portuenses n'aquella falsa, mas galantissima posição, entre o bispo que os repellia e o povo que os empurrava; e seis linhas foram sufficientes para completar uma descripção tão perfeita, que outros em um livro inteiro não conseguiriam esboçar: a isto é que nós chamamos e sempre chamaremos mão de mestre, e venham cá os *Piegas* contradizer-nos!

Quanto ao estillo contentar-nos-hemos de fazer observar a flexibilidade admiravel com que o auctor sabe amoldal-o a todas as situações: rapido e desigual, no dialogo tumultuoso do povo amotinado; ligeiro e simples, quando estão conversando as duas jovens amigas e vizinhas do arco de Sancta Anna; grave e ronceiro, nos pansudos discursos de Martim Rodrigues; aspero e incisivo; no excommungado de Pero-Cão; estafador, no fanhoso mas agudo falsete da veneravel Briolanja Gomes; fluido e variado, nas descripções e narrações. N'uma palavra o auctor vive com as suas personagens, conversa com ellas, e, sem que nada lhe escape, nos vem depois contar quanto viu e ouviu, com tal exactidão e habilidade que nós as ficâmos conhecendo, como se lá tambem houvessemos estado. Pelo que toca aos characteres diremos afoutamente, que desde a primeira pagina do livro até á ultima nenhum encontrámos que se desmentisse; todos são o que devem ser, e se conservam como convem: é verdade, que se falla na polka, e em Mr. Pigeon; é verdade, que a respeito do perro de Pero-Cão se affirma ser homem quasi parlamentar; porém estas allusões leves e abstractas, que os leitores podem applicar assim ao *Sobrecú* de Cromwel como ao senado de Mario, não desconsideram por algum modo o 'Arco de Sant'Anna'; pelo contrario, augmentam-lhe o interesse e formosura: foi um prazer mais, que elle nos procurou. D'estas allusões usou em alguns de seus romances o immortal Walter Scott, e já primeiro as tinha usado tambem nos seus o ingraçado Fielding. Tractemos de resumir porque ja vamos sendo mais longos do que desejavamos: o 'Arco de Sant'Anna', é um livro bem delineado e optimamente escripto. Ha um bispo orgulhoso e libertino, que pertende cobrir com o respeito das vestes pontificaes a pratica das suas infames acções; o povo opprimido com as mais inauditas violencias, amotina-se, e pede alivio para tamanha oppressão; um rei severo, porém justo e amigo do povo, vai entrar em scena para punir o criminoso mitrado, que se acha com direitos de sobejo a um exemplar castigo: eis a materia que compõe o primeiro volume do 'Arco de Sant'Anna'; em tudo isto nada ha que não mereça approvação dos homens de bem, e de crença religiosa e christan. Não teriamos por tanto razão quando dissémos, que o auctor do prologo viu no romance um pensamento que alli realmente não existe?! Porventura o descredito dos bispos corrompidos não dá cada vez mais realce ás qualidades verdadeiramente evangelicas dos prelados virtuosos?! Dissémos, que o coração trahiu o auctor, porque, se assim não fóra, não houvera elle apresentado em frente do bispo o bello contraste do veneravel arcediago de Oliveira, o respeitavel Paio Guterres! Parece-nos estar ouvindo Chateaubriand a descrever Belisario no meio da corrupção do baixo-imperio: « C'etait un de ces hommes qui paraissaient de « loin á loin dans les jours du vice pour interrompre le droit de prescription contre la vertu. » Este character de Paio Guterres é de uma perfeição consoladora; pena é que o auctor lhe não concedesse maior desinvolvimento; appellamos para o segundo volume, em que não deixamos de ter muito firmes esperanças. Não é possivel que a intelligencia superior e generosa, que soube imaginar um Paio Guterres, escrevesse de proposito para desconceituar o clero geralmente, e o tornar suspeito e odioso; o bispo, esse padre desmoralisado e preverso, que roubou a um marido honrado a esposa amavel e fiel, delicias e felicidade da sua vida, na verdade estamos fumegando por vêl-o, sem perda de tempo deposto com infamia da cadeira que deshonra; porém confessâmos sinceramente que não queremos depois d'isso ficar sem bispo nenhum; desejâmos que venha outro bispo, e que este necessariamente seja Paio Guterres, o arcediago de Oliveira.

F. L. de A. V. da F.

CONCERTO DO SR. DADDI.

20 O concerto do dia 27 do passado executado em S. Carlos em beneficio do Sr. Daddi foi realmente dos mais brilhantes que temos ouvido. Não ha hoje logar para largas considerações; mas não deve faltar para fazer fazer honrosa menção da distincta maneira com que o Sr. Daddi executou todos os trechos de piano que com o melhor gôsto escolheu para ésta noite. A' bravura e delicadeza reuniu o illustre artista o colorico, a limpidez e a expressão de mui distincto pianista. O Sr. Daddi teve momentos, principalmente na phantazia sôbre a 'Somnambula', em que *sentiu* e fez *sentir* a bella musica que executava.

E' digno de mencionar-se tambem: as variações de violoncello executadas pelo Sr. Cossoul Junior; a phantazia de flauta pelo Sr. Santos; e o duetto dos dois baixos da Opera *Marino Faliero*, onde o Sr. Theodoro cantou pela primeira vez em público. Com a sua bella presença de theatro, e com a boa voz que tem o Sr. Theodoro póde fazer uma optima carreira artistica, estudando os segredos do canto dramatico, que como hoje se comprehende e executa pela eschola moderna, tem certa expressão que lhe é propria, e pela

qual mais que tudo são avaliados os artistas de canto nos principaes theatros do mundo.

VARIEDADES.

COSTUMES.

21 Por occasião das festas populares d'este mez — Santo-Antonio e San'João — notou-se pelas ruas de Lisboa a repetição de um costume que talvez sería prudente reprimir. Quero fallar d'esses pequeninos altares que se armam pelas ruas, com a imagem d'aquelles santos, mais ou menos enfeitados, e em roda dos quaes se ajuntam rapazes e crianças, pedindo até á importunidade, alguma esmolla a quem passa, para certo brinquedo a que elles chamam *festa de Santo Antonio.*

Mesmo sem fazer observar a impropriedade d'este mau-costume pelo lado religioso, e ainda pelo da policia d'uma capital, para que se não diga que damos demasiada importancia a éstas práticas pueris, parece-nos comtudo dever fazer uma breve consideração pelo lado moral sôbre a inconveniencia — o perigo talvez — de permittir que se deixe contrahir em tão pequenas idades o habito da mendicidade. A avidez com que éstas crianças pedem, a especie de triumpho que ostentam quando alcançam, o mau uso que fazem muitas vezes do pouco dinheiro que obteem, são circumstancias que podem fazer receiar, mormente nas suas idades, a origem das idêas de mendicidade que mais tarde virão a desinvolver-se. Acha-se n'estas práticas, que alias parecem tão pueris, o estimulo do mendigo, a fruição do dinheiro obtido sem trabalho, e sobretudo o perdimento do pejo de mendicar.

CORREIO ESTRANGEIRO.

22 Estabeleceu-se na Hispanha uma companhia denominada *azucarera peninsular*, destinada a commerciar no fabrico e refinação de assucar nas costas da Andaluzia. Mandaram vir os apparelhos necessarios da França.

Julgâmos que entre nós ha privilegios concedidos para a fabricação do assucar de betarraba e não sabemos se tambem de batatas; comtudo este genero de especulações commerciaes acha poucas sympathias no nosso paiz: quer-nos parecer porém que ellas deveriam ser, pelo menos, tão lucrativas como outras a que geralmente se entregam os capitaes com vivo enthusiasmo.

No dia 15 do passado debutou o tenor Tamberlick no theatro do 'Circo' em Madrid, na opera *Parisina*. O illustre tenor que tanto applaudimos no nosso Theatro-italiano, foi egualmente bem acolhido pelos madrilenses.

Uma empresa litteraria summamente curiosa vai apparecer na Hispanha, é a publicação de todas as lendas, tradições, historias e contos populares d'aquelle paiz romanesco. Ésta interessante collecção hade chamar-se — *As mil e uma noites hispanholas.*

O *Tempo*, o *Espanol*, e o *Heraldo* começaram a publicar-se em Madrid no formato do *Times* do 1.° de junho em diante.

Uma coincidencia notavel se dá ao mesmo tempo em tres diversos pontos do globo. Em S. Petersburgo o melhor actor do theatro-nacional, Karatigine, vem viajar pela Europa para observar os seus theatros mais afamados. Lombia artista dramatico e professor da eschola de declamação no Conservatorio-real de Madrid, acha-se em Paris, onde foi com a missão de estudar o theatro francez pelo lado da arte e da administração. E do Rio-de-Janeiro parte igualmente o melhor dos artistas dramaticos brazileiros com o mesmo fim de estudar os theatros da Europa.

Diz-se que a rainha Christina offerecêra ao papa uma tiara cujo valor se estima em 100,000 francos, e na qual fizera alguns ornamentos pelas suas proprias mãos.

Trez dias depois da chegada de M. de Lamartine a Macon, sua patria, de volta de Paris, a sociedade Orpheonica d'aquella cidade com a idêa de lhe dar um concerto, foi ao palacio de Montecean, onde o illustre deputado tinha reunido alguns amigos: grande número de pessoas de todas as condições acompanhavam aquella sociedade com o fim de cumprimentar M. de Lamartine. A presença de M. Liszt augmentava o interesse e dava mais um motivo a ésta reunião. O celebre pianista tomou a palavra e rompeu as saudes ao illustre poeta. Daremos um trecho d'este discurso e outro da resposta, por ambos serem pintura fiel do character do insigne artista que tivemos a satisfação de conhecer e applaudir aqui em Lisboa.

«Dai-me licença, senhores, disse elle, para que eu, ainda que extrangeiro, possa romper uma saude a M. de Lamartine.

« Não heide fallar d'elle porque para dignamente o fazer sería necessario roubar-lhe alguma coisa da sua grande e harmoniosa eloquencia, que é tambem grande e harmoniosa musica. E ésta musica, senhores, vós o sabeis, a França e a Europa o sabem, não é frivola, passageira, e sem echo como a minha,..... Não, porque o seu rythmo é sempre characterisado pelos mais nobres sentimentos do coração e pelas mais altas inspirações da intelligencia. »

. . . .

M. de Lamartine respondeu a este brinde:

« Senhores! O illustre artista a quem temos a fortuna de offerecer hospitalidade, não é extrangeiro em parte nenhuma: o genio é compatriota de todas as intelligencias e de todas as almas que o sabem sentir. Mas não é ao seu genio que vos proponho uma saude; é á sua bondade, á sua prodiga benificencia para as classes indigentes d'este povo que o ama, e a quem elle vai procurar nas infermidades e miserias, para lhe levar em segredo o dizimo do seu talento — o dizimo da sua propria vida, porque elle deposita toda a sua vida no seu talento!....

São éstas esmollas, que só Deus vê cahir na mão do indigente, que fazem ressoar o seu nome no ceu como a mais bella nota dos seus concertos (applausos).

. . . .

CORREIO NACIONAL.

23 A CIDADE de Lisboa, representada pela sua camara municipal, assistiu solemnemente, no dia 13 do passado, em a real casa de S. Antonio, á festividade d'este seu Santo concidadão e padroeiro, que foi celebrada com a pompa do costume.

O que porém tornou esta festividade verdadeiramente municipal, foi o eloquentissimo e exemplar sermão prégado pelo Sr. Dr. José da Rocha Martins Furtado, o qual na traça do discurso, na substancia da doutrina, na valentia e propriedade das imagens, no terso e grave do estylo, e emfim, em todos os difficeis preceitos da oratoria sagrada, póde ser havido como exemplar, digno não só da estampa, mas de se aconselhar para prototypo dos nossos prégadores.

O illustre governador-civil de Beja que não cessa de tomar providencias a favor do seu districto, acaba de estabelecer uma associação para alli promover a instrucção popular, e auxiliar a infancia desvalida, de que é protector o Serenissimo Sr. Infante Duque de Beja.

No dia 26 pelas 11 horas da noite rebentou um forte incendio na calçada-do-monte, n'um palacete acabado de reparar, proximo ás Olarias. Este e uma ermida contigua, arderam completamente. Não houve outra desgraça, nem circumstancia memoravel.

Alguns jornaes teem feito menção e elogiado o procedimento dos soldados de uma patrulha e estação da Guarda-municipal, que na madrugada do dia 27 conduziram elles mesmos ao Hospital um carreiro a quem o seu carro quebrára uma perna (passando-lhe por cima a roda em razão de se terem espantado os bois) por não apparecer áquella hora quem podesse pegar na maca. Louvâmos tambem este acto de humanidade, que não só honra o coração dos militares que o praticaram mas tambem á nossa civilisação e policia.

No anno de 1843 entraram na 'Misericordia' da cidade do Porto, 948 expostos. Falleceram 629, entregaram-se 66 aos pais, ficaram existindo 1,105. Foi a despeza 15:251$203 rs.

No 1.° semestre de 1844 entraram 544, falleceram 348, entregaram-se 30 aos pais. Despeza 8:891$171 rs.

Tendo o govêrno recebido propostas de uma companhia ingleza para construcção de varios carris de ferro no nosso paiz, informam-nos de que exigíra certas seguranças (prudentes e indispensaveis) que lhe garantissem a execução das propostas. Em consequencia d'isso o agente inglez foi a Inglaterra d'onde parece que acaba de chegar novamente com as seguranças precisas, e que effectivamente se vai realisar um carril de ferro de Lisboa a' Badajoz passando por Santarem, Abrantes, etc. até Elvas. Occupar-nos-hemos d'este importante objecto n'um dos proximos números da REVISTA.

Na vespora e no dia de S. João passaram nos vapores para a Outra-banda, seis mil trezentas e tantas pessoas. Ja se ve que as que foram em botes, faluas, etc., augmenta muito o número dos visitantes á festa de S. João d'Almada.

Noticias de mui diversas partes do mundo asseguram a apparição de cometas em differentes horisontes. Em 20 de dezembro último via-se um na Occeania franceza: nos Estados-Unidos, na França, na Italia, na Inglaterra, e em Hispanha, tem-se visto nestes últimos tempos alguns cometas. As observações astronomicas de Paris não asseguram menos de tres n'aquelle horisonte. Em Portugal tem-se visto um, senão são dois ao que nos parece; os nossos astronomos porém são tão avaros das suas observações que nenhuma noticia mais circumstanciada podêmos dar a este respeito. Mas se é certo que a terra e os demais planetas foram primeiro astros assim errantes, deslocados ou o quer que seja, de uma immensa massa, grande fabrica de planetas se está operando agora nos espaços do universo.

Segunda-feira (30 do passado) reuniu-se o Conservatorio-real para a eleição do seu vice-presidente, que deve ser proposto em lista triplice á escolha de S. M. A assemblea esteve brilhante. No primeiro escrutinio entraram na urna quarenta e duas listas e sahiram eleitos: o Sr. Rodrigo da Fonseca Magalhães, com quarenta e um votos; e o Sr. José Manuel d'Almeida Araujo Correa de Lacerda, com vinte e sete votos. Nenhum dos outros nomes obteve maioria para candidato, e por isso se passou a segundo escrutinio, entrando na urna trinta e uma listas. Obteve desasseis votos o Sr. Visconde de Villarinho de S. Romão. Tractaram-se depois de outros assumptos importantes, e era meia-noite quando se fechou a sessão.

O Sr. Miró Junior está escripturado como tenor pela Empresa do Theatro de S. Carlos: e o Sr. Theodoro está tambem escripturado como baixo. O bom acolhimento que o público fez á Sr.ª Clementina concorreu muito decerto para a admissão de artistas portuguezes no Theatro-italiano. Não temos senão que louvar este acolhimento: d'elle nos occuparemos mais detidamente n'outra occasião.

NA villa de Assumar (Alemtejo), Carolina, rapariga sensivel e enamorada, bordava uma bolça para offerecer ao seu amante. Outrem porém que lh'a vira bordar cobiçou-a e furtou-lh'a. Foi depois ter ás mãos d'um camponez que não tendo idéas amorosas sôbre Carolina apreciava comtudo a posse da bonita bolça, e não quiz privar-se d'ella quando Carolina, e sua mãi lh'a foram exigir. Mas não tardou que o amante de Carolina soubesse o destino da prenda que estava para elle, e logo na sua mente exaltada concebeu desesperado ciume do intruso possuidor d'ella, e jurou vingança. Para ésta convidou seu proprio pai, que longe de recusar, e advertir seu filho para que abandonasse a sua negra idêa, conveio, ao contrario, no projecto d'elle.

Na noute de 30 de maio, seriam 10 horas, vindo bem desapercebido o possuidor da prenda e quasi a entrar na primeira rua da villa, o pai do amante que alli se achava de emboscada, disparou-lhe um tiro, e o maltractou ainda com uma faca, e nem os feixos da espingarda. O infeliz ainda não morreu mas não ha esperança de salval-o.

CONHECIMENTOS UTEIS.

CAMINHOS DE FERRO.

24 *Os* carris de ferro e os romances são a moda enthusiastica, furiosa, phrenetica do meiado do seculo XIX. Por toda a parte do mundo romances e carris de ferro. Compram-se os romances manuscriptos a pêso de dinheiro, fazem-se, depois com elles especulações de toda a especie que se multiplicam ao infinito: constroem-se a podêr de dinheiro caminhos de ferro, e as especulações sôbre elles e as suas empresas, multiplicam-se egualmente como as dos romances. É porque os romances e os carris de ferro são destinados a operar uma grandissima revolução no estado social do mundo — revolução que hoje está como que no instincto de todos, como um incendio latente que hade quando menos se pensar levantar lavaredas indomaveis.

Estabelecemos um facto que não sabemos que ninguem tenha ainda considerado; moralizâmol-o assim porque ninguem desconhece o podêr de um romance nos costumes (fallâmos, ja se intende, das grandes *creações*), assim como ninguem desconhece o alcance industrial e social dos carris de ferro. O desinvolvimento das considerações que este facto suscita, que notámos apenas aqui, era assumpto de grande tomo, que merecia tractado por quem magistralmente o podesse.

Portugal não podia ser indifferente nem ficar inactivo na presença da agitação produzida por ésta moda no mundo inteiro. Ahi começaram ja os grandes romances (todos conhecerão que fallâmos do *Eurico* e do *Arco de Sant'Anna*), e ahi se vão começar os carris de ferro. Vieram ao mesmo tempo, e, ao que nos parece, ambos grandiosos. E' porque o nosso paiz ainda que lhe venham mais tardios os progressos dos outros, veem-lhe mais sazonados e póde aproveital'os melhor.

Creio que fui eu o primeiro, ou dos primeiros, que suscitámos a construcção dos carris-de-ferro em Portugal. Aqui transcreverei alguns paragraphos do que a este respeito escrevi no *Diario-do-Governo* de 31 de agosto do anno passado.:

«Os caminhos de ferro são hoje a idêa dominante. O aperfeiçoamento dos meios de transporte e de communicação, são o alvo de todas as imaginações, o pensamento dos grandes socialistas, o *desiderandum* de todos os industriaes. Por isso os caminhos de ferro são recebidos com enthusiasmo em toda a parte, e se tornaram o iman de todos os capitaes, e o objecto de emprezas quasi phreneticamente organisadas. Um grande industrial e pensador — Chevalier — escreveu em 1836, quando ainda os caminhos de ferro distavam muito do incremento que hoje teem desinvolvido, que elles «pareciam destinados a mudar a face do mundo.» (1) E' ésta uma verdade ja agora reconhecida, cujos resultados futuros podem apenas prever-se, sem que seja possivel calculal-os. Se é certo, como alguem tem avançado, que os povos tendem para uma associação universal, os caminhos de ferro como que se vão encarregando de provar que este pensamento não é inteiramente chimera. A nova civilização que esses homens superiores teem presentido, o novo equilibrio social antevisto por grandes estadistas, não poderiam ter agente material mais poderoso, nem mais efficaz.

....

.... Por outro lado a aproximação dos povos entre si para a fruição universal das mesmas commodidades, prazeres e beneficios, é uma idêa innata em todos os homens. É uma idêa que começa a ser uma realidade: — é uma idêa que o tempo verificará. Se, por exemplo, se podessem combinar os interesses do commercio entre Hispanha e Portugal, e os proventos da industria lucrassem tanto como os moraes na maior união dos dois povos peninsulares, o estabelecimento de uma linha de caminhos de ferro para communicação do nosso com o paiz vizinho, seria um bom subsidio para o grande projecto, que ja pouco falta para completar — o de correr a Europa inteira em poucas semanas. A Hispanha pela sua parte não se descuida, e a construcção de caminhos de ferro é lá coisa corrente.

Apezar de pequeno o nosso paiz, e não sabemos se pouco idoneo para o commercio interno, comtudo, talvez, grande actividade adquiriria este, e summa importancia o externo, estabelecendo-se uma linha de caminhos de ferro, v. g. de Lisboa a Cintra, Caldas, Coimbra, Figueira e Porto, na qual desembocassem outros transversaes, por exemplo de Traz-os-Montes a Braga e Porto, de Castello Branco a Abrantes e Coimbra. E poderia organisar-se um systema completo d'este genero de viação no paiz, ajuntando-se-lhes outros do Algarve a Evora, e d'esta cidade ao Tejo.

....

E poderiam empresas d'esta natureza no nosso paiz indemnizar os especuladores do dispendio de muito avultada somma de capital? E' este um problema que por mais bellas coisas que se possam allegar, so a prática poderia bem resolver. E' certo e sensato que ninguem quer arriscar os seus capitaes a contingencias incalculaveis; se, porém, se tentasse uma linha de caminhos de forro na parte mais facil do nosso territorio, no ponto, talvez, mais necessario, e que por essas razões mesmas seria a menos custosa e a de mais seguro interesse, ficâmos que a sua empresa tiraria vantagens, e esse ensaio serviria tambem de base ás posteriores tentativas. Queremos fallar de um caminho de ferro de certo ponto dos confins da provincia do Alemtejo até um ponto dado nas margens do Tejo.

À excepção do Porto, cuja via maritima está estabelecida, não sabemos de outra parte do paiz mais frequentada. Do Alemtejo veem tambem uma quantidade de generos abastecer a capital. O gado vacum e suino, o azeite, o trigo, as lans, etc. etc. de lá veem, e alguns quasi exclusivamente, para o nosso mercado. O transporte d'estes generos custa tanto como o seu valor no proprio districto, por consequencia a sua carestia no mercado é gravosa ao consummidor sem aproveitar ao lavrador nem ao commerciante. O trigo, por exemplo, ha occasiões de se vender no Alemtejo a 200 réis, e menos; mas transportado para Lisboa pelo actual systema de carretas até ao alto Tejo, e de lá em barcos, tão velozes pela agua como aquelles por terra, não se póde ca vender por

(1) E' digno de ver-se a este mesmo respeito o eloquente cap. xx. dos *melhoramentos materiaes* de M. Pecqueur.

menos de 400 a 500 réis. Por tal preço abunda aqui o trigo no mercado; logo, o lavrador, e muito menos o commerciante, não quer correr o risco de mandar e deixar de vender; o prejuizo n'esse caso não é so para quem se vê obrigado a vender no Alemtejo a 200 réis podendo ter outro mercado de melhor preço, mas tambem para quem compra sempre a 500 rs. e d'ahi para cima, podendo achar genero mais barato.

Isto é apenas um exemplo, unicamente n'um genero, e so em relação a dois pontos. Mas não se sabem de diversos pontos do reino, ás vezes pouco distantes, em que certo genero está aqui de rastos pela sua superabundancia, etc., no momento em que alli totalmente escaceia, ou sustenta elevado preço?....
.... »

Isto dizia eu n'aquelle tempo, e seis mezes depois creava-se uma grande Companhia sendo um dos seus fins a construcção do ultimo dos carris de ferro de que alli fallo, e mais tarde não menos de duas propostas de diversas Companhias eram apresentadas ao govêrno de S. M. para estabelecer, pouco mais ou menos, as linhas-ferreas de que me lembrei. Não se julgue porém que mencionando ésta coincidencia eu tenha a louca vaidade de pertender que se deva a mim um pensamento que necessariamente havia de entrar em muitas cabeças, que é o resultado das idêas do tempo, que é uma consequencia do estabelecimento das linhas-ferreas no coração da Europa, que precisam de ramificações para produzir a *circulação* em todos os pontos e levar a *vida* a todas as extremidades d'esta parte do mundo.

Aos inglezes mais que ninguem convem este systema venoso das linhas-ferreas na Europa e a sua dilatação por Portugal e Hispanha; é quasi uma necessidade da sua industria e commercio, que elles se dão calor em satisfazer. Se é pois verdade o que a este respeito nos dizem, as suas propostas são por mais de um lado vantajosas ao paiz. Dizem-nos que ha um projecto d'uma linha principal de Lisboa a Madrid, pelo norte do Tejo, com diversas ramificações: devendo a primeira ficar prompta dentro em dois annos, e as outras em quatro. As garantias para cumprimento d'esta proposta são indispensaveis de exigir severamente, para evitar um jogo de fundos inutil, e prejudicial emfim para muitos. Em todo o caso cumpre prevenir as intenções e antever os fins para acautellar os resultados. Sendo as coisas porém prudentemente providenciadas, estamos que será demorar um immenso beneficio para o paiz qualquer obstaculo que possa sobrevir ao estabelecimento dos carris de ferro em Portugal. Não que eu seja enthusiasta por mais de um — o de Lisboa a Hispanha, que marchando pelo norte do Tejo será certamente de muito proveito; porque estou convencido que no nosso paiz, com o seu solo e a abundancia de rios que o cortam, os cannaes seriam muito mais uteis: custam muito menos, as despezas do seu costeamento são incomparavelmente menores, e os preços do transporte muito mais modicos. Falta-lhes é verdade, comparativamente, a celeridade, mas o nosso paiz é tão pequeno, além d'elle não ha mais do que o Oceano, que a não ser a communicação com Hispanha, que possa prender com toda a Europa, não vejo eu a necessidade d'essa extrema celeridade.

Demais, não me parece que tenhamos movimento bastante para sustentar os carris-de-ferro, em quanto que a união dos rios uns com outros produziria as relações de muito maior número de povoações entre si, e faria do paiz inteiro uma unica familia estabelecendo-se, o que era muito exequivel, um systema de cannalização geral.

Em parte nenhuma se teem abandonado os cannaes pelos caminhos de ferro. E em toda a parte, hoje, no centro mesmo da Europa, ha mais cannaes do que linhas-ferreas. A Gran'Bretanha, que começou os seus trabalhos públicos haverá um seculo tem 4,000 kilometros de caminhos-de-ferro, e 4,500 de cannaes; e ainda se mandam construir estes. A França, no meio da Europa, com uma communicação immensa para toda a parte, tem apenas 1.750 kilometros de caminhos de ferro, tendo 4,350 de cannaes. Do mesmo modo a Belgica. Mas para não antecipar ficarei hoje por aqui; que os cannaes merecem ser assumpto de artigo especial.

E' certo que actualmente não ha na Europa especulação commercial que mais attraia, e mais depressa, e maior somma ajunte de capitaes, do que as associações, ou empresas, para construcção de caminhos de ferro. E' pasmosa a totalidade de capital consumido e empregado n'esta nova industria. A construcção dos cento e vinte um caminhos de ferro auctorisados por actos do parlamento, até meiado do anno passado, em toda a extensão da Gran'Bretanha, e em cujo número se não comprehendem os pequenos transversaes que os ligam, está calculada em 79,026$317 libras de custo (quasi 316,000 contos de réis!). Só o caminho de ferro de Londres a Birmingham importou em cinco milhões e meio de libras sterlinas.

Na França todos os capitalistas, e mesmo os simples particulares, subscrevem para éstas empresas com um enthusiasmo que a especulação não cessa de excitar.

Na Prussia, o govêrno, cuja prudencia é universalmente conhecida, julgou conveniente moderar o ardor com que os capitaes concorriam para as empresas dos caminhos de ferro, receiando que elles se retirassem das empresas do commercio e industria. Em toda a Allemanha são éstas empresas objecto de ancia tal que começa a dar que fazer aos govêrnos. Para construcção do caminho de ferro de Cologne a Crefelt pediram-se só 2.400,000 escudos, e a subscripção em poucos dias passou de 52.908,000 escudos; e para o de Bonn a Coblentz em logar de trez milhões e meio assignaram, so em Bonn, com desoito milhões.

Agora se viermos á parte rendosa bastará dizer (sirva um exemplo por todos) que nas assembleas-geraes das companhias empresarias de caminhos de ferros, celebradas na Gran'Bretanha em principios d'este anno, achou-se em quasi todas as linhas um consideravel augmento da receita no anno de 1844; augmento que não foi menos de 20 por cento no carril de ferro de Manchester a Birmingham, 22 por cento no de Londres a Blacwall, 23 por cento no de Midland, e 50 por cento no de Birmingham a Gloucester!

Na nossa vizinha Hispanha está igualmente aclimado este enthusiasmo para similhantes empresas. A Companhia formada para a construcção de um carril de ferro de Madrid a Reus, acaba de resolver que estes trabalhos se comecem immediatamente, e que essa linha se ramifique de Reus a Mora do Ebro atra-

vessando o collo de Teireta. Os povos da Catalunha, Aragão e Castella, teem acolhido ésta empresa com o maior enthusiasmo: e outras muitas se formam em que entram os maiores personagens do paiz.

Que admiração pois nos deve causar que as Companhias inglezas mandem agentes a Portugal tractar d'estas empresas no nosso paiz, que se apressem a satisfazer a todas as condições, e offereçam propostas vantajosas? E' uma consequencia do movimento geral, uma necessidade do complemento das linhas de ferro na Europa, um resultado da applicação de sommas immensas ás empresas da industria, um effeito das idéas do seculo.

CARRIS DE FERRO EM PORTUGAL.

25 Depois de composto o artigo que acima se lê recebemos um mappa litographado que mostra a parte do sul da peninsula, de Lisboa até Madrid, onde se vê a estrada de ferro entre éstas duas capitaes, propôsta pela companhia representada pelo Sr. General Bacon. A planta é tirada pelo Sr. James Emslie, ingenheiro civil, que nos dizem ter estudado ésta linha desde dezembro do anno passado.

O carril de ferro de que se tracta deverá começar no sitio de Sant'Apolonia, e continuar pelo norte do Tejo até á Barquinha, supponos, onde passará ao sul sempre parallelo ao rio até Talavera, d'onde seguirá por Casarubios até Madrid.

Informa-nos de que os fundadores em Londres da Companhia anglo-portugueza, são: duque de Guiche lord Uxbridge, conde de Coursay, Thomaz Duncombe, deputado, e o Sr. General Bacon. Esta direcção pertende estabelecer em Lisboa outra de portuguezes que tomarem certo número de acções. O capital da Companhia deve ser de tres milhões sterllinos, em acções de 20 libras, metade das quaes podem ser emittidas em Portugal. Cada prestação deverá ser de 2 lib. por acção, com intervallo de tres mezes. A Companhia faz um deposito de cem contos, ou mais, para garantia das suas promessas; não exige do governo senão que a importação dos objectos de que carecer seja livre de direitos. Todas as expropriações serão por sua conta; e não quer mais interesse liquido que o de seis por cento: qualquer excesso que haja será dividido entre a Companhia e o Thesoiro portuguez.

Abaixo do mappa a que acima nos referimos le-se o seguinte:

« As linhas pretas do plano mostram a projectada estrada de ferro de Lisboa a Madrid, com as suas ramificações... As linhas vermelhas indicam a projectada direcção do sul, por Evora, Beja e Mertola, afim de abrir communicação com a linha hispanhola de Sevilha, em projecto. Uma ramificação deverá dirigir-se a Estremoz e Elvas. — A linha amarella é a do projectado caminho de ferro por Alhandra, seguindo o vale do Sobral ás Caldas, e segue por Leiria, Coimbra, etc. etc. até ao Porto...

« Haverá pontos intermedios em todas as cidades e povoações por onde passarem as estradas de ferro, onde farão alto as carroagens. — A Companhia obriga-se a concluir uma porção consideravel das linhas projectadas em dois annos, e toda a obra em quatro annos. Ha toda a esperança, uma vez que não se offereça algum obstaculo imprevisto, em abrir a linha que conduz a Santarem no periodo que decorre até ao fim do proximo verão.

« O preço de conducção para os passageiros da primeira classe, será pouco mais ou menos 180 réis por legua. Os da segunda classe pagarão 120 réis: os da terceira 60 réis. Publicar-se-ha uma tabella dos preços, que serão igualmente moderados, para o transporte de cavallos, gado, generos, mercadorias, etc. As carroagens mais expeditas andam a razão de dôze leguas por hora. Os transportes de generos e mercadorias andam seis leguas por hora.»

Dizem-nos tambem que a Companhia se obriga a começar os seus trabalhos quatro mezes depois de obtida a permissão do govêrno.

Por hoje não temos occasião de fazer reflexões sôbre as importantes circumstancias que acabâmos de mencionar.

NOVO PODER LOCOMOTOR.

26 Um jornal inglez annuncia que na America se descobriu uma maneira ingenhosa de applicar o principio da *helice* ás locomotivas ordinarias. Como este novo systema é natural que possa vingar, com a maior facilidade, as mais ingremes alturas, apezar de grande carregação do trem, deverá vir a ser da mais alta importancia quando estiver de todo aperfeiçoado.

O inventor assenta que se colherão grandes vantagens da adopção do seu methodo: entre outras coisas promette grande economia nas despezas da construcção, e maior segurança para os viajantes, além da facilidade de construir linhas de ferro em terrenos até hoje tidos como impraticaveis.

A ser isto assim o novo invento apresentará com effeito vantagens incalculaveis. O jornal d'onde extrahimos ésta noticia traz a descripção de como a rosca é applicada debaixo da machina locomotiva, e do systema das rodas que a devem mover para dar impulso ao trem, principalmente nas subidas: ésta descripção porém seria fasfidiosa e incomprehensivel para a maior parte dos nossos leitores.

CHARRUA SOBTERRANEA.

27 Ésta machina é muito util e ja muito vulgar na Inglaterra. E' como uma araveça de grandes dimensões, toda de ferro, sem avecas, mas com certa disposição destinada a desterroar a terra rôta pela rabiça. Como indica o seu nome éstas charruas trabalham debaixo da terra em bastante profundidade, e remexem-na sem a trazer á superficie: circumstancia de summa vantagem attendendo a que a mistura do torrão de baixo com a terra vegetal dá quasi sempre em resultado grande diminuição de fertilidade nos primeiros annos.

Estes instrumentos marcham pelo rêgo aberto por uma charrua ordinaria: ja se vê que não servem para terrenos pedregosos, nem talvez montanhosos; mas nos climas seccos é onde mais convém remecher a terra cultivada.

VALVULAS ANNULARES PARA AS BOMBAS DE ESGOTAR.

28 A VALVULA annular consiste em tres anneis concentricos, dispostos em pyramide, descançando um sôbre o outro, e dando assim livre passagem á agua em toda a volta da circumferencia. O annel superior tem uma haste, e os dois inferiores tem appendiculos que lhes servem de guias quando o systema d'estes anneis está em movimento.

A principal utilidade que resulta d'estas valvulas é a passagem mais consideravel que dão ao liquido, e a diminuição do choque: com effeito o choque occasionado pelo fechar das valvulas é proporcional á superficie em contacto, e ao quadrado da altura ou distancia vertical percorrida durante o fechamento; por conseguinte, quanto mais numerosas são as partes de que se compõe a valvula, maior será tambem a passagem ou livre despejo da agoa, e por consequencia tambem o pêso sobre a machina será menor, e o choque será diminuido.

E'stas valvulas foram a principio introduzidas em Inglaterra nas bombas de — 0 metro 760 de diametro, nas obras de esgotamento perto de Wisbeach; foram applicadas depois com bom exito nas minas consolidadas de Polboro, e emfim ás machinas de distribuição de agua de Vauxhall em Londres.

CONSERVAÇÃO DOS NAVIOS FORRADOS DE FERRO.

29 M. R. Mallet publicou um systema bastantemente complicado, para preservar os navios forrados de ferro da corrosão, e de terem o costado incrustado de animaes e vegetaes maritimos. Este processo ou systema compõe-se de duas operações que vamos expor:

A primeira consiste n'um *vernis-protector*, composto segundo este principio, a saber: que os seus elementos que não podem formar hydratos, nem combinar-se com a agua, adherem com força ao ferro, conservando sempre uma certa elasticidade.

Estando o costado de um navio forrado de ferro, per eitamente enxuto, e desembaraçado pela raspagem de todo o oxydo que n'elle estava pegado, enverniza-se todo com o *vernis-protector*, o qual se compõe de quarenta partes do melhor alcatrão de carvão mineral, reduzido por meio do calor á consistencia de pez; uma parte de caoutchouc dissolvido e reduzido ao estado de massa, estado em que hoje se acha no commercio; cinco partes de minio ou vermelhão em pó. Estando derretido o alcatrão, accrescente-se-lhe o caoutchouc, e afinal o minio: e remexe-se tudo com cuidado, em quanto se faz derreter ao fogo. Os navios novos, cujas cintas do costado estão limpas, não precisam senão de uma demão; as embarcações velhas de duas ou tres.

Logo que o vernis estiver sêcco, é necessario tornar a cobril-o uniformemente com a tinta zoophaga (1), ou vernis envenenado, que se applica quente com brochas macias.

A tinta zoophaga impede o encodeamento do costado, por isso que os saes metallicos que encerra são pouco soluveis, ou de tal sorte deleteros para os animaes ou vegetaes marinhos que tocam n'este costado, que elles não adherem nem se desinvolvem na sua superficie; é portanto necessario que ésta tinta, ao mesmo tempo que resiste á fricção que provém do movimento do navio, possúa um grão de solubilidade, ou antes de *mixtibilidade* com a agua, bastantemente facil, de modo que permitta que os venenos sejam absorvidos pelos vasos capillares dos seres que veem apegar-se á superficie, porque sem ésta última propriedade, nenhum veneno, seja qual for a proporção em que se empregue, póde ser util de uma maneira permanente. Ora a composição definitivamente adoptada por M. Mallet é a seguinte:

Põe-se a derreter conjunctamente, a um calor moderado, em duas partes de agua:

Duas partes de resina, uma parte de sabão amarello. Mistura-se quente com vernis de azeite commum, depois faz-se derreter com quatro partes do melhor sebo. Quando se operou uniformemente a mistura accrescentam-se as substancias seguintes, reduzidas ao mais fino pó:

Uma parte de rosalgar, uma parte de minio. Depois remexe-se perfeitamente a mistura.

Quando ésta preparação está fria, tem a consistencia da manteiga a 10.° C. Para os climas tropicaes augmenta-se a dóse da resina, para as regiões arcticas a do sabão.

Uma demão de tinta zoophaga dura de um a tres annos, segundo as circumstancias; ella tem uma bella cor incarnada que não affeia o costado dos navios.

(1) Consumidora dos animaes: zoon (animal) phago (consumir.)

MÓS AERIFERAS DE MR. TRAIN.

30 A TRITURAÇÃO do trigo pelas pedras de mó não se opera sem uma certa elevação de temperatura nos productos da moedura, e ésta elevação de temperatura apresenta muitos inconvenientes, o principal dos quaes é dar á farinha uma predisposição mais forte para a fermentação.

Teem-se proposto muitas combinações para fazer desapparecer ou para attenuar estes inconvenientes, quer impedindo a escandescencia do grão moido, quer resfriando-o logo depois d'elle sahir das mós; até agora porém nada induz a aceditar que algum d'estes differentes systemas seja empregado de uma maneira regular e geral.

M. Train, *de la Ferté sous-Jouarre* apresentou á sociedade promotora da industria um systema de mós, nas quaes se propoz a impedir a elevação da temperatura do grão moido, por meio da introducção do ar entre as duas mós.

Antes de descrever a combinação de M. Train, é util fazer observar que a escandecencia do grão moido não se opéra sem que a superficie das mós que trabalham adquira uma temperatura elevada sôbre uma muito notavel parte da sua grossura, de sorte que o trigo successivamente submettido á acção das mós tende a dar productos em alta temperatura pelo duplicado motivo do calor necessariamente desinvolvido pela acção da trituração, e da temperatura ja elevada do agente triturador. M. Train applicou-se a combater conjunctamente éstas duas causas da escandecencia do grão moido, dispondo na mó superior e mobil quatro buracos obliquos, pelos quaes se introduz uma certa quantidade de ar atravez da sua grossura até ao plano de funcção das duas mós.

Estes buracos ou aberturas são inclinadas para diante no sentido da rotação da mó superior, e tendem a funccionar como as aspas inclinadas de um ventilador cylindrico e horisontal, que absorveria o ar pela sua base superior e o expulsaria pela base inferior. E' evidente que a quantidade de ar posta assim em circulação não póde ser muito consideravel, por quanto o intervallo entre as mós está quasi preenchido pelo genero submettido á sua acção: todavia ésta quantidade é sufficiente para modificar de uma maneira vantajo-

se a temperatura da pedra, e a do grão moido; pelo menos tudo assim o faz acreditar; porque, por uma parte os chefes de muito grandes estabelecimentos em que éstas mós foram postas em uso, e signaladamente M. Guilleminault e M. Cailleaux, em *Ferté-sous-Jouarre*, declararam que com ellas haviam conseguido bons resultados; e por outra parte é constante que a quantidade de mós d'este systema ja por M. Train vendidas ao público é muito consideravel.

O systema de construcção d'estas mós, para as quaes M. Train obteve patente ou privilegio de invenção, é simples.

Um cano fundido, cujo diametro é com pequena differença egual ao quarto do da mó, serve de base á construcção, para a qual se empregam lagedos de pedra de mó de *Ferte-sous-Jouarre*. Escolhem-se estes lagedos, depois cortam-se, e ajunctam-se com gesso., segundo o methodo ordinario, dispondo porém n'elles as quatro aberturas inclinadas de que acima fallámos, arqueam-se com um arco de ferro forjado ainda quente: um segundo arco ou circulo de folha involve o primeiro, mas é de altura superior á grossura da mó, de maneira que fórma sobre ella um resalto de alguns centimetros de elevação. Quatro folhas ferreas pegadas em uma extremidade sôbre este arco, e na outra sobre o cone central, ficam collocadas na superficie superior da mó, e se inclinam depois para as aberturas disposta na pedra, de sorte que formam quatro especies de azas para facilitar a introducção do ar.

As mós de M. Train applicam-se cómo as mós ordinarias, sôbre um espeque on eixo, e equilibram-se pondo chumbo em uma ou outra das quatro cavidades reservadas para este effeito. As cambeiras das mós ficam sendo as mesmas. Dado o movimento de rotação a mó se alimenta de uma volume de ar que, distribuindo-se sôbre a sua superficie que trabalha, impede a excitação do calor na farinha que se está moendo.

TERREIRO-PUBLICO.

31 No *Diario* de 3 do corrente, lemos uma portaria mandando que os governadores-civis de Lisboa, Santarem, Leiria, Evora, Beja e Portalegre, ouvindo as Camaras-municipaes dos seus districtos, e éstas os lavradores dos seus respectivos concelhos, informem quanto antes sôbre quaes são as alterações, additamentos, ou modificações, que convem se façam no decreto de 28 d'agosto de 1844 que organisou o terreiro-público de Lisboa.

Estes alvitres são certamente os mais acertados quando se quer ou se precisa de tomar providencias sôbre os interesses materiaes dos povos.

Se em todas as questões de interesse público se consultassem previamente os povos a quem ellas mais de perto respeitam, e os homens especiaes mais em estado de as saberem comprehender e avaliar, não veriamos por ahi tanta reforma e tanta providencia inutil ou errada, senão contraria aos interesses públicos, e provocando queixas e murmurações geraes. E não so não veriamos este triste resultado, mas sem duvida se teriam tomado medidas d'interesse geral, e feito muito beneficio parcial, que ao cabo la redunda tambem em proveito commum do paiz.

E'sta questão do Terreiro-público é uma das mais difficeis que ha annos se discute, e tem provocado repetidos clamores, sem que até hoje se tenha podido concordar nem siquer na base da organisão d'esta importante repartição do Estado. Depois de largamente debatida no Senado e longamente ruminada, foi entregue a uma commissão expressamente para isso nomeada, que, depois de a reflectir maduramente, apresentou ao govêrno o projecto do decreto que vigora.

Apezar de tudo isto porém a nova organisação tem excitado contra si as queixas e a censura dos interessados. A razão não póde ser outra senão porque os povos não foram ouvidos: não se acertou porque os não consultaram. Os povos teem o estudo prático dos seus interesse, e o instincto da sua conveniencia; coisas éstas ambas que valem mais que quantos estudos theoricos fizer o sabio no seu gabinete, quando se trata de interesses materiaes. O mais rustico de todos os hortelões do Campo-grande cultiva melhor uma alface do que o faria o estudioso Raspail com toda a farrage das suas obras alias excellentes.

Em nossa opinião pois este alvitre não so é excellente mas merece — e convem — ser imitado a respeito de muitas outras providencias que necessitem ser reformadas, ou carecerem de ser tomadas a bem da prospriedade do paiz.

BANCO-RURAL.

32 O *Diario* de 4 do corrente publicou o contracto celebrado entre o govêrno de S. M. e a 'Companhia das Lezirias' para os emprestimos sôbre generos cereaes depositados no Terreiro-publico. A este estabelecimento me tinha eu referido no n.° 1 da Revista, tractando de um Banco-rural; sem que ainda soubesse realmente o que tinha de ser. Com effeito nada mais é do que um banco de imprestimo, util certamente, funccionando, mas que não satisfaz, nem é destinado a beneficiar a agricultura em grande escalla, como ella carece e póde ser beneficiada.

A ésta Redacção foi enviado um projecto de bases para o estabelecimento de um verdadeiro banco-rural, que daremos no seguinte número, o qual, pelo menos em seu pensamento grandioso, satisfaz completamente todas as indicações d'este objecto importante. A possibilidade da execução d'elle, e os seus artigos, devem ser assumpto de discussão interessante em que todo o paiz se deverá impenhar, porque o assumpto é vital, e talvez o de maior monta que hoje póde ser apresentado á consideração pública.

VENENOS.

33 Lemos n'um jornal d'esta capital que no dia 6 do corrente uma menina de desesette annos se suicidára em Paço d'Arcos com veneno que lhe fôra vendido na botica do mesmo logar. Ignora-se o motivo que teve para tam horrorozo acto de desesperação.

Por ésta occasião devemos chamar toda a attenção das auctoridades sôbre a facilidade com que as pessoas que querem obter substancias venenosas as conseguem tam escandalosa como desgraçadamente. Cremos que na nossa legislação ha decerto meios coercitivos para a venda de taes substancias; mas ou elles são impunemente illudidos ou não bastam para evitar o funesto commercio que dá logar ao crime. N'este caso providencias por metade nunca são sufficientes: cortar o mal pela raiz é o que se precisa e é o que se deve procurar fazer.

Temos idêa de que o govêrno em França nomeou para este mesmo fim uma commissão para ouvir o seu parecer, que não sabemos porém que lhe fosse ainda dado; mas o ministro do commercio propôz uma lei em côrtes pela qual se condemnava tanto o comprador como o vendedor de substancias venenosas n'uma forte multa. Que ésta providencia seja sufficiente a respeito dos toxicos indispensaveis no uso do commercio, e que o vulgo conhece pouco, convimos; mas a respeito do arsenico, que é substancia de todos conhecida, e quasi que a unica usada na perpetração do horroroso crime de invenenamento, parece-nos essa mesma penalidade muito pouco importante. Ha gente de tam damnadas intenções que não recuaria diante das maiores multas.

A sciencia tem declarado que o arsenico é quasi escusado, e que os medicamentos que se preparam com elle são de mero luxo: mais de uma vez o temos lido; sendo assim porque se não hade prohibir inteiramente o arsenico? Ésta providencia não causando o menor prejuizo á medicina nem á industria sería um serviço importante feito á moral pública. Pedimos ás auctoridades que se dignem de attender a este objecto importantissimo.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA. (*)

CAPITULO III.

Acha-se desapontado o leitor com a prosaica sinceridade do A. d'estas viagens. — O que devia ser uma estalagem n'estas nossas eras de litteratura romantica? — Suspende-se o exame d'esta grave questão para tractar, em prosa e verso, um muito difficil ponto de economia-politica e de moral social. — Quantas almas é preciso dar ao diabo, e quantos corpos se teem de intregar no cemiterio para fazer um rico n'este mundo. — Como se veio a descobrir que a sciencia d'este seculo era uma grandissima tola. — Rei de facto, e rei de direito. — Belleza e mentira não cabem n'um sacco. — Põe-se o A. a caminho para o pinhal da Azambuja.

34 Vou *desapontar* decerto o leitor benevolo; vou perder, pela minha fatal sinceridade, quanto em seu conceito tinha adquirido nos dois primeiros capitulos d'esta interessante viagem.

Pois que esperava elle de mim agora, de mim que ousei declarar-me escriptor n'estas eras de romantismo, seculo dos fortes sensações, das descripções a traços largos, profundos e *incisivos* que se intalham n'alma e entram com sangue no coração?

No fim do capitulo precedente parámos á porta de uma estalagem: que estalagem deve ser ésta, hoje, no anno de 1843, ás barbas de Victor Hugo, com o Doutor Fausto a trotar na cabeça da gente, com os *Mysterios de Paris* nas mãos de todo o mundo?

Ha paladar que supporte hoje a classica *posada* do Cervantes com o seu *mesonero* gordo e grave, as pulhas dos seus arrieiros, e o mantear de algum pobre lerpa de algum Sancho! Sancho, o invisivel rei do seculo, aquelle *por quem hoje os reis reinam e os fazedores de leis decretam e afferem o justo*! Sancho manteado por vis muleteiros! Não é da epocha.

> Eu coroarei de trevo a minha espada,
> De cenouras, luzerna e betarrava,
> Para cantar Harmódios e Aristógitons,
> Que do tyranno jugo vos livraram
> Da sciencia velha, inutil carunchosa,
> Que elevava da terra, erguia, alçava
> O que no homem ha de Ser divino,
> E para os grandes feitos e virtudes
> Lhe despegava o espirito da carne.

Não: plantai batatas, ó geração de vapôr e de pó de pedra, macadamisai estradas, fazei caminhos de ferro, construí passarolas de Icaro, para andar a qual mais depressa, éstas horas contadas de uma vida toda material, massuda e grossa como tendes feito ésta que Deus nos deu tam differente do que a hoje vivemos. Andai, ganha-pães, andai; reduzi tudo a cifras, todas as considerações d'este mundo a equações de interesse corporal, comprai, vendei, agiotai. — No fim de tudo isto, o que lucrou a especie humana? Que ha mais umas poucas de duzias de homens ricos. E eu pergunto aos economistas-politicos, aos moralistas, se ja calcularam o número de individuos que é forçoso condemnar á miseria, ao trabalho desproporcionado, á desmoralização, á infamia, á ignorancia crapulosa, á desgraça invencivel, á penuria absoluta, para produzir um rico? — Que lh'o digam no Parlamento inglez, onde, depois de tantas commissões de inquérito, ja deve de andar orçado o número de almas que é preciso vender ao diabo, o número de corpos que se teem de intregar antes do tempo ao cemiterio para fazer um tecelão rico e fidalgo como Sir Robert Peel, um mineiro, um banqueiro, um grangeeiro — seja o que fôr: cada homem rico, abastado, custa centos de infelizes, de miseraveis.

Logo a nação mais feliz não é a mais rica. Logo o principio utilitario é a *mamona* da injustiça e da reprovação. Logo...

> There are more things in heaven and earth, Horatio,
> Than are dreamt of in your philosophy.

A sciencia d'este seculo é uma grandissima tolá. E como tal, presumpçosa e cheia de orgulho dos nescios.

....
....
....

Vamos á descripção da estalagem. Não póde ser classica: assoviavam-me todos esses rapazes de pera, bigode e charuto, que fazem litteratura cava e funda desde a porta do Marrare até ao café chinez de Moscow...

Mas aqui é que me apparece uma incoherencia inexplicavel. A sociedade é materialista; e a litteratura, que é a expressão da sociedade, é toda e excessivamente e absurdamente e despropositadamente espiritualista! Sancho rei de facto, Quixote rei de direito!

Pois é assim: e explica-se. — É a litteratura que é uma hypocrita. Tem religião nos versos, charidade nos romances, fé nos artigos do jornal — como os que dão esmolas para pôr no *Diario*, que amparam orphãs na *Gazeta*, e sustentam viuvas nos cartazes dos theatros.

E fallam no Evangelho! Deve ser por escarneo. Se

(*) Continuado de pag. 19.

o leem, hãode ver la que nem a esquerda deve saber o que faz a direita...

Vamos á descripção da estalagem; e acabemos com tanta digressão.

Não póde ser classica, está visto, a tal descripção. — Seja romantica. — Tambem não póde ser. Porque não? E' pôr-lhe la um *Chourineur* a amolar um facão de palmo e meio para espatifar rez e homem, quanto encontrar, — uma *Fleur-de-Marie* para dizer e fazer piegnices com uma rozeirinha pequenina, bonitinha, que morreu, coitadinha! — e um principe alemão encoberto, forte no sôcco britannico, immenso em libras sterlinas, profundo em gyria de cegos e ladrões... e ahi fica a Azambuja com uma estalagem que não tem que invejar á mais pintada e da moda n'este seculo elegante, delicado, verdadeiro, natural!

E' como eu devia fazer a descripção: bem o sei Mas ha um impedimento fatal, invencivel — egual ao d'aquella famosa salva que se não deu; — é que nada d'isso la havia.

— E eu não quero calumniar a boa gente da Azambuja. Que me não leam os taes, porque eu quero viver e morrer na fe de Boileau.

Rien n'est beau que le vrai.

Ja se diz ha muito anno que honra e proveito não cabem n'um sacco; eu digo que belleza e mentira tambem la não cabem: e é a mais portugueza traducção que creio que se possa fazer d'aquelle immortal e evangelico hemystichio. A maior parte das bellezas da litteratura actual fazem-me lembrar aquellas formosuras, que tentavam os santos eremitas na Thebaida. O pobre do Santo Antão ou de S. Pacomio (Pacomio é melhor aqui) ficavam imbasbacados ao principio; mas dava-lhes o coração uma pancada, olhavam-lhe para os pés... — Cruzes maldito! Os pés não podia elle incobrir. E ao primeiro *abrenuntio* do santo, dissipava-se a belleza em muito fummo de enxofre, e ficava o diabo negro feio e cabrum como quem é, e sempre foi, o pai da mentira.

Nada, nada, verdade e mais verdade. Na estalagem da Azambuja o que havia era uma pobre velha a quem eu chamei bruxa, porque emfim que havia de eu chamar á velha suja e maltrapida que estava á porta d'aquella asquerosa casa?

Havia lá ésta velha, com a sua môça mais môça mas não menos nojenta de ver que ella, e um velho meio paralytico meio demente que alli estava para um santo com todo o geito e traça de quem vem folgar agora na taberna, porque ja bebeu o que havia de beber n'ella.

Matava-nos a sêde; mas a agua alli é beber quartans. O vinho era atroz. Limonada? Não ha limões nem assucar. — Mandou-se um proprio á tenda no fim da villa. Vieram tres limões que me pareciam d'uns que pendiam, quando eu vinha a férias, á porta do famoso botequim de Leiria.

O assucar podia servir na última scena de Mr. de Pourceaugnac muito melhor que n'uma limonada. Mas misturou-se tudo com a agua das sezões, bebemos, pozemo-nos em marcha, e atégora não nos fez mal com ser a mais abominavel, antipathica e suja beveragem que se póde imaginar.

Caminhámos na mesma ordem até chegar ao famoso pinhal da Azambuja.

A. G.

DOS TRIBUTOS ESTABELECIDOS NA ILHA DE S. MIGUEL. PRECEDIDO DE UMA BREVE NOTICIA DOS DE PORTUGAL, SUA ORIGEM E PROGRESSOS.

35 Em diversão a nossos pensamentos manuseavamos velhos e grossos codices dos diversos archivos da ilha de San'Miguel, quando chegou ao nosso conhecimento o officio n.° 2:823 da commissão geral de fazenda, com data de 10 de julho de 1840, dirigido ao contador de fazenda de Ponta-delgada, no qual lhe exigia certos esclarecimentos sôbre o antigo imposto, que se cobra naquella ilha, denominado — *Quartos de Maquias* —; bem como outras illucidações sôbre o alvará de 20 de junho de 1650, e carta regia de 9 de agosto de 1690; (cuja legislação não se acha incorporada na collecção das extravagantes); a fim da referida commissão podêr basear o *parecer*, que tinha de formalizar. A leitura d'este officio, e os embaraços em que se achou o informante para lhe dar uma resposta cabal, os quisitos, quasi similhantes, feitos em differentes epochas pelo govêrno; nos suggeriu a idêa de que fariamos um serviço, talvez de alguma utilidade, se nos occupassemos d'este momentoso assumpto.

Compenetrados d'estes sentimentos, posto que reconhecessemos as difficuldades que offerecia este improbo trabalho, maiormente em um paiz escasso de livros, e de outros recursos subsidiarios — effectivamente começámos a nossa tarefa nos fins do anno de 1840; tarefa ésta, tantas vezes principiada quantas interrompida.

Colligimos todas as desseminadas noções e documentos, que podémos investigar nos archivos da ilha de San'Miguel, consultámos os nossos chronistas, os codigos primitivos, a legislação portugueza, os antigos regimentos das diversas repartições da fazenda, e outros documentos authenticos, dos quaes podessemos inferir a *origem* e os *progressos* de todos os *tributos*, que em diversos tempos se estabeleceram em Portugal: e fazendo d'elles a respectiva e especial applicação á ilha de San'Miguel, (porque lhe desejâmos innumeras venturas), julgâmos dar assim um pleno e util conhecimento d'este objecto a quem ás necessarias luzes ajuntar o amor da causa pública. Hoje vimos registrar nas paginas do *tombo litterario* o nosso primeiro artigo.

I.

«O maior jugo de um reino, a mais pezada carga de uma republica, são os immoderados tributos: Se queremos que sejam léves, se queremos que sejam suaves, repartam-se por todos.»

(Vieira. — Abbrev. pag. 355.)

Havendo o Conde D. Henrique conseguido em logar de um circumscripto senhorio, que ao principio teve, por doação de seu sogro D. Affonso 6.° rei de Leão, a plenitude e independente dominio de Portugal, que este lhe outorgou depois do nascimento de

seu neto, o Sr. D. Affonso Henriques; (1) começou este nosso primeiro rei a governar não so as terras, que o conde seu pai havia fruido, mas as outras que elle felizmente conquistára aos intrusos sarracenos: E tanto estes fundadores da monarchia lusitana como subsequentemente os senhores reis seus successores, (assim nos terrenos de Portugal, que fizeram cultivar e povoar, como nos do Algarve, que por conquista e posteriormente por tratados aggregaram ao seu independente senhorio) estabeleceram certos e adequados tributos, a fim de poderem sustentar o decoro e precisões da sua real casa e familia, e occorrer á conservação e augmento de todos os seus Estados. O mesmo fizeram as cathedraes, as ordens militares, os mosteiros, e os fidalgos; não porque fossem senhores independentes, como eram os monarchas, mas em consequencia das amplas doações, que estes lhes fizeram de muitas povoações, e de extensissimos terrenos, que deviam cultivar por si e seus collonos, e n'elles edificar villas e logares, que actualmente são bem notaveis (2).

Alguns d'estes tributos foram estabelecidos sôbre os terrenos, e outros sobre os generos; sendo declarados nos foraes, ou leis especiaes, que os monarchas e os seus donatarios déram a cada uma das cidades e villas que lhes pertenciam, e que so tinham validade no circulo d'ellas (3). Não nos admiremos pois de que n'estas leis particulares, ou n'estes compromissos feitos pelos senhores das terras, e voluntariamente acceitos pelos respectivos povos, segundo as peculiariedades do tempo e do logar, se observasse uma grande diversidade sôbre a quantidade e qualidade dos tributos, sobre as penas impostas aos delictos, e finalmente sôbre os privilegios das diversas classes de moradores (4).

E restringindo-nos aos foraes, dados pelos Srs. reis: sabemos, que o Sr. D. Affonso Henriques nas terras, que conquistou, repartíra os terrenos, para ficar uma parte pertencendo aos povos em commum, a que chamaram *Baldios do Concelho* (5); outra para os vassallos benemeritos que o haviam servido; (6) e outra para as despezas da sua real casa, e do explendor que sempre deve estar inherente á soberania.

Não tractaremos agora dos terrenos que ficaram pertencendo aos concelhos — aos povos em commum, e que estes depois alienaram, ou conservaram, segundo a sua utilidade; nem tambem de outros terrenos particulares; unicamente diremos, que dos que privativamente ficaram pertencendo á corôa d'estes reinos, se lhe apropriou o nome de *Reguengo*; (7) e afora estes outros foram dados a diversos collonos, ficando obrigados a pagar certa quantidade dos fructos que elles produzissem, o que se intitulou *Jugadas* (8); e de cujo pagamento se concedeu exempção a alguns por privilegio especial.

(Continúa.)

B. J. Senna Freitas.

A Redacção agradece e muito aprecia o artigo que se acaba de ler. As investigações archeologicas da nossa historia ultramarina, em que seu illustre A. incessantemente trabalha, nos fazem desejar com ardor a continuação e complemento d'este interessante escripto.

CORRECÇÃO DO ERRO, EXARADO EM ALGUMAS CHRONICAS, DE TER SIDO GUILHERME DE LONGA-ESPADA O CHEFE DOS CRUSADOS, QUE EM 1147 AJUDARAM O 1.º REI DOS PORTUGUEZES, DURANTE O CERCO E TOMADA DE LISBOA.

36 O ex-convento de S. Francisco da cidade foi fundado no anno de 1217, onde teve logar o cêrco e tomada de Lisboa aos moiros, á força de armas, no dia 21 de outubro de 1147 (era de 1185), pelo exercito portuguez que a sitiava, commandado por D. Affonso Henriques, auxiliado pelos inglezes, flamengos, e leonezes, que iam para a Syria e Logares-Santos; de cuja armada era commandante o Conde *Arnolfo de Ardescot*, e que impellida de uma furiosa tempestade veio buscar abrigo ás costas de Portugal.

E'sta armada havia partido do porto de Derchimit, em Inglaterra, no mez de abril do já referido anno de 1147. Veja-se a 'Historia dos Godos,' e a relação de *Dodechino*, que n'aquella frota vinha embarcado.

Para jazigo dos fallecidos cavalleiros extrangeiros (da segunda Crusada), que ajudaram a el-rei D. Affonso I. na expugnação de Lisboa, benzeu D. *João Peculiar*, arcebispo de Braga, o sitio onde hoje está fundada a Igreja parochial da invocação de Nossa-Senhora-dos-Martyres.

---

(1) Hyst. Jur. Civ. e Posc. Jos. de Mel. cap. 5.º §. 36.

(2) Lembraremos a doação feita aos monges d'Alcobaça por D. Affonso Henriques, que vem no tom. 4.º das Prov. do Liv. 7.º da Hist. Gen. n.º 24: a do Logar de Ota, por D. Sancho I.º ao mesmo mosteiro; e o da Villa d'Aviz por D. Affonso 2.º aos Freires d'esta Ordem. Veja tom. 1.º das Prov. do Liv. 1.º da Hist. Gen. n.º 6 e 9. Outras mais se acham nas Mem. de Lit. Port. da Ac. R. das Sc. tom. 2.º, de pag 6 até 21.

(3) O Conde D. Henrique deu foraes a Guimarães, a Coimbra, e a Soure. D. Affonso Henriques a Lisboa, Coimbra, Miranda, Santarem, Abrantes, Penella, Marialva, Pinhel, Cea etc.: seu irmão Pedro Affonso a Figueiró, e a Pedrógão: e sua filha D. Tareja a Ourem: João Viegas a Sernancelhe: Fernão Mendes a Monforte: D. Affonso 2.º a Valença do Minho etc. etc. E el-rei D. Manuel para diminuir muitos abusos, que em alguns se achavam, os mandou reformar em todo o reino por Fernão de Pina, e deu a fórma de os interpretar nos casos duvidosos. Ord. Man. l. 2.º tit. 45, e na Filip. l. 2.º tit. 27.

(4) Consta-nos que o nosso infatigavel e benemerito compatriota, o Sr. Alexandre Herculano, ha feito uma aturada investigação nos codices da Torre-do-Tombo que tractam dos antigos foraes; cujo trabalho vai muito adiantado. Com impaciencia aguardâmos a sua publicação.

E' para lamentar que a valiosissima publicação do 'Indice Geral dos documentos registrados nos livros das chancellarias existentes no real archivo da Torre-do-Tombo, no anno de 1841,' ficasse apenas no tom. 1.º, e sem esperanças de se publicar o 2.º.—E'stas nossas contradictorias economias tornam-se um systema irrisorio.

(5) Veja Ord. Filip. Liv. 1.º Tit. 66, §. 2, 11, 17, 24, e 26: e Liv. 4. Tit. 43, §. 9, 10, 12, 14 e 15.

(6) Entre outros foi dado o campo de Vallada por D. Affonso Henriques aos seus soldados benemeritos, ficando depois para ser repartido annualmente pela camara de Lisboa (então senado) entre os seus moradores; o que el-rei D. Diniz renovou no seu tempo. Hyst. Jur. Civil. — Pasc. J. de Mel. cap 6 nota ao §. 53.

(7) Veja Ord. Affons. Liv. 2.º Tit. 27, 46, e 56: na Manuel. Liv. 2.º Tit. 32, 33, e 34: e na Filip. Liv. 2.º Tit. 29, 30, e 31.

(8) Veja Ord. Affons. Liv. 2.º Tit 29: na Manuel. Liv. 2.º Tit. 16: e na Filip. Liv. 2.º Tit. 33.

Entre aquelles cavalleiros que então morrêram, resplandeceu em prodigios um chamado *Henrique*, natural de Colonia. Veja-se 'Antiguidades de Lisboa', por Martinho de Azevedo.

E' grande anachronismo dizerem alguns escriptores (e prégadores), que a frota, ou armada (de 200 velas), era capinaneada por *Guilherme de Longa-Espada*! o Bastardo—(por ser filho illegitimo de Roberto do Diabo), duque da Normandia; aquelle que, em 14 de outubro de 1066, no logar chamado *Senlac*, proximo de *Hastings*, trocou o nome pelo de *Guilherme I*, o *Conquistador*, rei de Inglaterra, fallecido em 1078, 60 annos antes do cêrco e tomada da que hoje é capital do nosso reino! O tempo, ainda que gastador das coisas, assim como é o melhor interprete das prophecias tambem é o mais exacto indagador da historia.

Correcção—O conde *Arnolfo de Ardescot*, era o commandante da armada. Veja-se a Carta latina, que *Arnulfo* escreveu no anno de 1147, a *Milon* bispo de Terena em França, a qual se acha inserta na collecção de *Martine e Durand*, monges benedictinos de S. Mauro: tomo 1.° *Veterum monumentorum*, pag. 800, Paris 1724.

O referido *Arnulfo* era pessoa distincta, que vinha na citada frota, como o abbade *Dodechino*, já tambem citado. *Child Rolim* (1), fidalgo flamengo (a quem D. Affonso I fez mercê da Villa da Azambuja), e *Guilherme de la Corni*, fidalgo francez (a quem tambem D. Affonso, fez mercê da Villa da Atouguia). (2)

—— *O Abbade Castro.*

BIBLIOGRAPHIA-EXTRANGEIRA.

37 Na idêa em que a Redacção da Revista está de apresentar um quadro bibliographico da litteratura contemporanea, annunciando as obras que se publicarem no nosso paiz, sôbre o que me deterei mais n'outro número, pareceu que uma parte complementar d'este pensamento seria enriquecer êstas columnas com a noticia tambem de algumas das obras extrangeiras que se distingam d'entre a alluvião d'ellas que a imprensa deita á luz.

Como nossos leitores sabem, o conveniente não é ler muito mas ler bom. As inumeraveis obras que diariamente se publicam nos paizes extrangeiros são n'uma grande parte sem valor real que as recommende, porque a especulação industriosa não cessa de inventar meios de armar á ignorancia e á boa-fé. A Revista julga pois que fará serviço importante aos seus leitores apontando-lhes d'essas obras as mais acredoras de estima: e até certo ponto póde ella responsabilizar-se pela selecção que fizer, porque êsta mesma o-hade ser das mais puras fontes, quando não tenha conhecimento proprio da obra. Assim se adquirirão não só as nocões precisas para bem dirigir o alimento intellectual, mas tambem para estar prevenido contra a mystificação do commercio de livros: tanto mais sendo a litteratura franceza hoje tão commum em Portugal como a nacional—temos vergonha de dizer que talvez seja mais.

Ora, a bibliographia extrangeira é tambem necessaria contra este mesmo quasi exclusivismo da litteratura franceza entre nós. Nem hoje se conhecem, nem quasi que se leem, senão obras francezas; mas nossos leitores devem saber que não é só em França que se publicam boas obras.

« A influencia dos livros é universal; é a grande alavanca do mundo moral e politico... Nas duas extremidades do globo a mesma pagina vai suscitar os mesmos pensamentos e remexer as mesmas paixões, reunir como n'um feixe os individuos que a immensidade separa, e revelar-nos, no meio da variedade das raças, a fraternidade das almas, a unidade do genero humano. »

Depois d'esta tirada de juiz tão competente como Aimé-Martin, creio que fica plenamente demonstrada a utilidade d'este trabalho.

——

Premiers secours avant l'arrivée du medecin—(*Primeiros soccorros antes da chegada do facultativo.*) ou petit-dictionnaire des cas d'urgence a l'usage des gens du monde.—Por Cadet-Gassicourt—Paris.

Êsta obra apresenta por ordem alphabetica a indicação dos meios proprios para soccorrer um doente ou um ferido, no intervallo que decorre do accidente até á chegada do facultativo. Estes casos repentinos são tantos, desgraçademente, que um guia similhante póde praticar grandes serviços. Muitas vezes o bom exito do curativo applicado pelo medico depende do que se tem praticado na occasião do accidente: por exemplo, a mordedura de animaes venenosos, certos invenamentos, exigem soccorros promptos e bem dirigidos; se as pessoas que cercam os doentes ficam na incerteza ou hesitam na escolha dos meios que se devem empregar, o curativo póde tornar-se mais difficil, e algumas vezes impossivel. Todas as casas de familia deveriam possuir este livro precioso: no campo principalmente, onde é mais difficil o prompto soccorro de um facultativo, torna-se elle indispensavel.

——

Denkemale der baukunst, vom 7.ten bis zum 13.ten jahrhundert am niederhein (*Monumentos de architectura, do 7.° ao 13.° seculo, sôbre as margens do Rhin inferior*)—Por S. Boisserée—Munich.

Não ha paiz que apresente, n'uma superficie de terreno tão pouco extensa, tamanha quantidade de monumentos e castellos arruinados como se podem admirar nas margens do Rhin, desde Coblentz até Colonia. Êsta parte da Suissa não é só preciosa aos allemães por amor das suas bellezas romanticas e de suas ferteis collinas, mas, thesoiro tambem d'outra especie, offerece as mais bellas provas da origem alleman da architectura ogival. Um homem de bom-gôsto, um erudito a quem as pacientes investigações sôbre as antigas pinturas da Allemanha teem merecido uma reputação européa, M. S. Boisserée, tem passado trinta annos da sua vida a levantar as plantas d'esses monumentos, a classifical-os pelos seus characteres particulares, a submettel-os a analyse de uma critica imparcial e instruida, e a compor com elles a importante obra de que tractêtâmos, que consta de 72 folhas de gravuras e 6 folhas de texto. O seu magnifico trabalho faz-se recommendavel a todos os artistas e amadores da architectura em geral.

——

(1) De quem descendem os Rólim e Moira

(2) Veja na Torre-do-Tombo 'Carta de doação'

De l'instinct et de l'intelligence des animaux (*Do instincto e da intelligencia dos animaes*). Resumo das observações de F. Cuvier, por P. Flourens — 2.ª edição — Paris.

A primeira edição d'este livro appareceu em 1841. «N'esta exposição das opiniões de Cuvier sôbre este objecto, incontra-se a precisão, a elegancia, e excellente methodo que distinguem os outros escriptos de M. Flourens.»

Etudes sûr le genie des peintres italiens — (*Estudos sôbre o genio dos pintores italianos.*) — Par A. Fleury — Lyon.

E'sta obra, como modestamente confessa o seu auctor, é apenas um esboço; mas um esboço onde se revelam importante indagações criticas e philosophicas, que pena é se achem em tam estreitos limites que lhes não permittem desinvolver-se como era de desejar. Os *estudos* de M. Fleury são mais para os pensadores do que para os artistas. Citaremos um trecho do prefacio, em que o auctor expõe o plano e o assumpto da sua obra:

« Nos estudos que seguem proposemo-nos: em primeiro logar, a indagar qual é o dominio proprio das artes que se occupam da fórma; explicar a reunião de circumstancias que favorecem o seu desinvolvimento; e, em segundo logar, fundados nos principios que estabelecermos, apreciar a perfeição relativa das obras cujo merito está consagrado pelo tempo.

« A importancia e a belleza das artes plasticas consistem nas idêas geraes e completas que ellas nos podem dar dos entes naturaes, e que o nosso espirito não poderia grangear por nenhum outro meio.

« As producções da arte aproximam-se tanto mais das condições reaes da vida quanto as idêas do seculo a que ellas pertencem mais adiantadas estão no caminho da verdade. Assim, ellas nos offerecem em resumo as crenças religiosas, e a sciencia e as paixões humanas nas differentes epochas da historia.

« Adoptámos este ponto de vista, e invocâmos as reminiscencias historicas em apoio das apreciações que fizemos das obras d'arte antigas e modernas.

« Tractando das estatuas antigas mostrámos os homens da antiguidade.

« Comparámos as qualidades do estylo da renascença, na Italia, com os characteres da nacionalidade italiana.

« Passando depois ao estudo especial de cada uma das grandes escholas procurámos fazer ver as relações que ellas tinham com os costumes e as opiniões dos paizes onde essas escholas se fundaram.»

VARIEDADES.

FERNÃO MENDES PINTO.

COMMEMORAÇÃO — 8 DE JULHO DE 1583.

38 Fernão Mendes Pinto, auctor do curioso e classico livro das suas *perigrinações*, é um viajante portuguez cujo nome anda a par dos de Vasco da Gama e Magalhães.

Nascido em Monte-mór-o-velho por volta dos annos de 1510 em humilde condição, depois de encetar em Portugal os seus trabalhos, se transportou á India, d'onde discorrendo pelos reinos da China, Tartaria, Pegú, Martavão etc., testemunhou durante vinte e um annos os maiores acontecimentos, e passou pelas mais extranhas aventuras e adversidades, sendo treze vezes captivo e desesette vendido.

Em 1558 voltando emfim a Portugal, que então regia por D. Sebastião a rainha D. Catharina sua avó, e não obtendo o galardão que esperava dos seus serviços, se retirou á villa d'Almada, poetica habitação de Manuel de Sousa Coutinho. Ahi com o limitado fructo de tantas fadigas passou Fernão Mendes Pinto o ultimo quartel da edade, e compoz para seus filhos (diz elle) o notavel livro ja citado. Entrando em Portugal Philippe 2.º de Hespanha, recebeu tractamentos de grande estimação e mercês d'este monarcha que gostava muito de ouvil-o.

Morreu finalmente no dia acima indicado.

As suas *peregrinações* imprimiram-se pela primeira vez em 1614. A celebridade d'ellas, as impressões repetidas, versões em varias linguas e juizo favoravel dos sabios, comprovam o incontestavel merito da obra, e os descobrimentos tem justificado o auctor de fabuloso, epitheto com que por muito tempo a sua reputação foi desdoirada. Cerraremos ja esta commemoração com noticiarmos que foi, segundo nos consta, julgada pelos illustres redactores da *Livraria Classica portugueza* um dos primeiros que hão de fazer parte d'esta importante selecta.

***

CORREIO EXTRANGEIRO.

39 As senhoras em Hispanha figuram actualmente em público com a distincção que sempre, quando querem, sabem merecer: muito desejaria-mos que as senhoras tambem em Portugal se collocassem na mesma posição; porque assim como não cedem nos dotes phisicos, ou ántes são superiores, ás demais da Europa, é bem de querer que nas graças do espirito lhe não ficariam inferiores.

No dia 19 do passado á noite houve uma das mais brilhantes festas no 'Lyceu' de Madrid. D. Gertrudes Gomes de Avellaneda, célebre poetiza e auctora de duas Odes premiadas pela junta do Lyceu, foi coroada por mão do infante D. Francisco de Paula. As senhoras Vega, Albini, e Carralero, executaram várias peças de muzica que foram muito applaudidas; e a senhora Lopez distinguiu-se ao piano.

Ja se vê que n'uma reunião tão brilhante figuraram assim dignamente nada menos de cinco senhoras.

O enthusiasmo produzido nas elegantes do baile da rainha de Inglaterra pelos toucados de flores do nosso compatriota *Constantino*, é superior a quanto se poderia dizer: nos seus armazens de Paris não ha mãos a medir para aprompfar incommendas de coroas á *druida*, á *Mancini*, á *rosière*, á *Céres* e grinaldas de todos os feitios, para a rainha Victoria e sua côrte feminina.

No principio d'este mez deve ter começado a funccionar o famoso Hippódromo que se construiu em Paris. Como os leitores sabem o Hippódromo era um edificio público da antiguidade, especie de circo onde os gregos faziam os seus jogos e carreiras de cavallos, car-

ros, etc. O Hippódromo de París poderá conter obra de 20.000 espectadores. Diz-se que ja se compraram cem cavallos para serviço d'este circo magnifico. Tambem lemos que se havia pedido licença para dar corridas de toiros, mas que a auctoridade a tinha recusado.

De cincoenta annos para ca onze bispos da *Igreja protestante* da Irlanda tem testado a enorme somma de 1,875,000 libras sterlinas; a sua fortuna collectiva avalia-se em quarenta e sete milhões! E'sta escandalosa riqueza dos prelados protestantes depõe muito, na verdade, contra o seu zêlo quando combatem a religião catholica na Irlanda.

O govèrno dos Estados-Unidos acaba de estabelecer relações commerciaes com o Japão. Todos sabem que n'este paiz singular so os hollandezes eram admittidos. Agora a residencia de um agente dos Estados-unidos em Naugasaki, protegido por uma força naval sufficiente para cimentar éstas relações, abrirá á Europa os portos do Japão como a guerra do opio abriu os da China. O commercio europeu ganhará decerto muito com ésta resolução do govèrno americano; nós principalmente que temos a fortuna de possuir um porto como Macau, n'aquelle oceano, a pouco mais de trezentas leguas das ferteis ilhas d'esse rico imperio, poderiamos talvez aproveitar-nos com muita vantagem do novo mercado que vai offerecer-se ao commercio.

Alguns fragmentos achados nas margens do Tigre nas excavações da biblica Ninive, teem sido enviados a Paris pelo seu descobridor, Botta, consul da França em Mossoul. Démos noticia do apparecimento da cidade de Assur, hoje soterrada, no v. 3.º pag. 189 d'este jornal.

A *Illustração* franceza tem ja publicado varios desenhos d'estes fragmentos de 5.000 annos de antiguidade, representando dois toiros com cabeças de homem, de 15 pés de altura, muitas estatutas de deuses com cabeças de passaro; reis assyrios; baixos-relevos e inscripções.

Éstas reliquias archeologicas são summamente curiosas para a historia da arte, e dos costumes de um povo quasi que apenas conhecido.

O celebre Schlegel [A. G.] morreu a 12 de maio último em Bonn com 78 annos. Elle e seu irmão Frederico, a quem a poesia portugueza deve elogios, foram os pais da eschola chamada romantica na litteratura alleman, de que ainda resta o mais glorioso representante, Luiz Tieck. A critica dramatica de Schlegel conservará sempre grande valor, embora seja demasiadamente exclusiva. A sua admiração por Calderon e Shakspeare, que traduziu em allemão, chegava quasi a ser fanatismo.

A congregação dos Cardeaes chamada do *Index*, acaba de prohibir a leitura: do *Manual do direito público ecclesiastico*, de Dupin; *O padre, a mulher, e a familia*, por Michelet; *Manual de philosophia*, por Mallet; *Curso da historia da philosophia*, por V. Cousiu; e o *Livro das mãis de familia*, por Madame Nathalie de Lajolais. Além de muitos outros; mas so fazemos menção d'estes por serem communs nos livreiros francezes de Lisboa.

O novo codigo-penal adoptado pelas camaras do Gran'-ducado de Bade, abuliu todas as penas corporaes; limitou a pena de morte unicamente á execução de guilhotina n'uma praça publica; inflige a pena-última ao infanticidio; e declara o duello um grande delicto, que se deverá considerar consumado desde que um dos duellistas começar a servir-se da sua arma contra o adversario.

Em muitos pontos da Prussia vão-se abrir escholas de agricultura gratuitas, para a mocidade do campo que se dedicar á cultura da terra. O seu curso será de tres annos, e o governo sustenta-as á sua custa.

Os jesuitas possuem hoje uma magnifica colonia fundada por elles ha cinco anno, no meio dos ferteis campos proximos á capital da republica argentina. Este estabelecimento compõe-se de quintas, excellentes criações de gado cavallar e vaccum, e outros; uma penitenciaria, e diversas escholas. Os jesuitas são muito protegidos pelo presidente Rosas, e nova concessão de terras lhe foi feita na provincia de Corrientes.

Na Hungria o partido maghyar (1) celebra ao mesmo tempo os seus triumphos politicos e litterarios. O theatro nacional de Pest rivalisa ja com o theatro allemão. A sua receita cresce d'um mez para outro: os camarotes da aristocracia que quasi sempre estavam vasios estão agora sempre cheios, e o povo concorre em multidão a exemplo dos grandes. Os actores hungaros não são inferiores aos de Vienna: alguns d'elles são tambem escriptores e representam as suas proprias peças. Os progressos do theatro maghyar são ainda maiores depois que a última dieta encarregou o deputado de Pest, o patriotico conde Gedeon Raday, de superintender na sua administração, e dirigil-o.

Não ha associação que conte tantos nomes de soberanos e grandes personagens como a sociedade fundada em Munich *para evitar o mau tractamento dos animaes*. Tem actualmente 3,600 socios, entre estes o rei da Baviera e da Saxonia, e grande número de principes da confederação germanica. Ésta associação tem organisado commissões em diversas partes, cuja influencia se estende até á Suissa e Italia. Ja ha muito que na Allemanha existiam rigorosas leis contra quem maltracte os animaes; agora com ésta associação é de crer que os animaes obtenham na Allemanha melhor tractamento do que teem os homens em muitos paizes.

Mais dois caminhos de ferro se vão construir este verão na Russia; um de Odessa a Tiraspol, outro d'aquella mesma cidade a Olgopol. Os carris d'este último serão de pau estabelecidos por um processo novo

---

Nenhum dos carrís-de-ferro que existem hoje na Europa vai tão directamente ao ponto marcado como

(1) Os maghyares eram um povo do Norte que se estabeleceu na Hungria em 890.

hade ir o que se construe de S. Petersburgo a Moscow. Quizeram que n'um dia se podesse ir d'uma a outra capital: para o conseguir foi necessario isolar o carril de todas as povoações intermedias. Ha o quer que é de moscovita na idêa d'este caminho de ferro marchando por meio de desertos immensos sempre em linha recta, e inflexivel como o destino!

O jornal do Lloyd austriaco publicou um relatorio estadistico sôbre o commercio geral do imperio d'Austria com outros Estados no anno de 1843. O valor total das mercadorias importadas e exportadas sóbe a 215,537.833 florins (anda por 92,684 contos) a saber: 111,420,868 flor. de mercadorias importadas, e 104, 113, 954 flor. de mercadorias exportadas. Os paizes com que a Austria teve maior commercio foram os Estados italianos e a Turquia.

Descobriram-se nos archivos imperiaes de S. Petersburgo onze cartas authographas de Leibnitz a Pedro I. Umas são escriptas em latim outras em allemão: e são todas sôbre assumptos scientificos.

A *associação dos inventores* em Paris deu um granfe banquete a M. Jobard, de Bruxellas, defensor infatigavel da propriedade intellectual. Fizeram-se muitas saudes ao feliz exito das suas doutrinas organisadoras da industria e do commercio. A resposta de M. Jobard obteve as honras do bis, e votou-se immediatamente que fosse impressa em número de cem mil exemplares. O célebre escriptor belga ha de ter ficado satisfeito d'esta estrondosa ovação parisiense.

M. Marsat, pai, mestre serralheiro da cidade de Angoulême, foi nomeado membro da *Legião d'Honra*, em galardão dos seus importantes trabalhos na industria metallurgica. É uma justa homenagem prestada á habilidade dos artifices para estimulo d'elles e honra da industria.

Os alpes vão ser cortados ou atravessados por um carril de ferro que partirá de Turim á Saboia. O rei de Sardenha parece estar muito impenhado n'este projecto, que se diz deve ser realisado á custa do govêrno.

CORREIO NACIONAL.

40 O 'Banco de Lisboa' repartiu o dividendo do 1.° semestre do corrente anno a razão de tres por cento: o maior dividendo é sempre o do 2.° semestre.

Por decreto de desoito do passado foram marcadas as leguas portuguezas, para as estradas do reino e todos os effeitos legaes, na medida itineraria de vinte ao grau.

Com muito mais propriedade do que em Lisboa, onde os mortos se enterram nos 'Prazeres', acaba a cidade de Valença de estabelecer o seu cemiterio no campo dos 'Medos'

O commercio da laranja na ilha de S. Miguel é espantoso; só de 19 a 31 de março tinham sahido 28 navios carregados, e estavam mais 40 a receber carga. A statistica d'este ramo de commercio deve ser curiosa por elle ser o mais importante dos Açores. A caixa de laranja, cremos que das grandes, custava 5$000 réis.

O estado de prosperidade da ilha de S. Miguel póde ser assegurado mesmo pela arremalação dos Bens-nacionaes: não só ha muitos lançadores, mas uma porção d'elles arrematada no 1.° de abril subiu mais de cinco contos sôbre a avaliação.

O nosso commercio com Pernambuco nos dois annos findos deu o seguinte resultado:

1843

Importação em Portugal........ 1,055.634$000 rs.
Exportação .... 937,245$000 rs.

1844

Importação .... 1,278,690$000 rs.
Exportação .... 1,064.756$000 rs.

No último anno augmentou o movimento commercial 350.567,000 réis, mas a vantagem em ambos os annos é a favor de Pernambuco.

Vai publicar-se na cidade de Bragança um jornal mensal de duas folhas, desesseis paginas de quarto. A assignatura são 960 réis por anno, e 120 réis avulso. O seu titulo será *Pharol Transmontano.*

Muito estimâmos ver assim propagada a imprensa e o jornalismo pelas differentes provincias do nosso paiz; sôbre tudo em Traz-os-montes que pelo seu isolamento mais que nenhuma outra carecia d'este beneficio.

Sabemos que a Camara-municipal de Lisboa, e algumas outras do reino, receberam uma proposta de certa Companhia que se promptifica a mandar construir, acabar ou reparar, dentro em dois annos, todas as obras públicas que se julguem necessarias nos diversos municipios. Por hoje nada mais diremos a este respeito.

Ouvimos que a 'Companhia das Obras-públicas' contractou com o Sr. Manuel Luiz dos Santos o seu privilegio dos 'Estaleiros-docas' por meio do qual se dá querena a um navio, por maior que seja, de ambos os lados ao mesmo tempo, e se concerta, etc. Uma machina de ingenhosa disposição levanta o navio no mar, vem depositalo no estaleiro, e leva-o para a agua depois de concertado.

No fim do mez de junho ficaram existindo no Terreiro-público; 7,355 moios de trigo, 101 de cevada, e 234 de milho. O trigo vendia-se de 360 a 560; a cevada de 235 a 300, e o milho de 240 a 320.

O 'Banco-commercial' do Porto repartiu o dividendo do primeiro semestre d'este anno a razão de dois e meio por cento.

Vimos cartas de Londres de 26 do passado, e n'ellas achámos a notícia do debute da Rossi no theatro-italiano e na Opera 'Roberto d'Evreux'. O seu exito foi estrondoso como era de esperar: algumas das cabalettas foram *bisadas*, e a Opera fez grande furor.

CONHECIMENTOS UTEIS.

BANCO-RURAL.

41 Quando a Revista, em seu primeiro número, incetou este importante assumpto foi por estarmos bem intimamente convencidos da necessidade do meio, sôbre que elle versa, para conservação e augmento da prosperidade pública. É um dos tres que os economistas apontam para o desinvolvimento directo da producção. Não que entre nós deixe de haver um 'Banco' bem estabelecido com vinte e cinco annos de existencia, uma Companhia como a 'União-Commercial' outra como a 'Confiança-nacional,' e muitas outras associações de credito. Mas, porventura, algum d'estes estabelecimentos comprehendeu ainda outro genero d'especulação que o dos 'papeis'? Tem feito circular os seus capitaes n'outro ramo de commercio que não seja o do cambio? Não lh'o extranhâmos — nem o deveriamos — mas allegamol'o para fazer conhecer a necessidade de outras instituições que preencham os fins reclamados pela economia pública, e que empreguem os seus capitaes no beneficio commum e não unícamente exclusivo dos seus membros.

Felizmente ha alguns mezes a ésta parte que os capitaes começam a tender para os melhoramentos materiaes do paiz. Formou-se a 'Companhia das Obras publicas' projectou-se a da 'Associação-industrial' trabalha-se para levar a effeito a da 'Navegação do Tejo' funcciona a da 'Valla d'Azambuja' e procura-se formar a das 'Estradas-de-ferro.' É um movimento muito lisongeiro que hade produzir resultados satisfatorios; mas ainda não é completo. O princípio vital é a agricultura. O que hade fecundar o paiz, prestar alimento a essas communicações, dar vida a tudo isso que por ahi se faz ou se projecta, se abandonar-mos por ess'outras industrias a industria agricula? Se lhe distrahirmos os capitaes de que ella carece como qualquer outra?

Em Portugal pelo que respeita a agricultura tem-se contado apenas com o 'torrão.' O sol é creador, o clima é bom... Cemeia lavrador, colhe ceifeiro. Foi isto o que Osiris ensinou aos egypcios, e foi isto o que praticou o patriarcha Abrahão, ha perto de 4,000 annos.

Mas onde estão as possibilidades de podêr fazer mais? Que importa que a sciencia nos diga: que a terra exige trabalho e capitaes para podêr desinvolver toda a sua fôrça productiva: que os vastos trabalhos fecundam o solo, tornam mais facil e mais consideravel a sua producção? Qual de nossos proprietarios é capaz d'essas grandes empresas agriculas, d'esses melhoramentos em grande escalla, do emprego de todos esses meios imaginados para ingrandecimento da agricultura? Elles que apenas teem escassamente para o amanho economico e ordinario das suas propriedades — e ainda feliz quando para isso teem! Logo, a creação de um estabelecimento que venha em auxilio d'elles e que se consagre a esse fim grandioso, é um pensamento da maior magnitude a bem do paiz, que não ha louvor bastante para ingrandecer.

Não queremos cansar o leitor com mais reflexões; abaixo transcrevemos o projecto de bases que foi remettido a ésta Redacção para estabelecimento de um Banco-rural. Somos informados de que este negocio está effectivamente em andamento, e talvez mais adiantado do que póde suppor-se; no emtanto convidâmos e pedimos a todos os collegas da imprensa periodica, se dignem de o transcrever em suas columnas para lhe dar toda a publicidade possivel, e provocar a discussão, não do seu pensamento que o não póde haver mais luminoso, mas da maneira de o levar á execução.

—

Sr. Redactor da *Revista Universal*. — No 1.° número do 5.° vol. da Revista incontro, felizmente, a prova mais cabal e convincente de que V. tem por fim fazer desinvolver os interesses mais reaes e verdadeiros do paiz: e ao mesmo tempo me convenci tambem, de que V. tractando d'um Banco-rural encetava brilhantemente o ponto, ou por outra tocava o coração dos nossos interesses vitaes, lembrando que se salvasse da ruina o principal elemento de toda a nossa organisação economica, e base da propriedade e de todas essas brilhantes emprezas que por ahi se teem levantado.

Porque, sem a agricultura hão de cahir no nosso paiz todas essas emprezas d'estradas, canaes etc. etc. Bem longe de mim está decerto a idêa de opposição a emprezas de tão reconhecida utilidade, quero-as tanto quanto quero o melhoramento do estado agricula, por isso mesmo que desejo que ellas se possam sustentar; o que não lhes acontecerá se definhar a agricultura, que é a base de toda a prosperidade pública no nosso paiz, como desgraçadamente parece ir acontecendo.

Convida V. a que o coadjuvem n'essa tarefa importantissima: o quem haverá, que se recuze a esse convite? Como proprietário no Alemtejo e na Extremadura, e sobretudo como portuguez, não serei eu decerto que me negue a fazer quanto em mim caiba a favor do ramo, sobre todos, de maior consideração para Portugal, procurando assim estabelecer uma solida base, em que se apoiem todas essas grandes emprezas que se teem fundado, ou se pertendem fundar.

Remetto pois a V. o incluso projecto de bases para um Banco-rural, rogando-lhe o obsequio de as fazer publicar na revista universal; n'ellas achará consignadas as idêas, como no seu artigo a que me referi mostrou desejar. Muitas das nossas capacidades mais abalisadas lhe tem dado a sua plena sancção, como unico meio salvador da nossa agricultura, e consequentemente do paiz.

Peço que éstas bases se publiquem para que todos os proprietarios agriculas tenham conhecimento d'ellas, e para que vendo as incalculaveis vantagens que d'aqui infallivelmente lhes devem resultar, as tomem na consideração que o assumpto merece. Mas desde ja se faz constar:

Que muitos dos nossos mais importantes proprietarios, tanto em haveres como credito, se teem apresentado como querendo ser accionistas com todos os seus bens:

Que se está trabalhando para que este estabelecimento seja quanto antes levado a effeito; e logo que seja occasião se publicará devidamente o dia em que se recebem as assignaturas:

Finalmente, logo que éstas tenham chegado a pre-

hencher o fundo determinado nenhum accionista mais poderá ser recebido.

De V... etc.

Um proprietario agricula.

—

PROJECTO DE BASES PARA ESTABELECIMENTO DE UM BANCO-RURAL.

1.ª

Formar-se-ha em Lisboa um Banco-Rural, que terá outros filiaes em todas as terras do reino, ilhas adjacentes e dominios portuguezes, onde se julgar conveniente.

2.ª

O seu fim é proteger a agricultura, procurando todos os meios de a levar ao maior auge de perfeição de que for suceptivel; diligenciando um preço razoavel aos seus productos; fazendo respeitar a propriedade no seu verdadeiro valor: e augmentar a riqueza e prospriedade nacional.

3.ª

O seu fundo poderá subir até 40 milhões de crusados em valores e em dinheiro, e poderá ser augmentado ainda quando a assemblêa geral assim o julgue conveniente, e pela maneira que melhor lhe approuver.

4.ª

Este fundo será dividido em acções de 1:000$000, de 500$000, de 300$000 e de 100$000 rs.; nas quaes se designará a especie de valor que representarem.

5.ª

O fundo será realizado do modo seguinte:

Seis decimos ou 24 milhões, serão recebidos em propriedade rustica:

Um decimo, ou 4 milhões, será recebido: um terço em propriedade urbana e dois terços em dinheiro:

Tres decimos, ou 12 milhões, serão recebidos em dinheiro ou em titulos do divida-pública consolidada, acções de Bancos e Companhias, pelo valor que tiverem no mercado.

As entradas por ésta última maneira, serão com um terço nos ditos titulos, acções de Companhia, etc. e dois terços em dinheiro que se receberá em prestações.

As acções que respeitarem aos titulos de dívida-pública consolidada, acções de Bancos, etc. no fim do anno se lhe fará o devidendo pelo valor por que foram recebidos; por essa occasião se o dito valor tiver soffrido alteração tambem as acções no seu capital o soffrerão egualmente, para mais ou para menos comforme no mesmo tiver havido augmento ou diminuição: pelo valor em que ficarem as ditas acções se fará o seguinte dividendo.

6.ª

O proprietario de predios rusticos ou urbanos que quizer ser inscripto, fará a sua proposta declarando o valor da sua propriedade calculado a razão de 100 por 5, do seu rendimento inteiramente liquido, juntará os titulos de adquisição, certidão do registo por onde conste que não estão hypothecados, e recibos das decimas dos ultimos tres annos que se pagaram.

Feito isto a direcção procederá ás averiguações que achar convenientes e admittirá ou regeitará a proposta, ou a modeficará de accordo com o proponente. Consignado assim qualquer valor para a formação do Banco, se dará a seus proprietarios, tanto valor em acções quanto foi aquelle que alli consignou.

7.ª

Os bens vinculados poderão ser admittidos por metade do valor capital do seu rendimento liquido, calculado a razão de 100 por 5, procedendo a assignatura do immediato successor, e todas as mais seguranças exegidas por lei.

Os emphiteutas serão tambem, em geral, admittidos; mas quando nas escripturas de seus emprazamentos expressamente se disser que se não hypothecarão sem licença do senhorio directo, ésta licença será indispensavel.

Igualmente os senhorios de fóros, ou penções em não duvidosa cobrança, tendo satisfeito ao determinado no artigo 7.º Sendo os fóros ou penções a dinheiro, receberão as acções pelo seu valor desde logo, sendo porém em generos, observar-se-ha a seu respeito o mesmo que fica determinado para a propriedade. Isto somente se intenderá com os fóros e penções que forem livres, porque sendo vinculados se observará o que fica disposto para ésta especie de propriedade.

8.ª

Os predios urbanos consignados ficarão logo seguros do fogo no mesmo Banco, na fórma do seu regulamento especial para este fim.

9.ª

Os valores que d'esta maneira constituirem o fundo do Banco, lhe ficarão hypothecados pelo simples facto de n'elle se haverem inscripto: por consequencia, estes valores são hypotheca especial ao pagamento das ordens á vista, que o Banco emittir, aos emprestimos que contrahir, e a todas as suas transacções. Comtudo, ninguem será responsavel, nem por maior quantia do que aquella porque se houver inscripto, nem por outra qualquer propriedade que não seja aquella que consignou.

10.ª

Não obstante a propriedade se achar assim hypothecada, comtudo o proprietario ficará gozando do uso e fructo d'ella como até ahi.

Do mesmo modo tambem gozarão dos rendimentos dos seus titulos de dívida-pública consolidada, acções de Companhias etc. etc. os accionistas que com ellas se houverem inscripto.

A venda, doação, cessão etc., d'estas propriedades, titulos, acções de Companhias etc. se farão, transmittindo-se para o novo possuidor as acções do Banco-rural que lhes corresponderem: os dividendos porém não serão intregues, sem que taes acções estejam alli averbadas em nome do novo possuidor.

11.ª

Estas hypothecas durarão por 10 annos a contar da instalação do Banco; mas n'este intervallo poderão ser distractadas querendo os proprietarios entrar em seu logar com outra hypotheca de igual valor e especie, e com mais uma quinta parte d'esse valor em dinheiro.

No fim dos ditos 10 annos se poderá fazer o distracte absoluto, havendo precedido aviso á direcção com antecedencia de um anno.

Este distracte porém somente poderá ter logar, no caso de que sôbre o fundo do Banco não pése nenhuma responsabilidade.

12.ª

Todos os annos se apresentará certidão da decima para se conhecer, se a propriedade tem augmentado ou diminuido de valor. No primeiro caso, e querendo o accionista, poderá inscrever-se com mais tantas acções, quanto for o valor augmentado; não estando o fundo do Banco prehenchido, porque estando só póde entrar pela fórma que se tiver determinado. No segundo caso se dará baixa ás acções correspondentes ao valor perdido.

13.ª

Quando por effeito de força maior, ou qualquer outro caso visto ou inprevisto, uma propriedade rustica for destruida, logo se dará baixa a tantas acções, quanto for o valor que na mencionada propriedade se perdeu; o accionista porém receberá todos os lucros, que as ditas acções até ahi tenham vencido.

Em taes casos o Banco a fim de ser restabelecida a dita propriedade, fará o imprestimo necessario mediante as seguranças convenientes. Estes emprestimos vencerão um juro modico que será estipulado.

14.ª

Acontecendo que os titulos de divida-pública consolidada, accções de Companhias etc. consignados no Banco, venham a perder o seu valor, se dará baixa a todas as acções que esse valor representava: tudo na fórma do artigo antecedente.

15.ª

Se qualquer objecto consignado no Banco, mudar de possuidor por effeito de sentença, desde logo se dará baixa a todas as acções correspondentes; salvo porém se o novo possuidor as quizer, porque então se averbarão em seu nome.

16.ª

Sem averbação, nenhum successor por mais qualificado que seja, se poderá reputar habilitado para receber os devidendos das acções em que houver succedido.

17.ª

Se não houver accionistas que prefaçam o fundo em dinheiro, necessario para as operações do Banco; poderá este ser tomado nas Praças extrangeiras, no caso de que por igual preço se não encontre no reino.

18.ª

O Banco nunca poderá emittir ordens além da metade do seu fundo realizado.

19.ª

O Banco imprestará aos seus accionistas, e para os fins mencionados no artigo 2.º, até á quinta parte do valor das suas acções; para o que marcará todos os annos uma certa quantia: governando para estes taes imprestimos a antiguidade dos pedidos.

Feito uma vez o imprestimo no valor do quinto das acções, do modo dito, outro não poderá ter logar sem que o primeiro esteja satisfeito.

Estes imprestimos vencerão a razão de 5 por 100 ao anno, e serão pagos do modo seguinte: — metade em quatro pagamentos nos primeiros quatro annos que se seguirem; e a outra metade descontada nos dividendos dos annos seguintes.

20.ª

Além d'estes imprestimos poderá o Banco entrar em todas as transações de lucro seguro e evidente.

21.ª

Em todas as casas de proprietarios rusticos em que haja impenho a satisfazer, e para o qual seriam precisos os seus rendimentos totaes de quatro annos, ou d'ahi para baixo, o Banco, convindo-lhe, pagará os seus debitos.

Do abatimento que houver n'estes debitos ficará o Banco gozando, para os receber por inteiro; vencendo além d'isso 6 por 100 do seu adiantamento.

O pagamento se fará por metade do rendimento total liquido da mesma casa, sendo a outra metade em cada anno entregue a seu dono.

22.ª

Quando o impenho da casa exceder o que fica marcado, o Banco, convindo-lhe, e com as condicções que melhor intender, poderá do mesmo modo tractar de similhantes transacções.

23.ª

Nas localidades onde parecer conveniente, se estabelecerão celeiros de abundancia. No tempo das colheitas, e attendendo á sua menor ou maior producção, o Banco, marcando um preço razoavel aos generos nacionaes, e apartando para isso certa quantia, fará a sua compra.

O Banco não poderá vender os seus generos sendo para consummo do paiz, por preço que exceda o lucro de 10 por cento.

D'estes, 5 serão applicados para o devidendo das acções, e outros 5 se guardarão em conta de deposito para supprirem a perda que porventura n'esse ramo se possa offerecer em qualquer anno.

D'estes generos poderá tambem fazer imprestimos aos lavradores para serem pagos na futura colheita com juro na mesma especie.

24.ª

O Banco terá grandes armazens de retem, nos sitios que para isso achar mais adequados, e n'elle, receberá em deposito os generos que admittão duração; sôbre cujo deposito poderá adiantar 50 por cento do seu valor no mercado, a vencer na razão de meio por cento ao mez.

O Banco de accôrdo com o proprietario dos generos depositados, poderá mandar proceder á sua venda por meio de commissão, mas é livre ao proprietario podêr retirar os seus generos, tendo previamente satisfeito os incargos a que elles estivêrem obrigados.

25.ª

O Banco abre os seus cofres para servirem de deposito publico de orfãos, ausentes, e particulares, companhias, emprezas, Monte-pios, irmandades etc.

26.ª

Poderá egualmente receber em deposito, oiro, prata, e outros objectos preciosos, e pela responsabilidade da sua guarda receberá em cada mez um oitavo por cento dos valores depositados. Sôbre os mesmos objectos poderá o depositante pedir imprestimos ao Banco, que lhe serão feitos, a razão de meio por cento ao mez.

27.ª

No fim de cada anno, recebido o balanço dos bancos filiaes, se dará balanço geral, e se devidirão os lucros que houver; separando sempre 5 por cento dos mesmos para reserva, para os casos que possam sobrevir.

38.ª

Dos mesmos lucros será separado todos os annos, um por cento, cujo producto se devidirá em certo

número de premios, para serem destribuidos : — 1.°. Ao accionista que n'esse anno mais vantagens conseguiu por effeito dos seus esforços no desinvolvimento da agricultura : 2.° Aquelle que n'esse anno pôs em prática novos inventos de machinas ou instrumentos agrarios, de reconhecida vantagem para a agricultura. Outros, para aquelles que de qualquer modo tenham feito n'esse anno importantes serviços ruraes.

29.ª

O Banco terá estabelecimentos de instrucção rural, onde a agricultura se insine theorica e praticamente.

30.ª

Terá tambem um jornal no sentido do artigo antecedente, e para tudo o mais que, dizendo respeito aos fins a que se destina, achar que lhe é conveniente.

TINTA AMERICANA.

42 Nos Estados-Unidos está em uso a composição seguinte, para pintar exteriormente as casas e outros edificios.

Tomam-se 36 litros de cal-viva, que caldeia pelo methodo ordinario; quando está caldeiada accrescentam-se-lhe 10 kilogrammos de alvaiade, 8 kilogrammos de sal, e 5 kilogrammos de assucar. Côa-se ésta mistura por uma peneira metallica, e fica prompta para ser applicada depois de borrifada com agua fria. E'sta applicação faz-se exteriormente sôbre a pedra, tijôlo ou madeira, nas partes mais expostas.

Póde-se pintar da côr e matiz que se quizer: são precisas tres demãos para o tijolo, e duas para a madeira. Servem-se para isso os americanos de uma brocha, como para a pintura a têmpera ordinaria, e não dão uma segunda demão senão quando a precedente está bem sêcca.

Para pintar no interior, tomam-se os mesmos 36 litros de cal-viva; depois 1.5 kilogrammos de assucar, 2.5 kilogrammos de sal; prepara-se e applica-se, como acima se disse.

Este modo de pintar, que é, segundo se diz, tão duradoiro como a pintura a oleo, é muito menos dispendioso, e póde igualmente apresentar todos os matizes ou gradações de côres.

EMIGRAÇÃO DOS AÇORES.

43 O artigo que abaixo se vai ler é escripto por um açoriano, e como tal decerto mais habilitado do que eu para tractar do objecto e avaliar a providencia tomada pela 'Companhia das obras-públicas,' de ir ás ilhas buscar trabalhadores para as suas emprezas. O Sr. Cabral discorda inteiramente de nós. A REVISTA receiou que o alvitre da Companhia attrahisse muita gente a Portugal, porque parecia haver sido tomado sem todo o preciso fundamento, e poderia ser dado á execução sem a conveniente prudencia. O Sr. Cabral, e alguns artigos que lemos n'outros jornaes, pensam, ao contrario, que o alvitre da Companhia não produzirá effeito, e que é nullo no pensamento e nos resultados. Quando duas opiniões são tão extremamente oppostas parece que nenhuma d'ellas deve ter razão.

O Sr. Cabral toma para base dos seus argumentos a ilha de S. Miguel, a mais rica e a todos os respeitos prospera dos Açores; a REVISTA tinha tomado a Terceira, como medio entre S. Miguel e o Corvo ou Santa-Maria. Os factos vão cedo fazer ver de que parte está a razão. Póde ser que os nossos receios fossem panicos, mas eram e são ainda de convicção. O Sr. Cabral diz que o salario que offerece a Companhia é muito inferior ao que percebe um trabalhador em S. Miguel, onde ás vezes se não acham por dôze vintens; mas ésta quantia de dôze vintens, que se allega como maximo em S. Miguel, corresponde exactamente ao minimo de Portugal que são oito vintens. E qual é o trabalhador que vê ésta pequena quantia em moeda nas ilhas de Santa-Maria, Pico, Corvo, Flores, e ainda em S. Jorge ou Graciosa? E o lado moral não terá grande influencia tambem n'este caso? Ajuntem-se ás tendencias d'emigrar, o medo do recrutamento, de que ficam exemptos, a circumstancia de ser Lisboa ou Porto a terra da migração, a passagem paga, certeza da subsistencia (e 160 rs. é o minimo), as esperanças que se podem imaginar... Ajunte-se tudo isto a alguma insinuação... e persuadido estou eu que hão de vir Açorianos — e muitos Açorianos — se com effeito á carga-cerrada, como se costuma dizer, se quizerem ca muitos.

As ilhas dos Açores são nove, como todos sabem, d'estas só trez se podem dizer em prosperidade (até certo ponto) que são Fayal, Terceira, e San'Miguel a mais opulenta de todas; as outras seis, San'Jorge, Pico, Santa-Maria, Graciosa, Corvo, e Flores, vivem quasi no estado patriarchal. Quando é que um trabalhador vê la oito vintens? elles coitados que comem os seus inhames e vestem o seu panno-da-terra! Se ésta gente fosse *desinquietada*, se d'ella se organizassem *familias* (não se tracta por agora de *phalanges* nem *phalansterios*) para viverem aqui em commum; os interesses que a Companhia lhes faz são sufficientes: em muitas terras de Portugal um trabalhador não ganha ás vezes mais de 160 réis, 240 réis é o commum, e ninguem ignora que ha obras onde alguns apenas ganham 120 rs. Não calculemos as necessidades d'estes pobres homens pelas nossas.

Um tecelão na Inglaterra em 1769, que é pouco mais ou menos o estado que corresponde ao nosso de hoje, não ganhava mais de 180 réis, segundo Baines. Em 1837, quando a crise dos Estados-Unidos deixou em Lyon 20.000 operarios sem occupação, foi necessaria a intervenção do govêrno, e nas providencias que se tomaram fixou-se o minimo do salario em 260 réis. Ainda hoje as mulheres n'esta cidade não ganham mais de 50 centimes (85 réis). Ora, isto são *officiaes*, cujo salario é sempre superior ao dos trabalhadores.

Oxalá que tal *desinquietação* se não faça porque realmente a tememos. Admitta embora a Companhia quem procurar trabalho; mas não permitta Deus que va distrahir d'outras necessidades a gente que a éstas é indispensavel para proveito commum do paiz, e conseguintemente da mesma Companhia, por outro modo!

A EMIGRAÇÃO das ilhas dos Açores para o imperio do Brazil tem justamente occupado as attenções de quem se interessa pela prosperidade dos povos d'aquelle archipelago.

De 1836 para ca centenares de familias tem abandonado o fertillissimo solo açoriano. Indagar as causas d'este continuo successo tem sido objecto de muitas investigações, julgando-se, geralmente, ser a ver-

dadeira, a falta de serviço em que na propria patria se empreguem os braços dos emigrados.

Não é porém assim; estâmos convencidos do contrario, e achâmos propria a occasião de emittir agora as nossas idêas a tal respeito, pelo que tóca privativamente á ilha de San'Miguel, d'onde somos naturaes, porque quanto ás outras, faltam-nos os dados para fallar com conhecimento de causa.

A 'Companhia das obras publicas,' com auctorização do govêrno de S. Magestade, levada da idéa, de que a emigração continúa a dar-se pelo motivo apontado, com as melhores intenções, tracta de chamar d'alli braços que venham empregar-se no continente nos trabalhos da mesma Companhia', assegurando o salario de 160 rs. aos trabalhadores, comprommettendo-se ao pagamento das passagens, etc., e a Revista Universal pondera, que por este meio se promoverá a migração das ilhas para o reino, e que isso prejudicará a agricultura nos Açores. Por este lado porém não deve a Revista ter receios, a julgar das outras ilhas pela de San'Miguel, porque estâmos convencidos que d'esta nem uma duzia de pessoas virá estabelecer-se em Portugal. — Levam-nos a esta convicção, não poucos argumentos, alguns dos quaes passaremos a expender. Achâmos conveniente fazer algumas reflexões sôbre as varias classes de individuos, que costumam emigrar de San'Miguel para o Brazil, para que se conheça os fundamentos que temos para acreditar que a providencia tomada pela 'Companhia das obras publicas' não produzirá effeito n'esta ilha. Vejâmos pois quaes são as occupações dos individuos que costumam emigrar, e facil será conhecer-se d'ahi que não estão no caso de vir trabalhar para as estradas pelo modico preço de 160 rs. diarios.

Os primeiros são mancebos que tendo frequentado as aulas, e não achando depois em que se empreguem, senão abraçando o estado ecclesiastico, para o que ou lhes faltam meios ou vocação, e recusando de se empregar em trabalhos servís depois de terem cursado os estudos, vão demandar as praias da America, no intuito de la acharem emprego correspondente á sua educação. Ja se vê que estes não são proprios para os trabalhos da Companhia. Permitta-se-me exemplificar o que levo dito.

Um condiscipulo meu n'algumas aulas da ilha não tendo em que empregar-se foi para o Brazil, e la encontrou um seu patricio que para la tinha ide pobre e que hoje se acha muito rico, com alguns navios seus etc. O meu condiscipulo entrou para caixeiro d'este homem e adquiriu em breve meios de se estabelecer independente, com uma fabrica de licores. Isto mandou elle logo noticiar a seu pai, lavrador em San' Miguel, incumbindo-lhe ao mesmo tempo, que tractasse com alguns Michaelenses para irem á sua ordem para o Rio-de-Janeiro para serviço do seu estabelecimento.

Outro, tendo tambem freqnentado os estudos foi còm seu pai (marcineiro) para o Rio-de-Janeiro, onde está estudando medecina e proximo a formar-se; e de la tem blasonado que só do producto de lições particulares que dava se podia muito bem suprir, e lhe dava para sustentar-se na academia.

Não citarei outros exemplos porque julgo desnecessario; mas por estes se póde deduzir, que mancebos n'estas circumstancias por modo nenhum deixarão o archipelago dos Açores, para virem ao continente trabalhar nas estradas.

Vamos á classe agricula.

E' sabido, que mais de dois terços da propriedade em San'Miguel é inalienavel, isto é, vinculada, e que os lavradores so podem cultivar os terrenos, ou por arrendamento ou por aforamento: os que lavram as terras de renda pouco lucro tiram ás vezes de seus cuidados e despezas, porque tendo augmentado o preço das rendas e diminuido o dos cereaes, nem sempre lucram com as colheitas, antes ordinariamente perdem; e quando as perdas são successivas pelo decorrer dos annos, e que o senborio para embolçar-se das rendas executa sem commiseração o rendeiro, este abandona a patria e la vai com a sua familia para o Brazil, na esperança de la achar um conhecido ou patricio, que lhe dê a mão.

D'estes tambem não póde dizer-se, que hão de preferir migrarem para Portugal para trabalhar nas obras publicas, por quanto offerecendo-se-lhes aqui apenas 160 rs. diarios para sustento, vestuario, e pagamento de casa, decerto que o mais desgraçado preferiría ficar na sua patria, onde os salarios são equivalentes, para não dizer mais avultados, porque é certo que no tempo das cavas muitas vezes se procura um trabalhador por 240 rs. e não se acha.

O que fica dito sôbre os rendeiros, acontece tambem com os foreiros, que tendo afforado terrenos pelo exorbitante preço de 15, 18, e 20$000 rs. o alqueire, para plantações de quintas ou edificação de predios, não alcançam producto com que satisfazer o seu onus; mas estando estes foreiros mais costumados a pagar salarios do que recebel-os decerto se não sugeitam a vir ganhar tão modico estipendio, com que difficilmente proverão ás principaes necessidades da vida. Assim tambem, os mesmos artifices, isto é — carpinteirós, pedreiros, calceteiros, etc., tendo em San'Miguel jornaes de 240 a 480, quererão vir ganhar 160 rs.?

Em conclusão, parece-me podêr asseverar, que de San'Miguel não virá ninguem para as obras publicas.

Não é este o meio de evitar a emigração; reconhecemos que ella é muito prejudicial ao paiz, e que, se de cada cem que embarcam para o Brazil vinte são felizes, oitenta ficam desgraçados; mas por isso mesmo que alguns são felizes, é que os outros vão vêr se incontram tambem a felicidade.

E que ventura podem esperar em Portugal com 160 rs. diarios?

Hãode passar aqui de certo mais privações do que na sua propria terra.

O que os açorianos precisam para não progredir a emigração, é que se criem novas riquezas no seu paiz; e se acaso se pozesse em execução a lei de 25 de abril de 1835, para a livre cultura do tabaco, exportação de sua folha e fabrico; embora se desse a venda exclusiva aos contractadores, e ainda mesmo que se lançasse algum pequeno tributo aos cultivadores, então teriamos certa a prosperidade d'aquelle importante archipelago.

O tabaco cresce em San'Miguel espontanea e prodigiosamente, e o sabio jurisconsulto Vicente José Ferreira Cardoso, ja lembrou que seria conveniente, mesmo para os cofres publicos, que isso se effectuasse, propondo que se separasse do contracto ge-

ral o exclusivo para as ilhas, e dar este a quem o tomasse pelo preço correspondente ao que alcançasse o do reino, em justa proporção entre a população de Portugal e das ilhas. O dito exclusivo viria a ser um imposto indirecto sobre o consummo do tabaco.

Lembra-nos têr lido em uma 'Memoria' do Sr. Meirelles da ilha Terceira, que a livre cultura do tabaco nas ilhas sería para éstas o maior dos interesses, pois que assim não ficaria um palmo de terra por cultivar.

Fizemos éstas reflexões por intendermos que assim nos cumpria, e não por termos em menos conta as boas intenções da Companhia, em tudo por certo dignas de louvor.

Voltaremos ao assumpto, se acharmos necessario, para corroborar o que deixâmos dito.

Marianno José Cabral.

SAUDE-PUBLICA.

44 Um correspondente queixa-se do abuso que ainda existe n'alguns logares, mesmo perto de Lisboa, de haver individuos que sem habilitações se atrevem a inculcar-se por facultativos, e são desgraçadamente chamados por os infelizes, que com a melhor-fé acreditam na possibilidade de serem curados por esses individuos, de molestias que o tractamento errado quasi sempre aggrava, muitas vezes faz terminar fatalmente, e nunca póde conseguir dissipar.

Achâmos razão ao nosso correspondente; e ao Conselho-de-saude-pública, particularmente, entregâmos ésta queixa para a tomar na consideração que a sua importancia reclama, se porventura é real ou pouco averiguada a existencia de taes curandeiros, pois objecto é este que demanda a maior attenção. Os habitantes do campo são igualmente homens e portuguezes como os das cidades; e se entre uns e outros houvesse razões para maior disvello sôbre a segurança do seu bem-estar, ninguem deixará de dizer que com os do campo se deveria n'esse caso empregar mais sollicitude, porque todas as circumstancias lhes são incomparavelmente menos favoraveis do que aos das cidades.

MARFIM DA SYBERIA.

45 Vai-se descobrindo que a Syberia é o paiz mais rico do mundo: a ser verdade o que dizem das suas minas de oiro cujas veias se estendem por centenares de leguas ao longo das fronteiras da China, o *Potosi* do seculo XVI fica muito a perder de vista do do seculo XIX. Mas deixando isto que é muito problematico, no que parece não haver dúvida é na nova industria que apparece agora n'aquella parte do mundo. Havia annos que alli se tinha descoberto, mais ou menos á superficie da terra, grande quantidade d'ossos de *Mastodontes*, e como os dentes e defensas d'estes animaes fosseis, que se vão descobrindo agora, possuem não só todas as qualidades do marfim d'elephante, mas ainda as excedem porque são menos frageis e menos sujeitas a fazerem-se amarellas, diz-nos um jornal francez que os negociantes do Tobolsk se associaram com outros de diversas partes para os mandarem procurar por toda a Syberia e entrarem n'este commercio. Os principios d'esta empresa são excellentes, a sociedade tem recolhido acima de 1,600 arrateis de *marfim da Syberia* que se tem vendido em San' Petersburgo a 30, 40 e 60 por cento acima do marfim ordinario. Os objectos feitos com ésta substancia anti-diluviana são já muito estimados e procurados.

MACHINA DE MOER, OU MOINHO DE DOIS CYLINDROS.

46 M. Schemett de Valenciennes acaba de inventar uma machina de moer segundo um systema novo simples e economico. E'sta machina compõe-se principalmente de dois cylindros com laminas adentadas dispostas como barrinhas de fieira, e movendo-se uma contra a outra com um movimento desigual, imprimido por duas rodas de encaixe com diametros differentes. As materias que se devem triturar chegam por uma tremonha vacillante; os restos inuteis descem debaixo de dois cylindros, e, sendo necessario, d'elles são separados por duas especies de sedeiros, formados de chapas que impedem os discos de se quebrarem. Segundo as experiencias já feitas, ésta machina, muito simples e de fórma mui commoda, póde pizar um hectolitro de favas ou de aveia em uma hora, occupando um homem ou uma criança. Os resultados vantajosos de uma tal invenção serão comprehendidos facilmente por todos os cultivadores, que por tão pequena despeza achararão o meio de darem a comer a seus cavallos bagas e grãos pizados, de maneira que todas suas partes sirvam á nutrição.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA. *

CAPITULO IV.

De como o A. foi pensando e divagando, e em que pensava e divagava elle, no caminho da villa da Azambuja até o famoso pinhal do mesmo nome. — Do poeta grego e philosopho Démades e do poeta e philosopho inglez Addison, da casaca de penneiros e do palio atheniense, e de outros importantes assumptos em que o A. quiz mostrar a sua profunda erudição. — Discute-se a materia gravissima se é necessario que um ministro d'Estado seja ignorante e leigarraz — Admiraveis reflexões de zigzag em que se tracta de *re politica* e de *re amatoria*. — Descobre-se por fim que o A. estivera a sonhar em todo este capitulo, e pede-se ao leitor benevolo que volte a folha e passe ao seguinte.

47 Eu darei sempre o primeiro logar á modestia entre todas as bellas qualidades. — Ainda sôbre a innocencia? — Ainda sim. A innocencia basta uma falta para a perder: da modestia so culpas graves, so crimes verdadeiros pódem privar. Um accidente, um acaso pódem destruir aquella, e ésta so uma acção propria, determinada e voluntaria.

Bem me lembram ainda os dois versos do poeta Démades que são forte argumento de auctoridade contra a minha theoria: cuidei que tinha mais infeliz memoria. Heide pol-os aqui para que não falte a ésta grande obra das minhas viagens o merito da erudição, e lhe não chamem livrinho da moda: estou resolvido a fazer a minha reputação com este livro.

* Continuado de pag. 31.

Αἰδὼς τε καλλεῦ κυ αρετης πόλις,
Πρῶτον ὀγαθὸς αναμαρτια δευτερον δὲ αἰδ χυτα.

Da belleza e virtude é a cidadella
A innocencia primeiro — e depois ella.

Mas a auctoridade responde-se com auctoridade, e a texto com texto. E eu trago aqui na algibeira o meu Addisson — um dos poucos livros que não largo nunca — e atiro com o philosopho inglez ao philosopho grego e fico triumphante: porque Addisson não põe nada acima da modestia; e Addisson, apezar da sua casaca de penneiros, é muito maior philosopho do que foi Démades com a sua tunica e o seu palio atheniense.

O erudito e amavel leitor escapará d'ésta vez a mais citações: compre um *Spectator*, que é livro sem que se não póde estar, e veja *passim*.

Eu gósto, bem se vê, de ir ao incontro das objecções que me pódem fazer; lembro-as eu mesmo para que depois me não digam: — « Ah, ah! vinha a ver se pegava! « — Não senhor, não é o meu genero esse.

Francamente pois... eis-ahi o que poderão dizer: — « Addisson foi secretario d'Estado, e então... » — Então o que? Não concebem um secretario d'Estado philosopho, um ministro poeta, escriptor elegante, cheio de graça e de talento? Não, bem vejo que não: teem a idêa fixa de que um ministro d'Estado ha de sêr por fôrça algum semsaborão, malcreado e petulante. Mas isto é nos paizes adiantados em que ja é indifferente para a coisa-pública, em que povo nem principe lhes não importam ja em que mãos se intregam, a que cabeças se confiam. Em Inglaterra não é assim, nem era assim no tempo de Addisson. Fossem la á rainha Anna que deixasse entrar no seu gabinete quatro calças de coiro sem creação nem instrucção, e não mais se não so porque éste sabía jogar nos fundos, aquelle tinha boas tretas para o *canvassing* de umas eleições, o outro era figura importante no *Freemassons-hall!*

Ja se vê que em nada d'isto ha a minima allusão ao *feliz* systema que nos rege: estou fallando de modestia, e nós vivemos em Portugal.

A modestia comtudo quando é excessiva e se approxima do acanhamento, do que no mundo se chama *falta de uso* — póde ser n'um homem quasi defeito, talvez defeito inteiro. Na mulher é sempre virtude, realce de belleza as formosuras, disfarce de fealdade ás que o não são.

Por mim, não conheço objecto mais lindo em toda a natureza, mais feiticeiro, mais capaz de arrebatar o espirito e inflammar o coração do que é uma joven donzella quando a modestia lhe faz subir o rubor ás faces, e o pejo lhe carrega brandamente nas palpebras... Pouco lume que tenha nos olhos, pouco regular que seja o semblante, menos airosa que seja a figura, parecer-vos-ha n'esse momento um anjo. E anjo é a virgem modesta, que traz no rosto debuxado sempre um ceu de virtude... — De alguma belleza sei eu cujos olhos *côr da noite* ou de *saphyra* (*dialec. poét. vel.*), cujas faces de *leite e rosas*, dentes de *perolas*, collo de *marfim*, tranças de *ebano* (a allusão é surtida, ha onde escolher) davam larga materia a boas grozas de sonetos — no antigo regimen dos sonetos, e hoje inspirariam myriadas de canções descabelladas e vapurosas, choradas na harpa ou gemidas no alabude. Com tanto que não seja lyra, que é classico, todo o instrumento, inclusivamente a bandura, é egual diante da lei romantica.

Ora pois, mas a tal belleza, por certo ar alamoda, certo não sei quê de atrevido nos olhos; de deslavado na cara, e de descomposto nos ademanes, perde toda a graça e quasi a propria formosura de que a dotára a naturesa...

Vêde-me aquelles labios de carmim. Ha maio florido que tam lindo botão de rosa appresente ao alvorecer da madrugada?... Mas olhai agora como o riso da malicia lh'o desfolha tão feiamente n'uma desconcertada risada.

Desvaneceu-se o prestigio.

Não havia moço nem velho, homem do mundo ou sabio de gabinete que não désse metade dos seus prazeres, dos seus livros, da sua vida por um so beijo d'aquella bocca... Agora talvez nem repetidos *avances* lhe façam obter um namorante de profissão e officio... E ha de pagal-o adiantado; e porque preço!...

. . . .

. . . .

Mas o que terá tudo isto com a jornada da Azambuja ao Cartaxo? A mais intima e verdadeira relação que é possivel. É que a pensar ou a sonhar n'estas coisas fui eu todo o caminho, até me achar no meio do pinhal da Azambuja.

Ahi parámos, accordei eu.

Sou sujeito a éstas distracções, a este sonhar accordado. Que lhe heide eu fazer? Andando, fallando, escrevendo, sonho e ando, sonho e fallo, sonho e escrevo. Francamente me confesso de somnambulo, de somnfloquo, de... Não, fica melhor com seu ar de grego; (tenho hoje a bossa hellenica n'um estado de tumescencia pasmosa!) digamos somnilogo, somnigrapho.

A minha opinião sincera e *consciencioso* é que o leitor deve saltar éstas folhas, e passar ao capitulo seguinte, que é outra casta de capitulo.

A. G.

THEATROS.

RUA-DOS-CONDES.

A Condessa d'Altemberg, *drama em 5 actos, traduzido do francez* — **Debute da Sr.ª Velute.**

48 Os senhores d'Altemberg são uns maridos zelosos, do mais inflexivel rigor. Havia quinze annos que o pai do actual conde fôra accusador, juiz, e quasi que o algoz de sua esposa, e seu filho agora por uma desconfiança, fundada apenas na má intelligencia de uma carta, quer no mesmo logar executar igual drama com a mãi da sua formosa filha.

E esposa e mãi, padecendo em ambas éstas qualidades tão caras a uma mulher, ferida no coração pelos desdens de seu marido, a pobre condessa d'Altemberg, passa uma vida bem triste. No meio dos seus desgostos e dos terrores que lhe suscitam as paredes gotejando sangue e respirando vingança do solar d'Altemberg, um proscripto lhe pede asylo para pagal'o com deslealdade seduzindo a filha de quem generosamente o acolheu.

Suspeita o conde do seu hospede — e as suas suspeitas são um decreto de sangue que é preciso offerecer em holocaustro ao idolo da honra dos senho-

res d'Altemberg. A condessa sabe-o, e não hesita em sacrificar-se por sua filha; mas o golpe mais profundo é ésta mesma que lh'o dá, suspeitando tambem de sua mãi — acreditando-a sua rival. A ésta scena pathetica, no meio da qual o conde hesita sôbre a natureza do crime que tem a punir, sobrevem o Eleitor de Saxonia com toda a magestade da sua realeza: é o proscripto de que fallámos que vem buscar para o throno a filha dos condes d'Altemberg.

Como se ve, o pensamento do drama é commum. Um marido zeloso, uma desconfiança mal-fundada, um cazamento... são banalidades dramaticas que se usam desde Thespis até hoje — e se hão de usar sempre em quanto a terra não for açoitada pela cauda de algum cometa. Ha todavia no meio d'essas banalidades uma dedicação materna, bella como quasi sempre é o amor maternal tractado em scena; mas ainda n'este ponto se parece a 'Condessa d'Altemberg' com outros mil dramas, pelo menos, em que as mãis se teem sacrificado por amor de suas filhas.

Pelo lado por que a 'Condessa d'Altemberg' me parece merecer elogio é pelo da execução litteraria. O fundo é commum mas a fórma é bella. O drama está escripto no gôsto do que chamam 'eschola classica' não a pura — a intolerante; mas a sensata — a da razão. Tem scenas optimamente tractadas, excellente dialogo, os lances bem preparados, finalmente uma correcção de fórmas helenicas de todo o ponto bem desenhadas.

Infelizmente porém para o nosso theatro este genero de dramas tem ca poucos interpretes que lhe convenham. Os nossos actores foram educados com os dramas da eschola dita romantica — e do romancismo desgrenhádo, exhaltado, furibundo. Em muitos d'esses dramas foram felizes; n'outro genero, egualmente falso, a que para se lhe dar algum nome se chamou 'melodramatico,' quasi sempre o são tambem: na comedia costumam elles brilhar; mas n'estes dramas sisudos, graves, de correcção suave e pura como um desenho de Raphael, as contorsões, os gestos violentos, os gritos, toda a farrage da exageração, ficam mal — vão-lhe como podem ir umas formidaveis botas á Frederico, com o seu competente par de esporas, n'um cortezão de calção e meia, cazaca direita e chapeu de pasta. Não disse tudo. A declamação, e expressão dos affectos, tambem tem outra maneira n'este genero; assim como elle é para o sentimento e não para as sensações, tambem a voz e o dizer devem ser para o coração e não para as *orelhas*.

No papel de Maria, ingenua menina de 15 annos, debutou a Sr.ª Velutte a quem achâmos bastantes predicados para a carreira dramatica. O theatro precisava d'um character assim. A debutante tem porte delicado, figura apropriada para aquelles papeis: é moça, e mostra muita intelligencia e sensibilidade. Com estes elementos faz-se uma boa actriz. Comtudo a dicção, parte essencial de um actor e que muito convem ser adaptada aos characteres, faz desagradavel contraste com as outras boas qualidades da Sr.ª Velutte: o timbre da sua voz não é so pouco melodioso tem ainda certo vicio de pronuncia, senão de articulação, que lhe não permitte dizer sonoras e claras todas as palavras, mormente fallando depressa. Este defeito porém não parece invencivel. Lekain, o maior tragico da França, quando começou a sua carreira tinha uma voz igualmente dissonora e ingrata: « a podêr de estudo e trabalho (diz-nos o allemão Grimm) de tal modo corrigiu esse defeito que nunca em minha vida ouvi voz humana cujas inflexões fossem mais seguras e variadas, mais fortes e mais ternas, de um pathetico mais capaz de commover e mais terrivel: tocava no coração e incantava o ouvido: penetrava no fundo da alma, e la deixava uma impressão similhante aos traços profundos do buril. »

Emquanto á maneira de representar, notámos com gosto na debutante um desembaraço natural com nobreza de gestos, sem a menor affectação de movimentos, e com maneira de boa educação social. Em toda a peça, pelo modo de se exprimir e colorido das inflexões, nos revelou que intendêra e *sentia* o seu papel: particularmente na scena com seu pai no 3.º acto, dialogo interessante, cortado por ella de monosyllabos e phrases, que a debutante expressou sempre convenientemente, apezar da difficuldade da sua boa execução, Mas teve a voz constantemente afinada no mesmo tom, do que resultou monotonia de diapasão; e o accento foi quasi sempre lacrymoso e amuado, defeito ordinario de taes papeis no theatro dos 'Condes.'

N'este ponto de declamação muitos são os escolhos que a Sr.ª Velutte tem a evitar. Toda a companhia do nosso theatro nacional imita mais ou menos a declamação franceza, não só nas inflexões das últimas syllabas das palavras, mas mesmo no modo de cadenciar as phrases; no tom de recitar as grandes tiradas, e na explosão das interjeições. Depois, os êrros da pronuncia: quer seja accentuando mal as palavrrs, ou dizendo-as com lettras trocadas, e dissinencias barbaras; quer seja affectando explicar todas as syllabas uma por uma. Todas as linguas modificam mais ou menos na pronuncia a maneira de escrever os vocabulos; em portuguez escreve-se por exemplo 'opinião' mas ninguem diz o, pi, ni, ão, soa openião com — e — mudo: do mesmo modo pronunciar *solicitação* apoiando a voz em cada uma das syllabas seria tão ridiculo como pronunciar *constitucionalissimamente* sem escorregar rapido por alguma d'ellas.

E' tambem necessaria outra qualidade a um bom artista, que ja d'aqui recommendâmos á Sr.ª Velutte: a docilidade de acceitar a crítica civil e sensata. Quem despreza este genero de crítica dá o maior documento de inaptidão e ignorancia. O actor da scena não póde observar-se; e a crítica é tão necessaria á Arte como o alimento ao artista.

SALITRE.

AS ORPHANS DE ANTUERPIA — O GENIO MAU DA RICA MONTANHA VERMELHA.

'As Orphans d'Antuerpia' é um romance dialogado em cinco actos e seis quadros, demasiadamente longo e diffuso, a que, todavia, no seu genero, não falta interesse.

As Sr.ªs Costa e Josephina teriam desimpenhado bem os seus papeis se o seu tom de fallar, sempre lastimoso, lhes não désse certo ar de carpideiras, que destrue o bom effeito da melodia da sua voz. O Sr. Gusmão, merecendo alias elogios a outros respeitos, adoptou um tom constante de declamar que o faz mo-

notono quanto póde ser. O Sr. Assiz que tem realmente boas qualidades scenicas, vai contrahindo alguns modos affectados nos gestos e movimentos do rosto, e nem declama ja com a sua voz natural, que é bastante agradavel. Gostámos do Sr. Marques, principalmente no 1.º acto; e o Sr. Pereira teria tirado mais partido do seu papel se não fosse tão apressado no dizer e ajuntasse uma pouca mais de malicia aos seus ditos.

No estado ainda hoje muito pouco florescente do theatro entre nós, não póde ser considerada como demasia qualquer importancia que o escriptor publico procure dar-lhe: relevem-se-nos pois duas palavras tambem sôbre as representações mimicas que ora se dão no 'Salitre.'

O *clown* do 'Circo'; Mr. William, é o protagonista de uma acção mimica intitulada *O genio do mal da montanha vermelha*, que bem se conhece não ser dada no 'Salitre' com todas as circumstancias necessarias para o seu effeito logico e maravilhoso. O *genio do mal* limita-se a furtar uma noiva (e com effeito ja é bastante, mas não vai além do que homens tenham feito...) e a dar algumas bastonadas no seu pobre *sogro* em projecto — as bastonadas são accessorio indispensavel da muito popular figura do 'clown' inglez, que não é mais nem menos que o 'pulcinello' napolitano, o 'arlechim' de Bolonha, o 'hans-wurst' dos allemães, e o 'palhasso' francez. Em quanto a ser *vermelha* a montanha é um capricho do cartaz, que ficava bem sem elle, pois na scena não vemos porque assim se deva chamar.

Apezar de tudo a acção tem um pouco de agradavel, e a incontestavel habilidade do clown da-lhe certo relevo porque parece bem.

BIBLIOGRAPHIA.

LIVRARIA CLASSICA PORTUGUEZA. — *Excerptos de todos os principaes auctores portuguezes de boa nota, assim prosadores como poétas* — Por CASTILHOS (ANTONIO E JOSÉ.)

50 Muito ha que é geralmente sentida e confessada a necessidade de se retemperar a linguagem portuguesa. Alguns escriptores contemporaneos, obedecendo, mais ou menos, ao impulso dado por *Francisco Manuel do Nascimento*, teem ido continuando pouco a pouco sua obra de nacionalidade; mas, devemos confessal-o, o seu número é pequeno; e por tanto a sua influencia limitada; emquanto que as causas para o abastardamento contagioso e progressivo da nossa lingua são várias, energicas e porventura inextirpaveis.

Aconselhar, como remedio, que se não leia o francez, fôra barbaría e futilidade pueril tambem: o francez hade e deve continuar a ser lido; e pelo francez hade e deve continuar o portuguez a inriquecer-se para tractar as sciencias e as artes.

O remedio, que a razão e o instincto aconselham, é accrescentar ás outras licções a licção da lingua patria; depois de ler nos livros perigrinos e modernos de estudo, folhear nos antigos e conterraneos de recreação; ter aope da mesa que sustenta, o lavatorio que purifica.

Para a adopção e prática d'este systema racional, d'esta conciliação do antigo com o moderno, d'este meio honesto e moderado entre dois fanatismos egualmente repugnantes, duas difficuldades se oppõem a muitos ou quasi todos — raridade e carestia dos livros classicos portugueses — falta de tempo, de gôsto e até de paciencia para os ler pela sobejidão de coisas vans, dessaborosas e absurdas, em que muitos d'esses livros trazem afogadas as poucas paginas que ainda hoje se podem ler com curiosidade e reler com aproveitamento.

Ambas éstas irrefutaveis objecções vão desapparecer por si mesmas com a publicação da *Livraria Classica*.

Em pequenos tominhos de formato in-16, pelo preço modestissimo de 120 rs. cada um, incontrarão os curiosos, extractado e purificado o optimo, que só com muito custo e muita perda de muitos dias, mezes e annos, conseguiriam saear das collecções completas e carissimas dos escriptores vernaculos: é a differença que vai de receber em casa o oiro já em barras, a andar sondando, minando e desintranhando as serras que o sonegam. De cada auctor só se apurarão tantos voluminhos, quantos, com o seu incontestavel optimo, se possam preencher.

O primeiro auctor que intendemos apresentar e de que já trazemos fóra o primeiro e segundo volume, é o padre Manuel Bernardes. Em riqueza de linguagem, nenhum lhe tomaria a mão de preferencia.

Sahirão alternados os prosadores e os poetas, até que estes ultimos, cujo numero muito cede ao dos primeiros se achem terminados.

No fim dos extractos de cada auctor irá (podendo ser) o seu retrato gravado, uma notícia da sua vida e um breve juizo das suas obras, sôbre tudo no tocante ao estylo e linguagem.

De seis em seis dias se distribuirá um volume. A edição não é nitida, mas so decente: o luxo haveria tornado impossivel a barateza, que n'este caso se julgou clausula primaria e indispensavel.

Nada mais diremos para recommendação da *Livraria Classica*, e poderiamos dizer infinito sem quebra na humildade, nem receio de que nos taxasse alguem de vangloriosos, pois se não tracta de escripto nosso, porém de obras selectas, entre outras que grangearam a seus auctores esse honroso titulo de mestres, que se lhes tem vindo confirmando de edade em edade, e que os vindoiros não hão de por certo rescindir.

Castilhos (Antonio e José.)

Assignaturas das provincias, e correspondencia, *franca de porte*, ao editor, *Antonio Pedro da Costa*, rua do Abarracamento de Peniche n.º 43.

Tomam-se as assignaturas:

Em Lisboa, rua do Abarracamento de Peniche n.º 43, e loja da viuva de João Henriques, rua Augusta n.º 1.

No Porto, em casa do Sr. José Joaquim Rodrigues dos Sanctos.

Em Coimbra, na loja da imprensa da Universidade

Em Braga, em casa do Sr. Luiz do Amaral Ferreira.

Em todos os sobreditos logares podem ser intregues os competentes exemplares aos assignantes, sem

mais alguma despeza do que o pagamento do respectivo volume; não se vendendo porém volumes isolados.

Publicou-se o 5.° v.

OSMIA — *Conto-Historico-Lusitano*, em quatro cantos. — Seguido de outras poezias. — Por *José Osorio de Castro Cabral d'Albuquerque*. — Um volume em 8.° — por 300 réis, por assignatura. — Subscreve-se, em Lisboa, na loja da viuva Henriques, e nas mais do costume.

NOÇÕES ELEMENTARES DE ONTOLOGIA, PSYCHOLOGIA RACIONAL E THEODICEA, ou a Metaphysica de Genuense reformada, por *M. Pinheiro de A. e A.* professor de Philosophia e secretario do Lyceu N. de Braga: 170 pag. em 8.° francez. 1845. — Vende-se em Lisboa na loja da Viuva Henriques, rua Augusta n.° 1: no Porto, nas de Moré, passeio dos Loyos, e Coutinho, rua dos Caldeireiros: em Coimbra na de José de Mesquita: em Braga, na do livreiro Basto, rua do Santo: e em Vizeu na de Loureiro, rua do Relogio. — Preço 600 réis.

A ésta Redacção foi remettido um exemplar d'esta obra de que fallaremos em tempo.

SYNOPSE HISTORICA E GENEALOGICA DA NOBREZA PORTUGUEZA. Vai publicar-se em cadernetas de cinco folhas, 4.° grande. Cada dôze formarão um volume. — Assigna-se na Imprensa Nacional, 300 réis cada caderneta. — Deve conter um summario historico da origem, sólar e progressos de cada familia; com um titulo genealogico, e um ou mais documentos de grande importancia. O primeiro volume terá uma introducção, e a obra tractará de todas as familias, mesmo d'aquellas que hoje não tem varonía.

OS MYSTERIOS DE PARIS. — *Romance composto em francez por Eugène Sue, vertido em linguagem. — Tomo 1.° — Porto: typographia da Revista — 1843. — Tomo 2.° — Ibid. — 1844. — Tomo 3.° — Ibid. — 1844. — Tomo 4.° — Ibid. — 1845. — 8.° francez.*

É ja avultado o número de traducções portuguezas bem reputadas, com que n'estes ultimos tempos se tem inriquecido a patria litteratura. N'este genero lograrão os vindouros mais opulento patrimonio que o que herdámos de nossos antepassados, e aos nomes de Manuel de Sousa, Duarte Ribeiro de Macedo, Antonio Pereira de Figueiredo, Antonio Ribeiro dos Santos, etc., poderão associar os de outros muitos varões illustres, que em meio das trevas em que se involvem tantas composições bastardas, como por ahi correm diversamente alcunhadas, teem sempre conservado acceso o puro fogo vestal em honra da linguagem.

Por inglorioso e menospresado desdenha o commum dos homens o mister de traductor, e até Manuel de Faria e Sousa, tido em conta de critico extremado, se não pejou de escrver, que *traduzir mais era desejo de ser auctor do que ingenho para o ser.* Grave sem-razão é ésta, que não é tão desairoso o officio que n'elle se não hajam empregado os mais famosos genios da antiguidade, e ainda alguns insignissimos de nossos dias, reputando nobre e proveitosa occupação de suas pennas verter na patria lingua as obras primas dos escriptores extranhos; que é uma das muitas prerogativas dos ingenhos primorosos — quererem-nos todos em seu paiz como naturalizados por seus escriptos. Os de Eugène Sue são de tão reconhecido preço, que trasladál-os dignamente para o portuguez é ao presente o mais valioso serviço que entre nós se póde prestar á litteratura e á moral, tão desaforadamente inxovalhadas em um sem número de outros, acaso mais lidos e procurados.

Por duplicada razão é pois justo crédor de nosso reconhecimento o A. da bella traducção dos *Mysterios de Paris*, que, comquanto se haja publicado desvalida de um nome que a recommende (o nome ás vezes move mais do que a obra), o cabal desempenho das difficeis condições que em qualquer, para que seja boa, se requerem, a inculcam fructo de bem aparada penna, ja ha muito conhecida na republica das lettras.

O traductor, sem copiar supersticiosamente toque por toque o seu painel, conservou todavia com a possivel fidelidade todo o character e indole do texto. Observa-se a mesma gala, o mesmo ar e affectos, com que se exprime Eugène Sue, o que n'esta sorte de assumpto é não pequeno merito; que traduzindo-se em todas as linguas o estylo nobre e elevado — o ligeiro, singelo e gracioso, *é* ás vezes quasi intraduzivel.

De outro difficil empenho sahiu ainda airosamente o traductor: trasladou com muita propriedade essa linguagem barbara e mysteriosa, de que em seus colloquios abominaveis se servem os infames freguezes da *gerianta*.

Para tal versão não basta saber muito bem os idiomas francez e portuguez, conhecer a fundo a indole d'elles, seu cabedal e mutua correspondencia, e os modos particulares de cada um; é mister pôr de parte os diccionarios e as artes, abandonar a companhia das pessoas doutas e instruidas, e ir aprender esses termos ominosos, essas metaphoras impias e sanguinarias, entre a escoria da sociedade com algum desventurado professor de *giria*, que, ainda mal, não faltarão pelas cadêas insignes mestres de tão terrivel dialecto.

Alguns escriptores puristas porventura olharão com horror para os poucos neologismos que n'estes tomos se incontram, e quê acaso haverão de repetir-se no restante da obra. Esses homens, para quem sómente os AA. do seculo XVI fazem fé em materia de linguagem, não admittindo mais termos, phrases, e modos de dizer que os que elles usaram, devem advertir que os progressos da civilisação, e as novas idêas dimanadas d'ésta maior largueza de conhecimentos, exigem novos termos, novos modos na expressão; e passál-os convenientemente para a lingua em que ainda se desconhecem, é não só rigoroso dever de traductor, mas forçada necessidade.

Venham pois em boa hora os restantes volumes de traducção tão castigada, e constituirão para seu A. mais um brazão de gloria, que deverá juntar-se aos muitos que ja ennobrecem o seu nome.

R. de Gusmão.

ERRATA.
No n.° 3 — pag. 33, col. 1.ª lin. 19 e 24, onde está *Arnulfo* deve ser ARNALDO.

VARIEDADES.

MODAS.

51 A REVISTA não tem de modo nenhum pertenções a jornal de 'toucador' nem ainda de 'jardineira' para o *chit-chat* das nossas Bellas, nem para a *causerie* dos nossos elegantes: como pareceu porém que um jornal 'universal' deve trazer de tudo para chegar a todos, as modas occuparão tambem um *cantinho* (nem tanta guerra aos diminuitivos que os proscrevamos a eito e esmo) entre as 'Variedades' do nosso jornal. Se isso for julgado como um sacrificio feito ás senhoras, fazem-se-lhes tantos, ellas sabem tam bem merecel'os, que mais um não poderá ser extranhado...

Vimos tarde para fallar em *feitios* proprios da estação: as *fórmas* estão definitivamente adoptadas; fallaremos pois só das *fazendas* que a fecunda imaginação dos industriaes francezes está todos os dias mudando a capricho. Os *taffetás* estão muito em moda na capital do mundo elegante: não os taffetás antigos, estreitos, e de tecido inferior; mas largos, fortes, e de bonitos lavores, em todos os estylos. Os *pekins* de riscas atravessadas ou em quadro, e matizados: os *escocezes* raiados de côres ou de tecido mesclado: o *cordão-real*, que é uma fazenda de cordãozinho pintada de arabescos e variegada: são os estofos que se usam mais. As mantas de cazemira da India; os chailes de renda-preta e os de crépe-da-China bordados, e os manteletes de côr com franjas ou cadilhos; andam muito em voga. Usam-se tambem umas lindas *camalhas* de mangas a que chamam *visitas*. O cabello adiante contínua, invariavelmente, a trazer-se puxado atraz em pasta e cobrindo as orelhas. Os veus nos chapéus para o campo, e ainda para passeio, é ornamento indispensavel: cada senhora precisa ter pelo menos trez ou quatro veus para variar, aliás deixa de ser elegante.

Os semsaborões dos homens continuam com os seus trajos *arlechinicos*. Tanto as sobrecazacas como as cazacas e fracs, usam-se cada vez com bandas mais largas. Os coletes mais e mais compridos, e alguns já andam pelo comprimento das vestias dos nossos avós (não sei se era assim que lhes chamavam). Os chapeus usam-se baixos e d'abas estreitas. Veem-se este anno poucos chapeus de palha, e raros de pêllo branco. As calças são muito largas, sem pregas, e algumas com listas-bordadas pela perna abaixo.

Havemos de participar depressa qualquer innovação que houver. Temos duas vezes por semana noticias frescas de Paris a este respeito.

CORREIO EXTRANGEIRO.

52 Segundo as observações meteorologicas feitas na Belgica as chuvas da primavera augmentam todos os annos. A quantidade de agua cahida em maio do corrente anno excede o dôbro da que choveu em maio de 1842: nos annos de 1843 e 1844 augmentou sempre n'esta razão.

Uma innovação elegante foi recebida em París com o maior enthusiasmo: são os passeios venezianos de noite pelo Sena em barcos de vapor; mais de 2:000 pessoas gozaram d'esta bella distracção, e a 'Companhia dos Vapores' para satisfazer aos desejos públicos mandou organizar um novo barco de grandes dimensões, com illuminação de côres, salões ornados de luzes e flores, musica perfeitamente escolhida, neve e refrescos, etc. O passeio faz-se todos os dias das 8 ás 10 horas da noite, e custa apenas 2 francos.

Os passeios dos nossos vapores distam bastante d'isto; fazem-se pela hora de maior calor, teem menos atractivos e custam mais caros. Nós proporiamos uma d'estas viagens para ensaio, pelo sul do Tejo, de Cacilhas para cima, nos dias mais calmosos, n'essas noites aprazíveis em que nos fecham os 'passeios', e nos deixam apenas a 'Lage' para gozar a suave briza do rio, mas quasi sempre acompanhada do ingrato cheiro de maresia.

Não ha nada de mais louvavel e characteristico do que as sociedades que se formam na Allemanha com o fim de moral pública. Em se tractando de extreminar algum preconceito forma-se logo uma sociedade cujos membros se obrigam a affrontar com todas as suas forças o êrro que se deseja dessipar. Existem em Berlim, como em quasi toda a parte, diversos modos de conducção de interros, um d'elles chamado 'o da carroça' é tido como deshonroso. Acaba-se porém de formar uma sociedade que se denominou mesmo da 'carroça' cujos membros se obrigaram a serem conduzidos á sepultura por este modo que o prejuizo classificou de deshonroso. Grande número de pessoas ricas se teem inscripto n'esta sociedade singular.

Depois da última exposição da indústria em Berlim houve na Prussia um grande movimento a favor da classe laboriosa. O proprio rei se pôs á frente d'este movimento. Creou-se uma commissão central em Berlim, e muitas outras pelo reino. Éstas commissões porém não poderam chegar a constituir-se porque uns queriam reformas muito mesquinhas, outros eram de opinião de um communismo exaltado. Mas o govêrno pensa em dar a este impulso uma direcção cordata e prudente. As commissões locaes ficarão submettidas á commissão central, e ésta debaixo da vigilancia de um commissario-real. A primeira coisa que se fará é propagar as caixas-economicas, e de soccorros, etc.

Quasi ao mesmo tempo se fez este anno a exposição da indústria na Prussia, Austria e Hispanha. A todos estes pontos mandou o govêrno francez commissarios para fazerem relatorio sôbre este importante objecto. O célebre economista Blanqui foi destinado a Madrid.

O resultado do commercio hispanhol em 1843 foi o seguinte:

Importação .... 247,599,821 reales v.
Exportação .... 203,133,966 »

Os artigos mais principaes de importação foram: ferro, de todas as maneiras; bacalhau; linho; carvão-de-pedra; cobre em bruto e lavrado; coiros; madeiras; tecidos de lan e linho; cristaes.

Os artigos mais principaes da exportação foram: azeite; alcool; açafrão; açucar; cafe; esparto; gado vaccum; prata-cunhada; laranja e limão; chumbo em

barra; tabaco em folha: sal; seda em rama; uvas; vinho.

O maior commercio fez-se com a Prussia.

Apparece agora em França uma cançoneta inedita de Rossini dedicada a Carême, cozinheiro muito conhecido de Rothschild. É curioso o motivo que deu origem a ésta original dedicatoria. Rossini ia muitas vezes jantar a casa de Rothschild, mas antes de intrar para as sallas costumava passar pela cozinha a informar-se da saude de Carême, que não deixava nunca de prevenil'o do *prato* que elle tinha por mais digno do immortal maestro. Carême era verdadeiramente amigo de Rossini. Quando este resolveu fixar a sua residencia em Bolonha Carême teve um pezar sincero; perdia um amigo e um admirador apaixonado da sua habilidade culinaria.

Tempo depois, durante as crises politicas em que a casa de Rothschild mandava correios a todas as partes da Europa, Carême aproveitou a occasião para mandar a Bolonha, um excellente 'timbale-de-caça,' coisa de que o celebre auctor de 'Guilherme Tell' muito gostava. Por fóra da caixa que guardava o primor d'obra gastronomico lia-se ésta simples inscripção: *Carême a Rossini.*

O célebre Compositor penetrado de reconhecimento por ésta lembrança singular, improvisou uma cançoneta italiana expressamente dedicada ao seu amigo. Quando voltou o correio entregou ésta musica de tão curiosa origem a Carême. No alto do papel lia-se escripto pelo maestro: *Rossini a Carême.*

Começam-se a recolher os elementos para avaliar devidamente a importancia do commercio europeu com a China. Lord Aberdeen annunciou ao parlamento que em 1844, e só no porto de Cantão, foram introduzidas mais de 15,000 contos de mercadorias inglezas. A importação dos productos chinezes nos mercados d'Inglaterra chega a uma somma igualmente elevada. Se contarmos tambem com os outros quatro portos abertos ao commercio extrangeiro, em consequencia do tractado celebrado entre a Gran'Bretanha e o Celestial-imperio, será permittido dizer que um futuro magnífico de immensa prosperidade começa agora para a industria ingleza. E não haverá entre nós um negociante forte, uma Companhia, que tente tambem a exploração d'esta rica mina, tendo nós mesmo junto a ella territorio nosso?

CORREIO NACIONAL.

---

53 Uma Companhia ingleza que se denomina 'Peninsular e Oriental' tem estabelecido uma carreira de vapores de Lisboa a Hong-Kong (China). A primeira viagem deverá começar de 21 a 23 do corrente da maneira seguinte: de Lisboa a Gibraltar, a Malta, a Alexandria, ao Cairo, a Suez, a Ceylão, a Calcutta, a Penang, a Singapor, e a Hong-Kong. Calcula-se que esta extensissima viagem não excederá a quarenta e cinco dias.

Um exemplo mui digno de louvor e de imitar-se acaba de ser dado pelo Sr. Marquez de Ficalho, que não só se prestou gratuitamente a uma importante expropriação de arvores e terreno, para construcção da estrada de Serpa a Mertola; mas ainda concedeu mais a transferencia para a estrada de uma vertente de agua que estava distante, e offereceu cem carradas de pedra para se fazer o aqueducto e o tanque. Outros tres proprietarios: os Sr.ˢ J. J. Palma Zarco, A. B. Cortez Lobão, e B. Bravo de Nogueira, acompanharam o Sr. Marquez na concessão gratuita do terreno expropriado.

No dia 19 d'agosto hão de ser arrematados varios bens-nacionaes nos districtos de Portalegre, Vizeu, Villa-real e Santarem: no dia 20 (pela 2.ª vez) em Villa-real: no dia 21, em Lisboa, Portalegre, Porto e Santarem: no dia 22, em Santarem, Vizeu, Beja, Aveiro e Faro: no dia 25, em Lisboa, Santarem, Vizeu e Villa-real: no dia 26, em Santarem, Vianna, Porto, Leiria, Bragança e Evora: no dia 28, em Lisboa: no dia 29, em Portalegre e Vizeu: no dia 1 de setembro, em Villa-real, Santarem, Coimbra e Portalegre.

As estradas ora em construcção na provincia do Minho occupam 3,000 operarios.

A 'Companhia Confiança Nacional' repartiu o dividendo do 1.º semestre do corrente anno, a razão de dois por cento do valor nominal das suas acções.

O Monte-pio 'União' publicou as contas da sua gerencia no anno de 1844. Foi a receita de 1:185$300 réis, e a despeza de 930$715 réis. Entraram 199 socios, e ficaram existindo para o seguinte anno, 702.

Ensaia-se no Theatro da rua-dos-Condes: 'O Tributo das cem donzellas,' drama de grande espectaculo, e para que se fazem grandes preparativos.

No mez de junho exportou-se pela barra do Porto 3,360 pipas de vinho.

Uma subscripção promovida na Bahia a favor do hospital da villa da Figueira-da-Foz produziu 480$000 réis-fortes.

Ouvimos que a 'Companhia das Obras-publicas' vai fazer construir uma *penitenciaria* na Cordoaria, á Junqueira, onde effectivamente ja existiu n'outro tempo uma *reclusão de adultos.*

A despeza do 'Asylo da mendicidade' no mez de junho foi de 1:358$148 réis, e a sua receita de 1:697$100 réis, além de alguns donativos em generos.

A 'corrida de toiros' de 22 de junho último a beneficio do 'Asylo da mendicidade' produziu liquido, a favor d'este estabelecimento, a somma de 311$105 réis, comprehendendo 46$500 réis do excedente de camarotes generosamente pagos por mais do seu preço.

Os últimos n.ᵒˢ da *Illustração* ingleza dão-nos noticia do debute da Rossi, e trazem o seu retrato, assim como a traducção do artigo que sôbre aquella artista se lê na nossa *Illustração* de 31 de maio último.

A Camara municipal do Porto publicou a sua Synopse e contas, relativas ao anno de 1843, e 1.º semestre de 1844. A receita foi de 150:939$851 reis, e a despeza de 134:781$828 reis.

CONHECIMENTOS UTEIS.

DA INDUSTRIA.

54 PORTUGAL é uma nação essencialmente agricula — bem se sabe isso, nem ella deve, nem póde mesmo ser outra coisa; mas isso não quer dizer que sacrifiquemos tudo á agricultura, que cruzemos os braços depois de amanharmos as terras, e que não tractemos da industria; que, se não póde ser para nós fonte de tamanha riqueza, póde todavia ser tambem fonte de riqueza. Bem talhada para nação agricula está a Allemanha, e o seu illustrado govêrno não obstante põe-se á frente do seu grande movimento industrial, anima-o, da-lhe força e protecção, e uma grande parte da Allemanha rivaliza na industria com a Inglaterra e a França.

A Belgica que tem menos territorio do que o nosso paiz e pouca mais gente, está igualmente á frente da industria européa como aquellas grandes nações Nós não fomos nunca, é verdade, um povo de fortes tendencias para o ramo industrial. E' certo que nos primeiros tempos da monarchia, apezar da porfiada guerra que tinhamos a sustentar contra os moiros, os nossos campos eram cuidadosamente cultivados, e exportavamos cereaes. Quasi pelo mesmo tempo as nossas embarcações iam aos mares do norte empregar-se na pescaria. Mais tarde, quando abrimos o caminho do Oriente, abastecemos a Europa dos preciosos generos d'aquella parte da terra, e dos productos de um mundo-novo. Então parecia que o commercio era a idêa dominante d'essas empresas gloriosas. O oiro de que os nossos galeões das duas Indias entravam carregados pela foz do Tejo, era primorosamente lavrado. Os mosteiros de Alcobaça e de Belem ja então eram monumentos que attestavam a habilidade dos nossos artifices no aprimorado trabalho da pedra. Tem-se gabado sempre os nossos brixes, as esteiras, a loiça de barro, os chapeus de Braga; os algodões riscados, e as manufacturas da fundição de Lisboa. Mas a verdade é que a árvore da industria nunca foi alimentada devéras no nosso solo, e por consequencia nunca poderam vingar fructos faltos de seiva. Depois do impulso dado pela administração do marquez de Pombal — ou por mal fundamentado ou por accintemente neutralisado, a que veem ajuntar-se os estragos da invasão franceza, ficámos como d'antes. A nossa indolencia começava a ser proverbial, e a incuria da nossa gente era realmente desanimadora.

Ainda hoje não somos o que podêmos e devemos ser. A industria entre nós começa agora apenas a debater-se contra a antiga indolencia e os preconceitos. A maior parte dos nossos industriaes ainda não comprehenderam bem os seus interesses, e quasi todos os nossos artifices estão limitados ainda ao movimento mechanico dos seus dedos, sem conceberem siquer a parte que o espirito póde ter na mais simples e grosseira das suas manufacturas. Admira-se o bem-obrado, a solidez, e o acabado de muitos dos productos da nossa industria, mas comquanto isso nos pése, nota-se-lhes a falta de bom-gôsto, a pouca elegancia, certa conveniencia que deveria tornal'os apreciaveis. Isto não póde proceder senão da falta de reflexão; senão porque o trabalho é todo machinal e jamais se applica á confecção d'elle um pouco de espirito. Os productos, por exemplo, das nossas fabricas de seda nada teem que invejar aos extrangeiros, mas veja-se a distribuição das côres, os *padrões*, como dizem, a fórma dos lavores... Pois quem faz o mais não faria o menos? Digo o *menos* porque na realidade o é. Um mestre de uma fabrica qualquer (não me importa a manufactura, estabeleço o facto) é ordinariamente um homem grosseiro; ás vezes nem ler sabe, e quando sabe é unicamente para o expediente da sua repartição: os seus companheiros e amigos são outros homens mal-educados como elle; as tavernas os seus *salões*, e quando muito as *hortas* o seu melhor recreio: e este homem póde ter uma habilidade prodigiosa no ramo da sua industria, mas digam-n'os que gôsto de applicação póde elle imaginar com costumes tam grosseiros: que espirito póde desinvolver quem assim tem as suas faculdades intellectuais imbotadas pelo mau habito de um viver estupido?

Depois veem os preconceitos, e direi mesmo a absurdidade de muitos dos nossos artifices, igualmente funestos á industria do paiz. Alguem viu talheres de cabo-de-marfim n'uma loja de cutileiro d'esta cidade. Quiz examinal-os e achou que em nada eram inferiores aos inglezes: depois de um elogio da manufactura apreçou-os disposto a compral'os; mas o preço d'elles em *primeira-mão* era superior aos inglezes quando revendidos por terceira ou quarta vez n'uma loja de ferragem, tendo pago transportes, fretes, e direitos!

Isto é nem mais nem menos do que apunhalar a nossa industria nascente. Hoje inceta-se o consummo de uma producção nacional: é bem recebida, multiplicam-se os consummidores; amanhan levanta o preço: no outro dia está cahida ou estacionaria. Pois se em vez de luctarem com a industria extrangeira querem logo vencel'a, inriquecer-se... E queixam-se ainda talvez de que os direitos protectores não são sufficientes? Mas não sabem que para se desinvolver a industria nacional não basta sobrecarregar de direitos os productos extrangeiros, que é mais que tudo necessario dar credito aos proprios, e que este credito só lhes póde ser grangeado pela qualidade e pela barateza? O essencial é fazer com que os consummidores achem razões de preferencia. Não temos nós um exemplo com o papel, e particularmente com o papel d'imprimir? Quem é que compra papel inglez commum havendo da 'Abelheira'? Não é elle mais gommoso, mas incorpado e mais barato? Vende-se todo quanto se fabrica, e mais se venderia se mais se fabricasse — E' outra circumstancia que tambem se póde ajuntar ás que referimos...

Felizmente porém no meio dos absurdos, é assim que quero chamar-lhe, mui levemente apontados, *como exemplo*, temos ja industriaes intelligentes que comprehendem os seus deveres e sabem discernir o que é conveniente aos seus interesses. Bastará apontar os Srs. Pinto Basto, Larcher, Collares, Damazio, Rodrigues, Salles etc. a quem o paiz deve grandissimos serviços que ja começam a produzir effeito. A animação do govêrno á industria deveria começar pela homenagem prestada aos grandes industriaes, ainda mais do que pela exageração de direitos d'Alfandega.

Ja temos tambem alguns estabelecimentos para instrucção de nossos inscientes artifices, devidos a um

ministro tão zeloso como intelligente, que no pouco tempo que esteve na administração dos negocios públicos não creou para esse fim menos de tres estabelecimentos: a 'Academia das Bellas-artes' com uma eschola nocturna para os artifices; o 'Conservatorio das Artes e Officios' e a 'Sociedade promotora da industria nacional.' Tive ja occasião de louvar o illustre ministro a que me refiro, e de fazer a este respeito algumas observações no artigo n.° 1786 do 2.° v. d'este jornal. É n'isto tambem que se precisa a intervenção animadôra do govêrno para que estes estabelecimentos, ou o fim d'elles, se não percam á mingua de protecção. Creio que os leitores leriam n'um dos últimos n.os da nossa Revista que um mestre serralheiro em França foi condecorado com a 'Legião d'honra' pelos seus bellos trabalhos metallurgicos. Este estimulo póde ser efficaz, e se em França se julgou necessario não me parece que entre nós deva ser desprezado. Temos dois artistas dramaticos condecorados para innobrecer a arte, porque não teremos um artifice tambem condecorado para estimular a industria?

Ha ainda outra circumstancia que é absolutamente preciso remover: quero fallar da pouca ou quasi nenhuma publicidade que os nossos artifices dão ás suas obras; e algumas teem havido importantes que passaram ignoradas da maior parte. Á mesma 'Exposição da industria' não concorre uma grande parte de nossos productos; alguns artifices dizem mesmo que não intendem para que aquillo serve (!). Lembro-me que n'esta última 'Exposição' a benemerita Direcção da 'Sociedade promotora' fez os maiores esforços para trazer á exhibição muitas manufacturas que nunca póde conseguir que apparecessem. Dois artigos nem menos publiquei eu n'esse tempo no 'Diario-do-Governo,' um a pedido da mesma Direcção, provocando os industriaes e artifices a concorrerem á 'Exposição' e uma grande parte d'elles desprezou esse chamamento!

Convem que se dê a maior publicidade aos productos da nossa industria, que se estimulem e animem os manufactores e os industriaes: que se lhes dê honra e louvor. A Revista ha de fazel'o a respeito de tudo quanto sôbre este objecto lhe for conhecido; mas é impossivel saber de tudo, e consequentemente sería conveniente para utilidade propria e do paiz, que se lhe communicasse qualquer coisa importante que acontecesse no ramo da industria: ou de manufactura nova entre nós ou aperfeiçoada, ou de machina introduzida ou inventada, ou de artifice distincto, ou emfim de empreza projectada ou creada.

Todas éstas reflexões me vieram a proposito de fallar, como vou fazer, na fábrica do Sr. Salles. D'outra vez serei mais explicito sôbre este assumpto.

O Sr. Romão da Siva Salles instado por seus amigos para formar uma 'Companhia fabril,' que podesse dar maior desinvolvimento a uma fábrica particular, que ja possuia em Torres-Novas, pondo em acção as muitas vantagens que aquelle magnifico local apresenta, adoptou finalmente a idêa, e quasi por incanto appareceu comeffeito formada uma Companhia com o capital de 200:000$000 réis. Foi nomeada uma direcção provisoria, e uma commissão de exame para conhecer da localidade, organização da fábrica e da Companhia etc. e está effectivamente formada um Empreza fabril que promette os mais lisongeiros resultados. As suas manufacturas são ja procuradas com ardor, não só para o reino mas tambem para o Ultramar; e são muito gabadas pela sua boa qualidade e solidez. A fábrica, segundo nos dizem, está excellentemente estabelecida, dando-lhe movimento uma força hydraulica que se avalia em 40 cavallos; devendo-se ao Sr. Fontana importantes serviços na collocação e arranjos de machinas e ingenhos etc. A isto accresce que o terreno dos arredores é dos melhores para a producção do linho, genero de summo valor, e de avultado lucro para o cultivador. Felizmente ésta sementeira, que ja no último anno produziu linho de cinco palmos, vai ser continuada em ponto grande, e poderá vir a ser uma nova riqueza nacional.

Estes exemplos é que nós quizeramos ver seguidos — para empresas similhantes é que estimariamos ver applicados uma parte dos capitaes que se empregam na agiotagem; porque d'estas emprezas é que hade vir a prosperidade pública, e o bem commum do paiz.

MODO DE PRATEAR MARFIM.

55 Pega-se n'uma peça de marfim que se deseje pratear e mette-se n'uma dissolução branda de nitrato de prata, deixando-a ahi ficar até que haja tomado uma côr amarello-escura. Tira-se depois, e mette-se n'um vaso com agua pura, pondo-se em logar onde dê o sol. Passado tres horas achar-se-ha o marfim de uma côr negra; esfrega-se bem com camurça fina, e apparecerá prateado.

ASSUCAR DA CANA DO MILHO.

56 Na Nova-Orleans fabrica-se assucar da cana do milho em ponto grande. Este assucar marca dez gráos no saccharometro de Beaume, e contém tres vezes tanta materia como o de bettarava e quasi tanta como o da cana do Brazil. Uma geira de milho produz mil cento e cincoenta arrateis de assucar.

NOVO-THERMOMETRO.

57 'A sociedade real de Londres' communicou-se uma nota de Mr. Mansfield Harrison sôbre um novo thermometro que escreve por si mesmo as suas indicações. Este instrumento compõe-se de duas barras parallelas, uma de ferro outra de cobre, reunidas ambas na sua extremidade inferior, marcando ellas mesmas a sua differença de dilatação pela influencia do calor, com o auxilio de uma serie de pequenas alavancas terminadas por um pincel, que descreve todos os movimentos n'um papel enrolado á roda de um cylindro, que é movido por uma pendula.

HEMOPTYSICA (SANGUE PELA BOCCA).

58 A revista é completamente leiga sôbre o valor das indicações medicas, no emtanto achámos o seguinte meio pathologico n'um jornal de medicina francez, que é tam extremamente simples e a respeito de uma infermidade tam commum entre nós, que pensámos sería talvez util dar conhecimento d'elle; sem todavia aconselhar-mos a sua experiencia a ninguem sem previa consulta do facultativo. É o seguinte:

O Dr. Schvoeder faz deitar 4 grammos de folhas de 'belladona,' sêccas e cortadas em bocadinhos miudos, em cima de brazas bem vivas, e recommenda aos hemoptoicos que sorvam o vapor que se desinvolve. A hemorragia pára immediatamente. O doente não

sente o menor incommodo; ao contrario, alguns dizem experimentar no peito um alivio consolador.

E' para notar que nem o vapor da decocção saturada da belladona, nem a applicação interna do seu extracto, são da menor utilidade para a hemoptysica: ja ha muito porém que para a toce spasmodica, e para a asthma, se mandava fumar folhas de belladona; e alguns medicos a aconselhavam tambem contra a hematemese (vomitos de sangue) para diminuir a irritabilidade do estomago.

ESTRADAS.

59 No '*DIARIO*' de 19 do corrente le-se uma portaria em que o govêrno propõe á 'Companhia das Obras publicas' o melhoramento das estradas que conduzem de Colares a Cintra, e do Cacem a Paço-d'Arcos. A primeira d'estas estradas está n'um estado pessimo e vergonhoso. Como se sabe, Cintra é a terra mais vizitada do nosso paiz por nacionaes e extranhos, e toda a gente que vai a Cintra vai tambem a Colares; é um dos mais lindos passeios d'aquelle agradavel sitio, rescendendo a fructa e flores, bordado de quintas e de uma vegetação aprazivel — estrada de transito e de commercio, que devia ser não menos cuidadosamente melhorada do que a de Lisboa a Cintra; mesmo fazendo alguns terraplenos que nos parecem pouco custosos e que se precisam. A outra do Cacem a Paço d'Arcos, obra do marquez de Pombal e que vai sahir a Pero-pinheiro, era muito conveniente que fosse reparada até esse sitio: é uma estrada de bastante commercio; mas os almocreves são obrigados a procurar os escabrosos atalhos da serra por lhes ser quasi impossivel o transito pela estrada. Ambas são de facil reparo, e podem ser com pouco custo macdamizadas sem charlatanismo, havendo cuidado de replantar as árvores que se precizem, e fazendo outros melhoramentos, sem grande despeza: a última principalmente foi bem construida, tem cortinas nos logares necessarios, boeiros para esgotamento das aguas etc.

Em additamento a ésta feliz disposição, parece-me util aproveitar o ensejo para lembrar tambem o reparo da *estrada* que conduz de Bellas á Ericeira, que não é menos importante que as outras duas, senão é mais. É estrada-real antiga que está no peior estado, e sôbre a qual nos informam que a Camara de Bellas tem ja representado em nome dos povos d'aquelles sitios, que se promptificam a contribuir para as despezas do seu concerto, até com sacrificio. Os povos por onde ésta estrada passa são numerosos, e os que fornecem Lisboa da maior parte dos ovos, galinhas, queijos, caça viva e morta, e toda a qualidade de fructas, que aqui se consommem. A estrada vai de Bellas á Idanha, á Venda-sêcca, a Meleças, ao Algueirão onde se ajunta com a de Paço-d'Arcos ao Cacem, e continúa depois, outra vez separada, a Villa-verde, Terrugem, S. João-das-Lampas etc. até á Ericeira. Basta ler-se isto para se conhecer a sua importancia por que todos estes povos são commerciantes que andam continuamente trazendo e levando da cidade, de maneira que é um nunca interrompido transito todo o anno; quando o transito e commercio das duas em que primeiro fallámos é so em certas quadras. Ora, ésta pobre gente que faz quasi todo o seu commercio em jumentos, acontece muitas vezes no inverno perderem as suas cargas, além dos prejuizos pelos incommodos que soffrem em consequencia do pessimo estado de uma estrada de tamanha concorrencia, ficando-lhes as bestas interradas nos *olheirões* produzidos pelas chuvas, que a tornam intransitavel de dia para dia. E ésta gente que paga e repaga direitos dos seus generos e commercio, uma parte dos quaes se lhes diz applicada para os caminhos, acha n'esses mesmos caminhos o maior estorvo á sua industria!

Seria pois muito para desejar que attendendo ás representações da Camara de Bellas, o govêrno fizesse comprehender a estrada da Ericeira na providencia de que acima tractei.

MACHINA PARA APISOAR OS PANNOS E OS ESTOFOS POR M. MALTEAU DE ELBNUF.

60 O auctor tirou um privilegio de invenção para um systema de orgãos e agentes que, applicados ás machinas de apisoar, lhes dão a vantagem de evitar que os pannos formem dobras ou se amarrotem, e que demais lhes permittem tambem servir para lavar toda a especie de tecidos, com ou sem auxilio do vapor e dos acidos e alkalis.

M. Malteau começa por fazer observar, que nas machinas ordinarias de apisoar, o panno dobrado e tornado a dobrar, formando uma especie de cordas, tem necessidade de ser manuzjado grande número de vezes durante o seguimento do trabalho; que ésta operação obriga a fazer parar as machinas, e que por consequencia traz comsigo perda de tempo e de mão d'obra.

Propõe portanto que se ponham nas machinas ordinarias ou moinhos de apisoar, cylindros cuja circumferencia seja cortada em espiraes. Pelo mais, o sentido da rotação e do passo d'éstas espiraes escolhe-se de maneira que o panno, durante a sua passagem, tenda a abrir-se e a desinvolver-se, e por conseguinte a receber uma especie de transposição mechanica.

O auctor reclama este principio, e para o segurar, descreve os diversos meios pelos quaes julga que se póde realisar.

M. Malteau faz depois observar que até hoje os inventores de machinas de apisoar por movimento de rotação, tiveram somente em mira o apisoamento dos estofos, e não as applicaram á lavagem dos outros tecidos cujas prégas não teriam deixado de ficar visiveis. Accrescenta que o principio pelo qual tira privilegio, deve obviar a este inconveniente, e propõe o emprêgo d'éstas machinas para o branqueamento, tendo cuidado, bem intendido, de modificar convenientemente as suas disposições, pêso, e alcance da sua fôrça.

CORTIÇA EM PÓ.

61 NA Inglaterra teem-se feito experiencias sôbre as qualidades fluctuantes da cortiça reduzida a pó. Um colchão cheio d'esta materia, e que pése só vinte e cinco arrateis, não póde ser submergido pelo pêso de sette homens. Os colchões, travesseiros e almofadinhas, feitos com pó de cortiça são tão elasticos e tão brandos como os que se fazem da clina mais escolhida, e teem a vantagem de não endurecerem nunca.

IMPRENSA ANASTATICA.

62 Como os leitores ja sabem, a imprensa anastatica, ou *reproductora*, é um methodo ingenhoso de ex-

trahir fac-similes de todos os impressos e gravuras, inventado por Balderany, de Berlim. Este methodo consiste em sujeitar o original á acção de certos agentes chimicos e apertal-o depois entre laminas metalicas; o que produz um fac-simile ás avessas; mas uma segunda operação sôbre este dá o resultado que se deseja.

Mr. Farday communica ao 'Instituto-real de Londres' um trabalho a respeito d'este descobrimento, e pela maneira que elle o propõe o número dos fac-similes que podem ser obtidos por meio da imprensa anastatica é indefinido. N'essa occasião mesma explicou elle a theoria e prática de toda a operação. Procuraremos explical-a tambem com simplicidade aos leitores da REVISTA.

A theoria funda-se n'algumas propriedades ja conhecidas das materias de que se usa. Assim, a agua attrahe a agua, e o oleo attrahe o oleo; mas éstas substancias exercem acção repulsiva quando se encontram. Os metaes ensopam-se mais facilmente com oleo do que com agua, e mais promptamente ainda com uma solução fraca de gomma; mas o acido phosphatico augmenta muito a propriedade da agua para este fim. Uma porção de tinta da lettra dos impressos, ou da gravura, quando fresca, póde ser com facilidade transportada por meio da pressão para qualquer superficie lisa.

Isto posto, para o processo anastatico começa-se por humedecer o impresso ou gravura com acido nitrico enfraquecido, depois aperta-se fortemente com um rôlo contra uma lamina de zinco muito polida. O acido de que as partes do papel sem lettras estão saturadas ataca o metal, e as partes impressas são transportadas ao mesmo tempo, de sorte que a lamina de zinco apresenta uma cópia ás avessas do objecto em processo. Faz-se uma solução de gomma em acido phosphatico enfranquecido, e molha-se com ella a lamina de zinco. Este liquido é absorvido pela parte metalica previamente atacada pelo acido nitrico, e repellido pelo oleo da tinta das lettras ou gravuras marcadas no zinco. Porcima d'esta lamina passa-se um rôlo de coiro molhado em tinta, a qual não pega senão nos logares ja marcados pela tinta das lettras ou gravuras. Depois d'isto a impressão faz-se do mesmo modo que no processo lithographico.

Ora, quando os exemplares que se querem reproduzir são antigos, e que por consequencia os characteres não largariam a tinta, opera-se d'este modo: Molha-se o original com uma solução, primeiro de potassa, depois de acido tartrico. Passa-se o rôlo mesmo por cima do papel, que assim preparado não deixa pegar à tinta d'elle senão nos characteres impressos. Lava-se depois o tartrato, e começa-se a operação como acima.

No mèsmo 'Instituto' em quanto se lia a 'Memoria' de Mr. Farday, se fazia ao mesmo tempo a experiencia n'um prelo lithographico n'uma folha com gravuras em madeira; e o resultado foi satisfatorio. Creio tambem que disse quanto era necessario para se podèr fazer um ensaio n'alguma das nossas officinas-lithographicas, porque o invento deve ser rendoso, e valeria a pena de um 'privilegio'

CAMINHOS DE FERRO ATMOSPHERICOS.

63 Como os leitores sabem, discute-se hoje em toda a parte qual systema de caminhos de ferro deve ser preferido; se o ordinario, se o da invenção de Clegg, vulgo 'atmospherico.' Ha em Inglaterra carris de ferro estabelecidos por este methodo, e fizeram-se outros tambem para ensaio na França e na Allemanha. Na França particularmente é este objecto agora discutido com todo o interesse; mas o 'Instituto dos ingenheiros-civis' de Londres, que se occupou d'esta mesma interessante questão durante todo o mez d'abril último, concluiu emfim dando preferencia aos carris de ferro com as locomotivas ordinarias.

Pareceu-me que ésta conclusão poderia interessarnos por se tractar de estabelecer entre nós este genero de viação.

PARTE LITTERÁRIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO V.

Chega o A. ao pinhal da Azambuja, e não o acha. Trabalha-se por explicar este phenomeno pasmoso. Bello rasgo de stylo romantico. — Receita para fazer litteratura original com pouco trabalho. — Transição classica: — Orpheu e o bosque do Ménalo. Desce o A. d'estas grandes e sublimes considerações para as realidades materiaes da vida: é desamparado pela hospitaleira traquitana e tem de cavalgar na triste mulla de arrieiro. — Admiravel choito do animal. Memorias do marquez do F. que adorava o choito.

64 ESTE é que é o pinhal da Azambuja? Não póde ser.

Ésta, aquella antiga selva, temida quasi religiosamente como um bosque druidico! E eu que, em pequeno, nunca ouvia contar historia de Pedro de Mallas-artes, que logo, em imaginação, lhe não pozesse a scena aqui perto!... Eu que esperava topar a cada passo com a cova do capitão Roldão e da dama Leonarda!... Oh! que ainda me faltava perder mais ésta illusão...

Por quantas maldições e infernis adornam o estylo d'um verdadeiro escriptor romantico, digam-me, digam-me: onde estão os arvoredos fechados, os sitios medonhos d'esta espessura. Pois isto é possivel, pois o pinhal da Azambuja é isto?... Eu que os trazia promptos e *recortados* para os collocar aqui todos os amaveis salteadores de Schiller, e os elegantes facinorosos do *Auberge-des-Adrets*, eu heide perder os meus chefes-d'obra! Que é perdêl-os isto — não ter onde os pôr!..

Sim, leitor benevolo, que por ésta occasião te vou explicar como nós hoje em dia fazemos a nosso litteratura. Ja me não importa guardar segredo; depois d'esta desgraça, não me importa ja nada. Saberás pois, ó leitor, como nós outros fazemos o que te fazemos ler.

Tracta-se de um romance, de um drama —

cuidas que vamos estudar a historia, a natureza, os monumentos, as pinturas, os sepulchros, os edificios, as memorias da epocha? Não seja pateta, sr. leitor, nem cuide que nós o somos. Desenhar characteres e situações do *vivo* da natureza colloril-os das côres verdadeiras da historia... isso é trabalho difficil, longo, delicado, exige um estudo, um talento, e sôbre tudo um tacto!... Não Senhor: a coisa faz-se muito mais facilmente. Eu lhe explico.

Todo o drama e todo o romance precisa de:

Uma ou duas damas,

Um pai,

Dois ou tres filhos, de dezanove a trinta annos,

Um criado velho,

Um monstro, incarregado de fazer as maldades,

Varios tractantes, e algumas pessoas capazes para intermedios.

Ora bem; vai-se aos figurinos francezes de Dumas, de Eug. Sue, de Victor-Hugo, e *recorta* a gente, de cada um d'elles, as figuras que precisa, gruda-os sôbre uma folha de papel da côr da moda, verde, pardo, azul — como fazem as raparigas inglezas aos seus albums e scrap-books; fórma com elles os grupos e situações que lhe parece; não importa que sejam mais ou menos disparatados. Depois vai-se ás chronicas tiram-se uns poucos de nomes e de palavrões velhos; com os nomes crysmam-se os figurões, com os palavrões *illuminam-se*... (stylo de pintor pinta-monos). — E aqui está como nós fazemos a nossa litteratura original.

E aqui está o precioso trabalho que eu agora perdi!

Isto não póde ser! Uns poucos de pinheiros raros e infezados atravez dos quaes se estão quasi vendo as vinhas e olivedos circumstantes!... E' o desapontamento mais chapado e solemne que nunca tive na minha vida — uma verdadeira logração em boa e antiga phrase portugueza.

E comtudo aqui é que devia ser, aqui é que é, geographica e topographicamente fallando, o bem conhecido e confrontado sitio do pinhal da Azambuja...

Passaria por aqui algum Orpheu que pelos magicos poderes da sua lyra, levasse atraz de si as árvores d'este antigo e classico Menalo dos salteadores lusitanos?

Eu não sou muito difficil em admittir prodigios quando não sei explicar os phenómenos por outro modo. O pinhal da Azambuja mudou-se. Qual, de entre tantos Orpheus que a gente por ahi vê e ouve, foi o que obrou a maravilha, isso é mais difficil de dizer. Elles são tantos, e cantam todos tão bem! Quem sabe? Juntar-se-hiam, fariam uma companhia por acções, e negociariam um emprestimo harmonico com que facilmente se obraria então o milagre. E' como hoje se faz tudo.........................

....

Mas aonde está elle então? faz favor de me dizer?

Sim senhor, digo: *está consolidado*........

....
....
....
....

O peior é que no meio d'estes campos, onde Troia fôra, no meio d'estas areias, onde se acoitavam d'antes os pallidos medos do pinhal da Azambuja, a minha querida e bemfazeja traquitana abandonou-me: fiquei como o bom *Xavier de Maistre* quando, a meia jornada do seu quarto, lhe perdeu a cadeira o equilibrio, e elle cahiu — ou hia caindo, ja me não lembro bem — estatellado no chão.

Ao chão estive eu para me atirar, como creança amuada, quando vi voltar para a Azambuja o nosso commodo vehiculo, e diante de mim a enfezada mulinha asneira que — ai de mim! — tinha de ser o meu transporte d'alli até Santarem.

Emfim o que hade ser, hade ser, e tem muita força. Consolado com este tam verdadeiro quanto *elegante* proverbio, levantei o ânimo á altura da situação e resolvi fazer próva de homem forte e supportador de trabalhos. Bifurquei-me resignadamente sobre o cilicio do esfarrapado albardão, tomei na esquerda as impermiaveis redeas de coiro cru, e lancei o animalejo ao seu mais largo trote, que era um confortavel e amenissimo choito, digno de fazer as delicias do meu respeitavel e excentrico amigo, o marquez do F.

Tinha a bossa, a paixão, a mania, a furia de choitar aquelle notavel fidalgo — o ultimo fidalgo homem de lettras que deu esta terra. Mas adorava o choito o nobre marquez. Conheci-o em Paris nos ultimos tempos da sua vida, ja octogenario ou perto d'isso: deixava a sua carruagem ingleza toda mollas e confortos para ir passear n'um certo cabriolet de praça que elle tinha marcado pelo sêcco e duro movimento vertical com que sacudia a gente. Obrigou-me um dia a experimental-o: era admiravel. Communicava-se

da velha borsa normanda aos varaes, e dos varaes á concha do carro, tam inteiro e tam sem diminuição, o choito do execravel Babiéca! Nunca vi coisa assim. O marquez achava-lhe propriedades toni-purgativas; eu classifiquei-o de violentissimo drástico.

Foi um dos homens mais extraordinarios e o portuguez mais notavel que tenho conhecido aquelle fidalgo.

Era feio como o peccado, elegante como um bugio, e as mulheres adoravam-n'o. Filho segundo, vivia de seus ordenados nas missões porque sempre andou, tractava-se grandiosamente, e legou valores consideraveis por sua morte. Imprimia uma obra sua, mandavá tirar um unico exemplar, guardava-o e desmanchava as fôrmas.... — Não acabo se começo a contar historias do marquez do F.

Fiquemos para o Cartaxo, que sam horas.

A. G.

(Continúa.)

O MEU BERÇO.

65 Da minha infancia ditosa
A breve quadra passou;
Breve foi, porém eterna
A saudade que deixou:

A saudade — que outra coisa
D'esse tempo não conservo;
Nem o berço... amava-o tanto...
Quebrou-m'o estupido servo!

Ja não existe o meu berço,
O berço que me embalou;
Penhor sagrado... nem esse
O tempo ao menos poupou!

Era da minha innocencia
O singelo monumento,
Doce asylo da minha alma
Nas horas do soffrimento.

Da curta aurora da vida
Era o espelho fiel,
Unico amigo d'outrora
No meu presente cruel.

Elle me viu pequenino
Dormindo somno innocente,
Somno feliz, que se dorme
N'aquella edade sómente!

Viu-me nos braços maternos
A sorrir-me prazenteiro;
Viu-me nas humildes faces
Correr-me o pranto primeiro:

Sentiu-me o debil peitinho
Brandamente respirar;
Ouviu-me os nomes primeiros
Que pude balbuciar.

Elle escutou a meu lado
Minha mãe, quando cantava,
Elle a viu quando sollicita
Á minha voz dispertava.

Recebeu-lhe o pranto amargo
Que ella dos olhos vertia
Se, interrogando o meu somno,
N'elle a doença previa.

Elle viu, foi testimunha
Do que gozei ou soffri;
Elle era o meu companheiro
Mas esse amigo perdi!

Perdi... roubou-me a desgraça
O berço que me embalou;
Da minha infancia ditosa
Só a saudade ficou!

Largo do Rato n.° 22 — 17 de julho — 1845.

A. Lima.

TOPOGRAPHIA PORTUGUEZA.

66 Começâmos hoje a publicação de uma 'Memoria' do Sr. A. Xavier Palmeirim, 'sôbre a topographia (1) portugueza' que bem nos pêsa não podêr inserir toda inteira de uma vez, porque nol'o veda o limitado espaço de que só podêmos dispôr.

A importancia dos trabalhos topographicos não respeita so a arte militar — por este lado mesmo são elles hoje mais interessantes do que eram, porque as fronteiras de uma nação ja se não defendem tanto pela multiplicidade de praças fortes como pelos recursos tirados de altas combinações de estrategia: mas os trabalhos topographicos são tambem necessarios á architectura civil, ao commercio — por motivo da construcção das estradas, cannaes, cursos dos rios etc., e ainda na economia domestica offerecem a facilidade de bem se conhecer e assignalar a demarcação dos terrenos, sua configuração, limites etc.

A topographia era ainda muito imperfeita na Europa por meiado do seculo XVIII, como bem nota o Sr. Xavier Palmeirim; e é certo que a mesma França antes de Cassini (Cesar) nada teve de consideração a este respeito. O illustre A. da 'Memoria' cita o 'regimento' de D. João IV na parte que se refere a cartas do reino e possessões; para provar que ja n'este tempo as havia entre nós. N'isto não póde haver dúvida, porque os leitores sabem tão bem como nós, entre outras, das cartas de várias partes da India e da Africa, principalmente costas, tiradas por portuguezes, e muitas das quaes a imprensa tem publicado. Além d'estas na riquissima Obra que se intitula 'Descriptio urbium totius orbis' (2) vem não so a vista de Lisboa, em referencia ao anno de 1500, (3) mas tambem a de Cascaes e outras, Goa, Diu, Damão, Cochim etc. com a descripção de cada uma d'ellas.

Sería curioso de indagar quaes e como eram es-

(1) Topographia vem de dois vocabulos gregos, *topos* — logar e *grapho* — descrevo.

(2) Um v. f. impresso pelo meiado do seculo XVI.

(3) Por signal que assevera ser Lisboa a cidade mais rica em aguas de toda a Europa.

nas cartas a que se reporta o 'regimento' de D. João IV. J. B. de Castro (4) diz-nos què no anno de 1650 se traçára nova fortificação de Lisboa em que trabalharam os ingenheiros Legart-francez, Gilot-hollandez, e o jesuita Cosmander-belga; e cuja emenda se quiz depois commetter ao nosso ingenheiro Manuel Mexia. E na 'Cosmographia' de Carvalho (Introducção) faz-se menção não so de um 'Atlas, de D. Antonio Alvarez da Cunha, mas de um padre João dos Reis, allemão, bom mathematico, e que delineára a 'topographia de Portugal.' A mais antiga carta de que a 'Memoria' faz menção é a de Hubert-Jaillot, 1716; mas não se falla na magnifica Obra 'La galerie àgreable du monde' (5) cujo primeiro tomo, dedicado a D. João V, comprehende Portugal e Hispanha, e traz os mappas de Lisboa, Gascaes, Evora, Belem, Estremoz, Elvas com a planta da fortificação e assim Olivença, Villa-nova, Arronches, Villa-viçosa, Ferreira, Setubal, Braga, Coimbra, além de muitas gravuras, vistas etc. Lembra-me tambem ter visto um mappa avulso da cidade de Lisboa antes do terramoto, que não é mencionado: e o 'Mappa de Portugal' cita as 'plantas antigas de Lisboa de Jorge Braunio, 1572, e Abrahão Ortelio.' (6)

A Obra que n'este ponto tenho visto mais importante é a 'Vera descriptio regni africani' impressa em Francfort em 1598, que é rara, mas possue a nossa Bibliotheca-pública um exemplar. Ésta interessante obra traz os mappas da costa do Congo e o interior do mesmo paiz com as cidades, rios, montanhas etc. no 1.° tom. e nos outros as da Asia e America, com uma immensa quantidade de boas gravuras e bons desenhos, admiraveis para o tempo, e nos mostram os costumes indigenas e os dos portuguezes n'aquellas regiões: os animaes dos diversos paizes, as coisas notaveis etc. Vi tambem uma vista de Lisboa, Cascaes e Belem, n'uma so carta, com uma descripção em latim, sem anno, mas que se póde attribuir ao tempo de D. Manuel, principalmente pela fórma dos navios que se veem ancorados no Tejo, um dos quaes tem no galhardete a esphera.

Tambem na collecção de memorias, relativas ás vidas dos pintores, esculptores, architectos e gravadores portuguezes, por Cyrillo Volkmar Machado, a pag. 194, se lê: «Por aquelles tempos (1756) foram tambem estimados como bons architectos: Manuel da Maya, que foi marechal-general, ingenheiro-mór do reino, e teve em 56 de dar a planta de Lisboa, de que incumbiu o tenente-coronel Carlos Mardel; e capitão Eugenio dos Santos, o capitão Elias Sebastião Poppe, Antonio Carlos, José Carlos da Silva etc.

Comtudo ainda que a 'Memoria' n'esta parte carecesse de maior desinvolvimento, é em todo o caso um trabalho importante, e o primeiro d'este genero entre nós, que eu saiba, que muito honra o Sr. Xavier Palmeirim, a quem as investigações e estudos sôbre tudo que respeita a coisas militares do nosso paiz, teem constituido uma capacidade especial muito distincta.

(4) Map. de Port. tom. 3. p. 5.ª

(5) Por Pedro Vander Aa, impressor da Universidade de Leide onde foi publicada: 66 v. f. encadernados em 35.

(6) Os mappas de Ortelio veem na Obra intitulada 'Theatrum orbis terrarum' de que ha umas poucas de edições, algumas com o titulo de: Thesaurus orbis terrarum.' Onde veem tambem os mappas dos Açores, de Luiz Teixeira.

—

MEMORIA SÔBRE TOPOGRAPHIA PORTUGUEZA.

Posto que nos últimos tempos se hajam escripto extênsos discursos sôbre a conveniencia e necessidade de profundamente estudar a topographia militar d'aquelles paizes em que as guerras se tornam mais provaveis, independentemente das considerações de utilidades civis, taes como a facilidade da statistica, a boa divisão do territorio etc.; todavia não se tem entre nós até hoje dado um plano, nem trabalhos systematicamente conduzidos, que nos hajam levado ao perfeito conhecimento do paiz: e os militares vivem privados de uma boa carta, sôbre que possam combinar ou projectar qualquer plano de guerra, bem como calcular e familiarizar-se com aquella a que porventura mais se presta o relevo do terreno portuguez.

Logo veremos que, nem á mingua d'intelligencia, nem á de meios, devemos similhante falta; porque em verdade, existindo boas obras de sitios distantes, facil teria sido obtel-as continuas, e de certa conformidade, se por acaso o ministerio da guerra as tivesse a priori ligado de certo nexo, e afeiçoado por conveniente e illustrada direcção.

Não cansaremos o leitor reproduzindo-lhe todas as opiniões diversamente expressas sôbre ésta materia pelos differentes auctores militares: mas indicaremos apenas algumas, ainda que resumidas reflexões, do *memorial topographico francez*, como as bastantes a despertar o gôsto e esmero que se devem pôr n'este ramo especial dos conhecimentos militares.

Do conhecimento e aperfeiçoamento da topographia, ninguem em verdade, póde e deve colher tantas vantajens como os militares. Arbitros dos combates, e chamados aos conselhos supremos em que se discutem as importantes considerações sôbre a defensa do paiz ou se traçam os planos de que dependem os destinos dos povos, e a sorte dos governos; que opiniões, que fundamentos poderão allegar sôbre objecto tam subido; que fiança dar a seus pareceres, se, como de um lançar d'olhos, lhes não fôr possivel abranger a zona terrestre em que mediante os rios, as montanhas, as estradas, as praças, os exercitos etc. assegurem a efficacia de seus alvitres quer offensivos, quer defensivos? Se perante si, não poderem reproduzir a qualquer momento a imagem fiel do terreno, unica de que brotam os conselhos mais luminosos e seguros: se emfim no proprio momento do combate, posto que conhecedores do terreno em que operam, pelo reconhecimento pessoal que hajam feito, nada tiverem á mão que lhes releve as relações d'esse mesmo terreno com o senhoreado pelo inimigo, ou do que, em parte distante, se possa tornar d'interesse para ambos os contendores?

Levados d'estas considerações, todos os officiaes instruidos, especialmente em occasião de guerra, buscam avidamente prover-se, e a qualquer preço, das cartas topographicas, ou pelo menos geographicas do theatro em que ésta se presume activa; e compram as que se lhe apresentam, como mais correctas e mais reformadas na execução; mas que repetidas vezes não passam de fraudes topographicos, arranjadas por especuladores, sem attenção á verdade, e cujos inexactos detalhes podem, não raras vezes, produzir sanguino-

lentos desastres e fataes illusões, se por má sina servirem de guia aos chefes das operações militares.

Entre nós, e apezar de que, pelo menos desde 1643 se particularize a necessidade das cartas para similhantes objectos, pouco se ha adiantado. O Sr. *D. João IV* no artigo 2.° do regimento do conselho de guerra; que por aquelles tempos fôra o supremo regulador das coisas militares, ordenou que nas paredes da casa das sessões *se pendurassem os mappas d'este reino, e os das provincias confinantes, bem como os das conquistas, com a maior distincção e clareza que fosse possivel.*

Mas, quaes foram estes, onde se arrecadaram depois, e com que trabalhos se inriqueceu posteriormente similhante collecção? Acreditâmos que nenhum; apezar de que ja desde 1560, *Alvaro Sêcco* tentára uma carta do reino, grosseira e grandemente defectiva, que depois vimos reduzida pelos celebres Samsão e Blaw; e no tempo de Filippe II um fulano *Teixeira* alcançou em nova tentativa melhor—aindaque tambem imperfeito rezultado. D'aquelles tempos, em que sabiamos apenas da oppressão hispanhola, e em que por tantos batalhámos, nada podiamos esperar: e mesmo, se o conde de *Schomberg* no Alemtejo, e o do *Prado* no Minho, souberam por aquella occasião tirar vantajem do terreno, o deveram por certo antes ao seu talento, e conhecimentos por alli individualmente adquiridos na assidua pratica das localidades e nas intermitencias da guerra, do que á existencia de quaesquer cartas. E não nos presumimos em êrro. E' a todos notorio que o primeiro d'aquelles generaes fôra companheiro e amigo do grande Turenna, e que na sua pessoa haviamos recebido um grande auxilio. Foi elle talvez o segundo extrangeiro por cuja influencia se regenerou a milicia: todavia no ramo cujo adiantamento e importancia indagâmos, nada, ou pouco nos melhoraria, porque na propria França, e ja entrado o seculo XVIII, veja-se o que Mr. *Audoin* nos diz na sua obra sôbre administração da guerra, e reportando-se a Mr. *Raynal*, ácerca do estado da topographia francesa Todavia n'aquelle tempo ainda se não ligava toda a importancia á utilidade das cartas. Sufficientes para os generaes de *Luiz* XV que entretinham Madame *de Pompadour* indicando-lhe com móscas sôbre uma carta desenrolada em cima do seu toucador a marcha seguida pelos exercitos—não bastavam para discutir um plano, e são até defectivas para a historia de similhante epocha.

Mas porquê a inducção não é na presente hypothese o mais seguro meio d'argumentar; porque emfim poderiamos talvez haver possuido n'este genero, uma primazia tal como a tinhamos disfructado na navegação de longo curso, quando em outras nações, hoje muito nossas sûperiores, se achava aquella arte ainda na infancia: apresentaremos alguns excerptos das notícias do Sr. *Stockler*, *Barão da Villa da Praia*, por elle dadas no seu 'Ensaio historico das mathematicas em Portugal' ácerca dos nossos conhecimentos por aquelles tempos possuidos. Descripta a languidez a que entre nós ficaram reduzidas as sciencias exactas posteriormente á perda do Sr. D. *Sebastião*, faz vêr como as sciencias militares de cuja cultura o mesmo estado de guerra, a que nos conduzíra a gloriosa acclamação do Sr. D. *João* IV, fazia sentir a necessidade, não podiam deixar de attrahir a attenção de um soberano que se via obrigado a sustentar pelas armas os seus direitos, e a nossa liberdade. Este digno monarcha com o justo, e prudentissimo intuito de desonerar-nos da *triste necessidade* de recorrermos em qualquer nova urgencia ao expediente sempre *arriscado*, e sempre *desairoso* de confiar a nossa defensa a chefes extrangeiros — cuja cooperação mercenaria é de sua natureza menos *efficaz*, e menos *sincera* do que a dos naturaes, e cuja fidelidade não é, como a d'estes, afiançada pela identidade dos interesses, nem animada pelos impulsos do patriotismo; estabeleceu na sua côrte uma eschola d'architectura militar. Dirigida pelo Sr. *Luiz Serrão Pimentel*, e mais tarde pelo erudito Sr. *Azevedo Fortes*, estimulou este á publicação pelos annos de 1728 ou 29 do seu *Ingenheiro Portuguez*, que nove annos antes fôra procedido de outra obra preliminar que tratou, entre outras coisas, do modo de *levantar plantas geographicas, e topographicas.* Depois do fallecimento d'este, a academia militar seguiu em completa decadencia; talvez porque o socego da paz fazia menos sensivel a necessidade dos conhecimentos da guerra, ou porque estes não eram devidamente apreciados em uma nação, cuja alta nobreza então preponderante olhava com caprixoso desdem para a profissão d'ingenheiro, e ainda mesmo para a d'artilheiro; considerando os officiaes das armas verdadeiramente scientificas pouco acima da condição dos officiaes mechanicos (1).

N'este abatimento caminhára ella a par do dos conhecimentos que lhe eram preparatorios, especialmente no ramo dos ingenheiros a quem mais caberia o levantamento das plantas. A simples geometria *d'Euclides*, a deficiente trignometria do padre *Campos*, e uma indigesta postila de fortificação, occupavam os discipulos por tantos annos quantos agradava ao caprixo do mestre demora-lo na sua imperfeitissima eschola; onde os livros *d'Azevedo Fortes e Pimentel* se davam apenas de premio aos discipulos mais adiantados, e a estes comtudo se não pedia conta do que n'elles estudavam. Se tão imperfeito eram estes meios d'estudar a sciencia ja se vê quanto bem fundados somos na supposição de uma quasi absoluta carencia de trabalhos topographicos entre nós, ja tambem entrado o seculo XVIII.

Foi por aquelles tempos que o marechal *Lipe* veio a Portugal, mas a pezar de seus profundos conhecimentos e actividade, e de nos legar boa cópia d'officiaes instruidos, nada alcançou de notavel a similhante respeito, que nos ficasse por modo permanente, regular e util. Comtudo os seus conselhos e determinações, nas memorias que andam annexas ao regulamento d'infanteria, e várias correspondencias com o govêrno: a regeneração dos estabelecimentos scientificos que ja então se havia operado no tempo do Sr. rei D. José: o concurso de homens taes como os Srs. *Brunélli*, *Ciera*, *Franzini*, *José Monteiro da Rocha*, e *José Anastacio da Cunha*, brotaram valiosos fructos no tempo

(1) Em nossos dias ja passou similhante preconceito porque na arma d'artilharia tem estudado e servido grandes personagens, taes como, por exemplo, os Srs. Condes de Redondo, de Resende etc., e no corpo d'ingenheiros se encontram distinctos cavalheiros; buscando acompanhar a aristocracia de pergaminhos de outra mais real e valiosa, qual a procedente da sciencia e de suas applicações prácticas na grande e erudita arte da guerra, em que seus maiores tantos serviços prestaram á patria.

do Sr.ª D. *Maria I*, em que se houve a peito o adiantamento da geographia, da hydrographia, e da topographia; aproveitando tambem n'isso bom número de officiaes instruidos, que ou ẽm virtude de bons partidos, ou dos sucessos da França, abraçaram o nosso serviço.

No tempo do conde de *Goltz*, antigo secretario de *Frederico II*, que commandou o nosso exercito ainda que por breve tempo, mas em que tambem aqui vieram o marquez de *la Rosière*, um dos officiaes mais distinctos do estado-maior do exercito real de França; o conde de *Viomenil*, o erudicto marquez de *Temay* etc., se fizeram muitos trabalhos, quasi todos devidos a extrangeiros; muitos dos quaes foram depois para o Brazil involtos com differentes papeis, d'onde caberia talvez reclama-los; e outros ficaram nas mãos de seus proprios auctores, como aconteceu com o marquez de *la Rosière*, devendo-se (quem sabe?) a esta circumstancia possuirem hoje os francezes trabalhos feitos, de que não existem noticias em o nosso proprio archivo.

Na carencia pois de cartas militares portuguezas, e de trabalhos topographicos (posto que não conheçâmos todos os d'esta natureza existentes em o nosso archivo militar; cuja riqueza aliás não suspeitâmos, fundados na opinião de pessoa que esteve ao alcance de o apreciar); intendemos fazer algum serviço, buscando noticiar as cartas que sabemos existentes não só do nosso *Portugal*, mas geraes de toda a *Peninsula*, tanto porque n'esta nos achâmos sempre abrangidos, como porque nos cumpre tambem indagar o terreno por onde podêmos ser molestados; não sendo raro que alguma vez o trilhemos como amigos, e em auxilio dos vizinhos, como ja gloriosamente nos aconteceu na guerra do *Roussillon*, na da *Peninsula*, e ultimamente na civil.

Por ésta fórma acharão talvez os nossos camaradas uma resumida informação do numero e da qualidade em que pódem escolher; o que difficilmente alcançariam nos momentos de urgente necessidade, ja porque os nossos livreiros ignoram as que teem de preferir, como porque raras vezes se incontram exemplares das melhores, e portanto se dá a precisão de as incommendar com espaçada antecedencia para os paizes extrangeiros, quando os curiosos e os necesitados d'ellas se pertendem munir.

Na exposição que fazemos, seguimos em geral as memorias de M. *Aleixo Bonnet* geographo empregado no *Depôt de la guerre* em França; mas ampliámos sobejamente as suas noticias, superando grande parte das difficuldades que o nosso paiz offerece em taes pesquizas. Todavia, como é muito possivel haver-nos escapado alguma das cartas que existem, posto que não das principaes, receberemos com docilidade, e mesmo agradecemos, quaesquer advertencias sobre nossas ommissões, folgando muito de que similhante noticia se amplie e corrija.

Mas antes de começarmos a descripção, diremos que o govêrno se tem moderna e louvavelmente empenhado em levar por diante os trabalhos geodesicos, ou primeira grande triangulação do reino, commettendo essa scientifica tarefa ao nosso habil astronomo, e lente de geodesia, o Sr. major Dr. Filippe Folque; que no verão passado fez segunda excursão para reconhecimento dos pontos convenientes para vertices de novos triangulos, e verificação dos trabalhos praticados pelo Sr. Dr. *Ciera* desde o anno de 1790; dos quaes publicou, auctorizado pelo govêrno, uma historia especial, a primeira parte da qual se acha no tomo 13.º da Academia-Real-das-Sciencias. D'ella se colhe que nós fomos dos ultimos em seguir os passos dos *Cassinis*, e dos outros illustres sabios; e se infere a certeza de virmos a possuir uma carta militar geometricamente levantada, em cuja confecção muito folgáramos de ver empregados os jovens officiaes do corpo do estado-maior, e de ingenheiros, que maiores disposições mostrassem; afim de se não ver embotar em commissões alheias da sciencia, as doutrinas que houvessem aprendido, e se não acharem em qualquer hypothese carecentes de prática. Da analyse feita pelo Sr. *Folque* se colhe para ja, que os trabalhos do Sr. *Ciera* se não podem ter por firmes; e que portanto ficam estremecidas todas as cartas (e são as até hoje melhores) que os houverem por fundamento.

Tambem diremos que o Sr. Coronel *Franzini* director do archivo militar concluiu uma carta geral do reino, na escala de $\frac{1}{400000}$, maior que a de *Lopez*, tomando por base todas as que se tem publicado com melhor criterio, e approveitando os trabalhos parciaes, e memorias descriptivas que existem até ao presente. Na ausencia de triangulações geraes de differentes ordens, e tendo tido de harmonizar as escálas sôbre que se tivessem praticado os elementos de que S. S.ª se valeu, foi similhante tarefa decerto muito espinhosa: mas ella nos promette emfim uma carta melhor que todas as existentes, e tão escrupulosa quanto o é a instruida e apurada critica do Sr. *Franzini*. Sabemos que o seu desenho foi executado pelo Sr. tenente-coronel primeiro desenhador do referido archivo, *José Joaquim Freire*, que n'elle se houve com a sua tão costumada e diuturna pericia. Os militares aguardam animosos similhante publicação.

Consta-nos por igual que os Srs. segundos-tenentes da marinha *Batalha* e *Silva*, estão ampliando e rectificando a carta hydrographica do Tejo, desde entre cabos até onde elle é navegavel a grandes embarcações, levantada em 1796 debaixo das vistas do Sr. Dr. *Ciera*. Ouvimos que n'este seu trabalho abrangem para o interior a porção das margens importantes de defensa maritima e fluvial. A comprovada habilidade d'estes jovens officiaes, e nossos amigos, nos assegura de que o seu trabalho será completo. — Tambem sabemos que os Srs. major *Pires*, e tenente *Chelmisk* dos ingenheiros, foram incumbidos de topographicamente incherem os triangulos entre o Tejo e o Oceano, e serra de Cintra até ao rio de Sacavem.

Na Hispanha tambem o govêrno tentou pelos annos de 1755 seguir os trabalhos de *Cassini* na sua bella carta da França; e n'este sentido expediu as suas ordens á academia de Madrid: mas apezar d'isso, e de se haver creado em 1801 um corpo de ingenheiros geographos, nada se realisou. — Falto de bases geodesicas parece comtudo que o Sr. *Bausa* empregado na repartição topographica e hydrographica de Madrid, e que viveu, ha poucos annos, emigrado na Inglaterra, emprehende praticar alli trabalho analogo ao que o Sr. *Franzini* acaba de completar, para o que possue grande cópia de materiaes.

(Continúa.)

Augusto Xavier Palmeirim.

BIBLIOGRAPHIA.

COLLECÇÃO DE PENSAMENTOS E MAXIMAS — Lisboa — 1845.

67 É este um livro do mais subido preço moral e litterario, que nos estabelecimentos consagrados á educação devêra ser adoptado como manual de quotidiana leitura; e ao qual compete, de direito, logar assim na bibliotheca do sabio, como sôbre a meza da sala e do gabinete de toda a familia amante da san moral e da amena litteratura.

Tudo quanto os maiores pensadores dos tempos antigos e dos modernos, guiados pelas luzes da razão, disseram, em fórma concisa e sentenciosa, de mais acertado e profundo, no tocante á importantissima sciencia dos costumes — quanto, por igual fórma, sôbre o mesmo vital assumpto, deixaram escripto outros homens não menos abalizados em sciencia, e demais d'isso allumiados com o facho da revelação, tudo em substancioso compendio se acha n'este livro, o qual póde appellidar-se *aureo*: denominação que sem duvida lhe pertence com muito maior razão do que aos tão celebrados versos que incerravam as doutrinas e preceitos do illustre legislador de Crotona. — Á riqueza de documentos practicos e de conceitos ingenhosos e profundos, que distingue a collecção aqui annunciada, accresce em seu abono a profusa variedade que n'ella se nota, e o deleite que se experimenta a ler qualquer de seus artigos; assim que em nenhum outro escripto d'esta natureza nos parece haver-se conseguido com tanta felicidade aquella mistura do agradavel com o util, tão recommendada pelo immortal auctor da epistola aos Pisões, e depois d'elle por todos os mestres da difficillima arte de escrever.

Ao darmos noticia aos nossos compatricios da publicação de livro tão excellente e tão proficuo, lamentâmos não podêr nomear o seu auctor, pagando-lhe assim mais explicita e directamente um (bem que tenue) público e solemne tributo de admiração e reconhecimento. Uma excessiva modestia, e a difficuldade de extremar com exacção o que lhe compete por exclusivo direito de propriedade no rico cabedal da sua *collecção*, furam provavelmente as causas de apparecer no frontespicio da obra unicamente o titulo d'ella. Como quer que seja, uma voz vaga, mas talvez não destituida de fundamento, desde que a *Collecção de Pensamentos e Maximas* começou a ser do dominio público, a tem adjudicado a um distincto sabio a quem a moral e as lettras devem ja valioso serviço em analogo genero de composição.

Fazemos echo a ésta vez, e nos comprazemos em ajuntar o nosso insignificantissimo brado ao pregão geral que proclama benemerito da patria e da humanidade o cidadão douto e virtuoso, que por meio de seus estudos e *meditações*, forceja por diffundir as boas doutrinas entre os seus compatriotas, e que contribue para tornal-os melhores, mimoseando-os com uma sensata e apuradissima escolha de maximas philosophicas, sociaes, e religiosas; verificando-se n'elle á risca o que do bom pai de familias diz o Evangelho, isto é, que do seu thesoiro sabe tirar com discrição riquezas antigas, preciosidades novas. (*)

***

(*) S. Matt. 13,52.

COLLECÇÃO DE RECEITAS E SEGREDOS PARTICULARES, necessarios para o tintureiro e para a maior parte dos artistas, manufacturas, officios, e outros differentes objectos — 6 v. — Lisboa — 1845.

ADDICÇÃO AO OPUSCULO DA VERIFICAÇÃO DOS OBITOS, do Dr. *F. d'A. Sousa Vaz*. — Porto. — 1845.

LIÇÕES DE DIREITO CRIMINAL, redigidas segundo as prelecções oraes do Sr. *Basilio Alberto de Sousa Pinto* no anno lectivo de 1844 — 45, e adaptadas ás 'Instituições de Direito criminal portuguez de Paschoal José de Mello — Por *Francisco d'Albuquerque e Couto*, e *Lopo Dias de Carvalho*. — Coimbra — 1845.

VARIEDADES.

PROPRIETARIOS INGLEZES.

68 Todos fallam nos proletarios inglezes e no pauperismo da Irlanda. Quando se leem n'alguns escriptores as suas eloquentes paginas e sensatas reflexões a este respeito, mal se póde pensar na enorme renda de muitos proprietarios da Gran'Bretanha. N'um jornal francez incontrámos a seguinte lista que offerecemos aos leitores por muito curiosa. E um paiz onde o extremo do miseria se toca com o extremo da opulencia poderá ser posto á frente dos paizes bem organizados e philantropicos do mundo?

O duque	de Northumberland tem de renda annual	3,600,000 fr.
«	de Vonshire	2,880,000 »
«	de Rutland	2,520,000 »
«	de Bedford	2,400,000 »
«	de Norfolk	2,112,000 »
«	de Buccleugh	1,752,000 »
O marquez	de Buckingham	2,256,000 »
«	de Erfort	1,800,000 »
«	de Straffort	1,800,000 »
O conde	de Grosvenor	1,680,000 »
«	de Lousdale	1,680,000 »
«	de Fritz William	1,680,000 »
«	de Bridgewater	1,584,000 »

N'esta lista dos treze maiores proprietarios da Inglaterra, o primeiro tem obra de settecentos contos de renda por anno e o último duzentos e oitenta!

PASSEIO-PUBLICO.

69 Um correspondente queixa-se da poeira do 'passeio-publico' e lembra os carros de irrigação para obviar éste incommodo ás pessoas que alli concorrem.

A REVISTA ha de tratar cedo d'este e outros pontos em que a benemerita Camara-municipal póde fazer grande beneficio ao público sem maior despeza; mas desde ja une as suas queixas ás do seu correspondente, porque o motivo d'ella é na verdade de extranhar, e com mais razão existindo agua dentro do 'passeio' Mas que hade ser se até a rua 'Oriental' depois de calçada foi interrada em areia para reforçar a de dentro! Depois de passada a quadra eleitoral suppomos melhor ensejo de tractar este assumpto.

CORREIO EXTRANGEIRO.

—

70 A exposição da industria em Vienna acabou, mas ainda em Lisboa não temos noticias; sabe-se porém que no mez de abril ja 1.600 expoentes tinham apresentado os seus productos. Vimos o seguinte calculo aproximado das differentes industrias do imperio austriaco em 1841. Os productos não estão em relação com a população das diversas provincias; por exemplo: a Hungria que tem mais de dez milhões de habitantes não produz senão sessenta milhões de florins (anda por quasi setenta milhões de crusados) e a Austria, propriamente dita, que tem apenas dois milhões e dois mil habitantes produz annualmente quasi o dobro d'esta somma. Veneza produz 73.393,000 florins, o reino Lombardo-Veneziano 122,964,000, a Bohemia 141,680,000, a Moravia e a Silesia 79.026,000 e o reino da Gallicia 52,020,000. O valor total das producções differentes das industrias do imperio anda por 800,000,000 florins.

—

O ardor das empresas tem chegado em França ao supremo grau. Para tudo se formam Companhias e os capitaes que afluem são sempre exorbitantes. Para estabelecer uma simples 'Casa-de-modas', *maison de nouveautés*, ajuntou-se um capital de sette milhões de francos (!) dividido em 14,000 acções. Um jornal, 'A nação', vai-se restabelecer por meio de acções com um capital de oitocentos mil francos. Outro jornal 'O espirito publico' vai ser fundado tambem por acções com o capital de quinhentos mil francos. Ainda outro jornal 'O globo' vai mudar de titulo, e apparecerá n'um formato gigantesco e typo miudo com o nome de 'Epocha,' e por meio de uma Companhia cujo capital é de dois milhões de francos.

—

Os annuncios do jornal dos *Debates* produzem-lhe 300$000 francos por anno.

—

O espirito sempre inventor e sempre fecundo dos francezes acaba de crear uma innovação verdadeiramente original. Os annuncios nos jornaes mais accreditados eram tantos que os seus assignantes queixavam-se de que não compravam quasi senão annuncios. Estabeleceu-se uma sociedade para contractar sôbre isso com esses jornaes: ésta sociedade assegurou-lhes certa annuidade e ficou com a propriedade do redito dos seus annuncios. Em consequencia d'isto os jornaes augmentaram o seu formato; e a sociedade estabeleceu em todos os bairros de Paris, para maior commodidade do público, um escriptorio onde se recebem os annuncios. Differentes tilburys partem a galope todas as tardes a fazer a colheita por esses escriptorios e vão depositar os annuncios na redacção dos jornaes: no dia seguinte mais de cem mil exemplares espalham por toda a cidade o annuncio entregue na vespora no bairro mais isolado. Devo accrescentar que o preço dos jornaes augmentados não subiu, e que o dos annuncios abaixou muito. A boa-ordem é a primeira base da prosperidade das coisas.

—

No principio de junho abriu-se o congresso archeologico de Lille, dividido em duas secções: uma d'historia, outra de archeologia. O congresso estudará os characteres que na mesma epocha constituem a differença da architectura das diversas regiões da França e dos paizes vizinhos; determinará os synchronismos dos differentes generos de architectura; occupar-se-ha da historia das artes, principalmente da da musica na edade-média. Os baixos-relevos, os pannos de arrhas do XII e XIII seculos, as vidraças, o pavimento historiado das egrejas e dos solares, darão motivo a interessantes communicações totalmente novas. A secção d'historia apresentará preciosos documentos incontrados em muitos archivos. Algumas sessões serão consagradas a discutir as providencias para conservação e augmento das bibliothecas etc.

Estas reuniões são tão inuteis para a sciencia quando mal dirigidas, como de fecundos e vantajosos resultados quando um programma sensato tem coordenado os seus trabalhos e pode esclarecer as discussões.

—

Pelo orçamento do Brazil, de 1846 a 1847, vê-se que a sua receita é de réis 24,000,000$000 e a despesa de 27,330,229$585. A divida externa é de 59,395,680$000 rs. o juro d'esta somma e despezas annexas é annualmente sôbre 3.027:326$090 rs. A divida interna é de 45,521,600$000 rs.; o seu juro de 2,714,810$000rs. As notas que circulam no imperio, por conta do govêrno, importam em 47,000,000$000. Todas éstas quantias são em moeda fraca.

—

N'estes últimos oito annos augmentou a Gran'Bretanha a sua marinha mercante com 280 barcos-de-vapor. Nos navios de vella houve apenas o augmento de dez. Hoje conta ésta marinha 23,010 navios de vella com 2,950,000 toneladas, e 900 barcos-de-vapor com 144,000 toneladas.

A marinha mercante franceza possue apenas 110 vapores.

—

Os jornaes francezes annunciam a abertura de um caminho de fêrro subterraneo de Santo-Estevão a Bourg-Argental pelo meio do monte Pilas. Este tunnel não terá menos de 20 kilometros; mas o seu transito deverá ser feito com cavallos, para evitar os inconvenientes qué poderiam resultar das emanações do *coke* se se empregassem locomotivas em tamanha distancia subterranea.

—

Um regimento allemão, que de *Olmutz* passou de guarnição para *Grætz*, pontos distantes trinta milhas allemães um do outro, e em que este regimento gastaria dôze dias de marcha, foram vencidas em sette horas pelo caminho de ferro.

Esta rapida locomoção, o modico custo do transporte, podem dar idêa da importancia d'este novo meio de communicação em tempo de guerra, e mesmo de paz; não so pela economia que haveria para o thesouro no transporte das tropas, mas tambem pelo muito que os habitantes lucrariam vendo-se livres dos aboletamentos, que é sempre um onus bem custoso de supportar.

—

O govêrno russo annunciou que no dia 15 do proximo mez de agosto deverá ter logar a exposição solemne das bellas-artes nas sallas da academia. Os artistas de todas as nações são admittidos ao concurso, e a exposição durará um mez.

A exposição da industria que acaba de se encerrar em Vienna foi um triumpho para a industria Slava, cujos productos deixam muito atraz os da Austria propriamente dita. As fazendas mais brilhantes, e que reunem a barateza á sua boa qualidade são as da Moravia e da Silesia. Notavam-se tambem pannos da Bohemia: e entre os inventores de machinas distinguiram-se os habitantes de Praga.

O commercio da Inglaterra com o continente europeu, quasi que tem dobrado ha dôze annos a ésta parte, e tem augmentado tambem consideravelmente com as outras partes do mundo. Em 1831 a exportação da industria inglesa montou a 37,164,372 libras sterlinas; em 1843 foi de 52,279,709: sendo no primeiro d'estes annos 13,640,440 para os Estados europeos e no último 23,983,959. A nova modificação dos direitos proposta este anno por Sir Robert Peel é evidentemente destinada a augmentar ainda a exportação dos tres reinos unidos.

O Sr. Paschoal Madoz e Sagasti, chefes politicos de Madrid no tempo de Espartero, acabam de fundar um estabelecimento litterario que ja tem publicado algumas obras muito interessantes. Entre estas publicações merece particular menção um boletim da litteratura e das sciencias, destinado a fazer conhecer na Peninsula o movimento intellectual da Hispanha e das outras nações da Europa, e um *compendium* universal das sciencias medicas e naturaes, o qual, seguindo pelas differentes epochas periodicas, hade comprehender todas as obras notaveis que se tiverem publicado em medicina e nas sciencias.

Organisou-se uma Companhia ingleza para construcção das estradas de ferro que se projectam no reino de Wurtemberg..

Uma macrobia, madame Montgolfier, viuva do celebre aereonauta d'este nome e inventor dos aerostatas, morreu em Paris no 1.º do corrente com 111 annos de idade.

CORREIO NACIONAL.

71 A 'Companhia das Lezirias' repartiu o dividendo de um anno na razão de 14$000 réis por acção.

A 'Alfandega de Setubal' rendeu, nos annos economicos de 1843—44, 1844—45, 12:789$898 réis.

Os trabalhos da 'Companhia da Valla d'Azambuja' progridem com muito credito para a Emprêsa e muita honra para quem os dirige. Obra de 1,300 pessoas se acham empregadas n'esses trabalhos! a sua organização e a boa ordem do complexo são dignas de elogios; é pena porém que se não tenha attendido um pouco á commodidade dos operarios fazendo-lhes construir abrigos ao intenso calor do sol, que n'esta quadra calmosa transforma aquella zona n'um verdadeiro areal da Lybia.

A despeza em 1844 com os expostos, na cidade do Porto, foi de 15:251$203 réis. Foram recebidos 948 expostos, sendo 442 femininos: ficaram existindo 1,105.

No anno de 1844 exportou a ilha da Madeira 7,053 pipas de vinho.

Está a concurso por tempo de 2 mezes, a contar do dia 19 do corrente, 'a confecção de um projecto convenientemente desinvolvido tendente a transformar o edificio incompleto da igreja de S. Francisco em outro apropriado para a Bibliotheca-publica'

A 'Alfandega do Porto' produziu, no anno economico de 1844—45, o rendimento de 1:617,867$834 réis.

Acabaram as representações do theatro-italiano do Porto. As operas mais applaudidas foram: 'Hernani' 'Sapho' e 'Martyres'.

No dia 31 do corrente ha outro concerto no theatro de S. Carlos: annuncia-se a cavatina da 'Lucia' e o rondo da 'Straniera' pela Sr.ª Rebora, ja antiga conhecida nossa com o nome de Rebecca Rivolta.

O concerto de Sr. João Alberto, na noite de 21 em S. Carlos, esteve brilhante: notou-se principalmente a phantazia sôbre motivos da opera 'Guilherme Tell, tocada no piano pelo Sr. Daddi com summo gôsto e nitidez. O Sr. Cosseul Junior, joven de 16 annos, tocou tres instrumentos, melophono, arpa e violoncello.

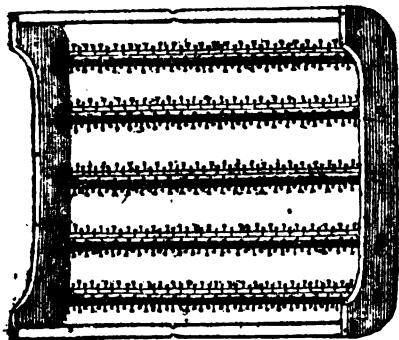
O Sr. Manuel Innocencio dos Santos partiu para o Porto, onde vai dar alguns concertos de piano. Muito estimâmos que os nossos patricios d'aquella nobre cidade tenham occasião de admirar os talentos artisticos do illustre pianista. Era ja tempo que os nossos artistas sabissem da apathia em que costumam viver: que deem ás provincias a satisfação de os ouvir, e derramem por todo o paiz o gôsto e a importancia da arte;

A 'Caixa-economica' da Companhia 'Confiança' teve 26 depositantes novos, e recebeu 7:262$180 réis, na semana de 13 a 19 do corrente.

No dia 17, a 'San'-João-da-Praça' n'esta cidade, deitou-se abaixo de um quarto andar uma menina de 18 annos. Infelizmente morreu logo. Não se sabe o motivo que lhe suscitou ésta terrivel idêa de desesperação.

Prepara-se no 'Circo' um espectaculo estrondoso para o qual, segundo ouvimos, se fazem grandes despezas. O director Laribeau foi expressamente a Paris escripturar mais gente, cujos 'papeis' lhe eram necessarios para o preconizado espectaculo. No emtanto o ingraçado Ratel continúa a ser appaudido nos seus difficeis exercicios, e o 'famoso anão de Madrid' entoa o *Beijo* na sua vez de Stentor, com grande hilaridade do público.

No dia 2 de settembro hão de ser arrematados varios bens-nacionaes nos districtos de Coimbra e Bragança: e no dia 4, em Villa-real.

CONHECIMENTOS UTEIS.

TRILHOS.

72 A utilidade e extraordinaria vantagem dos trilhos para a debulha dos trigos e cevadas vai hoje sendo geralmente reconhecida. Em differentes artigos d'este jornal se tem feito d'isto expressa mensão, e mui designadamente no artigo 3,380 do IV v. Hoje que é occasião de trabalhos em que elles se carecem e usam, julgámos a proposito o presente artigo acompanhando-o do desenho ou gravura supra.

Representa a dita gravura um dos trilhos de que geralmente se usa na comarca de Torres-Vedras e circumvizinhanças, mui pouco dispendioso, pois seu custo não excede de 6$000 a 7$200 réis o maximo.

As peças lateraes em que giram os cylindros debulhadores são de 5 palmos e 3 quartos de comprido, tres polegadas de grossura, nove ditas de altura. Os rôlos ou cylindros tem de largura de um a outro 3 polegadas e meia; de grossura, cada rôlo, tres polegadas, e comprimento cada um 5 palmos e 3 quartos. São oitavados, e em cada uma das arestas tem pregados vinte pregos, ficando em direcção desincontrada.

Cada uma das ditas arestas leva de 20 a 21 pregos, e portanto cada cylindro 164 a 165, e os cinco cylindros 830 a 835 pregos. Os pregos são de 2 e meia polegadas de altura, e ficam cravados na madeira polegada e meia, e fóra da madeira a polegada restante; de maneira que se não toquem os de um cylindro com os do outro, e, pelo contrario, fique espaço para dar sahida a alguma palha, que se involve por entre os ditos pregos, e para, na phrase vulgar, se não engasgar.

Para se conseguir o bom resultado do trilho representado na estampa, muito convem que a eira seja grande e espaçosa, de maneira que deitado o calcadoiro não fique este em grande altura, pois que a maior altura difficulta ao principio o bom trabalho do trilho e rodado dos rôlos.

Quando se debulha com o trilho, e ao mesmo tempo com alguma cobra de gado, ainda que o calcadoiro fique mais alto não faz obstaculo, pois se lhe mette a cobra de gado dentro, e uma ou duas tornas depois se lhe mette o trilho.

Este feitio do trilho é muito accommodado para ser puxado por bois, pois ainda que o não seja com grande velocidade produz optimo resultado: quaesquer dois bois ainda muito pequenos, ou duas vaccas, ou dois burros, o movem, e cada trilho faz bem o serviço para que eram necessarios oito rezes de gado vaccum. Um so trilho, pode-se calcular que debulha em uma sésta regular um moio de trigo, ficando a palha mui bem feita, e maior quantidade ficando a palha mais mal feita.

A madeira para o trilho pode ser pinho, choupo, faia, ulmo etc. Costuma de ordinario ter por cima duas taboas para poder ir em pe ou sentado o homem que tange o gado, ou uma pedra maior ou menor para fazer pêso, que deve ir augmentando á proporção que se vão dando as tornas no calcadoiro. Os pregos vende-os em Lisboa o Sr. João Lourenço na sua fabrica á Fundição a 1$600 rs. o milheiro. Um carpinteiro gasta quatro dias na feitura de um trilho de cinco rôlos como representa a estampa, e cinco sendo de sette rôlos, que tambem são muito usados. A madeira pode custar de 800 a 2:400 rs. conforme a qualidade e localidade.

O que temos em exercicio na presente debulha em a nossa Quinta da Piedade em 'S. Quintino', produz optimo resultado. Um modêlo se póde ver n'este escriptorio da REVISTA para onde o mandámos.

Em breve, se o tempo o permittir, daremos a estampa e descripção de uma machina importada da Hispanha a que alli chamam *rostillo*, e que lá empregam para o que chamam rostilhar o trigo, e nós chamaremos *sachador* de trigos, e que ja este anno pela primeira vez ensaiámos e com alguma vantagem.

Lisboa 30 de julho de 1845.

A. M. R. da Costa Holtreman.

UM CASO RARO EM CIRURGIA.

73 Ha quasi um mez foi intregue n'esta Redacção a noticia seguinte:

«Era o dia de S. Martinho de 1842 — Em uma casa ao Arco-do-Cego, dois cabazeiros haviam ceado lautamente, como em taes dias é costume: provavelmente o Santo foi festejado com repetidas libações; o caso é que um d'elles, por causa de uns patacos falsos crava uma enorme navalha no lado direito do peito do outro entre a setima e oitava costella. O pobre cabazeiro depois de curado n'uma botica é conduzido n'uma maca ao hospital, ás 9 horas da noite — habeis facultativos curam a ferida, depois de procurarem debalde algum corpo extranho — o homem sahe passados mezes, soffrendo do peito — é tractado como ptysico — cura-se d'este incommodo, mas sente picadas nos lombos, e urina sangue, assim continúa soffrendo até junho de 1845, sem que facultativo algum podesse adivinhar o seu soffrimento. Então por conselho da junta do hospital, vai para a infermaria de Santo-Onofre, onde o Sr. Joaquim Theotonio da Silva lhe reconhece a presença de um corpo extranho proximo da nadega esquerda, faz uma larga incisão e extrahe o ferro de uma enorme navalha, que tem quatro pollegadas de comprido e uma de largo na base, estando já enferrujada! Note-se que a facada foi do lado *direito* no meio do *peito*, e o ferro appareceu na *nadega esquerda*, e que hão decorrido quasi *tres* annos depois da fatal ceia. — O doente está quasi bom hoje 28, tres dias depois da operação. — O cirurgião Theotonio vai redigir a observação para a remetter ao jornal da sociedade das

Sciencias Medicas de Lisboa. Todos os facultativos teem visto com admiração um facto tal.

Um Cirurgião.

Como veio sem assignatura duvidámos publical-a sem informações em que tivessemos plena confiança. Consultámos sôbre tam estupendo acontecimento um illustre Lente do Hospital, cujos talentos são geralmente reconhecidos, o qual se dignou asseverar-nos que o facto era verdadeiro; que elle mesmo tinha tido na sua mão o punhal, que hoje possue o cirurgião operador, e accrescenta:

«É raro, mas no *Dic. das Sciencias Medicas* referem-« se outros identicos, e mais estupendos. Éstas cor-« rerias pelo corpo humano de corpos extranhos são « conhecidas debaixo do nome de migrações. Alfine-« tes, agulhas, e balas, todos os dias fazem d'estes pas-« seios; mas um corpo como este, cortante e ponta-« gudo, existir, perto de tres annos, nos lombos de um « homem—é realmente admiravel!»

MACHINA DE TERRAPLENAR.

74 No caminho de ferro do Havre, ora em construcção, imaginou-se uma machina para fazer os terraplenos de que me pareceu dever dar noticia: é um vasto cylindro de 15 metros de comprido, que tem de uma banda trezentas pás de inchada e da outra umas poucas de calhas de ferro. Este cylindro é movido por vapor, os inchadões levantam a terra que é recebida nas calhas e despejada em carretas que a levam. Ésta machina desinterra 50 metros cubicos de terra em tres minutos.

CAMINHOS MUNICIPAES.

75 Desejando corresponder á excessiva benevolencia com que a Revista Universal Lisbonense honrou o meu artigo sôbre a excellente obra 'O vinhateiro' que o sr. Dr. Rubião está publicando, e contribuir para o bem do paiz quanto o permittirem as minhas faculdades e experiencia, não deixarei de escrever os artigos que forem sendo mais opportunos sôbre agricultura e economia-rural, accommodados ao nosso reino; da mesma fórma que a 'academia de industria franceza' o pratica no seu jornal com applicação á agricultura, industria e commercio da França.

E por quanto estes mananciaes da subsistencia e prosperidade nacional dependem da sua mutua convivencia e auxilio reciproco, e da cooperação simultanea des diversas instituições e medidas, que apontei naquelle artigo sôbre 'O vinhateiro', a começar por bons caminhos municipaes; por isso destino o presente artigo a caminhos de municipio, e lançarei outros depois sôbre o commercio e a sua ligação com a agricultura e industria-nacional, e formação de sociedades de agricultura e industria, como preliminares aos de agronomia e economia-rural, que ficariam estereis sem essa coadjuvação effectiva e simultanea.

Na escalla ascendente de estradas apresentam-se em primeiro logar os caminhos de cada concelho prendendo com as estradas centraes dos respectivos districtos administrativos, e éstas com as geraes do reino e provincias, que são as grandes arterias da circulação e movimento da lavoira, industria e commercio interno, e dos excedentes para o externo.

Á vista do unanime patriotismo e porfia, com que hoje se occupam de estradas de facil e rapido movimente, os povos e governos de todos os paizes civilizados, capitular-se-hia inimigo da civilização, agricultura, industria, e commercio nacional, qualquer portuguez que directa ou indirectamente tentasse estremecer ou intibiar a execução das medidas, adoptadas pelo govêrno e camaras legislativas, sôbre estradas geraes do reino e provincias, ou sôbre as centraes dos districtos administrativos, e as municipaes de cada concelho, que urgentissimamente se precizam.

Toda a agricultura do reino, e a industria immediatamente connexa com ella, reduzem-se e vão parar no que se cria, desinvolve e produz em cada concelho: e por isso são de primeira necessidade os bons caminhos municipaes de cada concelho, que servem ao proprietario e lavrador na conducção de matos, estrumes, sementes, e plantas para a grangearia e cultura das suas terras, e dos materiaes para a construção ou reparo de edificios ou officinas de habitação, lavoira, e economia-rural; para recolher as producções e transportar as que forem destinadas aos respectivos mercados, ou pontos de depozito: servem aos estabelecimentos industriaes para conduzir as materias brutas, e transportar os productos aos seus mercados ou depozitos: servem aos comparochianos para frequentarem os actos da religião e culto divino nas igrejas das suas freguezias, e se administrarem os sacramentos aos infermos: servem a todos e cada uma das aldêas e seus moradores de qualquer classe para facilitarem entre si os vinculos e commodos de vizinhança, e gozarem de todas as vantagens economicas, civis, e administrativas, que lhes dimanam das competentes auctoridades do respectivo concelho.

Desde a instituição das municipalidades, que alias precedeu e acompanhou a fundação e extensão da monarchia, foi sempre uma das principaes attribuições das camaras municipaes reparar e conservar em estado de bom serviço os caminhos do concelho, e abrir os que se precizassem: n'esta conformidade se vê legislado na ord. liv. 1.° tit. 66, consignando para isso os meios e providencias economicas, segundo os tempos, e a par da melhor legislação coeva dos paizes extrangeiros: e n'essa mesma conformidade se acha hoje sancionado no codigo administrativo, titulo 2.° capitulo 1.° secção 7.ª; consignando os meios e providencias, segundo a primitiva instituição das camaras municipaes, com accomodação ao nosso governo representativo, e segundo a doutrina dos governos representativos da Europa.

Ja em outro artigo, publicado n'este jornal, procurei excitar o zêlo das camaras municipaes para assignalarem o seu patriotismo com bons caminhos de municipio; agora porém, que chegou a vez de se construirem estradas geraes do reino e provincias, não duvido em renovar as mesmas diligencias, a fim de que, em quanto se fazem aquellas estradas, se esmerem e rivalizem as camaras municipaes acudindo aos seus concelhos com bons caminhos, que vivifiquem desde logo a sua agricultura, industria, e mercados proximos, e aproveitem para os mercados distantes as estradas geraes á proporção que se forem fazendo.

Portanto; a necessidade, a civilização, o interesse vital do paiz e o patriotismo, fallam ao coração, cha-

racter e pondunor das camaras municipaes para proverem os seus concelhos de bons caminhos; cuja obra alias se simplifica pele sua facil execução scientifica e prática, e pelos meios a isso accommodados.

Comeffeito, toda a sciencia theorica e prática de bons caminhos municipaes se reduz ao seguinte: 1.° que tenham capacidade para o serviço de um carro de lavoira carregado com a mais volumoza carga de mato ou feno que possa conduzir, e podêr passar a um lado um homem de pe ou a cavallo; reservando, a distancias razoaveis, capacidade sufficiente para passarem dois carros um ao lado de outro, ou uma cavalgadura carregada ao lado de um carro; e onde os caminhos fizerem voltas á direita ou esquerda dirigir essas voltas em redondo, e com desafogo bastante para passarem carros carregados de arvores ou madeiras do maior volume ou comprimento, que se possam transportar: 2.° que sejam planos, quanto fôr possivel, cortando e rebaixando as elevações interjacentes do terreno que a isso obstarem; suavizando as subidas ingremes, ou as decidas precipitadas, com a direcção dos caminhos pelas mais faceis e eguaes ondulações dos montes; e mettendo-se de permeio valles fundos intulhando-os até á possivel altura para ganhar ou conservar toda a possivel suavidade no seguimento do caminho, havendo sempre a precaução de fortificar os intulhos com arbustos vivazes bem unidos, e munil'os de olhaes que escoem o maior volume e peso d'aguas que possam concorrer nos respectivos valles. Tudo isto descança no principio de que os caminhos planos proporcionam aos transportes poderem levar toda a sua carga com menor fadiga e deterimento dos animaes e transportes, e de que, pelo contrario, os caminhos de ingremes subidas, ou precipitadas descidas, impedem os transportes de levar toda a sua carga, arriscam a cada passo a carga, transportes e animaes, e em todo o caso os deterioram e fatigam: 3.° que tenham a superficie bem egual e compacta, com o pizo ao mesmo tempo solido e macio, formando-se para isso a mesma superficie, aonde fôr preciso, com camadas de borgau, cascalho, ou fragmentos de pedreiras; e abandonando a formação de calçadas sempre mais dispendiozas, e sempre incommodas e mortificantes para os homens, transportes e animaes, que por isso as evitam abrindo passagem aos lados, devassando as fazendas abertas, e invadindo as fechadas. Pelo que, nos locaes e casos em que se recorria a calçadas, e na falta de burgau, cascalho, ou fragmentos de pedreira, devem as pedras, que o seriam de calçada, ser quebradas á marreta e reduzidas a pequenos fragmentos, e formar-se a superficie do caminho com camadas d'esses fragmentos, lançando por baixo os mais grossos e por cima os mais miudos; e que tudo é de muito facil e economica execução e expedição. 4.° que, ou para mais promptamente se amaciar e fazer compacta a superficie dos caminhos, ou para se conservarem, devem os carros usar de rodas com chapas de rasto de duas polegadas e tres quartos de largura, e os pregos imbutidos n'ellas; por ser demonstrado que ésta largura corresponde ao maximo pêso da carga dos carros ordinarios de lavoira ou transporte, e reune todas as vantagens de economia, e bom serviço particular e publico; abandonando-se o pernicioso abuso ou ignorancia de carros com rodas cortantes, que, em vez de rodarem pelos caminhos os cortam, rompem e destruem com prejuizo público, e com o contra-senso de arruinarem assim os caminhos os mesmos que mais particularmente os aproveitam, e precizam em bom estado de serviço: 5.° que sejam, e se conservem sempre inxutos na superficie, tendo para isso aos lados escoantes das aguas nativas ou das chuvas; e os dos lados, a que forem sobranceiras fazendas ou montes, devem ter capacidade para receber e conduzir todas essas aguas das maiores chuvas até aos pontos da sua natural sahida para os sitios inferiores: e quando para isso tiverem de atravessar o caminho, se praticará n'elle um boeiro que conduza todas essas aguas por baixo do caminho, guardando-se a regra de que nunca devem passar e atravessar pela superficie dos caminhos aguas nativas, ou das chuvas. Com esta providencia lucram especialmente os proprietarios das fazendas aos lados inferiores dos caminhos, se quizerem ou souberem tirar partido das aguas turvas das chuvas em beneficio das suas fazendas: 6.° que, sempre que os caminhos forem ou seguirem em terrenos ou logradoiros do concelho, se plantem aos lados d'esses caminhos, e em todos esses logradoiros, arvores adaptadas á qualidade dos terrenos, e pelas quaes se obtenha e combine o agradavel com o util.

Agora quanto a meios.

É condição essencial de qualquer municipalidade instituida, ou que se haja de instituir, comprehender um concelho de razoavel extensão e população idonea para os encargos e cargos municipaes, e ter os rendimentos e meios necessarios para os diversos objectos de serviço municipal, e entre estes para bons caminhos do concelho.

Segundo a citada legislação, anterior ao govêrno representativo, é certo que os meios das municipalidades para bons caminhos não se limitavam aos rendimentos do concelho, mas principalmente consistiam na cooperação dos serviços pessoaes, e transportes dos moradores do concelho; ficando á prudencia das camaras verificar e applicar esses meios aos seus concelhos nas occaziões e estações mais opportunas.

Pela legislação do citado Cod. administrativo, accommodada ao govêrno representativo dominante, estes são egualmente os meios das camaras municipaes para proverem os seus concelhos de bons caminhos; e estes meios descançam no principio essencial e constitutivo das municipalidades, de que para os caminhos, que aproveitam e servem a cada uma d'ellas, devem concorrer proporcional e simultaneamente o todo de cada concelho, e os moradores das respectivas aldeas e freguezias, a quem mais immediatamente aproveitarem e servirem os mesmos caminhos.

Debaixo d'este principio, as camaras municipaes conseguiriam prover de bons caminhos os seus concelhos sem vexame de alguem, mas antes com suavidade e proveito immediato de todos: 1.° determinando e escolhendo para essas obras os intervallos, que se seguem aos trabalhos da lavoira e das colheitas, que deixam desafogados e desocupados em grande parte os jornaleiros, os proprietarios e lavradores, e os carros e carreiros: 2.° consignando para os caminhos de cada aldea e freguezia os serviços pessoaes dos seus respectivos moradores: 3.° e porque o objecto mais importante para a execução e expedição da obra d'estes caminhos consiste nos transportes e carretos de pe-

dra, borgau, cascalho, ou fragmentos de pedreira, e dos intulhos que se removem ou acarretam; por isso é necessario e justo que todo este serviço se faça pela cooperação egual dos carros que houver nas respectivas aldeas e freguezias; tanto mais quanto é maior, immediato e quotidiano, o proveito que os mesmos carros tiram d'esses caminhos; e será raro, que os proprietarios de fazendas proximas, ou confinantes com os caminhos, além das outras vantagens, não tirem ou a de limpar as suas fazendas de pedra miuda, borgau, ou cascalho, que se lance nos caminhos, ou a de aproveitar os intulhos sobejos para formar ou aperfeiçoar vallados, que tapem, protejam, e utilizem as fazendas confinantes.

Com estes meios, assim baseados no patriotismo e interesse vivo de cada um e de todos os moradores de cada concelho, conseguirão as camaras municipaes prover os seus concelhos de bons caminhos, e merecer as bençãos dos mesmos concelhos.

Terminarei, confirmando com a propria experiencia o que deixo escripto.

Em 1811 indo tomar posse do logar de juiz de Fóra d'Almada achavam-se as ruas e praças da villa em tal estado de ruina que o segundo veriador não pôde assistir á minha posse por estar de cama com uma perna quebrada, e a tinha quebrado ao sahir das casas da camara cahindo em um barranco, que existia na praça do pellourinho; e os caminhos do concelho estavam pessimos, e em alguns sitios intranzitaveis a ponto de se não poderem administrar os sacramentos aos infermos.

Desde as primeiras sessões da camara passei a examinar com os veriadores os meios que tinhamos para tão urgentes obras, e montando a pouco o dinheiro da municipalidade, resolvemos convocar, além de outras pessoas de diversas classes, os principaes proprietarios e lavradores da villa e aldeas do conselho, e os priores das freguezias, afim de assegurar-mos com plena satisfação de todos a necessaria cooperação para as obras, e principalmente o serviço dos carros para todas as conducções e transportes de pedra e intulhos. As pessoas convocadas não so se prestaram a toda a cooperação precizu, mas as que moravam em aldeas, aonde não residia algum dos veriadores, offereceram-se para vigiar e zelar as obras dos caminhos proximos, o que se aceitou: e os priores declararam aos seus freguezes que podiam dar carradas de pedra ou intulho para as obras dos caminhos nos domingos e dias santos até ás 8 horas da manhan, pois que era a bem do serviço público e da religião.

Com estes meios, assim applicados e zelados em cada local, e em toda a parte, se pozeram em estado de bom serviço os caminhos do concelho, rivalizando as aldeas e freguezias a qual o faria mais depressa e melhor; e a villa appareceu reformada, bem servida, e aformozeada em todas as ruas, travessas, praças, intradas e sahidas.

Dir-se-ha, mas isso fez-se e podia fazer-se, por que os povos não pagavam os tributos que hoje pagam: responderei, que então se pagavam dobrados por contribuição de guerra — o patrimonio real — as decimas civis — e todos os mais tributos a esse tempo existentes; pagavam-se no conselho de Almada oitavos e jugadas; e sôbre tudo pagavam-se dizimos, que não só excediam em mais do quadruplo todos os outros tributos juntos, mas elles só por si excediam muito todas as contribuições de propriedade territorial que hoje se pagam: o que tudo verifiquei então officialmente sendo ao mesmo tempo superintendente das decimas; e administrador dos dizimos da commenda de Almada; e hoje o verefico em particular confrontando as contribuições que pago pela minha propriedade territorial; e o que deixei de pagar de dizimos extinctos.

Fizeram-se, pois, aquellas obras e caminhos do concelho do Almada, quando alli e em toda a parte do reino, se pagavam mais e maiores contribuições territoriaes do que hoje se pagam; e para éstas se poderem melhor pagar, e apar d'isso se podêr desinvolver agricultura, industria, e commercio nacional; nada se preciza com mais urgencia do que bons caminhos municipaes em todos os concelhos do reino.

Lisboa 12 de julho de 1845.

Luiz Antonio Rebello da Silva.

RESTAURAÇÃO DAS ARVORES.

76 Muller, celebre economista allemão, indica o seguinte meio para fazer reverdecer as arvores que estiverem achacadas de mal, ou começando a seccar.

Devem-se despojar da casca exterior as partes da árvore que estiverem meias sèccas ou tocadas, e untal-as com therebentina durante a hora do sol. Pouco tempo depois, essas partes, que foram untadas, apparecerão cobertas d'uma especie de laca que impede que o ar ahi penetre, e bem depressa a árvore começará a ter um novo vigor. Por este meio tem-se conseguido que algumas árvores quasi sèccas tenham novamente no fim de um anno uma bella e espantosa vegetação.

O pèco e as chagas são os dous peiores males que dão nas árvores. Para os remediar é precizo tirar fóra a parte que tem qualquer d'estes males, com um instrumento bem afiado, e escarificar a madeira até á parte offendida com azedas, e modo que o succo penetre na madeira. Este remedio é radical, e taes árvores nunca mais serão atacadas d'este mal.

Quando uma arvore começa a dar visos de querer seccar é precizo raspar com muito cuidado o musgo que lhe cobre a casca; cortar os troncos mortos ou inuteis, e estercar muito bem o terreno que fica á roda d'ellas. E' este um meio seguro que nunca tem falhado.

PROCESSO DA GRAVURA EM VIDRO.

77 A gravura em vidro funda-se na acção que o acido fluorhydrico exerce sobre a scilica. Para gravar em vidro emprega-se o acido fluorhydrico, liquido ou gasoso; sendo liquido dá traços opacos, e sendo gasoso dá traços transparentes. Para este effeito cobre-se o vidro com uma capa de cêra e terebintina, sôbre a qual se deve gravar com buril o desenho que se quer, de maneira que o vidro fique descoberto nos logares onde penetrou o buril; estes expõe depois a acção do acido, que se desinvolve n'esses logares. Em poucos minutos a opperação é terminada: e póde tirar-se a capa de cêra e terebintina que a gravura está feita.

(Communicado.)

RECOVAGEM.

(Roulage, Rodagem)

78 Chegados ao tempo em que os ânimos começam

a considerar na necessidade de olhar para a superficie da terra em Portugal, e que não basta por fórma de oração fallar em canaes e estradas, mas que é indispensavel tractar de fazer uma e outra coisa, se quizermos melhorar a existencia material do paiz, e que não venha elle a perecer de barbarie; chegados a este tempo, repito, em que a vontade se inclina a pensar que para além dos muros da cidade de Lisboa, existem provincias em Portugal onde habitam tambem creaturas portuguezas, que nunca se viram umas ás outras; não será talvez fóra de proposito apresentar algumas noções sôbre a nossa recovagem, isto é, sôbre a quantidade de productos que poderá haver para transportar sôbre o nosso territorio, e quanto o custo d'esse transporte.

Em Portugal até agora cuidou-se pouco ou nada da arithmetica social; a technologia é quasi uma sciencia virgem para este reino. Quem consultar a estatistica intellectual dos nossos antepassados, e mesmo a dos nossos contemporaneos, hade achar que toda a sua litteratura se compõe de estudos feitos em gabinete, quando não seja peior em — claustro, e esses mesmos elaborados com pouco ou nenhum criterio, gôsto, ou liberdade; encomiasticos e apologeticos pela maior parte, cheios de hypocrisia, trocando sempre a verdade, e vertendo pelas suas paginas desprêzo e supina ignorancia pelas conveniencias do homem, e dos seus commodos, na sociedade.

Uma demonstração sem réplica da importante asserção que avanço e que prefixa a fatal razão dos nossos destinos ha tres seculos a ésta parte, está nos nossos catalogos bibliographicos. Quem se der ao cuidado de resumir por classes os auctores e suas obras que vem na bibliotheca lusitana, se a imparcialidade o guiar, não poderá deixar de se conformar com a veracidade da minha proposição.

Encerra aquella bibliotheca nós 5,466 auctores de que tracta, não menos de 2,968 que são ecclesiasticos, sendo d'estes 2,652 pertencentes a ordens religiosas, e os 316 que sobram para os 2,968, comprehendem 37 inquisidores apostolicos, 41 confessores regios, 63 prégadores regios etc.

Publicaram estes escriptores de 1489 a 1785, que é a epocha que abrange a bibliotheca lusitana, 4,126 obras, das quaes: Theologia ascetica, mistica, escolastica, parenetica ou sermões, catechetica, polemica etc. 2,977: santos padres, vidas de Nossa Senhora, vidas de santos e santas, 468: historia ecclesiastica e jurisprudencia canonica 681. N'estas publicações houveram perto de 400 que mereceram as honras de uma, duas, e até de sette edições. Veio a ser nós 297 annnos que vão desde 1489 a 1786, perto de 14 obras por anno, muitas d'ellas in folio de muitos volumes.

Uma instillação mensal e quotidiana, por assim dizer, no intellecto do povo de Portugal, por uma serie de gerações sem interrupção, de ideas pela maior parte vans e que tendião a affastal-o inteiramente das coisas d'este mundo, para só cuidar das que eram pseudo religiosas, não admira que trouxesse de rezultado, a ausencia absoluto de elementos para calculos que interessem a nossa economia e a nossa administração pública.

Estas razões, parece-me, são bastantes, para se não poderem apresentar sôbre o assumpto de que me vou occupar senão conjecturas. Mas podendo éstas assim mesmo ser de alguma utilidade porque tendem a chamar a attenção sôbre um ponto que é muito importante, vou proceder á sua exposição.

Diz Navier nas suas *Considerações sôbre a Policia da Recovagem e conservação das estradas*, obra publicada em 1835, referindo-se a Dutens, que a totalidade, dos productos annuaes da França, quer de agricultura, fabricas, ou commercio de importação, poderão subir a 173 milhões de toneladas.

D'estas, continuam os dois AA. 127 milhões são commummidas sôbre o logar, 5 milhões são transportadas pelas estradas reaes, e 21 milhões vão pelos roteiros travessos.

Para se podêr fazer applicação d'estes dados a Portugal convem establecer a proporção territorial, popular e economica entre os dois paizes.

A proporção territorial da França com Portugal, tendo a primeira 213,838 milhas inglezas quadradas, e o segundo 36,510 ditas, é de 0,17 contra a unidade, ou 17 contra 100, ou 1 contra 6.

Pelo recenseamento de 1841 tem a França a população de 34,230,178 almas, e Portugal pelo recenseamento tambem de 1841, tem 3,396,972 almas. A razão de uma para a outra está portanto proximamente de 1 para 0,09, ou de 100 para 9 ou de 11 para 1. A razão da população por milha quadrada em França é de 160, e em Portugal de 93 habitantes por cada milhas quadrada.

Em novembro de 1840, prelecciónando o Barão C. Dupin, no conservatorio real das artes e officios, sôbre a estatistica, disse elle, que a renda individual por dia, tomando tôda a população em massa da França seria de 80 centimos por alma, isto é, 128 réis. Computava elle todo o rendimento em 10,000,000,000 de francos, e a população em 34 milhões. Se a nossa riqueza fosse a des francezes, nós deveriamos ter de renda 145,454 contos 545$440 réis. Ninguem dirá porém que nós podêmos hombrear com a nação cuja industria se acha desinvolvida a par das mais adiantadas, e que so póde ser excedida pela Inglaterra, e em alguns ramos, pela Republica dos Estados-Unidos da America. Se nós pozermos pois 40 réis por individuo para Portugal, eu creio que não distaremos muito da verdade. N'estes calculos a margem é muito grande, e é admittida por todos os escriptores que mais se tem dedicado a taes materias.

(Continúa.)

Claudio Adriano da Costa.

—

A redacção da REVISTA agradece a importante collaboração do Sr. C. A. da Costa, a quem os vastos estudos sôbre statistica, economica pública e arithmetica social, teem adquirido um logar tão eminente n'estas especielidades que o tornariam distincto mesmo nos paizes mais adiantados n'estes ramos importantes dos conhecimentos humanos, que hoje constituem a base da sciencia applicada á prosperidade pública.

—

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO VI.

Prova-se como o velho Camões não teve outro remedio senão misturar o maravilhoso da mythologia com o do christianismo. — Da-se razão, e tira-se depois, ao padre José Agostinho. — No meio d'estas discepções academico-litterarias vem o A. a descobrir que para tudo é preciso ter fé n'este mundo. Diz-se *n'este mundo*, porque, quanto ao outro ja era sabido. — Os Lusiadas, Fausto e a Divina-Comedia — Desgraça do Camões em ter nascido antes do romantismo. — Mostra-se como a Styge e o Cocyto sempre são melhores sitios que o Inferno e o Purgatorio. — Vai o A. em procura do Marquez de Pombal, e dá com elle nas ilhas Beatas do poeta Alceu — Partida de Wist entre os illustres finados. — Compaixão do marquez pelos pobres homens de Ricardo Smith e J. B. Say. — Resposta d'elle e da sua luneta ás perguntas peralvilhas do A. — Chegada a este mundo e ao Cartaxo.

79 O mais notavel, e não sei se diga, se continuarei, ao menos, a dizer, o mais indesculpavel defeito que até aqui esgravataram criticos e zoilos na Illiada dos povos modernos, os immortaes *Lusiadas*, é sem dúvida a heterogenea e heterodoxa mistura da theologia com a mythologia, do maravilhoso allegorico do paganismo, com os graves symbolos do christianismo. A fallar a verdade, e por mais figas que a gente queira fazer ao padre José Agostinho — ainda assim! vêr o padre Baccho revestido *in pontificalibus* deante de um retabulo, não me lembra de que santo, dizendo o seu *dominus vobiscum* provavelmente a algum acholyto bacchante ou corybante, que lhe responde o *et cum spiritu tuo!*... não se póde; é uma que realmente...... E então aquelle famoso conceito com que elle acaba, digno da Phenix-Renascida.

O falso deus adora o verdadeiro!

Desde que me intendo, que leio, que admiro os Lusiadas; interneço-me, chóro, ensoberbeço-me com a maior obra de ingenho que ainda appareceu no mundo, desde a *Divina-Comedia* até ao *Fausto*...

O italiano tinha fé em Deus, o allemão no scepticismo, o portuguez na sua patria. E' preciso querer em alguma coisa para ser grande — não só poeta — grande seja no que fôr. Uma Brizida velha que eu tive, quando era pequeno, era famosa chronista de historia da carochinha, porque sinceramente cria em bruxas. Napoleão cria na sua estrella, Lafayette creu na republica-rei de Luiz Philippe, e, para que ousemos tambem *celebrare domestica facta*, todos os nossos grandes homens ainda hoje creem, um na junta do credito, outro nas classes inactivas, outro no mestre Adonirão, outro finalmente na belleza e realidade do systema constitucional que felizmente nos rege.

Mas aquellas crenças são para os que se fizeram grandes com ellas. A um pobre homem o que lhe fica para crêr? Eu, apezar dos criticos, ainda creio no nosso Camões: e sempre cri.

E comtudo, desde a edade da innocencia em que tanto me divertiam aquellas batalhas, aquellas aventuras, aquellas historias d'amores, aquellas scenas todas, tam naturaes, tam bem pintadas — até esta fatal edade da experiencia, edade prosaica em que as mais bellas creações do espirito parecem macaquices deante das realidades do mundo, e os nobres movimentos do coração chymeras de enthusiastas — até ésta edade de saudades do passado e esperanças no futuro, mas sem gosos no presente — em que o amor da patria (tambem isto será phantasmagoria?), e o sentimento intimo do *bello* me dão na leitura dos Lusiadas outro deleite diverso, mas não inferior ao que n'outro tempo me deram — eu senti sempre aquelle grande defeito do nosso grande poema: e nunca pude, por mais que buscasse, achar-lhe, justificação não digo — nem siquer desculpa.

Mas até morrer aprender, diz o adagio: e assim é. E tambem é aphorismo de moral applicavel outrosim a coisas litterarias: que para a gente achar a desculpa aos defeitos alheios, é considerar — e pôr-se uma pessoa nas mesmas circumstancias, ver-se involvido nas mesmas difficuldades.

Aqui estou eu agora dando toda a desculpa ao pobre Camões, com vontade de o justificar, e prompto (assim são as charidades d'este mundo) a sahir a campo de lança em reste e a quebral-a com todo o antagonista que por aquelle fraco o atacar. — E porque será isto? Porque chegou a minha hora; e — *si parva licet componere magnis* (a bossa proeminente hoje é a latina), aqui me acho com este capitulo nas mesmas difficuldades em que o nosso bardo se viu com o seu poema

Ja preveni as observações com o texto acima: bem sei quem era Camões, e quem sou eu; mas traeta-se da *intalação*, que é a mesma, apezar da differença dos intalados. O auctor dos Lusiadas viu-se intalado entre a crença do seu paiz e as brilhantes tradicções da poesia classica que tinha por mestre e modêlo.

Não havia ainda então romanticos, nem romantismo, o seculo estava ainda muito atrazado.

As odes de Victor Hugo não tinham ainda desbancado as de Horacio; achavam-se mais lyricos e mais poeticos os esconjurios de Canidia, do que os pesadelos de um inforcado no oratorio; chorava-se com os *Tristes* de Ovidio, porque se não lagrimejava com as meditações de Lamartine. Andromacha despedindo-se de Heitor ás portas de Troya, Priamo supplicante aos pés do matador do seu filho, Hellena luctando entre o remorso do seu crime e o amor de Páris, não tinham ainda sido eclipsados pelas declamações da mãe Eva ás grades do paraizo terreal. O combate de Achilles e Heitor, das hostes argivas com as troianas, não tinha sido mettido n'um chinello pelas batalhas campaes dos anjos bons e dos anjos maus á metralhada por essas nuvens. Dido chorando por Eneas não tinha sido reduzida a donzella choramigas d'Alfama carpindo pelo seu *Manel* que vae para a India...

Realmente o seculo estava muito atrazado: Milton não se tinha ainda sentado no logar de Homero, Shakspeare no de Euripedes, e lord Byron acima de todos: emfim não estava ainda anglizado o mundo; portanto *a marcha do intellecto* no mesmo terreno, é tudo uma miseria.

Ora pois, o nosso Camões, creador da epopea — e depois do Dante — da poesia moderna, viu-se atrapalhado; misturou a sua crença religiosa com o seu credo poetico e fez, *tranchons le mot*, uma semsaboria.

E aqui direi eu com o vate Elmano:

> Camões, grande Camões, quam similhante
> Acho teu fado ao meu quando os cotejo!

Vou fazer outra semsaboria eu, n'este bello capitulo da minha obra prima. Que remedio! Preciso fallar com um illustre finado, preciso de evocar a sombra de um grande genio, que hoje habita com os mortos. E onde irei eu? Ao inferno? Espero que a divina justiça se apiedasse d'elle na hora dos ultimos arrependimentos. ¿Ao purgatorio, ao empyreo? Apezar do exemplo da *Divina Comedia*, não me atrevo a fazer comedias com taes logares de scena, — e não sei, não gósto de brincar com essas coisas.

Não lhe vejo remedio, senão recorrer ao bem parado dos Elysios, da Styge, do Cocyto e seu termo: são terrenos neutros em que se póde parlamentar com os mortos sem compromettimento serio, e....

Eis-me ahi no êrro de Camões — e nas unhas dos criticos; e as zagunchadas a ferver em cima de mim, que fiz, que aconteci....

Mas, senhores, ponderem, venham ca: o que hade um homem fazer? O Dante não sei que giria teve que baptisou Publio Virgilio Marão para lhe servir de cicerone nas regiões do inferno, do paraizo e do purgatorio christão, e teve tam boa fortuna que nem o queimou a Inquisição nem o descompoz a Crusta, nem siquer o mutilaram os censores, nem o perseguiram delegados
. . . .
. . . .

O Dante foi proscripto e exilado, mas não se ficou a escrever, deu catanada que se regallou nos inimigos da liberdade da sua patria.

Quem dera cá um batalhão de poetas como aquelle!

Que fosse porém um triste vate de hoje escrever no seculo das luzes o que escrevia o Dante no seculo das trevas! Os proprios philosophos gritavam: Que escandalo! Atheus professos clamavam contra a irreverencia; gentes que não teem religião, nem a de Mafoma, bradavam pela religião: entravam a pôr carapuças nas cabeças uns dos outros, cahiam depois todos sôbre o poeta, e — se o não podessem inforcar, pelo menos declaravam-n'o republicano, que dizem elles que é uma injuria muito grande.

Nada! viva o nosso Camões e o seu maravilhoso mistiforio; é a mais commoda invenção d'este mundo: vou-me com ella, e ralhe a critica quanto quizer.

Quero procurar no reino das sombras não menor pessoa que o marquez de Pombal: tenho que lhe fazer uma pergunta séria antes de chegar ao Cartaxo. E nós já vamos por entre as ricas vinhas que o circumdam com uma zona de verdura e alegria. Depressa o ramo de oiro que me abra ao pensamento as portas fataes — depressa a unctuosa sopetarra com que heide atirar ás tres garagantas do canzarrão. Vamos....

Mas em que districto d'aquellas regiões acharei eu o primeiro ministro d'el-rei D. José? Por onde está Ixion e Tantalo, por onde demora Sysipho e outros maganões que taes? Não; esse é um bairro muito triste, e arrisca-se a ter por administrador algum escandecido que me atice as orelhas.

Nos Elysios com o pai Anchises e outros barbaças classicos do mesmo jaez? Eu sei? tambem isso não. Ha-de ser n'aquellas ilhas bemaventuradas de que falla o poeta Alceu e onde elle poz a passear, por eternas verduras, as almas tyrannicidas de Harmodio e Aristogiton...

Oh! ésta agora!... Sebastião José de Carvalho

e Mello, conde de Oeiras, marquez de Pombal, de companhia com os seus inimigos politicos!... Ahi é que se inganam; não ha amigos nem inimigos politicos em se largando o mando e as pretenções a elle. Ora passados os umbraes da eternidade, é de fe que se não pensa mais n'isso. C. J. X., que morreu a assignar uma portaria, ja tinha largado a penna quando chegou alli pelos *Prazeres*; quanto mais!... . . . .

O homem hade estar nas ilhas *beatas*. Vamos lá.

E eil-o alli: lá está o bom do marquez a jogar o wist com o barão de Bidefeld, com o imperador Leopoldo e com o poeta Diniz. A partida deve de ser interessante, talvez aposta essa gente toda — esses manes todos que estão á roda. Que cara que fez o marquez a um finadinho que lhe foi metter o nariz nas cartas! Quem havia de ser! O intromettido de mr. de Talleyrand. Estava-lhe cahindo. Mas não viu nada: o nobre marquez sempre soube esconder o seu jôgo.

A mim é que elle ja me viu. 'Que diz? Ah!... Sim senhor, sou portuguez; e venho fazer uma pergunta a V. Ex.ª esclarecer-me sobre um ponto importante.'

Deitou-me a tremenda luneta.

— 'Para que mandou V. Ex.ª arrancar as vinhas do Riba-Tejo?'

Apertou a luneta no sobrôlho e sorriu-se.

— 'Ellas ahi estão centuplicadas, que até já invadiram o pinhal de Azambuja. Fez V. Exa. um despotismo inutil; e agora...'

'Agora quem bebe por lá todo esse vinho?'

Não sabía o que lhe havia de responder. Elle sacudiu a cabelleira de anneis, virou-me as costas; deu o braço a Colbert, passou por pé de Smith e de J. Baptista Say, que estavam a disputar, encolheu os hombros em ar de compaixão, e foi-se por uma alameda muito viçosa que ia por aquelles deliciosos jardins dentro, e sumiu-se da nossa vista.

Eu surdi ca neste mundo, e achei-me em cima da azemola, ao pé do grande café do Cartaxo.

A G.

(Continúa.)

MEMORIAS SOBRE TOPOGRAPHIA PORTUGUEZA.*

80 Antes de entrar em materia, advertiremos, que, sempre desconfiados de nossas fôrças, havemos submettido este artigo á revisão e erudita censura dos nossos amigos: os Srs. coronel Franzini e Dr. Filippe Folque, e que fôi, animados por ambos, que nos arriscámos á sua publicação.

Tambem nos confessâmos agradecidos ao Exm.º Sr. coronel José Jorge Loureiro, por nos haver franqueado algumas cartas, que apenas na sua mão incontrámos.

Principiaremos a nossa tarefa pelas cartas hispanholas, porque principalmente duas, são as fundamentaes de que procedem quasi todas as que se tem publicado; e assim reconhecerão nossos leitores na propria fonte, as considerações que teem de acompanhar todas as cartas que d'ellas se derivam.

1.º — O 'atlas' por provincias levantado desde 1765 a 1798 por D. *Thomaz Lopes y Vargas*, geographo do Rei, membro da academia de S. Fernando, e d'Historia etc. Compõe-se de 103 folhas, que produzem 44 cartas, que algumas vezes repetem as mesmas provincias. Variam a escala desde $\frac{1}{150000}$ a $\frac{1}{660000}$. Não se fundam em bases geodesicas, mas em algumas observações astronomicas locaes. São apenas a compilação de documentos particulares graphicos ou descriptivos, ministrados ao auctor pelos bispos, corregedores, parochos etc., por elle submettidos a uma especie de critica, e cuidadosamente indicados á margem d'estas cartas: exemplo que deveria ser geralmente observado para qualquer graduar a confiança que deve conferir.

As cartas de Lopes compostas de materiaes disparatados, e muitas vezes equivocos, carecem de unidade. O curso das aguas não é indicado por maneira uniforme, e por vezes não seguem em cartas contiguas, a mesma direcção. Tambem os signaes de convenção variam em cada carta: as proprias divisões territoriaes nem sempre apresentam identidade de contôrno. Posto que as communicações pareçam geralmente traçadas, as montanhas indicadas, como na antiga geographia, não apresentam uma idêa clara do relevo do terreno. — As cartas da Mancha, Extremadura, Cuenca, Murcia, Avila, Navarra, e Aragão parecem as menos correctas, e mostram uma geographia apenas esboçada e duvidosa.

Ainda que este atlas seja imperfeito, deve comtudo haver custado muito trabalho, e serve de fundamento a todas as cartas da Peninsula, tanto publicadas em Hispanha como fóra d'ella — Os seus exemplares são raros. Outras cartas do mesmo auctor, excepto uma em quatro folhas reduzida do seu atlas, contém algumas plantas das cidades principaes.

2.º — O *Derotero de las costas españolas*, ou cartas maritimas das costas d'Hispanha, feitas desde 1786 a 1789 pelo brigadeiro *D. Vicente Tofino de S. Miguel*, director da eschola dos guardas-marinhas. São 10 ao todo, 8 d'Hispanha, 1 de Portugal, e outra das Baleares. As suas escalas variam entre $\frac{1}{109400}$ a $\frac{1}{256200}$. Referem-se a 5 differentes meridianos, isto é a Paris — Tenerife — Cadiz — Ferrol — e Carthagena. Encontram-se differenças consideraveis, tanto a respeito dos dados contidos no *Connaissance des temps*, como a respeito da boa carta franceza do Mediterraneo, do capitão *Gauthier*, e da hydrographia do Sr. *Franzini*. Todavia, como são o resultado de observações astronomicas, apresentam o melhor contorno das costas d'Hispanha. Em uma serie de 21 outras cartas mostra todos os portos, bahias, e enseadas notaveis. Emfim, uma carta geral na escala proxima de $\frac{1}{200000}$ abraça

* Continuado de pag. 57.

toda a Peninsula, e parte do Mediterraneo até ás ilhas d'Italia. Foi publicada em 1802, pela Direcção da marinha.

3.° — A *Academia de la historia* publicou em 1811 uma carta d'Hispanha em duas folhas na escala de $\frac{1}{160000}$ com um mappa d'altitudes, ou elevações acima do mar, de varios pontos d'aquelle reino, acompanhado de quadros statisticos do recenseamento feito em 1799 a 1803. Uma edição d'esta carta dá a divisão tentada no reinado de José Bonaparte em 15 govêrnos militares, 38 porfeituras, e 111 sub-perfeituras.

4.° — *Mappa geral dos caminhos d'Hispanha e Portugal*, por Dufour, com as novas provincias, e que serve de continuação ao atlas nacional d'Hispanha — Paris, 1840. Aquelle atlas compõe-se das cartas parciaes da Andaluzia, Baleares, Catalunha, Castella, Valença, Aragão, Leão, Navarra, Extremadura, Galliza, e Murcia. O seu systema topographico e orographico são bons. Parece uma reproducção, da carta fraceza de que logo fallaremos.

5.° — O reino de Valencia, por D. *João José Carbonnel*, na escala de $\frac{1}{480700}$ projectada sôbre o meridiano de Valencia, em uma folha.

6.° — Outra do mesmo reino, em uma folha, por *Caranillas*.

7.° — A Catalunha por *Apparici*, em 1763, quatro folhas.

8.° — O Aragão, por *Laban*, 1777, em seis folhas.

Estas tres ultimas, são de pouco momento.

CARTAS INGLEZAS.

9.° — A de *Stockdall* publicada por *Arrowsmith* em dôze folhas, na escala de $\frac{1}{800000}$. é compilada com pouca critricia da de *Lopes*, e mal gravada.

10.° — De *Gaspar Nantial* publicada em 1810, por *Taden*, em quatro folhas na escala de $\frac{1}{375000}$, tirada das de *Lopes*, e *Tofino*, correcta pelas cartas, e iteneranios até então publicados, sendo os reconhecimentos do general Rainsford os apontamentos de que mais se valeu a nosso respeito: mediocremente gravada, e um tanto confusa, porém seduz pelo seu bom papel é tiragem. Em uma nota declara as fontes a que recorreu: e estimada.

11.° — A carta de *Faden* por este publicada em Londres, em 1820. E' como uma versão dos atlas hispanhoes que acima mencionámos; em quatro folha na escala de $\frac{1}{746300}$ O seu systema orographico em cadeias contínuas como a precedente, lhe deu sôbre ella mais reputação.

12.° — De *Wyld*, ou mappa d'Hispanha e Portugal, descrevendo as estradas, rios, e cadeias de montanhas, posições militares, e os logares das principaes batalhas, e acções da guerra da Peninsula; corrigido e augmentado em 1829; quatro grandes folhas, escala de uma polegada por cada 10 milhas. O auctor tem estado por muitos annos empregado como geographo, na repartição do quartel-mestre general inglez, e alli tem consultado os melhores documentos.

N. B. M. Wyld tem publicado igualmente 50 cartas de differentes operações, movimentos, batalhas, e sitios emprehendidos pelos alliados na guerra da Peninsula; fundadas nos documentos officiaes existentes nos archivos inglezes; sendo as mais geraes, na escala de uma polegada por cada 4 milhas, e as especiaes na de 4 polegadas por cada milha, ou 12 por cada uma de nossas leguas.

Estes exemplares servem frequentemente de modelo nas escholas militares inglezas.

CARTAS ALLEMANS.

13.° — De *Artaria*, anterior á data que tem de 1808. E' uma cópia da pouco exacta franceza de *Mentelle* de que fallaremos, e sem credito.

14.° — Atlas de *Gussfeld*, publicado em Nuremberg desde 1781 a 1812. Apresenta em diversas escalas a carta geral d'Hispanha e a de Portugal, cada uma em sua folha. A Castella oriental e a occidental, Burgos, Soria, Segovia e Avila, Leão Valladollid, Galliza, Asturias, provincias Vasconças, Aragão, Navarra, Catalunha, Baleares, Valencia, Murcia, Cordova etc. bahia de Gibraltar, norte de Portugal, e sul d'este, sendo ao todo 26. Contém quasi todas as nomenclaturas e divisões das de *Lopes*, de que apenas é uma reducção, mais emquanto ao volume do que á escala, sendo-lhe inferior no demais.

15.° — O *Instituto geographico de Weimar* tambem publicou em 6 folhas uma soffrivel carta d'Hispanha e de Portugal, que não havemos alcançado vêr.

CARTAS FRANCEZAS.

16.° — A Hispanha segundo a extensão de todos os reinos comprehendidos sob os corôas de Castella, Aragão, e Portugal, por *Hubert Jaillot*, em quatro folhas, 1716, e coherente á geographia d'aquella epocha.

17.° — Carta do Aragão por *Danville*, Paris 1719, quatro folhas.

18.° — Dita geral dos montes Pyrineus, por *Roussel*, em oito folhas da escala do $\frac{1}{2149 6 4}$. Seu auctor adverte que so foi methodicamente levantada a parte franceza e a Guipuscoa. A parte até ao Ebro foi extrahida dos antigos documentos. Parece ter sido feita no meiado do seculo passado. Está orientada ás vessas, isto é com o norte para baixo, e não traz projecção alguma astronomica.

19.° — Carta d'Hispanha e de Portugal, por *Mentelle*, 1799, em oito pequenas folhas, na escala de $\frac{1}{994973}$. É bem gravada mas tão mal construida como o de *Jaillot*, e parece haver servido de base á *d'Artaria*.

20.° — Dita — por *Desauche*, em quatro folhas, é uma má cópia da antecedente.

21.° — Carta dos caminhos de posta, e etinerarios d'Hispanha e Portugal, por Carlos Piquet, uma folha na escala do $\frac{1}{2429000}$ Arranjada por *Lapié* em 1810 para a guerra d'aquella epocha, revista e melhorada em 1822, e augmentada com a descripção das 52 provincias decretadas pelas côrtes d'então. Esta pequena carta mui bem gravada, offerece por modo claro todos os caminhos, poisadas, logares principaes, distincções das provincias restabelecidas por Fernando VII., emfim os suburbios de Madrid em um quadrete á parte. Para quem não precisar minuciosos detalhes topographicos, mas do bem figurado orographico, ésta carta é excellente vade-mecum.

22 — A carta d'Hispanha e Portugal, uma grande folha, por *Lapie*, na escala de $\frac{1}{1960000}$. Foi publicada em 1822 por *Basset*.

23 — N'este mesmo anno M. H......, discipulo de M. *Noble*, publicou em uma folha, outra carta geral da Peninsula, em pequena escala, e pouco correcta.

24 — Ainda que se não incontra em separado, mencionaremos a carta physica d'Hispanha que adorna a obra de M. de *Laborde*. É de uma folha, na escala de $\frac{1}{431300}$, e feita pelo coronel *Bory de Saint-Vincent*. A hydrographia, e a orographia da Peninsula, alli estão menos mal detalhadas, mas a sua expressão physica é a mais regular que existe.

25 — Mappa civil e militar d'Hispanha e Portugal, por *Donnet*, inriquecido com as plantas de 34 cidades, e portos principaes: publicado em Paris, no anno de 1824, por *Danty e Maló*, construida na escala de $\frac{1}{750000}$, e sôbre a projecção modificada de *Flamsteed* que se usa em França no *Dèpot de la guerre*: funda-se na determinação a priori de perto de 300 pontos tirados das taboas astronomicas e trignometricas de *Antillon*, do *Connaissance des temps*, das *Ephemerides de Gotha*, e das operações trignometricas entre nós feitas pelo Sr. *Ciera*. As obras de *Lopes*, *e Tofino* lhe serviram de auxilio; e M. de *Humbold* a inriqueceu tambem de alguns documentos e determinações astronomicas e barometricas, além de dois perfis transversaes da Hispanha, um desde os pyrineus a Malaga, e o outro de Valencia á Corunha. O desenho e a parte orográfica são bons, e os generaes *Dalle e Andréossy*, assaz conhecedores da Peninsula, coadjuvaram ésta empreza, com as suas luzes. É das melhores cartas a consultar.

26 — Cartas d'Hispanha e Portugal, segundo a nova divisão civil e politica, pelo mesmo *Dônenn*, na escala de $\frac{1}{1500000}$, em uma folha, 1823. Sem ser uma reducção da precedente, foi construida sob os mesmos auspicios, e é superior a todas as cartas de uma so folha. N'ella se vê applicada á topographia a gravura polychroma, sendo a parte orografica com aquatinta de bistre, e sôbre ésta, em preto, a indicação de muitos dtalhes.

27 — O mesmo *Donnet* em 1823 inriqueceu uma carta da Peninsula, por *Orgiazzi*, na boa escala de $\frac{1}{344300}$, com as plantas de Madrid e Lisboa, n'esta mesma escala.

28 — Carta itenerario d'Hispanha e Portugal, publicada em 1823 pelo *Dèpot de la guerre*, em dezeseis folhas, por ordem do govêrno. É cópia, ou antes na mesma escala da de *W. Faden*, mas inriquecida de todos os esclarecimentos existentes n'aquella repartição. Feita por occasião da interferencia franceza: não foi de principio senão itenerario, e contendo os logares principaes; mas depois se foi gradualmente preenchendo, corregindo, e desenhando segundo as investigações dos officiaes do estado-maior que estiveram na Peninsula; em resultado das quaes se fez outra edição, que é a mais procurada.

29 — O mesmo *Dèpot* etc. publicou tambem em 1827 uma carta d'Hispanha septentrional, isto e, dos Pyreneus até Madrid na escala de *W. Faden* É em dôze folhas, e continuação da de França por *Capitaine*.

30 — Mappa d'Hispanha e Portugal, 'ó nuevo atlas compuesto em 63 hojas,' por *D. Maria Antonio Calmet Beaucoisin* etc.: promettido desde 1818, so tem sido publicada uma pequena parte, que desdiz das riquezas promettidas no programma. Existe em separado um indicador do ajuntamento das folhas annunciadas.

31 — Carta d'Hespanha e Portugal por *Vivien*, em duas folhas, segundo as cartas de *Lopes*, *Faden*, *e do Dèpot de la guerre*, Paris 1831, e revista em 1834. Tem em separado uma carta da bahia de Cadiz. É das melhores cartas das publicadas, em duas folhas, posto que de pequena escala para usos militares.

CARTAS BELGAS.

32 — A Hispanha (contendo Portugal), em dezeseis folhas na escala de $\frac{1}{600000}$, isto é, maior que a do *Dèpot*; publicada pelo estabelecimento geographico de Bruxelas, fundado por *Vander Maelen*, sem data mas que se julga de 1835 a 37. A parte topographica, e orographica estão sufficientemente indicadas, posto que o desenho não seja muito egual, e senão indiquem as auctoridades em que se funda como era de apetecer. Tem um quadro de ajuntamento para as folhas, e é das melhores que se podem alcançar.

Continúa.

A. Xavier Palmeirim.

VARIEDADES.

O MEZ D'AGOSTO.

81 E' este um mez respeitavel, querido e apreciado: o seu signo é a *virgem*. O mesmo astrologo que citámos, em referencia ao mez de julho, diz o seguinte das senhoras que nascem debaixo da influencia d'este signo adoravel.

> A que n'este signo nasce
> Tem belleza e tem candura:
> Da riqueza os dões não goza,
> Mas é meiga como é pura.

Ja se vê pois que as *felizes* que nascerem n'este formoso mez não hão de morrer solteiras, em quanto no mundo houver bom-gôsto e se presarem as qualidades naturaes sôbre os accidentes da fortuna...

Este mez tem 31 dias. A sua lua começou a 4 de julho e acabará no seu dia 2. Os dias diminuem 32 m. de manhan e 32 m. de tarde. O dia maior é o 1.° que tem 14 horas. No dia 1 nasce o sol ás 4 h. 57 m., põe-se ás 7 h. 3 m.: no dia 31 nasce ás 5 h. 29 m., põe-se ás 6 h. 31 m.

No nosso clima é este o mez mais quente do anno; ainda que os *antigos* diziam: 'primeiro d'agosto primeiro de inverno' porque o sol ja tem descido muito, e de ordinario é n'este mez que começam as chuvas, chamadas pelos homens do campo 'primeiras aguas' N'este mez se completam as colheitas: é o mais abundante de todos os do anno, e talvez o mais alegre tambem para toda a classe de gente, porque quasi tudo lhes é de prazer e sabe *a gôsto*, como o nome d'elle.

N'este mez celebravam os gregos os jogos nemeus, de tres em tres annos, e os mysterios de Baccho. Em Babylonia, na Media e Armenia, festejava-se a deusa Sacca por seis dias consecutivos. Os rodios tinham a festa das andorinhas, e os egypcios a de Harpocrates. O dia das calendas era pelos romanos consagrado á esperança, e faziam-se os jogos em honra de Marte: celebravam tambem em agosto a festa de Ceres, a do sol, a das escravas, a dos caçadores, a dos cães e muitas outras, entre as quaes se distinguia a que as damas romanas iam celebrar fóra da porta collina...

EPHEMERIDES.

3, Proscripção dos jesuitas (1759) — 4, Infeliz ba

talha de Alcacer-kibir (1578) — 10. Descoberta da ilha de S. Lourenço por Tristão da Cunha (1506) — 14. gloriosa batalha de Aljubarrota (1385) — 15. Instituição da irmandade da Misericordia de Lisboa (1498) 21. Conquista de Ceuta (1415) — e batalha do Vimeiro (1808) — 22. Reforma da era de Cesar (1460) — 25. Victoria do Duque d'Alva sobre o Prior do Crato (1586.)

CORREIO EXTRANGEIRO.

82 A administração da Bibliotheca-real de Paris preveniu do seguinte: «Todo o requerimento para obter licença de COPIAR na *totalidade* ou em parte algum manuscripto da Bibliotheca-real, deve ser feito ao director para que elle, ouvindo o parecer do Conservatorio, o transmitta ao ministro d'instrucção-pública; ao qual só compete o direito de conceder a licença.

Parece que se vai estabelecer uma linha de vapores entre os Estados-Unidos, Inglaterra e França. Os vapores serão construidos de maneira que no caso de precisão possam incorporar-se á marinha de guerra americana. A empresa é de uma companhia recentemente formada em New-York com o nome de 'Atlantic steam navigation Company.'

O superior da ordem dos jesuitas em Roma ordenou a todas as casas da companhia que existiam, actualmente em França, que se dissolvessem, renunciassem aos noviciados, e processem á venda dos seus bens de raiz. Esta resolução foi tomada em consequencia das considerações mandadas expôr pelo govêrno francez a sua santidade.

A exposição da sociedade real de horticultura em Pariz, devia celebrar-se a 10 ou 12 d'êste mez, e a sessão geral da destribuição das medalhas no domingo seguinte. Ésta exposição em que brilham os melhores productos da horticultura, atrahe sempre grande número de curiosos.

Os jornaes russos continuam a registrar as desgraças produzidas no norte pela dissolução do gêlo. Contam-se aos centos as pessoas geladas principalmente nos campos. Muitos d'estes accidentes tem sido acompanhados de circumstancias singulares: na Polonia, por exemplo, todo um cortejo de noivos, no meio das danças e da alegria, foi tomado pela congelação, e mais de quarenta pessoas morreram da morte que, segundo se diz, menos se sente.

As universidades allemans teem conservado sempre o direito de dar a sua opinião em todas as grandes questões de ordem, politicas ou religiosas, quer seja espontaneamente quer consultadas pelo govêrno, e o seu voto é tomado em grande consideração. Talvez que os leitores se recordem de ler na REVISTA que uma companhia ingleza se propunha a fazer construir as estradas de ferro que se projectam no reino de Wurtemberg; mas a universidade de Tubingue acaba de publicar uma deliberação a este respeito, em que declara: que é sempre mau conceder grandes linhas ferreas a companhias particulares; que este mal é singularmente aggravado quando estas Companhias são extrangeiras; mas que se tornaria em verdadeira loucura quando estes extrangeiros são inglezes (!)

Está estabelecida em Paris uma associação de fabricantes, cujo fim é adoptar todos os orphãos pobres, ensinar-lhes officios, dirigil-os, e governal-os até serem homens feitos. O bem conhecido barão C. Dupin leu, na sua última reunião, um discurso que commoveu muito o auditorio. Os meninos-orphãos assistiram, e cantaram differentes córos o melhor que se podia desejar. Organisou-se logo uma loteria a favor d'esta Obra-pia, e o numeroso concurso sahiu satisfeito d'esta interessante solemnidade.

O ministro das finanças em França fez publicar o quadro geral das propriedades do Estado, em referencia ao 1.° de janeiro do corrente anno. O seu valor aproximado é de mil duzentos e oitocentos e nove milhões de francos: mais de 792 milhões é o valor das florestas nacionaes.

A Austria é, como se sabe, a grande cidadella do jesuitismo na Europa: de todos os reinos governados pelo seu imperador ha um só que não tem sido invadido pelos jesuitas, é o da Hungria. Apezar de todos os esforços d'elles a dieta hungara não tem querido revogar o seu decreto de proscripção. N'este caso os jesuitas, vendo que nada faziam com os homens tentaram ver se por intervenção das mulheres conseguiriam a sua reintegração. Como quer que seja, descubriu-se na cidade de Presburgo uma reunião clandestina de certo numero de mulheres em casa de um tal padre Rosenkranz que lhes inspirava com seus discursos um mysticismo exaltado, promettendo ás mais doceis de as fazer chegar a podêr de orações ao estado de extasi e ao dom de prophecia. A policia porém que em parte nenhuma quer prophetas, dissolveu éstas reuniões e mandou sahir do paiz o padre Rosenkranz.

A exposição dos productos da industria polaca devia faser-se em Varsovia por todo este mez de julho. O governo da Russia fasia todos os esforços para que os mercadores de Moscou e de S. Petersburgo mandassem as suas fasendas á exposição: deram-se todas as providencias para que os transportes custassem o menos possivel aos expoentes.

Um congresso agricula se devia celebrar o mez passado em Breslau; os mais celebres agronomos inglezes, francezes e hungaros que se acham viajando na Prussia foram convidados para esta reunião.

CORREIO NACIONAL.

83 A Festa de San Sebastião na freguezia de Bemfica, celebrou-se este anno, como de costume, nos dias 27 e 28 do corrente; notou-se porém um concurso muito mais numeroso, tanto da cidade como das freguezias ruraes circumvizinhas. Não nos consta que houvesse incidente desagradavel.

A caixa-economica da Companhia 'Confiança nacional' recebeu 6:185$400 reis de quarenta depositantes, sendo 22 novos, na semana de 20 a 26 do corrente.

O Sr. José Nunes Corrêa, residente na Povoa da Ribeira-Sardeira, concelho da Certan, escreve á REVISTA pedindo que dêmos a noticia de que uma sua irman que padecia gravemente de uma solitaria, em vão combatida pela medecina, viera a ésta cidade, rua dos Fanqueiros n.° 36 — 1.° andar, consultar o incarregado da applicação do remedio do Sr. Oliveira contra a tenia (de que muitas vezes se tem fallado n'este jornal), e que felizmente acaba de ser extrahida completamente: e isto deseja o Sr. Corrêa fazer público por philantropia e credito de tão util applicação.

———

A Camara-municipal de Braga publicou as contas da sua gerencia no anno findo: a sua receita produsiu 15:822$781 réis, que foram completamente absorvidos pela despeza.

———

O clown do 'Circo' que tem dado algumas representações no theatro do 'Salitre' está escripturado pela empresa do theatre de 'S. João do Porto', para onde partirá no principio de agosto.

———

A 'Alfandega-grande de Lisboa rendeu 2;111:015$452 réis no anno economico de 1844—45.

———

A Irmandade da Freguezia de S. Nicolau d'esta cidade está auctorisada a contractar um emprestimo de dezesseis contos para o acabamento da igreja-parochial cujas obras ja começaram ha tempo.

———

No dia 8 de settembro hão de ser arrematados varios bens nacionaes no districto de Lisboa: e no dia 11, nos de Lisboa, Villa-real e Vianna.

———

Em 25 do corrente foi achado um cadaver n'um poço da quinta do Visconde da Bahia, a S. Sebastião. O corpo estava corrupto, e calculou-se que estaria morto de oito dias. Estava descalço e em mangas de camiza; tinha bigode e suiças cerradas. Nada mais consta, por emquanto, a este respeito.

———

Temos presente a lista dos premios e distincções dos estudantes da Universidade, em referencia ao corrente anno: No 1.° anno foram premiados os Srs. — 1.° A. da Motta Veiga, 2.° J. C. Massa: no 2.° — 1.° C. de Seixas Moutinho, 2.° J. A. Fernandes Pinheiro: no 3.° — 1.° J. M. C. do Casal-Ribeiro, 2.° M. T. de Sousa Azevedo: no 4.° — 1.° J. da Rocha Pinto, 2.° R. J. Pimentel: no 5.° — 1.° M. M. da Silva Bruschy, 2.° A. M. do Couto-Monteiro. Sentimos que nos falte espaço para publicaar igualmente os nomes dos que mereceram o *accessit*, e dos que foram apontados como distinctos pelos respectivos professores das diversas aulas.

———

No dia 28 receberam o baptismo na Parochial de S. Nicolau duas cathecumenas israelitas. Houve missa de instrumental, composição do Sr. Jordani, e o templo estava completamente cheio de fieis que assistiram a ésta augusta e edificativa ceremonia.

———

A Companhia de seguros, 'Segurança,' da cidade do Porto, pagou dividendo na razão de 10$ réis por acção.

———

As últimas noticias dos Açores nada dizem d'importante. N'umas excavações em Angra tinham apparecido algumas moedas das que D. Antonio, prior do Crato, mandára cunhar quando pertendente á corôa, e que, como todos sabem, esteve algum tempo na ilha Tecreira.

———

No dia 23 do corrente reuniu o Conservatorio-real em sessão pública, para assistir ao concurso sôbre o provimento da cadeira de instrumentos de latão. A sessão esteve brillhante. Dois foram os concorrentes: o Sr. Gazul, 1.° trompa na orchestra de S. Carlos, e o sr. Pinto, 1.° corneta-de-chaves da mesma orchestra, e assaz conhecido pelas suas numerosas composições. O Sr. Gazul por incommodado póde apenas tocar tres instrumentos dos cinco que foram marcados no programma; ésta circumstancia fez com que este artista ficasse considerado como fóra do concurso. O Sr. Pinto tocou excellentemente em todos os cinco instrumentos — trompa, clarim, trombone, corneta-de-chaves e phigle: todas as peças foram acompanhadas pela orchestra, e sería difficil de distinguir em qual d'ellas o illustre artista mais louvor merece — tal foi a habilidade que em todas mostrou. Os applausos do seu intelligente auditorio e dos numerosos espectadores, anteciparam a decisão do jury que unanimemente o julgou digno de occupar a cadeira de professor.

O Sr. Pinto é uma capacidade artistica que fazia falta no corpo cathedratico do Conservatorio-real: são taes e tantas as provas dos seus talentos musicos, que sinceramente nos congratulâmos por ésta adquizição d'aquelle util estabelecimento.

Espera-se a decisão do govêrno de S. M.

———

Temos a satisfação de annunciar para amanhã (quinta feira, 31) um bello espectaculo no Theatro da 'Rua dos condes'. *O tributo das Cem donzellas*, é um 'drama-opera' cuja acção interessa, e cujos accessorios são porventura os mais apparatosos que temos visto no theatro-nacional. É uma imitação do Sr. Mendes Leal, com coros e bailados, musica do Sr. Pinto, e cuja comparsaria sobe a 150 pessoas em scena. A Empresa não se poupou a despezas e esforços para apresentar um espectaculo a todos os respeitos magnifico.

———

— *Á última hora* — A sorte grande nem sempre faz ricos, tambem ás vezes faz desgraçados. Diz-se que hoje ao extrahir-se a loteria sahiram os 5:000$000 réis n'um n.° cujo bilhete havia sido comprado por um criado da 'Misericordia:' a exemplo d'outros muitos que assim teem ganho bom dinheiro, o nosso homem dividiu o bilhete em *cautellas*, que ainda foram subdivididas n'outras mais pequenas pelos socios; e o bilhete foi tambem vendido inteiro a um quinto, decimo, ou vigessimo comprador. A mystificação caminhára uma maravilha, vai se não quando embirra a *sorte* em cahir no revendido n.°. O primeiro comprador desappareceu, e em quanto os signatarios das menores *cautellas* se debatem victimas d'um logro, vai o possuidor do bilhete receber impassivel o desejado premio. O caso porém é sério: isto tem acontecido mais vezes, e é necessario que a auctoridade intervenha: temos a este respeito um alvitre de que tractaremos.

CONHECIMENTOS UTEIS.

A ESCHOLA POLYTECHNICA.

84 A 22 d'abril de 1843 uma catastrophe geralmente sentida, privou Lisboa de um bello edificio de duzentos annos de existencia, e o paiz de um estabelecimento concentrica e devidamente organizado — o mais respeitavel de Portugal depois da universidade de Coimbra. Ja se terá adivinhado que quero fallar do incendio do edificio conhecido pelo nome de 'Collegio-dos-nobres' e onde se creára a Eschola-polytechnica.

O zêlo n'essa occasião desinvolvido por todo o corpo cathedratico d'aquelle importante estabelecimento; por muitas pessoas de elevada categoria, sem exceptuar a mais suprema d'ellas, segundo então se disse: a discussão da imprensa periodica e da tribuna parlamentar: tudo concorria para nos cimentar a grata esperança de que a Eschola-polytechnica surgiria ainda mais brilhante das suas ruinas, e que os numerosos mancebos que a frequentam achariam n'um centro commum a educação scientifica e esperançosa como até alli, e de que ja se iam colhendo os melhores resultados. Debalde porém se tem esperado até hoje a satisfação d'estes desejos: parece que todo o zêlo de então se apagou ou arrefeceu depressa; pensou-se talvez que a disseminação das eschọlas por outros estabelecimentos, a que são incommodas e onde não estão como deviam, não seria prejudicial á organização de um estabelecimento cuja unidade de idêas é o primeiro elemento da sua constituição, e consequentemente a centralização dos meios da execução do seu pensamento a indispensavel garantia dos bons resultados.

Protestâmos que escrevemos inteiramente extranhos a tudo quanto a este respeito se tem passado — se com effeito alguma coisa se tem passado; e que ignorâmos tudo quanto possa haver sôbre este objecto além dos factos públicos e de todos conhecidos.

Depois d'esta declaração que nos pareceu necessaria, e porque emfim não temos obrigação nem meios de saber o que particularmente se tracta — se porventura alguma coisa ha tractada: pensâmos que, sem infligir censura a ninguem porque recordâmos apenas o que todos teem visto, pensâmos que se deve lamentar, seja qual for a causa, não se haverem realizado as esperanças, tão justamente concebidas, de ver restaurado um bello edificio, e competentemente rehabilitado um estabelecimento indispensavel. N'estas circumstancias lembra-nos de que a 'Companhia das Obras publicas,' que ja se sabe haver tomado a seu cargo outras edificações similhantes sería competentissimo meio de levar ao cabo a reconstrucção da Eschola-polytechnica — e desde ja.

Quando se tracta de melhoramentos, todos necessarios, todos indispensaveis, custa-me dar a preferencia a qualquer d'elles; todavia, parece-me que mesmo sem essa preferencia a Companhia das Obras-publicas está sufficientemente habilitada a emprehender a reconstrucção de que tracto conjunctamente com as demais obras que, como se sabe, deverá começar a com brevidade.

Não vemos embaraços para a execução d'este projecto, nem mesmo podêmos atinar porque d'elle se não tenha ja tractado, visto que a idêa é obvia e simples.

Emquanto á necessidade d'esta reedificação estou certo de que não carece ser demonstrada, mas, se o carecesse, pelos artigos 1762, 1827, 1886, 1910, 1975 do 2.° v. d'este jornal se poderia bem reconhecer a importancia d'ella.

NOVO PROCESSO PARA CONSERVAÇÃO DAS MADEIRAS.

85 Os jornaes hollandezes de 16 do passado conteem a circumstanciada notícia de uma experiencia, feita em grande escala, sôbre o processo inventado para conservação das madeiras, e ja priviligiado em Inglaterra, França e Belgica. Este processo consiste em metter a madeira em grande cylindros, e depois de lhes haver extrahido o ar inchel-os com uma mistura de cal e ferro, que se amalgamam e poem a madeira á prova de podridão e caruncho, e tão duradoira como o ferro. A experiencia sahiu tão bem que o govêrno hollandez vai adoptar a madeira assim preparada na construcção de todos os seus navios e trabalhos publicos.

MODO, DE PRATEAR PELA ELECTRICIDADE.

86 Toma-se uma oitava de prata da melhor qualidade (a de galões queimáda mas limpa poderá servir); e sendo de chapa se deve bater em laminas delgadas que se lançam n'uma capsula, ou mesmo tigella de porcelana, a que se ajunta acido nitrico sufficiente para a cubrir e dissolver. Applica-se-lhe uma grizeta, servida a espirito de vinho, para fazer evaporar o acido e mesmo favorecer mais a dissolução, até ficar reduzida a uma massa sêcca, cinzenta ou côr de cana. Retira-se a grizeta, e se lhe ajuntam 10 oitavas ou 12 de prussiato de potassa, e 10 onças d'agua destilada. Applica-se de novo a grizeta, e vai-se mexendo com um bocado de vidro, por tempo de 5 minutos, ou até que o prussiato esteja bem dissolvido, e tenha apparecido uma côr de flôr d'alecrim ou cinzento. Retira-se então a grizeta, deixa-se esfriar e filtra-se por papel pardo para nos servirmos do liquido que passou pelo filtro, e que se arrecadará em frasco ou garrafa de vidro, rolhado.

Em um alguidar grande de barro põe-se um vaso de zinco, com seu conductor de arame. Enche-se d'agua da fonte o alguidar, e ajuntam-se-lhe umas poucas de gôtas d'acido sulphurico (oleo de vitriolo) por exemplo, 5 ou 6, para cada canada de agua, de modo que provando-se na lingua se conheça estar levemente acidulada. Em volta da peça de zinco se põe uma especie de trempe de pau ou ferro para podêr sustentar um vaso qualquer, dentro do qual se lança a dissolução da prata. Este vaso deve ser aberto na parte inferior, e em volta do gargallo se ata com uma guita um bocado de bexiga de boi ou de porco, ou mesmo de pergaminho (que muitas vezes é preferivel se as peças que se teem a pratiar são pesadas ou podêrem romper a bexiga). D'esta maneira ficarão os dois liquidos separados pela membrana animal mas communicando o fluido electrico. A peça de cobre, latão, ou bronze, que se quizer pratiar, dependura-se no arame de cobre, conductor da eletreccidade que se desinvolve no zinco visto estar em contacto com a agua acidulada, e se mergulha toda a peça na dissolução da prata. Em poucos momentos ficará coberta d'uma capinha de

prata que augmentará mais em espessura quanto maior espaço de tempo estiver na dissolução. Tira-se para fóra, mergulha-se em bastante agua, e esfrega-se com cremor-tartaro, depois com escova macia, e mergulha-se de novo na dissolução da prata deixando-se estar de cada vez 2, 3, 4 e 5 minutos segundo parecer necessario.

Convem que as peças que se querem pratiar sejam limpas o mais perfeitamente possivel: alguns outros esclarecimentos mais poderei dar quanto ao ferro, estanho etc. que exige outro processo. Convem ter cautella com o prussiato de potaça que é um veneno.

(Communicado.)

LEME DE REPOR.

87 Todos sabem que a perda do leme é uma catastrophe para um navio; para obviar a este perigo o ministerio da marinha em França tinha feito todos os esforços para que alguem imaginasse um leme de repôr que funccionasse immediatamonte á perda do leme ordinario, ou de qualquer avaria que embaraçasse o seu movimento. Até agora nenhuma das idêas propostas tinha satisfeito cabalmente o que se pertendia, ou por muito complicadas ou por muito morosas na execução; mas assegura-se que um empregado da marinha-real inventou agora um leme de repor que preenche completamente o seu fim: assim foi julgado pelo supremo conselho da marinha, que o manda experimentar n'uma corveta de guerra. Teremos cuidado de informar do mais que soubermos d'esta importante descoberta.

INDUSTRIA PORTUGUEZA.

88 Chamâmos a attenção do govêrno de Sua Magestade, de todos os industriaes e portuguezes zelosos pela prosperidade do seu paiz, sôbre o artigo que transcrevemos do 'Periodico dos Pobres no Porto' n.º 180, e particularmente sôbre a parte que pomos em gripho. O espaço hoje não nos dá logar a reflexões proprias, mas o assumpto, de per si so, bem alto clama. O artigo é o seguinte:

« O *Sr. Tinelli.*—Estec avalheiro, consul dos Estados-Unidos no Porto, era um extrangeiro que tinha feito a favor do paiz mais do que a maior parte dos nossos compatriotas: havia-se dedicado com paixão a fomentar entre nós a industria da creação do bicho da seda; para isso arrendou a cêrca da Serra em frente da cidade, e n'ella vegetavam ja 40:000 amoreiras, por elle colligadas e havidas com despezas: o Sr. Tinelli pediu por vezes ao govêrno e ás camaras a concessão por certo número de annos d'aquelle terreno, para ali fazer um seminario-modêlo do tractamento e propagação do bicho da seda: industria que a França e outras nações tratam de aclimatizar; e entre nós é tanto mais util o promover-se que a *industria popular do panno de linho, que entretinha na provincia do Minho mais de cincoenta mil braços, está defecando e morrendo pela concorrencia dos tecidos inglezes entre nós e no Brazil.* Está tão louvavel pretenção e patriotico offerecimento não foi attendido; e o Sr. Tinelli, tendo de continuar a sua carreira consular, ahi vai despachado para a America hispanhola, a sua plantação vai ser vendida a retalho, e seus projectos caducaram!! A França, os Estados da Allemanha, por toda a parte mandam quem aprenda das outras nações os aperfeiçoamentos e industrias que entre elles carecem de fomento: nós votâmos ao desprezo quem nos vem offerecer novos mananciaes de industria!! É fado nosso.»

RECOVAGEM. (1)

89 Agradecendo primeiramente os não merecidos e excessivos elogios do sr. Redactor da revista, pois que para haverem esses mesmos estudos que me attribue era preciso existirem os elementos de cujo falta me queixo, passarei a continuar o assumpto encetado a fl. 64.

Estabelecidas as razões elementares d'esta investigação, vamos agora ver por ellas, quanto caberia. Portugal de recovagem territorialmente, se as nossas producções diversas não differissem em nada das da França. Tendo sido a recovagem arbitrada em 173 milhões para a França, e tendo Portugal 0,17 das dimensões d'aquella nação, segue-se (173 $\times$ 0,17) que nós deveriamos ter 29,41 milhões de recovagem se possuissemos, segundo as áreas relativas, a mesma riqueza e a mesma população no nosso territorio que possue a França. Não tendo nós porém a mesma riqueza e offerecendo ellas, segundo as minhas supposições, os termos de 128 réis para 40 réis, haverá a fazer um abattimento de 128 para 40 n'estes 29.41 milhões, o qual os reduzirá a 9.19 milhões.

A última reducção que nos resta a fazer é a da população. Reduzimos terreno, reduzimos riqueza, devemos tambem reduzir o alimento e mais accessorios de 93 individuos em cada milha quadrada em Portugal contra 160 no mesmo espaço em França. Sujeitando pois os 9.19 milhões supra a ésta regra mais, teremos finalmente 5.34 milhões de toneladas francezas para toda a recovagem de Portugal; dado que podessem merecernos algum credito as analogias que tenho estado a procurar estabelecer entre os dois paizes.

N'estes 5.34 milhões de toneladas devem tocar, segundo a repartição indicada por Mrs. Navier e Dutens, 3.92 milhões a generos consummidos onde se criam, 0.15 a conducção aquatica, 0.65 a caminhos travessos, e 0.31 a estradas reaes. Não hesito em não alterar a distribuição que propuzeram estes dois AA. por que a arrumação ou localisação dos habitantes do nosso paiz está no caso de se assimilhar talvez bastante á da França.

Ambas as nações são muito agricolas, guardada a distancia da nossa defficiencia. E, para não haver preferencias nas especies, se as nossas estradas reaes são más os seus caminhos vicinaes e travessos não estão em melhor estado. É verdade que não temos canaes, mas tambem pelo outro lado, servimo-nos muito do transporte costeiro e de cabotagem para os nossos generos.

Tolerada pois a destribuição, que de curiosidade aqui se appropriou, vamos converter os pêsos francezes em portuguezes e fazer a divisão por individuo a vêr o que dá para cada um, afim de se colligir se ha muita extravagancia, ou ha alguns visos de probabilidade nas phantazias que se teem computado até agora.

Uma tonelada franceza pelas taboas da traducção portugueza da arithmetica de Lacroix é egual a 2,166,88 arrateis portuguezes, serão portanto os 5.34 milhões de toneladas francezas equivalentes a 11,571,139,200

1 Continuado de pag. 65.

arrateis, ou 361,598,109 arrobas, ou 90,399,525 quintaes, ou 5,105,686.20 toneladas portuguezas. Estes numeros ficam muito distantes para se podèr appreciar a sua applicação, e por isso passaremos a reparti-los chronologicamente.

Foi ja dito que a população de Portugal em 1841 eram 3,396,972 almas. Se dividirmos os arrateis que temos achado por este divisor, teremos por anno para cada individuo, 3,403 arrateis. Este quociente ainda se não faz bem saliente á nossa comprehensão. Se portanto o tornarmos a dividir por 365 dias sahirá de 9 a 10 arrateis por dia o pèso dos objectos que teem de se mover até que cheguem ao seu último destino.

Se se attender a que so em pão se calcula um gasto quotidiano de $1\frac{1}{4}$ a $1\frac{1}{2}$ lb., e que ha além d'este, mais outros artigos de que se compõe a sustentação do homem, que não so tem de se alimentar, mas que se vesté e que se abriga, quesitos todos que multiplicam o volume por um sem fim de variadas e diversas fórmas, póde ser que se não ache de todo chimerico este último resultado.

As pessoas comtudo que julgarem que mui limitada deve ser a consideração que lhes devem merecer éstas deducções por serem todas ellas tiradas de dados graciosos, nem por isso deixam de ter razão.

De accordo com os que assim pensam aqui ficaria, se a tarefa que tomei me não obrigasse a alguns esclarecimenmentos sôbre esses algarismos, reaes ou ficticios, que tenho calculado.

Um ponto que significa muito para a viação, é a intensidade da população, porque segundo ella é mais ou menos específica n'um dado espaço, mais ou menos extensa é a distancia que tem de percorrer o producto antes de se consummir; d'onde, sem refferencia a preços, os districtos que pela sua pobreza menos meios teem para fazer estradas são os que mais precizam d'ellas e mais caros tem de pagar os transportes. As distancias são maiores.

Em assentando as áreas e a população de cada uma das provincias, faremos o possivel por tornar clara ésta proposição.

AREAS DAS PROVINCIAS.

Leguas quadradas.

Minho	262
Tras-os-Montes	337
Beira	726
Extremadura	607
Alemtejo	838
Algarve	180
Total	2.950

POPULAÇÃO DAS PROVINCIAS.

Habitantes.

Minho	828.368
Tras-os-Montes	305,314
Beira	1,093,486
Extremadura	762,885
Alemtejo	276,590
Algarve	130,329
Total	3,396,972

Habitantes por legua quadrada.

Minho	3,161
Tras-os-Montes	906
Beira	1,506
Extremadura	1,256
Alemtejo	330
Algarve	724
Termo medio total	1,151

Tudo o que se produz tem de soffrer depois de produzido mais ou menos movimento primeiro que alcance a sua permutação, ainda que não seja senão o da sua transposição do domicilio rural para o urbano, ou do campo para a cidade: ora, sendo o espaço, na provincia, por exemplo, do Alemtejo de habitante para habitante como de 9 para 1, em comparação do Minho (330 para 3,161) segue-se que tem de andar, por exemplo, um moio de trigo 9 vezes mais caminho no Alemtejo do que no Minho para chegar ao logar da venda, e portanto importará a sua conducção 9 vezes mais, o que vem a ser um desfalque ou um augmento muito serio na venda para o lavrador, ou na compra para o consummidor. É ésta uma das razões não pouco sensiveis das lastimas em preços de cereaes, de que se queixam n'aquella provincia, relativamente ás outras.

Antes de passar adiante, ao arbitramento do custo da recovagem, assentarei as suas qualidades por provincias segundo o consummo de cada habitante. Achouse que o pèso de coisas que cada um d'elles consomme era o de 9 a 10 arrateis por dia. Dando que não sejam inteiramente imaginarias todas as cifras que se contaram, serão as arrobas a transportar em cada provincia as seguintes:

Arrobas.

Minho	89,761,438
Traz-os-Montes	33,083,634
Beira	118,460,983
Extremadura	82,645,875
Alemtejo	29,963,919
Algarve	14,118,975
Total	368,034,821

(Continúa.)

Claudio Adriano da Costa.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO VII.

Reflexões importantes sôbre o Bois-de-Boulogne, as carruagens de mollas, Tortoni, e o café do Cartaxo. — Dos cafés em geral, e de como são o characteristico da civilisação de um paiz — O Alfageme. — Hecatombe involuntaria immolada pelo A. — Historia do Cartaxo. — Demonstra-se como a Gran'-Bretanha deveu sempre toda a sua fôrça e toda a sua glória a Portugal. — Shakspeare e Laffitte, Milton e Chateaumargot. — Nelson e o principe de Joinville. — Próva-se evidentemente que M. Guizot é a ruina de Albion e do Cartaxo.

90 Voltar á meia-noite do *Bois-de-Boulogne* — o bosque por excellencia, descer, entre nuvens de poeira, o longo stadio dos 'Campos-Elysios', entrever, na rapida carreira, o obe-

lisco de Luxor, as árvores das Tulherias, a columna da praça Vendomma, a magnificencia heteroclyta da 'Magdalena', e emfim sentir parar, de uma soffreada magistral, os dois possantes inglezes que nos trouxeram quasi de um folego até ao 'boulevard de Gand'; ahi entreabrir mollemente os olhos, levantando meio corpo dos regallados cochins de seda, e dizer: 'Ah! estamos em Tortoni... que delicia um sorvete com este calor!' — é seguramente, é dos prazeres maiores d'este mundo, sente-se a gente viver; é meia hora de existencia que vale dez annos de ser rei em qualquer outra parte do mundo.

Pois acredite-me o leitor amigo, que sei alguma coisa dos sabores e dissabores d'este mundo, fiese na minha palávra, que é de homem experimentado: o prazer de chegar por aquelle modo a Tortoni, o apear da elegante caleche balançada nas mais suaves mollas que fabricasse arte ingleza do puro aço de Suecia, não alcança, não se compara ao prazer e consolação de alma e corpo que eu senti ao apear-me de minha choiteira mula á porta do grande café do Cartaxo.

Fazem idea do que é o café do Cartaxo? Não fazem. Se não viajam, se não sabem, se não vêem mundo ésta gente de Lisboa! E passam a sua vida entre o Chiado, a rua do Oiro e o theatro de San'Carlos, como hãode alargar a esphera de seus conhecimentos, desinvolver o espirito, chegar á altura do seculo

Coroae-vos de alface, e ide jogar o bilhar, ou fazer sonetos á dama nova, ide, que não prestais para mais nada, meus queridos Lisboetas; ou discuti os deslavados horrores de algum melodrama velho que fugiu assoviado da 'Porte-Saint Martin' e veio esconder-se na Rua-dos-Condes. Tambem podeis ir aos Toiros — estão imbolados; não ha perigo...

Viajar?... qual viajar! até á Cova-da-Piedade i, quando muito, em dia que lá haja cavallinhos. Pois ficareis alfacinhas para sempre, cuidando que todas as praças d'este mundo são como a do Terreiro-do-Paço, todas as ruas como a rua Augusta, todos os cafés como o do Marrare.

Pois não são, não: e o do Cartaxo menos que nenhum.

O café é uma das feições mais characteristicas que ha n'uma terra. O viajante experimentado e fino chega a qualquer parte, entra no café, observa-o, examina-o, estuda-o, e tem conhecido o paiz em que está, o seu govêrno, as suas leis, os seus costumes, a sua religião.

Levem-me de olhos tapados onde quizerem, não me desvendem senão no café; e protesto-lhe que em menos de dez minutos lhe digo a terra em que estou se for paiz sublunar.

Nós entrámos no café do Cartaxo, o grande café do Cartaxo; e nunca se incruzou turco em divan de seda do mais splendido café de Constantinopla com tanto gôso de alma e satisfacção de corpo, como nós nos sentámos nas duras e asperas tábuas das esguias banquetas mal sarapintadas que ornam o magnífico estabelecimento bordalengo.

Em poucas linhas se descreve a sua simplicidade classica: será um parallelogrammo pouco maior que a minha alcova; á esquerda dúas mezas de pinho, á direita o mostrador invidraçado onde campeam as garrafas obrigadas de licor de amendoa, de canella, de cravo. Pendem do tecto, laboriosamente arrendados por não vulgar thesoira, os pingentes de papel, convidando a lascivo repouso e inquieta raça das moscas. Reina uma frescura admiravel n'aquelle recinto.

Sentámon'os, respirámos largo, e entrámos em conversa com o dono da casa, homem de trinta a quarenta annos, de physionomia experta e sympathica, e sem nada do repugnante villão ruim que é tam usual de incontrar por similhantes logares da nossa terra.

—'Então que novidades ha por ca pelo Cartaxo, patrão?'

—'Novidades! Por aqui não temos senão o que vem de Lisboa. — Ahi está a 'Revolução' de hontem...'

—'Jornaes, meu caro amigo! Vimos fartos d'isso. Diga-nos alguma coisa da terra. Que faz por ca o...'

—'O mestre J. P. o 'Alfageme?'

—'Como assim o Alfageme?'

—'Chamam-lhe o Alfageme ao mestre J. P., pois então! Uns senhores de Lisboa que ahi estiveram em casa do Sr. D. poseram-lhe esse nome, que a gente bem sabe o que é, e ficou-lhe, que agora ja ninguem lhe chama senão o Alfageme. Mas quanto a mim, ou elle não é Alfageme, ou não o hade ser muito tempo. Não é aquelle não. Eu bem me intendo.'

A conversação tornava-se interessante, especialmente para mim: quizemos profundar o caso.

—'Muito me conta, Sr. patrão! Com que isto de ser Alfageme, parece-lhe que é coisa de?...'

—'Parece-me o que é, e o que hade parecer a

todo o mundo. E alguma coisa sabemos, cá no Cartaxo, do que vai por elle. O verdadeiro Alfageme diz que era um espadeiro ou armeiro, cutileiro ou coisa que o valha, na Ribeira de Santarem; e que foi um homem capaz, e que tinha pelo povo, è que não queria saber de partidos, e que dizia elle: 'Rei que nos inforque, e papa que nos excommungue, nunca hade faltar. Assim, deixar os outros brigar, trabalhemos nós e ganhemos a nossa vida.' Mas que extrangeiros que não queria, que ésta terra que era nossa e co'a nossa gente se devia de governar. E mais coisas assim: e que por fim o deram por traidor e lhe tiraram quanto tinha. — Mas que lhe valeu o Condestavel e o não deixou arrazar, por que era homem de bem e fidalgo ás direitas. Pois não é assim que foi?'

— 'É, sim, meu amigo. Mas então d'ahi?'

— 'Então d'ahi o que se tira, é que quando havia fidalgos como o sancto Condestavel tambem havia Alfagemes como o de Santarem. E mais nada.

— 'Perfeitamente. Mas porque chamaram ao mestre P. o Alfageme do Cartacho?'

— 'Eu lhe digo aos senhores: o homem nem era assim nem era assado. Fallava bem, tinha sua labia com o povo. D'ahi fez-se juiz, pôs por ahi suas coisas a direito — Deus sabe as que elle intortou tambem!... ganhou nome no povo, e agora faz d'elle o que quer. Se lhe der sempre para bem, bom será. — Os senhores não tomam nada?'

O bom do homem visivelmente não queria fallar mais: e não deviamos importuná-lo. Fizemos o sacrificio de bom número de limões que expremerons em profundas taças — vulgo, copos de canada — e com agua e assucar, offerecemos as devidas libações ao genio do logar.

Infelizmente o sacrificio não foi de todo incruento. Muitas hecatombes de myrmidões cahiram no holocausto, e lhe deram um cheiro e sabor que não sei se agradou á divindade, mas que injoou terrivelmente aos sacerdotes.

Sahimos a visitar o nosso bom amigo, o velho D., a honra e a alegria do Ribatejo. Ja elle sabía da nossa chegada, e vinha no caminho para nos abraçar.

Fomos dar junctos, uma volta pela terra.

É das povoações mais bonitas de Portugal, o Cartaxo, aceada, alegre; parece o bairro suburbano de uma cidade.

Não ha aqui monumentos, não ha historia antiga: a terra é nova, e a sua prosperidade e crescimento datam de trinta ou quarenta annos desde que o seu vinho começou a ter fama. Ja descahida do que foi, pela estagnação d'aquelle commercio, ainda é comtudo a melhor coisa da Borda-d'agua.

Não tem historia antiga, disse; mas tem-n'a moderna e importantissima.

Que memorias aqui não ficaram da guerra peninsular! Que espantosas borracheiras aqui não tomaram os mais famosos generaes, os mais distinctos militares da nossa *antiga e fiel* alliada, que ainda então, ao menos, nos bebia o vinho!

Hoje nem isso!... hoje bebe a jacobina zurrapa de Bordeos, e as acerbas limonadas de Borgonha. Quem tal diria da conservativa Albion! Como póde uma leal goella britannica, rascada pelos acidos anarchicos d'aquellas vinagretas francezas, intoar devidamente o God-save-the-King em um *toast* nacional! Como, sem Porto ou Madeira, sem Lisboa, sem Cartaxo, ousa um subdito britannico erguer a voz, n'aquella harmoniosa desafinação insular que lhe é propria e que faz parte de seu respeitavel character nacional — faz; não se riam: o inglez não canta senão quando bebe... alias quando está BEBIDO. *Nisi potus ad arma ruisse.* Inverta: *Nisi potus in cantum prorumpisse...* Mas como hade elle, digo, erguer a voz n'aquelle sublime e tremendo hymno popular Rulle, Britannia!

Bebei, bebei bem zurrapa franceza, meus amigos inglezes; bebei, bebei a pêso de oiro, essas limonadas dos burgraves e margraves de Allemanha; chamae-lhe, para vos illudir, chamae-lhe *hoc*, chamae-lhe *hic*, chamae-lhe o *hic hæc hoc* todo, se vos dá gôsto... que em poucos annos veremos o estado de *acetato* a que hade ficar reduzido o vosso character nacional.

Oh gente cega a quem Deus quer perder! pois não vêdes que não sois nada sem nós, que sem o nosso alchool, d'onde vos vinha espirito, sciencia, valor, ides cahir infallivelmente na antiga e priguiçosa rudeza saxonia!

D'essas traidoras praias da França donde vos vai hoje o veneno corrosivo da vossa idole e da vossa fôrça, não tardará que tambem vos chegue outro Guilherme bastardo que vos conquiste e vos castigue, que vos faça arrepender, mas tarde, do criminoso êrro que hoje commetteis, ó insulares sem fé, em abandonar a nossa alliança. A nossa alliança sim, a nóssa poderosa alliança, sem a qual não sois nada.

O que é um inglez sem Porto ou Madeira... sem Carcavellos ou Cartaxo?

Que se inspirasse Shakspeare com Lafitte, Milton com Chateaumargot — o chanceller Bacon que se dilluisse no melhor Borgonha — e veriamos os acidulos versinhos, os destemperados raciocininhos que faziam.

Com todas as suas dietas, Newton nunca se lembrou de beber Jhoannisberg; Byron antes beberia *gin*, antes agua do Thamisa, ou do Pamiso, do que essas escorreduras das areias de Bordeos.

Tirae-lhe o Porto aos vossos almirantes, e ninguem mais teme que torneis a ter outro Nelson. Entra nos planos do principe de Joinville fazer-vos beber da sua zurrapa: são tantos pontos de partido que lhe dais no seu jôgo.

É Mr. Guizot quem perde a Inglaterra com a sua alliança; e tambem perde o Cartaxo. Por isso eu ja não quero nada com os doutrinarios.

. . . .

Ha dôze annos tornou o Cartaxo a figurar conspicuamente na historia de Portugal. Aqui, nas longas e terriveis luctas da última guerra de *successão*, esteve muitas vezes o quartel-general do marquez de Saldanha.

Alguns dythirambos se fizeram; alguns echos das antigas conções bachicas do tempo da guerra peninsular ainda accordaram ao som dos hymnos constitucionaes.

Mas o systema liberal, tirada a epocha das eleições, não é grande coisa para a indústria vinhateira, dizem. Eu não o creio porém: e tenho minhas boas razões, que ficam para outra vez.

(Contínúa.)

A. G.

MEMORIA SOBRE TOPOGRAPHIA PORTUGUEZA. (1)

91 *Até* aqui havemos mencionado as cartas do reino visinho, e especializado as que abrangiam o nosso Portugal. Fallaremos agora das que nos são exclusivas. Ja acima nos referimos á memoria do sr. *Folque*, e so de passagem accrescentaremos que a base medida pelo Sr. *Ciera* para a triangulação do reino teve logar entre Monte-Redondo e a serra de Buarcos, além do Mondego, na extensão de 14,976 braças: que os angulos foram medidos com um circulo de *Borda*; e que houve uma segunda base de verificação na esquerda do Tejo entre o Montijo e Batel na extensão de 4,785 braças. Dos trabalhos então feitos se gravou uma chapa, que ainda existe (segundo nos informam) sem ter servido, no nosso archivo militar, mas os inglezes, por um qualquer meio houveram conhecimento d'elles, e os gravaram e publicaram em Londres, acreditâmos que pelo anno de 1803.

1 Conclue de pag. 70.

CARTAS ESPECIAES DE PORTUGAL.

33 — A Carta militar das principaes estradas de Portugal tirada da de *Lopes*, pelo então capitão de ingenheiros *L. H. da Cunha d'Era*, em 1810. N'este genero é muito soffrivel, mas não geralmente exacta, e sobretudo no contorno da costa, direcção de rios etc.

34 — Carta (ingleza) dos reinos de Portugal e Algarve por *Lodge*. É copia da de *Zannoni*, incorrecta, e sem data. Indica várias sondas ao longo da costa. *Zannoni* é auctor de muitas cartas, e sobretudo de uma assaz boa do reino de Napoles; mas decerto lhe devia sahir mau edificio escaceando-lhe os materiaes.

35 — Dita, geographica de Portugal, construida segundo a última divisão militar, administrativa e judicial — Lisboa, 1837. Foi redigida no nosso archivo militar, e lithographada pelo sr. capitão ingenheiro *Antonio José d'Abreu*, que so publicou das duas folhas a que abrange o Alemtejo e o Algarve.

36 — Carta do reino de Portugal por *Lopes*. Posto que sem data, parece haver sido gravada em 1809 ou 10. Marca as distancias de logar a logar, e as horas do transito. Segundo alli se diz, parece serem éstas tiradas das tabellas do padre *João Baptista de Castro*, no seu mappa de Portugal.

37 — Carta corographica de Portugal pelo major *Joaquim Pedro Cardoso Casado Giraldes*. Gravada em Pariz por *Colin*, sem data e em pequenissima escala: anda annexa á sua estatistica, historico-geographica d'este reino.

38 — Dita (ingleza) de Portugal pela Sociedade da propagação dos conhecimentos uteis, e tirada da de *Lapié*, *Lopes*, *Lamotte e Antillon*: publicada por *Baldwin e Cradock*, em novembro de 1831. É em escala mui diminuta, e as lettras da sua nomenclatura quasi microscopicas.

39 — Dita (tambem ingleza) de *Jeffery* em seis folhas na escala de $\frac{1}{144400}$ publicada em Londres por *W. Faden* em 1790. É mediocre, pobre de detalhos, e fundada em antigos materiaes. Consta-nos haver outra edição, que não vimos.

40 — Dita (tambem ingleza) de *Faden*, uma folha na escala de $\frac{1}{1909_{\circ}0}$ muito insufficiente.

41 — Mappa dos caminhos de Portugal (inglez) em duas folhas, sem escala nem gradação: publicado em 1811 por *Arrowsmith*, e revisto em 1812 por *James Cratwell*, tenente do regimento 83.

42 — As duas provincias do Minho e Traz-os-Montes, pelo Sr. *J. F. Guimarães*. Citado por mr. *Bonnet*: não temos entre nós incontrado vestigios d'esta carta.

43 — A de Traz-os-Montes pelo Sr. *J. J. Freitas Coelho*. Foi tirada da de *Lopes* com pequenos accrescentamentos, resultantes da experiencia.

44 — Carta d'entre o Doiro e o Vouga pelo general de ingenheiros *Sousa Ramos*.

45 — Differentes porções da Beira (inedita) pelo Sr. *Agostinho Albano da Silveira Pinto*, quando unido ao estado-maior de Lord Wellington. Consta-nos que ésta carta fôra d'entre o Doiro e o Mondego, escala de quatro polegadas por legua, com referencia aos trabalhos feitos pelo Sr. Ciera, e seguindo o systema topographico e descriptivo adeptado pelos officiaes do estado-maior inglez. Todavia não se publicou, e tendo sido franqueada a alguem para fins militares, so ignora hoje em que mãos pára. O Sr. *Silveira Pinto*

fez differentes outros trabalhos ao sul do Mondego, e provincia do Alemtejo.

46 — O pinhal de Leiria pelo brigadeiro de ingenheiros *J. P. Pereira*. (in.)

47 — O mesmo pinhal, de novo levantado pelos Srs. segundos-tenentes da armada *Batalha e Silva*, publicado, ja reduzido, nos annaes maritimos e coloniaes, 1843; sendo o original na escala de $\frac{1}{20000}$ desenhada a cores segundo o novo systema de *Perault*.

48 — Parte da Extremadura ao norte de Lisboa, pelos generaes *Caula e Neves Costa*, ambos de ingenheiros (in.)

49 — A porção de terreno entre Cassilhas e Trafaria, pelo Sr. brigadeiro *Pedro Celestino Soares* (in.)

50 — O reino do Algarve pelo Sr. coronel *José Carlos de Figueiredo*, e tenente-coronel *Arbués Moreira*. Levantada por ordem do *conde de Barbacena*, por occasião do reconhecimento militar d'aquelle paiz: existe no archivo militar, d'onde o copiou o Sr. capitão de artilheria *José Marcellino da Costa Monteiro* para ser, como foi, junto á corographia d'aquelle reino, pelo Sr. *J. B. da Silva Lopes*.

51 — Carta hydrographica de toda a costa de Portugal, levantada em 1811 pelo Sr. coronel *Franzini*, que foi reproduzida em 1816 pelo archivo da marinha franceza, mas reduzida á escala de $\frac{1}{700000}$. É a mais bem executada d'este genero, e revela muitos erros da de *Tofino*.

52 — Em 1803 se levantou uma carta da fronteira, entre o Tejo e Arronches, pelo conde de *Chambors*, e o Sr. *Neves Costa*, por ordem do *marquez de la Rosiére*, que este parece ter feito ir para França. — Tambem da fronteira do Alemtejo ha uma carta levantada pelo *marquez de Ternay*, e que deve existir no archivo da 7.ª divisão militar em Extremoz (in.)

53 — Ha outros reconhecimentos feitos nas proximidades da serra d'Estrella e Beira-Alta, por ordem: uns do *principe de Walde*, e outros pelas do *marquez de Alorna* e *conde de Viomenil*, que acreditâmos terem sido executados pelos Srs. *Blumstein*, *Mirmont*, e *Wiederholtz*, officiaes ao nosso serviço. Ignorâmos que sorte tiveram.

54 — Ha uma carta inedita do terreno entre Trancozo, Lamego e Vizeu, construida por M. *Bufay* por ordem do *marquez de la Rosiere*. Existe no archivo militar, e é digna de ser consultada.

55 — Carta topographica da peninsula de Setubal, levantada em 1817 a 20 pelo Sr. *Neves Costa* por ordem do marechal *Beresford*.

56 — Uma bellissima carta da cidade de Lisboa e sitio de Belem, levantada por um official ás ordens do duque de *Wellington*.

57 — Outra do mesmo terreno e em maior escala, levantada pelo Sr. brigadeiro *D. J. Fava*, em 1807, rectificada por seu filho o Sr. tenente-coronel J. *B. de Sousa Fava*, e publicada em 1833. — D'esta existe uma reducção em 2 folhas feita no archivo militar pelo Sr. coronel de ingenheiros *J. J. Ferreira de Sousa*, ja gravada. — Havia outra do anno de 1800, pequena e incorrecta; e em 1843 o Sr. *Vidal* acabou e publicou outra com as recentes alterações acontecidas na cidade, porém sem elegancia, e de muito imperfeito desenho. É a que se incontra á venda nos principaes livreiros.

58 — Mappa do districto vinhateiro do Doiro, offerecido a Sua Magestade, por *James Forster*. É magnifico, bem gravado, e asseveram-nos que muito exacto. A parte orographica e topographica são completas. Foi gravado em Londres por mr. *Wyld*, em 1843.

59 — Planta da cidade do Porto, 1841, em grande escala com todas as modernas alterações e acrescentamentos. É soffrivelmente desenhada, e não tem nome de auctor.

60 — Dita das linhas defensivas e offensivas do Porto em 1832, pelo Sr. coronel de ingenheiros *Arbués Moreira*. — Ha tambem outra planta das linhas de Lisboa em 1833, (in.) levantada pelo Sr. major ingenheiro *Pires*.

61 — Carta militar (ingleza) do paiz entre Lisboa e Vimeiro, occupado pelo exercito inglez do commando de lord *Wellington*; publicada com licença do quartel-mestre general por *James Wyld* em janeiro de 1827.

62 — Carta corographica dos arredores de Lisboa, levantada sob a direcção de *Carlos Picquet* por *Guerin de Lamotte*, segundo as operações trignometricas do sr. *Ciéra*, e os trabalhos dos ingenheiros portuguezes e francezes. — Paris, 1821. É a melhor d'este terreno posto que não exempta de erros. Chamam-lhe do Sr. *Verdier* — sob cuja influencia parece ter ella apparecido. É na escala de $\frac{1}{100000}$

63 — Mappa d'entre Doiro e Minho, feito por ordem do Sr. *Nicolau Trant*, 1813. É a mais procurada d'aquelle districto; e reducção da carta geral do Minho pelo sr. *Custodio Gomes Villas-boas*, a qual existe no archivo.

64 — Carta do rio Doiro (em parte) levantada pelo sr. *Luiz Gomes de Carvalho* para o seu incanamento; anda juncto ás memorias da academia.

65 — Carta lithographada da provincia do Minho por *J. B. P.*, 1832. Mal desenhada, mas em boa escala, não é de todo má na parte topografica.

66 — Dita da porção de Portugal entre o Zezere e o Tejo, para servir á intelligencia da campanha de 1807, levantada pelo chefe do batalhão *J. M. Carvalho*, sob as vistas do general *Foy* para a historia da guerra peninsular, a cuja obra anda juncta. É boa.

67 — Os arredores de Lisboa (ingleza) arranjada pela Sociedade da propagação dos conhecimentos uteis. Desenhada por *W. B. Clarke*, e publicada por por *Balwin e Cradock*. É muito curiosa, posto que em pequena escala.

68 — Planta da cidade do Porto e seus suburbios, por *J. Wyld*, 1832. Não é exacta.

69 — Das *Linhas de Torres Vedras*, ha uma carta, levantada pelo sr. *L. H. da Cunha d'Eça* — outra, bem como das de Almada, pelo sr. coronel ingenheiro *Brandão e Souza* — outra que anda annexa á obra publicada pelo coronel *João Jones* — finalmente a de M. *Wyld*, fazendo parte do seu atlas acima mencionado.

70 — *João Silverio Carpinetti* offereceu ao marquez de Pombal as cartas especiaes de cada uma das nossas provincias, e uma do patriarchado, que serviram de base á de *Faden*; são imperfeitas e erradas, e posto que o seu intento fosse a correcção dos trabalhos anteriores, de sorte que só na Beira emendasse 200 logares, todavia nas outras provincias, elle proprio confessa haver pouco feito, pelo desincontro das informações que obtinha. Nenhum trabalho geometrico

influiu n'esta edição, mas apenas as noticias de particulares sôbre as distancias relativas, sendo alias as nossas itenerarias tão desiguaes e incertas.

71 — Ha muitas cartas da peninsula em uma folha, fazendo parte dos differentes atlas geographicos. Os melhores de todos estes são os de *Brué e Lapi*.

72 — Consta-nos haver inedita, mas bem acabada, uma planta de Coimbra e seus contornos, levantada por um estudante da faculdade de mathematica. São dignas de se consultar as cartas annexas ás memorias do marechal *Suchet*; as do general *Saint-Cyr*, na Catalunha; e a do cavalheiro *Vauni* na sua historia da legião italiana na Hispanha, bem como a dos Pyrineus que vem no atlas da historia das guerras da Revolução, do general *Jomini*.

As obras de Laborde — Balbi — Maltbrun — Bory de Saint-Vincent — Burgoing — Thownsend — David — Pouz — Antillon — Campomano — Casado-Giraldes — Epinalty — Ganda — Mimano — J. B. de Castro etc. dão muitos detalhos, que podem esclarecer, e ampliar os das differentes cartas. Cumpre todavia acompanhal-os de alguma critica, porque a mordacidade e a liberdade poetica, senão tambem a muita ligeireza no tomar noticias, convertem repetidas vezes em charlatães os que se inculcam nossos illustrados visitantes.

Não tendo sido possivel alcançar todas as cartas a que nos referimos houvemos de nos reportar a algumas noticias alheias. Esperâmos pois que se nos releve qualquer inexactidão que appareça n'este nosso ligeiro e succinto trabalho, e que este seja corrigido com todos os demais esclarecimentos que se possam ministrar sôbre a materia, que é alias de grave importancia especialmente em quanto não virmos concluida a carta para que se tomam efficazes medidas.

A. Xavier Palmeirim.

BIBLIOGRAPHIA.

Noções elementares de ontologia, psychologia racional e theodicea, ou a metaphysica de Genuense reformada por *M. Pinheiro de A. A.* professor de philosophia no Lyceu-nacional de Braga. — Porto — 1845.

92 O Sr. M. Pinheiro de A. A., proseguindo na ardua mas utilissima empreza que o seu zêlo pelo desinvolvimento dos estudos philosophicos no nosso paiz lhe fizera encetar, acaba de tirar a lume a obra acima indicada, com a qual se torna cada vez mais acredor dos elogios e reconhecimento de todos aquelles que desejam ver facilitados os meios de uma instrucção solida e em harmonia com o estado das sciencias entre as nações que as cultivam com maior ardor e proveito. Com as *Noções elementares de psychologia e Ideologia*, publicadas em 1833, o benemerito professor de philosophia do Lyceu de Braga brindára os seus collegas no magisterio de tão importante disciplina, e a todos os cultores d'ella, com um tractado breve, mas profundamente meditado, no qual seguindo o rasto luminoso do grande ideologo Lamorcière, corrigiu numerosos erros, e amplioa não poucas doutrinas da logica de Antonio Genovesi, conhecido entre nós pelo appellidado de *Genuense*. Não faltará quem apezar d'aquellas emendas e addicionamentos anhele por ver adoptado pela nossa Universidade, para o ensino da logica, outro compendio que offereça á estudiosa mocidade portugueza utilidade mais directa e positiva que a de simplesmente *preserva-la do tenebroso barbarismo dos heraclitos de Allemanha, e da brilhante phantasmagoria dos de França.* (1) Emquanto porém os sabios que compoem o nosso areopago academico não julgam ter chegado o momento de tomar a este respeito uma providencia decisiva, as instituições logicas do distincto economista italiano, acompanhadas do interessante opusculo do Sr. Pinheiro poderão continuar a desempenhar muito melhor do que antes, o importante ministerio de iniciar nos prodromos da philosophia os mancebos que, ou pertendem cursar estudos maiores, ou se destinam a qualquer das carreiras liberaes. O mesmo muito valioso serviço ficam agora devendo ao eximio professor Bracharense, elles, e todos os amigos dos bons estudos, pelo que respeita a tres outras partes d'aquella nobilissima entre as sciencias, a ontologia, psycologia racional, e theodicea, em cujas *noções elementares* (como elle modestamente as intitula) o sr. M. Pinheiro sem perder totalmente de vista as *instituições* que adoptou como base do seu trabalho, procede com mais desafogo e independencia. Comeffeito, principalmente n'esta segunda lucubração, os criticos mais difficeis de contentar incontrarão a par de uma razoavel abastança de doutrina solida, e eminentemente util, boa deducção, e methodo appropriado á capacidade juvenil, qualidades essenciaes em escriptos de similhante natureza.

As definições pertencentes á ontologia, que rapidamente corremos pelos olhos, pareceram-nos boas em geral, algumas subtis e profundas, taes que nos fizeram lembrar as que se incontram na metaphysica de Sigismund Sterchnau, auctor que apezar do seu estilo arido, e resaibiado do pedantismo da eschola, lamentâmos que não seja tão conhecido em Portugal como o é na Italia, na Belgica e na Allemanha.

As muitas e extensas notas que acompanham quasi perpetuamente o texto da obra, contém doutrina importantissima, e quasi sempre absolutamente indispensavel para o cabal conhecimento da materia que são distinadas a dilucidar. No nosso humilde intender fôra mais conveniente incorporar o seu conteudo no texto, ou accrescental-as a elle como corollarios ou como escholios, mas que fizessem parte integrante do artigo ou paragrapho correspondente. Não somos de opinião que se houvesse de resuscitar o methodo dos escholasticos, seguido até pelo *doutor Angelico*, de refutar as objecções antes de expender os argumentos directos que provam a verdade de cada these que se estabele; mas por outra parte é fóra de toda a duvida, que não se deve considerar como plenamente demonstrada uma proposição sem que se satisfaça ás objecções que contra ella militam, principalmente quando a materia é implexa, e os argumentos allegados pelos adversarios são especiosos e mais faceis de comprehender que os que fazem em favor da these estabelecida. Prevejo que a ésta observação se responderá naturalmente, que nada mais facil do que fazer desapparecer a linha de demarcação entre o texto e as notas, obrigando os estudantes a aprenderem a continencia d'estas conjunctamente com a d'aquelle, e que assim a solução das objecções não lhes ficará sendo menos conhecida do que as provas directas de qualquer these. Poderiamos replicar, que por isso mesmo, a separação a que alludimos se convence de desnecessaria. Em todo o caso porém o reparo é tão insignificante que talvez ja com elle nos hajamos demorado mais do que deveramos.

As theses de vital importancia, taes como as concernentes á immaterialidade e immortalidade da alma, e á existencia de Deus, acham-se provadas com argumentos concludentes, e não lhes mingúa sufficiente desinvolvimento. A demonstração da liberdade da alma humana por ninguem será tractada de deficiente; pelo contrario alguem haverá que a repute prolixa, fundando-se em que a volição livre é um facto, que se póde observar, e consta pelo senso intimo, e os factos não se demonstram propriamente fallando, mostram-se, reduzindo-se tudo o que a este respeito podêmos e devemos fazer, a convidar e fixar a attenção d'aquelles a quem nos dirigimos sôbre o phenomeno de que se tracta. Apezar porém das ponderações d'estes psychologos, alias profundos pensadores, não queremos mal ao nosso por essa a que possam chamar superfluidade; a importancia moral, social, e religiosa, da firme crença na li-

(1) Unico merecimento do Compendio de Genuense no juizo competentissimo de um dos maiores sabios da epocha actual, o nosso preclarissimo compatriota, o sr. S. Pinheiro Ferreira.

berdade da alma (liberdade de *indifferença*, e não simplesmente de *coacção*) é tamanha, que não deve lamentar-se que se gaste tempo em expender, para radical-a nos animos de todos, razões superabundantes. No capitulo sôbre os attributos de Deus achâmos a mesma doutrina luminosa, não menos conforme com os dogmas da religião revelada, que com os dictames da recta razão: o que notâmos, não porque entre uma e outra possa haver opposição, mas porque nem em todos os escriptores philosophos modernos se patenteia sôbre este assumpto tão perfeita e evidente conformidade.

Em quanto á conciliação da existencia do *mal*, principalmente do *mal moral*, com a bondade divina, desejáramos que o nosso auctor tivesse sido mais explicito e extenso, bem que realmente elle não haja omittido o que fere mais directamente ao alvo, podendo assim haver-se como sufficiente o que disse para fundamentar as suas conclusões.

Move-nos a exprimir este desejo a consideração de que as difficuldades que se incontram na explicação da *origem do mal*, —a que os discipulos de Zoroastro pertenderam occorrer com o seu absurdo *dualismo*, adoptado nos primeiros seculos da igreja pelos manicheus, ainda hoje são reproduzidas com tom de triumphal segurança pelos inimigos do Christianismo. E' tanto mais necessario, no nosso intender, o espraiar um pouco no exame e refutação de taes objecções em um ensaio de *Theodicea*, por isso que a composição mesma d'esta palavra substituida primeiramente por Leibnitz (se nos não inganâmos) á denominação de *Theologia natural* precedentemente usada, indica, que o principal escopo d'ella é demonstrar a *justiça divina*, para o que cumpre concilial-a com a existencia dos males physicos, e particularmente com a dos males moraes. Repetimos que tão pouco neste ponto achâmos deficiente o compendio do sr. M. Pinheiro; mas que so teriamos folgado de tractar mais extensamente assumpto de tanto momento por quem é tão capaz de profundal-o magistralmente, e como certamente o fará nas suas prelecções oraes.

O verdadeiro talento é sempre benigno e indulgente; permitta-nos pois o eximio philosopho Bracharense, que lhe roguemos que em outra edição se sirva explicar, para melhor intelligencia dos menos versados nas concepções abstractas, uma sua nota a *pag.* 40, onde depois de desinvolver com a sua costumada profundidade e subtileza a noção do *infinito*, accrescenta: «*Este infinito é a substancia universal, ó ente absoluto e necessario, que se manifesta á razão pelas tres ideas do verdadeiro, do bom, e do bello absoluto, desinvolvidas pela abstracção dos phenomenos sensiveis, com que a principio se acham confundidas.*» Estamos infinitamente longe de suscitar em menoscabo do sr. M. Pinheiro as vagas e infundadas suspeitas de *pantheismo*, com que alguns criticos ignorantes ou malévolos tem pertendido desacreditar a moderna eschola eeclectica franceza, e a M. Cousin um de seus mais distinctos corypheus: o nosso pedido não tem outra mira, que não seja evitar o perigo de uma desfavoravel interpretação da parte dos que so perfunctoriamente lerem a dita nota.

Pelo mais, estamos tão certos da perfeita orthodoxia do auctor, tanto sôbre este como sôbre todos os outros pontos de doutrina, que damos sincero parabem ao nosso paiz, no ver encarregado do magisterio philosophico em uma cidade tão importante como Braga, e devendo exercer pelos seus escriptos grande influencia sôbre a mocidade estudiosa de todo o reino, um sabio que professa e propaga não uma sciencia van, estribada em fallazes sophismas, senão uma doutrina pura, derivada das luzes de uma razão recta, e desassombrada de mesquinhas e iniquas prevenções, contribuindo d'este modo para estreitar cada vez mais entre nós os laços de uma sincera alliança entre a religião e a philosophia, ambas filhas do ceu, ambas fecundas em bens preciosos, quando cada uma d'ellas se conserva dentro dos limites do seu respectivo dominio.

L...

EPICOS BRASILEIROS — Nova edição — 1845. —

O Sr. F. A. de Varnhagen acaba de publicar com este titulo uma elegante edição dos dois poemas: o *Uraguay* e *Caramurú*, n'um só volume, nitidamente impresso na 'Typographia nacional,' e acompanhado d'algumas noticias e notas muito interessantes.

Os AA. d'estes dois poemas foram, como todos sabem, nascidos no Brazil, e o zelo do illustre editor, ja de todos conhecido e assaz comprovado, pela litteratura d'aquelle rico imperio, não lhe permittiu olhar com indifferença para dois poetas tão distinctos, que apezar de tres edições, tinham sempre sahido á luz com circumstancias de desar, e imperfeições de que era justo, e mesmo de esperar que a critica illustrada do Sr. Varnhagen os devesse expurgar. A presente edição é pois um serviço importante feito ás lettras brazilicas, que não póde deixar de ser lamuito apreciado, como aqui estimado, e em toda a parte bemquisto.

ERRATAS.

Pag. 66, col. 1.ª l. 4. — discepções — *disceptações* — dita pag., dita col. l. 23. — paganismo, — *paganismo* — dita pag., dita col. l. 42 — querer — *crer* — pag. 67, col. 2.ª l. 7 — Crusta — *Crusca*.

VARIEDADES.

D. FR. AMADOR ARRAES.

COMMEMORAÇÃO — 1.º D'AGOSTO DE 1600.

93 D. Fr. Amador Arraes foi varão benemerito das lettras e da humanidade, e honra da igreja lusitana.

Natural de Beja, religioso do Carmo, doutor pela universidade de Coimbra e lente de theologia no mosteiro de Santa-Cruz da mesma cidade, foi pelas suas boas partes elevado ás dignidades de pregador regio, bispo coadjuctor do cardeal infante D. Henrique no arcebispado d'Evora, esmoller-mór, e ultimamente bispo de Portalegre.

Entre as muitas e mui virtuosas acções com que illustrou o seu govêrno n'esta diocese foi uma d'ellas remir os seus diocesanos que na jornada d'Africa haviam ficado captivos. Desejoso porém de voltar á sua cella, renunciou o bispado com a reserva de uma congrua, e recolheu-se ao seu convento de Coimbra, onde acabou em grande opinião de virtude, no dia que commemorâmos.

Em quanto ao livro de *dialogos*, que debaixo do seu nome corre impresso, assaz conhecido e estimado é elle para que seja necessario mais larga noticia.

***

IRMANS DA CHARIDADE.

94 O sr. rei D. João VI, por decreto datado do Rio-de-Janeiro em 14 d'abril de 1819, concedeu a necessaria licença para se estabelecerem em Lisboa as 'irmans da charidade,' e as côrtes da nação, reunidas na mesma cidade, applaudiram em 1821 tão util providencia; e deram para casa de habitação das novas filhas de S. Vicente de Paulo o hospicio que havia sido dos religiosos carmelitas do Ultramar.

Aquelles anjos da terra existem desde então entre nós; e teem feito á humanidade relevantissimos serviços, como é público e notorio: porém não teem deixado de soffrer custosas privações e penosas contrariedades.

O sr. actual Patriarcha, apenas começou a pastorear o rebanho que a Providencia lhe confiára, tractou de tomar conhecimento do estado em que se achava tão importante estabelecimento: exonerou o superior, substituiu-o dignamente; e seguiram-se a ésta outras medidas, que a prudencia aconselhava e a necessidade prescrevia.

Algumas 'irmans' que com a maior injustiça haviam sido expulsas, foram logo chamadas e admittidas. Outras, que immediatamente se não apresentaram, sem dúvida ainda o serão. E sabe-se que se projectam melhoramentos que hãode fazer que as 'irmans da charidade' em Portugal em nada cedam áquel-

las que ha mais de dois seculos teem feito, e estão fazendo, a admiração do mundo.

Ellas até agora não podiam estender-se além de Lisboa; mas o govêrno de Sua Magestade, por decreto de 9 do corrente mez, permittiu que se estabelecessem egualmente no Porto; e tudo ahi está prompto para as receber: o que principalmente se deve á Madame Le Gras dos nossos tempos, a sr.ª D. Maria Meclina Pereira Pinto que, basteando a bandeira da charidade, teve a satisfação de vêr reunido em torno d'ella tudo quanto o Porto tinha de mais respeitavel.

Entre as pessoas que muito a teem auxiliado n'esta empresa nomearei apenas duas: o sr. Bispo da Diocese, e o sr. Arcediago Wanzeller. E não darei uma relação geral d'ellas porque não estando habilitado para a fazer completa, receio que seja mal interpretada qualquer omissão que haja.

Oh quanto pódem os esforços humanos quando são inspirados pela religião, e animados por aquella virtude, sem a qual, segundo a expressão de S. Paulo, será nada aquelle mesmo que tiver o dom da prophecia, o podêr de transportar montanhas, e o que fallar todas as linguas dos homens e dos anjos!

Vai pois o Porto, que ja possue tantos asylos para a infermidade e para a desgraça, possuir mais um; o melhor de todos, aquelle que tem sido admirado em todos os paizes, respeitado por todas as revoluções, e que tem resistido a todas as tempestades.

Oxalá que as bellas portuenses, tão religiosas, tão charitativas, tão abundantemente dotadas das prendas que fazem o ornamento do seu sexo, se não limitem a abrir suas mãos generosas em favor de tão piedosa e tão util instituição, mas se resolvam a alistar-se n'ella, as que estiverem em circumstancias de o podêr fazer. Em outras partes, na França e na Italia especialmente, pessoas riquissimas, senhoras da mais distincta nobreza, princezas mesmo, teem trocado os brocados de oiro, o esplendor do luxo, os regalos da opulencia, pelo modesto avental, pelas obscuras fadigas das servas dos pobres, das filhas humildes de S. Vicente. E porque não acontecerá outro tanto entre nos?

***

CORREIO EXTRANGEIRO.

95 A 'sociedade asiatica de Londres' foi apresentada a raiz d'uma planta da India que possue a propriedade da phosphorescencia. Esta raiz, apezar de morta e inteiramente sêcca, tendo sido cortada em bocadinhos e posta em cima de um panno molhado luziu ás escuras como um bocado de phosphoro.

A planta phosphorescente ainda que é olhada como recentemente descoberta, comtudo ja era conhecida dos brahmines, e acha-se nos Jongles aope das alturas do districto de Madura.

Publicam-se em Londres dois jornaes de caricturas, o *Punch* e o *Great Gund* —o 'Polichenella' e a 'Peça grande.' A origem do *Punch* já é antiga, mas o da 'Peça grande' tem poucos mezes de existencia. Os dois jornaes sahem uma vez cada semana com os seus chistes, e maliciosos ditos. O que distingue as caricaturas inglezas é a picante originalidade das attitudes particulares, mas o complexo não vale nada. As figuras são de desenho correcto e o ridiculo é bem apanhado; quando se trata porém de grupar as figuras, de representar uma acção multipla, as caricaturas inglezas não passam nunca do grotesco. Um dos ultimos n.os do *Punch* põe o seguinte dito na bocca da rainha Victoria, na occasião da sua visita ás novas fontes de repucho de *Trafalgar-square*: parece que éstas fontes são de muito máu gosto, e teem merecido as criticas pelo lado da arte. No dia da real visita tinha-se augmentado a força de propulsão e a agua repushava a grande altura: perguntou-se com interesse á rainha o que pensava s. m. de tão bello resultado? Segundo o *Punch* a rainha respondeu: «Com effeito nunca julguei que uma semsaboria podesse subir tão alto.»

Infelizmente nem isto nós podêmos dizer do nosso repucho do 'Passeio publico.'

Parece-me curioso conhecer a natureza das relações periodicas que a Inglaterra tem por via do vapor com a mais importante de suas possessões. Duas grandes linhas de barcos de vapor communicam a India com a Inglaterra. Uma pertence á Companhia, e navega de Bombaim até Suez em vinte dias: compõem-se de 14 barcos. A outra pertence a uma Companhia de Londres; navega de Calcuttá até Suez, em 16 dias, e compõem-se de 2 barcos. Em Suez são as malas transmittidas aos vapores da Companhia-peninsular que as levam a Southampton em 18 ou 20 dias: de sorte que em 40 dias, o mais tardar ha na Inglaterra noticias da India. Vasco da Gama em 1498 gastou 6 mezes de Lisboa a Calcutá pelo cabo da Boa-Esperança. Em 1600 gastavam-se 3 a 4 mezes por este mesmo caminho. Em 1785 começou a carreira pelo Egypto, e gastava-se 70 a 75 dias: agora gasta-se so 40 e ha todas as esperanças de os reduzir a 30.

Entre as reformas á europea que o divan tem adoptado, as de maior importancia, n'este momento, são a policia com todo o seu cortejo de agentes publicos e secretos, e a instituição da censura. Não se intende bem em que se poderá exercer a censura na Turquia. O numero dos jornaes em lingua ottomana reduz-se a dois: o *jornal official* e o *Dcheridei hawadis*. Contam-se mais cinco folhas periodicas impressas em Constantinopla, tres em francez, uma em grego, e a outra em armenio. O *Dcheridei hawadis* (registro de novidades) é redigido por um inglez. A *Gazeta* é redigida por Said-Bey, antigo secretario d'estado; publica-se uma vez cada tres semanas, e não traz senão parte official e alguma anecdota muito semsabor do serralho.

Além dos muitos tunneis que será obrigado a atravessar o carril de ferro do Havre, incontrará em Barentin, proximo a Rouen, um monte muito alto formado de penedos que se não pódem furar nem destruir; n'este caso terá o comboi de subir uma ladeira muito ngreme, no que será ajudado por uma machina de vapor sedentaria, porque a locomotiva so não seria bastante. A descida será feita so pelo pêso das carruagens, e assim mesmo a machina que ajudou a subir o comboi o segurará na descida para que não seja demasiadamente violenta.

A secção de legislação do conselho d'Estado em França tem-se occupado n'estes últimos dias de um processo original. A cidade de Nantes erigiu um monumento ao general Cambrone, e foi auctorisada a fazer gravar n'este monumento aquellas memoraveis palavras, que uma tradição pupular lhe attribue, pronunciadas á frente d'um quadrado da guarda-imperial em Waterloo. *La gard meurt et ne se rend pas.* O conde e o barão Michel, filhos do general d'este nome morto n'essa batalha, apresentam-se a reclamar do rei a revogação d'aquelle decreto, provando que similhantes palavras são propriedade de seu pai. Reconhecida a justiça da reclamação assim mesmo o govêrno não deferiu satisfactoriamente; em consequencia vai este objecto ser tractado perante os tribunaes.

A 12 d'outubro de 1840 foi achado morto em Bèrlim um negociante, com todos os indicios de haver sido assassinado. O falecido tinha segurado a vida a favor da sua familia em 40.000 francos, que foram promptamente entregues. Descobre-se agora porém uma carta do morto dando parte a um amigo que o mau estado dos seus negocios o obrigava a suicidar-se, mas que o não quizera fazer sem deixar a sua familia feliz. (Como se sabe o suicicio annulla o *seguro* tirando a responsabilidade ao *segurador*). Dava depois as instrucções a este amigo sôbre o que devia fazer ao seu cadaver para que parecesse haver sido assassinado.

CORREIO NACIONAL.

96 A companhia do theatro da Rua-dos-Côndes foi no dia 31 do passado representar a bella peça 'Madaglena' no theatro de San'Carlos. Era dia de galla, Suas Magestades estavam na tribuna real. Foram muito applaudidos alguns dos melhores lances d'aquelle drama popular, particularmente o fim do 4.° acto quando a sr.ª Emilia no maior transporte de amor materno se abraça com o filhinho que perdêra; a illustre actriz é realmente arrebatadora n'este logar. Nos intervallos do drama executaram-se algumas das peças de musica annunciadas para o concerto d'este dia: a mais applaudida, e com justiça, foram as variações de flauta tocadas pelo sr. Kroner.

Na freguezia do Lumiar vivia ditoso um par conjugal. Passada ja a quadra das fortes paixões, nem marido nem mulher sentiam mutuos ciumes, nem mesmo porventura se julgavam ja capazes de os poderem inspirar. Comtudo por um d'esses caprixos de coração que, póde ser com mais razão, se imputam sempre á cabeça: a metade femea abalou da casa conjugal na companhia de um trabalhador, talvez em busca dá lua-de-mel que havia dois lustros lhe fugíra, e lá se foi por esse mundo de Christo com a roupa e o dinheiro do marido e os seus *quarenta e cinco annos* ás costas!

No fim do mez de julho ficaram existindo no Terreiro-publico 6,696 moios de trigo, 208 de cevada, 38 de milho, 23 de centeio. O trigo vendia-se de 340 a 560 réis, a cevada de 240 a 280 réis, o milho de 280 a 340 réis, e o centeio pelo preço da cevada.

No districto de Castello-Branco frequentam as escholas d'ensino primario e secundario, 2,755 alumnos. O avultado número de 1,213 é o augmento d'este anno, até hoje, sôbre o precedente. Os fogos d'este districto são 18,421, o que dá quasi um alumno por cada cinco fogos, ou porventura um por cada 20 habitantes; o que se não é completamente satisfatorio é ja bastante agradavel.

A 'Alfandega das Sette-casas' rendeu 858:975$313 réis no anno economico de 1844—45.

A importação portugueza na cidade da Bahia em 1844 montou a 572:702$440 réis — moeda forte. A exportação d'este porto para Portugal e seus dominios, no mesmo anno, foi de 368:079$513 réis — moeda forte.

A 'Sociedade propagadora dos Conhecimentos-uteis' em liquidação, entregou 2$000 réis por acção, quota do 1.° rateio.

Le-se no n.° 179 dos *Pobres no Porto*: *

89 Vai estabelecer-se em Tentugal uma fábrica a vapor para fiação de algodão, em ponto grande, e com o fundo de 400 contos. Os estatutos da Companhia, que se denomina *Concordia*, foram aprovados n'esta cidade. Ninguem duvida da utilidade da fábrica, e tambem parece fóra de dúvida que ella deverá dar lucro, porque o consummo d'este genero é immenso, e vai em augmento. Julgo que quem promove isto n'essa cidade é o Eduardo Moser.

O 'tributo das cem donzellas' de que fallámos no nosso número passado, foi á scena, no dia 3 do corrente, no theatro da Rua-dos-Condes. A casa estava completamente cheia de espectadores: Suas Magestades honraram o theatro com a sua presença. A peça interessa pela acção e satisfaz pela magnificencia. Ao sr. Epiphanio devem-se elogios não so pelo bem que desempenha a sua parte; mas tambem pela habilidade com que organisou todo o complexo scenico, alias de mui difficil desinvolvimento. Faremos especial menção do sr. Tasso, particularmente no 1.° acto na scena com D. Ramiro. Na sr. Emilia desejaria-mos ver um character mais ingenuo e melancholico, como ella os sabe representar tão perfeitamente; e que moderasse um pouco mais a expulsão das interjeições *ah!* — *oh!* — *ai!* etc. Parecia-me tambem que no 2.° acto na scena com seu irmão, quando vê a espada d'elle pendente sôbre a sua cabeça, aquella exclamação 'Santos e anjos do Ceu!' deveria ser um grito de medo e não voz supplicante de quem implora. Tambem acho que se confrange demasiado, designadamente na oração, final do 1.° acto. Estas simples observações faço-as porque os talentos da illustre actriz são capazes da perfeição; e porque sei que a sua docilidade em admittir as reflecções é tão exemplar como o seu

* Correspondencia de Lisboa.

merito é superior. A musica do sr. Pinto é bella e assaz adquada. Os adereços do sr. Fornari são magnificos: e as vistas pintadas pelo sr. Xavier tem bastante merecimento. O estylo, a linguagem, o estudo dos costumes da epocha, e os melhoramentos, constituem ésta peça uma quasi, e muito boa producção do sr. Mendes Leal. Daremos mais larga conta de todo o espectaculo no seguinte número.

Por todo este mez d'agosto deve sahir o primeiro número da AURORA, *revista mensal*, redigida pelo sr. José da Silva Mendes Leal. Pêsa-me de que o pouco espaço não permitta a publicação do seu programa.

Caso de hydrophobia — N'Acinceira, logar pertencente ao concelho de Thomar, acaba de succeder um caso notavel pela coragem de um infeliz. José Ferreira, de idade de cincoenta annos, trabalhador de inchada, homem magro e de poucas forças, foi atacado por uma cão hydrophobiado, haverá seis mezes pouco mais ou menos: era um cão da Serra da Estrella que vinha com gado, e armado. O infeliz defendeu-se quanto pôde; vendo porém as suas esperanças baldadas, conseguiu introduzir a mão direita pela bôcca do cão, e assim o segurou pela lingua, e com a outra o degolou com uma navalha; mas ficou cômo ante braço e pernas todas mordidas. Tractou logo de ir a Santa-Quiteria, logar proximo de Santarem, e ahi foi benzido, e veio para casa muito descançado sem procurar mais remedio algum. Sicatrizaram-se-lhe todas as feridas com muita promptidão; mas passados seis mezes, abrem-se-lhe novamente as feridas, sente uma grande dôr por todo o braço, que se espalhava por todo o corpo, e vindo-lhe por accessos, affição no coração, perda d'appetite, sède inextinguivel, horror aos liquidos, accessos de furor. Faz-se sangrar, porém os accessos de furor, e affição tornam-se cada vez maiores, e mais amiudados: nos intervallos lastíma a sua sorte, pede aos que o cercam que o matem, afugenta toda a familia de casa; feixam-no só n'um quarto; n'um intervallo péga n'um crucifixo, aperta-o nos braços, pede perdão a Deus de se ir suicidar, e pega n'um machado e dá quinze golpes na cabeça; mas como não ficasse morto, desata a ligadura da sangria do dia antecedente, desafia a sahida do sangue, deita-se debruços e assim termina a sua horrorosa aflição aos 17 de julho de 1845, deixando mulher e tres filhos ainda de menor-idade. Isto foi presenciado por todo o povo d'Acinceira, e me foi contado por um patricio que asistiu a este acontecimento: é este mais um caso que devem tomar por exemplo as pessoas que se acham mordidas por cães derramados, para que se não fiem só nas bençãos dos charlatães de que o mundo está cheio, espalhando o seu ridiculo fanatismo; mas para que recorram logo quando mordidos aos facultativos que acharem mais promptos e com a brevidade possivel, para estes, com os meios da sua arte, os preseverarem do desinvolvimento do veneno: pois talvez que milhões de individuos que teem morrido com ésta molestia, se tivessem procurado os meios necessarios e proprios, não haveriam sido victimas de tão horrorosa morte.

M. L. O. M.

A Caixa-economica da Companhia Confiança recebeu 6:068$060 réis, e teve 27 depositantes novos, na sêmana de 27 julho a 2 do corrente.

Na *Illustração* franceza de 26 do passado veem-se tres estampas cujo assumpto é o baptizado da Serenissima Sr.ª Infante D. Antonia, celebrado em 8 d'abril do corrente anno na parochial de Santa-Maria de Belem. A primeira d'estas estampas representa a chegada do prestito á igreja, particularmente o coche de Suas Magestades: a segunda, a vista interior do templo no dia da ceremonia: a terceira, a ceremonia de baptismo. Todas as estampas, especialmente a ultima pelo trabalho dos detalhos, estão exactas e excellentemente executadas.

No dia 2 do corrente visitou Sua Magestade El-Rei o theatro de D. Maria II cuja construcção se concluirá em breve. Os trabalhos de pintura estão muito adiantados e são magnificos; gabam-se tambem muito os estuques cuja solidez e belleza são comeffeito admiraveis. Do theatro passou Sua Magestade á Academia das Bellas-Artes para ver os quatro meios-relevos que hão de ornar a fachada do mesmo theatro para a praça de D. Pedro: são quatro primores d'obra d'escultura. No seguinte numero tractaremos mais circumstanciadamense d'este objeto.

Na calçada do Duque n.º 3, ao Rocio, está fundado um novo estabelecimento para *collocação de criados e criadas de servir*, com o nome de PANDULOPARO. À imitação do que se pratíca em Londres, este estabelecimento dará todos os annos seis premios aos criados de ambos os sexos que o merecerem, segundo as condições publicadas pelo estabelecimento, uma das quaes é a residencia na mesma casa por espaço de tres annos.

Este estabelecimento estará aberto todos os dias desde as 9 horas da manhan até ás 5 da tarde.

A livraria do Sr. Silva (Praça de D. Pedro n.º 82) acaba de receber um famoso sortimento de obras — grande parte d'ellas soberbamente illustradas, e as mais recentes das que hoje se publicam em Paris. Esta boa circumstancia porém, de estar ao par com as livrarias de França, ja o Sr. Silva tem realizado outras vezes, agora o que ha de novidade no seu Armazem e singular em todos os estabelecimentos d'este genero em Lisboa, é a grande quantidade de livros de differentes linguas, allemães, inglezes, italianos, hispanhoes etc., que inriquecem hoje a sua livraria e que a tornam por assim dizer polyglota. Infelizmente procurava-se n'estes estabelecimentos um livro que não fosse francez e não apparecia: a litteratura da Hispanha, apezar de nossa vizinha, a de Inglaterra, apezar de ser o paiz com quem temos mais relações; eram apenas conhecidas de poucos litteratos que com avultadas despezas e incommodos conseguiam fazer que lhes chegasse á mão alguma obra d'estas linguas. Se o Sr. Silva continuar com o mesmo zêlo póde tornar o seu estabelecimento o primeiro de Portugal, no seu genero.

Por todo este mez deverão ser demolidos os barracões construidos na Praço de D. Pedro para serviço das obras do Theatro de D. Maria II.

CONHECIMENTOS UTEIS.

INDUSTRIA ALGODOEIRA.

97 Houve tempo em que a industria do algodão floresceu aqui em Lisboa brilhantemente. Havia então uma fábrica de tecidos de algodão na Cordoaria, outra no Campo-pequeno, ainda outra na Fonte-da-pipa; todas costeadas por conta do Estado, e onde se fabricavam tecidos de algodão de todas as qualidades, panno adamascado (toalhas e guardanapos) sarja de todas as côres, setinetas, cotins e riscados; colxas como as inglezas; filéles para as bandeiras; córtes de pantalonas, meias e luvas, beatilhas; muitas incommendas para o paço e real-familia, como córtes de pantalonas de seda e de cadarço etc.; mantas e meias para a tropa, optimos cobertores, camizas e calças de malha etc. etc. D'estas não resta nenhuma hoje: os seus bellos ingenhos de fiação e tecidos, ricos teares e muitas machinas de superior delicadeza — tudo foi abandonado, e tem sido vendido...

Em logar d'estas fabricas nacionaes algumas se teem estabelecido de particulares; mas em ponto pequeno, e a não ser a de *Xabregas*, que me parece que prospéra, de nenhuma outra sei em maior escalla. Nos últimos números porém do 'Periodico dos Pobres no Porto' incontra-se um como annuncio, ratificação da notícia que se acha nas columnas da REVISTA anterior, por onde consta da creação de uma fábrica em ponto grande, toda destinada á industria algodoeira, de que muito se carecia e de cujo estabelecimento damos o parabem á industria portugueza.

Eis aqui o que se lê no Periodico a que me referi:

FIAÇÃO DE ALGODÃO A VAPOR NO PORTO.

Ha muito tempo que se sente n'esta cidade a vantagem que lhe resultaria, assim como ao paiz em geral, do estabelecimento de uma FABRICA PARA A FIAÇÃO DE ALGODÃO.

Este louvavel pensamento, quer por timidez, quer por descuido de quem originalmente o concebeu, não tem sido realizado, porém está a ponto de ser levado a effeito, estando formada uma Companhia forte, com o fim especial de montar uma FABRICA A VAPOR PARA A FIAÇÃO DE ALGODÃO, e denominada «CONCORDIA.»

O beneficio immediato será a occupação de grande número de braços industriosos que por falta de trabalho são inuteis ou pesados á sociedade. A navegação tambem utilizará muito na importação do algodão em rama, e finalmente os nossos fabricantes tirarão proveito no menor custo do fio, que tão caro lhes fica por via de Inglaterra.

O extraordinario desinvolvimento que tem tido a industria portugueza na última dezena, sendo hoje o consummo do algodão em rama TRINTA vezes, e o de fio TRES vezes mais que em 1834, e sôbre tudo a PROSPERIDADE DE IGUAES FABRICAS em outros pontos do reino, promettem um lucro razoavel aos accionistas d'esta Empreza.

As acções são de 100$000 rs. cada uma, e até estar montada a fábrica não serão exigiveis mais que QUARENTA POR CENTO do seu valor nominal. Quem pertender associar-se a ésta Companhia poderá vêr os seus Estatutos no escriptorio do Sr. Eduardo Moser, na rua nova dos Inglezes n.° 58 e 59.

A GRANDE LINHA VERTEBRAL DOS CAMINHOS DE FERRO NA EUROPA.

98 O 'Jornal dos caminhos de ferro,' francez, diz o seguinte:

« Considerando a carta do nosso continente, onde traçámos exactamente todas as linhas de carris-de-ferro á proporção que ellas são projectadas, postas em execução, ou abertas ao transito nos diversos paizes, vemos que uma grande linha vertebral se fórma hoje desde a foz do Tejo até Kænigsberg, capital da Prussia oriental.

Aqui damos os detalhos dos ramos que compõem ésta linha gigantesca:

1.° De Lisboa a Madrid: projecto de uma companhia anglo-lusa-hispanhola, kilometros.	560
2.° De Madrid a Bayonna, passando por Pamplona: projecto de uma Companhia ingleza.	400
3.° De Bayonna a Bordeus: projecto de muitas companhias em concorrencia (excepto a parte entre Bordeus e Teste-de-Buch, ja em transito)	180
4.° De Bordeus a Orleans: em execução	460
5.° De Orleans a Paris: ja feito	153
6.° De Paris a Valenciennes, chamada a grande linha do Norte: em construcção por conta do Estado	336
7.° De Valenciennes a Bruxellas; parte ja em transito e executada pelo govêrno belga	84
8.° De Bruxellas a Liège; executada pelo govêrno belga.	76
9.° De Liège a Aix-la-Chapelle e Colonia: ja transitado	166
10.° De Colonia a Brunswick: em construcção.	336
11.° De Brunswick a Berlim: ja acabado.	160
12.° De Berlim a Stettin, sôbre o Baltico: ja acabado	144
13.° De Stettin por Dantzig a Kænigsberg; em construcção por conta do govêrno prussianno.	385
	3,420

Ésta grande linha europea de Lisboa até Kænigsberg, por Madrid, Bayonna, Bordeus, Orleans, Paris, Bruxellas, Colonia, Brunswick, Berlim, Stettin, póde ainda ser abbreviada com algumas rectificações. »

COLLEGIO DE APRENDIZES DO ARSENAL DO EXERCITO.

99 Muito acertadas e judiciosas são as observações lançadas no artigo 54 do n.° 5 da REVISTA ácerca da nossa industria, e da falta de instrucção scientifica dos artifices; mas em verdade não são ellas de toda justas pelo que respeita ao govêrno; pois deve saber-se que além dos estabelecimentos publicos mencionados n'aquelle artigo temos outro que, com mais simplicidade e menos apparato, está franqueando conhecimentos theoricos aos cidadãos da classe dos artifices que os quizerem tomar: é elle o collegio dos aprendizes do arsenal do exército.

Compõe-se este collegio de sessenta mancebos desvalidos, sustentados e vestidos pelo Estado, com a pensão diaria de 190 réis, para aprenderem um dos officios em que se trabalha no mesmo arsenal; e admitte pensionistas externos que paguem a prestação mensal de 3$600 rs. com vestido e calçado, e de 4$800 sem a última condição. Teem todos elles aula de pri-

meiras lettras, e de geometria pratica e desenho linear, que frequentam duas horas por dia antes de entrarem pela manhan para as officinas; e são éstas aulas francas para os demais aprendizes e officiaes do arsenal, e tambem para discipulos externos que as queiram frequentar.

Contam-se na primeira 101 discipulos de todas as clases; e na segunda; que foi aberta a 5 de fevereiro de 1844, cursam 85; sendo 40 pensionistas do Estado, 11 pensionistas particulares, 22 aprendizes das officinas, 6 officiaes d'estas, e 6 discipulos externos. Ambas estão debaixo da direcção do Sr. João Manuel Cordeiro, capitão do estado-maior d'artilheria; o qual formou um compendio das materias proprias seguindo e methodo de Mr. Francoeur, e por elle lhes expplica as lições na segunda; e até dá á alguns noções de grammatica portugueza e franceza para intenderem os livros d'este edioma.

Animam-se com louvores e premios os que mais se distinguem; e ainda ultimamente por ordens do inspector do arsenal de 10 d'este julho foi nomeado 1.° decurião das duas aulas Carlos Augusto, aprendiz collegial da officina de carpinteiros, e abonado com a gratificação de 40 réis nos dias que fôr presente nas aulas, *em premio da sua applicação e aproveitamento*: ordenando que o producto d'esta gratificação seja mettido em uma caixa economica para assim formar um peculio ao mancebo quando venha a sahir do collegió. Ja em outra ordem de 6 de janeiro de 1843 havia o mesmo inspector determinado que a nenhum aprendiz se pagasse carta d'exame para official sem mostrar que sabia ler, escrever, e as quatro operações arithmeticas em numeros inteiros e quebrados; e que nenhum official teria augmento de jornal sem se mostrar habilitado com os preditos conhecimentos: em consequencia da qual ordem não poucos se teem dado a frequentar a primeira aula para se habilitarem afim de obterem o andamento que merecerem.

Temos pois que no arsenal do exercito se franqueiam os conhecimentos scientificos necessarios para formar artifices perfeitos, e que no seu collegio de aprendizes está a pedra angular em que se baseia a instrucção que se está dando gratuitamente a quem a quer tomar. D'este collegio ja fez honrosa mensão o 'Correio Portuguez' em o n.° 574 de 21 de novembro de 1843; e so acrescentaremos que elle vai cada dia apresentando consideraveis vantagens aos que n'elle são admittidos, graças ao zêlo e genio particular do seu benemerito director o Sr. Antonio José Fernandes Braga, que com o maior disvello se emprega todo na sua disciplina e administração.

Cumpre saber ainda que, posto forneça o Estado a pensão de 190 réis diarios, para manutenção de cada um dos 60 aprendizes collegiaes, não se dispende todavia com o costeamento do collegio e aulas todo o producto d'essas pensões; pois no annno de 1843 ficou de sobras a quantia de 610$730 réis e a de 1:203$900 réis em 1844, as quaes reverteram para o cofre do arsenal: e como elles fazem nas officinas obras que teem um valor, reverte este tambem a favor do Estado; e por isso, deduzido este valor e as sobras da somma fornecida, vem a reduzir-se a despeza liquida do Estado com cada um d'esses artifices collegiaes a 56,6 no primeiro dos preditos annos, e a 47 réis no segundo!!! Na verdade com tão insignificante despeza não se podem proporcionar mais vantagens aos artifices; nem mais é preciso talvez dar-se-lhes para o fim proposto. Tudo prospéra quando é dirigido por chefes zelosos, intelligentes, e amigos do bem público: na escolha d'estes é que se requer tino.

Não deixa o nosso govêrno de louvar e condecorar os artifices que entre nós se distinguem. Se el-rei Luiz Filippe condecorou com a Legião-de-Honra o serralheiro que se distinguiu *pelos seus bellos trabalhos metalurgicos*, tambem a Rainha D. Maria II condecorou por decreto de 21 de outubro de 1842 o mestre da officina de instrumentos bellicos e mathematicos do arsenal do exercito, Luiz Antonio Duarte Leitão, *pelos melhoramentos que inventou para os martellos de percussão applicaveis a todas as bôccas de fogo de mar e terra*; e pelo que ja o havia mandado louvar em portaria do ministerio da guerra de 13 d'outubro d'esse anno, publicada no 'Diario-do-Govêrno' n.° 244. Soubemos da condecoração da Legião-de-Honra dada em París, porque o govêrno francez e os seus jornaes publicam por cem bôccas estes e outros similhantes actos de fomento ás artes e officios, e ignorámos a condecoração da Ordem-de-Christo dada aqui em Lisboa porque o govêrno portuguez não lhe deu similhante publicidade, como bem conviria para estimular outros. D'esta falta póderá elle ser talvez censurado, mas de deixar de fomentar a industria, de louvar e instigar os artistas e artifices, e de promover a sua instrucção scientifica, por certo não. Sejamos mais justos. O machinista Gaspar José Marques morreu condecorado com a Ordem-de-Christo: Gaudencio Fontana tem a Ordem-de-Christo e a de Nossa-Senhora da Conceição de-Villa-Viçosa.

Lisboa 31 de julho de 1845.

J. B. da Silva Lopes.

—

A Redacção não quer dispensar-se de agredecer ao Sr. Silva Lopes as rectificações que se dignou fazer ao artigo 54 do V. vol. da REVISTA; de cujo resultado me glorío, pois ainda mesmo que nada mais alcance bastante é ja haver provocado o que se acabou de ler, e que muito estimo fazer público nas columnas d'este jornal.

ABUSO PERNICIOSO.

100 Na primavera d'este anno fez um proprietario uma sementeira de *sanfoin* ou esparceto, para ensaio, no terreno calcareo da serra de Monsanto, proximo aos 'arcos,' que poderia ter sido de feliz resultado para transformar aquella zona deserta, pedregosa e inteiramente nua de vegetação, n'um prado bello e verdejante, importante para o paiz pelo exemplo, além das vantagens do agricultor.

Este ensaio tinha sido feito methodicamente, e o *sanfoin*, que gosta do terreno calcareo, brotou viçoso e crescia vigorosamente; comtudo um rebanho de cabras destruiu completamente o prado.

Os arrabaldes de Lisboa, principalmente os sitios de Campolide, Monsanto e San'Domingos de Bemfica, estão infestados d'este animal damninho; quasi como em outro tempo, que destrue os pastos, céaras e fazendas mal amuradas, onde se introduzem com auxilio dos cabreiros. Sería pois de desejar que a Camara-municipal, renovando as antigas posturas, evitasse com

todo o rigor a existencia de cabras nos arrabaldes de Lisboa.

ESTRADAS.

101 Estradas..... estradas é o pedido geral de toda a gente, dos grandes e dos pequenos, porque ninguem tem commodidades, nem riqueza, sem viajar facilmente — vender e comprar, conduzindo as mercadorias com probabilidade de grangear lucro.

Nada d'isto temos no nosso paiz: não fallemos dos districtos do reino, que são um sertão; tractemos somente das vizinhanças de Lisboa.

A solicita Camara-municipal promove as obras publicas do seu concelho; mas permitta-nos que lhe lembremos as faltas e erros que se praticam actualmente na feitura das estradas do termo.

Vamos trazer para exemplo a estrada de Caneças, uma das mais frequentadas da gente da capital, e de outras muitas povoações. O logar de Caneças que póder ser o em que se restabeleçam os valetudinarios, e cançados da vida artificial e penosa que soffre a gente de Lisboa, deve ter mais que outras povoações uma estrada que communique com a capital. Mas por descuido, ou necessidade, deixou-se em abandono a maior parte da estrada que vai da ponte, junto á quinta do Lobo, até ao alto defronte de Adaveja. Agora a Camara mandou reparar alguns destroços que havia na calçada junto a Caneças, e continuam os operarios a refazer de novo a calçada defronte de Adaveja.

É dever de todos os que se interessam em que hajam communicações, que é o principal meio de haver prosperidade, de manifestar aos que as dirigem os erros e faltas que ha n'essas obras.

É so ésta a razão porque em principio do mez passado expuz a um benemerito camarista, meu amigo, os antigos erros e faltas que os operarios continuavam a praticar na feitura d'aquella estrada. Em resposta a uma de minhas cartas o meu amigo e Sr. Carvalho disse-me: que tinha de ir ás Caldas e que não podia directamente recomendar as minhas lembranças, mas que as poria em presença de seus collegas. Supponho que se deve á ausencia do meu amigo o esquecimento das minhas reflexões.

Lembrei ao meu amigo, e agora torno a lembrar a todos os que dirigem obras no districto de Lisboa, porque os terrenos são quasi todos da mesma natureza, que o principal êrro que continuam a praticar na feitura da estrada de Caneças, é deixar a calçada em declive para o nascente, d'onde desce de elevados montes toda a chuva que n'elles se deposita, a qual vem toda á estrada, por onde corre grande espaço, em quanto não acha algum dos poucos desaguadoiros que tem; e sendo grande a quantidade de agua que corre na estrada principalmente quando chove muito, deve destruir e descarnar a calçada nos primeiros mezes de inverno. O director da repartição da calçada a quem mostrei o errado systema, que se seguia, apenas me deu como razão de assim se continuar, as ordens de seus superiores, e outras futeis, que escuso referir. Em terreno elevado, como aquelle, a estrada tem para o poente em toda a parte escoantes faceis e rapidos; e por isso basta deixar-lhe declive para êsse lado, porque logo que a agua entrar na estrada sahirá immediatamente, atravessando sómente a largura d'ella; não podendo nunca correr ao longo porque a inclinação que tem ao poente a fará descer toda rapida e brandamente, que é o escencial para se conservarem as estradas. Em todos os terrenos como este pedregosos e areentos, com rapidos e faceis escoantes, é de luxo somente e muito despendioso, fazer as estradas convexas, ou ovadas, porque este systema é so proprio para as estradas dos paizes planos ou d'aquelles em que as aguas não tem escuadoiros tão faceis para sahir. Dizem os homens que trabalham na estrada, que continuam a fazel-a pelo methodo antigo para não se arruinar do poente, se ella fosse toda para ahi inclinada. Disse-lhes, e agora repito, que em terreno pedregoso, compacto, e todo inclinado, ainda que n'elle rodassem carros de 80 quintaes, como succede nas estradas da França e Inglaterra, nunca arruinariam a estrada, o que muito menos acontecerá com os carros d'aquelles sitios que podem levar pesos, apenas, de sessenta arrobas. Ainda é tempo de reparar com insignificante despeza a continuação dos antigos erros.

Penso que apenas estarão construidas vinte ou trinta varas da calçada velha; e por isso deve elevar-se o declive, que n'ella deixarem para o nascente, de fórma que a estrada fique toda com declive para o poente, desviando d'este lado todas as pedras e intulho, que tenha, para que a agua nunca ache impedimentos e possa sahir, e fazer somente o transito de atraveçar alguns palmos da estrada. Como ésta estrada é muito larga, e tem margem para se fazer mais larga ainda, convem, e é de grande interesse e immensa utilidade, que se deixe ao nascente da estrada um caminho mais elevado formado de pedra quebradiça, a que nas ilhas dos Açores chamam bagazina de que a maior parte da estrada está cheia, para transitar com mais commodidade a gente de pé e de cavallo, que é transito quasi geral n'esta estrada e na maior parte das do termo. Em paiz montanhoso e com as qualidades indicadas, é facil e pouco dispendioso o estabelecimento de pequenos passeios, a que nas provincias chamam carreiros, sem que se lhes lance pedra, para darem facil e commodo transito á gente de pé e de cavallo. Assim como em muitos logares da estrada de Caneças existem estes carreiros, muito lizos e bem conservados, sem que a destruidora mão dos homens lhe tenha mettido a calçada incommoda e mortificante, convem fazer outros em toda a estrada; para o que bastará tirar as pedras em que elles se deverem constituir, enchel-os, ou tornal-os elevados com bagazina, cascalho miudo e granito, de cujos materiaes são abundantes ambas as margens da estrada. Formados assim os pequenos caminhos, e havendo o cuidado de não deixar aguas a correr por elles, frequentissimo transito os calcará, e solidará de modo que sejam melhores, e mais duraveis, que os conservados pela natureza ha centos de annos sem artificio algum. Na estrada de Caneças, e em muitas outras, que tiverem como ella tão bons materiaes dos lados, podia dispensar-se em partes a calçada, e em outras lançar pelas calçadas arruinadas a pedra miuda e mais materiaes proprios, dando-lhes sempre elevações e declives convenientes, para que as aguas se retirem rapidamente das estradas. Se estes trabalhos forem feitos com cuidado e intelligencia não so a estrada de Caneças, mas outras muitas se reformarão com faci-

lidade e pouca despeza, e ficarão reparadas e bem conservadas por muitos annos; accrescendo a economia immensa que resultará aos que transitam, que lucrarão em materiaes de ferro, de calçado, e de muitos outros, sem que esqueça o muito menor consummo de tempo nas jornadas, que se empregará produzindo e trabalhando em logar de andar nas estradas. Ésta idea não deve esquecer em tempo algum.

Se os senhores camaristas attenderem ás indicações que tenho exposto, estou certo que a jornada de trez e quatro horas de Lisboa a Caneças se fará em duas; e ja se conhecem os lucros e grandes vantagens que resultarão a tamanhas povoações de pouparem uma e duas horas de tempo, que empregarão nos officios, nas artes, e em todos os trabalhos, de que se tiram lucros em logar de se consummir o tempo improductivamente pelas estradas.

Em uma calçada tam mal construida como é principalmente a que está fronteira á Adaveja ha tambem a falta de não se terem feito em muitos logares da estrada canos que recebam as aguas, os quaes devem sempre haver, não so para escoar, sem entrarem na estrada, as grandes quantidades de aguas, que vertem os montes e as dos riachos, mas para se reformar a feia e má construcção das elevações de pedra grossa, que costumam formar nas estradas, cujas elevações não evitam que as aguas corram nas estradas, e fazem impedimentos e difficuldades no transito, principalmente de carros. Nas estradas como a de Caneças estes canos são faceis de construir e de pouca despeza, pois que bastará que sejam construidos com as pedras que estão dos lados da estrada, havendo-as ahi de todas as dimensões para este fim.

Concluirei pedindo aos senhores camaristas que observem pessoalmente, e mandem, quando não poderem, pessoas intendidas indagar dos terrenos em que se fazem construcções e reparações de estradas, para que se forem terrenos taes que dispensem as calçadas, determinem que não se continuem a fazer. Para esclarecimento daremos um exemplo. — A estrada que vai da igreja de Bemfica para a quinta do Lobo e Caneças, não tem nem um bocado de calçada nas elevações, achando-se liza, sem pedras, e tão bem conservada que parece melhor que uma estrada feita de novo o que é certamente devido á natureza do terreno, que possue escoantes faceis dos lados, e absorve facilmente as aguas que se lhe depositam. Muitos terrenos d'esta natureza ha não só na estrada de Caneças, mas em muitas outras; por isso logo que se verifique a natureza do terreno com propriedades identicas, é muito conveniente eliminar d'elles as calçadas.

Do exposto parece-me deduzir-se: que os que mandam fazer estradas e caminhos não devem entrevir somente nas obras, dando dinheiro para se fazerem, sem interpor a sua reprovação nas malfeitorias de seus operarios:

Que os que gastam e dispendem nas estradas podem com conhecimentos praticos, bom senso, e observação dos terrenos, determinar o modo mais proprio e economico de se construirem; evitando os erros, desordens, e desperdicios, que constantemente se praticam:

Que em paiz de montanhas e elevações, como o districto de Lisboa, não se podem adoptar todas as regras geraes que se dão para a construcção de estradas em paizes planos, devendo-se principalmente adoptar a construcção de caminhos que as pessoas que andam a pé e a cavallo os possam percorrer rapida e commodamente:

Que a principal sciencia e cuidados dos constructores e directores de estradas, devem ser o de desviarem as aguas das estradas, e de conhecerem a natureza dos terrenos para adoptarem a calçada de pedra grossa, o macdamisado, ou exterminio de toda a pedra nos caminhos que bem se conservam sem ella. Mas se os directores não tiverem este cuidado, os operarios seguirão a velha costumeira sem nada melhorar, e até sem nos ficar a doce esperança de termos communicações faceis e boas.

Pereira Brandão.

MORDEDURA D'ANIMAES PEÇONHENTOS.

102 Tendo sido um inglez mordido no esophago por uma vespa, que estava dentro de um copo de cerveja e que elle não tinha visto, um amigo seu, presente, lhe salvou a vida, fazendo-o beber, a pequenos tragos, uma porção de sal-commum diluido na menor quantidade de agua possivel. Os symptomas aterradores, que se haviam manifestado, desvaneceram-se quasi repentinamente.

A applicação d'um pouco d'alcali volatil, é, sôbre todos, o melhor remedio que se conhece para a mordedura de animaes peçonhentos. Se não se podér incontrar o alcali poderá ser substituido pela potassa, cal-viva, cinza, ou finalmente pela greda, que deverá ser applicada, diluida n'uma gôta d'agua, sôbre o logar mordido.

(*Dic. des Ménages.*)

RECOVAGEM. *

103 Cada vez se torna mais arriscado o progresso n'esta investigação. A sua realidade mesmo para a França padece dúvidas. M. Navier escreveu ha ja 10 annos, e desde então para cá tem-se alterado muito o systema das communicações com o augmento da canalização e introducção dos caminhos de ferro; o que tudo tem alli barateado os preços das conducções. Como se não bastasse a transição em que n'este momento está a viação n'aquelle paiz, a applicação dos seus dados para a de Portugal offerece novas difficuldades. A ruindade, e mesmo a falta, de caminhos, o modo dos nossos transportes ás costas de animaes, a incommunicabilidade, a variedade de preços, são outras tantas especies que concorrem para impossibilitar um termo medio verosimil.

É coisa notavel, a respeito de qualquer resultado geral que se queira prefixar entre nós, ser elle impossivel de alcançar n'um paiz tão pequeno! Um exemplo entre muitos. Ninguem que tenha andado pelas nossas provincias póde ter deixado de observar a variedade que ellas guardam entre si nos alimentos e no vestuario. Percorre-se a Inglaterra toda, e em toda ella se vê a mesma uniformidade. Em 1841 calculou-se, que de todos os seus habitantes, que eram 15,000,000, haveriam 20,000 so, que não comêssem pão de trigo.

Mas deixando este incidente de parte, posto que vitalmente prende com o assumpto que nos occupa, e en-

* *Continuado de pag.* 75.

trando, conforme fôr possivel, na avaliação que se pertende approximar sôbre o dispendio que a nação faz na recovagem dos seus generos, principiaremos por extractar o seu custo em França, segundo o que vem na obra ja citada. Esta obra é ja um pouco super-annua, mas para não amontoar inconvenientes, com a intercalação de factos supervenientes depois da factura dos caminhos de ferro, não nos affastaremos do seu texto, que assim mesmo é sempre, por ora, mui moderno para Portugal — que se hade dar por muito feliz quando chegar a ter as suas estradas no mesmo estado em que ellas lá estavam ha 10 annos.

Segundo Mr. Navier em 1835, andavam pelos caminhos vicinaes os 173 milhões de toneladas de generos meia-legua franceza, a qual elle reputava a meio franco, que são francos 86,000,000, e dos 173 milhões, abatendo 127, os 46 que ficam andariam termo medio, agua e terra, 15 leguas francezas a 1 franco por legua, que vem a ser mais 465,000,000 de francos — total 551,000,000. Se reduzirmos estes francos a réis, teremos, sendo cada franco a 160 rs. que é o par, a quantia de 88,760 contos.

A tonelada franceza ja se disse que tem 2,167 arrateis ou reduzindo, 67 arrobas portuguezas, d'onde, se 1 tonelada franceza custa 160 rs. para transporte, 1 arroba portugueza custará 2 rs. 68 avos. (67.160:1.2.38.)

A legua franceza tem 4,000 metros, a legua portugueza, segundo as taboas ja mencionadas de La-Croix, 6,173 metros, logo os 2.38 rs. tem de ser accrescentados na mesma proporção; pelo que cada legua portugueza, se a recovagem em Portugal custasse o mesmo que custa em França, sahiria a 3 réis e 67 avos. Mas a recovagem em Portugal, termo medio, é certamente mais cara do que 3 réis 67 avos por legua; senão é ver o n.° 46, 10.° da 4.ª serie, 18 de agosto de 1842, d'este mesmo jornal, em que ja tratei d'esta materia. Eu não a subirei comtudo por não dar occasião a ser arguido de exaggerado.

Por este preço custará a recovagem dos 5,34 milhões de toneladas francezas, ou 361,598,100 arrobas portuguezas, em quanto anda pelos caminhos vicinaes .(6,173 m. 3,67 rs. :2»000 m.) a 1.19 rs. por $\frac{1}{3}$ leg. port. rs. . . . . 430,301»739

E a recovagem geral na proporção franceza de 86 para 465, rs. . 2.354.003»631

Rs. 2.784.305,,370

Esta somma dividir-se-ha na seguinte proporção pelas provincias, a saber:

Minho	681 contos
Traz os Montes.	249
Beira.	892
Extremadura.	625
Alemtejo	227
Algarve.	106
	2780
Fracções para integrar . . .	4
	2,784 contos.

Parece não ser nada, mas aqui estão perto de 3,000 contos de réis que o povo despende sem o perceber, e que eu estou na convicção intima seguro de ser muito mais; os quaes certamente se podiam reduzir de um terço e tambem de metade; mas que ficam no que estão porque ninguem se quiz até agora embaraçar com o melhoramento das nossas communicações, entretanto que todos bradam e tream por qualquer minudencia que lhe carregam de impostos para occorrer ás despezas do thesoiro.

Eu tenho sido o primeiro a suscitar a desconfiança contra a verosimilhança das minhas computações, e não tenho querido invocar para ellas nenhum credito, e comtudo creio, guardada a latitude devida em uma tal discussão, que ellas não são cerebrinas. A proporção que o orçamento tem com a recovagem em França é de 0.42, em quanto que, segundo os calculos que tenho estudado, não é para Portugal senão de 0.24; isto é: se a recovagem importa á França como 100 em relação ao seu orçamento, a nossa por éstas minhas contas não vem a importar senão 57; isto é: pouco mais de metade do que ella importa a França.

Os transportes são grande objecto na economia de todas as nações. Em Inglaterra onde ha mais dados estatisticos para se chegar a uma certeza n'esta materia, montaram elles a 30.400 contos, apezar da area territorial não ser mais de 50,210 milhas, ou $\frac{1}{4}$ parte da da França, ter a metade da população d'esta; ser uma ilha e portanto ter muito mais navegação que é mais barata para conducções; as suas estradas serem as mais perfeitas que ha, e ter ja quasi todos os caminhos de ferro de que ha de precisar.

Os problemas numericos occupam-nos pouco ou nada, por ora. Mas ou nós havemos de vir a elles, ou havemos de continuar a jazer estacionarios na penuria de que todos os dias fallâmos—mas so fallâmos. Se a arithmetica por todos os modos e fórmas não é introduzida em todas as phazes da nossa existencia social, sessão apoz sessão legislativa... poderão ser decretadas leis; mas umas para annular as outras, sem que d'ahi venha senão mais papel inutilisado. A perda do tempo e o damno que se faz com essa vaga legislação é incalculavel.

Torna-se um elemento obrigado, na educação de todos, o dos algarismos, assim como a sua applicação a todas as occasiões da vida. Não se julgue d'aqui que eu assumo pertenções de materializar os nossos estudos; eu quereria so que houvessem bases certas para o discurso.

A França, a Inglaterra, a Allemanha, não materializam mais do que nós; de lá nos vem todos os systemas metaphysicos, mas isso não tira que não reduzam tudo a numeros. Esta nova inclinação é que tem feito os prodigios do presente seculo, sem que nós porém a tenhamos appropriado. Se não fosse ésta nova especie de instrucção que elles incetaram, a industria e portanto a riqueza daquellas nações, não tinha dado um passo, e estaria onde está a nossa.

Em 1842 passou uma lei que mudou o systema fiscal das alfandegas em Inglaterra; não eram passados mais de dois annos, ja um membro, dos mais conspicuos do govêrno, publicava uma estatistica dos seus effeitos.

No seculo passado, ou entre nós, havia de se divagar sôbre a medida, mas nunca se havia de ter precisado do seu influxo.

Tranquillos todos pelas demonstrações que acabavam de conhecer, a opposição calou-se e o governo

reiterou providencias no mesmo sentido: e a Inglaterra que até alli tinha sido tão pertinaz nas suas restricções commerciaes passa a abandona-las quasi todas.

Analyses e informações como éstas que acabo de notar, e que nos outros paizes sahem á luz sem conto, é que nós precisâmos. Tambem carecemos de instituições academicas, mas que nos apresentem outros programmas que não seja o da nossa Academia-Real das Sciencias em 1842.

C. A. da Costa.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO VIII.

Sahida do Cartaxo — A charneca. Perigo imminente em que o A. se acha de dar em poeta o fazer versos. — Ultima revista do imperador D. Pedro ao exército liberal. — Batalha de Almoster. — Waterloo. — Declara o A. solemnemente que não é philosopho e chega á ponte da Asseca.

104 Eram dadas cinco da tarde, a calma declinava; montámos a cavallo, e cortámos por entre os viçosos pampanos que são a glória e a belleza do Cartaxo: as mulinhas tinham refrescado e tomado ânimo; breve, nos achámos em plena charneca.

Bella e vasta planicie! Desafogada dos raios do sol, como ella se desenha ahi no horisonte tam suavemente! que delicioso aroma selvagem que exhalam éstas plantas, acres e tenazes de vida, que a cobrem, e que resistem verdes e viçosas a um sol portugez de julho!

A doçura que mette n'alma a vista refrigerante de uma joven seara do Ribatejo nos primeiros dias de abril, ondulando lascivamente com a brisa temperada da primavera, — a amenidade bucolica de um campo minhoto de milho, á hora da rega, por meados de agosto, a ver-se-lhe pullar os caules com a agua que lhe anda por pé, e á roda as carvalheiras classicamente desposadas com a vide cuberta de racimos pretos — são ambos esses quadros de uma poesia tam graciosa e cheia de mimo, que nunca a dei por bem traduzida nos melhores versos de Theocrito ou de Virgilio, nas melhores prosas de Gesner ou de Rodrigues-Lobo.

A majestade sombria e solemne de um bosque antigo e copado, o silencio e escuridão de suas moitas mais fechadas, o abrigo solitario de suas clareiras, tudo é grandioso, sublime, inspirador de elevados pensamentos. Medita-se alli por fôrça; isola-se a alma dos sentidos pelo suave adormecimento em que elles cahem... e Deus, a eternidade — as primitivas e innatas ideas do homem — ficam unicas no seu pensamento...

É assim. Mas um rochedo em que me eu sente ao pôr do sol na gandra erma e selvagem, vestida apenas de pastio bravo, baixo, e tosqueado rente da bôcca do gado — diz-me coisas da terra e do ceo que nenhum outro espectáculo me diz na natureza. Há um vago, um indeciso, um vaporoso n'aquelle quadro que não tem nenhum outro.

Não é o sublime da montanha, nem o augusto do bosque, nem o ameno do valle. Não ha ahi nada que se determine bem, que se possa definir positivamente. Ha a solidão que é uma idea negativa...

Eu amo a charneca.

E não sou romanesco. Romantico, Deus me livre de o ser — ao menos, o que na algaravia de hoje se intende por essa palavra.

Ora a charneca d'entre Cartaxo e Santarem, áquella hora que a passámos, começava a ter esse tom, e a achar-lhe eu esse incanto indefinivel.

Sentia-me disposto a fazer versos... a quê? Não sei.

Felizmente que não estava só; e escapei de mais essa caturrice.

Mas foi como se os fizesse, ou versos, como se os estivesse fazendo, porque me deixei cahir n'um verdadeiro estado poetico de distracção, de mudez — cessou-me a vida toda de *relação*, e não me sentia existir senão por dentro.

Derepente acordou-me do lethargo uma voz que bradou; — 'Foi aqui!... aqui é que foi, não ha dúvida'.

— 'Foi aqui o quê?'

— 'A última revista do imperador'.

— 'A' última revista! Como assim a última revista! Quando? Pois?...'

Então cahi completamente em mim, e recordei-me, com amargura e desconsolação, dos tremendos sacrificios a que foi condemnada ésta geração, Deus sabe para quê — Deus sabe se para expiar as faltas de nossos passados, se para comprar a felicidade de nossos vindouros...

O certo é que alli comeffeito passára o imperador D. Pedro a sua última revista ao exército liberal. Foi depois da batalha d'Almoster, uma das mais lidadas e das mais insanguentadas d'aquella triste guerra.

Toda a guerra civil é triste.

E é difícil dizer para quem mais triste, se para o vencedor ou para o vencido.

Ponham de parte questões individuaes, e examinem de boa fé: verão que, na totalidade de cada facção em que a nação se dividiu, os ganhos, se os houve para quem venceu, não balançam os padecimentos, os sacrificios do passado, e menos que tudo, a responsabilidade pelo futuro...

Eu não sou philosopho. Aos olhos do philosopho, a guerra civil e a guerra extrangeira, tudo são guerras que elle condemna — e não mais uma do que a outra... a não ser Hobbes o ditto philosopho, o que é coisa muito differente.

Mas não sou philosopho, eu: estive no campo de Waterloo, sentei-me aopé do Leão de bronze sôbre aquelle monte de terra amassado com o sangue de tantos mil, vi — tantos annos depois — luzir ainda pela campina os ossos brancos das victimas que alli se immolaram a não sei quê... Os povos disseram que á liberdade, os reis que á realeza... Nenhuma d'ellas ganhou muito, nem para muito tempo com a tal victoria...

Mas deixemos isso. Estive alli, e senti bater-me o coração com essas recordações, com essas memorias dos grandes feitos e gentilezas que alli se obraram.

Porque será que aqui não sinto senão tristeza?

Porque luctas fratricidas não podem inspirar outro sentimento e porque...

Eu moía comigo so éstas amargas reflexões, e toda a belleza da charneca desappareceu deante de mim.

N'esta desagradavel disposição de ânimo chegámos á ponte d'Asseca.

DOS TRIBUTOS ESTABELECIDOS NA ILHA DE S. MIGUEL. PRECEDIDO DE UMA BREVE NOTICIA DOS DE PORTUGAL ETC. *

105 Tractámos dos *reguengos* e das *jugadas*: proseguiremos ainda n'este assumpto.

Uma publicação periodica moderna tractando das *jugadas* assim se expressa: «Os impostos das jugadas e oitavos, que antes devem ser considerados reaes do que impostos, são dos mais antigos no reino: tiveram origem com a monarchia, e foram lançados por D. Affonso Henriques sôbre as terras que hia conquistando aos moiros; pelo que talvez datem dos annos de 1178 a 1180. — As jugadas eram impostas aos lavradores, que fabricavam trigo e milho, e de cada jugo de bois, com que lavrasseem, deviam pagar um moio de trigo, ou d'ambos os generos se igualmente os cultivassem; e os oitavos aos que colhessem vinho e linho em terras jugadeiras, salvo se fosse determinado, que se pagasse d'outro modo. — O regimento, para a arrecadação das jugadas, é o que se contém na ord. do liv. 2.° tit. 33, em cujo § 1.° se declara, que o moio, de que acima se tracta, deve ser de 56 alqueires, pela medida velha de que se usava em Coimbra e Santarem, no tempo d'el-rei D. Manuel.

* Continuado de pag. 34.

No mesmo regimento se determinam as epochas e o modo, porque se deviam cobrar as jugadas e oitavos, as penas em qoe incorriam tanto os lavradores como os officiaes encarregados da sua cobrança, que não cumprissem as respectivas disposições; e bem assim em que casos e quem era exemplo do seu pagamento.

No vol. 9.° de Pegas, ad. ord. liv. 2.° tit. 33, § 22, vem transcripta a carta de privilegio datada de 29 d'outubro de 1348, da exempção de jugada concedida ao mosteiro de Cellas de Coimbra; carta que foi confirmada em o 1.° d'outubro de 1595. No mesmo vol. a pag. 588, se acha outra carta de lei de 26 d'abril de 1821, com igual exempção ao cabido de Coimbra; e bem assim, á pag. 438, sob o n.° 303, se incontra outra com data de 17 d'outubro de 1514, em que se determina, que nenhuma pessoa que tiver herdades, ou outras heranças no termo da villa de Torres-Novas, as possa vender a pessoas exemptas e privilegiadas de pagar jugadas, que viverem fóra da dita villa e seu termo; sendo ésta carta confirmada a 17 de novembro de 1523, e 18 de fevereiro de 1594.

No liv. 8.° da Supplicação, a fl. 31, se acha o assento de 29 de janeiro de 1529, em que se declara a ord. antiga de D. Manuel, liv. 2.° tit. 16, § ultimo, e se determinam os cavalleiros que serão escusos de pagar jugada; como tambem que do direito do oitavo e quarto, que se paga em terra não jugadeira, não é exempto clerigo, cavalleiro, igreja, mosteiro, nem outra alguma pessoa.

No liv. 2.° da Supplicação, a fl. 132, está transcripto o alvará de 22 de março de 1536, no qual se declara a sobredita ordenação do liv. 2.° tit. 16, §§ 9 e 18, e se determina quando são escusos de jugadas os besteiros do Monte.

No vol. 9.° de Pegas, a pag. 435, n.° 294, vem a carta regia de 6 d'abril de 1538, em que se declara, que pessoas hão de pagar o oitavo ao convento de Thomar.

O alvará de 2 de maio de 1556, que tracta do regimento das jugadas, mandado observar na cidade de Coimbra, vem inserto no alvará de 26 de fevereiro de 1594, que mandou cumprir quanto n'elle fóra determinado.

O regimento das jugadas de Santarem é datado de 25 de março de 1559; e os ordenados do contador, almoxarife das ditas jugadas e mais officiaes, foram regulados pelos capitulos 23 e 24 do alvará do regimento de 29 de dezembro de 1759.

Pelo alvará de 13 de julho de 1775 ordenou el-rei D. José, que, 1.° se houvesse por finda uma escriptura celebrada no anno de 1691, para durar 18 annos sómente, entre o procurador da fazenda da Casa-de-Bragança, e os moradores da villa de Porto-de-Mós, e seu termo, pela qual se alterára a lei do foral em que D. Manuel estabeleceu o direito certo para pacifica arrecadação das jugadas, e oitavos da referida villa: 2.° que d'alli em diante se não podésse gravar mais aquelles povos com a vexação das derramas para pagamento das jugadas e oitavos, reduzidos a quotas certas: 3.° que a arrecadação das ditas jugadas e oitavos se reduzisse á fórma estabelecida pelo foral, pagando separadamente cada um o que deve-

se, salvas as avenças que voluntariamente quizessem fazer com os rendeiros: 4.° que, emquanto não mandasse o contrario, se observasse para a arrecadação d'estes direitos, n'aquella villa e seu termo, o foral dado por D. Pedro II no anno de 1695: e 5.°, finalmente, que fossem alliviados os referidos moradores de pagar o que devessem até ao anno antecedente de 1775.

No § 63 do alvará de 20 d'abril de 1775 se declara, que as jugadas de pão comprehendem todos, sem distincção de fóros ou estados, e que para ser exempto do pagamento dos oitavos do vinho não basta qualquer nobreza civil; sendo necessario áquelles que pertenderem ser exemptos que se achem nos precisos termos da ord. do liv. 2.° tit. 33, § 29: *que tiverem meu alvará de exempção dos referidos direitos, ou carta em que gozem dos privilegios de dezembargadores*: sendo outro-sim preciso que, para o sobredito privilegio produzir o seu devido effeito, fosse registado na contadoria etc.

Pela carta de lei de 25 de maio de 1776 foram reprovadas como abusivas, temerarias, e oppostas a todas as leis, alvarás e decretos, quaesquer pareceres e arestos que serviram de pretexto ás sobreditas exempções: e declarou que não foram, nem devem ser escusos de pagar jugada de pão, vinho e linho, se não as pessoas que por leis, alvarás ou decretos, mostrassem que lhes fôra especialmente concedido o dito privilegio; ou aquellas que por alguns serviços dignos de attenção ou graças especiaes, obtivessem a referida exempção para as suas respectivas terras

Por decreto de 10 de março de 1803 estabeleceu D. João VI (então principe-regente) novas regras para a arrecadação das jugadas e oitavos da villa de Santarem: creando um administrador-geral, com proeminencia de assistir ao acto de se estipularem os preços medios dos fructos, e de representar ao Conselho-da-fazenda quaesquer omissões, que observasse na cobrança e lançamento d'estes direitos.

Em virtude do art. 6.° do decreto n.° 44, de 13 d'agosto de 1832, ficaram extinctas as jugadas e oitavos impostos nos bens enumerados no art. 3.° do mesmo decreto, ou pelos reis, ou pelos donatarios, ou por contractos de emprazamento, ou sub-emprazamento, ou de censo, fundados em doações regias ou foraes, ou em sentenças ou posses, aindaque sejam immemoraveis»

Além das jugadas foram impostos outros tributos sôbre os generos, isto é, sobre o commercio dos generos, a que deram a denominação de *portage*, e em razão de se dever pagar nos portos seccos ou molhados, por onde tinham entrada ou sahida; (1) tributo este, talvez introduzido por Julio Cezar, segundo *Suetonio*, (2) ou pelos imperadores que lhe succederam, os quaes tambem dominaram nas Hispanhas, ficando por este motivo conservado na dominação dos *godos* (3) e dos *sarracenos*; sendo verosimil que os monarchas portuguezes achando estabelecido este tributo, regulassem a quantia e o modo com que se devia pagar segundo as circumstancias; de que porventura procede a variedade que deparamos nos foraes, respectivamente aos *generos*, ás *pessoas*, e aos *logares* d'onde e para onde se conduziam esses generos. Para roborarmos o nosso assento citaremos o foral da cidade de Lisboa, que foi outorgado por D. Affonso Henriques, e mandado ratificar no anno de 1500 por elrei D. Manuel (4). Aqui observaremos ácerca dos *generos e logares*, a diversidade de mandar pagar *meio-real*, ou *tres seitis*, de cada uma carga de pão que entrasse ou sahisse por terra; e a dizima quando entrasse em Lisboa ou sahisse para povoações do reino que não fossem *Setubal* ou *Alcacer*, que so pagaria de cada alqueire um seitil, e indo para *Sines* ou *Odemira* pagaria um de vinte, isto é: cinco por cento (5). Do vinho que da Beira, do Minho, de Setubal, Alcacer, Odemira, e Sines, entrasse em Lisboa pela foz mandou pagar a dizima: e pelo que de outras partes entrasse ou sahisse por mar ou terra, meio-real de cada carga (6). Do pescado mandou pagar a dizima: a que no tempo de el-rei D. João I se accrescentou outra dizima, a que ficaram chamando *nova*, (7) para a differençar da primeira.

Estabeleceu-se igualmente o que se deveria pagar pelos pannos de lau e seda entrando em cargas por terra ou por agua, (não sendo pela foz) quer fossem fabricados no reino quer no norte, ou em Castella, esmando-se todas éstas cargas para pagarem respectivamente este tributo: e declarando certa differença entre os que das terras d'este reino entrassem pela foz, afim de que uns pagassem a dizima na alfandega, e de outros na chamada casa-da-portagem. (8) Facil é pois de perceber-se que aqui se não tracta dos que do norte entrassem pela foz, porque de todos estes se devia pagar a dizima na alfandega, com exclusão da casa-da-portagem na conformidade do especial foral da mesma alfandega. E relativamente ás pessoas, alli se concede o privilegio de não pagar aos que na Adissa trabalhassem nas minas de oiro; aos moradores de Almada no tocante a certas coisas; aos ecclesiasticos em geral; e aos vizinhos de Lisboa, a respeito dos generos, de que a portagem se devia pagar por taxa, porque de todos os outros que eram subjeitos á dizima sempre deviam pagar; e finalmente aos moradores de outras cidades, e villas do reino, que gosavam do legitimo privilegio de convizinhar com Lisboa (9). E do que acabâmos de expender se deprehende que nem a diversidade da quantia que se mandava pagar, nem a do logar onde se pagava, nos deve fazer desconhecer que quaesquer direitos que se pagavam na entrada ou sahida tiravam a sua origem d'esta antiga portagem.

Não a diversidade de logar, porque o grande augmento do commercio tornáva incompativel que em Lisboa se podesse pagar de todos os generos em uma só estação (10): e não a diversidade da quantia, por

(1) Os romanos tiraram a etymologia da palavra *Portorio* de *Portus*, como se vê na lei 203 Dig. etc, onde se diz — in lege censorio *Portus* etc. Sôbre este tributo veja-se o codigo vectigalibus.,

(2) Suetonio na vida de Julio Cezar § 43.

(3) Memorias de Litt. da academia real das sciencias tom. 5 pag. 246 nota 184.

(4) Systema dos reg. tom. 6 pag. 479.

(5) Ibid. artigo — Regra do Pam.

(6) Ibid. artigo — vinho e vinagre.

(7) Ibid. artigo — pescado, dizima nova.

(8) Ibid. artigo — pannos.

(9) Ibid. artigo — addiccirós e seg. particularmente o artigo — lei da vizinhança.

(10) Em Lisboa pagavam os generos do norte, e alguns

que ja fica demonstrado com o foral de Lisboa, que de uns generos se mandou por taxa certa, e de outros por dizima. E se meditarmos attentamente sôbre as representações ou queixas que os ecclesiasticos fizeram no tempo d'el-rei D. Diniz, de que se lhe impunham novas exacções, levando-se-lhe *em nome, e em logo de portagem, a dizima parte de toda las coisas que do reino tiravam* e na resposta que se lhe deu, de *que el-rei nom demandava a dizima parte desso, se nom daquelas coizas que passavam per mar*: (11) nos convenceremos de que a portagem, ou tributo das fazendas que eram importadas ou exportadas por mar, se denominou propriamente *dizima*; por quanto d'estas se exigia a decima parte, assim como das que tinham entrada por terra se ficou especificadamente denominando portagem.

(Continúa).

B. J. Sena Freitas.

THEATRO DA RUA DOS CONDES.

O TRIBUTO DAS CEM DONZELLAS — Drama em 5 actos — *Imitação do Sr. Mendes Leal.*

106 O *tributo das cem donzellas* é imitação mais rica do que muitas obras originaes. Não se ve alli abundancia esteril, admira-se a graça, a ligeireza de um pincel sempre variado, e quasi sempre feliz nas diversas scenas de um quadro tão vasto como difficil. O nosso poeta restituiu á peça franceza a verdade da epocha, truncada e invertida sem motivo; e deu assim individualidade aos characteres e relevo á acção, conciliando a pompa e a magnificencia com o interesse das situações.

E' uma desgraça que o officio de escriptor se tome como um desaffogo de outras fadigas, desamparando-se a profissão das lettras tão estimada entre as nações civilizadas. E não se accuse este ou aquelle homem! A molestia de que adoecemos vem de muito longe. Nasce da certeza de incontrar a porta das mais illustres carreiras fechada ás legitimas esperanças. Onde as ambições nobres pela cultura das boas artes não descobrem uma entrada gloriosa, nunca se póde esperar que prosperem. Este mal é um dos fructos acerbos dos repetidos abalos politicos — um dos rezultados deploraveis d'essa litteratura dançante e perfumada, feita para merecer o sorriso dos poderosos nos toucadores e nas grades dos conventos: litteratura contrafeita e degenerada, que amortalhou nos braços o cadaver da robusta monarchia de D. João II.

Por longo tempo a imitação como Achilles continuou o gyro em volta da Troya classica. Hoje alguns talentos escolhidos animaram-se a seguir differente vereda e a transplantar para aqui o que nos outros reinos ja ia incanecendo. Offereceram-nos as exaggerações da contrarevolução da eschola chamada *romantica*: copiaram-lhe os erros e tambem as bellezas; mas perdoem-nos os que se lançaram n'este caminho, não se libertaram por isso da antiga algema. Imitaram um theatro muitas vezes monstruoso, quasi sempre falso, por julgarem que so no horror dos padecimentos physicos, que só no abuso de antithezes repugnantes reside o sublime. Mudaram as fórmas á imitação mas não mudaram o character á scena portugueza; ficou o que antes era — uma escrava subjeita ao sceptros das extrangeiras. Traduzir sem escolha peças modernas, ou tragedias dos mestres das tres unidades — sempre é traduzir! O pensamento da reacção escapou no essencial aos nossos poetas, como nos parece que escapou tambem a muitos dos chefes das escholas de França e de Allemanha; e era esse que mais cumpria intender e applicar a fim de colherem os beneficios do novo systema.

O movimento da renascença quebrou com as tradições da poesia nacional, assim como procurou annullar os costumes e usos patrios pautando as instituições pelo modêlo da unidade monarchica, transportada violentamente de uma sociedade morta para as sociedades agitadas pela discordia de interesses contrarios. Foi uma lucta dolorosa, muitas vezes insanguentada, e por grande espaço porfiosa, essa transformação. Custou seculos a consumar-se, e sahiram d'ella aniquillados os elementos da passada existencia das nações, e com pouco duradoira vida os vencedores. Em quasi todas as terras a monarchia una adornou o triumpho com o explendor de um momento de glória. Depois dominaram os vicios da sua organização, e infraquecendo-a trouxeram-na ao estado morbido, em que a vieram surprehender as tempestades dos fins do seculo antecedente. A literatura acompanhou as phases da decadencia assim como notára as breves horas do apogeu.

A contrarevolução poetica d'este seculo não fez mais que auxiliar, completando-a, a victoria popular. O seu objecto era, segundo acreditâmos, atar o fio das tradições nacionaes nos pontos em que os rompêra a renascença. Levantar do chão a estatua apenas modelada na edade media, e com um cinzel mais experiente e um gôsto mais seguro erigir por ella aos seculos modernos um monumento que os não invergonhasse diante dos primores da civilisação antiga. A esthetica christan tem de existir em divorcio com o Apollo grego — porem os preceitos, as bellezas immortaes, a harmonia, a pureza da arte de Athenas e de Roma, n'aquillo em que ambas, ou alguma d'ellas, foi excellente não se podem ignorar sem mutilar o ingenho e proferir uma blasphemia. As duas civilisações não se fundem nem se afferem pelo mesmo typo — o espirito de uma matou o da outra — mas o que a primeira revelou á segunda no segredo de verdades eternas são depositos que se não desprezam impunemente.

A eschola moderna portou-se com a arte greco-romana como os barbaros do norte com o imperio dos Cesares. Entrou com a soberba intoleranle de um conquistador. Perdeu de vista o seu alvo, e começou a disparar ao acaso. D'ahi provieram os desvarios, os abortos que vimos nascer, applaudir e morrer na mesma noite.

Hoje ja as oscillações vão a menos. A' febre revolucionaria succedeu e cansaço e a indifferença. A analyse desce inexoravel sobre toda essa raça de cyclopes improvisados, e sem piedade mostra o que elles são, tirada a mascara, despidas as roupas, e desatacado o cothurno usurpado á casta e divina Melpomene. As escholas — diversas nas applicações — estão obrigadas a reformar-se, a reconstruir-se segundo a mesma e invariavel regra. Quasi todos reconhecem ja que o progresso litterario depende de fazer com o nosso passado, com a nossa actualidade, o que os gregos e os romanos fizeram com os seus; regenerar a poesia pelo baptismo popular; inriquecel-a com todos os thesoiros que a arte moderna descubriu; coroal-a com as grinaldas naturaes que floreceram nos ramos viçosos da tradicção.

Do estudo profundo e da reflexão detida sobre o theatro hispanhol comparado ao theatro de Shakspeare tinhamos fé que se viria alguma revelação d'onde surgisse a criação de uma scena portugueza nossa original; filha legitima d'esta terra, herdeira da gloria e poesia das esplendidas epochas que a ingrandeceram. Mas não é para aqui discutir questão, que exige maior espaço e mais tempo do que nos é licito consagrar-lhe agora. Bastará que se advirta que gerações pizaram o solo que nós calcâmos, que exercitos cingiram de um diadema de lanças a cabeça dos seus outeiros! A aguia do Tibre, as armas dos godos, as luas dos arabes, e os leões das Asturias, durante seculos, nos seus graciosos vales ou nas suas despenhadas montanhas combateram, dominaram e cahiram. Que de heroes morderam o pó, que de ambições agonizaram nos carceres; que de mudanças aconteceram do anoitecer ao romper d'alva! Sublime espectaculo o de duas civilisações oppostas justando n'um duello mortal pela victoria de uma religião, e pela posse de uma corôa! A conquista em toda a parte; mais ao longe os tempos homericos na raça goda — depois o heroico na guerra de Pelaio e seus successores, até á queda da musulmana Granada. As cavallarias d'Africa, os torneios da lucta de Castella; o romance das mil e uma noites realizados por um punhado de aventureiros nos mares

---

da America, na alfandega-grande: os da Azia, e outras partes da America, na casa-da-India: os do reino na casa dos cinco, na mesa do sal, e nas diversas mesas estabelecidas na alfandega das sette-casas, tendo uma d'ellas a nome de portagem: e a madeira do norte da America e de outra qualquer parte, ao chamado Paço-da-Madeira.

(11) Ord. aff. liv. 2 tit. 2 artigo 10.

e imperios da India; tudo isto que se repularia a mais inverosimil das novellas, se não fosse a formosa e confirmada chronica de um reino por muito tempo sem rival, é de uma novidade, de um interesse e de um grandioso, que chegam a assustar os talentos mais ricos, mais viris.

O Sr. Mendes Leal aproximou-se n'esta peça das origens que apontámos. E' um ensaio felicissimo, que o convida a imprehender a restauração tão ardua de algumas obras escolhidas de Calderon. Ha no drama de que damos noticia, lances em que o terror e a compaixão se elevam aonde não sobem as convulsões de uma paixão phrenetica, brutal, e toda physica. Ha scenas em que um buril robusto grava em dois traços um character, e sem lhe roubar a verdade humana o funde no bronze dos typos heroicos. O frecheiro Adelgastro é um d'elles. Está desenhada com tanto vigor aquella physionomia, sentem-se tanto as pulsações d'aquelle coração de soldado, abraxado em dois nobres affectos — o amor do guerreiro á bandeira da patria, o amor do irmão á orphan sem outro abrigo que o seu braço; choram tão deveras aquelles olhos; fallam com tanta eloquencia aquellas cicatrizes de dez batalhas, quando entre o suicidio da propria gloria e a infamia da sua familia uma tentação horrivel se lhe offerece, que o applauso parte de todos os lados, e a ficção verte as côres da realidade. Aquelle soldado godo parece nosso conhecido — quasi que affirmariamos tel-o visto hontem pelejar, e vel-o hoje estender o elmo, roto de golpes, a pedir esmolla para remir do opprobrio sua irmã condemnada ao harem dos infieis! E todavia não se podia destacar d'aquella epocha. E' toda a expressão d'ella — assim como alguns dos outros. Collocado em quadro mais remoto ou mais vizinho desagradava, offendia. E' o povo em um dos aspectos do seu viver e crer d'outro tempo. Não faremos egual elogio ao Propozito D. Ramiro: é tyranno, vulgar de melodrama, que alguma conveniencia forçou o auctor a conservar, mas que está alli contrafeito de se ver em tam boa companhia. O rei D. Affonso, Adozinda, e Bernardo del Carpio, são bons retratos, e cada um d'elles no seu justo logar completa o painel, e anima a scena com os sentimentos de uma classe, ou de uma paixão elevada. O walid Almuhadar é um contraste pittoresco com a sociedade christan, e pela generosidade de alma, esforço e magestosa polidez, é digno de representar a côrte elegante e guerreira do tronco glorioso dos caliphas, que imperaram em Cordova, em Granada, e em Sevilha. Os characteres são todos mais ou menos heroicos: mais ou menos repassados d'aquella elevação que a poetica idea que geralmente se fórma da cavalleria nos obriga a louvar no drama, com quanto no romance a não absolvessemos tão de leve. A poesia d'aquelle periodo ia profunda; estava na tempera dos animos, na sublimidade dos sacrificios, no desprêzo dos perigos e da morte, no enthusiasmo religioso, e na mesma grandeza da lucta e do seu theatro. Subia menos á superficie. Na peça sería um êrro ésta obediencia servil ás leis da chronica. Não é ao drama que pertence verificar certos factos, nem destruir certas opiniões erroneas: e muitas d'ellas nem o romance, sob pena de o tornar uma indigesta collecção de notas e commentarios.

A pompa do espetaculo vingou a empreza do Theatro dos seus detractores. A uniformidade e acerto da representação é um titulo de merecido elogio para o Sr. Epifanio como ensaiador. No papel de Adelgastro o nosso actor soube exprimir, e com extrema felicidade, todas as alternativas d'aquella pungente dor. Soube ser soldado e irmão, e sobretudo soube ser godo: conseguiu resumir ás vezes n'um gemido, n'um olhar ou n'um gesto, o que ha de admiravel nas grandes afflicções, e o que ha de bello na força, quando a força verga debaixo do podêr irresistivel dos padecimentos moraes. A Sr.ª Talassi na linda scena com o Proposito — uma das mais rapidas e expressivas da peça, provou que não tem rival em comprehender as situações mais delicadas. O Sr. Tasso entrou perfeitamente, e em diversos lances confirmou as esperanças que n'elle fundam quantos lamentavam a falta de um *primeiro amoroso* tão sensivel em certas obras. Não diremos o mesmo da Sr.ª Emilia. Se teve momentos melhores, em geral exaggera a candura, e cahe n'uma pieguice que lhe fica mal: desconhece o valor de certas passagens e destoa a miudo no declamar, adoptando por ultimo uma nota aguda, similhante a grito d'ave, que arripia e molesta o ouvido.

A muzica dos choros composta pelo Sr. Pinto é de muito gôsto, ligeira umas vezes ou docemente melancolica outras, é sempre apropriada; as vistas pintadas pelo Sr. C. J. Xavier affiançam os progressos do artista, e asseguram-lhe se tiver constancia uma reputação distincta n'este genero.

L. Augusto Rebello da Silva.

VARIEDADES.

COSTUMES.

107 É coisa muito curiosa estudar nos factos mais ordinarios da vida os costumes dos povos que o tempo ou o espaço tem separado de nós. O contraste é ás vezes tão extraordinario que custa a acreditar.

No seculo XVI as lojas de París abriam-se ás quatro horas da manhan. O rei jantava ás oito horas da manhan, e retirava-se para o seu quarto de dormir ás oito horas da noite.

No reinado de Henrique III os inglezes de bom-tom almoçavam ás sette horas da manhan e jantavam ás dez.

No tempo da rainha Isabel a nobreza, a gente rica e os estudantes, jantavam ás onze e ceiavam ás seis horas da tarde.

No reinado de Carlos II os espectaculos começavam ás quatro horas da tarde.

Na Hispanha o rei jantava ao meio dia e ceiava ás nove horas da noite.

O rei de Yéman, soberano da Arabia-Feliz, almoçava ás nove horas da manhan, jantatava ás cinco da tarde e deitava-se ás onze da noite. Este methodo é pouco mais ou menos o que hoje se segue na Europa.

CORREIO EXTRANGEIRO.

108 A Austria cria todos os dias vastos e atrevidos pro-jectos. Falla-se seriamente em cavar um canal subterraneo que partiria de Saint-Etienne a desaguar no Loire. Este canal sería alimentado pelas aguas das minas e faria communicar as duas galerias entre si. A imaginação representa com certo medo e respeito o curso d'este canal, emulo da Styge. Um serviço muito activo se estabeleceria n'estas ondas tenebrosas: os transportes das minas, que hoje se fazem por meio de homens e carretas puxadas a cavallos, havia de fazer-se mais prompta e economicamente por ésta via subterranea. O auctor d'este projecto, sôbre que vai ja formar-se uma companhia, é M. Bergeron, habil ingenheiro.

A illuminação por gaz começa a estabelecer-se na Italia: Napoles não tem ainda senão candieiros, mas como ja tem dois ou tres caminhos de ferro, não tardará tambem em adoptar este genero de illuminação. Roma gósta de viver ás escuras; das oito horas da noite em diante a cidade papal fica em completa escuridão. Mas as cidades de Florença e Milão ja são illuminadas a gaz, e em Padua e Veneza vai adoptar-se ésta mesma illuminação.

Não é so na India que os inglezes estabelecem carris-de-ferro, vão-nos tambem introduzir na America, e na Guyanna ingleza estão construindo um de Jorge-Toron a Mahaica, ao longo das costas do Oceano, por um comprimento de 20 kilometros.

A sessão do congresso dos vinhateiros francezes e extrangeiros hade abrir-se em Dijon a 20 d'agosto. A sessão deve durar cinco dias pelo menos. Os trabalhos do congresso serão repartidos em duas secções principaes: uma relativa ao tracta mento e cultura das vinhas, assim como á nomenclatura e synonimia das cepas; a outra ao fabrico, melhoramento e conservação dos vinhos.

Falla-se em que a Austria projecta formar uma liga d'Alfandegas, em opposição ao Zollverein, composta de todos os Estados da Allemanha meridional. Este projecto, se existe, não é novo: ha dois annos fallou-se muito n'esta mesma idêa.

O brigue *la Boulonnaise* acaba de entrar em Brest depois de uma ausencia de 37 mezes: tinha sido mandado explorar as costas de Pará e o rio Amazonas. A sua exploração n'este rio refere-se até 250 leguas da sua foz: nenhuma bandeira europea tinha ainda penetrado tanto no interior da America.

O govêrno da Prussia fundou em Elberfeld, uma das cidades mais industriaes d'aquelle paiz, uma grande eschola de tecidos, onde *gratuitamente* se ensinará a theoria e prática de todos os ramos da industria do tecelão, afim de formar habeis mestres d'este officio. Aqui está como os govêrnos fazem esforços para a prosperidade pública.

O decano do exercito russo acaba de morrer com 120 annos; era um soldado que nasceu no mesmo anno em que morreu Pedro-Grande.

Coletti, o nunca esquecido 'baixo' de que sempre nos lembrâmos com saudade quando entrâmos em 'S. Carlos,' e cujo nome vive tanto na nossa memoria como na nossa bôcca, acaba de ser escripturado para a proxima estação theatral do theatro-italiano de París.

A 'Sociedade promotora da industria' em París teve a sua sessão pública annual presidida pelo sabio Dumas da Academia das sciencias. O premio de 6,000 francos foi adjudicado a M. Henschel pelos seus meios de segurança contra as explosões das machinas de vapor. Quasi todas as medalhas, premios secundarios e 'menções honrosas' pertenceram a inventores ou aperfeiçoadores de meios vantajosos ao machinismo do vapor.

Na impressa-regia de París acaba-se de fazer uma fundição de hyeroglyphos egypcios. A difficuldade d'esta empreza salta aos olhos; para a levar a effeito foi necessario, além de grandes esforços, uma tenacidade de muitos annos.

O govêrno francez tomou conta do celebre menino Prolongeau, como pensionario do Estado, para ser educado no real collegio d'Henrique IV.

Prolongeau tem sette annos e meio: é filho de pessoas pobres. Tem-se feito celebre por uma extraordinaria facilidade para todas as operações da alma, particularmente para o calculo. As faculdades de que elle é doptado admiraram á Academia das sciencias e a Luiz Philippe a quem foi apresentado, pelo desinvolvimento precoce da sua intelligencia e juizo.

Mais de um terço da cidade Smyrna foi destruido por um horroroso incendio em 3 do passado. No bairro dos armenios de 908 casas ficaram apenas 31 em pé. O hospital de Santo-Antonio, o vasto estabelecimento dos pobres, e nove decimos de casas de gregos catholicos, foram completamente destruidas. O fogo durou 17 horas, e foi propagado por um vento forte: 7,000 casas foram incendiadas, e avalia-se a perda em 200 milhões de francos: milhares de habitantes se acham sem asylo nem pão, errantes pelas ruas, no meio das ruinas. Ésta infeliz cidade começava apenas a restabelecer-se d'outro formidavel incendio succedido em 1841.

Morreu o celebre rebequista Artot, de quem temos ouvido algumas bellas composições executadas pelo Sr. Mazzoni. Artot tinha apenas 30 annos, mas era ja um veterano da sua arte. Era belga, e assaz elegante: morreu de uma *affecção pulmonar*.

Assignou-se o mez passado um tractado de commercio entre a Inglaterra e Napoles, e annuncia-se a proxima conclusão d'outro entre este mesmo Estado e a França.

Em França acabam de fazer um requerimento ao govêrno sôbre os interros precipitados. Diz-se n'este requerimento que em 1843, em menos de sette mezes quatro pessoas volveram á vida no momento em que as iam interrar, e que em 1844 em menos de oito mezes succederam seis ressurreições similhantes. Desde 1833 conhecem-se 46 casos de interros precipitados cujas victimas devem a sua salvação ao acaso, como v. g. picadellas d'alfinetes quando se amortalhavam cahir o esquife, demora da cerimonia etc. etc.

Como se sabe Sir Robert Peel no principio d'este anno atreveu-se a fazer uma refórma consideravel e audaciosa na distribuição dos direitos das alfandegas e de consummo — reduziu-os obra de 2;760,000 libras. Ésta reducção que pareceria um grande desfalque nas rendas da Inglaterra, produziu até hoje o seguinte resultado:

Comparada a renda respectiva do 1.º semestre de 1844, com a do 1.º semestre do corrente anno, em que se comprehende um trimestre inteiro em que tem vigorado a nova precepção de impostos, augmentou a renda 600,000 libras. Ora, os primeiros tempos de uma reforma são sempre o periodo mas desfavoravel para ella: este resultado excede pois as esperanças do proprio Peel, que não esperava colher tam cedo o fructo da sua atrevida concepção, contra a qual tanto se gritou, e que foi alcunhada de loucura pelos curtos espiritos do ram-ram.

A Turquia está no caminho do progresso: um novo ministerio acaba de ser creado pelo Sultão; chama-se da 'instrucção-pública,' e ficará sendo o de maior categoria. Uma commissão permanente examinará os professores, assim como as *traducções* das obras estrangeiras e os *escriptores destinados á instrucção do povo*. Éstas providencias mereceriam talvez se-

rem adoptadas por outras nações que se presam de mais adiantadas na civilização.

A 30 de junho último teve logar a abertura do congresso agricula do reino de Sardanha, e ao mesmo tempo uma exposição dos productos da agricultura e da industria. As sessões duraram até 3 julho; e é a terceira vez que o congresso agricula se reune.

Eleiceigui, o famoso gigante que vimos o anno passado na Praça de D. Pedro, mostra-se hoje em Paris ao lado do celebre anão Tom-Puce, ja conhecido sem dúvida pelos leitores, Aquelle descendente de Encelado, que Saturno de certo mandou á terra por pirraça aos romanticos que zombam da virtude productora do seu sangue, apesar de haver mais de 2:000 annos que os classicos tinham classicamente classificado ésta classica parvoice... a enorme figura do Titão, dizia eu, faz alarde dos seus extraordinarios membros n'um theatro pariense, e a gigantoramia attrahe meia povoação da Babylonia franceza.

CORREIO NACIONAL.

109 A 'Empreza portuense da navegação por vapor' repartiu 5$000 réis por acção por conta dos lucros do anno corrente.

Nas duas aulas d'instrucção primaria, estabelecidas nos dois extinctos conventos do 'Garmo e Barbadinhos,' ficaram existindo, no fim do 1.° semestre do corrente anno, 412 alumnos. Sahiram 49 aptos para os destinos que seus pais lhes quizeram dar.

Nos dias 15 e 17 do corrente hade haver corrida de toiros na villa das Caldas: acaba de se construir alli uma praça á custa da sociedade 'União caldense' destinada para este divertimento. Parece-me que se a sociedade em vez de uma praça de toiros, estabelecesse um theatro, uma philarmonica, uma assemblêa; teria feito mais civilizador serviço áquella illustre villa.

A 'Alfandega da Funchal' rendeu 128:982$944 rs. no anno economico de 1844 — 45.

No dia 8 do corrente a criada de certa familia da rua dos algibebes, rapariga de 17 annos, precipitou-se do 4.° andar para a parte do saguão: felizmente o corpo bateu em cima de uma capoeira, e ésta pancada salvou-lhe a existencia. Os motivos de uma acção tão horrorosa e condemnavel, foram, segundo se diz, alguns desgóstos domesticos.

A caixa-economica da companhia Confiança-nacional recebeu 6:019$880 réis., e teve 20 depositantes novos, na semana de 3 a 9 do corrente.

A 19 de settembro de 1844 assignou-se em Berlim um tractado de commercio reciproco entre o nosso paiz e a Saxonia. Os artigos d'este tractado de commercio acham-se no *Diario do Governo* n.° 188, de 12 do corrente.

A 'Misericordia' da cidade do Porto distribuiu as contas da sua gerencia no anno findo em junho último. Receita — 31:084$349 réis. Despeza (comprehendendo o Hospital de Santo-Antonio — 20:003$195 réis e Hospitaes-menores, incluindo 162$000 réis com o dos surdos-mudos) — 36:902$278 réis. O excesso da despeza sahiu do cofre chamado de capitaes, o qual recebeu de varios legados 2:520$300.

No Hospital de Santo-Antonio existiam 360 doentes, entraram 4:721, sahiram 4:193, ficam existindo 389. No números dos doentes entrados comprehendem-se 233 mulheres gravidas. Morreram 499 doentes, 10 % dos entrados e existentes. O Hospital teve varios donativos de roupas.

Nos Hospitaes menores existiam 183, entraram 48, sahiram 16, existem 184, falleceram 31. No de mudos, existiam 4, entraram 3, existem 6, faleceu 1.

No collegio das orfans existiam 55, entraram 8, sahiram 5. Receita — 3:953$427 réis. Despeza — 3:518$755 réis.

No mez de julho último despacharam-se nas 'Settecasas' 1,813 pipas de vinho e 264 de azeite; 27,336 arrobas de carne de vacca, 145 de porco e 1,198 de vitella e carneiro; e o valor de 23:179$400 réis de fructas e vegetaes: tudo para consummo. Despacharam-se mais 2,199 pipas de vinho para exportação.

Nota — A Redacção da REVISTA tem visto com mágua que o *Jornal de Utilidade-Pública* transcreve nas suas 'noticias diversas' muitas das noticias que a REVISTA publíca nos seus *correios*, fazendo ésta transcripção sem indicar o jornal d'onde a faz.

A mystificação é facil de conhecer-se porque nenhuma noticia das dos *correios* da REVISTA é exactamente traduzida. Muitas são acompanhadas com explicações ou reflexões da redacção; outras são extractadas; e quasi todas combinadas com as differentes edições de diversos jornaes. De tal modo que ésta parte, por cuja veracidade a REVISTA se responsabilisa até ao ponto a que a responsablidade póde chegar em coisas de similhante natureza — não é uma das menos custosas á redacção, tanto pela critica que demanda, como pela sua escolha e fórma.

O *Cosmopolita* do Porto, tem feito ainda mais; entra pela parte dos 'Conhecimentos-uteis' e copía o que lhe faz conta sem mais cerimonia. O artigo — *Marfim da Syberia*, por exemplo, cuja fórma e factos são todos da Redacção, excepto o principal, acha-se campeando n'aquellas columnas como se lhe custára o seu trabalho; o que fez com que o *Correio Portuguez*, por muito natural inadvertencia, transcrevendo este e outro artigo ('Assucar da cana do milho') citasse o *Cosmopolita*.

A REVISTA respeita a imprensa periodica, mas pede e julga ter direito tambem a ser respeitada na sua propriedade.

CONHECIMENTOS UTEIS.

ILHAS DE CABO-VERDE.

(COMMERCIO COLONIAL.)

111 Está, póde-se dizer, acabado o commercio de Portugal com a Costa-d'Africa. Os productos que d'ahi tiravamos em troca do que para la mandavamos eram unicamente os *escravos*, que conduziamos ao Pará, Maranhão etc., e o producto da sua venda era depois empregado em algodão, arroz, coiros etc. que importavamos para aqui.

Agora é tão insignificante o commercio que se faz com aquellas possessões que nem uma embarcação se póde empregar no seu movimento. Importam-se aqui differentes cereaes do Levante, legumes de Hollanda, peixe-salgado, assucar e café do Brazil etc., e os productos das ilhas de Cabo-Verde, que deram a semente de prosperidade ao Brazil, que por causa d'elle foram desprezados e anniquilados, abandonam-se sem que a metropoli faça caso do seu assucar, café, algodão, sulla, coiros, pesca e salga que poderia fornecer etc. deixando aquellas ferteis ilhas entregues aos seus proprios recursos no humilde estado em que se acham, o solo em baldio, os habitantes sem indusdustria e sem illustração!

E comtudo nos terrenos africanos em frente d'estas ilhas os coiros de boi e outras pelles são quasi de graça, e podem-se haver com a maior facilidade em certa estação do anno em troca de bebidas alcoolicas, missangas e bagatellas de toda a especie. O seu sal mineral é excellente para os cortumes e para a salga de carnes e peixe. As amoreiras e criação do bicho da seda, dão-se o melhor possivel n'aquelles terrenos, e se la se estabelecessem filatorios sería uma rica producção, que pouparia a Portugal quasi dois milhões de cruzados que dá ao extrangeiro annualmente, com que contribuiria para a prosperidade d'aquellas ilhas, augmento da sua povoação e maior riqueza nacional.

N'alguma d'essas ilhas se ajuntavam tambem, n'outro tempo, muitas das frotas que navegavam para o Sul e para a India. Não sería conveniente hoje estabelecer alli um arsenal — um porto em que se achassem todas as precisas commodidades, que convidasse os navios de todas as nações á escalla, para concertos, aguadas, refresco etc. visitas éstas que so de per si inriqueceriam aquella importante parte dos dominios portuguezes? (*Communicado.*)

Bastante se tem escripto e ja ha muito tempo sôbre o solo ubertoso das ilhas de Cabo-Verde, como elle póde e deve ser aproveitado, vantagens d'ahi resultantes etc. Tudo a este respeito tem sido dito; nada d'isso porém tem estimulado govêrnos nem negociantes a empregarem uma acção séria n'esta fonte de riqueza pública, que parece carecer unicamente de quem a queira aproveitar. D'onde procede tão vergonhosa incuria? Que documento de inepcia e negligencia não estamos nós dando ao mundo inteiro no meio do seculo industrial por excellencia?

D'entre tantas companhias que vemos criarem-se, no meio d'esses colosos que todas as semanas nos fazem ler em todos os jornaes que *descontam lettras, rebatem ordenados, imprestám sôbre penhores*, não se levantará tambem um companhia "commercial?" Pois so as lettras da praça, os papeis de credito, os penhores de joias e oiro, darão interesse? so elles merecem ser por todos os modos e por todos especulados? so elles attrahem a concurrencia? Não merecerá o commercio d'Africa tambem uma companhia?

Desejaramos ver applicada tambem n'este ponto alguma da habilidade e uma parte do patriotismo dos homens capazes das grandes concepções. Se devéras se deseja a prosperidade pública, se o interesse particular não é o unico movel dos vastos projectos dos nossos economistas — se elles realmente o são — appareça alguma coisa tambem n'este sentido: approveitem-se os grandes recursos que offerece a immensa porção de territorio que ainda tem hoje na Africa o nome de *dominio portuguez*. Para que se hão de guerrear as empresas do paiz, empregar os capitaes n'uma concorrencia prejudicial a todas, e não se hade empregar no commercio colonial uma parte d'esse capital que parece ja superabundante no paiz... Guerreamse entre si as emprezas das *estradas*, das *barras*, da *navegação do Tejo*, dos *caminhos de ferro*, da *industria* etc. e deixa-se definhar a agricultura e o commercio — perdem-se as colonias! Que economistas serão aquelles que quizerem estradas sem movimento, portos sem commercio, canaes sem transportes, carris-de-ferro sem transito, industria sem materias-primas?

Um brado unisono e immenso a favor dos melhoramentos materiaes; mas projectem quantos quizerem e executem quantos projectarem, que se deixarem a agricultura, o commercio e a industria, entregues aos esforços debeis e precarios de um particular isolado — se d'ellas distrahirem os mesquinhos capitaes que ainda n'isso se empregam, acenando-lhes com ingodo mais excitante, sem d'egual modo contrabalançar essa tendencia — ver-se-ha como o paiz, similhante ao rei Midas da fabula, morrerá á mingua no meio da sua opulencia.

A idea de uma companhia colonial é antiga, a sua necessidade geralmente reconhecida: d'onde vem pois que a ninguem tem vindo o nobre pensamento de dar impulso ou corpo a ésta gigantesca creação? Estimam-se mais, bem o sei eu, os ganhos immediatos, os lucros com pouco incommodo e grande vantagem. Subir as escadas de uma companhia para escrever um nome, adiante d'elle as cifras de uma avultada somma, sahir e achar de prompto na Praça quem compre esse pequeno trabalho por alguns contos de réis, é realmente muito mais commodo, saboroso e comezinho, do que involver-se nas grandes especulações commerciaes. Mas são porventura éstas fortunas singulares que hão de dar a felecidade do paiz? Podem ellas siquer ser duradoiras? Mas em quanto existem, emquanto os particulares acham n'essas faceis transacções vantagens grandes e certas, é porventura de esperar que as suas vistas se dirijam a outro ponto, que haja outro alvo que mais e melhor lhes attraia as miras? Por Deus, que se preste alguma attenção sôbre este estado. De que servirão os riquezas de Cresso no meio das ruinas de Carthago?

Fallo hoje assim, porventura severo, porque desejaria ver o bom senso e a justa medida em todas as coisas.... comtudo mais reflectidamente tornarei a este assumpto.

NOVO METAL.

112 Incontrámos n'um jornal francez uma descoberta nova, que a ser verdadeira é realmente importantissima. Ésta descoberta, ou invenção, consiste em tornar o vidro malleavel depois de frio como quando quente ou vermelho.

O novo metal tem o nome de *silicon*, e é de um lindissimo branco, sonoro, brilhante e transparente como o cristal. Tambem se póde obter opaco e colorido. Combina-se com muitas substancias, e éstas combinações offerecem em certos casos um variegado da maior belleza. É inodoro, ductil, e nem o ar nem os acidos o podem alterar.

INVENENAMENTOS.

113 Foi um acaso que patenteou a Newton as leis da gravidade. Harvey por acaso descobriu uma infermidade, que aproveitada se tornaria remedio (a vaccina). A sangria foi uma descoberta imprevista; e como éstas quasi todas as grandes descobertas foram como que reveladas ao homem, quando elle talvez desapercebido meditava em objectos bem differentes.

As sciencias imperfeitas e acanhadas no seu começo, pouco a pouco augmentaram á proporção que novas descobertas e assiduos estudos dilatavam o limitado campo a que ellas no seu principio se circumscreviam. Ha porém entre o desinvolvimento da intellectualidade e a perversão do espirito uma relação notavel; e parece que, marchando a par, o segundo pertende sempre usurpar para si as descobertas mais maravilhosas do primeiro a bem do homem e da sociedade.

No vasto templo da sciencia figura sem dúvida em logar distincto aquella que nascida entre os egypcios, e passando aos hebreus e caldeus, foi a principio humilde habitadora dos subterraneos e dos laboratorios dos alchimistas, para depois gloriosa começar uma nova epocha no immortal Lavoisier — a chimica. Tem ella usado do seu podêr para indagar escrupulosamente a natureza da maior parte dos corpos, afim de guiar o artista nos seus trabalhos, o militar nas suas emprezas, o agricultor nos seus amanhos, o medico nas suas curas, e a todos na escolha que devem fazer das diversas substancias da natureza, para que illudidos se não percam victimas da sua ignorancia. Foi ella que disse: a cicuta é veneno; o loureiro com toda a sua magestade tem acido hydrocianico; a pasta de amendoas-amargas, se se lhe ajuntar agua, tambem é veneno. Foi ella que ensinou que o mel com toda a sua doçura póde matar; que uma casa fechada e com um brazeiro acêzo é capaz de dar a morte; e que gozando o delicioso cheiro de uma rosa se póde ficar invenenado.

E o homem, n'uma aberração do seu espirito, lançou mão dos avisos da sciencia, attentou contra a sua victima, viu-a succumbir á sua maldade, e disse em segredo: vinguei-me! o meu crime será eternamente ignorado. Os invenenamentos augmentaram, porém a sciencia descobriu novos meios de manifestar á face do mundo a perfidia do invenenador, de lhe podêr dizer mesmo que substancia empregára.

As analyses chimicas a principio imperfeitas, e ainda hoje não cabalmente satisfatorias, teem sido as grandes descobridoras de muitos attentados que ficariam impunes, e teriam augmentado a fôrça moral do malvado. Os sabios francezes teem-se dado ao mais profundo estudo da Toxicologia, e apezar das grandes questões que ainda hoje existem n'ésta parte da chimica, comtudo os muitos esforços por elles feitos teem aplanado um caminho aspero e pouco trilhado.

Em Portugal ésta sciencia está bastante attrazada, e mais de uma vez a victima terá succumbido por falta de promptos soccorros, que em taes casos, mais do que em outra qualquer occasião, se querem promptos e energicos. A lei de 18 de settembro preveniu ésta falta mandando que os pharmaceuticos e cirurgiões tivessem um curso especial de Toxicologia. Para isto necessitava-se de um compendio, não o havia em portuguez; mas felizmente o sr. Albino publicou um trabalho importante, e tanto mais difficil quanto, como elle lastima, não existe na nossa lingua escripto algum ácerca da sciencia dos venenos.

Por muito tempo temos pensado sôbre o modo porque se poderia hoje inriquecer a medicina portugueza com uma somma de factos bem vistos e bem estudados ácerca dos invenenamentos. Dizer ao sabio: estuda, observa, escreve as tuas observações; seria uma loucura: podia responder-nos não quero ou não posso observar os casos que succedem a distancia do logar em que estou. E, comeffeito assim é; mas a necessidade urge, e no estado actual devemos obviar a este mal. Aqui direi o que me lembra a tal respeito.

O 'Conselho-de-saude', a quem está confiado tudo o que diz respeito á arte de curar, podería, e talvez devesse, ordenar: que em caso de invenenamento se recorresse logo a qualquer prático dos trez ramos da sciencia medica, quer elle fosse cirurgião, medico, ou pharmaceutico, o qual prestaria ao invenenado os mais promptos soccorros segundo as circumstancias. No emtanto dever-se-iam chamar outros para formar uma junta de um cirurgião, de um pharmaceutico e um medico, debaixo de cujas vistas se continuaria o tractamento. Fosse qual fosse o resultado, os tres praticos deveriam redigir uma memoria, em que se expozesse a filiação, edade, modo de vida, e motivo do invenenamento do infermo; as suspeitas que houvesse, o methodo de tractamento seguido, o resultado da autopsia cadaverica se o doente morresse, circumstancia a que nunca se deveria faltar. Ésta memoria, assim redigida, deveria ser remettida ou para o 'Conselho-de-saude,' ou para qualquer jornal scientifico para ser publicada.

Segundo me parece ésta providencia, sería por extremo vantajosa, com quanto a principio se julgasse difficil de executar. Assim acharia o magistrado as bases para a sua sentença; a estatistica criminal, tão atrazada entre nós, teria com exacção mais um elemento; a phylosophia inriquecer-se-ia com novos factos para estudo do homem moral; e a medicina teria mais amplas noções sôbre as lesões cadavericas produzidas por diversos agentes, aproveitando mesmo a therapeutica, se se chegassem a conhecer as dózes empregadas, e os seus effeitos sôbre a economia animal. Se isto se praticasse teriamos achado a circumstanciada descripção de uma asphixia pelo acido carbonico, acontecida ha mezes ahi para o Bairro-alto; o invenenamento pelo precipitado rubro, da Calçada-do-Duque, e o recente pelo arsenico em Paço-d'-Arcos.

Muito desejava que ésta minha lembrança fosse publicada.

João José de Sousa Telles.

TINTA PARA CONSERVAÇÃO DAS MADEIRAS.

114 No *Dictionnaire des Mènages*, d'onde extrahimos ésta receita, diz-se ser ella muito util para a duração dos instrumentos agriculas, bancos e grades de jardins, capoeiras etc.

N'uma caçarola de ferro, a fogo brando, derretem-se dôze libras de resina celophanica e tres ou quatro rôlos de enxofre, em dôze canadas d'azeite. Depois de bem derretido mistura-se-lhe a côr de que se quer a tinta, que sempre deve ser ocre o mais fino possivel.

Com ésta tinta quente se dá a primeira demão; depois de tres ou quatro dias, quando está bem sècca, da-se segunda, e da mesma maneira ainda outra terceira.

HERVA-TURCA,

(para curar hydropisias e inchações.)

115 Uma grande parte dos homens que em nosso paiz tem a interessante profissão de curar os seus similhantes, não gostam que se lhes diga, que uma ou outra herva, este ou aquelle remedio, faz a cura de uma molestia, ou produz allivio a um doente. Julgam que são elles os unicos sacerdotes da medicina, e que ninguem póde entrar em seus arcanos e mysteriosos segredos. Entretanto parece-me que ingrandecendo-se as sciencias todos os dias, sem que se exceptúe a medicina, devem passar muitos de seus conhecimentos á outra gente que estuda e se instrue, e que, ainda que alguns professores de medicina queiram ser depositarios privativos d'esta sciencia, não o poderão conseguir; pois que sendo muito activa a propensão de adquirir conhecimentos, ésta propensão é ainda mais forte tractando-se de viver bem e dilatar a existencia. Accresce que no estado de atrazamento em que entre nós se acha a instrucção pública, é mais necessario do que em outros paizes espalhar os conhecimentos uteis e praticos, que dispensam grandes leituras, que a maior parte da gente não póde fazer, porque não foi creada com o habito de ler, nem de ter vida applicada a estudos.

Por éstas, e ainda outras razões, julgâmos ser interessante e util-ir seguindo a prática dos Srs. Redactores da REVISTA sôbre ésta materia, e pondo de parte o ciume de alguns professores, que não consentem que mão profana mètta foice em sua ceara, daremos notícia da *herva-turca*, uma das mais amigas da humanidade inferma.

Estando eu em Torres-Vedras no mez d'agosto de 1840, o Sr. Prior João Paes de Lima Castel-Branco, homem sabio e cavalheiro de excellentes qualidades, fez-me favor de tractar comigo, e entre muitas ideas e conhecimentos uteis, deu-me notícia da *herva-turca*, que me disse ter curado naquella villa um hydropico tão estragado que ja havia sido furado duas vezes, para se lhe extrahir a agua da bexiga. A raiz d'esta maravilhosa *herva* cozida, e dando-se a agua ao doente, o restabeleceu plenamente, a ponto de continuar a beber em abundancia a *boa-pinga* de que é muito apaixonado, sem que a molestia o tornasse a incommodar.

Tanta attenção e benevolencia foi a do Sr. Lima para comigo, que me fez reputal-o um bom amigo, e d'elle obtive uma porção da *herva-turca*, que levei para a minha patria onde cheguei no fim do mez de agosto.

Alli trabalhando um carpinteiro em obrá de minha casa, queixou-se-me da doença d'um filho, que soffria uma inchação no ventre e demais partes contiguas, e lhe passava tambem ás pernas. Dizia o carpinteiro que a applicação de varios remedios não tinha produzido allivio nenhum ao doente. Dei-lhe então uma amostra da *herva-turca*, dizendo-lhe, que mandasse procurar pelos campos alguma porção da mesma *herva*, e que da raiz fizesse cozimento, que daria ao filho em pequenas quantidades todos os dias. Assim o fez elle; e a infermeira vendo que o doente dois dias depois se achava melhor, cozeu separadamente as folhas, e lhe lavou com a agua d'ellas todas as partes inchadas; o que foi curiosidade, porque não se lhe tinha mandado fazer esta lavagem. Finalmente o rapaz com a continuação da bebida e das lavagens curou-se dentro em quinze dias.

Mandei depois procurar a mesma *herva* nas freguezias mais proximas do mar, d'onde me trouxeram grande porção e com grande raiz e folhagem. A um dos subjeitos, que me trouxe bastante, disse-lhe eu qual era a virtude da *herva*, e este a applicou depois a uma rapariga que muito tempo havia estava inchada, tendo em resultado que dentro em dez dias desinchou e se restabeleceu.

Julguei que era conveniente fazerem os facultativos, que tractaram do rapaz e da rapariga, as suas declarações scientificas para se saber por ellas com certeza quaes eram as molestias a que conviria applicar a *herva-turca*; porém ou fosse descuido d'aquelles que tiveram as minhas recommendações, ou recusa dos facultativos, não pude conseguir as desejadas declarações.

Ainda que ésta falta seja de consideração póde todavia supprir-se com as muitas e repetidas experiencias que toda a gente póde fazer, principalmente os facultativos. O meu amigo, o Sr. João Paes, affirmou-me que o cozimento da raiz da *herva* o restabelecêra de uma inchação em ambas as pernas, que de annos soffria.

O Sr. Francisco José Gomes, pharmaceutico da frezia de Salreu, concelho de Estarreja, mostrou-me um livro que dava notícia da *herva-turca*, e suas virtudes, as quaes, segundo diz o tal livro, são muitas; mas o bom e instruido velho não conhecia ésta *herva* e por isso lhe fiz presente d'ella.

Se não me ingano a *herva-turca* é d'excellente producção, e muito frequente em todo o litoral, e até supponho ser de uma que ha no largo de *S. Carlos*, na rua junto ao *altó das Chagas*; em ruas aope da *igreja da Lapa*, e julgo que em muitos outros logares de Lisboa. Nos terrenos areentos do concelho de Estarreja lança maiores raizes do que em Torres-Vedras. N'este mez de agosto ja tem flôr branca e grande ramagem, e no anno passado vi-lhe flor em todo o mez de dezembro como em agosto, o que a torna mais interessante e agradavel.

Para que se possa ter conhecimento d'esta famosa planta depositâmos uma boa porção d'ella no escriptorio da REVISTA, para que se veja e conheça uma das melhores amigas da humanidade afflicta.

P. B.

Effectivamente fica patente n'este Escriptorio uma porção d'herva-turca para ser examinada pelas pessoas que a desejarem conhecer, e queiram experimentar as virtudes que o Sr. P. B. assevera que ella tem. Ao nosso zeloso colaborador agradecemos a sua generosa e philantropica offerta, e este artigo que a acompanhou.

MAGNETISMO.

116 Finalmente tambem Moncorvo tinha de admirar os prodigiosos effeitos do magnetismo animal, tambem n'este remoto cantinho o Sr. Perdigão (que tantos applausos obteve em Coimbra por ser o primeiro que em Portugal mostrou praticamente a realidade do que até aqui a muitos parecia visionario) com provas incontestaveis veio desinganar os incredulos.

Haverá quinze dias pouco mais ou menos appareceu aqui este senhor, que se acha empregado na alfandega da Barca-d'Alva, e, como era bem natural, todos o instaram para que mostrasse a sua habilidade. Annuiu comeffeito, mas não havia quem se quizesse sugeitar á experiencia: offereceram-se 2$400 rs. e então se promptificou um rapaz robusto, que em breve tempo ficou perfeitamente magnetisado, obedecendo a tudo o que o magnetisador lhe ordenava. Depois foram magnetisados outros, sendo um d'elles por duas vezes em differentes dias: da primeira adivinhou muita coisa do que lhe perguntavam, sendo de notar que pondo-lhe successivamente a mão nas costas os que se achavam presentes, quasi sempre nomeava o antecedente áquelle que era: advertindo porém que quasi todos concorreram depois de estar magnetisado. Da segunda vez adivinhou quasi tudo pondo-se-lhe nas costas differentes objectos, como um leque, uma caixa, uns oculos etc.; e pondo-lhe uma onça d'oiro hispanhola disse eu que talvez não adivinhasse, porque era provavel que não tivesse visto d'aquelle dinheiro, comtudo assim mesmo disse ser um pinto. Outro rapaz de quatorze a quinze annos tendo sido magnetisado em um pomar fóra da villa, foi trazido para uma casa onde se achava bastante gente, e ja com luzes, e alli foi desmagnetisado: não posso descrever as impressões de pasmo, admiração e surpresa, que n'elle se observaram, de maneira que esteve alguns momentos sem proferir palavra, e mal se descuidaram desappareceu.

Nada d'isto porém admira, em vista d'outra nova descoberta, pois aqui em Traz-os-Montes ha ja quem magnetise somente com a vista, e com quatro palavriados energicos em distancia de dois passos pouco mais ou menos, sem tocar o magnetisando! Estou vendo que se isto assim vai em progresso ás duas por tres se magnetisa com o pensamento; e quantos o desejariam....

F. A. C. M. V.

A redacção da REVISTA é inhabil para tractar competentemente d'estas experiencias magneticas, que se vão hoje vulgarizando entre nós; mas julgo a proposito, ao dar uma noticia em que assim se testificam as maravilhas do magnetismo, ajuntar-lhe tambem uma pequena nota em que ellas absolutamente se negam. Uma e outra coisa servirá de instrucção ao leitor, e os homens competentes que julguem.

Eis-aqui o que extractâmos do *Manuel d'Hygiene* — par Foy — 1845:

« O somnabulismo, estado de somno em que os individuos se levantam, andam e executam actos mais ou menos complexos, não póde ser negado por ninguem. Nós admittimos pois o somnambulismo, mas o somnambulismo *natural*, e regeitâmos e negâmos completa e positivamente o somnambulismo *artificial* ou *magnetico*; phantasmagorico ingodo com que tantos charlatães cubiçosos armam á ignorancia e credulidade. Proclamâmos sobretudo a falsidade das applicações maravilhosas que, ainda hoje no meiado do XIX seculo, certos individuos voltam em proveito seu, com vergonha de um público que se diz esclarecido.

Será necessario que digamos a razão da nossa incredulidade? Mas para que? Porventura não se sabe que as coisas mais absurdas são as que contam mais partidarios e defensores? Não se póde ler senão pelos olhos; a nuca, os calcanhares, não podem levar ao cerebro as sensações da luz; quem nunca viu o interior d'um quarto, uma caixa etc., não póde dar a sua descripção, por pouco exacta que seja, sem ser auxiliado por algum artificio; não se póde descrever o interior dos nossos orgãos se não se tem estudado anatomia... Quem acredita no somnambulismo magnetico está apto para accreditar nas feitiçarias do diabo.»

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO IX.

Prologomenos dramatico-litterarios, que muito naturalmente levam, apezar de alguns rodeios, ao retrospecto e reconsideração do capitulo antecedente. — Livros que não deviam ter titulo, e titulos que não deviam ter livro. — Dos poetas d'este seculo. Bonaparte, Rotchild e Silvio-Péllico. — Chega-se ao fim d'estas reflexões e á ponte da Asseca. — Traducção portugueza de um grande poeta. — Origem de um dictado. — Junot na ponte da Asseca. — De como o A. d'este livro foi jacobino desde pequeno. — Ingnição que lhe deram. — A duqueza de Abrantes. — Chega-se emfim ao val de Santarem.

117 Vivia aqui ha coisa de cincoenta para sessenta annos, n'esta boa terra de Portugal, um figurão exquisitissimo que tinha inquestionavelmente o instincto de descobrir assumptos dramaticos nacionaes — ainda, ás vezes, a arte de desenhar bem o seu quadro, de lhe grupar, não sem merito, as figuras: mas ao pôl-as em acção, ao collorir-as, ao fazêl-as fallar... boas noites! era semsaboria irremediavel.

Deixou uma collecção immensa de peças de theatro que ninguem conhece, ou quasi ninguem, e que nenhuma soffreria, talvez, representação; mas rara é a que não poderia ser arranjada e appropriada á scena.

Que mina tam ricca e fertil para qualquer mediano talento dramatico! Que bellas e portuguezas coisas se não podem extrahir dos treze volumes — são treze volumes e grandes! — do thea-

tro de Ennio — Manuel de Figueiredo! Algumas d'essas peças, com bem pouco trabalho, com um dialogo mais vivo, um stylo mais animado, fariam comedias excellentes.

Estão-me a lembrar éstas:

'O Casamento da Cadea' — ou talvez se chame outra coisa, mas o assumpto é este; comedia cujos characteres são habilmente esboçados, funda-se n'aquella nossa antiga lei que fazia casar da prisão os que assim se suppunha que podiam reparar certos damnos de reputação feminina.

'O fidalgo de sua casa', satyra mui graciosa de um tam commum ridiculo nosso.

'As duas educações', bello quadro de costumes: são dois rapazes, ambos extrangeiramente educados, um francez, outro inglez, nenhum portuguez. É eminentemente comico, frisante, ou, segundo agora se diz á moda, 'palpitante de actualidade.

'O Cioso', comedia ja remoçada da antiga comedia de Ferreira e que em si tem os germens todos da mais ricca e original composição.

'O avaro dissipador', cujo so titulo mostra o ingenho e invenção de quem tal assumpto concebeu: assumpto ainda não tractado por nenhum de tantos escriptores dramaticos de nação alguma, e que é todavia um vulgar ridiculo, todos os dias incontrado no mundo.

São muitas mais, não fica n'estas, as composições do fertilissimo escriptór que, passadas pelo crivo de melhor gôsto, e animadas sôbretudo no stylo, fariam um razoavel reportorio para acudir á mingua dos nossos theatros.

Uma das mais semsabores porém, a que vulgarmente se haverá talvez pela mais semsabor, mas que a mim mais me diverte pela ingenuidade familiar e sympathica de seu tom magoado e melancholicamente chocho, é a que tem por titulo 'Poeta em annos de prosa'.

E foi por ésta, foi por amor d'esta que me eu deixei descahir na digressão dramatico-litteraria do principio d'este capitulo; pegou-se-me á penna porque se me tinha pregado na cabeça; e ou o capitulo não sahia, ou ella havia de sahir primeiro.

Poeta em annos de prosa! Oh Figueiredo, Figueiredo, que grande homem não foste tu, pois imaginaste este titulo que so elle em si é um volume!

Ha livros, e conheço muitos, que não deviam ter titulo, nem o titulo é nada n'elles.

Faz favor de me dizer o de que serve o que significa o Judeu errante pôsto no frontispicio d'esse interminavel e mercatorio romance que ahi anda pelo mundo, mais errante, mais sem fim, mais immorredoiro que o seu prototypo.

E ha titulos tambem que não deviam ter livro, porque nenhum livro é possivel escrever que os desimpenhe como elles merecem.

'Poeta em annos de prosa' é um d'esses.

Eu não leio nenhuma das raras coisas que hoje se escrevem verdadeiramente bellas, isto é, simples, verdadeiras, e por consequencia sublimes, que não exclame com sincero pesadume cá de dentro: 'Poeta em annos de prosa!'

Pois este é seculo para poetas? ou temos nós poetas para este seculo?...

Temos sim; eu conheço tres: Bonaparte, Silvio-Péllico e o barão de Rotchild.

O primeiro fez a sua Iliada com a espada, o segundo com a paciencia, o último com o dinheiro.

São os tres agentes, as tres entidades, as tres divindades da epocha.

Ou cortar com Bonaparte, ou comprar com Rotchild, ou soffrer e ter paciencia com Silvio-Péllico.

Todo o que fizer d'outra poesia — e d'outra prosa tambem — é tolo...

Vieram-me éstas mui judiciosas reflexões a proposito do capitulo antecedente d'esta minha obra prima; e lancei-as aqui para instrucção e edificação do leitor benevolo.

Acabei com ellas quando chegamos á ponte da Asseca.

Esquecia-me dizer que d'aquelles tres grandes poetas, so um está traduzido em portuguez — o Rotchild: não é litteral a traducção, agallegou-se e ficou muito suja de erros de imprensa mas como não ha outra...

Ora d'onde veio este nome da Asseca? Algures aqui perto deve de haver sitio, logar ou coisa que o valha, com o nome de Meca; e d'ahi talvez o admiravel rifão portuguez que ainda não foi bem examinado como devia ser, e que decerto incerra algum grande dictame de moral primitiva: 'andou por secca (Asseca?) e Meca e olivaes de Santarem.' — Os taes olivaes ficam logo adiante. É uma ethymologia como qualquer outra.

A ponte de Asseca corta uma varzea immensa que hade ser um vasto pahul de hynverno: ainda agora está a de sangrar-se em agua por toda a parte.

É notavel na historia moderna este sitio. Aqui n'um recontro com os nossos, foi Junot grave-

mente ferido, ferido na cara. '*Il ne sera plus beau garçon*' disse o parlamentario francez que veio, depois da acção, tractar, creio eu, de troca de prisioneiros ou de coisa similhante. Mas inganou-se o parlamentario: Junot ainda ficou muito guapo e gentil homem depois d'isso.

Tenho pena de nunca ter visto o Junot nem o Maneta, (1) as duas primeiras notabilidades que ouvi aclamar como taes e cujos nomes conheci... Ingano-me: conheci primeiro o nome de Bonaparte. E lembra-me muito bem que nunca me persuadi que elle fosse o monstro disforme e horroroso que nos pintavam frades e velhas n'aquelle tempo. Imaginei sempre que, para excitar tantos odios e malquerenças, era necessario que fosse um bem grande homem.

Desde pequeno que fui jacobino; ja se ve: e de pequeno me custou caro. Levei bons puchões de orelhas de meu pai por comprar na feira de San' Lazaro, no Porto, em vez das gaitinhas ou dos registos de sanctos, ou das outras bogigangas que os mais rapazes compravam... não imaginam o quê... um retrato de Bonaparte.

Foi 'inguiço' — diria uma senhora do meu conhecimento que accredita n'elles: foi inguiço que ainda senão desfez e que toda a vida me tem perseguido.

Quem me diria quando, por esse primeiro peccado politico da minha infancia, por esse primeiro tractamento duro, e — perdoe-me a respeitada memoria de meu sancto pae! — injustissimo, que me trouxe o mero instincto das ideas liberaes, quem me diria que eu havia de ser perseguido por ellas toda a vida! que apenas sahido da puberdade havia de ir a essa mesma França, á patria d'esses homens e d'essas ideas com quem a minha natureza sympathisava sem saber porquê, buscar asylo e guarida?

Não vi ja quasi nenhum d'aquelles que tanto desejára conhecer: as ruinas do grande imperio estavam dispersas; os seus generaes mortos, desterrados, ou trajavam interesseiros e covardes as librés do vencedor...

De todas as grandes figuras d'essa epocha, a que melhor conheci e tractei foi uma senhora, typo de graça, de amabilidade e de talento. Pouco foi o nosso tracto, mas quanto bastou para me incantar, para me formar no espirito um modello de valor e merecimento feminino que me veiu a fazer muito mal.

(1) Chamavam assim por escarneo, em Portugal, ao general Loison a quem faltava um braço.

Custa depois a encher aquella altura que se marcou...

Eis aqui como eu fiz aquelle conhecimento.

Inda o estou vendo, coitado! o pobre C. do S., nobre, espirituoso, cavalheiro, fazendo-se perdoar todos os seus prejuizos de casta, que tinha como ninguem, por aquella polidez superior e affabilidade elegante que distingue o verdadeiro fidalgo (stylo antigo); inda o estou vendo, ja sexagenario, ja mais que ci-devant jeun'homme, o pescoço intallado na inflexivel gravata, os pés pegando-se-lhe, como os de Ovidio, ao limiar da porta — não que lh'os prendessem saudades, mas que lh'os paralysava a cakexia incipiente — mas o espirito joven a reagir e a teimar.

— 'Vamos!' 'disse elle' hoje estou bom, sinto-me outro: quero apresental-o a madame de Abrantes. Está tam velha! Isto de mulheres não são como nós passam muito depressa.'

E o desgraçado tremiam-lhe as pernas, e suffocava-o a tosse.

Tomámos uma citadine, e fomos comeffeito á nova e elegante rua chamada não impropriamente a rua de Londres, onde achámos rodeada de todo o esplendor do seu occaso aquella formosa estrella do imperio.

Não quero dizer que era uma belleza; longe d'isso. Nem bella nem moça, nem airosa de faser impressão era a duqueza d'Abrantes. Mas em meia hora de conversação, de tracto, descubriam-se tantas graças, tanto natural, tanta amabilidade, um complexo tam verdadeiro e perfeito da mulher franceza, a mulher mais seductora do mundo, que involuntariamente se diz a gente no seu coração: 'Como se está bem aqui!'

Fallámos de Portugal, de Lisboa, do imperio — da restauração, da revolução de julho (isto em 1831), de mr. de Lafayette, de Luiz Philippe, de Chateaubriand — o seu grande amigo, do *Sacré-Cœur* e das suas elegantes devotas — fallámos artes, poesia, politica... e eu não tinha ânimo para acabar de conversar...

Benevolo e paciente leitor, o que tenho decerto ainda é consciencia, um resto de consciencia: acabemos com éstas digressões e perennaes divagações minhas. Bem vejo que te deixei parado á minha espera no meio da ponte d'Asseca. Perdoa-me por quem és, dêmos d'espora ás mulinhas, e vamos que são horas.

Ca estâmos n'um dos mais lindos e deliciosos sitios da terra: o valle de Santarem, *patria dos rouxinoes e das madresilvas*, *cinta de faias*

bellas e de loureiros viçosos. D'isto é que não tem Paris, nem França nem terra alguma do occidente senão a nossa terra, e vale bem por tantas, tantas coisas que nos faltam. *A. G.*

A AMIZADE.

118 Resoe o meu canto nas ribas fragozas,
Levado nas brizas á beira do mar:
As ondas terriveis, mas sempre formosas,
Deslizem na arêa sorrindo ao trovar:

Nas selvas sombrias que habita a saudade,
Os echos accordem da meiga soidão,
E em volta aos penedos dizendo — AMIZADE
Os echos reflictam ao meu coração.

Estrellas fugaces que passam brilhando,
Fervendo, travêssas, nos plainos do ceu,
São como mil virgens a quem revelando,
Meu candido canto vou puro e sem veu.

Tranquillo assentado nos picos alpestres
De rocha escalvada, que aos homens põe medos,
Á sombra carregada dos tristes cyprestes,
Dos ventos do mar aqui jamais quedos:

Na lyra pegando, que ha muito calada
As trovas d'est'alma não quer repetir,
Em dia risonho e em noite cerrada
Irei minhas trovas nos ceus esculpir.

As aves alegres discantam amores,
Pendidas nos ramos la onde não ha
Mão de homem astuto que em cegos furores
Roubal-as aos filhos fraudoso se va:

Assim minhas trovas bem longe do mundo
Soltal-as ás fraguas aos astros irei:
Que amigos ha poucos na terra onde fundo
A crença que tenho que um d'elles achei.

Vem pois minha lyra festiva e risonha
E manda os meus cantos aos serros d'além;
São trovas de amigo que a mente me sonha,
Qu'importa que d'ellas não goste ninguem?

Não gostam alguns dos homens da terra,
Sem crença, sem tino, sem honra, e sem fé:
O canto singello que as crenças encerra,
P'ra elles decerto formoso não é.

Quem visse na aurora que fulge e desperta,
Lembranças da vida, saudades de amor,
Por entre o mesquinho da fragil offerta,
Veria das trovas immenso fulgor.

Quem visse nas cordas da lyra doirada
Passar resoando saudade infantil;
Creria por certo não ser apagada,
Tamanha saudade com trova tão vil.

O grande Alexandre que os mundos conquista
Nos campos da lide não póde esquecer,
Que á terra natal, tão querida e bem quista,
D'amigo as lembranças o tem de prender:

Nem sangue nem mortes poderam no peito
Do grão Macedonio dispôr alma ingrata;
Creado nas guerras, ás guerras affeito,
Deixou da amizade memoria bem grata.

E eu que até hoje so tenho na lyra
Achado e composto mil trovas de paz,
Que seja sincero oh! não admira!
O nome de amigo na vida me apraz.

Meus hymnos saudosos irão sussurando
Por montes e serras até fenecer.
Os carmes que as auras me vão ensinando,
Commigo no peito so hão de morrer.

D'abril nas montanhas, tão frescas e bellas,
Seguindo em seu curso o curso do sol;
Irão minhas trovas tão meigas como ellas
No canto imitar gentil rouxinol.

Em tardes de julho nas ceifas ardentes,
Em praia deserta, no quente areal;
Serão os meus versos fieis confidentes
Do peito fiel d'amigo leal.

Em noites d'agosto tão quêdas e puras
Irei eu sosinho sentar-me ao luar:
Não venham do mundo ideas impuras
Turvar-me o socêgo e o doce trovar.

Então n'esta vida e da outra tão perto
Com Deus e c'o amigo com ambos serei:
Palavras mentidas n'este amplo deserto
Dos homens fallaces eu não ouvirei,

Se por entre as selvas que habita a saudade,
Os echos saudando da meiga soidão,
Em volta ao penedo, dizendo — AMIZADE,
Voltar hão de os echos ao meu coração!

Sancta-Isabel 10 de julho de 1845.

L. A. Palmeirim.

O RETRATO D'EL-REI D. SEBASTIÃO, E FUNDAÇÃO DO COLLEGIO DOS JESUITAS, NA CIDADE DE ANGRA.

> La plus noble et la plus desinteressée des études, c'est l'étude des antiquités.
> (*De Lamartine.*)

149 Havendo escripto um dos Directores da Sociedade Escolastico-Michaelense ao Sr. Felix José da Costa, da ilha Terceira, (joven escriptor, que assim pelas suas memorias historicas e biographicas, como pelas suas commemorações, ja tem um logar distincto entre os litteratos açorianos) dando-lhe o alvitre de escrever sôbre a actual existencia do retrato d'el-rei D. Sebastião no palacio do govêrno da ilha Terceira, que vira annunciada em uma das notas historicas do drama do Sr. Garrett, intitulado — Fr. Luiz de Sousa —; acquiesceu o Sr. Felix José da Costa a este patriotico convite, dando-nos no Angrense n.º 452 uma exacta descripção d'este quadro, que actualmente se acha na casa que dá entrada para a sachristia da igreja que fôra do collegio dos jesuitas, e que

fica sob a sala vulgarmente chamada das carrancas, no dicto palacio. E conclue o Sr. Felix o seu bem escripto artigo n'estes termos. — *A existencia d'este retrato n'aquella localidade póde, sem receio de ingano, ser attribuida a ter sido el-rei D. Sebastião quem mandou fundar o collegio dos jesuitas de Angra, como se vê da sua carta de padrão, passada na villa de Almeirim aos 20 de março de 1572.* — Estas judiciosas reflexões do Sr. Felix, e as variantes que encontrei sôbre a verdadeira epocha em que foi fundado o collegio dos jesuitas de Angra, quando dei começo aos meus trabalhos sôbre a nossa *Historia Ultramarina*, me suggeriu n'este momento a idea de acompanhar o Sr. Felix no seu pensamento, adduzindo aqui as mais bem fundadas noticias ácerca da sobredicta fundação.

El-rei D. Sebastião tendo fundado o collegio dos jesuitas da ilha da Madeira, no anno de 1568, e reconhecendo as vantagens que d'esta fundação resultára para a educação da mocidade d'aquella ilha, bem como para a sua moral pública, dois annos depois (1570) ordenou ao padre provincial, Leão Henriques, que mandasse fundar outro collegio na cidade de Angra.

Em observancia da régia vontade, logo o padre provincial destinou onze religiosos selectos para fundadores, indo na qualidade de reitor e lente de casos, o padre Luiz de Vasconcellos, (neto do conde de Pennella), e os padres Pero Gomes e Balthazar Barreiros, e oito irmãos.

El-rei os mandou embarcar em duas naus, que iam para os mares das ilhas dos Açores esperar os navios que vinham da India, a fim de os comboiar para Lisboa, porém sobrevindo-lhe um temporal na altura das ilhas arribaram ao porto d'esta cidade.

Não desejando porém o padre provincial, que se demorasse a fundação do novo collegio, em 2 de maio de 1570 fez reembarcar os padres fundadores em duas caravellas da carreira das ilhas, pertencentes a Antão Jacome e Manuel Fernandes.

Longa foi a viagem; gastaram vinte e oito dias.

Desembarcando no porto da cidade d'Angra no 1.º de junho, e sendo recebidos com as maiores demonstrações de jubilo pelo bispo D. Nuno Alvares Pereira, pelas auctoridades e pelo povo, em acto processional intraram na Casa da Misericordia da cidade, onde foram hospedados.

O orthodoxo, caritativo, e illustre João da Silva do Canto, da Ilha Terceira, que fundára na rocha uma ermida com a invocação de Nossa-Senhora das Neves, e um recolhimento adjacente para meninos orphãos, offereceu ésta casa aos apostolicos hospedes, folgando de que os jesuitas a fossem habitar, e dirigir a educação da orphandade, que elle alli recolhera.

Acceitando os padres este cavalheiro e acertado convite, residiram no referido recolhimento mais de um anno; porém parecendo-lhes este local inapropriado para fundarem o seu collegio, e sendo-lhes generosamente offerecida a casa onde nasceu o seu martyr, o padre João Baptista Machado, situada na localidade em que actualmente está o palacio do governo d'Angra, solicitaram d'el-rey D. Sebastião a regia permissão, que lhes foi concedida em 20 de março de 1572.

Supervenientes questões com os herdeiros do doador d'esta casa e terrenos annexos, paralisaram o começo da obra, que so teve principio no anno de 1575, indo de Lisboa, em agosto d'esse anno, o irmão Francisco Dias, a fim de dirigir todas as obras, as quaes, tanto da igreja, como do collegio, tiveram muito maior latitude e esplendor do que fôra anteriormente architectado, concorrendo para isto as quantiosas esmolas e donativos offerecidos pelas principaes pessoas da ilha Terceira, e seus maiores negociantes em cujo numero entraram alguns inglezes.

Quando os jesuitas foram expulsos da ilha Terceira, no anno de 1760, possuiam em pratas, e outras peças preciosas da sua igreja, para mais de cem mil cruzados. (*) Ainda ha poucos annos existia no archivo da secretaria d'estado dos negocios da marinha e ultramar uma copia do inventario, que mais de uma vez folheámos.

B. J. Senna Freitas.

BIBLIOGRAPHIA EXTRANGEIRA.

ÉTUDES SUR L'ANGLETERRE — par Léon Faucher — 2 v.

120 O. A. d'estes estudos é bem conhecido por todos os leitores da 'Revista dos dois-mundos' e de outras publicações sérias da França: o seu espirito de consciencioza investigação e analyse está comprovado pelos seus numerosos artigos transcriptos n'estes jornaes, e de que os 'estudos sôbre a Inglaterra' são apenas uma compilação. O A. visitou primeiro a Inglaterra com o maior cuidado, ajuntou o maior número de documentos parlamentares, e escreveu depois discutindo todos os problemas politicos e sociaes da actual situação interior da Gran'-Bretanha: a sua obra tem pois todo o interesse d'uma justa apreciação moral, e é ao mesmo tempo um documento exacto e curioso.

COSMOS — von Humboldt.

O 1.º vol. da obra do sabio Humboldt com o titulo de 'Cosmos' acaba de ser publicado em allemão. A traducção franceza foi logo confiada á intelligencia de Faye, astronomo do Observatorio. Este 1.º v. tracta profundamente das differentes raças humanas, e dá a historia das transformações que deveria soffrer a materia espalhada no espaço, passando pelo estado de nebulosa, cometa e corpo planetario. Este programa mostra a importancia das questões que hão de ser tractadas nos outros volumes, que serão mais tres, e que conterão decerto observações e explicações de grande tomo, e talvez que theorias novas. O que é pena é que os intervallos de uns a outros tenham de ser muito longos; mas este inconveniente não póde prejudicar o bom exito da obra, porque o favor público não póde ser infiel ao nome illustre de Humboldt.

DE LA LIBERTÉ DU TRAVAIL, ou simples exposé des conditions dans lesquelles les forces humaines s'exercent avec le plus de puissance — par Charles Dunoyer. — 3 v. — Paris — 1845.

O A. d'esta obra importante é um d'esses homens eminentes

(*) O marquez de Pombal mandou entrar na casa da Moeda uma grande porção d'esta prata para se cunhar em dinheiro que remetteu ao provedor da real Fazenda das ilhas dos Açores, destinando quatro contos para o cofre da Feitoria da alfandega da ilha Terceira, a fim de se pôrem em dia os pagamentos; e oito contos para reedificação do caes da referida alfandega, e das fortificações da ilha.

Este arbitrio do marquez de Pombal foi *um golpe d'Estado*: Os terceirenses na extincção dos jesuitas tomaram o partido d'estes expulsos..... O eximio Pombal suffocou as murmurações d'aquelles povos mostrando-lhes, com aquella remessa pecuniaria, que tinha em vista proteger os interesses dos Terceirenses.

que desde J. B. Say teem sustentado em França a economia politica no seu verdadeiro elemento dos meios experimentaes e methodos de observação. Quiz elle indagar com que condições e leis, com a influencia de que causas, podem os homens usar com mais liberdade, com maior podêr, das forças e faculdades naturaes cuja acção constituem o trabalho humano. Este podêr d'acção depende: ou da propria organização, ou dos sitios, ou do grau de cultura; estas tres circumstancias influem necessariamente na educação da especie, no estado da industria e na escalla da civilisação.

E' este estudo da sociedade industrial em que se occupa Dunoyer. Mas elle não intende ésta sociedade como muitos economistas que o precederam; com este nome designa elle toda a actividade do homem. Por isso se incontram pela primeira vez n'uma obra de economia-politica materias que até hoje eram tidas como alheias d'ella. Comtudo ainda que a admissão de muitas n'este ramo dos conhecimentos humanos possa ser contestadas; será impossivel desconhecer, todavia, a solidez dos laços com que o A. as prende á economia-politica, e a competencia com que todas ellas estão tractadas.

E'sta obra e d'aquellas a que o seu merito, a auctoridade do nome do A., o valor dos principios e a fôrça dos argumentos, dão jus a servirem de documentos irrefragaveis á sciencia economica.

Histoire constitutionelle de la monarchie espagnole — par Victor du Hamel — 2 v.

Entre as numerosas obras francezas escriptas sôbre a Hispanha, talvez não haja mais de duas em que a phantazia deixe de ter intervindo com todo o prestigio das suas illusões, a despeito da observação e do bom senso, não tomando aquelle paiz senão como uma creação das fadas, uma região romanesca povoada de mil imagens terriveis ou seductoras... uma d'estas duas obras é a que tem o titulo que acima se lê. O seu auctor soube comprehender as exigencias do seu assumpto, e procurou desempenhal-o com o zêlo e a consciencia que se devem achar no historiador.

Não será inutil por ésta occasião recordar que ja antes da preconisada constituição ingleza de 1688 existia na Peninsula o systema representativo. Não quero fazer a injuria aos leitores de lhes mencionar o que havia em Portugal de grande, politico e cordato, a este respeito, mas pelo que toca á Hispanha Du Hamel apresenta curiosas noticias sôbre a antiga legislação hispanhola, citando o *Fuero Juzgo*, o codigo das *Sette partidas* etc.

O periodo d'esta historia começa em 411 e termina em 1833, isto é desde a invasão dos vandalos até á morte de Fernando VII. Divide-se em quatro partes: contéem a primeira e segunda um resumo historico das instituições nacionaes — a historia das constituições de Castella e Asturias desde Pelaio até Fernando e Isabel, a terceira continúa ésta historia — que ja é da monarchia hispanhola, até Phillippe V; e a quarta segue até á morte de Fernando VII.

Se alguma censura ha a fazer a Du Hamel é sôbre certa parcialidade com que elle incarou alguns factos. Mas a este respeito as opiniões são livres, e todos podem refutar por si mesmo reflexões que lhes não agradem.

Cesar Falempin — par l'auteur de *Jérôme Paturot* — 2 v. — Paris — 1845.

O auctor d'estes dois romances é o já celebre economista Louis Reyband, *Cesar Falempin* é um néto de *Jérôme Paturot*, cuja 5.ª edição se está publicando *illustrada* por Grandville, Assim como Paturot mofava de todas as loucuras do seu tempo, assim seu neto satyriza desapiedadamente os vicios e o ridiculo da nossa epocha.

O famoso moralista tracta em *Cesar Falempin* um dos mil episodios da lucta incessante entre o bom e o máu principio; mas este romance não é so uma mordaz e curiosa satyra historica, é tambem um romance cheio de interesse, escripto com esse estylo vivo e colorido que distingue o seu auctor, e que não deixará de ser apreciado por todos os que tomaram conhecimento com o seu illustre avô.

BELLAS-ARTES.

THEATRO DE D. MARIA II.

121 A 7 de julho de 1842 começaram os trabalhos na praça de D. Pedro para edificação do Theatro de D. Maria II. O edificio acha-se concluido, e quasi findos os seus últimos trabalhos: dentro em pouco estará em completo estado de funcionar. Pareceu-nos pois dever dizer alguma coisa a este respeito, que muitos ignorarão, e dar ao mesmo tempo uma descripção do edificio.

A idêa primaria da construcção de um theatro nacional teve-a o Sr. Larcher, quando Governador-civil de Lisboa, em 1836; e para levar a effeito o seu zeloso proposito apresentou ao govêrno um plano e proposta de meios, acompanhado dos exames de varias localidades.

Em portaria de 28 de settembro do mesmo anno encarregou o govêrno este negocio ao Sr. Garrett, remettendo-lhe aquelles papeis, e ordenando-lhe que organizasse um plano para a fundação e creação de um theatro nacional. Não podia tão relevante encargo ir ter a melhor mão, assim de quem o soubesse tractar como de quem a elle se dedicasse como cumpria.

Apresentou o Sr. Garrett um prejecto, não so para se levar a effeito a construcção do theatro, senão tambem para a restauração, melhor diremos creação, da arte dramatica entre nós: e foi este projecto que deu occasião á formação da inspecção-geral dos theatros e creação do Conservatorio.

Como assim tomasse impulso este negocio, julgou-se, em resultado de muitas visitas e exames, que o local mais apto para a edificação do theatro era o das ruinas do palacio que tinha sido da Inquisição, na praça de D. Pedro. O architecto *Chiari*, hoje falecido, deu o risco e orçou a obra em 70$000 crusados, a qual se projectou executar ora por meio de alguns capitalistas, ora por meio de uma companhia de accionistas.

As difficuldades politicas, que sobrevieram, suspenderam porém todos os trabalhos a este respeito até fins de 1838. N'esse tempo foi nomeada uma commissão para promover a formação de uma companhia para a construcção do theatro; e como o govêrno houvesse disposto do local escolhido para satisfazer com elle parte do que devia á Camara-municipal de Lisboa, dirigiram-se as vistas da commissão para a cêrca do extincto convento de San'Francisco da cidade; e a subscripção tinha montado ja, até ao meiado de 1839, a 30:700$000 réis.

Foi n'esta occasião que o Sr. Conde do Farrobo se offereceu a fazer edificar o theatro por si somente, e debaixo de certas condições, sem intervenção de companhia, cuja definitiva organização apresentava algumas difficuldades. Em accôrdos e desaccordos se consumiu o tempo até meiado do anno de 1840, ficando por fim malogrado tudo quanto até alli se fizéra.

Não desanimou todavia o Sr. Garrett; e da Camara dos Srs. Deputados, de que era membro, conseguiu a lei de 6 de novembro de 1840 pela qual se mandou edificar o theatro-nacional, fornecendo o Estado o terreno e certos materiaes, e por meio de uma Companhia, cujo capital seria amortizado pela fórma na mesma lei apontada, ficando o theatro propriedade nacio-

nal. Foi nomeada uma commissão para dar andamento á ésta lei, e em resultado de uma conferencia de architectos escolheu-se a área onde fôra o palácio da Inquisição no Rocio para construir o theatro. O terreno foi comprado á Camara-municipal por dez contos de réis, e abriu-se concuro para o risco.

Appareceram comeffeito seis riscos n'este concurso que foram julgados por um jury d'antemão nomeado. Mas este jury limitou-se a julgar o que achára de bom ou menos-bem projectado em cada um d'elles, sem dar o seu voto por nenhum, e a Commissão irresoluta não tomou tambem deliberação alguma. N'isto se passou o tempo até 25 d'abril de 1842.

Foi então que o Sr. Larcher, que substituíra o Sr. Garrett nos logares de Vice-presidente do Conservatorio e Inspector-geral dos theatros, apresentou ao govêrno um projecto para a effectiva edificação do theatro-nacional por intermedio de uma transacção com os Caixas do contracto-do-tabaco. O alvitre foi approvado pelo govêrno: acceita-se o risco apresentado pelo architecto F. Lodi; dissolve-se a antiga commissão e cria-se outra para superientender á obra, composta do Sr. Larcher, do Inspector-geral das Obras-públicas, e do Sr. Jacintho J. Dias de Carvalho, thesoireiro; e effectivamente se começam os trabalhos a 7 de julho de 1842.

Desde essa epocha até hoje têem estes trabalhos continuado debaixo da direcção do architecto auctor do risco, e das vistas da commissão.

A área total do edificio tem de superficie obra de 36:300 palmos craveiros, e é ornado com tres vestibulos — um para á praça de Camões, servindo d'entrada geral, com 5 arcadas, de 14 palmos de largura e 77 ½ de comprimento; outro, em tudo similhante, para o lado de S. Domingos, feito para symetria do edificio, mas que tambem dá entrada para o palco, subterraneos, e outras servidões; o terceiro é o grande vestibulo da praça de D. Pedro com 18 palmos de largura e 78 de comprimento, ornado com 6 columnas jonicas de 14 ½ palmos de diametro e 40 d'altura. Do lado do *pateo do Regedor* ha tambem uma entrada de servidão para as differentes ordens de camarotes d'aquella parte do edificio, e para a última galeria; e tambem um portão para o palco com uma pranchada para serviço de cavallos, etc., que possam ser necessarios em scena.

O vestibulo da praça de Camões tem tres grandes portas por onde se entra n'um salão, ou antes atrio, de 45 palmos de largura e 73 ½ no seu maior comprimento, ornado de columnas doricas. Da parte direita estão as casas para a venda de bilhetes e camarotes, o botequim com todas as suas officinas, e uma escada para seu serviço, que conduz ás differentes ordens de camarotes; da parte esquerda está a entrada particular de Suas Mgestades para a tribuna, com porta independente debaixo da arcada do vestibulo, e uma escada de 8 palmos de largura; debaixo d'esta escada está a casa para guardar as bengalas, etc. Na frente d'este salão, ou atrio, ha 5 portas por onde se entra para uma especie de corredor de 16 palmos de largura e 78 ½ de comprimento. Ha n'este corredor 7 portas, 5 que correspondem ás do salão, por onde se entra para a platea, e corredores lateraes, e 2 nas extremidades para duas casas, uma destinada para a guarda, e outra para os criados dos espectadores; ambas éstas casas ficam debaixo das escadas que conduzem aos differentes pavimentos do edificio, collocadas nas duas extremidades d'este corredor.

A platea tem 70 palmos de comprimento e 60 de largura, as galerias e camarotes 10 palmos de fundo, e os camarotes 7 palmos de parapeito; em todas as ordens os camarotes de bocca tem 9 palmos de frente, com uma sala e um retrete juntos. O camarote particular de Suas Magestades tem uma entrada privativa pelo vestibulo da praça de D. Pedro. Este camarote tem junto uma sala de 27 palmos de comprimento e 17 de largura, um gabinete de 17½ palmos de comprimento e 12 de largura, uma cópa, um retrete, e um corredor de passagem de 25 palmos de comprido e 9 de largo.

O palco tem 102½ palmos de fundo e 88 de largo, e a bocca d'ópera 52 palmos de largo e 49 de alto. Junto á bocca d'ópera, no interior do palco e de ambos os lados, ha duas passagens de communicação para a caixa, uma entre a sala destinada para o director do theatro, que tem junto um gabinete do logar onde terminam as galerias e immediata á casa de reunião dos artistas (*foyer*); e a outra que fica ao lado do *pateo do Regedor*, para entrada particular dos artistas. Aope da bôcca d'ópera ha tambem 2 camarins para os actores de ambos os sexos mudarem de vestuario; e dentro do vão da bocca d'ópera ha escadas para serviço dos machinistas.

Em volta do palco fizeram-se casas para a illuminação, e para arrecadação dos bastidores, 18 ou 20 camarins para a companhia, gabinete para a direcção, galerias para se vestirem os comparsas de ambos os sexos, escada para serviço de adereços e vestuario, e latrinas separadas para os dois sexos, em todos os pavimentos.

Todos os corredores tem 11 palmos de largura; os do primeiro pavimento teem 15½ palmos de altura, os dos outros pavimentos, e última ordem de galerias 11½. Nos flancos de ambos os lados d'estes corredores, em todas as ordens de camarotes e galerias, ha uma casa para passeio (*foyer*) de figura exagona, e um retrete para senhoras, e dois para homens. Estes corredores todos vão dar a salas de 30 palmos de comprido e 16 de largo, no meio do edificio para a praça de D. Pedro.

O segundo pavimento tem um salão por cima do atrio de 73½ palmos de comprido e 45 de largo, ornado de duas ordens de columnetas, que formam duas grandes galerias que deitam para as differentes ordens de camarotes, ficando assim este salão sendo uma parte integrante da sala do theatro e dos corredores, por ser indispensavel volteal-o no transito d'elles.

A tribuna-real tem 21 palmos de frente e 13½ de fundo, e tem junto uma sala de respeito de 46 palmos de comprido e 16 de largo, outra sala de 28 palmos de comprido e 21 de largo, um vestibulo, uma cópa, e um retrete.

A sala do theatro tem tres ordens de camarotes, com 20 nas duas primeiras ordens, e 23 na terceira, e mais duas galerias, uma debaixo da primeira ordem de camarotes, que póde ser reduzida a frizas, ou logares separados, por meio d'um pequeno parapeito, outra sôbre a terceira ordem de camarotes. Os camarotes são divididos por columnetas de madeira, e a

sala na maior altura, do piso da orchestra até ao tecto da bócca d'opera, tem 72 palmos de alto, fechando o seu tecto no fundo das galerias superiores, e não junto ás columnetas de divisão. Esta sala tem oito ventiladores de $1\frac{1}{2}$ palmo de diametro.

No pavimento geral de todo o edificio ha uma grande casa de 120 palmos de comprido, 45 de largo, e 20 de alto, que poderá servir para ensaios, e tambem ser dividida em differentes partes como se julgar mais conveniente. Ha mais diversas casas destinadas para o vestuario e adereços, que communicam com o palco; no vão das asnas ha outra casa de 80 palmos de comprido e 70 de largo, destinada para casa de pintura; e finalmente diversos vãos, que poderão servir para depositos de bastidores etc.

O edificio tem ja dois poços construidos, um debaixo do palco para o lado da praça de D. Pedro, outro no subterraneo, logo para ca da bocca d'ópera, para o lado do *pateo do Regedor*. Estes poços, na quadra mais calmosa, não desceram a menos de 14 palmos de agua. Alem d'isto, em cima dos dois corpos que formam a bocca d'ópera, estão ja construidos dois reservatorios de abobéda, que hão de receber dois tanques de ferro para deposito de obra de 80 a 100 pipas de agua, recolhida dos telhados: junto á estes depositos estarão collocadas duas bombas para o caso de incendio. O edificio fórma por cima um grande terraço coberto de ferro galvanisado assim como toda a parte inclinada. Todos os canos e latrinas são de pedra, e tem conductos de agua que as lavam.

Tal é o resumo historico e resultado dos trabalhos da Inspecção-geral dos theatros e do Conservatorio, que, por seis longos annos, luctaram infatigaveis, mas conseguiram emfim dar a Lisboa um nobre monumento, ás suas artes um templo, e a Portugal um desaggravo — que tanto é a edificação do theatro nacional de D. MARIA II.

VARIEDADES.

PADRE MANUEL BERNARDES.

COMMEMORAÇÃO — 20 D'AGOSTO, 1644.

122 Manuel Bernardes, um dos mais illustrados classicos portuguezes, e que entre estes leva sem dúvida a primazia em riqueza de linguagem, nasceu em Lisboa a 20 de agosto de 1644.

Madrugou n'este menino o ingenho de que no futuro tantas provas deu. No estudo da lingua latina se tornou notavel entre os seus condiscipulos, e grangeou a admiração de seus mestres. Passou depois ao estudo da philosophia em que tanto soube merecer que foi graduado mestre pela Universidade de Coimbra. Assim condecorado entrou no curso de theologia, e finalmente se ordenou de presbytero.

Divulgando-se ja pelo reino a fama não so de seus talentos como tambem de suas virtudes, determinou recebel-o por seu confessor e guia o seu proprio bispo de Vizeu, que então era D. João de Mello. Entrou depois na congregação do Oratorio, recemplantada em Portugal por Bartholomeu do Quental — tinha então apenas trinta annos.

N'esta congregação de homens doutos e virtuosos resplandeceu sempre o seu nome, e so nos últimos trez annos de sua fatigada vida nos consta que se dedicasse menos a escrever e estudar. Soou finalmente a sua hora derradeira aos 17 de agosto de 1710.

Pouca gente lida haverá em Portugal que não conheça os seus numerosos escriptos, ou pela lição ou pela fama.

***

CORREIO EXTRANGEIRO.

123 Concebeu-se o projecto de um carril-de-ferro no interior da cidade de Paris, para ligar as differentes linhas ferreas que partem d'aquella capital para diversos pontos. Esta idéa não é nova, e o govêrno ja em em 1844 tinha apresentado ao parlamento um relatorio a este respeito; mas Kerizonet, ingenheiro-civil, propõe agora um carril-de-ferro que atravesse Paris, em vez de o circumdar como queria o govêrno, parte por cima e parte por baixo do chão, na extensão de 4,650 metros, e com suas ramificações complementares, o que daria ao todo uma linha de 8,250 metros; cuja despeza se avalia em seis milhões de francos.

A idéa é atrevida mas não é singularmente franceza: o govêrno austriaco tambem propôs uma linha-ferrea que atravessasse a cidade de Vienna a nivel das ruas; em Philadelphia existem 16 kilometros de carril-de-ferro no centro d'ésta populosa cidade; em Liverpool ha dois vastos subterraneos por onde atravessam carris-de-ferro; a linha-ferrea que atravessa a cidade de Lyon parte é por cima e outra parte por baixo do chão; finalmente um jornal inglez annuncía que em Londres se está formando um projecto para ligar a grande linha-ferrea *occidental* com a *oriental*, por meio de um *tunnel* (abobada subterranea) que deve atravessar a cidade de Londres.

Acaba de fazer-se uma descoberta singular em França na estrada de Bellevue a Meudon. Fazendo-se algumas escavações para arranjo da estrada incontrou-se um grande penedo de fórma redonda, similhante á essas pedras gigantestas consideradas como monumentos druidicas: em roda da base, na profundidade de um metro, descobriram-se ossos humanos innegrecidos pelo tempo. Acharam-se depois, quasi no mesmo sitio, outros dois penedos, pouco menores, arrumados um ao outro. Á roda d'éstas pedras havia tambem ossos com evidentes signaes de vetustade; mas o que prova mais que tudo a origem druidica d'éstas pedras collossaes, transportadas não se sabe como, é ter-se incontrado de mistura com os ossos duas machadinhas de *silex* muito cortantes, e inteiramente iguaes ás que usavam os sacerdotes gallos nos seus sacrificios.

Ha em França 5,000 estabelecimentos onde se empregam rapazes de menor-idade em diversos misteres; o número d'elles chega a 70,000, de dezeseis annos para baixo; mas nenhum póde ser admittido antes dos oito annos. Antigamente eram admittidos de sette e seis annos: a lei de 22 de março de 1841 prohibiu ésta barbaridade e mandou observar além d'isso outras disposições civilizadoras, como a prohibição do trabalho nocturno, a fixação das horas de trabalho, e a frequentação das escholas inferiores e gratuitas dos mesmos estabelecimentos.

O govêrno saxonio acaba de ordenar que se comecem os primeiros trabalhos para ajuntar os caminhos de ferro do seu paiz com os da Bohemia. Estes trabalhos serão feitos por conta do Estado. O carril-de-ferro de Chemnitz a Riesa tambem se vai ja começar.

O principe Alberto, marido da rainha Victoria, acaba de popularizar-se mais pagando o seu tributo ao orgulho maritimo do povo inglez. Vendia-se por 150 libras o colete e a farda que Nelson trazia na batalha de Trafalgar; o principe comprou estes objectos e deu-os de presente ao hospital de Greenwich, onde se recolhem os invalidos britannicos e onde ja está o fato que o mesmo Nelson vestia na batalha do Nilo. Ha muito que a rainha Victoria possue a balla que tirou a vida a este famoso almirante inglez.

N'um mesmo dia viu Paris inaugurar dois novos monumentos dentro dos seus muros: a estatua-equestre do duque d'Orleans, no pateo do Louvre, e a fonte do arcebispo, na ilha de Nôtre-Dame.

O imperador d'Austria, com toda a pompa da magestade, distribuiu no dia 16 do passado, na sala de ceremonia do seu palacio e pela sua mão, os premios e medalhas honorificas, a todos os industriaes que exhibiram os productos mais distinctos na exposição da industria austriaca.

O número dos navios baleeiros nas costas dos Estados-Unidos, este anno, sobe a 625, a maior parte d'elles sôbre 400 toneladas. São necessarios 15 a 16,000 homens para equipar todos estes navios, e calcula-se em 25,000,000 de dollars o valor de todos elles. A quantidade de azeite importado nos Estados-Unidos sobe a 400,000 barriz, metade dos quaes são de spermacetti. Os principaes mercados do azeite de balea são: a Allemanha, a Prussia e a Hollanda.

Errata. — Pag. 94, col. 2, lin. 27 — Austria — lea-se: *Industria.*

CORREIO NACIONAL.

124 A receita do 'Asylo de mendicidade' no mez de julho foi de réis 1:675$423, além de differentes donativos em generos: a despeza foi de rs. 967$733. Ficaram existindo 283 homens e 224 mulheres, total: 507.

M. Laribeau acaba de chegar de Paris onde foi, segundo se diz, tractar de certos arranjos para maior esplendor do seu 'Circo' e d'onde trouxe duas *demoiselles* cujo debute se aguarda com impaciencia. A joven Emilia foi restituida aos seus numerosos admiradores, e as suas graças tornaram ao 'Circo' todo o seu antigo brilho. Mas durante a ausencia do seu digno Director o 'Circo' não esteve ocioso: as scenas do *Fra-Diavolo*, do *Gascon*, e do *Barbeiro de Sevilha*, onde o incontestavel merito do Sr. Raffel grangeia sempre applausos, attrahiram a concorrencia pública, que não tem deixado ainda de premiar os habeis esforços da *Companhia-Laribeau.*

Diz-se que a Companhia ingleza para a construcção de um carril-de-ferro de Lisboa a Madrid, offerecêra tambem ao govêrno o estabelecimento de um telegrapho electrico em toda a extensão d'esta linha-ferrea.

Nas differentes cadeiras da Eschola do exercito obtiveram este anno os primeiros premios, o Sr. 2.º Tenente, Manuel Rodrigues da Costa, em duas cadeiras, e os Srs. Alferes, J. M. Cabral Calheiros, em tres cadeiras, J. M. Latino Coelho, em duas cadeiras, M. J. Coelho da Silva, em duas cadeiras, N. A. de Brito Taborda, em duas cadeiras, D. Luiz de A. S. Coutinho, F. de P. Botelho, J. C. T. Pamplona, J. C. da Costa e Silva, e J. J. Namorado. Na Eschola-Polytechnica obtiveram os 1.ºs premios os Srs.: L. J. de Mello, J. J. de Castro, D. A. Viellot, J. A. C. das Neves Cabral, e se fossem alumnos ordinarios tel-o-iam tambem obtido os Srs.: J. F. Pereira, e G. H. Farinho: mereceram os 2.ºs premios os Srs.: J. da S. Carvalho Junior., J. E. d'A. Albuquerque, M. Ghira, e tel-o-ia igualmente merecido se fosse alumno ordinario o Sr. M. C. P. H. de Macedo.

A Caixa-economica da Companhia Confiança-nacional, recebeu 5:181$340 rs. — restituiu 859$600 rs. e teve 22 depositantes novos. — Semana finda em 16 do corrente.

Em nosso número 6 publicámos os nomes dos estudantes da faculdade de direito da Universidade de Coimbra, premiados no corrente anno: em theologia obtiveram os premios: 1.º anno, A. B. de Menezes, 2.º J. C. de Amorim Pessoa, 3.º — o 1.º premio, C. F. de Faria, 2.º J. do N. Moraes, 4.º anno, J. A. de Oliveira: em mathematica, 1.º anno e 1.º partido, J. A. de Sousa, 2.º C. G. Mamede, 1.º premio, A. S. de Castro Giraldes; 2.º B. de C. Ribeiro: 2.º anno 1.º partido, J. de Sousa Machado, 2.º Visconde de Samodães, premio, M. J. de Sousa Brito: 3.º anno, 1.º premio, F. P. Torres Coelho, 2.º P. de Amorim Viana; 4.º anno, 1.º premio, C. M. R. Alvares, 2.º M. S. de Sousa Gouvêa, no 5.º anno não houve premiados: em philosophia, 1.º anno e 1.º premio, M. A. Barbosa, 2.º J. A. de Sousa, 2.º anno, 1.º premio, A. de A. F. Jacobina, 2.º Visconde de Samodães, 3.º anno, A. A. Pereira, 4.º anno, B. e F. Soares, 5.º anno E. A. de Andrade.

No anno leotivo de 1844 — 45 matricularam-se na Universidade de Coimbra 1101 estudantes, perderam o anno 87, ficaram esperados 102, foram reprovados 53. Em theologia houve 94 estudantes, em Direito 687, em medecina 78, em mathematica 94, em philosophia 148.

As noticias que recebemos dos Açores e Madeira não conteem coisa notavel. Continuava na ilha Terceira o impulso dado pelo governador-civil á instrucção publica, promovendo-a de todos os modos e até distribuindo *á sua custa* premios aos mais distinctos alumnos. Tinha-se publicado a Topographia medica d'aquella ilha, pelo Sr. Zagallo; e o Sr. F. J. da Costa continuava a publicação dos seus interessantes trabalhos literarios sôbre a historia açoriana.

Na Madeira cuidava-se no reparo das estradas, e ia fundar-se um asylo de mendicidade.

CONHECIMENTOS UTEIS.

ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO (*)

125 No 'Diario do govêrno' n.º 151; n'um artigo tirado do jornal dos caminhos-de-ferro, que se publica em Paris, onde se tracta dos carris-de-ferro que se vão construir na Hispanha, notam-se todas as vantagens que d'elles resultam para as communicações; e, recommendando-se economia na construcção, prefere-se a este respeito o systema americano.

Achando-se Portugal no mesmo estado de falta de communicações, não podêmos deixar de dizer algumas palavras sôbre este objecto, tanto acerca das de construcção ordinaria, como dos caminhos-de-ferro em geral; pois julgâmos que este ramo d'administração pública nunca será demasiadamente considerado e discutido, para se chegar a um perfeito conhecimento da materia.

N'um paiz como Portugal que não tem estradas, mas que mostra os desejos de as ter, forçoso lhe é formar primeiro um plano geral da grande rede das principaes com que se deve cubrir todo o reino, a fim de gozarem tôdas as provincias das vantagens que d'ahi podem resultar.

Olhando-se para a configuração de Portugal, ao longo de uma costa, com excellentes portos para a exportação dos seus productos, apresentando uma pequena largura que quasi não excede a dois graus geographicos — parece que similhante posição indica logo quaes devem ser as direcções das estradas da grande rede de que fallámos; isto é: em primeiro logar as linhas transversaes de todos os portos de mar, parallelas entre si, do poente ao nascente, até a raia da Hispanha, para que todas as provincias interiores possam gozar das vantagens do commercio pelos caminhos mais curtos e para os portos mais proximos.

Estes portos são, começando do norte: Vianna, Villa-do-Conde, Porto, Aveiro, Figueira, Lisboa, Setubal e Sines, na costa occidental; e na costa meridional do Algarve — Lagos, Faro e Tavira.

Deve-se portanto tractar de construir as estradas seguintes:

1.ª — de Vianna ao longo da raia de Galliza, por Montalegre e Chaves, até Bragança;

2.ª — de Villa-do-Conde, por Braga, até Miranda;

3.ª — do Porto a Villa-Real, Moncorvo, e Mogadouro;

4.ª — de Aveiro para Viseu e Pinhel;

5.ª — da Figueira para Coimbra, dividindo-se ésta em dois ramos — um dos quaes conduz á margem esquerda do Mondego na direcção da pônte da Murcella, onde entrará na estrada que vem de Lisboa — e o outro que se dirige por Viseu até Almeida;

6.ª — de Lisboa, como estrada central, pela Alhandra, onde se divide em dois ramos principaes — um que corre ao longo do Tejo para Santarem, Golgan, Barquinha e Abrantes, até á raia da Hispanha — outro que toma para a esquerda pelas Caldas, Pombal, Leiria, Ponte-da-Murcella, Cêa e Guarda: uma segunda estrada central, atravessando de Lisboa o Tejo em barcos de vapor a Aldêa-Gallega, por Evora e Elvas, até a raia. Uma d'éstas estradas, aquella que se dirige por Abrantes ou a última que se dirige por Elvas até a raia — poderá ser caminho-de-ferro. A escolha se deverá deixar aos emprezarios que saberão calcular melhor o que convem:

7.º — de Setubal para Alcacer-do-Sal, e de lá na direcção de Olivença;

8.º — de Sines a Beja até o Guadiana;

Além d'éstas estradas transversaes teremos agora de contemplar duas estradas longitudinaes para completar a rede das estradas principaes:

1.ª — a que deverá correr da raia da Galliza, ou de Chaves, por todo o reino até Faro ou Tavira no Algarve, dirigindo-se mais além do centro da latitude do reino e mais aproximada á raia da Hispanha, passando por Villa-Real, San'João-da-Pesqueira, Viseu, Castello-Branco, Portalegre, Extremoz, Beja, a Faro ou Tavira;

2.ª — outra de norte a sul a pouca distancia da costa, que comece em Vianna e se dirija a Braga, pelo Porto, Coimbra e Leiria, entrando na estrada que vem de Lisboa: e outra de Lisboa para Setubal a Beja, entrando ahi na outra estrada longitudinal para Faro.

Parte d'esta última estrada, do Porto a Lisboa, poderá ter um carril-de-ferro; e a meu ver serão duas so as estradas marcadas para caminhos-de-ferro — a que ligasse a Hispanha com Portugal, e outra entre as duas cidades principaes do reino — que poderão prometter para o futuro algumas vantagens ás companhias que os emprehenderem: mas as vantagens para o paiz serão incalculaveis ainda que os emprezarios percam a principio. Os cinco dias de viagem por terra até o Porto se incurtarão a cinco horas, e ligando-se o caminho-de-ferro portuguez com outro da Hispanha para Madrid, que ficasse em contacto com o que vem de França, que se acha ja ligado com differentes caminhos de Allemanha, se poderia ir e voltar de Vienna d'Austria em 15 dias. Os outros carris-de-ferro em Portugal serão por ora sonhos agradaveis.

A grande rede de estradas principaes n'este reino terá pouco mais ou menos a extensão de 500 leguas; e descontando-se d'estas 86 leguas para caminhos-de-ferro, ficarão 414 leguas a construir de estradas macdamizadas. Ja em outra parte temos demonstrado que as despezas das obras emprehendidas em Portugal custam uma terça parte mais que na Allemanha, portanto, comparando as despezas, as 414 leguas de estradas macdamizadas farão a despeza de 10.350.000.000 rs, sendo construidas com toda a solidez, e como devem ser. As 86 leguas de caminhos-de-ferro custarão (cada legua 232.000,000) a somma de 19.952 000.000 rs.

Correrem algumas das estradas indicadas ao longo de rios navegaveis em nada prejudica a concorrencia dos transportes nos ditos rios, e seria grave êrro se por causa das estradas se abandonassem as providencias do melhoramento da navegação nos rios, tendo a experiencia em outros paizes mostrado que a navegação dos rios e canaes tem sempre augmentado na proporção do augmento das communicações por terra, e ao longo dos mesmos rios: v. g. no Rheno, que ha

(*) Depois de termos escripto este artigo chegou-nos á mão o n.º 3 da *Revista Universal* com o seu excellente artigo sôbre caminhos-de-ferro, o qual applaudimos em geral. O nosso virá portanto a proposito para dar mais algum desinvolvimento sôbre o assumpto de estradas.

dez annos apenas era navegado por 10 barcos de vapor sem ter carril-de-ferro ao lado, actualmente que tem caminhos de ferro! desde a foz até quasi á nascente, conta 50 barcos de vapor. O mesmo augmento simultaneo de communicações por agua e terra se acha na Inglaterra, na Belgica e na França, visto que a facilidade dos transportes, sua segurança, e a barateza, augmenta cada vez mais o movimento do commercio.

Não obstante conhecer-mos quasi todo Portugal em todas as direcções, comtudo não nos atrevêmos a designar com certeza os logares intermedios da direcção de cada uma das mencionadas estradas; o que deverá ser objecto principal e separado das indagações de ingenheiros peritos não só na construcção das estradas, mas tambem na combinação das maiores vantagens que offerecem aos povos ésta ou aquella direcção, em harmonia com a maior economia de construcção.

O orçamento da grande despeza que se deve fazer para formar a rede principal das estradas em Portugal, não deverá fazer esmorecer nem o govêrno nem os emprezarios ou companhias nacionaes. — Quem olhar para emprezas de similhante natureza em outros paizes que ja executaram a sua grande rede de estradas macdamizadas, e que ja hoje não são sufficientes para satisfazer o movimento do commercio, de sorte que a necessidade tem obrigado a augmentar os meios de communicação com dispendiosos caminhos-de-ferro, não obstante não se acharem n'esses paizes tantos cabedaes mortos como ha proporcionalmente ainda em Portugal, quem examinar isso, dizemos, verá que deve tomar ânimo para empregar os seus cabedaes n'estas emprezas.

O espirito emprehendedor e os grandes cabedaes disponiveis, foram, além da necessidade dos progressos da industria, o motivo principal por que os inglezes abriram o exemplo, ha mais de vinte annos, da construcção dos primeiros caminhos-de-ferro da Europa; não obstante achar-se o seu paiz coberto em todas as direcções de estradas macdamizadas, da primeira e da segunda ordem.

As vantagens que d'ahi resultaram para a industria e o commercio, dispertaram o govêrno belga, que á sua custa emprehendeu, dez annos mais tarde, a grande rede de carris-de-ferro, que completou no anno passado, com duzentas e tantas leguas de extensão; concedendo agora a emprezas particulares, extrangeiras e nacionaes, a execução dos carris que devem communicar com os caminhos principaes.

Seis annos depois da Belgica começaram na Allemanha as construcções de estradas de ferro, tanto por conta dos govêrnos como das emprezas particulares, chegando a ser uma verdadeira mania benefica.

Alguns annos mais tarde passou ésta mania á França, Hispanha, e agora a Portugal, que não ficará atraz, porque as nações, muitas vezes até contra a opinião dos govêrnos e da sua propria vontade, são arrastadas pela força das circumstancias.

O mesmo que succedeu, e ainda está acontecendo na Europa occidental, succede na parte oriental. Lá partem ja varios caminhos-de-ferro do lado da Prussia e da Austria n'aquella direcção, como as antenas de um insecto: um se dirige pelo interior da Hungria, e irá a acabar em Constantinopla: outro vai por Konigsberg em direitura á raia do imperio russo, e não ficará so em S. Petersburgo, mas em Moscow, visto que ja se trabalha com grande actividade para unir éstas duas grandes cidades em linha recta — e d'esta maneira os povos do occidente se vão unir aos do oriente; os portuguezes serão como vizinhos dos Moscovitas; uma viagem por terra de Lisboa a Moscow não levará mais tempo do que uma viagem de Chaves a Faro no estado actual das estradas. O que ha quarenta annos parecia impossivel, tem-se realizado ja em grande parte por factos; não são actualmente so os govêrnos que cuidam no augmento das communicações e construcção de estradas, com grandes sacrificios, são os mesmos povos que tomam este cuidado, pelo progresso das idêas, e fornecem os meios para isso, fraternizando uns com outros de tal maneira, que, faltando ao vizinho os meios, de todos os lados apparece auxilio; e a mania de construir caminhos-de-ferro tem chegado na Allemanha a tal ponto que alguns govêrnos se teem visto obrigados a restringil-a com receios de que sejam desviados tantos fundos da industria e do commercio.

Este espirito progressista dos povos tem sôbretudo predominado na Allemanha, onde a principio para os animar e disputar era necessario que os seus esclarecidos govêrnos lhe promettessem 3 e 4 por cento como garantia do juro e cabedaes gastos. Mas poucos exemplos dos effeitos de similhantes medidas foram sufficientes para se progredir com extraordinaria rapidez na construcção dos caminhos-de-ferro, e dentro em seis annos, até o fim de 1844, ficaram concluidos 29 caminhos da grande rede projectada, com uma extensão de 380 leguas de 18 ao grau.

O movimento n'estes carris foi, segundo as tabellas estatisticas publicadas mensalmente na gazeta de Austria, durante todo o anno de 1844 de 10,306,165 passageiros e de 14,339,914 quintaes de mercadorias, do que resultou um rendimento de 13,675,122 cruzados.

Das 380 leguas foram construidas 90 á custa de varios govêrnos, e 290 á custa de companhias com uma somma de 162,324,408 cruzados, custando portanto, em geral, cada legua a quantia de 427,160 cruzados. Este cabedal gasto rendeu, como se acha indicado no anno de 1844, 8 $\frac{1}{2}$ por cento, e descontando-se 3 $\frac{1}{2}$ por cento para as despezas administrativas e de costeio, ficou um devidendo de 5 por cento, fallando geralmente; mas alguns renderam 7 e 8 por cento em quanto outros renderam so 3 e 4, não pagando os passageiros da primeira ordem, das carruagens mais que 100 réis por cada legua de caminho, da 2.ª ordem (a mais frequentada) 70 réis, e da 3.ª ordem 40 reis. As mercadorias na proporção.

Além dos caminhos concluidos se acham actualmente em trabalho 810 leguas de extensão; metade das quaes á custa de differentes govêrnos, e outra metade á custa de emprezas particulares, achando-se occupados n'elles 126 mil trabalhadores, e devendo estar concluidos d'aqui a 4 annos; depois de projectados estes e além d'elles, mais outras mil e tantas leguas — 96 das quaes á custa de varios governos e 270 á custa de companhias — ja se acham tambem contractadas.

Toda a rede principal dos carris-de-ferro na Allemanha, terá uma extensão de 2,311 leguas, orçadas na

despeza de 819 milhões de cruzados. So as locomotivas para o custeio custaram 7 milhões.

Na Gran'-Bretanha estão actualmente concluidas 592 leguas de extensão, construidas no espaço de 25 annos, com uma despeza de 316 mil contos de reis; e d'ahi se vê — ainda que a construcção dos carris-de-ferro na Inglaterra não pára — que passados 4 annos a extensão d'elles na Allemanha será muito maior que na Inglaterra, não obstante datarem elles só de 6 annos a esta parte.

Estes exemplos se mencionam somente para mostrar o que podem os governos e os povos, onde reina o espirito de associação e boa-fé, quando seriamente tractam de melhorar o bem-estar da nação; quando govêrno e povo fraternizam e se prestam mutuamente os auxilios que todas as obras-publicas exigem. Os hispanhoes e portuguezes devem imitar similhantes exemplos em quanto fôr tempo, senão ficarão n'um atrazamento tal que depois será difficil remediar.

É verdade que a Inglaterra, a Belgica, a Allemanha e a França ja tinham a grande vantagem das communicações interiores por estradas macadamizadas, as quaes avivaram a industria e o commercio de sorte que, com a certeza de uma renda infalivel nos caminhos-de-ferro, podiam emprehender sem receio similhantes trabalhos dispendiosos, o que não acontece na Hispanha nem em Portugal, onde a construcção de caminhos-de-ferro terá por ora de ser muito limitada pela certeza das perdas que os emprezarios soffrerão ainda por muito tempo, e em quanto não se augmentarem as communicações interiores com estradas macadamizadas e menos dispendiosas. Este cuidado deverá ser o principal objecto e esmero dos govêrnos, como tem acontecido nos mencionados paizes, onde além dos caminhos-de-ferro que se construem, nunca param os trabalhos da conservação e multiplicação das estradas macadamizadas. São estas, por assim dizer, as veias que de todos os lados correm para as grandes arterias — os caminhos-de-ferro; e estes ultimos sem os primeiros não podem subsistir. Assim, se Portugal hade ter carris-de-ferro, é necessario cuidar na multiplicação das estradas macadamizadas.

A respeito das economias na construcção das linhas-ferreas na Hispanha, recomendadas no mencionado artigo do jornal de Paris, haverá poucos intendedores da materia que concordem com a recommendação do systema americano como mais barato, não se podendo comparar um paiz com outro. A America é paiz novo, ainda despovoado no interior, que pouco a pouco se vai conquistando por meio de caminhos-de-ferro. Estes caminhos devem ser baratos na sua construcção, visto que a principio servem so de antennas para apalpar o terreno, não se sabendo ainda onde pararão, facilitando so a entrada aos novos colonos para a acquisição dos terrenos, e para fazer recuar os indios: baratos devem ser estes caminhos para não serem tão enormes os sacrificios. E como elles correm por terrenos pelos quaes não pagam expropriações, ou por serem terras incultas, ou porque os proprietarios nada exigem, antes fazem toda a diligencia para que esses caminhos passem pelas suas fazendas afim de se poderem servir d'elles para a exportação dos seus productos: tudo isto é de grande vantagem para os emprezarios.

A segunda vantagem para a construcção dos carris-de-ferro na America é a abundancia de madeiras, que pouco ou nada custam. São estes dous objectos vantagens como não se encontram na Europa, e ainda menos na peninsula hispanica toda despida de florestas. Como estes caminhos-de-ferro na America, cuja construcção se póde chamar barata, servem essencialmente para conquistar o paiz, podem ser construidos de um modo mais ligeiro e o menos dispendioso possivel; e por isso os americanos no começo, não applanam terrenos, não rebaixam montes, não atterram valles, não furam alturas; e para alcançar um plano nivellado sôbre que possam correr as locomotivas, servem-se de estacas grossas e mais ou menos compridas, fincadas no chão, que sustentam os carris; e d'esta maneira em muito pouco tempo fica acabado um caminho inteiro; e assim se conserva até apodrecer ou até que o augmento do movimento do commercio obriga a empreza a substituil-o por outro mais solido.

Que em taes caminhos, que se podem chamar provisorios pela ligeireza da sua construcção, succedam muitos desastres, não é de admirar; mas que importa á conquistadores de terras a vida de alguns centenares de pessoas se trabalham para alcançar o seu fim? e no que elles mesmo pouco ou nada perdem em comparação dos ganhos futuros?

Á peninsula nada d'isto é applicavel; aqui ja não ha terrenos a conquistar, todos teem os seus donos, uns com costumes maus inveterados, outros chêos de marasma e molestias chronicas que difficultam os progressos da civilisação de uma maneira extraordinaria. Ganhar os animos d'estes povos, curar as suas molestias, fazel-os susceptiveis dos progressos da civilisação é tambem uma conquista de que os caminhos-de-ferro e toda a especie de communicação são os mais efficazes motores; entretanto estes progressos não se podem accelerar; elles obram lentamente mas com segurança, ganhando os povos confiança nos meios que os governos empregam para chegarem ao fim desejado, e vendo que estes meios não prejudicam nem a vida nem a propriedade.

A economia em tudo é muito recommendavel — economia no tempo e na administração — e são principalmente de recommendar as providencias para evitar fraudes e roubos, e disperdicios; mas recommendar economia á custa da solidez da construcção como faz o mencionado artigo do jornal francez, inculcando o systema americano, é uma economia mal intendida na Europa, que produziria pessimo resultado.

O que dizemos das economias na construcção dos caminhos-de-ferro, vale tambem na construcção das estradas macadamizadas em Portugal, que se acham ainda no maior atrazo; vendo-se nos poucos trabalhos já executados, por uma parte mal intendidas economias, como é a pouca solidez fundamental nos logares onde a natureza a não offereceu, por outra parte disperdicios; v. g. largura desnecessaria, e dispendiosas calçadas lateraes de valetas onde não são precisas etc., etc.

Uma legoa de estrada macadamizada e construida com toda a solidez, de 30 palmos de largura, como se acha prescripto, não poderá geralmente custar em Portugal menos de 20 a 25 contos de reis, e um caminho-de-ferro não menos de 220 até 232 contos de reis; e affoitamente se poderá asseverar que quem fizer estas obras por menor preço, as fará á custa da sua

solidez: e por consequencia em prejuizo da nação que paga as custas, e que fica por fim sem estradas. O melhor ingenheiro da Europa não póde fazer estradas boas em Portugal emquanto o govêrno não ordenar a abulição ou melhoramento dos carros rusticos; exemplos, premios, persuasão, nada d'isso serve para um povo teimoso na conservação dos costumes antigos, e se o govêrno não tomar algumas medidas mais rigorosas, obrigando as Camaras-municipaes das provincias, cujos membros são os primeiros que se oppôem a similhantes providencias de melhoramentos, nunca Portugal gozará o beneficio de boas estradas.

O que mais admira é a indifferença com que até agora se tem olhado para um dos objectos principaes, que não so tolhe a factura de estradas boas como causa tambem um augmento quadruplo na despeza da sua conservação. Introduzam-se rastos largos nas rodas dos carros, que não deverão ter menos de 3 nem mais de 4 polegadas, e além d'isso seja o livre movimento das rodas em torno dos seus eixos, e logo apparecerão as vantagens d'esta medida benefica; as estradas ficarão cada vez mais solidas, e se conservarão quasi por si mesmo com a frequencia da passagem dos carros assim melhorados; ora, os carros actualmente em uso fazem o effeito de um arado trabalhando nas estradas ja macdamizadas. ***

—

Devemos este excellente artigo á penna mui competente de um distincto Official d'ingenheiros, com cuja colaboração muito se honra a REVISTA, esperando dever a seus talentos e estudos ainda outros artigos em proveito do paiz.

NOVOS CARRIS ATMOSPHERICOS.

126 MM. Julien e Valerio acabam de inventar um systema de caminhos atmosphericos inteiramente novo. Quatro, principalmente, são as suas differenças essenciaes: 1.ª não tem carril de ferro; 2.ª tem, em vez de um, dois tubos que servem conjunctamente de carril e motor; 3.ª os tubos não tem fenda longitudinal, porque a transmissão do movimento é intermittente a principio se bem que continua na realidade; 4.ª o comboi aindaque inseparavel dos pistons é todavia independente d'elles.

TORCIDAS ECONOMICAS E ACEIADAS.

127 Em um jornal como a REVISTA UNIVERSAL, não é de certo mal cabida a noticia que agora publicamos; para muitas pessoas não será ja novidade, mas sêl-o-ha porventura para a mór parte dos leitores.

São geralmente conhecidos os varios usos que entre nós se faz do junco, mas o seu prestimo para torcidas é indubitavelmente o mais valioso. Á bondade do Sr. Manuel do Rego, distincto cavalheiro e proprietario n'esta villa de Alpedrinha, devemos a posse de algumas duzias d'estas excellentes torcidas, feitas do junco da sua herdade das Zebras. Consistem no meditullio d'este vegetal quando perfeitemente desinvolvido; extrahe-se da sua repectiva bainha pela impulsão de um pauzinho, que se introduz na especie de cavidade em que termina, depois de cortado. Este pauzinho, ao passo que rompe o involucro, leva diante de si o sabugo, que é mui alvo e levissimo.

Estas torcidas, de mui variados diametros, além de facilmente se adaptarem aos bicos dos candieiros e candeas, consomem tres vezes menos azeite do que as ordinarias; dão maior luz, mais clara e menos tremida; não exhalam, depois de apagadas, o fumo e cheiro incommodo que dão as de algodão, nem criam morrõ s.

Éstas vantagens, por nós ja experimentadas, foram-no igualmente por outras muitas pessoas d'esta villa, que ao presente usam exclusivamente d'estas torcidas. —— *R. de Gusmão.*

DESTRUIÇÃO DO GORGULHO.

128 Le-se do *Dictionnaire des Ménages:*

«Um lavrador de Berlim possuia alguns celeiros públicos que eram terrivelmente infestados de gorgulho; tendo porém casualmente guardado n'um d'elles uma porção de ramos de *sabugueiro*, achou que este simples preservativo fizéra desapparecer inteiramente aquelle insecto damninho.»

Pedimos a alguns dos nossos lavradores, que, por utilidade propria e commum, hajam de experimentar ésta singella indicação de M. Havet, dignando-se de ter a bondade de nos communicar o seu resultado: favor este que, por interesse público, muito desejaria a REVISTA obter de todas as pessoas que experimentassem as suas indicações, que todavia são sempre extrahidas das publicações mais sérias e acreditadas da Europa.

FABRICA DE VIDROS.

(EDIFICIO ABANDONADO.)

129 Logo acima do 'Campo', no concelho de Terras-de-Boiro d'este districto de Braga, entre dois alcantiladós e pittorescos montes do Gerez, está um valle ameno onde, na margem esquerda de um ribeiro, junto á famosa terceira via-militar dos romanos que de Braga conduzia a Asterga, entre os notaveis padrões de granito que marcavam as distancias e de que ainda hoje se divisam restos, existe esquecido um magnifico edificio, derrocado em parte pelo fanatismo patriotico que tem agitado o povo da nossa patria de 1808 para cá. Era onde existiu a fábrica de vidros vulgarmente chamada de 'Covide' cujos productos trocados a oiro na proxima Galliza, e derramados pelas provincias do Minho e Tras-os-montes, foram um manancial de riquezas para seus donos.

Um edificio como este, cercado de mattos virgens para lhe fornecerem combustivel, n'um terreno fertil, cuja cultura o podia abastecer de tudo o necessario, sería na verdade um local excellente para crear um grande estabelecimento de vivenda e manufactura. Comtudo o edificio de que fallâmos está abandonado, e acabando de arruinar-se, sem que, apezar das favoraveis e attrahentes circumstancias que mencionámos, ninguem se tenha ainda lembrado de o aproveitar para um estabelecimento tão util á sua empresa e a ésta provincia.

Julguei eu que devia indicar e denunciar ao paiz este thesoiro ignorado, a vêr se alguem se resolve a approveital-o para utilidade commum. Nunca me arrependerei de assim o ter feito embora não incontre senão o indifferentismo dos que me lerem.

Povoa-de-Lanhoso.

J. J. F. de Mello e Andrade.

NABOS DA SUECIA:

(*Brassica rutabaga — C. V.*)

130 Muito conviria que este vegetal, ha annos

introduzido na Inglaterra, Allemanha e França, se cultivasse tambem em Portugal, onde produz excellentemente, segundo o que sabemos de alguns ensaios. O anno passado, no sitio da Golegan, semeou-se uma pequena porção, e outra no logar de Bemfica, junto a Lisboa, ambas as quaes produziram nabos de extraordinaria grandeza, alguns de dois arrateis e dois arrateis e meio de pêso.

A utilidade d'esta planta é muita e importante: resiste no inverno a todo o rigor do tempo; e é alimento saudavel para o homem e de provada nutrição para toda a qualidade de gado, especialmente lanigero. Na Allemanha, França e Inglaterra, é um dos principaes sustentos dos seus infinitos rebanhos de ovelhas na estação invernosa, e se n'essa mesma occasião a adoptarem em Portugal para o mesmo fim, decerto que cessará a grande mortandade que a fome produz nos gados quasi todos os annos, por esse tempo.

A cultura d'esta planta é facilima. As terras que estiveram de milho, fava, grão, batata, melancia, são as mais proprias para a sua sementeira. Nas primeiras-aguas semeia-se a semente misturada com terra ou areia para que fique bem rara, afim da planta se podêr bem desinvolver: passa-se depois uma grade por cima, para cobrir a semente, que não deve ficar muito funda.

Quando o nabal esté feito, quero dizer, o fructo em completa maturição, fecha-se uma conveniente porção d'elle com uma rede, e introduz-se o gado dentro d'este logar assim fechado para o pascer todo: depois do que faz-se o mesmo com outra porção etc. Quando o terreno onde esteve o nabal está todo despejado, é capaz de receber qualquer outra sementeira que se lhe deite, porque as raizes dos nabos teem desintorroado o solo e o gado tem-no estrumado: e se o terreno ficar desembaraçado até fevereiro ou mais tarde, poderá ainda ser semeado de cereaes, que assim devem produzir uma boa colheita.

Se os nossos lavradores que teem gados experimentarem ésta semente acharão quanto ella é preferivel á de nabos do paiz. Póde-se obter facilmente mandando-a vir de Hamburgo, Londres, ou qualquer porto da Inglaterra, e mesmo em Lisboa, rua direita d'Alcantara, loja de sementes.

Uma pequena porção d'ella mando para amostra ao escriptorio da Revista.

J. W.

O COMMERCIO NA SUA LIGAÇÃO COM A AGRICULTRA E INDUSTRIA NACIONAL.

131 A agricultura, a industria, e o commercio são os trez mananciaes da subsistencia, riqueza, e prosperidade nacional.

Pela agricultura obtem-se os productos da terra; pela industria augmenta-se-lhes o valor, uso, e consummo; pelo commercio permutam-se e transportam-se aos mercados internos e externos, dando-lhes assim novo valor e maior consummo.

D'esta maneira, a agricultura fornece a materia; a industria da-lhe a fórma, e o commercio o movimento: e porque n'esta ligação intima, a fórma e o movimento recahem sôbre a materia, e não podem existir sem ella; é evidente que a agricultura é a primeira, a mais solida e fecunda origem da subsistencia, riqueza, e prosperidade nacional, dependendo todavia da cooperação activa e intelligente da industria e commercio.

Os limites d'este artigo não permittem que nos occupemos das diversas causas directas ou indirectas, que tem concorrido para o intorpecimento, atrazo, e imperfeição da nossa agricultura, industria, e commercio; nem de theorias abstractas sôbre cada um d'estes objectos: o que importa é emendar os erros, negligencias, e defeitos do passado, e marchar de presente e futuro pela estrada de aperfeiçoamento e progresso verdadeiro, que nos apresentam, para lição e exemplo, os paizes mais civilisados da Europa, e entre estes a Inglaterra e a França.

O nosso Portugal e possessões ultramarinas, pela sua fecundidade respectiva e vária, clima apropriado, e posição avantajada, offerecem vastissimo campo ás diversas producções agricolas, sôbre que trabalhem as artes e industria, e se occupe o commercio: cumpre porém que cada um d'estes mananciaes avance na sua orbita em reciproca convivencia, e cooperação mutua.

AGRICULTURA.

Para que a agricultura assim avance, a exemplo da Inglaterra e França, incumbe ao proprietario e lavrador:

1.° Destinar os terrenos ás especies de cultura mais adaptadas á respectiva qualidade dos mesmos terrenos, sua exposição e clima, contando com o consummo o mercado das suas producções:

2.° Na cultura de cereaes e legumes, escolher, variar e alternar as melhores e mais perfeitas sementes que houver de lançar á terra, e preparal-as pór meio do processo sabido e cauteloso de as mergulhar em agua salgada ou de cal; com o que, além de obter productos melhores e mais perfeitos, economizando as sementes, evitará as molestias, e insectos, que atacam as sementeiras e searas:

3.° Fecundar a fertilidade das terras com estrumes vegetaes, animaes, ou compostos, apropriados ás mesmas terras, e especie de productos a que se destinarem:

4.° Empregar os mais perfeitos e expeditos instrumentos, utensilios, transportes, e officinas, na lavra, amanho, e colheita das producções, e processos ultimos de que ellas dependerem para o seu uso e consummo:

5.° Ter com boa escolha os precisos e mais uteis animaes de trabalho para o serviço da lavoira, e estrumes para as terras; e criar a possivel cópia de animaes e aves de economia domestica: segurando a sustentação de uns e outros com abundante provisão de forragens, e pastos naturaes e artificiaes das diversas qualidades, accommodadas aos respectivos locaes:

6.° Na creação de gados, escolher, melhorar, e aperfeiçoar successivamente as raças das respectivas especies e variedades de animaes; apar da criação de vaccas combinar o fabrico apurado de manteiga e queijos; e quanto a gado lanigero combinar os simultaneos proveitos da sua corpolencia, melhor e mais abundante lan, e queijo:

7.° Na plantação e cultura de arvores fructiferas, escolher as especies de plantas e arvores mais apropriadas aos terrenos pela sua qualidade e fertilidade experimentada nos locaes, aproveitando e utilizando ao mesmo tempo toda a superficie dos terrenos,

e vallados que os circundam, e enxertando incessantemente as arvores que se mostrarem esteris, ou pouco productivas:

8.° praticar com esmerada perfeição e boa-fé os processos ultimos de que dependerem as producções agriculas para se offerecerem ao consummo, e em especial no tocante á limpeza e sécca dos cereaes, e fabrico de vinho e azeite; afim de fornecer ao mercado interno productos desinganados, e subministrar ao commercio externo as excellentes e genuinas qualidades dos nossos vinhos para concorrerem, como merecerem, nos mercados extrangeiros; e preferindo em iguaes circumstancias, as arvores mais prestaveis á economia agricula, ás artes, á mecanica, e á construcção rural, urbana, ou naval.

(Continúa.)

Luis Antonio Rebello da Silva.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO X.

Valle de Santarem — Namora-se o A. de uma janella que ve por entre umas arvores. — Conjecturas várias a respeito da ditta janella. — Similhança do poeta com a mulher namorada, e inquestionavel inferioridade do homem que não é poeta. — Os rouxinoes. Reminiscencia de Bernardim Ribeiro e das suas saudades. — De como o A. tinha quasi completo o seu romance, menos um vestido branco e uns olhos pretos. — Sahem verdes os olhos com grande admiração e pasmo seu. — Verificam-se as conjecturas sobre a mysteriosa janella. — A menina dos rouxinoes. — Censura das damas muito para temer, critica dos elegantes muito para rir. — Começa o primeiro episodio d'esta Odyssea.

132 O valle de Santarem é um d'estes logares privilegiados pela natureza, sitios amenos e deleitosos em que as plantas, o ar, a situação, tudo está n'uma harmonia suavissima e perfeita: não ha alli nada grandioso nem sublime, mas ha uma como symetria de côres, de sons, de disposição em tudo quanto se ve e se sente, que não parece senão que a paz, a saude, o socêgo do espirito e o repouso do coração devem viver alli, reinar alli um reinado de amor e benevolencia. As paixões más, os pensamentos mesquinhos, os pezares e as villezas da vida não podem senão fugir para longe. Imagine-se por aqui o Eden que o primeiro homem habitou com a sua innocencia e com a virgindade do seu coração.

Á esquerda do valle, e abrigado do norte pela montanha que alli se corta quasi a pique, está um massisso de verdura do mais bello viço e variedade. A faia, o freixo, o alamo enterlaçam os ramos amigos; a madresilva, a musqueta penduram de um a outro suas grinaldas e festões; a congossa, os fettos, a malva-rosa do vallado vestem e alcatifam o chão.

Para mais realçar a belleza do quadro, ve-se por entre um claro das arvores a janella meia aberta de uma habitação antiga mas não dilapidada — com certo ar de confôrto grosseiro mas carregada na côr pelo tempo, e pelos vendavais do sul a que está exposta. A janella é larga e baixa; parece mais ornada e tambem mais antiga que o resto do edificio que todavia mal se ve...

Interessou-me aquella janella.

Quem terá o bom gôsto e a fortuna de morar alli?

Parei e puz-me a namorar a janella.

Incantava-me, tinha-me alli como n'um feitiço.

Pareceu-me entrever uma cortina branca... e um vulto por de traz... Imaginação decerto! Se o vulto fosse feminino!.. era completo o romance.

Como hade ser bello ver pôr o sol d'aquella janella!..

E ouvir cantar os rouxinoes?..

E ver raiar uma alvorada de maio?..

Se haverá alli quem a aproveite, a deliciosa janella?.. quem aprecie e saiba goser todo o prazer tranquillo, todos os sanctos gosos de alma que parece que lhe andam esvoaçando em tôrno?

Se fôr homem é poeta; se é mulher está namorada.

São os dois entes mais parecidos da natureza, o poeta e a mulher namorada: veem, sentem, pensam, fallam como a outra gente não ve, não sente, não pensa nem falla.

Na maior paixão, no mais acrysolado affecto do homem que não é poeta; entra sempre o seu tanto da vil prosa humana: é liga sem que se não lavra o mais fino dè seu oiro. A mulher não; a mulher apaixonada deveras sublima-se, idealiza-se logo, toda ella é poesia; e não ha dôr physica, interesse material, nem deleites sensuaes que a façam descer ao positivo da existencia prosaica.

Estava eu n'estas meditações, começou um rouxinol a mais linda e desgarrada cantiga que ha muito tempo me lembra de ouvir.

Era aope da ditta janella!

E respondeu-lhe logo outro do lado opposto; e travou-se entre ambos um desafio tam regular, em strophes alternadas tam bem medidas, tam accentuadas e perfeitas, que eu fiquei todo dentro do meu romance, esqueci-me de tudo o mais.

Lembrou-me o rouxinol de Bernardim Ribeiro, o que se deixou cahir n'agua de cançado.

O arvoredo, a janella, os rouxinoes... áquella hora, o fim da tarde... que faltava para completar o romance?

Um vulto feminino que viesse sentar-se áquel-

le balcão — vestido de branco — oh! branco por fôrça... a frente descahida sôbre a mão esquerdo, o braço direito pendente, os olhos alçados ao ceo... De que côr os olhos? Não sei, que importa! é amiudar muito demais a pintura, que deve ser a grandes e largos traços para ser romantica, vaporosa, desenhar-se no vago da idealidade poetica...

— 'Os olhos, os olhos...' disse eu pensando ja alto, e todo no meu extasi.

— 'Os olhos... pretos?...

— 'Pois eram verdes!

— 'Verdes os olhos... d'ella, do vulto da janella?'

— 'Verdes como duas esmeraldas orientaes, transparentes, brilhantes, sem preço.'

— 'Quê! pois realmente?.. É gracejo isso, ou realmente ha alli uma mulher, bonita, e?..

— 'Alli não ha ninguem — ninguem que se nomeie hoje, mas houve... oh! houve um anjo, um anjo, que deve de estar no ceo.'

'Bem dizia eu que aquella janella...'

'É a janella dos rouxinoes.'

'Que lá estão a cantar.'

'Estão, esses lá estão ainda como ha dez annos — os mesmos ou outros, mas a *menina dos rouxinoes* foi-se e não voltou.

— 'A menina dos rouxinoes! que historia é essa? Pois devéras tem um historia aquella janella?'

É um romance todo inteiro, *todo feito* como dizem os francezes; e conta-se em duas palavras.

— 'Vamos a elle. A menina dos rouxinoes, menina com olhos verdes! Deve ser interessantissima. Vamos á historia ja.'

— 'Pois vamos. Apeemo'nos e descancemos um bocado.'

Ja se ve que este dialogo passava entre mim e outro dos nossos companheiros de viagem.

Apeámo'nos com effeito; sentamo'nos; e eis-aqui a historia da *menina dos rouxinoes*, como ella se contou.

É o primeiro episodio da minha Odyssea: estou com medo de entrar n'elle porque dizem as damas e os elegantes da nossa terra, que o portuguez não é bom para isto, que em francez que ha outro não-sei-quê...

Eu creio que as damas que estão mal informadas, e sei que os elegantes que são uns tolos; mas sempre tenho meu receio, porque emfim, emfim, d'elles me rio eu, mas poesia ou romance, musica ou drama de que as mulheres não gostem, é porque não presta.

Ainda assim, bellas e amaveis leitoras, intendamo'nos: o que eu vou contar não é um romance, não tem aventuras inredadas, peripecias, situações e incidentes raros; é uma historia simples e singella, sinceramente contada e sem pertensão.

Acabemos aqui o capitulo em fórma de prologo; e a materia do meu conto para o seguinte.

Continúa A. G.

DOS TRIBUTOS ESTABELECIDOS NA ILHA DE S. MIGUEL. PRECEDIDO DOS DE PORTUGAL ETC. (*)

133 Afora estes antiquissimos direitos certos e geraes, recebiam os nossos soberanos alguns outros especiaes, e denominados *teiga d'abrão*; (1) a *passagem, usagem*, e *costumagem*. (2) os quaes eram insignificantes. Igualmente percebiam outros, que postoque fossem geraes, eram porêm incertos o adventicios, como as *collectas*, ou certos fructos na occasião em que passavam pelas cidades e villas; (3) os *direitos da chancellaria*, e as *dizimas* das *sentenças condemnatorias*; o *lucro dos thesouros achados*, e *das minas*; as *penas dos delictos*: os *bens vacantes*, ou *dos indignos*, ou *delinquentes*; e outros mais a que deram o character de direitos reaes, e que pelas leis romanas pertenciam ao fisco. (4)

Com tão pouco eram suppridas, no principio da nossa monarchia, as despezas da casa-real e do Estado! (E hoje....?! Avante!) Releva observarmos, que para as urgencias da guerra *contribuiam amplamente* as ordens militares, os mosteiros, e os fidalgos com as suas pessoas e bens, além do direito que tinham os reis d'aposentadoria, á custa dos povos, (5) e de lançarem *pedidos* para os seus cazamentos, e mais despezas extraordinarias: (6) pedidos e aposentadorias que não so disfructavam os monarchas, mas tambem os fidalgos nas suas respectivas terras, até que isto, ficando reservado ao rei como direito real, foi prohibido a todos os mais por el-rei D. João I; (7) prohibição ésta que se tornou extensiva aos ca-

(*) Continuado da pag. 93.

(1) Ord. Filip. liv. 2, tit. 33 § 22.

(2) Ord. Affons. liv. 2, tit. 5, art. 19: — no foral de Lx.ª art. — privilegios — e na collecção de Duarte Nunes de Leão, Part. 6. Lei 13.

(3) Mem. de Litt. Port. T. 2, pag. 199.

(4) Sist. dos Reg. T. 5, pag. 28. — Collec. 1.ª das Extr. ao liv. das Ord. tit. 2, N. 2.

(5) Nas côrtes de 1439 se concedeu exempção de aposentadoria da côrte á cidade de Lisboa, que subsequentemente se ampliou a outras cidades e villas; concorrendo para ésta mercê o infante D. Pedro, então regente do reino, a quem o povo, por este beneficio, quiz inaugurar uma estatua. A cidade de Lisboa ja anteriormente para se desonerar d'ésta despeza havia applicado certas rendas, que pagava o povo, e que depois renunciou a favor d'elrei D. Sebastião. — *Rui de Pina* na chron. de D. Aff. 5.º tit. 1.º dos Ined. — Mem. de litt. por. T. 2, pag. 82. — Sist. dos reg. T. 4, pag. 220.

(6) Antigamente se observou este costume, sendo as quantias precisas umas vezes pedidas e outras offerecidas, e quasi sempre em côrtes. — Elrei D. Affonso 6.º pediu ás ilhas dos Açores sete mil cruzados para ajuda do dote de sua irman, a rainha da Gran'Bretanha. Liv. 2.º fl. 30 do reg. ant. da camara da cidade de Ponta-Delgada.

(7) Ord. Aff. liv. 2.º tit. 24 § 20, e tit. 59, §§ 8 e 11 e liv. 5, tit 95.

pitães governadores das ilhas. (8) Os povos costumavam então lançar a si mesmos, em cada uma das cidades e villas, que precisavam de alguma obra pública, as fintas mais adequadas, quando lhe não chegavam as rendas do concelho. (9)

Do que vimos de relatar se infere, que os reguengos, as jugadas, e as portagens ou se percebessem por taxa ou por dizima, eram os unicos tributos certos que se pagavam aos senhores reis, no principio da lusa monarchia. Subsequentemente accresceu outro, de não menor importancia, imposto nas *compras* e *vendas* dos predios, e das mercadorias, a que deram o nome de *sizas*, devendo pagar-se *dous soldos por livra*, isto é, *dous de vinte*, que é o mesmo que dez *por cento*, ou a decima parte do preço porque se compravam, vendiam, ou escambavam os objectos, ou da estimação das permutadas: e devia ser paga igualmente por ambos os contrahentes, excepto se algum d'elles tinha privilegio de não pagar siza, porque então a fazenda so recebia metade, *perdendo a que o outro devia pagar.* (10) Este privilegio sempre recahia em benemeritos da patria.

D'este tributo podêmos procurar a origem na historia dos imperadores romanos: (11) Ha quem diga que elle foi conhecido em Portugal ja no tempo d'el-rei D. Affonso 4.º (12). Mas se reflectirmos, que fazendo os ecclesiasticos por muitas vezes grandes queixas a elrei D. Diniz por se lhes exigirem dizimas, portagens, tersas, e outros serviços pessoaes; (como se lê nas chamadas *concordias* celebradas n'este reino e em Roma) e que nunca se queixaram de se lhes pedirem *sizas*, (13) poderemos concluir que ellas não existiam no tempo d'este monarcha.

O sr. J. E. Rodrigues da Costa, tractando magistralmente d'este objecto, assim diz: «Não sabemos ao certo, em que tempo foram lançadas as *sizas*, mas por antigas noticias parece, que este imposto fôra desconhecido em Portugal até ao tempo de D. Diniz, e so teve principio no reinado de D. Affonso 4.º, pelos annos de 1345. Consta que no principio fôra uma contribuição voluntaria, que os povos distribuiam entre si, quando assim era necessario, para accudirem a alguma despeza pública; sendo d'este modo que os moradores de Setubal lançaram entre si *duas sizas*, para cercarem a villa de muralhas, que Affonso 4.º lhe mandou construir. Crescendo porem as despezas do Estado tornou-se necessario, que ésta imposição, de que os povos se serviam para supprir as despezas extraordinarias, e as das guerras, e *era supprimida logo que cessava o motivo para que fôra destinada*, se convertesse em tributo geral, cobrado pelas repartições públicas, e incorporado nas outras rendas que pertenciam á fazenda.» (14)

Não ha para duvidar que as *sizas* foram conhecidas e lançadas no tempo d'el-rei D. Affonso IV, e que igualmente existiram no tempo do seu successor D. Pedro I: porque na representação que a este monarcha endereçaram os ecclesiasticos, de que os obrigavam a pagar fintas, e *sizas pera refazimento dos muros*,

Pedro, que amores teve com a justiça
Real, e não cruel inclinação. [15]

ordena, *que se guarde, e use sobre ello pela guisa, que se sempre usaarom ataa a morte d'el-rei nosso padre, a que Deus perdoe, e despois ataa ora.* [16] E quando el-rei D. João II, nas côrtes que começou em Evora no anno de 1481, se viu instado para tirar as sizas, na resposta que deu não póde marcar a origem d'este antigo tributo anterior ao reinado d'el-rei D. Affonso IV. [17] No d'el-rei D. Fernando tambem as sizas se pagaram, e com a notavel circumstancia, [que não devemos omittir], de que queixando-se os povos nas côrtes celebradas em Lisboa em 1372, de que os ecclesiasticos e os fidalgos as duvidavam pagar, o monarcha deferiu, mandando, *que uns e outros as pagassem, como qualquer do povo.* [18] Cumpre-nos porém notar, que éstas sizas do tempo dos senhores reis D. Affonso IV, D. Pedro I, e D. Fernando, não foram geraes nem perpetuas, mas temporarias, e applicadas para certas obras públicas, e para outras urgencias do Estado. Isto mesmo se observou nas côrtes, que el-rei João I convocou em Coimbra em 1387, onde se lançaram *sizas geraes*, mas tão somente por um anno, para as despezas da guerra, que elle gloriosamente sustentou, contra as pretenções de Castella: [19] e nas côrtes de Braga, celebradas n'este mesmo anno, se obrigaram os povos a pagar para as sobreditas despezas, por um anno, as referidas sizas dobradas. (20)

É porém indubitavel, que aindaque este tributo, começasse com restricção de tempo, veio a perpetuar-se: tanto assim, que nas côrtes que el-rei D. João I convocou em Evora em 1408, se fez consignação do *terso das sizas* para reparo das fortalezas do reino. (21) e este mesmo monarcha firmou e aclarou os artigos porque d'antes se regulava e cobrava este tributo; os quaes seu filho o sr. D. Duarte ampliou, e seu neto o sr. D. Affonso V aperfeiçôou nos artigos sôbre a percepção d'este tributo, promulgados em 27 de setembro de 1476. (22) E mais evidentemente reconheceremos, que as sizas so começaram a ser geraes e perpetuas no tempo d'el-rei D. João I, quando reflectirmos sôbre a naturesa das representações, que a este respeito lhe fizeram os ecclesiasticos, e os fidalgos. Disseram aquelles: «que os officiaes das sizas os citavam e demandavam para se ajustarem com elles pelo que deviam

(8) Ord. Manuel. Liv. 5, tit. 69 ao princ.
(9) Ord. Filip. liv. 1, tit. 66. § 41.
(10) Apontamentos para a historia dos impostos em Portugal pelo sr. J. E. R. da Costa, 1844.
(11) Augusto fez pagar a centecima das compras, e Theodozio introduziu o chamado — siliquatico, que se pagava nas feiras. — Mem. de litt. port. T. 2, pag. 341.
(12) Inst. jury. civ. lus. Pasc. J. de Mello, liv. 1, tit. 4, na nota do § 9.º
(13) Ord. Aff. liv. 2, tit. 1.º, 2.º, 3.º, e 4.º Tractado de Manu regia. T. 1.º no fim.
(14) Cabbedo, part. 2, Dec. 113, n.º 2.º — e Apont. para a hist. dos Imp. em Port. art. sizas.

(15) Sá de Miranda
(16) Ord. Aff. liv. 2 tit. 5 art. 1.
(17) Ord. Aff. T. 1. na prefação pag. 10.
(18) Ord. Aff. liv. 4. tit. 47 § 1.º
(19) Mem. de Litt. Port. T. 2., pag. 68.
(20) Mem. de Litt. Port. T. 2. pag. 68.
(21) Ibidem pag. 75.
(22) Quem se der ao trabalho de ler estes artigos das sizas, observará o que foi ordenado por el-rei D. Affonso V, por seu pai, e por seu avô; bem como o que se praticava n'esta cobrança temporaria nos reinados precedentes.

pagar por todo o anno, ainda mesmo das rendas ecclesiasticas,» (23) E disseram estes, nas côrtes de Coimbra de 1398: «que deviam ser exemptos de as pagar, ao menos d'aquellas coisas que compravam ou vendiam, para estarem preparados para servir o Estado. Ao que el-rei respondeu: « *que as sizas haviam sido lançadas em côrtes, com assistencia dos ecclesiasticos, dos fidalgos, e dos povos, e que alli se estabelecêra, que nem as mesmas pessoas reaes ficassem exceptuadas.* » (Que tempos aquelles tão felizes! Que legislar tão livre! Que monarchas tão respeitadores das deliberações dos representantes da nação! Eis como n'aquellas epochas se estabelecia a verdadeira igualdade perante a lei!)

Queixaram-se finalmente os ecclesiasticos a el-rei D. Affonso V, na chamada *concordia* que com elle celebraram; «de que os officiaes *não contentes de arrecadar as ditas sizas, como se arrecadarom em tempo de vosso avó e padre, se esforsom ora varejar, e ter comnosco aquella maneira que tem com qualquer mercador e regatão.* » (24) Aqui manifestamente se reconhece que elles so se referem á origem d'estas sizas geraes e perpetuas, ao tempo do avô do sobredito monarcha, o sr. D. João I.

Qualquer porém que fôsse a sua origem, natureza e applicação, é incontroverso que el-rei D. João I as começou a contar entre as coisas que pertenciam á sua real fazenda, como poderemos observar nas explicações que fez a alguns artigos das sizas: (25) e ainda melhor na resposta dada aos fidalgos, em que claramente diz: «que se ellas não fossem pagas por todos *nom teeria el-rei tanto perque se podesse manteer, nem os encarregos da sua terra maiormente em tempo de guerra.* » (26).

(Continúa.)

B. J. Senna Freitas.

BIBLIOGRAPHIA.

TRADUCÇÃO.

134 Sr. Redactor. — No último número da REVISTA annuncia-se a importante obra do illustre sabio de Berlin, o barão d'Humboldt, com o titulo — *Cosmos*, cujo 1.º volume sahira ja em allemão, e se acha traduzido em francez; sentindo-se a demora que deverão ter os outros dois volumes, que de tres constará toda a obra.

Certamente será muito rica em factos, e muito vasta em sua comprehensão, quanto o pedem os materiaes collegidos pelo illustre sabio, que tem sabido collocar-se na altura da sciencia; e ainda mais pela elaboração intellectual de tão sublime escriptor. Sua obra fará esquecer a perda da grande obra do philosopho antigo Democrito, intitulada *Macroscomo*.

Ha tempos tinha eu visto nos jornaes extrangeiros annunciada esta nova obra do sabio barão, e tive logo muito desejo de a ver.

Este meu desejo recresce agora com aquelle seu annuncio, sendo muito natural que nasça o mesmo desejo em seus numerosos leitores. E para prevenir a todos os portuguezes sobre o meio mais facil de a lerem e possuirem, é que eu me dirijo a V. pedindo-lhe o favor de publicar na sua REVISTA ésta minha carta, em que declaro que eu me offereço ao publico para lhe traduzir na lingua materna aquella grande obra — *Cosmos*, do barão d'Humboldt, accrescentando-lhe algumas notas quando me pareçam interessantes.

E faço ésta promessa ao publico na convicção de lhe prestar um importante serviço; prevenindo-o de que não a poderei realizar sem me persuadir que será bem acceita; e o meio de me convencer será abrindo uma subscripção até cubrir as despezas de costeamento.

Por este modo cumprirei, ao menos em parte, uma promessa que vae para tres annos, eu tinha feito ao publico, na minha memoria — *Medicina sem medicina*, a pag. 21, que ainda não foi possivel realizar, nem sei quando será. Prometti eu em 1843 publicar um trabalho com o titulo — *O Microscosmo na Macroscomo: o mundo pequeno no grande mundo: o homem na natureza.* Muita relação devem ter estes nossos trabalhos: e muito estimo eu que tão habil penna me venha ministrar um auxilio de que tanto carecia, e que me seria impossivel obter por minhas proprias forças; sobre tudo quanto á sua vastidão, e quanto á analyse e synthese dos factos, e finalmente quanto á elaboração da materia etc. Por éstas razões me julgo eu obrigado a fazer ésta traducção; e até o público com direito a esperal-a de mim.

Esperando da sua bondade o favor que lhe peço, espero tambem que satisfará o desejo dos seus leitores, e me obrigará muito por ser etc. *Jacinto Luiz d'Amaral Frazão.*

BREVES NOÇÕES DE GEOGRAPHIA PARA USO DAS ESCHOLAS PRIMARIAS; *pelo Dr. B. J. da S. Carneiro.* Coimbra: na imprensa da Universidade — 1845.

Tinha o Sr. Dr. Carneiro ainda no prelo os seus *Elementos de Geographia e Chronologia para uso das escholas* (de que demos noticia no precedente volume d'este jornal), quando pelo *Conselho superior d'instrucção publica* foi incumbido de ordenar umas *Breves Noções de Geographia*, accommodadas ás primeiras idades. Satisfez immediatamente a tão honroso encargo, e intendeu que para dignamente o preencher a melhor fórma de discurso era o dialogal, e em facil e corrente linguagem. O Conselho approvou este opusculo, que é o maximo dos elogios que se lhe podem fazer; n'elle resplandece effectivamente singelleza d'estylo, concisão, bôa ordem, e uma certa naturalidade nas transições muito para apreciar e louvar em escriptos d'este genero. Desejaramos porém [permitta-nos o eximio professor este leve reparo] que no que respeita ao nosso reino fosse menos breve. Doeu-nos o coração ao ver as poucas linhas que dedicou a este paiz abençoado, e tão mal conhecido de seus proprios naturaes. E' certo que o titulo do opusculo como que justifica este laconismo; porém se, n'este ponto somente, remittisse um pouco tão rigorosa concisão, ninguem, cremos nós, o extranharia.

Mas ainda assim, não aguarentamos, expomos a nossa opinião, que so pertendemos valha como tal.

R. de Gusmão.

INSTRUCÇÕES SECRETAS DOS JESUITAS, traduzidas de um manuscripto flamengo do seculo XVII. — Lisboa 1845. (*)

Nas presentes circumstancias em que uma nova grita de guerra resoa, ao mesmo tempo em diversos paizes contra a Companhia de Jesus — em que entre os defensores e entre os inimigos d'ella, depois de uma longa, azeda, violenta polemica, depois de um sem número de accusações e de apologias, acaba de travar-se uma lucta encarniçada e que ja foi sanguinolenta — o opusculo de que damos noticia não póde deixar de estimular a publica curiosidade. A proposito d'elle, e por occasião d'elle, infindas cousas poderam dizer-se, e pouco mais que nada devemos e queremos dizer n'este logar. Talvez os leitores se julguem com direito a fazer-nos duas perguntas a tal respeito, visto darmos conta d'ésta publicação, a saber: o que pensâmos acerca da *authenticidade* das *Instrucções secretas*: e qual é a nossa opinião relativamente á mesma por certo muito importante causa jesuitica, que tem suscitado e continúa a suscitar *truces inimicitias et funebre bellum.*

(23) Ord. Aff. liv. 2. Tit. 7 art. 17 e 19.

(24) Gabriel Pereira de Castro no tract. de Man. Reg. t. 1.º ao fim — Concordia art. 4.º — e Ord. aff. liv. 2. tit. 59 §. 1.º, onde se encontram coisas muito notaveis.

(25) Sirva de prova o cap. 1.º no §. 2.º, dos ditos artigos das sizas, onde se le — nossos direitos.

(26) Ord. aff. liv. 2. tit. 59. § 1.º

(*) Vende-se na livraria de Silva — Praça de D. Pedro n.º 82.

Satisfaremos candidamente á primeira pergunta, responderemos á segunda, que nos conservâmos por agora em stricta neutralidade.

Diremos pois com a promettida franqueza, que não nos inclinâmos a admittir como genuino o preconisado manuscripto flamengo; sem que por outra parte intendamos duvidar da boa fé do editor Bruxellense. Fundam-se nossos escrupulos primeiramente na multiplicidade de taes pretendidos documentos, achados, ou que se tem dito achados em differentes tempos e paizes, e que todos elles diversificam consideravelmente uns dos outros em pontos momentosos. Um d'elles temos agora ante os olhos, o qual não conforma com o flamengo, nem em quanto ao estylo, nem em quanto á ordem das materias, nem quanto ao conteúdo da mor parte dos seus capitulos e paragraphos. Intitula-se *Mundo Jesuitico*, é escripto em italiano, e impresso em Lugano na Suissa, em 1759. Em segundo logar parece-nos pouco verosimil que os prelados maiores da Companhia reduzissem a escriptura; estatutos e recommendações que revelavam a existencia de um plano insidioso, e uma tendencia perniciosissima debaixo de todos os aspectos. Dos primeiros geraes não ha presumir tanto requinte de malicia, constando que foram abalisados em santidade. Os que se lhes seguiram, dado que degenerassem da primitiva virtude, foram todos incontrastavelmente dotados de grandes luzes e consummada discrição. Ora sendo taes, como se poderá facilmente admittir, que ignorassem os meios de communicar aquellas instrucções practicas aos adeptos destinados ás altas funcções da sua tão bem organizada republica, ou antes monarchia, por meio de uma tradição oral, por com o que evitariam o perigo de se divulgar tarde ou cedo um arcano de tanta supposição e melindre? Em poucas palavras, apezar da convicção e tom affirmativo do Sr. Esslens, o manuscripto Bruxullense, em nosso humilde intender, não é mais genuino que o *mundo jesuitico*, e outras muitas publicações analogas, que com elle offerecem algumas conformidades, mas por outra parte tambem muitas disconcordancias. Em quanto á innocencia, sanctidade e utilidade, ou corrupção, veneno, e noxividade da celeberrima Companhia, cumprindo a nossa palavra, nos absteremos de emittir a nossa opinião, no que certamente não ficarão perdendo nem os seus panegyristas nem os seus detractores.

Somente nos aventurâmos a deplorar a virulencia, injustiça e parcialidade com que se pelejam estes combates em ambos os campos inimigos. Quando as accusações são tão graves, as recriminações tão atrozes, sem grande risco de errar se póde inferir que de uma e outra parte ha encarecimento e semrazão. Quem discorre como acabâmos de discorrer não agradará provavelmente nem aos discipulos de Loyola, nem aos leitores de Montloisier, de Dupin e de Michelet; mas tem jus de dizer aos primeiros, que bem se póde deixar de pertencer á Companhia-de-Jesus, sem deixar de ser membro da igreja fundada por Jesus; e aos segundos, que sem contradicção nem difficuldade se podem prezar os beneficios da moderna civilização, e aborrecer o phanatismo e brutal intolerancia, sem approvar tudo o que em desabono dos Jesuitas se tem escripto, desde Melchior Cano até Edgar Quinet. Finalmente nem os fautores, nem os adversarios da famigerada e perseguida Congregação, nos devem fazer um crime do scepticismo com que nem acreditâmos na authenticidade da *constituição secreta do imperio dos solipsos*, nem na existencia da alliança de *Burgo Fontana*: tam pouco nos poderão levar a mal, se ao lermos as *Provinciaes* de Pascal, e as *Memorias* de Barruel, não perder-mos de mira quantas falsidades acredita, inventa, e assoalha o *antagonismo* das escholas, e o espirito de partido.

L...

THESOIRO JUVENIL, ou Noções geraes de conhecimentos uteis, para uso das Escholas, por *Luiz Francisco Midosi.* — Lisboa 1845.

Este opusculo destinado principalmente á instrucção dos meninos que frequentam as escholas primarias, subministra-lhes um grande numero de noções que, sem o seu auxilio, só muito mais tarde possuiriam, e muitas outras a que talvez ficassem perpetuamente extranhos, se a sua vocação e demais circumstancias lhes não houvessem de abrir estrada para as carreiras liberaes.

Além da utilidade que sempre resulta da diffusão de conhecimentos scientificos, e da explicação das causas de muitos phenomenos; mediante a qual se despem infindos preconceitos admittidos sem exame pelos individuos pertencentes ás classes illitteratas, prescindindo (dizemos) d'esta vantagem de não pequena monta, o *Thesoiro juvenil* póde ainda prestar outro serviço: A sua leitura é azada a excitar nos meninos não só uma vaga, sempre louvavel, curiosidade de estudar, senão tambem, porventura, uma precoce (não prematura) predilecção por alguma das muitas sciencias, artes e profissões, de que alli se lhes dá a definição e uma succinta noticia. Que admiração seria se o antegôsto que de alguma d'ellas tomarem no compendioso livrinho, despertasse n'elles um appetite que depois procurem saciar dedicando-se ao seu estudo ou exercicio com ardor e antecipada complacencia!

A lacuna que o digno e conspicuo auctor do *Thesoiro juvenil* accusa no seu prefacio, relativamente á instrucção elementar, existia comeffeito em Portugal, principalmente antes da publicação do *Manual Encyclopedico* do Sr. Monteverde, ao qual a mocidade, e o paiz em geral, devem n'este ponto assignalado serviço. O Sr. Midosi adoptando plano não de todo conforme, mas, em outro genero, igualmente racional e bem combinado, muito concorre, pela sua parte, para que vamos, em assumpto de tão vital importancia, seguindo o trilho que ha tanto tempo nos tem sido indicado pelas outras nações; e por ésta e outras publicações de analoga natureza se constitue benemerito de seus compatriotas.

Oxalá (e assim o esperâmo confiadamente) que elle continue a incontrar da parte do público a animação de que se tornam credoras as suas proficuas tentativas, em beneficio do desinvolvimento intellectual da juventude portugueza. Um pedido temos que dirigir ao Sr. Midosi e vem a ser, que ministrado este, a que chamaremos leite de instrucção litteraria elementar, fosse desde ja preparando para a adolescencia alimento algum tanto mais solido e substancial.

Veio-nos por acaso ás mãos ultimamente um manual allemão para uso das escholas de ensino primario, composto por V. Hanssen e P. Hennings, impresso em Meldorf em 1844, e achamo-lo tão rico, e variado em precizas noções de historia natural, physica e chymica, moral, politica, estatistica, geographia etc., tudo attemperado á capacidade pouco mais que infantil dos estudantes a quem é consagrado, que se nos despertou um ardente desejo de ver dado entre nós mais amplo desinvolvimento aos planos eminentemente uteis dos patrioticos e illustrados auctores do *Manual-Encyclopedico*, e do *Thesoiro-juvenil.*

L...

LIVRARIA CLASSICA.

A 'Livraria classica' concluiu com o seu 7.º vol. os excerptos das obras do padre Manuel Bernardes.

A exemplo da Italia, da França, e da Hispanha, que teem collecções similhantes dos seus melhores prosadores e poetas, insisto em louvar e apreciar muito o pensamento da 'Livraria-classica' mas seja-me permettido tambem insistir n'alguns pontos da sua execução. Em minha opinião (que como opinião simplesmente o digo) os escriptos do P. Bernardes, comquanto numerosos, não dariam quando muito para mais de quatro volumes de trechos selectos; mas dessem ou não para mais, o número de sette, ou qualquer outro número impar, é que me parece inconveniente nos escriptores d'esta collecção, pela simples razão de que havendo-se os volumes de incadernar dois a dois, (aliás a continuar a 'Livraria-classica', como se ha mister e muito é de desejar, chegaria ella a um número incommodo de pequenos livros) é claro que o número impar desconcerta essencialmente este natural e a todos os respeitos conveniente arranjo.

O 7.º vol. vem inriquecido de uma 'noticia sobre a vida e obras do P. Bernardes' em que com toda a competencia, justiça e elegancia, se apreciam as duas mais relevantes qualidades dos escriptos dos P. Bernardes — a graça do estylo e a natu-

lidade e opulencia da linguagem. Éstas notícias sôbre os AA. que fornecem os excerptos, da maneira porque e por quem são feitas, é mais uma grande recommendação a favor da 'Livraria-classica.'

Com o 8.° vol. começaram os excerptos do Cancioneiro dito do 'Collégio dos Nobres.'

ERRATAS.

Pag. 108, col. 1.ª, lin. 19 — carregadas, lea-se: *cerradas*.
Ib. col. 2.ª, lin. 13 — montanhas, lea-se: *manhans*.

VARIEDADES.

O MEZ DE SETEMBRO.

135 O signo d'este mez é a *balança*: mas balança sem *fiel*, quer na fortuna dos homens quer no galardão das suas boas acções, diga o que quizer o nosso astrologo: eisaqui o seu vaticinio:

> Quem nasce n'este bom signo
> Honras merece e alcança:
> É varão constante e recto,
> Probo, de siso e temp'rança.

Eu não nasci tal, mas quer nascesse quer não, honrado sim, mas ja hoje não acredito nas recompensas da terra: foi-se-me a fé... e a não ser nas *harmonias numericas* de Fourier em mais nada espero achar ventura. É um effeito de mau-humor como outro qualquer: pois será...

Este mez tem 30 dias. A sua lua começou no dia 3 de agosto e acabará no seu dia 1. Os dias diminuem 38 minutos de manhan e 38 minutos de tarde. O seu dia maior é o 1.° que tem 13 horas e 2 minutos. No dia 1 nasçe o sol ás 5 horas e 61 minutos e põe-se ás 6 h. e 29 m.: no dia 30 nasce ás 6 h. e 9 m. e põe-se ás 5 h. e 51 m.

N'este mez começa a terra a despojar-se de alguma de sua verdura: fazem-se as vendimas, e colhem-se os fructos chamados de outono.

Os gregos celebravam n'este mez festas a Jupiter, para que elle abrandasse a sua colera e não mandasse grandes tempestades: celebravam tambem o anniversario da batalha de Platea, em honra dos seus concidadãos mortos na peleja. Os egypcios tinham as suas festas de Mercurio, e outras em que era da etiqueta comer peixe assado á porta-da-rua. A 4 d'este mez começavam os jogos romanos que duravam oito dias. No dia 13 celebravam a festa do capitolio, e no dia 15 começavam os grandes jogos circences que duravam cinco dias. A 23 bebia o summo-sacerdote de Bacho vinho-novo, pela primeira vez e publicamente, dizendo em voz alta: *Novum velus vinum bibo, novo veteri morbo medeor*.

> Bebo vinho velho e novo:
> Cura o novo achaques velhos.

EPHEMERIDES.

1, enlsou, em Lisboa o primeiro tributo do Oriento [1503] — 3, conquista das cidades de Azamor, Tite e Almedina [1513] — 8, synodo bracharense [1566] — 20, primeira acção militar de D. Nuno Alvares Pereira [1382] — 21, conquista da cidade de Zafim [1506] — 27, fundamentos para a primeira povoação em Pernambuco, no reinado de D. João III — 28, descoberta de Malaca por Diogo Lopes de Sequeira [1509] — 30, entrada de Lopo Soares de Albergaria em Ceylão [1518].

CORREIO EXTRANGEIRO.

136 O auctor mais fecundo dos nossos dias, mais applaudido e mais rico de todos que tem pegado na penna depois de Voltaire, é o celebre Eugenio Scribe, membro da academia franceza. Este fecundissimo escriptor possue o rendimento annual de 150,000 francos, quasi vinte e oito contos de réis.

Infelizmente parece ser ésta uma epocha de incendios: ao de Smyrna, de que ja demos noticia, e ao do arsenal de Toulon, de que abaixo fallâmos, devemos accrescentar: o da ilha-Bourbon, onde tambem ardeu um brigue de guerra francez; outro na ilha de Cuba, cujo prejuizo se avalia em 4 milhões de francos; o da Nova-Yorck, de que ainda se ignoram todos os detalhos; o de Quebec, pela segunda vez, em que arderam mais de 3,000 casas e 20,000 pessoas ficaram sem asylo, avaliando-se o prejuizo em 1,300,000 libras-sterlinas; o de Ternova, na Bulgaria, e finalmente uma galera americana perto da ilha Terceira.

O reinado do *feuilleton* existe hoje com todo o seu esplendor em França. Nada se póde comparar á competencia dos jornaes na publicação dos seus *feuilletons*, e á porfia em assalariarem (perdoem-nos os illustres litteratos a expressão se ella porventura soa mal ou seus ouvidos) os melhores romancistas da França, senão a pasmosa fertilidade d'estes. Alexandre-Dumas obrigou-se a não escrever, por espaço de cinco annos, senão para os jornaes *Presse* e *Constitutionnel*: ao presente publica elle tres differentes romances ao mesmo tempo em tres diversos jornaes, e obriga-se a fornecer desoito volumes por anno, nove para cada um dos sobreditos jornaes! Frederico Soulié fez um contracto analogo com o *Siècle* e a *Presse*. Entre nós tambem parece que vai começar o interesse e a guerra do folhetim; mas la em França sabe-se que ésta parte dos jornaes é paga a pêso do dinheiro: ca porém *tolera-se, pede-se, agradece-se*, quando muito, a inserção de um folhetim.... Ha todavia n'isto um problema curioso de resolver: guardada a relação da extracção entre os dois paizes, porque acontece assim? Acaso as empresas dos nossos jornaes não pagam os folhetins por falta de merito nos escriptores, ou não ha melhores escriptores pela falta de generosidade das emprezas? E pelo que toca a extracção; não lê mais o público porque lhe não offerecem boa leitura, ou não lhe podem offerecer boa leitura porque elle não lê? *Qui potest capere capiat*.

Os estudantes do collegio de Bebeck, em Constantinopla, deram uma representação dramatica na noite de 16 de junho. As peças escolhidas foram: uma comedia de Shakspeare 'The Merchant of Venice' em inglez, e outra comedia de Molière 'Le Malade Imaginaire' em francez. A execução foi victoriada com geraes applausos pelos espectadores; e notou-se que, apesar de todos os executantes serem turcos, declamaram o inglez e francez com muita perfeição.

Uma ordem do imperador da Russia permitte, durante todo o corrente anno, a importação de cereaes livres de direitos, nos portos de Riga, Pernau e Revel, nas costas do Baltico.

Viajam hoje juntos pela Allemanha: a rainha de Inglaterra e seu esposo, a familia real da Prussia, o rei e a rainha da Belgica, e o principe de Metternich.

A rainha Victoria, o principe Alberto, e a familia real da Prussia, foram a Bonn, no dia 12 do passado, assistir á inauguração do monumento do celebre compositor Beethoven.

O arsenal da marinha de Toulon, o melhor dos tres arsenaes de França, incendiou-se no dia 1.º do corrente. O fogo rebentou com tamanha impetuosidade que o edificio foi quasi todo consummido com o seu riceo deposito de madeiras para construcções. Ésta circumstancia tem feito suspeitar que alguns presos que havia no arsenal lhe lançassem fogo para se evadirem a favor da confusão, o que effectivamente se realizou logo no começo do incendio. Avalia-se a perda em oitenta milhões de francos.

O imperador de Marrocos estabeleceu em Fez uma eschola militar á europea para 500 mancebos.

O imperador d'Austria acaba de prohibir que dentro do seu imperio se estabeleça mais nenhuma companhia para construcção de carris-de-ferro até o anno de 1850. Durante este periodo deverão estar concluidos todos os carris actualmente em construcção.

No mez de junho último o número de passageiros que transitaram pelos caminhos de ferro na Austria, subiu a 1,103,000, isto é: 87,000 mais do que no mez de junho do anno passado.

A marinha parece ser hoje a predilecção de todas as familias reinantes da Europa. Na Hispanha o infante D. Henrique, na França o principe de Joinville, na Austria o archiduque, na Hollanda o segundo genito e na Suecia o terceiro filho do rei, na Russia o gran'duque Constantino, em Napoles o irmão do rei, no Egypto o filho do Bachá, são todos officiaes de marinha e em serviço activo.

Brunel, o ingenheiro auctor do tunnel do Tamisa, inventou uma locomotiva para os caminhos-de-ferro que augmenta consideravelmente a celeridade do transporte: com ésta nova machina fazem-se mais de dezeseis leguas por hora.

Dentro em pouco estará Genova em communicação com a Suissa por duas grandes linhas de carris-de-ferro, que darão summa importancia ao commercio maritimo: ja era tempo que ésta cidade, uma das rainhas do commercio na idade-media, adquirisse alguma coisa da sua perdida grandeza.

CORREIO NACIONAL.

137 No 'Angrense' de 3 de julho último le-se a curiosa captura de um negro que com quatro marujos de uma baleeira costeava a ilha Terceira dentro de um bote, sem recorrer aos soccorros de terra, nem podêr conjecturar-se como e porque se achavam n'aquelles mares confiados unicamente, ao que parece, nos seus tenues recursos.

Ésta captura não póde fazer-se sem muita resolução e zêlo do administrador do Conselho do Topo. O bote tem a marca: *S. T. Parker — Faire Haven.* O negro disse que a sua baleeira era dos Estados-Unidos e tinha ido a pique na altura das Flores.

O sigillo da confissão, segundo parece, está completamente violado; nem menos de tres empresas se propoem a publicar em Portugal *os peccados mortaes* de Eugenio Sue.

Hoje (28) da-se no 'Circo' um bello espectaculo: é uma valsa equestre dançada por oito cavallos montados por quatro cavalleiros e outras tantas cavalleiras. M. Laribeau é incansavel nos seus esforços para dar variedade e attracção aos seus espectaculos.

A Sr.ª Judith Rugalli, que adquiriu tamanho número de admiradores quantos foram o que tiveram o gôsto de a ver dançar a karkovienna no theatro do 'Salitre,' pela seductora graça com que o fazia, acaba de ser escripturada para o Theatro de S. Carlos. Era uma Graça que andava fóra do templo das musas, justo foi que tomasse o logar que lhe pertence.

A sempre incantadora Cintra tornou-se no dia 24 um paiz de fadas. Celebrou-se a antiga festa da Pena, O concurso ouvimol-o avaliar sôbre seis mil pessoas. O real palacio da Pena e o vistoso da serra apresentavam por todos os lados um panorama magnifico, impossivel de incontrar complexo em nenhuma outra parte do mundo. Á noite a quinta illuminada do Sr. Marquez de Vianna redobrava as maravilhas das vistas do dia, pela sua situação e o brilho dos lumes entre o frondoso do arvoredo. Se com o pensamento vos isolasseis da terra, dissereis estar n'um magico eden mais delicioso que os jardins de Armida.

A caixa-economica da Companhia 'Confiança' recebeu 6:108$440 réis, restituiu 3:545$500 réis, e teve 16 depositantes novos, na semana finda em 23 do corrente.

Parece que na cidade do Porto se vai estabelecer uma carreira de *Omnibus* para a Foz, trez veses por dia.

De ha muito que tributâmos homenagem ao Sr. *Francisco Mendes Cardoso Leal Junior*, pelos seus conhecimentos theoricos e praticos em chymica, e por seus outros muitos meritos; hoje porém, como portuguez que somos, lhe damos tambem sinceros agradecimentos pelo serviço prestado a uma das nossas artes — a de fogueteiro, que póde-se dizer, ia morrer em abandono, por causa do novo gôsto de fogos colorados ultimamente introduzido pelo Sr. *José Osti.*

Mas no 'Diario do Govêrno' de 18 d'agosto, vem o seguinte annuncio que bastante honra o seu auctor, e bom serviço faz á nossa industria.

«O preparador de chymica da eschola polytechnica e da Casa-da-moeda, convida a todos os fogueteiros nacionaes para lhes ensinar a preparar os fogos de artificio colorados. No seu laboratorio chymico na antiga igreja demolida do Carmo.»

CONHECIMENTOS UTEIS.

HERVA-TURCA.

138 Ao escriptorio da REVISTA tem affluido grande número de pessoas para examinarem ésta herva cujas virtudes foram indicadas pelo Sr. P. B. no n.° 9 d'este jornal. Muitos assignantes da REVISTA, de fóra de Lisboa, pediram tambem pequenas porções d'ésta herva, para a maior parte desconhecida.

A Administração da REVISTA achou-se em embaraços para satisfazer a todas éstas requisições que lhe eram feitas em nome da humanidade. A porção que lhe fôra remettida era pouca e sècca. Recorreu porém ao bondoso ânimo do Sr. J. P. de Lima, de Torres-Vedras, que se dignou enviar para o escriptorio da REVISTA outra pequena porção d'ella verde. A Administração tem pois o gôsto de annunciar aos assignantes d'este jornal que está habilitada, e continuará a sêl-o, para lhes fornecer as amostras que lhe forem exigidas.

Algumas indicações botannicas, devidas em parte ao mesmo Sr. J. P. de Lima, completarão tudo que a este respeito a Redacção póde dizer.

Ha duas especies de *herva-turca*, uma lisa e sem cabello (*herniaria glabra*, de Linneu), outra aspera e cabelluda (*herniaria hirta*). Os francezes chamam *turquette* ou *herniole* a uma, e *herniaire-velue* a outra. Alguns pharmaceuticos conhecem-na pelo nome de *herniaria multigrana serpylifolia*, ou *polyganum minus*, *et milegrana maior*. As suas virtudes diureticas, astringentes e proprias para a cura das hernias, são therapeuticamente conhecidas; mas no nosso paiz mesmo existe de ha muito, grande fé nas suas qualidades medicinaes; póde ver-se Curvo nas 'Observações medicas'. J. B. de Andrade na sua 'Memoria sôbre os bosques', pag. 100, diz que ella se dá muito bem nos areaes; é o mesmo torrão que para sua cultura lhe assignalam os francezes.

COMMERCIO DOS AÇORES.

139 Nas folhas inglezas incontra-se uma notícia singular. A Inglaterra é, como todos sabem, chamada ironicamente a 'terra das batatas,' não so pelo decidido gôsto dos inglezes para este fructo, mas pela grande cultura d'ellas que n'aquelle territorio se faz, e pela sua excellente qualidade. A abundancia é tal que permitte uma ampla exportação das sobejidões do consummo — apezar de serem as batatas uma das producções da natureza mais capaz de ser aproveitada em muitos e differentes usos, todos na Inglaterra praticados: ha poucos annos ainda, póde-se dizer que em Lisboa se não comia batata senão ingleza.

Apezar d'isso tudo porém, ha um solo ainda mais fertil n'esta producção, ha uma terra que ousou importar batatas na 'terra das batatas' — ésta terra é o archipelago dos Açores, torrão abençoado, capaz de todas as producções se os seus habitantes, conhecendo os seus interesses, se entregassem á industria agricula e commercial para que a natureza os convida e a indole parece affugental-os.

Um navio dos Açores carregado de batatas aportou a Londres. A novidade fez sensação; mas foi bem recebida: os inglezes, que teem voto na materia, acharam no fructo açoriano algumas qualidades preferiveis ao do seu paiz: além d'isso o clima dos Açores permittindo a apanha das batatas muito mais cedo do que na Inglaterra, dá aos habitantes d'Albion o prazer de saborearem o fructo predilecto um mez antes de o poderem obter indigena.

Éstas circumstancias poderiam produzir para os Açores um novo ramo de commercio; mas é necessario que a prudencia e a intelligencia lhe presida: primeiro que tudo carece-se de fazer acreditar o genero, e attrahir consummidores. O fructo exportado deve ser escolhido d'entre o melhor. Os fructos dos Açores são pouco duradoiros; a podridão alcança-os depressa: é uma condição do clima, do torrão talvez, que os cuidados da cultura poderiam porventura prevenir alguma coisa; mas é; e n'esse caso convem procurar o local em que o fructo seja de melhor qualidade e mais duradoiro. Todos os dias a experiencia está mostrando o muito que se perde para sempre pelo pouco mais que se ganha d'uma so vez. Não ha muitos annos fizeram-se da Inglaterra incommendas de trigo para Lisboa. A cobiça apoderou-se d'uns poucos de especuladores; atravessaram-se, e á porfia todos quizeram vender primeiro: o resultado foi o trigo ser do peior; o genero ficar desacreditado em Inglaterra; as incommendas não se repetirem; e estancar-se assim um ramo commercial que poderia ser summamente vantajoso. Com o vinho-do-Porto tem acontecido o mesmo em quasi todos os mercados. Com a laranja dos Açores tambem um pouco... os malles que d'aqui resultam são manifestos.

O commercio dos Açores reduz-se a mandar cereaes para Portugal e laranja para Inglaterra: e todavia se houvesse industria e especulação mercantil os ramos do seu commercio poderiam ser muitos e variados. A abundancia de gados n'algumas das ilhas do archipelago, nomeadamente San'Jorge, permittir-lhes-ia a exportação de queijos, manteiga, carne-salgada, coiros, lans, chiffres etc. se a este proposito se dedicassem cuidados e se empregassem diligencias. O queijo e a manteiga são aqui em Lisboa bem acceitos, e não duvido que se os respectivos processos de manufactura fossem aperfeiçoados a manteiga subisse á da primeira sorte de Cork, e as qualidades do queijo se multiplicassem. O solo dos Açores é essencialmente agricula; mas é necessario aproveital-o, e este aproveitamento consiste em tirar d'elle todas as vantagens possiveis multiplicando a variedade dos seus productos. É sabido que o clima do archipelago participa quasi igualmente do do Brazil, e leva-lhe vantagem em ser mais temperado: evidentemente, os generos produzidos no Brazil e na Africa produziriam tambem nos Açores. Porque se não fórma alli uma companhia agricula e commercial para explorar os dões que a natureza quasi espontaneamente offerece a seus incuriosos habitantes? Proponham ao govêrno os meios de que necessitam, requeiram, instem, se porventura se carece de providencia governativa que os auxilie. Que negligencia é essa que se conforma tam apathicamente com a depreciação dos cereaes no mercado de Lisboa, e lhes não procura outro mercado, nem experimenta outro commercio, outra industria, outros meios de os fazer valer ou compensar-lhes as perdas? Que meditem bem na sua situação e na das coisas actualmente os proprietarios açorianos. Da união vem a fôrça: da industria a felecidade dos povos.

HOMŒOPATHIA.

140 *Rio-de-Janeiro 24 de junho de 1845.* — *Sr. Redactor da* REVISTA UNIVERSAL. Parece que os conhecimentos humanos não teem sahido jamais de um circulo vicioso, e que simplesmente nas fórmas se nos antolham novos e depurados: mas não é assim: que essencialmente depurados e novos são muitos, como se em seu progresso percorressem longa espiral, que a tempo chegará do cahos á luz eterna. — Conduzil-os, ir com elles, é quanto cumpre á serie de gerações de que são elos as nossas existencias. —Façamol-o. — Nem vos dê reparo que de tão longe e baldo de meios tente ajudar-vos. É meu destino. Acceitai minha cooperação como eu supplico a vossa, e caminhemos ao mesmo fim sem de nós curar.

Déstes cabimento á publicação de um juiso ácerca de certo impresso, em que trabalhei, com o fim de dispor os animos de quem falla a nossa lingua para mais tarde ou mais cedo admittirem uma verdade cujas consequencias longe estão de ser devidamente apreciadas ou que nem mesmo previstas são. Fallo do communicado n.° 4021 a pag. 407. — Tendes-me dado portanto o direito de responder. — Espero com toda a razão que publicareis ésta resposta. — Haveis aberto um vasto campo á discussão de principios que mais tarde pelos factos serão julgados. Tendes feito um grande serviço ás sciencies e á humanidade. Em seu nome, se tanto posso e me cabe, vos agradeço, assim como ao digno medico portuguez a que respondo respeitosamente, não me esquecendo de que talvez seja meu mestre.

Não quero de fórma alguma defender esse impresso (intitulado: ' folhinha homœopatica ' para o anno de 1845) porque sou o primeiro a reconhecer que tem defeitos (não obstante dizer o meu illustre collega que *tem ella* (folhinha) *bastante novidade, não é destituida de utilidade, e olhada mesmo pelo lado typographico é bastante curiosa*): pretendo corrigil-o e fazer outros melhores. Quero so defender-me de haver feito um mau parallelo entre a medecina homœopathica e a allopathia; confirmar as esperanças e receios da *ida de um apostolo para fundar o instituto homœopathico portuguez*: e atrahir a attenção dos leitores da REVISTA para a doutrina dos similhantes. — Em quanto ao credito dos auctores d'esse impresso basta-me pela minha parte haver merecido que um medico portuguez lesse e analysasse o meu trabalho, e que vós desseis publicidade a similhante analyse.

Dizemos nós — *o fogo, esse poderoso destruidor das forças medicinaes é o principal agente das preparações da pharmacia vulgar* — e comparando dissemos — *a fricção e o sacudimento, esses creadores das potencias electricas são os principaes agentes da pharmacia dynamica* — e responde-se-nos — « quem é que... poderá defender que a electricidade altera menos a acção medicamentosa das drogas do que o calorico... ? » mas não se destingue que no primeiro caso se tracta de calorico applicado (fogo) e no segundo de electricidade, e por isso tambem de calorico e luz, desinvolvidos. — Dizer que os extractos (isto é: certos extractos por calorico interposto) provam o contrario não procede, porque podem elles reunir em menor volume e pêso de massa a fôrça livre medicamentosa de toda a substancia empregada para os fazer, mas nada augmentam a essa fôrça, entretanto que pela trituração e pelo vascolejamento, ou seja desinvolvendo luz, calorico, electricidade, galvanismo etc., ou como quer que seja, novas propriedades se manifestam e grande energia ganham aquellas que a substancia patenteava antes de passar por essas operações. — Quereis indagar a verdade? Sois de tão boa-fé quanta inculcais que nós não temos? Fazei extractos de lycopodio, d'essa planta de vós tão desconhecida que a empregaes com a mesma indifferença com que vos servis do amido involvendo pilulas; empregai o calorico que vos parecer bastante, submettei-a á acção da luz, á influencia da electricidade, do galvanismo, magnetizai-a até mesmo se quizerdes, nada melhor conseguireis: então submettei-a á trituração prolongada e tomai d'ella por tres ou quatro vezes a menor porção que pêsar possam vossas balanças, e vede com vossos olhos que nem sempre o que sabiamos hontem é o mais acertado, e que de dia para dia nos fica uma licção atrazada. — Que fazeis do carvão de areia, das cascas de ostra, da prata e do oiro em folha? — São para vós corpos inertes: não sabeis por elles que nada, absolutamente nada, existe na natureza que deixe de ter influencia sôbre o homem, porque nada existe sem vida e porque a vida é uma so por varios modos patente nos seres varios.— É ésta verdade, que previsto havemos, nol-a mostra inteira o dynamismo. E nas mãos invisiveis d'esses homens, escolhidos para servir-nos de guia no tenebroso labyrintho das conjecturas, vibram em torno de nossas cabeças os fachos da luz divina: e nós lhe não conservaremos fechados por longo tempo os olhos, porque atravez de palpebras espessas, como atravez do corpo mais opaco, a luz penetra, illumina, humilha.

Se por tal fórma os processos da pharmacia dynamica desinvolvem propriedades medicamentosas nos corpos que são reputados inertes, innocentes, quaes deveriam ser as dóses em que taes drogas se haviam de administrar aos infermos? Se administrando essas substancias em dóses cada vez mais pequenas se reconhece que são ellas ainda activas, como desprezaremos esses conhecimentos so porque vão de encontro com velhas práticas, e não cabem nas apertados limites das hypotheses propaladas? — Como negar podêmos aquillo que vemos com todos? Serão mais satisfatorias as explicações que se tem dado das altas dóses do que toda e qualquer que demos das infinitisimaes? Sabemos nós porventura como aquellas ou éstas obram sôbre a economia? — Não: mil vezes não. Conjecturâmos, e nem mesmo as conjecturas nos satisfazem pois de contínuo as reformâmos.

Chamai quanto quizerdes exaggeradas as dóses infinitisimais, porém seja depois de vos terdes submettido á sua influencia. Dai, como o menos severo juizo, que da homœopathia vos dignais fazer, o de ser ella uma medicina spectante: mas concedendo que *são inegaveis muitos casos de curas homœopathicas*, concedei tambem que os meios que ésta medicina emprega, *por habil mão*, nunca em doses tão pequenas são fataes como essas drogas infectas tão nojentas que nos ensinaram a fazer ingerir á força nos estomagos infermos, nem como esses meios negativos com que figurâmos de sanguisedentos, nem como esses ferros em braza com que martyrisâmos quem se nos confia. — Concedei, reconhecei que ésta medicina, que a serdes mais severos chamarieis absurda, mortifera, abominavel, tem modificado por tal sorte a medicina antiga

que muito menos barbara se exerce ella, e que, sem confessar a verdade da lei dos similhantes, os medicos, empregando menos complicadas formulas e debaixo d'essa lei, vão tirando maravilhosos resultados da sua clinica, seguindo a seu pesar os preceitos de Heinemann. — Para prova do que digo vede os livros modernos e jornaes, e calculai a diminuição da mortalidade aqui, como em qualquer parte onde a homœopathia póde ter algum desinvolvimento. — Vós sois de boa-fé; caminhais sempre *com os principios da sciencia na mão;* supponho-vos muito disposto a abraçar as novas doutrinas logo que, como eu fui, fordes convencido da sua verdade, e eu concebo esperanças de que ainda me ajudareis a estabelecer o culto d'essa verdade incontestavel.

Longe de minha patria menos d'ella me esqueço do que talvez em seu seio, porque a saudade alimenta sentimentos que a saciedade embota. Tenho aqui trabalhado quanto me tem sido possivel para estabelecer a prática da medicina homœopatica. Grandes tem sido as difficuldades que têmos encontrado, mas qual póde ser o obstaculo que se não vença por força de vontade? E como não sería minha vontade forte se, reconhecendo que éstas duas nações não poderão jamais deixar de imitar-se porque são irmans e amigas, sabía que reconhecida n'esta uma verdade com menores embaraços porque menos erros venerados existem cá, essa verdade não poderia então custar muito a dominar os tantos erros inveterados que existem lá?

Affirmo-vos portanto que anhelo pelo instante de partir para Portugal á estabelecer ahi um instituto homœopathica, que lhe seja tão util como aqui tem sido o que ajudei a fundar. — Sei quaes hão de ser os embaraços em que hei de ver-me; sei quantos interesses offende a nova doutirna medica, e quanto esses interesses transtornam cabeças e corações ainda os mais sensiveis e os de mais recto juizo; mas não importa; sei tambem que os pobres são os primeiros a que se estendem os beneficos effeitos d'essa medicina e d'essa instituição; sei quanto a moral pública vai ganhar proporcionando-se aos chefes de familia pobres os meios mais suaves e sem dispendio algum para se tratarem em seus domicilios, evitando os hospitaes, evitando ausentar-se de suas casas onde a miseria havia de entrar para sahirem a prostituição e os crimes. — Se eu temêra affrontar tantos prejuizos, tantos velhos abusos, a coalisão de tantos interesses ameçados de completa ruina, eu não emprehenderia essa tentativa, porque muito é o que tenho ainda a fazer por cá, nem tão pouco a annunciaria para não despertar odios e uma opposição compacta; mas eu que tenho a íntima convicção de que sirvo a verdade e com ella o meu paiz, e de que por esse pequeno esforço vou servir a humanidade inteira, que mais tarde gosará do meu trabalho, como hei de eu temer? E se eu sei que é breve a vida, e se presinto que mais alguma coisa tenho que fazer em tão breve espaço, porque não me hei de dar pressa? — Ficai certos de que so muitas circumstancias alheias de minha vontade me poderão embargar passo e deliberação — Não é em mim que eu confio, pois me reconheço fraco, é na divina providencia e na santidade da causa que advogo. — Livre vos fica fazerdes de mim o juizo que quizerdes: pois que ja tenho trabalhos politicos, responderei com elles, e o porvir tambem.

Sois de boa-fé. Bem se vos vê dispósto a sacrificar antigas convicções e doutrinas recebidas, a novas doutrinas que a razão e os factos vos dão claras e provadas como a vossa propria existencia, mas que nem por isso melhor comprehendeis: continuai, vos supplico, no acertado caminho em que haveis entrado; publicai a comparação dos dois systemas tal qual está n'esse impresso e assim tambem outros artigos; censurai-os, criticai-os, satyrisai-os como vos aprouver, mas fazei que sejam conhecidos e por todos os lados vistos pelo povo, que tem direito a ser salvo de suas infermidades ou alliviado de suas dores, eu seja por vós ou por nós, com tanto que seja por quem razão tiver e tiver meios reaes e verdadeiros.

Espero sr. redactor de vossa imparcialidade e amor ás lettras a publicação d'estas linhas com que muito obrigareis, honrando, *João Vicente Martins.*

REMEDIO CONTRA QUEIMADURAS.

141 Ha tempos que um jornal francez transcreveu o seguinte facto, de que nada se perde em dar conhecimento aos leitores da REVISTA, e que poderá porventura ser certo, e fôra n'esse caso falta cruel e indisculpavel occultar-lh'o:

Na Carolina do Sul (America) uma creança de 7 annos tendo cahido n'uma grande fogueira, quando a tiraram a deitaram casualmente sôbre um monte de algodão em rama que estava no meio do quarto, em quanto a toda a pressa se foi procurar um facultativo. Como este morasse longe demeraram-se bastante tempo; ao voltarem acharam a pobre creança dormindo muito socegada em cima do algodão. Quando a acordaram não deu um unico signal do mais leve soffrimento, apezar da queimadura ter sido das mais terriveis.

Alguns dias depois, o algodão, que se lhe pegára ao corpo, começou a cahir por si mesmo, e em menos de um mez a creança estava complétamente curada.

Esta cura tão extraordinaria foi publicada em todos os jornaes americanos, e desde então tem-se empregado repetidas vezes ésta receita sempre com muito feliz resultado. *(Diction. des Mènages.)*

PORCELANA PORTUGUEZA.

142 De todos os *industriaes* portuguezes um dos que mais gloriosamente merece este nome, hônroso no nosso seculo, é a Casa dos Srs. Ferreira-Pinto, pela intelligencia, esforços e perseverança, com que ha muitos annos se empregam no ingrandecimento e lustre da industria nacional. A Casa dos Srs. Ferreira-Pinto póde e deve ser declarada *benemèrita da patria*, e ficâmos que o sem número de braços portuguezes que se empregam nos seus vastos estabelecimentos, quintuplicados pelos de suas familias, se erguem todos os dias ao ceu pela prosperidade do seu bemfeitor.

Ha annos bastantes que a fábrica de Vista-alegre ostentava lindos productos nos seus armazens da Boavista em Lisboa; mas estes productos, apezar de todos os esforços que para isso se empregavam, não eram ainda tam abundantes e de preços tam commodos que podessem competir com similhantes productos extrangeiros, ainda que na qualidade e na belleza ja os egualavam. Agora porém parece haver-se alcançado o que se carecia para que estes productos apparecessem no mercado com todas as circumstancias de competen-

cia com os extrangeiros, e uma vez n'esse estado preferirem-lhes como *nacionaes*. É com a maior satisfação que vemos isto annunciado:

«A porcelana da fabrica de Vista-Alegre tem progressivamente melhorado em qualidade, á proporção que os seus preços teem consideravelmente baixado, e póde hoje equiparar-se á melhor porcelana extrangeira.

Nos armazens da mesma fabrica, na rua direita da Boa-Vista n.° 4 P, acharão os compradores um variado sortimento de louça para serviço, tanto de cha, como de mesa, em branco, doirada e pintada, imitando a porcelana franceza e a da China, por preços tão baixos que tornam summamente preferivel o uso d'esta louça, ao da louça de pó de pedra, por isso que sendo incontestavel a superioridade da consistencia, duração, e belleza da porcelana, o seu preço é hoje quasi egual, e talvez inferior ao da de pó de pedra.»

Quando se emprega a constancia e a diligencia o *fim coroa sempre os esforços*. Aqui está o exemplo que os nossos industriaes tem a seguir e imitar. Não esperem elles que em quanto os preços forem superiores e inferior a qualidade aos productos extrangeiros do mesmo genero, não esperem, digo, que por simples patriotismo elles se lhes comprem. Assim como sería *caturrice* mui censuravel e digna de mofa a preferencia de um producto extrangeiro que não leve vantagem a outro egual do paiz; tambem não se daria um nome agradavel áquelle que por uma exaggeração de sentimentos patrioticos, que não podem achar reflexo, preferisse um producto nacional contra todas as conveniencias de utilidade.

Da mesma fórma os nossos industriaes não devem nem podem esperar ganhar logo e muito na extracção dos seus productos: o tempo e as diligencias secundam as boas empresas; atenham-se a isso que o resultado hade acabar por lhes ser favoravel: e se não estão competentemente habilitados por todos os modos para certas empresas, por Deus! que as não tentem, porque se perdem a si e desacreditam-nas a ellas. Como eu poderia exemplificar ésta consideração!...

Supponho que hoje os direitos protectores das nossas pautas são sufficientemente favoraveis á industria nacional. A demasia é prejudicial em todas as coisas: se o excesso dos direitos embaraçasse os productos da industria extrangeira de penetrarem as nossas alfandegas, o contrabando cresceria, e o resultado sería contraproducente mesmo em relação á industria do paiz. Sem concorrencia, sem exemplos, sem emulação... quanto não descahiria ella, ou antes decerto nunca teria progresso. O meio unico é fazer melhor e mais barato. Calcule-se bem primeiro a empresa, se isso póde chegar a conseguir-se, em boa hora se ponha ella em prática, *senão — não*.

O excellente artigo sôbre industria que hoje publica a Revista, devido á penna illustrada do Sr. Luiz Antonio Rebello da Silva, me dispensa de mais considerações a este respeito; preciso porém para completar o meu pensamento, dizer ainda mais duas palavras. Se os direitos protectores não são ainda sufficientes, representem os industriaes, peçam; levem ao govêrno, ao parlamento, as suas justas reclamações — hão de ser attendidos. Unam-se, formem congressos industriaes, e associações mercantis, que sejam uma *realidade*: hão de ser respeitados e ouvidos. Nos systemas representativos uma grande parte da responsabilidade e dos meios da prosperidade do povo, pésa e provém d'elle mesmo. Os govêrnos estimulam, protegem, promovem quando muito; mas a *acção* está no povo. Os seus interesses politicos e materiaes é a elle que incumbe fomental-os, e guardal-os, procurar-lhes ingrandecimento e força.

TORCIDAS DO SABUGO DO JUNCO.

143 Li com muito gôsto o artigo 127 da Revista n.° 10, e posso dizer alguma coisa relativamente a éstas torcidas por quanto faço uso d'ellas ha muito tempo. Conheço todas as propriedades citadas no mesmo artigo; todavia a prática continuada me fez lembrar um meio que torna éstas torcidas não so mais perfeitas mas tambem mais vantajosas: vem a ser: depois de extrahidas da sua orla, mergulhal-as n'um banho de cera: por este processo não so durarão mais tempo e ficarão mais consistentes; mas tambem não será preciso estar sempre a atiçal-as (o que não havendo cuidado quebra-as mui facilmente em razão da sua pouca consistencia). Remetto a essa Redacção umas poucas que actualmente tenho, para os assignantes da Revista conhecerem praticamente os seus bons resultados.

Isidoro José Gonçalves.

DO COMMERCIO NA SUA LIGAÇÃO COM A AGRICULTURA E INDUSTRIA NACIONAL.*

INDUSTRIA.

144 Sobre a base de que as artes e industria se alimentam e desinvolvem dando novo valor, fórma, uso e consummo ás producções da terra e agricultura, descançam as seguintes maximas:

1.ª Que é propriamente industria nacional aquella a que o solo e lavoira nacional fornecerem as materias primas.

2.ª Que os estabelecimentos industriaes devem formar-se nas localidades para isso apropriadas pela abundancia das respectivas materias primas; e pela facilidade e economia das conducções e carretos das mesmas materias, e do transporte dos productos aos seus mercados, ou depositos:

3.ª Que os estabelecimentos industriaes empreguem as machinas e processos mais apurados, e a par do aperfeiçoamento e economia de mão-d'obra, com que se acharem montados e trabalharem estabelecimentos análogos em Inglaterra ou França; onde deverão buscar, e d'onde deverão trazer e seguir em tudo os modêlos e normas theoricas e práticas, os portuguezes que se proposerem a fundar estabelecimentos industriaes consideraveis, ou melhorar os existentes: por ser, quanto a estabelecimentos novos, a maneira de se formarem e abrirem a sua carreira com productos tão perfeitos e economicos como os fabricados nos referidos paizes; e quanto a estabelecimentos existentes, a maneira de avançarem e conseguirem essa mesma egualdade de perfeição e economia industrial, em vez de permanecerem em atrazo obstinado, ou desperdiçarem tempo e capitaes em tentativas ao acaso para descobrirem e acharem aquillo mesmo que está descoberto e achado, e se pratíca com certeza e perfeição nos analogos estabelecimentos industriaes dos ditos paizes:

4.ª Que para assim fundar ou aperfeiçoar, e em todo o caso dirigir qualquer estabelecimento indus-

* Continuado de pag. 114.

trial, é preciso saber cabalmente a theoria e pratica da respectiva industria, de tal fórma que não se conheça scientificamente, mas saiba praticar todo e qualquer processo ou operação desde a mais facil até á mais difficil. O que não tiver ésta habilitação, e alias tiver capitaes e tendencia decisiva para algum estabelecimento industrial consideravel, o meio consiste em ir procurar em Inglaterra ou França, um mestre ou contra-mestre habil e accreditado n'essa especie de industria, com quem faça sociedade entrando com os capitaes e o socio com a sua industria; trazer com elle as respectivas máchinas, que se não souberem fazer no reino, ou se fizerem por preços desproporcionados; trazer egualmente os necessarios operarios escolhidos e ajustados pelo mesmo socio, interessado em bem os escolher e ajustar; e assim fundar e pôr em trabalho o respectivo estabelecimento, deixando ao mestre socio a direcção industrial, tomando para si a parte administrativa, buscando logo mancebos nacionaes que aprendam todos os processos e operações da mesma industria, e aprendendo-a tambem elle como o mais interessado em a saber e fazer prosperar:

5.ª Que assim como a perfeição e economia dos productos industriaes depende das mais perfeitas e expeditas máchinas que se empregarem no seu fabrico, da mesma fórma o machinismo respectivo depende do seu motor. Entre os motores é a todos preferivel á agua pela economia e certeza regular do movimento e trabalho: segue-se o vento convenientemente aproveitado e applicado: vem depois os animaes a isso apropriados: vem finalmente o vapor, que representa hoje o primeiro papel nos mais importantes estabelecimentos industriaes de Inglaterra e França: attendendo porém a que é preciso mandar vir do extrangeiro, a grande custo, as máchinas de vapor e o perito que as assente; a que, no caso de se quebrarem ou desconcertarem, se interrompe e suspende o trabalho da fábrica em quanto se não concertarem ou repararem, sempre com demoras e despezas extraordinarias; a que trabalham com carvão de pedra, importado do extrangeiro, caro nos portos de desembarque, e mais caro pelos transportes se a fábrica existir a leguas de distancia dos mesmos portos; resultando assim que este motor, que em Inglaterra e França se alimenta activamente, promovendo e augmentando ao mesmo tempo a lavra e consummo do seu carvão e ferro, e a sua industria mecanica e fabril, pelo contrario em Portugal é todo passivo e forçado, e se intertem com as sobreditas materias primas e industrias, tudo do extrangeiro: por isso o fabricante portuguez, antes de adoptar este motor, deve calcular os capitaes e despezas que absorve, as contingencias que involve; a quantidade e qualidade de productos industriaes a que o destina; o consummo e mercado d'esses productos, e o preço porque os poderá vender na concorrencia do mercado interno ou externo; e depois resolver: e para resolver affirmativamente deve assegurar-se de que a circumstancia de serem do solo e agricultura nacional as materias primas compensa e cobre de tal fórma o custo e costeamento d'este motor, que os productos da fábrica não possam ser affrontados pelo extrangeiro no mercado interno por preços eguaes, e possam alias concorrer nos mercados externos por preços senão menores, pelo menos nunca superiores aos de qualquer outra nação agricula e industrial:

6.ª Que em regra, não deve o fabricante portuguez desperdiçar o seu trabalho e capitaes em quaesquer especies de industria, cujas materias primas se hajam de importar do extrangeiro — e extrangeiro ao mesmo tempo agricula e fabricante; pois que os seus productos não poderão concorrer no mercado interno ou externo por preços pelo menos eguaes aos do extrangeiro que reunir as condições de agricultura e industria propria: exceptuam-se aquellas especies de industria em que o primor e mão-d'obra do artista ou fabricante constituem o valor, merecimento, e recommendação dos objectos fabricados, e em cuja proporção quasi desapparece o valor originario das materias primas:

7.ª Que em todo o caso, e em toda a especie de industria, deve o fabricante portuguez esmerar-se em apresentar productos da sua respectiva industria perfeitos e desenganados, por tal fórma que os do extrangeiro lhe não possam ser preferidos no mercado interno ou externo, nem por melhor qualidade relativa nem por preço menor; renunciando á consideração de nacionalidade, de que muito se tem abusado, para que os compatriotas comprem e consummam no interior, e o commercio envie para o exterior, productos menos perfeitos por preços eguaes ou superiores aos de industria extrangeira mais perfeitos e baratos: quando, pelo contrario, se deve considerar e presar a qualidade, talento, e espirito de nacionalidade para fornecer aos mercados, interno e externo, productos industriaes tão perfeitos como os extrangeiros, e por preços, para o mercado interno comparativamente menores, e para o externo, nunca superiores aos da outra industria extrangeira.

Nisto vai o interesse, o galardão e o progresso de cada fabricante, de cada fábrica, e da industria nacional. N'ésta conformidade procurará cada fabricante estabelecer, conservar e estender, o credito e reputação dos seus productos, contando com os nacionaes para lh'os comprarem e consummirem, e com o commercio para lh'os levar aos mercados extrangeiros.

Resta exemplificar éstas maximas, o que faremos com a sua applicação ás fabricas de cortimento de coiros.

Na industria afamada de Inglaterra e França destinguinguiu-se desde antiga data, e avançou sempre em melhoramentos progressivos, o cortimento de coiros; e á certeza, perfeição, e boa-fé dos processos, e mão-d'obra, se deve a qualidade, duração e prestimo, dos coiros cortidos de cada uma d'aquellas nações, e a preferencia de que gozam nos seus mercados internos sem affronta dos extrangeiros, e predominando alias nos mercados externos, em que ésta industria, em vez de progredir, estacou ou retrocedeu.

O cortimento de coiros é uma das especies de industria para que Portugal está talhado, não só por ter e produzir as materias primas, correspondentemente ás ditas nações, e exportar para industria extranha a superabundancia de casca de carvalho e sobro, que deveria empregar na sua; mas tambem pela vantagem dos portos, e productos agriculas, apropriados para em retorno d'elles importar coirama, como aquellas nações o praticam em proporção da actividade d'esta sua industria.

Desde muitos annos tem existido e existem em Portugal varias fábricas de cortimento, sem que algumas

d'ellas tenha avançado e fabrique productos tão perfeitos e prestaveis como os de Inglaterra ou França; e o que é ainda peior, em algumas viciam-se os processos com detrimento dos coiros, resultando d'ahi productos não só inferiores mas inganosos. Todos vemos e sabemos que os sapateiros, para obra fina, são obrigados a recorrer aos cabedaes de Inglaterra ou França, por se não fabricarem no reino; e que para obra grosseira, os sapateiros de consciencia desinganada laboram na desconfiança dos cabedaes de fabríco portuguez que empregam, em quanto os de consciencia larga se encarregam de consummir os de fabríco falsificado, inganando os freguezes, ou fazendo para á feira avulsa esse simulacro de sapatos e botas, que aos tres dias de serviço se dissolvem e desapparecem. Isto pelo que pertence ao officio de sapateiro; e o mesmo acontece aos diversos outros officios e artes, que empregam coiros cortidos.

Para sahir de similhante atrazo e vergonha, e levantar no reino, com promptidão e certeza de resultado, ésta industria ao par da de Inglaterra e França, cifra-se tudo, em que o portuguez que tiver capitaes e tendencia para ésta especie de industria:

1.° Passe a visitar e examinar em Inglaterra ou França as fábricas de cortimento e preparo de coiros, e em resultado d'este exame escolha, para seu modêlo e norma, a quella que a todos os respeitos achar mais acreditada pela qualidade dos productos, perfeição dos processos, e economia da mão d'obra: praticando assim o que os proprios inglezes e francezes praticam antes de estabelecerem alguma d'estas fábricas; e que é o mesmo que praticaram os belgas para vencerem o atrazo em que estavam, e constantemente praticam para acompanharem ésta industria nos seus progressos de melhoramento, perfeição e economia:

2.° Forme sociedade com um mestre, ou contra-mestre habil, e acreditado pelas suas obras e probidade; e este escolha e ajuste os operarios necessarios e idoneos para executarem os processos e operações d'esta industria debaixo da sua direcção:

3.° Volte então a estabelecer no reino, em localidade opportuna, a sua fábrica, levantando-a sem aparato innutil, mas com as proporções e officinas previdentemente adaptadas ao seu objecto; e n'ella abra e desinvolva todos os trabalhos, serviços, processos, e operações de cortimento e preparo de coiros com a mesma perfeição, desingano e economia de mão-d'obra, que se executarem, e como se executarem na respectiva fábrica de Inglaterra ou França, que lhe servir de modêlo e norma, tendo trazido para isso os mais apurados instrumentos e utensilios que alli se usarem: e assim o annuncie ao público portuguez, e o cumpra exactamente, para credito e fama da sua pessoa, e reputação dos productos da sua fábrica; admittindo n'ella desde logo mancebos bem escolhidos, que debaixo do ensino do mestre, e exemplo dos operarios extrangeiros, se façam habeis officiaes e mestres d'esta industria nacional.

Os estabelecimentos, assim formados de novo, fornecerão ao consummo interno productos eguaes aos da melhor industria extrangeira, que os não poderá affrontar e vencer nem em qualidade, nem em preço; e concorrerão nos mercados externos sem os outros extrangeiros os podêrem exceder.

Pela mesma maneira que se formam assim os estabelecimentos novos, se reformam e aperfeiçoam os existentes.

(Continúa.) *Luiz Antonio Rebello da Silva.*

ERRATA IMPORTANTE.

No n.° precedente, por uma falta de recorrição, omittiram-se algumas linhas no § 8.°, cap. AGRICULTURA d'este interessante artigo, e confundiram-se com aquelle § as linhas finaes do §9.° cujo n.° se ommitiu tambem. Eisaqui como estes dois §§ se devem ler.

8.° Practicar com esmerada perfeição e boa-fé os processos ultimos de que dependerem as producções agricolas para se offerecerem ao consummo, e em especial no tocante á limpeza e sécca dos cereaes, e fabrico do vinho e azeite; afim de fornecer ao mercado interno productos desinganados, e subministrar ao commercio externo as excellentes e genuinas qualidades dos nossos vinhos para concorrerem, como merecem, nos mercados extrangeiros; e dos trigos e azeites, de que ja temos excedentes, para se lhes abrir, estender e recommendar o consummo externo:

9.° Na sementeira ou plantação e cultura dos pinhaes, matas e florestas, buscar as melhores e mais perfeitas sementes ou plantas das especies d'arvores silvestres adaptadas á qualidade e localidade dos terrenos, e preferindo em eguaes circumstancias, as arvores mais prestaveis á economia agricula, ás ártes, á mecanica, e á construcção rural, urbana ou naval.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO XI.

Tracta-se do unico privilegio dos poetas que tambem os philosophos quizeram tirar, mas não lhes foi concedido; aos romancistas sim. — Applicação d'estes principios a Aristoteles e Anacreonte. — O A., tendo declarado no capitulo nono d'esta obra que não era philosopho, agora confessa, quasi solemnemente, que é poeta, e pretende manter-se como tal, em seu direito. — De como S. M. elrei de Dinamarca tinha menos juizo do que Yorick, seu bobo. — Doutrina d'este. Funda n'ella o A. o seu admiravel systema de physiologia e pathologia transcendente do coração. Por uma deducção appertada e cerrada da mais constrangente logica vem a dar-se no motivo porque foi concedido aos poetas esse direito indefinido de andarem sempre namorados. — Applicam-se todas éstas grandes theorias á posição actual do A. no momento de entrar no episodio promettido no capitulo antecedente. — Uma modestia e reserva delicada o obrigam a duvidar da sua qualificação para o desimpenhar: pede votos ás amaveis leitoras. Decide-se que a votação não seja nominal, e porquê. — Dido e a mana Annica. — Entra-se emfim na promettida historia. — De como a velha estava á porta a dobar, e imbaraçando-se-lhe a meada, chamou por Joaninha, sua neta.

145 Este é o unico privilegio dos poetas: que até morrer podem estar namorados. Tambem não lhes conheço outro. A mais gente tem as suas epochas na vida, fóra das quaes lhes não é permittido apaixonarem-se. Pretenderam accolher-se ao mesmo beneficio os philosophos, mas não lhes foi consentido pela rainha Opinião, que é soberana absoluta e juiz supremo de que se não appella nem aggrava ninguem.

Anacreonte cantou, de cabellos brancos, os seus amores; e não se extranhou. Aristoteles mal teria a barba russa quando foi d'aquelle seu último namôro, porque ainda hoje lhe apouquentam a fama.

Ora eu philosopho, seguramente não sou, ja o disse; de poeta tenho o meu pouco, padeci, a fallar a verdade, meus ataques assás agudos d'essa molestia, e bem poderá desculpar-me com elles de certas fragilidades de coração... Mas não, senhor; não quero desculpar-me como quem tem culpa senão defender-me como quem tem razão e justiça por si.

Estou, com o meu amigo Yorick, o ajuizadissimo bobo d'elrei de Dinamarca, o que alguns annos depois ressuscitou em Sterne com tam ellegante penna, estou sim. 'Toda a minha vida' diz elle 'tenho andado apaixonado ja por esta ja por aquella princeza; e assim heide ir, espero, até morrer, firmemente persuadido que se algum dia fizer uma acção baixa, mesquinha, nunca hade ser senão no intervallo de uma paixão á outra; n'esses interregnos sinto fechar-se-me o coração, esfria-me o sentimento, não acho dez reis que dar a um pobre... por isso fujo ás carreiras de similhante estado; e mal me sinto acceso de novo, sou todo generosidade e benevolencia outra vez.'

Yorick tem rasão, muito mais razão que seu augusto amo, elrei de Dinamarca. E com um pouco mais que se generalize o principio, fica indisputavel, inexcepcionavel para sempre e para tudo. O coração humano é como o estomago humano, não pode estar vazio, preciza de allimento sempre: são e generoso so as affeições lh'o pódem dar; o odio, a inveja e toda a outra paixão má é estimulo que so irrita mas não sustenta. Se a razão e a moral nos mandam abster d'estas paixões, se as chymeras philosophicas, ou outras, nos vedarem aquellas, que allimento dareis ao coração, que hade elle fazer? Gastar-se sôbre si mesmo, consumir-se... Altera-se a vida, appressa-se a dissolução moral da existencia, a saude d'alma é impossivel.

O que póde viver assim, vive para fazer mal ou para não fazer nada.

Ora o que não ama, que não ama apaixonadamente, seu filho se o tem, sua mãe se a conserva, ou a mulher que prefere a todas, esse homem é o tal, e Deus me livre d'elle.

Sôbretudo que não escreva: hade ser um massador terrivel. Talvez seja este o motivo da indefinida permissão que é dada aos poetas de andarem namorados sempre.

O romancista gosa do mesmo fôro e tem as mesmas obrigações: como o privilegio de desimbargador que tiravam d'antes os fidalgos, quando ser desimbargador valia alguma coisa... e tanta coisa!

Como heide eu então, eu que n'esta grave Odyssea das minhas viagens tenho de inserir o mais interessante e mysterioso episodio d'amor que ainda foi contado ou cantado, como heide eu fazê-lo, eu que ja não tenho que amar n'este mundo senão uma saudade e uma esperança — um filho no berço e uma mulher na cova?..

Será isto bastante? Dizei-o vós, ó benevolas leitoras, póde com isto so alimentar-se a vida do coração?

— Póde sim.

— Não póde, não.

— Estão divididos os suffragios: peço votação.

— Nominal?

— Não, não.

— Porquê?

— Porque ha muita coisa que a gente pensa, e crê e diz assim a conversar, mas que não ousa confessar publicamente, professar aberta e nomeadamente no mundo...

Ah! sim... elle é isso? Bem as intendo, minhas senhoras: reservemos sempre uma sahida para os casos difficeis, para as circumstancias extraordinarias. Não é assim?

Pois o mesmo farei eu.

E posto que hoje, faz hoje um mez, em tal dia como hoje, dia para sempre assignalado na minha vida, me apparecesse uma visão, uma visão celeste que me surpreendeu a alma por um modo novo e extranho, e do qual não podia dizer decerto como a rainha Dido á mana Annica:

> Reconheço o queimar da chamma antiga,
> Agnosco veteris vestigia flammae;

posto que a visão passou e desappareceu... mas deixou gravada n'alma a certeza de que... Posto que seja assim tudo isto, a confidencia não passará d'aqui, minhas senhoras: tanto basta para se saber que estou sufficientemente habilitado para chronista da minha historia, e a minha historia é ésta.

Era no anno de 1832, uma tarde de verão como ésta, calmosa, sêcca, mas o ceo puro e desabafado. A porta d'essa casa entre o arvoredo, estava sentada uma velhinha bem passante dos settenta, mas que o não mostrava. Vestia uma especie de tunica roxa que apertava na cintura com um largo cinto de coiro preto, e que fazia resahir a alvura da cara, e das mãos longas, descarnadas, mas não ossudas como usam de ser mãos de velhas; toucava-se com um lenço da mais escrupulosa brancura, e pôsto de um geito parti-

cular a modo de toalha de freira; um mandil da mesma brancura, què tinha no peito e que affectava, não menos, a fórma de um escapulario de monja, completam o extranho vestuario da velha. Estava sentada n'uma cadeira baixa do mais classico feitio: textualmente parecia a que serviu de modêllo a Raphael para o seu bello quadro da *Madonna della Sedia*.

Como nota historica e illustração artistica, seja-me permittido juntar aqui em parenthesis que, não ha muito, vi em casa de um sapateiro remendão, em Lisboa, no Bairro-alto, um cadeira tal e qual; torneados pyramidaes, simples, sem nobreza, mas elegantes.

Tornemos á velhinha.

Estava ella alli sentada na ditta cadeira, e deante de si tinha uma dobadoira, que se movia regularmente com o tirar do fio que lhe vinha ter ás mãos a inrollar-se no ja crescido novello.

Era o unico signal de vida que havia em todo esse quadro. Sem isso, velha, cadeira, dobadoira, tudo pareceria uma bella sculptura de Antonio Ferreira ou um d'aquelles quadros tam verdadeiros do morgado de Setubal.

O movimento bem visivel da dobadoira era regular, e respondia ao movimento quasi imperceptivel das mãos da velha. Era regular o movimento, mas durava um minuto e parava, depois ia seguido outros dous, tres minutos, tornava a parar: e n'esta regularidade de intermitencias se ia alternando como o pulso de um que tem sesões.

Mas a velha não tremia, antes se tinha muito direita e aprumada: o parar do seu lavor era porque o trabalho interior do espirito dobrava, de vez em quando, de intensidade e lhe suspendia toda o movimento externo. Mas a suspensão era curta e mesurada; reagia a vontade, e a dobadoira tornava a andar.

Os olhos da velha é que tinham uma expressão singular: voltada para o poente, não os tirou d'essa direcção nem os inclinava de modo algum para a dobadeira que lhe ficava um pouco mais á esquerda — isto é, mais para o sul. Não pestanejavam, e o azul de suas pupillas, que devia de ter sido brilhante como o das saphyras, parecia desbotado e sem lume.

O movimento da dobadoira estacou agora de repente, a velha poisou tranquillamente as mãos e o novello no regaço, e chamou para dentro da casa:

— 'Joanninha?'

Uma voz doce, pura, mas vibrante, d'estas vozes que se ouvem rara vez, que retinem dentro d'alma e que não esquecem nunca mais, respondeu de dentro:

— 'Senhora? Eu vou, minha avó, eu vou.'

'— Querida filha!... Como ella me ouviu logo! Deixa, deixa: vem quando podéres. É a meada que se me embaraçou.'

A velha era cega, cega de gotta-serena, e paciente, resignada como a providencia misericordiosa de Deus permitte quasi sempre que sejam os que n'este mundo destinou á dura provança de tam desconsolado martyrio.

A. G.

DO PARIATO.

146 Por todos os codices que os antiquarios mais applaudidos da Inglaterra, auxiliados pelo governo, tem podido desintranhar dos archivos até 1840, em que a commissão dos *Records* publicou as antigas leis e institutos da Inglaterra, principiando em 597 e continuando até ao seculo XII, parece concluidente que a Baronia feudal não existia n'aquella ilha, antes de sua conquista pelo Bastardo, que foi quem alli a levou convertendo-a em lei universal do paiz. É pois d'essa epocha em diante que se deve principiar a estudar a origem do pariato inglez como elle se apresenta nos nossos dias.

Vieram com o filho de Roberto-Diabo, que é elle quem foi o pai do conquistador, á invasão d'aquelle paiz, 700 barões e 60,215 cavalleiros que os acompanharam e seguiam a bandeira dos tres leões sagrada pelo papa. N'esta succinta apostilla não pertendo, nem siquer me passa pela lembrança, postoque n'aquillo que houver de dizer ponha algum cuidado, historiar todos os passos d'esta façanha d'armas. Se eu houvesse de entrar nos seus promenores, acostado sempre a diplomas, e aos escriptos mais valiosos que se tem impresso em Inglaterra e em França, a aureola com que hoje se comprazem os representantes d'aquelles magnates, por subrogação politica, irradiar os coroneis das suas cotás, muito tinha de se minguar. Mal grado a guerra de York e Lancaster durante trinta annos em que não morreriam menos de oitenta principes de sangue e que tudo devastou; á despeito da suppressão das religiões por Henrique VIII, quando as lettras não estavam vulgarizadas e os mosteiros eram os tombos das familias; e não obstante a abolição da realeza, o fanatismo das seitas, e a usurpação de Cromwell; seja pela sua superstição civil que lhe faz ter em idolatria o sello-real, que acatam mais que ao proprio rei; ou seja por qualquer outra feição do seu character como nação, nenhuma outra na Europa, creio eu ser reconhecido unanimemente, conserva tanta autographia da meia-idade como ella. Na abbadia da Batalha, erguida em commemoração da maior, pelos seus resultados, que o principe désse, está ha oito seculos a ferrolhos, na casa d'ella, o rol dos barões que a povoaram. Alguns dos seus appelidos mencionados por Thierry, que escreveu perigrinamente a historia d'esta conquista, não passam de alcunhas rasteiras, como Bon-Vilain, Bouté-Vilain Trousse-lot, Trousse-bot, L'Engayne, Longue-Epée, Oeil-de-boeuf, Front-de-

boeuf, Grosse-tête, Guillaume-le-Charetier, Augustle-tailleur, Guillaume-le-tambour, Ives-Taille-bois. Outros não tinham mais nome que aquelle que lhes dava a terra d'onde tinham vindo ou nascido. Mende-Ville, et Dande-Ville, etc. St. Quentin, St. Maurt etc. Champagne, Gascogne etc. circumstancia ésta que os eguala em prosapia, á d'essas emigrações que constantemente estão entrando em Portugal, vindas da Galliza, se ellas em logar de virem fazer serviço corporal carregando ás costas, dando agua e prestando-se a todos os misteres da domesticidade, tentassem a nossa invasão.

O livro d'oiro dos armados que foram á jornada de Hastings, era bem de chumbo. E o do seu duque não era melhor. O titulo popular com que o tratavam era o de *famoso barão*. Este tratamento não era se por concomitancia. A consciencia de cada um estava alli para o asselar com o punho da espada. Não era ao clarão do incendio ateado pela guerra que se travára tanta familiaridade, era em virtude de contractos ou *firmidões* celebradas á guisa das pragmaticas d'aquelles seculos. Passados quatro annos da conquista ainda Hugh d'Abrinius, por sobrenome Lupus, recebeu do conquistador o condado de Chester para o ter pela espada tão livre como elrei tinha a Inglaterra por ter a coroa d'ella. Os condes n'este condado (Cheshire) não relevavam do rei, mas tenit in dominio. E os feudatarios d'estas terras relevavam do conde e não do rei. Aos nove annos da conquista se alevantaram os barões contra Guilherme, por elle querer interferir nas suas alianças de familia. E desde a morte, em 1135, de Henrique I filho do conquistador e seu immediato successor, até 1155, em que veio ao throno Henrique II, um dos seus netos, toda a raça d'ésta dinastia não apresenta uma quadra mais terrivel de insurreições do que ésta, alimentadas pelo muito senhorio dos barões. Ainda durante todo o reinado d'este ellas continuaram e n'ellas figurou prominente em hostilidades, contra o pai pelos filhos, um descendente d'esse conde de Chester, a quem o conquistador tinha dado o titulo do condado. Pareceria que a epocha de alguns d'estes exemplos que apresento, não data de tempo bastante depois da conquista para fazer um aresto, e que a revolta em que andavam era incitada pela ambição dos principes da mesma familia; parecerá isto, e por isso se intenderá que não póde proceder uma proposição tão absoluta como aquella que eu pertendo estabelecer, qual a da egualdade entre todos os homens d'armas que forem n'ésta correria, e que um contracto civil se não robora simplesmente porque se assiste a um campo de batalha.

Perguntando os commissarios do rei Eduardo I, decorridos ja dois seculos e oito annos, ao conde de Warenne pelos titulos das terras que chamava suas, tirou da espada e redarguiu, que Guilherme o conquistador não tinha conquistado o reino para si somente, o seu antepassado tinha sido co-aventureiro na empreza, e que elle estava resolvido a manter na sua familia os bens que desde aquelle tempo tinham ficado n'ella incontroversos. O rei conscio do perigo em que incorria cessou de proceder mais n'estes inquerilos. Com outro condestavel do reino, querendo o mesmo rei que elle fosse a Gasconha lhe disse: *Senhor conde, por Deus, ou ha de ir ou ser inforcado..... Por Deus, senhor rei, nem hei de ir nem ser inforcado....* e virou-lhe as costas, elle e mais trinta. Estas altanerias apparecem tão tarde ainda como os fins do seculo XIV, em que os barões tentam capturar o rei Henrique IV por elle se ter apoderado do throno a despeito de muitos d'elles. Não estavam elles tão deprimidos que não bastasse, mesmo n'ésta era, passados 350 annos da conquista, que ajuntando-se cinco dos mais poderosos não podessem abalar, e até fazer mudar a successão real. Assim o fizeram até 1485, que são 425 annos contados da grande invasão. O principe em summa não era senão um chefe maior de uma associação voluntaria com outros chefes menores. Uma lei internacional é que os governava. Todos os attributos da soberania em miniatura alli se presenciavam entre elles; e os mais d'elles eram rivaes da coroa.

Fica patente e fóra de toda a duvida que os direitos de Guilherme, estavam autuados na sua acha de batalha, assim como o de todos os seus companheiros, *matula* arrebanhada de toda a parte, expressão ésta equivalente á de Thierry extraida dos originaes. Um quinhão na prêsa para coadjuvar na sua captura, tinha sido offerecido e regeitado pelo rei de França. Os proprios barões da Normandia recusavam-se a monteal-a e não foram a ella senão inganados e illaqueados. Pelas dificuldades que n'isso havia as convenções feitas para angarear auxilios são monstruosas. Entre ellas, para servir de amostra, citarei a de um bispado em expectativa cedido a um aventureiro por um barco e vinte homens, e o mais é que elle foi investido n'elle. O fundador de tão grande imperio conhecia tanto a parçaria da expedição, que antes da peleja declarou, para ingodo, que cada um se pegasse áquillo que podesse agarrar, homens, mulheres, terras, casas, casaes, cidades, moveis, immoveis, tudo emfim, e que lhe chamasse seu. Depois mesmo do combate estando sope de Londres disfarçou a vontade, porque almejava, de ser coroado, por não pôr de prevenção os circumstantes allegando que a conquista era de todos. Verificada essa cerimonia, a coroa, que se não reputou em toda a sua dynastia mais que um grande feudo, não soffreu abalo nunca na sua cabeça, porque era homem de rara e não commum capacidade. Seus filhos é que o inquietaram, e temeroso d'elles não póde ir á Terra-Santa. Mas na vida d'estes experimentou ella tantos recontros, que as parcialidades, póde-se bem dizer, a tinham sempre em *échec* quando não era *mate*. Em 1233 sendo convocados os grandes por Henrique III disseram-lhe que ou elle mandasse embora os extrangeiros ou senão que o mandavam a elle junto com elles. D'este mesmo rei exigiram a nomeação feita por elles dos officiaes reaes da sua casa. Por qualquer injuria que soffria um grande, a reparação era arrancar a coroa a seu dono e pô-la na propria cabeça. Assim succedeu a Ricardo II com Henrique IV. A rainha Mathilde filha de Henrique I, filho do conquistador, por isso que o reino lhe não tinha sido devolvido em conselho dos barões, foi-lhe tirado e passou toda a vida em augustias para o recobrar. Henrique II tendo muitos filhos, dispunha-se a repartil-o entre todos para não deixar a nenhum d'elles desaccommodado, como se fosse, ou peior do que se, fosse um patrimonio de hoje em prazos livres: tanto oscilava então a indivisibilidade politica da monarchia.

(Continúa.) *Claudio Adriano da Costa.*

DOCUMENTO IMPORTANTE PARA A HISTORIA DAS ILHAS DE CABO-VERDE.

147 Tendo-me merecido sempre a maior attenção a nossa *historia ultramarina*, ja pelos sabios e patrioticos dictames que recebi de meu pai o Sr. conselheiro José Joaquim da Silva Freitas, ja convencido pela diuturna experiencia que muito convem dedicarem-se a este estudo os officiaes da secretaria d'Estado dos negocios da marinha e ultramar; porque ésta *secção* d'aquella secretaria é tão difficil, variada e transcendente, que o *Conde das Galveas, D. João*, que d'ésta repartição fôra ministro, costumava dizer: *que era a parte encyclopedica da sua pasta*: por tudo isto não podia eu deixar de ler com anciedade a obra, ha pouco publicada, com o titulo de — *Ensaio sôbre a statistica das possessões portuguezas etc. escripto de ordem do govérno — pelo Sr. Lopes de Lima* — e com tanto mais interesse quanto é certo que para ella foram franqueados todos os *archivos das repartições públicas*, permittindo-se a averiguação dos livros e maços mais reservados. Esperei pois incontrar resolvidas n'ésta obra algumas das difficuldades chronologicas, e aclarados alguns pontos duvidosos, que offerecem ao historiographo as circumstancias do descobrimento das ilhas de Cabo-Verde; porém, não sem surprêsa vi, que ficava subsistindo na mesma incerteza e obscurismo um dos pontos controversos da historia d'esse descobrimento.

O Sr. Lopes de Lima na sua introducção ao livro 1.º, depois de relatar o descobrimento das tres ilhas mais meridionaes do archipelago de Cabo-Verde, a de Maio, San'Thiago e Fogo (ou San'Filippe), passando a tractar das outras sette d'esta maneira se expressa: «As outras sette nos diz João de Barros (que n'este ponto é um pouco confuso), terem sido descobertas por uns criados do infante D. Fernando, que eram tambem idos ao descobrimento d'ellas. Isto é extremamente vago; e mais parece uma conjectura do auctor dos que uma opinião fundamentada.» E depois do Sr. Lopes de Lima formar os seus juizos sôbre a veracidade do descobrimento das sette ilhas, continúa: «Tudo isto porém são conjecturas: além d'este primeiro descobrimento, nada se encontra de positivo em João de Barros, nem nos auctores a que elle recorreu — Gomes Eannes de Azurara e Affonso da Cerveira.» E dá o Sr. Lopes de Lima por concluidá ésta questão nos seguintes termos: «Quanto ao achado das outras ilhas (das sette) ahi ficam as conjecturas, de que o leitor póde escolher.» Ora, da leitura do documento que exhibimos se deprehende, que João de Barros não foi tão confuso, nem tão *infundado* e *conjectural* o que elle disse, como se presume: apenas teremos que notar-lhe a falta do nome do criado, ou criados do infante D. Fernando, que foram ao descobrimento das sette ilhas em questão: porém o seguinte documento vem acudir-nos n'esta necessidade, declarando-nos, que o descobridor fôra *diego affomso* (Diogo Affonso); tornando-se consequentemente um valioso subsidio para a historia das ilhas de Cabo-Verde, cumplamente apreciavel, quando considerarmos que á falta d'elle teriamos que fraquejar, para assim dizer, sempre que houvessemos de escrever sôbre ésta importante parte das nossas possessões ultramarinas. Os trabalhos historicos e statisticos sôbre os nossos dominios d'além mar, para serem escriptos com toda a exactidão, ou até á saciedade do leitor curioso, é tarefa que demanda aturadas investigações, um longo exame, uma cançativa confrontação, discernimento tranquillo, e porventura a maior paciencia: humilde opinião ésta nossa que ousâmos emittir fundados na propria experiencia, porque, para nosso particular estudo, emprehendemos no anno de 1827 um trabalho, ao qual demos o titulo de — Entertenimentos sôbre as nossas possessões ultramarinas — que mau grado nosso, ha sido interrupto pelas vicissitudes humanas. Hoje nos occupâmos com mais alguma preferencia dos assumptos concernentes ao archipelago Açoriano, não so porque mui pouco, ou mui inexactamente, é o que d'elle nos tem dito escriptores nacionaes e extrangeiros, mas em tributo de gratidão, pela maneira distincta e obsequiosa, com que fomos constantemente honrados pelos homens illustres e litteratos, assim da ilha Terceira como da de San'Miguel, durante o tempo que tivemos a satisfação de permanecer n'aquelles pingues rochedos, que melhor chamariamos risonhos emblemas do luso diadema.

Eis aqui o documento a que nos referimos:

Dom Affomsso etc. A quamtos esta carta virem fazemos saber que o iffamte dom fernando meu muito prezado e amado irmaão nos disse que huum guomçallo fernandez morador em tavira em vyndo elle das pescarias do Ryo do ouro seemdo ne peguo a lo es noroésle das ilhas da canaria e da ilha da madeira Ouve vista de huuma ilha e que por lhe o tempo seer contrario nom podera a ella chegar a quall o dito meu irmaão ja mamdara buscar por certos sinaaes que lhe della deram, e nom lha acharom e que por quamto elle a queria ora outra vez mamdar buscar nos pedia por mercee que lha dessemos *asi e pela guisa* que lhe temos dadas *as outras sete ilhas que diego affomso seu escudeiro achou a'traves do cabo verde*. E nos visto seu requerimento queremdo lhe fazer graça e mercee temos por bem e outorguamos a dita ilha que achada he ou em allguum tempo se achar per seus navios ou por outros quaaesquer em a dita paragem. E queremos que elle a tenha e aja de nos imteiramente com todallas remdas e direitos mando a juridiçom asi e pella guisa que ora tem e ha as dictas *sete ilhas* de que lhe asi temos feita mercee E porem mandamos a todollos nossos corregedores juizes e justiças officiaaes e pessoas a que ho conhecimento desto pertemcer e ésta nossa Carta for mostrada que lha cumpram e guardem e façam comprir e guardar como se em ella conthem e he comtheudó na outra Carta da mercee que lhe das *dicte ilhas* temos feita sem lhe sobre ello em allguum tempo ser posto nenhuum embargo nem duvida porque assi he nossa mercee e all nom façades dada em lixboa vynte nove dias doutudro Amtam cardoso a fez anno de nosso senhor jhesu christo de mil e quatrocemtos e sassemta dous. (*)

B. J. Senna Freitas.

BELLAS-ARTES.

ESCULPTURA DO THEATRO DE D. MARIA II.

148 Esta semana foram collocados na fachada do attico que olha para a praça de D. Pedro, no Theatro de D. Maria II, as quatro tabellas ou meios-relevos

(*) *Real archivo da torre do-tombo, liv. 2 de Misticos, fl.* 155.

de que se deu noticia no n.° 8 da Revista. Representam as quatro partes do dia. O *crepusculo da manhan e o meio dia* estão para o lado do oriente, o *crepusculo da tarde e a noite*, para o do occidente. O tamanho das figuras é sôbre nove palmos, e na altura em que estão apresentam quasi as dimensões do natural.

O Sr. Fonseca, professor da aula de pintura historica da academia das Bellas-Artes de Lisboa, de accôrdo com o Sr. Assiz, professor da aula d'esculptura da mesma academia, são os artistas a quem se deve a execução d'este bello ornamento, tendo feito o primeiro o desenho e o segundo o modêlo das figuras. Os artistas que as lavraram no marmore foram os Sr.ˢ: J. P. d'Aragão, J. H. Cesarino, J. G. Rodrigues, A. P. Schiappa Pietra, J. M. Caggiani e M. J. R. Latta, sendo d'estes dois últimos a *figura do meio-dia*, a primeira obra que fazem em pedra depois dos seus estudos na academia.

Todo este primoroso trabalho, desde o desenho até á collocação das tabellas, foi executado em menos de quatro mezes. De justiça se lhe devem os maiores elogios: o seu acabamento é admiravel de perfeição em todos os detalhes ainda os mais pequenos. Nóta-se n'este ponto a delicada grinalda que orna a figura do *crepusculo da manhan*. Mas entre todas damos a preferencia á figura da *noite* — senão tambem pelo desenho, de certo pela sua poesia e elegancia — é uma dama adormecida com um menino nos braços.

Tracta-se ja tambem do alto-relevo que hade ornar o tympano do perystillo da praça de D. Pedro. É um grupo colossal, obra dos mesmos professores, cujo modêlo em-grande está quasi completo e representa Apollo e as musas. O seu effeito é ja admiravel. Se houver diligencia egual á que se empregou na execução dos meios-relevos de que acima fallâmos, póde estar concluido pelo meiado do anno futuro.

Depois hade tractar-se da estatua de Gil-Vicente para o vertice do angulo do tympano, e de outras duas estatuas — a tragedia e a comedia — para as extremidades do mesmo angulo.

Todos estes trabalhos honram sôbre maneira a nossa academia, e servirão para provar ao mundo o modo brilhante como entre nós vai revivendo e floresce a estatuaria. Torwaldson foi interrado ha pouco mais de dois annos com honras de principe; que ésta apotheose da esculptura exista sempre na memoria dos seus artistas!

VARIEDADES.

MODAS.

149 Este anno não tivemos primavera; em compensação os calores d'estio ameaçam de invadir a estação d'outono. Assim quem hade ter ânimo de deixar o campo? Embora a quadra dos banhos convide as damas e os elegantes: está-se tam pouco tempo n'agua... e de la fóra quem póde com esse abrazeado da cidade, com o pó d'essas ruas macdamizadas a *sêcco*? Se sempre se podesse estar n'agua ou a tomar sorvete... A proposito de sorvete, não são menos de oito os cafés que hoje vendem *neve* em Lisboa; pois sabem os leitores quantos copos d'ella gastaram em hora e meia dois d'estes *cafés*, e n'um mesmo sitio — a praça de D. Pedro — obra de quatrocentos e cincoenta no domingo 24 d'agosto! Ja é vontade de se gelar: mas a razão é porque os lisbonenses só podem ser *frios* artificialmente. E como agora é conveniente sel-o...

Vamos porém ás modas que as amaveis leitoras tem quijilia com a *frieza*, e tambem nós temos medo de nos tornar-mos glaciaes. Recebemos figurinos de París até 25 do passado: ja se vê que *andámos em dia*. As barejas é a fazenda do tom na capital do bom-gôsto. Os roupões de cassa para de manhan, ou as camizas á amazona (especie de *mandrião*) guarnecidas de fitas, com meias-mangas largas, e as saias de musselina, é tudo quanto ha de mais elegante. Os vestidos de bareja por cima de saias de taffetá de côr, ornadas de laços de taffetá chinez, formam uma linda *toilette*. Usa-se muito o degote, e o penteado ornado de flores naturaes, *mitaines* de melania ou veludo, e manta de cazemira guarnecida de passamanes. Tambem usam as romeiras com entremeios.

Os redingotes de seda (especie de jaleco) com passamanes, e os vestidos de seda em listas, degotados e guarnecidos de renda, com avental de taffeta; formam outra *toilette* muito mimosa.

Os figurinos começam a trazer os bellos caracoes pendentes em *sacarolhas*, mas continúa ainda a modesta *pasta* tapando as orelhas; moda ja demasiado duradoira: será porque as senhoras procurem uma defensa aos ditos semsabores dos elegantes? Os chapeus são de palha d'Italia guarnecidos de veludo preto e debruados á roda de renda preta fluctuante. Temos visto alguns em Lisboa de palha do Fayal superiores em lustre e finura aos d'Italia.

Os improvisos das modistas de París para as modas d'outono não tardam a chegar: guardem as amaveis leitores para então o resto da sua curiosidade, que nós promettemos de lhes dar amplas informações.

CORREIO EXTRANGEIRO.

150 Formou-se em Trieste uma sociedade para favorecer o desinvolvimento do commercio austriaco com a India e China. E'sta associação obteve auctorização do govêrno para ser formada por acções.

Hade enviar á China e á India os productos austriacos, e mesmo alguns artefactos extrangeiros, quando for preciso completar a carregação; e adiantará dinheiro sobre os objectos exportados. O seu capital é de um milhão de florins, dividido em mil acções. No fim de trez annos, se a sociedade tiver bons resultados o seu capital poderá ser augmentado. Requereu-se ao govêrno que estabelecesse um consulado-geral em Singapore.

E' notavel que de todos os soberanos da Europa, haverá hoje apenas quatro ou cinco que não andem viajando dentro ou fóra dos seus Estados.

Por occasião da inauguração da estatua de Beethoven dêu-se em Bonn um brilhante concerto regido por Meyerbeer, a que assistiram quatro soberanos e muitos principes de sangue-real. Tocou piano a solo o celebre Liszt.

A cidade de Athenas augmenta todos os dias em fundações scientificas e philantropicas de toda a especie. Ao museu do acropolis reuniu-se uma bibliotheca á qual os reis de Napoles e da Prussia teem feito presentes verdadeiramente reaes. Alguns riccos proprietarios estabeleceram um magnifico seminario. Outro ricco proprietario mandou construir á sua custa um observatorio e comprou os necessarios instrumentos. Outro offereceu uma avultada quantia á Universidade para ser applicada para premios aos estudantes pobres. Os gregos contribuem todos, cada um como póde, para o progresso material e moral da sua patria. Os negociantes de Trieste, Odessa, e Smyrna, rivalizam com os de Athenas n'este nobre empenho: é um documento de patriotismo e illustração muito para seguir, e merecedor do maior elogio.

O rei de Dinamarca acaba de criar uma nova ordem militar, que consiste n'uma medalha com o retrato do rei de um lado e a seguinte inscripção — Christiano VIII: do outro lado as palavras '*Ao Merito*' cercadas de uma coroa de carvalho. O nome da pessoa condecorada hade ser gravado na sua extremidade.

A mania de visitar Paris tem sido tão contagiosa que até foi tocar as tribus selvagens da America do norte. Apenas despedidos os I-o-ways, *pelles-vermelhas*, entram os O-jib-be-ways. O desenho d'estes indios na *Illustração* franceza é das mais curiosas coisas que se podem ver, sobretudo os ornatos da cabeça são do mais extravagante gôsto. Onze são elles, quatro chefes, tres mulheres, tres meninos e um interprete.

CORREIO NACIONAL.

151 Como a REVISTA publica hoje um artigo sôbre homœopathia virá a proposito dizer, que um dos últimos jornaes inglezes nos dá a noticia de que um caso grave de cholera-morbus, foi radicalmente curado em Londres, no começo do mez passado, pelo methodo homœopatico praticado pelo celebre Dr. Curie.

No dia 21 do passado meia-hora depois do meio-dia, sentiu-se um forte abalo da terra em Loulé, que fez rachar algumas paredes, e bateu trez pancadas o rologio da villa. O movimento dilatou-se até Albufeira.

A Caixa-economica da Companhia 'Confiança-nacional' recebeu 6:536$835 réis, restituiu 2:384$242 réis, e teve 18 depositantes novos, na semana que findou em 30 do passado.

Diz-se que a companhia de fiação e tecidos d'algodão, que por accôrdo com o Contracto-do-tabaco cedeu o edificio de Xabregas, vai estabelecer a sua fábrica no edificio do Sr. Raton na praia do Calvario, á Junqueira.

Parece que as experiencias magneticas estão finalmente introduzidas em Lisboa. Falla-se muito de magnetizados e magnetizadores; comtudo o magnetismo marcha ainda rebuçado: não ousa por em quanto apresentar-se á luz pura da publicidade. Até ouvimos fallar de applicações therapeuticas...

O Conservatorio-Real prepara os seus exercicios publicos para um dia proximo. Entre as peças executadas pela eschola de musica hade ouvir-se, pela primeira vez, um coro dá celebre composição de Haydn a 'Creação.'

Domingo, certa familia quando voltava de Bellas, onde fôra procurar algumas horas de prazer por occasião da festividade que n'esse dia alli se celebrava, achou a casa e seus haveres reduzidos a cinza. Foi uma propriedade proximo á Bemposta que junta com outra ardeu, segundo se diz, por embriaguez de um criado.

No anno lectivo de 1844 — 45 frequentaram o lyceu-nacional de Braga 209 alumnos ordinarios, sahiram approvados 102, perderam o anno 42. O professor recommenda particularmente á consideração pública pelo seu *talento e applicação*, 14 dos alumnos cujos nomes se leem no 'Diario' de 28 do passado.

Falla-se muito que o govêrno de S. M. vai mandar construir uma boa povoação no territorio de Mossamedes, em Africa.

Esperam-se no Tejo tres novos vapores mandados construir a Inglaterra; um por conta do Thesoiro para servir na Marinha, outro mandado construir pela Alfandega para seu serviço, e o terceiro á ordem do novo Contracto-do-tabaco, talvez para perseguição do contrabando.

Domingo, deu-se no theatro do Salitre um drama de F. Soulié os 'Estudantes de Paris.' E'sta peça tem bastante merecimento e interêsse; é sobretudo uma licção moral dada sem pertenções. O Sr. Assiz no 5.º acto, na scena com sua mãi, póde dizer-se que vai excellentemente; e a Sr.ª Josephina no final do 4.º acto tem muitas inflexões bastantemente felizes.

O 'Circo Laribeau' desempenhou como era de esperar a sua magnifica contradança e valsa equestre. Pela riqueza do vestuario, pelo ar dos cavalleiros de ambos os sexos, pelo bello desempenho, e por todo o complexo, tem produzido este espectaculo um decidido enthusiasmo.

Um distincto general do nosso exercito acaba de completar um seculo d'existencia; mas ha ainda n'isto uma circunstancia singular, foi este o primeiro dos seus anniversarios que elle solemnizou: o illustre militar teve em torno de si uma familia numerosa, cujo jubilo completava a satisfação do seu venerando chefe.

Os arraiaes e fogos-d'artefício estão decididamente em moda. Domingo e Segunda-feira houve uma e outra coisa em Cacilhas; a afluencia foi immensa: calcula-se que no segundo dia so os vapores transportaram obra de quatro mil pessoas. Divertimento identico se annuncia para o proximo domingo. N'este de que fallâmos viu-se pela primeira vez fogo volante colorado d'artifices nacionaes.

CONHECIMENTOS UTEIS.

COLONIAS AFRICANAS.

152 No 'Diario do Governo' de 28 do passado lê-se uma portaria do ministerio da marinha, secção do Ultramar, por onde consta haver sido agraciado com o habito da 'Conceição' o Sr. João Guilherme Pereira Barbosa, lavrador do districto de Cazenga, provincia de Angola, *pela perseverança com que tem augmentado a cultura do café, que sendo so de 170 arrobas em 1839, subiu o anno passado* (1844) *a 600 arrobas.*

Ésta graça é uma d'aquellas que pelo seu pensamento honram os govêrnos e concorrem para a felecidade dos povos. Não achariamos phrases que nos satisfizessem para dignamente a louvar.

Toda a gente sabe que o commercio dos escravos era o mais importante ramo do commercio africano; mas a humanidade rebellou-se contra este infame trafico e a sciencia tem-no condemnado como absurdo, com quanto ponderosas razões haja com que elle se póde defender: está porém effectivamente stigmatizado o commercio dos negros, e agora nova direcção é indispensavel nas relações commerciaes com aquella parte do mundo.

Ésta nova direcção commercial póde e deve *principalmente* ser estabelecida sôbre os productos agricolas, por parte do territorio africano. Este estabelecimento porém não se póde fazer de repente, nem por meio de condições isoladas, nem ainda por *simples* portarias do govêrno. Quando o Sr. Visconde de Sá administrou a repartição da marinha e ultramar, tomou muitas providencias e da mais alta importancia para a prosperidade das colonias africanas, e toda-via, sejam as razões quaes forem, ella nem em comêço ainda está; ao contrario a decadencia d'estas colonias é visivel de anno para anno: não ha ninguem que tenha conhecimentos especiaes d'esta materia que o não affirme, que não reclame meios efficazes de a obviar. E não exceptuâmos as ilhas de Cabo-Verde: sabe-se que n'este anno os rendimentos do Estado n'aquellas ilhas são tam diminutos que nem siquer chegam para em seus portos se podêr sustentar um brigue de guerra!

Se os decretos e portarias bastassem, tinhamos, pelo que toca a Cabo-Verde, o decreto de 27 de dezembro de 1838, que vigorizou o alvará de 1811 que creára n'aquelle archipelago as 'juntas dos melhoramentos d'agricultura,' tinhamos os decretos de 28 do mesmo mez e anno, e os de 12 de janeiro, de 18, 26, e 28 de fevereiro, de 10 e 11 d'abril, e de 29 de novembro de 1839, que approvam as condições apresentadas por varios cidadãos para a concessão de terrenos aforados em praso fateosim, ou gratuitos, que devam ser cultivados de café, assucar, mandioca, tabaco, algodão, chá, cereaes e batatas; edificados alguns, e outros occupados com arvoredos. Dizendo-se no decreto de 11 d'abril, que refundiu n'uma so muitas d'essas concessões, em virtude de alguns dos agraciados se terem formado em companhia para a exploração d'aquelles terrenos, que essas pessoas formavam uma empreza cuja *execução, desinvolvimento e perfeição, Eu* (diz S. M.) *por todos os meios desejo facilitar e animar.* E em portaria de 10 de janeiro de 1839 havia-se dito: *S. M. considera os estabelecimentos d'esta natureza como os meios mais efficazes para levar as possessões ultramarinas ao grau de prosperidade de que são susceptiveis, pelas immensas riquezas naturaes que n'ellas jazem no abandono; mas que uma vez exploradas, sem dúvida, proporcionarão aos seus exploradores lucros tam avultados que excitarão muitos outros a seguir successivamente o seu exemplo.*

Ja se ve pois que éstas acertadas providencias não surtiram os resultados que d'ellas se esperava; ou porque este impulso não foi continuado e se transviou a unidade de pensamento que as dictára (como me parece), ou porque ellas não eram sufficientes, ou foram porventura inuteis sem um systema fixo e uniforme de organisação colonial que lhe servisse de base (o que tambem não deixa de ser assim).

Sabe-se que em 1838 foram approvados os estatutos de uma companhia colonial para a exploração agricula e commercial das nossas possessões africanas; ésta companhia não se tem realizado, e segundo parece solicita providencias governativas que ainda não póde obter. Este em quanto a mim sería o meio unico de salvar e *segurar* as colonias, que sem uma providencia em grande escalla mais tarde ou mais cedo nos hão de fugir — é um mui triste vaticinio... A companhia porém a que me refiro nem me parece satisfatoria na sua organisação, nem ella de per si so será bastante. Se nós temos diante dos olhos o que teem praticado os outros paizes a este e tantos outros respeitos, porque os não havemos de seguir por meio da *applicação sensata* dos seus alvitres ao nosso estado e *circumstancias?*

Os negociantes de Londres e Bristol, teem grossa somma de capitaes empregados em duas poderosas associações de commercio com a costa d'Africa. O commercio francez em Serra-leoa, costa-do-marfim, costa-d'oiro, golpho do Guiné etc. tem tido um immenso incremento de dez ou dôze annos para ca. As representações de muitas sociedades de commercio determinaram o govêrno francez a estabelecer *estações* para servirem de arsenal e pontos de refresco aos navios, e de protecção aos commerciantes. O govêrno inglez tem ultimamente restabelecido as suas feitorias em estado ainda mais respeitavel.

Esforços e providencias d'esta natureza é que se deveriam empregar tambem por nessa parte. Necessita-se de uma legislação especial elaborada por homens competentes: necessita-se de estabelecimentos, feitorias, estações, ou como melhor se lhes deva chamar, organizadas, sustentadas e fortalecidas pelo govêrno, nos pontos que forem designados como convenientes; e a este respeito estamos nós incomparavelmente em melhores circumstancias do que a Inglaterra e França: necessita-se de uma grande companhia para a exploração agricula, industrial e commercial, das colonias; não estabelecida como a que existe em projecto, nem como ordinariamente se estabelecem éstas companhias, mas fundada com o triplo concurso do Estado, dos proprietarios das colonias e dos negociantes da metropoli... Como? A concepção ja existe, e não *é sonho de nenhuma imaginação ubertosa...* (hei-de dizel-o n'outra occasião): necessita-se finalmente de um systema, harmonico e complexo, de organização colonial.

———

LICOR D'ABSYNTHO.

153 O uso do licor d'absyntho está um pouco vulgarizado entre nós. Eis-aqui o que a seu respeito se lê n'um jornal francez :

« Escrevem d'Argel que o uso frequente do licor d'absyntho, feito por grande parte da população europea, tem occasionado numerosas infermidades, e até mesmo algumas mortes. Os facultativos convocados para darem o seu parecer a este respeito, porque se receiou que o licor importado viesse viciado de alguma substancia corrosiva, sustentaram que não; mas condemnaram o uso d'este licor como muito pernicioso, motivando assim a sua opinião :

« O absyntho toma-se ordinariamente antes de jantar, misturado com agua que lhe attenua a força; mas ha tambem quem o beba puro. O alcool entra na sua composição como 70 partes em 100, a essencia d'anis e o extracto d'absyntho prefazem as outras 30 partes. A noxividade d'este licor ao estomago provêm-lhe não so do seu elevado grau alcoolico, mas do proprio extracto d'absyntho, amargo, tonico, que produzindo a principio bom effeito no orgão digestivo, não tarda a ser-lhe incommodo, e depois nocivo pela sua qualidade excitante. A essencia d'anis, que torna ésta bebida lactea misturada com agua, accrescenta ainda ésta qualidade noxia. Mas o que em tudo isto ha de mais pernicioso é usar-se d'este licor antes de jantar, quando o estomago está vaziu, o que irrita ésta viscera muito mais do que o faria quando misturado com os alimentos.

CAMINHOS TRANSVERSAES.

154 Seguindo a doutrina do interessante artigo da REVISTA n.º 6, do mez passado, por mais fortes e romanticas que sejam as crenças nos systemas e obras dos homens, o tempo e as oscilações da nossa edade as faz afroixar e decahir. Os homens da nossa terra, apezar das suas crenças, parece que adoptam a doutrina da preleção d'um dos maiores homens d'academia franceza, que afirma não haver hoje nada certo, nem verdadeiro.

Nós seguiremos tambem com o grande academico ésta famosa doutrina... visto ser a mais seguida... seremos da familia dos que acreditam em que se farão estradas posto que tarde, e com muito vagar: somos pois d'opinião que poderemos ter alguns caminhos, que, no nosso miseravel estado, com apoucadas e mesquinhas transacções, são os de mais precisão. Principiaremos pelas vizinhanças de Lisboa, onde se commettem erros que serão tambem praticados em outras partes do reino. O maior êrro que se está fazendo na reconstrucção das estradas no districto de Lisboa é dar-lhe uma largura que não é necessaria; por exemplo: na que vai de Loures ao Tojal, para que hade a estrada ter em algumas partes largura de caberem trez o quatro seges a par? É um desperdicio de terreno que não se pratica em parte alguma. As estradas transversaes em França e Inglaterra não teem largura para mais de passarem dois carros e seges a par, e algumas das geraes em Inglaterra são da mesma largura. No nosso paiz mais vasão ha para acabar com taes superfluidades por ser o transito muito insignificante; um paiz montanhoso em que, á excepção de Lisboa, e poucas leguas em roda, ninguem anda de sege, e ainda que rodassem as seges como em outros reinos, não poderia alterar-se o systema hoje adoptado em toda a parte, de não dar taes larguras ás estradas, que faltam para os caminhos pequenos, que são de absoluta necessidade para o transito geral da gente de pé e de cavallo. Vede nas vizinhanças de Lisboa, onde ha qualquer estreito caminho a par das calçadas como é logo seguido pela gente e animaes.

Estes pequenos caminhos podem com facilidade fazer-se por toda a parte, recomendando-se aos directores dos concertos que não deixem nas estradas mais largura que a necessaria para a passagem de dous carros, e na parte que tenha maior elevação e escoantes faceis para as aguas, devem deixar um pequeno passeio ou caminho sem pedra alguma; pois que sendo o terreno de Lisboa tão compacto e ladeirento, póde conservar-se sem que haja ruina nos pequenos caminhos ou passeios até sem que haja n'elles cuidados. Somos de opinião que as juntas de parochias e pessoas mais riccas das freguezias poderão conservar e reparar, e até confeccionar estes pequenos caminhos sem grandes trabalhos nem despezas.

Acabada a debulha no mez d'agosto os lavradores do districto de Lisboa ficam por alguns mezes desocupados, e podem dispensar muito tempo para se empregar nos trabalhos d'estes pequenos caminhos, que lhes darão grandes utilidades.

A Exm.ª camara de Lisboa deve não so pelos seus agentes, mas por meios de persuasão instigar a que ao lado das estradas se tirem as pedras que impedem a passagem; que se façam aberturas, e pequenos regos em todos os passeios e pequenos caminhos, para que a agua nunca corra por elles. Sendo este trabalho pouco custoso, e da primeira necessidade, é o primeiro que deve fazer-se.

Pode-se depois, ou ao mesmo tempo, puchar para os passeios o granito, a pedra calcaria miuda, a pedra que se desfaz com facilidade e de que os lados da maior parte das estradas estão cheios, a fim de que fiquem sempre com elevações os mesmos caminhos, e não admittam que por elles corra agua. Nas estradas de calçada, que estão todas cobertas de pedra grossa, não havendo logar para os passeios, deve sôbre a calçada que estiver mais elevada lançar-se granito, ou pedra miuda ou arêa, e calcar com maços, para haver ja por toda a parte os caminhos sem dar-se ao trabalho de desfazer a calçada. Em grande parte das estradas do termo tem cahido e descido dos lados terra, arêa, e granito, que tornam lisos alguns bocados das estradas: o que o tempo e a natureza tem supprido para diminuir os estragos, e erros dos homens, deve fazer-se com arte, e cuidado, para diminuir as difficuldades, e ruina das estradas. No concerto que agora se está fazendo nas estradas de Odivellas para Caneças, e de Bucellas para o Tojal tenha a camara e os directores cuidado de não deixarem fazer de calçada a maior parte dos concertos que se vão começar; porque o terreno na maior parte é de tão boa qualidade que conservará sempre sêcca e compacta a estrada, sem calçada, se houver o constante e não interrompido cuidado de desviar a agua dos caminhos; os quaes devem sempre ser feitos com declives, e a estrada junto a elles tambem deve sempre ficar com declive para as descidas naturaes das aguas, sem que corram ao longo das estradas, como acontece em grandes pedaços da estrada de Bucellas, na qual a agua

das grandes elevações, que devia sahir immediatamente atravessando somente a estrada, corre por ella abaixo por grandes espaços, e sendo no inverno um rio de agua, deixa a pedra á vista, extrahindo toda a terra e materiaes que a torna lisa.

Outro cuidado de absoluta necessidade é desviar dos logares, para onde as aguas devem descer, as pedras e intulhos, que existem, pois que deixando-se, como estão deixando na de Caneças defronte de Adaveja, as aguas correm infallivelmente pelo meio da estrada, e a escalabram em pouco tempo. Se as pedras e intulhos forem muitos, abram, de duas ou de tres em tres braças pequenos regos, que fiquem sempre muito mais baixos, que a estrada, para que a agua se demore o menos possivel. Quando acontecer não haver escoadoiros junto a quintas ou proriedades em que ha muros ou tapagens, devem os proprietarios ser constrangidos a abrir os escuadoiros, e buracos, para a escuante das aguas das estradas.

Uma grande parte das estradas nas vizinhanças de Lisboa, e tambem das provincias, arruinam-se com facilidade e andam sempre em mau estado, porque não dão escuante ás aguas para as propriedades. Os proprietarios devem reconhecer que as aguas que escoam das estradas fertilizam as propriedades, porque depozitam muitos nateiros e lixos, e se alguma vez a grande quantidade de agua que vem não utiliza á propriedade ou quinta, facilmente se desvia para onde não faça damno.

Ha n'esta parte uma extrema negligencia devida aos directores das estradas, e aos proprietarios, os quaes todos devem convencer-se da lei geral da natureza, sempre constante e immutavel — que não póde haver bons caminhos nem estradas sem lhes desviarem as aguas. Permittam que se repitam sem cessar, os preceitos que devem andar sempre nas cabeças de todos, para que venha a convicção que hade trazer os resultados satisfatorios. Se não podemos ainda por muito tempo ter as estradas que precisâmos, deixem pelo menos os pequenos caminhos aos lados, que são tão favoraveis e necessarios ao transito geral, da gente de pé e de cavallo, que é a que fórma a maior parte dos interesses sociaes, e o geral de suas immensas transacções.

O commercio interno, e principalmente o de Lisboa e seu termo, que devia ser o centro das grandes e mais numerosas transacções do reino, acha-se em um estado miseravel, o que é devido á difficuldade do transito, e principalmente á legislação excepcional, que impoem direitos pesados, insolitos, barbaros, sem relação alguma com todos os outros objectos de consummo.

A legislação devia em um paiz incommunicavel como o nosso, facilitar as transacções, diminuindo os effeitos da incommunicabilidade pela percepção de direitos modicos nos artigos que tem um transporte difficil e são de maior consummo, e eximir de todas as obrigações vexatorias, de manifestos, declarações e guias; as quaes sem produzirem causam vexames, grandes despezas e incommodos aos povos. A legislação que mata e intorpece a producção ao nascer e desinvolver-se, como a que rege em Lisboa e termo, é a mais damninha e cruel que póde dar-se, nem póde continuar, sem causar maior ruina. Legislação tão absurda com tão maus caminhos hão de perpetuar a miseria pública.

Esta doutrina precisa mais desinvolvimento que se lhe dará em tempo competente. *B.*

MODO DE BRANQUEAR MARFIM.

155 Os pequenos objectos de marfim, que se desejam branquear, é bastante defummal-os com vapor de enxofre; quando porém forem grandes, escovem-se bem com pó mui fino de pedra-pomes diluida n'agua.

(*Diction. des Menages.*)

DO COMMERCIO NA SUA LIGAÇÃO COM A AGRICULTURA E INDUSTRIA NACIONAL. (*)

COMMERCIO.

156 O commercio é o espirito animador e vivificante da agricultura e industria, buscando e promovendo o consummo, venda e permutação, dos seus productos nos mercados internos e externos.

N'esta conformidade incumbe ao commercio augmentar e estender a esphera da sua actividade em razão do augmento progressivo da agricultura e industria nacional, ou seja no abastecimento e concorrencia dos mercados internos, ou dos externos: por ser evidente que so assim póde crescer e prosperar a agricultura e industria, tendo certeza do consummo vantajoso dos respectivos productos nos mercados nacionaes e extrangeiros: e obter-se a balança mercantil, ao menos egual, pela totalidade e valor das exportações nacionaes, que são a verdadeira moeda do pagamento e saldo das importações havidas do extrangeiro, as quaes sendo alias saldadas a dinheiro, e em um paiz que não tem a industria e producção de metaes preciosos, absorvem progressivamente o numerario, e amortecem a creação e desinvolvimento dos productos agriculas e industriaes na proporção que vai faltando o mesmo numerario, seu principio vital e meio circulante.

Para o commercio nacional prehencher assim os seus fins, a exemplo do que praticam o de Inglaterra o França para darem sahida á immensidade dos seus respectivos productos agriculas ou industriaes, os meios consistem:

1.° Em ter sempre diante dos olhos o estado dos diversos mercados extrangeiros, aonde poderem concorrer os productos agriculas em que abundâmos, ou de que ja temos excedentes, e os industriaes que temos e formos tendo:

2.° Em informar constantemente os productores nacionaes sôbre os usos e gôsto dos respectivos consummidores nos mercados extrangeiros, afim de lhes apropriarem os productos:

3.° Em levar a esses mercados os nossos productos, conforme ao gôsto dos respectivos consummidores, e ao mesmo tempo sempre perfeitos e desinganados; visto que, ou para abrir concorrencia em novos mercados, ou para a conservar e augmentar nos existentes, é indipensavel que os productos sejam ao gôsto dos consummidores, sem o que não terão sahida; e que sejam perfeitos e desinganados, sem o que os consummidores, uma vez inganados com productos imperfeitos ou falsificados, os regeitarão de futuro com descredito do commercio nacional, que assim não chegará a estabelecer-se em mercados novos, e cahirá nos existentes:

(*) Continuado de pag. 126.

4.° Em zelar sôbre tudo a reputação dos productos nacionaes nos mercados extrangeiros; e espacialmente a qualidade, excellencia e pureza, dos nossos vinhos, como o primeiro e mais ricco e importante objecto de exportação nacional:

5.° Em apresentar nos mercados extrangeiros os productos nacionaes com escrupulosa economia nas despezas de expedição, transporte e fretes maritimos, por tal fórma que nunca sejam superiores ás das outras nações que alli concorrerem com os seus respectivos productos:

6.° Em effectuar as suas transacções com perfeito conhecimento dos usos e costumes das respectivas praças do commercio, e da legislação mercantil e tractados commerciaes dominantes nos respectivos paizes e mercados extrangeiros; e sendo em tudo bem assistido e coadjuvado pelos consules e agentes consulares portuguezes.

Lisboa 20 d'agosto de 1845.

Luiz Antonio Rebello da Silva.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO XII.

De como Joanninha desimbaraçou a meada da avó, e do mais que aconteceu. — Que casta de rapariga era Joanninha. — Dá o A. insigne prova de ingenuidade e boa fé confessando um grave senão do seu Ideal. Insiste porém que é um adoravel deffeito. — Em que se parece uma mulher desannellada com um Sansão tosquiado. — Pasmosas monstruosidades da natureza que desmentem o credo velho dos peralvilhos. — Os olhos verdes de Joanninha. — Religião dos olhos pretos strenuamente professada pelo A. Perigo em que ella se acha á vista de uns olhos verdes. — De como estando a avó e a neta a conversar muito de mano a mano, chega Frei Dinis e se interrompe a conversação. — Quem era Frei Dinis.

157 —'Aqui estou, minha avó: é a sua meada?.. eu lh'a indireito:' — disse Joanninha sahindo de dentro, e com os braços abertos para a velha. Apertou-a n'elles com ineffavel ternura, beijou-a muitas vezes, e tomando-lhe o novêllo das mãos n'um instante desimbaraçou o fio e lh'o tornou a intregar.

A velha surria com aquelle surriso satisfeito que exprime os tranquillos gozos de alma, e que parecia dizer: 'Como eu sou feliz ainda, apezar de velha e de cega! Bemditto sejais, meu Deus'.

Ésta ultima phrase, ésta bençam de um coração agradecido, que spira suavemente para o ceu como sobe do altar o fummo do incenso consagrado, ésta última phrase trasbordou-lhe e sahiu articulada dos labios:

—'Bemditto seja Deus minha filha, minha Joanninha, minha querida neta! E Elle te abençoe tambem, filha!'

—'Sabe que mais minha avó? Basta de trabalhar hoje, são horas de merendar'.

—'Pois merendemos'.

Joanninha foi dentro da casa, trouxe uma banquinha redonda, cubriu-a com uma toalha alvissima, pôs em cima fructa, pão, queijo, vinho, chegou-a para aopé da velha, tirou-lhe o novêllo da mão, e arredou a dubadoira. A velha comeu alguns bagos de um caixo doirado que a neta lhe escolheu e pôs nas mãos, bebeu um trago de vinho, e ficou callada e quieta, mas ja sem a mesma expressão de felicidade e contentamento socegado que ainda agora lhe luzia no rosto.

As animadas feições de Joanninha reflectiam sympathicamente a mesma alteração.

Joanninha não era bella, talvez nem galante siquer no sentido popular e expressivo que a palavra tem em portuguez, mas era o typo da gentileza, o ideal da spiritualidade. N'aquelle rosto n'aquelle corpo de dezeseis annos, havia por dom natural e por uma admiravel symetria de proporções toda a elegancia nobre, todo o desimbaraço modesto, toda a flexibilidade graciosa que a arte, o uso e a conversação da côrte e da mais escolhida companhia veem a dar a algumas raras e privilegiadas creaturas no mundo.

Mas n'esta foi a natureza que fez tudo, ou quasi tudo, e a educação nada ou quasi nada.

Poucas mulheres são muito mais baixas, e ella parecia alta: tam delicada, tam *elancée* era a fórma airosa de seu corpo.

E não era o garbo teso e aprumado da perpendicular *miss* ingleza que parece fundida de uma só peça; não, mas flexivel e ondulante como a hástea joven da árvore que é direita mas dobradiça, forte da vida de toda a seiva com que nasceu, e tenra que a estalla qualquer vento forte.

Era branca, mas não d'esse branco importuno dos loiros, nem do branco terso, duro, marmoreo das ruivas — sim d'aquella modesta alvura da cera que se illumina de um pallido reflexo de rosa de Bengalla.

E d'outras rosas, d'estas rosas-rosas que denunciam toda a franqueza de um sangue que passa livre pelo coração e como á sua vontade por artérias em que os nervos não dominam, d'essas não as havia n'aquelle rosto: rosto sereno como é sereno o mar em dia de calma, porque dorme o vento... Alli dormiam as paixões

Que se levante a mais ligeira brisa, basta o seu mais macio bafejo para increspar a superficie espelhada do mar.

Sussurre o mais ingenuo e suave movimento d'alma no primeiro acordar das paixões, e verão como se sobresaltam os musculos agora tam quietos d'aquella face tranquilla.

O nariz ligeiramente aquilino, a bôcca pequena e delgada não cortejava nem desdenhava o surriso, mas a sua expressão natural e habitual era uma gravidade singela que não tinha a menor aspereza nem doutorice.

Ha umas certas boquinhas gravesinhas e espremidinhas pela doutorice que são a mais abhorrecidinha coisa e a mais pequinha que Deus permitte fazer ás suas creaturas femeas.

Em perfeita harmonia de côr, de fórma e de tom com a fina gentileza d'estas feições, os cabellos de um castanho tam escuro que tocava em preto, cahiam de um lado e de outro da face, em tres longos, deseguaes e mal inrolados canudos cuja ondada spiral se ia relaxando e diminuindo para a extremidade até lhe tocarem no collo quasi lisos.

Em stylo de arte — em stylo da primeira e da mais bella das bellas artes, a *toilete* — este é um defeito; bem sei.

Que votos, que novenas se não fazem a San' Barometro nas vésperas de um baile para lhe pedir uma atmosphera sêcca e benigna que deixe conservar até á quarta contradança ao menos, a preciosa obra de carrapito e ferro quente, de macassar e mandolina que tanto trabalho e tanto tempo, tantos sustos e cuidado custou!

Bem sei pois que é defeito, é, será... mas que adoravel defeito! Que deliciosas imagens que excita de abandôno — passe o gallicismo — de confiança, de absoluta e generosa renúncia a todo o caprixo, de perfeita e completa abdicação de toda a vontade propria!

Em geral, as mulheres parecem ter no cabello a mesma fé que tinha Sansão: o que n'elle se ia em lh'os cortando, cuidam ellas que se lhes vai em lh'os desanellando? Talvez; e eu não estou longe de o crer: canudo inflexivel, mulher inflexivel.

Os peralvilhos negam a existencia do tal canudo *in rerum natura*, dizem que é como a ave phenix que nasceu de nossos avós não saberem grego. Eu não digo tal, porque tenho visto descuidar-se a natureza em pasmosas monstruosidades.

Emfim suspendâmos, sem o terminar, o exame d'esta profunda e interessante questão. Fica addiada para um capitulo *ad hoc*, e voltemos á minha Joanninha.

Cahiam d'um lado e de outro da sua face gentil aquelles graciosos anneis; e o resto do cabello, que era muito, ia intrançar-se, e inrollarse com singela elegancia abaixo da coroa de uma cabeça pequena, estreita e do mais perfeito modêlo.

As sobrancelhas quasi pretas tambem desenhavam-se n'uma curva de extrema pureza; e as pestanas longas e assedadas faziam sombra na alvura da face.

Os olhos porêm — singular capricho da naturesa, que no meio de toda esta harmonia quiz lançar uma nota de admiravel discordancia! Como poderoso e ousado *maestro* que, no meio das phrases mais classicas e deduzidas de sua composição, atira derepente com um som agudo e stridulo que ninguem espera e que parece lançar a anarchia no meio do rythmo musical... Os dillettantes arripiam-se, os professores benzem-se; mas aquelles cujos ouvidos lhes levam ao coração a musica, e não á cabeça: esses estremecem de admiração e enthusiasmo.

Os olhos de Joanninha eram verdes... não d'aquelle verde descorado e traidor da raça felina, não d'aquelle verde mau e distingido que não é senão azul imperfeito, não; eram verdes-verdes, puros e brilhantes como esmeraldas do mais subido quilate.

São os mais raros e os mais fascinantes olhos que ha.

Eu, que professo a religião dos olhos pretos, que so n'ella nasci e n'ella espero morrer... que alguma rara vez que me deixei inclinar para a heretica pravidade do olho azul, soffri o que é muito bem feito que soffra todo o renegado... eu firme e inabalavel, hoje mais que nunca, nos meus principios, sinceramente persuadido que fóra d'elles não ha salvação, eu confesso todavia que uma vez, uma unica vez que vi dos taes olhos verdes, fiquei halucinado, senti abalar-se pelos fundamentos o meu catholicismo, e fugir escandalizado de mim mesmo, fui retemperar a minha fé vacillante na contemplação das eternas verdades, que so e unicamente se incontram aonde está toda a fé e toda a crença n'uns olhos sincera e lealmente pretos.

Joanninha porêm tinha os olhos verdes; e o effeito d'esta rara e admiravel feição n'aquella physionomia á primeira vista tão discordante — era em verdade pasmosa. Primeiro fascinava, halucinava, depois fazia uma sensação inexplicavel e indecisa que doía e dava prazer ao mesmo tempo: por fim pouco a pouco, estabeleciase a corrente magnetica tão poderosa, tam carregada, tam incapaz de solução, de continuidade, que toda a lembrança de outra coisa desapparecia; e toda a intelligencia e toda a vontade eram absorvidas.

Resta so accrescentar para completar o retrato, um simples vestido azul escuro, cinto e avental preto, e uns sapatinhos com as fitas traçadas em cothurno. O pé breve e estreito; o que se adivinhava da perna admiravel.

Tal era a ideal e espiritualissima figura — que em pé, incostada á banca onde acabava de comer a boa da velha, contemplava, n'aquelle rosto macerado e apagado, a indicivel expressão de tristeza que elle ponco a pouco ía tomando e que toda se reflectia, como disse, no semblante da contempladora.

A velha suspirou profundamente, e fazendo como um esforço para se distrahir de pensamentos que a affligiam, buscou incertamente com as mãos o novêllo da sua meada.

— 'O meu novêllo, filha: não posso estar sem fazer nada, faz-me mal.'

— 'Conversemos, avó.'

— 'Pois conversemos; mas dá-me o meu novêllo. Não sei o que é, mas quando não trabalho eu trabalha não sei o que em mim, que me cansa ainda mais. Bem dizem que a ociosidade é o peior lavor.'

Joanninha deu-lhe o novêllo e poz-lhe a dobadoira a geito.

A velha sentiu o que quer que fosse na mão, levou-a á bôcca e pareceu beijal-a; depois disse:

— 'Bem vi, Joanninha!'

— 'O que, minha avó? que viu?'

— 'Vi, filha vi.., sem ser com os olhos que Deus me cerrou para sempre — louvado seja elle por tudo! — vi, sentindo, ésta lagryma tua que me cahiu na mão, e que ja ca está no peito por que a bebi, Joanna. Oh filha, ja! é muito cedo para começar; deixa isso para mim que estou costumada, mas tu, tu com deseseis annos e nenhum desgosto!'

— 'Nenhum, avó! E estamos sosinhas nós duas n'este mundo, minha avó n'esse estado, eu n'esta edade, e...

— 'E Deus no ceu para tomar conta em nós... Mas que é? olha, Joanna: eu sinto passos na estrada vê o que é.'

— 'Não vejo ninguem.'

— 'Mas oiço eu... Espera... é fr. Diniz; conheço-lhe os passos.'

Mal a velha acabava de pronunciar este nome, surdiu de traz de umas oliveiras que ficam na volta da estrada, da banda de Santarem, a figura sêcca, alta e um tanto curvada de um religioso franciscano que abordoado em seu pau tosco, arrastando de suas sandalias amarellas e tremendo-lhe na cabeça o seu chapeu alvadio vinha em direcção para ellas.

Era fr. Diniz comeffeito, o austero guardião de San'Francisco de Santarem. *A. G.*

DOS TRIBUTOS ESTABELECIDOS NA ILHA DE SAN'MIGUEL, PRECEDIDO DE UMA BREVE NOTICIA DOS DE PORTUGAL. (*)

158 Tal era o estado em que se achavam os tributos geraes em Portugal, quando elrei D. João I, a instancias de seus filhos que desejavam ser armados cavalleiros em acção de viva guerra, deliberou e executou a conquista de Ceuta. (1)

Proficiente o immortal infante D. Henrique nos estudos mathematicos, e com o adminiculo de alguns sabios, que vindos de differentes pontos da Europa, conservou em sua companhia, emprehendeu os descobrimentos da costa d'Africa, e das ilhas adjacentes á mesma costa e a este reino. (2)

Sabemos que, no anno de 1419 fez o memoravel João Gonçalves Zargo, e os abalisados Tristão Vaz e Bartholomeu Perestrello, a descoberta da ilha de Porto-Sancto, cuja capitania foi dada ao mesmo Perestrello. (3)

Sabemos que feito o descobrimento da ilha da Madeira, que lhe fica convizinha, no anno de 1420, a foi povoar o mencionado Zargo juntamente com Tristão Vaz, dividindo-a em duas capitanias; de que pertenceu a de Machico a Tristão Vaz, e a do Funch. E e ilha Deserta a João Gonçalves, que então tomou o appellido de *Camara*: e diz a historia que por ter achado muitos *lobos-marinhos* em uma gruta; appellido este, que os seus distinctos descendentes ainda hoje conservam. (4)

Sabemos que depois de se haverem muito adiantado os descobrimentos da costa d'Africa, ordenou o grande infante D. Henrique ao bravo Gonçalo Velho Cabral, commendador d'Almourol (5), que navegasse sempre para os mares do Poente, afim de fazer algum novo descobrimento. Cabral, depois de na primeira viagem avistar unicamente o *Baixo*, a que chamou das Formigas, na segunda, intentada no anno de 1432, fez a da ilha de Sancta-Maria, que elle mesmo foi povoar com alguns de seus parentes, depois do infante lhe haver outorgado a capitania de toda a ilha. (6)

Sabemos que, bem casualmente, depois de alguns annos se descobriu a ilha de San'Miguel; e que communicada ésta grata noticia ao immortal infante, este

(*) Continuado da pag. 117.

(1) Vej. a — Vida do infante D. Henrique, por Candido Lusitano — liv. 1.

(2) Vej. a citada vida do inf. D. Henri.

(3) Vej. — Logar cit. liv. 2.° — e Hist. Insulana pelo padre Cordeiro.

(4) É descendente do illustre João Gonçalves o actual conde da Ribeira.

(5) Gomes Eanes da Zurara, na chronica do conde D. Pedro liv. 1 cap. 67 e 80; e no liv. 2, cap. 9 e 35, no tom. 2.° dos ined., nos conserva a memoria da nobreza e illustres acções d'este commendador d'Almourol, as quaes executou por mar e terra, para conservação da importante praça de Ceuta, onde militou muitos annos. O sr. conde de Mello ultimamente desenhou, do natural, o castello d'Almourol, cuja litographia vimos, na bibliotheca Nacional de Lisboa.

(6) Vid. do inf. D. Henr. liv. 4. Hist. Ins. Fruct. ms.

se appressou, em determinar, que o mesmo G. V. Cabral fosse verificar este descobrimento. Effectivamente cumpriu o que lhe fôra ordenado, mas não foi feliz na viagem: picado, e ja mais instruido pelo infante, fez segunda, e voltou no anno de 1444 desempenbando n'este mesmo anno a sua commissão. O infante galardoou este serviço concedendo-lhe a capitania d'ésta ilha, com prerogativas tão amplas como as que lhe dera na outra; e lhe significou o desejo que tinha de que quanto antes fosse povoada: concorrendo elle infante para isso, como defeito concorreu. Cabral deu começo á povoação com algumas pessoas de Sancta-Maria, e com outras que de Portugal levou. (7)

Sabemos que, posteriormente, fôra descoberta a ilha Terceira, e posto que se ignore em que anno, sendo alguns (sem fundamento) de opinião que no de 1445, nós ja provámos, com bastantes argumentos baseados em authenticos documentos, que ha a melhor probabilidade para suppormos que fôra descoberta no de 1449 (8); cuja capitania foi dada a Jacome de Bruges, cavalheiro flamengo que a fama dos nossos descobrimentos havia attrahido para taes emprezas, o qual, com familias de Portugal e da ilha da Madeira, a povoou. (9)

Sabemos, ou melhor diremos conjectura-se, que no anno de 1449 fôra descoberta a ilha de San'Jorge em 23 d'abril, e por isso sanctificada com o nome d'este Martyr valoroso; não sendo menos incerto quem fôra o seu povoador: a fama dá a gloria d'este descobrimento a Jacome de Bruges, e o da povoação a Guilherme Vandagara, flamengo illustre, que depois aportuguezando o appellido mudou-o para *Silveira*. E posto que um elegante escriptor fallando a este respeito assim se expresse: «Se pouco deixámos escripto da ilha Terceira, menos escreveremos da quarta, occorrendo duvidas a duvidas; cegueira de que não nos podémos desembaraçar uma vez: » (10) Todavia, devemos ás nossas investigações podêrmos avançar sôbre solidas probabilidades, que Guilherme da Silveira so povoou o Tôpo, sendo João Vaz Corte-Real quem povoou a ilha de San'Jorge no anno de 1493, com familias da ilha Terceira.

Sabemos que, passados alguns annos, foi Guilherme da Silveira viver na ilha do Fayal, onde achou ja estabelecido o seu compatriota Jorge de Ultra, de illustre ascendencia, o qual lançava então as primeiras linhas á povoação d'ésta ilha, que, (segundo memorias que incontrámos) sendo descoberta por um mathematico amigo de Jorge d'Ultra (ou Jacob, como achámos escripto) vindo este ver Portugal a pediu a elrei para povoar, intervindo n'ésta mercê um clerigo flamengo, capellão do infante D. Henrique, cuja graça se verificára depois de Jorge d'Ultra ter casado com uma dama do paço, chamada Beatriz de Macedo, accrescentando-lhe depois a donataria do Fayal com a capitanía da ilha do Pico, onde foi augmentar a povoação, que, segundo a tradicção, havia começado Fernão Alvares. (11)

Sabemos que as ilhas das Flores e Corvo ja estavam descobertas no anno de 1453, pois n'este anno fez elrei D. Affonso V doação da do Côrvo ao duque de Bragança (12). É tradicção, segundo nos diz um manuscripto inedito, que o primeiro povoador fôra um Gomes Dias Rodovalho, oriundo do Alemtejo, sendo d'ambas as ilhas *capitão-maior*, acumulando as attribuições de ouvidor; parecendo-nos mui verosimil ésta tradição á vista de documentos que examinámos; porém, segundo Damião Antonio de Lemos, estiveram despovoadas até que elrei D. Manuel as mandou povoar por um Antão Vaz, a quem foi dada a capitania de ambas (13). E Damião de Goes diz, que a ilha do Corvo pertencêra a João da Fonseca, e a seu filho Pedro da Fonseca, que viveram no tempo d'elrei D. Manuel e D. João III (14) podendo: suppôrmos que a largaram, pela sua pequenhez, ao dito Antão Vaz, que veio a ter a capitania de ambas. O padre Cordeiro diz, que ésta capitania fôra de D. Maria de Vilhena, de quem passára para a extincta casa dos *condes de Sancta-Cruz*; e que fôra regida pelo celebre *Guilherme Vandagara* (15). Mas isto parece inverosimil, porque vivendo este Vandagara no tempo d'elrei D. Affonso V, não é crivel que ésta capitania fosse dada a uma senhora, quando unicamente se davam a quem pessoalmente as fosse reger com grandes alçadas, e povoar distribuindo-as em *sesmarias*; sendo talvez provavel que so depois de a ter o referido Antão Vaz, é que viesse a recahir, por titulo de herança, n'ésta senhora, de quem passaria para a casa de *Sancta-Cruz*, onde se conservou até á sua extincção: ficando incorporadas no mestrado de Christo, assim como todas as outras quanto aos reditos ecclesiasticos, e contadas entre as commendas da ordem (16); e no temporal sobordinadas ao imperante, tendo elrei D. Affonso V, quando fez a paz com os reis de Castella sôbre as terras descobertas e que se descobrisse, a expressa advertencia de nomear as ilhas das Flores. (17)

Sabemos, finalmente, que a Ilha Gracioza fôra a última descoberta, parecendo haver toda a verosimilhança em que o seu descobrimento fosse no anno de 1453. E posto que um douto escriptor diga, que o que nos vem dos antigos, como notícia averiguada, é que o infante, repartíra ésta ilha em duas capitanias, em Vasco Gil Sodré e Duarte Barreto, (18) não chegando a disfructal-a e succedendo-lhe no senhorio Pedro Corrêa da Cunha, fidalgo illustre e travado tambem em parentesco com Vasco Gil (19); todavia apenas le-

(7) Loc. cit.

(8) Vej. — 'Annunciadores da Terceira' — periodico litterario.

(9) Vid. do inf. D. Henr. liv. 4.° — Hist. Ins. — Fructuoso Ms.

(10) Candido Lusitano — liv. 4.° pag. 332.

(11) Vid. do inf. D. Henr. — liv. 4.°

(12) Real archivo da torre do tombo liv. 3.° de D. Affonso 5.° fl. 2, e liv. 3.° dos Misticos fl. 69.

(13) Hist. de Port. tom. 7, liv. 27 cap. 3.

(14) Chron. do princ. D. João cap. 9.

(15) Hist. Ins. liv. 9 cap. 7 § 35.

(16) Defin. e estat. da ord. de Chris. (1671) pag. 164.

(17) Ruy de Pin. — Chron. d'elrei D. Affonso V cap. 206 tom. 1.° dos Ined.

(18) Vid. do inf. D. Henr. — Hist. Ins. — Fructuoso Ms.

(19) Loc. cit. — Candido Lusitano querendo sahir do embaraço em que se víra, quando entra nos assumptos sôbre as ilhas dos Açores diz: « D'éstas (ilhas) escrevemos agora as poucas noticias que se salvaram d'aquelles tempos mais amigos de obrar que de escrever. Escolhemos para ellas este logar, não porque a chronologia o mande, mas porque a historia em suas leis não nos nega a licença. » Vej. liv. 4.° pag. 318.

mos em um antigo manuscripto inedito: que um fidalgo, chamado Pedro Corrêa, governando a ilha de *Porto-Sancto*, sabendo ser descoberta a ilha Gracioza fôra a Lisboa pedil-a a el-rei D. Affonso V, que fazendo-lhe mercê da sua capitania, foi de Lisboa á ilha Terceira, e d'alli passou para a Gracioza, que encheu de muito gado; levando sua mulher, filha do capitão de *Porto-Sancto*, da qual teve um filho que lhe succedeu na capitania, chamado Duarte Corrêa, que casou com D. Leonor de Mello, filha de Beatriz de Mello e de Alvaro Martins de Mello, irmão de D. Pedro Martins de Mello, *conde da Maia*; obrigando-se Duarte Corrêa, segundo o que lhe fôra ordenado pelo Duque de Beja, a promover a povoação d'aquella ilha.

E do que acabâmos de expender sôbre a maneira com que foram descobertas éstas ilhas, facilmente se reconhecerá a differença que ha entre ellas e as outras adquisições. Ceuta, Alcacer, Arzila, Tanger, e outras praças d'Africa, as adquirimos á custa dos bens da corôa, e com immensa perda de sangue e de vidas de portuguezes benemeritos; e por isso sôbre todas éstas podia ter logar o direito de conquista. Similhantemente ácerca de toda a mais costa d'Africa que se descobriu e conquistou; porque n'esses tempos seguia-se, universalmente, a opinião de que era justo todo o genero de guerra que se fazia a *Infieis*: porém este direito de conquista não podia ter logar sôbre as ilhas da Madeira e Açôres, por quanto, sendo inteiramente desertas e desconhecidas, a ninguem se podiam conquistar. E se attendermos ás primitivas leis da natureza, ellas, como coisa *nullius*, podiam muito bem pertencer ao primeiro occupante (20); isto é: ao infante D. Henrique que a expensas suas, ou da ordem de Christo de que era *Gran'-Mestre*, as mandou descobrir e povoar o que, com muito menor motivo, não deixou de lembrar a respeito das descobertas d'Africa, certificando-nos Damião de Goes, que alguns aventureiros portuguezes se offereceram ao infante *pera ás suas proprias custas o hirem servir, e buscar suas aventuras, e áa boa fortuna, que lhe Deos désse, lhe pagarem seus direitos, como a senhor, a quem aquellas conquistas pertenciam.* (21)

Mas, nem as rectas intenções d'este grande homem, nem as luzes que a jurisprudencia romana havia espalhado n'este reino, principalmente depois da fundação da universidade, nos gloriosos dias d'el-rei D. Diniz, e não menos depois do grande uso que d'ella fez no reinado d'el-rei D. João I o astucioso jurisconsulto João das Regras (22): nem éstas luzes, tornâmos a dizer, nem aquellas rectas intenções podiam consentir que a corôa d'estes reinos ficasse fraudada dos legitimos direitos que lhe competiam em todas as novas descobertas. E, restringindo-nos a fallar unicamente das ilhas, não ha dúvida que vemos estabelecido pelas leis romanas, que as ilhas que nascem no mar, como coisas *nullius*, podem muito bem pertencer ao primeiro occupante (23); mas tambem incontrâmos nas mesmas leis, que as ilhas, que ja d'antes existiam e que se descobrem *adjacentes* a alguma paiz, se devem reputar parte d'elle. (24) E seguindo ésta doutrina o circumspecto *Ruy Fernandes*, que compilava as Ordenações-Affonsinas pelo mesmo tempo em que se faziam os descobrimentos das ilhas, entre os direitos reaes expressamente incluiu *as ilhas, ou insuas ajacentes ao Regno a que som mais chegadas.* (25)

(Continúa.) *B. J. Senna Freitas.*

Nós damos d'éstas ilhas apenas uma succinta noticia, por que em uma — memoria historica — tencionâmos tractar mais amplamente d'ellas, não obstante constar-nos, que ô Sr. Drummonde vai brevemente publicar os seus trabalhos sôbre a ilha Terceira, que a sociedade Scholastico-Michaelense encetou os seus sôbre a ilha de S. Miguel, e que o sr. Albergaria, (segundo nos asseveram) está tambem escrevendo.

(20) Quod enim ante *nullius* est, id naturali ratione occupanti conceditur. Inst. de rerum divis. § 12.

(21) Damião Antonio de Lemos. — Chron. do princ. D. João, cap. 8.º

(22) Mem. de litt. port. tom. 1.º pag. 258.

(23) Insula quœ in mari nata est, quod rara accidit, occupantis fit: nullius enim creditur. Inst. de rer. divisone § 22.

(24) Insulœ italiœ pars italiœ sunt: et cujuscumque proviuciœ, Digest. lei 9 de judiciis.

(25) Ord. Affons. liv. 2, tit. 24 § 7 — Manuel. liv. 2, tit. 15 — Filip. liv. 2, tit. 26 § 10.

DO PARIATO. (*)

458 A curia romana pertendia que ella relevava da sede pontificia. Vestre jurisdictionis est regnum Angliæ, et quantum ad feudatorii juris obligationem, vobis, duntaxat obnoxius teneor.: dizia um escriptor ecclesiastico a Alexandre. Em bulla que o papa Gregorio IX dirigia a Henrique III em 1238, que vem em Rhymer, tambem o chefe da igreja se queixa contra as alienações d'este monarcha em detrimento da igreja romana, admoestando-o, regnum Angliæ pertinere dignoscitur. Cada um assignalava o direito de successão ao throno, sôbre uma arvore genealogica chamada *pé-de-grou*, tão precariamente que quasi não havia hereditariedade, e muito menos representação. Ás vezes coroavam os filhos em tempo do pai para segurar a sua succesão. Os mesmos reis as repetiam tres vezes ao anno e nem assim morriam coroados. Até João I não havia o que se chama Estado: os reis não inscreviam diploma algum senão no pronome pessoal do singular. Os incidentes são tantos a testimunhar a instabilidade com que se sustinha o diadema nas stripes, que sem regra alguma eram chamadas a reinar ou impolgavam o reino, que mal se podem coordenar. A desesperação de João *sem-terra* (1) foi tal, com as perseguições que lhe movia o rei de França como seu suzerano, — que o julgou á revelia, culpou de felonia, e confiscou o feudo — assim como com os barões que lhe fizeram assignar a grande-carta (2), que so se chamou as-

[*] Continuado de pag. 129.

(1) Appelidar um homem *sem-terra* era a maior injuria que se lhe podia fazer, porque era o mesmo que dizer-lhe que era villão, o qual a não tinha, e de quem se dispunha com menos attenção do que de um animal irracional. Blackst. B. 2. C. 6. Michelet Orig. Droit Fr. XXXVII. Hallam Ch 2 p. 2.

(2) Os inglezes tem o vicio da gente avinda que se tolda d'orgulho com a fortuna, e que faz tudo quanto ha por obtiferar a sua origem. Sempre me pareceu coisa inexplicavel que houvesse clausula alguma na grande-carta que estipulasse favor algum contra os seus proprios dictadores. Ainda M. Culloch, alias individuo de muito merecimento, no seu Dic. verbo *Aliens* se espanejava em elogios na sua última edição, pelos privilegios que ella guarda aos negociantes. Não havia que replicar. Esta reserva porém a pró da industria, confesso que me dava muito que cogitar, porque atirava por terra com toda uma theoria da barbaridade universal na epocha da publicação d'aquelle diploma. Tanto andou o tempo, ou mais depressa o acaso com tanta ventura me favoreceu, que a final, dei com a chave do enigma. E' tudo uma fanfarronada. As intenções

sim passados 53 annos, que elle queria apostatar e entregar o reino a Moumenim na Hispanha. O padre-sancto por este tempo escreveu a um dos barões para que não continuasse mais a sublevar-se, porém De Vesic e os seus confederados em vez de annuirem á deprecação dą sua santidade, trouxeram a corôa em todo este reinado a lanços entre o monarcha inglez o de França e o delfim. A nenhum d'elles pertendiam porém prestar subordinação. O que elles queriam era a indemnidade dos seus privilegios. Presididos por um arcebispo conjuram-se para esse fim, recrutam gente, compram armas e aprovisionam castellos. O pontifice tambem é convidado para entrar na conjuração. Preparados que foram começam a guerra, e tanto fazem que 25 dos seus maiores tomam sôbre si a soberania. Não contentes ainda com ésta victoria sôbre o seu rei natural, chamam rei extrangeiro de França e fazem homenagem tambem ao de Escossia. Com Henrique III filho de João, tornaram os barões a renovar as mesmas scenas representadas com o pai. Crearam outra vez uma regencia de 24 d'elles sôbre o rei a quem intimidaram, prenderam, e compelliram com as armas a sujeitar-se aos seus dictames; fizeram fugir os d'elle e queriam-se tornar em governadores perpetuos. Tres annos durou o seu podêr absoluto. Em 1307, avezados sempre ao mando, teve Eduardo II de ceder as suas regalias a uma junta de barões. Este reinado é todo elle composto de series de carnagem que acabam no assassinio do rei. No seguinte vem as revindictas por este crime. Em 1386 novamente, uma usurpação dos direitos magestaticos pela aristocracia. O duque de Gloucester tio de Ricardo II quiz até depô-lo e repartir o reino entre si, dois irmãos, e o conde d'Arundel. Em nenhuma d'éstas correrias eram tãopouco constantes nos bandos que tomavam, estes terços aristocratas, porque tão depressa lidavam por um chefe como logo se viravam contra elle a favor do seu adversario. Esta vicissitude incontrou Henrique IV em 1403. A vida d'este monarcha foi passada quasi em insurreições posto que fosse de rija tempera.

Conscios os mesmos reis da sua impotencia vendiam e alienavam os dominios da corôa sem nenhuma reflexão. Ricardo I indo para a Terra-Sancta pouco faltou que não désse a maior parte do reino a seu irmão João. Com a mesma indifferença se despiam tambem das preeminencias que n'elle e fóra d'elle lhe cabiam. O *Cœur-de-Lion* vendeu a suzerania sôbre a Escocia por 10,000 marcos. Queria tambem vender Londres assim lhe achasse comprador. Ricardo II traspassou o dominio da Irlanda a um favorito por se agradar d'elle. O mesmo conquistador deu Aylesbury por juncos para a sua camara, tres enguias d'inverno, e dois ganços de verão. A segurança n'estas transacções era comtudo pequena porque a força bruta as tornava a revendicar. Mais de um seculo e meio antes da nossa, se acha ja o prototypo da lei mental em Inglaterra. A sua data é de 1236. Ésta disposição tornou a roborar-se duas vezes de novo, uma em 1450, a outra em 1455 no reinado de Henrique VI. Quando se precisava de dinheiro, o costume era empenhar a corôa, joias, copa-real, e mesmo objectos da guarda-roupa. O *black-prince*, poz em penhor a espada que tantas batalhas tinha ganhado na França, por £ 12. 8. 0 $\frac{1}{2}$ em Londres. Os pares eram mandados a pedir emprestimos a todas as provincias. Os reis por não poderem viver de outra fórma iam comer as suas rendas ás terras onde as tinham.

Em todos estes vagalhões andou a realeza marulhada até ao tempo de Henrique VII, que vão mais de quatro seculos desde Guilherme I, e é equivalente a dezeseis gerações d'aquella epocha, de pai a filho, ou outro tanto como se o sceptro de Portugal durante desenove dos seus reis, desde o reinado de D. João I andasse aos baldões até ao da Senhora D. Maria II nossa actual Rainha, ou se a occupação castelhana tivesse durado sette vezes mais tempo sôbre os portuguezes e que ainda hoje fossemos hispanhoes. Por uma singular coincidencia tambem são desenove os reis inglezes que soffreram á contumelia e as humiliações acabadas de descrever.

N'este immenso espaço de tempo, todo o podêr que minguava no chefe do Estado sobrava sempre nos barões. Segundo Hume (o historiador que não é auctoridade suspeita e que penetrou ha tres quartos de seculo a philosophia da historia com um acumen que ainda hoje se não excedeu) um barão era mais poderoso do que o proprio rei. O reino, diz elle, era uma grande baronia e a baronia um pequeno reino. Os barões eram pares entre si e companheiros do rei. Dentro dos limites do seu feudo tinham mais podêr do que elle, porque os seus sub-feudatarios tinham-lhes submissão abjecta. E qual era o numero d'estes sub-feudatarios, de que dispunham os barões, indo mesmo ja em decadencia o systema, prova-se pela multa que ao conde de Oxford fez pagar Henrique VII, de não menos de 15,000 mil marcos, por elle ostentar um numeroso cortejo d'estes diante d'elle. Não foi senão muito tempo depois de Henrique I que a fidelidade da parte dos feudatarios menores ao rei, preferiu á que elles deviam ao directo barão a quem pertenciam. É em tempo de Eduardo III que se definiram os casos d'alta traição. De pouco valeu todavia a definição. Não era possivel fazer-se justiça. Eduardo IV mandando alevantar tropa ao conde de Waruiek e ao duque de Clarence para suffocar uma rebellião, quatro reinados ainda depois da promulgação da lei para aquella pena capital; viu as tropas, mandadas por elle recrutar a esses seus commissionados, viradas por elles contra si. Tem-se fallado muito nas garantias da magna-carta, a unica que ella encerra a favor do povo foi ahi inserida pelo proprio João contra o qual tanto blasphemaram os barões por elle ser um tyranno. Sir Philippe de Commines diz de Eduardo IV, que elle tinha por costume gritar nas batalhas aos seus mercenarios, que salvassem o povo e matassem os fidalgos· Cap. 7 das suas *Mem.* Por este grito se póde deprehender o odio intranhado que elle lhes trazia, pelas perseguições com que o dilaceravam. Este rei foi muito emprehendor. A desolação que elles praticavam parece hoje incrivel. Davam tracto ao povo para lhe extorquir o dinheiro: impunham taxas nas povoações, e depois de ja não terem nada mais que tirar d'ellas inundavam-nas. Podia-se andar um dia inteiro sem achar um homem, uma villa, ou incontrar terra cultivada. Se appare-

d'aquella estipulação eram para mais espesinhar o paiz, cujos grandes dobrávam a cabeça ao passado. Estes taes negociantes iam feitos com a sé de Roma, e com os barões, davám dinheiro a estes, e serviam de esponja para mandar dinheiro para a Italia. Vide Blaye, Monts de Piété, Paris 1843, P. 13 de 360.

ciam dois passageiros em qualquer parte, logo suppunham que eram ladrões e logo tambem todos os habitantes fugiam d'elles. Ursus vice comes ita vastavit homines quomodo reddere non possunt al. Nó tempo do conquistador apenas se contaram dez a dôze homens livres, onde no tempo do confessor haviam 2,000, que ja não eram muitos. Intendamos bem, para toda a Inglaterra segundo o Domesday-book.

Tudo quanto não eram os barões, era de uma tão infima valia que não vem fóra de proposito contar o seguinte caso. Ia um rapaz passando por uma villa e succedeu-lhe matar uma gallinha querendo atirar a um cão. Alevanta-se a mulher a quem ella pertencia contra elle, que lh'a quer pagar, mesmo o dobro, mas ella recusa o dinheiro; e tanto faz que o *serf* é prêso e carregado de ferros de que morre em poucos dias. N'isto se o seu corpo havia de ser dado á sepultura, atiram com elle para um monturo, e cobrem-no de uma pouca de terra: sobrevindo o tutor do barão d'aquelle logar o qual barão era meio-irmão de Guilherme III, é desinterrado o cadaver e penduram-no n'uma forca. Valia muito mais uma gallinha do que um homem que não era livre para os grandes inglezes de ha seis seculos. Hallam diz, que o govêrno normando era alcatéa de feras.

Contra tantos excessos, os reis mal ousavam mandar aos regulos que os perpetravam, que fide et dilectione se abstivessem de perturbar a paz. Ás vezes porém se apparecia um rei de pulso assim como Eduardo I, as multas impostas aos barões que eram os juizes, subiam de ponto que custam a acreditar, posto que por ellas se póde medir o grau de truculencia com que elles exerciam o mero e mixto imperio. Foram condemnados n'este reinado onze barões em uma somma total de mais de £ 50,000 d'aquelle tempo que equivalle hoje a alguns 4:000 contos. Da mesma fórma tambem, se o sceptro andava em punho de manopola, lhes era imposta a obrigação de cessarem com as rixas de sangue, pena de confisco de formidaveis fianças, caso quebrantassem a tranquillidade pública.

Os seus bens eram immensos, porque tendo o conquistador reservado para a corôa 1422 feudos (manoirs) haviam outros dos seus companheiros que tiveram a 793, a 442, a 280, a 174 dos mesmos feudos. William de Warrenne tinha terras em dôze condados. Em tempo de João, possuiam elles muito mais do que este. Todos, mesmo os prelados, tinham castellos; uns porque eram proprios; outros porque eram reaes, mandados construir pelo conquistador para segurar o paiz, e de que estavam investidos; outros porque eram *adulterinos*, de mulher filha de barão que os podia ter e que casava com quem não era dignatario. Henrique III em 1218 mandou arrazar estes ultimos. Em 1220 Honorio III expediu egualmente uma bulla, quod in Anglia nemo plura quam 2 castra regia in custodia sua habeat. Conta-se comtudo que não havia n'este tempo, de toda a casta, em podêr dos particulares menos de 1,115 de taes castellos. Figurem-se 168 praças fortes na nossa provincia da Extremadura, que é ao que corresponde a sua totalidade na Inglaterra, ou um castello em cada tres freguezias, equivalente a 14 castellos em Lisboa, ou mais torres do que villas e cidades na provincia da nossa capital, porque a Extremadura tem somente 111 villas e 2 cidades, ou uma guarnição de 80 soldados mais ou menos por cada 1,000 homens feitos mas inermes, excluindo crianças e mulheres, em cada povoação, e far-se-ha uma idêa da prepotencia com que deviam dominar seus commandantes sôbre o rei e sôbre o povo.

Continúa. *C. A. da Costa.*

BIBLIOGRAPHIA.

159 Instrucções de numismatica, para uso da mocidade etc. — Por *M. de Quiroga Carneiro de Fontoura.* — Porto, 1845. — A numismatica, ou a sciencia applicada á descripção e explicação das medalhas etc. [1] ou ellas sejam de metal, de pau ou coiro etc. foi produzida pelo gôsto do estudo da antiguidade na restauração do classisismo. Ajuntaram-se com interesse as moedas antigas e os eruditos começaram a estudar estes monumentos, e a classifical-os e descrevel-os. As bases da numismatica foram assim lançadas. Mas decorreram mais de dois seculos antes que uma critica judiciosa substituisse os factos ás hypotheses, a verdade á mentira. No XVIII seculo porém a numismatica pôde methodica e regularmente collocar-se no logar que lhe pertence entre a historia e a chronologia, e formar o ramo mais importante da archeologia, porque o seu estudo comprehende a antiguidade toda inteira.

Todos os paizes se teem dedicado mais ou menos ao estudo e investigação das medalhas. A America mesmo, não achando no seu territorio medalhas que podesse ajuntar, tem enviado a outras partes do mundo reunir d'estes monumentos para formar museus de medalhas para instrucção dos seus archeologos. O nosso paiz é um dos que possue um thesoiro mais ricco n'este genero. Um gabinete de mais de 20,000 medalhas, muitas das mais raras, existe na 'Bibliotheca-nacional de Lisboa.' A posse de um tal thesoiro trouxe logicamente a idêa da creação de uma cadeira de numismatica, que não existia no nosso systema de instrucção-pública, mas que é todavia indispensavel. O nosso paiz é talvez de todos o que está em melhores circumstancias para fornecer quasi completo um museu numismatico. As medalhas egypcias, phenicias, grégas, romanas e barbaras, acham-se em qualquer pequena excavação do nosso territorio; o resto das asiaticas e outra parte das africanas, as nossas descobertas e conquistas nos facilitaram os meios de as possuir. Mas preciso ser breve.

O Sr. Fontoura desligou este seu opusculo, Instrucções de numismatica, de uma gigantesca obra de grande vastidão e importancia que muito estimariamos que o Sr. Fontoura quizesse publicar completa. A pequena parte d'ella de que estou fallando, é um trabalho interessante, particularmente pelo que respeita a medalhas romanas, e não so archeologico mas tambem economico. E ainda que mui breve e succintamente tractada poderá servir aos adeptos da sciencia de resumido compendio; cuja falta é ja hoje intoleravel na presença de um 'curso de numismatica' e que, segundo creio, o digno professor que occupa ésta cadeira não deixará de dar-nos mui brevemente, como d'elle se espera.

O Trovador. — Publicou-se a sexta folha d'esta interessante collecção de versos dos jovens poetas que hoje estudam na universidade. E'stas excellentes primicias dos seus esperançosos talentos são palpitantes de sentimento e poesia — ingenuo sentimento de almas cheias de viço e de fé, poesia espontanea tão singela como a natureza.

Se entre os bonitos trechos que ésta folha contém eu podesse extremar algum, havia de fazel-o ao que traz o titulo de: 'n'uma hora de tristeza' lindos versos de uma ingenua melancholia que so coração de joven póde inspirar e intender, e ainda outro, 'o juizo de Salomão,' pelo seu artefício.

O pensamento d'esta publicação era bello de ser permanente na universidade — exclusiva de estudantes, continuada sem interrupção pelos talentos que desabrochassem após dos outros que a edade e mais serios estudos fossem solidifiando, materializando ou esterilizando, como melhor pareça. No fim de alguns annos sería este sem dúvida o documento mais interessante da nossa historia litteraria.

[1] A's medalhas está hoje provado terem sido a *moeda* dos antigos. Com este simples nome se comprehendem todas as infinitas variedades do dominio da numismatica.

Eneida de Virgilio — traduzida por *José Victorino Barreto Feio* — tom. 1.° (liv. 1, 2, 3, 4). Lisboa 1845 — Aos amadores da poesia classica, e em particular aos admiradores de Virgilio, a quem o conhecimento da lingua latina não é tão familiar que sem trabalho possam ler a sua immortal epopea no idioma original, damos hoje sincero parabem, ao noticiar-lhes completada a publicação do 1.° volume da Eneida portugueza do sr. Barreto Feio. Grande era a expectação do público ácerca d'ésta traducção. A importancia e belleza do poema, a reputação do traductor, o favoravel annuncio que de tão nobre tarefa fizera um avaliador competente (1); tudo contribuíra a excitar em todos quantos cultivam, ou ao menos prezam, as bellas-lettras, um ardente desejo de ver realizada uma promessa de cujo perfeito desempenho estavam de antemão seguros. Este desejo acha-se em parte satisfeito, e tudo nos induz a esperar que prestes o será cabalmente. A expectação geral não ficou illudida, e a parte que ja conhecemos da preconisada versão, é uma prova de que embora em philosophia se reprovem, e com razão, as opiniões antecipadas, como prejudiciaes ao descobrimento da verdade, ellas nem sempre tem o mesmo inconveniente no dominio da litteratura. E' verdade que n'ésta última para se não correr grave risco de errar ao conceber e annunciar taes favoraveis prevenções torna-se indispensavel que o escriptor, que d'ellas é objecto, tenha dado precedentemente amostras valiosas de ingenho e consummada habilidade. Ora justamente n'estas circumstancias se achava o sr. Barreto Feio, a quem as lettras ja entre nós deviam assignalados serviços, e assim aquella prevenção nem foi imprudente, nem houve de rejeitar-se depois, como menos bem fundada.

Que diremos pois ácerca do merecimento d'ésta traducção, fructo de apurado gôsto, e de muitos lustros de porfioso e esmerado estudo?

Diremos simplesmente a impressão que em nós produziram os 4 primeiros livros da *Eneida* do sr. Barreto Feio, que uma e duas vezes havemos lido, não perdendo nunca de vista o original, de cujo texto tão correcto, tão judiciosamente escolhido, ella vem acompanhada.

O resultado d'ésta nossa leitura e constante confrontação, foi o ficarmos convencidos de que em romance não temos traducção alguma que eguale a ésta em *fidelidade litteral*. Tambem nos pareceu, e parece, que entre as mais famigeradas traducções de poetas antigos, feitas nas linguas mais conhecidas da Europa, de que temos noticia, nenhuma se avantaja n'este ponto a ésta Eneida portugueza, sem exceptuar-mos d'este juizo que aqui aventurâmos, as proprias versões italianas do abbade Solari, que gozam n'este particular de não pequeno renome. So com ella ficarão competindo a dos poemas de Homero e Virgilio por Voss, e as do Ariosto e do Tasso por Griess; mas quem conhecer a maior facilidade que para similhantes empresas litterarias offerece a lingua alleman, tão livre na creação e emprego de vocabulos compostos, tão conforme com a grega e latina na indole da sua construcção, não se admirará tanto de que os sobreditos dois illustres poetas conseguissem inriquecer a litteratura germanica com tão exactas e magnificas versões. Se a fidelidade d'elles merece ser invejada, a fidelidade do nosso compatricio tem ainda maior jus á nossa admiração. Quando assim fallâmos não pertendemos por maneira alguma desconhecer a riqueza e estreito parentesco da nossa bellissima lingua com aquella em que Virgilio cantou os primordios da sua Roma: é nossa intenção simplesmente observar, que o idioma allemão se presta ainda de melhor grado que o nosso a similhantes trasladações, asserção que não receâmos ver contradictar por germanista algum de boa-fé.

Tendo assim dado singela conta da nossa intima convicção ácerca do merecimento e fidelidade da Eneida do Sr. Barreto Feio, esperâmos que nos será relevada uma observação que, com a mesma sinceridade com que até aqui hemos expendido a nossa opinião, nos abalançâmos a fazer.

Figurou-se-nos que algumas vezes (poucas é verdade) o empenho de não discrepar iota, não so da mente, mas nem ainda da phrase do seu grande exemplar, o constrangeu, bem a seu pezar sem dúvida, a apresentar-nos algum verso mais froixo, ou menos bem accentuado. Mas se éstas leves imperfeições existem comeffeito em obra de tão subida valia o *non ego paucis offendar maculis* do critico de Venusa nunca terá recebido mais justa applicação.

Algumas observações que por ésta occasião nos occorrem a respeito da traducção dos poemas feita em verso, reservâmo-las [os leitores nem perderão na demora, nem perderiam mesmo na falta de cumprimento da nossa palavra] para quando tivermos o gôsto de annunciar a publicação do 2.° tomo de obra tão interessante; entretanto os portuguezes que incontram delicia e recreio no commercio das musas, mas que não poderam ou não quizeram gastar tres ou quatro annos em decorar o *Novo Methodo* e folhear a *Prosodia* ou o *Magnum Lexicon*, podem desde ja avaliar por si mesmos as sublimes bellezas dos quatro primeiros cantos da grande epopea nacional dos romanos. Ao lerem a descripção da tempestade, suscitada pelo rancor da vingativa Juno, o acolhimento feito pela rainha Dido a Eneas, a tomada e incendio de Troia, as longas navegações do profugo troiano, os extremosos amores e tragico fim da malfadada Elisa; terão sem duvida experimentado um ineffavel prazer, e quiçá derramado alguma lagrima de enternecimento.

Ao ingenho, arte, trabalho e perseverança do Sr. Barreto Feio são elles devedores d'esse puro e delicado prazer, d'essa suave, maviosa commoção, porque (assim o julgâmos) so agora é que possuimos a epopea do Cisne de Mantua de tal modo transportada no nosso idioma que a sua leitura, mesmo sem recorrermos ao original, é capaz de produzir em nós aquelles affectos.

Nem se imagine que pertendemos dar a intender, que os doutos e versados na lingua do Lacio não teem que congratular-se pelo apparecimento de versão tão fiel e de tanto preço.

Obras de tamanho vulto, e de tão multiplice interesse, merecem ser acolhidas com applauso, e o são com effeito, por todos os sabios e litteratos qualquer que seja o logar que occupem na republica das lettras.

Em Portugal nenhum haverá por certo, que não anhele ancioso por ler em pura linguagem portugueza, e nos bellos versos do Sr. Barreto Feio, as admiraveis descripções dos jogos dos mancebos troianos, da gruta da Sibylla, e dos campos-elysios; a pintura do celeste escudo de Eneas a prática relação dos extremos e heroica porfia dos jovens Niso e Euryalo; o retrato do cruel e feroz Mezencio; a narração das derradeiras proezas de Pallante e de Camilla, e a da morte de Turno, cuja sombra, perdido o reino e a esposa, vai summir-se indignada na região dos mortos. *L....*

(1) O Sr. A. F. de Castilho, cuja traducção dos cinco primeiros livros das *Metamorphoses de Ovidio* (praza ao ceu que cedo a vejamos completa!) é tão bella, tão poetica, que, no nosso humilde intender nada tem que invejar á de Virgilio por Dryden, e ás da Iliada por Pope e por Monti.

VARIEDADES.

CARTAS DE JOGAR.

160 M. Leber reuniu agora todas as cartas de jogar que póde incontrar desde 1392, epocha a que elle so póde remontal-as. As primeiras cartas tinham seis pollegadas e meia de altura, e o baralho constava apenas do dezesette: as figuras representavam a Força, a Morte, a Temperança etc. De Carlos VI para cá não teem ellas tido alteração nenhuma notavel; mas em França, no tempo da Republica, os reis foram substituidos por Solon (copas), J. J. Rousseau (paus), Catão d'Uttica (oiros) e Bruto (espadas); os valetes representavam: Annibal, Décio, Mucio-Scevola e Horacio; e as damas as quatro virtudes republicanas. Sabe-se que as cartas de jogar eram conhecidas na China 1,120 annos antes de J. C. Na Europa ja se usavam no tempo de San'Luiz porque um decreto seu de 1254 prohibe que se jure e *jogue ás cartas*. Em 1300 havia na Allemanha corporações de *carteiros*: é em 1331 os estatutos da ordem de Calatrava prohibiam as cartas

na Hispanha. Na Inglaterra não achámos documento que diga respeito ás cartas de jogar além de 1541, epocha em que Henrique VIII as prohibiu tambem.

'A invenção das cartas de jogar, diz o bibliophilo Jacob, offerece uma questão de archeologia difficil de resolver, e ja tractada profundamente por alguns sabios, apezar da frivolidade do objecto·' Ha quem as attribua aos Lidios, aos Athenienses, aos Egypcios etc. mas o que parece certo é que ésta invenção veio do Oriente.

CORREIO NACIONAL.

161 *Exequias da infante D. Sancha, em 1845.*— Ha ja quatro annos, que a camara-municipal de Lisboa, satisfaz na sua igreja da real casa de Santo-Antonio, com pompa e religioso culto (como todos os officios divinos que na mesma se exercem), aos suffragios pelo descanço da alma da infante D. Sancha; a que a mesma camara é obrigada por administrar as terras do alqueidão legadas ao municipio com diversos encargos, entre elles o de se lhe fazer umas vesperas de finados e missa solemne de *requiem* com *libera-me*, no mez de settembro; o que antigamente era satisfeito pelo senado no extincto convento de San'Francisco da-Cidade, onde estava a ossada da mesma infante. Sendo, desde 1841, transferido o cumprimento d'este encargo, a rogo da mesma camara, para a dita sua igreja da real casa de Sancto-Antonio, ahi cada anno tem crescido a pompa, como no presente que excedeu aos anteriores, achando-se a igreja o melhor possivel tanto na ricca armação com que estava ornada, como no magnifico, magestoso e coroado, sarcophago com risco de primorosa architectura; além da melhor musica, tanto vocal como instrumental, com que foi desempenhada a missa e *libera-me*. E fazendo-se ao presente, no cumprimento d'este legado com tão grande pompa, segundo consta, a quarta parte da despeza que antigamente fazia o senado no extincto convento de San'Francisco.

Honra pois seja feita ás camaras preteritas, que desde 1841 começaram a satisfazer este encargo — e á existente que no presente anno continuou a desempenhar, ainda com mais pompa e decencia a fidelidade dos contractos para com os mortos. ***

Le-se no 'Periodico dos Pobres': — «Domingo 7 do corrente pelas 8 horas e meia da manhan lançou-se da muralha de S. Pedro-de-Alcantara abaixo um individuo de vinte e tantos annos de edade; o qual ficou da queda tão maltratado, que sendo conduzido para o hospital d'ahi a pouco falleceu. Soube-se depois ser sobrinho e caixeiro de um bacalhoeiro com loja no seu arruamento.»

Parece que o Sr. Albino F. de Figueiredo, lente de mechanica da Eschola-polytechnica de Lisboa, sahíra para França, afim de seguir n'aquelle paiz um curso *d'ingenharia-civil*; de que muito se carece no nosso paiz, e que o Sr. Albino hade, talvez, vir estabelecer na Eschola-polytechnica quando voltar competentemente habilitado.

A alfandega de Angra rendeu no anno economico de 1844—45, 29:195$541 réis, quantia superior ao seu rendimento em cada um dos ultimos oito annos.

A importação dos vinhos de Portugal e Madeira na Inglaterra, comprehendendo Escocia e Irlanda, no anno de 1844, sobe a 3,207,063 gallons. Ésta importação foi superior á dos ultimos quatro annos em cada um d'elles.

No último d'agosto existiam no Terreiro-público, e abordo, 7,488 moios de trigo, 956 de cevada, 158 de milho e 76 de centeio. Os preços no mercado eram: trigo de 360 a 540 réis, cevada de 240 a 300 réis, milho da 280 a 360 rs., e centeio de 240 a 300 rs.

A caixa-economica da companhia 'Confiança-nacional' recebeu 6:445$510 rs., restituiu 2:445$800 rs. e teve 22 depositantes novos, na samana finda em 6 do corrente.

Parece que não será no edificio do Sr. Raton, mas na Outra-banda, no sitio de *Olho-de-boi*, que a companhia de 'Fiação e Tecidos' vai estabelecer a sua fábrica. N'este último local esteve a fábrica de 'lanificios de patente,' empresa que está em liquidação. Em qualquer sitio porém que a companhia de 'Fiação e Tecidos' se estabeleça, fazemos votos pelo sua prosperidade.

Hontem (7) uma trovoada imminente á cidade produziu uma descarga electrica no palacio do Quelhas a Buenos-ayres, que se acha deshabitado; eram quasi 8 horas da noite. O incendio ateou-se, mas pelos soccorros que se lhe applicaram pareceu extincto, quando apenas estava latente: inflammou-se de novo depois das 10 horas, e o predio ficou quasi inteiramente consummido.

VIAGEM DE SS. MM. — No dia 3 sahiram SS. MM. de Lisboa no vapor 'Terceira' e n'essa mesma noite ficaram abordo defronte de Villa-Nova. No dia 4 sahiram por terra para Santarem de passagem pela Azambuja e pelo Cartaxo. No dia 7 deixaram Santarem e foram pernoitar a Thomar, onde se acham.

Segundo parece a Companhia das 'Obras-públicas' tomará conta da construcção de um novo edificio para alfandega na cidade do Porto no mesmo local onde agora se despacha, e do melhoramento da barra e doca da villa de Vianna, um dos portos de mais commercio da nossa costa.

A maior novidade da semana é a chegada ao 'Circo Laribeau' d'um *prestigiador* hab·l, o Sr. George Sutton, que vem de Londres de proposito maravilhar-nos com os prestigios da *sua* physica... Talvez que algum dos leitores se lembre do celebre Pinetti, que eu não vi, mas cujo nome ficou popular entre nós; pois o Sr. Sutton é um novo Pinetti que obsequeia generosamente os seus espectadores: amendoas, rebuçados, café-com-leite... tudo lhes *dá* por *incantamento* e elles *gostam* por *gratidão*. Roberto Houdin em Paris e o Sr. Sutton em Lisboa attrahem o público em multidão. Deresto a sciencia dos Bosco, dos Comte e dos Philippe, é sempre uma sciencia de *bocca-aberta*...

CONHECIMENTOS UTEIS.

MELHORAMENTOS MATERIAES EM PORTUGAL.

162 Os melhoramentos materiaes são hoje, em todos os paizes, o alvo a que se dirigem os esforços do talento e da experiencia de todos os homens superiores. Com elles esperam as nações pequenas inriquecerem se, as pobres prosperarem, e as opulentas conservarem e augmentarem o seu ingrandecimento — Todas esperam bem — A religião, a moral, a politica, tudo hoje prende, e cada vez se procura mais ligar, com este fomento do bom-ser dos povos. O interesse commum, os beneficios universaes, hãode e ja começam a ser o resultado feliz d'este pensamento por todos adoptado, e por alguns levado á execução com enthusiasmo.

Este movimento, tomasse elle embora impulso nos Estados-unidos, na Inglaterra, na França, ou na Allemanha — onde quer que fosse — vai-se dilatando pelo mundo inteiro. Havia tambem de chegar a Portugal — e chegou emfim — ainda bem que não fomos dos mais tardios. Era da natureza das coisas, é da indole do seculo, é um contagio — feliz e bem feliz contagio — que ha de necessariamente tocar todos os povos, afortunal-os a todos, ainda mesmo se alguns d'elles tivessem a loucura de se ficarem inertes no meio d'este movimento universal. Mas bemaventuradas das nações diligentes que se acolherem a tempo a ésta árvore da vida, não so porque mais cedo lhe hão de colher os fructos, mas tambem porque melhor lhe profundarão as raizes.

Por differentes modos se tem dado entre nós impulso a este pensamento. A creação de companhias ou seja abrangendo toda a especie de melhoramentos materiaes, ou seja consagrando-se especialmente a alguns dos seus ramos, tem sido — como por força devia de ser — de todos o mais poderoso, e o mais efficaz. Começâmos a sentir ja d'algumas d'ellas mui bons resultados, e os melhores auspicios presidem a quasi todas. Mas Portugal é por assim dizer um paiz virgem a este respeito. O seu solo talvez pouco estudado, os seus recursos ainda porventura não bem conhecidos, a falta das respectivas statisticas para calcular convenientemente as necessidades, o consummo, a riqueza, todo o movimento material emfim, de suas diversas povoações; parecem-nos circumstancias que muito embaraçam — se é que ás vezes não inutilizam — muitos dos melhoramentos que se poderiam levar a effeito nas differentes localidades para proveito commum.

Por muito boa-vontade que haja nos homens, por maior que seja o interesse das companhias em tirar lucro avultado dos seus capitaes, um sem número de applicações uteis deixarão de se lhes dar por falta de conhecimento sôbre a conveniencia d'esta ou d'aquella empresa, de tal ou tal especulação. Este conhecimento sim deve e hade chegar com o tempo, mas demora-se, vem tarde: era mister, era a todos os respeitos vantajoso obtel-o logo, adquiril-o ja. Para isto figuram-se-me necessarios dois unicos meios — facilimos em quanto á execução.

Ha no nosso paiz uma classe de homens — mais numerosa do que se julga — dotados de fina penetração e bom-senso, amadurecido pela experiencia, instruidos, porque são curiosos de saber — e sabem — dos progressos da civilisação nos paizes extrangeiros; e todavia nunca pozeram — não podem resolver-se a pôr — por escripto as idêas resultantes da sua capacidade, os pensamentos, alias bem aproveitaveis, que concebem sôbre o assumpto da sua predilecção, e que elles ou sepultam comsigo, ou communicam apenas a poucos amigos para lhes servir de simples alimento da conversação. É assim na politica, é assim e muito assim na litteratura, e é tambem assim nos varios ramos de conhecimentos uteis. Nas provincias — é principalmente das provincias de que fallâmos — ha muitos d'estes homens, que, não tanto por inercia como por acanhamento, modestia, ou falta de incentivo, nunca talvez se lembraram de escrever para a imprensa duas linhas, nem siquer, porventura, acreditaram na possibilidade de o poderem fazer: e, comtudo, sem quererem, faltam a um sagrado dever de homens e de cidadãos. Se estes homens pois se resolvessem a uma de duas coisas cada parte d'elles, ou ambas promiscuamente, a de apresentarem alvitres para melhoramentos parciaes das suas localidades, ou geraes do paiz; e sôbre tudo d'informar por intermedio da imprensa das circumstancias de suas localidades, da conveniencia, methodo, e consequencias de um dado projecto de melhoramento n'essa localidade, ou das vantagens de o imprehender, ou dos meios de melhor o executar; ficâmos que preciosos dados se reuniriam para estabelecer um vasto e bem intendido systema de melhoramentos no paiz. Pelo menos esses escriptos attrahiriam a discução, e consequentemente a duplicada vantagem da imprensa se começar a occupar entre nós d'estes assumptos vitaes, e achar-se a final o meio facil, certo e bem esclarecido, de estabelecer um juizo solido e verdadeiro sôbre determinadas émpresas, que alias nunca se creariam, ou seriam mal estabelecidas, ou se arruinariam por vicio de execução.

Mas queremos suppor mesmo que as companhias creadas, e quaesquer outras que hajam de se crear, são tão zelosas, tão intelligentes, e obram com tanta prudencia, que se lembram de tudo quanto lhes importa, que sabem tudo, que estão completamente habilitadas para tudo quanto imprehendem. É uma supposição muito longe do que realmente costuma acontecer, mas emfim suppomos; se esses previos esclarecimentos — ou, melhor, debates — lhes eram n'esse caso desnecessarios, sem proveito, nunca lhes haviam de ser prejudiciaes; e por outro lado se lhes tornavam de grande vantagem, porque levavam ao paiz a instrucção e a convicção da utilidade da empresa em questão; davam-lhe consequentemente a força moral, e dispunham os animos a receber condignamente o que alias era possivel olharem mal antes de lhe gostarem os proventos. Não sabem todos que a introducção de grandes beneficios tem sido muitas vezes — quasi sempre — guerreada pelas povos ignorantes? Que innumeraveis occasiões tem sido preciso empregar a força para obrigar os povos a consentir no seu proprio bem?

Concluindo pois, e ligando as nossas idêas, convidâmos, incitâmos, mesmo, todos os homens do paiz que se acharem habilitados para contribuir intellectualmente para a grande obra dos melhoramentos materiaes do paiz, da maneira que exposemos, ou de qualquer outra que melhor seja ou lhes pareça, a que nos hajam de communicar as suas idêas, com fórma de

redacção ou sem ella — como quizerem ou podérem — para serem publicadas na Revista-Universal; conhecidas do público, debatidas, adoptadas pelo govêrno ou por aquelles a quem ellas possam convir, e darse emfim a este objecto toda a importancia, toda a latitude, toda a consideração que elle merece, que nos convem a todos dar-lhe — que mesmo necessitâmos dar-lhe — e sôbre o qual se funda, principalmente, a felicidade futura do nosso paiz.

É este um convite, contâmos nós, a que nenhum bom cidadão ha de faltar: é um incentivo a que nenhum remisso deixará de acudir.

NOVAS PISTOLLAS.

163 Os effeitos da polvora fulminante são conhecidos, mas sabia-se pouco da fôrça de expansão de que o seu mais pequeno volume é capaz. M. Devismes tem feito a applicação d'esta polvora ao uso das pistollas: o tiro da-se sem estrondo e sem fummo.

As pistollas de M. Devismes tem um mechanismo particular, apezar de que a sua apparencia e pêso são como os das pistollas ordinarias. O cano é formado de duas metades juntas por um parafuso ou annel, ou tambem por meio de uma molla. Estas metades abrem-se para se podèr depositar na culatra uma simples capsula, que fórma de per si toda a carga. Fechado o cano, mette-se dentro uma pequenina balla, segundo o calibre, que se impurra com a vareta. Segura-se depois a pistolla com a mão direita e carrega-se com os dois primeiros dedos da mão esquerda n'um travessão que passa pouco acima do logar dos feixos decima, e que os substitue: um leve estalo produzido então pelo feixo debaixo annuncía que a molla em spiral do interior foi comprimida. Aponta-se e dispara-se como a pistolla ordinaria.

Ésta arma não tem necessidade de limpeza, o seu custo é diminuto, e qualquer serralheiro serve para a concertar quando precise.

INDUSTRIA DA SEDA.

164 O Sr. Bruno de Cabedo e Lencastre teve a bondade de participar a ésta Redacção não so o bom estado dos prados-artificiaes das suas propriedades de Agueda — principalmente lucerna — mas tambem da plantação de amoreiras e cultura da seda, que alli tem estabelecido e que vai continuar na sua quinta da Taveira (proximo a Coimbra).

Este intelligente proprietario recolhe ja sette mil e tantos casulos, pesando na tirada dos ramos 28 arrateis, que se reduzem a 15 quando se procede á fiação. Ésta tem o Sr. Cabedo de Lencastre estabelecido em Coimbra, e é feita por uma mulher da provincia de Traz-os-montes em ingenho piementez; «e pela perfeição com que d'elle usa (diz o nosso illustre correspondente) mostra ser aparelho muito antigo e familiar em parte da provincia. Produziram os casulos 2 arrateis e mais alguma coisa, além de uma porçãosinha d'ella mais grossa — que tem, ou póde ter, applicação para retrós. Levou dois dias ésta fiação, custando 960 rs. Todas as pessoas que a tem visto ficam muito agradados d'esta seda pela sua egualdade e bella apparencia. O fio tem muita consistencia e foi formado pela juncção de seis ou sette extrahidos dos casulos.

Estou resolvido a levar este ensaio a maior grau de desinvolvimento, sentindo que so ha dois annos, não completos, me resolvesse a ésta cultura, no que teve muita parte a Revista, e sobre tudo as instancias do meu amigo José Maria da Silva Pinto, hoje juiz de Direito na Idanha. Mas o pónto não está em ter amoreiras. é preciso ter disposição propria para a creação e cultura da seda, o que realmente requer muita paciencia, e por isso o Sr. Silva Pinto dizia que me não julgava muito proprio para ésta industria... mas inganou-se.»

METAL QUE IMITA O OIRO.

165 Mettam-se n'um cadinho dezeseis partes de platina pura, duas partes de cobre e uma de zinco: cubra-se tudo com po de carvão-de-pedra: deixe-se fundir. Ésta liga fórma um metal que tem a côr e quasi o pêso e a flexibilidade do oiro.

(*Dict. des Ménages.*)

AGRICULTURA E CAUDELARIA.

166 De grande utilidade é a creação de um banco-rural de que tanto carece o nosso paiz. em vista do progresso que ha dez annos a ésta parte tem entre nós feito a agricultura, e com especialidade n'ésta provincia chamada pelos antigos o celeiro de Portugal, onde não ha um palmo de terra proximo das povoações que não esteja cultivado; e a um tão consideravel augmento se deve attribuir a baixa tão rapida dos preços porque hoje estão os generos, visto que os consummidores são os mesmos: não ha exportações d'elles pela carestia dos transportes em razão do mau estado a que tem chegado não so os caminhos travessos como tambem as estradas geraes, e por tal motivo está privado o lavrador de concorrer ao mercado em que haja mais subido preço, e em consequencia os celeiros se acham atulhados; comtudo ainda ha grande porção de terreno inculto e temos fundadas esperanças de ser cultivado logo que se leve a effeito o projecto de bases para um banco-rural, annunciado no n.° 4 da Revista Universal, e que o nosso systema d'estradas melhore, como esperâmos.

É geralmente sabido que a agricultura não se limita somente á cultura dos generos cereaes, mas tambem á creação dos gados das differentes especies, o que deve merecer muita attenção; o gado lanigero de que tanto abunda ésta provincia, é em geral de uma qualidade inferior, por que mal apuradas as raças não dão lans proprias para o fabrico dos pannos de mais subido preço; em consequencia do que importâmos muitas da Italia e Hispanha para serem manufacturadas nas nossas fábricas (que hoje se acham em um adiantamento admiravel com especialidade as do sr. Larcher em Portalegre); o que evitariamos se os nossos govêrnos tivessem protegido este ramo de riqueza nacional, tão capaz de melhoramento entre nós, e com especialidade nos campos de Moura, Elvas, Campo-Maior etc. onde as lans são da melhor qualidade.

Tambem devem merecer particular attenção as raças cavallares em que tanto escaceia o nosso paiz, e cuja falta sentiremos cada vez mais porque alguns creadores dos poucos que ainda existem tem deixado arruinar as raças que outr'ora foram boas, abandonando-as para lançar mão das muares que menos custam a crear, e em pouco tempo pagam o trabalho, e que

não acontece com os cavallos que aos dois annos é preciso tira-los das manadas por não ser possivel traze-los com as mãis; e para isto faltam as necessarias commodidades á maior parte dos creadores: e aqui está d'onde provém a grande falta de cavallos em Portugal, e somos por isso obrigados a entregar o dinheiro ao extrangeiro.

Da Inglaterra tem vindo muitos não so para os particulares, mas tambem comprados pelo govêrno, e a experiencia tem mostrado que taes cavallos não são proprios para o nosso clima.

O nosso exercito está montado em cavallos hispanhoes por não termos aquella abundancia d'elles que forçosamente teriamos se ésta parte da agricultura não fosse votada ao abandono, e tivesse sido olhada como necessidade urgente e indispensavel ás commodidades sociaes.

Temos bellas campinas n'ésta provincia que offerecem excellentes commodidades para a creação de cavallos, mas era necessario que ésta fosse animada pelo govêrno. Possuimos um local talvez o melhor da peninsula, que bem podia ser destinado á creação de cavallos, e é na grande tapada-real de villa Viçosa fazer-se um potril, onde podem bem á vontade sustentar-se 250 cavallos, porque na extenção de quasi duas legoas que tem, abunda em pastos e excellentes aguas: e no tempo em que estes faltam ha muita bolota que devia destinar-se ao sustento dos cavallos em alguns mezes do inverno. Por este modo os creadores podiam mandar para alli os seus cavallos aos dois annos conservando-os até aos quatro, e pagar por anno 4$800 réis cada um, vindo assim a ficar-lhe por 9$600 réis: por tão insignificante quantia ninguem deixaria de mandar para alli potros que depois tivessem a marca, e no fim dos dois annos seus donos disporiam d'elles, e então poderiam ser comprados para a remonta do exercito. Por tal modo escusavamos cavallos de fóra porque aquelle número era sufficiente para a remonta annual dos tres corpos de cavallaria que tem ésta provincia, e cá nos ficava o dinheiro em circulação; e com alguns estabelecimentos mais d'ésta natureza em outras provincias, o nosso exercito ficaria montado em cavallos aclimatados, e por consequencia melhores que os vindos d'outras nações.

A tapada pertence á casa de Bragança, e todos os annos vende os montados por um conto de réis pouco mais ou menos, e com os 250 cavallos que alli entrassem annualmente recebendo a quantia mencionada, lucrava muito mais; não so pelo augmento nos interesses pecuniarios, mas tambem pelo grande desinvolvimento que proporcionava a este ramo de riqueza nacional.

Temos bem fundadas esperanças de que o nosso govêrno, que com tanta solicitude promove os interesses materiaes do paiz, não esquecerá este de tão reconhecida necessidade, e a soberana não deixará de annuir a um tão util como necessario estabelecimento.

Se V. sr. redactor, julgar que estes apontamentos devem vir á luz, rogo-lhe o obseqûio de corrigi-los, e augmentar com suas... reflexões o que a minha penna por mal aparada não póde conseguir.

Extremoz 1.° de settembro de 1845.

Um subalterno de cavallaria n.° 1.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO XIII.

Dos frades em geral. — O frade moralmente considerado, socialmente e artisticamente. — Prova-se que é muito mais poetico o frade do que o barão. — Outra vez D. Quixote e Sancho-Pansa. — Do que seja o barão, sua classificação e descripção linneana. — Historia do castello do Chucherumello. — Erro palmar de Eugenio Sue: mostra-se que os jesuitas não são a cholera morbus, e que é preciso refazer o 'Judeu errante' — De como o frade não intendeu o nosso seculo nem o nosso seculo ao frade. — De como o barão ficou em logar do frade, e do muito que n'isso perdemos. — Unica voz que se ouve no actual deserto da sociedade: os barões a gritar contos de reis. — Como se contam e como se pagam os taes contos. — Predilecção artistica do A. pelo frade: confessa-se e explica-se ésta predilecção.

167 Frades... frades... Eu não gósto de frades. Como nós os vimos ainda os d'este seculo, como nós os intendêmos hoje, não gósto d'elles, não os quero para nada, moral e socialmente fallando.

No ponto de vista artistico porém o frade faz muita falta.

Nas cidades, aquellas figuras graves e sérias com os seus habitos tallares, quasi todos picturescos e alguns elegantes, atravessando as multidões de macacos e bonecas de casaquinha esguia e chapelinho de alcatruz que distinguem a peralvilha raça europeá — cortavam a monotonia do ridiculo e davam physionomia á população.

Nos campos o effeito era ainda muito maior: elles characterisavam a paizagem, poetisavam a situação mais prosaica de monte ou de valle; e tam necessarias tam obrigadas figuras eram em muitos d'esses quadros; que sem ellas o painel não é ja o mesmo.

Além d'isso o convento no povoado e o mosteiro no ermo animavam, amenizavam, davam alma e grandeza a tudo: elles protegiam as árvores, sanctificavam as fontes, enchiam a terra de poesia e de solemnidade.

O que não sabem nem podem fazer os agiotas e os barões que os substituiram.

É muito mais poetico o frade que o barão.

O frade era, até certo ponto, o Dom Quixote da sociedade velha.

O barão é, em quasi todos os pontos, o Sancho-Pansa da sociedade nova.

Menos na graça...

Porque o barão é o mais desgracioso e estupido animal da creação.

Sem exceptuar a familia asinina que se illustra com individualidades tam distinctas como o Ruço do nosso amigo Sancho, o asno da Poncella de Orleans e outros.

O barão (*onagros-baronius* de Linn. *L'âne-baron* de Buf.) é uma variedade monstruosa in-

gendrada na burra de Balaão, pela parte essencialmente judaica e usuraria de sua natureza, em coito damnado com o urso Martinho do Jardim das Plantas (1), pela parte franchinotica e sordidamente revolucionaria de seu character.

O barão é pois usurariamente revolucionario, e revolucionariamente usurario.

Por isso é *zebrado* de riscos monarchicos-democraticos por todo o pêllo.

Este é o barão verdadeiro e puro-sangue: o que não tem estes characteres é especie differente, de que aqui se não tracta.

Ora, sem sahir dos barões e tornando aos frades, eu digo: que nem elles comprehenderam o nosso seculo nem nós os comprehendemos a elles.

Por isso brigámos muito tempo, a final vencemos nós, e mandamos os barões a expulsal-os da terra. No que fizemos uma sandice como nunca se fez outra. O barão mordeu no frade, devorou-o... e escouceou-nos a nós depois.

Com que havemos nós agora de matar o barão?

Porque este mundo e a sua historia é a historia do 'castello do Chucherumello'. Aqui está o cão que mordeu no gato, que matou o rato, que roeu a corda etc., etc., vai sempre assim seguindo.

Mas o frade não nos comprehendeu a nós, por isso morreu, e nós não comprehendemos o frade, por isso fizemos os barões de que havemos de morrer.

São a molestia d'este seculo, são elles, não os jesuitas a cholera morbus da sociedade actual, os barões. O nosso amigo Eugenio Sue errou de meio a meio no Judeu errante que precisa refeito.

Ora o frade foi quem errou primeiro em nos não comprehender, a nós, ao nosso seculo, ás nossas inspirações e aspirações: com o que falsificou a sua posição, isolou-se da vida social, fez da sua morte uma necessidade, uma coisa infallivel e um remedio. Assustou-se com a liberdade que era sua amiga, mas que o havia de reformar, e uniu-se ao despotismo que o não amava senão relaxado e vicioso porque de outro modo lhe não servia nem o servia.

Nós tambem errámos em não intender o desculpavel êrro do frade, em lhe não dar outra direcção social, e evitar assim os barões, que é muito mais damninho bixo e mais roedor.

Porque, desinganem-se, o mundo sempre assim foi e hade ser. Por mais bellas theorias que se façam, por mais perfeitas constituições com que se comece, o *status in statu* forma-se logo: ou com frades ou com barões ou com pedreiros livres se vai pouco a pouco organisando uma influencia distincta, quando não contraria, ás influencias manifestas e apparentes do grande corpo social. Ésta é a opposição natural do Progresso, o qual tem a sua opposição como todas as coisas sublunares e superlunares; ésta corrige saudavelmente, ás vezes, e modera sua velocidade, outras, a impece com demazia e abuso: mas em fim é uma necessidade.

Ora eu, que sou ministerial do Progresso, antes queria a opposição dos frades que a dos barões. O caso estava em a saber conter e aproveitar.

O Progresso e a liberdade perdeu, não ganhou.

Quando me lembra tudo isto, quando vejo os conventos em ruinas, os egressos a pedir esmola e os barões de berlinda, tenho saudades dos frades — não dos frades que foram, mas dos frades que podiam ser.

E sei que me não inganam poesias; que eu reajo fortemente com uma logica inflexivel contra as illusões poeticas em se tractando de coisas graves.

E sei que me não namóro de paradoxos, nem sou d'estes espiritos de contradicção desinquieto que suspiram sempre pelo que foi, e nunca estão contentes com o que é.

Não, senhor: o frade, que é patriota e liberal na Irlanda, na Polonia, no Brazil, podia e devia sêl-o entre nós; e nós ficavamos muito melhor do que estamos com meia duzia de clerigos......................................
para nos dizer missa; e com duas grozas de barões não para a tal opposição salutar, mas para exercer toda a influencia moral e intellectual da sociedade — porque não ha de outra ca.

E se não digam-me: onde estão as universidades, e o que faz essa que ha senão dar o seu grausito de bacharel em leis e em medicina? O que escreve ella, o que discute, que principios tem, que doutrinas professa, quem sabe ou ouve d'ella senão algum echo timido e acanhado do que n'outra parte se faz ou diz?

Onde estão as academias?

Que palavra poderosa retiue nos pulpitos?

Onde está a fôrça da tribuna.

Que poeta canta tam alto que o oiçam as pedras brutas e os robres duros d'esta selva materialista a que os utilitarios nos reduziram?

Se exceptuarmos o debil clamor da imprensa liberal...............................
não se ouve no vasto silencio d'este ermo senão a voz dos barões gritando contos de réis.

(1) Célebre urso do Jardim das Plantas em Paris.

Dez contos de réis por um eleitor!

Mais duzentos contos pelo tabaco!

Tres mil contos para a conversão de um amphigouri!

Cinco mil contos para as estradas dos areonautas!

Seis mil contos para isto, dez mil contos para aquillo.

Não tardam a contar por centenas de milhares.

Contar a elles não lhes custa nada.

A quem custa é a quem pága para todos esses balões de papel — a terra e a indústria.

Este capitulo deve ser considerado como introducção ao capitulo seguinte, em que entra em scena fr. Diniz, o guardião de San'Francisco de Santarem.

Ja me disseram que eu tinha o genio frade, que não podia fazer conto, drama, romance sem lhe metter o meu fradinho.

O 'Camões' tem um frade, frei José Indio;

A 'Dona Branca' tres, frei Soeiro, frei Lopo e san-frei Gil — faz quatro;

A 'Adozinda, tem um ermitão, especie de frade — cinco;

'Gil-Vicente' tem outro — isto é, verdadeiramente não tem senão meio frade, que é André de Resende, demais a mais, pessoa muda — cinco e meio.

O 'Alfageme' tres quartos de frade, Froilão-Dias, chibato da ordem de Malta — seis frades e um quarto.

Em 'Frei Luiz de Sousa' tudo são frades, vale bem n'esta computação, os seus tres, quatro, meia duzia de frades — são ja dôze e quarto.

Alguns, não eu, querem metter n'esta conta o 'Arco-de-Sanct'Anna', em que ha bem dous frades e um leigo.

E aqui tenho eu ás costas nada menos de quinze frades e quarto.

Com este frei Diniz é um convento inteiro.

Pois, senhores não sei que lhes faça: a culpa não é minha. Desde mil cento e tantos que começou Portugal, até mil oitocentos trinta e tantos que uns disem que elle se restaurou, outros que o levou a breca, não sei que se passasse ou podesse passar n'esta terra coisa alguma publica ou particular, em que frade não entrasse.

Para evitar isto não ha senão usar da receita que vem formulada no capitulo V (2) d'esta obra.

Faça-o quem gostar; eu não que não quero nem sei.

(Continúa.) *A G.*

(1) Pag. 53 desta vol. da REVISTA.

DOS TRIBUTOS ESTABELECIDOS NA ILHA DE SAN'MIGUEL ETC. *

168 Foi com este justo titulo que as ilhas ficaram incorporadas na coroa; pois não ignorâmos que as ilhas dos Açores são adjacentes á costa de Portugal, e que a Madeira, Porto-Santo e Deserta, ja ficam vizinhas á de Africa, (1) onde elrei D. João I ja tinha o senhorio de *Ceuta* quando foram descobertas, e onde pela guerra, que por tantos decennios conservou a coroa de Portugal contra os moiros d'Africa, havia aquella adquirido incontestaveis direitos, para n'esta estender as suas gloriossimas conquistas: porém os senhores reis, que então regiam a nossa monarchia, não deixaram de reconhecer o quanto eram devedores ao inclito infante D. Henrique pelo augmento que lhes promovia n'estas lucrosas adquisisões, tão invejadas dos extrangeiros. D'aqui, sem duvida, procedeu a generosidade com que elrei D. Duarte em 26 d'outubro de 1434 fez doação, para sempre, de todo o espiritual da ilha da Madeira, Porto-Santo e Deserta, á ordem de Christo, de que o referido infante era gran'-mestre, para d'ellas perceber as mesmas utilidades, e n'ellas exercer os mesmos direitos que exercia em Thomar. (2) D'aqui, por identidade de razão, a perpetua e ampla doação feita por elrei D. Affonso V. em 7 de junho de 1444, (3) em que é expresso, que ésta ordem gosasse, por este seu illustre gran'-mestre, e pelos que ao depois se seguissem, *a espiritualidade de todas as praias, costas, ilhas, terras conquistadas e por conquistar, com toda a jurisdicção, e espiritual administração, de que gosava em Thomar; e com a obrigação de prover os povos de prégadores que os instruissem, e de reitores, que com os sacramentos lhes administrassem o necessario soccorro.*

Releva observar que ésta differença entre os direitos ecclesiasticos para a ordem e os reaes para o rei, não so ficou logo, como convinha, estabelecido, mas sempre observado até aos nossos dias, isto é, até á mudança das nossas instituições, ou do nosso actual regimen: reconhecendo-se pela leitura das definições da ordem que, (formaes palavras) *pertencem á mesa mestral todas as ilhas do mar Oceano, porque a renda espiritual d'ellas está unida á ordem por bullas apostolicas, que dos santos padres impetrou o infante D. Henrique, filho de elrei D. João I, além dos direitos reaes, que sua magestade nas ditas ilhas tem, como rei e senhor.* (4) Foram estas bullas expedidas por Martinho V, no reinado d'elrei D. João I; por Eugenio IV, no d'elrei D. Duarte; por Nicolao V, e Callixto III, no d'elrei D. Affonso V: todos os referidos pontifices não so attribuem egualdade de direitos ao rei e ao infante nas terras novamente conquistadas, ou novamente descobertas, chamando a ambos egualmente *verdadeiros senhores* d'ellas; o que porém se deveria intender respectivamente aos direitos, que

* Continuado de pag. 140.

(1) As ilhas dos Açóres, e da Madeira, por disposição regia foram todas consideradas ilhas adjacentes ao continente etc.

(2) Vej. prov. do liv. 3 da Hist. geneal. n.º 25 pg. 444.

(3) Real archivo da Torre do Tombo — livro de mestrados fl. 154 v.

(4) Defin. da Ord. de Chr. ja citadas, part. 4 tit. 2, no principio.

a cada um competiam: mas pensando, como n'aquelles tempos todos pensavam, que as terras vacantes, ou occupadas por infieis, pertenciam, de certo modo, ao vigario de Christo, e reconhecendo ao mesmo passo a legitima posse que os precitados reis e infante gosavam n'essas terras e ilhas, talvez para tranquillizar animos timoratos, ou escrupulosos, e maiormente para obstar ás pertenções de outro qualquer principe catholico, usando de toda a plenitude do seu podêr apostolico, fizeram das mesmas terras e ilhas nova e amplissima doação a elrei D. Affonso V, e a todos os seus successores, bem como ao referido infante. (5)

Entre todas as bullas que consultámos, a mais notavel é a que Xisto IV expediu ja depois da morte do infante D. Henrique, porque n'ella não so confirma e incorpora as precedentes, mas egualmente o tractado de paz celebrado entre elrei D. Affonso V e os reis catholicos Fernando e Isabel, onde se menciona as ilhas da Madeira, Porto-Sancto, Deserta, e dos Açores. O pontifice Alexandre VI tambem se lembrou das ilhas dos Açores na famosa bulla em que intentou lançar a linha da *demarcação dos mares*, para discriminar os dominios que deviam pertencer a Portugal e a Castella. Finalmente foram confirmadas todas as sobredictas bullas pelo papa Leão X, no tempo d'elrei D. Manuel (6): e de todas ellas, judiciosamente intendidas dentro dos justos limites da jurisdicção e competencia ecclesiastica, se vem a verificar, que toda a espiritualidade das ilhas e dominios ultramarinos, legitimamente pertencem á ordem de Christo, que recebendo os dizimos ecclesiasticos, por sua particular natureza destinados para alimentos de quem servia nas parochias, administrava os sacramentos e exercia jurisdicção e funcções ecclesiasticas, a tudo isto satisfez n'aquelles pristinos tempos, pelos prelados de Thomar, e pelos seus delegados (7); até que os srs. reis D. Manuel e D. João III erigirám sés, bispos e dignidades, nas ilhas e conquistas em que as podiam, ou deviam haver; e cujos dizimos, posto que posteriormente ficassem pertencendo aos srs. reis, todavia é incontroverso que não lhe competiam na qualidade de rei, mas na de perpetuos administradores da ordem de Christo, depois que o pontifice Julio III em 1551 uniu para sempre este mestrado na corôa, como os d'Aviz e Santiago (8), que então vagaram pela morte do duque de Coimbra D. Jorge, verificando-se assim a recommendação, que no seu testamento havia feito elrei D. Manuel, sôbre ésta incorporação e perpetua união (9)

E tão indubitavel é que as ilhas pelo titulo de *adjacentes* ficaram incorporadas na corôa em tudo quanto respeitava ao temporal, que os srs. reis logo começaram a fazer d'ellas doações a pessoas benemeritas. E como ninguem lhes merecêra tanto como o egregio infante D. Henrique; a este, na qualidade de infante, e não na de gran'-mestre, fez el-rei D. Duarte em 26 de settembro de 1433 doação da ilha da Madeira, Porto-Santo e Deserta, com todos os *direitos e rendas*, que pertenciam á corôa; e com toda a jurisdição civil e crime: reservando para si, em reconhecimento do seu superimminente dominio, o direito da moeda, e o de recurso á casa do civel de Lisboa, no caso de morte ou talhamento de membro. (10) El-rei D. Affonso V egualmente fez ampla doação da ilha de San' Miguel a seu tio o infante regente D. Pedro (11), e da do Corvo ao duque de Bragança D. Affonso, pela carta de 20 de janeiro de 1453, permittindo-lhe tudo que d'ella devia haver, excepto o direito de moeda, de alienação, e de guerra. [12]

Continúa. *B. J. Senna Freitas.*

(5) Demorâmo-nos n'estas reflexões porque é assumpto pouco conhecido, offerecendo assim aos curiosos estes interessantes *apontamentos historicos* etc. O fallecido conselheiro Sá (cuja perda todos os verdadeiros portuguezes devem lamentar) havendo conferenciado por duas vezes comnosco, sôbre ésta parte do nosso trabalho não so approvou que lhe dessemos maior desinvolvimento, mas fez-nos a honra de convidar-nos para tomar parte na sua eruditissima *Memoria sobre o nosso direito de padroado*: em algumas de suas *notas historicas* elle nos penhora. Folgaremos que este curioso inedito um dia venha á luz publica, bem como muitos outros do referido conselheiro: concorramos para que o seu pobre, mas honrado irmão e herdeiro, apertado da sua immerecida desgraça não os vá *vender a pêso* em alguma loja de mercearia ou de confeiteiro!

(6) Todas éstas *curiosissimas* e pouco conhecidas bullas estão registradas no real archivo da torre do tombo, d'onde extrahimos os nossos apontamentos. Um valiosissimo trabalho, sôbre o tão necessario *bullario*, conceben o sr. José Feliciano de Castilho, coadjuvado pelo habilissimo official maior da torre do tombo, o sr. José Manuel Severo Aureliano Basto, porém ésta patriotica e judiciosa idéa, este difficil e gigantesco projecto, se chegou a ter algum principio foi de ephemera duração. Crêmos que as fadigas parlamentares, e o expediente da bibliotheca-nacional de Lisboa, tem impossibilitado o sr. Castilho de dar andamento ao seu magno projecto. Nós fizemos, para nosso particular estudo, um *elenco* de todas as bullas que tractam das ilhas adjacentes, e das nossas possessões d'além-mar, considerando estes documentos como subsidiarios para a nossa *historia ultramarina*.

(7) Defin. e estat. da ord. de Christ. part. 3. t. 12. no princ.

(8) Defin. e estat. da ord. de Christ. no principio.

(9) Vej. Tom. 2 das prov. de liv. 4.º da Hist. Gen. n.º 62, pag. 333.

[10] Prov. do liv. 3 da Hist. Gen. tit. 1. n.º 23.

(11) Damião de Goes na Chron. do principe D. João cap. 8., no fim.

(12) Real archivo da torre do tombo, liv. 3. de D. Affonso V fl. 2, e liv. 3. de misticos fl. 69.

DO PARIATO. (*)

169 Havendo feito um primeiro esboço da monstruosidade do podêr de facto que assistia aos barões, e a debilidade d'elle nos reis, a quem insultavam na presença e desafiavam, assim como fez Simão de Montfort; é preciso tambem consignar algumas das especies de direito politico (independente do civil sôbre tutelas, serviços etc.) que foi estabelecido depois do conquistador haver talhado a essa milicia, que se aventurou com elle, tamanha herança. O primeiro compromisso que se estatuiu aberta a sua successão foi que: omnes liberi homines..... habeant terras suas.... libere ab omni exaccione... nise servicium suum... jure nobis statutum... eis... a nobis datum... jure hereditario in perpetuum, per commune consilium tocius regni... A ésta regra absoluta ajuntou-se pro fórma a explicação liberi homines... Sint fratres conjurati ad monarchiam nostram... contra inimicos... defendendum... sine dilacione... Até aqui ainda é o monarcha que outorga, porém no tempo de Henrique I invertem-se os termos, e são os barões que lhe fazem

[*] Continuado de pag. 142.

essa mercê. Este rei da-se por satisfeito em declarar que: dei... et commune consilio (et assensu) baronum regni Angliæ... regem coronatum... E isto não é so em um caso singular temo-lo repetido ainda em outra lei a respeito de mattas... Forestas communi consensu baronum meorum in manu mea sic retinui sicut pater meus eas habuit. O pai era o proprio conquistador. Na compilação legislativa publicada debaixo do titulo d'este rei, Henrique I, tambem foi ordenado que nenhum superior em categoria, podesse ser julgado por quem lhe fosse inferior em auctoridade; mas elles julgavam o seu rei. Em 1387 o duque de Glouceester viu diante de si a sua rainha de joelhos pelo espaço de tres horas, a supplicar-lhe a vida de um infeliz, sem que a nada se movesse o arrogante lord. Ella era uma senhora muito popular pela sua virtude. N'este tempo reinava em Portugal D. João I e ninguem se atrevia a olhar-lhe em rosto com despeito. Digo isto para contraste. Por este tempo um dos clamores que mais se ouvia em Inglaterra, contra os barões, era a protecção que davam aos bandidos etc.

Mas tornando ao senhorio que fruiam os barões: recebiam elles como chefes o juramento dos seus vassallos, posto que Hallam lhe limitte ésta supremacia até ao anno de 1085 somente, tendo em outra parte recordado o que ja em Hume viera dito e portanto não era preciso lembra-lo de novo, que Robertson ommittira no seu discurso de introducção a Carlos V, o *jus belli* que os barões exerciam por sua conta, e que Filippe quiz coarctar em um tractado com Ricardo Cœur de Lion, e que este deixou incolume por exceder as suas regálias. O rei francez pedia ésta condição porque as guerras baroniaes eram as peiores. Duravam mais tempo, e eram mais encarniçadas do que as com os extrangeiros. No tempo do rei Estevão foi toda a Inglaterra um campo de batalha contínuo com ellas. Tinham estes senhores por toda a parte, força, soca, saca, tholm, thaim, que eram attributos de policia correccional. Sir H. Ellis na sua introducção do Domesday Book menciona condados, prelados, mulheres, particulares etc. que tinham algoz para justiçar. Era um negocio. O arcebispo de York reclamou carrasco para quatro dos seus burgos, Shirburn, Wilton, Beverley, e Ripon. *Relatorio geral dos commissarios dos diplomas publicos*, 1837.

Não precisavam os barões ser convocados, mas vinham a conselho de jure; nem sem a sua presença podia o rei fazer nada. E não se fazia senão mais de tres vezes ao anno para que: nec ullis ultra fatigacionibus agitari etc. Iam lá armados: era prática usual, elles, e as grandes comitivas que os accompanhavam.

As maiores dignidades da igreja não se concediam sem o seu assentimento.

As riquezas que possuiam os titulares inglezes, ainda até o reinado de Isabel eram importantes. O conde de Leicester, que foi seu favorito, tinha não menos de 10,000 armas, isto para tempos em que a industria estava no berço, é para se attender. Retrogradando porém á verdadeira era do splendor do feudalismo, temos Spencer, queixando-se ao parlamento que os barões lhe tinham arrebatado 28,000 cabeças de gado ovelhum, 2,200 cabeças de gado vacum e suas crias de dois annos, 560 cavallos, 2,000 cabeças de gado suino, 600 mantas de toncinho; a carne de 80 bois, e de 600 carneiros, 10 toneis de cidra, armas para 200 homens, e várias provisões e mais mantimentos. Reputava elle a perda em £ 46,000 ou mais de 600 contos do nosso dinheiro de hoje. O duque de Gloucester no reinado de Ricardo II, segundo diz Froissart liv. 4.° cap. 56, pouvoit bien par an dépendre de son propre soixante mille écus. Os proceedings & ordinances Privy Council, trazem um emprestimo a Henrique VI pelo cardeal Beaufort da quantia de £ 20,000. Em quanto os compares da coroa dispunham d'ésta riqueza, Ricardo II viu-se obrigado a empenhar a magna coroa á communa de Londres por £ 4,000. — Os actos de parlamento do tempo de Henrique V não se poderam escrever por não haver dinheiro no Exchequer para comprar o pergaminho. Decididamente os barões eram muito mais opulentos do que a coroa.

Se o rei tinha de prolongar a guerra em qualquer parte era preciso pedir-lhes a muitos rogos e salvando o precedente, que se deixassem ficar no campo por mais alguns dias, que podiam chegar a 10, ou a 20 quando muito, de prorogação.

Battiam moeda de que se fazia tanta que Henrique I so em uma occasião justiçou 50 falsarios. Sir H. Ellis na obra ja citada de pag. 174 a 177, faz menção de tantas casas de moeda e moedeiros em tanta parte que se não podem contar. Este abuso não era tão crescido em França. Os barões alli não tinham conquistado em parçaria a nação. Figuram mais depressa os maiores d'elles, como o nosso conde Dom Henrique. Elles diziam que tinham da coroa o privilegio de bater moeda, não dizem que o conquistaram. E tanto que em 1315 Luiz Hutin limitou-lhes a fabricação toda a 1,000 marcos por anno.

Tinham os barões inglezes o direito de insurreição concedido formalmente para entre si, e tambem o de se insurreccionarem contra o seu rei todas as vezes que intendiam que elle lhes fazia alguma injustiça. As deposições que elles fizeram dos seus soberanos foram tão frequentes que d'ahi veio o Stat, 11. Henrique VII C. 1, que legislou: que obedecem bem os subditos que obedecem ao rei *de facto*, contra o rei *de jure*. Nem mais nem menos, é isto o que ésta lei quer dizer. E se não houvesse nenhuma outra circumstancia para estabelecer os factos que eu descrevo, bastava ella.

Por causa da instabilidade na linha reinante, não era insolito no estylo das cartas d'instrumento que antes se passavam, ler-se: Deo regnante, rege expectante, ou, absente rege terreno.

Garantiam mais, os barões de Inglaterra, os tractados do seu rei com as potencias extrangeiras. Garantiam o proprio rei tambem contra os seus mesmos.

São finalmente por todos os motivos que tenho variadamente espendido, taes as cicatrizes que ficaram das escoriações que fez o systema feudal em Inglaterra, que ainda hoje se conserva alli o seu nome antigo á classe que é chamada a fazer os serviços minimos da sociedade. Um criado que entre nós deriva o appellido da presumida criação na casa onde serve, é ainda chamado entre os inglezes *a servant*, cuja etymologia está indicando o *servo* adscripticio do tempo em que os senhores dispunham do seu similhante, como hoje seu dono dispõe dos gados em uma fazenda que é sua. Em França não obstante ter sido de lá trasladado o systema para a Inglaterra, não se percebem taes vestigios. O seu *domestique*, termo de que mais usualmente u-

sam para o criado, tem a sua origem latina no domus. casa. Não ha tambem termo de mais opprobrio em inglez do que é o de *villain*, cuja occupação era mais para se ter commiseração d'elle, do que outro algum sentimento. A altura dos servos era medida ás mãos, ainda hoje alli medem tambem d'essa maneira os cavallos.

A distancia, a barbaria, a falta do documentos, a grandeza do quadro, os seculos que durou, torna impossivel uma descripção exacta do incontro que tiveram na Europa ametade da especie humana setemptrional com a outra metade meridional, depois da queda do imperio romano, quando *romanizar* foi para essas hordas synonimo de. quidquid ignobiliatis, quidquid timiditatis, quiquid avaritiæ, quidquid luxuriæ, quidquid mundaci, imo quidquid vitiorum. Du Cange verb. É peior e mais difficil a composição dos annaes da idade media do que a recomposição da natureza animada antes do diluvio, ou a historia de todos os typos da creação que agora a animam e existem sôbre a terra. Póde ser que eu diga isto porque para éstas ha os materiaes, e para aquella ha somente tradições, que cada um ageita á sua imaginação.

Ésta razão, e a especialidade ainda mais, da disquisição a que me propuz, são motivos de sobejo para que me não faça cargo da acção geral que teve o systema d'onde veio, gastada a sua primeira influencia, a deduzir-se o pariato que em Inglaterra passou a ser podêr legislativo. Se eu devesse dar mais extensão a este exame e fosse obrigado a considerar as causas porque sendo maiores os feudos francezes não produziram consequencias nenhumas para a vindicação do systema constitucional, pouco embaraço teria em resolver ésta questão. Em Inglaterra por isso que eram mais pequenos tiveram de se unir todos e estarem sempre á lerta, o que concorreu a final para que as fôrças politicas se equilibrassem de maneira que nem pares, nem reis, nem communs, fossem destruidos. Os seis pares de França, a saber, duques de Borgonha, Normandia, Guienna, Tolosa, Flandres e Champagne, eram principes que aspiravam cada um sôbre si, á soberania, mas não tendo fôrças bastantes para emprehender a lucta com a corôa, foram successivamente succumbindo, como outros tantos paizes conquistados que não conservam direitos; d'onde veio a succeder que quando a monarchia franceza se chegou a consolidar, o seu regimen era um absolutismo puro de que o povo sosinho, mais tarde, é que veio a resgatar-se, fazendo estragos que ainda hoje duram na memoria de todos.

Continúa. —— *C. A. da Costa.*

AVE MARIS STELLA.

170 Em abysmos golpeado
Lá ruge o lião dos mares,
E no dorso incapellado
Eriçando a juba altiva,
A ferver d'espuma viva,
Com a juba açoita os ares.

Uiva rija a ventania
Rasgando os seios da vaga,
Azul corisco assovia
Cuspido pela tormenta,
E d'entre as nuvens rebenta
Trovão, que as nuvens alaga.

Pendurado na brava borrasca
Um baixel vai perdido, a boiar,
Pelo mastro, que range e se lasca,
O tufão se lhe inrosca, a silvar.

Como nuta, sem rumo, a gaivota
Pelas aguas, que as pennas lhe fendem,
Assim voga o baixel, sem derrota,
Por que as vellas feudidas lhe pendem.

Ora galga sôbre a cruta
D'essa vaga esverdeada,
Como a conchinha embalada
Na turva montanha hirsuta
D'hirsuta neve toucada,

E mergulha a prôa nua
Pelo negrume do ceo,
A pedir um raio á luz
Que lhe alumie o escarceo,
Em que, nas trevas, fluctua;

Ora de chofre resvalla
Pelos vortices sorvido,
A aninhar-se espavorido
Nas brenhas do mar, que estala
Golfando de embravecido:

Á voragem doida e escura
Vai pedir que se abonance,
Ao abysmo que murmura
Pede um porto, em que descance,
Ou praia de penha dura!...

Nem porto, nem praia!... nas fauces do pégo
Nos rôlos rojado referve o baixel!
Nem lua, nem astro, que fulja!... vai cego
Cravar-se nas garras d'occulto parcel!

. . . .
. . . .

Mas sulca os mantos do ceo
Mimosa estrella a tremer
—Como a lampada, a pender
No templo, d'escuro veo.

Com a face d'oiro vivo
Ás aguas do mar sorriu...
O mar em cachões bramiu...
E geme em cachões captivo!

Dorme o vento da procella,
As nuvens se adelgaçaram,
E nas ondas s'espelharam
Uns raios de luz tam bella,

E o baixel, que soluçava
Entre as vascas da agonia,
Rezava á Virgem-Maria..
A estrella-do-mar louvava.

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

Ja por entre os naufragios da vida
Uma estrella de paz vi sorrir.;
Vi-a logo nas trevas perdida...
E nas trevas não póde luzir!

A. Pereira da Cunha.

ERRATA.

No artigo sôbre a Eneida do sr. Barreto Feio, pag. 143 col 2.ª linha 14, em logar de *delicia e recreio*, leia-se *delicioso recreio*: linha 24, em vez de *entretenimento*, leia-se *enternecimento*: linha 43, em logar de *pratica*, leia-se *pathetica*.

BELLAS-ARTES.

—

CONSERVATORIO-REAL DE LISBOA.

EXERCICIOS-PUBLICOS. 1844 — 45.

171 Quarta-feira (10) e Sabbado (13) foram executados na Sala do Conservatorio os exercicios públicos dos seus alumnos, respectivos ao anno lectivo de 1844 — 45, sendo no primeiro dia os de declamação e dança, e no segundo os de musica.

Em declamação e leitura fizeram exercicio seis alumnas. O jury conferiu os premios ás Sr.as Gertrudes Maria Saraiva (1.°), Eliziaria Justina da Conceição (2.°), Fortunata Levi (3.°), e Maria do Patrocinio Saraiva (4.°).

A circumstancia, muito para sentir, de não haver concorrido a ésta eschola nenhum discipulo do sexo masculino n'este anno lectivo, obrigou o professor d'ella a escrever uma peçasinha expressamente applicada a pôr em prática os differentes characteres dramaticos de cada uma das suas alumnas, dando todavia ao complexo ligação e scopo. A idêa d'esta pequena composição é ingenhosa: a execução d'ella por parte das alumnas foi por vezes satisfatoria.

As leituras foram feitas sôbre trechos de *Fr. Luiz de Sousa* (drama), F. D. Gomes (uma elegia), Camões (Lusiadas), e *Castro* (tragedia de Ferreira).

Foi este anno o primeiro que se usou das leituras, e creio que ésta prática ficará consignada d'ora em diante em todos os exercicios públicos, e constituirá uma parte essencial dos estudos da eschola de declamação. Não ha nada mais conveniente para desinvolver a boa articulação, a pronúncia, o timbre e o tom da voz, e as inflexões, do que a leitura em voz-alta: quem não souber ler bem nunca saberá declamar sofrivelmente. Se o que digo precisasse exemplificado poderia remontar-me a Demosthenes, e recordar o que a este respeito se pratíca em todos os institutos de França. A execução d'este ensaio porém devo confessar que me não satisfez em seu complexo, quer pela parte da execução quer mesmo pela escolha dos trechos — decerto porque foi *ensaio*, rapidamente concebido e posto em prática.

Da eschola de dança apresentaram-se cinco alumnas nos exercicios públicos. O jury julgou dignas de premio as Sr.as: Maria da Gloria (1.°), Leopoldina Rosa (2.°), Emilia Campos (3.°) e Rita Caccia (4.°). Tambem ésta eschola não teve, como a precedente, nem um unico alumno do sexo masculino.

Os exercicios constaram de: dois *passo-a-dois*, um *solo*, varias scenas mimicas, e a mazurka. Ésta última dança apezar de bem executada e muito applaudida pelos espectadores, parece-me, talvez, imprópria dos exercicios de uma academia de dança.

A eschola de dança é uma das mais esperançosas d'este estabelecimento, e está zelosamente dirigida. A alumna Maria da Gloria, de 12 annos d'edade, é notavel pela graça e franqueza dos movimentos, e o acabado de todos os passos; mas em que ella é realmente admiravel é na mimica, onde a expressão characteristica da sua physionomia, olhar e meneios, revelam o genio e uma intelligencia de esphera superior. A alumna Leopoldina, é uma menina de oito annos, que se distingue ja nos passos de força, e na firmeza das attitudes.

Os exercicios da eschola de musica foram porém os mais brilhantes: tanto pela concorrencia dos alumnos, que foram cincoenta, sendo nove do sexo feminino, como pela reunião de quasi seiscentos espectadores, em que entravam grande número de senhoras e muitos de elevada gerarchia. Os premios foram adjudicados pelo jury aos alumnos: Clementina Rosa Cordeiro (1.°), Daniel de Sousa Amado (2.° com as honras de 1.°) Francisca Adelaide Freire de Miranda (outro 2.°), e A. Carrero, F. de S. Correa, L. C. Gazul, A. Dias da Costa, E. Pereira.

A brevidade a que tenho de me restringir não permitte mencionar todas as peças de musica que compozeram as duas partes d'estes exercicios; farei unicamente menção: em primeiro logar, do famoso coro da *Creação*, de Haydn, ouvido pela primeira vez em Lisboa, de mui difficil combinação mas executado com admiravel complexo e nitidez; do rondo da opera *Moisés*, executado pela Sr.ª Clementina; das variações de Dholer sôbre motivos do *Guilherme-Tell*, executadas no piano pelo Sr. Amado; da cavatina de soprano da opera *Pia de Tolomei*, pela Sr.ª Freire; das variações de violino pelo Sr. Carrero; e da cavatina de tenor da opera *Saffo*, pelo Sr. Dias, alumno que tem pouco mais de seis mezes de eschola.

Toda ésta parte foi muito applaudida e geralmente reconhecido o zêlo e capacidade dos Sr.es professores.

Poderia terminar aqui se me fosse possivel resistir á vontade de escrever algumas das innumeraveis reflexões que me suscita este assumpto — Conservatorio-Real.

Que quer dizer este estabelecimento? Que vantagens podem resultar d'elle ao paiz?

É força confessar que nunca se olhou para este estabelecimento com a consideração que elle merece... quasi que ia dizendo que o teem desconsiderado. Pois desconsideram um estabelecimento de educação artistica — de instrucção — que nunca são demasiados n'um paiz; desconsideram um meio que póde produzir a decente sustentação de muitos cidadãos e familias, que póde contribuir a differentes respeitos como auxiliar da prosperidade pública. Em todos os paizes civilizados vemos estabelecidos os conservatorios. Na Italia começaram elles como estabelecimentos-pios, e ainda hoje o são em grande parte: a profusão dos conservatorios por toda ella é sabida, e em toda a parte são mantidos com munificencia real. Os resultados são patentes a todo o mundo: a Italia não so sustenta por este meio uma das mais bellas industrias dos seus indigenas, mas tambem muitos milhares d'elles se espalham por todas as partes da terra grangeando a sua sustentação e fortuna a expensas alheias, com muitas vantagens para o proprio paiz. Na França conta hoje este estabelecimento 65 professores e 321 alumnos, sendo d'estes 110 do sexo feminino, e 12 pensionistas.

O nosso Conservatorio está quasi fundado como o de París; mas falta-lhe. o que so um govêrno illustrado póde dar-lhe — a importancia. É necessario por todos os modos estimular e promover a carreira que abrem as escholas do conservatorio — arrancar muitas victimas á prostituïção e á indigencia; tirar gente da ociosidade, dos vicios e da extrema necessidade de serem pesados á sociedade. É certo que as escholas do conservatorio não são de natureza de assegurar uma fortuna a *todos* indistinctamente que as queiram frequentar; requerem-se para ellas dotes naturaes que infelizmente nem todos possuem; mais ou menos porém acontece isso mesmo com todos os generos de vida que se pertendam adoptar. É todavia indispensavel haver coisa que convide á sua frequencia — haver uma certeza de que ésta, proxima ou remotamente, assegura a seus alumnos uma decente subsistencia.

Ora, são tantos os meios que lembram para isto que bem se vê que so por pouca consideração se não aproveitam: por mais limitado que seja o espaço para desinvolvimento das minhas idêas heide dizc-las, de passagem que seja. — Quereis ser musicos da real-camara? Frequentai o Conservatorio. Quereis ser musicos das cathedraes? Frequentai o Conservatorio? Quereis ser da orchestra ou actor do theatro-nacional, subsidiado? Frequentai o Conservatorio. E vós, ó empresa do theatro-italiano que percebeis um avultado subsidio que vos paga a nação, recebei na vossa orchestra, no vosso corpo-de-baile, entre os vossos coristas, na vossa companhia de canto, os artistas que para la vos *mandarem* as escholas do Conservatorio. Isto pelo que respeita ao futuro. Mas o presente?

Para acudir ao presente carece-se de uma dotação correspondente á utilidade que provém ao Estado de sustentar um ramo de industria que possa assegurar a subsistencia de um grande número de cidadãos. Não se argumente, por Deus! com as poucas fôrças do thesoiro. Que de coisas podia eu apontar em que se gasta mais com menos razão! Mas tractarei so dos estabelecimentos que podem ser considerados na mesma ordem que o Conservatorio-real. Eu não vejo que o paiz tire mais utilidade da Academia das Sciencias, de duas academias das Bellas-artes, dos lyceus, do conservatorio d'artes e officios, dos estabelecimentos pios e de beneficencia etc. etc. do que se póde tirar do Conservatorio-real; porque não hade então elle ser considerado proporcional e relativamente? É necessario crear certo número de pensionistas e estabelecer mais avultados e maior número de premios.

Mas este estabelecimento offerece recursos para realisar uma certa receita que nos outros que citámos se não incontram. Porque se não hão de tentar esses meios? Porque se não darão algumas academias de musica mediante bilhetes pagos? Porque se não estabelecerá no Conservatorio o nucleo da opera-portugueza? Porque se não fará o mesmo com as escholas de declamação e dança quando dignamente habilitadas? Porque se não hão de tornar effectivos os *beneficios* que os theatros subsidiados teem obrigação de dar para as escholas do Conservatorio? Porque se não hade impor um direito de sêlo ás *cautellas* dos bilhetes da loteria que garantindo o público de fraudes produza um rendimento effectivo para este estabelecimento?

É exacto que ás escholas do Conservatorio não concorre sufficiente numero de alumnos; que d'ésta falta provém o não terem ellas produzido mais brilhantes resultados, não so no número mas tambem na capacidade, porque essa razão faz com que sejam admittidos sem escolha e sem os dotes indispensaveis, alguns frequentadores; que alias, havendo onde escolher, mais conveniente sería para elles e para o Conservatorio serem regeitados. Ésta é a causa principal que se deve primeiro obviar, e sôbre o govêrno pésa uma grande responsabilidade a este respeito. Se o estabelecimento não é util convem extinguil-o, que alias se estraga uma parte dos rendimentos públicos que devem ser honesta e cordatamente applicados se, porém é util, é dever sagrado dar-lhe o auxilio e a consideração que lhe são indispensaveis.

Quando o tempo alguma vez me chegar voltarei a desinvolver e explicar as idêas que aqui deixo apressadamente esboçadas.

VARIEDADES.

PATRIOTISMO E BENEFICENCIA.

172 Como a Revista abunda em recordações virtuosas e factos historicos: permitta-se-me referir, muito de passagem, o que fez Dionizio Antonio Verney, em quanto vivo, e depois de falecido. A illustre familia Verney hoje extincta, é bem conhecida dentro e fóra do paiz pela sua litteratura e altos empregos. Nascido em Lisboa, e educado civil e christanmente como prefeito cavalheiro, frequentou os seus estudos no convento dos Paulistas, onde defendeu conclusões, com geraes applausos.

Era dotado de talento e fallava o francez, italiano e hispanhol, mas não seguiu estudos maiores, por ser o proprietario do officio de juiz da balança da casa d'India, que seu pai Henrique Verney havia comprado.

Na qualidade de official-de-fazenda, serviu com muita inteligencia, effctividade, zêlo e probidade.

A sua vida foi toda applicada ao trabalho que muito amava, seguindo aquella sentença, que o homem nasceu para trabalhar como a ave para voar.

Edificou varios predios, sendo o mais notavel, o do Caes-dos-Soldados, n.º 61, em que gastou mais de 50:000$000 pelos grandes armazens e magnifico caes de cantaria, e espaçosos terraços que alli ha, fazendo uma excelente prespectiva sôbre o Tejo.

Viajou na Inglaterra, França e Suissa, e edificado dos actos de philantropia que por lá observára tractou logo que chegou de pagar as despezas da botica (o que fez até ao seu falecimento) a todos os pobres da freguezia de Sancta-Engracia, e outros, mediando informação dos parochos respectivos, mandava visital-os com soccorro em dinheiro e roupas. Onde quer que a miseria apparecia, la ia elle estender-lhe a mão valedora.

Eu fui muitas vezes o intermedio em suavizar as privações de muitas familias pobres d'esta capital; na invazão franceza, valeu a muitos desgraçados; e o segredo de toda ésta charidade era tão piedoza, tão evangelicamente guardado, que o nome de Verney sempre foi substituido por um supposto.

Agora direi o que resta depois da sua morte, acontecida em 21 de janeiro de 1822, tendo 61 a 62 annos d'idade.

O seu testamento é um compendio de beneficencia, n'elle instituiu bastantes legatarios vitalicios, de 140$ a 280$000 rs. annuaes; deixou 2 a 3 contos de réis a conventos de freiras, e mais de 4 a 5 contos de réis ao hospital de San'José, Mizericordia e Casa-pia: ao hospital da Villa das Caldas 2:000$000 réis para construcção d'uma bomba, hoje existente no pocinho da Copa, que fornece a agua aos concorrentes; porque dizia o testador em sua vida, que se consternava de vêr um tal serviço publico e de saude, sem se ter nunca cogitado o modo de aproveitar toda a virtude da agua, perdendo-se a parte volatil no acto de se ministrar com uma bilha, desde o tempo da fundação d'aquelle hospital pela Sr.ª D. Leonor mulher d'elrei D. João II, em 1488.

A lembrança d'esta obra foi privativamente sua; não me consta que alguem, particular ou do govèrno, se lembrasse nunca de tal.

Diz-se que ésta obra importára em mais de 2:000$ réis, por ser de mármore com bastante artificio, afóra o machinismo, que conduz agua á urna das tres torneirinhas, sem perder nada da sua entidade.

Demorei-me alguma coisa em circumstancias da vida e morte d'este cidadão mas o meu fim principal foi a historia d'esta obra, para que se saiba a quem ella se deve e quem concorreu para aquelle beneficio da humanidade. Dizem-me que na mesma lapida ha o nome de Verney; apezar d'isso porém creio que o público reconhecido não desgostará de vêr na Revista este artigo dedicado á memória d'esse benefico cidadão pelo seu testamenteiro.

Lisboa 24 de julho de 1845.

O Beneficiado.
Martinho José de Gouvêa.

CORREIO EXTRANGEIRO.

173 Guilherme Blenkowe é um rapaz de 18 annos e ja missionario affamado da *seita dos methodistas wesleyanos*. Um d'estes dias foi elle conduzido perante o juizo correccional de Banbury. Talvez não haja exemplo de culpa similhante á sua em nenhum outro sacerdote de qualquer culto que seja. Guilherme Blenkowe divertia-se em andar de noite pelas ruas, vestido com uma tunica branca até aos pes, a cabeça coberta com um barrete de algodão branco, com a cara e mãos todas enfarinhadas: este phantasma improvisado attemorisava os moradores simples do bairro de Brackley. Um taberneiro, porém, zangado porque o phantasma lhe affugentava os freguezes, resolveu-se uma noite a esperal-o e depois de algumas pauladas menos mal empregadas, apoderou-se do veneravel missionario. O nosso methodista allegou em sua defensa que se tinha querido divertir á custa dos catholicos que acreditavam na virtude das orações pelos mortos. Mas o juiz que não intendia de polemica theologica condemnou o reverendo padre na multa correspondente.

Ultimamente sahiu da Inglaterra uma nova expedição para explorar os mares do sul, e incarregada de varios trabalhos hydrographicos.

Uma nova linha de tres vapores se estabeleceu entre Liverpool e Constantinopla.

No espaço de oito annos tem havido em França 339 sentenciados a pena-última, e 245 execuções. Entre estes sentenciados notam-se 25 parricidas e 18 infanticidas.

A França a cujos esforços se deve o livre exercicio da religião catholica n'algumas cidades da China, tem offerecido ao govèrno pontifical concorrer para a erecção de várias egrejas n'essas cidades: quatro bispados foram ultimamente creados para pastores dos fieis do celeste imperio. Os missionarios francezes tambem foram muito bem acolhidos na Batavia, e outros pontos das indias hollandezas.

Um distincto professor do collegio de Padua, Vicenzo Devi, achou na bibliotheca d'este estabelecimento um ms. antigo das *sentenças de Varro*, o celebre amigo de Cicero, illustre contemporaneo de César e Augusto. Éstas severas maximas do homem a quem Petrarcha chamava o *terceiro dos grandes romanos*, são dignas da mais elevada attenção de todos os erudítos. Desde a *Republica* de Cicero, foi ésta, e as fabulas de Babrio, a mais feliz descoberta do nosso seculo em litteratura antiga. Na opinião de M. Labitte estes preciosos vestigios do velho polygrapho, são, sem dúvida, excellentes predecessores de Marco-Aurelio e La Rochefoucauld.

CORREIO NACIONAL.

174 *Expulsão electrica.* — Sr. Redactor — Bem quizera eu esquecer-me para sempre do facto, que vou relatar-lhe: fiz-me todavia cargo de descrever-lh'o, vou cumprir, máu grado meu, sem esperanças de podèr faze-lo com a dignidade necessaria, para que elle vá occupar ainda o mais obscuro espaço do seu sempre interessante jornal.

Hontem, primeiro do corrente, de uma para duas horas da tarde, por occasião da fèira, que todos os segundos dias da semana se faz na cabeça d'este concelho, tendo os repetidos trovões e copiosa chuva, obrigado a recolher para as casas e sitios cobertos a maior parte dos feirantes, ouve-se um rapido e intensissimo estoiro, e logo após elle uma não interrompida serie de lamentos e ais. Suggeriu-se-me logo a idêa de algum desastroso successo, filho do estado atmospherico; corro a uma janella, e comeffeito vejo junto a uma casa, fulminados por uma faisca electrica e estirados no chão, um montão de corpos, que pelo seu numero, antes pareceriam ter succumbido ao effeito dos projectis em mortifera batalha. Appresso-me em ir prestar-lhes os soccorros ao meu alcance: emprego a insuflação e revulsivos de todas ordens, livram-se quatro, que ainda mostravam signaes de vida; mas outros tantos, tres homens e uma mulher, tinham passado á eternidade: a estes só poderia aproveitar a o surge et ambula do Divino Medico.

Se o espectaculo d'hontem, Sr. Redactor, foi tão tragico, como acaba de referir-se, o dobrar dos sinos, o pranto e gritos dos parentes dos mortos, que, como alienados e cobertos de luto percorrem as ruas e recinto d'este povo, não tornam o de hoje mais suportavel. E não terão razão um pai, e uma mãi, que com a morte de seu filho, exemplar de virtudes, acabam de perder seguro arrimo em sua proxima decrepitude? Não serão

filhos de uma verdadeira aflição os gritos de uma esposa, que acaba de ser abandonada por um marido, a quem ha pouco mais de anno havia sido ligada em sagrados vinculos, e cuja existencia fica muito mais amargurada com uma tenra filha, que so servirá de exacerbar sua dor, fazendo recordar a mãi da outra metade da causa que lhe deu o ser? Cerremos a imaginação a tão tragicas suggestões; bem basta o muito que nos consternou a presença do facto, e a violencia que temos soffrido em até aqui descrevel-o; quem tiver coragem para mais imagine o resto.

Santo-André de Poyares 2 de settembro de 1845.

A. F. Lima.

Chegou ao Tejo um dos barcos-de-vapor de que se fallou na REVISTA n.° 11; é o destinado para serviço da Alfandega. Este barco está artilhado, é bonito, e dizem que custára 4,500 libras-sterlinas. Notam-lhe como defeito o demasiado consummo de carvão, e como excellente qualidade ser muito veloz.

Herva turca. — O Hervanario da Calçada do Marquez-d'Abrantes, n.° 69, faz público que elle descobriu, e vende todas as porções que se lhe incommendarem, verde ou sêcca, d'esta herva, que tão procurada tem sido no Escriptorio da REVISTA-UNIVERSAL; e onde tambem se espera por toda a semana proxima outra porção d'ella.

A caixa-economica da 'Companhia-Confiança nacional' recebeu 6:210$845 réis, restituiu 1:333$040 réis, e teve 13 depositantes novos, na semana finda em 13 do corrente.

Ensaia-se no theatro da Rua-dos-Condes uma comedia de M. Dumas O *Laird* (dono, proprietario, titulo honorifico da Escossia) *de Dumbicky*. No sentir de um juiz competente é a comedia mais espirituosa e mais divertida que tem escripto o celebre auctor d'*Antony* depois de *Mademoiselle de Belle isle*, ja representada no nosso theatro.

As noticias das ilhas dos Açores e Madeira, recebidas pelos ultimos navios, não contém nada de interesse. Os pomares de laranja promettem uma grande abundancia d'este fructo delicioso.

Deve dar-se, n'um dia proximo, um brilhante fogo d'artificio no Largo-de-Belem. Dizem que so se espera que Diana lergando as redeas das formosas corsas se retire á gruta d'Endymião, para que possa effectuar-se o estridulo espectaculo.

As ultimas noticias d'Italia certificam achar-se escripturada a nova companhia de canto e baile para o Theatro de San'Carlos. Parece que não serão mais de dez artistas: duas primeiras damas, dois tenores, dois baixos, e duas *copias* (pares) de dançarinos. Felizmente o paiz ja vai fornecendo com que se preencha o resto, e talvez dentro em pouco algumas primeiras partes tambem.

Diz-se que a Sr.ª Freire, alumna do Conservatorio-Real, vai ser escripturada para o Theatro de San'Carlos.

No n.° 15 da *Revista Litteraria* hispanhola le-se um 1.° artigo do Sr. D. Manuel Cañete sôbre litteratura portugueza: é todo relativo á bella producção do Sr. A. Herculano, A HARPA DO CRENTE. Talvez d'outra vez nos detenhamos sôbre isto.

No dia 29 de dezembro do corrente anno hão de-se arrematar varios bens-nacionaes no districto do Funchal.

Deve ter sido executado em Chaves o reu José Maria Calças, pelo crime horroroso de ter morto sua mulher por amor de uma amazia.

No dia 15 do corrente começou a funccionar na cidade do Porto, outra caixa-economica; é estabelecida pela companhia 'Confiança-nacional.'

A receita do Asylo-da-mendicidade no mez d'agosto último foi de réis 1:735$086, além de differentes donativos em generos: a despeza foi de réis 1:089$995. Ficaram existindo 286 homens e 224 mulheres, total 510: mais tres que o mez passado.

No gabinete de leitura do Sr. Bordallo rua Augusta n.° 105 — alugam-se muitos livros portuguezes, particularmente novellas, a cujo respeito este estabelecimento anda sempre a par das publicações. Os preços são os mais modicos possivel.

Uma companhia de actores portuguezes representou no Theatro de San'Carlos, na noite de 12 do corrente, o drama original, 'A Moira' e uma farça, 'A prisão imaginaria', imitada do francez. A representação correu regularmente e foi applaudida. Uma actriz a Sr.ª Fortunata, pode-se dizer que é o segundo drama em que entra; tem bastante intelligencia e genio, mas deve ser mais natural e moderar a demasia dos seus transportes. Outro actor, o Sr. Romão, foi a primeira vez que representou: mostra grandes disposições, necessita porém compor mais a sua figura cujos ademanes se ressentem muito das attitudes mimicas a que está habituado. O Sr. Vasco engrossa a voz na bocca de uma maneira muito censuravel: este e outros actores teem contrahido os vicios dos theatros de provincia, que a falta de mestres e de critica lhes insinua ás vezes irremediavelmente. Havia mais um débutante que nos pareceu de poucas esperanças. O Sr. Gama apresentou-se como *representante* da eschola antiga de declamação, e o Sr. Fidanza como reliquia dos *vegeti* d'outros tempos. O queé antigo é sempre respeitavel, o público acolheu bem o Sr. Fidanza e houve deferencia para com o Sr. Gama. De resto todos os ensaios e esforços artisticos no nosso paiz, merecem e precisam ser animados.

REGRESSO DE SS. MM. — Os Augustos Viajantes sahiram de Thomar no dia 14 do corrente e vieram ficar a Santarem: no dia 12 de tarde desimbarcaram no caes-de-Belem e foram ficar a Cintra.

CONHECIMENTOS UTEIS.

REFLEXÕES SOBRE O ESTADO ACTUAL DE INSTRUCÇÃO E EDUCAÇÃO PUBLICA.

175 Propomo-nos lançar um rapido golpe de vista sobre o systema d'instrucção e educação publica, adoptado nos paizes mais civilisados, para o fim de verificar até que ponto elle satisfaz a ésta primeira necessidade das nações.

Dizemos do systema, e não dos systemas; porque nem é nossa tenção, nem val a pena examinar os artigos em que a organisação do ensino publico differe entre as diversas nações. O que muito importa liquidar é, se o que aquelles systemas tem de commum, póde preencher os fins que os legisladores parecem haver tido em vista.

Comecemos por assignalar os pontos em que todos elles concordam entre si e com os mais distinctos escriptores, que tem tractado d'estes assumptos.

Todos são d'accordo, que se deve caminhar o mais promptamente possivel para se chegar a generalisar a instrucção em todas as classes da sociedade, sem excepção alguma.

Em segundo logar todos tem reconhecido que ésta instrucção se póde e deve considerar dividida em tres graus, a saber: *primaria*, indispensavel a todos: *secundaria*, necessaria a um numero mais ou menos consideravel de cidadãos, segundo o estado de civilisação do paiz: e em fim a *instrucção superior*, a que unicamente devem ser admittidos os alumnos que, tendo-se distinguido nos estudos preparatorios, quizerem seguir algum dos ramos das sciencias, das lettras, ou das bellas-artes.

Outro ponto importante em que cumpre insistir é, que se não deve confundir a educação com a instrucção: e que mesmo é preciso distinguir até certo ponto a educação religiosa, confiada aos ministros da igreja, da educação civil, que incumbe principalmente aos pais e, por delegação, ás pessoas a esse fim escolhidas pelos mesmos pais ou pela auctoridade publica.

Taes são os artigos em que todos os legisladores, todos os escriptores que tem tractado d'estes assumptos, se acham conformes. Vejamos até que ponto a legislação dos diversos paizes satisfaz a estas condições.

Comprehendeu a maior parte dos legisladores que a instrucção publica e, sôbre tudo, a instrucção primaria, devia ser paga pelo Estado, sob pena de ficarem privadas d'ellas as grandes massas, pela maior parte compostas de familias que apenas podem grangear os meios da sua indispensavel subsistencia.

Mas obrigados do apuro em que se acham as finanças de todos os paizes, sem excepção alguma, limitaram-se os governos a pagar o pessoal e o material do ensino publico; deixando a cargo dos paes de familia as despezas que é preciso fazer com seus filhos, durante todo o tempo da sua educação.

Não é pois verdade que a instrucção publica seja gratuita: e o forçoso resultado d'esta primeira decepção é que uns não mandam seus filhos á eschola, por que lhes faltam os meios de supprir ás despezas que isso exige: outros pretextam essa falta, para desculparem a sua negligencia; outros em fim obrigados da necessidade ou tentados pela avareza, apenas as creanças, ainda em tenra idade, podem fazer algum serviço, quer nos campos quer nas fabricas e manufacturas, especulam sobre os miseraveis salarios que elles podem ganhar: e, favorecidos, não só pelos poderosos capitalistas, mas, o que é mais escandaloso, pelas mesmas leis, não só os entregam a uma prematura morte, condemnando-os a trabalhos superiores ás suas nascentes forças, mas abandonam-nos a toda a sorte de vicios, inseparaveis da brutal ignorancia em que vão creados.

Mas examinemos a importancia da instrucção que recebe essa parte da população que póde frequentar as escholas de primeiras lettras.

Nos paizes mais adiantados em civilisação e, a seu exemplo, na nossa moderna legislação, manda-se que os mestres d'aquellas escholas ensinem a ler, escrever, arithmetica elementar, grammatica portugueza, primeiros elementos de geographia e de historia, e o cathecismo da religião christan.

N'alguns paizes exigem mais que ellas ensinem os principios elementares d'historia natural: e mesmo noções de geometria prática e desenho linear, de geographia e de historia mais desinvolvida.

Ainda que a lei não exige, nem é preciso, que os mestres destas escholas tão elementares sejam profundamente versados n'aquellas materias que tem de ensinar; é evidente que um homem instruido, mesmo medianamente, em todos estes ramos dos conhecimentos humanos, não é certamente um homem ordinario; portanto, está apto para grangear por mais de um modo, pois póde escolher entre differentes carreiras, os meios de uma decente subsistencia.

Pois bem: Não ha um so paiz em que os professores de primeiras lettras vençam um ordenado igual ao que ganha annualmente qualquer official dos officios os mais ordinarios!

D'aqui resulta que, salva mui poucas excepções, só pessoas incapazes para qualquer outro emprego é que se apresentam para dirigir as escholas d'instrucção primaria. De que conceito podem pois gozar no publico homens tão insignificantes? E que respeito lhes podem ter os discipulos testimunhas da nenhuma consideração que se lhes tributa?

Fica pois demonstrado que todos os pomposos relatorios que os agentes dos governos e os escriptores por elles assalariados apresentam, alardeando os immensos progressos que faz annualmente a instrucção primaria, não tem mais valor do que aquelles em que elles, na presença d'um immenso deficit, blasonam do florescente estado das finanças.

Em abono d'esta triste verdade invocâmos o testimunho de todas as pessoas que tem percorrido o interior d'esses paizes que se diz estarem á frente da civilisação, a Inglaterra e a França. Da Allemanha septentrional e dos Paizes-Baixos temos a satisfação de podêr affirmar, pela nossa propria observação, havermos alli encontrado muito menos ignorancia e prejuizos, do que nas correspondentes classes inferiores, assim dos campos como das cidades, n'aquelles dois paizes: e pelo testimunho de pessoas fidedignas sabemos, que o mesmo, posto que em menor escala, acontece na Suecia e Dinamarca. Mas ahi mesmo quanto é mesquinha a instrucção d'essa que alguma receberam: e

quam grande o numero de individuos que se acham privados d'essa mesma! E não se intenda que fallamos d'uma instrucção scientifica que seria não só inutil mas perigoso pretender vulgarisar n'aquellas classes; mas da instrucção indispensavel para se não ser victima da ignorancia, da superstição, e d'essa immensa variedade de erros e prejuizos que fazem a desgraça dos povos.

N'outro artigo mostraremos, que as consequencias d'essa tão preconisada organisação das escholas do ensino secundario e do superior das sciencias e artes, são ainda mais deploraveis.

Silvestre Pinheiro Ferreira.

Depois de uma interrupção de quasi dois annos torna o nome do Sr. Silvestre Pinheiro a honrar as paginas da Revista. A ausencia de um nome que o nosso paiz profere com tanto orgulho, era uma lacuna muito para sentir, por mais de um lado, n'um jornal com o plano da Revista. A Redacção tem a maior satisfação de preencher hoje ésta lacuna, e apresentar de novo aos leitores da Revista as suas paginas innobrecidas com esse nome grandioso que nos é tão caro.

NOVO PROCESSO PARA SUBSTITUIR O AÇO DOS ESPELHOS.

176 O que se chama *aço* dos espelhos é uma fusão d'estanho e azougue, cujas operações longas e dispendiosas, prejudicam muitas vezes a saude dos artifices em consequencia da volatização d'este último metal.

Um chimico inglez imaginou substituir este por um novo processo de *prateação*, facil de executar; e um francez, M. Tourasse, aperfeiçoou e simplificou ainda este processo. Faz-se uma mistura de nitrato de prata, agua-distillada, alcool, carbonato d'ammoniaco, ammoniaco e óleo-essencial de cassis. Ésta mistura é derramada em cima do vidro, em cuja occasião se lhe ajunta um pouco d'oleo de cravo. Em duas horas está terminada a operação, e o espelho fica com umas costas *de prata pura* que reflecte perfeitamente a luz. Applica-se depois um verniz sôbre ésta preparação para a preservar da acção do ar.

As proporções das partes componentes da mistura *prateadora* são ainda segredo. Ésta invenção está *privilegiada.*

FORMAÇÃO DE SOCIEDADES DE AGRICULTURA E INDUSTRIA.

177 Todos sabem que a Inglaterra, desde a consolidação do seu governo constitucional e acabamento das discordias civis, tem estado sempre, e ainda hoje está, muito adiante das outras nações da Europa no progressivo augmento e prosperidade dos diversos ramos de agricultura e industria, e que, se em alguns objectos da sua industria se acha egualada por outros paizes, conserva plenamente a primasia em tudo o que respeita á agricultura; de que aliás estão ainda mais ou menos distantes as proprias nações mais adiantadas.

Entre os meios que em Inglaterra encaminharam e produziram tão portentoso aperfeiçoamento e riqueza agricula e industrial, figuram em primeira ordem as sociedades locaes de agricultura e industria.

Estas sociedades reunindo em si os proprietarios, os lavradores, os industriaes e artistas; fecundadas com os meios, luzes, e experiencia dos seus membros, e estimuladas por proprio interesse e espirito de nacionalidade, formaram originariamente o fôco, e o exemplar theorico e prático da industria, e da agricultura mais proveitosa, e adaptada aos respectivos locaes: ao mesmo tempo que os corpos scientificos, os escriptores e homens d'Estado mais abalisados, os periodicos mais uteis, as auctoridades administrativas, o governo e o parlamento, se esmeraram sempre em acompanhar, illustrar, e vivificar similhantes sociedades; e a nação em geral, com toda a especie de instrucção scientifica e pratica, e com incentivos de honra e proveito aos inventores ou aperfeiçoadores de machinas, instrumentos, ou processos industriaes ou agriculas, e de apuramento de raças e variedades de animaes: tudo a par das mais opportunas medidas legislativas, e constante disvello de boas estradas e vias fluviaes para o rapido e economico movimento dos mercados internos e externos.

Assim existia ja desenvolvida e robusta a agricultura e industria em Inglaterra, quando para sustentar a guerra que acabou pela queda de Napoleão, se lançaram fortes taxas sobre os rendimentos agriculas e industriaes; e isso fez que estes contribuintes, em vez de esmorecerem, ou reluctarem contra as taxas, redobrassem os seus esforços para as pagarem vantajosamente com o simultaneo augmento de productos da sua agricultura e industria, obtidos com maior economia e perfeição, por meio de processos e machinismos, incessantemente melhorados ou inventados: dando por isso as dictas taxas occasião ao maior augmento e prosperidade da agricultura e industria de Inglaterra, e aos prodigiosos inventos e aperfeiçoamentos de processos, instrumentos e machinas industriaes, agriculas e locomotivas que a singularisam.

O exemplo de Inglaterra influiu meios similhantes em outras nações, e entre ellas em França, á qual nos restringiremos succintamente por offerecer o exemplar mais bem talhado para servir ao nosso proposito.

O governo consular e o imperial que se lhe seguiu, aproveitando e dirigindo com uniformidade de systema o impulso e os resultados da revolução, promoveu e animou a agricultura e industria franceza por meio de instituições apropriadas, de incitamentos e premios honorificos e pecuniarios, e de sabias leis administrativas e civis: o complexo d'estas medidas produziu o prompto e reciproco augmento da agricultura e industria, e creou mesmo alguns objectos industriaes, como por exemplo o fabrico de assucar de beterrava; todavia a esse augmento oppunham certos limites a guerra, e a restricção do commercio externo e maritimo, impedido pelos inglezes; o que restringia proporcionalmente os productos agriculas e industriaes, que fazem o objecto do commercio de exportação.

Com o governo da carta em 1814, com a paz, e por effeito desembaraçado das medidas anteriores, augmentou-se rapidamente a prosperidade agricula e industrial da França, concorrendo efficazmente para isso as sociedades locaes de agricultura e industria.

Finalmente a nova ordem politica da França em 1830, fixando (como dissemos em outro artigo) no animo dos povos e do governo a maxima fundamental

«de que o poder, a paz e a prosperidade nacional, dependem dos interesses e melhoramentos materiaes; tendo por base a agricultura, como a primeira das industrias que sustenta à nação, e produz a materia e alimento de todas as outras industrias» excitou, e pos para esse fim em acção viva: de uma parte, as sociedades de agricultura e industria existentes; e as que se foram formando e multiplicando, todas fecundadas com a instituição da academia de industria franceza, de que o rei é protector; e de outra parte, escholas theoricas e práticas de agricultura, fundadas em estabelecimentos ruraes para isso apropriados.

Entre as ditas escholas tem merecido grande recommendação a *de Grignon*, instituida debaixo da direcção de M. Bella, agronome famigerado; e aonde se ensinão e aprendem theorica e praticamente, agricultura, arte veterinaria, botanica, horticultura, mathematicas, physica e chimica d'applicação, e contabilidade: aos que fazem distinctamente o curso completo d'estes estudos, e sua verificação, passa-se o *diploma de alumno de Grignon*, com o qual ficam habilitados para professores em outras escholas. Este estabelecimento pelas circumstancias economicas, e resultados verdadeiros e seguros que acompanharam e seguiram a sua instituição, sería talvez apropriado para a todos os respeitos servir de norma para as primeiras escholas de agricultura theorica e pratica que se crearem em portugal.

Agora no tocante a sociedades de agricultura e industria, observando o quanto ellas tem concorrido em França para o progressivo melhoramento e prosperidade agricula e industrial; para estimular e combinar os interesses individuaes e locaes com o espirito de nacionalidade e bem geral, e para radicar o amor da ordem pública e da paz: e convencidos de que similhantes sociedades são o meio mais prompto, mais fecundo e mais constitucional, para metter a nossa atrazada e esmorecida agricultura e industria em caminho de vitalidade e melhoramento progressivo; intendemos fazer serviço prestante ao nosso paiz, e ao govêrno da carta constitucional, bosquejando os seguintes apontamentos, destinados á formação de sociedades de agricultura e industria nas capitaes de cada govêrno civil.

APONTAMENTOS.

O character essencial d'éstas sociedades é o silencio de paixões, partidos e côres politicas: compõem-se dos proprietarios, dos lavradores, dos industriaes, dos artistas, e dos mestres de officios, que servem immediatamente á agricultura ou a outras industrias: o seu objecto e fim consistem em promover vivamente os melhoramentos e aperfeiçoamentos progressivos da agricultura e industria, no ambito do respectivo districto administrativo; e para assim o conseguirem empregam os meios seguintes:

1.° Assentam nas especies de agricultura mais proveitosa e adaptada ao clima, e á qualidade e exposição dos terrenos dos respectivos locaes; e n'essa conformidade incaminham e promovem com o seu exemplo a melhor applicação e destino dos terrenos; ou para a cultura de plantas e arvores fructiferas ou silvestres, ou para a de cereaes, legumes, e pastos naturaes ou artificiaes, e creação de gados.

2.° Assentam igualmente nas melhores e mais apropriadas sementes que se hajam de lançar á terra; e sôbre os estrumes, lavras, e amanhos, que mais convierem segundo a qualidade dos terrenos, e a dos productos a que se destinarem.

3.° Empregam e applicam na lavra, amanhos e colheitas, os instrumentos, utensilios, transportes, e methodos mais expeditos e aperfeiçoados, que se conhecem e se forem successivamente aperfeiçoando ou inventando; e de que resulta obter mais e melhores productos com maior economia.

4.° Esmeram-se cada vez mais nos processos ultimos de que, para uso e consummo, dependerem os productos agricolas, ou a que elles derem logar em outra fórma; e especialmente n'aquelles que por seu primor e excellencia constituirem algum ramo assignalado de riqueza local e nacional, como por exemplo vinhos afamados.

5.° Sollicitam das camaras municipaes, e das respectivas auctoridades administrativas, bons caminhos, posturas, e providencias em beneficio da lavoira e industria, e do movimento e frequencia dos seus mercados.

6.° Cooperam directa e indirectamente para o progressivo aperfeiçoamento, e reputação dos diversos estabelecimentos industriaes; e para o credito e galardão dos mestres de officios mecanicos que fizerem com maior desingano, intelligencia e perfeição, arados, charruas, grades, carros, trens, utensílios, ferramentas, e instrumentos de lavoira; ou ingenhos e machinas para o serviço das officinas agriculas ou industriaes de qualquer especie.

7.° Requerem ao govêrno e ás cortes as medidas legislativas, que forem necessarias ou uteis á lavoira, ou industria.

A instituição constitucional de cada uma d'éstas sociedades forma-se sôbre os seus estatutos, lançados e assignados por um número sufficiente de membros; e apresentados á auctorisação do respectivo governador civil; depois do que, reunindo-se em local designado todos os membros sabidos, procedem á nomeação do presidente e secretario da sociedade, com os quaes a mesma sociedade fica installada, e em funcção activa e regular.

Apontâmos a formação d'éstas sociedades nas capitaes de cada govêrno civil, como instituição uniforme e ao mesmo tempo adaptada a todos e cada um dos districtos administrativos, e attendendo tambem que as capitaes dos govêrnos civis offerecem e reunem os elementos mais promptos e efficientes d'éstas mesmas sociedades; não só em proprietarios, agricultores, industriaes e artistas, mas além d'isso em corporações e homens de saber, e maior número e categoria de funccionarios, e auctoridades economicas, civis e administrativas; que entrem n'ellas e as fecundem e illustrem, como acontece em França, onde a qualidade de membro de similhantes sociedades é um titulo de estremado apreço e consideração pública.

Assim intendemos que éstas sociedades instituidas nas capitaes dos govêrnos civis, depois de amestradas no exercicio e praticas de suas funcções; são as que deverão servir de exemplar para outras, que nos respectivos districtos administrativos se formem successivamente em locaes de administradores dos concelhos, para isso opportunos.

Finalmente as indicadas sociedades demandam um centro e cabeça activa, que as fecunde e vivifique a

ellas e a todos e cada um dos agricultores, e industriaes e artistas portuguezes, com os seus trabalhos; com a recommendação das obras theoricas e práticas que, no reino ou fóra d'elle, forem adiantando a agricultura e industria; com a publicação dos inventos ou aperfeiçoamentos em qualquer objecto de agricultura ou industria; e com incentivos e premios aos inventores ou aperfeiçoadores: para tudo isto é talhada a *instituição de uma academia de agricultura e industria portugueza em Lisboa*, á qual podem servir de exemplar e norma os estatutos, práticas e trabalhos da academia de industria franceza, instituida em París por occasião da nova ordem politica de França em 1830.

Esta academia, de que o rei se declarou protector, foi desde logo composta dos principaes proprietarios, agricultores e industriaes de toda a especie, e atrahiu ao seu seio os pares e deputados, os primeiros funccionarios administrativos, os magistrados, os homens d'Estado, os personagens mais conspicuos de todas as classes incluindo o arcebispo de París, os corpos scientificos, e os mais distinctos sabios e escriptores: e é pela acção viva de todos estes elementos, meios centraes, e esforço simultaneo das sociedades agriculas e industriaes, que ella tem concorrido e concorre ponderosissimamente para o progressivo aperfeiçoamento e prosperidade da agricultura e industria franceza; e como tal digna de ser a todos os respeitos imitada pela instituição de uma similhante academia de agricultura e industria portugueza.

Lisbua, 17 de settembro de 1845.

Luiz Antonio Rebello da Silva.

ENXERTOS.

178 O celebre agronomo Muller indica o seguinte methodo como muito util para segurar os encher-tos.

Estenda-se n'uma tira de panno de linho uma mistura, bem derretida e coadunada, de therebentina — 4 libras, banha-de-porco — 2 libras, rezina — 1 libra. Esta composição liquida-se a banho-maria. Com esta tira de panno assim preparada se aperta o enxerto.

(Diction des Mén.)

ORIGEM E HISTORIA DA CONTRIBUIÇÃO DE REPARTIÇÃO EM FRANÇA.

179 Mordendo casuisticamente um desembargador sôbre uma palavra — *etat* (contas) vieram os estados geraes em França. A materia estava disposta. A estes dão o nome de assembléa nacional, que mais tarde se chamou constituinte.

A nossa revolução de 20 para quem a viu deve ter apresentado em miniatura, a soffreguidão de fazer e a sincera crença de saber mais, e a censura sem restricção do preterito, que se hade ter apoderado do animo de todos os francezes n'aquelle tempo. Bem dissolvido está esse fummo para todos agora e sabido que as sociedades não marcham aos saltos. Poderá ser, e assim succede, que nas capitaes onde se agglomeram grandes massas as mudanças se precipitem; mas vão ás aldêas das nações mais adiantadas em movimento, á Inglaterra, e não acharão lá quasi nenhuma innovação. Em Portugal, a Coimbra d'hoje é a d'elrei D. Manuel, que parece se está vendo face a face entrando a rua de Santa-Sofia, O Porto mesmo, ainda tem a muralha e muro de roda da cidade com que foi edificada no berço da monarchia henriqueuha.

Haveria 25 annos apenas que a seita dos *economistas* em França principiára a florescer. A phisiocracia de Quesnay é de 1768. Esta eschola proclamava entre os seus dogmas que os productos da industria eram *falsos*, isto é, que não multiplicavam as riquezas. Assim será: mas sem querer agora recopilar e compilar textos, M. Queen, ainde não ha muito, mostrou que a Inglaterra com 201 milhões de capital na industria produzia 262 milhões, e que com 2,971 milhões na agricultura só se produziam 474 milhões, ou 3 por 100 contra 120 por 100. A infeliz agricultura não merecia tamanho epigramma. Mas devo repetir de novo, não é este o logar para uma dissertação em economia politica.

Respirando imbuições da eschola; maginando a virtude, e concebendo-a em todos; com uma energia moral que dá a presença de muitos para as grandes resoluções; inconscios que do povo mesmo é que sabem os tyrannos, o vicio e a fraude, que o estorcegam, pois a convenção e o terror, não sahiram de nenhuma outra origem; os representantes da nação, decretaram de enthusiasmo, em 1 de dezembro de 1790, a contribuição de repartição, para substituir um sem numero de imposições que tinham sido abolidas, a saber: a *taille* de diversas especies, duas meias decimas, capitação, dizimos, *gabela*, estanco-do-tabaco, direitos sôbre aguas-ardentes e mais bebidas, misteres e officios, *aides*, *billets* de Bretanha e Flandres, marca dos coiros, cartas, gomma, ferro, azeite, sabão, direitos de transito entre provincias e povoações, sello, 16 direitos diversos de registo e hypotecas etc. etc. etc. (L'assemblée nationale aux français sur les contributions publiques: 24 de junho de 1791. Dupont de Nemours, Choix de rapports tom. 4.)

Em harmonia com os principios que se pertenderam incarnar, a propriedade de *fundo*, na qual se consideram principalmente as terras, devia pela nova reforma nos tributos, carregar com um sexto, e os bens moveis com $\frac{1}{17}$ sómente d'imposto.

As imposições antigas subiam a francos	769,363,282
As modernas deveriam subir a	586,901,390
Alivio	182,451,892
Além d'este, derrama pelos ex-privilegiados, mais	42,632,851
	225,084,743

Tal era o systema que se pertendeu estabelecer, no qual se rebatia perto de 30 por 100 do velho sôbre o novo orçamento.

As intenções ostentavam-se puras. A assembléa nacional aspirava no seu systema de finanças á equidade, á egualdade, e á uniformidade. Os principios, diz ella, da natureza e da razão, que serviram de regra aos representantes, inhibem a persistencia de nenhum privilegio exclusivo que não seja uma deducção da soberania nacional. Os representantes, accrescenta o mesmo *adresse* á nação, intenderam que então deviam succeder ás exações do despotismo, as convenções voluntarias de uma sociedade verdadeiramente fraternal.

A sciencia é como a luz. Compoem-se de particulas

infinitas. Com ésta differença que a luz vem de repente, e a sciencia mui gradualmente. Por ésta razão cuidando a assembléa-nacional que tudo tinha feito quando lançou aquelle decreto sôbre a França, não tardaram dois simples mezes, ja eram reconhecidos erros de 4 milhões em 17 departamentos. (Rapport, Commissaire Royal du Cadastre 31 otr. 1818. Cod. Contrib. direct. Belmondi.) Mal podia humanamente deixar de ser assim, e a nossa admiração conhecidos os factos da questão, deve ser de que elles fossem de tão pequena monta. A primeira condição, que se deveria dar e que por então faltava de todo, era a estimação uma por uma de todas as propriedades da França, a fim de que não houvesse lesão para ninguem. (ibid.) A difficuldade comtudo de fazer este trabalho para alcançar esse fim, está em que ainda em 1820, passados 20 annos de promulgada a lei, tendo sido vistas 227.495 estripturas, importando 191 milhões de renda, e 211,307 vendas importando acima de 1.000 milhões, os clamores continuavam incessantes de toda a parte contra tal lei. (Morisset. C. deputados, 13 de junho 1820).

A assembléa constituinte não conheceu todos os inconvenientes que se deram a conhecer com a experiencia, no seu plano d'imposto unico de repartição sôbre as terras, supprimindo todas as alcavalas do antigo regimen, em obsequio ás doutrinas dos *economistas*; mas ja conheceu bastante para ver, que com os elementos de que dispunha até então não era possivel marchar com o seu novo systema por diante; systema que a pezar das prôfissões de fé, em um e outro dos characteres distinctos que appareceram n'aquelle congresso, ressentia-se do espirito reaccionario que se havia desinvolvido contra o clero, a nobreza, e o preterito govêrno. (Rap. Com. Roy. Cad.)

Para remediar portanto a seus defeitos, foi promulgada a lei do cadastro d'ahi a mezes (23 settembro 1791). Ésta foi seguida pela lei da contribuição *mobiliere*, em 18 fevereiro 1791, que era complemento da contribuição *fonciere*, pois que assentava sôbre toda a qualidade de lucros e faculdades em exercicio, que não se abrangiam no decreto de 1 de dezembro de 1790. Uma e outra contribuição deviam render $\frac{1}{3}$ da totalidade da receita, calculada para a *fonciere* em 300 milhões e para a *mobiliere* em 78 milhões, somma total, 378 milhões. A exaggeração d'ésta quantia foi tamanha que em 1818 ella não passava de 258 milhões. (Rap. Com. Roy. Cad.)

Devia o cadastro compôr-se de 400.000 folhas em 40,000 registros, enumerando-o em 6,521 communas, 19,211, 404 *parcellas* em 2,278,000 artigos de matriz (Rap. Min. Finan. par Le Com. Roy. Cad. 6 nov. 1817) As *communas* ou municipios eram 38.990. Andavam na confecção do cadastro em 1819, ingenheiros 85, geometras 500, ajudantes d'estes 1,000. (Cod. contrib. direlt. v. 2. pag. 316.) A totalidade das *parcellas* que se reputavam haver para registrar eram 150,000,000. (Morisset; Ch. Dip. 13 de junho de 1820) Os proprietarios estimavam-se em 1820 em 1,200,000. Foram os generos taxados, termo medio por *arpent* (geira) a saber: trigo 26.30 fr vinhas 43.52 prados 52.97 e mattas 14.45. (Rap. Com. Roy. Cad. au Min. Fin. 6 nov. 1817). Este monumento nunca visto, inventariando as riquezas de raiz de uma nação da área de 213,838 milhas quadradas inglezas, devia levar meio seculo, e custar de 150 a 180 milhões (26.400 contos de réis.) a prefazer-se. Em quanto ao seu custo exacto mais difficil sería deduzi-lo, porém em quanto ao tempo, ja lá vão 55 annos, e ainda de 37,863 *communas* a que ficou reduzida a França depois de Napoleão, não haviam senão 25.000 cadastradas (4.1830.4: Procés verbaux, Ch. Deprtés) em 1831. O dinheiro que se tem gasto, provavelmente ja excede os 26.400 contos de réis, porque não se tem dispendido n'ésta obra menos de 200 a 800 contos por anno desde que se começou a emprehender.

Continúa.

Claudio Adriano da Costa.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO XIII.

Emendado emfim de suas distracções e divagações, prosegue o A. direitamente com a historia promettida. — De como Fr. Diniz deu a manga a beijar a avó e á neta, e do mais que entre elles se passou. — Ralha o frade com a velha, e começa a descubrir-se onde a historia vai ter.

180 Este capitulo não tem divagações, nem reflexões, nem considerações de nenhuma especie, vai direito e sem se distrahir pela sua historia adiante.

Fr. Diniz chegava aope das duas mulheres e disse:

— 'Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo.'

Joanna adiantou-se alguns passos a beijar-lhe a manga. Elle accrescentou:

— 'A benção de Deus te cubra, filha' e a de nosso padre San'Francisco!'

— 'Benedicite, padre guardião:' disse a velha inclinando-se meia levantada da cadeira.

— 'Em nome do Senhor! amen' — respondeu o fadre aproximando-se, e chegando o braço a alcance de lh'o ella beijar:

— 'Ora aqui estou, minha irman; que me quer?' E como vai isto por ca? Vamo'-nos confortando, tendo paciencia, e soffrendo com os olhos no Senhor?'

— 'Ja os não tenho senão para elle, padre?'

— 'Ah, ah! irman Francisca, sempre esse pensamento, sempre essa queixa! Tenho-a reprehendido tanta vez e não se emenda.'

— 'Eu não me queixei, meu padre. Deus sabe que me não queixo... ao menos por mim.'

— 'Pois por quem!'

— 'Oh padre!'

— 'Irman Francisca, tenho medo de a intender. Eu não conheço as affeições da carne nem tido com os fracos pensamentos do mundo. Sou frade, minha irman, sou um que ja não é do mu-

mero dos vivos, que vestiu ésta mortalha para não ser d'elles, que a vestiu n'um tempo em que a mofa e o desprêso são o unico patrimonio do frade, em que o escarneo, a derisão, o insulto — o peior e o mais cruel de todos os martyrios — são a nossa unica esperança.

Eu quiz ser frade, fiz-me frade, sabendo e vendo tudo isto, fiz-me frade no meio de tudo isto; ja velho e experimentado no mundo, farto de o conhecer, e certo do que me espera — a mim e á profissão que abraçei. Que quer de um homem que assim se résolveu a cortar por quanto prende a humanidade a ésta miseravel vida da terra, para não viver senão das esperanças da outra? Eu vesti este habito para isso. O seu, irman, o seu para que o vestiu? É um divertimento, é um caprixo, é uma comedia com Deus? Rasgue-o depressa, vista-se das galas do mundo, não aperte com a paciencia divina trajando por fóra o sacco da penitencia e trazendo o coração por dentro desappertado de todo o cilicio e mortificação. A velha com as mãos postas, a face alevantada e os apagados olhos para o ceu, offerecia a Deus todo o amargor d'aquella austeridade que não cuidava merecer nem lhe parecia intender. Joanninha, que insensivelmente se fôra approximando da avó, e a tinha como amparado por traz com um de seus braços, firmava o outro nas costas da cadeira e cravava fita no frade a vista penetrante e cheia de luz. A expressão do seu rosto era indefinivel: irisava-lh'o, distincta mas promiscuamente, um mixto inextricavel de enthosiasmo e desanimação, de fe e de incredulidade, de sympathia e de aversão.

Dissemos que n'aquelles olhos verdes e n'aquelle rosto mal córado estava o typo e o symbolo das vacillações do seculo.

'Padre!' disse a velha com sincera humildade na voz e no gesto: — 'se o mereci, castigae-me. Deus, que me ve e me ouve, bem sabe que o digo em toda a verdade do meu coração, e hade perdoar-me porque eu sou fraca e mulher.'

— 'Pois aos fracos não é que Elle disse: *toma a tua cruz e segue-me*. Quem a obrigou a fazer os votos que fez?'

— 'É verdade, padre, é verdade: bem sei o que promitti, que me votei a Deus d'alma e corpo, que me não pertenço, que nem das mesmas affeições posso dispôr, mas'...

— 'Mas o que? Irman Francisca, a Deus não se ingana. Os seus votos não foram feitos n'um mosteiro, nem proferidos n'um altar no meio das solemnidades da egreja. Mas ja lh'o tenho ditto, no fôro da consciencia, na presença de Deus, ligam-n'a tanto ou mais do que se o fossem.

Abjure-os se quizer; nenhuma lei, nenhuma fôrça humana a constrange. Diga-m'o por uma vez, desingane-me, e eu não torno aqui.'

— 'Oh, por compaixão, padre! pelas chagas de Christo! Mas uma pergunta so, uma so, e eu prometti não pensar, não fallar mais em... Onde está elle?'

— 'Joanna, retire-se.'

Joanninha appertou a avó com ambos os braços; e sem dizer uma palavra, sem fazer um so gesto lentamente e silenciosamente se retirou para dentro de casa.

— 'E ésta, padre?' — disse a velha sem esperar a resposta á primeira pergunta que com tanta ancia fizera — 'e ésta, tambem d'ella me heide separar, tambem heide renunciar a ella?'

— 'Ésta é uma innocente, e em quanto o for'...

— 'Em quanto o for! A minha Joanna é um anjo.'

— 'Blasphemia, blasphemia! E o Senhor a não castigue por ella. Joanna é boa e tementе a Deus: esperemos que Elle a conserve da sua mão. O outro...'

— 'Que é feito d'elle padre? Oh! diga-m'o e eu prometto...'

— 'Não prometta senão o que póde cumprir. Seu neto está com esses desgraçados que vieram das ilhas, é dos que desimbarcaram no Porto...'

— 'Oh filho da minha alma! que não torne a abraçar-te.'

— Não decerto; vencedores ou vencidos toda a communhão, toda a possibilidade de união acabou entre nós e estes homens. Nós temos obrigação de os destruir, elles o seu unico desejo é exterminar-nos.'

— 'Meu Deus meu Deus! pois a isto somos chegados! Pois ja não ha misericordia no ceo nem na terra!'

— 'A misericordia de Deus cansou-se; a da terra não sei onde está nem onde esteve nunca. Os fracos dão sacrilegamente esse nome á sua relaxação.'

— 'Pois é relaxação desejar a paz, querer a união, supplicar a indulgencia? Não nos manda Deus perdoar as nossas dividas, amar os nossos inimigos?'

— 'Os nossos sim, os d'Elle não.

—'Tende compaixão de mim senhor!'

—'Se as suas afflicções são as da carne e do sangue, se são pensamentos da terra como desgraçadamente vejo que são, mulher fraca e de pouco animo, console-se, que para mim é claro e seguro que estes homens hão de vencer.'

—'Quaes homens?'

—'Esses inimigos do altar e da verdade, esses homens desvairados pelas speciosas doutrinas do seculo. Esperam muito, promettem muito, estão em todo o vigor das suas illusões. E nós; nós carregâmos com o desingano de muitos seculos, com os peccados de trinta gerações que passaram, e com a inaudita corrupção da presente... nós havemos de succumbir. Os templos hão de ser destruidos, os seus ministros proscriptos, o nome de Deus blasphemado á vontade n'esta terra malditta.'

—'Pois tam perdidos, tam abandonados da mão de Deus são elles todos — todos.'

—'Todos. E que cuida, irman? que são melhores os nossos, esses que se dizem nossos? que ha mais fé na sua crença, mais verdade em sua religião? Oh santo Deus.'

—'Faz-me tremer, padre!'

—'E para tremer é. A iniquidade e a cubiça entraram em todos os corações. *Duvidar* é o unico principio, *inriquecer* o unico objecto de toda essa gente. Liberaes e realistas nenhum tem fé: os liberàes ainda teem esperança; não lhe hade durar muito. Deixem-n'os vencer e verão.'

—'E hão de vencer elles?'

—'Decerto.'

—'Ninguem mais diz isso.'

—'Digo-o eu.'

—'Tantos mil soldados que o govêrno tem por si!'

—'E tantos milhões de peccados contra. Não póde ser, não póde ser: a misericordia divina está exhausta, e o dia desejado dos impios vem a chegar. A sua missão é facil e prompta; não sabem, não podem senão destruir. Edificar não é para elles, não teem com quê, não creem em nada. O symbolo christão não é so uma verdade religiosa é um principio eterno e universal. *Fe, esperança e charidade*. Sem crer, sem esperar...

—'E sem amar!'

—Mulher, mulher! o amor é a última virtude...'

—'Mas por ella, por ella se chega ás outras.'

—'Não, mulher fraca, não. E de uma vez para sempre, irman Francisca desinganemo-n'os. Entre mim e entre o Deus que eu sirvo, não ha transacção com os seus inimigos. Indulgencias n'este ponto não sei o que é. Vejo a sorte que me espera n'este mundo e não tremo diante d'ella. Quem teme, siga outro caminho; eu nunca.'

Padre, eu não temo nem receio por mim. Sou fraca e mulher, e em toda a tribulação e desgraça heide glorificar o meu Deus e dar testimunho da minha fé. Mas... mas o meu neto é o meu sangue. A minha vida, é o filho querido da minha unica e tam amada filha, elle não conheceu outra mãe senão a mim, quero-lhe por elle e por ella. Abandonal-o não posso, tirar d'elle o pensamento não sei. A vontade de Deus...'

—'A vontade de Deus é que o justo se aparte do impio, é que os cordeiros da bençam vão para um lado, e os cabritos da maldição para outro. Esse rapaz... oh! minha irman, eu não son de pedra, não, não sou, e tambem o coração se me parte de o dizer... mas esse rapaz é malditto, e entre nós e elle está o abysmo todo do inferno.'

—'Misericordia meu Deos!'

Palido, infiado, mais descorado e mais amarello do que era sempre aquelle rosto, Fr. Diniz pronuncia tremendo mas com fôrça, as suas últimas e terriveis palavras. Os olhos habitualmente humidos e cavos, recuaram-lhe ainda mais para dentro das orbitas descarnados; o bordão tremia-lhe na esquerda; e a direita suspensa no ar parecia intimar ao culpado a terrivel imprecação que lhe sahia dos labios.

—'Maldito! maldito sejas tu!' proseguiu o frade, 'filho ingrato, coração derramado e perverso!'

—'Meu Deus! não o escuteis,' bradou a velha cahindo de joelhos no chão e prostrando-se na terra dura 'meu Deus não confirmeis aquellas palavras tremendàs. Não o oiçais, Senhor, e valha o sangue preciozo de vosso filho, as dores bemditas de sua mãe, oh meu Deos para arredar da cabeça do meu pobre filho as crueis palavras d'este homem sem piedade, sem amor!..'

A velha queria dizer mais; as angustias que se tinham estado juntando n'aquella alma, que por fim não podia mais e trasbordava, queriam sahir todos, queriam derramar-se alli em lagrimas e soluços na presença do seu Deus que ella via sempre no seu throno de misericordias, que não podia acabar comsigo que o visse o inflexivel o terrivel Deus das vinganças que lhe annunciava o frade. Mas a carne não póde com o espirito; as forças do corpo cederam tomou-a um

mortal deliquio, immudeceu, e... suspendeu-se-lhe a vida.

Fr. Diniz contemplou-a alguns momentos n'aquelle estado e pareceu commover-se; mas aquelles nervos eram fios temperados de ferro que não vibravam a nenhuma suave percussão: deu dous passos para a porta da casa, bateu com o bordão e disse com voz firme e segura:

—'Joanna, acuda a sua avó que não está boa.'

D'ahi tomou o caminho por onde viera e, sem voltar uma vez a cabeça, caminhou apressado e breve se escondeu para lá das oliveiras da estrada.

(Continúa.) *A. G.*

DOS TRIBUTOS ESTABELECIDOS NA ILHA DE SAN'MIGUEL ETC. (*)

181 Além dos documentos trasladados na *Historia Insulana*, em que o infante D. Henrique escrevendo ao commendador G. V. Cabral, chama suas as ilhas de *Sancta-Maria e San-Miguel, dos Açores* (1); e em que dando a capitania da ilha Terceira, no anno de 1450, a Jacome de Bruges, lh'a concede como *senhor das ilhas* (2): tambem sabemos que o mesmo infante adoptou para seu successor, no anno de 1436, ao infante D. Fernando, seu sobrinho e afilhado, fazendo-lhe ampla doação de todos os bens proprios, e solicitando dos Srs. reis, que confirmassem a que egualmente lhe fazia de todos os bens da coroa; ao que gostosamente acquiesceram elrei D. Duarte e D. Affonso V, pai e irmão do perfilhado infante (3): sendo ésta doação segunda vez confirmada logo depois do fallecimento do doador, em 3 de dezembro de 1460, pelo sr. D. Affonso V, e incluindo entre as ilhas de Cabo-Verde e da Costa da Mina, a da Madeira, Porto-Sancto e Deserta; e a de Jesus Christo (4), Graciosa, San'Miguel, e Sancta-Maria, para o donatario as usofruir em sua vida, e depois seu filho primogenito, com todas as *rendas, direitos, e jurisdicções que pertenciam á coroa como as tinha, e havia o dito infante* tio *do mesmo monarcha* (5). É pois corollario que pela morte do infante D. Pedro, ficou a ilha de San'Miguel pertencendo ao infante D. Henrique; bem como que lhe pertenceram as ilhas de Sancta-Maria, Graciosa e Terceira.

Fica egualmente provado, que éstas quatro ilhas dos Açores, e a da Madeira, Porto-Sancto e Deserta, depois do anno de 1460, ficarem pertencendo ao infante D. Fernando, que as gosou até o de 1470 em que falleceu (6); no tocante ao temporal, como donatario da coroa, e no espiritual, como administrador que foi da mesma ordem de Christo; em cujas definições se confessa, que elle *fundou muitas igrejas nas ilhas* (7).

No senhorio temporal de todas éstas ilhas, por effeito da doação referida, lhe succedeu seu filho primogenito, o duque de Vizeu D. Diogo, que similhantemente lhe succedeu no mestrado: e como era de menoridade, por *concessões pontificias e regias*, tudo administrou em seu nome a infanta D. Beatriz, sua mãi (8).

E acontecendo em 1484 a tragica morte d'este duque, ficou por seu successor no mestrado seu irmão D. Manuel, creado duque de Beja, n'esse mesmo infausto dia, por elrei D. João II, que dando-lhe todas as terras que usofruíra seu infeliz irmão, com uma tenue differença, egualmente lhe concedeu o goso da temporalidade da ilha da Madeira, declarando-lhe contemporaneamente, que ésta por sua morte deveria ficar incorporada na coroa.

Não deparámos notícia de que lhe fosse juntamente outorgado o senhorio temporal das outras ilhas; antes nos persuadimos que elrei D. João II se aproveitára d'este ensejo para incorporal-as na corôa; bem como havia declarado, que se incorporaria a da Madeira, depois da morte do nôvo duque de Beja. E isto poderemos comprovar com a unica reflexão, de que apesar das grandes doações, que este soberano no seu testamento fez a seu filho natural D. Jorge, quando o nomeou duque de Coimbra, e senhor de muitas terras, com amplissimas regalias; e que apêsar de grandes recommendações que fez para se lhe conferir o mestrado de Christo, assim como ja gosava do d'Aviz e Santyago, nem por isso se lembrou de lhe doar a mesma ilha da Madeira, ou outra alguma das que haviam possuido os sobreditos donatarios. (9) Tanto foi o

---

(*) Continuado de pag. 150

(1) Hist. Ins., pelo padre Cordeiro, liv. 4.° cap. 6.° § 38. Cumpre-nos observar, que na carta, alli trasladada, ha um manifesto erro de data, estando 1470, quando é 1460.

(2) Ibid. liv. 6.° cap. 2.° § 6.

(3) Carta de 23 de nov. de 1451, trasladada no tom. 1.° das Prov. liv. 3.° da Hist. Gen. n.° 43 pag. 562.

(4) Este é o nome que antigamente se dava á ilha Terceira: desde a dominação hispanhola começou a cahir em desuso; sendo o governador d'aquella ilha, Ambrozio d'Aguiar Coutinho, quem prohibiu que nos papeis públicos assim fosse denominada; antes d'isto cada um a seu arbitrio, ora a denominava *ilha de Jesus Christo*, ora *ilha Terceira*.

(5) Carta de 3 de dez. de 1460, trasladada no tom. 1.° das Prov. do liv. 3.° da Hist. Gen. n.° 44 pag. 563.

(6) Damião de Goes na chrn. do princ. D. João cap. 17 no fim. A isto parece oppôr-se a noticia que o exm.° visconde de Santarem encontrára em suas investigações archeologicas, de que el-rei D. Affonso V no anno de 1466 fizera doação das ilhas dos Açores a sua tia; a infanta D. Isabel, duqueza de Borgonha. (Vej. Quadro Elementar das nossas relações diplomaticas, tom. 3.° anno de 1466). No real archivo da torre do tombo não encontrámos noção alguma, que confirme a d'aquella doação, concedida antes da morte do infante D. Fernando; cuja notícia tendo o exm.° visconde deparado em uma obra extrangeira, parece-nos que não deve, em taes assumptos, merecer inteiro credito, maiormente estando em contradição com o que escreveu o nosso circumspecto chronista Damião de Goes.

(7) Defin. e estat. da ord. de Christ. part. 1. tit. 3.° pag. 9. Veja-se o que dissemos a este respeito em a nossa nota 2 da part. 1.ª pag. 13 da — Memoria Historica sôbre o intentado descobrimento de uma supposta ilha ao norte da Terceira, nos annos de 1649 e 1770, que ha pouco publicámos.

(8) Defin. e estat. da ord. de Christ. Part. 1. tit. 3.° pag. 9 no fim. Nos archivos da ilha de San'Miguel se encontram alguns documentos dos quaes se deprehende, que ella protegeu a agricultura das ilhas dos Açores.

(9) Ruy de Pina na chron. d'elrei D. João II cap. 18 tom. 2 dos ineditos.

Vem aquelle testamento trasladado no tom. 2 das Prov. do liv. IV da Hist. General, p. 172. Não se faz porém verosimil o que diz Ruy de Pina no cap. 83, affirmando, que este monarcha recommendára a seu successor, que désse a ilha da

aprêço que este grande mestre da arte de reinar fez d'éstas ilhas, incorporando-as na corôa para beneficio d'ellas! (10)

Succedeu-lhe finalmente elrei D. Manoel, que depois de algumas infelicidades alhêas, conseguiu unir á dignidade de duque de Béja, e de gran'-mestre, a de *rei muito feliz*. Como gran'-mestre creou muitas commendas no reino, e tambem *em diversas ilhas nos dizimos d'éllas, que eram do mestrado*, como referem os estatutos da ordem: (11) e fez de novo a magnifica e sumptuosa sé da cidade do Funchal; e o mesmo fez nas mais ilhas, como nos diz Damião de Goes. (12) O que porém a respeito d'estas se deve intender *unicamente das igrejas parochiaes*, porque as suas cathedraes só foram erigidas no reinado d'elrei D. João III. (54) E como rei *reconheceu tanto a importancia das ilhas*, que quando no principio do seu reinado teve as bem fundadas esperanças de ver unidas em seu filho, o principe D. Miguel, as corôas de Castella e Portugal, no *regulamento* que fez para o govêrno d'este reino, no caso de se verificar a referida união, expressamente estabeleceu: que as capitanias d'Africa, e das ilhas descobertas, ou que subsequentemente se descobrissem, *fossem tão sómente conferidas a vassallos portuguezes*. (14) Egualmente se convenceu da necessidade de incorporar as ilhas na corôa; de sorte que não só de nenhuma d'ellas fez doação em toda a sua vida, mas no seu ultimo testamento mandou a todos seus successores, *que nunca as apartassem da corôa, nem jamais alienassem rendas algumas d'ellas*. (15) Tambem mandou, que nunca se dessem jurisdições das terras da ordem de Christo no reino, mas que unicamente se concedessem commendas e alcaidarias, como sempre foram, sem jurisdição: (16) e o mesmo se ficou praticando nas das ilhas, pois sabemos, que nos definitorios da ordem foram contadas entre as commendas do reino. (17)

Ficaram consequentemente incorporadas corôa *todas as ilhas e mais dominios ultramarinos desde então*. E d'ésta regra unicamente se apartou uma vez el-rei D. João IV, a respeito da ilha da Madeira, da qual fez doação á Sr.ª D. Catharina, sua filha, que depois foi rainha da Gran'-Bretanha: e apesar dos bens dotaes d'esta Senhora por titulo de compra passarem para a a casa do infantado: ésta ilha porém reverteu para a corôa. (18)

(Continúa. *B. J. Senna Freitas.*

Madeira ao referido D. Jorge; por quanto, não só isto é contrario aos sentimentos que este escriptor exprimiu no cap. 18, mas devia constar no referido testamento, assim como constam todas as outras recommendações favoraveis a D. Jorge.

(10) Chamâmos a attenção do leitor açoriano sôbre esta irrefragavel verdade historia. nomeadamente d'aquelles que, sem averiguar documentos e obras auxiliares, disseram ultimamente que as ilhas dos Açores sempre foram tractadas com desprêso pelos nossos soberanos; e que somente á sua industria devem a prosperidade que estão gosando etc. etc.

(11) Defin. e estat. da ord. de Christ. part. 1. tit. 3. pag. 10. *D'éstas* commendas as mais rendosas eram, a da Ilha de Santa-Maria, que andava na casa dos condes da Louzan, e a denominada das Hervagens, na ilha de S'an Miguel. Os ultimos possuidores tinham um direito manifesto a usofruirem estes bens, que foram concedidos a seus progenitores como galardão de relevantes serviços prestados na acclamação d'elrei D. João IV, e na expulsão dos hispanhoes etc.

(12) Chron. d'elrei D. Manoel part. 4. cap. 85.

(13) Quanto á sé do Funchal, veja-se o tom. 2 das prov. do liv. 4. da Hist. Gen., n.° 56, pag. 259 — Quanto ás sés d'Angra, Cabo-Verde e S'an Thomé, veja-se o d.° tomo n.° 122, pag. 728. devendo notar-se o que se diz a pag. 741 do tom. 2.

(14) Carta de lei de 1499, trasladada no d.° tom. 2. das Prov, n.° 68 pag. 400.

(15) Vem este testamento trasladado no d.° tom. 2. das Prov. n.° 62, pag. 336.

(16) Dicto testamento a pag. 337.

(17) Defin. e est. da ord. de Chris. part. 4. tit. 2. pag. 164.

(18) Real archivo da torre do tombo — liv. 6. d'elrei D. João IV, fl. 153. — Os titulos d'esta doação, e tambem da sua venda, acham-se tresladados no tom. 5. das Prov. do livro 7. da Hist. Geneal, n.° 68 pag. 44 e seguintes.

DO PARIATO. (*)

182 A conquista tinha sido em 1066. A tormenta civil, variegada de tufões mais ou menos carregados, segundo os accidentes quadravam, foi seguindo seu fio, assistente o clero de Santelmo, para lhe conjurar os arrepelões, e tambem para se ir appropriando os destroços a que podesse lançar a perseima. Na partilha que Guilherme I fez da nação em 60,215 subfeudos, couberam ao clero 28,015. (1) Hallam diz que a igreja possuia a metade do reino, e que se não fossem as depredações que ella soffria dos seus padroeiros, seria todo d'ella. As rendas ecclesiasticas em 1337, subiam a 730,000 marcos. C. 7. *Mid. ages.*

Quando foi do Parlamento, ou antes conselho por que então ainda não haviam parlamentos, convocado por S. de Montfort contra o seu rei aprisionado por elle, Henrique III, foram chamados e reuniram-se em Londres, 14 bispos e arcebispos e bispo eleito; 65 abbades; 36 priores; 5 deões e 1 lente; somma total 121. E condes foram so 5; diversos 18; o resto communs. etc. Por aqui se póde vêr que tal era a preponderancia canonica! Além do muito que pediam e alcançavam cada uma para si, as ordens, e em geral toda a milicia religiosa de qualquer categoria, regular ou secular, não nos persuadamos que a tiara romana nos seculos baixos, devia ou deveu todo o seu podêr ás suas armas espirituaes.

N'esse tempo as suas forças materiaes não eram inferiores ás dos seus contemporaneos monarchas. As populações da Inglaterra, da França e da Europa em geral, que augmentaram mais tarde, n'aquelle tempo eram bem pequenas. A Inglaterra em 1378 tinha 2,300,000 habitantes, a settima parte dos que tem hoje. E a sua penuria?

Se a igreja pois, subtrahindo as victimas esqualidas

(*) Continuado de pag. 152.

(1) O clero so é que podia pagar; tinha sido grandemente dotado pela conquista. Henrique queria ter a igreja nas suas mãos. (an. 1159) Era quasi um patriarchado (o arcebispado de York) um papado inglez, um reino ecclesiastico,... p. 335. c. 5. v. 2. Michelet, Hist. de França.

Se se considera a igreja como um governo especial, mas abraçando a Europa inteira, os ecclesiasticos como uma nação á parte, independentemente das circumstancias exteriores em que se podiam achar (e tal parece ser nos seculos baixos o verdadeiro ponto de vista) a igreja tem uma vida politica, os ecclesiasticos tem uma organisação, um regimen, para se estudar á parte. Sem duvida que se deve entender que os ecclesiasticos estavam sempre sujeitos á dupla influencia da origem nacional, e do sacerdocio, mas o character sacerdotal sobrepujava a nacionalidade... c. 15. v. 2. Savigny, Hist. Droit. Rom. Moyen Age.

da ferrenha tortura que então espesinhava a especie humana, e limpando-as da sordidez da escravidão, porque eram mais faceis de disciplinar por sua tetra condicção, para apostolarem as immunidades do vicariato universal, fez alguns serviços á civilisação; caros ou baratos, não vem para aqui. Se ella creando sujeitos a quem revestia de um e outro dos seus poderes, e pactuando com elles para os pôr á frente de todas as resistencias nacionaes contra oppressores e tambem opprimidos, foi causa para que aqui se quebrasse uma malha, acolá outra, do redenho que abarcava a todos, outra é a divida que nós temos para com a restauração do direito civil romano, pela nossa emancipação. Quasi coeva com a conquista normanda, porque não distou tanto como meio seculo entre os dois successos, foi a fundação da universidade de Bolonha.

Esta fundação foi patrocinada pela condessa Mathilda, mui celebre nos principios do seculo XII, prima de Godefroi de Bonillon, intima de Gregorio VII, que tinha sido imperatriz, depois rainha, e afinal mãi de Henrique II d'Inglaterra.

Nós devemos mais e tambem devemos menos, ao antigo undo romano, do que em geral pertendemos saber d'elle, porque pouco interessam éstas curiosidades para as miudezas da vida que nos absorvem.

O regimen municipal dos romanos tinha sobrevivido á catastrophe do imperio, na Lombardia (Savigny c. 19) o seu direito era applicado nos seus tribunaes, commentados pelos auctores e ensinado nas escholas (id. c. 18.).

Mas não se cuide d'aqui que ésta foi uma herança espuria de pensão. Os romanos, apezar do que diz Mr. Guizot na sua Historia da Civilisação, não intendiam a representação. O edito mandado a Arles é uma avocação aos officiaes e funccionarios publicos. Não é para uma eleição. O direito municipal herdado de Roma, não comprehendia senão a aristocracia, o resto era plebe. (Sav. Moyen Age. c. 30 §. 130) A fórma de governo na republica, denota progresso sôbre o patriarchado theocratico dos paizes da Asia. A instituição da republica como espectaculo, assombra. O imperio porém é que aboliu a escravidão. Antes d'elle por cada um homem que era *cidadão*, haviam dez pelo menos, que nasciam, viviam e morriam a ferros. Eram *servos*. É precizo ter muito em vista que os romanos não so elevaram nas sciencias e considerações geraes. (Hugo Hist. Droit. Rom. §. 322) Os direitos eram supremos, mas eram para quem eram, que era um pequenissimo número. Por isso Michelet, escrevendo a historia de França, fallando da restauração do direito romano, diz: a ultima sentença que nos deixou o mundo antigo, foi a egualdade debaixo de um só.

N'esta intelligencia, os jurisconsultos chamados por Barbaroxa a Roncaglia em 1158, disseram n'essa dieta ao imperador: sabei que todo o direito legislativo do povo vos é concedido; a vossa vontade é o direito, porque está ja dito: Aquillo que agrada ao principe tem força de lei; o povo tem entregue todo o seu imperio e poder a elle, e n'elle está todo depositado. O mesmo imperador ja tinha dito abrindo os debates. Nós que sómos investidos do nome real, desejâmos mais antes exercer um imperio legal para a conservação dos direitos e liberdade de cada um, que de podêr obrar impunemente. Arrogar licença para tudo fazer, e mudar o officio de commando em dominio com orgulho e violencia, é a realeza, é tyrannia.

Não exprime bem, continúa Michelet, ésta linguagem o pensamento ideal da nova jurisprudencia: o que se pertendia, em summa, era a egualdade debaixo de um monarcha, e a suppressão da jerarchia feudal que pesava sobre a Europa.

Frequentavam as escholas onde se prégavam e ensinavam éstas doutrinas, não menos de 65,000 estudantes, segundo reffere Hallam (Mid. Ages) a saber 30,000 Oxford; 10,000 Bolonha; 25.000 París. Uma milicia juridica tão serrada, não podia deixar de ter o effeito do jornalismo do nosso tempo na formação da opinião publica daquelles seculos. Precisemos por cifras a acção de que podia ser capaz esta multidão de discipulos da glossa. Para esse fim supponhamos que a mocidade que frequentava éstas escholas ia para lá aos 16 annos e sabia aos 21 annos. Eram 65.000 segundo Hallam, os jovens que assistiam ás licções do digesto novo e velho, Pandectas mas sejam somente 40,000 etc. não so os d'estas tres universidades, mas os de toda a Europa, em Bolonha, Padua, Pisa, Vicenza, Vercelli, Arriezzo, Ferrara, Roma, Napoles, Perugia etc. París, Montpélier, Orleaus etc., e na Hispanha, Portugal e Inglaterra (Savigny Droit Moyen Age). Na vida d'estes moços hade haver um decremento, seja este de tres por cento annualmente, e durem depois mais, termo medio, só 25 annos, que deviam durar: por Pandec. 35.2.68 vulpiano 30 annos, e pelas taboas modernas 34 annos. Estabelecidas éstas premissas, temos que os 40,000 jovens se reduzem pela mortalidade durante o seu leccionamento, a 34, 351, que são os que devem sahir dos estudes no fim do quinquennio. Mas os formados que vão sahindo, vão sendo substituidos por novos collegiaes que entrão para aprenderem; de maneira que ha sempre dentro das aulas 40,000 alumnos, salvas as reducções a 34,351 pela mortacidade, contra a quinta parte d'estes, os 34,351, ou 7,000 estudantes por anno que vão sendo lançados no mundo, chegados á idade dos 21 annos. Um quarto de seculo que durasse somente esta rotação, no fim d'elle, eram não menos de 446, 574 os gastadores habilitados a desmuronar o descommunal edificio do feudalismo. Talvez senão tenha pensado n'estes resultados; porém eu estou em accreditar que nada contribuio para o servilismo e abjecção do seculo XVI, e XVII e parte do seculo XVIII, na Europa, e na Inglaterra nomeadamente, na França, Hispanha, Portugal, e todos os Estados centraes do nosso continente, como foi a preponderancia que tiveram os estudos sôbre a autocracia, bebidos na parte do direiro romano que trata politica.

Não admire o número de 446,574 legistas, por que isto o que quer dizer é que eram outros tantos individuos que sabiam ler, e que se se haviam de applicar á litteratura moderna, que então não existia, applicavam-se a ler os textos e commentarios sôbre jurisprudencia. É preciso notar que no último recenseamento americano sommando 17,068,666 almas, as pessoas brancas de mais de 20 annos que não sabiam ler ou escrever, eram unicamente 549,693. Aquelles 446, 574 homens de lettras, ou que sabiam lettras, as que havia, são para toda a Europa que tem mais de 200 milhões de almas, e então ainda assim teria mais de 50 milhões. Em quanto ás obras

ou a predilecção, ou a necessidade, ou a propagação que houve ou deveria haver d'ellas, para alimentação de tanto adepto em lettra de rubrica, não seja tão pouco essa a difficuldade que nos demore. Bem pequenos somos nós, e bem tarde entrámos nós em liça, e comtudo Barboza traz mais de 50 AA. a quem se fizeram muitas e diversas edições das suas elucubrações em infortiatum, tres partes, codigo, instituto etc. E onde menos se imprimiram os seus trabalhos foi em Lisboa, porque para a dilatação da sua glória gemeram os prelos que eram principalmente em Anvers, Leiden, Veneza, Roma, Paris, Colonia, Argens, Coimbra, Salamanca, Francfort, Spira, Cremona, Madrid, Genebra, Valhadolid, Braga, Amsterdão, Nuremberg etc. Houve livro d'estes insinando a *authentica* e as novellas de Julião, e a *lei vira* de Accurcio, feito pelos nossos conterraneos que teve 10 reimpressões. A. Barboza, De off. et pol. Paroch. por ex. foi impresso em Roma em 1622 e 1632; em Leiden em 1634, 1640, 1648, 1655; em Veneza em 1641, 1726, 1728, 1735. Nós tivemos em jurisprudencia canonica e civil, muito acima de 400 obras. A trapaça e a superstição disputavam-se á porfia a posse dos portuguezes. E a da sua riqueza tambem, porque a especearia trazida a tanto custo das partes da India, que era mandada para as feitorias reaes que a corôa tinha no extrangeiro, por lá ficava toda para pagar os taes calhamaços, onde vinha estampada toda essa sandice com que nos amorteceram a alma.

(Continúa.) *C. A. da Costa.*

BIBLIOGRAPHIA.

183 Murmurios — por *A. Lima* — Esta obra, que formará um vol. in 8.° portuguez, esmeradamente impresso, comprehende além das poesias insertas em differentes publicações, muitas outras ineditas do auctor.

Distribuir-se-ha aos Srs. Assignantes por 480 réis, pagos no acto da entrega. Subscreve-se em Lisboa na loja da Viuva Henriques, Rua Augusta n.° 2, no Porto na loja de Mr. Moré, Rua de Santo Antonio, e em Coimbra na de Mr. Posselius, Rua da Calçada.

O joven Estudante auctor d'esta composição poetica, é de um ingenho esperançoso e fecundo, cujos ensaios poeticos a Revista tem algumas vezes publicado em suas columnas, e muitos outros teem apparecido nas paginas do *Trovador*, e outras publicações litterarias de Coimbra. Toda a animação que a seus talentos se der, é não só merecida mas tambem devida.

O MEZ D'OUTUBRO.

184 O signo d'este mez é o *scorpião*, feio e nojento insecto do muito recommendavel genero das aranhas, que tem todos os predicados da coisa mais terrivel e nauseabunda. Por isso o nosso astrologo disse assim:

> Quem nasceu n'este mau signo,
> Se é mulher não tem vergonha;
> Se é homem gosta de vinho,
> É desleixado e tem ronha...

Ora nasçam lá em outubro. Pois nasci eu: e, perdoe-me a astrologia e perdoem-me todas as sciencias occultas, o prognostico não se verifica commigo. Vinho nunca o bebi: desleixado não me tenho n'essa conta: e lá a respeito de ronha... quem se sugeita a ser jornalista tem as inquirições tiradas. Ella incontra-se mais nos inalphabetos; por isso os nossos antigos diziam: *Não tem lettras mas tem tretas.* Dizem que Homero andava de porta em porta a pedir esmolla, pois é o poeta por excellencia: e os que não sabem nem que casta de animal foi Homero o que fazem?... Pedem-lhe a elles. Esses é que são os verdadeiros *scorpiões*, que teem seis e mais olhos; teem dois ventres, e dilatam-se ou retrahem-se como lhes convem; teem oito mãos, dois conductos de veneno, e ferroada que dão é morte certa: até, como os naturaes, se devoram uns aos outros.

Este mez tem 31 dias. A sua lua começou no dia 2 de settembro e acabou no dia 30 do mesmo mez. Os dias diminuem 31 minutos de manhan e outros 31 de tarde.

O seu dia maior é o primeiro que tem 11 horas e 40 minutos. No dia 1 nasce o sol ás 6 h. e 10 m. põe-se ás 5 h. 50 m.: no dia 31 nasce ás 6 h. e 41 m. põe-se ás 5 h. e 19 m.

N'este mez preparam-se os vinhos; semeam-se os nabos e outras sementes. Acabam as ferias e começam os annos lectivos nos estabelecimentos de instrucção: é um triste mez para os mandriões.

Não o era porém para os Gregos, que celebravam a 6 as festas de Ceres; a 7 as de Apollo, cuja maior solemnidade era o coser favas; a 8 a festa instituida por Theseu. Tinham tambem as de Jupiter e Minerva, que duravam tres dias. A 25 faziam sacrificios a Apollo; e no ultimo dia do mez celebravam os artifices uma festa a Vulcano. Os Egypcios, depois do equinoxio do outono celebravam a festa da *muleta do sol*, que suppunham ter necessidade d'ella por começar a declinar. Os romanos festejavam nas noas os deuses manes; nos idos faziam as festas d'Augusto; depois a das fontes; e immolavam um cavallo a Marte; nas kalendas celebravam-se os sacrificios chamados *armilustre*, e as representações dos jogos da Victoria, e começavam as *bruxarias* de Vertumna.

Ephemerides.

1, trasladação da Universidade de Coimbra, (1527) 4, 1.° cerco de Diu (1538) — 12, terramoto em Lisboa (1724) — 15, peste em Lisboa (1598) — 20, conquista d'Alcacer-Seguir por D. Aphonso V. (1458) 21, conquista de Lisboa por D. Aphonso Henriques (1147) — 25, famosa victoria do Salado onde se achou D. Aphonso IV (1340) — 31, innundação em Lisboa (1575).

CORREIO EXTANGEIRO.

185 Lê-se no *Hispanhol* que uma creança de Ecija, que não tem ainda quatro annos, se apresentára á academia de medicina e cirurgia de Sevilha para ser examinada. Este phenomeno-femea é creança so na idade, e não se diz se tambem no juizo, em quanto ao desinvolvimento é uma mulher completa.

Vai publicar-se um jornal em Jerusalem. Um periodico inglez commentando este facto accrescenta: 'Salomão com toda a sua sabedoria nunca lhe passou pela idéa que tal succedesse.

Um terrivel incendio redusiu a cinzas a antiga cidade de Luczk, na Volhynia.

A Asia-Menor está soffrendo actualmente todo os horrores da fome. As colheitas tem falhado nos ulti-

mos dous annos. e ha tanta escacez de agua que a porção d'esta necessaria para matar a sede a uma pequena familia, paga-se por uma somma extraordinaria.

O jornalismo é o gigante da epocha. Estabeleceu-se agora em Paris uma associação que se denomina *Sociedade geral da imprensa*, e cujo fim é: a publicação de um jornal quotidiano chamado o *Sol*, formato do *Times*; outro jornal tambem quotidiano chamado o *Paiz*, formato do *Siècle*; de mais outro jornal hebdomadario intitulado o *Domingo*, revista da semana, 32 paginas in folio; de um quarto jornal que sahirá todos os dias ás 10 horas, especialmente destinado ao commercio, industria e agricultura: e finalmente de todas as publicações, sejam jornaes, revistas, livros ou brochuras que se refiram á industria do jornalismo. Ésta companhia colossal está constituida por 30 annos, e com o capital de dois milhões de francos. Por outra parte o *Courrier-français* vai transformar-se; o *Espirito-publico* annuncia importantes melhoramentos; a *Epocha* não tarda a publicar-se; assim como e *Universal* e a *Semana*, e ainda outro em projecto cujo titulo se não diz.

Parece que o sal escacea na Inglaterra. Ja se dirigiram representações ao govêrno solicitando a permissão de importar sal dos paizes extrangeiros, principalmente de Portugal, e especialmente para a salga do bacalhau na Terra-nova. *Aviso ao commercio portuguez*

CORREIO NACIONAL.

186 Por decreto de 20 do corrente se mandou crear uma commissão composta de seis membros, sendo cinco ecclesiasticos, presididos pelo Patriarcha-eleito, e o sexto o procurador-geral da Fazenda, para propôr o regulamento e instrucções para estabelecimento dos Seminarios nas diversas diocezes do reino e ilhas adjacentes, e melhor regulação litteraria e economica dos mesmos Seminarios.

A caixa economica da Companhia 'Confiança-nacional' recebeu 7:073$900 réis, entregou 1:037$000 réis, e teve 24 depositantes novos, na semana finda em 20 do corrente.

No dia 29 de outubro ha de celebrar-se o anniversario de S. M. El-rei com a primeira representação dramatica no Theatro de D. Maria II: a companhia de actores é a do Theatro nacional da Rua-dos-Condes. Parece que haverá so tres recitas, ficando reservada a inauguração para mais tarde.

Sabemos que a benemerita auctoridade, que com tamanho zêlo desempenha interinamente as funcções de Inspector-geral dos theatros, tem feito tudo quanto as faculdades do seu cargo lhe tem permittido para tornar ésta abertura uma verdadeira solemnidade nacional.

Vai publicar-se a nova serie do jornal da 'Sociedade Catholica' com mui bem intendidos melhoramentos. Publicaremos d'outra vez a summa do seu prospecto.

M. Laribeau o habil director do Circo em Lisboa, vai estabelecer outro 'Circo' na cidade do Porto.

Mr. Sutton acompanhado do *famoso* anão continúa no 'Circo Laribeau' as suas divertidas operações de magica. A mais recente é o celebre balde onde uma grande quantidade d'agua se *converte* em pombas. Cada espectador tem dado a sua opinião sôbre o modo de executar este *assombroso prestigio*; mas a verdade é que nenhum d'elles o executaria senão tendo á sua disposição a prodigiosa *varinha* de Mr. Sutton. O colloquio entre o authomato, o anão e Mr. Sutton, é um intertenimento de que o público muito gosta, mas o Sr. Coghi, a scena dos tres Horacios, o cavallo Phenix, e sobre todos e sobre tudo a bella Iris, que é tambem seductora Sylphide, é a coisa que mais profundamente interessa os espectadores.

Voltou á scena no Theatro do Salitre a judiciosa e espiritosissima comedia de Dumas — 'O Marido da viuva.' Toda a gente de bom gôsto deve ver ésta linda peça, excellentemente representada pelo Sr. Assis, e ainda pela Sr.ª Santos.

As noticias de Goa são satisfatorias. O deficit tinha diminuido consideravelmente, e os melhoramentos commerciaes, agriculas etc. começavam a introduzir-se n'aquella importante parte dos dominios portuguezes. Tinha-se creado um gabinete-litterario, e tractava-se de estabelecer um banco-commercial. Em Damão organisou-se uma companhia para promover a cultura da *papoila-branca*, industria muito util áquelle paiz. Em 10 d'abril tomou posse na Se de Macau o novo bispo D. Jeronymo José da Motta.

Le-se na 'Coallisão' jornal do Porto, n.º 197:

«Com muito prazer annunciamos ao publico, que acaba de organisar-se n'esta cidade uma sociedade de capitalistas para fundar um grande estabelecimento *sericólo* debaixo da direcção do sr. D. W. Tinelli, que de boa vontade se incumbiu da creação do dito estabelecimento, e de dirigir todos os trabalhos desta verdadeiramente patriotica empreza, por um periodo de tempo bastantemente longo, para segurar um perfeito e satisfatorio resultado ás vistas philantropicas dos associados.

Os senhores que por um espontaneo impulso de patriotismo se juntaram para finalmente obter este grande *desideratum* da industria portugueza, são os srs. Antonio Pereira Carneiro Canavarro Senior, Francisco Antonio Fernandes, A. Augusto da Silva, e Antonio de Campos Navarro.

Ouvimos dizer que as bemfasejas vistas d'esta sociedade, que empregará talvez para cima de cem pessoas das classes mais pobres, não se limitarão somente ao fabrico da sêda no interior do seu estabelecimento; mas tambem a dar um poderoso impulso, para generalisar em Portugal a industria *sericola*, proporcionando aos lavradores e curiosos d'essa cultura tudo quanto fôr necessario para facilital-a.

Damos os mais sinceros parabens aos fundadores d'esta nova empreza. As qualidades pessoaes dos capitalistas, como tambem a intelligencia do director dos trabalhos, affiançam-nos desde ja um brilhante successo para esta patriotica empreza.»

CONHECIMENTOS UTEIS.

—

DO TRABALHO NACIONAL.

187 Fiel ao seu programa, que será rigorosamente cumprido em todas as suas partes, a REVISTA publica hoje um artigo d'economia politica sôbre um ponto actualmente muito debatido entre as nações mais illustradas. O seu auctor é conhecido de todos os economistas pela distincção com que costuma tractar estes assumptos.

Direi todavia que este artigo não foi escolhido, nem por ser este o ponto mais interessante ou capital da sciencia, nem tambem porque a sua doutrina seja *toda* incontestavel. Bem pelo contrario, os meus principios em economia politica separam-se bastante da famosa maxima de negligencia social — *deixai fazer, deixai passar:* e n'isso, creio eu, me ligo com os homens que mais profundamente teem observado *na prática* a execução das bellas theorias que nem sempre podem ser — nem são effectivamente — as melhores directoras da acção economica. As restricções sensatas são sempre uteis — a liberdade da natureza tambem está circumscripta dentro das leis da providencia: o mar, por exemplo, agita-se temerosamente mas não ultrapassa as barreiras que lhe foram impostas.

Ja se vê que este artigo, que em seguida transcrevemos, não podia ser preferido senão por versar sôbre objecto que mui interessadamente nos toca. A nossa industria nascente, carecendo de protecção e estimulos, tudo porventura lhe parecerá diminuto de quantas prohibições se prescrevam nas pautas, de quantos direitos protectores possam ser estabelecidos.

A nossa industria tem razão e justiça até certo ponto; saiba-se porém que essas exigencias são controvertidas pelos escriptores mais competentes da sciencia. Comecemos por alguma coisa a tomar conhecimento com a economia politica tão abandonada pela nossa imprensa — e ainda por muitas das nossas capacidades; e comecemos tambem a alimentar a nossa curiosidade e intelligencia, com essas graves questões economicas que se debatem e desinvolvem nos paizes mais illustrados.

DO TRABALHO NACIONAL.

A éstas palavras — *trabalho nacional* se allega, de alguns annos para cá, um sentido jesuitico, mediante o qual se deslumbra e enleia a religião de muitos espiritos sensatos, que educados nos principios de igualdade moderna, julgam, com razão, que são mais benemeritos de seus concidadãos aquelles tão somente que trabalham mais e melhor, e que esses taes ficam sendo benemeritos de quantos conservam o consolatorio privilegio de experimentar mavioso sentimento ao ouvir o doce nome de *patria*. Singular destino de duas palavras que exprimem coisas sanctas: *trabalho*, o que torna o homem independente, util, que o ennobrece emfim; e *nacional*, como quem dissera, cavalheiroso, poetico, no ponto que respeita aos interesses da grande familia. Singular destino é o d'éstas duas palavras, a de terem sido reunidas para exprimir uma legração — o *monopolio* e o *privilegio*.

O êrro tem a sua origem em duas preoccupações, que cumpre descobrir ao mesmo tempo, porque a não ser assim, *uno avulso non deficit alter.*

Primeira preoccupação. Ha pessoas a quem se lhes afigura que um povo deve fazer tudo dentro dos limites do seu territorio; d'ahi, a julgar que uma provincia póde passar sem a outra, que uma cidade deve achar tudo dentro em seus muros, e que uma familia deve isolar-se no seio da civilisação, não falta senão um passo. Quantos espiritos fortes discorrem pouco mais ou menos como n'aquella fabula, em que não querendo os braços occupar-se dos interesses das pernas nem éstas dos interesses dos braços, resultava á economia geral penuria de recursos e debilidade; quando pelo contrario obedecendo cada membro á lei da separação das occupações, permittiria a todo o individuo executar a propria tarefa. Adam Smith pôs fóra de toda a dúvida as vantagens e a indispensavel necessidade da divisão do trabalho. É preciso lê-lo, e depois refutá-lo, ou pensar como elle. Até ao dia de hoje ninguem o refutou; portanto é-nos permittido repettir-ser uma preoccupação o julgar que cada nação deve podêr prescindir de todas as outras...... Ella deve produzir o que o seu clima, a natureza do solo, a sua posição e a sua aptidão lhe permittem fazer melhor e mais barato que as outras; dar seus productos ás outras nações em troca do que éstas sabem fazer melhor, e por menor preço; d'onde provém a lei do *deixar fazer* e *deixar passar* pelas fronteiras, para as fazendas que entram e que sahem.

Segunda preoccupação. Tem-se transferido para o dominio dos factos relativos ao trabalho, á riqueza, para o dominio da economia politica, uma idêa, e vem a ser: que os *extrangeiros* podiam *invadir* um povo pelos seus productos; innundar os seus mercados com estes mesmos productos, e por fim de contas desapparecer levando comsigo todo o numerario. Partindo d'ésta concepção, teve-se horror dos productos extrangeiros, e empregaram-se todos os meios para os encantoar como objectos infeccionados de peste. Ha n'isto um grande êrro, por duas razões; a primeira porque definitivamente os productos não se compram com dinheiro, mas sim com outros productos; e se as especies metalicas intervem algumas vezes entre as nações, não é senão para effeituar os saldos: ou então, (e ésta é a segunda razão) porque subindo o preço das especies no paiz comprador, este, em trôco dos seus productos, procura, com preferencia a outros productos, as especies de que ha de tirar maior lucro. Porquanto foi demonstrado pelos economistas do seculo XVIII, e por todos os seus successores, que os metaes preciosos não são outra coisa senão mercadorias, que cada paiz não procura, nem deve procurar, senão na proporção de suas necessidades — necessidades que, debaixo do aspecto monetario, são mais limitadas do que elles pensam. Ora, não se comprando productos senão com productos, como o demonstrou radicalmente J. B. Say, e não sendo o dinheiro, como o hão provado os economistas, a unica riqueza, segue-se que é uma loucura repellir os productos que os extrangeiros fazem melhor e por menor preço, é que elles querem trocar contra aquelles de nossas producções que nós fazemos melhor e por menor preço; d'onde tambem dimana o *deixai fazer* e o *deixai passar* pela fronteira, relativamente ás mercadorias que entram ou que sahem.

Sim este famoso *deixai fazer — deixai passar*, esta liberdade de permutações entre os povos, é a lei natural das transacções. Com ella, e admittindo todos os elementos de circulação necessarios, a producção tem logar onde é mais proveitosa, e o consummo acha todas as vantagens possiveis. Os capitaes e a população dispersam-se naturalmente, e estabelece-se um equilibrio universal sobre todos os paizes que se acham em communicação.

Ora desde que se raciocina ácerca da riqueza, este principio que debalde os sabios se esmeram em dilucidar, tem sido mal conhecido e transtornado pelos administradores e muitos productores. Até se hão suscitado em theoria preconceitos contrarios, e por isso é que hoje temos a doutrina do *trabalho nacional*, isto é, a doutrina do monopolio. Eis aqui como ella opéra nas differentes industrias que a invocam. Antes que tudo, desde os primeiros tempos, em que um ramo de trabalho se acha protegido, quer seja por uma *prohibição* dos productos extrangeiros, quer seja por fortes direitos de entrada, que empeçam estes mesmos productos de vir fazer concorrencia com os productos indigenas, os lucros d'este ramo de trabalho são proporcionalmente maiores que os dos outros ramos. D'aqui resulta, que os capitaes que estão sempre á espreita da industria mais productiva, affluem para o ramo favorecido, e os ganhos não tardam a pôr-se ao nivel, e até mesmo a baixar do nivel. Ésta accumulação de capitaes sobre um ponto, occasiona uma accumulação de operarios, que pela sua concurrencia tendem constantemente a fazer descer a quota dos salarios. O privilegio portanto trouxe comsigo sobre este ponto o excesso da concurrencia, e a baixa dos salarios, e elle é que será causa umas vezes do sobreexcedente na producção, outras veses da quéda de emprezas, e sempre das angustias da população: tres desastres que, na linguagem politica, se designam com o nome de *crises*.

Algumas vezes, dois productos invocam, quasi com igual direito, o *trabalho nacional*, e renovam a guerra dos Atrides.

Quando o mal chegou a este grau, não tem remedio. D'elle se não sahe, senão atravez de ruinas.

Se ao menos se podessem tomar precates a tempo? Porem uma vez que o mal se ache inoculado no paiz, a operação que sería necessario fazer para d'elle o estripar, é dolorosa em demasia. Ella vai ferir todos aquelles que vivem do privilegio e aquelles a quem provisoriamente dão que viver, por aquelle trabalho; por outra parte os srs. privilegiados sabem de tal maneira misturar e confundir os seus interessescom os interesses geraes, com os dos pobres operarios que se extraviaram n'aquelles becos sem sahida, que as auctoridades gastam muito tempo antes de ver com claresa o que se passa em um tal labyrintho, e que depois não se acham com capacidade de vencer as resistencias, quando ás vezes tem desejos d'isso.

Expendido fica o que é o soberbo *trabalho nacional*, que achou o segredo de se introduzir n'um discurso do throno; que embarga as boas inspira-ções dos nossos homens de Estado; e que chegou a baralhar as ideas da maior parte dos publicistas, que julgam obedecer á razão, quando são o ludibrio dos sophismas e do monopolio.

J. Garnier.

CARRIS-ATMOSPHERICOS.

188 Experiencias muito interessantes se fizeram, a 4 e 5 do passado, no novo carril-atmospherico de Croydon (Inglaterra) acabado na extensão de 5 milhas. Diversos combóis correram ésta linha com uma velocidade variada de 30 a 66 milhas por hora. Os jornaes inglezes que dão conta d'estes ensaios, affirmam que foram completamente satisfatorios, e que muito contribuem para demonstrar que, com o systema atmospherico, póde communicar-se aos combois maior velocidade que no systema a vapor; e sobretudo que não ha que receiar nenhum d'esses terriveis accidentes, que acontecem algumas vezes nos caminhos-de-ferro ordinarios.

PAPEL DE MADEIRA.

189 Grande número de experiencias se tem feito sôbre muitas e diversas substancias para fabricar papel; mas são em pequeno número as de que se servem nas respectivas fábricas. M. Releti apresentou alguns quadernes de papel feito da madeira de olmo, freixo etc., bem como diversos pedaços de cartão fabricado com a mesma materia prima — O seu processo é muito simples e conomico. Consiste na maceração da madeira em agua-de-cal, ou n'outra dissolução alcalina: pesa-se depois tudo muito bem; e branqueia-se por fim quantas vezes for preciso — Este papel foi submettido á approvação de uma commissão que apresentou o seu parecer certificando a sua grande utilidade e as innumeras vantagens que podem resultar d'este novo ramo de industria.

(*Dict. des Mènages.*)

COLIRIO IODICO DO DR. REINIGER.

190 Mr. Rorier cutileiro, estando a trabalhar, saltou uma palheta de ferro que se lhe fixou na espessura da cornea. Oito dias depois appareceu o olho vermelho, a vista diminuida, sentindo calor e picadas; e conservando-se a palheta no estado brilhante. Sendo consultado o dr. Reiniger, depois de infructiferas applicações, prescreveu o seguinte:

Colirio.

Iode	0,05
Iodurete de potessa	0,50
Agua destillada de rosas	100.

Á primeira applicação, oxidou-se a palheta, e o seu brilho desappareceu, — os symptomas de ophtalmia diminuiram; e continuando com o uso do colirio, o doente recoperou totalmente a vista. O processo seguido n'este caso teve por fim transformar o ferro em Iodereto soluvel d'este metal.

(*Trad. do J. de Pharmacie, de junho de* 1845— *Communicado.*)

PASTAGENS.

191 Algumas experiencias feitas ultimamente em França deram os seguintes resultados:

Um campo de pasto dividido em quatro partes, onde o gado apascente alternativamente, póde dar alimento a 20 vaccas na mesma porção de terreno que o não daria a mais de 8 ou 10 se lh'o deixassem apascentar todo á vontade.

Este methodo aperfeiçoa-se fazendo com que ás vaccas succedam os cavallos, e a estes carneiros, que assim vão repastando toda a pastagem.

INSTRUCÇÃO PUBLICA.

192 Por decreto de 14 d'agosto do corrente anno, se mandou crear em cada uma das provincias ultramarinas certo número de cadeiras d'instrucção primaria. Em cada uma d'estas cadeiras se ensinará a ler, escrever e contar; principios geraes de moral: doutrina christan, exercicios grammaticaes, principios de geographia, e especialmente a noticia das diversas provincias da monarchia portugueza, historia sagrada do antigo e novo Testamento, e historia portugueza. Além d'estas escholas haverá no Estado da India, e em cada uma das provincias de Moçambique, Angola, Cabo-Verde e San'Thomé e Principe, mais outra *eschola principal de instrucção primaria*, na qual se ensinará tambem: grammatica portugueza, desenho linear; noções de geometria pratica, escripturação, noticia dos productos naturaes da provincia, ou que n'ella se fabriquem, e que sejam ou possam ser objectos de industria ou de commercio; ou dignos de serem conhecidos pela sua utilidade na economia domestica. Em cada provincia haverá um inspector de instrucção primaria, ao qual compete presidir aos exames dos professores e decidir da sua aptidão; cumprir e fazer cumprir todas as leis e regulamentos respectivos á instrucção primaria; preparar estes regulamentos e solicitar as providencias que dependerem de resolução regia.

Por portaria de 8 d'agosto do corrente anno, sôbre consulta do conselho-superior d'instrucção-publica, foi auctorisado o mesmo conselho para fazer imprimir por conta do Estado, na typographia da universidade, uma selecta composta das passagens dos classicos portuguezes, escolhidas entre os principaes generos de discurso em prosa, para uso das escholas, pelo professor Borges de Figueiredo, segundo o indice d'essas passagens que o conselho approvou para texto d'esta compilação.

Estas duas providencias não podem deixar de merecer a approvação dos que presam a illustração do paiz. A organisação da instrucção colonial hade servir igualmente de promover a importancia d'aquellas provincias. E' um passo certamente de vantagem para os seus interesses economicos; mas ainda não é cabal e completo para as suas necessidades. Lá, como em Portugal, não se crearam ainda escholas propriamente technologicas, nem agriculas, nem ainda commerciaes.

Limitando-me ás colonias, que mui longe me levariam as consideroções sôbre a metropole, e sendo indubitavel que uma boa lei d'instrucção-publica necessita de indagar o genero d'instrucção mais conveniente ás localidades para onde legisla, afim de lhes designar disciplinas accommodadas ás suas especielidades, viver e precisões; não é felizmente na lei de que tracto a inconveniencia de disciplinas que ha a notar, mas a deficiencia d'ellas talvez. Não que eu seja dos que querem logo tudo de uma vez; mas ao menos que se conheça e se tenha em vista a necessidade de prehencher, o mais depressa possivel, o que do primeiro impulso se não póde completar. Eu creio que as escholas d'economia-rural, as technologicas, as commerciaes, são de uma indispensavel e urgente necessidade nas colonias, principalmente nas africanas. Que todos se possam instruir em tudo é muito bom, mas melhor é ainda que se possam instruir no que mais lhes convem. Ora o que mais precisam as colonias é de meios que as ajudem a sahir do abatimento em que estão, e possam concorrer para os seus melhoramentos materiaes. Em Portugal, onde tambem não ha éstas escholas, ha todavia outros meios e outros recursos d'instrucção: nas colonias não é assim. O atraso, os erros, as lacunas que por la se sentem em todos os ramos dos conhecimentos de que tracto, produzem resultados funestos, tanto mais perniciosos quanto é maior o seu adiantamento n'outras partes; e se a prática ou a experiencia chega algumas vezes a corrigir uns e preencher outras, é sempre depois de longo e muito perigoso tirocinio.

A outra providencia de que fallei é a satisfação de uma necessidade que era desdoiro para o paiz estar ainda por satisfaser. Uma selecta portugueza era indispensavel. Ao passo que para tanta coisa se exige como habilitação os exames do latim e do francez, não se fazia o menor reparo na algaravia introduzida diariamente na lingua portugueza, pela imprensa e até nos documentos officiaes, á falta de uma instrucção elementar!

O conselho-superior d'instrucção-pública começa assim a despertar a fé que temos na sua instituição, e a provar que os seus illustres membros comprehendem a alta missão de que estão encarregados.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO XV.

Retratto de um frade franciscano que não foi para o depósito da Terra-sancta, nem consta que esteja na Academia das Bellas-artes. — Ve-se que a logica de Fr. Diniz se não parecia nada com a de Condillac. — Suas opiniões sôbre o liberalismo e os liberaes. — Que o poder vem de Deus, mas como e paraquê. — Que os liberaes não intendem o que é liberdade e egualdade; e o para que eram os frades, se fossem. — Próva-se, pelo texto, que o homem não vive so de pão, e pergunta-se o de que vivia então Fr. Diniz.

193 Quem era Frei Diniz?

Disse-o elle: — um homem que se fizera frade, ja velho e cançado do mundo, que vestíra o hábito n'um tempo em que a mofa, o escarneo, o desprêso seguiam aquella profissão; que o sabía, que o conhecia e que por isso mesmo o affrontára.

D'estes raros e fortes characteres apparecem sempre na agonia das grandes instituições para que nenhuma pereça sem protesto, para que de nenhum pensamento duravel e consagrado pelo tempo se possa dizer que lhe faltou quem o honrasse na hora derradeira por uma devoção nobre, gloriosa e digna do alto espirito do homem: — que o homem é uma grande e sublime creatura por mais que digam philosophos.

Tal era Fr. Diniz, homem de principios austeros, de crenças rigidas, e de uma logica infle-

xivel e teimosa; logica porém que regeitava toda a anályse, e que forte nas grandes verdades intellectuaes e moraes em que fixára o seu espirito, descia d'ellas com o tremendo pêso de uma synthese inflexivel e oppressora que esmagava todo o argumento, destruhia todo o raciocinio que se lhe punha de diante.

Condillac chamou á synthese methodo de trevas: Fr. Diniz ria-se de Condillac... e eu parece-me que tenho vontade de fazer o mesmo.

O despotismo, detestava-o como nenhum liberal é capaz de o abhorrecer; mas as theorias philosophicas dos liberaes, escarnecia-as como absurdas, regeitava-as como perversoras de toda a idea san, de todo o sentimento justo, de toda a bondade praticavel. Para o homem em qualquer estado, para a sociedade em qualquer fórma não havia mais leis que as do decalogo, nem se precisavam mais constituições que o Evangelho: dizia elle. Reforçál-as é superfluo, melhorál-as impossivel, desviar d'ellas monstruoso. Desde o mais alto da perfeição evangelica, que é o estado monastico, ha regras para todos alli; e não falta senão observál-as.

Não sei se ésta doutrina não tem o quer que seja de um certo sabor independente e livre, se não cheira o seu tanto á confiança heretica dos reformistas evangelicos. O que sei é que Fr. Diniz a professava de boafé, que era catholico, sincero, e frade no coração.

Segundo os seus principios, auctoridade de homem sôbre homem, era usurpação sempre e de qualquer modo que fosse constituida. Todo o podêr estava em Deus — que o delegava ao pae sôbre o filho, d'ahi ao chefe da familia sôbre a familia, d'ahi a um d'esses sôbre todo o Estado; mas para o reger segundo o Evangelho e em toda a austeridade republicana dos primitivos principios christãos.

Assim fôra ungido Saul, e n'elle todos os reis da terra — sem o quê, não eram reis.

Tudo o mais anarchia, usurpação, tyrannia, peccado — é absurdo insustentavel e impossivel.

E sôbre isto tambem não disputava, que não concebia como: era dogma.

Nas applicações sim questionava, ou antes, arguia com sua logica de ferro. As antigas leis, os antigos usos, os antigos homens, não os poupava mais do que aos novos. A tyrannia dos reis, a cubiça e a soberba dos grandes, a corrupção e a ignorancia dos sacerdotes, nunca houve tribuno popular, que as açoitasse mais sem dó, nem caridade.

O principio porém da monarchia antiga, defendia-o, já se ve, por verdadeiro, embora fossem mentirosos e hypocritas os que o invocavam.

Quanto ás doutrinas constitucionaes, não as intendia, e protestava que os seus mais zelosos apostolos as não intendiam tão pouco: não tinham senso-commum.

Agora, do frade é que me eu queria rir; mas não sei como.

O chamado liberalismo, esse intendia elle. 'Reduz-se' dizia 'a duas cousas, *duvidar e destruir* por principios, *adquirir e enriquecer* por fim: é uma seita toda material em que a carne domina e o espirito serve; tem muita fôrça para o mal; bem verdadeiro, real e perduravel, não o póde fazer. Fazer uma revolução liberal n'um paiz estragado, como são todos os da Europa, é sangrar um tysico: a falta de sangue diminue as ancias do pulmão por algum tempo, mas as forças vam-se, e a morte é mais certa.'

Dos grandes e eternos principios da Egualdade e da Liberdade dizia: 'Em elles os practicando devéras, os liberaes, faço-me eu liberal tambem. Mas não ha perigo: se os não intendem! Para intender a liberdade é preciso crer em Deus; para acreditar na egualdade é preciso ter o Evangelho no coração.'

As instituições monasticas eram, no seu intender e no seu systema, condicção essencial de existencia para a sociedade civil — para uma sociedade normal. Não paliava os abusos dos conventos, não cubria os defeitos dos monges: accusava mais severamente que ninguem a sua relaxação; mas sustentava que removido aquelle typo da perfeição evangelica, toda a vida christan ficava sem norma, toda a harmonia se destruía, e a sociedade ía, mais depressa e mais sem remedio, precipitar-se no golpham do materialismo estupido e brutal em que todos os vinculos sociaes apodreciam e cahiam, e em que mais e mais se isolava e estreitava a individualidade egoista — última phase da civilisação exaggerada que vai tocar no outro extremo da vida selvagem.

Taes eram os principios d'este homem extraordinario que junctava a uma erudição immensa o profundo conhecimento dos homens e do mundo em que tinha vivido até a edade de cinquenta annos.

Como e porquê deixára elle o mundo? Como e porquê, um espirito tam activo e superior se occupava apenas do obscuro incargo de guardião do seu convento — cargo que acceitára por obediencia — e quasi que limitava as suas relações

fóra do claustro áquella casa do valle onde não havia senão aquella velha e aquella criança ?

Apezar de sua regidez ascetica, prendia aquelle espirito por alguma coisa a este mundo ? Aquelle coração macerado do cilicio dos pensamentos austeros e terriveis do eterno futuro, consummido na abstinencia de todo o gôso, de todo o desejo no presente, teria acaso viva ainda bastante alguma fibra que vibrasse com recordações, com saudades, com remorsos do passado ?

No seu convento elle não tinha senão uma cella nua com um cruxifixo por todo adôrno, um breviario por unico livro. N'aquella so familia que conversava, havia, ja o disse, a velha cega e decrepita, Joanninha com quem apenas fallava, e um ausente, um rapaz de quem ha dous annos quasi que se não sabía. Em intrigas politicas em negocios ecclesiasticos, em coisa mais nenhuma d'este mundo não tinha parte. De que vivia pois este homem — homem que certo não era d'aquelles que vivem so de pão ?

E este era dos poucos textos latinos que elle repettia, este o thema predilecto dos raros sermões que prégava : *Non in solo pane vivit homo* ; Nem so de pão vive o homem.

Vivia pois de alguma coisa este homem ; e a meditação e a oração não lhe bastavam, porque elle sabía do seu convento e não ia prégar nem rezar... todos as sextas feiras era certo na casa do valle á mesma hora, do mesmo modo...

Alli estava pois alguma parte da vida do frade que de todo se não desprendêra da terra, e que, por mais que elle diga, lhe faltava *castrar* ainda por amor do ceo.

É que meio seculo de viver no mundo deixa muita raiz que não morre assim. E talvez é uma so a raiz, mas funda, e rija de fevra e de seiva, que as folhas morrem, os ramos seccam, o tronco apodrece, e ella teima a viver.

Saibamos alguma coisa d'essa vida.

(Continúa.) *A. G.*

DO PARIATO. (*)

194 Feitas as partes, ás duas entidades que precedem, no drama de 1,000 annos que a christandade apresenta, volvida sempre para o mesmo ponto na terra onde o paganismo fizera, antes d'ella, acto de outros 1,000 annos; devemos agora circumstanciar, tornando ao thema que nos occupa — o do *pariato*, a maneira porque o povo, pela força da sua industria, de paciencia e de tempo, chegou em Inglaterra a subir a cançada encosta da liberdade, e lá contou com os barões, que tão mal contaram com elle. Deviza-se a sua apparição em curia pelo tempo de Eduardo I. Em 1264 surge pela primeira vez a representação popular no parlamento, que assim se tornou necessario aos barões para ingrossar o seu partido contra Henrique III, antes da batalha dada no principio do anno seguinte em Evesham. Tractados os communs, á sua iniciação politica, de pobres, de humildes e de simples (poor mean and simple) desprezando-se de se ajuntarem com elles os grandes, o seu podêr foi pouco a pouco augmentando, e não tardou que não fossem denominados os muito sabios, os muito honrados, capazes e discretos, communs.

Com Eduardo I se assentaram no parlamento 200 cidadãos e burguezes, entre os quaes e os nobres não havia ja distincção de *sangue*. Se o pêso que o povo veio lançar na balança governamental foi de uma consequencia absoluta para a organisação do paiz, a derrota de Evesham não foi de menos prejuizo para os barões ; porque com ella se praticou um facto que depois veio a tornar-se em um principio d'onde data a queda da sua supremacia. As commoções civis tinham durado havia 205 annos até ao dia d'ésta acção, contados desde a conquista : tantos annos, por exemplo, como se desde D. João IV a Hispanha ainda hoje, com as armas na mão em lide campal, disputasse o throno á casa de Bragança ; ou agora pela primeira vez se publicasse a nossa ordenação do reino; sem que a nação ingleza podesse integrar, para alivio do flagello que soffria com tantos regulos, a soberania constitucional no rei. O ensejo da victoria ganhada n'aquelle campo deu logar á innovação de se excluirem do conselho os barões vencidos, e só virem a elle aquelles que fossem chamados por carta regia.

Ricardo II deu mais um passo e creou motu proprio, o primeiro par intitulado tal por carta patente ; sem dependencia da baronia que cumpria de juro e herdade a quem possuia essa regalia. Eduardo I, grande monarcha e que sempre trouxe os barões sopeados, estabelecido o estylo por seu pai Herique III do chamamento para auctorizar a sua vinda ao parlamento, não desistiu de tão salutar praxe. A creação de pares reaes tambem foi por diante. Igualmente se crearam em parlamento por lei no reinado de Eduardo III. Este monarcha avançou sôbre os seus antecessores, mais um lanço, que não foi minimo. Definiu pela primeira vez por lei o crime de alta traição, porque até alli a justiça era um resgate. A nossa nimia subserviencia á séde romana, é notada contra nós, mas ainda a este rei inglez, em 1366, Urbano V mandou pedir o feudo de 10,000 marcos de prata que João Semterra tinha obrigado a corôa a pagar de vassalagem aos papas.

Repellido este opprobrio pelo parlamento que não consentiu mais continuasse, os seus esforços para introduzir a ordem no Estado soffreram muitas interculações em que a anarchia imperou absoluta, e tornou a pôr a nação no primitivo cahos. É verdade que Henrique III ja tinha compellido o duque de Gloucester a prestar uma fiança de 20,000 marcos para não continuar a guerrear mais. Este rigor de pouco valeu, porque no tempo de Ricardo II, passados 100 annos d'ésta injuncção, vê-se os communs pedirem ao seu rei que prohibisse as confederações dos barões. Os clamores da camara a este tempo de bem tenue consequencia foram, porque a este mesmo rei viram elles succeder um d'esses barões empolgando a corôa

(*) Continuado de pag. 150

a seu legitimo senhor. e dois reinados depois um novo pertendente excluir do throno o neto d'este usurpador. O pai d'este, o duque de York, foi o ultimo grande barão que fechou a scena do imponente drama do feudalismo em Inglaterra. A lei mental renovou-se por ultimo no reinado de Henrique VII em 1505. E n'elle se constituiram os communs segundo se acham actualmente.

Porque o throno chegou emfim a ser um, e de um so; a servidão fosse abolida; o homem se habilitasse a ter direitos; não se cuide que tudo ficou acabado. A audacia da aristocracia tinha sido tanta que a policia não podia conter os crimes. No reinado de Henrique VIII contam os historiadores que 70.000 delinquentes padeceram morte. A par d'ésta carnificina, de tal maneira uns e outros dos possuidores da corôa se tinham visto obrigados a cortar nos barões, para ver de acabar com tanta turbulencia, que os lords que agora os substituiam, que appareceram em parlamento no tempo de Henrique VII não foram mais de 27. Ha cinco annos eram 436. No tempo de Henrique VII foram 51. E no reinado de James ao principio 82 e no fim 96. Carlos II em 1640 chamou 119 pares. E em 1661 eram 139. A nobreza d'estes fidalgos, ja era muita d'ella comprada, mas note-se, porque é essencial, não obstante a sua origem, conservou-se-lhe a ficção do voto por procuração, como que ainda fosse vigente o preterito senhorio da baronia. No reinado de Carlos I., o duque de Buckingham apresentou-se na casa dos lords com 13 votos alheios, e a camara cega aos seus proprios privilegios e á tradicção, tal é a condicção humana, foi a que coarctou a si este foro superno prohibindo que mais nenhum lord podesse d'ahi em diante representar mais de dois suffragios, á fóra o proprio.

Operada a transição da baronia para o pariato, é conveniente observar as posições que a historia nos informa que este tomou nas crises politicas do paiz. N'esta supererogação á minha tarefa, eu pertendo ser impassivel a preocupações a favor dos vencidos, porque o são, ou dos vencedores. Em tempos de tamanha degradação não se sabe que a virtude estivesse com os escravos e todos os vicios com os seus senhores. É de suppor, pelo mais seguro, que então se presenciasse os senhores tornarem-se escravos e os escravos senhores, como nos nossos dias, antes d'elles, e antes dos seculos que se recapitulam. N'esta rotação não tem havido interrupção. As situações é que determinavam a moral. A luta que aquelles estabelecem contra estes é antiga, e é luta por mais que se dissimule, para todos e de bem pena. Encadêa-se e tece-se n'ella uma mescla de tudo, e sabe-se d'ella como é possivel, senão é ruim ou comicamente. O chronista dos carmelitas descalços de Portugal, frei de....... diz, para demonstrar a muita abnegação da ordem, que um frade dos seus, sendo achado com uma laranja na cella lh'a penduraram ao pescoço e o pozeram a pão e agua. Se a resignação era tanta n'estes mascarados crapulentos, porque não queria nenhum d'elles ir á missão do Congo com medo de lá morrer? Ahi está toda a integridade dos principios que prevalecem. Ostenta-se o sacrificio da laranja no claustro, mas não um serviço á humanidade catechisando aquelles selvagens na Africa.

Continúa. *C. A. da Costa.*

UMA ARRIBADA Á ILHA DA MADEIRA.

195 A difficuldade das viagens cada dia vai diminuindo, e o número dos viajantes cresce na mesma proporção; estes dois factos tem intima ligação, sem que possa dizer-se qual dos dois procede do outro. Os sabios da commissão do Egypto se indignam ao ver que qualquer individuo, pertencente á immensa familia dos basbaques, querendo gastar cem luizes e cem dias, póde vir sentar-se junto do tumulo de Amenophis. O Oceano-pacifico é hoje sulcado por mais navios do que era o Atlantico ha cem annos. Hoje portanto não se grangêa grande renome em perlustrar o mundo; mais tarde porém os nossos netos farão o giro de todo elle brincando, e zombarão de nós e de nossas fadigas. Apressemo-nos a deixar alguns rastos da nossa passagem, e fallemos de paizes longinquos, antes que elles sejam tão trilhados como a Inglaterra ou a Italia.

Ha muitas especies de viajeiros; e ser-me-hia difficil dizer a qual d'ellas pertenço: não tenho mira commercial, nem destino scientifico; missão do ministerio, ou do instituto, ou do jardim das plantas... nem por sonhos. As minhas idêas pertencem-me a mim todas inteirinhas, e não pertencem senão a mim: não arrastro honrosos grilhões a bordo de uma prisão boiante, não tenho determinação já de antemão tomada, como os viajantes especiaes, que anteriormente á sua viagem ja sabem o que vão ver, e para os quaes cada objecto é a conclusão de um systema. Eu sou viajeiro de uma raça peculiar; sou esse homem vagamundo, todo composto de olhos e orelhas, que se appellida *girante* (touriste), sou o que caminha á ventura segundo lhe dá no capricho, e pára da mesma guisa seguindo os impulsos da phantasia; que por toda a parte vai procurando alimento para seus olhos e para o seu espirito, demora-se, se a seara é boa, se o não é, correndo dirige-se a outro logar: portanto sou *girante* (se com effeito sou alguma coisa) e reclamo os privilegios da minha profissão. O leitor assim o tenha intendido, e me siga se lhe aprouver seguir-me: eu o transporto commigo ao trigessimo grau de latitude, altura da Madeira, forrando-o á partida, á tempestade, e mesmo á descripção de Lisboa.

Estavamos portanto nos começos do mez de novembro sôbre as aguas d'aquelle ditoso mar, com um vento e uma temperatura taes, como se desejam a uma pessoa a quem se quer bem ao vêl-a desaferrar do porto; presentiamos os primeiros ardores do sol, e lobrigavamos a aurora dos tropicos.

A manhãn nos parecia amena, a tarde deliciosa. Á medida que a estrella polar declinava para o horisonte, affigurava-se á nossa imaginação que outro mundo ia assomar á nossa vista, mundo tão scismado, esperança tão prestes de se realizar! Ja sôbre a tolda do navio tinham cabido os primeiros voadores: os golfinhos faziam suas cabriolas na agua quasi tepida, e os nautilos inchavam suas conchas do sôpro do zephiro; o vento nos ia levando sem balanços, e nós nenhum empenho tinhamos de enxergar terra com brevidade; disposição de espirito rara e de curta duração nos que fendem as vagas do Oceano. Um apparecimento aprazivel e esperado se nos veio offerecer ao sudoeste; um pequeno ponto azulado assomou de manhan, e foi-se tornando maior durante o dia, e ao cahir da tarde se transformou em altos cimos cubertos de mato: tinha-

mos em frente a ilha da Madeira. Prazer grande sem dúvida era o de estar no mar alto nas circumstancias acima descriptas; mais deleitoso porém foi então o passar rezenha a uma costa elevada e bella, e entrever na illusão de uma curta distancia os objectos de que breve iriamos gosar de mais perto. Em casos taes todos os olhos estão abertos, não fica por servir oculo algum de longa mira, e o alvoroço dos passageiros enojam os maritimos, que devisam um perigo aonde os outros so acham motivo de folgança.

Veio abordar-nos um piloto portuguez, e tomou assento junto á canna do leme: cada um de nós lhe perguntava a que hora chegariamos?.... « Bem depressa » respondia elle com gravidade inalteravel. No entanto um sorriso quasi imperceptivel se deslisava pelos seus beiços: elle sabia mui bem que as mais das vezes o vento se faz escaço ao approximarem-se da terra os navios, e que antes de anoitecer seria forçoso mudar de rumo, e emmarar-se. Isto é o que se ve acontecer quasi constantemente com grande indignação dos passageiros novatos, que nunca deixam de assacar ao piloto o baldão de pussilamine.

Muito antes que raiasse o dia tinhamos de novo tomado a primeira derrota, e o sol que vinha surgindo se nos mostrou reflectido em mil facetas nas vidraças das casas do Funchal. Em todas as viagens escriptas pelos inglêzes ressumbra a admiração de que ficam tomados ao trocarem sem transicção seus marinhos alcantis pelo esplendido espectaculo que lhes offerece a Madeira. Aquelle que viu muitas coisas, e que por consequencia deixou em cada objecto uma certa dóse da sua facuidade de gosar, sente-a reviver em si ao chegar defronte da Madeira, e admira, mesmo comparando. Se alguma coisa ha que com difficuldade passe da memoria para o fallar e escrever, é sem dúvida a formusura dos objectos da natureza: a descripção d'elles, para quem a lê, será sempre uma figura de daguerrotypo; sem côr, sem realce de physionomia; as feições ficam, a alma esvaeceu-se.

A cidade do Funchal está edificada em uma enseada aberta, o que constitue metade da sua belléza. Nunca considerarei como cidades verdadeirament maritimas as que não tem diante de si senão um porto soturno e apertado, como Marselha e Leorne; ainda menos aquellas que em vez de mar tem unicamente maré, como Bordeos, Londres, Lisboa etc.; senão aquellas tão somente diante das quaes a agua azulada vem quebrar na praia em toda a sua extensão; aquellas que se erguem acima do immensuravel espaço e que banham seus pés na immensidade. Estas cidades de que ora fallo açoutadas pelas ondas sempre limpidas, logram-se aos primeiros e dos ultimos raios do sol; mas não podem estar em segurança contra o mar que as enfeita e ennobrece a não ser nas latitudes pacificas, em que as tormentas são raras e so rompem de um lado.

O Funchal está abrigado do vento oeste, unico que fôra temeroso; sua enseada semi-circular a protege tambem algum tanto do lado do norte e do sul; so está exposta á brisa de leste, quebrada e absorvida pelo Atlas e pelo areal de Africa — bastará em quanto ao porto — Agora fallarei da cidade — Consiste ella em uma reunião pouco compacta de casas caiadas de branco, semeadas sobre a encosta do monte, com plena vista para o mar, como as casas de campo da Provença, mas tão lindas e tão abrigadas quanto as nossas são escalvadas e pulvurulentas; simelha-se a um jardim alcatifado de flores e ornado de graciosos edificios; sendo para notar que este jardim, quasi vertical, tem uma legua de comprimento sobre um declive de sessenta degraus. Todas as casas estão como afogadas n'esta cascata de verdura; uma mostra apenas a ponta do nariz por entre as arvores fructiferas; outra mais recatada ainda, faz scintillar seus olhos debaixo da mantilha dos bosques. As egrejas com seus brancos muros e engraçadas torres, garridamente assentadas sôbre o plaino de pequenas eminencias, mais parecem sorrir-se que orar. Nada ha mais ameno, mais incantador, mais tranquillo, que ésta cidade campestre: parece desfructar o sol so para seu prazer, e não para incommodo e desconforto. Milhares de arroios com suave murmurio vem manando dos elevados cimos: na passagem das lymphas que assim se derivam fugitivas, cada jardim d'ellas aproveita uma veia, cada árvore d'ellas recebe seu quinhão, a cada flor fica pertencendo sua gota. A cidade, assim propriamente chamada, é o unico ponto menos bello que se encontra em tão bella paizagem: situado sobre os degraus mais baixos, e calçada com seixos pontudos, está edificada sem gôsto, sem architectura, sem regularidade. Não se acha nas ruas um so edificio que convide a olhal-o; nas egrejas um so quadro, um so baixo-relevo que não seja quasi barbaro; por toda a arte imagens de madeira incarnadas com vermelhão, e pessimas pinturas que fazem lembrar os paineis que os nossos parochos ruraes mandam fazer em Paris por cincoenta francos. Apezar d'isso o Funchal tem um ar prazenteiro e de bondade, que faz com que se lhe releve a feialdade. Participa tanto do campo que se lhe perdoa o não ter nada do que nós considerâmos como necessario a uma cidade.

Continúa.

(Victór de la Boulaye).

FR. LUIZ DE SOUSA — DRAMA. *

196 Na historia contemporanea do nosso theatro o drama 'Fr. Luiz de Sousa' fórma um capitulo muito importante. Annunciado como coisa de seu auctor, esperado portanto com anciedade; este bello drama não somente satisfez tudo quando se esperava do A. de *Catão*, de *Gil-Vicente*, do *Alfageme*, mas foi muito além, na opinião mais geralmente seguida.

A' sua primeira apparição foi no Conservatario Real onde, pela simples leitura, produziu no intelligente auditorio um effeito de arrebatar. Depois representou-se em um theatro particular, em que foram espectadores quanto ha de mais lusido na côrte. D'ahi a alguns mezes sahiu impresso, e so então é que se póde dizer cahiu no dominio do público.

A imprensa, que ja de antes começára, o examinou então mais largamente, fazendo-lhe insuspeitos e geraes elegios. Atravessou logo ésta immensa reputação o Atlantico, e pouco depois de impresso em Lisboa, 'Fr. Luiz de Sousa' era representado no Rio-

* Fr. Luiz de Sousa, drama em 3 actos por *J. B. de Almeida Garrett*, tomo III do seu theatro, e V da collecção geral das obras litterarias do mesmo auctor. — Lisboa na imprensa Nacional 1 vol. — Em casa da viuva Bertrand e filhos — Porto em casa de Moré — Coimbra em casa de Orfel.

de-Janeiro no meio do maior enthusiasmo; dois theatros d'aquella côrte rivalisavam ao mesmo tempo a qual o daria com mais esplendor, e entre os jornaes do imperio travou-se a respeito d'elle uma interessante polemica litteraria, que bem mostrou quanto era grande o interesse que excitára.

Naturalmente, e como devia ser, este echo da opinião brasileira reflectiu em Portugal, e deu nova popularidade a um drama que, por unanime consenso, foi reconhecido ter fixado o modêlo do genero entre nós, elevando a scena portugueza á altura das mais adiantadas na Europa.

Reflectiu, dizemos, em Portugal com muita força este echo de uma opinião tam insuspeita e desapaixonada, reflectiu em todos e em tudo — menos onde mais devia fazel-o, menos onde é muito de sentir não se ter feito — no nosso theatro. Sabemos que ja em França, em Inglaterra e Allemanha 'Fr. Luiz de Sousa' é conhecido e avaliado de muitos litteratos e pessoas de gôsto a quem não é extranha a nossa lingua; no Brasil é uma coisa popular, póde-se dizer, que recebeu carta da *grande-naturalisação*, e nenhum theatro, de Lisboa ainda tentou represental-o!

E no entanto, uma pobre companhia de actores ambulantes divaga pelas provincias do norte do reino, representando o 'Fr. Luiz de Sousa' no meio do enthusiasmo geral, que, apezar de suas deficiencias, sabe excitar com aquellas bellas scenas, com aquelles inimitaveis characteres tam verdadeiros, tam portuguezes, tam sublimes e ao mesmo tempo tam naturaes — com aquelle stylo que é perfeito e classico por isso que não é tirado dos classicos.

É inexplicavel este phenomeno, e não o commentâmos. Consignamol-o apenas.

ERRATA.

No numero anterior — Viagens na minha terra — o cap. é XIV e não XIII. — Na pag. 162, col. 1.ª, lin. 36: *dissemos* — lea-se: *disseras*. Ib. lin. 50: *mesmas* — lea-se: *minhas*. Ib. col. 2.ª lin. 5: não ha §; e o mesmo na lin. 32. Pag. 163, col. 1.ª, lin. 26: *iniquidade* — lea-se: *impiedade*. Ib. col. 2.ª, lin. 34: *derramado* — lea-se: — *derrancado*.

BIBLIOGRAPHIA.

GAZETA DOS TRIBUNAES.

197 Este interessante jornal, cuja especialidade é tão curioza como importante, começa hoje o quinto anno da sua publicação. Dirigido pelo habil jurisconsulto o Sr. Dr. Antonio Gil, seu redactor, teem sido as suas columnas um como repositorio de doutas consultas mui competentemente elaboradas. A par d'estas do seu digno redactor outras apparecem de eminentes jurisconsultos. E além d'estes a GAZETA costuma tambem ser illustrada com artigos do Sr. Silvestre Pinheiro.

Este jornal, pelo systema da sua redacção, não so é prestavel a todas as pessoas que teem dependencia do foro, mas tambem a toda a classe de leitores que n'elle podem achar, pela sua variedade, artigos cuja leitura lhes interesse a curiosidade, como melhor se verá do seu seguinte programa:

« A GAZETA conterá pois, como até aqui, na *sua integra toda a parte official*, maxime dizendo respeito ao fôro, *leis*, *decretos*, *instrucções e portarias de execução permanente*; e em *extracto* a demais toda *sem excepção de nenhuma*. E bem assim as *sentenças e accordãos mais notaveis*, *ou que estabeleçam aresto*, *que se proferirem nos differentes juizos e instancias do reino e ilhas*, de que a Redacção possa ter conhecimento: e outro sim os *articulados e allegações de direito* de algumas *causas mais celebres* e interessantes, e seu respectivo juizo ou analyse: convindo e podendo ser, *consultas de eminentes advogados*, e principalmente as *preciosissimas* da benemerita ASSOCIAÇÃO DOS ADVOGADOS DE LISBOA: *artigos de direito*, *e de correspondencia e polemica juridica*; *artigos de legislação inedita*; *resoluções de duvidas* aos ASSIGNANTES; *publicações juridicas*; *variedades*, ou *miscellanea juridica*; onde tem logar especialmente *causas de policia correccional* tanto nacionaes como extrangeiras, e finalmente *annuncios*.

A GAZETA CONTINUA A NÃO TER CÔR DE PARTIDO, E A SER INTEIRAMENTE EXTRANHA Á POLITICA.

A' similhança do que no 3.º anno se praticou, em breve se publicará o INDICE das materias contidas no volume do 4.º anno, e se distribuirá gratis aos srs. assignantes.

Publica-se ás segundas feiras, quartas, e sabbados. Vende-se, e subscreve-se por

Anno	6$400 réis.
Semestre	3$200 »
Trimestre	1$800 »
Avulso.	60 »
Annuncio por linha	40 »

no escriptorio da redacção, rua dos Fanqueiros n.º 82 — 1.º andar, aonde deve dirigir-se toda a correspondencia franca de porte. Recebe assignaturas — em Coimbra, o Sr. J. M. de Paula, na loja da imprensa da universidade — no Porto, o Sr. Francisco José Coutinho, administrador da imprensa commercial portuense — em Faro, o Sr. José Coelho de Carvalho — em Santarém, o Sr. José Mendes da Costa Pedrozo — em Angra, o Sr. Pedro Gonçalves Franco — em S. Miguel, o Sr. Sebastião Tudury — no Rio de Janeiro, os Srs. Sousa & Companhia — em Pernambuco, o Sr. Francisco Severiano Rebello e filho — no Maranhão, o Sr. João Gualberto da Costa — no Pará, os Srs. Francisco Gaudencio da Costa & Companhia.

TOPOGRAPHIA-MEDICA da cidade d'Angra do Heroismo — pelo Sr. *Dr. Nogueira* — 1845.

198 O Sr. Dr. *Nogueira*, que exerce a medecina na cida-

de d'Angra, capital da ilha Terceira, acaba de publicar a topographio-medica d'aquella localidade, a cuja leitura nos demos com avidez e curiosidade. — O A. comprehendeu a importancia da empresa, assim como a difficuldade de a desempenhar cabalmente, e não foi isso simples modestia, mas confissão ingenua, porque não cabe de certo nas limitadas forças de um só homem, ainda nos de esphera superior á do Sr. Dr. *Nogueira*, um trabalho tão arduo, tão vasto, e tão complexo. — Cremos que o A. prestou grande serviço á medicina, e particularmente aos angrenses, em lhes apresentar a *topographia-medica* do seu paiz, onde denuncia defeitos, e indica melhoramentos, que devem augmentar consideravelmente a salubridade de Angra do Heroismo, e que nós desejáramos ver postos em obra por toda a parte. — Oxalá que este exemplo seja seguido por todos os facultivos, cuja primeira obrigação é e deve ser o estudo e conhecimento do local em que clinicam. — *Scribo hoc in aere romano*, dizia *Baglivi*, como para indicar que cada paiz; assim como tem sua *fauna e sua flora*, tem tambem sua hygiena, e sua pathologia propria e peculiares. — Ainda quando a *topographia medica* de que fallâmos, fosse muito deficiente e incompleta, nem por isso desmereceria do conceito em que temos seu A.; mas ao contrario intendemos que alli se acham consideradas, mais ou menos, todas as partes de que se deve compôr um trabalho d'esta ordem; e se algumas carecem de mais amplo desinvolvimento, é isso devido aos muitos obstaculos que o A. encontrou, e á falta dos alimentos indispensaveis para obra tão vasta que põe em contribuição todos os ramos das sciencias naturaes, como se póde ver de cada uma das seis partes em que se acha dividida.

O Sr. Dr. *Nogueira* promette-nos a *topographia-medica* de toda a ilha, e para então esperâmos ficar satisfeitos a respeito de muitos pontos, apenas esboçados n'esta, principalmente pelo que toca á estatistica medica, ás molestias reinantes, á relação d'estas com o clima, e posição geographica da ilha etc.

A.

Annaes da ilha Terceira.

«Materia é ésta (dizia o nosso *Candido Lusitano*) que não nos convida a escrever, porque em nada nos soccorre a chronologia e a historia: ésta falta-nos com os successos, e aquella com os annos prefixos dos taes descobrimentos; e assim iremos com temor de tropeçar, e ás vezes sem tino, em quanto não sahirmos das ilhas dos Açôres.» Estas desagradaveis verdades impressionaram o *Sr. Francisco Ferreira Drumonde*, da ilha Terceira, cujo patriotismo muitas vezes o movêra a reler attentamente esse pouco que se acha impresso ácerca da sua ilha: e reconhecendo (como elle diz no seu prospecto) que *mui pouco nos legaram os nossos antepassados*, começou no anno de 1818 a recopilar todos os factos, que lhe pareceram interessantes; no intento de supprir quanto faltasse para complemento da *historia insulana*, empregando a maior assiduidade e perseverança nas suas investigações, assim nos archivos publicos como nos particulares, recebendo dos seus mais distinctos patricios coadjuvação e favor; o que muito lhes louvâmos.

Tendo o sr. *Drumonde* completado o circulo dos seus trabalhos, reunindo importantes documentos, e copioso cabedal de noticias, finalmente deu adquada classificação aos seus apontamentos, e sob o titulo de — *Annaes da ilha Terceira* — acaba de offerecer, e dedicar a *preciosa joia* das suas fadigas de vinte e sette annos, á benemerita e illustrada camara da cidade de Angra; pondo assim um patriotico remate á sua obra. E tanto o sr. *Drumonde* fazendo ésta generosa offrenda á sobredita camara, como ella mandando imprimir a expensas suas os referidos *Annaes*, deram todos um exemplo de fraternidade e patriotismo aos seus compatricios do archipelago açoriano.

E se nos é permittido que façamos o nosso *juizo critico* sobre os *Annaes da ilha Terceira*, pela experiencia que temos de outros trabalhos analogos; se as nossas locubrações sobre a Historia Ultramarina nos habilitam, e auctorisam a fallar d'estes assumptos; acreditem os nossos leitores, que os *Annaes da ilha Terceira* pelo Sr. F. F. *Drumonde* são dignos das suas assignaturas, e que com ellas prestaremos uma louvavel protecção a ésta empresa litteraria; que preencherá o grande vasio que se encontra na Historia da ilha Terceira. A Historia insulana do *Padre Cordeiro*, é uma rapsodia do noticioso inedito do Dr. *G. Fructuozo*. Este tracton circumstanciadamente da ilha Terceira, porém o seu compilador, sem descernimento, summariou a parte historica, occupando-se com mais interesse das *genealogias*, que elle ampliou com parcialidade. Os *Annaes da ilha Terceira* vem supprir as carencias, que se notam na *Historia insulana*, e facilitará a leitura de factos historicos que nem todos poderão ler no manuscripto do *Fructuoso;* cujo authographo está em poder do exm.º *visconde da Praia*, e o apographo na bibliotheca nacional de Lisboa. A *chorographia das ilhas dos Açores* na parte historica pouco diz, e no mais é em muitos logares *improvisadora*. Os *Annaes* de que tractâmos, vem rectificar datas e factos que alli não tiveram cabida. As diversas *memorias* que se hão publicado sôbre assumptos relativos á ilha Terceira, e mesmo as publicações periodicas, (em cujo número tem a primazia o *Annunciador da Terceira*, que foi o primeiro periodico litterario que sahiu dos prelos açorianos) com mesquinhez escreveram sôbre os assumptos historicos. Os *Annaes da ilha Terceira*, pelo sr. *Drumonde*, enriquecidos com documentos ineditos, satisfarão os que mais apreciam esse *oceanico marco*, *penhasco monumental da heroecidade açoriana*.

A obra constará de 2 vol. Assigna-se, a 480 réis por cada um, na rua Augusta, n.º 1.

D. J. Senna Freitas.

Bibliotheca Classica Portugueza ou Excerptos etc. — publicados por Castilhos (Antonio e José.)

Todos os amigos das lettras, que desejam sinceramente ver florescer, ou mais propriamente fallando, reflorescer, a bella lingua portugueza, tem considerado e consideram a publicação da *Bibliotheca Classica*, como uma empreza eminentemente patriotica, e como o serviço, mais relevante feito á causa da litteratura nacional, desde a epocha da gloriosa reacção em seu favor encetada por Filinto Elisio. De todos são conhecidas as quasi infindas lamentações d'este grande homem ácerca do desamor com que via ser tractado o formoso e rico idioma em que tão sublimes poesias compunha, e as acrimoniosas invectivas com que fustigava os sciolos mostravam te-lo em pouco preço, e mais ainda os escrevinhadores semi-barbaros que torpemente o adulteravam. Não receiem os leitores d'este artigo achar aqui repetidos em prosaicas desenxabidas phrases os queixumes e motejos que a tal respeito se encontram nos versos, não dulcisonos, mas por certo conceituosos e valentes do immortal cantor dos Novos Gamas. Fizemos menção d'este grande poeta, d'este illustrado critico, porque ao pagar o merecido tributo de louvor aos modernos campeões da lingua e litteratura nacional, teria sido falta de gratidão, injustiça, não recordar o nome de quem primeiro embocou a trombeta para excitar os animos á gloriosa lide, n'aqual elle mesmo mais que nenhum de seus contemporaneos, tanto se afadigou pelo espaço de mais de meio seculo, e com tão vantajosos resultados.

A *Bibliotheca Classica Portugueza* tem por objecto sustentar a mesma sagrada causa, e os seus editores acham-se repassados dos mesmos sentimentos que animaram o illustre desterrado, cujos ossos acabam de ser restituidos á patria a quem votára tão intranbavel affecto.

Fazer conhecer de todos quantos não ignoram os primeiros elementos das letras, o subido, mui subido preço da sua lingua materna; restituir-lhe (com melhoria) a sua antiga abastança, expurga-la de um sem numero de escusados peregrinismos; em uma palavra, revoca-la ao brilho de seus aureos dias; sem rejeitar, bem intendido, quanto possa contribuir para o seu novo e mais vivo esplendor; tal foi o constante empenho de Filinto; tal é o proposito d'estes herdeiros do seu zêlo, e continuadores da sua obra de restauração litteraria.

Mas qual o meio, ou os meios, perguntará talvez alguem, com que mais prestes e completamente se poderá conseguir fim tão justamente appetecido? Permita-se-nos indicar os tres que nos parecem mais adaptados a tão nobre intento O 1.º d'elles pertence exclusivamente ao govêrno, e consistiria em tornar *effectiramente* obrigatorio o estudo da lingua vernacula nas aulas públicas, e exigir como condição indispensavel para a admissão a qualquer emprego público, o conhecimento da grammatica portugueza com preferencia ao de qualquer

outra lingua, inclusa a latina. Uma recente e sábia providencia, a adopção de uma *selecta portugueza*, para uso das eschólas, faz-nos conceber a este respeito lisonjeiras esperanças.

O 2.º meio fôra (no nosso intender) a publicação de um diccionario completo, orthoepico e orthographico, similhante no plano aos da Crusca, da Academia Franceza, ou da Academia Hispanhola, e não em escala tão descommunal como o 1.º volume do da nossa Academia, que se fosse agora addicionado (como seria mister) e levado assim até á letra Z, ficaria sendo com effeito carga para muitos camellos.

A tarefa do diccionario, ardua, longa, improba, mas por isso mesmo tanto mais honrosa devera, na nossa opinião ser incumbida á Academia Real das Sciencias, pela obvia razão que, sem sahir do seu gremio, se achariam todas as luzes necessarias para a compilação de uma obra de tanto vulto, e porque uma corporação tão respeitavel possue a força moral que em taes casos quasi equivale á auctoridade de legislar.

Finalmente o 3.º meio de que nos havemos lembrado é o que primeiro que a nós lembrou aos Srs. Castilhos, isto é, facilitar ás mais acanhadas fortunas a leitura de tudo quanto mais interessante e mais bello se acha nas obras dos classicos e auctores de boa nota que escreveram na lingua portugueza.

O plano concebido pelos editores da *Bibliotheca Classica*, e de cuja execução já temos apreciaveis amostras nos 13 volumezinhos publicados, parece-nos satisfazer cabalmente a quanto podem razoavelmente exigir os litteratos, e os leitores mais difficeis de contentar. Sôbre a utilidade, em geral, da publicação de taes excerptos (pela primeira vez tentada entre nós) não será mister gastar muitas palavras.

Por uma parte a necessidade de ler os classicos para bem conhecer a lingua e formar o estylo; por outra parte a impossibilidade de ler as obras completas de todos elles, pelo subido preço de umas, e raridade de outras; são duas verdades de simples intuição.

A *Bibliotheca Classica* acode áquella necessidade; torna accessivel a todas as classes da sociedade o melhor dos bons auctores e o bom dos medianos; cerceia sobegidões, e poupa totalmente o tedio da leitura de passagens por qualquer principio pouco interessantes.

Honra portanto áquelles que conceberam e desinvolvem plano tão proficuo, e principalmente ao eximio poeta, ao elegante e florido prosador, que tendo inriquecido, e continuando a inriquecer a litteratura da sua patria com producções proprias, não se dedigna roubar consideravel parte do seu precioso tempo, para consagrá-lo a uma tarefa, não diremos *inglorio* (porque aqui tem cabimento o *in tenui labor at non tenuis gloria*) mas por certo de menos lustre por isso que incomparavelmente menos difficultosa!

Uma vantagem da *Bibliotheca Classica*, que será devidamente avaliada por todos os intendedores, é o incerrar curiosas noticias biographicas e observações criticas; umas e outras em pura e esmerada linguagem, ácerca dos differentes escriptores de que são sacados os excerptos; noticias e observações que além da sua importancia relativa, em dar a conhecer a vida e avaliar o merito de cada auctor que figura na nossa *Chrestomathia*, per si mesmas se tornam interessantes e recommendaveis por isso que são resultado de vasta erudição, solido juizo e apurado gôsto, producção emfim de penna tão primorosa.

Quanto á escolha dos auctores que devessem ser os primeiros a entrar na collecção, e mesmo quanto á selecção das passagens preferiveis, fôra absolutamente impossivel satisfazer a todos os gôstos. Sem condemnar os dos outros, diremos simplesmente que até agora tem-nos agradado a escolha que os editores fizeram. Começou-se por um escriptor, religioso, orthodoxo, mystico. Não vemos n'isso coisa que mereça censura. *Ab Jove principium.* Abundam no piedoso congregado narrações de milagres, lendas, que a critica menos severa recusa admittir como verdadeiras. No vol 7 da *Bibliotheca* acha-se tudo quanto sôbre tal objecto póde dizer-se, e pela melhor maneira porque podia dizer-se. Nós so accrescentaremos que nem era de presumir, nem tivera sido para desejar, que um poeta tão popular e religioso como o sr. Castilho, houvesse de frandar da parto, em certo modo romantica e poetica das obras do pio e mavioso Bernardes, os leitores dos seus excerptos.

Quem souber quanto era até agora difficil ler o Cancioneiro de Garcia de Rezende, não achará desacertada a lembrança de tornar geralmente conhecido o melhor d'aquella collecção, senão importante pelo intrinseco merecimento dos versos que contém, ao menos apreciavel sem dúvida por pertencer á epocha que disseramos *primordial* da nossa poesia, e de não pequena importancia para as indagações philologicas.

Relativamente á execução *material*, parece-nos que os assignantes da *Bibliotheca classica*, e o público em geral, não a podiam razoavelmente esperar melhor, attenta a consideração *capital* da modicidade do preço, e a limitada sahida das obras mais uteis é acreditadas em um paiz de tão pequena população e acanhados recursos, como o nosso Portugal. Em França fazem-se boas edições de classicos, chamadas *economicas*, cujos volumes custam um franco cada um; e outras muito inferiores cujos volumezinhos se vendem a 50 centimos (4 vintens); porém os editores de umas e outras contam a venda certa de 12,000 exemplares: 80,000 exemplares de uma edição *popular* das poesias de Schiller, feita em 1842 em Berlim (se a memoria nos não ingana) foram todos vendidos em menos de um anno! Por aqui se vê que os francezes e os allemães [e podemos tambem accrescentar os inglezes, e mesmo os italianos e os nossos visinhos hispanhoes] tem muito mais direito que nós a exigir primores typographicos. Fôra sem dúvida para desejar que collecção em si mesma tão interessante se recommendasse tambem por uma nitidez, e mesmo luxo de execução, correspondente ao seu intrinseco merecimento; e muito folgaramos de a ver impressa em optimo papel, e com os typos de Ibarra, de Bodoni, ou de Didot; mas é inutil cubiçar o que por ora está fóra do alcance de nossas tenues forças; console-nos por emquanto a lisonjeira perspectiva que desde já nos offerece uma emprezà litteraria de tão transcendente utilidade, e que tem sido acolhida com universal applauso. E' de esperar que n'um porvir não remoto, não so em todas as cidades e villas do reino, mas tambem nas aldêas mais notaveis, se possua e leia a *Bibliotheca Classica Portugueza*, e que d'ella sejam assignantes todas as camaras municipaes do reino, e possessões ultramarinas. Então, e talvez mesmo antes de se obter completamente um tal resultado, confiâmos que os editores poderão até n'esta parte accessoria e tão secundaria, realizar plenamente, para maior satisfação de todos sem excepção, os sinceros desejos que os animam de desempenhar tão nobre e util tarefa com a perfeição a que é possivel chegar em taes emprezas.

Praza ao ceo que ésta chegue a um tal grau de prosperidade, que ainda uma nova e nitida edição da *Bibliotheca* possa ser offerecida aos abastados e fastientos, que não costumam achar sabor nas iguarias mais exquisitas se éstas lhes não são ministradas em baixella de prata ou de porcellana preciosa.

A. J. Viale.

VARIEDADES.

TRASLADAÇÃO DOS OSSOS DE VASCO DA GAMA.

199 Sr. redactor da REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE. — Em 18 de dezembro de 1844, e 28 de março do corrente anno, pedi respeitosamente a Sua Magestade, a Rainha, pela secretaria d'Estado dos negocios do reino, em dois requerimentos, a trasladação dos restos mortaes do grande, sempre affamado e corajoso argonauta *D. Vasco da Gama*, do templo da invocação de Nossa-Senhora das Reliquias, do ex-convento (fundado em 1495) que foi dos religiosos carmelitas calçados da villa-da-Vidigueira, para a sumptuosa egreja de Sancta-Maria-de-Belem, monumento (e o primeiro da nossa invelhecida gloria que se offerece aos extrangeiros ao entrar no Tejo) d'elrei e senhor D. Manuel, erigido para perennal memoria do regresso da primeira viagem, em 29 de julho de 1499, do mesmo affamado *D. Vasco da Gama*; por ser mais ad-

quado que as cinzas d'este grande varão (propriedade nacional por justissimos titulos, e á qual ninguem mais pode disputar este direito) descancem junto ás do senhor D. Manuel, que o enviou á descoberta da India em 8 de julho de 1497; afim de que os sarcophagos do monarcha e do vassallo indiquem, aos que entrarem n'aquelle grandioso templo, o amor do rei recompensando o valor, e a lealdade do vassallo.

Os heroes não são como os outros homens; n'elles tambem é berço a sepultura: nascem para a vida da fama quando acabam para a vida da natureza.

Estes requerimentos se acham na secretaria d'Estado dos negocios do reino, ja informados pelo governador civil de Beja, empregado verdadeiramente portuguez, e presador de nossos illustres heroes; e como este benemerito funccionario me escrevesse ácerca do mesmo assumpto, e a sua carta seja de tanto interesse relativamente ao fim indicado, rogo a V. o obsequio de lhe dar publicidade no seu periodico, para o que lhe envio a cópia inclusa; e muito obrigado lhe ficará.

De V. etc.

Em 10 de settembro de 1845.

O Abbade Castro.

Copia a que se refere a carta supra.

Tenho a honra de accusar recebida a carta com que V. se dignou favorecer-me em data de 30 do mez findo; e muito do coração lhe agradeço as obsequiosas expressões que emprega, para testimunhar a satisfação que lhe causou o interesse que eu tenho tomado na trasladação dos ossos de D. Vasco da Gama.

Folgo muito de que V. tenha apreciado a boa vontade e zêlo com que me tenho consagrado a este serviço, em que tanto vai da glória nacional. Oxalá que o govêrno me dê promptamente as ordens necessarias para se levar a effeito o patriotico empenho em que V. lida, e tão singularmente characterisa o ânimo verdadeiramente portuguez de V. , a quem a patria deve mostrar-se agradecida. Comprehendi desde o principio o louvavel e illustrado intento de V. , e por isso me dediquei á sua execução, logo em chegando a ésta cidade, com todo o fervor que em minhas forças coube. Ja V. sabe o brutal vandalismo, e estupido desacato que uns poucos de barbaros fizeram na sepultura do nosso heroe; e posso asseverar-lhe que o dia em que fui presenciar aquella desagradavel scena, foi para mim de mui grande consternação, por vêr até que ponto tem chegado o descuido dos portuguezes em assumptos que tão de perto interessam a nossa glória.

Não é tanto da malvadez dos desalmados que devassaram a sepultura, que eu me queixo, como do abandono em que as auctoridades deixaram aquella campa desde que os frades sahiram do convento...

Mas deixando isto — rogo a V. que não cesse de instar o govêrno para que ultime a obra começada, e não se acobarde de gastar alguns *mil réis* n'uma empresa em que toda a nação deve tomar parte; e veja V. se me indica alguma lembrança que lhe occorra para tornar mais apparatosa a desejada trasladação.

Sou etc.

Beja 3 de maio de 1845.

José Silvestre Ribeiro.

CORREIO EXTANGEIRO.

---

200 Começam em Napoles os preparativos para o congresso scientifico, que se costuma celebrar na Italia, A presidencia do congresso foi offerecida ao marquez de Sanct'Angelo. O govêrno alugou o palacio de Villafranca, para dar banquetes e festas: todas as salas estão sumptuosamente adornadas. Ja teem chegado muitos sabios. O congresso durará 15 dias, de 20 de settembro a 5 de outubro. Nota-se extraordinario movimento pelas ruas de Napoles; parece que toda a população é chamada a tomar parte n'esta solemnidade scientifica. O rei mandou cunhar uma medalha para perpetuar a menoria da reunião d'este congresso na capital dos seus Estados.

As gazetas de Allemanha calculam que as despezas feitas com as festas que se executaram por occasião da visita que a rainha d'Inglaterra fez ao Rheno, subiram á enorme quantia de 5.000.000 f. Importando unicamente a verba musica em 400,000 f.

O rei dos francezes acaba de condecorar com a legião de honra a um official em disponabilidade chamado Kolembeski, de descendencia polaca, e que veiu para França com o rei Estanislau. Depois da morte d'aquelle principe, em 1766, entrou no serviço da França. Kolembeski tem 101 annos de edade, e 79 de activo serviço: assistiu a 29 combates entre os quaes se contam os da America, Hispanha, Italia, Allemanha, Brussia, Portugal, Russia e França. É o soldado mais antigo que conta o exercito francez.

Um terrivel incendio destroiu inteiramente a cidade de Tiflis, capital da Georgia (America.)

Acaba de se concluir o grande canal que une os rios Maine e Danubio. Este canal foi começado no tempo de Carlos Magno, mas ficou inteiramente abandonado até que o actual rei de Baviera o mandou concluir.

A Russia possue áctualmente no Baltico, uma nau de 120 peças, tres de 110, quinze de 84, doze de 74, trinta embarcações de 64 a 65, e 120 de menor lotação, entre as quaes se contam diversos vapores armados em guerra. No mar Preto tem, duas naus de 120, duas de 110, doze de 84, oito de 74, oito embarcações de 60; dez de 44; e mais 100 navios pequenos no mar Caspio e no mar Branco.

Como ja se disse na Revista, o celebre economista Blanqui foi commissionado pelo govêrno francez para investigar em Hispanha a exposição da industria, e o estado economico do paiz. M. Blanqui deu conta á Academia das Sciencias moraes e politicas das suas investigações. Segundo ésta conta, a industria dos nossos vizinhos progride optimamente, absorvendo ja grandes capitaes fornecidos pela Inglaterra e França. Setteeentos dos conventos abolidos converteram-se em fábricas. Ha n'alguns d'estes estabelecimentos machinas da força de oitenta cavallos. As fábricas de fiação de seda empregam de 800 a 900 operarios, e os seus productos egualam os dos paizes mais adiantados. A

agricultura está tambem em progresso. A instrucção é n'algumas partes satisfatoria: v. g. Barcelona, onde so a eschola de desenho conta 1,500 discipulos *de ambos os sexos*, é de noite illuminada a gaz, e sustentada a expensas do corpo commercial.

A 23 de d'agosto falleceu em Kiltearn um montanhez da Escocia com 115 annos. Poucos dias ainda antes do seu fallecimento gozava de robusta saude.

A 4 do passado perdeu a França um dos seus maiores homens, orador, escriptor, philosopho e Estadista — Royer Collard, que exerceu tamanha influencia nas ideas, nos homens, e nos acontecimentos da sua epocha.

Royer Collard, era advogado quando rebentou a revolução franceza. Republicano ardente fez parte da assemblea dos *quinhentos*; mas desgostoso dos excessos da republica ligou-se com os realistas, que não tardou a deixar tambem, e com elles a politica para se entregar exclusivamente ás lettras. Em 1811 foi nomeado professor de philosophia da eschola normal. Pela restauração, em 1814, foi nomeado administrador-geral da imprensa regia etc. Em 1819 fez parte da opposição, e em 1827 foi eleito pela academia franceza para o logar de Laplace, não tendo ainda publicado pela imprensa nem uma lettra.

Depois da revolução de julho foi constantemente deputado, mas so por duas vezes fallou na camara, até á sua morte.

As viagens dos soberanos continuam. A imperatriz da Russia, segundo se diz, vem visitar a Italia.

Segundo o ultimo recenseamento da Saxonia, 1843, tem este paiz 1,757,000 habitantes, quasi todos lutheranos.

Falla-se da invenção de uma imprensa magnetica, com a qual se póde imprimir quanto se deseja, em characteres communs. O inventor requer privilegio.

O congresso dos sabios, que se celebra em França annualmente, abriu-se em Reims, presidido pelo arcebispo d'esta cidade. A reunião compunha-se de mais de seiscentas pessoas, entre éstas muitos extrangeiros de distincção.

Parece que o rendimento do imposto sobre os baralhos de cartas tem tido agora consideravel augmento em França, o que se attribue ao excessivo desinvolvimento da paixão pelo jogo. Em 1830 rendeu este imposto apenas 50,000 francos, agora sobe a milhão e meio. So um frabricante de cartas pagou 50,000 francos, e d'antes pagava somente 15,000.

CORREIO NACIONAL.

---

201 Domingo (5) faz a sua abertura a praça de toiros d'Almada, com uma corrida e fogo de cores á noite — processo Osti.

Sabbado (4) será a primeira sessão solemne, da illustre associação dos advogados de Lisboa, no oitavo anno da sua existencia em que vae entrar. A oração, chamada d'abertura, será pronunciada pelo sr. dr. Izidoro Chaves. E' presidente o sr. dr. Silveira da Motta, e primeiro-secretario o sr. dr. Silva Abranches.

No dia 6 do corrente começa a exposição triennal da academia das Bellas-Artes do Porto.

No dia 29 do corrente ha de abrir-se na cidade do Porto um estabelecimento, que muito honra a philantropia de seus habitantes. — E' um asylo de mendicidade para sessenta pessoas. Possa este benemerito exemplo da segunda capital do reino, ser imitado pelas outras cidades das provincias.

Por portaria de 22 do passado, foi elogiado o subdirector e mais empregados da alfandega da Pedreneira, pelo prompto auxilio com que salvaram as vidas da tripulação da barca *Conceição-Nova*, e a sua carga e casco, do naufragio a que esteve a ponto de succumbir.

Por portaria de 22 do passado, se promovem, e recommendam ao patriarcha de Lisboa, os trabalhos preparatorios para a divisão 'união e suppressão' das parochias do reino, e melhor divisão e arredondamento de Lisboa.

As ultimas noticias da Madeira são satisfatorias. Continuam n'aquella fertil ilha os melhoramentos materiaes, e a junta geral do districto preparava uma consulta para subir ao governo de S. M. mostrando a necessidade de certas providencias, que supplica; entre outras, pede a junta a livre cultura da planta do tabaço. Lembrâmos ás respectivas juntas das ilhas dos Açores, hajam de representar sobre este mesmo objecto, porque esta planta é espontanea no seu solo, e grandes vantagens lhes poderiam vir da sua livre cultura. Em geral o exemplo da junta-geral de districto, da ilha da Madeira, é applicavel não só aos Açores, mas a todas as juntas-geraes de districto. Assim elle seja imitado.

A cidade do Funchal exportou no 1.° semestre d'este anno 4,219 pipas de vinho.

Aviso ao commercio portuguez. A colheita de cereaes, foi este anno má em toda a parte: entre nós mesmo não é boa, mas na Belgica é onde a sua escacez se tem feito principalmente sentir. Pela carta de lei de 5 do passado se mandou abrir os portos da Belgica, a todos os cereaes e batatas extrangeiras; sendo este ultimo genero principalmente o de maior urgencia.

A caixa economica da companhia *Confiança-nacional* recebeu 5:624$350 réis, restituiu 1:304$008 réis, e teve 10 depositantes novos, na semana finda em 27 de settembro.

O 'Cosmopolita' faz menção de uma morte, attribuida á charlatanisse de uma *curandeira*, applicada á cura da morphea. As queixas d'esta perigosa classe de charlatães, são muito communs, e parece-nos conveniente que as auctoridades observem a este respeito a mais escrupulosa vigilancia.

CONHECIMENTOS UTEIS.

OBRAS PUBLICAS.

202 Diz-se que a 'Companhia das Obras-publicas' tomára a seu serviço um habil ingenheiro extrangeiro, e que tem empregado tambem alguns distinctos ingenheiros portuguezes: falla-se n'um plano de admissão de outros individuos que reunam á sua capacidade os estudos especiaes, indispensaveis; e tambem se falla de trabalhos que vão começar em grande escalla. Affirma-se que effectivamente continúa a estrada de Lisboa ao Porto. Mas a obra das estradas do Minho, e, segundo vemos pelos annuncios, a de Lisboa a Torres-Vedras, são, ao que me parece, as unicas obras que ao presente se podem julgar em andamento.

Não sei se o tempo da duração da Companhia comportava maior actividade, nem mesmo estou habilitado para saber os preparativos que faz, e se o desinvolvimento d'elles será tal que embargue por uma vez todas as observações que a esse respeito se teem feito. Dois, principalmente, são os meus fins: o primeiro, chamar a attenção sôbre a inscripção que se vai fazer de trabalhadores na Estremadura, para que n'esta provincia não succeda o mesmo que na do Minho; segundo, fazer observar quanto conviria, á Companhia mesma, dar toda a publicidade possivel a todos os seus actos, que não implicassem com os seus interesses — ja se vê.

A 'Companhia das Obras-publicas' não é uma Companhia ordinaria cuja gerencia de fundos interesse somente os seus accionistas, e que a ninguem mais tenha que dar contas; a 'Companhia das Obras-publicas' é gerente de consideraveis fundos da nação, e a acção do seu podêr importa a todo o paiz, toca mediata ou immediatamente todos os interesses publicos. Uma immensa responsabilidade pésa sôbre ésta Companhia, de que ella, sem dúvida, se desempenhará mui satisfatoriamente, mas da qual em todos os circulos, particular e publicamente, se lhe estão todos os dias pedindo contas. Desde a sua instituição tem ella sido alvo de exaggerados encomios e não menos exaggeradas censuras: para uns ha de ella felicitar o paiz com uma vara magica de portentosa prosperidade; para outros nada mais é do que a agiotagem a locupletar-se, o exclusivismo do monopolio. Nem uns nem outros teem razão. Os que encarecem os beneficios fazem mal á Companhia porque ella não póde justificar todas as suas brilhantes promessas; os outros ainda peior lhe fazem incutindo uma desconfiança a que a sua mesma consciencia lhes deve repugnar como desastrosa aos interesses dos associados e nociva para o paiz.

No emtanto a 'Companhia' evitaria tudo quanto incompetentemente d'ella se tem dito ou haja de dizer — e havia de apresentar-se nobremente ao paiz, se com franqueza désse publicidade aos seus actos, se não figurasse mysterio o que ella mesma tem interesse em que o não seja — e que na realidade não é, porque ao cabo tudo isso se vem a fazer publicamente e cahe no dominio público.

Infelizmente, em Portugal a carencia de publicidade é quasi absoluta em todas as coisas. Não porque não haja sufficiente número de jornaes, mas porque estes vivem mais das noticias diversas — algumas bem indevidamente copiadas, dos jornaes extrangeiros, do que se occupam de participar e moralisar o que se passa no paiz. Mas ha ainda outra causa, que é talvez a efficiente d'esta grande lacuna do nosso jornalismo — é o deleixo, e por vezes a má vontade das pessoas, repartições ou sociedades, a quem mais importava promover e procurar essa publicidade. Não é raro acontecer — quem sabe se a Revista o terá ja feito, apezar de toda a prudencia que n'esse ponto emprégo — não será raro acontecer escrever-se infundadamente, aventurar-se uma injustiça, formar-se um falso juizo, em razão da falta de publicidade dos elementos no assumpto de que se tracta.

Não so não ha dados statisticos officiaes para estabelecer uma analyse, ou servirem de thema a uma discussão e de ponto de partida para as ideas, em quasi todos os objectos economicos, administrativos etc., etc.; mas nada se usa tambem communicar do que succede, mesmo em proveito commum do paiz. É inconcebivel mas é verdadeiro.

A 'Companhia das Obras-publicas,' acho eu, obraria pois muito conveniente, nobre e illustradamente, dando este exemplo de publicidade, patenteando toda a generosidade das suas vistas, e manifestando assim a sua deferencia para com a opinião pública.

Quando se tracta de gerir e applicar os fundos da nação, quando ha uma grandiosa missão a desempenhar, a simples approvação so da consciencia não basta; é mister tambem, e por todos os modos se deve grangear, a approvação pública. Embora a Companhia esteja forte na consciencia do optimismo mesmo dos seus actos, embora dê conta de todos elles ao govêrno; acima de um e outro d'estes juizes — de todos os juizes — está a opinião pública. O proprio govêrno é o primeiro a dar o exemplo e a reconhecer ésta doutrina, de que não se póde sahir n'um paiz regido constitucionalmente. O govêrno tem obrigação de apresentar no parlamento as contas da sua gerencia, e o govêrno publica alem d'isso na folha official, todos os mezes, as contas geraes e particulares de cada ministerio; e, diariamente, os diplomas das providencias que toma para administração do paiz. Ésta publicidade nos govêrnos constitucionaes, repito, não é so uma necessidade de dar conhecimento dos actos governativos a quem elles importam, havia para isso muitos outros meios, é mais que tudo uma homenagem prestada á nação que contribue para a administração do Estado, e tem consequentemente direito a saber como essa administração se pratica.

Não é censura. Parece-me não haver por emquanto razões para infringil-a. E' um effeito da convicção da conveniencia de se praticar assim, e porventura os desejos de fazer serviços a uma instituição de que podem provir incalculaveis proveitos para o paiz, que me incitou a fallar n'este ponto; e não terminarei ainda sem chamar a attenção da Companhia para o annuncio feito pelos lavradores do Douro. A gente empregada nas estradas, fez escacear os braços nos trabalhos agricolas. Não obstante o mau estado, pelo lado pecuniario, d'esta industria actualmente, e serem esses trabalhos ja excessivamente pagos, assim mesmo os lavradores teem-se visto na precisão de offerecerem maiores jornaes, e quasi sem resultado.

Este ponto é sério e muito sério. Já no n.° 2 e ainda no 4.° da Revista, alguma coisa disse sobre elle; por ter antevisto este resultado, que de modo al-

gum era difficil de prever. Figura-se-me que haveria meios, pelo menos de attenuar, este roubo do braços á agricultura. Por essa occasião lembrei alguns, os outros poderiam ainda lembrar. O tempo dos trabalhos ararios chega: a colheita foi má este anno: no districto do Porto, até se fazem praces para alcançar tempo propicio: n'estas circumstancias, uma falta de cultura seria das mais funestas consequencias.

Os interesses de um Estado incadeam-se e tocam-se todos; deixar uns por outros é gravissimo êrro. Todos merecem igual solicitude; todos necessitam a mesma attenção. Por Deus sejamos cautellosos e prudentes em objectos de tamanha gravidade! Por melhor que seja uma concepção, a execução d'ella póde tornal-a pessima. Ora, é possivel que na provincia da Estremadura, venha ainda a acontecer peior que na do Minho. A provincia do Minho, não só é a mais povoada de Portugal, mas em relação ao territorio, tem mais do triplo dos habitantes da Estremadura. Já se vê pois que sendo a superficie d'esta provincia quasi quatro vezes maior que a do Minho, e tendo menor numero de habitantes, ha na Extremadura maior somma de trabalho, e menor somma de braços; e se aos novos trabalhos que vão imprehender-se, ajuntar-mos os que estão em andamento da valla d'Azambuja, que emprega obra de 2,000 operarios: bem se conhecerá com quanta prudencia se necessita de fazer a inscripção de trabalhadores para a estrada de Torres, especialmente na quadra em que vamos entrar — em que devem começar os trabalhos agricolas, e mormente se entrar em trabalhos a estrada do Porto!

Não sería pois mais conveniente talvez, repartir os trabalhos por todas as provincias do reino promiscuamente, em vez de os centralizar n'uma ou duas provincias? Não sería isto mesmo, porventura, mais vantajoso para as mesmas communicações que se pretendem estabelecer? Pois em quanto na provincia da Estremadúra se trabalha na canalisação do Tejo, e em duas estradas importantes, afóra as obras que se vão intentar em Lisboa, e não sei que outras em projecto, que absorverão quantos braços a ellas possam concorrer; estarão as outras provincias todas, principalmente a populosa Beira, sem emprego a seus habitantes, sem começo de nenhuma obra de communicação, que ainda mais necessaria lhes é, especialmente ao Alemtejo; em quanto que para ellas pagam tanto e ao mesmo tempo que as outras? Reparta-se igualmente o bem e o mal por todos os habitantes do paiz, quando isso é possivel; e no caso em que estámos, ninguem negará que não seja possivel, mas até util e conveniente.

Por outra parte, não será acertado aproveitar todos ou alguns dos meios já lembrados, para procurar braços para as obras-publicas? Pois hade-se fazer a inscripção só dos homens activos, que buscam o trabalho onde mais conta lhe faz, divertil-os assim dos trabalhos agricolas, e deixam-se os vadios e os mendigos, continuar na preguiça incommodativa e perigosa em que existem. Uma grande parte dos leitores não suppõe siquer o número d'esses vagabundos, que transitam pelas estradas e aldeias, sendo pesados aos habitantes e fazendo de ratoneiros sempre que podem? Os presos, os asylados, e exercito mesmo, não podem fornecer trabalhadores? Centos de cada classe fazem milhares. Sáia-se uma vez, ao menos para ensaio, do tamrão dos nossos antigos habitos. Projectos novos, provócam novos meios de execução; concepções grandiosas, demandam tambem grandiosos meios de as pôr em pratica.

MANGUEIRAS DAS BOMBAS.

203. As mangueiras feitas de fio de canhamo ou de linho, são muito mais solidas e duraveis do que as de coiro, especialmente quando ha cuidado de as alcatroar ou untar com oleo hemidefugo, fundindo com estes ingredientes uma decima parte de sebo. O custo d'éstas mangueiras é menor quasi metade do que as de coiro, e decerto resultará uma não pequena economia se as preferirem para uso das bombas dos incendios.

O govèrno Belga ja deu a preferencia a éstas mangueiras, ordenando que fossem empregadas em todos os navios do Estado.

(*Dict. des Ménag.*)

INSTRUCÇÃO E POLICIA MEDICA EM PORTUGAL.

204. Por muito tempo foi Portugal mero expectador dos progressos que em toda a Europa faziam diariamente as sciencias e as artes. As associações que por la concorriam para o desinvolvimento da industria e para gôsto da instrucção, por ca ou se não criavam ou não prosperavam. Assim os diversos homens especiaes, isolados e sem protecção, não avançavam um passo no exercicio de suas profissões; e em resultado o paiz não se tirava do estado de atrazo em que todos ainda o conhecemos. Chegou porem um dia em que os portuguezes conhecendo quão grande é a fôrça e o poder dos homens quando associados, se deliberaram a installar sociedades, com o fim de protegerem e fomentarem as sciencias e as artes. E com effeito algumas d'ellas produsiram taes fructos, que alem de melhorarem o ramo a que pertenciam, serviram de incentivo para que taes instituições se generalisassem, creando-se associações em quasi todos os ramos scientificos e industriaes, que postoque hoje vão deixando pela maior parte de fructificar, como a principio, e de terem vida tão activa como é mister; comtudo não se podem dizer mortas ou extinctas.

É necessario pois para não retrogradarmes, não perder o que tanto custou a alcançar; e se os interesses pessoaes, que resultam do augmento dos diversos ramos a que cada um de nós pertence, não serve de incentivo para nos tornarmos activos em animar taes instituições, sirva-nos de estimulo o exemplo dos extrangeiros a quem em tantas coisas, ás vezes bem pouco boas, desejâmos evitar, para não deixarmos de sustentar as sociedades scientificas, que devem ingrandecer o paiz em instrucção, e enriquecel-o em bens.

Olhe-se para a nobre corporação medica de França, que não deixa de empregar todos os meios de conservar seus direitos e augmentar sua instrucção; veja-se como os pharmaceuticos francezes concorrem para elevar sua importante classe ao nivel dos outros ramos da grande familia medica; em quanto que nós dormimos a somno solto na presença de uma falta quasi absoluta de fiscalisação, que reprima os abusos que quotidianamente se commettem no exercicio da arte de curar — na falta de uma eschola de pharmacia, onde os alumnos pharmaceuticos vão utilmente ap-

plicar um precioso tempo — e á vista de uma aluvião espantosa de más lojas, denominadas *drogarias e herbolarios*, a ministrarem toda a especie de medicamento e venenos.

La estão os zelosos francezes formando um congresso medico, para o qual são convidados todos os doutores em medicina e cirurgia, e os pharmaceuticos e medicos veterenarios; e cuja abertura deve ter logar em Paris no primeiro do proximo novembro. Uma commissão permanente do congresso medico se acha em exercicio, tendo sido nomeada pelos delegados, que para isso foram nomeados por todas as sociedades dos differentes ramos da medicina; figuram n'ésta commissão os nomes mais respeitaveis d'entre os sabios francezes. No aviso convocatorio para o referido dia, declara a commissão que o congresso medico tem por fim discutir o programma das questões relativas á organisação do ensino e exercicio da medicina, pharmacia e arte veterinaria; depois do que se organisará uma proposta de lei, que deve ser entregue aos ministros competentes de instrucção publica e agricultura e commercio, e aos pares e deputados, para que convertendo-a em lei fiquem satisfeitos os seus votos.

São grandes e importantes todas as questões que apparecem exaradas no programma que deve regular o congresso medico: dizem ellas igualmente respeito aos tres ramos de medicina e á arte veterinaria: em referencia a cada um d'elles apparecem pontos importantes, que nós deveriamos aproveitar a fim de melhorar certas circumstancias que entre nós se dão nos que professam a nobre arte de curar.

É necessario e mesmo indispensavel que se exija dos que pertenderem exercer qualquer dos ramos da medicina, uma somma de conhecimentos theoricos, que abone seu saber e capacidade, para o exercicio de uma profissão, a que continuamente se entregam não só a vida dos infelizes pacientes, victimas de doença, mas tambem a sorte de familias inteiras, que muitas vezes podem soffrer mudanças essenciaes na sua posição social, motivadas pela decizão de qualquer causa de medicina legal a que sejam sujeitas; mas tambem é necessario que a par d'estes conhecimentos lhes sejam garantidos interesses e meios que lhe segurem uma independencia absoluta, para que a necessidade os não leve á corrupção.

É por isso que o congresso medico de Paris, tem de se occupar da discussão de questões que todas tem por fim augmentarem a sabedoria e a independencia dos congregados: taes são os fins d'aquella reunião; que oxalá servisse de exemplo e incentivo aos medicos, cirurgiões e pharmaceuticos portuguezes, para incessantemente representarem a necessidade de reformar e melhorar as leis de instrucção e policia medica, que tanto carecem de ser postas a par das que existem nas nações mais cultas da Europa.

Lisboa 30 de settembro de 1845.

José Tedeschi.

EMPREGO DO OLEO DE CROTON TIGLIUM CONTRA A COLICA DOS PINTORES, (COLICA SATURNINA.)

205 Mr. Danier, medico no hospital de Tolosa, acaba de publicar, no jornal medico d'aquella cidade, os resultados colhidos de suas observações no que diz respeito ao emprego d'este oleo. — Em mais de 20 casos de colica, viu dessapparecer promptamente todos os seus symptomas com a prescripção do oleo, da maneira seguinte:

Oleo de croton-Tiglium, duas gottas em uma colhér de xarope gommado; pela manhan, e uma gotta de tarde; dous a tres dias de uso d'ésta medicação basta para total desapparição do mal.

(Trad. do J. de Pharmacie et de chimie, de julho de 1845 — Communicado. —)

VERBENA.

(Remedio contra as sesões e obstrucções).

206 Vendo eu que na Revista n.° 9, no artigo 115, se fez conhecer a *herva turda*, que cura hydropisias, como a experiencia tem mostrado, e que tem sido muito e muito procurada por toda a parte; e inferindo d'ahi haver muitos doentes que padecem de tão perigosa molestia, e sabendo que uma grande parte das hydropisias é filha de obstrucções, e effeito das grandes febres de sesões abandonadas; julgo de grande utilidade patentear um remedio facil, com que se curam as obstrucções por virtude de uma planta, que cresce espontaneamente em Portugal, nos terrenos fortes, e até inculta, qual é a verbena, mui conhecida do povo portuguez pelos nomes de Urgebão, Vergebão, Orjavão, Orgevão e Argebento, em grande parte da Beira.

Esta planta é annual; cresce de ordinario até dous pés de altura; lança umas asteas angulosas, felpudas, ramosas, e algumas vezes tirantes a vermelho; as suas folhas são estreitas, compridinhas, rugosas, e muito recortadas; as suas flores, que sahem de umas espigas delgadas e compridas, são ora azues, ora brancas; e a sua raiz tem algumas fibras, e é um tanto amargosa.

Foi esta planta conhecida na mais remota antiguidade. Os gregos lhe chamavam Hierobotane, que val o mesmo que herva sancta, herva milagrosa; e até d'ella usavam para muitas das suas superstições. Os romanos, segundo Marianno Jurisconsulto, coroavam com ella os seus embaixadores, para em as nações extranhas não serem offendidos, e concluirem melhor seus negocios; e segundo Dioscorides, que lhe chamava Peristerion, os antigos se untavam todos com ella para sararem suas infermidades.

Por isso ella se cultivava em o proprio capitolio, que os romanos tinham por sagrado; e se achava alli n'um altar privativo, de que Terencio recommendava o uso — Ex ara hinc sume verbenas tibi — Fallam d'ella Cicero e Plinio; e diz Tito Livio, que os *Patres Patrati* e sacerdotes romanos, se coroavam sempre de verbena, quando denunciavam paz ou guerra, para o bom successo de uma e outra. Já lá vão os gregos e os romanos; seccaram-se os laureis do Eurotas; abateu-se o proprio capitolio com as superstições de ambos; mas a sua planta mimosa, e tão acreditada, despresando as irrupções dos barbaros, o furor dos conquistadores, e até a queda das lettras, e suffocação dos conhecimentos humanos, tem vencido os tempos, e conservado a sua reputação de modo, que ainda hoje as Ferrarezas, como diz Gaspar Barreiros na sua Corographia pag. 15 v. em dia de San' João Raptista e da Assumpção de Nossa-Senhora, se coroam d'ella, crendo que por todo aquelle anno

não terão mais dores de costas, nem de cabeça. — Curvo, nas Observações medic. pag. 58 diz, que a Verbena trazida ao pescoço, e renovada cada oito dias, cura as alporcas, por uma virtude occulta. O A. da Recopilação de Cirurgia pag. 287 diz, que ella solda as feridas; e graves AA. lhe descobrem as virtudes de — incesiva, attenuante, cephalica, vulneraria, resolutiva, e aperitiva; que augmenta o leite nas amas de criar; attenua a pedra dos rins, e da bexiga; tira a dor dos pleurizes, pondo-lha pisada em cima; e que a sua raiz, detendo-se na bocca, abranda as dores de dentes, e conforta as gengivas, e dentes soltos — Grislei, Desenganos, pag. 132 v.

Estando eu em o logar do Telhado, proximo da Villa do Fundão na Beira, desde 1834 até 1840, tractei alli com José Antonio Sobral de Figueiredo, da dicta villa, e honrado velho, o qual me disse que já desamparado dos medicos, se tinha curado de uma obstrucção teimosa, e o mais mortificadora possivel, com uma receita occulta, que lhe franquearam já quando a obstrucção lhe tomava quasi todo o ventre; e que depois, gratuitamente a tinha ensinado a muitos doentes da mesma molestia, e que se curaram todos tambem. Examinei estes factos, e achei-os certos; pelo que lhe pedi a receita que tenho ensinado a muitos doentes, que igulmente se tem curado, e é a seguinte.... «Depois de bem fritas em dois terços de um quartilho de azeite doce bom, 9 ou 10 enxundias de galinha, e tiradas as pelles; frege-se no azeite que fica, um bom punhado de raminhos tenros e folhas de Verbena, até que apertados os pausinhos d'elles entre os dedos police e indice da mão direita, estalem de modo que se ouça: tiram-se estes então, e se lança dentro do azeite um pedacinho de cêra, para dar-lhe consistencia de lenimento: com o que fica prompto o remedio....

Faz-se uso d'este remedio, esfregando tres ou quatro vezes com a palma da mão untada n'elle, até se enxugar, porém de modo que não offenda a parte obstruida. Cobre-se então com um papel pardo quente; sobre este se põe um panno de linho perfumado em alfazema, e sobre este um panno de lan, que abrigue a parte inferma; e assim se deve conservar por quinze dias. Em outros tantos e successivos, se devem praticar pela manhan e á noite as dictas esfregações com as mesmas cautellas, e no fim não haverão restos da molestia.

Assim o vi praticar na Beira, e tem acontecido a todos os doentes, aque por charidade o tenho ensinado depois de sahir d'alli; sendo o ultimo o encarregado da Casa-da-Guarda em Villa-Nova-da-Rainha; e o está usando tambem um filho do mesmo, que padecia obstrucções terriveis, e a quem o ensinei.

Taes são as virtudes da utilissima verbena. A razão dos effeitos d'ella podem conhecel-a os facultativos. Gose a humanidade os seus beneficios; e para que não ignore os meios, queira V. dar-lhe no seu acreditadissimo jornal, a publicidade que lhe parecer conveniente.

Torres-Vedras 4 de outubro de 1845.

J. P. de Lima.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO XVI.

Saibâmos da vida do frade. — Era franciscano porquê? — Dos antigos e dos novos martyres. — Alguns particulares de Fr. Diniz antes e depois de ser frade. — Emigração. — Explicação incompleta. — De como a velha tinha perdido a vista e Joanninha o riso. — Sexta feira dia aziago.

207 Saibamos alguma coisa da vida do frade, da sua vida no seculo, porque a do claustro era nua e nulla, monotona e singela como a temos visto.

Chamava-se elle no seculo Diniz de Atahide, e seguíra a carreira das armas primeiro, depois a das lettras. Com distincção, e quasi com paixão, tomára parte na campanha da Peninsula, e a fizera quasi toda; mas desgostoso do serviço ou despreoccupado da glória militar, entrou na magistratura para que estava habilitado, e em 1825, do logar de corregedor do Ribatejo, em que já fôra recondusido, devia passar á casa do Porto.

Foi a Lisboa receber o seu despacho, beijou a mão a elrei, e d'ahi tomou um dia o caminho de Santarem, chegou áquella villa, deixou criados e cavallos na estalagem, e foi tocar á campa da portaria de San'Francisco.

Os criados esperaram em vão muitos dias: elle não voltou.

Desappareceu do mundo Diniz de Atahide, e d'alli a dous annos appareceu Fr. Diniz da Cruz, o frade mais austero e o prégador mais eloquente d'aquella ordem. Raro prégava, e so de doutrina; mas era uma torrente de vehemencia, uma uncção, uma força!..

Dos institutos monasticos, ja então bem decahidos todos de esplendor e reputação, a ordem de San'Francisco era talvez a que mais descêra no conceito público. Quanto mais austera é a regra, tanto mais se nota qualquer relaxação nos que a professam: a dos franciscanos tinha-se feito proverbial e popular. Elles eram tantos por toda a parte e tam conversantes com todas as classes; familiarisára-se por tal modo o povo com o aspecto d'aquellas mortalhas negras — aspecto ja não severo, e apenas deixou de o ser — ridiculo... e ellas appareciam em taes logares, a taes horas, por tal modo... que todo o respeito, toda a estima, toda a consideração se lhe perdera. Escriptores, ja os não tinham, prégadores poucos e sem reputação: era a religião mais humilhada na geral decadencia das ordens.

Fr. Diniz procurou-a por isso mesmo. Queria ser frade, o frade despresado e apupado do seculo desenove.

Em certos animos é preciso muito mais valor e enthusiasmo para procurar este martyrio, do que fôra nos antigos tempos para ir ao incontro das nobres perseguições do sangue e do fogo.

Luctava-se com honra então, cahia-se com gloria, vencia-se muitas vezes morrendo...

Agora é soffrer só.

O mundo applaudia aquelles grandes sacrificios, e assistia com interêsse, com admiração, com espanto áquelles combates gigantescos. E o tyranno tremia diante da sua victima... quando lhe não cahia aos pés vencido, convertido e penitente...

Hoje o povo passa e ri, os reis cuidam de outra coisa, e a mesma Egreja não sabe que tem martyres.

'Pois tem-n'os' dizia Fr. Diniz 'e precisa mais d'elles para se regenerar, do que ja precisou para fundar-se.'

Eis aqui porque Diniz d'Atahide não quiz ser bento, nem jeronymo, nem cartucho, e se foi metter frade franciscano.

De todos os seus bens, que eram consideraveis, tirou apenas a modica somma de dinheiro que era necessaria para pagar o dote e piso de sua entrada no convento. Do resto fez doação inteira a D. Francisca Joanna — a velha hoje cega e decrepita, que no principio d'esta historia encontrámos dobando á sua porta na casa do valle.

A velha não tinha mais familia, que um neto e uma neta.

A neta era Joanninha, filha unica de seu unico filho varão, e ja orphan de pae e de mãe.

O neto, orpham tambem, nascêra posthumo, e custára a vida a sua mãe, filha querida e predilecta da velha.

Antes da splendida doação de Fr. Diniz, a familia, que era de boa e honrada descendencia, podia dizer-se pobre, depois viviam remediadamente. Mas a velha não quiz nunca sahir do modesto estado em que atélli vivêra. Tinham fartura de pão, azeite e vinho de suas lavras; corria-lhe com ellas um criado velho de confiança; trajavam e tractavam-se como gente mean, mas independente.

Em tempos mais antigos e em vida dos dous filhos de D. Francisca, Fr. Diniz, então Diniz d'Atahide e corregedor da commarca, frequentára bastante aquella casa. Desde a morte do filho e do genro, que ambos pereceram desastradamente n'um dia crusando o Tejo n'um saveiro em occasião de grande cheia, elle nunca mais la tornára.

Até que se metteu frade, e que passaram annos e que o fiseram guardião do seu convento.

Ja a nora e a filha da velha tinham morrido tambem.

E foi notavel que na mesma hora em que Fr. Diniz professava em San' Francisco de Santarem, vestia D. Francisca aquella tunica roxa que nunca mais largou.

Mas um dia, chegou Fr. Diniz á porta da casa do valle e disse:

— 'Deus seja n'esta casa!'

A velha estremeceu, mas tornou logo a si, fez sahir as crianças que brincavam ao pé d'ella, fechou-se com o frade, e fallaram baixo um dia inteiro. Rezaram e choraram, que tudo se ouviu; mas o que disseram e conversaram nunca se soube.

O frade foi-se ao anoitecer, a velha ficou rezando e chorando, e rezou e chorou toda a noite.

Isto fôra n'uma sexta feira; d'ahi por diante em todas as sexta-feiras de cada semana, Fr. Diniz vinha passar algumas horas com a velha.

Não era seu confessor, mas dirigia-a como se o fosse, em tudo e por tudo, menos no que respeitava a Joanninha.

Havia no frade uma affectação visivel, um systema premeditado e inalteravel de se abster completamente de tudo o que podesse intervir, por mais remotamente que fosse, com aquella interessante criança.

Joanninha não lhe tinha medo, mas o respeito que lhe elle inspirava era misturado de uma aversão instinctiva, que, por contradicção inaudita e inexplicavel, a deixava sympathizar com tudo quanto elle dizia e professava: doutrinas, opiniões, sentimentos, tudo lhe agradava no frade, menos a pessoa.

Não assim Carlos, o primo, o companheiro, o unico amigo da nossa Joanninha, o outro neto da velha por sua filha. Andava elle já no último anno de Coimbra e ia formar-se em leis, quando Fr. Diniz da Cruz começou de novo a frequentar a casa que Diniz de Atahide tinha abandonado.

Sôbre esse a inspecção do frade era minuciosa, vigilante, inquieta. Os livros que elle lia, os amigos com quem vivia, as ideas que abraçava, as inclinações para que pendia — de tudo se occupava Fr. Diniz, tudo lhe dava cuidado. A elle directamente pouco lhe dizia, mas com a avó tinha longas conferencias a esse respeito.

Ultimamente parecia satisfazer-se com o geito que o mancebo indicava tomar.

—'É temente a Deus, não tem o ânimo cubiçoso nem servil, não é hypocrita, a mania do liberalismo não o mordeu ainda... hade ser um homem de prestimo:' dizia o frade a D. Joanna com verdadeira satisfacção e interêsse.

Passára porêm de seu meio o memoraval anno de 1830, e Carlos que se formára no principio d'aquelle verão, tinha ficado por Coimbra e por Lisboa, e so por fins d'agosto voltára para a sua familia. E veio triste, melancholico, pensativo, inteiramente outro do que sempre fôra, porque era de genio alegre e naturalmente amigo de folgar, o mancebo.

O dia em que elle chegou era uma sexta-feira, dia de Fr. Diniz vir ao valle.

Passaram as primeiras saudações, e abraços, ficaram sos os dous; e:

—'Não gósto de te ver:' disse o frade.

—'Pois quê? que tenho eu?'

—'Tens que vens outro do que foste, Carlos.'

—'Outro venho, é verdade; mas não se infadem de me ver, que o infado hade durar pouco.'

—'Que queres tu dizer?'

—'Que estou resolvido a emigrar.'

—'A emigrar, tu!... Porquê, paraquê? Que loucura é essa?'

—'Nunca estive tanto em meu juizo.'

—'Carlos, Carlos! nem mais uma palavra a similhante respeito. Em que más companhias andaste tu, que maus livros lêste, tu que eras um rapaz... Carlos, prohibo-te de pensar n'esses desvarios.'

—'Prohibe-me... a mim... de pensar!... ora, senhor...'

—'Prohibo de pensar, sim. Lê no teu Horacio se estás cançado das pandectas. Vai para a eira com o teu Virgilio... ou passeia, caça, monta a cavallo, faze o que quizeres, mas não penses. Ca estou eu para pensar por ti.'

—'Porquê? eu heide ser sempre criança? a minha vida hade ser ésta? Horacio! tenho bom ânimo para ler Horacio agora... e a bella occupação para um homem de vinte e um annos, scandar jambos e trocheus.'

—'Pois le na tua biblia, que é poesia medida n'alma e que repasce o espirito e o coração.'

—'Eu não quero ser frade: sabe?'

—'Nem te eu quero para frade.'

—Graças a Deus! cuidei que... Mas em fim no seculo em que estamos...'

—'O seculo em que estamos é o da presumpção e o da immoralidade: e eu quero-te livrar de uma e de outra, Carlos. Tua avó sabe as minhas tenções a teu respeito, approva-as...'

—'Minha avó... approva muita coisa que eu reprovo.'

—'Como assim, Carlos! que queres tu dizer?'

—Isto mesmo, senhor; — e que ámanhan que vou para Lisboa, imbarcar para Inglaterra.'

—'Carlos!'

—É uma resolução meditada e inalteravel. Não quero nada com ésta terra nem com ésta...'

—'Com ésta o quê, Carlos?...'

—'Pois quer ouvil-o, digo-lh'o: com ésta casa.'

O frade suffocava, e balbuciou entre cholerico e aterrado:

—'Dir-me-has porquê?...'

—'Porque me abhorrece e me humilha este mando de um extranho aqui... porque sempre desconfiei, porque sei emfim...'

—'Sabes o quê?'

—'Sei, padre Fr. Diniz, mas não me pergunte o que eu sei.'

Amarello, roxo, pallido, negro, o frade tremia; sumiram-se-lhe mais os olhos e faiscavam la de dentro como duas brazas; fez um esfôrço sôbre si mesmo para fallar, e disse com uma voz cava e cavernosa como de sepulchro:

—'Pois pergunto, sim; e permitta Deus!...'

—'Padre, não jure nem pragueje' interrompeu Carlos com firmeza e serenidade 'as suas intensões serão boas talvez... creio que são boas: filhas de um remorso salutar...'

—'Que dizes tu, Carlos... que disseste?... Oh meu Deus!'

As scenas tinham mudado: Fr. Diniz parecia o pupilo, a sua voz tinha o som da súpplica, ja não tremia de íra mas de anciedade; Carlos fallava no tom austero e grave de um homem que está forte na sua razão e que é generoso com a sua offensa. As palavras do mancebo eram agras, via-se que elle o sentia e que procurava adoçal-as na inflexão.

—'O que eu digo, padre Fr. Diniz, o que eu sou obrigado a dizer-lhe é isto. Minha avó consentiu, por fraqueza de mulher, no que eu não posso nem devo consentir. O que ha n'ésta casa não é... não é meu; o pão que aqui se come... é comprado por um preço... Padre! ja vê que não podêmos fallar mais n'este assumpto. Eu

parto ámanhan para Lisboa. — Minha avó!' accrescentou Carlos, mudando de voz e chamando para dentro ' minha avó!'

A velha acudiu, elle disse-lhe a sua tenção, motivou-a em opiniões politicas, declamou contra D. Miguel, mostrou-se enthusiasta da causa liberal, e protestou que n'aquelle anno de tal modo se tinha pronunciado em Coimbra e ainda em Lisboa, que so uma prompta fuga o podia salvar...'

A velha chorou, pediu, rogou: tudo foi inutil.

Fr. Diniz assistiu a tudo isto sem dizer palavra.

E aquella tarde voltou mais cedo para o convento.

No outro dia de manhan muito cedo, abraçado com a avó que elle adorava, e com a priminha que se desfazia em lagrimas, Carlos dizia o último adeus áquella querida casa, áquelle amado valle em que fôra criado... N'essa noite estava em Lisboa, d'ahi a poucos dias em Inglaterra, e d'ahi a algumas semanas na ilha Terceira.

Na sexta feira depois da partida de Carlos, Fr. Diniz veio ao valle e teve larga conferencia com a avó.

Os tres dias seguintes a velha levou fechada no seu quarto a rezar e a chorar... no fim do terceiro dia estava cega.

Joanninha era uma criança a esse tempo, parecia não intender nada do que se passava. Mas quem a observasse com attenção veria que ella dobrou de carinho e de amor para com a avó, e que se não tornou a rir para o frade...

Elle, o frade, invelheceu de dez annos n'aquelle dia. Os olhos sumidos, que era a feição dominante n'aquelle rosto ascetico, sumiram-se mais e mais; a estatura alta e erecta curvou-se-lhe; o tremor nervoso, que o tomava por accessos, tornou-se-lhe habitual; os tendões enrijaram-lhe os musculos da cara, descarnaram-se, e a pelle ja sulcada de fundos cuidados, arrugou-se e franziu-se toda em rugas cruzadas e confusas como que se lha torrassem n'uma grelha.

Nunca mais houve um dia de alegria no valle. Mas a sexta-feira era o dia fatal e aziago. Fr. Diniz ja não vinha senão no fim da tarde e demorava-se pouco; mas tanto bastava. Suspirava-se por aquella hora e tremia-se d'ella. As noticias que consolavam, e os terrores que matavam, o frade é que os trazia. O resto da semana levava-se a chorar e a esperar.

E assim se tinham passado dous annos até á sexta feira em que primeiro vimos junctas á porta da casa aquellas tres criaturas; assim se passou até d'ahi a oito dias que a nossa historia volta a incontrá-los.

(Continúa).

A. G.

DO PARIATO. (*)

208 A camara dos pares principiou a sua vida na sua nova capacidade de legislativa, simplesmente por dar a Henrique VIII a prerogativa, que exerceu igualmente Isabel sua filha, de terem as suas proclamações tanta força de lei como os actos passados em parlamento. No reinado seguinte, não extincta a lava belligerente das duas rosas, dois dos principaes nobres tractam de se apoderar do reino na menoridade de Eduardo VI; corrompem a camara alta, e ésta auxilia um irmão — o lord Somerset, a justiçar o outro, que foi lord Seymour. O relicto d'ahi a poucos annos tambem soffreu a mesma pena, procurada a sua execução pelo lord Warnick—*o fazedor de reis*. Por este tempo sendo introduzida no parlamento uma lei de pena capital contra os crimes de alta traição, interpoz ahi a camara dos communs o seu recurso, para que ella não passasse com as clausulas iniquas de que se achava revestida, contrarias aos principios de justiça criminal. Subindo ao throno Isabel, pugnaram com energia pelo seu consorcio, que nunca se effectuou. A ésta diligencia, passa-se um longo termo em que não ha facto algum notavel que recordar por sua parte. No apontar da guerra civil de Carlos I, tendo elle prendido dois membros do parlamento, os communs reclamam a sua soltura. O exemplo é imitado pela casa dos lords, para um conde, que antes d'aquelles tinha sido mandado—auctoridade real, para a torre de Londres. N'este tempo diz Hume, cap. 51: que os communs tinham tres vezes a riqueza dos lords, e que estes apoiavam de todas as suas forças aquelles contra o throno. Vindo para o campo a questão de direitos e foros, que se não poude resolver na tribuna, o primeiro soldado da republica foi um lord, o conde de Essex. Mais tarde competindo á camara alta a solemne missão de grande podêr moderando, não apparecem mais de 7 pares no parlamento; o resto deixa ir á revelia a causa publica. D'ahi a pouco tornam-se de todo despreziveis, diz Hume, tory de principios e por isso não suspeito, dirigindo lord Grey a dispersão do parlamento commettida pelo coronel Pride. Restaurada a monarchia, pela qual ninguem suspirou mais do que o povo, por um soldado da republica, o general Monk; logo que os lords se acharam de novo instituidos no podêr, pediram o sangue de todos os implicados nos negocios do tempo de Cromwell. Compromettido James II com a nação, viraram-se contra elle. Foram os lords os maiores perseguidores que este rei teve para o expulsarem do reino. No reinado seguinte de Guilherme e Maria, quizeram assumir o direito antigo de se tributarem a si e não pelos communs; o que não tira que lord Rochester ignorasse d'onde lhe devessem vir taes pertensões, pois que attribuiu os privilegios da sua ordem á coroa. Em 1729 por contrariar o ministro, exigem que elle entregue Gibraltar á Hispanha. Queren-

(*) Continuado de pag. 174.

do os communs em 1742 proseguir na accusação de sir Robert Walpole taes embaraços lhe pozeram, que teve de se abandonar o seu processo.

Se a historia d'ésta classe depois da sua subjeição pela corôa servindo-se das forças populares, não é mais importante, a culpa não se póde imputar a ninguem. A nobreza anglo normanda antes da sua subrogação, tinha so ou de accordo com os communs nos reinados de Eduardo III, Ricardo II e Henrique IV, luctado acerrimamente, mas era pela manutenção da sua independencia, que ella conforme á sua conveniencia queria fazer passar por patriotismo. É ésta simulação que fez acreditar ao distincto historiador da constituição d'Inglaterra que a nação offerecia uma tendencia retrograda para a monarchia absoluta entre os reinados de Henrique VI e Henrique VIII. Se Hallam tivesse pausado um instante antes de escrever ésta sentença, e tivesse pensado retrospectivamente, logo veria que as dinastias normanda, plantagenest, e parte da de tudor, tinham tido por via de regra poucas forças, e os barões muitas, e por isso tinham resistido ao poder real, cuja resistencia se póde confundir com a liberdade. Vieram porém aquelles monarchas em que falla Hallam, e ja os barões estavam subjugados, não restava senão o povo para dar a batalha, o qual sendo fraco os reis o poderam calcar aos pés a ponto que a rainha Maria esteve para pôr como rei sôbre o throno inglez ao Filippe Hispanhol. Os pares, diga-se para pejo da fraqueza humana, haviam-se tornado em cortesãos desde o peior dos despotas que teve a Inglaterra, o iracundo Henrique VIII: e no tempo de James I chegaram a negar a representação aos communs; mas estes tendo apertado os cordões á bolsa pública, depressa tiveram por este desacordo uma satisfação do ministro d'Estado conde de Jasisbury. Em todo este reinado a camara dos pares guarda depois uma neutralidade de que nem povo nem rei fazem proveito que se note. Apenas por o privilegio de precedencia na etiqueta da côrte, 33 d'elles fazem uma representação ao throno contra os titulares da Escossia, que o rei sendo escossez é natural preferisse aos d'Inglaterra. Os incidentes que seguem ao ministerio de Walpole no reinado de George II, não tem mais de um seculo, e pertencem por assim dizer á historia em geral. Se os pares tem sido pugnaces em não ceder a nenhuma das reformas progressivas propostas pela camara dos communs, é porque n'essa cessão vão os seus interesses. Não quizeram v. g. que se reformasse a camara dos communs, porque n'isso perdiam a apresentação de 243 membros, sendo a totalidade 658. Não quizeram a emancipação catholica, porque tambem os que estavam vinham a dividir com os que haviam de entrar. Assim o mais notavel ha annos, em commemoração das suas augustas e antigas funcções, foi terem de assistir como juizes na causa de divorcio do seu rei George VI com a rainha sua esposa. Os actuaes attributos do Pariato são judiciaes, aconselhar e defender o seu rei, alem da sua concorrencia para a factura das leis.

(Continúa.) *C. A. da Costa.*

BIBLIOGRAPHIA.

ADDITAMENTO AO 6.° VOL. DA OBRA COM O TITULO — Collecção de receitas e segredos particulares — por *João Baptista Lucio*. Lisboa, 1845.

ANNAES DA SOCIEDADE PROMOTORA DA INDUSTRIA-NACIONAL. INDUSTRIAL PORTUENSE.

209 Uma das mais evidentes provas — a maior talvez — que se póde com orgulho apresentar hoje, do desinvolvimento e importancia que a industria vai obtendo entre nós, é a publicação d'éstas obras especiaes. N'um paiz tão limitado como o nosso, onde a instrucção não está ainda medianamente introduzida — e menos a instrucção technologica — onde ha poucos annos quasi que so novellas se liam; maravilha ver o consummo que incontram éstas obras especielissimas! Este facto da-nos a mais lisongeira prova do gôsto de instrucção que vai calando em nosso povo, e faz-nos conceber esperanças de um brilhante futuro para o nosso paiz, quando a geração, que ja começa, chegar a desinvolver o germen dos principios que se vão semeando agora.

Se ás obras periodicas que acima menciono ajunctarmos a REVISTA, que pela sua parte dos 'Conhecimentos-uteis' póde e présa ser comprehendida na categoria d'esses jornaes; se ainda ingrossarmos o número com o *Pharol Trasmontano*, que começa a apparecer com uma parte tambem consagrada ao mesmo fim technologico: vê-se com satisfação que cinco publicações periodicas se occupam hoje em Portugal do importante ramo da industria.

Felizmente este impulso cabe á REVISTA UNIVERSAL, depois dos *Annaes da Sociedade promotora* — honra ao seu preterito redactor! Eu creio ter sido o primeiro que publiquei em portuguez um artigo sôbre technologia, le-se no vol. II — junho 15, 1843 — d'este mesmo jornal: alli disse eu então quanto me parece sufficiente para escusar de repetir agora, por ésta occasião, o que está ja dito. Comtudo, fazendo menção do *Additamento á collecção de receitas*, não posso deixar de louvar o digno A. da illustrada perseverança com que ultimou, e segue ainda *additando*, uma obra de seis volumes sôbre um assumpto, sim importante mas porventura de pouco incentivo para ânimo menos possuido de amor e da grandeza do objecto. Nos números 39 e 40 do IV vol. d'este jornal se publicou integralmente o curioso elenco das receitas contidas n'ésta obra preciosa para a industria. O *Additamento* que nos occupa agora contém as receitas para fabricar o fogo d'artificio colorado, introduzido n'estes últimos tempos pelo Sr. Osti.

O último quaderno dos *Annaes*, 1.° do IV vol., contém o processo da *galvanoplastia*, que felizmente se póde dizer ja estabelecido e acreditado entre nós.

JORNAL DA SOCIEDADE CATHOLICA.

Com o n.° 42 acabar-se-ha a primeira serie do *Jornal da Sociedade Catholica*. Tracta-se de encetar uma nova....

O *Jornal da Sociedade Catholica* não tractará exclusivamente dos assumptos religiosos; qualquer artigo interessante sobre litteratura, artes, sciencias, ou historia será acolhido nas suas paginas.

Ás vezes se apresentarão .... Mas basta, basta de prospecto; basta d'essas lettras promissorias, que pelas frequentes falhas pouco ou nada valem.

Subscreve-se pois para a nova serie do *Jornal da Sociedade Catholica*, na secretaria da redacção, rua do Arco do Bandeira n.° 33, 4.° andar; ou na secretaria geral da Sociedade Catholica, rua dos Fanqueiros n.° 77, 1.° andar devendo-se pagar a importancia da assignatura sempre adiantada.

PREÇO DAS ASSIGNATURAS.

Por 24 números	1$920
Por 12	1$000
Avulso	100

N. B. Toda a correspondencia para a redacção do *Jornal da Sociedade Catholica* deverá vir franca de porte.

IDÊA DA EXISTENCIA E INSTITUTO DOS JESUITAS — por o reverendo padre *Ravignan*, da Companhia de Jesus.

Subscreve-se para ésta obra que brevemente sahirá á luz, na loja da viuva Henriques rua Augusta n.° 1, e na secretaria da Redacção do Jornal da Sociedade Catholica, Arco do Bandeira n.° 33 — 4.° andar. Preço 500 rs. Avulso 720 rs.

CARTAS ESCRIPTAS DA INDIA E DA CHINA.

O espectaculo insinuante de um imperio, cuja maravilhosa duração parece regeitar a influencia destruidora do tem

po, e cuja população é igual, senão maior, á da Europa, inteira; uma politica admiravel, porque ella tem sido criadora de instituições permanentes, que hão zombado até agora das vicissitudes humanas, e promovido os bens da sociabilidade ao mais remoto angulo da terra, não podiam deixar de excitar vivamente a admiração dos primeiros europeus, que os milagres da navegação lusitana levaram a tão longiquos quanto desconhecidos climas. Penetrados da maior surpresa, e não contentes do que era ou pensavam real, elles voltam á Europa a publicar, de envolta com os verdadeiros quadros imaginarios, como se os primeiros não foram ja materia dilatadissima para as meditações do sabio, instrucção do politico, norma do artista, e, em uma palavra, lucubrações de todos os homens, que se dão ao prazer, e tambem algumas vezes ao tormento de pensar. Deslumbrados á vista de uma grandeza verdadeiramente colossal, que sem afan toda obedecia aos acenos de um unico homem, e illudidos igualmente por exaggeradas noções, unicas que taes povos costumam dar de suas faculdades nacionaes, em vez de offerecerem uma idea da historia da China, não fizeram senão o seu romance. Obstaculos, quasi insuperaveis, tem subsistido para a não havermos exacta (1) mas a ausencia dos elementos precisos não pode ser supprida pelos desvairados voos da imaginação, senão pelo auxilio de um raciocinio austero, de uma analyse severa. Então foram os *chins* estimados por um povo de sabios, e conseguintemente seu govêrno a obra prima da politica. Mas bem depressa outros escriptores vão bater nova e mais attrevida rúta.

Indignados, por assim dizer, d'éstas lisongeiras ficções, e fascinados talvez pela sempre enganadora expressão de parcimes observações, creram achar em fracções infinitamente pequenas o typo das dimensões de uma quantidade incommensuravel, e de suas pennas desapparece a exaggeração, foge a probabilidade, ausenta-se a escassa primeira verdade obtida, e outro romance apparece; que abumbrado pelo desgraçado prurido de deprimir o que se antolhára excellente, não facilita esse interesse que ao primeiro outorgára a supposta, mas sempre seductora perfectibilidade da especie humana.

Desprezemos essas contrarias opiniões, que não se compadecem com a veracidade, e não menos a historia dos tempos fabulosos, e ainda a subsequente, por não merecerem sympathias os incertos vestigios de continuadas mutações, unde não se ve nada, que possa prender a attenção de observador, que anhela a instrucção misturada com deleite, que deseja contentar o coração illustrado ao mesmo tempo o espirito; enviamos todavia os amadores d'essas estereis abundancias á licção do — Chon-king, e outra obras similhantes, aonde se extasiaram com uma antiguidade que se remonta a 2953 annos antes de Jesus Christo, até encontrarem outra mais recente de 722 annos, em que *Confucio* começa e seu *Tschun-tsium*, cuja choronologia menos systematica póde arrogar-se area de authentica, aindaque não de todo expurgada de muitas difficuldades historicas. Não é nossa intenção taxar de inutil o conhecimento da historia da China, por quanto desafiará sempre a attenção do homem observador a pecularidade d'este povo, sua immensa população, a antiguidade da sua origem, a immutabilidade das suas leis, que não soffreram variação essencial debaixo de vinte ou mais dynastias, que se hão succedido. Digo que os elementos que houvemos não mereceram inteiro credito, e appellâmos para o testemunho d'aquelles que despidos do apparato dos systemas, fizeram algum estudo n'este fastidioso objecto. A história universal dos inglêses tem recolhido algumas noções derivadas da licção das obras originaes, que a serem exactas pagarão de sobra as fadigas dos litteratos que vão aprender a mais difficultosa das linguas vivas. Alli se ve, que um povo innumeravel achou sempre em uma ricca cultura e no commercio interno a sua subsistencia; posto que a sua monarchia sempre foi absoluta, o direito de petição *foi* sempre o mesmo, direito efficiente para principes amaveis, nullo para os que so o são no amor dos povos. A mudança frequente de dynastias tem sido mais vezes o effeito de revoluções internas que de invasões externas, a obra de ministros ambiciosos, da perfidia dos *eunuchos*; que muitas d'estas dynastias foram sem opposição estabelecidas, e algumas vezes por pessoas extrahidas da mais baixa condição, taes como a quinta, por um que havia sido soldado, a oitava por um çapateiro, a decima-quarta por um capitão de ladrões, e a vigessima primeira por um homem cujos principios foram de creado de um mosteiro. Alli se ve que cinco d'estas dynastias se aniquilâram em o espaço de 53 annos! e que durante tão curto perjodo fôram coroados 13 imperadores, seis dos quaes acabáram de morte violenta, 2 proscriptos, e apenas 5 no throno! que a influencia *dos eunuchos* é sempre a precursora da queda d'estas dynastias; que alguns principes illuminados os proscrevem, que outros os toleram, e acoolhem, renovando-se d'esta sorte esta especie de homens que não póde reproduzir-se. Que os imperantes hão tambem conhecido a feliz vantagem de estabelecer na opinião publica um thesouro para recompensas de relevantes serviços, immortalizando grandes virtudes por meio d'essas magans distinções que fazem profunda impressão, e essca monumentos, cujo aspecto so per si é uma licção para a posteridade: e alfim, que influencia exerceu em muitas revoluções uma multidão de *banzos* espalhados por toda a supercificie do imperio, com benevolencia tractados por alguns imperadores, com rigor por outros; que estorvos deviam elles apresentar ao recebimento do christianismo os effeitos produzidos por esta religião, a conducta dos missionarios etc. Faltava-nos pois um livro que, em rapido, mas fiel esboço, tractasse d'estes assumptos; esta sensivel lacuna foi preenchida pelo Sr. José Ignacio d'Andrade, auctor das *Cartas da India e da China*, publicadas em 1843; obra ésta difficil de encontrar-se, poisque seu auctor so a distribuiu gratuitamente pelos seus amigos. — Agora porém vae ser reimpressa com permissão do seu auctor; os editores porão toda a diligencia para que a edição não desminta a nitidez e correcção da primeira, ornando-a de 12 retratos lythographados pelos mais habeis artistas nacionaes. Assigna-se para esta obra nas principaes lojas de livros de Lisboa, e constará de 2 volumes em 8.° francez, sendo a 1$000 cada volume broxado para os Srs. assignantes, e avulso 1$200 réis.

B. J. Senna Freitas.

O JARDIM DAS DAMAS.

Constará este Semanario, de 16 paginas d'impressão, no formato de 4.° francez, em typos modernos, papel de superior qualidade e os titulos em characteres dourados: conteudo artigos de Litteratura, Romances, Poesia (Romances, Xacaras, Lyras, Odes etc.) Noticia dos Theatros, Assembleas, Bailes, e mais variedades, acompanhando isto alternadamente, no 1.° n.° um Figurino de Modas, e sua competente descripção: no 2.° lindos Debuxos e sua explicação: no 3.° outro Figurino de modas: e no 4.° bonitas Walsas e Contradanças, ou os melhores fragmentos das operas para piano forte.

Merecendo empresa tão interessante ser animada pelo publico illustrado, que tanto apprecia a litteratura portugueza, são por esta forma convidadas as pessoas que quizerem subscrever, a enviar á sua assignatura com a seguinte direcção — aos redactores do Jardim das Damas calçada d'Ajuda n.° 107.

Toda a mais correspondencia dos Srs. assignantes, deverá ser dirigida, franca de porte — ao secretario da redacção do Jardim das Damas, escriptorio do referido jornal, travessa d'Agua de Flor n.° 3 — 1.° andar — Lisboa. —

Publicar-se-ha todos os sabbados, principiando o semestre da nova redacção no 1.° de settembro do corrente anno.

Preços, 6 mezes ou 26 numeros 2$080 rs. 3 mezes ou 12 ditos 960 rs. Pago adiantado na entrega do 1.° n.°

No acto da entrega de cada n.° obrigando-se por 6 mezes 80 rs. Excepto nas provincias. Avulso 120.

Vende-se e assigna-se nas lojas de Mrs. Plantier, rua do Ouro n.° 62 e 63, Langlet, rua Nova do Almada n.° 77 e 78, Srs. Silva, Praça de D. Pedro, n.° 82, Viuva Henriques, rua Augusta n.° 1, e no escriptorio da redacção.

Os redactores — *José Bento Travasso Valdez — Francisco Travasso Valdez — Joaquim Vieira Botelho da Costa — Francisco da Costa Nascimento.*

(1) Consta-nos que o venerando e benemerito bispo de Pekim, actualmente em Lisboa, instigado pelo Exm.° conselheiro A. J. M. Campelo tem escripto coisas muito curiosas sobre o imperio da China.

VIAGENS.

UMA ARRIBADA Á ILHA DA MADEIRA. (*)

210 Desembarcámos no porto sem visita da alfandega, e sem exhibirmos passaporte nem carta de saude. Não achámos á nossa espéra nem curiosos, nem mariolas abelhudos, nem importunos desfazendo-se em offerecimentos interesseiros; a fleugma do portuguez e o orgulho n'elle innato, não descerá jamais, no meu intender, ao servilismo loquace do italiano. Não incontrámos um so guia em toda a cidade, e como alli não ha nem taboletas, nem mercadorias expostas ao público nas lojas, e de mais as ruas estavam desertas por ser hora de dormir a sesta, e como finalmente nenhum de nós fallava portuguez, vagueámos por muito tempo, e sosinhos, como nos palacios de que rezam os contos de fadas. Ao declinar do dia a cidade se despertou algum tanto: achámos uma estalagem soffrivel, metade á hispanhola, metade á italiana, participando das de Italia em quanto á vastidão, das de Hispanha quanto á desnudez. Ao cabo de duas horas alcançámos um jantar assaz *confortable*; não posso empregar aqui palavra mais propria, porquanto nós nos achavamos então em *plena Inglaterra*; mesas, cadeiras, loiça, toalhas, guardanapos, crystaes, tudo tinha marca ingleza, em molde ou em relevo. Garfos de aço, facas mudadas a miudo, tampas de estanho para *proteger* uma batata, rosbif, perna de carneiro, e puding, toalha levantada ao pôr a sobremesa, nada faltava á *englis importation*; so a bebida não era britannica: enchiam-se e despejavam-se rapidamente copos de bocca mui larga similhantes ás taças antigas. Nunca esmeraldas mais brilhantes foram engastadas em crystal; nunca vinho mais atraiçoado em sua singeleza passou por beiços humanos: todo o extrangeiro deve desconfiar d'este sol potavel que pregará peça á sua inexperiencia.

Chegada a noite, foi preciso procurar leitos; então começou o nosso embaraço. Leitos! isto é uma raridade no Funchal; toda a raça iberica dorme ao relento, ou sobre tapetes. Nos quartos a que se dava o nome de alcova, não havia siquer uma cadeira. Estando assim despejadas mais facil se tornou a lavagem das denominadas alcovas; entraram logo a esfregal-as com agua de sabão, o que causou um passeio geral, incerto e variado em todas as direcções, de toda a casta de insectos, inquietados na sua posse. Depois trouxeram-n'os xergões de palha do milho, e a pedido nosso, pregos para pendurarmos o nosso fato na parede. Assim nós deitámos n'ésta simplicidade digna dos tempos primitivos; entretanto o luar que entrava pelas janellas nos fazia ver no tecto milhares de aranhas, que se seccavam aos raios da lua, e ao passo que teciam conversavam umas com outras, provavelmente indagando a origem de tamanho cataclysmo.

Tinhamos dado ordem para nós terem promptos alguns cavallos na manhan do dia seguinte: ao alvorecer fomos acordados por um grande ruido, ou para melhor dizer, por uma reunião de ruidos confusos: vozes de jumentos e de machos, e vozes ainda mais rouquenhas de homens e de crianças. Ao abrirmos os olhos, vimos debaixo das janellas um verdadeiro regimento de cavallaria, uma especie de exercito irregular composto de mais de cem quadrupedes, segurados pela arriata por outros tantos animaes bipedes.

. . . .

Tudo isto tinha uma cor local que incantava; nunca collecção mais pittoresca de sendeiros albardados de farrapos obedeceu a ordens e caprichos de mais andrajosos donos: um troço de cossacos, depois de quinhentas leguas de retirada em derrota, seria em comparação d'ella, aceiado e garrido. Toda ésta magna caterva se apinhoava, se apertava, se pizava com uma algazarra verdadeiramente napolitana: os almocreves, com campanudos barretes nas cabelludas cabeças, pretendendo terem sido ajustados na vespora, sustentavam o seu posto o mais perto da porta, e afastavam d'ella os outros com a consciencia do seu direito, e o orgulho da sua posição official: a distincção das classes mettia-se pelos olhos dentro. Quando se veio a descobrir com evidencia, que havia mais cavalgadura que cavalleiros, o desgosto tornou-se geral e o preço dos cavallos diminuiu consideravelmente. Os mais apressados da nossa companha deram um cruzado novo pelo passeio; os últimos com a quarta parte d'esta quantia, deixaram contentissimos os alugadores; o que me fez acreditar que talvez não falte aos portuguezes senão um pouco de uso, para tirarem bom partido dos extrangeiros.

. . . .

Tendo afinal montado os nossos bem ajaezados rossins, partimos com a rapidez de um redemoinho attrahindo ás janellas bom número de grandes olhos pretos meio despertos. Entretantos achámo-n'os dois viajadores do mesmo voto, isto é, fazendo mais gôsto de estar em caminho do que de chegar. Uma vez sahidos da cidade, retardámos de commum accordo o passo de nossas cavalgaduras; e esquecendo o fito do nosso passieo, que era o ver a quatro legoas de distancia, um sitio pittoresco, chamado o *Curral*, pozêmo-n'os a vaguear no meio das campinas.

Para visitar os jardins que nos cercavam de toda a parte, e para os quaes lançavamos olhos cubiçosos, não havia outra difficuldade senão a de correr o ferrolho da porta e entrar; escolhemos a cêrca que nos pareceu mais bonita, e prendendo sem ceremonia os cavallos ao muro exterior, entrámos como se fôra em nossa casa. Uma longa latada de cannas, coberta de madre-silva vermelha, de jamins e de gyrasoes, servia de avenida; depois um pequeno laranjal plantado sem regularidade, um tanque de agua crystallina; no meio, á direita e á esquerda, terrassos ricamente alaviados de plantas trepadeiras; alleas de plantio de carpinos, sombrios e aljofrados de orvalho, um taboleiro com desenhos de seixinhos de varias côres; nos longes as mais lindas arvores do mundo, altas, ramosas, copadas, luxuriantes, deslembradas do inverno; o mar em frente, e nem um só pé de videira, o que é de bem gosto na Madeira! Um negro, vestido decentemente porém descalço, o que em todos os paizes é indicio de escravidão, endereçou-se a nós com civilidade: démos a intender que desejavamos visitar o jardim: elle correu a avisar o seu senhor, que bem depressa se apresentou com um roupão entertecido de largos ramos, com barrete de dormir, atado com fitas, calças de fustão branco, emfim trajado como o *communeiro fidalgo*: elle arranhava o inglez, e escaimbaram-se entre nós cumprimentos sem conto; foi forçoso entrarmos, e fallar á senhora; a qual creio se ergueu da cama de proposito por causa de nós, porque tinha um olho aberto e outro fechado; com um

(*) Continuado de pag. 175.

lado da bocca bocejava em quanto com o outro sorria com agrado. O seu vestir era igualmente muito ao desdem; e seu marido bem no-la podia deixar ver mesmo em trajos matinaes sem perigo de offender severos melindres, nem de se chegarem a suscitar n'elle zelos pungentes. Tivemos a indiscripção de perguntar á dona da casa se não nos sería permittido fazermos os nossos cumprimentos á menina, porque tinhamos ouvido o som de um piano: foi-nos respondido, que tinham o maior sentimento, mas que ella não podia absolutamente ter a honra de receber a nossa visita; e provavelmente afim de suavisar o amargor desta recusa, mandaram vir tres ou quatro frascos de vinho, de que foi necessario acceitar algumas gotas, apezar de não serem horas proprias, e não obstante a lembrança do perigo da vespora......

Fomos ver outros muitos jardins, porem sem consentir em passar além do liminar da casa, com medo do malvazia. Por toda a parte a nossa visita foi, ou pareceu ser considerada como um favor: o dono mostrava-nos, sempre elle mesmo em pessoa, todo o jardim e quinta, e nos acompanhava depois até á estrada com um sem numero de cumprimentos. Animados pelo bom resultado da nossa curiosidade, tivemos a ousadia de abrir uns cancellos de ferro de uma fazenda que nos attrahiu ainda mais que todas as outras; o grande aceio das alleas começou a causar-me algum receio; a poucos passos vi groselheiros, e ruibarbo. Então, dissipada toda a duvida, conheci estar em quinta de Inglez. Começou a sentir-se cheiro de carvão; cabellos louros appareceram á janella, e um criado de polainas, veio dizer-nos com o chapeu na mão, que aquella era *a private proprety*.......

....

Afinal foi-nos forçoso mudar para carreira o nosso vaguear: os cavallos que eram melhores do que a apparencia promettia, levaram-nos bem depressa para longe de toda a habitação, sôbre ladeiras as mais fragosas e as montanhas mais safias que é possivel vêr, e, o que é mais, atravessar veredas muito estreitas, mas arranjadas com arte, subiam, desciam, obliquavam, estendiam-se como outras tantas serpentes amarellas.

Em toda a parte, sôbre nossas cabeças, debaixo dos pés, rochedos espedaçados, fendidos, grossos pedaços de basalto quási á pique sôbre nós, embaixo medonhos despenhadeiros, e no fundo dos quaes alvejava a escuma das torrentes. Umas vezes a montanha descobria de todo seus ossos gigantescos; outras vezes os revestia com um viçoso manto de verdura. Castanheiros grandes como os do Etna, nogueiras ramosas como as de Interlaken, mergulhavam seus largos pés nas fendas dos penhascos: a figueira, o medronheiro, o myrto, o loureiro, a vinheira; disputavam entre si porfiosos o minimo logar, tão delicioso é o viver n'esta ilha afortunada; e bem ao longe, no azul do ceu, pendiam cimos de seis mil pés de altura cobertos de espinheiros mansos, de teixos, de urzes, e erguiam seus negros cabeços carregados de tanto fructo como os Alpes da Noruega. Nas fraldas d'estes montes, onde o inverno ostentava os seus rigores, brincava deleitosamente o mais risonho estio, a videira que alcatifa todos os sitios baixos da ilha, pouca cousa exige do homem a troco do muito que lhe liberaliza; cresce quasi sem amanho, como essas sementes generosas que quasi por si mesmas se desinvolvem, collocadas em ubertoso terreno, basta simplesmente deixa-las entregues a si, e extirpar as plantas parasitas; as vides se estendem sôbre a terra, como as do Libano, e cobrem o sólo como uma redezinha baixa e de malhas estreitas; a uva é pequena, os bagos pouco apinhoados, côr de ambar ou de granada: é a principal producção da ilha. N'aquella occasião a vendima estava acabada, as veredas viam-se cobertas de camponezes que levavam sôbre as costas núas odres de vinho que transportavam para o Funchal....

Toda esta população era trigueira, magra, coberta de farrapos; porém de boa estatura, direita e altiva. A pobreza dando-se ao trabalho nunca é ascorosa; e demais não tem nas regiões do meio dia aquella apparencia servil e vergonhosa de que se reveste nos nossos climas: alli o homem depende menos do homem, e os favores do ceu servem de compensação ás desigualdades das condições. Todas as habitações eram insignificantes casebres: um muro de toscas pedras meio coberto com um telhado de palha, e nada mais; mas n'ellas so se entra quando chove... e chove tão raras vezes, e a chuva é tão pouco fria! Parece que n'um paiz tal de ninguem se póde ter dó; e que a miseria é n'elle mais feliz, que nas outras partes a riqueza?

(Continúa.) (*F. de la Boulaye.*)

ASSOCIAÇÕES-LITTERARIAS.

CONSERVATORIO-REAL DE LISBOA.

211 Hontem (6) reuniu o Conservatorio em sessão publica, pelas 7 horas da noite. Deu-se conta de um decreto de S. M., de 25 do passado, pelo qual se revogam os artigos 14 e 16 dos Estatutos do mesmo Conservatorio, de 25 de maio de 1841, na parte que respeita á eleição do seu presidente, e á do Inspector-geral dos theatros.

Tractou-se depois do concurso que deve abrir-se ás peças originaes, para quando se verificar a inauguração do Theatro de D. Maria II, e foi decidido que o conselho apresentasse, na primeira sessão, um projecto d'edital abrindo esse concurso, e bem assim as bases para o methodo do julgamento das peças que concorrerem; e quaes quer outras propostas que julgue condignas e necessarias n'este assumpto; afim de ser tudo immediatamente discutido, e fazer-se subir ao governo de S. M. *em fórma de consulta* (visto não ter o Conservatorio por em quanto a menor faculdade sôbre o Theatro de D. Maria II, nem haver recibido ainda insinuação alguma a este respeito).

Tractaram-se depois differentes objectos economicos; e assentou-se que no dia 13 do corrente houvesse sessão para apresentação dos trabalhos do conselho. Eram quasi 11 horas fechou-se a sessão.

ASSOCIAÇÃO DOS ADVOGADOS.

SESSÃO DE ABERTURA DO ANNO JUDICIAL DE OUTUBRO DE 1845 A AGOSTO DE 1846.

212 Sabbado (4) verificou a illustre associação dos Advogados a primeira sessão do oitavo anno da sua existencia.

Presidiu o Sr. Dr. Silveira da Motta, que encetou a sessão com um excellente discurso sôbre a profissão do advogado.

O 1.º Secretario, o Sr. Dr. Silva Abranches leu

um relatorio, optimamente elaborado, do anno judicial findo, comprehendendo um quadro dos trabalhos da associação e consultas, e outro dos progressos da jurisprudencia nos tribunaes civis e commerciaes; referiu a legislação do anno, especialmente a de maior influencia no fôro; e deu uma conta critica das publicações juridicas mais importantes. O 2.º Secretario, o Sr. Dr. Duarte leu o relatorio das alterações do quadro dos socios effectivos, honorarios e correspondentes; do numero das conferencias que houve, e fez honrosa menção dos socios que mais se distinguiram pela sua assiduidade nos trabalhos das sessões.

O orador foi o Sr. Dr. Verdades, cujo discurso versou sôbre a necessidade de um codigo penal.

A sessão concluiu com a distribuição dos diplomas pelos novos socios.

Amanhan (8) deve ter logar a segunda sessão solemne, para leitura das orações funebres dos socios falecidos. Os oradores inscriptos são todos digno de ornamento do fôro portuguez.

CORREIO NACIONAL.

213 Nos dias 29 e 30 de settembro teve logar em Coimbra o concurso á cadeira de logica e geometria para o lycêo de Leiria. Concorreu unicamente o Sr. José Joaquim da Silva Pereira, natural das Caldas de Vizella, sendo arguentes, os Srs. doutores Achilles, Carneiro, Rufino e Raymundo, e presidente o Sr. Cardoso. O Sr. Pereira satisfez ao exame com aquella pericia e saber que tantas vêses tem manifestado nos seus cursos das faculdades de philosophia, mathematica e medicina, onde tem mostrado uma frequencia sempre distincta, sendo por muitas vezes premiado. A sua vida estudiosa, sua assidua applicação, e sua longa pratica no myster d'ensinar n'esta Academia, onde sempre tem discipulos para leccionar, fazem esperar d'elle um digno professor. Oxalá que o governo de S. M. faça recahir a sua sabia escolha em tão digno candidato. ***

No *Hispanhol* de 26 do passado, le-se o seguinte, no fim da correspondencia de Lisboa:

No dia 13 d'este mez assisti aos exercicios publicos dos alumnos de musica do Conservatorio Real de Lisboa. Tudo quanto a imaginação póde conceber de bello e maravilhoso, no desempenho de tão bella arte, se encontrava alli reunido. As arias e duetos cantados pelas Senhoras Clementina e Freire, e as phantesias a pianno, pelos Srs. Amado e Corrêa, encheram de enthusiasmo os espectadores.

Aviso ao Commercio. O sal escacea consideravelmente nos portos francezes, assim como na Inglaterra, e está em grande carestia. As juntas de commercio de Granville, Saint-Malo, e da bahia de Saint-Brieu, enderessaram representações ao governo, pedindo a entrada livre de saes estrangeiros para salga da pesca.

Os moradores da Praça de D. Pedro, com especialidade logistas, subscrevem para um fogo d'artificio colorado, que projectam na mesma Praça, no dia dos annos d'El-Rei, depois da representação no Theatro de D. Maria II. Diz-se que a subscripção montará a 500$000 réis.

Theatro de San' Carlos. — Sexta-feira (3) chegaram os artistas de canto e baile para o Theatro de San'Carlos. São duas 1.ªs damas, um tenor, e dois baixos; e uma *copia* de bailarinos. Deve vir mais, outro tenor e um bailarino. Á dama Ranzi e á *copia* Martin temos lido elogios em alguns jornaes extrangeiros. O Theatro abrirá, talvez, por estes quinze dias, se houver tempo de concluir os necessarios arranjos, com a engraçada opera de Donizzetti 'Linda de Chamounix,' ainda não ouvida em Lisboa, e em que entrario: a dama Ranzi, o tenor Miró, e os baixos Salandri e Catallano, basso-bufo. O pouco tempo não dá logar a ensaiarse não um bailado, em que debutará a *copia Martin*; mas prepara-se ja um Dança.

Mr. Sutton acabou os seus *prestigios* no 'Circo Laribeau' Torna a apparecer a bella contradança equestre, de que o Sr. Le Grand nos deu um bonito desenho lithographico, ornado em rodo com as seductoras posições de Mademoiselle Paul, as attitudes dos Srs. Coghi, Bontemps, do *famoso anão* etc. O público nada perde com a retirada do *magico* uma vez que M. Laribeau o substitue tão vantajosamente.

A importação dos vinhos de Portugal em Inglaterra, no anno de 1844, subiu a 2.980,403 galões; 554,735 galões mais que no anno 1843.

Mr. Thiers chegou no dia 3 a Lisboa, no paquete do Sul; visitou o mosteiro de Belem e a Casa-pia; foi ás Cocheiras-reaes, andou de sege vendo a cidade, e de tarde seguiu viagem para Inglaterra no mesmo vapor.

O vapor *conde do Tojal* estreou-se fazendo uma presa importante de contrabando. Foi um hiate portuguez carregado de tabaco e algum cha.

Estes ultimos dias teem havido alguns homicidios, e teem sido achados nas praias alguns cadaveres de pessoas afogadas nos banhos por effeito de descuido. Outros desastres se contam cuja reproducção noticiosa queremos poupar ao leitor.

No mez de settembro despacharam-se na Alfandega das Sette-Casas, para consummo: 1.924 pipas de vinho e 222 d'azeite; 27.945 arrobas de carne de vacca; 1.284 de carne de porco e 1.191 de vitella e carneiro; e fructas e vegetaes no valor de 12:877$550 rs.: além de 2.437 pipas de vinho para exportação.

CONHECIMENTOS UTEIS.

SEMENTES DE NABO.

214 A Redacção da REVISTA tem a satisfação de annunciar aos seus assignantes que o sr. José Maria Souto, do Rego, acaba de offerecer a este escriptorio uma pequena porção de sementes de nabos de duas qualidades — de grande cabeça, e de folha côr d'alface, rama curta, optimo para esparregado, tanto a folha como o grêlo. Este último é de sabor delicado, quando apanhado antes da flor desinvolvida. Deve ser semeado em alfobre de terra bem adubada, e plantado depois de ter seis ou oito folhas. Soffre ser esfolhado, ou mesmo cortado alto, coisa de uma pollegada acima do olho, porque promptamente se torna a vestir de folhas.

Segundo o costume, a administração distribuirá pequenas porções d'estas sementes pelos srs. assignantes da REVISTA, que as pedirem.

PRIVILEGIOS D'INTRODUCÇÃO E NOVOS-INVENTOS.

215 O governo-civil de Lisboa tem posto a concurso o privilegio exclusivo requerido pelo sr. José Wanzeller para introducção de um novo processo chimico, pelo qual se preserva as madeiras do bixo e corrupção, e no caso d'incendio de levantarem lavareda.

Pelo mesmo governo-civil está igualmente a concurso um privilegio exclusivo, requerido pelo sr. José Antonio Mendes, para introducção de um novo methodo para fabricar fitas de linho e algodão, de todas as larguras, com tanta ou mais perfeição que as importadas de paizes extrangeiros.

Sei tambem que o sr. Manuel Luiz dos Santos acaba de obter privilegio para estabelecimento de um ingenho fluctuante de serrar madeira, e outros corpos susceptiveis do mesmo processo; bem como de descascar cereaes e macerar vegetaes ou mineraes. Este machinismo é movido pelo fluxo e refluxo das marés.

Ha ainda outro privilegio, ja tirado, para um estabelecimento de moinhos fluctuantes, capazes de moer toda a qualidade de cereaes, e todos os generos cuja trituração é necessaria para diversos processos de artes, pharmacia e chimica.

Alguns outros privilegios sei tambem que se requerem.

Quasi todos os dias, felizmente, temos assim a satisfação de vêr dar algum passo á nossa industria que nos manifesta o seu progresso. Os capitaes vão pouco a pouco affluindo para as empresas industriaes, e o paiz mostra finalmente sympathisar com este movimento, unico capaz de o felicitar. É universal esta tendencia, provém do genio do seculo, e hade acabar por identificar-se com os nossos interesses sociaes.

Entre nós tem-se tractado muito pouco, até hoje, de introduzir machinas e methodos novos para execução de processos conhecidos; e menos ainda da introducção e invenção de processos novos. Causa pena ver que em Portugal se pratiquem ainda processos grosseiros e lentos por antigo ramrão ha muito condemnado e abandonado nos demais paizes. E mais pena causa ainda ver importar do extrangeiro generos e manufacturas, algumas de que temos até a materia-prima, as quaes não possuimos nacionaes unicamente pela falta de machinismos proprios para a sua producção.

Entregâmos esta consideração aos homens poderosos. Em França ha uma companhia destinada á exploração das patentes de introducção e novos-inventos. Invento novo de que essa companhia tenha notícia no extrangeiro, requer logo patente d'introducção, se é nacional diligenceia immediatamente compral-o a seu A.: contracta depois com estas patentes, e faz n'este commercio avultados interesses. O nosso paiz não está ainda decerto no caso de podêr offerecer essas vantagens por este modo; mas está, julgo eu, capaz de fazer a fortuna de uma companhia que se destinasse a introduzir em Portugal as machinas e novos methodos para processos ja conhecidos, ou ainda novos, cuja introducção prudentemente se calculasse dever ser bem recebida no paiz.

Esta companhia, ao menos pela multiplicidade e variedade de meios para fazer interesse, figura-se-me que não sería das menos lucrativas; mas em todo o caso devia de ser das mais uteis e animadoras para o paiz.

REFORMA DO ENSINO E EXERCICIO DA MEDICINA EM FRANÇA.

216 No *Nacional de París* de 17 de settembro proximo passado, se lê o artigo seguinte:

« Pedem-nos que publiquemos este

AVISO.

Ha muito tempo que a corporação medica em França tem feito legitimas queixas sôbre as graves lacunas das leis e regulamentos que regem o ensino e o exercicio dos diversos ramos da arte de curar. Muitas tentativas tem feito o govêrno para pôr um termo a um estado de coisas que, compromettendo tanto os interesses moraes e materiaes de profissões honrosas, compromette tambem os interesses de toda a sociedade. Estas tentativas tem sido até aqui infructuosas, e as camaras legislativas, não obstante promessas muitas vezes reiteradas, ainda se não deram ao exame de um projecto de lei organizadora das instituições medicas.

A corporação de medicina tem sentido vivamente estas demoras e addiamentos. Imittando o exemplo dado pelos interesses materiaes e agriculas, os medicos, os pharmaceuticos, e os medicos-veterinarios da França — *teem resolvido reunir-se em um congresso geral, no qual sejam discutidas e resolvidas as questões relativas ao ensino e ao exercicio de certas profissões* — A solução, resultado de um voto do congresso, será transmittida a titulo de voto emittido pela maioria, aos ministros competentes, e aos membros das duas camaras.

Uma commissão permanente, nomeada pelos delegados de todas as sociedades de medicina de París, se acha organizada e encarregada de se corresponder com todas as academias, sociedades, faculdades e escholas de medicina, de pharmacia e de medicina-veterinaria, assim como com todas as pessoas que exercem uma das tres profissões designadas, que quizerem, em suas localidades, estabelecer um centro de adhesões.

A epocha da reunião do congresso medico acha-se fixada para o 1.º de novembro proximo, em París.

A commissão permanente encarregada de provocar

adhesões, ja tem recebido um muito grande número d'ellas: os homens mais eminentes nas tres profissões que abraçam a arte de curar em París e nos departamentos, teem ja dado provas de sympathia em favor do congresso, e tudo faz prever que ésta grande manifestação será respeitavel pelo número, pelas luzes e pela dedicação d'aquelles que n'ella tomarem parte.

Para occorrer ás despezas d'ésta instituição pede-se a todo o adherente uma cotisação fixada em 5 francos.

O acto de adhesão consiste em remetter, *franco*, um bilhete com o nome, morada, e profissão do adherente, e uma ordem pela posta do valor da cotisação, ao thesoureiro da commissão permanente do congresso medico. »

A questão sôbre a nossa *lei de saude*, que tanto agitou os animos ha pouco, na tribuna e nos jornaes portuguezes; as necessidades identicas reconhecidas em Hispanha e em muitos outros paizes; vão tomar em França a fórma de uma discussão e solução a mais competente que podia esperar-se do espirito do seculo, e das luzes da nação que tomou a vanguarda da civilisação do mundo, convocando-se os interessados, procuradores naturaes em causa propria, e juizes competentes com pleno conhecimento de causa, para um congresso nacional medico, verdadeira commissão ou *Comité* nacional; afim de levar ao supremo podêr da nação, executivo e legislativo, a materia ja discutida e votada, sôbre que deverá assentar a conveniente reforma, ha tanto desejada. (1)

Pareceu-nos conveniente dar ésta importante notícia aos nossos collegas, que porventura a não recebessem especialmente das provincias, e ao publico, afim de que possam tranquillizar-se na esperança de uma tão solemne solução.

J. L. A. Fravão.

PERIGOS DO MAGNETISMO.

No Hispanhol de 26 do passado le-se o seguinte:

217 «O magnetismo, introduzido agora em Saragoça, está fazendo furor... Um individuo que tinha sido magnetisado muitas vezes, e que tambem tinha aprendido a magnetisar, magnetisou uma criada, a quem não soube desmagnetisar. Depois de algumas horas de torpor, chamou-se um facultativo que immediatamente a sangrou: foi então tornando a si; mas ficou tão doente que a levaram para o hospital onde está em muito perigo. »

As reflexões que este facto nos suscita, em applicação ao que se passa actualmente em Lisboa e em todo o Portugal, não as farei eu, os leitores que as façam e com elles os illustres membros do 'Conselho da saude' se porventura lerem a REVISTA...

AFOGADOS.

218 Todos os annos por ésta quadra em que os *banhos* se multiplicam, por toda a classe de cidadãos e em todo o littoral do Tejo, norte e sul da cidade, acontecem mais ou menos desastres de pessoes afogadas por diversos accidentes. Este anno, e n'estes últimos dias, a repetição d'estes casos tinha com razão affligido e assustado a todos: tornava-se necessaria uma providencia governativa que obviasse a similhantes desgraças, ou pelo menos occorresse com os meios que humanamente podem ser empregados na diligencia de as evitar. Foi isto o que fez a portaria de 8 do corrente, que publicâmos na sua integra. É como se segue:

» Existindo no hospital-real de San'José d'ésta capital os aparelhos necessarios para soccorrer os asphyxiados por submersão, ou por outras causas, e cumprindo aproveitar aquelle meio de salvamento em todas as epochas, e principalmente agora que o uso de banhos do mar torna mais frequentes os casos de asphyxia por submersão; manda Sua Magestade a Rainha, pela secretaria d'Estado dos negocios do reino, que o governador-civil do districto de Lisboa passe as necessarias ordens aos administradores dos bairros da capital, assim para que façam pública a existencia d'aquelles aparelhos, como para que por via dos seus subordinados empreguem os competentes meios, com efficacia e vivo empenho, afim de que os asphyxiados por qualquer causa sejam conduzidos ao hospital de San'José com a maior celeridade possivel, por ser d'ésta que depende o bom resultado do soccorro. Manda outro sim Sua Magistade, que o governador-civil se entenda a este respeito com o commandante geral da guarda-municipal para que as patrulhas volantes e as estações da mesma guarda, sejem as primeiras em auxiliar este importante serviço. Paço de Belem, em 8 de outubro de 1845. — *Conde de Thomar.* «

Em additamento a ésta portaria parece-me que se deveria lembrar e pedir igual providencia para a cidade do Porto. Todos os dias quasi, os jornaes d'aquella cidade lamentam algum desastre da mesma natureza e pela mesma causa; e é de crer que no hospital do Porto existam iguaes apparelhos. Se porém não existirem, que não seja isso causa de se deixarem morrer ao desamparo muitos cidadãos victimas de funestos accidentes: o dispendio de alguns centos de mil réis não é coisa que lembre siquer como obstaculo para se não tomarem la, como ca, éstas uteis providencias.

MACHINA DE DEBULHAR.

219. Um jornal de Hispanha dá noticia d'uma nova machina de debulhar e limpar o trigo. Ésta machina não necessita de luz, nem sol, nem vento: a chuva ou a noite não lhe embaraçam o seu trabalho.

Com ella se tornam desnecessarias as eiras. Tres cavallos e tres pessoas bastam para a pórem em movimento. Uma d'estas pessoas põe os molhos das espigas ao alcance de outra, que está em cima da máchina, a qual as põe no logar onde ellas são debulhadas.

A terceira separa a palha e recolhe o grão em saccos preparados, e que se substituem á medida que se vão enchendo.

O joio e mistura sahem por um canal particular.

A palha não fica muito bem cortada, mas é sufficientemente macerada.

Ésta máchina foi ja experimentada na cidade de Palencia (cidade do reino Leão e pouco distante da nossa raia)... Assegura-se que é machina simples e pouco custosa.

MONTES DE PIEDADE.

220 Do 'Diario-do-Governo' de 14 do corrente extrahimos o seguinte artigo, reservando para outra oc-

(1) Quanto aos interesses da arte, ou arte dos interesses, quanto aos interesses dos doentes! Ja tomámos a iniciativa, e teimaremos.

casião tractar mais largamente d'éstas associações de beneficencia que ultimamente se teem multiplicado, mas nem sempre com as necessarias garantias.

« Debaixo dos melhores auspicios vêmos hoje correrem pessoas de ambos os sexos, e de todas as classes, coagindo para fim, por certo o mais util á sociedade em geral, qual é o de formarem associações com o philantropico fim de se soccorrerem mutuamente.

É sem dúvida na doença, que ataca repentinamente e quando menos se espera, que o operario, ou o menos abastado, soffre amargamente, além dos padecimentos physicos, a dôr moral de ver gemer sua desolada familia não so na penuria, pela falta do indispensavel para seu alimento, mas, de que n'aquella hora mais se pensa, dos recursos necessarios para atalhar o mal de que seu chefe se acha assaltado; deitando mão de todos os meios que seus poucos bens lhe offerecem, ficando até sem o necessario para se resguardarem da intemperie do tempo; e o que mais é, que exhaustos todos estes meios soffrem ainda maior dor, porque, á falta d'elles, veem-se na dura necessidade de soffrerem a triste separação, que, se n'outros casos é penosa, n'este o é em maior grau.

Ha seis annos que começaram a formar-se taes associações; e o resultado tem sido o verem-se oito ou nove d'essas associações progredindo, posto que lentamente, esoccorrendo na doença, fim principal de taes instituições, a seus socios. — Ora, parece que a experiencia de seis annos é sufficiente para provar que taes estabelecimentos promettem duração; e que não é illusão, mas sim realidade, o beneficio d'éstas associações.

Pergunte-se hoje ás pessoas que tem gozado os bens que conferem taes instituições, ouça-se-lhe a narrativa do estado pecuniario em que se achavam quando a infermidade os assaltou, e então por essa narração, que nunca póde ser exaggerada, se conhecerá o quanto são apreciaveis taes beneficios.

Sob os mesmos auspicios, e com tão justo quanto louvavel fim, se está formando um novo monte-pio com o titulo — Sociedade de Beneficencia de Nossa Senhora da Encarnação — por ser no centro d'esta freguezia que elle se está estabelecendo. — Vimos os seus estatutos, e conferidos com varios outros de que temos conhecimento, achamos que de todos, a não ser o Monte-Pio-Artistico (mas esse é muito maior a sua joia), é este o que mais vantagens offerece aos seus associados. — Oxalá que os actuaes fundadores, comprehendendo bem a sua missão, façam quanto suas forças permittam, afim de aggregarem a si o maior numero de pessoas de ambos os sexos, no que farão grande serviço, não so á sociedade em particular, mas a todos os individuos em geral; fazendo-lhes conhecer as vantagens que resultam, a si e a seus filhos, da entrancia em taes estabelecimentos.

Por uma deliberação tomada em assembléa geral, na sua primeira reunião, se acha prorogado o prazo até 15 de outubro corrente para as pessoas que quizerem aproveitar-se das vantagens concedidas pelos estatutos aos socios fundadores; são éstas, além de outras, o serem soccorridas, no primeiro de novembro proximo os do sexo masculino, e no primeiro de dezembro os do sexo feminino.

O diminuto das joias e das quotas semanaes, comparado com as grandes vantagens que offerece, são na realidade um incentivo para que todo o individuo de um e outro sexo, a quem os meios da fortuna não offereçam uma perspectiva risonha, se liguem a tão util quanto benefico estabelecimento; podendo dirigirem-se para este fim áquellas recebedorias de que temos conhecimento, que são nos seguintes locaes: — botica na rua dos Calafates n.° 40 a 42 — dita na Praça das Flores — dita na rua nova que vai de San'Domingos á Praça-da-Figueira — dita á Mouraria defronte do Recolhimento do Amparo — e na fabrica de estamparia, rua oriental do Passeio n.° 2.

Em casa do illm.° sr. presidente d'esta associação, João Maria Feijó, na rua da Hera n.° 21, primeiro andar, tem logar todos os domingos, pelas onze horas da manhan, a discussão dos estatutos, afim de se levarem o mais breve possivel á approvação do governo de Sua Magestade: o que fazemos publico para conhecimento dos socios em geral. »

MEIO D'ENNEGRECER A TINTA APAGADA NO PERGAMINHO.

221 Mette-se o pergaminho, cujas lettras estejam desvanecidas pelo tempo, em uma vasilha com agua acabada de tirar do pôço; algum tempo depois tira-se e põe-se n'uma prensa entre dois papeis, para que não incarquilhe ao seccar. Quandó estiver sêcco, se as lettras não estiverem ainda bem legiveis, repete-se a mesma operação, e assim por tres vezes. A tinta tomará afinal todo o seu antigo negro, e o pergaminho tornar-se-ha de uma côr toda igual.

(*Dict. des Ménag.*)

ORIGEM E HISTORIA DA CONTRIBUIÇÃO DE REPARTIÇÃO EM FRANÇA. (1)

222 Decretou-se, é certo, a lei do Cadastro. Decretar leis não é difficuldade. A constituinte decretou 3,402, a legislatura 2.079, a convenção 14.034, o directorio 2,048, o consulado 3,846, o imperio 10,254, Luiz XVIII da primeira vez 841; decretaram-se nos cem dias 318; Luiz XVIII da segunda vez 17,812; Carlos X 15,801; Luiz Philippe até 1835 decretou 6,323 e d'então para ca ter-se-hão decretado umas 12,206; somma total 88.964 leis; que são mais de 5 por cada dia util nos 7 da semmana, durante os 55 annos de 1790 a 1845. Mas de toda ésta multidão de regras de bem-viver, com que o podêr tem feito gemer os prelos, desde 1790 a 1845, quantas são as que tiveram observancia? Não foi a do Cadastro, porque derelicta, pelo espaço de 18 annos, foi so em 1808 (Rap. com. roy. Cad. au min. fin. 6 nov. 1817) que o imperador, por ultimo refugio contra a imprudencia da constituinte, se viu obrigado a precipitar-se em um tal alvitre, por causa da força maior da necessidade (Beugnot Min. d'Est. Rap. 7 junho 1819). A sua execução foi todavia achada de um tal implicanua que, decorridos mais 8 annos, o progresso feito na sua applicação apenas se fazia sentir. Em 1817, que era ja um anno mais depois d'esses 8, dizia o commissario-real do Cadastro, no seu relatorio para ser presente á camara dos deputados, que a repartição da contribuição se achava em um deploravel estado. As suas formaes palavras são que as matrises dos arrolamen-

(1) Continuado de pag. 161.

tos eram uns informes monumentos de arbitrariedade, parcialidade e injustiça. A ésta declaração que é textual, accrescentava mais, que estariam todos mortos antes de se chegarem a gozar as vantagens do Cadastro, cuja facturà, poderá exigir 40, 50, 60 annos a fazer: tendo os trabalhos de 10 annos custado 35.962.404 francos (5,753 contos de réis) não havendo mais de 9.247 *communas* cadastradas em 1817 desde 1790, isto e em 27 annos, e sendo 38,980 as que havia em França.

Procedendo o funccionario ja mencionado na sua amplissima exposição, por ser a primeira depois da restauração dos Bourbons, mostra elle que os cantões cadastrados comportavam pelo novo regimen um rendimento total de 242.461.991 francos, quando pelo antigo so era de 133,323.103. Esta differenço daria de plano em rosto ao expositor: mas ha aqui a reparar que se tinham supprimido os privilegios das ordens e das provincias, (pays d'états) onde se não procedia antes da revolução a levantar impostos com a mesma regularidade do resto do reino (pays d'election).

Mas seja este benêficio real e não apparente, por que nenhum empenho tenho mais pela primeira do que pela segunda, foi ja o presentimento tão profundo nos legisladores de 90, do pêso com que ésta contribuição havia de ir amolgar os contribuintes, visto que era da terra que tudo deveria vir segundo *a sciencia*, que elles logo determinaram que fosse o seu pagamento feito aos mezes: prática não so insolita mas o mais prejudicial que é possivel aos interesses da agricultura, que teem epochas de realisar certas, e entretanto que não deixava de ser indispensavel pelà suppressão dos *octrois* (sette-cazas) onde a percepção é diaria, e que o novo imposto era mister substituir como podesse ser.

Os artificios e a contra-acção, teem sido sempre menos raros do que era para desejar no governo que experimentaram as nações, desde todos os tempos. Os proprietarios sentiram-se tão avexados com as tendencias d'esta lei que os tornava por assim dizer os banqueiros de toda a sociedade para o pagamento da maior parte dos seus impostos, elles que não teem pela natureza dos seus empregos, capital nenhum disponivel, que poderam obter o direito de reclamar o abatimento competente no seu lançamento, todas as vezes que excedesse a 20 por cento o excesso n'elle. Bem poucos se aproveitaram do recurso que lhe facultaram, porque as delongas e as despezas para elle se verificar eram-lhe ainda superiores. Os lesados por essa razão quizeram mais antes appellar o seu alivio para quando o trabalho do Cadastro (o tombo da nação) estivesse completado; pois era so com elle que se podia corrigir o vicio da lei da repartição. Mas ja n'esse tempo o departamento d'Ain requeria por via da sua junta geral que esse Cadastro fosse re-feito todos os 25 annos. É verdade que isto de direito não se effectua, mas de facto é o que acontece. Em 1818, a repartição ja não era a de 1791. Rap. com. roy. Cad. au min. Fin. 31 oct. 1818.

Este facto ainda é confirmado pela evidencia de que todos os tributos indirectos tornaram todos outra vez, e trouxeram mais alguns em seu sequito. Os *octrois* das cidades que deveriam tomar sôbre si a contribuição ficaram, e a contribuição é sophismada por um ou outro feitio, para que vigore como d'antes.

Não eram os particulares no desabafo de seus padeceres que o diziam, era o mesmo govêrno pelo orgão do seu empregado, que da tribuna denunciava á nação o defeito do systema, e as provas que de toda a parte arrebentavam (éclattent de toutes parts) a justificar ésta apostrophe. Fundava-se ella em que 40,000 matrises que se tinham apurado durante 30 annos, não eram senão uma informe collecção de injustiças feitas pelos proprietarios uns aos outros, que não sendo habeis a repartir uma successão por herança, para o que precisam de chamar o juizo do fôro que lh'a faça, visto que tudo era confusão e candura nò *avalange* que precedeu o dominio da montanha, tinham sido entregues da repartição da contribuição que era para o Estado, em que toda a qualidade de fraude foi praticada em quanto á medição das terras e em quanto á designação dos edificios imponentes.

O departamento do Cantàl, por exemplo, que era esteril, estava taxado em 9,011 francos a legua quadrada; e o de Touraine, pelo contrario, que era ricco, estava taxado em 7,769 francos somente. Aonde porem se viu a derisão elevada ao summo grau no tocante a este imposto foi no tempo da Convenção e do terror; porque carregando París com um terço da repartição do seu departamento, foram-na lançar ás Tulherias que era palacio, aos boulevards que é uma via publica, á Notre-dame que é a Sé, ao Pantheon que é uma egreja, e á Fontaine des Innocens que é um esplendido chafariz, em que para, ao que parece, nos certificar que tudo n'este mundo é uma mentira e contradicção, por todo ornato e sôco, não ha senão leões, que não foram nunca considerados innocentes...

Uma protervia tal devia produzir na caixa nacional, o relativo desfalque. E assim succedeu porque sendo estimada ésta contribuição em 360,000,000, so produziu em 1799 a somma de 189,496,400 francos tendo sido obrigado o thesouro a fazer muitas remissões aos collectados, desde $\frac{1}{7}$ a $\frac{1}{63}$, e em 1801, desde $\frac{1}{7}$ a $\frac{1}{13}$ Notem-se bem éstas margens que chegam a alcançar dôze vezes de differença do minimo ao maximo algarismo. Longe de com o tempo ésta contribuição melhorar, ainda em 1818 so rendia 172,703,294 francos.

Feita a resenha sôbre a imposição *fonciere*, e passando o commissario-real do Cadastro em 1818 a qualificar a *mobiliere* diz elle: jamais conception plus malheureuse que la mobiliere — jamais concepção mais infeliz do que a contribuição do maneio. O principio da redacção gratuita tinha sido legado pelos fundadores do imposto: ora este principio, pois que as massas nunca podem ter a instrucção necessaria, tinha feito que de 40,000 roes dos arrolamentos da contribuição mobiliere não houvessem 100 que fossem regulares. Por isto não póde durar dois annos que não fosse alterada e n'ella se introduzisse a modificação da quotisação. Assim era vitalmente preciso, porque contando de se tirar d'ella 60 milhões, não se tiraram senão mal 22 milhões.

A contribuição pessoal não peccou em erros menos graves. Tinha sido arbitrada a sexta-parte da população para os dias de trabalho do seu jornal.

Este arbitramento não correspondia, e foi preciso finalmente ajustar que fossem os contribuintes d'ésta classe a pagar aquelles que se achassem.

(Continúa.)

C. A. da Costa.

PARTE LITTERARIA.

N. B. O capitulo XVII das ' Viagens na minha terra ' sahirá no seguinte número.

DO PARIATO. (*)

223 Concluida a remissão em geral das origens onde vai entroncar o pariato moderno inglez, ha no exercicio das suas funcções legislativas, desde que cessou de ser baronial e passou a ser constitucional, excepções que denegando-lhe presentemente participação no direito commum dos mais cidadãos, vem roborar a doutrina dos direitos especiaes que tinham seus antepassados, quando barões.

Uma explicação é aqui indispensavel e não se deve passar adiante sem se satisfazer a ella com aquella amplicitude que é possivel em archaionomia. A camara dos lords não tem voto nos tributos nem na contribuição de sangue. Tambem os seus membros não teem voto electivo, mas d'este mais tarde fallaremos.

O inglez adora os procedentes. Não é por oppressão que muitas práticas offensivas ao direito commum se conservam na sua nação, é pela superstição que lhe consagram. Ainda ésta sessão em parlamento se publicou um relatorio judiciario, que tem merecido os applausos unanimes de todos os grandes funccionarios judiciaes, em que se mostra que por falta de appellação que a lei nega em causas crimes, muitas victimas innocentes tem padecido morte: como a nação porem desde que o é, remontando ao conquistador, não a admittiu para ellas que eram só julgadas em primeira instancia por jurados que eram testemunhas, corre risco imminente a humanidade de não ver a legislação sôbre tão interessante materia alterada.

Ao principio da conquista a nobreza tinha ficado com o paiz todo. Mal se podia portanto pedir nada a quem tinha tirado tudo. A miseria porém em todos os seculos tractou de se remir, em quanto a riqueza tracta so de se dissipar. Os primeiros tempos não passaram de muitos annos, não fez muita falta o estragado, e as precisões não eram muitas, porque guerras não as havia: começaram porém a medir forças os conquistadores entre si, com o extrangeiro, e mesmo os conquistados com elles, cresceu a variedade nos gastos; a economia servil era além d'isso muito esteril: foram os regulos os primeiros por todos os feitios a emancipar os escravos e estes principiaram a possuir. O Ensaio e a Magna- arta de Thomson, e ainda outros, dizem que houve baronie de primeira cabeça que pelo processo da divisão, com o tempo, chegou a dar de si 300 baronatos territoriaes.

De direito o Estado era dos barões e portanto a elles vinha a sua manutenção juntamente com o rei; assim era o machinismo feudal. Não podia porém; nem era para um e outro de conveniencia, continuar por mais tempo ésta ficção, depois das alienações que se tinham ido fazendo: ve-se pois por não buscar outros logares, nos Parlimentary writs, anno 1294, uma circular mandada a todos os condados de Inglaterra, para o *Sheriff*, magistrado analogo a administrador, n'esses condados, haver de proceder á eleição n'elles de dois sub-barões, *Knights*, que são escudeiros, que tanto tinham pullulado, afim de comparecerem com poderes por si e toda a *communitas*, para annuirem ao que fosse determinado pelos condes, barões e proceres, em *colloquium* com o rei. Não cuidem que ésta ordenação era com intenção de honrar os que tinham sido chamados; nem tão pouco medo que por ora lhe tivessem. A convocação em logar de ser uma evidencia de liberdade era um ferrete de escravidão. Alem dos knights eram mais os burguezes pelos burgos, aos quaes se ajuntavam tambem os representantes do clero inferior a quem o rei não ousava fintar, auctoridade regia. Este clero tinha sahido todo da raça conquistada que ia ao sacerdocio buscar a sua emancipação. A leitura da tragedia de Thomaz á Beckel em Thierry, explica isto tudo magistralmente. Verificado o ajuntamento de todos os tributarios promiscuamente com os judeus, para o logar aonde quer que se achasse rei e barões, era-lhes entregue sem mais cerimonia a requisição para darem dinheiro. O pagamento de tributos não era por então objecto de legislação, poucos o eram. Os barões de sua liberalidade contribuiam em razão dos seus fundos e pelas obrigações que com elles contrahiram. Os communs impunha-lh'os o rei, no commercio que faziam e na sua industria. Cada uma das ordens dava em separado, os lords á parte, o clero e os cidadãos com os burguezes. Este terceiro estado sempre mais do que qualquer dos outros. Ás vezes o dobro, e sempre forçado.

As tradicções que os povos conservam do bem e do mal, ainda que confusas, comtudo com um curto fundo de verdade, ou pelo menos dos resultados ou consequencias, chegaram a radicar-se tanto na memoria dos inglezes, a respeito dos parlamentos so servirem para lhes impor tributos, que ainda no tempo de Isabel, não tem mais de duzentos e quarenta annos, estavam elles por essa causa em muito descredito, e por isso o povo estimára que se não chamassem, no que ía de perfeito accordo com o animo altivo da sua rainha, que poucas vezes os chamou, observando sempre a mais rigorosa economia dos dinheiros publicos para evitar de os chamar, e congraçar-se com os contribuintes. Dinheiro não era a sua propensão, mas vassalagem e o direito divino monarchico, escolho onde veio a naufragar Carlos I. Todos sabem, pois é facil de o saber pelos livros mais elementares, que os inglezes foram os ultimos a entrar no gremio da civilisação, ainda que hoje deitam a barra adiante de todas as nações. Nós professámos primeiro a navegação. Os italianos e os Paizes-baixos a industria fabril. Sendo o excedente que se podia accumular em Inglaterra aos primeiros seculos da sua conquista, apenas os despojos dos animaes, que serviam de alimento, e não os fazendo ainda preparar para o uso, tinham por consequencia de os exportar. E' sôbre esta exportação, porque era visivel, estava junta, pertencia a pobres industriaes indefensos, sahia pelos portos que tinham sido sempre do rei, que as garras reaes se ferravam com a maior gana. As guerras inglezas contra os francezes, na idade media, fizeram-se com lan bruta, assim como passados uns poucos de seculos se fizeram com algodão, mas então fabricado.

No anno 20.° de Ricardo II, que corresponde a 1397, vem nos Proved. & Ord. priv. counc. entre outros logares que igualmente se podiam apontar, a licença

(*) Continuado de pag. 188.

que se mandou dar aos negociantes para exportarem lans, sola e pelles verdes de carneiro, comtanto que trouxessem de retorno uma onça de oiro por cada sacca de lan, idem por cada 240 moios de sola, e idem por cada 240 pelles; sempre a mania do oiro! Mais de um seculo antes, isto é, em 1274, ja Eduardo I, tinha feito uma ordenança que vem nos Parl. writs, vid. 1.º anno 1827, para a arreeadação dos novos direitos d'alfandega concedidos pelos *Grauaz* do reino, sobre lan, pelles de carneiro, e coiros que se exportassem d'Inglaterra, Irlanda e Gales; a ordenança tendo sido feita a rogos dos *communes de Marchanz*. Diz o autographo que fóra ésta concepção feita em parlamento em um domingo. Em 1275, o mesmo Eduardo I passa cartas patentes, nomeando Lucas de Luk e Rolandinus de Podio e seus socios mercantes de Lucca, collectores d'esses novos direitos em todas as partes de Inglaterra e Galles. No mesmo anno iguaes cartas a favor de Eudo e Milisent sua mulher, declarando que lhe pertencem todas as multas provinciaes de lans etc. embarcadas dos portos registados sem a sua licença. Para se ver com mais particularidade a maneira porque então se levantavam tributos, cada classe á parte, temos um *writ* em 1283, dando commissão a Henricus de Nerweck arcediago para ordenar e dispor dos serviços que tinham sido concedidos em York, pelos escudeiros, liberi homines, communitates e todos os mais dos condados além Trente. No mesmo anno outra igual commissão e Essex para o lançamento e collecta do trintessimo que tinha sido concedido pelos escudeiros, homens livres, e o commum do condado, com a condicção que os magnates tambem dessem o mesmo. Em uma e outra occasião, não se falla no concurso dos lords para a doação d'estes impostos.

No trafico commercial agricula dos mercantes, e os direitos d'ahi provenientes para o *Excheque*, não queriam nem podiam entrar para nada os barões, posto que d'esse negocio fosse por então d'onde os populares dirivassem a sua riqueza e o Fisco o seu mais pingue rendimento. Eu poderia ir buscar provas mais recondilas d'esta asserção mas para não estar com pedanteria ociosa e ostentar pontos que não supponho interessem a muitos leitores, nem muito aos poucos que mesmo houverem de ler éstas linhas, ahi está o orçamento da receita para o anno de 1415—1416, de Henrique V que conquistou a França. Importo ella toda em lib. 56,917.13.4. N'ésta quantia *custuma e sub. lana* são l. 36,000. — Vinho l. 10.000. — Ja se ve por aqui que os direitos das alfandegas eram muito importantes para os reis que dispunham d'elles sem intervenção de ninguem. Elles eram tão ciumentos d'ésta prerogativa, e tão inveterado foi este costume (em inglez os direitos de alfandega são *customs*) que James I em 1614 ainda quiz presistir n'elle, a despeito de toda a opposição dos communs, e foi so em 1640—1642 que estes poderam vencer n'ésta pertinacia a Carlos I que veio a morrer no cadafalso em 1649, por não ter podido conhecer a mudança que tinha havido nos tempos. Ésta foi a causa da sua immerecida desgraça, porque como homem elle estava em civilisação muito adiante dos seus subditos. Era litterato e de polidez rara para a sua nação. Foi o maior protector e conhecedor de pintura que monarcha algum que tenha tido a Inglaterra. Os seus costumes eram sem macula. Padeceu a pena da transição politica em que se achára involuntariamente porque a não quiz como cavalheiro trahir. Foi este acontecimento, nove annos depois da acclamação da Casa de Bragança, e esteve-nos custando caro pelo abrigo que o principe D. Theodosio insistiu se desse ao principe Rupert, que nos ía complicando um Cromwell.

Continúa.

C. A. da Costa.

BIBLIOGRAPHIA.

224 PORTUGAL — RECORDAÇÕES DO ANNO DE 1842. — Pelo *principe Lechnowsky*. — Lisboa, 1845.

Ésta obra não deixa de conter alguns pontos verdadeiros; nota-se-lhe comtudo muita exaggeração na parte em que o A., que a cada passo se contradiz, parece querer de proposito deprimir a nossa industria agricula e manufactora. È marcha seguida dos viagantes extrangeiros que veem á nossa terra, serem illudidos pela ignorancia ou ma-fe de quem os informa, o que parece que o A. acceitou sem o minimo reparo. Estou certo de que se tivesse vindo á provincia do Alemtejo e visse as suas ferteis campinas curtadas pela charrua, prodigalizando abundanissimas producções de todos os generos necessarios á vida, não faria um juizo tão inexato dos laboriosos portuguezes n'este ramo essencial da sua riqueza. Tambem não examinou a mimosa provincia da Beira-baixa, as risonhas e ferteis margens do rio Zêzere, que se despenha do alto da serrra da Estrella pela chamada cova-da-Beira, percorrendo grandes planicies na distancia de mais de vinte leguas até se encorporar no Tejo; regando as suas crystalinas aguas em todo o seu curso, extensas margens e lezirias que produzem abundantes e saborosos fructos: e é este um solo que póde chamar-se abençoado onde todo os fructos são de um sabor summamente delicioso.

Se o A. visitasse as fabricas de lanificios de Portalegre e Covilhan, principaes monumentos que abonam o nosso adiantamento em manufacturas d'aquelle genero, forçosamente seria mais exacto e não nos chamaria pouco industriosos. Certamente este viajante não dedicou attenção em Portugal senão á sua politica, e usanças populares, porque estando tanto tempo em Lisboa vendo as principaes coisas que n'ella existem, parece que de proposito não menciona os seus industriaes estabelecimentos, taes como o da companhia de fiação de tecidos lisbonense estabelecida em Xabregas, que faz honra á nação pelo bem acabado dos seus productos, e tão prospera vai ésta empreza que por alvará de 4 de julho foram approvados os seus novos estatutos, sendo elevado o seu capital de 80 contos de réis que até aquella epocha constituiam o seu fundo, a 960 contos de reis, divididos em 14$000 acções de 240$000 rs. cada uma. Os portuguezes são industriosos e amigos dos trabalhos braçaes pois que d'elles vivem, e não se encontram errantes pelas nações extranhas, empregados em divertir a populaça em figura de palhaços e peloliqueiros, para adquirirem o sustento, assim como muitos extrangeiros ociosos que vem a Portugal mendigar o pão que lhes escaceia nas suas patrias.

E' pena que ésta obra não apparecesse em quanto o seu auctor esteve entre nós porque n'essa occasião, mais propria, appareceriam muitas penas habeis que o rectificassem, e elle talvez se tornaria mais prudente.

Apezar de tudo o nosso hospede despediu-se saudoso de Portugal, onde foi bem acolhido como elle confessa; outro tanto lhe não fizeram os nossos visinhos hispanhoes onde a sua vida correu grande risco.

E' bastante para sentir que o extrangeiro venha descrever as bellezas do nosso paiz a seu bel-prazer pois não possuimos um quadro completo estatistico, artistico, geographico, politico etc. etc. de Portugal: o que é bastante desairoso para uma nação que está a par das mais civilisadas. Estou certo porém que esta falta deixará brevemente de existir com a publicação de uma obra da habil pena de um sabio portuguez, que brevemente sahe á luz. Ficarei por aqui, deixando a obra a quem se queira dar ao trabalho de lhe fazer mais analytico comentario; o que em parte ja o seu traductor fez com as notas que lhe

ajuntos, e pelas quaes lhe damos os agradecimentos em nome do paiz.

Extremoz 28 de septembro de 1845.

Casemiro Antonio Ferreira.

DA POESIA ANTIGA: OU DA ANTIGUIDADE E BELLEZA DOS VERSOS OCTOSYLLABOS. — Porto, 1845.

E' um folheto de 21 paginas de oitavo, e apenas começo d'este interessante trabalho, devido á critica erudita do Sr. J. J. da Silva Pereira.

A REVISTA reserva-se a tractar d'ésta publicação logo que ella esteja concluida.

ADVERTENCIA.

No artigo bibliographico sôbre a *Livraria-classica*, publicado no n.º 15 da REVISTA, por inadvertencia se disse sempre *bibliotheca* em vez de *livraria*.

VINTE E UM D'AGOSTO.

I.

225 Minha lyra aos ais propensa,
Echo fiel de mil dores,
Hoje repulse a tristeza,
Adorne-se hoje de flores.

Não gema o peito, nem tristes
Os olhos fitem o chão,
Não corra o pranto, e correndo
Seja de consolação.

Longe, bem longe os espinhos
D'acerba melancholia,
Hoje minh'alma respire
Serena, pura alegria;

Alegria sancta! e doce
Que de puro amor provém.
Amor sublime, faisca
Do amor que os anjos teem.

Hoje nasceu, fausto dia!
Quem me fez a mim nascer,
Crime sería a tristeza,
Hoje so quero o prazer.

Não solte a bocca suspiros,
Esqueça meu peito as dores,
Minha lyra aos ais propensa
Hoje se adorne de flores.

II.

Raio do ceu, meigo e puro,
Que me aviventas na terra,
Minha mãe! — este so nome
Quantas doçuras encerra!

Minha mãe! — suave estrella
D'esp'rança, crença e amor,
Hoje foi que tu raiaste
N'este horisonte de dor!

Raiaste... e logo me foste
Fiel, propicio phanal,
Ninho d'afago e ternura
Onde escapo ao vendaval.

Tu me guiaste na vida
Os primeiros passos meus,
Tu, mostrando-me tua alma,
M'ensinaste a crer em Deus.

Consolaste-me nas trevas
Da perda longe da luz; (1)
Comtigo inda hoje reparto
O pêso da minha cruz.

Harpa de mil harmonias,
Fonte so de puro bem,
Que thezouro ha hi na terra
Que valha uma alma de mãe?

III.

Oh! feliz quem te possue
Ente d'angelica essencia,
Extranho ser, que não vives
Senão da extranha existencia!

Féliz eu, porque possuo
Essa joia sem egual;
N'ella tenho o paraizo,
O mais que importa? que val?

Que m'importa que um deserto
Seja a meus olhos o mundo,
Se n'aquella alma celeste
Me resta oásis jucundo!

Que importa que minha vida
Seja uma crôa d'espinhos,
Se não me faltam as rosas
Dos seus maternos carinhos?

Que m'importa que outro peito
Me negue sua ternura,
Se um outro amor me acompanha
Desde o berço á sepultura?

Sim feliz! — e tu, ó lyra,
Sempre que volva este dia,
Deixa os ais a que és propensa,
Solta um cánto d'alegria.

Agosto 21, 1845.

A. Lima.

VIAGENS.

UMA ARRIBADA Á ILHA DA MADEIRA. (*)

226 O curral, que tinhamos o projecto de ir ver, é um immenso amphitheatro de rochedos; assim chamado porque pela sua forma semelha uma estrebaria tal como o construem os portuguezes: é parecido com o circo de Gavarnia, algum tanto menos ellevado, mas muito mais vasto, é o algar de um antigo vulcão, tão destroçado que é difficil reconhecel-o. Em redor do curral, surgem em todas as direcções as formas mais extravagantes: tenho-as agora todas presentes aos olhos do meu espirito; mas perco a esperança de as dar a ver ao leitor: ésta maravilha attrahiria curiosos por milhares, se estivesse na Europa. Os despenhadeiros são comparaveis aos grandes horrores da Suissa. Um touro a quem nossos cavallos as-

(1) Uma infermidade que padeci na infancia me privou da vista por espaço de um anno.

(*) Concluido de pag. 191.

sustaram, escorregou diante de nós sôbre o declive dos rochedos, gastou quatorze segundos a chegar ao fundo, detido a cada duzentos ou tresentos pés pelas agudas pontas, nas quaes ía topando até que vimos um ponto amarello e informe faser escumar e resaltar a agua da torrente. Calcula-se em cerca de 1800 pés a profundidade d'este abysmo: mais de uma vez estivemos em risco de a medirmos nós mesmos, e caminhavamos a pé, segurando os cavallos pela arreata, dispostos a largal-os se escorregassem. Todavia aquellas veredas passam por outras tantas maravilhas; todos os habitadores foram obrigados a trabalhar n'ellas, sob pena de quantiosa coima; por aqui póde avaliar-se a difficuldade da obra. Na Madeira a natureza esparge os seus trastes a plenas mãos, como a litteratura da épocha presente; eu não déra de conselho á arte que luctasse com ella sôbre este ponto; a natureza vinda directamente de Deus, é sempre grande, singela, formosa de muitas bellezas differentes, que se assemelham sem excluir-se; nunca é como a arte falsa e ridicula; a arte só é a que faz as caricaturas. Voltámos por outra vereda, tão fertil em prespectivas como a primeira, e ao tornar a entrar na cidade não sentimos senão algum cançasso de corpo, mas nenhuma saciedade de espirito. No dia seguinte emprehendemos outra excursão ao cume do *Ruido*: abstenho-me de a referir, porque faço idéa de que o leitor ja estará farto de montanhas e precipicios.

Quizera dizer alguma cousa de um baile, que se arranjou de improviso para nos fazerem divertir; mas tenho sempre achado uma desconsoladora semelhança entre os divertimentos dos homens de todos os paizes: sem a menor duvida não viemos a este mundo para nos divertir, porquanto somos tão pouco geitosos ao procurar conseguil-o, e gyrámos em um circulo bem estreito: esfregae tresentos aborrimentos uns contra os outros, fareis sahir d'elles bem poucos prazeres. Os bailes portuguezes são quasi tão alegres como os nossos, se os devo julgar por este; a maior differença consiste em que n'este nenhum outro refresco houve além de uma duzia de limões, e outros tantos copos d'agua, e em que os homens fumavam na salla em lugar de fumarem á porta. Dir-se-hia, que alli se achavam outros tantos pequenos vulcões em erupção; as senhoras estavam cobertas de flores a um tal ponto que empestavam o ar: estes dois aromas de jasmins e de tabaco combatiam-se mutuamente como o bom e o mau principio, cujo conflicto mantem a ordem; se cada um d'estes cheiros tivesse sido desacompanhado, haver-nos-hia asphixiado; a mistura de ambos permittia-nos que respirassemos.

A moda forma o unico laço (menos fragil do que se cuida) que une França á Madeira, como tambem a tantos outros paizes em que o nome francez, tão famigerado no continente europeo, seria quasi desconhecido, se não tivessemos como coisa essencialmente nossa, essa *entidade* mobil e varia, de que nos assenhoreamos. Sem a minima sombra de dúvida a sciencia dos enfeites é o nosso ramo especial de conhecimentos; o ceu nos formou para vestirmos o universo, como creou os romanos para o subjugar, e os inglezes para d'elle tirarem proveito; a garça e a cambraia são nossas frotas e nossos exercitos. Ha no Funchal como em toda a parte, uma modista franceza; sabe Deus quando e como recebe ella os figurinos: provavelmente passam por Londres, onde se *britannizam* algum tanto; porém, sejam novos ou não, ella donosamente sustenta 'por de traz da sua janella sem vidros' a honra da rua *Vivienne*, e rege com o sceptro de sua tesoura um batalhão de moçoilas de olhos pretos, que conhecem ás mil maravilhas os usos e manhas do bairro *Richelieu*, e até parece que os sabem e as sabem como por instincto..........................

....

Direi agora alguma coisa sobre a ilha em geral, com risco é verdade de copiar *a alguem* o que acontece a maxima parte das vezes a todo o fiel ou infiel que pega na penna... Que colonia haverá mais digna de ser objecto de combates! Presentemente os inglezes a possuem sem terem alcançado victorias nem fazerêm despezas com a occupação. Está situada altamente na latitude em que todo o homem quereria viver, se ao nascer se lhe désse a escolha da sua habitação e se Deus não escolhesse por elle. A sua temperatura é uma primavera perpetua, mais ou menos quente, mas sempre deliciosa, que muda quanto basta para fazer sentir a variedade, não quanto seria preciso para molestar. Altas montanhas cobertas de mato, cujo cimo é saturado com as neblinas do Atlantico, as restituem em mil regatos, que circumdam a ilha como de uma madeixa de prata. Muitas das producções dos tropicos nascem junto ao mar, e as dos climas temperados cobrem differentes terrenos sobranceiros, cada uma segundo a sua natureza: primeiro que tudo, e mais em baixo, o ananaz, que costumam cobrir levemente no mez de janeiro; a banana que nasce sem precisão de cultura; a laranja que se parece tanto com a de *Hiéres*, como a uva ordinaria de Fontainebleau com a moscatel da Sicilia; o figo de que os Parisienses conhecem a figura, mas não o sabor; o pecego, a amexa, o damasco, em fim toda a nossa fructa; e até, ao subir, sempre para achar a frescura, a pera, a cereja, o morango, e mesmo a framboeza, essa carça da Laponia! Admiravel privilegio das elevadas montanhas, que ao tempo que concentram o frio sobre seus cabeços, servem de caloriferos para as plantas dispostas em latada nas suas fraldas, e reunem debaixo dos mesmos olhos, nas mesmas mãos, as produções de vinte climas differentes. A Madeira póde, havendo cuidado na sua cultura, possuir todos os fructos do mundo desde o circulo polar até ao equador. A vinha constitue a sua riqueza immensa: espreme-se toda a uva para d'ella fazer vinho; nada reservando para fazer passa como em Smyrna, e em Malaga. A ilha produz cada anno obra de 30 mil pipas de vinho de 500 litros cada uma: cerca de 3 ou 4 mil vão para Inglaterra, Russia, Allemanha. Um número igual é comprado alli mesmo pela marinha de todas as nações, e destinada a viajar, torna-se melhor depois de haver feito o giro do mundo; cinco ou seis mil vão abastecer as Antilhas, o resto é consumido na America do Norte, que é o paiz do Universo onde mais se bebe. É o vinho que alli mais saborêamos, bem como tambem o Champanhe. Vi em uma hospedaria de Nova York uma lista em que estavam especies de vinho da Madeira, e algumas desde 60 até 80 francos cada garrafa!..

A Madeira tem cerca de cem leguas quadradas, e oitenta mil habitantes, a maior parte dos quaes são

pequenos proprietarios...............................

As familias dos primeiros povoadores, isto é d'aquelles cavalheiros pelos quaes se repartiu a principio o terreno da ilha, formam ainda a aristocracia da terra, e dam-se exclusivamente umas com as outras: formam uma sociedade onde se acha singela bondade e benevolencia; mas nem movimento, nem luzes. As visitas fasem-se a cavallo, unico meio que ha de caminhar, e assim mesmo cheio de perigo, por causa do ingreme das ladeiras, e dos seixos pontagudos de que são calçadas todas as ruas. As senhoras tambem se servem de cavallos, porém mais frequentemente de *cadeirinhas*, em quanto a carruagens, não posso affirmar que as não haja, mas não vi uma só. Em todas as reuniões reina a sobriedade; sómente o jogo, reservado para os homens, faz subir algum sangue a seus rostos descórados. Os livros são fasenda quasi desconhecida; a caça não existe; até o passear é difficil; todos os seus periodicos consistem em uma folha semanal garatujada com algumas noticias de Lisboa e com algumas traducções dos romances de nosses folhetins.

A politica, esse drama tão ensosso quando n'elle se não é actor, não póde alvoraçal-os no meio do seu atlantico; vivem por consequencia em uma quietação perfeita, estado o mais ditoso do mundo na opinião dos que d'elle não gosam, e que o não poderiam supportar se lhes fosse offerecido.

Ponho um remate ao que tenho que dizer ácerca da Madeira: é uma terra deliciosa pelo seu clima, incantadora pela sua temperatura; deleitosa para os olhos, refrigerante para o espirito; é uma habitação azada para fazer scismar os poetas, e suspirar os namorados; porém nunca um francez poderá alli morar senão por um instante. É uma apparição divina e uma morada impossivel! Este estado febril em que nós vivemos, e que se ha tornado chronico, nos inhabilita de saboaear os bens com que metade do mundo se contenta: é como se nos quizessem obrigar a viver de hervas e de flores. A existencia de nós outros, povos do norte, absorve-se e exhala continuamente; é-lhe forçoso preencher suas condições, é-lhe indispensavel ser alimentada segundo a sua natureza. A dieta e o descanço ser-lhe-iam morte inevitavel. Imagine-se um francez, um inglez, um americano, mesmo um allemão, sem periodicos, sem sciencias, sem conversação, sem musica, sem politica, sem industria, sem nada emfim do que accelera o pulso de nossas sociedades, e lhes envia o sangue ao cerebro: esse homem poderia acaso ser feliz olhando para as nuvens do ceu, para as vagas do mar, escutando o suave ruido do vento do norte por entre as magnolias, respirando o ar embalsamado pelas flores das larangeiras? Não, sem duvida: elle se porá á escuta para ouvir algum eccho do rumor social, e a soidão estará cheia do mal que so existe na phantasia d'elle indiscreto meditador. Todavia se algum philosopho quer cessar de ver os homens para continuar a amál-os, se algum poeta quer viver comsigo mesmo para em fontes divinas cobrar um novo vigor; se dous corações bem unidos são um para o outro um mundo inteiro, se algum doente quer peloticar com um livro, e livrar-se do seu medico, não posso recommendar-lhe um abrigo mais conchegado, um retiro mais odorifero que a deleitosa ilha da Madeira: Partam portanto, e Deus lhe modere o vento, e lhe abonance as ondas!...

V. de la Boulaye.

BELLAS-ARTES.

ACADEMIA DAS BELLAS-ARTES NO PORTO.

227 Do 'Periodico dos Pobres no Porto' transcrevemos o seguinte:

« Hontem de manhan teve logor a sessão pública annual da Academia das Bellas-Artes na sala do muzeu. Serviu de presidente, por se achar doente o exm. sr. visconde de Beire, o sr. Joaquim Rodrigues Braga, lente de pintura historica, e recitou a oração o sr. Manuel José Carneiro, lente substituto de architectura, a pedido do sr. Joaquim da Costa Lima Junior, lente de architectura, que a havia feito, e por adoecer repentinamente. Assistiram ss. ex.as os srs. bispo da diocese e conde de Terena, governador-civil; conego José Narciso, alguns lentes, e outras varias pessoas e algumas senhoras. O sr. Braga distribuiu os diplomas de merito a diversos alumnos, a quem dirigia elogios em nome da academia: o alumno que mereceu maiores e mais especiaes elogios foi o sr. Emilio Constancio da Silva Maia, joven de 13 annos e filho do sr. João Maria da Silva Maia, o qual foi publicamente em nome da academia elogiado pelo sr. presidente pela sua habilidade e comportamento civil.

Seguiu-se a exposição trienual que esteve muito mais numerosa do que a de ha tres annos; além das obras premiadas as que mais sobresahiram foram: os retractos do exm.º visconde de Beire, da esposa e da filha mais velha do sr. doutor Custodio Luiz de Miranda, feitos pelo sr. Thaddeu Maria d'Almeida Furtado, substituto de desenho da academia; um quadro com oito miniaturas feitas pela sr.a D. Francisca Candida de Almeida Furtado, joven artista de 18 annos irman e discipula do referido sr. Thaddeu; os quadros de Caim e Naufragio de Sepulveda pintados a oleo pelo sr. Domingos Pereira de Carvalho, substituto de pintura; a cópia a oleo de uma Santa Apollonia, pelo sr. João de Sousa Neves e Almeida, artista aggregado á aula de pintura; um Christo; o retracto de um camponio, o retracto do sr. Rossi dourador de rua de Santo-Antonio e um quadro de aves mortas, pintado a oleo pelo sr. João Antonio Correa, discipulo da academia; os retractos do exm.º presidente da Relação e do sr. padre Villaça, pintados a oleo pelo sr. João dos Sanctos, acreditado retractista n'ésta cidade, os quaes agradaram muito; tres bustos em barro copiados do natural pelo sr. José Maria Ferreira Maia, discipulo da academia; seis desenhos, cópia do sr. Guilherme Antonio Correa, estudante do 1.º anno de pintura; um satiro desenhado a lapis vermelho pelo sr. Guilhermé de Sousa Pereira de Arnaud; um Senhor-da-canna verde desenhado a lapis pelo sr. J. G. N. Pimentel, discipulo do sr. João Antonio Correa. A sessão principiou ás 11 horas, e terminou ás duas da tarde. »

A 'Coalisão' traz um artigo em que se avaliam assim os objectos exhibidos: é como se segue:

« . . . .

Foram poucos, como já dissemos, os objectos que appareceram expostos; mas entre esses poucos alguns

bá que nos compensaram do tempo que gastamos na visita.

O exame que fizemos não foi tão minucioso como desejáramos, ainda que, forçoso é dizel-o, por mais prolongado que elle fôra, não chegariamos, é provavel, a outra conclusão que não fosse ésta. — As primeiras impressões são invariavelmente as melhores, e as mais exactas.

Suppomos não fazer injustiça a ninguem, dando o primeiro logar aos retrato do exm.° presidente da relação, e do sr. Villaça Bacellar, pelo sr. João de Almeida Santos. É inteiramente impossivel copiar a natureza com mais fidelidade e expressão, — é alem das forças humanas dar mais viveza ás cores, e introduzir a *vida* em objectos inanimados. Em uma palavra, estes retratos fariam honra ao mais eximio artista da Europa.

Honrosissima menção merecem tambem os retratos de um camponez, e do sr. Rossi, dourador na rua de Santo-Antonio, pelo sr. João Antonio Correa. O pincel d'este talentoso artista *lisongeia* alguma cousa, mas tudo isso lhe desculpâmos, porque os seus retratos são verdadeiros — *protraits vivant.*

Concluiremos com os retratos fallando de um joven professor de mui distincto merito o sr. Thaddeu Maria d'Almeida Furtado. O talento d'este artista ainda não chegou á sua perfeita madureza, mas o fructo que ja nos apresenta denuncia um talento raro. Os retratos que alli vimos foram os da exm.ª esposa do sr. dr. Custodio Luiz de Miranda, e de sua filha mais velha. Todos elles lhe fazem grande honra; e muito lh'a faz tambem sua pupilla e irman: o quadro com as oito miniaturas está bello.

Diremos duas palavras sobre algumas pinturas ou quadros historicos e de imaginação, que alli vimos.

Do sr. Domingos José de Carvalho vimos — *O Juramento de Viriato*, *Caïn*, *e o naufragio de Sepulveda.* D'estes tres o que mais nos agradou foi o quadro de *Cain.* Os outros são bellas concepções, mas o desempenho não correspondeu; geralmente fallando, os quadros historicos peccam pelo colorido — é demasiadamente claro; é defeito facil de corrigir, e nós esperâmos que os nossos artistas attenderão a isto.

Os dous quadros de flôres estão excellentes — não podiam estar mais perfeitos; mas o artista não attendeu a uma cousa — juntou no seu *bouquet* as flores da primavera com as do outono: ora isto não é natural.

Em esculptura nada vimos que mereça particular menção.

Em desenho admiramos algumas perspectivas do sr. Licinio Fausto Cardoso Carvalho.

Em conclusão pedimos á academia, e pedimos isso pelo amor de Deus, e por honra da mesma academia, mande tirar da tribuna o retrato que alli está da nossa Rainha — porque realmente não é o retrato da soberana; e como *pintura* é tão inferior que é um desdoiro para a academia não apresentar outro melhor.

A lista que se segue é a dos alumnos premiados: — 1843 — desenho: João Vieira Velloso, 1.° premio — Licinio Fausto Cardoso Carvalho, 2.° dito. — *Concurso annual.* — 1844 — desenho: Emilio Constancio da Silva, 1.° premio — João de Lemos, 2.° dito — Francisco José Rezende, accessit. — João José Coelho de Lima, accessit. — Antonio José de Sousa Azevedo, accessit. — Narciso José Marques d'Abreu, accessit. — Licinio Fausto Cardoso Carvalho, accessit. — Antonio José Pinto, accessit. — 1845 — desenho: Emilio Constancio da Silva Maia, 1.° premio. — Antonio José de Sousa Azevedo, 2.° dito. — Narciso José Marques d'Abreu, accessit. — João José Coelho de Lima, accessit. — Antonio José Pinto, accessit. — *Concurso triennal.* — Architectura: José Luiz Nogueira Junior, 1.° premio. — João Rodrigues Maia, 2.° dito.

Em pintura o unico concorrente que havia não foi julgado digno de premio.

Em esculptura, um que deu o nome não apresentou a obra.»

ASSOCIAÇÕES SCIENTIFICAS E LITTERARIAS.

ABERTURA DA ESCHOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO.

228 Do 'Periodico dos Pobres no Porto' transcrevemos o seguinte:

«Na segunda-feira 6 do corrente teve logar a abertura da Eschola Medico-Cirurgica d'esta cidade. Assistiu o corpo cathedratico, provedor, guarda-mór, e vice-provedor da saude, algumas alumnas que foram da cadeira de obstrecticia da eschola, numeroso auditorio. Ao meio dia recitou o sr. Velloso da Cruz, lente de physiologia, uma oração que duraria tres quartos de hora.

O orador desinvolveu o thema da lei, mostrando o estado actual d'este estabelecimento, seu progresso e melhoramento; lastimou que a eschola não tivesse espaço sufficiente para a accommodação das diversas machinas e instrumentos que possue; assim como a falta de casa para as macerações anatomicas, vendo-se por isso o lente de anatomia obrigado a fazer as dissecções no meio dos miasmas dos corpos em maceração com grave detrimento da sua saude.

Notou que tendo-se sobrecarregado o curso da eschola medico-cirurgica com disciplinas que o equiparam ao da universidade, se negasse todavia aos estudantes a graduação academica que lhes corresponde: que isto seria inacreditavel para a posteridade.

Concluiu exhortando a mocidade a que proseguisse nos estudos com actividade, lembrando-lhe ao mesmo tempo que os conhecimentos scientificos sem boas qualidades moraes perdem todo o seu lustre; e que portanto se esmerassem em conseguir uns e outras; que confiassem em que ainda havia de chegar dia em que se lhes faria justiça. A oração agradou a todo o auditorio.»

CONSERVATORIO REAL DE LISBOA.

229 Segunda feira (13) houve sessão-publica pelas 7 horas da noite. O conselho apresentou os trabalhos de que fôra encarregado, e de que a REVISTA fallou em seu último número. Discutiu-se largamente um additamento offerecido ao artigo 1.° do projecto d'edital apresentado pelo conselho, sôbre um discurso academico *d'abertura*. O additamento não foi approvado, e o artigo passou. O 2.° artigo porém que prescrevia que as peças que viessem a concurso, fossem de assumpto exclusivamente nacional, soffreu largo debate, ficando afinal addiada a discussão pa

na sexta-feira (17) em que haverá sessão, fechando-se ésta pela meia-noite.

VARIEDADES.

O ESCULPTOR CEGO DO TYROL.

Innsbruck, agosto 8 *de* 1845.

230 Saio agora mesmo de uma casa de Innsbruck que me interessou em extremo. Não vi n'esta casa mais do que um quarto cujos moveis eram apenas um pobre leito, um cravo velho, e um banco que tinha em cima uns pedaços de pau e alguns instrumentos de esculptura. Mora alli um velho que se chama Kleinhaus, condemnado pela natureza á mais cruel das infermidades, e que, pela sua paciencia, se tem tornado um verdadeiro phenomeno.

Kleinhaus foi accommettido de bexigas da idade de cinco annos, e ficou completamente cego. Antes d'isso tinha brincado muito com os bonitos bonecos de pau que se fazem em toda a parte dos valles do Tyrol; e ás vezes com uma faca tinha tentado fazer com a sua mãozinha algum bonaco similhante. Quando perdeu a vista estava sempre com a idéa nas imagens de Nossa-Senhora e dos Santos de que gostava tanto, e que tinha querido imitar. Pegava n'ellas, apalpava-as, e consolava-se de as não poder ver medindo-as com os dedos. A poder de lhes mexer e tomar-lhes o tacto em todos os sentidos, chegou pouco a pouco a conhecer as justas proporções de uma figura, a dissecar, para assim dizer, no pau, no marmore e no bronze, as feições do rosto, as differentes partes do corpo humano, e a julgar da delicadeza de uma obra-d'arte. Adquirida ésta espantosa exactidão de tacto, pareceu-lhe um dia que pela delicada impressão dos dedos sería capaz de substituir a vista de que estava privado. Seus pais tinham morrido, e elle achava-se só, indigente e sem auxilio, e antes de mendigar resolveu-se a estabeler por si mesmo o meio da sua existencia. Os seus primeiros ensaios foram penosos e mesquinhos. Quantas vezes o pobre cego destruiu com um talho demasiadamente fundo uma obra a que tinha ja dado muitos dias de trabalho! Outro qualquer que não fosse elle havia de ter-se desanimado com tantas difficuldades, mas o pobre cego tinha amor pela arte e força de vontade. Depois de muitos e muitos esforços conseguiu afinal ferir a madeira com firmeza e fazer penetrar o cinzel com precisão, conhecer exactamente cada prêga das roupas, o contorno dos membros, o relevo das feições, sentir emfim animar debaixo dos seus dedos a figura que elle assim formava. Mas o que é mais admiravel ainda, quasi prodigioso, é ter podido este homem gravar na memoria, so pelo simples auxilio do tacto as feições de qualquer rosto, a ponto de as saber reproduzir na esculptura com perfeita similhança. Eu vi no museu de Innsbruck um busto de pau do imperador Fernando que elle copiou d'outro admiravelmente parecido com o original. Vi outro busto de um parente d'elle, copia do original, que todos diziam ter uma similhança pasmosa.

Kleinhaus tem agora oitenta annos. É alto e robusto: seu rosto tem notavel expressão de doçura e bondade. Trabalha um dia inteiro. Tem feito tresentas e cincoenta imagens de Christo de differentes tamanhos; uma estatua de San'João Nepomuceno, e mais de cem imagens de Nossa-Senhora e de Santos. Mostrou-se-me um crucifixo de tres pés de altura, a que elle adaptou um mechanismo de invenção sua, que levanta gradualmente a cabeça da imagem, abre-lhe os olhos e a bocca, e fecha-os pouco a pouco, e faz reclinar o pallido rosto do Senhor moribundo nas agonias da sua paixão.

Apesar de tantas obras admiraveis o infatigavel Kleinhaus não está ricco. Os seus compatriotas não teem sabido apreciar o genio laborioso d'este homem extraordinario, e nada se tem feito para melhorar a sua sorte. Pode ser que depois da sua morte lhe levantem uma estatua. *X. Marmier.*

CORREIO EXTANGEIRO.

231 O tenor Flavio foi escripturado para o theatro de San' Carlos de Napoles com grande ordenado.

Diz-se que fallacêra em Thenezay (França) uma mulher com 115 annos d'idade.

Segundo um documento que temos diante dos olhos o pessoal da marinha ingleza consta de: 6,226 officiaes, 24,165 marujos, 9,000 soldados e 2,000 grumetes. Em caso de necessidade póde a Inglaterra contar com uma reserva de 160,000 marujos da marinha mercante. O pessoal da marinha franceza consta de 1,500 officiaes, e 35,000 homens da inscripção maritima. A França não póde contar com uma reserva de mais de 27,000 marujos, que é quanto lhe póde fornecer a sua marinha mercante. A marinha mercante dos Estados-Unidos avalia-se em 150,000 marujos.

Na primeira semana de settembro renderam os caminhos de ferro em Inglaterra, n'uma extensão de 1,800 milhas, 153,462 libras-sterlinas. O augmento á semana correspondente do anno passado, foi de 24,000 lib. st.

No mez de julho último os caminhos de ferro da Allemanha, na extensão de 2,668 kilometros, transportaram 1,346,755 viajantes, e 1,507,542 quintaes de mercadorias. O rendimento foi 3,377,258 francos. O augmento ao mez correspondente do anno passado foi de 480,397 francos.

O govêrno toscano acaba de auctorizar a construcção de um carril-de-ferro de Florença a Pistoia.

Na cidade de Saratoff [margens do Volga] 130 hebreus, que tinham asseutado praça, abraçaram o rito greco-catholico e foram baptizados na cathedral com grande pompa.

N'um caminho de ferro inglez se annunciou, n'um domingo, um passeio com bilhetes mais baratos. Não menos de 4,300 pessoas concorreram a este passeio. O comboi partiu e voltou sem novidade. Nunca se reuniu tamanho número de viajantes para passearem junctos.

Segundo o último 'almanak catholico' publicado

nos Estados-Unidos, existem n'aquelle paiz obra de 1 500,000 catholicos, com 21 diocezes, 675 igrejas, 592 ermidas, 22 estabelecimentos ecclesiasticos, 28 institutos litterarios, 63 academias para mulheres, 84 estabelecimentos de charidade, 220 estudantes do seminario, 572 clerigos independentes das dioceses.

Segundo as contas que appresenta a direcção geral das minas, fundiram-se nas differentes fabricas de fundição de Hispanha, no mez de agosto último, 10,599 marcos e 5 onças de prata, que produziram 84,797 pêsos-duros.

Pugilado inglez — Os jornaes inglezes, ao passo que reprovam as festas de toiros dadas em Pamplona pela rainha de Hispanha aos principes francezes, e que censuram acremente as caçadas apresentadas pela côrte de Saxe-Gotha á rainha Victoria, transcrevem em suas columnas scenas de pugilato dignas do antigo tempo dos Cesares. Do *Sun* extrahimos o seguinte:

« Mais de 10,000 *amadores* assistiram á lucta entre Canut e Bandigo. Ao primeiro *sôcco* dado por Bandigo no *olho direito* do seu adversario o *sangue correu* abundantemente. Soaram as acclamações de *viva* Brandigo! e as apostas a seu favor subiram consideravelmente apezar de Bandigo ser quasi um gigante e de proporções herculeas... O combate durou duas horas e oito minutos... Bandigo foi proclamado vencedor. »

Vai estabelecer-se um carril-de-ferro entre Middleburg e Maestricht (Allemanha) com uma ramificação da ilha de Beveland a Flushing.

Segundo o censo de 1843 ha no territorio prussiano, exceptuando Neuchatel e Valendis, 15,471,765 habitantes; 3,045 por milha quadrada. Em 1816 havia so 10,349,031 habitantes.

A estatistica do jornalismo na Belgica é a seguinte: Ha 140 jornaes com 40,000 assignantes. Vem a ser um jornal para 29,000 habitantes, e um assignante por cada centena.

CORREIO NACIONAL.

232 Parece que as communicações entre a Inglaterra e ilha da Madeira vão adquirir nova actividade. Vai estabelecer-se uma linha regular de navios de vella entre os dous paizes. Diz-se que dos estalleiros de Londres ja sahiu um dos navios destinados a ésta navegação: chama-se *Dart*, e é de 242 toneladas, e tem optimas commodidades para passageiros.

No último de settembro existiam na alfandega do Terreiro 9,894 moios de trigo; 1,031 de cevada: 114 de milho; 84 de centeio. O trigo vendia-se de 380 a 560 rs. o alqueire; a cevada de 240 a 290; o milho de 290 a 320; e centeio de 240 a 360.

A receita do Asylo de mendicidade do mez de settembro último, foi de 1:898$932 rs. e mais 75$000 rs. em papel além de diversos generos. A despeza foi de 1:422$932 réis. Ficaram existindo 281 homens e 226 mulheres. Total 507, menos tres que o mez passado.

As alfandegas de Lisboa, Porto, e Sette-casas, renderam no mez de settembro último 397:582$712 rs.

No dia 26 de novembro hão de ser arrematados alguns bens-nacionaes no districto de Braga, no de Portalegre, no do Porto e no de Santarem.

Por lettras apostolicas dadas em Roma a 13 de janeiro de 1844 se concede que a igreja de San'Thomé, na ilha do mesmo nome, e a de Angola, na cidade de Loanda, ambas em Africa, até hoje subjeitas á jurisdicção metropolitica do arcebispado de San'Salvador do Brazil, fiquem d'ora em diante debaixo da jurisdicção do Patriarchado de Lisboa.

No primeiro semestre do corrente anno desembarcaram no Rio-de-Janeiro 1,717 subditos portuguezes; a maior parte do Porto.

O Theatro do San'Carlos abre no domingo (19). Dia do nome de S. A. o principe real. A opera é, como a REVISTA já disse, A LINDA DE CHAMOUNIX, uma das mais engraçadas do fecundissimo *Donizetti*.

A igreja parochial da Pena, concluiu as obras importantes que n'ella se fiseram. As antiguidades foram respeitadas — coisa rara e por isso mesmo mais louvavel n'estas reparações: as pinturas do tecto, e o magnifico lavor de talha da Capella-Mór, não soffreram o menor vandalismo. Sabbado (11) foi a trasladação do SENHOR e Imagens para a sua igreja, d'onde tinham sahido durante os concertos. A solemnidade deste dia e a de Domingo foi cheia de pompa e magestade.

Diz-se que a 'Companhia das Obras-publicas' aforára o terreno entre a Rua-dos-Condes e o Largo da Annunciada, para alli faser o seu vasto estabelecimento de Diligencias e carruagens-de-posta.

Dizem-nos que o sr. Ratel deixa o 'Circo' e vai escripturar-se no Theatro do Salitre, onde debutará talvez pelos fins de novembro. A habilidade do sr. Ratel é mais propria a brilhar nos theatros do que em circos, já tivemos occasião de o dizer n'outra parte. O merito mais relevante do sr. Ratel são as attitudes o rosto e os gestos eminentemente comicos, e que lhe hão adquirir no theatro um logar distinctissimo com a intelligencia que mostra ter.

A estação da opera-italiana promette ser brilhante. Não so o reportorio do Theatro é composto das operas mais modernas e applaudidas, como *I. due Foscari*, de Verdi, o *D. Paschoal*, de Donizetti, etc. mas temos além d'isso operas d'artistas nossos, e de outros que não sendo nacionaes, são por assim dizer, como se o fossem, pelo tempo e ligações que entre nós teem. Assim, o Sr. Miró tem prompta a sua opera, *O captivo de Fez*; o Sr. Frondoni tem uma opera-bufa; o Sr. Daddi tem tambem uma opera; o Sr. Carrara está pondo a última mão a uma partitura; e o Sr. Schira está a regressar de Cadiz com a sua opera, *Os dous Renegados*. Diz-se tambem que o Sr. Manuel Innocencio tem ha muito acabada outra opera.

CONHECIMENTOS UTEIS.

TAPUMES DAS PROPRIEDADES RURAES.

233 Publicados ja os artigos — *sobre caminhos municipaes* — *sobre o commercio na sua ligação com a agricultura e industria nacional* — *e sobre a formação de sociedades de agricultura e industria* — que haviamos promettido como preliminares aos de agronomia e economia rural; abriremos agora a serie d'estes pelo presente, que é fundamental a todos os respeitos; ou porque os *tapumes* completam a idea de propriedade, e seguram o seu goso e posse contra *atraveçadoiros*, roubos; e devastações de homens, animaes e carros; ou porque augmentam a fertilidade e melhoramento do sólo e producção das terras em cultura ou que se queiram cultivar; ou porque em si mesmos offerecem productos de diversa importancia e prestimo, para o rendimento e serviços de lavoira e economia campestre; pondo ainda de parte a protecção e defensa que conferem aos locaes em occasião de guerra e marchas de tropa, principalmente de cavallaria e artilheria, a que servem de barreira natural.

Os *tapumes* destinados a fechar os terrenos e demarca-los entre confinantes, são tão antigos como o direito de propriedade; os romanos usaram d'elles para esses fins, e os recommendaram em beneficio da lavoira: os seculos de ignorancia, que se seguiram ao imperio romano, e o systema dos feudos, amorteceram a prática dos *tapumes*; até que em tempos proximos a nós tornaram a reviver com mais vigor do que nunca, e a ser considerados como o primeiro dos melhoramentos da agricultura por todas as nações da Europa, sendo a Inglaterra a que tomou a dianteira, e deu exemplo ás outras.

Com effeito, em 1793 creou o governo d'Inglaterra uma repartição para tomar medidas efficazes, afim de se effectuarem os possiveis melhoramentos agrarios; de se removerem os obstaculos directos ou indirectos, que impediam ou contrariavam o desenvolvimento da lavoira; e de propor ao parlamento premios que animassem os agricultores. Esta repartição, depois de maduro exame, propoz pelo seu presidente á camara dos communs as medidas convenientes, e á frente d'ellas a tapagem das possessões: o que tudo foi adoptado pelo parlamento mediante uma mui profunda e instructiva discussão. Desde então os agricultores rivalizaram a qual taparia primeiro e melhor as suas terras. Com estes tapumes dobraram em toda a parte as producções agriculas, e no condado de York treplicaram; na mesma porporção se multiplicaram e melhoraram os gados de todas as especies.

Em Suffolk havia terrenos inteiramente estereis, de arêas movediças, que os ventos levantavam como ondas do mar, e que os seus habitantes tornaram productivos pelo seguinte methodo: Escolhendo um dia sereno para se fazer a sementeira appropriada — cobrindo a mesma sementeira de espaços a espaços com pequenos feixes de matto, cravados no chão com estacas de pau; estes feixes produzem o effeito de não serem as sementes desarreigadas ou descobertas pelos ventos, de não deixarem mirrar o terreno pelos raios do sol, e de interterem pelo contrario a humidade necessaria á vegetação da semente que se desenvolve, arreiga e vegeta em pouco tempo, e passa a ser fecundada pelos feixes de matto decompostos e reduzidos a estrume vegetal pela acção atmospherica — protegendo a sementeira, assim feita, com sebes altas, que fecham os terrenos, que os abrigam, e os defendem das arêas das vizinhanças arrastadas pelos ventos.

Com medidas e methodos similhantes, appropriados aos locaes, não so se augmentaram e melhoraram prodigiosamente em França todas as especies de productos d'agricultura nas boas terras, mas os terrenos estereis e areentos do dominio nacional foram convertidos em riquissimas mattas, e as charnecas aridas da *Champagne* passaram a dar producções, que pelo testemunho dos agronomos d'aquelle paiz, são dez vezes melhores do que as da planicie.

Adiante indicaremos os *tapumes* adaptados áquelles dos nossos terrenos que por aridos e arenosos forem mais ou menos analogos aos da *Champagne*.

Agora, á vista das citadas instituições, e medidas adoptadas pelo governo d'Inglaterra e seus resultados progressivos desde 1793, e de instituições, medidas e resultados similhantes em França, esperâmos do zêlo do govêrno, entre outras providencias, a de serem semeados para mattas de pinhal, e com as melhores sementes, todos os terrenos de arêas soltas e médos adjacentes, que existem nas nossas costas do mar, e constituem dominio da nação; com o que se obterá uma immensa riqueza nacional, e valiosissimos recursos para a marinha de guerra e mercantil, ao mesmo passo que se evitariam entulhamentos que as ondas d'aquellas arêas arrojadas pelos ventos, causam aos leitos e desembocadura dos rios proximos; e as invasões, incommodos e prejuizos diversos, que fazem á agricultura, gados e moradores das povoações vizinhas. É com ésta esperança e para este fim, que descrevemos o methodo de semear em arêas movediças, praticado em Suffolk; e passâmos a mencionar, com coração nacional, o seguinte exemplo patrio.

Em 1804 chegando de viagem á villa d'Ovar, causou-me notavel surpreza um excellente pinhal que existia no meio do grande areal, que fica entre a villa e a costa do mar; e indagando como se havia alli formado, vim a saber, que o letrado Zagallo sendo vereador induzíra a camara a semear e crear aquelle pinhal, e utilizar assim o referido terreno de arêa movediça, pertencente ao concelho da mesma villa; e que elle proprio dirigíra os trabalhos da sementeira e abrigos, praticando exactamente e em tudo o methodo empregado em Suffolk. Não podêmos afiançar se ao letrado Zagallo cabe o serviço e a gloria de descobrir aquelle methodo, a que alias nos indicaria a observação de que o referido pinhal estava formado a adulto, quando em Suffolk se começava a obrar em effeito das medidas que se adoptaram na Inglaterra desde 1798; mas decerto lhe cabe o serviço e a gloria de nos deixar verificado o methodo facil e seguro de povoarmos de pinhal todos os terrenos arenosos e médos, que existem nas nossas costas do mar.

Os *tapumes* comprehendem-se em duas divisões, a saber: mortos ou vivos.

São mortos:

1.° Os muros de pedra e cal; os quaes por dispendiosos convém limitar nas habitações e predios ruraes, á separação entre os recintos interiores e hortas

contiguas, dando-lhes altura sufficiente para defensa e resguardo dos mesmos recintos e hortas; e tirando partido d'elles para servirem a parreiras e encosto de arvores ou plantas uteis:

2.° As paredes de pedra ensossa, que se usam em sitios abundantes de pedra; mas que, quando tenham mesmo sufficiente altura e solidez, apenas prehenchem o fim de defender as terras:

3.° Os denominados de *taipa*, feitos de terra batida com seixo, e em sitios faltos de pedra; foram ja usados pelos romanos, e posteriormente por outras nações: hoje porém estão banidos em economia rural, porque, para serem solidos e duraveis, importam a excessiva despeza de alicerce de pedra e parede até dois palmos acima da superficie do terreno, e a de serem logo emboçados com uma grossa camada de argamassa; e se ficam reduzidos á terra batida com seixo ou sem elle, duram pouco e arruinam-se facilmente pela acção do tempo e das chuvas:

4.° Vallados de terra sem balsa; estes de qualquer modo que se façam laboram nos vicios essenciaes de nem defenderem nem abrigarem as terras:

5.° Paliçadas de espeques, travessas, ou taboas de madeira sècca; são entre os *tapumes mortos* os mais fracos, corruptiveis, sugeitos a roubo dos seus materiaes, alias mais ou menos dispendiosos, e em cima de tudo mal defendem e peior abrigam os terrenos: pelo que estão regeitados em economia rural:

6.° Fossos; os quaes tem sempre sido e são os unicos applicaveis a terrenos alagadiços e pantanosos: devem abrir-se com largura e profundidade sufficientes para prehencherem os dois fins de defender e enxugar as terras, em beneficio e melhoramento das mesmas terras e suas reducções; convem serem mais estreitos no fundo: a terra, que se tirar d'elles na occasião da abertura, serve para ajudar a superficie dos mesmos terrenos onde tiverem cavidades, ou para beneficiar outros terrenos magros e aridos: finalmente devem ser limpos todos os annos, e essas limpezas formam um estrume fertilizante, que compensa com usura o trabalho e despeza.

Ja se vê, que das referidas seis especies de *tapumes mortos* somente merecem e devem ser empregadas a primeira e a ultima, nos respectivos casos, para os fins e pela fórma indicada; afóra d'estas devem sempre empregar-se *tapumes vivos*, os quaes se reduzem ás tres seguintes especies: 1.ª vallados de terra com balsa formada de arbustos e arvores: 2.ª paredes com terra no centro sustentando uma balsa de arvoredo: 3.ª sebes de arbustos ou arvores, assentes e formadas na superficie dos terrenos.

É condição essencial de todas e cada uma d'estas especies de *tapume*, que não so defendam completamente os terrenos, mas os abriguem, melhorem e fertilizem, por meio dos arbustos e arvores adaptadas aos locaes e qualidade dos terrenos, e preferindo sempre as que ao mesmo tempo offerecem maior rendimento e prestimo aos serviços de lavoira e economia rural.

As sobreditas balsas e sebes de arvoredo são as que particularmente contribuem para melhorar a qualidade dos terrenos e productos, augmentar as producções e segurar as colheitas; e isto em quanto quebram a fôrça dos ventos, e intertem nos terrenos a temperatura do calor produzido pelos raios do sol durante o dia, e protegem os mesmos terrenos e plantas contra os frios da noite; em quanto a camada inferior do ar atmospherico, que contém a maior quantidade de succos essenciaes ao alimento das plantas, e a não deixam deslocar ou arrastar pelos ventos; em quanto attrahem e conservam a humidade nos terrenos elevados, seccos e areentos, e os tornam productivos e amenos; em quanto concorrem em especial para maior e melhor qualidade e quantidade de pastos para a creação de gados, e pela subdivisão dos terrenos em cercados regulares de sebes vivas, proporcionam o vantajosissimo methodo alternado de pastos e repastos, ultimamente experimentado em França, e publicado no n.° 15 da Revista; em quanto coadjuvam o interessante ramo de mel e cera pelas flores, que os arbustos e arvores de balsas e sebes offerecem ás abelhas, e a sustentação dos animaes domesticos com as folhas e ramos; em quanto dão ás casas, povoações e propriedades ruraes, um aspecto de vida, amenidade e conforto; e sobre tudo contribuem efficacissimamente para a saude e boa disposição dos homens e animaes, purificando o ar atmospherico pelo principio sabido, de que as arvores e arbustos pelas suas folhas absorvem e assimilam o azote pernicioso, e respiram o oxigenio salutar.

Por outra parte as balsas e sebes vivas, pelas lenhas para combustivel, pelos tanchões e estacas para varios serviços de lavoira e horticultura, e pelos paus e madeira que fornecem para trens aratorios, officinas, machinas, carros e instrumentos d'agricultura e construcções diversas, produzem maiores e mais importantes rendimentos do que se poderiam obter do espaço de terreno que ellas occupam se se destinasse a qualquer outro objecto de cultura.

Passemos ja a descrever a maneira mais aperfeiçoada de formar cada uma das tres especies de *tapumes vivos*, principiando pelos vallados.

Nos sitios em que não ha pedra forçoso é recorrer a vallados, e o methodo pratico de bem os construir consiste no seguinte: Traçam-se duas linhas parallelas dentro das quaes fica o espaço que hade occupar o vallado na sua baze, a qual em terrenos fortes e argilosos terá sette palmos de grossura — segundo a direcção das sobreditas linhas abrem-se fossos, que se chamam *alcorcas*, com largura e profundidade sufficiente para defenderem de um e outro lado o vallado desde a sua baze; para darem escoante ás aguas nativas ou das chuvas, principalmente confinando com caminhos publicos; e para d'ellas se tirar a terra precisa para formar o proprio vallado — quando a superficie do terreno em que se abrem as alcorcas estiver coberta de relva, então talham-se da mesma superficie leivas de torrões com todas as suas raizes e terra adherente, e do tamanho de mais de palmo quadrado, e com elles se fórma uma fileira de cada lado do vallado desde a sua baze, voltando os mesmos torrões com a relva para baixo, bem unidos e batidos sem os desmanchar, e enche-se da terra que se vai tirando das alcorcas o espaço interior que medeia entre aquellas fileiras, batendo bem a terra, e nivelando-a com as mesmas fileiras — prosegue a obra successivamente em fileiras de torrões e terra batida, tomando-se o cuidado de assentar o meio dos torrões de cada fileira superior sobre a junta de dois da immediata inferior, e o de dirigir a construcção do vallado em fórma de *talud*,

isto é, em declive pelo qual o vallado vai estreitando igualmente de um e outro lado desde a baze ao cimo. Estes vallados de sette palmos de baze, devem acabar com altura de seis palmos e meio, e o cimo de tres palmos e meio de grossura, e com superficie concava para melhor receber a plantação da balsa das arvores e arbustos que houverem de o guarnecer, e reter as aguas das chuvas para as transmittir ás suas raizes. Todo o exterior d'estes vallados deve ser bem alizado e batido com pá de ferro, desde a sua baze até ao cimo. É escusado dizer que se os torrões da superficie das alcoras não bastam para concluir a obra d'estes vallados se tomam para esse fim os precisos dos terrenos relvados mais proximos.

Em terrenos compactos e argillosos, ou em que predomina a argilla, mas não relvados, formam-se os vallados com as mesmas dimensões e em tudo conforme o plano e methodo que acabâmos de descrever; com a unica differença de que, para maior solidez, e em supprimento das fileiras de torrões, convem que a terra das alcorcas seja lançada ás camadas da grossura de um palmo desde a baze do vallado, e cada camada seja bem nivelada e batida, principalmente nas extremidades de ambos os lados do mesmo vallado até ao cimo.

Os sobreditos vallados, tanto os formados com fileiras de torrões relvados, como sem elles, devem construir-se na primavera; não so em attenção á qualidade da terra com que se formam, mas tambem por ser a estação propria para melhor pegarem e se desinvolverem as plantações das balsas de arvoredo que os houverem de guarnecer.

Finalmente em terrenos aridos e arenozos, ou em que predomina a arêa, accommoda-se a construcção dos vallados a esses mesmos terrenos, e com as modificações seguintes: Da-se-lhes em todo o caso maior baze, menor altura, e declive mais suave e encorpado desde a baze até ao cimo — se ha perto d'onde se cortem torrões relvados, aproveitam-se até onde chegarem, para formar com elles fileiras em ambos os lados da baze, e apoiarem assim a obra superior — fazem-se depois das primeiras chuvas do outono, quando estas terras areentas estando humidas se ligam e sustém perfeitamente, sendo bem apertadas e batidas á proporção que se forem formando os vallados, e se comprimirem e alizarem bem com as costas da enchada e pa de ferro os mesmos vallados, em todo o seu exterior desde a baze até ao cume — a estação do outono, que assim é appropriada para formar os vallados n'estes terrenos, o é pelos mesmos principios para se plantarem e bem pegarem as balsas de arvoredo que lhes são adaptadas. É com similhantes *tapumes* que em França se tornaram amenos e fecundos os terrenos aridos e arenozos das charnecas da *Champagne*; e que entre nós virão a ser o mesmo os muitos d'esta qualidade em que abundam as nossas provincias.

2.ª especie; *tapumes de parede com terra no centro e balsa de arvoredo.*

Em todos os sitios, em que houver pedra, são estes os *tapumes* que se devem empregar, seja qual fôr a qualidade dos terrenos; e a sua construcção pratica-se pela maneira seguinte: A parede consta de uma enfiada de pedras em cada um dos lados, deixando no meio o espaço que se hade encher de terra, e será de trez palmos e meio — as enfiadas assentam em alicerce sufficiente para solidez da obra, formado, até á superficie do terreno, das pedras mais grossas, bem comprimidas e ligadas com a terra tirada do proprio alicerce — desde a superficie do terreno, as enfiadas de pedra vão subindo sempre bem alinhadas, aprumadas e pegadas com a terra do centro, que se vai lançando, batendo e nivelando com as mesmas enfiadas; e tendo-se o cuidado de assentar o meio das pedras de cada enfiada sôbre a junta de duas da immediata inferior — assim prosegue massiça e solida a parede com a terra do centro: e termina na altura de seis palmos e meio, deixando a terra do cimo em fórma concava para receber a plantação da balsa de arvoredo, e transmittir ás suas raizes as aguas das chuvas.

Antes de passar á 3.ª especie, tractemos ja da formação das balsas nas duas antecedentes.

Quer em vallados, quer em paredes com terra no centro, ás balsas formam-se logo nos seus cumes com a plantação de arbustos e árvores enraizadas ou de estaca, nas que o permittem — fazem-se estas plantações bastas e bem combinadas, para desde logo servirem de defensa e mais depressa o serem tambem de abrigo — compoem-se de arbustos e arvores silvestres, adaptadas aos locaes e á qualidade dos respectivos terrenos, preferindo em todo o caso as mais uteis; sem comtudo excluir as plantas de flores campestres e entre ellas a *madresilva*, que em nada prejudicam a vegetação das balsas, e pelo contrario perfumam o ar e alegram a vista e o coração — finalmente semeam-se desde logo entre as mesmas plantações, e guardando espaços convenientes, arbustos e arvores escolhidas, que alli se criem e formem para futuros rendimentos do proprietario, ou usos e serviços da lavoira.

Para auxiliarmos a formação das sobreditas balsas damos o seguinte apontamento dos arbustos e arvores que para isso se empregam nos paizes extrangeiros, e podem empregar no nosso, a saber «*abrunheiro, ameixieira silvestres—acacia—alecrim—alamo—alfeneiro—amieiro—azevinho—bordo—buxo—carpea—carrasqueiro—carvalho—castanheiro—choupo—espinheiro alvar—evonymo—faia—freixo—loureiro—macieira selvagem—marmeleiro bravo—olmo—pereira selvagem—sabugueiro commum—salgueiro—sobreiro—serveira—teixo til—vidueiro—zimbro, etc.*

Deixâmos ao descernimento de cada um (para as balsas que houver de formar) escolher, combinar e appropriar os indicados arbustos e arvores, ou quaesquer outras, como convier á sua respectiva indole vegetal, aos locaes, aos fins mais especiaes a que se destinarem as balsas, e á qualidade dos terrenos; sôbre o que nos não permittem divagar os limites do presente artigo: aconselhâmos sim para maior interesse dos proprietarios e do publico, que todas as vezes que os *tapumes* confinarem com caminhos públicos, plantem junto aos lados exteriores dos mesmos *tapumes*, ao longo dos caminhos, arvores bem appropriadas e alinhadas, guardando entre si espaços eguaes e quanto baste para o seu desenvolvimento vegetal; e em terrenos humidos aconselhamos particularmente a plantação de choupos bem alinhados, e com o espaço de nove palmos de uns a outros, por serem as arvores, que a todos os respeitos, e para todos os fins, convem adaptar a similhantes terrenos e locaes.

As arvores e arbustos, acima indicados para as balças, servem tambem *para formar na superficie dos terrenos as sebes de arvoredo que constituem a 3.ª especie de tapumes vivos.*

Éstas *sebes*, ou se destinam a defender e abrigar as propriedades pelos lados em que confinam com caminhos publicos, ou a extremar as propriedades entre confinantes vizinho, ou a fazer separações e resguardos no interior das mesmas propriedades.

Quanto *ás primeiras*, a maneira de as praticar reduz-se ao seguinte: Formam-se com arvores e arbustos, adaptados aos locaes e qualidade do terreno, e preferindo entre elles os de espinho — marca-se o espaço de terreno sufficiente que hão de occupar — da-se a esse espaço uma cava funda, chamada *de meia manta*, e deixando a terra bem nivelada — abre-se, entre o lado exterior e o caminho publico, um fosso de sufficiente largura e profundidade para desde logo defender a plantação e a sebe; e a terra, que d'elle se fôr extrahindo, vai-se lançando sôbre a ja cavada no espaço que ha de occupar a sebe, igualando-a bem á superficie — sôbre essa mesma superficie se plantam as arvores e arbustos, de que se composer a sebe, deixando-lhes á roda do pé uma concavidade para lhes reter e transmittir ás raizes as aguas das chuvas; e plantando-os bastantemente chegados para formarem um massiço impenetravel — convirá emfim amparar do lado exterior com uma sebe morta as plantações *da viva* até se acharem arreigadas e vigorosas. Ja se vê, que em casos identicos e em terrenos argillosos, quasi sempre mereceram preferencia a estes sebes os tapumes com balsa, e arvores junto ao lado exterior; e em terrenos arenosos sempre.

Quantas *ás segundas destinadas a extremar as propriedades entre confinantes*, praticam-se pelo methodo seguinte: Abre-se junto ao seguimento da extrema, um fosso de tres palmos de largura e outros tantos de profundidade, lançando a um lado a terra que se extrahir até a metade de cima, e ao outro a que se extrair da metade debaixo; e feito isto cava-se mais um palmo no fundo do fosso deixando ficar a terra bem limpa e nivellada — lança-se sobre essa terra até um palmo da outra mais de cima, que se extrahiu do fosso; e n'esta bem desterroada e nivelada, se faz a plantação das arvores e arbustos de que se compozer a sebe, continuando a lançar no fosso, por egual e sempre bem unida e apertada, a terra que se extrahíra da metade de cima do mesmo fosso, e acabando de o encher com a extrahida da metade debaixo — devem estas sebes compor-se de arvores de pequenas dimensões e de arbustos apropriados, preferindo os que permittem que os seus ramos ou vergonteas se teçam e enlacem entre si e façam as sebes mais massiças e impenetraveis — a obra termina por uma alcorca de palmo e meio de largura e egual profundidade, aberta entre o lado da sebe plantada e a linha divisoria da extrema confinante; a terra que se for extrahindo da alcorca vai-se lançando sobre a da plantação da sebe, calçando ao mesmo tempo os pés das arvores e arbustos, e ficando á superficie em fórma concava para lhes favorecer a vegetação e crescimento com as aguas das chuvas: Ao proprietario, que assim faz na sua terra a alcorca, compete limpal-a e cortar a prumo da linha divisoria da extrema os ramos das arvores e arbustos da sua sebe. — Estas sebes, em terrenos fracos e seccos, plantam-se passadas as primeiras chuvas do outono; e nos fortes, e mais ou menos humidos, plantam-se na primavera.

Quanto *ás terceiras*, *destinadas a fazer separações e resguardos no interior das propriedades*, praticam-se em tudo pelo methodo que acabâmos de descrever para *as segundas*: guardando as differenças seguintes: Marcam-se com regos de arado, ou com riscos de enchada ou alvião nos terrenos e locaes que não admittirem arado, linhas para as sebes em todas as direcções, divisões e separações, que houverem de ter e occupar — pelos regos ou riscos marcados se abrem fossos, e se plantam as arvores e arbustos na formação d'éstas sebes; tudo com as mesmas dimenções, pelo mesmo methodo e nas mesmas estações, que regem para as da especie antecedente; mas para maior expedição e economia dos trabalhos, todas as vezes que os ditos fossos forem marcados com regos de arado, e em todos os locaes e terrenos que o admittem, serão os mesmos fossos começados abrir e seguirão com a charrua em toda a largura e profundidade que ella podér alcançar, coadjuvando-se esse serviço, e aperfeiçoando-se e completando-se com os mais proprios instrumentos manuaes, como são a enchada, alvião e pá de ferro; reservando-se o serviço exclusivo d'estes instrumentos paras os locaes e terrenos que não admittem o arado e charrua — para as sebes escolhem-se com especial preferencia as arvores de mediana dimensão, e os arbustos cujos ramos e vergonteas se teçam e enlacem entre si para formarem ao mesmo tempo um massiço firme e unido que defenda e abrigue os terrenos cercados, sem os assombrar em demazia — n'éstas sebes não ha alcorca.

Éstas sebes representam um papel importantissimo em agronomia, e com especialidade se empregam e servem para augmentar e melhorar a quantidade e qualidade das pastagens para a creação dos gados: para, por meio de pastos e repastos, augmentar na quantidade, qualidade, pêso e volume, os mesmos gados, quando sãos, e lhes facilitar abrigos separados quando doentes; servem finalmente nos sitios montuosos e inclinados para terem mão nas terras arrastadas pelas chuvas e formarem terraplenos naturaes.

Lisboa 20 d'outubro de 1845.

Luiz Antonio Rebello da Silva.

CAMINHOS-DE-FERRO EM PORTUGAL.

234 O govêrno de S. M. acaba de tomar uma providencia importante, offerecendo aos imprehendedores d'estradas-de-ferro as bases do privilegio com que ellas podem ser estabelecidas no nosso paiz.

O govêrno concede o privilegio exclusivo por 99 annos aos carris e vehiculos de transporte; as terras do Estado por onde esses carris houverem de passar, e a pedra, arêa e barro que forem necessarios; exempção de direitos para todos os artigos precisos para construcção dos carris; exempção de impostos geraes ou locaes sôbre o capital da empresa e suas obras; a faculdade de formar as tabellas dos preços de tranporte por dez annos, findos os quaes o govêrno intervirá d'accordo com a empresa. A construcção dos carris será completamente por conta e risco da empresa: um anno depois de assignado o contracto devem ser começados e seis depois acabados: o transporte dos despaches do govêrno será gratuito, e o dos corpos do exer-

cito, bagagens etc. pela quarta-parte do preço commum. A empresa depositará na junta-do-credito-publico, como fiança, e em fundos portuguezes, uma sommma na razão de dôze contos por legua.

Como se vê éstas, e outras condições complementares que por brevidade se ommittem, estão, ao que me parece, conveniente e sabiamente calculadas. O paiz acaba de dar um grande passo na estrada dos melhoramentos materiaes pela fórma mais illustrada que podia dal-o em suas circumstancias financeiras: os interesses economicos talvez começam a ser devidamente avaliados, e a considerar-se emfim o progresso material com a attenção que demandam todos os ramos importantes d'este grandioso meio da prosperidade publica; pois é de esperar que a mesma prudencia que dictou éstas bases presidirá igualmente á sua applicação prática.

PARTE LITTERARIA.

CAPITULO XVII.

De como chegando outra sexta-feira e estando a avó e a neta á espera do frade, este lhe appareceu, contra o seu costume, da banda de Lisboa. — Porque razão muitas vezes a mais animada conversação é a que mais facilmente pára e quebra derepente. — Nova demonstração de dous grandes axiomas dos nossos velhos, a saber: Que o hábito não faz o monge; e que ralhando as commadres se descobrem as verdades. — No ralhar da velha com o frade, levanta-se uma ponta do veo que cobre os mysterios da nossa historia.

235 PASSARAM-SE aquelles oito dias no valle, não ja como se tinham passado tantas outras semanas em vagas tristezas, em desconsolação e desconfôrto, mas em positiva anciedade e aguda afflicção pela certeza que trouxera o frade de se achar Carlos no Porto fazendo parte do pequeno exército de D. Pedro.

Incertos rumores, d'aquelles que percorrem um paiz em tempos similhantes e que augmentam, e exaggeram, confundem todos os successos, tinham chegado até ás pacificas solidões do valle com as notícias de combates sanguinarios, de commoções violentas, de desacatos sacrilegos, de vinganças e reprezalias atrozes tomadas pelos aggressores, retribuidas pelos que se defendiam.

Chegou a sexta-feira; e as horas d'esse dia, sempre desejado e sempre temido, foram contadas minuto a minuto — a qual mais longo, a qual mais pezado e lento de volver, quanto mais se approximava o derradeiro.

O sol declinava ja... e Fr. Diniz sem apparecer!

No seu poiso ordinario aope da porta da casa, Joanninha com os olhos extendidos, a velha com os ouvidos álerta, devoravam o espaço na direcção de nascente, esperando a cada momento, temendo a cada instante ver apparecer o conhecido vulto, ouvir o som familiar dos passos do frade.

E tam intentas, tam absortas estavam ainda n'este cuidado, que não deram fe d'um religioso que pelo lado opposto, isto é, da banda de Lisboa, para alli se incaminhava a passos arrastados mas presurosos.

Chegou rente d'ellas sem o sentirem; e uma voz conhecida, porêm mais cava e funda do que nunca a ouviram, pronunciou a fórmula de saudação costumada:

— 'Deus seja n'esta casa!'

— 'Amen!' responderam ambas machinalmente, com um estremeção involuntario, e voltando derepente a cara para o lado d'onde vinha a voz.

— 'Jesus!' disse depois a velha tornando a si, 'Padre Fr. Diniz, de d'onde vem tam tarde?'

— 'Chego de Lisboa.'

— 'De Lisboa? Deus lh'o pague!... Foi saber?...'

— 'Fui, fui saber novas d'esta horrivel guerra, d'esta tremenda visitação do Senhor á condemnada terra de Portugal...'

— 'E então, diga'...

— 'Boas novas, boas novas trago!'

— 'Sente-se, padre, sente-se. Joanninha, chega uma cadeira: descanse.'

— 'Não é tempo de descançar este, mas de vigiar e de orar.'

— 'Pois que succedeu, padre? Não me tenha n'essa horrivel suspensão. Diga: onde está elle? Alguma desgraça grande lhe aconteceu, oh meu Deus!...'

— 'E que me importa a mim o que aconteceu, ou podia acontecer a mais um de tantos perdidos? Encherá a sua medida, irá após dos outros... caminha nas trevas com elles, e como elles, so hade parar no abysmo.'

A éstas derradeiras palavras do frade asperamente pronunciadas e em tom de indifferença e desprêzo, seguiu-se aquelle silencio comprimido, aquella pausa de toda a conversação grave e íntima em que os pensamentos são tantos que se atropellam e não acham sahida na voz.

Fr. Diniz mentia... na dureza d'aquelles expressões mentia ao seu coração — não mentia ao seu espirito. Como o caustico se applica á epiderme para deslocar a inflammação interior, elle roçava o peito com as asperidões de sua doutrina e de seus principios rigidos para amortecer dentro a viva dor d'alma que o consummia.

O frade estava por fóra, o homem por dentro.

O observador vulgar não via senão o burel e a corda que amortalhavam aquelle cadaver. O

que attentasse bem n'aquelles olhos, o que reparasse bem nas inflexões d'aquella voz, diria: 'Frade, tu mentes; mentes sem saberes que 'mentes: es sincero na tua fe. na tua austeri'dade, na tua abnegação, mas o teu sâcrificio 'é como o de Abraham na montanha, e Deus 'sabe que tu não tens força para o cumprir.'

Não o percebeu assim a pobre velha aquem os rigores de Fr. Diniz faziam tremer, e que para toda a affeição, para todo o sentimento humano julgava morto o coração do cenobita.

Ella que no silencio de suas noites sempre veladas na perpetua escuridão de seus dias sempre tristes luctava ha tanto tempo, luctava debalde para desprender das affeições do mundo, aquelle seu pobre coração que queria immollar ao Senhor, ella via com sancta inveja e admiração as sobrehumanas fôrças que imaginava no frade, e desanimada de o podêr seguir n'essas alturas da perfeição evangelica, recahia mais desalentada e mais miseravel que nunca, em toda a sua fraqueza de mulher e de mãe.

Oh não sabe o que é tormento, o que é inferno n'este mundo o que não soffreu d'estas angústias!

Mas permitte Deus que as padeça quem não tem grandes culpas, grandes e irreparaveis erros para expiar n'este mundo?

Eu creio firmemente que não.

. . . .

. . . .

Cansada e exhausta ja de tam porfiada lucta, a velha perdeu de todo a razão com as últimas palavras do frade, e n'um paroxismo de lagrymas exclamou:

—'Diniz!... Fr. Diniz por aquelle pinhor sagrado que eu tenho em meu podêr, por aquella preciosa cruz sôbre a qual se derramaram as últimas lagrymas da minha desgraçada filha, Diniz! ...'

—'Silencio!' bradou o frade, arrancando um brado de dentro do peito que fez gemer os echos todos do valle, 'Silencio, mulher! não conjure o demonio que eu trago incarcerado n'este seio, que á fôrça de penitencias mal pude domar ainda — que so a morte talvez poderá expellir. Mulher, mulher! este cadaver que ja morreu, que ja apodreceu em tudo o mais, que ja o comem, sem o elle sentir, os bixos todos da destruição... este cadaver tem um unico ponto vivo no coração... e o dedo do teu egoismo ahi foi tocar, oh mulher!... Oh peccado que estás sempre contra mim! Oh justiça eterna de Deus quando serás satisfeita?'

Rompêra na maior violencia a voz do frade, mas descahiu n'um tom baixo e medonho ao fazer ésta última imprecação mysteriosa. As derradeiras syllabas quasi que lhe morreram nos beiços convulsos, e ao balbuciá-las deixou-se cahir, exhausto e como quem mais não podia, na cadeira que Joanninha lhe chegára.

A velha aterrada e confusa tremia do que fizera, como deante do espirito immundo que seus maleficios evocaram, treme a maga assustada de seu proprio podêr.

Passaram alguns segundos que nenhumas palavras podem descrever,

O frade levantou o rosto, olhou para ella, olhou para Joanninha... e, como quem emerge, por grande esfôrço, de um pêso enorme d'aguas que o submergiam, sacudiu a cabeça sorveu um longo trago de ar, e disse na sua voz ordinaria, so mais debil:

—'Carlos, senhora... minha irman, Carlos está vivo, e exaqui, vinda pelo consul de França, uma carta d'elle.'

Tirou uma carta da manga e a intregou a Joanninha.

(Continúa.) *A. G.*

DO PARIATO. (*)

236 Á força de darem dinheiro a quem o pedia e que era fraco, que era o rei, quando elles pelo contrario iam engrossando, quizeram os communs emfim tambem metter cabeça na politica, d'onde tinham sido excluidos até alli por sua casta baixa. Successivamente sôbre o taleigo foram pactuando as suas liberdades que pagavam de contado. E obtiveram a nomeação de fiscaes á gerencia dos dinheiros concedidos por elles ao rei. Succedeu assim ja do tempo de Ricardo II, Henrique IV, e até no reinado de James I. Adiantaram-se tanto a este proposito os barreguões, que no decimo-quarto seculo propozeram a confiscação de todos os bens do clero, que tinha uma terça parte das terras do reino e tinha 485.000 marcos de prata de renda O systema conforme elle agora funcciona não chegou a consummar-se sem grandes vicissitudes. Sería uma injustiça querer para este unico topico uma regularidade de deducções que nada n'este mundo comporta. Assim como os barões onde cuidavam de achar forças vieram a perder a vida, repartindo as suas baronias, os communs fracos e pobres não podiam tão pouco sonhar que d'ahi a seculos a recusa dos barões em querer assistir á derrama, para se evadirem a ella, havia de vir a dar mais tarde a sua exclusão na repartição d'ella, sem todavia se poderem eximir á sujeição da sua imposição. Pedindo os communs aos lords, em uma occasião, que mandassem 5 ou 6 dos seus a discutir com elles um subsidio que pedia o rei para defensa publica, sua e do rei, redarguiram-lhes os nobres que era insolito tal pedido. D'ahi foi-se introduzin-

(*) Continuado de pag. 193.

do a prática dos communs concederem, e os lords annuirem. Andando este processo por ésta fórma por muito tempo. Depois ja rejeitaram os communs todos os bills de dinheiro que tivessem começo nos lords. Em 1693 firmaram de todo os communs este privilegio. A última vez que os lords tiveram a pertensão de originar um bill d'ésta especie foi em 1671, que foi desattendida in limine. Finalmente no tempo de Carlos I os communs ommittiram até a menção da camara dos lords em taes projectos de lei, prática que se tem continuado até hoje.

Tudo milita em favor das idêas que tenho estado a expôr para fundamentar a minha opinião. O excessivo número dos convocados não podia servir para nenhuns fins deliberativos. Hoje são 658 e sempre foram muitos. A sua adscripção, segundo os meios e posses das localidades para contribuirem, deve ser attendido. Os logares é que eram que deputavam, o que ainda agora fazem, e não a população. A indistincção da nacionalidade, pois que Calais em França tambem mandavá membros ao parlamento: a sua convocação arbitraria, segundo a vontade, o caprixo, ou necessidade do convocando; patenteam um novo onus, e nunca um fôro aos desvalidos elegidos e elegendos a quem nunca deram quartel, e que requeriam para não mandarem procuradores á presença real.

Ésta theoria tal qual ella é, nenhum publicista inglez a quiz ainda desinvolver, nem mesmo Hallam, e comtudo não é por ser visionaria. Os inglezes veem ainda hoje tudo pelo prisma do feudalismo. Teem certas noções que não desfalcam d'ellas nada. São pueris mesmo, as explicações que dá Blackstone a respeito dos tributos que são ordenados so pelos representantes do povo, e por fim acaba por dizer que não sabe o motivo porque os lords não podem fazer lei nenhuma onde entre contribuição por pequena que seja; o que ao meu ver, e aos olhos da san razão é certamente bem intempestivo, e uma manifesta injustiça para o seculo em que estamos em que todos pagam, igual escote segundo a propriedade que tem.

A outra especie que eu me propuz esclarecer que é a do recrutamento em que os lords tambem não teem ingerencia senão passiva, deduz-se quanto a mim, obviamente, da obrigação que os seus antecessores politicos, os barões, tinham de serem todos soldados, permitta-se-me a impropriedade do vocabulo applicado aos feudatarios que tinham o soldo no feudo. Nas leis de Henrique I, entre o qual e o conquistador se mette um reinado, temos o seguinte proceito — liberi homines.... arma tenere... juxta praeceptum domini regis.... non illa in-vadiare (empenhar) nec extra regnum vendere, sed haeredibus suis.... legare .. si haeredes non habuerint dominus suus illa recipiet... pelagus (fide cum oolegatus) illa receperet.... si vero nihil istorum haberet re regni...illa resumet—Nos parl. Writ. a. d. 1287 temos, em harmonia com a lettra d'este dictame, um mandado dirigido a Robertus Peche e 117 mais, no qual lhes é intimado, in fide qua nobis tenemini, de se apresentarem com cavallos e armas perante Edmundo conde de Cornwall, logar-tenente d'el-rei na Inglaterra, em Gloucester. Outro igual mandado se repete a. d. 1291 na mesma collecção, com direcção a Robertus de Stutevill e outros mais, entre elles o arcebispo de York, ordenando-lhes, in fide et homagio, que hajam de comparecer com cavallos e armas em Norbam, d'alli a seis semanas. Na mesma compilação a. d. 1283 mais outro mandado a Rogerus le Bigot, conde de Norfolk e marechal d'Inglaterra, referindo que os galenses persistiam na rebelião, e o rei alli ia para os reprimir. O conde é pedido affectuosamente, in fide et dilectione, que haja, com cavallos e armas, de unir-se ao rei. Na mesma data, a mesma rogativa a 8 condes e 77 adherentes; a Johannes de Bello-campo e 14 ditos; a Rogerus Extraneus e 11 ditos. Não eram so os titulares temporaes que estavam ligados a ésta obediencia os bispos, e mesmo as abbadessas, eram obrigados a mandar á guerra os seus contingentes, que eram conduzidos por *Senechaes* (Rymer a. d. 1260.) A cidade de Londres tambem supportava o mesmo encargo. Em 1296 (parl. Writ.) fornece ella 20 homens armados por 4 semanas, cada um recebendo 20 marcos para as suas despezes; em outra occasião 40 homens d'armas e 50 ditos d'arco. A rainha das cidades, a nação das cidades, a capital de todas as nações so com este contingente? A nossa pequena Lisboa, pela ord. Affon. l. 1 t. 69, era taxada em 300 besteiros do conto, e ésta ordenação foi acabada em a Villa-da-Arruda em 1446. São n'éstas indiciações que se póde estudar o ser e a existencia da sociedade. Além das categorias de uma e outra condição, ja enumeradas, os particulares que eram livres, não eram tão pouco exemptos do serviço na milicia. Rymer, Foedera, traz, *tem*: Henrique III an. 1242, Summonitio Regis hominibus de Vasconia, ao todo 100, que traziam comsigo outros seus dependentes, desde 1 até 30 cada um, total 633 homens d'armas. N'outra data (1257) de exercitus regis summonito, para ir a Galles, ha mais 50 *tenentes in capite* que trazem comsigo 21 homens mais. Em 1294, ha uma leva geral, ordenada aos sheriffs d'Inglaterra, aos abbades, aos priores e escudeiros que possuiam por sua cabeça qualquer feudo militar, para se reunirem em Portsmouth, para passarem o mar, e irem defender a Gasconha pelo rei. O mesmo, a Isabel de Ros, etc. Ja no reinado de Eduardo I, que foi *monarcha muito emprehendedor*, anno 1282, tinha havido uma identica intimação aos arcebispos de Cantuaria e do York, bispos d'Inglaterra, 24 chefes de casas religiosas, abbades, abbadessas e priores; aos sheriffs d'Inglaterra, estes não por si mas para chamarem todas as pessoas que possuissem in capite, e podessem pegar em armas afim de apparecerem na mostra que devia ter logar em Rhuddlan na manhan do domingo de San'Pedro ad vincula em 2 d'agosto. Foram incluidas mais n'este chamamento 186 senhoras que possuiam bens com onus militar. Nenhum homem que tivesse terras do valor de lb. 30 era dispensado de se prover de um cavallo bom, e as armas competentes. Á falta de cavallo, era concedida composição. Pediram-se n'ésta occasião emprestimos á egreja, aos negociantes, por toda a parte do reino. E aos negociantes italianos. Deu-se ésta commissão a Willidmus de Luda. Todos estes preparativos eram para ir contra o paiz de Galles.

O rei (Eduardo I) que fazia ésta expedição, contemporeo do nosso D. Diniz, não era tão pouco muito amigo das usurpações ecclesiasticas. Nos parl. Writ. anno 1300, vem uma requisição ao arcebispo de York, bispos d'Inglaterra; e nada menos de 80 abbades, sem que se faça menção de nenhum secular. O conquistador tinha tido toda a contemplação com o *pais a seinte e-*

glise, mas este seu descendente, remettia-lhe a obrigação de ir á guerra dando 1 terço ou 1 quinto dos seus bens temporaes para ella. Não admira esta reacção. A igreja tinha-se apoderado de muito de mais; era fraca para manter. Os seus acolitos tinham vezos que não poderiam conciliar ninguem, derivados da dissimulação e da hypocrisia, gigantes de que se costuma valer a fraqueza para se segurar. A isto ajuntavam a avareza e o vicio, que era de esperar da sua origem. (1) A igreja filiava a sua hoste na classe degradada que era a vencida. Êsta filiação não podia deixar de a contaminar de todo o vilipendio que era commum á raça desauthorada, e que ía lá buscar pão, abrigo o rehabilitação, a troco da torpeza e grossaria, unico patrimonio que possuia, e que podia levar em dote prodigamente. A commiseração costuma prestar os trajos da virtude á infelicidade. Nem sempre ésta ligação procede. E senão é olhar de roda. A miseria expia, póde ser, mas não é certo que purifique. As mais das vezes pollue os miseraveis que a soffrem. Os bispos e abbades pela prevenção em que iam sendo tidos pelas razões referidas, posto que devessem fornecer tropa evitavam de lh'a pedir por senão confiarem d'ella. As suas fileiras recrutadas dos naturaes da terra causavam todo o receio. Hume C. 4.

O pouco resperto pela prelazia, a despeito da superstição dos tempos, concorria tambem para fazerem d'ella troço e não a quererem para a lide campal. Os barbaros, que ultimos conquistaram a Inglaterra, tinham tanta ou tão pouca reverencia para as lettras mesmo as sagradas, apezar de todo o prestimo que os reis tiravam dos individuos que as seguiam, para ter as turbas em sujeição, que no tombamento a que mandou proceder o conquistador, foi no recenseamento dos officios da população mettido entre os cosinheiros reaes um arcebispo. sir H. Ellis Domesday Book. V. I p. 92 Bib. pub. Lx.ª

Continúa. *C. A. da Costa.*

CRITICA-LITTERARIA.

EURICO OU O PRESBYTERO.

237 No n.º 26 do 4.º v. da REVISTA foi dada larga conta d'este grandioso romance — grandioso lhe chamo eu pela concepção e pela execução, como *primeiro* e como modêlo. Mas n'esse extenso artigo o seu illustre A. quasi nada tractou do livro para mais largamente podêr desinvolver a idêa, que alguns honrosos e louvaveis escrupulos (conscenciosas dúvidas que nunca poderão ser levadas a mal em animos bem intencionados) lhe haviam suscitado, sôbre os perigos moraes e litterarios que d'este romance poderiam provir. Não entrarei eu na avaliação do ponto até que esses receios podem ser fundados. Questões são essas a que não sei, nem posso elevar-me. Comtudo, encarado assim o romance no seu fim moral e impressão artistica; faltava ainda olhal-o pelo lado historico e da invenção etc. considerando-o por parte da *critica*.

E foi isto o que fez o Sr. A. V. dignando-se remetter a ésta Redacção o seu imparcial quanto judicioso juizo sôbre uma obra tão acredora de consideração, e em todo o caso digna de ser saudada e sôbre bem acolhida como quem apparecia pela primeira vez entre nós.

Sobremaneira estimo e agradeço a offerta. Estimo-a por vir de quem vem, que assaz de jus lhe dão seu talento e estudos a ser bemquisto; e agradeço-a por se referir a objecto que assim ficára carecendo de completo desinvolvimento n'este jornal.

Ousaremos dizer hoje alguma coisa a respeito de um livro, que por certo tem de marcar uma epocha na nossa historia litteraria, queremos fallar do EURICO e PRESBYTERO.

A litteratura portugueza ricca em obras historicas, riquissima em producções poeticas de todo e genero, sem tambem lhe faltarem excellentes livros de philosophia, de moral e de muitas sciencias e artes, era comtudo assaz pobre no artigo dos romances. A Hispanha tinha apresentado um Cervantes, a França um Le Sage, um Sue e muitos outros, a Inglaterra um Swift, Richardson, Fielding e Walter Scott, a Allemanha um Goethe... e que possuiamos nós para lhes comparar? Tinhamos a 'Constante Florinda,' a 'Roda da Fortuna,' o 'Allivio de Tristes,' e mais alguns, não muitos, *livrecos* escriptos no mesmo gôsto! O 'Palmeirim de Inglaterra,' e o 'Clarimundo,' são composições cujo merecimento consiste no classico da linguagem e no seculo em que se escreveram; o seu grande valor é da classificação numismatica, e pertence todo á antiguidade. Finalmente apparece o EURICO e agora podêmos dizer com ufania que possuimos um romance nacional.

Não ha dúvida em que para se encontrar na Peninsula um periodo de tempo verdadeiramente poetico, convem procural-o desde a invasão dos arabes; o valor dos antigos godos enervado e perdido pela corrupção da côrte de Toledo, renascia com brios novos em presença do perigo e devastação universal; o sentimentalismo religioso, esse derradeiro asylo do homem desgraçado, do qual se haviam esquecido os filhos de Ataulfo, entre os prazeres que a prosperidade inventa, voltava de novo aos corações para os consolar e fortalecer, agora, que escurecida a estrella da esperança, tudo lhes agoirava uma existencia temerosa e miseravel; o amor, que, quando o vicio domina os homens, parece servir unicamente para endurecel-os, e tornal-os como as féras na bruteza, recobrava toda a sua energia e doçura; porque o homem vendo a sua casa abrazada, a sua familia perseguida

(1) Eu não sei ate que ponto os meus leitores estarão scientes da crapula que dominava nos claustros; e entre o clero nas idades medias. Se algum curioso tiver gosto em se familiarizar com a litteratura satyrica e comica d'aquelle tempo, eu posso-lhe indicar collecções e auctores em que se poderão saciar a fartar. Aqui estão pequenissimas mostras do que por la hão de achar.

Non pastor ovium sed pastus ovibus.

Et ly pastors de Nozevis
Qui devoure ses berbis

Prior dixit ad abbatis
Ipsi habent vinum satis
Vultis dare paupertatis
Noster potus omnia?

Si pueros mihi prostitues tenerusque puelles
(Hœc mihi namque plaunt meum) divis erit

Roma vale: vide, satis est vidisse: revestor
Quum uno, meretrix, scurra, cinœdus ero.

ou morta, os seus amigos dispersos; vendo-se obrigado a fugir e a esconder-se nas covas da montanha deserta e bravia, ou entre as asperezas do bosque solitario; então é que conhece e sente profundamente a necessidade de amar e ser amado. Uma mulher o acompanha e o segue para esses logares ermos e inhospitos; ao seu lado ella partilha os maiores trabalhos e soffrimentos; cercado continuamente de receios e fadigas, o homem não acha consolação senão em quanto repousa por alguns avaros momentos encostado ao seio palpitante da terna companheira, que sente com elle, que padece com elle, e em cuja alma doce e meiga, reflectem, como em espelho purissimo, todas as impressões de que elle proprio se sente commovido. Que seria dos homens se nao crises de oppressão e de infortunio, não viesse a mão benefica do amor abrandar por um pouco as dolorosas chagas do coração?!

E é justamente n'uma d'essas crises terriveis que nós vemos arrastar-se a vida do infeliz EURICO! Sua coragem e seus talentos militares haviam gloriosamente triunfado na guerra civil da Cantabria; seu distincto nascimento era conhecido; e no virtuoso coração, onde os desejos de gloria pareciam somente imperar, viéra um amor ardente e puro lançar profundas raizes; mas o pai da formosa Hermengarda, movido pelo orgulho, e por interesses mais altos, se opposéra decididamente á união de EURICO com sua filha, e nem consentira siquer que ella dissesse ao infeliz amante: «EURICO, eu amo-te... amo-te com um amor tão puro, tão leal, tão ardente, como o teu.» O heroico mancebo soube por seu mal que o duque de Cantabria o não queria para genro; mas ignorava que era amado, ignorava que era elle quem somente occupava todo inteiro o coração virgem da innocente e sensivel Hermengarda.

Morto para toda a esperança, sem ter ao menos a melancholica consolação de saber que era amado, de saber que outra alma tão candida e sensivel como a sua, partilhava dolorosamente as angustias que o consummiam, que lhe restava sôbre a terra?! A religião ou a morte. Escolheu a primeira, porque somente nas meditações da immensa eternidade podia perder-se a immensidade da sua dôr! O vacuo, em que sua alma desvairada se abysmava, fôra impossivel ser cheio pela idéa acanhada e cobarde de uma morte desesperada! EURICO precisava de viver para chorar! Quem fizera tamanha perda como elle, senão considerasse com attenção na eterninadade, onde poderia descobrir o termo consolador do seu infortunio?! O nobre gardingo ausentou-se da côrte, onde a gloria o cercava, e procurou achar na religião do Christo os allivios que ja para elle não tinha o mundo!

Ordenado de presbytero a seu cargo tomára a pobre parochia de Carteia. Alli sem ser conhecido pelo que fôra, a montanha do Calpe o via esconder-se em seus reconcavos, assentar-se sôbre seus rochedos, ora abaixando os olhos humidos e inchados pelo pranto sôbre as aguas tremulas do mar, ora elevando-os para o ceu, como quem de lá somente esperava consolação! Pela vasta solidão da montanha amiudadas vezes os echos repetiam seus longos e magoados gemidos! Comtudo EURICO desempenhava exactamente as obrigações que lhe impozera o ministerio sagrado; os pobres e os desvalydos achavam sempre n'elle um protector seguro; e as doutrinas sanctas que o Christo ensinára aos homens, tinham no presbytero de Carteia o mais eloquente demonstrador. EURICO era poeta, e a melancholia que o dominava déra aos canticos religiosos por elle compostos, um toque de sentimento tão profundo que os tornára famosos na Hispanha. Eis-aqui um esboço bem grosseiro, mas veridico, do charater dado pelo sr. Herculano ao heroe do seu romance.

Achava-se EURICO parochiando o povo de Carteia, quando os arabes commandados pelo celebre Tarick desembarcaram junto do monte Calpe, vindo á conquista da Peninsula iberica. O rei Ruderico acudia em defensa da patria na frente do exercito godo; e as margens do Chryssus iam presenciar a grande batalha entre christãos e mosselemanos, que devia decidir por muitos seculos os destinos hispanhoes!

Travara-se a peleja tremenda e sanguinosa, como era de esperar dos arabes animados pelo fanatismo religioso e politico da seita mahometica, e dos godos que combatiam pela sua fé, patria e liberdade. Um guerreiro, defensor da cruz, se apresenta no campo montado em um soberbo cavallo negro e coberto com uma forte armadura da mesma cor; cada golpe que despede sacrifica uma vida, os arabes espantados fogem e não ousam avizinhal-o; os godos, que não sabem quem elle seja, animam-se e veem de longe o ultimo sorriso da victoria. Mas os fados tinham determinado que a Hispanha se perdesse, e era mister que a lei da providencia fosse executada. Em vão pois o valor sôbre-humano do cavalleiro negro tentou luctar contra as forças superiores do destino que lhe era adveso; apenas conseguiu recuar por alguns dias o momento fatal, que finalmente chegou. Os arabes, qual torrente impetuosa que todos os diques arrasa, romperam por todos os lados o campo christão; foi morto o rei Ruderico e o presbytero de Carteia, que não podia ser outro o disfarçado cavalleiro negro, teve de salvar-se nas montanhas das Asturias seguindo os destroçados restos do exercito vencido.

Alli se achava tambem refugiado o valoroso Pelagio, futuro chefe da nova monarchia gothica. Eurico reconhecia n'elle os direitos que ao mando lhe dava o sangue dos antigos reis hispanhoes que lhe girava nas veias; além de que Pelagio era irmão de Hermengarda, e do coração do presbytero, apezar dos mais violentos esforços e do imperio do tempo, não podéra por um so instante sahir a viva imagem d'aquella a quem unicamente amára sôbre a terra.

Mas Hermengarda tinha sido capturada pelos arabes, e aquem, senão ao cavalleiro negro, tocava de direito a arriscada e difficultosissima empresa de a libertar? A' frente de doze mancebos heroes, Eurico vôa ao centro do acampamento mosselemano, e á força de prodigios de valentia e coragem, alcança livrar a princesa e restitui-la aos braços de seu irmão.

Eurico soube então que era amado: os dias deliciosos, que sua joven imaginação outr'ora se creára, podiam finalmente ser uma realidade! Pelagio o amava, respeitava-o, e Hermengarda suspirava por ser sua! Mas este conhecimento, que uns poucos de annos antes teria feito a gloria suprema do infeliz gardingo, foi agora o decreto da sua morte! Em quanto se julgou desprezado póde chorar e viver; porque o seu coração terno e amante, consolava-se

com as lagrymas, e vivia no amor da eternidade! Mas quando sabe que é amado por aquella aquem votára toda a sua existencia n'este mundo, quando a felicidade, que como illusão se lhe mostrára na sua juventude, o vinha emfim procurar depois de tão longos soffrimentos... então se lhe apresenta a lei inexoravel do sacerdocio, qual invencivel muralha de bronze, interposta entre elle e o objecto querido do seu amor! Regeitado por Hermengarda, acolhêra-se ao sanctuario da religião; chamado agora por ella, diz-lhe a religião que a não escute... que a não oiça... n'este lance terrivel de inexplicavel desolação onde acolher-se?...

A scena de mortal amargura, que se passou na entrevista de Eurico com a irman de Pelagio na cova de Covadonga, acha-se descripta pelo sr. Herculano com tanta energia e tal sublimidade de estylo, que não podêmos resistir á tentação de transcrever aqui aos nossos leitores uma parte d'ella: « Mas os olhos scintil« lantes do cavalleiro tinham amortecido: derribado « na lucta, que travára com o destino, o seu comba« ter de tantos annos terminava finalmente. Um sorri« so insensato substituiu-lhe no rosto as contracções « habituaes de melancholia e desalento. Affigurava-se« lhe que em roda d'elle baloiçava a caverna, e a luz « fumosa da tocha, que ardia segura no braço de ferro « cravado na pedra, parecia-lhe faiscar em fitas côr de « sangue. Esvahido, vacillante, assentou-se n'um frag« mento de rocha, e estendendo a mão para Hermengar« da pegou de novo na d'ella, e com um sorriso indisi« vel, continuou em voz submissa: —Dez annos! Sabes « tu Hermengarda, o que é o passar dez annos amar« rado ao proprio cadaver? Sabes tu o que são mil e « mil noites consummidas a espreitar em horisonte illi« mitado a estrella polar da esperança, e quando no « fim os olhos cansados e gastos se vão cerrar na mor« te, ver essa estrella reluzir um instante, e depois « tombar do ceu nas profundezas do nada? Sabes o « que é caminhar sôbre urzes pelo caminho da vida, « e achar no fim, em vez de marco miliario, onde o « perigrino dê tregoas aos pés rasgados e sanguentos, « a borda de um despenhadeiro, no qual é força pre« cipitar-se? Sabes o que isto é? É a minha triste his« toria! Estrella momentanea, que me illuminaste, « cahiste no abysmo! arbusto, que me retiveste um « instante, a minha mão desfallecida abandonou-te, « e eu despenhei-me! Oh quanto o meu fado foi ne« gro. »

Que linguagem! Que estylo! Onde iremos buscar livro nacional em que achemos a alta eloquencia do sentimento expremida com maior força, e que nos deixe o coração possuido de tão longa e profunda commoção? A dôr concentrada ha tanto tempo na alma de Eurico tresborda com tal impetuosidade que o leitor fica como abysmado pela violencia da corrente.

Todo o romance desde o principio até ao fim fórma um grande quadro lugubre, verdadeiramente tragico; e o sr. Herculano deu-lhe o vigor de pincel, e a propriedade e viveza de colorido que demandava uma tão sublime concepção; é um livro escripto com uma igualdade de estylo que raras vezes temos visto; nem um so epitheto que não convenha ao sugeito, nem um so periodo que não seja cheio, euphonico, variando os sons da linguagem conforme os objectos que descreve, com inimitavel habilidade. O estylo do Eurico sublime sem obscuridade, elevado sem inchação, proprio sem affectação, ricco sem prodigalidade, variado sem constrangimento, e natural sem baixeza, é na verdade capaz de fazer deseperar a grande caterva dos imitadores: por isso ja nós ouvimos dizer, que era um *livro altamente perigoso*, porque os escriptores mediocres querendo imita-lo se involveriam em um labyrintho inintelligivel, d'onde atacados pelo minotauro da propria incapacidade, não poderiam sahir senão pelo fio do mais tresvariado seiscentismo; mas isto é o mesmo que culpar o grande Vieira das miserias dos escrevinhadores que tão mal o imitaram, e acoimar os divinos 'Lusiadas' pelas sandices da 'Joanneida'!

Consolem-se os imitadores e não se desanimem; lembrem-se do que diz Virgilio, que não era nenhum pedaço d'asno, fallando de Ascanio a quem elogiava,

« Sequitur que patrem non passibus æquis! »

Se escreverem um romance, que dê alguns ares do Eurico, á fé que escrevem um livro soffrivel, e nós o leremos com prazer.

Forçoso é portanto confessar, que ésta producção litteraria do sr. Herculano pelo que respeita ao estylo, é uma das mais perfeitas que possuimos. Quizeramos citar alguns traços d'ella, porém isso seria tornar este artigo mais longo do que convem, e acima ja demos a nossos leitores uma amostra de grande valia; comtudo sempre commemoraremos uma pagina do capitulo 4.° denominado — *Recordações*. É Eurico fallando em uma elegia por elle mesmo composta. « Era por uma d'estas noites vagarosas do inverno, « em que o brilho de um ceu sem lua é vivo e trému« lo, em que o gemer das selvas é profundo e longo, « em que a soledade das praias e ribas fragosas do « Oceano é absoluta e tetrica. Era a hora, em que « o homem está recolhido nas suas mesquinhas mora« das; em que pelos cemiterios o orvalho se pendura « do topo das cruzes, e sosinho goteja das bordas das « campas; porque a saudade da viuva e do orphão, « a desesperação do amante, o coração despedaçado « do amigo, tinham tido pavor das larvas da imagina« ção, e do gear nocturno! Para se consolarem, os « infelizes, dormiam tranquillos em seus leitos ma« cios... em quanto os vermes do sepulchro roiam o « cadaver do extincto, amarrado á sua cama de mar« more pelo grilhão da morte chumbado nos seios da « pedra. Hypocritas dos affectos humanos, o somno « enxugou-lhes as lagrimas!......................
« ...... Os mares pareciam n'aquella hora recorda« rem-se ainda do rugido harmonioso do estio, e a « vaga arqueava-se, rolava, e espreguiçando-se pela « praia reflectia a espaços nas golphadas de escuma a « luz indecisa dos ceus. » Em que monumento da nossa lingua se encontrará uma descripção mais bella do que ésta? Não se sente o leitor transportado ás praias de Carteia, e não lhe parece estar ouvindo no silencio da noite os canticos magoados e chorosos do presbytero, assentado sobre a rocha solitaria, espalharem-se e perderem-se por entre o rugido das oudas fugitivas? A frescura e o pittoresco d'este traço são tão repetidos, ou antes continuados por todo o romance, que se tentassemos fazer mais algumas citações por ventura dariamos a sua integra.

Temos tractado da invenção, e particularmente do estylo do livro, agora diremos alguma coisa sôbre a

parte moral d'elle. Achâmos que ésta é purissima; e as agonias que ralam o coração do presbytero nada concluem contra o celibato do clero. N'este ponto podem os escrupulosos socegar. A igreja disse, que queria celibatarios os seus ministros; mas não disse, que do celibato lhes resultaria uma vida cheia de contentamento e exempta de pezares. O sr. Herculano no seu prologo bem claro fallou: elle não intenta apresentar um quadro que revolte o sentimentalismo contra as leis ecclesiasticas; o que pertende é mostrar com o exemplo o que um padre póde ter a padecer em consequencia da isolação d'alma, a que sôbre a terra o obriga a lei do sacerdocio: *cupio dissolvi et esse cum Christo*, dizia S. Paulo; diga o padre o mesmo que o apostolo, e soffra como elle soffreu, por que a igreja não lhe fez promessa de não soffrer; antes sendo a religião christan uma religião de soffrimento e de prova contínua, não é para admirar que os seus ministros sejam os primeiros a dar o exemplo de valor n'este incessante combate contra as paixões que assaltam o coração. Quem não tiver coragem para tanto fuja de assentar praça em um exercito, que todo elle devêra ser composto de heroes; a igreja nunca fez recrutamento forçado, a sua farda é voluntaria e livre; quem a veste não tem motivo justo para se queixar depois. Não vemos portanto nada no romance do sr. Herculano que offenda a religião e a moral, porque a religião e a moral não se offendem com a pintura do coração humano, quando ella é tão verdadeira e ingenua como se descobre no infeliz Eurico.

Resta-nos finalmente fallar da parte historica, e de costumes, a qual temos tambem por exactissima; e se alguns anachronismos se encontram no romance, são elles ornamento proprio d'esta qualidade de composições, porque um romance não é uma chronica. Alli o que se procura descrever é a Hispanha do seculo VIII, e quem haverá que a não conheça tal qual era n'esse tempo, depois de ter lido o romance do sr. Herculano? Se em alguma coisa discordâmos da opinião do illustre escriptor, é na classificação da edade heroica peninsular. Parece-nos que se essa edade deve conceder-se a ésta nossa terra, a sua existencia é anterior á conquista dos romanos, e que os semideuses se ausentaram para sempre d'entre nós desde os tempos de Viriato e Apimano. O prestigio mythologico, que se perde na geração das eras, não podia existir com a civilisação romana que subjeitou nossas acções ao imperio da historia; e ainda que depois viesse a conquista gothica annuvear por algum tempo as luzes historicas, todavia os godos não eram indigenas, e as honras mythologicas queriamos que pertencessem de direito exclusivo aos descendentes de *Tubal* e á raça Celtibera; e quando, apezar da nossa vontade, alguem tentasse disputar essas honras, parece-nos que o periodo decorrido desde a entrada dos arabes até á batalha do Salado, é muito mais prestigioso e heroico, que todo o tempo passado entre Ataulfo e Ruderico. Mas isto são meras observações nossas, que deferimos com sincera cordiolidade ao supremo tribunal do illustre auctor do Eurico.

Quanto á valentia, quasi sôbre-natural do cavalleiro negro, nada achâmos contra o gôsto romantico, que se possa notar. Mais modernos eram 'Ricardo I' e 'Ivanhoe,' e lea-se em Walter Scott o que elles fizeram! Somente desejaramos que a morte do heroe não tivesse acontecido do modo que se conta no romance. Uma alma tão nobre, tão generosa, tão energica, como a de Eurico, não devia, não podia ceder á idea mesquinha e fraca de um suicidio! Sim, um suicidio, dissemos nós, porque supposto que as crenças d'aquelle tempo admittisem, que a morte na guerra contra os infieis era verdadeiro martyrio, nem porisso admittiam que se offerecesse o corpo desarmado ao alfange sarraceno; e nós lemos na 'Jerusalem Libertada' a reprehensão que o sensato Raimundo de Toulouse deu a Godefredo quando este, por effeito de um voto imprudente, se lançou ao assalto da cidade sancta coberto somente de uma ligeira armadura. Os guerreiros não eram missionarios, e não podiam dispensar-se da obrigação de se armarem, que a lei natural lhes impunha. Se Eurico na qualidade de presbytero intentasse fazer uma missão a Mugueiz, a morte que o moiro lhe deu se conformava perfeitamente com todas as conveniencias de crença e de costumes; mas Eurico alli era um cavalleiro da cruz, e então a sua morte, recebida por tal modo, fica sendo um suicidio disfarçado! Elle ja não podia viver: convimos; mas a sua morte devia ser effeito da fraqueza do corpo, que não podia mais, e nunca da degeneração de um espirito tão superior como se mostrou até agora o seu.

Não sabemos se este final concorda com o character tão energicamente sustentado por todo o romance—não sabemos talvez se isto é um defeito—o que porém sabemos com certeza é, que se o livro contém este ou outro defeito, as suas bellezas são tantas que aquelles nem siquer lembram ao leitor.

F. L. d'A. V. da F.

ASSOCIAÇÕES LITTERARIAS.

CONSERVATORIO-REAL DE LISBOA.

288 Sexta-feira (17), depois das 8 horas da noite, reuniu o Conservatorio-Real para continuar a discussão de que a Revista fallou em seu último número. O ponto é importante e a discussão tem sido prolongada; a votação do artigo em questão ainda ficou addiada. Era quasi meia-noite quando se levantou a sessão.

THEATRO DE SAN'CARLOS

Abertura—A linda de Chamounix, opera semi-seria em 3 actos—as illusões de um pintor, bailete em 2 partes.

239 Domingo (19) começou a segunda epocha da actual empresa do theatro-italiano. Uma peça de Donizetti, nunca ouvida em Lisboa, era ja de per si novidade d'attrahir. O nome do illustre compositor é querido do nosso público, e nenhuma opera sua cahiu ainda na nossa scena-lyrica.

Não direi que ésta opera seja uma das de primeira ordem de Donizetti; tem muitas reminiscencia d'outras operas suas, e falta-lhe certo character-typico que distingue as grandes concepções. Comtudo, é uma serie nunca interrompida de *bonitos* trechos que a fazem agradavel e bemquista mesmo sem ser grandiosa. Está posta-em-scena com esmero e muito bem ensaiada.

Das partes que debutaram n'esta opera darei o primeiro logar ao Sr. Salandri artista d'intelligencia, e

do melhor methodo de canto. A Sr.ª Ranzi no seu registo de voz, vulgarmente chamada de *cabeça*, tem notas de bastante força, e toda ella é clara e melodiosa. Foi muito applaudida no rondo e no duetto com o baixo Salandri, que por ambos os artistas foi excellentemente desempenhado. O Sr. Miró, compatriota nosso, tem uma voz de tenor bastante sympathica, mas que ainda não está formada em razão da sua pouca idade: tem muito bom methodo e canta com gosto. O Sr. Catallano, que foi applaudido na aria do 3.º acto com os rapazes *savoiards*, não desmerece certamente nem pela voz, nem pelos gestos.

As ILLUSÕES DE UM PINTOR, foi uma scena mimica, que serviu de pretexto ao debute da copia Martin. A S.ª Zimmerman (creio ser este o seu appellido) dança com firmeza notavel, e fez passos, aliás difficies, com muita perfeição e acabamento. O Sr. Martin corresponde seguramente á fama que o precedeu.

E assim começaram as bellas noites do theatro-italiano, que, segundo o repertorio que se diz escolhido, se tornarão progressivamente ainda mais bellas e magestosas. A segunda opera é a *Maria de Rudens* para debute do tenor Severi, e parece que a terceira será outra opera nova, *I due Foscari*, partitura de Verdi, o celebre auctor dos *Lombardos* e do *Hernani*, e a qual tem produzido o maior enthusiasmo em todos os theatros da Italia.

CORREIO NACIONAL.

240 N'uma das ultimas reuniões da Assemblea-philarmonica, o sr. Saint-Martin que devia tomar parte distincta no concerto, manifestou veziveis symptomas de alienação mental. O auditorio era numeroso, e a tristeza que tão longe estava d'aquelle recinto se apossou repentinamente do coração de todos á vista de tão funesto acontecimento; vendo assim no cumulo da infelicidade o homem que em tantas outras noutes contribuíra tão poderosamente para o suave divertimento d'aquellas mesmas almas que n'esse momento se condoiam da sua desgraça com a mais sincera compaixão.

O sr. Sant-Martin acha-se actualmente no hospital de San'José; e a Assemblea-philarmonica que sabe avaliar perfeitamente toda a infelicidade d'ésta posição, attendendo ás circumstancias do infermo, ouvimos que vai abrir entre si uma subscripção para de algum modo acudir á desgraça de um dos seus socios honorarios.

Este facto que revela tanta philantropia quanto é a honra que cabe á corporação que o pratica, diz-se que vai ser seguido pela Academia-philarmonica. Ambas éstas sociedades hão de merecer louvores das almas mais bem formadas. S...

Segundo o que parece, a representação que a Companhia do Theatro-nacional da Rua-dos-Condes é chamada a dar no Theatro de D. Maria II, na noite de 29 do corrente, para solemnisar o Anniversario de S. M. El-Rei, hade constar de: A MANHAN D'UM BELLO DIA, ode-cantata allegorica, trecho poetico misturado de declamação e coros d'ambos os sexos, poesia do sr. Mendes Leal e musica do sr. Pinto; o SENHOR DE DUMBICKY, comedia em 3 actos de M. A. Dumas traduzida pelo sr. J. B. Ferreira; UM PAR-DE-LUVAS, farça-lyrica n'um acto pelo A. do BEIJO, musica do Sr. J. Casemiro. O espectaculo d'esta noite é gratuito, mas ouvimos que a Companhia, que se prestára tambem gratuitamente a esta representação, obterá do govêrno, em attenção ás grandes despezas que tem a fazer, a permissão de dar algumas representações públicas para indemnisação.

Pelo último navio chegado do Havre veio o panno de bôcca para o Theatro de D. Maria II. Se é verdade o que se diz, este panno é offerecido por um artista italiano, actualmente em Paris, M. Ferri, a quem o nosso govêrno condecorou com a Ordem de Christo.

Legado exemplar. — O falecido lente da Eschola medico-cirurgica de Lisboa, A. J. Salgado, ordenou em seu testamento se vestissem trinta sentenciados do presidio do Castello: a verba testamentaria está cumprida.

Exemplo de caridade. — O Sr. Cardoso Klerk, sôbre os beneficios que fazia quotidianamente a um egresso por nome L. J. d'A. d'Abreu e Lima, acaba de o recolher a sua casa para lhe fazer a operação da cataracta. O illustre facultativo foi felicissimo no seu caridoso empenho: apesar da provecta idade de 84 annos que contava o infermo, e de haver obra de seis que tinha cegado, recuperou a vista e póde ainda antes de morrer gosar do espectaculo da natureza para mais do intimo d'alma abençoar o seu bemfeitor!

No 'Cosmopolita' lê-se a seguinte notícia de uma philantropica instituição:

«*Meninos desamparados.* — No seminario dos meninos desamparados, sito na rua Chan d'esta cidade, existiam no último de dezembro de 1843 — meninos 23, entraram em todo o anno de 1844, 18; embarcaram e sahiram para differentes destinos 10, ficaram existindo no último do anno 31; fez de despesa n'aquelle anno 2:641$845, teve de esmóla 597$600 de 370 bemfeitores, além de outros que contribuiram com varias esmolas em generos.

Este estabelecimento fundado em 6 de janeiro de 1814, por o sr. João Manoel Rodrigues Barbosa, sustentou, vestiu, educou, e arrumou, até ao fim de 1844, 784 meninos desamparados, que tiveram os seguintes destinos — para os portos do Brazil, 277; entregues a seus paes, ou parentes, 78; para differentes officios, 365; para os estudos, 2; fallecidos, 31; existiam no último de dezembro de 1844, 13.»

Por decreto de 15 do corrente houve Sua Magestade por bem de nomear para socios livres do Conservatorio Real de Lisboa, os seguintes litteratos e artistas: — Antonio José Viale — Antonio Pereira da Cunha — Augusto Panseron — J. Rossi-Caccia — João Baptista Ferreira — João da Cunha Neves Portugal — João Guilherme Daddi — João de Lemos de Seixas Castello-Branco — João Luiz Olivier Cossoul — José Maria de Sousa Lobo — José Maximo de Castro Neto Leite e Vasconcellos — José Osorio Cabral Castro e Albuquerque — Listz — José Tavares de Macedo — Luiz Augusto Rebello da Silva — Manuel Joaquim Botelho — Manuel Maria da Silva Bruschy — Rodrigo José de Lima Felner — Sebastião José Ribeiro de Sá — Thalberg — Tiburcio Antonio Craveiro.

CONHECIMENTOS UTEIS.

O CONGRESSO SCIENTIFICO EM PORTUGAL.

241 *Sr. Redactor.*—Sendo o jornal de V. dedicado ao progresso das luzes no nosso paiz, e preenchendo V. ésta missão mui condignamente, tomo a liberdade de lhe suggerir uma lembrança que no meu fraco intender V. não deve desamparar em quanto a não vir realisada, pela muita utilidade que d'ella póde resultar para Portugal.

Todas as nações estão tendo o seu congresso scientifico, assim como politico; e sendo hoje o nosso systema social o representativo, não ha razão porque a sciencia não tenha tambem a sua representação.

Fazem as suas reuniões os sabios ja por toda a parte; na Inglaterra que foi a primeira, na França, na Italia, na Allemanha e até na Scandinavia. Veja de promover igual ajunctamento entre nós. Os resultados não podem deixar de ser de muita vantagem para a agricultura, para a industria, para as necessidades e commodidades d'este povo.

Para alcançar este desejado fim, as pessoas pacificas e que não vêem na politica o unico e só modo de melhorar a pêca existencia dos portuguezes, deviam-se ajunctar para promover uma subscripção para as despezas preparatorias, para o local e para receber os seus hospedes.

Formada uma commissão devia-se ella dirigir ao nosso govêrno para que elle houvesse de auxiliar as vistas e os fins d'este congresso. Eu intendo que elle devia até mandar circulares aos paizes extrangeiros a vêr se assim nos vinham fazer uma visita algumas das suas illustrações. Podia d'aqui datar uma era nova para a nossa civilisação. Haviamos n'estas entrevistas perder muitas das nossas preocupações, assim como os nossos convidados tambem poderiam a nosso respeito adquirir mais exacto conhecimento e formarem mais imparciaes juizos.

Para a frente d'esta empreza intendo que se deve sollicitar a concorrencia da nossa aristocracia.

O programma a apresentar podia mui utilmente combinar-se com a nossa academia real das sciencias, que existe esquecida por falta de exercicio.

Em conclusão, Sr. Redactor, veja de promover ésta minha proposta por que n'ella póde ganhar muitos creditos para a sua reputação e as bençãos dos seus conterraneos. Sou de V. etc.

Lisboa 17 d'agosto de 1845.

Claudio Adriano da Costa.

A idêa suscitada pelo Sr. C. A. da Costa, na carta que se acaba de ler, é tão zelosamente patriotica como illustrada. Os congressos scientificos que actualmente se estão fazendo em muitas partes da Europa, multiplicam-se de anno para anno, e teem adquirido importancia e um grau d'interesse geral. As disposições tomadas em Napoles pelo rei e homens poderosos, para o bom recibimento e hospedagem dos sabios que concorressem ao congresso, n'este mez alli celebrado, são de natureza a demonstrar ao mundo o apreço que hoje fazem os reis e os paizes mais adiantados dos homens que se consagram ao estudo e á sciencia; e da consideração que se dá a éstas reuniões que o nosso seculo tem a honra de haver promovido, e das quaes seguramente hão de resultar vantagens importantes para a sociedade universal.

Mas ainda não são unicamente estes concilios, por assim dizer, ecumenicos, de sabios nacionaes e extrangeiros que hoje se fazem pela Italia, França e Allemanha; cada paiz celebra tambem seus synodos especiaes das *capacidades* indigenas, e por toda a parte este movimento de associações scientificas vai tomando incremento e importancia. Os governos são os proprios e os primeiros que promovem éstas reuniões, que as consultam e que prestam as maiores considerações ás suas propostas.

Na verdade sería muito para desejar que o nosso paiz seguisse este impulso, e tomasse parte n'este movimento scientifico. Não faltará porém quem diga que estes desejos são precoces. Hão de allegar-se duas causas, principalmente, para tolher a sua execução: 'Éstas reuniões, éstas associações, fazem despezas, algumas vezes consideraveis: o rei de Napoles não duvída fazel-as até ao excesso: o da Prussia dota largamente as sociedades scientificas; na França vota-se no orçamento uma verba 8,887,900 francos pora estabelecimentos d'esta natureza... que digam ao nosso Thesoiro que faça coisa que se pareça com isto!'

Para acudir a ésta duvida lembra o Sr. C. A. da Costa, judiciosamente, o meio das subscripções. Era realmente um meio até muito honroso para a nossa classe pecuniosa.

A outra causa que ainda hoje se diz tolher em Portugal a generalisação das associações, é a *politica*. 'Ainda ella não acabou inteiramente de occupar os espiritos com preferencia a todos os outros objectos; e associação que trabalhe activamente hade mais ou menos ser eivada do seu veneno.'

Estes inconvenientes que penso se poderão allegar contra a realisação do tão illustrado pensamento da convocação de congressos e formação de associações scientificas, não me parece terem fôrça bastante para se lhes oppor. Mas tenham ou não, é certo que em quanto essas associações se não estabelecerem entre nós, o papel que representâmos entre as nações illustradas, hoje, é tristissimo.

Se exceptuarmos a academia-real das sciencias, que se tem vida, quasi que é so dentro das suas paredes; se exceptuarmos as sociedades das sciencias-medicas e de pharmacia, que ainda não são o que deviam ser; a associação dos advogados, a unica que tem algum vigor; e o conservatorio-real, que está por definir ou antes por organisar... digam-nos o que ha em Portugal, que se pareça com o instituto de França, com as innumeraveis sociedades especiaes d'este mesmo paiz, da Allemanha, da Italia, da Inglaterra...?

Deixarei porém hoje de me occupar das nossas associações scientificas e litterarias nacionaes, para podêr dizer ainda mais duas palavras sôbre o congresso de sabios extrangeiros em Lisboa.

O sr. C. A. da Costa depois de lembrar o meio da subscripção para acudir ás despezas, que feitas sem prodigalidade não excederiam a seis contos de réis, se tanto; lembra tambem que a nossa aristocracía tome a iniciativa n'este objecto, e deseja a concorrencia do govêrno.

Conseguido o primeiro meio d'execução — o de acu-

dir ás despezas, de que porventura o proprio sr. C. A. da Costa se encarregaria por si e pelos seus amigos mais illustrados; os outros — da intervenção da classe-nobre e concorrencia do govêrno, parece-me que seriam alcançados de prompto. Falta ainda outro, d'alguma difficuldade — o de maior difficuldade talvez, o programma. A confecção d'este ninguem contestará que deva ser commettida á academia-real das sciencias.

Eu lembraria, a creação d'uma commissão preparatoria que accordasse nas bases d'este projecto, para que approvadas pelo govêrno, este lhe désse o impulso que similhante idea necessita e que so d'elle póde provir.

Còmo é occasião de *lembranças* não terei dúvida em mencionar os trez nomes que me occorrem assaz apropriados para constituirem o nucleo para execução d'este projecto: lembro o sr. duque de Palmella, o sr. Silvestre-Pinheiro, e o sr. C. A. da Costa.

Insistir nas vantagens para Portugal da realisação d'este illustrado pensamento não será para hoje, d'outra vez o farei.

BARCOS DE SALVAÇÃO INSUBMERGIVEIS.

242 M. Poitrat, ingenheiro e auctor de varias descobertas mathematicas e industriaes, imaginou ultimamente um barco de salvação insubmergivel, que foi experimentado a 7 do corrente no rio Sena.

O invento de M. Poitrat consiste principalmente em certos apparelhos de compressão d'ar, independentes uns dos outros, e que podem ser applicados a toda a especie de embarcações. Estes apparelhos adaptados ao casco do navio formam pelo interior das bordas uma como banqueta circular, onde os passageiro se collocam commodamente, deixando todavia os vãos necessarios para a manobra. Os repartimentos d'éstas banquetas, além do ar que conteem, podem servir tambem para guardar bagagens e provisões de viagem.

As experiencias feitas demonstraram a insubmergibilibade d'este novo systema salvador, apezar de todo o emprego da força para fazerem viras o barco. Ésta victoriosa resistencia parece que attrahiu a attenção do ministro da marinha francez, que vai nomear uma commissão d'exáme a este novo invento, que segundo se diz não póde deixar de ser adoptado.

MAGNETISMO-ANIMAL.

243 O magnetismo-animal tem-nos ja invadido. Os jornaes teem fallado de experiencias maravilhosas feitas em Coimbra e no Porto: dizem-no ja chegado a Lisboa, progrediado aqui com proselytos e victimas. Não será pois fóra de proposito historiar a sua origem e progresso na Allemanha, e sôbre tudo na França.

Os sectarios do magnetismo acham provas d'elle e da sua antiguidade nos mysterios da religião pagan, especialmente nas ceremonias que se faziam por occasião da consulta dos oraculos: accrescentam mais, que os sacerdotes do gentilismo ja possuiam os segredos do podèr magnetico — segredos a elles passados pela tradição, e que conservavam com todo o cuidado no sanctuario, não os dando a conhecer senão aos iniciados. Segundo este systema os extazis da Pitonissa demonstravam evidentemente a verdade de suas práticas.

Wolf — um dos homens mais illustrados que escreveram sôbre o magnetismo, refere que os egypcios curavam muitas infermidades pelo *contacto.* Isto acontecia principalmente na cidade de Memphis, onde os doentes levados ao templo de Sérapis eram lançados n'um completo somno lethargico; e (conforme diz o professor Kluge) os meios para se conseguir isto conferem em todos os pontos com o que hoje chamâmos magnetismo. De facto, nos hierogliphicos se observam figuras de homens na mesma attitude em que se poem os magnetisadores e seus pacientes.

Schelling diz tambem, que os romanos conhecium a arte de provocar o somno por via de uma certa applicação das mãos; e Plauto no seu 'Amphitrião' faz dizer Mercurio: *Quid, si ego illum tractim tangam ut dormiat.*

Monarchas houve na Europa que tiveram a presumpção e a faculdade de curar alporcas pondo as suas reaes mãos nos doentés. Taes foram em Inglaterra, Eduardo-o-Confessor, em França Philippe I e seus successores até Luiz XIII. Na Allemanha gozaram da fama de fazer curas maravilhosas, os condes de Hapsbourgo; e a rainha Anna foi a última dos soberanos inglezes que usou d'ésta faculdade, pondo suas reaes mãos no dr. Samuel Johnson.

Nos tempos modernos, o primeiro que fundou o systema do magnetismo sôbre principios philosophicos, foi Antonio Mesmer, natural da Suissa. Este homem estudou medecina em Vienna-d'Austria com os medicos celebres do tempo, Swietin e Haen; alcanços o grau de dr., e tendo casado com uma senhora muito ricca entregou-se todo ao systema magnetico. Em uma these que elle defendeu por occasião da tomar o grau de dr., sustentou que os planetas tinham influencia no corpo humano, e que portanto devia existir um fluido universal espalhado por toda a natureza, unico agente d'ésta influencia. Suppoz mais, que este fluido era a electricidade. Muitas experiencias o convenceram de que estava inganado; e logo acreditou que a sua idêa sería melhor explicada pelo fluido magnetico. N'isto se firmou, e as experiencias do astronomo Maximiliano Stelle o confirmaram cada vez mais no seu systema. Emprehendeu então várias curas que foram felizes: pessoas respeitaveis affirmaram que o tractamento seguido e applicado por Mesmer os tinha curado de antigas infermidades. Apezar d'isso os medicos de Vienna o tractaram de impostor, e tão alto gritaram que Mesmer sahiu da cidade e se dirigiu á Baviera e á Suissa, nos annos de 1775 e 1776. Fes muitas curas nos hospitaes de Berne e Zurich. Suas vistas se alargaram então, e proclamou sem rebuço nem hesitação, a existencia de um fluido essencialmente differente do Iman e que chamou magnetismo-animal.

No anno de 1778 foi a París, onde contrahiu estreita amisade com Deslon, membro da sociedade de medecina n'aquella cidade; e foi este o mais zeloso de seus discipulos. No anno de 1779 deu á estampa um 'Tractado' em que estabelecia o seu systema. Deslon escreveu tambem sôbre o mesmo objecto; porém seus consocios da faculdade ameaçaram de excluí-lo da sua corporação se não se retratasse. Éstas preseguições so serviram para dar a Mesmer maior celebridade. Os habitantes de París olhavam para elle como um bemfeitor da humanidade, e como um sabio igual aos antigos. Desgraçadamente suscitou-se rivalidade entre o mestre e seu discipulo Deslon. Mesmer sahiu então de París por um pouco de tempo; mas voltou sollicitado por M.

Bergasse, pelos dois condes de Chastenet, M. Maxime de Puysegur e pelo marquez de Puysegur, e MM. Kormen e Girard, todos homens repeitaveis e acreditados.

Mesmer organisou então a sociedade chamada 'd'Harmonia' para se entrar na qual e ser iniciado nos mysterios magneticos, era preciso pagar cem luizes. A concorrencia dos socios foi immensa, e Mesmer fez uma brilhante fortuna. O magnetismo espalhou-se por toda a parte; toda a gente magnetisava e era magnetisada: foi um furor em todas as classes da sociedade, a ponto que em Charenton eram magnetisados os cavallos, e os faziam entrar em convulções. No anno de 1784 havia sociedades de magnetisadores em París, Versailles, Lion, Bordeaux, Marseille, Grenoble, Metz, Nancy Strasbourg. Mesmer era o supremo chefe de todas ellas. O contagio extendeu-se pela Europa, e contavam-se trintas sociedades ditas 'd'Harmonia.' Da Europa passou ás ilhas francezas das Indias-Occidentaes. As tres sociedades principaes existiam em París, Lion e Strasbourg; a de París era dirigida por Mesmer em pessoa, e tinha o titulo de 'Sociedade-Mesmeriana' a de Lion era governada pelo cavalleiro Barbarin: este so admittia como agentes do Magnetismo a fé e a vontade nos socios, que eram conhecidos debaixo do titulo de *spiritualistas*; a de Strabourg era presidida pelo marquez de Puyesegur.

N'este comenos appareceu a ordenença de 12 de março de 1784, na qual se ordenava á faculdade de medicina de París que désse o seu parecer sôbre o magnetismo. O juizo d'ésta foi, que todos os phenomenos que se observavam no magnetismo eram resultado, ou da imaginação, ou devidos ao prestigio da imitação, e á excitação dos sentidos causada pelo *contacto*. O unico da faculdade que não assignou o relatorio foi Jussieu. Mesmer e Deslon, pretestaram contra este relatorio. N'éstas circumstancias sobreveio a revolução de 1789 que fez esquecer o magnetismo e seus sectarios.

Fóra da França o celebre Lavater inthusiasmou-se pelas doutrinas de Mesmer, e propagou-as na cidade de Breme. Na Inglaterra, na Hollanda e na Italia, não fez a doutrina de Mesmer muitos progressos; na Suecia não foi attendida, e na Russia nem foi conhecida. Pelo que toca a Mesmer vivia ainda no anno de 1815 au Franenfuld no Cantão de Torgau, de idade de 76 annos, e retirado do mundo.

Vamos agora dizer alguma coisa sôbre os phenomenos magneticos.

O professor Kluge estabelece seis graus no estado magnetico: — O primeiro é aquelle em que se experimentam ainda as impressões exteriores — no segundo ha o meio-somno, ou a crise imperfeita — no terceiro ha o somno-magnetico, ou o somnambulismo — no quarto ha a crise perfeita — no quinto ha prespicacia ou penetração — e finalmente no sexto ha a visão magnetica ou o extasi. So no terceiro grau é que se manifestam os phenomenos de uma maneira sensivel. Pezald, Nasse e Gmelin, contam a este respeito coisas extrordinarias. Veaumorel sustenta nos seus 'Aphorismos' que os somnambulos vêem os objectos atravez dos corpos opacos comtanto que estes corpos não sejam electricos; por exemplo a sêda e o lacre. O 'Correio de Strasbourg' do anno de 1817, conta a historia de uma senhora cataleptica que em horas certas cahia n'um somno-magnetico durante o qual tinha a faculdade de ler n'um livro aberto a grande distancia. Finalmente Potelin conhecia um somnanbulo que via e nomeava tudo que tinha na mão fechada, pondo-a sôbre o estomago. Os phenomenos do quinto e sexto grau são ainda mais singulares. Ha somnanbulos que teem descrevido o interior do seu corpo sem terem a mais pequena noção de anathomia. Ha auctores que attestam a authenticidade d'este facto; e accrescentam mais, que existem pessoas que conhecem os successos passados em logares distantes. Estes mesmos auctores attribuem ao fluido-magnetico muitos phenomenos que se apresentam no reino-animal. A que outro se deve attribuir, dizem elles, o instincto dos animaes, e a pasmosa faculdade que teem os cavallos de preverem os perigos longiquos? Como explicar as sympathias da natureza..?

Podiamos contar factos a este proposito de natureza extraordinaria, porém ja vai longo este artigo; concluamos que o magnetismo é um phanatismo — mas de que especie? Talvez medical. É preciso porém procurar adduzir provas positivas, e um exame rigoroso; porque em medicina, assim como em todas as outras sciencias positivas, pela dúvida é que se começa para chegar á verdade,

Xavier de Araujo.

ARGAMASSA HYDROFUGA.

244 Os hispanhoes costumam usar, para calafetar os seus navios, de uma argamassa que preparam da seguinte maneira: Tomam uma porção de cal da melhor qualidade, e que esteja bem cozida, molham-n'a com agua sufficiente para dissolvel-a, e quando o hydrato está arrefecido reduzem-n'o a pó; passam-n'o por uma peneira bem fina, e deitam-n'o n'uma celha ajunctando-lhe azeite de peixe, até que este mixto tenha adquirido a consistencia da massa dos vidraceiros.

Ésta especie d'argamassa é applicada com uma trôlha, e em menos de 24 horas torna-se durissima, ainda mesmo que esteja debaixo d'agua.

(Dict. des Ménages.)

NEVOAS DOS OLHOS.

245 Tendo visto em o n.° 46, vol. 4.° da Revista, que o galante Antoninho, de que falla a carta do Sr. Carneiro de Magalhães, art. 4,339, ficára cego de um olho em consequencia do sarampo, logo tencionei, ainda que por motivos tão tarde o cumpro, noticiar ao público um acontecimento cujo feliz resultado poderá talvez aproveitar, senão aquelle innocentinho, a outros, que aliás ficariam privados do mais necessario dos sentidos.

Uma criança que em resultado das bexigas ficára com olhos cobertos de nevoas grossas, e que seus pais choravam cego para toda a vida, teve a ventura de ficar livre d'aquelle incommodo com a applicação, que me lembrou ensinar-lhe, da pomada anti-ophtalmica da viuva-Farnier, segundo insinúa o impresso que a acompanha; porque discorri que aquellas nevoas eram humores agglomerados sôbre a cornea, e que por isso poderiam ser destruidos pela efficacia da pomada mencionada. O mais satisfatorio resultado coroou a minha esperança. O mesmo effeito se está actualmente conseguindo em outra criança (que ficou no mesmo es-

tado) com a pomada que pela analyse d'aquella compoz o distincto pharmaceutico o Sr. H. J. de Souza Telles, e se vende muito mais barata, além de ser nacional. Accrescentarei, que uma pessoa adulta se livrou da nevoa que lhe incommodava um dos olhos com a applicação da pomada do Sr. Souza Telles por meu conselho: d'onde se vê que ella não é menos efficás que a extrangeira; e sei que tem provado igualmente bem nas inflammações, a cujo curativo é destinada. Por ésta occasião rogarei ao Sr. Souza Telles queira melhorar os pequenos vasos em que vende a sua pomada, porque ella põe em dissolução a tinta do papel das caixinhas, e attrahe a si as suas particulas, que poderão desvirtual-a, ou pelo menos lhe fazem mudar a côr, o que não acontecerá com o barro-vidrado, ou pó-de-pedra; e ninguem duvidará dar mais 20 ou 40 réis pelo valor da vasilha.

Desculpe V. vir tomar-lhe um bocadinho d'espaço no seu interessante jornal; mas assentei dever fazer públicos estes acontecimentos em prol da humanidade.

Estremoz 24 d'outubro de 1845. *O P....*

CAMINHOS-DE-FERRO HYDRAULICOS.

246 No Peru projecta-se um carril-de-ferro cujos transportes serão movidos pela fôrça d'agua. Uma machina e uma corda stacionarias pucharão os combois. A machina será posta em movimento por uma queda d'agua de grande fôrça. Escusado é dizer que a economia resultante do emprego d'este novo motor é consideravel.

Terei cuidado de avisar os leitores da REVISTA das ulteriores circumstancias que me chegarem á noticia sobre este ingenhoso processo.

MORTES-REPENTINAS.

247 M. Piedagnel acaba de demonstrar que uma grande parte dos casos de morte-repentina se deve attribuir á passagem do ar dos pulmões para os vasos sanguineos.

Ha annos ja que alguns physiologistas tinham attribuido a ésta mesma causa muitas mortes subitas; mas M. Piedagnel tem feito ésta descoberta com toda a precisão, e completado as antigas observações.

ORIGEM E HISTORIA DA CONTRIBUIÇÃO DE REPARTIÇÃO EM FRANÇA. (*)

248 O palacio dos antigos Cesares foi coisa grande, segundo asseveram os historiadores; mas ésta grandeza não tolheu que a sua irregularidade fosse tambem reconhecida por todos. O mesmo se póde dizer da contribuição de repartição em que não cessam de se repetir as queixas, e estas feitas por francezes da primeira distincção. Chaptal, que é um nome europeo, pelo seu saber e pela sua muita bondade, tendo de endereçar um relatorio, em principios de julho de 1819, á camara dos pares de que era membro, diz: 'que a grande e custosa empreza do cadastro, apenas fôr acabada é preciso principial-a de novo, havendo *communas* e cantões ja cadastrados, que pagam mais de um terço do seu rendimento liquido ao fisco.' N'este tempo publicaram-se mais mappas em que se mostra que longe de se regularisar a contribuição para todos, havia-os que pagavam 1 quinto e outros só a quinze avos, ou uns o quinto e outros só a terça parte d'esse quinto; ou por exemplo, uns que pagavam 1:000 réis em quanto outros só pagavam 333 rs. Tendo o conde de Buegenot, então ministro, de dirigir tambem em 1819 o seu relatorio á camara dos deputados, discorrendo sôbre o cadastro, diz: que tres vezes ja o governo tinha ensaiado pôl-o em prática, e outras tantas se vira obrigado a abandonal-o. Sette vezes se corrigiu, sem fructo. D'onde com 20 annos de existencia ainda não tinha podido ganhar adherencias. Accrescentava mais, o dito conde, que quando mesmo o supracitado cadastro se acabasse em trinta ou quarenta annos, n'esse tempo, todos os bens teriam mudado de mãos, e os lesados originarios haveriam perdido nas lesões experimentadas mais de um capital, isto é, mais do que o valor todo da terra fintada. A contribuição pessoal, expoz igualmente n'esta mesma occasião este alto funccionario do Estado, não so chegava em algumas *communas*, para cubrir a repartição que n'ella lhe cabia, mas excedia por tal fórma que chegava a pagar toda a do maneio, que assim se perdia de todo para os cofres do thesoiro. Este relatorio é mui digno de se lêr por inteiro na sua integra.

Outros objectos havia, e não podem deixar de haver, que occupem o grande conselho nacionol de uma nação tal como a França; mas este certamente que lhe mereceu muita attenção por este tempo, pelos muitos debates, relatorios, sessões que houve sôbre elle. Surgia da grande desordem da guerra imperial e da occupação extrangeira, estava prostrada e precisava de recursos para a indemnisação extrangeira e para o costeio corrente. Por todas éstas razões vemos o assumpto de novo ventilado em 1819, em outro relatorio de Mr. de la Boulaye em que se refere que o departamento des Ardennes havia representado que se achava sobrecarregado de 1 terço de mais do que lhe competia na repartição da contribuição, segundo as bazes para ella determinadas. Na discússão que a ésta apresentação se seguiu, disse Mr. Delesserr que eram escusados mais debates porque d'alli a 20 annos não estariam mais adiantados, e portanto que se adoptasse uma fórmula *empirica*, que tinha sido submettida para alliviar os vexados de 15 milhões de excessos que estavam soffrendo. Deprehende-se da acta d'ésta sessão, que 44 departamentos tinham estado a pagar durante 28 annos 19,137.000 de francos mais de que deviam.

Estes francos montam em dinheiro portuguez a 3,200 contos que por 28 annos são 89,600 contos. Factos d'estes fallam sem lingua. A não ser a sua importancia não houveram tambem vencido, e portanto ainda que se me queira fazer a grave injustiça de me deslocar da simples posição de narrador, elles ahi ficam, para attestarem a verdade.

Infelizmente progridem as mesmas côres ao mesmo quadro, porque sobrevindo a sessão de 1820, le baron de Morisset, tendo de fallar no cadastro, formulou a seu respeito a sua opinião por escripto nos seguintes textos; que ja tinham 10 annos de experiencia da viciosa organisação do cadastro; da imperfeição dos seus resultados; da enormidade da sua despeza; da extensão dos sacrificios que ainda eram precisos; que não era possivel ter os olhos fechados mais sôbre um tal systema que precipita os trabalhos que os amontoou uns sôbre os outros, sem ordem, sem economia,

(*) Continuado de pag. 199.

sem prudencia; d'onde não podia surtir senão um cahos tão inextricavel que ninguem teria a coragem de desinvolver. Os planos ja eram aos milhares, mas demandavam uma longa e dispendiosa revisão; as louvações eram incoherentes; os arrolamentos falsificados; as instrucções inexiquiveis; as retribuições mal combinadas; a distribuição ruim; e os detalhes, finalmente, tão complicados que não haviam empregados que chegassem para por elles fazerem obra.

A ésta recopilação tão sinistra de incongruidades, dizia o mesmo preopinante, que a cura unica era passar a fazer operações summarias se queriam a cobrança do imposto. Haviam a este tempo 42,000,000 hectares (a França tem 52,472,746 hectares) aos quaes a 3,50 c. importavam 140 milhões (22,400 contos) e levariam 38 annos a tombar. Tinham-se gastado (é do mesmo orador) 70 milhões, dos quaes 40 ou 6,400 contos de réis eram em pura perda.

Nas fontes d'onde é extrahido o texto para podêr formar este bosquejo, depois de transcripta a opinião do barão de Morisset, vem o duque de Gaete. Este financeiro consummado, que ja tinha sido ministro das finanças no tempo da constituição do anno VIII, quando Napoleão o foi buscar a um logar do thesoiro e o ajuntou a Cambacéres, Fouché, Talleyrand, Berthier, la Plau, Maret, e depois pelos seus serviços, desde 1799, lhe mudou o appellido de Gaudin no titulo de duque de Gaete. Este estadista, como dizia, fallando agora sôbre a materia disse: que havia uma massa consideravel de terras que não eram arroladas; que não havia *commune* que desde 20 annos não tivesse proprietario, sobrecarregado de metade, um terço, um quarto de mais; em quanto outros estavam so carregados $\frac{1}{10}$, $\frac{1}{20}$, $\frac{1}{30}$, $\frac{1}{40}$, quando todos deviam estar carregados $\frac{1}{6}$ da sua renda liquida, que é a disposição da lei, que assim mesmo escala, conforme a intelligencia de toda a França.

A controversia corria com escarceo: nem podia deixar de assim ser. O barão de Merissele redargue de novo na mesma sessão, para apoiar a remissão que tinha sido proposta de uns 10 por cento aos contribuintes da repartição, asseverando que se esse alliyio se não désse então (1820) aos cadastrados que gemiam ja 30 annos, teriam de esperar mais outros 25 annos em quanto 30,000 *communes* acabavam de se cadastrar. Foi n'esse tempo impresso um *tableau* em que o departamento de Orne está carregado em 1818, f.s 21,500,000 e em 1819, f.s 22,881, 517, em quanto e dos baixos Alpes está no priimeiro d'esses annos em 4,000,000, e no subsequente em 7,351,957, isto é, este foi carregado mais como 0,834 em quanto o outro foi só como 0,027, isto é, um foi carregado maiss 31 vezes do que o outro. A éstas disparidades que são para assombrar, Mr. de Villéle que ja então se tinha tornado conspicuo em materias de fazenda, veio accumular o seu testimunho do que se fazia na alta Garonna, onde n'um anno se tinha lançado 15,100,000 e no outro 22,422,967 francos, ou mais 1 terço no segundo do que no primeiro anno. Mr. Mestadier confirma a asserção de Mr. de Villéle e accrescenta, que é repugnante a desigualdade que existe sôbre os departamentos pagando uns $\frac{1}{13}$ e $\frac{1}{17}$ em quanto outros 1 quinto e 1 quarto da sua renda, isto é, uns 25 por cento e outros 6 por cento.

Continúa. *C. A. da Costa.*

N. B. No 'Diario do Governo' de 25 do corrente foi transcripto o excellente artigo do Sr. Luiz Antonio Rebello da Silva, sôbre *tapumes das propriedade ruraes*; mas, sem dúvida por esquecimento, não se faz menção do n.º 18 da REVISTA d'onde foi extrahido. Sería para desejar ésta declaração por parte do 'Diario.'

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO XVIII.

Descobre-se que ha grandes e espantosos segredos entre o frade e a velha — Piedosa fraude de Joanninha. — Lucta entre o hábito e o monge.

249 O frade intregou a carta a Joanninha que, lançando os olhos ao sobrescripto, ficou sobresaltada e indecisa como quem receia e deseja e teme de saber alguma coisa. Elle com voz trémula e inquieta accrescentou:

— 'Adeus, que são horas!.. Leiam, e sexta-feira que vem... me dirão...'

— 'Poisquê' disse timidamente a velha 'não quer ouvir o que elle nos escreve?'

— 'Sexta-feira que vem' continuou Fr. Diniz sem ouvir ou sem attender a pergunta 'sexta-feira que vem eu tomarei conta da resposta, e lh'a farei chegar pela mesma via... So uma coisa! nem palavra a meu respeito: eu para Carlos... morri.'

— 'Diniz!' exclamou a velha fóra de si 'Diniz!..'

O frade tornou derepente ao seu tom austero e respondeu gravemente: 'O quê, minha irman?'

— 'Era' disse ella timmida e submissa outra vez 'era se, era que... Pois não hade ouvir ler a carta d'elle?'

Fr. Diniz não respondeu, mas ficou sentado: descahiu-lhe a cabeça sôbre o peito, e abraçando-se com o bordão, não deu mais signal de si.

A velha escutou em silencio alguns segundos, e com aquelle ouvido agudissimo — penetrante vista dos cegos — percebeu sem dúvida o que se passava, e com mais confôrto e serenidade na voz disse:

— 'Abre, Joanna, lê, minha filha.'

Joanninha abriu a carta, e percorreu com avidez as poucas linhas que ella incerrava.'

— 'Não les?' acudiu a avó com impaciencia 'Lê, lê alto, Joanna.'

— 'É para mim so a carta' disse ella friamente.

— 'Para ti so, como?' tornou a outra.

— 'É para mim so ésta carta... não diz nada que...'

—'Não diz nada!' replicou a avó' Pois!.. Lê, lê alto, seja como for, lê, e oiçamos.'

Joanninha parecia hesitar ainda; lançou os olhos ao frade, achou-o na mesma attitude impassivel, voltou-se para a avó, viu-a anciada e anxiosa... leu.

A carta era com effeito para ella so, e uma carta singela, não continha senão as ingenuas expressões de um amor fraterno nunca esquecido, longas saudades do passado, poucas esperanças no futuro, quasi nenhumas de se tornarem a ver tam cedo. Tudo isto porém era com a prima: para a desconsolada avó, para ninguem mais... nem uma palavra.

Joanninha ia lendo, lendo... e a voz a descahir-lhe: no fim ajuntou uns abraços, umas saudosas lembranças, e não sei que phrase incompleta e mal articulada em que se pediu a bençam da avó.

A velha abanou a cabeça tristemente e disse: 'Ora pois... bemditto seja Deus!'

Joanninha córou até o branco dos olhos... Inda bem que a não podia ver a avó! Mas viu-a Fr. Diniz, e com a mão trémula e os olhos arrazados d'agua lhe fez um mudo e expressivo signal de approvação e agradecimento. Joanninha córou outra vez, e logo se fez pallida como a morte: era a primeira vez que mentia... e Fr. Diniz, o austéro Fr. Diniz apprová-la!

O frade levantou-se, e sem dizer palavra, tomou o caminho de Santarem.

Ouvia-se ao longe o arquejar de uns soluços suffocados... Seriam d'elle?

A avó e a neta abraçaram-se e choraram.

Nenhuma d'ellas disse palavra sôbre a carta: a velha tinha percebido a piedosa fraude de Joanninha.

Oh! que existencias que eram aquellas quatro! Esse frade, essa velha e essas duas crianças! E a maior parte da gente que é *gente*, vive assim... E querem, querem-n'a assim mesmo, a vida, teem-lhe appêgo! Oh que enigma é o homem!

Tornou a passar outra semana, e o frade tornou a vir no praso costumado, e levou a resposta da carta — resposta que Joanninha so escreveu e so viu —. e dirigiu-a em Lisboa pela via segura que indicára. Soube-se que fôra entregue; mas semanas e semanas decorreram, os meses passaram de anno... e outra carta não veiu.

No entretanto a guerra civil progredia; e depois de suas tremendas peripecias, o grande drama da Restauração chegava rapidamente ao fim. Eram meiados do anno de 33, a operação do Algarve succedêra milagrosamente aos constitucionaes, a esquadra de D. Miguel fôra tomada, Lisboa estava em podêr d'elles. Os tardios e inuteis esforços dos realistas para retomar a capital tinham occupado o resto do verão. Ja outubro se descerrava de seus ultimos fructos, e as folhas começavam a impallidecer e a cahir, quando uma sexta-feira, ao pôr do sol, Fr. Diniz apparecia no valle mais curvado e mais trémulo que nunca. Vinha do exercito realista que então cercava Lisboa.

Joanninha não era alli, a velha estava so.

—'Que nos traz, padre?' clamou ella mal que o sentiu. 'Soube d'elle? Tem escapado a éstas desgraças, a esses combates mortaes?'

—'Não sei nada, minha irman: ha tres dias que de Lisboa se não pode obter a menor informação. As linhas estão fexadas e guarnecidas como nunca: tudo indica havermos de ter cedo algum combate decisivo.'

—'Deus seja com!...'

—'Com quem, minha irman?'

—'Com quem tiver justiça.'

—'Nenhum a tem. De um lado e de outro está a ambição e a cubiça, de um lado e de outro a immoralidade, a perdição e o desprêso da palavra de Deus. Por isso, vença quem vencer, nenhum póde triumphar.'

—Ai, o meu pobre filho, o meu Carlos!'

—'Isso irman Francisca, isso! Peça a Deus que dê a victoria a seu neto, e á impiedade por que elle combate. Peça a Deus que vençam os inimigos declarados do seu Nome, os destruidores de seus altares, os profanadores de seus templos... Oh! que dia bello e grande não hade ser esse, quando Carlos... o seu Carlos vier expulsar, ás baionetadas, do pobre convento de San'Francisco o velho guardião — que lhe não hade fugir, minha irman!... d'elle menos que de nenhum outro... que ajoelhado deante do altar inclinará a cabeça como os antigos mártyres para cahir na presença do seu Deus ás mãos do seu...'

—'Diniz!.. Padre!.. Padre Frei Diniz, que horrorosas palavras sahem da sua bôcca!.. Meu neto, o meu Carlos não é capaz... oh meu Deus!..'

—'Seu neto detesta-me... e tem... tem razão.'

—'Não sabe a verdade elle... Carlos está inganado, cuida... não sabe senão meia verdade: e eu, eu heide — custe o que me custar — eu heide...'

—'Hade o quê?'

—'Heide desinganá-lo, heide-lhe dizer a ver-

dade toda. Heide prostrar-me na sua sua presença, heide humilhar-me deante do filho de minha filha, heide arrastar na poeira de seus pés éstas cans e éstas rugas... morrerei de vergonba e de remorsos deante do meu filho, mas elle hade saber a verdade.'

Sahiam com tal impeto e com tam desacostumada energia éstas mysteriosas e tremendas palavras da bôcca da velha, que Fr. Diniz não ousou contê-la, ouviu até ao fim, deixou quebrar o impeto da torrente, e erguendo então a sua voz austera mas pousada disse n'aquelle tom friamente decisivo que tanto impõe nos animos apaixonados:

—'Se tal fizesse, mulher, a minha maldicção, a maldicção eterna de Deos sôbre a sua cabeça para sempre!... oh mulher, pois não lhe basta que elle me abhorreça — não lhe basta que seu neto lhe perdesse o amor... quer... quer tambem que nos despreze?

A velha gemeu profundamente, e por um geito de antiga reminiscencia levou as mãos aos olhos como se os tapasse para não vêr. Então disse com desconsoladas lagrymas na voz:

—'A vontade de Deos seja feita!'

Continúa. A. G.

DOS TRIBUTOS ESTABELECIDOS NA ILHA DE SAN'MIGUEL ETC. (*)

250 Temos pois para considerar nas ilhas dos Açores n'aquelles primeiros tempos, prescindindo da jurisdicção ecclesiastica propria da ordem de Christo, trez diversas jurisdicções seculares. A primeira era a do rei: a sogunda a do alto donatario, a quem o rei fazia mercê da parte maior dos seus direitos: (1) e a terceira a do capitão, em quem o alto donatario renunciava alguns dos direitos que recebêra do rei, incumbindo-lhe a obrigação de reger, e fazer povoar e cultivar a ilha, cuja capitania se lhe havia conferido. E restringindo-nos ao que respeita á ilha de San'Miguel, lembraremos, que sendo descoberta em 1444, n'ella, como adjacente, ficaram competindo aos srs. reis, todos os direitos reaes que por aquelle mesmo tempo compilára *Ruy Fernandes* na ord. affons. pois que eram inherentes á soberania e supereminente dominio do rei: devendo observar-se que quando elrei D. Duarte fez doação á ordem de christo, pela pessoa do infante, seu Gran'Mestre, do espiritual da Madeira, reservou para si e para a coroa real, a dizima do pescado, *e todolos outros direitos reaes.* (2)

Quanto á segunda jurisdicção, é indubitavel que a ilha de San'Miguel, logo depois de dèscoberta, pertenceu ao infante D. Pedro, que então era regente do reino na menoridade do sr. D. Affonso V.; o que se próva, não so pelo attendivel testemunho de Damião de Goes, (3) mas pela carta de mercê, que este monarcha fez, *em perdoar a dizima na sahida dos fructos d'ésta ilha*, em contemplação a seu tio, que *desejava faze-la prosperar.* (4) E' bem provavel que a este alto donatario fosse concedido o uso fructo dos direitos reaes, e toda a jurisdicção civel e crime; mas igualmente é provavel que n'ésta doação, por mais ampla que fosse, ficasse reservado ao rei, em reconhecimento do seu supremo dominio, o direito de cunhar a moeda que devia correr na ilha, e o de appellação para a causa do civel de Lisboa, no caso de morte ou cortamento de membro; pois que observamos éstas limitações na doação feita do senhorio temporal da ilha da Madeira ao outro alto donatario, o infante D. Henrique (5); ao qual tambem, como ja dissémos, ficou pertencendo a ilha de San'Miguel, depois da lamentavel morte de seu irmão o infante D. Pedro. Mas não se póde duvidar que a clausula de virem as appellações da ilha da Madeira para a casa do civel do rei, não foi observada nos primeiros annos pelo alto donatario, porque vemos na carta, que elle passou da capitania do *Machico* a *Tristão Teixeira* no anno de 1440, declarado que para elle infante viesse a appellação nos dois referidos casos: (6) porém como pedindo o mesmo *Tristão Teixeira* confirmação de sua capitania a D. Affonso V. em 1452, lhe foi dada com a clausula de vir a appellação, não para o infante seu tio, mas para elrei (7): o mesmo infante, nas cartas que posteriormente dirigiu aos outros capitães, se conformou com ésta real declaração. Assim se observa na carta, que escreveu ao commendador *Gonçallo Velho Cabral*, capitão governador das ilhas de Sancta-Maria e San'Miguel, recommendando-lhe que nos referidos dois casos, se lhe remettesse a appellação, *para elle mesmo a dirigir à casa d'elrei seu senhor.* (8) Não encontrâmos egual conformidade com a vontade régia nas cartas dos capitães da ilha de *Sancta-Maria e d'Angra* passadas no tempo do *duque de Viseu D. Diogo*; pois que n'éstas se pertende a appellação d'estes casos para o mesmo duque; (9) de cuja contravenção, e de outras irregularidades, procedeu talvez o desagrado que motivou a sua morte.

Passaremos finalmente á terceira jurisdicção, e trataremos este assumpto mais de espaço.

O infante D. Henrique por sua carta de jurisdicção, passada na villa de Lagos em 19 de maio de 1470, concedeu amplos poderes a Gonçalo Velho Cabral, primeiro capitão donatario da ilha de San'Miguel e da de Sancta-Maria. Elle podia mandar aos juizes das terras, que ouvissem as partes litigantes, e que as mandas-

(*) Continuado de pag. 165.

[1] Da independencia dos monarchas e superioridade sobre todos os donatarios, por mais alta que fosse a sua graduação, se faz menção na ord. affons. liv. 2. tit. 39 § 2: na manuel. liv. 2 tit. 26 no principio, e na filipp. tit. 45 no princ.

(2) Carta de 26 de outubr. de 1434 — vid. tom. 1. das Prov. do liv. 3. da hist. gen. n. 25.

(3) Chronic. do princ. D. João cap. 8, no fim.

[4] Carta de 20 d'abr. de 1447 — Torre do Tombo liv. das ilhas fl. 26.

(5) Carta de 26 de settembro de 1433 — tom. 1.° das Prov. da hist. gen. n.° 23.

[6] Prov. da hist. gen. tom. 5, liv. 10, pag. 662.

[7] Ibid. pag. 663.

[8] Carta de 19 de maio de 1470 (que nos parece seria de 1460, pois que no fim d'este anno faleceu o infante. Hist. insul. pelo P. Cordeiro liv. 4. cap. 6. § 33)

(9) Hist. insul. liv. 4. cap. 7. §. 41: e liv. 6 cap. 2 § 31

sem comparecer perante si, para cumprimento do direito: das sentenças que os juizes davam appelavam para o donatario, o qual confirmava as sentenças dos juizes, ou corrigia, como intendia ser de direito: se porém da sentença do donatario appelavam, elle não recebia as appelações, nem lhas dava, salvo instrumento de aggravo, ou carta testimunhavel para o infante com sua resposta, para o mesmo Augusto Senhor resolver; não deixando com tudo de mandar executar as sentenças, posto que com os instrumentos ou cartas testimunhaveis tivessem ido ao infante: e se era em feito crime, e mereciam pena de justiça, o donatario mandava prender, *apenar* em dinheiro, e degradar para onde lhe aprouvia; e mandava açoitar aquelles que o mereciam, sem dar para o infante appelação. E se era feito tão crime (pelo qual mereciam morte, ou talhamento de membro, o dito donatario mandava aos juizes, que dessem a sentença e os julgassem; e que da sentença que dessem appelassem por parte da justiça, e enviassem ao infante a appelação, a qual ia á caza d'el-rei, vindo pelo infante o resultado. Em virtude das determinações, consignadas na referida carta de jurisdicção, o donatario se oppunha a que os moradores d'ésta ilha fossem com alguns aggravos ou appelações, nem instrumentos nem cartas testimunhaveis, a outra justiça senão ao dito infante, ou a seus ouvidores; por isso que tinham toda a jurisdicção tanto no civel, como no crime, e d'elle iam as appellações *da morte dos homens*, e talhamento dos membros á casa d'el-rei; porque o dito donatario não tinha poder de mandar dar pena-de-morte nem talhar membro; e nos outros casos o dito donatario tinha a maneira *susodita*: e quem quer que o contrario fizesse, e em *esto* uzurpasse a jurisdicção do infante, era obrigado a pagar por cada vez, e cada um, mil réis para a sua chancellaria; e outro sim se o tabellião errasse em seu officio por falsidade, tinha poder o donatario para o suspender do officio, dando depois parte ao infante para prover de remedio (10).

Renunciada a capitania d'ésta ilha em seu sobrinho João Soares d'Albergaria, e tendo-a este vendido por 800$000 rs. em dinheiro e quatro mil arrobas de assucar a Ruy Gonçalves da Camara, cuja primordial carta de jurisdicção fôra concedida pela infanta D. Beatriz em 10 de março de 1474 (11) como tutora de seu filho o duque D. Diogo, comfirmada por D. Affonso V em 20 de maio d'aquelle anno (12), e subsequentemente por D. Diogo duque de Vizeu, em 26 de julho de 1483 (13), ampliada por D. Manuel em 13 de maio de 1520 (14): e tudo confirmado por Filippe III em 20 de julho de 1619 (15). Em consequencia de taes concessões ficaram os donatarios d'ésta ilha constituidos a maior auctoridade d'ella.

Elles intendiam em todos os assumptos da administracção publica, á excepção dos concernentes á fazenda real; tinham o direito exclusivo de possuir moinhos, o privilegio dos fornos communs; o monopolio do sal, a redizima de todos os rendimentos que a real corôa recebia n'ésta ilha; estavam auctorisados a fazer aos novos povoadores a partilha das terras em sesmarias. Por mercês-regias tiveram depois a dizima do pescado, e o direito de proverem todos os officios dos escrivães das notas, orfãos, camara, almotaceria, inquiridores, distribuidores, contadores dos feitos e custas d'ésta cidade e seu termo, sem outra confirmação e sem chancellaria: sendo d'este modo tirados os ditos officios da real fazenda (16). E posteriormente lhes foi concedido o direito de proverem os officios do alcaide do mar, e meirinho da Serra da cidade, e de Villa Franca do campo; (17) assim como de receberem os rendimentos das saboarias d'ésta ilha, pela maneira que a real fazenda precedentemente os recebera (18). Além das jurisdicções acima designadas, tinham a de apurar as eleições das camaras, podendo dar commissão ao seu ouvidor: era sua a alçada nos feitos civeis e crimes; podiam mandar prender e degredar toda a pessoa, de qualquer qualidade que fosse, por dez annos para o ultramar, e igualmente qualquer pessoa de distincção, a quem coubessem açoites: porém como alguns capitães donatarios (não sabemos porque motivo) começaram a opprimir alguns individuos das principaes familias, abusandó da sua auctoridade, ella lhes foi limitada pelo alvará de 23 de março 1684, (19) no qual lhes foi determinado, que as pessoas distinctas não fossem deportadas para fóra da cidade, assim prêsas, como por qualquer dos especiosos motivos com que alguns capitães donatarios costumavam constrangellas: e outro sim lhes foi ordenado, que merecendo ser prêses o fossem em suas casas ou dentro do castello; e que convindo estar reclusas por mais de oito dias, não estivessem sem previamente se lhes formar culpa pelo ouvidor ou pelo juiz de fóra. (20)

Estes donatarios tambem podiam condemnar em outras penas menores, sem d'ellas haver appelação nem aggravo: nas pecuniarias o podiam fazer até á quantia de 15$000 réis, sem appelação nem aggravo: nos civeis e crimes, em que os accusados eram condemnados em maior pena que os ditos dez annos para o ultramar, ou em talhamento ou morte natural, davam appelação e aggravo; e quando a parte abandonava este recurso, elles appelavam por parte da justiça para os tribunaes: e quando algum era mandado a metter a tormentos pelos donatarios, elles e os seus ouvidores recebiam appelações; e relativamente aos indi-

(10) Hist. Insul. liv. 4 cap. 6 § 38.

(11) Liv. 2.° do reg. antigo da camara de Ponta-Delegada fl. 293 v.°

(12) Liv. 5. do reg. velho de alfandega de Ponta-Delegada fl. 242.

(13) Liv. 5.° do reg. velho d'Alfandega de Ponta-Delegada fl. 245.

(14) Liv. 2.° do reg. antigo da camara de Ponta-Delegada fl. 295.

(15) Liv. 5.° do reg. velho d'alfandega de Ponta-Delegada fl. 247.

(16) Liv. 2.° do reg. antigo da camara de Ponta Delegada fl. 307 v.: e liv. 3.° do reg. da alfandega da dita cidade fl. 223.

(17) Liv. 2.° do reg. antigo da camara de Ponta-Delegada fl. 297; e liv. do tombo antigo da camara de Villa Franca do Campo fl. 40 v. Este liv. encontramos, na maior parte destruido pela traça, em uma arca em que outros totalmente destruidos alli deparámos: o fragmento, o qual salvámos, com uma exposição nossa entregámos ao secretario da respectiva camara no anno de 1842.

(18) Liv. 2.° do regulamento antigo da camara de Ponta-Delegada fl. 309.

(19) Liv. 2.° do reg. antigo da camara de Ponta-Delegada fl. 161 v.

(20) Até então eram prêsas em um acanhado e indecente quarto nos paços do concelho

viduos que se acolhiam á immunidede das igrejas, procediam segundo as ordens regias mais ou menos restrictas, que vinham aos corregedores d'éstas ilhas.

Continúa.

B. J. Sonna Freitas.

DO PARIATO. (*)

251 Durou a obrigação de ter armas até ao tempo de Philippe e Maria (1558). E foi so no reinado de Carlos II casado com uma filha (D. Catharina, 1705) de D. João IV que se abuliram os ultimos vestigios dos feudos militares. Em quanto duraram em vigor as leis do conquistador, ellas obrigavam um conde, de relevamento ao suzerano, em 8 cavallos, 4 sellados e 4 sem sella, 4 elmos, 4 cotas de malha, 8 lanças, 8 escudos, 4 espadas, e 100 *manu auri*. Perto de um seculo depois, legislando Henrique II sôbre, Assisa de armis habendis in Anglia, diz este soberano a. d. 1181, quem quer que tiver o feudo de um militar tenha cota de malha, elmo, escudo e lança; e todo o militar tenha tantas cotas e elmos, escudos e lanças, quantos tiver feudos militares em seu podêr. Qualquer leigo livre que tiver terras, ou renda, valendo 16 marcos, tenha cota, elmo, escudo e lança.... 10 *mariarum halbergeblum*, et capelet ferri et lanceam omnes burgenses...
liberorum hominum.... *naubuis* et capelet ferri, et lanceam....

Todos é mister que jurem que passada a festa de Santo Hilario (13 Janeiro) tem éstas armas. Quem quiser saber como ellas eram, pode ir á Batalha vêr o capacete do mestre d'Aiz e a espada. Parece duvidoso como se podesse com tanto peso.

O tempo de serviço era por 40 dias. ymer H. 3. an. 1266. A sua prolongação custava em rogos os olhos da cara aos monarchas. Parl. Writs Ed. I. an. 1277. Os apertos que elles soffriam por ésta causa devia-os desesperar. Tractando-se da guerra de Galles, estando o conde de Sommerset, bispo de Bath, Beaufort e de Grey, na cidade de Carmathaen, mandaram pedir nova gente para a defender, por que a que estava, findo o mez, se retirava infallivelmente. P. 1. Proc. &c. ord. Priv. Conc. Engd. 1834.

Attendendo á rapidez com que a força armada era vendida e o muito serviço que havia a faser, não podiam deixar de haver as maiores pesquizas para descobrir quem estava sujeito ao seu regimen. Persistia sempre em permanencia a circular aos sheriffs dos condados, para compellirem todos os que tivessem terra in capite do rei ou de outro senhor, fosse o teder clero, viuvas, ou mulheres, a mandarem o seu devido militar ao campo. E deviam os encarregados da taes bandos certificar os nomes d'aquelles que tinham sido intimados. P. Writs an. 1297. As proclamoções não faltavam para todos os que por mais de 3 annos tivessem tido herdadas ou por outro feitio mais de £. 40, ou rendas annuaes d'esse valor, e mesmo £. 20, para virem tomar a ordem de cavalleiros. Conc. Engd. Nicolas 1834. E como ésta assignação não fosse bastante, os sheriffs eram mandados tomar posse das terras dos inobedientes, e dar parte d'elles. Writs an. 1293. an. 1278. an. 1292.

Os barões iam alienando com impaciencia, era preciso andar em cima dos seus adquirindos. E comtudo nenhuma deligencia chegava. Os tempos iam mais depressa. Por ésta causa os reis inventaram outro meio, para substituir á coerção, que cada dia ía dando menos de si. Foi elle as multas, as composições a dinheiro (*finis*). Temos éstas correntemente a cada pagina dos Parl. Writs tão cedo como os annos 1278, 1279 e 1280, por a remissão do serviço, desde 1 anno até 7, e tambem por toda a vida; o seu custo era de lib. 10, lib. 20, de 40 marcos etc. conforme os lapsos. Ha todavia um exemplo d'ésta nova prática, que ascende até ao anno de 1229; em que João de Baliol dá lib. 150 para ser relevado de 30 soldados, *Rot. Finium.* E outro nos *Writs* an. 1297 que é celebre, da condessa de Gloucester dar 100 homens para servir em França, para que seu marido não seja obrigado a lá ir. Os reis apertaram tanto com ésta imposição por composição, que os communs requereram contra ella em 1437 a Henrique VI, mas de baldo, Gr. de. priv. Counc.

Os monarchas de tudo precisavam porque no interim do estado que estava, elles visavam a outro. Para isto, a força armada, mas sua, era o que lhes convinha. O perspicassissimo historiador Hume diz que Henrique V fôra o primeiro que fizera alardos (*array*) de tropa paga, trocando o serviço feudal pelo da milicia. Não sei se este profundo raciocinador se inganou aqui mas parece-me que sim; e o motivo é que compondo-se muitos feudatarios com o rei para não irem á guerra, tinha este de substituir o serviço d'aquelles por mercenarios, e de mais a mais de augmentar o seu exercito o mais que lhe fosse possivel, porque o empenho marcial ja se tinha tornado monarchico, não era mais feudal como quando foi da conquista primeira da Inglaterra. A Escossia, Irlanda, Galles, as provincias da França, não foram conquistadas pelo duque de Normandia e seus pares, foram conquistadas pelo e para o rei d'Inglaterra. Eu fallo n'isto, como se os factos ahi não estivessem, mas elles superabundam em meu favor. O reinado de Henrique V foi de 1413 a 1422, e em 1282 ha dois diplomas para 1.000 e 2,800 homens, e em 1283 trazem os *Writs*, um alardo de 5,060 infantes, distribuida a sua leva por diversos condados, para o soldo dos quaes foram taxados os *villões* dos abbades e mais presbyteros. Era este armamento para ir contra David rei de Galles, a quem se fizeram depois de capturado, tormentos que recordam os de Pombal aos de Tavoras. Em 1294 1295 e 1297, nos mesmos *Writs*, outros alardos geraes de 25,000 archeiros [cross bow men and archers], de 10,000 infantes e cavalleiros, e de 32,000 homens de infantería. Eram estes — exercitos para ir conquistar a Escossia e a Irlanda. O soldo d'ésta gense era caro. Um escudeiro recebia 3 shillings por dia, os abaixo d'este 2 dito, os infantes a 2 penc. *Writs* an. 1307. Nos Proc. &c. ord. priv. counc. an. 1439 estão outros muito mais subidos, em um homenagem de 300 combatentes ao rei de Inglaterra, pelo arcebispo de Colonha, em que ajustou 2 *nobles* por dia [13.s 4.d] por cada *duque*, 1 por cada conde, ½ por cada barão. ¼ pelo escudeiro etc.

A boia não podia deixar de ir ao fundo com tamanha despeza, e effectivamente assim lhe succedeu. O duque de Redford, o maior cabo de guerra d'aquelle tempo, e que chegou a cunhar moeda em París

(*) Continuado de pag. 212.

com a effigie de Henrique VI d'Inglaterra, via-se obrigado a vender o que era seu para pagar a tropa do seu rei. Em um artigo antecedente vimos ja os rendimentos de Henrique V, todos estes se gastavam no ministerio da guerra.

Os tempos corriam então mui diversamente do que correm hoje, ao menos para a Inglaterra. Apenavam e punham embargos, na propriedade onde quer que a achavam. Ed. I em uma occasião pegou em 8,000 saccas de lan dos negociantes, que se haviam de pagar quando os cummuns déssem subsidios. Writs an. 1297. Ésta captura deu comtudo um grande descontentamento. Aonde todavia se póde conhecer bem o character da epochá é em um *Writ* em 1305 aos *sheriffs* dos condados ou provincias de Surrey, Sussex, Kent, e á cidade de Londres, para proverem ao consumme da côrte durante a sessão do parlamento, chamado para Westminster. Pede-se n'este *Writ* a tres provincias e a uma capital de um imperio, 200 quarters de trigo e 30 barrís de cerveja, por uma vez; e depois em outra, mais 200 outros quarters de trigo e 80 barrís de cerveja, como que se se pedisse tudo por junto não se podesse haviar tanto mantimento. Que diriam os inglezes se vissem o seu chanceler, o bispo de Norfolk, e um fidalgo, mandados a um condado pedir d'emprestimo mil libras? O thesoureiro-mór, o arcebispo de York e o bispo de Durham, ás de York para o mesmo fim? O arcebispo de Cantuaria, o bispo de Chichester, e o conde de Arundel, a não menos de tres condados, pedir por junto mil marcos! Ou empregar n'éstas diligencias até uma senhora condessa, dois bispos e um lord, para pedirem a tres condados mil libras? E advirta-se, tudo isto debaixo da sua segurança pessoal; porque ninguem fiava da coroa. Proc. &. Ord. Priv. Counc. Eng. Nicolas 1834 liv. XIV. O reinado em que isto se fazia, seu rei Henrique IV, dava-se por muito feliz em ter alliança de parentesco com o de Portugal D. João I, para lhe poder mandar pedir as suas galés para o seu serviço, an. 1405. Qualquer d'elles foram valentes, e Deos sabe com que artes adquiriram as suas respectivas coroas.

Remidos por uma vez aos feudatarios os seus fóros a capital, que era logo gasto pelo suzerano e portanto d'onde não vinha mais rendimento; dispensados pela remissão que tinham comprado os lords e seus familiares *livres* ou adherentes, de mais pegarem em armas, que tambem os reis foram os primeiros a tirarem-lhas das mãos para a estabilidade do throno, veio todo o pêso da guerra, tanto pecuniario como pessoal, a recahir sôbre aquelles a quem na anterior ordem de coisas não so não pertencia essa obrigação, mas de quem a não confiavam que eram os villões, agora emancipados, e que se converteram nos communs. Estes portanto foram os que detalharam os contingentes militares que não podiam deixar de ser na proporção dos subsidios, que eram tambem os communs quem os davam. Não lhes foi por certo invejada ésta attribuição no tempo em que lha impozeram, mas a politica revolve-se assim como tudo o mais infinitamente. Aquella pensão tinha sido relegada em mofa, derisão e acabrunhamento, sôbre os peões, foi depois no tempo de Carlos I uma das preminencias onde elles se fizeram fortes contra a realeza. Hal. Hist. Eng. v. 2. p. 185.

Dadas as explicações promettidas por as duas exclusões salientes que experimentam os lords no exercicio das suas funcções legislativas, resta um appendice a ellas sobre a privação de voto electivo para a eleição dos membros de parlamento. Comprehendendo bem, como devemos ter comprehendido, que o povo não era senão safra onde battiam todos, a franqueza electiva não vinha a ser senão uma *fachina*, a que os lords haviam de estar exemptos, se dermos attenção ao que precede, e que os reis impunham ás povoações para mandarem representantes para por via d'elles, exhaurirem os maiores recursos que podessem da villanagem. A maior graça que a magestade fazia n'aquellas idades a um sujeito, era dispensa-lo de assistir ao parlamento. Entre as dispensações que foram concedidas ao escrivão da camara de Londres, e isto ja era em 1439, foi o de o não fazerem cavalleiro, nem de ser eleito membro de parlamento. Proc. &c. ord. priv. counc. Os communs eram considerados muito á parte dos lords pelo rei, e por isso não queria que se ajuntassem com elles, para não tirarem da sua união os lords maior força contra elle. Effectivamente para conferirem ambos, era-lhes preciso o consentimento da coroa. Ibid. Henrique IV an. 1402. Passivos em quanto a deputação foi uma servidão, os *cidadãos* que então elegiam foram os que continuaram unicamente a eleger depois, quando houve candidato que gastou lib. 100,000 ou 400 contos para ser eleito M. P. e se venderam *burgos podses* por outras lib. 100,000, prevalecendo hoje o axioma de que nenhum par do reino tem vote na eleição de membros do Parlamento. Oldfield, hist. orig. const. parl. pp. 219. 420. 499. Ha uma circunstancia em que eu creio que o par do reino poderá exercer este suffragio, é é quando algum mister de alguma cidade o filia, como se fosse do seu gremio. N'este sentido o proprio duque de Welington póde votar para membros do parlamento pela cidade de Londres.

(Continúa.) *C. A. da Costa.*

ASSOCIAÇÕES SCIENTIFICAS E LITTERARIAS.

ESCHOLA DE PHARMACIA.

252 Na quarta-feira 8 do corrente se abriu pela primeira vez, na Eschola medico-cyrurgica de Lisboa, o curso de pharmacia e toxicologia theorica e pratica. O sr. Tedeschi director das operações chymico-pharmaceuticas no laboratorio da mesma Eschola, e hoje lente d'esta cadeira, começou por traçar em breve e bem delineado quadro a historia da pharmacia, desde as epochas mais afastadas até aos nossos dias; fazendo em seguida uma mui curioza exposição dos auctores mais celebres em pharmacia, tanto extrangeiros como nacionaes, acompanhando-a da menção das nossas obras, com um juizo critico acerca do seu merecimento.

Nas prelecções seguintes, tem-se occupado do estudo dos apparelhos empregados na prática pharmaceutica; supprindo com clareza, precisão e methodo, a defficiencia do compendio, que na verdade é bastante abbreviado.

A instituição d'esta aula, que marca uma epocha historica da pharmacia portugueza, e que dá honra ao govêrno que a instituiu, deve servir d'estimulo aos pharmaceuticos que encetam uma carreira tão nobre, para

que correspondam aos meios que se vão proporcionando para o seu adiantamento; e para que cedo se colloquem a par dos homens mais abalisados dos outros paizes.

Pela nossa parte julgâmos cumprir um dever, annunciando mais este passo que demos para progredir no estudo da sciencia.

Lisboa 17 d'outubro de 1845.

João José de Sousa Telles.

CONSERVATORIO-REAL DE LISBOA.

253 Quinta-feira [23] reuniu o Conservatorio, pelas 8 horas da noite. Continuou o debate sôbre o projecto d'edital apresentado pelo Conselho para châmar a concurso peças originaes para inauguração do Theatro de D. Maria II. Este projecto foi afinal approvado como o apresentára o Conselho, salvas algumas modificações ao último artigo, sôbre o tempo do concurso. A Revista publicará a sua integra n'um dos proximos números. Era meia-noite quando se levantou a sessão.

VARIEDADES.

O MEZ DE NOVEMBRO.

254 É um grande signo o d'este mez. Entre outros nomes que se lhe tem dado, que valem todos o mesmo, o mais commum é o de *sagittario*. É uma figura valente e bellicosa, *metade cavallo metade homem*, com o seu formidavel arco e terrivel setta, prompto a desfechar... Por isso o nosso astrologo, que, como se tem visto, além do dom da prophecia tem o apreciavel tacto da boa-applicação, disse assim:

Bello signo! O homem n'elle
Nasce livre e generoso:
Não atura zombarias...
Animo tem corajoso.

Assim faz gôsto nascer em novembro. Dâmos os parabens áquelles dos nossos leitores que fizerem annos n'este mez.

Tem novembro 30 dias. A sua lua principiou no dia 1 d'outubro e acabóu no seu dia 30. Os dias diminuem 27 minutos de manhan e 27 de tarde. O seu maior é o 1.° que tem 10 horas e 30 minutos. No dia 1 nasce o sol ás 6 horas e 45 minutos da manhan, e põe-se ás 5 horas e 15 minutos da tarde.

Este mez é de grande actividade rural. Tudo é movimento nos campos, quer nos trabalhos agriculas quer nos divertimentos da caça. Bebe-se muito vinho-novo e muita agua-pe. Mas é um mez triste physicamente fallando; nem sempre no nosso clima é verdade, porque gozâmos do bello *verão de San'Martinho*; comtudo as arvores despojam-se de todá a sua verdura; tomba a chuva copiosamente, tolda-se a atmosphera de nuvens opacas, n'uma grande parte da terra.

Será porventura ésta a razão porque os gregos não tinham festas n'este mez, e os egypcios e romanos o consagravam ás suas *festas tristes*... Os primeiros celebravam por espaço de quatro dias uma lugubre commemoração em honra da viuvez da deusa Isis; e os segundos faziam sacrificios mortuarios aos manes dos gregos e gallos que haviam sido interrados vivos em Roma na feira-dos-bois. A Igreja catholica celebra tambem n'este mez a commemoração dos *fieis-defuntos*, vulgo dia-de-finados.

EPHEMERIDES.

1, Descobrimento da Bahia (1525), Terramoto de Lisboa (1755) — 7, Erecção da igreja-patriarchal de Lisboa (1716) — 16, Fundação do convento de Mafra (1717) — 20, Dobrou Vasco-da-Gama, pela primeira vez, o Cabo-da-Boa-Esperança (1497) — 21, Fundação da igreja dos Martyres de Lisboa (1147).

CORREIO EXTRANGEIRO.

255 A marinha da Dinamarca compõe-se actualmente de 6 naus, 8 fragatas, 4 sloops, 4 brigues e 4 escunas, com 4.012 peças. Tem mais 3 cutters, e 82 lanchas armadas e 4 barcos-de-vapor. Estão no estalleiro 1 nau e uma corvetta.

A China abriu um novo porto ao commercio europeu, é o de Foo-Chow-Foo.

O número de mortos em Londres na última semana de settembro foi de 858, entre os quaes se contam 37 mortes violentas, 7 afogados, 5 inforcados, 5 queimados e 3 suicidios.

Segundo o censo de 1843 ha no territorio prussiano, exceptuando Neuchatel e Valendis, 15.471.765 habitantes: 3.045 por milha quadrada. Em 1816 havia so 10,349,031 habitantes.

A estatistica do jornalismo na Belgica é a seguinte: Ha 140 jornaes com 40.000 assignantes. Vem a ser um jornal para 29,000 habitantes, e um assignante para cada centena.

O rei da Prussia comprou os manuscriptos de Beethoven, que além de grande compositor é tambem distincto escriptor.

Uma companhia de artistas de canto francezes acabe de chegar a Madrid, onde parece que dará alguns concertos no theatro do 'Circo.'

Diz-se que á commissão dos monumentos artisticos em Hispanha acaba de propôr ao governo a construcção de um pantheon, onde sejam collocadas as cinzas dos hispanhoes celebres.

A colheita de cereaes em Hispanha foi pessima este anno. Na Galliza, Asturias, e parte das Castellas, as cearas não produziram quasi nada.

A Russia tem hoje 148 barcos-de-vapor; sendo 92 empregados na navegação interior.

A Allemanha tem 257; sendo 180 pertencentes á navegação inferior.

A Hollanda tem 71; d'estes são 48 empregados na navegação interior.

O Tenor Moriani está escripturado para representar

35 noites em Madrid, pela enorme somma de 2,000 francos por noite.

Em Orkney (mais de 120 leguas distante do Hecla) caíu por espaço de muitas horas uma chuva de cinza; attribue-se este phenomeno a alguma erupção d'aquelle longiquo vulcão (!): de que ha ja exemplo na erupção de 1785.

A Europa ja não é bastante para a especulação ingleza sôbre caminhos-de-ferro. Uma companhia acaba de se formar para construcção d'um carril-ferreo na ilha Mauricia; e outra para um caminho similhante na Jamaica.

CORREIO NACIONAL.

256 *Coimbra* 20 *d'outubro.* — Hontem 19 do corrente teve logar n'esta cidade e no edificio denominado 'Collegio das Artes', o exame d'opposição do Sr. Adriano Antonio Rodrigues d'Azevedo, á cadeira de philosophia racional e moral, e principios de direito natural, da secção oriental do liceu nacional de Lisboa.

Este cavalheiro cursou n'esta universidade as duas faculdades de — philosophia e medicina — formando-se na 1.ª em 1839, bem como na ultima em 1844. Durante sua vida litteraria patenteou constantemente grande aptidão, talento e ingenho, sôbre cada um dos mais delicados objectos d'estas tão laboriosas quão defficeis sciencias; tornando-se não menos digno da nossa attenção pela assidua applicação com que a ellas se dedicou, e bom comportamento havido com todas as pessoas que o cercavam de quem soube grangear fraternal amizade. Todos que tiverem conhecimento do programma para o acto de que fallâmos convirão comnosco na sua immensa difficuldade, aggravada ainda sôbre maneira pela variedade dos objectos em que versa: comtudo pelas adquadas e attingentes respostas que dera, e demonstração que fizera, mostrou quanto era verdadeiro o juizo que da sua capacidade formavamos. Congratulemos pois a patria, as sciencias, e a nós mesmos, pela posse de tão distincto cidadão e patricio nosso. Acreditâmos que as lettras ainda hãode dever-lhe muito, e que o merito será por ésta vez recompensado. *A. L.*

Por um documento official do ministerio dos negocios da fazenda em França, de 8 do corrente, se permitte aos navios destinados á pesca do bacalhau, que se possam fornecer de sal, para a pesca de 1846, nos portos d'Hispanha e Portugal, somente.

O nome do Sr. A. Herculano vai-se tornando popular na Hispanha. O Eurico, primeira parte do *Monasticon*, apparece agora traduzido em Madrid e Barcelona. Nos annuncios d'esta obra le-se o seguinte: « Hispanha e Portugal chamados pela topographia do seu territorio e mutua conveniencia a formarem um so povo, deveriam não so permutar suas producções e manufacturas, mas tambem os progressos da intellectualidade e os resultados do estudo e da reflexão. » Na verdade é bem para deplorar este isolamento em que nos achâmos da Hispanha confinando com ella em *toda* a extensão de nossos limites territoriaes....

No sabbado (25) foi inforcado Manuel Gonçalves, natural da Galliza, pelo crime d'assassinio acompanhado de roubo e aleivozia, praticado a 30 de junho de 1839, na pessoa de Manuel A. Negreiros Bravo Gorjão, morador a San'Lazaro, n'ésta cidade. O reo era acompanhado da co-ré sua mulher condemnada tambem á morte, mas cuja pena lhe foi commutada por S. M. em degredo perpetuo e voltas em roda do patibulo. Ambos foram levados de cadeirinha em razão do seu estado de desfallecimento.

Não nos podêmos recusar á afflictiva narração d'este facto horroroso, porque a publicidade d'elle é por ventura o seu fim principal. Mas não devemos tambem deixar de ajuntar-lhe as reflexões que a todos occorrem sôbre o longo espaço de tempo decorrido entre o crime e a pena. A sociedade tem convindo em recorrer a um extremo... extremo que so póde ser tolerado pelos bons resultados d'elle. Ora, estes resultados são talvez contraproducentes quando assim se demora o castigo d'um delicto. Perdeu-se o bom-effeito da punição. O crime tem esquecido, vê-se unicamente o padecente. A compaixão é o so sentimento que nos occupa; e a desgraça do réo, absorvendo o nosso pensamento, não nos deixa logar a recordar os delictos que a provocaram, porque elles estão quasi apagados na nossa memoria.

A esphera d'éstas considerações podia dilatar-se ainda mais... mas não devemos embrenhar-nos agora n'uma grande questão social; desejàramos so que se removesse por uma vez o motivo que nol-as suggeriu.

A empresa do theatro de San'Carlos mandou escripturar um outro 1.º tenor *assoluto;* que deve chegar com brevidade.

Lem-se nos 'Diarios-do-Governo' de 27 e 29 do corrente duas cartas em que se dá noticia da grande utilidade que resulta á provincia de Cabo-verde da cultura da purgueira, de cuja semente se extrahe azeite para luzes. Os Srs. Bournays teem em Lisboa uma fabrica d'este oleo d'onde fornecem a illuminação d'esta cidade e da do Porto, importando annualmente 11,200 almudes, além de seiscentas pipas que ja se teem exportado para paizes extrangeiros.

Parece que a Sr.ª Santos rompêra a sua escriptura no Theatro do Salitre, e fôra escripturada no theatro da Rua-dos-Condes.

Uma compatriota nossa, conhecida com distincção entre as muitas e bellas senhoras que cultivam a seductora arte do canto n'esta cidade, e que foi ha tempos para Paris acabar os seus estudos com o professor Bordogni, cantou no dia 19 d'agosto em Luchon, n'um concerto magnifico dado a favor dos pobres. A *Gazette du Languedoc* de 25 d'aquelle mez faz os maiores elogios *á illustre portugueza cuja voz e methodo foram comparados aos das primeiras cantoras do theatro-italiano.*

« Que boa fortuna para Luchon [accrescenta o mesmo jornal] escutar a poderosa vibração, a levesa, a graça, a suavidade d'esta voz portugueza; voz incantadora á qual, seja dito de passagem, debalde se offereceram em Paris 30,000 francos d'escriptura para o theatro-italiano. »

CONHECIMENTOS UTEIS.

JUIZO SOBRE O RELATORIO DO 1.º SECRETARIO DA 'ASSOCIAÇÃO DOS ADVOGADOS DE LISBOA' NA CONFERENCIA SOLEMNE DE 4 DE OUTUBRO DE 1845.

257 Ao ver o n.º 623 da 'Gazeta dos Tribunaes' em que se publicou o *relatorio* do illustre 1.º secretario da Associação dos Advogados de Lisboa, o *Sr. Antonio Joaquim da Silva Abranches*, lido na conferencia solemne de 4 d'outubro do corrente anno, esperava eu que apresentasse o juizo do mesmo *relatorio* algum dos consummados homens de lei e magistrados antigos que abundam na nossa terra, e hoje se acham fóra de funcção, por serem para isso os mais proprios e competentes, ajuizando de objectos em que são ao mesmo tempo sabedores e insuspeitos: não se tendo porém apresentado um similhante juizo até ésta data, abalanço-me a essa tarefa, não por vaidosa ostentação, mas sim para pagar, como posso, a divida que tenho em aberto para com os distinctos advogados que me instruiram e esclareceram no desempenho das funcções de juiz; e acompanhar com o meu humilde suffragio a marcha d'ésta Associação, onde os advogados adquirem os últimos quilates de aperfeiçoamento theorico e prático, pelos quaes contribuem no foro para a administração da justiça, no parlamento para se melhorarem as leis, e servem de *evangelistas vivos dos juizes e tribunaes*, segundo a phrase conceituosa que lhes applicava, e me inculcou para minha prudente advertencia, o celebre desembargador do Paço *Francisco d'Abreu Pereira de Menezes*, um dos maiores ornamentos da magistratura portugueza.

O *relatorio* é em verdade primoroso e magistral a todos os respeitos; ou seja nos pensamentos profundos e linguagem pura, clara e apropriada aos respectivos objectos; ou na deducção das materias; ou no criterio fino com que as moraliza; e nos revela um talento inrequecido com a vastidão dos conhecimentos que abrange a jurisprudencia, com analyse reflectida das molas cardeaes de cada um dos seus ramos, e com a historia apurada das vicissitudes que tem experimentado de preterito, e sua situação presente, entre nós e nas outras nações da Europa.

Começa o mesmo *relatorio* celebrando o facto notavel de viver e florecer a Associação dos Advogados de Lisboa ha sette annós, occupados em trabalhos juridicos e litterarios, sem alteração de estatutos, de leis e de costumes, e fecundados « em conferencias regu« lares onde o advogado principiante, vestido com to« das as galas das suas theorias escholares, vem ini« ciar-se nos altos e profundos mysterios da jurispru« dencia prática; onde o advogado ancião vem fran« camente abrir o cofre das suas longas e aturadas « observações; onde todos ensinam e todos aprendem, « e todos sabem e todos ignoram; e onde todos, col« legas, amigos e irmãos, nobres, elevados e inde« pendentes, se curvam submissos á voz e aos conse« lhos mutuos e intimos da amizade e prudencia »: taes são as expressões e pensamentos ao mesmo tempo sublimes, modestos e tocantes, com que o auctor do *relatorio* descreve e justifica a utilidade e lustre do instituto nos sette annos passados, e lhe agoura a sua futura duração e prosperidade.

Se ésta instituição, por ser plantada com estatutos apropriados, em que se aproveitaram as virtudes estremes dos de instituições analogas de outros paizes, se tem por isso arreigado, florecido, e elevado a tal altura que serviu de modelo para a que se criou no Rio-de-Janeiro e para a que se vai criar em Madrid; não duvide a Associação do seu futuro cada vez mais util e glorioso para ella e para a nação; e tenha o Sr. *Silva Abranches* a certeza de que o seu *relatorio* é tambem um modelo que as outras instituições analogas desejarão imitar.

Dá o *relatorio* conta de que no anno findo tiveram logar para mais de sessenta questões juridicas, por cuja occasião compara a sorte do advogado, nas escabrosidades da jurisprudencia, á de *Sisypho* da fabula rodando continuamente desde a raiz até ao alto da montanha a pedra roliça, que torna sempre a cahir e elle sempre a rodar.

Maior porém, e mais real, se me antolha o papel que póde representar a sabia Associação dos Advogados de Lisboa no nosso governo representativo, pelo qual ao poder legislativo e so a elle, compete fazer ou interpretar as leis, que o advogado allega, e o julgador applica aos casos occorrentes. Á vista d'ésta distribuição constitucional de poderes e funcções, não póde haver opinião ou questão juridica nos casos para que ha lei expressa e clara, e so a póde haver, ou em casos de lei duvidosa a que se dão diversas interpretações e applicações; ou nos de legislação antinomica; ou n'aquelles para que não ha lei: E que maior e mais importante papel póde representar a Associação do que, no 1.º caso indicar a lei que precisa ser interpretada pelo poder legislativo; no 2.º, a antinomia que ao mesmo pode e compete remover; e no 3.º, a necessidade da lei que lhe compete fazer? Similhantes trabalhos, praticando-se á proporção que se forem apresentando os casos respectivos, e publicando-se na 'Gazeta dos Tribunaes' subministrariam ao mesmo tempo o mostrador diario da imperfeição ou insufficiencia das leis, e a luz viva para o seu progressivo melhoramento.

Com provas evidentes se demonstra no *relatorio* a dignidade, prestimo e independencia da nobre profissão da advocacia, sem omittir os revezes ou desapreço que em alguns tempos tem soffrido no nosso Portugal, e em outros paizes.

A historia extranha e a patria, mostram-nos os advogados e os medicos experimentando quasi as mesmas alternativas de apreço ou desapreço, e por motivos comparativamente identicos.

Nos reinados do Sr. D. Diniz até o do Sr. D. Pedro I, soffreram os advogados os revezes e desapreço que o *relatorio* menciona; mas desde o do Sr. D. João I, em que prevaleceu a introducção do direito romano, e com elle a importancia dos jurisconsultos, os advogados figuraram sempre entre nós de maneira distincta, não so nos negocios forenses mas tambem nos de politica: d'elles sahiram as mais irrefragaveis sustentações dos direitos da serenissima Casa de Bragança á coróa de Portugal contra a intrusão de Castella; d'elles sahiram as duas mais irrefragaveis e concludentes dos direitos da nossa Augusta Rainha Fidelissima contra o governo da usurpação, escriptas pelos illustres e profundos homens de lei, *Guerreiro*, e *Lopes Rocha*, que da magistratura e outros cargos se haviam voltado para a advocacia, que tambem é

sempre porto feliz de salvamento dos magistrados nos naufragios politicos; e desde que o systema constitucional abriu em 1820 as portas dos maiores empregos e destinos aos talentos mais distinctos, tem sido dignamente occupadas por homens abalizados da advocacia as cadeiras de deputados da nação, e de ministros d'estado.

Em todo o caso é intrinsecamente nobre e importante a profissão de advogado, que defende no fôro a fazenda, a vida e a honra do cidadão, e a do medico que lhe prolonga a vida e saude: em todos os tempos e paizes, ambas estas profissões tem sido detrahidas por ignorantes, por invejosos, ou por espirituosos de fancaria; mas chegada a doença, ou risco de fortuna, ei-los ahi todos aos pés do medico para que os cure, ou do advogado para que os defenda.

Entre as mudanças forenses que tiveram logar no anno findo, especialisa o *relatorio* o desapparecimento quasi absoluto das oratorias nos tribunaes civis, e o renascimento das allegações escriptas, que alias resuscitaram com as mesmas virtudes e quasi com os mesmos vicios das do antigo foro; e entre estes com o pessimo abuso de argumentos *ad hominem*, *e notas marginaes* com o seu cortejo de reticencias e pontos de admiração.

É em verdade notavel, que em quanto os nossos benemeritos advogados, e dos paizes civilisados da Europa, tem enobrecido e illustrado a advocacia com os seus escriptos respirando saber, escolha de pensamentos, perfeição e gôsto de estylo e linguagem, e maneiras delicadas; dormissem alguns um somno de morte, e acordem agora para mesclarem a advocacia com allegações indijestas e cruas, ou, o que é ainda peior, para a mancharem com esse pugilato de personalidades, abjecto, contrário aos principios e maneiras de educação e civilidade, e offensivo do decoro do foro e tribunaes, que importam a magestade da lei viva na applicação para que se fez.

No *relatorio* se ve lançado, com exactidão historica e apreciação juridica, o quadro das leis notaveis que se promulgaram; dos tribunaes, do-conselho-fiscal-de-contas, e do conselho d'estado, que se criaram; das obras juridicas, que se publicaram; e do movimento que houve nos tribunaes civis; no anno decorrido. Passarei a acompanhar o mesmo *relatorio* na especialidade que dedica á legislação commercial, e ao movimento singular que, no dito anno, apresentou o tribunal do commercio de 1.ª instancia de Lisboa.

A legislação commercial de todos os paizes, é e precisa ser, identica no essencial, pois que os commerciantes de toda a parte constituem uma mesma familia, e sem isso não podia haver commercio externo. Deve e precisa ser desinganada, simples e clara, sufficiente sem superabundancia; e sobre tudo expedita e desembaraçada na sua execução, pois que os charateristicos do commercio consistem no movimento e actividade momentanea e diaria. Todos os governos se esmeram hoje em levar a este ponto de perfeição as suas leis commerciaes, prevalecendo a maxima de expedir a todos os respeitos o commercio, não so como agente fecundo, activo e vivo, de riqueza e prosperidade nacional, mas tambem como o meio mais poderoso e efficaz de promover e augmentar a agricultura e industria.

Confrontando-se o nosso codigo commercial com os sobreditos axiomas legislativos, acha-se a exactidão e certeza com que o *relatorio* lhe rende a justiça e homenagem de o collocar a par dos melhores da Europa, e de os exceder em alguma parte; e ao mesmo tempo reclamar promptas providencias além do caso providenciado da dizima que menciona.

A parte em que este codigo não so eguala mas excede os melhores d'outros paizes, e entre elles o da França, é na organisação dos tribunaes de commercio de 1.ª instancia de Lisboa e Porto; composta de um jury de negociantes, qualificado e intelligente, para conhecer do facto, e de um presidente, juiz letrado com jurisdicção ordinaria, para conhecer do direito e o applicar em sua sentença de julgamento; havendo ainda, além dos escrivães e officiaes de justiça, um secretario letrado com funcções adaptadas ao judiciario e ao administrativo do tribunal. Eisaqui o primor d'obra, pelo qual o codigo combinou e reuniu todos os elementos para a fiel e expedita decisão das causas commerciaes, e d'onde resulta o movimento regular e activo que no anno findo apresentou o tribunal de commercio de 1.ª instancia de Lisboa, mediante o zêlo, inteiresa e assiduidade do seu juiz presidente e do jury, como o *relatorio* testifica.

A outra parte em que o codigo excede os d'outros paizes, e em particular da França, é a sabedoria e providencia com que montou o importantissimo ramo administrativo dos tribunaes de 1.ª instancia nas fallencias dos negociantes: dando a norma de proceder na liquidação e apuração das massas fallidas, e embolso de seus credores; e commettendo ao cargo do juiz presidente do tribunal a vigilancia superior no andamento administrativo das fallencias, e a auctoridade de providenciar o que for preciso para se expedirem e terminarem.

A ésta disposição, vivificada pela vigilancia efficaz e providencias acertadas do juiz presidente do tribunal de commercio da 1.ª instancia de Lisboa, coadjuvado pela zeloza assiduidade do jury, se deve o singular movimento que no anno findo apresentou em processos de fallencias o mesmo tribunal « onde, nas « proprias expresões do *relatorio*, se desenterram d'entre a poeira dos cartorios mais de sessenta proces« sos de fallencias: no espaço de trez a quatro mezes « tinham entrado no Banco perto de cem contos de réis, « que até alli andavam pelas mãos dos administrado« res: o presidente do tribunal foi pessoalmente assis« tir a algumas reuniões de credores, e fixou o seu « novo systema, segundo o codigo, á cerca da veri« ficação, qualificação e graduação dos creditos: no « fim do anno estarão liquidadas algumas d'éstas in« terminaveis fallencias.»

Para galardão do tribunal, e acêrto qualificado das providencias que adoptou o seu juiz presidente, acontece a notavel coincidencia de que no discurso do presidente do tribunal commercial de Paris, proferido em agosto ultimo, se apontam quasi as mesmas providencias ja adoptadas aqui sobre fallencias, e se mencionam os mesmos abusos que o nosso tribunal tinha tractado de cortar e remover.

Respeitando porém as referidas excellencias do nosso codigo, e as muitas que encerra, urge a necessidade de se tomarem sôbre elle providencias promptas combinadas e cabaes, para preencher todas as condic-

ções e fins characteristicos da legislação commercial: para acompanhar o melhoramento progressivo, que ésta legislação tem experimentado nos outros paizes da Europa depois da sua publicação, e para o expurgar dos erros ou incoherencias, que lhe occasionou a circumstancia de ser feito de um jacto em paiz extranho, sem ter á vista as origens da legislação da dictadura do Sr D. Pedro, que effectivamente existia n'este reino á data da publicação do mesmo codigo, e do que nos apresenta exemplo flagrante o caso da *dizima*, que incidentemente interlaçou no art.º 1,087, por cuja moralisação terminarei o presente juizo do *relatorio*.

O citado artigo 1,087 do codigo commercial intrelaçou incidentemente o caso de *dizima* com evidente êrro de facto e de direito: com evidente êrro de facto. pois que para o pagamento *d'essa dizima* remette *á estação competente*, que era o juizo da dizima da chancellaria, e que aliás á data da publicação do codigo se achava extincto sem nunca mais resuscitar: e com evidente êrro de direito da propria lei constitutiva da dizima, que é o regimento da dizima da chancellaria de 16 de janeiro de 1589, o qual não comprehende na regra 1.ª os juizos proprios do commercio para de suas sentenças finaes se pagar dizima; e os comprehende na regra 10.ª para d'elles se não pagar.

O êrro de facto proveio de ter o codigo sido feito em paiz extranho, e no supposto de que não existia n'este reino a legislação da dictadura do Sr. D. Pedro, e especificamente o decreto da reformação da justiça de 16 de maio de 1832, por cuja nova organisação de juizos e creação de uma multa judicial para as causas eiveis, ficou extincta a *dizima* para os juizos de que se pagava, e a sua extincção consummou-se pelos dominantes decretos de lei da extincção da chancellaria-mór, e do juizo da dizima da chancellaria, sem o qual não ha nem póde haver *dizima* em Portugal.

O êrro de direito proveio igualmente de ser o codigo feito em paiz extranho e não ter á vista a origem e natureza da lei constitutiva da *dizima* e seu estado último, á data do referido decreto de 16 de maio de 1832.

Se assim não fôra não existíra no codigo um tão capital êrro de direito, pois que o auctor do mesmo codigo á vista das origens remotas e proximas da dizima, da sua natureza e da sua lei constitutiva e inalteravel, teria firmado a certeza que tem e deve ter todo o letrado e todo o juiz portuguez, e mais que todos o legislador, sôbre o seguinte:

1.º Que em Portugal a *dizima* nas causas civeis, e so n'ellas, é oriunda dos foraes, e tem a mesma natureza dos foraes dados ás cidades e villas do reino desde a fundação da monarchia, para se pagar onde os respectivos foraes a estabeleceram, e conforme os usos e costumes a que se referiam; e para se não pagar onde os foraes a não estabeleceram, ou os usos e costumes a não admittiram:

2.º Que no reinado do Sr. D. Manuel, por occasião de se reformarem e fixarem inalteravelmente os foraes, no que em cada um d'elles pertencesse ou não á real-fazenda, começou-se tambem a tractar de fixar inalteravelmente a *dizima* n'este reino, adoptando-se similhantemente para isso os principios da reforma dos foraes, e consistindo em haver dizima onde existisse posse de se receber e pagar; e em a não haver onde se estivesse na posse, costume ou privilegio, de a não pagar:

3.º Que dos elementos, obtidos em applicação dos referidos principios, veio a formar-se a lei constitutiva e inalteravel da dizima n'este reino, nos termos litteraes do regimento da dizima da chancellaria de 16 de janeiro de 1589; onde, na regra 1.ª está o preceito de lei constitutiva de *dizima* para a real-fazenda; na mesma regra 1.ª estão escriptos nominalmente os juizos nos quaes so se deve impor *dizima*, e dos quaes so se deve pagar á real-fazenda; e não se acha alli escripto algum dos juizos proprios do commercio: na regra 10.ª está constituido o preceito generico dos juizos e juizes que em suas sentenças finaes não podem impor *dizima*, nem d'elles se deve pagar á real fazenda, e são todos os juizos que constituem 1.ªˢ instancias com jurisdicção ordinaria e grau d'appellação, ainda que sejam servidos por desembargadores; e todos os juizos d'appellação a que forem appelladas as sentenças finaes das 1.ªˢ instancias, ás quaes não podem impor *dizima*: E assim, ésta regra 10.ª constitue a propria lei, diametralmente opposta ao êrro do codigo, em cumprimento da qual os juizos commerciaes, que formam 1.ªˢ instancias com jurisdicção ordinaria e grau d'appellação, não podem impor *dizima* em suas sentenças finaes, nem d'elles se deve pagar á fazenda; e o juizo commercial d'appellação, a que vão appelladas as sentenças finaes das 1.ªˢ instancias, não pode impor *dizima* a essas sentenças:

4.º Que faz parte inseparavel e identificada com a *dizima*, sua natureza e legislação, o juizo da dizima da chancellaria, composto do proprio juiz e escrivão, ao qual juizo compete exclusivamente a averbação, pagamento e execuções da *dizima* que á fazenda se dever pagar, dos juizos mencionados na regra 1.ª do regimento constitutivo da mesma dizima; e ser o garante legal e jurisdicional, para o não pagamento nem execução de *dizima* que á fazenda se não deve pagar, dos juizos comprehendidos na regra 10.ª do mesmo regimento: para o que tem por lei do seu regimento o proprio constitutivo da dizima, desde a regra 12.ª e os titulos 14 e 20 da Ord. liv. 1.º; e é por isso que em Portugal não ha nem pode haver *dizima* sem o seu juizo da chancellaria:

5.º Que o mesmo regimento de lei da dizima foi fielmente guardado e mandado cumprir, pelos diversos diplomas soberanos até ao alvará de 18 de fevereiro de 1653, o qual debaixo de aparencias capciosas, e prevalecendo-se da guerra contra Castella, desnaturalisou a dizima, e violou a sua legislação constitutiva, determinando genericamente que das demandas que se intentassem pagassem dizima as partes vencidas, e converteu essa dizima em subsidio da guerra; este alvara, a pezar da sua generalidade, não teve execução nos juizos de que se não pagava dizima, produzindo comtudo o abuso de se impor em causas crimes, criminal ou civilmente intentadas, nos juizos de que se pagava nas causas civeis:

6.º Que por ultimo veiu o alvara de lei de 13 de novembro de 1773, o qual taxando a introducção de dizima nas causas crimes, criminal ou civilmente intentadas, como abuso opposto á natureza da dizima n'este reino, e contrario á lettra e espirito da regra 5.ª do regimento da dizima da chancellaria, e da Or-

denação liv. 1 tit. 20, desde o § 3, determinou que se não pagasse jamais dizima nas causas crimes, criminal ou civilmente intentadas, e mandou pôr perpetuo silencio nas execuções d'essas dizimas então pendentes: com este alvará fecha n'este reino a legislação de *dizima* anterior ao decreto de 16 de maio de 1832; este alvara confere certeza do inviolavel cumprimento das regras do regimento da dizima da chancellaria, restituindo ao seu devido cumprimento a regra 5.ª, unica de que então se abusava a favor da fazenda-real: e na providencia legal de mandar pôr perpetuo silencio nas execuções pendentes da dizima, que se extorquia contra a regra 5.ª d'aquelle regimento, e deixar em paz as victimas de quem se extorquia, ficou pelo alvara sanccionada a mesma providencia legal, e inherente ao cumprimento infallivel de cada uma das regras d'aquelle mesmo regimento, para se applicar ás execuções pendentes da dizima que se procurar extorquir a favor da fazenda contra a regra 10.ª, e deixar em paz as victimas de quem se procurar extorquir.

No meio de tudo isto, aquelles dois erros do artigo 1,087 do codigo commercial, postos em movimento com os olhos cerrados para não ver a extincção do juizo da dizima da chancellaria, sem o qual não ha *dizima* n'este reino, nem a regra 10.ª do regimento constitutivo da mesma dizima, em cujo cumprimento nunca a póde haver dos juizos commerciaes de 1.ª instancia e da 2.ª, lançaram uma confusão cada vez maior nos juizos commerciaes, e nos commerciantes postos fóra da lei, até quo veiu o decreto de 17 d'abril de 1838, o qual tomando sôbre o mesmo artigo do codigo character legislativo, e passando a ser effectivamente lei consentida e approvada pelo podêr legislativo, visto não o invallidar posteriormente, declarou:

1.º Que o decreto de 16 de maio de 1832 não comprehendeu para o pagamento da multa judicial as causas commerciaes pertencentes aos juizos do codigo commersial: e com isto firmou certeza de que nos juisos commerciaes se não paga a multa judicial.

2.º Que para a *dizima* de que tracta o artigo 1,087 do codigo commercial, governa a legislação de dizima anterior ao mesmo decreto de 16 de maio de 1832; e com isto firmou certeza de que essa legislação, anterior áquelle decreto, é a que governa para ser cumprida pelos juizos e juizes do commercio em suas sentenças finaes.

Como porêm essa legislação anterior é especificamente a regra 10.ª do regimento da dizima da chancellaria, que constitue a regra geral dos juizos que nunca podem impor *dizima* em suas sentenças finaes, e de que nunca se deve pagar á real-fazenda; e comprehende todos os juizos que formam primeiras instancias com jurisdicção ordinaria e grau d'appellação, taes como juizós commerciaes de 1.ª instancia, e todos os juizos d'appellação a que forem appelladas as sentenças finaes das primeiras instancias, taes como a relação commercial de 2.ª instancia, e os juizos commerciaes em cumprimento d'esta regra não impozessem em suas sentenças finaes *dizima*, que não podiam impôr e se não devia pagar á fazenda: resultou d'aqui uma rede de invenções oppostas á independencia dos juizes e auctoridade de seus julgados; contrarias á propria lei applicada em seus julgamentos; destructivas de toda a legislação de dizima n'este reino; simuladas e inganosas em quanto se lançam como veu para cubrir a extincção do juizo da dizima da chancellaria; ignorantes, se intendem que póde haver *dizima* sem aquelle juizo; desleaes por abusarem da extincção d'aquelle mesmo juizo para extursões que se elle existisse eram impossiveis: e com similhantes invenções se procurou forçar a independencia dos juizos do commercio para condemnarem em *dizima* nas suas sentenças finaes; o ministerio publico foi obrigado a interpor revista das sentenças que não condemnavam em *dizima*; as partes foram arrastadas dos juizos do commercio ao supremo-tribunal de justiça, e d'alli ás relações civis: e tudo iste para a fazenda haver dos juizos commerciaes *dizima* que nunca póde ter, e que nunca se lhe deve pagar, em cumprimento da regra 10.ª da dizima da chancellaria que ahi está patente aos olhos de todos, advogados, ministerio público, juizes, e podêr legislativo.

Com o fim de prover a tal desordem veio a carta de lei de 23 d'abril de 1845, mandando que a legislação de multa que governa para as causas e juizos civis, se applique em tudo nos juizos commerciaes, havendo assim por alterado, quanto *a dizima*, o art. 1,087 do codigo commercial.

Como porém, á data d'esta carta de lei, o art. 1,087 do codigo commercial estava identificado com as duas declarações legaes do decreto de 17 d'abril de 1838; a 1.ª fazendo certeza de que nos juizos commerciaes se não paga a multa judicial, que o decreto de 16 de maio de 1832 creára para as causas e juizos civis, e não para os commerciaes; e a 2.ª fazendo certeza de que para a *dizima*, de que tracta o art. 1,087 do codigo commercial, governa a legislação de dizima anterior áquelle decreto de 16 de maio de 1832: por isso, para á vista da certeza que fez cada uma das sobreditas declarações se salvar em todo o caso a carta de lei de 23 d'abril de 1845, ou do absurdo constitucional e legal de retroactividade, ou de destruir a obra e effeito da lei viva, convém fixar os dois pontos seguintes:

1.º Que por ésta carta de lei acabou de reger a declaração do decreto de 17 d'abril de 1838, pela qual nas causas e juizos commerciaes se não devia pagar multa, e pelo contrario começou a governar para as mesmas causas e juizos a legislação de multa judicial estabelecida para as causas e juizos civis: e assim se applicar desde a publicação da carta de lei, sem a retroceder ás causas até alli julgadas, a que se não devia impor multa em observancia do decreto de 17 d'abril de 1838.

2.º Que constituindo o decreto de 17 d'abril de 1838 certeza de que a *dizima*, de que tracta o art. 1,087 do codigo commercial, se governa pela legislação de dizima anterior ao decreto de 16 de maio de 1832, ficou constituida a certeza de que para os juizos do codigo commercial governa a legislação de dizima anterior áquelle decreto de 16 de maio de 1838; ora essa legislação, que assim governa para os juizos do codigo commercial, é especificamente a regra 10.ª do regimento da dizima da chancellaria, fundamental e infallivel para os juizos, de que a fazenda-real nunca póde ter dizima, e nunca se lhe deve pagar, e em cujo cumprimento nunca a póde ter nem se lhe deve pagar dos juizos do codigo commercial de 1.ª e 2.ª instancia; é mais a legislação do mesmo regimento da dizima desde a regra 12.ª, e os titulos 14 e 20

da Ord. liv. 1°, que formam o todo da legislação do reino constitutiva do juizo da dizima da chancellaria, para nunca se pagar á fazenda nem executar dizima contra a regra 10.ª do regimento d'ella ; é finalmente o alvara de lei de 13 de novembro de 1773, o qual, mandando impor perpetuo silencio nas execuções então pendentes de dizimas, extorquidas a favor da fazenda contra a regra 5.ª do regimento da dizima da chancellaria, deixou sanccionado o mesmo principio legal para se dever applicar ás execuções de dizima contra a regra 10.ª, que em nenhum caso se devem pagar á fazenda : E como a carta de lei de 23 d'abril de 1845 não destruiu expressamente, nem de qualquer modo podia destruir ou frustrar retroactivamente a citada legislação de dizima, anterior ao decreto de 16 de maio de 1832, ou a sua obra e effeitos necessarios; resulta portanto, que governa a regra 10.ª do regimento da dizima da chancellaria para em seu cumprimento nunca se ter podido impor dizima nos juizos do codigo commercial de 1.ª e 2.ª instancia, e nunca dos mesmos juizos se dever pagar á fazenda; governa o proprio regimento da dizima da chancellaria desde a regra 12.ª, e a Ordenação do reino liv. 1 tit. 14 e 20, para em seu cumprimento se não podêr receber, cobrar ou executar, dizima que pelos juizos do codigo commercial se tenha imposto contra a regra 10.ª do regimento da dizima da chancellaria ; governa finalmente o principio legal sanccionado no alvara de lei de 13 de novembro de 1773, para em sua devida applicação se impor perpetuo silencio nas execuções pendentes de *dizimas* impostas contra a regra 10.ª do regimento da dizima da chancellaria, e se deixarem em paz os indevidamente executados, como no reinado do Sr. D. José se praticou com os que estavam sendo executados por dizimas indevidamente impostas contra a regra 5.ª do regimento da dizima, e como não póde deixar de se praticar no govêrno constitucional, que significa govêrno de lei.

Lisboa 30 d'outubro de 1845.

Luiz Antonio Rebello da Silva.

NOVO METHODO D'EMBALSAMAR.

258 M. Bobierre expôs n'Academia das sciencias de Paris um novo processo para embalsamar que parece preferivel ao processo-Gannal. O novo processo d'embalsamação, preparação de peças anatomicas, e conservação de objectos d'historia-natural, consiste na dissolução d'uma sufficiente quantidade de camphora em espirito-de-pau ou vinagre de madeira. O liquido é introduzido pela carotide, cobre-se o corpo com duas demãos de verniz, enleia-se com faxinhas de chumbo e agglutinativas, e invernisa-se pela terceira vez; mette-se n'um caixão de chumbo, e deixa-se dentro um frasco mal-tapado de sulfato-de-soda.

NEVOAS DOS OLHOS.

259 *Sr. Redactor* — Sendo eu subscriptor da REVISTA, e gosando as honras de um de seus collaboradores, não posso deixar de applaudir e apreciar tudo quanto concorrer para augmentar o valor d'este interessantissimo jornal.

Li as mui polidas, e assaz proveitosas reflexões, contidas no artigo 245, datado d'Extremoz e assignado com as iniciaes *O P...* Julgo um dever de gratidão para com o seu benigno auctor, e de humanidade para com os infelizes a quem a pomada de que se tracta póde interessar, fazer a respeito d'esta umas breves e necessarias observações. Ellas poderão, talvez, tornar mais proveitosa uma applicação de que muitos têem obtido felizes resultados.

O que ordinariamente desacredita um medicamento recommendavel é o uso indistincto que d'elle se faz. Ha casos em que a pomada pode prejudicar os doentes em vez de lhes fazer bem ; e são os facultativos competentes que devem determinar a epocha da sua applicação e dirigir o andamento do curativo. Tenho tambem observado, que o não lavar os olhos, ou faze-lo com saliva depois de se applicar a pomado, induz a uma contra-indição hygienica, e obsta á separação d'algum pus ou liquidos, que a mesma pomada desloca e que demorados sôbre a séde do mal dificultam o progresso das melhoras ou as retarda, pelo concurso da saliva, cujo contacto salino irrita partes tão delicadas. Parece pois que se deve aconselhar uma ligeira lavage externamente, com agua tepida a favor d'um panno fino, de linho, e isto somente na manhan immediata.

Concluo agradecendo ao illustre auctor do artigo supramencionado, a lembrança da substituição das caixinhas pelos vasos. São mui bem ponderados os inconvenientes das primeiras, e por motivos os não tinha removido, como agora me proponho a fazer. Lisboa 31 d'outubro de 1845.

O pharmaceutico
H. J. de Souza Telles.

INGENHOSO MEIO DE BENEFICENCIA.

260 Apresso-me a dar conta d'uma nova instituição de beneficencia, cuja idêa é das mais honrosas para este seculo e para o paiz onde teve origem. Entrego-a ao coração e á intelligencia d'essas Senhoras que entre nós se consagram, com uma dedicação tão nobremente exemplar, á protecção da *infancia desvalida*, e que diariamente attrahem sôbre si a veneração e as bençãos de todo o paiz. Fico que se hãode possuir da incalculavel utilidade moral d'uma instituição tão digna d'ellas.

Foi estabelecida em Paris uma *casa-de-lavor*, para dar trabalho de costura ás mulheres que não acham que fazer. O fim d'ésta util instituição é substituir a *esmolla em trabalho á esmolla em dinheiro, e de moralisar esmollando.* Mais de 85 mulheres ja se empregam n'esta casa de benificencia ou trabalham para ella em suas proprias casas.

As obras d'ésta casa-de-lavor são vendidas pelos mesmos preços que as outras d'igual natureza dos diversos estabelecimentos industriaes ; mas a mão-d'obra é paga por menos. Por meio d'este calculo judicioso o empresario adquire os seus interesses e executa uma obra-pia das mais meritorias que podiam ser imaginadas.

Este estabelecimento serve tambem para inculcar mulheres de trabalho a quem as precisa. Alli se dá praticamente informação da sua habilidade, diligencia e comportamento. Oito senhoras de caridosa probidade dirigem este estabelecimento. As despezas d'elle são assaz diminutas, e a mais rigorosa economia preside a todos os gastos de costeamento. O parocho da freguezia onde ésta casa-de-lavor se estabeleceu é o fiscal e director d'ésta exemplar instituição.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO XIX.

Guerra de postos avançados. Joanninha no bivac. — De como os rouxinoes do valle se disciplinaram a ponto de tocar a alvorada e a retreta. — Quem era a 'menina dos rouxinoes,' e porque lhe pozeram este nome. — A sentinella perdida e achada.

261 A velha disse aquellas últimas palavras com uma expressão de dor tam resignada, mas tam desconsolada que o frade olhou para ella commovido, e sentiu as lagrymas escurecerem-lhe a vista.

N'este momento Joanninha, que passeiava a alguma distancia da casa na direcção de Lisboa, acudiu sobresaltada bradando:

—'Avó, avó!.. tanta gente que ahi vem! soldados e povo... homens e mulheres... tanta gente!

Era a retirada de 11 de outubro.

—'Deus tenha compaixão de nós!' disse a velha: 'O que será padre?'

—'O que hade ser!' respondeu Fr. Diniz: 'o meu presentimento que se verifica: o combate foi decisivo, os constitucionaes vencem.'

Comeffeito foram apparecendo as tropas que se retiravam, as gentes que fugiam, e todo aquelle confuso e doloroso espectaculo de uma retirada em guerra civil...

Alguns feridos que não podiam mais ficaram na casa do valle intregues á piedosa guarda e cuidado de Joanninha; de outros tomou conta Fr. Diniz e os acompanhou a Santarem.

As tropas constitucionaes vinham em seguimento dos realistas, e d'alli a poucos dias tinham o seu quartel-general no Cartaxo: D. Miguel fortificava-se em Santarem, e a casa da velha era o último posto militar occupado pelo seu exército.

Não tardou muito que a fôrça toda, todo o interêsse da guerra se não concentrasse n'aquelle ja tam pacifico e ameno, agora tam desolado e turbulento valle.

Eram os derradeiros dias do outomno, a natureza parecia tomar dó pelo homem — dar triste e lugubre decoração de scena ao sanguento drama de destruição e de miseria que alli se ía concluir. As últimas folhas das arvores cahiam, o ceo nublado e feio vertia sôbre a terra apaulada torrentes grossas d'agua, a cheia alagava os baixos e as terras altas cobriam-se de hervas maninhas, os trabalhos da lavoira cessavam, o gado e os pastores fugiam, e os soldados de um e de outro campo cortavam as oliveiras seculares...

Tudo estava feio e torpe, tudo era ruina, desolação e morte em torno da casa do valle, agora transformada em quartel e redutto militar.

E que era feito, no meio d'ésta desordem, que era feito da nossa pobre velha, da nossa interessante Joanninha?

Apenas se estabeleceu a posição dos dous exercitos, Fr. Diniz queria levá-las para Santarem; mas não foi possivel. Instancias, rogos, ordem positiva tudo foi em vão. Pela primeira vez na sua vida, aquella mulher, tímida, fraca e irresoluta, soube ter vontade, firme e propria.

—'Aqui nasci,' dizia ella, 'aqui vivi, aqui heide morrer. Que importa como?.. Aqui as curtas alegrias, aqui as longas dores da minha vida teem passado: onde heide eu ir que possa viver ou morrer senão aqui? Ésta casa sei-a de cór, éstas árvores conhecem-me, estes sitios são os ultimos que vi, os unicos de que me lembra: como heide eu, velha e cega, ir fazer conhecimento com outros para viver n'elles?..

—'E Joanninha n'essa edade... no meio d'essa soldadesca!' sugeria o frade.

—'Joanninha' tornava ella 'Joanninha é uma criança, e tem mais juizo, mais energia d'alma, mais saude e mais força do que — mulheres não fallemos — do que a maior parte dos homens. Ficaremos aqui, Padre, ficaremos aqui melhor do que em Santarem podêmos estar. Deus nos defenderá...

Fr. Diniz cedeu: a mesma vaga e indeterminada esperança que animava a velha e que a prendia tam fortemente alli, não era extranha ao coração do frade. Ella não ousava nem alludir de longe a essa esperança, mas sentia-se que lá a tinha anninhada e escondida a um canto d'alma... Aquelle neto, aquelle filho da filha querida havia de vir ter á casa em que nascêra... por alli havia de passar, e mais dia menos dia... A velha, repitto, nem alludia a tal esperança, mas sentia-se que a tinha, percebeu-lh'a Fr. Diniz, e ou a partilhasse tambem ou não se atrevesse a contrariar razões que lhe não davam, cedeu e callou-se.

O seu principal temor era a licenciosa soltura dos costumes militares; mas estava Joanninha menos exposta por se accolher a uma praça de guerra como Santarem era agora?

Brevemente se viu que a avó tinha accertado. A franca e ingenua dignidade de Joanninha, o ar grave, a melancholia serena e bondosa da velha impozeram tal respeito aos soldados, que — graças tambem á cooperação efficaz do commandan-

te do pôsto, um bom e honrado cavalheiro transmontano — ellas viviam tam seguras e quietas na pequena porção da casa que para si reservaram, quanto em taes circumstancias era possivel viver. Fr. Diniz vinha regularmente ao valle todas as sexta-feiras, nenhum outro hábito de sua vida se interrompeu.

E pouco a pouco, os combates, as escaramuças, o som e a vista do fogo, o aspecto do sangue, os ais dos feridos, o semblante desfigurado dos mortos — a guerra em fim em todas as suas fórmas, com todo o seu palpitante interêsse, com todos os terrores, com todas as esperanças que a accompanham tornou-se uma coisa familiar, ordinaria...

A tudo se habitua o homem, a todo o estado se affaz; e não ha vida, por mais extranha, que o tempo e a repetição dos actos lhe não faça natural.

E todavia de Carlos nem mais uma linha... Pobre velha!

Assim passaram meses, assim correu o hynverno quasi todo, e ja as amendoeiras se toucavam de suas alvissimas flores de esperança, ja uma depois de outra, íam renascendo as plantas, íam abrolhando as árvores; logo vieram as aves trinando seus amores pelos ramos... insensivelmente era chegado o meio d'Abril; estavamos em plena e bella primavera.

A guerra parecia cançada, o furor dos combatentes quebrado; rumores de intentadas transacções por toda a parte.

No nosso valle as sentinellas dos dous campos oppostos, costumadas ja a ver-se todos os dias, começavam a ver-se sem odio: principiaram por se dizer dos passados gracejos de guerra, acabaram por conversar quasi amigavelmente. Muita vez foi curioso ouvi-los, os soldados, discorrer sobre as altas questões d'Estado que dividiam o reino e o traziam revolto ha tantos annos. Se as tractavam melhor os do conselho em seus gabinetes!

Joanninha que, pouco a pouco, se habituára áquelle viver de perigos e incertezas, de dia para dia lhe ia crescendo o ânimo, aguerrindo-se. Tudo se affazia áquelle estado: até os rouxinoes tinham voltado aos loureiros d'aopé da casa, e como que disciplinados obedeciam aos toques d'alvorada e de retreta accompanhando-os de seu cantar animado e vibrante.

A essas horas Joanninha era certa em sua janella — n'aquella antiga e elegante janella *renascença* de que primeiro nos namorámos, ainda antes de a conhecer, leitor amigo. Alli a viam as vedetas de ambos os exercitos, alli se acostumaram a vê-la com o nascer e o pôr do sol; alli muda e quêda horas esquecidas, escutava ella o vago cantar dos seus rouxinoes, talvez absorta em vagos pensamentos ainda...

E d'alli lhe pozeram o nome da 'menina dos rouxinoes', porque era conhecida em ambos os campos: significante e poetico appellido com que a saudavam os soldados de ambas as bandeiras!

E uns e outros respeitavam e adoravam a menina dos rouxinoes. Entre uns e outros por tacita convenção parecia stipulado que aquella suave e angelica figura podesse andar livremente no meio de armas inimigas, como a pomba doméstica e valída a que nenhum casador se lembra de mirar.

Os costumes de guerra são menos soltos do que se cuida; no ânimo do soldado ha mais sentimentos delicados, nas suas fórmas ha menos rudeza do que se pensa. A farda é sim vaidosa e presumida, crê muito nos seus podêres de seducção, mas não é brutal senão no primeiro impeto.

Joanninha pençava os feridos, velava os infermos, tinha palavras de consolação para todos, e em tudo quanto dizia e fazia era tam senhora, tinha tam grave gentileza, um donaire tam nobre, que a amavam todos muito, mas respeitavam-n'a ainda mais.

Fiada ja n'este respeito e estima geral, Joanninha fôra extendendo, de dia a dia, as suas excursões pelo valle. Ultimamente costumava ir pelo fim da tarde, até um pequeno grupo de alamos e oliveiras que ficava mais para o sul e perto do logar donde, á noite, se collocavam as últimas vedetas dos constitucionaes.

Um dia, ja quasi pôsto o sol, a tarde quente e serena, — ou fosse que adormeceu ou que suas meditações a distrahiram — o certo é que os rouxinoes gorjeavam ha muito nos loureiros da janella, e Joanninha não voltava.

Estabeleceram-se as vedetas de um lado e outro, deram-se todas as disposições costumadas para a noite.

O official dos constitucionaes que andava collocando as suas sentinellas, tinha vindo essa mesma tarde de Lisboa com um refôrço de tropa. Pos-se elle em marcha com a sua gente, foi-a dispondo nos logares convenientes, e chegava emfim aopé d'aquelle grupo de árvores:

— 'Silencio!' disse elle 'Alto! alli está um vulto.'

— 'Não é ninguem,' respondeu um soldado:

'ninguem que importe; é a menina dos rouxinões. Estou vendo que adormeceu no seu poiso costumado.'

—'A menina dos rouxinões Que cantiga é essa que me cantas tu lá?'

O soldado deu a explicação: popular do seu ditto, mostrou a casa do valle, e continuava incarecendo sôbre os meritos e virtudes de Joanninha...

O official não o deixou acabar:

—'Para a rettaguarda, e silencio!'

Foi rapidamente postar, a alguma distancia d'alli, as duas sentinellas que lhe faltavam; e elle entrou so no pequeno grupo d'árvores.

Era Joanninha que estava alli, Joanninha que effectivamente dormia a somno sôlto.

Continúa.

A. G.

DO PARIATO. (*)

262 Pelo que eu tenho estado descrevendo n'este escripto, com aquella imparcialidade que quem se dignar de fazer alguma pequena justica á sua composição hade reconhecer no seu contexto, pois que tenho com fidelidade dito somente o que sôbre cada uma das entidades que n'elle figuram se offerecia, sem deprimir a uns para exaltar a outros, sem pôr todas as boas ou más qualidades de uma banda a nenhum d'elles; sou levado a acreditar que estamos habilitados a dizer que os inglezes muito pintam quando dizem que appetecem a liberdade para agora tal e qual ella era no tempo da Magna-Charta, d'onde a querem datar. N'esse tempo, viu-se, não existiam os communs, e se apparece em logar de liberdade, pelo menos, muita licença, é a dos barões contra os reis. A liberdade é um attributo da philosophia dos modernos, nascida das riquezas provenientes da industria. Antes d'estas existirem não era aquella precisa. Shakespear que nasceu em 1564 e morreu em 1617, poeta que é dos nossos dias; que veio depois de todas as nossas glorias na Asia; acabadas ja as nossas côrtes; quando havia ja passado muito mais de uma geração da morte do nosso Camões e da perda da monarchia com el-rei D. Sebastião; quando havia muito mais de um seculo que a liberdade de consciencia tinha passado em doutrina corrente — nem uma so vez, tendo posto em scena diversos reinados desde João I até Henrique VI, (1199 a 1461) profferiu a phrase de liberdades antigas senão na rebellião de Jack Cade uma vez; nem tão pouco exhibiu os Communs ou o parlamento, e so arremedos de conselhos d'Estado; nas seus peças. O que n'estas apresentou com mais frequencia foi o nosso anno de 1817. Ás vezes, poucas, tambem ahi é lembrado o povo, para fazer fallar d'elle os protogonistas, como no tempo da regencia em que se consummou o holocausto de Gomes Freire, se fallava d'esse povo com medo que elle se não alevantasse ou não pegasse em armas. Se esse medo cresce pelo progresso da peça adiante, os interlocutores vem a convir nos direitos que a elle povo devem ser concedidos. N'esse caso os parlamentos mencionam-se, porém jamais os communs na sua capacidade legislativa. Em logar d'elles o podêr municipal representado nos *mayors*, é que comparece para apaziguar os tumultos em que figuram os grándes. A questão não é de direitos; d'esses não ha a consciencia. A disputa é toda monarchica; a politica, do pátrimonio do throno; e se hade ser na tribuna é no campo da batalha. Fóra d'ahi Shakespear tratou mal a nobreza, pintou-a desprezivel, e pôl-a aos pés de Wolsey com a mais submissa abjectidão. Sendo isto assim, é patente que as tradições da ávida liberdade anglicana são um sonho que unicamente impõe.

(*) Continuado de pag. 186.

Ella não tinha merecido nenhum respeito. Vagamente se fallava no common, evealth ou weal, que quer dizer riqueza, bem ou bens do commum, dos commons, e em subjicts, *subjeitos*, que ainda hoje se usa, equivalente ao nosso *vassallo*, de que os inglezes não usam. D'onde primeiro me veio a idea do silencio do afamado dramaturgo sôbre materia tão cardeal, foi do historiador Hume que com tanta frequencia tenho citado, e então para me certificar da exactidão da sua asserção tornei a repetir a leitura do theatro de que a Inglaterra pertende ainda fazer as suas dilicias, posto que ninguem o vai ver quando é posto em representação. N'isto ha parecença com eguaes bi̇ócos a respeito da religião, e não se ve ninguem na igreja.

São não menos de dez as peças historicas de Shakspear. Todas ellas tem a cor de reinado em que elle escreveu, que é o de Elisabeth, que os historiadores descrevem machiavela. O estylo d'ellas é grandiloco; a grandeza da Inglaterra ja ahi é figurada com enphasi para lisongear a reinante, a quem elle poete não falece com o thuribulo, posto que o incenso que n'elle lhe queima seja limpo. (1) Por essa mesma causa acha-se n'este reportorio uma tendencia anti-papal mui pronunciada. É a philosophia do poeta sufficiente, considerada a opocha. E nota-se uma ascendencia da justiça civil, que era como que a soberana sophismava o povo, a quem queria conceder os direitos d'aquella, mas não os politicos. Encarece o poeta inglez o respeito devido ao *verdict*, e a veneração ao juramento, mesmo quando prestado pelos reis, e invoca a miudo a policia para os truões. Tem em grave delicto o quebrantamento da lei. Ás vezes tambem parece na pompa da sua oração que servisse de modêlo aos historiadores de Carlos V e queda do imperio romano. No que é eminente é no seu inimitavel *cervantismo*, em que excede muito ao mestre. Pintou com uma verdade que desespera a imitação, a vagueação da anarchia, na insurreição de Cade. Mostra-se bem informado de lettras e noticias, mesmo muito bem. Dá boa conta das conjurações dos nobres e de palacio.

Sabe perfeitamente as historias da côrte, casamentos reaes, parentescos tanto reaes como de fidalgos, suas genealogias etc. É livre de superstições, as quaes até fustiga. Revela grandes conhecimentos da natureza humana, ou antes exprime-os, que é muito mais, ou é tudo. Mas não localisa, posto que não troca nunca as situações. O acabamento moderno não se lhe póde pedir.

Até aqui não ha nada que invalide a proposição do phi-

[1] Como não póde elogiar a formosura de Elisabeth que foi uma mona de feialdade, não obstante sua mãi Anna Belena ser tão bonita, elogia a ésta, na occasião do baptismo da filha, na peça de Henrique VIII.

losopho escocez Hume. Mas d'aqui por diante ha muito que a corrobore. Eu não sei d'onde Shakespear tirou o fundo dos seus dramas. Johnson diz, que das chronicas e balladas sem as especificar. Sería uma tarefa comprida ésta indagação. Póde ser que Froissart fosse um dos seus auctores. Mas fosse quem fosse, não pode deixar de se fazer muito reparavel que não fizesse nunca allusão no seu drama de João *sem-terra* á decantada Magna-Charta, nem tão pouco a esse epitheto de *sem-terra* com que o alcunharam. E pelo contrario em um dos versos o brindasse de *great King John* — João rei o grande; brinde insolito que talvez nem antes nem depois se dissesse de tal mostroengo. A par d'esta aberração tão esquipatica, na linguagem onde tem de fallar do povo, não ha sempre no bico da sua penna senão o appellido de *villain*, cujo opprobrio ja notei, assim como os termos de *tinker* (tingueiro) *knave* (naif, natif, nacional scil, escravo) *caitiff*, captivo, *recreant*, renegado etc. Ésta dureza, e aquellas reticencias sôbre os grandes actos civis passados na dynastia normanda e casa dos plantagenets, não parece que se possam attribuir a ignorancia porque a poeta era lido como ja se disse, tem de se deitar á conta da leitura de Machiavel, de cujo nome faz menção mais de uma vez, publicista que considera os homens como peças de xadrez em uma mesa pequena, como era cada um dos Estados d'Italia. D'aqui vem a maxima que o bem que houver de se fazer seja feito ao povo, mas que o não faça elle; maxima que nenhum outro imperante na Europa aninhou mais n'aquelle tempo do que a rainha d'Inglaterra, posto que todos os governos d'então, e não sei se ainda hoje, dormissem com as obras do secretario Florentino debaixo do travesseiro.

É a estas disposições que se deve attribuir o sigillo que o bardo de Stratford observa mui de proposito sôbre quanto podesse cheirar a popular, e porque redicularisa os excessos da liberdade aos seus apaixonados para os desgostar d'ella. Isto, emparelhado com um elaborado elogio a Fernando d'Aragão que tinha consummado pelo menos a escravidão da consciencia em Granada (2); e a sem cerimonia com que os seus reis nas peças não duvidam pôr a sua vontade adiante da lei, faz com que se possa dizer affoitamente que Shakspear é tudo, menos poeta das liberdades inglezas. E a razão é simples. O feudalismo é que vingava pelo menos nos costumes do seculo, vingava e vinga. Os inglezes ainda os que não a gozam, gostam d'essa jerarchia social de ferro.

Continúa. *C. A. da Costa.*

DOS TRIBUTOS ESTABELECIDOS NA ILHA DE SAN'MIGUEL ETC. (*)

263 Afora éstas jurisdicções tinham a de mandar fazer correições, e prover as devaças e os livros das querellas; conheciam per si e por seu ouvidor, dos aggravos que sabiam d'ante os officiaes da camara; passavam cartas de fintas; punham seu parecer em casos de querellas, que eram de rixa nova, onde não havia proposito, nem desformidade, nem aleijão, sendo caso de appellação por parte da justiça, confirmavam os juizes ordinarios; passavam cartas de seguro, estando o seu ouvidor na terra; conheciam da execução das sentenças da relação, e avocavam a si os feitos.

Sendo éstas extensissimas jurisdicções postas em execução a mór parte das vezes pelos ouvidores, praticavam excessos de auctoridade, maxime porque os donatarios se ausentavam frequentes vezes d'aquella ilha, e na côrte se demoravem. Éstas exhorbitancias do ouvidor não tiveram logar nos primeiros tempos, ou por que havia melhor escolha d'individuos para um tal emprego, ou porque os primeiros donatarios não punham demasiada confiança n'elles; prevenindo o abuso de aucteridade deixando-lhes na sua ausencia uma força repressiva, como fez o donatario Rui Gonçalves da Camara, que ausentando-se d'ésta ilha em 1487 deixou em seu logar a seu filho *João Rodrigues da Camara*, e munido de todas as jurisdicções de seu pai, as quaes lhe foram concedidas por provisão do gran'-mestre da ordem de Christo. o duque de Beja, com data de 25 de dezembro d'aquelle anno (1). Os abusos de auctoridade deram origem á provisão de 16 d'abril de 1566, (2) pela qual foi expressamente prohibido aos ouvidores conhecerem sôbre objectos da fazenda real; bem como a carta regia de 21 de janeiro de 1578, pela qual foi determinado ao licenciado Gaspar Leitão, não consentisse que o ouvidor de donatario fizesse correição, nem se procedesse, nem se obrasse etc., em quanto não lhe mostrasse provisão regia para o poder fazer, ou sentença da relação dada no feito que sôbre este caso pendia na casa da supplicação, entre o procurador da coroa e o donatario Manuel da Camara (3.)

Posto que éstas salutares previdencias devessem servir de incentivo para que os ouvidores se contivessem na esphera de suas attribuições, todavia elles não descontinuaram de ultrapassal-as; e por ésta razão foram expedidas as provisões de 26 de julho de 1609, (4) para que fosse juiz das suspeições do ouvidor o juiz-de-fóra; e a de 6 de julho de 1622, para que os ouvidores não conhecessem de acções novas (5). Éstas medidas repressivas augmentaram as discordias entre os ouvidores e os juizes-de-fóra, originadas algumas d'ellas pela manifesta e porventura accintosa protecção que os juizes-de-fóra prestavam aos morgados que mais adversarios se mostravam dos ouvidores: o certo é, que alguns ouvidores menos tolerantes, transpondo as raias da prudencia, com obstinação reproduziam seus audaciosos procedimentos, dando azo a que os juizes-de-fóra não cumprissem as suas sentenças, e representassem contra ellas. Subindo porém á presença do soberano uma e mais outra representação contra estes factos, e outros que eram consequencia da mesma causa, para os obviar, baixou uma provisão do desembargo-do-paço em 18 de maio

[2] Em toda a parte produziu mal este sangue ascetico e macerado. Vindo da Hispanha, ainda na Inglaterra deu Maria ao throno, uma cruel e sanguinaria Senhora, e de quem com bastante horror, fallam as tradicções.

(*) Continuado de pag. 223.

(1) Hist. Insul. liv. 5 cap. 14 § 117.

(2) Liv. 2.° do reg. velho d'alfandega de Ponta-Delgada fl. 211 v.

(3) Liv. do tombo antigo da camara de Villa-Franca do Campo fl. 23.

(4) Liv. 1.° do reg. geral da camara de Ponta-Delgada fl. 335.

(5) Liv. 2.° do reg. geral da camara de Ponta-Delgada fl. 332.

de 1690 (6) dirigida a certo juiz-de-fóra, pela qual lhe foi determinado, que não se oppuzesse ao exercicio das jurídicções do ouvidor em quanto ellas estivessem na orbita das que pelas cartas de doação foram outhorgadas aos capitães donatarios d'ésta ilha, advertindo-lhe porém, que quanto ás cartas de seguro, que os ouvidores costumavam passar, não as admittisse nos casos de morte.

Com o senado eram frequente as questões, ja em consequencia da importancia pessoal, a que se arrogavam alguns vereadores, escudados na idea da jerarchia em que se julgavam, (7) ja pela inflexibilidade de alguns donatarios, como fóra o 5.°, que o senado em 1510 mandou emprazado á côrte com capitulos; e não obstante os assignalados serviços que o dito donatario prestára em *Tangere* e *Arzila*, sahiu-lhe corta a sentença, sendo privado da sua jurisdicção; e sem ella se conservou na côrte seis annos, até que pela amizade que contraiu com o *monteiro-mór Jorge de Mello*, grande privado de el-rei, e por contratarem entre si, que se se restituisse a jurisdicção e capitania d'esta ilha casaria seu filho com a filha do monteiro-mór, este em breve tempo tudo conseguiu; de maneira que no anno de 1517 voltou ja restituido á capitania; mas aos que o tinham capitulado foram cartas regias, para que o dito capitão nem com elles, nem com suas coisas podesse mais intender (8).

Uma das causas motoras das hostilidades do senado era a imprudencia e a incivilidade de alguns ouvidores, que, apavoneados na ausencia dos capitães donatarios, se tornavam inflexiveis e audazes; (9) ora escolhendo para vereadores nas eleições do senado os mesmos votados, ora subnegando os votos de outros, e não entregando a chave do cofre dos pelouros para com mais segurança irem a seus fins; ora finalmente dando preferencia nas eleições a algumas pessoas mecanicas e officiaes ou *empregados* de alfandega, contra antigos usos, e contra o que era recommendado por soberanas ordens (10): tambem appoiando os capitães das companhias, e seus chegados, os quaes por se fazerem eleitores subornavam publicamente os soldados que lhes eram subordinados, e os obrigavam a votar assim n'elles, como nas ditas pessoas, fazendo-se com isso entre si vereadores, bem como a outros, em quem não concorriam as qualidades e partes que para os ditos cargos se requeria; votando mais de 150 soldados, receiosos de que seus capitães os condemnassem em penas de dinheiro e prizão, alem de outras: o que causava disturbios em desserviço e escandalo publico; até que por alvará de 26 de settembro de 1607 (11) foi expressamente ordenado que os ditos capitães que então eram, ou fossem eleitores, não servissem de vereadores, nem se podesse votar n'elles para nenhum dos ditos cargos, e que votando-se os não servissem; e que a eleição que contra ésta ordem se fizesse fosse nulla e de nenhum effeito.

Mas como não haviam de exorbitar os ouvidores se tinham o exemplo em alguns donatarios? A maior parte d'elles excediam de tal maneira os poderes da sua jurisdicção que lhes foi declarado no real nome, 'que conceder-se ao capitão de uma ilha em suas doações a jurisdicção do civel e crime não era fazel-o governador da justiça por el-rei, e que nenhuma posse, ainda immemorial, valia contra a jurisdicção real; e que os capitães das ilhas não eram senhores d'ellas, mas capitães somente, que era o officio de governador' (12). E Filippe II em 1584, para dar um testimunho do seu desagrado, mandou queimar, assim como estava cerrada, uma eleição de pelouros da camara, que o capitão donatario tinha feito em falta do corregedor, e a este se mandou que com o juiz-de-fóra a fizesse; avisando-se o corregedor que viesse a tempo da ilha Terceira para a fazer. (13) Finalmente Filippe II em 1608 para cohibir, e talvez humilhar os donatarios, resolveu, que não podessem embarcar seu pão sem licença da camara, nem quebrar as suas posturas ou acordãos (14). Porém parte d'estas prudentes medidas foram derrogadas por provisão de 22 de fevereiro de 1630, que auctorisou o ouvidor do donatario a apurar a eleição dos officiaes da camara de Ponta Delgada (15).

Uma das causas de porfiosas questões entre o senado e o donatario, ou entre o senado e o ouvidor, era a reedificação das cadeas. Os primeiros donatarios fizeram á sua custa casas para cadeas nas villas d'esta ilha; porém os penultimos as venderam; vendo-se a camara da cidade, e as das villas na necessidade de fazerem cadeas dos baixos das casas do paço-do-concelho, para cuja despesa os donatarios não concorreram, não obstante serem intimados para isso. (16) A cadea d'esta cidade era tão pouco segura que d'ella se evadiam os presos; e tão ruim que não tinha casa onde se podesse prender pessoas de qualidade; de maneira que quando acontecia prender-se alguma pessoa limpa, estava com os ladrões e outras pessoas baixas, que se achavam presas na enxovia. O corregedor Syprião de Figueiredo de Vasconcellos na correição que fez n'esta cidade em 1578 (17) mandou que á custa das

(6) Liv. 2.° do reg. geral da camara de Ponta Delgada no princ.

(7) Eram frequentes, e funestas as questões e conflictos de auctoridade, tudo motivado pela limpeza de sangue, origem de familias, genealogias etc., o que deu causa a um curioso alvará, denominado — alvará de puridade — com data de 2 d'agosto de 1630, reg. nos liv. 2, fl. 83. e 9, fl. 456, do reg. ant. da camara de Ponta Delgada; cujo alvará poz termo a tão vergonhosas argumentações.

(8) Este facto tomou um character tão parcial, e por ventura faccioso, que muitas pessoas acompanharam o donatario para Lisboa; e quando regressaram para a ilha foram recebidos com grande jubilo. — Hist. Insul. liv. 5 cap. 15 §§. 121 e 122.

(9) Por alvará de 15 de junho de 1555 foi permittido que durante a ausencia dos capitães donatarios fossem feitas as suas vezes pelo seu ouvidor. — Copia do reg. velho da camara de Ponta Delgada n.° 14 — 2.° liv. branco.

(10) O que n'aquelles tempos, e n'esta ilha, era grande pedra de escandalo. Ordens posteriores obstaram á continuação de taes factos. Liv. 4 do reg. antigo da camara de Ponta Delgada fl. 71 v.

(11) Liv. 3. do reg. antigo da camara de Ponta Delgada fl. 333.

(12) Liv. do tombo antigo da camara de Ponta Delgada fl. 159 e seguintes.

(13) Ibidem.

(14) Liv. do tombo antigo da camara de Ponta Delgada fl. 217.

(15) Liv. do reg. geral da camara de Ponta Delgada fl. 351.

(16) Liv. do provimento das correições antigas de Villa Franca do Campo fl. 151.

(17) Liv. do provimento das correições antigas de Ponta Delgada fl.

rendas do donatario se lageassem a e cadea casa do baixo, onde então estavam os presos; declarando que as pedras de lageamento deveriam ser grossas e compridas para se não poderem tirar facilmente, e os presos não minarem a cadea, como muitas vezes faziam; cuja ordem deu em consequencia de achar que havia sentença dada n'este caso, pela qual se via que ó donatario tinha obrigação de fazer a dita cadea; e por correições pelos corregedores precedentes havia sido mandada fazer, da qual correição appellando e aggravando o donatario nunca mostrou melhoramento; e tambem por que ja na donataria da villa da Praia da ilha Terceira, que era similhante a ésta, o dito donatario com o corregedor e povo para não fazer a cadea, por sentença da relação, foi mandado, que elle a fizesse por estar em posse de apresentar o alcaide pequeno. Em turno das medidas adoptadas por este corregedor elle mandou ao respectivo escrivão, que o traslado da dita sentença (que estava em seu poder), o *laxasse* aos vereadores para se fazer o que ficava determinado.

Estas providencias, e as que subsequentemente tomaram os corregedores successores foram sempre repellidas pelos donatarios e seus ouvidores, tomando finalmente este senado, bem como as outras camaras, o arbitrio de fazerem as despezas á custa das rendas do concelho.

A maior parte d'estas dissenções cessaram depois do governo legal de D. João IV; não seguindo o detestavel systema dos Filippes, que abandonando ésta ilha a si mesma so curavam de exigir d'ella auxilios pecuniarios e serviços pessoaes; o certo é que pela primeira vez vimos em 1642 a governança encomiar o donatario e pedir-lhe a sua valiosa protecção, utilizando-se das extraordinarias jurisdicções de que usava em beneficio commum; sendo certo que este donatario, que então éra o conde D. Rodrigo, foi um dos que teve menos supremacia n'esta ilha.

Continúa.

B. J. Senna Freitas.

CORREIO EXTRANGEIRO.

264 O preço do ferro vai augmentando pela Europa. Os carris que se vendiam na Belgica ha dois annos a 190 e 200 francos a tonnelada, valem hoje 290 e 300 francos. O augmento na Inglaterra foi de 50 e 60 por cento. Julga-se que a construcção dos caminhos-de-ferro fará subir este a um preço extraordinario.

Em Napoles construem-se actualmente seis carris-de-ferro, a cargo d'uma companhia.

Tracta-se seriamente d'unir o oceano ao mar-pacifico por meio d'um canal de juncção formado do lago Nicaragua. A despeza está orçada em 50 milhões.

Os theatros-lyricos de Madrid vão ser superiores a tudo que ha de mais magnifico n'este genero, pelo que respeita a pessoal. A capital d'Hispanha conta dois theatros d'opera-italiana, mas o do 'Circo' está a cargo d'uma empresa que se póde dizer real. A companhia d'este theatro é ja excellente, mas se é verdade e que diz a Hispanhol de 12 do corrente; os trez melhores tenores que se conhecem: Rubini, Moriani e Mario: o baixo Ronconi, a *diva* Grisi; estão escripturados para cantarem em Madrid... Se os nossos dilettanti tivessem promptos os carris-de-ferro da companhia 'Bacon'!... Viver e esperar.

Perto da cidade da Bahia descobriu-se uma prodigiósa mina de diamantes que estão sendo explorada com a maior avidez. O *Standard*, jornal inglez, diz que as cartas d'aquella cidade davam reunidas obra de trinta mil pessoas no territorio da mina. Dizia-se que a quantidade dos diamantes extrahidos ia fazer descer muito o valor d'éstas pedras-preciosas.

Formou-se ultimamente em Paris uma companhia de 25,000,000 de francos destinados á construcção de um carril-de-ferro de Bordeos á fronteira de Hispanha passando por Bayonna.

No dia 1.° de novembro hade ter logar a primeira viagem pelo novo-carril-de-ferro de Dusseldorf a Cologne.

Lê-se no *Illustrated London News* que o celebre pianista Liszt está compondo a musica para uma opera, cuja libretto é extrahido da historia de Veneza.

O valor das exportações de fazendas em 1843, na Gran'Bretanha, andou por 30,000,000 lib., e nos oito primeiros mezes do corrente anno chegou quasi a 36,000,000 lib.

M. Arago annunciou á Academia das sciencias de Paris, na sessão de 14 d'outubro, que se acabavam de experimentar umas carabinas cujas ballas venciam a distancia de 1,300 metros (obra d'um quarto de legua).

CORREIO NACIONAL.

265 No dia 29 do passado, anniversario-natalicio d'Elrei, representou a companhia da Rua-dos-Condes no Theatro de D. Maria II. A representação constou d'uma ode-cantata allegorica — poesia do Sr. Mendes Leal, musica do Sr. Pinto; o 'Senhor de Dumbicky' — comedia em 5 actos de M. Dumas, traduzida pelo Sr. J. B. Ferreira; 'Um par-de-luvas' — farça-lyrica pelo A. do Beijo, musico do Sr. J. Casimiro. O espectaculo foi gratuito e por convite. A casa estava brilhantissima, e Suas Magestades estiveram até ás 2 horas da noite que foi quando acabou o espectaculo. A sala do theatro está mui sumptuosa e elegante. É sôbre tudo admiravel o bom-gôsto e riqueza da decoração. Ouvimos que as frizas vão ser puxadas á frente em saliencia igual á dos camarotes, e que se supprime o *balcão*: dois melhoramentos que geralmente se desejam para maior elegancia da casa e commodidade dos espectadores. Como, para indemnisação da *companhia*, se teem dado algumas recitas pagas, temos ouvido queixas sôbre a elevação dos preços: que são realmente excessivos n'um theatro de declamação, que por todos os modos deve attrahir a concorrencia e não affastál-a com tão bem fundada razão.

A companhia-lyrica do theatro-italiano da cidade do Porto deu a sua primeira representação na noite de 28 do passado: a Opera foi o *Hernani* (repeti-

ção). Os jornaes d'aquella cidade fazem grandes elogios á primeira-dama Rocca, que ficou da passada *estação* theatral, ao baixo Alba, e á 'voz magica' do tenor Barbieri.

Hoje (5) vai á scena no theatro de San'Carlos a *Maria de Rudenz*. Ensaia-se a *Saffo*, para debute da dama Grimaldi; e prepara-se uma dança.

Sabbado (8) ha espectaculo no 'Circo Laribeau' a beneficio do Asylo-da-mendicidade.

A 'commissão de beneficencia' da cidade de Beja, de que se fallou na Revista n.º 2, *para acudir com soccorros ás crianças pobres que frequentam as escholas*, forneceu vestuario completo a 21 crianças d'ambos os sexos no dia 22 de maio último; e preparava-se para fazer o mesmo a outras tantas no dia 29 do passado. Além d'isso distribuiu alguns premios pelos escholares mais applicados.

No dia 17 do passado abriram-se as aulas do lyceu de Braga. O Sr. Dr. Pinheiro fez uma oração d'abertura, que decerto não deixaria de ser com toda a distincção de que é capaz.

Por portaria de 6 d'agosto último se mandou communicar á Companhia das Obras-publicas etc.: que as leguas das estradas que se houver de fazer construir, deverão ser contadas desde os paços-do-concelho da terra em que essas estradas comecem; que haverá marcos indicadores das distancias de meia em meia legua; que estes marcos terão 5 palmos d'altura, e se achará n'elles esculpido o nome da povoação que lhes for mais proxima.

A imprensa-nacional e officinas-annexas — fundição de typos, fabrica de cartas-de-jogar, lithographia — teve uma receita de 52:451$126 réis, no anno decorrido do 1.º d'outubro de 1844 a 30 de settembro último. A despeza foi de 52:158$381 réis.

O Govêrno approvou a resolução do Conservatorio-Real tomada em sessão de 23 do passado. Está aberto o concurso para nove peças e duas symphonias para inauguração do theatro de D. Maria II. O assumpto das peças deve ser nacional: duas de 5 actos, tres de 3 actos, duas de 2 actos, duas de 1 acto. D'estas serão escolhidas duas para a representação da primeira noite: em igualdade de merito preferirão as apparatosas. A escolha é feita pelo Govêrno sôbre consulta do Conservatorio. As peças de 5 actos terão o premio de 150$000 réis, as de 3 actos 100$000 réis, as de 2 actos 75$000 réis, as de 1 acto 50$000 réis. Das duas peças escolhidas para a primeira noite terá a maior mais 100$000 e a outra mais 50$000 réis.

N'um *communicado* do 'Diario' d'hoje (4) vemos com a maior satisfação que um portuguez distincto, o Sr. A. J. d'Avila, que se dirigia a Napoles para assistir como espectador ao congresso de sabios celebrado n'aquella cidade a 20 de settembro, fora admittido como membro do congresso. Este era composto de 2,500 litteratos de todas as nações da Europa; infelizmente so um foi portuguez.

Ao Loretto, travessa do Secretario-de-guerra, estabeleceu-se uma companhia de funambulos com o nome de 'Gymnasio-lisbonense.' Ainda não estamos habilitados para fallar d'este novo espectaculo com conhecimento de causa.

Segundo se diz um ingenheiro-hydraulico muito distincto, o Sr. Sarti, italiano, acaba de chegar a Lisboa ao serviço da illustre 'Companhia da Valla-d'Azambuja', que na verdade póde servir de modêlo a quantas companhias se organizem em Portugal para melhoramentos materiaes. É para sentir que *toda* a navegação do Tejo, que tem sido requerida por mais d'uma empresa, não tenha merecido ainda uma resolução que possa dotar o paiz d'este manancial de prosperidade!

Pelo navio 'Affonso d'Albuquerque' sahido em 5 do corrente para os Estados-da-India, foram mandados noventa sentenciados a degredo.

Segundo se lê no 'Correio-Portuguez' de 3 do corrente, ha pessoa que assignando-se *Joaquim Marques Rodrigues Paz*, tem escripto circulares para as provincias promptificando-se a fazer assignaturas para *todos* os jornaes por metade do preço. A Administração da Revista é inteiramente extranha a este negocio que tem todo o character de *doloso*.

Dizem que o Sr. Manuel Luiz, capitalista, tem idêa de fundar um theatro no sitio do Bairro-alto, de accordo com o Sr. Emilio Doux.

Pela fragata Diana entrada no dia 2 no Téjo, veio um principe-preto filho do rei do Congo, que terá 15 annos d'idade. Segundo se diz vem cursar os estudos a Portugal. Está na 'Hospedaria-de-Bragança'.

Eis aqui a proposito d'esta chegada o que nos communica o Sr. Ab. de Castro:

«No reinado d'elrei D. Manuel, se alojaram no mosteiro de Belem, o principe de Mequinez, quando veio a Lisboa refugiar-se; os *filhos do rei de Congo*, e muitos mancebos nobres que com elles vieram, afim de aprenderem a lingua e costumes: e um armenio por nome Matheus, embaixador do *Preste-João*. Logo que chegou o referido embaixador, conduziram-no ao paço o bispo da Guarda e o conde de Villa-Nova, D. Martinho de Castello-Branco, e muitos outros Senhores e Cavalleiros que quizeram fazer aquella função luzida e pomposa. Elrei recebeu ao embaixador em pé, fóra do estrado, e lhe fez outras muitas honras e affagos. O embaixador lhe entregou uma carta do seu imperador, e outra de Helena que governava e imperio, por ser aquelle de menoridade. Tambem entregou os presentes, que eram algumas medalhas e um caixilho de oiro com um pedaço de Santo-Lenho.

Os titulos de que o imperador usava nas suas cartas eram os seguintes:

Amado de Deos, Columna da Fé, Parente da Estirpe de Judá, Neto de David, Filho de Salomão, Filho da Columna de Sião, Filho da Progenie de Jacob, Filho da mão de Maria, e Imperador da Grande e Alta Ethiopia etc.»

CONHECIMENTOS UTEIS.

PRECISÃO DE ACUDIR ÁS CAUSAS DE INSALUBRIDADE QUE PRODUZEM AS DOENÇAS DOMINANTES NAS POVOAÇÕES E CAMPOS DO RIBA-TEJO.

266 As intemperanças do anno corrente tem occasionado por toda a parte doenças, que em outros annos se manifestavam raras vezes, como por exemplo, sesões em Lisboa; e augmentado em extremo as doenças endemicas onde se experimentavam, como nas povoações e campos do Riba-Tejo, que no presente anno teem ardido extraordinariamente em sesões, em gastricas, e outras molestias em que aquellas degeneram frequentemente, ou que se originam das mesmas causas: o que tudo observei pessoalmente.

As causas permanentes d'aquellas doenças endemicas consistem nos depositos d'agua estagnada e dormente, que deixam nos campos, e até juncto aos povoados, as inundações do Tejo, ou dos que se formam da obstrucção dos leitos e correntes de outros rios, ribeiras, ou nascentes copiosas d'agua perenne; os quaes depositos todos se convertem em mananciaes de miasmas putridos, que corrompem o ar atmospherico, e levam a doença e a morte no ar que Deus criou para podermos viver e ter saude: d'aqui resulta tornarem-se insalubres e inhabitaveis as proprias aldeas e villas que pelos seus locaes deviam ser as mais saudaveis, como Santarem; e os campos de Riba-Tejo e valles circumvesinhos, que de per si apresentam uma maravilha da riqueza agricula, além de insalubres, darem producções muitissimo inferiores em quantidade e qualidade ás que alias produziriam se estivessem abertos e enxutos com vallas e sargetas, que evitariam ao mesmo tempo a insalubridade. Quando se estabeleceu entre nós o systema constitucional havia de longa data, e continuou até posterior extincção, o provedor das lezirias, cuja authoridade administrativa se estendia a ambos os lados e moixões do Tejo desde Abrantes até Lisboa, e se governava por legislação especial; no que se ve boa vontade economica, e um embrião de hydraulica para se abrirem e conservarem sempre abertas, limpas e expeditas, vallas e sargetas, afim de enxugar as lezirias, paues e sitios pantonosos, e os alliviar das inundações do Tejo e das grandes marés, á proporção que fossem diminuindo.

Como porém ésta primitiva legislação se não foi melhorando com providencias analogas ás que se praticavam na Hollanda, na França e na Italia, pelas quaes se combinassem as obras e serviço das vallas com o principio fundamental de conter a corrente do Tejo dentro do leito marcado pela natureza, e o deffender pela arte; e á provedoria das lezirias se não junctaram engenheiros hydraulicos sabedores e experimentados, que assim o excutassem: resultou necessariamente, que a provedoria das lezirias acabasse, deixando o Tejo a mudar de leito, a invadir e absorver terrenos fecundos, e cobrir outros de areas, e a perder um corpo forte em braços fracos; e deixando o serviço das vallas insufficiente e imperfeito para os immediatos fins tocantes á lavoira, e sôbre tudo laborando no gravissimo peccado de ficar a saude-publica subjeita ás molestias endemicas, que sempre, e em toda a parte do mundo, se originam de miasmas putridos que infecionam o ar e o convertem em vehiculo de doença e morte.

Ao extinguir a provedoria das lezirias deveria em logar d'ella criar-se uma instituição propria com legislação combinada para o intuito de obter simultaneamente os tres seguintes objectos inseparaveis: — *corrente do Tejo pelo seu leito natural, e defendido pela arte — vallas para alliviarem das innundações do Tejo os campos enxutos — vallas e sargetas para enxugar os terrenos pantonosos e sangrar os depositos d'aguas estagnadas, com o fim simultaneo de melhorar a agricultura e segurar a saude-publica*. Ésta instituição deveria ser munida da auctoridade necessaria para prehencher estes objectos, e com responsabilidade definida, para responder por elles; combinar a parte directiva dos trabalhos hydraulicos com a administrativa de indole economica, civil e policial; marcar os meios, contar com o que ás respectivas camaras municipaes compete pelas suas attribuições e posturas, e ellas contarem que os terrenos dos concelhos estão subjeitos como os de quesquer outros proprietarios ás regras em que devem entrar para as obras que comprehenderem terrenos seus; firmar a cooperação das diversas auctoridades administrativas, civis e militares, para fixar harmonia constante, e evitar a possibilidade de conflictos.

Eis-aqui a instituição que se deveria ter estabelecido na mesma data em que se extinguiu a provedoria das lezirias; a instituição que reclámava e merecia o Tejo e seus riquissimos campos, com que a providencia abençoou este reino, e que nenhum outro paiz da Europa os tem comparativamente iguaes pela natureza, nem mais faceis de conservar e melhorar pela arte, e arte ao mesmo tempo fecunda e salutar: se assim se tivesse feito ter-se-iam evitado os incalculaveis estragos e prejuizos da navegação e da lavoira, que se tem soffrido, e sôbre tudo as doenças endemicas, que actualmente se soffrem.

Nenhuma das auctoridades locaes constituidas tem culpa d'estes males, resultantes de se não ter creado áquella data uma instituição propria que os prevenisse e evitasse; e pelo contrario são victimas dedicadas a soffre-los pela obrigação de residirem nos locaes em que se experimentam.

A nenhum dos governos, que desde a mesma data se seguiram até ao actual, se tem imputado em culpa o não terem estabelecido essa instituição entre outras de que se occuparam: tambe se não tem imputado em culpa ou negligencia ao govêrno actual não a ter estabelecido entre as importantissimas instituições de que se tem occupado; e nenhum outro tinha iguaes motivos para descançar sôbre saude-publica, por uma organização systematica de serviço de saude de portos e do interior do reino, como o fez o actual governo: sem dúvida por aquelle systema de serviço estaria providenciado o objecto de que se tracta se elle coubesse ou podesse caber no ambito proprio da repartição da saude publica, a qual alias recebe, como os mais, ou os beneficios de salubridade da repartição propria, que com vallas e sargetas faz desaparecer os mananciaes de miasmas putridos, se essa repartição existe, ou soffre, como os mais, os males da insubridade se essa repartição não existe.

A verdade é, que uma especie de fatalismo tem resignado os habitantes do Riba-Tejo a soffrerem as doenças endemicas como pensão imposta pela natureza, e adormecido os governos para lhes não opporem remedio efficaz pela arte e podêr administrativo; que n'isso mesmo que se fazia pela provedoria das lezirias se não tinha em vista o objecto de saude-publica, que alias encerrava necessariamente; e que pela extincção da mesma provedoria ficou assim amortalhado este primario objecto da humanidade e da civilisação, até que agora sôbresahe avultado com o cumulo das causas das molestias endemicas dominantes, que se apresentam ao zêlo e sabedoria do govêrno para cabal providencia.

A estação do inverno em que entrâmos, as chuvas que ja cahem, as cheias que se hão de ir seguindo, menos e mais pequenos dias de sol, e de sol menos ardente; tudo isto neutraliza e suffoca até á volta do proximo verão os mananciaes e fócos dos miasmas putridos, e dá tregua ás doenças endemicas procedentes d'aquellas causas; como por theoria se sabe, e a experiencia o mostra no nosso Riba-Téjo, e em todos os locaes e regiões do globo em que se conhecem doenças endemicas de qualquer nome ou variedade, procedentes de causas identicas.

É durante ésta tregua sanitaria que o govêrno não deixará de assignalar o seu zêlo, actividade e sabedoria, dispondo a providencia cabal para acudir ás sobreditas causas das doenças endemicas a que estão subjeitos os habitantes das povoações e campos do Riba-Téjo; e lhes ser applicado com a possivel efficacia desde que a entrada do verão proximo futuro o permittir: e n'essa viva esperança lanço o presente artigo.

Lisboa 8 de novembro de 1845.

Luiz Antonio Rebello da Silva.

A FÁBRICA DE LOIÇA DE PO-DE-PEDRA, ÁS JANELLAS-VERDES.

267 Agora que os progressos industriaes do paiz se vão desinvolvendo com muita rapidez, que as artes e a agricultura vão apresentando uma face lisongeira de esperança de augmento, e que parece encetarmos um seculo de prosperidade; cumpre, mais do que nunca, especialmente ao govêrno, saber aproveitar o ensejo.

Em tempos remotos, em que esses progressos e adiantamentos eram contrariados pela ignorancia dos povos, carecia-se de maiores theorias e trabalhos para o seu desinvolvimento e animação: hoje porém que espontaneamente se obtem esses desinvolvimentos, está na mão do govêrno estimulal-os e promovel-os com os meios, que tem á sua disposição para o conseguir: ja diminuindo quanto seja possivel os pesados impostos sôbre os productos nacionaes, ja recompensando com premios pecuniarios ou honorificos, aquelles que, por seu amor ás sciencias ou artes, inventarem algum machinismo util, ou descoberta interessante etc.

Adoptado que seja o systema de allivíar as nossas fábricas de tributos, principalmente quando ellas estão em principio e que não servem senão para experiencia, concedendo-lhes outras garantias, estamos convencidos que, não so aquellas que hoje temos tomarão fôrça, mas haverão outras que se estabeleçam de novo.

A fábrica de loiça nacional das Janellas-verdes, é sem dúvida um estabelecimento que tem feito progressos na fabricação da loiça de po-de-pedra; alli se vê loiça de lindos feitios, imitando a da India, pratos, bules etc. A loiça branca fina tambem merece elogios pela perfeição do seu acabamento, sendo igual á ingleza. Tambem se fabríca loiça preta; e póde-se dizer que para experiencia tem preenchido menos mal. A fábrica emprega para cima de 50 operarios, actualmente, todos portuguezes. Não deixaremos de dizer que nos parece que o ingenho que môe a pedra deveria ser antes movido por vapor do que por bois; não so por que talvez fosse menos dispendioso; mas porque os bois não podem moer toda a pedra necessaria para consummo da fábrica.

A companhia tem luctado com muitas difficuldades, e é ésta a razão porque ainda tem perdido. Todavia temos fé que para o futuro deve necessariamente tirar os bons resultados que são d'esperar (e são bem merecidos) de todos os seus infatigaveis trabalhos. O depósito d'esta fábrica, onde se acha loiça de todos os feitios e qualidades, é n'uma loja á Ribeira-Velha.

Isidoro José Gonçalves.

MODO FACIL DE CONSTRUIR POÇOS EM MAUS TERRENOS.

268 Muitas vezes o terreno em que se pertende abrir poços, é composto de camadas de arêa, ou terras sem ligação alguma; como acontece na proximidade do mar, dos lagos, e dos terrenos pantanosos etc., succedendo correrem as terras para a excavação, e enchel-a apenas se tem aprofundado 3, ou 4 palmos, n'estas camadas de pouca consistencia.

D'isto resulta, ficarem os poços, feitos ao modo ordinario, muito dispendiosos, sendo preciso revesti-los de taboas com escoras d'um a outro lado do poço, á medida que se vai aprofundando o terreno.

O methodo que vamos expor, usado no Roussillon, é muito util em taes circumstancias.

Construe-se de peças de carvalho, a juntas cobertas e bem pregadas, um aro ou annel chato que tenha de diametro a largura do poço, sendo a sua espessura igual á grossura da parede, e com a altura proporcionada á largura do mesmo poço, de modo que seja muito pouco flexivel.

Assenta-se este aro no mesmo logar em que se quer abrir o poço, e sôbre o aro construe-se a parede que deve revestir o poço, ou que lhe deve servir de muro de encosto, eleva-se até á altura de 20 palmos pouco mais ou menos, e deixa-se seccar bem. Feito isto, principia-se a fazer a excavação no meio do logar cercado pelo muro, [passando por cima delle a terra que se tira da excavação] [1]: á medida que esta augmenta, váe escapando a terra, que está por baixo do annel, para o meio da cova, e o muro váe descendo lentamente, podendo descer 5 palmos ou mais por dia.

Logo que se tiver introduzido no terreno o muro todo, ou so parte d'elle, deve continuar-se a augmenta-lo, porque é conveniente que va crescendo o pêso d'este, para com facilidade abater o terreno, e vencer o attrito das terras contra elle. O constructor in-

[1] Alguns constructores, para diminuirem o trabalho, abriram uma passagem por baixo do annel, para por ella lirarem com facilidade a terra: acharam porém o inconveniente de abater o muro com desigualdade e aluir-se ou fender-se.

telligente, com pouca prática, conhecerá como deve dirigir a dita construcção.

Usam alguns chanfrarem em meia esquadria o aro, ou annel de carvalho, pela parte debaixo, para mais facilmente desviar a terra da parede para o centro da excavação.

É muito conveniente que se não excave juncto ao muro para este não descer repentinamente, ou com desigualdade.

D'este modo foi construido por Mr. Brunel o poço para a entrada do *Tunel* do Tamiza. (2) Este poço tem 50 pés de largura; ou diametro, a parede que o reveste é circular, tem 3 pés e 4 pollegadas de grossura, e é feita de tijolos bem ligados com cimento romano.

Primeiramente construiu-se um circulo de ferro coado com 3 pés de altura (3), chanfrado a meia esquadria na parte inferior: collocou-se sobre este circulo um annel de madeira, tendo um pé de altura, e sobre este se construiu a parede, ou muro de encosto, com 40 pés de altura, e na parte superior d'esta assentou-se uma platta-fórma, sôbre a qual foi posta uma machina de vapor da força de 35 cavallos com sua competente caldeira, fornalha, chaminé, etc.

Ésta machina movia uma cadêa com copos, ou alcatruzes, como a de uma draga, para tirar da excavação as terras e agua.

Ésta torre desceu á profundidade de 37 pés em 20 dias, e não obstante ter soffrido um forte abalo, pela descida de salto da altura de 8 pollegadas, não teve a menor avaria, nem sahiu nunca da linha do prumo; e alteou-se a parede mais 24 pés.

Atravessou sem a menor difficuldade camadas de arêa e terras sem ligação alguma, e grandes nascentes d'agua, que tinham inutilisado trabalhos anteriores, que se fizeram com o mesmo intento, mas por outros meios.

Não pertendemos dar em tão curto espaço a descripção d'ésta magestosa obra: nosso fim foi unicamente mostrar, que este methodo não so serve para os poços ordinarios, mas para outros de muito maiores dimensões.

D'este systema se servio tambem mr. Tanvelle, para edificar o pegão da ponte d'Agly; o que conseguiu com mais economia e facilidade do que se se servisse dos outros meios usados em iguaes obras. Póde ter muitas outras applicações a trabalhos hydraulicos.

(C. P. — *P.*)

ANAPLASTIA DO CANCRO.

269 M. Sedillot professor de clinica-cirurgica na faculdade de Strasbourg, n'uma memoria da applicação do methodo anaplastico ao tractamento do cancro, conta, em apoio das suas opiniões a este respeito, que um cancro no joelho, combatido em vão com sette operações, foi curado por meio de um segmento anaplastico cortado do tegumento da perna, e posto em relação com a chaga resultante d'uma ultima extracção do cancro.

Mas este curativo será definitivo? Ou ficará o cancro subjeito a recalcitrar? Não existem ainda os necessarios fundamentos para julgar uma ou outra cousa com conhecimento de causa.

(2) Rondelt, 8.ª ed. liv. V. pag. 379, e Annales des Ponts et Chaussés, t. 6. pag. 350. Todas as vezes que citarmos esta obra referir-nos-hemos ao n.º dos tomos das memorias, como vem no indice geral, e não aos numeros marcados nas capas.

(3) Desejando nós fazermo-nos intender pelos artifices mestres d'obras, e todas as mais pessoas, ás quaes possam utilisar estes artigos, sacrificaremos o rigor das expressões mathematicas á linguagem por elles usada.

MODO D'EVITAR A FERRUGEM DO TRIGO.

270 Em pequenas sementeiras póde prevenir-se ésta doença do cereal pelo modo seguinte:

Depois de escolhida uma semente em estado de perfeição, tomam-se 4 libras de cal em pedra, uma onça de flor d'enxofre, e meia onça de verdete em pó, na proporção de 37 libras de grão. Faz-se um buraco no meio da meda de trigo, deita-se-lhe dentro a cal em pedra, e uma porção d'agua sufficiente para dissolver a cal e obter-se a effervescencia. Mechê-se então o trigo de modo que se cubra todo com ésta cal dissolvida, ajuncta-se-lhe depois pouco a pouco o enxofre e o verdete em pó, e meche-se tudo até que a mistura seja completa; podendo lançar-se por cima depois, se for preciso, mais uma pouca d'agua. Feita ésta operação amontoa-se o trigo, e pelo espaço de tres dias successivos meche-se por diversas vezes: no fim d'este tempo póde ser semeado.

(Dic. des Ménages).

DO ENSINO E EXERCICIO DA PHARMACIA.

271 Quando nos incarregámos de dar noticia da reunião do congresso medico, que deve ter logar em Paris no primeiro de novembro proximo, julgámos a proposito fazer algumas reflexões sôbre o desgraçado estado a que chegou o nosso paiz em relação á organisação do ensino e policia medica; e não hesitámos em lembrar aos que professam algum dos tres ramos da arte de curar, quanto conviria seguirmos tão nobre exemplo. E com effeito se na França, onde ha leis que condemnam os individuos não habilitados que ousam exercer algum dos ramos de medicina, e fiscaes activos que constantemente andam em seu alcance — se incontram continuadamente abusos que dão logar a fortes e pesadas multas, como sabemos pelo que todos os dias lemos nos jornaes francezes, que deverá ter acontecido e acontecerá entre nós, pobres em leis de policia medica, e em auctoridades especiaes, zelosas e activas (salvo honrosas excepções), que se impenhem em extirpar os frequentes abusos de que somos quotidianamente testimunhas?

Não sendo porém o nosso fim senão promover o augmento da dignidade e legitimos interesses que merecem aquelles a quem na doença se entrega a vida, e não querendo de maneira alguma involvermo-nos nas causas que teem produzido o miseravel estado em que este ramo d'administração pública tem existido, e em que ainda hoje existe; intendemos util comtudo, que, em seguida á noticia d'aquella reunião, fizessemos conhecer quaes as importantes questões de que aquelles nossos collegas se vão occupar.

Desejavamos apresentar o programma d'aquella nobre reunião na sua integra, porém não comportando este jornal a sua extensão, apresentaremos tão somente o que diz respeito á pharmacia; não so por ser este o ramo a que temos a honra de pertencer e tambem o que mais de perto nos toca, mas principalmente porque é o que mais atrazado se acha no nosso paiz e de

certo aquelle que precisa de mais prompto remedio e auxilio.

No mesmo programma achâmos um grande número de questões, cuja resolução por vezes tem sido solicitada pela benemerita sociedade pharmaceutica lusitana, que, apesar de ser uma das que mais serviços tem feito ao paiz, comtudo tem tido a infelicidade de não ter alcançado senão pequenas coisas, em relação ás necessidades por ella apontadas: entretanto, devemos confessar, que grandes são as vantagens que d'ella tem tirado não so o paiz mas especialmente a classe pharmaceutica a favor de quem ella sempre se acha em campo, com a gloria de bastante ter concorrido para o agumento de sua instrucção, de seus interesses e de sua consideração. Cotejem-se pois nossas necessidades com as apontadas no congresso parisiense, e estudando a materia profundamente, imploremos pelos meios e formulas legaes, a justiça de que somos credores, que ella nos não será negada.]

É o progamma dividido em duas partes principaes: uma apresenta os pontos a discutir sôbre o ensino da pharmacia: a segunda sôbre o seu exercicio.

ENSINO.

O ensino da sciencia que os pharmaceuticos devem estudar é hoje dado nas escholas da pharmacia, e nas escholas preparatorias de medicina e pharmacia: Ésta divisão é util? Quaes suas vantagens e inconvenientes?

O ensino dado nas escholas de pharmacia corresponde ás necessidades da profissão? No caso negativo deve indicar-se as modificações que se devem fazer em cada uma das escholas de Paris, Montpellier e Strasbourg? É conveniente que a botanica seja objecto d'uma cadeira especial? Ou deve, como está hoje, estar confundida com a mineralogia e a materia medica, debaixo da denominação d'historia-natural, e ensinada por um só e o mesmo professor?

O ensino dado nas escholas preparatorias corresponde ás necessidades da profissão? Preenchem éstas o fim para que as criaram? Devem indicar-se as modificações que necessitam éstas escholas no caso de serem conservadas?

Determinar quaes os direitos dos pharmaceuticos relativamente ao livre ensino da sua prática:

Qual o melhor meio de nomear os professores? Pela actual organisação das escholas de pharmacia os professores são nomeados pelo ministro d'instrucção pública, em vista de uma lista dupla apresentada por éstas escholas e a academia das sciencias, comparar este modo de nomeação com o de concurso, notando suas vantagens e inconvenientes.

As funcções do professorado devem acabar com a vida dos professores? No caso negativo indicar os meios pelos quaes, remunerando os serviços prestados, se evitem os casos em que os professores pela sua idade ou infermidades não possam servir recta e utilmente suas funcções. A instituição dos aggregados nas escholas de pharmacia não é susceptivel de uteis modificações? Quaes são?

Que indicações previas, que garantias d'aptidão se devem exigir aos principiantes que se destinam ao estudo de pharmacia? Será util fazer-lhes obrigatorio, como é para os alumnos de medicina, o diploma de bacharel em sciencias?

Determinar se os regulamentos actuaes para a ordem dos estudos e a maneira como elles tem sido seguidos são sufficientes e efficazes? E no caso negativo indicar o modo de os remediar.

Examinar se debaixo do ponto de vista de interesse público e da força dos estudos theoricos, haverá vantagens em collocar os alumnos de pharmacia nas mesmas condições que os das escholas especiaes de marinha, polytechnica e outras?

O modo actualmente seguido nos exames offerece garantias sufficientes? Não é justo pensar, que elles estão longe de completar convenientemente as provas d'aptidão? Indicar a ordem nova que se deve estabelecer nos exames.

É conveniente que os exames sejam feitos tão somente pelos professores? Devem continuar os jurys d'exame fora das escholas?

Continúa. *J. Tedeschi.*

N. B. O último paragrapho da 2.ª col. pag. 230 do artigo: *Juizo sôbre o relatorio do 1.º secretario da Associação dos advogados de Lisboa*, deve ler-se:

Respeitando porém as referidas excellencias do nosso codigo, e as muitas que encerra, urge a necessidade de se tomarem sôbre elle providencias promptas, combinadas e cabaes, para preencher todas as condicções e fins characteristicos da legislação commercial; para acompanhar o melhoramento progressivo que ésta legislação tem experimentado nos outros paizes da Europa depois da sua publicação; e para o expurgar dos erros, ou incoherencias, que lhe occasionou a circumstancia de ser feito de um jacto em paiz extranho, sem ter á vista as origens da legislação patria, e a de suppor não existente a legislação da dictadura do Sr. D. Pedro, que effectivamente existia n'este reino á data da publicação do mesmo codigo, e do que nos apresenta exemplo flagrante o caso da *dizima*, que incidentemente interlaçou no art.º 1,087, por cuja moralisação terminarei o presente juizo do *relatorio*.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO XX.

Joanninha adormecida — O demi-jour da coquette. — Poesia do Flos-sanctorum. — De como os rouxinoes acompanharam sempre a menina do seu nome; e do bem que um d'elles cantava no bivac. — Retraíto esquissado á pressa para satisfazer ás amaveis leitoras. — Pondera-se o triste e pessimo gôsto dos nossos governantes em tirarem as honras militares ao mais elegante e mais nacional uniforme do exército portuguez. — Em que se parece o auctor da presente obra com um pintor da edade-média. — De como os abraços, por mais apertados que sejam, e os beijos, por mais interminaveis que pareçam, sempre teem de acabar por fim.

272 Sôbre uma especie de banco rustico de verdura, tapeçado de grammas e de macella brava, Joanninha, meio recostada, meio deitada, dormia profundamente.

A luz baça do crepusculo, coada ainda pelos ramos das árvores, illuminava tibiamente as expressivas feições da donzella; e as fórmas gracio-

sas de seu corpo se desenhavam molle e voluptuosamente no fundo vaporoso e vago das exhalações da terra, com uma incerteza e indecisão de contornos que redobrava o incanto do quadro, e permittia á imaginação exaltada percorrer toda a escalla d'harmonia das graças feminimas.

Era um ideal do demi-jour da coquette parisiense: sem arte nem estudo, lh'o preparára a natureza em seu boudoir de folhagem perfumado da brisa recendente dos prados.

Como n'essas poeticas e populares legendas de um dos mais poeticos livros que se tem escripto, o Flos-sanctorum, em que a ave querida e fadada accompanha sempre a amavel sancta de sua affeição — Joanninha não estava alli sem o seu mavioso companheiro. Do mais espesso da ramagem, que fazia sobreceo áquelle leito de verdura, sahia uma torrente de melodias, vagas e ondulantes como a selva com o vento, fortes, bravas, e admiraveis de irregularidade e invenção, como as barbaras endeixas de um poeta selvagem das montanhas... Era um rouxinol, um dos queridos rouxinoes do valle que alli ficára de vela e companhia á sua protectora, á menina do seu nome.

Com o approximar dos soldados, e o cochichar do curto dialogo que no fim do último capitulo se referiu, cessára por alguns momentos o delicioso canto da avezinha; mas quando o official, postadas as sentinellas a distancia, voltou pé ante pé e entrou cautellosamente no pequeno grupo d'árvores, ja o rouxinol tinha tornado ao seu canto, e não o suspendeu outra vez agora, antes redobrou de trillos e gorgeios, e do mais alto de sua voz agudissima veio descahindo depois em uns suspiros tam magoados, tam sentidos, que não disseras senão que preludiava á mais terna e maviosa scena d'amor que esse valle tivesse visto.

O official... — Mas certo que as amaveis leitoras querem saber com quem trattam, e exigem, pelo menos, uma esquissa rapida e a largos traços do novo actor que lhes vou appresentar em scena.

Teem razão as amaveis leitoras, é um dever de romancista a que se não póde faltar.

O official era môço, talvez não tinha trinta annos; pôsto que o tratto das armas, o rigor das estações, e o sêllo visivel dos cuidados que trazia estampado no rosto, accentuassem ja mais fortemente em feições de homem feito as que ainda devia arredondar a juventude.

A sua estatura era mediana, o corpo delgado, mas o peito largo e forte como precisa um coração de homem para pulsar livre; seu porte gentil e decidido de homem de guerra desenhava-se perfeitamente sob o espesso e largo sobretudo militar — especie de great-coat inglez que a imitação das modas britannicas tinha tornado familiar nos nossos bivacs. Trazia-o desabotoado e descahido para traz, porque a noite não era fria; e via-se por baixo elegantemente cingida ao corpo a fardeta parda dos caçadores realçada de seus characteristicos alamares pretos e avivada de incarnado...

Uniforme tam militar, tam nacional, tam caro a nossas recordações — que essas gentes, prostituidoras de quanto havia nobre, popular e respeitado n'esta terra, proscreveram do exército... por muito portuguez demais talvez! deram-lhe baixa para os beleguins da alfandega, reformaram-n'o em uniforme da bicha!

Não pude resistir a ésta reflexão: as amaveis leitoras me perdoem por interromper com ella o meu retratto.

Mas quando pinto, quando vou riscando e collorindo as minhas figuras, sou como aquelles pintores da edade-média qne interlaçavam, nos seus paineis, distichos de sentenças, fittas lavradas de moralidades e conceitos.. talvez porque não sabiam dar aos gestos e attitudes expressão bastante para dizer por elles o que assim escreviam, e servia a penna de supplemento e illustração ao pincel... Talvez: e talvez pelo mesmo motivo caio eu no mesmo defeito...

Será; mas em mim é irremediavel, não sei pintar de outro modo.

Voltemos ao nosso retratto.

Os olhos pardos e não muito grandes, mas de uma luz e viveza immensa, denunciavam o talento, a mobilidade do espirito — talvez a irreflexão... mas tambem a nobre singeleza de um character franco, leal e generoso, facil na ira, facil no perdão, incapaz de se offender de leve, mas impossivel de esquecer uma injúria verdadeira.

A bôcca, pequena e desdenhosa, não indicava comtudo suberba, e muito menos vaidade, mas surria na consciencia de uma superioridade inquestionavel e não disputada.

O rosto, mais pallido que trigueiro, parecia comprido pela barba preta e longa que trazia ao uso do tempo. Tambem o cabello era preto; a testa alta e desaffogada.

Quando callado e serio, aquella physionomia podia-se dizer dura; a mais piquena animação, o mais leve sorriso a fazia alegre e prazenteira, porque a mobilidade e a gravidade eram os dous pol-

los d'esse character pouco vulgar e difficilmente bem intendido.

D'aquelle busto classico e verdadeiramente moldado pelos typos da arte antiga, podia o statuario fazer um philosopho, um poeta, um homem d'estado ou um homem do mundo, segundo as leves inflexões d'expressão que lhe désse.

N'este momento agora, e ao entrar na pequena espessura d'aquellas árvores, animava-o uma viva e inquieta expressão de interêsse — quebrado comtudo, sustido, e, para assim dizer, *soffreado* de um temor occulto, de um pensamento reservado e doloroso que lhe ia e vinha resumbrando na face, como a antiga e desbotada côr de um estôfo que se tingiu de novo — que é outro agora mas que não deixou de ser inteiramente o que era...

Alegra-se assim um triste dia de novembro com o raio de sol transiente e inesperado que lhe rompeu a cerração n'um canto do ceo...

Tal era, e tal estava deante de Joanninha adormecida, o que não direi mancebo porque o não parecia — o homem singular a quem o nome, a historia e as circumstancias da donzella tammanha impressão pareciam ter feito.

— 'Joanninha!' murmurou elle apenas a viu á luz ainda bastante do crepusculo; 'Joanninha!' disse outra vez, contendo a violencia da exclamação: 'É ella sem dúvida. Mas que differente!... quem tal diria! Que graça, que gentileza! Será possivel que a criança que ha dois annos?...'

Dizendo isto, por um movimento quasi involuntario lhe tomou a mão adormecida e a levou aos labios.

Joanninha estremeceu e acordou.

— 'Carlos, Carlos!' balbuciou ella com os olhos ainda meio-fechados, 'Carlos, meu primo... meu irmão! era falso, dize: era falso? Foi um sonho, não foi, meu Carlos?...'

E progressivámente abria os olhos mais e mais até se lhe espantarem e os cravar n'elle arregallados de pasmo e de alegria.

— 'Foi, foi' continuou ella 'foi sonho, foi um sonho mau que eu tive. Tu não morreste... Falla á tua irman, á tua Joanna; dize-lhe que estás vivo, que não es a sombra d'elle... Não es, não, que eu sinto a tua mão quente na minha que queima, sinto-a estremecer como a minha... Carlos, meu Carlos! dize, falla-me: tu estás vivo e são? E es... es o meu Carlos? Tu proprio, não é ja o sonho, es tu?...'

— 'Pois tu sonhavas? tu, Joanna, tu sonhavas commigo?'

— 'Sonhava como sonho sempre que durmo... e o mais do tempo que estou acordada... sonhava com aquillo em que so penso... em ti.'

— 'Joanna!... prima... minha irman!'

E cahiu nos braços d'ella; e abraçaram-se n'um longo, longo abraço — com um longo, interminavel beijo... longo, longo e interminavel como um primeiro beijo d'amantes...

O abraço desfez-se, e o beijo terminou em fim, porque os reflexos do ceo na terra são limitados e imperfeitos como as incompletas existencias que a habitam.

Senão... invejariam os anjos a vida da terra.

Joanninha, tornada a si d'aquelle quasi paroximo, abria e fechava os olhos para se affirmar se estava bem acordada, tocava com as mãos o rosto, o peito, os braços do primo, palpava-se depois a si mesma como quem duvidava de sua propria existencia, e dizia em palavras cortadas e sem nexo:

— 'É Carlos... Carlos: foi falso. É meu primo... Minha avó tambem sonhou o mesmo sonho, mas foi falso. Fr. Diniz não é que o disse, nem ninguem: eu e a avó é que o sonhâmos. Mas elle aqui está, vivo... vivo! e nosso, nosso todo outra vez!.. Mas como vieste tu aqui, Carlos? Como estava eu aqui comtigo?.. E sos, sosinhos aqui a ésta hora! Não deve ser isto... Valha-me Deus! E que dirão? E Jesus! — Lá isso não me importa; deixá-los dizer: mas não deve ser. Vamos, Carlos, vamos ter com ella, vamos para a avó!.. Que n'isto não ha mal nenhum... Meu primo!.. um primo com quem eu fui criada!.. Mas quem não souber, póde dizer... Vamos, Carlos. — Oh! minha avó morre de alegria, coitada!.. É verdade: vou adeante preveni-la, prepará-la... heide-lhe ir assim dizendo pouco a pouco... Segue-me tu, Carlos, e vamos. — Mas, oh meu Deus! não é preciso; para quê? Ella é cega, coitadinha, não sabes?'

— 'Cega, que dizes? minha avó está cega?'

— 'Pois não sabias? Ai! é verdade, não sabias. Tantas coisas que tu não sabes, meu Carlos? Mas eu te contarei tudo, tudo. Olha: cegou quando... Mas não fallemos agora n'essas tristezas que já la vão. Em ella te sentindo aopé de si, é o mesmo que tornar-lhe a vista. Tem-m'o ella ditto muitas vezes, e eu bem sei que é assim. Mas ouve: um dia havemos de fallar — nós dois sós — á vontade: tenho tanto que te dizer... nem tu sabes... Agora vamos, Carlos.'

E fallando assim, tomou-o pela mão e sahiu para o valle aberto, froixamente acclarado ja de

myriadas de estrellas scintillantes no ceo azul.
(Continúa.)

A. G.

DO PARIATO. (*)

237 Mostrado — mal póde ser, e eu o creio; mas conforme foi possivel — os baldões da sociedade ingleza desde o feudalismo até á sua subsidencia no pariato: pateateada a instabilidade do principio da legitimidade, antes e despois d'essa transição, até ao tempo em que todos sem distinção obtiveram direitos e não houve mais signal do jugo da servidão *familiar*; seja-me licito, contando com a summa indulgencia do ...redactor d'este jornal (*), occupar mais uns instantes, as suas columnas, antes de fallar de Portugal, com as noções que se tiveram em França do govêrno representativo no tempo da revolução de 89, e restauração de 1814, em relação a esse pariato á anglicana — pariato, seja dito entre parenthesis, que nenhuma origem tinha, ou fundamento podia ter em França, se se tem lido as paginas que precedem, para d'elle se podêr tirar qualquer proveito legislativo, não obstante a opinião em contrario dos que querem que elle forme uma parte essencial do governo representativo, porque escora o throno contra as excedencias populares.

Pouco importa a ninguem saber se eu acho ou não graça, á mulher meio-peixe com cabeça de cavallo, de certo monstro... cuja figura se não estivesse descripta em latim, toda ella se havia de achar asquerosa. O mesmo digo da avaliação que eu quizesse agora fazer das luzes da nação franceza, que tem sido desde tempo immemorial o pharol de todas as outras. Sempre o foi de Portugal. Isto posto, continuando-se-me a permissão invocada, direi que os francezes de 1789, apezar de todo o clarão que os alumia na universalidade do seu saber, não conceberam bem a imagem da liberdade moderna; queriam-na muito á romana (1). Isto foi uma calamidade. D'ahi proveio enxamiarem-se, no espaço de dias, póde-se dizer, todos os trances de crueza distribuidos pelos seculos do feudalismo antigo da mesma França; assim comó trespassarem-se os outros povos de tanto terror, que governados e governantes não poderam deixar de repellir um culto que parecia não ter outro altar senão o patibulo para a innocencia e para o crime.

Os romanos não intenderam a representação, como ja disse quando citei a M. Guizot; não a intendiam por tres motivos: 1.° porque não precisavam d'ella, 2.° porque não tinham nada a representar, 3.° porque todo o seu fim era fazer guerra de espoliação. A soberania nacional é um texto, e era uma realidade para a cidade de Roma, porque toda ella exerceu o govêrno, em quanto o seu imperio não excedeu os muros que a cercavam; exceptuada porem a cidade eterna onde se viu mais um exemplo do exercicio da soberania assim praticado? Viu-se um sophisma, para Billaud Varennes (uma fera com visos de creatura) ir ás prisões de Paris com uma alcatea de canibaes asssassinar, uns dizem 6,000, outros dizem 12,000 victimas, a sangue-frio! Ésta felina devastação da vida humana pretextou-se em virtude e com a invocação da soberania do povo. Ésta mesma invocação ja tinha servido para guilhotinar Lavoissier, debaixo do n.° 5 (sem nome) por molhar o rapé, e porque a França ja não precisava de sabios. O povo romano podia de direito reunir-se 200 vezes por anno nos comicios, mas como poderia uma nação reunir-se com essa frequencia, ou mesmo nunca? E não se reunindo onde vai o dogma sacramental que tudo parte do povo, na declaração dos direitos do homem em sociedade do abbade de Siryes de 21 de julho de 1789? Eu não vou desarreigar recordações implantadas na educação de todos os homens desde dois mil annos a ésta parte, nem é esse o meu fim, porque sería precisa estolidez de mais para aos bicos de uma penna querer esconder um imperio que metteu debaixo das azas das suas aguias o mundo conhecido; comtudo os primeiros vagidos da soberania do povo em Roma, quando os comicios onde elle se ajuntava podiam ser uma realidade, não podem deixar de se figurar senão como um borborinho, tal como n'uma feira ou praça de vender. Eu não sei o que podessem ser aquellas reuniões de um dia sim e outro não, e ás vezes a fio, senão a cópia fiel do nosso mercado da 'Praça-da-Figueira' com os hortelões das quintas d'Arroyos, Bemfica e Campo-Grande (ja Loures não pode ser comprehendido por longe) e mais saloios dos arrabaldes de Lisboa, a apreçarem, a comprarem, e a venderem as suas hortaliças. Os vendedeiros de dentro da praça a tractarem da compra; a criadagem de permeio cuidando no aviamento para casa de seus amos; os curiosos e os *cautelleiros* a desembaraçarem-se das suas respectivas bugiarias. O bulicio de todo este movimento, é tal que não deixa possibilidade para se imaginar a expedição dos negocios publicos. E senão, pondere alguem por instantes, que, por um phenomeno, eram levados os negocios das nossas seis secretarias d'Estado, os de todas as mais repartições, inclusive tribunaes de justiça, govêrnos civis, policia etc. para a 'Praça-da-Figueira', e diga, se stans pede in uno, era factivel la dar-lhes despacho. Effectivamente não era possivel: e tambem em Roma o não era. — Exhibia-se um simulacro d'esses negocios no foro e era quanto bastava, porque o podêr

(*) Continuado de pag. 237.

[*] Asseguro ao illustre escriptor d'este interessante e trabalhoso capitulo d'historia politica, que da minha parte não ha *indulgencia* senão muito gôto em inrequecer as paginas da REVISTA com éstas deduzidas e curiosas indagações dos costumes dos povos — que é a parte mais importante da historia das nações. E' possivel porém que entre os numerosos leitores, que este jornal tem a honra de contar, alguns possa haver a quem a continuidade d'esta materia a faça julgar como demasiadamente longa; mas a esses tomarei eu a liberdade de recordar o que foi dito no prologo do presente volume da REVISTA. Este so nome basta para fazer conhecer que este jornal não póde deixar de conter artigos d'esta natureza; além de que, constando elle de 24 columnas, não é muito roubar-lhe tres [o *Pariato* raras vezes occupa mais e algumas nem tanto] com uma materia que ainda que importante não poderá interessar igualmente a todos. *Da Redacção.*

[1] Se não era á romana! ainda era peior. Aqui está um entre outros exemplos do phrenesi da revolução. «7 de julho, anno 2 da republica = Caro concidadão. Encarregado com quatro dos meus collegas de preparar para segunda-feira um plano de constituição, rogo-vos em seu e meu nome, de nos procurar immediatamente as leis de Minos, que se devem achar em uma collecção de leis gregas. Temos urgente precisão d'ellas. = Herault (de Seebelles.) Saude, amisade e fraternidade ao bravo cidadão Desaulnays.» A 24, a constituição foi decretada e enviada á acceitação das assembléas-primarias. Chalamel, t. 1, pag. 316.

executivo, esse que então existia, era quem os despachava, segundo a sua vontade ou a sua intelligencia.

Dizem que havia muita moderação assim mesmo no tumulto d'aquella gente; chamar-lhe assembléa repugna-me. Não o duvidarei, pois ahi está a historia que o attesta; d'essa abnegação todavia o que se póde deduzir, digo eu, é que havia no berço do imperio que Romulo fundou muita simplicidade por haver muita ignorancia. Fossem hoje entregar, por uma tal maneira, os destinos de uma nação nas mãos da chusma apinhada, em Londres, Paris, ou Lisboa, e pondere-se quaes seriam os resultados.

Accumule-se á soberania popular mais o predicado de ouvir, deliberar e votar, os negocios todos dentro do mesmo dia, porque não era permittido addial-os alias tinham de se principiar de novo, e diga-se, se era possivel o radicalismo dos romanos podêr convir aos modernos? Hugo, hist. droit rom. § XLV, Lecens. Niebuhr. t. 6. pag. 296, p. 22 t. 5 pag. 409.

As suggestões que venho de produzir são na supposição de que nos indigitados comicios é que de boa fé se tractavam os negocios da republica; mas tal não acontecia, ao menos depois que elles tiveram alguma importancia. No senado era onde elles se faziam todos, emquanto elle o foi e antes de ser uma *chancelleria*, porque depois foram as facções que os tomaram á sua conta. Ora este senado a principio foi da nomeação dos reis, depois dos consules, e depois d'estes dos censores. Cada uma d'éstas auctoridades nas suas respectivas existencias, usou de arbitrio na eleição senatorial. Appius Claudius chegou a encher ésta corporação até de libertos. No tempo que elle fez isto ésta classe de gente era tida e era igual á da populaça vil, não sendo admittida nas legiões para a guerra, e seu bens pertenciam ainda, em parte, aos seus ex-patronos. Mais tarde quando as castas se iam mesclando um pouco mais em razão da extensão territorial, e a republica ia passar ou mesmo ja tinha passado, houve um apódo em consequencia do grande número d'esses senadores, que bem denota o valor em que elles eram tidos; dizia esse apodo que era uma boa acção não lhes ensinar o caminho para o senado: bonum factum ne quis senatori novo, curiam monstrare, velint.

Com a fundação da republica foram 100 os senadores. Tatio nomeou outros 100. No tempo de Sylla, no principio da sua dictadura, contavam-se 300, no fim d'ella passaram de 600, e no triumvirato chegaram a 1,000, que Augusto reduziu de novos 600. Não havia n'isto regra certa. A notabilidade que podia agarrar nas redeas da republica fazia o que lhe convinha, sem que o povo tivesse n'isso nenhuma ingerencia. O unico correctivo que havia contra o abuso que os nomeados podiam fazer do seu cargo, era uma revisão quinquenial, em que todos aquelles que não eram nomeados de novo perdiam o seu logar. São tão raras as vezes que este remedio se applicasse que os historiadores as mencionam. Eis-aqui como se formava e se mantinha o concelho que era perpetuo em Roma (tão perpetuo que os senadores não podiam sahir da cidade) o qual ordenava a convocação dos comicios, sem o que não se podiam ajunctar: advirtindo bem que se não podia n'elles tratar de impostos. (Niebuhr t. 4, p. 127.) . . . .

A vista d'este transumpto fiel do modo por que se compunham os corpos deliberantes que governavam, simultaneamente com outros funccionarios, a republica, escusado é procurar ahi norma alguma que podesse prestar auxilio para formar o nosso governo representativo moderno. Ha a acrescentar ao que fica dito mais outra circumstancia, de que no senado tinham assento de direito muitos funccionarios, assim como tem tambem os lords juizes na camara-alta em Inglaterra, quando pelo contrario não havia nenhums outros cidadãos em toda a republica, senão os inscriptos em uma das tribus da cidade de Roma, que fossem votar nos seus comicios. É este o facto que mais nos deve repugnar. Todo o imperio por ésta arte vinha a passar pelo compromisso de umas tantas ou quantas irmandades da cidade, havendo entre algumas d'ellas rixa, não velha, mas de uns poucos de seculos. (*Livio*...) Ninguem mais tinha interesses, nenhuns outros havia, que não fossem unicamente os da metropole. O extrangeiro, quer dizer o italiano, que acceitava ou alcançava o fôro de cidadão romano, rompia com toda a sua familia propria, pae com filho. Eram os sacrificios da municipalisação taes, que não havia compensação que induzisse por fim a aceita-los.

A reserva de suffragio que havia para Roma, vinha a ser o mesmo que se todo o Portugal, para ser representado, tivesse de se inscrever nos seis julgados de Lisboa. Ésta extravagancia seria monstruosa, porém a que se praticava em Roma ainda era maior, porque depois mesmo da inscripção do individuo no censo, não era para a representação nacional, que não havia e que não se queria, era pura e simplesmente para o inscripto se representar a si, i. e.: para satisfazer a propria ambição se elle tinha essa paixão, porque elle não trazia nenhuma procuração ou mandato, no acto da sua inscripção, para registrar por parte dos seus conterraneos que não conheciam ésta invenção politica dos nossos dias, nem de tal curava ninguem. Os povos de Sicilia soffreram todos os flagicios que Cicero deixou marcados com ferro em braza na testa de Verres, e entretanto os sicilienses não tinham um unico representante na capital da republica, pelo que se não é a curiosidade d'aquelle philosopho, bem extraordinaria, singular e sem exemplo, de um empregado público accusar a outro do crime de peculato, e deligenciar tanto a sua punição, até que foi degradado para fóra da cidade o réo, elles teriam sido acabados de exterminar por este concussionario sem que ninguem tivesse ouvido fallar mais n'isso.

Pode-se redarguir aqui, que todas as partes do territorio, i. e.: as provincias, as colonias, na Italia e fóra d'ella, e todas as suas mais possessões na Europa, Asia e Africa, tinham patronos para velarem por seus interesses, em Roma. A isto respondo com este mesmo exemplo de Verres, que bem demonstra a efficacia com que elles protegiam ou podiam proteger os seus clientes, que até ás vezes eram reis, nações etc.

Não ha uma virgula de mais na albeação para com a sua terra do individuo que vinha a Roma auferir os privilegios da cidade, ha sim de menos. O extrangeiro, repita-se, o italiano vindo do municipio adherente ou federado á *cidade*, chamada tal por excellencia e que era o reino, a nação — por exemplo, o homem de Villa Franca com respeito a Lisboa; que acceitava o fôro de

cidadão romano, que se inscrevia v. g. na casa dos 24 na camara municipal da Lisboa, rompia toda a nacionalidade com a sua terra, tornava-se extrangeiro pera ella, pois havia de pagar, como tal, os direitos de succesião sôbre a herança que de seus pais de lá lhe viesse, ut semper rempublicam a populo romano, separatam, haberent. Para o fim, quando ja Roma não era a mesma, os sacrificios não compensavam os beneficios; de maneira que muitos sendo-lhe offerecido o foro quirinal ja o não quizeram. Tinha-se tornado uma chimera. Foram comtudo tão zelosos d'elle os habitantes da cidade nos bons tempos da republica, que não duvidaram chamar se mesmo Cicero *extrangeiro*, por não ter nascido dentro das paredes da cidade (Beaufort, Rep. Rom. v. 5. per totum.)

Continúa. *C. A. da Costa.*

BIBLIOGRAPHIA.

274 PRIMEIRO ENSAIO SÔBRE HISTORIA LITTERARIA DE PORTUGAL, desde a mais remota origem até ao presente tempo, seguido de differentes opusculos que servem para sua maior illustração... por *Francisco Freire de Carvalho* — Lisboa, 1845.

O Sr. Francisco Freire de Carvalho, A. das 'Lições de eloquencia-nacional,' e das 'Lições de poetica-nacional,' acaba de fazer um novo serviço importante á nossa litteratura com a publicação d'ésta sua obra, em que se occupou desde o anno de 1814, segundo o que se lê na prefacção. A REVISTA não podendo hoje fazer mais do que annunciar ésta interessante publicação, reserva-se para mais de espaço dar sôbre ella o seu juizo.

THE OCEAN FLOWER; a poem. Preceded by an historical and descriptive account of the island of Madeira, a summary of the discoveries and chivalrous history of Portugal, and an essay on portuguese litterature. — By *T. M. Hughes* — London, 1845. (A flor do oceano; poema. Precedido da descripção historica da ilha da Madeira, com um summario das descobertas e scenes cavalheirescas da historia de Portugal, e um ensaio sôbre a litteratura portugueza).

Esta obra de summo interesse, a que seu A. deu com razão a maior publicidade em Portugal, acha-se á venda nas principaes livrarias de Lisboa. A REVISTA, que hoje annuncia apenas a sua publicação, dará brevemente mais ampla noticia d'ella, podendo todavia desde ja recommendal-a á estima publica porque é assas digna d'ella em todas as suas partes.

UMA VIAGEM AO VALLE-DAS-FURNAS NA ILHA DE SAN'-MIGUEL — pelo commendador B. J. Senna Freitas.

O Sr. Senna Freitas, distincto collaborador da REVISTA, cujos estudos archeologicos e historicos sôbre as possessões ultramarinas, e particularmente o archipelago dos Açores, estão assás comprovados e são por todos reconhecidos, vai publicar ésta interessante obra, que, segundo consta, se prepára com uma riqueza typographica superior a tudo que até aqui tem sahido dos prelos portuguezes. Tudo isto são circumstancias que devem attrahir á obra grande número de subscriptores.

JORNAL DAS BELLAS-ARTES.—Publicou-se o 5.° número d'este elegante jornal, que vai exercendo, indubitavelmente, uma notavel influencia sôbre a arte no nosso paiz: assim se podesse conseguir tornar mais regular a sua publicação, e não cessarem nunca os esforços para promover o seu maior desinvolvimento.

Este número contém a primeira parte d'um romance do sr. conde de Mello — *O castello d'Almourol*; uma das mais pittorescas coisas que se podem ver no nosso Tejo: e uma producção poetica do sr. Mendes Leal — *A minha musa*. O outros dois artigos referem-se ás estampas publicadas com este número. Uma d'ellas—*O folar*, costumes do Minho, é uma bella cópia feita pelo sr. Le Grand do excellente quadro do sr. Roquemont. O processo-lithographico empregado pelo habil desenhador, e ainda muito pouco usado entre nós, é do melhor acerto n'algumas occasiões e sahiu n'ésta optimamente executado. A estampa do sr. Monteiro, joven alumno da academia das bellas-artes, representando a fonte de Xabregas, faz tanta honra ao talento do desenhador como á sua eschola: difficilmente se incontrará um desenho mais perfeito n'este genero de trabalho.

Traz este número uma bella *illustração* ao romance do 'Castello d'Almourol'. E' sempre a mesma graça de desenho que distingue éstas *criações* do Sr. Bordalho, e ainda a mesma certeza e perfeição de buril que se admira nas gravuras do Sr. Coelho. Sentimos so ter que observar que sendo ésta *illustração* propria para comêço de capitulo appareceste deslocada no fim d'este.

O número de que tractâmos faz-nos esperar que a direcção do jornal das Bellas-Artes se hade occupar, não exclusivamente, mas o mais que possa ser, das obras d'artes nacionaes. Assim, por exemplo, desejariamos ver cópias de quadros de pintores portuguezes; desenhos de edificios, ou partes d'elles, dos mais notaveis do paiz; e mesmo algumas d'essas lindas paizagens e *vistas*, que são tantas no nosso solo que por muito frequentes se desconsideram.

A AURORA — Publicou-se o 1.° número d'este interessante jornal. Contém uma *introducção*, pelo Sr. Mendes Leal; um artigo sôbre as sciencias em geral, pelo Sr. Pinheiro Ferreira; *ensaios criticos*, pelo Sr. Lopes de Mendonça; um artigo sôbre a 'livraria-classica,' pelo Sr. Mendes Leal: *chronica*, pelo mesmo.

Este jornal promette ser mensal, e consta de 56 pag. 8.° g. Não temos occasião de dar hoje mais larga noticia d'elle.

POESIA.

CANTICOS DO ERMO.

I.

275. Que diz a fontinha nas aguas, que em per'las
Dos limos da lapa derrama, a carpir?
Os hymnos intôa da rocha, que a lapa
Do seio a fontinha brotou, a sorrir.

Que vozes, que harmonias murmuram fagueiras
Da selva nas folhas da briza os gemidos?
Os hymnos da selva, que as auras da tarde
São cantos ignotos dos troncos verbidos.

Que diz a bonina, que pende na incosta,
Que voz lhe soluça no labio de neve?
Os hymnos repete do sêrro, que o sêrro
Na face á bonina seus carmes escreve.

Como te louvam, Senhor,
Os arroios de crystal!
Sôa o teu Nome entre espumas
Das aguas pelo ramal.

Como te louvam, Senhor,
Da briza meiga os suspiros!
Folga o teu Nome n'aragem
Pelo musgo dos retiros.

Como te louvam, Senhor,
A cecem, a flor d'annil!
Como engrandecem teu Nome
Engastados no alcantil!...

Jehová! déste o limpido arroio
Para o fogo da sede apagar:
Quando o sol os seus raios intorna
Pões a fonte da penha a manar.

E mandaste as aragens do ermo
A brincar, a gemer na cidade,
A roçar pelas turbas descridas
N'um surriso de paz — de saudade.

E mandaste á florinha das urzes
Que os aromas do cofre vertesse,
Onde o bardo que o mundo regeita
Branda vida, na vida, bebesse.

Pereira da Cunha.

THEATRO NACIONAL.

I

276 Um grande passo acaba de ser dado para o progresso do theatro entre nós. A' primeira vista parecerá elle talvez de pouca importancia; comtudo era essencial — e essencial o sería ainda mesmo n'outro qualquer paiz onde a arte dramatica se achasse completamente estabelecida. Todos conhecerão que quero fallar da construcção do theatro de D. Maria II — edificio sumptuoso que a nação erigiu com avultado dispendio em templo das bellas-artes.

Sem uma casa condigna, onde, por assim dizer, se estivesse por gôsto, não sería possivel introduzir nunca a *moda* do theatro-nacional. A sociedade tem seus caprichos e prejuizos que é conveniente respeitar, mormente quando são mais ou menos fundados n'uma certa *razão*. Por este lado pois o nosso público deve estar satisfeito. Considerado absolutamente, se alguma coisa se póde notar ao novo theatro é excesso de opulencia. Não será certamente pelo lado *material* que a mais elevada classe da sociedade deixe de frequentar, porque n'isso sinta pejo ou incommodo, o theatro portuguez.

Este passo era pois indispensavel para todos os ulteriores progressos da arte-dramatica. É o ponto de partida para o estabelecimento d'um theatro-nacional entre nós.

O edificio está prompto; e a voz pública indica o dia 4 d'abril de 1846 para a sua inauguração. Mas ésta circumstancia essencialissima (como se disse) para a creação do theatro entre nós, capaz de concorrer para que elle se desinvolva brilhantemente, póde tambem ser causa de que o theatro continue rachitico como até aqui, ou pelo menos, de atrazar-lhe os progressos por longos annos. Um passo errado no principio d'uma carreira transtorna-a toda, anniquil-a muitas vezes. Ninguem negará pois que da inauguração do Theatro de D. Maria II dependa todo o futuro, prospero ou cachetico, da arte-dramatica entre nós. Se se podér attrahir a sympathia pública, se se podér introduzir o gôsto em todas as classes da sociedade pelo theatro-nacional; conseguiu-se o grande fim — a arte-dramatica hade estabelecer-se, arreigar-se, brilhar entre nós: se isto se não conseguir — construam-se quantos theatros quizerem, triplicadamente sumptuosos, o theatro-nacional continuará a ser desconsiderado, como até agora, por certas classes da sociedade; a arte-dramatica seguirá no seu estado de meia-vegetação... Se não fôr peior. Não vemos muitas vezes, que quando falha um grande meio empregado para obter certo fim, o resultado é tão fortemente produzido em contrario sentido, quanto foram gigantescas as esperanças n'esse meio depositadas?

Ja se ve que quero fallar da organização moral do theatro. D'esta depende todo o futuro da arte-dramatica em Portugal: da arte tanto intellectual como prática e ainda moralmente considerada; — quanto aos auctores, quanto aos artistas e quanto ao público. Uma organização d'esta natureza é difficil e necessita de ser muito meditada. Não póde ser objecto d'improvisos, nem obra de leigos; assim como não comporta tactica fraudulenta. Sería matar a arte entregal-a á prostituição da caballa.

Muito convem pois discutir desde ja pela imprensa a organização economica e artistica do theatro-nacional. Que se não allegue depois falta de conselho; e que não venha a *surpresa* ludibriar a boa-fé. Ao menos a REVISTA hade concorrer quanto em si caiba para a glória da arte. Não ha voz fraca, sonnada pela razão. Tambem se não tracta d'individuos nem de coisas: tracta-se do estabelecimento d'um theatro-nacional.

Os pontos essenciaes que ha a discutir são, segundo me parece, os seguintes:

Definir as funcções d'inspector-geral dos theatros.

Saber se o theatro-nacional — o subsidiado, o 1.º theatro da nação — deve ser dado por empresa.

No caso das circumstancias obrigarem a que se dê por empresa, qual deve ésta ser, e com que obrigações deve ella tomar conta do edificio e dinheiro da nação.

Como se hade fazer a companhia d'actores: habilitações d'estes, categorias, ordenados, reformas, subsistencia no caso de velhice ou doença.

Administração do theatro; ensaios; policia.

Direitos d'auctor.

Reportorio dramatico.

Haverá dois annos, pediu o govêrno, e obteve em côrtes, uma auctorisação para confeccionar e estabelecer a organização de que fallo pela fórma que melhor intendesse. Uma portaria baixou logo ao Conservatorio consultando-o sôbre ésta organisação, e encarregando-lhe a sua confecção. O conselho do Conservatorio nomeou então uma commissão para este fim. Ésta commissão, por circumstancias, funccionou pouco e não chegou a concluir trabalhos: comtudo a lei subsiste — sería necessario executal-a.

Mas ou isso se faça ou não, em qualquer dos casos, direi o que intendo sôbre o assumpto.

O theatro propriamente *nacional* não deve ser dado por empresa.

É o primeiro ponto que me proponho discutir.

THEATRO DE SAN'CARLOS.

277 MARIA DE RUDENZ, opera em 3 actos, musica de Donizzetti, (repetição) ornada com um bailado no 3.º acto.

Na quarta-feira (5) deu-se a opera *Maria de Rubenz* para debutte do tenor Severi. Ja executada entre nós pela Boccabadatti, ésta producção do insigne 'maestro' não obteve então como agora grandes sympathias: e comtudo tem bellos pedaços de musica, designadamente o final do 1.º acto, cujo adagio Donizzelli transportou para a partitura dos *Martyres*, e cuja stretta ainda que commum é de excellente effeito; o duello de

soprano e baixo do 2.° acto; e outro duetto de baixo e tenor no último acto.

O debutante tem muita animação e bom methodo de canto, as notas agudas fortes e sonoras, e uma bella presença; comtudo quasi toda a escalla da sua voz nos parecea *velada*, para o que concorreria decerto algum incommodo de saude. O Sr. Salandrinão tem n'esta opera musica para a sua voz; notou-se-lhe constrangimento em todá a sua execução: outrotanto se póde dizer do Sr.ª Ranzi; com a differença que a musica é alta de mais para aquelle artista, e demasiado grave para a voz da Sr.ª Ranzi. Um artista, acho eu, não deveria ter dúvida em fazer *apontar* o seu 'spartito' quando assim conheça não estar adaptado aos seus recursos; seguramente que se não póde exigir a todos uma escalla de voz igual á dos artistas para quem foi escripta uma certa partitura, e o público o que quer é gozar do bom-effeito sem lhe importar muito dos meios que se buscaram para o produzir.

Uma novidade porém apresentou ésta opera, que foi com muita justiça coberta de applausos. Introduziu-se-lhe no 3.° acto um bailado e um quinteto, composição do Sr. Martin, digno de todo o elogio. O bom-gosto e o mimo encontram-se em todas as partes d'este bonito *dançado*. A 'cópia' Martin continúa a estabelecer entre nós uma bella reputação.

CORREIO EXTRANGEIRO.

278 Parece que o parlamento da Saxonia adoptára por unanimidade uma providencia que devia servir d'exemplo ás demais nações: resolveu diminuir a contribuição territorial e abolir completamente os direitos das cartas-de-patente d'invenções etc.

A 5 do corrente encerrou-se em Napoles o congresso-scientifico. Terminou-se a ceremonia com differentes discursos em louvor do monarcha que assim protegia as sciencias. No mesmo dia deu o rei um jantar de 80 talheres a que foram convidados muitos membros do congresso. Á noite houve serão-musical a que foi presente todo o congresso, corpo diplomatico etc.: e número dos convidados chegou a 2,000. O marquez de Brignole Sales foi nomeado presidente do futuro congresso, que se hade reunir em Genova, e outros dizem que em Veneza porque assim o deseja o imperador d'Austria.

Todos os jornaes extrangeiros fallam com exaltação da viagem da imperatriz da Russia, mandada pelos medicos á Italia. A esposa do czar viaja com uma magnificencia verdadeiramente oriental. As suas bagagens são immensas, e assegura-se que a sua mesada é de 20 milhões de francos! O imperador Nicolau veio incontrar-se com sua esposa a Milão, depois de ter atrevessado como uma exhalação toda a Allemanha desde as margens do mar-negro.

Acha-se agora em Madrid Mr. Jorge Stephenson, cujo nome marca uma das epochas decerto mais notaveis da historia do mundo. É o ingenheiro a quem se deve o primeiro carril-de-ferro, e o que pela exactidão dos seus calculos n'este objecto tem merecido o nome de *mestre*.

Por todo o mez de dezembro devem começar as obras do primeiro carril-de-ferro d'Hispanha. Deve partir de Barcelona a Mataró.

O rendimento da Ignlaterra de 10 d'outubro de 1844 a igual dia do corrente anno foi de 50,506,883 libras-sterlinas. So os direitos d'Alfandega e consummo renderam mais de tres quintos d'esta somma.

A cidade de Tomiska na Russia foi completamente destruida por um terrivel incendio.

A marinha de vapor em Inglaterra tem duplicado de 1831 a 1844. Ésta nação conta hoje 107 vapores de todos os tamanhos com uma fôrça igual a 20,000 cavallos; e tem nos armazens um número de vapores igual á força de 10,000 cavallos.

Em França anda ésta marinha por metade.

Nos Estados-Unidos ha muito poucos vapores de guerra.

Na Belgica ha 3, 7 na Hollanda, 5 na Dinamarca, 9 na Suecia, 25 na Russia, 2 na Prussia, 3 na Hispanha, 2 na Austria, 3 na Sardenha, 3 em Portugal.

Não se contam senão os vapores armados em guerra, e entram n'este número muitos de pequena lotação.

Uma nova companhia com a denominação de 'Great european rail-wayscompany' se acaba de formar em Londres com o capital de um milhão de lib. ster. para construcção de carris-de-ferro no continente. No aviso da sua organisação diz-se que o territorio em que se hão de estabelecer os carris-de-ferro é da extensão de 3,700,000 milhas quadradas inglezas, e contém 236 milhões de almas.

O principal fim d'esta companhia é realisarem terra um movimento ainda mais vasto do que se executa por mar.

A companhia vai entrar em negociações com todos os Estados da Europa.

Um compositor, Kastner, comprou um libretto a Scribe por 8,000 francos (mais de tres mil crusados).

Existem presentemente em Madrid quatorze periodicos politicos: — Heraldo, pensamento de Nacion., Español, Castellano, Globo, Conciliador, Gaceta, Posdata, Tiempo, Catolico, Eco, Esperanza, Espectador e Clamor-Público.

No 'Illustrated London news' le-se o seguinte:

« Segundo as últimas noticias officiaes, residem actualmente em Paris 28,000 inglezes, e mais 73,550 no resto da França.

Nos primeiros oito mezes e meio d'este anno recebeu Londres 118,019 tonneladas d'assucar das colonias britannicas, e 23,508 tonneladas d'assucar extrangeiro.

CORREIO NACIONAL.

279 O inverno começou temeroso. As chuvas tem sido incessantes e fortes; as tempestades tem-se suc.

cedido umas ás outras em todos os angulos do paiz. Os jornaes do Porto nos dão noticia dos rigores do tempo para o lado do norte, e o Sr. Jara escreve á REVISTA participando a devastação produzida por uma terrivel trovoada em Loulé, no dia 29 do passado. No Tejo foi tamanho o temporal no dia 7, que nem menos de dez embarcações tiveram avarias consideraveis dentro do quadro da Alfandega, e voltaram-se alguns barcos. O vapor Porto esteve a ponto de naufragar á entrada da barra. Estes acontecimentos nos levam naturalmente á consideração dos poucos meios salvadores que ha para acudir n'estes apertos aos navios que perigam á entrada da barra, e ainda sôbre a estreiteza e situação do quadro da Alfandega.... Estas coisas reclamam providencias. Carece-se d'auxilios promptos e efficazes á entrada da barra, e entre outros dos bateis insubmergiveis; assim como pelo que respeita ao quadro, e mesmo dentro do rio, se necessitam estabelecer meios d'obviar resultados, que podem alguma vez ser desastrosos, na inveruosa estação em que entrâmos.

O 'Circo Laribeau' deu expectaculo no sabbado (8) a beneficio do 'Asylo da mendicidade.' O Sr. Laribeau deu assim mais uma prova do character generoso e delicado que todos lhe reconhecem. O 'Circo' achava-se guarnecido com uma boa-parte da gente da melhor companhia. O expectaculo foi optimamente delineado, e correu o melhor possivel. Distinguiram-se, como sempre, Mademoiselle Emilia — a mimosa Sylphide, o Sr. Bontemps, e o Sr. Ratel, que so de per si é bem capaz de formar um expectaculo inteiro, variado e divertido.

No dia 15 hade debutar no Theatro do Salitre a Sr.ª Soller, que foi bailarina no Theatro de San'Carlos. Ouvímos gabar o talento d'ésta Menina, no qual o Sr. Doux funda as melhores esperanças.

O menino Galeazzo Fontana, filho do Sr. Fontana harpista do nosso theatro-italiano, e que temos tido o gôsto d'applaudir e admirar varias vezes nos concertos dados n'este theatro, foi escripturado como harpista do theatro do 'Circo' em Madrid. O menino Fontana é nascido em Lisboa e tem 9 annos. A primeira vez que tocou o solo na capital do reino vizinho produziu um extraordinario effeito d'admiração. Muitas pessoas d'elevada jerarchia o tem convidado a suas casas e brindado generosamente; uma d'ellas parece ter sido o infante D. Francisco.

Chegaram jornaes da ilha da Madeira até ao 1.º do corrente. Não dão novidade importante. Na villa de Machico tinha havido uma representação d'um drama original — *O Monge da Serra d'Ossa*, executado por curiosos, e que parece agradára muito. No mez d'agosto tinham entrado n'aquella ilha 33 moios de feijão, 1,003 de milho, e 666 de trigo: o milho ficava de 14 a 18$000 réis o moio, e o trijo rije de 23 a 28$000 réis e o molle de 27 a 36$000 réis.

No mez d'outubro foram despachados na Alfandega das Sette-casas os seguintes generos, para consummo: Vinho 2,133 pipas, azeite 267 pipas, carne-de-vacca 30,737 arrobas, dita de porco 5,512 ditas, vitella e carneiro 786 ditas, fructas e vegetaes no valor de 32,784$100 réis; para exportação 1,500 pipas de vinho. Montaram os direitos recebidos a 63:404$805 réis.

Em Vizeu construe-se agora um passeio-público, no rocio chamado de Santo-Antonio.

Parece que se formou em París uma companhia para exploração das minas em Portugal: até se diz que o nosso paiz fôra ja visitado por um agente d'esta companhia acompanhado d'um habil ingenheiro, e que se tractaram algumas sublocações de privilegios: accrescenta-se que em breve chegarão de França homens e machinas para começar os trabalhos mineiros.

Diz-se que a companhia das obras-publicas traz ja sôbre oito mil homens empregados.

Acaba de chegar ao 'Circo' um novo clown que hade substituir o Sr. Ratel, que parece fôra escripturado para Londres, mas que hade dar ainda certo número de representações, algumas novas, no theatro do Salitre.

No último d'outubro existiam na alfandega do Terreiro 11,537 moios de trigo, 1,162 de cevada, 70 de milho e 16 de centeio. O preço do trigo era de 360 a 550 réis o alqueire, o da cevada de 240 a 350 réis e o do centeio de 220 a 340 réis.

No mez d'outubro último rendeu a alfandega de Lisboa 205:272$765 réis, a das sette-casas 70:655$429 réis, e a alfandega do Porto sôbre 80:168$746 réis.

No dia 27 de dezembro hãode ser arrematados varios bens nacionaes no bairro de Cedofeita, concelho do Porto: e em 21, 23 e 25 de fevereiro de 1846, no districto d'Angra.

As noticias da ilha de San'Miguel ultimamente chegadas, dão-nos conta d'uma exemplar resolução tomada pelo clero d'aquella ilha, que muito honra faz á sua respeitavel classe: Tinha havido uma reunião de todos os ecclesiasticos do districto, promovida pelo P. Luiz Cordeiro, para se tractar d'estabelecer meios de subsistencia aos sacerdotes pobres do districto. Effectivamente uma commissão tinha sido nomeada para dar andamento a este louvavel alvitre.

Continuava a importante obra da doca do areal. Está calculada em 22:000$000 réis, e parece que é feita por meio de subscripção.

Os rendimentos da alfandega d'aquella ilha, nos últimos 24 annos, sommam 859:071$082 réis. O anno de maior rendimento é o presente, que se encontra no mappa com a importancia de 70:020$023 réis, o mais diminuto é o de 1823 que apenas produzia 3:466$273 réis; d'então para cá este rendimento tem vindo em progressivo augmento.

Domingo (16) deve dar-se em San'Carlos a repetição da *Saffo* de Paccini, para debutte da dama Grimaldi. Parece que depois se dará o *D. Paschoal* de Donizetti, opera jocosa escripta para o theatro-italiano de Paris, e que tem feito *furore* em toda a parte.

CONHECIMENTOS UTEIS.

COMMERCIO PORTUGUEZ.

EXPORTAÇÃO DE GENEROS.

280 Todos sabem que uma parte da Europa esteve ameaçada de fome, e que os perigos d'ella ainda se não desvaneceram de todo n'alguns paizes. A batata é uma planta preciosa cujos tuberculos se comem preparados de mil fórmas, e dos quaes se fasem farinhas, pão, aguardente etc. Originaria da America tem-se aclimatado na Europa onde produz extraordinariamente, e serve de alimento á maior parte da classe indigente da Allemanha, departamentos do norte da França, Belgica, Hollanda e Inglaterra. A sua cultura introduzida em França em 1783, salvou este paiz dos horrores da fome de 1793, 1816 e 1817.

Na colheita d'este anno uma doença até aqui desconhecida acommetteu as grandes searas de batatas da Belgica. Este acontecimento deu tamanho cuidado ao govêrno que o parlamento foi immediatamente convocado para discussão das providencias que era de urgencia tomar afim d'evitar as desastrosas consequencias d'uma fome. A doença das batatas propagou-se pela Hollanda, varias provincias da Allemanha, alguns departamentos do norte da França; mas, depois da Belgica, onde causou maior devastação foi na Irlanda; o que tem devido o maior cuidado ao govêrno inglez, que toma as mais energicas providencias para obviar os seus resultados.

Portugal pela sua situação geographica, pelas suas relações commerciaes com a Inglaterra, podia abastecer uma boa parte do celeiro do reino-unido. A Russia-meridional, a Grecia e a Italia, são os paizes que fornecem de trigo a Inglaterra; todos elles mais distantes — consideravelmente mais — do que Portugal. E comtudo o mercado dos nossos cereaes em Inglaterra não se tem estabelecido. Sei que ainda ha dez annos fallar em exportação de cereaes no nosso paiz seria absurdo: sei bem que ha ainda pouco mais de 30 annos (1811) nos foram precisos obra de 367.000 moios de cereaes extrangeiros; mas as circumstancias mudaram: o trigo está hoje por baixo-preço, o que é importado dos Açores quasi que não acha comprador este anno, e a extracção é tão limitada que não tem havido uma unica venda de grandes porções. Sejam quaes forem as causas, que não são para agora indagar, o facto existe; o remedio para elle, nem siquer se falla n'isso. Queixa-se o lavrador, queixa-se o proprietario; mas o commercio não se move. Não ha especulação de nenhuma especie. Falte o genero em que parte do mundo faltar, não se busca mercado para elle, não se procura um meio de consummo, não se tracta emfim de *commerciar*... Os capitaes affluem ás praças de cambio, o jogo dos papeis traz as cabeças todas preoccupadas; que definhe ou não a agricultura, quem tracta d'isso? Mais ainda. A ésta Redacção tem chegado correspondencias de varias partes do reino, participando que alguns pequenos lavradores teem entrado com fundos nas caixas economicas, onde elles lhe rendem cinco por cento, e os vão desviando da agricultura onde perdem, ou, quando muito, so obteem dous por cento. (*)

Ora, se não são éstas coisas que merecem a attenção de um govêrno e á reflexão de todos os homens capazes d'ella no paiz, eu não sei então o que a merece. É certo, por exemplo, que a *abertura* do Theatro de D. Maria II, é uma questão muito digna da imprensa periodica; mas por Deus que se discutam tambem os interesses vitaes do povo...

Não é porém este o ponto que hoje me occupa. Como dizia, o mercado dos nossos cereaes em Inglaterra não se tem estabelecido; mas o que não faz o nosso commercio, o que não fazem os nossos lavradores desunidos, sem fôrça nem apoio; o que não fazem os nossos proprietarios, a maior parte dos quaes ainda não intende como os seus interesses os chamam a serem tambem commerciantes; o que não fazem emfim portuguezes a quem isso cumpria, vem fazel-o extrangeiros. Consta que algumas embarcações inglesas devem vir a Portugal carregar de cereaes: e ésta hypothese é hoje o objecto das minhas reflexões. Ninguem duvidará que o bom-exito d'este ensaio nos abre um ramo de commercio lucrativo, um mercado importante, um meio de riqueza nacional. Pelo contrario, se a experiencia sahe mal, fecha-se-nos talvez para sempre ésta porta de fortuna pública. Todo o cuidado e disvello, toda a attenção n'este caso, é absolutamente necessaria, e deve ser reclamada do govêrno e de todos a quem isso tocar, em nome da prosperidade da nação.

Não ha ainda muitos annos que se fizeram algumas remessas de trigo para Inglaterra. Este negocio nem que fôra feito por inimigos do paiz teria resultados mais vantajosos para elles. Vendeu-se a pêso d'oiro uma pouca d'avea, alimpadura e não sei que mais, que se varreu de todas essas tercenas e terras más do sul-do-Tejo, alcunháram isso com o nome de *trigo*, e mandaram-no para o paiz onde a agricultura está mais adiantada, e para onde se importam os melhores cereaes do mundo! O descredito do nosso genero em Inglaterra foi a forçosa consequencia d'ésta absurda especulação da cobiça e da ignorancia. Que isto seja presente a quem lhe importe para que se não renove tamanha falta, e se perca de todo até a esperança d'esse commercio indispensavel á prosperidade actual do paiz e aos seus progressos futuros.

As fraudes commerciaes d'ésta especie teem-se manifestado desgraçadamente ha tempos para cá nos ramos mais importantes da nossa agricultura e commercio. Os vinhos teem sido adulterados, a chacina de porco tem sido falsificada com carne de cabra, a mesma fructa tem sido incaixotada verde e mal escolhida, particularmente n'alguns pontos dos Açores; e assim os mercados da Inglaterra e do Brazil teem recusado algumas vezes os nossos generos, os seus preços teem baixado, e o descredito uma vez estabelecido tarde ou nunca mais se recupera a confiança.

(*) Eu espero mostrar n'um dos proximos n.os da REVISTA a somma dos capitaes existentes nas diversas caixas economicas do reino. Por essa occasião farei algumas reflexões sôbre uma instituição tão util, mas que é susceptivel de abusos como qualquer outra. Tambem não sei porque no nosso estado financeiro se havia de dar o privilegio d'ellas, a uma companhia particular, quando poderia ser a Junta-do-credito-público que utilizasse a grande vantagem do deposito dos seus fundos.

Isto exige uma séria attenção da parte do govêrno. A riqueza da nação é o principal elemento do seu podêr. A agricultura, a industria e o commercio, occupam hoje o primeiro logar, merecem os primeiros cuidados de todas as nações illustradas.

Éstas fraudes commerciaes são tão prejudiciaes ao consummidor como ao commercio leal; a lei deve vir em soccorro do sentimento universal de reprovação que condemna este abuso intoleravel da *guerrilha traficante*, que se acoberta com o respeitavel nome do commercio para exercer suas transacções fraudulentas. É urgente reprimir éstas sem comtudo impor ao commercio licito onus ou embaraços que estorvem o seu desinvolvimento.

Como se póde isto executar? Não é facil de resolver este problema commercial. Em toda a parte do mundo se deseja pôr o commercio leal ao abrigo das fraudes que produzem a desconfiança commum nos mercados internos e externos, com gravissimo prejuizo do commercio em geral, e dos commerciantes honrados em particular; mas dos alvitres até agora suscitados para o fim d'obter este grande resultado, os melhores não satisfazem ainda, por incompativeis ou inconvenientes, o seu importante proposito. Tenho debaixo dos olhos alguns dos melhores economistas que teem tractado d'este assumpto, e outra coisa se não póde colhêr da leitura d'elles.

Comtudo o que não preenche cabalmente o seu fim praticado sôbre grande escala, póde satisfazel-o completamente sôbre limitadas coisas. É assim que o bom-senso da applicação deve utilizar as grandes theorias. Não se tracta de uma providencia que evite *todas* as fraudes commerciaes e em *tudo* que é objecto de commercio. O nosso paiz tem uma exportação tão limitada, e ainda os objectos d'ella são de tão facil indagação, que me não parece impossivel estorvar as fraudes. Nos paizes de grande exportação, mormente de objectos d'industria, são realmente attendiveis as razões allegadas contra os meios que podem lembrar de evitar fraudes; mas no nosso, que se tracta de generos — e especialmente de certos generos e em dadas circumstancias — creio de boa-fé que a fraude, quando não possa de todo ser evitada, póde em grande parte ser prevenida.

Dois meios podem ser suscitados para isso. — A fiscalização da auctoridade publica, ou a vigilancia do interesse privado. Qual d'elles é preferivel? Como devem um ou outro ser empregados?

Questões são éstas que não comportam brevidade, nem podem ser tractadas no improviso d'um artigo: direi todavia o que me occorre n'este momento.

Os principaes generos d'exportação em Portugal são: vinho, sal, fructas, azeite, cortiça, sumagre, e podem ser os cereaes. D'estes sette generos os mais susceptiveis de fraude, ou antes falsificação ou *fancaria*, por assim dizer, são so quatro. N'um d'estes — o vinho, o interesse privado *deve e póde* ter todo o disvello em vigiar a sua boa-qualidade e pureza, no districto mais importante d'este genero e que mais exporta d'elle. D'outro — as fructas, quasi que se póde dizer o mesmo pelo que respeita á exportação de Lisboa; a do Algarve e ilhas ja não é assim. Os outros dois — azeite e cereaes, é que demandam talvez mais particular attenção. Do azeite tractarei alguma vez extensamente em artigo especial, em que de novo ventilarei este ponto.

Pelo que respeita aos cereaes, se em Portugal os lavradores tivessem ja acabado de conhecer os seus interesses e se houvessem formado em sociedades-agriculas etc., parece-me que conviria entregar-lhes a elles proprios a *vigilancia* d'este negocio; mas não se dando esse caso escusado é discutir a maneira por que ella se poderia exercer: ao menos provisoriamente, deve o govêrno hoje ter conta n'este objecto. Que se não argumente aqui com a liberdade do commercio; porque ainda que seja problematico se a liberdade illimitada póde ser util n'alguma coisa, ninguem negará todavia que as melhores theorias devem ser subjeitas ás modificações reclamadas pelas circumstancias da applicação.

Em diversas epochas e em differentes paizes se teem feito leis subjeitando á fiscalização dos agentes da auctoridade-pública, os generos destinados á exportação, para obstar o mesmo que eu hoje estou diligenciando ver se é possivel d'algum modo evitar — a perda de confiança dos generos reiniculas nos mercados extrangeiros. Não é pois nova a idea nem carece de exemplos. Sei bem que este meio embaraçará alguma coisa o commercio: confio porém muito na sua efficacia para proveito commum, e por isso não hesito em propol-o. Demais não temos nós o commercio tão cheio d'embaraços com o quadro e fiscalisação da Alfandega? Será mais um; mas este ao menos de vantajosos resultados; porque julgo que ninguem negará que o interesse do paiz, a honra nacional e a moral pública, exigem similhante providencia, que em seu nome a REVISTA sollicita.

APERFEIÇOAMENTO NAS OPERAÇÕES GALVANOPLASTICAS.

281. Como está hoje muito introduzido entre nós o bello processo de doirar e pratiar pelo processo galvanico, pareceu-me dever dar conta do seguinte recente aperfeiçoamento.

A cyanura de potassium e de prata é um sal que se emprega em grande quantidade nas operações electro-metallurgicas. Não ha ninguem que não tenha conhecido nos trabalhos de pratiação com este sal, que servindo-se d'elle no estado de pureza ou neutro, com um electro-positivo de prata, não se obtem nenhum sedimento de prata, excepto no caso da bateria ter uma força muito consideravel; ajuntando-se porem uma pouca da cyanura do potassium em solução, qualquer fraca corrente d'electricidade basta para produzir o sedimento.

Este facto explica-se, porque a cyanura pura ou neutra de potassium e de prata, ainda que excellente conductor d'electricidade, com a addicção d'uma cyanura livre de potassium facilita-se-lhe muito a decomposição; de modo que quando a cyanura de potassium se ajuncta em proporção tal que forme um composto de 2 equivalentes d'ella com 1 de cyanura de prata, constitue a combinação mais facilmente decomponivel que se conhece nos trabalhos da industria. O sedimento de prata obtem-se então com um bocado de cobre misturado com zinco, que não tem mais de 6 centimetros quadrados de superficie, n'uma solução em temperatura de 23° a 24° C.

PONTES EM PORTUGAL.

282 Lê-se no 'Periodico dos Pobres no Porto' o seguinte artigo, que me pareceu dever registrar na REVISTA: »

O maior dos beneficios que o actual ministerio tem feito ao paiz, foi sem duvida de propor e approvar a lei das estradas no reino, que se acham bastante adiantadas no Minho, especialmente nas immediações do Porto, onde todas estão em andamento, menos a de direcção a Villa-do-conde, Povoa, Barcellos e Vianna, que está intransitavel, sendo aquelle lado um dos mais povoados do Minho e o que mais abastece de cereaes ésta cidade. Mas o que admira é que se consinta que a companhia encarregada d'uma tão util obra, mande construir pontes-pensis, em pequenos rios como o de Lessa do Baljo, onde se acha em construcção uma d'essas pontes á moderna, quando podiam e mesmo deviam de ser feitas da nossa excellente pedra, que a experiencia de tantos seculos tem mostrado serem as mais duradoiras, como se deixa ver de uma no mesmo Lessa, feita ha talvez mais de settecentos annos, de outra no Ave na Maia, da do Lima em a villa do mesmo nome, da de Barcellos, todas éstas feitas ha tempos immemoriaes e que ainda hoje se conservam e conservarão em perfeito estado. Porque, sr. redactor, se quererá trazer ao Minho, os exemplos de pontes suspensas, que se acham construidas na maior parte da Europa mas em sitios que ou não tem pedra, ou se a ha, os rios são de tal profundidade que as não deixam levantar? Quando mesmo no Tamiza em Londres, no Sena em Pariz, no Rodano em Leão, e outros, se acham comtudo as melhores pontes de pedra, e como que so conservam as pensis por luxo, e mostrarem que as artes alli estão no seu auge. Se pois esse é o motivo, nós para mostrarmos que tambem as sabemos construir já temos a do Douro n'ésta cidade, cujo caudoloso rio não deixava que ella se construisse de pedra. Em presença d'isto pois, sr. redactor, se V. julgar que minhas observações, filhas da experiencia, lhe merecem alguma attenção, peço-lhe o favor de ajuntar os seus aos meus rogos, para lembrar a quem compete, que não são convenientes taes pontes, pois que as pensis não durarão mais de vinte annos sem reparos, e as de pedra serão quasi eternas.

Com a publicação d'ésta minha exposição fará V. ao paiz um serviço e um favor ao seu assignante

O Aldeão »

AGRONOMIA.

ESCOLHA E PREPARAÇÃO DAS SEMENTES CEREAES QUE SE HOUVEREM DE LANÇAR Á TERRA.

283 Entre a cultura das plantas mais uteis para a sustentação dos homens e dos animaes, tem a preeminencia na maior parte dos paizes civilisados a dos cereaes, e entre estes a do *trigo commum* das diversas denominações e variedades, deduzidas da forma e tamanho das espigas, maior ou menor volume, pêso, consistencia e qualidade do grão, e conforme as duas principaes classificações — ou de servirem com preferencia para as sementeiras do inverno, ou para as da primavera até ao verão: sem que todavia a cultura do *trigo*, que assim representa o primeiro papel nos terrenos para que é proprio, exclua ou tome o logar dos outros cereaes, como o *centeio, cevada, aveia* e *milho*, nos terrenos adaptados a cada um d'elles; e particularmente do milho, cuja cultura combinada com a do legumes, como *feijão*, em terrenos substanciaes e com agua de rega, offerecerá em Portugal, assim como offerece nas demais regiões que a permittem e bem a praticam, os mais abundantes, certos, variados e proveitosos productos para a sustentação dos homens e dos animaes, e diversos usos da economia rural.

Na serie que temos em vista, iremos lançando opportunamente artigos destinados a cada um dos indicados cereaes, na sua combinação com os terrenos, lavras da terra para ás sementeiras, estrumes, grangeios, colheitas e afolhamentos de lavoira alternada: o presente é destinado aos dois principaes objectos que são communs a todos «*a escolha das sementes e a sua preparação para se lançarem á terra*» qualquer que seja a maneira de a lavrar e estrumar para receber a semente.

Pois que o lavrador semeia para colher, e as suas maiores fadigas e despezas são as de lavrar e estrumar as terras para ás sementeiras, e as da semente que lança a terra; e pois que de sementes estereis, viciadas ou imperfeitas, se não podem esperar ou obter senão colheitas estereis e productos viciados e imperfeitos, e pelo contrario somente se podem esperar e obter colheitas abundantes e frurtos sãos e perfeitos, de sementes fecundas, sãas e perfeitas: resulta por tanto, que o lavrador, para evitar o contra-senso de inutilisar tempo, fadigas e despezas, e de frustrar os proprios fins para que lavra e semeia, deve occupar os seus proprios e maiores cuidados na escolha das sementes.

As regras theoricas e práticas, que sôbre este objecto o hão de guiar com segurança, consistem no seguinte: escolher e destinar para semente os talhões das respectivas searas, que apresentarem as mais bellas producções a todos os respeitos, e sôbretudo as espigas maiores, mais sans e mais cheias de grão — ceifar esses talhões quando os fructos estiverem bem maduros — fazer a debulha em separado e crivando, limpando e seccando perfeitamente na eira os grãos da semente — recolher e conservar as sementes em logar secco, arejado, limpo e livre de insectos, ratos, ou introducção de aves de qualquer especie; e padejar as mesmas sementes quando convier, para não tomarem calor ou bafio até á occasião de se lançarem á terra.

O lavrador achará consideravel proveito em renovar as sementes, e em escolher as de terreno de inferior qualidade para as lançar no de qualidade mais substancial que quizer semear, onde aquellas sementes produzirão colheitas mais abundantes e primorosas; mas nunca lance sementes de terrenos mais substanciaes em outros de qualidade mais inferior: achará ainda notavel beneficio em preferir as sementes havidas de locaes mais frios e mais ao norte do que os terrenos que quizer semear. D'ésta fórma se assegurará o lavrador da boa escolha e qualidade das sementes havidas das suas proprias searas; ou em troca de outras eguaes entre lavradores discretos, que assim o façam com vantagem reciproca; ou emfim havendo de as comprar com pleno conhecimento da sua boa qualidade e perfeição.

As sementes fecundas, sans e perfeitas, não so abonam o desejado fim de colheitas abundantes em quantidade e qualidade de productos, mas além d'isso concorrem essencialmente para preservar as searas de

varios males a que são subjeitas, e entre elles da *ferrugem*.

No catalogo das molestias que atacam os cereaes, figura notavelmente pelos seus estragos a do *carvão* no grão das espigas, que os lavradores conhecem com o nome de *ferrugem*: os naturalistas e agronomos teem largamente debatido sobre as causas d'ésta molestia, e dando soluções diversas descançavam em suas theorias de que o mal se evitaria pela preparação das sementes, laborando todos no supposto de que a causa da molestia não procedia intrinsecamente do grão da semente: veio porém M. *Breton*, membro da academia d'industria franceza, habil agronomo e proprietario na Lorrena, o qual, sobre a evidencia de que as preparações mais energicas da semente não evitavam a *ferrugem*, que atacava as searas sem differença das de sementes não preparadas, destruiu a illusão das preparações da semente como remedio para evitar a *ferrugem*; e deduzindo d'aqui a consequencia de que as causas do mal deviam ser intrinsecas, passou a verificar, por experiencias repetidas e constantes, que a *ferrugem* procedia das sementes mal maduras, imperfeitas, e intrinsecamente fracas e doentes, e que o meio unico e seguro de a evitar, consistia na escolha de sementes bem maduras, sans e perfeitas: e tudo isto communicou á academia, que o publicou no seu jornal.

D'ésta fórma confirmou M. *Breton* o principio generico, assente nas leis da natureza e vida vegetal, de que segundo fôr a semente será a planta; que de semente fecunda e san virá planta de fructo abundante e são; que de sementes estereis, fracas e doentes, virão plantas de poucos fructos, e esses fracos, imperfeitos e doentes; e que as preparações artificiaes das sementes, que contribuem poderosamente para coadjuvar o desinvolvimento de sementes sans e perfeitas, não podem remediar os males procedentes de causas intrinsecas identificadas com o grão da semente.

Tenho-me demorado um pouco n'este objecto por ser em si, e nos seus resultados, o mais importante em agronomia theorica e pratica; e contra o meu costume recorri á auctoridade scientifica e pratica de M. *Breton*, e da academia de industria franceza de que tenho a honra de ser membro, a fim de rectificar o artigo tocante á *ferrugem* do trigo, que vem no n.° 21 da REVISTA (extrahido do 'Dic. dés Ménages') e rectificar da maneira seguinte: que o remedio para evitar a *ferrugem* consiste somente na escolha de sementes sans e perfeitas; que senão limita ao trigo, e abrange o centeio, cevada, milho, igualmente subjeitos á *ferrugem*; que é não so applicavel mas impreterivel tanto na pequena como na grande cultura: e n'ésta com tanto maior cuidado quanto é maior o prejuizo de se não praticar; que as preparações da semente, receitadas no artigo de nada servem para evitar a *ferrugem* e que a propria receita não se a que convem á pequena, ou grande cultura para se obterem os diversos fins e vantagens da preparação das sementes, de que passo a tractar.

A preparação das sementes cereaes é uma das mais interessantes aquisições da agronomica: tem laborado entre os extremos da theoria abstracta ou charlateneria scientifica, e do empirismo da pratica cega: ainda hoje são raros os agronomos que evitam aquelles extremos, e marcham pelo justo meio em que se combina a certeza da theoria com a segurança da pratica. É por este justo meio que vamos apresentar a preparação das sementes e seu processo: e depois individuaremos as vantagens.

Consiste a preparação das sementes em as mergulhar em um banho d'agua-de-cal, a que se misturam outros ingredientes accessorios, como, cinzas ordinarias, estrume de vacca, e de aves domesticas, e urinas: tudo isto comprehenderam os agronomos francezos debaixo da palavra *chaulage*, que quer dizer preparação das sementes com cal, por isso que a cal figura principalmente n'ésta preparação.

O processo pratica-se pela maneira seguinte: tome-se uma vasilha de madeira ou de pedra, como tina, cuba, pipa destampada do lado superior, pia, dorna ou lagar de pedra, proporcionando a capacidade da vasilha á quantidade de liquido que deve conter para ficarem mergulhadas as sementes e restar ainda uma terça parte do mesmo liquido sôbre as sementes mergulhadas — o liquido forma-se com agua, na qual se lança cal viva para se desfazer na mesma agua; a porção de cal é a que for bastante para fazer um leite carregado, mas de sorte que mexido não deixe sedimento no fundo da vasilha — a este leite de cal misturam-se os indicados ingredientes de cinzas, estrume de vacca e de aves domesticas, e urinas; ou todos estes ingredientes havendo-os, ou d'elles os que houver, guardando a justa proporção com a cal de que são accessorios, e do liquido, que com todas as misturas deve sim ficar carregado, mas mexido, não deixar sedimento algum no fundo da vasilha. Sôbre este liquido bem mexido lançam-se as sementes escolhidas, as quaes, assim mergulhadas, serão logo bem mexidas com um pau que alcance até ao fundo da vasilha; e com uma escumadeira se apanharão e tirarão todas as sementes mal cheias, defeituosas e imperfeitas, que acodem á superficie do liquido, e bem assim qualquer corpo extranho, ou sementes de plantas, parasitas ou diversas, que costumam introduzir-se nas searas dos cereaes, e tenham escapado na limpeza das sementes escolbidas. Repete-se de quando em quando a mesma operação de mexer as sementes e escumar o liquido — conservam-se assim as sementes mergulhadas por espaço de dezoito horas; e sendo milho, por espaço de vinte e quatro horas — findos estes espaços, tiram-se as sementes do liquido e estendem-se a enxugar em logar bem limpo, secco e arejado; onde em quinze a dezoito horas se enxugarão, quanto basta para se semearem no dia seguinte. Se algum obstaculo impedir o semearem-se nos dias proximos seguintes, mexam-se bem as sementes todos os dias com uma pá; e assim se conservam sem detrimento os que mediarem até semear.

Na falta de cal viva, pode empregar-se em logar d'ella, uma forte salmoeira ou agua do mar; contando-se porém que não prehenche todos os fins e effeitos da cal.

As importantissimas vantagens que resultam d'ésta preparação são entre outras as seguintes:

1.° preservar as sementes a searas contra todas as causas de molestias, que não procedam intrinsecamente do grão das mesmas sementes; e contra todos os insectos conhecidos, que de qualquer modo as offendam.

2.° Penetrar a semente da humidade necessaria para

o seu desinvolvimento, servindo assim para apressar a germinação, e para a segurar sem o concurso da humidade das chuvas, de que alias depende a germinação das sementes não preparadas.

3.ª Fazer com que, por effeito da humidade de que se acha impregnado o grão da semente, a sua germinação e nascimento tenham logar de oito a dez dias mais cedo, do que acontece ás sementes não preparadas: o que é sempre de grande vantagem a diversos respeitos, e principalmente em annos de sêcca.

4.ª Augmentar com a dóse e qualidade de estrume, que fica unido ao grão da semente preparada, a fôrça e fecundidade do germe e planta nascente.

5.ª Dar, por essa mesma força de germinação, mais robustez ás plantas para melhor resistirem ás intemperanças do tempo.

6.ª Habilitar, por essa mesma força de germinação, as plantas para lançarem vigorosos pés, hastes, e folhas, que suffocam as hervas nocivas, e as não deixam produzir sementes, comendo da terra, e sujando os frutos cereaes: evitando-se ao mesmo tempo as despezas de monda, e as de limpar o grão dos cereaes de sementes extranhas.

7.ª Economizar as sementes um quinto pelo menos do que se emprega com sementes não preparadas; sendo esta economia de tal vulto, que nenhum lavrador a deve desperdiçar, na pequena ou grande cultura, e n'esta muito mais por ser mais valiosa a economia em si mesma, e recahir em tempos das respectivas sementeiras, em que os cereaes sobem de preço no mercado: este quinto menos de semente resulta; de que os grãos da semente, inchados pela humidade da preparação, tomam o seu maior volume que a mão do semeador sente para lançar as sementes com tino e attenção ao seu proprio volume, e as não deixar cahir inadvertidamente por entre os dedos; de que o semeador deve contar com a germinação de todos os grãos da semente preparada para assim lançar so a meramente precisa, e não lançar semente de mais como na não preparada, em que se conta com a muita que não hade germinar e se espera perder; de que a semente preparada, além da efficacia de germinação, leva comsigo, nos ingredientes da preparação, o preservativo de lhe não tocar e a não comer uma multidão de animaes damninhos ás sementeiras de grãos não preparados; de que finalmente a semente preparada se lança em todo o caso muito menos basta do que a não preparada, para melhor se desinvolver e fructificar.

Faremos aqui a observação geral de que as sementes nunca devem sér enterradas de mais; na certeza de que as enterradas de mais, ou morrem sem germinar; ou se enfraquecem e adoecem nas agonias de uma germinação contrariada, e produzem poucos fructos, e esses imperfeitos e manchados de *ferrugem*, como se vê nas proprias searas de sementes escolhidas e preparadas, onde apparecem espigas com ferrugem por ter ficado enterrada de mais a semente d'ésses espigas.

Por último, aconselharemos aos lavradores do riba-Tejo, que se não arrisquem a semear os campos subjeitos ás cheias do Tejo em quanto não tiverem passado as cheias resultantes da estação do inverno, que dias é a propria para as sementeiras adaptadas a terrenos enxutos, e a que não alcancem inundações invernosas; e estejam assim expeditos e desoccupados para fazerem as sementeiras dos campos inundaveis quando tiverem passado as cheias ordinarias do Tejo, e os campos se mostrarem sufficientemente enxutos para as lavras de sementeiras, e receberem a semente: então com as lavras para a sementeira, enterram e aproveitam os nateiros deixados na superficie dos campos pelas cheias do Tejo, e que formam o estrume fecundante dos mesmos campos; e com sementes bem escolhidas e preparadas seguram a germinação e prosperidade das searas e colheitas, não so em annos temperados, mas tambem nos irregulares e de sêcca.

Lisboa 15 de novembro de 1845.

Luiz Antonio Rebello da Silva.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO XXI.

Quem vem lá? — Como entre dous litigantes nem sempre gosa o terceiro. — Carlos e Joanninha n'uma especie de situação *verdeira* a mais perigosa e falsa das situações.

284 As estrellas luziam no ceo azul e diaphano, a brisa temperada da primavera suspirava brandamente, na larga solidão e no vasto silencio do valle distinctamente se ouvia o doce murmúrio da voz de Joanninha, claramente se via o vulto da sua figura e da do companheiro que ella levava pela mão e que machinalmente a seguia como sem vontade propria, obedecendo ao podêr de um magnetismo superior e irresistivel.

Passavam, sem as ver e sem reflectir onde estavam, por entre as vedetas de ambos os campos... e ao mesmo tempo de umas e outras lhes bradou a voz breve e stridente das sentinellas: 'Quem vem lá?'

Estremeceram involuntariamente ambos com o som repentino de guerra e de allarma que os chamava á esquecida realidade do sítio, da hora, das circumstancias em que se achavam.... D'aquelle sonho incantado que os transportára ao Éden querido de sua infancia, accordaram sobresaltados... viram-se na terra erma e bruta, viram a espada flammejante da guerra civil que os perseguia, que os desunia, que os expulsava para sempre do paraizo de delicias em que tinham nascido...

Oh! que imagem eram esses dous, no meio d'aquelle valle nu e aberto, á luz das estrellas scintillantes, entre duas linhas de vultos negros, aqui alli dispersos e luzindo acaso do tronziente reflexo que fazia brilhar uma baioneta, um fuzil... que imagem não eram dos verdadeiros e mais sanctos sentimentos da natureza expostos e sacrificados sempre no meio das luctas barbaras

e estupidas do conflicto de falsos principios em que se estorce continuamente o que os homens chamaram *sociedade*!

Joanninha abraçou-se com o primo; elle parou derepente e foi com a mão ao punho da espada.

— 'Quem vem lá?' tornaram a bradar as sentinellas.

— 'Ouves, Joanna?' disse Carlos em voz baixa e sentida: 'Ouves estes brados?' É o grito da guerra que nos manda separar; é o clamor cioso e vigilante dos partidos que não tolera a nossa intimidade, que separa o irmão da irman, o pae do filho!..'

— 'Quem vem lá?' bradaram ainda mais forte as sentinellas; e ouviu-se aquelle stridor baço e breve que tam froixo é e tam forte impressão faz nos mais bravos animos... era o som dos gatilhos que se armavam nas espingardas.

O momento era supremo, o perigo imminente e ja inevitavel... alli podiam ficar ambos, traspassados das ballas oppostas dos dous campos contendores.

Como esses que, fiados em sua innocencia e abnegação, cuidam podêr passar por entre as discordias civis sem tomar parte n'ellas, e que são, por isso mesmo, objecto de todas as desconfianças, alvo de todos os tiros — assim estavam alli os dous primos na mais arriscada e falsa posição que tem as revoluções.

Joanninha conheceu o perigo que os ameaçava; e com aquella rapidez de resolução que a mulher tem mais prompta e segura nas grandes occasiões, disse para Carlos:

— 'Falla aos teus, faze-te conhecer e põe-te a salvo. Ámanhan nos tornaremos a ver: eu te avisarei. Adeus.

— 'E tu, tu?.. E as sentinellas dos realistas?..

— 'Não tenhas cuidado em mim. D'esta banda todos me conhecem'. Deu alguns passos para o lado da sua casa e levantou a voz:

— 'Joanninha! Sou eu camaradas, sou eu!'

Immediatamente se ouviu o som retinido das coronhas no chão, e o riso contente dos soldados que reconheciam a bemquista e bem vinda voz de Joanninha... da 'menina dos rouxinoes.'

— 'Ves, Carlos?.. Adeus! até ámanhan.' disse ella baixo.

— 'Até amanhan se...'

— 'Se!.. Pois tu?..'

— 'Ouve: não digas a tua avó que me viste, que estou aqui; é forçoso, é indispensavel, exijo-o de ti...'

— 'E ámanhan me dirás?..'

— 'Sim.'

— 'Prometto: não direi nada... Mas, oh! Carlos...'

— 'Adeus!'

Carlos deu dous passos para o lado das suas vedetas, Joanna correu para o lado opposto. Mas elle parou e não tirou os olhos d'aquella fórma gentil que deslizava como uma sombra pelo horisonte do valle, até que desappareceu de todo.

E elle immovel ainda!

Faiscaram derepente como relampagos um, dous, tres, e as detonações que os seguiram, e o assovio das ballas que vinham depós ellas... Eram as sentinellas constitucionaes que faziam fogo sôbre o seu commandante que não conheciam; cujo silencio e immobilidade o fazia suspeito.

Uma das ballas ainda o feriu levemente no braço esquerdo.

— 'Bem, camaradas!' bradou Carlos caminhando rapidamente para elles, e erguendo a voz forte e cheia que tam conhecida era nas fileiras: 'Bem! Fizeram a sua obrigação. Um de vocês que me aperte aqui o braço com este lenço.'

— 'Carlos!' gritou ao longe uma voz fina, aguda, vibrante de terror pelo espaço 'Carlos! falla-me, responde, não te succedeu nada?'

— 'Nada, nada! Socega.'

E tornou a cahir tudo no silencio. Carlos retirou-se ao seu quartel n'uma choupana proxima. Os soldados olharam-se entre si e surriram

Um mais doutor disse para os outros:

— 'O nosso capitão não se descuida: ainda hoje chegou, e ja nós lá vamos, hem?'

— 'O nosso capitão é d'aqui: não sabes?'

— 'Hum! tenho percebido. E ainda lhe dura? O home' é capaz!'

— 'Silencio! Eu te direi logo a historia toda: é uma prima.'

— 'Ah! prima. Então não ha nada que dizer.'

— 'É a que elles chamam aqui...'

— 'A menina dos rouxinoes? Essa é maluca.'

— 'Gosta d'ellas assim, que elle tambem o é.'

— 'Pois a freira de San'Gonsallo, na Terceira?'

— 'Maluca.'

— 'E a Lady ingleza que?..'

— 'Maluquissima essa! Não me hade admirar se a vir cahir do ar um dia por ahi como bomba. E não hade dar mau estallo!'

— 'Podéra! E incontrando-se com a prima então!..'

— 'Mas elle é prima ou é irman?'

— 'É uma tal parentella inrevezada a d'essa

gente da casa do valle!.. dizem coisas por ahi, que se eu as intendo!.. E ha um frade no caso, já se sabe...'

—'Oh! elle ha frade no caso?'

—'Ha, e que frade! Um apostolico ás direitas! Tam feio, tão magro! apparece por ahi ás vezes. Eu já o lombriguei um dia: e que famoso tiro que era! Quasi que me arrependo de não ter...'

—'Isso! hoje iamos matando o nosso capitão por instantes. Olha agora se lhe matas o tio, ou pae, ou o que quer que é...'

—'Um frade!'

—'Um frade não é gente?'

—'Não senhor.'

—'Está bom: basta de conversar por hoje. O que me eu parece é que nós temos cedo muita pancada rija.'

—'Venha ella, que isto ja abhorrece.'

Accenderam os cigarros e fumaram.

Com o mesmo socêgo d'espirito... Sancto Deus! accendem os homens a guerra civil que altera e confunde por este modo todas as ideas; todos os sentimentos da natureza.

Continúa. *A. G.*

DO PARIATO. (*)

285. As leis compunham-se no senado, mas não era so alli, tambem o povo as fazia e outros, o pretor, por exmplo etc. Ésta simultaneidada, a representação tão pouco a tolera por um instante. A uma anarchia saccionada por direito, derivando de tantas nascentes, accrescia outra, e era que se não sabia ao certo quando os senatûs-consultos que se votavam na assemblea onde competia a sua confecção, eram legitimos ou não, porque devendo assistir á sessão 100 senadores, minimo número para se podèr constituir, não havia modo de verificar a sua comparencia, e d'ahi podia-se ficar em dúvida da validade do decreto que fosse necessario citar. E como se isto ainda não bastasse para de todo se baralhar a confusão e desbaratar a ordem, a prepotencia forjava-os, o que não lhe era difficil, attendendo a que o senado, por sua instituição, não se reunia mais de 36 vezes por anno, e mais tarde mesmo so 24. Este intervallo, considerando que então não havia imprensa e que os decretos passavam do senado para os archivos sem quasi publicação, asava a impunidade a prevaricar n'éstas fraudes descompassadamente. Ciçero queixa-se a este respeito que Cesar tomava a liberdade que lhe phantaziava, com o seu nome, para o dar por annuente a ficticias ordenanças, em que o celebre orador nunca sonhára.

A fortuna do govèrno romano, conforme o meu debil juizo, não esteve tanto pois na sua perfeição absoluta, para a França ou qualquer outra nação moderna dever ambicionar a sua imitação, como esteve na superioridade da sua organisação ao de todos os outros na Italia — havia n'elle menos escravidão: aqui está todo o segredo. E a continuação d'essa superioridade nos da Italia toda depois da sua integração em um so Estado, aos do resto do mundo d'então, á habilitação para conquistar todas as regiões do globo até alli exploradas, foi o que deu emprego e mais tarde riqueza aos patricios, para que se não digladiassem entre si ou com os escravos, que algum refrigerio achavam na *conscripção* que faziam d'elles, o que assim era preciso para accudirem e coadjuvarem na prèsa. Acabaram-se as conquistas, vieram os campos emathios.

Repare-se bem e ver-se-ha que não ha aqui nenhum logar commum. Qualquer nação das grandes da Europa ja tem durado mais do que a republica, e longe de darem signaes de decadencia promettem cada vez mais duração e mais explendor. O poder promette n'ellas a passo cheio ir-se dividindo e distribuindo a melhor entre o povo, e as innovações alcançarem-lhe commodidades cada vez maiores. O progresso vive.

Não era assim com o senado ou constitnição romana; que sendo ou compondo-se para o pequeno número, o qual se fazia á custa do commum, tinham os privilegiados de ser por instincto inimigos de qualquer mudança que lhes tirasse qualquer coisa e d'ahi não havendo mais do alheio extrangeiro a capturar, e não sabendo crear do proprio com a industria, segundo as sociedades modernas que ahi acham a sua valvula de segurança, foi a consequencia a lei agraria para podèr viver, para mais nada porque não era ambição; á lei agraria seguiu-se Sylla; a este Pompeio, Cesar, e afinal a extincção da republica.

Ésta extincção é facil de conceber, não havendo por unica industria senão a guerra. Todas as outras eram interdictas aos cidadãos activos. Fazia-se um monopolio tal d'ella, que os indigentes eram excluidos de entrar n'ella, estigmatizando-os com o epitheto de proletarios, como que so proprios, como animaes irracionaes, para crearem, e segundo a fecundidade assim serem estimados. O pai de muitos filhos teve sempre a precedencia na distribuição das terras, e Cesar uma vez propoz uma distribuição d'ellas em que entraria quem tivesse pelo menos tres filhos. Aos extrangeiros assim como aos indigentes que eram muitos, não era permittido pegar em armas. Entrava em condicção por tractado com alguns povos, por especial favor, divisão no espolio ganhado por via d'ellas. Era esta a tão unica origem d'onde vinha a propriedade, que ella conservou até ao fim a etymologia que nunca perdeu d'onde provinha, no vocabulo predio, de praedium, de, *praedo, are*, préar, roubar. (Beaufort, Niebuhr, Hugo, *passim.*)

Até aqui não ha vislumbre da representação nacional segundo as novas necessidades a pedem, e de maneira alguma sobre um tal molde como esse que temos diante de nossa vista, conviria á França nem a nenhuma outra nação das actuaes vasar a sua constituição politica. Se ésta nos não era adquada, muito menos a civil. A escravidão tornava a ésta de lobrego, por entre todas as fórmas, debaixo das quaes lhe é possivel estar subjeito o homem. Era a natural, era a feudal, era a servil e era a economica. Pegava ella dos corpos materialmente como uma tunica inconsutil, advinculava-os logo que nasciam, e retinha-os em cima d'um fogo lento até que expiravam. Pelas XII taboas, que Cicero (a republica ja no auge da sua civilisação) não duvidou pôr a cima de tudo, era de direito que o pai

(*) Continuado de pag. [illegible].

podia matar o filho. A ésta *ordenação* da republica, seguiam-se outras disposições na sua jurisprudencia pelas quaes o *patrono* tinha tanto jus ao preito do *cliente*, como o barão mais tarde teve á homenagem do *villão*. A servidão era tanta em Roma, que todas as d'America são umas delicias á vista d'ella, quanto a este flagello. Havia particular que tinha 20,000 escravos. Nós não temos nenhuma cidade, tirado Lisboa e Porto, que tenha tantos habitantes. Sylla emancipou 10,000 á hora da morte. Pense-se por um instante n'isto e veja-se que tal nos julgariamos hoje se fosse necessario que nos deixassem em testamento como uma herança a liberdade a qualquer de nós, e que para addir a successão dos nossos proprios movimentos houvesse de se lavrar uma escriptura assignada por cinco testimunhas, e haver de a trazer sempre comsigo e guarda-la como um thesouro, porque sem ella ou perdendo-a, não teriamos faculdade de nos mechermos mais e de irmos onde nos approuvesse. nem ter nada de nosso, nem mulher, nem filhos, nem habitação, nem roupa, nem alimento, posto que tudo isto podessemos adquirir com o suor do nosso rosto e por nossa propria industria: pense-se n'este martyrio que estende o pequeno espaço da vida por seculos quando ella é passada em tormento, e veja-se qual era a sorte commum romana.

Ha casos na historia que so ha mui pouco se começam a explicar. O da acceitação que merecia Augusto dos antigos, não obstante os crimes que lhe assacam é um d'elles. Augusto decepou as cabeças dos grandes, mas guardou a dos pequenos. Elle foi o primeiro que pensou que os escravos tambem seriam gente como os mais homens. Estes sentimentos é provavel fizessem que por cada um dos cidadãos que poderia exhalar imprecações sôbre elle, tivesse pelo menos dez infelizes a abençoal-o e a proteger as suas intenções. Crimes são sempre crimes, nem os eu defendo, ainda que sejam d'Augusto fallecido ha 18 seculos, mas que se hade dizer de um dos grandes de Roma que banqueteando a este imperador mandou botar um escravo n'um viveiro de peixes, por ter quebrado um vaso de porcellana? Augusto salvou a vida a esse desgraçado, e fazendo trazer á sua presença todos os vasos de porcellana que havia na casa, todos fez quebrar e mandou entulhar o viveiro, para que não se tornasse a repetir a ameaça de um supplicio como o de que esteve para ser testimunha. Não so isto; suppõe-se que em razão d'este acontecimento elle ordenou ao prefeito da cidade para tomar conhecimento das suas queixas contra os senhores. Este procedimento, devia produzir não menos effeito sôbre a numerosa população de captivos que residia em Roma, do que um general humano produz sôbre a tropa do seu commando, que por essa boa qualidade é adorado d'ella, tenha elle os defeitos que tiver. Alem dos muitos escravos que cada um tinha, era mui trivial a violencia, para afeiar a desventura dos governados, de arrebatarem da vida pública os homens livres mesmo, e metterem-nos a trabalhos forçados em prisões por toda a vida por conta dos captores. Chegou a tanto este excesso que Augusto mandou devassar da frequencia d'estes attentados. Finalmente em quanto á ultima especie que notei de escravidão, a economica, era tal a dureza nas relações entre particulares que bem podia desesperar, se lhe deixassem vida para tanto, o agonisando devedor insolvente, que cahisse debaixo de todo o rigor da lei dos seus credores, que o podiam não menos do que cortar aos pedaços, para assim se satisfazerem da quota cada um, das suas dividas. Foram estas e a usura, a causa para a republica estar por mais de uma vez á borda da sua perdição, e afinal dar cabo della. (*Hugo.*)

Todas as revoluções, isto é, mudanças, mesmo as contra-revoluções, isto é, restaurações, tem a sua causa. Aquellas, longa, estas curta. Se a republica cahiu não foi porque a sua sustentação conviesse ao maior numero, é porque era exclusiva: podiam-se contar as familias que gozavam vantagens na presistencia d'ella; se o imperio durou e aturou depois por tanto tempo, é porque deixava ou tolerava a vida a esse maior numero, isto é, á totalidade, ainda que a degradação, para a classe onde essas familias d'antes floresciam fosse revoltante. Entendamos aquillo que por ora não tenho visto escripto na nossa lingua. O imperio não podia caber na cidade, nem as regras para a cidade por maiores insanchas que lhe botassem fóra., podiam servir para o imperio. Ja Cesar começou a transportar Roma para os *barbaros*. E'sta passagem suspendeu-se nos reinados de Augusto e Tiberio; mas d'estes dois imperadores por diante, não teve mais interrupção a *barbarização* de Roma. (Leia-se Michelet) A solidariedade na miseria estabeleceu-se, e desde então não se podiam restituir uns com os outros., mas esta restituição universal, não se podia fazer sem se prepararem grandes meios que deviam levár seculos a consummar; tantos quantos vão do começo do imperio até á queda dos seus ultimos vestigios em Constantinopla ás mãos tambem de *barbaros*.

Pouco ha a dizer das contra-revoluções e não vale a pena de se fallar n'ellas. Nascem da retrotracção ao passado porque as revoluções não realisam; falta de elementos e copia de fezes, o programma de todas ellas em anticipação sôbre o futuro, que não pode estar no presente quando ellas se dão á luz. Inventam e cogitam, os poucos na vanguarda do seculo, as theorias, mas os seus exequentes não as adivinham, são como a legislação que so comprova factos preteritos, que se aprendem com a experiencia de muitas provas. D'aqui vem os embates primeiro que tenham pleno assenso e passem doutrinas novas. A Inglaterra em 1685 e mesmo em 1688 apresentou-se, se o direito na politica vale mais que o facto, muito mais atrazada do que em 1649. A França em 1815 do que em 1789, em 1845 do que em 1830. Portugal em 1845 do que em 1820. A mathematica sendo uma sciencia exacta e onde portanto uma demonstração feita uma vez fica sendo a mesma para todos, e não ha que voltar a traz com dúvidas, leva tantos annos primeiro que vingue com os seus principios, não admira que na politica que é uma sciencia moral, onde todos querem ter, e se julgam habilitados a ter, uma *opinião*, se tenha feito tão pouco progresso.

Continúa.

C. A. da Costa.

DOS TRIBUTOS ESTABELECIDOS NA ILHA DE SAN'MIGUEL ETC. (*)

286 Tendo nós tido a fortuna (talvez a infelicidade...) de colhêr éstas noções em muitos livros de difficil e

(*) Continuado de pag. 253.

cansativa leitura, cumpre-nos não occultar que algumas vezes estes lamentaveis acontecimentos tiveram logar quando os ouvidores se queriam oppor ao monopolio dos cereaes feito pelos vereadores, que por via de regra eram os maiores proprietarios, ou, pelos seus parentes, e tolerado pelo senado com manifesto prejuizo publico, como teremos logar de demonstrar.

Sendo porém illegal e iniquo um tal arbitrio, tomado *ad terrorem* por alguns ouvidores, para conseguimento do fim desejado; e não sendo menos evidente que alguns outros lançavam mão de tão doloso e illicito meio para obterem uma camara que tolerasse os monopolios que faziam alguns donatarios mais ambiciosos, resultou d'estes succedimentos alcançar o senado algumas sentenças contra a jurisdicção dos ouvidores: (38) e para de certo modo os submetter, o senado endereçou ao soberano uma representação, com a qual obtiveram a provisão inhibitoria de 14 de março de 1622, pela qual foi determinado a certo corregedor, que no soberano nome intimasse o ouvidor, para que nas procissões em que fosse o senado não tomasse a precedencia do dito senado, como até então praticava, sob pretexto de que estava fazendo as vezes do capitão donatario.

Finalmente poremos rematte ás jurisdicções e privilegios dos capitães donatarios d'ésta ilha, declarando que elles estavam exemptos de pagar direitos de sahida dos cereaes que exportavam, mediante a clausula de provarem que eram producto da sua lavra n'aquella ilha; cuja graça lhe foi concedida por alvará de 10 d'outubro de 1742 (39). Abstemo-nos de fatigar nossos leitores adduzindo algumas reflexões sôbre o dolo e abuso a que deu logar ésta concessão; ella chamou sôbre o donatario a odiosidade publica: noções d'isto encontrámos em registros da camara: e por disposição de 20 d'agosto de 1751 (40) foi determinado, que não se fisesse o desconto de 4 e meio por cento das quantias a dinheiro e trigo, que na folha d'alfandega recebiam os donatarios da redizima que lhe fôra concedida.

Logo depois do donatario Rui Gonçalves da Camara, 4.° do nome, ter entrado na ilha de San'Miguel com sua familia e os novos povoadores, criou com auctorisação regia o logar de ouvidor, para quem aggravassem ou appelassem as partes, dando-lhe de sua fazenda 80$000 réis annuaes: veio então do reino por primeiro ouvidor Gonçalo Vaz Botelho (41). Os ouvidores além da jurisdicção que a ordenação lhes concedia, tinham a que lhes outhorgava a de donatario.

Releva dizer, que os primeiros ouvidores que houve n'esta ilha mereceram a estima d'estes povos, ou fosse porque eram homens instados para exercerem éstas funcções, homens de merito e probidade, que por espirito de patriotismo desejavam o augmento d'ésta ilha, e abandonando os risonhos campos de Portugal iam collocar-se n'aquelle volcanico rochedo, se mi-engolido pelas ondas do atlantico; ou fosse porque o espirito publico dos primeiros povoadores se désse mais aos cuidados agriculas do que ás questões governativas; ou finalmente porque eram mais submissos ou tinham mais simpleza: (42) o que não ha para duvidar é, que gozáram do respeito e veneração pública emquanto não começaram as argumentações e discordias com os juizes-de-fóra, nomeadamente com os aparentados com familias insulanas; porisso que estes frequentes vezes engendravam suas arteiras opiniões no senado, induzindo os vereadores a tomarem uma attitude hostil contra os ouvidores. Taes factos enfraquecendo a jurisdicção do ouvidor, tornou estes magistrados menos respeitaveis aos olhos do povo, que começou a contravir aos seus mandatos: augmentando-se assim o estado talvez cahotico em que se achava o regimen d'ésta ilha. O povo deve obedecer aos magistrados, disse o sabio *abbade Mably*, e os magistrados ás leis; destruida ésta molla essencial acabou-se a sociedade civil.

Durante o tempo em que o corregedor d'estas ilhas se achava na de San'Miguel em correição, que em observancia das reaes ordens não excedia a tres mezes, cessavam as correições do ouvidor; e então do juiz-de-fóra se recorria ao corregedor: quando porém findavam os tres mezes, se o corregedor continuava a estar n'esta ilha o ouvidor reassumia a sua jurisdicção em toda a plenitude (43).

Havendo D. João II subido ao throno por morte de seu pai D. Affonso V, e celebrando côrtes em Evora no anno de 1481, n'ellas coarctou grande parte dos privilegios e jurisdicções que os reis seus predecessores tinham outhorgado aos donatarios, criando por ésta occasião os corregedores. E este foi talvez um dos motivos dos grandes desgostos que soffreu no seu laborioso reinado (44). Quanto a éstas ilhas a creação que n'ellas se fez de magistrados-regios foi o golpe mais profundo que se deu na jurisdicção dos seus campitães donatarios (45). Similhantemente havia mandado como corregedor a Angra Affonso de Mattos, no anno de 1503 (46) para ter jurisdicção em todas as ilhas dos Açores com residencia em Angra, que era cabeça de comarca, e tornando-se por ésta razão extensiva a sua correição a todas as ilhas d'este archipelago; porém de 1534 até 1540 vieram mais dois ministros por particulares corregedores de San'Miguel e de Sancta-Maria, sendo o primeiro Francisco Toscano, e das outras ilhas Braz Cotta: e assim se conservaram até 1544, epocha em que foi extincta a comarca das ilhas de San'Miguel e Sancta-Maria, tornando-

(38) No citado liv. do tombo, da camara de Ponta-Delgada, se incontram as longas sentenças a que alludimos.

(39) L.° 9. do reg. d'alfandega de Ponta-Delgada f. 210 v.

(40) Ibidem, f. 234.

(41) Fructuoso, cap. 65. Este ouvidor foi pai do 1.° homem que nasceu na ilha de San'Miguel, depois de ser povoada.

(42) O P. Cordeiro, na Hist. insul. l.° 5 cap. 18 § 112, tractando da singeleza dos antigos Michaelenses, assim se exprime: « Como os de Portugal indo áquella ilha, com qualquer coisa enganavam os ilheos, e lhes levavam por ella os mais ricos fructos que da terra tinham, em comparação de sua malicia, chamavam áquelles ilheos pombos na candura; e oh! prouvera a Deus que ainda hoje assim forsem »

(43) Liv. do tombo antigo da camara de Villa-Franca do Campo fl. 39.

(44) Hist. ger. de Port. por D. A. Lemos, tom. 8 liv. 30 cap. 2.

(45) Damião de Goes (chronic. d'elrei D. Manuel parte 4.ª cap. 5.° no fim) diz que elrei D. Manuel mandára corregedor á ilha da Madeira em 1516; de que tanto se desgostou o seu capitão Simão Gonçalves da Camara, que apezar de lhe chamarem *magnanimo*, d'ella se retirou deliberando ir viver em Castella.

(46) Hist. Insul. liv. 6 cap. 14 § 139.

a ficar subjeitas á comarca d'Angra, da qual era então corregedor Gaspar Touro. (47).

Continúa. *B. J. Senna Freitas.*

POESIA.

O INVERNO.

(*Improviso.*)

287 Sem gallas externas, sem fructos nem flores.
Suaves amores
Esconde no manto que finge rigores
Rigores sem ter;

Debaixo da neve que a face branquea
O fogo se atea;
Negreja-lhe a fronte — sorri-lhe na idea
Furtivo prazer!

Mais doce por isso, mais brando e mais ledo,
Propaga em segredo
Os gozos immensos que pulam sem medo
No seu coração.

Se o sol é formoso, se as alvas estrellas
Brilhando são bellas,
As luzes das festas, estrellas como ellas,
Mais feias não são.

O esmalte dos campos e os ceus annilados
São dões extremados;
Mas rostos celestes, no baile inflammades,
Tem menos fulgor?

Se amor diz aos homens ó amor que murmura
Na verde espessura,
Nas sombras do inverno melhor formosura
Tambem diz amor.

Mendes Leal J.or

EXPECTACULOS.

THEATRO DE SAN'CARLOS.

A Saffo, opera em tres actos — musica de Paccini: (repetição). — Debute da Sr.ª Grimoldi.

288 A Saffo é por ventura a melhor opera de Paccini; mas é força confessar que, apesar da sua boa execução, agradou muito pouco a primeira vez que se deu entre nós. A occasião então era má para uma opera toda escripta no gôsto italiano: tinha-se dado o Roberto-do-Diabo, a Favorita, os Martyres... bem se vê que depois de taes peças grande fortuna foi a da Saffo não fazer um forte 'fiasco'. Hoje agrada mais o seu complexo; a sua instrumentação não parece tão fraca, e até se acha originalidade n'algumas das suas melodias. Emquanto á poesia do libretto é das mais bonitas coisas de Cammarano.

N'esta opera debutou a Sr.ª Grimoldi. E quando se diz debutou é para que a palavra se intenda na sua mais rigorosa accepção; porque a joven artista foi a primeira vez que pizou o theatro. A voz da debutante é um meio-soprano, não muito forte nem extensa, mas de agradavel timbre. A sua eschola de canto parece pura e dramatica, e cantou perfeitamente o duetto com a Sr.ª Persoli,

Di quai soavi lagrime

e o canto da lyra

Teco dall'are pruobe
Venga al paterno tetto

Uma das mais suaves e lindas melodias da musica italiana.

Comtudo no que a Sr.ª Grimoldi pareceu admiravelmente bella e como que inspirada, foi em toda a parte mimica. A sua figura gentil, e interessante physionomia, eram animadas com um porte tragico e uma nobresa de gestos e de expressão, que revelavam uma grande sensibilidade e um grande genio dramatico. A éstas qualidades deveu principalmente a Sr.ª Grimoldi o seu successo entre um publico apreciador do bello, e que tem visto boas actrizes. Esperâmos ver a Sr.ª Grimoldi n'outra peça, porque é possivel que tendo visto algum grande modêlo assim se soubesse possuir do seu difficil papel; se porém é natural a sua representação, e filha da propria intelligencia a maneira porque diz, por exemplo

Addio — Ti lascio in terra
Sarai fra poco in ciel!

decerto que se lhe póde affiançar um logar mui distincto sôbre o cothurno.

Preencheu a parte d'Alcandro o Sr. Salandri, que a desempenhou excellentemente. Menos feliz porém foi o Sr. Severi na de Phaon.

Alguns córtes que soffreu a partitura não lhe prejudicam o complexo. Achâmos mais convenientes éstas modificações judiciosamente feitas do que expôr uma Opera inteira a um *fiasco* por causa d'um artista que não póde executar bem certo trecho d'ella, ou porque as circumstancias não permittem que se distribua o papel a um artista capaz de o desempenhar. O maestro escreve muitas vezes pedaços que são de *circumstancias*, quando éstas se não dão escusam-se bem aquelles.

THEATRO DO SALITRE.

DEBUTE DA SR.ª SOLLER.

289 Julgâmos podêr afiançar que uma nova artista, digna d'este nome, se começa a formar na scena portugueza. O debute da Sr.ª Soller é assaz esperançoso. Intelligencia, sensibilidade, boa figura, voz, expressão de physionomia, desembaraço de gestos, todas éssas qualidades naturaes necessarias a uma boa actriz, possue a joven debutante.

A peça do seu debute foi escolhida com muito bom tacto. O character sympathico da *ciganinha* concentra em si todo o interesse. A debutante é a protagonista — e sempre em scena, ora illudindo os maus, ora salvando a innocencia e a desgraça, o seu papel preenche toda a peça sem ser trabalhoso, toca mais d'um genero sem ser difficil.

Notou-se na sr.ª Soller demasiada agitação de movimentos, nimia volubilidade de physionomia principalmente nos olhos, vivacidade demais no dizer. Por isto mesmo se vê que a debutante tem animação

(47) Hist. Insul. liv. 6 cap. 14 § 139 — e Fructuoso liv. 6 cap. 12 pag. 518.

natural, um espirito dramatico pronunciado. Feliz do artista que principia necessitando de moderar os transportes do genio.

Não se póde bem prognosticar, pelo desempenho d'este papel, qual será o genero dramatico para que propenda à inclinação natural da Sr.ª Soller; comtudo, por algumas phrases que se lhe ouviram pronunciar com sentimento mais que vulgar, póde-se talvez antever que as suas disposições são mais para o pathetico do que para o comico, mais para a vehemencia das paixões do que para o chiste da ironia, mais para o sentimentalismo dos affectos do que para os requebros da garridice.

E' para desejar que a joven artista applique toda a sua attenção á boa pronuncia dos vocabulos: defeito tanto mais sensivel quanto quasi que habitual no theatro portuguez. Assim por exemplo, PRENCIPIOS em vez de *principios*, é um erro intoleravel. Mas para pronunciar bem deve-se igualmente proscrever toda a affectação; não caia a Sr.ª Soller n'est'outro defeito, não menos intoleravel, á força de querer apurar a pronuncia. Receio muito as *imitações* no nosso theatro; e noite e dia desejaria fazer ouvir a todos os debutantes o conselho salutar de não imitarem *ninguem*; porque na scena portugueza ainda não ha modêlos.

Como discipula do Sr. Doux, da-lhe honra a Sr.ª Soller. E não se póde negar de que o theatro portuguez, que começou por lhe dever a Sr.ª Emilia e o Sr. Rosa, continúa a colhêr dos seus esforços artistas como o Sr. Assiz e a Sr.ª Soller. Consta que o Sr. Doux vai abrir uma eschola prática de declamação; e este serviço importante feito á Arte é tambem serviço feito á nação. Quando se estabelecer entre nós o Theatro-nacional — se a sua organisação for judiciosa e fundada em considerações artisticas — é summamente importante que exista um gymnasio de actores onde elles se eduquem, e d'entre os quaes se faça a escolha dos que deverem figurar na scena do 1.º theatro portuguez, onde cumpre que se ache a flor dos nossos artistas dramaticos.

Mas para isto carecia o Sr. Doux de ser ajudado com algum pequeno auxilio do Thesoiro, ainda mesmo que este fosse fornecido pela prestação do theatro-nacional. Tanto mais que elle proprio, e por si so, é que teve a luminosa idea de que tractâmos, e que com factos tem mostrado que tem zêlo bastante para se desempenhar da honrosa diligencia a que unicamente por amor da Arte se dedicou.

VARIEDADES.

NOTICIA ÁCERCA DOS REIS E GRANDES DE PORTUGAL QUE FORAM CAVALLEIROS NA ORDEM DA GÁRTER.

290 No antigo castello de Windsor, na sala denominda de Eduardo, que fica contigua á capella real do mesmo castello de Windsor, dedicada a San' Jorge, e cabeça da celebre e nobilissima ordem da Garter (liga) instituida por Eduardo III no 14.º seculo (1), se leem as inscripções que indicam os differentes estandartes dos cavalleiros da referida ordem; e entre ellas os nomes dos nossos reis: D. João I, D. Duarte, D. Affonso V, D. João II, D. Manuel e D. João VI, e igualmente o do infeliz infante D. Pedro duque de Coimbra, do infante D. Henrique duque de Vizeu, nome immortal na historia da navegação, e do esforçado cavalleiro D. Alvaro Vaz de Almada, o *Lidador*, conde de Avranches no ducado da Normandia, por mercê de Henrique V de Inglaterra, depois da batalha de Azincourt em 1415, de João Vaz d' Almada, de Pedro Vaz d'Almada, e de Duarte Brandão (2) cavalleiro de grandes forças, agigantada estatura, e de singular valor.

Qual é a nação que possa contar tantos cavalleiros na distincta ordem da Gárter, como a portugueza?

O Abbade Castro.

(1) Ordem de quantas existem a mais circumscripta a um limitado circulo de cavalleiros, apurados das classes da maior distincção.

(2) Viveu em Inglaterra, onde foi general de uma armada contra francezes dos quaes conseguiu grandes victorias. Convidado com outros cavalleiros a um jantar, e chegando mais tarde e achando os primeiros logares occupados, tirou um punhal e o pregou na mesa diante de si, dizendo: *Aqui onde eu estou é a cabeceira, e quem o contradisser tire o punhal;* ao que todos se calaram. Veio de Inglaterra armar cavalleiro da ordem da Gárter, por mandado de Henrique III, a elrei D. Manuel. Morreu no anno de 1518. Jaz na igreja do ex-convento do Carmo, em Lisboa.

CORREIO EXTRANGEIRO.

291 Em Valladolid vai estabelecer-se uma *caixa de soccorros agricolas.* O ministro da fazenda tem desinvolvido grande zêlo em auxiliar de todos os modos possiveis ésta *creação* tão proveitosa para a agricultura da Castella-Velha. So o nosso Portugal se vai deixando ficar atraz em todos os esforços de prosperidads nacional que se fazem nos demais paizes. Nem com lettras, ao menos, a imprensa periodica secunda a boa-vontade da REVISTA: a idêa e projecto d'um Banco-rural que foram apresentados nos primeiros n.ºs do presente volume, não mereceram attenção nem de um unico jornal do continente portuguez; e la fóra apenas de um!

Alguns jornaes extrangeiros contam o dito engraçado da Sr.ª Rostchild, mãi dos celebres banqueiros do mesmo nome, ao seu medico, queixando-se dos seus padecimentos d'estomago. Ésta senhora tem perto de 100 annos, e mostrou ao seu facultativo amargo sentimento de lhe não aproveitar a hygiena que elle lhe prescrevêra. Parece que o medico lhe respondêra que na sciencia não encontrava meio de lhe tornar a mocidade. — 'Nem é isso o que eu quero', replicou Madame Rostchild, 'O que eu desejo é podêr ir invelhendo.'

No theatro de Cadiz deu-se uma opera intitulada *Irza*, d'um compositor hispanhol, D. E. Gomez, que foi enthusiasticamente applaudida. O chefe-politico, a rogos, entregou ao compositor na presença do publico, uma coroa e uma penna d'oiro, com que os seus admiradores lhe quizeram brindar o mérito.

O telegrapho-electrico, de que a REVISTA dará conta no seguinte número, está praticando maravilhas pelo mundo: por meio d'elle se sabem hoje as coisas

nos Estados-Unidos ainda antes de succederem. Por exemplo, em Washington pronuncia um deputado um discurso no parlamento á uma hora da tarde, e á proporção se vai transmittindo pelo telegrapho electrico a uma cidade do Oeste, onde o sol nasce meia-hora mais tarde do que na capital dos Estados-Unidos: ora, como a transmissão se faz em segundos, segue-se que meia-hora depois do meio-dia se terá conhecimento d'um discurso que os jornaes de Washington darão como pronunciado á uma hora.

Os suicidios tem augmentado consideravelmente em França de 1827 pera cá. N'esse anno contaram-se 1,562, em 1830 chegaram a 1,756, em 1834 subiram a 2,078, em 1837 a 2,443, em 1840 a 2,752, e finalmente em 1843 a 3,020.

Perece que na eschola commercial de Liverpool se estabeleceu uma cadeira do edioma chinez; e diz-se que o professor é um Chim que foi mandarim. As relações commerciaes d'hoje entre a Inglaterra e a China fazem necessario este novo ramo d'instrucção pública na Europa.

CORREIO NACIONAL.

292 A 'Revolução de Settembro' (de 17) nota com razão uma coisa na verdade vergonhosa para a nossa illustração. Foi vendida em leilão a livraria do celebre botanico Brotero, nosso compatriota. Nem um so portuguez, nem ainda commissionado da Academia das Sciencias, Sociedade de Medicina, Associação Pharmaceutica etc. appareceu a comprar, ou ao menos examinar, aquella ricca livraria! Em que nos pès se havemos de repetil-o para stigma... Apenas um francez comprou algumas obras, sendo todo o resto da livraria arrematada por um commissionado de Monsignor di Pietro.

A representação dada no theatro de D. Maria II a beneficio do 'Asylo da Mendicidade' produziu liquido 404$720 rs. As despezas d'orchestra, illuminação etc. montaram a 83$000 réis!

Ésta semana embarcaram ja 400 moios de trigo para Inglaterra. Parece que n'esta remessa houve cuidado para que o genero fosse do melhor.

Effectivamente o Sr. Doux, em sociedade com algumas pessoas mais, vai fazer construir um pequeno theatro de declamação, talvez no largo da Trindade: e tem tenção de o abrir no proximo mez de settembro.

O debute do Sr. Francisque no 'Circo-Laribeau' foi estrondoso como de quem vinha dos Campos-Elysios. A habilidade do novo clown destaca complectamente da do Sr. Ratel. O genero do Sr. Francisque é, na maior parte do seu trabalho, novo para nós, e de effeito mui divertido. Infelizmente M. Laribeau partirá para o Porto antes de um mez.

Ouvimos que está a ponto de organizar-se uma companhia para o estabelecimento de moinhos fluctuantes no Tejo. Por este processo, cujo motor é a agua simplesmente, a moagem do grão será mais perfeita e sahirá muito mais barata. O commercio das farinhas poderá, por este modo, tomar entre nós um notavel desinvolvimento, com grande utilidade pública e summa vantagem da exportação.

O sr. Ratel trabalha agora no Theatro-do-Salitre, partirá pelas pizadas de Mr. Sutton a dar mostras da sua admiravel habilidade na cidade do Porto. Ninguem deve deixar de ir ao Salitre ver as novidades que faz o sr. Ratel. Um passeio por cima de vellas accesas, correr em andas sôbre garrafas... são coisas que senão veem todos os dias. Muita gente ha que tem visto a luz, mas pisal-a... so o sr. Ratel, que eu saiba.

Segundo se le no 'Periodico-dos-Pobres' (de 18) uma infeliz menina, accommettida d'um accesso de desperação, precipitou-se d'um 2.° andar na rua da Penha-de-França. A Providencia vigiava porém em seus dias; o so resultado physico da queda foi uma pequena contusão na cabeça, é d'esperar que o moral seja o curativo da sua loucura.

Ensaia-se agora no Theatro de San'Carlos uma dança-mimica, e vão começar tambem os ensaios da linda opera jocosa de Donizetti — *D. Paschoal*; a outra de Verdi — *Due Fosoari*, se seguirá depois, e em seguida a ésta outra tambem jocosa do Sr. Frondoni.

A receita do 'Asylo da mendicidade' no mez d'outubro ultimo foi de 1:108$929 réis além de muitos donativos em generos. A despeza foi de 1:033$061 réis. Ficam existindo 282 homens e 228 mulheres, total 510.

Parece que o duque de Palerma comprára em Roma alguns quadros do nosso insigne pintor Sequeira. S. Ex.ª tem uma bella galleria de quadros, onde se incontram originaes d'alguns dos mais celebres pintores.

Ouvimos que a Sr.ª Levi, discipula do Conservatorio, que debutou no Theatro da Rua-dos-Condes no drama 'A rainha e a Aventureira' sahira desgostosa d'este theatro por lhe não repartirem *papeis*, e que o Sr. Doux a escripturára para o Theatro do Salitre.

Por todo o mez de dezembro ha de fazer-se um bazar, no palacio do Duque de Palmella, ao Calhariz, composto de objectos generosamente offerecidos, e cujo producto é applicado para as casa d'asylo e para uma eschola ingleza-catholica. As Exm.as Sr.as Duqueza de Palmella, Marquezas de Ponta-Delgada e de Fronteira, Condessas de Rio-Maior, Sobral e Lavradio, D. Henriqueta Oyenhausen, D. Maria Luiza Mousinho d'Albuquerque, e os Srs. Walsh e Okuff, com o louvavel zélo com que se consagram exemplarmente ao exercicio da beneficencia, convidam as pessoas philantropicas que queiram augmentar os donativos para fornecimento do bazar, a que se dignem remettel-os, até ao dia 10 de dezembro, ao palacio do Calhariz, ou ao collegio da rua do Machadinho n.° 36. Ficâmos que este convite hade ser attendido.

CONHECIMENTOS UTEIS.

NAVEGAÇÃO DO TEJO.

293 Um dos pontos mais importantes hoje para a civilisação do nosso povo, mais vantajoso para o commercio interno e externo, e consequentemente mais util para a prosperidade do paiz, é sem contradicção a navegação do Tejo desde a foz até á raia d'Hispanha, e melhor ainda pelo interior d'este paiz quanto se possa remontar. É uma asserção que ninguem ousará combater; a certeza d'ella está na convicção de tode o Portugal, e ninguem deixaria de se mover quando se agitasse este ponto, se aqui se possuissem bem os povos, ou acabassem d'intender, o que são e o que podem os melhoramentos materiaes n'um paiz.

O Sr. Ayres de Sá Nogueira tem a gloria de ter dade impulso a ésta idêa gigantesca. Em consequencia de propostas suas foi ésta empreza posta a concurso, e elle o unico concorrente. Tendo-se demorado qualquer resolução sôbre este negocio, mais do que devêra, o Sr. Bermudez de Castro, na qualidade de agente de uma companhia hispanhola, apresentou novas propostas; em consequencia do que se abriu novo concurso em que mais ninguem tomou parte senão as duas emprezas rivaes. Fechado o concurso, teem sido taes as delongas que ainda hoje existem as coisas quasi como antes de se ter fallado n'este assumpto.

Não é para agora discutir as duas propostas; saber em que ellas se separavam, e qual a somma das vantagens relativas. Bastante se tem escripto ja sôbre isto; e não tenho eu sido dos que menos se teem occupado d'este assumpto, desde que sôbre elle escrevi o artigo n.° 2.659 que se lê no 3.° volume da Revista. Para chegar ao meu fim direi unicamente, que todas as vantagens offerecidas em ultima instancia pela proposta portugueza, pareceram talvez compensadas pela unica circumstancia da proposta hispanhola não exigir annuidade nenhuma do Thesoiro, em quanto que a portugueza pedia 24 contos de réis. Como quer que fosse, parece que ésta empreza tem estado a ponto de ser concedida á proposta Bermudez, ou se lhe daria effectivamente no caso d'ella podêr satisfazer á garantia que lhe era exigida; o que, segundo se diz, não pôde virificar: em quanto que a proposta portugueza offerece uma fiança plenamente satisfatoria pelo seu fundo ás exigencias do govêrno.

Sou hoje assim explicito n'este negocio, porque elle ja não é, nem convem que seja, segredo para ninguem. Transcreverei o que a este respeito se le n'uma folha hispanhola, que não deve ser suspeita, tractando d'este objecto, é o *Clamor publico* de 8 do corrente. Diz elle:

« O importante projecto da navegação do Tejo não será approvado pelo govêrno portuguez, porque, segundo consta, não pôde o Sr. Bermudez de Castro, agente hispanhol, prestar as fianças que se lhe exigiam, para lhe ser confiada essa empreza, que reclama garantias para a execução do contracto. D'aqui se póde suppor que as concessões requeridas pelo Sr. Bermudez de Castro eram mera especulação de uma companhia anonyma, que, sem ter os capitaes necessarios, procurava conseguir um privilegio para o vender depois nos mercados extrangeiros, obtendo d'esta fórma grandes lucros.

Este acontecimento é por certo mui lamentavel, por quanto ninguem desconhece as vantagens que poderiam resultar para os dous paizes do importante e vastissimo projecto da canalisação do Tejo, e da sua navegação desde Lisboa até Aranjuez. Infelizmente cahiu este negocio em más mãos...................

Isto muito nos penaliza pelo grande prejuizo que resulta aos dous paizes da falta de realização de uma obra verdadeiramente nacional para ambos. Esperâmos todavia que a companhia portugueza, que contracta esta empreza (e que offerece as necessarias garantias segundo nos consta), terá o exito que merece.

Parece-nos porém poder asseverar, e o fazemos com o maior interesse, que não acontecerá o mesmo a respeito do caminho de ferro, cujas propostas foram appresentadas ao governo pelo general Bacon, agente da companhia Anglo-Lusa, que obterá sem duvida o privilegio para a sua construcção, se o governo andar n'este negocio de boa fé, e relaxar algumas das condições exorbitantes que publicou no 'Diario' Official de 20 de outubro, quando mandou abrir o concurso.......................... »

No estado em que está este negocio ja se vê que a demora d'uma resolução, sobrestar n'um alvitre para conseguir afinal a realisação d'elle, não póde deixar de attrahir exprobrações a quem d'isso for causa. Ás coisas se terem passado, como parece, ou como se deprehende do artigo do jornal hispanhol que se acaba de ler, o govêrno merece até certo ponto elogio pela prudencia com que se houve por esse lado; mas por outra parte mostrou que as suas attenções se empregaram quasi exclusivamente para esse mesmo lado, ao passo que, apezar de concursos e vantagens *reaes* da proposta portugueza, ésta não tem sido devidamente considerada.

A mim não me parece haver fundamento razoavel para se não tomar uma resolução definitiva sôbre este objecto. A publicidade é um grandissimo meio de acertar nas coisas de interesse público A proposta portugueza, que tem o grande direito da prioridade, que tem a vantagem de haver apparecido em dois concursos, e ter posto, apesar de tudo, quasi que fóra do combate a proposta hispanhola, nenhum prejuizo póde sentir da publicação das suas últimas condições: e o govêrno, se éstas cabalmente ainda o não satisfazem, deve pedir-lhe outras; — mas ja: tractar d'este objecto, acto contínuo. Entre a precipitação e a irresolução, está o judicioso equilibrio de—pensar e obrar.

Fallo segundo a marcha mais ou menos ostensiva que me parece ter descoberto n'este negocio. Nem estou, nem posso, nem quero, ser informado do que não deve ser sabido pelo commum das pessoas que se interessam n'uma resolução, qualquer que ella seja, que nos possa dar a navegação do Tejo, harmonizando as incalculaveis vantagens publicas d'ella resultantes com a maior somma de conveniencias internacionaes. As coisas julgam-se pelos factos: so esses me importam; e o facto que hoje dá occasião ás minhas reflexões é — a *demora* d'essa resolução, que todo o paiz decerto deseja ardentemente: o que incidentemente se disse sôbre a proposta hispanhola está ligado com essa demora; fóra d'aqui nem siquer sei o grau de verda-

de em que se podem ter as asserções do jornal hispanhol.

HORTO-BOTANICO DA ESCHOLA MEDICO-CIRURGICA DE LISBOA.

294 Sr. Redactor. — Julguei util a abertura da aula de pharmacia na eschola medico-cirurgica, e annunciei-a aos pharmaceuticos, a quem mais directamente diz respeito. Hoje porém traçando a historia do horto-botanico da mesma eschola levo em mira, não so assignalar a sua existencia mas tambem o procurar que todos o visitem, contemplem e desfructem, n'esse pouco tempo, talvez, que lhe resta d'existencia. Parecerá impossivel que um estabelecimento tam necessario á eschola, tam util á humanidade inferma, e de tanta gloria para a nação, seja abandonado tam barbaramente... O facto porém parece ir realizar-se; e para que, ao menos, a morte de um tam util estabelecimento seja por todos justamente lamentada, pedimos-lhe que o visitem, em quanto o anjo-exterminador não manda ás novecentas e trinta e tres especies que alli se admiram, que se confundam com a terra e deixem de existir! — Lisboa, 17 de novembro — Sou etc. — *João José de Sousa Telles.*

HORTO-BOTANICO DA ESCHOLA MEDICO-CIRURGICA DE LISBOA.

Quanto é agradavel o sereno alvorecer de uma manhan de primavera n'este nosso Portugal. As nuvens densas do inverno, que se rolam sobre nossas cabeças nos dias sombrios da estação triste, promettendo á terra copiosas chuvas, ja tem desapparecido; os raios que se inflammam em seu seio, não enchem de pavor as gentes; nem se ouve o assustador estampido do trovão repercutindo-se pelo escalvado dos montes e profundesa dos bosques.

A natureza toda reveste as gallas, que um inverno desabrido lhe tinha roubado, e começa de novo a ostentar sua perdida belleza. Vós que tantos momentos tendes consagrado ao estudo das suas maravilhas, vindes hoje aquí para desfructardes os atractivos e incantos que vos subministrará o nosso pequeno horto-botanico.

É sem duvida a sciencia dos vegetaes a que mais claramente nos manifesta a grande obra da creação, tão magestosamente realisada n'estes seres a quem so falta a sensibilidade, que alguem lhe tem querido attribuir, para com justiça se collocarem a par do homem, disputando-lhe bastantes vezes a primazia. Comparai este ramo d'estudos com todos os outros a que o homem se applica, e dizei-me se algum reune tantas bellezas e tanta utilidade. O Creador, que na formação do Universo tanto patenteou sua grandesa, parece que reservou para o terceiro dia a mais sublime continuação de graças que se podem imaginar, e os mais portentosos segredos da vida organica. A sua voz foi então mais maviosa, a sua vontade so influida pelo amor poderia dar á terra um tão variado e primoroso ornamento.

Desde o lichen mais humilde, que passa a vida parasitando sobre entes mais vigorosos que lhe elaboram os succos de que nutrir-se, até á soberba adonsonia-digitata, que altiva se ergue sobre todos os seres vegetaes, que variedade de structuras, que complexidade de funcções, que belleza de côres e suavidade de fructos!

O homem n'este reino da natureza acha o alimento para a sua fome, o vestido para a nudez, o remedio para as infermidades, a recreação e deleite dos sentidos, e até o meio efficaz de reprimir a furia dos proprios elementos.

Dizei á Hollanda que córte a sua arundo-arenario? á America que destrua a sua canna-do-assucar; á França as bettarabas; á Inglaterra as batatas; e aos povos do Norte o desprezivel musgo. Estes paizes ficariam pobres sem esses vegetaes, sem amigos, sem thesouros, que para tanto elles lhes prestam.

E a medicina, essa sciencia que dilata seu dominio por toda a natureza, que sonda os astros para conhecer a sua influencia no organismo, que participa da mineralogia algumas descobertas, que estuda na phisiologia o organismo do homem, que investiga o campo zoologico e da chimica, onde tantas coisas tem aproveitado: a medicina, que so tem em mira diminuir as dores, os padecimentos, as afflicções, dando-nos uma existencia feliz; que utilissimos resultados não tira da applicação das plantas! As raizes, ainda as mais grosseiras, os caules, as folhas, as flores, as sementes, os proprios succos, tudo se aproveita n'estes seres tão riccos e tão prestadios; a propria casca, que os abriga do frio do inverno, se lhes rouba, condemnando-os assim a uma morte prematura. Arrancámos-lhe as flores que os adornam; os mesmos filhinhos que nascem ao pé de seus paes são por nós separados por degredos eternos, como meio de dar a climas bem diversas vegetações exoticas!

Que falta não sentiria a therapeutica se do *papaver somniforum* não colhesse o opio? Se as habitantes do Peru, as proveitosas *chinchonas*, ultrajadas de tantas offensas, não quizessem fornecer-nos suas cascas tão medicinaes e tão uteis?

É dos vegetaes que a medicina extrahe quasi todo o seu podêr. N'elles se incontra o alimento, o veneno, e o medicamento. A botanica é pois uma sciencia tão indispensavel ao medico como ao botanico é indispensavel o conhecimento prático d'estes seres tão multiplicados.

Parece-me que descubro em vós alguma admiração. Talvez extranheis as minhas considerações sobre uma sciencia que amo, ou ignorais acaso a existencia d'este horto-botanico de que fallo? Poderá ser. Em o nosso Portugal ignora-se muita cousa digna de saber-se: idéas mais luminosas, porém menos uteis, occupam quasi todos os espiritos, e a sciencia abandona-se bastantes vezes ao desdem. Tendes ja ouvido fallar do jardim d'Ajuda; talvez visitasseis o de Coimbra, e será ésta a primeira vez que saibais existir mais um jardim de plantas. É elle cumprimento de uma lei sabia, e resultado dos esforços de um lente verdadeiramente portuguez, e presador das sciencias patrias.

Deixemos ao lado direito a fachada do hospital, monumento da philantropia dos nossos reis, subamos os dezenove degraus que nos ficam em frente, fasendo symetria com o muro que divide o pateo d'entrada a que chamam *pateo das arvores*, da calçada do *Soccorro*. Estamos considerando pelo lado direito as ruinas do templo, produzidas pelo terramoto de 1755: era elle magnifico, construido todo de marmore e matizado de mozaico. Este pequeno muro que vedes do lado esquerdo devia servir de balliza ao jardim botanico que havia de crear-se em virtude da lei de

1836. Este terreno porém era improprio para um viveiro de plantas.

Sabeis perfeitamente a necessidade que ha de attender a muitas circumstancias, quando se pertendem reunir n'um pequeno espaço seres tão differentes como os que se devem incontrar n'um jardim d'estudo. Não so se carece de terreno variado e similhante ao que a planta conhece, mas tambem uma determinada posição. O homem do norte e o homem do sul, teem precisões diversas, e um organismo modificado pela influencia do clima que o viu nascer: as plantas são tão delicadas como nós, ou ainda mais, porque aos proprios involucros não accrescentam outros que a industria nos depara para nosso abrigo.

É por isso que nos jardins nem todas querem um logar quente, nem todas um logar frio. Se umas consommem porções immensas d'agua, chegando a murchar e quasi a morrer quando a não tem, como acontece aos milindres dos floristas; outras ostentam uma vegetação pomposa sobre um terreno sêcco e areiento; e quantas offendidas da grosseira influencia do ar que respirâmos se doem e sensibilisam a ponto de necessitarem um abrigo? Ser jardineiro é agradavel mas é trabalhoso.

Deixemos este terreno mal cultivado, e dirijamos nossos passos pela lameda que nos fica em frente. Veremos do lado esquerdo um formoso tapete de baunilha que encobre o muro que corre parallelo á igreja, por todos conhecida com o humiliante titulo de igreja-velha-do-hospital; prolonga-se ainda com as infermarias, e vai terminar-se ao longe em uma porta de ferro.

Quanto são bellas éstas arvores que estendem seus ramos por cima das nossas cabeças! Figuram n'este congresso vejetal o espinheiro do norte *Gliditz chiatriachanta* de Linneu; a linda *Broussonetia-papirifera;* a Olaia frondosa; e sôbre tudo os dois corpulentos alamos, *populus niger*, *populus alba*, *de Linneu.* Seus cumes vão perder-se nas nuvens, mais de sessenta pés acima do terreno que nutre a sua raiz. Vendo estes entes, que se ésquecem da terra para se elevarem ao ceu, lembram-me esses homens que despresando o que ha de mais caro e deleitavel, se dedicem so ao augmento das sciencias e ao bem dos seus similhantes: é do número d'estes o director do nosso horto-botanico. Ja tereis ouvido fallar do Dr. Gomes de Lisboa, como lhe chamam os francezes; sabeis que foi o descubridor do cinchonino, que a França tão adiantada em chimica não tinha podido obter: perguntai aos francezes quem elle era; o professor Merat foi o traductor das suas obras. Foi o nosso Dr. Gomes que lembrou á França um remedio de que tanto se tem approveitado — o principio tenifugo da romeira. Esse homem ja morreu; porém testou á patria com seus serviços um nome illustre, e um filho que com a sciencia do pai lhe herdou o nome.

Foi o Sr. Dr. Bernardino Antonio Gomes que creou, dirigiu, auxiliou, e com todos os esforços deffende o nosso horto-botanico. Distrahido por mil occupações para que o habilita a sua sciencia, e a que o chama o Govêrno e um grande número d'infermos, nem assim se esquece do seu horto: nós é que esqueciamos advertir o logar em que estamos. Ja attravessámos um pequeno declive, deixando á esquerda o hospicio do Amparo, e estamos no pateo das aulas. Tendes em frente o nosso horto-botanico que entesta com o pateo, limitado lateralmente pelo muro que o separa da rua da Inveja, e pela horta do Hospital: e lá onde vedes a estufa separa-o um muro da parte da quinta que lhe fazia continuação.

Chegámos comeffeito ao nosso destino; mas sinto dizer-vos, que vos acontecerá como a Moises: a nossa lentidão impede-nos de visitar-mos hoje as plantas. Uma sineta me chama a uma aula para onde vou.

Cedo nos encontraremos.

Continúa. *João José de Sousa Telles.*

ORIGEM E HISTORIA DA CONTRIBUIÇÃO DE REPARTIÇÃO EM FRANÇA. (*)

295 Passam-se dez annos em que confesso não tenho documentos para seguir o fio d'ésta historia. Ésta falta comtudo não está no caso de nos contrariar muito porque é de 1820 a 1830, em que a politica prevaleceu mais na tribuna do que os interesses economicos, ao que ha que accrescentar, que tendo elles florecido muito apesar do regimen reactivo, poderam-se melhor supportar os erros financeiros dos annos anteriores. Em 1789 tinha a receita publica sido de frs. 531.444.000 em 1802 de frs. 589.500,000 em 1810 de frs. 785.000.442 em 1820 de frs. 875,542,252: mas em 1830 foi ja de 981.510,000, e subiu em 1831 a frs. 1,220,886.300.

É n'este ultimo porem que temos um documento, que amplamente nos indemnisa do eclipse que soffremos no decennio que tenho de passar em claro n'estes apontamentos. O documento é um relatorio do patriarcha dos banqueiros, J. Laffitte, sendo ministro depois da revolução dos tres gloriosos dias de julho, dias que não so marcam epocha para os destinos da França, mas para a Inglaterra, para a Belgica, para a Hispanha, e finalmente para Portugal, que desde esses tres dias é que principiou a ver no horisonte o dia do seu resgate.

Foi este documento apresentado em sessão de 15 de novembro de 1830 na camara dos deputados, e póde-se vêr na 2.ª sessão de 1830. 2. p. 448, das actas francezas que estão na bibliotheca das nossas côrtes em San'Bento.

Por elle se conhece que o ministro buscava de converter a contribuição pessoal e movel, e a contribuição das portas e janellas, de imposto de repartição, em imposto de quota. Tambem se vê que as bases que serviam, ainda eram as mesmas que tinham servido em 1791. Mas como a industria do homem, ou a justiça varía, o departamento do Baixo-Rheno que é ricco, estava pagando por cabeça 94 centimos, emquanto o do Loirel que é pobre, pagava 187 centimos. Em outros departamentos havia 1 contribuinte sôbre 4, 9, e 8 que pagavam. E n'outros reduziam os 3 dias de trabalho. Havia uma quarta parte das portas e janellas que não pagavam, e n'outras partes se pagavam eram so por conta e não a totalidade. Em 1823 o valor locatorio; e os alugueis das casas, montavam a 300 milhões, e em 1829 tinham subido a 384 ditos: entretanto nenhum augmento d'ahi provinha para o fisco. Este deffeito devia fazer preferivel, dizia o orador, a quota tanto mais que so cada 15 ou 20 annos se podiam reformar os quadros da repartição, dentro cujo espaço podiam haver alternativas de paz e guerra, vicissitudes que al-

(*) Continuado de pag. 221.

teram muito os valores. Em fim, continuava o ministro no seu relatorio, — tous les progrès faits dans la science du revenû public portent à préférer l'impôt de quotité à l'impôt de répartition. A quota vai de seu naturalmente, e a repartição offerece uma difficuldade insuperavel para se augmentar, uma vez estabelecida. Tendo sido deixado ao arbitrio das cidades, trocarem a sua contribuição pessoal—e mobilière—pelos impostos indirectos (*octrois*) 21 d'ellas assim o tinham feito, aproveitando-se d'essa faculdade, entrando ahi París com 2 terços da sua totalidade. A constituinte tinha estabelecido 50 cent. e 150 ditos por dia para a taxa pessoal, mas um terço escapava ao fisco e outro tanto succedia ás portas e janellas, para as quaes ainda as ordenanças de 1798 regiam, posto que então houvesse 20 milhões de *abertos*, quer dizer portas e janellas (ouvertures) e em 1822 houvesse 34 milhões.

Tendo o projecto de lei de Mr. Laffitte sido remettido para a commissão, temos 4.1830.4 das actas francezas, o voto d'ésta, no qual se faz echo á preferencia da quota contra a repartição nos impostos. Ainda se lhe accrescentou que ésta preferencia tinha ja o assenso de muita gente. A medida da repartição que fôra uma imposição do povo conquistador sôbre o povo conquistado (pais d'élection contra pais d'etats) e que ja em 1819 a tinham querido abulir. Para a sua confecção eram precisos 230,000 repartidores todos os annos, quando a quota so exigia 700 fiscaes (contrôleurs). Todas as commissões da camara optaram pela mudança e posta a votos a proposta, foi ella vencida por 210 votos a favor contra 101 dissidentes.

Feita a modificação em todos os ramos da contribuição, menos na *foncière*, correram as coisas sem novidade que se possa collegir dos fastos parlamentares francezes até 1841; vem porem este anno, e querendo Mr. Humann, ministro assás rijo, corrigir os abusos que n'ella estavam de continuo brotando, e que nunca cessaram desde a sua promulgação em 90, eis que Paris, Toulouse, Strasbourg, Tours, Dijon, Aix, Marselha, entram a mandar as suas remonstrações para a secretaria da fazenda contra os aggravos, prepotencias, vexames, oppressão etc. que a administração lhes queria impôr, Toulosa ate procede a vias de facto, toda a França toma o alarma: convocam-se as camaras e ahi em 21 de janeiro de 1842, fazendo o ministro increpado a sua exposição declara, que a corrupção que se commettia n'este imposto era tal, que em 1820 as auctoridades locaes deram para toda a França 150 milhões, e mandando reviser os arrolamentos Mr. de Villele, pelos agentes das contribuições, achára mais de 300 milhões. Elle Humann tambem achára em 37,249 communes, que tinham sido agora recusadas, 541,232 propriedades urbanas que nada pagavam, recaindo o prejuizo d'essa ommissão em 416,666 contra o Estado, e em 124,566 contra as *communes*, perdendo á sua parte o thesouro 36 milhões annuaes na subrepção que praticavam em seu prejuizo. Haviam, diz o mesmo ministro, contribuintes que deveram pagar como 10 e que não pagavam mais de 3 e mesmo 2.

As alterações do paiz por ésta causa do imposto tinham abalado o ministerio, e sentiu-se tanto a saude do ministro respectivo que d'ahi a pouco morreu.

Em um paiz, tão fortemente constituido como a França, é preciso que o resentimento tivesse chegado a um auge extraordinario para em materia alguma que não toque em politica, ter havido um choque tal como produziu a reforma que elle quis levar a effeito; e este choque é natural que tenha reflectido profundamente sôbre a sua pessoa e por isso d'ahi resultasse o seu falecimento. É para assim se pensar, pois que seis mezes a fio, confessado por elle em parlamento, soffreu as maiores inquietações por causa das investidas que de toda a parte lhe faziam por elle pugnar pelos interesses do thesouro-publico.

A M. Humann succedeu M. Lacave Laplagne, que em 1843 introduziu na camara novo projecto mais em harmonia com o commercio e industria vigente, e se não reformou de todo a legislação de repartição é que não era possivel ja alterar-la sem eminente perigo, attendendo á sua antiguidade.

Mas o mal reverdece sempre, porque ahi está em 1845, este anno, que um dos jornaes mais acreditados de Paris não hesitou em exprobrar este ministro por ter promettido desde a sua entrada no ministerio um projecto de lei sôbre o cadastro, e não ter cumprido com a sua palavra. Devia elle ser — pour la perequation de l'impôt dont la répartition se fait actuellement d'une manière inique pour un grand nombre de departemens.

Aqui acaba a origem e historia da contribuição de repartição em França, nem podia deixar de acabar porque está deduzida até este anno. Havia em seguimento a fazer igual trabalho para o *land tay* de Inglaterra, e tambem da nossa decima. Quem quizesse fazer mais comprehensiva a indagação, podia deitar as suas vistas igualmente a mais alguns paizes. Feito isto não seria inutil ver o rendimento particular das nações *scilicet* da França e Inglaterra, approximar o nosso, mesmo hypotheticamente, ver se este progredia e quanto. Depois sôbre todos estes dados, avaliar então a conveniencia dos tributos ou pela fórma directa ou indirecta. Os dois systemas agitam muito a *eschola* n'este momento. Digo mui de proposito a eschola, porque fóra d'ella não se póde praticar a exclusão, sem lesão ao thesouro, ou aos particulares.

A fazenda é a corda vibrante de Portugal. Por ésta razão demanda estudos profundos, que desenbram os seus males, que não estão onde os poem. Ahi veem-se so os effeitos, mas não as causas. O paiz não o fazem produzir o que deve. Eu não me faço cargo da gerencia do thesouro. Esse é caso á parte. Mas ninguem se illuda, e nem porque o digo, vão torcer-lhe o sentido; nós não gastâmos bastante, para o que temos é de mais, mas isso que temos não chega para nada. Nós precisavamos de gastar pelo menos 1:000 contos em instrucção publica, e nós gastaremos talvez 100 ou 150. Todas as repartições do Estado são mal pagas. Póde-se apontar o empregado publico que tenha a educação necessaria para o seu officio, segundo ella se intende onde ha regularidade, e tudo isto é porque a retribuição é pequena. Esta nação, porque lhe falta o que lhe é justamente necessario, ainda vem a gastar muito consideravelmente menos do que parece e do que despende o contribuinte. Anda sempre o Estado n'uma serie de antecipações em que lhe sacrifica tudo, e não nos seus proprios gastos. Torno a repetir, eu nada tenho com a administração, se boa se ma. Fallo so das consequencias de um orçamento insufficiente, e que se apresenta com um de-

fosse permanente. Este deficit importa sempre mais do que apparenta. A receita realisa-se tarde, primeiro desfalque; precisa realisar-se logo, segundo desfalque. Todo o orçamento precisa ter um saldo não so positivo, mas disponivel. E isto é o que não tem nunca o nosso. O thesouro deve ter sempre a sua receita adiantada á sua despeza, e não como agora succede que é a sua e nossa morte.

A Belgica tem $\frac{1}{13}$ do nosso territorio, tem $\frac{1}{3}$ mais de população, e paga com menos pêso 16,000 contos do que nós pagâmos 10,000. Produz mais, e por isso tem mais riqueza, d'onde essa facilidade que se lhe precisa. A tarefa é longa. Eu poderia talvez ministrar alguns apontamentos para quem se quizesse dedicar ao seu desinvolvimento; mas eu por mim não me atrevo por emquanto a tocar-lhe porque não quero controversias, nem gerar odios.

Cada um tem sua crença ou pretenções. No meu conceito o *isomorfismo* em tributos, é um principio mais que problematico porque cada nação tem a sua capabilidade tributiva á parte, dependente da sua constituição politica. Essencialmente ésta. Eu não ignoro a existencia do *land tay*, podia fazer a sua historia. Quizeram n'outro tempo dizer que a esse imposto devia a Inglaterra a prosperidade da sua agricultura, agora dizem tudo em contrario e que se não fosse o privilegio da sua *nominalidade* por fraco, e a sua irrevogabilidade, ella não estaria no atrazo em que está relativamente á mais industria da nação. Este direito alli é ainda um dos *banais*, ligado ou aparentado ao tempo do feudalismo. Avulta a dois por cento sôbre a receita. Este rateio em comparação da repartição *foncière* que sobe a 33 por cento bem se vê que não dá logar a argumento nenhum de paridade. A *land tay* está na razão dos reditos annuaes inglezes como de 1 para 600. A *froncière* como de 1 para 33.

Eu disse que a constituição politica do paiz precedia á constituição dos seus impostos. Assim deve ser sem nenhuma duvida. A manutenção do Estado deve ser subordinada á existencia do individuo n'esse Estado: boa duvida! O inglez está prompto a manter o thesouro, mas quer a terra para seu luxo. E é a infatuada *bourgeoisie* que mais quer isto. Ainda agora o *Rail-King* (rei dos caminhos de ferro) Hudson, comprou um estado ao duque de Devonshire por £ 400,000, quatro milhões de crusados, para la se refocilar, porque elle podia ganhar com este dinheiro umas poucas de vezes mais em qualquer outro emprego do que n'aquelle. Ja o francez é o inverso de tudo isto. A terra para elle é uma escrava, e não está senão na mão de escravos, porque a pobreza é a maior das escravidões. Toda ella está empenhada pela sua grande subdivisão que ja dá serios cuidados aos proprios apologistas do systema. A enchada, vai, por annos, fazer as vezes do arado, em toda a França.

Eu poderia entrar no merecimento de um e outro dos principios, da contribuição de repartição ou de quota — quanto á sua conveniencia; mas temo a polemica que é esteril para materias de facto, que d'ahi se póde originar. Se os tempos corressem mais placidos, era assumpto serio, ver se Portugal ao desabrochar da sua agricultura, ainda sem nenhumas bemfeitorias de costa de mar, rios, dunas de arêa interiores, com as suas charnecas de dias inteiros de jornada, por agricultar, podia ja fixar o seu imposto territorial. Se os melhoramentos estivessem ja em progresso, a desvantagem para o thesouro sería menor. Assim, pouco sensiveis como são os nossos augmentos, e as precisões constantes, o thesouro não poderá deixar de ser passivel de um prejuizo attendivel.

A França o que não acha n'uma parte acha o na outra. Cruel havia de ser de outra sorte a situação de todo o seu paiz vinhateiro que abrange 6,000,000 de habitantes. A riqueza geral vai sempre para cobrir faltas parciaes, ainda que tão consideravel como ésta; mas nós por ora, qual é a nossa situação?

A França põe de parte 2 $\frac{0}{0}$ annuaes para augmento de capital — A Inglaterra talvez 10 $\frac{0}{0}$; mas nós?...

Um dia, se me for dado tempo, continuarei este assumpto com relação a Portugal.

C. A. da Costa.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO XXII.

Bilhete de manhan da prima ao primo. Inganam a pobre da velha. — Noite mal dormida. — Da conversa que teve Carlos com os seus botões. — A Joanninha que elle deixára e a Joanninha que achou. — Obrigações d'amor, triste palavra. — A mulher que elle amava, e se elle a amava ainda. — Quesitos do A. aos seus benevolos leitores. Declara que com os hypocritas não falla. — Quem hade levantar a primeira pedra? — Dous modos differentes de accudir uma coisa ao pensamento.

296 No dia seguinte, mal rompia a manhan, um paizano que dizia trazer communicações importantes para o commandante do pôsto avançado, foi conduzido á presença de Carlos e lhe intregou uma carta: era de Joanninha.

Fiel á sua promessa, ella não tinha ditto nada do incôntro e entrevista da véspera. A avó estava doente e afflicta: para a animar e consolar dera-lhe noticias do primo, como vindas por pessoa que o víra e estivera com elle. Que ficava mais contente e socegada: mas que aquelle estado de anciedade não podia prolongar-se. Que a saude da pobre velha declinava de dia a dia; que se lhe ia a vida, que era matá-la não lhe dizer a verdade... Joanninha concluia com mil affectos e saudades; e aprazava por fim o mesmo sitio da véspera para se tornarem a ver, e para concertarem o que haviam de fazer. Todas as precauções estavam tomadas, e o consentimento dado pelo commandante do pôsto contrário para haver toda a segurança n'aquella entrevista.

Carlos tinha velado toda a noite; uma excitação extraordinaria lhe amotinára o sangue, lhe desaffinára os nervos. Bem tinha desejado vir para aquelle pôsto, bem contava, bem esperava elle, estando alli, saber de mais perto da sua fami-

lia, vel-os talvez, mais dia menos dia, incontrar-se com algum d'elles... e de todos elles, a innocente e graciosa criança com quem vivêra como irmão desde os seus primeiros annos, era quem elle mais esperava, mais desejava ver decerto.

Mas uma criança era a que elle tinha deixado, uma criança a brincar, a colhêr as boninas, e correr atraz das borboletas do valle... uma criança que sim o amava ternamente, cuja suave imagem o não tinha deixado nunca em sua longa peregrinação, cuja saudade o accompanhára sempre, de quem se não esquecêra um momento, nem nos mais alegres nem nos mais occupados, nem nos mais difficeis, nem nos mais perigosos da sua vida...

Mas era uma criança!.. era a imagem d'uma criança.

É certo, sim: e nas batalhas, em presença da morte... no longo cêrco do Porto entre os flagellos da cholera e da fome, nas horas do mais viva esperança, no descoroçoamento dos mais tristes dias, a doce imagem de Joanninha, d'aquella Joanninha com quem elle andava ao colo, que levantava em seus hombros para ella chegar aos ninhos dos passaros no verão, aos medronhos maduros no outomno, que elle suspendia nos braços para passar no hynverno as alagadiços do valle, — essa querida imagem não o abandonára nunca.

Nunca!.. nem quando as pennas d'amor, nem quando as suas glórias — mais esquecidiças ainda! — pareciam absorver-lhe todos os sentidos, e todo o sentimento de seu coração.

A saudade, a memoria de Joanninha, suavemente impressa no mais puro e no mais sancto de sua alma, resplandecia no meio de todas as sombras que lh'a obscurecessem, sobreluzia no meio de qualquer fogo que lh'a allumiasse.

Uma luz quieta, limpida, serena como a tocha na mão do anjo que ajoelha em innocencia e piedade deante do throno do Eterno!

Mas, no mesmo dia em que chegou ao valle, quasi na mesma hora, cheio d'aquella luz, mais viva e animada decerto pela proximidade do foco d'onde sahia... n'essa mesma hora, ir encontrar alli, n'aquella solidão, entre aquellas árvores, á tibia e seductora claridade do crepusculo... a quem, sancto Deus! Não ja a mesma Joanninha de ha tres annos, não a mesma imagem que elle trazia, como a levára, no coração; mas uma gentil e airosa donzella, uma mulher feita e perfeita, e que nada perdêra comtudo da graça, do incanto, do suave e delicioso perfume da innocencia infantil em que a deixára!

Não esperava, não estava preparado para a impressão que recebeu, foi uma surpreza, um choque, um reviramento confuso de todas as suas idêas e sentimentos.

Qual fosse porêm a precisa e verdadeira impressão que recebeu, nem a si proprio elle o podéra explicar: era de um genero novo, unico na historia de suas sensações: não a conhecia, extranhava-a, e quasi que tinha medo de a analysar.

Sería annúncio d'amor?

Mas elle tinha amado, amado muito e devéras... e cuidava amar ainda, e devia amar; porquanto ha sagrado e sancto nos deveres do coração, era obrigado a amar ainda.

Oh obrigações d'amor, obrigações d'amor! se vós não sois, se vós ja não sois senão obrigações!..

Não pensava Carlos, não o cria elle assim: leal e sincero tinha intregue o seu coração á mulher que o amava, que tantas provas lhe dera d'amor e devoção, que descançava em sua fé que não existia senão para elle: mulher môça, bella, cheia de prendas e de incantos, mulher de um espirito, de uma educação superior, que atravessára, desprezando-a, uma multidão de adoradores nobres, riccos, poderosos, para descer até elle, para se entregar ao foragido, pobre, extrangeiro, desprezado.

Quem era essa mulher?

Aonde, como obtivera elle a posse d'essa joia, d'esse talisman com o qual se tinha por tam seguro para não vêr na graciosa prima senão?..

Senão o quê?

A innocente criança que alli deixára?

Mas não é verdade isso: outra era a impressão que Joanninha lhe fizera, fosse ella qual fosse.

O que era então?

E sôbre tudo, quem era ess'outra mulher que elle amava?

E amava-a elle ainda?

Amava.

E Joanninha?

Joanninha era... nem eu sei o que lhe era Joanninha... o que lhe estava sendo n'aquelle momento.

O que lhe ella fôra, assas t'o tenho explicado, leitor amigo e benevolo: o que lhe ella será... Pódes tu, leitor candido e sincero, — aos hypocritas não fallo eu — pódes tu dizer-me o que hade ser ámanhan no teu coração a mulher que hoje somente achas bella, ou gentil ou interessante?

Pódes responder-me da parte que tomará ámanhan na tua existencia a imagem da donzella que hoje contemplas apenas com olhos de artista, e lhe estás notando, como em um gracioso quadro, os finos contornos, a pureza das linhas, a expressão verdadeira e animada?

E quando vier, se vier, esse fatal dia de ámanhan, responder-me-has tambem da parte que ficará tendo em tua alma ess'outra imagem que lá estava d'antes e que, ao reflexo d'esta agora, d'aqui vejo que vai impallidecendo, descórando... ja lhe não vejo senão os lineamentos vagos... ja é uma sombra do que foi... Ai! o que será ella ámanhan?

Leitor amigo e benevolo, caro leitor meu indulgente, não accuses, não julgues á pressa o meu pobre Carlos; e lembra-te d'aquella pedra que o Filho de Deus mandou levantar á primeira mão que se achasse innocente... A adultera foi-se em paz e ninguem a apedrejou.

Pois é verdade: Carlos tinha amado, amado muito, e amava ainda a mulher a quem promettêra, a quem estava resolvido a guardar fé. E essa mulher era bella, nobre, ricca, admirada, occupava uma alta posição no mundo... e tudo lhe sacrificára a elle exilado, desconhecido.

E Carlos estava certo que nenhuma mulher o havia d'amar como ella, que os longos e ondados anneis de loiro cendrado, que os languidos olhos de gazella, que o ar magestoso e altivo, que a tez d'uma alvura celeste, que o espirito, o talento, a delicadeza de Georgina... Chamava-se Georgina; e é tudo quanto por agora póde dizer-vos, ó curiosas leitoras, o discreto historiador d'este mui veridico successo: não lhe perGunteis mais por quem sois. Carlos estava certo, dizia eu, que todas essas perfeições, que o seu amor sem limites, que a sua confiança sem reserva, não podiam ter rival, nem a haviam de ter.

Mas aquelle beijo, aquelle abraço de Joanninha... oh! que lhe tinha elle feito? Como o sentíra elle? Como lhe guardára o seu talisman o coração e a alma?..

Não, Carlos estava certo de si, certo do seu antigo amor, lembrado de tudo o que lhe devia: e n'isso reflectiu toda aquella noite que se fôra em claro.

A imagem de Joanninha lá apparecia, de vez em quando, como um raio de luz transiente e magica, no meio d'ess'outras visões do passado que a reflexão lhe acordava. E essas era a reflexão que as acordava... aquella vinha espontanea, era repellida, e tornava, e tornava...

Ha sua notavel differença n'estes dois modos de accudir ao pensamento.

A manhan veio em fim; Carlos respirou o ar puro e vivo da madrugada, sentiu-se outro.

Quando chegou a carta de Joanninha, leu-a e reflectiu n'ella sem sobresalto. Certo e seguro de si, resolveu ir ao prazo dado para a tarde.

Continúa. *A. G.*

ROMANCES.

VIVER E PADECER.

(FRAGMENTO D'UM LIVRO INEDITO).

> Que el poeta en su mision
> Sobre la tierra que habita,
> Es una planta maldita
> Con frutos de bendicion.

I.

297 O mez d'agosto corria rapido e triste como o tempo que o precedêra; a ordem das estações parecia transtornada; este bello ceu, tão claro e tão puro, tão formoso nos tempos do verão e outono, estava carregado e sombrio; espessas nuvens o enluctavam, e em todo o dia nem um so raio de sol viera animar a natureza, sepultada em profundo lethargo. Seis horas bateram no relogio da cathedral; um espesso nevoeiro começava a descer sôbre a cidade, o vento sibilava tristemente, o torvão principiava a fazer-se ouvir la ao longe, e a igreja orava pelo repouso dos fieis, que haviam trocado este mundo de transição e dor pela eternidade dos seculos.

O largo da cathedral estava apinhado de gente que sahia e entrava para pagar aos que ja não existiam o tributo de algumas palavras pronunciadas com fervor, de algunsa suspiros soltados a custo do peito, de algumas lagrimas derramadas sôbre a sepultura, pela memoria saudosa de um pai, de um irmão, de um filho...

E o adro estava cheio de povo: porque n'aquelle tempo, era o anno de Christo 1578, ainda o povo ia ás igrejas para orar, e poucos portuguezes havia então que não tivessem por quem pedir ao Senhor das misericordias: o rei e o reino haviam trocado o gosar pacifico das riquezas ja adquiridas, pelo interesse de uma custosa expedição de alem mar: o rei e o reino haviam corrido a um duello de morte com os inimigos da fé, tinham ido buscar nos plainos d'Africa a gloria d'uma batalha pelejada pela christandade, ou a palma do martirio la no ceu.

E o povo andava triste e carregado, porque similhante ás aves que adivinham a tempestade, ideas de dor e angustia lhe haviam opprimido o pensamento, e com o murmurar da oração havia confundido idéas de lucto e tristeza; parecera-lhe ouvir o arrastar de grilhões de escravos, dobrar pela agonia d'uma nação que espira, parecera-lhe ouvir o estrondo d'edificios que dão em terra; e no meio de tudo isto, o rir satanico do vencedor afogando o gemer do vencido.

Anoitecêra depressa. A multidão havia-se retirado silenciosa, como se ainda mais lhe pesára o futuro mal agourado depois da oração: todos tomaram o caminho dos seus aposentos para la chorarem a sos as

saudades que lhes ralava a alma. O terreiro que se alargava em roda da cathedral ficou deserto, e tudo era silencio; so as folhas sêccas que o vento arrancava de algumas arvores que por alli cresciam revolvendo-se na poeira, pareciam tecer danças phantasticas, e articular vozes confusas.

A igreja tambem estava quasi deserta, e mal alumiada; apenas se viam dois vultos: estavam de joelhos, e certo que choravam porque mais d'uma vez soluços haviam cortado aquelle silencio, vago e mysterioso. Um d'elles levantou-se lentamente, atirou com algumas flores para cima da sepultura sôbre que estivera ajoelhado, e encaminhou-se para a porta da igreja. N'aquelle momento, o raio de luz d'uma lampada alumiou-lhe o rosto. — Era uma mulher, ... e como era formosa, vista assim á claridade incerta de uma lampada, quando as palavras da oração vinham ainda morrer-lhe nos labios, envolta n'aquella meia-escuridade, esbelta, palida, similhante a éssas apparições que a poesia colloca la no ceu do norte, para as involver nos seus nevoeiros! Estava toda vestida de preto, e a alvura e palidez d'aquelle rotso angelico contrastava com a vermelhidão das faces, causada pelo pranto. Tinha olhos pretos, e olhar não vivo nem penetrante, mas doce e mavioso, como o olhar de uma virgem. Tinha cabellos cor de ebano, e um manto em que levava involvida quasi toda a cabeça, e que lhe descia até para baixo da cintura, deixava apenas adivinhar fórmas delicadas e serias. Ao prepassar juncto do outro vulto, cahiu-lhe das mãos um rozario: aquelle homem que la estava ajoelhado, com a fronte inclinada para terra, aquelle homem levantou a cabeça, encarou um instante a donzella, ... depois, ouviram-se dois gritos suffocados, dois gritos de espanto e dor; e o homem com os braços estendidos para o logar em que víra sumir-se o vulto nas trevas que reinavam no corpo da igreja, bradava com voz entrecortada:

— Visão celeste, porque desappareceste tão depressa!

Levantou o rozario que aquella mulher deixara cahir, e foi para o logar aonde estivera ajoelhada. Ao lançar os olhos sôbre a lapida sepulchral, suor frio lhe banhou o rosto, e cahiu involuntariamente dejoelhos; depois, com as mãos tremulas, apartou as flores que encobriam parte do letreiro da campa:

— Ah maldito tu sejas! maldito tu sejas! — bradou com voz phrenetica e os punhos cerrados.

— Meu irmão, o Senhor puniu o blasphemo, disse uma voz grave e pausada, e se padeces e és infeliz, chora e resa, porque o pranto e a oração sempre encontram acolhimento ante o throno do Senhor, e se o remorso do crime te opprime o coração, espera na misericordia divina, porque Jesu-Christo tambem perdoou aos que o crucificaram.

Era um religioso quem pronunciava éstas palavras de resignação e verdade. Estava vestido com um hábito preto, as suas feições eram nobres, e lia-se-lhe no rosto aquella serenidade d'alma que dá a prática da virtude e a esperança das recompensas do Senhor. Os annos não haviam corrido sem deixarem o cunho da sua passagem n'aquelle homem da lei do Divino Mestre; tinha a cabeça quasi toda calva, e a barba branca alvejava-lhe sôbre as roupas pretas.

O homem que estava de joelhos encarou-o um momento, depois, seguindo o curso d'idêas que lhe opprimiam o pensamento, disse com som de voz magoada:

— Chora e reza, dizeis vós ahi!! Mas quando annos e annos tem passado lentos e carregados sôbre a vida atormentada de um homem, quando cada um d'esses annos lhe trouxe novos males, que lhe dilaceraram o coração e lhe faziam envelhecer de seculos o corpo e a alma, padre, quando á força de rezar os labios ja quasi que não acertam com as palavras da oração, e o pensamento não atina com idêas, n'esse momento, o Senhor que perdoou aos que o crucificaram, perdoará tambem ao blasphemo... Como eu tenho padecido! tive uma mocidade triste, porque a esperança me desamparou ao limiar da vida, de uma vida errante, e subjeita aos baldões da sorte; desterrado, perdido, so encontrei n'este mundo o gêlo da indifferença, e o silencio do sepulchro...

E os soluços cortavam-lhe a voz, e chorava.

— E que mal havia eu feito ao mundo para assim me repellir de si? Continuou elle. Era eu ainda bem moço, quando a minha má estrella quiz que eu deparasse com uma mulher... era tão linda e tão formosa, como uma inspiração do ceu; teve dó da minha tristeza, e em pouco tempo senti que me queria amar... no principio resisti, tive medo, bem sabia eu que aquella affeição, ainda tão innocente e meiga, podia envenenar-me o resto da existencia, e até matar-me; mas a virgem tão linda, e tão pura, chorou..., e eu cahi-lhe aos pés... ah! então foi o unico momento feliz da minha existencia, e começava a rir dos meus receios, quando derepente, sem eu saber porque, um homem surgiu do inferno, para perder-me a vida e a alma; quiz possuir aquella mulher, que eu amava como a luz do sol, tentei resistir, travou-se entre nós um combate de trance.... depois... perdi tudo, arrancaram-me aquella mulher que eu amava como se fôra uma obra d'anjos, lançaram-me para longes terras, disseram-me que fosse arrastar uma vida miseravel, ralada de saudades, que fosse morrer... que os deixasse gozar em paz da felicidade que me arrancaram; e ésta sociedade, pérfida e refalsada, riu da minha dor; e tu riste tambem, tu, dizia elle delirante, apontando para a sepultura, e com as feições contrahidas pela dor e pela desesperação.

E desfazia phreneticamente entre as mãos as flores que aquella mulher deitára sôbre a campa.

Éra porventura a primeira vez que o religioso ouvia palavras tão tresloucadas, e em que as paixões do mundo vinham protestar contra a resignação da lei do Senhor; mas não estremecêra, nem se admirára, porque bem sabia elle que a razão martyrisada pela dor e padecer, vacilla e cede ao padêr das paixões, e que além d'isso n a alma, em que o arrependimento póde ter entrada, não é ainda uma alma perdida.

— Torna em ti, filho, disse-lhe com voz doce e commovida; o Altissimo nunca desamparou aquelles que invocaram a sua protecção; chora e reza, te digo, porque o pranto mitiga a dor que opprime o peito, e a oração elevando-se até ao throno do Senhor, alli implora por ti a paz do espirito.

Elle não respondeu, curvou a cabeça e orou em silencio, e apenas de quando em quando, a palavra perdão vinha morrer-lhe nos labios, como se fôra pronunciada com mais fervor.

O religioso ajoelhou.

E assim estiveram por largo espaço.

Levantaram-se ambos quasi ao mesmo tempo, e aquelle homem a quem a desventura parecia ter seguido do berço, lançou-se nos braços do religioso.

— Meu padre, dizia elle entre soluços, dai-me a vossa benção, e rogai por mim; se soubesseis como hei mister das vossas orações! Eu orei por todos.... até por elle, e apontava para a sepultura.

— A Deus, vêr-vos-hei ainda muitas vezes, resignai-vos com a lei do Senhor, e confiai na sua misericordia, porque nunca desampara os que a imploram.

E o religioso dirigiu-se para um dos lados da igreja, e o outro homem tomou o caminho da porta.

Ao sahir o ar frio da noite veio refrescar-lhe a fronte descoberta, o vento do norte afastára a tempestade, e a claridade baça da lua esclarecia a parte baixa da cidade, que ficava para a esquerda da cathedral.

Outro homem o esperava no adro da igreja, descobriu-se ao vêl-o saír, elle encostou-se-lhe ao hombro, e sem proferirem uma palavra, tomaram a rua que ficava em frente da cathedral.

Continúa. *D.*

BIBLIOGRAPHIA.

TRADUCÇÃO D'HORACIO.

298 Vai publicar-se a traducção das Satyras e Epistolas de Quinto Horacio, Flavo acompanhada de notas e observações indispensaveis á intelligencia do texto — por Antonio Luiz de Seabra, juiz da relação do Porto.

E'sta obra, que poderá servir de complemento á traducção do desembargador Antonio Ribeiro dos Santos, formará dois volumes em 8.° de mais de 300 paginas cada um. Subcreve-se em Lisboa na loja da viuva Henriques, em Coimbra e Porto nas de M. Moré e Coutinho. — O preço de cada volume será 480 rs. pagos na entrega.

Ha muito que a traducção da parte, acaso mais difficil e mais importante das obras de Horacio, feita pelo Sr. Seabra era conhecida de muitos, que d'ella tinham visto alguns fragmentos. A reputação litteraria do traductor a tornava desejada de todos os cultores da poesia classica; tanto mais que ella vinha completar a versão de Ribeiro dos Santos, com a grande differença porém, que Ribeiro não nascêra poeta e a cada passo revela o trabalho que lhe custou o parece-lo, ao passo que o Sr. Seabra, inspirado por aquella imaginação brilhante que ajudada de uma razão profunda e de estudos longos e severos o tornou a glória da tribuna portugueza, soube elevar-se á altura do seu modêllo, e até considerada a desvantagem que leva a lingua portugueza á latina, dar relevo ás passagens poeticamente mais debeis, que não são raras em Horacio. Como prova daremos aqui um fragmento da epistola aos Pisões, que ha muito possuimos da lettra do Sr. Seabra. Porventura fará alguma differença da que elle hoje vai publicar; mas nem julgâmos que seja possivel ao illustre traductor melhora-la n'esta parte, nem nos parece que se lhe deva comparar nenhuma das diversas versões que ja existem da chamada arte poetica.

EPISTOLA AOS PISÕES (SOBRE A ARTE POETICA.)

Se humano rosto em collo de ginete,
De variegadas pennas revestido,
Pozesse algum pintor, e lhe ajunctasse
De um lado e de outro os necessarios membros;
De fórma que na frente linda moça
Feiamente acabasse em negro peixe:
Não ririeis ao ver tal quadro, amigos?
Crêde, Pisões, ser-lhe-ha mui parecido
O livro em que se tracem vans especies,
Como sonhos de inferno delirante;
Nem os pés, nem a frente ao todo ajustam:
De ousar quanto lhe apraz justa licença
Teve sempre o pintor, e sempre o vate:
Nem isto é novo: para nós pedimos,
E mutuamente venia concedemos,
Porém de geito, que jamais se enlace
Com o suave o rude, ou se emparelhem
Serpentes e aves, tigres e cordeiros.
A começos magnificos mil vezes
Se alinhavam de purpura remendados
Que ao longe brilham, como quando os meandros
Da agua que gira pelo ameno prado,
De Cinthia o bosque, as venerandas aras,
O Rheno, ou o varco pluvial, se pinta.
Era d'este logar improprio o quadro:
Um cypreste fingir talvez tu saibas!
Isso que val, se o que te ajusta, e paga,
Quer que o pintes, co'a nau rota, nadando,
Descor'çoado, naufrago, e perdido.
Talha bojuda a affeiçoar começas,
Porque sae, volteando a roda, um jarro?
Em fim, por encurtar, no que escreveres,
Deves em tudo ser conforme, e simples.
Mas nós outros, os vates, quasi sempre
(Pai, e mancebos de tal pai condignos)
Co'a apparencia do bem nos illudimos:
Se breve quero ser, torno-me escuro:
O que affecta brandura é frio, e froixo;
É tumido o que busca remontar-se;
E pelo chão serpêa o que temendo
Procellosa tormenta, é nimio cauto.
Quem seu assumpto prodigiosamente
Pretende variar, entre arvoredos
Golfinhos pinta, e javalis nas ondas.
Se a arte nos falta, de um defeito a fuga
Em vicio não menor nos precipita.
Esse artista, que móra á Emilia Eschola,
Exprimir-te-ha no bronze, ao vivo, as unhas,
E dos cabellos a molleza, o mimo:
Mas infeliz será no seu trabalho
Porque a unidade conseguir não sabe.
Se escrevesse, não mais assemelha-lo
Quizera, que ostentar nariz enorme
A par de negra coma, e negros olhos.
Vós outros, que escreveis, tomar assumpto
Igual ás forças, meditai de espaço
O pêso com que vossos hombros podem.
O que escolher proporcionado assumpto
Elegancia terá, clareza, e ordem.
D'esta ordem, se bem penso, a graça, a força,
Consiste em ir dizendo a tempo as cousas;
Umas ja, outras logo, e outras mais tarde;
E discernir, com delicado tacto,
O que cumpre empregar, ou pôr de parte.
Escasso, e parco em engendrar palavras,
Fallarás com primor, se remoçares
Com ingenhosa liga usado termo.
Se é preciso exprimir novas idéas,
Podes, com tento, excogitar palavras
Não ouvidas dos Cethegos cintados;
E credito terão se descenderem,
Não mui torcidas, da greciana fonte.
Que ha ahi que a Vario, ou a Marão deneguem
Romanos cidadãos, tendo-o outorgado
A Plauto, ou a Cecilio? E se poderam
Ennio, e Catão ornar o patrio idioma
Com termos novos, porque acinte, e inveja

Tenues acquisições tolher me intentam?'
Sempre licito foi, e o será sempre
Novas moedas emittir cunhadas
Co' o público sinete. E como as selvas
Em cada anno espirante as folhas mudam,
E cahem primeiro as que primeiro nascem;
Assim os termos envelhecem, morrem,
E nascem outros, que florescem, vingam,
Como gentiz mancebos. Nós, e o nosso
Devemo-nos á morte: pelas terras
Seja Neptuno recebido, e abrigue
Dos vendavaes, obra real, as frotas;
Lagoa, longo tempo esteril, e apta
So para o remo, sinta o ferreo arado,
E as cidades vizinhas alimente:
Mude o rio o seu curso, iniquo aos fructos,
Melhor caminho aprenda. Obras humanas!
Tudo perecerá. Nem da linguagem
Durará sempre acceita a mesma graça:
Renasceram mil decahidos termos,
E mil decahirão hoje applaudidos;
Se o uso quizer, de cujo arbitrio
O jus e a norma da linguagem pende.
Homero nos mostrou em que harmonia
Cumpre escrever os feitos signalados
De reis e capitães, e tristes guerras:
Primeiro mágoas, e depois folguedos
Em versos desiguaes foram cantados;
Mas quem os elegiacos exiguos
Inventára, os grammaticos debatem,
E pleito é que em juizo pende ainda.
Irado armou-se Archelocho do jambo:
Este o metro que os sóccos, e cothurnos
Adoptaram, como apto a alternas fallas,
A dominar o estrepito do povo
E natural ao tráfego da vida.
A musa á lyra deu cantar os deuses,
Os seus mimosos, o invicto Athleta,
O corcel no certame avantajado,
As solturas do vinho, o amor, e as graças.
Mas se eu discriminar não sei, nem posso
Estes matizes, e diversas cores,
Porque me hão de saudar como poeta?
E porque, com vergonha depravada,
Não curarei de corrigir meu erro?
Ledo assumpto não quer tragico verso,
Como ao festim sangrento de Thiestes
Não quadra o verso comico, e rasteiro.
Tudo tem seu logar proprio, e distincto.
Entretanto a comedia algumas vezes
A vós levanta, e assomado Chremes
Esbraveja com tumidas bochechas,
E com tom humilde o tragico prantea.
Quando Peleu, e Telepho, ambos pobres,
E desterrados ambos mover tentam
O coração do espectador, não usam
Termos sesquipedaes, e inchado estilo.
Não basta que um poema seja bello,
Cumpre que seja deleitoso, e prenda
A seu sabor o animo do ouvinte.
Ri com quem ri, e chora com quem chora
Dos homens o semblante. Se tu queres
Que eu pranteie, lastima-te primeiro;
Então me doerão teus infortunios.
Se vós, Peleu e Telepho, arengardes
Fóra do ponto, excitar-me-heis o riso,
Ou me fareis dormir. Tristes palavras
Demandam triste rosto; sérias, grave;
Ternas, ledo; assomadas, furibundo.
Dispoz-nos no interior a natureza
Para os varios aspectos da fortuna:
Alegra-nos; a ira nos compelle,
Ou tristemente nos abate, e prostra:
Permitte-nos depois que a lingua expresse
As varias commoções que o peito agitam.
Se os discursos não quadram co'a fortuna
De quem falla, peões, e cavalleiros
Soltarão estrondosas gargalhadas.
Muito importa saber quem é que falla:
Se é um Deus, se um heroe, velho avisado
Ou mancebo no ardor de floreos annos;
Ricca matrona, ou ama desvelada,
Colcho, ou Assyrio, Argolico ou Thebano.
Segue a fama; ou se inventas, sê coherente:
Se o Homerico Achilles reproduzes,
Pinta-o sanhudo, ousado, turbulento,
Despreze as leis, e tudo á espada outorgue.
Inflexivel, feroz seja Medea,
Ixion traiçoeiro, Ino chorosa,
Melancholico Orestes, Io errante.
Se novo assumpto, ou personagem nova
Á scena commetteres, até ao cabo
Seja qual começou, nem se desminta.
É difficil dar côres bem distinctas
A ignotas invenções; melhor farias
Argumento na Illiada escolhendo;
Teu o farás se não te deliveres
De um mundo vil e conhecido entorno,
Nem fiel traductor o copiares
Palavra por palavra, ou te metteres
Servil imitador em tal aperto
Que voltar para traz te não permitta
O temor de um dezar, ou a lei do escripto.
Nem comeces qual Cyclico poeta —
« Eu vou cantar de Priamo a fortuna,
« E inclita guerra » — De tamanho hiato
Que poderá sahir? Geme a montanha,
E veremos surdir mofino rato.
Quanto melhor procede este que nada
De insensato desenha — « Dize ó musa
« O varão que depois de Illião vencida,
« Cidades e usos viu de muitos povos. »
Não o verás tirar da luz fumaça,
Mas da fumaça luz — e nos enlêa
Com os prodigios que vai depois narrando,
Lylla, Antypathe, o Cyclopa, e Carybdes:
A volta de Diomedes não deriva
Da morte de Meleágro, ou a troian guerra
Dos gemmeos ovos; sempre ao desenlace
Caminha apressurado; e seus ouvintes
Por entre os incidentes arrebata,
Como se os conhecessem, despresando
Tudo o que a musa abrilhantar não póde:
E tão bem nos illude, e por tal arte
Sabe mesclar o verdadeiro e o falso,
Que o fim do meio, e o meio do princípio
Não desliza, ou discrepa. O que eu e o povo
Queremos ouvi pois, se tens a peito
O espectador reter até que o panno
Desça, e o actor — vós applaudi — lhe diga.

Os costumes guardai de cada idade;
A maduro varão não quadram modas
De voluvel mancebo: o tenro infante,
Que principia a articular palavras,
E a pôr seguro pé no chão, compraz-se
De brincar co'os iguaes, presto se agasta
Ou desagasta, e muda a cada instante.
Joven imberbe, apenas do aio livre,
Ama os cães, e os corseis, folga na relva
Do marcio campo; indocil aos conselhos,
Flexivel como a cera é para os vicios:
Do util se desleixa; é presumpçoso;
Tudo apetece e quer; ama de leve,
Mas o que mais amar em breve esquece.
Mudam co'a idade as propensões, e o homem,
Ja feito, amigos, e riquezas busca;
As honras solicita, e se acautella
De fazer cousa que pezar-lhe possa.
Ao velho mil incommodos rodeiam;
Se grangêa, miserrimo não ousa
Nos haveres tocar, servir-se d'elles;
Se administra, indeciso, vagaroso,
Timido, inerte, a tudo impece e damna;
Implacavel censor da juventude,
Lastimoso, difficil, louva apenas
O seu bom tempo, ja passado. Os annos
Trazem-nos muitos bens, e outros nos tiram:
Papel de velho a um moço não commettas,
Nem ao menino o de homem; conservemos
Os characteres de uma e de outra idade.
No theatro, ou se opéra, ou narra o facto:
Menos porém o ânimo commove
O que entra pelo ouvido, que o que fere
Nossos olhos fieis, e se relata
O proprio espectador. Comtudo á scena
Não tragas o que dentro passar deve;
Melhor é que o refira habil facundia.
Não venha assassinar Medéa os filhos
Perante o povo, nem Atreu nefando
Cosinhe á vista ensanguentados membros;
Ou se converta em serpe Cadmo, e Progne
Em veloz andorinha; o que dest'arte
Se me ostentar, incredulo o detesto..............
....

Annotações a Waldeck. — Com este titulo publicou em Coimbra o sr. Manuel Maria da Silva Bruschy um trabalho muito importante. As instituições de *Waldeck* sempre foram reputadas — o compendio mais perfeito, e exacto de todo o direito romano; não ha commentario feito, ou possivel, que não deva ter por texto aquelle compendio — ponto central d'onde podem sahir os raios de uma circumferencia mais larga do que a mesma superficie que occupou o imperio romano.

Quando appareceu o primeiro commentario ao codigo civil francez, disse Napoleão — *ils vont gâter mon ouvrage*, mas inganou-se porque a maior parte dos commentadores so teem feito augmentar o valor d'aquelle codigo, e tornado mais facil e mais util a sua applicação, assim como faz o sr. Bruschy com as suas annotações a *Waldeck*. As que ja estão publicadas pertencem ao primeiro livro, faltam ainda as annotações aos tres livros restantes. Na advertencia e no commentario ao proemio de *Waldeck*, teve e sr Bruschy particularmente em vista o Manual de Direito Romano de *Mackldey*. Sería muito para desejar que entre nós houvesse quem traduzisse (em portuguez) este excellente Manual, e se o traductor podesse annota-lo, como fez o sr. Corrêa Telles ao Tractado das Obrigações de *Pothier*, seria uma obra de muito subido preço para os nossos juizes e advogados. Vê-se que o Sr. Bruschy escreve para os seus dilectos leitores, os estudantes de direito Romano, a quem, com a sua obra, poupa muito trabalho e muitas horas de enfado. Mesmo assim é pena que o texto não acompanhe o seu commentario, o que era mais natural: e que obstaculo teria o Sr. Bruschy para o não fazer? algum privilegio universitario? é muito provavel. Por causa dos privilegios não temos nós ainda um commentario ao Codigo do Commercio, havendo pessoa muito competente, que talvez ja o tenha concluido. Quando vigorava a Reforma Judiciaria de 36 e 37 ja havia a differença entre — edição official, e não official — e este *feliz achado* matou os commentadores, que não se atreveram a *estragar a texto*; e se alguem o fez, *sem texto* perdeu a obra e o tempo. A Novissima Reforma vai a ter melhor fortuna com a sua segunda edição official, porque hade sahir correcta, nitida, e annotada e commentada por um magistrado de alta categoria, e de mais alta capacidade. Mas para isto foi preciso auctorisação, porque sem auctorisação ninguem póde escrever por baixo do texto, talvez porque — *ils vont gâter mon ouvrage!*

Se o foro portuguez tiver a glória de contar o Sr. Bruschy entre os seus martyres — os advogados —, estou certo, que elle, depois de haver trocado a batina, a capa e o gorro (que feliz tempo!) por dois annos, ou menos, de jurisprudencia prática, hade fazer, e deve fazer, uma nova edição das suas laboriosissimas Annotações, com o texto, e com algumas correcções, e ampliações, que não será necessario indicar-lhe: e n'esse caso a sua obra hade ser de uma vantagem e utilidade reconhecida, não so nos bancos da universidade mas em todo o Portugal, e fóra d'elle.

Quando se publicar o festo das Annotações concluirei este artigo.

Lisboa 20 de novembro de 1845.

Silva Abranches.

VARIEDADES.

O MEZ DE DEZEMBRO.

299 Não é grande signo o d'este mez. Dem-se-lhe o nome de *capricornio*, dizem que por ser este o animal mais trepador, saltitão e encarapitado que se conhece; em allusão ao sol que n'este mez sobe até ao tropico formando o solsticio d'inverno. O nosso astrologo não sympathisava com este signo: eu desconfio que elle nascêra sob a sua influencia... Aqui está o que diz d'elle:

> Quem nascer sob este signo
> Não terá viver jucundo.
> Zéla, receia, é escravo
> Das ralices d'este mundo...

Bem se deixa ver, apesar de todo o disfarce, que o bom do astrologo tem la suas idéas socialistas, boas ou más como outras quesquer.

Dezembro tem 31 dias. A sua lua principiou em 31 d'outubro e acabou em 29 de novembro. Os dias diminuem 4 minutos de manhan, e 4 minutos de tarde. O seu maior dia é o 1.º que tem 9 horas e 34 minutos. No dia 1 nasce o sol ás 7 horas e 13 minutos e põe-se ás 4 horas e 47 minutos, e no dia 31 nasce ás 7 horas e 17 minutos e põe-se ás 4 horas e 43 minutos.

Este mez é o que tem os mais pequenos dias do anno. Tomam-se nos campos todas as prevenções para o inverno, abrindo vallas, concertando tapumes, reparando choças etc. Começam os frios. Muitos annos, no nosso clima, goza-se de lindos dias, atmosphera pura,

sol brilhante. Plantam-se árvores, fazem-se enxertos; preparam-se os jardins etc.

Os gregos apenas n'este mez festejavam a Neptuno, cujo nome lhe deram. Aos romanos não acontecia porém assim; passavam quasi todo este mez em festas de grande movimento, talvez para não sentirem o frio. Celebravam as *faunaes*, as *agonaes*, as *consuaes*, as *saturnaes*, a *sopalias*, em honra da deusa Ops (ou a Cybele), as *sigillarias* que duravam dois dias, as *augeronaes*, em honra d'Augerona, deusa do silencio, cuja estatua estava no templo de Volupia.... muito logica era a mythologia romana! Vacuna, que era a deusa dos passaros, tinha tambem a sua festa; até a ama de Romulo e Remo possuia tambem a sua commemoração! e Caligula não satisfeito com as saturnaes ajunctou-lhe ainda as *juvenaes*, que eram o regabofe da gente moça. Se eu tivesse nascido romano d'esse tempo, não tinha, decerto, visto o fogo do Sr. José Osti, nem os balões do Sr. Serrate, mas havia-me divertir muito, e não dava agora d'éstas maçadas ao leitor.

EPHEMERIDES

1, acclamação d'elrei D. João IV (1640) — 8, creação da academia-real d'historia-portugueza (1720) — 12, tomou D. Philipe II de Castella posse de Portugal (1580) — 25, descobrimento da terra *Natal* por Vasco da Gama (1497).

CORREIO NACIONAL.

300 Hontem (25) entraram no porto de Lisboa e Duque de Saxe Coburgo-Gotha (Pai d'ElRei) e seu Filho o Principe Leopoldo. Sua Alteza Real foi comprimentado abordo por seu Augusto Filho e desembarcou em Belem, onde se achava postada uma parte da guarnição da capital destinada a fazer-lhe as honras militares. Os Augustos Hospedes foram residir para o palacete do 'pateo das vaccas' que d'ante mão lhes estava destinado e que communica com o palacio de Belem.

Começou a publicar-se em Angola um jornal com o titulo de 'Boletim do Govêrno-geral da provincia d'Angola.' O estabelecimento de uma imprensa n'aquelle paiz, e a introducção do jornalismo, devem ahi proproduzir incalculaveis bens á prosperidade d'elle, se a má direcção não invenenar esse alimento da intelligencia, primeiro phanal da civilisação.

Sexta-feira (27), ou no domingo proximo, hade darse no Theatro de San'Carlos a 1.ª representação de *D. Pasquale*, comedia-lyrica de Donizetti, que tem merecido os maiores applausos em todos os theatros onde se tem cantado. Ja se ve que o reportorio do nosso theatro italiano não poderia ser melhor escolhido nem variado. Em pouco mais de um mez, teremos ouvido quatro operas, sendo duas novas. A actividade e a boa direcção são as melhores garantias de uma empresa, para ella mesma e para o público. Tambem na Segunda-feira, 1.º de dezembro se darão dois *passes* novos, um a dois — chamado o *passo da r* — e outro a quatro: e proximamente teremos uma dança mimica.

O methodo de curar pela homeopathia acha-se introduzido na cidade do Porto pelo Dr. Luné chegado do Brazil, onde exerceu este mesmo genero de medicina.

Por carta-regia de 20 do corrente, foi nomeada a Serenissima Senhora Infanta D. Isabel Maria, Protectora dos Institutos das Irmans-da-Caridade de Lisboa e Porto. A piedade da Augusta Protectora será sem dúvida efficaz para augmento da instituição das virtuosas filhas de San'Vicente de Paula, o eloquente apostolo da caridade, que se a igreja venera como Sancto o mundo deve respeitar como heroe.

Parece que os socios das duas sociedades philarmonicas de Lisboa — Academia e Assembléa — estão de aceôrdo na união d'estas duas sociedades no mesmo edificio e com estatutos communs. A este projecto ser levado a effeito, deverá construir-se um edificio especialmente destinado a éstas reuniões. Um animo generoso, cujo amor e gosto pelas Bellas-Artes é reconhecido por todos, offerece-se ao adiantamento do capital necessario. O nome e a elevada gerarchia da pessoa a que nos referimos, dão grande garantia á boa execução d'este projecto. A ser tambem verdade o que se diz, o edificio que se construir no caso de dissolução da sociedade, ficará pertencendo a um estabelecimento-pio. Ja se vê que a philantropia é ainda outra excellente qualidade d'esta nobre idêa.

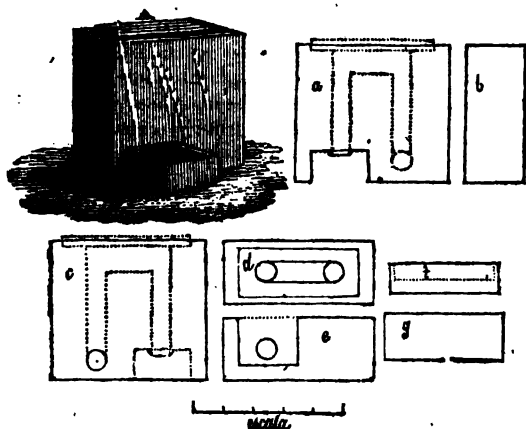
Segundo nos escreve a Sr.ª Fortunata Levi, não se realisou a sua escriptura no Theatro do Salitre, por algum desaccôrdo nas condições; o que na verdade é para sentir por amor do theatro e da propria artista.

A Sr.ª Maria José dos Santos, actriz do Theatro do Salitre foi effectivamente escripturada para o Theatro da Rua-dos-Condes. Ésta artista é discipula do Conservatorio-Real, e de bastante habilidade.

O beneficio do Asylo-da-mendicidade, dado no 'Circo Laribeau' a 8 do corrente, produziu liquido 123$210 réis.

Uma proposta de summa vantagem para o nosso paiz foi feita ao chefe dos correios nos Estados-Unidos, a ser verdade o que se le n'um jornal d'aquelle paiz. Segundo ésta proposta toda a correspondencia dos Estados-Unidos com a Europa se fará por intermedio de Lisboa. Os proponentes argumentam tambem com a idea que vigora d'estabelecer um carril-de-ferro de Lisboa ao centro da Europa, por onde as procedencias da America poderiam ser conduzidas aos seus destinos do interior. O commercio tiraria de tudo isto tamanha vantagem, que valia bem que o nosso govêrno empregasse todas as diligencias (ainda mesmo pecuniarias, se tanto fosse necessario) para alcançar a adopção d'esta proposta, que ao que parece depende unicamente da repartição do correio dos Estados-Unidos, que foi auctorisada pelo parlamento a empregar vapores na correspondencia europea como melhor lhe parecesse.

CONHECIMENTOS UTEIS.

BOMBA HYDRAULICA.

301 A estampa que se ve representa uma pedra talhada e preparada, com seus córtes e diversas partes, que serve para despejar as prêsas d'agua por si mesma sem intervenção de ninguem. O Sr. *Alexandre José Fernandes Bastos*, de Cabeça-de-Basto, é o introductor d'esta machina no nosso paiz e seu aperfeiçoador. Na provincia do Minho, em propriedades do mesmo Sr. Bastos e outros, funccionam muitas d'estas bombas com geral approvação e summa utilidade.

Ha n'aquella provincia porções de terra destinada a pastos, a que chamam *lameiros*. Na parte mais elevada d'estes lameiros fazem reprêsas d'agua, a que chamam *poças*, que servem para regar os lameiros. A prática mais commum é fazer um buraco n'estas poças ou tanques, tel-o tapado, e quando se quer fazer a irrigação destapal-o e deixar correr a agua. Mas como ha lameiros que necessitam e effectivamente teem muitas poças, é necessario trazer pelo menos um homem effectivo empregado em as tapar e destapar. Além d'isso, como para fazer uma boa irrigação é necessario que a agua innunde com fôrça o terreno, espraiando-se immediatamente por todo elle; a agoa que jorra pelo buraco d'um tanque não póde produzir estes bons resultados, porque a fôrça da sahida empregando-se toda immediatamente faz empoçar a agua no terreno contiguo, e a que se dilata vai ja sem fôrça, e consequentemente perde-se ensopando varias porções de terreno sem podêr chegar a outras.

A bomba hydraulica obvía estes inconvenientes, como se verá pela descripção que se vai ler. A figura — A — é a pedra prompta, que se colloca na frente do tanque para o lado da irrigação. Ésta pedra enterra-se no chão e fica servindo de parede ao tanque em todo o espaço da largura d'ella que é de 5 palmos; ficando a sua parte superior um pouco acima do nivel da agua. Ésta pedra tem 5 palmos d'altura, e serve para um tanque que tenha 3 p. de fundo. A maneira de a assentar é inclinando-a para a parte de dentro, para se lhe introduzir a pia, figura — *f* — e depois apruma-se. A figura — *a* — representa um córte deixando ver a parte anterior. Dois tubos se veem ahi marcados, assim como no córte, figura — *e* — que representa a vista da parte posterior, os quaes tubos se fazem com uma broca dando a cada um o diametro de seis pollegadas. Um d'estes tubos vem terminar algumas pollegadas antes de chegar ao fim da pedra, e communica com a agua por meio d'um orificio d'igual diametro feito pela parte de dentro da pedra. Por este tubo sobe a agua até chegar á parte superior, representada pela figura — *d* — onde se cava uma especie de caleiro para communicação com o outro tubo, por onde a agua desce, e que vem terminar na parte inferior, a qual tem, para o lado de fóra, a fórma que representa a figura — *e* —, que é um vão onde se introduz a pia, como se ve na figura — A — um dos lados da qual pia é representado pela figura — *f* — onde se ve marcada a sua profundidade, que é de 1 p. A figura — b — mostra uma das partes lateraes da pedra, ou a sua grossura, que é de 2 p.; e finalmente a figura — *g* — representa a tampa que assenta na parte superior, figura — *d* —, e que deve ser muito bem hitumada para evitar a introducção do ar; porque, como se terá deprehendido, a subida da agua opera-se pelo systema dos scifões; pelo que é indispensavel que o caleiro de communicação entre os dois tubos, esteja calculado de modo que fique abaixo do nivel da agua do tanque, quando este estiver cheio e a pedra assente.

Ésta bomba assim construida, faz por si mesmo a irrigação do seguinte modo: Quando o tanque está cheio a agua d'elle começa a introduzir-se dentro da bomba pelo orificio feito na parte de dentro da pedra, e sobe pelo tubo até ao caleiro da figura — *d* —, descendo logo pelo outro tubo até á pia d'onde trasborda com fôrça e sem jorro, espraiando-se por todo o terreno. O tanque póde assim ficar completamente despejado até ao fundo; mas como a última porção d'agua que sahisse viria sem fôrça por falta de pressão, imaginou-se fazer um pequeno orificio, acima do outro por onde a agua entra, para que introduzindo-se por elle o ar quando a agua do tanque tivesse descido áquella altura, a bomba não podesse mais sorver a restante.

Os principios scientificos em que ésta descoberta se funda, não são para aqui; direi unicamente, a quem não comprehender claramente a utilidade da pia, que ésta serve para que conservando-se sempre cheia d'agua, como se ve que forçosamente acontecerá, evite a introducção do ar dentro da bomba pelo orificio do tubo que n'ella vem terminar, e serve ao mesmo tempo para embaraçar os inconvenientes do jorro da agua rebentando por buraco estreito, sôbre o terreno immediato, pois o derramamento pelas bordas da pia dá maior dilatação ao fluido e por consequencia não ha impeto de veia, havendo todavia fôrça de corrente.

Antes de concluir devo rogar ao Sr. Bastos se digne rectificar qualquer inexactidão, obscuridade ou má intelligencia, que n'este artigo possa haver; porque além de inexperiente n'éstas coisas, quasi que apenas me pude ajudar do modêlo que da sua bomba hydraulica remetteu ha tempo a esta Redacção.

A INDUSTRIA EM ALCOBAÇA.

Sr. Redactor. — Tomo a liberdade de offerecer a V... o incluso artigo sôbre Industria, e se o julgar digno de o inserir no seu jornal, peço-lhe o especial obsequio de dar-lhe publicidade — pois n'isto obsequiará um seu assignante, o Sr. Bernardo Pereira de Sousa.

Sou com toda a consideração

De V...

A. Faustino dos Santos Crespo.

Em 16 de novembro de 1845.

—

302 As nações so podem viver, e florecer pelo trabalho; — a agricultura, industria e commercio: a agricultura, principal fonte, para produzir materias, primas, a industria para por meio do fabrico dar-lhe novas fórmas, adaptando-as ás necessidades communs; e o commercio para promover o consummo, transportando os objectos necessarios á vida aos pontos onde d'elles se careça.

A idea de conquistas está proscripta; e por uma vez deve sêr abandonada; porque as conquistas ja se não combinam com a organização das sociedades modernas; — e sería violar direitos de *reciprocidade* dos Estados; — era finalmente não estar em harmonia com a diplomacia politica e social.

O trabalho é a anchora das nações. Ja lá vai o tempo, em que se julgou, que eram so nobres e honrados os que comiam o fructo dos que *produziam*, e aquelles que trabalhavam eram uns entes *despresiveis*, e que não pertenciam ao genero humano: — como se a fortuna podesse subverter a natureza!

Para demonstrar-mos, que essas distincções so tiveram por origem a vaidade d'alguns homens e que foram despresadas por outros, entre muitos exemplos, que poderia-mos adduzir, não esqueceremos um:

Cincinnato, esse varão excellente, da rabiça do arado foi chamado para o primeiro cargo da republica-romana, e nem por isso a deshonra foi envolta e de mistura com a terra, que o dictador levava nas solas dos humildes *cothurnos*. Lucrecia fiava nas suas lans, e este facto não manchou a gloria das armas de seu marido, que pelejava a favor da patria.

Graças pois á influencia philosophica do Christianismo, que vindo acabar com os privilegios das diversas castas, admitiu a egualdade de todos os homens, e derramou entre elles o amor do trabalho. Algumas nações vemos nós ainda, que vigorosos esforços fazem para que se acabe para sempre com o infame e horroroso trafico da *escravatura*, lançando sôbre os desgraçados o manto da humanidade, e estendendo-lhes uma benefica e generosa mão. Temos bem fundadas esperanças, que os effeitos e progresso da civilisação, hão de conseguir um dia que se chegue ao termo desejado, e que se vença o monte escarpado, que tanto custa a subir!

Se lançâmos um golpe de vista pelos Estados da Europa, onde evidentemente se conhecem os resultados da sciencia da economia politica, o que observâmos nós? Nenhum deixa de cultivar a industria.

Na Belgica e Inglaterra, maravilha-se o espirito com tantos progressos das artes, que assombram o mundo. Na Holanda veem.se canaes abertos, estradas, caminhos-de-ferro, e todos os melhoramentos que tornaram d'um pantano uma cidade opulenta!

So Portugal — o desgraçado Portugal que outrora tão ricco foi com as especierias da India, com o ouro do Brasil, com o commercio do Japão e da China, nunca tractou dos seus melhoramentos matêriaes!

Que immensidade de capitaes não vemos nós empregados n'esses edificios dos conventos, que se tivessem tido uma mais util applicação em abertura de valas, rios, estradas, e construcção de fabricas, fariam a felicidade d'este paiz, que está confundido na presença dos que foram pobres, é hoje poderosos? Espirito dos seculos, que predominaes sôbre os homens! Mão *potente*, mas invisivel, dos destinos, que presidiz ás nações! Esses capitaes estão improductivos.

É verdade que alguns monumentos attestam o fastigio da nossa grandesa; o que mais nos deve compungir. Fomos, ja não somos felizes: a riqueza abandonou-nos,, — foi uma luz que nos alumiou, mas ja não brilha.

Portugal está entregue aos seus proprios recursos; e será pena que nos não preparemos, para gosar um futuro mais lisongeiro, ja que nos não soubemos approveitar do passado.

Para salvar-se ésta nação, que anda boiando no mar da desgraça, devemos equilibrar a receita com a despeza, e nivellar a exportação com a importação. Por que não havemos nós de construir fabricas de lanificio, e pôr assim um dique á corrente do dinheiro que vai continuamente para fóra, e que nunca mais volta? So nós é que havemos de abandonar a industria? Por isso nós sentimos tão pouca abundancia e circulação de numerario.

Ainda bem que a nacionalidade não está amortecida no coração dos portuguezes.

Em alguns pontos do paiz vemos algumas fabricas, que vão prosperando; mas essas fabricas ainda são poucas, para entre si apparecer a rivalidade da perfeição, e apuro, e igualar a mão de obra extrangeira.

Algumas localidades para taes estabelecimentos não tem até hoje sido aproveitadas, por serem ignoradas. Alcobaça é uma d'ellas: e por estarmos convencidos das grandes vantagens, que esta terra offerece, nos animámos a escrever o presente artigo.

Alcobaça, que em outro tempo teve essa fabrica, que ainda hoje tem nome pela qualidade de seus tecidos — *Os lenços d'Alcobaça* — é no nosso intender um verdadeiro ponto para as manufacturas: — está situada na raiz da Extremadura e Beira, offerecendo um centro para o consummo.

Os portos de mar de Nazareth, e San'Martinho a muito pouca distancia, offerecem commodidades para todos os transportes.

A proximidade dos pinhaes chamados d'el-rei, para algumas madeiras e lenhas; — a população, cujos salarios são baratos; — o edificio do convento para depositos e preparos; — e sobre tudo a fôrça motriz — a agua, que em outro tempo era so possuida pelos frades, e que hoje é propriedade particular, e muito especialmente o logar denominado a Fervença, onde a agua pela sua queda lhe augmenta a fôrça, como se ve pela rapidez com que andam os ingenhos alli existentes; são meios que convidam, e que até nos faz sensibilisar não serem aproveitados para uma tal empresa, que por certo havia de dar lucro a quem a tentasse; porque os materiaes precisos serão de pouco custo, e um bom local para a fabrica facilmente se obterá.

E se ajunctarmos a éstas vantagens as delicias, e

mimos d'Alcobaça, todos se convencerão, que n'esta terra ha todas as commodidades da vida.

Alcobaça tem quotidianamente peixe, optimas e variadas fructas, bom pão, hortaliças, caças, açougue duas vezes por semana, lojas para todo o fornecimento, bom espirito público, e um grande mercado todos os domingos; n'uma palavra nada deixa a desejar.

Quanto a nós Alcobaça rivalisa com Thomar, e talvez em alguns accessorios exceda a nova cidade.

Hoje convidâmos os capitaes, para que se empreguem na industria d'ésta terra: a agiotagem nem sempre hade produzir por ficção; o emprego, que lhes destinâ os, hade ser mais duradouro.

No Porto e na capital, formam-se companhias para varios objectos; é pena, outra vez o dizemos, que para o estabelecimento fabril em Alcobaça se não levante ja uma companhia. Escrevemos isto com o coração, e se alguem quizer peculiarmente informar-se, aqui ha pessoas intelligentes a quem se poderão dirigir, e as quaes informarão exactamente.

Concluimos com uma reflexão. O trabalho faz as nações felizes, civilisa os homens, e cultiva os costumes.

Alcobaça 16 de novembro de 1845.

REFORMA DO ENSINO E EXERCICIO DA MEDICINA EM FRANÇA. (1)

2.ª PARTE.

302 No n.º 17 d'esta REVISTA publicámos a primeira parte d'este artigo, contendo o *aviso* semi-official a todos os interessados, medicos, cirurgiões, pharmaceuticos e medicos veterinarios, com os motivos do congresso, seu fim e meios adoptados, provocando a adhesão de todos. Por noticias posteriores consta teria sua abertura no 1.º do corrente, na sala de S. João nos paços da municipalidade (Hotel-de-Ville) em Paris, sob a presidencia do doutor Serres, membro do Instituto. *A Gazeta dos Hospitaes* foi designada como orgão official do congresso medico, na qual se publicarão quasi diariamente os relatorios completos e officiaes das sessões.

A alta importancia da materia, tractada com a maior somma de luzes que ha mais de trinta seculos se tem visto reunir, deverá inspirar as mais bem fundadas esperanças, não sómente aos facultativos mais proximamente interessados, mas (senão muito principalmente) a toda a humanidade, cujos males se intentam afinal, curar ou prevenir.

Desde Hippocrates até hoje sempre se tem pretendido reformar a sciencia, e a pratica ou a arte: innumeraveis reformadores se tem succedido até hoje, sendo Broussais, Hanneman, e (se se quizer) Priesnitz, *irritação*, *homeopathia*, *hydro-sudo-pathia*, os últimos reformadores, e suas últimas doutrinas.

Facil tem sido a todos, Hippocrates, Galleno, Paracelso, Van-Helmonte, etc., como aos últimos ja referidos, demonstrar a insufficiencia das doutrinas de seus antecessores, porque sobejam as convicções em todos das desgraçadas experiencias contrarias ás promessas, tão esperançosas quanto fallazes. Em todas as reclamadas e prommettidas reformas, os resultados para a humanidade e para a sciencia, tem sido igualados aos do trabalho de *Cisipho*! ou das filhas de Danaus!

(1) Este artigo foi demorado pela nimia abundancia de materias. *Da R.*

Ha perto de meio seculo o sabio Cabaniz propoz tambem uma reforma *legislativa*, como agora se pretende: será ella agora mais bem succedida? Muito o duvidámos, desgraçadamente! Esperâmos é verdade, algum melhoramento no cahos actual da sciencia, e sôbre tudo na pratica, que o espirito dominante dos *interesses materiaes*, vai pretendendo reduzir a uma especie *d'agiotage* da saude publica e privada, verdadeira mystificação!

O scepticismo, quasi cynico lavra por todas as instituições sociaes como contagio assombroso; o espirito d'analyse e emancipação da geração presente tem feito *passar em julgado a sentença condenatoria* contra a *tutella do passado*, por incapacidade e tyrannia. O presente *está no seu direito*, não se lhe póde negar o fundamento. Mas tambem desgraçadamente os factos provam contra sua capacidade intellectual. Depois da analyse, ja mais que sufficiente, o que resta, o que falta, o que se sente por toda a parte, e em tudo (porque tudo foi destruido, para não poder voltar mais) é a synthese social, a synthese em tudo, nas sciencias, nas artes, em cada um dos ramos da organziação social, como no complexo de toda ella.

A medicina (do homem e dos animaes) é a mesma philosophia, que ja Hippocrates muito mal fez em separar, reduzindo aquella a empyrica e rotineira, como tem andado até hoje, mais, ou menos *raciocinada*; como reconheceu o mesmo Cabaniz, aliás d'espirito muito penetrante.

É necessario conhecer o homem *normal*, se se poder, porque existiu, [1] e ainda se encontra n'alguma parte. [2] Não se tem conseguido; até se desespera d'isso!

Temos razões para entrarmos de véras n'esta materia. Ha mais de dous annos publicámos o que sentiamos sôbre a *verdadeira reformo radical*, *complexa*, *cabal e definitiva de toda a medicina*, indicando a necessidade da fundação d'um *instituto normal* para o *ensaio da medicina philosophica*, *preventiva e curativa*. Não temos os meios materiaes! alguem responderá por isso!!! Assim é que temos intendido a reforma na sciencia e na arte, no ensino e na pratica da medicina.

Ja se ve que d'algum modo estamos compromettidos com o publico em nos pronunciarmos sôbre a promettida reforma legislativa do respeitavel congresso medico francez. Cumpriremos nossos deveres. A causa não póde ser mais interessante (nem ha outra que o seja tanto; é de vida ou morte, e mesmo de vida com doenças, ás vezes mais crueis que a morte), nem mais digna da mais séria e profunda discussão, e que mais deva captivar a attenção e meditação do publico, unico, interessado, a final!

Por antecipação, parece-nos que a reforma franceza conservará o typo da medicina *escholastica*, *classica*, *orthodoxa*; *academia*, *universitaria*, *rotineira*, provisoria e não definitiva. Estimaremos vêr desmentida nossa previzão, aliás conforme o progresso actual da doutrina, em certo modo anarchica, por não seguir eschola alguma hoje no geral. Broussais morreu com sua eschola. Hanneman e Priesnitz ficarão para a historia.

Os *Anatomo-pathologistas*, a *medicina arithmeti-*

[1] Nos tempos *patriarchaes*.
[2] Na *Polynesia*, e outras.

ca de M. Louis, não podem resistir á analyse. N'este estado ninguem póde crear a sciencia por meios *legislativos*, que so poderão favorecer os interesses da arte *pela arte dos interesses!* Veremos!

Jacinto Luiz Amaral Frazão.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO XXIII.

Continúa a accudir muita coisa vaga e incontrada no pensamento de Carlos. — Dança de fadas e duendes. — Fr. Diniz o fado-mau da familia. — Veremos, é a grande resolução nas grandes difficuldades. — Carlos poeta romantico. — Olhos verdes. — Desafio a todos os poetas moyen-ages do nosso tempo.

304 Não ha nada como tomar uma resolução.

Mas hade tomar-se e executar-se: aliás, se o caso é difficil e complicado, pouco a pouco as dúvidas solvidas começam a inliar-se outra vez, a inredar-se... a surgir outras novas, a apresentarem-se faces ainda não vistas da questão... em fim, se o intervallo é largo, quando a resolução tomada chega a executar-se, a maior parte das vezes ja não é por fôrça de razão e convicção que e faz, mas por capricho, ponto d'honra, teima.

Carlos tinha resolvido ir ao prazo dado, no fim do dia. Mas o dia era longo, custou-lhe a passar. Todas as ponderações da noite lhe recorreram ao pensamento, todas as imagens que lhe tinham fluctuado no espirito se avivaram, se animaram, e lhe começaram a dançar n'alma aquella dança de fadas e duendes que faz a delicia e os tormentos d'estes senhadores acordados que andam pelo mundo e a quem a douta faculdade chama *nervosos;* em stylo de romance *sensiveis*, na phrase popular *malucos.*

Carlos era tudo isso: para que o heide eu negar?

Entre aquellas imagens que assim lhe bailavam no pensamento, vinha uma agora... talvez a que elle via mais distincta entre todas, a da avó que tanto amára, em cujo maternal coração elle bem sabía que tinha a primeira, a maior parte... da avó que tam carinhosa mãe lhe tinha sido! Pobre velhinha, hoje decrepita e cega... Cega, coitada! Como e porque cegaria ella?

Havia ahi mysterio que Joanninha indicára, mas que não explicou.

Atraz da paciente e humilhada figura d'aquella mulher de dores e desgraças, se erguia um vulto austero e duro, um homem armado da cabeça aos pés de ascetica insensibilidade, um homem que parecia o fado-mau d'aquella velha, de toda a sua familia... o cumplice e o verdugo de um grande crime... um ser de mysterio e de terror.

Era Fr. Diniz aquelle homem; homem que elle desejava, que elle cuidava detestar, mas por quem, no fundo d'alma, lhe clamava uma voz mystica e intima, uma voz que lhe dizia: 'Assim será tudo, mas tu não pódes aborrecer esse homem.'

Sim, mas sôbre Fr. Diniz pesava uma accusação tremenda, que o fizera, a elle Carlos, abandonar a casa de seus paes! Accusação horrivel que tambem comprehendia a pobre velha, aquella avó que o adorava, e que elle, ainda criminosa como a suppunha, não podia deixar de amar...

E d'estes medonhos segredos sabía Joanninha alguma coisa?

Esperava em Deus que não.

Desconfiaria alguma coisa?... O quê?

E iria elle polluir o pensamento, desflorar os ouvidos, corromper os labios da innocente criança com o esclarecimento de taes horrores?

Havia de lhe fallar na infamia dos seus? Havia de lhe explicar o motivo porque fugíra da casa paterna?

Havia de?..

Não. — Se Joanninha tivesse suspeitas, havia de destrui-las antes; se ella soubesse alguma coisa, negar-lh'a.

Mentiria, juraria falso se fosse preciso.

E não havia de ir ver a avó, não havia de entrar na casa dos seus a consolar a infeliz que so vivia d'uma esperança, a de ver o filho de sua filha?

Não, nunca... O limiar d'aquella porta, que elle julgava contaminado, infame, manchado de sangue e cuspido de oprobrios e deshonras, tinha-o passado sacudindo o po de seus sapatos, promettendo a Deus e á sua honra de o não tornar a cruzar mais.

Mas que diria então elle a Joanninha? Como havia de explicar-lhe um proceder tam extranho, e apparentemente tam cruel, tam ingrato?

Por emquanto as impossibilidades materiaes da guerra serviriam de desculpa, depois o tempo daria conselho.

Veremos! — é a grande resolução que se toma nas grandes difficuldades da vida, sempre que é possivel espaçal-as.

Carlos disse: '*Veremos!*'

Tomou todas as disposições para podêr estar seguro e socegado no sítio onde ia incontrar a prima: e o resto do dia, ancioso mas contente, occupou-se de seus deveres militares, fati-

gou o corpo para descançar o espirito, e em parte e por bastantes horas o conseguiu.

Mas um dia de abril é immenso, interminavel. E as últimas horas pareciam as mais compridas. Nunca houve horas tammanhas! Carlos ja não tinha que inventar para fazer: pôz-se a pensar. Que remedio!

Pensou n'isto, pensou n'aquillo... uma idea lhe vinha, outra se lhe ia. A imaginação, tanto tempo comprimida, tomava o freio nos dentes e corria á redea sôlta pelo espaço...

Anneis dourados, transas de ebano, fáces de leite e rosas como de cherubins, outras pallidas, transparentes, diaphanas como de princezas incantadas, olhos pretos, azues, verdes... os de Joanninha em fim... todas éstas feições, confusas e indistinctas mas de estremada belleza todas, lhe passavam deante da vista, e todas o incantavam. O desgraçado... — Porque não heide eu dizer a verdade? — o desgraçado era poeta.

Inda assim! não me esconjurem ja o rapaz... Poeta, intendamo'-nos; não é que fizesse versos: n'essa não cahiu elle nunca, mas tinha aquelle fino sentimento d'arte, aquelle sexto sentido do *bello*, do *ideal* que so teem certas organizações privilegiadas de que se fazem os poetas e artistas.

Eis aqui um fragmento de suas aspirações poeticas. Vejam as amaveis leitoras que não teem metro, nem rhytma — nem razão... Mas emfim versos não são.

—

'Olhos verdes!..'

'Joanninha tem os olhos verdes...

'Não se reflecte n'elles a pura luz do ceo, como nos olhos azues.'

'Nem o fogo — e o fumo das paixões, como nos pretos.

'Mas o viço do prado, a frescura e animação do bosque, a fluctuação e a transparencia do mar,

'Tudo está n'aquelles olhos verdes.

'Joanninha, porque tens tu os olhos verdes?

'Nos olhos azues de Georgina arde, em sereno e modesto brilho, a luz tranquilla de um amor provado, seguro, que deu quanto havia de dar, quanto tinha que dar.

'Os olhos azues de Georgina não dizem senão uma so phrase d'amor, sempre a mesma e sempre bella: *Amo-te, sou tua!*

'Nos olhos negros e inquietos de Soledade nunca li mais que éstas palavras: *Ama-me, que es meu!*

'Os olhos de Joanninha são um livro immenso, escripto em characteres moveis, cujas combinações infinitas excedem a minha comprehensão.

'Que querem dizer os teus olhos, Joanninha?

'Que lingua fallam elles?

'Oh! para que tens tu os olhos verdes, Joanninha?

'A assucena e o jasmim são brancos, a rosa vermelha, o alecrim azul,

'Roxa é a violeta, e o junquilho côr de ouro.

'Mas todas as côres da natureza véem de uma so, o verde.

'No verde está a origem e o primeiro typo de toda a belleza.

'As outras côres são parte d'ella; no verde está o todo, a unidade da formosura creada.

'Os olhos do primeiro homem deviam de ser verdes.

'O ceo é azul...

'A noite é negra...

'A terra e o mar são verdes...

'A noite é negra mas bella: E os teus olhos, Soledade, eram negros e bellos como a noite.

'Nas trevas da noite luzem as estrellas que são tam lindas... mas no fim de uma longa noite quem não suspira pelo dia?

'E que se vão... oh! que se vão emfim as estrellas!..

'Vem o dia... o ceo é azul e formoso: mas a vista fatiga-se de olhar para elle.

'Oh! o ceo é ázul como os teus olhos, Georgina...

'Mas a terra é verde: e a vista repousa-se n'ella, e não se cança na variedade infinita de seus matizes tam suaves.

'O mar é verde e fluctuante... Mas oh! esse é triste como a terra é alegre.

'A vida compõe-se de alegrias e tristezas...

'O verde é triste e alegre como as felicidades da vida.

'Joanninha, Joanninha porque tens tu os olhos verdes?..'

—

Ja se vê que o nosso doutor de bivac, o soldado que lhe chamou *maluco* ao pensador de taes extravagancias, tinha razão e sabía o que dizia.

Infelizmente não se formulavam em palavras estes pensamentos poeticos tam sublimes. Por um esfôrço milagroso de photographia mental, apenas se póde obter o fragmento que deixo transcripto.

Que honra e glória para a eschola romantica se podessemos ter a collecção completa!

Fazia-se-lhe um prefacio incisivo, palpitante, *britante*...

Punha-se-lhe um titulo vaporoso, phosphores-

cente... por exemplo: — Echos surdos do coração — ou — Reflexos d'alma — ou — Hymnos invisiveis — ou — Pesadellos poeticos — ou qualquer outro d'este genero, que se não soubesse bem o que era nem tivesse senso commum.

E que viesse ca algum menestrel de frak e chapeu redondo, algum trovador renascença de collete á Joinville, luctar com o meu Carlos em pontos de romantismo vago, descabellado, vaporoso, e nebuloso!

Se algum d'elles era capaz de escrever com menos logica, — (com menos grammatica, sim) e com mais triumphante desprêzo das absurdas e escravizantes regras d'essa pateta d'essa eschola classica que não produziu nunca senão Homero e Virgilio, Sophocles e Horacio, Camões e o Tasso, Corneille e Racine, Pope e Moliere, e mais algumas duzias de outros nomes tam obscuros como estes?

Continúa. *A. G.*

DO PARIATO. (*)

305 Não havendo, ao que me parece, na legislação dos antigos romanos coisa que os modernos podessem adaptar para a fórma de govêrno que devisaram sôbre a base da representação, vamos a ver se nos costumes que salvam as nações, somos mais bem succedidos, e ahi achâmos o espirito d'essa representação, ou rastreâmos alguma idêa das que os paizes constitucionaes concebem acerca da liberdade politica, nos tempos actuaes.

A poesia não se reputa por um dos menos fieis daguerrotypos das sensações que preocupam o homem no tempo em que ella é escripta, e por isso assim como passei em analyse um poeta em Inglaterra, quando quiz ver quaes eram as apprehensões que mais tocavam aquella nação no tempo de Elisabeth, temos a respeito de Roma um outro escriptor, Lucano, a quem os modernos á falta de outro, tem dado o nome de cantor da liberdade, onde podêmos consultar os pensamentos que predominavam os animos no tempo em que elle poetou. Eu nada tenho com as particularidades do estylo d'este epico.. é so com o sentido que os seus versos expressam. Se este é o meu unico intento, muito menos me deve para aqui importar se teve licção ou se os seus conhecimentos se estenderam a muito; se é a actualidade ou a erudição que constitue o vate; se teve veia poetica, ou se foi feliz no seu estro; se a inspiração lhe suppriu contrastes não achados, ou se os tinha, com os quaes podesse surprehender a imaginação dos seus leitores; se teve amenidade d'indole, qual a sua philosophia, ou se a não tem etc.

Tendo os seus dias sido abbreviados aos 26 annos d'idade, pouco tempo viveu para adquirir a perfeição de nenhuma qualidade com que porventura a natureza o houvesse brindado. Não se lhe póde comtudo negar uma grande applicação, porque quem compôe 8,057 versos nos poucos dias que viveu, afóra outras mais obras, mostra que não é descuidado e deve ter vivido muito comsigo para tantas composições. Aos 18 annos que tivesse começado, e ja não era muito tarde para effusões heroicas, que para quem não passou por ellas ao vivo exigem reflexão, era mais de um dos livros da Pharsalia por anno. Tendo tão severamente sido censurado na collecção de Nisard, me parece lhe podia este insigne philologo ter mitigado a sua critica com um minimo quanto de qualificação n'esta parte. A sua magistral censura não houvera com essa pequena reducção perdido nada do seu muito valor.

Eu tenho dito que não era objecto para ésta averiguação conhecer-se, se Lucano era instruido; e decerto que não é, em quanto á solidez d'essa instrucção, mas para os nossos fins não deixa de ser conveniente saber-se que elle sabia tudo, e de tudo sabia, astronomia, geographia, topographia, cosmogonia, mythologia, aruspicia, navegação, e por conseguinte é natural sôbre a politica tambem estivesse a par da epocha em que viveu. O que se póde asseverar é que a variedade em superficie que este auctor teve, concorreu não pouco a prejudicar a acção do seu poema; porque para empregar esses seus conhecimentos distrahiu a unidade da sua epopea em *fioretturi*, episodios, e similes interminaveis: o que alias não teria feito se fosse menor a sua sciencia. Postos de parte os ornatos, e removidas as intercalações, avaliado o poema so pelas suas noticias, tem-se dito que elle é uma gazeta. Eu não acho. Antes me parece que nunca houve nada menos similhante, porque nada diz. Não me atrevo a pôr-lhe chrisma, esse direito é so da *eschola*, mas se me atrevesse, chamava-lhe, rhapsodia. E avançara mais, que se os horrores e a mania, são os characteristicos do vulgo romantico, então ja Lucano foi um d'elles, antes de apparecerem agora. Eu vou por alto fazer uma taboa das materias dos dez livros da obra, para mostrar os meus fins, e ver-se-ha incidentalmente, em mais de um exemplo, que eu não trescalo n'ésta proposição uma virgula sôbre os suridos espectros de que veste as suas descripções. Debuta o auctor por condemnar o uso das armas, mas é porque não continuam na conquista do alheio. Logo depois diz a Nero — sed mihi jam numen, que era para elle ja um Deus, e isto acompanhado com menos honestidade de expressão do que a de nenhum d'esses hypocritas apologistas que elogiaram os fastos de D. Miguel. Em seguimento á adulação nauseabunda que prodigalisa ao tyranno, vem uma lamentação sôbre o reinado dos dois conquistadores, e á falta de Julia filha de Cesar para medianeira de paz entre o pai e o marido. Nos versos 126-128 ve-se positivamente que não é senão de um duelo entre Cesar e Pompêo que se tracta, em que se não sabe — quis justius induit arma; mas a causa dos vencedores agradou aos Deuses e a dos vencidos a Catão. D'esta sentença deprehende-se que não tendo a republica sido sempre senão um ajuntamento de pequenas imagens e copias da cidade de Roma, assim tambem nunca podia ter tido uma opinião pública como se fosse uma nação. Se a tivesse tido, como por exemplo entre os modernos, não se faria tanto cabedal d'este verso. Nós não diriamos uma tamanha heresia hoje; como que um homem qualquer que elle fosse, valia mais a sua moral do que a do divino Salvador. Por outra parte os retalhos de terreno, com suas leis em parte similhantes em parte diversas, prohibindo-se até o casamento entre os indi-

(*) Continuado de pag. 260.

viduos de umas povoações com os de outras, para a metropole se poder manter, e que deu a guerra social passados 500 annos ja da fundação da republica, é uma noção em que na reconstituição das nações da Europa actual, ninguem em seu juizo iria tropeçar. Sem ir muito longe, Ostia, que era como Paço-d'Arcos para Lisboa, era uma colonia de Roma, mas não era de Roma como Paço-d'Arcos é de Portugal. Destruir *concetti* d'estes foi uma das primeiras medidas dos regeneradores em França, reduzindo-a toda á departamentos, para que cessassem todas as distincções d'origem.

Na calça do celebrado verso em que

Vitrix causa Deis placuit, sed victa Catoni

temos uma amplificação sôbre o luxo, o qual é a causa que o povo, immotas as armas, não goze a sua liberdade. Desde aqui, uma interlocução precedendo á internecina em que Cesar acaba por crer que pelos fados a guerra é o juiz a empregar no pleito que pende: quando estava n'isto, chega o venal Curio, ousado em usar a palavra liberdade, que diz a Cesar que lhe transferira os *quirites*, em quanto teve o rostro, e que não podendo dividir o mundo, o haja para si so — Entendido assim, Cesar convoca os soldados, e ainda que lhes diga entre o mais, que as armas a quem as tem, tudo dão se lhe negam o devido, e que vão tirar a cidade da sujeição em que está aos seus senhores; o vulgo tremendo, estando incerto; exclama-lhe Lelio, que jura pelos triumphos d'elle Cesar, que se elle lhe mandar metter o gladio no peito do irmão, pescoço do parente, ou ventre da conjuge a parir, invicta a dextra, tudo faz. Espoliar a Deus, deitar fogo ao templo etc. Reanimadas com ésta furibunda apostrophe as cohortes de Cesar, temos um compendio de terras e das forças, e sôbre ésta resenha, alterada de pavor a plebe, e tambem a curia, ainda em Roma, exilam-se os padres e fugindo mandam o decreto do senado aos consules; apparecem muitos prodigios, lustram-se os muros da cidade, diz-se que os crimes hão de victoriar a virtude, que hade succumbir ao poder d'um senhor; allegando-se que uma crise de males taes so com a guerra civil se póde livrar. Mais presagios, e o horoscopo das vicissitudes que estão por vir; com o que se acaba este canto.

No segundo temos, luto das matronas, imprecações dos homens pedindo a guerra com todo o mundo menos a civil, ou então qne se abrase, se assim agrada ao Supremo, a Hesperia. Pedem ao seu parente, fira, á uma os chefes e seus partidos segundo o merecerem, que buscam tantos flagicios para verem qual hade primar na cidade. Lastimam-se os miseros que seus paes os conservassem. Um d'elles conta de Mario, de Sylla, e que entre os cadaveres andou a buscar qual a cabeça *convenial*, ajustaria no pescoço d'um irmão degolado. De Mario filho, continua-se a contar que lhe cortaram as mãos, arrancaram a lingua que palpitante e muda se move, ja fóra da bôcca, a ferir os ares, tambem amputaram as orelhas, o nariz; arrancaram os olhos das orbitas, os quaes deitam a sua ultima vista para os pedaços jacentes. Segue uma comparação d'estas inflicções á d'uma mole que esmaga a uma pessoa debaixo das suas ruinas, e dos informes troncos que morrem no meio do mar e vem á praia. Ésta descripção podia ter sahido dos talhos do campo de Sant'Anna. Apoz d'esta narração de fressura, entram em colloquio Bruto, Catão e depois Marcia. O primeiro, a saber se Catão é pela paz, ou se involvendo-se na guerra a irá absolver, allegando Bruto que a causa d'ella é o egoismo de cada um que polluido, teme as leis na paz, ou faminto foge á fome com a espada por entre as ruinas, suffocando a fé. O espolio do vencido, diz Bruto, é o alvo a que se mira n'ella. Vem aqui, em continuação, uma enfiada de lisonjas a Catão, taes como: quem não hade querer morrer das suas cutiladas; quão alegre Cesar hade ouvir que entrasse Catão na guerra; e que não pesaria a Cesar que elle passasse para o campo do magno Pompeio. Agradar a guerra a Catão era o gosto de Cesar. A maior parte do senado e os proceres, sem consul, a sollicitar a luta, e Catão tambem, todos teriam o jugo de Pompeio, e no orbe ficaria so livre Cesar. Remata Bruto que se Catão lhe mandar pegar em armas pela patria e pela liberdade, elle nem será inimigo de Pompeio nem de Cesar, e so do vencedor. A resposta de Catão é confessar o summo delicto da guerra-civil, mas o que os fados trazem, a virtude firme segue. O crime será so do Supremo que o faz delinquir. A subversão dos astros, mundo; as gentes ignotas a seguir as insignias da republica, e elle so no ocio — elle seguro e Roma a cahir! Hade abraçar Roma, o nome da liberdade, e castejar-lhe a inanida sombra. Vão com Roma todos os crimes: não se defraude nenhum sangue á guerra: fosse elle quem soffresse todas as penas: todas as lançadas fossem n'elle; o seu sangue remisse o do povo, a sua morte pagasse o preço que valem os costumes romanos. Porque hade o povo morrer se elle facil quer soffrer o freio do sevo reinado? A mim so assalte o ferro, a mim illudido observador da lei e das manias do direito. Este pescoço dá paz, e fim aos trabalhos das gentes da Hesperia. Depois de mim a guerra para reinar, não é precisa. Seguindo as insignias publicas com Pompeio, general, se a fortuna o favorecer, não está bem comprovado, elle antolhe para si todo o direito sobre o mundo: vença tambem commigo, nem para si repute, que venceu. Entra n'este final Marcia, que depois d'outras razões sôbre o seu alterno e bi-connubio, quer seguir a guerra e pergunta porque hade ficar ao abrigo d'ella, e se Cornellia é mais aguerrida? Ceremonias do casamento. Character de Catão. Sem sollicitude ou odio, cuida em deplorar o genero humano — seguir a natureza. A sua vida depende da patria, não para si mas para todos se crê nascido. As suas iguarias, vencer a fome. A pompa de seus penates, viver debaixo de tecto no inverno. As preciosas vestes, a aspera toga antiga romana, costume dos quirites. A sua voluptuosidade, a procreação. Pai da cidade, ella é a sua matrona. Cultor da justiça, rigido acatador do honesto; para todos, bom; nunca se subtrahiu a deveres ou reservou para si gozos.

Depois d'este retrato de Catão, seguem-se disposições de guerra de Pompeio; a topographia onde ella se pelejará. D'aqui passa a Cesar a quem pinta como furioso por sangue; explica a séde de suas operações. A isto Dominicio, que se dá por offendido de Cesar lhe dar a vida depois da defecção de Corfinio. Vem a falla de Pompeio ás legiões, em que diz o que tem feito e pouco mais de nada de Roma. É mal recebida a sua arenga; a topographia de Brundusium; temores de Pompeio. — Discivit fortuna tuis. Não é a da republica.

Visão de Pompeio, em que Julia ameaça de o perseguir de noite em quanto de dia o cerca Cesar. Foge Pompeio. Senhor da Italia, Cesar tracta de dar pão a uma plebe faminta; descripção das terras ferteis. Avança para a cidade mas não o recebem bem, ao que diz, não preffere que o estimem. O terror subjuga atonita a cidade.—Omnia Cesar erat. Tomado d'ira, um varão quer defender o direito da liberdade desvalida. As turmas belicas que adherem a Pompeio. Manotra opugnante que, *causas* non fata, sequi. O seu bosque celebre. Combate naval. N'este, Catus, recebe duas feridas e o sangue esteve incerto por qual d'ellas mane. Giario querendo saltar á popa do navio de Catus, uma flecha vem atravessa-lo no ar e prége-o ao costado onde fica pendurado. Dois gemeos um d'elles leva a mão a uma galera, e sendo-lhe cortada ainda ésta fica apertando a borda, á qual leva a outra. N'isto perdendo ambas, vai fazer de peitoril ás armas fraternaes, contra os tiros. Afinal alegre com as muitas feridas, e enervado, atira-se a embarcação adversa para com o pêso a adernar. Lycidas partido ao meio entre mares e ceo, não se lhe esvai o sangue como a qualquer, sahe-lhe todo d'uma vez; mas a agua intercepta-lhe a vida, d'onde nunca houve alma que tivesse tantas vias por onde se sahir. O tronco falecido ja estava no Lethes, porém o pulmão e as viceras, pulam, respiram tempo ainda, pelo que o fado luta muito para levar os seus restos ao outro mundo. Outro peito abre-se com as proas de dois navios que se encontram, são ralados membros e ossos, retinem-lhe as esperas dos navios no corpo, a barriga é esmagada, sahem-lhe pela bôcca as intranhas envolvidas em sangue negro, e a agua rodomoinha-lhe no thorax mutilado. Os braços a um, n'outra galera, ficam-lhe pendurados tambem. Os dardos são tirados dos cadaveres para o combate. Outros, arrancam-nos das feridas que apertam com uma mão, emquanto com a outra os arremessam, e depois tornam a deixa-las abrir. Quando não podem mais deitam-se uns aos outros para se affogarem. Alguns agarram com as mãos nos remos para não deixarem remar. Outros ja moribundos, penduravam os seus membros rotos ás proas para embotarem a abalroação

Continúa. *C. A. da Costa.*

ROMANCES.

VIVER E PADECER.

II.

306 Os primeiros raios do sol, entrando pela janella de uma habitação, mobilada com pobreza extrema, vieram acordar um homem que alli adormecêra, sentado em uma cadeira, com a cabeça encostada nas mãos, e os cotovellos firmados de encontro ao parapeito da janella.

— Astro do dia, disse elle, estendendo os braços para o Oriente, quando o disco abrazado do sol começava a invadir o horisonte com a sua luz — astro querido, vem com o teu calor animar este corpo atormentado e desfeito pela mão de Deus, e ainda mais pela mão do homem... Sonhei ésta noite que ainda estava na Asia, a palmeira elevava o tronco esvelto para o ceu; ao longe via eu vecejar os oasis, e sentia o tenir dos cascaveis das caravanas, que atravessavam o deserto, cantando louvores do propheta. A herva do prado, pensava eu então, tem o orvalho da noite que a refresca, e a não deixa morrer; a florinha nascida á borda do ribeiro, passa a existencia a mirar-se nas aguas crystalinas que lhe deram o ser; o deserto contempla com amor a palmeira, nascida de entre as areias, e vivendo, como por encanto, debaixo de uma abobada abrazada; até a sphinge, sentinella perdida do dezerto, e alli postada para dizer aos que passam que alli chegou a mão do homem, até essa mesma, parece ver com alegria projectar-se-lhe a sombra no solo requeimado... E quando taes idêas me vinham ao pensamento, chorava, e chorava, porque eu nada possuia cá n'este mundo, para onde a mão de Deus me arrojára, como se o ferrete de maldição me houvera marcado a fronte...

E escondeu o rosto entre as mãos, murmurando com voz cortada pelos soluços:

> Alli depois d'acordado,
> C'o o rosto banhado em agua,
> D'este sonho imaginado,
> Vi que todo o bem passado,
> Não é gósto mas é magua.

Era o homem que estivera no dia antecedente na cathedral, e que alli fôra para orar, e gemer. A amargura e a dor havia sido a sorte d'aquelle homem cá n'este mundo.

Pobre poeta! Déra-lhe o Senhor coração nobre, e alma animada pelo fogo da inspiração, para que a sua existencia no mundo fosse um penar contínuo, o revolver-se do morimundo no leito do extremo padecer. Despresara-o a sociedade, havia-o lançado de si, maldito como o filho parricida; e quando aquelle homem, pobre, miseravel, e com fome e sede, estendêra a mão para lhe pedir a esmola que se não recusa ao extranho, quando lhe elle pedíra alivio para a agonia de tantos annos, — a sociedade voltára o rosto, e nem siquer o ousára encarar, porque por ventura teria que córar de pejo e remorso.

Qual seria o crime d'aquelle homem, para assim se ver repellido, e abandonado? Quebraria os laços mais sanctos, que ligam o homem ao mundo? Teria renegado o Deus de seus pais, ou commettido algum delicto, d'esses de que se não póde obter perdão, antes de chegarem os trances dolorosos do passamento? — Não... Aquelle homem havia combatido pelo seu Deus, e pela sua patria; empregára o dom da inspiração com que o Senhor lhe dotára a alma, a ennobrecer a terra que o víra nascer, e alevantar-lhe monumentos de gloria, — aquelle homem era, emfim, innocente de todo o pecado social, — quereis saber o que elle era? — Uma das victimas numerosas da sociedade, que arrastadas de precipicio em precipicio, pela desgraça e fatalidade, vão despenhar-se as mais das vezes no abysmo do suicidio. Quando tal acontece, o crime e o pecado se cumpre na mesma acção, e a sociedade não se esquece de condemnar a memoria d'esses homens, sem lhes consagrar uma lagrima, sem se recordar que foi ella propria quem offereceu aquellas victimas, em holocausto aos anjos do mal.

Bateram: e o poeta levantou-se, e abriu.

Era o religioso, com quem na vespera se encontrára na igreja, e que por alguns instantes lhe derramára n'alma o balsamo da resignação e da fé.

E mal que elle entrou, o poeta lançou-se-lhe nos braços, apertou-o contra o coração.

Fôra na vespera que se haviam visto pela primeira vez, mas aquellas almas generosas, haviam-se logo comprehendido, e um laço que não podia quebrar-se senão com a vida, as ligára e unira desde logo.

— Meu amigo, disse elle, arrancando-se dos braços do religioso, se soubesseis como ainda hei mister dos vossos confortos? Que noite que eu passei! E aquella mulher que eu cuidava no ceu, aquella visão!...

O religioso poz-lhe a mão no hombro, e disse-lhe com tom de voz affectuoso:

— Deu-te Deus o dom da poesia, e porque te não havia de dar o tempo que ja volveu, a resignação do justo, e o pensar do philosopho?...

— Fallais verdade; atalhou elle, passando a mão pela fronte, como se quizera com aquelle gosto afastar quantas idéas lhe affligiam a mente. Praticaremos de outro assumpto, que não seja dos meus pesares... Sabeis porventura novas d'Africa?

— O cardeal aguarda a volta de Salvador de Medeiros, a quem com cartas suas a elrei expediu para Arzilla. Haverá cerca de quinze dias que se abalou para aquellas paragens, e o cardeal começa a arreceiar-se de algum acontecimento funesto ao rei, e ao reino.

— Estamos a quinze de agosto, e está a fazer dois mezes que elrei se embarcou para Africa; faltos de novas, com pensamentos incertos e arreceiados, parece que o coração nos agoura mau fim da empreza.

Um sentimento profundo de tristeza e melancholia se estampou no rosto do religioso; dissera se que a convicção intima do mal futuro se lhe apoderára do espirito, que um mau agouro de infelicidade e desventura, lhe opprimia o pensamento.

— Os annos embranqueceram-me os cabellos, envelheceram-me o corpo, disse elle depois de curto silencio, mas a experiencia das coisas do mundo repassou-me o coração; e para mim que estudei o passado, apresenta-se-me o futuro desencuberto, e sem o veu com que se occulta aos olhos de quasi todos. Um rei, mancebo, enthusiasta e emprehendedor, amado por um povo, tão altivo e orgulhoso como elle, das glorias da patria, meditou uma expedição custosa e arriscada; e eu pobre velho, desapontado de quantas illusões tem este mundo, envelhecido no estudo do passado, empreguei quantos meios me Deus deu, para desaconselhar o rei d'arriscar tão cedo a herança dos seus avós, a coroa que elles haviam salvado de tantas tempestades; quasi que de joelhos lhe pedi que não fosse tingir as areias d'Africa com o sangue portuguez, que nos ponpasse lagrimas de dor, que não se fosse offerecer, como o sancto rei Luiz, em sacrificio aos adoradores do falso propheta... O vento da lisonja levou-me as palavras; e todas as imaginações, fascinadas pelo orgulho, ou embaladas pela poesia, todas se alevantaram, para com expressões fortes e sonoras, proclamarem a frieza e loucuras de um pobre velho, meio morto, diziam elles; e homens de lei sem experiencia, cortesãos ignorantes, cavalleiros avaros de fama e valimento, todos tiveram alguma palavra que dizer ao homem que estendia as mãos, para amparar o reino, que não fosse despenhar-se em um abysmo: todos tiveram que responder ao velho mal aventurado, que os queria salvar, mas tudo eram palavras repassadas de ironía, e ditas sorrindo de piedade e escarneo!

— E tambem vós, continuou elle, tambem vós elevasteis um brado, de que porventura ja a esta hora vos arrependeis; as vossas palavras, animadas pelo fogo da inspiração, repercutiram no pensamento de um rei, avaro de gloria, com o espirito embalado pelo phantasiar vago de uma imaginação de 23 annos, ardente como o sol dos desertos que elle queria ir conquistar... As vossas palavras, principe dos poetas, retumbaram nos cantos d'ésta nossa terra, e ainda mal que o povo as ouvíra, e bradou — guerra aos infieis! Africa e victoria! Ainda mal que assim succedeu, porque, se me não engana o coração, teremos que chorar lagrimas de dor e angustia...

E quando elle acabou éstas palavras, cahiu quasi esmorececido em uma cadeira.

Com verdade fallára o religioso. Emquanto D. Sebastião se entregava aos sonhos venturosos do futuro, um homem que havia ja empunhado o sceptro de regente, sorria com esperançoso desdem, porque o pensamento ambicioso e avaro, se lhe alegrava com a idêa de titulo magestoso, pronunciado dobrando o joelho, e abatendo a fronte; ria com um movimento de labios nervoso, porque com as mãos tremulas quasi que ja tocava uma coroa, manchada em sangue de martyres, arrancada aos pedaços, e antes deposito que posse verdadeira. E lá mais ao meio dia, assentado no throno riquissimo das Hispanhas, lá estava um homem que sorria tambem, mas não com sorrir d'insensato; sorria de piedade pela sorte d'esses que íam morrer em Africa, que poderiam ter-lhe um dia crescido o numero dos vassalos; aquelle homem arfava-lhe o peito de prazer, porque este canto da peninsula, ésta terra abençoada por Deus, joia separada havia quasi cinco seculos da coroa de Affonso VI, desamparada pelo Deus d'Ourique, hia cahir nas garras dos leões de Hispanha.

— Não desanimeis, disse o poeta ao religioso, apertando-lhe uma das mãos, felizes e venturosos hemos sido em tudo quanto os nossos reis têm emprehendido, e porque nos havia agora desamparar o Deus das victorias?....

— Ouve, tornou-lhe o religioso com voz grave e pausada. Estavamos uma vez reunidos na sala grande da torre de Belem, aonde elrei mandára convocar os homens do seu conselho, para os avisar do que por último havia decidido. As paredes da sala estavam ainda adornadas com alguns tropheos d'armas arrancadas aos mouros, aos castelhanos; ferros e tropheos inimigos estavam por alli intercalados com as armas e estendartes marcados com as quinas portuguezas O rologio do convento dos Jeronymos dera 6 horas. Era o terminar de um formoso dia de verão, tão lindo e tão suave, como ja agora eu não tornarei a ver. O sol, depois de haver alumiado com um reflexo de ouro as ameias mais altas da torre, hia-se mergulhando no Oceano, e parecia deixar um saudoso adeus á terra. Depois a lua levantou-se, e solemne e magestosa, começou a sua carreira sôbre um ceu puro, e estrellado. Os raios do astro da noite, penetrando pelos janellas rasgadas e ogivas, espalharam no interior da sala uma luz distincta, que se reflectiu, ao começo, na superficie mais polida das armaduras, suspensas na extremi-

dade das paredes, depois, aquella luz tornou-se mais viva, mais clara, e sôbre o lagedo do aposento se devisaram couraças, escudos, elmos, montantes, arcabuzes, e até estandartes, em que se podiam ver as quinas de Portugal, e leões d'Hispanha, e as meias luas mussulmanas. Mas tudo fôra revolvido, tudo estava desordenado, como se algum espirito de destruição houvera atravessado aquella sala, como se o sopro da tempestade houvera varrido diante de si todos aquelles objectos de guerra e morte. E ja alli não estavam senão as armas com que se não poderia pelejar; mandára elrei que os commandantes das columnas, que deviam ir a Africa, fossem pelos arsenaes, escolhendo quantas armas e petrechos de guerra estivessem capazes de servir; e havia um mez que nas officinas se trabalhava noite e dia, e que todos os armeiros e alfagemes do reino, assacalavam as couraças, afiavam espadas, aguçavam lanças, e concertavam os arcabuzes.

Havia ja algum tempo que o silencio succedêra á discussão. Tinhamos todos o espirito sepultado em profundo meditar, e até elrei, ou fosse canceira do lidar continuo em que andava, ou abatimento d'alma, tinha um cotovello fincado na mesa, e a fronte reclinada na mão esquerda, em quanto com a mão direita, em que tinha a espada, parecia querer traçar linhas confusas sôbre o lagedo da sala.

E assim como estava, disse com voz concentrada e pouco distincta:

— Venturoso te chamaram, D. Manuel; diziam verdade, bem venturoso! No teu imaginar, ricco e magestoso, teve origem um desejo, tão altivo e ousado, que mal podias pensar em o ver um dia cumprirse. Foi um sonho de gloria e ambição real, e quando d'elle acordaste, pareceu-te que te apertavam e opprimiam o peito as muralhas das fronteiras, pareceute o throno dos nossos avós estreito e mesquinho para ti; e levantaste a voz, fizeste um aceno, e o teu povo agitou-se, revolveu-se, similhante ao animal fiel e dedicado, ao ouvir a voz do seu senhor; o teu povo, brioso e esforçado, comprehendera-te o pensamento, e ja aos pelejadores lhes pesava ao lado a espada e o montante; aos homens da sciencia e da arte se communicára tambem aquelle desejo, que te ardia n'alma, que em sonhos te fazia ver senhor dos regalados climas d'Asia, dos verdes palmares do Oriente. Bem venturoso foste, porque não correu muito tempo, sem que tu visses largar do porto o galeão alteroso e soberbo, que levava por capitão o homem que te hia realisar os sonhos do phantaziar vago de rei, aquelle que á volta a terras de Portugal, te havia de saudar principe do Oriente, senhor da Ethiopia, da Arabia, e da Persia......

Calou-se um instante, depois exclamou, com voz forte e apaixonada, e levantando a cabeça:

— Ah Africa! Africa!

Tão silenciosos e absortos haviamos estado durante todo aquelle tempo, que ninguem senão eu attentára em que a sala se havia escurecido, e que o ceu se toldára; ninguem ouvíra as vagas a quebrarem-se de encontro aos alicerces da torre, e o som rouco do trovão que se aproximava, trazido pelo vento da tempestade.

Elrei levantou-se. Levantamo-nos todos.

— Senhores, disse elle, carregando os sobrolhos, de hoje a 8 dias sahiremos o porto de Lisboa, e iremos demandar terras d'Africa. Confio na valentia dos meus guerreiros, e no auxilio de Deus, que me não hade desamparar.

N'aquelle instante fuzilou um relampago, e o estampido do trovão se ouviu logo. A tempestade estava imminente. Depois outro relampago, e outro, o estrondo dos trovões retumbava com som medonho, e uma rajada de vento veio açoitar as vidraças das janellas.

Elrei fez-se pallido. Cubrio-se; e ja hiamos sahiudo da sala em que estiveramos, quando na sala immediata vimos luz, e ouvimos uma voz que dizia: — Senhor, senhor, aqui estão luzes. é uma tempestade medonha; — e vendo que elrei ja sahia, — melhor sería, senhor meu, aguardar aqui que o tempo serene.

Era D. Aleixo de Menezes, o aio de D. Sebastião.

Elrei não lhe respondeu, e so disse para os que o seguiam, que o acompanhassem aos paços.

Eu não pude, sentia-me desfalecer alli; deixei-os passar todos, e tomei por outra porta. Quando sahi, parecia-me que alguma força sôbrenatural me arrebatava; o vento revolvia a poeira nos ares, os rugidos da tempestade ouviam-se de toda a parte, e o bramir das vagas enfurecidas, que vinham quebrar-se de encontro aos rochedos da costa, confundindo-se com o rebombar dos trovões, parecia ameaço divino contra a cega ousadia do rei, e do reino....... Ao prepassar em frente do convento dos Jeronymos, um tufão de vento arrancou uma arvore, que nascêra alli no terreiro; pareceu-me que o edificio se abalava pelos alicerces, e que esquadrões de espiritos maus se revolviam nos ares..... cahi de joelhos, e á luz dos relampagos, vi as estatuas dos sanctos agitarem-se nos nichos de pedra, e um instante depois, a frontaria do templo desabar com estrondo diabolico; julguei ouvir lamentos confusos, e vozes que bradavam: — Ai de ti Portugal! ai de ti! De nada mais me lembro; quando cheguei a casa, devorava-me a febre, e estive quinze dias entre a morte e a vida; quando pude ordenar as idêas, articular as palavras, perguntei novas d'elrei, e responderam-me que era partido para Africa.....

Quando o ancião acabou de fallar, houve um instante de silencio, e o poeta, com a alma repassada de amargura extrema, com a esperança perdida, recordava cada expressão do religioso: transfundia-lhe os sonhos da febre e do delirio, em certeza e realidade.

O tempo corrêra rapido, o sol ja hia bem alto no horisonte. O religioso levantou-se.

— Seja o Senhor em vossa guarda, disse ao poeta, estendendo-lhe a mão com ar affectuoso, e se elle houver determinado que o rei, e a gloria d'estes reinos, pereça nos campos d'Africa, não serei eu quem mais terá que padecer, e chorar sôbre as desgraças d'esta malfadada terra, porque sinto que as forças me vão desamparando..... Quizera ir morrer a Silves, em meio dos meus fieis, das ovelhas da minha diocese, mas sinto-me desfalecer de dia para dia, e ja agora para ahi morrerei sosinho, sem confortos, como tantos tem morrido..... adeus, sabeis o meu nome, Hieronymo Osorio.....

Parecia querer continuar, mas as commoções embargaram-lhe a voz, e com lagrimas, que lhe estavam saltando pelos olhos, abraçou o poeta, e partiu.

Continúa. *D.*

THEATRO DE SAN'CARLOS.

D. PASQUALE — Opera-buffa de Donizetti — *Um passo a quatro* — O PASSO-DA-ROSA.

307 Duas novidades nos apresentou ésta semana o nosso theatro-italiano: A Opera nova — D. PASQUALE, é a mais importante; é uma peça que desde que foi cantada em Paris pelas notabilidades cantantes, tem feito a volta da Europa, até finalmente nos chegar a este cantinho accidental.

Os nossos antigos dilettanti ja conheciam o libretto, que aqui ouviram em 1814, se a memoria de alguns não falha, com o nome de *Marco-Antonio:* a musica era... Nem elles sabem de quem era a musica, lembram-se do nome da dama, que era *Favanti*, não, não se haviam de lembrar! mas la o nome do *maestro*... Ora, quem tractava ca de *maestri* em 1814?

Donizetti tem algumas operas-buffas, que nós aqui temos ouvido; mas *D. Pasquale* é sem contradicção a melhor d'ellas; póde ser que a melhor de todas depois do *Barbeiro*. É, por assim dizer, uma comedia de familia, expressamente escripta para tirar todo o partido de quatro bons artistas: é uma composição toda aprimorada, onde não se nota nenhuma d'essas negligencias quasi communs nas obras do grande maestro. Os seus motivos são mui agradavelmente vivos e traquinas, e todo o seu andamento é, como o pisar da mulher *coquette*, cheio de bulicio e requebros; uma mobilidade brincalhona, um estylo semi-sentimental ás vezes, sempre faceto e alguma vez gradioso. Tem originalidade em muitas melodias, não obstante a difficuldade de a encontrar em operas d'este genero, quasi sempre d'estylo vulgar. A instrumentação é ricca, elaborada com o melhor gôsto e estudo. Notaram-se principalmente a cavatina de soprano, e o duetto de soprano e baritono, do 1.º acto, o magnifico quartetto do 2.º acto, e o duetto de baritono e baixo do 3.º acto.

A outra novidade, foram dois passos, composição do Sr. Martin, que elegantemente impunha a palma do gôsto na sua bella arte. No *passo a quatro* appareceu pela primeira vez, n'esta estação-theatral, a Sr.ª Moreno, que se mostrou mais cómpleta nas difficuldades da dança, e sempre graciosa no mimo dos seus meneios. Dançou tambem pela primeira vez a solo a menina Rugalli, outra compatriota nossa das mais bem fundadas esperanças córegraphicas. O *passo da rosa* dançado pela Sr.ª Zimman e o Sr. Martin, agradou muito por sua graça mimica, delicadeza e difficuldades.

THEATRO DA RUA DOS CONDES.

LADY SEYMOUR — drama em 5 actos.

308 Ésta peça não se presta á analyse. É um d'esses romances dialogados que se dão na scena dos theatros de *boulevarts* em Paris, e pertence ao genero d'aquellas peças que se fazem para chamar o povo por meio das impressões inesperadas do terrivel, dos extremos do bom e do mau, da oppressão da innocencia, do castigo do crime, e de toda essa farrage accumulada do que mais póde impressionar os sentidos. Atiram com isso ás turbas, prendem-lhe a attenção com uma intriga complicada, onde o dialogo é nullo e os lances todos inverisimieis, chamam-lhe depois drama em tantos actos, e o povo applaude ou reprova, segundo a execução lhe agrada ou não; mas em qualquer dos casos não volta segunda vez a vel-a. Porque a sua impressão foi instantanea; não lhe deixou n'alma uma recordação, não lhe póde produzir um sentimento duradoiro.

A peça de que tracto quiz sahir alguma coisa d'esta senda commum, traçando os seus characteres sem cunhar em nenhum d'elles o sêllo da extrema maldade; mas em compensação sacrifica todo o interesse logico, que a principio parece querer empregar n'uns certos noivos, que veem inesperadamente roto o seu casamento; desvairando a attenção para um sem número de circumstancias, que cada vez mais se complicam, sôbre um acontecimento remoto que não póde interessar-nos senão pela invirisimel e arrastada ligação que o auctor lhe quiz dar com o noivado de que fallei. Uma pobre mulher é trazida caprichosamente a figurar em scena, para fazer um papel inclassificavel, e produzir no espectador um sentimento igualmente inclassificavel.

Felizmente ésta mulher morre, porque tinha os seus dias acabados. Não morreu porém tão depressa que não previsse o seu fim, e para não vagar ululando á meia-noite pelos sitios mais ermos das moradas dos vivos — por falta de restituições — escreve a seu marido para restituir o credito a outra mulher, e um filho a seu pai: o pobre do viuvo é que não póde haver restituição... Mas em fim, a vontade era boa, e ao menos valham as intenções.

Este genero de peças será muito bom para tudo que quizerem; mas para o que elle decerto não presta para nada é para a arte. Nem para a arte dramatica que rebaixa, desconceita e destrue, nem para a arte do comediante, aquem éstas peças estragam! Pois se aquella não é a verdade! Se elles não acham na natureza aquelles typos! Hão-de imaginal-os, hão-de *creal-os*. — Ora criem la hippogriffos no seculo XIX, ou sejam pelo menos Ariostos da scena para se servirem d'elles de modo que não repugne!.... No moderno berço da arte, um homem em trajo de diabo fazia rir as turbas; hoje um diabo em trajo d'homem fal-as fugir. A mim decerto, porque não quero nada com o diabo.

Denique sit, quod vis, simples dumtaxat, et unum,

Não é d'Horacio é da razão.

ASSOCIAÇÕES LITTERARIAS.

CONSERVATORIO-REAL.

309 Quinta feira (27) reuniu o Conservatorio pelas 7 horas da noite. O conselho apresentou e foi discutido, o projecto de processo para julgamento dos dramas que concorressem ao concurso aberto para inauguração do Theatro de D. Maria II.

Foi resolvido que uma commissão de nove membros, tres de cada uma das secções-litterarias em que se subdivide o Conservatorio, compozessem o jury de julgamento, cuja sentença seria submettida á decisão do Conservatorio. Foram appprovados outros artigos relativos ao mesmo objecto, e acto-continuo se procedeu á eleição da commissão-mixta. Era quasi meia-noite quando se levantou a sessão.

CORREIO EXTRANGEIRO.

310 Segundo os documentos compilados por M. Alison parece que desde o principio das guerras da Revolução em França, se recrutaram mais de quatro milhões de soldados, tres milhões dos quaes, pelo menos, morreram nas batalhas, nos hospitaes e nos acampamentos. Ora, como é de suppor que os exercitos inimigos tivessem as suas fileiras igualmente numerosas, segue-se que em 20 annos morreram nunca menos de seis milhões d'homens, por causa da guerra, no seio da Europa e no seculo XIX. A estes devem-se ajunctar os que pelo mesmo motivo pereceram de fome e á mingoa, nos paizes devastados pelos exercitos etc. Contemple-se depois a nossa civilização com que tanto blasonam!

No primeiro semestre d'este anno publicaram-se em França 3.342 obras em differentes linguas, 778 gravuras, 62 mappas e 500 peças de musica. Porque nos não dará a nossa Bibliotheca-pública tambem a statistica do nosso movimento litterario?

Um *improvisador* italiano está fazendo *furore* na capital da Catalunha. Chama-se Cataldi e dá academias d'improvisos no theatro novo d'aquella cidade.

O imperio do Brazil exporta annualmente 85,000 tonneladas de café, que vem a ser 80 por $\frac{0}{0}$ do consummo de toda a Europa e Estados-Unidos.

A imprensa jornalistica em Hispanha vai aproximando-se á competencia com a da França. O *Espanhol*, que ja publicou parte de um romance de A. Dumas, escripto expressamente para os seus folhetins, vai agora publicar o romance d'Eugenio Sue — 'Os sette-peccados-mortaes', que aquelle jornal conseguiu do celebre romancista podêr começar a publicar em hispanhol, *antes* que appareça em francez.

Para se conhecer a actividade que vai adquirindo a litteratura em Hispanha, e o quanto os progressos d'illustração n'ésta nação celebre, se a vantajam aos nossos, bastará dizer que se estão extrahindo n'aquelle paiz 85,000 exemplares do *Judeu-Errante*!

A nossa vizinha Hispanha, de quem desgraçadamente vivemos tão separados em commercio, litteratura e relações, quasi como se existíra fóra da Europa, faz dia para dia progressos importantes em tudo que póde constituir a illustração e prosperidade de um paiz. Pelo que toca a caminhos-de-ferro, sommam 1,127 leguas as linhas concedidas por empresa. O seu custo está calculado em 5.000 milhões de reales. Os principaes são: o que vai de Badajoz a Bayonna, passando por Madrid, Saragoça e Pamplona; o que vem de San'Sebastião a Cadiz, passando por Burgos, Madrid e Cordoba; e o que parte d'Avila a Valencia, passando por Leão, Valhadolid e Madrid. Ja se vê que estes trez carris cortam a peninsula hispanica em todas as direcções.

CORREIO NACIONAL.

311 M. Paul Laribeau, o habil director do 'Circo' está proximo a deixar Lisboa: elle e a sua companhia deixam saudades. Decerto que M. Laribeau não partirá descontente do público d'esta cidade, mas este tambem não tem senão que elogiar os variados e bellos espectaculos que tem gozado no 'Circo.' Os ultimos d'elles — o beneficio de Mademoiselle Emile, e o do Sr. Coghi — provam uma e outra coisa. O público concorreu em chusma a applaudir; o director esmerou-se na composição do espectaculo. M. Laribeau vai para o Porto ainda este mez.

A mania dos suicidios que parecia ter passado, como que quer infelizmente voltar. Os jornaes do Porto chegados hontem dão-nos notícia de duas d'éstas mortes, e os de Lisboa d'hoje, a de uma terceira n'esta mesma cidade.

Segundo se lê na 'Coallisão' de 26 do passado, um cidadão da villa de Chaves possue um almofariz de marfim, que o Sr. Ignacio Pizarro pensa ser artefacto dos fins do seculo XIV, e traste d'algum astrologo, pelos relevos de que está ornado e outras circumstancias. Gaba-se muito ésta peça archeologica.

Os brigues de guerra 'Tamega' e 'Douro' que sáhiram do Tejo a 15 do passado, levaram treze degredados para Angola e Cabo-Verde. Sette d'estes miseraveis são reus por crime de morte.

Acabam de chegar, pelo paquete do sul entrado hoje, uma 1.ª dama e um 1.º tenor, *assolutos*, para o nosso theatro de San'Carlos.

Vai ensaiar-se no Theatro de San'Carlos, 'La fidanzata Corsa,' opera de Paccini, o auctor da 'Sapho.'

A Livraria do Sr. Silva (Praça de D Pedro n.º 82) continúa a inrequecer-se de tudo que sabe de mais magnífico nos prelos de Paris e Bruxellas. Ultimamente recebeu o Sr. Silva uma collecção d'estampas artisticas e technicas, e um grande numero d'obras illustradas, entre as quaes se distinguem: os *costumes, usos e trajos de todos os povos*; os *monumentos de todos os povos*; a *historia e habitos de todas as ordens religiosas*; a *historia, vestes e condecorações de todas as ordens de cavallaria*; os *trajos da idade-media*; e sobre tudo a bella *historia universal de Cantú*, traduzida em francez e adornada com mais de cem estampas.

Ensaia-se no Theatro da Rua-dos-Condes uma nova farça-lyrica pelos mesmos auctores do Beijo: intitula-se, *Um bom homem d'outro tempo*.

Foram inforcados na cidade de Tavira, em 24 do passado, dois reus a quem se provou o horroroso crime de roubo e assassinio nas pessoas de uma senhora, seu neto, e uma criada, em cuja casa serviam estes malfeitores.

A alfandega da cidade d'Horta (Fayal) rendeu no anno economico de 1844 — 45,25:943$299 réis, que é o maior rendimento que tem produzido de 1829 para ca.

CONHECIMENTOS UTEIS.

ESTRADAS.

312 Em virtude da portaria de 7 do passado ficaram a cargo da Companhia das Obras-públicas não so as estradas de Lisboa a Torres-Vedras, e do Carregado a Alcobaça, por Alemquer, Obidos e Caldas, que ja lhe cumpria construir ou melhorar; mas tambem as estradas de Torres-Vedras a Alhandra, de Torres-Vedras a Obidos, e d'Alcobaça a Leiria.

Entre éstas, o ramal d'estrada que une Torres-Vedras ao Tejo, parece-me de tamanha importancia que, louvando o pensamento de todas as outras, não posso deixar de me occupar mais especialmente d'esta.

O concelho de Torres-Vedras é talvez de todo o paiz o de maior producção de vinhos. A exportação d'este para Lisboa faz-se de duas maneiras, ou por terra directamente, ou por terra ao Tejo e depois por agua até Lisboa. A conducção directa é feita quasi toda por cavalgaduras, e sahe summamente cara, não importando em menos de 4$800 réis por pipa, e n'alguns annos muito mais; de maneira que ha annos, quando acontece ser baixo o preço do vinho e subir a importancia da conducção, que ésta é igual por pipa ao custo do vinho. Os carros raras vezes podem ser empregados n'estas carregações, e essas poucas so de verão. Tudo isto é assim pelas más estradas que até hoje tem havido.

Ja temos porém um exemplo de quanto podem e valem as boas vias de communicação. Na estrada que a Companhia das Obras-públicas toma agora a seu cargo, d'Alhandra a Torres-Vedras, ja estão feitas duas leguas, d'Alhandra a Arruda, por conta da Repartição das Obras-públicas, e á macdam; que é um troço d'estrada que deve servir de modêlo, e póde ser que seja a melhor que exista no reino todo: ora esta pequena porção d'estrada contribuiu para que este anno apparecessem n'Arruda nem menos de nove compradores de vinho, quando d'antes, n'esta estação, costumava ser um, e não passava de dois. D'Arruda a Torres-Vedras vão apenas tres leguas, que é quanto resta a fazer d'estrada, de facil execução e pouca despeza, para communicar em linha recta Torres-Vedras com o Tejo. Mas ésta estrada não servirá so para as communicações entre estes dois pontos, facilitará tambem a dos concelhos d'Arruda, Sobral, Rebaldeira, e todos os convergentes desde a beira-mar até Lisboa, por intermedio do Tejo. Todos estes concelhos fornecem a capital não so de vinho, mas ainda de todo o genero de fructa, cereaes, algum azeite, aves e caça, ovos etc.

Isto é pelo que respeita ao ramal d'estrada que cortará ésta parte da Extremadura que fica entre o Tejo, defronte d'Alhandra, e o Oceano; mas uma parte d'estas vantagens, e outras novas, se obterão tambem pela estrada directa de Lisboa a Leiria, passando por Torres-Vedras, Obidos, Caldas e Alcobaça. Das tres estradas que ficarão assim communicando Lisboa com Coimbra, a que vai pela borda do Tejo, dita velha, a que vai pelo centro dita nova, e ésta mais sôbre a beira-mar, que se póde chamar novissima, parece-me que será d'ellas a mais util; porque ainda que a distancia se augmentará por este modo, obra de legua e meia, comtudo ésta pequena desvantagem é de tal maneira compensada pela somma d'utilidades commerciaes, e mesmo de commodidades de transito, porque ésta estrada atravessará grande número de povoações ferteis em quanto que as outras cortam aridos desertos, que ninguem, penso eu, cuidará siquer n'essa insignificante differença de distancia.

Fallando n'estes pontos proximos a Lisboa, acho eu que devo lembrar a estrada-real que vai a Bellas, Meleças etc. cortando um solo todo povoado de quintas, e consequentemente de bastante transito e commercio, mormente de laranja, cal etc.: estrada que se acha intransitavel completamente para carros, e quasi que para cavalgaduras, e n'alguns sitios, como *volta do zambugeiro* e outros, até para gente de pé. Todos os moradores d'estes logares pagam seus direitos de producção, propriedade etc., e além d'isso o respectivo imposto d'estradas; no emtanto a sua propriedade diminue progressivamente em valor, a sua producção perde-se, os seus rendimentos cessam! N'este caso nem elles podem pagar os impostos nem de boa-mente o hão de fazer nunca visto que d'elles não sentem o proveito immediato. Consta-me que não ha nenhum proprietario d'aquelles sitios que não esteja prompto a auxiliar com todas as suas fôrças, dinheiro, trabalho, materiaes ou carretos, a reparação d'esta estrada; e assim, o que em todo o caso sería censuravel n'este se torna flagrantemente injusto, deixando de acudir a ésta necessidade-pública, e aos votos de contribuintes que teem seus direitos sacratissimos de serem attendidos e ajudados.

Como hoje tracto d'estradas não concluirei sem chamar ainda a attenção para o que sôbre as estradas do Minho tenho lido n'algumas correspondencias. Queixam-se de má direcção na maior parte dos trabalhos, de projectos menos bem-pensados de delineamentos de certas estradas, desperdicios, excessos de pagamento d'algumas expropriações, pouca solidez ás vezes, falta d'inspecção por parte do govêrno etc.

O tributo das estradas é o mais pesado que se tem lançado sôbre o nosso povo, e este tributo reverte todo em proveito d'uma Companhia, que, em compensação do adiantamento dos seus fundos, cobrará depressa a melhor parte do producto d'elles nos direitos de transito, vehiculos de transporte, outros exclusivos etc. Dois deveres gravissimos ha pois a desempenhar n'estas circumstancias muito importantes: — A rigorosa fiscalisação, inspecção e sabedoria, da parte do govêrno — e a indispensavel sisudeza, aptidão e intelligencia, da parte da Companhia para exercer a grandiosa missão de que se encarregou e de que necessita bem possuir-se, dando boa-conta do mui serio encargo que lhe pêsa.

DO EXERCICIO DA PHARMACIA. (*)

(Conclusão.)

313 Será util conservar as duas ordens de pharmaceuticos, uns habilitados nas eschola outros pelos jurys?

A opinião pública tem-se ha muito tempo pronunciado contra a instituição dos jurys: entretanto algumas pessoas parecem acreditar que a suppressão d'esta instituição deve produzir uma diminuição no numero dos pharmaceuticos de fóra das cidades, e que as populações ruraes devem vir a soffrer grande falta des

(*) Vid. n.º 21, pag. 224.

estabelecimentos de pharmacia. Ésta questão é grave e; é necessario verificar se estes receios são bem fundados, e porque meios se poderá conciliar a vantagem d'um exercicio esclarecido da pharmacia com a necessidade de não restringir muito o numero de pharmaceuticos.

O último codigo pharmaceutico publicado em 1836 não deixou de estar a par do estado actual da pharmacia? e não será necessario ser revisto durante o anno de 1846?

Uma tabella legal dos preços dos medicamentos será util e possivel com a organisação actual da pharmacia?

Terá logar reclamar algumas modificações ás modificações fixadas pela lei em favor dos pharmaceuticos encarregados dos ensaios judiciarios?

A responsabilidade dos pharmaceuticos está convenientemente determinada? as condições a que ella está subjeita são de justiça?

Os regulamentos relativos á venda dos venenos em relação á pharmacia ou ás artes, precisa ser revista? e de que modificações são susceptiveis?

A penalidade applicada ao exercicio illegal da pharmacia está em relação com a gravidade do delicto?

Convém assimilhar ao exercicio illegal o exercicio por nome emprestado? e no caso que ésta assimilhação seja admittida, quem emprestou o seu nome e diploma, e o verdadeiro proprietario da officina, não devem ser subjeitos ás mesmas penas?

As condições exigidas aos pharmaceuticos extrangeiros para exercerem em França não são prejudiciaes aos nacionaes? Indicar o que deve fazer-se a este respeito.

Estando reconhecida insufficiente, para a repressão dos abusos que estorvam o exercicio da pharmacia, a legislação actual, deve indicar-se o meio como a legislação deve evitar estes abusos e delictos mais facilmente, procurando que as leis novas preencham as lacunas que tem as velhas.

Os annuncios de medicamentos devem ser proscriptos absolutamente, ou devem ser auctorisados dentro de certos limites?

O mesmo a respeito das especialidades, dos remedios secretos e das associações entre os medicos e pharmaceuticos, associações que se manifestam ou pelos gabinetes de consulta que aquelles tem junctos ás officinas parmaceuticas, ou pela redacção mysteriosa que dão ás fórmulas e o emprego de termos e signaes particulares, que não podem ter uma interpretação commum; ou pela accumulação ou pelo exercicio simultaneo da medicina e pharmacia: tendo sido bem provada pela experiencia ésta incompatibilidade, um decreto especial a prohibiu, ficando preenchida ésta lacuna que havia na lei.

Os meios que o governo e as escholas empregam para evitar a usurpação que se faz exercitando a pharmacia sem titulo legal, são sufficientes e em relação com as condições onerosas que são impostas aos pharmaceuticos?

Ésta insufficiencia, (se existe) não é um perigo público, em vista da posição precaria a que são reduzidos os verdadeiros pharamceuticos!

Os herbularios devem ser supprimidos ou simplesmente modificados?

Sendo os medicamentos para uso da medicina humana e veterinaria, da mesma natureza, são incontestavelmente do dominio da pharmacia: poderão pois os veterinarios arrogar a si o direito de os preparar e vender, ou deverão elles limitar-se a prescrevêl-os?

Sendo imposto como obrigação de todo o pharmaceutico ter em sua officina, á disposição do publico, um certo numero de medicamentos simples e compostos, será possivel a existencia d'algumas pharmacias denominadas especiaes, que se limitem á prepararação de um pequeno numero de medicamentos?

Não é insufficiente a legislação actual para proteger os direitos dos pharmaceuticos contra os concorrentes illegitimos, e particularmente contra alguns estabelecimentos de caridade? Devem notar-se os principaes abusos d'este genero e indicar os meios de os acabar.

A limitação do numero de pharmaceuticos póde ser admittida em direito? Sobre que bases seria necessario fundál-a.

As condições com que os pharmaceuticos obtem seu diploma e direito de exercer a pharmacia, a responsabilidade e vigilancia em que sempre andam, offerecem garantias serias e multiplicadas?

Em troca d'estas garantias a lei não deve e não póde, sem perigo, accommodar ao pharmaceutico o direito de preparar e conservar em suas officinas, e dar ao publico, todos os medicamentos e productos naturaes e chymicos que se empregam na arte de curar, sem restricção alguma?

Ésta liberdade não será necessaria, se se considera a omnipotencia dos medicos no exercicio de sua profissão, e no emprego de todos os agentes que a natureza põe á disposição dos homens para combater as doenças? Ésta questão é grave; deve fazer parte das reclamações que mostram a liberdade que reclama o exercicio da medicina, e as garantias que devem proteger a saude e vida dos cidadãos.

O exercicio da pharmacia nos hospitaes civis offerece todas as garantias que se devem exigir? Acham-se convenientemente determinados a posição e deveres do pharmaceutico em chefe, dos alumnos internos e externos?

Deve examinar-se as relações que existem entre os pharmaceuticos e os dispensarios, e instituições de beneficencia e soccorros mutuos.

Considerar a questão da associação entre os pharmaceuticos debaixo de qualquer d'estes pontos de vista — Sciencia dos soccorros mutuos, da moralidade, e interesses da profissão.

Será conveniente formar conselhos de disciplina encarregados de vigiar que o exercicio da pharmacia se faça sempre com dignidade e não saia jamais dos limites marcados na legislação? Examinar-se-ha pois:

1.° Quaes serão suas vantagens e inconvenientes.

2.° Qual a organização e attribuição que se lhe deve dar.

3.° Que modificações deve ter, segundo a pharmacia se exercita nas cidades ou nos campos.

Os conselhos medicos e sua organisação em relação á academia-real de medecina e á dos pharmaceuticos publicada em 1844, não preencherá o fim desejado?

Com impaciencia esperâmos os jornaes d'este mez para sabermos o estado em que está a discussão sobre alguns d'estes quesitos.

Lisboa 20 de novembro de 1845.

José Tedeschi.

HORTO-BOTANICO DA ESCHOLA MEDICO-CIRURGICA DE LISBOA (*).

314 Aqui estamos de novo reunidos para disfructar a formusura e os incantos das nossas plantas. A manhau está serena e agradavel como costumam ser sempre as da primavera, estação de vida e alegria para todos os seres organisados. Ancioso pela fruição de tantas bellezas não haveis esperado que o sol sahisse do horisonte, antecipastes a vossa á sua carreira; esperaremos porém um pouco até que se nos abra a porta de ferro que estabelece a communicação entre o horto-botanico e o pateo das aulas. Lançando um golpe de vista sobre ésta área, que apenas tem trezentos e oitenta pés de comprido e duzentos e dezoito de largura, não se póde por certo imaginar a variedade e multiplicidade de plantas que tam folgadamente aqui vejetam.

Cento e sette familias das que mais directamente interessam á saude da humanidade pelas suas propriedades, se acham aqui methodicamente dispostas. E n'estas familias, n'estas associações amigaveis de pais e filhos, de irmãos e amigos, figuram seres de todas as naturezas, de todas as jerarchias, de todos os climas. Um ceu propicio e bemfazejo protege e defende, n'este nosso clima, plantas de todas as regiões; as que nasceram entre torrões de gêlo que enturpecia a sua seiva, as que experimentaram o calor excessivo do sol na zona torrida, as do Sul e do Norte, bem como as do Meio-dia, todas se reunem aqui e desfructam prazeres que não possuiriam se ainda estendessem seus ramos sóbre a terra que lhes serviu de berço.

Soffreram, é verdade, a cruel separação que as fez abandonar a sua terra, o ceu que ja conheciam, o solo que primeiro as nutriu; mas acharam n'um clima extranho entes que lhe são similhantes: para lhes darem o abraço d'amizade; vieram unir-se áquellas que mais identicas lhes eram, formando assim uma serie em que as analogias e dissimilhanças claramente se manifestam.

A idea de classificar foi uma sublime inspiração.

Os philosophos estudando o homem intellectual, bem como o homem physico, reconheceram e proclamaram ésta necessidade. Condillac, por exemplo, mostrou até á evidencia quanto se necessitava d'este *grupamento* de ideas e objectos, para que os nossos mesmos conhecimentos se não tornem causa de ignorancia. É porém nas sciencias naturaes que ésta precisão se torna imperiosa e claramente manifesta. Imagine-se um homem que estudando o vasto campo zoologico desprezasse toda a classificação, todo o methodo; por certo encontraria a par do homem a monada, juncto do peixe o insecto, a ave ao lado do reptil: que triste confusão!

E se se voltasse para o campo vejetal, deslumbrado pela immensa variedade de tantos individuos, pela riqueza de seus trajos, pelo diverso de suas fórmas, ver-se-ia perplexo quando pertendesse individualizar uma planta, extremando-a de todas as outras que crescessem juncto d'ella.

A Hipocrates não seria difficil classificar trezentas plantas; qualquer pessoa póde individualmente conhecer trezentos objectos: o mesmo Theophrasto classificando quinhentas não podia achar-se muito embaraçado. Mas a voz do Creador magestosa e omnipotente, a voz formidavel do *Crescite et multiplicamini*, tinha echoado em todos os angulos da terra. No cume da montanha mais elevada; no vertice do seixo onde apenas podia pousar o pé da aguia quando voltasse de affrontar o sol com o seu vôo; no mais profundo pégo onde com difficuldade desceria o homem; na planicie e no valle; por toda a parte a mollecula organica, o atomo imperceptivel da terra, a gotta pequenina da agua, se combinavam debaixo da benefica influencia das fôrças da natureza, e os montes, os valles, os pegos, os campos, se ufanavam com o primoroso adorno que mão incognita lhes liberalisava, para disfarçar tanta nudez e feialdade.

O botanico viu surgirem-lhe de toda a parte immensos seres; uns como gigantes, outros humildes e rastejando; alguns esbeltos pela belleza de suas flores, outros tristes e melancholicos, e todos dissimilhantes e desiguaes. A contemplação mais profunda, o estudo mais aturado, seriam baldados esforços para reter na memoria characteres que destinguissem entes que em tanta profusão cobriam a terra.

Foi assim que se experimentou a necessidade de dispor as plantas de uma maneira que tornasse facil o seu estudo, de as methodizar ou classificar. Gesner foi o primeiro que tal fez, Cesalpino, Bauhin, Garcia da Horta, e Mognal, classificaram tambem até á epocha em que appareceu o methodo de Tournefort. Ja tereis ouvido fallar n'este celebre toxonomico: José Pitton Tonrnefort occupou a cadeira de botanica do jardim-das-plantas quando reinava Luiz XIV; foi este monarcha que o commissionou para o Levante, onde elle bástante estudou os vejetaes. O amor que consagrava á sciencia das plantas o levou a examinar differentes paragens, contrahindo assim estreito conhecimento com aquelles mesmos seres que pouco antes tinha classificado. Tournefort foi profundamente impressionado pela belleza dos vejetaes, e pela elegancia das suas fórmas; no seu methodo attendeu so á consistencia do caule, á regularidade dos involucros floraes, á reunião ou isolamento de muitas flores, á maior ou menor regularidade com que esses hábitos tam bellos e tam vistosos se reproduziam nos diversos seres.

O nosso toxonomico, seduzido pelo que ha de mais bello no reino vejetal, pela pompa e elegancia das flores, baseou a sua classificação em uma parte do vejetal, que pela delicadeza e variedo das fórmas, nem sempre é possivel cabalmente distinguir. As plantas, deixai-me assim dizer, assimelham-se ás nossas damas, nem sempre a belleza de seus adereços as satisfaz, cobiçam a simplicidade quando apparatozas, humilham-se de serem mediocres quando outras mais magnificas se lhes appresentam.

Semiai no vosso jardim sementes escolhidas dos mais bellos melindres; guardai com esmero as raizes dos rainunculos, transportai para a vossa terra com todo o cuidado a roseira-do-Japão, e dizei-me se incontrais sempre individuos que correspondam á vossa esperança, ao vosso trabalho. Contemplai bem a corolla da primeira planta que vos subministrou a semente, e esperai a metamorphose d'esse pequeno individuo, que prodigiosamente hade renascer da terra depois de germinar: contai as suas pelatas, as suas cepalas, attendei ás côres que as matizam, e dir-me-

(*) Continuado de pag. 287.

heis que o filho não corresponde ao pae, que a semente vos gerou um ente diverso. É porque estes orgãos se modificaram, e o ente até agora orgulhoso com seus ornatos agora se humilha não podendo ostentar a perdida gentileza.

Isto basta para mostrar-vos que o professor Tournefort não creou um methodo que tocasse o ponto mais culminante da perfeição. Até então não tinha apparecido outro melhor; mas depois d'elle o sabio Linneu póde crear um systema que enthusiasmou a Europa toda, que arrebatou todos os espiritos, que reuniu o poetico com o natural, e que abrangendo a historia e descripção da parte mais interessante da planta—a flor, contém tambem a representação fiel dos seus amores, da sua vida interna, de tudo o que ha de mais interessante no seu viver.

A Suecia teve um naturalista poeta, da mesma maneira que a França teve o seu Tournefort; mas Linneu foi mais feliz porque nos melodiosos versos de Byron ensinou a botanica ás damas.

Linneu despresou os orgãos, que o classificador francez tinha proferido, deixou o que havia d'ideal para se lançar todo no positivismo. Contemplou a vida triste e melancholica do homem solitario, os prazeres do que se regozijá com seus similhantes, os deleites do esposo, e o censuravel excesso do polygamo, e vendo tudo o que ha de mais escondido na vida, classificou as suas plantas segundo a maneira porque seus estames se encontram, não so em relação aos outros orgãos mas tambem a respeito do logar que occupam. O seu systema foi uma sublime creação do genio, um raio do fogo poetico que o inspirava, uma d'aquellas producções que immortalizam o seu auctor.

Ora, talvez vos admire se me ouvirdes dizer que o nosso horto-botanico não está classificado por nenhum d'estes methodos.

Sem dúvida que reunem elles muita belleza, eram optimos até certo ponto, mas não são naturaes. Vós sabeis que o grande desejo dos naturalistas é conseguir estabelecer os grupos naturaes, collocar os seres segundo o seu maior número d'affinidades, e separar aquelles que mais se distinguem. Se não fosse este o melhor methodo, possuiamos então a modificação a Linneu pelo nosso Dr. Brotero, que por muitos motivos deviamos preferir, sendo de todos o maior a sua sciencia botanica e o seu muito amor patrio. Brotero foi um d'aquelles homens que a natureza protege, e o genio inspira, mas contra quem a ignorancia pugna. Mas o systema seguido e coordenado por Brotero era ainda artificial tinha tambem os deffeitos que ja mencionei.

Linneu, apesar de toda a belleza do seu trabalho não impediu que outras classificações se appresentassem; e depois da sua, a que veio satisfazer quasi todas as necessidades da sciencia foi o methodo natural de Jussieu. Lourenço de Jussieu foi o primeiro que appresentou no seu *Genera plantarum* uma classificação natural, resultado dos trabalhos e vigilias de quarenta annos, a que Bernardo de Jussieu se tinha condemnado, bem como dos estudos posteriores de seu sóbrinho.

O celebre Raspail, o grande organographico e grande phisiologico, o homem para quem o microscopio foi inventado da mesma maneira que o prisma para Newton, o creador da theoria spiro-vesicular tambem nos deu uma classificação. N'esta empreza porém foi elle menos feliz: a corôa que adquiriu cultivando e enriquecendo o campo da organographia e physiologia vegetal, não lhe compete com tanta justiça a respeito da sua classificação em que pertendeu grupar as plantas ao seu bello-arbitrio. Nenhuma d'estas classificações encontrareis ostentando primazia no nosso horto-botanico. A mesma classificação de Jussieu está hoje um pouco atrazada; mas a sciencia dos vejetaes progride sempre, e se enriquece com a posse de novos individuos. As classificações mais modernas são as que devemos seguir quando satisfazem ás necessidades da sciencia.

De Candolle systematisou as plantas, e com o seu trabalho prestou serviço á sciencia; podêmos dizer que representou a epocha actual da taxonomia. Colligindo trabalhos seus e de seus predecessores, apresentou-nos o seu methodo natural perfeito, e facil; pena é não estar concluido. E' pois esse o methodo que ides encontrar no nosso horto, que a todas as outras circumstancias que o tornam digno de estima reune a de ser o primeiro em Portugal que se acha disposto segundo as familias naturaes. O sr. Dr. Bernardino foi pois o primeiro que nos mostrou praticamente a vantagem do methodo sôbre o systema (oxalá lhe sigam o exemplo), e não se contentando com tanto pugnar a favor da sciencia, gostosamente se incumbe de nos insinar com o exemplar vivo e presente, os mais bellos characteres sôbre que se basea ésta classificação.

Que pena seria se um jardim tam util se visse murchar debaixo da cruel influencia de uma ventania atrasadora... Mas a natuzeza não hade ser tam cruel que nos prive assim de uma riqueza tam grande...

Continúa. *João José de Sousa Telles.*

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO XXIV.

Novo Génesis. — O Adam social muito differente do Adam natural. — Carlos sempre um por seus bons instinctos, sempre outro por suas más réflexões. — De como Joaninha recebeu o primo com os braços abertos, e do mais que entre elles se passou. — Dor meia dor, meio prazer.

315 Formou Deus o homem, e o pôs n'um paraizo de delicias; tornou a formá-lo a sociedade, e o pôs n'um inferno de tolices.

O homem — não o homem que Deus fez, mas o homem que a sociedade tem contrafeito, appertando e forçando em seus moldes de ferro aquella pasta de limo que no paraizo terreal se affeiçoára a imagem da divindade — o homem, assim aleijado como nós o conhecemos, é o animal mais absurdo, o mais disparatado e incongruente que habita na terra.

Rei nascido de todo o creado, perdeu a realeza; principe desherdado e proscripto, hoje vaga foragido no meio de seus antigos estados; altivo ainda e suberbo com as recordações do pas-

sado, baixo vil e miseravel pela desgraça do presente.

D'estas duas tam oppostas actuações constantes, que ja per si sos o tornariam ridiculo, formou a sociedade, em sua van sabedoria, um systema chymerico, desarrazoado e impossivel, complicado de regras a qual mais desvairada, incontrado de repugnancias a qual mais opposta. E vazado este perfeito modêlo de sua arte pretenciosa, metteu dentro d'elle o homem, desfigurou-o, contorceu-o, fê-lo o tal ente absurdo e disparatado, rachitico, fraco, doente; collocou-o no meio do Eden phantastico de sua creação, — verdadeiro inferno de tolices — e disse-lhe, invertendo com blasphêmo arremêdo as palavras de Deus Creador:

'De nenhuma árvore da horta comendo comerás;

'Porêm da árvore da sciencia do bem e do mal, d'ellá so comerás se quizeres viver.

Indigestão de sciencia que não commutou seu mau estomago, presumpção e vaidade que d'ella se originaram — tal foi o resultado d'aquelle preceito a que o homem não desobedeceu como ao outro: tal é o seu estado habitual.

E quando as circumstancias do primeiro estado lhe fazem nascer o desejo de sahir d'este outro, lhe influem alguma aspiração de voltar á natureza e a Deus, a sociedade, armada de suas barras de ferro, vem sôbre elle, e o prende, e o esmaga, e o contorce de novo, e o apperta no equuleo doloroso de suas fôrmas.

Ou hade morrer ou ficar monstruoso e aleijão.

Poucos filhos do Adam social tinham tantas reminiscencias da outra patria mais antiga, e tendiam tanto a aproximar-se do primitivo typo que sahíra das mãos do Eterno, forcejavam tanto por sacudir de si o pesado appêrto das constricções sociaes, e regenerar-se na sancta liberdade da natureza, como era o nosso Carlos.

Mas o melhor e o mais generoso dos homens segundo a sociedade, é ainda fraco, falso e acanhado.

Demais, cada tentativa nobre, cada aspiração elevada de sua alma lhe tinha custado duros castigos, severas e injustas condemnações d'esse grande juiz hypocrita, mentiroso e venal... o mundo.

Carlos estava quasi como os mais homens... ainda era bom e verdadeiro no primeiro impulso de sua natureza excepcional; mas a reflexão descia-o á vulgaridade da fraqueza, da hypocrisia, da mentira geral.

Dos melhores era, mas era homem.

Os seus pensamentos, as suas considerações em toda aquella noite, em todo o dia que a seguíra, na hora mesma em que ia incontrar-se com o objecto que mais lhe prendia agora o espirito, senão é que tambem o coração, todas participavam d'aquella fluctuação inquieta e doentia de seu ser d'homem social, em quem o tibio reflexo do homem natural apenas relampejava por acaso.

Dúvida, incerteza, vaidade, mentira, deslocavam e annullavam a bella organização d'aquella alma.

Assim chegou aopé de Joanninha que o esperava de braços abertos, que o appertou n'elles, que o beijou sem nenhum falso recato de maliciosa modestia, e com o riso d'alegria no coração e na bôcca lhe disse:

— 'Ora pois, meu Carlos, sentemo'-nos aqui bem junctos aopé um do outro e conversemos, que temos muito que fallar. Dá ca a tua mão. Aqui na minha... Está fria a tua mão hoje! E hontem tam quente estava!.. Oh! agora vai aquecendo... tanto tanto... é demais! Terás tu febre?'

— 'Não tenho.'

— 'Não tens, não: a cara é de saude. E como tu estás forte, grande, um homem como eu sempre imaginei que um homem devía ser, como sempre te via nos meus sonhos!.. Que é extranho isto, Carlos: quando sonhava comtigo, não te via como tu d'aqui foste, magro, triste e doente; via-te como vens agora, forte, são, alegre... Mas tu não estás alegre hoje, como hontem; não estás... Que tens tu?'

— 'Nada, querida Joanninha, não tenho nada. Pensava...'

— 'Em que pensas tu? dize-me.'

— 'Pensava na differença dos nossos sonhos: que eu tambem sonhava comtigo.'

— 'Sonhavas, Carlos! E como sonhavas tu? como me vias nos teus sonhos?'

— 'Tudo pelo contrario do que tu. Via-te aquella Joanninha piquena, desinquieta, travêssa, correndo por essas terras, saltando essas vallas, trepando a essas árvores... aquella Joanninha com quem eu andava ao collo, que trazia ás cavalleiras, que me fazia ser tam doido e tam criança como ella, apesar de eu ter quinze annos mais. Via-te alegre, cantando...'

— 'Sonhos de homem! Cream n'elles. Eu que nunca mais ri nem brinquei desde o dia que tu partiste.., E oh que dia, Carlos!.. E os que vie-

ram depois! Não houve nunca mais um so dia de alegria n'ésta casa. Oh!.. deixa-me te dizer: Fr. Diniz... Sabes que não gósto d'elle?'

—'Não gostas?'

—'Nada: tenho-lhe aversão. E Deus me perdoe! parece-me que é injusta a minha antipathia.'

—'Porquê?'

—'Porque elle é teu amigo devéras. Um pae, Carlos, um pae não tem maior ternura e desvellos para com seu filho, do que elle tem por ti.'

—'Deus lhe perdoe!'

—'Deus lhe perdoe a quem... e que lhe hade perdoar? O amor que te tem?'

—'Não, mas...'

—'Bem sei o que queres dizer: e tens razão.'

—'Tenho razão!'

—'Tens: o que elle bem precisa que Deus lhe perdoe é um grande peccado.'

—'Que dizes tu, Joanna! E como sabes?'

—'Sei, sei tudo.'

—'Tu!'

—'Eu. Sei que foi elle quem fez cegar minha avó... a nossa boa, a nossa sancta avó, Carlos!.. quem a cegou á fôrça de lagrymas que lhe fez chorar áquelles pobres olhos que, de puro cançados, se apagaram para sempre... Minha ricca avó! — E porquê, meus Deus, porquê!'

—'Porquê?'

—'Por amor de ti, por escrupulos que lhe metteu na cabeça de tu seres mau christão, inimigo de Deus, que te não podias salvar... tu meu Carlos! Vê que cegueira a do triste frade.'

—'Bem triste!'

—'Mas olha que o diz de boa-fé e pelo muito amor que te tem... que é um amor que eu não intendo: e o mesmo é com minha avó, que treme deante d'elle. E mais elle estima-a, estou certa que dava a vida por ella... e por nós todos... por mim não tanto, mas por ti e por ella, dava decerto. Mas o seu amor é dos que rallam, que apoquentam... quasi que estou em dizer que matam.

—'Matam, matam!'

—'Nossa avó é elle que a mata decerto. Sempre a metter-lhe medos, sempre escrupulos! O seu Deus d'elle é um Deus de terrores, de vinganças, de castigos, e sem nenhuma misericordia. Oh! que homem! para elle tudo é peccado, maldade... Não o posso ver.'

Carlos respirava como desopprimido de um grande pêso, ouvindo as explicações da prima que bem claro lhe mostravam a sua perfeita ignorancia dos fataes segredos da familia.

—'E comtigo' disse elle ja n'outra voz mais desaffogada 'comtigo, Joanninha, como se avêm elle, como te tracta?'

—'Commigo não se mette, e rara vez me falla. Mas oh, se elle soubesse que eu estava aqui comtigo, sancto Deus! o que ouviria a pobre da minha avó! Inda bem que hoje não é sexta-feira, senão não vinha eu ca.'

—'Porquê? Ainda vem todas as sexta-feiras?'

—'Sempre o mesmo. Ámanhan ca o temos por peccado, que é sexta-feira.'

—'Não te vejo então ámanhan aqui?'

—'Não decerto, aqui. Mas vamos, que a isso é que eu venho ca hoje, para te fallar n'isso... e para te ver, para fallar comtigo, para estar com o meu Carlos... e ao mesmo tempo tambem para ajustarmos como isto hade ser. Quando has-de tu ir ver a avó?.. a nossa mãe; que ella é nossa mãe, Carlos, não conhecemos nunca outra, nem eu nem tu. Quando lhe heide eu dizer que estás aqui? A pobre velhinha está tam doente! Ha quinze dias que se não levanta da cama.'

—'Coitada da minha pobre mãe!.. Oh! se não fosse!.. Deixa estar, Joanninha; um dia será. Por agora não póde ser: bem vês. Como heide eu atravessar as sentinellas dos realistas, ir a um pôsto inimigo? — A minha vida... isso pouco importa, mas a minha honra ficava em perigo: por todos os modos se perdia, e talvez...'

—'Não, senhor, Sr. Carlos, essa desculpa não basta. Vai n'um anno que aqui temos a guerra á porta de casa, e ja sabemos como isso é e como as coisas se fazem. O commandante do nosso pôsto é um homem de bem, um cavalheiro perfeito. Em lhe eu dizendo quem tu es e a que ca vens... elle sabe o estado de minha avó, e tem-lhe muita amizade, da-nos decerto licença para tu vires em toda a segurança. Pensas que elle não sabe que eu aqui estou comtigo? Pois disse-lh'o eu; so lhe não expliquei quem tu eras; disse-lhe que era um parente nosso que nos trazia noticias de outros, e que precisava fallar-lhe. Não pôs difficuldade nenhuma: é uma pessoa excellente, bom, bom devêras.'

—'É môço o teu commandante?'

—'Môço elle? coitado! Tem bons cinquenta annos, e creio que outros tantos filhos. Mas por que perguntas tu isso? E arqueaste as sobrancelhas com aquelle teu ar de antes quando te zangavas! Porque foi isso, Carlos?'

—'Nada, criança, foi uma pergunta á toa.'

—'Pois será; mas não me franzas nunca mais a testa assim, que te pareces todo... é que nunca vi tal parecença...'

—'Com quem?'

—'Com Fr. Diniz.'

—'Eu com elle!'

—'Tal e qual quando fazes essa cara. Olha: ahi estás tu na mesma. Vamos! ria-se e esteja contente se se quer parecer commigo, que todos dizem que nos parecemos tanto.'

—'Querida innocente!'

E beijou-lhe a mão que tinha appertada na sua, beijou-lh'a uma e muitas vezes com um sentimento de ternura misturado de não sei que vaga compaixão, vindo de lá de dentro d'alma com não sei que dor, meia dor meia prazer, que entre ambos se communicou, e a ambos humedeceu os olhos.

(Continúa.) — *A. G.*

BIBLIOGRAPHIA.

HISTORIA DE PORTUGAL POR A. HERCULANO.

316 Vai começar-se a publicação d'ésta obra, impressa em excellente papel, com typos novos da imprensa nacional, e no formato de 8.° grande francez.

Não sendo possivel fixar um preço uniforme para todos os volumes, que annualmente, ou quasi annualmente irão sahindo; porque tambem não é possivel reduzir a um número constante as folhas de impressão dos differentes volumes de uma obra historica; far-se-ha, todavia, de modo, que o custo de cada folha nunca exceda para os subscriptores a 40 réis, preço commum das publicações distribuidas ás folhas, e alias impressas em papel de menor formato, e de inferior qualidade.

O tomo 1.° da *Historia de Portugal*, contendo além de uma larga introducção, a historia politica de quasi um seculo, desde 1097 até 1185, sahirá no decurso de janeiro de 1846. — Preço 1$200 réis. — Subscreve-se em Lisboa, na loja da Viuva Bertrand e Filhos, aos Martyres n.° 45; em Coimbra, na de J. Orcel, na rua das Fangas; e no Porto, na de Moré, na praça de D. Pedro.

Não nos permitte hoje a occasião, nem porventura o fôra, de accrescentar nada mais ao prospecto que se acaba de ler. O nome do Sr. Herculano é de tamanha reputação, mormente no assumpto de que se tracta, que sería, pelo menos, ocioso, ajunctar a ESTE NOME outras recommendações.

—

N. B. Muitos outros artigos bibliographicos ficam demorados por falta d'espaço.

ROMANCES.

—

VIVER E PADECER.

III.

317 As sombras da noite começavam a escurecer a terra. As estrellas marchetavam o firmamento azul e puro, a brisa da noite fazia oscillar brandamente as basteas dos arbustos, e das flores de um horto, situado a alguma distancia da cidade, e tirava-lhes mil aromas, mil fragancias, que o sôpro da aragem espalhava por aquelles arredores.

Era formoso e poetico, o terminar d'aquelle dia d'agosto. A estação, até alli tão inconstante e feia, recuperára a belleza e a suavidade proprias d'esta nossa terra. Dissera-se que n'aquelle dia a natureza se havia ataviado com todas as galas e primores, como se quizera despedir-se do verão, como se quizera ainda uma vez sorrir ás esperanças e ás illusões d'este reino, que d'alli a dois annos se havia d'involver n'uma mortalha, e jazer 60 annos em um tumulo meio aberto, a gemer de dor e de vergonha.

Mal que a noite havia principiado, allumiara-se uma janella da casa a que o horto pertencia; e quem de fóra olhasse attentamente, veria sombras passarem e repassarem, como se alguma extrema agitação pozesse em alvoroço os habitantes d'aquella casa.

E assim era. Havia 24 horas que a pessoa que habitava n'aquelles aposentos, fôra acommettida de um mal que se não havia podido curar nem explicar. Sahíra na vespera de tarde, como em certos dias costumava, e ao voltar, pallida, alterada de feições, e quasi que perdida a razão, sentára-se a escrever; e quando as pessoas do seu serviço haviam entrado no seu aposento, haviam-na encontrado lançada sobre o leito a gemer, e quasi que sem vida.

O medico que a veio ver, havia-a declarado perdida. Uma commoção, cuja origem desconhecia, tomára aquella mulher que ja de ha muito padecia, apoderára-se-lhe da alma, havia invadido o coração, e a pallidez que se lhe estampava no rosto, as convulsões e calefrios que lhe corriam pelo corpo indicavam que aquelle ente, de structura fraca e delicada, não poderia resistir por largo espaço aos embates da doença e da morte.

O quarto em que estava era mobilado com riqueza; os moveis trabalhados com apurado gosto, as tapessarias finas que cobriam as paredes, e o adorno do aposento, elegante e bem disposto, tudo mostrava que a pessoa que alli jazia em seu leito de dor, esperando pela agonia extrema, pertencia ás classes elevadas, e que se os pesares e os padecimentos do coração lhe haviam definhado a existencia, ao menos as felicidades materiaes d'este mundo não a haviam abandonado.

Duas lampadas de bronze alumiavam o aposento. No recanto d'elle estava um leito coberto com cortinas de damasco, para que a luz viva das lampadas não fosse deslumbrar os olhos da moribunda, para que ao menos os seus ultimos trances não fossem mortificados pela presença do elemento a que para sempre ia dizer adeus. Tinha a cabeça reclinada no hombro: e como era ainda bella n'aquelle momento supremo! Ninguem dissera que 38 annos haviam corrido desde o dia em que nascêra aquella mulher; e todavia, os pesares e padecimentos do coração lhe haviam atormentado a existencia, reduzindo-a a morrer; — era similhante á flor do prado que o vento da tempestade quebrou, mas que pendida da hastea é ainda formosa e linda.

Aquelle ente que alli esperava pelo trance ultimo, era a mulher que na vespera havia estado na cathedral, que lá tivera o encontro que lhe apressára o momento extremo, — era D. Catharina d'Attaide, a mulher por quem o poeta infeliz sempre suspirava...

Sentada á cabeceira do leito estava uma aia. Havia

sempre sido a amiga de D. Catharina: educadas juntamente, vivendo e pensando do mesmo modo, quando a nobre senhora, ralada de pezares, sacrificada aos interesses de sua familia, ia encostar a cabeça contra o seu peito, e entre lagrimas e soluços desabafar as magoas que lhe estalavam o coração; Maria, a sua amiga da infancia, a confidente dos seus sonhos de fidelidade e amor, sempre tinha palavras de resignação e conforto, com que lhe mitigava os males.

D. Catharina abriu os olhos, e deitou a vista ao redor de si. Acordava de um instante de repouso, obtido por meio de uma bebida calmante que lhe aliviára o padecer interior, que a ralava, que a fazia morrer.

— Maria, disse ella com voz sumida, que hora deu... e elle sem chegar ..

— Senhora minha, não vos agiteis, elle hade vir, ha apenas um instante que ouvi 7 horas; estamos tão longe da cidade.

— Dizes bem, minha amiga, amiga de minha alma; elle não hade deixar de vir, não é assim?

— Em uma das paredes do aposento, havia dois quadros grandes, eram retratos de familia. Um d'elles representava o pai de D. Catharina d'Attaide. Estava revestido da armadura de cavalleiro, tinha uma phisionomia franca e leal, e fazia contraste com o outro retrato, que representava um homem muito mais moço, todo vestido de sedas, e com um aspecto triste e carregado. — Era o retrato do marido de D. Catharina, aquelle que os parentes a haviam obrigado a esposar, a quem ella estimára com devoção d'esposa, mas a quem nunca havia amado, com amor de mulher. Havia um anno que cessára de viver, e sua esposa continuára a ser-lhe tão fiel depois da sua morte, como havia sido durante a sua vida. Ainda na vespera estivera na cathedral, orando pelo repouso da sua alma.

Quando D. Catharina acabou de pronunciar as ultimas palavras, em que se traduzia a impaciencia que lhe agitava o espirito, deu com os olhos no retrato do marido: e um vivo rubor lhe assomou ás faces, e ergueu as mãos postas, dizendo: — ah perdoa-me lá no outro mundo!

Fexou os olhos, e parecia adormecida.

— Não ouves, disse ella pouco depois, abrindo os olhos, e estremecendo; estão batendo, alli, na vidraça....

— É aquelle salgueiro que está ao pé do regato, que alli corre por baixo das janellas; o vento da noite sacode-lhe as ramas que vem bater contra os vidros.

Um estremecer convulso agitou o corpo todo da doente; e quando poude fallar disse, tremendo-lhe a voz:

— Maria, não podes imaginar como estou padecendo, vem, aproxima-te de mim, — e chegava contra o peito a cabeça de Maria, que chorava dolorosamente.

— Não chores, disse-lhe D. Catharina, afagando-lhe os cabellos, ja pouco tenho que padecer, sinto que elle está muito proximo de acabar; e nem siquer ja terei forças para o ver...

— Porque fallais assim, não, não haveis de morrer...

— Como te inganas, respondeu-lhe ella, sorrindo com tristeza e melancholia, para que te illudes com essas esperanças; ja me vai faltando a vista... a morte, tenho-a aqui, sinto-a, dizia levando uma das mãos ao coração, suffoca-me, abafa-me... E não sei porque, custa-me a deixar este mundo sem o ver... Assim devia de ser; em um templo o vi pela primeira vez, e em um templo o devia ver pela última...

Outra convulsão a tomou, foi mais violenta, durou mais tempo, e tinha de ser a derradeira. Quando poude articular as palavras, disse com voz tão fraca, que mal se podia perceber, e levantando a custo a cabeça:

— Deixa-me abraçar-te pela extrema vez; se eu podesse apertar-te bem, bem, contra o coração... Maria, foste tu o ente que mais amei n'este mundo, e não te hades esquecer de mim, não é assim...

Calou-se um instante; depois tirou uma carta fexada debaixo da almofada sobre que repousava a cabeça, e entregando-a a Maria disse:

— Quando elle vier, da-lhe este escripto, dize-lhe que não me soffreu a morte que esperasse mais..... ja tenho a vista embaciada, aperta-me bem, assim,.... meu Deus! disse ella reunindo todas as forças que lhe restavam, ouço ruido la em baixo, sintos passos.... um momento... um instante de vida... meu Deus dai-me.....

Não poude acabar, passou-lhe um calafrio por todo o corpo..... e espirou.

Maria, debulhada em lagrimas, quasi desmaiada, tinha querido chamar por soccorro; mas a agonia de D. Catharina fôra tão rapida, tão inesperada, que para isso não déra tempo.

Mal que D. Catharina d'Attaide havia dado o último suspiro, abriu-se a porta do aposento, e entrou o homem que ella na vespera encontrára na cathedral. Precedia-o uma criada, que o introduzira no quarto, e que cahiu sem sentidos ao ouvir Maria que soluçando bradára — Morta, morta, perdida para sempre!

O poeta comprehendera tudo em um volver d'olhos. Precipitou-se para o leito, cahiu de joelhos, e apoderando-se de uma das mãos da defunta, apertou-a nas suas; — e as lagrimas cahiam-lhe em fio, e soluçava com dôr tão profunda, que parecia que se lhe despedaçava o coração.

E cobria de beijos aquella mão, que com a morte se tornára mais branca do que o marfim. Aquella mão, porque elle teria dado toda a sua vida para a podêr apertar contra o coração, tinha-a emfim no seu podêr, sentia-a entre as suas mãos, — estava fria, inanimada, sem vida,..... que importa? — tal como estava, presava-a como um thesouro preciosissimo, trocaria o resto da existencia para não dever nunca mais separar-se d'aquelle cadaver inanimado e frio.

Maria deu-lhe a carta que D. Catharina d'Attaide deixára para lhe ser entregue.

O poeta levantou-se, quebrou o feixo, e leu o que se segue:

«.Não sei que sentimento me tomou ao vêr-vos, ha um momento, na igreja, aonde fui orar pelo repouso da alma do meu esposo. O amor que o meu dever de esposa me fizéra suffocar, votar ao esquecimento, que eu quiz sepultar no fundo do coração, renasceu, reviveu.... Não sei se lhe chame amor, a este sentimento que me afflige, que me despedaça o coração. Ralam-me as saudades d'aquelle tempo em que vos conheci, em que imaginava que a vida se havia de escoar tão doce como o murmurar de um arroio, correndo por entre flores...... inganei-me, bem o sabeis vós.»

« Quando partistes a primeira vez para essas terras

tão remotas, la por onde a nossa má estrella vos fez andar errante e perdido, accommetteu-me a doença, estive ás beiras da sepultura; mas quiz o ceu, e ainda mal, que eu não morresse, que fosse mais largo o meu padecer, que me definhasse nos pesares. Fizeram-me esposa de um homem que eu não amava, a quem mal conhecia. Soube que havieis voltado da India, que vos haviam dito que eu ja não pertencia a este mundo; mas não quiz dizer-vos que ainda existia: alem disso, passava a vida tão retirada e sosinha, padecia tanto, que bem se podia dizer que ja não vivia..... »

« Estou escrevendo não sei porque nem para que fim. Pouco terei ja que viver, bem o sei; e so n'essa idea, esperança triste e melancholica, a unica que me resta, de tantas com que me illudi, so n'essa idea acho allivio e conforto. Talvez que ainda vos possa ver, antes de para sempre deixar este mundo, porque nem siquer devo pensar em que la no outro poderemos unir-nos.... não, as esperanças e as illusões d'esta alma, arrancou as uma a uma o vento da desgraça, como as folhas de uma flor desfolhada pelo vento da tempestade; e as hasteas da pobre planta, ja meio sêccas, ao menor rigor da estação, tem de seccar e morrer...... »

« Não sei-o que escrevo aqui, não me atina o pensamento com as ideas; adeus, so vos peço que quando entrardes em algum templo oreis por mim.....

D. Catharina não podéra continuar, a febre augmentára, e ella receiava que o delirio lhe viesse perturbar a imaginação, ja enfraquecida pelos pesares e pelo padecer continuado.

O poeta dobrou a carta com serenidade tão triste, com melancholia tão profunda e concentrada, que se diria que algum pensamento sinistro se encubria debaixo d'aquella frieza, d'aquella tranquillidade apparente, que tão mal se combinava com o seu natural arrebatado e violento. So duas lagrimas lhe cahiram pelas faces, mas eram d'essas que levam comsigo annos d'existencia, que envelhecem a alma, petrificam o coração.

Foi para o leito, e inclinando-se com respeito para o cadaver, depoz-lhe um beijo na fronte.... era o primeiro...

Depois passou a mão pelos cabellos, dizendo como para si mesmo:

— E agora que a vi morta, que me resta a mim, senão morrer tambem?.. Quero despedir-me de um homem, de um amigo, depois, dia e noite pedirei a Deus que me arranque ésta vida que me deu, que eu não posso ja soffrer; e se elle não quizer ouvir-me, então......

Não acabou a phrase; terminou aquelle pensamento com uma exclamação dolorosa, que encerrava o receio de um crime, de um peccado.....

Com os olhos deu o extremo adeus ao cadaver que alli jazia no leito, ao que lhe restava de tudo quanto mais amára n'este mundo, e soltando um suspiro, sahiu do aposento.

Continúa. D.

VARIEDADES.

318 Escrevem á Revista o seguinte:

« Existem affixados na porta da capella de Linda-Velha, freguezia de Carnaxide; dois annuncios feitos pelo professor-regio de primeiras lettras da dita freguezia, que são assim regidos:

1.°

O Professor-Regio d'esta Freguezia por Mercê da Nossa Augusta Rainha, que Deus Guarde, Faz saber aos Respeitaveis Senhores d'este logar que na aula do mencionado se tem exercitado um Discipulo o qual seu Mestre o incontra âvel para podêr insinar as Primeiras Letras, e tambem goza de saber, e podêr insinar a Lingua Francesa, motivo porque o dito professor o offerece áquelas meninas, que se quizerem aproveitar de apprehenderem em suas casas a ler, escrever, e a lingua hoje dia dà moda, por cujo motivo todas as Pessoas que se quizerem habilitar para o indicado fim poderão tractar com o Regente da Eschola sobre o objecto exposto. Em quanto á recompença do incommodo que se deve retribuir õ sugeito indicado essa será bem limitada, que não excederá quantia disporporcionada antes vantajosa a fim de ser util á mocidade Fiminina d'esta Freguezia

O servo Professor......

2.°

Em Virtude do emanado Edital do Nosso Feliz Governo que hoje dia nos Rege; tenho a dizer aos Senhores d'este logar que em todo o Orbe Portuguez não encontrarão uma Eschola com as favoraveis vantagens ã utilidade da mocidade. Uma Eschola em que os meninos encontrão õ serviço da mesma hum cento de livros, 100 papeis com dizeres diversos, 20 pedras para contas, 50 Taboadas, 50 Cartilhas, para os principiantes, papel e penas; tinta, e tudo o mais necessario para a perfeição das Primeiras Letras, e huma duzia õ mais de Livros Franceses para os curiosos; d'este modo parece mais que negligencia não se utilizarem alguns dos Pais de Familias de hum bem de tanta Felicidade para seus filhos, os quaes o lamentam quando chegão ã Idade racionavel; como succede a milhões d'elles nos nossos dias, que o choram sem remedio; Por tanto corram todos a contentar o ardente zêlo da Nossa Amada Rainha, ésta Santa Soberana que se tem esmerado desde que nos fez felizes com o seu reinado, não tem cessado de gritar õs seus Ministros sobre a educação da Mocidade; motiivo porque na Aula Regia d'este logar se incontra hum Decreto dà mesma Augusta Senhora de 1835 passado pelo seu Ministro Rodrigo da Fonseca Magalhães com todo o rigor sobre o mesmo objecto: Assim o deu a intender o Grande Philosopho Socrates no Conselho que deu para a reforma da Republica d'Athenas desfallecida do seu bom Governo mandando pôr sumo cuidado na Educação dos Meninos e acrescentamento das Escholas, intendendo, que conforme o bem insine que tem na puericia, assim obram depoes quando homens; Bem o conhece u Isaias quando pelas desordens, que viu em Jerusalem exclamou dizendo, Aonde está o Letrado, Aonde está o Mestre de Meninos, Viu o Santo Profeta que não havia naquella Cidade nenhuma Eschola para educação da puericia, e desta falta entendeu lhe provinhão todas as desordens ã sua Republica, donde claramente se vê a grande utilidade, que se lhe segue da boa Educação, o Homem he huma fera, um Lião, faltando-lhe a educação; Nero Imperador dos Romanos porque o não sugeitarão ã educação mandou matar a propria may para ver as entranhas onde tinha

nascido, e Deos Guarde a quem o ler para tal lhe não succeder O Professor...

CORREIO NACIONAL.

319 As *fusões* estão na ordem do dia e da *noite*. Hoje não ha pontos mais debatidos que a *fusão* das sociedades philharmonicas, e a das emprezas dos theatros — Condes e Salitre. — Por toda a parte e a todos se ouve fallar n'estas duas maximas questões sociaes. Infelizmente não ha cadinho que possa operar, sem rebentar, éstas duas fusões d'elementos heterogeneos. A das philharmonicas parece que está dependente do *nome*: todos se dizem *philhofusões*, mas a lingua grega soa tão bem a alguns ouvidos (os verdadeiros philharmonicos) que o vocabulo *academia* não lhes póde sahir do orgão auditivo; toca-lhes o coração, e a susceptibilidade é ferida pungentemente. A lana-caprina sem Virgilio é indigesta coisa... Em quanto aos theatros, *dizem* que a Empreza do Theatro de D. Maria II é *dada* aos Sr.^s Silva e Doux. Falla-se n'uma reacção-comica da parte da companhia dos Condes... e ha muitas mais coisas que nós não sabemos.

Sexta-feira será a 1.ª representação em San'-Carlos da dança-phantastica, *Palmina ou a nynfa do Orbe* (que é um riosito da Suissa no cantão de Vaud.) É composição do Sr. Martin, que pelo bom-gôsto dos bailados e *passos* que ja nos tem apresentado, faz esperar muito do seu talento coregraphico.

O Sr. Passos, habil operador da cidade do Porto, acaba de fazer (diz-se que pela primeira vez em Portugal) a difficil operação enterotomica (incisão no intestino para extracção de corpo extranho) com o mais feliz resultado.

No fim do mez de novembro existiam no Terreiro-público e abordo 11.734 moios de trigo, 1.215 de cevada, 444 de milho e 32 de centeio. Os preços regulavam de 380 a 680 rs. para o trigo, 200 a 320 rs. para a cevada, e 270 a 340 rs. para o milho.

Sr. Redactor. — Um facto bastante curioso, e em extremo raro, para que deixe de merecer publicidade, leva-me a rogar a V. o obsequio de o inserir no seu acreditado jornal, pelo que lhe ficarei muito agradecido. Hontem, 2 de dezembro, veiu parar ás bancas de dissecção da eschola medico-cyrurgica de Lisboa, o cadaver d'uma rapariga, que parecia ter pouco mais de vinte annos, e que offerecia uma anomalia digna d'attrahir nossa attenção. Desde a parte baixa do ventre, e da metade do dorso, a pelle se apresentava, até proximo dos joelhos, naturalmente negra ou melhor côr de bórra de caffé; ésta notavel mancha, que fazia com que o cadaver se mostrasse como vestido de um calção, achava-se em toda a sua extensão semeado de abundantes pellos, espessos, asperos, quasi do comprimento d'uma pollegada, encontrando-se n'esta parte do corpo, que era a séde da coloração, uma grande similhança com a pelle de macaco. O resto da perepheria do cadaver achava-se desprovido de pellos e d'uma alvura que sensivelmente contrastava com a extensa mancha anegrada, so havia de notavel outra mancha analoga, maior do que o ambito d'um cruzado novo: ambos os bicos dos peitos eram cercados por outra nodoa, que teria sete pollegadas e meia de circumpherencia; mas faltas de pellos; finalmente no supracilio esquerdo, havia proximo á raiz do nariz, um tumor negro de um tamanho analogo a uma pequena cereja, e da superficie do qual erradiavam pellos grossos e rijos.

A eschola sentindo não podêr conservar uma peça tão rara, e querendo ter a imagem de um caso de tanta curiosidade, annuiu ás instancias do Sr. Dr. Bernardino e mandou immediatamente retrata-la. — *M. J. F. Branco* — alumno do 4.º anno.

Da Povoa de Lanhoso escrevem á REVISTA: — «No principio d'outubro último veiu accommodar-se em casa d'um lavrador da freguezia de Garfe d'este concelho, certo desconhecido, que se dizia enviado de Deus e companheiro de mais onze que junctamente se espalharam por este reino. A sua doutrina era toda baseada em santidades, e debaixo d'esta firma prégava o fim do mundo lá para o anno de 1846, que se assignalaria por quatro grandes luzeiros aos quatro ventos: porém que ao mesmo tempo aconselhava a descuberta de valiosos thesouros!! Por meio de orações affirmava curar tudo, e dava a mão a beijar aos mesmos que o aturavam em casa. Assim ia vivendo menos mal, porem o administrador do concelho que não admitte segunda ordem de apostolicos, logo que soube d'isto, mandou-o ir á sua presença, onde declarou chamar-se João Ribeiro, casado, negociante, do logar dos Pinheiros, do Concelho da Batalha districto de Leiria, e assim o envjou de presente ao governador civil, para d'elle dispor como conviesse. — Os povos ficaram de bócca aberta a chorar por elle, e não poucos eram ja d'estes os que accreditavam nas suas imposturas grosseiras.»

No tribunal da Relação de Lisboa, no anno que decorre de 1 de novembro de 1844 a 31 d'outubro de 1845, foram julgadas 1.412 causas civeis e crimes, e acham-se pendentes 1.641.

O tenor que annunciámos haver chegado para o nosso theatro italiano, chama-se Landi; vem do theatro de Lecco onde cantou em outubro no *Ernani* com a Barili e o baritono francez Peri. Como fallámos n'este último diremos incidentemente, que elle acaba de chegar a Paris em companhia da condessa Somailoff, viuva russa grandemente apaixonada pela musica. Ésta enthusiasta amadora espera de San'Petersburgo a necessaria licença para casar com o joven artista; mas se ésta lhe for recusada a condessa está na resolução de sacrificar a sua fortuna ao seu amor. O Sr. Landi hade debutar na 'Maria Padilla,' opera de Donizzetti, ainda não ouvida no theatro, e cujos ensaios vão ja adiantados. A Sr.ª Remolini não é dama *assoluta*, como disseramos, mas *comprimaria*.

Parece que o govêrno ja tem recebido propostas para construcção de carris-de-ferro em Portugal, na conformidade das bases que offerecêra.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

Os proprietarios editores da REVISTA, vendo a popularidade extraordinaria que ésta obra tem alcançado, quando publicada em fragmentos nas columnas do seu jornal, intendem fazer um serviço ás lettras e á gloria do seu paiz, imprimindo-a agora reunida em um livro para melhor se podêr avaliar a variedade, a riqueza e a originalidade de seu estylo inimitavel, a philosophia profunda que incerra, e sôbre tudo o grande e transcendente pensamento moral a que sempre tende, ja quando folga e ri com as mais graves coisas da vida, ja quando seriamente discute por suas leviandades e pequenezes.

As VIAGENS NA MINHA TERRA são um d'aquelles livros raros que so podiam ser escriptos por quem, como o auctor de CAMÕES e de CATÃO, de D. BRANCA e do PORTUGAL NA BALANÇA DA EUROPA, do AUTO DE GIL-VICENTE e do TRACTADO DA EDUCAÇÃO, do ALFAGEME e de FR. LUIZ DE SOUZA, do ARCO DE SANCT'ANNA e da HISTORIA LITTERARIA de PORTUGAL, de ADOZINDA e das LEITURAS HISTORICAS e de tantas producções de tão variado genero, possue todos os estylos e, dominando uma lingua de immenso podêr, a costumou a servir-lhe e obedecer-lhe; —por quem com a mesma facilidade sobe a orar na tribuna, entra no gabinete nas graves discussões e demonstrações da sciencia — voa ás mais altas regiões da lyrica, da epopeia e da tragedia, lida com as fortes paixões do drama, e baixa ás não menos difficieis trivialidades da comedia; — por quem ao mesmo tempo, e como que mudando de natureza, póde dar-se todo ás mais aridas e materiaes ponderações da administração e da politica, e redige com admiravel precisão, com uma exacção ideologica que talvez ninguem mais tem entre nós, uma lei administrativa ou de instrucção pública, uma constituição politica, um tractado de commercio.

Orador e poeta, historiador e philosopho, critico e artista, jurisconsulto e administrador, erudito e homem d'Estado, religioso cultor da sua lingua e fallando correctamente as extranhas — educado na pureza classica da antiguidade, e versado depois em todas as outras litteraturas — da meia-edade, da renascença e contemporanea — o auctor das VIAGENS NA MINHA TERRA é igualmente familiar com Homero e com o Dante, com Platão e com Rousseau, com Thucidides e com Thiers, com Guizot e com Xenophonte, com Horacio e com Lamartine, com Machiavel e com Chateaubriand, com Shakspeare e Euripedes, com Camões e Calderon, com Goethe e Virgilio, Schiller e Sá-de-Miranda, Sterne e Cervantes, Fenelon e Vieira, Rabelais e Gil-Vicente, Addison e Bayle, Kant e Voltaire, Herder e Smith, Bentham e Cormenin, com os Encyclopedistas e com os Sanctos-Padres, com a Biblia e com as tradições sanscritas, com tudo o que a arte e a sciencia antiga, com tudo o que a arte emfim e a sciencia moderna teem produzido. Ve-se isto dos seus escriptos, e especialmente se ve d'este que agora publicâmos apezar de composto bem claramente ao correr da penna.

Mas ainda assim, e com isto sómente, elle não faria o que faz se não junctasse a tudo isso o profundo conhecimento dos homens e das coisas, do coração humano e da razão humana; se não fosse, além de tudo o mais, um verdadeiro homem do mundo que tem vivido nas côrtes com os principes, no campo com os homens de guerra, no gabinete com os diplomaticos e homens d'Estado, no parlamento, nos tribunaes, nas academias, com todas as notabilidades de muitos paizes — e nos salões em fim com as mulheres e com os frivolos do mundo, com as elegancias e com as fatuidades do seculo.

De tantas obras de tam variado genero com que, em sua vida ainda tam curta, este fecundo escriptor tem enriquecido a nossa lingua, é ésta talvez, tornâmos a dizer, a que elle mais descuidadamente escreveu; mas é tambem a que, em nossa opinião, mais mostra os seus immensos podêres intellectuaes, a sua erudição vastissima, a sua flexibilidade de estylo espantosa, uma philosophia transcendente, e por fim de tudo, o natural indulgente e bom de um coração recto, puro, amigo da justiça, adorador da verdade e inimigo declarado de todo o sophisma.

Tem sido accusado de sceptico: é a accusação mais absurda e que póde denunciar em quem a faz; ou grande ignorancia ou grande má fé. Quando o nosso auctor lança mão da cortante e destruidora arma do sarcasmo, que elle maneja com tanta fôrça e dexteridade, e que talvez por isso mesmo, conscio de seu podêr, elle rará vez toma nas mãos — veja-se que é sempre contra a

hypocrisia, contra os sophismas e contra os hypocritas e sophistas de *todas as côres* que elle o faz. Crenças, opiniões, sentimentos, respeita-os sempre. Ainda as suas ironias que tanto ferem, não as dirige nunca sôbre individuos; ve-se que despreza a facil vingança que, com tão poderosas armas, podia tomar de inimigos que o não poupam, de invejosos que o calumniam, e a quem por cada dicterio insulso e ephemero com que o teem pretendido injuriar, elle podia condemnar ao eterno opprobrio de um pelourinho immortal como as suas obras. Ainda bem que o não faz! mais immortaes são as suas obras, e quanto a nós, mais punidos ficam os seus emulos com esse desprêzo do homem superior que se não appercebe de sua malignidade insulsa e insignificante.

Voltando á accusação do septicismo, ainda dizemos que não póde ser septico o espirito que concebeu, e em si achou côres com que pintar tão vivos, characteres de crenças tão fortes como o de Catão, de Camões, de Fr. Luiz de Sousa, — e aqui n'esta nossa obra, os de Fr. Diniz, de Joanninha, da Irman Francisca.

Não analysâmos agora as VIAGENS NA MINHA TERRA: a obra não está ainda completa e não podia completar-se portanto o juizo; dizemos somente o que todos dizem e o que todos podem julgar ja.

A nosso rôgo, e por fazer mais digna da sua reputação ésta segunda publicação da obra, o auctor prestou-se a dirigil-a elle mesmo, corrigiu-a, additou-a, alterou-a em muitas partes, e a illustrou com as notas mais indispensaveis para a geral intelligencia do texto: de modo que sahirá melhorada do que primeiro se imprimíra.

Por ésta occazião se roga aos Srs. assignantes das provincias, que estejam devendo alguma importancia de suas assignaturas da REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE, queiram sem falta, e com brevidade, effectuar seu pagamento, fazendo a remessa directamente pelo correio, ou como mais commodo lhes fôr, ao administrador M. M. C. Seabra, n'este escriptorio, rua dos Fanqueiros n.° 82 — 1.° andar, ou aos correspondentes acima indicados.

CONHECIMENTOS UTEIS.

—

DO TELEGRAPHO-ELECTRICO.

320 O vapor, os carris-de-ferro, e os telegraphos electricos, são os trez admiraveis agentes da civilisação moderna que teem d'operar no mundo importantes mudanças. Todas éstas tres invenções se devem á Inglaterra — o paiz industrial por excellencia. O apparelho electro-magnetico estabelecido na linha de ferro de Londres a Portsmouth, foi o primeiro que funccionou com os mais admiraveis resultados. Logo depois foi adoptado nos Estados-Unidos, e em França não tardou a fazer-se um ensaio na linha de Paris a Rouen, com algumas modificações que ficaram adoptadas. Quasi ao mesmo tempo foram os telegraphos electricos estabelecidos na Russia na Allemanha, e pelas últimas noticias da Prussia os vemos adoptados pelo govêrno nas linhas de Berlim a Colonia, e de Berlim a Postdam. O anno de 1844 ficará notavel por este novo descobrimento.

Comtudo a idea não é nova. Propondo-me a fazel-a conhecida dos leitores da REVISTA, na conformidade do plano que adoptei na redacção d'este jornal, sem querer por mais tempo demorar este artigo, eu sinto d'ante mão todas as suas imperfeições por ser elaborado sôbre apontamentos dispersos, visto que nada achei ainda complexo sôbre a materia. Começarei de mais longe.

É bem natural que desde os mais remotos tempos se tênham usado signaes para fazer conhecidas em grandes distancias, e promptamente, as noticias que se tornasse necessario transmittir. Sem recorrer-mos á columna de fogo que guiou os hebreus no deserto, sabe-se que Alexandre empregára este mesmo alvitre para regular a marcha das suas tropas, e que um Sidonio se lhe offerecêra para descobrir um meio com o qual elle se poderia communicar com o mais longiquo ponto de seus dominios em apenas cinco dias. A proposta pareceu absurda e foi desprezada. Eschylo e Homero fallam de meios similhantes empregados pelos gregos e troyanos; e além d'estes signaes de fogos, os gregos e romanos empregavam tambem os estendartes de differentes côres, e a variedade dos sons das trombetas. Mas o fogo é o uso mais geral: os chinas o empregaram, e assim os gallos, os arabes etc.

Mas esses meios todos eram imperfeitos, até que o inglez Hooke publicou em 1684 o seu processo telegraphico. Esta theoria porém so serviu de desafiar varios escriptos e projectos mais ou menos sensatos, em quanto Chappe não apresentou á Convenção-nacional em França no anno de 1793, o seu telegrapho-modêlo, quasi como o que se usa hoje: e a primeira linha telegraphica foi estabelecida, no mesmo anno, de Paris a Lille. Ésta descoberta importante foi immediatamente adoptada por todos os paizes.

Com estações de trez em trez leguas, ordinariamente, as communicações telegraphicas, quando a atmosphera limpa o permitte, ou por meio de luzes se ha nevoa ou é de noite, fazem-se em minutos entre pontos mui distantes. Mas a velocidade characteristica do nosso seculo não estava satisfeita. Uma communicação tão rapida como o pensamento, entre logares separados por muitas leguas, era na verdade indispensavel no dia d'hoje.

Franklin tinha-se lembrado da applicação da electricidade á telegraphia. Lesage chegou a publicar em 1774 um folheto para tornar realisavel ésta idea, e diz-se que o seu systema ainda chegára a ser experimentado nos arredores de Madrid por um tal Betancourt. O francez Ampère e o allemão Soemmering, tractaram tambem da applicação da corrente electrica ás communicações. Estava porém reservada á nação ingleza, a Mr. Wheastone, professor em King's-College, a glória do estabelecimento dos telegraphos electricos.

O primeiro telegrapho-electrico foi estabelecido na linha de Londres a Portsmouth. Este admiravel meio de communicação, sendo adoptado em França nos principios do corrente anno, foi modificado por Bréguet, segundo os desejos de Foy, administrador das linhas telegraphicas d'aquelle paiz e encarregado da sua execução, que teve a feliz idêa de fazer os novos telegraphos similhantes aos telegraphos ordinarios; isto é: de fazer com que os desenhos do mostrador do telegrapho-electrico representem as figuras do antigo telegrapho, com o que se conservará o mesmo valor do vocabulario em uso.

Procurarei agora explicar o que é um telegrapho-electrico.

Dois fios de cobre ou de ferro galvanisado, convenientemente isolados e cobertos de gluten-marinho sendo de cobre, para evitar a oxidação, são estendidos sobre pontaletes da altura de cinco metros collocados em todo o comprimento do carril de ferro. A electricidade vai por um d'estes fios e volta pelo outro; mas ja se conheceu que um era bastante porque o outro póde ser supprido pela terra mesma como corpo conductor. Faz-se um poço aope de cada estação para transmittir a corrente, ou pelo intermedio dos dois fios de cobre, ou por um d'elles so e a terra, mediante um canudo de folha mettido dentro do poço. Por este ultimo meio perde-se metade menos da electricidade. Tambem em França se procura substituir os pontaletes, em razão da imperfeição do isolamento que dão aos fios de cobre.

Duas pilhas, de natureza particular, postas em cada uma das extremidades da linha, ás quaes se prendem esses fios de cobre conductores fazem circular n'elles a electricidade. Em cada uma das estações se enrola o fio a um bocado de ferro, que fica magnetizado pela influencia da corrente, e influe por attracção sôbre outro pedaço de ferro, que é uma especie de alavanca destinada a fazer mover um ponteiro, com auxilio de certo mechanismo de fábrica de relogio, sôbre um mostrador ou circulo graduado, de rotação, em que cada divisão representa, por exemplo, uma letra do alphabeto, analogo tambem a um mostrador de relogio.

Para pêr em movimento o telegrapho basta interromper a corrente electrica certo número de vezes, do que resultará uma serie de attracções sucessivas sôbre a pequena alavanca, ou força intermittente, que fará girar o ponteiro com igual número de saltos.

Dois apparelhos similhantes estão postos em cada uma das extremidades da linha tendo em seus mostradores lettras, como acima se disse, syllabas, ou quaesquer outros signaes, como estão indicadas as horas

nos mostradores dos relogios. Quando n'um d'estes apparelhos se colloca o ponteiro n'um dado signal d'estes, o ponteiro do apparelho da outra extremidade marca exactamente o mesmo logar que lhe corresponde; e com a faculdade que teem estes apparelhos de interromperem ou restabelecerem a corrente electrica todas as vezes que um dos ponteiros fizer um salto, o que se indicar n'um mostrador será tambem indicado no outro *immediatamente*, porque este telegrapho tem a velocidade do raio. E assim duas pessoas distantes 6,000 leguas por exemplo, uma da outra, poderiam conversar tão seguida e facilmente como se estivessem juntas no mesmo quarto, precisando unicamente do tempo necessario para ajuntar as syllabas indicadas no mostrador, ou escrever as lettras, para conhecer as palavras. Está calculado que se o fio de metal que transmitte a corrente eletrica, tivesse 160,000 leguas de comprido a indicação feita n'uma das suas extremidades não gastaria mais de um segundo a manifestar-se na outra: velocidade muito superior á da luz.

Mas a maravilhosa invenção dos telegraphos-electricos não serve so para a transmissão de avisos, despachos etc., as suas applicações podem ser muitas, cada qual mais assombrosa. Para se fazer idea d'ellas bastará simplesmente citar ésta hypothese: « Quando a capital de França estiver ligada com a da Gran'Bretanha por meio de um conductor electrico (diz um jornal francez) qualquer criança em Londres, com o fragil esforço d'um dos seus dedinhos póde fazer ressoar em todo Paris o sino-grande da cathedral » Ja se vê pois que *uma vontade* que tenha á sua disposição um conductor electrico, preparados os meios, poderá em grandes distancias produzir effeitos espantosos.

O enthusiasmo com que os sabios consideram a invenção de Mr. Wheatstone, a propagação d'ella por todo o mundo, a sua applicação a instrumentos physico-mathematicos ja conhecidos ou novos, e muitas, admiravelmente importantes, outras de que ella é capaz, lhe conferem ja um dos tres primeiros logares entre as descobertas modernas.

BOMBA-HYDRAULICA.

321 *Sr. Redactor.* Lendo o artigo sôbre a bomba-hydraulica publicado na REVISTA n.° 24, e com o qual me parece que este jornal fez importante serviço á nossa agricultura, pensei que como *prático* deveria rectificar em duas coisas o mesmo artigo.

A 1.ª é quando se mencionam no § 2.° da 1.ª col. os inconvenientes da agua que *jorra pelo buraco do tanque*, no systema ordinario d'irrigação; que na verdade não são tamanhos como ahi se figuram: não so porque ha modo de diminuir o impeto do jorro mettendo um tóro de pau a embaraçar a sahida por inteiro da agua; como porque, sendo alias exacto que o jorro escava a terra onde bate, a agua reflecte d'ahi sem empoçar; e ainda ha meio de evitar esssa mesma escavação oppondo ao impeto da agua uma lage etc.: como se vê nas irrigações das hortas.

A 2.ª é o esquecimento que houve em mencionar o trasbordamento do tanque, se logo que está cheio se não acode a abril-o, o que nem sempre é possivel, e o que mui satisfatoriamente obvía o systema da bomba-hydraulica, evitando com grandes vantagens não so a perda do liquido, mas tambem que a agua trasbordando se empoco no terreno contiguo ao tanque, o que lhe arruina as paredes e estorva a vegetação n'esses sitios, que se tornam em pequenos paues.

Se lhe parecer, Sr. Redactor, inserir ésta carta muito obsequiará o seu assignante.

R. C. de S.

AMAUROZI IDIOPATICA, CURADA PELO TARTARO EMETICO EM ALTA DOZE.

322 Somos devedores a um illustre correspondente da cidade d'Elvas, da seguinte communicação importe sôbre o curativo d'uma amaurozi, praticado pelo Sr. J. S. Godinho Simões.

Anna Rosa, 26 annos de idade, temperamento sanguineo, constituição robusta, sempre gozou perfeita saude; as suas menstruações sempre se tem feito com regularidade; porém pouco abundantes; tendo sido subitamente privada de ver consultou-me, e examinando-a encontrei o seguinte:

30 de maio á 1 hora da tarde.

Falta total de vista, as pupillas consideravelmente dilatadas sem mais symptoma algum apreciavel; a doente não accuza coisa alguma que se supponha causa de tal accidente.

Agua commum................. 4 onças
Tartarato de potassa, e antimonio.. 6 grãos
Xarope commum............. 1 onça

Para tomar ás colheres desde as 3 até ás 3 e meia horas da tarde de hoje. Para alimento somente caldos

Amanhan das 6 ás 6 e meia horas da manhan toma igual dóze tambem ás colheres.

31 ás 9 horas da manhan.

Hontem depois que tomou o remedio teve anciedades e vomitos consideraveis, expulsando grande quantidade de liquidos billiosos.

Hoje tambem houveram anciedades, e ainda maiores que hontem; porém nada do vomito. Abatimento geral, pulso frequente, suor copioso calor geral, ja distingue a luz das trevas.

O mesmo dia ás 5 da tarde.

O mesmo estado excepto da vista, pois ja distingue quantas pessoas ha no quarto, apezar que ainda as não conhece.

Agua commum............... 4 onças
Tartarato de potassa, e antimonio 8 grãos
Xarope commum............. 1 onças

Para tomar ámanhan das 6 ás 6 e meia horas da manhan.

1.° de junho ás 9 horas da manhan.

Continúa a accusar anciedades, dor referida ao estomago, suor copioso, pulso cheio e frequente, faces vermelhas, cephallelgia. Ja conhece as pessoas que se apresentam, e distingue as côres dos vestidos.

O mesmo dia ás 5 da tarde.

O mesmo estado que ésta manhan.

Mistura sallina simples.......... 1 libra

Para tomar 4 onças de 6 em 6 horas principiando ámanhan pela manhan.

Dia 2 ás 9 da manhan.

O mesmo estado que hontem de tarde.

Continúa com a mistura sallina simples; e sangria no pé de 8 onças ja repetida de tarde. Continúa a alimentar-se somente com caldos de galinha.

O mesmo dia ás 5 da tarde.

Todos os symptomas diminuidos.

Ámanhan pela manhan leva terceira e última sangria. Continúa com a mistura sallina simples

Dia 3.

A vista perfeitamente restabelecida, de todos os symptomas apenas resta uma pequena cephallelgia.

Dia 4.

Não sente incommodo algum e pede de comer o que lhe é concedido.

Dia 6.

Curada completamente.

Elvas 6 de junho de 1845.

José Ignacio Godinho Simões. — *Cirurgião-mór do Regimento de Infanteria n.° 4.*

APERFEIÇOAMENTO NA PHOTOGRAPHIA.

323 Eu tentei ultimamente algumas indagações para me certificar se seria possivel encontrar outras substancias, independente do chloro e do bromio, separadas ou combinadas, que tivessem tambem a propriedade d'accelerar a acção da luz sôbre uma lamina daguerriena ou iodica; e depois de muitas tentativas, tenho achado que o ammoniaco possuia ésta singular propriedade em grau mui subido.

Em primeiro logar empreguei o ammoniaco somente com o iodo, iodando simplesmente uma lamina até ficar inteiramente amarella, e expondo-a durante alguns segundos ao vapor do ammoniaco, em estado de grande fraqueza por ser, misturado com agua, em quantidade tal que aquelle se possa apenas reconhecer pelo cheiro. Assim preparada a lamina foi introduzida na camara-obscura, e produziu uma impressão perfeita em meio minuto. Outras experiencias me convenceram tambem de que o vapor do ammoniaco tinha acção muito accelerada somente sôbre o iodo.

Quiz depois certificar-me de que modo o ammoniaco se daria com o bromio, e se destruiria ou precipitaria a acção d'este; e tive a satisfação de descubrir que elle possuia este ultimo effeito, e que as laminas preparadas pelos meios ordinarios, com iodo e agua simplesmente bromiada, se tornam infinitamente mais sensiveis, expondo-as durante alguns segundos ao vapor do ammoniaco, do que quando não são subjeitas a ésta operação.

Foi assim que achei que podia obter instantaneamente uma impressão perfeita ao sol, que 5 a 10 segundos somente seriam sufficientes para uma luz moderada; e desde logo concebi a esperança de que se conseguiria talvez com este soccorro tomar a imagem des objectos em movimento.

Appliquei tambem o ammoniaco em circumstancias variadas; ou seja expondo as laminas á sua influencia antes de as metter na camara-obscura; ou fazendo-as desprender n'esta durante a operação, ou immediatamente antes de nos servirmos d'esta; e em todos os casos tenho comprovado a sua efficacia.

Uma coisa tambem notavel, é que a influencia acceleradora do ammoniaco parece conservar-se na camara-obscura por tempo consideravel. apesar da sua volatilidade. Até me pareceu reconhecer algumas vezes que so a sua presença na peça onde se operava tinha influencia acceleradora, e estou convencido que será eminentemente vantajoso nas peças onde houver iodo ou bromio em vapor, corpos cuja presença sabemos que suspende completamente a acção da luz. O vapor do ammoniaco pelo contrario, os neutraliza, e em logar de retardar accelera o phenomeno.

Não levei mais longe as experiencias; mas julgo-as mui dignas d'interesse. O meu fim n'esta communicação é simplesmente chamar a attenção dos photographos e dos sabios sôbre o facto em questão, e muito me enganarei se este composto d'hydrogenio e de nitrogenio não for uma preciosa acquisição para a photographia.

Accrescentarei, terminando, que as minhas experiencias foram feitas com dois vidros meniscos de pequena abertura adiante, e fabricados na fornalha chimica e não visual; com vidros acromaticos, não duvido que se obtenham resultados muito mais satisfatorios. *Hewett.*

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO XXV.

O excesso da felicidade que aterra e confunde tambem. — — Pasmosa contradicção da nossa natureza. — De como os olhos verdes de Joanninha se inturvaram e perderam todo o brilho. — Que o coração da mulher que ama, sempre adivinha certo.

324 Carlos tinha a mão de Joanninha appertada na sua; e os olhos humidos de lagrymas cravados nos olhos d'ella, de cujo verde transparente e diaphano sahiam raios de ineffavel ternura.

Dizer tudo o que elle sentia é impossivel: tam incontrados lhe andavam os pensamentos, em tam confuso tumulto se lhe alvorotavam todos os sentidos.

Por muito tempo não proferiram palavra, nem um nem outro; mas fallaram assim longos discursos.

Emfim, Joanninha voltou á sua primeira insistencia e disse para o primo:

— 'Olha, Carlos, ámanhan é sexta-feira, ja te disse, vem Fr. Diniz: quando haja a menor difficuldade do commandante, a elle não lhe recusa nada...'

— 'Por quanto ha no ceo, Joanninha, pela tua vida, pela de nossa avó, nem uma palavra ao frade da minha estada aqui! A elle, oh! a elle jurei eu não tornar a ver. E se minha avó...'

— 'Basta: não lhe direi nada. Mas á nossa avó quando lh'o heide dizer, e quando hasde tu ir ve-la?'

— 'Por ora não: preciso licença de Lisboa, ou do quartel-general quando menos, para fazer uma coisa que todas as leis da guerra prohibem, que nas actuaes circumstancias e em similhante guerra ainda é mais defesa. E sem isso — tu bem sabes que as minhas resoluções não se mudam

— sem isso não o faço. Em todo o caso, que Fr. Diniz nem sonhe!..'

— 'E quanto tempo, quantos dias se hãode passar?'

— 'Eu sei? oito, quinze dias talvez, talvez mais.'

— 'E a minha pobre avó, coitadinha! a morrer de saudades...'

— 'Consola-a tu, Joanninha: dize-lhe que tiveste novas minhas, que estou bom, que me não falta nada, que tenho esperanças de vos ver muito cedo.'

— 'E eu... eu posso, eu heide ver-te todos os dias: não, Carlos?'

— 'Ámanhan é sexta-feira...'

— 'Ámanhan é o dia negro... nem eu queria: ámanhan não póde ser, bem sei. Mas, tirado ámanhan, meu Carlos, oh! todos os dias!'

— 'Sim, querido anjo, sim.'

— 'Promettes?'

— 'Juro-t'o.'

— 'Succeda o que succeder?'

— 'Succeda o que... So ha uma coisa que... Mas essa não... não é possivel.'

— 'O que é, Carlos? que póde haver, que póde succeder que te impeça de?..'

Carlos estremeceu... hesitou, corou, fez-se pallido... quiz dizer-lhe a verdade e não ousou...

Porquê?.. E que verdade era essa?

Não a direi eu, ja que elle a não disse: fiel e discreto historiador, imitarei a discrição do meu heroe.

Pois era discrição a d'elle?

Não... em verdade, era outra coisa.

Era um pensamento reservado?

Não.

Era tenção ma, ingano premeditado, era?..

Não, tambem não.

O que era pois?

Era a dúvida, era a fraqueza, era a vaidade, a mentira congenial e obrigada, a necessaria falsidade do homem social.

Carlos mentiu e disse:

— 'So se m'o prohibirem expressamente... os meus chefes.'

Mas não era isso o que elle receiava; não era esse aquelle motivo unico e superior que elle temia podesse vir um dia derepente cortar as doces relações de convivencia a que tam prestes se habituára, que ja lhe pareciam parte necessaria, indispensavel de sua existencia. Não era, não; e Carlos tinha mentido...

Joanninha olhou para elle fixa... Carlos corou de novo. Ella fez-se pallida... d'ahi corou tambem.

— 'Carlos, tu não es capaz de mentir...'

— 'Joanninha!'

— 'Tu es o meu Carlos... tu queres-me como me querias d'antes...'

— 'Sou... oh! sou. E amo-te...'

— 'Como d'antes?'

— 'Mais.'

— 'Pois olha, Carlos: eu nunca amei, nunca heide amar a nenhum homem senão a ti.'

— 'Joanna!'

— 'Carlos!'

Iam a cahir nos braços um do outro... A singela confissão da innocencia ia ser acceita por quem e como, sancto Deus! Aquella palavra de oiro, aquella doce palavra que tanto custa a pronunciar á mulher menos arteira; que adivinhada, sabida, ouvida ha muito pelo coração, ditta mil vezes com os olhos, nenhum homem descança nem se tem por feliz, por certo de sua felicidade, em quanto a não ouve proferir pelos labios — essa palavra celeste que explica o passado, que responde do futuro, que é a última e irrevocavel sentença de um longo pleito de anciedades, de incertezas e de sustos — essa final e fatal palavra *amo-te*, Joanninha a pronunciára tão naturalmente, tam sincera, tam sem difficuldades nem hesitações, como se aquelle fosse — e era decerto — como se aquelle tivesse sido sempre o pensamento unico, a idea constante e habitual de sua vida.

O excesso da felicidade aterra e confunde tambem. Um momento antes, Carlos dera a sua vida por ouvir aquella palavra... um momento depois — oh pasmosa contradicção de nossa dupplice natureza! um momento depois dera a vida pela não ter ouvido. No primeiro instante ia lançar-se nos braços da innocente que lh'os abria n'um sancto extasi do mais apaixonado amor; no segundo, tremeu e teve horror dá sua felicidade.

— 'Joanna' exclamou elle 'Joanna, querida, sabes tu se eu mereço... sabes tu se deves?..'

— 'Sei. Desde que me intendo, não pensei n'outra coisa; desde que d'aqui foste, comecei a intender o que pensava... disse-o a minha avó, e ella...'

— 'E ella?..'

— 'Ella abençoou-me, chamou-me a sua querida filha, abraçou-me, beijou-me, e disse-me que aquella era a primeira hora de felicidade e de alegria que ha muitos annos tinha tido.'

Carlos não respondeu nada e olhou para Joanninha com uma indicivel expressão de affecto e de tristeza. Os raios de alegria que resplande-

ciam n'aquelle semblante — agora bello de toda a belleza com que um verdadeiro amor illumina as mais desgraciosas feições — os raios d'essa alegria começaram a amortecer, a apagar-se. A lucida transparencia d'aquelles olhos verdes turvou-se: nem a clara luz da agua-marinha, nem o brilho fundo da esmeralda resplandecia ja n'elles; tinham o lustro baço e morto, o polido mate e silicioso de uma d'essas pedras sem agua nem brilho que a arte antiga ingastava nos collares de suas estátuas.

— 'Adeus Joanna!' disse Carlos perturbado e confuso.

— 'Adeus, Carlos!' respondeu ella machinalmente.

— 'Até depois de ámanhan, Joanna.'

— 'Pois sim.'

— 'Depois de ámanhan te direi...'

— 'Não digas.'

— 'Porquê?'

— 'Porque é excusado: ja sei tudo.'

— 'Sabes!'

— 'Sei.'

— 'O quê?'

— 'O que tu não tens ânimo para me dizer, Carlos; mas que o meu coração adivinhou. Tu não me amas, Carlos.'

— 'Não te amo! eu!.. Sancto Deus! Eu não a amo...'

— 'Não. Tu amas outra mulher.'

— 'Eu! Joanna, oh! se tu soubesses...'

— 'Sei tudo.'

— 'Não sabes.'

— 'Sei: amas outra mulher, outra mulher que te ama, que tu não pódes, que tu não deves abandonar, e que eu...'

— 'Tu?'

— 'Eu sei que é bella, prendada, cheia de graças e de incantos, porque... porque tu, meu Carlos, porque o teu amor não era para se dar por menos.'

— 'Joanna, Joanninha!'

— 'Não digas nada, não me digas nada hoje... hoje sobretudo, não me digas nada. Amanhan...'

— 'Amanhan é sexta-feira.'

— 'Inda bem! terei mais tempo para reflectir, para considerar antes de tornar a ver-te. Adeus Carlos.'

— 'Uma palavra so, Joanna. Cuidas que sou capaz de te inganar?'

— 'Não; estou certa que não.'

— 'Até ámanhan... até depois de ámanhan.'

— 'Adeus!'

Abraçaram-se, e d'esta vez froixamente; beijaram-se de um osculo timido e recatado... os beiços de ambos estavam frios, as mãos trémulas; e o coração comprimido batia, batia-lhes forte que se ouvia.

Retirou-se cadaum por seu lado. A noite estava pura e serena como na vespera, as estrellas luziam no ceo azul com o mesmo brilho; o silencio, a majestade, a belleza toda da natureza era a mesma... so elles eram outros... outros, tam outros e differentes do que foram!

Tinham-se dado cuidadosamente as providencias todas; ambos chegaram, sem nenhum accidente, ao seu destino.

(Continúa.) **A. G.**

DO PARIATO (*).

323 Concluindo com a analyse de Lucano, para no seguinte artigo começar tractando de Portugal, encontrâmos no 4.° canto o acampamento em Lerida. Invocação á concordia. Uma morticinia depois, em que Cesar *Dux causae melioris eris*, pela aleivosia que lhe fez Petrico. Tudo é perfeitamente um combate entre dous chefes: a historia de privações physicas. A molesa e a covardia dos soldados licenciados, dando a Cesar por auctor da sua redempção. Acto de desesperação e dedicação de Vulticus a Cesar. Gongorismo repugnante de sanguinarias prefigurações. *Compressum turba stetit omne cadaver*. Eram tantos que se tinham em pé.

5.° Canto.

Convoca-se o senado em Epiro, e Lentulo pede que se dê o commando a Pompeio. A pythonisa é consultada. Alevantam-se no campo de Cesar, quando o poeta diz *non esse ducis strictos, sed militis, enses*. Cesar submette a soldadesca. Amyclas. Cornelia.

6.° Canto.

Tudo é guerra. Scaeva que nem mil turmas, nem Cesar, nem a Fortuna, podem obstar, e que, *hosti seque ipse minatur*, comsigo mesmo ameaça os inimigos. Uma carniceria de açougue. Longa descripção da Thessalia.

7.° Canto.

Uma mui ridicula falla na bócca do orador philosopho romano, em que parece se está ouvindo uma criança mal criada a ralhar á mãi, com tanto juiso uma como a outra. Disposições de vespera da Pharsalia. Pompeio depreca aos soldados para que não façam que elle haja de ir aprender depois de velho a servir. Reflexões do poeta. Todos os romanos por serem poucos, continham-se na cidade, o jornaleiro captivo é que cultiva os campos. Roma, cheia das fezes do mundo, ésta batalha a cansa, depois da qual nem tem forças para renovar a guerra. Tantos males trouxe que *vellem, populis incognita nostris!* Felizes os arabes etc. que sempre estiveram sob os tyrannos. Entre os povos que são reinados, é a sorte romana a peior porque tem pejo de servir; impreca a Jove, por ver de alto, as mortes

(*) Continuado de pag. 267.

da Thessalia, ferir penhascos, e arvores em preferencia á cabeça de Cassio. O Deus não cura da mortalidade. Mas d'esta batalha teremos vingança sendo licito á terra fazer deuses tambem. A guerra civil fará os homens iguaes aos nomes. Incertezas e dúvidas, depois, de quem não conhecia senão vagamente por uma tradição oral que tinha existido a republica havia uns 120 annos.

8.° *Canto.*

Tristissima figura de Pompeio passada a batalha, e os ainda mais pequenos pensamentos que o A. lhe presta.

> Quantum pro causaris ipse
> Avulsa cervice daret.

A hoste dispersa reune-se em Cilicia; ahi Pompeio lembra-se de engajar as hordas de Parthos para que o vinguem, ou a Crasso. N'isto é rebatido por Lentulo, e vogam para o Egypto. Aqui expende doutrinas Photin, que é ministro, que refinam sobre o Machiavel moderno (ibi faz ubi maxima merces L. 10 v. 408), doutrinas que devem ter ficado de Tiberio, doutrinas de todos os tempos onde não ha direitos individuaes. O prurido que este auctor tem por scenas de morticina ainda o não larga nos tractos que fizeram do cadaver de Pompeio. Occupa-se em lhe cortar os nervos, moer-lhe as veias e quebrar-lhe os ossos.

9.° *Canto.*

Catão faz o elogio de Pompeio, a quem diz muito faltou para conhecer o direito como os antigos, mas pelo qual teve reverencia. Tempo de Mario e Sylla, a liberdade morreu. Pompeio perdido até a ficção d'ella, perdida. Mas se hade continuar, acaba por nos dizer

> Scire mori, sors prima viris

e que não deprecará a Juba o não guarde para o inimigo, mas com a cabeça cortada. Atheismo, porque querem verificar de Jove a fama de longa data. O Templo. Aulos, a quem todos os rios não chegariam a estancar a sede, abre as veias para beber o sangue. (L. 9. v. 760) A Pharsalia havia de viver. A vista da cabeça da Pompeio faz de Cesar um Mattos Lobos.

10.° *Canto.*

Egypto. Cleopatra. Festim. Origens do Nilo. Conspiração. É uma notavel coincidencia que Cesar e Napoleão ambos viessem do Egypto governar o mundo. Talvez fosse imitação em Napoleão.

Se no direito, propriamente chamado tal, não se acha nada nos antigos que podesse soccorer os modernos para o jus contituendo do seu systema representativo, na Epopêa, que acabamos de recorrer muito de fugida mas sempre com attenção a qualquer vestigio ácerca d'este objecto, tambem nada se encontra. No decurso d'esta ás vezes, pela sua esterilidade em doutrinas idoneas á politica republicana, até se póde ficar cuidando que podia ter sido escripta no tempo do nosso D. João V; digo-o assim, não porque este reinado se assimilhasse em crimes ao de Nero, mas pelas parecenças de ambos a vaguearem sem destino. e D. João V morrer, tendo havido tanta riqueza, sem que houvesse com que se enterrar condignamente. A palavra liberdade é pronunciada bastantes vezes por Lucano, mas nem uma so vez diz no que ella consiste. Nunca falla a preceito nas instituições do seu paiz, supponho que pelos mesmos motivos que nos reinados que se succederam no throno Bragantino ninguem mais fallou nas nossas côrtes, e que Mello Freire tractou de as negar. A predilecção do poeta, e não admira porque era o que via, é o encarecimento da supremacia romana; mas ésta para nós outros, não póde deixar de ser deploravel, porque a escravidão a debotava toda.

Eis ahi porque a republica achou tão benigna a *euthanasia* no Imperio, olvidando-se de todas as garantias de uma liberdade sem limites, mas so para uma oligarchia. A guerra civil attenuando ésta, máu grado todos crimes com que o fez, foi salvar Roma por mais alguns seculos. Se em logar das tendencias para o nivelamento, que ella trouxe, sem preeminencia na toga, ou preponderancia para a milicia, e a introducção á vida politica dos libertos á falta de ingenuos, Pompeio tivesse entrado de novo na Italia, tinha findo a civilisação. Não podia lá ter entrado sem as hordas extremes dos barbaros da Asia. Se o seu voto se segue (L. 8. v. 289) póde ser que hoje fossemos parthos ou escravos d'elles. Não é ésta reflexão tão aéria que mesmo vencendo Cesar, a invasão dos barbaros não começasse ja do seu tempo, e crescendo, se houvesse tornado muito grande no seculo do auctor, o que se mostra nas suas muitas noticias d'elles, e as poucas de casa no seu poema. Muito escassas effectivamente são éstas. O poema tem as feições sobre tudo de um exercicio de academia, que deveria ser mais admirado na posteridade quando o genero humano tivesse tornado a tomar de novo alguma energia. A tolerancia que deviam ter achado nos seus contemporaneos alguns pensamentos, e a philosophia que Lucano apresenta, devia-se parecer com a que acharam os nossos litteratos, que principiaram a inculcar melhores idéas desde o reinado de D. Maria I até 1820.

Realidade, de côres tiradas das coisas e dos homens, não ha nenhuma. Cesar abandonando a guérra civil para indagar da cabeça do Nilo, no meio dos inimigos, é de Carlos XII da Suecia. (L. 10 v. 192.) O seu pórte para o marinheiro Amyclas com quem faz de fanfarrão, não era do genio romano na republica e muito menos de Cesar. *Victorem, non, nosse tuum.* L. 5 v. 581. Este emphase é mais para se desconfiar na bócca do heroe romano, do que mesmo em Napoleão ou no duque de Wellington, os dois maiores generaes modernos.

Que a intelligencia com que se intende agora a liberdade, não se comprehendia então é ver a vaga deprecação d'este auctor a favor de Pompeio. Os pompeianos commettem tantas ou mais cruezas do que os cesareanos, (L. 4.° in fin). As explicações de Pompeio do que havia de fazer para a liberdade, fallando a aucições no seu campo ja cançados, em nada satisfazem: são paridades sempre. Por estas, devemo-nos convencer que a republica, essa mesma que hoje nos não conviria para nada, tinha chegado a um passo que era preciso que Cesar vencesse para que o nome romano não perecesse, e a sua melhor parte, para a posteridade, que eram essas poucas lettras dos seus poucos sabios; e as suas leis, que eram muitas não se perdessem. A chusma maior de barbaros da Asia, que andavam na companhia de Pompeio e dominavam, não poderiam deixar de partilhar no espolio da victoria se elle vencesse, e qual teria sido o seu effeito nos co-

tumes e na civilisação? Poderiam então ter submergido a Europa, como o fizeram depois, mas ja menos obscurecida, e conservando-a ainda hoje no mesmo estado em que se acha a Asia.

A republica antes do advento de Cesar tinha visto Mario, Sylla, este mesmo Pompéio, Catilina que quiz ser tyranno, mas não o póde ser. Com nenhum d'estes chefes de facção plebea e patricia, poderam as turbas achar senão maior degradação, desnudez, espesinhamento. Nenhuma d'estas coisas importava conhecer no tempo de Lucano, e mesmo so agora se principiaram a destrinçar á luz da philosophia, do revolver do pensamento, e portanto é injusto Nisard quando accusa o poeta, por não nos ter explicado aquillo que não era possivel estar ao seu alcance. Elle não nos podia dar senão aquillo que nos deu.

A questão é so de mais ou menos factos: que podiam fazer os homens que estavam no campo de Pompeio? Cicero era um decrepito vaidoso que por sua muita industria e suas lettras tinha chegado a obter celebridade, mas que não era para taes lances como este. Delicadissimo philologo, não so tinha esgotado todos os diminutivos da lingua romana, mas tinha-os ido buscar de fóra para a tornar mais amoravel. Contam-se mais de 160 nas suas obras (For. Quart. Rev. Jul. 1842 Verb. Cat.) Este insigne varão, ja se vê por tudo isto, que para tudo poderia servir, menos para conduzir a republica, nos tempos a que ella tinha chegado. Catão era todo elle abstracções, um sacrificio a contemplar-se, passivel na oppressão, impendere vitam L. 2 v. 382. e de uma eschola toda ella onde a moral era uma arte. Bruto era seu genro e seu discipulo. Estes eram os homens de nome adversos a Cesar. Nenhum d'elles capaz de restituir o passado ou crear o futuro. Escapou-me dizer o passado, e passado nunca se restituiu: não consente na restituição, n'isto é elle absoluto.

Continúa. *C. A. da Costa.*

POESIA.

A ORFA NO CEMITERIO.

326 Pela noite escura e fria,
Nas horas de solidão,
É que apraz ao coração
Visitar ésta mançáo
De doce melancholia.

Vem, oh lugubre coveiro,
A porta desferrolhar:
E volve-te a repousar:
Quero aqui vêr despontar
O matutino luzeiro.

Nem punhal de scelerados
Póde meus passos deter;
Nem os móchos a gemer,
Nem os vultos a correr
Pelas lousas dos finados:

Filha sou, que a mãe procura
D'estes muros para áquem....
Quanto, os seus aqui teem!...
So eu não acho ninguem
N'esta terra de amargura!

Pobre mãe! que não lhe deram,
Nem um marmor, sem lavor,
Que dissesse ao viajor
Quantas virtudes e amor,
A sua alma enriqueceram!

Miseros orfãos deixára,
Qual pombinha, que voou
Ante o açor que a acossou,
Do ninho se extraviou,
Por nuvens que atravessára!

Mas ella foi, nas alturas,
Candidas azas bater;
Caricias de anjos colhêr;
Seu ninho eterno fazer
Entre myriades puras.

Talvez, em quanto radiosa
Se me afigura nos ceus,
Os maternos olhos seus
De la se encontram co'os meus,
De la me acena saudosa....

Hei de ir... mas quero primeiro
Seu monumento elevar;
Quero uma cruz arvorar,
Que domine este logar,
De cima d'humilde oiteiro.

Sim, quero que aqui se ostente
Do madeiro nu e só,
Com ésse luxo do pó,
Que avulta em marmorea mó,
Contraste mudo e eloquente.

Eccos da gloria mundana,
Sons que a morte ha de acabar,
Os mausoleus vem turbar;
Mas á cruz não ha de ousar
Erguer-se vista profana.

Ella, que o topo sagrado
No azul diafano, sem fim,
Onde sólta um serafim
Sons de harpa de oiro e marfim,
Parece têr mergulhado;

Doce pharol, se a procella
Nos engole em seu volcão,
As preces da alma lá vão,
Como aves de arribação,
Esvoaçar em torno d'ella!

N'éste asylo mortuario,
Cujo aspecto me seduz,
Dormir quero aopé da cruz,
Escondida no capuz
De herdado pobre sudario.

Ja trinam pelos cyprestes,
Os vatesinhos do ar,
Gorgeios mil a saudar
O sol que se ergue do mar;
Ao meu alvergue vou prestes.

29 d'outubro. *Maria J. S. C.*

ROMANCES.

—

VIVER E PADECER.

IV.

(Conclusão.)

327 Em um aposento que servia de quarto d'estudo de pintura, estava um homem, occupado a dar os últimos toques a um painel, que representava o Christo coroado d'espinhos. Por cima das mesas e bufetes, que guarneciam a casa, estavam postos sem ordem modêlos de gêsso, partes dispersas da arte, que reunidas e coordenadas, estudadas com talento d'artista, coloridas e animadas pela phantasia, deviam produsir composições, riccas pela puresa e correção do desenho, pela fôrça da expressão. A delicadesa das mãos da Venus grega, faziam contraste com a robustez musculosa das do gladiador romano. A formosura meio-feminina do Apollo, realçava a par da magestade da cabeça de um Jupiter. Por alli estavam tambem armaduras descompostas, punhaes italianos, alfanges turcos, espadas castelhanas; e penderados pelas paredes quadros por acabar, retratos esboçados, e um quadro de Gran'Vasco, representando o nascimento do Redemptor, que o proprio auctor deixára em herança ao artista.

O pintor collocou o quadro, de modo que a luz que entravá pela janella o esclarecesse com vantagem. A expressão da phisionomia divina de Christo, que inclinava a cabeça com resignação dolorosa, os olhos que se lhe elevavam para o ceo, como offerecendo os tormentos e flagellações, que estava padecendo, em favor do genero humano, d'essa sociedade depravada e corrupta, para cuja redempção ia morrer na cruz, — aquella expressão que o pintor déra ao seu quadro era divina e sublime.

Estava elle posto diante da sua obra, crusára os braços, e parecia contemplal-a com aquelle prazer, aquella satisfação interior, com que os artistas costumam enamorar os trabalhos que mais presam.

Algumas pancadas que bateram á porta vieram perturbal-o d'aquella sorte de extasi.

Era o nosso poeta, que mais pallido e abatido estava que nunca.

O pintor sobresaltou-se ao ver-lhe aquella côr tão pallida, que parecia um finado. Adiantou-se para elle, tomou-lhe as mãos, e apertando-lhas nas suas, Disse-lhe com tom de voz affectuoso:

— Que tens Luiz? De que te vem essa pallidez, esse ar tão abatido? Ha tanto tempo que te não vejo, tens padecido.....

—Padecido.... respondeu-lhe o poeta com ar distrahido, e encolhendo os hombros com ar d'indifferença, tanto quanto o corpo e a alma podem soffrer, sem se apartarem.... Porque não havia de eu morrer ésta noite, quando sonhava que subia ao ceo,.... com ella... Vê, Affonso, não sentes o calor em que me arde a pelle? Devora-me a febre, e não sei como não enlouqueci ainda, como aquelle pobre italiano, oh! esse sim, esse padeceu quasi tanto como eu, e era poeta, poeta pela imaginação, pelo sentimento, e pela alma.....

— Senta-te, estás enfraquecido; tens a fronte banhada em suor frio: dizia Affonso enxugando-lhe a testa.

— Deixa, deixa, estou quasi chegado ao cabo de todos estes padecimentos. Em vez da coroa de louros de poeta, pôz-lhe a sociedade uma coroa de espinhos, como áquelle que alli está, e que morreu para nos salvar a todos, — e apontava para o quadro d'Affonso. Como; o teu colorido é sublime! Que não possas tu enriquecer a terra em que nascemos com esse talento que te Deus deu!.. Não, irás para Hispanha, la está esse paiz ja riquissimo, esse rei que nos hade avassalar... sim, adivinha-m'o o coração, e Deus permitta que ja eu tal não veja...

— Luiz, Luiz, que dizes tu, pensas que ésta terra póde assim cahir em mãos estrangeiras, que este reino tão poderoso possa curvar-se ao jugo castelhano, não cantaste tu mesmo as nossas glórias, os esforços nos nossos pelejadores...

— Cala-te, cala-te, tudo isso ja la vai... acabou.

E com a cabeça baixa, e a voz abafada dizia o poeta: — Tempo foi ja em que ésta nação era feliz, ricca, e livre. Colosso de bronze e oiro, Portugal estendia uma das mãos para o Oriente, e a Asia, trajando vestiduras de gala, corria a trazer lhe os incensos mais riccos, o oiro mais fino. A um aceno mil escravos chegavam carregados d'aquellas pedras preciosissimas, que a Europa inteira esperava com impaciencia, para formar as suas coroas de imperadores e reis. E em quanto Portugal com uma das mãos atirava para os degraos do throno com todas aquellas riquezas, com a outra mão, armada de um guante de ferro, ia arrancando as corôas aos reis africanos, e fazia-lh'as em pedaços, de encontro ás muralhas das fortalezas. Ah! Era sublime e magestoso! Ver este paiz engrandecido pelo brio dos seus guerreiros, enriquecido pela conquista, tornar-se gigante, fictar os olhos de bronze em um rei, e fazel-o córar de vergonha e receio... Em quanto com um dos pés calcava a terra ainda revôlta, onde se haviam assentado os alicerces das fronteiras, punha o outro pé no territorio alheio; — então o so-estremecia, as portas de bronze gemiam, e os crescentes mouriscos do alto das mesquitas tremiam, como se fossem abanados por um vento, precursor de destruição e morte... E tambem ao pôr do sol, quando o astro do dia, reclinando-se em um leito de nuvens douradas, parecia dizer adeus á terra, — o dragão de Portugal batia tres vezes as azas, e com um silvar agudo de orgulho e despreso, ia acordar o leão de Hispanha que jazia adormecido de encontro aos muros das fronteiras, e que ao ouvir aquelle som cortando os ares, levantava a cabeça, e cravava as garras no peito, bramindo de raiva e vingança!

Calou-se, e estiveram algum tempo em silencio. Depois o poeta lançou a vista ao redor, e deu com um livro, com capa de pergaminho, e que estava alli em cima de um bufete. Abriu-o, — eram os Lusiadas.

— Quando eu compuz este livro, disse elle, conservava ainda boa parte das minhas illusões d'outros tempos, estimava-o, queria-lhe tanto... servia-me de companheiro nas horas tristes de vida, naufragou commigo, e pude salval-o...

Folheou no livro, e começou a ler com voz apaixonada e sentida. Aquelles versos lidos pelo poeta que os concebêra e escrevêra na desgraça e no exilio, tinham uma sublimidade magestosa impossivel de descrever. Eram pensamentos ora arrebatados, ora ternos e sentidos; era a verdadeira poesia, emanada do coração, escripta entre as lagrimas e os pezares.

O poeta começára a ler pelo canto X, e a voz tor-

nou-se-lhe mais clara, mais sentida, ao chegar á estancia 23, áquelles queixumes da alma, áquelle exalar da dôr concèntrada:

Aqui tens companheiro, assi nos feitos,
Como no galardão injusto e duro:
Em ti, e n'elle veremos altos peitos,
A baixo estado vir, humilde, e escuro:
Morrer nos hospitaes, em pobres leitos,
Os que ao rei, e á lei servem de muro!

Deixou cahir o livro das mãos, e levantou-se. O artista lançou-se-lhe nos braços, quiz fallar, mas não pode, porque as lagrimas lhe tolhiam a falla.

Porque choras tu? disse-lhe o poeta, espera-te um futuro feliz, fallar-se-ha de ti em Hispanha, na Europa... Sim Affonso Sanches Coelho, tens o cunho do genio marcado na fronte, o que tu pintares será sublime, o teu nome ha de passar ás gerações futuras... e de mim não tenhas dó porque pouco tenho ja que padecer...

—Não, Luiz de Camões, tornou o artista, o teu nome não póde morrer, o que tu escreveste será eterno!

Luiz de Camões desprendeu-se dos braços de Affonso Sanches Coelho, partiu, e nunca mais o viram, porque a morte veiu em fim pôr termo ao padecer do poeta, porque poucos mezes se haviam passado, depois que tivera logar a scena que descrevemos quando o cadaver de Luiz de Camões era lançado á terra, envolto n'uma mortalha, que pelo amor de Deus lhe deram. O maior poeta portuguez morrêra sem consolações, sem confortos, sem nada... mas tambem sem remorsos. *D.*

THEATRO-NACIONAL.

II.

328 No seu número 21 encetou a REVISTA a questão importante da organisação do nosso primeiro theatro de declamação. D'então para ca muita coisa se tem fallado sôbre o modo porque o govêrno resolvêra haver-se n'este objecto. Para o meu proposito é indifferente qualquer resolução que se tome: discuto uma questão d'arte, aventuro as minhas opiniões; nem me embaraço com os actos governativos, nem faço opposição a pessoas.

Isto posto, deixei dito no primeiro artigo sôbre este objecto, que o 1.° theatro-nacional não devia ser dado por empresa. Proponho-me hoje a sustentar ésta asserção.

Os theatros onde um público numeroso vai buscar distracção e alegria, não se póde negar que exercem grande influencia nos costumes, na arte e na glória litteraria d'um paiz; e consequentemente são capazes de assegurar ou corromper a moral, de formar ou estragar o bom-gôsto, de dar uteis documentos ao bom-animo do povo, ou de sobrecarregar os contribuintes com um onus pernicioso. Ja se vê que interesses de grande consideração e mui diversos entre si, se acham ligados com o modo d'administração d'um theatro.

Basta apenas ler este paragrapho para se conhecer que não haverá no mundo empresario capaz de desempenhar a doutrina d'elle. Que quer o empresario quando arrisca o seu dinheiro? Ganhar. Que lhe é necessario fazer para ganhar? Attrahir espectadores. Outro não póde ser o seu fim; para o alcançar fará tudo que lhe for possivel. Importa porventura a um empresario, por exemplo, a linguagem d'um drama? — No emtanto é ésta uma parte das principaes, porque cumpre que o theatro seja eschola da lingua, pela influencia que a phrase exerce no auditorio. Importa a um empresario o genero ou a eschola d'um drama? — No emtanto são ambas de poderosa consideração para a arte. Importa a um empresario a moral d'um drama? — O mais certo será preferir os licenciosos porque lhe attrahirão maior número d'espectadores. Assim por diante. O empresario hade pôr em scena tudo quanto lhe produzir uma boa receita. A jaula de Morok, a corda do Sr. Serrate, os macacos de M. Laribeau, hão apparecer no palco do 1.° theatro-nacional. Não se falle em meios repressivos, em regulamentos para superveniencias que não é possivel prever, nem pôr a coberto das fraudes da especulação. Todos nós sabemos como tudo isto se póde illudir, e ja temos a experiencia dos *ursos e do inglez* que vimos no palco do *theatro-normal* em duas empresas differentes.

O primeiro theatro-nacional não deve ser, nem é licito que seja, um meio d'especulação. Este theatro deve ser para o Estado como são os seus lyceus, academias, escholas de Bellas-Artes. Não póde ser outra coisa n'um paiz onde se intenda que coisa é um theatro.

A necessidade de ser breve não me deixa desinvolver cabalmente a minha doutrina; mas reputo-a tão solida que me parece incontroversa. Eu direi simplesmente, e com as menos palavras que me for possivel, como concebo a organisação do theatro nacional, e tractarei depois do modo porque ésta se ve hoje constituida em Inglaterra e França: os dois paizes que nos servem de modêlo para tudo.

O theatro-nacional deve ter administração e não empresa. A administração deveria, emquanto a mim, ser composta do director de scena, do fiscal gerente, do dois actores eleitos annualmente pela companhia, e d'um commissario real com a presidencia. Uma commissão, que deveria ser nomeada desde ja, faria a escolha do director de scena (ensaiador) e dos principaes actores de todo o reino, e com elles constituiria o nucleo da companhia do Theatro-nacional. Os ordenados d'estes artistas seriam garantidos pelo subsidio. O resto dos actores necessarios para constituirem uma companhia completa, seriam escripturados pela administração do theatro. Para entrar depois no quadro da companhia do theatro-nacional seriam necessarias habilitações e formalidades que ainda indicarei. Aos artistas que formassem o quadro da companhia do theatro-nacional sería affiançada uma pensão de reforma no caso de doença ou d'impossibilidade de mais representar por idade. Para ésta pensão era conveniente estabelecer categorias.

Toda a receita do theatro entraria assim n'um cofre d'onde sahiriam todas as despezas de costeamento, pagamentos d'artistas escripturados, pensões, premios de distincção, e finalmente os mesmos ordenados da companhia, se para tanto désse. D'aqui se ve que sendo consideravel a receita, o subsidio do Thesoiro reverteria a favor do mesmo Thesoiro, porque n'este plano elle nada mais sería do que um supprimento de fundos e uma garantia da companhia. A economia pois, que d'ésta organisação resultaria ao Estado, é mais outra circumstancia que muito a recommenda tambem.

Se a receita viesse a ser tão consideravel que se accumulasse, essa superabundancia de numerario poderia ser applicada na compra de fundos públicos que pelo seu rendimento constituissem no futuro a dotação do theatro, e tornassem assim desnecessario o subsidio, com o que ficaria eliminada no orçamento essa verba. Em último caso ainda a accumulação do rendimento podia ser applicada a um estabelecimento de beneficencia, e para as escholas do Conservatorio.

No caso de falta de receita, e que o subsidio votado no orçamento não chegasse a supprir essa falta, o govêrno adiantaria o necessario por conta do mesmo subsidio dos seguintes annos. Pouco receio porém póde haver d'isto. A experiencia tem mostrado que as emprezas do Theatro da Rua-dos-Condes, ha dez annos para cá teem lucrado sufficientemente, e tendo a actual mui pequeno subsidio. N'um theatro melhor administrado, com circumstancias tão consideraveis de preferencia, introduzida a *moda* de o frequentar pela maneira que tambem direi, e com a protecção da lei, como se verá n'outro artigo, a prosperidade sería infallivel.

Uma commissão de leitura conheceria do merito das peças, superintenderia, em suas decorações, trajos e adereços, e exerceria ao mesmo tempo a censura. Esta commissão composta de cinco membros sería presidida pelo commissario-real, e deveria ser membro nato d'ella o director de scena. Os outros tres membros poderiam ser de nomeação regia sôbre eleição do Conservatorio-real, mudados todos os annos ou como melhor parecesse. Este mesmo systema proponho para a nomeação do commissario-real, que sería um delegado da inspecção-geral dos theatros e do Conservatorio.

Assentadas éstas bases, os artigos regulamentares para desinvolvimento d'ellas são de facilima concepção. N'outro artigo se verá qual é a legislação que hoje vigora nos theatros de Inglaterra e França, e d'ahi se deprehenderá qual póde ser a applicação que d'ella se deveria fazer ao nosso theatro em harmonia com a organisação que proponho.

ESPECTACULOS.

THEATRO DE S. CARLOS.

PALMINA OU A NYMPHA DO ORBE — Baile-magico em tres actos, pelo Sr. Martin — Musica do Sr. Pinto — Decorações dos Srs. Rambois e Cinatti.

329 O maravilhoso foi sempre o principal elemento das acções-bailaveis, principalmente hoje que éstas com o nome de *divertissement*, que lhe deram em França, teem substituido as grandes danças-mimicas, quasi sempre fundamentadas em acções guerreiras, com muita peleja e muita *patada*. Por felecidade as batalhas até fingidas *passaram;* e as idêas de destruição e morte, verdadeira antropophagia dos homens civilisados, não entram ja hoje na cabeça de ninguem: ainda restam os duellos, mas hão de *passar* tambem se Deus quizer. Ao maravilhoso da mythologia-pagan se substitue agora o phantastico de nossas lendas e tradições da idade-media; e assim vemos a *Gisella*, o *lago das fadas*, e tantas outras do mesmo genero, fazerem a volta do mundo, e serem em toda a parte acolhida com gôsto e interesse.

O Sr. Martin que na habilidade e no bom-gosto está a par dos progressos da sua arte, executando, era justo que assim o mostrasse tambem, concebendo. O seu baile PALMINA, que a dizer a verdade pouco nos interessa pela acção, pertence todavia á eschola que louvâmos, e serve-lhe como de moldura para fechar dentro d'elle os lindos bailados de que o ornou.

O talento coregraphico do illustre compositor revela-se tambem no modo porque actualmente faz apparecer o corpo de baile: se porventura ainda não *brilha*, ja se póde dizer que *dança;* e isto é coisa que não ha memoria de se haver visto ha bons dez annos. A walsa-suissa executada por 12 segundas bailarinas e 6 homens, é um vistoso e engraçado bailado, que foi com razão muito applaudido. Os outros bailados são igualmente do melhor gôsto pela graça dos grupos e accêrto do seu desenvolvimento. Distingue-se sobretudo um passe a solo pela Sr.ª Zimmann, e o tercetto dançado pela mesma Sr.ª Zimmann, a Sr.ª Moreno e o Sr. Martin.

Nunca vimos um *passo* applaudido mais do coração. Os tres dançarinos sobrelevaram-se ainda no grau d'estima em que o público os tinha. São verdadeiros voos os saltos da Sr.ª Zimmann: não se póde bem descrever a fôrça e a delicadeza, o mimo e acabado da sua execução. O Sr. Martin com uma espontaneidade e firmeza admiraveis executa as maiores difficuldades da sua arte; e a Sr.ª Moreno á graça que a distingue reune hoje outras qualidades que relevam consideravelmente o seu merito.

A musica era do Sr. Pinto que indubitavelmente está bem adaptada ás situações da acção e toda escripta rigorosamente, como cumpria, no estylo francez, com aquella excellente orchestração que se reconhece em todas as obras do Sr. Pinto.

As decorações dos Srs. Rambois e Cinatti distinguem-se principalmente no 3.° quadro, que é realmente bello; quer-me parecer porém que a do 4.° quadro comportaria ainda melhor illusão. O último é d'effeito.

Refiro-me a uma primeira representação, que, principalmente n'uma dança de transformações, não póde deixar de ser imperfeita: sem duvida que nas subsequentes representações a exactidão do machinismo dará ainda maior realce á bella producção do Sr. Martin; de quem na verdade muito se esperava, e que satisfez completamente a expectativa pública.

ERRATA.

Tendo escapado algumas erratas na contraprova da bella traducção da Arte-poetica d'Horacio pelo Sr. Seabra, publicada na REVISTA n.° 23. aqui se mencionam com as emendas: col. 1.ª — linha 64 — inferno — lea-se — *enfermo* — col. 2.ª — lin. 8 — remendados — lei-se — *remendos* — lin. 12 — varco — lea-se — *arco* — pag. 274 — col. 1.ª — lin. 26 — Renasceram — lea-se — *Renascerão* — lin. 32 — Archeloco — lea-se — *Archiloco* — lin. 51 — e assomado — lea-se — *e o assomado* — lin. 53 — E com — lea-se — E *em* — col. 2.ª — lin. 28 — ale — lea-se — *té*.

VARIEDADES.

DA INSTITUIÇÃO DA GUARDA DOS ALABARDEIROS, OU ARCHEIROS, NO PAÇO.

330 No reinado d'el-rei D. João II, que teve um character particular, sombrio, reservado, e violento (uma imitação de Luiz XI, que então reinava em

França), succedeu que *D. Diogo de Almeida*, prior do Crato, e *D. João de Sousa*, valente cavalleiro, se travaram de razões, dentro do paço, na cidade de Evora (onde se achava a côrte), aponto que todos os dias se esperava que se acutilassem um ao outro onde quer que se encontrassem. El-rei D. João II, para isto evitar, ordenou que houvesse um meirinho do paço (1), com dôze homens de guarda, vestidos das cores da casa-real, que com alabardas nas mãos estívessem sempre á porta do paço, em assentos; e mandando outro sim ao meirinho, e a elles, que qualquer pessoa que no paço desembainhasse a espada, logo o matassem: e assim o fez notificar por escriptos postos ás portas do paço.

Os alabardeiros tinham pellotes (2) e gorras verdes, calças brancas, e as hastes pintadas de verde, com franja da mesma côr, junta ao ferro. El-rei D. João V ordenou no anno de 1728, que os archeiros usassem de farda de panno encarnada, com os cabos e vestias azues, agaloadas de ouro. Veja-se a *Historia Gen. da casa-real-portugueza*, tomo 8.° pag. 275, por D. Antonio Caetano de Sousa.

O Abbade de Castro.

MODAS.

331 Estamos n'uma grande falta com as nossas amaveis leitoras... Haviamos de pedir-lhe perdão se intendessemos que realmente a tinhamos commettido, porque importaria isso o mesmo que esquecermos-nos d'ellas; mas não: todos que nos conhecem sabem que esse peccado nunca nós commettemos; somos ás vezes impertinentes mas nunca deslembrados... Merecemos, somos dignos de toda a desculpa: não as temos querido infastiar com as nossas sensaborias visto que do seu assumpto predilecto — modas — nada tinhamos a dizer-lhe: tem sido uma esterilidade como não se imagina! Emquanto não começam os bailes é isto sempre. Ha pouca variedade de trajos, e uma ou outra modificação que se vê, carece de elegancia e não se sustenta. Ora, quando começam os bailes é outra coisa. As mesmas *toilettes* de passeio são modeladas pelo formoso matiz dos trajos rivais das mais elegantes dançadoras. Quem trouxera ja os bailes! Oh! quantas das nossas leitoras nos acompanharão aqui n'este suspiro!.. Formavamos um coro unisono que nem n'uma opera de Bellini.

Mas emquanto os bailes não chegam, sempre diremos alguma coisa, bebida nas melhores fontes do tom parisiense.

O trajo mais em voga, ou que não acaba nunca, são as capas. Chamem-lhe burnús, camalhas, chateléues ou serêas, no fim de contas é uma capa. Fazem-se de veludo, setim, seda e cachemira. A camalha é feita d'uma so peça com costura nas costas, a sua largura é quanto for bastante para cobrir o corpo sem fazer canudos. O burnú tem a mesma fórma da camalha com capuz e mangas. A chateléne é uma camalha mais pequena propria para passeio, e guarnecida em roda de largo debrum. A serêa é uma especie de mantelete de grandes pontas largas e redondas, em fórma de romeira nas costas.

Ainda ha outra especie de capas, a que chamam *omnibus*, mas que pelo mesmo nome se vê que não são do bom tom.

A mais elegante de todas éstas é a *chatelene*; feita da fazenda a que chamam *tweed*, clara e para passeio, ou de veludo para toilette de visita. Póde ser feita sem costura: ficando as pontas enviezadas. Tambem se fazem com apanhados nos hombros. A parte de diante é guarnecida de trez alamares para abotoar, e dois na abertura dos braços, um em cima outro em baixo, para as prender; e teem guarnição á roda.

Usam-se muito os vestidos de panno e de cachemira ornados de passamanes. Tambem se usam de veludo e damasco: sempre compridos e de muita roda. O melhor tom para infeites de chapeus é a *flor da America*, novidade d'invenção do nosso compatricio Constantino, o rei dos floristas.

É justo que tractemos tambem dos homens: indubitavelmente elles sem as senhoras não aturariam a vida, mas éstas sem homens não achariam quem lhes admirasse a belleza, nem em quem empregassem os caprixos...

Os elegantes de Paris usam d'um *robe-de-chambre* magnifico. É de cachemira cor de perola debruado de *marcelina* côr de oiro: não tem gola; prolonga-se em fórma de chaile até á cintura e termina abaixo do joelho com as pontas boleadas; algibeiras adiante, e cordão na cintura. Usam tambem uns sobretudo abotoados com alamares, de panno azul e golla de veludo, com mangas de largos canhões para se metterem as mãos. Os mais riccos porém são de veludo guarnecidos de martha-zibelina.

Os coletes que estão em moda são de cinco differentes feitios: Colete-chaile muito aberto, para a noite; direito, aberto; direito de gola voltada, podendo abotoar até acima; crusado, para demanhan, quer todo abotoado quer aberto; e o colete-vestia, com uma so ordem de botões, que fecha até acima e tem as pontas boleadas: todos muito compridos. Os de baile são de cachemira-branca bordados de seda; mas usam-se tambem os d'acolchoadinho de *picado* largo.

Logo que comecem os bailes voltaremos de novo a este importante assumpto de tanto momento para a industria como para os costumes. (E por mais que mofem d'elle isto é verdade...)

(1) *Estevão Fernandes*, cavalleiro da casa d'el-rei, foi o primeiro meirinho que houve no paço. Veja-se a Chronica d'el-rei D. João II, cap. CXC, por Garcia de Resende.

(2) Vestidura com mangas e abas grandes.

CORREIO NACIONAL.

332 O 'Diario-do-Governo' publica o seguinte:

« Por noticias dos Estados-Unidos consta que sería de grande utilidade, para os proprietarios e negociantes do Algarve, onde o figo se produz com tanta abundancia e de superior qualidade, o aproveitarem-se do mercado americano, que decerto lhes offerecerá muitas vantagens. O mesmo se diz a respeito das passas e outras fructas sèccas.

Por portaria de 12 do corrente se ordenam varias providencias para obviar e acudir aos naufragios na entrada d'este porto de Lisboa. Tambem se mandam construir duas embarcações *proprias para estes soccorros*. A Revista insiste na urgencia dos *bateis-insubmergiveis*.

No dia 11 do corrente visitaram Suas Magestades o estabelecimento da Casa-pia, e deitaram a primeira pedra para a casa que dentro do mesmo edificio se vai construir, destinada á *Eschola-normal*. Suas Magestades viram os dormitorios, officinas e refeitorios d'aquelle util estabelecimento, e Mostraram Satisfazer-Se do bom estado em que a zelosa commissão-administrativa conserva todas as coisas a seu cargo.

As alfandegas de Lisboa e Porto, e a das Sette-Casas, renderam no mez passado 428:366$056 réis, 181:339$547 a1.ª—171:012$196 a2.ª—76:011$313 a última.

No mez de novembro despacharam-se nas Sette-Casas, para consummo 2.192 pipas de vinho, 398 d'azeite, 23.407 arrobas de carne de vacca, 8.420 de porco e 497 de vitella e carneiro, e fructas e vegetaes no valor de 32:405$800 réis: para exportação 1,529 pipas de vinho.

A receita do Asylo da mendicidade no mez de novembro somma 1:225$439 réis além de diversos donativos em generos: a despeza importou em 1:317$736 réis. Ficaram existindo 282 homens e 226 mulheres— total 508.

Desgraçadamente mencionam-se mais dois suicidios n'esta semana, em Lisboa.

O preço dos cereaes no Minho tem crescido, e fazem-se importantes compras, em razão da exportação.

Os elegantes do Porto tomaram a dianteira aos de Lisboa. A assemblea-portuense deu o seu primeiro baile d'inverno na noite de 9 do corrente. Por ca nem n'isso se falla ainda.

Sabemos que Monsignor di Pietro, Nuncio de Sua Santidade em Lisboa, que comprára em leilão a livraria do Dr. Brotero, acaba de a offerecer generosamente ao govêrno, e que este a mandou entrar na Bibliotheca-pública d'esta cidade.

O bazar annunciado na Revista n.º 22, abriu-se effectivamente no palacio do duque de Palmella, ao Calhariz, por trez dias a contar do dia d'hontem (16). Figuraram-se lojas n'uma das salas do palacio, onde as sr.as duqueza de Palmella, marqueza de Fronteira, condessas de Rio-maior, Lapa, Sobral, e Lavradio, D. Henriqueta Oyenhausen, D. Anna da Camara e madame Lecesne, vendem os objectos que foram offerecidos para este acto philantropico, por muitas pessoas, entre éstas Suas Magestades Fidelissimas e Imperial, S. A. R. a Sr.ª Infanta D. Isabel Maria, a Rainha dos Francezes e a da Belgica, algumas Princezas da Baviera etc. Suas Magestades honraram hontem mesmo o bazar com a Sua Visita. O Duque mandou fazer uma exposição d'objectos d'arte, n'outra sala do mesmo palacio, para dispertar mais a curiosidade publica e obter-se maior producto de beneficencia, mediante a somma porque se compra o bilhete que faculta a entrada n'esta galeria.

O Sr. B. J. de Senna Freitas, distincto collaborador da Revista, acha-se viajando no Algarve occupado em importantes investigações archeologicas. Daremos mais larga conta d'este objecto.

Acaba de chegar de França um ingenheiro distincto, M. Gayffier, contractado pela Companhia das Obras-publicas, para tomar a direcção superior dos trabalhos a cargo da mesma Companhia.

Domingo (21) diz-se que será a 1.ª representação em San'Carlos da Opera nova de Donizetti — *Maria Padilha*; em que entrarão as Sr.as Lanzi e Grimoldi, o baixo Salandri, e debutará o tenor Landi.

M. Laribeau e a sua companhia deram a última representação no Circo na noite de 15 do corrente. M. Laribeau vai ao Porto, onde se demorará até março, e regressará a Lisboa pelos principios d'abril.

A maior novidade d'esta semana é o julgamento da mais importante causa do fôro portuguez pelo supremo tribunal de justiça. O Sr. Conde do Farrobo a quem fôra concedido o contracto do Tabaco por dôze annos, havia-o sublocado á sociedade representada pelo Sr. Pimenta, antes da extincção do papel-moeda. Em consequencia d'esta ser legislada, pertendeu o Sr. Pimenta ser indemnisado pela differença resultante da moeda em que tinha a pagar a sua sublocação; e assim o requereu ao govêrno, que consultando o parlamento, foi votado que a indemnisação não podia ter lugar; talvez porque o onus que gravava o Sr. Pimenta se devesse considerar como precalso d'um contracto cujos proes tambem desfructaria se os houvera. O Sr Pimenta demandou o govêrno, mas desistiu da sua acção, e intentou-a contra o Sr. Conde do Farrobo. O Sr. Dr. Ferreira Lima em 1.ª instancia sentenciou a favor da indemnisação. A Relação confirmou; mas o Sr. Conde embargou: um juiz foi dado por suspeito para a decisão dos embargos, e entrando novo juiz no julgamento resultou haver maioria contra a indemnisação. O Sr. Pimenta pediu revista, foi-lhe concedida; mas a Relação do Porto confirmou a sentença. O Sr. Pimenta pede nova revista, que ultimamente lhe tornou a ser concedida. N'este estado a causa não está finda por ora: mas muito mal-figurada para o Sr. Conde do Farrobo. Calcula-se que o valor da indemnisação orçará por 800:000$ rs. Sem entrarmos n'uma questão em que somos leigos, diremos todavia, que se n'este estado de coisas as sympathias públicas que se teem desinvolvido a favor do Sr. Conde do Farrobo, são capazes (como nos parece) de consolar n'uma desfortuna, S. Ex.ª póde ter ésta consolação em toda a sua plenitude. O Sr. Conde do Farrobo é um dos capitalistas e proprietarios mais uteis ao paiz; o seu ânimo generoso, industrial, imprehendor, é reconhecido e comprovado de mil fórmas no paiz inteiro. S. Ex.ª poderá soffrer um grande desfalque na sua fortuna, mas nunca hade experimentar senão cada vez maior reconhecimento público pelas suas virtudes civicas.

O BAZAR.

333 Foram tres dias bellos, cheios, interessantes, aquelles tres dias do Bazar no palacio do Sr. Duque de Palmella: tres dias como ha poucos em Lisboa, terra que o ceo quiz fazer tam alegre e animada, e que a gente faz tam triste. — E nem eu sei se é a gente, se que é, não o sei dizer bem talvez, mas sinto-o e sente-o quemquer. Sôbretudo, aquella porção escolhida e rara de uma capital, a que por excellencia se chama a sociedade, em Lisboa não é — digamos a verdade — não é alegre. N'um hynverno terá seis ou sette bailes, outros tantos jautares, e talvez um egual número de soirées em que se reuna, em que se incontrem uns aos outros.

Mas com isto e com o theatro italiano, está ditto tudo.

E isto tudo é de noite: para o dia que ha? Nada. Passeiar a pé não vai; de carroagem não tem aonde. Galerias, museus, exposições, não as ha. Os que a devoção ou o gôsto podesse levar ás festividades de Egreja, não ouvem lá senão pedaços d'operas — sérias e não sérias. Dos sermões não quero fallar. Concertos, nem particulares nem publicos, não se usam: spectaculos de arte em que a instrucção se una ao recreio... so se forem os toiros e os cavallinhos. Prazeres em que entre o espirito, reuniões em que o talento faça alguma coisa, para que o ingenho contribua, em que a alma ganhe... eu não sei... Peço perdão ao elegante theatro das Larangeiras, estabelecimento de principe que não tem segundo talvez na Europa. — Porêm esse é raro que abra as suas hospedeiras portas no hynverno. Tambem peço perdão á nascente sociedade Thalia que muito promette.

Mas tudo isto ainda é bem pouco, e repitto que tudo é para a noite, ou mais exactamente para algumas noites. Queixam-se os extrangeiros que não incontram senhoras nas ruas de Lisboa: onde hãode ellas ir?

Os tres dias do Bazar no palacio do Calhariz mostraram bem claramente que o que faz Lisboa triste, é a falta de uma occupação elegante para aquelles, e principalmente para aquellas, que não podem ter outra, mas que podem e devem ser o exemplo da gentileza, o modêlo da graça, formar e polir assim os habitos de um povo, trazê-lo á communhão das nações illustradas e generosas. Provaram mais aquelles tres dias, e é: que os nobres exemplos facilmente se seguem aqui, e que os principes e os grandes podem contar sempre com a cooperação pública em a solicitando para qualquer fim util e pio com a graciosa e amavel dedicação de que aquelles tres dias foram documento.

O antigo palacio do Calhariz do nobre Duque de Palmella, actualmente restaurado com todo o splendor, e que ja incerra muitos objectos d'arte de grande preço, foi pôsto á disposição das Senhoras que dirigem e protegem as casas d'asylo para a infancia desvalida.

Esta benemerita sociedade foi fundada por S. M. I. o Sr. D. Pedro de Saudosa Memoria: e hoje é presidida por S. M. a Imperatriz viuva do Brazil. Não precisa dizer-se mais do instituto nem da sua direcção.

N'uma das salas do palacio se collocaram em fórma de Bazar duas ordens de mesas cubertas de damasco verde, e sobre ellas uma infinidade de objectos, muitos de riqueza e de gôsto, todos de preço pelas mãos que os tinham fabricado. Em geral era lavor de senhoras. E alli se viam obras de tapeçaria de todo o genero, contribuição de rainhas e de princezas, de muitas senhoras de primeira distincção nacionaes e extrangeiras.

S. M. a rainha, S. M. a imperatriz, S. A. I. a senhora princeza Amelia, SS. MM. as rainhas de França e da Belgica, e varias outras princezas offereceram preciosas obras de seu proprio trabalho. S. M. El-rei contribuiu valiosamente com muitas de suas gravuras que não é preciso ser cortesão para admirar porque teem uma graça, um natural, uma facilidade que faria honra a qualquer artista.

Seguiam-se innumeraveis dons de todas as senhoras nobres e elegantes da capital, senão é que do reino. É impossivel contar, quanto mais descrever, as preciosidades que alli se viam em profusão.

Eram umas dôze as mesas; em cada uma d'ellas estavam duas, tres senhòras encarregadas da venda dos objectos que continham. Distinguiam-se entre ellas, a senhora duqueza de Palmella com suas filhas, a senhora duqueza da Terceira com suas sobrinhas (filhas de S. A. R. a Sr.ª infanta D. Anna de Jesus Maria), a senhora marqueza de Fronteira e sua filha, as senhoras condessas de Lavradio, de Lumiares, de Rio-maior, da Ponte, a senhora D. Henriqueta Oyenhausen, dama de S. M., as senhoras D. Maria Margarida de Mello Breyner, D. Julia

Braamcamp, D. Maria Emilia de Saldanha, D. Maria da Conceição Feo e suas filhas, D. Carlota O'Neil.

No tôpo da sala, gelados, fructas, flores, doces. As senhoras condessas da Lapa, e D. Anna da Camara presidiam a ésta mesa.

Será preciso dizer que a elegancia das toilletes e das maneiras, que a amabilidade de todas estas senhoras, diziam facilmente a'qualquer extrangeiro que alli estava o centro de todo o *rank and fashion* do paiz?

No primeiro dos tres dias, terça-feira, e logo que se abriu, S. M. a Imperatriz com S. A. I. a Princeza Amelia visitou a Bazar, e fizeram largas compras; pouco depois SS. MM. FF. a Rainha e Elrei com SS. AA. RR. o Principe D. Pedro e o Infante D. João e com S. A. R. o Duque Irmão d'Elrei, que do mesmo modo compraram uma quantidade de objectos.

Quasi toda a gente conhecida de Lisboa seguiu o nobre exemplo: nos tres dias o Bazar apurou para aquella piedosissima obra muito acima de tres contos de réis.

A' entrada dos salões uma banda de musica militar tocava continuamente. A melhor ordem, a mais perfeita polidez reinava em tudo. É a mais bella coisa que se ve em Lisboa ha muitos annos.

E tudo se póde fazer em Lisboa, em se sabendo fazer; é assim.

Éstas linhas sôbre o Bazar do Calhariz são traduzidas das notas de um viajante que as lançára no seu album para memoria. Não acabam aqui; e traduzirei o resto para outra vez. *A. G.*

CONHECIMENTOS UTEIS.

SEGUROS DE VIDAS.

334 O nosso paiz vai ser dotado com um estabelecimento que é resultado de um alto grau de civilisação nos outros paizes onde elle se incontra. O *seguro de vidas* tem por fim dar recursos ao homem previdente em certas epochas criticas de sua vida., ou fornecel-os áquellas pessoas a quem elle deseja ainda ser util depois da sua morte.

Ésta instituição benefica vai ser introduzida em Portugal pelo Sr. Claudio Adriano da Costa, que acaba de obter do governo de Sua Magestade a approvação de uma companhia, que denominou *providencia*, para *seguros de vidas, annuidades a termo e vitalicias, sobrevivencias, reversões etc.*, assim como um privilegio por quinze annos para uso das taboas de sua composição, e que hão de servir para ésta companhia podêr funccionar.

Se o comportasse a pouca extensão d'este jornal (attendendo á sua universalidade) aqui transcreveria o relatorio, profundamente elaborado, que acaba de ser impresso e precede as trinta taboas a que me referi. Transcreverei porém unicamente o último paragrapho, e em seguida o programma da companhia.

. . . .

« É verdade que já existem algumas companhias que se dispoem a fazer estes contractos que nós indicamos, mas para que as suas disposições se verificassem praticamente era mister que apresentassem uma variedade de tal de taboas, e desinvolvessem as suas vantagens, exhibindo n'ellas e na sua composição, o pensamento que preenche o nosso programma, da dotação, da beneficencia, e do patrimonio. O pai póde achar o dote da sua filha nas nossas taboas, o ancião o arrimo da sua velhice, o principiante o capital para o seu futuro estabelecimento. N'estas taboas está a caixa economica, está o monte-pio, e está o monte-de-piedade.»

PROGRAMMA DA COMPANHIA PROVIDENCIA.

Seguros de vidas, annuidades a termo e vitalicias, sobrevivencias, reversões etc.

Ésta sociedade, cuja responsabilidade se não limita, recebe os premios declarados nas taboas annexas, durante a vida do individuo segurado, para entregar o capital da apolice, tres mezes depois do seu vencimento, a quem competir o seu embolso, seja por testamento, ou herança.

O segurado não é obrigado, nem deve fazer declaração alguma sobre as suas intenções ou disposições a este respeito.

A sociedade tambem segura a vida de qualquer individuo por um ou mais annos, em quanto pende a solução de qualquer negocio, causa, litigio, ou divida.

Igualmente estabelecem em beneficio da viuva ou viuvo, e filhos do uso-fructuario ou uso-fructuaria, o mesmo ou parte do rendimento de quaesquer bens, que gozava a familia durante a vida do seu chefe. O mesmo fará á familia do empregado, pela totalidade ou parte do seu ordenado; tudo segundo as condicções que se estipularem; incluindo tanto na primeira como na segunda especie, todos os casos que se poderem subjeitar a convenção.

Tambem toma o risco de vida de qualquer descendente, para elle deixar, ou um capital ou uma annuidade, ao ascendente, em caso de morte do descendente antes do ascendente.

Fará outro sim seguro sobre uma vida qualquer, sem ser a do proprio segurado.

Acceitará igualmente seguro em parceria por umas poucas de vidas, reservando parte, ou toda a apolice, para a ultima restante, ou designados sobreviventes.

Em todas as instancias, que antecedem, não tendo caducado a apolice, por falta de pagamento do premio no tempo competente, e não querendo, ou não podendo, o segurado ou segurados, continuar a pagar mais premios, a sociedade lhe comprará os annos de interesse que sobre a mesma apolice ja estiverem vencidos.

Querendo porém continuar, a sociedade emprestará ao segurado uma parte do valor dos premios ja pagos, hypothecando elle a apolice. Ésta concessão não suspenderá porém a continuação do pagamento dos premios que se forem vencendo, para a apolice continuar a ter vigor.

Assim como a sociedade recebe premios para pagar capital, tambem recebe capital para pagar annuidades

des e qualquer segurado, durante a sua vida, na conformidade da respectiva tabella.

O pagamento d'estas annuidades póde ficar demorado, para os juros da mora se accumularem ao capital, e tornarem-se aquellas maiores pelo augmento do capital e pelo menor numero de annos, que terão de se pagar logo que tiver de começar a verificar-se o pagamento das ditas annuidades.

Não querendo o annuitante receber toda a importancia da annuidade, a que teria direito em sua vida, e querendo deixar uma parte d'ella em successão, tambem o poderá fazer.

A reserva em annuidade recahindo sobre menores, poderá ser demorada os annos que *forem* convencionados, ou converter-se outra vez em capital. Tambem se póde convencionar a repartição da annuidade entre conjuge supervivente e filhos.

Os premios que se devem pagar podem ser, ou somente na proporção das idades, ou ascendentes, por um determinado numero de annos, e descendentes nos que se seguirem: podem tambem ser pagos aos trimestres, semestres, annualmente, ou por uma vez por inteiro.

As garantias aos segurados pelo valor das suas apolices, é, além do capital da companhia, o emprego do equivalente dos seguros em fundos publicos, e valores de immediata realisação.

Em epocha determinada de annos, a qual a experiencia ha de marcar, dar-se-ha para conhecimento e satisfação dos segurados, balanço ao estado da companhia, e communicar-se-ha a cada um d'elles o seu resultado.

Seria longo enumerar todas as vantagens d'esta instituição; farei so menção d'a lumas, as de mais facil intelligencia:

1.ª Podem-se augmentar os proprios rendimentos, e assegural-os para a velhice, desgraça ou doença.

2.ª Póde deixar se uma renda ou um capital, a quem quer que seja, depois da morte.

3.ª Pode-se assegurar um rendimento qualquer dependente da existencia de um segundo, segurando a vida d'este.

4.ª Póde fazer-se um patrimonio aos filhos, e assegurar um dote ás filhas, segurando-lhes as vidas quando nascem.

5.ª Podem-se obter quantias emprestadas, ou assegurar os credores do pagamento de seus creditos.

Assim, as combinações a que podem dar logar os *seguros* são muito numerosas; podem-se applicar a todas as necessidades e a todas as existencias.

Ja se vê pois, que os *seguros de vidas* são um contracto pelo qual uma companhia de capitalistas se obriga a pagar áquelle que em seus cofres depositou certa somma menor, ou que para elles contribue com certa prestação ainda menor — a elle proprio, ou ás pessoas ou estabelecimentos por elle indicados, e conforme os ajustes previamente feitos — um fundo superior ou uma renda annual etc. maior, e segundo foi a somma ou prestação entregue, calculada pelas taboas porque a companhia se governa e que são as bases e condições d'este contracto.

Estas companhias acham-se estabelecidas na Hollanda, na Dinamarca, na Allemanha, na França e na Inglaterra. É principalmente n'este último paiz que ellas se teem propagado e que teem produzido incalculaveis vantagens. A primeira companhia d'esta natureza foi instituida na Inglaterra com o nome de *sociedade amiga*, em 1708, e ainda hoje existe: em 1720 fundaram-se mais duas, e pouco depois organisou-se a famosa companhia *Equitable*, conhecida em toda a parte do mundo, e cujos ganhos teem sido tão consideraveis, que apesar das distribuições decennaes aos seus accionistas, tem chegado a ter um fundo accumulado de doze milhões sterlinos!

No 2.º v. da REVISTA, art. 1971, tractando eu da primeira caixa-economica que se estabeleceu em Portugal, e fallando sôbre as vantagens dos estabelecimentos d'esta natureza, disse incidentemente: «...... ..... eu lembraria o negocio de *seguros*, principalmente de *vidas*, especie de monte-pio, assim duplicadamente util para seguradores e segurados. Este genero de commercio ainda não praticado entre nós, tem infinitas vantagens a innumeraveis respeitos.» Mas ja, talvez, por esse tempo, em harmonia com os meus desejos, trabalhava o sr. C. A. da Costa na confecção das suas *taboas*, trabalho que a todos os respeitos lhe dá grande honra. Estas taboas são resultado da combinação das leis da mortalidade humana com a accumulação dos interesses.

Não me demorarei porêm com uma theoria arida que não interessará a maior parte dos leitores. Os calculos mathematicos auxiliados pela arithmetica social, ensinam a fazer éstas taboas; mas carece-se de um espirito muito exacto e grande experiencia, para applicação dos principios. A mortalidade varía nos diversos paizes e até em differentes cidades; a civilisação, o progresso das artes e das sciencias, os habitos os costumes etc. modificam muito as suas leis geraes. E' necessario conhecer muito o paiz, seu clima, doenças endemicas, classes e costumes dos habitantes, sua statistica etc. etc. para organisar similhantes taboas.

Concluirei pois, hoje, por felicitar o paiz pela creação de tão proveitoso estabelecimento. Os *seguros* podem chegar a todas as classes: elles não exigem grandes sacrificios na actualidade, so demandam economias: inspiram o gôsto do trabalho, da ordem e da industria; e com pouco se póde grangear uma boa fortuna. Concorrem muito para augmento da prosperidade pública pela multiplicidade d'interesses que abrangem. O dinheiro do pobre, o que poupa o criado, o operario, o artifice, o empregado, as economias do homem previdente, os sobejos do ricco, tudo é admittido para chegar a produzir com o tempo vantagens certas e da maior ponderação; assegurando, por exemplo ao homem laborioso, uma velhice tranquilla, exempta dos soffrimentos da penuria; ao bom pai-de-familia, uma morte descançada pela certeza de que sua viuva e filhos não serão victimas dos horrores da indigencia; ao artifice, um fundo sufficiente para o seu estabelecimento futuro; ao empregado-público certo aspecto de independencia; aos filhos, um patrimonio; ás filhas, um dote; e a todos, uma subsistencia ambicionada e indispensavel, na doença ou na desgraça.

REFORMA DO ENSINO E EXERCICIO DA MEDICINA EM FRANÇA.

Artigo 3.º

335 O grande congresso medico da França insta-

lado em Paris, no dia primeiro de novembro, encerrou as suas sessões no dia 15 do mesmo mez.

Os votos adoptados pelo congresso são os seguintes:

« Instituição de uma cadeira de historia e de philosophia da medicina :

« Curso d'anatomia pathologica na faculdade de Montpellier :

« Hospitaes especiaes, aproveitados para um ensino official :

« Ensino mais prático nas escholas secundarias;

« Estas escholas secundarias inteiramente subordinadas á direcção universitaria :

« Creação de escholas secundarias na Corsega e em Argel :

« Liberdade do ensino medico especificada na lei e favorecida por todos os meios materiaes possiveis ;

« Principio do concurso admittido sem restricções, com garantias maiores e admissão de práticos de fóra das corporações encarregadas do ensino, para a formação dos juris ;

« Funcções dos professores temporarios ;

« Melhoramento na instituição dos aggregados ;

« Maiores provas exigidas dos alumnos que seguem os cursos ;

« Cinco annos d'estudos ;

« Serviço activo de todos os alumnos nos hospitaes:

« Admissão dos práticos na sustentação das theses :

« Exames mais praticos :

« Sexto exame sobre a historia e a philosophia medica ;

« A suppressão completa e radical de uma segunda ordem de medicos.

» Uma fixação, mais em harmonia com nossos serviços, dos honorarios concedidos pela lei ao medico que serve em virtude de uma requisição judiciaria ;

« A prescripção quinquenaria para os honorarios :

« Privilegios melhor definidos sobre as custas da ultima doença :

» O medonho phantasma da responsabilidade medica desapparecendo á luz de uma interpretação logica e moral ;

« A obrigação do segredo abandonada á consciencia somente :

« O exercicio illegal definido, e mais severamente punido :

« Os abusos e delictos no exercicio da arte tornados quasi impossiveis por uma penalidade severa ;

« A instituicção de conselhos medicos encarregados de velar na dignidade e moralidade da arte:

« A instituição das parteiras levada á altura das necessidades sociaes, ennobrecida pela instrucção e consideração :

« As funcções dos medicos dos hospitaes serão temporarias :

« O concurso mais largamente introduzido, para os logares retribuidos ou honorificos que os medicos podem servir :

« Finalmente, o grande principio da associação proclamada n'este recinto, e entregue a uma organisação immediata. » *National*. 17 *Nov*. 1845.

Julgámo-nos obrigados a dar aos nossos leitores este *ultimatum* do congresso medico francez, como complemento do que ja lhes temos dado nos nossos números anteriores em dois artigos sobre isto. O que fazemos gostosos e ápressa, logo que nos chegou á mão: reservando-nos para melhor occasião o mais que nos parecer communicar-lhes de interesse sobre materia tão importante.

Jacinto Luiz Amaral Frazão.

NOVOS PROCESSOS MECANICOS NO CURTIMENTO DAS PELLES.

336 Os aperfeiçoamentos que propomos para curtimento das pelles, consistem em novas disposições applicadas a certos apparelhos girantes, que permittem mergulhar as pelles no liquido do cortume, e de as immergir successivamente de maneira que durante o tempo da immersão assentem e se apertem umas sôbre as outras; mas que quando mergulhadas se conservem isoladas nadando no liquido. D'aqui resulta que as pelles submergidas assim em estados alternativos de compressão e tensão pelo seu proprio pêso, abrem ou fecham os poros, e se espremem parcialmente do liquido embebido, ficando de novo dispostas a absorver mais por via d'attracção capillar, quando de novo se immergem, se suspendem no liquido, e se subtrahem a pressão que exercem umas sôbre outras. Além d'isto procurou-se n'estes processos favorecer ainda os effeitos d'endosmoso e exosmoso, agitando as pelles em quanto estão á tona, ou projectando o liquido em movimento sôbre ellas, para as ter constantemente em contacto com liquido novo.

Ja se tem proposto diversos methodos para produzir os effeitos acima indicados; mas todos apresentam estes inconvenientes: ou apparelhos muito dispendiosos, ou processos que exigem tempo consideravel, ou enfim difficuldade de bem operar. O nosso processo parece-nos mais simples, mais accelerado e mais vantajoso, que os inventados até hoje; ao passo que produz um excellente coiro. Um de nós, M. Cox, ja tem privilegio para podêr applicar um cylindro ôcco, ou tambor, dividido em repartimentos, que partem do centro para a circumpherencia, nos quaes se introduzem as pelles e o liquido. As pelles contidas assim pelos divisorios e pela superficie concava do cylindro, não podem escapar-se quando a machina gira em um tanque ou pia, que contenha uma dissolução de tan, que penetra na roda pelas convenientes aberturas. Equilibra-se quanto é possivel o pêso das pelles em cada repartimento, afim de mais facilmente podêr manobrar o apparelho.

O mesmo M. Cox ja tinha anteriormente uma patente por um processo que consiste em suspender a um rolo, ou qualquer outro solido, um ou muitos suspensorios, em que as pelles, dispostas umas sôbre outras, ficassem dependuradas verticalmente quando são mergulhadas no liquido, afim de favorecer o curtimento, e economisar o espaço assim como o liquido.

Cumpre porém observar que, servindo-nos d'uma roda no cylindro concavo, dividido em repartimentos, não se póde operar de uma vez senão em pequeno numero de pelles ; e que com o systema dos suspensorios passados ao rôlo, é impossivel, mesmo quando não houvesse senão um so suspensorio, conservar as pelles em posição direita e uniforme, excepto se empregassemos homens occupados incessantemente a movel-as, impurral-as e levantal-as, em differentes direcções, para emendar os seus desvios e obstar a que se accumulem n'uma extremidade do rolo, se encrespem, ou

deteriorem ou quebrem a machina cahindo em massa sobre os apoios etc.

O que hoje propomos, serve de remedio a estes prejuizos. Eis aqui as novas disposições:

Tambem empregâmos umas vezes um cylindro concavo dividido em repartimentos mais ou menos numerosos, que partem do centro para a circumpherencia; outras vezes, uma sorte de volante, um tambor quadrado, um solido, um prisma de muitas faces, que fazemos girar ou contínua ou intermittente, regular ou irregularmente; mas o nosso processo differe pela maneira com que atâmos ou segurâmos as pelles, separada ou conjuntamente, por meio de fios ou ligaduras adequadas á circumpherencia, parte convexa ou superficie exterior dos cylindros, rolos, solidos ocos ou volantes etc., que fazemos girar. Cada pelle é atada com preferencia pela cabeça com muitos nós parallelos ao eixo do corpo girante, e as pelles se conservam assim o mais estendidas e chatas que é possivel.

Ata-se grande numero de pelles sobre a superficie d'este solido, um cylindro por exemplo, em distancia de 25 a 30 millimetros, que se mergulha até ao eixo no liquido de *tan* dentro de uma pia; as pelles são alternativamente immergidas e no momento em que passam pelo liquido pendem verticalmente, ou quasi, da peripheria da semicircumpherencia que se acha mergulhada, e ficam expostas em toda a extensão da sua superficie á acção do liquido, e os seus poros se embebem mais facilmente por uma ou outra acção capillar Por outra parte, á proporção que o cylindro gira as pelles sahem do liquido, deitam-se umas sobre as outras, comprimem-se de maneira que espremem a porção do liquido que lhes enche os poros, e assim se preparam para absorver outro liquido fresco e saturado, no momento em que entram na pia que o contém.

Intenda-se que é necessario que o cylindro apresente um desenvolvimento e superficie bastante consideravel para que uma pelle com todo o seu cumprimento o não possa cobrir todo: d'outra maneira a carga das pelles de que elle é guarnecido não poderia ser arranjada nem cahir convenientemente e a proposito; o que faria com que ellas não ficassem completamente em contacto com o liquido durante a sua passagem.

O cumprimento do cylindro ou a largura das divisões, braços etc., deve ser tal que as pelles possam ficar quasi estiradas; e um solido de 1 a 2 metros ou diametros sobre 2 de cumprimento, nos parece ser a dimensão mais adequada para as pelles ordinarias. Este solido com éstas dimensões póde ser carregado com 200 a 500 pelles, pouco mais ou menos. Tambem se podem ligar as pelles pelas duas extremidades á circumpherencia do cylindro; e então não é preciso senão a metade da profundidade ordinaria na pia do liquido; mas tambem não se deve passar de uma vez senão menos da metade de pelles.

Se a experiencia tem demonstrado que este movimento das pelles no liquido, e éstas frequentes alternativas de immersão e submersão, apresentavam vantagens; acha-se tambem que é vantajoso imprimir movimento ao liquido e fazel-o circular por entre as pelles durante a sua passagem, por via de uma bomba ou qualquer outro meio analogo. É assim que se pode trasfegar todo o liquido, deixar as pelles em sêcco, e depois, passado certo intervallo de tempo, introduzir de novo este liquido, e estabelecer assim em todos os tanques ou pias um serviço economico fundado nas leis da hydrostatica.

O tempo da immersão e da submersão das pelles fica ao juizo do fabricante; mas em geral considerâmos que immersões e submersões alternativas de hora em hora, tem a frequencia sufficiente.

Todas as nossas machinas são construidas de maneira que as peças ou travessas, a que se ligam as pelles, são moveis, e podem ser de tirar e pôr, o que permitte transportar facilmente as pelles d'um tanque para outro, ou mudar a sua posição relativa.

Se se vir que as pelles tem disposição para cahir no liquido ou na pia em massa ou de maneira irregular, introduz-se-lhe um rolo de fricção, com movimento vagaroso e resistente, que sirva de as indereitar e para que não fujam senão pouco a pouco.

Diremos finalmente que os nossos meios mecanicos se applicam tanto para a preparação dos coiros, para a tintura, para a passagem pelo summagre etc, das pelles, como para o curtimento, modificando simplesmente segundo a necessidade, a marcha das operações.

J. e Cox, curtidores.

PARTE LITTERARIA.

DO MAGNETISMO ANIMAL, CONSIDERADO COMO MACHINA POETICA.

337 Os que se teem dado a cultivar as bellas-letras sabem que toda a ficção, para se tornar interessante, deve ter quatro qualidades principaes, que vem a ser: verosimilhança, instrucção, deleite e maravilha; e que ésta última consiste no que é fóra do curso ordinario das coisas e dos successos, incluindo não so a immediata intervenção de alguma divindade, o que tem o nome de machina poetica, senão tambem os presagios, os encantamentos, os oraculos, os sonhos e outras coisas similhantes, que alguns nomeam por machinas medianas: o que é essencial e indispensavel; porque de nada se deixa attrahir, e captivar a attenção como do *maravilhoso*: por maneira que tudo o que chega a ser comprehendido, cessa ordinariamente de ser apreciado.

Entrais ao espectaculo theatral e ficais embevecidos no que alli se representa. O raio lampeja; o trovão rebomba; os mares acapellados ameaçam de subverter até os mesmos espectadores. Ora os mortos, surgindo ao pallido reflexo do luar, doudejam no cemiterio, travados em dança descomposta: ora a nuvem que desceu opaca e tenebrosa, rasga de subito, e um genio glorioso e refulgente vos deslumbra os olhos. O individuo, que n'esse mesmo dia encontrastes, sem que vos merecèsse reparo, é Semiramis, arquejando ante o spectro do consorte; é Zopiro, fulminado sob o punhal phrenetico, e parricida; é Faiel, excedendo o phrenesi do ciume além das raias da verosimilhança. Se porém tiverdes entrado na região dos bastidores, e d'alli voltardes para a platea, ja iniciado nos segredos d'aquelle raio, d'aquellas borrascas, em fim, de todas as transformações a que assististes, eu vos fico que a meio espectaculo bocejareis, aborrecido e desencantado.

Vemos na personagem celebre, precedida pela sua grandiosa fama, um ente privilegiado, e quasi sôbre-natural; porém, se mais adentro penetrarmos nos arcanos do seu viver domestico, que de coisas triviaes e communs! quantas incoherencias! que desillusão! D'aqui vem a maxima de que ninguem passa por heroe na opinião do seu guarda-roupa.

Da-se tractos ao juizo para obter a solução do problema empeçado e renitente; e apenas solvida a questão, succede logo a displicencia: — Pois que, proferimos, não estava em mais a difficuldade?

A infancia, diz o illustre auctor de Atala, é feliz porque ignora; a velhice, triste e aborrecida porque muito sabe.

Religião sem mysterios nunca a houve, e a que não tem mysterios deixa de ser religião. A cerva de Sertorio; a nympha Egeria, de Numa Pompilio; o anjo Gabriel, de Mahomet; o facho, de Timoleão; o carro de Péricles; o escudo de Epaminondas, e outras que taes phantasmagorias, comprovam que ésta verdade sempre foi conhecida, e muitas vezes habilmente aproveitada pelos grandes homens. A deusa Razão, criada pela revolução franceza de 1789, nunca foi adorada pela razão; e o parisiense, que negava a existencia de Deus, e mofava dos milagres do Evangelho, ia a casa da Lenormand consultar o seu destino, e embelezar-se com os lances da cartomancia. O mesmo Napoleão, se acreditarmos mademoiselle Sophia Gay, não desestimava, antes sorria, *avec complaisance*, quando a amavel Josephina lhe prognosticava da parte da sagaz adivinha, novos louros e triumphos; mas que muito, se Lady Stanhope, acreditava na astrologia, e Tycho Brae tinha medo de apparições? Voltaire, que passou a vida a dissertar contra o *maravilhoso*, conheceu, quando compoz a Henriada, que o não podia escusar. É certo que, para salvar a sua reputação de incredulo, recorreu quanto poude, *á* allegoria, soccorrendo-se, para a sustentar, a toda a pompa das imagens, e palavras:

« Descends du haut des Cieux, auguste Verité. »
« Desce dos altos Ceos, Verdade augusta. »

Mas ésta verdade, cognominada augusta, e baixada *dos altos ceos*, accendeu tanto os animos dos leitores, como as verdades dos tractados de physica ou de mathematica. Não, não fica o espirito saciado com ficções simbolicas, quer, exige entes bem positivos, e ao mesmo tempo bem extraordinarios.

« De disforme, e grandissima statura,
« O rosto macillento, a barba squalida. »

Tal é a natureza do *maravilhoso*, ou mais depressa a indole peculiar, e propensão congenita da nossa alma, e n'isto mesmo vai coherente com a sua marcha ordinaria e philosophica; por quanto adquirir conhecimento é posse, e a posse gera quasi sempre o menospreso.

Ora o seculo XIX tão progressista, e ricco em descobertas e aperfeiçoamentos, achava-se inteiramente pobre e desfalcado d'este impulso attractivo, d'este encanto irresistivel para todas as idades e considerações. Sim, o *maravilhoso* estava extincto: extincto sem recurso, e para sempre: Quem havia ahi, que ainda acreditasse em fadas, duendes, trasgos, bruxas, phantasmas de finados, lobis-homens, ou mouras encantadas? Alguem da plebe, quando muito, e a plebe não dispende tempo em leituras. Com tudo, é tal o podêr do que excede a humana comprehensão, que apezar do actual scepticismo, sempre nos attrahia, e deleitava no poema, e no romance. Pondo de parte o primeiro, que entre nós se acha ao presente stacionario, tractaremos so do segundo, o qual temos visto elevar-se a mais subido grau de primor e perfeição.

Deixando o que ácerca d'estas producções do ingenho, diz Boileau, é indubitavel que o romance nasceu e se criou, cercado de prestigios, e fascinações. Theagenes e Clariclea, o mais antigo de que temos noticia, abre a scena pela evocação da velha nigromante, e prosegue cheio de oraculos e encantamentos. Correm tempos, e desde as aventuras attribuidas a Aristoteles (que no IV seculo foram as delicias de todas as classes, incluindo a corte) até ao imperador Clarimundo, de João de Barros, ahi vemos o romance mettido por cavernas, palacios, e castellos bem povoados de fadas, encantadores, e toda a sorte de magia. Porém tanto repizou as mesmas aventuras, — cujo remate era desde logo adivinhado: pois sempre acabavam pela victoria do cavalleiro sôbre o gigante; e nada menos que partindo-o com uma cutilada de meio a meio: isto *por uma vez so*; por que até hoje, salvo melhores informações, ainda nenhum palladino-montado no seu hypogripho, trouxe la do alto a preciosa receita dos arebanjos de Milton — Tanto, pois, andou e desandou por um circulo vicioso que chegou a tornar-se tedioso por monotono. Mas o romance, em geral, tinha de subsistir, e passada ésta primeira phase, periodo, ou como lhe chamem, ei-lo entrado na idade das paixões delirantes, deixando-o estupendo pelo sentimental, e com o titulo modesto de novella, posto a suspirar monologos, e a escrever epistolas amorosas. Não ganhou na troca, e a Zelia no deserto, a Pamella Andrews, e outras quejandas insulsas contemporaneas da Walsa figurada, estavam bem longe do mimo original das Floripes, e Orianas. Vinha de largo um Gil Blas de Santilhana, ensinando o leitor a conduzir-se em todas as situações da vida; uma Carolina de Licthfield, modêlo de graças e candura; uma orina, amavel cicerone da formosa Italia.

« . . . . . . Udrallo il bel paese,
Ch'Apenin parte, e il mar circonda, e l'Alpe »

Mas, de envolta com estas, quantas outras insipidas, ou altamente perigosas! Todos sabem que Werter foi o grande concitador de suicidios.

Se o enredo constava de moirisma tinha ao menos a vantagem de ser comprehendido, sem que fosse necessario abrir o livro. A heroina ia por passos contados e sabidos, dar comsigo na reclusão do harem; o amante, na cultura do jardim do serralho, para ajudante do jardineiro, bom velho, que por commiseração o agasalhára, e admittira ao seu mister. Seguia-se um relampejar d'olhos, atravez da miuda gelosia: subornava-se um escravo, para facilitar a entrevista; e por conclusão, ou punhalada do moiro, que até alli fizera a vista grossa, mas estava no seu direito; ou evasiva do par afortunado, que pela porta secreta vinha, com o credo na bôcca, até á praia onde o aguardava a barca de salvação. E o coitado do bacha lá

se ficava jurando pelas barbas, defraudado da moça e do preço por que a comprára no bazar, e ainda, por crescenças, de alguns centos de sequins e pedrarias de valor inestimavel; o que tudo era muito moral, e muito terno, e provocava lagrimas; porém se até o rir, quando aturado cança, quanto mais o chorar?! A novella de sentimento chegou, por tanto, a ser fastidiosa, insupportavel, e quando appareceram as Mil e uma Noites, ataviadas com o seu *maravilhoso*, á moda oriental, foram saudadas e acolhidas com enthusiasmo. Algumas tentativas se fizeram para as imitar; mas não passavam de manequins contrafeitos com o turbante. Isto desesperava os auctores, que, para agradar, não sabiam dar-se a conselho.

Releva notar que por esse tempo os que se davam a compor ou a ler novellas, eram, pela maior parte, capacidades de segunda ordem.

Lançaram-se então os olhos para o passado, e conheceu-se que o *maravilhoso* não decahíra por defeito proprio, antes so pela esterilidade dos escriptores. Uma mulher foi talvez a que primeiro deu na descuberta. Anna Radecliffe sahiu a publico com os seus castellos construidos sobre furnas e subterraneos, onde não falleciam medo, e phantasmas, e o geral applauso, que obteve despertou a attenção dos grandes genios: Walter Scott, Victor Hugo, Frederico Soulié, o Visconde de Arlincourt, Alexandre Dumas, e outros da mesma estofa olharam com reparo, e não se dedignaram de metter a mão no romance. Deram tino de que um genero de composição susceptivel de tudo quanto recende a poesia, valia bem a pena de ser tractado com esmero. A historia, as tradições, a archeologia, tudo foi empregado para o encher e aformosear. Conheceu-se tambem que do *maravilhoso* se não podia prescindir; mas que especie de *maravilhoso*? aqui batia o ponto da difficuldade. Os deuses da fabula estavam dados em fabula, e so podiam figurar, como estatuas, nos jardins! O reinado do califa Aroun Alraschid acabava de passar; Gnomos, Odins, Kelpys, e Vampiros, não tinham entre nós carta de naturalisação. Pactuou-se por tanto com as crianças, e cedeu-se-lhes as fadas, e os genios das Mil e uma Noites, em troca das bruxas, e almas-do-outro-mundo, em que nem ellas mesmas ja acreditavam. Porem era tarde; a mola estava distendida, e frouxa. Algum effeito ainda produziam; como tudo quanto é extraordinario; mas não pleno e cabal, por falta de convicções. Consideremos, sobre isto, o que por nós todos passou, no bom tempo da infancia. Quando juncto do lar incendido, em noites de temporal desfeito, ao som do prantear da chuva e do gemer dos ventos, escutavamos as lendas, que pela centessima vez nos repetia alguma serva carregada de annos e reumathico, estremeciamos de terror a cada esvoaçar da sua alva melena, a cada fuzilar dos seus olhos, onde vinha reflectir-se o fogo que além esbrazeava. Então o spectro da narrativa era sublime e terrivel, por que podia apparecer no melhor do conto: agora, sublime ainda, por sua natureza; terrivel ja não, por que ja não cremos. O arabe, sentado á porta da sua tenda, ou juncto ao poço do deserto, em quanto descançam os camellos, sente a impressão virgem do poema de Antar, que para elle é chronica; o homem do Occidente, que tudo pretende conhecer, ou de tudo duvidar, sorri desdenhosamente ao fechar o livro, que um momento antes lhe roubava, e absorvia o animo.

Mas eis que o *maravilhoso*, quando todos o julgavam morto, renasce em nossos dias sob o aspecto extranho, inopinado, do Magnetismo, dizemos, com todo o horror e evocações do sortilegio; com todo o apparato dos encantamentos, sem esquecer a vara magica e soporifera; finalmente, com toda a irresistivel attracção da causa ignota e impenetravel: capaz de uso e de abuso, como tudo o mais, que existe sobre a terra. Não ja contado como illusão de outras eras, curiosa reminiscencia das aberrações do espirito humano; porém real, positivo, palpavel, e somente impossivel e absurdo para os que não querem crer, por que não querem ver. Este poderoso auxiliar não podia ficar indifferente aos litteratos; e Frederico Soulié, o eximio auctor do Conde de Tolosa, acaba de colher pleno resultado, empregando-o, como machina poetica, na tentativa — *O Magnetisador* — Verdade é que este ensaio ameaça de ser unico; por quanto o celebre romansista como chegou primeiro, escolheu o melhor lote. Não entendemos por isto as profundas considerações sobre os diversos estados da França, desde 1788 até 1830; nem tão pouco a acção, que principiada em um genero facil, até mesmo frivolo, vai gradualmente crescendo em interesse, conduzindo o leitor de surpreza em surpreza, até ás grandiosas scenas do sublime, acabando por excitar em summo grau o terror e a compaixão: so pretendemos fallar do que faz ao nosso assumpto, isto é, do maior pensamento, que elle podia inspirar: — o crime perpetrado, e punido por meio do Magnetismo. — Ninguem deixará de concordar em que será difficil arrojar mais avante a concepção. Todavia, como ja a mina mostrou betá, nem faltam habeis exploradores, é de esperar que alguem mais, e por ventura em nossa terra, se abalance a medir forças com tão robusto e agigantado athleta. O que é bem certo é que para isso haverá tempo de sobejo; por que ésta nova especie de maravilhoso não será tão facil de explicar como o charlatanismo, ou de negar, como a existencia dos spectros e da arte magica. Os effeitos de um tal prodigio, que orça por milagre, todos os podem presenciar, talvez mesmo produzir; porém a sua verdadeira causa somente a saberemos quando se rasgar a cortina do que nunca poderão explicar nem os *effluvios* dos escholasticos, nem a *influencia* de Malebranche, ou a *harmonia* de Leibnitz, isto é, a natureza, e propriedade da materia; a essencia, e attributos do espirito: por outras palavras, quando for resolvida a grande questão das duas substancias, que compoem o homem; o que, n'este baixo mundo, equivale a dizer — Nunca!

João de Mello Pereira.

POEZIA.

PRELUDIOS RELIGIOSOS.

O NASCIMENTO DE JESUS.

« Orietur in diebus ejus justitia
et abundantia pacis.
Psalm.

338 Hossana, hossana, hossana!.... Deus supremo
Meu Deus tres vezes sancto, hossana, hossana!....
Gloria a ti, Jehovah, gloria ao teu nome
La nós ceus, ca na terra absorta e tremula!....
. . . .

Laùdes de Sion, harpa maviosa
Do rei vate, influi-me um puro accorde,
Um som que eleve a Deus o meu delirio.
E affectos que do peito me trasbordam!...
Oh porque me fallece uma palavra
Uma imagem, um symbolo, que dignos,
Meu Deus, sejam de ti, sejam do amado
Filho em que se compraz a essencia eterna? (*)
— Ao universo inteiro coube em sorte
Melodiosa vida; cada atomo,
Cada elemento seu uma harmonia
Disfere, co'as estrellas consonando;
E essa voz do universo é pura e forte,
Essa voz é magnifica e sublime:
— Mas ao homem, Senhor, tudo lhe falta;
Pena, soffre, angustia-se, desvaira,
Quando a alma insoffrida arqueja, anceia,
Como vaga frement, incapelada
Contra a fraga, que aprema, rebramando:
Como a nuvem pejada de coriscos,
Que os pardos horysontes acinzenta,
Sem que resfolgar possam ìnvios raios,
Que lhe refervem no inflammado seio.
....

—

Abri-vos, ceus, abri-vos!... Inclinai-vos
Anjos, dominações! — Ei-lo, adorai-o:
E' o cordeiro de Deus o verbo eterno
Que á terra vem para remir a terra!....
....
....

—

A lua esparge languido socêgo,
E a briza adormecida exhala apenas
Anhelito suave, tão sumido
Como de tenro infante, que no berço
Entregue ao puro somno, inda procura
A terna mãe co'os candidos bracinhos.
— Ilhas de luz refulgem a milhares
N'esse azulado oceano ethereo, immenso,
Que os olhos leva a si, prende, e deslumbra:
E ao vê-las sobre o tope do arvoredo,
La nas faldas do ultimo horysonte,
Disseras aves de ouro, que pairando
N'alta selva, desprendem d'entre as azas
Fulgidos diamantes, que a coroam;
Ou brancas vélas, que no azul dos mares
Vogam serenas, demandando o porto.
É noite, é noite; meiga, resplendente;
Mas callada, callada como um tumulo:
E toda a natureza anciosa, e tremula
Espera com afan, espera.......................
.... — Ouvistes?!......
GLORIA A DEUS NAS ALTURAS, PAZ AOS HOMENS!...
— E o ceu, a terra, os mares, as estrellas,
Um so hymno, um concerto jubiloso,
Uma alegria d'anjos, um ruido
De vagas, um sussurro do arvoredo,
E dos astros o chôro harmonioso
— Astros sem fim — e todos clamam, cantam:
GLORIA A DEUS NAS ALTURAS, PAZ AOS HOMENS!........

—

(*) Hic est filius meus dilectus, in quo mihi complacui.
S. Math.

CHÔRO DOS ANJOS.

Vedes vós esse infante donoso
A prantear, a surrir tão gentil;
Como o sol radiante, e formoso
Em manhan trovejada d'abril?
É vergontea real de Judá,
D'Israel a mais fulgida esperança;
Prysmeo Iris de paz e bonança
No diluvio dos crimes será...
Oh salve, Jehovah!
Gloria a ti, Jehovah, Jehovah!...

—

CHÔRO DE CHERUBINS E SERAPHINS.

Sobre palhas, em gruta sombria,
Jaz o filho de Deus muito amado,
O Messias, o rei sublimado
Na indigente humildade vê o dia!...
O' mysterio d'amor extremado
Que so o homem captar-lhe podia!
Ao que sempre morou no almo ceu,
Ao que ao homem por guarda se dá,
Tanta gloria lhe não concedeu
Jehovah!...
Gloria a ti, Jehovah, Jehovah!...

—

CHÔRO DOS ANJOS.

Mas nós somos perenens cantores,
E ante a face de Deus suspirâmos
Hymnos d'extasi, e arrobo, louvores
Que no aroma d'incensos librâmos:
Nós vivemos de canto e de amor,
Qual dos bosques a pura ávesinha;
Como a mais recente florinha
Perfumâmos a casa ao Senhor!...
— Oh! cantemos, cantemos o Eterno,
Oh! sejamos amor, meigo enlevo
Para ti, que és amor tão superno
Que enche o ceu, e que á terra se dá!...
Oh! salve, Jehovah!...
Gloria a ti, Jehovah, Jehovah!...

—

CHORO DE QUERUBINS E SERAPHINS.

Para sempre mortaes gloriosos,
Vossa terra tornou-se n'um ceu;
E Deus so por fazer-vos ditosos
Um irmão em seu filho vos deu!...
Vede-o, vede o formoso menino
Que o empyreo vos vem offertar
O seu rosto tão puro e divino
Quem ha hi a sabêl-o pintar?

—

CHÔRO DOS ANJOS.

E todavia é um pobresinho infante
Nas palhas reclinado,
Présape escuro o alcaçar radiante
E cortejo pasteres, manso gado!...
Mas no rosto divino
Do filho do homem ha tanto fulgor
Tanta gloria e belleza, que o menino
É mais que nós, é Deus, é ceu e amor!...
Para a mãi ergue os bracinhos
Todo amor, enlevo, e rizo;
Como floridos raminhos
Que no terreo paraiso

Formam cheiroso festão;
E da arvore frondosa
Pende o lirio, pende a roza,
E aureos pomos sem senão.

CHÔRO DE CHERUBINS.

E a virgem toda cuidado,
Ternura, disvello, amor?
É mãi, é mãi!... não é dado
Nem aos anjos do Senhor
Taes arcanos preserutar.
— É virgem, é mãi; é tão pura
Como a gota embalsamada
Que na montanha escarpada
So póde os ceus espelhar.
É virgem, é mãi; é tão bella
Como esse instante arrobado,
Em que morre a ultima estrella,
Em que o rócio aljofra o prado:
Partilhando noite e dia,
Colhe as matinaes premicias,
Luz, gorgeios, resplendores;
Quando da noite os primores,
Os mysterios, as delicias
Inda resvallam magía.

ANJOS, CHERUBINS, E SERAPHINS.

O' doce Jesus,
Oh! sejas louvado
Onde o sol reluz;
Onde o vento irado
Infrene peleja;
Onde relampeja
Medonha procella,
Ribomba o trovão;
Onde a pura estrella
Aos nautas tão bella
Que naufragos vão;
Onde os altos montes
Brotando mil fontes
Que ondeiam no prado
E vão deslisando
E revendo a esphera;
Onde o freicho alçando
O vertice ousado,
Quer fugir da terra
E as nuvens tocar
— O' doce Jezus,
No ceu e na cruz
Os homens e os anjos
Viram de te amar

....

CHÔRO DAS ARVORES.

Deus, Deus, Deus! Salve, salve Deus potente!
Escuta-nos Senhor,
Que nos lançaste no eden recendente
Erguendo para o ceu nosso verdor.

Jehovah, Jehovah! Bemdito sejas
Por toda a eternidade;
Que nos déste mil vozes, mil invejas
Para o mar, vento, e fogo, e tempestade!...

Nos somos qual pyramide sonora,
Alçaçar sublimado,
Que as nuvens roça que festeja a aurora
Co'os gorgeios d'um povo inteiro alado.

Flammeja o raio, troa, ronssando
A esphera que se aballa;
Apenas nossos tópes vai crestando,
E ja de susto a terra infia, e calla!...

E os quatro ventos ruem destrellados
Contra o rúbur annoso,
Que oscilla e verga os ramos ja lascados,
Arrostando o tufão que o bate iroso.

Mas quando a chuva em lenças se despenha,
Ou no zenith é o sol,
Para ella a zagal foge, e se embrenha
Entre a densa folhage o rouxinol.

Brizas matutinas,
Bafagens mimosas,
Deixai as boninas,
Deixai essas rosas,
Que da pura aurora
Imitam a cór.
— Vinde, vinde, é a hora,
Em que o ceu e o ar,
Em que a terra e o mar,
Louvam ao Senhor.
— Vem, o meiga briza,
Ah! deixa a planura,
Deixa a lympha pura
Que branda deslisa
Espelhando o ceu,
Estrellado vau
Que encobre o Senhor,
Deixa a crepitante
Chama ennovellada,
Deixa a resonante
Vaga encapellada
Rebentar em flor.
— Auras perfumadas,
Celeste bafagem,
Em nossa folhagem
Tendes mil toadas,
Mil sons peregrinos,
Que immensa harmonia
Espargem nos hymnos
Que alam ao Senhor
— Nossas folhas sejam
As chordas frementes
D'harpa, onde se envejam
Bardos eminentes;
Onde espira amor:
Onde rumorejam
Ruidos solemnes,
Concertos perennes
Ao Deus, ao Senhor!...

Deus, Deus, Deus! — Salve, salve, Deus potente!
Escuta-nos Senhor,
Que nos lançaste no eden recendente
Erguendo para o ceu nosso verdor!...

. . . .

. . . .

CHÔRO DOS MARES.

Ergam-se as vagas com fragor medonho,
Rujam procellas no revolto pelago,
Montes d'espuma aos mares se arremessam
As nuvens acoitando.

Palpitem mollemente as brandas aguas
Do vasto oceano limpido e sereno;
Mysteriosos cantos sussrrando,
Beijem as curvas praias.

Os uivas da procella
São brados de louvor,
O frémito da vaga
Que a fulva areia affaga
É um arfar de amor.

Louvai, louvai, ó mares,
Dos mares o Senhor!
Em brados e vagidos,
Em cantos e gemidos,
Louvai o Redemptor!

Ja negras espessas, peazdas, sombrias
Levantam-se, alargam, desdobram-se, engrossam
As tumidas nuvens, que ondas roçam!

Ja silvam torvelinos desvairados,
Fervem os mares, os trovões reboam;
Brama a tormenta em echos prolongados.

Mas de Eóo la fulge uma estrella,
Que se estrema entre todas formosa,
E serena affugenta a procella.

Suaves auras bafejam,
Azulam-se os horysontes,
E as aguas rumorejam;
Como o arrulho da pomba
Que estremece d'amor;
E suspiram
Sons divinos,
Sanctos hymnos
Ao Senhor!...

. . . .

CHÔRO DAS ESTRELLAS.

Ao som d'harpa dos anjos formosos
Nossos hymnos revôem a Deus,
E esses mundos de luz — claros ceus,
Tracem danças a Deus, ao Senhor!

Dos ceus o pavimento é recamado
De gêmmas tão subidas,
De fogo e luz tão cheias,
Que se uma, despegando-se, cahíra
Na vastidão da terra, n'um instante
Fóra incendio, ruinas, morte, cinzas!..

E são tão infinitas essas gemmas,
Que se o dedo do Eterno
Póde contar a grei aurifulgente,
Que nos campos azues immensa pasce.

Mas se dos ceus o estrado milhões d'astros
Engasta rutilantes;
Se é de tanto primor e maravilha
Para todos que em extasi o contemplam;
Qual brilhará a cupola, assombrosa
Que o Antigo dos Dias acoberta?..

E ja o ceu deixa Jesus,
Vai-se á terra despiedosa
Pela estancia gloriosa
Troca o soffrimento, a cruz!..

Recem-nado infante
Surrindo formoso,
Em vez de chorar,
Da mãe anhelante
No seio amoroso
Se vai abrigar
Como a gota pura
Que na madrugada
Orvalhou a flor
Toda embalsemada
Toda resplendor

Salve, estrella do mar, trez vezes salve!
De teus virgineos peitos
O Redemptor do mundo
Pendendo — os anjos curvam-se ao mysterio,
E a terra adora, e crê, e ovante entôa:
Salve, estrella do mar, trez vezes salve!... (1)

Chamou-te o mundo estrella, e a nós estrellas
Tambem nos chama a terra:
— O' doce irman!... — Ah deixa que este nome
Suave e sancto te enderecemos, virgem!

Nós tambem somos do ceu
Florinhas de diamante,
Edens de luz radiante;
Somos do Eterno o tapiz,
Perto de deus habitâmos;
Nosso espelho não desdiz
Que nos mares nos mirâmos...

E d'esse livro esplendido e sublime
Que os homens chamam — ceu,
Que deus sôbre o mundo ergueu:
Somos os diamantinos characteres
Com que se escreve — Deus!..

Quando, Senhor, desatas a procella
No pégo embravecido;
Que em serras sobre serras muge e brama,
Logo ouves o gemido
Do soçobrado lenho, e a estrella ufana
Os nautas guia ao porto apetecido.

Ao som d'harpa dos anjos formosos

(1) Ave maris stella. *Antiph.*

Nossos hymnos revoem a Deus,
E esses mundos de luz — claros ceu,
Trocem danças a Deus, ao Senhor!...

—

E seja uma estrella
A nuncia d'amor,
E seja uma estrella
Quem leve ao presepe
Ingenuo pastor;
E seja uma estrella
Phanal resplendente,
Que do claro Oriente
Vem magos guiar,
A ver adorar
Jesus Redemptor! .....

OS MAGOS.

E la do extremo Oriente tres monarchas
O throno auri-comado
Deixam subito, e o mundo todo pasma!....
Deixam povos, exercitos, grandezas;
E olhando para o ceu, arrancam, voam!...

—

Porque fugis assim, reis insensatos?
Que inaudito portento
Vos impelle, vos punge, vos arrasta?.....

—

Bosques, desertos, montes, e torrentes,
Ja os magos transpozeram:
Scismam Bethlem, e o afan lhes quebra o peito,
Fitam gratos a estrella precursora,
Entram, prostam-se, adoram, vêem, cantam:

—

« Povos, povos do mundo! — Eil-o! — nasceu.
« O rei dos reis da terra
« Que toda se estremece de esperança!
« Povos, povos do mundo! — floresceu
« A palma de Cadés; Sion impera.
« E exultante recebe a grande herança
« Que ao seu povo o Eterno prometteu!....

—

« Desde a roixa aurora,
« Té onde fenece
« A última hora
« Em que o sol aquece
« As raias do mundo,
« Corram ao Senhor,
« Louvem Jehovah!
« Desde o mar profundo
« Da purpurea Tyro,
« O arabe errante,
« Ethyope diro,
« Assyrio prestante
« E a ricca Sabah,
« Corram ao Senhor
« Louvem Jehovah!

« Povos, povos! — o rei dos reis nasceu,
« E a justiça vos traz na dextra forte;
« Povos, povos! — o rei dos reis nasceu
« Co' a sestra agrilhoou a eterna morte,
« E a paz sobre Israel desce do ceu!..

Antonio Augusto de Lacerda.

ASSOCIAÇÕES LITTERARIAS.

—

CONSERVATORIO-REAL DE LISBOA.

339 Ho dia 16 reuniu o Conservatorio-real pelas 7 horas da noite. Resolveu-se que a secção de musica elegesse d'entre si uma commissão de tres membros para darem o seu parecer sôbre as symphonias e outras peças de musica, que se apresentarem ao concurso aberto para inauguração do Theatro de D. Maria II. Constitui se a commis-ão-mixta de nove membros que compoem o jury do julgamento dos dramas que apparecerem no mesmo concurso. Tractaram-se diversos assumptos d'organisação e economia, e levantou-se a sessão eram quasi 10 horas.

—

A commissão mixta, renniu effectivamente no domingo (21), e tomou ja conhecimento de sette dramas que até ésta data teem vindo a concurso.

VARIEDADES.

—

O MEZ DE JANEIRO.

340 O signo d'este mez chama-se *aquario* porque dizem ser este o mez mais chuvoso do anno. O nosso astrologo, como se tractava de chuva, viu o diluvio em tudo e fadou *chorões* todos os que nascem n'este mez aguacento.

Tem, quem nasce n'este signo,
Genio fraco, froixo humor:
Qualquer leve contratempo
Da-lhe pranto e da-lhe dor.

Chama-se a um semsaborão d'estes um *maricas*, em linguagem familiar, creio eu. Ora, se algum dos meus leitores se tiver em conta de um Ferrabrás, que dirá a isto? manda decerto ao diabo o astrologo e os seus vaticinios. Comtudo, e aqui está o ponto, as excepções não destruem a regra; as mesmas leis da natureza soffrem abherrações: e como a astrologia é uma sciencia toda fundada na physica... Pois em quanto ao moral o mais defeituoso é o melhor!...

Tem janeiro 31 dias: e n'este mez crescem os dias 37 minutos, 18 de manhan e 19 de tarde. O seu maior dia é o ultimo que tem 11 horas e 5 minutos. No seu dia 1 nasce o sol ás 7 h. e 16 m. e põe ás 4 h. e 43 m.: no dia 31 nasce ás 6 h. 58 m. e põe-se ás 5 h. e 2 m.

Este mez é quasi de perfeito ocio para os trabalhos agricolas, porque a neve e a chuva pouco logar dá a trabalhar nos campos: no entanto podam-se as arvores e fazem-se outros amanhos agrarios, para aproveitar o tempo, sempre que póde ser. Ordinariamente n'este mez vive-se mais em casa: de roda d'um lar ou de um elegante fogão ingles, deixa-se passar o mau tempo lendo ou conversando. Antigamente liam-se romances de cavallaria, historias de magicos e feiticeiras; e foram talvez n'estas sinceras reuniões familiares que tiveram origem muitas das famosas lendas da idade-media, e decerto quasi tódas essas bonitas canções populares, que desde os gêlos da Scandinavia até ao suave solo da Provence, resoavam na bôcca dos menestreis, ou glorificando uma acção he-

roica, ou lamentando uma desgraça amorosa, ou apregoando um documento de virtude. Era bom esse tempo! A singelleza dos costumes d'então não deixava sentir os rigores da gleba; nem siquer se pensava no que era feudalismo. Viviam todos contentes porque não imaginavam melhor existencia. Hoje não sei o que se faz em volta do lar ou do fogão. Os jornaes, as intrigas da politica, a murmuração, tomaram, lá no lar, o logar dos contos de San'Paschoal Bailão e Sancta-Iria, do infante D. Pedro e da moira-incantada, dos bruxedos e das almas-do-outro-mundo. Ca no fogão não se pratica melhor: *faz-se* a alta politica, discutem-se certos desvios moraes, e ha sempre uma *causeuse* obrigada para os perfumados protestos do coração. Se algum dia se escreverem, por mão-amestrada, os mysterios do fogão, então saberemos o que vai...

Os gregos celebravam n'este mez as festas de Juno, instituidas 1557 annos antes J. C.; outras em honra de Bacco: os egypcios o quer que era em commemoração da fugida da deusa Isis: os romanos, segundo o seu costume, quasi que em cada dia tinham uma festa; no 1.° do mez era a Jano, depois vinham as *compitalias* e *agonalias*, as da deusa Carmenta, por duas vezes, as da deusa Concordia, as jogos palatinos, que duravam muitos dias, as *paganalias*, a de Castor e Polux, e finalmente no dia 30 a da *paz*.

A igreja-catholica celebra n'este mez duas grandes festas — a da Circumcisão, no dia 1, e a da Epiphania, no dia 6 — A primeira foi instituida no seculo VII, a segunda no seculo IV, isto é, restricta á adoração dos magos, porque ja d'antes se celebrava incluindo n'ella o *natal*, *adoração* e *baptismo*.

Houve até ao meiado do seculo XVI uma festa extravagante na christandade, chamada dos *loucos*, que se celebrava do natal até aos reis, mas principalmente no 1.° de janeiro. Era uma mistura de sacrilegios e d'impiedades. Muitos mascarados, abominavelmente vestidos, com um a quem elegiam papa á sua frente, entravam pelas igrejas dançando e cantando obscenamente; comiam em cima do altar, juncto ao padre que dizia missa, jogavam aos dados, e deitavam no thuribulo solla velha que queimavam como se fôra incenso. Estes disparates impíos foram sempre perseguidos pelas censuras dos papas e bispos; mas custou muito a abolil-os de todo.

EPHEMERIDES.

1, descobriu-se o Rio-de-Janeiro (1532) — 6, descobriu-se o Rio-dos-Reis (1498) — 7, morte de D. Ignez de Castro (1355) terramoto (1531) — 13, morte dos fidalgos accusados de attentarem contra a vida d'el-rei D. José (1759) — 14, victoria das linhas d'Elvas (1659) — 16, instituição da procissão dos nús em Coimbra (1423) — 21, primeiros fundamentos para os estabelecimentos portuguezes da Costa-de-Guiné e cidade da Mina (1482) — 25, descobriu-se o rio dos Bons-signaes (1498) — 26, terramoto de Lisboa (1531) — abertura das primeiras côrtes constitucionaes (1821) — 29, batalha dos Atoleiros (1384.)

CORREIO NACIONAL.

---

341 Uma disposição, ao que parece, do maior acêrto e conveniencia pública, acaba de ser tomada, declarando Macau porto-franco para o commercio de todas as nações; restringindo todavia certos generos, e carregando de direitos outros que de Portugal podem ir, para consummo.

Os jornaes inglezes alcançam até 15 do corrente. Os fundos portuguezes ficavam a 58.

Segundo se le nos jornaes do Porto o commercio dos vinhos vai prosperando consideravelmente n'aquella cidade.

Sabbado (27) ha de ser no theatro da Rua-dos-Condes o beneficio da Sr.ª Emilia. A sympathia de que é digna a illustre artista, e que na verdade ella deve ao público, sem excepção, torna desnecessarias quaesquer recommendações.

Da-se sexta-feira (26) em San'Carlos a nova opera de Donizetti, *Maria Padilha*, cantada o anno passado na Academia philharmonica: é ornada com alguns bailedos da composição de M. Martin. Na segunda-feira (29) é o beneficio d'este distincto artista, com a segunda representação da mesma opera e o bailete *Palmina*, que excita cada vez maior enthusiasmo.

Por alvará de 6 d'abril do corrente anno foi concedido ao Sr. Manuel Luis dos Santos, privilegio por 15 annos, para o *estaleiro-doca* de sua invenção; o qual serve para construir e concertar todo o genero d'embarcações. O Sr. Santos tracta d'estabelecer em Lisboa este util machinismo por meio de uma companhia.

Está a concurso o alvará de patentes, pedido por Felix Baron, para introducção da machina de *Jouvin*, que serve para fazer luvas. O concurso termina no dia 6 de janeiro de 1846.

A companhia dos cannaes d'Ambuja vai pagar 1$287 réis por acção, ou o juro de 5 por cento das prestações entregues.

As duas sociedades philarmonicas de Lisboa reuniram hontem (23) em assemblea-geral, cada uma na sua respectiva sala, para se tractar da juncção d'ambas n'uma so sociedade. A reunião foi muito numerosa em qualquer das salas. Venceu-se, em ambas as reuniões, que se effectuasse a juncção (de que fallou ja a REVISTA em n.° 23); e nomearam-se as respectivas commissões que de accordo devem combinar no modo de realisar esta decisão. O programma em que assentarem as commissões hade ser subjeito á approvação das duas assembléas.

Necrologia — Falleceu hontem, e depositou-se hoje [24] no cemiterio dos Prazeres, no jazigo dos Srs. Pinto Basto (em quanto se não construe mausoleo proprio), o Sr. Almeida-Lima, um dos mais riccos proprietarios e capitalistas d'esta cidade.

CONHECIMENTOS UTEIS.

AZEITE DE PALMEIRA.

342 Todos sabem que o azeite de palmeira é uma substancia sémi-concreta, de côr amarella e cheiro agradavel, que se exporta d'Africa. Até hoje so se empregava ésta substancia na preparação de sabonetes. Tem-se feito differentes experiencias chimicas para separar a parte fluida ou oleina d'elle, e applicar a parte solida ou stearina, previamente embranquecida, ao fabrico de vellas; mas agora o *London journal of arts*, traz um processo por meio do qual se opera ésta separação pela simples pressão. Derrete-se o azeite, deixa-se arrefecer lentamente: os crystaes que se formam submettem-se a uma primeira pressão que separa d'elles certa quantidade de oleina; as partes solidas tornam a derreter-se e submettem-se a segunda pressão mais forte: obtem-se assim uma stearina perfeitamente pura e sufficientemente dura.

Os detalhes d'este processo são os seguintes:

Procura-se azeite de palmeira ja purificado e branco, deita-se n'um vaso de ferro, por exemplo, e faz-se derreter em temperatura de 212.° Fahr. (100.° centigrados) por espaço de uma hora. Deita-se depois ésta substancia em celhas e deixa-se esfriar. Tão depressa os crystaes estão formados, tiram-se, embrulham-se n'uma fazenda de lan chamada *mal-fil*, depois de os ter partido em bocados de 8 a 15 kilogramos, segundo as dimensões da prensa que for empregada na operação (a prensa hydraulica é preferivel a todos os respeitos). Subjeita-se depois ésta substancia a uma fraca pressão, que lhe separa obra de um terço da oleina que ella contém; os outros dois terços compoem-se da porção solida que fica embrulhada na fazenda.

O azeite de palmeira contém 69 por 100 d'oleina e 31 por 100 de stearina: por aqui se vê que so metade da oleina foi extrahida na primeira pressão, logo é evidente a necessidade de segunda pressão mais forte. Faz-se pois derreter a stearina, como precedentemente, por 2 ou 3 horas, e deita-se tambem nas celhas para arrefecer e produzir novos crystaes; estes partidos em bocados, como ja se disse e embrulhados, deitam-se em saccos de clina quentes, e mettem-se estes na prensa, separados uns dos outros por laminas tambem quentes. Depois d'esta segunda pressão resta uma massa inteiramente exhausta d'oleina, e que não tendo soffrido a minima acção d'agentes chimicos, póde ser empregada com vantagem no fabrico do sabão; embranquecida que seja pelos meios ordinarios.

A' stearina embranquece-se por meio do seguinte processo, sem intervenção do chloro:

Depois de derretida a massa de stearina vasa-se n'uma pia onde se faz correr agua fria que immediatamente a solidifica. Os crystaes de stearina assim produzidos são postos ao sol e ar livre, e em pouco tempo se tornam brancos. Derretem-se depois a banho-maria ajunctando-lhe 2 por 100 d'acido sulphurico, que lhes separa todas as materias heterogeneas que possam conter. Derretem-se ainda depois pela ultima vez, mixturando cinco claras d'ovo por cada 50 kilogramos de stearina, e mexendo sempre. Obtem-se assim uma substancia perfeitamente branca, solida e bem crystallizada, que póde servir para fazer vellas. As torcidas d'estas vellas serão immergidas por dóze horas n'uma dissolução de 1 parte d'acido borico e 24 partes d'alcool; depois do que espremem-se levemente para expulsar o liquido superfluo. Este processo serve tambem para embranquecer qualquer outra materia gordurenta, e igualmente a cera.

DOENÇA DAS BATATAS EM PORTUGAL.

343 Sr. *Redactor* — Tenho notado ver tão apregoado nos jornaes do dia a noticia infausta d'essa molestia epidemica, que por tão assustadora maneira atacou o quasi exclusivo alimento dos pobres irlandeses — as batatas; sem que ninguem tenha dito que o nosso paiz tambem foi infectado por esse contagio; quando por estes sitios, ao menos, experimentámos igual praga. Os seus resultados são aqui bem menos horriveis que na pobre Irlanda; mas não obstante isso a falta das batatas é uma falta sensivel para o lavrador, principalmente nas provincias do norte, onde o seu uso está generalisado e a sua cultura é ja tão extensa. Direi em poucas palavras quaes são os characteres que n'estes sitios tem apresentado a molestia das batatas.

Os symptomas que se observam nos tuberculos infectados, são exactamente os mesmos que se observam na Irlanda e outros paizes, segundo a descripção dos jornaes. Aqui observa-se a mesma *mancha fatal*, que é uma nodoa escura que começa n'um ponto da superficie do tuberculo e se estende por toda a extensão do mesmo, lavrando da peripheria para o centro, reduzindo a polpa de farinacea, que era a uma substancia encustiçada e de côr escura. Em algumas especies conserva a batata a mesma fórma natural, mas em outras, forma-se uma como cavidade ulcerada, com os bordos calosos, que se vai extendendo até reduzir a batata á putrefacção geral. — Algumas ja appareceram tambem doentes debaixo da terra, outras tem-se ido alterando successivamente.

Fique pois tambem registado este facto, e saiba-se que aquella epidemia se generalisou á nossa terra.

Cortiços, 12 de dezembro
e 1845. *A. Mauricio Cabral.*

DOCKA FLUCTUANTE.

344 No Havre, em Amsterdam e agora em Marselha, acham-se em exercicio umas dockas fluctuantes, d'invenção americana, e que servem para dar querena aos navios em posição vertical; cuja utilidade é evidente, principalmente para os vapores, a que as rodas impedem podérem-se voltar de lado. A economia que resulta d'esta innovação é uma das suas principaes qualidades.

Nós felizmente não teremos que invejar ésta invenção aos extrangeiros logo que seja construido o estaleiro-docka do Sr. Manuel Luiz dos Santos. Ésta machina serve não so para a operação da querena em posição vertical; mas tambem para construcção e toda a qualidade de concerto, sem ser necessario desapparelhar o navio quando d'isso não tiver precisão. O estaleiro-docka do Sr. Manuel Luiz é fixo, circumstancia que o torna mais vantajoso que se fôra fluctuante; mas por meio de um berço de certa disposição, que vai á agua receber o navio, é este depositado na docka o mais suavemente possivel, porque um ma-

chinismo ingenhoso arrasta o berço até ao logar conveniente. É de esperar que este feliz invento se não demore a funccionar.

HORTO-BOTANICO DA ESCHOLA MEDICO-CIRURGICA DE LISBOA (*)

345 Ja sabeis o modo porque se acham dispostas as plantas no nosso horto-botanico, e quaes são as vantagens que uma classificação natural ostenta sempre sôbre outra que se baseasse em characteres especiaes, e por isso pouco importantes. Lisongear-me-ia bastante se vos podesse mostrar cada uma das familias que figuram n'este pequeno espaço, e cada um dos seres que constituem essas mesmas familias; o meu desejo porém está bem longe de podêr realisar-se, não so porque um estudo tão minucioso vos poderia infadar, mas tambem porque a natureza se opporia a tal pertenção.

Sabeis perfeitamente que a obra do Creador é primorosa em toda a sua extensão; e que a natureza organisada, obedecendo ás leis que lhe foram impostas, espera epochas e periodos determinados para patentear á nossa contemplação o resultado de trabalhos immensos, que o homem não póde observar porque são do dominio da vida interior, da vida organica, dos mesmos seres. Se assim não fosse, se todas as plantas ao mesmo tempo brotassem da terra, se o crescimento fosse egual para todas, se o mesmo mez ou estação visse o sorrir agradavel das flores; se uma triste velhice desprégasse a todas de uma vez as folhas, e um so golpe de exterminio lhes roubasse a existencia; quanto seriam para lastimar essas epochas em que a natureza despojada de seus ornatos se enluctasse pela morte das plantas. Mas não é isso o que acontece; as plantas são dotadas de uma organisação diversamente modificada, e que lhes faz experimentar precisões differentes. Se para uma é sufficiente o calor temperado da primavera, se então o seu desenvolvimento é completo, a sua existencia feliz; bem depressa a mudança de estação lhes annuncia a hora em que deixando de existir cederão o logar que occupavam, a outro ser a quem um organismo mais robusto permitte supportar sol mais ardente. Éstas outras plantas ainda talvez não sejam tão fortes que impunemente soffram o frio do inverno, como aquelles seres a quem a natureza destinou para acompanharem o homem n'esta epócha da vida tam triste e tam prosaica.

Vedes pois que as plantas se succedem e substituem, apresentando-nos sempre um quadro vistoso e admiravel, que difficilmente se póde comparar com alguma outra cousa creada. Vamos pois, vamos depressa, contemplar esse quadro que tam perto se nos offerece, e percorrendo algumas familias naturaes investiguemos o que ellas nos apresentam de mais notavel.

Desçamos estes cinco degraus e começemos a contemplar as trez familias que nos ficam mais proximas, a das *verbenaceas*, *labiadas* e *compostas*. À frente da primeira tendes um vejetal que, posto que tenha perdido algum tanto da sua antiga reputação, comtudo ainda é importante porque a sua historia se liga com a de dois povos guerreiros e litteratos, isto é dos gregos e romanos: sabeis que fallo da *verbena officinalis*, a quem povos antigos consagravam grande respeito, como herva dos sacrificios, como adôrno dos sacerdotes, como panacea, deixai-me assim dizer, para todos os males. A *verbena*, *urgebão*, ou mais dignamente *herva sagrada*, é pois o primeiro individuo d'esta familia; a seu lado está outra planta a quem vulgarmente chamam *urgeboa*: deixai porém essa e todas as mais representantes d'este grupo, e fixai a vossa attenção por um pouco na *verbena chamada difolia*, que é o ultimo elo d'esta cadeia vejetal. Ao vel-a lembra-me a mulher que no desgosto, na dor, na affiição a mais pungente, conservasse nos labios o sorriso da paz e da innocencia. Se virdes ésta verbena na primavera, no verão, no mesmo inverno, encontral-a-heis sempre ostentando as galas simples mas bellas que a natureza lhe liberalisou. Suas flores vermelhas e brilhantes, parecem ainda muito mais bellas sôbre o tapete verde que lhe formam as suas folhas que se extendem humildes sôbre a terra.

Este vegetal contrasta perfeitamente com aquelle que vedes ao lado do *solanum esculentum*, isto é, com o *solanum marginatum*; que orgulhoso se eleva confiado no seu proprio podêr: não vos approximeis; retirai-vos d'elle; se por acaso tocasseis seus ramos manchar-vos-ia com esse pó branco que lhe cobre as folhas; se tentasseis colhêr um de seus fructos serieis victima por que imprimiria em vós os compridos aculeos que lhe ornam o dorso da folha. Não é só este vejetal que encontrareis tão cruelmente disposto a offender-vos; muitos outros ha que possuem orgãos similhantes para o exercicio de uma funcção importante á vida, como é a exhalação e absorpção dos gases, que levados ao interior do organismo se hão de converter em outros tantos meios de vida e nutrição.

A familia das *cetaceas*, que vedes aqui representada por dezeseis individuos, ainda vos dá um exemplo mais frizante d'essa disposição dos aculeos. Deixemos porem essa familia e vamos vêr alguns individuos das *labiadas*, que nos interessam bastante, não so pelo elegante das fórmas, mas mesmo pelo delicado dos seus orgãos. N'estas trez salvias podereis ja reconhecer aquella disposição a que os botanicos chamam pilosa; isto é, podereis descobrir pequenos pêllos que lhes revestem as folhas e caules: n'esta outra, na *salvia horminum*, os pêllos são terminados por umas pequenas glandulas que somente se podem descobrir auxiliando a fraqueza da nossa vista com o microscopio. Este vegetal parece que foi mais favorecido pela natureza, que á formusura, propria das suas flores quiz accrescentar o bello colorido de seus orgãos terminaes, a que os botanicos chamam bracteas, e n'este especialmente se reconhecem pela sua côr que perfeitamente se distingue das folhas propriamente ditas.

Não vos admireis d'essa planta, nem tão pouco da disposição de seus orgãos, porque depressa encontrareis outras em que vos surprenderá a elegancia das fórmas, o delicado dos orgãos, e a riqueza de principios com que ellas satisfazem ás nossas necessidades, e mais de uma vez aos nossos caprichos. Estas duas *salvias* que aqui vedes tão bellas e tão gentis, que por sua galhardia teem sido aclimadas em todos os jardins, offerecem um testemunho bem claro do quanto a natureza cura dos vegetaes defendendo os seus orgãos da intemperie das estações, até que elles

(*) Continuado de pag. 292.

tenham bastante vigor para resistirem aos rigores do tempo. A *involucrata* apresenta cada uma das piquenas flores involvidas em um involucro petaloide, que cahe e deixa d'existir quando o orgão que abrigou não necessita mais do seu auxilio. A *salvia cardinalis* é tão linda, tem uma côr vermelha tão intensa, e tão avelludada a superficie, que os botanicos a appelidam *cardinalis* pela similhança que tem com as vestes dos cardeaes; e alguem tem procurado encarecer a sua bellêza chamando-lhe *barbas de Jupiter*. Examinai a disposição dos estames d'essa flor, orgãos tão importantes para a existencia das especies como é importante para a existencia do filho a de seu pai, com o vosso canivete separai as petalas, affastai por um pouco essas cortinas avelludadas que circumdam o thalamo nupcial, e encontrareis os orgãos masculinos reclinados e repousando, ou seja dispondo-se ja para o grande acto da reproducção, ou descançando da fadiga que por fim lhe hade produzir a morte.

Fatal condição da vida, onde os gozos são sempre acompanhados de penas!

Se quereis vêr outra disposição dos estames, se vos apraz comtemplar todo o excesso da polygamia, viade observar éstas plantas tão numerosas, que constituem a familia das *compostas*; n'este grupo estão reunidas todas as plantas, em que as flores se teem aggregado para mutuamente se auxiliarem, para partilharem os mesmos prazeres ou as mesmas desditas. É pois ésta familia uma das mais numerosas do reino vegetal; e com effeito bastantes são os seres que a representam n'esta assemblea tam vistosa. Estou confuso á vista de tantas plantas que constituem ésta familia: não sei a qual dê a preferencia quando todas egualmente captivam a nossa attenção. Será mais prudente talvez avançarmos um pouco abandonando estes seres que so poderiamos observar bem se aqui possuisemos um microscopio.

A natureza é ricca bastante para deixar de prestar-nos objectos dignos da nossa attenção; apanhai um ramo de cada uma d'estas *fuxias* e dizei-me o que notais na sua flor. Este vegetal nascido na Inglaterra, n'esse paiz tão frio e desabrido, deleita-se de viver juncto a nós. As suas flores, a que os botanicos chamam *brincos de princeza*, são vistosas pelo brilhante das suas côres; o vermelho do calice condiz com o escuro da corolla: mas não é essa a maior belleza d'esta flor; reparai para a disposição do seu pestilêo, elle cresce bastante além dos estames que o circumdam, é mesmo na apice bastante proeminente. Ésta disposição não é casual, nem o podia ser porque no creador não ha imperfeição; vedes que éstas flores pendem como humilhadas para a terra que as nutre: e que lhes aconteceria se o seu orgão feminino tivesse dimensões iguaes ou menores que os estames? certamente ficaria condemnada a uma perpetua esterilidade, porque o polen ja mais tocaria a superficie do stygma. Foi por isso que a natureza assim a dispoz: o polen sem custo fecundará o stygma, quando cahindo das antheras encontrar no plano inferior.

Não julgueis porém que so os estames offerecem fórmas variadas; o stygma egualmente nos interessa pelo modo com que se nos apresenta. Tendes á vossa direita um exemplo famoso no *papaver somniferum*: a disposição que este orgão apresenta é a estrellada, ou segundo alguns auctores a de coroa. Ésta capsula, sôbre que assenta o stygma, é notavel pelo succo que elabora; fazei n'ella uma incisão e vereis que o vegetal, como que durido, deixa correr da chaga que tão barbaramente lhe fizestes, o seu sangue, o seu succo alimentador, o prestadio opio. Aqui está um vegetal que sacrifica a sua existencia a bem dos homens, e sem o qual o celebre Sydenham não sabia curar. É com este mesmo succo que os orientaes voluntariamente se embriagam, para gozar prazeres que elles não acham expressões com que possam descrever. Os chinezes fazem d'elle excessivo uso, e a materia medica o colloca entre os agentes mais energicos: o *papaver* é uma planta que ama a nossa terra, e que ja nos tem produzido opio bem ricco em principios activos. (1)

O que acabais de observar prova bem a vantagem da classificação por familias, onde a composição chimica dos succos vegetaes está em analogia com a natureza anatomica dos orgãos que alimentam. Na familia das *rosaceas* tendes individuos bastante notaveis pela natureza dos succos que elaboram. Estas arvores tão pomposas pela sua fórma e fructos, deixam transsudar, atravez dos seus tecidos, a gomma a que chamam do paiz: o *prunus domestica*, por exemplo, e o *cerasus duracina*; isto é, a ameixeira, e a cerejeira. Não penseis porem que a planta que estais vendo seja tão innocente como todas as que vos tenho mostrado: apertai uma das suas folhas entre os dedos e encontrareis o cheiro hydrocianico; e com razão porque estais examinando o *laurus cerasus*. Se passardes a ver aquelle loureiro que vos fica defronte, percebereis que a sua seiva está sobcarregada d'outros principios egualmente importantes, como é a *camphora*; que este vegetal, o *loureiro camphoreiro, laurus camphora* (2), tão generosamente nos produz. Ainda podeis observar outra planta bastante interessante, como é o *ficus elastica*.

É admiravel a variedade dos principios que se encontram no reino vegetal, e de que tanta vantagem se tira a favor da humanidade! O homem tem invadido o campo zoologico e vegetal, e á fôrça de indagações tem conseguido enriquecer-se com os bens que lhe não pertenciam; tem-se apropriado de tudo o que lhe póde ser util, não duvidando mesmo sacrificar o ente de quem se utiliza!

Terminando por hoje o nosso passeio, lancemos uma vista d'olhos sôbre estas duas familias das *malvaceas* e *linaceas*, para saudarmos duas plantas por extremo uteis. São o linho, *linum usitatissimum*, e o algodão, *gossipium herbaceum*.

Continúa. *João José de Sousa Telles.*

PARTE LITTERARIA.

N. B. — O 2.º v. das VIAGENS NA MINHA TERRA começará no seguinte número da REVISTA.

POESIA.

346 O Sr. Ribeiro Saraiva remetteu de Londres á REVISTA a lindissima poesia que abaixo se vai ler: o pa-

(1) O Sr. Dr. Bernardino analysando o opio, produzido pelas papoulas cultivadas no horto-botanico, achou que elle contiunha seis por cento de morphina.

(2) Não podêmos asseverar ja que seja o loureiro camphora é porém muito provavel.

quete chegou tarde, e quando a Redacção a recebeu ja não foi a tempo de ser publicada no dia proprio; publica-se porém no *oitavario* que ainda não é fora de tempo. Para dar logar a ésta poesia, e para não sobrecarregar este número de versos, retiraram-se outros que dizem respeito ao *anno-novo*; mas que se publicarão no seguinte número, tambem no oitavario.

Nas últimas quadras dos versos do Sr. Saraiva póde ser que alguem lhe pareça descobrir allusões politicas em contravenção do programma d'este jornal. A Redacção levaria o seu escrupulo até á suppressão d'estes versos, apezar mesmo do seu sentido vago e exclusivamente litterario, se as opiniões do Sr. Saraiva fossem menos conhecidas ou mais perigosas: mas nas circumstancias d'este nosso illustre compatriota, e da maneira porque as suas ideas aqui são ennunciadas, decerto que nenhum outro valor se lhes póde dar senão o de simples polemica-litteraria entre as velhas e novas crenças politicas.

O NATAL NA MINHA TERRA.

A minha terra é Sernancelhe, na Beira-Alta, bispado de Lamego, commarca de Trancoso; villa acastellada, muito nobre e antiga.

1.

Irman gemea da saudade,
Memoria de horas gostosas,
Ou de amor, ou de amizade,
Ou de puericia mimosas;

2.

Vem dar-me suave auxilio
No mais favorito empenho,
Que hoje, na terra do exilio,
Pensando na patria, eu tenho.

3.

Lembra-me as scenas, fagueira,
De innocencia e de alegria,
Que outr'ora, na minha Beira,
Sacro Natal me trazia.

4.

Vinha a festa desejada
Em proprio tempo chegando,
E talvez era accusada,
Porque não vinha voando!...

5.

Como se, quando passasse,
Na saudade e na lembrança
Melhor prazer nos deixasse
Que os de risonha esperança!...

6.

Quanto agora lhe hei notado
Differença bem sensivel,
Ao evocar um passado
Que é ja futuro impossivel!...

7.

Assim mesmo, eu te bemdigo,
Adoravel Providencia,
Nos gozos que traz comsigo
Amena reminiscencia!

8.

Vou Senhor, vou transportar-me
Aos annos que se esvahiram;
Venham de novo alegrar-me
Alegrias que fugiram!...

9.

Hei-de goza-las presentes,
Por graça da phantasia,
Consoladora de ausentes,
Fada amiga da poesia.

10.

Resuscitem, refloreçam,
Glorias de idades saudosas...
Antes que se desvaneçam
Quão pouco, homem-germe as gozas!

11.

Mal despontante bucinho
Trocado em barba desejas;
Oh! que mal sabes, louquinho,
O que aos adultos invejas!...

12.

Com annos virão cuidados,
E agudo sentir do mal,
Que tornarão mui aguados
Os prazeres do Natal!...

13.

Mas, ah, por hoje deixai-me,
Sêccas moralisações;
Tregoas ao animo dai-me,
Tristes, graves reflexões...

14.

Por cima de annos e mares
Hoje na idea saltemos:
Ao mimo dos patrios lares,
A' tenra idade voltemos

15.

Foi sempre da mocidade,
Da meninez, da innocencia,
O Natal, na christandade,
A Festa por excellencia:

16.

Ninguem toma tanta pena,
Se põe tanto em movimento,
Como a Geração Pequena
No Sagrado Nascimento.

17.

Ao pinheiro resinozo
La trepa moço atrevido,
Buscando o fructo invernoso,
Nas nuvens quasi escondido: (1)

Como allusões e costumes locaes, que necessariamente fazem a principal parte de composições como a precedente bagatela, tem de perder, para muita gente, bastante de seu interesse, não sendo bem intendidas, por isso me não pareceu inutil e ajunctar aos versos algumas notas.

(1) Na minha terra, e suas visinhanças, o fructo do pinheiro-manso (talvez por isso mesmo que então está maduro na arvore) figura essencialmente nos divertimentos juvenis do Natal; e nas vesperas d'este se observa a colheita que descreve, na qual, como bem se pensará, mais de uma vez tomei parte, com todo o gósto e interesse d'aquelles dourados annos! A 'vara amarelada na ponta, etc.' é instrumento muito util no chegar ás pinhas e derrubal-as; diminuindo os perigos de queda abaixo dos pinheiros, que, como é sabido; chegam, principalmente nos valles de nossas montanhas, a uma enorme altura. Escolhem os moços uma vara com dous braços na extremidade, em for-

18.

Vara annelada na ponta
  Leva no braço pendente,
Com ella a distancia affronta
  Do ramo o mais eminente;

19.

A cada golpe que emprega,
  No chão baqueia uma pinha,
Em quanto em baixo o collega
  Os dous cestos enche asinha.

20.

É guardado em condecilha
  O fructo assim apanhado,
Para fazer-se a partilha
  Quando o Natal for chegado;

21.

So algum desde ja serve
  Do tempo nos mimos varios,
Para os quaes fábrica ferve
  De ramos, palmas, rosarios. (2)

22.

Na alegre manufactura
  Cada qual mais se desvela,
Abre o moço a pinha dura,
  Brita-lhe a noz a donzella.

23.

Dedos mais brancos e lizos
  Do que os pinhões debulhados
Vão d'estes, entre sorrisos,
  Flores formando e bordados.

24.

Com sua baga vermelha,
  Sempre-verde gilbarbeira,
Pela folha, que semelha
  Ferro de lança guerreira,

25.

Entra n'estes artificios;
  E nem do tojo amargoso
D'esta vez os bons officios
  Desdenha artista ingenhoso:

26.

Ao ramo de esteril planta,
  Inda ha pouco toda espinho,
Fada, que os olhos encanta,
  Dotou-lhe o fructo do pinho;

27.

Que alfim, com arte mesclado
  De amendoas, passas, e figos,
Vai ser presente estimado
  Entre impuberes amigos.

28.

Mas ei-lo amanhece o dia
  Vinte e quatro de dezembro...
Com doce melancholia
  D'elle saudoso me lembro!...

29.

Me lembro!... Não; vejo, sinto,
  Gozo, no paterno tecto,
Muito melhor do que o pinto,
  Este dia predilecto:

30.

Dia, em que o ricco, e artesano,
  O parocho, o cavalleiro,
O lavrador, o paisano,
  Mesmo o simples pegureiro,

31.

Cada qual, humilde ou nobre,
  Em ledo apresto se empenha
(Talvez consiste o do pobre
  N'um feixe de sècca lenha!...)

32.

Logo desde a madrugada,
  Hoje do anno a mais tardia,
Que a alegre festa é chegada
  Tudo em casa me annuncia.

33.

Ja da cama toda a gente
  Sahiu com risonha cara;
Amo trabalha e servente,
  Tudo lida e se prepara.

34.

Giram todos sem paragem;
  Abre-se a porta cem vezes;
Vai recado, vem mensagem,
  Por vinte moços cortezes.

35.

Chegam, quaes foros antigos,
  Mimos 'para os seus criados',
Entre parentes e amigos
  Na quadra sempre trocados.

36.

Periodicos vem, condeça
  Ou cesto, da Tia Freira,
Com os da Madre Abbadeça
  Do convento da Ribeira, (3)

quilha, e enlaçando estes um com outro, formam a especie de *ansa* ou laçada, que serve para enfiar no braço quando se trepa á arvore, e para abranger as pinhas e as despegar dos ramos elevados. Parte do fructo assim colhido guarda-se para solemnemente se abrir ao fogo da vespera do Natal; outra parte abre-se antes, para d'ella preparar os presentes juvenis do tempo.

(2) Quem fôr da Beira-Alta não terá difficuldade em intender todas éstas allusões: saberá mui bem o que significa um *rosario-de-pinhões*, e como fabríca a gente moça flores e ornatos de diversas fórmas, combinando com outros fructos seccos e frescos, os pinhões, guarnecendo com elles os bicos de raminhos de tojo e de gil-barbeira, etc.: e talvez, como eu, em annos mais alegres, se tenha altamente regozijado com receber, pelo Natal, presentes d'éstas preciosidades.

(3) O convento de Nossa-Senhora da Ribeira, juncto ao Tavora e perto do meu Sernancelhe, e cujas religiosas habitadoras, quasi todas eram do conhecimento e amisade da minha familia. N'elle tinha eu uma tia (ou parenta) verdadeira, e muitas tias adoptivas, na minha meninice; tractando por esse nome quasi todas as freiras mais nossas amigas, ou pelo carinho que na verdade me mostravam — ou talvez pela regra proverbial '*quem dá é tio*' pois com grande frequencia recebiamos mimos e presentes d'éstas boas religiosas, com particularidade na occasião das festas, em que regalos similhantes se haviam tornado como um foro certo, sôbre tudo da senhora abbadessa.

37.

Que offerta, em phrases modestas
De carta mui bem dictada,
Suas *doces* boas-festas
A toda a Familia honrada.

38.

Vejo (porque as imagino)
Diversões que eu tanto amava,
Quando joven, ou menino,
Meu quinhão n'ellas tomava...

39.

Que turma de homens é ésta,
Que á villa vem caminhando,
Rindo e cantando de festa,
Carro triumphal puxando?... (4)

40.

Trazem o cepo, que ardendo,
Durante a Missa-do-Gallo,
Da igreja o adro aquecendo,
Servirá de illuminal-o.

41.

Em torno ao fogo os meninos
Da parochia arrebanhados,
Dançarão, cantando os hymnos
Pelo natal costumados,

42.

E a espaços a brasa viva,
A' sacra pyra roubada,
Nos dará salva festiva,
Por grosso maço estourada. (5)

(4) Uma costumeira curiosa da terra, onde nasci [e talvez de outras] era a de fazer um grande fogueirão no adro da igreja, durante o serão da vespera do Natal, e que, de ordinario, está ardendo em todo seu vigor ás horas da Missa-do-Gallo. Deve confessar-se que tal costume, no coração do inverno, n'uma noite de Natal, fôra muito bem inventado e intendido; como são a maior parte de outros antigos usos que taes. É igualmente notavel a circumstancia, de que, o tal fogueirão se compunha principalmente de um grande cêpo de arvore arrancada, o maior que se podia obter; e que, para esse fim, era tomado e apropriado onde quer que se encontrava, sem sobre isso se consultar a vontade de seu dono. Abundando a localidade em grandes arvores, especialmente castanheiros e carvalhos, succedia haver sempre, pelo Natal, algum grande cepo e raizes de arvore, arrancada pelo vento, ou de proposito, nos arredores da villa, as mais das vezes, em consequencia da difficuldade que o dono encontrava ou de o transportar inteiro a casa, ou de fazel-o partir em pedaços. Não faltava entre os paisanos da terra quem noticiasse onde se achava tal desideratum; e então, proximo á Festa, sufficiente e superabundante, número dos homens da povoação, tomando um dos carros communs e fortes da lavoura, atando-lhe como escadas de corda, por meio das quaes muitos individuos podiam commodamente puxar, iam carregar o cepo indicado, sem mais ceremonia ou licença, e o conduziam ao adro, tirando todos o carro, entre risadas, alegrias e galhofas, como em triumpho. Nenhum proprietario jamais se lembrou, bem intendido, ou de oppor-se a tal uso de cêpo seu, ou d'isso queixar-se.

(5) Para algumas pessoas precisará sua explicação este modo de causar um estrondo como o de uma bomba de festa; é elle, que cuspindo primeiro sôbre uma lage boa cuspidela, pondo sôbre ésta uma braza bem viva, e no mesmo instante batendo-lhe em sima em cheio, com um maço rodeiro, ou pêso similhante e com força, se produz uma explosão e detonação consideravel; da qual os rapazes da minha terra sabiam tirar o partido que descrevo, para divertir-se e festejar o Natal, offerecendo para isso a fogueira tão boa opportunidade.

43.

Tambem nos lares caseiros
Menor cepo esparge brilhos,
Seccando os gordos fumeiros,
Alegrando pais e filhos: (6)

44.

D'elle em roda se enfileiram
As verdes guardadas pinhas,
Que ao fogo aquecendo, cheiram,
Transudando as louras tinhas. (7)

45.

A joven turba afanosa,
De martello e seixo armada,
Rompe a escama pegajosa
Sôbre a lareira esquentada.

46.

Da concha vão-se extrahindo
Emparelhados pinhões,
Que desde ja vão servindo
Em seus *pares ou pernões*.

47.

Repartidos irmanmente
Pelo bando folgasão,
Vão ser moeda corrente
Para os jogos do serão.

48.

Nem que fossem contas de ouro,
Travar-se-ha viva porfia
Para augmentar seu thesouro,
Na variada loteria,

49.

Entre os *nones* e entre os *pares*.
Bilrará leve *Caruna*, (8)

(6) Assim como no adro se queima um grande cêpo, tambem nas casas particulares queima cada um de seus donos o seu cepinho menor, segundo as proporções de seus teres; e em roda da fogueira, que geralmente ajuda a seccar ja os fumeiros de sasão, se aggrega e alegra a familia do lavrador, e do paisano, n'ésta solemne e gostosa noite.

(7) *Tinha* se chama na Beira-Alta á rezina dos pinheiros, e das pinhas, que d'éstas transuda quando, como de costume, as esquentam para com facilidade as abrir, ao fogo d'este serão, sendo essa uma das primeiras operações por onde o mesmo começa; cabando assim a *moeda* que aos jogos da noite serve, repartindo-se, no principio d'ésta, com igualdade os *capitaes* pelos socios do brinquedo.

(8) *Caruna*, este nome, que nunca escripto vi, e de que não sei a origem, ou a etymologia, aprendi, sendo pequeno, na villa de Taboaço, assim como o jogo a que se refere, o mesmo a que os inglezes chamam *Titotum*, e os francezes *Toton*. É como um da-

Distribuindo os azares
De caprichosa fortuna.

50.

«*Rapa*» «*Deixa*» «*Põe*» ou *Tira*,
Empenham mais ambições,
Que se alli se decidíra
Sorte de grandes nações.

51.

O rebanho galhofeiro
Faz mais gralhada e ruido,
Que cem pobres n'um palheiro
Depois de haver bem-comido.

52.

Agora os jogos deixemos
Da contente juventude,
Porque outras scenas gozemos
De caridade e virtude.

53.

Vamos á mansão piedosa
De gente nobre e abastada,
Ver como á necessitosa
Se prepara a *consoada*. [9]

54.

Mostra salão espaçoso
Vasilhas muitas e vastas,
Com provimento abundoso
De mimos de varias castas.

55.

Em famosa quantidade,
Aquella canastra immensa
Contém de orelhas-de-abbade
Em branco linho a despensa.

56.

Largo vaso ao pé se observa,
Onde o balsamico mel
Feito em calda se conserva
Para o tenro coscorel.

57.

De uvas, maçan, nozes, figos,
Passas, castanhas piladas,
E de outros que taes artigos,
Ha sacos e canastradas.

58.

Damas da casa e donzellas
Liberaes vão repartindo,
Em cada qual das parcellas
Porção de tudo incluindo.

59.

Portadores diligentes,
Em seus trajos domingueiros,
Andam levando os presentes,
Mui lestos e prazenteiros;

60.

E no alvergue da viuvez,
Na mais pobrinha morada,
Não faltará d'esta vez
Saborosa consoada:

61.

Vai coscorel por cabeça,
Em prato muito lavado,
Sem que o bastante careça
De seu molho açucarado.

62.

Assim dos outros regalos
Entra a proporção devida;
A mão que soube mandal-os
Não faz mesquinha medida:

do, atravessado pelo centro de dous dos seus lados oppostos por um pequeno eixo, tres vezes tão longo como um dos mesmos lados, e que d'estes sobresahe igualmente. Nos outros quatro lados ao eixo parallelos acham-se escriptas, uma em cada qual, as quatro letras R., D., P., T.; das quaes, fazendo-se bilrar, ou andar como pião, sôbre um dos bicos do eixo, o mesmo dado, quando este cessa e cahe, uma se apresenta necessariamente voltada para o ar; e segundo esse azar se ganha ou perde. R., que significa *Rapa*, é a sorte grande; pois auctorisa aquelle que a tirou fazendo bilrar a caruna, a tomar para si todo o bolo, formado por contribuições eguaes dos jogadores, que vão por seu turno bilrando. D. (*Deixa*) não dá perda nem proveito; pois aquelle a quem sahiu nada saca do bolo, ou lhe paga. P. (*Põe*) é má letra; pois obriga quem a teve a pôr ou ajunctar ao bolo uma entrada ou marca. T. (*Tira*) dá direito a tirar do bolo a mesma entrada ou marca que um P. obrigaria a pôr. —Talvez o jogo tenha outro nome em portuguez: talvez muita gente o saiba como o jogo mesmo, e só á minha ignorancia seja devido o julgar precisas éstas descripções; como eu porém outro lhe não sei, uso o de Taboaço, posto que em diccionarios o não ache: se acaso, como em outras coisas succede, por ahi se tem adoptado, quiçá, o nome francez ou inglez, acho isso razão de mais para usar eu de um nome portuguez, inda que outra auctoridade me não assista senão a dos meus antigos pequenos companheiros de Taboaço.

(9) O que descrevo d'aqui por diante, sobre as *consoadas*, etc. nada tem de exagerado; é o que vi praticar constantemente na minha propria casa, e nas de outras pessoas de bem da minha terra, na vespera do Natal á tardinha; aproveitando-se assim o pretexto da Festa, e das consoadas pelo jejum da vigilia, para enviar aos pobres, e ás familias em condição menos affluentes, um mimo, para éstas, e uma verdadeira caridade para aquelles, pois ás pessoas que se sabia serem mais pobres, enviava-se além dos mimos, algo de mais solido e substancial com que nutrir-se tambem. A scena que represento na azafama da repartição, preparo e envio das consoadas, os objectos que menciono, etc., é tudo copiado ao pé da letra, da verdade real, por mim mesmo tantas vezes periodicamente observada, sem exceptuar as canastras que forradas com toalhas de linho, se accumulavam de orelhas-de-abbade, ou *coscoreis* (o nome na minha terra), e d'onde depois se distribuiam. — Em tudo isto ha muito maior sabedoria e utilidade do que á primeira vista se descobre; este cultivar e entreter assim, por actos de bondade e carinho, as relações entre as classes pobres da sociedade e as mais riccas, contribuiu em nossos antigos costumes, grandemente a crear e fomentar na republica uma adhesão mutua, e uma consequente unidade, do maior valor; e das quaes hoje se lamenta, na Gran'-Bretanha, por exemplo, profundamente a falta, sentindo-se d'esta os mui nocivos effeitos..

63.

Faz, sim, com pia destreza,
Que esmola acceite risonha
Mesmo encolhida pobreza,
Que de esmolar se envergonha.

64.

Por taes artes bemfazeja
Logra amavel caridade,
Que se abençôe da igreja
Tam alta Festividade;

65.

Ao sentir o desvalido,
Por annuncio tão jucundo,
Que para elle é nascido
O Deos salvador do mundo!

66.

Ultimada alegremente
A distribuição piedosa,
Em sociedade contente
O mais do serão se goza:

67.

Canta-se, toca-se, ri-se,
Alvos confeitos circulam;
Nos jogos da meninice
Mesmo adultos especulam.

68.

Segue-se em divertimento,
Que horas e fome enfeitiça,
Até que chegue o momento
De correr do Gallo á Missa.

69.

Repiques de campanario,
Em sons de jubilo cheios,
Do nocturno anniversario
Vem suspender os recreios.

70.

Eis, no templo illuminado,
Solemnes canticos soam;
Aos ceus em fumo sagrado
Envoltas as preces voam.

71.

Unem-se humanos accentos
Aos da musica celeste;
Porque os gratos sentimentos
Mundo humilde aos ceos atteste.

72.

«A DEOS nos Excelsos Gloria!
Aos homens na terra paz!»
Salvou-se o Mundo! Victoria!
Prostrado o Inferno jaz!

73.

Vede como se reclina
Em precepe tão rasteiro
Aquella Essencia Divina
Filha do DEUS VERDADEIRO!...

74.

No mais pobrezinho abrigo
Quiz nascer tal Magestade.
Porque fez nascer comsigo
A virtude da Humildade! (10)

75.

Vinde adoral-o, pastores,
O Christo por nós nascido,
Redemptor dos peccadores,
Dos prophetas Promettido!

76.

Simples dons offerecei-Lhe,
Prehenchendo o sancto rito; (11)
Mas, sôbre tudo, trazei-lhe
Coração puro e contricto.

77.

Eis a Missa concluída
Co'a solemne Adoração;
Ja, qual mais prompto, á sahida,
Todos a casa se vão;

78.

Depois que, ás portas do templo,
Fraternaes gratulações
Trocaram, com pio exemplo,
Cavalheiros e peões.

79.

No que ao lume ferve ou torra
Toca a tirar cada um
Sua completa desforra
Por vigilia de jejum:

80.

Mostarda não se carece,
Appetite o caso o chama,
O somno logo apparece.
Emfim, vai-se tudo á cama.

81.

Na manhan, quando é chegada,
Visitam-se os conhecidos;
Vai toda a gente enfeitada
Com seus melhores vestidos.

82.

No meio dos cumprimentos,
Refrescam-se as amizades,
Esquecem-se agastamentos,
Perdôam-se inimizades:

83.

Fructo do exemplo sagrado
D'este caridoso dia,
Por onde o mundo culpado
Ao ceo se reconcilia. (12)

(10) O Christianismo póde dizer-se que confirmou, sanccionou e aperfeiçoou, as outras virtudes; mas que creou, inventou, a preciosa virtude da Humildade, a qual, no seu verdadeiro sentido, se não conhecia antes de vir ao mundo o SALVADOR: do valor d'esta virtude se julgará devidamente quando se reflectir, em que foi a primeira de que, por seu proprio Nascimento, o Messias se apressou a dar-nos o exemplo!

(11) Á Adoração do Menino Jesus, que na igreja da minha terra tinha logar no fim da Missa-do-Gallo, costumava lançar-se n'uma salva, para isso patente, alguma pequena offerta; uma laranja, ou outro fructo, constituia, muitas veses, o simples dom da innocencia, por ésta mais precioso que diamantes ou perolas.

(12) Outra das bellas circumstancias que acompanhavam o velho Natal, era ésta das conciliações que por tal occasião se faziam, entre pessoas e familias que andavam agastadas e indifferentes, em razão de contendas ou procedimentos que haviam tido logar durante o anno. Os sentimentos acalorados, e as mais das vezes, por mais ou menos culpa de ambas as par-

84.

Farta mesa appetitosa
  Logo circumdam contentes
A familia generosa,
  E os mais chegados parentes.

85.

Quando Deos quer, ja figura
  No jantar bom serrabulho,
Torresmo, lombo em fartura,
  O figado, e mais debulho:

86.

Porem o rei do serviço
  É gordo perum assado,
Ja de ha muito, para isso,
  No melhor pasto cevado.

87.

Faz-se honra do tempo aos pratos
  Com gostosas libações,
Ditos agudos e gratos
  Ornam as conversações.

88.

No luxo da sobre-mesa
  É que o Natal sempre brilha;
D'ella co'a maior franqueza
  O bando infantil partilha.

89.

Na tarde e serão que seguem
  Vem de amigos larga roda,
Que em recreações prosseguem,
  Quaes sugere o tempo e a moda.

90.

O cha, que hontem foi solteiro,
  Somente de agua tingida, (13)
Ja traz muito companheiro,
  De qualidade escolhida;

91.

Além da loura torrada,
  Pão nosso de cada dia,
Que parece *Eva* creada
  Para lhe ser companhia,

tes excitadas, tinham esfriado, e dado logar á reflexão e arrependimento, de maneira a fazer desejar o restabelecimento das antigas amigaveis relações; o capricho porem, e amor-proprio, impediam, de ordinario, que qualquer dos agastados cedesse a ponto de ir procurar o outro, sem algum pretexto de todo extranho ás disputas. Este pretexto na occasião das boas-festas se offerecia; os agastados o aproveitavam visitando-se mutuamente; n'estas visitas, trocavam-se cumprimentos e expressões de amizade, fallava-se de tudo menos no objecto das differenças, e d'ahi em diante continuavam as relações amigaveis como se nunca houveram sido interrompidas. A occasião para pazes e reconciliações não podia ser melhor escolhida, que a da solemnidade commemoradora do nascimento do Christo, dado ao mundo como penhor de paz e reconciliação entre elle e o Ceo.

(13) O cha da vespera do Natal, como de dia de jejum, reduzia-se á simples tintura singela e desacompanhada; mas no dia da Festa, compensava-se, pela abundancia e variedade das concomitancias hoje, a total ausencia d'ellas hontem.

92.

Riccos, varios, mesmo novos,
  Em fórmas, gôstos, e côres,
De amendoa, de fructa, de ovos,
  Vem do convento os primores: (14)

93.

Mas não, como de outras vezes,
  Com o bulle desparecem;
Alli promptos aos freguezes
  Todo o serão se offerecem.

94.

Altas horas são da noite
  (Ou melhor, da madrugada),
E apenas ha quem se afoite
  A fallar de retirada.

95.

Razão sobria, não desejo,
  Alfim os adeuses pede,
Entre abraços, e algum beijo,
  O circulo se despede;

96.

Mas não sem que o voto emitta,
  De que, em ditas augmentado,
De hoje a um anno se repita
  Este serão festejado.

97.

Tal era antigo Natal,
  Que me faz tanta saudade!..
Hoje é crime em Portugal,
  E de lesa «*Liberdade*»:

98.

Repugnam á tal Criança
  Estas velhas costumeiras,
De *Idades Livres* herança,
  Não de eras *liberdadeiras*.

99.

Moderna philozophia, (15)
  Na «reforma» das Nações,
Em vez de paz e alegria,
  Receita — «*Constituições*»!....

(14) Quem não sabe que nos conventos das nossas boas freiras se faziam as mais saborosas e delicadas confeitarias? E era pelo Natal que mais tal fábrica se aprimorava.

(15) A minha maneira de escrever *philozophia* com *z*, quando fallo da falsa e inganosa, que tanto ha corrompido e damnificado o mundo, n'este seculo e no passado, é porque derivo ésta de φίλος, *amigo*, e φίλος, *escuro*, *confusão*, em vez κόφος, e Σόφοι, *sabedoria*, *luzes*. A philosophia verdadeira, aquella, *cujus principium est timor Domini*, nada, com effeito, tem de commum com a presumpçosa inspiradora dos modernos «regeneradores» do mundo moral e politico; não se deve, pois, dar o mesmo nome a cousas tão antagonistas, ou, pelo menos, não se devem ambas escrever com as mesmas letras.

100.

Liberalismo estonvado,
  Que tudo o que é bom desterra,
Consta-me haver desterrado
  O Natal da minha Terra.

A. R. Saraiva.

Londres, 19 de Dezembro, de 1844.

ESPECTACULOS.

THEATRO DE SAN'CARLOS.

MARIA PADILHA — opera em trez actos. poesia de *Rossi* musica de *Donizetti*.

347 Maria Padilha é um mau drama de M.me Ancelot reduzido a libretto ainda peior por C. Rossi: o facto historico hispanhol, despido dos ornamentos da poesia franceza ou italiana, é per si so, mil vezes superior á acção dramatizada na França ou na Italia. Ja se deixa ver que a musica, apesar de Donizetti, devia de ressentir-se da inferioridade do texto. E comtudo tem ésta opera lindos trechos; a cavatina do 1.° acto

Sorridi, o caro sposo,

o coro do 2.° acto

Nella regia dell'amore

o duetto das duas damas do mesmo acto

Di pace a noi bell'iride

e o grande duetto de soprano e tenor do 3.° acto; mas nota-se certa falta de nexo, certa deficiencia no complexo, que não deixa collocar ésta opera entre as melhores de Donizetti.

O desempenho foi regular; mas notou-se principalmente o alegro do duetto pelas Sr.as Ranzi e Grimoldi, que foi muito applaudido. O Sr. Landi, encarregado da parte de tenor, fez o seu debutte n'esta peça. Não lhe louvâmos a escolha por muitas razões. Ésta parte na *Maria Padilha* é uma parte *sui generis*; e não se póde sympathizar com um tenor a desempenhar um papel de velho. A voz do Sr. Landi é muito clara, de mui agradavel timbre, abaritonada mas curta; diz os recitativos com grande intelligencia, canta bem um adagio, mas fallecem-lhe os recursos para um allegro de fôrça.

A opera está decorada com sufficiente magnificencia e ornada com um bailado, composição do Sr. Martin, em que as Sr.as Moreno e Marsigliani dançam um passo-a-dois bastante gracioso e bem executado. Realmente o corpo de baile está hoje fazendo uma figura distincta, e está merecendo muito ou seja pelos bailaveis ou pelos executantes: creio que por uma e outra coisa....

Na segunda-feira [29] foi o beneficio do Sr. Martin. Os espectadores correram em multidão a victorear o distincto dançarino. A enchente foi *real*. O Sr. Martin e a Sr.ª Zimmann, sua esposa, dançaram pela primeira vez a *polka-hungara*. É força confessar que a *polka parisiense* tem muito mais *coquetterie* e voluptuoso abandono: pareceu-me além d'isso o *tempo* demasiado vivo e a valsa muito curta. Notava-se no rosto das nossas mais elegantes polkistas um vaidoso *risinho* de satisfação nos labios, acompanhado de certo ar de triumpho... E na verdade não havia remedio senão dar-lhe razão! A polka na sala — será, é de certo por ser dançada por ellas — interessa e agrada muito mais, seduz sem soffrer comparação.....

THEATRO DA RUA-DOS-CONDES.

A JUSTIÇA DE DEUS — melodrama em 5 actos e 6 quadros — tradução do Sr. *J. B. Ferreira*.

348 Mais um melodrama. Mas este ao menos tem um scopo moral, algumas scenas familiares muito bem tractadas, e dois ou trez lances bastante dramaticos. Era o beneficio da Sr.ª Emilia: a illustre artista não tem n'esta peça papel que chegue á altura do seu talento; sabe porém tão elegantemente tirar partido da mais pequena parte, que em todas ellas é vista com muito interesse. A Sr.ª Santos, encarregada de um pequeno papel, difficil e ingrato, mostrou todavia que o theatro da Rua-dos-Condes adquirira mais uma artista; assim elle a queira conservar. Como hoje é occasião de fallar nas artistas, direi tambem que a Sr.ª Joanna Carlota satisfez completamente no seu papel; é esse sem dúvida o genero que lhe convém. Ora, quando se conhece quaes são as disposições de um actor, quaes os characteres que são adoptados aos seus recursos, seria um êrro e uma injustiça, não se lhes distribuirem sempre os papeis identicos: assim é que se fórma um artista; nenhum d'elles póde ser bom para tudo, e perde-se muitas vezes um bom actor por estar deslocado na character do seu debutte, ou n'aquelles de que é costume encarregal-o. Valha isto apenas como reflexão.

Não heide ser injusto com a Sr.ª Delfina: o seu gracioso natural é quasi sempre digno de especial menção, como n'esta peça.

O Sr. Tasso encarregado de um papel forte, deu mais uma prova da sua habilidade; mas como é para desejar que este artista faça progressos *reaes*, será conveniente recommendar-lhe que não precipite tanto o discurso, que deixe um pouco mais d'intervallo entre as palavras; alias ellas confundem-se, o espectador não as distingue, e a expressão do actor embrulha-se e obriga-o ás vezes a dizer equivocos e absurdos de muito mau effeito. O actor deve estudar o seu papel, não machinalmente para repetir como um menino recita uma loa, deve estudal-o para o entender; e quando abre a bócca para fallar deve ter inteiro conhecimento do que vai dizer, e estar sciente de todo o alcance das suas expressões: alcançado isto, as inflexões veem naturalmente: o tom da ironia, o accento da paixão, não se carecem ensinados, quando se intende o sentimento que dicta as palavras. O que deriva pois da natureza, do ensino e da pratica, é expressar *melhor — optimamente* — esse sentimento. Valha so tambem como simples reflexão.

ERRATAS AOS ARTIGOS 337 E 338.

Pagina 317 col. 2 lin. 27, phrenetico, lea-se: fanatico — pag. 318 col. 1 lin. 59, considerações, lea-se: condições — pag. 318 col. 2 lin. 9, mais, lea-se: mui — pag. 318 col. 2 lin. 12, do engenho, diz Boileau, lea-se: do engenho diz Boileau — pag. 318 col. 2 lin. 45, orina, lea-se: Corina — pag. 319 col. 2 lin. 4, sob o aspecto extranho, inopinado, lea-se: sob um aspecto extranho, inopinado — idem col. 2 lin.

50, questão das duas substancias, lea-se: questão da união das duas substancias — pag. 320 col. 2 lin. 28, recente, lea-se: *recendente* — pag. 321 col. 2 lin. 5, roseando, lea-se: *ronxeando* — idem, idem, lin. 15, ella, lea-se: elle — pag. 322 col. 1 lin. 21, que ondas roçam, lea-se: que nas ondas roçam — pag. 332 col. 2 lin. 26 falta o verso que por engano na recorrição se lê na linha 43. Ha mais alguns erros de letras de menos monta.

VARIEDADES.

AS MUDANÇAS.

349 As mudanças de casa que na nossa Lisboa se usam pelo natal e San'João, são tambem uma certa moda — creio que o foram sempre mais ou menos — em que influem diversas circumstancias segundo as epochas. Agora por exemplo que domina o gôsto de construir casas — que é realmente muito bom gôsto, assim Deus o fructifique e augmente — a influencia que prevalece na moda é de ir assistir para *casas novas*. Algumas estão apenas começadas ja teem alugador, e não ha nenhuma que depois de acabada tenha ficado por alugar. Não ha decerto melhor incentivo para a edificação.

Ha muita gente para quem as mudanças é a peior coisa que póde haver; mas em compensação ha outra tanta para quem isso é a coisa mais agradavel do mundo. Para os velhos a mudança é sempre incommoda, impertinente e bem escusada; para os donos de casa é sempre dispendiosa, prejudicial e aborrecida; para a mocidade é divertida, esperançosa e quasi sempre desejada; e para muita gente uma necessidade.

Algumas semanas anteriores ou posteriores á mudança mui diversas impressões agitam os personagens que figuram n'ella. N'esta rua uma donzella meiga deixa um visinho amavel cuja janella do saguão era posto querido de atalaia vigilante que, apesar da classica cortina, espreitava cobiçoso os seus gentis movimentos: e se não é donzella será cosinheira diligente que cem veses no dia tem coisas que pendurar na suja rotula, e a quem o curioso espreita as voltas, que distingue a custo atravez dos rasos, e mesmo ao froixo clarão da taciturna candea.

N'outra rua uma joven formosura vai incontrar na mesma varanda, ao *seu lado*, um morador elegante que a encara fito no primeiro dia, que a espera no segundo, que lhe sorri no terceiro, que lhe mostra um bilhete no quarto, que lh'o intrega no quinto, e que do oitavo em diante passa os dias da canicula e as noites do hynverno incostado á *incommoda* divisão, que separa a varanda, em amorosos colloquios com a sua querida vizinha.

Outra terrestre deidade, que morava n'um primeiro andar onde á meia-noite (a hora fatidica dos poetas) fallava commodamente a mysterioso quebra-esquinas que lhe rondava a porta, la vai n'uma terrivel mudança para um terceiro ou quarto andar, d'onde tem que proclamar a toda a rua os seus segredos amorosos, e no fim do mez, ameaçada d'um esfalfamento fica, obrigada a fugir do ar da noite, e perde com a saude a paciencia e o amante.

Tambem ás vezes, quando paredes-meias n'um terceiro andar, dois namorados se intertem á bócca da noite em secreta conversa, é da mais insupportavel quijilia mudar-se um d'elles para o primeiro andar deixando a estrella do seu horisonte de amor vertical sôbre a cabeça, e que, para maior desgraça, impertinente sacada do segundo andar atrevida lhe eclipsa.

As mudanças são realmente um desapontamento! Um pobre moço que começára hontem a olhar para uma formusura que víra muito socegada a uma janella, passa hoje pontual á mesma hora, na esperança de ver correspondido o carinho com que a olhára na vespera, e quando, com um semisorriso nos labios graciosos alonga os olhos avidos para a esperançosa janella, incontra uma preta velha lavando as vidraças, ou figura quejanda, e vê os trastes do novo morador subindo a escada. Havia dias que as casas estariam alugadas, e o triste nem pelos *escriptos* póde saber que a incognita belleza, que talvez nunca mais torne a ver, ia mudar de casa para farejar-lhe o rasto.

Não nos lembremos porém unicamente dos negocios amorosos, ainda que estamos em idade de so d'isso tractarmos, pois por mais que façam, caio na paciencia podem produzir-nos, mas rabugices de velho é que não conseguem de nós: lá chegaremos, e talvez então sejamos menos insopportaveis do que muitos... talvez; mas em quanto esse tempo não chega deixem a *chacun son affaire*.

Os inconvenientes das mudanças são innumeraveis e de todo o genero. A loiça que se quebra, os trastes que se desconcertam, as miudezas que se perdem, não teem conto nem fim; os incommodos de desarrumar para tornar a arrumar, a fadiga, os phrenisis, os ralhos domesticos, são um nunca acabar. Ainda que o dictado diz — quem corre por gôsto não cansa, comtudo eu creio que quem se mudar, ainda que seja por seu gôsto, não póde estar muito descançado.

Ha tal que se muda por *economia*; poupa quatro moedas por exemplo, na renda das casas; mas gasta cinco ou seis na mudança, perde umas poucas no que se lhe quebrou, manda fazer esteiras novas, talvez pinturas, e o seu quarto forrado de papel, que é circumstancia obrigada, anda-lhe tudo por suas dôze moedas ou mais; e acha que fez um rasgo de economia morando em casas mais baratas... Oh! Adam Smith!

Outro não presume de *economista* mas de *homem sério*; comtudo só porque appeteceu *casas novas*, muda-se d'onde estava bem, e gasta rios de dinheiro para decorar a nova habitação porque atraz de um vem outro appetite, sem que lhe passe pela idêa que tudo aquillo é nem mais nem menos uma *extravagancia*.

As mudanças emfim serão muito boas para o marcineiro, para as fábricas de vidro, para as lojas de loiça, para o armador, para todos quantos quizerem; mas se quem se muda meditasse bem primeiro, acharia que para si é mau, e muito mau. Não sou partidista do *laisser faire*: *j'ai ma economie à moi*, por isso não heide concluir sem dar um conselho — custa barato; mais de quatro vintens ninguem dá por elle, e uma grande parte dos que o lerem nada darão: Ninguem se mude sem necessidade urgente; e ainda assim, deve primeiro calcular bem os proes e precalsos do passo que vai dar. E' conselho de rapaz mas é de amigo.

CORREIO EXTRANGEIRO.

350 Em França foram convocados para 5 do corrente, os conselhos-geraes d'agricultura, manufactura e commercio, cujas sessões devem durar até 15 de janeiro proximo. A ùltima reunião d'estes conselhos foi em 1841: ésta é convocada a pedido do ministro d'agricultura e commercio. Estes conselhos são os que preparam os projectos-de-lei sôbre as grandes providencias agriculas, industriaes e commerciaes, que os ministros apresentam no parlamento, e são os conselheiros do ministerio nas graves questões d'estes importantes ramos do Estado. Como se preparam, como se confeccionam, como se tractam ca em Portugal estes interesses vitaes da nação? Onde estão os institutos d'esta natureza? Comprehendem porventura as notabilidades estadistas éstas necessidades-públicas? Quem lhe importa os melhoramentos d'estas? Quem os estuda?....

A última opera de Verdi — *Alzira*, foi cantada em Roma pela Boccabadatti (filha) Avilla e Ferretti. Toda a opera produziu um grande enthusiasmo, e o tenor Ferretti foi extraordinariamente applaudido.

A Rossi debutou no theatro-real d'Amsterdam na *Norma*. Diz a *France-musical* que o enthusiasmo produzido pela grande cantora é impossivel de descrever.

Uma grande parte da cidade dos Dardanellos acaba de ser destruida por um incendio.

A rainha d'Hispanha distribuiu com a sua propria-mão, e em sua real-camara, os premios propostos pelo jury que julgou os productos d'industria hispanhola exhibidos na última exposição.

Os jornaes inglezes affirmam que de todas as partes do reino-unido chegam as mais tristes noticias do estado da colheita das batatas. O *Times* sente que nenhum paiz da Europa esteja habilitado para uma exportação capaz de acudir ás necessidades da Gran' Bretanha. O gabinete inglez ainda não accordou nas providencias que a este respeito se devem tomar.

Affirma-se que lord Ross acaba de fazer maravilhosas descubertas na lua auxiliado pelo seu monstruoso telescopio: a topographia até aqui adoptada para este astro, vai ser inteiramente destruida, e ficará considerada uma observação de Helvetio, que até hoje se tinha julgado como delirio. Este celebre astronomo do XVII seculo accreditou ter visto no centro d'esse glôbo no sentido do seu meridiano, uma larga fenda e profunda atravez da qual se via o sol. Segundo lord Ross este facto é exacto.

CORREIO NACIONAL.

351 Le-se no 'P. dos Pobres no Porto:'

Opportunidade. — Sabbado ás 10 da noite, estando a cantar-se no Theatro o 3.° acto dos *Puritanos*, viu-se em um dos corredores da 3.ª ordem um homem de pé e outro de joelhos a seus pés. Averiguado o caso, era um assignante a quem o seu alfaiate tomava medida d'umas pantalonas.

Existe na Academia das Bellas-Artes um quadro de Pedro Alexandrino (um artista insigne portuguez, e que no pintar meninos excedeu a todos); representa o quadro o baptismo de Christo, e tinha no 1.° plano pintado um menino que éra um primor d'arte. N'um d'estes dias appareceu cortado o bocado de panno do quadro em que este menino estava pintado. Os professores da Academia estão com razão pesarosos, e fazem-se as maiores diligencias para descobrir o perpetrador d'este desacato àrtistico.

Por decreto de 24 do corrente se estabelece definitivamente a eschola normal-primaria do districto de Lisboa, no edificio da Casa-pia, em Belem, com o regulamento respectivo.

Caixas-economicas da Companhia Confiança-Nacional. — O juro em Lisboa, durante o anno de 1846, será de cinco por cento, e no Porto, durante o mesmo anno, de quatro e meio por cento. — Os directores: *M. G. da C. San' Romão.* — *Carlos Morato Roma.*

No mez de novembro último entraram 27 autos civeis e crimes no Supremo Tribunal de Justiça, foram julgados 75, ficaram pendentes 817.

Do 1.° de dezembro de 1844 ao ùltimo d'outubro de 1845, deram entrada no Supremo Tribunal de Justiça 498 autos civeis e crimes, foram julgados 512, e ficaram pendentes para novembro 790.

O Sr. D. José Joaquim de Moura, Bispo-eleito de Vizeu, acaba de recommendar aos parochos da sua diocese, o cumprimento das suas mais sagradas obrigações pastoraes e religiosos deveres, que talvez se achavam um pouco relaxados. O exemplo do nobre prelado era bom de seguir-se para inteiro vigor das disciplinas ecclesiasticas.

Ensaia-se no theatro da Rua-dos-Condes um drama original do Sr. Corvo, MARIA TELLES. Deve representar-se pelo meiado de janeiro.

Parece que se vai estabelecer no edificio da Luz, onde esteve o collegio militar, um hospital de alienados pelo methodo indicado pela commissão de peritos creada por decreto de 7 de junho de 1844.

Recebemos jornaes das ilhas dos Açores e Madeira. Não dão novidade. Tinha desembarcado na Madeira, de regresso da Inglaterra, o celebre propagandista protestante *Kalley*. Na ilha de San'Miguel continuava a obra da doca-do-areal, ja muito adiantada e servindo d'asylo a embarcações de pequeno lote: gaba-se muito a sua solidez. A exportação da laranja começava, e tinha-se aberto o preço de 2$000 rs. por caixa. O anno passado exportou ésta fertil ilha 120,000 caixas; muito mais que todo o continente do Portugal.

As noticias d'Africa são desastrosas para o commercio d'escravos. A corveta portugueza 'Relampago' tinha perseguido varios navios, e o cruzeiro era activissimo. O govêrno promoveu ao posto immediato o commandante da 'Relampago.'

CONHECIMENTOS UTEIS.

CONGRESSO SCIENTIFICO EM PORTUGAL.

352 Bem longe de censurar a idea sublime de um congresso scientifico em Portugal, emittida no n.° 19 da Revista, seja-me licito fazer algumas reflexões ácerca d'este objecto, no qual me parecem prevalecer algumas ideas erroneas, como se collige das propostas feitas para se realizar ésta lembrança.

Os congressos scientificos que cada vez mais se divulgam nos paizes esclarecidos, taes como na Allemanha, França, Inglaterra, Dinamarca e Italia, tiveram ha vinte e tantos annos a sua origem na Allemanha debaixo da influencia de um Humbold e Oken.

Oken, este celebre naturalista philosopho, fez o primeiro convite para um congresso scientifico de naturalistas e medicos, se não me engano, em Leibzig, que foi acolhido com o maior prazer; o ajunctamento de sabios nacionaes e extrangeiros foi grande: Oken redigiu os estatutos que foram discutidos e approvados, e assim se constituiu um congresso de sabios de diversos paizes que todos os annos, no mez de settembro, se reune em alguma das cidades da Allemanha, escolhida para isso no congresso antecedente por pluralidade de votos, attendendo que ésta escolha recahe alternativamente ora no sul da Allemanha, ora ao norte, ou na Allemanha occidental ou oriental, ou no centro do paiz.

D'esta maneira se instituiu um congresso scientifico o mais afamado pela concorrencia de sabios de toda a Europa e America; congresso que se formou e celebra as suas reuniões annuaes sem intervenção, sem auxilio e sem approvação de govêrno algum: congresso que foi imitado debaixo dos mesmos principios nos outros paizes onde reina o amor ás sciencias; congresso que extendeu a sua influencia a todos os ramos das sciencias e mesmo das artes: celebrando-se além do congresso dos naturalistas na Allemanha ha 9 e 10 annos para cá — o congresso dos agronomos e empregados na administração das florestas (visitado este anno em Breslau por 800 membros e muitos extrangeiros) — o congresso dos philologos — o dos pedagogos — o dos industriaes e commercio — o dos advogados — e dos musicos e do canto — dos pintores e esculptores, e até dos artistas mecanicos; e todos estes congressos com uma concorrencia extraordinaria de nacionaes e extrangeiros.

Estes congressos bem provam que nenhum paiz onde ha amor ás sciencias e artes, onde a maioria do povo tem a instrucção sufficiente para tomar um vivo interesse a similhantes reuniões e persuadido da sua utilidade, se pódem constituir congressos scientificos sem intervenção e auxilio dos governos, sem recurso á bolsa de particulares, e sem necessidade de convites á aristocracia para se pôr á frente de um congresso no qual toma so a presidencia o saber e a fama scientifica, mas não uma casta privilegiada pelos serviços dos antepassados ou pelo seu dinheiro.

Os obstaculos principaes para se realizar um congresso scientifico em Portugal se julgam proceder da falta de meios pecuniarios para as despezas dos preparativos.

Resolveremos ésta questão com poucas palavras, narrando como se fazem os preparativos para o congresso dos naturalistas na Allemanha, que é o typo de todos os mais. — Escolhida a cidade para o proximo congresso se nomea entre as pessoas conhecidas da mesma (que são quasi sempre membros do congresso) as que se devem encarregar dos preparativos do futuro congresso, no tempo conveniente, para a recepção de um milheiro de hospedes; e para isso não é necessario outra coisa senão fazer a commissão a devida participação ao soberano ou principes, se fôr na residencia d'elles, ao magistrado da cidade, e ao senado academico se fôr universidade, e ás corporações scientificas, se as houver, assim como aos cidadãos em geral. Immediatamente, tanto os soberanos e principes, magistrados e senados, como os cidadãos abastados, os quaes todos se honram com a visita de tantos sabios, poem á disposição do congresso os edificios mais apropriados para as suas reuniões, os magistrados cuidam no aquartelamento dos hospedes em casas particulares, e de ordinario é o offerecimento das casas para receber taes hospedes, maior do que o número d'elles. Os jantares, nos quaes reina sempre a maior harmonia debaixo da presidencia da jovialidade, são todos communs, teem preços fixos mui limitados, e de resto cada membro do congresso vive á sua custa.

Eis-aqui o modêllo de todos os congressos scientificos, em que não se despende um so real nem do thesouro público nem á custa de particulares por subscripção, pois onde auctoridades e particulares concorrem com a sua coadjuvação espontanea, e sem despezas, e tudo por amor ás sciencias, não são necessarios outros auxilios.

Nas residencias de soberanos e principes são além d'isso os membros do congresso obsequiados com jantares e festas nos palacios da residencia real, ou do campo, pondo-se á disposição d'elles as carruagens necessarias. — Franqueam-se-lhes os theatros gratuitamente, os estabelecimentos públicos e particulares ficam á sua disposição, as administrações dos caminhos-de-ferro offerecem gratuitamente as suas carruagens para as excursões scientificas: nas familias abastadas ha reuniões de noite, outras dão bailes: e assim se passam oito, dez ou quinze dias, de uma maneira a mais agradavel, dividido o tempo entre as sciencias e os prazeres.

Á vista d'este exemplo seguido nos outros paizes onde se ajunctam congressos scientificos, não se daria uma boa idea do estado e amor ás sciencias em Portugal, exigindo-se para isso soccorros pecuniarios do govêrno ou de particulares por subscripção. O amor das sciencias deve ser a alma dos congressos, e este vence todas as difficuldades; ésta predilecção deve existir em cada individuo, mas onde geralmente faltar nunca poderá ser inspirada artificialmente por meio de auxilios, sejam elles do govêrno ou de particulares.

Entretánto para se fazer o convite de um congresso scientifico em Portugal, temos ainda outro objecto essencial a considerar; isto é indagar — quaes são os attractivos principaes de similhantes reuniões em outros paizes?

N'este ponto a experiencia de muitos annos tem mostrado que os seus trabalhos não tem por objecto resolver problemas, discutir novos systemas ou doutrinas; nem ler memorias ou discursos com que brilham os talentos, pois que tudo isto póde ser divulgado pela imprensa sem que os seus auctores tenham: o incom-

modo de deixar suas casas. Portanto o maior attractivo, como é sabido, consiste para as ditas reuniões na concorrencia e contacto dos muitos sabios com fama europea pelas suas obras; os quaes desejam conhecer-se pessoalmente, e trocar mutuamente as suas ideas e palavras; e finalmente nos prazeres da convivencia com tantos homens celebres, e serem reunidos em uma cidade interessante, ou pelos seus estabelecimentos scientificos e d'arte, ou pela sua situação n'um paiz pittoresco ou celebre pela formação do seu terreno ou pelos productos da natureza.

Na Allemanha so um Humbold, Liebig, Buch, Ethrenberg, Martins, Bichtenstein, Dobereiner, Owen, Hausmann, Noeggerath, e muitas outras celebridades conhecidas no mundo scientifico, são capazes de attrahir os sabios de outros paizes.

Na França, um Arago, um Elie de Beaumont, Bendam, Geauffroi de Saint-Hilaire, Brochant, Brognart, Boné, Gai Lussac, Biot e outros muitos, exercem o mesmo attractivo nos extrangeiros.

Na Inglaterra, um Buckland, Lyell, Broun, Herschel.

Na Italia, um Paddei, Piria, Gnarini, Luciano Bonaparte, Francisco Orioli, Avelino, Massi e Gasparini todos homens de fama que brilharam no último congresso.

Mas em Portugal quaes seriam os sabios que exercessem um similhante attractivo sôbre os extrangeiros? quaes seriam os nomes conhecidos d'aquelles, que podessem dignamente representar no congresso as sciencias que se tractam em similhantes reuniões, como são: a Agronomia, Technologia, Chimica, Zoologia, Physica, Mathematica, Archeologia, Geographia, Botanica, Geologia, Mineralogia, Astronomia e Medecina, Sciencia florestal.

Não se póde duvidar que entre os portuguezes existem eminentes talentos e pessoas de muita instrucção; mas, como elles nada ou pouco publicam, lá fóra ninguem os conhece: e por desgraça quasi todos esses ramos das sciencias, que mais interessam o público, e que tem a maior influencia sôbre o bem-estar das nações e os seus interesses materiaes, pouco ou nada são cultivadas em Portugal.

Portanto, se viessem por convite para um congresso scientifico em Portugal, um Humbold, um Arago, um Herschel, um Broun, um Buch, e outras similhantes celebridades, o que deveriam elles dizer ou pensar se nas secções dos differentes ramos das sciencias que se acham no programma, os bancos ficassem vazios como naturalmente aconteceria!

Julgâmos pois por todos estes motivos ser prematura a idea dos convites de sabios extrangeiros para um congresso scientifico em Portugal, e que similhante congresso, por ora, se deveria limitar á concorrencia de sabios nacionaes, como ensaio para avaliar a inclinação e o amor ás sciencias e o effeito que produziria sôbre o público esclarecido, escolhendo-se para o dito congresso as quatro cidades, Lisboa, Porto, Coimbra e Evora. So depois de feita ésta experiencia se poderá julgar com certeza se convem fazer convites aos sabios extrangeiros sem se expor a um desar.

(*Communicado*).

Publíco, com muito gôsto, o artigo que se acaba de ler, que por todos os respeitos merece a minha consideração; mas seja-me permittido fazer a respeito do seu contheudo uma simples reflexão.

Reconhece o illustre escriptor a vantagem de um congresso scientifico em Portugal, parece-lhe todavia que não estamos ainda em estado de alimentar ésta pretenção: não approva os meios que a REVISTA indicou para ella se podêr verificar; e substitue, finalmente, a idea de um congresso de sabios extrangeiros e nacionaes por outro de nacionaes somente.

Como estamos de accordo na utilidade e so discordâmos na opportunidade, direi unicamente a éste último respeito que, por serem reconhecidas as razões que aponta o illustre escriptor contra a opportunidade, é que se lembraram meios extraordinarios para a *criar*: meios, que embora não tenham exemplo, são, ao que me parece, mui adequados, e mesmo por singulares mais louvaveis. Se infelizmente não ha em Portugal summidades scientificas cujos nomes attraiam a visita de outros sabios; podem haver outros nomes e circumstancias que nos façam dignos d'ella. E se para attrahir os sabios extrangeiros é bastante o gôsto da prática entre elles, ésta se obtem tanto em outros paizes como se póde obter em Portugal — obtem-se em qualquer parte que o congresso se reuna; porque os sabios de França não são vistos so em França, nem os d'Allemanha so na Allemanha etc.: são quasi sempre os mesmos que se veem em toda a parte.

Tambem não receio que façamos má figura n'um congresso d'estes: principalmente não offerecendo elle assumpto para largas discussões academicas. Convenho em que não temos nomes *retumbantes*; mas temos sem dúvida muito quem esteja a par da sciencia: e isto é bastante para não fazer figura triste em reuniões d'esta natureza.

Por último, lembra o illustre escriptor a convocação de um congresso scientifico nacional, talvez como ensaio preparatorio do outro. N'isto une a REVISTA os seus ardentes votos aos do illustre auctor da lembrança, e se as columnas d'ella podérem, para tão util e louvavel fim, prestar auxílio de alguma valia, desde ja ficam offerecidas n'esse sentido.

Aproveitem os nossos patricios este meio de se instruir e estimular reciprocamente, que os seus nomes correrão tambem o mundo. A massa de que a humanidade é feita é a mesma em todos os paizes.

LAVANDEIRA ECONOMICA.

353 Usam na Belgica de uma machina para lavar a roupa que pela brevidade com que executa ésta operação lhe chamam *lavandeira a vapor*. É uma especie de tina de pau ou de folha galvanisada, que tem dentro uma peça de pau com quatro braços, que são movidos alternativamente da esquerda para a direita e da direita para a esquerda, por meio de uma manivella que demanda pouca fôrça. Mettem-se dentro da tina algumas peças de roupa, deita-se-lhe agua, e sacudindo-as vivamente com aquelle movimento de vai-vem abbrevia-se muito a lavagem, que chega a ficar completa se a roupa não tem nodoas.

LINGUISTICA.

254 É curioso de saber a importancia que em França se dá hoje ao estudo das linguas orientaes vivas, que são reconhecidas de summa utilidade para a politica e commercio. No 1.° de dezembro último abri-

ram-se os seguintes cursos na 'eschola-real-especial' d'este ramo d'estudos:

Lingua arabe; Lingua arabe-vulgar, explicada a differença entre os dialectos do Oriente e Barberia; Lingua persiana; Lingua turca; Lingua armenia; Lingua grega moderna e paleographia grega; Dialectos do Indostão; Lingua chineza-vulgar; Lingua malaia e javaneza.

Houve tempo em que illustres compatriotas nossos se fizeram distinctos na cultura d'estas linguas, do hebraico e de muitas brazillicas. Ésta cultura é attestada por escriptos, que d'elles nos ficaram; não so traducções d'essas linguas mas tambem diccionarios e grammaticas d'ellas. Ja no seculo XIII se ensinava grego no collegio de Santo Eloy, em Evora, e falla-se de um antiguissimo portuguez, Gastão de Fox, que compozéra em arabe certa obra que depois fóra traduzida por outro portuguez, Pedro Galvão. No seculo XV ensinava-se em Portugal a lingua ethiopia. Damião de Goes era versado no Caldeu; e diz-se que tivemos até algumas mulheres eruditas no hebraico.

Não quero fazer comparações de paizes nem d'epochas; mas ninguem ignora que hoje, ensinando-se o francez ás crianças apenas balbuciam as primeiras palavras, quasi todas as outras linguas são desprezadas; e as orientaes, cujo conhecimento ninguem dirá que nos seja escusado, até pela nossa legislação d'instrucção-pública são esquecidas.

DO USO DO PHOSPHATO-AMMONIACO-MAGNESIEN COMO ADUBIO.

355 O phosphato-ammoniaco-magnesien tem em si todos os elementos que mais necessarios parecem para desinvolvimento das plantas. A conta dada á Academia das sciencias de Paris certifica que pelas experiencias feitas com terra adubiada com este sal, semeada de milho, se tinha conhecido que a vegetação crescia no dobro e engrossava no triplo da que era produzida no torrão ordinario, tractadas ambas com igual disvello.

A producção augmentou tambem proporcionalmente na quantidade e qualidade; so o tempo do desinvolvimento é que foi igual em ambos os casos.

NOVO MEIO DE PREVENIR A CODEA FORMADA PELA AGUA FERVENDO NAS CALDEIRAS DAS MACHINAS DE VAPOR.

356 Todos sabem os perigos e inconvenientes que podem resultar, e effectivamente teem resultado muita vez, da codea que se fórma pela fervura da agua nas caldeiras das machinas de vapor: a explosão é o maior d'estes perigos, e a continua limpeza, a que é necessario proceder para a prevenir, o maior dos inconvenientes. Ora, ésta mesma limpeza é uma das causas mais poderosas para a destruição dos apparelhos, pelo methodo que é forçoso applicar n'esta operação. Para o fim de prevenir a formação d'estas codeas teem-se inventado muitos processos, que eu não sei se satisfazem cabalmente o seu proposito; mas recentemente o Dr. Ritterbandt, que na Inglaterra tem adquirido reputação nas sciencias, descobriu que o sal-ammoniaco ordinario tinha a propriedade de empedir, em todos os casos, que essas codeas se chegassem a formar. Fizeram-se experiencias em Portsmouth abordo do vapor 'George IV' e o resultado foi mui satisfatorio. Basta deitar uma pequena porção de sal-ammoniaco na agua da caldeira: ésta agua e as qualidades primitivas do vapor em nada são alteradas.

Preservando as caldeiras e os tubos da adherencia d'estas codeas calcareas e salinas, este sal tem ainda a propriedade de neutralizar as substancias corrosivas que algumas aguas contéem, e de promover o desapegamento de codeas velhas adherentes ao metal, sem necessidade de nenhum acido que o possa atacar.

Direi succintamente a razão scientifica por que se diz que o sal-ammoniaco produz estes effeitos. A acção chimica mais ordinaria d'este sal, n'este caso, é de converter o carbonato-de-cal n'um chloreto perfeitamente soluvel e que se não deposita com o calor. Ora, como a crystallização dos outros saes, sulfato-de-cal etc., que se acham na agua com o carbonato, depende em grande parte do seu contacto com um corpo solido, resulta que da decomposição do carbonato-de-cal que lhes serviria de nucleo, ou apoio, tal crystallização se não póde formar por falta de sedimento, e por consequencia não ha codea.

O auctor recommenda o seu processo como vantajoso, principalmente, quando nas caldeiras se usa de agua-de-mar.

CONSERVAÇÃO DAS MADEIRAS POR EMBEBIÇÃO.

357 Como se tracta de introduzir entre nós este ou outro processo similhante para conservação das madeiras, objecto a que hoje se está consagrando grande attenção em toda a parte, pareceu-me conveniente fazer conhecer algumas circumstancias de que tenho notícia relativas a este importante ramo de economia-pública.

Sainte-Preuve, haverá cinco annos, que concebeu a idea, na mesma occasião em que Bréant trabalhava n'este mesmo objecto, de incher os poros da madeira de vapor aquoso, e condensar depois este vapor abaixando a temperatura, de maneira que se produzisse um vacuo que facilita a penetração dos liquidos conservadores. As suas experiencias feitas em ponto pequeno foram satisfatorias, e elle publicou a descripção do seu apparelho, que difficilmente sería intendida sem o auxilio de uma estampa.

Agora Venzat e Banner annunciam, que teem estabelecido em Paris um apparelho destinado a impregnar as madeiras de substancias conservadoras.

O outro apparelho, construido segundo o systema de Payne, de que se fazem ja em Inglaterra grandes applicações, compõe-se de uma bomba pneumatica, que esgota o ar das madeiras que se querem conservar, e de uma bomba d'injecção, que, no momento em que se faz esse vacuo, introduz em todos os intersticios a solução salina.

Ja tambem no n.° 7 d'este mesmo volume da Revista foi indicado o processo, hoje privilegiado em Inglaterra, França, Belgica e Hollanda, de conservar as madeiras por meio de uma mistura de cal e ferro.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO XXVI.

Modo de ler os auctores antigos, e os modernos tambem. — Horacio na sacra via. — Duarte Nunes inconoclasta de nossa historia. — A policia e os barcos de vapor. — Os vandalos do feliz systema que nos regé. — Shakspeare lido em Inglaterra a um bom fogo, com um copo de *old-sack* sobre a banca. — Sir John Falstaff se foi maior homem que Sancho-Pansa? — Grande e importante descuberta archeologica sôbre San'Thiago, San'Jorge, e Sir John Falstaff. — Prova-se a vinda d'este último a Portugal. — O enthusiasta britanico no tumulo de Heloisa e Abeillard no Pere-la-Chaise. — Bentham e Camões. — Chega o auctor á sua janella, e passa miragem poetica produzida por umas oitavas dos Lusiadas. — De como emfim proseguem éstas viagens para Santarem, e que feito será de Joanninha.

558 Se eu fôr algum dia a Roma, heide entrar na cidade eterna com o meu Tito-Livio e o meu Tacito nas algibeiras do meu paletó de viagem. Alli, sentado n'aquellas ruinas immortaes, sei que heide intender melhor a sua história, que o texto dos grandes escriptores se me hade illustrar com os monumentos d'arte que os viram escrever, e que uns recordam outros presenciaram os feitos memoraveis, o progresso e a decadencia d'aquella civilisação pasmosa.

E Juvenal e Horacio! o meu Horacio, o meu velho e fiel amigo Horacio!.. Deve ser um prazer regio ir lendo pela sacra-via fóra aquella deliciosa satyra, creio que a nona do L. I,

> Ibam forte sacra via, sicut meus et mos,
> Nemo quid meditans nugarum...

Deve ser maior prazer ainda, muito maior do que beijar o pé ao papa. Parece-me a mim; mas como eu nunca fui a Roma...

E não é preciso. Pegue qualquer na bella chronica d'elrei D. Fernando, a que Duarte Nunes menos estragou...

O Duarte Nunes foi um reformador iconoclasta das nossas chronicas antigas, truncou todas as imagens, raspou toda a poesia d'aquellas venerandas e deliciosas *sagas* portuguezas... Em ponto historico pouco mais eram do que *sagas*, verdade seja, mas como taes, lindas. E o Duarte Nunes, que era um pobre grammaticão sem gôsto nem graça, foi-se ás filagranas e arrendados de finissimo lavor gothico d'aquelles monumentos, quebra-lh'o; ficaram so os traços historicos que eram muito pouca e muito incerta coisa; e cuidou que tinha arranjado uma história, tendo apenas destruido um poema. Ficámos sem Nieblungen, podendo-o ter, e não obtivemos história porque se não podia obter assim.

Pois digo: pegue qualquer na bella chronica d'elrei D. Fernando, obedeça á lei concorrendo com o seu cruzado-novo para o augmento e glória da benemerita companhia que tem o exclusivo d'esses caranguejos de vapor, que andam e desandam no rio, entre n'um dos referidos caranguejos, em que, além da porcaria e mau-cheiro, não ha perigo nenhum senão o de rebentar toda aquella camara-optica que anda por arames, e em qualquer paiz civilizado e em que a policia fizesse alguma coisa mais do que imaginar conspirações, ha muito estaria condemnada a ir alli caranguejar para as Lamas á sua vontade. Mas emfim ca não ha d'outros nem haverá tam cedo, graças ao muito que agora, diz que, se cuida nos interêsses materiaes do paiz; e portanto tome o seu logar, passe o mesmo que eu passei, chegue-me a Santarem, descanse e ponha-se-me a ler a chronica: verá se não é outra coisa, verá se deante d'aquellas preciosas reliquias, ainda mutiladas, reformadas como ellas estão por tantos e tam successivos barbaros, estragadas emfim pelos peiores e mais vandalos de todos os vandalos, as auctoridades administrativas e municipaes do feliz systema que nos rege, ainda assim mesmo não ve erguer-se deante de seus olhos os homens, as scenas dos tempos que foram; se não ouve fallar as pedras, bradar as inscripções, levantar-se as estatuas dos tumulos, e revivêr-lhe a pintura toda, reverdecer-lhe toda a poesia d'aquellas edades maravilhosas!

Tenho-o experimentado muitas vezes: é infallivel. Nunca tinha intendido Shakspeare em quanto o não li em Worwick, aope do Avon, debaixo de um carvalho secular, á luz d'aquelle sol baço e branco do nublado ceo d'Albion, ou á noite com os pés no *fender*, a chaleira a ferver no fogão, e sôbre a banca o crystal antigo de um bom copo lapidado a luzir-me alambreado com os doces e perfumados resplendores do *old sack*; em quanto o fogão e os ponderosos castiçaes de cobre brunido projectam no antigo tecto almofadado, nos pardos compartimentos de carvalho que forram o apposento, aquellas fortes sombras vacillantes de que as velhas fazem visões e almas-do-outro-mundo, de que os poetas — poetas como Shakspeare — fazem sombras de *Banco*, bruxas de *Mackbeth*, e até a rotunda pansa e o arrastante espadagão do meu particular amigo Sir John Falstaff, o inventor das legitimas consequencias, o fundador da grande eschola dos restauradores catarras, dos poltrões pugnazes que salvam a patria de parolla e que ninguem os atura em tendo as costas quentes.

Oh Falstaff, Falstaff! eu não sei se tu es maior homem que Sancho Pança. Creio que não. Mas maior pansa tens, mais capacidade na pansa tens. Quando nossos avós renegaram de San' Thiago por castelhano perro, e invocaram a San' Jorge, tu vieste, ó Falstaff, em sua comitiva de Inglaterra e aqui tomaste assento, aqui ficaste, e foste o patriarcha d'esta immensa progenie de Faltaff que por ahi anda.

Este importante ponto da nossa história, da demissão de San' Thiago e da vinda de San' Jorge de Inglaterra com Sir John Falstaff por seu *homem-de-ferro* — ésta grande descoberta archeologica que tanta coisa moderna explica, como a fiz eu? Indo aos sitios mesmos, estudando alli os antigos exemplares: que é a minha doutrina.

Em tudo, para tudo é assim. Chegou um dia um inglez a Paris: um inglez legítimo e *cru*, virgem de toda a corrupção continental; calça de ganga, sapato grosso, cabello de cenoira, chapeo fillado na cova-do-ladrão. Era enthusiasta de Heloisa e Abeillard, foi-se ao Pére-la-Chaise, chegou ao tumulo dos dois amantes, tirou um livrinho da algibeira, poz-se a ler aquellas cartas do paracleto que tem endoidecido muito menos excentricas cabeças que a do meu inglez puro-sangue. Não é nada; excitou-se a tal ponto que entrou a correr como um perdido, bradando por um conego da Sé que lhe acudisse que se queria identificar com o seu modêlo, purificar a sua paixão, ser emfim um completo — ou um incompleto Abeillard.

Eu não sou susceptivel de tammanho enthusiasmo, sôbre tudo desde que dei a minha demissão de poeta e cahi na prosa. Mas aqui tem o que me succedeu o outro dia. Tinha estado ás voltas com o meu Bentham, que é um grande homem por fim de contas o tal quaker, e são grandes livros os que elle escreveu: cançou-me a cabeça, peguei no Camões e fui para a janella. As minhas janellas agora são as primeiras janellas de Lisboa, dão em cheio por todo esse Tejo. Em uma d'estas brilhantes manhans d'hyverno, e como as não ha senão em Lisboa. Abri os Lusiadas á ventura, deparei com o canto IV e puz-me a ler aquellas bellissimas estancias

E ja no porto da inclita ulyssea...

Pouco a pouco amotinou-se-me o sangue, senti baterem-me as arterias da fronte... as lettras fugiam-me do livro, levantei os olhos, dei com elles na pobre nau Vasco-da-Gama que ahi está em monumento-caricatura da nossa glória naval. Eu não vi nada d'isso; vi o Tejo, vi a bandeira portugueza fluctuando com a briza da manhan, a tôrre de Belem ao longe... e sonhei, sonhei que era portuguez, que Portugal era outra vez Portugal.

Tal fôrça deu o prestigio da scena ás imagens que aquelles versos evocavam!

Senão quando a nau que salva a uns escaleres que chegam... Era o ministro da marinha que ia abordo.

Fechei o livro, accendi o meu charuto, e fui tractar das minhas camelias.

Andei tres dias com odio á lettra-redonda.

Mas de tudo isto o que se tira, a que vem tudo isto para as minhas viagens ou para o episodio do vale de Santarem em que ha tantos capitulos nos temos demorado?

Vem e vem muito; vem para mostrar que as história lida ou contada nos priprios sitios em que se passou tem outra graça e outra fôrça: vem para te eu dar o motivo porque n'estas minhas viagens, leitor amigo, me fiquei parado n'aquelle vale a ouvir do meu companheiro de jornada, e a escrever para teu aproveitamento, a interessante história da menina dos rouxinoes, da menina dos olhos verdes, da nossa boa Joanninha.

Sim, aqui tenho estado, extendido no chão, as mulinhas pastando na relva, os arrieiros fummando tranquillamente sentados, e ás últimas horas de uma longa e calmosa tarde de julho a cahir e a refrescar com a aragem percursora da noite.

Mas basta de vale, que é tarde. Oh la! venham as mulinhas e montemos. Picar para Santarem, que no inclyto alcaçar d'elrei D. Affonso-Henriques nos espera um bom jantar d'amigo — e não é a *vacca e riso* de Fr. Bartholomeu dos Martyres, mas um verdadeiro jantar d'amigo muito menos austero e muito mais risonho:

— 'Porquê? ja se acabou a historia de Carlos e de Joanninha?' diz talvez a amavel leitora.

— 'Não, minha Senhora,' responde o Auctor mui lisongeado da pergunta: 'não, minha Senhora, a historia não acabou, quasi se póde dizer que ainda ella agora começa; mas houve mutação de scena. Vamos a Santarem, que la se passa o segundo acto.

A. G.

Continúa.

DO PARIATO (*)

359 Compiladas as tradições, mais ou menos authenticas, da associação commum em titulo commum

(*) Continuado de pag. 307.

para a conquista commum, e uso e fruição commum, que o duque e os barões normandos fizeram entre si da Inglaterra; isto até ao tempo em que os terrantezes que n'ella habitavam poderam começar a negar-se á *ferra* que estavam costumados a marcar n'elles: delineada com alguma particularidade a maneira porque a villanage póde ir comprando as cartas da sua alforria, pelo dinheiro com que contribuia para o fisco, tanto do seu rei como dos seus barões; indicada a occasião em que foi sendo deixado ao feudalismo os paramentos do pariato legislativo unicamente; e circumstanciada a era em que o povo *ordeiro*, a quem inventionam revoluções, firmou sem mais contemporisações a competencia da coroa na linha da legitimidade *convencionada*, linha, seja dito, que a propria realeza foi a primeira a truncar logo na successão do conquistador, pois todos os seus tres filhos se alevantaram com a coroa — sem que o vulgo leigo fosse mais que paciente na briga que se passava e podesse ainda impôr aos reisetes que faziam lanhos indistinctamente todo o paiz: vou passar a indagar o que nós poderemos ter de parallelo na nossa historia que possa justificar o pariato portuguez.

Onde ha trabalhos tão concludentes como são os do Sr. Herculano, nas suas cartas na REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE de 1842, sôbre a origem da nossa monarchia, escusado é dar-se qualquer a fadigas para fazer menos e peior. Pelo que diz este erudito escriptor, o berço d'ella foram as terras que por então tinha conquistado ao norte de Portugal D. Affonso VI de Leão, dadas em govêrno ao conde D. Henrique, que se alevantou com ellas pela morte d'aquelle imperador. E se D. Henrique se não alevantou com essas terras de que lhe tinha sido confiado o govêrno por D. Affonso VI de Leão, peior será ainda a conclusão, porque então tem bons fundamentos a revendicação de D. Tareja das terras de Portugal como seu dote, de cuja propriedade senão podia apoderar D. Affonso Henriques sem manifesta usurpação a sua mãi. Firmada a coroa no filho que era do conde, que foi D. Affonso Henriques, fallecido este que foi o nosso primeiro rei, recahiu ella, por morte do seu primogenito, em seu segundo filho D. Sancho I, e d'este em D. Affonso II; filho primogenito; d'este em D. Sancho II, que se chamou principe dos portuguezes e não de Portugal; e d'este por certos inredos papaes, transferiu-se para seu irmão immediato o conde de Bolonha; de quem passou a D. Diniz primogenito; a D. Affonso IV primogenito; a D. Pedro I terceiro-genito, por morte dos irmãos mais velhos em vida do pai; d'este a D. Fernando segundo-genito. Aqui acabou a casa legitima dos Henriques, sem que, reconhecida uniformemente a representação por um direito estatuido, uma so vez se perturbasse a successão real, nem pertendente algum a pretexto de parentesco ou de politica, imaginasse arrancar o sceptro das mãos reaes que o empunhavam, para fazer d'elle uma *batuta*. Extincta a dinastia henriquenha foram excluidos os filhos de D. Pedro que passaram a Castella, cujos titulos são ainda hoje problematicos, por se não saber se houvera ou não consorcio entre elle e D. Ignez de Castro; inclinando-se os melhores criticos a que não era vago o throno quando o Mestre d'Aviz teve a fortuna de ser acclamado rei; acclamação que deveu ao povo, á *arraia miuda*, e á extrema devoção que tiveram por elle os habitantes de Lisboa. Uma vez reconhecido o Mestre d'Aviz continuou-se a herança real a seu filho D. Duarte, a D. Affonso V, a D. João II. Não tendo deixado filhos este ultimo rei, valeu plenamente a representação para lhe succeder pelo tronco commum em D. Duarte, elrei D. Manuel, e a este seu filho D. João III; depois do qual veio o seu neto D. Sebastião. Extincta de novo a linha direita n'este malaventurado soberano, ascendeu a coroa ao cardeal D. Henrique, pela linha commum de D. Manuel. Escusado é progredir mais n'esta deducção, porque fica ja provado que nenhuma coadjuvação houve que se assimilhasse á dos barões normandos para pôr no throno nenhuma das nossas casas-reaes; assim como houve em Inglaterra para pôr o duque-bastardo no d'aquella nação,

A realeza por toda a parte nasceu fraca, não foi so em Portugal. Por ésta causa os nossos tres primeiros reis receiosos do seu titulo, quizeram-se precaver tambem com a confirmação papal d'elle. Era assim preciso, porque por toda a parte a maxima corrente era *rex eris si rectè facias, si non facias, non eris*. A eleição suppunha-se o meio mais seguro para se possuir com socêgo a coroa. A igreja dizia por bôcca de San'Thomaz a Becket: *Regem potestatem suam ab ecclesia accipere*. (Hist. de la Barb.) O nosso *Elucidario* citando a *Mon. Lus.* dá noticia de seis marcos d'ouro que D. Affonso Henriques deu á Sancta-Sé-Apostolica. Dezenove annos se deram.

O appelido de rei e de rainha era commum a todos os filhos, vivendo seus pais, e occupando o throno. Assim era em França. Assim foi tambem em Portugal. Na *historia geneal.* ha a doação, por el-rei D. Sancho I e rainha D. Dulce, ao mosteiro d'Alcobaça em 1227 do logar de Óta, em que de roda do diploma vem os nomes dos filhos intitulando-se todos reis, assim como seu pai Bernardo da Costa, *hist. mil. ord. JHS* refere outro caso em 1207 em que o rei, seu filho *rege sanico*, e as filhas rainhas Urraca e Tereza, se assignam todos assim, e *Comes. Velascus* confirma. Tão pequena consequencia se dava ao nome de rei que Zurita nos seus Annaes diz: a. d. 1025, que tendo o infante D. Gonçalo, conde de Sobrarbe e Ribagorça, sido chamado rei, voltou depois a ser chamado conde de Ribagorça. Todos os tractamentos eram tão precarios no começo do nosso reino, que D. Affonso II tendo doado a villa d'Avjz, 1249, (*hist. geneal.*) aos freires, para a povoarem, assignaram 32 testimunhas o acto. Este mesmo rei, tendo de se compôr com suas irmans, trocaram-se homens de armas entre ellas e elle para se baterem por cada uma das partes, caso se quebrassem as tregoas. N'ésta mesma *hist.* (doc. n.° 12 em 1312.) vem a doação de certos logares na Azambuja, em que foram assistentes e concorrentes, a rainha D. Beatriz, e D. Diniz, D. Affonso, D. Branca, e D. Sancha, além de 28 testimunhas mais. Bernardo da Costa, ja citado, traz uma doação em que concorrem D. Diniz sua mulher e infante. D. Affonso III querendo assegurar uma doação a seu filho D. Affonso Diniz, cuidou em buscar o assento de toda a familia (H. G. L. 14 tit. 1 an. 1278.) O mesmo da parte d'el-rei D. Diniz a D. Affonso Diniz para umas casas em Lisboa. Querendo este mesmo rei compôr-se com seu irmão deram-se 10 cavalleiros d'uma parte e d'outra que fizessem mensagem. El-rei D. Sancho II se quiz

que o arcebispo D. Estevão Soares da Silva lhe alevantasse as excommunhões de sôbre o reino, teve de lhe prometter 6,000 cruzados d'ouro, moeda de ouro portugueza, 30,000 ditos em gados casas etc. e mais 20,000 crusados; mas o arcebispo para ter fé no tractado exigiu que 12 varões ficassem por fiadores do rei. (D. R. da Cunha *hist. ecc. arc. Bragac.*. 23.) Para se firmarem pazes entre el-rei D. Diniz e seu filho, merecia tal credito a palavra de rei que 4 cavalleiros expoem o seu corpo pelos contrahentes para não faltarem ao promettido. (F. Brandão 5.ª parte *Mon. Lus.*) Este mesmo filho pede ao pai que convoque côrtes por causa das suas desavenças, e depois nem se digna de lá ir. (Rui de Pina.) Fazem pazes D. Affonso e D. Pedro; um filho e outro neto de D. Diniz, e é preciso que de tudo se faça assento, e sôbre este, escriptura authentica firmada com juramentos solemnes e por homenagens, com cavalleiros ajuramentados para asseguradores, em que tambem jurou a rainha e deu homenagem. (D. N. Leão.)

Assim como havia tão pequena estabilidade e crença na integridade do throno para com os naturaes, tambem para com os extranhos não era menor o menoscabo. Querendo D. Fernando firmar capitulos com D. Henrique de Castella e outros, foi necessario que os ratificassem e jurassem por ambos os reis, muitos senhores e fidalgos de cada um dos reinos, e mais 20 cidades e villas. (D. N. Leão.)

Pela enunciação acabada de fazer fica demonstrado que era fragil fé a que se tinha na pontualidade real. E durou tanto tempo a desconfiança que se podia ter na exactidão monarchica, que ainda em 1496 para o contracto do casamento d'elrei D. Manuel, se hypothecou Viseu, Monte-maior e Alemquer. Outra vez para o da infanta D. Brites com o duque de Saboya, foi o Piemonte inteiro hypothecado ao dote. Eu não sei; mas longe de offender a formula do poder absoluto e sciencia certa, usada pelos reis para o povo, d'então, persuado-me antes que se lhe devia ser grato, porque se obstava com ella a todas as disculpas para depois se não cumprirem aquelles dos preceitos que o monarcha houvesse de seu punho rubricado. É bem certo que se aquella soberana declaração nos primeiros tempos podia ser mui bem acolhida, quando os reis podiam menos, tambem mais tarde veiu a ser considerada um despotismo. Tal e qual succedeu com a camara dos communs, que fazendo as suas sessões a portas fechadas para que os reis não lhe podessem coarctar a liberdade das suas opiniões, passado esse perigo persistiram sempre em tel-as fechadas; mas então já era para elles communs não darem a liberdade ao povo de os ouvir, afim de lhes não poder tomar conta do seu comportamento.

Ainda além das contendas que tinham os reis de supportar, principalmente com os seus parentes, algum caso raro ha na historia de pessoas particulares que igualmente os inquietaram. D. R. da Cunha, na sua *Hist. Eccl. do Porto*, aponta um exemplo succedido em 1238 com D. Sancho, que manda pedir ao bispo do Porto que prendesse Pedro Poyares, que era grande seu *inimigo*, não lhe chama rebelde. Toda a nobreza foi contra o mestre d'Aviz (F. Lopes 2.ª parte). Tambem contra o conde de Bolonha (D. N. Leão). A *chronica dos con. reg. de sancto Agostinho* faz menção das muitas imprecações irrogadas n'uma doação do Tojal em 1176, contra quem a quebrantasse, tal era a desordem geral d'então. Figuravam n'ellas os grandes do reino.

Transcriptos com fidelidade os remessões que soffria o throno, nos seculos que vão até fins da casa d'Aviz, hade se achar comtudo, remontando de novo ao fundador da monarchia portugueza, um principio sempre certo para nossa guia que é o poder *aussoluto* dos nossos reis. (*Ord. Aff.*) D. Affonso Henriques recebeu com Portugal um verdadeiro patrimonio; e como tal o reclamava D. Tareja d'elle. (Duarte Galvão). O conde D. Henrique nunca veiu a Portugal como senhor, mas simplesmente como official mandado. E se se intitulava *Conde*, muitos outros tambem assim se intitulavam. Bernardo da Costa na sua *Hist. Mil.*, era 1200, reinante D. Affonso, lá traz servindo de testimunha, D. Rodrigo *Conde*. Em 1207, outra vez, *Comes* Velascus. Este titulo, e ainda maiores, eram triviaes na peninsula sem mais adjuncção. Temos uma concordia em Zurita tão tarde como a de 1606, em que os soberbos castelhanos não se assignam senão *el conde, el duque, el marquez*. Os nettos d'elrei D. João I de Portugal tambem se assignavam *condes* simplesmente, sendo d'Arrayolos. (*T. Gen. N.* 3. L. 6. an. 1451). Chegava a tanto esta van formalidade que o procurador da coroa, em 1634, teve de extranhar ás jurisdicções do duque de Bragança o *N. S.* que attribuiam a seu amo. (*Peg. á Ord.* Tom. 12 liv. 2). Em cada chronista se vê a significação de taes condecorações, A. Brandão dá por existentes muitos *condes* em 1200. (Tom. 4 liv. 12 c. 28 p. 96). E no liv. 11 c. 8 falla d'elles e de suas familias do tempo de Affonso Henriques.

Nenhum pêso fazia pois a aristocracia, no regimen monarchico portuguez. Duarte Galvão, chronista que pouco ou nada sabe, diz que as *aces* antes da batalha d'Ourique, fizeram rei a D. Affonso Henriques, Rui de Pina, diz que se chamára principe dos portuguezes. Do rei D. Sancho I, no reinado seguinte, se diz tambem, que deixára ás irmans de D. Affonso II diversas villas; mas quando se quizeram apoderar d'ellas disse-lhe D. Affonso II que, *elrei seu padre lhas nom podia dar*. Os mesmos filhos dos reis, que se costumavam assignar reis, em 1225 se assignavam ja *Infans*. Assim se póde ver na doação d'este rei Affonso II a G. Gomes, de cinco logares, que vem na Hist. Geneal. T. 1. Tractando D. Affonso IV do casamento de seu filho D. Pedro com D. Constança, as disposições são todas patrimoniaes, como se se tractasse de uma herança allodial de um particular e não da successão politica do throno.

D'este D. Pedro, para se avaliar bem a subjeição em que elle tinha os seus governados, altos e baixos, não ha mais a dizer senão que a respeito de prelados e vigarios, as suas fallas eram que os pozessem uma vez na forca e que assim ficariam entregues a Jesu Christo, que era seu vigario e fazia d'elles justiça no outro mundo. Uma vez açoitou um bispo do Porto por sua mão, (D. N. Leão.) No reinado seguinte deitaram-se grossas adobas e cadeas nos *pées* ao Mestre d'Aviz. Foi tambem somente n'este reinado que se criou o grande cargo de *Condestabre* e *Marichal*, á maneira dos inglezes; com o que de alguma sorte se separou muita da auctoridade militar da coroa. A obediencia que se lhe dedicava era todavia tão explicita, que o

infante D. Pedro parecia lhe possivel a pena de prisão contra elle, pelo que chegou a dizer não consentiria na idade de 57 annos, ferros de justiça em suas carnes. (Chron. D. João, D. Duarte, e D. Affonso V por D. Rod. Costa.)

Talhava-se tanto á feição de patrimonio o reino, que D. Affonso V determinando casar com a excellente senhora D. Joanna filha de D. Henrique de Castella, por onde vinha a herdar aquelle reino, concordou, para evitar quaesquer duvidas de futuro, com seu filho D. João II, que era casado com D. Leonor de quem tivera o infante D. Affonso, que dando-se o caso de que D. Affonso V houvesse filhos de D. Joanna, e D. João II morresse em vida d'elle D. Affonso V o infante D. Affonso seria sempre o herdeiro. Se a successão no regimento do reino fosse somente politica, não se lembrariam d'estas convenções de palacio. O direito testamentario dispondo do throno, intendiam-no tanto os nossos reis, que D. João II pediu a D. Manuel que não tendo filhos fizesse jurar ao bastardo Jorge por seu herdeiro. *H. Geneal.* T. 2. pag. 173). O mesmo D. Manuel em seu testamento, a. d. 1517, mandou pagar as suas dividas das rendas do reino. O commercio com a India n'este reinado era todo d'el-rei: a casa da India era um escriptorio, que, se havia de ser de um negociante, era da magestade, que era então capitalista e fazia *operações mixtas.* E não era so nas viagens de longo curso, o trafico, as armações dos atuns, tambem eram do rei (Hist. Genea. loc. cit.

(Continúa.) *C. A. da Costa.*

BIBLIOGRAPHIA.

IDEA DA EXISTENCIA E INSTITUTOS DOS JESUITAS pelo reverendo padre *Ravignan* da companhia de Jesus, vertida para portuguez por *Antonio Osorio de Campos e Silva.* — Lisboa 1845.

Terceira e ultima parte da ANALYSE da obra de Eugenio Sue intitulada — O JUDEU ERRANTE — por *Antonio Luiz Maggente Tavares* — Lisboa 1845.

O JUDEU ERRANTE.

560 *Sr. Redactor.* — Quando eu tencionava dirigir á REVISTA algumas linhas lastimando os apuros, e ainda remorsos, a que se arrisca todo o que se empenha em traduzir qualquer obra começada a publicar, e de que se não aventa ainda o verdadeiro fim, nem se podem calcular os meios que para elle se conseguir serão empregados: quando meditava pedir aos nossos litteratos em nome da religião, e da moral que não seguissem o exemplo dado, tanto no nosso, como em outros paizes, na traducção do *Judeu Errante*, e sem o atacar, extranhar ao traductor lisbonense daquella obra (não vi a traducção feita no Porto) o ter vertido sem o correctivo de judiciosas notas, algumas asserções contrarias aos dogmas catholicos e oppostas á boa moral, e rogar-lhe que ao menos em outra edição, se por desgraça a houvesse, emendasse este grave erro; vejo com magoa annunciada uma nova edição da mesma obra, sem que dê a intender que ella será corrigida; e posta até a vejo ao alcance dos menos abastados pela modicidade do preço. Fez bem o editor, se olha so ao sordido interesse, porque por uma moeda como aos assignantes veio a sahir a tal obra, parece-me que ja ninguem a quereria. Não negarei, eddebalde o faria, ao auctor ingenho notavel, e ainda vastidão de conhecimentos para este, e talvez outro genero de composições, mas o seu mesmo talento, e a sua celebridade, sem examinar se bem ou mal adquirida, é o que faz mais temivel o veneno, que tão dextramente insinua n'esta sua obra, e contra o qual devemos prevenir os incautos.

Com bastante razão, é meu humilde intender, disse um bello ingenho; . . . . . .

Evitons. . . . . les Sue:
Leur plume est trop souvent une lourde massue,
Dont les coups, assenés par leur bras deloyal,
Sapent les saines mœurs de l'etat social.

Bem sei que ha quem contradiga este sentir; mas permitta-se-me que diga que ha entre nós, como em toda a parte, talentos conhecidos, que não tendo profundado como convem o estudo da religião, ou olhando-a somente pelo lado philosophico, regeitam, como o auctor, todo o estudo theologico, e por isso avançam paradoxos, ou não os reconhecem avançados por outros. Sem dúvida M. Eugenio Sue mina pelos alicerces o edificio dos bons costumes em muitos pontos d'esta obra; elle auctorisa o suicidio, o divorcio, o meretricio, e o concubinato. Provavelmente nos principios dos San-Simonianos, parece regosijar-se de que se reproduzam na França, e no mundo, esses horrorosos acontecimentos de dois entes que se dizem amantes, e que se asfixiam no mesmo leito, ou se queimam em a mesma fogueira, ou se assassinam reciprocamente, satisfazendo, ou depois de haverem satisfeito seus brutaes appetites. A morte de Djalma e Adrianna, e seus ajustes esponsalicios; os criminosos amores de Filemon e Rosa; a scena quasi exposta aos olhos dos leitores, e inteiramente á sua imaginação, do *par ditoso que ainda bem que não está ligado pelo vinculo do matrimonio, que é tão pesado jugo para uma mulher;* a rainha das bachantes nas differentes fazes da sua vida, e na sua desgraçada morte, etc., demonstram o que acabo de avançar. Pelo lado da religião ainda são mais claros os seus erros.

Para que elogia tanto o auctor a christan religião, se os seus virtuosos nenhuma religião professam? Adrianna, o Marechal, Magdalena, Agricola, Dagoberto, que religião tem elles? A do auctor talvez, que se não descobre qual é; mas que de certo não é a catholica. Os catholicos, que faz figurar no seu romance, ou são muito viciosos, ou horrivelmente scelerados. Onde irá M. Sue procurar o typo do seu Rodin? Ao inferno! Não que o inferno não existe para M. Sue: oxala que não existira! Pois no mundo é impossivel existir tanta maldade em um so monstro.

Para um catholico é dogma de fé, que, so na igreja catholica ha salvação, e M. Sue zomba e escarnece d'esta verdade. Para um catholico é dogma de fé, que o herege contumaz está fora da communhão dos fieis, e que morrendo n'esse estado não participa da communicação dos sanctos, e portanto que lhe não aproveitam, que se não devem applicar por elles as orações da egreja, e M. Sue faz que o seu typo de bons sacerdotes condemne praticamente estas verdades. Para um catholico é dogma de féque o pontifice romano tem na igreja de Deus o primado de honra, e de jurisdicção, é o centro da unidade, character da igreja verdadeira, e M. Sue com o maior despejo chama ao successor de Pedro, ao vigario de Christo — *o frade italiano chefe dos nossos bispos.* Tudo o que o auctor faz dizer ao padre Gabriel contra a theologia, e ao malvado Rodin contra o poder dos imperantes, esmagado pelo poder espiritual, não são outros tantos ataques mais ou menos directos á sancta religião de nossos paes? E um traductor catholico verte estas passagens, e outras similhantes, e não as corrige, nem as annula!!! Ficará salva a sua responsabilidade com a coarctada de que — deixa ao auctor as suas opiniões! — De quão differente modo pensava o Sr. Antonio Feliciano de Castilho quando annunciando a traducção da obra d'Aimé Martin. — Educação das mães de familias — asseverava que esta obra, ainda que de relevante merito, continha passagens que um traductor catholico, ou devia omittir, ou então corrigir com judiciosas notas! Mas o traductor do Judeu não se julgou obrigado a tanto, ou então pela pressa com que traduzia os folhetins francezes para sairem logo nas folhas portuguezas, não teve tempo de reflectir nos damnos que tão maus principios devem produzir em o nosso publico tão propenso por mil causas para a irreligião; e o editor não contente com os lucros, que ja lhe deve ter deixado a publicação d'este *bom livro*, quer pol-o ao alcance das mais mediocres fortunas sem correctivo! ! Estava quasi exclamando com o poeta Mantuano...

Quid non mortalia pectora cogis
Auri sacra fames!

Porém não sei se serei excessivo. De que servirá atalhar na Madeira o estabelecimento e os progressos do protestantismo, se a imprensa da capital espalhar para todo o reino os principios d'essa seita inimiga irreconciliavel da religião do Estado? É a maior das contradicções, e direi mesmo das desgraças, que quando tantos membros influentes das *seitas reformadas* se estão convencendo dos seus erros, e adherindo ao catholicismo, estejam muitos d'estes mesmos erros sahindo como em triumpho das imprensas catholicas, o que so terá em resultado perverter os fieis. — Este assumpto podia levar-me a muitas reflexões, que eu deixo á consideração dos meus leitores, mesmo por me faltar o tempo necessario para o seu desenvolvimento. Não deixarei porém de fazer notar, ainda que de passagem, o excesso da má fé, com que M. Sue attribue aos jesuitas actuaes os erros todos, e todos os crimes, verdadeiros ou falsos, dos seus antepassados. Que diria o auctor se o accusassem, ainda que so n'um romance, de todos os erros, de todas as barbaridades dos seus antecessores na arte de curar?

Não é menos revoltante, ou ainda o é mais, a calumnia que o auctor assaca ás congregações de mulheres piedosas, que em França se empenham em affastar da carreira do crime as moças desamparadas, proporcionando-lhes trabalhos uteis e accommodando-as em casas de familias honestas. Será ainda pouco numerosa em França, é nomeadamente em Paris, a classe — *des filles publiques*, e convirá á moral e ao bem publico supprimir tambem estes sanctos institutos, que se oppõem ao seu augmento?

M. Sue teria talvez em vista promover o melhoramento das classes laboriosas; mas não podia elle muito bem conseguir o seu fim sem atacar a Catholica Religião, e algumas das instituições, que ella approva, e lhe prestam eminentes serviços? Qual será pois o verdadeiro e real intento d'ésta sua lucubração!

Porém, Sr. Redactor, ésta carta ja vai longa, e o que fica apontado baste aos amantes da verdade para conceituar como convem o merecimento moral da obra, a que me refiro, e seja como um suspiro de desafogo de

Estremoz 16 de novembro de 1845.

Um Catholico.

PHISIONOMIA DAS CIDADES DA EUROPA.

EXCELLENCIAS DE COIMBRA. (1)

561 Fóra Coimbra até ao seculo XIV a primeira cidade do reino, côrte de nossos reis, e capital da monarchia. Sua posição geographica, a salubridade de seu clima, e amenidade de seus campos, grangearam-lhe ésta preeminencia.

Nossos maiores livres de ambição, contentes com os bens que a fertilidade da terra lhes liberalisava, deixando o arado somente para empunhar a lança, como os Cincinatos da antiga Roma, não apreciaram, até áquelle tempo, tanto como depois, as vantagens das cidades maritimas para o commercio; mas a opulencia de Lisboa, as riquezas que seu porto magnifico lhe attrahia, despertaram a final a attenção dos povos, a quem seu genio aventuroso e a mercancia affiançava maiores honras e lucros que a dura, mas pacifica profissão de lavrador. Soou uma voz geral em todo o reino, e nas côrtes de Coimbra requereu-se a D. João I a mudança de sua residencia para Lisboa.

Cedeu então a cidade do Mondego a posse do solio real á cidade do Tejo, mas não a gloria sublime de ser mãi de sette reis, de muitas rainhas, de numerosos principes, e de tantos e tão grandes litteratos quaes nenhuma outra cidade do reino numera entre seus filhos; não lhe cedeu tambem a gloria de ser patria de muitos sanctos, e depositária dos corpos de alguns; de guardar em seu recinto os restos mortaes de dous preclarissimos monarchas (2), de tres rainhas, e de muitos outros principes.

Deixou Coimbra de ser o alcaçar da justiça, o centro d'onde para todos os pontos dos dominios portuguezes partissem os reaes edictos para punir crimes, emendar erros e dissipar abusos; mas se ja a não habitam os depositarios do poder supremo, antes que elles cheguem a possui-lo, a ella vem estudar as leis e amestrar-se em interpretal-as; vem a Coimbra, onde se conserva o preciosissimo cofre de todos os conhecimentos litterarios e scientificos, onde se ensina a reger os homens, e procurar-lhes a saude quando infermos; onde se ensina a conhecer a divindade, e descortinar seus mysterios venerandos, quanto é permittido á razão humana:

Hinc leges populos, hinc morbo exolvere corpus,
Hinc docet immensum mente videre Deum (3)

É verdade que mal se ouve dentro de seu recinto o rodar de dourados coches, e rinchar de soberbos corceis, nem se encontram em suas ruas as ondas de um povo immenso; mas suave viração, doce paz, e profundo socego, aqui teem sua morada; o Mondego não é tão magestoso e altivo como o Tejo; mas tambem não atroa com o rugido das vagas, deleitando com o murmurio de sua corrente; não o offende atrevido navegante em baixel alteroso, mas feliz serrano em humilde batel por elle traz o superfluo de sua colheita.

Finalmente se Coimbra ja não é capital de um reino, é a mais insigne das cidades de uma provincia ricca, que dá o titulo de principe ao primogenito do herdeiro presumptivo da corôa; (4) se não trafica immediatamente com as nações do universo nos productos da natureza e da arte, commercea com ellas nos intellectuaes. (5)

Coimbra foi duas vezes ducado: uma a favor de D. Pedro, quarto filho de D. João I, titulo com que este rei de boa memoria premiou a intrepidez do joven infante na conquista de Ceuta (6); outra a fa-

(1) Vejam-se os artigos, que sobre Coimbra tenho publicado nos antecedentes volumes d'este jornal.

(2) D. Affonso Henriques, e D. Sancho 1.º — Do primeiro canta Sá de Miranda:

Mas sobre todo lo que enriqueció
L'antiga tierra mia, es el thesoro
Del santo cuerpo de su rey primero,
Que en un dia venció tanto Rey Moro,
Quando aquel Rey Mayor le apareció.

(3) D. Fr. Amador Arraiz, *Dial.* 10. cap. 84. fol. 348 v.º *Poesia in Laudem Colimbriae.*

(4) ElRei D. João V por decreto de 1734 ordenou que o filho primogenito do herdeiro presumptivo da coroa se intitulasse *Principe da Beira.*

(5) Quem tiver lido os *Annaes das sciencias, das artes das lettras*, as obras dos nossos sabios medicos e naturalistas algumas dos extrangeiros, e mesmo a Encyclopedia, terá tido occasião de ver alli memorados excellentes descobrimentos dos nossos compatriotas, e seus nomes citados com extremados louvores. Hoje mesmo se acham muitos sabios no gremio da nossa Universidade socios e correspondentes das mais celebres Academias da Europa.

(6) Nasceu em Lisboa a 9 de novembro de 1392, foi duque de Coimbra, senhor de Monte-mor-o-velho, Condeixa, Sernache, Aveiro, e das terras do infantado; governador e regente do reino na menoridade de seu sobrinho e genro, elrei D. Affonso V, morto pelas suas armas a 20 de maio de 1449. Está sepultado no convento da Batalha — *Memorias de D. João I* por José Soares da Silva. — Fonseca, *Evora Gloriosa* n. 131, 1.ª parte.

vor de D. Jorge, filho natúral de D. João II, titulo que lhe legára em seu testamento (7), mas que elrei D. Manuel, seu successor, somente lhe confirmou em 25 de maio de 1500. (8)

Onze vezes se celebraram côrtes dentro de seu recinto (9); uma no reinado de D. Affonso II; outra no de D. Affonso IV; outra no de D. Fernando; sette vezes no reinado de D. João I, e a última no de Affonso V.

Os cidadãos de Coimbra gozam dos privilegios de infanções (10), e Coimbra do nobre e distincto brasão de cidade muito antiga e leal ao rei.

R. de Gusmão.

POESIA.

OS BONS-DIAS DO ANNO-NOVO.

562 Aos cantos-populares d'Allemanha foi a REVISTA buscar uns versos para cumprimentar os seus leitores por occasião do anno-novo. Ésta bonita canção tam singella como moral, tanto d'alma como do coração, tem uma candura, uma naturalidade, uma concisão, um alcance philosophico, que pareceria impossivel ser d'invenção popular se não se soubesse que o instincto do povo é sempre moral e religioso, que os seus cantos — na letra e na musica — fallam todos á consciencia e ao sentimento.

O povo intende as coisas a seu modo, e assim como as intende as expressa nas suas canções, sem a exactidão da sciencia nem o embellezamento da arte, e assim mesmo, com a sua ignorancia e maneira tosca, sabe fazer sentir todo o alcance philosophico e toda a parte poetica das coisas. O povo não sabe, nem lhe importa, se a isso se chama *philosophia* ou *poesia*; mas comprehende que enuncia um bom dictame, conhece que faz aproveitaveis os fructos da sua experiencia, sente que o seu modo de dizer tem o quer que é de agradavel, e d'este modo consegue doutrinar espontaneamente sem o pedantesco alardo academico, nem os arrebiques arcadicos.

Todos os povos foram assim nos principios da sua civilisação. Depois ésta cresceu, desinvolveu-se, derramou-se pelos campos e aldeas, invadiu-lhes os dominios das crenças e dos costumes, tirou-lhe as abusões... e hoje pratica-se d'outro modo: não sei se com melhores resultados! Essas bonitas canções-populares não as ha ja pela Allemanha, nem por outra nenhuma nação *civilisada*. Hoje alguma que ainda fazem é quasi sempre licenciosa; era bellica no tempo das últimas guerras, agora é industrial. Foi assim que na Inglaterra, por exemplo, se substituiram a essas coplas moraes essoutras ao *vapor* (que alguns dos leitores ouviriam decerto a um *famoso subdito britanico*, que lá do Tamisa as veio *cantar* ao Tejo e ao Douro, nos theatros da Rua-dos-Condes e de San'João, acompanhadas pelos assovios das plateas).

Ésta canção do anno-novo é attribuida por Albin ao seculo XVIII, e tida como producção lyrica de um certo Hebel; mas que obteve todavia a consagração popular. Eu não sei se Seb. Albin tem razão. É certo que á medida que a educação se derramou pela classe popular, foi-se finando a inspiração do povo: não acabou porém de todo aquella como herança de seus avós do uso dos cantos, e as producções dos poetas tornaram-se por vezes populares e substituiram as antigas canções improvisadas pelos trovadores: sejam exemplo muitas das poesias de Goethe, Schiller e Uhland, que ainda hoje, diz-se, que pelas aldeas os camponezes cantam a seus filhos. A canção do anno-novo poderá ser do número d'essas; não estou habilitado para o contestar; mas o que me parece evidente é que o povo adoptando-a fel-a sua, characterizou-a com a sua *maneira*, como bem se conhece em todas as suas feições. Verdade é que não se nota a desordem, as contradicções ás vezes, os incidentes extranhos ao objecto principal, circumstancias quasi sempre inherentes da poesia popular; mas observa-se certa escuridade, o inciso do estylo, os aphorismos, o inopinado do começo, circumstancias tambem infalliveis n'este genero de poesia, que era quasi toda improvisada.

O metro que escolhi não é talvez o mais proprio para produzir uma bonita canção em portuguez. Diz-se, e é verdade, que o verso-outosyllabo 'é a medição mais natural da musica da lingua'; mas eu não tive muito em vista fazer uma coisa *bonita* — n'este ponto sou desgraçado; procuro sempre no que escrevo fazer *alguma coisa* e abnego voluntariamente todas as pretenções (se porventura as posso ter) de fazer *coisas bonitas* — o que eu procurei principalmente foi dar uma amostra do estylo vehemente e conciso do meu original; porque me parece ser ésta a feição mais relevante de uma composição d'este genero, e julguei que em nenhum outro metro o poderia fazer melhor. Se me enganei não é ésta a primeira vez; nem queira Deus que seja a última, por que, apezar de tudo... ainda me parece cedo para dizer adeus ao mundo.

OS BONS-DIAS DO ANNO-NOVO.

Como tarda o dia" (1)
Se dormem deixal-os,
Não quero acordal-os:
Os campos vou ver.
— Ó nuvens não façaş
Co'a lua negaças
Que luz quero ter.

Ja não ha boninas!
As plantas geladas!...
De palha cercadas
Adega e redil! (2)

(7) « Os principaes que hi estavã tirarã d'hũ cofre o seu testamẽto [d'elrei D. João II.] que logo abrirã: e Ruy d pina o leo perãte todos: e se achou nelle que deixava o duque seu primo por verdadeiro erdeyro destes reynos e senorios: e o decraron por rey delles: encomẽdãdo-lhe muito cõ palavras d'grãde amor e muita obrigaçã o senor dõ Jorge seu filho, a q deixou feito duq d'Coimbra: e snr d'mõtemor o velho cõ as vilas e terras q tinha o ynfãte dõ Pedro seu bisavo. — *Chronica* d'elrei D. João II. por Garcia de Resende cap. 212 fl. 122.

[8] Damião de Goes — *Chronica de D. Manuel*, parte 1.ª cap. 46 — pag. 58 mih.

[9] *Memorias de Litteratura Portugueza*, Tomo 2.° — Memoria sôbre as Fontes do Codigo Philippino por João Pedro Ribeiro.

[10] Miguel Leitão d'Andrade, *Miscel.* Dial. 18., pag. 536. — Sôbre o valor d'estes privilegios veja-se *Nobiliarchia Portugueza* de Villas-Boas cap. X.

(1) O *anno-novo* entrando n'uma aldea:
(2) Usam isto no Norte para evitar a congelação.

Em que triste estado
Meu irmão finado
Deixou seu covil!

—

Heide arranjar tudo:
Limpar heide as hortas;
E as boninas mortas
Farei rebentar:
As arv'res remoçam,
De flor, quanta possam,
As heide carregar.

—

Ninguem inda acorda.
— Olha um pardalzinho!
Pobre passarinho,
Tem ar d'infeliz!
Tirou-lhe a esposa
A furia invernosa
E a sorte maldiz. (3)

—

O triste, coitado,
Sem ninho, sem nada,
Não ouve da amada
"Bons-dias" siquer!
Nem tem a mão qu'rida
Que faça a comida...
Heide lh'eu valer.

—

Ninguem inda acorda.
— Linda igreja! A gente
Nos faz de repente
A côrte lembrar.
Seis horas. É dia;
Inda bem: fazia
Um frio de gelar.

—

Os mortos não sentem
O frio: estão quedos;
Em paz, sem inredos,
Passam a dormir.
Por partes incertas
De covas abertas
À busca hei d'eu ir:

—

Eu tenho a quem dal-as:
Aos velhos p'r'as verem...
Viuvas as querem,
E as orphas tambem.
Quem vive em pobreza,
Na pena e tristeza,
Anhella este bem.

—

Uma luz la vejo.
Acordam agora.
As portas de fóra
Abrindo estão ca.
— Amigos, bom-dia!
À meia-noite jazia
Eu posto aqui ja.

—

Meu mano fez hontem
A malla e fugiu.

(3) As femeas dos pardaes emigram n'estes climas no tempo do inverno.

Se assim que partiu
Não venho a correr
Era risco imminente...
Mas'stou bem-contente!
— Estais-me a rever?

—

Que tal vos pareço?
Cabello frizado,
Colete incarnado,
Jaqueta e chapeu,
As calças, as meias,
Rologio e cadeias,
Novo é tudo meu.

—

O bornal m'espreitam...
Que traz saber querem?
A seu tempo, esperem.
Vem tudo em montão.
Trago anneis de noivos,
Fitas, rosas, goivos,
Fortuna e baldão.

—

Adeus! Vou marchando.
Boa-consciencia,
Saude, paciencia,
Vos dê sempre Deus.
Quem não for honrado,
Por mim detestado;
Não tem meu ADEUS!

CORREIO EXTRANGEIRO.

563. Parece que o mal que atacou as batatas, ou similhante, começa agora tambem a dar nas vinhas: a cepa affectada da gangrena não rebenta, as folhas ommarellecem, e a vide morre. Pelo menos acontece assim em Argenton (França) segundo se le nos jornaes francezes.

—

Asseguram alguns jornaes hispanhoes que um navarro, residente em Madrid, descobrira um meio pelo qual se conhece o sitio das minas, a qualidade e quantidade de mineral, a extensão da veia etc. Este descobrimento porém ainda não obteve a sancção dos intelligentes, por isso me reservo a ésta simples noticia.

—

Vai grande movimento pelo mundo-lyrico. O *Hernani*, opera de Verdi, que ja se cantou em Lisboa e Porto, vai dar-se no theatro-italiano de Paris com o nome de *Proscripto*, por que V. Hugo não consentiu que se representasse o libretto extrahido do seu drama do mesmo titulo. Donizetti modificou a sua opera *D. Sebastião*, que tambem ja se cantou em Lisboa, para o theatro de Vienna d'Austria, e diz-se que poucas operas teem produzido tanto enthusiasmo: tem tido trinta representações consecutivas. Verdi, o compositor da moda, foi a Veneza pôr em scena a sua nova opera *Attila*, escripta para a dama Lowe, tenor Guasco, e baixo Constantini, conhecido nosso. Os *Lombardos*, outra opera de Verdi, ja cantada tambem em Portugal, vai ser dada, traduzida em francez, na Grand'Opera de Pariz.

—

O celebre pianista E. Prudent, o rival de Thalberg,

chegou a Madrid nos ultimos dias do mez passado. É d'esperar que ésta notabilidade artistica, seguindo as pizadas de Listz, visite tambem Lisboa.

Está escripturado para o theatro da Cruz, em Madrid, o tenor Conti.

Morreu o shah da Persia, deixando trinta e cinco filhos: cada um d'estes pequenos-shahs se julga com direito ao throno de seu pai, e diz-se que vão sustentar com as armas as suas pretenções.

Acham-se actualmente em Roma 368 artistas extrangeiros á peninsula-italica. Na lista d'onde extrahimos estes números le-se que 8 d'estes artistas são portuguezes: 5 pintores, 2 esculptores e 1 architecto.

Descobriram-se em Florença seis cantos d'um poema d'Ariosto, *Rinaldo Ardito*, que parece constaria d'oito. Ésta obra posterior a *Orlando* é ja julgada como sendo-lhe muito inferior.

Na estatistica da ordem dos jesuitas publicada pela 'Gazeta d'Augsburgo' diz-se que Portugal conta oito conventos d'esta ordem, com 160 jesuitas sendo 75 padres de missa. Eisaqui como la por fóra ainda hoje se escreve a nosso respeito!

No mez de settembro último, pelos 28 carris-de-ferro d'Allemanha, que abrangem a extensão de 378 milhas e meia geographicas, transportaram-se 1,337,798 viajantes e 1,498,011 quintaes de fazendas. O rendimento foi de 1,023,842 florins, mais 157,313 florins que em igual mez do anno passado.

Acha-se completa a 1.ª secção do ferro-carril de Hamburgo a Berlim.

CORREIO NACIONAL.

564 Pelas últimas noticias da India consta, não so o socego d'aquella gloriosa parte da monarchia portugueza, mas tambem que algumas disposições se tomavam para a sua prosperidade. No começo d'este anno devia principiar a funccionar um *banco* estabecido em Nova-Goa. Adoptaram-se algumas providencias para animar o commercio d'exportação e a navegação de cabotagem.

A junta-do-credito-publico amortizou no dia 31 do passado 850:800$000 réis em titulos de divida-publica-interna, 21:936$580 réis de dita externa, e 6:000$000 réis de papel-moeda.

O Banco-commercial do Porto repartiu, como dividendo do 2.° semestre do anno findo, tres e um quarto por cento ou 6$500 réis por acção.

O 'Circo Laribeau' começou os seus espectaculos no Porto no dia 1 do corrente. Toda a companhia foi muito bem recebida.

No mez de dezembro último despacharam-se na alfandega das Sette-casas, para consummo: 1,998 pipas de vinho e 357 d'azeite; 27,086 arrobas de carne-de-vacca, 23,318 de porco, 505 de vitella e carneiro; fructa e vegetaes no valor de 23:170$350 réis; para exportação: 2,130 pipas de vinho. Os direitos pagos por estes generos foram de 70:455$375 réis.

Diz-se que a Sr.ª Duqueza de Palmella vai estabelecer, aqui em Lisboa, um hospicio de Irmans da charidade'. Este instituto respeitado no mundo e desejado em toda a parte, será mais um beneficio da piedosa instituidora a favor da charidade publica.

Pelo paquete-inglez entrado no dia 3 consta que os fundos-portuguezes ficavam cotados em Londres a 61.

Parece que o premio de 25,000 duros, da última loteria d'Hispanha sahíra em Lisboa, ao Sr. Miguel João Coelho; e o de 12,000 duros, da mesma loteria, ao Sr. J. Chelmiche, aqui residente tambem em Lisboa.

Ensaia-se no Theatro de San'Carlos o *Corrado d'Altamura*, opera de Ricci, em que entram as Srs. Grimoldi e Persoli, e Srs. Landi (de barítono, e cuja parte fóra escripta para o Varesi) e Severi. Diz-se que para o carnavel irá outra opera de Ricci, jocosa, *Chi dura vinci* (Quem porfia mata caça); e um novo bailete-mimico composição do Sr. Martin.

N'alguns arrabaldes de Lisboa observa-se uma doença nas laranjeiras, que se diz ser conhecida nas ilhas dos Açores com o nome de *lagrima*: ataca-lhes a raiz, emmarellece a folha e dá o pêco na fructa.

Prefazem a somma de 2:075$995 réis os legados deixados á Casa-pia no anno findo de 1845.

Uma escuna portugueza acaba de apresionar nos mares d'Africa, um brigue inglez, que tinha todos os indicios de se empregar no trafico da escravatura.

N'um dos últimos numeros da *Illustração* ingleza, ve-se uma gravura representando o Theatro de D. Maria II.

Na segunda-feira (12) hade ser o beneficio da Sr.ª Moreno no Theatro de San'Carlos, e a beneficiada dançará um passo-a-dois com o Sr. Martin. A concorrencia não deixará de animar a habilidade e os progressos d'esta artista, que todos os dias vai adquirindo novo jus á sympathia pública.

Os bailes começaram comeffeito em Lisboa. O do dia 30 do mez passado no Club esteve brilhante: a reunião não foi grande mas era selecta e mimosa: são quatro os bailes que ésta illustre sociedade dará este anno.

O hynverno que começára rigoroso converteu-se n'uma estação admiravelmente aprazivel. Os amanhos das terras teem-se feito a contento dos lavradores, e a vegetação começa opulenta e altamente esperançosa.

CONHECIMENTOS UTEIS.

INSTRUCÇÃO PUBLICA.

365 As dimensões d'este jornal são talvez muito limitadas para conter inteiros de uma vez artigos de grande extensão, e que todavia não comportam serem cortados; não sei mesmo se a maioria do grande número dos seus leitores os acolhe com benevolencia: e éstas considerações teem-me reduzido muitas vezes ás tristes circumstancias de não podêr tractar assumptos alias interessantes, nem podêr desinvolver outros que porventura o mereciam. Todavia hoje resolvi romper por éstas considerações, e peço a indulgencia dos meus leitores para lhes offerecer nas columnas da REVISTA um extracto do discurso do bem conhecido Miguel Chevalier, pronunciado no dia 19 do passado no *Collegio-de-França*, na occasião d'abertura do seu famoso curso d'Economia-politica.

Eu tenho a convicção de que os leitores da REVISTA, que tiverem o bom senso de ler este extracto, se darão por bem pagos do seu tempo, e me agradecerão talvez haver-lhes proporcionado ésta occasião de meditarem um pouco sôbre a instrucção-pública, que se ainda hoje é em França inferior ás necessidades dos povos, como se póde ella considerar em Portugal, onde, faltando-lhe tudo, até o *pensamento*, (seja-me licito dizel-o assim) sobejam-lhe todavia as cadeiras de latim, derramadas por todas essas terras do reino — villas e não sei se aldeas — talvez com a idea de fazer do nosso paiz uma Arcadia... ao passo que não é attendido o systema d'instrucção que demanda um povo que começa a entrar no caminho de uma nova organização-social — que não sabe da industria senão o nome — que ainda ignora o que são sciencias applicadas — que não tem um so instituto para formar homens capazes de dirigir os seus melhoramentos materiaes — que não conhece a agricultura theorica, e mal na prática — que não tem em fim escripto na sua lingua um curso d'economia-politica... Mas, por hoje, deixarei fallar so Miguel Chevalier.

« Senhores (disse elle:) Nos cursos dos tres annos passados fiz eu consistir o ensino da economia-politica no exame e discussão dos meios geraes de augmentar a faculdade productiva das sociedades. Assim, temos successivamente passado em revista: primeiro, as máchinas, depois, as vias de communicação, estradas, canaes, caminhos-de-ferro, que são instrumentos de grande fecundidade: occupámo'-nos depois do credito, cuja missão é depositar capitaes nas mãos de homens capazes de os fazer render. Procurámos saber como estes differentes agentes multiplicavam as fôrças humanas pela producção, e por consequencia augmentavam a massa dos recursos que se repartiam pelos homens. Fizemos por descobrir quaes eram as disposições que se deveriam tomar para que o productor recebesse de todos estes auxiliares os maiores serviços possiveis. Examinaremos este anno, com o mesmo fim, a influencia da instrucção-pública; determinaremos o que se póde e deve esperar d'ella; tractaremos, n'uma palavra, d'aquillo que se convencionou em chamar *ensino professional*.

« A importancia d'este assumpto é facil de avaliar. Bem se comprehende que, de todas ás fôrças que tomam parte na creação das riquezas, a primeira d'ellas reside nos braços e na cabeça do homem. Quasi que é uma ingenuidade fazer observar que é necessario para bem produzir ter primeiro cuidado de preparar o proprio productor.

« Fallei ao mesmo tempo na cabeça e nos braços do homem; porque, comeffeito, cabeça e braços, tudo o homem põe em acção quando produz. Não reconhecer n'este acto senão a fôrça physica, é aviltar a industria, quasi que é ultrajar a natureza humana. No homem é a cabeça que dirige os braços, e o titulo de glória da industria moderna consiste em brilhar a razão do homem sempre em toda ella. Fiel á sua divina essencia, ésta razão, dominadora de todas as coisas da terra, tem conseguido introduzir na indústria, para servirem as nossas necessidades, mil poderes outr'ora rebeldes e temidos; agora domados e doceis: e assim se ennobreceu o trabalho.

« A industria moderna é incessantemente inspirada pela sciencia. Tira quanto quer d'ella como de um reservatorio infinito. D'ella extrahe um fermento que, similhante a esses liquidos mysteriosos dos magicos de que bastava uma so gôtta para fazer de um anão um gigante, ou de um monstro uma belleza acabada, põe a materia em trabalho e transforma em riqueza os mais brutos elementos. E, com liberal compensação, restitue á sciencia o que recebêra d'ella, porque o estudo dos phenomenos da producção faz crescer continuamente os dominios da sciencia especulativa.

« Mas não é so entre duas classes distinctas, a dos sabios e a dos industriaes, que éstas felizes e fecundas permutações se devem realizar, é para desejar que ellas se possam estabelecer tambem no fôro interno de todo o homem que pratíca a industria. Convem que o homem que se consagra ao trabalho industrial saiba a razão do que faz. É util que elle possa ir da theoria á prática e que esteja familiar com uma e com outra em diversos graus, segundo a diversidade da posição e da carreira que segue, e que para as approximar melhor uma da outra as reuna ambas em si. Isto sería de summa vantagem para o bom exito da producção. A dignidade pessoal do productor não ganhará n'isso menos que a sua faculdade productora. A educação que recebe o immenso pessoal da industria deve preparal-o pois para um contínuo vai-vem entre a theoria e a prática; todos teem necessidade de se pôrem em estado de fazer ésta perigrinação: este, de modo que possa vencer grandes distancias; aquelle, cuja esphera é mais rasteira, de modo que possa, pelo menos, andar alguma coisa. Por outros termos, é preciso que este pessoal inumeravel seja iniciado nos conhecimentos humanos n'aquillo que elles tem de applicavel. É preciso que se lhes inspire o gôsto de applicar o que sabe, e que se lhes faça contrahir o hábito de tirar a prova ao que faz com a pedra-de-toque da sciencia.

« Na infancia ter-vos-hão emballado talvez com a ficção do paiz d'Eldorado, onde era tudo minas, d'oiro e onde a arêa dos rios era esmeraldas o diamantes que não havia mais que faciar e polir para converter em infeites de deslumbrar; ter-vos-hão contado as aventuras de viajantes intrepidos que la tinham ido e voltado carregados de riquezas inauditas. Póde-se dizer que é ésta a imagem do campo da sciencia. Elle offerece, em abundancia, ideas fecundas de que, algumas vezes, uma so é bastante para fazer a fortuna não de um homem mas de um povo inteiro. Para este fim porém é necessario saber explorar a mina d'oiro e lapi-

dar o diamante bruto. N'isto é que consiste a tarefa da sciencia applicada: este é o seu genio. E, quando eu fallo de minas d'oiro e diamantes não exaggero. Acreditais que entre as minas d'oiro derramadas pelos campos do Brazil, nas stepps da Siberia, ou no interior d'Africa, haja uma so que valha tanto como a agulha-de-marear? Isto é, a applicação do magnetismo á arte de navegar; e porventura ouvistes nunca fallar de alguma mina de diamantes que produzisse a centessima parte do que tem valido ao genero humano a applicação do vapor?

« Talvez se me diga: a poucos homens é dado ter o ingenho de Papin, Newcomen e Watt, cujas invenções successivas deram ao mundo as machinas de vapor; ou d'igualar o bemfeitor desconhecido que primeiro ensinou aos homens a usar da bussolla nos navios. Ora, se o estudo das sciencias applicadas se não motiva senão pela esperança de tam brilhantes descobertas, que raras vezes os seculos veem, de que serve occupar com ellas o commum dos homens? Mas, senhores, para tornar aos termos de que ha pouco me servi, cadaum de nós, na sua esphera vasta ou restricta, recebeu o seu diamante para lapidar ou para polir pelo menos n'alguma das suas faces. Poderosos ou fracos, todos, ca na terra, para não faltar ao nosso destino, devemos fazer alguma coisa, mais que não seja que ajunctar um grão d'area á mole sempre crescente que representa o progresso do genero humano; para que quando deixar-mos este mundo levemos comnosco a consciencia de não havermos ca sido inuteis, e deixarmos ficar algum signal da nossa passagem.

« De um, a quem a providencia deu muito, tem a especie humana direito a esperar um presente magnifico; em quanto que outro será quite e merecerá reconhecimento offerecendo o obolo da viuva. Mas todos nós, temos um tributo que pagar. Para o grande industrial será elle um methodo novo ou um melhoramento de um methodo antigo, que tenha concebido ou haja introduzido n'um paiz que o ignorava. Para o pobre operario será o trabalho das suas mãos nos processos industriaes, ou qualquer circumstancia por pequena que seja que tenha imaginado ou que haja contribuido para ser usada n'uma officina que a não conhecia. O meio mais seguro de descobrir por si mesmo estes aperfeiçoamentos grandes ou pequenos, ou de nos apropriarmos d'elles e legal-os aos outros, consiste em observar as operações da industria, e approximal-as aos principios da sciencia: e estaremos aptos, seja no que for, quando, por meio da educação, temos conseguido termos um pouco familiares com a intima razão das coisas.

« Esta correlação da idea com a acção, da theoria com a prática, parece que não deve desafiar objecção nenhuma, antes, pelo contrario, grangear a approvação universal. Pensar e executar, conceber e obrar, não serão com effeito as duas faces da vida? Não é porventura uma o complemento da outra? Quem poderia pensar em levantar um obstaculo entre a theoria e a prática, agora que toda a theoria não é senão a experiencia ou a prática accumulada e condensada, e que toda a prática não é senão uma idea ou uma theoria que sahe dos limites da abstracção para tomar corpo e manifestar-se por actos? O que sabemos nós que se não reduza a uma interpretação da prática da natureza? Que fazemos nós que não seja a applicação de alguns segredos que temos pilhado á sabedoria infinita, que é do que se compõe toda a nossa sciencia?

« Sim, senhores, é bom que se recorde á sciencia, se ella allucinada pelo orgulho affecta desdem pela industria que subjuga a materia, que todos esses conhecimentos com que o espirito humano levantou para si um throno, não são mais do que pedaços dos processos do prático-supremo que fez o mundo. E a industria, se acaso recusasse ouvir os conselhos que lhe dá a sciencia, commetteria grande inconsequencia: desconheceria o segredo da sua força, e voltaria costas ao bello destino que lhe está promettido. Ella nada faz senão em virtude das leis naturaes que a sciencia trabalha em descobrir, e não póde adiantar-se, senão conhecendo melhor essas mesmas leis e seguindo-as melhor. O pedreiro que faz um muro com o olivel na mão, é o observador attento da mesma lei da gravitação com cujo auxilio o astronomo traça a orbita dos planetas e vaticina a reapparição dos cometas. São tambem os trabalhos do sabio no seu gabinete, que teem produzido directa ou indirectamente a maior parte das invenções com que a industria se tem transformado ha meio-seculo a esta parte.

« Bacon disse com grandeza e verdade: 'O homem, ministro e interprete da natureza, não obra nem conhece senão á proporção do que tem observado na ordem da propria natureza. Elle não tem outra sciencia nem outro poder.' D'este modo a theoria e a prática tocam-se e sustentam-se. As suas origens confundem-se. Como é pois que se podia tentar separal-as com um muro de bronze?

» Todavia é um facto, que a pratica e a theoria, na pessoa dos homens que as representam especialmente uma e outra, não marcham com toda a harmonia que era do desejar. Os theoricos e os praticos em vez de serem d'accordo e de se sustentar, desconceituam-se. O pratico repete muitas vezes com voz inexoravel a sentença consagrada por este adagio: o *que é bom em theoria, é mau na prática*. A theoria paga-se com usura do desprêso da prática. Do alto da sua grandeza, põe-se muitas vezes a olhar as artes uteis como misteres ignobeis, e os homens que as exercem como seres abatidos até não serem mais que machinas.»

« O que é mau na prática é mau na theoria, e o que é bom na theoria deve ser bom na prática. Mas a theoria póde ser muito incompleta; póde não ter sido bem comprovada pela observação dos factos; toda a theoria em seu principio pecca por isto, e n'esse caso ella não tem amadurecido pela applicação. Quando se descobre um principio ou uma idea-mãi, nem por isso se adquiriram os meios efficazes da sua execução, e d'aqui vem que algumas excellentes descobertas teem ficado estereis por muito tempo. A maior parte das vezes a figurada discordancia que se allega entre a prática e a theoria não significa mais do que a difficuldade que sentimos de passar no mesmo plano do principio á applicação. E com effeito ésta transição é incommoda. Algumas vezes é como essa ponte lançada sôbre o abismo que era preciso atravessar para chegar ao paraiso de Mahomet, e que não tinha senão a largura da folha de uma cimitarra. Maior razão

pois para affeiçoar a mocidade desde o começo, pela acção incessante da educação, á alliança da prática com a theoria.

« Os obstaculos que encontra ésta alliança no homem são de duas especies: uns podem ser qualificados de naturaes: pegam com a propria natureza humana; os outros são artificiaes: são os prejuizos dos homens; as convenções sociaes que correspondem ao estado politico das nações. Uns e outros podem ser subjugados pela vontade pública e pela fórça da resistencia individual.

« Disse que uns eram naturaes. Para os avaliar é necessario remontar á essencia do homem. Ha no homem dois principios distinctos, o espirito e a materia, que unidos pelo laço da vontade caminham juntos como maus companheiros, em lucta constante um com o outro, ao mesmo tempo que mutuamente se auxiliam, tendendo sem cessar a uma separação que todavia excita o seu receio. D'este modo o homem é um abismo de contradicções e ao mesmo tempo a mais admiravel harmonia produzida pelo Creador. D'estes dois principios que estão associados no seu seio e la vivem como inimigos intimos, um d'elles corresponde á theoria e o outro á prática. A mesma essencia do homem explica como a theoria propende sempre a desligar-se da materia de que ella tem perpetua necessidade, e porque é que a prática procura constantemente persuadir-se de que póde prescindir da theoria, com cuja ausencia todavia ella ficaria como sem luz nas trevas, sem guia no chaos. Felizmente porém d'esta mesma analyse resulta que a vontade activa, o trabalho do homem sôbre o homem, e o proprio trabalho sôbre si mesmo, bastam para equilibrar as hostilidades das duas tendencias oppostas, e decompol-as n'uma fôrça que impelle o homem para diante na linha do seu futuro.

« Disse tambem que outros obstaculos artificiaes embaraçavam na nossa imaginação e nos nossos costumes, a alliança da theoria com a prática. Vós ja conheceis, senhores, as ideas que vogaram n'um tempo em que a industria era o dote dos escravos, e das classes opprimidas e flagelladas. Segundo a expressão de Cicero, era isso um vil mister, *sordidæ artes*. Roma havia feito nos tempos de Patricio e Scipião uma excepção a favor dos trabalhos agricolas, que depois deixou esquecer no tempo dos Cesares. Athénas e as republicas gregas da costa d'Asia toleravam e até mesmo ennobreciam o commercio maritimo; mas em geral as profissões da industria eram reprovados pelos povos da antiguidade. É fôrça convir em que os povos civilisados que succederam ao imperio romano não estavam mais adiantados. Davam pouca consideração ao exercicio das artes uteis. O direito da espada tinha privativamente constituido todos estes reinos formados dos destroços do imperio dos Cesares. A primeira jerarchia era a da espada e a industria era desterrada para bem longe na abjecção pela vaidade opprimida dos privilegios. O que se ligava com a cultura do espirito ia chegando para a emancipar. Nos fins do antigo regimen, não havia desdoiro havia honra na cultura das sciencias e das lettras; mas perdia-se pelo exercicio das artes industriaes a nobresa que se conservava subindo ao tablado da 'Opera'. As ideas enraizadas pelos habitos de quatorze seculos não são faceis de extirpar. A revolução franceza que, como um furacão, derrocou instituições que se podiam acréditar ainda como florescentes e que se reputavam indestructiveis, nem sempre teve nas ideas igual imperio. Eu não me esqueço, senhores, nós distâmos apenas meio seculo do antigo regimen. Todos os povos nossos vizinhos ainda teem menor intervallo de separação; e n'alguns persiste elle ainda. Não nos devemos pois espantar de que as convenções sociaes d'esse tempo façam sentir ainda agora a sua influencia e contribuam para manter uma demarcação entre a sciencia e a pratica industrial. Cada dia porém se faz algum destroço novo n'essa demarcação; cada dia a industria ganha em credito e auctoridade. O logar que de facto se lhe procura na organização politica, em França, é um penhor do seu destino.»

O illustre professor mostrou depois como a introducção em maior escalla, das sciencias naturaes no programma da instrucção pública, constituiria ja uma parte do ensino professional.

« Pois que, senhores (continuou elle) éstas sciencias que revelam ao homem as suas relações com o universo, que lhe ensinam a dominar a natureza, que lhe fazem admirar a Providencia nas suas obras; éstas sciencias que o fazem participar, tanto quanto o comporta a fraqueza d'elle, dos segredos da ordem estabelecida pela divina sabedoria no mundo dos mundos; com que se fundem as artes, com que o homem explora e embellece a terra que lhe foi destinada para sua habitação; deverá elle ignoral-as? Nunca seria demasiada a instrucção d'ellas derramada em todas as classes da sociedade! Ésta é uma d'essas questões que bastam ser propostas para serem immediatamente resolvidas.»

Depois M. Chevalier examinou o ensino professional em relação com a organisação politica e social, e concluiu assim:

« Estamos no caminho do bom-senso quando pedimos que a geração que principia seja preparada pelo ensino, que deve receber, para o destino que tem de ter. Isto é o mesmo que sempre se fez; em toda a parte e em todos os tempos a educação da mocidade tem sido regulada sôbre a base da organisação social; ora, hoje ésta base é a industria. Estamos no caminho da justiça, e mostrâmo'-nos animados pelo espirito da civilização moderna, quando reclamâmos que ésta iniciação se extenda em medida proporcional a todos os que a ella teem direito.

. . . .

. . . .

« Fóra d'isto, um systema d'instrucção pública que não offerecesse a associação d'estes dois elementos — ensino litterario e sciencias d'applicação — combinados nas diversas proporções que correspondem ás diversas carreiras, seria incompleto, vicioso, retrogrado, e não tenho dúvida em dizer que muito inferior ás necessidades dos povos civilizados. A economia politica faltaria ao seu fim e não preencheria o seu dever, se não apontasse com todas as suas fôrças ésta necessidade pública. »

ESTATISTICA-MEDICA.

366 O Sr. Dr. G. Abranches, mui distincto clinico e dos mais zelosos que hoje honram a faculdade

de medicina, fez a honra de remetter á REVISTA a seguinte statistica medica relativa ao bairro do Rocio, e ao mez de dezembro. Sería de desejar, e é muito d'esperar, que o exemplo do Sr. Dr. Abranches seja seguido pelos seus illustres collegas, e que assim se consiga confeccionar uma statistica-geral d'este genero, que não so é de lamentar, mas ainda vergonhoso que nos falte.

Ésta breve statistica não póde ser mais concisa, nem mais curiosa: no mais resumido quadro possivel satisfaz todas as exigencias.

« Em dezembro de 1845, falleceram no bairro do Rocio: o do sexo masculino 32; — do feminino 20; — expostos nos adros das igrejas 30. Total 82. [As molestias principaes de que falleceram foram: apoplexias 10; — phtisicas pulmonares 5; — febres 4; — bronchites e pneumonites 9; — differentes phlegmasias abdominaes 13. Entre os fallecidos do sexo masculino figuram: 5 commerciantes, — 3 empregados publicos, — e 3 de occupações scientificas e litterarias. E d'entre os 52 fallecidos de ambos os sexos: 8 tinham de 70 a 80 annos, — 4 de 80 a 90, — e 2 de 90 para cima. »

G. A.

SABÕES.

367 Os esforços do contracto do sabão, para aperfeiçoar este producto, teem conseguido effectivamente consideraveis melhoramentos, no sabonete com especialidade; mas não ha remedio senão confessar que ésta industria entre nós ainda está muito e muito longe da perfeição a que os fabricantes de Paris a teem sabido levar, e que faz com que elles n'este objecto não temam a concorrencia de nenhuma outra parte do mundo.

Ora, isto provém muito do nosso desleixo, que n'este ponto como em todos os outros ramos de industria, nos deixâmos sempre ficar atraz, nunca nem siquer ao par, contentando-nos quando muito de *imitar mal*. Em tudo podiamos fazer mais; mas n'este ramo que é dirigido por uma companhia de homens poderosos, ninguem negará que mesmo por utilidade propria d'elles, quando mais nada se devesse ter em vista, podiam ser empregados melhores meios para obter productos mais perfeitos. Os nossos sabonetes são muito caros e ainda muito imperfeitos. D'aqui vem que os sabonetes importados e que se alcançam por contrabando são, talvez, mais de metade da quantidade consummida. Eu penso que uma grande parte d'este prejuizo se evitaria com bem pequeno sacrificio presente, e muita vantagem futura, de duas maneiras:

1.ª Mandando vir de França dois habeis fabricantes, chimico-industriaes, e os necessarios apparelhos para a boa fabricação e aperfeiçoamento do producto.

2.ª Rebaixando o preço o mais que fosse possivel, para vulgarisar e fomentar o grande consummo, e introduzir nas classes pobres os habitos de limpeza; n'este caso tanto mais faceis de contrahir quanto a idea de luxo e imitação das classes elevadas, lhes será inherente.

Este alvitre me levaria muito longe, se eu me quizesse demorar com elle. Aqui viriam, entre outras muitas, as considerações dos deveres dos homens que são chefes de vastas empresas industriaes, e da necessidade indispensavel que ha d'uma grande capacidade quando se tracta de gerir interesses públicos, e pôr em execução projectos gigantescos. Empresas d'esta natureza teem alcance maior que o de adquirir alguns lucros; e bem se intende que uma simples combinação mesquinha para realizar estes, não é capaz de abranger toda a vasta escalla dos immensos resultados que essas empresas poderiam produzir.

Em quanto pois éstas coisas senão comprehendem melhor em Portugal, pareceu-me util indicar algumas das substancias que hoje se estão empregando em França no fabrico de sabões, noticia extrahida da *Revista Scientifica e Industrial*, na parte em que dá conta do relatorio do jury que conferiu os premios na última exposição do industria, relativa ao mez de settembro de 1845 e publicada a 20 de dezembro último. Se não for bastante a indicação d'estas substancias, porque se ignorem os meios de as empregar, ou as dóses convenientes; d'isso não tenho eu a culpa: de nós não estarmos habilitados a conhecer d'essas coisas é que me eu queixo. Entre nós um chimico é um homem que le os livros de chimica fechadinho no seu quarto; um industrial é um official mecanico que executa o que lhe ensinou outro mais velho ou mais *prático* do que elle, que teve o nome de seu *mestre*. Se houver alguma honrosa excepção em quanto aos primeiros, nenhuma ha, que eu saiba, emquanto aos segundos. Fóra d'este circulo não ha sahir. So se o *Conselho superior de instrucção pública* algum dia quiser ter piedade d'este estado de coisas....

O melhor sabão é aquelle que é fabricado com azeite puro; mas usam tambem do azeite d'oliveira misturado com o azeite de palmeira, e do sebo e outras substancias riccas de stearina e facilmente saponaveis, e presentemente regeitam todos os oleos-gramineos. (1)

A resina e acido-oléico, e a pedra-pomes, são substancias muito usadas para os sabonetes.

Para a preparação e desingordurar a lan para os pannos, usam de um sabão verde, molle, cuja base é a potassa.

N'alguns sabonetes usam da *silice* em pó finissimo, que tem a propriedade de *rapar*, por assim dizer, a pelle, e desintranhar a poeira que o sabonete ordinario não seria capaz de arrancar dos poros. Tambem usam, em logar da *silice*, de pedra-pomes. Este sabonete é o mais caro e tem privilegio.

Concluirei fallando do sabão *menotti* ou hydrofugo, de que a REVISTA n'outro tempo tractou bastante. Aqui está o que d'elle diz o texto.

« M. Menotti teve a feliz idea de solidificar *a composição hydrofuga da Akerman, cuja receita foi publicada por Vauquelin em 1804, e que, depois, tem sido muitas vezes citada nos livros* (2)

« O uso d'este sabão é principalmente recommendavel ás classes pobres, que são as que mais soffrem com o rigor do tempo, pela vantagem d'elle tornar os vestidos impermeaveis. Por infelicidade os habitos *rotineiros* dos consummidores não teem dado occasião a que ésta util invenção se desinvolva como merece.

« O jury considerando que se prestaria grande serviço aos militares, aos maritimos e em geral a todos os homens que estão expostos á intemperie da atmosphera, tornando-lhes o fato impermeavel á agua; considerando que os meios de alcançar ésta impermeabilidade são simples e baratos; considerando que M. Me-

(1) O sabão branco ordinario faz-se com azeite e lexia de soda.

(2) Com éstas indicações será possivel procurar-se a receita, e depois vir talvez a conseguir fabricar o sabão.

notti fez portanto uma descoberta proveitosa: assenteou em recompensar os seus uteis trabalhos julgando-o digno de honrosa menção. »

ESTATISTICA-LITTERARIA.

368 Do Relatorio do conselho superior de instrucção pública se extrahe o seguinte:

« Pelos mappas recebidos até agora na secretaria do conselho o numero dos alumnos, que frequentaram n'este anno lectivo os estudos classicos, é de 2:231, faltando ainda o mappa do lycêo do Porto, e os de algumas cadeiras annexas aos lycêos: podendo ao todo orçar-se em 3:000 aquelle numero. D'estes houve 344 no lycêo de Braga; no de Coimbra 266; no de Lisboa 393; em Evora 57. Estudaram lingua latina 1:715, rethorica 60, logica 331, geographia 16, lingua grega 7, lingua franceza 168, ingleza 49, alleman 14, arabica 8, 109 seguiram os cursos da aula do commercio. Da frequencia nas ilhas adjacentes ainda o conselho não alcançou noticias.

« A frequencia actual dos lycêos, mórmente de Lisboa, Porto e Evora, é tão insignificante com referencia á população, que desalentára o animo dos que verdadeiramente se empenham no progresso da instrucção; se não foram as esperanças de melhorar o gosto nacional, inspirando o amor das lettras pela persuasão da sua utilidade, melhorando o ensino público pela escolha de bons professores, e abrindo carreiras d'interesses aos que mostrarem dicisivo aproveitamento n'este ramo d'instrucção. O conselho animado de ardentes e sinceros desejos, espera ver realisadas aquellas esperanças pelos seus disvellos e esforços, e a poderosa cooperação dos sabios nacionaes que muito se esmeram na cultura das lettras classicas.

« A instrucção superior, cujo melhoramento mereceu sempre entre nós a attenção quasi exclusiva dos sabios nacionaes, e solicitude dos nossos soberanos, vai regularmente acompanhando o progressivo desenvolvimento das sciencias..................................

....

« A concorrencia aos estudos superiores tem crescido progressivamente, e talvez se possa reputar hoje superior ás necessidades do paiz. Esta excessiva tendencia precisa porventura de ser moderada por mais subido gráu de habilitações, afim de se aproveitar o talento superior, e desviar as falsas capacidades; evitando ao mesmo tempo o desiquilibrio, sempre desvantajoso, a outros ramos de industria não menos importantes e necessarios.

» Foi 1:423 o numero dos alumnos que frequentaram as escholas da Universidade, 266 a eschola medico-cirurgica de Lisboa, 79 a do Porto. A academia polytechnica portuense teve 140 alumnos, a de bellas-artes portuense 121. O conservatorio real de Lisboa 167 alumnos. A disciplina tem sido mantida em todos estes estabelecimentos, não obstante a deficiencia de medidas regulamentares em alguns: apenas na eschola medico-cirurgica de Lisboa foi preciso recorrer ao meio energico de riscar da matricula alguns insubordinados, que excitaram motins escandalosos contra um dos professores. »

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO XXVII.

Chegada a Santarem. — Olivaes de Santarem. — Fóra-de-Villa. — Symetria que não é para os olhos. — Modo de medir os versos da biblia. — Architectura pedante do seculo XVII. — Entrada na Alcáçova.

369 Eram as últimas horas do dia, quando chegámos ao princípio da calçada que leva ao alto de Santarem. A pouca frequencia de povo, as hortas e pomares mal cultivados, as casas de campo arruinadas, tudo indicava as vizinhanças de uma grande povoação descahida e desamparada. O mais bello comtudo de seus ornatos e glórias suburbanos, ainda o possue a nobre villa, não lh'o destruiram de todo; são os seus olivaes. Os olivaes de Santarem cuja riqueza e formosura proverbial é uma das nossas crenças populares mais geraes e mais queridas!.. os olivaes de Santarem la estão ainda. Reconheceu-os o meu coração e alegrou-se de os ver; saudei n'elles o symbolo patriarchal de nossa antiga existencia. N'aquelles troncos velhos e coroados de verdura, figurou-se-me ver, como nas selvas incantadas do Tasso, as venerandas imagens de nossos passados; e no murmurio das folhas que o vento agitava a espaços, ouvir o triste suspirar de seus lamentos pela vergonhosa degeneração dos netos...

Estragado como os outros, profanado como todos, o olival de Santarem é ainda um monumento.

Os povos do meio-dia, infelizmente, não professam com o mesmo respeito e auctoridade aquella religião dos bosques, tam sagrada para as nações do norte. Os olivaes de Santarem são excepção: ha muito pouco entre nós o culto das árvores.

Subimos, a bom trotar das mulinhas, a impinada ladeira — eu alvoraçado e impaciente por me achar face a face com aquella profusão de monumentos e de ruinas que a imaginação me tinha figurado e que ora temia, ora desejava comparar com a realidade.

Chegámos emfim ao alto; a majestosa entrada da grande villa está deante de mim. Não me inganou a imaginação: é uma grandiosa e magnifica scena!

Fóra-de-villa é um vasto largo irregular e caprichoso como um poema romantico; no primeiro aspecto, áquella hora tardia e de pouca luz, é de um effeito admiravel e sublime. Palacios, conventos, egrejas occupam gravemente e tris-

temente os seus antigos logares, infileirados sem ordem aos lados d'aquella immensa praça, em que a vista dos olhos não acha symetria alguma; mas sente-se n'alma. É como o rhytmo e medição dos grandes versos biblicos que se não cadenceiam por pés nem por sylabas, mas cahem certos no espirito e na *audição interior* com uma regularidade admiravel.

E tudo deserto, tudo silencioso, mudo, morto! Cuida-se entrar na grande metropole de um povo extincto, de uma nação que foi poderosa e celebrada mas que desappareceu da face da terra e so deixou o monumento de suas construcções gigantescas.

Á esquerda o immenso convento do sítio ou de Jesus, logo o das Donas, depois o de San'Domingos, célebre pelo jazigo do nosso Fausto portuguez — seja ditto sem irreverencia á memoria de San'Frei Gil que é verdade veio a ser grande sancto, mas que primeiro foi grande bruxo. — Defronte o antiquissimo mosteiro das Claras, e aopé as baixas arcadas gothicas de San'Francisco... de cujo último guardião, o austero Frei Diniz, tanta coisa te contei, amigo leitor, e tantas mais tenho ainda para te contar! Á direita o grandioso edificio philippino, perfeito exemplar da massissa e pedante architectura reaccionaria do seculo dezesette, o Collegio, typo grandioso e bello no seu genero, e quanto o seu genero póde ser, das construcções jesuiticas...

Não ha alma, não ha genio, não ha espirito n'aquellas massas pesadas, sem elegancia nem simplicidade; mas ha uma certa grandesa que impõe, uma solidez travada, uma symetria de calculo, umas proporções frias, mas bem assentadas e esquadriadas com methodo, que revelam o pensamento do seculo e do instituto que tanto characterizou.

Não são as fortes crenças da meia-edade que se elevam no arco agudo da ogiva; não é a relaxação florída do seculo quinze e desesseis que ja vacilla entre o bizantino e o classico, entre o mystico ideal do christianismo que arrefece e os symbolos materiaes do paganismo que accorda; não, aqui a *renascença* triumphou, e depois de triumphar, degenerou. É a inquisição; são os Jesuitas, são os Philippes, é a reacção catholica edificando templos *para que* se creia e se ore, não *porque* se crê e se ora.

Até aqui o mosteiro e a cathedral, a ermida e o convento eram a expressão da idéa popular, agora são a fórmula do pensamento governativo.

Alli estão — olhae para elles — defronte uns dos outros, os monumentos das duas religiões, a qual mais expressivo e loquaz, dizendo mais claro que os livros, que os escriptos, que as tradições, o pensamento das edades que os ergueram, e que alli os deixaram gravados sem saber que o faziam.

Mais embaixo, e no fundo d'esse declive, aquella massa negra é o resto ainda grandioso do ja immenso palacio dos condes de Unhão.

Rodeámos o largo e fomos entrar em Marvilla pelo lado do norte. Estamos dentro dos muros da antiga Santarem. Tam grandiosa é a entrada, tam mesquinho é agora tudo ca dentro, a maior parte d'estas casas velhas sem serem antigas, d'estas ruas moirescas sem nada de arabe, sem o menor vestigio de sua origem mais que a estreiteza e pouco aceio.

As egrejas quasi todas porêm, as muralhas e os bastiões, algumas das portas, e poucas habitações particulares, conservam bastante da physionomia antiga e fazem esquecer a vulgaridade do resto.

Seguimos a triste e pobre rua Direita, centro do debil commercio que ainda aqui ha: poucas e mal providas logeas, quasi nenhum movimento. Ca está a curiosa tôrre dos Cabaços, a velha egreja de San'João-de-Alpiarça. Ámanhan iremos ver tudo isso de nosso vagar. Agora vamos a Alcaçova!

Entramos a porta da antiga cidadella. — Que espantosa e desgraciosa confusão de intulhos, de pedras, de montes de terra e calissa! Não ha ruas, não ha caminhos, é um labyrinto de ruinas feias e torpes. O nosso destino, a casa do nosso amigo é ao pé mesmo da famosa e historica egreja de Sancta Maria da Alcaçova. — Custou-nos a achar em tanta confusão. Mas ella ca está emfim.

Continúa. A. G.

DOS TRIBUTOS ESTABELECIDOS NA ILHA DE SAN'MIGUEL. ETC. (*)

370 O corregedor tinha podêr e alçada nas pessoas de distincção para as degradar até dois annos para o Ultramar; e nos cavalleiros e escudeiros, ainda que fossem de linhagem, por 4 annos; e nos officiaes mecanicos e piões, que não eram de soldada, por 5 annos; e nos piões assoldadados, e piões que ganhavam dinheiro por sua braçagem, tinha alçada para os mandar açoitar, cortar orelhas, e degradar até 7 annos para o Ultramar; e sendo incursos em crime de roubo, os podia degradar para as Galés por metade do referido tempo. Assim tinha toda alçada sôbre os escravos, em qualquer crime que elles commettessem, afora nos casos de morte natural; e nos outros em que

(*) Continuado de pag. 262

não cabia a dita pena dava suas sentenças á execução sem appellação nem aggravo. Tambem tinha podêr e alçada até á quantia de 15$000 rs., assim em bens móveis como de raiz; e as sentenças que davam até á dita quantia se cumpria sem appellação nem aggravo. Quando pessoa distincta delinquia, elle a emprazava para a côrte, e lhe punha penas até á quantia de dez cruzados. Davam cartas de seguro em casos de morte, e de resistencia, sendo negativa e não confessativa, as quaes endereçava para si, como faziam os corregedores da côrte: assim tambem passavam as ditas cartas d'outros casos, que eram menores. Éstas cartas de seguro as podiam dar por tres vezes, depois dos seguros terem tomado duas, e as quebrassem; e isto por qualquer caso que á tal os obrigasse, allegando-lhe razões tão fortes que lhas devessem conceder. Podiam dar sôbre fiança quaesquer pessoas que fossem culpadas, em casos que sendo provados não merecessem morte natural nem civil, nem cortamento de membro, assignando-lhes termo de dez mezes para se livrarem, sob pena de as perderem para o hospital de Lisboa. Se algumas partes queriam levar ao corregedor appellações de feitos de presos das outras ilhas, em que o corregedor não estava, e sendo ambas as partes contentes que elle as despachasse finalmente, elle as despachava, sendo de casos que cabiam na sua alçada; e quando não havia parte que accusasse se não a justiça, se os accusados estavam contentes de lhe despachar as ditas appellações, d'ellas tomava elle conhecimento, e as despachava finalmente, cabendo em sua alçada, sem mais de suas sentenças haver outra appellação nem aggravo. Estes corregedores tinham alçada para conhecer de acções novas, no logar onde estivessem e seu termo, bem como no raio de 5 leguas, sem embargo de pelas ordenações os corregedores não poderem d'ellas conhecer. Quando iam de uma para outra ilha levavam os feitos comsigo, sendo de muita consideração, e de pessoas poderosas, maiormente se lhes parecia que os juizes da terra não fariam justiça. Na ilha de que tractamos conhecia por acção nova, avocava as causas dos poderosos e das mais pessoas de que os corregedores das comarcas podiam conhecer. Não intendia, nem tomava conhecimento dos feitos que estivessem findos por sentença do capitão donatario ou do seu ouvidor, salvo quando era mister para diligencias de outros feitos. Quando d'Angra chegava o corregedor a ésta ilha, antes que usasse da sua alçada apresentava na camara a sua carta de jurisdicção e a notificava ao capitão donatario: se porem no primeiro logar aonde desembarcava elle não estava, mas achava-se na ilha, lha fazia notificar; isto é, se estava na distancia de 5 leguas, no caso contrario começava a usar da sua alçada. (1) Tanta era a contemplação que os donatarios mereciam n'aquelles tempos!

Finalmente elles eram os juizes que conheciam das suspeições postas aos juizes de fóra e ordinarios. (2) E por fim no anno de 1766 elrei D. José outra vez separou a correição da ilha de San'Miguel, e creou juizes de fóra em todas as villas notaveis.

O Provedor dos residuos e capellas, e o juiz dos orfãos e ausentes, residiam em Angra: estes grandes officios andavam em familias distinctas da ilha Terceira, porém não eram letrados os que exerciam estes lucrosos empregos: d'elles se appelava so para a relação de Lisboa. (3)

Além do ouvidor, de que ja fizemos menção, havia juizes ordinarios. N'este estado se conservou a administração da justiça até que em 1554 fôra nomeado o seu primeiro juiz de fora (4) ao qual pertencia a correição da ilha de Sancta Maria, por alvará d'el-rei D. Sebastião com data de 25 de janeiro de 1572; nos casos crimes tinham alçada para mandar açoitar piões de soldada quando estavam assoldadados, e outros piões que ganhavam por sua braçagem; e assim tambem os escravos pessoaes: podiam degradar os dittos piões para o Ultramar até 2 annos, e para outros pontos do continente até 3 annos; bem como os escudeiros e vassallos que não eram de linhagem; e similhantemente os officiaes mecanicos; cujo podêr e alçada se intendia n'aquelles casos em que pela ordenação são postas expressamente as dittas penas: n'aquelles porém, em que não eram expressamente postas as determinava como julgava de justiça. Nos casos civeis tinha alçada até á quantia de 5$000 réis sendo de bens moveis, 4$000 sendo de raiz; e podiam pôr penas até 1$000, como lhe conferia a ordenação livro 1.° tit. 65: e nos casos acima declarados, assim crimes como civeis, e nas penas, davam suas sentenças á execução, sem d'ella receberem appelação nem aggravo. Quando algumas pessoas distinctas, cavalheiros e escudeiros, sendo de linhagem, e vassallos, commettiam algum crime pelo qual parecesse ao juiz de fora que deveriam ser emprazados para a côrte, lhe fazia os autos de suas culpas, e com elles os enviavam: quanto ás suspeições, que aos juizes de fora eram postas nos feitos e causas de que em razão do referido exercicio podiam conhecer, se haviam da maneira seguinte: Tanto que era tentada a suspeição por alguem, não se lançando elle por suspeito procedia sempre na cau-

(1) Talvez pareça prolixidade fastidiosa, mencionarmos todas as jurisdições, d'estes corregedores por isso que algumas d'ellas são conhecidas; todavia, como observámos em nossas investigações archeologicas nos diversos archivos da ilha de San' Miguel, que depois de el-rei nomear o corregedor se lhe dava um — regimento d'Alçada — sendo dada a 1.ª a Affonso de Mattos muito notavel é que a que se deu ao corregedor Cyprião de Figueiredo, no anno de 1578; e ao desembargador Diogo Monteiro de Carvalho; pareceu-nos que isto era do dominio da *historia açoriana*, e que não deviamos eliminar d'este nosso trabalho; cuja opinião foi corroborada pelo sr. deputado Bento Cardoso de G. P. Corte-Real, presidente da relação dos Açôres, a quem no anno de 1841 mostrámos copias d'aquellas *Alçadas*. Vid. liv. 1.° do reg. geral da camara de Ponta-Delgada fl. 80.

(2) Liv. 2.° do reg. antigo da camara de Ponta-Delgada fl. 182.

(3) Hist. Insul. liv. 6.° cap. 14 § 142.

(4) Opiniões discordes encontrámos sôbre o nome do 1.° juiz de fora de San'Miguel, e o anno em que foram introduzidos n'esta ilha. Memorias inéditas dizem: que se chamára Lourenço Córrea: o auctor da hist. insul. a pag. 139 diz: que se chamára Christovão Soares de Albergaria. Chaves e Mello na sua *Margarita Animada*, diz: que fôra o 1.° no anno de 1572; e nós asseveraremos que o 1.° juiz de fóra da ilha de S. Miguel foi o licenciado Correa, nomeado por alvará de 24 de outubro de 1554, tendo de ordenado e para homens, que com elle foram servir nas coisas de justiça, e assim para a sua aposentadoria etc. 67$600 rs. em cada anno, pela seguinte maneira, 50$ a elle de seu mantimento, e 9$600 para os dittos dois homens, á razão de 4$800 a cada um, e os 8$ para a ditta aponsentadoria. Liv. 3.° n.° 19, 1 do reg. ant. da camara de Ponta-Delgada fl. 3.

sa que lhe era posta até se determinar a suspeição, tomando comsigo por adjuncto o vereador mais antigo, não sendo suspeito, e sendo-o tomava outro, e sendo segundo, tomavam terceiro, para ambos procederem juntamente no caso; e se todos trez vereadores eram suspeitos, o fazia com um dos do anno precedente, ao qual não se podia pôr suspeição; e os autos que assim ambos faziam eram valiosos, como se a suspeição não lhe fora intentada: e sendo julgado que elle não era suspeito, procedia so na causa como se deveria fazer se a suspeição não lhe fóra posta; e sendo julgado que *o* era, em tal caso não procedia mais. Para se evitar que n'algumas lhe posessem suspeições com o intuito de paralizar os feitos e demandas, qualquer que fosse a pessoa que lhe a suspeição posesse, e em seu depoimento elle não se dava por suspeito, logo a parte depositava certa quantia, a qual perdia para os presos pobres do concelho, não provando suspeição, e era juiz d'ellas o corregedor da comarca. (5)

Ainda que so era juiz de fóra da cidade e seu districto, tinha podêr para tirar devassa dos formigueiros em toda a ilha (6). No anno de 1622 vemos difinitivamente unido a este logar o de corregedor da ilha de Sancta Maria — sendo nomeado para servir ambos Miguel Cirne de Faria (7). Eram juizes das suspeições que se punham aos corregedores d'estas ilhas (8). Eram juizes executores e superintendentes dos reaes direitos applicados para as despezas da guerra (9). Eram audictores da gente de guerra (10): E d'elle, assim como de todos os outros juizes se appellava directamente para a Relação. A este logar andova unido o cargo de juiz dos orfãos.

É conhecida assim a fórma do govêrno da ilha de San'Miguel, vamos referir o que podemos averiguar ácerca dos direitos e tributos que n'ella se pagaram; mostrando os motivos porque pagavam uns, e os privilegios para não pagarem outros.

[Continúa.] *B. J. Senna Freitas.*

ARCHEOLOGIA.

371 Em uma casa, situada em Belem na calçada d'Ajuda, defronte do edificio do picadeiro-real, achou-se não ha muito tempo uma antiguidade romana, digna de attenção dos eruditos, e que póde dar materia a curiosas conjecturas. Parece ser a base de um *cippo*, ou columnella sepulchral; tem um palmo de altura, palmo e meio de largura na frente, e obra de dez pollegadas de fundo. A inscripção, que occupa exactamente a parte frontal do pequeno monumento, é perfeitamente legivel, sem lacuna, nem obliteração alguma, é a seguinte:

D. M.
PUBLIO CLODIO JUVENI. VIX.
ANNIS LXX. FECIT.
CLODIUS FORTUNATUS.
PATRONO S. B.

Em torno da inscripão vêem-se esculpidas cinco aves nocturnas, da especie das que se observam em muitos sarcophagos antigos.

Tendo constado a S. M. El-Rei o Sr. D. Fernando, a existencia d'ésta antiguidade, que por muito tempo esteve servindo de lavatorio na casa acima mencionada, desejou vêl-a, e examinando-a com a attenção propria de um intelligente archeologo, não se dedignou de exercer, copiando-a exactamente, o seu talento artistico; dando com isso mais uma prova do interesse que lhe merecem as reliquias e recordações da grande nação outro'ora dominadora da maior parte do mundo então conhecido.

O dono d'ésta joia archeologica, o Sr. José Maria Gomes, se compraz com a maior franqueza e urbanidade, de a mostrar aos curiosos e intendedores.

* * *

POESIA.

DESEJOS!

372 Ó alma que respondes como um echo
D'esta alma ao suspirar,
Quem és tu? onde estás? porque te escondes?
Vem — Quero-te abraçar!

Quem és tu, que assim sabes, devassando
Mysterios de meu peito,
O que posso sentir — e ao que hei sentido
O recatado effeito?

Um gesto, uma palavra, um breve indicio
Uma leve esperança!
Não me deixes ver so, naufrago incerto,
Promessas de bonança!...

É por ti — é por almas como a tua
Que eu tenho suspirado.
Em vão sempre: hoje não: ja me vislumbra
Outra luz — outro fado!

E heide em trevas ficar? não hade o braço
Que um canto alçou do veu
Erguel-o emfim — travar-me d'alma ardente
E transportal-a ao ceu?

Arcano, que me matas de incerteza,
Não podêr eu rasgar-te?
Anjo vem: em segredo, amante e amado,
Vem, que eu quero adorar-te.

---

(5) Liv. 1.º do reg. geral da camara de Ponta-Delgada fl. 83 v.

(6) Liv. 1.º do reg. da camara de Ponta-Delgada fl. 133.

(7) Liv. 1.º do reg. da camara de Ponta-Delgada fl. 318 v.

(8) Liv. 1.º do reg. das correições das ilhas dos Açores fl. 133 v. e 144.

(9) Por alvará de 20 de julho de 1650 — Liv. 1.º do reg. geral da camara de Ponta-Delgada fl. 464.

(10) Provisão do desembargo do paço de 26 de outubro de 1723 Liv. 3.º do reg. da camara de Ponta-Delgada fl. 28. E no dito liv. a fl. 73 v. está uma ordem do conselho de guerra a este respeito, na qual deu a mesma decisão.

Muito — sempre! Qual amas — qual eu amo!
Em mysterio profundo,
Vem, anjo vem! Seremos sos na terra:
E d'ambos so no mundo!

26 de dezembro
de 1845. *Mendes Leal.*

THEATRO NACIONAL.

III.

373 Deixei dito no n.º 26 da REVISTA a maneira porque, na minha opinião, deveria ser estabelecido o nosso primeiro theatro de declamação: como o seu rendimento entraria n'um cofre d'onde sahiriam as despezas de costeamento; como o subsidio serviria so de supprir éstas despezas quando não chegasse o rendimento: como se comporia a sua administração; quem conheceria das peças que se representassem; como d'este modo uma empreza era desnecessaria, e quanto ésta na realidade é prejudicial á arte, aos artistas, ao Estado, e á economia do Thesoiro. Prometti tractar da legislação franceza e ingleza sôbre theatros, e investigar a parte d'ella que poderia ser applicavel ao nosso theatro; e é isto o que hoje começo a fazer.

Haverá treze annos que o parlamento inglez se occupou por espaço de dôze sessões d'este objecto de theatros; dois bills foram promulgados em resultado dos trabalhos de uma commissão expressamente nomeada para este fim, como corpo consultivo, e composta de trinta e nove membros que foram interrogados em mais de quatro mil questões. Ésta commissão compunha-se de sette proprietarios, seis empresarios, dois chefes de companhias-ambulantes, seis actores, oito escriptores dramaticos, tres compositores de musica, quatro magistrados, um ministro-inspector, e dois censores.

Em 1843 um novo bill sobre theatros adoptou o trabalho de 1832 em muitas das suas disposições, mas substituiu-lhe um systema ainda mais simples e absoluto. Por ésta legislação nenhum theatro se póde abrir em toda a Gran'Bretanha sem um alvará-regio, ou licença da auctoridade administrativa, segundo as localidades. Ésta auctorisação é concedida a um individuo responsavel cujo nome deve ser impresso em todos os cartazes, e que deve apresentar uma fiança de 500 lib. st., pelo maximo. Ésta fiança é destinada a garantir a observação das condições a que a empresa se obrigou, e o pagamento das multas em que possa incorrer. A auctoridade administrativa póde mandar fechar o theatro quando o julgue conveniente, e interromper as representações; e prescreve tambem os regulamentos que se devem seguir para a boa-ordem e decencia dos espectaculos. Estabelece-se tambem uma censura. O censor le as peças; risca todas as palavras e passagens que lhe parecem reprehensiveis, e se a peça inteira merece a sua desapprovação, prohibe a representação d'ella. A censura emprega-se principalmente em tudo quanto é indecente, ou contrário á religião, em tudo o que justifica ou anima o vicio ou o crime, toda a allusão a acontecimentos politicos contemporaneos, especialmente palavras que possam excitar á desordem. (1) Uma cópia de todas as obras dramaticas novas, ou de qualquer alteração que seja feita n'uma obra antiga, deve ser entregue á auctoridade, sette dias antes da representação, com designação do theatro onde ésta se vai fazer; e a representação póde ser prohibida pela auctoridade durante ou depois d'este praso de sette dias, tomando por fundamento as conveniencias dos bons-costumes, a decencia ou a tranquillidade pública *(for the preservation of good maners, decorum or of the public peace)*. Ésta prohibição póde ser absoluta ou temporaria. Com a entrega da cópia acima paga-se um direito que não póde exceder a dois guineos. Uma penalidade de fortes multas é estabelecida tambem no caso de contravenção das disposições d'esta lei, que abrange toda a producção destinada á scena, desde a tragedia até á pantomima, quer seja dada toda inteira quer em fragmentos.

Os direitos d'auctor não estão considerados n'esta legislação. Apenas um bill, proposto por Bulwer, e que passou a 10 de junho de 1833, estabeleceu que as obras dramaticas fossem consideradas como as outras producções litterarias, para os direitos de propriedade; mas não se prescreveram as retribuições que o theatro deveria pagar por cada representação. Para obviar ésta omissão os auctores dramaticos reuniram-se em sociedade, nomearam agentes em todas as principaes terras do reino-unido, e facultaram ás empresas a representação das suas obras pagando-lhes um direito cujo minimo seria de sette shellings; grande número d'auctores porém (entre estes o popular Scheridan Knowles, que o anno passado visitou Portugal) recusaram fazer parte d'esta sociedade, e continuaram a tractar directamente com as empresas.

Á vista do que mui succintamente deixo exposto, não será difficil reconhecer que o estado do theatro em Inglaterra não é prospero nem póde servir de modêlo. Alli não ha commissões de leitura para conhecer do merito das peças. O empresario consulta quem bem lhe parece, e quasi sempre são os actores que decidem dos effeitos da obra. Alli não ha nenhuma eschola dramatica, nem estabelecimento nenhum similhante ao nosso conservatorio de musica e declamação: os theatros de provincia é que fornecem d'actores os theatros da capital; o celebre Kean foi actor de provincia. A condição dos actores é muito precaria; geralmente são pagos todas as semanas, e alguns ás representações. Muitos actores ambulantes teem chegado a morrer de fome. No emtanto alguns dos actores dos dois principaes theatros d'Inglaterra — Drury-Lane ou Covent-Garden que teem conseguido estabelecer solida reputação, são os despotas, por assim dizer, de seus companheiros que quasi so trabalham para elles.

(1) Sendo a Inglaterra um paiz em que, segundo se diz, mais e melhor se intende a liberdade, onde a imprensa goza de uma franqueza quasi illimitada, e em que, finalmente, a auctoridade pública exerce attribuições mui restrictas; é de admirar o nimio rigor da censura nas peças de theatro. Um exemplo que posso apontar bastará para produzir ésta admiração nos leitores. Dizia-se n'uma peça, fallando do rei Guilherme, 'toca rebeca como um anjo,' ésta passagem foi riscada. A mais pequena phrase que tenha ressaibos de impia ou grosseira, é supprimida. As imprecações, e os juramentos, não podem passar. O nome de Deus não é permittido ser invocado n'uma comedia, e na tragedia permitte-se o uso d'esta invocação, mas com grande parcimonia.

Os theatros de Londres são muito pouco frequentados: o público não afflue senão á opera-italiana e ao theatro-francez que é quasi permanente em Londres. Nos theatros secundarios quasi todas as peças são traduzidas do francez. O theatro de Coven-Garden tem sido fechado muitas vezes por falta de concorrencia e o de Drury-Lane, apezar de dirigido pelo afamado actor Macready, falliu.

As despezas de uma empresa theatral em Londres são enormes. Como a musica é a mania dominante os theatros de Drury-Lane e Convent-Garden são obrigados a terem duas companhias, uma de canto outra de declamação. Para provocar a concorrencia, aproveitam as empresas todos os meios; as pantomimcas e os bailetes, principalmente pelo natal, preferem a tudo. Nos palcos de Drury-Lane e Covent-Garden, teem escandalosamente passeiado os tigres e leões.

A côrte e a aristocracia teem abandonado o theatro nacional, por consequencia é moda não o frequentar.

Já se ve que o estado do theatro em Inglaterra tem fortes parecenças com o nosso. Ve-se tambem que os bills de 1832 e de 1843 são insufficientes; que a organisação está incompleta, e que este estado do theatro é desairoso para uma nação tão illustrada como a ingleza. Ésta consideração fará pêso aos leitores; mas a sua hesitação cessará quando souber que os tories são antagonistas do theatro em Inglaterra, que a camara dos pares lhe é adversa, e que os bispes, por motivos religiosos, o combatem quanto podem. Isto posto, veremos no seguinte artigo qual é o estado do theatro em França, e depois tornaremos logicamente ao ponto da organisação do nosso.

VARIEDADES.

ASSOCIAÇÃO DA PROPAGAÇÃO DA FÉ.

Virtus, repulsæ nescia sordidæ,
Intaminatis fulget honoribus;
Hor. Lib. III. Ode II.

374 Sr. Redactor da REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE. — Por mais de uma vez se tem occupado com a Associação da Propagação da Fé os jornaes portuguezes, e com grande pezar meu tenho visto desfigurar e atrozmente calumniar ésta Associação tão respeitavel, e que segundo a opinião de toda a pessoa de bom senso deveria ser julgada acima de todo o vituperio. Alguns lhe tem chamado Associação politica; outros tem ido mais avante não escrupulisando de lhe chamar Associação secreta, sendo na verdade a Associação da Propagação da Fé a Associação mais pública que jamais houve, e aonde não havendo nada de escondido tudo é patente a todos. Grandes são na verdade os seus fins nobre é por certo a sua missão, missão divina, missão sublime; a de illustrar aquelles que jazem nas trevas e na sombra da morte; isto é, de levar o conhecimento da religião catholica áquelles povos que a não conhecem, e que pela ignorancia em que vivem da verdadeira e unica religião se entregam aos mais criminosos e vergonhosos excessos.

Nenhum outro fim tiveram em mira os fundadores d'esta pia Associação quando a estabeleceram no anno de 1820 na cidade de Lião de França, e nenhum outro é o empenho de todos os membros da Associação da Propagação da Fé senão o de concorrerem todos de commum accôrdo para que a religião catholica apostolica romana seja universalmente conhecida e observada por todos os povos da terra.

Posso affirmar que a Associação da Propagação da Fé é totalmente extranha á politica, e posso affirmal-o porque tenho a honra de pertencer a ésta Associação, porque leio os seus Annaes, e porque além d'isso leio tudo quanto a respeito da mesma Associação publicam os jornaes extrangeiros, e pergunte-se a todos os socios se a Associação da Propagação da Fé é uma sociedade secreta, e estou certo que todos affirmarão o contrario, como eu affirmo; entretanto nem por isso julgo que todos d'aqui em diante farão justiça á Associação da Propagação da Fé e á sinceridade e pureza de intenções de seus membros, pois sempre houve calumniadores, e com o apoio d'esses não pode nem deve contar nunca nenhuma corporação respeitavel: pela minha parte declaro que rejeito qualquer elogio e agradeço qualquer vituperio, vindo das mãos de certos individuos; lembrando-me a este respeito do que dizia La Rochefoucauld «Il y a des louanges qui medisent, et des reproches qui louent.»

Havendo algumas pessoas na realidade que teem deixado de entrar na Associação da Propagação da Fé não por malicia, mas por totalmente ignorarem os seus sanctos fins, eu julguei que não era fóra de proposito dirigir ésta carta a V. pedindo-lhe o favor de a inserir no seu muito acreditado jornal: a REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE, para que desmintindo eu pela imprensa as calumnias vomitadas contra a Associação da Propagação da Fé, dê ao mesmo tempo para conhecimento do público uma idea clara do que é ésta Associação. Foi ella estabelecida na cidade de Lião de França no dia 3 de maio de 1820, a rogos de uma senhora piedosa da dicta cidade, recebendo logo a approvação de Sua Sanctidade, que não tardou em abrir o sagrado thesouro das indigencias para aquelles que quizessem alistar-se n'ésta Associação tão respeitavel. O primeiro cuidado dos fundadores foi procurar meios pecuniarios para poderem levar a effeito o fim que se haviam proposto: e determinaram que haveria dois *conselhos*, um na cidade de Paris e outro na cidade de Lião: determinaram outro-sim os fundadores, que a esmola que deveria dar cada socio seria 40 réis mensaes, devendo um socio de entre dez receber as esmolas d'esses dez, e cada colector de decuria fazer a entrega a um colector de centuria, isto é, recebedor de dez decurias, e este collector de centurias fazer a entrega das esmolas a um chefe de dez centurias, para esse as entregar ao thesoureiro do *paiz* em que se acha. Os thesoureiros enviam as quotas a um dos dois *conselhos*. Os membros dos conselhos distribuem as esmolas pelos venerandos prelados, arcebispos, bispos e mais ecclesiasticos encarregados das differentes missões. As contas da receita e despeza publicam-se pela imprensa, bem como os Annaes da Associação, isto é: uma colecção de cartas dos missionarios apostolicos, aonde os leitores encontram uma noticia dos usos e costumes dos differentes paizes, bem como do fructo que os missionarios tiram dos seus trabalhos e fadigas appostolicas. Eis aqui está o que é a Associação da Propagação da Fé, digam embora os impios o que lhes parecer; a arma da calumnia é facil de manejar, não precisa de muito ti-

rocinio para lhe apreuder o manejo: entretanto é fraca arma, e so arma de fracos e do cobardes que ao principio póde causar damno; mas a verdade que sempre apparece ao cima d'agua, faz desapparecer diante de si a calumnia e os calumniadores. Embora os inimigos da igreja e os loucos sectarios da falsa philosophia do seculo passado, procurem fazer soçôbrar a barca de *Pedro*, jamais as portas do inferno poderão prevalecer contra ella « Et portæ inferi non prævalebunt adversus eam» são palavras do Redemptor que jamais deixarão de cumprir-se. A Associação da Propagação da Fé tem encontrado opposições, e hade encontra-las: sempre as obras de Deus tem tido difficuldades a vencer por isso mesmo que são de Deus; entretanto a Associação da Propagação da Fé, e os seus missionarios ja tem alcançado grandes triumphos para a religião catholica. Quantos povos que outr'ora se devoravam uns aos outros e que agora ja se olham reciprocamente como irmãos. Quantos pais que ha pouco considerando seus filhos como um pesado fardo do qual se desejavam ver livres, os lançavam aos rios; affogando d'esta maneira e pondo de parte aquelles sentimentos tão proprios da natureza humana; agora graças á divina providencia, graças á Associação da Propagação da Fé, ja esses pais desnaturalizados não matam o fructo das suas entranhas; mas pelo contrario, pedem aos missionarios que baptizem seus filhos, e que os eduquem na religião catholica: ja muitos, ainda que não todos, d'esses povos barbaros se vão civilisando e domesticando: entretanto ainda ha uma grande ceara, e os meios não são sufficientes para os grandes encargos que pesam sôbre a Associação. Grande número de sacerdotes se tem destinguido na grande obra da Propagação da Fé. Eu não poderei deixar de mencionar um prelado cujos serviços á igreja o tornam emminentemente distincto, fallo do Exm.º Sr. Fleming, bispo da Terra Nova. Este virtuoso prelado estando de passagem em Lisboa, entre outras particularidades da sua missão que teve a bondade de me contar, eu não poderei esquecer uma: a sua primeira igreja, era feita de madeira, agora ja póde emprehender a edificação de uma nova igreja, nas obras da qual trabalham não so elle bispo e muitos dos seus diocesanos, mas até senhoras que pondo de parte a delicadeza do seu sexo não duvidam ajudar o seu prelado n'uma tão nobre quão laboriosa tarefa: este respeitavel varão pertence á ordem dos franciscanos da cidade de Kilkenny na Irlanda. Muitos outros tem feito grandes serviços á religião. Quantos martyres não tem dado com o seu sangue n'estes últimos tempos, mais uma prova da verdade da religião que professam? Todas as ordens religiosas se tem destinguido, la estão as irmans da caridade e os padres de San'Vicente de Paulo em Constantinopla, os redemptoristas em Baltimore, os missionarios do Sagrado Coração de Maria na Oceania, os jesuitas, esses porta-estandartes da religião catholica, eilos ahi espalhados por toda a parte prégando e instruindo os povos. Graças a Deus que ja vai passando a moda de ser atheu, ja os sabios pegam na penna para defender a religião ja a defensa do catholocismo não é a partilha esclusiva dos ecclesiasticos; a causa da religião é uma causa commum, cumpre a todos o tomarmos parte na sua defensa e no seu triumpho. Se olhamos para a França ahi vemos Montalembert, Beugnot e outros, defenderem os ministros da religião em pleno parlamento dos ataques de seus contrarios; se olhamos para a Irlanda ahi vemos o grande O'Connel empenhado na defeza da mesma causa, pugnando ao mesmo tempo pela liberdade do seu paiz. Leia-se a *Revista de Dublin*, o *Correspondente*, o *Monde Catholique*, e outros jornaes aonde apparecem artigos sahidos da penna de tantos sabios, e ahi se encontrarão bastantes artigo defendendo a religião, o primado do papa, as indulgencias etc. etc. Ja me tenho apartado do meu ponto principal, e V. me relevará. Devo finalizar; ja tenho sido mais extenso do que devia. Aproveito ésta occaiião para declarar publicamente que não pertenço a nenhuma sociedade secreta, e sou Sr. Redactor

Largo do Calhariz — De V. attento venerador
10 de janeiro de 1846. — *Marquez de Vallada*,
Associado da Associação da Propagação da Fé.

MISCELLANEA ARTISTICA.

375 A musica começou a ter perfeição no XI seculo; porque *Guido Aretino*, inventou as seis notas, vulgares, para grande facilidade da disciplina.

O ornar os pavimentos com marmores de diversas côres, recortados e unidos uns aos outros, foi o seu inventor, no XIII seculo, *Duccio de Boninsegna*, Senense.

Os azulejos e os lagedos de côres, tiveram a sua origem na Hollanda, nos principios do XIV seculo, e de la vieram para as mais partes da Europa, onde depois se fabricaram com mais ou menos perfeição.

As Biblias e livros devotos, com pintura de pennejado e illuminuras, appareceram na Europa pelos principios do XIV seculo, e tiveram o seu começo em Florença.

O modo de pintar a oleo, quem o achou foi *João Van Eyk* (chefe da eschola flamenga), nos fins do XIV seculo. Esta invenção foi uma das mais vantajosas para a arte.

As pinturas de vivas e finas côres sôbre vidro, diz-se communmente que a epocha da perfeição d'este trabalho foi no principio do XV seculo, e que um pintor de *Marselha* fôra, se não o inventor, o artista que o levaram ao maior apuro e delicadeza. No real ex-convento de Nossa Senhora da Victoria, no logar da Batalha, ainda se conservam dos referidos vidros do XV seculo.

A gravura de chapa foi achada fortuitamente, no XV seculo, por *Thomaz Finiguerra*, Florentino.

O abrir as estampas a buril, foi seu inventor *André Mantegna*, Paduano, pintor da eschola lombarda, no XVI seculo.

A gravura em pedras finas, e preciosas e antiquissima; teve sua origem no Egypto. Os Fenicios a praticaram muito; porém os gregos a aperfeiçoaram egregiamente. Passou depois a Italia, onde foi cultivada por habeis artistas, *Antonio Pehler*, foi o gravador mais eximio do XVIII seculo, e principalmente em pedras finas e preciosas; motivo porque o seu busto foi collocado no Pantheon de Roma, entre os dos homens mais illustrados em artes, e sciencias

Os estuques foram usados pelos antigos, perdidos muitos seculos, foram depois tornados a achar no XVI seculo, por *João Udine*, quando appareceram pela primeira vez as *camaras* de Tito.

O Abbade de Castro.

CORREIO NACIONAL.

376 No supremo tribunal de justiça, no mez de dezembro último, entraram 43 autos, foram julgados 60, ficaram existindo 804.

Está a concurso por 60 dias, contados de 12 do corrente, a cadeira de lingua hebraica do Lyceu nacional de Lisboa; bem como a de linguas franceza e ingleza; e a d'Arithmetica, Geometria e Algebra, do Lyceu-nacional d'Evora.

O Banco-commercial do Porto repartiu; como dividendo do segundo semestre de 1845, trez e um quarto por cento ou 6$500 réis por acção.

Infelizmente declarou-se na ilha da Boa-vista, uma das do archipelago de Cabo-Verde, a epidemia vulgarmente chamada febre-amarella ou vomito-preto. No seguinte número da Revista consagraremos um artigo especial sôbre este objecto.

Os jornaes do Porto gabam muito uma parte da estrada, que ja está feita, d'aquella cidade a Lisboa, dirigida pelo Sr. J. V. Damazio, e avaliam-na como superior a qualquer outra estrada do Minho em *belleza e sollidez*, e como a *mais bem acabada de todas as estradas do reino.*

A camara-municipal da cidade do Porto abriu concurso por 40 dias, contados do 1.° do corrente, para a illuminação a gaz d'aquella cidade; sôbre o que lhe havia feito propostas J. B. Stears, que se obriga a tornar effectiva essa illuminação dentro em dois annos, accendendo mil lapeões, com o privilegio de 21 annos, e 16:000$000 réis annuaes nos primeiros 11 annos e 15:069$000 réis nos 10 últimos annos.

No fim de dezembro último existiam na alfandega do Terreiro 7,279 moios de trigo 775 de centeio, 760 de milho e 29 de cevada. O preço do trigo era de 400 a 580 rs. o alqueire, o do centeio de 260 a 320 rs., o do milho de 280 a 320 rs., e o da cevada de 240 a 320 rs.

As duas sociedades philharmonicas reuniram em assemblea-geral, cadauma em sua respectiva sala, para tomarem conhecimento do parecer das commissões nomeadas para accordarem na reunião das duas sociedades. Na 'Academia-philharmonica' foi regeitado o 1.° artigo do parecer da commissão que prescrevia a reunião n'uma sociedade que se denominaria do mesmo modo *Academia-philharmonica*. Na 'Assemblea-philharmonica' foi approvado o 1.° artigo da commissão que prescrevia a reunião n'uma sociedade com qualquer denominação *nova* em que se accordasse. O resto dos artigos foram mandados imprimir em ambas as assembleas para serem opportunamente discutidos.

Na semana que vem irá á scena no theatro de San' Carlos, uma nova opera jocosa, de Ricci, *Chi dura vince*. Proseguem com grande actividade os ensaios de um novo bailete, jocoso, do Sr. Martin.

No dia 12 pela noite houve um pequeno incendio n'umas barracas, no pateo dito do Marquez de Vagos, a San'Christovam. Correu que uma mulher tinha morrido n'este incendio; mas a causa de sua morte foi uma apoplexia, talvez desafiada pelo susto.

Collocaram-se hoje (14) na Praça de D. Pedro algumas balisas com a seguinte inscripção:

« *É prohivido*, entrar n'esta Praça, sejes, carruagens, carros, cavalgaduras, *nem* gente carregada. »

Pedimos á exm.ª camara que por credito seu, e da nossa civilisação, mande redigir a sua determinação por alguem que saiba grammatica.

Assassinio. — As circumstancias de que é acompanhado o facto seguinte, que se communica á Revista, e o conceito que nos deve o nosso correspondente, nos obriga a transcrevel-o na integra da sua communicação.

« Sr. Redactor — Alhandra 6 de janeiro de 1846. — Este anno principiou n'esta villa com muito mau agouro, principiou por um assassinio! Eis o caso

No dia d'anno bom, vindo Manuel d'Abreu Cabano, galego de fretes, em companhia de Manuel Marques Giada, de dar o seu passeio e de beberem a sua pinga, vinham-se recolhendo para sua casa: ao sapal da villa se despediram os dois amigos, e cada um tomou a sua direcção, e quando Manuel d'Abreu atravessava uma travessa que deita para a rua nova, foi chamado por João Maltez, homem que se recolheu para ésta villa ha dois annos, sem se saber de que terra vinha, nem para que vinha, e disse-lhe o tal Maltez — Oh, sr. Cabano eu quero-lhe dar uma palavra — o pobre galego esperou, e o Maltez chegando-se a elle lhe cravou uma navalha, que logo lhe atravessou o coração e offendeu-lhe uma costella inferior, e cahiu morto, pronunciando somente 'ai que me mataram'. O Maltez logo fugiu; porém uma mulher que presenciou todo o facto cahiu no chão desmaiada; seu marido vendo isto perguntou-lhe o que tinha, ella a muito custo disse-lhe: mataram agora alli o Cabano... N'isto passava um rapaz, que vendo o Maltez fugindo com uma navalha ensanguentada correu atraz d'elle a gritar: mata que é ladrão; o Maltez vendo-perseguido e que ja não era so o rapaz quem corria atraz d'elle, fugiu para uma horta e escondeu-se entre umas couves, onde foi encontrado pelas auctoridades, e acha-se hoje preso na cadea d'esta villa.

Dizem que o morto nunca tivera rixas com o tal Maltez, pois so se attribue a uns dictos que, por causa da rifa d'uma navalha, ouve entre o desgraçado Cabano e o tal Maltez.

Agora tractando da auctoridade administractiva d'esta villa, não posso deixar de lhe dirigir a minha censura, em 1.° logar, por consentir homens de tal natureza no concelho, sem as precisas disposições que a lei marca, pois ja consta que o tal Maltez, commettera outro assassinio e por essa causa se recolheu á terra extranha. 2.°, é que no acto da prisão, depois do assassino estar preso, querer varal-o com um estoque, fazendo para isso as maiores diligencias; o que deu motivo a que o seu escrivão se fartasse de lhe dar espadeirada, e o povo vendo tal procedimento entrou a gritar: mata esse ladrão que matou o Cabano; e depois foi preciso empregar força para tal se não levar a effeito. Actos d'estes degradam as auctoridades. »

CONHECIMENTOS UTEIS.

—

A EPIDEMIA NAS ILHAS DE CABO-VERDE.

N. B. A Redacção escrevia sôbre este mesmo objecto, como promettêra no último número, quando teve o gôsto de receber este artigo de pessoa cuja competencia, e a maneira cabal com que tractou este grave assumpto de interesse público, nada deixam a desejar.

———

376 A natureza da febre que actualmente reina em algumas das ilhas de Cabo-Verde, especialmente na Boa-vista, e o modo porque ella se propaga, e se póde transmittir a outros portos, são objectos de summa gravidade, e que nos devem merecer a maior solicitude; não so porque devasta amigos e parentes nossos, senão tambem porque póde passar á metropole, e reproduzir aqui as terriveis scenas de 1832—1833: foi por isso que julgamos util consignar n'este artigo algumas considerações ácerca d'aquella epidemia, não so relativamente á sua essencia e propagação, mas tambem historiando o seu progresso n'aquellas paragens, segundo as melhores informações, que podémos obter.

A 28 de settembro do anno proximo passado apportou á Boa-vista o vapôr inglez *Eclair*, procedente do cruzeiro da serra-Leoa, abordo do qual se havia desenvolvido uma molestia suspeita: debalde tinha elle querido ter communicações com terra em algumas das possessões *francezas*; mas na Boa-vista, o governador, que ahi se achava, D. José Miguel de Noronha, mais humano que cauteloso, permittiu o desembarque para o ilheo chamado — Forte do Duque de Bragança, e ahi falleceram bastantes dos que desembarcaram, e alguns soldados portuguezes, que ahi se achavam. Acreditamos que talvez se não tomaram todas quantas providencias a lei e a sciencia recommendam, para fechar de tal modo o cordão sanitario que sequestrasse absolutamente o focco d'infecção da communicação com a ilha. Fosse como fosse, o que é certo é que os primeiros casos de suspeição, que appareceram na ilha, foram a 28 de outubro, um mez depois do desembarque, e depois de se ter arejado e desinfectado convenientemente o forte do Duque de Bragança: ainda que igualmente se deva confessar, que os primeiros casos tiveram logar em pessoas que tinham tido a mais estreita relação com algumas da tripulação do *Eclair*, o que induz suspeição do contagio.

O governo e a commissão de presas, retiraram para outra ilha, para a Brava, onde é provavel que ainda se conservem; mas em..... appareceram igualmente alguns casos da mesma molestia. Mas que molestia é ésta? é porventura, definitivamente, a febre amarella? chamada febre de Siam, febre putrida-continua, typho d'America, vomito-negro dos hispanhoes? É a mesma febre epidemica que devastou tão barbaramente a Philadelphia em 1793, que se manifestou em Cadiz em 1800 e 1803, que trucidou milhares de soldados francezes em San'Domingos em 1802? é finalmente a mesma molestia desenvolvida em Barcelona em 1821, e em Gibraltar em 1828? Eis-aqui está o quesito que a anciedade publica deseja ver resolvido, não so para tranquilizar-se sôbre o futuro, se a febre não tem aquella natureza, mas tambem para se prevenir, caso de se verificar a suspeita de ser effectivamente a febre amarella, que actualmente reina no archipelago de Cabo-Verde. Julgavamos que o conselho de saude publica do reino seria o competente para nos esclarecer a este respeito, dando-nos um boletim exacto das informações officiaes que tem, afim de não tomarem corpo boatos infundados e aterradores, que ja são a primeira causa predisponente para a epidemia.

O que é certo, é que, segundo somos informados, dos praticos de Cabo-Verde ainda lhe não chamou febre-amarella, senão um cirurgião mór residente em San'Thiago, e que ainda não viu nem um so caso! e o cirurgião que está no focco epidemico denominou-a febre Memigo-gastrica de Piniel, e outro cirurgião, de bordo de um navio de guerra portuguez, classificou-a 'febre-typhoidea.' E quem nos diz a nós, que tendo tomado na presente estação, e na que proximamente findou, aqui mesmo em Lisboa, quasi todas as febres o character typhoideo, isto em Cabo-Verde não seja senão a carneirada da terra, que é agora a sua epocha, mascarada com a fórma typhoidea? Os characteres ou symptomas pathognomonicos da febre-amarella são a côr icterica, e os vomitos-negros (Grissolle), e apenas, segundo nos informaram, so em dois casos se verificou o vomito-negro, e da côr amarella, dizem-nos, que não se falla.

Mas ainda dado o caso que effectivamente exista no archipelago de Cabo-Verde a epidemia, febre amarella, nós julgâmos que não ha motivo para receiar que ella venha a infectar Lisboa e o reino todo; e a razão que nos assiste para fazermos este vacticinio, vem a ser: de uma parte a historia do modo porque se comporta ésta epidemia, e d'outra a actividade e o acerto com que se teem tomado medidas preventivas pelo conselho de saude publica, presidido constantemente pelo ministro do reino, que tem assistido a todas as suas sessões depois que chegaram as primeiras noticias officiaes de Cabo-Verde; e que muito deve penhorar a nossa gratidão.

Todos os auctores, ou quasi todos, acreditam que são essencialmente necessarias éstas duas circunstancias para o desenvolvimento da febre-amarella: 1.ª uma grande elevação de temperatura atmospherica: 2.ª um focco d'infecção. Convem pois que o governo faça quanto lhe fôr possivel para que a epidemia de Cabo-Verde termine antes do verão, porque até essa epocha a temperatura da nossa atmosphera nos garante, em grande parte, da invazão d'este inimigo; e muito mais activas devem ser todas as providencias das municipalidades de todo o reino, para que evitem cuidadosamente todos esses foccos d'emanações putridas, em que infelizmente ainda ha muito a fazer. As municipalidades devem a este respeito marchar de commum accordo com as auctoridades sanitarias, e acabar por uma vez essas mesquinhas rivalidades e intrigas d'aldêa, que em muitos pontos desvirtuam as providencias mais salutares, e dão um ar caricato a corpos respeitaveis.

Ainda hoje é ponto controvertido se a febre amarella é ou não contagiosa: mas nós abandonando uma polemica enfadonha e esteril, adoptaremos o parecer de Mr. Rostan «j'ajouterais qu'il n'y a presque aucun inconvenient á considerer cette maladie comme contagieuse, et qu'il peut y en avoir des plus gra-

«ves á ne pas la regarder comme telle.» Á vista desta opinião tão prudente e tão qualificada, sería altamente responsavel todo aquelle, que desejasse que as auctoridades sanitarias abandonassem todos os meios de precaução, tornando victimas de uma opinião absoluta milhares d'individuos, nações inteiras.

É por isso que não podêmos deixar de tributar nossos louvores ao conselho de saude publica do reino, pelo disvello, acerto e prudencia, com que se tem havido em todas as medidas de prevenção, que tem tomado, sôbre tudo na organisação do Lazareto, que nós desejaremos vêr muito mais distante da capital: pedindo-lhe que pése attentamente os pros e os contras de um lazareto fluctuante, ácerca do qual ha muitas e variadas opiniões. E hoje que essa lei chamada de saude publica, se vai pôr em pratica n'uma das suas partes mais bem ellaboradas, e que tanta impugnação soffreu, se verá com que previdencia, minuciosidade, e conhecimento de causa foi feita; pois que não ha hypothese alguma que não esteja prevista nos artigos de quarentenas, lazareto, desinfecção etc. previamente avaliada, e cautelosamente remediada. Não nos cega o espirito de partido; mas acima de tudo a honra e a verdade.

* *

MOLESTIAS D'OLHOS.

377 Le-se no 'Diario do Govêrno' e outros jornaes d'esta cidade, o seguinte *annuncio*:

AVISO AOS DOENTES DOS OLHOS.

A importancia e a necessidade dos estabelecimentos destinados para as molestias dos olhos, desde muito reconhecida, fez fundar em todas as capitaes da Europa, e em quasi todas as cidades mais ou menos populosas, institutos com este fim especial, os quaes hão tido em toda a parte relevantes e utilissimos reresultados, não somente para os doentes dos olhos, mas tambem para o desenvolvimento e progresso da Ophthalmologia, ramo importantissimo da arte medica.

Para pôr em pratica um similhante instituto em Lisboa, ja ha muito tempo por nós projectado, temos destinado um local apropriado, e estão tomadas todas as medidas necessarias para que os doentes dos olhos, principalmente da classe indigente, tanto da capital como de fóra, achem aqui gratuitamente o soccorro necessario, administrando-lhes os meios therapeuticos convenientes.

Convidâmos por consequencia os doentes, que se queiram aproveitar d'esta instituição, dirigida pelo abaixo assignado, a apresentarem-se no local, rua de San'Francisco de Paula, n.° 72, aopé da igreja de San'Francisco de Paula, onde serão recebidos, desde 20 de janeiro em diante, todos os dias, do meio dia até ás duas horas. — *Dr. Kessler*, medico de Sua Magestade El-Rei.

A modestia com que o Sr. Dr. Kessler dá parte ao paiz que acaba de o dotar com um estabelecimento tão philantropo como necessario, é tão acredora do maior elogio como a sua idea da maior gratidão. A Revista é a primeira a erguer a sua voz em louvor do charidoso instituidor e da sua benefica instituição; mas ésta voz não é, seguramente, senão o echo dos sentimentos que o *annuncio* do Sr. Dr. Kessler deve produzir no paiz inteiro.

A pericia medica d'este illustre clinico é muito conhecida para que seja necessario tractar d'ella, e como *oculista* posso attestar de pessoas a quem a operação de strabismo foi feita, com os melhores resultados, pelo habil operador.

Em toda a parte o teria, mas mais ainda em Portugal onde as molestias d'olhos parecem como doença endemica, o instituto-especial do Sr. Dr Kessler o maior jus ás bençãos de todos e ao reconhecimento público.

AGRICULTURA.

CULTURA DA BETERRABA.

378 Em outubro do anno passado (1844) disse eu no artigo 3,622 da Revista Universal, que tinha feito uma sementeira de beterrabas para experiencia no dia nove d'aquelle mez, e que daria conta do resultado que obtivesse, comparando o producto das raizes com o de outras plantas das que teem o mesmo logar nos afolhamentos; e como depois varias pessoas me pediram informações a tal respeito, resolvo-me a cumprir a minha promessa, persuadido tambem de que a resumida noticia que vou dar, não será desagradavel a algum dos numerosos assignantes da Revista.

As minhas plantas nasceram bem e passaram o inverno soffrivelmente, porém a 5 d'abril, sendo ainda muito pequenas, principiaram a espigar, e no fim de maio tinham espigado todas, de sorte, que mesmo sem as pesar, pude obter a certeza de que quaesquer outras plantas que eu tivesse semeado no mesmo terreno dariam productos mais valiosos. Se o inverno fosse mais regular talvez as raizes tivessem maior desinvolvimento, porém mesmo n'esse caso as vantagens da sua cultura não seriam grandes pelos motivos que logo direi.

Ao lado do terreno que eu tinha semeado em outubro fiz novas sementeiras de beterrabas brancas e vermelhas no último de março e aos treze d'abril, as quaes nasceram bem, e se conservaram todo o verão sem seccar nem espigar, e quando vieram as primeiras chuvas de settembro, estando ainda pequenas, desinvolveram nova vegetação, e cresceram até chegarem algumas raizes a pesar cinco arrateis: principiei a dal-as ao gado a 20 de novembro e acabei hontem, conservando-se na terra sem nada soffrerem com as geadas d'este mez.

D'estas duas experiencias, e de outras que ja tinha feito com menos attenção nos annos anteriores, concluo eu, que a epocha propria para a sementeira das beterrabas em Portugal, ou ao menos na minha comarca, é a primavera.

Pelo lado economico parece-me tambem que se não podem adoptar as sementeiras do outono, ainda mesmo quando sejam tão productivas como as da primavera, porque será preciso preparar o terreno com um alqueive, e por isso cultivar as beterrabas no anno do trigo; além de que, não sendo facil conserval-as no verão, mesmo dentro em casa, teriam os lavradores de as fazer consummir n'uma epocha em que podem obter herva quasi sem despeza. O fabrico do assucar tambem não sería facil em maio, porque logo depois de raladas as raizes, o succo se alteraria no meio de uma temperatura elevada.

Por não fazer um artigo longo e fastidioso para a maior parte dos leitores da REVISTA; não me demoro em descrever a qualidade do terreno, sua preparação e cultura, e direi unicamente que as minhas experiencias foram de lavrador, por julgar que as feitas em jardins não servem de nada em casos taes, porque falham sempre que se applicam em ponto grande.

O terreno que eu semiei em março e abril tem de superficie 17,500 palmos quadrados, e leva de semente de trigo n'estes sitios tres quartas do alqueire do padrão de Lisboa: ésta extenção é mui pouco maior da que se conta por um alqueire de terra nas lezirias do Riba-tejo, e que se semeia alli com um alqueire a alqueire e meio de trigo. Se n'este mau anno de 1845, este terreno do mesmo modo preparado, e no mesmo estado de fertilidade em que estava quando o semiei de beterrabas, tivesse sido semeado d'outras plantas, daria com pouca differença:

De favas, descontando a semente — 7 alqueires de Lisboa no valor de.............. 1$960
De milho dito 6 dito 1$800
De batatas dito 45 dito 3$600
De feno de ervilhaca 800 arrateis no valor de..... .... 3$200
Valor da semente — 400 2$800

10$160 rs.

Valor med io dos quatro productos — 2$540 rs.

As despezas de cultura das favas, do milho, e das batatas, sería igual á das beterrabas — as folhas d'estas valeriam a palha das favas ou a do milho — N'um anno regular os tres primeiros productos seriam maiores, principalmente o das batatas; mas a éstas dever-se-ia fazer um desconto de que não posso tractar agora. A semente das beterrabas tem pouco valor.

As raizes que eu colhi, depois de decotadas e lavadas, pesaram 2,200 arrateis de Lisboa, e custaram-me, comparadas aos outros productos que poderia dar a terra, 115 rs. cada 100 arrateis, e como ellas a peso igual teem um valor nutritivo pouco inferior ao das batatas, e igual a 2.3 para um de feno, parece-me que a cultura d'esta preciosa raiz será não só possivel em Portugal mas até de muita utilidade, por fornecer um sustento abundante e agradavel para toda a qualidade de gado, principalmente para as vaccas leiteiras, n'uma epocha em que se não póde obter nenhum outro sustento verde sem regas.

Em quanto á possibilidade de estabelecer-se em Portugal a industria assucareira, talvez não seja errado o calculo que vou escrever, reduzindo logo, para maior concisão, o franco a 160 rs. e o kilogramo a 2.18 arrateis de Lisboa.

O fabricante em França paga as raizes de 117 a 146 rs. cada 100 arrateis, paga de direitos por cada 100 arrateis d'assucar que fabrica n'ésta colheita 3$229 rs., deve pagar mais em 1846, e em 1847 — 3$616 rs., que é o mesmo que pagam n'aquelle reino os assucares coloniaes, e pode vender o assucar com lucro de 8$440 a 9$909 rs. os 100 arrateis, — como se prova pelo augmento que tem tido as fabricas ainda este anno em differentes departamentos. As minhas raizes custaram-me a 115 rs. os 100 arrateis; o assucar na minha comarca vale de 80 a 100 rs. o arratel; e como não ha razão nenhuma para duvidar que as beterrabas creadas em Portugal contenham tanto assucar como as creadas em França, parece ficar demonstrado que a industria assucareira sería não so possivel, mas muito proveitosa na minha comarca, por que o fabricante teria para occorrer aos grandes descontos que soffre sempre uma industria nova — 38 por 100 que o fabricante paga em França de direitos.

Nas terras onde os productos com que comparei as beterrabas tiverem menos valor, e o assucar mais do que tem na minha comarca, deverão ser mais certos os lucros do fabricante por esses dois motivos.

Concelho da Rebaldeira 30 de dezembro de 1845.

Um pequeno agricultor.

Este artigo dá muita bonra a seu illustre auctor, cujo nome bem desejára eu nomear para estimulo d'outros. É assim, com éstas experiencias, e escrevendo sôbre os factos, resultado da observação e do estudo, que se melhora o estado d'agricultura de um paiz, e se cria a sciencia agronomica d'elle.

STATISTICA CLINICA.

379 Existe um medico n'esta capital, que confeccionou uma statistica da sua clinica civil, que merece ser lida pelas relações que se encontram entre as diversas phases lunares e o numero dos doentes que viu n'esses periodos lunares de sorte que se debaixo d'este ponto de vista se colligissem muitos factos, poder-se-iam talvez tirar grandes consequencias para a sciencia, e muita luz para as chamadas constituições medicas. O dito pratico fez em todo o anno de 1845, mil quinhentas e noventa visitas, das quaes corresponderam aos dias de lua-nova 80, de lua-plena 120, de quarto-minguante 100, e de quarto-crescente 110, e as restantes mil cento e oitenta a dias intercalares. Se pois o número de visitas quotidianas d'este pratico se podesse tomar como a unidade da clinica civil de Lisboa, e por consequencia como a medida do estado de salubridade da capital, teriamos que o estado de saude d'esta grande população estaria em dias de lua-cheia para os dias de lua-nova como 120:80 ou como 3:2; e nos de quarto-crescente para os de quarto-minguante, como 110:100, ou como 11:10. Vê-se pois, debaixo da mesma hypothese, que o periodo menos salubre para Lisboa seria o de lua-cheia, e o mais salubre o da lua-nova, que entre estes extremos collocar-se-iam os quartos, na seguinte ordem: o crescente menos salubre, e o minguante mais do que elle, ainda que menos do que o da lua-nova.

Do exame da statistica do mesmo medico consta mais, terem-lhe fallecido seis doentes em dia de lua nova, quatro em lua-cheia, tres em quatro-crescente, e dois em quarto-minguante; o que até certo ponto fórma um antagonismo com a statistica do numero dos infermos. De sorte que a salubridade de Lisboa é menos segura durante a lua cheia, todavia é menos mortifera ésta phase do que a da lua-nova.

Hoje que tudo se quer levar pelos dados estatisticos (ainda que não partilhamos esta doutrina), estes resultados se não são uteis, pelo menos são curiosos, e os lunaticos hão de lhe dar muito valor.

Se de tal statistica se podessem tirar corolarios uteis, seriam de certo os seguintes; que os dias de lua-cheia seriam os dias dos medicos, os de lua nova

dos padres e do Castro, e os intercalares os do povo; que por fim é quem pagas todos. * *

SCIENCIAS-NATURAES.

I.

380 O barão d'Humboldt — *Carta á* REVISTA — *Cosmos.* a última obra d'aquelle sabio escriptor — *Astronomia* — Systema-planetario — Cometas — Aerolithos — Auroras-boreaes — Luz-zodiacal — Transladação do systema solar — Espaço — Firmamento — Universo:

Humboldt é um d'esses nomes conhecidos em toda a parte do mundo, e reverenciados por todos: irmão do celebre escriptor e diplomatico da Prussia, que morreu em 1835, Humboldt augmentou muito o esplendor do apelido da sua familia com a descripção da sua viagem ás regiões equinoxiaes do novo continente, de 1799—1804, e depois á Asia em 1829. Desde esse tempo Humboldt conquistou o seu logar entre os sabios mais distinctos que existem hoje

Mas não o conquistou de salto. Tinha nascido em Berlim em 1769, e ja em 1790 fazia excursões scientificas pela Allemanha, Hollanda e Inglaterra, e devolta publicou o resultado dos seus trabalhos n'uma obra cheia de erudição e de curiosas investigações archeologicas. Applicado depois á mineralogia e botanica, publicou a sua 'Flora subterranea de Freyberg,' que revelou a existencia de uma sciencia, que não era ainda senão uma suspeita. No jornal dos 'Mineiros' publicou elle depois artigos de chimica, geognosia e oryctognosia, do maior interesse para a geologia. E as sciencias physiologicas lhe mereceram depois outras obras não menos importantes que aquellas. Finalmente, a variedade dos seus estudos scientificos é tal que um escriptor não duvida asseverar que Humboldt é, depois de Aristoteles, o sabio de maior universalidade de conhecimentos. Tambem quasi todas as sciencias teem sido inrequecidas por elle com descubertas muito importantes.

Por isso, apenas foi annunciada a sua recente obra, *Cosmos*, toda a attenção se fixou n'esta, que se não duvidava que sería, excellente producção da sciencia e do estudo. Na REVISTA n.° 9, artigo, *Bibliographia-extrangeira*, annunciei a publicação do 1.° volume d'esta grande obra, cuja traducção do allemão para francez foi logo confiada a um dos mais acreditados astronomos da França, e é provavel que não tarde a apparecer. (*) No emtanto o 'Annuario de viagens e Geographia para o anno de 1846,' de Lacroix, publica ja a introducção do *Cosmos*, com o titulo: *estudos da natureza*, que Humboldt para esse fim remetteu ao sabio auctor d'esse interessante Annuario.

Agora o Sr. Franzini serviu-se communicar á REVISTA a traducção de um artigo, transcripto de um jornal allemão sôbre ésta mesma obra, devida ao Sr. barão d'Eschewege, e que eu me apresso em publicar, agradecendo extremamente tão importante communicação.

D'este modo a REVISTA, tem a satisfação de ir desempenhando o seu programma, trazendo as diversas classes de seus leitores [cujo número todos os dias tem o gôsto de ver augmentar] a par de tudo que vai apparecendo de mais novo e grandioso, no dominio da sciencias e da industria.

(*) O Sr. J. L. d'A. Frazão, em carta publicada na REVISTA n.° 10, prometteu a traducção d'esta obra em portuguez.

O meu illustre amigo, o exm.° barão d'Eschewege, me remetteu ultimamente a attenciosa carta que vai transcrever, na qual diz o seguinte: «Achando em um jornal litterario allemão o *Morgenblatt*, um artigo relativo ao 1.° tomo da grande obra do celebre barão Alexandre de Humboldt, intitulada *Cosmos*, que actualmente causa tanta expectação entre os sabios do nosso continente, e offerecendo este mesmo annuncio um extracto resumido dos objectos principaes que tracta aquelle livro, julgei obsequiar o meu amigo traduzindo-lhe o dito artigo, para satisfazer o vivo interesse que mostra pela sobredita obra, e a sua justa admiração por aquelle sabio eminente.»

Tributando ao Sr. barão d'Eschewege os mais sinceros agrdecimentos por tão importante artigo, julguei que muito obsequiaria os leitores da REVISTA transmitindo-lhe o conhecimento d'aquelle precioso extracto, o qual ampliei com algumas explicações, afim de tornar mais facil a sua intelligencia; e por isso com a permissão do mesmo Sr. tomo a liberdade de lh'o remetter, para o inserir na REVISTA, se assim julgar conveniente.

Seu constante leitor etc.
M. M. Franzini.

COSMOS, ou ensaio para uma descripção physica do systema do universo, pelo barão *Alexandre de Humboldt* — Primeiro tomo — Stuttgart e Tubingen, 1845.

O barão de Humboldt augmentou a grande reputação que tem adquirido nas sciencias naturaes com a nova producção de que vamos dar noticia, na qual reuniu em um so quadro a universalidade da criação. Na epocha actual as sciencias naturaes tendem a dividir-se em muitos ramos, cuja intelligencia cada vez mais se difficulta, e por isso se torna o auctor tanto mais digno dos louvores universaes pela summa altura em que o seu talento transcendente se collocou para observar e descrever as bellezas da natureza, e o seu encadeamento.

O quadro que o barão de Humboldt nos apresenta descreve em primeiro logar as maravilhas do universo visivel, conformando-se com as sublimes descubertas do celebre astronomo Guilh. Herschell, o Colombo do oceano das estrellas. O auctor começa pelo sol, centro do nosso systema, e em torno do qual giram os 11 planetas principaes com os seus 18 satellites, em tres grupos, a saber: os planetas inferiores (Mercurio, Venus, Terra e Marte); os medios (os Asteroides, Ceres, Pallas, Juno e Vesta); e os exteriores (Jupiter, Saturno, e Uranus); mas além d'estes planetas endurecidos, circulam outros corpos leves e gazosos, especialmente grande número de cometas, e, com toda a probabilidade, devemos accrescentar ao systema solar e á sua esphera de attracção, 1.° o annel concentrice com o sol formado de materia gazosa, que talvez se acha desenvolvido entre as orbitas de Venus e Marte, e se extende pela orbita da terra, apparecendo-nos em fórma pyramidal, e conhecido com o nome de luz-zodiacal. 2.° Uma innumeravel multidão de mui pequenos asteroides, cujas orbitas cortam a da terra ou se aproximam a ella de tal maneira que dão logar

á apparição dos aerolithos, ou meteoros solidos que se precipitam sobre o nosso globo. Como até ao presente existem menor numero de observações sobre estes corpos, do que a respeito dos tres grupos dos planetas, dirigiu o auctor toda a sua attenção e prespicacia aos primeiros, offerecendo um quadro brilhante e summamente curioso a respeito dos cometas, pescrevendo e analysando todas as observações e theorias que se teem imaginado até ao presente, sôbre aquelles misteriosos corpos, tão numerosos que se calcula terem apparecido mais de 500, desde o principio da nossa era. Daremos aqui alguns extractos dos paragraphos mais interessantes.

Refere o auctor que fica evidentemente provado pelas exactas observações feitas por Bessel na noite de 29 de settembro de 1835, que a luz de uma estrella da decima grandeza, que passou na distancia de 7,"78 do centro do nucleo do cometa de Halley, na presença de um nevoeiro espesso, não declinou coisa alguma do seu movimento rectilineo. Se ésta falta de potencia de refracção da luz procede de uma propriedade do nucleo do cometa, fica duvidoso em se admittir que a materia do cometa seja um fluido gazoso. Será ésta falta de refracção a consequencia de ser composto o cometa de um fluido de extraordinaria tenuidade, ou será constituido o cometa de particulas desunidas, formando uma nebulosa cosmica sem influencia sôbre os raios da luz, assim como as nuvens da nossa atmosphera, as quaes tambem não causam deviação nas observações das distancias zenithaes das estrellas, ou do limbo do sol? A mais notavel e decisiva observação a respeito da natureza da luz dos cometas é sem dúvida devida a M. Arago pelos seus ensaios da polarisação: o seu polaroscopio nos fez conhecer a constituição physica do sol, assim como a dos cometas; pois que o seu bello instrumento nos indica se um raio que nos chega da distancia de muitos milhões de leguas, é directo ou reflectido, e se no primeiro caso a origem da luz procede de um corpo compacto, fluido, ou gazoso. No observatorio de Paris se fizeram as mais delicadas experiencias sôbre a luz da estrella Capella e a luz do grande cometa de 1819, resultando ser polarisada a luz d'este ultimo, e portanto ser luz refractada, quando pelo contrario, a da estrella, como era de presumir, se mostrou luz primitiva e propria de um sol. — A existencia da luz polarisada do cometa, não so se manifestou pela desigualdade das figuras n'aquella observação, mas tambem foi confirmada com a apparição do cometa de Halley, no anno de 1835, sendo rectificado o phenomeno pelo grande contraste das cores complementares, em consequencia da bella descoberta de M. Arago sôbre a polarisação chromatica.

Passa depois o auctor a descrever circumstanciadamente os meteoros conhecidos com o nome de *(étoiles filantes)* estrellas exalantes ou de rastilho, as quaes produzem os aerolithos. Ellas se precipitam uma a uma ou solitarias, ou em cardumes de muitos milhares (comparados pelos escriptores arabes aos bandos de gafanhotos) apparecendo periodicamente, e movendo-se em correntes parallelas. O mais notavel phenomeno d'este genero se manifesta de 12 a 14 de novembro, e em 10 de agosto, no dia de San'Lourenço, achando-se ja mencionado este phenomeno em algumas folhinhas ecclesiasticas, em consequencia das antigas tradicções, como uma apparição periodica.

Effectivamente na noite de 12 a 13 de novembro de 1823, foi observada em Potsdam, por Klonden, a apparição d'este phenomeno, e em 1832 foi geral a sua invasão em toda a Europa, desde Portsmouth até Urenburgo no Ural, assim como no hemispherio meridional. Na ilha de França foram vistas milhares d'aquellas estrellas, acompanhadas de globos de fogo; porém ainda foi excedido o seu número na America Septentrional, onde foi observado o phenomeno por Olmsted e Palmer, na noite de 12 a 13 de novembro de 1833, cahindo em um sitio tão concentrados como frocos de neve. Calculou-se que no intervallo de 9 horas se percipitaram mais de 240,000; e foi desde então que se começou a suspeitar que este misterioso phenomeno se repetia em determinados periodos annuaes.

A segunda apparição annual d'estas estrellas tem logar desde 9 até 14 d'agosto, e por isso foi denominada a corrente de San'Lourenço. — Ja Muschenbrock, no meiado do seculo passado, inculcava á attenção dos observadores ésta invasão de meteoros no mez d'agosto: porém a sua apparição periodica so foi notada mais tarde por Quetelet, Olbers, e Benzemberg. — Com o andar dos tempos é mui possivel que se descubram outras iguaes correntes periodicas nas epochas de 22 a 23 d'abril, 17 de julho, 27 a 29 de novembro, e 6 a 12 de dezembro, periodos em que ja Capacce observou a queda de aerolithos. Deve notar-se que este phenomeno se tem sempre manifestado sem relação alguma com as latitudes dos sitios onde apparece, ou dependencia da temperatura do ar ou de quaesquer outras circumstancias dos climas. A aurora-boreal, observada por Olmsted em 12 e 13 de novembro de 1833, ao mesmo tempo que se precipitavam aquellas estrellas, foi uma das mais brilhantes e intensas que se teem visto; e no anno de 1838 se notou a mesma coincidencia dos dois phenomenos, aindaque a queda dos meteoros parecia menos numerosa da que se observou em Richmond, perto de Londres.

O auctor refere que ja em outra obra por elle publicada, mencionou a singular observação do almirante russianno Wrangel, o qual nas costas do mar-glacial da Siberia viu, durante a apparição de uma aurora-boreal, algumas regiões do firmamento que não participavam d'aquella luz, mas que se incendiavam e ficavam por algum tempo como em braza, quando por ellas transitavam algumas d'aquellas estrellas. — É pois muito provavel que éstas differentes correntes de meteoros compostos de milhares de pequenos corpos, cortam a nossa orbita, como acontece com o cometa Biela, e segundo ésta hypothese se póde concluir que elles formam um annel fechado dentro do qual seguem a sua orbita.

Apesar de ser Halley o primeiro que qualificou como phenomeno cosmico a apparição do grande globo de fogo, cujo movimento se fazia em sentido inverso ao que seguia a terra na sua orbita, comtudo deve-se a Cladni o ter descuberto em 1794, da maneira a mais perspicaz, a relação que existe entre a apparição d'esses globos de fogo e a queda dos aerolithos da atmosphera, assim como do movimento do espaço infinito do firmamento Ésta opinião foi depois confirmada da maneira a mais positiva por Olmsted, em consequencia das concludentes observações por elle feitas, sôbre as estrellas de rastilho, que cahiram aos milheiros em Newhafen (Massachusetts) na celebre noi-

te de 12 a 13 de novembro de 1833. Todos os globos de fogo, e aquellas estrêllas, despontavam no mesmo ponto do firmamento em direcção proximo á estrêlla Y do Leão, e não se afastavam d'aquelle ponto de sahida, apesar de que a estrêlla ia mudando a sua altura apparente, e azimuth, em consequencia da rotação diurna da terra. Ésta independencia a respeito do movimento da terra, provou evidentemente que estes corpos brilhantes vinham de fóra da nossa atmosphera, e sahiam do firmamento, para entrarem na esphera da attracção terrestre. Segundo os calculos de Enke, fundamentados sôbre as observações, que, d'aquellas estrêllas se fizeram na America Septentrional, desde 35 a 42.° de latitude, deduziu elle com a maior exacção: que todos aquelles meteoros entraram na nossa atmosphera na mesma direcção, em que a terra se movia n'aquella epocha. — O mesmo resultado se deduziu das observações feitas na America, em novembro de 1834 e 37, e dos analogos de 1838 em Bremen, os quaes manifestaram o parallelismo das orbitas e direcção d'aquelles meteoros, sahindo todos da constellação do Leão. As sobreditas observações igualmente provaram que o parallelismo, na direcção d'aquelles metéoros é muito mais uniforme na occasião das grandes correntes periodicas, do que quando apparecem isolados; assim como que o ponto de invasão, nas suas apparições d'agosto, parece ser entre as constellações de Perseo e de Touro, justamente na direcção em que a terra se move n'aquella epocha.

O A. resolve mui satisfatoriamente a questão relativa ás partes constitutivas dos aerolithos, provando com solidos argumentos, que a sua solidificação não procede do calor adquirido pela sua queda na nossa atmosphera, mas sim que desde a sua origem se acham crystalizados, e que a homogenidade que se observa nas suas partes constitutivas com as da terra, não prova a sua origem atmospherica, pois que no espaço que abrange o systema solar, a luz, a gravidade e o movimento, devem produzir as mesmas materias.

O illustre A. tractando da luz zodiacal offerece novas e mui luminosas hypotheses. Até ao presente se julgou que a luz que apparece em certas epochas, antes do nascimento do sol ou depois do seu ocaso, na direcção do zodiaco e em fórma pyramidal, era devida á extença e luminosa atmosphera d'aquelle astro; mas elle prova o absurdo de tal supposição, demonstrando que aquella atmosphera, segundo as leis da mechanica, não póde ter um achatamento que excede os limites de 2: 3, e por isso não poderia dilatar-se além dos $\frac{9}{20}$ da distancia de Mercurio ao sol. As mesmas leis demonstram que em um corpo celeste dotado de movimento de rotação em torno de seu eixo, a altura ou limites extremos da sua atmosphera, ou o ponto em que se equilibram as forças centrifuga e centripeta, é justamente aquelle onde um satellite poderia fazer o seu movimento de rotação no mesmo tempo em que descreve a sua orbita em torno do planeta dominante. Ora, de tal condicção se deduz com a maior probabilidade, que a luz zodiacal procede da existencia de um annel achatado, de materia gazosa, collocado entre as orbitas de Venus e Marte, dotado de um movimento proprio e independente.

Indicamos resumidamente as principaes considerações dos phenomenos que nos são visiveis, e que tem logar no immenso espaço que occupa o nosso systema solar; (o qual pelo menos abrange uma área circolar cujo diametro deve exceder a 1,200 milhões de leguas geographicas) porém o sol é na realidade uma estrella que se acha em mutua relação com as outras espalhadas aos milhões pelo espaço infinito do universo. O mais portentoso phenomeno que as modernas observações nos tem descuberto, é o movimento do sol para um determinado ponto do espaço, junctamente com todos os planetas da sua dependencia. Este movimento de transladação é tão veloz, que, segundo as delicadas observações e calculos do distincto astronomo Bessel, o movimento relativo do sol a respeito da estrella 61 do Cisne, sobe diariamente á enorme extenção de 1,112,000 leguas geographicas, ou 772 leguas por minuto. Ésta deslocação geral do nosso systema nos ficaria desconhecida por milheiros de seculos, se por outra parte se não fizesse visivel, como acontece com as margens de um rio ao observador que por elle navega; devendo-se éstas maravilhosas descubertas á admiravel perfeição a que teem chegado a construcção dos instrumentos mathematicos, e ás multiplicadas e apuradas observações que com elles teem feito, em nossos tempos, tantos illustres astronomos. Convem advertir que n'este genero de observações é assaz difficil extremar o movimento absoluto do relativo, e determinar qual é o que pertence exclusivamente ao systema solar; porém, apesar d'esta difficuldade, se deduz das modernas descubertas que, em consequencia da deslocação do systema solar pelo espaço infinito, deve mudar com o andar dos tempos todo o aspecto do ceu estrellado. Ás bellas estrellas do Centauro e da Cruz meridional se farão visiveis nas lattitudes boreaes, e pelo contrario outras estrellas, taes como a formosa Syrius, e a brilhante cintura de Orion, desapparecerão da nossa vista. A estacionaria estrella polar será substituida pouco a pouco pelas estrellas B e C do Cepheo, e δ do Cysne, até que passados 12 mil annos, a brilhante Wega, da Lyra, será a mais resplandecente de todas as estrellas polares. — Segundo as observações de Argelander, astronomo em Abo, o qual tem dado grande desenvolvimento aos trabalhos começados pelo celebre astronomo G. Herschel e Prevost, resulta que o sol se dirige para a constellação de Hercules, em direcção a um ponto onde existe um grupo de 537 estrellas, situado em 257.° 50' de ascenção recta, 28.° 50' de declinação boreal. Este maravilhoso quadro póde considerar-se como um emblema da grandeza dos movimentos celestes, os quaes sem interrupção se adiantam em partes de tempo infinitamente pequenos, e compoem o assombroso e infinito relogio do mundo.

O barão de Humboldt adopta as opiniões de Herschel, considerando o nosso systema solar como parte integrante da mysteriosa multidão de estrellas que aos milhões parecem envolvidas na via-lactea, assim como o annel de Saturno abraça aquelle enorme planeta; mas este mesmo innumeravel grupo de estrellas junctamente com a via-lactea, não é na realidade senão uma grande nebulosa collocada no firmamento, das quaes existem milhares dispersas pelo espaço infinito, e que todas nos pareceriam grandes vias-lacteas se estivessemos mais proximos a algumas d'ellas! A maneira pela qual se formam todas estas nebulosas e se grupam para formar um todo geral, sem duvida subjeitas á lei universal de gravitação, nos é desconhecida. Comtudo já possuimos uma importantissima

observação a similhante respeito, pois que notou mui judiciosamente Argelander, que em frente da nossa via-lactea e das estrellas mais brilhantes do firmamento, que parecem ser as mais proximas ao nosso systema, se divisa, perpendicularmente áquella, outra via-lactea, composta de manchas nebulosas. A primeira, fórma, seguindo a opinião de Herschel, uma cinta ou annel livre e isolado de fórma apparentemente lenticular, affastada do espaço estrellado, e similhante ao annel de Saturno; e como o nosso systema planetario tem a sua extensão excentrica mais proxima á constellação da Cruz meridional, do que para o ponto diametralmente opposto da Cassiopea, em uma mancha nebulosa descoberta por Messier em 1774, mas imperfeitamente observada, parece reflectida a imagem da camada que compõe as nossas estrellas, e o annel ou via-lactea do firmamento.

A outra via lactea formada pelas manchas nebulosas não pertence á camada das nossas estrellas, e se acha mui affastada das mesmas, parecendo não ter connexão physica com estas, e figurando como em circulo maximo as densas nebulosas da Virgem, principalmente ao norte da mesma; assim como as dos cabellos-de-Berinice as da Ursa-maior, cinta de Andromedes, e do Peixe boreal. Na constellação da Cassiopea ella corta provavelmente a nossa via-lactea, e liga seus polos, desertos de estrellas, no ponto onde tem menos espessura a camada de estrellas que é formada; mas ainda que fosse possivel conhecer com toda a exactidão a configuração do firmamento visivel, nem por isso abrangeriamos a totalidade da configuração do universo, pois que o espaço é infinito.

Tudo o que poderemos denominar, meio ou direcção no espaço, é relativo e local. Um meio absoluto não póde existir no espaço infinito, e por isso se julgou definir e comparar aquelle espaço a um globo no qual qualquer ponto é centro, ainda que repugna aos nossos sentidos figurar os objectos collocados em seguimento, e sem ordem regular de posição superior ou inferior; porém na realidade assim apparece ésta última posição nos corpos celestes, mas unicamente nos limites de isolados grupos de estrellas, ou de suas configurações, cuja connexão com o todo do universo sempre ficará para nós envolta em mysterioso enigma; até mesmo porque a idea de um todo completo é ja uma contradicção com a idea do infinito. Este nunca poderá ser um todo, ou um inteiro, que é o mesmo que uma obra acabada.

É este o motivo por que todas as hypotheses dos philosophos naturalistas não tem solido fundamento, julgando alguns podêr construir symetricamente o universo, ora imaginando um sol central, ora uma via-lactea central, ou um ponto aonde se reunem muitas vias-lacteas, á similhança de piramides conicas que se junctam pelos seus vertices. A configuração do universo póde ser a mais variada, e sem excluir qualquer outra, pois que o espaço não tem fim.

Da grandeza do espaço se poderá fazer uma idea clara, sabendo-se que certas mudanças que hoje observâmos na luz emanada de algumas estrellas, provavelmente ja aconteceram á milhares de seculos pela demora que teve a mesma luz até chegar ao nosso planeta. — A celeridade com que ella se propaga, segundo as mais modernas investigações de Strave; é de 54,560 leguas geographicas de 20 ao grau, por segundo, e portanto um milhão de vezes maior do que a velocidade do som, o que adiante investigaremos mais circumstanciadamente. O que porém ja sabemos em consequencia das delicadas medições feitas recentemente por Maclear, Bersel e Strave, das parallaxes e distancias das tres estrellas fixas de desigual grandeza apparente (Y do Centauro, 61 do Cysne, e à da Lyra) é que um raio de luz levaria 3,9 ¼, e 12 annos para chegar á terra desde aquelles corpos celestes. No curto e notavel periodo de 1572 até 1604, desde Cornelius Gamma e Tycho Brahe até Kepler, appareceram repentinamente tres estrellas novas na Cassiopea, no Cysne e no pé do conductor de Cobras! Este maravilhoso facto se repetiu mais vezes; em 1670 na constellação da Rapoza, e em tempos mais modernos, no anno de 1837, observou sir John Hersdell, no cabo de Boa-Esperança, que o esplendor da estrella η do Navio se augmentava rapidamente da segunda para a primeira grandeza.

Similhantes acontecimentos, quando são por nós observados no firmamento, ja a epocha em que aconteceram se perde na profundidade dos tempos passados, e por isso se assevera, com toda a razão, que os nossos telescopios penetram ao mesmo tempo o espaço e o tempo. Comeffeito tendo-se determinado com a maior exactidão a velocidade da luz, a qual percorre o espaço que separa o sol da terra (27 milhões e 600 mil leguas geographicas de 20 ao grau) em 8 minutos e 13 segundos, segue-se que a sua velocidade equivale a 54.560 leguas por segundo, ou perto de 400 mil vezes mais do que a velocidade inicial de uma bala de artilheria de 24, ao sahir da peça, a qual gastaria quasi 9 annos e meio em percorrer a sobredita distancia do sol á terra. Palo que fica referido se vê que as distancias das tres mencionadas estrellas, nas quaes e póde descobrir uma parallaxe e que sem duvida são as mais proximas á terra, se acham collocadas no espaço em uma distancia da terra equivalente a 190 mil, 585 mil, e 760 mil vezes superior á que medêa entre o sol e a terra!! A' vista de taes prodigios, devidos á perfeição das modernas observações, a mais ardente imaginação fica attonita contrastando singularmente estes prodigios com a Theogonia de Hesiodo; na qual as dimensões do mundo inteiro foram avaliadas pela queda dos corpos, calculando serem necessarios não mais que 9 dias e 9 noites para cahir uma bigorna metallica do ceu á terra. — O celebro Hersdel, pai, avaliou que a luz das mais remotas nebulosas, visiveis no seu grande telescopio de 40 pés, necessitava quasi dous milhões de annos para percorrer a distancia que as separa do nosso systema solar, e por tanto muitos corpos celestes ja não existem, sem que por isso deixem de ser ainda visiveis para nós por milheiros de seculos.

Passaremos a tractar do nosso pequeno planeta — a Terra.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO XXVIII.

Depois de muito procurar acha emfim o auctor um egrejorio que ainda hoje conserva o nome de Sancta-Maria d'Alcaçova. — Architectura nacional, que a havia, estragada pelos reparos e reconstrucções. — O terremoto de 1755, o marquez de Pombal e o chafariz do passeio-publico de Lisboa. — Entra o auctor em casa do seu sincero amigo M. P. — O chefe do partido progressista portuguez no alcaçar de D. Affonso Henriques. — O auctor conversa muito, toma cha, come e vai-se deitar. — Deliciosa vista dos arredores de Santarem examinados de uma janella da Alcaçova, de manhan ao levantar da cama. — O auctor é tomado de ideas vagas, poeticas, phantasticas como um sonho. — Introducção do Fausto. — Como os versos germanicos se não podem bem traduzir nos dialectos romanos.

381 Depois de muito procurar entre pardeiros e intulhos, achâmos emfim a famosa egreja de Sancta Maria d'Alcaçova. Achâmos, não é exacto: ao menos eu, por mim, nunca a achava, nem queria accreditar que fôsse ella quando m'a mostraram. A real collegiada de Affonso Henriques, a quasi-cathedral da primeira villa do reino, um dos principaes, dos mais antigos, dos mais historicos templos de Portugal, isto?.. esse egrejorio insignificante de capuchos? mesquinha e ridicula massa d'alvenaria, sem nenhuma architectura, sem nenhum gôsto, risco, execução e trabalho de um mestre pedreiro d'aldeia e do seu apprendiz! É impossivel.

Mas era, era essa. A antiga capella-real, a veneranda egreja da Alcaçova foi passando por successivos reparos e transformações, até que chegou a ésta miseria.

Perverteu-se por tal arte o gôsto entre nós desde o meio do seculo passado especialmente, os estragos do terremoto grande quebraram por tal modo o fio de todas as tradições da architectura nacional, que na Europa, no mundo todo talvez se não ache um paiz onde a par de tam bellos monumentos antigos como os nossos, se achem tam villans, tam ridiculas e absurdas construcções publicas como essas quasi todas que ha um seculo se fazem em Portugal.

Nos reparos e reconstrucções dos templos antigos é que este pessimo stylo, ésta ausencia de todo stylo, de toda a arte mais offende e escandaliza.

Olhem aquella empena classica posta de remate ao frontispicio todo renascença da Conceição-velha em Lisboa. Vejam a implastagem do geço com que estão mascarados os elegantes feixes de columnas gothicas da cathedral.

Não se póde cahir mais baixo em architectura do que nós cahimos quando, depois que o marquez de Pombal nos *traduziu* em vulgar e arrastada prosa, os *rococós* de Luiz XV, que no original, pelo menos, eram floridos, recortados, caprichosos e galantes como um madrigal, esse stylo bastardo, hybrido, degenerando progressivamente, e tomando presumpções de classico, chegou nos nossos dias até ao chafariz do passeio-público!

Mas deixar tudo isso, e deixar a egreja da Alcaçova tambem; entremos nos palacios de D. Affonso Henriques.

Aqui, pegado com o pardeiro rebocado da capella hãode ser. Por onde se entra?

Por ésta portinha estreita e baixa, rompida, bem se ve que ha poucos annos no que parece muro de um quintal ou de um pateo.

É comeffeito aqui; apeemo'-nos.

Recebeu-nos com os braços abertos o nosso bom e sincero amigo, actual possuidor e habitante do regio alcaçar, o Sr. M. P.

Notavel combinação do acaso! Que o illustre e venerando chefe do partido progressista em Portugal, que o homem de mais sinceras convicções democraticas, e que mais sinceramente as combina com o respeito e adhesão ás fórmas monarchicas, este homem, vindo do Minho, do berço da dynastia e da nação, viesse fixar aqui a sua residencia no alcaçar do nosso primeiro rei, conquistado pela sua espada n'um dos feitos mais insignes d'aquella era de prodigios!

Entrámos na pequena porta em fórma de claustro que une a antiga casa dos reis com a sua capella. Assim foi sem dúvida n'outro tempo: a parede oriental da egreja é o muro do quintal de um lado, mas as communicações foram vedadas provavelmente quando a coroa alienou o palacio e o separou assim perpetuamente do templo.

Plantada de larangeiras antigas, os muros forrados de limoeiros e parreiras, aquella pequena cêrca, apezar dos muitos canteiros e alegretes de alvenaria com que está moirescamente intalhada, é amena e graciosa á vista.

Appresentou-nos o nosso amigo a sua mulher, senhora de porte gentil e grave; beijámos seus lindos filhos, e fomos fazer as abluções indispensaveis depois de tal jornada para nos podermos sentar á mesa.

O palacio de Affonso Henriques está como a sua capella: nem o mais leve, nem o mais apagado vestigio de sua origem. Sabe-se que é alli

pela bem confrontada e inquestionavel topographia dos logares, por mais nada.

E que me importam agora as antiguidades, as ruinas e as demolições, quando eu sinto demolir-me cá por dentro por uma fome exasperada e destruidora, uma fome vandalica insaciavel!

Comêmos, conversámos, tomámos chá, tornámos a conversar e tornámos a comer. Vieram visitas, fallou-se politica, fallou-se litteratura, fallou-se de Santarem sôbretudo, das suas ruinas, da sua grandeza antiga, da sua desgraça presente. Emfim, fomo-nos deitar.

Nunca dormi tam regalado somno em minha vida. Accordei no outro dia ao repicar incessante e apresurado dos sinos da Alcaçova. Saltei da cama, fui á janella, e dei com o mais bello, o mais grandioso, e ao mesmo tempo, mais ameno quadro em que ainda puz os meus olhos.

No fundo de um largo valle aprazivel e sereno, está o socegado leito do Tejo, cuja areia ruiva e resplandecente apenas se cobre d'agua juncto ás margens, d'onde se debruçam verdes e frescos ainda os salgueiros que as ornam e defendem. D'além do rio, com os pés no pingue nateiro d'aquellas terras alluviaes os riccos olivedos d'Alpiarça e Almeirim, depois a villa de D. Manuel e a sua charneca e as suas vinhas. D'aquem a immensa planicie ditta do Rocio, semiada de casas, de aldeias, de hortas, de grupos de arvores sylvestres, de pomares. Mais para a raiz do monte em cujo cimo estou, no alto da Alcaçova, o picturesco bairro da Ribeira com as suas casas e as suas egrejas tam graciosas vistas d'aqui, a sua cruz de Sancta Iria e as memorias romanescas do seu alfageme.

Com os olhos vagando por este quadro immenso e formosissimo, a imaginação tomava-me azas e fugia pelo vago infinito das regiões ideaes. Recordações de todos os tempos, pensamentos de todo o genero me affluiam ao espirito, e me tinham como n'um sonho em que as imagens mais discordantes e disparatadas se succedem umas ás outras. Lembraram-me aquelles versos de Goethe, aquelles sublimes e inimitaveis versos da introducção do Fausto:

Resurgis outra vez, vagas figuras,
Vacillantes imagens que á turbada
Vista accudieis d'antes. E heide agora
Retter-vos firme? Sinto eu ainda
O coração propenso a illusões d'essas?
E appertais tanto!... Pois embora! seja!
Dominae, ja que em nevoa e vapor leve
Em tôrno a mim surgis. Sinto o meu seio
Juvenilmente trépido agitar-se
Co'a maga exhalação que vos circunda.
Trazeis-me a imagem de ditosos dias,
E d'ahi se ergue muita sombra amada;
Como um velho cantar meio-esquecido,
Véem os primeiros simplices amores
E a amizade com elles. Reverdece
A mágoa, lamentando o errado curso
Dos labyrintos da perdida vida;
E me está nomeando os que trahidos
Em horas bellas por fallaz ventura
Antes de mim na estrada se sumiram.
. . . .
. . . .

Não me atrevo a pôr aqui o resto da minha infeliz traducção: fiel é ella, mas não tem outro merito. Quem póde traduzir taes versos, quem de uma lingua tão vasta e livre hade passa-los para os nossos appertados e severos dialectos romanos?

(*Continúa.*) *A. G.*

BIBLIOGRAPHIA EXTRANGEIRA.

REVELATIONS OF SPAIN, by *T. M. Hughes* 2 volumes.

382 Numerosas tem sido as obras que se tem publicado sobre a Hispanha; mas ésta, sem duvida, merece a preferencia, pelo bem que pinta o estado politico e social da Peninsula. Além d'isto, ésta obra dá grandes esclarecimentos sobre os acontecimentos politicos dos ultimos dois ou tres annos. A repentina queda do Espartero admirou até aos que pertendiam ter espreitado os acontecimentos de Hispanha; e a exaltação e grande podêr de Narvaez, foi egualmente inexplicavel. N'esta obra, pois, ha uma explicação succinta, imparcial e evidentemente authentica, dos incidentes que conduziram á queda o duque de Victoria. As reflexões sobre a duração do podêr e influencia de Narvaez, são egualmente dignas de toda a consideração. Finalmente Mr. Hughes da-nos uma bella descripção dos usos e costumes dos hispanhoes, bem como outra magnifica descripção de todo o paiz, tudo com a maior imparcialidade possivel (Do *London illustrated News*).

NOUVEAU DICTIONNAIRE DE LA CONVERSATION, *ou répertoire universel de toutes les connaissances nécessaires, utiles ou agréables dans la vie sociale, et relatives aux lettres, aux arts, a l'histoire, a la geographie, etc; avec la biographie des principaux personages, morts et vivants, de tous les pays*, sur le plan du Conversation's lexicon; *par une société de littérateurs, de savans et d'artistes*; enrichi d'un grand nombre d'articles sur la Belgique et la Hollande qui ne se trouvent dans aucun autre ouvrage de ce genre; — cinquant volumes grand in-8.°, imprimés sur beau papier glacé, contenant la matière de plus 200 volumes ordinaires, — avec 200 *belles gravures représentant* 200 *sujets* destinés a faciliter l'intelligence des articles sur la médecine, la chirurgie, l'anatomie, la chimie, la physique, l'histoire naturelle, la métallurgie, l'agriculture, l'astronomie, la géographie, l'arithmétique, la géometrie, l'optique, la perspective, la peinture, la musique, l'architecture, le génie ci-

vil. l'art militaire, les constructions navales, la mécanique, la technologie, etc. — prix 250 fr. (*)

Ja antes da 'Encyclopedia' os diccionarios litterarios eram usados e apreciados no mundo. D'Alembert disse, que, 'depois da restauração das lettras, se devia em grande parte aos diccionarios as luzes que se haviam derramado pela sociedade.' Hoje, póde-se dizer, que se abusa d'este juizo, porque os diccionarios succedem-se, em França principalmente: de um modo admiravel: *Encyclopedia-moderna*, *Encyclopedia-nova*, *Encyclopedia-catholica*, *Encyclopedia-commum* (encyclopedie des gens-du-monde) *Encyclopedia do seculo dezenove*. *Encyclopedia-portatil*, *Encyclopedia-Roret*, e DICCIONARIO DA CONVERSAÇÃO. A idea d'esta ultima é alleman; mas com o mesmo plano se começou em 1838, a publicar em França o '*Dictionaire de la lecture et de la conversation*. Agora apparece um NOVO DICCIONARIO DA CONVERSAÇÃO, d'empresa belga, adornado de estampas. Se o que vem depois *deve ser* melhor, este tem obrigação de ser superior a todos os outros como mais recente.

PAIX SOCIALE, ou Mystéres de l'homme et de sa responsabilité — Trois brochures, par M. *A. Barbet* — Paris.

Os trabalhos dos grandes pensadores, ainda mesmo que elles algumas vezes se percam entre as chimeras da utopia, sempre são dignos de estima e consideração, porque nos indicam o fim do progresso social. M. *Barbet*, por exemplo, tem-nos exposto um systema inteiro de organisação social fundado n'estas cinco bases:

1.ª Estabelecer em todos os pontos do paiz bancos governamentaes;

2.ª Regularizar a organização do clero;

3.ª Organizar hierarchicamente as classes fluctuantes da sociedade;

4.ª Reorganizar categoricamente a propriedade territorial;

5.ª Organizar por meio de bancos o trabalho e o credito individual.

Os desinvolvimentos d'estas cinco bases so se devem ver na obra de M. *Barbet*. O seu auctor é notavelmente distincto por seus conhecimentos financeiros, que dão grande auctoridade áquella parte do seu systema em que se tracta da organização dos bancos sociaes, onde os economistas podem estudar com muito proveito uma theoria que se funda tanto na sciencia como na experiencia.

THE CHILD OF THE ISLANDS — For Mistress *Norton* — London, 1845.

A auctora d'este excellente poema é uma senhora ja celebre em Inglaterra e que por seus poeticos talentos tem merecido algumas vezes ser chamada o 'Byron do seu sexo.' Não tive ainda o gosto de ler nada do 'Child of the islands' (o menino das ilhas), mas segundo o que se le na *Revista d'Edinburg*, e no *Quarterly review*, mui competentes apreciadores, a poetica composição de Mistress Norton merece os maiores elogios: 'é uma obra toda de inspiração, e que se faz notavel pelos seus eloquentes trechos a favor da classe pobre.... E' uma serie de quadros em strophes de nove versos, cujo rythmo lembra algumas vezes com muita graça o rythmo do *Chil Harold* do illustre Byron.'

Nada conhecemos mais proprio do sexo amavel de Mistress Norton do que a poesia e o advogar a causa dos pobres: a providencia dotou a terra com esse sexo meigo para incanto e refugio do homem; quando as senhoras applicam a esse fim o seu talento, e a delicada penetração do seu espirito, entram perfeitamente no desempenho da sua sublime missão na terra. Possa o exemplo produzir em nossa patria! Poetisas e senhoras illustres por seus talentos, sempre em Portugal as houve desde a grandeza da magestade-real até ao modesto silencio do claustro.

(*) Acha-se á venda na livraria do sr. Silva — Praça d D. Pedro, n.º 82 e 83.

VARIEDADES.

O CHA.

383 Um medico francez, Josat, acaba de publicar uma brochura sôbre as propriedades hygienicas do cha. Extrahindo d'esta obra algumas circumstancias mais curiosas, póde informar-se aos leitores, em resultado das scientificas investigações do auctor, que ésta planta, que parece ser originaria da parte do meio-dia da China, mas que se dá em toda a extensão d'aquelle paiz, é um arbusto, sempre verde, commummente de cinco a séis pés de altura, porque o cortam para que produza mais; mas capaz de crescer até vinte e algumas vezes trinta pés d'altura, entregue á natureza. As suas folhas tem analogia com as das roseiras-bravas, e arranham a lingua.

Não ha senão uma unica especie de cha; que se póde tornar *verde* ou *preto*, como se quizer, segundo o modo de apanhar e manipular as folhas. Este modo, para o cha-verde, consiste em arrancar a folha sem pediculo; e para o cha-preto em arrancar folha e pediculo. O resto da apanha faz-se da mesma maneira para ambos os chas.

Ésta apanha é em abril. Um cesto e um pau garfado é tudo quanto é necessario. Uns destinam-se ao cha-preto outros ao verde. A colheita faz-se com grande velocidade. No mesmo dia poem-se as folhas ao sol; e depois passam para as officinas de torrefacção. Ésta faz-se deitando as folhas n'uma grande torradeira de ferro pósta ao lume, e em braza, depois de primeiro se haverem, instantaneamente, immergido n'uma caldeira d'agua a ferver. Tudo isto se faz em menos tempo do que se gasta a escrevel-o. Toma-se depois uma certa quantidade de folhas de que se faz uma bola entre as mãos. Ésta bola volta trez ou quatro vezes ao torrador, é muitas vezes manipulada, e assim se verifica o rolo em que vemos as folhas de cha.

Todo este processo é summamente trabalhoso e incommodo. Depois d'elle deita-se o cha em cestos que se mettem no forno com calor moderado; e finalmente passa-se á *escolha*, que se faz o mais minuciosamente possivel, segundo a finura e grandeza das folhas, o seu rolo, mais ou menos completo, e a boa seccura. D'esta operação resultam as muitas variedades de cha que se conhecem, e que no commercio chegam ao numero de vinte e sette; mas que realmente não teem numero certo.

O cha foi a principio fortemente reprovado pela medicina. Mas o cha triumphou, e o seu uso extendeu-se por todo o mundo desde o palacio dos reis até á lareira do camponez. (1) Avalia-se o valor da exportação da China, d'este genero, annualmente, em trinta milhões de cruzados. Parece que o uso do cha so foi introduzido na Europa pelos fins do seculo XVII. Waller, escriptor inglez, fallando do rei Carlos II, casado, como todos sabem, com uma filha de D. João IV, diz que de Portugal fôra para Inglaterra' a melhor das rainhas e a melhor das plantas,' referindo-

(1) Para tornar mais curioso este artigo ajunctei-lhe as seguintes noticias.

se ao cha. No emtanto o cha era ja conhecido na Europa no seculo anterior, porque Brotero falla d'uma herva cuja agua os chinos bebiam com grande gôsto, e o nosso Teixeira diz que vira (em 1600) seccar folhas de cha em Malacca. A primeira importação de cha em Inglatera, feita pela Companhia das Indias, data de 1669; mas este commercio não começou realmente a fazer-se senão de 1725 para ca. A taboa do consummo annual do cha em Inglaterra, publicada no 'Pendy Cyclopædia' desde esse anno até 1841, dá consummidas, em 1786, libras 360,377, e em 1841, libras 36,681,877! Tambem é sem duvida a Inglaterra o paiz onde se bebe mais cha depois da China.

Tornando ao Dr. Josat, conclue elle que o cha, considerado medicinalmente, póde servir, como meio therapeutico, usado em banhos ou em pó, como xarope, elixir etc., de remedio efficaz nas doenças scrofulosas: que póde ser util em certas affecções mentaes, que é todavia nocivo n'aquellas que são classificadas como hallucinações.

CORREIO EXTRANGEIRO.

384 O vice-rei do Egypto vai fundar no Cairo uma eschola de bellas-artes. O objecto principal que a isso o resolveu, foi, segundo dizem, o de introduzir entre os seus subditos o gosto do estudo da architectura egypcia.

Le-se o seguinte n'uma das folhas mais importantes da imprensa diaria franceza:

« A rainha, e suas altezas reaes as duquezas de Nemours e Coburgo e a princeza de Joinville, visitaram as officinas e as salas do florista *Constantino*. A seductora perfeição das suas flores artificiaes, admiraram sobremodo ás reaes visitantes, que se não cansavam de as ver e elogiar. A rainha dignou-se de ouvir com summo interesse tudo quanto Constantino lhe dizia sôbre o seu estabelecimento, em resposta ás perguntas que sua magestade lhe fez. A rainha e as princezas fizeram avultada compra d'estas flores admiraveis.

Os theatros-lyricos de Paris, ou antes o público frequentador d'aquelles theatros, são pouco amigos de novidades; não se fartam de ouvir o que é bom e bem executado, por mais que lh'o repitam. Assim, em quanto que em trez mezes temos visto no nosso theatro-italiano quatro operas-novas, contando com a que se deve dar hoje (21), deu a Grand'Opera, em Paris, em todo o anno de 1845, uma so opera: 'A Estrella de Sevilha,' que se não sustenta. O theatro-italiano, em todo o mesmo anno, deu trez: 'La-Rinegata,' 'Nabucho,' 'Gemma de Vergi.' E a opera-comica deu sette; mas quatro foram de um so acto, sendo tres escriptas sôbre librettos do celebre Scribe, e que foram pateadas.

Parece que um flautista celebre de Vienna, Dullaner, inventou uma flauta, que não póde ser tocada senão por duas pessoas, uma em cada extremidade. Este novo instrumento é trez vezes mais grosso do que uma flauta ordinaria.

As municipalidades de Londres e Dublin, apresentaram uma mensagem á rainha pedindo-lhe a livre importação dos cereaes na Gran'Bretanha. Continuavam as grandes reuniões dos partidarios da revogação das leis que se oppoem a ésta livre importação.

Diz-se que as perdas e avarias de navios no canal d'Inglaterra ja são muito consideraveis n'este hynverno.

Ha os maiores receios de fome na Suecia e paizes limitrofes. O govêrno tomava as maiores providencias para evitar este flagello.

Diz-se que n'uma causa, em Hispanha, apparecêra a depor uma testemunha de 118 annos!

A caixa economica de Paris teve, no anno de 1845, 247,091 *entradas* que prefazem 37,679,000 francos, 103,093 *entregas* que sommam 51,165,972 fr. Os juros montaram a 4,020,723 fr. O número dos depositantes augmentou 4 751, e o total d'elles no último de dezembro era de 178,266, que tinham depositado o valor de 100,037, 370 francos.

As musicas de todos os corpos de guarnição em Paris e da guarda-nacional e municipal, e sapadores-bombeiros, reuniram-se no 1.° do anno para dar as boas-festas ao rei. Este concerto monstro compunha-se de 2,000 musicos!

CORREIO NACIONAL.

385 *Sr. Redactor.* — Faro 10 de janeiro de 1846. — No dia nove de janeiro pelas quatro horas da tarde foi supplieiado no campo da Trindade, o reu Joaquim José de Faro. Entrou no oratorio quarenta e oito horas antes da execução; e no tempo que ahi esteve tomou alguns alimentos, e bebeu algumas gottas de vinho; o seu estado moral não denotava muita afflição e abatimento. Quando caminhava para o patibulo não ia desanimado, foi por seu pé á forca. A morte foi demorada.

Este homem era natural de Faro, viuvo, tinha uns quarenta annos de idade, çapateiro, foi soldado do antigo regimento de artilheria n.° 2: serviu D. Miguel até á convenção de Evora-Monte. Em 1834 para 35 uniu-se a um bando de ladrões; foi preso por haver alguns indicios de ter entrado em um roubo, feito nos arredores de Tavira; esteve por algum tempo na cadea de Faro, e por não haverem provas bastantes sahiu solto. Não passou muito tempo que não pozesse em acção a sua maldade; assassinou traiçoeiramente marido e mulher, que dormiam no seu moinho proximo da cidade; e por este facto horroroso foi capturado, mettido em processo: acharam-se provas sufficientes, foi condemnado á morte. Durante o tempo que foi casado sempre tractou muito mal a sua mulher, e toda a gente d'esta cidade está persuadida que elle matou a desgraçada mulher com pancadas no ventre, quando estava pejada. Dizem que este monstro ajudára a matar um desgraçado homem que se achou assassinado no sitio das Campinas, nos arredores de Faro. A um subjeito chamado Ladeira, disparou o Faro uma espingarda carregada com duas ballas; mas por felicidade não foi mortal o ferimento.

Dois dias antes de morrer disse, que lhe restava muito sentimento de não ter morto um allemão, com quem tinha tido rixas na prisão. Assistiu á execução

o 4.º regimento de artilheria e o destacamento do 15 de infanteria que conduziu o reu.

Desejando observar miudamente o cadaver d'este homem, para fazer estados phrenologicos, e depois mandar o craneo para o gabinete anatomico da eschola-medico-cirurgica-de-Lisboa, onde ha ja alguns craneos de malfeitores, não encontrei senão tropeços. Estou certo que todas as auctoridades a quem fiz requisição do cadaver, tinham muita vontade de m'o ceder, não o fizeram porque não tinham ordens do governo; é verdade que não era caso novo no nosso paiz, porque em Lisboa e Porto alguns cadaveres de suppliciados teem sido entregues ás escholas, para fazerem observações phrenologicas. Esperâmos que o governo mande, que as auctoridades competentes entreguem aos facultativos os cadaveres dos suppliciados quando estes os pedirem. *Francisco de Assis Bateizão.*

As noticias da ilha da Madeira alcançam até 27 do passado. Não dizem nada que possa interessar os leitores. E assim tambem as dos Açores de 2 do corrente.

Está a concurso, por 60 dias a contar de 12 do corrente, o logar de Lente-substituto da sexta cadeira da eschola do exercito.

Diz-se que juncto á quinta das Canas, proximo a Coimbra, se descobríra uma mina de carvão-de-pedra, que promette ser muito productora.

Na noite de 12 para 13 do corrente houve uma innundação em Alcobaça, como não ha memoria, em consequencia das grandes chuvas. Houve perdas consideraveis; mas ninguem morreu.

A Companhia dos vinhos do alto Douro, estabeleceu na Regua um *banco*, dito *rural*, que impretará ao lavrador até uma terça parte do valor da novidade, a juro de 6%; receberá depositos de que pagará 5% de interesse; e emittirá notas.

A cidade do Porto exportou, no anno findo de 1845, 30,756 pipas de vinho.

Pelo paquete entrado em 15 do corrente sabe-se que os fundos portuguezes ficavam a 60 na bolsa de Londres, e que se tinha pago o devidendo do último semestre.

Consta-nos que o Exm.º Sr. Polycarpo José Machado pedíra a sua exoneração de membro da commissão administrativa do hospital de S. José, e que o governo lh'a aceitára; se assim é lamentâmos profundamente que d'esta vez a politica triumphasse da humanidade! Os serviços de S. Ex.ª naquelle estabelecimento pódem ser apenas enumerados, mas nunca justamente recompensados. Horrivel politica, cuja influencia malefica se extende até ao leito da dór e da morte do pobre mendigo albergado n'este grande estabelecimento de charidade!

A Companhia das Obras publicas, convidou a ajudal-a no desempenho de seus importantissimos deveres e encargos, ao Sr Oliveira Marreca, ex-deputado, e cuja capacidade está reconhecida e comprovada. Felecitamos a Companhia por ésta escolha que a honra. Nas suas circumstancias d'ella, para utilidade propria e do paiz, tem necessidade absoluta e obrigação, de se ajudar de algumas capacidades que concorram ao desinvolvimento do vasto plano da sua grandiosa empresa.

Nas duas sociedades philharmonicas houve sabbado [17] dois brilhantes concertos. Na *Academia* deu-se a 'Maria Stuart' uma opera de Donizetti que não se pòde sustentar no theatro, apezar da Rossi, da Albertini e do Flavio; mas que a circumstancia de ser toda excellentemente executada por curiosos, fez com razão ser muito gostada e applaudida n'aquella illustre sociedade. Na *Assemblea* deu-se o 'Nabucho', a admiravel opera de Verdi que lhe conquiston a justa reputação que elle tem sabido manter. A execução foi de todo o ponto magnifica; daria honra ainda mesmo a artistas de profissão se elles tivessem sido os executores.

Ensaia-se no theatro-lyrico do Porto, a opera 'Bianca de Moulion', composição do Sr. Arroio, artista portuguez d'aquella cidade.

Da-se agora no theatro do Salitre uma comedia em 2 actos, *L'homme blasè* — que, á falta de melhor termo, se traduziu 'O homem infastiado' — que merece ser vista e applaudida. A comedia é excellente, os actores em geral vão bem, e a traducção tem algumas coisas de merito.

As infelizes ilhas de Cabo-Verve parece estarem destinadas a soffrer os mais terriveis flagellos. Á *fome* da ilha do Fogo, á *peste* da ilha da Boa-vista, veio ajunctar-se a innundação da ilha de Santo-Antão. Os habitantes d'esta ilha viram destruida a sua lavoira, arruinada, e perdida a sua propriedade, nos dias 8 e 9 de outubro último, pelas copiosas chuvas que, após muito tempo de assoladora sêcca, cahiram n'aquelle malfadado torrão. Oxalá que promptas providencias governativas ponham, por uma vez, o archipelago de Cabo-Verde no caminho da prosperidade, que recursos tem elle para estar mais a cuberto dos flagellos que de annos a annos o devastam!

O Banco de Lisboa paga o divideudo do último semestre a razão de 40$000 réis por acção, ou oito por cento. O dividendo do primeiro semestre foi de tres por cento; e assim prefaz a somma de onze por cento em metal, o interesse das suas acções, de 500$000 réis cadauma, que foram pagas na fórma.

Sexta-feira (23) deve ser, em San'Carlos, a 1.ª representação do bailete-jocoso do Sr. Martin — *As modistas*. Vai-se começar a ensaiar a opera-jocosa e recente de Mercadante — *Eleonora*; ou o *Corrado d'Altamura*, se o estado de saude da Sr.ª Persoli o permittir.

Sabbado (24) será o beneficio do Sr. Sargedas na Rua-dos-Condes. Não é necessario dizer mais que o nome do grande artista.

CONHECIMENTOS UTEIS.

PLANTAÇÃO D'AMOREIRAS.

386 Sr. *Redactor* da REVISTA UNIVERSAL — A efficacia e fórma com que na sua interessante folha, se tem pugnado para que em Portugal se tracte seriamente da producção da seda, prova que ella partilha a opinião dos que, como eu, estamos intimamente convencidos das grandes vantagens que ésta nova industria póde produzir no paiz; e desejando eu não ver abandonado o systema de se reproduzirem éstas verdades, porisso que da sua repetição tem redundado a deliberação d'alguns proprietarios nas provincias de verificarem plantações d'amoreiras, como alguns d'esses Srs. m'o teem communicado, dando por motivo os artigos que liam na REVISTA: e como estamos na estação propria das plantações; por isso rogo a V. se não esqueça d'este interessante ramo, continuando a demonstrar ao governo a precisão em que este novo desinvolvimento se acha de sua effectiva protecção, e a conveniencia em elle ordenar plantações d'amoreiras ás bordas das estradas; assim como aos particulares o novo interesse que d'esta plantação podem colhêr os seus terrenos, sem prejudicar em cousa alguma as demais producções.

Posto me cause não pequeno dissabor o presencear o insignificantissimo progresso que por ora apparece n'este ramo, em relação aos annos que tenho trabalhado para elle chegar ao desinvolvimento que ha muito deveria apresentar, facilmente se colligirá, que devo ter encontrado extraordinarias difficuldades, e que será facil acreditar que todas ellas tem emanado das auctoridades; mas como não seja n'esta occasião que me proponho a manifestar todas essas occorrencias, limito-me ao ponto de significar o pezar que tenho, de que as constantes demonstrações que todos os ministerios tem dado de apreciar e desejar o desinvolvimento d'este ramo de prosperidade publica, não sejam acompanhadas de conveniente energia para que esses seus desejos sejam cumpridos.

Convindo porém que mui insignificantes são as plantações que até 1845 se verificaram por intervenção das auctoridades, temos para compensação o desinvolvimento d'ellas entre os proprietarios, de que passo a relatar o de que tenho mais exacto conhecimento.

A Serenissima Sr.ª Infanta ex-regente, continuando no entretenimento das creações dos bixos de seda, e tendo fiadeira propria, tem ordenado o augmento das plantações d'amoreiras.

Sei que o actual exm.° sr. ministro da marinha se tem declarado partidario d'esta produção de riqueza nacional, e que ordenára se plantassem em Val de Zebro o maior número possivel de pés d'amoreiras; e como é provavel tenha ordenado as providencias para serem tractadas, é de esperar que éstas não tenham a mesma infeliz sorte das que ha annos conseguí se plantassem no mesmo local.

Tambem me consta que o exm.° sr. duque de Palmela acolhêra o projecto que pessoa de sua confiança lhe apresentou para verificar na sua quinta em Calhariz e Serra d'Arrabida a plantação d'amoreiras, e mandar vir de Turim familias práticas nas creações dos bixos da seda e tractamento das arvores, e que S. Ex.ª ordenára a execução de tudo isto, com o que faz um serviço ao paiz, e se prepara a colhêr as vantagens que sabe que ésta industria prodúz na Italia.

O exm.° sr. conde de Farrobo que tambem viajou pela Italia, e que viu o que por la se fazia em seda, conheceu que isto convinha em Portugal, e por isso ja possue amoreiras em quantidade, e mandou vir mestras fiadeiras, as quaes no anno passado deram principio á fiação do cazulo que S. Ex.ª tem mandado crear, e de outro que poderia ter comprado.

O illm.° sr. Abraham Wheelhouse o maior partidario que eu conheço da produção da seda, tem de tal fórma augmentado a plantação d'amoreiras na sua quinta do Barreiro, que é de esperar seja um dos maiores productores de cazulo no corrente anno, tambem possue os viveiros tanto d'amoreiras brancas como das multicaules.

O exm.° sr. barão d'Alcochete, Leão, posto que por ora pouco tenha feito em creação de bixos, possue abundantissimo viveiro d'amoreiras e multicaules; do qual ja a camara municipal de Lisboa se suppriu por não as ter proprias.

O illm.° sr. Antonio Pereira Lima proprietario em Paço d'Arcos, tem-se mostrado grande partidario da seda, e por isso ja plantou em seus terrenos as amoreiras. Este bom emprehendedor é dos que está no caso de vir a produzir perfeito cazulo, porque tem a grande vantagem de que o sexo feminino de sua familia demonstra gôsto por esta industria; e ésta vantajosa circumstancia combinada em pessoas tão intelligentes, deve infallivelmente vir a produzir uma das mais methodicas cazuleiras, que sem duvida poderá servir de modêlo aos demais emprehendedores.

Em Barcarena tambem eu vou augmentando a plantação d'amoreiras, e possuo os viveiros das duas referidas especies.

Quanto ás creações de bixos da seda, foram geralmente fataes as do anno passado pela excessiva mortandade, em consequencia do grande inverno e irregularidade de tempo, e posto que a minha colheita se tivesse reduzido unicamente a 8 alqueires de cazulo, estou convencido que se eu não tivesse as casas de creação com melhoramentos que lhe havia feito para estabelecer a corrente d'ar, e introducção do sol, que nem estes obteria; e quanto a este ponto de crear cazulos, estamos no maior atrazo possivel, pelos que vejo dos que me veem vender, sendo os portadores os proprios a confessar a pessima qualidade dos seus, á vista dos que lhe apresento criados pela minha direcção.

As causas de tão pessimos cazulos são:

1.° o tirarem a semente de bixos de tão fracos cazulos.

2.° faltarem á regularidade em horas de comida, e abundancia que lhes convem.

3.° falta d'escolha na boa qualidade de folhas para os nutrir; o que se intende em geral para os curiosos de pequenas creações, porque para os de maior porção tem de ter em grande consideração a casa em que os criam, e que n'esta possam estabelecer quanto se lhes torna conveniente.

Foi tal a miseria da producção de cazulo no anno findo de 1845 que apenas comprei 4 alqueires em diversas porções, e porisso os reservo, assim como a minha pequena producção, para serem fiados com os que mais accrescerem no corrente anno,

Tem havido muitos outros curiosos que em ponto pequeno tem feito plantações, e os proprietarios na ilha da Madeira e Açores tambem parecem dispostos a tentar a nova producção, pelas plantações que sei que alli se fizeram.

Fica demonstrada a lentidão que tem havido no desinvolvimento d'esta nova industria; mas como estou bem sciente de todas as suas circumstancias posso affirmar que, se o governo previdenciar como convem e é de justiça, e ao que parece disposto, sôbre as representações que lhe foram dirigidas e que, como uma cadêa, teem entre si completa ligação, poderá o anno de 1846 ser designado como a epocha do desinvolvimento da seda, como o confirmará o reclamado mercado do casulo.

Sendo pois que a referida narração possa, no todo ou em parte, ser julgada por V. como conveniente publicar-se, terá a bondade de a modificar como bem lhe parecer, pois fico certo me acompanha nas vistas com que d'ella se serve quem é

De V. etc.

Lisboa 5 de janeiro de 1846.

Antonio Pedro de Sales.

A Redacção assegura ao seu illustre correspondente que a REVISTA continúa a tomar o maior interesse por este importante objecto da cultura d'amoreiras e fabrico da seda, assim como por todos os outros de utilidade pública, principal fim dos esforços da Redacção. Se todavia ainda até hoje se não occupou d'este assumpto é porque a variedade d'este jornal, e a necessidade de tractar de todos os objectos de curiosidade e interesse publico, lhe não teem dado occasião; brevemente porém, um artigo sôbre a cultura d'amoreiras apparecerá n'estas columnas, visto ser este o tempo proprio d'ella. No emtanto, respondendo com ésta promessa ao sr. M. J. Affonso Vianna, d'Evora, que escreveu á REVISTA pedindo estes esclarecimentos, indico-lhe tambem o sr. Sales — rua das Flores n.° 37 — como a pessoa a quem melhor se poderá dirigir para obter as estacas e as necessarias indicações da sua plantação.

STATISTICA-NECROLOGICA.

387 Em dezembro de 1845 falleceram no bairro-Alto: — do sexo masculino 21: — do feminino 19: — expostos na Misericordia 19. — Total 59. As molestias principaes de que falleceram foram: — apoplexias 7 — ptisicas pulmonares 2 — febres 1 — bronquites e pneumonites 5 — differentes phlegmasias abdominaes 7 — escrophulas 3 — convulsões causadas pela dentição 2 — asthma 1 — anasarca 1 — diversas lesões do coração 5.

Entre os fallecidos do sexo masculino figuram — 2 empregados publicos — 1 militar — 1 ecclesiastico — 3 artistas e operarios. — E d'entre os 59 fallecidos d'ambos os sexos — 2 tinham de 70 a 80 annos d'idade: — e 7 de 80 a 90.

Dr. *Matheus Cezario Rodrigues Moacho.*
Vice-Provedor de saúde do B. Alto.

PLANTAÇÃO D'ARVORES.

388 Estamos no tempo de plantar arvores, que são muito necessarias para a conservação da vida dos homens e animaes, e que produzem muitas riquezas. Parece-nos conveniente que os jornaes todos lembrem n'esta epocha uma das maiores necessidades de nossa terra, para que todas as camaras, á imitação da de Lisboa e muitas outras, tomem a peito a plantação d'arvores, que tem a propriedade de regenerar o ar que respiramos, absorvendo o gaz acido-carbonico (que se evapora continuamente dos pantanos e de outras materias fermentantes) e exhallando o oxigenio puro: a natureza as creou para ornato do mundo, utilidade de todos os viventes, e principalmente do homem: se nós somos de todos os animaes aquelles que as podêmos destruir com mais facilidade; tambem somos os que temos o dom da razão, para conhecermos o bem e mal que com isso fazemos.

Algumas de nossas terras, principalmente no Douro, são insalubres, e na estação calmosa costumam ser invadidas por mortiferas epidemicas, cujos estragos se augmentam depois que se tem cortado a maior parte das arvores, para destilar aguas-ardentes. O clima de algumas terras da Beira-Alta e Baixa torna-se em alguns sitios insupportavel no verão por falta d'arvores. Um espirito, que se póde chamar de barbaria, tem feito cortar immenso número de arvores, lançando fogo a outras, destruindo-se todas as que existem, ou se plantam nos montados, a que os barbarescos pastores lançam todos os annos fogo. E vejam como estamos atrazados! O Druida ignorante e barbaro das Gallias; o Flamine dos romanos, adoravam as arvores: e ainda hoje os pais nos Estados-Unidos, quando lhes nascem filhas, fazem plantações d'arvores, que lhes designam com o titulo de dote para quando casarem. Não se faça pois guerra ás arvores, que tanto nos servem e utilizam.

Lembrâmos á exm.ª camara de Lisboa, que tanto se tem destinguido em mandar fazer obras de utilidade pública, que mande plantar por dentro dos piões de pedra do terreiro-do-trigo uma duzia de faias ou belles combras, fazendo-lhes grandes covas, que devem ser cheias com os lixos das carroças, afim de prosperarem e se engrandecerem em pouco tempo. O arvoredo n'aquelle logar fará o sitio mais aprazivel, e as arvores abrigadas dos ventos crescerão a ponto de formarem um bosque no verão, para amenizar aquelle bairro, e formar-se alli o melhor passeio que haja em Lisboa para suavizar os ardores e seccura da estação calmosa. Como em Lisboa se não podem dar grandes passeios n'esta estação por causa do vento e calor, convem ter passeios por toda a cidade com arvores, e em logares abrigados, para que toda a gente possa respirar o ar da vegetação, e passear sem incommodos nem fadiga.

Lembrâmos tambem a todas as camaras do reino, que tem baldios e estradas nos seus concelhos, que plantem n'estes logares os sobreiros, que são hoje as arvores mais uteis que ha, por causa do grande preço da cortiça, actualmente empregada em muitos usos, e até em mobilia e utensilios de grandes casas nas nações do norte. Formem-se associações em todos os concelhos do reino para plantar sobreiros, e fiquem sendo propriedade das familias que os mandarem plantar. Em poucos annos o reino possuirá uma grande riqueza, e a prosperidade physica dos povos ganhará servindo-lhe este arvoredo de lhe conservar a saúde e a vida.

B.

HORTO-BOTANICO DA ESCHOLA MEDICO-CIRURGICA DE LISBOA. (*)

389 So juncto das nossas plantas poderemos disfructar a belleza com que hoje se nos manifesta a percursora do sol. Sôbre as folhas dos vejetaes e suas mimosas corollas, rorejam ainda as piquenas gottas de liquido, lustrosas perolas, tão bellas e engraçadas como a lagrima abrazadora de donzella, que lhe desliza pela face suavemente córada pelo pudibundo rubor que characteriza uma virgem. O calor mais intenso, como a presença do amante, virá desfazer esse meigo adôrno que tanto abrilhantava o ente a quem pertencia.

A presença do sol é sem dúvida a causa de innumeraveis phenomenos, bastante curiosos, porém talvez ainda pouco estudados. Este astro creador passeia ufano pelo centro do universo; e na sua magestosa carreira reparte liberalmente seus dons com todos os entes da natureza. Sem elle a nossa vida sería um continuo penar, uma monotonia indizivel, um viver desgostoso: é elle que faz exhalar do solo esses vapores lentos e imperceptiveis, que depois vem, cahindo sôbre a terra, dar vida aos seres que da mesma terra o derivam. Seus raios benignos dão á atmosphera um grao de temperatura proprio para o desinvolvimento dos orgãos vejetaes, permittindo assim a completa elaboração de seus succos, e dando ás suas petalas um colorido mais bello, uma fragancia mais viva.

Não julgueis porém que todas as plantas se apprazam do sol, e debaixo da sua influencia disfructem vida mais feliz; algumas permanecem como invergonhadas durante o dia, e so ao despontar da noite, quando as trevas começam de dominar, é que suas corollas se abrem; talvez para mostrar sua belleza a algum ente que a iguaes horas se alegre de incontrar uma prenda com que adornar o seio da donzella que ama. Ainda debaixo da influencia de uma luz palida, ao baço reflexo da lua, as flores se prestam ao homem que lhes paga com um golpe d'exterminio, com a cruel separação a que as condemna, arrancando dos braços do pai, do tronco ja velho, o raminho novo, alegre e florido.

D'estas plantas tendes bem perto um exemplo na familia das *Nictaginias*; esse vegetal que vedes tão crescido, e corpolento é o *mirabilis dichotoma*, *boas-noites ou jalapa bastarda maior*; esse outro o *mirabilis jalapa*, *jalapa menor*; suas flores, agora fechadas so se abrirão quando o sol se occultar no horizonte. Adiantemo-nos mais, e encontrareis bem depressa novo exemplo da influencia da luz na vegetação: aqui tendes presente a familia das *malvaceas*, grupo perfeitamente characterizado pela disposição das petalas e dos estames; e onde a medecina encontra grande cópia de recursos com que se enriquece. Não contempleis essa grande multidão de vejetaes que ahi figuram, fixai a vossa attenção n'este *hibiscus mutabilis*, que vos surprehenderá se o contemplardes de manhan e á tarde. As *auroras*, *ou rosas de San Francisco*, na primeira epocha do dia são perfeitamente brancas; mas essa côr rapidamente desapparece tornando-se a flor vermelha á proporção que o dia vai crescendo. Na familia das *camellias* de D. C., a *rosa do Japão*, que ahi vedes, bastantes vezes se estiola debaixo da influencia de um sol mais intenso do que seus tecidos podem supportar. Não passemos adiante sem examinarmos a *tilia europea*, que representa a familia das *tiliaceas*. Lancemos agora os olhos sôbre esse grupo tão importante e indispensavel, tão util á humanidade, e tão ricco nos principios que nos fornece. Não desconheceis certamente éstas plantas que nos dão o pão e tantos outros principios uteis; porém talvez não tenhaes attendido para a disposição especial de seus involucros floraes. Para designar estes orgãos a sciencia creou nomes novos; vós não encontrareis aqui o mimoso e brilhante vestuario das outras plantas, mas sim uns orgãos completamente differentes a que os botanicos têm chamado *gluma*, *glumela*, *e epicens*. O character d'estes vegetaes é a humildade; nem vos admireis, que não será ésta a ultima vez que encontrareis o util e proveitoso á sombra do individuo orgulhoso e inutil. Ésta primeira planta é o *croix lacrima*, *L.*, *Lagrimas de Job*: se percorrerdes ésta parte vereis os individuos mais interessantes da familia das *gramineas*, que se prolongam até juncto da *cannabambu*, *Bambusa arundinacea*.

Aqui o trigo, esse vegetal tão prestadio e sem o qual as nações mal poderiam existir, figura ao lado do *Hordeum distichon e hexastichon*, *cevada-sancta* e ordinaria. Todos estes seres fazem hoje a principal nutrição do homem da Europa: o trigo é o alimento do mais abastado, a cevada cabe em sorte ao mais mediocre, e o pobre ainda encontra no centeio, que ahi vedes ao lado, o seu pão, o seu sustento. Caminhai que desejo mostrar-vos n'este grupo seres de quem a medicina se utiliza, ahi está a *Digitaria stolonifera*, a arroz, *oryza sativa*, e o *arundo-donax*, ou *canna* ordinaria. Talvez não repareis, que o arroz necessita para nos dar sua semente estar banhado em agua. Mas de todos os vegetaes aqui reunidos o que vou mostrar-vos póde ser que vos interesse sôbre maneira, não so por ser nascido em um clima bem diverso do nosso, como tambem pela riqueza de seu sangue a que os botanicos chamam seiva.

Bastantes vezes tendes saboreado seu succo, elle certamente hade ter representado um papel importante nos vossos banquetes; na medicina é hoje muitissimo empregado, é mesmo uma fonte de riqueza; e vós que tanto vos tendes aproveitado d'este vegetal não o conheceis. Reparai para suas folhas envaginantes e compridas, attendei para o caule longitudinalmente estriado, sôbre o qual nasce a flor disposta d'aquella maneira a que os botanicos chamam *panicula*. Não quero mais deter-vos, vedes aqui juncto de nós a canna-do-assucar, *Sacharum officinarum*, L. O seu succo de envolta com outros principios abunda em assucar, principio éste que a natureza nos presta com liberalidade.

Mas deixemos ésta planta, que vos deleita o paladar, para irmos visitar a familia das *rosaceas*, onde se acha a rainha dos prados acompanhada de mil outras flores bellas. Todas as flores são formosas, todas affectam de uma maneira especial os nossos sentidos, todas occultam algum mysterio; porém ésta mais do que todas nos diz um segredo ao coração, nos revela um arcano aos olhos, nos representa uma imagem que o pincel de homem não sabe traçar. A *rosa de cem folhas*, *rosa centifolia*, a *rosa amarella*, *rosa sulphurea*, a *rosa gallica*, a *rosa branca*, a que tem

(*) Continuado de pag. 327.

muitas flores, como a *sempre flora*, representam um quadro vistoso, perfeitamente rematado por essa delicada roseira, a quem o mimoso musgo dá tanto realce como aos labios de menino que ri para sua mãe dão graça e gentileza as facezinhas de neve!

Deixai a familia das *grossularias e Saxifragaceas*, que outra nos convida a attenção, é humilde e rastijante porém na sua pequenez ainda é bella e agradavel. Virgilio ja dizia:

Alba ligustra cadunt, vaccinia nigra leguntur.

E com razão; a *violeta, ou viola adorata*, reune ao cheiro que exhalla a utilidade que d'ella se póde tirar. N'esta flor encontraes um orgão especial a que os botanicos chamam *esporão;* bem similhante áquella modificação organogenica denominada nectario, nome que nada exprime. Este vegetal enriqueceu a materia medica com mais dois corpos novos, cada um dos quaes reside na porção opposta do caule. Na parte aeria a *violina*, e na porção que se dirige para a terra a *emetina*, a quem as raizes d'esta planta devem a sua propriedade vomitiva. *A viola tricolor, amor-perfeito, ou flor-seraphica*, é ainda individuo d'este grupo; seu nome lhe compete bem, como áquell'outro vegetal que representa a familia das *passifloras*, o de *martyrio ou flor-da-paixão*, como o vulgo lhe chama.

Outro dia chamarei a vossa attenção sobre a disposição dos estames d'esta flor; não temais que ella morra porque os botanicos tambem sabem immortalizar as suas plantas; ja temos um *hervario* em que os nossos vegetaes ficam completamente representados. Não são as tristes mumias do Egypto, feias e horrendas, são seres que abandonados de vida ainda são alegres e incantadores.

(Continúa.) *João José de Souza Telles.*

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO XXIX.

Doçuras da vida. — Imaginação e sentimento. — Poetas que morreram moços e poetas que morreram velhos. — Como são escriptas éstas viagens. — Livro de pedra. Criança que brinca com elle. — Ruinas e reparações. — Idea fixa do A. em coisas d'arte e litterarias. — Sancta Iria ou Irene, e Santarem. — Romance de Sancta Iria. — Quantas Sanctas ha em Portugal d'este nome?

390 Este sonhar acordado, este scismar poetico deante dos sublimes spectaculos da natureza, é dos prazeres grandes que Deus concedeu ás almas de certa têmpera. Doce é gosar assim... mas em que doçuras da vida não predomina sempre o acido poderoso que stimula! Tirae-lh'o, fica a insipidez; deixae-lh'o, ulcéra porfim os orgams: o gôso é mais vivo porque a acção do stimulo é mais sentida... mas a ulceração cresce, o coração está em carne-viva... agora o prazer é martyrio.

Infeliz do que chegou a esse estado!

Bemaventurado o que póde graduar, como Goethe, a dóze d'amphião que quer tomar, que poupa as sensações e a vida, e economiza as potencias de sua alma! N'esses porêm é a imaginação que domina, não o sentimento. Byron, Schiller, Camões, o Tasso morreram moços; matou-os o coração. Homero e Goethe, Sophocles e Voltaire acabaram de velhos: sustinha-os a imaginação, que não despende vida porque não gasta sensibilidade.

Imaginar é sonhar, dorme e repousa a vida no entretanto; sentir é viver activamente, cansa-a e consomme-a.

Isto é o que eu pensava — porque não pensava em nada, divagava — em quanto aquelles versos do Fausto me estavam na memoria, e aquella saudosa vista do Tejo e das suas margens deante dos olhos.

Isto pensava, isto escrevo; isto tinha n'alma, isto vai no papel: que d'outro modo não sei escrever.

Muito me pêza, leitor amigo, se outra coisa esperam das minhas VIAGENS, se te falto, sem o querer, a promessas que julgaste ver n'esse titulo mas que eu não fiz decerto. Querias talvez que te contasse, marco a marco, as leguas da estrada? palmo a palmo, as alturas e larguras dos edificios? algarismo por algarismo, as datas de sua fundação? que te resummisse a historia de cada pedra, de cada ruina?..

Vai-te ao padre Vasconcellos; e quanto ha de Santarem, peta e verdade, ahi o acharás em amplo folio e gorda lettra: eu não sei compor d'esses livros, e quando soubesse, tenho mais que fazer.

So tenho pena de uma coisa, é de ser tam desastrado com o lapis na mão; porque em dois traços d'elle te dizia muito mais e melhor do que em tanta palavra que porfim tam pouco diz e tam mal pinta.

Santarem é um livro de pedra em que a mais interessante e mais poetica parte das nossas chronicas está escripta. Ricco de illuminuras, de recortados, de florões, de imagens, de arabescos e arrendados primorosos, o livro era o mais bello e o mais precioso de Portugal. Inquadernado em esmalte de verde e prata pelo Tejo e por suas ribeiras, fechado a broches de bronze por suas fortes muralhas gothicas, o magnifico livro devia durar sempre em quanto a mão do Creador se não extendesse para apagar as memorias da creatura.

Mas ésta Ninive não foi destruida, ésta Pompeia não foi submergida por nenhuma catastrophe grandiosa. O povo de cuja historia ella é o livro, ainda existe; mas esse povo cahiu em

fancia, deram-lhe o livro para brincar, rasgou-o, mutilou-o, arrancou-lhe folha a folha, e fez papagaios e bonecas, fez carapuços com ellas.

Não se descreve por outro modo o que ésta gente chamada govêrno, chamada administração, está fazendo e deixando fazer ha mais de seculo em Santarem.

As ruinas do tempo são tristes mas bellas, as que as revoluções trazem, ficam marcadas com o cunho solemne da historia. Mas as brutas reparações da ignorancia, os mesquinhos concertos da arte parasyta, esses degradam, profanam, tiram todo o prestigio.

Tal é a geral impressão que me faz ésta terra. Almocemos que ja oiço chamar para isso, e iremos ver depois se me inganei.

Ao almôço a conversação veio naturalmente a cahir no seu objecto mais óbvio, Santarem. D. Affonso Henriques e os seus bravos, San'Frei Gil e o Sancto-milagre, o Alfageme e o Condestavel, el-rei D. Fernando e a rainha D. Leonor, Camões desterrado aqui, Fr. Luiz de Sousa aqui nascido, Pedralvares Cabral, os Docems, quasi todas as grandes figuras da nossa historia passaram em revista. Porfim veio Sancta Iria tambem, a madrinha e padroeira d'esta terra cujo nome aqui fez esquecer o de romanos e aborigines.

Quem tem uma idea fixa, em tudo a mette. A minha idea fixa em coisas de arte e litterarias da nossa peninsula são as chacaras e romances populares. Ha um de Sancta Iria.

Porque é a Sancta Iria da trova popular tam differente da Sancta Iria das legendas monasticas?

A trova é ésta, segundo agora a rectifiquei e appurei pela collação de muitas e várias versões provinciaes com a ribatejana ou bordalenga, que em geral é a que mais se deve seguir. *

Stando eu á janella co'a minha almofada,
Minha agulha d'ouro, meu dedal de prata,

Passa um cavalleiro, pedia pousada;
Meu pae lh'a negou: quanto me custava!

—'Ja vem vindo a noite, é tam so a estrada...
Senhor pae, não digam tal da nossa casa,

Que a um cavalleiro que pede pousada
Se fecha ésta porta á noite cerrada.'

Roguei e pedi — muito lhe pezava!
Mas eu tanto fiz que porfim deixava.

Fui-lhe abrir a porta, mui contente entrava;
Ao lar o levei, logo se assentava.

A's mãos lhe dei agua, elle se lavava;
Puz-lhe uma toalha, n'ella se limpava.

Poucas as palavras, que mal me fallava,
Mas eu bem sentia que elle me mirava.

Fui a erguer os olhos, mal os levantava,
Os seus lindos olhos na terra os pregava.

Fui-lhe pôr a cea, muito bem ceava;
A cama lhe fiz, n'ella se deitava.

Dei-lhe as boas noites, não me replicava:
Tam má cortezia nunca a vi usada!

Lá por meia noite que me eu suffocava,
Sinto que me levam co'a bôcca tapada...

Levam-me a cavallo, levam-me abraçada,
Correndo, correndo sempre á desfilada.

Sem abrir os olhos, vi quem me roubava;
Callei-me e chorei — elle não fallava.

D'alli muito longe que me perguntava
Eu na minha terra como me chamava.

—'Chamavam-me Iria, Iria a fidalga;
Por aqui agora Iria, a cansada. *'

Andando, andando, toda a noite andava;
Lá por madrugada que me attentava...

Horas esquecidas commigo luctava;
Nem fôrça nem rogos, tudo lhe mancava.

Tirou do alfange... alli me matava,
Abriu uma cova, onde me interrava.

No fim de sette annos passa o cavalleiro,
Uma linda ermida viu n'aquelle outeiro:

—'Que ermida é aquella de tanto romeiro?'
—'É de Sancta Iria que soffreu marteiro'

* Nas notas a Adozinda, vol. I do 'Romanceiro,' nota N, citei differentemente ésta copla pela imperfeita licção de um Ms. do Minho, unico que tinha á mão.

* Outra licção, e talvez melhor diz! *á coitada.*

— 'Minha Sancta Iria, meu amor primeiro
Se me perdoares, serei teu romeiro.'

— 'Perdoar não te heide, ladrão carniceiro,
Que me degollaste que nem um cordeiro.'

—

Ou houve duas sanctas d'este nome, ambas de aventurosa vida e que ambas deixassem longa e profunda memoria de sua belleza e martyrio — o de que não tenho a menor idea — ou nos escriptos dos frades ha muita fábula de sua unica invenção d'elles que o povo não quiz acreditar; alias é inexplicavel a singeleza d'esta tradição oral.

Tam simples, tam natural é a narração poetica do romançe popular, quanto é cumplicada e cheia de maravilhas a que se auctoriza nas recordações ecclesiasticas.

O caso é grave, fique para novo capitulo.

Continúa. A. G.

DO PARIATO. (*)

391 Os nossos reis davam terras e dinheiro sem consulta. O juramento do conde de Bolonha continha entre outras clausulas a de qué havia de tomar sempre conselho com os prelados, mas não para dar terras ou dinheiro. (D. R. da Cunha, Hist. ecc. Brag.) Não admire a ingerencia ecclesiastica n'isto, porque todos os negocios temporaes eram os padres n'aquelle tempo que os tractavam. Peculiar foi quem assignou a escriptura em que D. Affonso Henriques se fez feudatario á Sé apostolica pelo reino portuguez, dando quatro onças d'oiro annuaes. (D. Rod. da C. obra supra cit.) E não era so no nosso reino, era tambem nos outros, e com igual truculencia que elles mandavam. D. Sancho deveu a sua queda principalmente á resistencia que lhes fez, por não querer estar subjeito ao bago das religiões que comiam a terra, e secundariamente tambem porque o pontifice em Roma, com a peripecia d'esta desauthoração, preparava o caminho para igual attentado ao imperador Frederico na Allemanha. (D. R. da C. hist. eccl. Lisboa).

Sôbre o podêr que exerceu o clero entre nós fallarei mais tarde. Mas se este reinou sôbre os reinantes, não foi ja assim o poder politico do terceiro braço, isto é, o do povo; porque esse foi pequinissimo diante quer de um — o real, quer do outro — o espiritual. As côrtes [preambulo ás de 1459 em Lisboa] reinando D. Affonso V. não hesitaram em dizer — assy no rei que é Deos da terra — O uso do titulo de 'vossa real magestade' vê-se ja dado a D. Duarte nas cortes de 1434, feitas em Santarem. (1)

Elrei seu pai, D. João I. tinba dinheiro no commum de Florença. (Hist. Gen. Test. d'elrei J. I., an. 1426.) Ésta circumstancia quasi que basta, ella so, para mostrar a supremacia dos nossos reis, sôbre os reis seus contemporaneos. Os outros em vez de o la terem, tinham constantemente que o pedir aos mercadores de Florença. Assim o fez o rei de França aos Peruzzi: assim o fez tambem Eduardo de Inglaterra, aos Bardi, que afinal quebraram por elle lhes não pagar o que lhes devia (Gior. Villani, Istorie Fiorentini, p. 8. l. 12. c. 55.) Muito antes de D. João I. ja elrei D. Diniz tinba imprestado 16,600 marcos de prata a elrei D. Fernando de Hispanba. (F. Brand. Mon. Lus. l. 18, c. 33.) D. Duarte mandou embaixador ao concilio da Basilea para pedir se tractasse de algum meio de paz entre os reis de Inglaterra e os de França. (Cat. dos B. do P., e D. R. da C.) Os nossos reis passados fizeram pêso na Europa da meia idade. Em tempos barbaros faz tudo ao caso o character das pessoas que n'elles figuram. Elrei D. Sancho I, em 1188, indo ao Algarve, regulou a successão por uma lei testamentaria, sem attenção ás *Cortes de Lamego*, quando ellas tivessem existido. (Elucid. voc. Rébora.)

Tem-se dito unisonamente que elrei D. João I. foi o primeiro dos nossos monarchas. Póde se dizer o que se quizer d'ello, mas o que eu vejo é que elle teve sempre uma vara de ferro sobre o povo, e que do seu tempo datam os tributos geraes, havendo menos liberdade nas cortes convocadas no seu reinado do que no das d'elrei D. Fernando, quando os provocadores fallavam muito mais, e expunham mais amplamente os seus queixumes. Ninguem nunca piou diante do Mestre. Uma occasião tostou um pagem, por andar em mancobia. Elrei D. João I. sendo illegitimo não se me figura a mim senão um homem forte, e superior, a quem a fortuna deu aso para conquistar ou usurpar o reino, do qual deu o que não póde guardar, sem lhe importar mais nada. Assentado no throno tractou de se aparentar bem casando com uma ingleza, que ao cabo tambem era filha de outro inglez desinvolto, que andava feito paladino correndo aventuras pelo mundo. A sua ida á Africa não a considero eu senão como um estrategema, que anticipou a nossa integração territorial, para ficarmos para todo o sempre pêcos, e uma potencia de nenhuma ordem. Ao falso esplendor das preoces conquistas com que ingrandeceu o seu nome, este rei, reduziu á subjeição a nação, porque a quebrou, retalhando-a em Africa. Ha demais o terrivel flagello a accrescentar de ter degradado, por causa das suas precisões, a moeda a um terço do seu valor. [J. P. Ribeiro, Mem. Acad. T. 1,°] Certamente que quem preferir o brilho á bondade, hade presistir nos encomios a este rei; mas de outra sorte, não. Elle apropriou-se o reino a seu bel-prazer.

Dados estes dois exemplos de rijeza de fibra, offerece-se outro, entre muitos, da contraria tendencia. É o do conde de Bolonha. Foi sempre fraco este rei. Parece um prioste a arrecadar as rendas para a igreja. A sua successão extraordinaria ao throno trouxe um grande sacrificio para o reino. N'este tempo prostraram-se portanto todos os direitos diante da samarra de mangas perdidas. Se se quizesse acaso insistir sobre a preponderancia do terceiro estado portuguez, o do povo, passado mesmo seculos depois da affronta que a coroa soffreu na cabeça de D. Sancho, talvez se podesse citar a recommendação das cortes a D. João III., para que visitasse as terras todos os seis

(*) Continuado de pag. 344.

(1) As minhas principaes citações das nossas cortes são de um MS. do sr. A. J. Guião que estava na Bibliotheca Publica de Lisboa e que s. ex.ª o sr. Balsemão me fez a distincção de me franquear ha annos.

annos. De nenhuma consequencia é porém este capitulo, nem o outro de convocar cortes todos os dez annos, porque, tirando algum insulto do clero, nem grandes nem povo poderam nada em Portugal contra os reis. O conde D. Alvaro Pires de Castro disse: Arreal arreal, cujo for o regno levalloá, pelo Iffante Dom Joham e D. Diniz seus sobrinhos; mas foi o mesmo que se não *tossisse*, porque o Mestre d'Aviz é que o levou. (Ined. Acad.) O direito aragonez: de podèr *eligir ò fiel ò pagano*, não andando bem o rei, nunca vingou cá, posto que se imitasse uma maravilha a divisão allodial do reino; o que ja se la praticava antes de existir o nosso (Çurita, an. 1025.) Nos annaes d'Aragon tambem vem o infante D. Pedro protegendo os moiros contra D. Jayme, prova que até á igreja deitava a luva a realeza em Portugal. [id., 1254]

As ideas dos nossos jurisconsultos sôbre os direitos reaes são illimitadas. Velasques, quaest. 8.ª, diz Princeps nequit à se expropriare illam supremam jurisdictionem..... Mello Freire veio em mau tempo para ésta qualidade de investigações; era quadra de transição, fez pouco caso do preterito: tinha medo de accreditar no passado, porque o queria destruir; mas ja que elle ainda serve de mestre á mocidade portugueza que frequenta a nossa Universidade, convem declarar que tractando (L. 2.) de Jur. Person. nenhum escriptor patrio foi ainda mais desesperadamente servil a respeito de direitos magestaticos portuguezes, querendo que nunca existisse direito publico popular entre nós (tit. 3. § 36 in nota.) Assim como n'este tit. não andou com a historia, tambem não se póde dizer que comprehendesse a essencia do direito feudal, porque diz que o nosso reino fôra constituido por elle, o qual se extinguíra com D. João I. Diz isto no tit. 9.°, e passando á historia do Jur. civ. lus., não lhe importa dizer (no cap. 5 § 38 in nota), que a coroa fôra dada ao fundador da monarchia em dote; o que tambem corrobora mais adiante (no tit. 12), dizendo: Itaque Regia sempre inter nos dicenda est non patrimonialis nec veri feudalis. Affoitamente podia assim pronunciar-se, porque a unica vez que se ve na nossa historia uma doação feudal é no tempo de D. Affonso III, e vem a ser a do reino do Algarve doado a este rei por elrei de Castella D. Affonso-o-sabio, mediante o serviço de 50 cavalleiros ou lanças. (Hist. Genea. Supp. f. 673.)

Eu não sei se este trabalho em que eu me tenho estado a occupar tem alguma serventia; mas se tem, todo o pêso de factos que eu trouxer para elle é pouco, para mostrar a indole da nossa organisação politica, em contradistincção á britannica, e d'ahi poder-se colligir a opportunidade do pariato portuguez.

Foi o ciume tão significado sempre da parte de nossos reis a qualquer tendencia feudal no paiz, que tendo o nosso condestavel concebido algumas aspirações n'esse sentido, não obstante possuir a metade do reino e o Mestre ter-lhe dito que partiria o reino com elle; achando-se depois D. João I firmemente assentado no throno, não lhe quiz consentir certos vassallos escudeiros que tinha investido em seu serviço; e preferiu dar-lhe 330,000 livras, 8,000 e mais 1,500 dobras, e restituir-lhe as terras que tinha alienado a esses vassallos, e que desistisse do seu intento, o que elle fez. (F. Lopes, p. 2.ª C. 152 e 153.)

Apoderava-se a menagem com tanta religião da parte dos vassallos para com o seu rei, que em Portugal não devemos a nenhuma outra causa o heroismo de Fernão Rodrigues Pacheco, e de Martim de Freitas. (Pina. D. Sancho II.) Não foi para o conde de Bolonha tirar o castello a este último que lhe tinha entregue D. Sancho II. Em Portugal nunca se subintendeu a subdelegação do serviço em nenhuma pessoa que estivesse entre ella e a coroa (Hist. Genea. T. 3, L. 4, p. 487.) Intende-se bem que ainda mesmo que não houvesse o regimen feudal, podia haver um outro qualquer que subjugasse a coroa; mas não o havia: o podèr ecclesiastico foi sem duvida grande, mas não tanto que convertesse a nossa constituição em uma theocracia. Mais adiante se fallará dos seus bens temporaes.

Em quanto á fidalguia, pouco possuiu e pequeno era o número de seus membros. No tempo de D. Pedro, diz D. N. Leão, que havia pouca ou nenhuma fidalguia titular: homens honrados e de teres, é o que havia. Se ao tempo de D. Pedro ainda os não havia, muito menos os deve ter havido antes d'elle. É verdade que os *Ined.* (T. 4.°) dão a este rei por grande criador d'elles. Di-lo F. Lopes, nas seguintes palavras — Elle foi gram criador de fidalgos de linhagem porque n'aquelle tempo nom se costumava ser *vassallo*, se nom filho e neto ou bisneto de fidalgo de linhagem — Este chronista tem creditos, que eu não pretendo invalidar; temos comtudo a chronica do condestavel, em que se ve que a sua carreira d'armas a favor do Mestre, e foi o seu principal cabo de guerra, não começou com mais de 25 homens d'armas e 30 homens de pé escudados (f. 60.) Notem bem, que o condestavel foi a maior personagem que temos tido, e desafiava os castelhanos ao combate sem ser em batalha campal. D. João II, conforme Resende, favoreceu muito os cavalleiros e fazia-lhes — muita honra e muitas mercês, e dizia que eram como a sardinha que era muita e que sabia muito bem e custava muito pouco. Termos taes como estes não se usam quando se quer inculcar respeito. O respeito que este rei tinha comeffeito, pela nobreza, mesmo a espiritual, que tomou sempre o passo sôbre a temporal, está em dizer ao cardeal D. Jorge da Costa «Pera que é nada, senão a um cardeal tão mal ensinado, desagradecido e de má condição, manda-lo tomar por 4 moços d'esporas, e afoga-lo em um rio, e dizer que cahiu e se affogou por desastre» Um insulto d'estes, subintende fraqueza na corporação do injuriado. Se houvesse grande número de nobres e elles tivessem podèr não toleravam mansamente, que um dos seus, e tão conspicuo, lhe ameaçassem a vida.

A. Brandão (L. 8, C. 21.) diz, que foi no tempo de D. Affonso V, que cresceram os titulos em Portugal. Os reis seus antecessores eram muito ciosos de dar a grandeza, e tambem o povo lhe estava constantemente requerendo a não liberalisassem. Elrei D. Diniz por alta distincção fez a seu irmão seu vassallo: «E devoo fazer cavalleiro a el ser meu vassallo em todos los dias de sá vida., (5.ª p. Mon. Lus., L. 16, C. 16.)

A qualidade de vassallo, mesmo no sec. XV, não era o que veio a ser depois, e faziam muita differença uns dos outros. No contracto de casamento da infanta D. Joanna com elrei D. Henrique IV de Castella, vem por testimunhas assignados D. Cag, rei de

Granada, vassallo d'elrei. (Hist. Genea.) Qual era a condicção do vassallo, vem notado por A. Brand. (L. 11, C. 3.) citando as Partidas. Vassallos são aquelles que recebem honra e galardão dos senhores; assim como cavallaria, ou terras, ou dinheiros por serviços determinados. Faziam-se vassallos aos condes, riccos homens e capitães famosos. D. Fernando dando cartas ao conde de Barcellos, Dom João Affonso disse: — Fazemos saber que esguardando nós como D. João Affonso nosso fiel vassallo e conselheiro etc. — O mesmo rei mandou entregar uma terra de Pena com a igreja do Salvador e taballiados do dito logar ao conde Dom Gonçalo seu vassallo, em pagamento da sua quantia. Tendo mostrado a sua alta jerarchia, tambem convem agora mostrar que vassallos, segundo o Elucidario, desde elrei D. Fernando até elrei D. Manuel, passaram a ser igualmente os officiaes mecanicos e lavradores. Elrei D. Affonso V para as suas guerras admittiu muitos mecanicos apesar dos nobres. Elrei D. João II a requerimento das cortes fez 4,000. No tempo d'elrei D. João III extinguiu-se a milicia dos vassallos.

Todavia a nobreza era pessoal e não andava annexa ao solo: dimanava toda do rei, como fonte unica de todo o engrandecimento nobiliar, e não lhe foi nunca coeva, para se podêr pôr a par d'elle. Era ao rei, em Santarem, em 1434, que as côrtes se queixavam de haver feito tantos vassallos: ainda em 1455, em Lisboa, as côrtes se dirigem a D. Affonso V dizendo (cap. 6.°) quaes o hão de ser, « tendo-os feito de alfaiates e çapateiros, barbeiros e lavradores, e outra plebe... » Prometteu emenda o rei, ficando de os não tomar senão de boa linhagem. Tambem D. João II foi accusado pela fidalguia, por ser mui liberal d'ella, ás classes infimas. (F. Brandão 5 P. L. 16, C. 16.) É á vista de indicações tão salientes da exclusiva soberania do monarcha em Portugal, que pouco valor se póde dar quando seja veridica, a admoestação que deram os seus conselheiros a elrei D. Affonso IV e que vem em D. N. Leão.

(*Continúa.*) *C. A. da Costa.*

BIBLIOGRAPHIA.

WAVERLEY. OU HA SESSENTA ANNOS. Novella de *Walter Scott*, traduzida por *A. J. Ramalho e Sousa.* (Com estampas) — Lisboa, 1845.

---

392 Trasladando para as columnas da REVISTA o excellente artigo que, sôbre ésta novella e sua traducção, se le no último número do *Correio das Damas*, em quanto que mais de espaço me não occupo especialmente d'esto objecto; não posso dispensar-me de pedir ao illustre traductor continue, se é possivel, ainda com mais diligencia (com mais zêlo e habilidade decerto não póde ser) na empresa tam grandiosa quanto prestadia á litteratura patria — hoje principalmente que tam raro é incontrar n'ella obra consciencioza — da traducção completa de Walter Scott. O Sr Ramalho tem apenas traduzidos cinco vinte e seis romances d'aquelle inimitavel romancista; mas confio eu que os seus desejos e esforços se empregarão em nol-o dar todo em linguagem. Defauconpret gastou vinte annos a traduzir Walter Scott e Cooper; a sua traducção ainda hoje é a melhor das francezas, e ja n'este anno se annunciou uma nova edição d'ella. O Sr. Ramalho é n'este caso o nosso Defauconpret: o mais difficil para elle está passado, porque os ensaios ja lá vão; o illustre traductor tem melhorado sempre as suas bellas traducções, e estou que familiarizado como está ja, seguramente, com o seu original, nos irá dando mais a miudo outras traducções do mesmo auctor, até completar, como muito é de desejar, uma empresa que lhe é tam gloriosa.

« A's traducções de *Ivanhoe*, de *Quintino Durward*, de *Kenilworth*, de *Anna de Geierstein*, o Sr. Ramalho, o nosso mais aprimorado e mais *leal* traductor, fez succeder a primeira das composições de Walter Scott, na extensa serie das suas immortaes novellas; primeira na ordem dos tempos, e litterariamente fallando, primeira a muitos respeitos. Waverley abriu a serie de romances publicados pelo grande escriptor escocez debaixo do veu d'anonymo, e a sua fortuna não se deveu á reputação do auctor, ja illustre como chefe de uma nova eschola poetica, nem aos pomposos annuncios, nem a outro algum d'esses meios de reputação ficticia com que composições mediocres resistem ás vezes mais do que fôra de esperar ao seu inevitavel destino — o esquecimento. So, humilde, sem padrinhos, Waverley foi saudado em toda a Inglaterra como um grande livro, e a opinião desapaixonada das nações continentaes confirmou o voto do publico inglez.

» Os criticos geralmente concordam em que no modo de narrar, no enredo, e muitas vezes no desenho das figuras que deveram ser as principaes, não se póde por certo conceder a Scott o mais distincto logar entre os romancistas. É no pintar os characteres dos seus heroes e heroinas escocezes, na verdade e na naturalidade das scenas que descreve quando as colloca na sua terra natal, e no meio dos seus compatriotas, que elle não tem emulo, e talvez seja Waverley o que mais se distingua entre os d'essa especie.

» E' todavia innegavel que n'este romance ha um defeito relativo: — a longa exposição que occupa quasi a quarta parte do livro, antes que a acção se desenvolva e marche com a rapidez necessaria para attrahir e subjugar a attenção do leitor. Para nós outros, povos do meio-dia, impacientes sempre, sempre desejosos de gosar logo, quer moral quer materialmente, uma introducção tão larga previne-nos a principio contra a obra. Se, porém, sabemos vencer esse pequeno embaraço, que procede mais de nós que do romance, este nos recompensa depois com uma serie não interrompida de commoções variadas, que não nos consentem abandonar a leitura sem a havermos concluido.

» Tal é, nas mais breves palavras possiveis, o juizo que fazemos de Waverly. Quanto á traducção quasi fôra escusado dizer cousa alguma. Os que conhecem as traducções do Sr. Ramalho, sabem que no meio do sem número de traductores que vertem para a nossa lingua, ou para uma cousa que se parece com ella, quanto sahe n'este genero dos prelos francezes, elle é, que nós saibamos, o unico que se occupa em nos dar fielmente nas mais puras fórmas do idioma nativo as composições brilhantes do principe dos romancistas inglezes. O seu trabalho, feito com a consciencia com que se escreveria uma obra original, o tira completamente do campo da especulação, para o collocar no da litteratura, onde nunca entrará aquelle a quem falta a probidade litteraria, que é uma especie de probidade similhante a qualquer outra. A eschola de um escriptor tão puro na sua moral como grande no seu ingenho, o escrupulo com que são reproduzidas as delicadezas do original, não raro difficultosas de perceber para um extrangeiro, o respeito guardado á lingua patria, revelam no Sr. Ramalho, homem de letras, aquella mesma severidade de principios que sempre o distinguiram como homem publico. O escriptor que mereceu a reputação de um dos individuos mais honestos na profissão litteraria devia ter por traductor quem fosse capaz de o comprehender, não so nas suas inspirações, mas nos sentimentos intimos de candura e nobreza d'alma que respiram em todos os seus escriptos. «

PRIMEIRO ENSAIO SÔBRE HISTORIA LITTERARIA DE PORTUGAL, desde a sua mais remota origem até ao presente tempo. Por *Francisco Freire de Carvalho* — Lisboa, 1845.

O annuncio feito em alguns periodicos d'esta capital particularmente na REVISTA n.° 21, sôbre ésta obra, despertou-me a curiosidade; por ser obra de uma penna tão portugueza, e por que se fosse pelos menos soffrivelmente composta, intendi era uma das mais importantes, que ha muito tinha sahido á luz dos prelos portuguezes. Antes de fazer conhecer a minha humilde opinião ácerca d'este livro, quiz ver as dos mais intendidos, como porém nada tenha apparecido a tal respeito (ao menos de que eu tenha conhecimento) além do que se disse de relance na mesma REVISTA, resolvi sahir-me a campo, bem persuadido de que n'isto cumpro um dever.

A falta absoluta de um escripto de tal natureza, era em verdade (permitta-se-me a phrase) uma escandalosa omissão em a nossa litteratura, tão ricca, tão variada a todos os respeitos. Não ha duvida de que, pára ser bem desempenhada ésta tarefa, se faz precisa a reunião de dotes litterarios muito acima dos ordinarios, como são a meu ver: vastidão de conhecimentos, e juizo atilado para bem saber classificar as disciplinas, e para dar aos seus cultores o logar, que devidamente lhes compete, sem omittir os dignos, deixando no silencio as futilidades, que em grande parte enchem as pag. da bibliotheca de Barbosa; e tambem critica depurada no apreciar os nossos escriptores, pelo menos do seculo XV para cá.

Não faltam, é certo, ja por ahi differentes obras de mão extrangeira, que se tem incarregado de historiar a litteratura portugueza; graças lhes demos; pois tomaram a peito um trabalho, que muito ha devêra ter occupado os eruditos nacionaes: mas póde acaso esperar-se de mãos alheias o feliz desempenho de uma obra tal, como ésta? Ninguem ousará affirmal-o — Se pois ésta, possuir em grau sufficiente as qualidades que se requerem em obras de similhante natureza, ella e seu auctor bem devem merecer do publico.

Tentemos um exame rapido do livro, e vejamos se o auctor na tarefa, que a si mesmo se impôs satisfez de modo que agrade aos intendidos. — Antes de tudo cumpre advertir, que o titulo não é o pomposo de *historia litteraria*, mas so o de *primeiro ensaio* sôbre ella; e n'isto fez muito bem o auctor; pois começar logo de salto do nada para a completa existencia era audacia em demasia: a historia litteraria em grande escalla de um paiz, onde infelizmente coisa nenhuma se tem escripto methodicamente sôbre o assumpto, fôra um trabalho impossivel a um homem so. Ao sr. Freire de Carvalho cabe todavia a gloria de haver aberto este caminho; os que o seguirem ja incontrarão n'este livro auxiliares que elle não teve; pelo que, repito, de muita benevolencia elle é credor da nação.

Em oito periodos, a começar dos tempos se não fabulosos, pelos menos heroicos da litteratura do paiz, divide o auctor todo o espaço que se propoz a correr; e bem rapidamente que elle o percorre. Ésta sua divisão, que é a mesma, que costuma fazer-se da historia civil e politica da nação, póde passar sem offensa dos nimiamente escrupulosos: mas a que fadigas se não veria elle intregue para nos indicar ao menos coisa que satisfizesse, nos 4 primeiros periodos da sua divizão? E de tempos tão remotos quem ha que sôbre o assumpto possa dar mais abundante pasto á nossa curiosidade? Para não deixar inteiramente em branco a parte relativa aos escriptores d'estes periodos litterarios tão pouco conhecidos, vin-se elle obrigado a enchel-os de nomes, que a critica severa nunca se atreveu a reconhecer, como são os de Raymundo, Angelo Paceuse, Alladio, e mestre Menegaldo, os quaes todavia apresenta com as devidas advertencias e correcções em as notas respectivas. Do periodo 5.° em diante ja o auctor caminha mais desassombrado; não so porque as noticias litterarias da nação são mais abundantes, ou se quer menos escassas; como tambem a lista dos auctores é mais cheia de nomes, por onde póde escolher-se. Onde porém elle se espraia á larga é nos tres periodos ultimos, e com razão; por serem estes os que subministram maior numero de documentos á historia litteraria de Portugal, e maior abundancia de nomes conhecidos no mundo litterario. Nos periodos 6.° e 7.° não posso deixar de contar por noticias de grande importancia as que o livro nos apresenta de muitos portuguezes, que deram nome á patria, occupando cadeiras de ensino em differentes universidades extrangeiras, assumpto de que me não consta ter-se alguem occupado até agora. — Na menção que o auctor faz dos sabios portuguezes, talvez quereria alguem que omittisse antes alguns para fazer apparecer outros de quem bem pode ser se não lembrou: como isto depende de gostos, e elle não se propoz a escrever a historia litteraria, não me reputo, nem a ninguem com direito a censural-o: alem de que parece-me, que os nomes em geral, que figuram na obra, não poderão deixar de merecer a acceitação dos intendidos; e demais o auctor deixou a este respeito resalvado o seu criterio com a passagem de Quintiliano que se lê em uma nota da sua prefação — Talvez tambem quereria alguem, que, juncta com a noticia das obras attribuidas a cada um dos auctores, se lesse um juizo critico dado mui explicitamente sobre cada uma d'essas obras: fôra muito exigir; e demais o auctor, como elle declara, não se propoz a escrever uma historia litteraria analytica, mas um mero ensaio historico, no qual teve em vista patentear ao mundo, contra os ignorantes, e os mal intencionados, que Portugal abundou em todos os tempos, de que ha noticia, em cultores das lettras e das sciencias, que tiveram voga no correr das edades, não ficando atraz das outras nações na estrada do progresso intellectual; e, se tal foi o seu intento, desempenhou-o. E além d'isto, o livro não é absolutamente omisso de juizos criticos; pois não poucos se leem ora feitos pelo auctor, ora por outros criticos. —

O que dará ainda occasião ao reparo de alguns leitores, será o de não se ter o auctor esquecído de si, e dos seus em alguns logares do livro: mas quem não relevará essa pequena vaidade a quem, n'esta e em mais obras tantos serviços tem feito á sua patria? Sim, insistirei em que fez serviço a Portugal com esta sua obra, e para isso bastaria so a divulgação que dá a pag. 116 da gloria, que nos resulta, de ter sido o portuguez Antonio Luiz o primeiro entre os modernos, que entreviu a hypothese da — Attracção Universal — depois repetida por Bacon, e confirmadas e assignadas as suas leis pelo célebre Newton. — E' verdade, que tudo quanto no primeiro ensaio sôbre a historia litteraria de Portugal se lê, anda por ahi escripto em muitos livros; mas a reunião systematica de todas estas noticias gloriosas para Portugal é sómente elle quem as apresenta em um pequeno e luminoso quadro aos olhos dos seus leitores. — Quanto á linguagem, em que o livro está escripto, nada tenho podido encontrar que mereça censura, antes muito que mereça ser louvado, mormente em tempo, que o bello idioma portuguez anda involvido em tantos retalhos do extrangeiro, que mais parece variegada manta de pedinte, do que lingua culta, abundante e harmoniosa, qual a fallaram os Barros, os Souzas, os Vieiras, os Camões, etc.; ainda este e outros escriptos servirão no futuro para depurar a linguagem d'esses termos *palpitantes*, com que hoje se ostenta uma falsa erudição e máu gosto, e que so servem de occultar a ignorancia de quem as emprega: honra ao Sr. Freire de Carvalho que escreve em tam boa linguagem portugueza; a mocidade esperançosa não ha de lêr os seus escriptos em vão!

Concluirei, applicando ao livro, que me propuz a fazer passar pela fieira da minha, muito minha critica (c'est ma critique à moi) as muito sensatas expressões do nosso bom velho Garcia de Resende: «Quem escreve, não póde contentar a todos; e não fará pouco, se de poucos for tachado; que todos querem emendar, e mui poucos escrever. E, para se isto evitar, não devia de haver outra pena, senão aos glosadores metter-lhes papel e tinta nas mãos, e fazel-os por força escrever; e seria mui bom freio para os desbocados, que, sem saber o que dizem, glosam o que não intendem.» (1)

Um — d x — de litterato.

EXPECTACULOS.

THEATRO DE SAN'CARLOS.

ALCANÇA QUEM NÃO CANÇA — Melodrama heroi-comico em 2 actos — Poesia de *Ferreti*. Musica de *Ricci* (Luiz). AS MODISTAS — bailete-jocoso — Composição do Sr. *Martin*. Musica do Sr. *Pinto*.

393 Eu não sei bem se o titulo de um libretto d'opera italiana é coisa que se deva ou não traduzir: creio

(1) Chronica d'El-rei D. João 2.° cap. 127, fol. 32. col. 1.

que não. Ca em Portugal, onde ha muitos maus costumes inveterados e onde não ha razão que seja capaz de os exterminar, usa-se isto: e por isso vemos por ahi cada titulo de arripiar ouvidos, desconcertar o juizo, e estropear a lingua. Eu desde que vi dar o nome de *filha do regimento* a uma *Vivandeira*, fiquei habilitado para ver traduzir tudo, e bestificar tudo! Era tambem uma opera: e nada mais comesinho que é traduzir do *fille* francez *filha* em portuguez! Como quer que seja, *alcança quem não cança* será muito bonito; mas nem se sabe ao menos que é traducção do *Chi dura vince*, que é o titulo da peça de que tracto. Repito que me parece que este titulo, sendo a opera-italiana e cantada n'esta lingua, e por outras razões mais, não devia ser traduzido; mas querendo dar uma idea d'elle á frente da traducção portugueza do libretto, servissem-se d'outro rifão correspondente: temos uns poucos em portuguez; mas o mais comico e apropriado n'este caso seria — quem porfia mata caça —. Ora, quando eu disse: á frente da traducção portugueza, era suppondo que a houvesse, mas *traducção* de 'libretti' é coisa que não ha... Seja dito de passagem.

Sabido pois, que a opera que foi pela primeira vez á scena no theatro-italiano, em 21 do corrente, se chama CHI DURA VINCE, accrescentarei mais que é composição de Ricci (Luiz) o auctor da 'Clara de Rosemberg.' Ésta opera-jocosa tem sido sempre muito bem acolhida em todos os theatros de Italia. A sua musica é facil, ligeira, engraçada, ás vezes bastante comica. O que mais agradou entre nós foi o tercetto de dois baixos e tenor do 1.° acto, o final d'este mesmo acto; o quarteto acabando em quinteto do 2.° acto, e sobretudo o duetto dos dois baixos. Mas ao que, sem dúvida, ésta peça deve a popularidade de que goza na Italia é ao seu libretto, que nós extrangeiros pouco intendemos, ou de que não curâmos. O libretto é uma comedia muito graciosa, cheia de novidade e de chistes. Heide contar a sua contextura em poucas palavras.

Um rapaz nobre e ricco, casa com uma senhora igualmente nobre. Mas o noivo desapparece logo depois e vai procurar trabalho ás officinas de um pelleiro, que o toma por official. Impaciente a esposa pela ausencia de seu marido, põe-se em jornada para as terras d'este: a carruagem quebra-se-lhe no caminho, e o mestre pelleiro dá no emtanto pousada á illustre viajante. O marido ve-a, conhece-a, e em confidencia conta a seu mestre, que aquella senhora é uma condessa que se apaixonára por elle, e a quem elle inganára, sendo um pobre homem, desposando-a, porque se fingíra nobre como ella; mas que não podendo sustentar o seu ingano lhe fugíra e por isso alli viera e se achava trabalhando agora. Por aquella regra de que, *quanto tendes quanto vales*, dois vilões que até alli se haviam desfeito em servís obsequios *alla grande contessa*, se ostentam depois rusticos atrevidos, e a nobre senhora é victima das suas grosserias. Ainda para maior desgraça o seu proprio marido vem confessar-lhe que não é mais que um pobre pelleiro, e convida-a a tomar parte nas suas despreziveis tarefas. Não tarda porém que todos estes ingannos se desfaçam, e os dois esposos ficam depois vivendo cheios de paz e de amor; porque o fim do marido não foi outro, em tudo isto, senão quebrar o orgulho á sua gentil metade, molestia de que ella padecia grandes achaques, mas de que afinal ficou curada.

Bem se ve que o desinvolvimento d'esta feliz idea hade dar logar a incidentes e situações muito comicas. É o que acontece, entre outras, na scena V do 1.° acto, quando o mestre pelleiro se regalla com o almoço preparado para a nobre viajante, e dá occasião a um bonito tercetto; e na scena XI quando o marido apresenta a roca á condessa e a obriga a fiar. E do mesmo modo nas scenas V e VI do 2.° acto, e principalmente na scena VIII, quando o mordomo da baroneza irman do noivo, e o mestre pelleiro, sabem quem é o fingido artifice, e se julgam perdidos pelo mal que se comportaram com elle; que é uma scena e duetto dos mais comicos que se conhecem no theatro-italiano, e que foi excellentemente desempenhado pelos Srs. Salandri e Catallano.

As *Modistas*, em geral, são mais agradaveis ca fóra do que na scena... No emtanto algumas coisas tem este bailete bastante engraçadas. Assim o Sr. Martin substituisse o passo-a-dois por outro de menos fadiga e de mais effeito; porque essas danças hispanholas, a nós povos da peninsula, interessam-nos pouco, e o enthusiasmo que costumam produzir, por exemplo, em França, converte-se todo aqui em indifferença. A pyrrhica dançada pelas segundas bailarinas, está optimamente ensaiada e é de lindo effeito.

A musica é bellamente apropriada, e tem algumas parodias de bastante facecia.

THEATRO DA RUA-DOS-CONDES.

394 INNOCENCIA E CALUMNIA, Comedia em tres actos — Imitação do Sr. Felner.

É costume, mui raras vezes interrompido, chamar *imitação* á traducção livre de uma peça, cuja scena se faz passar em Portugal, mudando os nomes francezes em outros portuguezes; e sem mais ceremonia nem escrupulos, da-se por feita a *imitação*! É absurdo: não digo bem, é mais que absurdo. Se a peça fica franceza no fundo; se os costumes são extranhos, se os usos são diversos dos nossos, de que serve dizer Lisboa em vez de Paris, Leiria em logar de Lyon, Sebastião por Laumion, a Senhora Margarida por Madame La Peirouse? É muito peior ainda: faz-se muitas vezes um contra-senso e um destempero que ninguem póde aturar; uns porque conhecem a razão, outros porque teem o instincto de que aquillo não é nosso, e que lhe querem imbutir gato por lebre. Ha tambem coisas que se não devem nem podem imitar: ficam muito melhor, ou, antes, só podem ficar sempre francezas como estão, francezas como foram feitas. *Cada terra com seu uso*, diz um antigo rifão nosso, e diz muito bem como dizem todos os nossos rifões. Ora, se isto se ve de Lisboa para Cascaes, ou d'Aldea-Gallega para Loires, que fará de França para Portugal, e principalmente de certas partes da França para outras muito diversas partes de Portugal? É o que um grande número dos nossos imitadores não teem sabido ou não teem querido intender. É necessario substituir uso a uso, pór um costume nosso em logar d'outro costume alheio; e quando isso senão póde fazer, ou porque não temos equivalente ou porque a coisa assim transformada não diz bem com o todo, ou não corresponde á idea-mãi d'elle, então não se imita, traduz-se: e uma boa traducção é uma boa-obra, e uma bella peça de costumes extranhos é tambem lição e ao mesmo tempo instrucção.

Parece-me muito solida ésta doutrina, e muito a proposito tractando do Sr. Felner, que eu quizera apontar aos imitadores como seu exemplar. No *Pai de uma Actriz*, engraçada comedia que não ha de infastiar nunca emquanto o protagonista for o Sr. Sargedas, mostrou o Sr. Felner como se póde e deve imitar uma comedia; na INNOCENCIA E CALUMNIA subiu ainda de ponto, e fez obra de mestre. Aquillo é tudo portuguez: fórma, characteres e dialogo. No curso de uma primeira representação so lhe notei um lapso sôbre coisa que não é nossa: diz-se n'uma estallagem 'o quarto n.° 12;' mas a acção é em 1777, e ainda hoje mesmo as nossas estallagens de provincia não teem quartos numerados; e aqui está o que me parece um lapso.

Para se ver que fallo imparcialmente, e que louvo com justiça e não por obsequio, como hoje se usa quasi sempre louvar, assim como se deprime por inveja ou *zanguinha*, farei ainda mais dois reparos: O 3.° acto como está é inferior aos outros dois, especialmente o 2.°, que me pareceu o melhor de todos. Precisaria talvez alguns córtes e porventura mais concertadinho. O outro reparo é sôbre o titulo, que me parece de comedia de rococó, da eschola de Kotzbue. E para acabar pedindo alguma coisa, heide pedir a eliminação de certos *mangericões* que o Sr. Sargedas tem que *regar*.... Isto é um pedido como qualquer outro.

Deixando éstas pequenas coisas, a imitação do Sr. Felner é digna de todo o louvor: até na escolha da epocha foi o imitador judicioso. Aquelle tempo do marquez de Pombal, é uma epocha interessante, fertilissima, que podia dar muito drama e muita comedia sendo bem estudado: parece como que talhado para alimentar o nosso theatro nacional de hoje, até na razoavel proximidade dos nossos dias.

A execução por parte dos artistas é boa, e algumas vezes excellente.

VARIEDADES.

O MEZ DE FEVEREIRO.

395 Chama-se dos *Peixes* o signo d'este mez, por que se diz que as pescarias são n'este tempo mais abundantes, e mais saborosos os habitadores dos mares que a arte culinaria afficiçóa aos caprichos da gastronomia. O nosso astronomo disse assim dos que nascem n'este mez

É no mar valente e habil
Quem n'este signo nasceu;
Mas cahe por amor da *isca*
Se alguem rede lh'extendeu.

A isto ser certo, eu creio que a maior parte da gente que hoje existe nasceu em fevereiro. Quem ha ahi que não corra á isca que se lhe apresenta? Se cahe ou não em rede não sei eu; mas se cahir é uma consequencia da sua goledice. Ha muitos porém que se deixam *cahir* porque assim lhes faz conta; comtudo o mais fino em todos os tempos será o que comer a isca e der com o pe no anzol...

Agora a respeito de valentia no mar, n'este seculo ja não é precisa; e hoje parece-me que pelo que nos toca foi parar toda aos folhetins maritimos do *Patriota*. Abençoado seja o seu illustre auctor, que assim nos aviva os reflexos de nosso antigo esplendor maritimo! Oxala que elle não levante mão do assumpto sem o esgotar. Portugal é decerto o paiz onde mais se conhece e se escreve das coisas extranhas, e menos se sabe e se tracta das proprias. Eu apostaria que mais de nove decimos dos que leem o *Patriota* nem pensavam siquer que haviamos feito tanto no mar durante a ultima guerra. É assim em tudo. Perguntem a qualquer, d'esses que leem, se sabe o que fez a fragata *Constituição* dos Estados-Unidos no tempo da guerra da independencia, contra os navios inglezes: 'Pois não heide saber.' (replica-vos elle). 'La tenho eu na minha sala bem lindas estampas que representam os seus combates magnificos. Isso é uma coisa que todos sabem.' — 'Mas aposto eu Sr. Sabedor, que V. m. não sabia nada do que fez a nossa fragata *Andorinha* contra os navios francezes?' — 'Ah! la isso não, Senhor; quem m'o havia de dizer? Isso não está escripto nem gravado, queria que eu o adivinhasse?...' Ora, contra ésta razão é que não ha que dizer. E é como sempre foram e são as nossas coisas. Que querem, se até é preciso ir vasculhar nas bibliothecas extrangeiras os manuscriptos de nossos escriptores para comprovarmos as nossas descobertas e conquistas! O que eu queria que o meu astronomo me dissesse era em que signo nasceu o Adão dos nossos portuguezes ...

Tem fevereiro 28 dias; e n'este mez crescem os dias 53 minutos, 26 de manhan e 27 de tarde: o seu maior dia é o ultimo que tem 11 horas e 5 minutos. No seu dia 1 nasce o sol ás 6 h. 54 m. e põe-se ás 5 h. e 6 m.: no dia 28 nasce ás 6 h. e 28 m. e põe-se ás 5 h. 33 m. A sua lua começou em 26 de janeiro e acaba no seu dia 24. (*)

N'este mez ha muito que fazer no amanho de quintas, hortas e jardins. Plantam-se estacas, transplantam-se e plantam-se diversos vegetaes e flores etc., etc. O sol começa a subir no horisonte e aquecer; mas este mesmo calor faz derreter as neves e o frio ás vezes torna-se muito intenso. N'este nosso bello clima o fim d'este mez é ordinariamente como um começo de primavera: as arvores florecem, o horisonte é puro, e até as aves ja ensaiam seus gorgeios; tudo principia a ser esperança, amor e vida.

Seria, talvez, por este motivo que os romanos, povos do meio dia, celebravam em fevereiro a festa da deusa da saude. Mas além d'esta tinham as *lucarias*, as *faunaes*, as *lupercalias*, as *quirinalias*, as *terminalias*, e as dos *fornos*. E ainda aqui não fica, porque faziam tambem sua festa á deusa *Muta*, que foi uma nympha muito lambareira a quem Mercurio cortou a lingua por ella ir dizer a Juno dos amores de Jupiter com Juthurna. Ora, se houvesse n'este tempo um Mercurio d'estes, porque dos outros ha muitos, vejam que de linguas fóra que por ahi não iriam! Mas ao menos ficavamos livres de mexiriqueiros, que a dizer a verdade não merecem nunca menos que lingua cortada.

Tinham tambem os romanos, sem fallar ainda n'outras festas pequenas d'este mez, outra bella funcção; era no dia 22, em que se ajunctavam todos os parentes e amigos, para passarem com a sua familia um dia de ju-

(*) Segundo o costume as luas tem o nôme do mez em que acabam.

brilo e prazeres: o que na verdade devia ser um dia muito aprazivel, se ainda então se não dizia, como agora. *parentes são os meus dentes.*

Eu creio que ésta festa era imitada dos gregos, que tambem n'este mez celebravam uma festa *fraternal*, de muito riso e folgança, em que os escravos comiam á mesa com seus senhores. Isto, em quanto a mim, vemos nós todos os dias sem ninguem fazer caso: porque de ordinario o commensal é *escravo* de quem lhe paga a papança; se o duvidam deitem os olhos para a *mesa do orçamento*... Os gregos tinham mais outras festas; uma por exemplo, em que faziam um grande veado de massa feita de farinha e mel; havia de ser bonito! o que se não diz era quem o comia; mas chamava-se a tal festa *elafebolia.*

Do *entrudo*, e talvez alguma outra festa moderna, fallarei especialmente.

EPHEMERIDES.

2. Fundação do mosteiro d'Alcobaça [1148] — 13. Posse do 1.° patriarcha de Lisboa [1717] — 22, terramoto geral na Europa [1309] — 23. Tormenta horrorosa e terramoto em Lisboa [1370] — 27. Conquistou pela 1.ª vez o grande Affonso d'Albuquerque a cidade de Goa [1510]. Fundação do mosteiro d'Odivellas por elrei D. Diniz [1295]. Termo da guerra peninsular [1814] — 28, Embaixada do Prestes-João a Portugal [1514].

CORREIO EXTRANGEIRO.

396 Acaba de ser descuberto, e confirmado, um novo planeta no nosso systema solar, entre Juno e Vesta; deu-se-lhe o nome d'Astrea.

Com o fim de dar que fazer á gente necessitada, o govêrno inglez manda executar na Irlanda grandes trabalhos de utilidade pública. Vão-se seccar muitos terrenos pantanosos, limpar e cavar os leitos dos rios etc. Em resultado d'esta providencia, milhares de geiras de terrenos incultos se tornarão productivos e ferteis.

O carril-de-ferro de Manchester a Sheffield estreou-se a 22 de dezembro. O grande tunnel que fura os montes dos condados d'York e Lencaster custou 200,000 lib. ster. e a sua construcção durou sette annos.

Na ilha Jamaica os carris-de-ferro ja estão em exercicio. Os trens obteem a velocidade de 50 milhas por hora, em pequenas distancias.

Tem-se sentido alguns tremores de terra em Trieste, Veneza, Laibach e outros pontos vizinhos.

CORREIO NACIONAL.

397 Parece achar-se constituida uma nova companhia, de que pódem resultar mui grandes beneficios para a agricultura do país e commercio dos cereaes, é a dos 'Moinhos-fluctuantes' de que mais largamente traclarei n'outra occasião. A direcção dá todas as garantias de prosperidade a ésta companhia: é presidente o Sr. Felix Pereira de Magalhães; vogaes, os Srs. conde do Farrobo, visconde d'Azurara, Ayres de Sa Nogueira, e Braancamp (Geraldo).

Talvez domingo, 1 de fevereiro, ou proximamente, vá a scena no theatro de San'Carlos a nova opera de Ricci (Frederico) *Corrado d'Altamura.*

O paquete d'Inglaterra que devia ter entrado no Tejo em 23 do corrente, não tem apparecido até hoje (28). Ha quem diz que arribára á Corunha, mas n'esse caso ja teria mandado a malla para o Porte.

Necrologia. Falleceu no dia 17 do corrente o Sr. C. H. de Gouvea Durão, que foi ministro d'estado em 1826 e 1827, e deputado em 1820. Tinha 80 annos.

Hãode arrematar-se alguns bens nacionaes: em 11 e 12 de março no districto de Santarem, em 16 nos districtos de Lisboa e Evora, e em 17 d'abril outra vez no districto de Santarem.

Por portaria do ministerio da marinha de 17 do corrente, foi creada uma commissão para promover uma subcripção pelas differentes terras do reino, a favor dos habitantes da ilha de Santo-Antão, a quem uma alluvião em outubro estragou a propriedade, e deixou ameaçados de miseria e fome. E' presidente o Sr barão de Lazarim, e thesoureiro o Sr. João Gomes da Costa.

A receita do 'Asylo de mendicidade' em dezembro último foi de 1:049$027 réis alem de diversos donativos: a despeza foi de 1:325$715 réis; mas como o saldo, *na caixa filial*, era de 457$703 réis em metal, e 75$000 réis em papel, sobrou ainda para o mês de janeiro 256$015 réis.

A união das sociedades philharmonicas foi definitivamente votada em ambas as assembleas. Se a juncção d'ellas se realisar debaixo dos auspicios que parece que presidem a ésta feliz idea, Lisboa ficará possuindo um estabelecimento, no seu genero, sem rival na Europa.

No dia 25 do corrente tomou posse solemne o Sr. Patriarcha de Lisboa, D. Guilherme, da sua igreja metropolitana. Espera-se brevemente o *barrete cardinalicio* do illustre Prelado, e auguram-se os melhores resultados do desempenho dos deveres augustos de tam elevado cargo.

A contar de 26 do corrente, estão a concurso por 60 dias as cadeiras de arithmetica e geometria com applicação ás artes e primeiras noções d'algebra e philosophia racional e moral e principios de direito-natural, dos lyceus da Guarda e Vianna; e as d'oratoria, poetica, e litteratura classica, especialmente portugueza, chronologia e geographia, especialmente commercial, dos lyceus de Beja, Bragança, Faro, Leiria, Portalegre e Santarem.

O Banco-commercial do Porto continúa em estado de prosperidade: no anno findo descontou 1,212 lettras, e emprestou: sôbre vinhos, 134:411$214 réis, sobre titulos de divida-publica, 251:200$000 réis, sôbre penhores de prata, oiro e pedraria. 6,757$650 réis, sôbre suas proprias acções 148:850$000 réis. O dividendo foi de cinco e tres quartos por cento ou 11$500 réis por acção.

A estação dos bailes começou finalmente em Lisboa, e vai-se succedendo quasi sem interrupção. Dos particulares, pede-nos um correspondente que façamos especial menção do que teve logar em casa do Sr. Marquez de Vianna na noite de 23 do corrente: era anniversario de S. Ex.ª, não houve convidados, mas todos os amigos do nobre Marquez acharam por de seu dever cumprimental-o por essa occasião, e a noite passou-se deliciosamente no meio de uma sociedade luzida e numerosa, tractada com fausto e delicadeza.

Advertencia. — Na pag. 391 col. 1.ª da última REVISTA, deve prehencher-se a... com o nome de San' Nicolau, que é a ilha a que a reticencia se refere.

CONHECIMENTOS UTEIS.

INSTRUCÇÃO PRIMARIA.

398 A instrucção publica vai tomando n'este nosso Portugal um aspecto bastante lisongeiro, graças ao desejo que a nova geração geralmente mostra por este meio de assegurar uma glória, que nem revezes da fortuna, nem dissensões politicas podem destruir, uma vez alcançada.

No entanto ha um ramo d'esta instrucção, que mui atrazado se acha, e que todavia o mais interessante se nos affigura para o progresso de uma verdadeira e solida civilisação. Queremos fallar da instrucção primaria.

O relatorio do conselho superior de instrucção, ja publicado (*) pela imprensa, é o documento official em que nos fundâmos para affirmar o que levâmos dito, e que todos os que houverem vivido fóra de Lisboa e Porto, bem sabem ser verdadeiro, quando nos mostra estarmos inferiores a todas as demais nações da Europa, excepto a Russia e Polonia.

Os recursos do estado estão de modo que propôr installações de cadeiras em todas as localidades, em que o interesse publico o exigisse, seria propôr um impossivel. Alem d'isso ter bons mestres que sacrifiquem o seu tempo a um ensino tam util mas de tam pouca representação, sem receberem mais do que o mesquinho onorario, que hoje percebem, e que de certo pouco ou nada poderá ser augmentado, é outro impossivel.

Portanto laborâmos hoje em duas difficuldades, que por conhecidamente invenciveis, não devem ser combatidas de frente, mas torneadas.

Falta de meios para cubrir as despezas, falta de homens habilitados para empregos, de cujo exercicio depende a base mais segura da felicidade de um povo, como é o derramamento de verdadeiras e uteis luzes.

Mostremos uma senda que nos parece tornear a posição em que se acha acastellada a nossa insufficiente instrucção primaria. A outros incumbe o tental-a, approval-a, regeital-a, ou nem mesmo occupar-se de a examinar. Nós decerto não faremos nenhum desserviço, indicando-a.

Os abusos do podêr clerical (a que mui de proposito lhe não damos o epitheto de ecclesiasti) podem haver até certo ponto justificado o empenho, com que se reagiu contra elle; e um dos pontos que mais ataques soffreu, foi a educação pelo clero. Ésta reacção confundiu homens, coisas, e principios; mas ja passou; e hoje nenhum homem sensato deixa de conhecer os serviços que o christianismo prestou, presta, e póde prestar para a felicidade das nações.

Os progressos da civilisação, e o fructo de um combate de tantos annos, tem destruido o perigo de se renovarem abusos taes. A igreja e o estado não são coisas que hoje se confundam, nem o nosso seculo deixará de alevantar-se contra aquella d'estas duas entidades que invadir as attribuições da outra: mas tambem o nosso seculo terá compaixão do que disser que sem religião a instrucção é verdadeira e capaz de felicitar a humanidade. Por conseguinte o nosso seculo concorda em que a instrucção deve ser religiosa; devendo começar com os primeiros rudimentos das sciencias, lettras e artes, o desenvolvimento e direcção do sentimento religioso innato nos nossos corações.

Havemos estabelecido éstas premissas para chegarmos ao ponto da questão.

A instrucção primaria elementar, e por assim dizer aquella sem a qual o homem não póde ser cidadão, póde, e entre nós, pela nossa falta de recursos em homens e coisas, deve, ser entregue aos parochos em todos aquelles pontos, em que circumstancias especiaes não dão remedio a similhantes males.

Fallâmos muito especialmente dos nossos campos certanejos, nos quaes a falta de communicações e pobreza dos habitantes, tornam impossivel o haver mestres que possam accudir a ésta necessidade do ensino.

O instituto de mestre de meninos adquiriria aos olhos dos nossos rusticos o character de um ministerio sagrado; e ésta idea não so é a verdadeira que se deve formar de um homem que deve esquecer-se de si para ensinar a creanças os primeiros elementos da vida moral, mas tem de mais â mais a vantagem de exaltar a coisa em si, o que nos parece da maior importancia, pois ninguem dará valor ao que é ensinado pelo mestre (quando ensina o que deve ensinar) se n'elle vir personificada a miseria, a ignorancia, e o abatimento moral. Julgâmos que um mestre com o ordenado que hoje tem os de primeiras lettras não póde suscitar outras ideas.

Se o mister de mestre da primeira infancia não desdiz, antes é condigno do ministerio d'aquelle que deve personalisar todas as sublimes maximas do Evangelho no exercicio de Pastor d'almas; e se ésta educação a elles confiada não póde trazer comsigo a theocracia, não póde haver contra o que propomos senão duas objecções. — Incapacidade litteraria ou moral dos parochos ruraes — falta de recursos para retribuir-lhes este acrescimo de trabalho.

Bem quizeramos podêr dizer que os factos respondiam victoriosamente á primeira, mas devemos á verdade a confissão da sua lamentavel existencia em muitos casos. Temos porém a nosso favor duas razões, que nos parecem terminantes.

Se (tantos quantos quizerem os contrarios) os parochos actuaes estão n'estas tristes circumstancias, quem hade ir substituil-os no ensino? Ninguem, pelo que ja dissemos. Por conseguinte entre alguma instrucção e nenhuma, da-se o infinito. E talvez que a occupação do ensino, e o receio de dar escandalo aos innocentinhos confiados á sua direcção destruissem muitas vezes desregramentos, que mais provém da ociosidade, e do isolamento social, do que da má indole. Em quanto á parte litteraria, mal de nós, se os seminarios e bispos, lhe não dão remedio; e em todo o caso mais facil é instruir alguns para que depois vão ensinar muitos, do que encontrar muitos ja instruidos.

D'este modo a primeira objecção não nos parece difficil de pulverisar.

Votâmos pela retribuição; mas é tambem este um dos lados, porque melhor se nos figura o que propomos. Um mestre qualquer não ve no ensino senão um modo de vida — *facio ut des* — por conseguinte calcula os seus trabalhos pela sua retribuição; ao passo que

(*) Rev. Acad. n.° 16 e 17.

o parocho no ensino cumpre um dever imposto por essa religião, de que elle é ministro, e que tem uma lei que lhe manda — *ensinar os ignorantes* — e por conseguinte não pesará so as conveniencias e trabalhos materiaes, esperajá que o cumprimento de mais este dever religioso so lhe será dignamente compensado onde elle tem de receber o premio de toda a sua sublime missão. Logo muito menos despeza do que a de um outro mestre.

E mesmo este augmento na sua congrua será mais voluntariamente pago pela vantagem que do seu destino tirarão os paes de familias.

Parece-nos portanto, que reunindo este systema as vantagens de levar a instrucção onde a não ha, nem por muito tempo será possivel por outro meio; havel-a ser mais economico que outro qualquer; mais moral e efficaz, e não tendo os inconvenientes de dar uma supremacia perigosa á influencia do corpo clerical, não é mau; se assim o não pensassemos não escreveriamos o que escrevemos.

S. B,

O SUPPLICIO DA FORCA.

eu! heu! quam male est, extra gem viventibus.
Petron.— Satir.

399 A questão scientifica da pena de môrte está hoje resolvida pela philosophia moderna. Taxados de paradoxistas os primeiros que a combateram, a sua doutrina passada ao crisol de uma analise rigorosa pelo profundo Bentham, o reformador da philosophia das leis, ficou demonstrada de verdadeira, de eminentemente moral, e conforme aos interesses superiores da humanidade.

Depois da questão puramente theorica, geral, e abstracta, levanta-se a questão pratica, e hipothetica — se no estado actual da civilisação d'este ou d'aquelle povo, convem ou não abolir a pena capital?

Não temos nós a vaidosa pertenção de decidir, relativamente ao povo portuguez, este ponto importante de discussão: lembraremos so, que os sistemas mais erroneos, as instituições mais repugnantes ao senso commum, quando tem lançado em um paiz as raizes do habito e da inveteração, tem sempre para acobertar-se o sophisma das circumstancias especiaes, da falta de illustração, do atrazamento moral etc. etc. Se em Portugal não tivesse havido genios, que elevando-se a toda a altura dos principios, e das grandes conveniencias sociaes, não cortassèm de um so golpe estes nós gordios da politica pigmea e rotineira, nem nós tinhamos liberdade, nem muitas das reformas que nos reconduziram ao caminho da civilisação. Entretanto — o que ninguem hade constestar, é que n'esta transformação gradual que se vae operando, nas ideas, nos costumes, e na legislação de todos os povos, hade vir infallivelmente a abolição d'estas carnificinas legaes, para o que conspiram todas as illustrações do dia, os jurisconsultos, os philosophos, os poetas, por meio do raciocinio, e do sentimentalismo.

Nós fazemos votos para que a reforma do nosso codigo penal, do cruento liv. 5.° da Ord., d'essa nodoa de sangue que macúla ainda as paginas do novo sistema de leis; e um complexo de outras adequadas providencias legislativas, comportem no futuro a realisação de um facto, que hade honrar povo e govèrno, toda a geração d'essa epocha. Hoje, e emquanto éstas execuções de alta e irremissivel jústiça forem permittidas, convem — reclama-o a razão a par da humanidade — que sem deixarem de produzir nos animos a impressão do terrôr, que é o seu objecto, affectem o mais rapido que seja possivel a sensibilidade do padecente. ' Tudo o que vae além da morte simples, dizia Montaigne, parece-me pura crueldade. Os tribunaes não devem esperar, que aquelle a quem o medo de morrer, de ser decapitado ou enforcado, não tiver cohibido, venha a sel-o pela imaginação de fogo lento, das tenazes, das rodas etc. Eu não sei se nós os não lançâmos na desesperação...' Todas as considerações, até mesmo as religiosas, se coadunam n'este ponto — na mais curta duração do padecimento.

Mas o supplicio da forca não preenche ésta condição tão universalmente exigida na execução da pena capital. O laço comprimindo obliquamente o collo do padecente, não lh'o aperta logo a ponto de subitamente lhe fazer cessar a respiração; o pèso do padecente e do seu verdugo é que vae estreitando o nó, e impedindo a communicação do ar; e para isso mesmo mais promplo se conseguir, é preciso que repetidos esforços do executor, cahindo e recahindo por muitas vezes sôbre os hombros do justiçado, consummem a estrangulação, e lhe acabem de todo a vida.

Este processo grosseiro, semiselvagem e brutal, da pena última, é barbaramente defeituoso por muitos principios: primeiro, porque dilatando o termo da execução, e associande ao padecimento da estrangulação outros tormentos causados pelos impulsos violentos do verdugo sôbre o justiçado, produz um excesso inutil de soffrimento, e converte a pena de morte de *simples* como a lei a considera, em rigorosamente *afflictiva*: segundo, porque variando a duração do soffrimento, conforme o pêso do padecente e do verdugo, e segundo mesmo a experiencia ou a dextreza d'este último, produz a *desigualdade* da pena, independente das differenças naturaes da sensibilidade dos justiçados; desigualdade que a theoria condemna, e não se conforma com o decreto da lei que inflige o mesmo, certo e determinado castigo: terceiro finalmente — porque a sentença, apezar da crueldade da operação, e ainda que se não dè a menor fraude no apparelho do supplicio, fica subjeita a falhar na sua execução, não se cumprindo pela morte do justiçado. Temos um caso recente que confirma ésta asserção.

No dia 24 de novembro foram executados n'esta cidade dois criminosos. Desejavamos informar o publico de todas as importantes particularidades do seu crime, que não cedeu em atrocidade ao commettido na casa do medico Andrade! Ainda nos horrorisa a recordação do expectaculo sanguinolento, que, na qualidade de juiz ordinario que então eramos d'este julgado, nos foi forçoso presenciar. Tres cadaveres degolados, banhados no seu proprio sangue, que alagava o pavimento: as mãos das victimas de fresco ainda pelo mesmo sangue estampadas nas paredes: uma senhora septuagenaria, um menino de doze annos, e uma creada de dezenove, barbaramente assassinados ás mãos de malvados infames, que nem sexo, nem idade, nem condição haviam respeitado; eis o quadro terrivel que se nos apresentou para examinar

mos minuciosamente na manhan do dia 3 de abril de 1840! Seria longo o descrever os pormenores do plano e da execução do crime; diremos so que tivemos a fortuna de descubrir os seus aleivosos aggressores, um criado da casa, e outro que o era do filho da senhora assassinada; e que processados competentemente, e condemnados a pena ultima, foi a sua tremenda execução que espavorido presenciou pela primeira vez o povo de Tavira.

Um dos executados, a quem uma alma forte e energica e vinte e dois ou vinte e quatro annos de idade, lhe concentravam interiormente o vigor e a vida apezar do abatimento apparente da situação, coube áquelle dos algozes que veiu debutar no seu inhumano officio. Fosse falta de destreza, talvez commiseração propria do tirocinio do novo verdugo, ou extréma e superabundante vitalidade do executado, foi o facto, que depois do padecente haver passado por todo o barbaro processo do supplicio, o que levou um bom quarto de hora, conduzido ja para o cemiterio, observou-se que respirava ainda, e mostrava outros indicios certos de conservar a vida; deu-se parte á auctoridade judicial, e em quanto se resolvia o que convinha fazer n'aquella delicada conjunctúra, houve tempo de verificar pela observação de immensa gente, e até mesmo do facultativo, que o justiçado estava vivo, porque continuava cada vez a respirar melhor, forcejava por desprender-se da corda que lhe atava os braços, conservava todo o brilho natural dos olhos, e até fazia esforços para responder quando o chamavam pelo nome.

Nós addusimos em prova da nossa intenção o facto como geralmente nol-o tem referido, e d'elle fazemos assim menção n'este artigo quando o commemorâmos; fosse porém mais ou menos longa a duração da vida e da sensibilidade do justiçado, é certo que aquella existencia vigorosa e renitente esteve a braços por longo tempo, luctou desesperadamente com o seu supplicio, que para requintar o soffrimento lhe fazia ainda possivel essa inutil resistencia.

Estremece-se de horror..... o coração contrahe-se pungido de incomportavel amargura, ao imaginar toda a intensidade dos tormentos, da dôr, da afflicção, da agonia, da raiva, da desesperação que dilaceraram o sentimento d'aquelle desgraçado, no espaço de quasi duas horas decorridas desde o começo da execução até que um tiro mandado dar por mão do carrasco lhe cortou para sempre a vida !!.....

A lei deve de uma vez prescrever o supplicio que offerece éstas eventualidades atrozes de que ha cem exemplos: atrozes para o padecente, a quem prolongam o tormento por um modo espantoso; atrozes para o povo, cuja anciedade e atribulação redobram, e se exacerbam, ao saber que o justiçado padece em transe de infernal agonia; atrozes, finalmente, quando as terminam desfechos similhantes, que deixaremos de commentar por não ser do nosso proposito; mas que equivalem a uma segunda execução, que a opinião geral, e antigas tradições associadas de sentimentos religiosos, decididamente reprovam e tornam impopular. Parece que a irmandade da Misericordia tinha em outro tempo o privilegio de salvar e proteger os padecentes cuja execução se havia frustrado; e nós não sabemos se muito boas razões philosophicas não vem em apoio d'esta prática, que purificada de abusos, deve produzir uma impressão salutar, e dar uma prova do alto e benefico podêr da religião.

Concluiremos por uma breve observação ácerca da acção que exerce o verdugo no processo da forca. So uma estupida coragem, antes depravada cobardia que se appraz com os tormentos de um homem indefeso, póde presenciar a sangue-frio os rudes tractos que padece o justiçado nas mãos do seu algoz. Aquelle tremendo arremeção do verdugo, ja sôbre a sua victima para fóra das escadas do patibulo, aquelles sacudimentos terriveis, aquelle recalcar impetuoso e successivo, em uma repugnante posição, sôbre os hombros do misero padecente, vistos, ou mesmo imaginados como nos acontece, revoltam e produzem uma amarga contorsão do sentimento em todo o coração humano e compassivo. O effeito natural d'esta impressão é, para o povo a *impopularidade* da pena; mas para o executor são mais graves as consequencias, porque o habito de atormentar assim os justiçados deve recrudescer o seu character, e converter em um malvado feroz o infeliz a quem um destino fatal, muitas vezes incomprehensivel, lançou no rol dos criminosos, e condemnou ao exercicio do mais odioso de todos os empregos.

Resumindo: nós intendemos que a lei, em quanto não derogasse para sempre a pena capital, deveria dar á sua execução a fórma mais simples e prompta, menos afflictiva para o padecente e mesmo para o público, e em que não interviesse tão directamente a acção do verdugo. Na Dinamarca acaba de ser substituida pela guilhotina, a decapitação ás mãos do algoz. Não diremos que a guilhotina seja preferivel á estrangulação; porque se bem a primeira tenha a seu favor o voto ponderoso de um Magendie e de outros phisiologistas e anatomicos de nome, por outra parte a opinião de homens tambem distinctos e competentes, e as observações feitas em individuos da nossa especie e das inferiores, induzem a crer que depois da decapitação conserva-se ainda por não pouco tempo a sensação e a vida. Adoptada porém a estrangulação, parece-nos que o garrote executado por machina, por modo analogo ao que, nos consta, se prática em Hispanha, satisfaz as condições que havemos indicado. Seja este processo o mais rapido, ou descubra algum engenho feliz outro que a todos os respeitos se lhe avantage, invocâmos o auxilio dos homens illustrados e philantropicos do paiz, para que quanto antes possa realizar-se o aperfeiçoamento de que se carece na fórma da execução da pena capital.

Tavira 12 de dezembro de 1845.

José Joaquim de Mattos.

DO ENSINO E EXERCICIO DA PHARMACIA.

400 Concluiu-se finalmente a reunião do congresso medico de França feito em París, onde affluiram grande numero de medicos, pharmaceuticos, veterenarios, com o fim d'obterem do governo medidas legislativas, que augmentando a instrucção até ao ponto necessario e que hoje se julga possivel, e segurando uma existencia decente e independente aos individuos que exercem estes importantissimos ramos de serviço público — a saude dos povos que lhes é confiada, ache toda aquella garantia que é possivel dar-se, não so pelo saber e probidade d'esses individuos mas tambem pelo seu estado de independencia.

Comeffeito os membros das corporações medicas, pharmaceutica e veterenaria francezas, deram n'esta occasião a mais decedida prova do amor de classe que os adorna, e do quanto sabem avaliar a verdadeira posição d'estas uteis classes. Honra seja feita ao genio que dictou similhante expediente, assim como aos nobres sentimentos d'aquelles que o seguiram! Seus nomes deverão ficar indeleveis nas paginas da historia medica e pharmaceutica, pela sua obra, sem exemplo nos annaes da medicina e pharmacia, que deve exercer uma poderosa e duradoura influencia no futuro d'essas corporações. Ja publicámos o programma dos pontos sôbre que devia versar a discussão em relação ao ensino e exercicio da pharmacia, bem como dissemos que, commissões especiaes tinham sido encarregados de apresentar seus pareceres sôbre as diversas divizões que se tinham feito no mesmo programma.

A commissão encarregada da organisação do congresso conseguiu reunir acima de 4.700 adherentes, que compareceram ás sessões do mesmo congresso. E não so conseguiu as licenças necessarias para taes reuniões, mas até foi recebida com as maiores demonstrações de protecção pelo ministro d'instrucção publica, que lhe deu os maiores testemunhos de sympathia, bem como os do interior, agricultura e commercio, e o perfeito do Sena, de quem recebeu a mais generosa hospitalidade.

A sua primeira sessão teve logar no primeiro de novembro proximo passado, sob a presidencia do Sr. Serres, e começou por um sabio e elegante discurso do Sr. Amedeo Latour, secretario da commissão permanente: discurso que se torna notavel não so pela elegancia do estylo, mas ainda pela justiça e dignidade do pensamento, com que elle deu conta de todos os trabalhos da commissão permanente e o fim com que acabava de ser convocado este ajunctamento das classes medicas. Seguiu-se outro discurso do presidente, cheio de concisão e energia, e que foi applaudido com o maior enthuziasmo. Aquella illustre assembléa reconhecendo quanto é vantajoso e de justiça nivellar os differentes ramos das sciencias medicas, nomeou d'entre si um presidente, o Sr. Serres, cinco vice-presidentes, dos quaes um medico, dous pharmaceuticos, e dous veterenarios: nomeou igualmente seis secretarios, dous medicos, dous pharmaceuticos e dous veterenarios.

Repetiram-se depois em dias successivos as reuniões das diversas secções; e é para notar a effectividade, zèlo e exactidão com que foram sempre presentes ás sessões da secção de pharmacia: Bussy director da eschola de pharmacia, bem como seus professores os Srs. Guibourt, Chevalier e Soubeiran. Na primeira sessão da secção de pharmacia, que teve logar no dia treze de novembro, o Sr. Doudet, secretario geral d'esta secção, depois de fazer observar que todas as innovações introduzidas no ensino e legislação pharmaceutica, de 1830 para ca, tem sido em resultado de mui repetidas reclamações dos pharmaceuticos, passou a discutir diversos pontos do programma, cujas decisões talvez faremos ver.

Nas sessões do congresso geral assistiu o ministro d'instrucção publica, que no fim da leitura do relatorio geral fez um discurso que foi ouvido no meio do mais vivo enthusiasmo, *pela maneira como o ministro affiançara a protecção do governo a esta reunião, e pelo testemunho de sympathia que d'elle acabara de receber.* Em breve pois verão nossos collegas, pharmaceuticos francezes, coroados os seus esforços, satisfeitos os seus justos desejos e pertenções, premiados os seus trabalhos *por uma legislação nova, regular e propria da epocha em que vivemos*, e que longe de entorpecer o genio dos novos aspirantes a pharmaceuticos, os animará a tornarem-se notaveis por seu estudo e applicação, e por consequencia uteis a si e ao paiz em que tiveram a fortuna de receber a vida.

Lisboa, 24 de janeiro de 1846

José Tedeschi.

ESTRADAS.

Pelos sinceros desejos que sinto de que se ache a verdade n'este importante assumpto, não tive duvida em dar publicidade ao artigo seguinte, que discute outro da Redacção.

---

401 *Sr. Redactor* — Como vi no n.º 25 da Revista, de que constantemente tenho sido assiguante, um bello artigo, a fim de se concertarem e fazerem mais estradas, nos suburbios d'essa cidade e concelhos confinantes, chegou-me a vontade de tambem dizer alguma coisa; e como cada um advoga os seus interesses, tambem me não ficará mal em advogar os meus e de toda a nação — se bem que interesse nenhum posso ja ter nas estradas, por velho e estropeado e não poder tranzitar por ellas; porém como pago e não pouco para o seu feitio e reforma, tenho todavia direito a que se gaste nas mais uteis e necessarias, e que mais proveito deem ao reino. Por isso lhe rogo lance na sua muito util Revista, sendo da sua approvação, o seguinte:

Parece que so Lisboa e Porto é que são Portugal, porque é onde, depois da restauração, se tem gasto muitos e grandes cabedaes; theatros e mais theatros, companhias nacionaes e extrangeiras, tudo feito á custa do thesoiro e provincias. Do mesmo modo estradas e mais estradas, até algumas de luxo e para divertimentos, e mudanças de outras; e nas provincias so se tem cuidado em lhe chupar o sangue, e beneficio nenhum até agora receberam que se veja. Um corpo com uma cabeça e um pé colossal, sendo pequeno, sècco e definhado, não se póde conservar, por mal organisado; mas assim se acha este miseravel reino, e parece continuar o mesmo systema, até agora seguido. Goze muito embora Lisboa e Porto de novos e reedificados theatros, de boas companhias, de optimas estradas e commodidades, mas seja tudo feito á custa de quem goza, e não de quem não goza, nem d'isso recebe interesse algum. Fóra de Lisboa e Porto tambem ha gente, e que paga tantos e mais tributos que os de Lisboa e Porto, porque esses mesmos que se recebem nas alfandegas, o mais d'elles, são pagos pelos habitantes das provincias, que consommem esses generos que os produziram.

O auctor do artigo elogia muito a nova estrada que se vai abrir de Lisboa a Obidos, Caldas, Alcobaça, Leiria e Coimbra: bem mostra que não tem tranzitado pela Extremadura quem gaba similhante estrada! Eu digo que é, o dinheiro que o governo gasta n'ella, o mais mal gasto; e a vir a verificar-se, deveria ser a ultima que se fizesse no reino, por inutil e desnecessaria, pelas seguintes razões. A dita

estrada a que se chama — Novissima — já existente e por sitio menos montanhoso, ninguem tranzita por ella, toda está cheia de relva, sem trilho, porque toda é pela beira-mar, nada por ella se transporta senão galinhas, que se vão vender a essa cidade: todos os transportes se fazem por agua, pelos portos de S. Martinho, Vieira, e Figueira: até Coimbra, de pé e acavalo não passa quasi ninguem, por ser toda deserta, falta de commodos, subjeita a assaltos de ladrões, como está continuamente acontecendo até aos proprios correios.

É muito mais longe de Lisbôa a Coimbra pela novissima estrada do que pela velha, que se dirige de Coimbra ao Rabaçal, Ancião, Pruela, Golgan; e muito mais perto é pela do centro, que se dirige de Lisboa a Santarem, Golgan, Thomar, Cabaços, Espinhal, Ponte da Murcella, toda á Beira e Tras-os-Montes; que com um ramo de tres leguas, da ponte do Espinhal a Coimbra, ficaria aberta a communicação de Lisboa a Coimbra com menos de seis leguas de distancia, e com a vantagem de ser toda povoada, pelo centro do reino, e, querendo, embarcar na Barquinha, para caminhar mais de dezesette leguas por agua; e é por onde deverão correr os correios, como acontece quando ha movimento bellico, que por ella se transportam as tropas e bagagens do exercito, por ella continuamente tranzita gente de pé e acavallo, e com outra grande vantagem de poderem da Golgan dirigir-se a Abrantes, Castello-Branco, Sobreira Formosa, toda a raia até Almeida: e preparadas ambas communica Lisboa pela primeira estrada com todas as provincias ao Norte do Tejo. Mas a dita de Thomar, que é a do centro, se acha de todo arruinada, que so no tempo do verão podem por ella, a muito custo, passar carros, porque ha occasiões que para se transportar um moio de milho, na distancia de quatro leguas, custa mais a despeza do transporte do que o custo do genero. Ora, do exposto, que é a pura verdade, se conhecerá qual d'estas estradas será a mais util, necessaria, e conveniente ao bem publico. Não será a do centro do reino? E qual deverá ter a preferencia? Não será ésta que abre as communicações da capital com todas as provincias do Norte do Tejo?

Tenho ouvido dizer que o governo tem abandonado ésta estrada em razão das enchentes dos campos da Golgan; mas frivolo pretexto, porque ella póde ser feita por fóra d'esses campos, e até muito distante, dirigindo-se da Atalaia, Pernes, e Santarem, por onde se faz passagem quando enche o campo, procurando-se uma linha recta: até por aqui já passam os correios, e fica ao arbitrio de quem por ella tranzitar ir por la ou pelos campos. O que se segue de tudo isto é, que o governo não tem tido exactas informações, e que lhe teem faltado á verdade.

Chão de Couce, 20 de janeiro de 1846. *Antonio Lopes do Rego.*

OBSERVAÇÕES POLITICO-SOCIAES.

402 Na Revista n.º 27 de 25 de dezembro passado, vem a brilhante descripção do bazar feito em casa do exm.º duque de Palmella; e depois de se elogiar os actos de philanthropia das personagens que concorreram para aquella reunião, lamenta-se que na capital não se encontrem muitas associações como essa. Lamenta-se, que não se encontrem os amigos e as senhoras por não haver onde vão. As lamentações do Sr. A. G. deviam despertar a curiosidade dos jornalistas e dos economistas, para se averiguar as causas d'estes transtornos, que devem fundar-se em erros ou costumes; que deverão reformar-se. Mas nada d'isto indagam os homens intendidos na materia, e se o sabem nada dizem que nos esclareça n'esta importante materia. Posto que os nossos economistas, e os que se lamentam, nos não indiquem, ao menos, as causas de tão grande falta de sociabilidade: nós que tambem estamos um pouco insociaveis e acanhados na epocha presente, diremos com tudo a nossa opinião sôbre a causa de se acharem os theatros principalmente quasi sempre desertos.

As causas d'este transtorno vem de longe, e prendem-se umas ás outras, para produzirem em Lisboa este isolamento e falta de reunião, entre muita gente que devia tractar-se e conviver, apparecendo em theatros e funcções. A primeira causa d'esta desordem é uma legislação excepcional e barbaresca, que torna Lisboa e termo pouco communicaveis entre si, e n'um quasi completo isolamento das povoações de todo o reino. Póde affirmar-se que hoje so vem das provincias a Lisboa quem tem uma necessidade absoluta de aqui vir: a gente de consideração, mais bem educada, e que possue mais meios, não apparece em Lisboa, porque soffrendo ha dois annos a ésta parte a diminuição, de metade em algumas terras e em outras um terço, no rendimento de suas casas, não lhe chegando para viver na patria, menos lhes póde dar para despezas de Lisboa, que por suas imposições municipaes, por tributos geraes, não póde estar em relação com as povoações do reino, que so possuem coisas que em alguns tempos do anno não se podem vender, e quasi sempre nas epochas de apurar dinheiro chega o proprietario, que não cava com a enchada, a ficar empenhado. É principalmente devida ésta desordem, e incommunicabilidade ás leis, que impoem direitos mais pesados sôbre muitos artigos e mercadorias, do que quando em 1807 a 1814 as bolças de toda a gente andavam cheias de oiro e prata. Ésta legislação barbara, juncta a uma fiscalisação venal, atroz e estupida, torna miseravel o termo de Lisboa, porque se lhe arranca em uma producção de tres, duas para o fiscos alem de vexames, que fazem morrer e definhar a producção ao nascer e desinvolver-se, que é a peior economia que póde dar-se. Portanto Lisboa e seu termo, que deviam ser o centro das grandes communicações, transacções e commercio de tudo o reino, acham-se reduzidos a ser o centro da penuria, de miserias e grandes angustias. O povo que possuiu as maiores riquezas do mundo, que teve o commercio mais lucrativo que nunca houve em povo algum, acha-se reduzido, quasi que unicamente, ás transacções de Lisboa e termo, pagando tributos mais excessivos, do que em outra alguma epocha. Ha quem diga que os tributos que se pagam hoje são menores do que os do tempo dos dizimos. Se nos tornarem a dizer isto, em artigo proprio e detalhado demonstraremos que os tributos são hoje muito maiores.. ...

N'este lamentavel estado que quereis que faça a maior parte da gente com mesquinhos interesses do commercio, da agricultura e das artes? De fóra não pode vir gente a Lisboa, porque as despezas que se fazem aqui não estão em relação com os rendimentos e fortunas de fóra da capital; e o povo de Lisboa precisa econo-

mizar, e restringir as suas despezas, porque não tem lucros, bloqueado, como se acha por uma legislação insensata, e fiscalisação assoladora e atroz. Entrar na demonstração de cada uma d'estas afirmativas seria melhor, para se ficar em perfeita persuação, de que ésta doutrina é verdadeira¹, mas poupamo-nos a ésta tarefa, não so por causa do estylo em que se redige este jornal, mas porque a doutrina é bem comprehensivel. Uma das classes que devia apparecer nos theatros é a dos empregados, a qual por differentes razões não póde frequenta-los; e seja a 1.ª por falta de dinheiro, andando 5 mezes atrazados em pagamentos; e bastaria ésta razão, como a do outro que por varias razões não fez fogo, sendo a 1.ª por não ter polvora... Mas nós accrescentaremos que estando todos os theatros a grandes distancia da maior parte dos bairros da cidade é muito incommodo, principalmente no inverno ir á meia noite, ou depois, passear grandes distancias pelas ruas desertas, com subidas e descidas; finalmente a careza dos theatros, o excessivo preço não so das plateas mas dos camarotes, é a principal causa de elles se verem quasi sempre desertos. Julgo que não duvidareis de que são éstas as causas da falta de concorrencias nos theatros: sim, é a pobreza e falta de meios que dão este transtorno; e se quereis mais provas, ellas ahi vão. Em 1835 persuadiu quem hoje escreve éstas linhas que se diminuisse o elevado preço dos expectaculos, e que em San'Carlos se fizesse como em alguns theatros de França e Inglaterra, onde se admittem meios preços para os que vão de certas horas em diant: o que é necessario para os doentes, que não podem estar muito tempo no theatro, para os infastiados, que lhes custa aturar as recitas e intervallos intoleraveis de muitas horas; para os occupados e brincalhões, que são chamados a outros pontos, e não lhe é permittido estar meia noite n'um theatro. Estas idéas de conveniencia foram approvadas, e estabeleceu-se em San'Carlos o meio preço de 240 rs., porém esta saudavel mudança não durou, sem que se saiba o motivo; e fosse qual fosse, decerto não deu mais interesses áquelle theatro, porque em muitas noites entrava mais gente ao meio preço, do que no começo do expectaculo.

Finalmente um dia de beneficio no Salitre nos tira todas as duvidas, porque a diminuição de preço em platea e camarotes, que os beneficiados admittem, faz com que se encham os camarotes e platea; o que não se vê nos outros dias em que continúa o preço da casa. O que não posso intender nem explicar-vos é, como duram e se perpetuam n'esta nossa terra tão maos costumes como este de conservar os expectaculos caros, quando em Paris capital do mundo civilisado, apparecem 15 ou 20 theatros de differentes preços sempre a trabalhar, principalmente no inverno, para divertir os pobres e os riccos. Mas na capital de Portugal estão tres theatros quasi sempre pouco frequentados: Paris tem um milhão de habitantes, e Lisboa trezentos mil, afora os muitos extrangeiros riccos e abastados. Se as que indicâmos não são as causas da falta de concorrencia nos theatros, indiquem-nas os melhores intendedores, e mais sabios economistas.

B.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO XXX.

Historia de Sancta Iria segundo os chronistas e segundo o romance popular.

403 A milagrosa Sancta Iria — Sancta Irene — que deu o seu nome a Santarem, donzella nobre, natural da antiga Nabancia (1), e freira no convento dupplex (2) benedictino que pastoreava o sancto abbade Celio, floreceu pelos meados do septimo seculo. Namorou-se d'ella extremosamente o joven Britaldo, filho do conde ou consul Castinaldo que governava aquellas terras, e não podendo conseguir nada de sua virtude, cahiu infêrmo de molestia que nenhum physico acertava a conhecer, quanto mais a curar.

É sabido que as mais sanctas lhes não pêza de que estejam a morrer por ellas; e, mais ou menos, sempre sympathisam com as victimas que fazem.

Sancta Iria resolveu consolar o pobre Britaldo; e ja que mais não podia por sua muita virtude, quiz ver se lhe tirava aquella louca paixão e o convertia. Sahiu uma bonita manhan do seu convento — que não guardavam ainda as freiras tam absoluta e estreita clausura — e foi-se a casa do namorado Britaldo.

Consolou como mulher e ralhou como sancta, e porfim, impondo-lhe na cabeça as lindas e bemdittas mãos, n'um instante o sarou de todo achaque do corpo; e se lhe não curou o d'alma tambem, pelo menos lh'o adormentou, que parecia acabado.

Mas como o demo, em chegando a entrar n'um corpo humano, parece que não sai d'elle senão para se ir metter em outro; tam depressa o inimigo deixou ao pobre Britaldo, como logo se foi incaixar em não menor personagem do que no monge Remigio, que era o mestre e director da bella Iria.

Arde o frade em concupiscencia, e não obtendo nada com rogos e lamentos, jurou vingar-se. Disfarçou porêm, fingiu-se emendado, e deu-lhe, quando ella menos cuidava, uma bebida de sua diabolica preparação, que apenas a sancta a havia tomado, lhe appareceram logo, e continuaram a crescer todos os signaes da mais apparente maternidade.

Corre a fama do supposto estado da donzella,

(1) Thomar.
(2) De frades e de freiras.

chovem as injúrias e os insultos dos que mais a tinham respeitado até então. E Britaldo, que se julga escarnecido pela hypocrisia d'aquella mulher artificiosa, em vez de a esquecer com desprêzo — sente reviver-lhe, senão tam pura, muito mais ardente, toda a antiga paixão.

Tam mysterioso é o coração do homem! — tam vil! dirão os asceticos — tam inexplicavel! direi eu com os mais tolerantes.

Novas tentativas, promessas, ameaças do furioso amante... A sancta resiste a tudo, forte na sua virtude.

Costumava a devota donzella ir todas as noites a uma occulta lapa que jazia no fim da cêrca e juncto ao rio Nabão, para alli estar mais so com Deus, e desabafar com Elle a sua vontade. Soube-o Britaldo, espreitou a occasião e alli a fez apunhalar por um seu criado de quem até a legenda nos conservou o nome para maior testimunho de verdade: chamava-se Banam.

Banam! é um verdadeiro nome de mellodrama.

Morta a innocente, Banam despiu-lhe o hábito e lançou o corpo ao rio, que depressa a levou ás arrebatadas correntes do Zezere em que desagua; e logo este ao Tejo — que defronte da antiga Scalabicastro lhe deu sepultura em suas louras areas, para maior glória da sancta e perpétua honra da nobillissima villa que hoje tem o seu nome.

Mas emquanto ia navegando o corpo da sancta, teve Celio, o abbade do convento, uma revelação que lhe descobriu toda a verdade e todos os milagres do caso; e communicando-a logo aos monges e ao povo de Nabancia, sahiu com todos de cruz alçada, e foi por esses campos da Golegan fóra até chegar á Ribeira de Santarem. Ahi benzendo as aguas do rio, éstas se retiraram cortezes e deixaram ver o sepulchro da sancta que era de fino alabastro, obrado á maravilha pelas mãos dos anjos.

Chegaram aopé do tumulo, abriram-n'o, viram e tocaram o corpo da sancta, mas não o poderam tirar, por mais deligencias que fizeram. Conheceu-se que era milagre; e contentando-se de levar reliquias dos cabellos e da tunica, voltaram todos para a sua terra.

As aguas tornaram a junctar-se e a correr como d'antes, e nunca mais se abriram senão d'ahi a seis seculos e meio, quando a boa rainha sancta Isabel, mulher d'el-rei D. Diniz, tam fervorosas orações fez aopé do rio pedindo á sancta que lhe apparecesse, que o rio tornou a abrir-se como o mar vermelho á voz de Moises, dizem os devotos chronistas, e patenteou o benditto sepulchro.

Entrou a sancta rainha a pé inchuto pelo rio dentro, seguida de seu real espôso e de toda a sua côrte; mas por mais que rezasse ella, e que trabalhassem os outros com todas as fôrças humanas, não poderam abrir o tumulo; quebraram todas as ferramentas, era impossivel. Desingaunado el-rei de que um podêr sobrehumano não permittia que elle se abrisse, mandou a toda a pressa levantar um padrão muito alto sôbre o mesmo tumulo, e tam alto que o rio na maior enchente não podesse cubrir.

O rio esperou com toda a paciencia que os pedreiros acabassem, e quando viu que podia continuar a correr, deu aviso, retiraram-se todos, tornaram a junctar-se as aguas e o padrão ficou sobresahindo por cima d'ellas.

Passaram mais tres seculos e meio; e no anno de 1644 a camara de Santarem mandou refazer de canteria lavrada o ditto marco ou pedestal que não era se não de alvenaria, e pôs-lhe em cima a imagem da sancta.

Ainda la está, assás mal cuidado com tudo; la o vi com estes olhos peccadores no corrente mez de julho de 1843. Mas, sem milagre nem orações, o rio tinha-se retirado, havia muito, para um cantinho do seu leito, e o padrão estava perfeitamente em sêcco, e em sêcco está todo o anno até começarem as cheias.

Tal é, em fidelissimo resummo, a historia da Sancta Iria dos livros.

A das cantigas é, como ja disse, muito outra e muito mais simples; conta-se em duas palavras. A sancta está em casa de seus paes; um cavalleiro desconhecido, a quem dão pousada uma noite, levanta-se por horas mortas, rouba a descuidada e innocente donzella, foge a todo o correr de seu cavallo, e chegado a um descampado d'alli muito longe, pretende fazer-lhe violencia... A sancta resiste, elle mata-a. D'alli a annos passa por ahi o indigno cavalleiro, ve uma linda hermida levantada no proprio sítio onde commetteu o crime, pergunta de que sancta é, dizem-lhe que é de Sancta Iria. Elle cai de joelhos a pedir perdão á sancta, que lhe lança em rosto o seu peccado e o amaldiçoa.

E acabou a historia.

Seria o povo que se esqueceu nas suas tradições ou os frades que augmentaram nas suas escripturas? Pois a legenda monastica é realmente bella e cheia de poesia e romance, coisas que o povo não costuma desprezar.

É difficil de explicar-se este phenomeno, interessantissimo para qualquer observador não vulgar, que n'estas crenças do commum, n'estas antigualhas, desprezadas pela suberba philosophica dos nescios, quer estudar os homens e as nações e as edades onde ellas mais sinceramente se mostram e se deixam conhecer.

A extrema simplicidade do romance ou xacara de Sancta Iria, o ser elle d'entre todos os que andam na memoria do nosso povo, o mais geralmente sabido, e mais uniformente repettido em todos os districtos do reino, e com poucas variantes nas palavras, nenhuma no contexto, me faz crer que ésta seja das mais antigas composições não só da nossa lingua, mas de toda a peninsula. A phrase tem pouco sabor antigo: este é um d'aquelles poemas quasi aborigines que a tradição tem vindo entregando, e ao mesmo tempo traduzindo, de paes a filhos insensivelmente; e tambem não é porcerto dos que descerram do palacio ás choupanas e fugiram da cidade para as aldeas, como em muitos outros se conhece: este visivelmente nasceu nos arraiaes, nos oragos dos campos, e por lá tem vivido até agora.

A fórma metrica da composição é a que a phrase didatica das Hispanhas chamou *romance em endechas*, considerando cada copla composta de quatro versos e cada verso de seis syllabas. Eu, adoptando para elle, mais que para a fórma ordinaria do metro octosyllabo, a theoria do ingenhoso philologo allemão Deeping, tam benemerito da nossa litteratura peninsular, creio que estes são verdadeiros versos de dôze syllabas, e que as coplas não constam senão de dous versos cada uma; segundo a obvia significação da palavra. O povo cantando não separa os hemistychios d'estes versos como fazem os que os escrevem; e ao contrário nos romances da medida mais commum, o canto popular reparte distinctamente cada membro de oito syllabas sôbre si.

Tenho á vista sette cópias differentes vindas de várias terras do reino: e o meu texto foi composto pela collação de todas ellas. Não sei se me ingano, mas desconfio que as quatro coplas últimas, em que muda completamente a rhyma, sejam additamento posterior feito á cantiga original. Todavia estes oito versos apparecem, com ligeiras variantes, em toda a parte.

(*Continua.*) A. G.

STATISTICA DRAMATICA.

404 No anno que findou (1845) tivemos cincoenta e um expectaculos novos nos theatros de Lisboa, o que dá quasi um expectaculo por semana, assim repartidos.

THEATRO DE SAN'CARLOS.

Sette operas: *Hernani* e os *Lombardos*, de Verdi, a *Marechale d'Ancre*, de Nini, *D. Sebastião*, a *Linda de Chumounix*, *D. Pasquale*, *Maria Padilha*, de Donizetti. Quatro danças: a *Aldean polaca* e o *Conscripto*, de Carrey, as *Illusões de um pintor* e a *Palmina*, do Sr. Martin.

Total — 11.

THEATRO DE D. MARIA II.

Uma comedia: *O Senhor de Dumbicky*, traduzida. Uma farça-lyrica, *O par de luvas*, original.

Total — 2.

THEATRO DA RUA-DOS-CONDES.

Treze dramas: *A praia dos naufragios*, o *Capitão Paulo*, a *Cidadella de Vincennes*, *Leão forte-espada*, a *Dama de Saint-Tropéz*, a *Condessa d'Altemberg*, *Lady Seymour*, e *A justiça de Deus*, traduzidos; *D. Antonio de Portugal*, *Satanaz em Lisboa*, e *O tributo das cem donzellas*, imitados; *Brazia-parda*, e *A pobre das ruinas*, originaes. Sette farças: *D. Pantaleão*, *Os trez camarins*, *O cego*, *Uma intallação* e *As noticias diversas*, imitadas; *O caçador* (farça-lyrica) e *O dilema*, originaes.

Total — 20.

THEATRO DO SALITRE.

Nove dramas: *O naufragio da fragata Meduza*, *O adello*, *As orphas d'Antuerpia*, *Camões*, *Os estudantes de Paris*, *O homem da floresta-negra*, *A ciganinha*, *As ruinas de Babylonia*, *A abbadia de Penmark*, todos traduzidos. Duas magicas: *As pilulas do diabo* e *as Danaides*, traduzidas. Uma comedia: *O homem infastiado*, imitada. Duas farças: *As duas filhas para casar*, e *As trez tentações do diabo*, imitadas. Quatro danças: *A filha mal-guardada*, *O genio mau*, *Vol-au-vent*, *A somnambula*.

Total — 18.

D'esta analyse resulta, que o theatro de maior actividade foi o de San'Carlos, que em seis mezes deu onze expectaculos novos. Depois d'este vem o da Rua-dos-Condes, que deu vinte em todo o anno. Mas o de maior variedade é o do Salitre, ainda que foi o que deu menor número d'expectaculos novos. Ve-se tambem que em todo o anno se representaram apenas dois dramas originaes e tres farças; mas d'estas, duas foram lyricas, genero novo e difficil.

Accrescentarei este artigo com a lista dos dramas originaes impressos, depois da creação do Conservatorio-real, (1837) que, digam lá o que quizerem, foi quem deu impulso á arte entre nós — impulso que não foi continuado; ou a que tem faltado a direcção; mas que realmente o foi. Não são menos de trinta e trez dramas e sette farças; o que dá quasi cinco composições dramaticas por anno, afóra as manuscriptas.

Estas peças são: *O Alfageme*, *Almansor Aben-Afan*, *Aphonso III*, *Um Auto de Gil Vicente*, *O captivo de Fez*, *O Cego na fonte de Sancta-Catharina*, *A Cigana*, *O Cigano*, *O Conde Andeiro*, *O Conde João*, *Diogo Tinoco*, *O Emparedado*, *Duas Filhas*, *Henriqueta ou o proscripto*, *O Homem da mascara negra*, *O Intrigante de Veneza*, *D. João I*, *Os Judeus*, ...

Luiz de Sousa, *Lopo de Figueiredo*, *D. Maria Telles*. (não é o mesmo drama que ultimamente se representou, com este titulo, no theatro da Rua-dos-Condes) *O Marquez de Pombal ou 21 annos da sua administração*, *O Marquez de Pombal ou o terramoto de 1755*, *Um mez de ferias*, *A Moira*, *A Rainha e a Aventureira*, *Os dous Renegados*, *D. Rodrigo*, *O Sino das duas horas*, *D. Simando*, *Os Templarios*, *A Tomada de Santarem*, *Torquato Tasso*. Farças: *O Beijo* (lyrica), *O Caçador* (lyrica), *Um dia d'eleições em Lisboa*, *Os logros n'uma hospedaria*, *Um par de Luvas* (lyrica), *Um noivado em Friellas*, *Uma Scena de nossos dias*. Treze d'estes dramas e uma d'estas farças, não foram ainda representados em theatro nenhum público.

De todos estes dados concluo eu a necessidade que temos de um theatro bem estabelecido, com obrigação de admittir as composições portuguezas que o mereçam, mediante certa indemnisação. Porque, de uma parte este estimulo, de outra a correcção do juizo público, hãode acabar por nos dar uma litteratura dramatica-nacional, que é o que nós ainda não temos, nem realmente se podia estabelecer de repente. Era necessario passar por tudo que temos passado. Primeiro, os rasgos das imaginações precoces; depois a indulgencia do Conservatorio; finalmente a severidade. Pois queriam que nós, sem litteratura dramatica e sem theatro, fizessemos mais do que se fez em França depois que Victor Hugo atirou á scena com o seu primeiro drama, e que começassemos logo pelo grau de presperidade dos outros?! ...

Agora, agora com a creação do novo theatro. Deem bons direitos d'auctor, votem ovações academicas, confiram condecorações, aos escriptores que o souberem merecer (é o que ainda hoje se faz em França), reprovem, pateiem, censurem, o que não for bom; e eu lhes fico que o resultado será termos theatro nacional, como o ha em toda a parte, menos aqui, onde as inspirações se não vão buscar aos nossos costumes nem á observação attenta das nossas coisas, mas aos dramas francezes e ao estudo da litteratura extrangeira.

O concurso das peças a premio para abertura do Theatro de D. Maria II, fechou-se no dia 31 do passado. Concorreram ao Conservatorio trinta e duas peças, cujos titulos são os seguintes:

Geraldo Sem-pavor — *O Alcaide de Faro* — *A Innocencia ás bordas do Abysmo* — *Elisa* — *O Incognito* — *O Infante Sancto* — *D. João de Castro na India* — *Uma demão de patriotismo* — *A Doutora* — *A vespera de um desafio* — *Os mysterios do theatro de San'Carlos* — *Gabriella* — *Herança do Barbadão* — *A condeça d'Athouguia* — *O poder dos remorsos* — *Nova Astrea* — *A Orfãa e o Assassino* — *Cid-Achin* — *O Magriço* — *D. Branca* — *D. Leonor de Mendonça* — *Um episodio na Côrte de D. João III* — *D. Sancho II* — *Ignez e Constança* — *A mina de Diu* — *Luiz de Camões* — *Os Castellãos d'Abrantes* — *O governo de D. João de Castro na India* — *O Cura de Sancto Aleixo* — *A Feiticeira* — *Alva Estrella* — *Os Dous Nobres*.

THEATRO-ITALIANO.

I.

405 Por edital da inspecção-geral dos theatros de 29 de janeiro, em virtude de uma portaria do ministerio do reino de 27 do mesmo mez, se acaba de pôr a concurso a empresa do theatro-italiano. Este objecto é importante, e a REVISTA não podia decorosamente eximir-se de tractar d'elle. A nossa imprensa periodica, infelizmente, despreza quasi sempre ástas questões d'arte, que prendem com os costumes e civilisação do paiz; e a este silencio, pouco airoso para ella, não merecido pelo assumpto e prejudicial ao publico, se devem em grande parte attribuir as incongruencias, os contrasensos, os transtornos de que ás vezes a mesma imprensa se tem queixado com acrimonia, e quasi sempre com mais ou menos razão.

Isto é uma das provas de que a imprensa periodica desdenha ainda em Portugal a sua missão. Não soube ainda conquistar entre o povo a consideração que lhe é devida. Os jornaes, quando se occupam de uma questão d'ésta natureza, ou a encaram *politica* ou *pessoalmente*, em ambos os casos com parcialidade. Se o assumpto é considerado politicamente, serve elle de pretexto a louvores ou vituperios á administração, segundo o *partido* do escriptor; se é considerado pessoalmente, a affeição ou o odio ás pessoas que n'elle podem ter interesse, decidem dos gabos ou menoscabo do objecto. D'este modo a questão é sempre vista por um prisma que produz falsas côres: a arte, as conveniencias publicas, são menospresadas — é como se não existissem — como se não fossem o primeiro, o mais grave dos pontos em similhantes assumptos.

Ora, eu não sou impeccavel; ja todos o terão dito antes de eu o confessar: tenho tambem minhas sympathias politicas — não sei se *excentricas* ou não — e as minhas affeições, como tem toda a gente; mas protesto que a minha *carolisse* n'estas materias é tam poderosa que tem podêr para isolar-me do ambiente das paixões, e talvez que muita vez me suba ao *mundo da lua* para discutir um objecto que ja previamente tem sido tractado em familia pelos filhos da terra. Não sei se hoje estarei n'este caso: e fallo assim porque ainda que eu suba com a razão á lua, o coração ficar-me na terra, contaminado da maldade contagiosa com que a nossa sociedade tem toado a todos. Discuto de boa-fé é verdade, mas não desconheço os artificios, nem ha apparencia arteira que eu não tenha sufficiente malicia de suspeitar, muitas vezes ainda mesmo em coisas talvez bem sinceras. Ja se vê que não faço a minha apologia... Protesto pois que tractando de theatro italiano, como tenho tractado do theatro-nacional, eu *não tenho partido politico*, *nem conheço emprezas passadas, presentes ou futuras*: digo o que intendo e como intendo; dou o meu fraco contingente para a solução de uma questão social. Oxalá que todos assim fizessem; porque é este o dever do escriptor público, e alguma idéa luminosa se poderia aproveitar, se quizessem, de uma discussão que d'este modo se poderia tornar importante. Eu porém respondo por mim.

Começo por louvar a resolução do ministro em entregar este negocio á inspecção-geral-dos-theatros. Com ésta repartição, assim como outra qualquer de serviço público, não ha, não póde, não deve haver outros termos mais do que abolil-as se ellas não prestam, ou se ellas convem fazel-as servir para o que foram creadas. Sahir d'aqui é um grave êrro de administração, seria um furto feito aos contribuintes.

Acontecimentos muito extraordinarios e anormaes, da transacta empresa, tinham feito, talvez precipitadamente, com que o governo-civil fosse intermedio para com o ministerio respectivo, n'um objecto que nada devêra ter *em si* com a policia, e que comeffeito á luz da boa razão nada tem que o ligue com ella. Terminados porém esses incidentes, e tornadas as coisas ao seu estado ordinario, era uma consequencia a intervenção da inspecção-geral dos theatros n'este negocio. O objecto *theatros*, considerado artistica ou administrativamente, em nada se póde complicar com a organisação policial do paiz. A policia n'um theatro é para a manutenção do socego público; seja qual fôr a categoria da *auctoridade policial* a quem se encarregue a vigilancia de um theatro segundo a importancia d'elle, as suas faculdades não podem extender-se além das que lhe são conferidas para outra qualquer reunião pública: essas faculdades, em duas palavras, pela natureza do cargo de que dimanam, referem-se unicamente aos *espectadores*, e nunca aos *espectaculos*.

Os theatros pois, como um dos ramos de Bellas-artes ou de administração do paiz, estão logicamente a cargo do ministerio do reino, e ou a superintendencia respectiva d'este ministerio se ha de exercer directa e immediatamente sôbre cada um dos theatros, ou por intervenção de uma auctoridade intermediaria. A primeira hypothese não se pratíca nunca, nem poderia n'este caso praticar-se. Em França, onde se buscam todos os módèlos de administração publica, e onde comeffeito ésta sciencia está bastante adiantada, ha no ministerio do reino uma secção especial, com o nome de secção de Bellas-Artes, a cujo cargo estão os theatros, e ha o *commissario-real* etc. Ésta organisação administrativa foi entre nós estabelecida com o mesmo pensamento, mas de fórma mais simples e ao que me parece mais vantajosa. Ao *commissario-real* deu-se ca o nome de Inspector-geral dos theatros com faculdades mais amplas: e assim como se creou uma academia de Bellas-Artes, para ás artes do desenho, criou-se tambem uma academia de musica e Bellas-Lettras, especialmente destinada á *conservação* da arte dramatica em toda a sua extensão, e deu-se ao presidente effectivo d'esta academia, por uma consequencia logica, a inspecção geral dos theatros. O que faz em França n'um theatro o *commissario-real*, faz ou deve fazer ca em todos o Inspector-geral-dos-theatros; o que la faz a respectiva secção do ministerio do reino faz ou deve ca fazer a secretaria da inspecção-geral. Assim fica a acção administrativa exercida mais activa e immediatamente sôbre os theatros; e o ministerio do reino desembaraçado das pequenas coisas que todos os dias estão sobrevindo em cada theatro, que precisando de acção administrativa não são todavia bastante consideraveis para occuparem particularmente o ministro, a quem não seria possivel nem decoroso descer a empregar-se n'essas minucias de secundaria importancia.

Eu não sei se me tenho excedido ja demais tractando de um incidente, e por isso não adduso outras reflexões, nem os documentos officiaes que poderia produzir como documentos comprovativos de que o governo mesmo sempre assim considerou este objecto: uma e outra coisa deixarei para os artigos que tractam do nosso theatro-nacional, onde talvez isso cabe melhor:

Uma vez pois que parece que este negocio se quer levar pelo lado administrativo e pela parte competente d'elle, e não policialmente, eu tractarei d'este objecto n'alguns artigos que hão de seguir-se sem interrupção.

Ja depois d'este artigo ter sido composto na typographia, vejo no 'Diario' d'hoje (3) o *decreto regulamentar para administração dos theatros* de 30 de janeiro último. As suas disposições são segundo creio provisorias, como o indicam a sua fórma, as suas providencias, e a sua deficiencia. Tractarei d'estas disposições promiscuamente nos subsequentes artigos sôbre o theatro-nacional: no entanto um grande passo se deu ja n'este objecto—ha um ponto de partida, ha alguma coisa de definido e de mais positivo.

VARIEDADES

SOCIEDADE THALIA.

406 Um dos colaboradores d'este jornal, dos que mais estima merecem, serviu-se de communicar á Revista a seguinte nota sôbre o bello serão de 30 do passado nas salas e theatro da illustre sociedade que tomou o nome de Thalia.

E' um honroso documento da nossa civilisação e bom gôsto o estabelecimento e prosperidade de d'esta nobre sociedade. Composta pela maior parte de socios da mais elevada classe, entre outras qualidades que a distinguem, dá uma prova do mais galante cavalheirismo na homenagem que por seus estatutos se manda prestar ás decisões das Senhoras que são Socias, e que, por assim dizer, são as amaveis árbitras das resoluções da sociedade. Em quanto ao pensamento que lhe preside é quanto póde ser de illustrado e nobre. A arte é sobre modo honrada quando se divertem em exercel-a cavalheiros e damas, a quem o sangue e a posição social conferiram o sceptro da policia dos costumes e do bom-gosto social.

Mas sempre foi assim no nosso paiz. A arte dramatica nasceu no paço do mais poderoso e feliz dos nossos monarchas; e de então para ca, mais ou menos, a côrte costumou sempre divertir-se com este genero de festas. E' sabido que os nossos reis tinham um theatro em quasi todos os seus palacios. Não me permitte a occasião demorar me mais n'este assumpto, alias digno de largo discurso; mas não heide concluir sem manifestar, quanto no meu conceito, seria digna de elogio uma representação lyrica na Sociedade Thalia: póde ser, e é muito natural, que a opera-portugueza chegasse a fundar-se, se o impulso para a criação d'ella viesse de um logar que por tantas razões deve exercer a maior influencia n'estes objectos.

A Sociedade Thalia deu no dia 30 de janeiro proximo passado uma recita no seu theatro, e um baile.

A direcção tinha-se empenhado para que nada faltasse, assim nos arranjos e ornatos da casa, como na disposição dos divertimentos da noite; e póde lisongear-se de que aquelle estabelecimento tem prosperado muito e promette ainda melhoramentos consideraveis.

Representaram-se duas peças, uma franceza outra

Portugueza: em homenagem á modestia de cada um dos actores diremos apenas em geral, que a execução foi excellente, e que os applausos dos expectadores não pudiam considerar-se como um acto de civilidade, mas sim como espontaneo tributo de admiração ao talento.

Perto das cinco horas da manhan ainda se dançava, e todavia ouvimos que não fôra este um dos bailes mais animados daquella casa!

Entre as sociedades de recreio estabelecidas em Lisboa, nenhuma tem um futuro tão brilhante como a Thalia. O numero dos seus socios ordinarios está preenchido, e se os estatutos forem alterados augmentando aquelle numero nenhum, dos nossos elegantes faltará a fazer-se propor como socio. É moda ser da Thalia. Contribue talvez poderosamente para isso a sociedade escolhida de pessoas que alli se reunem, a qual dá ás funcções d'aquella casa um brilho especial.

Quando dizemos *sociedade escolhida* estamos mui longe de dar a esta expressão o sentido bastardamente aristocratico que lhe attribuiria um *parvenu*; mas unicamente o que judiciosamente se lhe dá em toda a parte, em relação ao merecimento pessoal dos indviduos, e ainda á posição social, que lh'o póde fazer suppôr: tudo o que não fôr isso é pieguice apenas desculpavel em crianças, ou em algum morgado de provincia dos que o Tolentino pintou com tanta graça.

Não é aqui o logar de decidir se ja está chegada, a epocha do regresso social para o predominio aristocratico, porém muito de passagem permittam-nos que digamos aos *parvenus portuguezes* que não se esqueçam do logar que lhes cabeaia, se tudo isto voltasse ás suas antigas posições e, etc. etc. (1)

Entre os muitos louvores de que é merecedora a direcção da Thalia não é o menor o de saber comprehender e executar bem aquelle pensamento, reunindo alli uma grande parte da boa sociedade da capital, segundo o tempo e os acontecimentos do paiz, a tem constituido.

Ainda n'este mez deve haver outra funcção n'aquella casa, a qual é de esperar não seja menos divertida ou variada que a primeira.

A.

CORRESPONDENCIA.

407 *Sr. Redactor.* — Assignante de ha muito da Revista, ainda não deparei uma se vez com a commemoração do dia 14 d'este mez, de tanta gloria para as armas portuguezas, e de uma recordação orgulhosa para os habitantes d'Elvas. Ja se vê que fallo das linhas-d'Elvas, em que se perderam tantas vidas e em que se fizeram todos os sacrificios; mas que foram coroados com a maior victoria d'aquelles tempos. Faça V. o que não fizeram seus antecessores, commemorando tanto heroismo, para ser lembrado e imitado. N'essa occasião lamente V. como eu, o abandono d'esta festa-nacional e o escandalo com que se tem faltado a um voto, que a cidade fez na hora de afflicção. Uma missa cantada que nada custava, uma procissão, e um sermão cuja esmolla nunca excedia a 2$400 rs. é mesmo este pouco a que a camara tem faltado ha annos com grave escandalo publico. Se assentar que isto não merece a pena de referir-se, diga ao menos que recebeu ésta communicação que todavia não merece publicar-se.

Elvas 14 de janeiro de 1846.

Um Elvense.

(1) O nosso illustre colaborador não faz ésta reflexão por desforço, porque não é do número dos qne tenham que soffrer com a circumstancia que lh'a suscitou, e por isso é ella tanto mais valiosa e sensata. Comtudo parece-nos que a palavra *aristocracia* não está aqui exactamente empregada; tiremos toda a idea de que o *absurdo* possa nunca ter pertenções a unir-se com similhante idea. A verdadeira aristocracia, quer volte quer não volte o seu predominio, será sempre benevola, civil em toda a parte, affavel com todos que o mereçam, como se prova por ésta mesma sociedade Thalia. A roda de *impertinentes* que começa agora a *criar-se*, e a que a reflexão do nosso colaborador se refere, dos que se pavoneiam de cabeça-alta, impertigados, e com isolamento affectado (o que dá muito que rir ao observador) não poderá nunca pertencer á classe distincta cujas virtudes, proprias e herdadas, são em todos os tempos respeitaveis.

Da R.

CORREIO EXTRANGEIRO.

408 O orçamento de França para 1847, dá um excesso de receita sôbre trez milhões de francos. O de 1846 tinha dado trez minhões e meio d'este mesmo excesso, e comtudo o ministro da fazenda acaba de declarar no parlamento que ja calculava o deficit d'este anno de 46 em 25 milhões (!).

Vão-se construir na Suecia tres linhas de carris-de-ferro: de Stockholm a Gottemberg, de Stockholm a Istad, e de Stockholm a Upsala e Geflé, com diversas ramificações.

Tambem na Turquia não se falla senão em caminhos-de-ferro. — Trez ja estão em andamento, sendo o primeiro de Constantinopla a Smyrna, o segundo a Varna, e o terceiro a Adrianople.

O consul inglez na Norwega teve permissão para fazer construir um carril-de-ferro entre Christiania, Ojern e Aljoseu.

O imperio d'Austria tem 500 mussulmanos, 13,000 armenios, 50,000 unitarios, 480,000 israelitas, 1,190,000 luteranos, 2,800,000 reformados, 3,040,000 gregos, 25,950,000 catholicos.

Em Constantinopla prohibiu-se a exportação de cereaes, pela grande escassez d'elles que se começa a sentir

Construem-se hoje em França cincoenta e sette monumentos, estatuas e bustos, a differentes personagens, quasi todos litteratos.

Os últimos jornaes dos Estados-Unidos trazem os relatorios dos differentes ministerios; pelo da Guerra vê-se que todo o exercito da União consta de 6,500 homens da 1.ª linha (!): pelo da Fazenda ve-se que o rendimento do thesouro em 1845 chegou a 26,769,133 dollars e a despeza do Estado foi de 20,968,206 dollars. (Cada dollar vale um pouco mais de 800 rs.)

CORREIO NACIONAL.

409 No dia 2 do corrente, anniversario da Eleição de Sua Santidade Gregorio XVI, fez celebrar Monsignor Di Pietro, Internuncio e Delegado apostolico, uma festá solemne na Igreja do Loreto; e á noite reuniu no seu palacio, em Buenos-ayres, um numeroso e brilhante concurso de pessoas das mais distinctas classes da sociedade, que quizeram tomar parte, em companhia de S. Ex.ª, na sua satisfação por tão grato anniversario. A affabilidade do Exm.º Internuncio, a sua grande instrucção, e o character conciliador e benevolo de que é dotado, lhe têm grangeado n'esta côrte as geraes sympathias, e o fazem considerar como uma das mais dignas capacidades que tem sido escolhidas para aqui representarem a côrte e Igreja de Roma.

As duas aulas da Sociedade d'instrucção primaria — Carmo e Barbadinhos — tiveram no anno findo 583 alumnos, sahiram para outros estudos, officios e empregos, ou por outros motivos, e por fallecimento, 176; ficam existindo 407. A despeza foi de 722$850 réis.

A Companhia 'Confiança-nacional' distribue 2$500 réis por cada acção de 100$000 réis, como dividendo do 2.º semestre de 1845.

Acha-se definitivamente constituida a Companhia 'Providencia' (seguros de vidas etc.). Os directores são: os Srs. Visconde de Ferreira, Felix Pereira de Magalhães, João Rebello da Costa Cabral, João Rodrigues Branco, e Claudio Adriano da Costa. O escriptorio é na rua do Alecrim.

Os jornaes das provincias queixam-se de alguns roubos e homicidios no Porto, Coimbra e outras terras.

Na noite de 2 do corrente deu-se no theatro de San' Carlos a nova opera de Ricci (Frederico) 'Corrado de Altamura.' A musica é bellissima, e a instrumentação uma das mais bem tractadas que conhecemos no estylo-italiano: o modo d'orchestrar parece ás vezes da *maneira* de Verdi. A falta de espaço nos não permittiu fallar hoje mais extensamente d'esta opera.

Ensaia-se no theatro do Salitre uma nova peça de carnaval, imitada do francez, a que se pôs o titulo da '*Tia Michaela* no serralho de Constantinopla.' Todos sabem que as facecias de muitos artigos do 'Periodico dos Pobres no Porto' tornaram popular ésta personagem da *tia Michaela*; se a peça tem allusão com ella, teremos muito que ver se em companhia da *tia Michaela* vão ate á Turquia a *Ritinha*, o *Barbeiro*, e o nosso gordo amigo *Braz-Tizana!*

Ensaia-se no theatro de San'Carlos um novo bailete, que dizem de grande espectaculo, composição do Sr. Martin.

Por edital da Inspecção-geral dos theatres está aberto concurso por trinta dias para a empresa do theatro de San'Carlos. O concurso finda em 28 do corrente.

Por decreto regulamentar de 30 do passado, se discriminam as faculdades do Inspector-geral dos theatros, Governadores-civis e administradores de concelho, sobre objectos theatraes: prescrevem-se algumas disposições de legislação theatral: condecora-se com o titulo de *Theatro-nacional* o theatro de D. Maria II; ordena-se que a organisação seja administrativa e não por empreza: estabelece-se a sociedade de actores e um monte-pio: cria-se o logar de *Fiscal* com uma gratificação de 300$000 réis, e outra *igual* é concedida ao Inspector-geral dos theatros: é creado tambem um jury litterario para a censura e superintendencia artistica das peças, com a denominação de *commissão-inspectora*: estabelecem-se *medidas penaes* e *economicas*. E por decretos da mesma data é nomeado Fiscal o Sr. Luiz Augusto Rebello da Silva e vogaes da commissão-inspectora os Srs.: Antonio de Oliveira Marreca, Joaquim da Costa Cascaes, José da Silva Mendes Leal e Rodrigo de Lima Felner: assim como o jury que deve prover á escolha e apuramento dos artistas para o Theatro de D. Maria II, que será composto do Inspector-geral dos theatros e do Fiscal e vogaes da commissão inspectora.

O paquete d'Inglaterra que devia ter entrado no dia 23 do passado, entrou finalmente em 2 do corrente. Em 17 de janeiro estavam os fundos portuguezes em Londres a 59 $\frac{1}{4}$.

A 'Assemblea-philharmonica' deu o seu primeiro baile na noite de 31 do passado. A reunião foi numerosa de perto de novecentas pessoas; as salas e escadas estavam vistosamente adornadas; o serviço foi magnifico, e o baile esteve constantemente muito animado.

No dia 1.º do corrente foi sagrado na Igreja de Sancta-Maria de Belem o Sr. Arcebispo d'Evora, F. da M. de D. Annes de Carvalho. Assistiram Suas Magestades a este acto solemne que foi celebrado com toda a pompa e ceremonias do rito catholico.

Ainda bem que a moda, parece este anno querer pôr em voga as *corridas do campo-grande*. Isto é apenas uma sombra confusa do famoso *sport* inglez; mas tudo começa de algum modo. As *corridas* deviam ser estimuladas até pelo govêrno e pela côrte, não é para agora especificar porquê. Ora, pelo lado do divertimento, o Campo-grande é um lindo sitio, que convida ao seu passeio e reclama o seu embellezamento.. E' peccar contra o bom-gôsto não pôr na moda este divertimento.

Necrologia. — No dia 2 do corrente falleceu o Sr. Conde de Sobral. Hontem (3) fizeram-se lhe todas as honras funebres, que lhe eram devidas como Conselheiro d'Estado, assistindo as tropas da guarnição etc.

O Sr. Joaquim O'Neill, distincto negociante da praça de Lisboa, falleceu tambem nos ultimos dias do mez passado.

Hontem (3) chegou outro paquete d'Inglaterra, o de 27 do passado. Os fundos portuguezes ficavam a 59.

CONHECIMENTOS UTEIS.

PORTE DOS JORNAES SCIENTIFICOS E LITTERARIOS.

410 O Sr. deputado Carlos Bento da Silva apresentou hoje (9) em córtes, uma proposta para que os jornaes scientificos e litterarios ficassem exemptos do porte do correio. A respectiva imprensa periodica daria um triste exemplo d'ingratidão se deixasse de manifestar um vóto solemne de agradecimento ao illustre deputado auctor da proposta.

Cumprindo este seu primeiro dever, a REVISTA vai tambem erguer a sua voz a favor do illustrado pensamento que dictou a proposta. E eu estou certo que n'uma e outra coisa me hãode ser companheiros e auxiliares, a 'Revista-litteraria' do Porto, a 'Revista Academica' de Coimbra, os jornaes de Medicina e Pharmacia, os 'Annaes da Sociedade promotora da industria-nacional' o 'jornal militar', o 'Industrial' e 'Pharol Transmontano' e algum mais que consagre as suas columnas a propagar a civilisação e a illustração do paiz, quer seja nas differentes especialidades quer na universalidade dos conhecimentos humanos.

No meio de um reino de mais de tres milhões d'habitantes, com a extracção de alguns centenares para o imperio do Brazil, os jornaes que em Portugal chegam a imprimir mil de cada um dos seus números, tem alcançado um admiravel consummo! Isto é uma prova frizante e incontestavel de que o nosso povo não contrahiu ainda o habito e o gôsto da leitura — não conhece por em quanto essa *necessidade*, que em quasi todos os paizes da Europa o é actualmente, de alimentar o seu espirito com a leitura das folhas volantes chamadas jornaes, especie de receptaculo em que hoje se transfunde toda a sabedoria do nosso seculo — expressão d'elle — cujo desinvolvimento tem abalado a fórma livro e ameaça destruil-a alfim.

O facto demonstra a precisão de se procurar por todos os meios introduzir no povo o hábito da leitura, facilitar-lhe o modo de contrahir o gôsto d'ella, propagal-a, engrandecel-a. Se devéras se quer a illustração do povo, se é por este lado que se busca dar-lhe a felicidade moral, se são sinceros os desejos de destruir a ignorancia no paiz, no que o governo d'elle principalmente é interessado: não ha para que duvidar de que a proposta do sr. Carlos Bento seja depressa convertida em lei. (*)

Hoje as tendencias de todos os povos e govêrnos mais illustrados, são para as modificações nos portes do correio, especialmente dos jornaes. A *reforma postal* é questão pública que se ventila presentemente em toda a parte. Por mais diminuições que se hajam feito n'alguns paizes, ellas ainda não satisfazem; cada vez ha maiores exigencias, os desejos de attingir a perfeição são insaciaveis em todos os povos e em todos os govêrnos. Portugal, o nosso govêrno, daria um bello documento da sua illustração, adoptando o nobre pensamento do illustre deputado: e eu creio que não se deixará perder uma occasião de ir além, n'um objecto de aperfeiçoamento social, d'outros paizes que se creiem mais illustrados.

(*) Esta proposta foi hoje (10) mandada para a commissão de fazenda.

FEVEREIRO — 12 — 1846.

PROCESSO NOVO PARA O FABRICO DO SABÃO.

411 O processo que eu proponho, e que consiste n'um modo particular de combinar os oleos, ou materias gordurentas animaes, com a solda caustica e agua, offerece a vantagem de fornecer um sabão mais puro e de natureza mais efficaz, ao mesmo tempo que produz mui grande economia de tempo na operação, visto que este sabão está sufficientemente duro para se podêr vender, passadas poucas horas, em logar de muitos dias, como acontece nos processos ordinarios do seu fabrico.

Os ingredientes empregados são, pouco mais ou menos, os mesmos que hoje estão em uso, a saber: 1.° Todas as materias gordurentas vegetaes ou animaes quer sejam simples quer misturadas; 2.° uma lexivia de solda caustica na razão de 22 por cento; 3.° agua, o mais pura que seja possivel de saes terreos ou d'oxidos metalicos.

O processo aperfeiçoado do fabrico do sabão, executa-se da maneira seguinte:

Para fazer 500 Kilogr. de sabão, deitam-se n'uma caldeira de 2 metros de diametro e pouco mais ou menos 0.60 de profundida, 350 Kilog. supponho eu de azeite de palmeira. Logo que este azeite obteve a fluidez conveniente, accrescentam-se gradualmente 180 Kilogr., mais ou menos segundo a qualidade do sabão que se deseja fabricar, de lexivia de solda caustica, da fôrça indicada, tendo cuidado de misturar bem os ingredientes com um instrumento proprio para esse trabalho. N'este estado, augmenta-se o lume e mexe-se constantemente a mistura, para impedir que se pegue no fundo da caldeira. Passadas tres ou quatro horas de estar ao lume e ser mexida, a mistura toma uma côr esbranquiçada, e continuando ao lume todas as partes aquozas se evaporam inteiramente, e a massa se reduz a um estado perfeitamente enxuto. Augmenta-se ainda o lume, e passado pouco tempo a massa torna ao estado liquido, e toma uma côr escura, que indica que a combinação entre o oleo e o alcali está effectuada. Então tira-se promptamente do lume e agita-se continuamente emquanto ha receio de que se pegue. Terminada ésta operação, cobre-se a caldeira, para deixar esfriar a massa pouco a pouco durante a noite.

A segunda parte da operação consiste em quebrar ou reduzir ao estado pulverulento, o producto que se obteve na fórma solida. (*)

A ésta materia, assim dividida, accrescentam-se 300 litros d'agua-pura, e agita-se fortemente a mistura por tempo de meia hora. Põe-se então ao calor e faz-se ferver por tres horas, durante as quaes não se cessa de mexer. Logo que a evaporação foi levada ao grau que se exige e que o sabão parece ter consistencia bastante, deixa-se arrefecer lentamente. Tudo o que continha a caldeira, em que não fica especie nenhuma de lavadura nem sedimento, é derramado, em quanto permanece no estado de fluidez, nas fôrmas ordinarias, onde se deixa esfriar.

No dia seguinte, o sabão que está nas fôrmas fica bastantemente duro para ser cortado pela maneira ordinaria, e podêr, depois d'esta operação, entrar no dominio do commercio e para consummo.

Wattersou.

(*) Não diz o texto como ésta operação se executa.

ESTATISTICA-NECROLOGICA.

412 Em Janeiro de 1846 falleceram no bairro do Rocio: — do sexo masculino 23: — do feminino 26 · — expostos nos adros das igrejas 26. — Total 75. — Celibatarios 29: — casados 7: — viuvos 11. — As molestias principaes de que falleceram foram: — apoplexias cerebraes 9, — das quaes fulminantes 7: — de phthisica pulmonar 5: — de outras molestias pulmonares 11: — aneurismas de coração e grossos vasos 2: rheumatismos 2: — diversas doenças abdominaes 8: — hydrocephalos 2: — febres 1.

Entre os fallecidos do sexo masculino figuram: — Commerciantes 2: militares 3. — Menores de 7 annos 13: — de 60 a 90 annos 16. — Pobres de enterramento gratuito 7.

DOIRADURA E PRATEAÇÃO GALVANICA.

413 Julguei dever dar conta do seguinte aperfeiçoamento n'um processo que hoje está muito seguido entre nós.

Acontece muitas vezes que na doiradura galvanica dos objectos de prata, não é necessario doirar senão certos logares d'esses objectos. Para conseguir isto devem-se cobrir as outras partes com uma capa ou demão de certa preparação, que deve ter as seguintes propriedades: É indispensavel que ella se possa introduzir nos mais delicados detalhos do lavor da peça em processo; que séque depressa; que não possa ser atacada pelos liquidos fervendo da operação de doirar; que terminada que seja ésta se possa logo tirar, e, finalmente, que seja de facil preparação para os práticos.

As composições usadas para este fim até agora, não preenchem éstas condições; mas vou dar uma receita que parece reunir todas éstas qualidades convenientes, e mui satisfatoriamente.

Os francezes chamam *reservas* a este genero de composições: segundo a receita a que me refiro, para fazer ésta *reserva* tomam se duas partes d'asphalto e uma parte de mastique em pó, que se derretem junctas a lume brando, mexendo sempre, até que a massa tenha tomado um aspecto uniforme e homogeneo: n'este estado deita-se em cima de uma folha de cobre fria, e póde assim conservar-se sem alteração embrulhando-a em papel oleado. Quando está fria tem a côr preta, é lustrosa e muito quebradiça.

Quando se quer usar d'esta reserva, pega-se na porção que parece sufficiente e dissolve-se na essencia de terebenthina a lume brando, até que ésta dissolução tenha pouco mais ou menos a grossura de um xarope. Então com um pincel fino besuntam-se todas as partes da peça de prata que se não querem doiradas.

Acabada a operação da doiradura tira-se a *reserva* com uma escova branda, simplesmente.

Ora, quando ésta *reserva* é empregada, usando na doiradura de uma solução muito concentrada d'oiro na cyanura de potassium (o que alias é raro), convem ajunctar-lhe, na dissolução em essencia de terebenthina, um pouco d'alcool, para maior adherencia, e dá-se mais de uma demão, esperando n'este caso que a demão precedente esteja bem sècca.

CAMINHOS DE FERRO.

Descoberta importante.

414 Parece que em Bade (Allemanha) um dos engenheiros civis de primeira classe, empregados na direcção do grande caminho-de-ferro ducal, inventára um apparelho com cujo mecanismo, tão simples como ingenhoso, applicado a todos os carros ou locomotivas dos carris-de-ferro construidos pelo systema ordinario, podem éstas correr por todas as linhas-ferreas qualquer que seja a sua inclinação; o que faculta a conducção dos trens pelos montes, ainda os mais altos, e tornará assim desnecessarios os tunneis e viaductos, bem como os terraplenos.

A maior curiosidade se tem desinvolvido em toda a Inglaterra depois d'esta communicação; mas o inventor guarda ainda o maior segredo sôbre a sua descoberta importantissima, que vai facilitar consideravelmente em todo o mundo a construcção dos carris-de-ferro.

NOVO APPARELHO-HYDRAULICO PARA LANÇAR ALICERCES.

415 O Dr. Potts, de Londres, apresentou ao exame do conselho geral de 'pontes e caminhos' um processo de sua invenção, proprio para facilitar muito os trabalhos nos alveos dos rios, principalmente em terrenos de pouca consistencia. Eu julguei dever dar conta d'este novo invento, que, a ser como se descreve, me parece muito necessario no nosso paiz, pela quantidade de rios e ribeiras que lhe cortam o solo, e tambem pela abundancia de terrenos esponjosos e areentos que temos em muitos logares; e sôbre tudo pelo grande número d'edificações que constantemente se estão fazendo em solo por onde passa agua, que número consideravel de vezes é preciso esgotar com grande trabalho e despeza.

O apparelho de que se tracta consiste n'um cylindro occo, cuja materia e dimensões podem variar conforme a necessidade. Este cylindro é aberto em ambas as extremidades. Collocado n'um rio perpendicularmente ao seu alveo, assim que o ar interior do cylindro é absorvido, o saibro, areia ou lodo, sobem pelo tubo que por si mesmo se vai encravando com extraordinaria rapidez. Quando está em sufficiente profundidade, enche se o cylindro de argamassa ou alvenaria e puxa-se para fóra para servir a novas operações como ésta, que se multiplicam quanto são necessarias e por meio das quaes se obtem (diz-se) um alicerce tão solido como rocha.

Ja se fizeram experiencias em Inglaterra. O Trinity-Board comprou ao Dr. Potts a permissão de podér usar do seu processo. A experiencia fez-se nos areaes de Godwin. Encravou-se um tubo de 2 pés e 6 polegadas de diametro até á profundidade de 33 pés $\frac{1}{2}$, n'um sitio em que uma aguda estaca de 6 polegadas de diametro não tinha podido entrar senão até á profundidade de 13 pés. N'esta profundidade, 46 pancadas de um ariete de 100 arrateis impellido da altura de 10 pés, não tinham podido encravar ésta estaca mais do que uma polegada. Parece que o almirantado e o corpo d'ingenheiros (board of ordonnance) vão mandar começar diversos trabalhos por este novo systema. O que é indubitavel é que a applicação da força atmospherica tem apresentado ja em muitas outras coisas prodigiosos resultados.

PROCESSO PARA DISSOLVER A GOMMA-LACA E APPLICAL-A DE MODO QUE TORNE AS FAZENDAS IMPERMEAVEIS.

416 M. de Normandy obteve um privilegio o anno passado (1845) para fazer derreter a gomma-laca ou antes a laca em bocados, n'uma solução de cinzas de soda do commercio. A cada 50 kilogrammos de laca ajunctam-se 448 litros d'agua, que tem em dissolução 20 kilogr. de cinzas de soda. Depois da fervura, filtra-se por um panno grosso, e ajuncta-se, á laca assim dissolvida, certa proporção d'acido sulphurico, afim de saturar o alcali empregado. A laca que se separa da dissolução na fórma de massa em pasta, é derretida para ser depois extendida sôbre a fazenda que se quer tornar impermeavel: tambem se póde empregar para pegar peças de madeira e outras materias, pela analogia que tem ésta colla com o *glumarinho* de Jeffery. O auctor indica como excellente dissolvente da laca, uma substancia conhecida com o nome *d'oleo de batatas* (hydrato protoxydo d'ormyle) que é produzido durante a distillação do alcool obtido das batatas.

DO ENSINO E EXERCICIO DA PHARMACIA.

417 Ao mesmo tempo que em França se tracta de nivellar a instrucção e cathegoria dos pharmaceuticos ás dos outros ramos da arte de curar; e na mesma occasião em que lá se vai garantir uma subsistencia decente e segura aos verdadeiros pharmaceuticos, se lhes tiram entre nós algumas regalias, se lhes augmentam as pensões e despezas, e se lhes diminuem as fontes de receita; e não so se encontra a maior opposição em lhes ministrar as necessarias cadeiras especiaes onde vão adquirir a conveniente instrucção, mas até se franqueam os meios para que qualquer individuo com insignificantes conhecimentos, possa obter um diploma que o auctoriza a exercer livremente este importante ramo da medicina, a pharmacia, apar d'aquelles a quem esse diploma tem custado muito trabalho, estudo, vigilias e despezas!

Em França vão-se augmentar as disciplinas do curso pharmaceutico, bem como os seus preparatorios: áquelle se accrescenta uma cadeira especial de botanica applicada á pharmacia, lições de posologia, e acção therapeutica dos medicamentos; a estes, a apresentação de diplomas de Bacharel em sciencias: entre nós porém augmentando-se o curso de cirurgia com mathematica e phisica, para que seus alumnos possam bem comprehender a chimica a que são obrigados, não se intendeu ser isso igualmente necessario para os alumnos de pharmacia, por quem a chimica é essencialmente exercida não so theorica mas praticamente.

Em França extinguem-se os jurys provinciaes d'exame, por se ter reconhecido a injustiça e desvantagem de igualar individuos desigualmente instruidos; e passam a ser obrigados todos os candidatos a pharmaceutico á frequencia regular das escholas durante seis annos: entre nós permittem-se exames de pharmacia a todos os cantos do reino e feitos sem publicidade alguma, reproduzindo-se por consequencia os abusos da antiga physicatura-mór do reino, perante a qual era approvado em pharmacia todo aquelle, que tinha dinheiro para as despezas do exame e algum padrinho que o recomendasse ao physico-mor e seus delegados!

E', dando-lhes partidos, que na França se convidam os habeis pharmaceuticos a dividirem-se pelas diversas terras do reino: entre nós, habilitando pharmaceuticos inhabeis em todas as povoações, afugentam-se d'ellas os instruidos, obrigando-os d'este modo a concentrarem-se nas duas unicas grandes cidades!

Em França será inteiramente prohibida a preparação, o deposito, e a venda de medicamentos, sem excepção alguma, a todas as pessoas que não forem pharmaceuticos legalmente habilitados e com officina aberta: entre nós pertende-se illudir o art. 63 do decreto de 26 de novembro último, permittindo aos droguistas a venda de preparações pharmaceuticas, uma vez que o façam por pêsos civis.

Em França o codigo pharmaceutico é mandado rever com a maior urgencia, e a redacção do novo codigo será confiada a uma commissão permanente, com residencia em Paris, composta de número igual de professores da eschola de pharmacia, de medicina e medicina veterinaria, e pharmaceuticos estabelecidos; cá a redacção do novo codigo é incumbida a uma corporação que ainda não satisfez, apezar da obrigação que lhe é imposta pelos seus estatutos de 1772, e que tem a sua residencia n'uma cidade alias bem pequena, e cujos membros pela maior parte, não obstante o seu talento e sabedoria, pouco conhecimento prático pódem ter das precisões das grandes cidades. E do mesmo modo é mandado adoptar, ja como pharmacopea ja como compendio, nas aulas de pharmacia, um livro cujos erros não será facil contar!

Em França tracta-se de extinguir a classe dos herbolarios, prohibir aos veterinarios que preparem os medicamentos que applicam: entre nós é conservado e legalizado o exercicio dos herbolarios, sem que d'elles se exija prova alguma de intelligencia!

Em França attendendo á conveniencia pública tracta-se de limitar o número dos pharmaceuticos: cá attendendo se á necessidade de acrescentar o rendimento das matriculas, visitas etc. etc., dispõem-se todas as coisas para que o numero d'elles augmente o mais possivel.

Em França torna-se exclusiva para os pharmaceuticos a fabricação das aguas mineraes — artificiaes, e a venda tanto em grosso como a retalho, assim d'estas como das naturaes, e até mesmo a venda das sanguesugas lhe é reservada exclusivamente: entre nós encontram-se as aguas mineraes á venda em casas de negocio, lojas de bebidas, confeiteiros e até colchoeiros! E as sanguesugas nos herbolarios, barbeiros, capelistas etc. etc.

Terão porventura os pharmaceuticos francezes, para merecerem simílhantes distincções, prestado mais serviços ao seu paiz nas occasiões criticas, do que os portuguezes? Será o povo francez mais digno de ter sabios pharmaceuticos do que o portuguez?

Entre os pharmaceuticos portuguezes existem homens de grande respeito e bastante saber, que se tornam tanto mais dignos de louvores, quanto é certo que nenhuns meios o paiz lhes ministrava para elles estudarem. Os pharmaceuticos portuguezes teem em todas as epochas criticas, no tempo das guerras ou das epidemias, dado provas do mais decidido zêlo pela saude pública, e concorrido quanto é possivel para minorar esses flagellos da humanidade.

É pois necessario que se empreguem todos os meios

legaes, para alcançar o mesmo desiderandum; e se a razão, a justiça e a esperança de um futuro mais propicio não são estimulos sufficientes para excitar aquelles a quem uma justa reforma é conveniente, sirva-lhes ao menos o desejo d'imitação, a que somos tão dados, para que reunindo-se a um centro, possam alcançar medidas legislativas, que levantem a classe pharmaceutica da desgraça em que está, e que lhe dê instrucção, garantias e meios, para uma subsistencia decente e digna de uma classe scientifica, util e indispensavel.

Lisboa 3 de fevereiro de 1846.

José Tedeschi.

PARTE LITTERARIA.

OS QUATRO-IRMÃOS.

I.

E se acaso acode um gosto
Do sol nascido ó sol posto
Dos desgostos nom se estrema.
P. de A. Caminha — Epist. XXII.

A MÃE E O FILHO.

418 — Que linda tarde está, meu filho! nunca vi... é uma tarde de rosas; não corre nem um arzinho de vento siquer. E aqui dentro... e Jezus! vai um calor!..

— Vai calor, vai.

— Pois olha: queres tu? abro uma greta d'este postigo... Não te faz mal.

— Eu... parece-me que não fará.

— Não faz; antes bem.

— Então abra, minha mãe, abra.

E a Sr.ª Brites do Couto, ou a thia Brites do Couto, como toda a gente no logar lhe chamava, foi-se muito direita á janella, abriu de vagar o postigo, e pozpol'o de sorte, que não viesse damno ao seu ricco Manuel, que alli estava na cama doente; a Manuel, a quem tanto, tanto queria...

Se elle era o mais novo dos quatro filhos, que Deus lhe dera!

A pobre mulher não via outra coisa no mundo. Punha n'elle toda a esperança da alegria de sua vida.

E coitada! curta vida seria a sua ja'gora. Com perto de settenta janeiros andados, e com mágoas e desgostos, que inda é peior...

Mas cuidam talvez que era uma velha ingelhada e feia... Não, senhor; nada. A thia Brites andava sempre tam lavada e aceadinha, que fazia gôsto. Gibão e saia de panno razo, muito escovado; o lenço e o camizote, a reluzir-lhe d'alvo, como a pura neve...

Não se parecia, nem de longe com a malazada bruxa, — que bruxa estou em dizer que era, e mais bruxa do que todas quantas se representaram áquelle celebre poeta inglez, e ao outro da Allemanha tambem, que tantas maravilhas referiu de um doutor de malas-artes, que primeiro foi theologo e depois feiticeiro... e até, se bem me lembro, ao divertido Gil-Vicente, com quem os nossos reis antigos diz que se regalavam de rir... Bons tempos eram!

Porém a nossa honrada viuva do Couto havia-se de estremar bem d'ella, havia; d'essa velha, esgalgada, como um pinheiro bravo, e triste, como o peccado, que me sahiu d'uma congosta a manquejar d'um pé, e vestida de baeta negra, e que me contou ésta historia verdadeira dos *quatro-irmãos*, acontecida, ha duzentos e tantos annos ou mais; contou-m'a, e por signal com uma falla grossa que punha mêdo, emquanto enchia o seu cantaro na fonte, que rebenta e corre por baixo de umas arvores juncto da campa dos quatro desgraçados, que ainda la estão todos a par representados bem claramente em quatro pedras, com as suas cruzes á cabeceira, e com os seus cajados esculpidos ao lado.

Fica mesmo na estrada, á mão direita de quem vem de Braga para Guimaraens.

Ora a thia Brites, como eu ja dizendo, nunca teve outro emprego, nem outra fama, senão a de uma boa e sancta lavradora do Minho. Occupáva-se de noite e dia em governar a sua vida honestamente; em trazer a sua casa como um palmito, e cheia e farta de tudo; em deitar as suas teias, colhêr o seu pão... e valer a quanto pobre de Christo ou perigrino lhe batia á porta, e a quanto necessitado havia na sua freguezia de San'Martinho de Saude.

E assim foi sempre desde rapariga.

Por isso ella merecia a benção e o louvor de toda a vizinhança, que nunca poderam invejas contra a sua virtude; por isso ella mostrava uma cara de riso para todos, riso agradavel e singello, d'este que so nasçe da segurança do coração, que nunca fez, que nunca desejou mal a ninguem.

E que olhos tam formosos tinha, a sancta mulher!.. azuis-claros, e tam serenos!..

Vel'a como os deita agora pela fenda do postigo, que abriu... como os extende por ahi fóra, por esses campos da freguezia!.. e ficou... ficou...

Em que pensaria?.. quem sabe! talvez nas horas de felecidade innocente, que em casada, que em moça, que em descuidados annos disfructou por esses logares todos, em que ja não encontra, senão saudades! por esses logares...

San'Martinho de Sande parece um jardim. As casinhas brancas como pérolas sôltas por entre os

vinhaes, e por baixo dos altos castanheiros, que as toldam, fazem uma vista!..

Muito bonito é!

Mas a thia Brites... a thia Brites... em que pensa ella?... é, decerto, em coisa de pezar, por mais que me digam, que la se lhe estão a arrazar os olhos d'agua...

Ainda bem que Manuel a tirou d'aquelle pasmo, d'aquella scisma.

— Venha para aqui, minha mãe; assente-se aqui á beira da minha cama.

— Que me queres tu, meu filho?

E assentou-se aopé d'elle.

— Quero que me falle... e converse commigo; quero que me não esteja assim a pensar em não sei que negra tristeza... quero que espalhe, que se alegre... e que me não mostre esse infado...

— Infado!.. eu!.. oh Manuel... pois mereço-te... pois tu?...

— Não merece, não, minha mãe; é quê...

E o rapaz quebrado de alentos pela doença, abalado por aquellas palavras de amarga resignação, arrependido... desatou n'um chôro, que fazia dó. Agarrou com fôrça nas mãos da velha, e escondeu n'ellas as lagrimas, que pareciam de fogo, e as faces descoradas, como a propria cera.

Brites sentia partir-se-lhe a alma em duas metades; começou a consolal-o... mas, ao fallar, intalava... eram os soluços uns atraz dos outros:

— Não chores, meu filho... não chores...

— Minha mãe.. minha mãe... perdoe-me.

— E que te heide eu perdoar?.. tonto! não chores; bem sabes... Se, ás veses, ando mais triste e opprimida...

— É porque tem desgostes que a consomem...

— É porque te vejo, vai por seis mezes, com essa queixa... que te mata... que nos mata a ambos.

— Oh! porque me não havia de levar Deus para si!..

E Manuel pôz então no ceo uma vista firme e supplicante.

— Filho... meu filho... isso é coisa que tu profiras?! — atalhou Brites, erguendo-se meia-agastada, meia-espavorida, e ja com a voz quasi livre e natural, — era coisa que tu proferisses, Manuel!..

— Eu era so para...

— Era para o quê?.. Não era para nada. E acabou-se. Não se falle mais em similhante...

— Não falla, minha mãe, não.

— E se quizer que eu não me infade, nem peleije... é ter-me juizo! ouviu? Foi do agrado do Senhor dar-te esse mal...

— É verdade.

— Louvado seja Elle para sempre; *amein*... anda, dize *ameien*, anda...

— Digo, digo, e do fundo do coração.

— Ora, pois; e do mais... tens umas maleitas... hão de passar: hasde ficar bom de todo, são e forte como d'antes. A senhora da Piedade, tua madrinha, hade nos accudir. Verás. Hade alumiar o sr. cirurgião, para que te acerte com a cura...

— O sr. cirurgião, o sr. cirurgião, que vem da villa todas as semanas por via de mim... e eu então que não presto para nada, que não valho siquer... o gasto, que se faz...

Não pôde ouvir mais a extremosa velha; rompeu-se-lhe a alma toda n'um mar de pranto, — se ella morria por aquelle rapaz! e cahiu sobre elle de bruços, a beijal-o... a beijal-o...

— Manuel, Manuel! empenhára... vendêra tudo para te salvar... a camisa do corpo, se fôra preciso...

— Minha mãe!

O moço indireitou-se para cima, assentou-se e apertou contra o peito a cabeça incanecida da velha.

Oh! que abraço!

Era como o rebentão da oliveira abrasado pela seccura, a incestar-se ao tronco musgoso, que lhe déra a vida, e que lhe não póde ja dar succo! que abraço!..

Quem nunca chorou no seio de sua mãe, ou de afflicção, ou de alegria... não lêia este meu conto que me não intende...

A thia Brites continuou depois:

— Vendêra tudo, tudo... que tu és o meu querido filho... o filho que a mim se chega, que me não falla atravessado. Teus irmãos... valhame Deus... João não cuida senão de gados e lavoira... isso lá bom era; mas que modo... que modo!... nunca se abre aquella bocca!... uma vista de atravessado! Pedro... esse então peior. É cantar e tocar na viola e serões e festas e romarias... e moças, Manuel, que eu bem no sei.

— A'gora!..

— Sei, sei.

A velha parou aqui, para dar um suspiro como de quem toma o folego, e seguiu logo para diante:

— Antonio está na cidade a estudar para clerigo...

— E Antonio, minha mãe...

— Tem seu genio, tem: que se lhe hade fazer?

— E quando estava em casa...

— Andava sempre em brigas, sempre em dittos co'os outros... menos comtigo, que tu... Sabes? quem teve a culpa foi teu pae na escuridade em que deixou o seu testamento. So por causa d'aquella agua do poço do caminho... Negras partilhas tem sido.

— E serão.

— Ora eis-ahi está o que me traz pezarosa: vês? filho, meu ricco filho... mas deixa estar que o Senhor hade dar-te o pago do bem, que me fazes, da consolação que me dás, que tambem... se tu não fôras...

Manuel começava a estar anciado e interrompeu-a:

— Oh minha mãe... se alli me abrisse mais o postigo...

— Pois que é?.. pois que tens tu?..

— Nada.

— Estás tam córado, filho!.. terás febre?..

— Não tenho, não.

— É verdade que hoje não é dia; foi hontem; e ellas são terçans...

— Ande, minha mãe, abra a janella, que me regalo com este fresco da tarde...

— Mas...

— Abra.

— Ora, então espera, agazalha-te, cobre-te bem... vê la!

O rapaz deitou-se; Brites conchegou-lhe a roupa, e depois, ao tempo que descerrava o postigo, deu um grito de admiração:

— Ai, quem alli vem pelo atalho!..

— Quem é?

— O primo e amigalhão de teu pae... o Sr. padre Francisco Pedreira!

— O Sr. padre cura!..

— Sim, sim. E não sabes quem traz comsigo? a sobrinha.

— A Sr.ª Maria-da-egreja!..

— Tal e qual. Ora vejam... E eil'os aqui estão ja no *portello*...

— A Sr.ª Maria, que diz que não ha vel'a, nem merecel'a ninguem... é tral'a o thio agora ca!.. deve de ser milagre!.. isto é grande novidade!

Mas em quanto Manuel fallava assim quasi comsigo proprio, alizou e burniu a virtuosa Brites o topete; ageitou o lenço; escorreu com as mãos o gibão e a saia; poz na voz e nos olhos um sorriso, que lhe luzia pelas lagrimas ainda mal inxutas, como sol de trovoada a tremer nas gotas da chuva, que ficaram nas folhinhas do silvado; correu á porta do patim a receber a vizita, que nem por sonhos cuidava esperar, e fez-lhe uma mizura com tal gravidade, que fôra digna do mais sisudo *minuette da côrte*.

Uma aia velha, que criou minha thia, não a fazia melhor, acho eu.

(Continúa.) *Pereira da Cunha.*

THEATRO NACIONAL.

IV.

419 Viu-se no último d'estes artigos qual era o estado actual do theatro na Inglaterra; veremos hoje como é a legislação franceza sôbre o mesmo objecto.

Ésta legislação é ainda quasi toda a que foi promulgada por Napoleão, que obviou com ella as desordens que as ideas republicanas tinham introduzido nos theatros; porque a lei de 1835 limitou-se a consagrar alguns principios que a Revolução de julho tinha posto em dúvida, mas não abolido. Uma nova modificação, que já foi discutida na camara dos deputados, hade ser este anno (1846) debatida na dos pares.

A organisação do theatro em França é fundada n'estas tres bases: auctorisação previa do governo; distribuição de differente generó de expectaculo pelos diversos theatros, e a limitação da concorrencia em empresas theatraes. N'esta organisação tudo está combinado e se encadea. A Opera, vulgo *Grand'Opera* ou Academia-real de musica, sustentada pelo Estado e prestacionada pelos theatros secundarios, é o primeiro dos theatros-lyricos. Como se sabe, n'este theatro dão-se so dramas lyricos cantados em francez, e danças de grande espectaculo. Depois d'este é a Opera-comica, que tem um repertorio especial, composto, como todos sabem, de peças declamadas com canto inserido na declamação, coros e cheios. O theatro-italiano é annexo d'estoutro theatro, e não dá senão operas-italianas sem dança. A tragedia e a alta comedia constituem o repertorio do *Theatro-francez*, isto é: a primeira scena de declamação, a que está annexo o Odèon com o nome de segundo theatro-francez e tambem com subsidio do govêrno. Depois d'estes estão os theatros secundarios sem subsidio: Gaitè e Ambigu-comique, para o melodrama; Varietès e Vaudeville, para as peças d'este nome, declamadas, como se sabe, mas em que se misturam coplas e duettos cantados: o Circo-Olympico para exercicios d'equitação e pantomimas equestres. O theatro da Porta-Saint-Martin, para dramas e bailetes, alguns outros — Palais-Royal, Gymnasio — e agora o Hippodromo, são tolerados por abuso, contra o qual se clama muito. Todos estes theatros secundarios pagam á Opera o vigessimo das suas receitas. So os grandes theatros teem protecção especial, e um inspector encarregado de vigiar pela prosperidade da arte e dos artistas.

Nas provincias ha vinte e oito companhias estabelecidas nas principaes cidades do reino, dezoito companhias representam ora n'uma ora n'outra cidade das mais importantes; e vinte e duas companhias ambulantes viajam pelas villas e terras mais pequenas. Os theatros fixos das provincias teem o privilegio dos bailes de mascara, e teem direito ao quinto da receita bruta de qualquer theatro que dê representações dor-

tro da esphera do seu circulo, que lhe está marcado por lei.

Por este systema a mais rigorosa centralização administrativa se exerce em França sôbre os theatros. A faculdade de os abrir, seja onde fôr, está toda dependente de auctorização especial do govêrno; e ésta não se concede sem que seja a auctoridade que dicte as clausulas com que ella se hade verificar, e sem que prescreva o genero de espectaculo que o theatro que solicita a licença poderá representar. A censura previa é a primeira das condições; depois exigem-se as fianças, para garantia dos ordenados dos actores e mais empregados do theatro, no caso de fallencia da empresa. A 'Grand'Opera' dá uma fiança de 300,000 francos, a Opera-comica de 200,000, o Vaudeville de 40,000, o Ambigu de 30,000: o Theatro-francez é o unico que não dá fiança.

A censura é assim exercida. Uma commissão de quatro examinadores, estabelecida no ministerio do reino, revê as peças que se hãode representar em toda a França, e as emenda, regeita ou licenceia, como intende, empregando sempre maior rigor n'aquellas que se hãode representar em theatros secundarios. O parecer da commissão sobe ao Ministro que o approva ou não. Nas provincias os Prefeitos podem auctorizar a representação das peças que já teem sido licenciadas em Paris; mas tambem as podem prohibir se lhes parece que ha inconveniente em as deixar representar nas suas provincias. A representação de uma peça licenciada póde todavia ser prohibida. Os manuscriptos são entregues em duplicado á commissão, e assignados pelos directores dos theatros, em prova de que a peça foi recebida pela respectiva commissão de leitura. Sem ésta formalidade os censores não se occupam da peça, porque muitas vezes perderiam o seu tempo, e assim traz ella já a seu favor o haver sido achada digna de representação (1). O exame da peça é feito dentro em dez dias. Cada um dos censores lê a peça e depois a decisão d'elles é tomada em commum. Ésta commissão é permanente e reune-se todos os dias. Actualmente os auctores das peças, directores dos theatros, ou quem os representa, são chamados á commissão de exame, quando ella tem a dar a sua decisão, para alegarem suas razões e fazerem as observações que tiverem a fazer. Não era assim a principio (2).

Os direitos d'auctor não existiam nos principios do theatro moderno: as empresas compravam previamente o manuscripto, segundo ajustavam; mas em 1697 um regulamento impoz aos empresarios a obrigação de pagarem estes direitos. Este regulamento foi renovado em 1757, 1766 e 1780; mas em 1789 ordenou-se definitivamente que a receita fosse dividida em dezoito partes: o auctor recebia duas, se a peça era de cinco actos; as outras dezesseis partes eram propriedade dos empresarios. As peças de trez e menos actos, recebiam um decimo-oitavo. Esta repartição só se fazia depois de tiradas todas as despezas.

Este regulamento não se intendia com o 'Theatro-francez', e na 'Opera', por lei de 1778, eram pagos 200 francos por cada uma das 20 primeiras representações, 150 pelas 10 seguintes, e 100 pelas outras 10 subsequentes; depois d'estas 40 representações não havia direito a reclamar mais nenhum pagamento.

Finalmente o decreto regulador de Napoleão (1806), que vigora ainda hoje, attendeu providente aos direitos da mais sagrada das propriedades — a da intelligencia. Nos grandes theatros — 'Opera,' 'Theatro-francez,' Opera-comica — que mais são estabelecimentos publicos do que empresas mercantiz, praticam assim: A 'Opera' dá 500 francos de direitos fixos por cada uma das primeiras vinte representações de uma grande opera, para dividir pelo poeta e pelo compositor: depois d'estas vinte representações a remuneração desce a 300 francos. No 'Theatro-francez' uma peça de 5 actos tem o duodecimo da receita bruta, uma peça de 3 actos o decimo-oitavo, e uma peça de 1 acto o vigessimo-quarto. Na 'Opera-comica' uma peça de 3 a 5 actos tem $8\frac{1}{2}$ por cento da receita, deduzido só o direito dos pobres; uma peça de 2 actos, $6\frac{1}{2}$, e uma peça de 1 acto 6 por cento.

Nos outros theatros os direitos d'auctor são ajustados entre estes e os empresarios; ou antes são impostos aos empresarios pela sociedade dos auctores dramaticos na razão de 12 por cento da receita bruta.

Nos theatros de provincia recebem os auctores um direito fixo, calculado segundo o genero da peça e a importancia local. O rei de Sardanha fez ultimamente um tractado com a França, pelo qual estabeleceu nos seus Estados do continente, o direito dos auctores francezes.

Em França só se qualificam como auctores dramaticos aquelles que tem feito representar as suas producções n'alguma das scenas francezas. O número d'estes está calculado em quinhentos. (!) Como dei noticia do número d'auctores não concluirei sem dizer tambem que o numero dos actores em França sóbe a trez mil, pela conta mais exacta.

D'estes os mais eminentes, que recebem grandes ordenados, chegam muitas vezes á opulencia: outros vivem commodamente; mas o maior número tem uma existencia miseravel. Nas provincias, principalmente, a sua condição é muito precaria. Para acudir de algum modo a ésta desgraça estabeleceram os actores um monte-pio em 1840. Em 1843 os associados eram já 1,700, e o capital chegava a 94,206 francos, empregado pela maior parte em fundos-publicos. Ésta sociedade promette ainda maior prosperidade (1)

Os artistas dramaticos em França formam-se em differentes escholas. Uns, escripturados para os theatros de provincia quando moços, raras vezes de lá sahem. Outros, sobem ao palco ainda pequenos a repetir papeis que não intendem, e quasi sempre assim crescem e assim ficam. Finalmente um certo número d'elles sahem do Conservatorio, estabelecimento do Estado, instituido em 1784 para formar musicos e actores.

(1) Este costume, ou similhante, era indispensavel ser adoptado pelo nosso Conservatorio, que muitas vezes tem desgostado os seus censores (alias gratuitos) com indigestas semsaborias a que approuve a seus auctores de chamar drama.

(2) Eu recommendo ésta, e algumas outras circumstancias d'este paragrapho, á illustre commissão-inspectora do Theatro-nacional. Confio muito na illustração dos seus dignos membros para acreditar que totalmente as desprezem.

(1) Lembro a organisação de um estabelecimento similhante a todos os actores que não forem comprehendidos no quadro da companhia do Theatro-nacional.

Não concluirei ainda este artigo sem dizer alguma coisa da celebre associação d'actores dramaticos de que ja acima fallei, e que hoje está conhecida em todo o mundo. Ésta associação data do último seculo, e parece que este pensamento foi de Beaumarchais, o celebre auctor da trilogia de *Figaro*, que os nossos *dilettanti* teem muitas vezes applaudido n'uma de suas partes, posta em musica pelo inimitavel Rossini. Come quer que seja, a primeira sociedade constituiu-se em 1794: e foi refeita em 1801 com noventa e cinco socios. Formaram-se depois outras sociedades da mesma natureza, que se reuniram todas em 1829, n'uma *associação geral d'auctores*, e em 1837 renovaram o seu contracto: hoje compõe-se de quatrocentos e vinte auctores. O objecto d'esta associação é o seguinte: 1.° A defensa mutua dos associados nas questões com as empresas ou pessoas que tenham relações com elles na qualidade d'auctores dramaticos. 2.° A recepção, com o menos custo possivel, dos direitos d'auctor, uma parte dos quaes é propriedade commum. 3.° Um monte-pio a favor dos associados. 4.° Estabelecimento de um fundo commum cujos interesses são repartidos. Uma commissão eleita em assemblea geral é gerente dos negocios da sociedade, que está hoje prospera e cheia de actividade, prestando os mais importantes serviços a todos os seus socios.

No seguinte artigo se tractará da nossa legislação theatral; e se bem que com o *regulamento* de 30 de janeiro último se obviou em muita parte ao que havia a ponderar, comtudo ésta lei ainda não satisfaz. Veremos pois quaes são os pontos capitaes d'esta questão importante que necessitam resolvidos.

STATISTICA DRAMATICA.

420 Em additamento ao artigo 404, que, com este mesmo titulo publiquei no antecedente número, darei hoje conta de todos os dramas e farças originaes que se teem representado nos theatros de Lisboa de 1836 até hoje, epocha em que o theatro começou a dar os melhores signaes de uma restauração dramatica, que infelizmente se não enraizou completamente mas que ainda assim tem fructificado bastante—mais de que nunca, dois seculos havia.

THEATRO DA RUA-DOS-CONDES.

Dramas: *Um auto de Gil-Vicente* [Almeida Garrett] *O marquez de Pombal, ou o terramoto de* 1755 [Baiardo] *Lopo de Figueiredo* [Ignacio Pisarro] *Diogo Tinoco* [Ignacio Pisarro] *O Emparedado* [Sousa Lobo] *Os dois Renegados* [Mendes Leal] *D. Sisnando* [Serpa Pimentel] *O Camões do Rocio* [Feijó] *O Homem da mascara negra* [Mendes Leal] *Carlos ou a familia do avarento* [Feijó] *O marquez de Pombal* ou 21 *annos da sua administração* [Perini] *Ausenda* [Mendes Leal] *Os dois Campeões* [D. P. da C. Sousa de Macedo] *O Captivo de Fez* [Silva Abranches] *A Actriz* [Serpa Pimentel] *O Valido* [Cascaes] *D. Manuel d'Azevedo* [Silva Vieira] *O medico improvisado* [Midozi] *O Alfageme* [Almeida Garrett] *O castello de Faria* [Cascaes] *As duas Ilhas* [Pereira da Cunha] *O pagem d'Aljubarrota* [Mendes Leal] *O barão de Galleqos* [Silva Abranches] *D. Maria d'Alencastro* [Mendes Leal] *A Rainha e a Aventureira* [Corrêa de Lacerda] *Brazia parda* [Pereira da Cunha] *A pobre das ruinas* [Mendes Leal] *D. Maria Telles* (Corvo). Farças: O *Maltez ou os novos inventos* [Feijó] *O noivado em Frielas* [Midozi] *Os logros n'uma hospedaria* [Midozi] *A boda em trajos de frasqueira* [Serpa Pimentel] *A hospedaria da carruagem aeria* [Castilho — Antonio] *O Beijo*—lyrica [Silva Leal] *O Caçador*—lyrica [Mendes Leal] *O dilemma* [Midozi] *O par de luvas*—lyrica [Silva Leal] *Um bom-homem d'outro tempo* — lyrica [Silva Leal].

THEATRO DO SALITRE.

Dramas: *Os tres últimos dias de um sentenciado* [Perini e Castilho — Antonio] *Filippe Mauvert* [Perini e Castilho — Antonio] *O Remechido* [Feijó] *O Fronteiro d'Africa* [A. Herculano] *Geraldo Sem-pavor* [Perini e Castilho — Antonio] *Marianna Pineda* [Lamprea] *A morte do conde Andeiro* [Feijó] *O Cigano* [Perini] *D. Aphonso III* [H. G. de Sousa] *O Almansor Aben-Afan* [Serpa Pimentel] *A Vingança* [A. C. da Silva] *Roberto do Diabo* [Perini e Silva Leal] *Um dia de verão em Cintra* [Midosi] *Os dois irmãos ou uma desgraça de familia* [Perini] *A conspiração dos artistas* [Perini] *O cego da fonte de Santa-Catharina* [Aragão] *Os dois rivaes* [J. C. M. Furtado] *A duqueza de Bragança* [A. C. da Silva] *Affonso ou sette annos no castello* [J. C. M. Furtado] *O retrato politico de muitos homens* [Camara] *A Moira* [Sousa Lobo] *O Conde João* [D. J. d'Azevedo]. Farças: *O Cambista* [J. C. de Carvalho] *A conjuração malograda* [J. C. de Carvalho] *O medico da nova eschola* [Francisco Xavier] *A familia original* [Francisco Xavier].

D'aqui resulta que o theatro da Rua-dos-Condes tem representado, em pouco mais de oito annos, vinte e oito dramas e dez farças, e o theatro do Salitre vinte e dois dramas e quatro farças: se accrescentarmos a estes *O judeu* (Bordallo) *Uma scena dos nossos dias* [Midozi] representadas pela sociedade dos amadores da scena-portugueza, teremos uma totalidade de 65 composições dramaticas, que junctas a 14, que estão impressas e não foram representadas em nenhum theatro publico, como vimos no antecedente artigo a que me referi, farão a somma de 79 peças de theatro; ás quaes se ajunctarmos ainda mais 33 que vieram ao concurso ultimamente aberto pelo Conservatorio, para inauguração do Theatro de D. Maria II, de que fallei tambem no mesmo mencionado artigo (*), produzirão um computo de 112 peças, que divididas por 8 annos são 14 peças por anno; resultado admiravel comparado com tudo o que até aqui haviamos produzido no espaço de 360 annos!

Não concluirei ainda sem fazer commemoração das 14 peças de musica originaes que se cantaram em San' Carlos, sendo cinco de compositores portuguezes e as nove restantes de compositores italianos aqui residentes, que as escreveram expressamente para o nosso theatro-lyrico. São as seguintes:

O fanatico pela musica — burletta n'um acto por Schira [Francisco] *O Sonambulo* [Miró] *Os cavalleiros de Valença ou Isabel de Lara* [Schira — Francisco] *Atar* [Miró] *A nova Castro* [Manuel Innocencio] *Virginia* [Miró] *Joanna I* [Coppola] *O cercó de Diu* [Manuel Innocencio] *A filha do espadeiro* [Coppola] *Um terno ao loto* — pequena burletta [Frondoni] *D. Ignez de Castro* [Coppola] *Os profugos de Parga* [Frondoni] Devem-se accrescentar a éstas a peça em um acto e em portuguez, *Os infantes em Ceuta* [Miró] cantada

(*) Ajuncto hoje mais uma áquellas peças, que é a comedia — *Que importa um dom*, que então se omittiu.

na 'Academia-philharmonica' e á opera-comica, tambem em portuguez. *Os Salteadores* [Daddi] cantada no theatro particular das 'Larangeiras;' o que dá quasi uma opera por anno composição de artistas portuguezes.

Eis-aqui mais uma utilidade d'estas estatisticas: ninguem se persuadiria á primeira vista de tamanha actividade entre nós, nem de que subisse a tam grande número a totalidade das producções dramaticas em Portugal; verdade é que nem todas são excellentes mas demonstram o facto.

BIBLIOGRAFIA.

421 REVOLUÇÃO FRANCEZA. Historia de dez annos 1830 — 1840, por *M. Luiz Blanc.*

Vamos publicar a traducção d'esta obra, cuja introducção — GOLPE DE VISTA SOBRE A RESTAURAÇÃO — é como um annel que prende a historia do imperio com a monarchia de julho. Julgamos conveniente emprehender ésta publicação, pela considerar-mos como uma continuação á historia do Consulado e do Imperio de M. Thiers, que se está publicando.

Aquellas pessoas que tiverem a mencionada traducção, e a da Revolução Franceza pelo mesmo auctor, não deixarão de nos coadjuvar n'esta publicação para possuirem a traducção de uma obra escripta por um dos melhores genios da França, que com a maior imparcialidade descreve uma das epochas mais brilhantes d'aquella nação, qual a da gloriosa revolução de julho e suas consequencias.

Publicar-se-ha cada semana uma folha de impressão em oitavo frances de 16 paginas, impressa em bom typo moderno. Preço de cada folha 30 rs., entregue nas casas dos Srs. assignantes.

A publicação começará logo que haja sufficiente numero de assignaturas.

Assigna-se e vende-se na loja da viuva Henriques, rua Augusta n.° 1.

Na cidade de Faro será publicado um periodico provincial, com a seguinte denominação — O NOTICIADOR ALGARVIENSE; — e se publicará uma vez por semana, em todas as quartafeiras; porém, logo que haja sufficiente numero de assignaturas, publicar-se-ha duas e talvez tres vezes por semana. — O primeiro numero sahirá no dia 28 de março, anniversario da tomada de FARO aos mouros por D. AFFONSO III. — Constará este jornal dos extractos das peças officiaes do Diario do Governo, dos discursos mais notaveis dos Srs. pares e deputados, da integra das ordens e circulares do govêrno civil d'este districto e da administração do concelho, dos editaes, ou officios das camaras municipaes, de quaesquer ordens do governo militar, das pastoraes do governo ecclesiastico, das consultas da juncta geral do districto, dos annuncios da repartição de fazenda do governo civil, e dos da pagadoria militar, de quaesquer mappas ou disposições fiscaes das alfandegas, dos avisos dos administradores dos correios, das disposições da provedoria de saude, dos annuncios das audiencias geraes e de execuções, dos preços dos generos, do cambio de dinheiros, do rebate dos recibos das diversas classes activas e inactivas, da summa das noticias mais interessantes do continente, ilhas, ultramar, e paizes extrangeiros; e finalmente de artigos de variedade sobre a *Historia Algarviense*, e quanto possa ser util para a prosperidade agricola, commercial e litteraria d'este districto. — Será inteiramente vedado á politica. — Serão recebidas e publicadas as correspondencias, que sejam de interesse publico, não assim as que envolverem polemicas ou questões pessoaes.

Subscreve-se por 12 numeros	360	réis.
Por 24 ditos	720	»
Folha a vulso	40	»
Annuncios, de interesse particular, para os assignantes, por linha	20	»
Para os não assignantes	40	»
Annuncios de interesse publico — gratis.		

Os annuncios, e as correspondencias francas de porte, serão dirigidos aos redactores, rua de Sancto Antonio do Alto n.° 442.

VIAGENS.

DESCRIPÇÃO DA ILHA DE SAN'THIAGO (ARCHIPELAGO DE CABO-VERDE).

422 A ilha de San'Thiago apresenta um aspecto inteiramente diverso de da Ilha da Madeira, principalmente na sua parte de sueste, ainda que a constituição physica das duas ilhas é similhante, como todos sabem. Ella tem na sua parte central muitos picos elevados e serras que formam um bello fundo em comparação da paysagem escalvada e pouco deleitosa da costa.

A villa de Porto-Praia acha-se situada em posição amena sobre uma alta planicie, e apresenta-se favoravelmente quando se encherga do mar. A sua bahia é aberta, porém está ao abrigo dos ventos dominantes. Geralmente é difficultoso de aportar a ella. O unico ancoradouro é perto de um pequeno rochedo situado a alguma distancia da cidade, e em baixo de um declive, no alto do qual se acha, ou para melhor dizer, se achava um forte que se acha agora inteiramente arruinado. Este forte domina a bahia, e eleva-se cerca de duzentos pés sobre o mar. A estratificação horizontal de pedra lioz vermelha e amarella que compoem este rochedo, é muito visivel, e torna este um dos objectos dos mais notaveis d'esta parte da ilha. Este rochedo é de formação terciaria, e encerra em si um grande numero de fosseis. M. Wilkes tem pena de não haver podido prolongar a sua estada em San' Thiago, onde poderia fazer rica colheita nos differentes ramos de historia natural.

Entre esta rocha e a cidade extende-se um valle dilatado onde se encontram tamareiras, coqueiros, e uma especie de aloes.

Assim que põe pé em terra, um extrangeiro, vê-se cercado de um grande número de habitantes, que trazem para lhes vender, fructa, hortaliça, frangos, perus e macacos, e que incommodam sôbre maneira com suas instancias. O terreno, os rochedos, tudo o que se mostra á superficie da terra, traz comsigo indicios não equivocos de uma origem vulcanica. A rocha que fica sôbre a formação terciaria é uma camada espessa de lava cellulosa, cujos fragmentos se mostram á superficie dispersados em todas as direcções.

Uma camada pouco grossa de terreno magro alimenta uma vegetação bastantemte triste, de que se apascentam cabras e jumentos om grande número. O character da vegetação é incontrastavelmente africano.

O tracto de caminho que vai do sitio do desembarque até á villa, é muito fadigoso, e a estrada está coberta de uma grossa camada de areia. O primeiro relancear de olhos sôbre a villa, logo que n'ella se entra, faz desapparecer a bôa opinião que d'ella se teria podido conceber ao avistal-a de longe. As casas que a compoem são caiadas de branco, e fazem lembrar as das classes inferiores da Madeira, mas ficam muito inferiores a éstas últimas. Na parte nordeste da villa compoem-se de pedra bruta, e são cobertas de

folhas de palmeira. As ruas são largas: no centro está uma grande praça pública, e no meio d'ella se ve um pequeno monumento de madeira, que se diz ser o emblema do poder real [?] Uma pequena igreja; uma cadeia, e um quartel de soldados são os principaes edificios. O forte que flanqueia a villa está quasi inteiramente arruinado. As casas são de pedra, com um andar, e cobertas, umas de colmo, outras de telhas; no interior d'ellas não se acha senão um pequeno número de objectos todos de absoluta necessidade, emquanto ao aceio e ás commodidades, taes como nós as intendemos, os habitantes dão d'elle e d'ellas a mais pequena ideia. A maior parte das casas são sujas por extreme; o gado suino, as aves de penna, os macacos, parecem reclamar e possuir n'algumas tanto direito como os mesmos homens. A população compõe-se de uma mistura de descendentes de portuguezes, de indigenas e de negros da costa vizinha. A raça negra parece ser a predominante.

O número dos habitantes de San'Thiago é de 300,000 pouco mais ou menos. Porto-da-Praia contém uns 2,300 entre os quaes obra de 100 portuguezes. A lingua que falla a gente baixa é uma especie de algaravia formada de uma mescla de portuguez e de dialectos dos negros. A maior parte dos negros fallam a sua lingua natural. Alguns dos officiaes da guarnição são pretos.

A curiosidade mais notavel da Ilha é o manancial que abastece de agua a villa. Dista d'ella cêrca de meia milha, ficando na estrada que a ella conduz. Este manancial ou fonte, está cercado de vegetaes dos tropicos, como tamareiras, coqueiros, bananeiras, cannas de assucar etc., isto de mistura com laranjeiras, vinhas etc. Assim, em meio do paiz que a cérca, fórma um oasis delicioso; porém é tambem curioso de ver em razão da espantosa e extravagante reunião que continuamente se ve n'aquella localidade, de mulheres meio nuas, de homens de diversos trajos, de mendigos, de soldados, de gado, de macacos. Uns vem buscar agua, outros lavam-se ou se banham, e formam um complexo dos mais extranhos, e animados quadros.

O commercio da villa parece ser quasi de todo nullo, por quanto apenas se encontrará alli mais que um pequeno numero de lojas de mercearia e de quincalheria, e uma ou duas officinas de carpinteiro. Pelo mais o desleixo dos habitantes, e o dissabor que lhes tem inspirado alguns vexames que sobre elles hão pesado, tem-nos induzido a não pedir á terra senão o que é absolutamente necessario. Cumpre accrescentar que de alguns annos para cá elles tem menos occasiões de dar extracção a seus generos; por quanto os aperfeiçoamentos dos navios permitte-lhes diminuir o numero das escalas que antes tinham de fazer, e d'aqui procede uma importante diminuição na venda do gado e dos productos do solo.

(Extrahido da obra recentemente publicada, de M. G. Wilkes, intitulada '*Relação da expedição exploratoria mandada pelo governo dos Estados-Unidos, durante os annos de* 1838, 1839, 1840, 1841 e 1842.)

VARIEDADES

N. B. O art. 406, pag. 394 do n.º 33, em 5 do corrente, era assignado com dois A. A., mas por descuido typographico appareceu com um só A. Esta assignatura não póde confundir-se com nenhuma outra d'este jornal.

TRIBUTO AO MERITO.

423 Promulgou-se a lei da creação dos seminarios no ultimo anno da legislatura passada, mas infelizmente não foram elles ainda estabelecidos N'esta carencia de instrucção ecclesiastica appareceu no Algarve um benemerito ecclesiastico, que de sua livre e espontanea vontade se presta a dar gratuitamente essa instrucção aos mancebos que a quizerem aproveitar. É este digno ecclesiastico o Sr. Antonio Caetano da Costa Inglez, prior da freguezia de Sancta Maria na cidade de Lagos, e conego honorario: começou elle no anno de 1835 por se encarregar da educação e ensino de um menino de 7 annos, filho de seu amigo o Sr. Joaquim Antonio Calassês, morador em Monxique, o qual lhe abrigára em casa a sua familia por espaço de mais de dois annos, que perseguido pelo governo intruso, esteve preso nas cadeias de Lisboa, e privado dos rendimentos de seu beneficio que lhe foram sequestrados. Para animar o menino Calassês foi o Sr. Antonio Caetano rogando a alguns meninos da cidade, em quem descobria propensão para os estudos, fossem a sua casa, que elle lhes daria lições de grammatica latina; e dentro de poucos annos a sua casa estava convertida em aula não so de latim, mas das outras sciencias que formam um perfeito ecclesiastico. No fim do anno passado, 1845, contava 29 discipulos, 15 em grammatica latina, 6 em philosophia racional e moral, 4 em direito canonico e dogma, e 4 em theologia moral e dogmatica. Estes ultimos foram examinados em Faro pelos examinadores synodaes, em presença do reverendissimo bispo, que enchendo de elogios o mestre e os discipulos deu manifestas provas da sua satisfação ordenando de presbyteros, nas temporas de San'Thomé, dois que tinham a idade requerida, permittindo-lhes logo poderem prégar e confessar; e concedendo aos outros dois licença para impetrarem breve de supplemento de idade afim de serem ordenados tambem de presbyteros nas seguintes temporas da Sanctissima Trindade.

Na noite de Natal officiou matinas, e cantou a primeira missa na igreja da Misericordia de Lagos, servindo de freguezia de Sancta Maria, o novo presbytero o sr. José Epifanio de Azevedo, tendo por acolitos os seus condiscipulos os Srs. J. P. Diniz Landeiro, Simão da Gloria Neves, e presbyteros assistentes seu digno mestre e o reverendo prior da freguezia de San'Sebastião, o Sr. João Antonio da Silva, o qual subindo ao pulpito fez uma excellente oração apropriapriada aos objectos da festividade. As matinas e missa foram cantadas por musica, acompanhadas no instrumental pelos membros da Sociedade philharmonica da cidade, que gostosos se prestaram a coadjuvar e solemnisar esta funcção de tanto jubilo para todos os seus patricios, que em mui crescido numero a ella concorreram.

Dia de Reis repetio-se outra similhante funcção officiando matinas e celebrando a sua primeira missa na igreja parochial de San'Sebastião, o outro novo presbytero o Sr. Landeiro, tendo por acolitos os seus condiscipulos Neves e João Antonio d'Almeida, e presbyteros assistentes os mesmos dois reverendos priores, prégando o reverendo parocho da freguezia de Odiazere, não menos dignamente que seu irmão fizera na antecedente noite do Natal, e assistindo igualmente a musica instrumental da Sociedade philharmonica, com grande concurso de povo de todas as classes.

D'este modo acompanharam os habitantes de Lagos o benemerito ecclesiastico, que tanto se tem esmerado na instrucção dos seus mancebos, em solemnizar nos dias commemorativos dos maiores mysterios da nossa sancta religião o incruento holocausto offerecido pela primeira vez ao Altissimo no sacrificio da missa por dois dos discipulos que elle por seus disvellos havia formado para tão elevado ministerio!

Dignos de sabido louvor são em verdade aquelles que pagos pelo governo para instruir a mocidade se interessam em cumprir os deveres da alta missão que lhes é encarregada, formando com suas licções cidadãos uteis á patria; porém muito mais credor é da estima pública aquelle que de seu motu proprio, sem esperança de premio ou galardão, se presta ao ensino da mocidade, empregando n'essa ardua e arida tarefa os momentos que lhe restam do desempenho do cargo que occupa na sociedade. O nome d'este egregio e conspicuo cidadão merece ser conhecido para consolação das almas sensiveis que prezão as acções virtuozas. A REVISTA tem sempre publicado as boas acções que chegam ao seu conhecimento: as que deixo referidas, praticadas pelo Sr. Antonio Caetano da Costa Inglez, são de apreço tão transcendente, que não receio que deixem de ter n'ella distincto cabimento, devendo ainda acrescentar que este benemerito ecclesiastico honra a classe dos parochos, a quem dá o exemplo de mais completo desempenho dos seus deveres, e da prática das virtudes evangelicas e sociaes; é um perfeito discipulo da eschola do conspicuo e memorando prelado da diocese do Algarve o Sr. D. Francisco Gomes de Avellar, e educado no seu seminario. Seguindo os exemplos e as doutrinas d'este dignissimo successor dos apostolos está hoje em dia convertida em seminario do bispado do Algarve a casa do benemerito prior de Santa Maria de Lagos; pois nem so os filhos d'esta cidade alli recebem licções franca e gratuitamente, mas ainda os de quaesquer outras terras do Algarve que ja as frequentam. O Ente Supremo abençoe intenções tão philantropicas, e prolongue a vida de tão util ecclesiasco para sua gloria, e utilidade da igreja do Algarve!

J. B. da S. Lopes.

MONUMENTO DO INFANTE D. HENRIQUE.

424 *Sr. Redactor.* — Em 19 de maio de 1844 uma commissão foi nomeada por Sua Magestade afim de propor os meios mais adequados de se obter uma estatua do infante D. Henrique, que melhor se aproximasse na similhança ao vulto d'aquelle esclarecido principe: — pouco depois a commissão desempenhou pela mais louvavel fórma o encargo que lhe fôra dado. Se isto porém é indubitavel, não o é menos que perto de vinte e um mezes são decorridos, sem que ao menos tenha apparecido o programma para o concurso dos artistas, que se quizessem encarregar da empreza. Bem felizes serão aquelle, ou aquelles, que para isso concorrem, se conseguirem que a imprensa ignore sempre os seus nomes e os motivos porque assim procedem... Mas a sua felicidade não deve, nem póde chegar a tanto que embargue, aos que devéras amam a sua patria, a voz, para se não queixarem como offendidos, que são, na culpa d'este descuido — unida de mais a mais ao crime do esquecimento — e fique a gloria de ser por elles e pela nação, erguido um sensato brado n'este sentido, ao auctor do artigo 3,696 publicado no n.° 21 do 4.° volume da REVISTA, que eu me satisfarei de sobra com a honra que me cabe em pedir a V. na qualidade de patriota, que é, se sirva reproduzir o citado artigo n'este mesmo jornal — agora confiado ao seu illustrado zêlo — ou escrever algum equivalente, pois em um ou outro caso prestará ao paiz um bom serviço, e obrigará extremamente ao seu

Assignante.
S. N.

Não simplesmente por consideração para com o illustre correspondente, mas ainda mais por impulso proprio e dever d'escriptor-público, uno os meus votos aos seus para que a supplica, que, em 24 de março de 1844, o sr. Abbade Castro fez a Sua Magestade, pelo ministerio da marinha, para inauguração de um monumento ao infante D. Henrique, tenha devido e prompto despacho na realisação de tão illustrado pensamento; e muito confio na justiça d'elle para que duvide que estes bons desejos tardem ainda muito a verificar-se...

CORREIO NACIONAL.

425 Na seguinte semana irá á scena no theatro de San'Carlos, a nova opera do *maestro* Aspa, 'Paulo e Virginia,' acção extrahida, como se vê do seu titulo, da mimosa creação do eloquente Bernardin de Saint-Pierre. N'esta opera debutará a Sr.ª Remorini na parte de *Paulo*. A ésta seguir-se-ha logo outra opera nova do, ja hoje famoso, Verdi 'Il due Foscari.'

Na 'Academia philharmonica' ensaia-se uma opera de Donizetti, *Bianca d'Acquitania*, para celebrar, no proximo mez, o anniversario da sua installação.

Parece que o Sr. E. Doux tenciona fazer construir um novo theatro na rua dos Fanqueiros, onde devia ser a igreja de Sancta-Justa.

No dia 25 de janeiro um F. Campeão, morador na rua da Sophia em Coimbra, que fôra criado de João José de Lemos, e que actualmente especulava em negocios de cambio, sahiu de casa deixando recado á mulher que o servia, e que habitava proximo das casas d'elle, que não vinha cear, *porque ia merendar com uns amigos.* Não apparecendo em todo o dia seguinte, a auctoridade administrativa fez abrir as portas da loja e casas do dito Campeão, e não se lhe encontrou senão uma pequena somma de dinheiro em cobre, circumstancia que veio augmentar as suspeitas de algum crime, por isso que era constante o possuir elle grossas sommas de dinheiro, como deman-

dava a especie de negocio de que se occupava. Começaram as mais activas diligencia de busca, e no dia seguinte encontraram-se em uma casa de despejos do extincto mosteiro de Sancta-Cruz os tamancos e o lenço do Campeão embrulhados em uma esteira ensopada em sangue.

Este descobrimento fez redobrar os esforços investigadores, e afinal foi encontrado no sitio do *Salgueiral* embaraçado na estacada do encanamento o cadaver do infeliz Campeão, cheio de feridas.

Prenderam-se como suspeitas de cumplicidade algumas pessoas, cujos nomes callaremos, por isso mesmo que emquanto a justiça não julgar qualquer indicação por menos exacta se torna uma gravissima injuria.

Callâmos egualmente o proceder de alguns empregados administrativos, por que são tão horriveis os meios por elles empregados para obter provas do crime (se são provas confissões arrancadas em meio de torturas) que os julgâmos impossiveis, não obstante o credito das pessoas que nos relatam o feito; pois antes queremos passar por scepticos em honra da humanidade, do que acreditarmos que se praticam factos como os que lemos em mais de uma correspondencia.

No dia 19 do corrente hade dar-se no 'Hotel da Peninsula' um baile de beneficencia a favor do 'Asylo da mendicidade.' Recommendâmos muito este agradavel meio de concorrer para auxilio de tam util estabelecimento.

A companhia das 'Obras-publicas' distribue, como dividendo do anno de 1845, 1$250 réis por cada cautella de 500$000 réis.

A companhia das 'Pescarias' annuncia que desejosa de ampliar a pesca do bacalhau, convida os donos de embarcações sôbre 120 toneladas a fretarem-lh'as ou associarem-se com ella em parceria. Ésta companhia é uma das mais uteis do nossso paiz: o êrro das excessivas despezas feitas na sua creação parece ter sido emendado, e este annúncio mesmo é prova de certo grau de prosperidade, de que ella é digna, e que muito sinceramente desejâmos que augmente por utilidade pública.

Está a concurso, por tempo de 60 dias a contar de 12 do corrente, a cadeira de Geometria e Mecanica applicada ás artes e officios, do lyceu nacional de Lisboa, com ordenado de 400$000 réis.

Nos dias 1 e 2 de corrente houve solemne festividade na freguezia de San'Christovão tendo-se concluido as obras de reparo d'aquelle templo, feitas por meio d'esmollas, de parochianos e não parochianos, promovidas por uma commissão de zelosos moradores da mesma freguezia. Assevera-se que a igreja foi brilhantemente restaurada.

Por decreto de 4 do corrente foi despachado para o logar d'Inspector-geral dos Theatros o Sr. Visconde Tilheiros, membro do Conservatorio-real. S. Ex.ª foi hoje (10) tomar posse do seu novo cargo.

A irmandade do Sacramento da freguezia de San'Nicolau foi auctorisada a contrahir um emprestimo de 16:000$000 rs. para acabamento das obras da igreja da mesma invocação n'esta cidade.

Por decreto de 6 do corrente se regulam as condições com que poderão ser admittidos a exercer a sua profissão no nosso paiz os facultativos e pharmaceuticos extrangeiros que se vierem estabelecer em Portugal.

As alfandegas de Lisboa, Porto e Sette-Casas, produziram no mez de dezembro último, uma receita de 370:488$111 rs.

Pela alfandega das Sette-Casas foram despachados para consummo 2.109 pipas de vinho e 441 d'azeite, 27,515 arrobas de vacca, 35,200 de porco e 495 de vitella e carneiro, e fructas e vegetaes no valor de 21:934$750 rs.; e para exportação 1.792 pipas de vinho. Estes despachos produziram 80:819$460 rs.

Não ha duvidar de que o Porto toma a dianteira a Lisboa em todos os divertimentos do bom tom: assim foi com os bailes da estação, e assim é com os bailes de mascaras; o primeiro d'estes deve ter sido no dia 7 do corrente, dado pela Sociedade 'Recreio-familiar.'

No dia 9 chegou de Roma o cavalheiro Ruspoli, *Guardia nobile* de Sua Santidade, portador do barrete de cardeal para o Sr. Patriarcha D. Guilherme. Em companhia d'aquelle cavalheiro vem seu irmão o principe do mesmo titulo.

No consistorio papal de 19 do passado foi confirmado no bispado de Vizeu o bispo eleito apresentado por Sua Magestade Fidelissima.

No último de janeiro existiam na alfandega do Terreiro, 9,689 moios de trigo, 1,056 de cevada, 1,187 de milho, 65 de centeio. O preço do trigo era de 400 a 600 réis o alqueire, o de cevada de 280 a 320 réis o do milho de 280 a 340 réis e o do centeio de 240 a 320 réis.

CONHECIMENTOS UTEIS.

QUESTÃO DOS CEREAES EM INGLATERRA.

426 Eu creio que todos os leitores sabem que ésta importante questão procede de que, não produzindo o solo inglez pão sufficiente para manter commodamente todos os seus habitantes, estando a admissão de cereaes extrangeiros subjeita a grandes restricções e avultados direitos — legislação ésta mantida a todo o custo pelos grandes proprietarios como *protectora* da agricultura-nacional; tendo-se formado uma associação formidavel para diligenciar a abolição d'estas leis — associação a que pertence o partido mais liberal do paiz, porque o fim d'ella está comprehendido nos principios d'esse partido; provocando, finalmenmente, as últimas circumstancias — da má colheita dentro do paiz, e na maior parte dos logares que para elle exportavam cereaes; da carestia d'estes em Inglaterra, e da doença das batatas, que introduziu no povo um pannico nada menor que o de lhe virem a faltar alimentos (1) — provocando, dizia, éstas últimas circumstancias uma crise ministerial, porque Peel queria fazer concessões ás exigencias públicas que nem todos os seus collegas no ministerio approvaram; e não havendo Russel podido formar um novo gabinete, pelos obstaculos parlamentaes, e muito principalmente pelos que de futuro incontraria por parte do partido dito *conservador*, se porventura se abalançasse a uma dissolução do parlamento; sendo outra vez Peel encarregado da composição do ministerio: as providencias economicas que este grande homem d'Estado havia concebido, eram por consequencia esperadas com a maior impaciencia e ancia por todos os partidos d'Inglaterra.

O estado da questão hoje é a discussão d'essas providencias no parlamento. É este um ponto grave que a REVISTA não podia deixar de tractar. Em primeiro logar discutem-se providencias commerciaes n'um paiz que entre todos é o que tem maiores relações de commercio com Portugal, e cujas decisões podem interessar muito a nossa industria agricula e commercial: em segundo logar ventila-se competentemente um grave ponto de economia politica — o da *liberdade de commercio*, sôbre que a REVISTA ja tractou em seu n.° 15 do presente vol. fallando do *industria-nacional*; principio que interessa todas as grandes sociedades chamadas nações, porquê firmemente acredito que esse principio, quando for tempo, será adoptado por ellas.

Ja se ve de que importancia é esta questão. Vou fielmente expol-à segundo o que se colhe dos jornaes inglezes, de 28 de janeiro a 7 do corrente, e seguila-hei até final termo d'ella; termo ostensivo, porque ésta questão, seja qual fôr o seu resultado presente, hade ser mantida para o futuro entre os que desejavam *mais* e os que não queriam *tanto*.

(1) As colheitas no anno de 1845 foram más em quasi toda a parte, e o preço dos cereaes em Inglaterra subia aonde não havia chegado desde 1813. O estado da colheita na Podolia, Lithuania, Gallicia, todas as provincias allemaes do Baltico, na Prussia, Belgica, Egypto, Turquia, Suecia, e a prohibição do imperador da Russia de se exportar trigo dos seus Estados, em razão das necessidades da Polonia; não deixavam esperanças á Inglaterra e principalmente á Irlanda de poderem ser suppridas por trigo estrangeiro.

As ideas economicas de Peel são a favor da liberdade de commercio. Em 1842, 1844 e 1845 os direitos commerciaes em Inglaterra foram modificados por este famoso estadista n'este sentido, e os resultados teem justificado o sensato das suas providencias. «Nos últimos tres annos (disse elle na sessão da casa dos communs de 27 de janeiro, na occasião de apresentar o seu projecto sôbre cereaes) as rendas públicas teem augmentado; não obstante a diminuição de muitos direitos demasiadamente pesados, tem havido augmento de trabalho, de commercio, de prosperidade e de contentamento no paiz.» Mas Peel tem uma capacidade muito superior para se aferrar a uma opinião exclusiva; modifica o principio, redul-o a termes razoaveis, e tambem não é homem de sustentar por capricho doutrinas que alguma vez enunciou menos esclarecido. Houve insensatos que o censuraram por isso na camara; a resposta do sabio ministro foi, que não se invergonhava de mudar de opinião assim que estivesse persuadido de que tinha razão para o fazer (2).

Aqui está como elle apresenta hoje os seus principios economicos sôbre a industria nacional: «Eu não proponho a protecção *d'este ou d'aquelle ramo d'industria*; mas o estabelecimento de um systema largo de protecção para todos os artigos da nossa industria nacional; porque *eu penso que ésta protecção é vantajosa*... Assim eu não me limitarei aos interesses agricolas... pedirei a todas as classes que deixem os seus privilegios... Pedirei ás fabricas de tecidos que larguem espontaneamente a protecção que disfructam... D'este modo eu proporei a livre entrada de todos os objectos que servirem para vestidos do povo inglez; mas supprimirei os direitos dos productos manufacturados no paiz, que pagam 10 por cento, e reduzirei a 10 os que pagam 20 por cento... Passando á industria dos metaes, que pagam 15 por cento, proponho que sejam reduzidos a 10... Proponho a mesma reducção na loiça. As carruagens e trens extrangeiros que pagam 20 por cento, fiquem reduzidos a 10. O sabão extrangeiro que paga 30 shellings, não pague senão 20... O papel de forrar casas que paga 1 shel. por yard quadrada, pague so 2 pences... Ha quinhentos artigos nas pautas que não pagam direitos, proponho que o mesmo principio se applique a muitos outros

(2) A questão da liberdade de commercio sendo, em quanto a mim, um principio verdadeiro em these, não póde todavia ser applicado de salto nem ao mesmo tempo em toda a parte. Mas a Inglaterra está á frente de todos os povos productores e commerciantes; a liberdade do commercio de uma nação como ésta longe de inspirar receios, deverá, ao contrario, produsir estimulos para melhoramentos industriaes. O povo inglez actualmente não teme a concorrencia de nenhum outro povo, e poderia talvez paralisar os seus progressos. (E' assim que pensa Cobden em Inglaterra). N'outra qualquer nação porém menos adiantada que a ingleza, seria similhante principio mal applicado. Eu não quero fallar de nós que por em quanto não figurâmos nada em industria, mas de outra grande nação, da Allemanha por exemplo, la o doutor List proclama as restricções, advoga com energia os direitos protectores. A França póde hoje ser considerada no estado medio da applicação dos dois principios oppostos. E' bom fazer observar, comtudo, que Peel não obedeceu cegamente a um principio absoluto de economia politica, combinou as necessidades do seu paiz e applicou-o com prudencia; facilitou a acquisição das materias-primas e a barateza da mão d'obra, com que muito ganhará a industria manufactureira.

artigos... Proponho a suppressão de direitos nos coiros já preparados... e em consequencia d'isso seja reduzido o direito sôbre o calçado... e do mesmo modo sôbre os chapeus de palha... seda froixa tincta etc... Proponho tambem a reducção dos direitos *d'aguardente*, *genebra* e *bebidas espirituosas extrangeiras*, a 15 shel... Proponho igualmente a reducção dos direitos do assucar extrangeiro.

« Passemos agora aos artigos que dizem respeito á agricultura. (Continuou o orador). Tenho a profunda convicção de que uma reducção de direitos nas sementes longe de ser falta de protecção á agricultura lhe é vantajoso... Proponho pois que os direitos sôbre as sementes, em geral, não exceda a 5 shel. por quintal... Mas como o maiz ou trigo da India é um cereal que muito contribue para engordar o gado, proponho que se permitta a importação d'elle sem direitos... e do mesmo modo o trigo sarraceno. Assim tambem a farinha... Proponho que sejam reduzidos a metade os direitos da manteiga, do queijo, do *lupulus* (3), do peixe-salgado, da cidra e outras bebidas; e a suppressão immediata do direito em todos os artigos que constituem a subistencia do povo. Os direitos sôbre as graixas (gorduras, toicinho etc.) será suprimido absolutamente, assim como os direitos da carne-fresca, salgada, ensaccada, e de porco; das batatas e legumes de toda a especie. Eu proponho a livre admissão de todos estes artigos. Do mesmo modo, todos os animaes importados dos paizes extrangeiros serão admittidos sem direitos na Inglaterra. As vantagens que éstas franquias de direitos não podem deixar de produzir, compensarão largamente a perda momentanea dos rendimentos do Estado. Não proponho a revogação immediata das leis sôbre cereaes; todavia, na esperança de alcançar uma combinação satisfatoria, de prevenir receios infundados, de dar tempo á agricultura para se accommodar com o novo estado das circumstancias — ao mesmo tempo que proponho a continuação temporararia da *protecção*, proponho tambem que o bill contenha uma disposição distincta para fazer conhecer que no fim de certo tempo, *os cereaes extrangeiros serão importados na Inglaterra livres de direitos*. A minha proposta apresenta pois uma consideravel reducção dos direitos actuaes, reducção que deve ser limitada ao periodo de tres annos, findos os quaes, a aveia, a cevada e o trigo, serão considerados no estado em que hoje considero o maiz e o trigo sarraceno... Em virtude da minha proposta, até ao 1.º de fevereiro de 1849, se perceberão os seguintes direitos sôbre o trigo importado do extrangeiro. Se o *quárter* (4) de trigo se vender a 48 shel., pagará 10 shel. de direitos; 9, de 48 a 49; 8, a 50; 7, a 51; 6, a 52, 5, a 53: excedendo a 53 haverá um direito variavel de 4 shel.; todas as outras especies de grão, pelo preço actual, sahidas do *terreiro* para consummo, ficarão exemptas de direitos. »

Para indemnisação da propriedade territorial, que soffrerá com éstas providencias, propoz o hábil economista a reducção do imposto das estradas e do domicilio; e differentes melhoramentos agriculas, acompanhados de estimulos e favores; e em quanto á Irlanda, que as despezas da policia fiquem a cargo do thesoiro-público.

Eu quereria transcrever ainda o fim d'este discurso celebre, pelas considerações commerciaes que n'elle se encontram, se não receiasse tornar este artigo demasiadamente extenso. Tambem não insistirei nas vantagens que d'esta moção, uma vez convertida em lei, podem resultar para o commercio portuguez; guardo isso para quando a lei for promulgada, porque eu não duvido que o seja apezar da opposição da camara dos lords e de quasi todos os proprietarios agriculas. Então veremos como do nosso commercio de cereaes, farinhas, (5) porcos e chacina, batatas, aguardentes e vinhos, podem provir as maiores vantagens para o paiz.

A proposta de Peel havia começar-se a discutir nos communs no dia 8 do corrente. O estado do paiz n'esta questão era summamente interessante. As ruas immediatas ao escriptorio do *Times* estavam completamente cheias de povo apinhado no dia 27 de janeiro á noite, para lerem a moção. Mais de 54,000 exemplares d'aquelle jornal se venderem logo. (6) Appareciam nas praças de Londres reuniões, algumas vezes de mais de 1,000 pessoas, pedindo a assignatura de quem passava a favor da proposta. Os antagonistas não descançavam tambem. O duque de Richmond, par e presidente da sociedade agricula-central, tinha-se posto á frente da opposição á proposta. Ésta associação tinha appellado para todas as associações agriculas da Gran'Bretanha para resistirem ás providencias propostas por Peel. « A sociedade está convencida de que taes providencias produziriam uma revolução que causaria a ruína infallivel não só das classes agriculas mas de todas as classes da sociedade » Não pensam porém assim a maior parte das municipalidades inglezas, que felicitavam o ministro pela sua proposta, e pedem a adopção d'ella. Uma grande parte dos torys e quasi toda a opposição whig e radical, appoiam a moção de Peel. O paquete que deve entrar no dia 23 com folhas até 17, deverá trazer quando menos, este grave ponto profundamente ventilado e esclarecido.

FÁBRICAS DE FUNDIÇÃO PORTUGUEZAS.

427 Tres grandes proprietarios de fábricas de fundição de metaes da cidade do Porto, acabam de apresentar ás côrtes uma representação sôbre a promessa feita pela camara municipal d'aquella cidade, ao Sr. Stearbs, contractador da illuminação a gaz da mesma cidade, de alcançar do govêrno de Sua Magestade a exempção de direitos de todos os objectos de metal necessarios para estabelecimento da referida illuminação. Os signatarios da representação sustentam que no paiz se podem fabricar todos esses objectos iguaes *em bondade e perfeição aos extrangeiros*. Folga-se muito de ler n'esta representação os seguintes periodos:

« Diz-se, Senhora, que não ha em Portugal um

(3) Planta que entra na composição ou fabrico da cerveja.

(4) Medida ingleza que andará por obra de 8 alqueires nossos.

(5) Eu tenho a maior fé no commercio das farinhas, principalmente para o Brazil e Inglaterra, logo que a companhia dos moinhos-fluctuantes estabeleça as suas operações.

(6) O ministro descêra da tribuna ás 8 horas e um quarto da noite; ás 9 horas corria impresso o seu discurso.

fundição que possa em pequeno praso fabricar os apparelhos necessarios para a illuminação a gaz, e que ainda quando a houvesse os nossos operarios não estavam habilitados para a construcção d'esses apparelhos. Estas razões não passam de especiosas, porque em Lisboa ha duas ou tres fabricas de fundição, tres n'esta cidade, e uma nas vizinhanças. Se todas éstas fabricas não podem em pouco tempo aprompiar os objectos para a illuminação a gaz na cidade do Porto, então ou os seus proprietarios não tem idea nenhuma do processo e maneira por que se fabricam esses objectos, ou quem avançou a proposição é que tem essa ignorancia. Os abaixo-assignados sabem, e sabem muito bem, como se fabricam; e asseveram que as fabricas nacionaes podem aprompiar os apparelhos em pouco tempo, não so para ésta cidade, mas para muito maior extensão de terreno que se quizesse illuminar a gaz. Os abaixo assignados regeitam por tanto a proposição como absurda.»

«Que as fabricas não são capazes de fabricar com perfeição os apparelhos, tão bons como os de fóra, é tambem um argumento que os abaixo assignados desprezam e stygmatizam como injurioso e offensivo do grau de perfeição a que as fabricas tem chegado. Não são elles que o dizem, são a experiencia e os factos que o attestam, e milhares de testimunhas que tem visto obras feitas nas fabricas de maior difficuldade e trabalho do que são as peças para a illuminação a gaz.»

Assento pois que a maior razão porque o contractador Stearhs deseja a exempção de direitos sôbre os artefactos que importar, necessarios á illuminação, não será tanto pela menor perfeição d'elles fabricados no paiz, como pelos preços, que apezar das despezas de fretes etc., lhe sahirão porventura mais baratos comprados fóra. A grande escala em que estão estabelecidas as fábricas de fundição na Inglaterra, França e Belgica, a barateza da materia prima quasi ás suas portas, os jornaes talvez mais medicos, são razões sufficientes para que os nossos esforços não comportem a concorrencia das fundições extrangeiras. E por este lado póde ser que o contractador tenha razão. Mas não é menos certo que necessitando ésta indústria de *protecção* entre nós — mais do que os interesses do thesoiro, que os signatarios allegam, precisa ella de advogado. É demais muito para notar o seguinte paragrapho da representação dos proprietarios:

«Assim, fabricando-se no reino os objectos necessarios para a illuminação a gaz, os proprietarios das fabricas tem necessariamente de empregar muito maior número de braços, do que até agora occupam, e n'isto vai a duplicada vantagem de tirar, não so victimas á miseria, mas tambem filhos á ociosidade.»

Ora, o bom govêrno não deve nunca deixar escapar occasião de promover a prosperidade pública sempre que e como possa. Eu preferíra n'este caso, que se impozesse antes ao contractador a obrigação de fazer fabricar no paiz os seus apparelhos (supposta a perfeição d'elles) concedendo-se-lhe outras vantagens no contracto, do que regatear a concessão d'estas para lhe permittir a livre importação d'esses apparelhos, deixando no paiz sem estímulo e sem protecção uma industria nascente e importante. Não seria para temer demasía n'esta protecção, por isso que no Porto e Lisboa ha sufficiente número de fundições cuja concorrencia poria o contractador a coberto de exigencias exageradas.

No estado porém em que talvez este negocio se acha, ja isto não será possivel; e então ainda lembraria outro alvitre. Que o govêrno não exemptasse senão de meios-direitos os objectos importados; que no caso d'elles serem fabricados no paiz, o governo concedesse, como condição de modicidade de preço dos artefactos, a importação livre de direitos para o proprietario da fundição onde estes se fabricassem, de tantos quintaes de materia-prima quantos fossem os que se consummissem na obra d'esses artefactos.

Deus me livre que alguem se lembre de me objectar que eu proponho o beneficio de um particular á custa do thesoiro! Em todo o paiz em que as vistas mesquinhas d'esse *alguem* achassem echo nos membros da administração, a industria nacional e a prosperidade pública podiam considerar-se em estado de immediata ruina. Riqueza que fica no paiz, riqueza que se distribue de innumeraveis modos, riqueza que póde produzir incalculaveis resultados uteis, não será adquirida á custa do thesoiro mas para proveito futuro do mesmo thesoiro. E eu não quero crer que por pequenas conveniencias presentes se sacrifiquem grandes resultados futuros. É um axioma que anda na bocca do povo, porque o povo tambem é economista — *é necessario semear para colher*: e é evidente que, senão se quizer perder nada em semente tambem nada se poderá adquirir em colheita. Que se pése bem o equilibrio das rendas públicas, que se pense e calcule d'antemão se aquillo que se retira de uma parte se poderá, e ás vezes mais vantajosamente, grangear por outra. Augmentar por um lado uma receita que produz a diminuição d'outra, será muito bonito modo de ostentar no orçamento uma verba brilhante; mas o deficit crescerá, apezar d'isso, para indicar no complexo o absurdo administrativo que, como o pé-de-cabra do diabo, la apparecerá onde menos se esperava vel-o pelo deslumbrante dos infeites.

ESTATISTICA NECROLOGICA.

429 Em janeiro de 1846 faleceram no Bairro-Alto: do sexo masculino, 19 — do femenino 14 — expostos na Sancta Casa da Misericordia, 19 — total 52.

As molestias principaes, de que faleceram, foram: — apoplexias, 5 — ptisicas pulmonares, 2 — febres, 3 — bronquites e pneumonites, 6 — pleurises, 2 — croup, 1 — differentes phlegmasias abdominaes, 3 — escrophulas, 1 — paralisias, 2 — lesões do coração 1.

Entre os falecidos do sexo masculino figuram — empregados públicos, 2 — commerciantes, 2 — homem de lettras, 1 — proprietarios, 2 — artistas e operarios, 8. — E d'entre os 52 falecidos d'ambos os sexos — 4 tinham de 70 a 80 annos d'idade — e 3 de 80 a 90. *M.*

N. B. A estatistica do bairro do Rocio, publicada no antecedente número, esqueceu ir rubricada com as lettras, — S. A.

COGITAÇÕES SOLTAS DE UM HOMEM OBSCURO.

423 O modo como os fragmentos que vamos

[*] A Revista póde com razão ufanar-se da publicação de

publicar nos vieram ás mãos é cousa que não importa aos leitores: o que lhe póde importar é se haverá n'elles idéas que os levem a reflectir sôbre o estado da sociedade no meio das questões de organização que se agitam entre nós. São estas folhas avulsas como uma serie de apontamentos para um livro que talvez fosse de algum valor se chegasse a escrever-se. Incapazes litterariamente de preencher as lacunas e de coordenar as ideas, que as mais das vezes apenas estão indicadas n'estas notas, imprimimo-las como nos foram transmittidas pela derradeira vontade de um homem que ja não existe, e que tinha mais habito de pensar que d'escrever, o que, seja dito sem offensa de ninguem, não é demasiado vulgar. Cremos que todos os partidos reconhecerão que estes pensamentos se movem n'uma esphera differente d'aquella em que giram as opiniões ou paixões por cuja causa combatem uns com outros e mutuamente se detestam, e que por isso nenhum d'elles os considerará como adversos ou favoraveis aos seus interesses momentaneos, e digamo-lo, ás vezes bem pouco graves. Da altura dos systemas os publicistas olharão para estas cogitações como para um sonho de homem acordado, não raro em flagrante contradicção com as doutrinas das escholas. É provavel que tenham razão. Mas como elles ainda não poderam intender-se entre si, nem siquer ácerca dos principios fundamentaes da sciencia politica, deixem passar o pobre sonhador, e perdoem-lhe a ignorancia em attenção ao seu amor de patria e á nova luz a que nos parece ter visto um certo numero de factos sociaes importantes. Notas, cujo destino era o serem conservadas na pasta do auctor, até se completarem e receberem a conveniente ordem, êstas ponderações não tem ainda as fórmas modestas com que deveram apresentar-se; nós, porém, não nos atrevemos a revesti-las d'essas fórmas com receio de diminuir-lhes a energia. Mais como duvidas sôbre as causas e remedios da febre que agita as sociedades modernas, que como pretenções de fundar uma nova eschola politica, esperâmos sejam consideradas *as Cogitações de um homem obscuro* por aquelles que se applicam a reformar as instituições dos povos. São ideas informes, incompletas, e rudes: mas bem grosseira é a silex, e é d'ella que sahe a faúlha com que accendemos o facho que nos guia nas trevas de noite profunda.

Um escripto, que a continuar como se le n'estas cinco columnas [do que não ha duvidar] é uma das cousas mais dignas de profundo elogio, pela philosophia, pela erudição e pela eloquencia, que se tem escripto na lingua portugueza. Da R.

Possam os devaneios d'aquelle que passou desconhecido no mundo, não serem inteiramente inuteis para o progresso humano, e sôbre tudo para a liberdade e bem estar futuro da terra sacrosancta da Patria!

A. Herculano.

I.

Fraco, pequeno, e pobre na origem, Portugal teve de luctar desde o berço com a sua fraqueza original. Apertado entre o vulto gigante da nação de que se desmembrára e as solidões do mar, o instincto da vida politica o ensinou a constituir-se fortemente. Quando se lançam os olhos para uma carta da Europa e se vê esta estreita faixa de terra lançada ao occidente da Peninsula e se considera que ahi habita uma nação independente ha sette seculos, necessariamente occorre a curiosidade de indagar o segredo d'essa existencia improvavel. A anatomia e physiologia d'este corpo que apparentemente debil resistiu assim á morte e á dissolução, deve ter sido admiravel.

Que é feito das republicas da Italia tão brilhantes e poderosas durante a idade media? Onde existem Genova, Pisa, Veneza? Na historia: unicamente na historia. É la onde somente vivem o imperio germanico e o do Oriente, a Escocia, a Noruega, a Hungria, a Polonia, e na nossa propria Hispanha a Navarra e o Aragão. Fundidas n'outros Estados mais poderosos, ou retalhadas pelas conveniencias politicas, êstas nacionalidades exteriormente fortes e energicas dissolveram-se e annullaram-se, e Portugal nascido apenas quando essas sociedades ja eram robustas, vive ainda, posto que em velhice abhorrida e decrepita. Ha n'isto sem duvida senão um mysterio, ao menos um phenomeno apparentemente inexplicavel.

Estará a razão da nossa individualidade tenaz na configuração phisica do solo? Somos nós como os Suissos um povo montanhez? Separam-nos serranias intransitaveis do resto da Peninsula? Nada d'isso. As nossas fronteiras indicam-nas commummente no meio de planicies alguns marcos de pedra, ou designam-nas alguns rios so no inverno invadiaveis. Quem impediu a Hispanha, esse enorme collosso, de devorar-nos?

Poder-se-ha diser que desde o seculo XVII é a rivalidade das grandes nações da Europa que nos tem salvado. Talvez. Mas antes d'isso era por certo uma força interior que nos alimentava, e que ainda actuou em nós no meio da decadencia a que chegámos no seculo XVI, decadencia que virtualmente nos veiu a subjeitar ao dominio castelhano.

Mas durante esse mesmo dominio o instincto da vida politica, o afferro á individualidade, existia se não nas classes elevadas ao menos entre a plebe, porque a plebe é a ultima que perde as tradições antigas, e o amor da sua aldeia e do seu campanario.

A lucta do vulgacho — exclusivamente do vulgacho — a favor de D. Antonio prior do Crato contra a corrupção de tudo quanto havia nobre e rico em Portugal, e contra o poder de Philippe II, é um reflexo pallido e impotente da epocha de D. João I; mas é um facto de grande significação historica

Completam-no as diligencias feitas nas côrtes de Thomar para que a linguagem official do paiz se não trocasse pela dos conquistadores. Este facto comparado com essoutro obriga a meditar.

Philippe II foi um grande homem — astuto, activo, dotado de um character ferreo; foi o representante mais notavel da unidade politica absoluta, e não pôde ou não soube delir e incorporar este pequeno povo na vasta sociedade hispanhola sôbre a qual seu pae e elle haviam passado uma terrivel rasoira que lhe destruíra todas as asperezas e desigualdades. E todavia Philippe II tinha geralmente por alliados entre os vencidos os homens mais eminentes por illustração, por linhagem, por faculdades pecuniarias.

É que as multidões obscuras eram ainda portuguezas no amago posto que corrompidas no exterior pela corrupção das classes privilegiadas. Todas as outras explicações são insufficientes ou falsas.

II.

Tambem os tempos que precederam immediatamente o dominio hispanhol offerecem um complexo de factos que fazem pensar.

Na segunda metade do seculo XV resolveu-se Affonso V a conquistar Arzilla. Aprestou trinta mil combatentes e uma frota de perto de quinhentas vellas. Os esforços de Portugal para supprir uma tão poderosa expedição parece não terem sido excessivos. Aquelles de quem o principe estava descontente eram ameaçados por todo castigo de não se lhes consentir o participarem dos riscos da empresa. Para a emenda de muitos bastava o incentivo de se lhes recusar o affrontarem os combates e a morte.

Na segunda metade do seculo XVI tractava-se de ajunctar doze mil homens para a infeliz jornada de Alcacer-quibir. As violencias que se praticaram para arrancar do paiz as victimas d'aquelle grande holocausto foram inauditas, e exgotaram-se os recursos da nação para satisfazer o custo de uma tentativa de cujo resultado a consciencia da propria fraqueza e degeneração, fazia com que o povo augourasse mal.

Entre éstas duas epochas é necessario suppor um periodo de decadencia profunda, moral e material, e esse periodo deve ser longo. Uma nação não decahe de um para outro dia. A virtude e os recursos de Portugal deviam ter-se consummido lentamente.

Mas o que é esse periodo intermedio? É o do estabelecimento da monarchia absoluta sôbre as ruinas da monarchia liberal da idade media. É a epocha dos descobrimentos e conquistas.

Entre as ideas de engrandecimento e poderio da epocha anterior a D. João II, e as da epocha posterior a elle, ha um abysmo que nunca deixará confundi-las.

A politica da idade-media era em tudo religiosamente historica: a do renascimento era em tudo hypocritamente revolucionaria.

Expliquemo-nos.

Portugal surgíra no meio de uma reacção de crença e de raça. A Africa e o islamismo tinham subjugado a Hispanha e o christianismo. A raça goda e christan repellia a conquista. Durante o progresso da reacção, Portugal nascêra e d'ella se tinha alimentado como os outros Estados da Peninsula. Era este o grande facto da sua existencia: o mais era accessorio e secundario.

A conquista mussulmana fôra uma vaga dos grandes éstus humanos, que galgando por cima do Estreito, viera tombar e espraiar-se sobre o solo que habitava a familia romano-gothica.

Para obedecer á natureza das cousas, para a reacção ser verdadeira e completa, a vaga romano-gothica tambem devia transpor o Estreito, e estourando sobre a Mauritania, dar-lhe a provar o amargor do dominio estrangeiro. O futuro pertencia a Deus; mas as probabilidades do final triumpho cabiam áquelle dos dous contendores que viesse a ter por si a superioridade da civilisação, e o decurso dos tempos mostrou que ésta superioridade recahia não na Africa, mas sim na Peninsula.

Assim as tentativas dos nossos antigos reis para se apoderarem dos territorios africanos eram logicas historicamente, e além d'isso eram justas. O islamismo fôra quem lançára a luva á raça christan: não podia queixar-se da prorogação do combate.

E descendo da idéa essencial da politica da idade-media ás circumstancias secundarias que podiam servir como meios de a realisar, vê-se entre ellas e essa idéa mãi uma admiravel harmonia. As conquistas d'Africa deviam sorrir ao povo: estribavam-se nas tradicções, e nos odios de uma guerra de seculos, guerra ao mesmo tempo de religião e de liberdade; no habito da victoria que desde a batalha das Navas de Tolosa os proprios mussulmanos consideravam como devendo mais tarde ou mais cedo pertencer definitivamente aos christãos. Accrescia a vizinhança das costas da Berberia, e portanto a facilidade de conduzir d'aquem mar tropas, viveres, munições; o serem os sarracenos adversarios antigos, e por isso avaliados com exacção os seus recursos, o seu valor, os seus ardiz e usanças militares; o existirem necessariamente ligações entre os mouros, livres em Portugal debaixo do dominio christão, e os sarracenos africanos, o que por muitos modos facilitava a conquista. Tudo isto conspirava em tornar nacional e plausivel o systema d'engrandecimento da nossa idade media; systema claro, consequente, legitimo, e do qual ja se devisavam os symptomas, como era natural, pouco depois da conquista do Algarve por Affonso III; isto é, no reinado de seu neto Affonso IV.

Ésta politica mudou na conjunctura em que a monarchia primittiva se characterizava definitivamente em monarchia absoluta.

A causa final de todas as tentativas d'engrandecimento colloca-se desde essa epocha na pessoa do rei, e não no paiz: a tradição historica perde-se. As expedições maritimas abandonam o rumo da Africa septentrional e vão correndo ao longo das costas meridionaes. Os descobrimentos além do Bojador que até ahi eram accessorios da intentada conquista do Maghreb, convertem-se em objecto principal das ambições de poderio. Affonso V tomára o titulo de *rei* de Portugal e dos Algarves, d'aquem e *d'alem mar*: fôra ésta a derradeira expressão do pensamento antigo. D. João II accrescentou a esse titulo o de *senhor* de Guiné: era a primeira palavra do symbolo moderno. As conquistas de Affonso V representavam um accrescimo de territorio ao reino; pertenciam ao paiz (1)

(1) D. João I ja se intitulára *senhor* de Ceuta: mas Ceuta era apenas uma povoação: era o elemento de um re-

os descobrimentos de D. João II tendiam a achar ouro e escravos para o rei. Assim em quanto os seus antecessores costumavam congratular-se francamente com o orbe christão pelas victorias obtidas na Mauritania, este principe escondia por todos os meios de terror e mysterio o *seu senhorio* de Guiné, como o velho avaro procura occultar o coffre que encerra o seu thesouro.

Desde então a vida energica de Portugal distrahida do caminho historico e justo, do alvo solido e dos resultados permanentes a que a dirigíra a anterior politica, foi empregada no proseguimento da nova idéa de pessoalidade, da substituição do rei ao Estado. A gloria adquirida n'essa epocha foi das maiores que o mundo tem visto: mas comprámol-a com a desgraça futura, com a morte de toda a esperança, com o tragar golo a golo por seculos, um calix immundo de males e affrontas. — Adquirimos um largo patrimonio para dividir com as outras nações: reservámos para nós a fraqueza interior, consequencia de esforços mui superiores aos nossos recursos para remotas conquistas; reservámos para nós a corrupção moral e a decadencia material. Que significa, pois, qual é o valor real d'essa gloria? Puramente negativo.

A seiva da arvore social esgotou-se no bracejar descomposto. A Asia e a America perderam-nos. O antigo aferro á terra natal, o odio do jugo extranho, o nobre e altivo character de homens livres, o esforço indomavel, deixámos tudo isso pelos palmares da India, pelas minas auriferas da terra de Sancta Cruz, pelos emporios do nosso illimitado commercio. Pozemos hypocritamente a cubiça de mercadores e as correrias de corsarios á sombra veneranda da Cruz. Pensámos que atraz d'ella não nos veria a historia. Enganámo-nos. Quando a febre que nos alimentava se trocou em consumpção lenta, os povos que vieram recolher o fructo do nosso esforço ou dos nossos crimes, levaram alguns annos a verificar a partilha, e quando acabaram olharam para nós e riram-se.

As nações maritimas da Europa representaram n'este horrivel drama o papel de espectadores romanos assentados nos degraus de um circo; nós o de gladiadores. No fim do espectaculo ellas voltaram o pollegar para a terra em signal de desapprovação. A pateada era justa: tinhamos cahido mal.

E ainda ha quem acceite com vangloria os elogios insolentes dos extrangeiros, que insultando a nossa decadencia presente, exaltam os feitos admiraveis com que lhes abrimos laboriosamente atravez do Oceano o caminho da prosperidade? É um singular genero de surdez, ouvir o elogio semsabor e não ouvir a gargalhada que o segue e que o converte n'um escarneo.

III

Quem quizer saber o que a monarchia absoluta tinha feito do Portugal antigo leia a segunda carta de Sá de Miranda, dirigida ao senhor de Basto.

Este Sá de Miranda não seria um grande poeta mas era mais do que isso: era um homem de fino tacto, que não tomava a febre do paiz por força normal de vitalidade, e que via a decadencia e ruina nas riquezas e pompas de Lisboa; n'aquillo em que uma cubiça miope via engrandecimento e progresso.

Desde que o rei deixou de ser rei para ser senhor, o paiz annullou-se diante da capital. Quando o principe é o Estado, que importam as provincias? A corte é tudo; é o manto real. Cubra-se de ouro e pedrarias, está obtido o esplendor do *Estado*.

Se D. Sebastião fosse um Sá de Miranda não teria ido morrer a Alcacer-quibir. O pobre rapaz era uma alma nobre e teve uma inspiração da politica da idade media; quiz ser descendente dos reis cavalleiros, dos reis municipaes, dos reis chefes da reacção christan, no meio de uma nação de belforinheiros, de sobrecargas, de judeus-agiotas, de cortezãos, e de tartufos. Pagou-o.

Malaventurado mancebo! Nunca viu passar por entre seus sonhos dourados e puros os phantasmas melancholicos de D. João II, de D. Manuel, e do inquisidor-mór D. João III: não soube que para resuscitar o pensamento destruido nos fins do seculo XV era preciso primeiro reconstruir uma sociedade que perecêra com elle. D'aqui o seu mal.

Pozémos agora o dedo sobre a chaga que corroeu e corroe Portugal. O que até este momento apontámos é uma serie de phenomenos, de factos externos, posto que de alta importancia por nos conduzirem á avaliação das causas intimas da ruina do paiz. — Estas causas estão unicamente nas circumstancias que se deram na transformação da indole politica da sociedade portugueza. É essa a chaga em que tocámos.

(Continúa.)

PARTE LITTERARIA.

O TRAGA-MOURO.

430 Gonsallo Hermigues, o Traga-mouro, é o primeiro nomeado dos nossos trovadores, d'aquelles poetas guerreiros da meia-edade que faziam as suas Iliadas com a espada e as cantavam no alaude depois. E, seja este um verdadeiro character de historia litteraria, ou seja apenas um mytho em que as gerações posteriores quizessem personalizar o espirito cavalheiresco e poetico do tempo, o certo é que o seu nome e a sua imagem entraram no Walhala dos Lusitanos, d'onde os não expulsarão nunca os severos requisitorios da crítica moderna. Nenhum *advogado do diabo* faz j'agora revogar a sentença do consistorio popular que beatificou o nosso Traga-mouro, declarou genuinas as suas toscas e quasi inintelligiveis trovas, e como reliquias preciosas as collocou, a par de sua imagem, no altar sagrado das mais queridas recordações nacionaes.

Seja Frei Bernardo de Brito convencido de im-

nicipio. N'este caso a palavra *senhor* era a versão de *Dominus* que nas cartas municipaes da idade media tinha um valôr bem diverso do vocabulo *senhor* empregado pelo absolutismo. O que jamais rei nosso se chamou antes de D. João II, foi *senhor* de uma *provincia* dependente da corôa portugueza.

postor, Miguel Leitão-d'Andrade de trapasseiro, Faria-e-Sousa de credulo; fiquem Sarmiento e André desconceituados, e o nosso bom velho Antonio Ribeiro-dos-Sanctos havido por um pobre homem; tenham embora razão, contra todos estes que assim o creram, o terrivel João Pedro Ribeiro e o Dr. Bellerman que lh'o negam; tudo isso póde ser, menos deixar-se a poesia portugueza desapposser-se de Gonsallo-Hermigues, da sua Oriana, e da sua canção ou cantar — embora mais gallego que outra coisa, é verdade; mas queremo'-lo e cremo'-lo assim: deixem-nos com a nossa fe do carvoeiro.

Gonsallo-Hermigues foi um famoso guerreiro da côrte e dos ultimos tempos de D. Affonso Henriques (rein. 1128 — 1185). Era filho de Hermigio-Gonsalves, o Luctador, a quem mataram os mouros na batalha do Campo d'Ourique. 'Foi cavalleiro mui signalado nas armas — diz Antonio Ribeiro-dos-Sanctos, resummindo os historiadores antigos — e de quem no paço se fazia grande conta, por ser, além de valoroso, de alegre conversação e gentil pessoa, e de mui bons dittos e motes que fazia; teve por sobrenome o Traga-mouro, appellido que lhe deu o grande ânimo e valor com que se havia extremado nas batalhas e recontros de guerra contra os mouros, e nas correrias que fazia em suas terras.'

Um dia, eram vinte e tres de junho do anno de graça mil cento e tantos, estava o nosso Gonsallo-Hermigues com outros cavalleiros de sua banda e facção — dos que tomavam parte larga em suas gallantes e arriscadas impresas, e que por toda a parte repettiam com enthusiasmo as façanhas gloriosas que lhe viram obrar, e as trovas ingenhosas em que lh'as ouviam cantar.

Devisavam os mancebos, com a sôlta alegria de sua edade, sôbre graças de bellas damas e gentilezas de guapos cavalleiros, e ingenhoses motes d'espirito com que a uns e outros primores celebrava a diurna e gaia, ou alegre, sciencia do trovador — que assim se chamava então a arte do poeta.

— 'Ha muito, disse um, que o Traga-mouro não faz uma trova que se cante.'

— 'Nem um feito que se trove' respondeu outro.

— 'Vel-o-hemos cedo monge d'Alcobaça pelo geito que leva; e la trovará em francez com os frades ou em proençal, ou no quer que é que elles fallam.'

— 'Fallam um romance que é differente do nosso, mas intende-se.'

— 'Como eu intendo as trovas de Aragão e de Catalunha; e mais são bem arrevezadas. Bons trovadores são os catalães!'

— 'E bons justadores!'

— 'E a batalhar não dou licença que nenhum castelhano lhes ponha o pé adeante.'

— 'Castelhanos e leonezes são mais homens a cavallo do que ninguem: vêde-m'o Cid Ruy-Dias!'

— 'Que casta de chronica é essa que diz que fez em coplas de arte-maior um tal padre Ubeda, dos feitos e gestos do Cid?'

— 'Uma coisa que parece latim, sem graça nem donaire de romance, trovas de breviario, cheiram a frade. Cantigas de cavalleiros hãode fazel-as cavalleiros. Que hãode fallar clerigos de damas? Como se hade sentir o tinir da espada no bater das coplas, se as não fizer quem está costumado á musica das batalhas, ao soir constante do ferro? Coplas de gente de guerra querem-se feitas por este compasso, que não é tanger de sinos a matinas n'um campanario de frades.'

— 'E viva o Traga-mouro que fallou como quem sabe. Quando nos hasde tu fazer uma trova por esse compasso? Ja são velhas as outras como o Kirieleison.'

— 'Ámanhan... ésta noite...'

— 'Aonde? vamos ja afinar os instrumentos.'

— 'E vamos que o tanger será de primor. Ésta é a noite de San'João.'

— 'Noite de amorio e de folgança.'

— 'Para christãos e para Mouros.'

— 'Então deixá-los em paz.'

— 'Não. Quem lhe manda aos Mouros fazer festas ao nosso Sancto?'

— 'Bem ditto!'

— 'Antes de romper d'alva havemos de estar aopé d'Alcacer do Sal. A campina é formosa e florida. Mais lindas são as mouras que hãode vir apanhar as flores e as orvalhadas do sancto. Nós escondidos d'um bravo azinhal que alli ha; os barcos promptos no rio... Que venha a mourama toda defendê-las, havemos de trazer as melhores flores que apparecerem na campina. — E fraco trovador hade ser o que não achar materia para quatro coplas... que nem aragonez nem provençal tenham que lhes dizer.'

— 'A elles!'

— 'A elles.'

E imbarcaram-se logo, e chegaram á cilada, a tempo. Inda mal rompia a manhan, abriram-se as portas da villa e começaram de sahir, em som

de festa e de alegria, chusmas de donzellas mouras a qual mais linda e a qual mais descuidada do perigo que lhes estava tam perto.

Entre todas se distinguia como a assucena entre as violetas, virgem real de candura e de belleza uma joven moura, mais delicada de fórma, mais singella no trajo, e todavia mais superior no garbo... e n'aquelle não sei quê mais para sentir do que para ver, que separa, do vulgo das mulheres, uma... essa uma tám rara de encontrar.

De musquetos, de madresilvas, de ouregams, de boninas e de violas, ja umas levavam ás regaçadas, outras teciam capellas... Os jovens cavalleiros imbuscados viam tudo e aguardavam impacientes o signal de Hermigues para romperem da cilada. Incostado ao tronco de uma árvore que debruçando a copa até ao chão permittia ver tudo aos escondidos sem os deixar ver de fóra, elle contemplava immovel o espectaculo que tinha deante dos olhos sem perceber a impaciencia dos companheiros.

—, É aquella' disse derepente o Traga-mouro, voltando-se para elles' é aquella a que eu vi hontem.'

—'Hontem, aonde?'

—'No ceo.'

—'No ceo! está como o trovador.'

—'No ceo. Foi um sonho que tive. Mas é aquella.'

E sem dizer mais, rompeu d'entre as devesas e foi direito á linda moura que tanto se aventajava ás outras todas e que sentada na alcatifa da relva parecia escolher, entre as regaçadas de flores que lhe traziam as companheiras... e não acabar de accertar com a que lhe agradava...

Seguem-n'o os outros de tropel. O espanto corta a voz e intorpece os passos das mouras. Quada qual dos cavalleiros toma a sua nos braços. Ja se vê qual levaria Gonsallo Hermigues.

Corriam para os seus bateis. Levanta-se o alarido das mouras, que ficavam, acodem os paes e irmãos... e os bemdittos maridos tambem, que vinham sahindo da villa. Cresce a chusma dos mouros. Ja andam no ar as espadas e os alfanges. Trava-se renhida a peleija. Mas os christãos chegam com a sua presa aos bateis. Todos não! Gonsallo Hermigues, para salvar os companheiros, teve de largar a preciosa carga que lhe não deixava livre o jôgo da espada.

—'Embarcae e tende-vos com os bateis sem largar.'

E, so, investe com um tropel de mouros que se lhe põe de deante, rompe-os e vai a' pos um galhardo e possante mancebo que ja lhe fugia com a sua Oriana.

A joven belleza ia desmaiada nos braços do seu salvador — era o espôso que lhe estava destinado, ricco e poderoso Senhor de muitas terras d'além Tejo. — O Mouro corria, mas Hermigues voava. Ja estão junctos; o arabe treme de raiva e de despeito, sobe um combro de area que alli viu mais a geito depõe a desmaiada belleza e começa um tremendo duello de morte em que toda a sanha de christão a mouro, todo o odio e todo o valor das duas raças inimigas puzeram o último de sua terrivel potencia.

Mas o Traga-mouro venceu; a estrella do destino era sua. Com a última luz que lhe foge dos olhos, o arabe viu fugir o christão levando o premio do combate.

Ninguem se tem deante d'aquella espada; os mouros fogem como aterrados de um podêr sôbre-humano, confundidos pela pasmosa audacia de um so homem contra tantos. Gonsallo Hermigues está nos bateis, e os bateis a vogar.

D'alli a poucos dias, Gonsallo Hermigues estava na sua herdade de Ourem. Fatima revestida dos brancos veos de cathecumena, recebia na igreja, com o baptismo, o nome de Oriana, e logo a mão do seu roubador que perpetuamente se lhe consagrou com as sanctas bençams nupciaes.

N'esse dia cantava o trovador as mais bellas e as últimas alegres trovas que soaram alegres nas cordas do seu alaude. São as unicas de que chegaram alguns echos até nós.

Oriana adorava o esposo e o encheu de quanta felicidade se pode ter na terra. Mas os transes e agonias d'aquella fatal manhan de San'João tinham apertado de mais com o fio de uma vida tam delicada.

A perfeição da graça feminina não se dá nunca — triste condicção! — senão em existencias debilmente construidas. É flor que não abre perfeita e mimosa em ramo de seiva forte e possante... Oriana morria-se no coração, e tinha a vida nas faces e nos olhos, vivia n'esse ingano o amante, e ella ajudava-se a viver de o inganar. Mas um dia a verdade chega derepente, corta a illusão. Oriana agonizava nos braços do infeliz que mal podia crer na funesta realidade do que estava vendo.

Na mesma capella em que renasceu por Deus ás fontes baptismaes, e em que sagrára aos pé do altar os seus romanescos amores, Oriana ja cuberta para sempre da loisa do sepulchro. E o

Traga-mouro em cima d'aquella cova, onde sumíra para sempre toda a sua felicidade da terra, vestiu a cogula da penitencia e de abnegação do mundo, e, com mais cinco de seus antigos companheiros nas vans glorias d'esta vida, fundou e dotou o convento da ordem de Cister que muito tempo se chamou Sancta Maria dos Tamaraes.

Não passaram muitos annos, veiu outra manhan de San'João; tangia o sino para o côro, accudiam os frades todos... menos um. Era frei Gonsallo que de antes do romper d'alva fôra visto andar a colher flores na cêrca segundo era seu costume todos os annos n'aquelle dia. Foram dar com elle estendido sobre a campa de Oriana, debruçado n'um feixe de goivos e boninas e sôbre ellas tinha acabado de padecer.

Interraram-no aonde morrêra, na mesma cova, e com aquella mortalha de flores ainda rociada dos orvalhos de San'João e das ultimas lagrymas que chorou na terra.

Da sua memoria ficou saudoso monumento na tradição dos povos; das suas trovas so nos chegaram echos imperfeitos das que compoz para celebrar a sua romanesca e última aventura.

São em tam obscura e cerrada linguagem que boa razão tem Faria-e-Sousa de dizer que se lhe não póde achar o sentido.

Depois das laboriosas interpretações e commentarios de A. Ribeiro-dos-Sanctos, atreveu-se porêm a traduzil-as em allemão o dr. Bellermann. Eu tambem me pareceu mais conveniente aventurar uma traducção em portuguez vulgar, do que amontoar glossas e commentos, que, porfim, inredassem mais do que acclarassem as difficuldades e obscuridades do texto.

Todos os nossos aucteres, e o erudito castelhano P. Sarmiento attribuem ésta composição ao seculo XII, apezar de haver documentos portuguezes da mesma epocha mais claros e intelligiveis. O abbade André quer que ella seja anterior, J. P. Ribeiro, como ja disse, considera-a apocrypha. Eu, fiel ao meu systema, juncto o documento, aponto os factos, cito os arrazoados dos criticos e faço tudo concluso ao público.

Na edição que dou do texto, escolhi d'entre as várias licções, ora ésta, ora aquella que melhor me pareceu.

Vej. Fr. B. de Brito *Chron. de Cister* L. IV, C. I; Faria e Sousa *Europa Port.* tom. III, P. IV, C. IX; Mig. Leitão d'Andrade, *Miscel.*; Sarmiento *Obr. posth.* tom. I (Madrid 1775); Abb. D. J. Andre *Orig. progress. e est. da litteratura* tom. II; A. Ribeiro-dos-Sanctos *Ms.* na Bibliotheca publica de Lisboa; D. J. P. Ribeiro, *Dissert. chron. e crit.* tom. I; dr. Bellermann *Die alten Liederbucher der Portug.* (Berlim 1840.)

CANÇÃO.

(texto antigo.)

Tinhera bos, nom tinhera bos, (1)
Tal a tal ca assoma! (2)
Tinherades me, nom tinherades me,
De la vinherades, de ca filharedes
Ca andabia (4) tudo em soma.

Per mil goivos trebelhando,
Oy, oy! vos lombrego...
Algorem se ca (5) da folgança,
Asmei eu, perque da terrenho
Nom a hi tal perchego.

(em vulgar.)

Ora vos tenho, ora não;
E um a um elles que chegam!
Ja me apanhais e ja não...
D'aqui largam, e d'alli pegam,
Que anda tudo ao repellão.

Per mil goivos retoiçando
Ai, ai, que vos avistéi!..
Ja sei porque ando lidando,
Que em taes terras, bem pensei,
Melhor fructo não verei.

(1) Assim le: *Bellermann.* — *Brito le* — Tinherabos, non tinherabos. — *Cancioneiro Portuense* [do Dr. Gualter] *idem.* — *Faria e Sousa*: — Tinhe raboe, non tinhe raboe.

(2) *Assim o Canc. Portuense* — *Brito*: Monta! — *Bellermann* Monta. — *Faria e Sousa*: Monta?

(3) *Assim Brito*, *Canc. Port.*, *Bellermann.* — *Faria e Sousa le*: Tilharedes.

(4) *Assim Canc. Port.*, *Bellermann.* — *Brito e Far. e Sous. leem*: Amabia.

(5) *Assim Andrade*; *Faria e Sousa*, *Bellermann.* — *Canc. Port. le*: De.

Ouroana, Ouroana, oy tem (6) por certo
Que inha bida (7), do biber (7)
Se olvidrou (8) per tu alvidro (8), perque em cabo
O que ey de la chacone (9), sem referta,
Mas nom a (10) perque se ver.

Oriana, Oriana, oh, tem por certo
Que ésta vida, do viver,
Toda em ti se olvidou n'aquelle appêrto.
E o que, em trôco eu vim a haver
Não ha mais para se ver.

Traducção alleman do Dr. Bellermann.

Schon hielt ich euch, dann hielt ich euch nicht,
Hierhin und dorhin neigt sich der Kampf,
Ihr hattet, und hattet wieder mich nicht,
Von dort kamt ihr her, iher fuhrtet ihr fort,
Von allen Seiten wogte die Schaar.

Dort in tausend Scherzen spielend
O musst'ich euch erschauen,
Etwas liebliches gewahre ich dort,
So dacht'ich bei mir, ein besser Iagen
Giebt's nicht auf diesen Auen.

Ouroana, Ouroana, o glaub'es sicher,
Nún erst gewann mein Leben
Des Lebens Werth durch deine Wahl, nun endlich
Halt mich gefangen, was ich dort erkam-pft,
Und nimmer kaun es Schoneres geben.

A. G.

VARIEDADES

NECROLOGIA.

Cherche dans la vertu la veritable gloire
Ta peine aura pour prix l'honneur de la victoire,
Et ta correspondence egalant mes faveurs
Te ferá surmonter les plus cuisans malheurs.

[Parte da Elegia feita pela rainha de Portugal D. Maria Francisca de Saboia.]

431 O ceu, a glória eterna, é a partilha e a recompensa dos justos. Aquelles que tendo calcado aos pés as maximas do mundo e suas vaidades, e cuja unica mira foi sempre a prática da virtude, para esses é que está preparada a coroa da eterna glória. Ditosos entes que tendo sido julgados infelizes pelos mundanos na terra, estão sendo agora julgados felizes e eternamente venturosos pelos anjos no ceu. A morte é assustadora, é terrivel, mas so o é para aquelles que não tendo soffrido com paciencia e resignação christan os trabalhos e fadigas inseparaveis da vida, e que totalmente entregues aos prazeres mundanos nunca pensaram na morte, ou nunca a consideraram senão como uma chimera; para aquelles porém, que bem preparados n'este mundo sempre aguardaram com resignação as amarguras que Deus lhes quizesse enviar, para esses a morte não é mais do que o termo de uma existencia penosa e a passagem para uma eternidade feliz e bemventurada. A Sr.ª Marqueza de Abrantes, D. Helena do Santissimo Sacramento de Vasconcellos e Souza, foi uma d'essas creaturas predestinadas que pela sua vida exemplar não encarou a morte com horror. S. Ex.ª ja não existe entre os mortaes. Esta Sr.ª por tantos titulos illustre, terminou a sua existencia no dia 9 d'este mez de fevereiro, pelas tres horas da tarde, tendo completado 60 annos, tres dias antes de falecer. S Ex.ª foi casada com o Exm.º Marquez de Abrantes, D. José Maria da Piedade e Lencastre, do qual teve dois filhos e duas filhas, e pertencia á antiga e preclarissima casa de Castello-Melhor, sendo por consequencia descendente do famoso heroi Martim Moniz que morreu nas portas do castello de Lisboa (que ainda conservam o seu nome) no anno de 1147, e do conde de Castello-Melhor primeiro ministro e grande valido d'el-rei o senhor D. Affonso VI, fidalgo tão distincto e tão celebre pelo seu grande talento e habilidade como pela grande honradez e amor da patria que mostrou á face do mundo inteiro, quando pediu a sua demissão dos importantes logares que occupava, e se retirou da sua patria, dando este passo por julgar que assim convinha para o bem da nação.

A Exm.ª Sr.ª Marqueza de Abrantes, D. Helena, cuja falta deplorámos, herdeira das virtudes de seus antepassados, nunca desmereceu com as suas acções, o illustre nome que herdou com o sangue. Tendo recebido uma educação verdadeiramente christan, a Sr.ª Marqueza soube sempre corresponder a ella, a sua vida toda inteira não foi mais do que a prática constante e nunca interrompida de todas as virtudes christans e sociaes. A Sr.ª Marqueza de Abrantes não tinha inimigos nem podia tel-os, pois nada ha de mais sublime, diz o grande Massillon, sôbre a terra, nem mais digno de respeito, do que a verdadeira virtude: o mesmo mundo, a seu pezar, não póde deixar de lhe prestar homenagem. E na verdade assim acontecia com a illustre finada, pois não havia uma so pessoa, que deixasse de reconhecer as muitas virtudes que formavam o seu character; nós os que isto escrevemos despidos de toda a adulação, não podiamos deixar de pagar este último tributo á memoria da Sr.ª Marqueza; conhecemol-a de perto, admirámos as suas virtudes e a sua firmeza de character; e sabemos avaliar devidamente qualidades tão relevantes: não foi por consequencia a lisonja que nos moveu a escrever estas poucas linhas. A quem poderiamos nós querer li-

(6) *Assim Andr., Canc. Port. e Bellermann. — Faria e Sousa le:* Oytem.

(7) *Assim Andrade, Canc. Port., e Bellermann.—Faria e Sousa le:* Vida e viver.

(8) Alvidrou *leem Brito e Bellermann. — Faria e Sousa e Ribeiro-dos-Sanctos:* Olvidou.

(9) *Assim Canc. Port. e Ribeiro-dos-Sanctos, — Brito, Faria-e-Sousa, Andrade e Bellermann leem:* Chebone.

(10) *Faria-e-Sousa, Canc. Port., Bellermann e Ribeiro-dos-Sanctos leem:* Nom ha, — *Brito le:* Não ha. — *Em gallego e portuguez antigo escreveu-se sempre:* Nom a.

soagear? A Sr.ª Marqueza está hoje muito acima dos louvores e das mentiras humanas. Aos seus guardâmos o devido respeito; mas não pertendemos grangeal-os, nem elles se deixariam grangear, por adulações.

A morte d'esta Sr.ª tem sido geralmente sentida; boa mãe, boa esposa, filha extremosa, a Sr.ª Marqueza tinha *todas* aquellas qualidades que pela maior parte possuia a antiga aristocracia portugueza: poucas Senhoras haverá mais instruidas do que ésta Senhora; além da lingua materna S. Ex.ª fallava em perfeição a franceza, a ingleza, a italiana, e ésta última lhe deveu particular predilecção, intendia perfeitamente o latim etc. A conversação de S. Ex.ª era sempre a mais animada e a mais agradavel, n'uma palavra não havia qualidade boa que S. Ex.ª não possuisse. Os seus parentes, e principalmente os seus filhos e a sua familia, choram inconsolaveis a sua falta; mas resignam-se como catholicos, com a vontade do Altissimo. Os restos mortaes da Illm.ª e Exm.ª Sr.ª Marqueza d'Abrantes D. Helena do Santissimo Sacramento de Vasconcellos e Souza, foram no dia 10 depositados na igreja de Nossa Senhora da Lapa, e d'ahi transportados para o cemiterio dos Prazeres, assistindo a este acto um grandissimo número de pessoas, notando-se entre ellas: S. Ex.ª o Internuncio com o *seu* auditor, os Exm.os Duques de Palmella e da Terceira, e muitas outras pessoas igualmente destinctas.

Requiescat in pace.

M de V.

O CARNAVAL.

432 O entrudo ou *carnaval* (que muitos derivam das palavras latinas *carno vale* — adeus á carne) são aquelles dias que precedem o primeiro dia de quaresma, que se passam em jogos e regosijos publicos, e que n'algumas nações se extendem de Dia-de-Reis até quarta-feira de Cinza. Ésta instituição parece pagan, e acha-se quasi toda inteira nas saturnaes da antiga Roma. Quem lhe quer origem ainda mais antiga vai buscal-a ás festas da primavera d'Osiris no Egypto, e ás de Bacho na Grecia.

Comeffeito conta-se que a solemnidade conhecida com o nome de mysterios de Osiris ou d'Isis, comprehendia um genero de divertimento chamado *cherubs* (vocabulo que os philologos dizem significar em hebraico *multiplicação)* e que este divertimento constava de danças executadas nas praças públicas por mulheres extravagantemente mascaradas, que faziam quanto gesto licencioso lhes vinha á cabeça. Parece que ésta festa tinha allusão ou era consagrada á *fecundidade*.

Na Grecia, que adoptou éstas mesmas festas com o nome de bachanaes, faziam-se ellas com maior ceremonial. Em Athenas, os Archontes redigiam o programma d'estas festas. Davam-se ao povo jogos e espectaculos, e representações dramaticas, que eram feitas com grande magnificencia, e mui concorridas. Era n'estas funcções que os poetas disputavam os premios que lhes estavam destinados, pleiteando versos n'aquelle bom tempo em que se instituiu para elles a coroa de loiro! 'Porque o homem estava então menos materializado... e não trocava por uma sêcca operação arithmetica, que lhe póde dar mais *um cincoenta e cinco avos* d'interesse n'uma tranquibernia agiotatica de uma companhia de confiança... todos os gozos d'alma provindos de uma inspiração poetica' (linguagem de poeta esfaimado).

Como quer que seja, diz-se que a tragedia e a comedia são devidas aos *mysterios* de Bachos. Ora, vejam de que tempo datam os mysterios! E Eugenio Sue a vender ésta fazenda como obra da loja! 'Se n'este tempo se não faz senão furtar' (phrase de *faccioso* desempregado).

Roma, que se apoderava de quantos maus costumes encontrava nos paizes que conquistava, e o que mais é, exagerava-os, pega nas bachanaes da Grecia encarapita-as no capitolio, e ahi temos os romanos a fazerem toda a casta de impudicicia e lascivia que *Bacho* lhes inspirava.

Mas emfim, o que la vai la vai, os antigos tinham os seus mysterios nós temos os nossos, e o entrudo dos povos modernos se não deixa a perder de vista as saturnaes romanas, não lhes fica devendo muito... Publicamente não senhor! verdade, verdade. Algum tremocinho... no elegante grosseiro que não adivinha onde está uma belleza que o espreita — leve, para não ser descortez: e o caso é que elle fica muito desvanecido de que uma mimosa mão se extendesse para elle, e uns lindos dentes lhe sorrissem a furto... tem razão o elegante. Agora particularmente, não sei; mas conta-se muita coisa... v. g. gente queimada por causa de *rabos* d'estopa (de *palha* sei eu de muitos que os tem e nunca lhes pegou fogo), e outras desgraças similhantes...

Ora, em toda a parte da Europa se celebra hoje o carnaval, com mais ou menos pompa, com mais ou menor doidisse — mas gastar o dinheiro e perder o juizo, isso em toda a parte se faz. A Italia porém, leva a palma a todas as demais nações. O carnaval de Roma era famoso em toda a parte do mundo: ainda hoje parece que é vistoso e muito para ver; mas o de Veneza é que foi n'outro tempo de deixar a bôca aberta a quantos la iam dos outros paizes — por exemplo, a ceremonia do Doge casar com o Adriatico: não reparem os leitores em ambos os vocabulos serem masculinos, porque Adriatico é um mar. Foi Napoleão que acabou com essa linda festa, entregando a serenissima republica nas garras do leão d'Austria. Tambem a grande revolução havia interrompido o entrudo em Paris; parece que a deusa Razão assim o tinha ordenado ao cidadão consul. Mas em 1805 o povo revendicou os seus direitos, e o *boi-gordo* sahiu a dar o seu passeio.

Ora, os leitores hão de saber, e se não sabem digo-lh'o eu, que o passeio do *boi-gordo* é coisa de grande folgança em Paris. Ninguem menos que o prefeito da policia, regula a ceremonia, e faz como os Archontes em Athenas, o programma da festa. Todos os magarefes da cidade, secios quanto podem, conduzem em triumpho pelas ruas um boi que deve ser o mais gordo que se possa achar, riccamente ajaezado, com um menino que figura Cupido em cima de si, e mais dôze rapazes em deredor d'elle com todos os attributos da matança etc.

Presentemente é este o costume mais particular que ha pelo carnaval: em quanto ao mais é elle o mesmo em toda a parte. Danças, mascaras, galhofa e alegria, cada um como póde; é em que se passam as horas d'estes dias brincalhões desde Cascaes até ao Vistula, e é o mesmo pelas outras partes do mundo onde teem penetrado os costumes europeus.

As mascaradas são principalmente o divertimento favorito do carnaval; mas nós os portuguezes não somos nem fomos nunca peritos nem avezados a *mascarar-nos*: póde ser que o character nacional, que é talvez naturalmente *franco*, nos arrede das transformações que apresentam o *fingimento*. Seja como for. Portugal n'este genero nunca teve coisa que se assimilhasse com as mascaradas d'Italia, com os bailes *masqués* de França, tam famosos para a aristocracia no tempo do regente, e hoje tam populares. Tambem, exceptuando estes dois povos, nos outros paizes as mascaradas são tam insignificantes como em Portugal: chegam a ser raras na Inglaterra, são poucas e semsabores na Allemanha. E comtudo, com mais ou menos importancia, usam-se as mascaras em todos os povos da terra, mesmo entre os selvagens; e os eruditos provam que ja os reis e sacerdotes do Egypto as usavam nas grandes ceremonias religiosas.

Ja se ve que o homem precisou sempre e em toda a parte, de cobrir o rosto para parecer o que quer e não o que é; hoje porém, tempos de descobertas e aperfeiçoamentos, o homem trabalha por apresentar no rosto, sem mascara, sentimentos differentes dos que tem n'alma: e o caso é que ja isso se vai conseguindo menos mal, e tenho ouvido dizer que quem melhor o sabe fazer mais agua leva ao seu moinho... Eu é que não quero levar os leitores á impaciencia.

CORREIO NACIONAL.

433 *Advertencia* — Pela muita abundancia d'artigos foi retirado o do theatro-italiano, que se dará no proximo numero.

A pag. 406, col. 1.ª lin. 20 do último n.º estão 300,000 em vez de 30,000.

Esta semana tem-se representado duas peças novas no theatro da Rua dos Condes: uma d'ellas, *O cãozinho da marqueza*, não merece as honras da discussão, é uma commedia como ha muitas; a outras *Leonor, ou os mortos andam depressa*, é um melodrama como outros, mas distingue-se de quasi todos elles por dar occasião á Sr.ª Emilia a brilhar nos dois últimos actos com um grande esplendor do seu talento.

A companhia 'Providencia' [Segūros de vidas, annuidades etc.] annuncia o comêço das suas operações no seu escriptorio — Rua do Alecrim n.º 10 — E convida os seus accionistas a entrarem com a 1.ª prestação de dois e meio por cento, até ao dia 28 do corrente.

Um dos últimos n.os da *Illustração* franceza traz a vista exterior do theatro de 'D. Maria II.'

Um agente de uma companhia franceza, ou da casa Laffitte, acha-se em Lisboa com o fim de contractar com o govêrno a construcção d'alguns carris de ferro.

Diz-se que a casa — Rotschild — comprára a quinta da Palmeira, no Campo-grande. Effectivamente parece que foi o procurador d'aquella casa celebre que a arrematou por 18:000$000 réis.

No domingo [15] impôs Sua Magestade o barrete cardinalicio no Sr. Patriarcha de Lisboa D. Guilherme, com toda a pompa e ceremonias do estylo, no grandioso templo de Sancta-Maria de Belem. Sua Magestade convidou n'esse dia a almoçar o Exm.º cardeal Carvalho, depois d'aquella magnífica ceremonia. E S. Ex.ª o Internuncio deu, no mesmo dia, um esplendido jantar de 40 talheres aos ministros, corpo-diplomatico etc. Julgâmos a proposito inserir aqui uma nota que, sôbre a cor purpurea das vestes do cardeal patriarcha de Lisboa, nos communicou o Sr. Abbade Castro,

« ElRei o Sr. D. João V, a quem a graça com os seus dotes, e a natureza com os seus attributos fizeram perfeitissimo. Engrandeceu a sua real capella, com a Bulla Aurea de 7 de novembro de 1716, do Sancto padre Clemente XI.

« Para maior decoro, e magnificencia do Patriarcha de Lisboa e da sua dignidade, lhe alcançou a regalia de podêr andar vestido em habito purpureo á maneira do arcebispo Salisburgense primaz de Alemanha, e outros muitos privilegios e preeminencias, unindo-lhe tambem as honras e tractamento de cardeal, que lhe mandou dar por decreto de 17 de fevereiro de 1717. E porque ésta honra cardinalicia lhe fosse própria e fixa, fez com que o papa Clemente XII, não so o elevasse áquella dignidade, como o elevou por bulla de 27 de dezembro da 1737; mas pela mesma estabeleceu para sempre, que a pessoa, que fosse preconisado patriarcha de Lisboa, fosse logo creado cardeal no consistorio immediatamente seguinte. [Veja-se Mappa de Portugal, tomo 3.º, pelo padre João Baptista de Castro] »

A Eschola-politechnica annuncia que no dia 2 de março hade começar o curso elementar de chimica.

Hoje (16) entrou no Tejo o novo vapor 'Duque do Porto.' É de ferro, da fôrça de 125 cavallos e de 360 toneladas. Destina-se ao serviço das alfandegas.

A receita do Asylo da mendicidade no mez de janeiro foi de 1:543$686 réis em metal e 76$200 réis em papel, além de diversos donativos e tomadias em seu favor. A despeza foi de 1:402$585 réis. Fica existindo na caixa-filial um saldo de 322$216 réis em metal e 151$200 rs. em papel. Existem asylados: homens 284, mulheres 226, total 510.

A junta do credito-público annuncia que nos dias 25 do corrente e 2 de março, pagará os juros da consolidação do papel-moeda, e titulos de 4 por cento do 2.º semestre de 1845. Que no dia 4 de março pagará os juros do mesmo semestre das apolices da marinha, obra d'Ajuda e Loterias-reaes. Que no dia 9 do mesmo mez começará o pagamento do juro do mesmo semestre das inscripções de 5 por cento.

A empreza do Theatro de San'Carlos annuncia que a opera 'Paulo e Virginia' não póde ir á scena. 'I due Foscari' de Verdi, irá brevemente.

CONHECIMENTOS UTEIS.

DAS AMOREIRAS E SUA CULTURA.

434 A amoreira tem sido comparada com a especie humana por se aclimatar em todas as zonas, com tanto porém que passe por transição de um a outro clima.

N'um tempo como este em que vivemos, de superabundancia de mão d'obra, a amoreira parece propria a dar-lhe emprego util pelos trabalhos de toda a natureza a que se presta. É a mais exigente mas tambem é a mais grata de todas as arvores, e paga com usura os disvellos com que a tractam.

A amoreira propria para alimento dos bichos-da-seda é da familia *urticèes* (Jussieu) ou *Monoecia tetrandia* (Lin.) Póde ser cultivada em toda a parte, mas o melhor terreno para ella é aquelle que for proprio para vinhas. Quinze dias depois de lhe tirarem as folhas ja está coberta d'outras novas. A sua vitalidade é grandissima, principalmente quando é bem tractada e sachada. Mas é bom poupar as amoreiras desfolhadas, e não lhe arrancar as folhas na primavera seguinte, para que adquiram mais e as arvores tomem força. Quando a raiz encontra terra argilosa ou barrenta, ou aguas subtarraneas, a arvore definha, cobre-se de musgo, e muitas vezes morre depressa.

Contam-se nove especies principaes d'amoreiras proprias para a nutrição do bicho-da-seda; a preferencia d'ellas depende da qualidade do torrão.

A amoreira-silvestre (Morus-alba) é a que se obtem por meio de semente, dura mais e é mais sadia que a d'enxerto, mas produz menos folhas: a sua qualidade depende da escolha da semente, de que adiante fallarei.

A amoreira d'enxerto tem a folha mais macia e lisa, resiste mais á chuva, conserva por mais tempo a frescura, e a colheita custa um terço menos porque a árvore é menos ramosa e presta-se mais á operação da apanha.

A amoreira-rosa, ou d'Italia, tem a folha menos fibrosa, e mais abundante de gomma-resinosa. O terreno sêcco é o mais proprio d'esta especie.

A amoreira d'Hispanha tem a folha mais grossa, e convem por consequencia menos ao bicho-da-seda.

A amoreira de folhas-largas, ou da China, é a melhor para a nutrição do bicho-da-seda; mas ainda que a sua folha é muito grande dá todavia muito menos quantidade d'ellas que a d'Hispanha que parece ser a mais abundante. Convem-lhe as terras leves.

A amoreira de Constantinopla (morus pumilla) parece que se propaga sem cultura pela Grecia e Turquia. A sua folha é a mais abundante de mucillagem gommosa, e o bicho-da-seda prefere-a visivelmente a todas as outras.

A amoreira-incarnada (morus rubra), diz-se ser aquella que fornece ao bicho-da-seda o alimento mais substancial.

A amoreira-preta é a que faz produzir seda mais forte, mas menos fina e não tão bonita como a da amoreira-branca.

A multicaule é de todas a que se propaga e vegeta mais facilmente, e a mais estimada pela propriedade essencialmente nutrictiva das suas folhas. Resiste ao inverno, e em poucos annos se formará, querendo-se, uma floresta d'ellas cujas folhas se reproduzem maravilhosamente. A terra que lhe convem é a movel, leve e substancial, mais humida do que sêcca.

Descrever os characteres botanicos de cada uma d'estas especies, tractar das sub-especies que se conhecem de cada uma d'ellas, bem se ve que não poderia ser n'um artigo de jornal.

De todas as maneiras de multiplicar as amoreiras, a da semente é a mais segura e perfeita, e preferivel á de mergulhão ou d'estaca. O fructo de que se quizer extrahir a semente deve ser apanhado em amoreira adulta; as mais antigas são as melhores, a arvore deve ter pelo menos 30 annos, e deverá ser sadia e formosa, creada em terra mediocre, para que se conheça que éstas boas qualidades derivam da natureza e da cultura e não do torrão. A arvore destinada a fornecer a semente não deve ser desfolhada uns poucos d'annos.

A semente perde a sua qualidade germinativa no fim de um anno, e as precauções que se tomarem para a conservar influem na celeridade da germinação. Conserva-se a semente em vasilhas de barro tapadas, e ao abrigo do frio, e alguns querem que seja bom misturar areia na semente.

Semea-se pela primavera e proximo ao outono. Ésta última sementeira é a melhor comtanto porém que o clima não seja rigoroso. O mais prudente em todo o caso é semear nas duas estações. A terra destinada a ésta sementeira deve ser mediocremento humida, solta, pouco carregada d'estrumes, e melhor se fôr misturada. Os regos em que se deve deitar a semente variam em fundo segundo o torrão: em terra forte basta polegada e meia de fundo; mas sendo leve e solta precisa ser de tres polegadas, nunca mais. Os canteiros devem ter quatro pés de largura; fazem-se quatro regos a cordel e deita-se a semente com a maior igualdade possivel. N'algumas partes cobrem estes canteiros com uma esteira leve molhada: uso que não se deve desprezar, porque quando menos dá a sombra de que as amoreiras gostam.

(Continúa).

QUEBRA-MARES FLUCTUANTE.

435 O empenho com que a Revista traz os seus leitores ao corrente de todas as descobertas e novidades importantes do mundo, assim que as julga exactas, pela auctoridade dos melhores jornaes extrangeiros de que a sua Redacção se auxilia (e cabe aqui prevenir os leitores de que se alguma notícia importante incontrarem alguma vez n'outros jornaes, que não tenham incontrado ainda nas columnas da Revista, é porque essa notícia carece talvez do grau de veracidade ou credito, que muito tenho a peito em tudo que refiro): esse empenho, dizia, me faz hoje dar conhecimento de uma descoberta util que bem merece ser aproveitada por quem e onde convier — e muita parte é dos dominios portuguezes d'aquem e d'alem-mar.

Usava-se até agora, para proteger os portos de mar da violencia dos ventos e furias das vagas, construir barreiras de rochedos artificiaes. Levantavam-se para este fim, com grandissimo custo e despeza, enormes massas de pedra, montes d'alvenaria, que afinal não correspondiam ao despendioso disvello com que eram feitos. Mas a despeza não era o seu unico inconveniente: esses molhes de pedra quebram a acção das

correntes, e dão origem a consideraveis depositos de areia, seixos e lodo, que muitas vezes obstruem a entrada das barras. Além d'isso a grandeza, fórma e direcção de taes molhes, complicam ainda as difficuldades.

Estes inconvenientes foram causa da invenção dos *quebra-mares*, cujo ensaio se fez nas costas d'Inglaterra, em pleno mar, diante do porto de Brighton. Com este systema são desnecessarias as construcções submarinhas, os molhes, e todas as edificações de pedra e cal. O quebra-mares compõe-se de simples apparelhos de madeira collocados sôbre cascos fluctuantes, solidamente amarrados. É uma especie de dique de madeira, resistente e movel. Este dique é formado de muitas secções. prêsas umas ás outras, e cujo número varía conforme a extensão que se quer proteger.

Cada secção fórma uma construcção solida de peças de pau de figura parallelipipede e em grade, e montada sôbre uma quilha, que se deita ao mar como um navio. O comprimento ordinario é de 112 palmos, a largura de 40, e a altura de 58, sobrenadando 16 palmos e mergulhando 32. Ésta profundidade julgou-se sufficiente, porque as maiores tempestades não descem nunca a mais profunda agitação de mar no mediterraneo e costas da Mancha, como o teem provado as experiencias scientificas.

Éstas secções bem seguras com cadeias, ancoras e amarras de pau, são collocadas em linha, ou melhor ainda em escalão, de modo que mutuamente se apoiem. A vaga que vem de longe batendo na grade não encontra uma resistencia solida e inerte, como a dos muros de pedra, mas uma resistencia flexivel. incessante, que doma mas não quebra, que fatiga o esforço sem o affrontar, e que depois do embate ganha de novo o seu equilibrio. A vaga que estalla com furia d'encontro ao obstaculo contínuo de um molhe, que o mina sem cessar e que o destrue muitas vezes, passa atravez da grade doble de pau que lhe cede alguma coisa, mas que a demora, que a divide, que a abranda e aliza. Assim, o mar encapellado e temeroso ao longe, passando como por um crivo, entra quieto na bacia guardada pelo quebra-mares e fórma ahi um como tanque espelhado e tranquillo.

Teem-se feito alguns calculos curiosos para conhecer a fôrça a que o quebra-mares tem a resistir; mas este estando sempre amarrado obliquamente, a fôrça total, seja ella qual for, fica reduzida proporcionalmente ao angulo de resistencia.

QUESTÃO RELIGIOSA DA INDIA PORTUGUEZA.

436 Por causa do falso zêlo religioso, e das nimias exigencias clericaes, ja a verdadeira crença tem por vezes soffrido: d'uma e outra coisa, já nós fomos quasi victimas, e por effeito da mesma causa gemerão em breve, senão ja, a Allemanha, a Suissa, e o Egypto, entre os horrores de uma intestina guerra. Como christãos pois, e empenhados em ver triumphar a moral divina sôbre os arrojos da incredulidade; como portuguezes, e desejosos de ver tranquillas as provincias ultramarinas, fructo das lidas e prodigios de nossos maiores, sentimo-nos obrigados a chamar a attenção dos que amam a religião e a patria, para as pretenções desassisadas de uma congregação de ruins apóstolos, que, afim de as realizar, mina e contamina a nossa fé, e posterga imprescriptiveis direitos da corôa portugueza. Será bom que a narração dos factos declare já muita razão que temos para escrever estas linhas.

Quando o talento a valentia e perseverança do nosso inclito infante D. Henrique, *começou de mostrar ao mundo o que elle de si não conhecia*, descobrindo climas remotos, conquistando dilatados senhorios, povoando, e cultivando terrenos até ali so ermos, perceberam logo nossos piedosos antepassados, que uma nova e grande porta se abria para soberanos merecimentos na prégação do evangelho, e reducção da gentilidade ao gremio da igreja catholica. Assim o soube conhecer o infante sabio e virtuoso, que logo despachou á côrte de Roma um embaixador a impetrar de Sua Santidade a graça de conceder-lhe o dominio espiritual das terras de que se assenhoreasse, o que promptamente lhe foi deferido, não restringindo mas sim ampliando aquelle direito ás terras, que se houvessem de conquistar desde os cabos do Bojador e Não até á India, e da India até á China. Ésta mercê foi depois, não so confirmada nos mais explicitos termos por muitos dos subsequentes pontifices, porem reconhecida de innegavel justiça pelo concilio Tridentino, quando deliberou ser o direito do padroado um direito que se adquiria *ex fundatione, vel edificatione*; e esta era a base em que assentavam os motivos do nosso padroado, motivos de tal força e evidencia que nas bullas, com referencia á elle, se declarava *não ter a propria Sancta Sé em consistorio, fosse porque razão fosse, faculdade para derogar à concessão d'este direito, nem tal derogação se devia, ou podia ter por válida, sem que expressamente a consentissem os reis de Portugal.*

Do alvoroço e alacridade com que logo convieram innumeros jornaleiros a trabalhar na celestial obra da conversão dos infieis, e da resistencia aos hereges: do zêlo, e boa vontade, com que os monarchas lusitanos se prestaram a facilitar-lhes o transporte, o agasalho e a devida consideração, dão testemunho maior de toda a excepção as lettras apostolicas, que por varias vezes dirigiram os pontifices aos nossos reis e ás differentes ordens religiosas, agradecendo-lhes o fervor que empregavam no proseguimento de tão nobre empresa. Dos trabalhos, das fomes, dos carceres, do derramamento de sangue por honra da fé, e dos incalculaveis dispendios feitos com aquelle fim, em muito grande parte alcançado, estão cheias as paginas da nossa esclarecida historia, e o tragador dos bronzes não foi ainda capaz de apagar a sua lembrança na memoria dos homens... Não obstante quiz-se dar a intender que nada d'isto era sufficiente, e este foi o *principio* de uma sociedade, que em 1622 se estabeleceu com a dénominação de — *Propaganda fide*: — o *fim* sabem-o todos... não precizâmos dizel-o. Este instituto attentou contra os direitos da corôa de Portugal desde que começou a guerrear os bispos legitimamente nomeados pelo real padroeiro, em vez de desempenhar o fim para que se havia reunido, e acudir aos sertões da America e da Africa, ou ás immensas ilhas da Occeania, onde tão necessaria era a prégação e o exemplo; mas foi ainda maior o escandalo, logo que a anarchia suscitada pelos emissarios da Propaganda, e por elles introduzida nos dominios portuguezes, não se cohibiu, antes com sepe-

tidos breves de Roma se mandaram guardar os privilegios dados áquelle instituto, os quaes, segundo as proprias palavras das bullas ja citadas, não podiam (visto involverem usurpação manifesta dos nossos direitos) ser concedidos sem o consentimento expresso dos senhores reis de Portugal. A' sombra da immunidade da Propaganda cresceu a sua ousadia. Em Bombaim, onde o nosso direito podia parecer duvidoso aos que não tivessem lido o tractado da cessão d'aquelle territorio á Inglaterra, feito em 1665, foi elle reconhecido pelos proprios padres da congregação da *Propaganda fide*, não so quando por decreto seu proprio declararam em 1772, que elles nada tinham com Bombaim, senão quando consentiram e reconheceram a posse da jurisdicção espiritual, que alli se foi tomar em nome do arcebispo Primaz no anno de 1789. Mas a imprudencia dos padres propagandistas chegou a tanto, que depois d'este precedente, não duvidaram maquinar contra a posse d'esse direito por elles proprios reconhecido, ja demorando-se em Bombaim com frivolos pretextos, ja usando d'essa demora para induzirem o povo a representar contra o dominio do arcebispo de Gôa, ja emfim abusando da assignatura de meia duzia de individuos da plebe, para allegarem que todos os habitantes queriam ser por elles regidos no que tocava ao espiritual, e intruzando-se (como de facto o fizeram) novamente no dominio das igrejas de Bombaim por um tão indigno e caviloso procedimento.

Entretanto, além da protecção decidida que a Propaganda tem encontrando nos governadores inglezes, e da fôrça que lhe tem dado as delongas com que a curia romana tem procratinado a confirmação de alguns bispos, cuja apresentação se deve ao efficacissimo zêlo com que o governo de Sua Magestade cura ha alguns annos das necessidades espirituaes em nossos dominios ultramarinos; nada a tem auxiliado melhor do que a dessidencia entre os verdadeiros christãos que a combatem: e posto que so em Bombaim ha duas associações, ambas com o intento de promover a paz entre os catholicos, é certo que ellas (apezar de serem estremados os seus serviços a prol dos nossos direitos) malbaratam, em mutuamente se injuriarem, muito tempo, que com maior proveito dispenderiam se unidas marchassem á peleja. D'ahi se tem seguido os desatinos, a obstinação e as violencias de que a Propaganda tem vivido n'estes ultimos tempos; e é por isso que mesquinhos resultados apenas tem coroado as generosas fadigas e heroica valentia que o arcebispo actual Primaz do Oriente, e varios outros dignos e respeitaveis sacerdotes, teem empregado em luctar arca por arca com aquelle instituto.

Baste pois isto assim em sombra para se cumprir a nossa intenção, de chamar e attrahir os olhos de todos os christãos e portuguezes para este volcão de perversidades. Não é preciso que façamos memoria dos abusos de podêr praticados pelos vigarios da Propaganda, como os de darem por não casadas mulheres que o estavam legitimamente pelos sacerdotes portuguezes; nem relatar os arrombamentos de igrejas, os roubos de alfaias e vestimentas, o emprego do dinheiro de subscripções e legados em manter espiões, e calumniadores; não julgâmos siquer decente repetir as affrontas espalhadas em famosos libellos sem tino nem] razão, nem pejo, nem consciencia contra a nossa Augusta Soberana, e contra as auctoridades ecclesiasticas por ella nomeadas. So accrescentaremos, que na continuação d'estes excessos se vai o reino definhando moral e phisicamente, porque a opinião tão alto levantada pelos Albuquerques, Castros, Gamas e tantos outros, la se perde ás mãos de quatro miseraveis e vagabundos missionarios; e a nossa ja nimia tolerancia fará dizer bem cedo, que não valia a pena de gastar tantas sommas e verter tanto sangue portuguez, em arrancar almas á idolatria para agora as cedermos.... nem sabemos a que.... a uma potencia chamada Propaganda ! ! !...

J. M. C.

SCIENCIAS-NATURAES.

II

Continuação da analyse do cosmos de A. Humboldt — *Phisica* — Calor do centro da terra — Magnetismo e electricidade — Fôrças-elasticas do centro da terra — Terramotos — Aguas termaes — Antigo desenvolvimento da vegetação — Minas de carvão-de-pedra — Carbonico — Acido-sulphurico — Vulcões.

437 Passando ao exame do nosso pequeno planeta, a terra, começa o A. observando que apesar das minas as mais profundas, e dos furos conseguidos pelas verrumas, não se tem penetrado que pouco mais de dois mil pés abaixo do nivel do mar, e o capitão Ross não achou ainda o fundo do occeano na profundidade de 25,400 pés. O sabio A. depois de fazer algumas jocozas observações sôbre as ideas que se tem formado e ainda se formam, sôbre a natureza interior do globo, se decide a adoptar a opinião de que o seu achatamento teve logar no tempo em que ainda se achava em um estado molle ou quasi fluido, endurecendo pouco a pouco: que o interior da terra se acha ainda encadecente, o que parece estar provado pelo augmento de calor que se encontra á proporção que se desce para o fundo do globo, o qual se avalia em um grau centigrado por cada 30 metros de descida. O A. descreve depois com a maior clareza os phenomenos que procedem do calorico sôbre a terra, os quaes classifica com tres diversos movimentos. O primeiro é periodico e muda a temperatura das camadas da terra, penetrando segundo as diversas posições do sol e das estações do anno, da superficie para o interior, ou de cima para baixo, ou, pela mesma direcção, retrocede debaixo para cima, exalando o calorico. O segundo movimento, assás lento, é da mesma maneira produzido pelo sol, pois que uma parte do calorico que penetrou na terra nas zonas equatoriaes, se transmitte pelo interior da mesma terra, na direcção dos polos, e d'alli passa para a atmosphera. A última e terceira especie de movimento é a mais vagarosa de todas, e consiste no resfriamento secular da terra do que resta de calor primitivo no interior do planeta o qual passa para a superficie. Esta perda do calor central foi muito grande na epocha das mais antigas revoluções da terra; mas desde os tempos historicos, é quasi inperceptivel para os nossos instrumentos. A superficie da terra se acha por consequencia entre o calor em braza das camadas mais interiores do globo, e o espaço do universo, cuja temperatura se acha provavelmente mais baixa do que o ponto da congelação

do mercurio. As mudanças periodicas da temperatura, motivadas na superficie pela posição do sol, e pelos phenomenos metéorologicos, se propagam no interior, mas so em pequena profundidade. Esta morosidade na transmissão do calor pela terra diminue no inverno a perda do calorico interior, e é vantajosa ás arvores cujas raizes penetram a grande profundidade.

Junctamente com este assumpto expõe o A. a doutrina do magnetismo terrestre e da electricidade. As mudanças da temperatura produzem as correntes magneticas e electricas. O magnetismo electrico, cujo character é uma triplicada mudança periodica das suas fazes, é produzido ou pela desigualdade do aquecimento da terra, ou d'aquellas correntes galvanicas que se nos apresentam como electricidade em movimento recto ou circular. Segundo as interessantes descubertas de Oersted, Arago e Faraday, se approximou a carga electrica da atmosphera á carga magnetica da terra. Se Oersted achou que a electricidade na proximidade do seu corpo conductor attrahe ou produz o magnetismo, tambem se acham nas experiencias de Faraday correntes electricas pelo magnetismo libertado.

O magnetismo é uma das muitas fórmas debaixo da qual se apresenta a electricidade. O magnetismo tellurico, as forças electro-dynamicas, medidas pelo sagaz Ampére, estão em intima relação com a luz boreal do polo, assim como com o calor interior e exterior do planeta cujos polos magneticos são considerados como polos do frio.

Se Halley ha 128 annos manifestou como supposição problematica, que a luz boreal era um phenomeno electrico. Faraday pela sua descoberta brilhante, (origem da luz pela força magnetica) elevou aquella supposição á certeza empirica. A magestosa apparencia de variadas côres da luz boreal, é o acto da descarga e o fim de uma trovoada magnetica, assim como n'uma trovoada electrica o desenvolvimento da luz, o raio ou o relampago designa o restabelecimento do equilibrio interrompido da electricidade repartida.

D'ahi passa o A., depois de dar uma brilhante descripção da aurora boreal, a referir as grandiosas providencias que pelas suas instancias se realizaram afim de examinar com mais acerto o magnetismo da terra, objecto tão difficil de apreciar na sua essencia. Todas as indagações a este respeito sôbre os motores phisicos d'estes phenomenos complicados, não tiveram ainda solução satisfatoria. Somente o que se apresenta como lei na manifestação triplice da força terral, como porporções que se podem medir pelo espaço e o tempo, teem feito os progressos os mais brilhantes na nossa epocha, pela designação de valores numerisos. Desde o anno de 1828, de Fyron, no Canadá superior, até ao Cabo-de-Boa-Esperança e terra de Van Diemen, de Paris até Peking, se acha a terra cuberta de observatorios magneticos nos quaes sem interrupção se fazem observações contemporaneas sôbre os regulares e irregulares movimentos da força terrestre. Avalia-se até uma variação de 1.40,000 da intensidade magnetica, fazendo-se observações em certas epochas, durante as 24 horas, todos os dois e meio minutos. Um grande astronomo e phisico inglez calculou que o número das observações que se acham para discutir subirão no tempo de tres annos a 1.958,000.

Em tempo algum se notou uma uniformidade de vontades mais maravilhosa para se descubrir a intensidade das leis de um phenomeno da natureza como n'este caso; e portanto podèmos esperar com todo o fundamento que éstas leis comparadas com aquellas, que dominam na athmosphera e nos espaços remotos, nos approximarão gradualmente ao conhecimento das leis geraes dos phenomenos magneticos; e acrescenta o A. que quando fez o primeiro conv ite para a construcção de observatorios magneticos, estabelecendo uma serie de estações fixas com instrumentos similhantes, não esperava que durante a sua vida ambos os hemispherios ficariam quasi cubertos de observatorios magneticos; mas pela actividade de distinctos phisicos e astronomos, e principalmente pelo poderoso auxilio de dois governos, o da Russia e o da Gran'Bretanha, se venceram todos os obstaculos. Nos annos de 1806 e 1807 tinha observado o A. com o seu amigo e consocio nos trabalhos, Oltmanns, durante 5 e 6 dias e noites, as oscillações da agulha magnetica de meia em meia hora, principalmente no tempo dos solsticios e equinocios, e ficou persuadido que observações não interrompidas (observatio perpetua) durante alguns dias e noites, seriam preferiveis ás observações isoladas de muitos mezes. O apparelho composto de um telescopio magnetico de Prony, collocado dentro de uma caixa de vidro, suspenso a um fio sem torcimento, indicava angulos de 7 a 8 segundos.

As perturbações magneticas (trovoadas), as quaes se repetiram algumas vezes em differentes noites consecutivas, ja n'aquelle tempo lhe fizeram nascer a idéa de ver estabelecidos similhantes observatorios tanto ao occidente como ao oriente de Berlim, para differençar os phenomenos telluricos dos que são produzidos pelas perturbações locaes ou pela desigualdade do calor da terra, ou pelas nuvens atmosphericas. A partida do A. para Paris e as desordens politicas em toda a Europa occidental, que duraram tantos annos, obstaram n'aquelle tempo á verificação dos seus desejos. A luminosa theoria diffundida por Oersted, em 1820, pela sua grande descuberta sobre a connexão da electricidade com o magnetismo, fez despertar novamente da longa apathia um interesse geral para se descubrirem as causas da mudança periodica da carga electrico-magnetica da terra. Arago, o qual alguns annos antes tinha feito no observatorio de Paris uma numerosa serie de observações não interrompidas de hora em hora, a mais extensa que se possuia na Europa, executadas em um instrumento declinatorio de Gambey, mostrára, pela comparação feita com outras observações das perturbações contemporaneas em Kasan, o grande proveito que poderia resultar das observações correspondentes das declinações da agulha.

Regressando o A. a Berlim, passados 18 annos de residencia na França, mandou construir no outono de 1828 um pequeno observatorio magnetico; não so para a continuação dos trabalhos começados em 1806, mas principalmente para as observações contemporaneas que se haviam de fazer ás mesmas horas em Berlim, Paris, e em Freyberg (na profundidade de 35 braças de uma mina). A coincidencia dos tempos, a igualdade das perturbações, e o parallelismo dos movimentos nos mezes de outubro e dezembro de 1829, ja n'aquelle tempo se publicaram e apresentaram gra-

phicamente [Poggend. Annaes. tom. 19 fl. 351, estampa 1 e 3]. — Uma expedição executada por ordem do imperador da Russia em 1829 para a Asia septentrional, offereceu ao A. a occasião de extender o seu plano em maior escala. Por meio de uma commissão nomeada expressamente para aquelle effeito, pela academia imperial, foi este projecto mais desenvolvido, e debaixo da protecção do chefe da administração das minas, o conde de Cancrin, e da direcção especial do professor Kupfer, se estabeleceram estações magneticas desde Nicolajeff, Ctharinembourg, Barnaul, e Nertschinski, por toda a Asia septentrional até Peking.

O anno de 1832 marcou a grande epocha na qual Frederico Gauss, o profundo fundador de uma theoria geral do magnetismo terrestre, estabeleceu no observatorio de Gottingen o novo apparelho construido sôbre novos principios. Em 1834 se terminou a construcção do observatorio magnetico, e no mesmo anno escolheu Gauss os seus instrumentos e o seu methodo de observar, que foi adoptado em uma grande parte d'Allemanha, na Suecia e em toda a Italia. N'esta associação magnetica de que Gottingen era o centro, se determinaram desde 1836, quatro estações do anno para se fazerem observações durante o periodo de 24 horas, as quaes eram differentes das dos equinocios e solsticios que o A. tinha proposto em 1830. Até ésta epocha a Gran'Bretanha, na posse da maior extensão de commercio e navegação, não tinha tomado parte n'este movimento, que desde 1828 principiou a dar grandes esperanças de se obterem resultados interessantes que fizessem conhecer a fundo o magnetismo tellurico, e o A. teve a fortuna de promover e alcançar mais benevola cooperação para este objecto, que ha muito era o fim dos seus ardentes desejos, o que manifestou por um annuncio publicado em abril de 1836, o qual remetteu de Berlim ao presidente da Sociedade R. de Londres, o duque de Sussex. Elle instou na carta que dirigiu a S. A. R., para que se estabelecessem estações permanentes no Canadá, em Sancta Helena, no Cabo de Boa Esperança, ilha de França, Ceilão e Nova Hollanda, as quaes havia ja cinco annos, tinha designado como as mais vantajosas. A Sociedade R. nomeou do seu seio uma commissão phisica e meteorologica, a qual propôz, que alem dos observatorios magneticos permanentes em ambos os hemispherios, se emprehendesse uma expedição naval destinada para fazer as observações magneticas nos mares antarticos. As vantagens que a sciencia adquiriu em 1838 pela grande actividade de sir John Herschell, Sabine, Airy e Lloyd, assim como pelo poderoso auxilio da associação dos progressos das sciencias em New-Castle, são tão conhecidas que o A. omitte de as descrever. No mez de junho de 1839 se determinou a expedição magnetico-antartica debaixo do commando do capitão Clarke e Ross, e agora depois do seu glorioso regresso estamos gozando os duplicados fructos das importantissimas descubertas geographicas no polo austral, e as observações contemporaneas de 8 a 10 estações magneticas.

Passa depois o A. a considerar os effeitos das fôrças que sahem do interior da terra, os terramotos que elle mesmo muitas vezes sentiu nas suas viagens, e termina a sua eloquente descripção com as seguintes palavras «A connexão interior de todos os phenomenos aqui descriptos, ainda se acha occulta em profundo mysterio. Sem dúvida devemos presumir que são fluidos elasticos os que dão origem tanto aos leves abalos da crusta do nosso globo, como aos mais tremendos, á similhança dos que em 1816 sacudiram o terreno de Siacca na Sicilia, antes da irrupção volcanica da nova ilha Julia; como tambem serão os agentes que produzem espantosas explosões que se annunciam pelo seu arruido subterraneo; e é evidente que o fóco da convulsão, a séde da fôrça motriz, deve achar-se em enorme profundidade por baixo da crusta solida do globo; porém a extensão do abysmo nos é tão desconhecida como a natureza chimica dos vapores de tão subida elasticidade, que dos mesmos focos se desenvolvem. As mesmas causas produzem as fontes quentes ou thermaes, e os *Mouffetes*. Nos primeiros e mais remotos periodos em que por effeito da elevada temperatura do calor do globo, e com o auxilio do grande número de fendas da terra, que ainda se achavam abertas, deviam sem duvida produzir muito maior effeito os phenomenos que mencionâmos, misturando-se o acido carbonico e vapores ardentes, em massas avultadas, com a atmosphera, pelo que devia o mundo, novo de vegetaes, como mui judiciosamente observa Adolpho Brongniart, ter tido um desenvolvimento extraordinario na sua organização. Nas camadas atmosphericas sempre quentes e humidas, saturadas de acido carbonico, deviam as plantas ter achado uma abundancia e um estimulo de nutrição em tal grau, que ellas forneceram o abundante material para formar as espessas camadas e depositos de carvão-de-pedra e de lignites, os quaes na sua superabundancia, quasi inexgotavel, são actualmente a base das forças phisicas, e da prosperidade das nações. As massas avultadas d'estes depositos se acham distribuidas com desigualdade sôbre certos pontos do continente europeo. Em grande abundancia apparecem nas ilhas Britanicas, na Belgica, França, Baixo-Rheno, e na Silesia superior. N'aquella mesma epocha primitiva da universal actividade volcanica, tambem se desenvolveu, do seio da terra, a immensa quantidade de carbonico que existe na composição das serranias calcareas, o qual separado do oxigenio e extrahido como substancia compacta, avultaria á oitava parte da massa das ditas serranias. O que não foi absorvido pelas terras alcalinas passou para a atmosphera e de la foi absorvido pela vegetação ante-diluviana, de maneira que na atmosphera purificada pelo processo da vida das plantas, so restou uma pequena quantidade que não prejudica a organização actual dos animaes. — Igualmente as frequentes irrupções de vapores acidos sulphuricos deram cabo nas lagoas de muitos moluscos e especies de peixes, assim como produziram a formação das camadas de gesso, muitas vezes tortuosas, provavelmente por effeito do movimento dos terramotos. Por meio d'estes mesmos vapores elasticos foi a crusta da superficie da terra frequentemente elevada em fórma de empôlas, ou rachada e aberta em forma de crateras, sem apresentar signal de um vulcão.»

A respeito dos vulcões offerece o A., debaixo de todos os pontos de vista, uma descripção magistral, da qual so mencionaremos a sua conclusão. «O vulcanismo, ou reacção do interior de um planeta sôbre a sua crusta ou superficie, foi por muito tempo julgado como um phenomeno isolado no seu effeito destructor, e

nas suas obscuras e subterraneas forças. So nos tempos modernos se começaram a julgar com grande vantagem para a Geognosia, fundando-se nas analogias phisicas, que as forças vulcanicas são capazes de formar novas rochas, montes e ilhas, ou transformar as antigas. É este phenomeno, ja mencionada em outro logar, que nos conduz a uma doutrina comprovada da actividade dos vulcões ardentes, ou que exhalam somente vapores, e que nós conhecemos duplicadamente pelo quadro geral que offerece a natureza; a saber: pela Geognosia, doutrina que mostra a contextura e a superposição das camadas da terra, e pela formatura dos continentes e ilhas que se elevam sôbre os mares, doutrina que pertence á Geographia phisica que descreve a sua configuração.»

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

Tem-se demorado por circumstancias a publicação do sequito d'esta obra; mas continuará, sem interrupção, desde a proxima futura semana, e hade terminar infallivelmente no mez de maio, dando-se, quando preciso seja, dous ou mais capitulos, em um mesmo número da REVISTA. Immediatamente depois estará prompta tambem a edição em separado do 2.° vol. da mesma obra que começa no cap. XXVI.

DO PARIATO. (*)

438 O estado que mais floreceu em Portugal, e que floreceu antes do real, foi o ecclesiastico. Foi poderoso e foi immenso. Mas, posto que enervasse muito a indole dos naturaes do paiz, e que inquietasse por vezes a realeza, direitos imminentes não os pôde conservar. A Benedictina lusitana, fallando (trat. 2, p. 2, c. 6) do mosteiro de Villariça, diz que a ordem teve 127 conventos. Villariça mesmo teve 30 villas afora 4 ditas no bispado do Porto, e um mosteiro em Coimbra. O abbade e convento de Castro de Avellans eram senhores da cidade de Bragança, e em certo dia do anno os seus vassallos vinham-lhe beijar a mão, estando de pontifical. Tinham os Bentos em San'Miguel de Refoios 14 a 15 quintas: em Chaves partiam, nas terras e nos foros, com o duque de Bragança. O mosteiro de San'Thirso que era d'elles tinha 12 coutos. O mosteiro de Sancta Maria de Pombeiro, tinha tanto de renda quanto em seu principio rendia todo o reino de Portugal, que Bernardo de Brito diz que rendia 13 para 14 contos de réis. E d'aqui devia nascer o proverbio—melhor é Deus que o abbade de Pombeiro.

A condessa D. Mumadona deu tanta coisa ao mosteiro que fundou em Guimarães que d'ahi veio a nascer o burgo. Foi isto entre a. d. 929 e 999. O mosteiro, diz a Bened. Lus. (tom. 2, p. 1) ficou sendo um ricco condado, quer dizer, uma provincia; pelo que disse um infante, por terem dado ésta villa ao duque de Bragança, 'quem te deu não te viu, se te vira não te dera.' O rei Ramiro deu-lhe mais 30 logares e o mosteiro de San'João da Ponte, e o logar de Melares: [era 989] Todas as culpas que n'aquelle termo se commettessem, tinha sido determinado por D. Fernando o Magno [era 1087] que o seu castigo corresse por mãos do vigario ou ouvidor do ditto mosteiro, e as justiças que o contrario fizessem pagassem um talento d'oiro. O abbade de Pombeiro effectivamente inforcou um monge [1215 — J. P. Ribeiro.] Desde Ponte-Vedra em Galiza, até ao rio Vouga, em que ha quasi 40 leguas, poucas terras ou herdades havia que não fossem foreiras ou pagassem sua pensão ao mosteiro de Guimarães. Um terço das igrejas de Coimbra eram d'estes monges. A mesa abbacial chamava-se-lhe mesa d'elrei Alcinoo, por ser mui ricca e abundante, magnifica e esplendida. O mosteiro de Cucujães, que lhe pertencia, era situado de modo para gozar dos fructos do mar e da terra, e ainda da caça do monte e rio. Passados seculos da sua pristina grandesa, ainda no Alemtejo reinou uma constellação benedictina de onze estrellas que foram os onze mosteiros de San'Bento. Na Estremadura sette, na Beira vinte e seis, em Tras os-Montes cinco. O Minho era a sua via-lactea, eram cento e tantos e tão pegados que em um dia se podiam correr 3 e 4 e mais. (Tr. 2 p. 6.ª cap. ult.)

Depois da ordem religiosa do patriarcha San'Bento cognominado Aguia-Real, não aproveitaram muito pouco em Portugal os conegos regrantes de Sancto Agostinho. Andava [diz a sua chro. por Nic. Sancta Maria] Lisboa, 1658. 1668 — L. 6 c. 1 em proverbio, que os monges de San'Bento e os conventos de Sancto Agostinho comem todas as rendas do nosso Entre, Doiro e Minho. 'A verdade é que dos bens d'este mundo tinham copia.' Nada menos havia no mosteiro de Moreira do que acima de 2,000 escripturas antigas. Possuiam freguezias suas. E Sancta-Cruz tinha jurisdicção dentro de Coimbra. Em 1182 deram ja foral á Villa de Taveiro. Em 1191 a Ervedal e Maiorca. Guardavam o thesouro do rei em Sancta-Cruz a quatro chaves. Receberam da Infanta D. Constança a Villa d'Alfafar e a de Torres-Vedras, por um anniversario e uma missa quotidiana para todo o sempre. Por uma e mais vezes tiveram conflictos, até com D. Diniz, por lhe não quererem prior de sua mão que chamaram intruso. Mais tarde, com D. João II, a mesma resistencia a D. João Noronha. D. João I lançou ao convento 30 arnezes, e tinham casa d'armas. Davam batalha campal dentro de Coimbra. O mosteiro tinha muitos corpos d'armas brancas, couraças com elavaduras douradas sôbre veludo de todas as côres, piques, lanças, alabardas, montantes, espadas de duas mãos, escudos d'aço, rodelas, espadas largas, arnezes de laminas. El-rei D. João IV era irmão d'esta ordem (L. 2.° c. 51 §. 2. p. 428.) E D. Affonso Henriques vestiu a sua sobrepeliz. (Hist. Ecc. Brag.) Os seus conventos subiam a vinte. — E os conegos tinham obtido de Honorio III, em 1217, um breve para poderem castigar não so os seus, mas os seculares de qualquer qualidade que fossem das igrejas annexas ao mosteiro (L. 9. c. 12)

Assim como os Bentos, e os conegos de Santo Agostinho, tambem os Bernardos gozaram de todos os benesses da vida em Portugal. Alcobaça (Frei Manuel dos Sanctos) era á perda mais preciosa da corôa. E os devassos dos frades que alli habitavam, mandando uma carta d'irmandade a D. Pedro I, não duvidavam em dizer que era prefferivel uma d'estas cartas

(*) Continuado de pag. 380.

a uma corôa. D. João I tambem foi seu monge. El-rei D. Sebastião passou la a sua mocidade. Os seus abbades eram magnates, e eram fronteiros-móres. Faziam os seus claustros as vezes de Torre-do-Tombo. Eram tantas as mercês que tinham chovido sôbre este convento, que diziam elles: *nullum diem perdidimus*. O convento não pagava portagens, e por especial graça lhe deixava D. Diniz sahir o seu vinho e sal para fóra do reino. D. João d'Ornellas, abbade d'Alcobaça, que andou com D. João I, era grande do reino, esmoler-mór, official da casa-real, senhor de quinze villas, dois castellos, e quatro portos do mar, e era fronteiro-mór. Mandou 1,000 soldados a D. João I para a batalha de Aljubarrota; deu mantimentos a todo o exercito em quanto alli esteve por el-rei estar pobre Antes d'este fornecimento, ja tinha dado 1,400 cargas de pão, peixe e vinho, ao rei de Castella. Os abbades exercitavam justiça de sangue, i. e.; sentenceavam até pena d'açoutes, baraço, pregão e degredo sem appelação nem aggravo. A voz era: 'aqui d'abbade, aqui do mosteiro'!' Tiveram um tempo diz B. de Brito, 999 monges pois deviam fazer lausperenne.

Em cortes de 1472 e 1473 queixaram-se (cap. 57) que os frades queriam que todo o mundo fosse seu. Se se tivessem queixado do clero secular assim como do clero regular, não teriam tido menos razão. O arcebispo de Braga D. Diogo de Sousa, escreveu a D. João III (1528) que o senhorio da igreja de Braga ja existia ainda os seus antepassados não tinham nada em Portugal. D. Rod. da Cunha, que é quem isto escreve, diz n'outra parte, que depois do rei não havia maior lustre e grandeza n'este reino que a do arcebispado de Braga. Um dos seus arcebispos queixou-se a D. Affonso IV dizendo-lhe todavia, que o não tomava por juiz porque não era competente na causa.

Os ministros da igreja reprehendiam os imperantes em público sem nenhuma cortezia, assim como fizeram a D. Tareja. Mandavam ler aos reis na presença as suas excomunhões pelos seus famulos, como aconteceu a D. Affonso IV. Tambem os depunham, pois que D. Sancho é a quem deveu as suas desgraças. Mettiam-se de dentro das familias reaes entre pai e filhos, a decidir das suas questões; exemplo, D. Diniz com D. Affonso IV. Obrigavam cidades taes como á do Porto, a pagar-lhe tributo (D. R. da C., Cat. bisp. Porto). Estipulavam peitas para alevantar excomunhões de sôbre todo o reino; (era 1256). Entremettiam-se em todos os testamentos de pessoas reaes para que lhe deixassem dinheiro e propriedades. Surprehendiam votos, taes como o dos monges d'Alcobaça a D. Affonso Henriques. Exigiam que todos os fieis dessem um terço dos seus bens á igreja; sem essa extorsão não queriam sepultar o defuntos. (Hist. Ecc. Lus. D. Thom. ab Incarnat. Vol. 3. p. 73). Andavam sempre em Roma a fazer queixas ao papa, contra os seus reis naturaes. Mandavam que os reis houvessem de tomar conselho com os prelados. Queriam ter, como effectivamente tiveram, podêr temporal no Porto, sôbre o foro contencioso, tabelliães, alfandegas, causas do mar, execução de sentenças, almotaçarias, etc., desde antes de D. Affonso IV até D. João I. O seu dominio foi dilatado *tanto*, que diz D. Pedro (na concordia d'este rei, em G. Pereira de Castro) que se aos clerigos não fosse retendo a compra de herdades, toda ou a maior parte do reino fôra em sua mão, e os reis não poderiam manter o seu estado: e isto assim por testamento como por legados e compras que foram feitas pelas igrejas e clerigos. O *Elucidario* não duvida chamar *desbragada* a ambição do cardeal d'Alpedrinha que tinha so á sua parte 200 beneficios! A immensidade dos bens d'este prelado vem discripta por D. Rodrigo da Cunha na sua historia de Braga. Por uma e outra fórma abarcavam os servos de Deos o mundo de modo que: até no reinado de D. Sebastião tiveram os seculares em cortes que pedir: que nenhum mosteiro herdasse, e souberam-se pronunciar contra a companhia de Jesus. (Bayão, Portugal cuidadoso e lastimado, L. 1 cap. 7.) O concilio tridentino, que não é suspeito, ainda em 1562 (ses. 21.ª e 25.ª) dava auctoridade aos bispos para mecherem em bens: isto mostra quanto devia ter sido a sua prepotencia em seculos mais atrazados, tanto em Portugal como fóra d'elle. E sempre com a mira mais nas riquezas do paraizo terreal do que na musica dos anjos, os sanctos padres, seja dito para conhecimento do facto, foram os últimos a emancipar da gleba aos seus servos, a titulo de escrupulos de consciencia de que empobrecessem o patrimonio que era sagrado. (Blakst. L. 2, C. 6.)

No concilio tridentino (sess. 25.ª a. d. 1563 cap. 5.) chama-se o auxilio de todos os christãos e principes para segurar a clausura e custodia — sanctimonialium — vão cuidado! A prelazia sabia menear a lança e governar o bago. Os bispos iam á guerra como quaesquer. La foi o bispo d'Evora com a sua *escada* ao assalto de Tanger entre os mais cavalleiros. (Cro. João I; D. R. da Cunha). D. Vasco Martins, bispo do Porto, ajunctou 1,400 homens de pé e cavallo, para expulsarem uma correria galega. (Cat. B. Port. D. Rod. da Cunha, 2.ª parte cap. 17.)

Expressadas algumas das grandezas do estado ecclesiastico em Portugal, e omittidas outras, como a de constantemente andarem nos negocios politicos, e a de gozarem exempção de tributos; exemplo, as sizas. (Ined. Cro. Fern. cap. 7.º: e Goes. D. Manuel cap. 31 fl. 33.) não era para admirar que elle tivesse segurado alguma fiscalisação, e mesmo peias sôbre a auctoridade real. Nada d'isso todavia se encontra. Logo ao principio da monarchia, D Affonso Henriques ameaçou a um cardeal que se elle entrasse em Portugal que lhe cortaria uma perna. (3.ª parte. Mon. Lus. Liv. 19 cap. 18.) D. Affonso II deu tambem ja logar a que os prelados se queixassem dos aggravos que se lhe faziam. (G. P. de Castro.) A concordia d'el-rei D. Affonso III releva gravissimas incursões pelas immunidades ecclesiasticas, o que o sacerdocio com esse pacto procurou precaver. Foi o seu flagello, D. Pedro I., por que no seu tempo prendiam os clerigos na cadea secular e os matavam, segundo a concordia d'este soberano, e não menos redicularisavam as excomunhões, dizendo que não britavam ossos, e que o vinho não amargava ao excomungado. Mais serio foi com o pai d'este rei, porque tendo sido excomungado condicionalmente, se o bispo não mette pernas para Galiza elrei D. Affonso IV tinha tenção de o matar á fome, cercando-lhe o palacio. Este rei perdeu de todo o medo ás censuras ecclesiasticas. Elrei D. João I d'ahi a quatro reinados, mandou com pena de morte e perda de bens, que ninguem publicasse lettras apostolicas n'este reino sem sua licença. (D. R. da Cunha, Hist. Ecc. Braga.) Determinada a decadencia do estado da igreja, ninguem lhe deu lan-

çadas mais crueis do que o cardeal-rei. D. João III era desafeiçoado ao mosteiro d'Alcobaça', mas sôbretudo o cardeal pelo que não se farta de dizer mal d'elle o chronista Fr. Manuel dos Santos na sua 'Alcobaça illustrada.' Tambem este cardeal mandou inquerir dos mosteiros de San'Bento (Bend. Lus. p. 4.ª cap. 8.º)

O desfavor que mereceram as corporações regulares aos nossos monarchas, foi ainda augmentado pelas exigencias dos seus padroeiros. A. Brand. (L. II, C. 20) diz que os padroeiros chamados naturaes vieram a fazer grandes violencias ás igrejas, para onde iam com toda a familia fazerem-lhe grandes gastos. Deram ellas d'isso queixas aos reis e ao papa. Elrei D. Affonso IV regulou (tausou) esses gastos para a igreja collegial de Guimarães. Os padroeiros eram muitos, e foi necessario excommunhões e interdictos até D. Diniz celebrar a concordata. No aforamento do conde de Bolonha em Paris, obriga-se elle a que passem os seus juizes depressa pelas terras para os não opprimir. Na Hist. geneal. (tom. 12 p. 1, liv. 14, cap. 4) falla-se nos acontiados ao mosteiro de Grijó, no tempo dos reis Diniz e Affonso IV, sendo da gente mais nobre, havendo occasião de alguns duzentos padroeiros, pelo que o mosteiro se dava por muito gravado com tanto peso. Muito mais do que este se lastimou o mosteiro de Tibães, conforme nos refere a Bened. Lusit. Os seus clamores a D. Diniz são que os riccos-homens, riccas-donas, e cavalleiros, querem maiores cavallarías e casamentos do que por direito deviam haver: e pousar e comer mais que uma vez no anno. Eram quarenta e tantas familias, que eram padroeiros e herdeiros naturaes do mosteiro: João Roiz de Briteiros com seus filhos e netos; D. Mendo com seus filhos e netos; D. João Affonso filho bastardo d'elrey D. Diniz; os filhos e netos de D. Pedro Ponce e D. Sancha Gil; Fernão Peres de Barrusta, João Rodrigues de Sousa, os filhos etc.: Senhores estes todos mui particulares do reino e de que ha muita memoria em nossas historias. Além d'estes, haviam padroeiros infanções, Sequeiras, dos Carreirãos, dos de Azevedo etc. E finalmente em foro de cavalleiros, os da linhagem dos Viegas, dos Vasquinhos etc. Todos os d'estas gerações eram naturaes herdeiros do mosteiro que reputavam d'elles por si, e d'elles por casamentos, sendo em numero perto de 200 os quaes pagavam: homem, 10 maravedis de cavallaria, mulher de casamento, outro tanto. O meirinho reduziu estas taxas a 5 e a 2 e a 35 soldos. a. d. 1315. Na Hist. de Braga de D. Rod. da Cunha, [cap. 23,] o rei D. Sancho II promette não mandar sustentar nos mosteiros e igrejas, cavallos, azemelas, aves e cães. O pêso que os padroeiros impunham, não tinha distincção. A abbadessa de Rio Tinto tambem é mandada dar por Affonso IV (era 1365) aos riccos homens 30 réis, infanções, 15 e cavalleiros 10. (Cabedo, dec. 107.) A Hist. Geneal. diz que eram 200 os padroeiros, mas a Chron. dos Con. Reg. (L. 6 Cap. 3) diz que eram não menos de 300 os padroeiros que comiam do mosteiro de Grijó.

(Continúa.) *C. A. da Costa.*

BIBLIOGRAPHIA.

O ENGEITADO.

439 O Sr. Ignacio Pizarro de Moraes Sarmento, auctor do Romanceiro Portuguez, vai ordenar a publicação do — *Engeitado* — Romance christão, em prosa. O fim do Sr. Ignacio Pizarro, na publicação d'este romance, é chamar a attenção pública sôbre esta immensa classe d'infelices, filhos da miseria, ou do crime.

As divinas palavras do Redemptor no Golgotha, consolando sua afflicta mãe, e o discipulo amado, que choravam seu abandono e desamparo, formam a base de seu romance, verdadeiramente christão; porque é o desenvolvimento d'esse pensamento sublime do Evangelho, expressado n'essas palavras,

« *Mulier; ecce filius tuus...* »
« *ecce mater tua.* »

É o primeiro ensaio que n'este genero se publíca em Portugal; e o assumpto é tão vasto, tão nobre e tão eminentemente social, que os edictores teem a confiada esperança de encontrar em seus concidadãos a protecção, que merece objecto de tão alta importancia moral e religiosa.

Em todas as obras do Sr. Ignacio Pizarro, respiram os principios sagrados do Evangelho; e na actual com tanto mais brilho se apresentarão luminosos, quanto elle tira de seus divinos preceitos a inspiração d'este seu romance em prosa.

Se, debaixo do titulo de *romances sociaes*, a imprensa extrangeira inunda o mundo litterario de publicações *torpes*, ou *asquerosas*, é generosa a ideia do sr. Ignacio Pizarro, de reagir contra essa eschola litteraria, com as armas do Evangelho.

A reacção contra a desmoralisação geral começa lenta, mas vigorosa, pela protecção das virtuosas filhas de San'Vicente de Paula — *as irmans da caridade.* — A publicação do *Engeitado*, é uma pequena pedra lançada no deposito immenso d'esse vastissimo edificio, de que *augustas mãos* abriram os magestosos alicerces, e no qual trabalham sem descanço, e com o zêlo mais sublime, as *mais mimosas e generosas mãos.*

A edição será esmerada em papel e typo; e o formato será igual ao do ROMANCEIRO PORTUGUEZ.

Preço da assignatura 480 rs. por cada volume; pagos no acto da entrega, que será ao mesmo passo que se fôr fazendo a publicação.

N. B. Este programma póde ser remettido [por favor especial] ao sr. Francisco José Coutinho, administrador da typographia commercial portuense.

Porto 31 de janeiro de 1846.

Os editores.

POESIA.

CANTICOS DO ERMO.

II.

440 Negra serra! gigante, que fendes
Brandas nuvens de clara saphira,
Quem te deu essa coma de robles,
Em que o vento da tarde suspira?

Quem te vestiu d'essa cóta
De penhascos innastrada,
D'onde ressalta, golfando,
A catadupa inrugada?

Quem te deu broqueis agudos
N'essas rochas que te ouriçam,
Onde em serpentes d'inxofre
Os coriscos se espreguiçam?

Negra serra! nas fundas intranhas
Quem o ferro te esmalta com oiro?
Quem te deu esse berço, que emballa...
Em que dorme o vulcão... e o thesoiro?

Quem no vizo d'esses topes
Mandou as aguias poizar,
Como funebres penachos
Um capacete a adornar?

Quem nas furnas de teu dorso
Fez dos echos a mansão,
Que respondem com lamentos
Aos rebombos do trovão?

Montanha, montanha! conversas co'as nuvens;
Tens verdes madeixas no bosque frondoso;
Tens longa roupagem de rijo granito....
Os rios internas ao mar caudaloso!

Intonca-te o raio, que ferve abrazado;
Occultas no seio lustrosos metaes;
Vulcões alimentas... és leito das aguias...
Os uivos, nos echos convertes em ais.

Desprende a rouca voz, montanha birsuta,
Das fauces de rochedo:
Quem louvas, quem respeitas... quem adoras...
Revela o teu segredo.

E a serra vacilla... rangendo estremece!...
Fallava? gemia? chorava... ou surriu?..
Seu canto sublime de rude harmonia
Por labios occultos mugindo se abriu.

E que diz o chôro agreste?..
Aquella voz que dirá?..
Lá lhe decifro o mysterio...
São hymnos a Jehová.

Pereira da Cunha.

THEATRO-ITALIANO.

441 No n.° 33 da Revista comecei a tractar d'este objecto, visto achar-se a concurso a empresa do theatro de San'Carlos, e como este concurso acaba no dia 28 do corrente, será forçoso que não levante mão do assumpto até final decisão d'elle. Direi hoje pois alguma coisa sôbre a organisação dos theatros-lyricos em Italia.

A importancia d'estes theatros na peninsula italiana está sempre em relação com a importancia da cidade onde elles estão estabelecidos. Se essa cidade tem porto de mar, se por ella atravessa algum rio, ou se as suas relações com outros pontos são consideraveis e facilitadas por boas vias de communicação, de maneira em fim que ella possa ser e effectivamente seja frequentada por grande número de passageiros, o seu theatro é importante porque a cidade o é tambem. Mas não se julgue que assentada ésta primeira base, o theatro d'essa cidade tem constantemente a mesma importancia; ésta sobe de ponto ou desce segundo a estação theatral. Assim, quando se tracta de um artista a quem para inculcar dizem que cantára n'um grande theatro, deve ter-se em linha de conta a occasião em que isso foi: do mesmo modo, se se disser que um artista cantou em Padua, Bergamo ou Brescia, que se dirá que são cidades da segunda ordem, comtudo se isso tiver acontecido no tempo das feiras, ja sabemos que o artista póde ser uma Tadolini, Frezzolini, Giuli ou Barbieri, e póde ter ganho de 12 a 15,000 francos no espaço de mez e meio. Ésta circumstancia é essencial que se note; e cabe aqui ja dizer que o governo póde ser illudido na apreciação de um artista, quando se lhe diga que elle tem *feito* taes e taes theatros. E digo isto, porque quando se le na base III do edital da inspecção-geral dos theatros: "Que nas companhias de canto e baile não deverão as *primeiras partes* ser inferiores em merecimento ás que mais teem satisfeito o nosso público," evidentemente se quiz designar cantor de *cartello*; e, portanto, é possivel que n'alguma proposta, em satisfação d'esta base, se prometta escripturar artistas que fizeram bons theatros, e se possa comtudo illudir as intenções do governo que são de que as *primeiras partes* sejam de *cartello*, cantassem ellas embora em Brescia ou em Milão, em Padua ou em Turim. Se no edital se houvesse usado d'esta expressão 'Cartello' isso teria tirado toda a possibilidade d'illudir as intenções do govêrno; mas ainda é tempo de o remediar prevenindo-o no contracto.

Insisto n'este ponto porque d'elle depende principalmente o esplendor e prosperidade do nosso theatro-italiano.

Todos os theatros de canto são subsidiados na Italia. Este subsidio a que se chama *dote*, é mais ou menos forte segundo a importancia da cidade, ou tambem segundo as circumstancias d'abertura da estação theatral. O municipio é que dota os theatros, mas o governo determina o quantitivo: e o governo não recusa nunca a abertura de theatros pelo tempo das feiras, que é a occasião mais favoravel para as suas empresas. Então a concorrencia augmenta, e muitas vezes a fortuna pública está ligada com o nome dos artistas que hãode cantar n'essa estação no respectivo theatro.

O subsidio é sempre proporcional á riqueza do local, seu commercio e povoação. Se o subsidio é forte os preços de entrada são insignificantes: de modo que ás vezes acontece ouvir-se a Frezzolini, Guasco e Marini, ou ver-se dançar a Taglioni e Essler, por metade do preço que n'outros theatros não ha remedio senão accommodar com artistas muito mediocres.

O *impresario* é indistinctamente ou um nobre e ricco titular ou um proprietario obscuro. A este é adjudicado o subsidio do municipio, com a condicção porém de se *subjeitar ás decisões de uma commissão directora que preside aos espectaculos*. Ésta commissão é formada ordinariamente das pessoas mais illustradas e influentes da cidade. É ella que escolhe os artistas que devem cantar n'esse theatro, d'entre uma lista que lhe apresenta o empresario d'aquelles que estão nas circumstancias de poderem ser escripturados; e é tambem a commissão que arbítra os ordenados dos artistas.

Éstas commissões tractam com zêlo exemplar d'estes negocios theatraes. E não consta que sacrifiquem nunca o bom serviço do divertimento público aos interesses ou aos caprixos dos empresarios. A sua direcção é firme e prudente, e não poupam jamais o empresario ás censuras nem ás correcções aindaque so levemente as tenha merecido.

Tomam-se igualmente todas as cautellas para a adju-

dicação do subsidio. e para que este não seja mal gasto. É costume dividil-o em quatro prestações: a primeira é entregue ao empresario assim que este apresenta a companhia formada; a segunda depois da terceira representação; a terceira no meio da estação, e a última logo que o empresario mostra os documentos de haver satisfeito todos os seus encargos.

Não quero concluir este artigo sem dar tambem uma breve noticia das melhores cantoras d'Italia. O nosso theatro depois de ter possuido uma Ferlotti, uma Boccabadati, uma Rossi', merecia possuir tambem uma Giuli, uma Barbieri, uma Gabussi, uma Gazzaniga. É de proposito que cito so estes nomes d'artistas sim eminentes, mas que estão apenas na aurora da sua brilhante carreira, para que se me não diga que o nosso theatro não tem forças para pagar a uma Garcia (Paulina), a uma Loeve, a uma Tadolini, a uma Frezzolini, que teem tocado o fastigio da gloria lyrico-dramatica. La Giuli, oriunda de familia nobre, começou ha quatro annos apenas a carreira do theatro, e merece ja a maior estima nos mais importantes theatros d'Italia: diz-se que ninguem executa como ella as operas de Verdi. A Barbieri, é ainda mais nova no theatro, mas a sua voz é comparada á da Catalani, [e os effeitos do seu canto capitulam-se de admiraveis. A Gabussi e a Gazzaniga são duas bellas damas, mui gabadas pela sua formosura, voz e audacia de canto. E por ésta occasião direi que a Boccabadati [Gazzuoli] que debutou no nosso theatro, faz hoje uma brilhante figura nas scenas lyricas d'Italia.

No seguinte artigo veremos como o pensamento de algumas das disposições organicas das empresas dos theatros-lyricos d'Italia, deverá ser adpotado e applicado ao nosso. Deixei ditto como é indispensavel que no contracto se especifiquem *cantores de cartello*, os quaes não devem ser menos de tres: e veremos como não ha precisão de escripturar fóra do paiz mais de sette artistas de canto, dois bailarinos, sendo um compositor coregrapho, e uma dançarina de primeira fórça. E assim com éstas dez pessoas, e as que se podem escripturar dentro do paiz, formar-se-ha, sem espantosa despesa, uma companhia completa, capaz de executar todas as operas — o que até aqui nunca tivemos como é de desejar, e coisa que é necessario que o contracto estipule, alias nunca a teremos, vendo consummir não pequenas sommas com um bando de segundas e terceiras partes, perfeitas nullidades, sem que tenhamos nunca um bom *contralto* e um bom *caricato*, a par dos outros cantores.

VARIEDADES.

OMNIBUS — ESTATISTICA.

442 A direcção da companhia das carruagens Omnibus, fez distribuir pelos seus accionistas, um curioso mappa estatistico, que muito honra o seu organisador, desde o anno do estabelecimento da companhia (1837) até ao presente, do qual extrahimos os resultados seguintes:

A carreira de Belem é de todas a mais rendosa e concorrida. Os mezes de maior frequencia n'esta carreira são os de settembro e outubro, por causa das familias que para aquellas partes vão residir n'esses mezes, para tomarem os banhos-de-mar, e mesmo por amor da feira. N'estes dois mezes varía a número de viajantes de 9,331 a 12,368. O anno de maior rendimento [16.211$200 réis] foi o de 1839, em razão de se haver augmentado o preço d'esta carreira de 100 rs. que era a 120 réis em que está; mas o anno de maior número de viajantes foi o de 1838, que chegou a 158.614, e o menor foi o de 1843 que não passou de 92,014.

Depois da carreira de Belem a mais importante é a de Bemfica, que é mais frequentada nos mezes de julho e agosto, em cujo tempo, em razão das familias que vão passar os mezes de verão para essas partes, varía a concorrencia de 4,942 a 6,962 viajantes. O anno de menos concorrencia foi o de 1844, em que não houve além de 31,851 viajantes, e o de maior foi o de 1841 em que chegou ao número de 37,448, e rendeu ésta carreira 5:992$310 réis.

Depois d'esta temos a carreira de Cintra, que será bom notar que tem tido constantemente progressivo augmento de viajantes; assim, o anno de 1840, em que ésta carreira começou regular, teve 3.761 viajantes, e em 1845 teve 4,969, rendendo 4:776$480 rs. O mez mais frequentado n'esta carreira é o d'agosto, em que começou por 335 viajantes e tem augmentado até 1,168.

Depois da carreira de Cintra é a de Paços-d'Arcos e Oeiras a mais rendosa. O anno de 1840, em que houve 14,999 viajantes, rendeu 3:451$040 réis. No anno de 1842 houve so 8,292 viajantes. O mez de maior concorrencia n'esta carreira é o de settembro, tambem sem dúvida por causa dos banhos: o número dos viajantes n'este mez tem variado de 1:700 a 2,346.

A última carreira que analysarei seja a do Lumiar, que como a de Cintra tem augmentado todos os annos: assim, em 1837 não teve senão 5,413 viajantes, mas este número tem crescido aponto de chegar em 1845 a 17,841, sendo o rendimento de 2:677$100 réis. O mez d'agosto é o de maior frequencia; o número de viajantes varía de 1.212 a 2,970.

Não fallo na carreira do Beato-Antonio e Poço-do-Bispo por ser irregular, e assim tambem dos alugueis e linhas temporarias; mas observarei a respeito da carreira que todos os annos se estabelece para o Campo-grande durante a feira, que, em contrario das carreiras de Cintra e do Lumiar, n'esta carreira teem diminuido sempre o número de viajantes: assim, em 1844 o seu número não excedeu a 3,656, tendo tido 6,056 em 1838, com uma receita de 1:200$000 rs.

O anno de maior rendimento em globo foi o de 1845, em que chegou a 33:759$460 réis, e o de menor foi o de 1842, em que não passou de 27:454$040; mas o anno em que houve mais viajantes foi o de 1837, em que o número d'elles foi de 221,276.

A companhia tem hoje 14 carruagens e 121 cavalgaduras: com éstas faz ordinariamente de despesa muito acima de 10:000$000 réis, o que dá 85$000 réis por cadauma. As carruagens fazem sôbre 11,000 viagens e precorrem sôbre 26,738 leguas.

A companhia teve em seu começo muitos transtornos, de que uma direcção prudente a póde salvar, e creio que está hoje em andamento de melhor futuro.

NOVA MINA DE DIAMANTES.

443 A mina de diamantes em Sincura, perto da Bahia, tem obtido tal nomeada na Europa que a Revista faltaria ao seu programma se não désse d'ella inteira noticia.

No mez d'outubro de 1844 appareceu um escravo na cidade da Bahia vendendo grande quantidade de diamantes. Sendo prêso para confessar d'onde os houvera, recusou-se completamente a dizer a este respeito uma unica palavra. Recorreu-se então ao artificio: cercaram-no d'espias e fingiram que o tinham deixado fugir. O preto afinal foi surprehendido sope da Caxoeira nos seus trabalhos mineralogicos. Fizeram-se então maiores pesquizas ao longo da serra de Sincura, e pelas margens do Paraguassu. Os primeiros exploradores que là se estabeleceram eram quasi todos malfeitores, que por continuadas rixas e mortes que entre elles havia, afugentavam d'aquelles sitios toda a pessoa honesta. Algumas medidas de policia pozeram cobro a éstas pendencias da nova colonia, que de então para ca tem augmentado tão consideravelmente que no fim d'agosto de 1845 se compunha ja de 30,000 almas.

A quantidade de diamantes que se extrahe d'esta nova mina é tal que se avalia em obra de oito milhões de cruzados o valor dos vendidos até julho último. D'este valor tres quintos passaram á Inglaterra, um á França e Hamburgo, e o restante ficou no Brazil.

O govêrno brazileiro não tem por ora tomado providencia alguma importante sôbre a colonia de Sincura, que dá mostras de um *Estado no Estado*, em razão do regimen que os colonos tem entre si estabelecido para se governarem.

Diz-se que os diamantes da nova mina não teem a agua tam perfeita como os antigos diamantes da India.

CORRESPONDENCIA.

444 O Sr. Cazemiro A. Ferreira, d'Estremoz, consulta a Redacção da Revista sôbre grammaticas italianas e inglezas para uso do estudante portuguez. A Revista muito se lisonjeia com similhantes consultas, e é tam illustre e consideravel o número dos seus collaboradores, que a Revista não duvida encarregar-se d'estas consultas, contando com a coadjuvação d'elles nos pontos em que a sua Redacção o não possa fazer por si mesma.

Respondendo pois ao correspondente, um collaborador, assaz idoneo no assumpto, não duvida dar a preferencia para estudo da lingua ingleza, á *gramatica de Constancio*, impressa em Paris; preço 960 réis. Acha-se em qualquer livraria de Lisboa, e Porto. Para estudo da lingua italiana, á *gramatica de Perfumo*; preço 600 réis. Acha-se nos mesmos logares.

CORREIO EXTRANGEIRO.

445 O anno de 1845 foi muito favoravel ao desinvolvimento dos caminhos de ferro na Allemanha. As linhas-ferreas augmentaram-se com 90 ½ milhas de carris, sendo 47 ½ construidos por conta do Estado, e os restantes por companhias. Hoje a extensão dos carris de ferro allemães dá a somma de 416 ½ milhas.

A marinha de guerra franceza compunha-se, no principio de 1846, de 258 navios de vellas, estando 44 nos estaleiros; e 74 de vapor, estando 19 em construcção. No emtanto o ministro da marinha propõe ás camaras um effectivo de 320 navios de vellas e 100 de vapor.

Parece que está estabelecida uma liga d'alfandegas austriacas.

No anno passado morreram na Gran'Bretanha, 9,599 pessoas de morte não natural; comprehendem-se n'este número 188 invenenados, 148 assassinados com arma branca e de fogo, e 971 suicidados, condemnados á morte etc.

Diz-se que o Czar vai adoptar o calendario romano nos seus Estados.

A ilha de Cuba acaba de abrir o porto de Sagua-Grande ao commercio extrangeiro. Entre os generos que serão admittidos notaremos a carne de porco salgada, o sal, o peixe-secco e o bacalhau.

A marinha de guerra dos Paizes-baixos compõe-se de 161 navios de vella e 12 vapores.

Para vermos como se faz o serviço dos jornaes em Inglaterra, e como praticam as suas Redacções umas com outras, basta saber-se que correndo áporfia, como de costume, os correios do *Morning Herald* e do *Times*, pela estrada de Marseille a Paris com a malla de Calcutta, o do *Morning Herald* cahiu e morreu da queda. O correio do *Times* conduziu a malla do *Herald* a Londres, e a Redacção do *Times* mandou immediatamente entregal-a, renunciando a vantagem que um incidente lhe dera de podêr publicar as noticias da India antes do seu collega.

Tracta-se em Calcutta d'estabelecer uma universidade, composta das faculdades de lettras e artes, sciencias e ingenharia, direito e medicina.

Parece que Madame de Lamartine descobriu um meio de fazer com que os cavallos desboccados retomem o govêrno. Passeiava com o celebre poeta seu esposo, quando os cavallos do seu carrinho tomaram o freio nos dentes. M. de Lamartine quiz deitar-se fóra do carro para ver se podia ser senhor dos cavallos; sua esposa não o consentiu e ordenou ao cocheiro de dar toda a redea aos animaes. D'ahi a alguns minutos davam por o govêrno.

A casa de Rotschild deu balanço pelo anno de 1845. Pagas todas as despezas os ganhos do banqueiro foram *apenas* de cincoenta milhões de francos [!]

Uma grande obra se acaba de concluir no reino Lombardo-veneziano: é uma ponte ou viaducto que atravessa o lago de Veneza, e começa a via-ferrea d'esta cidade a Vicencia aberta á communicação no dia 11 de janeiro último. A força d'arte e cautellas conseguiu-se levantar ésta ponte que tem a largura de duas estradas ordinarias, o comprimento de 12,000 pés inglezes, a altura de 26 metros acima d'agua, e 222 arcos divididos em seis compartimentos. A sua construcção levou 4 annos, empregando-se n'ella 1,000 operarios por dia. Custou 4 milhões e 600 mil francos. O ingenheiro foi o architecto Milani.

Vai edificar-se em Paris um novo theatro perto do Circo-Olympico. O privilegio d'elle parece que foi concedido a A. Dumas, que se diz hade ser o director, o principal escriptor e até mesmo o architecto.

O estabelecimento das vias-ferreas n'Allemanha, merece especial attenção. Em quanto que em todas as nações se faz grande arraido com os carris-de-

ferro, a Allemanha se tem coberto sem matinada, de uma vasta rede de linhas ferreas que abrange todo o seu territorio, e remata nos pontos commerciaes das suas fronteiras. No fim de 1845 contavam-se n'Allemanha sôbre 3,000 kilometros de carris-de-ferro, e mais de 4,500 estavam em construcção e projecto. Todos os systemas propostos ou ja ensaiados nas outras partes estão realizados n'Allemanha: *construcção e exploração* pelo Estado; *construcção* pelo Estado e *exploração* por companhias; *construcção e exploração* por companhias, sem ou com subsidio etc.

CORREIO NACIONAL.

446 Na Sociedade Thalia houve nova reunião na quinta-feira 19 do corrente. O serão foi mais brilhante ainda que o antecedente. A dança esteve muito animada, e deram-se dois vaudevilles francezes e uma comedia portugueza: todas as tres peças eram muito engraçadas, e foram representadas com propriedade, gôsto e animação, admiraveis.

Consorcio — S. Ex.ª a Sr.ª D. Anna de Mendonça, filha de Sua Alteza a Sr.ª Infanta D. Anna, casou no dia 21 com o primogenito do Conde de Linhares.

Por edital da inspecção-geral dos theatros são convocados os artistas que hãode formar o quadro da companhia do Theatro-nacional, para o dia 26 do corrente, a fim de se passarem a contracto-público as obrigações que mutuamente se estipularem. Ouvimos que uma artista de merito (a Sr.ª Emilia) tem pertenções tão exageradas que, a serem como se diz, podem decerto comprometter todo o futuro da sua brilhante carreira na scena.

Foram escolhidos para formar o quadro da companhia do Theatro-nacional os seguintes artistas: Epiphanio A. G. — J. J. Tasso — J. A. Roza — Theodorico B. da C. — Victorino C. da S. — C. P. Sargedas — M. B. Lisboa — Ignacio C. dos R. — A. M. d'Assis — M. A. Gusmão — J. C. Vianna — J. M. Van-Nez — J. dos S. Matta — A. J. Ferreira — Emilia das N. e S. — C. Tallassi da S. — Delphina P. do E. S. — Josephina dos S. — Fortunata L. — J. Soler — Maria José dos S. — Barbara M. C. L. — Joanna Carlota F. d'A. e S. — M. d'A. Radiei. E foram recommendados para serem escripturados com preferencia: J. G. Moniz — J. B. Fidanza — Vasco M. C. — José Antonio da S. — Romão A. M. — A. Macedo — A. J. Pereira — Joaquina R. da C. — Carolina E. — Maria Candida de M. — Julia E. M. — M. Velutti — Não faremos por em quanto observação nenhuma a este respeito.

Os bailes públicos de mascaras no Porto, onde parece que este divertimento é mais gostado do que em Lisboa, e que ja se faziam em dois theatros, foram este anno prohibidos pela auctoridade.

Ja la vai o entrudo de 1846, e eu aposto que deixou saudades a muita gente. Comeffeito não ha razão de queixa d'elle. Os bailes succederam se aos bailes sem interrupção: ha muitos dias que entre bailes particulares e públicos se contavam aos pares e aos ternos; não havia mãos a medir. Os dois theatros portuguezes estiveram em todos os tres dias de carnaval mui concorridos; na rua dos Condes houve sempre enchente-real. Os bailes em San'Carlos estiveram semsabores, como é costume, nos dois primeiros dias, no último porém houve mais concorrencia. Apezar de que o nosso ambiente jogou o entrudo comnosco, molhando os passeantes sem ceremonia, assim mesmo houve pelas ruas jogos e brincos talvez mais numerosos do que em outros annos. Tudo se passou sem mais que duas desordens, que se saiba.

Parece que a Sancta-Catharina, um homem que se debruçára d'um terceiro andar, para atirar com uns tremoços a alguem que estava em cima, perdêra o equilibrio e cahíra na rua, morrendo da queda.

Falla-se n'uma desgraça que tem muito de singular mas que é demasiado triste para se insistir n'ella. Parece que um homem que casára no domingo-gordo appareceu enforcado na segunda e enterrou-se na terça-feira.

No dia 22 foi sagrado, na capella patriarchal de San'Vicente, o Sr. Vigario-geral, Manuel Bento Rodrigues, arcebispo de Mytelene.

No sabbado (22) entrou o paquete d'Inglaterra com folhas d'aquelle paiz até 17 e de França até 15. No dia 9 começára na casa dos communs a discussão da moção de Peel de que se tractou no antecedente n.º da Revista: não havia dúvida de que a moção fosse alli approvada por grande maioria. Alguns grandes proprietarios se tinham decidido a apoiar tambem a moção. Os fundos portuguezes ficavam a 61 na bolsa de Londres.

A *Bianca d'Aquitania*, opera que se destinava cantar na Academia philharmonica para celebrar o seu anniversario, foi retirada dos ensaios. É todavia provavel que a direcção lhe substitua outra, porque a totalidade dos socios, indifferente ás circumstancias que pódem produzir uma variação de divertimento, não renunciam comtudo a este, porque não ha circumstancias individuaes que devam destruir o direito da sociedade aos concertos prescriptos nos estatutos.

O bazar feito no palacio do duque de Palmella ao Calhariz, afavor das casas d'asylo da infancia desvalida e eschola ingleza catholica, produziu 3:216$050 réis. As despezas foram de 364$855 réis.

Nos primeiros dias do mez de março hade dar-se em San'Carlos, *I due Foscari*, de Verdi. Depois irá *Paulo e Virginia*, fazendo a Sr.ª Clementina a parte de Paulo.

A companhia 'União-Commercial' paga o dividendo do segundo semestre de 1845 a razão de 4$500 réis por acção. Cada acção d'esta companhia é de 200$000 réis, mas so teem entrado com 70$000; o dividendo do primeiro semestre foi de 3$000 por acção: anda por consequencia o interesse do capital desembolsado por $10\frac{1}{5}$ por cento.

CONHECIMENTOS UTEIS.

ANTHROPOSCOPIA.

(DESCOBERTA IMPORTANTE.)

447 Acabo de ler, n'um dos ultimos relatorios das sessões da Academia das sciencias de Paris, a noticia que adiante se verá, e que a ser certa será uma das descobertas mais uteis,. senão a maior, que se hajam feito a favor da humanidade, pelas luzes que póde fornecer á sciencia de curar no tractamento das infermidades, feridas etc.

Não desconheço que é ésta uma d'essas descobertas que á primeira vista se podem conjecturar como patranha, e de que a gente se ri; e comeffeito não serei eu que fique por fiador da veracidade d'ella; comtudo resolvi fazel-a conhecida dos leitores da REVISTA, não so pela sua muita curiosidade, mesmo quando lhe faltem os fundamentos para a sua importancia; mas, ainda mais, por ser communicação feita a um corpo tão respeitavel como é aquella Academia, e ser além d'isso transmittida pelo bem conhecido Arago, seu Secretario perpetuo, e que recebendo diariamente innumeraveis communicações de toda a parte do mundo, não apresenta todavia em sessão academica senão aquellas que julga merecerem a consideração da Academia. A menção d'esta pois, prova, quando menos, que o sabio Secretario acredita na possibilidade de uma descoberta similhante.

A noticia é a seguinte:

« M. Eseltz tem feito varias experiencias anthroposcopias (*) com auxilio de uma luz electro-galvanica, proveniente d'uma pilha de Bunsen. Fez com que ésta luz passasse atravez d'uma abertura feita no tapume d'uma camara-obscura: munido de bons *reflectores*, póde o inventor distinguir as veias das arterias, viu os nervos em secção, e o microscopio deu-lhe modo de perceber a transfusão do sangue das arteriolas nos veiniculos.

Ésta luz applicada ao coração deu-lhe occasião de estudar os movimentos de sistole e diastole como se se passassem n'um apparelho de vidro.

O auctor distinguiu, contou e desenhou, muitas cavidades no peito de um phtysico.

Reconheceu que a translucidade, esfregada a pelle com azeite, augmentava muito, e por esse meio póde observar algumas das phazes da digestão. O que ha de mais singular, diz elle, é que os ossos não fazem sombra; a luz parece cercal-os do mesmo modo que a agua cérca os pilares d'uma ponte: as mesmas costellas não apresentam outro obstaculo á vista senão as cartilagens.

A massa muscular é d'uma côr rosada geral, que deixa ver o fel, a vesicula biliar e o baço, que parece não ser mais do que um *diverticulum* do sangue, pois que o homem o enche á vontade com um simples esforço thoracico. sustentado um pouco, ou atando uma ligadura em qualquer membro.

M. Eseltz descobriu tambem, por meio d'este mesmo processo, vermes nos intestinos; e viu um feto de dois mezes animado d'um movimento de libração nos liquidos da placenta. Viu o apparelho lactico nos peitos d'esta mesma mulher, assim como uma glandula infartada com disposições squirrosas. Finalmente o auctor viu o rapé nas foses nasaes d'um que fallava tomando tabaco, e nos vasos lymphaticos pequenos globulos brilhantes que elle acreditava serem mercurio revivificado. »

(*) Do grego: *anthropos*, homem, *skopéô*, ver: *vista do homem interior*.

DAS AMOREIRAS E SUA CULTURA. (*)

448 Como é impossivel que a amoreira não soffra muito quando é transportada a grandes distancias para ser transplantada, deve-se convir na utilidade de haver viveiros proprios.

Os viveiros comprehendem as duas primeiras idades da arvore. Terra com pouco estrume, leve, gorda e humida, é a que convem aos viveiros, que tendo abrigos, e sendo regados na estação calmosa, não podem deixar de produzir excellentes arvores.

Quando a arvore tem dois annos são transplantadas do viveiro em que nasceram para um segundo viveiro; onde se deixam por tres até cinco annos, segundo a qualidade do terreno, o clima e o desenvolvimento da sua vegetação. Devem-se plantar em distancia de quasi uma vara d'umas a outras, e quanto mais fecunda fôr a terra maior deve ser o espaço.

O processo da mergulhia não é util para as amoreiras, que necessitam de raizes fundas e fortes; como porém este processo fornece com brevidade grande numero d'individuos de preciosas variedades, se se quizer applicar ás amoreiras, arranque-se-lhes um ramo forte, enterre-se como se usa n'esse processo, e todas as hasteas que elle produzir de dois em dois annos, ou ainda antes, deitem-se debaixo da terra, com um *ar de gemido* deixando-lhes apenas de fóra a extremidade, que se segura com uma estaca d'arrimo.

Os mesmos inconvenientes da mergulhia tem a plantação d'estaca. Mas éstas podem produzir ainda mais rapidamente que os mergulhões proveitosas variedades que não se reproduzem por sementes. As estacas d'um gomo só são mais economicas porque uma mesma arvore póde fornecer muitas, mas as melhores serão as que tiverem muitos gomos, e é essencial que fique um na parte que se interra. Para as estacas convem a terra muito movel, fresca e sombria: e devem ser regadas de vez em quando.

Os rebentões é uma proveitosa maneira de reproduzir a amoreira: assim, em logar d'arrancar a raiz do tronco que se perdeu para metter arvore nova, é muito melhor aproveitar o rebentão da sua raiz.

A enxertia na amoreira tem por fim facilitar a desfolha da árvore, e augmentar-lhe o número e qualidade das folhas. É um processo utilissimo. A vantagem da amoreira d'enxertia á amoreira-silvestre; está provada. A epocha para os enxertos depende dos climas; mas fazem-se pela primavera e outono. O estado da atmosphera é condição de rigor para as enxertias; se o tempo vai humido e frio, o enxerto quasi sempre falha: n'este caso póde renovar-se em agosto ou settembro, segundo as regras conhecidas do bom agricultor. A enxertia na amoreira faz-se de tres modos: de fenda, ou entrecasco, de borbulha, e de canudo. A de fenda, faz-se serrando a parte superior do tronco pondo-lhe em cima dois ou tres garfos se-

(*) Continuado da pag. 421.

gundo a grossura d'este, e tapando immediatamente a ferida com barro, ou, melhor, nos paizes frios, com *massa de jardineiro.* (*) O enxerto de borbulha convem muito ás arvores novas. O de canudo faz-se tirando a casca a um ou dois troncos pequenos d'uma amoreira silvestre, e introduz-se-lhe a cortiça em fórma de canudo, d'outros ramos de tamanho igual, d'uma amoreira enxertada. Ésta enxertia é de difficil e longa execução; mas tem a vantagem de se podêr renovar se falha, ao passo que a de fenda falhando póde fazer morrer a arvore.

A amoreira d'Italia é a mais propria para a escolha dos garfos.

O clima meridional é sem contradicção o mais vantajoso para a amoreira; mas está provado que ella póde supportar 18 a 20 graus de frio. A terra movel e leve, terreno areento e pedregoso, sitios cheios d'entulho e caliça, é o que mais convem ás amoreiras. As que se plantam em roda das casas dão-se excellentemente. Os estrumes quasi sempre lhes são nocivos. A terra humida é-lhes proveitosa; mas não ha de ser constantemente inxarcada.

Para a plantação fazem-se, no verão, vallas de 10 pés de largo e 5 de fundo: deita-se-lhes caliça e matto, cobre-se isto de relva, e em cima de tudo põe-se boa terra, e em tempo plantam-se as arvores em ordem symetrica, cobrindo-lhe a raiz da melhor terra vegetal da superficie do terreno (terra de sol). A principio requerem uma cava tres vezes cada anno; depois basta-lhes uma, e se a plantação é em vinhas será sufficiente a cava que se der a éstas.

Muitos creem que as amoreiras são nocivas ás vinhas: é ingano; dão-se conjunctamente muito bem.

Ha tres modos de fazer a limpeza das amoreiras: por decote, por tosquia e por desinsaio. A limpeza faz-se todos os annos; devem-se cortar todas as vergonteas sêccas ou *arejadas.* (crestadas), as quebradas pela apanha das folhas, as parasitas e as que fogem muito da arvore em direcção horisontal. A limpeza faz-se pela primavera.

O proprietario que tracta d'esta cultura com amor, não attende so á conservação mas tambem á formosura da arvore. Assim o desinsaio serve para lhe tirar todos os esgalhos interiores defeituosos, que demais se cruzam e embaraçam a livre circulação do ar. O decote do cimo da arvore faz-se para a árvore adquirir copa ou fazer boa roda; mas, principalmente serve, quando ellas são velhas, para as regenerar e dar-lhes nova vida. O decote faz-se na Italia pelo outono.

A tosquia serve principalmente para a belleza da copa e tambem para que as folhas venham com mais fôrça e os ramos ganhem em vigor o que perdem no comprimento.

A limpeza do outono é preferivel á da primavera; por que feita no outono a árvore fornecerá maior abundancia de folhas, segundo a experiencia tem mostrado.

(Continúa.)

MINAS.

449 Quando percorremos esses poucos documentos historicos, que possuimos ácêrca da mineração portugueza, não podêmos deixar de reconhecer, que a falta de conhecimentes profissionaes é uma das causas, que mais teem empecido, e hão de empecer ainda algum tempo entre nós, o desenvolvimento d'uma industria tão creadera, como aquella que tem por fim a producção das materias primas encerradas no reino mineral.

As outras causas poderosas, que concorrerão para o marasmo d'essa industria, são filhas da primeira e do nosso mau fado sempre constante em se oppôr a qualquer empreza de reconhecida vantagem para o paiz. Este fado mau está debaixo da influencia de certos astros, mas como a astronomia é uma sciencia demasiado sublime para nós, preferimos occupar-nos exclusivamente das causas terrestres.

A industria mineira, para podêr progredir com o maior proveito nacional possivel, demanda conhecimentos technicos e administrativos, sendo os primeiros absolutamente indispensaveis para os segundos. A technica das minas compõe-se de sciencia, arte e officio. A sciencia com suas theorias esclarece a arte na invenção dos methodos executados pelo officio. Estas capacidades são representadas por trez classes: a primeira ensina a theoria nas escholas, a segunda dirige os trabalhos, que a terceira põe em pratica nas officinas.

Quanto á administração, como o seu fim é o bem geral dos presentes e dos vindouros, tem de se oppôr constantemente á desenfreada cubiça particular, que attentando so no proprio interesse, pouco lhe importa desperdiçar a propriedade commum.

Os thesouros, que a natureza depositou nas entranhas da terra, são exgotaveis, porque não podem reproduzir-se como os vegetaes ou animaes. Por isso requer-se no consummo d'elles mais rigorosa economia, e os que são escolhidos para tutores dos povos devem não so egualar a prudencia dos marinheiros, que vão regulando a distribuição dos mantimentos conforme a duração provavel da viagem, mas ainda se é possivel excede-la, porque a viagem da humanidade não tem limites.

Se indagarmos agora quem tem representado entre nós estas duas entidades da mineração: technica e administrativa; vemos miseravelmente na historia d'ella com bem poucas excepções verificada a fabula: *Ex sutore medicus.*

Como infelizmente as obras subterraneas não estão em geral expostas á curiosidade das pessoas alheas á profissão, não se extranha circularem sôbre minas as ideas mais erroneas e até extravagantes.

Os supersticiosos ignorando os meios naturaes empregados na lavra das minas e admirados d'alguns resultados obtidos pela arte, julgam-na feiticeira. Estes são logrados pelos *industriaes*, que não hesitando nos meios, fingem sentir certos arripiaços na proximidade dos jazigos metalliferos, ou empregam varinhas de condão, que segundo elles fornecem com seus movimentos indicios infalliveis de thesouros naturaes ou encantados: Mas felizmente as trevas d'esta crença ridicula ja vão desapparecendo diante das luzes da civilização.

Menos para desprezar são as opiniões d'aquelles, que fazendo-se espiritos fortes em tudo o que não intendem ou ignoram, declaram a sciencia das minas uma arte conjectural, ou uma charlataneria so capaz de illudir cabeças menos desempoeiradas que as suas.

(*) E'sta composição faz-se com um arratel de pês de Borgonha, 4 onças de pês negro, 2 onças de resina, meia onça de sebo, tudo derretido juncto. Com ésta composição se tapam os enxertos.

Alguns *tornistas* movidos da curiosidade teem-se aventurado n'esses abysmos horrorosos, como elles dizem; mas os mais d'elles so colheram de suas excursões subterraneas ideas confusas, por causa da difficuldade de intender o que se passa nas minas, sôbre tudo quando se não possuem certos conhecimentos preparatorios. Ésta difficuldade provém da estreiteza e falta de luz nos espaços subterraneos, e muitas vezes da linguagem particular dos mineiros que tornam inintelligiveis as suas explicações, mormente para os não iniciados. D'onde resulta que os curiosos sabem das minas aturdidos com o estrondo das aguas e das maquinas, com o estampido das explusões, suffocados com os vapores da polvera, cubertos de lama, banhados em suor, e jurando que nunca mais porão os pés n'esses covis do inferno.

Tambem ha quem applique ás minas o brilhantismo da poesia, e usando amplamente da liberdade concedida largue as redeas á imaginação, e figure antros medonhos, habitados por furias ou demonios, segundo a sua communhão litteraria.

Outros, lidos na historia antiga, julgam os mineiros um bando de malfeitores ou escravos; estes cedendo ao direito da força, aquelles condemnados a expiar seus crimes n'esses escuros subterraneos, aonde se vão definhando pouco e pouco no ar corrompido, debaixo do pêso de um trabalho violento, e acompanhando com seus gemidos o som lugubre das cadeias que arrastam, e os estalos dos azorragues do fisco.

Os poucos que teem ideas mais sans a respeito de minas, ignorando as difficuldades que offerece a sua lavra, mesmo depois dos progressos que tem feito a sciencia n'estes últimos annos; facilitam a tal ponto a direcção e administração das minas, e a execução dos trabalhos, que, segundo elles, a razão natural basta para cousas tão simples. Estes últimos, os mais illustrados do paiz n'outras materias, são os que mais teem impedido os progressos da mineração.

Todos estes obstaculos, uns inherentes ás minas, outros aos limitados recursos da industria em Portugal, e á falta de homens especiaes desde o official superior até ao simples operario, todos estes obstaculos se podem ir removendo, marchando a passos lentos mas seguros, profundando bem os alicerces do grande edificio, sem impaciencia fiscal, que pertende semear e colhêr no mesmo dia.

* * *

INSTRUCÇÃO-PRIMARIA.

450 Sr. *Redactor* — Vendo ha pouco no seu interessante jornal um artigo sobre o modo de promover a instrucção pública, lembrei-me de fazer um additamento sobre o mesmo objecto, que julgo muito concorrerá para um fim tão util. Tenho visto com grande magoa a estupidez em que vivem muitos povos do campo, vindo este mal ja desde tempos atrazados: ha por estes sitios aonde habito duas e tres freguezias contiguas, alguma d'ellas de mais de 300 fogos, sem terem por muitos annos um mestre de instrucção primaria; d'onde se segue que custa a incontrar n'ellas um homem que saiba ler soffrivelmente; e os pais, não sabendo apreciar o bem de que carecem, deixam seus filhos herdeiros da sua grosseira ignorancia, sem se quererem aproveitar de qualquer meio de instrucção, ainda mesmo quando algum por devoção se dedica ao ensino: fallo na maior parte ou quasi totalidade. Sei tambem de alguns mestres de outras partes onde apenas alguns poucos frequentam as aulas, perdendo uma grande parte, de outros, em circumstancias de aprenderem, um bem tão grande para elles e para a sociedade. N'este estado de coisas de que servem para a maioria da nação tantos alvitres interessantes, que estão continuamente apparecendo pela imprensa, se isto é o mesmo que se fosse publicado em lingua extranha! Ávista d'isto lembram-me duas cousas a dizer: uma ácerca de proporcionar os meios de ensino, outra relativamente ao alcance d'este.

Quanta á primeira, além dos parochos como menciona o artigo a que alludo, são os egressos que estão espalhados pelo reino vencendo prestação sem emprego, e em estado de prestarem este beneficio, os primeiros que deveriam ser obrigados a merecerem o que estão recebendo; pois que nos seus conventos tambem deveriam ter sido prestaveis á sociedade como todos sabem. Fallo assim, não por odio, pois que pertencendo á mesma classe, não posso ser suspeito; mas porque muito desejo o bem da minha patria; e conheço alguem que poderia ser util d'esta maneira. E, se assim se aproveitarem esses poucos que existem, junctamente com alguns parochos zelosos, que acceitarem tão honrosa missão, virão a produzir algum, senão muito bem; e mais vale pouco que nada.

Quanto á segunda parte, sei que o governo tem dado providencias para que os pais mandem seus filhos ás escholas, e eu tenho espalhado entre alguns ésta noticia com efficacia; mas é malhar em ferro frio: costumados a ouvir muitos boatos dão-lhe pouco valor e ficam indifferentes. A tanto os leva a estupidez em que tem sido criados! Por conseguinte, se todas as partes do reino estão nos termos d'estes circuitos (o que é muito crivel, por isso que, sendo éstas muito povoadas se deveriam julgar das melhores) serão ineficazes os meios adoptados pelo govêrno, não sendo possivel castigar tanta gente; e quando mesmo o fosse, isto não era o fim a que elle se proposera. N'estes termos parecia-me mais efficaz outra medida mais prompta, ou que tocasse mais intimamente: com v. g. prohibir que se casassem sem saber ler, deixando ás auctoridades administrativas os casos excepcionaes etc. Então todos os mancebos, creio eu, teriam cuidado de aprender pedindo a quem soubesse, nas terras onde não ha mestres, que os ensinasse, no verão ás séstas e no inverno á noite, para os occupados no trabalho. Aqui encontrariam algum homem bemfazejo, que se prestaria de bom grado, acolá algum clerigo desoccupado que tambem os attenderia, principalmente se tivessem recommendação do prelado e do governo. D'esta maneira se fariam estes mais credores da estima pública, do que o teem sido em algumas partes alguns que eu tenho conhecido, os quaes vivendo quasi inteiramente ociosos em aldeas populosas, em numero de dois e mais, nem apenas um menino se attrevem a ensinar, com descredito seu e da religião. Acabo Sr. Redactor, pedindo perdão do infado, e que, se achar que alguma coisa do espendido tem logar, lh'o dê no seu jornal por discurso seu, porque este so tem de bom ser dictado por uma alma portugueza, e é a de um.

Seu assignante egresso.

HORTO BOTANICO DA ESCHOLA MEDICO-CIRURGICA. (1)

451 Aqui tendes uma flor algum tanto notavel pela maneira especial por que se acham dispostos os seus orgãos sexuaes: a mesma côr que adorna seus envolucros, tudo concorre para lhe dar um aspecto que alguem julgou mysterioso, e como que representando os instrumentos com que um povo ingrato ostentou a sua crueldade e tyrannia contra o Christo, seu libertador, quando o sacrificava no cume do Golgotha. O botanico descobre n'esta flor uma simples disposição dos verticilios um pouco mais especial; o povo porém cujas crenças são segundo o prisma atravez do qual as coisas se lhe apresentam parece vêr aqui realizado um prodigio, um milagre.

Na realidade esta fórma, que se liga a ideas tão poeticas, recorda-nos o tempo em que se pertendeu achar na fórma dos vejetaes, o retrato ou copia do orgão a que espacialmente seria util o mesmo vejetal, quando a infermidade tivesse alterado o estado phisiologico do organismo. A capsula da papoula seria, segundo este modo de vêr, um excellente remedio para as infermidades de cabeça; a *pulmonaria officinalis*, cujas manchas se assimelham ás do pulmão, seria mui propria para remediar suas affecções; o mesmo limão se pertendeu inculcar como util nas affecções do coração, posto que as relações de fórma entre um e outro sejam mui piquenas. Esta dependencia mutua da fórma e da propriedade, não existe por certo; e em uma mesma familia se encontram muitas vezes individuos cujas propriedades são diametralmente oppostas. Isto provém certamente da imperfeição actual da taxonomia, e tempo virá, talvez, em que estas anomalias desappareçam.

Comtudo é curioso vêr realisado nos vejetaes, o que tantas vezes se comtempla na sociedade; o bom a par do mau, disfructando os mesmos privilegios, as mesmas regalias, retribuindo tão diversamente os benificios que recebeu: vós, n'esta familia tão numerosa, tendes plantas medicinaes, tendes algumas alimentares, e a par d'estas encontrareis individuos cujos succos são muito venenosos.

Podeis observar o quanto é util o nosso horto: é so na reunião dos individuos que constituem as familias, que se podem estudar os seus characteres de similhança e dessimilhança. Eis aqui as *solaneas*, com o seu aspecto triste e sombrio, que parece ser indicio de suas propriedades toxicas, que sobremaneira se manifesta na *atropa belladona*, na *atropa mandragora*, no *meimendro*, que vedes tão crescido, e n'essoutra, no *solanum nigrum* ou *herva moura*. Não toqueis esse vejetal; seu contacto será bastante para vos communicar propriedades irritantes, e produzir em vós effeitos morbidos. Todas estas plantas enriquecem a medicina com principios especiaes, taes são a *atropina*, *hiosciamina*, e *daturina*. Caminhemos mais para este lado, e vereis outra planta perfeitamente diversa nas suas propriedades. Esta não mata, conserva a vida, é o pão dos pobres, o thesouro escondido. Os tuberculos d'esta planta, que as nossas cozinheiras sabem preparar de maneiras tão diversas, dão ao indigente uma fecula bellissima que o nutre; que é util nas artes, que póde ainda transformar-se em outro principio—a dextrina, que vae minorar o mal do infermo fazendo-lhe consolidar as partes fracturadas.

A *nicotiana tabacum* é de tanto prestimo que não devemos deixar de a saudar aqui, onde não chega a influencia de quem lhe sacrifica a liberdade a favor do seu interesse. Fatal condição de quem é util! Casualmente nos aproximámos de um grupo natural que deriva o nome da disposição das flores. As *umbeliferas*, como seu nome indica, são coroadas sôbre seus caules pistulosos por orgãos floraes que affectam a fórma de uma umbela, como podereis ver na *pimpinella anisum* ou *herva-doce*, e mesmo em algumas outras especies, taes como são, por exemplo, o *apium graveoleus*, o *dancus caroata* ou o *coriandrum sativum*. Porém para que nos demoramos aqui.

Dai mais alguns passos e vereis a *conium maculatum* ou a *cicuta*, vejetal que será eterno padrão de ignominia para a illustrada Grecia. Foi com seu çumo que a soberba e o orgulho dos gregos sacrificou um dos melhores philosophos, que mesmo na morte foi grande. A sua coragem reagiu sôbre todo o ignominioso da sentença: o homem que recusou subtrahir-se ao castigo que não merecia, tomou da mão do escravo a taça fatal, e bebendo pouco a pouco, esperou tranquillo que o frio o accommettesse: senta-se: reprehende as lagrimas de quem o lamenta, e com a maior placidez se entrega nos braços da morte. Infeliz Socrates!

A cicuta conserva sempre toda a sua energia, comtudo a sua acção toxica varía com o clima e epocha da colheita. Algumas vezes ella tem figurado nas mesas, e parece ser ésta a planta com que os sacerdotes do Egypto pertendiam agrilhoar os apetites da incontinencia.

Ésta familia que se segue é das *apocyneas*: a sua natureza não está bem determinada, as plantas que a compoem são bastante curiosas pelo colorido das flores, e maneira porque se prolongam nos sitios que são destinados para sua habitação. Eis-aqui a *aranja sericifera* acompanhada pelo *nerium oleander*, loendro, ou sevadilha, e pelo martyrio de França. Quero mostrar-vos uma particularidade de organização no fructo da *aranja*, que por certo vos agradará.

Está pendente d'esta pequena latada como um pepino; tomai um e feri essa parte a que os botanicos chamam pericarpo, porém não vos mancheis que ella segrega um suceo abundante, viscoso, e com aspecto de leite. Tirai, tirai todo esse envolucro, e observai essa pequena pinha coberta de grãoszinhos que se assimelham bastante á couve-flor, e que são verdadeira cera: porém continuai a separar essas granulações e encontrareis a fina seda, tam brilhante e tam bella como a preparada pelo *bombyx mori*.

Ja que nos temos entertido com as fórmas dos vejetaes, vinde ver a familia das *orchideas*, que vos hade por certo deleitar. A natureza é como uma mãi que brinda a todos os filhos com muitas dadivas, todas riccas, todas diversas. N'esta parca está o salepo cuja fecula ja tereis saboreado, e que tanto se applica em medecina. As suas flores em espiga tem muito que observar, porém agora so chamarei a vossa attenção sobre o stygma representado por uma cavidadezinha, tendo na parte superior o orgão que o hade fecundar, e ao lado dois orgãos avertados a que se tem chamado staminoides. O genero *ophris*, está ago-

(1) Continuado de pag. 378.

ra a dar flor, e na realidade poucas haverá que tenham um nome mais significativo; este é o *ophris vesperifera*, basta um golpe de vista para se reconhecer a grande similhança que existe entre ésta flor, e o insecto que nós chamamos vespa, e que lhe deu o nome.

Ja tendes visto bastante variedade de individuos de paizes bem diversos, e que de hospedes se tornaram irmãos; apprazendo-lhe viver entre nós. Ésta benefica disposição do nosso clima poderia, utilizadas certas circumstancias, fazer-nos muito riccos em vejetaes. O caffe, ou coffea arabica, é uma das plantas uteis que se dá bem em Portugal mediante certas cautellas.

Vede como elle está soberbo com as suas folhas luzidas e coriaceas, e so com folhas, que as flores e os fructos ja aqui lh'os vimos porém agora não existem. Não tardará que outros o venham ornar.

João José de Sousa Telles.

PARTE LITTERARIA.

N. B. Os trabalhos parlamentares do A. das VIAGENS NA MINHA TERRA, o obrigaram talvez a espaçar ainda para o seguinte n.° da REVISTA a continuação d'aquella obra.

ROMANCES.

OS QUATRO-IRMÃOS.

II.

Bie. — Em quem tens tu agora essa esperança?
Die. — Em Deus primeiramente, e nos amigos
Que nunca perdi d'elles confiança.
[*D. Bernardes, e Lima, Eclog. XVI.*]

O THESOIRO DO PADRE CURA.

452 Que devoção, que respeito fazia alli em San'Martinho de Sande, a todo aquelle povo, o Sr. padre Francisco Pedreira!

Morriam-se por elle, veneravam-n'o, parecia-lhes mesmo um sancto...

E era um sancto, era! Um anjo, que o Senhor mandou á terra para consolar os tristes, para confortar os aflictos com palavras de paz e promessas de recompensa na outra vida, para tomar aos hombros a cruz dos desgraçados, e ajudal-os.

Casa da freguezia, em que houvesse desgôsto e pranto, la o haviam de topar logo, era certo para o inxugar. Para festas e folguedos não; para isso ninguem no fosse chamar, que lhe não quadravam alegrias ao seu genio, nem ao seu emprego.

Nem elle se ria quasi nunca... ou nunca, talvez.

O rosto trazia-o sempre sereno, mas melancholico. Deixem-me dizer: era como quem vê n'uma tarde, em que não ha vento, um lago lizo e socegado, em que se espelha o céo toldado de nuvens côr de cinza.

Suas vistas andavam sempre no chão; erguia-as somente para o pobre, para o desvalido, ou então... para Deus.

Os cabellos tinha-os brancos, como uma estriga de linho; e mas não era velho, velho... contava sessenta e dous annos feitos! O corpo tinha-o alquebrado; as pernas trôpegas e arrastadas... o que lhe valia era o bordão a que se apegava.

O seu vestido era uma loba preta ja ruça de usada, e com mais de vinte remendos!

Ah! padres, padres! que se assim foreis todos desapegados dos enganos da terra, não haveria tanto hereje, nem tanta maldade pelo mundo.

Malpeccado! se assim foreis todos como este... Era um sancto, era um sancto, realmente, em corpo e alma.

O tempo, que lhe ficava livre das obrigações de cura e coadjutor do reverendo parocho, em cuja companhia morava, do parocho de San'Martinho, que era ja idoso tambem, mas tam descuidado da egreja e tam amigo de bons manjares e de boas merendas... cala-te, bocca — e as horas, que lhe sobravam da missa e do breviario, levava-as a concertar as suas meias de lan e o soli-deo de troçal aberto, e a dar proveitosos conselhos e exemplos á sobrinha, que era a menina dos seus olhos, o arrimo da sua velhice, que era o seu amor, o seu ai-Jesus, o branco lirio, que cultivava para os jardins do céo, arredado do bafo impestado dos homens.

E Maria... oh! Maria muito linda era!

Parece-me que a estou a ver agora toda invergonhada em casa da thia Bristes... com receio de levantar para a gente a vista... com a bocca fechada, como um botão de rosa; com as faces coradas... coradas, como uma braza, com os cabellos — pretos de azeviche — a cahirem-lhe em anneis, como se foram fios de seda, a poizarem-lhe preguiçosos pelo collo e pelo peito, que parecia de rijo marmore, e que palpitava meio-revelado pela fina camiza, de que mal se differençava em alvura... e com aquelle corpo, como pintado ao pincel, tam delicado, tam airoso com seu gibão escuro d'abas golpeadas, e saia de gran carmezim barrada de veludo!..

Pois é verdade. Maria estava invergonhada e tinha razão. Não andava affeita a ver nem a tractar com pessoas de fóra... porque chegava a tanto que até, nos domingos, ouvia a missa por uma

fresta de grades, que de um corredor das casas da residencia deitava para a capella-mór. Estava cheia de acanhação, não sabia o que havia de fazer, coitada! afastou-se para o vão da janella, e poz-se a desfolhar com os beiços um *mal-me-querés*, que trouxera na mão.

Manuel sopezara-se na cama já desaffrontado d'aquella aflicção, que lhe viera; e olhava, ora para a rapariga, — isso rara vez e quasi a furto — ora para o padre Francisco, ora para a thia Brites, que ingasgava e tossia e não atinava com um cumprimento rasgado para fazer ao Sr. Cura... e por fim despicava-se em venias e cortezias.

Athe que depois sempre foi começando, conforme poude;

— Ora assente-se... ande, Sr. padre Francisco — e chegou-lhe uma cadeira de espaldar, que pesava!... — assente-se, que ha-de vir cançadinho... é verdade, e talvez queira uma pinga... se quer...

— Não quero; não bebo vinho, comadre.

— Não?! porém vamos, vamos, diga-me agora o que o trouxe a esta sua casa, e descance...

— Obrigado, obrigadissimo, Sr.ª...

— Brites do Couto, uma criada de *vocencé*, criada, fregueza e muito veneradora, que ainda me lembra da amizade, que o meu defuncto... o seu primo que Deus haja...

— Era muito meu amigo era; tempos, tempos!...

— Oh! Sr. padre cura, que tempo!.. que regalada vida!.. hoje...

E a boa da velha immudeceu, imbaraçou-se-lhe a voz na garganta com os suspiros, que lhe rebentavam do coração.

O padre Francisco Pedreira fez-lhe signal, apontou-lhe para o ceo.

Ella intendeu-o; resignou-se com a vontade do ALTISSIMO, abaixou a cabeça, alimpou as lagrimas com as costas da mão, e como quem não repara no que faz, nem se recorda do que fez... tornou a chegar-lhe a cadeira:

— Assente-se, padre e socegue.

— Ja lhe disse que não, comadre. Agradeço-lhe o seu cuidado, mas não posso. Não me dilato aqui mais que o espaço de dous ou tres credos.

— Agora! pois...

— Vim so para lhe pedir um favor.

— Ai! se estiver ná minha mão, Sr...

— Está, está.

— Pois então... não tem mais que...

— Ora olhe ca, thia Brites: tome conta:

E o padre pegou-lhe pelo braço, foi com ella para um canto da salla, e fallou-lhe quasi ao ouvido:

— Você bem sabe que tenho creado ésta minha sobrinha... recatada no temor de Deus e...

— Sei, sei que é innocente e pura como uma estrella; e assim fôra minha filha se vivesse... Guiomar, a sua afilhada, padre cura, que morreu ainda nas mantilhas! e assim fosse eu como a Sr.ª Mariquinhas... aquelle cherubim de virtude...

— Oh! mulher! o Senhor permitta que se não engane.

— Não engano.

— Inda bem. Tenha fé. Porem oiça: você bem sabe que nunca a deixo sahir nem apparecer a viv'alma...

— E faz muito bem, faz o que deve.

— Quando vou de noite visitar algum infermo ou levar o sagrado viatico, la fica Cecilia a ama, a criada do Sr. parocho para olhar por ella...

— E é mulher capaz e como se quer, a senhora Cezilia! de tantas orações, e uma charidade... ha poucas d'aquellas.

— Pois sim, sim; mas o peior é que... ora veja... Cezilia está de cama com o reumatismo...

— Está com *resmatiz*!..

— E grita... grita, que mette compaixão... E então logo hoje... são n'os meus peccados! ora eu que nunca saio da freguezia!.. e não ha remedio; aqui tem você uma ordem do Sr. arcebispo, que me manda chamar á cidade.

E mostrou um pergaminho dobrado.

— Ai, senhor! appello eu! á cidade!.. e para que será! — exclamou a velha atando as mãos na cabeça.

— Isso é o que me não dá freima nenhuma; Quem mal não usa mal não cuida. O que mais peso me fazia n'alma era ver aonde havia de deixar a pequena, porque estando Cezilia doente... e até quem sabe o tempo que por la me arredarão!

— E tem razão, tem.

— Porfim de contas... tanto lidei e batalhei comigo que... n'uma palavra, senhora Brites: seu marido.. meu compadre e meu parente... foi homem de bem ás direitas...

— Não que isso... não é por me gabar...

— Foi homem de bem... e os filhos não hão de desmentir da casta.

Brites poz-se vermelha como uma roman.

O padre não reparou e foi proseguindo:

— Você Brites, tem boa fama e bom credito... é verdade.

— São favores, sr. padre.

E fez-lhe outra misura.

— Tem; e portanto aqui lhe entrego a Maria... guarde-m'a que é o meu thesoiro, que é quanto tenho de meu sobre a terra.

Padre Francisco calou-se por alguns instantes, e descahiu-lhe a cabeça para baixo; depois caminhou firme e direito para a sobrinha, declarou-lhe o aviso de que estava, deu-lhe novos conselhos, abençoou-a, e disse-lhe virado para a thia Brites:

— Maria! respeita-a como se fôra tua propria mãe.

A moça chorava... e ficavam-lhe tam bem aquellas lagrimas, cristallinas como os orvalhos da madrugada!..

A velha... essa chorava de alegria e de orgulho; chamava-lhe sua filha e apertava-a contra o seio.

O padre cura deu-lhes o derradeiro adeus, deitou a ultima benção á sobrinha, incommendando-a outra vez ao ceo e á thia Brites, e partiu que era perto do sol-pôsto, e tinha de chegar inda n'esse dia a Braga.

Partiu...

Maria acompanhou-o com a vista em quanto poude; acenou-lhe quando elle ia a sumir-se nos copados arvoredos da estrada, e veio logo triste e pensativa para aope de Brites que fazia por lhe dar animo — que lhe affirmava por todos os sanctos da sua devoção que seu thio havia de tornar breve e sem perigo.

Ella escutava-a... eis que Manuel se põe, de repente, a gritar:

— Minha mãe, minha mãe... eu oiço o tropel d'uma besta que vem pelo caminho... olhe... lá oiço a voz do nosso Antonio a chamar por você...

— D'Antonio!.. não póde ser.

— Não poderá, não... então?.. ouve?..

Comeffeito não se enganava, o rapaz.

Brites correu á janella; e viu a seu filho estudante, que se apeava d'uma egoazinha castanha ás portas da casa.

— Bemditto sejais meu Deus! — exclamou a velha, como doida de contentamento, — inda ha pouco m'eu lamentava, Manuel, de vivermos aqui tam sós... e vai sem nem siquer o esperar-mos... bemditto seja o Senhor para sempre, que nos trouxe a companhia d'esta mocinha — e beijou a Maria na face — e que temos agora tambem a Antonio...

— E mais a mim.

Respondeu d'alli uma voz rouca, que surdiu da banda da porta como por arte de feitiçeria.

Voltaram-se todos varados, e mais varados ficaram quando descobriram que era João.

(Continúa.) *Pereira da Cunha.*

DA POESIA POPULAR EM PORTUGAL.

I

Introducção. Objecto e necessidade da presente obra. — A poesia popular proscripta na Europa desde o seculo XVI reagiu no Norte contra a dominação classica nos fins do seculo passado. Chega a reacção a Portugal no primeiro quartel do presente seculo. Procuram-se os seus documentos: acham-se nas collecções do sec. XIII e XV, nas chronicas velhas, e principalmente na tradicção oral dos povos.

453. Pretendo supprir uma grande falta, preencher uma grande indicação nacional com o trabalho que intentei n'esta memoria. Não quero fazer uma obra erudita para me collocar entre os philologos e antiquarios, e pôr mais um volume na estante de seus gabinetes. Desejo fazer uma coisa util, um livro popular, e para que o seja, tornal-o agradavel quanto a materia o permittir. As academias que elaborem dissertações chronologicas e criticas para uso dos sabios. O meu officio é outro: é popularizar o estudo da nossa lingua, dos seus documentos mais antigos e mais originaes, dirigir a revolução litteraria que se declarou no paiz, mostrando aos novos ingenhos que estão em suas fileiras os typos verdadeiros da nacionalidade que procuram, e que em nós mesmos, não entre os modelos extrangeiros, se devem incontrar.

É quasi obrigação de conscienoia para quem levanta o grito de liberdade n'um povo, achar as regras, indicar os fins, apparelhar os meios d'essa liberdade, para que ella se não precipite na anarchia. Não basta concitar os animos contra a usurpação e o despotismo; destruido elle, é preciso pôr a lei no seu logar. E a lei não hade vir de fóra: da crença das recordações e das necessidades do paiz deve sahir para ser a sua lei natural, e não substituir uma usurpação a outra.

Eu, que usei levantar o pendão da reforma litteraria n'esta terra, soltar o primeiro grito de liberdade contra o dominio oppressivo e antinacional da falsa litteratura: doe-me a consciencia de ver a anarchia em que andâmos, depois que elle foi aniquillado; peza-me ver o bom instincto dos jovens talentos, desvairado em suas me-

lhores tendencias, procurar na imitação extrangeira o que so póde achar em casa.

A revolução não está completa nem consolidada.

É preciso indicar-lhe o caminho do progresso legal, pôl-a em marcha para os pontos a que lhe convem chegar; e ella se aperfeiçoará a si mesma no progresso regular que assim hade seguir para um norte fixo.

Fiz para isso ésta collecção de exemplares, de documentos, de estudos e observações. Não respondo nem por sua exacta classificação, nem por uma certeza em todos elles acima dos escrupulos austeros da crítica, e das desapiedadas negações da chronologia. Respondo pelo espirito pela tendencia, pela verdade moral do trabalho. Sente-se muitas vezes, ve-se clara a verdade e exacção moral de uma coisa cuja exacção material se não póde provar por falta de documentos de indisputavel authenticidade.

Eu reuni, junctei, puz em alguma ordem muitos elementos preciosos. Trabalhadores mais felizes, e sôbretudo mais repousados que eu de outras fadigas, virão depois, e emendarão e aperfeiçoarão as minhas tentativas. Tomara-os eu ja ver n'esse impenho. Então intenderei devéras que fiz um grande serviço á minha terra e á minha gente. Sem vagar de tempo nem de cuidados para coisas tanto de meu gôsto e tam fóra de minha possibilidade, vou lançando no papel as observações que me lembram, as reflexões que me occorrem, sem curar ás vezes nem do fio que levam, nem do logar em que as ponho. Tomára podêr fazer á minha lingua serviço egual ao que fez M. Raynouard á dos seus provençaes. Mas nem posso eu, nem talvez o resultado sería tam prompto como elle hoje se precisa.

Quizera que estas paginas se fizessem ler de toda a classe de leitores; não me importa que os sabios façam pouco cabedal d'ellas contanto que agradem á mocidade, que as mulheres se não infadem absolutamente de as ler, e os rapazes lhes não tomem medo como a livro profissional. Eis aqui o que eu desejo, o em que puz fito e o porque intersachei a prosa com o verso, a fábula com a historia, os raciocinios da crítica com as inspirações da imaginação.

Tenho alguma esperança no methodo.

Horacio cuja arte poetica hade sempre ser para a poesia de todas as idades, de todas as escholas e de todas as nações, o que são para a moral os versos de ouro de Pythagoras, um codigo eterno de regras inalteraveis, Horacio louva, sôbre todos, aos poetas romanos, que ousaram desviar-se do trilho batido dos gregos, e celebrar emfim as acções da sua propria gente, deixando em paz as Medeas e Jasons, a interminavel guerra de Troia e essa perpétua familia dos Attridas.

Os nossos primeiros trovadores e poetas, que mal sabiam talvez, se tanto, o latim musárabe dos bons monges de Lorvão ou de Cucujães, e que decerto nunca leram Horacio, — nem o intenderiam — seguiram comtudo melhor, por mero instincto do coração, as doutrinas do grande mestre que não conheciam, do que depois o fizeram os poetas doutores e sabichões, que no seculo XVI nos transmudaram e corromperam todas as feições de nossa poesia.

Longe de mim a ingrata e presumpçosa vaidade de desacatar as venerandas barbas dos nossos dous Boileaus de Quinhentos, Ferreira e Sa-de-Miranda! E quem ousará pôr os olhos fittos no sol de Camões para lhe rastrear alguma leve mancha, se a tem? E todavia esses tres grandes poetas, grandes homens, grandes cidadãos e grandes philologos, são os que, cheios de Ariosto e de Petrarcha, com os olhos cravados no artigo Lacio e na nova Italia, de todo esqueceram, e fizeram esquecer o tom e os modos da genuina poesia da nossa terra.

Os nossos vizinhos de Castella nunca chegaram á perfeição classica da litteratura portugueza; mas por isso ficaram mais nacionaes, mais originaes; e por consequencia, maior e mais perduravel e mais geral nome obtiveram e conservaram no mundo.

Toda a Europa lê hoje os Lusiadas: é verdade. E porque? Será pelas fórmas virgilianas do poema, pelos Deuses homericos do seu maravilhoso, pela belleza dos modos que so nós sentimos bem? Não: é pelo que elles teem de poesia original, propria, primitiva: por quanto, era o Camões poeta tam portuguez n'alma, que as mesmas harmonias homericas e virgilianas, os mesmos sons classicos se lhe repassaram debaixo dos dedos n'aquella sincera e maviosa melodia popular que respira das nossas crenças nacionaes, da nossa fé religiosa, do nosso fanatico (e inda bem que fanatico!) patriotismo; da nossa historia — historia, meio historia, meio fábula dos tempos heroicos. Dominou-o, mas não pôde pervertêl-o a eschola do seu tempo.

A poesia — a litteratura portugueza precisavam retemperadas nos principios do seculo passado; que estavam uma coisa informe e laxa:

éram cordas castelhanas em segunda mão, cordas italianas de ma fábrica, as unicas da lyra portugueza. Veio o Garção, o Diniz, Francisco-Manuel, depois o Bocage, com todos os satellites d'estes quatro grandes planetas, e restauraram a lingua e a poesia — a prosa não — mas pelos antigos modos classicos, agora deduzidos pela reflexão franceza, bem como no seculo XVI o tinham sido pela reflexão italiana.

Fallou portuguez, e fallou bem, cantou alto e sublime a nossa poesia, mas ainda não era portugueza.

Estava corrido o primeiro quarto d'este seculo quando a reacção do que se chamava romantismo, por falta de melhor palavra, chegou a Portugal.

Vamos a ser nós mesmos, vamos a ver por nós, a tirar de nós, a copiar de nossa natureza, e deixemos em paz.

«Gregos, romãos e toda a outra gente.»

Que se ha de fazer para isto? Substituir Goethe a Horacio, Schiller a Petrarcha, Shakspeare a Racine, Byron a Virgilio, Walter-Scott a Delille?

Não sei que se ganhe n'isso, senão dizer mais semsaborias com menos regras.

O que é preciso é estudar as nossas primitivas e genuinas fontes poeticas, os romances em verso e as legendas em prosa, as fábulas e crenças velhas, as costumeiras e as superstições antigas: le-las no mau latim musárabe meio suevo ou meio godo, dos documentos obsoletos, no mau portuguez dos foraes, das leis antigas, e no castelhano do mesmo tempo — que até o seculo XV, a litteratura das Hispanhas era toda uma. — O tom e o espirito verdadeiro portuguez esse é forçoso estudá-lo no grande livro nacional, que é o povo e as suas tradições, e as suas virtudes, e os seus vicios, e as suas crenças, e os seus erros. — E por tudo isso é que a poesia nacional ha de resuscitar verdadeira e legitima, despido, no contacto classico, o sudario da barbaridade, em que foi amortalhada quando morreu, e com que se vestia quando era viva.

Reunir e restaurar, com este intuito, as canções populares, xácaras, romances ou rimances, soláos, ou como lhe queiram chamar, é um dos primeiros trabalhos, que precisâmos. *A. G.*

THEATRO-ITALIANO.

III.

454 O nosso theatro de San'Carlos tem sido até agora abandonado a differentes empresas, sem a minima direcção governativa depois de celebrado o contracto. Este pessimo systema sôbre um negocio que consomme um subsidio annual importante, abstractamente considerado, dá uma triste idêa da nossa organização administrativa. Vimos no antecedente número da REVISTA como nas cidades d'Italia, sob o regimen do absolutismo, se procede com todas as cautellas na adjudicação do *dote* municipal, e como uma commissão permanente vigia constante e activamente no modo como elle é dispendido. Entre nós exige-se apenas uma fiança, mais *pro formula* do que com a intenção de a tornar effectiva — porque a modicidade d'ella, e o pouco escrupulo com que é acceita, assim o fazem crer — exigem-se certo número d'espectaculos novos, tres camarotes para auctoridades... e aqui está a que se reduzem todas as clausulas de um contracto, que vai entregar a um ou mais individuos, uma quantia de vinte e quatro contos por anno, arrancados ás ja muito sangradas algibeiras dos contribuintes!

Este subsidio é hoje na verdade muito modico para se podêr satisfazer como elle ás exigencias públicas, depois dos espectaculos e artistas que por vezes temos visto brilhar no theatro; mas não deixa todavia de ser consideravel encarado pelo quantitativo sem referencia á sua applicação.

Dirão que sou rapaz, que não posso nem deva fallar com o tom d'auctoridade que dá a idade e a experiencia. Mas as coisas tem o seu valor pelo que valem por si, e não pelo que vale aquelle que as diz: eu bem sei que isto não é assim de momento, mas ao cabo a razão acha-se onde ella está. Se nós temos os factos de 1834 para ca, que demonstram á evidencia o prejuizo público d'este mau systema usado com o theatro-italiano, que nos importam os precedentes? N'estes dôze annos incompletos, vimos nós o theatro descer em importancia, existir entre phases d'esplendor e sombras intermittentes, passar a ser periodico em vez de permanente que era, perder a reputação na Italia, ficarem objectos e artistas por pagar, um empresario expulso pelo fiador, empresas fallidas etc. Que mais precisâmos de ver para se assentar de boa-fé que o systema actual é errado, que éstas circumstancias carecem de prompto remedio?

Talvez que, dos muitos que me lerem, sorrindo, me estejam agora objectando que a empresa do theatro-italiano dá *incalculavel perda*, e que se como está *custa a haver quem na queira*, que será se o govêrno lhe pozer maiores embaraços!

Eu seria longo e iria além do que convem, se quizesse desinvolver ésta voz banal que anda por ahi... Hei de limitar-me pois; mas direi de passagem que não acredito em perdas *reaes e legitimas* senão nas da empresa-Farrobo, e que em quanto a embaraços o meu fim é obvial-os e não impol-os. Se ha ou não quem queira a empresa, veja-se, todas as vezes que d'ella se tracta, se porventura faltaram nunca concorrentes em porfia. Como poderão os leitores porém combinar isto com o facto de terminar sabbado (28 de fevereiro) o concurso sem uma unica proposta! É por que os leitores não podem siquer imaginar o que actualmente por ahi vai d'altos *mysterios theatraes*... nem eu lh'os posso dizer. Pelo que respeita a San' Carlos, não duvido que a empresa actual continuará com o contracto vindo a um accordo com o governo; mas além d'isso sei que um cavalheiro de bastante

fortuna se dispozera a concorrer á empresa, offerecendo suas propostas, verdade é que não em concurso... As razões porque este negocio não foi por diante não é para aqui dizel-as. Mas a redacção da REVISTA falla quasi sempre bem informada.

O govêrno necessita em primeiro logar formar um regulamento para este theatro; carece-se depois de um agente do govêrno juncto á empresa para manter esse regulamento, para informar o Inspector dos theatros de todos os acontecimentos, para fazer emfim o que fazem na Italia o director-geral e as commissões-inspectoras. [*] A fiança nunca deverá ser menor de metade do subsidio, feita, em deposito realizavel immediatamente seja exigido. Metade do subsidio não deve ser entregue senão no fim do anno, ou da estação, e so á vista dos documentos em que o empresario prove que tem satisfeito todos os seus encargos d'aquella epocha. Ésta metade do subsidio e a importancia da fiança em deposito, serão garantia mais que sufficiente para assegurar a todos os contractos da empresa um infallivel pagamento.

Assim não veremos nunca mais rompimentos e letigios entre empresarios e fiadores, como ja por duas vezes temos visto. Não veremos chegar d'Italia no fim de sette annos um aderecista em demanda do pagamento de suas decorações. Não veremos artistas ficarem credores por toda a sua vida de um theatro-*real*, retirando-se sem a sacratissima remuneração do seu trabalho; nem veremos deverem outros á generosidade de extranhos e desconhecidos, o pagamento de sua passagem de uma para outra cidade. Não veremos mais no palco de um theatro de primeira ordem tyrolezes, ventrilocos, traga-fogo, saltimbancos etc. Não veremos... mas para que heide eu estar a recordar ao leitor o que tem visto, se elle tem visto tanto coisa que até enfastia lembrar!

O número dos artistas de canto, a qualidade e classificação d'elles, deve ser marcado — maximo e minimo; e assim tambem a dos coristas de ambos os sexos. O número dos artistas do corpo-de-baile, igualmente; e assim tambem relativamente á orchestra e banda-militar, que n'algumas occasiões tem todos os ares de musica de feira, vulgo *guerrilha*. Éstas coisas que são essenciaes, é um grave êrro deixal-as entregues ao caprixo de uma empresa, que as altera em quasi todas as occasiões com prejuizo do publico, ás vezes contra o seu proprio interesse, e sempre a seu bel-prazer.

Por outro lado, o govêrno não deve impor ás empresas encargos inuteis. Um em que hoje heide fallar é nas entradas gratuitas. Eu acho pouca dignidade da parte dos funccionarios públicos fazerem valler os seus titulos com este fim. É justo que haja em cada theatro subsidiado logar reservado e distincto para as auctoridades; mas seja unicamente *um* camarote. No estado do theatro em que tem sido moda ser assignante, e se preferem quasi exclusivamente as frizas e 1.ª ordem, a empresa perde consideravelmente no desfalque de tres camarote nem menos que são absorvidos por auctoridades. Ha ainda quatro camarotes que nada rendem para a empresa; mas esses, ao menos sem razão de queixume. Sua Magestade tem dois camarotes para Si, mas *paga* os outros dois que occupam as pessoas da sua comitiva. O Sr. Conde do Farrobo tem a propriedade de dois camarotes, como *encargo d'edificio*, e assaz é o que a edificação do theatro deve á casa — Quintella, para justificar esse encargo.

Não sei mais quantas entradas ha de platea para empregados de policia. O caso é que tudo isto é excessivo. Dando-se logar ás auctoridades superiores é escusado dal-o ás subalternas; e se éstas são necessarias porque são ellas que devem obrar, então é evidente que o logar d'aquelloutras é abuso. A *guarda* tambem percebe uma certa diaria que deve ser abollida. Aquelle é um serviço público que não deve ter, como não tem os outros, remuneração particular.

Na lei de 30 de janeiro do corrente anno diz-se que o edificio do theatro fica sendo propriedade do Estado *fazendo parte dos fundos destinados para a manutenção da Casa-pia*. Mas n'este caso o governo deveria conceder o edificio gratuitamente ás empresas, como um augmento de subsidio de que realmente o theatro necessita; e não deixal-o onerado com tres contos de réis annuaes, como era até aqui — até solver certos encargos, que, segundo se diz, não solveria nunca, porque os juros, concertos, bemfeitorias etc. augmentavam annualmente o mesmo encargo — pois ainda que a applicação do seu onus seja muito louvavel, comtudo, exempto d'aquelles encargos, que poderiam attenuar ou annullar de facto o dominio do Estado, seria mais conveniente entregar o edificio ~~livre~~ ás empresas como se praticou com o theatro de D. Maria II, por interesse do público, porque assim ficariam as empresas bastante aliviadas, e o govêrno consequentemente habilitado a exigir-lhe mais rigorosamente o cumprimento dos seus deveres. Deveres, repito ainda afinal, que so podem ser prescriptos e garantidos por meio de um regulamento devidamente organisado e imposto pelo governo, e pela assistencia de um subdelegado da inspecção-geral dos theatros, que o saiba manter, e obviar os inumeraveis contratempos, os caprichos, as intrigas, as parcialidades, as faltas de policia, que de continuo sobrevem n'um theatro de pessoal tão complicado e numeroso, circumstancias que quasi todas reflectem no público em mau serviço d'elle.

(*) Os theatros-reaes na Italia são inspeccionados por uma auctoridade administrativa com o titulo de *Director-geral*. Este director-geral é escolhido entre os homens de mais categoria, com conhecimentos especiaes. O seu cargo é gratuito: exerce jurisdicção sôbre todos os theatros; mas preside immediata e minuciosamente aos theatros-reaes.

VARIEDADES.

O MEZ DE MARÇO.

455 O signo d'este mez chama-se aries ou carneiro, animal, como se sabe, muito engraçado e proveitoso. D'uma e outra coisa citarei como auctoridades Virgilio e a industria-ingleza. Éstas citações la parecem disparatadas; mas, segundo é uso dizer, os extremos tocam-se: que dúvida haverá pois em ajunctar a poesia com a *materialidade*? Ao cabo, se nossos leitores bem pensarem, hão de achal-as junctas mais de uma vez... O nosso astronomo dedicou-se todo por ésta occasião ás senhoras, e, das que nascem n'este mez, prognosticou assim:

Mulher que em aries nasceu
Faz excessos nos amores;
Mas facil os toma e deixa,
Tem mais d'um, guarda os peiores.

Ora, bem veem os leitores quanto é d'urgente necessidade indagar em que mez nasceu a dama a quem a sympathia os quer prender, antes de se consagrarem todos inteiros ao culto de uma deidade, que lhes póde ser falsa! Todos os dias e em toda a parte do mundo estão acontecendo desgraças, crimes, duellos e suicidios, por amor do amor, e eu não duvido que todas essas damas que lhes são causa nascessem em março. Daria um curioso dado estatistico, que muito poderia influir no aperfeiçoamento philosophico e phisiologico (não duvido dizel-o) do genero humano, que tão depressa succede caso desastroso por amor de uma dama, se fosse logo indagar o mez em que ella nasceu. Provando-se que comeffeito era o senhor aries a causa efficiente de todas essas tranquibernias tragicas, fazia-se um salvaterio para a humanidade, separando os homens das mulheres durante a funesta influencia d'este signo. A estatistica é a estrella polar dos socialistas; que investiguem elles bem este ponto, e proponham este ou outro remedio: o caso é propor algum, se o prognostico é verdadeiro. Um que eu proponho, provisoriamente, a todas as minhas amaveis leitoras que possam ter nascido no mez de março, é que façam toda a diligencia para desmentir o astronomo da Revista. Não lhes hade ser difficil. As senhoras podem, mais do que os homens, tudo quanto querem; e qual d'ellas deixará de não querer dar que fallar a linguareiros e impertinentes, chamem-se elles astronomos, redactores, tafues ou toleirões?...

O mez de março tem 31 dias; e n'este mez crescem elles 1 h. e 10 m., 34 m. de manhan e 36 de tarde. O seu maior dia é o último que tem 11 $\frac{1}{2}$ h. No dia 1 nasce o sol ás 6 h. e 22 m. da manhan e põe-se ás 5 h. e 39 m. da tarde: no dia 29 nasce ás 5 h. e 46 m. e põe-se ás 6 h. e 14 m. A sua lua começa no dia 26 e acaba a 24 d'abril.

N'este mez ha muito que fazer nos trabalhos agricolas, principalmente no ramo d'horticultura. Mas a terra recompensa generosamente todas as fadigas que com ella se empregam n'esta epocha de vida e amor para todos os seres organicos. É o tempo mais vistoso e aprazivel dos campos, o mais grato, o mais seductor em toda a parte.

Por isso os gregos tinham razão, que para elles era este o mez de mais festança. Tinham-no consagrado a Bacho, e em Athenas e todas as outras terras da Grecia se lhe celebrava uma festa esplendida: chamavam-lhe *orgias*, nome que as linguas modernas applicam sempre em mau sentido, mas cuja instituição bem se ve que foi sancta... Os athenienses tinham mais n'este mez as festas de Diana e de Jupiter, e outra em honra de um tal Chtonia por ter edificado um templo a Ceres em Hermione. Além d'isso celebravam-se tambem na Grecia, em março, as pequenas panathenienses, em honra de Minerva a quem se offerecia um corpulento boi. Eram festas magnificas: havia carreiras, lucta d'athletas, e no fim jogos de musica e poesia, cujas peças eram chamadas *tetralogia*. Celebravam-se tambem os jogos isthmienses, de cinco em cinco annos, e annualmente os jogos pythios; e os Syconienses tinham umas certas festas, a que chamavam *tolices*. Na idade-media tambem os christãos tiveram uma festa chamada dos *loucos*.

Os Egypcios, que não eram de muitas festas, tinham n'este mez uma em honra da entrada d'Osiris na *lua*. E admiram-se da viagem d'Ariosto! Depois de Colombo ir á America, até um cahique do Algarve se atreveu a ir ao Brazil: e depois que Vasco da Gama passou o cabo da Boa-esperança, apezar da barba esqualida e dos dentes amarellos d'Adamastor, não teve dúvida Affonso Botelho de vir n'um batel de Diu até ao Tejo. Todo o caso está em ir primeiro que quasi sempre se fica adiante.

Os romanos, que tinham quasi que em cada dia do anno uma festa, e com cuja abundancia nada tinham que fazer os nossos bailes do carnaval n'este anno, celebravam em março a festa das matronas, em memoria d'aquelle celebre rapto das sabinas de que poetas e historiadores tão lindas coisas tem dito. Outra em honra da egide tutelar de Roma, que era um escudo que o maganão de Numa — que tinha mais juizo elle so que todos os nossos legisladores modernos, que fallam muito e não inventam nada — tinha mettido na cabeça aos bons dos cidadãos da *primeira* cidade eterna, que havia cahido do ceo para os proteger. Tinham ainda as festas de Vesta, do menino Jupiter, as d'Anna, aquella irman de Dido com que muito dos meus leitores haviam de tomar conhecimento por intermedio de Virgilio. Mais, as de Minerva, em cujo último dia se tocava uma trombeta, sem ser *final*, e porque lhe chamavam *turbilustrium*: e outra em que se lavava a estatua da mãi dos deuses no rio Almon: havia de ser bonita ceremonia. Tambem havia as festas de Jano, da Concordia, da Saude e da Paz; e a da lua, no último do mez, sôbre o monte Aventino.

Ephemerides.

5, Evacua Massena as linhas de Lisboa [1811] — 8, Desembarca no Rio-de-Janeiro elrei D. João VI [1808] — 12, Entra o exercito portuguez em Bordeos [1814] — 14, Instituição da Ordem de Christo por elrei D. Diniz [1319] — 25, É jurada a Conceição da Senhora pelos tres Estados reunidos em côrtes em Lisboa [1646] — 30, Extincção da Inquisição [1821.]

COMMEMORAÇÕES.

(5 *de março de* 1539.)

NUNO DA CUNHA.

456 Nuno da Cunha foi filho do companheiro d'Aphonso d'Albuquerque, do valente Tristão da Cunha. Ainda no verdor dos annos passou á Africa, com cem lanças por ordem d'elrei D. Manuel, para combater debaixo das ordens de Nuno Fernandes d'Athaide; mas alli demorou-se pouco tempo passando depois á India com seu pae: obrando em ambas as partes prodigios de valor. Na expugnação da cidade de Oja, matou por suas mãos o Xeque: na tomada de Brava, pelejou com brio e valor inexplicavel, e, depois de rendida a cidade e entregue ao fogo, foi sôbre aquellas ruinas armado cavalleiro por o grande Aphonso d'Albuquerque. Acompanhou ao Vice-Rei D. Francisco de Almeida na expedição de Panane, onde em companhia de seu pae mostrou todo o seu valor.

Elrei D. João III, tendo conhecimento da bravura de Nuno da Cunha, o nomeou governador da India;

emprêgo que exerceu pelo espaço de 10 annos, coisa não vista até então.

Depois d'esta nomeação, ainda continuou, se isso é possivel, a obrar mais prodigios de valor. Destruiu a cidade de Mombaça, cujo rei vexava outros menos poderosos da costa de Moçambique e que eram nossos alliados. Assolou a ilha de Betéle. Teve guerras com muitos reis asiaticos, e finalmente conseguiu grandes victorias por mar e terra contra mouros e gentios.

Na direcção do govêrno procedeu sempre com tanta regularidade e justiça que se fez igualmente amado e temido. Em poucas palavras, aqui daremos o elogio completo de Nuno da Cunha extrahido do *Anno Historico* «O grande Aphonso d'Albuquerque estabeleceu «aquelle novo imperio (da Asia) sôbre tres solidos funda«mentos: Goa, Malaca e Ormuz, e o grande Nuno da «Cunha o assegurou de novo com outros tres, quaes «foram as fortalezas (famosissimas então) de Diu, Chalé «e Baçaim, adquiridas com a sua diligencia, com a «sua industria, com o seu valor, e dispendio da sua «propria fazenda.»

Sendo tam grandes as acções e merecimento d'este heroe, ainda foi maior e mais poderosa a inveja dos emulos, o qual o malquistaram tanto com D. João III que este monarcha mandou um corregedor para o trazer prêso em ferros para Portugal. Pertendeu seu pae mitigar a indignação d'elrei, porém nada foi bastante para o abrandar, e sem dúvida entraria n'este reino carregado de eprobriosos grilhões se a morte não lhe roubasse a existencia durante a viagem, aos 5 de março de 1539, com cincoenta e dois annos de idade. Affirmou elle na última hora que a fazenda real não tinha em sua mão mais que cinco moedas em oiro, achadas entre os despojos do Sultão Baduz, que, por formosas, trazia para mostrar a elrei.

Perguntando-lhe um capellão de que maneira queria que se lhe compozesse o corpo para ser trazido á patria? Respondeu: *Ja que Deus é servido de que eu morra no mar, o mar seja a minha sepultura, pois a terra não me quiz nem eu lhe quero entregar os meus ossos.* E foi comeffeito o oceano a sepultura que recebeu um heroe tam insigne, a quem Portugal tam mal pagou os serviços que lhe prestára

T. Oom J.[or]

CORREIO NACIONAL.

457 Os Srs.: Faustino dos Santos Crespo, e Antonio Maria dos Sanctos Brilhante, d'Alcobaça, escrevem á Revista congratulando-se pelo feliz restabelecimento da Exm.ª Sr.ª D. Francisca Jacintha Pereira, esposa do Sr. Bernardo Pereira de Sousa, e cujas distinctas virtudes e charidade são muito apreciadas em todo aquelle districto.

Os jornaes d'estes últimos dias teem publicado um artigo sobre uma fabrica que se vai estabelecer em Alcobaça. « Tracta-se d'estabelecer (diz o artigo a que nos referimos) em Alcobaça uma fabrica de fiação e tecidos d'algodão e tinturaria; formando-se para isso uma companhia com o fundo de cincoenta contos... Parece que ésta nova fabrica tem por base a trasladação d'um estabelecimento fabril que existe em Lisboa, a San'Sebastião da Pedreira, dando-se-lhe maior augmento. » Diz-se tambem que a localidade é excellente, e que o melhor dos motores — a agua — será empregado vantajosamente para movimento dos ingenhos d'esta fabrica. E' provavel que a Revista se occupe mais extensamente d'este objecto, que desde ja approvâmos. Hoje é mais que tudo necessario prevenirmo-nos contra a concorrencia fabril ingleza que subirá de ponto com a adopção da proposta de Peel.

Sabbado [7] deverá reunir o Conservatorio-real, para discutir e deliberar sôbre o relatorio e parecer da commissão eleita para exame das peças que concorressem para abertura do Theatro de D Maria II.

Está visto que na cidade do Porto ha pelas mascaras muito mais gôsto do que em Lisboa. Nos dias d'entrudo, apezar do mau tempo que la houve, como aqui, e da auctoridade ter prohibido os bailes de mascaras nos theatros, o que causou geral desgôsto, appareceram pelas ruas muitos mascarados, alguns engraçados, segundo se diz, a pe, a cavallo e de carruagem. Estava tambem preparada uma linda e ricca mascarada dos personagens que figuram no romance do *Judeu Errante*, conforme os desenhos de Gavarni, mas que não chegou a sahir por motivo da muita chuva. Parece que nem uma desordem entristeceu os prazeres públicos d'aquelles dias, e que tudo se passára nos modos da maior civilisação.

Le-se na *Coallisão* que os fabricantes das muitas fabricas que ha nas provincias do norte do nosso paiz, tencionam formar reuniões, competentemente legalizadas, para promoverem os interesses da industria fabril. Este é o melhor meio de fazer prosperar a industria: quando todas as classes assim fizerem os seus interesses não correrão á revelia e serão respeitados.

Parece que o Sr. E. Doux desejando fazer construir um Theatro na rua dos Fanqueiros, como ja dissemos, mas temendo arriscar a sua fortuna sem uma segurança de que o govêrno não poria futuros obstaculos ás representações que alli houvesse de dar, requerêra sôbre isto a Sua Magestade, e ouvimos que a informação da inspecção geral dos theatros lhe fôra favoravel, como não podia deixar de ser. São desculpaveis os escrupulos do Sr. Doux, mas parece-nos infundado o seu receio. Em quanto a nós o seu projecto não póde ser embaraçado por principio nenhum: o govêrno deve sim evitar a nimia concorrencia, mas ninguem dirá que um segundo theatro em Lisboa seja prejudicial ao theatro-nacional; ao contrário, parece-nos que o seu estabelecimento é util e devia ser protegido; não so excita a emulação e concorrerá para o progresso da arte; mas será ainda um reforço d'artistas para supprimento da companhia do theatro-nacional. Se isto se pozesse como condição ao Sr. Doux, o seu projecto mereceria ser favorecido.

Infelizmente a 28 do passado, o brigue francez *Euphémie*, carregado de sal, tentando sahir a foz do Tejo com tempo improprio, tocou no salão sôbre que está collocada a torre do Bogio, com tamanha violencia que logo se fez em pedaços. A tripulação pereceu quasi toda, podendo apenas uma embarcação da Alfandega salvar so quatro homens todos mal feridos.

Os caixas actuaes do contracto do tabaco, participaram ao governo terem procedido á queima com as formalidades do estilo, de 50,500 notas de cobre no valor de 242:400$000 réis, que giravam com as suas firmas.

Na casa-pia em Belem, acha-se estabelecida uma officina onde se fazem cordões de cabello, meias-abertas e obras de bordado.

Está em praça o contracto da lavra das minas de carvão-de-pedra, por não haverem os actuaes contractadores satisfeito o pagamento dos seus encargos. O contracto é até ao fim de 1848, epocha em que termina o celebrado com os actuaes contractadores, cuja continuação e a que se põe em praça.

Parece que finalmente começarão os trabalhos é para a reedificação da Eschola-polytechnica. A Eschola-do-exercito será em edificio separado.

CONHECIMENTOS UTEIS.

NAVEGAÇÃO DO TEJO.

458 Em sessão de 27 do passado, na camara dos Srs. Deputados, sôbre as ponderações do Sr. Pacheco e Ornellas, a respeito da necessidade da canalização do Tejo, communicou á Camara o Sr. ministro do reino, *que o govêrno se occupava incessantemente d'este objecto, e que n'aquelle mesmo dia fôra nomeada uma commissão para dar o seu parecer sobre todas as propostas e trabalhos existentes a tal respeito.*

Effectivamente a commissão de que fallou o Sr. ministro é composta dos Srs.: Florido, Almeida Proença, J. Pereira Pinto, L. Bairard, J. de Sousa e J. M. Bergára: os interesses do thesoiro, os da propriedade, os da diplomacia. Os conhecimentos locaes e technicos, acham-se representados n'esta commissão; confiâmos muito das suas luzes, e não duvidâmos do zêlo de tão illustres membros que as *conveniencias nacionaes* sejam attendidas como cumpre.

A Revista tem tractado por differentes vezes d'este grave assumpto, e pedido a solução d'elle. Mas hoje serei mais extenso, e farei succintamente conhecida a sua história desde que elle começou a tractar-se por parte do govêrno.

Nos últimos mezes de 1843 lembrou-se o Sr. Aires de Sa Nogueira de pedir um privilegio para navegar o Tejo, de Villa-nova (onde acaba o privilegio da companhia dos Vapores) até Abrantes ou Villa-velha, por meio de certos vapores de construcção especial e pelo systema de reboque. D'esta empresa tractei eu n'um artigo do n.º 25 do 3.º vol. da Revista.

Não havia para que negar este privilegio com razoaveis condições; mas o govêrno querendo dar maior desinvolvimento a ésta idea, poz a concurso, em 4 de dezembro de 1843, *a navegação do Tejo dentro do territorio portuguez*. O Sr. Aires de Sa adoptando este pensamento do govêrno, como mais util ao paiz, concorreu em nome de uma empresa, com a sua proposta de 3 de fevereiro de 1844, unica que appareceu n'aquelle concurso.

Sem que sôbre ésta proposta se tomasse deliberação alguma, quasi oito mezes depois, tendo o govêrno recebido outra proposta para o mesmo fim, do Sr. Bermudez de Castro, que se diz representante d'uma empresa hispanhola para a navegação do Tejo da foz at. Aranjuez, mandou abrir sôbre ésta nova proposta outro concurso; comquanto parecesse intempestivo que não se tendo tomado resolução sôbre a proposta do primeiro concurso se abrisse segundo sôbre outra proposta d'igual natureza. O Sr. Aires de Sá porém submetteu-se ao facto sem indagar a razão d'elle, e de novo apresentou as suas propostas de 7 de dezembro de 1844, ainda posteriormente modificadas, para tornar o Tejo navegavel até á extrema portugueza.

Este segundo concurso fechou-se sem outras propostas que as dos Srs. Bermudez de Castro e Aires de Sá.

Desde então renasceu accaloradamente a questão da navegação do Tejo, começada no reinado de Philippe II, continuada nos de Philippe V, Fernando VI, Carlos II, e D. João V de Portugal, e ainda ultimamente nos tempos de Fernando VII d'Hispanha. O paiz ficou logo ancioso por que se resolvesse o mais depressa possivel um negocio de que seguramente hade tirar incalculaveis vantagens, no seu commercio interno e ainda externo, na sua industria agricula e ainda fabril; e, consequentemente, que deve dar ao Thesoiro avultadas sommas de rendimento. Mas a imprensa politica e não politica, e n'aquella a de todas as côres, foi concorde no sentimonto de reprovação da proposta hispanhola, logo que ésta appareceu no *Diario do Govêrno* de 19 d'outubro de 1844. As representações de muitas camaras-municipaes, dos respectivos districtos, vieram ainda reforçar aquelle brado de reprovação geral, que fez eccho em todos os angulos do paiz.

As duas propostas ficaram desde então, quatorze mezes ha, fechadas n'uma secretaria d'Estado, sem que sôbre ellas se tenha tomado deliberação nenhuma séria; até que finalmente, se nomeou a commissão que acima disse, para dar sôbre ellas o seu parecer: o qual se espera com anciedade, e se confia em que será intendido e prudente como o caso demanda.

Parece que o Sr. Aires de Sá requerêra por ésta occasião a Sua Magestade: que as suas propostas não deixassem de ser submettidas á commissão: que se promptificava a exhibir os nomes dos capitalistas que formam o nucleo da empresa de que elle é representante, e declarar igualmente qual é a garantia que dá para a execução do seu contracto; que, finalmente, attendendo ao seu direito de prioridade, nada seja resolvido contra a sua proposta sem que elle seja ouvido afinal, pois que *protésta que as suas condições hão de sempre ser as mais vantajosas, quanto o possam ser sem ruina da fortuna dos capitalistas que constituem a sua empresa.*

Consta mais, que a companhia das Obras-publícas tambem pedíra ser ouvida; que a companhia da Valla d'Azambuja reclamára; e que a companhia dos Vapores *protestára* não sei sôbre quê nem a respeito de quê! Por outra parte parece que o Sr. Sarti apresenta ideas d'um canal parallelo ao Tejo até á raia.

Tendo historiado, até hoje, a marcha d'este negocio, julguei não dever concluir sem expor francamente as apprehensões que me suscita a idea de se haver de negociar a navegação do Tejo com uma companhia hispanhola, *toda revestida d'este character;* sem que eu todavia sinta a menor repugnancia a que similhante empresa seja formada pelo Sr. Bermudez, ou qualquer outro extrangeiro que se apresentar em leal concorrencia, *sem um tal character de nacionalidade sua.*

Comeffeito, não se tracta simplesmente d'uma empresa extrangeira que divida entre si lucros que poderiam ser repartidos por subditos portuguezes e residentes em Portugal; tracta-se, o que é muito mais consideravel ainda, d'uma empresa extrangeira, filha d'um poderoso reino vizinho, que quer apoderar-se da navegação do mais importante dos nossos rios, d'aquelle que atravessa sobre 40 leguas do nosso interior, até aos extremos da capital do paiz, tendo por limite o oceano!

Não é aqui logar de discutir topicos d'um patriotismo exaltado, que as ideas do tempo reprovam; ainda que d'isso achâmos escandaloso exemplo na proposta hispanhola, pela exclusão que faz de dois terços de capitalistas portuguezes em sua empresa, e de dois terços d'empregados portuguezes no movimento da sua navegação. Não ventilaremos tambem theses de diplomacia sôbre o equilibrio das nações, sentimentos

de apropriação entre ellas, difficuldades actuaes da guerra de conquista, e outras similhantes questões; se bem que tambem para isso tudo poderia eu achar argumentos no que hoje se está praticando nos Estados-Unidos da America com a republica de Texas e o Oregon; nos formidaveis preparativos bellicos da Gran-Bretanha, e nas fortificações de Paris, e receios que mais de uma vez a diplomacia europea parece ter sentido de uma conflagração geral na falta de um respeitavel soberano. Mas para mim é bastante que se considere, quanto o podêr d'Hispanha é superior ao de Portugal; quanto conviria áquella nação o dominio todo da Peninsula inteira; — a possibilidade proxima ou remota, de uma tal tentativa, e as circumstancias, que, [pelo mesmo facto da navegação do Tejo] lhe poderiam ser pretexto. Triste do estadista que ve so o presente e não cura das vicissitudes do futuro!

Depois d'estas considerações, pesem-se tambem, as das facilidades que similhante navegação interior daria para um golpe-de-mão na capital; tendo muito em vista a existencia de um logar vasto e fechado para deposito de generos, igual a uma povoação hispanhola em territorio portuguez, cuja fundação o Sr. Bermudez exige, e que, por uma forçosa consequencia, se não póde deixar de permittir, juncto a Lisboa, perto da foz do rio, e que poderia ser em tal caso, instantaneamente convertida n'uma praça de guerra protegida por uma esquadra.

Que me digam depois de feitas taes ponderações se são pannicos os terrores que á vista de tantas circumstancias assustadoras nos póde suscitar a possibilidade d'um facto, difficil de destruir depois de consummado, sendo, como se sabe, o dominador de Portugal aquelle que for senhor de Lisboa!

Eu não quero de modo nenhum indicar a probabilidade de similhante hypothese, sobra-me, para o meu argumento, que se me conceda a possibilidade d'ella.

Ora, se na parte politica se nos mostra a proposta do Sr. Bermudez com um semblante tão sinistro, na parte economica não apresenta ella indicios menos pronunciados de grandes prejuizos para o paiz.

O pessoal portuguez, agora empregado n'esta navegação, espantosamente diminuido, e por consequencia a ruina de muitas familias, e a quasi extincção d'um ramo d'industria para a classe pobre. D'ahi tambem a falta d'uma boa parte do supprimento d'homens para a nossa marinha.

O frete dos generos ja hoje bastante caro, augmentado ainda para mais do triplo!

O contrabando, impossivel d'evitar em mais de 80 leguas de margem d'ambos os lados do rio, por muito rigorosa que seja a fiscalisação de entrada e sahida. Contrabando não so de cereaes; mas de todas as mercadorias que entrando pela foz do Tejo e pagando n'esse caso apenas um pequeno direito de transito até á extrema, nos hão de reverter depois pela raia sêcca, com a mesma facilidade com que hoje nos entram os cereaes, e os generos que se desembarcam, muitas vezes á custa d'uma escaramuça, nas praias entre Gibraltar e o Guadiana.

Eu persuado-me de que este ponto é gravissimo, não so como nocivo aos interesses industriaes do paiz, mas ainda aos do thesoiro; porque um consideravel numero de mercadorias, sobre tudo inglezas, que hoje se despacham em Lisboa, e nos deixam consideravel interesse pelo seu movimento e commercio até se introduzirem em Hispanha, hão de ser la depois consummidas, e de la nos hão de voltar por contrabando, sem que nem siquer tenham pago em nossas alfandegas os direitos das pautas.

A navegação exclusiva do Tejo em mãos da empresa hispanhola, tira ainda do giro nacional não so muitos centenares de contos de réis, que se consommem no movimento da sua navegação entre mãos portuguezas; mas tambem todo o interesse que nos poderia resultar do movimento hispanhol dentro do nosso territorio, sendo este feito por uma empresa portugueza; porque não ha para que duvidar de que estabelecida por nós a navegação do Tejo até á raia, ella seja continuada pelos hispanhoes d'ahi até Madrid.

N'este caso o govêrno portuguez, contractando com uma companhia-nacional ficará habilitado a impôr ás mercadorias que forem destinadas para Hispanha ou venham de la para exportação, os encargos que julgar convenientes, variando-os quer seja nas tarifas das alfandegas quer no modo da fiscalização, como julgar a proposito, segundo as circumstancias, e na conformidade do tractado de Vienna d'Austria; ficando desembaraçado para obrar segundo os tractados de commercio hoje existentes ou que hajam de se negociar posteriormente: o que não poderá acontecer se se fôr escravizar a um contracto com uma empresa hispanhola, que saberá estabelecel-o e dirigil-o todo em proveito presente e futuro da sua nação, e sustental-o depois com as armas, se necessario fôr.

Aqui ficarei hoje: mas prometto não abandonar este importante assumpto.

REFORMA ECONOMICO-FINANCEIRA DOS ESTADOS-UNIDOS.

459 Como na Inglaterra, tracta-se agora nos Estados-Unidos de uma reforma economico-financeira.

O orçamento d'esta potencia varía de 25 a 30 milhões de dollars [cada dollar anda por 800 réis]; comtudo ainda não é este todo o orçamento geral dos vinte e tantos Estados da federação, que conta sôbre vinte milhões d'habitantes. Os rendimentos das alfandegas formam a quasi totalidade da receita federal. No anno fiscal [economico] terminado a 30 de junho de 1845, montaram esses rendimentos a 27 milhões de dollars. Os outros rendimentos provieram de vendas de terras publicas [bens nacionaes], 2 milhões, e diversas receitas, 164 mil dollars.

Calculando-se sôbre a diminuição das rendas das alfandegas no corrente anno, pela menor importação, foi necessario propor importantes modificações nas pautas. Parece que até aqui as pautas não teem sido consideradas nos Estados-Unidos senão como fonte de rendimento, e os direitos das alfandegas eram uniformes para toda a especie d'artigos. O ministro da fazenda americano, propõe as distincções: propõe sobrecarregar os artigos de luxo, estabelecer direitos para outros que hoje o não pagam, e franquear os de primeira necessidade. Estabelece tambem o medio de vinte por cento para os outros artigos, como o termo de maior producto de receita.

Por este systema o guano, o algodão em bruto e o *sal* ficam francos.

De resto as combinações do novo systema parece não merecerem grande confiança: dizem-se resultado d'a-

ma reacção do partido agricula contra o partido fabril.

Quando éstas propostas foram feitas no parlamento americano, ainda se não sabia nos Estados-Unidos das propostas inglezas de Peel. A adopção d'estas propostas pelo parlamento inglez deve influir muito na adopção d'aquell'outras pelo parlamento americano.

As propostas do ministerio dos Estados-Unidos concluem com um plano de venda das terras immensas que o Estado ainda possue [242 milhões de geiras, sem contar os territorios de Texas e do Oregon], e differentes estimulos para promover a cultura d'ellas, e chamar braços á agricultura.

DAS AMOREIRAS E SUA CULTURA. (1)

460 A plantação das amoreiras póde fazer-se em logares altos e baixos; e bom será que o cultivador em grande d'esta arvore varie as situações afim de obter boa colheita de folhas, nas planicies quando o anno for sêcco, e nas alturas quando o anno for humido.

As folhas mais lustrosas e macias são as que contém em mais alto grau o princípio productor da seda. As folhas tenras da primeira rebenta são as que melhor convem ao bicho-da-seda nas suas primeiras idades; as mais fortes e de um verde mais carregado convem-lhe mais depois, quando se acham ja formados os receptaculos dispostos para receber e elaborar o succo muco-resinoso.

A epocha da desfolha das amoreiras é segundo a situação e o clima. O desfolhador deve ter toda a cautella em pegar no ramo que quer desfolhar e correr-lhe a mão de baixo para cima, porque se o fizer ao contrário hade offender a casca e rasgal-a, e arrancaria os botões que devem produzir as folhas novas.

Tem-se calculado que uma arvore em terreno livre, desfolhada antes que a folha tenha adquerido a devida madureza, produz dois terços menos do que a que for colhida em tempo opportuno. A melhor disposição para obter uma boa colheita parece ser a seguinte:

As amoreiras anans ou de Constantinopla, plantem-se em latada ou em fórma de vallado.

As amoreiras de folha larga, plantem-se em fórma de bosque.

As amoreiras chamadas d'Italia ou d'Hispanha, de tronco alto, plantem-se em terreno livre, em aleas etc.

As amoreiras novas nunca devem ser desfolhadas antes de tempo. Desfolhar uma amoreira de dois annos é uma profanação: sería destruir-lhe os orgãos necessarios para o seu desinvolvimento.

Está provada a necessidade de abrigos para as amoreiras. A semente lançada em terra abrigada de choupos ou cyprestes, ao sul, e pinheiros ou freixos, ao norte, fórma um excellente viveiro. Nos paizes frios é melhor a plantação nas alturas; mas o producto das amoreiras nas baixas é sempre mais abundante.

As amoreiras são subjeitas a certas molestias peculiares, e a outras que lhe são communs com outras arvores. Tem-se observado que as amoreiras que são desfolhadas todos os annos, e limpas com muito rigor, sem descansarem nunca, são mais subjeitas a adoecer. Oito são pois as causas principaes que se teem designado como motivo da doença das amoreiras: *Desfolha* precoce ou muito frequente. *Limpeza* muito rigorosa. *Falta de cultura* ou qualidade ferruginosa ou defeituosa da terra. *Mau tractamento* nos viveiros, ou estrume muito quente no pé. *Falta de precauções* na transplantação. *Tronco* demasiado grande ou demasiado pequeno. *Geadas* da primavera que estragam os rebentos ou crestam a arvore. *Bichos* que roem a raiz. As principaes doenças produzidas por éstas causas são: A *sanie*, as folhas *amarellas*, a *podridão* da raiz, a *carie* do tronco, a *rizonctomia*, ou roedura da raiz.

Antes de indicar os remedios que se prescrevem para éstas doenças, aconselharei ao bom agricultor que se occupe primeiro com todo o disvello a prevenir a causa do mal, do que depois a applicar-lhe os meios de o curar. Para isto convem: 1.° fazer os viveiros no proprio terreno da plantação; 2.° não inxertar senão as arvores que apresentarem todos os indicios de verdadeiramente silvestres; 3.° fazer o plantio com todas as cautellas ja indicadas; 4.° começar a desfolha das arvores antes d'estas terem feito seis annos, e executal-a com todo o cuidado sem fazer arranhaduras na casca, nem offender os botões ou quebrar tronquinhos, e deixando as pontas dos ramos sempre vestidas; 5.° na limpeza nunca limpar de mais nem cortar os ramos mais fortes, ou que não estejam seccos ou quebrados; 6.° deixar descansar as amoreiras de tres em tres ou de quatro em quatro annos, segundo a força da terra; 7.° emfim, dar-lhes cavas e adubios para as refazer da perda da desfolha.

As amoreiras são subjeitas a destillar um certo humor, que sendo estancado póde produzir a morte da arvore, ou retardar, pelo menos, a sua vegetação: é o que se chama *sanie*. A presença d'este humor é conhecida por alguns logares corroidos continuamente humidos; a casca muda de côr; e estes fluidos provém d'um tumor que, se este os não vertesse, dariam a morte á planta. O remedio que se costuma usar na Italia é fazer um buraco, como se faz para recolher a resina das outras arvores, afim de apanhar estes fluidos, que espalhados pelo tronco o corroiriam e fariam seccar a arvore.

A *amarellidão* das folhas n'amoreira é signal de pouca fôrça e decadencia da arvore, proveniente de diversas causas. Deve-se decotar as pontas da arvore, cavar-lhe ao pe, renovar-lhe a terra da raiz com outra bem escolhida.

A *podridão da raiz*, ou *rizonctonia* (Dandolo) provém de certas plantas parasitas que se agarram ás raizes e lhes obstruem os poros. Ésta doença procede dos estrumes demasiados e fortes, que excitam a vegetação. Esta-se seguro de não ver padecer a arvore d'esta doença, em não usando d'esse methodo; mas no caso contrário é preciso substituir a terra da raiz com outra fresca.

A doença das raizes é ás vezes contagiosa nas áleas ou florestas d'amoreiras. Para prevenir a devastação do contagio não ha outro remedio que arrancar as arvores doentes, e limpar muito bem a terra, empregando outra fresca nos novos plantios. Mas ainda depois de limpa a terra, é bom *purifical-a*; o que se faz ajunctando no fundo da cova monticulos de terra, como se se fizesse um forno para carvão, e deitando fogo a todos os fragmentos de raiz e restos vegetaes, previamente reunidos debaixo d'esses monticu-

(1) Concluido de pag. 434.

los. O virus das raizes fica assim destruido e as cinzas são excellente adubio.

Concluirei aqui o muito que ainda podia dizer n'esta materia, e de que me abstenho por ella ser talvez ingrata para a maior parte dos leitores. Que se me releve a impropriedade com que terei fallado n'um assumpto que nunca tractei e cujos elementos me foi necessario mendigar em obras que nem bem posso intender. Talvez n'outra occasião ainda diga alguma coisa sôbre o prestimo da amoreira, independente da alimentação do bicho-da-seda, e o muito em que se podem utilizar as suas raizes, casca e madeira.

ANTHROPOSCOPIA.

461 No antecedente número da REVISTA, debaixo d'este mesmo titulo, dei conta d'uma communicação feita á Academia das sciencias de Paris, sôbre certo modo de applicar a luz electrica ao homem que o tornava transparente.

N'este artigo disse, que a *descuberta* era do número d'aquellas de se poderem conjecturar como patranha, e que não sería eu que ficasse por fiador da sua veracidade: no emtanto como era communicação feita a um corpo tão respeitavel e lida em sessão publica por um sabio como Arago, e por ser curiosa, não tive dúvida em fazel-a conhecida dos leitores da REVISTA.

Apresso-me porém a rectificar aquelle artigo. A Academia das sciencias de Paris foi victima d'uma mystificação divertida. Um *ingraçado* de Bruxelhas que se assignou Eseltje (palavra que em flamengo quer dizer *asneira*) quiz rir á custa dos sabios improvisando a tal *descuberta*. A Academia e o seu secretario Arago; ja teem soffrido por ésta occasião mais de um epigramma da imprensa periodica franceza.

NECROLOGIA DE LISBOA NO ANNO DE 1845.

462 Tendo visto publicado na REVISTA algumas relações necrologicas mensaes, de diversas freguezias da cidade, e sendo bem conhecida a grande utilidade de taes publicações, as quaes se abrangessem todos os districtos da capital levariam ao conhecimento das infermidades dominantes, sua relação com as estações, e outras causas; julgo coadjuvar tão louvavel fim offerecendo-lhe o mappa necrologico dos seis bairros de Lisboa no decurso do anno findo, advertindo que comprehende somente as freguezias da cidade e as duas do bairro de Belém, com exclusão das freguezias campestres pertencentes ao termo da mesma cidade. Este mappa foi extrahido dos mappas parciaes dos tres cemiterios da capital, nos quaes se sepultam todos os cadaveres das pessoas n'ella fallecidos, e que por consequencia representam com exactidão o numero dos obitos acontecidos. Aquelles mappas são regularmente enviados á Excellentissima camara municipal, os quaes eu consulto mensalmente como um elemento importante que acompanha as minhas observações meteorologicas. — Sería bem proveitoso que o conselho de saude fizesse redigir e publicasse annualmente o mappa geral dos obitos da capital, classificados segundo o systema nosologico adoptado nas outras capitaes da Europa, pois que uma tão interessante estatistica facilitaria o conhecimento das infermidades predominantes' seu accrescimo ou diminuição em relação ás vicissitudes atmosphericas ou a outras causas; e não me parece difficil actualmente a confecção de taes mappas, visto que depois das ultimas providencias promulgadas a similhante respeito se exigem certidões que qualifiquem as infermidades, sexo, idades, e mais circumstancias dos finados, antes de se darem á sepultura. Em quanto porém se não verifica um tão util trabalho offerecerei o mappa seguinte, do qual se poderão deduzir algumas consequencias dignas de reflexão.

NECROLOGIA DE LISBOA E BELEM NO ANNO DE 1845.

MEZES.	MASCULINOS.			FEMININOS.			Totalidade.	Fallec. nos hospitaes.	Numero normal.
	Maiores.	Menores.	Total.	Maiores.	Menores.	Total.			
Janeiro......	216	82	298	150	72	222	520	278	602
Fevereiro....	166	83	249	163	74	237	486	181	504
Março.......	175	81	256	147	61	208	464	193	594
Abril........	174	72	246	156	71	227	473	226	532
Maio........	133	79	212	150	72	222	434	208	497
Junho.......	136	77	213	122	78	200	413	297	479
Julho.......	159	111	270	127	108	235	505	241	603
Agosto......	207	150	357	149	130	279	636	303	625
Setembro....	209	128	337	140	94	234	571	284	573
Outubro.....	195	102	297	154	75	229	526	260	595
Novembro...	211	83	294	147	65	212	506	274	582
Dezembro....	285	79	364	169	69	238	602	220	589
Sommas.....	2266	1127	3393	1774	969	2743	6136	2967	6765

Comparando a mortalidade que teve lugar n'este anno, com a normal deduzida dos 5 annos de antecedentes observações. (Veja-se a memoria que sobre este assumpto publiquei em um dos primeiros tomos da REVISTA UNIVERSAL) se deduz ter havido uma diminuição de 629 obitos que equivale a 9 $\frac{1}{5}$ por cento, do que se conclue ter decorrido o anno mui salubre para os habitantes da capital. Comparando da mesma maneira a mortalidade das quatro estações, resulta que nos tres ultimos mezes do inverno, (não contemplando o primeiro que corresponde a dezembro de 1844), a mortalidade diminuiu um decimo sobre a normal; que nos dois mezes da primavera a diminuição foi de 12 por cento: que nos quatro do verão foi de 7 por cento, e finalmente nos dois de outono chegou a 12 por cento. O mez mais funesto foi o d'agosto concordando com as anteriores observações, seguindo-se-lhe os mezes de dezembro, settembro e janeiro, e notando-se que foram mui funestos para os menores os mezes de julho, agosto e settembro: — Os mais favoraveis em geral foram os de julho e maio, rectificando os resultados concluidos das observações do quinquenio. Igualmente se deduz que os fallecimentos acontecidos nos hospitaes, misericordia, e outras infermarias avultou a quasi metade do numero total dos obitos que tiveram logar em Lisboa.

Comparando igualmente este mappa com o do antecedente anno de 1844, que foi um dos mais funestos, se collige que a differença entre os dois annos foi de 1049 obitos, ou mais de um setimo da mortalidade normal d'esta cidade. — O citado mappa de 1844 se acha no interessante Diario Ecclesiastico de Lisboa, que publica annualmente o padre Vicente Ferreira, antigo calendarista da extincta congregação do Oratorio.

M. M. Franzini.

ESTATISTICA NECROLOGICA.

Bairro do Rocio.

463 Em fevereiro de 1846 falleceram: — do sexo masculino 18; — do femenino 21; — expostos nos adros das igrejas 22. — Total 61.

Celibatarios 26. — casados 11. — viuvos 2.

Asmolestias principaes de que falleceram foram: — apoplexias cerebraes 6, das quaes fulminantes 3; — de phthisica pulmonar 2; — de outras molestias pulmonares 11; — aneurismas de coração 3; — diversas doenças abdominaes 9; — hydrocephalos 2; — sarampo 1; asphyxia por estrangulação 1.

Entre os fallecidos do sexo masculino figuram: — commerciantes 2; — empregados publicos 3: homem de lettras 1. — Menores de 7 annos 15; — de 60 a 90 annos 11. — Pobres de enterramento gratuito 8.

G. A.

Bairro Alto.

Em fevereiro de 1846 falleceram: — do sexo masculino 14. — do femenino 17. — expostos na sancta-casa da Misericordia 40. — Total 71.

As molestias principaes, de que falleceram, foram: — apoplexias 6 — febres 3 — diversas phlegmasias nos orgams respirativos 5 — differentes phlegmasias abdominaes 10 — aneurisma do coração 1 — sarampo 1 — hydrocephalo agudo 1 — cachexias 2.

Entre fallecidos do sexo masculino figuram: — empregados publicos 2. — proprietarios 1. — operarios 4. — E d'entre os 71 fallecidos de ambos os sexos 50 eram menores de 7 annos de idade — 1 tinha de 60 a 70 — 3 de 70 a 80 — e 2 de 80 a 90.

M.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO XXXI.

Quommodo sedet sala civitas. — Santarem. — Portugal em verso e Portugal em prosa. — Exquisito lavor de uma porta e janellas de architectura mosarabe. — Busto de D. Affonso Henriques. — As salgadeiras de Affrica. — Porta do Sol. — Muralhas de Santarem. — Voltemos á historia de Fr. Diniz e da menina dos olhos verdes.

464 Eram mais de dez horas da manhan quando sahimos a começar a longa viasacra de reliquias, templos e monumentos que são hoje toda Santarem.

A vida palpitante e actual acabou aqui toda: hoje é um livro que so recorda o que foi. Entre a historia maravilhosa do passado que todas éstas pedras recordam, e as prophecias tremendas do futuro que parecem gravadas n'ellas em characteres mysteriosos, não ha mais nada: o presente não é, ou é como se não fosse: tam pequeno, tam mesquinho, tam insignificante, tam desproporcionado parece a tudo isto.

'Dá vontade de intoar com o poeta inspirado de Jerusalem: 'Quommodo sedet sala civitas!' Portugal é, foi sempre uma nação de milagre, de poesia. Desfizeram o prestigio; veremos como elle vive em *prosa*. Morrer, não morre a terra, nem a familia, nem as raças: mas as nações deixam de existir. — Pois embora, ja que assim o querem. A mim não me fica escrupulo.

Passámos a egreja da Alcaçova, que achámos ja fechada, e tomando sempre sôbre a esquerda fomos pelo que hoje parece uma azinhaga de entre quintas, mas que visivelmente foi n'outras eras a rua mais *fashionavel* d'esta villa cortezan Aqui estão quasi ao pé da egreja umas portas e janellas do mais fino lavor e gôsto mosarabe que me lembra de ter visto.

E a proposito, porque se não hade adoptar na nossa peninsula ésta designação de *mosarabe* para characterizer e classificar o genero architectonico especial nosso, em que o severo pensamento christão da architectura da meia edade se sente relaxar pelo contacto e exemplo dos habitos sensuaes moirescos, e de sua luxuosa e redundante elegancia?

De que palacio incantado foram éstas portas tam primorosamente lavradas? Que bellezas se debruçaram d'essas arrendadas janellas para ver passar o cavalleiro escolhido do seu coração? São tam lindas, tam elegantes ainda éstas pedras desconjunctadas, e mal sustidas de um muro insosso e grosseiro, que as facea, que naturalmente despertam a mais adormecida imaginação a quanto sonho de fadas e trovadores a poesia fez nascer dos mysterios da edade-média.

Pouco mais adeante está em um mau nicho escalavrado e feio, um pretendido busto de D. Affonso Henriques, a que attribuem grande antiguidade. Não me fez esse effeito a mim.

Chegámos á porta do *sol*; sentamo'-nos alli a gosar da majestosa vista. É majestosa mas triste. A ribanceira que d'alli corta abaixo, até ao rio, é arida e quasi calva: cobrem-n'a apenas, como a mal povoada nuca de um velho, alguns tufos de verdura cinzenta e grisalha de um arbusto rasteiro, meio *frutex* meio herbaceo que aqui chamam 'Salgadeira' e que a tradicção diz ter vindo de Affrica para segurar a terra n'estes taludes e precipicios. O aspecto e hábito da planta é realmente affricano e oriental, não tem nada de europeu. Mas ésta derradeira e occidental parte da nossa Hespanha é, geologicamente fallando, ja tam affrica, tam pouco europa, que não seria necessaria a transplantação talvez, e porventura ficou ésta memoria entre o povo do uso que os moiros faziam da planta para esse fim.

Esta porta do sol; dizem que é onde se faziam as execuções em tempos antigos. Foi bem escolhido o sitio; não o ha mais triste e melancholico. Ao pé está um torreão quadrado da muralha que ahi fórma canto para seguir depois na direcção de sul a norte. D'este lado as fortificações e lanços de muro estão todas pouco estragadas; e do mirante a que subimos, póde-se formar uma perfeita idea de uma antiga cidade murada.

Seria aqui, dizia eu commigo, que o nosso Fr. Diniz de quem ja tenho saudades — o velho guardião de San'Francisco veiu chorar o seu ultimo threno sôbre as ruinas da antiga monarchia? Seria aqui n'este logar de desolação e melancholia que correram as suas derradeiras lagrymas! Elle que ja não chorava, acharia aqui quem desse aos seus olhos as fontes de agua que o coração lhe pedia para se desaffogar dos pezares que o rallavam na aridez e seccura de sua desconsolada velhice?

Passavam-me éstas ideas pelo pensamento quando o historiador que tantos capitulos nos retteve no vale contando-nos os successos de Joanninha e da sua familia nos disse:

'Sentemo-nos aqui na sombra que faz ésta muralha e acabemos a historia da menina dos rouxinoes. De tarde vamos á Ribeira saudar a memoria do Alfageme. Ámanhan de manhan está detalhado que iremos ver a Graça, o Sancto milagre, San' Domingos e San' Francisco. Concluamos hoje ésta historia.'

'Seja' respondemos nós.

Entraremos portanto em novo capitulo, leitor amigo; e agora não tenhas medo das minhas digressões fataes, nem das interrupções a que sou sujeito. Irá direita e corrente a historia da nossa Joanninha até que a terminemos... em bem ou em mal! D'antes um romance um drama em que não morria ninguem era havido por semsabor; hoje ha um certo horror ao tragico, ao funesto que perfeitamente quadra ao seculo das commodidades materiaes em que vivemos.

Pois, amigo e benevolo leitor, eu nem em principios nem em fins tenho eschola a que esteja sujeito, e heide contar o caso como elle foi.

Escuta.

(Continúa). A. G.

DA POESIA POPULAR EM PORTUGAL.*

Introducção. Objecto e necessidade da presente obra.—A poesia popular proscripta na Europa desde o seculo XVI reagiu no Norte contra a dominação classica nos fins do seculo passado. Chega a reacção a Portugal no primeiro quartel do presente seculo. Procuram-se os seus documentos: acham-se nas collecções do sec. XIII e XV, nas chronicas velhas, e principalmente na tradicção oral dos povos

465 Boileau disse em Paris:

> Enfin Malherbe vint, et le premier en France
> D'un mot mis à sa place enseigna la puissance;

e d'ahi ficaram proscriptos todos os poetas anteriores a Malherbe, nem se contaram mais eras de poesia senão d'aquella data em deante. Os trovadores e os troveiros (*troubadours et trouvères*) que Boileau tractára por cima do hombro sem os conhecer, ninguem procurou conhecel-os; assentou-se que não valia a pena. Jurou-se nas palavras do mestre, e ficou-se piamente credo que fôra Malherbe o fundador da poesia franceza.

Elle era-o, sim, da eschola classica; e como ninguem mais quiz ser senão classico, sem questão ficou elle sendo o primeiro d'essa eschola que usurpou o titulo de nacional, e cujas odes de raça grega, cujos sonetos sicilianos, elegias grecolatinas, epistolas e satyras romanas expulsaram de sua casa os lays, as sirventes, os fabliaux, as tenções e os romances dos proscriptos poetas verdadeiramente francezes, mas agora desnaturalizados e bannidos.

Antes d'isto, apezar de Malherbe e da sua eschola, ainda se liam, ainda se estimavam em França as reliquias da poesia nacional e primitiva. Depois da sentença de Boileau, que passou em julgado, era vergonha fazel-o, era mau gôsto: apagaram-se-lhe até os vestigios.

O mesmo aconteceu em Portugal. Até principios do seculo passado ainda acreditavamos, ainda nos lembravamos que, antes de Camões e Ferreira, tinha havido outros cantores portuguezes, que outros *fortes tinham vivido antes de Agamemnon* Mas desde que a Arcadia fixou a epocha de quinhentos como unica orthodoxa, e anathematizou tudo o que depois ou antes se fizera, tambem entre nós se apagou a memoria dos nossos trovadores e menestreis; suppoz-se a poesia portugueza sahida do cerebro de Camões armada e composta ja como a antiga Palas do casco de Jupiter.

Mas tam falso era o rescripto de Boileau como o senatus-consulto da Arcadia.

* Continuado da pag. 439.

Antes que fosse a magra e compassada *donarière* de Malherbe, antes de ser a flórida e elegante donzella de Camões, a poesia do sul e oeste da Europa, descendente por varonia dos Scaldos e dos Bardos do norte, cujo espirito herdára, mas por sua mãe (de quem mais feições conservou) das últimas degeneradas, porêm ainda graciosas, cantilenas latinas, ésta poesia, digo, tinha tido infancia, meninice, adolescencia e nubilidade. Casou em França com o sécco do Malherbe, e em Portugal com o sécco do Ferreira; e d'ahi, 'casando e amansando,' tomou outros modos, outro ar, e desprezou e esqueceu os seus antigos amantes. Mas desde o berço os tivera: era doidinha de pequena, e não a dêmos por exemplo a matronas ou a donzellas.

Obra de cem annos porêm depois d'aquella sentença, começaram más-linguas e gente curiosa da vida alheia a suscitar memorias dos antigos galanteios de dona poesia. — Principiou-se a duvidar da justiça de Boileau, e a querer-se examinar se comeffeito eram os taes amantes tam feios e tam desprendados como elle dissera.

Publicaram-se algumas rhapsodias dos *troubadours* e dos *trouvères*. D'ahi appareceram, em Allemanha, na Dinamarca, na Suecia e em Inglaterra, reliquias dos Scaldos e dos Bardos — começou-se a atar a historia da poesia: deu-se tambem preço aos cantores da que chamarei renascença-classica por falta de outra palavra, isto é, dos que fizeram a transição do trovador ou menestrel da meia edade para o poeta do seculo XV e XVI; e ainda os documentos não estavam todos junctos, nem o processo de rehabilitação formado de todo, e ja a sentença de Boileau tinha sido revogada quasi universalmente além dos Pyreneos, menos em França onde, como eu ja escrevi algures, o despotismo litterario do seculo de Luiz XIV custou muito mais a destruir que a sua monarchia e a sua bastilha.

Os poetas inglezes descendentes, no mesmo grau que os francezes, dos trovadores da lingua d'Oc e dos troveiros da lingua d'Oeil, foram os primeiros que positiva e judicialmente revogaram a sentença do chanceller-mór Boileau; e rehabilitaram os seus aggravados e injuriados progenitores.

Seguiram-n'os os Francezes mais devagar e com um rosto de viciosa vergonha.

Ha bons quarenta para cincoenta annos que em toda a Europa, excepto a nossa peninsula, se estudam, confrontam, publicam e codificam trovadores de Provença, trouvères de França, menestreis de Normandia e Inglaterra, Bardos de Scocia, de Bretanha e de Galles, Minnesingers de Allemanha, Scaldos de Dacia e Islandia. O Nibelungen saxonio, as Sagas hersas e runicas, os liederbulchs, romanceiros e cancioneiros das várias linguas, germanicas, romanas e mixtas, teem apparecido por toda a parte, uns reimpressos de algum raro exemplar em lettra quadrada vulgarmente ditta gothica que o despreso geral em que tinham cahido por milagre deixou conservar; outros desinterrados dos antigos archivos e transcriptos dos codices manuscriptos, outros finalmente copiados da tradição oral dos povos, que em outro livro não foram conservados nunca.

Nas nossas Hespanhas porêm, é certo que em Castella se codificaram muitos romances, em Portugal bastantes canções. Mas nem la nem ca se liam n'estes ultimos cem annos ou mais.

Ralharam comnosco Boutervecc e Sismondi, e tinham razão. A nós Portuguezes especialmente nos injuriou, com um favor que nos fez, Lord Stuart de Rothsay, (então Sir Charles Stuart) publicando em Paris em 1823 o cancioneiro do Collegio dos Nobres.

E comtudo nem estes stimulos agudos nos checharam ao ânimo. — Parece-me que em Hispanha so depois que o Sr. Duque de Ribas me fez a honra de querer seguir (como elle diz) o caminho da *Adozinda* no seu *Moro expósito*, é que despertou devéras o gôsto dos romances antigos.

Em Portugal acordou tambem ja esse gôsto; mas faltam os modelos, porque os cancioneiros são rarissimos, e os romanceiros nunca os houve, ou pelo menos não consta que nunca os houvesse.

É preciso junctar uns com outros, ir aos codices velhos das livrarias e ás memorias velhas do povo, e formar um corpo de exemplares em que facilmente se possa estudar.

Quanto á poesia lyrica dos cancioneiros facil é a tarefa, basta algum discernimento e gôsto. Mas a epica, a dos romances, tem difficuldades graves, e algumas insuperaveis. Podem-se colligir alguns, muitos (e eu o tenho feito) com paciencia: mas classificá-los, collocá-los na sua epocha verdadeira ou ainda approximada?.. Ainda o não fizeram bem os Castelhanos que ha tres seculos colligiram a maior parte dos seus romances, e tam auxiliados tem sido pelos trabalhos que eruditos inglezes e allemães lhes teem ido fazer a casa.

E serão elles portuguezes legitimos esses romances da 'Bella-Infanta', do 'Bernal-francez', da 'Silvaninha', e muitos outros que o nosso po-

vo tem conservado a despeito da incùria dos seus litteratos? — Será Portugal e Galliza a lingua d'Oc da peninsula em que so se faziam canções, como dos provençaes se acreditou muito tempo? E será a Castelhana a nossa lingua d'Oeil privilegiada para o romance historico ou quasi-historico?

São questões que ninguem resolverá sem examinar e estudar muito, primeiro, os documentos que as suscitam.

Eu repitto que pouco mais faço n'este trabalho do que junctar os documentos e propor as questões.

A. G.

BIBLIOGRAPHIA.

O EXPOSITOR PORTUGUEZ — por *Luiz Francisco Midozi.*

466 Obras ha, cujo merito se não deve julgar se não pela utilidade que d'ellas resulta; taes são as que, como o Expositor portuguez, se destinam ao ensino da infancia: e assim considerada, julgâmos ésta nova producção do Sr. Midozi de muito merito, por isso que *muito util.* Deduducção logica na marcha da exposição dos principios elementares, clareza e gennuinidade na linguagem, são as bellezas muito solidas d'esta obra

Desejaramos porem, que uma maior parte dos seus dialogos sôbre todas as sciencias e artes, fosse destinada aos principios da grammatica portugueza. Se o dar algumas ideas, por limitadas que sejam, sôbre as primeiras noções dos conhecimentos humanos, é utilissimo, como meio de despertar a curiosidade dos meninos, e d'ahi talvez fazer-lhes nascer a dedicação aquelle ramo, para que são chamados por sua natural vocação: o dar maior extensão aos rudimentos scientificos da lingua materna, é sôbre util, indispensavel negocio, para corrigir o fallar e escrever so pela toada colhida na infancia e de pessoas as mais das vezes capazes somente de persuadirem erros.

Achâmos ésta parte da obra do Sr. Midozi muito limitada por isso mesmo que para muitos talvez seja ésta a unica guia que hajam de ter na sua educação litteraria.

A sinceridade e fraqueza d'esta nossa reflexão absolve de parcial o juizo que acêrca d'esta producção fazemos, quando não hesitâmos em chamar-lhe utilissima pelo seu desempenho.

S. B.

N. B. — Ficam demorados muitos artigos bibliographicos, que a falta d'espaço não tem permittido publicar; mas dentro em pouco será regulada ésta parte do nosso jornal, o mais convenientemente que as suas dimensões o permittem.

ASSOCIAÇÕES-LITTERARIAS.

CONSERVATORIO-REAL.

467 Em sessão plena de 7 do corrente foi lido o relatorio da commissão mixta eleita para exame das peças vindas ao concurso para abertura do Theatro de D. Maria II. O relatorio ficou approvado depois de breve discussão.

Foi escolhida para peça d'abertura, ALVARO GONÇALVES, O MAGRIÇO: e julgaram-se dignos de passar ás provas publicas os dramas, *O podêr do remorso*, e a *Vespera d'um desafio*.

As peças: *Ignez e Constança*, o *Alcaide de Faro*, a *Feiticeira*, *Geraldo Semsabor* (comedia) *D. Leonor de Mendonça*, a *Herança do Barbadão* e *Alva-Estrella*, obtiveram honrosa mensão; todas as mais foram regeitadas (1).

O relatorio da commissão de musica, rejeitando as symphonias que vieram ao concurso, ficou addiado.

THEATROS.

SAN'CARLOS. — RUA-DOS-CONDES. — SALITRE.

468 Em San'Carlos, deu-se na noite de 5 do corrente, *I due Foscari* de Verdi: (*The two Foscari*, de Byron): opera realmente bella e digna do auctor do *Nabucho*, *Lombardos*, *Hernani*. O coro d'introducção é d'uma concepção, côr e execução harmonica, de toda a propriedade: o seu principal motivo repete-se por differentes vezes na opera, sempre muito a proposito. O 1.° acto acaba com um duetto, de soprano e baixo, bastante dramatico. O 2.° acto é todo excellente, da primeira á ultima nota. O 3.° não está na mesma altura, mas tem algumas peças de muita belleza.

Depois de *Paulo e Virginia* diz-se que irá a *Eleonora*, opera semi-seria de Mercadante.

Na Rua-dos-Condes, continúa o melodrama — *Os mortos andam depressa*, e ensaia-se outro melodrama *La bohèmiène de Paris* (a Cigana). Parece que é a última peça nova que irá n'este theatro, porque o de 'D. Maria II' deve começar em trabalhos no dia 13 d'abril. Oxalá que a illustre Commissão inspectora nos livre então de tanto melodrame, que não são as peças proprias d'um theatro de primeira ordem como se quer que este seja... e como deve ser.

No Salitre da-se agora uma peça, *A cisterna arruinada*, que, *sem contradicção* (para me servir da phrase do Sr. Carreira) merece ser vista. O inredo é complicado, sem confusão, interessa e é bem conduzido. A Sr.ª Soller tem um papel muito interessante que a joven artista executa com muita graça. A peça é bastante apparatosa e está bem posta em scena.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

(12 *de Março de* 1514.)

EMBAIXADA D'ELREI D. MANUEL AO PAPA LEÃO X.

469 Desejoso el-rei D. Manuel de offerecer ao papa Leão X as primicias dos thesouros do Oriente, e mostrar ao mesmo tempo, que não era so Roma que possuia as grandezas do mundo, mandou por seu embaixador extraordinario áquella côrte a Tristão da Cunha, que partiu de Lisboa acompanhado de seus filhos e de grande numero de fidalgos e cavalleiros.

Destinára o pontifice o dia 12 de março de 1514 para a cerimonia. Ás 2 horas da tarde sahiram os embaixadores do palacio do cardeal Adriano, onde estavam alojados, com toda a magnificencia. Iam na frente grande numero de musicos, trombetas, charamelas, pifanos e atabales, todos montados em bons cavallos. Seguiam-se trezentas azemelas, cubertas de ricos pannos de seda de varias cores, conduzidas á redea por outros tantos homens com varias e vistosas librés. Depois o rei d'armas *Portugal*, vestido de uma roupa de pano de ouro, com as armas do reino, coroadas e cercadas de perolas e rubins. Seguiam-se para

(1) Eram 22. V. REVISTA n.° 33.

cima de 50 nobres vestidos de ricas telas e brocados, com chapeus ornados todos de aljofares e perolas; levando a tiracolo preciosos colares de ouro e pedraria, e montados em briosos ginetes, com as cellas, peitoraes, capratões, e arreios de ouro macisso ou de lavor esmaltados, de pedras de grande preço. N'esta proporção iam vestidos os criados, que cada um levava em grande numero, com varias e custosas librés. Notava-se entre tanta grandeza, um elefante indio, sobre o qual ia um pano tecido de ouro com as armas reaes de Portugal, que não so cobria o cofre, mas tambem o elefante até arrastar por terra. Ia tambem sobre este elephante um Nayre, vestido ricamente. Iam mais um cavallo persa que o rei de Ormuz mandára a D. Manuel, e uma formosa onça de caça levada por um caçador tambem persa.

Sahiram a receber e acompanhar os embaixadores portuguezes, os embaixadores d'Austria, França, Castella, Polonia, Veneza, Lucca e Bolonha, um irmão do duque de Milão e grande numero de cavalleiros, prelados e mais senhores de Roma com as suas familias, o que tornava o acompanhamento muito numeroso e luzido. A multidão de gente que concorreu a ver esta cerimonia era tanta que não so cubria as ruas, praças e janellas, mas até os telhados estavam cheios de povo.

Assim que o acompanhamento chegou ao Castello de Sanct'Angelo, onde Leão X estava para receber a embaixada acompanhado de todos os cardeaes, deu tres salvas a artilheria do castello, cujo estrondo juncto com o som bellico das trombetas, charamelas e atabales, e os gritos que geralmente se davam de *Viva il re di Portugallo!* faziam um effeito maravilhoso.

Logo que o elephante avistou o papa, obedecendo ao Nayre, ajoelhou tres vezes, e tomando na tromba porção de agua de cheiro, que para este effeito ia já de prevenção, rociou com ella o papa, cardeaes e mais pessoas que o acompanhavam. A onça tambem fez muitas habilidades que causáram geral admiração.

O presente offerecido ao papa constava de um pontifical inteiro de brocado de pêso, todo bordado e guarnecido de riquissima pedraria de diversas qualidades, em que se viam muitas rosas d'oiro macisso, cujo bagos eram rubins dos melhores, e grande número de flores de diversas côres, todas formadas de diamantes, amatistas, saphiras, esmeraldas, rubins, perolas etc. Havia tambem mitras, bago, aneis, cruzes, calices e thuribulos, tudo d'oiro batido a martello ornado de diversas pedras de muito valor; e junctamente grande número de moedas d'oiro de quinhentos cruzados cada uma.

Recebeu Leão X os embaixadores com as maiores honras. Ouviu uma larga oração que Diogo Pacheco lhe fez em lingua latina; á qual respondeu o papa na mesma lingua, prodigalisando muitos louvores a el-rei D. Manuel e á nação portugueza; findo o que se alevantou e dirigiu-se para o seu gabinete, sendo até ahi acompanhado por Tristão da Cunha e pelos mais cavalleiros portuguezes.

Por muitos annos durou no mundo a admiração, e certo se devia conservar sempre na memoria d'esta solemne embaixada, da qual Alberto de Carpe, embaixador d'Austria na côrte de Roma, escrevendo ao imperador Maximiliano disse: *que poucas, vezes, ou nenhuma, aconteceu mandarem os principes christãos os seus embaixadores a Roma com tão magnifico apparato; e que a nenhum papa foram apresentados tão ricos, nem tão famosos ornamentos.*

T. Oom Junior.

RELAÇÃO DOS CARDEAES PORTUGUEZES.

470 San'Simpliciano, natural de Guimarães, bispo de Milão, foi creado cardeal pelo papa San'*Damaso*, no IV seculo.

San'Paschasio, foi creado cardeal pelo papa San' *Gregorio* Magno, no VII seculo.

D. Ordonho Alvares [da nobilissima familia dos Forjazes Pereiras], arcebispo de Braga, foi creado cardeal pelo papa *Nicolau* III, no XIII seculo.

D. Pedro Julião, foi creado cardeal [depois papa João XXI em 1276] pelo papa *Gregorio* X.

D. João Froes, conego regular de Sancta Cruz de Coimbra, foi creado cardeal pelo papa *Honorio* III, no XIII seculo. No pontificado do referido pontifice começou o conclave dos cardeaes para a eleição dos papa.

D. Payo Galvão, mestre-eschola da collegirda real de Guimarães, foi creado cardeal pelo papa *Innocencio* III, no XIII seculo.

D. Pedro Gomes Barroso, bispo de Coimbra, e depois de Lisboa, foi creado cardeal pelo papa *Gregorio* XI, no XIV seculo.

D. João Esteves de Azambuja, arcebispo de Lisboa, foi creado cardeal pelo papa João XXIII, governado em Portugal el-rei D. João I.

D. Pedro da Fonseca, foi creado cardeal pelo Antipapa *Benedicto* XIII, e depois o papa *Martinho* V de novo o creou cardeal.

D. Antão Martins de Chaves, bispo do Porto, foi creado cardeal pelo papa Eugenio IV governando em Portugal el-rei D. Duarte.

D. Jayme, arcebispo de Lisboa, foi creado cardeal pelo papa *Callisto* III, governando em Portugal el-rei D. Affonso V.

D. Jorge da Costa, arcebispo de Lisboa, por nomina d'el-rei D. Affonso V, foi creado cardeal pelo papa *Xisto* IV.

D. Affonso arcebispo de Lisboa, por nomina d'el-rei D. Manuel [ainda não contava 8 annos de idade], foi creado cardeal pelo papa *Leão X*.

D. Henrique, arcebispo de Lisboa, por nomina de el-rei D. João III, foi creado cardeal, pelo papa *Paulo III*.

D. Miguel da Silva, bispo de Viseu, foi creado cardeal, pelo papa *Paulo III*, governando em Portugal D. João III.

D. Fernando [tendo dez annos de idade] por nomina de D. Philippe II de Portugal, e III de Hispanha, foi creado cardeal pelo papa *Paulo V*.

D. Verissimo de Lancastro, arcebispo e senhor de Braga, primaz das Hispanhas, por nomina d'el-rei D. Pedro II, foi creador cardeal pelo papa *Innocencio XI*.

D. Luiz de Sousa, arcebispo de Lisboa, por nomina d'el-rei D. Pedro II, foi creado cardeal pelo papa *Innocencio XII*.

D. José Pereira de Lacerda, bispo do Algarve, por

nomina d'el-rei D. João V, foi creado cardeal pelo papa *Clemente* XI. Em maio de 1721 passou a Roma para entrar no conclave, em que foi eleito papa *Innocencio XIII*. Por morte do referido pontifice, entrou com os mais cardeaes no conclave, em que sahiu eleito papa *Benedicto XIII*. Em 1728 regressou para Portugal.

D. Nuno da Cunha de Ataide, bispo de Targa, capellão-mór da capella e Collegiada Real, por nomina d'el-rei D. João V, foi creado cardeal pelo papa *Clemente XI*. Em maio de 1721 foi a Roma para o conclave, que se fez por morte do pontifice *Clemente XI*. Em 1722 voltou para Portugal.

D. João da Motta e Silva, conego magistral, e 1.° presbytero da igreja patriarchal de Lisboa, por nomina d'el-rei D. João V, foi creado cardeal pelo papa *Benedicto XIII*.

D. Thomáz de Almeida, 1.° patriarcha de Lisboa, por nomina d'el-rei D. João V, foi creado cardeal pelo papa *Clemente XII*.

D. José Manuel, 2.° patriarcha de Lisboa, por nomina d'el-rei D. João V, foi creado cardeal pelo papa *Benedicto XIV*.

D. Francisco de Saldanha, 3.° patriarcha de Lisboa, por nomina d'el-rei D. José I, foi creado cardeal pelo papa *Benedicto XIV*.

D. João Cosme da Cunha, arcebispo de Evora, por nomina d'el-rei D. José I, foi creado cardeal pelo papa *Clemente XIV*.

D. José Francisco de Mendonça, 4.° patriarcha de Lisboa, por nomina da rainha D. Maria I, foi creado cardeal pelo papa *Pio VI*.

D. Carlos da Cunha, 5.° patriarcha de Lisboa, por nomina d'el-rei D. João VI, foi creado cardeal pelo papa *Pio VII*.

D. Fr. Patricio da Silva, 6.° patriarcha de Lisboa, por nomina d'el-rei D. João VI, foi creado cardeal pelo papa *Leão XII*.

D. Fr. Francisco de san'Luiz, patriarcha da sé archiepiscopal, metropolitana da provincia da Extremadura, por nomina da rainha, a Senhora D. Maria II, foi creado cardeal pelo sancto padre *Gregorio XVI*.

O Emm.° Sr. D. Guilherme Henriques de Carvalho, patriarcha da sé archiepiscopal metropolitana da provincia da Extremadura, por nomina da rainha, a Senhora D. Maria II, foi creado cardeal pelo sancto padre *Gregorio XVI*.

D. Martinho Castelhano, e natural de Samora, bispo de Silves no Algarve, e depois bispo de Lisboa, desde 1381, até 1383, por nomina d'el-rei D. Fernando I, em 22 de dezembro de 1383, foi creado cardeal pelo papa *Clemente VII*, não tendo ainda chegado a noticia a Avinhão onde residia então o pontifice, de que no dia 6 do referido mez, o povo tinha precipitado da torre [do lado do norte] da sé de Lisboa a D. Martinho, pelo julgar partidario da rainha D. *Leonor*, viuva d'el-rei D. *Fernando*, contra D. João, mestre d'Aviz.

Paulo de Carvalho de Mendonça, monsenhor da sancta igreja patriarchal, por nomina d'el-rei D. José I, foi creado cardeal pelo papa *Clemente XIII*. Porém falleceu, quando vinha no caminho o barrete e o chapeo cardinalicio.

O Abbade Castro.

MODAS.

471 Hoje é que eu na verdade tenho tanto que dizer ás minhas amaveis leitoras, n'este interessante artigo, que se quizesse poderia encher a REVISTA toda com elle. Não era mal empregado: eu não acho demasia em quanto trabalho se tenha, tempo se gaste ou sacrificios se façam, com essas adoraveis pessoas que formam o melhor e mais formoso ornamento do mundo, a quem devemos principalmente a vida, para nol-a tornarem depois bemquista pelos seus affagos, appetecida pelos seus incantos, suave pela sua ternura: não era mal empregado, não. Mas os deveres do nosso jornal não o permittem; essa parte dos conhecimentos-uteis, a mais necessaria de todas no nosso paiz, aquella a que a Redacção sacrifica todos os assumptos, ainda aquelles em que, como este, com mais gôsto se occupára, não me deixa consagrar a este delicioso objecto o tempo e cuidados que elle merece, e se precisa para o tractar dignamente. Valha como desculpa; e vamos direitos ao nosso alvo sem mais preambulos, e seja ao menos levada em conta a minha boa-vontade de dizer mais e melhor dizer.

Hoje o ornamento mais gentil d'uma elegante é o *toucado ao lado*, a que chamam em Paris *petit bord*. Este bonito infeite põe-se mais atraz ou mais ao lado segundo se intende que fica melhor ao parecer. É uma especie de chapeu á pastora, de copa e abas largas, com uma pluma volteando com graça á roda da cabeça, e debaixo das abas um nó de fitas fluctuando em ondas de mistura com os canudos da marrafa.

Ha ainda outros toucados de baile de muita riqueza e gôsto. Distingue-se entre todos o *bonné venisiense* de veludo e rendas, oiro e prata ou perolas. Servem principalmente a quem tem pouco cabello, ou não quer entregar por muitas horas a cabeça aos martyrios d'um cabelleireiro.

As rendas são decididamente o infeite mais da moda. Guarnições de vestidos, folhos, romeiras, mangas, tudo é de renda.

Os corpos dos vestidos continuam a ser de bico, e muito degotados.

Nada ha hoje de mais variedade que as fazendas dos vestidos. Damascos, veludos, brocados, setins avelludados ou froixos, taffetas transparentes, gazes, lacachemira, etc. É um nunca acabar de nomes.

Os passamanes para ornato d'estes vestidos, as franjas de veludo, arminhos, fitas, botões de novo gôsto, galões bordados, flores, diamantes, tudo o que a imaginação póde descobrir d'infeites, é distribuido hoje com profusão pelos vestidos: não ha ver um vestido liso, e a sua roda torna a ser immensa, e são um pouco mais compridos atraz do que adiante.

Usam-se os chapeus de crêpe com plumas, principalmente côr de rosa, algumas vezes infeitados com uma especie de ramo semi-pluma e semi-marabú, guarnecidos de blonde por dentro. Tambem se usam de veludo, e de renda preta.

Da cabeça passarei aos pés. As botinhas de setim branco estão muito em moda, e até ha exemplo de figurarem nos bailes.

Uma senhora elegante deve ser vista e revista, muito bem mirada do bico dos pés até á cabeça, porque tudo nos seduz em seus meneios esbeltos, em seus trajos feiticeiros. Tornemos pois dos pés á cabeça, para dizer que as toucas de renda com laços de fi-

la formam hoje um dos mais bonitos adereços d'um toucador.

Eu não concluirei ainda sem dar parte ás minhas estimaveis leitoras d'um trajo elegante com que uma senhora d'alta distincção se apresentou n'um dos mais brilhantes bailes de Paris. Ésta senhora não dançava; trajava severamente um vestido de corpo á grega, de veludo, com uma pequena cauda. Este vestido do mais gentil effeito ficava perfeitamente ao donaire d'um pisar elegante: não tinha nenhuma especie de mangas, era seguro nos hombros com camafeus, deixando ver em roda do decote a extremidade d'uma linda renda. A saia debaixo de setim branco, apparecia por meio de dois córtes que iam da cintura até baixo, prêsos d'espaço a espaço com camafeus, formando uns como fofos: embaixo e adiante tinha um apanhado seguro tambem com camafeus. Na cabeça levava ésta senhora um toucado tambem á grega, formado de tiras de veludo da mesma côr do vestido, e oiro, rematando atraz n'uma rede que segurava a trança. Todos os remates eram prêsos com camafeus. É impossivel d'explicar, diz um elegante jornal de Modas, quanto este vestuario magnifico dava de magestade á nobre senhora que o trajava!

CORRESPONDENCIA.

472 Sr. *Redactor* — Com tanto acerto se tem mostrado disvelada a redacção da Revista Universal Lisbonense, na organisação nacional, e em tudo quanto directa ou remotamente possa para esse fim contribuir, que não duvido chamar a attenção de V. , para lembrar á 'Academia Real de Sciencias', o tractar d'um objecto exclusivamente da sua competencia, e em que é de esperar se empenhe com a nacionalidade, de que tem dado exuberantes provas. Este objecto digno por certo da maior consideração, e que tem ocupado todas as academias das nações mais illustres da Europa, é um *tractado orthographico* que nos livre d'esta anarchia e repugnante posição em que nos tem posto a falta de uma orthographia, seguindo-se d'aqui o poder-se dizer, que não ha entre nós quem correctamente escreva a sua lingua; o que não admira na presença de tão variadas opiniões, sem haver uma que pela sua procedencia possa tornar as outras menos acertadas ou seguidas: ésta lacuna ja não é desconhecida aos extrangeiros, e mui poderosamente contribue para nosso descredito.

M. A. M.

CORREIO EXTRANGEIRO.

---

473 O rei da Noruega ordenou que quatro constructores de navios, dois mestres de apparelho, e dois empregados superiores dos arsenaes da marinha-real, fossem á custa do govêrno, fazer uma viagem a Inglaterra e á França para estudarem em detalhe a organização dos principaes estabelecimentos de marinha d'esses dois paizes.

Dois mancebos acabam de partir da Noruega para Paris afim de apprenderem a stenographia para depois a ensinarem na sua patria, onde até hoje tem sido inteiramente desconhecida.

Os direitos das mercadorias extrangeiras importadas em França no anno de 1845 montou a 151,795:160 francos!

A população do Mexico é de 6,040,000 habitantes: sendo d'estes 3,400.000 indigenas — 1,282.000 mulatos — 8,000 negros — e 1,350.000 crioulos e hispanhoes.

As conversões em Inglaterra á religião catholica augmentam todos os dias prodigiosamente. Alguns bispos francezes teem ordenado preces pedindo ao ceo que a Inglaterra volte ao gremio da igreja romana.

Na Grand'Opera, em Paris, representou-se a *Lucia* de Donizetti traduzida em francez. Esta opera produziu grande enthusiasmo. A parte d'Edgard executada por Duprez, havia sido escripta n'outro tempo para este celebre tenor.

O passeio do *boi-gordo* de que fallei na Revista n.º 35, fez-se este anno em Paris com grande apparato. O cortejo era composto d'uma grande mascarada a cavallo nos trajos do tempo de Luiz XIII, e XIV. O *boi-gordo* fez dez estações no domingo 22 de fevereiro: á camara, á residencia de differentes ministros d'estado, presidentes das camaras, embaixador d'Austria etc. Na terça-feira seguinte foi ao palacio das Tuillerias. O tempo estava magnifico, e Paris inteiro correu a gozar d'esta festa singular.

Ensaia-se no theatro-francez uma nova comedia de A. Dumas, a *Filha do Regente*, e no segundo theatro-francez (Odèon) o drama, *Pedro de Portugal*, por P. Fouchè.

Nos Estados-Unidos acaba d'organizar-se uma companhia para a *navegação a vapor do Oceano.* Os projectos d'esta companhia são collossaes.

O banco da Nova-York, tem 59 milhões de dollars de notas em circulação, e apenas 15 milhões de capital disponivel! (Extrahido do relatorio do ultimo trimestre de 1845.)

Segundo diz o *Illustrated London News* esperam-se em Londres este verão todas as seguintes notabilidades musicaes: Thalberg, Dohler, Dreyschock, Leopoldo Meyer, Molique Pratti (celebre tocador de violoncello) Berlioz, Staudigl, Prscheb, Vieuxtemps, Sivori, Madame Dorus-Gras, Madame Nau, Madame Thillon, e Mendelssohn.

Em settembro d'este anno hade reunir-se um congresso scientifico em Francfort. A circular de convite é assignada pelo poeta Uhland, o critico Gervinus, o philologo Lachmann, os historiadores Dahlmann e Ranke, os juristas Falk e Mittermaier, e pelos irmãos Grimm.

O Jornal dos debates publica a seguinte carta de Vienna: — Ninguem aqui se lembra de ver um inverno tam sêcco ou fallando mais propriamente não tivémos aqui inverno. A temperatura tem estado geral-

mente em 14 grans. As arvores estão em flor; todos usam fato de verão e os passeios estão tam frequentados como se estivessemos em junho.

As actrizes, principalmente de canto, estão hoje, por moda, ao que parece, occupando os leitos nupciaes da alta aristocracia. Um lord inglez casa com a Paulina Garcia, um duque francez com a Fould, um duque hispanhol com a Roissy. Tudo na mesma semana segundo as últimas noticias de Paris.

CORREIO NACIONAL.

474 No dia 6 entrou paquete d'Inglaterra com folhas de Londres até 27 do passado. Continuava na casa dos communs a discussão das propostas de Peel e ainda se não podia aventar quando terminaria. Os fundos portuguezes ficavam na bolsa a $58\frac{1}{2}$.

A receita do 'Asylo da mendicidade' no mez de fevereiro último foi de 853$141 réis, além de donativos, tomadias e outros objectos em especie, a despeza foi de 1:117$188 réis; mas como havia saldo, mesmo na caixa-filial, ainda n'esta ficaram existindo para o corrente mez, réis, metal 58$137, papel, 151$200. Existem asylados: homens 284, mulheres 225, total 509.

No mez de fevereiro último existiam nos depositos do Terreiro-publico e alojamentos, 8,973 moios de trigo, 850 de cevada, 971 de milho, 203 de centeio. O trigo vendeu-se de 400 a 600 réis o alqueire, a cevada de 260 a 320, o milho de 280 a 320, o centeio de 260 a 320. A sahida do trigo foi superior á entrada.

No mez de fevereiro último foram despachados nas Sette-Casas, para consummo, 2.122 pipas de vinho e 475 d'azeite, 19,988 arrobas de carne de vacca, 34,262 de porco e 551 de vitella e carneiro, e fructas e vegetaes no valor de 18:489$500 réis; para exportação, 2,964 pipas de vinho. Os direitos recebidos sommaram 71:297$645 réis.

O largo de Belem acaba de ser condecorado com o titulo de *Praça de D. Fernando*, por decreto de 2 do corrente, a requerimento da Camara-municipal de Lisboa.

Entre os progressivos melhoramentos da nossa industria contâmos como muito importante a formação de uma *sociedade sericola* na cidade do Porto, que e porventura a mais industrial das nossas terras. Esta sociedade tem por fim promover a cultura das amoreiras, a creação do bicho-da-seda; e a fiação pelo melhor methodo. A direcção é composta dos Srs. F. A. Fernandes, A. P. C. Canavarro Junior, A. de C. Navarro, e L. W. Tinelli, a quem o nosso paiz n'esta especialidade é tam devedor.

As alfandegas de Lisboa, Porto e Sette-casas, renderam no mez de fevereiro último, 382:927$261 réis.

É admiravel o número de navios, francezes principalmente, que teem affluido aos nossos portos n'estes últimos dias para carregar de sal. É sem dúvida resultado das últimas disposições tomadas pelo govêrno francez sôbre este genero, de que ja fallei na REVISTA.

Houve ha dias na rua direita de San'Paulo um roubo que podia ter sido importante. Os ladrões amarraram ao leito o unico individuo que havia em casa, e procuraram á vontade o seu espolio. Estes factos felizmente são raros em Lisboa, e bom será procurar punil-os com toda a diligencia para que se não repitam, como acontece no Porto, cujos jornaes vem todos os dias relatando a frequencia de similhantes casos.

O Sr. Mazoni, celebre rebequista, que o nosso publico sempre ouve com gôsto e applaude com justiça, fará, na noite de 16 do corrente, um beneficio no theatro de San'Carlos. Diz-se que o illustre artista tocará umas variações sôbre motivos da *Anna Bolena*, e o *rêve d'Artot*, composição magnífica onde teremos que admirar todas as difficuldades e bellezas que o Sr. Mazoni sabe extrahir do seu instrumento. Decerto que ninguem de bom-gôsto faltará no theatro n'essa noite.

Os naufragios este inverno teem sido muito além do ordinario. Em toda a costa occidental da Peninsula se teem repetido casos desastrosos d'esta natureza. Infelizmente muitos navios portuguezes teem sido victimas d'este rigor do tempo. Nos mares da America a corveta D. João I tocou n'um baixo, d'onde a custo foi tirada perdendo toda a sua artilheria e vasilhame. A escuna de guerra, Cabo-Verde, que d'aqui foi mandada com soccorros para a ilha da Boa-vista, nunca mais houve d'ella noticia. O hiate San'Bernardo naufragou nas costas de Vianna, e a escuna *Pedro*, que sahíra do Fayal para San'Miguel foi encontrada por um navio inglez, andando ha 55 dias perdida no mar, sem mantimentos, tendo lhe ja morrido cinco passageiros de nove que tinha abordo. A escuna foi soccorrida; mas sendo encontrada ha quasi um mes, ainda se não tornou a saber d'ella.

A companhia de 'fiação e tecidos' lisbonense, paga 8$000 réis por metade do dividendo de cada uma das suas acções em 1845.

A *livraria-polyglotta*, de Silva, praça de D. Pedro n.° 82, acaba de se enriquecer com um grande número de obras em francez, allemão, inglez, italiano e hispanhol, que merecem ser examinadas pelos amadores. Recebeu tambem bom sortimento de musica.

CONHECIMENTOS UTEIS.

MELHORAMENTOS AGRARIOS.

(Plano proposto por Sir Robert Peel.)

475 Os leitores da REVISTA ja sabem que é a agricultura e base principal da reforma commercial e financeira proposta por Peel ao parlamento inglez. A agricultura na Inglaterra, como todos sabem, tem chegado a um estado de perfeição como ainda não alcançou em nenhuma outra parte, em tammanha escalla. Mas os meios que para isso empregam os agricultores inglezes são conhecidos, porque a Inglaterra é um paiz que tem sido profunda e miudamente examinado em todos os pontos e por todos os lados; vulgarizada que seja a noticia d'esses meios os mesmos ou ainda melhores resultados se obterão n'outros paizes. Disse *melhores*, porque em Portugal, por exemplo, cujo torrão ajudado pelo clima é superior ao d'Inglaterra, esses resultados serão melhores empregando-se iguaes meios. Estamos ainda bem distantes, desgraçadamente, da perfeição da agricultura ingleza; e eu conheço que o plano proposto por Peel para o melhoramento agrario das terras do seu paiz, mal nos poderia servir a nós, quando mesmo se quizesse ca applicar, antes de possuirmos outros melhoramentos grarios, ou usar d'outros methodos que a nossa agronomia não comprehende, e estabelecer os aperfeiçoamentos de que a nossa agricultura carece; pareceu-me comtudo, que quando similhante plano não podesse ser adoptado em grande ou pequeno escalla, sería em todo o caso util vulgarizar a noticia d'elle.

O plano de Peel consiste em derramar as irrigações por toda a superficie do paiz, dilatando primeiro por toda a parte o systema de cannaes subterraneos, que tam proveitosos ja teem sido á agricultura ingleza: e pede ao parlamento que este plano seja promovido e animado pelo governo por meio de um auxilio efficaz do thesoiro. O sabio estadista inglez faz mais ainda, calculando este auxilio propõe-no de modo que elle possa solver os onus que gravam muitas propriedades ruraes na Inglaterra e assegurar o credito agricola no paiz. É o que a REVISTA, em seu 1.° n.° do presente volume, desejou ver estabelecido em Portugal, e o que ainda espera ver realizado logo que se concluam os trabalhos que um economista acreditado confecciona a este respeito.

Este systema de cannaes subterraneos, base do plano de Peel, sôbre que se tem dito por parte de boas auctoridades, que sendo posto em prática tornaria escusado, dentro em poucos annos, a importação de cereaes extrangeiros na Gran'Bretanha, não é praticado em parte nenhuma do mundo que eu saiba; apesar de que homens competentes o tenham ide por vezes examinar a Inglaterra, por parte da Allemanha e da França. Este systema subdivide-se em outros dois systemas: o dos cannaes subterraneos, que é o mais perfeito mas tambem o mais custoso; e o dos cannaes á superficie. No primeiro d'estes systemas, as terras são como uma esponja que escorre a agua atmospherica, que lhes sobra, nos cannaes inferiores, que a recebem e a conduzem para onde ella é necessaria; ou para engrossar um ribeiro, ou para supprir um deposito... em fim para tudo em que essa agua possa ser util no presente ou no futuro.

Sería prolixo e porventura ocioso entrar agora nos detalhos da construcção d'estes cannaes subterraneos, qualidade dos materiaes que elles exigem, fórma dos differentes tijollos empregados n'essa construcção e especie particular de taes tijollos.

Estes cannaes teem ordinariamente de tres a cinco pés de altura e um e meio de largo; a sua direcção segue a inclinação do terreno; mas quando este é inteiramente horisontal, da-se-lhes a maior inclinação que em taes casos póde ser alcançada. A distancia d'estes cannaes d'uns aos outros, está dependente da humidade do terreno; quanto menos humido é este maior é essa distancia.

N'algumas propriedades são feitos estes canaes em vastas dimensões: lord Ripon minou com elles uma extensão de obra de duas leguas. Todas as aguas superfluas que elles aproveitam são recolhidas n'um grande deposito, d'onde se extrahem, quando se precisam, por meio d'uma bomba movida por uma machina de vapor que custou 4,200 lib. sterl. Essas terras que d'antes não produziam nada, dão hoje a seu dono uma renda annual de 6,000 lib. sterl.

No systèma dos cannaes á superficie dispõe-se o terreno em fórma de taboleiros, mais ou menos altos; o que tambem se faz, em certos casos, no systema dos cannaes subterraneos, e em ambos os systemas seguem elles sempre ao longo das bordas mais baixas.

Sería necessario uma grande extensão e outras habilitações que eu não possuo, para descrever com exactidão estes dois systemas, e as innumeraveis modificações que elles comportam, segundo as condições locaes e os accidentes do terreno. Os agricultores inglezes tractam primeiro de preparar assim as terras, e depois é que dispoem as irrigações. Mas por este systema de que estou tractando toda a agua que as terras não podem absorver e cuja superabundancia lhès sería nociva, é recolhida e aproveitada para os misteres que a necessitam onde ou quando ella escacea. Peel conhece todas as vantagens que se podem tirar de tal systema, e por essa razão formou o plano de o fazer praticar em toda a Gran'Bretanha, e com este fim propõe que a poderosa e valedora mão do thesoiro se extenda em auxilio das propriedades ruraes, ajudando os esforços dos lavradores menos abastados, e estabelecendo o credito agricula.

Na nossa provincia do Alemtejo, principalmente, sería muito util a adopção do plano de Peel. O Alemtejo é, porventura de todas as nossas provincias a que mais necessita de grandes providencias agrarias, e é tambem talvez a mais capaz de recompensar largamente todos os sacrificios que a este respeito com ella se fizessem. Heide tractar mais particularmente dos melhoramentos agricolas especiaes d'esta provincia. Ha tempos que pára n'esta Redacção uma extensa carta que sôbre isto escreveu á REVISTA o sr. José Martins Ferreira, que decerto dá ponderoso testemunho dos seus vastos conhecimentos práticos. Esta valiosa communicação do sr. Ferreira será a base do que eu sôbre tal assumpto escrever. Assim os benemeritos lavradores das outras provincias quizessem fazer similhantes communicações, que sempre aproveitam, porque ainda que d'ellas se não vejam os effeitos immediatos, á força

das coisas boas se dizerem e se repetirem, acabam por calar na convicção publica, e mais cedo ou mais tarde apparece o resultado d'ellas, ainda que quasi sempre attribuido a outras causas; mas este é dos casos em que *faça-se o milagre seja elle embora obra de quem quer que fôr.* A Redacção da REVISTA não póde supprir com a sua muita boa vontade n'este ponto de melhoramentos agriculas, a falta de conhecimentos especiaes das localidades e outras circumstancias peculiares que modificam os principios absolutos da sciencia. N'um paiz como este nosso, em que se não encontra o espirito de observação, nem ha siquer um dado estatistico sôbre que se estabeleça uma deducção de principios, é tão difficil de escrever, como de obrar. Assim tudo o que se fizer é á toa: quem escrever gastará muitas vezes o seu tempo inutilmente, ou aventurará absurdos; quem quizer obrar, arrisca carreira de cego que raro será direita, e que alguma vez o póde despenhar. Eu, pobre escriptor, não tenho para que me queixar d'isto na applicação d'um systema agrario, ou que sei eu, quando vejo que em coisas da mais grave monta o proprio parlamento labora nas mesmas difficuldades!

CANAES NOS ISTHMOS DE PANAMÁ, E DE SUEZ.

476 Appareceram, ha poucos dias, nos papeis publicos as observações do ingenheiro Garella e suas propostas para um canal atravez do Isthmo de Panamá, descrevendo-se miudamente a sua melhor direcção, etc. Uma das feições na verdade giganteseas d'este plano, é um *tunel* (*), que teria de fazer-se, por onde o dito canal haveria de passar, e de taes dimensões, em altura e largura, que désse logar ao transito dos maiores navios, com seus mastros grandes, etc., e devendo ser do comprimento de tres milhas, ou de uma legua portugueza, pouco mais ou menos.

Hoje, 30 de janeiro, le-se no *Morning-Chronicle* o seguinte sôbre outro projecto de canal atravez do Isthmo de Suez:

« Segundo o *Lloyde Austriaco*, foi proposto por homens de grande importancia commercial em França e Inglaterra, a seus respectivos govêrnos, o plano d'um canal atravez do Isthmo de Suez, propondo-se tambem aos governos d'Austria, da Russia e da Prussia, que ja prometteram tomar parte n'elle em commum. Diz-se que a Austria emprehendêra a tarefa de agente mediador na materia, e que em tal caso o vice-rei do Egypto déra ja o seu consentimento á empresa. É facil de intender quão immensas vantagens resultariam do estabelecimento d'este canal, não so para os portos de Trieste e de Veneza, mas em geral para o transporte de fazendas pelas ferro-vias da monarchia austriaca; vantagens em que aproveitaria o todo da Allemanha meridional, e particularmente Augsburgo e Francfort. Diz-se, que na primavera tres eminentes ingenheiros hydraulicos de França, de Inglaterra, e Austria se reunirão em Paris para concertar sobre este plano, e arranjal-o junctamente. »

(*) Como não sei termo portuguez que exprima exactamente ou dê nome a éstas passagens subterraneas de caminhos ou canaes, atravessando por baixo de montanhas, e até de rios, que tanto se tem vulgarisado com a construcção de ferro-vias multiplicadas, adopto a palavra ingleza, que accentuada na primeira syllaba, nem com a pronunciação do portuguez *tonel* se confunde.

Qualquer das duas grandes empresas que deixo mencionadas, sem destruirem a gloria do nosso Gama ou do nosso Magalhães, em descubrirem as passagens famosas para a India que ensinaram á Europa, tiraria a éstas grande porção do trafico e da importancia que ainda gozam. Para Veneza sería em parte uma restauração das vantagens e proveitos de que nós a privámos tirando-lhe, ao despedir do decimo-quinto seculo, o monopolio que desfructava do commercio em productos das Indias Orientaes. Ou por meio de canal ou de ferro-vias, não tenho duvida alguma que antes de muitos annos se aproximarão consideravelmente ainda de nós essas longiquas e riccas regiões orientaes, que tanto, em todos os tempos, hão excitado a cubiça do occidente, e sua emprehendedora actividade.

Que a Inglaterra promova esse plano, especialmente em relação ao Isthmo de Suez, é da sua parte uma prova de desinteresse maior do que eu d'ella esperaria: por quanto, tudo o que contribua para tornar a terra independente do mar, é passo para a diminuição da politica influencia e poder britanico no mundo. Verdade séja, que Aden, Malta, Gibraltar, e mesmo as ilhas Jonias, ainda lhe ficarão segurando a maior parte do caminho por onde as riquezas do Oriente virão espalhar-se entre nós; mas, decerto, a extensão toda da estrada não fica tanto ás suas ordens como estava em quanto o caminho d'agua por nós ensinado era o principal seguido.

Nós, o pequeno Portugal — e mais que pequeno, *exiguo*, qual o fizeram nossas tolas revoluções — não deviamos perder de vista ésta tendencia na corrente do commercio oriental a volver aos antigos canaes do Nilo e do Mediterraneo; afim de, em nossa vocação de almocreves ou recoveiros do mar, para que a nossa posição geographica, e proporções naturaes, tanto nos qualificam, tirarmos o proveito possivel no transporte e conducção de parte dos thesoiros commerciaes a que d'ora em diante, Alexandria deverá, mais anno menos anno, ser emborcadoiro e depósito.

Se o canal de Panamá se chegasse a fazer, tambem não deviamos perder de vista, que por esse caminho, não menos que pelo do Cabo da Boa-Esperança, estamos mais perto do Japão, da China, e da India, que outra qualquer nação da Europa.

Londres, 30 de janeiro de 1846.

A. R. Saraiva.

INGENHOSA COMBINAÇÃO COMMERCIAL.

477 Hade abrir-se em Paris, no proximo mez d'abril, um grande estabelecimento de venda de fazendas, modas etc. que la se chamam *magasins de nouveautés*, e aqui em Lisboa, aproximadamente, *casas de negocio*, o qual pelo ingenhoso methodo da sua organização merece ser conhecido e por ventura imitado. É uma nova combinação entre os interesses da industria e commercio e os do consummo, posta em pratica pelo meio d'associação — meio á que hoje se deve a regeneração do mundo a todos os respeitos, e o unico capaz de lhe procurar a felicidade de que elle ainda não goza como necessita e demanda.

Todos sabem que ha em Paris casas de venda d'uma vastidão immensa e admiravel. Esta grande centra-

zação, a organização do seu pessoal, a mesma extensão da localidade, são poderosos meios de realizar economias, e por consequencia de chamar compradores pela modicidade dos preços; porque é bem sabido que um ganho por muito diminuto que seja em cada coisa, multiplicado por um grande complexo de vendas, produz consideraveis lucros. Mas nada do que até aqui havia em Paris, d'este genero, se póde comparar com o recente estabelecimento a que se póz o nome de *villes de France*. É um vastissimo armazem de fazendas que reune as especielidades de dez armazens differentes, e que póde conter muito acima de duas mil pessoas.

Muito se tem dito das docas de Londres, gigantesco depósito das producções do mundo inteiro; muito se tem escripto sôbre o principio d'associação em Inglaterra, que n'aquelle paiz por todos os modos se promove e ajuda; mas em quanto a mim o pensamento da creação d'este novo estabelecimento em França é superior a tudo o que eu sei do que possa parecer similhante em Inglaterra. O complexo das riquezas particulares constitue a riqueza nacional. A Inglaterra é um paiz riquissimo por que é muita a riqueza particular que os capitaes associados teem grangeado a seus negociantes e proprietarios. Tudo o que n'aquella formidavel nação ha de grandioso e nacional, desde os vastos territorios que diariamente adquire nas Indias orientaes até uma fábrica d'alfinetes, é devido aos capitaes associados. A França lucta em briosa porfia para igualar, ou exceder algum dia se podér, exemplo tam efficaz e estimulante.

Não é o meu fim porém tractar agora do espirito d'associação, alias o pensamento da Prussia na liga das alfandegas dos paizes commarçãos, teria aqui o primeiro logar: o meu unico fim é fazer *conhecido* um novo estabelecimento commercial, creado por esta idea fecunda d'associação, ingenhosamente desinvolvida. Digo unicamente fazer *conhecido*; porque no nosso paiz, ao menos por emquanto, não se póde aspirar a mais. Tem-se desinvolvido é verdade entre nós ha tempos para ça, o espirito d'associação de capitaes; mas acanhado e esteril, ou mal dirigido. Nenhuma companhia felizmente tem quebrado, até hoje; mas que nos digam qual é d'ellas a que até agora tenha contribuido poderosamente para a prosperidade pública? Ahi está uma — a das lezirias, bem digna de provocar a este respeito sérias reflexões... Fallarei porém hoje *des villes de France*.

O capital social é de 7,500:000 francos, dividido em 15.000 acções de 500 francos cada uma. A garantia d'este fundo é principalmente, além do edificio, o terreno em que este é edificado, entre duas das principaes ruas de Paris, sôbre uma superficie de 3,000 metros. Os objectos de venda completam o resto da garantia. Na organização d'este estabelecimento não ha só a commodidade do comprador achar reunidos n'um mesmo local todos os productos das differentes fabricas, e de todas as qualidades e preços, nem tambem só a economia de tirar mais baratos os diversos objectos alli accumulados do que nas lojas especiaes de cada um d'elles; mas ha sôbre tudo o grande pensamento d'interessar os accionistas, suas familias e dependentes, no consummo d'este estabelecimento, de maneira que serão os proprios consummidores: os mais interessados no consummo — os proprios accionistas os melhores freguezes, que por assim dizer compram a si mesmos e que tanto mais dispendem nas compras quanto mais ganham nos lucros do seu capital: e assim uma parte do dinheiro que dispendem lhes reverte depois. Por meio d'esta combinação ingenhosa o estabelecimento tem segura uma boa freguezia, e os accionistas obteem os objectos mais baratos por duas causas, pela vastidão do estabelecimento e pelos lucros que lhes provém do grande consummo, que são effectivamente uma deducção do capital dispendido nas compras, e consequentemente uma diminuição, para elles, do preço d'ellas.

Eu creio muito possivel a applicação d'uma combinação similhante a muitos outros ramos da industria e commercio; mas não cançarei hoje mais os leitores a este respeito. Que haja ao menos conhecimento d'estas combinações da industria e commercio, que póde haver coisa em que alguem as aproveite ou aperfeiçoe.

COMPANHIA PROVIDENCIA.

Escriptorio rua do Alecrim n.° 10.

478 Pede-se á Revista a seguinte publicação:

Acabando de aprompter-se na imprensa a apolice da companhia, a direcção se acha presentemente habilitada a tomar todos os seguros comprehendidos nas taboas do seu prospecto.

Sendo os contractos de seguros sobre a vida muito pouco conhecidos neste paiz, a direcção entende que é do seu dever (e para isso aproveita esta occasião) expôr as vantagens que offerecem estabelecimentos taes como este, e que precisam sómente de ser mais divulgadas para todo o mundo se querer aproveitar dellas.

Pelo decurso do tempo, iremos opportunamente exemplificando alguns dos casos em que decididamente não póde deixar de vir a estabelecer-se uma grande concorrencia de transacções com a companhia, sabidos que sejam os interesses que ella póde facultar aos concorrentes. Ninguem com mais especialidade porém, desde já o podemos demonstrar, póde tirar tanto partido deste estabelecimento, como são todas as classes operarias.

Crearam-se modernamente as caixas economicas cuja utilidade é digna de todos os elogios, pelas suas tendencias economicas, e pelos effeitos que teem de produzir a favor dos bons costumes no povo. A companhia Providencia porém, apezar de todas as bellas esperanças que ellas promettem com o tempo de vir a realizar, ainda lhes é superior na somma dos beneficios, que está no caso de facilitar ás pessoas que a ella vierem segurar as suas vidas.

Um operario que vence o jornal de 240 rs. por dia abatendo d'ahi, para Domingos e Dias Santos, 64 dias, doenças, 7 dias, falta de trabalho, 36 dias, ou 10 por cento, vem a ganhar para todo o anno 61$920 rs., os quaes divididos por 365 dias dão 170 rs. para cada um delles; tirando destes para sustento 120 rs., habitação 12 rs., luz 10 rs., e vestuario 20 rs., podem-lhe ficar de sobra no fim do anno 2$920 rs., mas queremos mesmo que fiquem 4$800 rs.

Se se pozerem estes rs. 4$800 por cada anno em uma caixa economica, a juros compostos de 5 por cento, são precisos nada menos de 14 para 15 annos, para se chegarem a ajuntar 100$000 rs.

Nestes 14 ou 15 annos, tomando-se a idade de 30

annos até aos 45, corre-se o risco de se morrer, como de 27 para 73, ou em 100 pessoas morrerem 27: e, tomando-se a idade de 40 annos aos 55, corre-se o risco de não viverem mais de metade, no fim dos 55 annos, do que viviam aos 40 annos.

É visivel pois por estes calculos que são certos e teem sido experimentados nas nações que, ha mais de um seculo, seguem com as suas averiguações sobre a duração das vidas na especie humana, que o pobre pai de familia, que não podér deixar outro patrimonio a seus filhos e viuva senão as economias da sua feria diaria que tiver podido forrar, durante um longo espaço de annos, se expõe ao perigo imminente de lhes não deixar nada, no momento em que mais carecem de auxilios, por isso que perderam o seu chefe.

Uma tal catastrofe, de que ninguem se póde considerar livre, está a companhia Providencia habilitada a precaver, porque do instante que é assignada a apolice, se o segurado tem a desventura de fallecer, o titulo que ficou á familia desamparada desde logo lhe suppre o peculio que levaria uma longa vida aó defuncto primeiro que podesse ajunctar a sua importancia.

E não se cuide que são precisos sacrificios extraordinarios, para alcançar tamanha felicidade. O capital de réis 100$000, querendo qualquer pessoa dedicar o premio annual por toda a vida, de 2$780 rs. dos trinta annos por diante, e de 3$450 rs. principiando a pagar aos 40 annos, póde alcançar este supremo bem relativo para os herdeiros do defuncto, que de outra sorte ficariam sem nada perdendo o braço a cujo trabalho deviam até alli a sua parca subsistencia. A caixa economica não póde por certo fazer outro tanto, porque para poder fornecer á viuva e orfãos do segurado a quantia de 100$000 réis, ella exigiria em vida deste 4$800 por anno, e isto durante 14 a 15 annos como já se disse.

Nenhuma instituição humana póde sanar radicalmente os malles que acompanham e affligem irremediave mente as condições da nossa fragil existencia, mas aquella mitigação pecuniaria que é possivel achar-se, para suavizar as suas angustias, encontra-se no contracto vitalicio. Elle não so serve para a última hora desprevenida que nenhum refrigerio admitte, mas ainda em uma precisão temporaria, em que não hajam outros valores realizaveis de promptu, mais disponiveis, offerece ao segurado, e sempre, o recurso de chegar á companhia e obter, a juro da lei, o emprestimo de dois terços dos premios que tiver pago, sem que a apolice por esse motivo cesse de vigorar, continuando o segurado a pagar os premios nos seus devidos prasos, nos quaes ainda havendo um lapso, com tanto que não exceda os limites marcados no verso da apolice, póde haver composição mediante uma pequena commissão.

O segurado póde emfim, sendo a contribuição toda de 2$780 rs. ou 3$450 em relação aos seus teres, demasiada para uma so vez, aliviar o seu peso, pagando o premio do seguro por metade cada semestre, ou uma quarta parte cada trimestre, ou mensalmente, conforme se acha na taboa a pag. 29 do prospecto da companhia.

Não podendo o segurado por qualquer contingencia, ou infortunio assim mesmo continuar a pagar os premios depois de accommodados a éstas últimas reducções, a companhia que não quer locupletar-se com a desgraça, mas sim grangear somente lucros honestos e moraes, comprará pelo seu justo valor a apolice ao segurado, regulando o preço della pelos premios que sôbre ella tiverem sido pagos e os riscos corridos e a correr sôbre a vida do segurado, para negociar, querendo essa mesma apolice a qualquer especulador que a quizesse depois comprar á companhia.

PARTE LITTERARIA.

DA POESIA POPULAR EM PORTUGAL.

II.

Origens da poesia popular das nações modernas — Os trovadores de Provença, os trouveres de França e os Minnesingens de Allemanha. — Predomina em Portugal a eschola de Provença.

479 Para entrar com alguma ordem, e com algum nexo, ainda que seja apenas hypothetico, no ajunctar e examinar dos documentos que hão de illustrar a questão da litteratura peninsular, vejamos e resummamos antes como, da litteratura da civilizasão velha, se fez na chamada meia-edade, a transição para a nova e imperfeita, mas muito mais original, muito mais creadora litteratura da sociedade christan, d'esta civilização que é tam outra e tam distincta d'aquella, e, por forçosa necessidade, tam diversamente tem de formular-se em sua mais natural expressão, a poesia.

Roma e Grecia tinham cahido na segunda meninice; os barbaros do norte entravam em vigorosa juventude de intendimento. Chamou-se a este periodo, tam notavel e interessante na historia do espirito humano, a Edade-media. Mas não foi elle, como ha tres seculos se escrevia, uma epocha de trevas em que toda a arte e sciencia pereceram, foi uma crise de transformação e regeneração em que os elementos da sociedade, purificados no fogo de um grande incendio, começaram a tender para ordem nova, para uma organisação que era extranha a todas as ideas e concepções antigas.

Observa um elegante escriptor contemporaneo que naturalmente são objecto de nossa curiosidade e nos excitam vivo interêsse os costumes, os sentimentos, a litteratura d'aquella epocha singular em que, passo a passo, vemos o progresso do intendimento humano caminhando para a civilização christan, essa que depois havia de confundir-se com as reminiscencias da antiga, desvairar-se em seu caminho, retrogradar, perder-se tantas vezes na senda, chegar a ser desconhecida e desconhecer-se ella a si mesma.

Abstractamente consideradas as maneiras e as instituições d'aquella edade pouco ha n'ellas de louvar muito que reprovar: e todavia as que mais pareciam deformidades na infancia d'esses povos, vieram a produzir resultados tam beneficos, a amadurecer em fructos de tanta bençam, que hoje nos deleita e interessa contemplar e examinar essas mesmas aberrações.

Saudavel e reanimadora foi a influencia das tribus gothicas na politica e na litteratura da Europa. A antiga luz da civilização velha ardia ainda na caliginosa athmosphera de Constantinopla; e a ascendencia que, de tempos a tempos, readquiria na Europa o crapuloso imperio do oriente, por vezes fez sumir a luz nova e verdadeira que, sob o reinado de Theodorico se tinha accendido na Italia, que depois resurgindo de novo nas remotas regiões do norte; d'esses claustros da Islandia onde jazera latente, e se veiu propagando até nós. Um soberano Teutonico, Carlos-Magno, suscitou o genio nacional que deu existencia, fórma e cultura á lingua vernacula no meio da Europa para substituir a corrupta algaravia das fezes latinas em que mal se póde dizer que fallava, senão que gagnejava, a nossa decrepitude. Um rei Saxonio, Alfredo, formulou, com os primeiros elementos da lingua, a primeira civilização ingleza. Os nossos reis Godos criaram nas Hespanhas éstas linguas e estas litteraturas, — hoje reduzidas a duas irmãns gemeas — tam characterisadas e originaes ainda, apezar dos longos e teimosos esforços de uma reacção de cinco seculos que por todos os modos as quiz desnaturalizar, fazer renegar sua nobre e legitima ascendencia para somente as reconhecer bastardas e adulterinas da corrupção romana, quando ellas são legitimas filhas havidas em um matrimonio, sim forçado pela conquista, mas util e vantajoso aos contrahentes e á progenie que d'elles veio.

Durante todo o undecimo, duodecimo e decimo terceiro seculo os elementos da civilização da Europa estiveram fermentando, separando-se e moldando-se para receber nova fórma. Os principios eram ainda crus e indigestos, mas os sentimentos fortes e vivazes. O fervor do zêlo religioso transviava a miudo o espirito e inflammava as paixões: mas essa religião era tambem o symbolo, e era o meio, o instrumento mesmo da civilização; era o anjo Custodio que velava nos sanctuarios da sciencia que os protegia contra o podêr ignorante e desenfreado.

Offendem o senso commum aquelles sonhos da cavallaria andante; mas onde não havia mais lei que a fôrça, n'ella so podiam os desvalidos achar protecção, so ella podia conter os que outra lei não conheciam. D'essa instituição phantastica derivou todavia, modificado pelo tempo, este principio de cortezia, de honra e de civilidade que é a base e o fundamento da sociedade moderna.

Aquelles rendimentos d'adoração para com o bello-sexo, a solemnidade com que se lhe prestava todo o intendimento e vontade faz-nos hoje surrir desdenhosamente; mas d'ahi nasceu a importante revolução social que veiu a fixar na firme base de religiosa justiça os destinos d'ametade da raça humana. Hoje, certo, nos parece ridiculo ver derepente transformar a mulher de escrava abjecta em divindade sublime, poderosa para salvar, omnipotente para destruir... E ainda assim as cadêas voluntarias com que d'este modo se prendiam reis, imperadores, e guerreiros não os traziam em desagradavel captiveiro: sentiram-se amansar e humanizar; nem elles sabiam porquê nem como, appreenderam a respeitar-se uns aos outros e gradualmente vieram a acabar por se respeitar a si proprios. Então começou a ter valor e importancia a opinião pública; até as 'côrtes d'amor' concorreram para este grande fim, ajudando a curvar a prepotencia dos grandes e a submetter a anarchia dos poderosos aos regulamentos da disciplina social. Quando a poesia tinha tammanha influencia, que poderoso instrumento de civilisação não devia de ser o energico escriptor de *Sirventes* que honesta e despejadamente seguia sem medo as lições e o exemplo do famoso trovador Pons Barba:

Sirventes no es leials,
S'om no i ausa dir l'os mals
Dels menors e dels communals,
E maiorment dels maiorals.

A Sirvente não é leal
Se homem não ousa expor o mal
Dos menores, do communal,
E maiormente do maioral.

Vê-se quanto era o podêr de tal influencia pelo modo com que a animavam os politicos imperadores de Allemanha oppondo-a de barreira á superstição ignorante, e ás pretenções da curia romana. E a fôrça com que ella operava póde avaliar-se pela resistencia de opinião pública que tantas vezes excitou.

Todos os elementos da sociedade, unidos assim por sympathias communs, tendiam simultaneamente á apperfeiçoar-se, temperando-se uns

aos outros pela propria acção e reacção de suas fôrças. Principes, senhores e povo rivalizavam no campo das contendas poeticas; as desigualdades de condição eram mitigadas pela valia que se dava ao talento onde quer que elle apparecia. Então o Oriente patenteou as suas maravilhas, o mundo foi incantado e a historia se fez romance. Foi a primavera do espirito, a estação da florescencia d'alma, do desabroxar do intendimento. O coração do homem era mais arrojado, o seu braço mais firme do que nos dias de prosaica realidade. O espirito da aventurosa cavallaria abrandou-se em heroica gentileza e amoroso gallanteio. A belleza da mulher foi estimada como thesouro, exaltada como triumpho, adorada como divindade. Chegou a hora propria de despontar a flor mais bella de toda a grinalda, a rosa que as corôa e domina a todas, aquelle espirito de poesia que desenferrujou e puliu o barbarismo accumulado das edades, que suscitou o espirito de emulação, que preparou o caminho das melhores cousas, Está aberto emfim o manancial dos sentimentos generosos e elevados d'onde hade correr a civilização pelo mundo.

A cavallaria e a poesia d'esses tempos foram pois inseparavelmente ligadas: são fructos d'uma grande revolução moral, nasceram junctas, mutuamente se explicam e definem; os mesmos senões as mareiam, qualidades eguaes as illustram.

A. G.

ROMANCES.

OS QUATRO IRMÃOS.

III.

Não possa mais a paixão
Que o que deveis fazer!
Mettei n'isso bem a mão
Que é de fraco coração
Sem *porquê* matar mulher.

(*G. de Resende, Trov. a D. Ign. de Cast.*)

POIS JA!

480 Grandes alegrias vão em casa de Brites do Couto!

E a boa da viuva devia estar bem contente, devia. Pois podéra não!.. ver alli reunida quasi toda a sua gente. Antonio, que, havia tantos mezes, que estava la pela cidade, e que aproveitára tres dias de sueto, que tivera, para lhe vir dar aquelle gosto que não esperava... a Sr.ª Maria, cuja visita estimava tanto e tanto, que não sabia que mais lhe fizesse de agrados e de mimos... João, que parecia differente do que de antes fôra, achegar-se para ellas, a olhar direito... e até — coisa admiravel! — a dar a sua falla tambem, de quando em quando!.. Ai, que se não fossem as maleitas de Manuel... pobre moço!.. e se não fosse a ausencia de Pedro que tardava... tardava... que andaria... quem sabe? perdido, mal-incaminhado talvez... Eram essas negras lembranças, que vinham istorvar o prazer, que a sancta velha sentia, atravessavam-lh'o, de contínuo, pela alma, como estas nuvens, que, ás vezes, passam ao meio-dia, por diante do sol, e lhe intristecem a luz e o brilho.

É que são por este modo todos os gozos do mundo.

Infeliz mulher!

Mas ainda assim... conversou... riu, e espalhou bastante as suas penas n'essa noite. O peior é que se iam fazendo horas de repoisar; era tarde, e como tudo ja estava ceado e farto... ás mil maravilhas... Não havia remedio; ficaram as conversas para de manhãzinha bem cedo... rezaram, abraçaram-se e saudaram-se... e cada qual cuidou de se ir recolher.

Brites e a Sr.ª Maria la foram ja para a sua alcova... e que bonita alcova não era! com a sua cortina branca na porta... com as paredes todas pintadas de ramagens vermelhas e amarellas, e guarnecidas de registos de sanctos — alguns illuminados, que era uma suspensão vel'os, — e com as molduras do tecto infeitadas com fructas tam lindas e cheirosas, que davam consolo a uma pessoa que alli estivesse dentro.

O aposento dos quatro rapazes é que era maior e menos aceiado. Tinha uma arca de pinho, em que se arrecadava o centeio; tinha um contador de pau-sancto, e torneado com bem primor! tinha uma banca de carvalho com o seu oratorio ja defumado com o Senhor pregado na cruz, á Virgem, nossa Senhora, e o bem-aventurado evangelista, da banda, e uma caldeirinha d'agua-benta mercada nas loiceiras da villa; e tinha dois leitos com muitos feitios e bilros na cabeceira: um em que dormia, antigamente, Pedro com Antonio, e outro que tocára a João e Manuel.. quando estava de saude: tinha tudo isto, é verdade; mas nem pintado, nem caiado era siquer, nem agasalhado para o inverno...

Inda valia ser agora de verão.

E fazia um calor!..

Antonio, — porque João mal que chegou deitou-se e ficou como... pedra em poço; — Antonio, que andava affeito a accommodar-se tarde, quiz tomar a fresca, e foi-se até á janella.

E que noite! que formosa noite!

A lua parecia uma alampada de prata burnida a pender do azul dos ceos, tam azul, tam puro,

como a propria saphira. Corria uma viração que regalava... e trazia uns aromas tam suaves das malvarosas e das violetas do prado!... a folhagem copada das arvores ondeava, ondeava a tremer, como as aguas do mar em calmaria; e d'entre a fechada espessura cantava docemente um rouxinol suas namoradas queixas, poisado á beira d'um regato, que fugia por entre a relva e os ruivos seixinhos, em fios de cristal fino... e em espumas de claro aljofar.

Oh! que noite!

Quem teria um peito duro de pedra ou de ferro, que não sentisse... nem eu sei, nem eu me atrevo dizer bem o quê?

Antonio ficou-se a olhar pensativo... e quedo. Eram aquelles os campos, em que folgou, em pequeno; o ribeiro que lhe matava a séde; as sombras, a que se acoitava, as flores que o enfeitiçavam... Ao longe... via a egreja de San'Martinho, onde resava e pedia a Deus por seu pae... agora sepultado, e por sua mãe... velha e acabadinha ja!.. via a egreja com a sua torre alvacenta, a representar-se-lhe uma d'essas coisas ruins, de que ouvira contar ás thias da vizinhança!.. e tudo em tão profunda mudez, que somente se escutava a cantiga do rouxinol e o suspirar mansinho da aragem!..

O mancebo, coitado! começou-se-lhe o coração a apertar, a cobrir-se-lhe d'uma tristeza... que era doce e amargosa ao mesmo tempo, e desejava... não sabia o que desejava.

Vieram-lhe saudades; porém de quê? da vida innocente, que por alli lhe fugira em sonhos, ou foi de alguma dama — que a mulher acode sempre á lembrança então — de alguma dama de quem andava captivo?

Ai Braga, Braga!.. que era para lá que as ideas lhe corriam todas em tropel.

Não póde mais o estudante — a poesia d'uma noite assim é uma espada que vara o peito a quem está melancholico... — não póde mais... ergueu-se; prometteu a si proprio que voltava no outro dia para a cidade; encostou a janella, apagou a luz que ardia na candêa e caminhava para o leito... mas vel-o que estaca, derepente, e que se põe a ouvir uma voz rija e afinada que vinha cantando ao direito da horta:

> Deixa-m'ir por qui abaixo
> Com a minha capa cahida...
> Vou-me ver a minha amada
> S'é ja morta, ou s'inda é viva:
> Trai la ri lo lá.

Antonio alegrou-se todo:

— É Pedro, — disse elle — é Pedro que vem por ahi d'algum serão, decerto.

A voz continuou, e ja rente ás casas:

> Tu'amada, meu Senhor,
> É morta, que eu bem na vi:
> Os signaes que ella levava
> Eu t'os digo...

E ficou n'estas palavras a copla; porque o moço, que a intoava — um mocetão alto e forte — teve de se calar para subir ao balcão, subiu, empurrou a janella e saltou em pêso ao sobrado.

Era Pedro: o mais guapo e bem posto dos filhos de Brites do Coûto; um corpo airoso e desimpenado; um rosto moreno — rosto d'homem — com barbas e cabellos pretos... era um rapaz, como uma prata... e valente, valente d'uma vez!

Trazia a viola prêsa e sobraçada, e nas mãos o seu cajado de cerquinho.

Antonio correu para elle com os braços abertos:

— Meu irmão!

Pedro recuou meio-espantado: affirmou-se... que mal se podia ver no aposento — os parreirais, que toldavam a janella, impediam a claridade do luar; so entrava uma restiazinha — mal se differençavam os vultos, e para quem chegava de fóra... Pedro reparou... pela falla é que lhe deram ares... até que emfim... conheceram-se.

— Antonio! pois tu!...

— Sou eu, sou.

— Tu por cá, moço!...

— É verdade.

— Ora vejam. Com que então vieste... pois inda bem, Antonio, inda bem; e ha que tempos vai que...

— Vai, vai: deixa-me ver... dous e dous quatro e um... espera:..

— Ha passante de sette mezes ou mais, cuido eu.

— E tens razão: ha sette mezes e uns tantos dias. Advinhaste.. ou trazias o tempo certo e contado.

— E se o eu não havia de trazer! eu, que sou... que não quero que ningem tenha mais lei á sua gente... e sabes? isso de disputas acabou para sempre.

— Não era bonito, não.

— Isso acabou. Ora o nosso Antonio!... — e chegou-se com elle por a mão para diante, que dava alli mais a luz — ora o nosso estudante!...

— Pois é verdade: aqui me tens.

— E então... dize-me ca: pela cidade... aos domingos e ás noites é divertir qu'o farte?..

— Vamos indo... faz-se o que póde ser... é conforme.

— Que inveja t'eu tenho, Antonio! se me apanhára lá; mas que fôra por uma semana... verias, tu verias. E de moças, que tal?

— Ai, Pedro, nem me falles n'ellas.

— Boas, das legitimas... não?

— Das mais gentis e pintadas, como tu nunca viste, nem sonhaste... Pois uma certa, que eu ca sei... essa...

— Ah! Antonio, Antonio! que inveja me fazes! E olha tu: aqui por San'Martinho não ha coisa que valha... nem...

— Que mais quer você?

— Que mais quero...

— Sim, sim; pois a nossa hospeda...

— Qual?... o que?...

— É verdade: tu inda não sabes nada.

— Qual?.. quem?... dize, Antonio, avia-te.

— Não sabes; é que temos de portas a dentro...

— Avia-te... dize...

— Aquella nossa contra-parenta... a sobrinha do padre cura.

— Maria?

— Sem pôr, nem tirar.

— Eu me benzo com a mão toda! A Sr.ª Maria da egreja...

— A Sr.ª Maria tal e qual.

— Tu mentes-me...

— *Ne joco quidem mentiretur.*

— O quê?

— É latim: quer dizer que nem a folgar se deve mentir.

— E Jesus! eu estou varado que mais não póde ser. A Sr. Maria!..

E como ficaram ambos calados... ouvia-se agora claramente a respiração funda e desinquieta de João... seria sonho? dormir penso que dormia; que tinha os olhos pregados. Foi sonho, foi; que não deu mais rumor de si, depois.

Pedro é que estava ainda assombrado com tamanha nova:

— Sempre é grande maravilha o que tu me contas, homem! mas deixa que... uma vez que nós a temos segura... tam certo desincantasse eu o thesoiro d'aquella moira da serra, como a Sr.ª Maria hade ser minha namorada.

— Isso verêmos, — respondeu Antonio.

— Veremos?!

— Veremos... que inda o tem de dizer mais alguem.

— E quem se atreverá?

— Eu.

— Tu, Antonio! tu!..

— Eu; e desde ja te protesto e juro que não cedo da minha vêz. Estava ca primeiro: e Maria ha-de ser minha, ou... ou mal por mim.

Antonio, ergueu-se-lhe n'alma todo o seu orgulho, cegou-se de raiva; e adeus, promessas de amizade, e adeus, memorias de Braga, que tudo lhe esqueceu alli ja.

João tinha os olhos abertos; mas não tugia, nem rugia, siquer.

Pedro suffocava, armou-se-lhe na garganta um no, as faces eram de lume, e tremia e rompeu a dizer;

— Antonio... não queiras pegar comigo... não queiras que...

— Pedro! não venhas tu como useiro e vezeiro a metter-te ca nos meus amores...

— Não venhas tu bolir comigo tambem... vai-te sumir, demonio... vai-te!.. Olha que sempre as pagaste bem pagas...

— Por isso mesmo.

— Ah! tu porfias?..

E Pedro alevantou para elle o punho cerrado.

— Porfio, sim; e um de nós hade ficar hoje aqui sem...

— Inda t'o digo mais esta vêz: toma conta...

— Toma-a tu da tu'alma que não va inda hoje de mergulho aos infernos...

— Agora vai?..

— E saia, se é capaz...

Antonio recuou duas passadas.

Pedro incruzou os braços e respondeu-lhe por modo de zombaria:

— Guar'-te, lage que te parto!.. Tem-te, Portugal, arreda, Castella!..

O estudante ia a atirar-se-lhe com as unhas ao pescoço; ia começar uma briga como as do costume, porem mais incarniçada e perigosa, de certo, quando a porta se abriu de par em par — e Manuel, — amarello, como uma cidra; a tremer, como varas verdes; com um lençol pelos hombros; descalço, e com uma luz na mão, lhes gritou com um tom de voz desfalecido e anciado:

— Pois ja!

Os dous ficaram estatelados e mudos.

— Pois ja, meus irmãos — continuava a pobre infermo — inda agora vos encontrais e logo heisde começar em desavenças!.. Meus irmãos! pelas chagas de Christo... por alma de nosso pai... não acordeis a desconsolada velha, que dorme ahi dentro... deixai-lhe aquelle somno, que não tem

outro bem n'este mundo... Não me mateis, não me queirais matar, meus irmãos!.. E cahiu, de joelhos, a soluçar diante d'elles.

As palavras queixosas do moço... a sua figura desnudada e franzina — que era a pelle pegada nos ossos! — foi um golpe d'agua fria no cachão da fervura.

Pedro... abaixou a cabeça, e corrido, invergonhado... despiu-se e metteu-se na cama.

Antonio... cobriu-se com a sua capa e foi-se encostar para cima da arca do pão.

Oh! Manuel fôra um anjo que lhes apparecêra!

(Continúa.) *Pereira da Cunha.*

THEATROS.

San'Carlos — Rua-dos-Condes.

481 A opera Paulo e Virginia, cujo libretto é mal extrahido da famosa novella do mesmo titulo, e representada na noite de 12 do corrente, é composição d'um tal maestro Aspa, que pelo nome não perca. É uma composição de circumstancias, cuja parte de Paulo foi escripta expressamente para M.me Olivier, e que dizem agradára muito n'um dos theatros de Roma para onde foi feita. Póde ser que o interesse que se applicasse aos artistas desculpasse ou não deixasse sentir a falta de merito d'esta opera, que eu reputo muito inferior. Como quer que fosse, ca foi pateada, mesmo horrivelmente pateada.

O beneficio do Sr. Mazoni, em 16 do corrente, foi, como são sempre os beneficios d'este artista, brilhantes pelos seus concertos de rebeca. Dois foram elles n'esta noite; o primeiro sôbre motivos da *Somnambula*, cujo adagio, principalmente, foi admiravelmente executado: o outro, *Le rève d'Artot*, é uma composição de merito mui superior, onde o Sr. Mazoni executou alguns passos como nunca lhe ouvimos. Ambos foram um verdadeiro triumpho para o insigne artista.

Na Rua-dos-Condes deu-se, em 14 do corrente, a *Cigana*, peça que eu não sei bem classificar. Tracta-se d'uma mulher ambiciosa e enredadeira, que lança mão de todos os meios para satisfazer os seus appetite de luxo e desejos de figurar; mulher nascida na miseria do povo e cahida na abjecção do crime. O pensamento é bom, mas a execução litteraria não lhe corresponde — é a reproducção das sabidissimas scenas das *grisettes* de Paulo de Kock.

A Sr.ª Emilia desempenha o seu papel excellentemente, é verdade; mas não lhe está bem, e com uma filha como a Sr.ª Carolina, é um contrasenso. O Sr. Sargedas é a parte brilhante da peça.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

(19 de março de 1373.)

PAZES CELEBRADAS PELA SEGUNDA VEZ ENTRE ELREI D. FERNANDO I E HENRIQUE II DE CASTELLA.

482 Alguns nobres e cavalleiros de Castella vieram ter com D. Fernando I com pretexto de vingarem a morte do seu rei D. Pedro, e persuadiram-no que como parente mais chegado do defuncto rei devia tomar vingança da sua morte e juntamente fazer-se senhor do reino, como legitimo descendente de D. Sancho o Bravo de Castella; pois que D. Henrique não era digno de occupar o throno, por ser filho illegitimo e tambem pela barbara morte que dera ao rei seu irmão.

D. Fernando, que era ambiciosissimo de gloria, e sobretudo que tinha um animo muito inconstante e dotado de pouca prudencia, vendo que os auctores d'este conselho eram homens de grande nobreza e estados, e lhe offereciam ajudal-o com suas pessoas e gente, e que elles dispunham de muitas cidades de Castella que seguiam a sua voz; não despresou os offerecimentos como devêra fazer, antes confiando mais n'elles e em suas riquezas, que na razão e justiça, determinou fazer-se senhor de Castella. Com este fim começou a guerra mui poderosamente fazendo-se senhor de cinco cidades e muitas villas, castellos e fortalezas de Castella e Galliza; mas com tão pouca prudencia a proseguiu, que não so perdeu as terras que tomára porém até os castelhanos entráram por diversas vezes com mão armada em Portugal, e fizeram grandes males e damnos, conquistando muitos povos, destruindo muitos logares, castellos e fortalezas; entrando em Braga e Bragança; e combatendo Lisboa, Guimarães e outras muitas terras, que da furia de seus soldados ficaram bem signaladas.

Celebraram-se as primeiras pazes d'esta guerra entre ambos os reis na villa d'Alcobaça a 30 de março de 1371, sendo medianeiro Agapito Colona, legado do Pontifice e depois bispo de Lisboa e cardeal. As condicções foram vantajosas para D. Fernando; mas este, por sua natural inconstancia e desordenada ambição, pouco tempo guardou o contracto, começando de novo a guerra, até que finalmente a 19 de março de 1373 se celebraram as segundas pazes, sendo medianeiro o cardeal bispo Portuense Guido de Bolonha, mandado a este fim pelo Pontifice.

Os dois reis avistaram-se no meio do Tejo, defronte da villa de Santarem, estando presente o cardeal. Quando se iam aproximando os bregantins, disse D. Henrique para os seus: 'Hermoso rei, hermosa barca, hermoso arraes.' Porque D. Fernando tinha uma bella e magestosa presença; a barca ia ricamente adornada, e o que a regia era um cavalleiro muito bizarro. D'aqui dizem nasceu o appellido de *Arraes*. Voltando-se logo elrei de Castella para o de Portugal o saudou primeiro, dizendo éstas palavras mui proprias d'aquelles tempos: 'Dios os mantenga, señor, que mucho me aplase el veros, por ser la cosa que mas deseava.' D. Fernando retorquiu com outras palavras todas cheias de amizade e respeito; e admittidas reciprocamente as condições de paz (que ja estavam d'antemão ajustadas) se apartaram os dois monarchas.

F. Gom. J.r

THEATRO DE SAN'CARLOS.

(EDIFICIO).

483 Como n'este número vai publicada uma longa correspondencia sôbre a edificação d'este theatro, foi retirado o artigo 'Theatro-italiano.' Offerecerei porém aos leitores da Revista, por ésta occasião, o resumo das despezas feitas com a construcção d'esse grande

edificio, cuja noticia por ser ignorada e curiosa, é muito digna de ser publicada. Fico pela genuidade do documento que foi havido da unica fonte que o póde fornecer legitimo. A correspondencia é como segue:

Sr. *Redactor* — No número 37 da REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE, no artigo consagrado ao *theatro-italiano*, le-se o seguinte: 'que visto ficar pertencendo o theatro de San'Carlos aos fundos destinados para a manutenção da Casa-pia, o governo o deveria entregar gratuitamente ás empresas, *como um augmento de subsidio* de que realmente o theatro necessita, e não deixal-o onerado com tres contos de réis annuaes, como *era até aqui* — até amortisar certos encargos, que, segundo se diz, não solveria nunca, *porque os juros, concertos, bemfeitorias etc.*, augmentavam annualmente o mesmo encargo — pois ainda que a applicação do seu onus seja muito louvavel, comtudo exempto d'aquelles encargos, que poderiam atenuar, ou aonular de facto o dominio do Estado, seria mais conveniente entregar o edificio livre ás empresas como se praticou com o theatro de D. Maria II...'

Pareceu-me, sendo eu um dos interessados na despeza feita com a edificação d'este theatro — e hoje, com o Exm.º Sr. Conde do Farrobo (e como liquidatario dos contractos do tabaco findos em 1817) um dos que representam o credito dos fundos para esse fim adiantados — que deveria esclarecer a V.... em todas as circumstancias de tal paragrapho a fim de ser rectificada alguma falsa inducção que do seguinte periodo porventura se poderia apprehender: 'até amortizar certos encargos, que segundo se diz, não solveria nunca...' Começarei pois historiando ésta edificação, cuja noticia me parece curiosa, e é bom que fique registrada.

Concebida a idéa de enriquecer a capital com um novo theatro de canto em logar do que fôra destruido pelo terramoto de 1755, e de se podêr talvez com elle dotar futuramente a então nascente Casa-pia, recorreu-se aos contractadores de tabaco, para o adiantamento dos fundos necessarios. Avesadas ja então as casas de Quintela, Sobral, Bandeira, Machados, Caldas, e Ferreira, a beneficiar aquelle estabelecimento, a que ja então n'esse tempo eram credoras de 3:013$510 réis, não so não repugnaram, mas levadas de sua proverbial generosidade, e não curando de quaes fossem as condições, pensaram tão somente de levantar a projectada fabrica: e tanto foi o empenho que n'isso poseram que começada a 8 de dezembro de 1792, sob rigoroso inverno, ja no 1.º de julho de 1793 estava prefeita a salla do theatro, e começou ésta logo a render dois contos de reis.

Como porém os accessorios do edificio carecessem ainda de maior desinvolvimento, se foram estes gradualmente acabando até 11 de março de 1797, em que tambem findámos os adiantamentos. É de advertir que no complexo das obras se abrangeu o aterro do largo do Picadeiro, e a feitura do paredão que sustentando a rua do Outeiro veio a formar o largo de San'Carlos; para o que se iam applicando egualmente as rendas vencidas; sendo por ultimo a importancia absoluta das despezas, a de 165:845$196 réis, da que subtrahindo 12:407$420 réis, totalidade das rendas vencidas, ficava do saldo a nosso favor 153:437$776 réis até março de 1797.

Era comtudo notavel a existencia de um edificio sem dono: estava quasi levantado o theatro em um terreno cója venda ainda se não achava consummada e prefeita por qualquer documento, e finalmente não se viam estipuladas condições algumas sôbre o modo de se adiantarem os fundos adiantados, fundos não sahidos da caixa dos contractos, mas directamente da bolsa dos mencionados negociantes.

N'estas circumstancias, e a instancias do intendente geral-da-policia, Pina Manique, appareceu o decreto de 28 d'abril de 1793, mandando incorporar o theatro nos bens da Casa-pia, e proceder á celebração das escripturas necessarias que nos servissem de titulo e segurança, estabelecendo-se-nos consignações proprias e competentes.

Apezar d'isto, nada se fez: a primeira parte do decreto foi cumprida, mas a que ordenava as seguranças e modo de pagamento, nunca se verificou. Não obstante, continuámos a adiantar dinheiros até 1797, como disse.

Como porém a Casa-pia disfructasse por aquelle tempo certa parte da loteria concedida á Sancta-Casa-da-Misericordia, lembrou-se o intendente de nos mandar pagar o que podesse ser para isso applicado d'aquella receita; e comeffeito recebemos por conta 32:013$510 réis, sendo d'estes 3:015$510 réis, pela antiga divida de que fiz menção. Foi ainda d'esta quantia que sahiram 6:241$492 réis, preço do chão. Desde 1797 que nenhum pagamento se nos continuou por parte do governo, e desde sempre temos declarado e hoje ratifico, que nenhum premio, ou juros, queriamos receber pelo nosso desembolso.

Vieram porém então a recahir-nos, como meios de pagamento, as rendas do edificio, porquanto, pelas leis geraes do reino, tinhamos n'elle hypotheca especial; posse em que temos ficado, e de que não podêmos ser esbulhados.

Ésta amortização é comtudo tão lenta, que nunca nos agradou, nem poderá promptamente satisfazer, se porventura não fôr reforçada de algum diverso meio; porquanto tem occorrido tambem grandes despesas, a que briosa e sempre gratuitamente (em quanto a premio) havemos acudido. Os estremecimentos causados pelas machinas — o espirito destruidor que anima centenares de pessoas, até das proprias que entram nos espectaculos; espirito de que se contagiam alguns espectadores — a falta de ordem, de aceio, e de policia interna, em que tem peccado todas as empresas, ja por falta de meios coercitivos, ja porque em tão vasta mole so lhes importa acudir ao arranjo e conservação do que o publico vê, esquecendo o que apenas é do interesse dos proprietarios, chegando alguma vez a arrancar prumos e escoras em que se firma o palco, para as adaptar a machinismos etc.; tudo isto nos tem obrigado a frequentes concertos, que desde a primitiva até hoje importam quasi 55 contos de réis. Pondere-se mais, que a par d'estes concertos, que os annos e o serviço tem imperiosamente exigido, n'alguns dos quaes temos acudido gastando de uma vez quasi 11 contos de réis, outros mais, e mais importantes, haveria se não fossem feitos de prompto, mas sim pagos a outrem pelo encontro das rendas.

Satisfazemos tambem seguro de fogo, alguns impostos; e nas vagaturas das empresas somos obrigados a ter um guarda que fiscalise, areje e vigie o

edificio. Cabe aqui lastimar um facto: nenhuma companhia portugueza tem querido nos ultimos tempos segurar o theatro, nem em sua totalidade, nem pela quota que a cada uma coubesse, representando o valor segurado por todas ellas, e mesmo apezar do maior premio offerecido! N'este caso é uma companhia inglesa que lhe corre o risco.

Havemos tambem soffrido grandes interrupções nas rendas eventuaes. A invasão franceza — os luctos reaes — as faltas d'empresas — a quebra de fé por parte dos governos para com empresas antigas — a influencia das passadas guerras civis, e a duração do governo transacto — finalmente a falta de pagamentos de algumas empresas, tudo nos tem atrazado muito o nosso embolso: cumprindo advertir que nunca poderemos ser imputaveis da perda de rendas, porque não tendo outros alugadores senão as pessoas a quem os governos tem adjudicado empresas, somos forçados a contractar com ellas, alias burlariamos muitas vezes as disposições superiores: e repetidas vezes temos ficado muito longe das seguranças e idoneidade que são de desejar n'aquelles, com quem temos forçosamente de tractar.

Sería abusar muito de V. e do espaço de que póde dispor no seu jornal, referindo-lhe o estado é circumstancias da nossa conta corrente com o governo; mas posso-lhe affiançar, que de tudo havemos informado minuciosamente as auctoridades, e merecido a sua approvação; e temos a consciencia de que, não só como administradores havemos zelado o predio, mas conservado prudentemente a receita, em nosso mais prompto pagamento, como beneficio actual e futuro da Casa-Pia; para a qual estipulámos sempre a cessão de quaesquer melhoramentos feitos pelos emprezarios, em virtude do que tem esse estabelecimento lucrado para mais de sete contos em valiosos beneficios.

Direi ainda que não ha muito tempo chegámos a offerecer um abatimento de 30 por cento no capital de que somos credores, se porventura se nos fizesse d'elle prompto pagamento; o que o governo nos não quiz acceitar, deixando até hoje este negocio em omissão. O público será n'este assumpto juiz imparcial, e muito folgarei se achar que as expendidas razões são capazes de attenuar o modo porque me pareceu que V... encarou este objecto.

Concluirei pedindo a V. o obsequio de reflectir, em conciliação de todos os interesses, sôbre a maneira porque talvez, mediante alguma loteria especial, ou satisfação em titulos com jûro, se poderia saldar a quantia porque somos credores, ficando o edificio todo livre ao dispor do governo, e aliviando-nos quanto antes de uma gestão que nos pesa e aborrece.

Tambem por ésta occasião rogarei que, no proseguimento de suas reflexões, chame a attenção de quem competir sôbre o modo e perigo actual da illuminação do theatro; não tanto n'aquella parte ostensiva, mas onde o perigo é mais imminente, como por baixo do palco — serventias da caixa — sala de pintura — tectos etc.; onde as luzes, desamparadas de vidros, ameaçam algum sinistro.

A nota juncta esclarecerá a V. curiosamente sôbre o custo geral do theatro. Sou etc.

Lisboa 12 de março de 1846.

Augusto Xavier Palmeirim.

RESUMO GERAL DE TODAS AS DESPEZAS FEITAS NA CONSTRUCÇÃO DO REAL THEATRO DE SAN'CARLOS.

Pedreiros, canteiros, trabalhadores, carretos, aviamentos, pagador, apontador, e despezas miudas	31:020$820
Alvenaria	5:184$405
Cal, area, telha, tijello, lagedo, ladrilho e azulejo.	11:979$750
Pedra de fundamento.	8:611$238
Cantaria lavrada	6:954$351
Columnas da frontaria e pedra bastarda	2:730$330
Balaustres, pillastras, tabellas, e vaso grande da frente	369$200
Carpinteiros de casa, de machado, e serradores	24:883$699
Diversas madeiras, e vigamentos.	23:546$685
Entalhadores.	2:789$043
Marcineiros.	3:183$035
Funileiros	1:233$949
Chumbo, pregaria, e algumas ferragens	6:202$760
Ferragens de serralheiro e ferreiro	8:905$782
Calhas de cobre	66$200
Correieiros	698$855
Brins, cordas de linho e esparto	1:712$670
Pintura da casa, scenario proprio d'ella, pannos de bôcca, e divisão do theatro, bambollinas e painel da casa grande	4:327$712
Diversas pinturas	2:643$124
Doiradores	2:283$522
Estucadores	1:144$880
Setins, veludos, tafetás, e befetés.	1:445$265
Ouro da fabrica, bordaduras e armações, da casa, camarote regio e annexos	1:724$828
Esteiras e papagaios, para o mesmo camarote	122$475
Vasos de prata para o camarote regio	62$640
Trinta e seis lustres e um candieiro de vidro	783$200
Espelhos e vidros	599$490
Bilhar	144$000
Cinco junctas de bois que serviram na factura de obra	578$400
Uma parelha de machos	76$800
Diversos chaons comprados para o edificio	6:241$492
Ao architecto	640$000
Custo total do edificio, réis	165:845$196

Com muito gôsto publico a curiosa e historica correspondencia que se acaba de ler, e tenho a satisfação de assegurar ao illustre correspondente e collaborador d'este jornal, que nem pelas minhas palavras (que muito estimei dessem causa á sua correspondencia) nem pelas minhas intenções, houve a menor idea de insinuação em desabono dos proprietarios ou gerentes do edificio do theatro. O decreto de 30 de janeiro, confirmando a doação da Casa-pia, tem o seu artigo 102 redigido de modo que deu occasião ao meu equivoco julgando o theatre desembaraçado do onus que o sobre-

carrega; onus de que o edificio pelo methodo actual se não desembaraçará tão depressa (como eu disse, e como o proprio correspondente confirma), embora se não paguem os juros do capital, pela singular generosidade dos mutuantes, porque sobram as interrupções e concertos para alongar indefinidamente o praso da solução d'esse onus. Em conclusão: as minhas reflexões subsistem. O govêrno convem-lhe e deve desembaraçar o theatro; a sua conservação ficará por consequencia a cargo do thesoiro, e o edificio é fórça que seja entregue sem onus ás empresas.

CORREIO NACIONAL.

481 Sexta-feira [20] reune o Conservatorio-real para discutir o parecer da commissão de musica sôbre as symphonias que vieram a concurso para abertura do Theatro de D. Maria II. Estas symphonias são tres e a commissão regeita-as todas. A discussão parece que será interessante e accalorada. Póde-se dizer que é a primeira discussão artistica que ha no nosso paiz.

O Sr. D. Marianno Cubi, celebre phrenologo e magnetizador hispanhol, cujo nome já será conhecido de alguns dos nossos leitores pelo muito que d'elle teem fallados os jornaes hispanhoes, e alguns dos francezes e portuguezes copiando aquelles; escreve de Sevilha á Revista participando que nos primeiros dias d'abril espera achar-se em Lisboa, onde abrirá um breve curso de phrenologia e magnetismo. O Sr. Cubi tem feito excursões pelas principaes terras de Hispanha onde as suas sessões teem feito grande impressão, e parece que de Lisboa passará a França e Inglaterra. O Sr. Cubi é tambem auctor d'algumas obras interessantes sôbre a phrenologia e magnetismo. Teremos occasião de fallar mais d'espaço a este respeito.

No Porto deu-se uma opera do Sr. Arroio, artista portuguêz, intitulada *Bianca de Maulion*. Parece que a opera do Sr. Arroio tem algumas coisas excellentes; mas notam-se-lhe muitos motivos conhecidos, peças muito extensas, partes de grande fadiga para os cantores, e outros defeitos no complexo; diz-se porém que este ensaio dá grandes esperanças do Sr. Arroio chegar a ser um bom compositor.

Ha hoje em Portugal e ilhas dos Açores e Madeira, 1,221 cadeiras d'instrucção primaria. A despeza actual com esta instrucção é de 106:023$324 reis. A proporção dos alumnos é hoje de 1 para 52: ainda ha poucos annos era de 1 para 88. Cada um d'estes alumnos custa ao Estado 11$285 réis, pelo maximo.

Segundo a última estatistica a população de Portugal é de 3,412,500 almas.

Frequentam todos os annos a Universidade de Coimbra obra de 1,150 estudantes.

Um facto horroroso parece ter tido logar no sitio do Papel (estrada de Cintra) na noite de 12 do corrente O Sr. H. M. de M. M. Pimentel, appareceu morto d'um tiro na sua cama, e a sua morte é attribuida a assassinio. Diz-se que em casa não havia mais que a familia do assassinado—dois filhos, uma irman, e criados.

No mez de fevereiro último entraram, no supremo tribunal de justiça, 44 autos, sahiram julgados 47, ficam existindo 799.

No dia 12 do corrente entrou o paquete d'Inglaterra com folhas de Londres até 7. As propostas economico-financeiras de Peel tinham sido approvadas na casa dos communs pela maioria de 97 votos: o debate durou dôze sessões. Os fundos portuguezes ficavam a 58.

No domingo (15) reuniu em San'Roque a assemblea-geral das casas d'asylo da primeira infancia, á qual assistiram Suas Magestades Fidelissimas e Imperial e a Princeza Amelia. Leu-se o relatorio do anno findo e nomeou-se o conselho de direcção para o anno corrente.

No segundo semestre de 1845 exportou a ilha da Madeira 2:969 pipas de vinho. A maior exportação foi para Londres, San'Petersburgo e Nova-York.

A terem fundamento certos boatos que nos chegaram á noticia, póde esperar-se uma proxima estação theatral d'opera italiana de bastante brilho. Falla-se que alguns cavalheiros, reunidos a instancia d'um alto funccionario do Estado, tomarão a empresa do theatro de San'Carlos.

Sabbado [21] terá logar no theatro do Salitre um beneficio das *irmans-Persolli*, artistas do nosso theatro-italiano. A Sr.ª Luiza Persolli, tem sempre bem merecido do nosso público pelas continuas diligencias que tem feito por agradar, tendo entrado em quasi todas as peças desde a *Anna Bolena* até ao *Corrado d'Altamura*. A Sr.ª Catharina Persolli é discipula do nosso Conservatorio e debutou no *Corrado* como 2.ª dama. É d'esperar que o público concorra a beneficiar uma familia cujos interesses não estão apar de seus esforços artisticos. N'um dos intervallos do espectaculo d'essa noite se cantará o 3.º acto de *Julietta e Romeo* pelas beneficiadas.

Suas Magestades e o Duque de Saxonia-Coburgo, visitaram hontem [16] o "Theatro de D. Maria II." O edificio com seus pertences hade ser entregue no dia 23 do corrente á sociedade dos artistas, por meio d'um auto e inventario.

Ja está em estudo o drama o Magriço destinado para a 1.ª representação do Theatro-nacional.

CONHECIMENTOS UTEIS.

DO ESTUDO DA NATUREZA.

No n.º 31 d'este vol. da REVISTA, fallando do barão d'Humboldt, por occasião do artigo communicado a ésta Redacção sôbre o *Cosmos*, me referi a um fragmento d'esta grande obra impresso no 'Annuaire des voyages' para o corrente anno de 1846, e que ao seu illustre redactor (Lacroix) havia sido remettido pelo proprio Humboldt. Considero-me feliz de podêr apresentar hoje aos leitores da REVISTA este bello e eloquente trabalho do sabio allemão; que é um extracto da introducção do *Cosmos*, por elle mesmo escripto em francez com o fim expresso de ser publicado n'aquelle interessante annuario. É como segue.

---

485 Se considerarmos o estudo dos phenomenos physicos, não em suas relações com as necessidades materiaes da vida; mas em sua influencia geral sôbre os progressos intellectuaes da humanidade, acharemos, como resultado o mais elevado e importante d'esta investigação, o conhecimento da connexidade das fôrças da natureza, o sentimento intimo da mutua dependencia d'ellas. A intuição d'estas correlações é que dá corpo ao nosso modo de ver as coisas e ennobrece as nossas fruições. Esse modo de ver é n'este caso obra da observação, da meditação e do espirito do tempo em que se concentram todas as direcções do pensamento. A história revela áquelle que sabe penetrar, atraves do veo sobreposto dos seculos anteriores, até ás raizes profundas dos nossos conhecimentos, como, desde milhares d'annos, o genero humano tem trabalhado por se fazer senhor, no meio de mutações a renascerem incessantes, da invariabilidade das leis da natureza, e por conquistar progressivamente uma grande parte do mundo physico pela fôrça da intelligencia. Interrogar os annaes da história é proseguir esse vestigio mysterioso em que a propria imagem do *Cosmos*, que primitivamente se revelou no sentido interno como um presentimento vago da harmonia e ordem do universo, hoje se offerece ao espirito como fructo de longas e sérias observações.

Ás duas epochas da contemplação do mundo exterior, no primeiro acordar da reflexão e na epocha de uma civilisação avançada, correspondem dois generos de fruições. Uma, propria da ingenuidade primitiva das idades antigas, nasceu da adivinhação da ordem annunciada pela successão pacifica dos corpos celestes e pelo desinvolvimento progressivo da organização. A outra fruição foi resultado do exacto conhecimento dos phenomenos. Desde o instante em que o homem, interrogando a natureza, se não contenta de observar, mas faz apparecer phenomenos sob determinadas condições; desque elle recolhe e regista os factos para dilatar a investigação além da curta duração da sua existencia, a *philosophia da natureza* é despojada das fórmas vagas e poeticas que lhe teem pertencido desde a sua origem; adopta um character mais severo; pêsa o valor das observações, e já não adivinha mas combina e raciocina. Então a perspectiva dogmatica dos seculos anteriores apenas é conservada nos preconceitos do vulgo, e estes so se perpetuam, sobretudo, n'algumas doutrinas que, para esconderem a sua fraqueza, gostam de se tapar com um veo mystico. As linguas, sobrecarregadas de expressões figuradas, conservam por muito tempo o rasto d'estas intuições primevas. Pequeno número de symbolos, producções de uma inspiração feliz dos tempos primitivos, vão tomando pouco a pouco fórmas menos vagas; e interpretados melhor, chegam até a ser conservados na linguagem scientifica.

A natureza, racionalmente considerada, quero dizer: submettida no seu complexo ao trabalho do pensamento, é a unidade na diversidade dos phenomenos; a harmonia entre as coisas creadas dissimilhantes por sua fórma, por sua constituição peculiar, e pelas fôrças que as animam, é o Todo (τὸ πᾶν) penetrado de um sôpro de vida. O mais importante resultado de um estudo racional da natureza é o podêrmos colhêr a unidade e harmonia d'este immenso complexo de coisas e fôrças, abranger com o mesmo ardor o que é devido ás descobertas dos seculos que passaram e ás dos tempos em que vivemos, de analysar todas as circumstancias dos phenomenos sem vergar debaixo do pêso d'elles. Por ésta via é dado ao homem, que se mostra digno do seu alto destino, comprehender a natureza, descobrir-lhes alguns dos seus segredos, submetter aos esforços do pensamento e ás conquistas da intelligencia, o que tem podido recolher com a observação.

Reflexionando primeiro sôbre os differentes graus de fruição que produz a contemplação da natureza, achâmos que em primeiro grau se deve pôr uma impressão de todo independente do conhecimento intimo dos phenomenos physicos, independente tambem do character individual da paysagem, da phisionomia do clima que nos cérca. Em toda a parte em que, n'uma planicie monotona que fórme horisonte, as plantas de uma mesma especie (tojo, estevas e urzes) cobrem o terreno, em toda a parte em que as ondas do mar banham a praia e fazem conhecer a existencia das aguas pelos verdejantes fios dos limos e pelo licho fluctuante, o sentimento da natureza, grande e livre, nos toma a alma e revela-nos, á maneira d'inspiração mysteriosa, que ha leis que regulam as fôrças do universo. O simples contacto do homem com a natureza, ésta influencia do ar livre, exercem um podêr calmante: suavisam a dor, e abrandam as paixões quando a alma está profundamente agitada. Estes beneficios recebe-os o homem em toda a parte, seja qual for a zona em que habite, seja qual for o grau da cultura intellectual a que elle se tenha subido. O que éstas impressões teem de grave e solemne, vem-lhe do presentimento da ordem e das leis, que nos produz, sem que nós dêmos por isso, o simples contacto com a natureza; vem-lhe do contraste que apresentam os apertados limites do nosso ser com essa imagem do infinito que em toda a parte se nos revela, ou seja na estrellada abobada do firmamento, ou n'uma campina que se dilata a perder de vista, no horisonte ennevoado do oceano.

Outra fruição é a que produz o character individual da paizagem, a configuração da superficie do globo n'uma determinada região. As impressões d'este genero são mais vivas, melhor definidas, mais conformes a certas situações d'alma. Ora é a grandeza das

massas, a lucta dos elementos desencadeiados ou a triste nudez das steppes, como no norte da Asia, que excitam as nossas commoções; ora, na inspiração de sentimentos mais meigos, é a vista dos campos carregados de riccas searas, é a habitação do homem ás bordas da torrente, a selvagem fecundidade do torrão subjugado pela charrua. Tractâmos aqui menos dos graus de fôrça que distinguem as commoções, do que das differenças de sensações excitadas pelo character da paizagem, que lhes dá gôsto e duração.

Se me fosse permittido entregar-me ás recordações das minhas viagens, havia de contar no número das fruições que fazem sentir as grandezas da natureza, a quietação e magestade das noites dos tropicos, quando as estrellas desprovidas de scintillação, derramam uma suave luz planetaria pela superficie levemente encrespada do oceano: lembraria os profundos valles das serras, em que os troncos das palmeiras enlaçados ondeando suas flechas plumosas, penetram por abobedas vegetaes, formando, em longas columnatas, 'um bosque sôbre outro bosque;' descreveria o cimo do pico de Teneriffe, quando um monte horisontal de nuvens, brancas de cegar, lhe separa o cume pyramidal das cinzas da planicie inferior, e que, subitamente, por effeito de uma corrente ascendente, da borda mesma da cratera, póde a vista penetrar até ás vinhas d'Orotava, aos jardins de larangeiras e aos grupos tufados das bananeiras das costas. N'estas scenas, repito, ja não é a tranquilla belleza uniformemente derramada pela natureza que nos commove, é a physionomia do solo, a sua configuração peculiar, a mistura incerta do contorno das nuvens, da figura das ilhas proximas, do horisonte do mar dilatado como um espelho ou coberto de um vapor matinal. Tudo quanto os sentidos apenas vislumbram, o que os sitios romanticos apresentam de mais terrivel, póde ser origem de fruições para o homem: a sua imaginação achará em tudo isso com que exercer á sua vontade um podêr creador. No vago das sensações, as impressões mudam com os movimentos d'alma, e, por uma doce e facil illusão, parece-nos receber do mundo exterior aquillo que, idealmente, la lhe temos posto sem darmos por isso.

Quando depois de uma navegação prolongada, affastados da patria, desembarcâmos pela vez primeira n'uma terra dos tropicos, ficâmos agradavelmente surprehendidos reconhecendo nos rochedos que nos cercam os mesmos schistos inclinados, os mesmos basaltos em columnas, cobertos de amygdaloides cellulares que deixaramos no torrão europeu, e cuja indentidade, em zonas tam diversas, nos traz á ideia que a codea da terra, solidificando-se, ficou independante da influencia dos climas. Mas éstas massas de rochedos de schisto e basalto, acham-se cobertas de vegetaes de uma configuração que nos admira, de um aspecto que nos é desconhecido. N'esses logares é que nós, circundados de fórmas colossaes e da magestade de uma flora exotica, sentimos como, pela maravilhosa flexibilidade da nossa natureza, a alma se abre facilmente ás impressões que entre si apresentam uma ligação e analogias secretas. Representâmos a nós mesmos tam estreitamente unido tudo o que respeita á vida organica, que, se á primeira vista parece que uma vegetação similhante á do nosso paiz natal deveria com preferencia dar gôsto aos nossos olhos, como o dá aos ouvidos por sua meiga familiaridade, o idioma da patria, todavia sentimo-nos pouco a pouco naturalizados nos novos climas. O homem, cidadão do mundo, em qualquer parte se familiariza com o que o cérca. A algumas plantas d'essas regiões remotas applica o colono os nomes que trouxe da mãe-patria como uma memoria que sentiria perder. Por effeito das mysteriosas analogias, que existem entre os differentes typos da organização, as fórmas vegetaes exoticas apresentam-se-lhe ao pensamento como embellezadas pela imagem d'aquellas que lhe cercavam o berço. É d'este modo que a affinidade das sensações conduz ao mesmo fim que depois vem a alcançar a laboriosa comparação dos factos — a convicção intima de que um so e indestructivel nó prende a natureza inteira.

A tentativa de decompor em seus diversos elementos a magia do mundo physico é temeraria; porque o grande character de uma paizagem e de todas as scenas grandiosas da natureza depende da simultaneidade das ideias e dos sentimentos que se excitaram no observador. O podêr da natureza revela-se, por assim dizer, na connexidade das impressões, na unidade das commoções e effeitos que se produzem de certo modo repentinamente. Se quizermos indicar as suas causas parciaes, será necessario que desçamos com a analyse até á individualidade das fórmas e diversidade das fôrças. Os mais variados e riccos elementos d'este genero d'analyse offerecem-se aos olhos dos viajantes nas paizagens da Asia-austral, no grande archipelago da India, e principalmente no novo continente; la onde os cimos d'altas serras formam os alveos do oceano aereo, e onde essas mesmas fôrças subterraneas que outr'ora levantaram montes e montes, os aballam agora ameaçando subvertel-os.

Os quadros da natureza traçados com fim sapientissimo, não foram feitos so para a imaginação; tambem podem, se os aproximarmos uns dos outros, marcar essa gradação das impressões que acabâmos de indicar, desde a uniformidade do littoral ou das nuas steppes da Siberia até á inexgotavel fertilidade da zona torrida. Se collocarmos, em nossa imaginação, o Monte-Pilatos sôbre o Schrekhorn ou a Schneekoppe da Silesia sôbre o Monte-Branco, não haveremos ainda attingido a elevação de um dos grandes colossos dos Andes, o Chimborazzo, que tem duas vezes a altura do Etna; se posermos o Righi ou o monte Athos sôbre o Chimborazzo, formaremos ideia do mais subido cume do Himalaya, do Dhawalagiri. Ainda que os montes da India por sua pasmosa elevação sobreexcedam muito (e bastantes medidas exactas teem comprovado este resultado longo tempo controvertido) as cordilheiras da America-meridional, não podem, por causa da sua posição geographica, offerecer a interminavel variedade de phenomenos que characterisam éstas. A impressão dos aspectos grandiosos da natureza não depende so da altura. A serra do Himalaya está muito para ca da zona-torrida. Por acaso se topará com alguma palmeira nos bellos valles do Kumaoon e do Garhwal. A 28° e 34° de latitude na encosta meridional do antigo Paropamisus, a natureza não concede ja essa abundancia de plantas feitas arvores e de relva tornada arbusto, d'heliconia, e orchidea, que, na região do tropico, sobem até ao vertice do monte mais elevado. Pela encosta do Himalaya, á sombra de pinheiro deodvara e de carvalho de folhas largas peculiares d'estes alpes da India, a ro-

cha granitica e o micaschisto cobrem-se de fórmas quasi similhantes ás que characterisam a Europa e a Asia-boreal. As espacies não são identicas, mas analogas na configuração e phisionomia: são o zimbro, os betalos alpestres, a genciana, a parnassia dos charcos e a groselha d'espinhos. Falta tambem á serra do Himalaya o grandioso phenomeno dos vulcões, que, nos Andes e no archipelago indico, muitas vezes revelam aos indigenas, de terrivel maneira, a existencia das fôrças que residem no interior do nosso planeta. Tambem a região dos gêlos perpétuos, na encosta meridional do Himalaya, lá onde chegam as correntes do ar humido, e com ellas a vigorosa vegetação do Indostão, começa logo a 3,600 e 3,900 metros acima do nivel do Oceano; e por consequencia fixa ella um limite ao desinvolvimento da organisação, que, na região equinoxial das cordilheiras, só se encontra 850 metros mais alto.

Os paizes que se aproximam do equador teem outra vantagem, a que até hoje se não tem attendido muito. Esta é a parte da superficie do nosso planeta em que, na mais pequena extensão, se encontra a maior variedade que é possivel haver das impressões produzidas pela natureza. Nas montanhas collossaes da Cundinamarca, de Quito e do Perú, cortadas por fundos valles, é dado ao homem contemplar d'uma vez todas as familias das plantas e todos os astros do firmamento. N'um espraiar d'olhos se veem as magestosas palmeiras, os humidos bosques de bambusa, á familia das musaceas, e os carvalhos e as roseiras como em nossa patria europea; mas de proporções muito superiores ás do mundo dos tropicos. N'um espraiar d'olhos se divisam a constellação da *Cruz* do Sul, as nuvens de Magalhães, e as estrellas conductoras da Ursa que circulam em torno do polo arctico. Alli ostentam os dois hemispherios do ceu e as intranhas da terra toda a riqueza das suas fórmas e variedade dos seus phenomenos. Alli os climas e as zonas vegetaes, cuja successão elles marcam, acham-se sobrepostos como em andares: as leis do decrescimento do calor, faceis de perceber pelo observador intelligente, lá estão inscriptas em characteres indeleveis sobre as encostas dos rochedos no pendor rapido das cordilheiras.

Para não fatigar mais com a descripção dos phenomenos que eu mesmo tentei, ha bastante tempo, de representar graphicamente, não reproduzirei aqui senão alguns d'esses resultados geraes cujo complexo compõe o *quadro physico da zona-torrida*. Aquillo que, no vago das sensações, se confunde como falto de contorno, tudo o que fica envolto n'esse vapor a modo de nevoa que, nas paizagens, nos esconde aos olhos os altos cimos, o descortina e resolve o pensamento em seus diversos elementos, prescrutando a causa dos phenomenos e designando um character individual a cada um d'esses elementos d'impressão total. D'ahi resulta, que na esphera dos estudos da natureza, como na da poesia e na da pintura de paizagem, a descripção dos sitios e logares pittorescos que fallam á imaginação, terá tanta mais verdade e vida quanto mais firmes forem os traços com que ella se fizer.

Se as regiões da zona torrida pela sua riqueza organica e fecundidade abundante, nos dão as mais profundas impressões, teem tambem a vantagem inapreciavel de mostrar ao homem, na uniformidade das variações da atmosphera e desinvolvimento das fôrças vitaes, nos contrastes dos climas e da vegetação que nascem das differenças das alturas, a invariabilidade das leis que governam os movimentos celestes, como que reflectindo-se nos phenomenos terrestres. Seja-me permittido demorar-me mais alguma coisa com as provas d'esta regularidade, que póde até ser subjeita a escallas e avaliações numericas.

Nas planicies ardentes que se elévam pouco acima da superficie do mar, predomina a familia das bananeiras, das cycas e das palmeiras, cujo número inscripto nas floras das regiões dos tropicos tem maravilhosamente augmentado em nossos dias pelo zêlo dos viajantes botanicos. Pelas encostas das cordilheiras, ou nas altas planicies e pelas fendas humidas e sombrias, succedem a estes grupos os fetos em arvore e a chinchona que produz a casca febrifuga. Os grossos troncos cylindricos dos fetos projectam, sobre o azul ferrete dos ceus, a mimosa verdura d'uma folhagem delicadamente recortada. A casca da chinchona é tanto mais salutar quanto maior fresquidão tenha a sua copa e mais vezes tenha sido rociada pelos leves vápores que formam a parte superior das nuvens que se libram sôbre a planicie. Em toda a parte onde a região dos bosques acaba, florecem longas fachas de plantas que vivem em grupos, as aralias menores, as thibaudes e as andromedes de folhas de myrtho. A rosa alpina dos Andes, a magnifica befaria, formam uma como cintura de purpura em volta dos picos mais alados. Pouco e pouco na fria região dos *Paramos*, exposta á perpétua tormenta dos temporaes e dos ventos, desapparecem os arbustos ramosos e as hervas de pêlo, constantemente carregados de grandes corollas de variadas cores. As plantas monocotyledones de franzinas aristas cobrem uniformemente o chão; e a zona das gramineas é um prado que se dilata por todo o vasto plaino do cimo dos montes, reflectindo pelas encostas das cordilheiras uma luz amarellada, quasi doirada ao longe, e que serve de pastagem aos lamas e ao gado miudo introduzido pelos colonos europeus. Nos sitios, onde o escalvado penedo de trachyte furando a relva sobe ás camadas d'ar que se julgam como menos carregadas d'acido carbonico, só as plantas d'organização inferior, os lichens, as lecideas e o pó colorado da leprária se desinvolvem como sombras orbiculares. Ilhotas de gêlo sporadico cahido de fresco, variaveis na sua fórma e tammanho, impedem os derradeiros e froixos desinvolvimentos da vida vegetal. A éstas ilhotas sporadicas succedem os gelos eternos, que teem uma altura constante e facil de marcar em razão do diminutissimo oscillar do seu limite inferior. As fôrças elasticas que residem no interior do nosso globo trabalham, quasi sempre em vão, por quebrar estes como campanarios ou abobadas arredondadas, que luzentes d'alvura das neves eternas sobrelevam o dorso das cordilheiras. Nas partes onde as fôrças subterraneas teem alcançado abrir communicações permanentes com a atmosphera, ou seja por crateras circulares ou por grandes fendas, raro produzem correntes de lava, a maior parte das vezes são scorias inflammadas, vapores d'agua e enxofre hydratado, moffetas d'acido carbonico.

Um espectaculo tam grandioso e de tammanho apparato não tem podido todavia suscitar nos habitantes dos tropicos, quando no primeiro estado d'uma civi-

lisação nascente, mais do que um vago sentimento de temor e espanto. Poderia suppor-se, e ja acima o lembrámos, que a repetição periodica dos mesmos phenomenos, e a maneira uniforme porque elles se grupam em zonas sobrepostas, tivessem facilitado ao homem o conhecimento das leis da natureza; mas tam longe como remontam a tradição e a historia, não achámos que taes vantagens fossem aproveitadas n'esses felizes climas. As recentes indagações teem tornádo muito duvidoso que a primitiva séde da civilização dos hindous, uma das mais maravilhosas phases dos progressos da humanidade, tenha sido entre os tropicos. Airyana Vaedjo, o antigo berço do Zend, estava situada ao noroeste do Alto-Indo; e depois do grande scisma religioso, isto é: depois da separação dos iranienses da instituição brahmanica, a lingua, d'antes commum aos iranienses e hindous, tomou certa fórme individual entre estes ultimos (e assim tambem a litteratura, os costumes e o estado da sociedade) que habitavam a Magadha ou Madhya-Dêça, paiz cujos limites são a grande cordilheira do Himalaya e a serra Vindlya. Em tempos muitos posteriores, a lingua e a civilisação sanscritas avançaram para o sudeste, e penetraram muito na zona torrida, como o expoz meu irmão, Guilherme Humboldt, na sua obra sôbre a lingua kavi e as outras linguas cuja estructura teem relação com ésta.

Apezar de todos os estorvos que á descuberta das leis da natureza, oppoem, nas latitudes boreaes, a excessiva complicação dos phenomenos e as perpétuas variações locaes nos movimentos da atmosphera e na distribuição das fórmas organicas, foi precisamente a um pequeno numero de povos habitantes da zona temperada, que primeiro se revelou o conhecimento íntimo e racional das fôrças que obram no mundo physico. D'esta zona boreal, apparentemente mais favoravel aos progressos da razão, á suavidade dos costumes e ás liberdades publicas, é que os germens da civilização foram importados na zona tropical, tanto pelos grandes movimentos das raças que se chamam migrações dos povos, como pelo estabelecimento de colonias, muito differentes todavia em suas instituições, nos tempos phenicios ou hellenicos dos tempos modernos.

Quando eu recordo a influencia que a successão dos phenomenos tem podido exercer sôbre a maior ou menor facilidade de reconhecer a causa que os produz, toco no ponto importante em que assenta o prazer que nasce do conhecimento das leis e incadeação mutua d'esses phenomenos, quando em contacto com o mundo exterior, a par do gosto que dá so a contemplação da natureza. O que por muito tempo não foi mais do que o objecto d'uma vaga inspiração, chegou pouco e pouco á evidencia de verdade positiva. O homem fez todas as diligencias por achar, como disse um poeta immortal, 'ó pólo immutavel na eterna fluctuação das coisas.'

Para remontar á origem d'este prazer, que se funda no exercicio do pensamento, basta deitar um lançar d'olhos rapido sôbre as primeiras noções da philosophia da natureza ou da antiga doutrina do Cosmos. Nos povos, ainda mesmo os mais selvagens, encontra-se, (e as minhas proprias viagens o confirmam) um sentimento secreto e acompanhado de certo terror da poderosa unidade das forças da natureza, d'uma essencia invisivel, espiritual, que se manifesta nas suas forças, ou ellas desinvolvam a flor e o fructo na arvore nutriente, ou façam tremer o terreno dos bosques, ou troem nas nuvens. Assim se revela um laço entre o mundo visivel e um mundo superior que nos escapam aos sentidos. Um e outro se confundem involuntariamente, e o germen d'uma *philosophia da natureza*, ainda que sem auxilio da observação, não deixa de se desinvolver no homem como mero producto d'uma concepção ideal.

Nos mesmos povos mais atrazados na civilisação, se compraz a imaginação d'elles com a invenção de creações extravagantes e phantasticas. A predilecção para o symbolo influe simultaneamente nas ideas e nas linguas. Em logar de examinar, adivinha-se, dogmatiza-se ou interpreta-se aquillo que nunca foi observado. O mundo das ideas e dos sentimentos não reflecte o mundo exterior em sua primitiva pureza. Aquillo mesmo que n'alguns paizes da terra se não tem manifestado como rudimento de philosophia natural senão a poucos individuos dotados d'alta intelligencia, n'algumas nações apparece, em familias inteiras de povos, como resultado de tendencias mysticas e de instituições instinctivas. No commercio intimo com a natureza, na vivacidade e profundeza das impressões que elle suscita, é onde se encontram tambem os primeiros impulsos para o culto, para a sanctificação das forças destructivas ou conservadoras do universo. Mas, á proporção que o homem, passando pelos differentes graus do seu desinvolvimento intellectual, consegue podêr gosar em plena liberdade do podêr regulador da reflexão, e a separar, por acto de progressiva desligação, o mundo das ideas do mundo das sensações, um vago presentimento da unidade das fôrças da natureza ja o não satisfaz. O exercicio do pensamento começa a completar a sua alta missão; a observação, fecundada pelo raciocinio, remonta com ardor á causa dos phenomenos.

A historia das sciencias ensina-nos que não tem sido facil satisfazer ás necessidades d'uma curiosidade tam activa. Observações pouco exactas e incompletas, noticiaram, por inducções falsas, o grande número de noções physicas que se hão perpetuado entre os prejuizos populares por todas as classes da sociedade. D'este modo, ao lado d'um conhecimento solido e scientifico dos phenomenos, conservou-se tambem um systema de suppostos resultados d'observações, ainda mais difficil de pôr em duvida por não dar conta de nenhum dos factos que o destruem. Este empirismo, triste herança dos seculos anteriores, mantem invariavelmente os seus axiomas. É arrogante como tudo aquillo que é limitado, em quanto que a physica, fundada na sciencia, duvída porque faz por aprofundar, separa o que é certo do simplesmente provavel, e aperfeiçoa sem descanço as theorias dilatando o circulo das suas observações.

Esta accumulação de dogmas incompletos que um seculo lega a outro, ésta physica que se compõe de prejuizos populares, não é so nociva porque perpetúa o êrro com a obstinação que sempre traz comsigo o testimunho de factos mal observados; mas porque estorva tambem que o espirito se alce ás grandiosas vistas da natureza. Em vez de buscar o estado medio em roda de que oscillam todos os phenomenos do mundo exterior, na apparente independencia das fôrças,

como que se apraz em multiplicar as excepções da lei; e procura nos phenomenos e nas fórmas organicas outras maravilhas que não são as da successão regular, as d'um desinvolvimento interno e progressivo. Inclina-se continuamente a julgar interrompida a ordem da natureza, a desconhecer no presente a sua analogia com o passado, a proseguir á toa em suas ideas vans, a causa de suppostas perturbações, ora no interior do nosso globo, ora nos espaços do ceu

Os prazeres mais nobres dependem da exactidão e da profundidade das noções, da extensão do horisonte que se póde abranger d'uma so vez. Com a cultura da intelligencia tem augmentado, em todas as classes da sociedade, a necessidade de embellezar a vida augmentando tambem o volume d'ideas e os meios de as generalizar. O sentimento d'ésta necessidade prova d'este modo, e em refutação das accusações vagas feitas a este seculo em que vivemos, que não são so os interesses materiaes da vida que occupam os espiritos.

Alexandre de Humboldt.

O MAGNETISMO APPLICADO Á LOCOMOÇÃO NOS CARRIS-DE-FERRO.

486 Le-se o seguinte n'um jornal allemão:

« O doutor Whright, de Pettsburg, acaba de fazer uma applicação ingenhosa dos effeitos do magnetismo, que, se sahir bem na prática, deve ser de summa importancia.

« Sabe-se que foi necessario dar um pêso extraordinario ás locomotivas, não tanto para que as suas differentes partes possam fazer maior resistencia, e a machina posta em movimento adquira assim mais consideravel energia de fôrça; mas, principalmente, para procurar ás suas rodas sôbre os carris o grau d'adherencia conveniente para poderem vencer ainda as menores descidas.

« O doutor Whright propôz-se a alcançar este grau d'adherencia maior ou menor, variavel, segundo as circumstancias o exigissem, convertendo a peripheria das rodas motoras em imans poderosos, por meio do galvanismo. Segundo o inventor ésta applicação póde ser executada com grande simplicidade; e elle tem calculado que se póde dar a cada roda uma fôrça d'adherencia maiòr de seis arrobas, independente da que lhe der o pêso da machina. D'aqui resulta que certa fôrça, applicada á propulsão, será ainda muito mais efficaz porque terá menor pêso que mover e porque a tendencia do pêso para a descida não terá precisão de ser elevada a tamanho grau pela fôrça do vapor. »

A RAPARIGA-ELECTRICA.

487 Alguns jornaes de Lisboa teem publicado, traduzida dos jornaes francezes, a noticia d'uma rapariga de certa aldea de França que sería, segundo elles, dotada da propriedade da tarentula, repellindo tudo que lhe tocava. Esta mystificação é ainda mais grosseira que a da anthroposcopia.

Disse-se que quando ésta rapariga apresentou os primeiros phenomenos electricos, tudo andava em pancas em sua casa; as cadeiras, mesas etc. eram derrubadas e empurradas para longe pela fôrça do choque. O cura do logar, que a fôra benzer do espiritu mau, levou tam forte incontrão que elle e seus exorcismos foram lançados por terra: dois robustos camponezes que quizeram commetter a temeridade de a segurar, pagaram caro os seus esforços: parece que até a fôrça-armada soffrêra derrotas d'esta nova Joanna d'Arc, sentindo que as armas lhes eram arrebatadas por um podêr invisivel (Que soccorro para os polacos não seria ésta frànceza! De França não tinham elles que esperar outro...)

Como querque seja a rapariga veiu a Paris, e um medico de la parece que levou tambem seus incontrões, de que foi logo fazer queixa á academia das sciencias. A academia nomeou uma commissão de inquerito; mas ésta não póde inquerir nada porque feliz ou infelizmente cessaram os phenomenos; e Mademoiselle Angelica Cottin (era assim que se chamava a tal machina-electrica-animal, como tambem a intitulavam ja os francezes que acham logo um grande nome para as coisas) la volta para a sua terra, provavelmente a renovar os incontrões nos camponezes e no bom do seu cura, talvez em desforra d'alguma penitencia maior que este lhe desse.

PARTE LITTERARIA.

DA POESIA POPULAR EM PORTUGAL.

II.

Origens da poesia popular das nações modernas — Os trovadores de Provença, os trouvères de França e os Minnesingers de Allemanha. — Predomina em Portugal a eschola de Provença. *

488 Mas, tendo-se discorrido tanto sôbre uma, não se estudou ainda bastante a outra: é todavia n'essa poesia da edade media está a melhor explicação do estado da sociedade que a creou, d'essa pasmosa mistura de sentimentos fortes, e de associações religiosas, e de gallanteio metaphysico que revestia de uma fórma angelica, o objecto da adoração do poeta, e em seus olhos punha as estrellas em que o homem lia o seu destino, que abria o ceu aos amantes felizes e fazia os bosques e os prados testimunhas e participantes de sua alegria. Com que expressão de terno contentamento começa aquella gentil canção do trovador Arnaldo de Marveil

Oh! que doce abril respira
Quando maio ve chegar!
Pelas noites socegadas
Se escuta o doce cantar;
E nas frescas manhans puras
Brandas aves gorgeiar.
Tudo em tôrno alegre folga,
Tudo ri, tudo suspira:
Como heide eu conter no peito
Affectos que amor me inspira!

Que festivas alegrias não folgam n'essa outra canção do velho Minnesinger, o conde Conrado de

* Continuado do n.° antecedente.

Kirchberg quando, ao voltar de maio, chama pelas festivas choreias que saiam ao campo:

> Seus thesouros de alegria
> Todos maio derramou,
> Pelas seves que florecem,
> Pelas sombras que copou;
> Onde o rouxinol amante
> Em cada ramo que pende
> Em cada flor que recende
> Sua doce mellodia
> Faz soar pela espessura
> Vinde, maio é o mez d'amor
> Da belleza e da ternura
> Cantemos, vinde, cantaí-o
> Deus te salve lindo maio!

A coincidencia de tom entre a sociedade e a poesia do tempo observa-se tambem nas phantasticas instituições a que deu nascença a paixão reinante da gallantaria. Aprazia-se, diz outro escriptor moderno, a sociedade, nova ainda, em formalidades cerimoniosas, que então eram signal de civilização e que hoje matariam de infado: é o mesmo character que se acha na lingua provençal, na difficuldade e no inrevezado das suas rhymas, nas suas palavras masculinas e femininas para expressar o mesmo objecto, até no infinito número de seus poetas. Tudo o que era formalidade e alinhamento, coisa hoje tam insipida, tinha então toda a frescura e sabor da novidade.

N'este periodo e pelas causas appontadas se observa tambem o fundamento de uma das mais characteristicas distinucões que separam a poesia moderna da antiga, a que vulgarmente se diz romantica da que tambem vulgarmente se chama classica. Aquell'outra tinha um character essencialmente masculino a todos os respeitos; em seus mais ternos desaffogos a mulher somente apparece como subserviente aos caprichos e aos prazeres do *sexo mais nobre*. A nossa poesia, ao contrário, deve o mais de seus incantos ao suave character que lhe infundiu a differente posição da mulher na sociedade. Nos primeiros tempos este novo sentimento trasbordava extravagante e inculto; mas depois, abrandando e cultivando-se, veio a aquietar-se n'essas tranquillas pinturas de affeição social, de felicidade doméstica e de góso sereno de que pouco ou nada apparece na litteratura chamada classica.

A poesia dos trovadores ainda não foi imparcialmente avaliada nem siquer por aquelles (e poucos são) que a foram examinar nos seus originaes. Os mesmos que se extasiam com as rhymas de Petrarcha e de seus imitadores esses mesmos a tractaram de restos. Os Minnesingers d'Allemanha, contemporaneos dos trovadores apenas, se tanto, serão conhecidos de nome entre nós. De nossos vizinhos Castelhanos, Aragoneses e Gallegos ha muito que se apagou a memoria, ja tam querida e familiar á nossa gente. Aos nossos proprios cantores e juglares so ficou fiel a saudosa recordação do vulgo, da plebe que, de geração em geração, foi transmittindo, mas corrompendo tambem suas composições, delicias outr'ora de damas bellas e cortezãos cavalleiros, hoje intretenimento de alguma pobre velha d'aldêa que as canta ao serão aos esfarrapados netos.

O maior senão de todas éstas poesias primitivas é a sua uniformidade e monotonia. Responde a ésta accusação, por parte dos seus Minnesingers, o erudicto e elegante F. Schlegel: a defesa serve para todos.

A accusação de uniformidade, diz elle, parece-me singular: é o mesmo que desdenhar da primavera pela multidão de suas flores. Certo é que em muita especie de ornatos, elles agradam mais separados do que amontoados em massas. A propria Laura não era capaz de ler sem cansasso, e fastio, todos os seus louvores se lhe appresentassem de uma vez quantos versos lhe fez Petrarcha no decurso de sua vida. — A impressão de uniformidade nasce de vermos estes poemas reunidos em volumosas collecções que talvez não pensaram nem desejaram fazer seus auctores. Mas em verdade, não é so canções d'amor, todo o poema lyrico, se elle realmente fôr fiel á natureza e não pretender mais do que expressar sentimentos individuaes, hade circumscrever-se a muito estreitos limites tanto de sentir como de pensar. A prova e exemplo está nos mais altos generos de poesia lyrica de todos os povos. O sentimento hade occupar o primeiro logar para podêr expressar-se com poesia e fôrça: e onde o sentimento predomina, variedade e riquezas de pensamento são de impertancia muito secundaria. E comeffeito grandes variedades em poesia lyrica não se acham senão nas epochas de imitação em que se capricha de tractar toda a casta de assumptos em toda a sorte de fórmas.

Os trovadores do Sul da França foram decerto os primeiros inventores da nova arte e nova lingua poetica que em breve se diffundiu por toda a Europa e se popularizou de tal modo que o seu alaúde fez callar as harpas dos bardos theutonicos e quebrar a última desafinada corda da lyra romana. Da brutal idolatria do Norte, do profligado paganismo do meio-dia, a sociedade Europea corria para o spiritualismo christão. Exa-

gerados e falsos muitas vezes, os trovadores eram comtudo os poetas d'esse culto, os formuladores d'essa idea: d'aqui sua popularidade e supremacia.

De nenhum ponto na historia litteraria do mundo se fallou e escreveu mais do que d'este. E todavia os documentos necessarios para julgar do verdadeiro merito e character da poesia dos trovadores eram até ha pouco tam mesquinhos que justamente observou Schlegel: 'todo o mundo fallava dos trovadores e ninguem os conhecia.' Os criticos francezes, e Millot especialmente, occultaram com impenho os poucos originaes que tinham consultado, manifestamente para que ninguem podesse ajuizar da fidelidade de suas traducções e da justiça de seus conceitos.

Ginguené contentou-se com o trabalho que achou feito por Millot; rara vez se aventurou a traduzir por si, e algum fragmento original, que por accaso apresenta, não o escolheu com o fim de mostrar o talento, o stylo ou o gôsto da eschola poetica que examinava; foram tomados á sorte e appresentados como simples exemplos de linguagem e de fórma metrica: certamente não conheceu ou avaliou nem a fôrça nem a belleza d'aquella lingua que, se a não julgarmos, como intendeu Mr. Raynouard, continuada e revivente na lingua portugueza, se póde considerar uma lingua morta.

Sería absurdo e injusto assentar juizo sôbre os trabalhos d'um auctor que pouco ou nada leu das obras que se metteu a julgar, e que confessa, como este confessou, e Sismondi tambem, que nos manuscriptos em que se achavam as poesias dos trovadores não estava para as ir ler e se fiava descançadamente nos extractos e traducções de Millot.

Sismondi comtudo ja na segunda edição da sua obra é mais extenso, e mudou de tom a respeito dos trovadores porque tinha apparecido o primeiro volume dos trabalhos de Mr. Raynouard que por fim veiu esclarecer ésta tam obscurecida parte da historia litteraria.

Comeffeito Mr. Raynouard no seu *recueil des poèsies des troubadours* fixou o vago d'estes exames, reformou os antigos erros e suppriu as deficiencias de seus predecessores. Formou a gramatica da lingua, imprimiu correctamente os originaes e reuniu os principaes monumentos da lingua e da poesia provençal * com diligencia, gôsto e critica.

A. G.

* O primeiro conhecido d'estes poetas é Guilherme, nono conde de Poitiers nascido em 1070 e morto em 1126. O ellaborado de seu stylo e a symetria metrica de suas canções mostram claramente que muito antes se devia ter formado e cultivado a lingua para chegar a tal estado.

DO PARIATO. (1)

489 O poder material sempre se perdeu, o poder moral sempre veiu a ganhar o poder material. Nada matou tanto o estado ecclesiastico em Portugal, e em toda a christandade, como foi a depravação dos seus costumes. A Ord. aff. (L. 3. t. 15, n. 11.) fallando nos clerigos casados com mulheres virgens que podem ser citados em todo o feito civil perante juizes leigos, continúa, n.° 17: 'o creliguo carniceiro casado que publicamente mata guado no curral, e aquelle que o leva do curral ao açougue onde se haja de cortar, e aquelle que o cortar no açougue e bem assi o taverneiro que publicamente mediu vinho na taverna, ou o escança aos bebedores, e o rufião que pubricamente tem manceba na mancebia para a amparar e defender por o guainho elicito, que d'ella leva etc... n.° 18: 'Todo o creliguo jogral que tem por officio, e por elle supporta a maior parte da sua vida, ou publicamente tanger por preço que lhe dem em algumas festas que não são principalmente ecclesiasticas e serviço de Deus; e o tregeitador e qualquer outro que por dinheiro por si faz ajunctamento do povo e o goliardo que ha em costume almoçar, jantar, merendar ou bebes na taverna; e bem assim o bufano que por as praças da villa, ou lugar, traz almarco ou arqueta ao collo com tenda de marçaria para vender; taes como estes...' n.° 39: 'Se algum cleriguo é bigamo etc.'

Estes exemplos que eu tenho extrahido de um nosso velho monumento legislativo, mostram que não havia crime de que, ha cinco seculos, não julgassem capaz a milicia divina: os officios mais baixos, as circunstancias mais aviltantes, são todas exemplificadas para escarmento aos servos da casa de Deus. Mas não é so n'este codigo que assim se characterizam tam vilipendiosamente os sacerdotes da nossa rilegião: o respeitavel arcebispo de Braga D. R. da Cunha (na p. 2.ª, cap. 47 e 48, da sua Hist. d'aquelle arcebispado), diz que o arcebispo D. Lourenço se queixou cinco vezes ao papa contra os maus costumes do seu clero, tanto regular como secular, e contra o seu chantre por ter ferido muitos clerigos, morto a outros, e prendido um arcebispo que depois foi patriarcha d'Alexandria. Este mesmo arcebispo D. Lourenço foi victima da insubordinação de que se queixava, porque o depozeram os seus proprios. O *Elucidario* (verb.—mortulha) diz que os frades nas suas imposições aos particulares á hora da morte tractavam "totum de lana nihil de anima.' Os povos de Alcobaça não bradavam menos que os outros. A *Alcobaça illustr.* diz, que elles representavam ás côrtes contra as sevicias que soffriam dos monges, que os mettiam em prisões escuras, onde vinham a perder a vista e a vida tambem. Quando foi da batalha d'Aljubarota elles arguiram aos monges que lhe tinham ficado com todo o espolio que tinham tomado aos castelhanos.

Para se vêr bem quaes eram os costumes do clero basta lêr o seguinte verso de um epitaphio (na Cro. Con. Regr.)

(1) Continuado de pag. 428.

vilans incestus, actus, verboque facetus.

Ninguem se lembraria hoje de dizer de um finado que tinha virtudes porque evitava de ser incestuoso.

Eu não tenho outro nenhum empenho senão mostrar a verdade, imparcialmente, n'esta minha tarefa, por isso não posso deixar de refferir o que diz o *Conc. Trid.* a respeito da reform. do clero (sess. 2.ª, a d. 1546.) 'Os bispos á uma tenham sobriedade e moderação nas comidas... alli a miudo se costumam fallar palavras ôcas... advirtam os seus familiares para que não sejam rixosos, avinhados, impudicos, *agiotas*, altanados, blasphemos, e barregões.' Seguem-se a esta admoestação, novas recommendações que se não fariam actualmente ao leigo mais dissoluto.

Com padrões taes diante de si, os nossos reis pouco por sua parte se embaraçavam com a pureza do nosso culto. El-rei D. Fernando, foi fazer suas avenças com el-rei de Granada, o que, para aquelle tempo, não podia ser maior immoralidade. Dava assim aso a prolongar-se o captiveiro da nossa especie. El-rei D. Diniz, attendendo ao unico freio que então havia contra a barbaria, que era a fidelidade aos preceitos exteriores da religião, deixou passar meio seculo primeiro que cumprisse os legados pios de seu pae. Esta falta hoje, ás cinzas paternaes, seria considerada como um torpissimo desacato.

Será util e conveniente vêr, se podemos aqui formar um estado comparativo dos bens ecclesiasticos de Portugal com os da França, antes de fecharmos com ésta parte do nosso assumpto. No tempo da revolução quando se supprimiu a bolsa privativa á igreja, eram os conventos 2.677 de todas as ordens. As rendas do clero secular reputaram-se em 11.200 contos annuaes, as do regular em 1.600 dito, e os dizimos em 11,200 dito. A *Encyclopedia* (verb. 'Intéret', p. 644.) reputa a importancia d'estes ter sido 13.780 contos, e n'aquella data ser de 32,000 contos. Pensionaram-se 115,000 individuos com a profanação da clausura, posto que se considerasse haverem 400.000 pessoas de um e outro sexo dedicadas á vida mystica. Tinha a França n'aquelle tempo (1791) 26.363.074 almas, e sua receita publica era (1789) 84.960 contos, a sua area 213.838 milhas quadradas inglezas. Actualmente compõe-se o seu sacerdocio de 53.000 funccionarios, que custam ao thesouro 5.600 contos. Comparando o que precede com o que ha de similhante em Portugal temos, por uma conta publicada pelo governo, que foram 483 os conventos supprimidos em 1834, distribuidos, n'umas terras a 47 (Lisboa) n'outras a 26 (Coimbra) 14 em Evora, 13 no Porto, 10 em Santarem, 9 em Setubal, 8 em Braga, 7 em Vianna, 6 em Guimarães, e muitas outras povoações a 3, 4 e 5, cada uma. As rendas ecclesiasticas, segundo os seguintes lançamentos, feitos no anno de 1821 pela Junta dos Juros, a saber:

Decima ecclesiastica, réis. . . .	155:067$195
« commendas.	61:002$591
	216:069$786
Commendas vagas.	4:636$865
Imposto ecclesiastico	192$060
	220:898$711

talvez se possam computar, multiplicando ésta somma por vinte vezes em logar de dez, porque todos sabem quanto eram de inexactos estes lançamentos, montarem a 4.400 contos annuaes. Os dizimos calculados conforme é possivel, porque sobre coisa alguma temos tido a curiosidade de archivar algarismos, póde ser que montassem a outros 2,500 contos annuaes. Eu sei que se tem dito coisas excessivas sôbre este rendimento, e ha quem o figurasse até em 8.000 contos. Todos os raciocinios, se devemos acreditar nas resenhas que se mandaram fazer de 1827 a 1831 pelo thesouro, e que n'aquella estação tiveram a condescencia de me deixar ver, são em grande diminuição de similhante exageração, e estou persuadido que nem os 2500 contos se cobravam ja por fim antes da sua extincção. Se a éstas duas parcellas de 4.400 contos e de 2,500 contos, ajunctâmos uns 200 contos mais que poderiam sahir do erario para o prestimonio espiritual, teremos o computo total dos rendimentos ecclesiasticos sommando 7,100 contos.

Agora vamos ao pessoal. Este pelo que toca ás religiões, talvez se possa calcular, para poderem existir em 1841, conforme um mappa do thesouro, 2.703 egressos e 193 religiosas, serem, para o principio do seculo, passando para lá da guerra da independencia, uns 8.700 individuos, ou 18 individuos por cada casa religiosa: deducção ésta que se não póde considerar excessiva. A conta para a estimativa em que me fundo para este resultado é ésta. Calcúlo primeiro que aquellas 2.703 e mais 193 pessoas, podiam ter em 1841 idade media, 50 annos, e que segundo éstas pessoas são as remanescentes de todas as que entraram para as religiões aos 18 annos; mas sendo admittidas n'ésta idade, não podem ter sido admittidas se existirem segundo as regras do decrescimento da vida, menos de 8700 pessoas em 1800, para haverem 2,703 e mais 193 em 1841, que tenham umas por outras cincoenta annos de idade.

Dito o que me é possivel conjecturar sobre o clero regular, o secular, computando que existissem 4.000 freguezias no reino no principio do seculo, e que umas por outras occupassem 3 pessoas, teremos 12.000 pessoas para todas ellas. Este numero juncto ao primeiro, teremos que o pessoal ecclesiastico do nosso reino seria para o principio d'este seculo, de umas 20,000 pessoas.

Em quanto á população do reino, se ella era computada em 1820 em 2,961.930 almas, para 1800, póde-se taxar sem erro grave, em 2,700.000 almas. A nossa receita pública, durante os primeiros vinte annos d'este seculo, póde-se inferir andar por uns 7,500 contos. A nossa area territorial segundo os ultimos calculos do sr. Franzini, são umas 27.000 milhas quadradas. Pelo que toca ao nosso sacerdocio na actualidade, supponho continuar a ter os 12.000 individuos supra calculados, e custar a sua manutenção pelas congruas 640 contos e mais 100 pelo thesouro e mais outros 400 contos de pé d'altar, etc.

Feito e inventario a uma e outra nação sobre o objecte de que estamos tractando poderemos estabelecer algumas comparações. A primeira é que havia um convento em França por 9,847 individuos, em quanto que em Portugal era uma por cada 5.590. A sua disposição territorial era de um convento por cada 83 milhas quadradas em França, e de 55 ditas em Portugal.

Em quanto a receita para o thesouro publico, era de 3$267 rs. por alma em França, e em Portugal de 2$677 rs., carregava por sua parte, cada ecclesiastico sôbre a população, em França na razão de 923 rs. e em Portugal na de 2$628 rs. Havia uma pessoa religiosa por cada 66 em França e uma por cada 1,300 em Portugal. Eu aqui confesso que hesito muito, e fico convencido que ou em França a conta se exaggerou para fins sinistros, ou em para Portugal tenho contado muito de menos o numero do nosso clero de uma e outra vocação. Seja como fôr, a receita para cada um dos ecclesiasticos francezes não sahia a mais de 60$000 rs. em quanto cada um dos nossos vinha a ter 355$000 rs. Esta estatistica podia-se ampliar consideravelmente mas a occasião não é a propria, porque não se tracta d'esse assumpto aqui.

(Continúa.) *C. A. da Costa.*

BIBLIOGRAPHIA.

NOMENCLATURA CHIMICA FRANCEZA, SUECA, ALEMAN E SYNONYMIA. Escripta em francez por *Julio Garnier*, e vertida em linguagem por *J. P. Reis*, *medico pela Universidade de Coimbra*, *lente de clinica medica e medicina legal na Eschola medico-cirurgica do Porto*. — Porto: Typographia da *Revista* — 1845. 1 vol. em 8.º de 103 pag.

490 Ja são muitos e valiosos os serviços que ás sciencias tem prestado o Sr. Pereira Reis, porem com a publicação em linguagem do opusculo annunciado, fez-lhes, indubitavelmente, um dos mais importantes.

O Sr. Dr. Thomé Rodrigues Sobral, porventura o maior chimico que tem produzido Portugal, publicou uma *Nomenclatura chimica*; mas posta obra de merito mui distincta na epocha em que se imprimiu, hoje não tem quasi nenhum.

E' geralmente sabido, que nas sciencias de observação ha variações successivas no espirito de sua nomenclatura, a qual devendo offerecer sempre um quadro fiel dos nossos conhecimentos, tem de ser modificada continuamente, e tantas mais vezes quanto mais numerosos e efficazes forem os trabalhos dos experimentadores ou observadores.

E' por esta razão que desmereceu a obra do Sr. Dr. Thomé, e pela mesma a *chimica ensinada em vinte e seis lições* por M. Payen, vertida em portuguez pelo Sr. Visconde de Villarinho de San'Romão, o *curso de chimica* pelo Sr. Mousinho d'Albuquerque, etc. sendo obras de muita utilidade sob o respeito da doutrina que n'ellas se expoem, perdem tambem muito d'esta utilidade, quando, á luz da critica, se considera a linguagem propria e privativa da sciencia.

Podêmos pois dizer, ainda mal, com toda a verdade, que não possuimos uma Nomenclatura Chimica *portugueza*, e na impossibilidade de a crear propria e nacional, é de altissima conveniencia que a linguagem scientifica franceza, geralmente adoptada nas escholas, seja ao menos, afferida por *um unico padrão nacional*, para se não ouvir designar a mesma substancia com differentes appellidos, segundo os diversos caprichos dos traductores.

E' este padrão que offerece o Sr. Pereira Reis, e embora se não reconheça auctorização para o apresentar é elle de tam evidente necessidade, e ao mesmo tempo tam singularmente *portuguez*, que, em nossa humilde opinião, não só o reputâmos muito para seguir, mas até para ser decretado. Adoptado quasi na sua generalidade o era elle ja pela faculdade de philosophia da Universidade de Coimbra, ao tempo que n'ella estudavamos chimica, e este venerando exemplo cremos será seguido pelas demais escholas do reino.

Em verdade ja é tempo de acabar tam vergonhosa anarchia na escripta e pronuncia dos termos chimicos; repugna ao simples bom senso, á indole da lingua, e ás conhecidas fórmas de compôr, e derivar essa algaravia miseravel, em que homens, alias doutos, fallam, sem se saber se é portuguez, se francez.

Leia-se o opusculo do Sr. Pereira Reis, medite-se com a devida consideração, e n'elle se apprenderá a fugir aos barbarismos e sollicismos, que por ahi se encontram escriptos e publicamente professados.

Alpedrinha 8 de março. *R. de Gusmão.*

ASSOCIAÇÕES-LITTERARIAS.

CONSERVATORIO-REAL DE LISBOA.

491 A sessão da noite de 20 do corrente foi interessante e accalorada como se esperava. O parecer da commissão de musica, regeitando as symphonias que vieram a concurso, foi largamente debatido. Afinal posto á votação ficou approvado. A votação foi nominal. Todos os membros, presentes, da secção de musica votaram por elle; a maior parte dos membros das secções de litteratura abstiveram-se de votar. Resolveu-se que o parecer da commissão, sufficientemente motivado, se fizesse publico pela imprensa.

Em seguida outra questão importante occupou longo tempo a assemblêa. Pediu-se a impressão dos pareceres parciaes sôbre as peças regeitadas que tinham vindo a concurso, e foi vencido que se publicassem.

O numero dos espectadores foi consideravel. A sessão durou mais de quatro horas.

GREMIO LITTERARIO.

492 Esta associação, de que talvez fallarei mais d'espaço, teve a sua primeira reunião na noite de 13 do corrente. Presidiu o Sr. R. da Fonseca Magalhães. Foi nomeada uma commissão para organizar os estatutos e leram-se varias propostas.

As seguintes são as seis primeiras e principaes bases d'esta nova instituição:

COMPOSIÇÃO.

1.ª O Gremio compõe-se de individuos de reconhecido merito litterario, e moral.

OBJECTO.

2.ª Leitura, reuniões livres, e reuniões regulares; e as occupações scientificas, e litterarias, que para o futuro julgar convenientes.

ESTABELECIMENTOS.

3.ª Bibliotheca, sala de leitura, sala das reuniões; para o futuro collecções scienticas.

§ unico. Não se excluem os estabelecimentos — não puramente scientificos — uma vez que não prejudiquem os de instrucção, que existam com expresso consentimento do gremio; e que sejam mantidos por subscripção voluntaria para uso de todos os socios, ou sómente dos subscriptores.

REUNIÕES.

4.ª Os socios podem sempre concorrer aos estabelecimentos do gremio.

5.ª As reuniões ordinarias terão logar uma vez por semana; d'estas a primeira de cada mez é considerada *reunião especial*.

§ unico. Estas reuniões não são subordinadas a formula alguma parlamentar.

6.ª Sempre que não haja inconveniente, reservar-se-hão para estas reuniões as conferencias sobre assumptos de maior importancia, e a leitura de trabalhos litterarios e scientificos dos socios.

THEATRO DE SAN'CARLOS.

492 Emeth — Baile-mimico em 6 quadros. Apollo, Venus e as nove Musas — bailado.

—

Como ja tenho tido occasião de dizer aos leitores da Revista, o Sr. Martin é um excellente bailarino e ainda um optimo mestre de dança, e com muito bom gosto na organização dos seus bailados e invenção dos grupos; mas não se segue d'aqui que seja um bom coregrapho. A sua *Palmina* tinha pouca origiualidade, e o desenho era aguarentado e falto d'interesse; Emeth é uma irman de *Palmina*, parece-se com ella e com suas irmans mais velhas, *Silphide*, *Gisella* etc.; tem as feições d'ellas, a mesma cor e character.

O 3.º quadro é em tudo o melhor d'esta composição; o bailado é apparatoso com graça, os grupos de lindo effeito, e admiravel o pas-de-deux do Sr. Martin e sua esposa. A Sr.ª Zimmann póde-se dizer que em cada passo alcança um triumpho, cada vez que dança merece uma coroa.

Na parte de *costumes* creio ser este o espectaculo que mais completo se tem ultimamente dado em San'Carlos. É verdade que tambem as fontes são bastantes e perfeitas; mas não se faltou a nada do que ellas indicam: os trajos, os emblemas, as insignias etc., são, além de exactos como digo, d'um bellissimo effeito.

A pintura, distingue-se no 2.º e no 3.º quadro; bem quizera dizer que tambem no último; mas não me leva para ahi o meu gôsto. O que é na verdade de lastimar é que a par d'estas brilhantes vistas se veja a do 4.º quadro, que lhe é tam inferior! e as nuvens do 5.º e outros accessorios, que fazem repugnante contraste com aquelloutras!

A musica é do Sr. Pinto, o unico de nossos professores que se póde dizer incansavel em produzir; sempre bem e ás vezes excellentemente. Não direi que foi ésta uma d'ellas; sim parece a sua orchestração trabalhada com esmero, mas os *subjeitos* são talvez pouco felizes e fecundos. O Sr. Pinto introduziu convenientemente na sua composição um trecho da ode-symphonia de F. David; poderia se quizesse ter-lhe introduzido muitos outros d'esta musica singular que igualmente se lhe adaptavam. É esta uma obra que tem feito a volta da Europa, e em Lisboa ainda se não ouviu! As nossas philharmonicas que nos gastam a paciencia e o dinheiro a repetir-nos o que temos ouvido no theatro, excellentemente executado, cumpririam muito melhor a sua missão fazendo-nos admirar estas composições academicas, que tam apropriadas lhes são, e que é vergonha nós não conhecermos senão pelo nome.

Hontem (23) em beneficio da Sr.ª Zimmann tivemos um lindo bailado, *Apollo, Venus e as nove Musas* que o público applaudiu muito. As 2.ªˢ bailarinas foi essa a vez primeira que tiveram a honra de ser chamadas fóra, e com profiosa insistencia. Foi justiça. Comtudo, até aqui não se lhe faltou a ésta, porque ellas so agora é que dançam...

—

THEATRO-ITALIANO.

IV.

493 Eu vou talvez n'este ou no seguinte artigo, suspender éstas minhas observações sôbre o theatro-italiano, assim como suspendi por agora as do theatro-nacional. E os leitores não hãode decerto levar a mal ésta suspensão na occasião mais crítica d'ellas. Hão-de ser continuadas, mas *em tempo*. As do theatro-nacional não as contiuúo eu agora, porque não quereria ficar com escrupulos — e então em tempo de quaresma! — de que a minha debil voz podesse d'algum modo contribuir para empecer a sua organisação pendente. Eu lisongeio-me ao contrário, de ver adoptada no estabelecimento d'este theatro a idea-mãi da sua organização como a expendi nas columnas d'este jornal; e não posso deixar de felicitar o paiz por haver ja alguma coisa de definido e um princípio de legislação theatral; coisa de grande necessidade no estado da sociedade, como ella está hoje, e que era vergonha não termos. Ja é alguma coisa. O tempo e a experiencia ensinará o resto, e como ha, realmente, a boa-vontade, muito confio d'ella para se aperfeiçoar o que não podia ter perfeição sem que primeiro tivesse existencia.

Pelo que respeita ao theatro-italiano, os dois ou tres artigos que me restariam para concluir o assumpto, segundo o plano que formei, não é agora occasião propria de os publicar: na proxima estação theatral, opportunamente pagarei a divida em que fico aos meus leitores; por agora quero dar-lhes conhecimento do pessoal d'este vasto estabelecimento, e do calculo da sua despesa e receita. São coisas que em nossa terra o público nunca soube. Advirto que não vi os livros da empresa, nem me refiro a ésta nem a nenhuma: é um orçamento rasoavel, que ja terá tido occasiões de ter sido mais avultado ou menos dispendioso.

O theatro-italiano occupa um pessoal de mais de trezentas e trinta pessoas, assim classificadas:

Artistas de canto (primeiras e segundas partes)	12
Coristas	30
Mestre de musica	1
Ensaiador dos coros	1
Ponto	1
Artistas de dança (primeiros bailarinos, mimicos etc.)	10
Corpo de baile	36
Orchestra	54
Banda-militar	18
Copistas	3
Pintores e ajudantes	5
Alfaiate e seus officiaes d'ambos os sexos, gente de vestir etc.	37
Aderecistas e seus operarios	7
Machinistas, carpinteiros e gente do movimento	93
Contra-regra, Escripturario, Avisador, etc.	6
Serviço d'illuminação	19
Camaroteiro, Bilheteiro e porteiro da casa	3
Fiel da casa	1
Porteiros e criados	20
Comparsas (umas noites por outras)	40
Total	329

e além d'estas outras muitas pessoas que fazem diversos serviços eventuaes.

A despeza, calculando sôbre seis mezes d'exercicio, póde ser orçada do seguinte modo:

Artistas de canto	14:200$000
Coristas	1:400$000
Mestre de musica	300$000

Ensaiador dos coros	200$000
Ponto	150$000
Artistas de dança	5:100$000
Corpo de baile	4:500$000
Orchestra (1)	6:000$000
Banda-militar	500$000
Copistas	100$000
Pintura	800$000
Guarda-roupa, adereços e machinismo	6:000$000
Escripturarios, contraregra, avisador etc.	300$000
Illuminação	4:000$000
Camaroteiro etc.	180$000
Fiel da casa	160$000
Porteiros e criados	200$000
Comparsas	480$000
Imprensa, sege, e despezas imprevistas (não contando com despezas geraes que estão comprehendidas nas differentes verbas)	800$000
Somma	45:470$000

Eu quero mesmo que ésta verba chegue aos réis 50:000$000, attendendo aos emolumentos e viagens dos artistas, ao ordenado d'um director, se se julgar necessario, do poeta, e mesmo a alguma despeza maior com peça que demande maior apparato, etc.

A receita provavel é a seguinte:

Subsidio do thesoiro	24:000$000
Renda dos botequins	300$000
Cem recitas, calculadas na razão de 260$000 réis por noite, o que pouco mais é que um terço de casa; cálculo muito diminuto porque com os espectaculos novos podem muito bem haver de vinte a trinta enchentes sendo elles bons, o que daria na totalidade das cem recitas quasi a metade das casas (medio) (2)	26:000$000
Somma	50:300$000

Eu precisaría talvez desinvolver a razão de certas verbas que lanço em despeza; mas n'esta occasião não se exige tanto; bastará saber-se que tenho os melhores dados para calcular n'este sentido. Ora, ja se vê, que mesmo fazendo uma despesa bastante razoavel, e muito sufficiente para o theatro estar bem servido, a menos que a casa não esteja, como se diz, ás moscas, o que não acontecerá nunca com uma boa companhia, não ha esse prejuizo que se apregoa. Mas eu quereria mais; desejaria mesmo ver o theatro no caminho do esplendor; desejaria ver em Lisboa artistas da primeira ordem; e estimaria tambem que os empresarios ganhassem, não só por ser de justiça que quem arrisca o seu dinheiro tire d'elle interesse; mas tambem porque sería essa a mais segura garantia do público ser bem servido. É por isso que eu pedia que se entregasse ás empresas o edificio do theatro livre de nenhum onus, e até que, se fosse possivel, se augmentasse um pouco o subsidio.

Demonstrarei, em quanto a mim concludentemente, que o subsidio adjudicado ao theatro-italiano, até uma certa somma, de nenhum modo grava o thesoiro como á primeira vista parece, e como os habitantes das provincias se lamentam, queixando-se de que pague o reino todo em proveito singular d'uma unica terra.

O subsidio do thesoiro reverte para lá de mil modos differentes. Mencionarei as verbas directas que pesam sôbre o theatro a favor do Estado. Eu julgo que ésta questão é tanto mais util de tractar quanto é agora a occasião de se discutir o orçamento em Côrtes. As verbas a que me refiro são as seguintes:

Decimas do aluguer do edificio.

Decimas e impostos de toda a natureza, direitos de consummo etc. pagos por mais de trezentas familias que vivem do theatro.

Despachos, direitos, emolumentos etc. do desembarque dos artistas e suas bagagens, passaportes, bilhetes de residencia etc.

Direitos d'alfandega sôbre quatro a cinco contos de fazendas e outros objectos consummidos pela guarda-roupa e adereços.

Direitos (assaz pesados) sôbre as substancias que produzem as tintas para pintura de scenario etc.

Direitos de consummo sôbre quatrocentos a quinhentos almudes d'azeite para a illuminação.

Sello dos cartazes, 2$880 réis em cada representação, quasi 300$000 réis na totalidade.

Se o theatro se fechasse cessariam por consequencia éstas verbas de receita para o thesoiro. Mas não contêmos só o producto directo que o theatro dá ao Estado, tomemos tambem em consideração o movimento de circulação de que elle é causa, o impulso que dá ao commercio d'objectos de luxo, as despezas a que obriga os frequentadores, e a sua influencia benefica sôbre um sem número de pequenas industrias. Bem se vê que de proposito não quero tractar da parte moral d'este assumpto, nem recorrer ás necessidades públicas e politicas de sustentar n'uma capital certos divertimentos e esplendor que lhe devem ser como identificados.

Para não alongar muito este artigo ainda farei outro proximamente, e tractarei n'elle do prejuizo geral resultante do theatro estar aberto só seis mezes no anno; do material do theatro, illuminação, guarda-roupa, e preços d'entrada. N'algumas considerações geraes veremos tambem como o theatro poderia ser contractado pelo governo com as empresas de Madrid, Londres ou Vienna, no caso de trabalhar só seis mezes no anno. Ja houve tempo que o govêrno costeou o theatro por sua conta com uma administração particular: talvez tracte tambem d'este modo de gerencia, e porventura da conveniencia de nossas provincias em que, acabada a estação theatral de Lisboa, e retiradas para outros theatros da Européa as primeiras partes mais eminentes, se fizesse por quatro ou cinco mezes uma excursão pelas provincias com o resto da companhia. Muita coisa se podia entre nós fazer que se não faz, o ram-ram não acaba nunca em Portugal!

(1) Actualmente a orchestra tem menos musicos e faz mais despeza. E' ésta uma verba que demanda remedio efficaz.

(2) Não será inutil dizer aqui um facto de que tive conhecimento. As oitenta e quatro noites em que cantou a Rossi, nos oito mezes de outubro de 1843 a maio de 1844, com a assignatura, subsidio proporcionalmente repartido e entrada de porta, produziram quasi quarenta e tres contos. E' o que resulta havendo bons artistas, porque o gôsto do publico está pronunciado.

CORREIO EXTRANGEIRO.

O rendimento geral dos carris-de-ferro na Belgica em 1845 foi de cinco milhões de cruzados, quasi duzentos contos mais que no anno de 1844.

Um decreto de emperador da Turquia prohibiu a todos os empregados publicos que accejtassem qualquer presente de qualquer especie que fosse.

Todas as notabilidades politicas e commerciaes do Egypto teem affluido ao Cairo para assistirem ao casamento do filho do vice rei. Avaliam-se as despesas d'estas festas magnificas na somma inacreditavel de quasi sette milhões de cruzados!

Chegou a Dublin um navio carregado de batatas vindo de Napoles. Estas batatas eram bellissimas e perfeitamente sans; a colheita d'ellas parece ter sido abundantissima em toda a Italia. O governo inglez mandou comprar nos Estados Unidos consideravel porção de cereaes destinados para a Irlanda. Assim mesmo receia-se fome n'este paiz la para o mez de maio.

E curioso de saber o interesse que se liga na Inglaterra ás discussões do parlamento, e como é feito n'aquelle paiz admiravel o serviço dos jornaes. Eu tomo o exemplo nos debates da recente reforma economico-financeira. Eram 3 horas da noite quando se votou na casa dos communs sôbre as propostas de Peel: ás $3\frac{1}{4}$ foi proclamada a votação: um *expresso a* cavallo a communicou ao escriptorio do *Sun* vinte e cinco minutos depois sabia este jornal com a sessão *por extenso*. As sette horas menos um quarto da manhan era o *Sun* distribuido em Bristol, depois de ter atravessado pelos carris-de-ferro toda a largura da Inglaterra. Não ha precedente de tammanha actividade!

O theatro-italiano de Londres, riccamente restaurado e ornado de pinturas magnificas, abriu a sua estação do corrente anno com o *Nabucho*, cujo nome apparece mudado no de *Nino*. Os baixos Fornazari e Botelli, bem conhecidos em Lisboa, foram muito applaudidos n'esta excellente opera.

CORREIO NACIONAL.

495 Entrou hontem (24) a barra o brigue-escuna *Eligia*, vindo de San'Miguel: não havendo noticias ha tres mezes d'aquella ilha, é de lamentar que a administração geral do Correio de Lisboa esteja tão mal organisada; que hoje 25 ás 6 horas da tarde ainda a mala não tivesse chegado ao Correio, e a todos falta a correspondencia, ignorando-se se ainda ámanhã poderá ser recebida; porque sendo a cauzal dada para a mala não ter vindo de Belem em todo o dia 25; a sua grandeza, não sendo provavel que ella diminua, não é possivel tambem calcular quando chegará a Lisboa, e portanto quando terá logar a distribuição das cartas. Julgâmos conveniente noticiar este facto extraordinario ao publico, pois esperâmos colhêr d'elle, que o exm.º administrador geral do Correio providenciará; para que de futuro não torne a acontecer.

Parece que se tracta, finalmente, de realizar em Lisboa a illuminação a gaz. Ouvimos que com a despeza que se faz actualmente com a illuminação se poderão quintuplicar as luzes sendo feita a gaz.

Acha-se em fim organizada a companhia do theatro-nacional: a Sr.ª Emilia foi escripturada, e a sociedade d'actores está de posse do theatro de D. Maria II. Deus os ajude e lhes dê juizo! Dizem que a ultima recita do theatro dos Condes será no dia 1.º d'abril e em beneficio do Sr. Sargedas.

Ouvîmos que o segundo espectaculo no theatro-nacional será a *Sobrinha do marquez*, comedia em tres actos pelo Sr. Garrett, e que ja está em estudo. Tambem se diz que outra comedia, o *Geraldo Sem-pavor*, do Sr. Cascaes, será dada na segunda noite de representação depois do drama. Parece que na primeira noite o espectaculo será unicamente o *Magriço*.

Ensaia-se no theatro de San'Carlos a *Elonora*, opera semi-seria de Mercadante. É nem mais nem menos o melodrama, *Os mortos andam de pressa*, que alguns dos nossos leitores terão visto ultimamente no theatro da rua-dos-Condes. Gaba-se muito a musica, que dizem haver feito em Napoles grande *furore*.

Achou-se ao pe de Chaves uma medalha d'Augusto Cesar, representado na idade de 40 a 50 annos. No reverso ve-se a bandeira romana com as lettras S. P. Q. R. nos angulos, e a inscripção *clarissimo viro*. Na circunferencia da medalha le-se: *signis receptis*.

Parece que M. P. Laribeau e a sua companhia d'equitação deve chegar a Lisboa nos principios d'abril. O circo tornará a ser estabelecido, e a companhia Laribeau dará ainda em Lisboa certo numero de representações. Parabens aos admiradores da incantadora Sylphide!

O Sr. E. Doux tendo encontrado difficuldades, segundo se diz, na concessão da licença para estabelecer um theatro novo, concebeu o projecto de se transportar para o theatro de San'João da cidade do Porto, sendo-lhe adjudicado por inteiro o subsidio d'aquelle theatro, ainda mesmo com a obrigação de dar theatro-italiano. Parece porém que o Sr. Doux tem encontrado embaraços n'este seu projecto, até mesmo d'uma parte da sua companhia.

Está organizada em Damão (India-portugueza) uma companhia para a cultura do amphião e tabaco.

As noticias do archipelago de Cabo-Verde são satisfatorias. Parece que a epidemia tinha cessado na ilha da Boa-vista, e que não fôra tam assoladora como a principio se receiara. Ainda porém não ha nada official a este respeito.

No dia 22 entrou o paquete d'Inglaterra com noticias de Londres até 17 do corrente. Os fundos portuguezes ficavam a 57. As noticias são unicamente d'interesse politico.

Em Sofala (Africa-portugueza) organizou-se uma companhia para a exploração das minas d'ouro d'aquelle districto.

CONHECIMENTOS UTEIS.

CONSÊLHOS D'AGRICULTURA, MANUFACTURAS E COMMERCIO.

496 O assumpto sôbre que hoje chamo a attenção dos leitores, é um d'aquelles que merece largamente tractado e desinvolvido. Eu não posso mais de que suscitar a sua importancia. Quem tem a seu cargo um jornal hebdomadario da extensão e universalidade da REVISTA, e consequentemente que está na obrigação d'escrever incessante e em mui diversas materias, não póde decerto estudar e tractar uma so exclusivamente. Que ésta consideração me valha para merecer a indulgencia dos leitores em todas as minhas faltas.

Os conselhos d'agricultura, manufacturas e commercio; são instituições hoje indispensaveis no estado economico das nações. E se elles são indispensaveis nos outros paizes, que tem certa organização industrial, economico-financeira, ainda mais o são entre nós, que estamos n'este ponto em distancia tam consideravel dos outros povos!

É uma desgraçada verdade que em Portugal não ha amor de classes; ao contrário, ha muitas vezes a *guerra das classes*. Os *guelfos e ghibelinos* da agricultura, principalmente, gladiam-se a maior parte das vezes em prejuizo commum e publico. No Ribatejo, por exemplo, o lavrador não so se não soccorre mutuamente, mas até muitas vezes, se póde, não faz escrupulo em promover o estrago da propriedade do vizinho. Isto é tanto assim, que uma boa parte da nossa legislação especial tracta de prevenir, mui seriamente, os damnos que os vizinhos ruraes se podem fazer entre si. Eu não sei se isto é de character nacional; mas o que é verdade é que uma das bençãos dos nossos antigos, a quem lhes fazia bem, era 'Deus o livre de mau vizinho do pé da porta!'

Como quer que seja, o facto existe, e por todos os modos demanda remedio. Ultimamente a creação d'algumas companhias fabrís, a das obras-publicas, certa affluencia de capitaes para empresas industriaes, dão esperanças d'uma tal ou qual organização economica do nosso paiz. Ésta porém não póde ser levada a effeito sem a acção governativa. Em nenhuma parte o seria; entre nós é impossivel, sem isso, nem siquer imprehender-se. Não é verdade que n'um paiz, mormente governado pelo systema representativo, seja exclusiva dos governos a felicidade pública: dos povos dependem em grande parte, no *todo* quasi, os ensaios para estabelecimento do seu bem-estar; cumpre aos governos auxilial-os, dirigil-os, e promovel os onde este impulso fôr necessario que venha d'elle. Nós estamos por ora n'este último caso; e estamos assim por um sem número de motivos, dos quaes não é o menor a falta d'illustração das nossas classes agricolas, manufactoras e commerciaes.

Se o governo quer deveras, como eu creio que todo o governo quer, a felicidade pública, deve primeiro que tudo tractar dos meios de a promover. Não ha organização de finanças possivel sem uma previa organização economica. Os rendimentos do Estado não se produzem so repartindo contribuições com melhor ou peior systema; mas sim facilitando aos contribuintes os meios de as pagar. Um contribuinte agricultor paga a decima das suas propriedades, os direitos dos generos que ellas produzem, o transito d'elles, a exportação, e os impostos especiaes de cada genero: paga ainda subsidio-litterario, real d'agua, novos impostos, imposto das estradas, da carne para o municipio, congrua do parocho etc. Ora, que chamem a uma parte d'estes onus: decima de repartição — predial, pessoal ou de maneio — ou lhe deixem os mesmos nomes, será isso coisa muito de ventilar e de preferir para a regularidade e boa ordem da sua cobrança; mas para o pobre contribuinte reduz-se tudo a ter ou não os meios de a satisfazer. É o *to be or not to be* de Shakspeare applicado ás finanças.

Ás vezes vem-me receios de que o estado de desorganização economica em que nos achâmos não acabe nunca. Parece que este estado provisorio, instavel, desgraçado, em que vegetâmos, tem de ser definitivo, permanente, como condição da nossa existencia politica! Um senhorio que não tem recursos para concertar desde os alicerces a sua propriedade que se arruina, vai pondo espeques ás paredes, remendando os sobrados, aliviando o telhado, e sobretudo rebocando muito e pintando o exterior... Oxalá que seja ésta uma vaga declamação que se não possa applicar ao Estado, mas por Deus! quem será tam prespicaz que veja a menor sombra de um systema de governo geral e completo no que respeita á economia nacional? O mal está na base. Hoje faz se uma coisa, amanhan addia-se outra, algumas não se tractam nunca... Como querem que de providencias circumscriptas, sem extensão de vistas, isoladas, sem um pensamento primevo, derivem bens ao paiz? Hoje são as pautas, amanhan os tractados de commercio, n'outro dia as estradas, depois os foraes, que não acabam nunca, o conselho d'Estado, as contribuições; uma vez a companhia do Doiro, outra a dos vinhos da Extremaduras; ora a navegação do Douro, ora a do Tejo; e nada se completa, e nos intervallos d'umas a outras d'estas coisas, esquecem, não se tractam ou addiam-se, os assumptos que com ellas prendem; e por fim tudo se deixa no ar sem um systema d'organização que lhes sirva de base!

Que quer dizer, por exemplo, um addiamento sôbre a questão dos vinhos brancos do Douro? Póde o commercio, póde o paiz com éstas incertezas, com este estado vacillante e provisorio da nossa industria? E o tempo perdido com uma discussão infructosa, juncto ao que levará novamente quando essa questão tornar a ser tractada, que poderia ser applicado n'outras iguaes discussões d'interesse público? Este modo de protrahir as questões, sem lhes dar solução, será uma bonita estrategia parlamentar, mas o que não é decerto, é uma marcha conveniente dos negocios publicos.

As reformas economicas agitam hoje todos os paizes. Na Inglaterra não ha dúvida de que ella se levará a effeito, e na França ha tambem fortes symptomas de similhante questão. Estes movimentos tocam mui de perto o nosso commercio, podem influir poderosamente na nossa industria manufactora e agricula. Quasi todas as coisas tem o seu resultado segundo os bons ou maus principios d'ellas. Se deixâmos perder a occasião, se nos não prepararmos para esses grandes movimentos economicos, se deixarmos cahir a pedra em cima de nós como o estoico impassivel, aí da nossa prosperidade e da nossa existencia economica, ferida incuravelmente!

O paiz não se move. A nossa nação não conhece siquer ainda a vida economica das outras nações: existe porque existe; é como uma planta parasita agarrada ao tronco da existencia social dos outros povos. É necessario que o sopro da vida venha d'alguma parte dar-lhe animalidade. O governo deve ser o Pygmalião d'esta estatua: perfeita em todas as suas partes quem lhe der vida dá uma verdadeira nação ao mundo; e a vida de Portugal está na pasta dos ministros.

Mas o governo, o parlamento, precisam ser illustrados, aconselhados, dispertados pelas ideas organicas, sensatas, necessarias para promover a felicidade pública. O que eu tenho dito até aqui teria ligação com outros muitos ramos d'organização economica; mas não posso hoje fallar mais do que n'um. É a creação de *conselhos d'agricultura, manufacturas e commercio*. É uma idea que suscito, cuja utilidade é bem escusado demonstrar. São estes corpos que hoje se criam e desenvolvem em toda a parte, sem cujas consultas o illustrado governo de França nada se atreve a propôr ao parlamento sôbre objectos que á industria respeitem. O governo por todos os modos deveria querer, mesmo por conveniencia propria, independente da publica, estes corpos consultivos, que não so fossem ouvidos em todos os assumptos d'organização economica, mas tambem tivessem obrigação de os suscitar e promover. Em cada uma das provincias do continente, ilhas, e divisões ultramarinas, deveria haver um d'estes conselhos, pouco numerosos mas escolhido com o maior escrupulo; um deputado de cada um d'estes conselhos, seu agente e correspondente, fariam em Lisboa um conselho central; um commissionado do governo perante cada um d'estes conselhos completariam a organização d'estes, segundo a concebo.

Uma das faltas essenciaes da nossa organização social, é a deficiencia de conveniente legislação especial para cada uma das diversas provincias ultramarinas que formam o complexo das nossas, ainda hoje vastas possessões. Seriam as propostas para ésta legislação um dos primeiros trabalhos a encarregar aos respectivos conselhos.

Não se diga que a organização das chamadas junctas de districto, póde supprir n'alguma parte a creação dos conselhos de que tracto. Não so pela sua creação, os não supprem; mas eu concebo cuisa em maior escalla e mais vasto plano. Alem d'isso, se estes corpos que lembro fossem creados, seria necessario que nascessem logo robustos e cheios de vida, e que ésta lhes fosse alimentada, dando lhes por obrigação d'existencia singular, o dever d'alimentar o *fogo-sagrado* á maneira das vestaes. Quantas instituições não definham e morrem por ahi por incuria propria e falta d'estimulos! Em quanto a mim, um dos meios mais efficazes para sustentar a vida de similhantes instituições sería dar-lhes obrigações a cumprir. Uma das primeiras d'estas obrigações poderia e deveria ser a confecção d'estatisticas, de que o proprio governo carece, e sem as quaes não póde haver paiz bem administrado, porque ellas são hoje o principal indicador de todas as providencias d'organização pública.

IRRIGAÇÕES.

497 Com referencia ao assumpto do artigo — *Melhoramentos agrarios*— da Revista n.° 39, e ao plano lembrado por M. Roberto Peel para a Inglaterra, sobre os meios d'irrigação, que sem duvida farão mais do que duplicar a producção de qualquer terra — lembra-me offerecer á consideração do publico, o muito que nós poderiamos fazer, e facilmente, a bem das producções agricolas do nosso paiz, creando ou augmentando os meios da irrigação.

Outras occupações não me deixam logar de desinvolver a materia, e em parte, não poderia entrar em promenores.

Todos vemos por nossos proprios olhos, que muita agua dos nossos rios corre perdida ate ao mar; e que seria de uma utilidade immensa se com ella se regassem e criassem fructos na estação do verão — fructos que se não dão pela aridez dos campos. O nosso Tejo entra em Portugal n'uma elevação de terreno superior a todo o Alemtejo; tirando um canal pela margem esquerda, a começar abaixo da foz do rio Sever — quantas aguas fossem derivadas do Tejo poderiam seguir qualquer direcção pelas vastas planicies d'aquella provincia, a cujas terras, para serem fertilissimas, nada falta senão a agua.

Uma empresa, sem muito custo pecuniario (talvez menos da quarta parte do custo provavel da valla da Azambuja, e que enorme differença em utilidade publica!) poderia fazer este interessantissimo aqueducto de derivação, obtendo apenas a faculdade das expropriações, pouco dispendiosas por terra de charneca a maior parte, ou todas de pouco valor — e a mesma empresa teria consultado os seus interesses particulares, porque vendidas as aguas por *anneis*, ou outra medida como *onças* etc., e emfim como se vendem nos canaes que servem para navegação e irrigação junctamente, acreditâmos que haveria amplo premio dos seus capitaes. Apontâmos este so exemplo como o maior, mas não é o unico, porque em outras partes e n'outros rios, se pódem fazer obras utilissimas.

Além d'estes canaes, sem intender com os rios; onde para a navegação poderiam fazer falta as aguas derivadas pelo modo sobredito, não havendo n'elles canaes lateraes de navegação, que com pouca agua se alimentam — falta todavia que não deve fazer objecção porque é mais util regar uma extensa provincia, do que o póde ser a navegação de um rio em tres mezes de verão unicamente, e esses ainda não completos — lembro ainda outro expediente para o mesmo fim, e que cada um proprietario pode usar, sendo medianamente abastado, e ao qual o nosso paiz cuberto de *monticulos e ravinas* eminentemente se presta. As aguas cahidas de inverno sôbre a terra escorregam brevemente para os rios e de lá para o mar. Quando se conseguir prender uma ampla porção em logar apropriado poderá usar-se d'ellas, de verão, para as irrigações. Onde a terra faz uma *ravina*, estreito valle entre dois pequenos serros, não ha mais do que atravessar de um a outro lado um forte muro bem cimentado, deixando-lhe no fundo um registro para se poder vasar em tempo e porções convenientes, as aguas de um arroio, ou outras, que no inverno alli se conduzem, e bastam para formar um lago (a que os hispanhoes chamam *charca*) que além d'isso póde ser piscoso; e quando vem o tempo calmoso um so d'estes lagos bastará para regar repetidas vezes muitas geiras de terra que sem isso nada produziriam.

Escrevo sem levantar a penna, desculpem-se-me as incorrecções, bem como não expender mais o assumpto de que apenas dou os topicos, porque realmente me falta o vagar.

Um Lavrador da Provincia.

MOINHOS FLUCTUANTES.

498 Está definitamente constituida a companhia dos moinhos-fluctuantes no Tejo e affluentes, os seus estatutos foram approvados pelo govêrno e brevemente serão publicados: o escriptorio da companhia é na rua do Alecrim no local onde estava o escriptorio da companhia Bonança: consta nos tambem que as acções ja estão todas tomadas e que se vai brevemente pedir a 1.ª prestação a qual não excederá a 2 por %.

Tres fins se propoem á companhia todos de grande transcendencia e de grande interesse para si e para o paiz: aproveitar a corrente do Tejo como fôrça motriz, aperfeiçoar a moagem dos nossos cereaes, e promover a sua exportação.

A agua é decerto de todos os motores aquelle que apresenta maiores vantagens em toda a parte, e muito principalmente em Portugal onde o carvão-de-pedra vem quasi tudo de fóra e por um preço subido. Muitas applicações portanto poderá ter este motor n'um paiz onde a industria está atrazada, e na bella localidade do nosso Tejo, cujas margens são tão productivas, e em cuja foz está Lisboa, com o seu magnifico porto de mar.

A moagem dos cereaes tem tomado ultimamente em todos os paizes um desenvolvimento extraordinario, as mós, as differentes machinas para limpar e ventilar o grão e peneirar as farinhas, emfim todos os ingenhos de que se deve compôr um moinho, teem sido estudados e aperfeiçoados pelos mais habeis ingenheiros. Os nossos moinhos geralmente são construidos por carpinteiros, e escusado é dizer que muito imperfeitamente; além d'isso a nossa moagem é muito cara por causa da grande despeza de transportes, e o pequeno resultado que dão os moinhos. N'este ramo de industria como em muitos outros, a centralização é indispensavel porque sem ella não se póde conseguir a baratesa e a perfeição.

A exportação dos trigos hade ser brevemente, se continuar o desenvolvimento da nossa agricultura, um dos ramos importantes do nosso commercio exterior; nos outros paizes o commercio dos cereaes, apresenta maiores vantagens sendo a exportação feita em farinhas, e em Portugal é indispensavel ésta condição porque temos trigos rijos que difficultosamente se podem moer nas mós extrangeiras; além de que o commercio com as nossas colonias que por tantos motivos nos deve pertencer, so se póde fazer em farinhas.

Ésta companhia virá a ser por consequencia de incalculaveis vantagens para a nossa industria agricula e commercial.

* * *

PARTE LITTERARIA.

DA POESIA POPULAR EM PORTUGAL.

III.

Poesia popular de Portugal e suas diversas epochas desde o principio da monarchia até hoje.

499 Póde-se dizer que so hoje conhecemos a litteratura dos trovadores d'onde a nossa descende, ou com a qual se ligou estreitamente quasi desde o principio da monarchia e pouco menos que do começo da lingua.

E viesse ella por Catalunha e Aragão, e, atravessando d'ahi a Castella, a gaia-sciencia nos viesse ter por Galliza, — ou directamente nos chegasse com o conde D. Henrique, o certo é que nos primeiros reinados da monarchia nós trovavamos ja á provençal; e ahi está a carta do marquez de Santilhana para fazer fé, que primeiro e melhor que ninguem o fazemos em todas as Hespanhas, e que na mesma côrte de Castella o portuguez era a lingua da poesia culta.

Mas não acharia essa poesia provençal quando ca chegou e se aclimatizou tam depressa como em chão seu proprio, não acharia nenhuns restos da poesia indigena que ja os romanos aqui acharam, que sempre foi vivendo com elles e adoptou a sua lingua, que não consta que morresse, assim como não morreu a lingua, com o senhorio godo, nem era para acabar sob os arabes, que antes esses lhe dariam de sua côr oriental e phantastica, segundo em tudo os mais nos fizeram?

Estou convencido que sim; e que os vestigios d'essa poesia indigena ainda duram, desfigurados e alterados pelo contacto de tantas invasões sociaes e litterarias, nos singelos poemas narrativos que, é certo, mais abundam em Castella do que entre nós, mas de que ainda nos resta alguma coisa todavia.

Como porém so no seculo XIII começa a apparecer lingua portugueza propriamente ditta, e n'esse tempo ja o stylo provençal tem o predominio, as duas litteraturas da côrte e do povo nos apparecem extremamente confusas. Demais a tudo o que nos vem nos cancioneiros de D. Diniz e de Rezende, não é possivel assignalar epocha nem aproximadamente certa.

Ás apalpadellas, quanto aos periodos mais remotos, eu parece-me achar, comtudo, que a poesia original portugueza — comprehendendo n'esta designação a aborigine, a provençal e a mixta — tem passado por oito phases differentes;

cujas transições e duração constituem sette epochas naturaes.

Na primeira collocarei tudo o que mais ou menos authentico, tem parecido ser anterior á predominação da eschola provençal quasi absoluta no reinado de Affonso III e D. Diniz; e comprehende portanto as poucas e incertas reliquias que se dizem existir dos seculos XI e XII. Na segunda epocha ja pisâmos terreno historico, e somos aluminados por um grande e inquestionavel documento, o cancioneiro ditto do collegio dos nobres. Dura ésta epocha até D. Pedro I. E alguma coisa portanto poderemos tambem ja haver do cancioneiro de Resende. Mas certo e fixo tudo é lyrico, são canções ou cantares. O pouco de epico, ou romance narrativo que se attribue a ésta epocha é puro adivinhar, porque tudo é havido da tradição oral, nada escripto. (Sec. XIII.)

Começa a terceira epocha em D. Fernando com a introducção do gôsto inglez, isto é, normando; e por consequencia com uma certa reacção a favor do genero narrativo.

Aqui triumpha a moda dos romances da Tavola-redonda; El-rei Arthur é o typo de toda a cavallaria e de toda a poesia; o condestavel, o Mecenas d'ésta eschola, e D. João I o seu Augusto. Ja na tradição oral apparecem muitos romances que, sem grande risco de errar, se podem attribuir a ésta epocha. Da rainha D. Philippa, de seu filho D. Duarte temos versos escriptos e authenticos; de seu neto, o outro famoso condestavel, um cancioneiro inteiro.

Nos reinados de D. Affonso V e D. João II predomina o genero germanico, os romances de Carlos-magno na poesia epica. No cancioneiro de Resende e em outras collecções temos exemplares bastantes tanto no genero lyrico, como no narrativo. Reputo fexada a epocha com o termo da edade-media, que todo o mundo colloca por ésta data pouco mais ou menos, e que nós portuguezes positivamente devemos pôr no fim do reinado de D. João II. (Sec. XIV — XV.)

A quarta epocha é aberta por Bernardim Ribeiro e Gil-Vicente. Agora o Palmeirim e a litteratura bizantina triumpha. Ainda ha sabor normando nos nossos romances, mas ja começam a ganhar influencia os romancistas italianos. Parte do cancioneiro de Resende pertence tambem ja a ésta epocha: é todo d'ella o mesmo Garcia.

Apoz o gôsto italiano vem o da renascença da litteratura classica. A poesia culta e da côrte perpetuamente se separa da popular, toma as fórmas italianas e triumpha com Antonio Ferreira. Sá de Miranda fica no meio das duas escholas, Camões populariza o genero classico repassando-o quanto era possivel do gôsto popular. Temos muitos romances, lendas e canções d'esta epocha, tanto escriptos como conservados pela tradição oral. Mas no reinado de João III a affectação bucolica invade o proprio romance que despe a malha e depõe a lança para vestir o surrão e empunhar o cajado de pastor. O gôsto popular mal satisfeito com a eschola classica dominante na côrte, lança-se mais no romance castelhano, cuja sinceridade e rudeza epica lhe agrada mais. Muitos romances castelhanos se nacionalizam entre nós.

O genio cavalheresco de D. Sebastião, a calamidade nacional da sua perda dão outra vez tom ao romance historico e aventureiro. Conclue-se a quarta epocha com o fim do seculo (XVI) e da independencia nacional.

O dominio castelhano e a mais forte influencia da sua litteratura fórmam a quinta epocha. O genero mourisco tinha tomado posse da poesia popular de Castella, e agora invade a de Portugal. Apparecem ainda hoje na tradição oral limitações e traducções dos romances granadinos. Francisco Rodrigues Lobo e depois D. Francisco Manuel de Mello estão á frente d'esta eschola. A arcadia é comtudo mais forte do que Granada, os moiros são expulsos do romance e da canção popular, e o genero pastoril triumpha. O povo porém ficou espectador desinteressado n'estas luctas; nem chorou pelos vencidos, nem sanccionou a victoria dos triumphadores. Nem uns nem outros fallavam ao seu coração, ás suas paixões, nem o consolavam em suas desgraças nem lhe animavam as esperanças. Mas como nenhum povo vive sem poesia, o nosso povo foi achal-a onde nem os grandes nem os sabedores do tempo decerto imaginavam que ella estivesse, mas estava a verdadeira a unica nacional d'então, a das trovas e prophecias que lhe fallavam de um libertador de um vingador, de um salvador que a Providencia tinha reservado á nação portugueza em quem se haviam de cumprir as promessas de Campo de Ourique. São d'este tempo as prophecias do Bandarra e outras que em si resumem quasi toda, ou toda a poesia popular da epocha, se exceptuarmos as lendas de milagres e as canções ao divino de que agora apparecem mais exemplares do que nunca.

O romance porém não estava morto, so desconsiderado e sem popularidade. Na insipidez da vida pastoril, o povo desprezou-o, a côrte mos-

trou-lhe ao principio agrado e protecção, mas infastiou-se d'elle e abandonou-o. O infeliz recorreu ao expediente commum dos baixos *parvennus* e dos nobres degenerados, fez-se truão e bobo, os gracejos, os equivocos, as facecias burlescas foram as suas armas, e á fôrça de ridiculo conseguiu reconquistar alguma attenção do público. Tal o achâmos no fim d'esta epocha, tal apparece nas volumosas collecções do tempo de que na Phenix renascida ha alguns exemplares curiosos. (Sec. XVII.)

Sem melhorar ou talvez empeiorando de stylo, mas muito alterado o tom, torna o romance a rehabilitar-se na opinião nacional, volta a ser quasi-popular, porque se inspira do genio redivivo da nação para cantar os seus triumphos e a sua gloria na expulsão dos castelhanos, e nas continuas victorias que sôbre elles alcança. O seu enthusiasmo porém é sem dignidade, sem nobreza; não é o povo que conta as suas victorias, são os poetas que querem cortejar o povo no dia da sua gloria e que o não sabem fazer senão com motejos grosseiros aos seus inimigos vencidos. — As prophecias e as legendas continuam a ser a verdadeira poesia nacional. Tudo o mais é corrompido palo mau gôsto dos *cultos*, que arregimentados em uma infinidade de academias dos mais extravagantes e affectados nomes conseguem tirar toda a côr á litteratura portugueza de todos os generos, e fazer da lingua uma algaravia affectada e ridicula van de toda a expressão e assoprada em tam descomunes phrases, em tam oucos conceitos, que nenhum sentido se lhe acha, se algum tiveram os que tam absurdas coisas escreviam. (Sec. XVII — XVIII.)

A. G.

HISTORIA DE PORTUGAL

PELO SR. A. HERCULANO.

(1.° vol.)

(Dum plura sitent.
Hor)

500 Uma das coisas de que mais carecia a litteratura portugueza era d'uma historia patria que este nome merecesse pela sua singelesa, verdade e correcção. Entre os litteratos portuguezes nenhum se podia achar com mais prediçados para tam grande empenho pelos seus grandes conhecimentos, espirito investigador, paciencia litteraria, erudição antiga, e elegancia de estylo, sem fallar nas circumstancias particulares da sua posição, como o Sr. A. Herculano, que é um dos maiores ornamentos da nossa litteratura. E comeffeito o seu 1.° volume da Historia de Portugal veiu satisfazer os desejos que havia de tam grande empresa, porque é na verdade um monumento de gloria para seu auctor quando se observa o estylo simples e ameno da sua exposição, a clareza de idéas com que, quasi nos põe diante dos olhos os tempos antigos desde a dominação goda, e o critério com que combina os documentos da antiguidade. Não sou eu o que menos me felicito por tam patriotico presente feito a ésta nação, e não o posso mostrar melhor do que expressando os meus sinceros votos para que o nosso historiador leve a cabo a sua digna empresa.

Estas puras expressões de admiração por uma obra tam salutar, não tolhem todavia de fazer alguma observação sobre differentes pontos talvez de opinião, talvez de preocupação, ou demasiada veneração pelo que em nós possa reflectir de algumas recordações antigas.

Antes de entrar no corpo da sua obra, cujo fim é historiar a monarchia portugueza, apresenta o Sr. A. Herculano como preliminar na sua introducção, cujas segunda e terceira parte são admiraveis, a existencia antecedente dos povos, que formam a actual monarchia, e as vicissitudes porque passaram até n'ella se encorporarem.

Ahi cercado da obscuridade dos tempos remotos, que offuscam a origem de quasi todas as nações, observando a multiplicidade de povos ou tribus, que os escriptores gregos e romanos assignam a ésta região, as colonias e transmigrações, que aqui se vieram assentar, as invasões subsequentes dos carthaginezes, romanos, germanos e arabes, é levado pelo seu espirito analysador e exigente de documentos a asseverar, que não nos podêmos chamar descendentes dos lusitanos.

Sinto dizer que me não convencem sôbre este ponto as suas observações, e antes me persuado que aos portuguezes, e so aos portuguezes, compete essa denominação.

Strabão, que entre os geographos antigos é o que estreita mais os limites da Lusitania, diz que era cingida pelo Tejo, e ao Oriente pelos carpetanos, vaccaios, vettões e gallegos, e por consequencia temos compreendidas n'esta demarcação as provincias todas da Beira e Extremadura, e ainda que Plinio diga que contava quarenta e cinco povos differentes so na Lusitania, não se segue que todos estes povos não fossem lusitanos, ou pertencessem á Lusitania, como se infere do mesmo modo porque se expressa.

Mas ou os lusitanos fossem em geral todos os povos da Lusitania, e que especialmente tomasse cada um seu nome particular, segundo a localidade das povoações ou qualquer outro accidente, ou mesmo por conquista ou transmigração de outro povo, que a este se viesse reunir, e que escolhendo uma localidade e distinguisse com o nome de sua nação ou tribu; ou que estes lusitanos ou lusões (celtas, scytas, indigenas ou o que os antiquarios melhor queiram) fossem subjugados pelas diversas tribus; ou fossem elles os conquistadores d'ellas; ou que entre ellas viessem estabelecer colonias e depois se fizessem preponderantes; o que é certo e unicamente vem para o ponto, é que a Lusitania, que a historia nos transmitte, não comprehendia menos que o territorio entre o Douro e Tejo; e como este forma o centro, e base principal do moderno Portugal, não póde este deixar de reconhecer os seus habitadores como os descendentes dos lusitanos, pois os accessorios são sempre absorvidos pelo principal; nem tam pouco poderia a Extremadura hispanhola arrogar-se o titulo de Lusitania, porque na

moderna demarcação de Portugal ficou alguma porção da Lusitania fóra dos seus limites.

Mas Ptolomeu, Plinio, e Plotino annotado por A. de Resende extendem o territorio lusitano entre o Dunis e o Anna, em abono dos quaes se apresentam muitos monumentos bem conhecidos e entre estes citarei o seguinte da cidade de Evora extrahido de Resende:

« Luccius Silo Sabienus bello contra Viriatum »
« in Eborensi *provinciæ lusitanæ* agro... multi- »
« tudine tellorum confossus ad Caium Plautini »
« cum Prætorem delatus, hic sepultus est. »

D'onde se conclue que não so antes de Augusto, mas antes de se estabelecer a dominação romana (bello contra Viriatum) as tres principaes provincias de Portugal, Beira, Extremadura e Alemtejo (Eborensi provinciæ lusitanæ agro) eram a antiga Lusitania historica, e monumental; não podendo ser despojada d'este titulo porque outros fragmentos da Gallizia e Algarve (gallecios e cuneos pela maior parte) lhe estão reunidos.

Tambem dissentimos do Sr. Herculano quando diz que toda a Andaluzia e Extremadura hispanhola se podiam arrogar o titulo de lusitanos, porque na divizão de Augusto comprehendia a provincia assim chamada todo este territorio. Este caso é diverso porque n'esta divizão de territorio não se importou Augusto com os limites de cada povo, mas com os que mais facilitavam o governo da republica, reputando como um so corpo politico tudo o que obedecia ao poder romano, como se robora com a divisão do imperio em quatro perfeituras no tempo de Constantino, chamando prefeitura das Gallias á reunião da Hispanha, Gallia e Bretanha em um so govèrno; e assim tendo de dar um nome é provincia, que era formada de varios povos, designou-a com o da mais considerada, até porque esta entrava toda na nova divizão, e as outras em fragmentos; e tanto assim é, que quando na citada divizão de Constantino recebeu a Hispanha nova divizão territorial em dioceses e provincias, tornaram estas aos seus limites, separando-se a Lusitana, a Gallisa e a Betica; do que se vê que nunca estas ultimas se confundiram com a Lusitania.

Quando fallo de lusitanos, não intendo, como ja dei a conhecer, os lusitanos tradicionaes, mas os lusitanos historicos, que pelos phenycios, carthaginezes e romanos, foram tam conhecidos, e transmittida com honra até nós uma parte da sua historia; d'estes lusitanos de Asdrubal e de Annibal tam famigerados nas guerras de Italia e batalha de Cannas, d'estes lusitanos de Viriato e de Sertorio é que affirmo se nos não pode negar a descendencia e representação, convindo com o Sr. Herculano na obscuridade da sua historiá para além d'essas epochas.

Em quanto ás observações tiradas da —raça— e—lingua— porque ja fallei do territorio, apenas posso concluir, que soffreram as vicissitudes de todos os outros povos que constituem as nações modernas.

Raça. — Se o illustre auctor quer concluir, que da succeasão de invazões, que apresenta, se segue que não temos origem dos lusitanos; é esta uma consequencia, que se pode tirar para todas as nações sahidas do imperio do occidente: ex: A França não é de origem gallieza, porque a invadiram os romanos, os francos, os lombardos, os cymbros, os godos, alanos, suevos, wendalos, africanos, normandos, toringios e inglezes. Os inglezes não seriam bretões pelas mesmas causas etc. etc.; e a difficuldade, que nota, de conceber uma relação commum entre nós e os lusitanos, é a mesma, que entre os gaullezes e os francezes, os bretões e os inglezes.

As raças misturam-se, mas não se extinguem, e por maior que seja o numero dos invasores sempre é muito menor, que o dos povos invadidos. N'essas mesmas guerras, chamadas de exterminio, nunca este se exerce, senão em uma ou outra povoação, a massa permanece, reproduz-se, alliando-se com os extranhos, mas continuando a sua representação, como acontece nas familias. Os godos, romanos e arabes, invadiram e permaneceram; quer dizer: que na nossa representação luzitana temos avós arabes, godos e romanos; assim como os inglezes os tem normandos, por quem foram ultimamente conquistados, e os dizemos bretões; e se os godos chamavam romanos a todos os hispanhoes, que não eram de raça goda, é porque seguiam uma regra geral e commum, chamando romanos a todos quantos antes da sua conquista pertenciam ao Imperio Romano, e não por julgar extincta a raça dos hispanhoes em consequencia da conquista romana.

Lingua. — Não concluem tambem os argumentos tirados de não fallarmes a mesma linguagem que os antigos lusitanos, pois nada ha mais variavel do que esta, e subjeita a alterações no decurso de seculos: e o que se diz da lusitana, ou turdetana, póde dizer-se da gaullèza e da bretan. O fallar-se latim durante a dominação romana não prova que não fosse uma mistura da nacional: e ainda que o não fosse menos provava que se fallava latim porque se extinguíra a raça hispanica. Estas linguas, no meu intender, e successivamente depois as dos conquistadores germanos e arabes, misturaram-se todas, predominando a latina como mais policiada: e finalmente o renascimento da litteratura classica foi quem lhe deu o aperfilhamento de latina que hoje possue na sua maxima extensão.

Parece-me tambem que o epitheto de — Selvagens — aos povos da Hispanha, quando foram invadidos pelos romanos não é muito proprio; não eram sim tam policiados como estes; mas exerciam as artes, tinham uma gramatica, e as suas medalhas anteriores aos romanos, com characteres desconhecidos, mostram que o desenho e preparação dos metaes eram não so iguaes, mas até superiores aos dos invasores: e basta cunhar moeda para prova de civilização.

Não são éstas ideas toscamente emittidas, um juizo critico á bellima empresa do Sr. Herculano, serìa eu um pessimo avaliador de tam solido trabalho; apenas em um objecto que o illustre auctor abandonou á opinião por falta de provas, me animo a corroborar a opinião, que deu por menos provavel, por lhe parecer que não podia com irrefragaveis documentos demonstral-a.

De passagem observarei tambem, que um auctor não póde desprezar de todo as tradições para dar inteira fé a documentos, quando estes não tem todos os characteres que a mereçam, senão em parte. Faço ésta observação por occasião de ler a tomada de Lisboa. As cartas de Arnulfo e Dodechino, por onde quasi so sabemos a descripção d'aquelle cerco, pede a herme-

nentica que se repare, que foram escriptas por extrangeiros que n'elle se acharam, e como taes ávidos de gloria, como se deve suppor, para si e para os seus, pois por serem coevos não os devêmos suppor exemplos das preoccupações ordinarias d'aquellas gentes de guerra; não sendo de suppor que os portuguezes nada fizessem em tam grande empresa, e apenas se vejam subindo a uma torre de madeira para d'ella sahirem tremendo, e subirem os extrangeiros em seu logar! Do que se vê que os dois extrangeiros escrevem as suas façanhas arrogando-se toda a gloria; os nossos ativeram-se á simples tradicção.

O combate de Sacavem por não vir nas citadas cartas não se segue que não existisse, antes tem toda a probabilidade e até quasi necessidade de existir.

O auctor, recorrendo á topographia do paiz, e ao estado d'aquella sociedade de então, traz aos justos limites varias exagerações dos nossos chronistas. É usando dos mesmos meios, que podia deixar de regeitar ésta tradicção. Entre Santarem e Lisboa havia povoação moira. Lisboa era a sua cidade principal. Que coisa mais provavel que entre ella e os christãos haver um ponto fortificado que lhe servisse de atalaia, e na occasião de um cerco tolhesse o passo aos invasores? E que ponto mais apto para isso do que Sacavam?.. Uma vez que os nossos não escreveram a historia do cerco de Lisboa, so a tradição podia conservar alguns factos, porque alguns havia de haver. Os extrangeiros não escreveram senão o que com elles passou.

D. S.-M. de Vilhena Saldanha.

BERNARDIM-RIBEIRO.

SOLAO.

501 Ao lermos nos numeros d'esta REVISTA o excellente artigo do Sr. Garrett ácerca da poesia popular, ressuscitou em nosso peito um nobre desejo, ha muito adormecido, para que talvez as fôrças nos faleçam; mas para o qual nos sobejam brios e vontades. Folgâmos que a nossa humilde opinião possa encostar-se ao poderoso voto do pai, e creador da poesia popular portugueza, o A. do primeiro ensaio, com tanto louvor e esmero tentado n'este genero, no formosissimo poema de *Adosinda*. Folgâmos que no instante de lançar mão da penna para mandarmos ao publico uma nossa tentativa de poesia popular, encontremos no caminho a decipar-nos os receios, e a animar-nos o arrojo, com seu generoso convite, o homem cuja litterario opinião é lei para nós, e cujo delicado escalpelo foi ha poucos annos, o primeiro censor e mestre de nossas humildes composições.

Concebemos a poesia popular como uma necessidade de todos os povos, como uma lacuna em a litteratura de nossos ultimos tempos. O verso endecasyllabo invadim tudo, e as suas formulas magestosas e graves excluiam o singelo, o engraçado, o meigo, e natural d'aquella nossa antiga poesia nacional dos trovadores, e menestreis; tão rainha na Hispanha, tão escrava, e quasi morta em nossa patria. Abalançámo-nos a fazer um ensaio no verso e poesia popular. Não nos atrevemos a vazar o nosso pensamento nos moldes creados pelo Sr. Garrett na sua 'Adosinda;' reconheciamo-nos sem força para a imitação de tamanho mestre. Ressuscitámos, ou antes creámos uma nova formula — o *solao*; e por ahi andam nos periodicos dos ultimos tempos algumas pequenas amostras d'essa nossa tentativa. Vimos depois o novo ensaio do Sr. Pisarro no seu 'Romanceiro Portuguez,' em que apparece uma formula differente, talvez a mais chegada ao antigo rimance; mas tambem não ousámos imitar tão bom modelo; nem mesmo o nosso pensar intimo sôbre poesia popular se conformava com aquella forma, aliás muito acabada.

Fortes com a approvação de alguns decanos da poesia, e com o bondoso acolhimento do publico ás primeiras amostras do nosso *solao*, vamos tambem publicar timidamente o nosso *cancioneiro*, ou collecção de poesias n'este genero, que creámos. E ja tinhamos enviado a obra para os prelos, quando um *singular acontecimento*, que nossa modestia nos não permitte moralizar, nos levou a sobrestar n'aquella publicação, para dar logar á do nosso drama historico: *D. Sancho II*, que anhelámos *ardentemente* fazer conhecido do publico.

Não nos tendo até agora sobrado o necessario tempo para desempenhar a honrosa commissão de collaboradores d'esta REVISTA; tarde, mas devotamente, vimos agora estrear-nos de novo com este pequeno retalho d'aquelle nosso *Cancioneiro*, que abaixo transcrevemos.

BERNARDIM-RIBEIRO.

Solao.

CANTO I.

« Quem nascera ao pé do throno!
Quem fôra infante real!
Quem timbrar podesse o escudo
Com diadema imperial!
Quem offertar regia dextra
A Beatriz de Portugal!

Quero-te muito, senhora;
Hora má, em que te eu vi!
Nobres Paços da Ribeira,
Que jamais viera aqui!
Seres anjo, e não gozar-te,
E ter olhos... ai de mi!

Beatriz! ó Beatriz!
Seio mimoso de nata!
Beatriz, cobre esses olhos
Com veu espesso de prata,
Bem espesso, que me esconda
A formosura, que mata.

Negra estrella ca me trouxe
N'estes paços a velar,
Que importa ser cavalleiro,
Sentar-me em nobre espaldar?
Ca de longe vos lamento,
Singelezas de meu lar.

Que vim eu fazer á côrte!
De que serve ao trovador
Cantar venturas alheias,
E calar no seio a dôr!
Antes jogral co'as zagalas,
Pobre, mas livre no amor.

Quem nascêra ao pe do throno!
Quem fôra infante real!
Quem timbrar podesse o escudo

Com diadema imperial!
Quem offertar regia dextra
A Beatriz de Portugal! »

E Beatriz dizia assim
Ao seu caro Bernardim:

«Bernardim, quero-te muito,
Trovador;
Diz'-me outra vez essa trova,
Meu amor.»

—Torna a cantar Bernardim;
E Beatriz responde assim:

«Outra vez, mais outra, e cento,
Que desejo
Beber os sons do alaúde
N'este beijo.»

—E os dedos de Bernardim
Beijando, dizia assim;

«Para o real aposento
Prompto vai;
Quero que esposa me peças
A meu pai.»

Beatriz fallou assim;
Ja vai longe Bernardim.

CANTO II.

E no aposento real
Vai entrando o trovador;
A seu rei, e seu senhor
A mão beijou mui leal.
D. Manuel de Portugal
O silencio rompe emfim:
«Assenta-te ao pé de mim;
«E sê bem vindo, e bem ledo,
«Que vou dizer-te um segredo,
«Meu honrado Bernardim:

«Sabe pois que a filha minha
«Hoje mesmo vou casar,
«E da patria desterrar
«Para Italia, Coitadinha!
«Tanta galla, e louçainha,
«Que por'hi se faz assim,
«Sabe que é para este fim;
«E tu, meu dom trovador,
«Has de cantar seu amor;
«Não has de, meu Bernardim?

«Tu seu mestre tão leal,
«Mais que mestre companheiro,
«Terás pezar verdadeiro
«De sua alma angelical.
«Não é certo, dom jogral,
«Que toda a magoa tem fim;
«E consolando-me a mim
«De tão mofina saudade,
«Darás penhor da amizade
«Que me tens, meu Bernardim?...»

E por diante
Elrei Manuel
Ia levando
Seu aranzel;

—Quando attenta o mesquinho que em vão
Interroga a mudez do salão:

Que Bernardim ja vai longe,
Vai ja longe Bernardim,
Caminho de negra sina,
Caminho de negro fim,
Caminho do desengano
Da traição d'um cherubim.

—» Ai, negro fado,
Triste de mim!

Ai, negra trova,
Que eu lhe cantei!
Negros amores,
Que esperdicei;
Maldictos paços,
Maldicto rei!

Maldicta dama,
Que paga assim!
Ai, negro fado,
Triste de mim!

Eu, que a adorava,
Eu, tão leal!
Ai, o seu rosto
Angelical!
Ai, os seus olhos!
Ai, o meu mal!

Traidores olhos,
A olhar-me assim!
Ai, negro fado,
Triste de mim! «

CANTO III.

Eu podia nas mãos esmagar-te,
Ó mulher com teu peito de lama!
Atirar aos baldões do palacio
Minha affronta na tez d'essa dama!

Eu podia apontar-te c'o dedo,
E fazer-te essas faces corar;
—Eu não posso; ... feliz vai senhora;
Tu não ousas, não sabes amar.

Eu ca fico a suspirar,
Malfadado trovador;
A gemer, porque não sentes
Um amor qual meu amor,
Qual meus transportes,
Qual minha dôr.

Nas valhas serras de Cintra
Eu ca me fico a penar,

Nas mouriscas penedias
De saudades a estalar,
Vai, bella dama,
Vai-te folgar.

Tu não tinhas coração,
Que intendesse o meu amor;
São de fogo abrasam tudo
Ternuras do trovador,
Poupar quizeste
Teu fino alvor.

Pertendias que eu subisse
Para o teu solio real;
A descer não te atreveste
Para o meu berço natal.
Pobre coitado!
Pobre jogral!

— E muitos annos assim,
Trepado á serra sem par,
C'os olhos fictos no mar,
Cantava Dom Bernardim.

CANTO IV.

Onde vais, dom perigrino,
Encostado ao teu bordão?
— Vou me a Roma, ao Padre-sancto,
A fazer-lhe confissão.

Porém caminho de Roma
Não, não segue o perigrino;
Passa os Alpes, mas as costas
Eil-o vira ao Apenino.

— Eis o duque de Saboia,
Eil-o está no seu eirado.
«— Quem é esse perigrino
De semblante macerado?»

— O romeiro é portuguez;
E a duqueza se alegrou.
— «Suba, suba aos nossos paços,
Em boa hora chegou.»

A DUQUEZA.

Oh! que é feito de meu pai,
Do grande rei, Dom Manuel?
Que é dos meus? da minha patria?
Da minha amiga fiel?

O PERIGRINO.

Eu não vi a tua patria,
Eu não vi o rei Manuel,
Eu não vi por esse mundo
Ninguem, que fosse fiel.

Sou um homem, não sei d'onde:
Sou um triste perigrino,
Pendem-me as cans, onde outr'ora
Bellas tranças d'oiro fino.

Pendem-me as cans; — e eu perdoo
A quem mas fez branquear,...
Eu perdôo a quem me mata
Com tão mofino matar.

Senhora minha, quem sou
Oh! ninguem saiba de mi...
Eu não pude morrer la,
Eu venho morrer aqui.

E cahiu no pavimento,
Onde tudo estremeceu...
E ja não lhe bate o peito,
O peito, que alli morreu.

— Era o martyr das saudades,
Malfadado Bernardim;
Era o trovador da serra,
Oh! um poeta... ai de mim!

J. Freyre de Serpa.

BIBLIOGRAPHIA.

MEMORIA HISTORICA sôbre a fundação do hospicio da invocação de Nossa Senhora da Divina Providencia, o qual pertenceu aos clerigos regulares theatinos: actualmente CONSERVATORIO REAL DE LISBOA. — Pelo abbade A. D. de Castro e Sousa.

502 O Sr. Abbade Castro, incansavel investigador das nossas antiguidades, acaba de publicar esta interessante memoria, na qual, com o criterio e bons documentos que em todas as suas obras se reconhecem, faz a descripção historica e artistica do hospicio, vulgarmente chamado dos *Caetanos*, hoje occupado pelo Conservatorio Real de Lisboa.

Uma casa que foi o seminario e residencia de tantos sabios e escriptores da nossa terra, e onde se finou o mais benemerito extrangeiro que jamais teve a lingua portugueza, o sabio Bluteau, bem era credora da homenagem que o Sr. Abbade Castro acaba de lhe tributar, fazendo reviver a veneração que lhe é devida na memoria que temos a satisfação de annunciar, e recommendar como é razão.

Tambem não é menos digno de se louvar ao illustrado auctor, a philantropica applicação que fez do producto d'este seu escripto, para vestir dous alumnos dos mais pobres que frequentam as escholas do Conservatorio real, e que effectivamente já foi entregue n'aquelle estabelecimento.

ASSOCIAÇÕES SCIENTIFICAS E LITTERARIAS.

GREMIO-LITTERARIO.

503 Esta associação reuniu hontem (31). A assemblea foi luzida e numerosa. Presidiu o Sr. Fonseca Magalhães. Approvaram-se os estatutos que são realmente um trabalho completo e importante, dignamente elaborado. *O gremio* será dividido em seis classes: sciencias physicas e mathematicas, Ingenharia e arte militar, historia-natural e su... applicações, medicina, sciencias moraes e politicas, litteratura e bellas-artes.

BELLAS-ARTES.

DESENHO.

504 Acaba de sahir das lithographias portuguezas

uma obra de muito lustre para ellas; é o retrato do joven principe do Congo, D. Nicolau, devido ao lapis do Sr. Guglielmi, e tirado nos prelos lithographicos do Sr. Manuel Luiz.

O processo empregado pelo habil retratista é do melhor effeito. N'este processo os claros resaltam puros, mas sem que firam a vista porque harmonizam com o *todo* por meio de suaves meias tintas. O desenho é delicadissimo: o rosto está excellentemente tractado, e as roupas e mais accessorios desenhados com primor.

MUSICA.

BIANCA DE MAULION, *Opera do Sr. Arroio.*

504 Sr. *Redactor* — Com bastante sentimento acabo de ver no n.º 39 da REVISTA de 19 de março, um pequeno artigo, sobre ésta opera; e permitta-me a illustrada Redacção que note as inexactidões que encerra, e que foram de certo copiadas do artigo que, sobre tal objecto, appareceu no *Periodico dos Pobres* d'esta cidade. *

Um tal artigo é parcialissimo contra o mérito da opera, e incerra em si o *veneno da inveja*, contendo não só inexactidões mas até falsidades. Seja-me licito confessar que a inveja é characteristica entre portuguezes. Infelizmente para o Sr. Arroio é elle portuguez, e subjeito por isso aos effeitos da inveja dos seus patricios. É falso que a opera contenha *muitos motivos conhecidos*, ninguem que a escutar notará *um unico*, ao contrario encerra muita novidade e motivos lindos e de grande effeito: como são as cabalettas da aria do baixo, e cavatina e aria da dama: a do terceto etc. A opera é sim um pouco extensa; mas dous motivos foram de certo a causa d'isso: primeiro o folheto, producção de um curioso, e ao qual teve de cingir-se o Sr. Arroio, talvez porque lhe não fosse possivel dispender de *seus limitados recursos* para pagar o preço de um folheto original; segundo o ser a primeira composição, que de ordinario encerra os muitos pensamentos de qualquer auctor: e se cortar duas ou tres repetições, no decurso da peça, no mais só se encontra *abundancia* de musica, a que nunca chamarei *deffeito*. A opera é bella e muito agradavel; o que se prova porque agrada ouvida immediatamente aos Lombardos e Hernani de Verdi: *não é um ensaio que dá grandes esperanças do Sr. Arroio*, é uma peça que lhe obterá um nome, como compositor, em qualquer parte que seja ouvida. Até se nota, como deffeito, que é de grande fadiga para a 1.ª dama!!! como se a Norma e outras o fossem menos. Emfim a Bianca de Maulion é escripta no gosto de Verdi. Terá deffeitos, não o duvido; mas esses que lh'os analysem os intendedores, e sejam francos em dizer *quaes elles são*, e se acaso contrabalançam as muitas bellezas e merecimento que incerra. O publico avaliou-a competentemente. Espero que ella não morrerá no theatro d'esta cidade, e que será repetida nos theatros da Europa, e ouvida com gôsto, porque o merece: e se fôr á scena em San'Carlos, executada com o esmero com que o foi n'esta cidade, não duvido que será classificada como A MELHOR PRODUCÇÃO PORTUGUEZA, DA SUA ESPECIE, ATÉ HOJE CONHECIDA.

Faço éstas curtas observações, porque estando em contraposição, a opinião publica com a imprensa periodica dos *Pobres* e da REVISTA, poderá isto affectar, e muito a fama do Sr. Arroio: e cortar talvez, no seu começo, a brilhante carreira que aquelle Sr. encetou. É por isso que rogo á Redacção da REVISTA a publicação da presente carta, em abono da verdade e auxilio do *merito nacional*.

É indispensavel dizer que nunca fallei ao Sr. Arroio, nem lhe devo favor ou amizade porque não sou professor; mas sim um simples amador de musica.

Porto 24 de março de 1846. Y.

* Effectivamente tem razão o correspondente da REVISTA. Na impossibilidade em que eu estava de avaliar por mim proprio a composição do Sr. Arroio, e querendo dar noticia d'esta producção nacional, disse o que me pareceu deprehender-se dos artigos a este respeito publicados no 'Periodico dos Pobres no Porto'; estimarei porém que a opera do Sr. Arroio tenha mais subido merito.

Da Redacção.

VARIEDADES.

O MEZ D'ABRIL.

505 O signo d'este mez é o *toiro*, o mais util dos animaes da terra. Tambem é este mez o mais bello dos mezes do anno. O nosso astronomo, pelo menos, crê na benigna e poderosa influencia d'este signo. Aqui está o que elle diz dos que nascem em abril:

> N'este signo, generoso,
> Forte, o homem hade ser:
> Mãi fecunda, terna esposa,
> Quasi um anjo é a mulher.

À vista de tam bom prognostico é de crer que não morra solteira nenhuma senhora que tenha nascido em abril. Eu, decerto, que se houver ainda de ter a fortuna de merecer companheira que me augmente os meus prazeres e com quem reparta as minhas penas, não escolho para consorte senão senhora que tenha nascido em abril. Não ha que duvidar; é o mez das flores, a mulher é tambem uma flor, mimosa e linda como ellas, hade ter a mesma innocencia, as mesmas gallas e incantos.

Tem abril 30 dias, e crescem elles n'este mez 1 hora e 10 minutos, 35 minutos de manhan e 35 de tarde. O seu maior dia é o último que tem 13 horas e 44 m. e em que nasce o sol ás 5 h. e 7 m. e põe-se ás 6 h. e 53 m. A sua luá começa no dia 25 e acaba a 23 de maio.

Este mez é de muito trabalho para o agricultor. Além de grande amanho e sementeira d'hortas e jardins, ha tambem trabalhos agricolas em grande escalla, tractamento de gados e colmeias etc.

Com mez tam alegre do anno, os antigos não tinham mãos a medir com suas festas e folganças. Levaria largo espaço a dar relação d'ellas, mas falta-me o tempo para colligir todas. Fallarei das principaes. Uma d'estas por sua singularidade (como festa que como facto vê-se isso todos os dias) era a que os greges celebravam com o nome de *hybristica*. N'esta festa tinham as mulheres liberdade de insultar seus maridos a seu bel-prazer, e parece que usavam completamente d'este costume extravagante vestidas d'homem. Diz-se que tudo isto era em memoria de certa defensa que fizera a cidade d'Argos contra o rei d'Esparta, em que as mulheres se portaram corajosamente e os hr

mens nem por isso... A desforra era ignominiosa mas merecida: aviso aos homens poltrões. Havia tambem as *thargelias*, em honra d'Apollo e Diana. Os mysterios de Ceres ou festas d'Eleuxis, eram tambem n'este mez. Homero diz que éstas festas magnificas foram instituidas por Triptolemo filho de Celeu a quem Ceres ensinára a agricultura. Sem que eu intente apiar o venerande Homero da sua pianha dos quasi tres mil annos, parece-me comtudo, apezar da sua auctoridade, que quem instituiu os mysteres de Ceres na Grecia foi a estação e o elima. Quem ensinou ás aves a cantar para os poetas dizerem que ellas celebram a primavera? Foi a natureza, que n'este tempo de fecunda floresceneia dilata a vida e as fôrças de todos os seres. O que ha ahi mais capaz de dar refrigerio á alma nas penas, maior suavidade de expansão em seu estado ordinario, mais grata melancholia nos momentos de doce prazer, que a vista dilatada dos campos floridos? Não ha ahi satisfação de quantos gostos a alma possa ter, que seja completa sem o respirar longo e desaffogado ao ar-livre em paizagem verdejante. A alma como que se nos dilata dentro em nós, parece querer identificar-se com os objectos que a cercam, abrangel-os todos ou voar para elles... Mas deixemos isto: serão talvez reminiscencia do bello artigo do barão de Humboldt *sôbre o estudo da natureza*, que o leitor leu ou não leu (pois se não leu não fez bem) no n.° antecedente da Revista, serão; mas são tambem verdades reaes que nada tem de poesia senão na fórma de as dizer e para quem lh'a sabe dar.

Não haverá remedio senão completar o quadro das festas da Grecia, n'este mez aprazivel que era para os poeticos gregos o mez de mais folgança do anno. Em Athenas celebravam com todo o estrondo a festa das *Plynterias*, em memoria d'Aglaura, filha de Cecropos, que foi transformada em pedra por Mercurio, por ella não consentir que o maganão do Deus intervenideiro (como diriam os nosses bons classicos) fizesse certa visita a sua irman Hersé. Havia tambem as *Canephorias* em honra de Baccho ou de Diana, ponto digno de ser averiguado em mui erudicta polemica se os theologos do myrtho tivessem tam exemplar paciencia como ja tiveram, n'algum tempo, os theologos christãos.

Este mez começava em Roma com uma festa muito linda que não haverá certamente um so leitor da Revista que não quizesse ver muito do seu coração. Ora, eu lh'a conto. No primeiro dia d'este mez não se fallava em Roma: mas ajuntavam-se todas as senhoras da eidade, que segundo a tradição eram muito bonitas, lavavam-se em pleno ar debaixo das arvores de myrto, coroavam-se com as folhas d'elle e offereciam a Venus um gentil sacrificio. As donzelas pela sua parte, as que estavam para ser noivas, faziam tambem uma festa mais particular, com o seu sacrificio tambem acompanhado de suavissimas fragancias e perfumes... Aqui está a razão porque n'este dia se não fallava em Roma. Ha tanto curioso, e sobre tudo tanto indiscreto...

Celebravam-se tambem n'este mez os jogos *megalesienses*, os mais antigos de Roma, e os jogos *ceraes*, que duravam muitos dias e em que bavia brodio e festins que era um nunca acabar. Havia tambem a festa chamada *equiria*, no grande circo, onde se lançavam muitas raposas carregadas de palha a que se deitava fogo; e as raposas corriam muito com grande applauso e gôsto do povo. Havia tambem as festas *floraes*, lindas como as flores; e muitas outras, entre as quaes uma tal a Venus Ericina, que sería muito para ver mas não é para contar...

—

Ephemerides.

16, As côrtes dos Tres-estados, reunidas em Thomar, juram Philippe II de Castella rei de Portugal (1581) — 20, Segundo cerco de Diu (1546) — 22, Elrei D. Manuel é jurado principe herdeiro da coroa d'Hispanha (1498) — 24, Pedro Alvares Cabral descobre o Brazil, da-lhe nome, e toma posse da terra em nome de Portugal (1500) — 25, Solemne coroação de D. Ignez de Castro como rainha, depois de defunta e enterrada (1361) — 29, Outorga da Carta-constitucional (1826.)

CORREIO EXTRANGEIRO.

506 Donizetti escrevia ao mesmo tempo tres operas em Paris quando adoeceu: uma era para o theatro de Drury-Lane, em Londres, outra para o theatro-italiano de Paris, e a terceira para o theatro de Vienna. A saude do insigne compositor dá serios cuidados: ao presente acha-se na Italia em tractamento.

Parece que chegaram á Hispanha varios ingenheiros inglezes destinados a estudar o rio Ebro, com o fim de o tornar navegavel.

Acaba de se estabelecer em Madrid um instituto dramatico com o nome d' 'Academia-real de musica e declamação.' Este instituto tem tambem um jornal no qual fez annunciar que comprará as peças origines pelo que for ajustado, e além d'isso dará ao A. 6º de cada representação, sendo a peça de 5 actos, e assim decrescendo. A companhia do theatro d'este instituto compõ se de 23 actrizes e 27 actores, e tem demais um corpo de baile.

A companhia do theatro-italiano de Paris foi toda escripturada por 56,000 duros para dar trinta representações no theatro do Circo em Madrid.

Nos theatros de Berlim executaram-se no anno de 1845 — 133 operas e 155 danças. As operas novas foras apenas, *Os Cruzados* de Spohr, *Catharina Cornaro* de Lachner e *Stradella* de Floton. Todas as outras operas foram repetições.

Construe-se em Londres, em Leicester-square, um novo theatro de declamação que deve começar os seus trabalhos n'esta primavera. Muitos capitalistas tem auxiliado o empresario, e ha grandes sympathias publicas per este novo estabelecimento. Tambem se falla em crear um segundo theatro italiano; mas é temeridade de que ninguem agoira bem. Parece que se cantará proximamente uma nova opera italiana em Londres, composição de Verdi, o *rei Lear*, expressamente escripta para Lablache.

CORREIO NACIONAL.

—

507 A companhia das obras-publicas contractou a vinda de 200 trabalhadores belgas para as estradas e outras obras a seu cargo.

Segundo os últimos jornaes dos Estados-Unidos a importação portugueza em 1845 foi de 507.914 dollars (quasi 500:000$000 réis) e a exportação de 247.180 dol. Portugal e a Madeira fizeram o maior commercio, sendo a sua importação mais do duplo da exportação. as ilhas de Cabo-Verde exportaram sette vezes mais do que importaram: mas as dos Açores importaram nove vezes mais do que exportaram. Balanço a favor do commercio portuguez, obra de 220:000$000 réis.

Sabbado (28) era o beneficio do Sr. Miró no theatro de San'Carlos. O espectaculo corria quasi em meio quando as attenções do público se dirigiram para uma friza que acabava de ser occupada. Tinha entrado uma joven franceza sôbre a qual um rumor popular correu logo de ter havido uma tentativa de rapto na noite antecedente. As feições da interessante extrangeira são delicadas, os olhos pretos, o rosto macilento e sentimental. Effectivamente pelas 11 horas da noite de sexta-feira uma sege foi retida pela estação policial d'Arroios, em consequencia d'alguns gritos que se sentiram dentro: levava duas mulheres, a do que tractâmos e outra que parece que a conduzia inganada. O resto não é do nosso dominio.

Acaba de ser formada e legalmente approvada uma companhia com a denominação de 'Auxilio,' que tem por objecto tomar de administração ou arrendamento quaesquer casas constituidas em bens allodiaes ou vinculados. O capital é de 1.200 contos dividido em acções de 500$000 réis. São installadores e directores d'esta companhia os Srs.: Claudino José Carrilho, Luiz Teixeira de Sampaio e Antonio Pedro da Silva Pedroso. Querem algumas pessoas que o *latet anguis* do nosso parlamento esteja muito bem enroscadinho no artigo 6.° d'esta companhia, o qual diz assim:

«A companhia percebera por cada administração o premio que entre a direcção e os proprietarios, ou administradores de vinculos fôr convencionado; e além do mencionado premio contará o juro de seis por cento ao anno sobre todo o dinheiro que adiantar para mezadas, pagamentos de dividas, bemfeitorias de toda a especie, amanhos de fazendas, despezas com questões judiciaes e quaesquer outras etc.»

Eu não acredito em tal. A companhia é essencialmente boa, e o *latet anguis* não é coisa que se descubra facilmente: está onde está e não onde se diz.

Ensaia-se no Theatro-nacional uma comedia em 2 actos do Sr. Mendes Leal, *Quem tudo quer tudo perde*. Parece que a *Alva-Estrella*, drama do mesmo illustre escriptor, será a terceira peça que se represente n'aquelle theatro.

Necrologia. Temos a lamentar a morte de um distincto sabio e industrial, e muito bom patriota, o Sr. F. I. Pereira Rubião, bacharel em medicina, mui sabido em sciencias naturaes e sua applicação ás artes, auctor do *Vinhateiro*, de que a Revista ja fallou, e outros opusculos de grande importancia sôbre agricultura, etc. Falleceu no Porto em 25 do passado.

Estando a commissão do Asylo da mendicidade habilitada para admittir oitenta indigentes n'aquelle util estabelecimento, pediu como medida policial que sessenta d'estes fossem tomados dos mendigos vadios, cegos ou aleijados, que vagam pelas ruas. Effectivamente hontem (31) foram capturados muitos d'estes infelizes dentre os quaes se escolheu aquelle número.

O governo tem até hoje recibido quatro propostas para construcção de carris-de-ferro em Portugal. O praso do concurso para entrega d'estas propostas acaba em 18 do corrente.

Corre na cidade do Porto que alguns cavalheiros conceberam alli o plano d'organizar uma empresa para tomar conta do theatro-italiano. Parece que em Lisboa ha tambem quem tenha similhante idéa.

O *Gymnasio*, vai ser transformado em theatro de declamação com o titulo de 'theatro do Gymnasio.' Realmente é necessario fazer theatros para o povo, porque o de D. Maria II, será tudo que quizerem, mas não popular.

Diz-se que em concorrencia com a companhia 'Auxilio' ha projectos d'outra companhia no mesmo sentido, mas offerecendo outras vantagens.

O commercio de Portugal com a Prussia em 1845 foi no valor de 42:181$326 réis d'importação n'aquelle paiz e 23:790$928 réis d'exportação. Os generos importados foram sal e vinho; os exportados foram aduellas e linho. O balanço a favor do commercio portuguez é de 18:381$398 réis.

A commissão de soccorros aos habitantes da ilha de Santo-Antão (Cabo-Verde), victimas da alluvião, acaba de remetter 80 moios de milho, 20 de feijão e 100 patacas. Os donativos ainda continuarão.

As noticias dos Açores alcançam a 12 do corrente. Em Ponta-Delgada organisou-se uma nova companhia para o commercio de laranja. Estava estabelecida n'aquella cidade uma bibliotheca-publica. Tinha-se achado finalmente o remedio contra o insecto devorador das laranjeiras, que ultimamente se havia propagado muito com grave damno dos proprietarios: é uma applicação d'azeite doce, alcatrão e flor d'enxofre, misturados. Os temporaes n'aquellas ilhas teem sido muitos e continuados. Na ilha Terceira calcula-se em 8.000 caixas a laranja destruida pelo tempo; até 18 de janeiro havia exportado esta ilha 26.262 caixas. Um navio carregado de trigo havia sido mandado d'alli á Madeira em especulação commercial; assim como de San'Miguel carregações de milho para Inglaterra. Na falta de communicação que as ilhas dos Açores sentem entre si, é digna de louvor a providencia acceita pelo consul ingles em Ponta-Delgada, das embarcações inglezas se encarregarem da malla da correspondencia.

CONHECIMENTOS UTEIS.

AGRICULTURA.

AVISO.

508 O Sr. João José Jara, benemerito lavrador do Algarve, acaba de remetter ao Escriptorio da Revista um caixotinho de hastes (podas) de batata-doce para se plantar; porque é este o modo de plantação d'esta batata. Não tem menos de cinco borbulhas cada uma: duas d'estas devem ficar de fóra da terra e as outras tres enterradas; tendo todo o cuidado de que a haste não seja plantada ao contrario, isto é: com as borbulhas para baixo, o que é facil de conhecer.

D'outra especie de batatas — a batata-roixa — vem as hastes so com tres borbulhas: d'estas, são duas as que devem ficar enterradas.

Cada uma d'estas batatas pésa sôbre tres arrateis e algumas chegam quasi a seis.

Os Srs. Assignantes da Revista, que quizerem fazer ésta plantação, devem mandar buscar as hastes com brevidade para que se não percam.

O Sr. Jara mandou n'esta occasião uma formidavel maçaroca do seu *milho-infantil*, que tambem se póde admirar n'este Escriptorio.

ANNUNCIO.

A melhor epocha para a sementeira do *Sainfoin ou Esparceto* é a presente estação: annuncia-se que ao Escriptorio da Revista Universal Lisbonense, rua dos Fanqueiros n.° 82 1.° andar, chegaram uns 6 alqueires da dita semente, que é a ultima porção para vender n'este anno. Preço 800 réis o alqueire, e alli se dão gratis as instrucções impressas para a sementeira do dito prado artificial.

BANCO-DE-LISBOA.

CAIXAS-FILIAES NAS PROVINCIAS.

509 Uma das primeiras necessidades públicas do nosso paiz é o estabelecimento de caixas-filiaes do Banco-de-Lisboa, ou chamem-lhe como quizerem, nas principaes terras de nossas provincias.

A facilidade das transacções commerciaes d'umas com outras terras e d'estas com Lisboa, a prosperidade industrial de nossas provincias, exigem este estabelecimento. Portugal não se reduz unicamente a Lisboa. Os capitaes em moeda tem afluido todos para ésta cidade; aqui se formam todas as companhias, aqui se centralizam todos os interesses. Até certo ponto isto não póde deixar de ser assim; mas o que é certo é que o numerario escaceia nas provincias, e que ésta falta estorva em grande parte a prosperidade d'ellas, difficultando muito os meios de promover a sua industria e commercio.

O dinheiro, como todos sabem, não é a unica nem a principal das riquezas; mas como instrumento de permutação é indispensavel que haja o necessario para facilidade e segurança das transacções sem as quaes não se póde desinvolver a industria. Ora, como disse, o numerario escaceia nas provincias, e o meio que me parece unico, de fazer circular lá a moeda necessaria para desinvolvimento da sua capacidade industrial, é o estabelecimento de caixas-filiaes do Banco-de-Lisboa n'algumas das terras mais commerciaes do reino.

É muito para lamentar que sendo o Banco o mais antigo dos nossos estabelecimentos do seu genero; que sendo elle o unico cujas notas, ou moeda papel, é recibida como dinheiro de contado nas estações do Estado, não tenha até agora dotado o paiz á excepção do Porto, com tammanho beneficio como este que indico! A companhia Confiança-nacional tem em Coimbra, e não sei se terá tambem em mais alguma parte, uma caixa de descontos: a companhia União-commercial tem em Evora uma caixa-filial; mas o Banco-de-Lisboa não tem em parte nenhuma um estabelecimento da sua natureza que possa accudir ás necessidades públicas.

A moeda-papel tem vantagens de preferencia á moeda metallica; e ainda que eu não argumentarei com a opinião absoluta de Ricardo, que a julga a mais perfeita das moedas, comtudo não se póde negar que quando o credito d'ella se estabelece n'uma garantia segura, o seu uso dá facilidades de transacções, commodo e outras vantagens, que a tornam como indispensavel. Nas nossas provincias porém falta inteiramente este signal representativo da moeda metallica; nem em nossas actuaes circumstancias ésta falta se póde lá preencher senão com as notas do Banco, porque éstas não encontram embaraços no seu curso; talvez pela certeza e facilidade com que alli são trocadas por numerario nos estancos do tabaco e recibidas nas estações do Estado.

Os beneficios da introducção d'este meio circulante nas terras de provincia, seriam ainda augmentados pela segurança das transacções das differentes terras entre si e de todas ellas com a capital. As caixas de desconto da companhia Confiança e a caixa-filial da companhia União, nem preenchem estes beneficios, nem mesmo é seguro se com effeito são reaes os beneficios que por meio d'ellas se obteem. Alguns imprestimos que a caixa-filial de que tracto tem feito no Alemtejo, são, segundo se diz, onerosos para os proprietarios; as lettras acceitas apenas o são a curtos prasos e nem sempre se consente nas reformas; além d'isso a *conciliação* de que fazem preceder o imprestimo, afim de ficar apparelhada desde logo a execução contra o devedor, são circumstancias que neutralizam, pelo menos, os beneficios que de tal instituição poderiam provir.

Eu não quero de modo nenhum infligir censura ao procedimento da companhia. Póde ser que ella faça o mais que póde e so quanto póde e como póde: e em todo o caso está no direito de exigir todas as seguranças e meios para garantia e interesses do capital mutuado. Todos os inconvenientes que o paiz soffre n'este e muitos outros pontos, procedem da sua má organização economica e de não se tractar, nem pensar, nem querer procurar os meios de lhe ser util. Aponto

os factos: e oxala que eu soubesse muitos para com todos elles fazer manifesto e clamar, repetidas vezes, pela necessidade de se attender á felicidade pública em todos os pontos e por todos os modos.

E apontando estes factos eu não tenho outras vistas mais do que demonstrar a precisão das caixas-filiaes do Banco-de-Lisboa nas provincias do reino, indispensaveis para a prosperidade d'ellas: e digo do Banco, porque o credito d'este estabelecimento ninguem se lembra de o constestar, porque as suas notas ja teem curso nas provincias, e porque são ellas tambem as unicas cuja admissão está auctorizada nos cofres do Estado.

ASSUCAR E PAPEL DE MILHO.

510 Alguns annos ha que M. Pallas demonstrou com interessantes experiencias: primeiro, que a cana do milho continha não pequena quantidade de assucar crystalisavel, identico ao da cana d'assucar; segundo, que a operação da castração, ou corte das glandulas femeas, augmentava a quantidade do assucar, de maneira que o tronco do milho ficava sendo uma verdadeira cana d'assucar. Disse tambem qual era o partido que se podia tirar das folhas d'esta planta, tam facil de cultivar, para d'ellas se fazer papel.

M. Pallas acaba novamente de apresentar á academia de Paris dois factos da maior importancia a este respeito. A cana do milho, cultivada na Nova-Orleans desde 1840, segundo as suas ideias e pelo methodo de castração, é hoje preferida á verdadeira cana d'assucar.

O outro facto é, que todo o commercio de Paris e das provincias quasi que ja não apresenta senão papel feito de milho pelos processos simples publicados por M. Pallas. O fabrico d'este papel é tão pouco dispendioso que o papel de milho vende-se hoje na fabrica pelo preço infimo de 20 francos por kilogrammo.

Estes factos são tam importantes que, se authenticamente fossem demonstrados, a cultura do milho e o commercio do assucar da America mudariam inteiramente de face em todas as nações da Europa. Eu julguei que, pelo menos, nada se perdia em dar d'isto conhecimento aos leitores da Revista. Quando assim fosse verdadeiramente, o nosso paiz sería sem duvida dos que mais utilizasse com o estabelecimento entre nós d'uma nova industria e das mais importantes, pelo grande consummo que a natureza de nossos habitos faz que hoje dêmos ao assuçar.

NOVO SYSTEMA DE CARRUAGENS.

511 O doutor Bunger, de Berlim, inventou uma carruagem de seis rodas, que são postas em movimento por um mechanismo particular. Duas d'estas rodas servem de dirigir o vehiculo em todos os sentidos. Um pequeno impulso dado do interior da carruagem é bastante para a fazer avançar ou recuar á vontade, e até mesmo para a fazer andar mais de vagar, ou fazel-a parar instantaneamente. Sobem-se e descem-se as alturas mais ingremes sem perigo. Cada roda tem cinco pés de diametro. Este novo systema é util egualmente sôbre os carrís de ferro e pelas estradas ordinarias. O mechanismo com que Mr. Bunger governa a sua carruagem, é de tal modo simples que á primeira vista se percebe logo como se ha de fazer para ella avançar, voltar, recuar e parar. Uma d'estas carruagens experimentada já n'um carril de ferro, e que levava 18 quintaes de pêso, venceu o espaço de uma milha em 24 minutos.

MACHINAS DE VAPOR.

512 O aperfeiçoamento ha tanto tempo desejado e procurado das machinas de vapor, parece estar a ponto de verificar-se. Um francez, M. Gallard, inventou um systema chamado por elle de duplice-motor, que apresenta, segundo se diz, incontestaveis vantagens. Esta nova machina funcciona em Pariz publicamente para que todos a possam observar.

A primeira vantagem que dá logo na vista é a suppressão do fumo: o que contribue para augmentar a fôrça que produz uma ingenhosa combinação de vapor e de ar dilatado. Se é verdade tambem que a fôrça excede a que o diametro dos pistons poderia prometter; que a combustão é menos de ametade; a construcção e conservação menos custosa; póde-se esperar de vêr tornar quasi commum o emprego do vapôr, e que a machina de duplice-motor seja preferida dentro em pouco para os caminhos-de-ferro, navegação, e demais misteres em que até hoje se empregam os systemas tão custosos como defeituosos que tem sido forçoso de usar.

MEDICINA

DOIS FACTOS CURIOSOS.

513 Os jornaes inglezes contam que havendo fugido um leopardo da jaula que o guardava, um mendigo coixo, que mal se podia arrastar, cobrou tal medo á vista do terrivel animal, que immediatamente recobrou o uso das pernas, e poz-se a fugir com a maior velocidade.

Outro jornal inglez de medicina, o *Medical Times*, conta que um homem que pertendeu suicidar-se, enforcando-se, fôra tornado á vida pelo Dr. Noyce, por meio d'affusões de agua-fria. Quando o medico foi chamado a respiração do affogado tinha cessado, mas o seu coração batia ainda, se bem que mui froixamente. Assim que lhe foi applicado o tractamento do Dr. Noyce a respiração tornou a apparecer, e depois de uma larga sangria o doente tinha recuperado as suas fôrças.

Pareceu-me que não devia deixar de dar noticia na Revista d'estes dois factos extraordinarios, porque, ou encarecidos ou não, o *Medical Times* é um jornal de conceito, e o outro parece estar comprovado.

INSTITUTOS DE BENEFICENCIA.

514 No artigo 4.092 do 4.° volume d'este jornal démos ja conta da existencia de uma associação de soccorros, que se denomina de — Nossa Senhora da Rocha, — instituida ha mais de trez annos na freguezia da Sé d'esta côrte, e cujo fim é valer, aos que para ella concorrem com a modica quota de quarenta réis somanaes, na doença, na prisão, e na total inhabilidade.

A virtude mais celestial e christan, — que é a da caridade; o principio mais humano e civilisador, — que é o da associação, vieram a abraçar-se n'esta sorte de creações. Deus as abençôa, porque n'ellas está a execução do mais formoso dos preceitos, que elle nos deixou. O povo affeiçoou-se-lhes, porque, no proprio

momento, em que mais necessita recursos os encontra alli promptos e infaliveis. Institutos, que nasceram, e enrobusteceram á sombra da arvore do christianismo e da arvore da civilisação, não era possivel que deixassem de abrigal-os os braços robustos de uma, e as virentes ramagens da outra.

Se as classes laboriosas não tem hoje concorrido todas a reunir-se em tôrno d'este pensamento generoso, e grande, é preciso irrogar-se a culpa á forma porque elle tem sido algumas vezes realisado. O povo viu algumas associações de soccorros ameaçarem ruina logo ao começar, — como arvores nascidas na aresta do abysmo, tremeu por ellas, affastou-se: — o tempo provou, que com razão...

Entretanto na associação de Nossa Senhora da Rocha o systema de gerencia, alem de decretado e approvado por Sua Magestade, está no nosso intender menos mal concebido, e promette-lhe um futuro bastante esperânçoso: — parece-nos que a seguinte estatistica não deixa a nossa opinião totalmente falha de fundamento.

A associação soccorreu com 200 réis diarios, cirurgião e botica a 413 infermos; e so com cirurgião e botica a 225; com estes soccorros, e com os demais objectos de expediente, etc. despendeu 2:437$391 réis; ao passo que a sua receita, constante das quotas dos associados, e dos juros do dinheiro depositado na caixa-economica, foi de 2:335$454 réis. O dinheiro depositado, a que nos referimos, importa em réis 378$690, e os juros do anno findo foram 17$704 réis. Em o decurso do anno entraram 357 novos socios. O *deficit* de 101$937 réis que houve, foi devido á grande quantidade de molestias que grassaram nos primeiros mezes do anno.

Offerece-se-nos opportuno ensejo de fazer publico e louvavel proceder d'alguns cidadãos das freguezias de Santa Isabel, Lapa, San'Mamede, e San'Sebastião da Pedreira, que, envidados pela bem conhecida generosidade dos seus animos, se reuniram espontaneamente em commissão para auxiliar este instituto, promovendo o augmento dos seus socios n'aquellas quatro parochias. Os individuos citados foram os Srs. Coronel Adão, Castilho (Antonio), Ribeiro Neves Junior, Augusto Xavier Palmeirim, Domingos Lobato Barroso de Faria, José Candido da Assumpção, e o muito digno e reverendo prior de Sancta Isabel.

J. M. Campêlo.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO XXXII.

Tornâmos á historia de Joanninha. — Preparativos de guerra. — A morte. — Carlos ferido e prisioneiro. — O hospital. — O infermeiro. — Georgina.

515 'Escuta!' disse eu ao leitor benevolo no fim do último capitulo. Mas não basta que escute, é preciso que tenha a bondade de se recordar do que ouviu no capitulo XXV e da situação em que ahi deixámos os dous primos, Carlos e Joanninha. . . .

N'este desproposítado e inclassificavel livro das minhas Viagens, não é que se quebre, mas inreda-se o fio das historias e das observações por tal modo, que, bem o vejo e o sinto, so com muita paciencia se póde destindar e seguir em tam imbaraçada meada.

Vamos pois com paciencia, caro leitor; farei por ser breve e ir direito quanto eu podér.

Lembra-te como n'uma noite pura, serena e estrellada, aquelles dous se despediram um do outro no meio do valle, como se despediram tristes, duvidosos, infelizes, e ja outros, tam outros do que d'antes foram.

N'essa mesma noite, a ordenada confusão de um grande movimento de guerra reinava nos postos dos constitucionaes. Á longa apathia de tantos mezes succedia uma inesperada actividade. Preparavam-se os sanguinolentos combates de Pernes e de Almoster, que não foram decisivos logo, mas que tanto appressaram o termo da contenda.

Carlos achou ordem de se appresentar no quartel-general, partiu immediatamente. O pensamento absorvido por ideas tam differentes, tam confuso, tam alheado de si mesmo, seguiu machinalmente o corpo. Foi, chegou, recebeu as instrucções que lhe deram, e voltou mais satisfeito, mais tranquillo.

Tractava-se de morrer. Não sabe o que é verdadeira angústia d'alma o que ainda não abençoou a morte que viu deante de si, o que a não invocou ainda como unico remedio de seu mal, ou, o que é mais desesperado, como unica sahida de suas fataes perplexidades.

Estes momentos são raros na vida, é certo; mas quando occorrem, não ha exaggeração nenhuma em dizer que antes, muito antes a morte do que elles.

Oh! e se a morte que se contempla é de honra e glória, se o enthusiasmo, tirando fortemente a corda dos nervos, os faz vibrar n'aquelles tons secretos e mysteriosos que arrebatam, e elevam o coração do homem á sublime abnegação de si, e de tudo o que é piqueno, baixo e vil na sua natureza — oh então a morte parece um triumpho, uma bemaventurança por certo!

Carlos esqueceu-se de tudo menos da sua espada que affiou com escrupuloso cuidado, e das suas boas e seguras pistolas inglezes que limpou minuciosamente, carregou e escorvou com um verdadeiro amor de artista que se compraz no último acabamento de um trabalho predilecto.

O pouco da noite que lhe restava passou-se n'isto, a marcha começou antes do dia. E os pri-

meiros raios do sol foram saudados pelo fuzilar das espingardas e pelo trovejar dos canhões.

Combateu-se larga e incarniçadamente — como entre irmãos que se odeiam de todo o odio que ja foi amor — o mais cruel odio que tem a natureza!

O dia declinava ja quando n'um hospital em Santarem entravam muitas maccas de feridos, e entre elles, um todo crivado de ballas e cuberto de sangue que, assim pelos restos do uniforme como por certo ar bem conhecido — e charecteristico então, se via claramente ser do exército constitucional.

Eram muitas e perigosas as feridas d'esse homem; estenderam-n'o n'uma especie de tarimba sôbre que havia alguma palha, e quando lhe chegou a sua vez foi examinado e pençado como os outros. Não dava signal de padecer, tinha os olhos fechados, o pulso forte mas não agitado de febre; não proferia uma syllaba, não soltava um ai, e prestava-se a tudo o que lhe diziam e faziam, menos a soltar da mão esquerda que apertava contra o peito o que quer que fosse que alli tinha seguro e que lhe pendia ao pescosso de uma estreita fitta preta.

Assim o deixaram largo tempo: elle adormeceu. Não sería largo, mas foi profundo o seu dormir. Quando acordou ja se não viu no vasto caravanseray d'aquelle confuso hospital, mas n'um pequeno quarto arejado, limpo, e quasi confortavel que em tudo parecia cella de convento, menos na boa cama em que jazia o doente, e na extremada elegancia do infermeiro que o velava.

O quarto era comeffeito uma cella do convento de San'Francisco em Santarem, o doente o nosso Carlos; e o infermeiro que o velava, uma bella mulher de estatura não acima de ordinaria mas nem uma linha menos, involvida nas amplissimas pregas de um longo roupão de seda d'aquella acertada côr que em dialecto da rua Vivienne, se diz *scabieuse*; a cabeça toucada de finissima Bruxellas, com uns laços de preto e côr de granada que realçavam a transparencia das rendas, a infinita graça dos longos e ondados aneis louros do cabello, e a pureza symetrica de um rosto oval, classico, perfeito, sem grande mobilidade de expressão mas bello, bello, quanto póde ser bello um rosto em que pouco d'alma se reflecte, e em que a serena languidez de uns olhos azues entibia e modera a energia do sentimento que não é menos profundo talvez, mas certameute se expande menos.

De joelhos juncto ao leito de Carlos, com a mão direita d'elle nas suas, os olhos seccos mas fixos nas descahidas palpebras do soldado, aquella mulher estava alli como a estátua da dor e da anxiedade. A uma porta interior e que abria para uma especie de alcova obscura, em pé, os braços cruzados e mettidos nas mangas, o capuz na cabeça, estava um frade velho, alto mas curvado do pêso dos annos ou dos soffrimentos.

O frade contemplava o infermo e a infermeira, mas visivelmente não queria ser visto n'essa occupação, porque ao menor estremecimento do doente recuava apressado e como assustado para o interior da sua alcova.

Uma so vela de cera allumiava este quadro, accidentando-o de fortes sombras, e dando-lhe um tom de solemnidade verdadeiramente magica e sublime.

Carlos segurava ainda na esquerda com o mesmo affêrro o relicario ou talisman, o que quer que era que não queria desprender de seu coração. A bella infermeira beijava de vez em quando aquella mão tenaz que estremecia a cada beijo por mais suave e mimoso que fosse o leve contacto d'esses labios delicados.

A outra mão estava nas mãos d'ella, mas era insensivel a tudo, essa.

O silencio era o do sepulchro: so se ouvia o respirar incerto e descompassado do infêrmo.

Derepente Carlos entreabriu as palpebras e exclamou em inglez: '*Oh Georgina, Georgina, I love you stil.*' — (Georgina, Georgina, eu ainda te amo).

Duas lagrymas — duas perolás, d'estas que se criam com tanta dor no coração e que ás vezes sahem com tanto prazer dos olhos — romperam do celeste azul dos olhos da dama e suavemente correram por aquellas faces de uma alvura pallida e mortal.

Carlòs accordou de todo, abriu os olhos e cravou-os fixamente no rosto angelico d'aquella mulher.

Esteve assim minutos: ella não dizia nada nem de voz nem de gesto: fallavam-lhe so as lagrymas que corriam quietas, quietas, como corre uma fonte perenne e nativa d'agua que mana sem esforço nem impeto, por um declive natural e facil.

— 'Onde estou eu, Georgina?'

— 'Nos meus braços.'

— 'Que me succedeu?'

— 'Que não podes ser feliz senão n'elles: bem sabes.'

— 'Sei... devia saber.'

—'Hasde sabel-o agora. O passado...'

—'O passado! qual?'

—'O passado deixou de existir.'

—'E o futuro?'

—'Eu não creio no futuro.'

—'Porquê?'

—'Porque tu me disseste que não cresse.'

—'Eu!.. Eu sou um...'

—'Um homem.'

—'Oh!'

—'Basta e descança. Amanhan fallaremos.'

—'Estou ferido, muito, e doe-me agora... não me doía.'

—'Estás, mas sem perigo: e estou eu aqui. Dorme.'

—'Não posso. Que casa é ésta?'

—'San'Francisco de Santarem.'

—'Deus de misericordia!'

—'És prisioneiro: sára, e eu te livrarei.'

—'Tu!—E tu aqui, como?'

—'Vim buscar-te, e achei-te assim.'

—'Georgina!'

—'Que tens tu ahi tam seguro na mão esquerda?'

—'Vê: a medalha com o teu cabello.'

—'Então amas-me tu ainda?'

—'Se te amo! Como no primeiro...'

—'Não mintas, Carlos.. E dorme.'

—'Oh meu Deus, meu Deus! Georgina aqui, eu n'este estado e... E a minha gente?'

—'A tua gente está salva.'

—'Aonde?'

—'Aqui mesmo, em Santarem.'

—'Quero... não quero... Oh sim, quero mas é morrer. Tende misericordia de mim, meu Deus!'

—'Socega, Carlos.'

Mas Carlos não socegava: immudeceu porque a torrente de seus pensamentos, o incontrado d'elles, e o inesperado d'aquella situação lhe imbargavam a voz, e o quebramento das fôrças lhe tolhia os movimentos do corpo; mas o espirito inquiéto e alvoraçado revolvia-se dentro com um phrenesi louco. Era pasmar o que elle soffria.

Á fôrça de bebidas calmantes o accesso diminuiu, a noite passou mais tranquilla; e pela manhan o doente não dava cuidado ao facultativo que o veio ver.

Prohibiram-lhe fallar; e Georgina tinha a coragem de lhe resistir, de lhe não responder todas as vezes que elle tentava resistir ao preceito de que dependia a sua vida... e a d'ella, porque a infeliz amava-o... oh! amava-o como se não ama senão uma vez n'este mundo.

Passaram dias, semanas; Carlos estava melhor, estava salvo; Georgina pôde dizer-lhe um dia:

—'Carlos, meu Carlos, tu estás livre de perigo, vou restituir-te aos teus.'

—'Os meus!'

—'Os teus. Tua avó, tua prima...'

—'Joaninha! oh! Joanninha...'

—'Tua avó que tambem tem estado a morrer mas que emfim está escapa, ignora que tu estejas aqui. Occultámo'-lo egualmente a tua prima.'

—'Ah!'

—'Sim, assentámos de lh'o não dizer a uma nem a outra até que tivessemos certeza da tua melhora. Hoje porêm vais ve-las. E eu...'

—'Tu!'

—'Eu não tenho aqui mais nada que fazer.'

—'Georgina!'

—'Carlos!'

—'Tu ja me não amas?'

—'Não.'

Seguiu-se um silencio torvo e abafado como o da calma que precede as grandes tempestades. O rosto de Georgina estava impassivel, Carlos estorcia-se debaixo de uma compressão horrivel e incapaz de se descrever.

(Continúa.) *A. G.*

DO PARIATO. [*]

516 Tendo considerado o poder real e o poder espiritual, vou agora resumir as qualificações que a nossa historia assignalla ao poder nobre em Portugal. Eu sei que os nossos historiadores não são dos mais seguros no que dziem; como eu porém no mais os tenho seguido, não quero, no que me resta dizer, faltar á mesma fidelidade de até aqui, em transcrever o que n'elles achar.

Um dos primeiros factos e mui singular, quasi unico, que tenho encontrado áoerca das preeminencias dos nossos nobres, e que vem na Hist. Geneal. [L. 13]. é um diploma a favor dos morgados de Taboa em que se lhes confere jurisdicção para poderem fazer toda a justiça de sangue. Outro ha, mas ja de menor cathegoria, na Bened. Lus. (Tom. 2.° P. 1.ª] de D. Vasco Pimentel, grande privado de D. Affonso III, que decahido da graça d'elrei, se passára a Castella com 250 de cavallo. Em outro logar d'esta chron. [Parte 4.ª cap. 10] temos D. Fafes serraceno que foi mui ricco homem e morreu 'com peça de cavalleiros seús vassallos.' Th. Ant. de Villa-Nova Port. [Mem. Acad. Tom. 5.°] tambem diz que os senhorios cortavam os pés e inforcavam os officiaes de justiça que entravam nas suas jurisdicções.

Pela Chro. [de Fernão Lopes] de D. João I não menos se percebe que, cada qual que fazia prisioneiros os fazia por sua conta. E ás vezes os pontentados desnaturalizavam-se do reino para melhor fazerem as suas

[*] Continuado de pag. 477.

capturas na guerra. É isto o que se deprehende do contracto de casamento da infanta D. Brites. [Era 1421 Hist. Geneal.]

É sabido de todos que os nossos grandes tiveram o privilegio tambem, de onde criavam seus filhos ficar o logar fruindo regalias excepcionaes, e chamar-se-lhe *amadego*. [Elucidario, *Verbo*.]

No Elucidiario ha tambem o exemplo do exercicio do *cutelo* ou morte natural e civil, exercida pelos nossos magnates em 951, 989, e 1068; mas estes exemplos são anteriores ao conde D. Henrique e não sei eu quanto valor tenham. O douto João Pedro Ribeiro nas Mem. da Acad. [Tom. 2.°] da-nos conta da arrogancia dos donatarios, e do seu direito de correição. Na Hist. Geneal. [L. 13] transcrevendo da Mon. Lus. [P. 8, l. 22 cap. 34.] refere-se um caso raro de guerra entre particulares portuguezes: é o do mestre de Christo D. Lopo Dias de Souza e o conde D. Gonçalo Telles com 500 lanças para vingar a morte de sua mãi e irman que tinham sido mortas por o infante D. João. No seculo XIV [em 1373], segundo a Hist. de Braga de D. R. d Cunha, o arcebispo D. João Cardolaco IV devia dar em *feudo* o castello de Ervededo a G. P. de Meira, consentindo o Pontifice. É de suppôr que este consentimento se não obtivesse, porque posteriormente encontra-se este castello aforado por 60 libras a G. Pereira. Na mesma Hist. [parte 2.ª cap. 60.] vem outro acto da independencia que affectava a nossa antiga aristocracia. Foi o de Fernão de Lima, tendo *guerra* com o arcebispo D. L. Peres, para o que ajunctou muita gente de mão armada, indo com ella sôbre o cabido de Braga: e não quiz o duque de Bragança tomar n'elles meio algum de concordia, posto que fronteiro mór, e ter de suas terras 5 a 6,000 homens para este desforço.

Os senhores do ducado que acabâmos de mencionar davam commendas de sua mão a subjeitos de *sangue*, so para seu serviço ducal. Os duques de Bragança tambem recebiam os embaixadores á laia de reis; mandando-os attender por homens accrescentados e gentis-homens. Na villa do Conde, por mercê de Philippe em 1604, os officiaes de justiça chamavam pelo duque. [Hist. Geneal].

Remontando aos primeiros seculos do reino, vê-se na Mon. Lus. [F. Brand., L. 17, C. 35] que alguma fiscalisação exerciam sôbre a corôa os nossos ricos homens. Era costume, por exp.: a corôa não dever alhear castello sem consentimento e consulta d'elles e dos prelados. Para aquelles e para estes, havia pensões que vislumbram germens feudaes. O cap. 29 da chronica acima citada, dá a conta dos pães a que elles tinham direito para o jantar e para a cêa. Além d'estas imposições, as aposentadorias e as coutadas dos nobres e fidalgos eram horrorosas, [côrtes 1434, cap. 123, 126] ainda que ahi mesmo se responde que ja tinham sido peiores! N'esta resposta não havia nenhuma inexactidão porque em 1409, fazendo D. Fernando côrtes em Lisboa, disse-se no capitulo 60.°, 'os fidalgos a quem *demos* villas e logares do nosso senhorio, agravom o pobo quebrando-lhe seus usos, costumes e foros e liberdades e outras graças e mercês e se alguem o quer refretar a noos por torvadores da sua prol tomam as roupas alheas e usam d'ellas até que as rompem e tomam galinhas e palha e lenha, e mulheres e filhas, e fazem tantas sem razões que os moradores dos dittos logares quizeram antes se em honra nossa podesse ser que fossem vendidos a mouros.'

No reinado de D. João I, anno de 1427, repetem-se os clamores contra a jurisdicção dos donatarios: signal este de que ella dava que sentir, e portanto de que elles tinham podêr. O visconde de Santarem tambem falla d'estas violencias nas suas côrtes. (1827 part. 2.ª) Havia de entre estes senhores, taes que tinham o privilegio de não ir em hoste á fronteira, salvo indo com elrei.

Em tempos muito mais modernos do que este que venho de notar, em que faziam essa reserva para si, quiz elrei D. João II, e D. Sebastião, regular o padrão das medidas, e os fidalgos não lh'o consentiram porque gostavam da variedade n'ellas. (A C. de Menezes: Prat. Juis. div. v. 2.° p. XXV). 'Assolavam os proceres d'estes reinos, nas suas terras, malfeitores. lançavam pedidos; davam os officios aos seus criados; intromettiam-se na eleição e data dos conselhos; tinham senhorias e privilegios: exemplo entre a infinidade dos proes que elles gozavam, os que possuia D. Jorge.' (Figueiredo: Syn. chro. 1790).

As extorsões que praticavam foram o thema das côrtes de Vianna a par d'Alvito (a. d. 1482. Vis. Sant., cortes, 1828, 2.ª part.) Muito anteriormente nas de Coimbra por D. Fernando, no anno de 1372, sôbre doações excessivas de senhorios de terras com mercê do mixto imperio, foi dito, que 'taaes hy avia que delles dezjam, que pois lhas *deramos*, que as podiam vender,' e a penhorar como suas cativas, asi que os ditos moradores donde antes queriam ser em poder de mouros, cá nom entendiam tam mal de passar pela qual razom estavom em ponto muitos dos ditos loguares de serem ermos.'

Depois de dois reinados tornam as côrtes em capitulos geraes feitos em Santarem, no anno de 1434, a articular no cap. 6.° dos mesmos 'padecemos antre nós tanta tribulaçam trabalho e affliçam e sogeição nos corpos e haveres e honras como se fossemos na maior guerra do mundo, e isto pelas terras e jurisdicções que são dadas aos fidalgos e pessoas de que sentimos estes padecimentos e outros muitos damnos.' A isto elrei D. Duarte foi tão bom senhor que deu em resposta 'que éstas regalias lhe foram dadas em recompensa de serviços, que lhas não hade tirar.'

Já em 1372 nas côrtes de Leiria, que tinham sido chamadas para elrei D. Fernando fallar com homens bons de algumas cidades e villas do seu senhorio, tinham-lhe estes dito que revogasse as grandes doações de terras, que tinham sido concedidas. O proveito d'esta instancia foi porém de pouco, como se tem visto. E por muito tempo assim lhe foi succedendo.

Elrei D. João II (*Ined. Ruy de Pina*) que 'matou per si aas punhaladas ho duque de Viseu,' que mandou justiçar o duque de Bragança e diversos fidalgos, tractando o chronista Resende de suas feições, costumes e 'manhas,' diz d'elle: 'que em quanto ao mais que não fosse prerogativa, foi tudo de quem o tomou porque elle fez escala franca.' O seu descendente do mesmo nome foi o mesmo, porque em capitulos geraes de 1525 ou 1535, lhe supplicaram que não désse mais cidades ou villas senão em cortes geraes.

Não era comprehendido nenhum outro modo de reinar senão o de doar e arrendar e tambem vender, e isto durou entre nós até meiados do seculo XVIII. D.

Affonso V, diz a Hist. Geneal. [no tom. 2.º] tractando d'este rei, que fez mais doações do que nunca fizeram quatro reis, os que mais viveram n'estes reinos. A relação d'ellas alli vem. Os proprios Philippes tambem tiveram o mesmo costume. Diogo Soares, secretario d'Estado do último d'elles em Portugal, ainda comprou por quarenta crusados o senhorio de Punhete (Peg. a d. ord. t. 10.) A casa de Bragança tambem depois de assentada no solio fazia suas vendas; mas essas um pouco mais caras, porque vendeu o correio por 70,000 crusados [Peg. T. 7.] As descobertas, apenas se fizeram, passaram logo a arrendar-se. [Barros: dec. 1.ª]

A munificencia real era tal que se lhes não dava aos monarchas, que a sua progenie casasse nas familias dos particulares. Tão riccos os tinham elles feito! Elrei D. Affonso III (era 1311) casou sua filha D. Leonor com D. G. G. de Sousa alferes-mór. Elrei D. Manuel deixou em testamento (an. de 1517), que as pessoas reaes casem em as casas 'de alguns grandes para aliviarem a coroa:' H. Geneal. (L. 14. n.º 11 e Tomo 2.º) Tudo era pouco para alienar. As dotações das rainhas, os apanagios dos infantes, não sahiam nem se faziam senão á custa dos subditos, ou em direitos de que os privavam ou de fazenda. D. Affonso, (era 1365), casando sua filha com D. Affonso de Castella, hypotheca terras do reino ao contracto de casamento. As arrhas da infante D. Constança, (era 1378) tambem são as aldeas, termos e rendas, jurisdições, direitos e pertenças de Vizeu, Monte-Maior e Alenquer. O mesmo a doação a D. Isabel filha d'elrei D. Fernando (era 1415) de Vizeu, Linhares, Celorico e outros logares, 'em dote e casamento para fazer d'elles e com elles todo o que quizerdes como de vossa coisa propria.' (Hist. Geneal.) D Fernando doa a D. Leonor, Villa Viçosa, Abrantes, Almadáa, Cintra, Torres Vedras, Alenquer, Atouguia, Obidos, Aveiro; os reguengos de Sacavem, Frielas, Unhos, Merles. (*Ined.*) Os filhos de D. João I foram todos dotados em cortes, (era 1416.) Além d'esta dotação geral, o infante D. Henrique teve a ilha da Madeira etc. (*Peg. ad ord. T.* 12.) Fr. Brandão (L. 18. C. 30.) diz que se demasiavam nos donativos para os casamentos dos filhos do rei e para os fidalgos tambem. As rendas da alfandega mesmo, por tal arte se intendia a gerencia do thesoiro que é do público, acham-se todas doadas a D. João II, sendo ainda infante. (Goes C. 102. Vida d'este rei.)

Estas doações não foram por um so rei ou n'um so seculo. Restaurado o throno aos legitimos senhores, deu D. João IV ao infante D. Pedro as saboarias do sabão preto e branco da cidade do Porto, villas e logares das commarcas de Traz-os-Montes, e Entre-Douro-e-Minho. Em 1695 deram-se 20 mil crusados na alfandega de Lisboa e 10 mil na do Porto ao infante D. Francisco. E deram-se-lhe millessimas coisas mais. (Hist. Geneal. T. 5, L. 7.º) Ao conde de Vimioso em 1534, deu-se exempção de direitos salvo no que fôr para vender. Em 1656, são a Azinhaga e Cartaxo, feitas villas para dotar D. Maria filha natural d'elrei D. João IV (Hist. Geneal.) Dos nossos dias é a casa do Infantado. (Mello Freire L. 2. T. 3. § 58). Os officios eram lotados todos, qual a 400$ rs. qual a 200$ rs. etc. e eram não menos do que o de condestavel e almirante do reino etc. (Peg. ad ord. Tomo 12.) O habito de Christo valia a 600$ rs. tambem para se dar (Id. Tomo 10.) D. Affonso I deu $\frac{1}{3}$ do que podessem adquirir até ao Tejo e para além, aos militares do Templo de Salomão etc. (Hist. Mil. Ord IHS, B. da Costa.) Em tempos muito modernos em comparação com este o marquez de Cascaes teve a permissão de vender bens da coroa a titulo de ser o seu producto para despezas de uma embaixada (Peg. ad ord. Tomo 11.) A Hist. Geneal. (Supp. p. 660) diz que eram 3.000 e tantos os moradores na casa d'elrei D. João III. Diz o chronista D. Goes (4. p. c. 3.) que a moradia do rei é o que mais estimam os portuguezes. E foi porque lhe não correspondiam á que elle merecia que Magalhães desertou. O infante D. Pedro em 1447 obteve a exempção de direitos para toda a ilha de San'Miguel por lh'a terem doado. A chr. de D. Goes e de D. João II não é senão uma chronica de munificencia.

As mercês não eram so aos homens, as mulheres igualmente participavam d'ellas. (J. P. Ribeiro: Tomo 1.º Mem. d'Acad. p. 166.) Em 1692, e em tempo do último dos Philippes vejo eu em Peg. ad ord. (Tomo 10 e 13) que os direitos de um senhor donatario ainda não eram menos do que podêr pôr ouvidor, abrir as pautas, apurar eleições, confirmal-as, e que os officiaes de justiça chamem por elle, e prover estes, e a data dos officios, padroados da igreja, e alcaidaria mór. Não sei se o primeiro d'estes dois casos pertence a ascendentes do Sr. Duque de Palmella, o segundo é de Diogo Soares, sec. d'Estado.

Eu tenho citado tantas vezes Pegas porque este jurisperito é o historiador em familia de todas as nossas casas de distincção. Além d'isso, como regra geral, quem quizer ter essa curiosidade ha de reconhecer, que a historia intima de um paiz se estuda muito nos seus tribunaes civis. Alli vai parar a resolução de contractos feitos no decurso da vida e de que passados seculos em mais parte nenhuma se acharia a tradição. É so por ésta consideração que póde ser perdoavel hoje que ha tanto que fazer, a leitura dos in folios de Pegas. Foi o instincto de la deparar com algum adminiculo que me ajudasse a instruir este retrospecto, que me deu ânimo de ler uma dedicatoria em que se encontram trexos taes como este. 'Á S. P. N S. D. Isabel Maria Francisca. E aonde havia de ir buscar a luz senão em V. A. legitima successora d'ella; e n'aquelle refulgente sol que tendo as vontades por resplendores e os beneficios por influencias, alegra o ceu alenta a terra e admira o mundo? No altar de um leal e affectuoso coração consagro a V. A. a victima d'este livro, sendo tantos os votos d'este humilde sacrificio, quantos os characteres d'este dilatado volume.'

Deveras que muito prova o foro civil para a historia de qualquer paiz, e toda a pessoa que tentar escrevel-a sem compulsar archivos, escriptos, e cartorios que digam a escrivães, perde cabedal de muito proveito para a sua tarefa. D'ahi se derivam alguns raios de luz. O exemplo está á mão em Portugal. Ainda não cessou de se dizer desde o seu acontecimento que a occupação d'este reino pelos Philippes foi o lençol de mortalha para ésta nação. Este axioma, se o é, anda vago na bôca de todos; porém um incidente notavel, que então começou a avultar e continuou depois a propagar-se, o qual torna acreditavel aquelle sentimento

da nossa decadencia, é escrever-se e ler-se: Manuel Mendes a Castro em 1604, em 1725, e em 1736; Alvaro Velasques que post varias editiones scorsum editas, conjunctas, prodierunt, Francfort, 1659 fol. Coimbra 1680 e 1752 e Colonia 1731; Amator Rodrigues, Madrid 1609, Francfort 1615; Alvaro Pegas cançou os prelos extrangeiros e nacionaes desde 1675 até 1736, e teve ainda um continuador em Manuel Gonçalves da Silva. Hoje, qual é o livro por mais palpitante, que demande uma segunda edicção? Correm annos n'um dia, tudo é actual, ninguem olha para o passado apenas elle passa.

[Continúa.] *C. A. da Costa.*

BIBLIOGRAPHIA.

Osmia, Conto-historico-lusitano, em 4 quadros, seguido de outras poesias por *José Osorio de Castro Cabral d'Albuquerque.*

517 Quando as imprensas do nosso pequeno Portugal gemem espesinhadas debaixo da barbara invasão das mais insipidas e insulsas composições de todos os generos litterarios, é para nós um dia de festa aquelle em que vimos não ja os rasgos poeticos do genio e do bom gôsto, mas ao menos meia duzia de paginas de bom senso. E'sta escacez de boas obras litterarias, este desalento poetico tem, como todos os phenomenos da natureza, a sua causa, e a sua explicação. Nós vamos n'um periodo litterario de curta duração, n'um periodo tranzitorio; a litteratura moderna nasceu hontem, e ja está velha e gasta, como envelhecem e se gastam todas as theorias, todos os systemas, e todas as escholas, seja de que natureza forem. A reacção contra os principios das antigas crenças poeticas e litterarias começou com enthusiasmo; a primeira lucta contra os principios estacionarios foi brilhante para os primeiros escriptores da eschola moderna, e elles foram grandes e heroicos: mas esse tempo passou rapido, seguindo-se-lhe bem depressa uma especie de desalento, uma especie de calmaria, que vaticina ainda longe as convulsões de uma nova tormenta. Entre nós tarde soou o brado dos primeiros campeões modernos; e ainda mal tinhamos demonstrado o desejo de nos unir-mos aos agressores das velhas doutrinas litterarias; mal tinhamos começado a entoar tambem um hymno de regeneração, quando o primeiro combate estava acabado, e a doença da monotonia e do mau gosto lavrou pela nossa terra.

Mas vamos á Osmía.

Depois de contestadas e derribadas todas as regras litterarias, não ha senão uma regra, a regra verdadeira, a regra eterna para avaliar o merito de todas as obras da arte: agrada, ou não agrada. E conforme acontece uma ou outra d'estas coisas, tractamos de prescrutar as cauzas plauziveis d'aquelle facto regulador.

Ora a Osmía tem uma parte que agrada, e outra que não agrada (pelo menos a nós). O que não agrada é o assumpto, o objecto, a *materia prima* (para nos exprimir-mos na linguagem inflexivel do seculo). O nosso *sentimento* está por tal modo endurecido pelo embate continuado e excessivo das comoções violentas, que so uma comoção violenta pode despertar as faculdades sentimentaes da nossa alma. Talvez a maneira de conseguir este fim por diverso meio fôsse o despertar uma outra ordem de paixões, que não a que os poetas modernos tem pintado nas suas producções, que atiram aos leitores avidos de sentir e comover-se. Mas o que é verdade é que o assumpto de que tractamos não tem nenhum d'estes characteres quo o tornem apto para *agradar* á grande maioria dos leitores; e portanto o maior poeta mesmo não teria vantagens n'aquelle campo, que escolheu o Sr. Osorio. Talvez o auctor tivesse um *fim*, em virtude do qual teria de lançar mão d'aquelle assumpto, como elle o declara no seu prologo; mas isso, em quanto a nós, não o justifica; porque esse *fim* ja se vê não podia ser alcançado satisfactoriamente.

Mas uma coisa dissemos nós que *agradava* na Osmia, e é a parte artistica, é a forma. São incontestavelmente os bonitos versos da Osmía, que a fazem boa, que a tornam agradavel. Hoje está em moda arguir de plagiarios toda a qualidade de escriptores; mas não é n'esse sentido de *arguição*, não é como vituperio, mas sim como elogio, que dizemos que o auctor traz á lembrança dos que lerem a sua obra os immortaes versos do cantor de Camões e de D. Branca. Introduzir a expressão de quaesquer pensamentos na inalteravel bitola do metro, sem o adorno e compostura da rima, e fazer isto sem ser necessario afastar aqui, estender além, e transpor, e embaraçar acolá as partes da expressão, é por certo um talento especial; e este talento possue-o o Sr. Osorio.

As poesias que se seguem á Osmía tem o grande merito de não pertencerem ao número d'aquellas modernas composições de pessimo gôsto, em que os bons dos auctores declamam em versos detestaveis sentimentos e paixões affectadas, que nunca sentiram, sentimentos e paixões calculadas a sangue frio no canto de seu gabinete, para produzir *effeito*, e que se alguns produzem é o soporifero effeito das dormideiras. N'este genero de poesias fugitivas, muitas d'ellas de circumstancia, é que não póde haver critica fundada n'outra regra senão a de agrada, ou não agrada. E em geral agradam aquellas poesias do Sr. Osorio, as duas traducções agradam muito, e nós de bom grado lhe aconselhariamos, que trilhasse aquelle caminho se não tam glorioso, ás vezes tam util como o da originalidade. Mas o que agrada sôbre tudo, a obra-prima de todas aquellas composições, e que vale por todas ellas é a última poesia, a poesia feita a Cintra, que com a da saudade, são as mais lindas flores d'aquelle ramalhete; essas são verdadeiramente boas poesias; e ainda que não fosse senão por ellas todos deviam ter um exemplar da Osmía do Sr. Osorio.

A. de Serpa.

POESIA.

CHRISTUS EST SEPULTUS!

I.

518 Silencio! dorme a terra e dorme o templo:
E a multidão, que ha pouco em vagas tristes
O enchia a trasbordar, dorme com elle!
É noite — noite escura, as trevas grossas
Em amplo manto negro involvem negras
O vale e o monte, ceus, astros e selvas,
E o campanario humilde, que na aldea
Se eleva, entre as cabanas alvejantes,
Como o apostollo da fé, que a fé pregoa
Entre um povo a seus pés orando curvo,
É elle so quem vella, ou vellar finge,
Sobranceiro, de pé, erguido ao alto
No anguloso contorno, recortado
Grave e austero, n'um ceu austero e grave;
So elle e ninguem mais — braço extendido
D'entre o lucto da terra á paz da noite.
Do pincaro das serras desce ignota
A voz da solidão, cortando os ares;
E essa harmonia mystica, solemne,
Da torrente a gemer sahe d'entre as fragas.
N'estas horas sem nome os homens calam:
Nem ousam respirar. Rei d'um momento
Larga o throno o mortal, roja o diadema,
Depõe o sceptro seu, e pobre e humilde
Sôbre aquella realeza d'um captivo,
Por fraco se confessa, e nu se prostra.
Que hade elle sussurrar ante esses brados
Da montanha e do abysmo? ante os rugidos
Do oceano embravecido, quando a pino
Sacode sôbre a terra a crespa juba
E na juba o terror?
Concertos d'estes

So se podem ouvir co'a face em terra
E co'a fronte no pó, porque so vibram
Unisonos, assim, quando se cumpre
Um arcano supremo — um sacrificio
Que o mundo acata e ignora — ou quando, tincto
No sangue, nova purpura, um sudario
Se extende, consagrado no martyrio,
Sôbre alguma prostrada Magestade
Potente e verdadeira, augusta e forte

II.

E os mysterios da noite cantam magoas
Descomunaes, immensas — que um sepulchro
Sacrosancto se abriu: a tempestade,
Para ao ceu as levar, varre no mundo
Todas as notas lugubres do pranto,
D'esse pranto infinito, enchendo triste
A vastidão do ceu, do ar, do espaço
Com doloridos hymnos — que um sudario,
Como aquelle, cahiu sôbre o cadaver
De Magestade augusta, como aquella!

III.

Ei-lo o templo humilde e agreste
Que de lucto se reveste
Qual orpham, que geme, so:
Erma-lhe á porta um cypreste,
Erma-lhe dentro o seu dó.

Entremos — Na quadra escura
Que suspira e que murmura
Uma lampada reluz;
Pobre estrella, que fulgura
No firmamento da cruz.

Em redor do lume sancto
Que vagas sombras em pranto
Que eu vejo loucas passar!
Não; seu mal não chorou tanto
Assuero ou Balthazar.

Nem me illudo a phantazia!
Essa dór, essa agonia
São das sombras das nações,
Gemendo a triste elegia
D'umas, d'outras gerações.

Como esses reis abusaram
Dos amores que tractaram,
E da mesa do festim;
Assim os povos peccaram:
Prantear devem assim.

É ésta a hora em que hade
Penitente a humanidade
Adorar seu Redemptor:
Morrer deve de saudade
Ja que elle morreu d'amor.

Morreu por ella vendido!
Do humano verbo vestido
O Verbo-Eterno morreu!
Prostre-se o mundo remido
A quem mais que o mundo deu.

Ei-lo morto, sepultado
Botão florido e cortado
No tronco de Jerichó!
Erma-lhe aos pés desnudado
O cypreste, infausto e so.

Homem lembra-te que és pó!

Mendes Leal.

A PAIXÃO DO REDEMPTOR.

OFFERECIDA A * * *

> Quem chore
> Do soffrimento o Heroe existe ainda
> Eu chorarei — que as lagrymas são do homem —
> Pélo amigo do povo, assassinado
> Por tyranos, e hypocritas, e turbas.
> Envilecidas, barbaras, e servas.
>
> A. *Herculano — Harpa do Crente.*

519 Hossana ao filho de David, Hossana!
Em nome do Senhor bemdittò aquelle
Que nos vem libertar! — E assim saudavam
O filho do homem, quando entrava humilde
N'essa Jerusalem suberba e ingrata.
Saudai Jesus de Nazareth; diziam
Vendo o Mestre-Divino triumphante!
E em seu caminho espalháram ramos,
E até as proprias vestes estenderam.

Oh povo ingrato, que tam cedo em furia
Negáste o teu senhor; e que aos louvores
Trocáste affrontas e crueis tormentos!..
Maldição sôbre tí, indígne povo!
Os phariseus hypocritas temeram-n'o;
E o seu mesquinho rei julgou possivel
Que o rei dos reis ambicionasse um throno
Na terra vil, e escravisado, e nullo!
As turbas allucinam, corrompidas,
E se conspiram contra o Deus das Gentes!

Bem sabias, Senhor, qual seu designio,
Que as profecias todas revelavam;
Mas não quizeste, não, oppor-lhe a força
Do teu potente braço: fôra improprio
De um Deus volver com susto dos humanos,
Sem ter remido o justo com teu sangue!
E o calix da amargura o acceitáste
Das mãos do Eterno-Padre omnipotente;
E inda que amargo fosse, era esse o preço
Da nossa redempção, que o teu carinho,
Tam mal reconhecido, imprehendêra;
Possivel, so possivel ao Deus vivo!

«A minha alma está triste até á morte;
Ficarei aqui, e vigiai commigo:»
No Hórto disse Christo aos seus discipulos.
Mas elles eram fracos, e dormiram!
E um d'elles o trahiu por vil dinheiro!
Tambem outro o negou por covardia!
Soou a hora fatal, e vão cumprir-se
Os dittos dos Profetas! — Eil-os chegam,
Que arrastam o Senhor perante as turbas
Infurecidas, que ao Calvario o levam!

Não quizeste, oh Pilatos, da consorte
Ouvir os rogos! chora o teu remorso;
Que ao vil poder sacrificaste Christo!
Sê maldito, oh tyrano, e os teus escravos!
Porém compriste assim as profecias,
E o que forçoso foi para salvar-nos,
Condemnando o Senhor, que era innocente!

Vestido de uma tunica d'affronta,
Coroado de espinhos, o forçaram,
Depois de haver soffrido vís açoites,
A conduzir a cruz do seu martyrio
Ao Golgotha, logar do sacrificio!
La o crucificaram, repartindo
Por sortes entre si os seus vestidos!
E deram-lhe a beber fel e vinagre,
Quando elle teve sede! e por escarneo
— Jesus Rei dos Judeus — O acclamaram!
Magoavam-n'o as injurias, mas seus labios
Não mostravam rancor, antes piedade!

O filho do homem era quem soffria;
E abatido soltou éstas palavras:
« Meu Deus, meu Deus, porque me desamparas! »
E mal que ainda outra vez as repetira,
O Senhor espirou! — E o ceu, e a terra,
N'esse momento tam solemne e augusto
Respeitaram seu Deus, que apenas homens
Desconhecer poderam! — Mas ja livres,
E remidos, não poucos o adoraram!

Bemditto sejas Tu, Christo Divino,
A quem eu devo a esperança tam suave
Da minha salvação na Eterna Vida!
Salve, mil vezes salve, que partindo-Te
Deixaste-nos Teu Corpo e o Teu Sangue
Até ao fim das gerações futuras,
Para viver comnosco, e perdoar-nos,
Mostrando-nos do ceu a livre estrada!
Salve, meu Deus, acceita humildes votos
Da Tua creatura, que se ufana
Em confessar-Te, oh Senhor benigno;
Perdoa meus delirios, sim perdôa
Meus erros, e meus crimes continuados;
Dá valor á minha alma infraquecida!
Lisbóa — 1845. *José Osorio.*

MONUMENTOS DE COIMBRA [1]

III.

SANCTO ANTONIO DOS OLIVAES. [2]

Avulta aqui, e alveja, entre o arvoredo,
Um pobre conventinho. Homem piedoso
O alevantou ha seculos, passando,
Como orvalho do ceu, por este sitio,
De virtudes depois tão ricco e fertil.
Como um pai de seus filhos rodeado,
Pelos matos do outeiro o vão cercando
Os tugurios de humildes eremitas,
Onde o cilicio e a compuncção apagam
Da lembrança de Deus passados erros
Do peccador, que reclinou a fronte
Penitente no pó. (*A Harpa do Crente.*)

520 Um so mosteiro havia em Coimbra, quando o convento dos Olivaes teve seu principio [3]; uma rainha [4] o erigiu em 1217, mas tam pobre e desabrigado, que os poucos filhos do patriarcha de Assis [5] mandados a habital-o, trinta annos somente n'elle moraram. Brilhou porém um raio de luz mui viva n'este logar, antes que fosse abandonado; uma flor mui formosa vegetou cerca da ermida de Sancto Antão entre a espessura das Oliveiras [6]; e o reflexo da luz, e a fragrancia da flor, passados trezentos annos, ainda scintillava, e embalsemava o ar em torno das prostradas paredes do convento: *aqui passára alguns dias de sua penitente vida o Thaumaturgo portuguez, Sancto Antonio de Lisboa.* Em 1540 surgiu um segundo convento d'entre as ruinas do primeiro, a expensas d'el-rei D. João III e D. Alvaro da Costa [7]; a cella de Sancto Antonio converteu-se em capella de sua invocação, e a igreja tomou-o tambem por orago [8].

O ter sido o convento de Sancto Antonio dos Olivaes morada do Thaumaturgo portuguez, mais que a circumstancia de ser fundado e reedificado sob a protecção immediata de monarchas portuguezes, e a de gozar outras prerogativas apreciaveis [9], nos convidou a commemorar este monumento, alias pouco notavel considerado na sua architectura.

Se viajantes de todas as crenças atravessam paizes extensos, para irem apanhar um ramo do loureiro do tumulo de Virgilio, visitar a casa de Horacio, e o sepulchro de Petrarcha, consagrando depois largas paginas á descripção d'estes monumentos, interessantes somente pelas recordações, que inspiram, de tam extremados poetas; deixariamos nós, christãos, de in-

(1) Vejam-se os artigos, que sôbre este assumpto tenho publicado nos antecedentes volumes d'este jornal.

(2) Fica levantado este convento na despedida de um monte, em distancia de Coimbra um quarto de legua ao nascente do sol. A paragem é incantadora pela vista dilatada do que alcançam os olhos. D'aqui se avista o Mondego uma legua depois de ter ja passado pelas ameas da cidade. D'aqui se descobrem as soberbas montanhas, que no coração do inverno se vem traspassadas de raios, e cubertas pelo oceano de gêlo, em que se convertem as aguas. — *Bellezas de Coimbra.*

(3) O mosteiro de Sancta Cruz, patriarcha de todos os conventos de Coimbra.

(4) D. Urraca, mulher de D. Affonso II.

(5) Foram os sanctos Fr. Zacharias, e Fr. Gualter, enviados com Fr. Bernardo de Quintaval, e outros companheiros, por San' Francisco. *Memorias de Fr. Manuel da Esperança.*

(6) Antes da fundação do convento ja existia a ermida, e do nome do orago d'ella, *Sancto Antão, ou Antonio*, Abbade, e das oliveiras, que povoavam o outeiro, que a ermida coroava, é que veio ao convento o titulo de Sancto *Antonio dos Olivaes*. Cardoso no seu *Diccionario Geographico* segue outra opinião.

(7) Principiou a obra em 1539, continuou-se no de 1540, e pouco mais ou menos se acabou dentro de um anno, depois que se começou. Fez-se á custa de D. Alvaro da Costa, excepto a ermida, que comprou el-rei D. João III aos conegos, que era sua com todo o sitio que se tomou para a casa.

(8) Era antigamente a ermida de Sanct'Antão. Tem sido reparada varias vezes, e so conserva da antiga a porta principal, e de uma e outra parte d'ella se le um elegante elogio, que compoz e fez gravar o padre Fr. Antonio de Serpa, bispo de Chochim.

(9) Foi a primeira casa que a ordem Franciscana teve em Portugal; a primeira das casas religiosas, depois do mosteiro de Sancta Cruz, que teve Coimbra; foi sanctificada com as plantas de nove sanctos, que são os sobreditos fundadores, os Sanctos martyres de Marrocos, Sancto Antonio, e o S. Philippianno de Castelhano.

dicar a morada de Antonio, [heroe mais sublimado, aos olhos da fé, do que os Virgilios, os Horacios, e os Petrarchas], ao viajante piedoso que quizer beijar a tosca pedra que lhe serviu de leito? É verdade que é humilde a antiga habitação do nosso Sancto; aqui não reluz o oiro e prata, não se veem marmores nem relevos primorosos; porém o homem piedoso, cujo coração se não arrebata pela prespectiva d'esses objectos, e somente aprecia as impressões doces dos que lhe revelam acções heroicas, apraz-se na contemplação das mudas testimunhas de uma vida illibada; admira com reverencia as sublimes virtudes do varão justo, e emquanto medita em suas obras, um balsamo sancto parece curar-lhe as feridas d'alma, tornando-o mais corajoso para tolerar os infortunios d'esta vida na expectação de outra mais venturosa.

Digamos porém alguma coisa da traça do convento. É majestosa a sua entrada; sobe-se para elle por uma larga e comprida escada, que tem na frente tres arcos, e um em cada ilharga. De uma e outra banda estão por sua ordem os passos mais tocantes da vida do salvador. É maravilhoso este quadro, e inspira no coração do espectador um respeito religioso. As últimas scenas do Evangelho compoem uma historia viva e pathetica, que nos introduz no peito uma doce tristeza, e nos sepulta o espirito nas mais profundas considerações sôbre a eternidade e o tempo.

Na portaria do convento estão tres imagens, cada uma em sua capellinha; na do meio está a de Jesus Resuscitado: ficando-lhe á direita a do Anjo do Sepulchro, e á esquerda a da triste Magdalena, que com os olhos fitos em quem entra, e com o braço estendido, parece perguntar-lhe pelo seu amante divino, pronunciando este versiculo do cantico dos canticos, que tem escripto ao lado: *Num quem diligit anima mea vidisti? Resurrexit: non est hic* [10].

Sahindo-se da casa da portaria entra-se no claustro que é quadrado; das suas paredes pendiam os quadros d'aquelles feitos de Sancto Antonio, pelos homens havidos por mais *notaveis*: como se ás intelligencias humanas fosse dado avaliar o que ha de mais excellente na vida dos Sanctos! Em verdade suas virtudes conhecidas são apenas reflexos palidos de uma luz concentrada, que so brilha com toda a sua intensidade nos vastos espaços do firmamento; são pequenas arestas de diamante vistas atravez da sua ganga. O que sabemos das virtudes dos Sanctos é o menos, sua modestia encobre as mais heroicas;

Quasi fronteira a quem entra, fica a cella do Sancto, transformada em capella, com ricos adornos, mas terrea e escura. Opposta a ésta capella fica a em que se celebravam os capitulos; fôra seu padroeiro D. Diogo Pereira Forjaz, da illustrissima casa dos Forjazes, e foi o primeiro, e o que a fez á sua custa, João de Resende, fidalgo da casa real. — Tem um carneiro; e n'elle varios caixões, em que estão depositados alguns successos do dito padroeiro, e ultimamente o foi D. Affonso de Menezes, d'esta cidade, senhor da villa da Barca, e sua mulher D. Antonia Luiza de Bourbon, filha de D. Antonia d'Almeida, conde d'Avintes, neta de D. Thomaz de Noronha, conde dos Arcos, e irman do primeiro patriarcha de Lisboa [11].

(10) *Bellezas de Coimbra.*

Em 1837 foram remechidas as cinzas d'estas illustres personagens; alguns homens estupidos e malvados, pela occasião da romaria do Espirito Sancto, arrombaram o carneiro, e conduziram, como em triumpho, para o arraial, mirrados ossos, e restos de mortalhas [12]!

Á excepção de um outro claustro mais extenso, immediato ao que mencionámos, cercado de estatuas do Deuses do Gentilismo, e outras personagens mythologicas [hoje, pela mór parte, demolidas de todo, ou troncadas], e de algumas obras de buxo, e de um presepio, collocado n'um dos topos, nenhuma outra coisa do convento merece especial menção [13].

El-rei D. Pedro II, em companhia do archiduque Carlos, depois imperador de Allemanha, visitou o convento, quando estiveram em Coimbra. O infante de Hispanha, D. Carlos, durante sua estada n'esta cidade, tambem aqui veiu com sua esposa, filhos, princeza da Beira, e as serenissimas infantas D. Isabel Maria d'Assumpção; visitaram a cerca unicamente célebre pelas magestosas oliveiras que a povoam, que a tradição diz contemporaneas do Sancto, e por algumas ermidinhas ainda do tempo dos primitivos moradores do convento. O gran'ministro portuguez, marquez de Pombal, visitou tambem no dia 4 d'outubro de 1772 a morada de seu glorioso compatriota, Sancto Antonio de Lisboa.

R. de Gosmão.

VARIEDADES.

POLONIA.

521. A recente insurreição da Polónia, que tem excitado grande interesse em toda a parte, pareceu-me que faria ler com gôsto aos leitores menos eruditos da Revista, algumas noticias sôbre o estado acual de divisão, e outras circumstancias politicas d'aquelle malfadado paiz.

A Gallicia, que pertence actualmente á Austriá, tem obra de 527 leguas quadradas de extensão e uma população de 4.797,243 habitantes, quasi todos polacos. D'estes perto de 2,000.000 são catholicos-gregos, quasi um igual número seguem a religião catholica-romana, 250,000 são scismaticos-gregos, 30,000 protestantes e 283,345 judeus.

A republica, de que é capital Cracovia, tem perto de 7 leguas quadradas e 145,787 habitantes, o seu territorio com a cidade do mesmo nome estão debaixo da protecção da Austria, da Russia, e da Prussia.

O gran'ducado de Posen, que faz parte do reino da

(11) D. Thomaz d'Almeida, da casa dos condes d'Avintes, depois marquezes de Lavradio, que fôra bispo de Lamego, e do Porto, desde 1716 até 1758. — *Pereira, comp. das epochas*

(12) Ainda em settembro de 1839 vimos o carneiro arrombado e a lapide sepulchral esmigalhada.

(13) É actualmente possuidor d'esta propriedade, que, pela extincção das ordens religiosas, ficára incorporada nos bens nacionaes, o Sr. Dr. Manuel Antonio Coelho da Rocha, lente da faculdade de direito. Têm reparado alguns dos estragos, que o desleixo havia deixado produzir, restituindo no culto a igreja e capellinha da Senhora das Dores, aonde ha poucos annos vão em romaria os habitantes.

Prussia, tem uma superficie de 536 milhas geographicas, e a sua população é de 1.290,187 habitantes, dos quaes 372,789 professam a religião prussiana-evangelica, são de origem aleman e fallam esse idioma; 783,916 catholicos romanos e 77,102 judeus.

A Prussia possue ainda outras populações de origem polaca, na Silezia e na Prussia oriental e occidental de Dantzig, perto das fronteiras da Russia. Mas todos estes povos ha centenares de annos que estão separados da Polonia.

As antigas provincias da Lithuania, Russia-branca e Samogitia formam os govèrnos russos de Wilna, Witespk, Grodno, Kowno, Minsk, e Mohilek. A sua população é de 4.978,369 habitantes. Éstas provincias teem padecido ha quatro annos grande escacez de viveres e o povo soffre bastante. Os nobres e parte do povo seguem ainda a religião catholica-romana; as últimas perseguições fizeram com que uma grande parte dos camponezes entrassem no seio da igreja scismatica-grega; comtudo bastantes d'elles recusaram reconhecer os bispos russos. Ha ainda muitos milhares de polacos nos govèrnos russos de Courlandia e Livonia. Na Ukrania e na Russia-pequena que formam os govèrnos de Wolhynia, Kiew, Podolia, Pultava etc. os nobres são catholicos-romanos, e o povo segue a mesma religião que os russos. A população d'estes govèrnos monta a oito milhões de habitantes.

O paiz que ainda hoje conserva o nome de reino da Polonia, e que é governado pelo general Paskewitch é d'uma extensão consideravel e a sua população é de 4.769,790 almas.

A somma das populações polacas monta por conseguinte a 23.981,376 individuos.

Pondo de parte a raça polaca, a população russa monta a 63 milhões, a da Austria a 37 e a da Prussia a 16.

CORREIO NACIONAL.

---

522 No dia 3 entrou paquete d'Inglaterra com folhas de Londres até 27 e de Paris até 25 do passado. Continuava na casa dos communs a discussão das propostas de Peel, na especielidade. Os fundos portuguezes ficavam a $57\frac{1}{2}$.

O brigue portuguez *Importador* procedente de Pernambuco com carga para o Porto, deu n'um baixo juncto á barra de Vigo. O navio póde ser desincalhado e salvou-se uma grande parte da carga.

Boatos. — Diz-se que o duque reinante de Saxe-Coburgo é esperado em Lisboa. Falla-se tambem que o Gran'Duque Constantino da Russia virá ao Tejo, n'esta primavera.

Parece que o Sr. Doux vai comeffeito estabelecer-se com a sua companhia na cidade do Porto no theatro de San'João.

Diz-se, mas não o acreditâmos, que se prohibem a M. Laribeau as representações de noite no seu circo. E mais se diz ainda, que a empresa do Gymnasio encontra difficuldades por parte do governo para estabelecer um theatro de declamação. A isto tudo ser assim, e como o Salitre se fecha pela ausencia do Sr. Doux e o theatro de San'Carlos acaba a sua estação, ficará Lisboa reduzida ao Theatro de D. Maria II.., Se é d'este modo que se quer robustecer o gôsto da arte entre nós, cremos que estão inganados. O povo não hade ir *obrigado* a theatro nenhum: vai aonde gosta de ir e não aonde quizerem que elle va. Se o theatro de D. Maria II merecer ser frequentado o povo la irá, senão o merecer, mais depressa se perderá o gôsto pela arte, e o theatro passará de moda, do que la irá ninguem contra vontade. Sobre tudo, parece-nos este plano [se comeffeito o é] pouco conforme á liberdade e ás conveniencias públicas.

No fim de março último ficaram existindo nos depositos do Terreiro e abordo, 5.891 moios de trigo, 442 de cevada, 536 de milho, e 92 de centeio. O trigo corria de 360 a 600 réis o alqueire, a cevada de 280 a 320 réis, o milho por o mesmo preço e o centeio de 260 a 320 réis.

Suas Magestades e Altezas visitaram no dia 4 do corrente o museu d'Historia-natural da Academia Real das Sciencias.

O producto liquido do baile dado no *Hotel da Peninsula*, em 20 de fevereiro último, a beneficio do Asylo da mendicidade, foi de 455$918 réis. As despezas foram de 178$112 réis.

No mez de março último despacharam-se na alfandega das Sette-Casas: 1,889 pipas de vinho e 538 d'azeite, 17,410 arrobas de carne, 3,042 de porco, 539 de vitella e carneiro, e fructas e vegetaes no valor de 17:441$300 réis; tudo para consummo. E para exportação despacharam-se 3,357 pipas de vinho.

A camara-municipal d'esta cidade vai finalmente fazer regar as ruas. Sendo o systema das ruas á Mac-Adam excellente quando no estado em que se acha a rua do Alecrim e Chiado, é porém insupportavel quando se não rega. Por ésta occasião lembrâmos á camara o systema das carroças com regador na parte inferior do bojo da pipa, que regam á proporção que vão andando sem fazer charcos nem incommodar quem transita.

Segundo os jornaes do Porto dois *pronunciamentos* femininos tiveram logar em Fonte-Arcada e Guimarães, contra certas disposições policiaes. A tropa recusou a peleija com éstas novas Amazonas, e parece que foi necessario alguma tropa de reforço para conter em respeito as bellicosas Isabeis descendentes de Isabel Madeira e Isabel Fernandes.

Le-se na *Coalisão* que os lavradores do Minho tencionam applicar-se ao fabrico da manteiga e dos queijos, em grande escalla.

Por edital da inspecção geral dos theatros de 27 de março, está novamente a concurso até 30 do corrente, a empresa do Theatro de San'Carlos.

Pelo patacho portuguez *Flor d'Azurara* chegado no dia 5 do corrente da ilha de San'Antão, de Cabo Verde, sabe-se que o estado do archipelago era bom, e em quanto á ilha da Boa-Vista, constava ter findado inteiramente a epidemia que alli grassára.

CONHECIMENTOS UTEIS.

AGRICULTURA.

CEVADA-PRETA.

523 No escriptorio da Revista existe uma porção d'esta cevada, que torrada e moida póde tomar-se como o caffé, com cujo nome é tambem conhecida e com que muito se parece até mesmo no cheiro. Ésta porção foi remettida por um benemerito assignante d'este jornal, o Sr. Henrique Martins Pereira, e será distribuida pelos Srs. assignantes da Revista que a peçam. O seu cultivo é o da cevada ordinaria.

Por ésta occasião se adverte que se acabaram ja as hastes de batatas-doce, cuja porção foi mui pequena e os pedidos tem sido consideraveis.

CAMINHOS-VICINAES.

524 O Sr. deputado Lopes Branco apresentou em côrtes um projecto de lei sôbre caminhos-vicinaes. É um assumpto importante que a Revista deve tractar porque elle faz parte da boa organização economica de um Estado, além das demais vantagens politicas e moraes que d'ahi provém.

A lei que auctorizou o govêrno para a feitura das estradas, e votou os meios para essa feitura se realizar; a criação da Companhia das Obras-publicas, e os beneficios caros ou baratos que d'ella possam provir ao paiz, serão incompletos, parte infructuosos; tal feitura não alcançará os proveitosos fins do seu pensamento; esses meios votados serão em parte inuteis; tammanho sacrificio não terá resultados correspondentes, sem a construcção dos caminhos-vicinaes. Ás grandes arterias no corpo-humano não bastam para a conservação da vida, são necessarias tambem as pequenas veias no systema de circulação do sangue.

O projecto subdivide os caminhos-vicinaes em *caminhos-vicinaes de grande communicação*, ou caminhos que communicam mais de dois concelhos [e que eu chamaria, talvez mais precisamente, *caminhos de districto*, até mesmo para evitar a phrase franceza]; *caminhos-vicinaes* simplesmente, ou que apenas communicam dois concelhos commarçãos, mas que communicam entre si as differentes povoações principaes d'um concelho e conduzem aos logares do uso geral e commum dos habitantes [grupo que eu subdividiria em caminhos de concelho e vicinaes, propriamente ditos]; e, finalmente *caminhos-ruraes*, ou que servem de communicar os casaes ou pequenas povoações entre si etc.

O projecto tracta depois da construcção de todos estes caminhos, do direito de propriedade e expropriações dos terrenos que taes caminhos possam tomar, da conservação e reparo d'elles, e outras disposições geraes.

O Sr. deputado auctor do projecto é digno de louvor pelo pensamento e apresentação d'elle em parlamento. Trabalhos d'estes e deputados que se occupem d'elles, é que deveras contribuem para a felicidade do paiz. É realmente muito pouco decoroso ao parlamento, quando, d'entre o espaço de uma sessão ordinaria, não sabe do seu seio uma voz a propor uma providencia de verdadeira utilidade publica, que diga respeito aos interesses economicos da nação, aos melhoramentos materiaes do paiz. E infelizmente muitas sessões tem havido sem que essa voz se tenha levantado! As questões politicas absorvem as mais das vezes todos os espiritos, e os deputados de conhecimentos especiaes sacrificam então os interesses positivos do paiz em geral, ás considerações particulares de bando. Mas o paiz não vive so de politica, vive tambem dos seus recursos materiaes. Que ao lado do deputado politico que discute os principios moraes d'um govêrno se erga tambem o deputado economico que promova os interesses industriaes do povo.

A lei de 26 de julho de 1843 e o projecto de que tracto, suscitam a idea de um codigo de *viação*, que vamos a ter extrema necessidade de confeccionar. Além de que, é preciso definir, estabelecer, conservar e construir por meio de um systema geral, assentado em bases solidas, todas as vias de communicação do paiz. Uma rede d'estradas reaes, provinciaes, de districto, de concelho, vicinaes e ruraes, e vias de navegação interior, deve ser creada e proceder d'esse systema. Em quanto ás primeiras estão decretadas, as últimas estão apenas facultadas, ás outras quer obviar o projecto do Sr. Lopes Branco.

A mim parece-me que um trabalho d'estes deve sêr complexo, e que para o ser careceria de mais vasto desinvolvimento. Consultar as junctas-de-districto para que, dentro de um dado praso o mais curto que possivel fosse, indiquem as estradas que é de necessidade fazer, melhorar ou concertar em suas respectivas provincias e districtos; obrar do mesmo modo com as differentes camaras-municipaes pelo que toca aos concelhos e caminhos-vicinaes, e com as junctas-de-parochia relativamente a caminhos ruraes; fazer entregar todos estes trabalhos a uma commissão d'homens intendidos com conhecimentos praticos de cada provincia, que apresentasse o relatorio d'elles com o seu voto ao govêrno; parecia-me que seria o mais prudente e acertado que, desde ja, em tal objecto se poderia fazer.

Depois é necessario que uma lei sôbre estradas, as classifique, marque a largura respectiva de cada uma d'ellas, segundo a sua natureza, determine o seu modo de construcção, ordene a plantação marginal, attenda ás expropriações e meios para feitura d'essas estradas, proveja á sua conservação e concertos, systema de trabalhos, cantoneiros, inspecção etc. Sem este methodo muitas leis especialissimas, algumas das quaes decerto se ficarão carecendo por muitos annos, e uma multidão de portarias, ordens e determinações de toda a especie, virão depois, a titulo de complemento, complicar, embaraçar, entorpecer talvez, a execução de um trabalho indispensavel, que, quando menos, não será tam precioso como poderia ser por incompletamente elaborado.

Em muitos d'estes pontos o projecto do Sr. Lopes Branco não é tam explicito como era de desejar, e n'alguns é omisso. No emtanto honra seja dada ao illustre deputado por apresentar uma proposta de lei que póde sahir perfeita, ou não ser discutida nunca, mas que em todo o caso é digna de um grande apreço porque poucas ha que sejam tam uteis.

A proposito, concluirei transcrevendo em portugue um trecho de um distincto economista, em que ponh agora os olhos, e que muito me lisongeio de achar

confirmando tudo quanto eu acima disse. Que seja elle so que falle para que as minhas palavras d'imporviso não maculem a eloquencia das suas phrases meditadas:

« Com toda a convicção e digo, os caminhos — as mais ordinarias das vias de communicação — são da maior utilidade, e de incalculavel influencia na sorte das povoações. Eu quizera tambem que assim como a nossa patria se entrega com ardor ás vias de communicação mais aperfeiçoadas, os carris-de-ferro, fizesse ao mesmo tempo os mais energicos esforços para melhorar os caminhos-vicinaes. Este negocio é de pequena apparencia, assim é, mas não é de pouco interesse; a sua falta de brilho não deve fazer desconsiderar a sua importancia. 'Nem tudo que luz é oiro,' dis um antigo proverbio: assim tambem podêmos dizer, nem todo o oiro luz.

« Quando a Europa existia sob o regimen feudal e guerreiro dos fins do seculo XI, 'quando trezentos mil christãos passavam ao Oriente com vinte reis á sua frente,' segundo as palavras de Bossuet, quando os heroicos e infelizes cruzados combatiam sob os muros de Ptolemais, quando Ricardo-coração-de-leão la fazia a todos maravilhar de seus feitos, se alguem se lembrasse de dizer que tammanhas gentilezas não eram as unicas coisas dignas da attenção dos espiritos pensadores d'essa epocha remota; se quizesse sustentar, por exemplo, que a questão entre João-sem-terra, e os barões inglezes, era tambem um grave successo a par d'esses a que o mundo votava exclusivo interesse, o seu discurso sería tido como loucura. E todavia os obscuros debates que João-sem-terra depois de rei, sustentou com seus vassallos, deram origem ao regimen representativo, que, depois de se haver desinvolvido na Inglaterra, parece destinado a ser a lei da Europa inteira.

« As justas, os torneios, as expedições temerarias, as batalhas, um principado que conquistar em Flandres ou que roubar na Italia, foram, pouco depois d'aquelles, os negocios mais serios, na opinião do vulgo, os unicos que mereciam a attenção dos homens. Que lhes importava a elles as pequeninas discussões dos senhores com os habitantes das cidades situadas em seus dominios e as transações com que taes discussões rematavam? E todavia essas transacções davam origem ao podêr do terceiro-Estado.

« Oxalá que estes exemplos nos aproveitem, e que as luctas apaixonadas da politica, os torneios parlamentares, as brilhantes justas da tribuna, nos não façam desconhecer os interesses vitaes que se cobrem com capa sem ouropeis. Eu bem sei que éstas providencias administrativas que se limitam a remecher o po sem fazer estrondo, que éstas leis dos caminhos vicinaes que apparecem aos ministros com aspecto de calceteiros e homens de masso, sem phisionomia politica, se nos representam á primeira vista como indignas d'attenção; mas não as desprezemos. Éstas apparencias modestas e obscuras tapam grandes coisas, eminentes beneficios para a civilização. »

LIBERDADE DO COMMERCIO.

(QUESTÃO-INGLEZA.)

825 A REVISTA tem ja tractado d'esta importante questão, e hade dar ainda uma completa informação d'ella a seus leitores logo que toque o seu termo, abrangendo, d'uma vez e n'um so corpo de discurso, os factos e a historia d'este grave assumpto. No emtanto pareceu-me dever dar conhecimento do que é a *liga*, ou grande associação formada em Inglaterra contra as leis restrictivas sôbre cereaes. É assumpto que prende com aquell'outro, e que é indispensavel de conhecer para bem intender a questão que hoje se ventila no parlamento inglez, e occupa a attenção de todos os homens do mundo que se applicam seriamente ás momentosas questões sociaes.

Nunca este objecto foi claramente explicado em lingua portugueza; e para que hoje o seja condignamente irei buscar as mesmas explicações dadas sôbre elle pelo proprio chefe da liga, M. Ricardo Cobden. São brevissimas, precisas e concludentes.

Aqui está como elle se explica:

« *O anti-corn law league* [liga contra as leis sôbre cereaes] parece indicar á primeira vista uma associação exclusivamente dirigida contra o monopolio territorial. Não é este porém o verdadeiro alcance do nosso movimento. A liga é o apostolo da liberdade commercial em tudo quanto ésta liberdade tem de mais vasto e universal. Em nossa doutrina acham logar todas as classes de productos, naturaes ou fabricados, e somos ao mesmo tempo adversarios das protecções concedidas ás manufacturas de seda, tanto como o somos da nossa legislacão sôbre cereaes. Mas havemos concentrado os nossos attaques sôbre ésta legislação porque é este, de todos os monopolios, aquelle cuja acção é mais effectiva e oppressiva, e porque, se conseguirmos abolil-a, os proprietarios estimulados por seus interesses individuaes, completarão o resto, e nos alliviarão do trabalho necessario para provocar a anniquillação dos outros privilegios: n'uma palavra, o monoplio é uma immensa abobeda cuja chave é a legislação sôbre os cereaes; quebrai ésta chave, e o monumento arruinado pelo seu proprio pêso, rojará per si mesmo.

« Lisongeio-me de que muita gente ha que segue com interesse a lucta que nós sustentâmos, com o fim de derrubar todos os obstaculos que se oppoem á livre permutação dos productos da industria. Direi tambem, que ha sette annos todos os membros da liga reunidos seriam apenas sufficientes para encher um local muito limitado; hoje, os nossos principios teem por apoio a maioria da classe media na Inglaterra; e teem ainda encontrado mui numerosos defensores na Escocia intelligente e illustrada: por último, direi que a nossa questão está actualmente suspensa por cima da cabeça dos nossos ministros como um problema cuja solução os domina e aperta. (*) Este rapido desenvolvimento da opinião pública procede da agitação permanente sustentada pela liga e das discussões de que ella é centro...

« ... Estamos convencidos de que a verdadeira politica dos povos, assim como dos individuos, deve ser ir comprar onde os preços forem mais baratos, e ir vender onde elles forem mais caros, sem lhes importar o que os outros povos, ou individuos, hajam de

(*) Mr. Cobden fallava assim em novembro de 1845 quando ésta questão ja instava o ministerio. Mr Peel, ainda não tinha podido resolver-se a tomar a deliberação que pouco depois tomou, apresentando ao parlamento as propostas que os leitores ja sabem.

(*Da Redacção.*)

fazer. E a nossa fé na verdade dos nossos principios é tammanha, que, emquanto a nós, a felicidade de que a Gran'Bretanha hade gozar, quando tiver instituido o regimen da livre permutação, será capaz de provocar o mundo, e d'excitar no coração das nações civilizadas uma especie de *rivalidade na imitação.* »

CAMINHOS-DE-FERRO.

526 De varios jornaes inglezes e francezes extractei o seguinte, que me parece muito curioso de conhecer, agora que entre nós tambem se vai tractar d'este objecto.

No fim de 1845 era este o estado dos caminhos-de-ferro em Inglaterra:

Capital dispendido, 285.780:000$000 réis. Rendimento, 26,500:000$000 réis. Extensão 680 leguas.

Na Allemanha, comprehendendo a Prussia, a extensão dos carris-de-ferro é de 670 leguas.

Na França, disse em côrtes o ministro dos trabalhos publicos: ' Dentro em seis annos teremos sôbre 1,000 leguas de carris-de-ferro. D'aqui resulta que em menos de seis annos haveremos feito com as nossas vias-ferreas o que a antiga monarchia lhe custou a fazer com as estradas ordinarias em mais de dois seculos, que é a sexta-parte do desinvolvimento de nossas estradas-reaes.'

A Belgica tem 120 leguas de carris-de-ferro, a Hollanda quasi 40, a Dinamarca pouco mais de 20, a Italia sôbre 50, a Russia da Europa pouco acima de 10, a ilha de Cuba quasi 6, os Estados-Unidos 1,700. O total dos carris-de-ferro, hoje em serviço, está pois calculado em obra de 3,600 leguas, tendo custado a somma de 536,800:000$000 réis, que dá a 163:000$ de réis de custo por legua. Na Inglaterra porém é muito maior este custo e nos Estados-Unidos muito menor.

As linhas-ferreas que estão em construcção, e aquellas cuja concessão ja tem sido feita, ou está aponto de fazer-se, pelos differentes governos e em todos os paizes, sobe ao duplo das que hoje estão em serviço.

ESTATISTICA NECROLOGICA.

(LISBOA.)

Bairro Alto.

527 Em março de 1846 falleceram: do sexo masculino, 16 — do feminino 23: — expostos da Sancta Casa da Misericordia 51. — Total 90.

Celibatarios 10 — casados 8 — viuvos 6.

As molestias principaes de que falleceram foram: apoplexias cerebraes 5; — febre adinamica 1: — ptisicas pulmonares 6: — diversas molestias em orgãos respiratorios 10: — doenças abdominaes 4: — lesões do coração 4: — scrophulas 2: — cancros do utero 2: — hydrocephalo agudo 1: — convulsões causadas pela dentição 1 — aphtas 1.

Entre os fallecidos do sexo masculino figuram: operarios 10: — commerciante 1: — militar 1.

E d'entre os 90 fallecidos d'ambos os sexos, 57 eram menores de 7 annos d'idade, — 7 tinham de 60 a 70, — 2 de 70 a 80, — e 2 de 80 a 90.

Pobres de bilhete gratuito 61.

M.

Bairro do Rocio.

528 Em março de 1846 falleceram: do sexo masculino 28, — do femenino 28, — somma 56: — expostos nos adros das egrejas 34. — Total 90.

Celibatarios 28 — casados 15 — viuvos 13.

As molestias principaes de que falleceram, foram: apoplexias 5: — outras doenças de cerebro e suas dependencias 9: — febres 4: — ptisicas pulmonares e laryngeas 6: — diversas molestias de orgãos respiratorios 13: — ditas abdominaes 12: — lesões de coração 1: — scrophulas 1: — bexigas 1: — anasarcas 2.

Entre os fallecidos do sexo masculino figuram: operarios 14, — commerciantes 3, — empregados publicos 1, — de profissão scientifica 3, — militares 1.

E dentre os 56 fallecidos de ambos os sexos 13 eram menores de 7 annos, — 5 tinham de 60 a 70, — 5 de 70 a 80, — 9 de 80 a 90, — e 1 contava 94 annos.

Pobres de enterramento gratuito 7.

G. A.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO XXXIII.

Carlos e Georgina. Explicação. — Ja te amo! palavra terrivel — Que o amor verdadeiro não é cego. — Frade no caso outra vez. *Ecce iterum Crispinus;* ca está o nosso Fr. Diniz comnosco.

529 —'Tu ja me não amas, Georgina, tu!' exclamou Carlos depois de uma longa e penosa lucta comsigo mesmo: 'Ja me não amas tu, Georgina? Ja não sou nada para ti n'este mundo? Aquelle amor cego, louco, infinito que derramavas em torrentes sôbre a minha alma, em que trasbordava o teu coração; aquelle amor que eu cheguei a persuadir-me que era o maior, o mais sincero, talvez o unico verdadeiro amor de mulher que ainda houve no mundo, esse amor acabou, Georgina? Seccou-se no teu peito a fonte celeste d'onde manava? Nem as recordações de nossa passada felicidade, nem as memorias dos crueis lances que nos custou, dos sacrificios tremendos que por mim fizeste, nada, nada póde acordar na tua alma um echo, um echo sumido que fosse, da antiga harmonia de nossas vidas — da nossa vida, Georgina, porque nós chegámos a confundir n'um só os dois seres da nossa existencia — Oh! porque vivi eu até este dia? E tu, tu que refinada crueldade te inspirou a salvar uma vida que tinhas condemnado, que tinhas sacrificado quando a separaste da tua?'

—'Carlos,' respondeu Georgina com a fria mas compassiva piedade que mais o desesperava: —'Carlos, não abuses da pouca saude que ainda tens. O esfôrço d'alma que estás fazendo póde-te ser prejudicial. Socega. Tu illudes-te e

sem querer, procuras illudir-me tambem a mim. Entra em ti, Carlos, e discorramos pausadamente sôbre a nossa situação, que não é agradavel por certo nem para um nem para outro, mas que póde supportar-se se tivermos juizo para a incarar toda e sem medo, e para nos convencermos com lealdade e franqueza do que ella realmente é. Ouve-me Carlos: tu amaste-me muito...'

—'Oh como, oh quanto! Nenhum homem...'

—'Poucos homens, é certo, amaram ainda como tu... quem sabe! talvez nenhum.—Não quero perder ésta última illusão... ja não tenho outra... Talvez nenhum amou, como tu me amaste ou... ou cuidaste amar-me. Eu... oh! eu quiz-te... pelo eterno Deus que me ouve! eu quiz-te com uma cegueira d'alma, n'uma singeleza de coração, com um abandono tam completo, uma abnegação tam inteira de mim mesma, que realmente creio, este é o amor que so a Deus se deve, que so ao Creador a creatura póde consagrar licitamente.

Bem castigada estou: merecì-o.'

—'Georgina, Georgina!'

—'Deixa-me, quero desabafar eu tambem agora. Ouve-me, tens obrigação de me ouvir.—Se te dei provas d'este amor, tu o sabes; se desde que te amei, uma palavra, um gesto, um pensamento unico, um so e o mais leve relampejar da imaginação desmentiu em mim d'esta absoluta e exclusiva dedicação de todo o meu ser:.. dize-o tu.'

—'Não, minha alma, não minha vida; não; tu és um anjo, tu es...'

—'Sou uma mulher que te amava como creio que ordinariamente se não ama.'

—'Não certo, não.'

—'Fomos felizes, é verdade; e creio que poucos amantes ainda foram tam felizes como nós nos breves dias que isto durou.—Tu partiste para a tua ilha; era forçoso partir, conheci-o e resignei-me. Consolavam-me as tuas cartas, as tuas cartas de fogo, escriptas, oh se o eram! escriptas com o mais puro sangue do teu coração. Nunca duvidei do que me ellas diziam: não se mente assim, tu não mentias então. É falso que o amor seja cego: o amor vulgar póde sêlo, amor como o meu, o amor verdadeiro tem olhos de lynce: eu bem via que era amada. Nunca me escreveste a protestar fidelidade, e eu sabia, eu via que tu me eras fiel.—Assim passaram meses, annos. Na ilha e no Porto foste o mesmo. Eu padecia muito, mas confortava-me, vivia de esperanças, triste viver, mas doce! Emfim vieste para Lisboa, para aqui... e as tuas cartas que não eram menos ternas nem menos apaixonadas...'

—'Se eu nunca deixei, nem um momento...'

Com um gesto expressivo, e de suave mas resoluta denegação, Georgina pôs a mão na bôcca do pobre Carlos, como para a impedir de dizer uma blasphemia. Elle segurou-a com as suas ambas e lh'a beijou mil vezes com um arrebatamento, uma *furia*, n'um paroxismo de lagrymas e de soluços, que partiriam o coração ao mais indifferente. Commoveu-se, vacillou a inalteravel rigidez do bello rosto da dama, abaixaram-se as longas palpebras de seus olhos; mas se chegou até elles alguma lagryma mais rebelde, prompta refluiu para o coração, porque ao levantá-los outra vez e ao fixa-los tranquillamente nos do seu amante, aquelles olhos puros, celestes e austeros como os de um anjo offendido, estavam seccos.

Ella continuou:

—'As tuas cartas, que não eram menos ternas nem menos apaixonadas, começaram todavia a ser menos naturaes, mais incarecidas... eram menos verdadeiras por fôrça. Senti-o, vi-o, e cuidei morrer. Uma familia da minha amizade vinha então para Portugal, accompanhei-a. Apenas cheguei, procurei e obtive os meios seguros de tranzitar pelos dous campos contendores: presagiava-me o coração que me havia de ser preciso. E foi; cheguei ao valle no dia em que tu o deixavas para aquella fatal acção que te ia custando a vida. Vim-te incontrar prisioneiro e meio morto no hospital dos feridos. Aopé de ti estava um frade...'

—'Um frade! Meu Deus se sería elle?'

—'Era elle.'

—'Pois tu sabes?..'

—'Sei: eu disse-lhe quem era e o que tu me eras...'

—'Tu a elle... disseste?..'

—'Disse. Não sei se fiz mal ou bem, sei que me não importava o que fazia. Vi depois que me não inganára na confiança que pozera n'elle. Trouxemos-te para este convento, trattámos de ti, conseguimos salvar-te a vida... E em quanto esse cuidado me livrava de outros, fui... fui feliz. A tua gente... a tua familia do valle tambem veio para Santarem... tua avó, e tua prima, Carlos...'

—'Joanninha! Joanninha está aqui!'

—'Está; socega: e ja t'o disse, logo a verás.'

—'Eu! Eu para quê? Eu não quero...'

—'Quero eu: hasde vel-a. Ja sabes que sei tudo.'

—'Tudo o quê, Georgina?'

—'Queres que t'o repitta? Repettirei. Que tu amas tua prima, que ella que te adora. E por Deus, Carlos eu ja lhe quero como se fôra minha irmaa. Intendes bem agora que te não amo? Comprehendes agora que tudo acabou entre nós, e que não vejo não posso ver em ti ja senão o espôso, o marido da innocente criança que tomei debaixo da minha protecção, e a quem juro que hasde pertencer tu?'

—'Juras falso.'

—'Como assim! Pois queres mais victimas? Não estás satisfeito com a minha ruina? Eu aomenos não sou o teu sangue. E essa velha decrepita que é tua avó, que duas vezes foi em verdade tua mãe porque te criou,—essa innocente que te ama na singelleza do seu coração... esse pobre frade velho..'

—'Oh! aqui anda elle, bem o vejo, aqui anda o genio mau da minha familia. Malditto sejas tu, frade!'

O desgraçado não acabára bem de pronunciar estas palavras, quando a porta da alcova se abriu de par em par, e a rigida, ascetica figura de Fr. Diniz estava deante d'elle.

(*Continúa.*) *A. G.*

HISTORIA DE PORTUGAL

PELO SR. A. HERCULANO.

(Carta do auctor.)

530 *Illm.° Sr. redactor da* REVISTA UNIVERSAL.—São bem poucas as publicações periodicas que tenho occasião de ver: entre estas poucas uma é a que V. tão dignamente redige. Recebendo hoje o n.° 41, n'elle encontro um artigo que diz respeito a um livro recentemente publicado por mim, o primeiro volume da Historia de Portugal: Na breve advertencia que precede aquelle trabalho deixei estampadas as minhas previsões sobre a resistencia que em muitos espiritos haviam de encontrar as opiniões que n'elle segui. Era naturalissima essa resistencia; e eu seria demasiado imprudente se esperasse que não apparecessem adversarios para as combater; mas a tenção que desde logo formei foi à de não replicar, ao menos por agora. Lembrava-me (se é licito buscar para as cousas pequenas grandes exemplos) a sorte da Historia critica de Hespanha de Masdeu, que não passou dos fins do seculo XI, porque o illustre historiador consummiu os ultimos annos da vida em satisfazer cabalmente aos reparos e criticas que de toda a parte chowiam contra aquelle grandioso monumento da litteratura castelhana. O artigo do seu jornal me fez todavia, reflectir de novo no concebido proposito. Occorreu-me o receio (e havia motivos para me occorrer) de que o silencio se me lançasse á conta de uma orgulhosa e ridicula crença na propria impeccabilidade litteraria, e de que os auctores d'esses escriptos se persuadissem de que eu menoscabava os seus louvaveis esforços em refutarem aquillo que lhes parecera um erro, e que talvez o é. Longe de mim tal pensamento. Não pretendi nem pretendo escrever a melhor historia de Portugal possivel; mas tenho a consciencia de que o meu trabalho é o mais sincero e despreoccupado que n'este genero se fez ainda entre nós; tenho a consciencia de haver buscado a verdade com todo o empenho, que em mim cabia. Este louvor, quer m'o concedam, quer m'ó neguem, sei que ó mereço. Quanto a erros, facil é que n'elles cahisse. Os que impugnam lealmente as doutrinas, que julgam ser inexactas, na arena onde essas materias se tractam, e perante o supremo juiz, o publico, esses merecem respeito e não desprezo. O despreso pertence aos belforinheiros litterarios, aos criticos de soalheiro e incruzilhada, que discreteam nas tertulias de ignorantes, porque teem medo de confiar á imprensa aquillo que poderia servir-lhes de corpo de delicto e de instrumento de castigo. O despreso é para aquelles que tendo vivido sempre d'uma reputação immerecida, só sabem explicar a obra da intelligencia e do amor da verdade por motivos abjectos e torpes. Pertence-lhes o despreso:—não o nego; mas ainda assim não posso dar-lhes o que é seu. Prohibe-mo o coração. Destes desgraçados tenho dó; dó como Dante o tinha das sombras empégadas no Malebolge. Sinto unicamente que a sinceridade me não consinta dizer-lhes com o féro ghibelino:

«Già l'ho veduto coi capelli asciuti.»

A razão porque heide abster-me de responder por em quanto aos que me combatem ou combaterem é porque fazendo-o satisfaria o meu amor proprio; não o fazendo cumpro o meu dever. Annunciei a publicação annual de um volume da Historia Portugueza; é uma obrigação que contrahi para com muitos centenares de meus cidadãos, como eu, que não se escandalisam da *falta de patriotismo* que reina no mal aventurado livro. Se não quizer faltar ao empenho que tomei, cumpre-me não consummir o tempo, que tão rapido foge, em debater as objecções da critica. Heidé estudar todas as que se estribarem em argumentos e provas serias; heide aproveital-as quando me convencer de que sou eu que não tenho razão. Mas pretenderem que abandone a prosecução do trabalho principal para voltar atraz, e discutir de novo vinte vezes aquillo que só escrevi depois de larga discussão comigo mesmo, seria pretenderem o impossivel. Se nunca se me offerecer ensejo para dissolver as duvidas que se me opposerem ou se não as apreciar bem, ou se, emfim, ellas forem concludentes, outros virão depois de mim, que por esses marcos levantados no terreno da historia possam evitar os fojos em que eu tiver cahido. Quando mais nenhum serviço houvera feito ás letras patrias, ao menos deve-se-me ter sido a causa de que mãos mais robustas que as minhas levantem esses padrões á sciencia, e contribuam assim para a gloria litteraria do nosso paiz.

Apesar, porém, da necessidade que tenho de guardar silencio em defesa propria, não posso acabar co-

migo que cerre aqui o discurso. Ha tanta cortezia no artigo do seu collaborador, que seria talvez pouco decente o recusar comparecer no tribunal aonde me cita. Ha juizes por quem o réu condemnado conserva respeito: ha outros que elle detesta ainda depois de absolvido. N'aquelles a nobreza do animo e a honestidade de proceder explicam o phenomeno: n'estes explicam-no a rudesa do entendimento, e a brutalidade ou injustiça nas fórmas. Pertence ao numero dos primeiros o nobre censor a quem me refiro; por isso assentar-me-hei por algum tempo no banco dos criminosos para lhe responder.

Duas ponderações graves ha no artigo, a que alludo, contra o meu livro: ponderações que a serem exactas importariam a accusação merecida de haver eu defraudado a nação da sua arvore genealogica, e d'um dos mais importantes feitos d'armas, a conquista da cidade que veiu a ser a capital da monarchia. Culpa da vontade ou culpa da intelligencia; fosse o que fosse, o livro era condemnavel. Puz a doutrina, e acceito-a em todo o rigor para mim; mas o que não acceito, sem que o digno auctor do artigo do seu jornal as reconsidere, são as provas que apresentou contra mim.

Estabeleci por tres modos a não identidade dos lusitanos com os portuguezes: não identidade de territorio; não identidade de raça, não identidade de lingua. O auctor do artigo sentiu como eu que na falta completa d'esses tres principaes caracteres dos que distinguem a individualidade das grandes familias humanas chamadas nações, a sua unidade na successão dos tempos desapparecia. Tractou portanto de provar-me que não era essa unidade uma simples preoccupação sem fundamento historico. Procurarei examinar os seus argumentos com a brevidade e claresa possiveis.

Diz elle que sendo Estrabão o que mais estreitou os limites da Lusitania, a dilatou entre o Tejo e o Douro, isto é pela Beira e Extremadura, e que formando estas duas provincias o centro e *base* principal do moderno Portugal, não podem os portuguezes deixar de se ter na conta de descendentes dos lusitanos, pois os *accessorios* são sempre absorvidos pelo principal; e que a Extremadura hespanhola não póde chamar-se Lusitania por ficar alguma porção d'esta fóra dos limites de Portugal.

Eis aqui o primeiro argumento a favor do nosso lusitanismo. Mas o que quiz o nobre critico dizer chamando á Beira e Extremadura *base* de Portugal? Será em consequencia de serem *hoje* as duas provincias centraes de Portugal no continente da Europa? Não posso alcançar como ésta circumstancia d'ellas estarem no meio deva fazer com que todos os portuguezes se considerem como representantes de uma tribu ou aggregado de tribus que ahi estancearam, em parte, ha dois ou tres mil annos. Permitta-me elle lembrar-lhe que, por esse titulo, outros, com maior rigor geographico, exigiriam que fossemos entroncar a nossa historia com a dos pretos d'Africa; porque dos territorios que pela lei politica do paiz constituem actualmente o reino de Portugal e Algarves, é de certo modo a Africa o territorio mais central da monarchia. A verdade é que o estar tal ou tal provincia actualmente no centro, ao sul, ou ao norte nada significa n'esta questão. O que importaria realmente seria saber se a Lusitania, antes dos romanos, occupava a maior porção do territorio em que se constituiu definitivamente a nação portugueza no seculo XIII, e se ahi foi o nucleo da monarchia, aggregando-se depois a essa provincia as outras ao sul e ao norte. É o que o illustre auctor do artigo parece pretender chamando á Beira e Extremadura *principal* parte de Portugal e ás duas provincias ao norte do Douro, e ás duas ao sul do Tejo *accessorios*. A geographia e a historia conspiram porém contra elle n'este ponto. Tire á Extremadura o bem medido terço d'ella que demora ao sudoeste do Tejo, reuna com a Beira os dois que ficam, e diga-me depois se o Minho, Tras-os-Montes, Alemtejo, terço da Extremadura e o Algarve offerecem uma superficie menor do que a Beira e a Extremadura ao noroeste do Tejo. Repugna não menos a historia á denominação de *accessorio* dada ás provincias de Tras-os-Montes e Minho. Durante a reacção christan da monarchia asturiana-leonesa contra os sarracenos, a Beira é que foi *accessorio* de Traz-os-Montes e Minho, e existindo ja Portugal como reino independente a Extremadura é que foi *accessorio* das tres provincias ao norte d'ella. Se é facto da accessão serve para alguma cousa na materia, nós temos de entroncar-nos com os antigos callaicos, mais do que com os lusitanos.

Não cabe n'um artigo de jornal mostrar com a auctoridade do maior e mais antigo historiador da conquista romana em Hespanha, Polybio, citado (de um dos seus livros perdidos) por Strabão, que uma tribu de turdetanos ou turdulos se estabelecêra na parte occidental da Beira, *ficando separada dos callaicos pelo Douro*;—que assim nem sequer pelo lado do oceano os limites de Portugal são os mesmos dos lusitanos ante-romanos;—que ainda quando os vettões não fossem uma tribu lusitana, o que é muito duvidoso, nem por isso a Lusitania deixaria de entrar pela Extremadura hespanhola;—e que, portanto, não concordando por nenhum lado a circumscripção territorial daquellas tribus com a do nosso paiz, não ha identidade de patria entre a raça antiga e o povo moderno, tanto mais que é certo ser o territorio dos *lusitani*, antes das divisões romanas, a menor porção do Portugal constituido definitivamente, com a conquista da provincia sarracena de Chenchir, no meado do seculo XIII.

O nobre auctor do artigo critico ao meu livro, parecendo accusar-me a mim de confundir as divisões administrativas da Hespanha debaixo do dominio romano com divisão anterior dos povos indigenas, é quem na realidade confunde as duas especies para me provar que o Alemtejo era territorio dos lusitanos, fazendo os successos do tempo de Viriato anteriores ao dominio romano. Pois este dominio não estava estabelecido desde o tempo de Publio Cornelio Scipião? Não foi a guerra do chefe lusitano um verdadeiro levantamento? E por onde ha-de provar-me que no tempo dos pretores o territorio do Alemtejo não foi juncto á Lusitania propria só administrativamente, e que era povoado de lusitanos? Não se oppõe a semelhante opinião o texto formal do mais antigo e particularisador dos geographos que descreveram a Hespanha, Strabão, o qual nos diz: «Tago transmisso (lusitani) *finitimos infestarunt*?

Eu não disse, como o meu critico assevera, que *toda* a Andalusia e Extremadura hespanhola se podiam arrogar o titulo de lusitanas; o que disse foi

que se o haverem os lusitanos estanceado n'*uma parte* do nosso territorio nos desse o direito de os considerar como antepassados, *esse direito* pertenceria tambem á Extremadura, á Galliza e á Andaluzia. A differença infinita das duas proposições é obvia. Não creio a segunda mui dificil de demonstrar, tanto mais sendo certo que a parte lusitana é a que constitue a *menor porção* do nosso paiz.

Tractando da prova de não identidade deduzida da transformação das raças o auctor do artigo por paridade de circumstancias estende as conclusões que d'ahi tirei para provar a minha doutrina, á Inglaterra e á França. Essa objecção nenhuma força me faz. Creio tanto que por este lado os inglezes e francezes representem os kimbris e os gaels, como creio que nós representamos os lusitanos. A historia incertissima d'esses povos se pertence á França e á Inglaterra por identidade de territorio. É uma consolação para os genealogicos daquellas duas nações, que não estou resolvido a invejar-lhes.

Diz o meu adversario, a quem não posso deixar de attribuir o epitheto de prodigo pelos demasiados elogios com que adoça as suas reprehensões, que, apesar de todas as conquistas em qualquer paiz, a raça indigena sempre fica sendo muito mais numerosa. Não sei se assim devemos figurar-nos as associações ou substituições de raças, principalmente tractando-se das migrações asiaticas que povoaram o sul da Europa. Essas tribus celticas, cimmerias, indo-germanicas, ou o que quer que fossem, deviam ser mui pouco numerosas pelas razões que ponderei no meu livro. Logo que começou a occupação da Penisula pelas nações civilisadas, phenicios, carthaginezes e romanos, os homens capazes de combater (e entre os selvagens são no quasi todos) principiaram a sahir da Hespanha pelos motivos que tambem lá se apontaram, ao passo que as colonias d'essas nações se estabeleciam largamente neste solo. Quero conceder-lhe que a vinda de gregos, phenicios e carthaginezes não transformou senão por um terço o sangue indigena; que tambem a colonisação immensa e systematica dos romanos não o alterou senão por outro terço, e que a chamada especialmente invasão dos barbaros só por outro terço o corrompeu. Chega depois a conquista sarracena. Vem á Peninsula bereberes, arabes, negros; quantas castas de gente na Africa e em grande parte da Asia seguiam o islamismo: estabelecem-se; repartem as terras; fundam ou povoam cidades: os mosarabes, ou descendentes dos romano-godos, ficam como sumidos no meio desta alluvião de novos habitadores de ambos os sexos, de todas as condições e idades. A reacção começa nas Asturias; a guerra dilata-se; a assolação e a morte reinam por seculos; os francos vem d'além dos Pyrêneos ajudar frequentes vezes os seus correligionarios; a Berberia é um manancial perenne de novos colonos africanos; os chefes sarracenos usam da antiga politica romana, e levam milhares e milhares de mosarabes para os empregarem nas suas emprezas além do estreito: e a Hespanha continúa a ser celtica! Na segunda metade do seculo XII achamos Affonso I e Sancho I povoando com colonias estrangeiras os *desertos* da Extremadura e do Alemtejo; *desertos* porque a guerra tinha sido viva por estes districtos durante trinta ou quarenta annos; e todavia, apesar de quinze ou vinte seculos de invasões e guerras, talvez ainda mais atrozes, a raça lusitana predominava nos rareados habitantes de Portugal. Talvez. Mas a mim figura-se-me isso como uma idéa absurda. Repugna-me. Será curtesa d'intelligencia.

Quanto á lingua não contesta o meu contendor que a origem da nossa seja a romana; o que affirma é que a mudança essencial de lingua não prova a mudança essencial de raça. Uma cousa que desejava me explicasse era porque naquellas partes da Hespanha, da França, e da Inglaterra, onde pela historia sabemos que as conquistas e colonisações successivas d'estranhos não poderam no todo ou na maior parte penetrar ou fixar-se, os dialectos que ainda ahi se fallam hoje discordam absolutamente das linguas geraes d'estes paizes e se dirivam das primitivas. Tracto com os conquistadores mais civilisados tiveram-no sempre os welshes, os bretões, os biscainhos: a differença esteve so em não se estabelecerem fixamente entre elles os novos senhores do seu paiz. Uma cousa me hade conceder o nobre critico, e é que os lusitanos tão curiosos de não deixarem perder a sua casta no meio de tantas revoluções e da entrada de tantas gentes estranhas por vinte e cinco ou trinta seculos, andaram um pouco descuidados neste negocio da lingua.

Pelo que respeita a dialectos e a grammaticas, e a artes, e a medalhas anteriores ao dominio romano, falta provar que isso tudo é vestigio, não dos phenicios, gregos e carthaginezes que se haviam estabelecido na Peninsula antes dos romanos, mas sim das tribus celticas. Quanto ás medalhas de letras desconhecidas, permitta-me o atilado censor que com Perez Bayer e Masdeu, antes as tenha por phenicias, punicas, gregas, e ainda latinas do que por celticas.

Não chamei selvagens ás tribus da Hespanha antes da civilisação romana; chamo-lh'o antes de toda a civilisação, quer phenicia, quer grega, quer carthagineza, quer romana. Não está mais na minha mão; cada vez que fallo n'um lusitano, n'um callaico, n'um pelendão, n'um arevaco dos primitivos e puros, figura-se-me logo um aymoré, um tapuia, um tupinambá serapintado e cuberto de pennas, de quem juro que nenhum dos actores brazileiros quer ser descente; e o mais é que lhe acho alguma razão, apesar de que tem decorrido pouco mais de tres seculos desde o tempo em que no Brazil so havia dessa gente, e desde que ahi se tem estabelecido colonias, não de cinco povos civilisados, e de seis ou sette barbaros, mas so de portuguezes e até certo ponto de hollandezes.

Nunca pensei que os lusitanos me fizessem tornar a escrever tanto na minha vida! Vamos a assumptos mais serios.

A segunda parte da censura involve uma questão de critica historica. Na opinião do nobre censor a minha não foi das melhores quando narrei a tomada de Lisboa. Vejamos porque:

1.° As duas fontes a que quasi so podemos recorrer sôbre este facto são as relações dos dois testemunhas oculares, Arnulfo e Dodechino: ora éstas foram escriptas por estrangeiros, e *como taes* ávidos de gloria para si e para os seus; logo a sua narrativa é suspeita. Os portuguezes contentáram-se com a tradição.

2.° Não é provavel que os portuguezes nada fizessem senão subirem á torre de madeira para de lá deserem atterrados pelos tiros dos cercados.

3.° O combate de Sacavem não se segue que não existisse por se não mencionar nas dittas narrativas. Entre Santarem e Lisboa havia povoação moura. Que coisa mais natural do que ser Sacavem um ponto fortificado, que servisse de atalaia a Lisboa? O combate n'esse logar é não so provavel, mas quasi necessario.

4.° Um auctor não póde despresar de todo as tradições para dar inteira fé aos documentos, quando estes não tem todos os caracteres que a mereçam, se não em parte.

Eis as objecções criticas á narrativa da tomada de Lisboa. Não alterei senão a ordem d'ellas, porque me facilita o resumir-me na resposta.

1.° Não é exacto que quasi so tenhamos as relações de Arnulfo e Dodechino para a tomada de Lisboa. Além de muitos outros historiadores coevos extrangeiros, que tractaram do successo mais ou menos largamente, temos os portuguezes; quatro que o mencionam em poucas palavras, e um, o auctor do *Indiculum* de San'Vicente, que o refere com maior extensão ainda que Dodechino. Servi-me de todos para apurar uma ou outra circumstancia. Do *Indiculum*, que é portuguez, tirei tudo o que alli se encontrava. E ja se vê que é inexacto o que o illustre censor diz sôbre a ficar entre nós so a tradição. Cinco escriptores para o mesmo acontecimento, em tempos nos quaes se escrevia pouquissimo, não me parecem provar que os nossos avós se mostrassem inclinados a entregar á tradição oral (a que o censor se refere segundo creio) a memoria da tomada de Lisboa. Tambem não me parece que tenha razão em affirmar que a narrativa de estrangeiros, porque eram estrangeiros (*como taes*) fiça suspeita. Salvo se o censor me demonstrar que elles n'aquella epocha eram mais mentirosos que os portuguezes. Faz-me isto lembrar involuntariamente de que em Paris um francez é para dois inglezes, em Londres um inglez para dois francezes; em Lisboa um portuguez para trinta castelhanos, e em Madrid um castelhano para trezentos portuguezes. São opiniões. Eu estou tão persuadido de que em regra um homem é para outro, como o estou de que tanto póde fallar verdade ou mentir um portuguez como um mouro, um judeu, ou um chim.

É natural, não o nego, que pertencendo Arnulfo e Dodechino ao corpo dos cruzados se mostrassem mais attentos a narrar as façanhas dos seus que as dos portuguezes; mas que queria o nobre auctor da censura que eu fizesse? Que inventasse outras para attribuir a Affonso Henriques e aos seus guerreiros? De certo não. O que me cumpria era examinar se a narrativa dos dois estrangeiros continha algúma coisa improvavel para a rejeitar. Aponte-me, porém o que ha improvavel no que aproveitei d'essa narrativa. É ommissa a respeito dos portuguezes? Mas estes podiam fazer maravilhas sem que os estrangeiros deixassem de praticar o que d'elles contam os dois cruzados. Do que eu não tenho culpa é de que não chegasse até nós a memoria de taes maravilhas.

Peço ao douto censor que observe bem a relação do *Indiculum*. O frade portuguez (ao menos tenho-o por tal emquanto se não provar o contrario) é o que faz os maiores encarecimentos sôbre o valor dos cruzados. D'elle é o periodo que transcrevi em nota a pag. 377. Em toda a carta de Arnulfo nada se lê que iguale esse periodo. Porque não diz o frade outro tanto dos seus? Quem o souber que o explique.

Mais: Affonso I mandou durante o cerco construir dois cemiterios, o dos francos e o dos inglezes; um ao oriente, outro ao occidente, para sepultar os martyres de Christo que morriam pelejando. Porque não mandou construir outro ao norte para os portuguezes? Parece que morriam menos, e os que morriam se accomodavam com os hospedes. O facto dos dois cemiterios não é de Arnulfo; é do *Indiculum*.

2.° O que é verdade é que Affonso I era um homem grande; grande capitão e grande politico quanto um soldado rude o podia ser. — Sem esses dotes não se funda uma monarchia, sôbretudo no meio das difficuldades que elle superou. O mais natural é que poupasse os seus veteranos para outras occasiões arriscadas que não lhe faltariam, nem faltaram, e que na tomada de Lisboa se aproveitasse habilmente do character cubiçoso, violento e audaz dos alliados para poupar quanto fosse possivel os subditos. Quem anda lido nos chronistas d'aquella epocha sabe que os taes martyres de Christo em presentindo avultado despojo atras de qualquer muralha eram capazes de as desfazer com os dentes; e Affonso I lhes cedera o sacco da cidade. Vertendo o sangue para conquistar ésta, trocavam-n'o por ouro; perecendo, conquistavam o ceu. N'aquelle tempo associavam-se bem o enthusiasmo religioso e a cubiça.

A historia de vacillarem os portuguezes no eirado da torre de madeira, nem é improvavel, nem os deshonra. Elles estavam habituados a combates campaes e não a assedios regulares de grandes praças. O testimunho de escriptor coevo Ibn-Sahib nos assegura que o systema ordinario do rei de Portugal para se apoderar dos castellos mussulmanos era o dos commettimentos nocturnos e inesperados, não o dos sitios regulares. Accresce como consolação, que ésta circumstancia mostra terem entrado em combate os portuguezes no dia do ataque decisivo.

3.° Supponho que o recontro de Sacavem fosse provavel, não era isso motivo para mais do que para o narrar se o tivesse incontrado em algum escriptor, não digo coevo, mas ao menos do seculo XIII ou ainda do principio do XIV; mas onde apparece pela primeira vez mencionado tal acontecimento? N'um documento do seculo XVI. O enfeixador de patranhas Duarte Galvão não apanhou ésta. É pena que o tal documento, em cuja feitura interveiu o grande velhaco de D. Christovam de Moura, não fosse conhecido de Galvão nem de Acenheiro, aquelle famoso historiador que nos conta os espantosos casos dos pés de malvas, de que se fizeram trancas de portas, e do ouriço que comeu o pintainho dentro da casca do ovo. Mas aos olhos de uma pessoa de juizo, como reputo o meu censor, bastariam para desacreditar a tal tradição, que esteve escondida quatro seculos sem que d'ella houvesse a menor noticia, as circumstancias absurdas do que vem lardeada, como entrarem no combate de Sacavem mouros de Thomar, isto é de um territorio *deserto* (Bulla de Urbano III aos templarios no Archivo Nacional Gav. 7 M. 9) doado em 1159 por Affonso I áquella ordem, que ahi fundou Thomar em 1160 (Inscripção no Elucidario T. 2 p. 359), e a outra circumstancia de andar, antes da tomada de Lisboa, Affonso Henriques passeando em

Cintra, o ponto mais forte e importante que os sarracenos possuiam no districto de Belatha, salvo Santarem e Lisboa, segundo o testimunho do contemporaneo Edrisi, e cuja conquista, conforme a chronologia da chronica dos Godos e dos chronicons conimbricense e lamecense, foi posterior ao menos de alguns dias á de Lisboa.

No que me parece que o meu erudito impugnador se deixou levar demasiado da sua imaginação, é em suppôr *quasi necessario* o combate de Sacavem, *porque era provavel* que ahi houvesse um castello ou logar forte. O seu raciocinio é este:

Entre Santarem e Lisboa havia gente moura:

Atqui: É provavel que entre Lisboa e os christãos houvesse um ponto fortificado, que servisse de atalaia a ésta cidade, e Sacavem era o ponto mais apto para isso, porque tolhia o passo aos Christãos.

Ergo; Vieram mouros de Thomar, soccorrer Lisboa; Affonso I, tendo passado por onde não podia passar, mandou gente atraz para os repellir; e o combate foi quasi por fôrça em Sacavem.

O monstruoso e desconnexo d'este raciocinio é obvio. Quanto ao passar Affonso Henriques por onde não podia passar, dir-se-ha que elle fez um quarto de conversão á direita e marchou por Loures sôbre Lisboa. Isso na supposição de estar fortificada a passagem de Sacavem, ou de não haver ahi passagem (o que é o mais natural) occorre facilmente; mas é preciso confessar que os ingenheiros sarracenos, que empregaram braços e dinheiro em fazer uma obra que não defendia nada, nem servia para nada, mereciam pingados e aspados, segundo a fórma expedita da justiça mussulmana, para os seus collegas tomarem tento em não malbaratarem assim os morabitinos do Estado em destemperos de taipa e pedregulho.

4.° Vamos á última observação, que é a primeira na ordem em que as fez o meu respeitavel impugnador. Quer elle que eu me ativesse ás tradições, não dando inteira fé aos documentos quando estes não a merecem plenamente. Ja fica provado, que a sua regra não serve para o caso presente. Mas, ainda em geral, ella me parece falsissima por faltá de distincção. Que não se dê fé inteira a um documento que não a merece em todas as suas partes, é uma destas verdades como — o sol dá luz — que não vale a pena de se escrever; mas o que eu não vejo é que de ser insufficiente ou até nulla a auctoridade de um documento ou monumento coevo ou quasi coevo se siga que a tradição fica forte e segura. Se ella for absurda ou infundada, continua a se-lo, valha ou não valha o documento. Parece-me que o simples senso commum basta para assim se crer.

É preciso todavia, convirmos sôbre a idea que havemos de associar á palavra *tradição*. Se entendemos a tradição oral, que so apparece, dizendo-se muito, muito, muito antiga, tres ou quatro seculos depois do facto a que se refere, sem que d'ella se encontre a menor sombra nos monumentos coevos ou quasi coevos em que naturalmente se devia mencionar, confesso ao meu douto impugnador que o unico sentimento que essa tradição produz em mim é uma grande vontade de rir; porque ja, pela experiencia, prevejo que ha de ser absurda. Um proloquio certissimo da nossa terra é que mais depressa se apanha um mentiroso que um coixo. Tenho-o verificado tão frequentemente, que cada vez estou mais Pharaó, obdurado de coração, contra as taes tradições. Peço ao meu nobre censor, que me parece pessoa que estuda a historia seriamente, que deixe aos poetas o gritar a favor da tradição oral. Eu ja fui do officio, e sei que elles teem razão. Os estudos superficiaes pertencem-lhes por direito divino e humano. Se fossem empallidecer sôbre os feixes mofentos de pergaminhos velhos que estão por esses archivos, deixavam de ser poetas, porque matavam a imaginação, e eu declaro sinceramente que antes quizera que nunca houvesse historia, do que o inconveniente de perder o paiz um grande poeta. Portugal tem incomparavelmente mais gloria em haver possuido Camões que em ter tido Fr. Antonio Brandão e Antonio Caetano do Amaral. No que me parece que elles não são justos é em pertenderem que os historiadores, gente chan e humilde, sejam por fôrça poetas. N'isso é que anda amplificação rhetorica de mais.

Se por tradição o meu nobre adversario entende a escripta, subscrevo inteiramente ao seu voto. A tradição escripta é aquella de que se encontram vestigios nos monumentos ou nos documentos até á epocha em que viveram os homens que podiam presenciar o facto a que ella se refere, ou aquelles que da bôca d'esses homens podiam ter ouvido a relação do mesmo facto. Ésta tradição é segura, se alias não ha circumstancias que a invalidem ou modifiquem. Semelhante tradição é a que a historia póde approvar: mais; é aquella que a igreja só admitte para conjunctamente com a auctoridade dos livros sagrados servir de prova historica ao complexo das suas doutrinas. Esse illustrado e respeitavel systema do catholicismo, tão injustamente calumniado pelas igrejas dissidentes, estava ja expresso, muitos seculos antes de nascer a critica profana, na regra contida na bella e profunda formula de Vicente de Lerins: «*Quod semper, quod ubique, quod ab omnibus..... creditum est.*»

Um ou dous anneis que faltem lá no cabo d'essa cadeia da tradição, bastam historicamente para tirar ao facto toda a certeza; porque muitas vezes as fabulas não esperam nenhuns duzentos annos para nascerem e se incrustarem no tronco da historia. Não raro éstas fabulas são devidas á ignorancia e não á má fé. Uma passagem e até um nome mal interpretado pódem dar-lhes motivo. O erro sobre a origem grega do conde D. Henrique, erro que grassou entre os antigos escriptores hespanhoes proveiu, como o meu censor sabe, de se interpetrarem as palavras de Rodrigo de Toledo «*expartibus bisontinis*» «*das partes de Constantinopla*» em logar de se traduzirem *das partes de Besançon;* mas o que talvez não lhe occorra é que ja Affonso X de Castella ignorava a verdadeira origem d'este seu avoengo, que fallecera ainda não havia seculo e meio quando elle começou a reinar. Effectivamente na *Cronica General*, escripta por elle ou debaixo dos seus olhos, diz-se que o conde D. Henrique era *de tierra de Constantinopla* (Cron. Gener. fl. 300 v.). Mais; o erro do Nobiliario attribuido ao conde D. Pedro, erro adoptado por outros escriptores, de que D. Mafalda mulher de Affonso I era hespanhola e filha do senhor de Molina, acha-se ja n'um resumo de chronica dos nossos primeiros reis, lançado no principio de um dos volumes dos

Inquirições de Affonso III no Archivo Nacional. Ahi, por assim dizer, encontra-se a verdade em transformação flagrante para mentira. Maurienne, donde era D. Mafalda, pronunciava-se *Moriana*, palavra corrompida n'essa especie de chronica em *Moliana*. O auctor d'ella ja suppunha que os condes de Haro eram os senhores de *Moliana*: os que se seguiram *rectificaram* Moliana em *Molina*, e a fabula tomou definitivamente o logar da historia. Outras vezes, porém, conveniencias politicas ou de diversa ordem, faziam espalhar mentiras em epochas tão proximas áquellas a que se referem, e sobre factos tão notaveis, que chega a parecer incrivel como havia audacia para tanto. Tal é a historieta da acclamação em Ourique, mencionada n'um documento original de Palmella, do meado do seculo XIV. Ha para a desmascarar mais alguma cousa do que as ponderações que fiz em a nota XVI do meu livro: é um outro documento do Archivo Nacional anterior trinta ou quarenta annos apenas ao rollo de Palmella, e de que este é quasi textualmente copiado em que nenhum vestigio se acha da anedocta da acclamação, donde fica mais facil apurar a data da fabula, e o descobrir as causas por que foi engendrada. Mas isto para seu tempo; que a presente resposta ja vai demasiado larga. Possa ella não impedir que o meu cortez adversario continue a examinar criticamente a Historia de Portugal, e a apontar aos historiadores futuros os escolhos em que a minha pobre barca tiver naufragado!

Ajuda 8 de abril
1846. *A. Herculano.*

BIBLIOGRAPHIA.

Espirito de Ganganelli, ou Collecção de pensamentos religiosos, moraes e politicos, do Papa Clemente XIV. Extrahidos das cartas e outros escriptos do mesmo pontifice, aos quaes se annexam os de outros Varões igualmente conspicuos. Recopilados por * — Lisboa MDCCCXLV.**

531 Não é nova a idea de extrahir das obras moraes o espirito d'ellas, em pequeno e methodico quadro, que e, por assim dizer, a quinta-essencia a *summa-res* da sua doutrina. As cartas de Ganganelli porém, de que a *collecção de pensamentos*, de que estou tractando, se diz extrahida, passam hoje por suppostas e são geralmente havidas como escriptos de Carracioli. Mas sejam ou não de Ganganelli, é certo que a character d'este pontifice celebre não desdiz do espirito que as dictou. Sabe-se que Clemente XIV foi homem dedicado ás lettras com as quaes gastava uma parte da noite não podendo applicar-lhes o tempo do dia. 'Toda a minha satisfação, dizia elle, é gozar de um bom livro ou da conversação de um homem de bem;' e no espirito d'estas palavras, e no d'aquel-loutras: 'Se não é permittido consentir o êrro, é prohibido odiar e vexar os que teem a desgraça de cahir n'elle,' está tambem o *espirito de espirito* das obras que lhe são attribuidas.

O recopilador d'esta formosa *Collecção* denuncia-se em muitos logares onde a sua penna teve que additar ou esclarecer alguns pontos no seguimento d'ella; pareee-me ser a do benemerito cidadão que com outros escriptos além d'este, e ainda mais com obras efficazes, tem bem merecido dos contemporaneos, e cuja memoria será ainda abençoada pelo muito que se ha disvellado a favor d'uma instituição pia, e de beneficio público, o *Asylo da mendicidade*.

O Trovador.

Tem sahido os números 7, 8, e 9 d'esta interessante publicação de Coimbra, para onde continuam a escrever os mais eminentes talentos poeticos que hoje frequentam a nossa Universidade. O n.° 9, que é o último, distingue-se principalmente pela formosa composição do Sr. Cordeiro, *á Solidão*. Outra do Sr. J. de Lemos, *ao Natal*, ja foi publicada na Revista. A do Sr. Serpa (José), *a Marilia*, modelada pelo estylo de Gonzaga, é uma anacreontica de bastante mimo, com tanta suavidade de expressão como candura de affectos.

THEATROS.

THEATRO-NACIONAL.

532 No dia 13, destinado para festejar o anniversario de Sua Magestade a Rainha, começaram as representações regulares no theatro de D. Maria II.

A peça que se deu n'esta noite foi *Alvaro Gonçalves, o Magriço, ou os dôze d'Inglaterra*. É uma tradição das mais vistosas e agradaveis da nossa historia. O pensamento de reduzir a drama ésta tradição é mui digno de louvor; e o facto de que um drama tam proprio a exaltar os brios nacionaes, e lisongeiro para peitos portuguezes, fosse escolhido para uma representação por tantas circumstancias memoravel, é igualmente digno de apreço.

O expectaculo assim considerado merece elogios em todas as suas partes: olhado porém com vistas artisticas é outra coisa. Não sei qual d'estes pontos deveria n'este caso ter a preferencia: é questão em que não entro, porque nunca vou aonde não sou chamado.

Todas as boas qualidades da peça, os seus excellentes documentos, grande merito historico, bons discursos e bellos pensamentos, não podem fazer d'ella um drama, que se possa chamar *drama*. A acção principal do Magriço, e porque elle ficou immortalisado nos versos de Camões; a unica tradicional, o que no titulo da peça figura comeffeito como assumpto d'ella, está todavia reduzida a um episodio que sim preenche todo um acto (o 4.°) mas que existindo ou deixando d'existir nada accrescenta nem diminue a nenhum dos outros actos a que é inteiramente extranho. Ora, os amores do Magriço com Beatriz, que são, ou foram destinados a ser, o drama, não preenchem, pelo modo porque são conduzidos, as exigencias da arte.

Expondo francamente a minha opinião *artistica* sôbre ésta peça, sustento, com a mesma franqueza, que em tudo o mais a acho de merito mui superior.

A execução não foi tam completamente boa como seria de desejar.

THEATRO DE SAN'CARLOS.

Eleonora, opera semi-seria em 4 actos — Musica de Mercadente.

533 Os librettistas da Italia são como os nossos traductores de Portugal. [Salvemos as honrosas excepções...] Apenas um melodrama se representa nos theatros de boulevart da Babylonia de França, é logo convertido em libretto pelos aspirantes a poetas d'Italia, ou traduzido pelos aspirantes a escriptores dramaticos em Portugal. Cá e la más fadas ha. O caso é que muitos dos leitores hão de se lembrar d'uma tal *Leonor* que se deu no theatro da Rua-dos-Condes, que era uma peça em que se dizia que os *mortos andam depressa*, mas não andavam tal nem depressa nem devagar. Pois foi este mesmo melodrama, que certo italiano, que pr

lo nome não perca, converteu n'um libretto mau como elle; mas ao qual o insigne Mercadante adaptou a sua excellente musica.

Alguns dos leitores hão de se lembrar do celebre maestro quando entre nós escrevia partituras para o theatro de San'Carlos. A *Elisa e Claudio* ainda não esqueceu decerto. Mas o Mercadante d'hoje está muito além do Mercadante d'então; o auctor da *Vestal*, do *Regente* e do *Bravo*, è hoje, pódo ser, o compositor de mais profunda sciencia harmonica. É preciso ouvir e admirar o jogo d'orchestra da *Eleonora*, aquella grande massa d'instrumentos todos em movimento mas tocando cada um d'elles distinctamente, aquella soberba opulencia d'instrumentação, a sensata applicação das harmonias e acompanhamentos, para se conhecer que grandeza d'ideas que magestade e profundidade de saber ha no grande mestre. A *Eleonora* é sem contradicção uma das primeiras operas que se teem dado em San'Carlos.

Eu não sei se os meus leitores das provincias, que me pedem agricultura e industria, gostarão de ler os artigos de theatro; mas os de Lisboa que não teem terras suas nem grandes disposições para a leitura da parte dos conhecimentos-uteis d'este jornal... gostam muito mais que se lhes diga alguma coisa dos unicos divertimentos que por aqui ha. Ora pois, a REVISTA chega a todos, e como vive de todos a todos deve procurar satisfazer. Acabarei depressa.

Os trechos que na opera me pareceram superiores são: o duetto dos baixos e final do 1.° acto, o grande cheio do 3.° acto e o tercetto do 5.° acto. A execução se não foi primorosa foi de contentar. O Sr. Salandri vai bem em toda a peça, particularmente no seu adagio do grande cheio do 3.° acto. O Sr. Miró disse bem o seu duetto, a Sr.ª Ransi cantou algumas vezes com mimo, particularmente a *romanza* final do 3.° acto. Faz o Sr. Catalano todos os esforços para desempenhar a sua difficil parte; mas afadiga-se ás vezes debalde, porque a qualidade da sua voz presta-se pouco á agilidade e expressão que muitos trechos demandam.

A peça está muito incongruentemente trajada; mas a vista final é uma das mais magnificas que teem sahido dos pinceis dos Srs. Rambois e Cinatti.

VARIEDADES.

OS SIKHS.

534 Como os leitores hão de saber, a guerra dos inglezes na India é um dos objectos de maior interesse e importancia da politica contemporanea. A defensa pertinaz e valorosa dos *Sikhs* no reino de Lahore tem excitado a curiosidade das indagações sôbre ésta seita guerreira.

O reino de Lahore é, como se sabe, limitrophe da China. Devide-se em duas partes distinctas: ao Noroeste o *Kouhistan*, ou paiz montanhoso, e ao sudoeste o *Pendjab* ou paiz dos cinco rios. A povoação d'este reino divide-se principalmente em *Afghans*, *Djats*, *Singhs* e *Sikhs*. Darei hoje conta aos leitores da REVISTA da origem curiosa do nome d'esta seita que tam terrivel está sendo aos inglezes.

Nanac-Shah era filho de um negociante de sal; desde a sua infancia foi sempre um indio muito devoto, e tam virtuoso e caritativo que não duvidou dar todo o seu dinheiro para soccorro dos faquirs [padres] errantes, e repartir com os pobres todos os bens que possuia: finalmente renunciou todas as suas occupações temporaes para se fazer tambem faquir. A unidade de Deus e a sua presença em toda a parte, eram os seus dois principaes dogmas; e o fim a que se propoz com a sua predica era robustecer a fé mahometana e a fé hindou. O resultado foi a conversão de grande numero de seus concidadãos que se fizeram puros deistas.

Estes novos descipulos de Nanac chamaram-se a si mèsmos *Sikhs*, palavra derivada do sanscrita cuja raiz significa 'instrucção.'

Os preceitos da religião dos *Sikhs* podem resumir-se assim: Não ha mais que um Deus. Cem mil Mahomeths, um milhão de Bramas, de Vishaous, e cem mil Ramas, estão á porta do Altissimo. Mas todos morrem, so Deus é immortal.

CORREIO EXTRANGEIRO.

535 De dia para dia as coisas vão tomando uma face totalmente extranha comparada com o modo como ellas antigamente se faziam. Os leitores saberão decerto que a guerra da India entre os sikhs e os inglezes tem tomado um desinvolvimento que dá o maior cuidado ao governo britannico: na necessidade em que este se vê de mandar soccorros ao Pendjab com a maior celeridade possivel, este governo energico e activo como nenhum outro!, concebeu a idea de mandar este soccorro por via do Egypto. Parece que o bacha consente e que tres mil homens de tropas vão partir para a India por este caminho!

Os Estados-Unidos que ja tinham suas estalagens fluctuantes e um theatro tambem fluctuante, como ja na REVISTA se disse, apparecem agora com uma fábrica-de-vidros construida abordo do vapor *Ohio*. O barco ancóra de noite, e a fábrica trabalha: no seguinte dia viaja, e vendem-se os productos do trabalho da noite!

O exercito austriaco compõe-se actualmente de 287,000 homens d'infanteria, 42,000 de cavallaria, 42,000 d'artilheria, além de 14,500 homens que compoem os corpos chamados extraordinarios e não combatentes, isto é, a guarda-imperial, a policia e a de segurança-pública; formando o total de 386,400 homens, mas d'estes so 350,000 estão em effectivo serviço.

O imperador da Russia ordenou que todos os judeus de origem extrangeira, comprehendendo tambem os da Polonia, que actualmente se acharem na Russia, sejam obrigados a deixar o territorio d'aquelle imperio no praso de tres mezes, ainda que ahi estejam domiciliados, ou possuam bens immoveis. Para o futuro nenhum israelita extrangeiro será admittido a estabelecer-se na Russia sem uma licença especial do govêrno.

O vice-rei do Egypto auctorisou novamente a exportação de cereaes desde 12 de março último.

Desde o primeiro de fevereiro até 10 de março, soffreram a pena-última em França 27 criminosos! Ésta estatistica é na verdade horrorosa quando a palavra

civilisação apparece em todos os escriptos e sahe de todas as bôccas!

Affirma o *Clamor-publico* que nos suburbios de Valença ha um soldado velho que ja conta 114 annos.

Dizem que em Tarbert, n'uma ilha d'Escossia, morrêra um homem com 112 annos.

A emigração d'Inglaterra para os Estados-Unidos continúa d'um modo admiravel. No mez de fevereiro sahiram d'Inglaterra para a Nova-York 400 individuos e no primeiro paquete de março 140, a maior parte da classe agricola dos condados de Suffolk e Norfolk.

Começou em Pariz a exposição das Bellas-Artes. O número das obras apresentadas foi de 4,753, d'estas o jury de escolha so approvou 2,412.

A proposito do estabelecimento d'um theatro-francez nas ilhas Marquezas, diz um jornal de Paris: 'O character d'um povo revela-se nas suas fundações; onde se estabelecem inglezes ageita-se o porto, onde os italianos edifica-se uma igreja, onde os prussianos construe-se um quartel, onde os allemães cria-se uma eschola, onde os francezes ergue-se um theatro.' Devêra accrescentar, onde os hispanhoes faz-se uma casa-de-moeda, e onde os portuguezes (n'outro tempo .. ja se sabe) lançam-se os fundamentos d'um castello.

Diz-se que em Tolosa (Hispanha) morrêra uma mulher com 150 annos, deixando uma filha de 82.

CORREIO NACIONAL.

536 O rendimento das alfandegas de Lisboa, Sette-Casas, e Porto, no mez de março último foi de 412:526$234 réis.

Está em Lisboa o tenor Paganini, que por duas vezes tem estado escripturado no nosso theatro-italiano. Parece que se dirige a Londres, mas antes dará aqui alguns concertos.

Macrobia. Le-se nos 'Pobres no Porto,' que mora n'aquella cidade uma mulher que tem 116 annos, é mendicante e passa bem. Tem um filho de 86 annos.

Desde o 1.º de julho de 1845 tem sido exportados para paizes extrangeiros 456 moios de trigo; 2,004 de milho; 1,088 de centeio e 48 de cevada.

Falleceu n'esta cidade o porteiro da Associação Mercantil, chamado Domingos, que contava 103 annos de idade.

O número de pessoas actualmente em exercicio nas estradas a cargo da Companhia das Obras-Publicas de Portugal, excede a 11.000.

Temos a satisfação d'annunciar a chegada a Lisboa d'uma *interessante magica* M.elle Benitta Anguinet, cujos *prestigios* teem sido encarecidos por muitos jornaes francezes. M.elle Anguinet destina-se a dar aqui algumas representações, e não pomos duvida em que a bella *prestigiadora* consiga maravilhar-nos com a sua physica seductora.

No decurso do anno de 1845 construiram-se em Portugal 17 embarcações com 3,672 tonnelladas, sendo d'estas 4 barcas, 4 brigues, 1 patacho, 3 escunas e 1 hiate; 1 brigue e 3 escunas de guerra — D'estas embarcações 11 foram construidas no Porto, 5 em Villa-do-Conde e 1 na Arrentella, na Outrabanda do Tejo.

Continuam os pronunciamentos armados das mulheres de varios logares das provincias do norte, contra as providencias sanitarias dos empregados da Saude. As reuniões de mulheres armadas tem chegado n'algumas partes a 500, segundo se le nos jornaes do Porto. A força militar tem intervido, e tem sido obrigada a andar em movimento. Tem havido tiros e ferimentos graves. Quem conhece a nossa historia admira-se menos d'este espirito e coragem feminina; mas em todo o caso similhantes acontecimentos são preciosas circumstancias para a historia dos nossos costumes no meiado do seculo XIX.

A exportação de vinho da ilha da Madeira, nos dez annos que vão de 1834—45, foi de 94.891 pipas. O anno de maior exportação foi o de 1838, que sahiram 9,828 pipas; o de menor exportação foi o de 1842 em que sahiram so 6,270 pipas.

A ilha de Sancta-Maria (archipelago dos Açores) tem 1,069 fogos e 8.000 habitantes. Tem apenas duas aulas d'instrucção primaria; e distando so *12 leguas* de San'Miguel, cuja justiça e auctoridades quasi que são unicamente as suas, tambem, passam-se comtudo 3 e 4 mezes no inverno que não ha communicação entre ambas as ilhas!

Por lei de 7 do corrente são fixadas as contribuições de repartição de 1846—47 em 2.545:317$000 réis; sendo 1.584:820$000 réis de contribuição-predial, 505:431$000 réis de maneio, e 450:066$000 réis pessoal.

Os officios da Semana-Sancta fizeram-se com toda a pompa e solemnidade digna dos altos Mysterios que por este tempo a Igreja-catholica celebra. Admiravel número de pessoas de todas as classes da sociedade visitaram os templos na Quinta-feira maior. Entre estes os que mais se distinguiam pela riqueza, pela pompa ou pelo bom gosto, foram as parochiaes da Magdalena, Sacramento, Pena e Sancta-Justa. Na Sexta-feira distinguiram-se as parochiaes do Coração-de-Jesus e Sancta-Justa. No Sabbado d'Alleluia em Sancta-Justa parece ter sido a festa mais magestosa. O convento das Francezinhas distinguiu-se como é costume pela execução musica, confiada a *curiosos*.

Na Sé officiou de pontifical S. Em.ª na Quinta, Sexta-feira, e Domingo de Paschoa, fazendo uma homilia n'este ultimo dia e dando a Benção-papal, e nos outros dois fez a pé o caminho do paço patriarchal para a igreja.

Suas Magestades e Principes assistiram n'esses dias aos Officios divinos na capella-real de Sancta-Maria de Belem.

CONHECIMENTOS UTEIS.

AGRICULTURA.

CULTURA DE BETTERRABAS.

537 Sr. *Redactor.* — Remetto uma das beterrabas criadas na minha quinta de Sancta Barbora do Carregal, termo de Ourem, a qual pésa 5 arrateis e duas onças: foram semeadas em maio do anno passado, em uma terra solta, muito humida e alguma coisa estrumada, por ser onde se fazia horta, e regada por duas vezes; em settembro ja estavam quasi do tamanho em que hoje se conservam e sómente com quatro polegadas na terra. Alguns trabalhadores as comeram com feijão e acharam ser muito bom, porém o comer fica injoctivo de doce. Deram muita folha, a qual é similhante á da selca mansa, as quaes os bois da terra e as vaccas turinas comeram optimamente. Durante o inverno conservaram-se estacionarias e sem folhas, começando a rebentar na primavera.

Este anno ja as semiei em sequeiro e espero, logo que o terreno em que foram semeadas o anno passado esteja enxuto e capaz de amanhar, de semear maior porção, não so para aproveitar a folha para o gado, (unico motivo porque as comecei a semear) como para fazer algumas experiencias mais e do resultado que obtiver darei parte.

Lisboa 20 d'abril
de 1846.

José Theodoro Rodrigues Tezo.

Agradecendo muito ao nosso illustre correspondente a remessa d'esta amostra da sua cultura de betarrabas, que fica no escriptorio d'este jornal para ser admirada pelos curiosos que a quizerem ver, tomâmos a liberdade de lhe rogar o obsequio da remessa d'alguma porção de semente, quando for possivel, para distribuir aos nossos assignantes que desejem melhorar ésta interessante cultura.

ASTRONOMIA.

ECLIPSE DO SOL.

538 Sabbado (25) haverá um eclipse do sol de consideravel grandeza. Começará ás 4 horas e 50 minutos da tarde, e terminará ás 6 horas e 47 minutos, isto é, exactamente no occaso do sol. A parte do disco d'este astro que será eclipsada no momento de maior phase tem a grandeza de 7 digitos e $\frac{3}{4}$ para o lado do sul [o diametro do sol divide-se em 12 digitos.]

Como é facil de perceber o phenomeno celeste não satisfaz todas as exigencias da curiosidade publica; não teremos o prazer de ficar completamente ás escuras uma hora antes do pôr do sol, o que seria interessante, mas d'esta vez *não é possivel*; a lua não esteve para mais. Todavia a diminuição da luz, será consideravel, pois no meio do eclipse o sol apresentará pouco mais ou menos, o aspecto que tem a lua quando se acha a meio caminho do plenilunio para o quarto crescente. Outrosim convem poupar um desengano desconsolador para a expectação d'aquelles que lendo n'algum kalendario, ou não sei onde mais, que o eclipse de sabbado seria *annullar* [*] vereficarem depois a falsidade d'aquella predicção. Este eclipse *não tem nada* de annullar.

Qualquer póde fazer a observação d'este phenomeno tendo a precaução de se munir de um vidro fortemente córado, ou mais simplesmente emnegrecido pelo fumo. Sem essa cautela não é dado aos olhos humanos observar as primeiras phases do eclipse; no fim d'elle porém, como o astro se acha proximo do occaso a sua luz perde muito de intensidade, e a observação póde fazer-se sem interposição de vidros córados.

O eclipse de sabbado é digno de excitar a curiosidade porque é um phenomeno raro. Como se sabe os eclipses da lua são muito mais frequentes, não so porque a sombra que projecta a terra tem muito maiores dimensões, que a da lua, e porque o astro eclipsado tem muito menor diametro; mas tambem, porque quando a lua se eclipsa a maior parte dos habitantes da terra podem observal-o, ao passo que nos eclipses do sol a pyramide conica da sombra, projectada pela lua attinge a terra menos frequentemente e so nos pontos em que a toca, se torna visivel o eclipse. Essa sombra na sua grandeza media occupa sôbre a terra uma extensão proximamente egual á sexagesima parte do diametro do nosso globo.

Os eclipses do sol e da lua, são os phenomenos de que a astronomia tem tirado os mais singulares resultados. Passada a epocha em que elles eram o terror das nações; quando deixou de haver um general como Nicias, que por causa d'elles perdesse a seu exercito e a vida; ou um soberano como Alexandre que se aterrasse ridiculamente pouco antes da batalha de Arbella, por causa d'um passageiro obscurecimento da lua; quando os eclipses de todo sahiram do dominio da superstição para inteiramente entrarem no dominio da sciencia; hoje, que todas as circumstancias d'esses phenomenos se calculam facilmente com uma exactidão pasmosa, e se predizem com segurança, e com antecipação de seculos; hoje, os eclipces do sol, e da lua, além de muitas outras vantagens que offerecem á astronomia e á navegação, são phenomenos a que a chronologia deve as mais admiraveis descubertas. Todas as vezes que um antigo escriptor, digno de conceito, menciona o facto, e as circumstancias de um eclipse, que teve logar no tempo, ou proximo ao tempo de algum notavel acontecimento historico, a epocha d'este fica desde logo fixada, porque a astronomia que é tão infallivelmente

(1) O eclipse do sol é total quando o disco da lua chega a occultar inteiramente o do sol; parcial no caso em que isto não acontece; annular quando o disco lunar se ve circumdado por uma zona luminosa do sol; central quando o centro do disco lunar passa pelo raio visual que vai ao centro do sol; chama-se appulso quando os discos se não compenetram, mas apenas se tocam.

prof tica, como *retrospectiva*, e determina com facilidade, e exactidão, quando deveu verificar-se aquelle phenomeno celeste.— É d'este modo que se fixou o fim da guerra dos lydios, e dos persas, a expedição de Xerxes contra a Grecia, que se conciliou Herodoto e Xenofonte ácerca da conquista da Media por Cyro, e muitos outros factos historicos, entre os quaes importa principalmente mencionar o erro de quatro annos que tem a nossa era vulgar, e que foi descuberto pelo calculo do eclipse da lua, que houve immediatamente antes da morte de Herodes.

* * *

Em additamento ao artigo que se acaba de ler, pareceu-me util accrescentar mais algumas circumstancias que completarão, talvez, a intelligencia d'este phenomeno. Não ha eclipse do sol senão quando a lua está em *conjuncção* com elle, ou quando é *nova*. Se bem que a lua é incomparavelmente mais pequena que o sol, comtudo como a distancia d'ella á terra é em proporção diminuitissima, o seu diametro apparente é para nós quasi igual ao do sol. Ora, a lua é um corpo opaco, como todos sabem, e como tal projecta uma sombra que está constantemente em opposição ao sol: nas conjuncções d'este astro dão-se circumstancias que fazem com que essa sombra toque a terra e a atravesse d'um a outro ponto; n'este caso todas as partes da terra comprehendidas entre estes dois pontos veem successivamente eclipsar-se o sol: do mesmo modo que as nuvens nos escondem muitas vezes o sol n'um logar estando nós a vel-o brilhar n'outro logar ao pé. Bem se intenderá pois que os eclipses do sol nem podem ser visiveis em todas as partes da terra, nem o podem ser ao mesmo tempo e do mesmo modo n'aquellas em que o são.

Antes da descoberta dos telescopios os eclipses do sol e da lua eram os unicos de que a sciencia podia tirar proveito. Hoje a theoria dos eclipses está muito augmentada: e são igualmente bem conhecidos os eclipses das estrellas e planetas, por outros planetas ou pela lua, assim como o são tambem as passagens dos planetas inferiores pelo disco do sol. De tudo isto tem a sciencia tirado muitos e importantes resultados uteis.

MELHORAMENTOS AGRARIOS.

539 Com este titulo publicou a Revista em seu n.º 39 um artigo sôbre irrigações, servindo-se para incentivo d'esta util providencia agricula, do exemplo d'uma proposta de Peel ao parlamento para que *o credito-público animasse os ensaios do systema do enxugamento das terras que se houvessem de fazer, para melhorar a agricultura: e que os commissarios de bonds do thesoiro fossem auctorisados a abonar para este objecto certa somma sem garantia*. Taes são as palavras textuaes do grande discurso do sabio ministro por occasião de apresentar na casa dos Communs o seu vasto plano economico-financeiro de 27 de janeiro último.

A Revista indicou de passagem qual era esse systema d'enxugamento das terras a que Peel se referia; como os canaes subterraneos podiam não so servir para esse enxugamento, la tam necessario, recebendo as aguas por filtração; mas tambem contribuirem para as irrigações, que é do que nós ca mais precisâmos, depositando essas aguas n'um amplo receptaculo d'onde podessem ser depois extrahidas, como na mesma Inglaterra ja um grande proprietario havia feito. E allegnei, finalmente, para demonstrar as muitas vantagens de tal systema, que é tambem uma como *preparação* das terras para as irrigações, o que mui bons agronomos teem dito: 'que sendo similhante plano derramado por toda a superficie d'Inglaterra, em poucos annos deixaria ella de carecer da importação de cereaes.'

Em todo aquelle artigo não ha, visivelmente, senão ideas d'incentivo e de applicação ao nosso paiz, aproveitando algumas boas disposições de tal prática a favor d'um systema d'irrigações de que particularmente necessitâmos na provincia do Alemtejo. No entanto o *Evening Mail* julgou que a Revista burlava os seus leitores; tremeu pela mystificação d'um *ignorant community* (público ignorante!), e envergonhou-se de que um jornal scientifico (a scientific journal) confundisse o projecto *lately propounded by Sir Robert Peel* (ultimamente proposto por Peel) com um plano d'irrigações para *toda* a superficie da Gran'Bretanha!

Eu creio que o escriptor ingles intende mal a lingua portugueza, e d'isso o não crimino eu; creio tambem que não tinha lido o n.º 35 da Revista, em que se dá um idea do complexo das propostas de Peel, de que menos ainda o crimino; mas uma vez que teve freima para escrever a tal respeito, devia d'antemão considerar se estava ou não bem habilitado para o fazer; porque quando se inflige uma censura é conveniente procurar ficar a coberto da nota de leviandade ou de ma fe, e a não ser a pouca intelligencia da lingua portugueza, a falta de conhecimento d'aquell'outro artigo anterior, e porventura mesmo a ignorancia *d'alguma* das propostas de Peel, eu não sei como o escriptor poderá escapar d'essa nota, insinuando da maneira como o faz, que a Revista dissera que as propostas d'aquelle ministro consistiam n'um systema d'irrigação geral do reino-unido!

O escriptor inglez escreve como a respeito de todos, e ainda mais de nós, costumam quasi sempre escrever inglezes. Com aquella urbanidade e delicadeza que distinguem o escriptor polido e sensato... Os nossos pares e deputados não estudam as questões senão nas Revistas extrangeiras, e o nosso público é ignorante. Mas o omnisciente articulista não está em estado de apreciar os absurdos que muitos dos escriptores inglezes tem dito a respeito das coisas portuguezas, e a immensa ignorancia em que d'ellas estão, escrevendo todavia de muitas em que erram até na orthographia dos seus nomes, como n'este mesmo artigo a que me refiro. É ignorante o público portuguez: mas os milhões d'homens que na Gran'Bretanha vegetam sob os tectos de suas immensas forjas e fabricas, ou la no interior da terra cercados d'um ambiente mephitico de carvão-de-pedra; sustentados a cerveja e batata, não são certamente outros tantos Aristoteles. Ora, se o escriptor se refere unicamente á classe-media, posso affirmar-lhe que, mesmo sem relação ás populações, ha em Portugal maior número de pessoas que conhecem a lingua ingleza e sabem das coisas da Gran'Bretanha, do que ha em todo o reino-unido que intendam a lingua portugueza ou se deem ao trabalho de olhar para a historia de Portugal...

VENTURINA ARTIFICIAL.

540 Ainda que a fabricação de cristaes de cores seja nova em França, sem embargo, tem chegado n'estes ultimos tempos a um tal grau de perfeição, que os cristaes que sahem de suas fabricas, podem comparar-se vantajosamente com os que são fabricados em Bohemia.

Existe sem embargo, um producto que se não tinha fabricado ainda em França: que é a *venturina artificial*, que até hoje, não se tem feito se não em Veneza, a cuja fabricação se tem tido por um segredo, e por isso muitissimo cara.

Hoje graças aos srs. *Fremy e Clemandot* ja em França se prepara a *venturina*. Estes illustres chimicos, pensaram no grande interesse que resultaria á industria do seu paiz, em saber o segredo d'esta fabricação, para o aperfeiçoamento dos objectos de cristalerie, e deram-se ao trabalho de fazer rigorosos ensaios, e seus esforços foram coroados por feliz resultado, pois conheceram que a venturina artificial de Veneza, nada mais é do que o producto da seguinte composição

Vidro moido	300	partes
Protoxido de cobre	40	»
Oxido de ferro	80	»

Funde-se ésta mistura por espaço de 12 horas, e deixa-se esfriar mui lentamente.

Obtem-se uma massa vidrosa, que contém abundantes cristaes de cobre metallico, em tudo igual aos modelles de Veneza.

Por não julgar-mos a REVISTA, jornal apropriado para theorias chimicas, não referimos aqui nenhuma das muitas observações theoricas que os auctores do novo preparado publicaram juncto com o seu methodo de fabricação da venturina, no *journal de pharmacie et de chimie* de Paris.

Mas tão somente apresentamos a sua composição, por intender-mos que dá sua publicação em um jornal tão popular como a REVISTA, resultará algum beneficio á nossa industria, e instrucção a nossos artistas, pois bem persuadido estou, que alguns nem saberão o que é venturina, nem por consequencia para o que serve. * * *

CONSELHOS D'AGRICULTURA, MANUFACTURAS E COMMERCIO.

541 Eminentemente nacional é o pensamento enunciado no artigo 496 da REVISTA de 2 d'abril, sôbre os conselhos d'agricultura manufacturas e commercio, para deixar de ser apoiado por todo o portuguez em quem palpite algum amor pelas coisas d'esta nossa terra: permitta-me portanto a redacção da REVISTA que sôbre aquelle pensamento diga alguma coisa; com espirito de nacionalidade; mas acompanhado do pezar de ver successivamente menosprezados e quantas vezes desprezados os objectos de maior importancia, attendendo-se a outros cuja inopportunidade ou inutilidade são patentes.

Sinto ter de confirmar a verdade do que a REVISTA refere, que entre os portuguezes o espirito de classe *muitas vezes* se ve transformado em guerra de classes — verificando assim o antigo rifão «official do teu officio teu inimigo» mas ainda assim, quando se tracta de considerar o que é util ou nocivo a uma classe inteira, tambem nós os portuguezes sabemos unir-nos para discutil-o, conhece-lo e diligencia-lo; como logo mostrarei. D'aqui se prova a maior utilidade de que, reunidas em associação no nosso paiz as diversas classes, possam ser ouvidas ou consultadas sôbre as suas conveniencias. Tal é sem duvida o pensamento da REVISTA na organização dos conselhos; que conhecedores especiaes de seus respectivos ramos, habilitariam o govêrno a obrar conforme o melhor de utilidade publica.

Compete aos govêrnos velar pelo maior bem do maior número, mas para isso é-lhes indispensavel conhecer qual elle seja; e nenhum govêrno é omnisciente para conhece-lo per si so: ja se vê a grande vantagem d'aquelles conselhos *consultivos*. Mas esses mesmos conselhos, ainda quando não consultados, usando do direito de petição que pela Carta-Constitucional podem exercitar, poderão tambem requerer aos poderes politicos do Estado a favor de seus interesses, sempre que preciso lhes seja; e eis-aqui outro modo pelo qual tambem são uteis ao paiz. E ainda além d'estas missões *consultiva* e *peticionaria* tambem a podem ter *deliberativa* para objectos d'interesse commum, que não dependam de auctorisação ou medida governativa. E que infinidade de melhoramentos não podem conseguir as classes agricula commercial e industrial, reformando, per si mesmas, usos e praticas, melhorando processos, formando estabelecimentos d'ensaio, levantando empresas e companhias etc.? Emfim immenso é o desinvolvimento que pode ter a lembrança dos conselhos ou associações de classe; mas é preciso que sejam promovidas e auxiliadas *competentemente*.

Direi agora alguma cousa do que sei a este respeito. O pensamento dos conselhos ou associações de classe é conhecido e até existe em pratica, sob diversa fórma, especialmente entre a classe commercial. Reuniu-se ella no Porto em associação em 1835, e desde logo começou a merecer a devida consideração, que até alli não recebiam dispersos, isolados, os individuos a ella pertencentes: o seu exemplo foi seguido nas praças de Lisboa, Figueira e Setubal. Não é para aqui a historia da organização, desenvolvimento e decadencia d'estes estabelecimentos, mas elles ahi existem ainda. N'esta cidade deu a associação começo e impulso a varias empresas commerciaes como, uma Typographia commercial, uma companhia de seguros, a empresa dos vapores etc. Estabeleceu gabinete de leitura, solicitou e obteve local para casa de bolsa que *á custa do mesmo commercio* se está construindo etc. etc. Na parte *deliberativa* a classe commercial assim reunida tem dado provas de actividade e pericia; em fim a associação commercial do Porto não tem despresado a sua missão antes, ao contrario, as suas successivas direcções (honra lhes seja) teem promovido com zêlo e efficacia os interesses da classe que representa; o que bem se conhece dos seus relatorios annuaes.

Apezar de seus esforços não tem ella sido tão feliz na parte *peticionaria e consultiva*; pois é força confessar, que as mais das vezes as suas opiniões e pedidos tem sido menos attendidos. É neste ponto que eu *faço côro* com a illustrada redacção da REVISTA. — Tem-se falsamente propalado no paiz a idéa de que, a felicidade nacional consiste, no maior augmento dos reditos do thesouro, e para conseguir este resultado momentaneo e *ephemero* não se duvida destruir o germen de importantes riquezas nacionaes: sacrificam tudo, ao que impropriamente chamam *systema financeiro*; e

não attendem que a prosperidade do thesouro é *effeito* e não *causa*, e que *só póde ser resultado da prosperidade nacional e não esta d'aquella*: emfim aquillo que é rudimento de todo o economista, de todo o homem d'Estado, que é hoje axioma governativo, despreza-se e ridiculiza-se em Portugal, desdenha-se como theoria abstracta, quando o contrario se conhece pela pratica em nações as mais cultas da Europa. É curioso ouvir encarecer e louvar os principios de Sir Roberto Peel: mas perguntai no momento, a esses que assim fallam, pela applicação d'aquelles luminosos principios a este paiz, e ouvireis em resposta. «São bellas theorias, mas não podem ser-nos applicadas, e que seria das finanças? aonde os reditos publicos?»

Desçâmos da these á hypothese: representa a associação commercial do Porto sobre qualquer imposto ou gravame que entorpece este ou aquelle ramo de commercio, e é desattendida: consulta ésta ou aquella medida, pede ésta ou aquella reducção, e pelo mesmo motivo igual resultado. Eis a historia recente dos vinhos brancos do Douro, requerida em representação da associação, discutida e votada quasi unanimemente, em numerosissima assembléa geral de seus associados. E isto se tem repetido sobre muitos outros objectos.

Á vista d'isto, escusado será, porventura, o nosso empenho em quanto dominarem tão erradas idéas, inuteis os conselhos d'agricultura, manufacturas e commercio; e ai da patria, e de nós que assim nos tornâmos estacionarios na nossa organização, ou antes desorganização economica, em quanto as outras nações se vão adiantando de nós a passos gigantes.

Continue comtudo a REVISTA (e não duvidarei auxilial-a n'esta tarefa com minhas debeis forças) a dispor a opinião publica n'este ponto, e o que n'este sentido formos alcançando será sem duvida grande serviço nacional.

Se um dia (e oxalá breve seja) apparecer o *desejo* de dar vida ás classes promotoras da prosperidade publica, a agricultura, industria e commercio, se um dia forem attendidas e auxiliadas directamente, animadas com aquella protecção que não é exclusiva a ésta ou aquella em particular, mas que tende ao fim do *desenvolvimento geral das fontes da riqueza publica*, então é que os conselhos poderão ser vantajosos, para que possam ser pesados convenientemente os diversos interesses pelos poderes governativos do Estado. Em quanto porém aquelle desenvolvimento estiver subordinado ás *necessidades de momento do thesouro nacional* é inutil todo o esforço, é escusado.

Não cesse comtudo, repito, a patriotica redacção da REVISTA, de suscitar ésta questão, que um dia veremos vingar nossas ideas, porque no seculo actual o progresso material não admitte interrupção no movimento que leva, e muito menos retrogradação.

Se parecer a essa illustrada redacção publicar estas minhas ideas, continuarei a tractar d'este objecto, da fórma que o permittem os apoucados conhecimentos de

Um commerciante.

Porto 14 d'abril de 1846.

ESTATISTICA NECROLOGICA.

(CONCELHO DE COLLARES.)

Districto de Lisboa.

Segundo semestre de 1845.

542 O número d'obitos n'este semestre é de 38, em que se acham as seguintes molestias: — angina gutural 1: — anneurisma da aorta descendente 1: — aphthas proprias das crianças 1: — apoplexias 1: — asphyxia por submersão 1: — bronchites agudas 2: — ditas chronicas 2: — catarrho chronico da bexiga 1: congestões cerebraes 2: — dysenterias agudas 4: — ditas chronicas 4: — diarrheas agudas 2: — ditas chronicas 3: — enterites 1: — febre inflamatoria contínua 1: — ditas intermitentes perniciosas 2: — ditas mucosas 1: — ditas mucosas contínuas 1: — gastrite 1: — hypertrophia do coração 1: — meningite 1: — rachitis 1: — tetano (sôbre o parto) 1: — tosse convulsa 1. — Além d'estes ha 4, cujas mortes tiveram logar immediatamente depois do parto se haver effectuado, mas que não tinham uma organização completa.

Do sexo masculino 20 — do femenino 18.

Solteiros 28 — casados 6 — viuvos 4.

Trabalhadores 1 — proprietarios 8 — officiaes mechanicos 2 — ecclesiasticos 1 — mendicantes 2.

De 1 a 14 annos — 23 — de 14 a 25 — 3 — de 25 a 50 — 0 — de 50 a 70 — 3 — de 70 a 90 — 5 — de 90 em diante — 2.

Julho deu 4 obitos — agosto 14 — settembro 4 — outubro 5 — novembro 5 — dezembro 6.

O número dos fogos d'este concelho composto d'uma só freguezia rural é de 850 a 900 — e o número d'almas de 5,000 aproximadamente.

HORTO BOTANICO DA ESCHOLA MEDICO-CIRURGICA. (*)

543 O sol passeia magestoso pelo vasto espaço que fórma a abobada do nosso jardim, como ricco monarcha que ao percorrer seus estados dispensa favores ao pobre habitante da choupana e ao opulento morador do palacio.

Ao apparecer sôbre o nosso horisonte dissipam-se as trevas da noite, entoam as aves o hymno do Senhor, canta alegre o pastor os seus amores, escuma candido, como a neve, o leite na taça do camponez; por toda a parte se ouve um alegre ruido de prazer: é a natureza que ao terminar seu lethargico descanço envia ao Creador uma palavra de saudação que diz Jehova. As plantas mesmas, esses entes tam nossos amigos, tam conformados comnosco nas funcções vitaes, e na disposição dos seus orgãos, sacodem esse mimoso ornato com que a natureza as brindou durante a noite, e do interior de suas corolas derramam na atmosphera o suave aroma que tam folgadamente experimentâmos.

Humilhadas, umas formam mimoso tapete que o homem, como senhor despotico da natureza, deve pizar, outras se elevam para o ceu como para coroar nossas cabeças e defender-nos dos intensos raios do sol. Eis-aqui um exemplo bem notavel no *Ricinus communis*, que ostenta uma corpulencia como poderia attingir na India ou na Africa; seus ramos se estendem

(*) Continuado de pag. 496.

debaixo de um ceu tam benigno como o nosso, e parecem querer rivalizar no desinvolvimento com as vistosas folhas do *Melianthus major*, que além se eleva sôbre os individuos que constituem a familia das *Aurantiaceas*, que lhe fica ao lado direito.

A estes vegetaes coube-lhes occupar um logar mais elevado do que a muitos outros que jamais poderam competir com elles em grandeza, são plantas que devem exercer uma acção importante na atmosphera, como a *Nymphaea alba*, que representa as *Nymphaeaceas*, sôbre as aguas onde vegeta, como vedes n'este lago.

Vós sabeis perfeitamente que a quinze leguas da superficie da terra deixa de existir essa camada gazoza formada pelo azote e oxigenio, e destinada a prestar-nos todo o gaz que os nossos pulmões exigem, para se effectuar a importante funcção da respiração. A dos animaes sería bastante para extinguir o oxigenio do ar em um dado tempo, e a atmosphera privada de tam importante recurso sería impropria para alimentar a vida, uma asphixia geral ameaçaria o mundo.

Mas não temais; á respiração animal accresce ainda a das plantas; é ésta mesma que estabelece o admiravel equilibrio na producção e consummo dos gazes, que devem manter os vegetaes e os animaes. Portugal não comprehendeu ainda bem as vantagens das arborisações; o nosso reino deve experimentar grandes bens quando por toda a parte se encontrarem arvores, que purifiquem o ar, e o tornem mais puro e innocente. Quanto sería agradavel ver as nossas praças, algumas das nossas ruas, adornadas com ésta *Accacia lophanta*! As suas folhas indicam-nos a familia a que pertence, colhei uma se quereis ver um phenomeno, que faz discordar bastante os Botanicos. Seus foliolos contrahem-se uns sôbre os outros, parece que uma determinação espontanea effectua esse movimento da folha quando separada do tronco principal.

Entremos na estufa, que quero apresentar-vos um vegetal ao qual alguns sabios tem querido attribuir sensibilidade. Aproximai um dedo ás folhas d'esta *Mimosa pudica*; eis que seus foliolos se contrahem, murcham, e se abrigam uns com outros como irritados pelo contacto de um agente extranho. Se a atmosphera se subcarrega de humidade, se a tempestade está imminente a *Mimosa pudica* fica opprimida e molesta, da mesma maneira que está quando lhe fazemos chegar o vapor de certos corpos. E quanto se parece ésta propriedade com a faculdade de sentir, que caracteriza o homem e outros animaes? Eu conceder-lhe-ia sem custo, alistar-me-ia no número d'aquelles que julgarem ésta planta capaz de receber impressões, e de as transmittir; com prazer accrescentaria ésta prerogativa a tantas outras que os vegetaes possuem, se a phisiologia e a anatomia o permittissem. Estes phenomenos porém tam surprehendentes não podem explicar-se pela sensibilidade, porque as plantas não tem systema nervoso; digamos porém que é a irritabilidade quem produz taes effeitos.

Ésta familia, a cuja frente podêmos collocar o individuo tam interessante, é muito grande, e presta á Medicina bastantes recursos.

O agricultor encontra nas *Leguminosas*, plantas a quem uma e muitas vezes recorre para alimentar seus rebanhos numerosos em comparação com o terreno que possue: se lançardes d'ahi um golpe de vista descobrireis entre o *Aloes socotorina* e suas dezeseis especies, e a *Funkia ovata* (Spreng.) ou *Angelica do Japão* um vistoso espaço cuberto pela *Medicago sativa* ou *Luzerna*, que cresce junto da *Mendicago lupulina*, e *arborea*.

A luzerna que vegeta sem custo em diversos terrenos, que cresce rapidamente depois de muitas vezes cortada, e dá aos animaes uma agradavel alimentação, é sem dúvida muito propria para os prados artificiaes, é um recurso para o agricultor. Franklin não póde esquecer quando se falla d'este vegetal. custou-lhe immenso a persuadir aos homens do campo as vantagens dos excitantes para as terras; a luzerna e a cal ministraram-lhe meio de vencer a perrice dos rutineiros. Escreveu sôbre a *Luzerna*, que formava um prado ás portas da cidade, *cela a été gessé*, e qual foi a pena com que gravou taes lettras, direis vós, foi a cal, que irritando as partes que tocou, lhes deu um tam grande desinvolvimento. O povo leu, a linguagem da planta póde mais que os discursos do sabio, e em pouco tempo todos faziam prados artificiaes. Feliz Franklin, feliz nação que tem quem se empenhe na sua prosperidade.

Ainda sem sahir d'esta familia das *Leguminosas* podereis encontrar plantas a quem os Botannicos chamam trepadeiras, e que embellezam os jardins revestindo as paredes, como fazem éstas duas plantas tam lindas e mimosas, a *Sida picta*, cujas folhas verde mar fazem um lindo contraste com as flores tam delicadamente coradas de oiro e roixo, e a *Bugenvilia spectabilis*, cujas bracteas côr de rosa representam ser as verdadeiras flores que existem no seu interior, e tam pequenas que se confundem com os orgãos sexuaes.

Estais maravilhados de encontrar em tam pequeno espaço tanta variedade de individuos, ainda não attendestes para éstas plantas monocotyledonias que vos ficam ao lado direito, são *Bananeiras*, *Musas paradesiacas* da familia das *Musaceas*, e o *Ananaz*, *Bromelia ananaz*, da familia das *Bromeliaceas*, da qual possuimos ainda outras especies. Éstas plantas são naturaes d'outros climas, são perfeitamente intertropicaes, porém crescem no nosso a favor de um pequeno cuidado, tam felizmente como a *Thea officinalis* ou planta do cha, cuja habitação propria é entre 16.° e 32.° de latitude. Ainda podeis ver uma planta rara no nosso paiz, é o *Dolichos pruriens* cujo fructo se acha revestido de pellos, e que por isso se tem querido applicar para expellir mechanicamente os vermes intestinaes.

Deixemos porém este abrigo, e percorramos rapidamente esse espaço que nos falta. É impossivel contemplar tudo o que ha de bom no nosso jardim, investigar todas as perfeições que adornam estes seres inanimados. Eis que se nos apresenta a familia das *Scrophularinias*, cuja organização se representa bem no *Anthirrinium majus*; a fórma irregular das suas flores, esses labios que se separam em sentido inverso, os pellos que lhe circulam a garganta, a sua mesma côr, tem feito que o povo lhes chame 'boquinhas de cão,' e os Botanicos as denominem 'personadas, ou mascarinhas.' A ésta familia pertence a *Digitalis*, a *Veronica*, e outras muitas especies que ahi vedes.

Aqui mesmo uma disparidade notavel se nos apresenta; tendes a um lado a familia das *Crassulaceas*; todas as especies d'este grupo possuem folhas succulentas e desinvolvidas, parece que a terra lhes submi-

44 * *

nistra sempre um banquete lauto, e mais abundante que ás outras plantas; é por isso que tem recebido o nome de gordas ou cellulares. As coniferas ao contrario, longe de possuirem folhas, como as outras plantas, tem apenas pequenos foliolos como bem podereis ver n'essas differentes especies de *pinus* e *juniperus*. Estas tres especies são o *Zimbro*, *Zimbro* phenicio e a Sabina verdadeira, que cuidadosamente cultivámos. A ésta familia segue-se a das *Asparaginias*, e ha á sua frente um individuo bem estimavel: tereis ja visto o succo que se extrahe d'esta planta, vermelho e brilhante como o sangue, e talvez vos não lembreis que é este o vegetal que nos fornece o sangue-de-drago; é a *Dracaena*, *draco* ou Dragoeira. D'este colhemos seiva que allivia as nossas infermidades; aquell'outro porém, que além vedes, e cuja corpulencia é de gigante, como a maior parte das plantas de um so cotyledon, fornece nos os saborosos fructos, que do cume de seu ramo se inclinam para a terra em vistoso caixo, é a *Phaenix* dactylifera, cujos ramos nos suscitam ideas de religião, como o *Laurus nobilis*, ou Loureiro, que ahi tendes, nos recorda as glorias do vencedor cuja cabeça adorna nobremente. Porém so o Loureiro por ser dedicado a Apollo merecerá a nossa attenção? na familia das *Apocineas* encontrareis plantas cuja apparencia humilde pouco indica o prestimo que tem: colhei-me primeiro o vegetal que está aos vossos pes, na raiz, debaixo da terra, fóra das nossas vistas, se elabora um succo dôce como o da canna, é uma planta da Europa que rivalisa com a da America, a bettarraba que tam util tem sido á França, e promette ser para nós. Seu succo dá um assucar perfeitissimo, em quanto as folhas se aproveitam para alimentar o gado.

João José de Sousa Telles.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO XXXIV.

Carlos, Georgina e Fr. Diniz. — A peripecia do drama. —

544 Carlos estava meio sentado meio deitado n'uma longa cadeira de recôsto; Georgina em pé, com os braços cruzados e na attitude de reflexiva tranquillidade. Um sol brilhante e ardente, um sol de maio, feria os estreitos vidros da pequena janella que so dava luz áquelle quarto: a excessiva claridade era velada por uma longa e ampla cortina.

Carlos lançou derepente a mão a essa cortina e a affastou para avivar a luz do aposento. Um raio agudissimo do sol foi bater direito no macerado rosto do frade e reflectiu de seus olhos incovados, um como relampago de ira celeste que fez estremecer os dous amantes.

Não foi porém senão relampago; sumiu-se, apagou-se logo. Aquelles olhos ficaram mortaes, mudos, fixos, invidraçados como os de um homem que acabou de espirar e a quem não cerraram ainda as palpebras.

E assim mesmo aquelles olhos tinham o podêr magnetico de fixar os outros, de os não deixar nem pestanejar.

Curvo, incostado a um bordão grosseiro, o seu chapeo alvadio debaixo do braço, o frade deu alguns passos tremulos para onde estavam os dous, arrastando a custo as sôltas alpercatas que davam um som baço e batido, e faziam — não sei por quê nem como — estremecer a quem as sentia.

Parou a pouca distancia, e tirando a voz fraca e tenue, mas vibrante e solemne, do intimo do peito, disse para Carlos:

— 'Tu mal diceste-me, filho, e eu venho perdoar-te. Tu detestas-me Carlos, de todos os podêres da tua alma, com toda a energia de teu coração; e eu venho-te dizer que te amo, que tomára dar a minha vida por ti, que do fundo da intranhas se ergue este immenso amor que não tem outro egual, a pedir-te misericordia, a clamar-te em nome de Deus e da natureza, a pedir-te por quanto ha sancto no ceo e de respeito na terra, que levantes essa maldicção, filho, de cima da cabeça de um moribundo.'

Eram dittas em tal som estas vozes, vinham pronunciadas lá de dentro d'alma com tal vehemencia que não lh'as articulavam os labios, rompiam-n'os ellas e sahiam.

O soldado parecia desaccordado, confuso e sem intelligencia do que ouvia. Georgina impassivel até alli, rigida e inabalavel com o seu amante, sentia commover-se agora d'aquella angústia do velho. É que partia pedras a dor que vinha n'aquellas fallas sepulchraes, que trassudava d'aquelle rosto cadaverico.

Ao mesmo tempo, um som confuso, um tumulto vago e abafado de mil sons que pareciam arredar-se, incontrando-se, tornando, indo e vindo, e dispersando-se para se tornar a unir, e tornando a dispersar-se emfim, reboava ao longe pela villa, estendia-se nas praças, concentrava-se nas ruas, e mandava áquella solitaria e remota cela do convento uns echos surdos, como os do mar ao longe quando se retira da praia ao murmurar melancholico que precede as tempestades.

— 'Ouves esse borborinho confuso, Carlos? É a tua causa que triumpha, é a d'estes loucos que succumbe, e a de Deus que a si mesmo se desamparou. A hora está chegada, escreveram-se as lettras de Balthasar; a confusão e a morte reinam sos e senhoras na face da terra. Eu quero

ir morrer onde haja Deus... Perdoae-me, Senhor, a blasphemia!.. Onde o seu nome não seja profanado e malditto.

Ao canto de uma pedra, debaixo de uma árvore hade ser, n'algum logar escuso d'essas charnecas, onde me não rasguem somenos ésta mortalha, e m'a não insultem nos ultimos instantes porque eu sou frade, frade, frade... o malditto frade! Mas frade quero morrer, e heide morrer. Oh! assim tivera eu vivido!'

—'Mas que foi, que succedeu? Diga...'

—'O resto do exército realista evacua n'este momento Santarem; vão em fuga para o Alemtejo. Os constitucionaes venceram na Asseiceira, e tudo está ditto para nós. Para mim, Carlos, falta uma palavra so: quererás tu dizê-la?'

—'Eu?'

—'Sim tu, Carlos. Revoca as palavras terriveis que proferiste, e em nome de Deus, filho, perdoa a teu..'

A Carlos revolvia-se-lhe no peito uma grande lucta. O horror, a compaixão, o odio a piedade iam e vinham-lhe alternadamente do coração ás faces, e tornavam do rosto para o peito. Uma exclamação involuntaria lhe rebentou dos labios em meio d'este combate.

—'Padre, padre! e quem assacinou meu pae, quem cegou minha avó. e quem cubriu de infamia a minha... a toda a minha familia?'

—'Tens razão, Carlos, fui eu; eu fiz tudo isso: mata-me. Mas oh! mata-me, mata-me por tuas mãos. e não me maldigas. Mata-me, matame. É decreto da divina justiça que seja assim. Oh! assim meu Deus! ás mãos d'elle, Senhor! seja, e a vossa vontade se faça...'

O frade cahiu de bruços no chão, e com as mãos postas e extendidas para o mancebo clamava:

—'Mata-me, mata-me! aqui ha pouca vida ja. Basta que me ponhas o pé sobre o pescoço, esmaga assim o reptil venenoso que mordeu na tua familia e que fez a sua desgraça e a de quantos o amaram. Sim, Carlos, sê tu o executor das iras divinas. Mata-me. Tantos annos de penitencia e de remorsos nada fizeram; mata-me, livrame de mim e da íra de Deus que me persegue.'

(Continúa.) *A. G.*

BIBLIOGRAPHIA.

Obras completas de J. B. de Almeida Garrett — Tomo VI — FLORES SEM FRUCTO. — Lisboa na imprensa Nacional — I Vol. (*)

545 Ja se publicou o settimo tomo d'esta interessante collecção, e a REVISTA tinha apenas annunciado, em tempo, a publicação d'este sexto tomo de que hoje vou tractar. É uma obrigação d'este jornal passar em *revista* e analysar todos os documentos importantes da historia litteraria contemporanea, examinal-a com o possivel escrupulo e attenção em desempenho do seu titulo.

Isto tenho feito, ou por mim proprio, ou pedindo a juizes competentes o seu juizo critico sôbre algumas das publicações a que por circumstancias eu não tenho podido satisfazer; e isto continuarei cada vez com maior regularidade e empenho.

Ora, aquillo a que se chamam as *poesias menores* d'um auctor; mas que a verdadeira critica deve considerar como a parte mais intima e sentida da sua vida poetica, o que em rigor senão póde denominar *obras* nem *trabalhos* — porque são as exhalações, são as aspirações do coração e do espirito do poeta; faltava-nos até aqui n'esta bella collecção.

Segundo dizem os editores no prologo d'este volume, ja ha mais de dez annos, em 1832, ésta falta era sentida pelo habil escriptor ingles que na Revista Extrangeira de Londres (*The Foreign Quarterly Review vol X. August and October*, 1832) analysou a 'Adozinda' e algumas outras obras do mesmo auctor.

Ha poucos tempo me veio á mão outra obra ingleza — *The Ocean Flower* (uma descripção da Madeira de que ainda me heide occupar) na qual o Sr. Garrett é censurado de escrever sempre em versos soltos: o que próva que muitas das suas composições lyricas e romanticas não eram ainda bem conhecidas geralmente, pois que a maior parte d'ellas é em verso rimado.

He certo que a *Lyrica de João Minimo*, a primeira collecção das suas poesias *fugitivas*, tinha sahido em Londres em 1829; mas ésta e todas as outras suas obras poeticas, até ha obra de seis annos a ésta parte, appareceram sempre anonymas, e por consequencia nem sempre se sabia logo de quem eram.

Dizem tambem os editores no prologo das *Flores sem fructo*, que este elegante livro é o complemento da '*Lyrica de João Minimo*.' Não posso ser d'esta opinião: e parece-me, ao contrário, que este novo livro pertence a outro genero, a outro estylo, ou, em phrase de pintor, a outra *maneira* bem differente. Ha coisas, especialmente na primeira parte das *Flores sem fructo*, que lembram os *modos* todos horacianos do auctor da *Lyrica*; mas são poucas. O principal, o melhor, é muito diverso e pertence a outra eschola.

A introducção em prosa, que precede os versos, é escripta no melhor estylo do auctor, n'uma linguagem tam pura quanto animada e cheia de atticismos. Pesa-me que as dimensões d'um artigo não permittam inseril-a aqui por extenso, porque realmente o mere-

(*) Acha-se em casa da Viuva Bertrand, aos Martires, em Lisboa, no Porto e em Coimbra: onde tambem se assigna para a collecção completa e se acham os volumes ja publicados.

cia; mas transcreverei um paragrapho em que o auctor descreve a poesia lyrica d'um modo admiravel.

» Isto porém que nasce espontaneo d'alma, que vem, como ejaculação involuntaria, de dentro, quando trasborda o coração de júbilo ou de pena ou de admiração; isto que é o fallar do homem para Deus n'aquellas phrases incoherentes, inalysaveis pelas grammaticas humanas, porque são reminiscencias da lingua dos anjos que elle soube antes de nascer, isto que se intoa e se canta no coração, antes e muito mais bello do que o repitta a lingua, d'esses versos não tornarei eu a fazer, porque não posso, porque era mister que Deus fizesse o milagre de me remoçar a alma: e não o fará. « [pag. 7.]

Dá depois a razão do titulo que escolheu, e de passagem inflige uma forte, mas bem merecida censura ao notorio viajante, o principe Lichnowksy, cuja obra sôbre Portugal tanto se quiz apregoar.

A colleção dos versos é dividida em dois livros. O primeiro tem vinte e uma odes ou composições lyricas de varias especies, o segundo tem vinte seis.

A primeira, *hymno á poesia*,

oh meu amparo, oh doce gloria minha,

é logo uma notavel composição. Começa no *modo* horaciano puro, mas insensivelmente se vai animando, e para assim dizer extraviando nos mais sentidos e maviosos suspiros do alude romantico, e faz lembrar a musa de Bernardim Ribeiro, o suspirar das suas saudades.

No fragmento, *O amor* ha grandes bellezas de expressão e de imagens, que se notam especialmente na ultima a descripção de *Venus nascendo do mar*.

Passarei agora ao que propriamente se deve chamar *Estudos sôbre os lyricos antigos*; traducções de Sapho, Anacreonte, Alceu e Horacio. Ve-se claramente que o auctor não quiz se não dar-nos apenas umas amostras do seu trabalho: o que apparece porém revella profundo estudo e longa conversação com os originaes gregos e latinos.

Nenhum d'estes estudos porém cheira a traducção e mais parecem compostos na lingua em que os vemos.

Na imitação de Ossian, apparece de novo todo o primeiro estylo do auctor, como o vimos no *Retratto de Venus* e em algumas das odes da *Lyrica de João Minimo*, isto é, mais brilho nas palavras, e menos profundo o pensamento.

Talvez que pelo rigor chronologico se ache n'esta collecção e sahida d'aquell'outra a bella ode *A caverna de Viriato*. Ella pertence ja comeffeito á modificação que o Sr. Garrett fez na sua *maneira* com a influencia da eschola ingleza, e é facil de ver que o poeta ja era então mais inspirado por Byron, Walter-Scott e ainda Shiller do que por Filinto, Garção ou Horacio.

Foi traduzida e publicada em francez *A caverna de Viriato* por Madame Flaugergues como a mais bella das producções lyricas do auctor, então sabidas do público. Certamente o era n'aquella epocha, hoje conhecemos melhor. Estima-se encontrar em face do texto portuguez aquella versão que é bellissima e fiel, quanto uma traducção em prosa póde sel-o.

Concluê o livro 1.° com uma composição em prosa cadenceada, á qual se algum nome se póde dar um pouco razoavel é porventura o de Psalmo. A medição dos periodos, o tom biblico, o estylo canto e severo, tudo é perfeitamente vasado n'aquelle modêlo dos graves canticos antigos, á poesia da Biblia.

Abre o 2.° livro com uma canção, á *Victoria da Praia*, ja duas vezes segundo oiço, impressa em Londres em 1829, e dizem que tida por algumas pessoas como a melhor composição poetica do Sr. Garrett. A mim não me pareceu tal; mas convenho que é das mais esmerados que lhe sahiram da penna.

Depois vem outro genero muito differente. Não é facil que se componha mais bello thema para canto do que esta singella cançoneta.

Não creio n'esse rigor

O Sr. Garrett rehabilitou os nossos versos octosyllabos tam desprezados ultimamente. Desde a 'Adozinda' elles reassumiram o seu antigo e distincto logar na poesia portugueza. Parece-me porém, que a peça intitulada *Nunca mais* é o verdadeiro triumpho e o mais perfeito modêlo d'aquella tam natural e tam nacional metrificação.

O *Imprasado* é um romance, e bem diz o auctor nas notas que talvez não fosse aqui o seu mais proprio logar. O estylo d'este romance, a variedade da metrificação que percorre todas as medidas possiveis na nossa lingua, faz com que se lhe ache grande similhança com algumas composições de Shiller.

Que direi da linda cançoneta a *Estrella*? Que luz modesta e serena como o seu nome; cadente como uma canção de Metastazio.

O *Alcion no Cabo* é traducção de Madame Flaugergues, traducção que felizmente traz ao lado o texto para admirarmos a superioridade da lingua e do poeta que para ella a verteu.

O *Pharol e o baixel*, *a Grinalda*, o *Ja não sou poeta*, *nova Heloisa*, *olhos negros*, *Kirieleizão* são tôdas mimosas pinturas d'uma fresquidão, de um viço de poesia e mais que tudo de um natural que é raro nos nossos poetas. Mas este tom de naturalidade, de singelleza, é o character dominante do estylo do Sr. Garrett e n'elle está o segredo da grande popularidade.

As minhas asas, e o *Kirieleison* são verdadeiras cantigas de trovador antigo quanto á fórma.

Quem desejar porém, ver unidos em portuguez a forte expressão de Victor Hugo com a elevação de Lamartine leia a meditação, ode, harmonia, canção, ou como quer que lhe queiram chamar, que se intitula *Ella*.

O *natal de Christo* é uma ricca ode que faz lembrar as mais bellas coisas de Lamenais.

Muito á pressa fui passando as perolas d'este curto mas riquissimo fio e apenas me demorei momentos com as mais alvas e brilhantes. Pouco basta para se ver que não é este o menos importante volume da collecção das obras do Sr. Garrett. Assim sejam os Editores menos lentos n'esta publicação; porque desde 1839, em que sahiu o 1.° volume, até hoje, são passados seis annos com so sette tumos, o que vem quasi a ser um voluminho pequeno por anno; quando alias se sabe que éstas obras teem uma extracção admiravel, pois tomos ha d'ellas que ja vão em 4.ª edição.

Novissima Reforma Judicial — 2.ª edição — 1846.

546 Acha-se á venda na imprensa nacional e nas lojas de seus commissarios em Lisboa, a *Segunda Edição da Reforma Judicial Novissima*, accuradamente correcta, seguida á Tabella dos Salarios Judiciaes, que se mandou observar por

decreto de 12 de março de 1845, e acompanhada de notas a quasi todos os artigos da mesma reforma, indicando: — as relações que ha entre uns e outros; — a legislação de que elles foram deduzidos; — e as modificações, regulações e explicações, de que alguns teem sido objecto em diversas leis, decretos, instrucções e portarias do govêrno, desde a lei de 29 de novembro de 1840 até 31 de desembro de 1845; portarias, de que muitas não se encontram impressas nas collecções dos documentos officiaes.

Esta Segunda Edição é igualmente seguida de um appendice, que contém: — uma taboa chronologica de todos os documentos officiaes citados em as notas; — a integra de alguma disposições legislativas, que alteraram essencialmente as da reforma; — um mappa dos circulos dos jurados, e epochas das audiencias geraes nas diversas comarcas do reino e ilhas adjacentes; — a divisão judicial do territorio por ordem alphabetica, — e a divisão judicial de Lisboa e Porto, tambem por ordem alphabetica.

Com taes melhoramentos e addições, a nova edição avantaja-se tanto á primeira, que se torna indispensavel a todas as pessoas que carecem de manusear este livro.

Do dia 10 do proximo mez d'abril em diante achar-se-ha á venda a mesma *Reforma Judicial Novissima* em casa dos commissarios da imprensa nacional no Porto, Braga, Coimbra, Evora e Faro; — e por todo o dito mez d'abril nas ilhas da Madeira e Açores — cidades do Funchal, Ponta-Delgada e Angra.

POESIA.

A DESPEDIDA.

Je pars, mais laissez-moi les saluer encor.
Ces grands pics où la lune amasse les tempêtes,
Et leur dire que si l'orage est sur leurs têtes,
L'homme retrouve au bas ses dieux de l'age d'or!

A. de Latour.

547 Adeus, ribas florentes do Cea
Terra, adeus, que me visto nascer;
Eu vos deixo, e bem agras saudades
Sempre n'alma por vós heide ter.

Serra altiva, gigante dos montes;
Por facções de Viriato illustrada,
Onde a aguia alterosa remonte
Para as nuvens, sua doce morada;

Mãe fecunda de tumidos rios,
Que vão campos famosos banhar,
Té que lá n'um abraço espumante,
Com as vagas se vão desposar:

Alta cup'la de branco diadema,
Todo cheio d'uma aspera belleza;
Mansos lagos sem vagas, tormentas,
Penedias que enlucta a tristeza:

Serra herminia tão cheia de glória,
De mentira e louçans tradições,
De teu conde e gigantes guerreiros,
E da *moira* e travessos anões:

Serra altiva, de veigas, castellos
De cabanas, cidades, orlada:
Eu te deixo c'os olhos em lagrimas,
De ti levo memoria presada.

Adeus, ribas florentes do Cea,
Terra adeus que me viste nascer
Eu vos deixo e bem agras saudades
Sempre n'alma por vós heide ter.

Cea sereno, e azul, quieto,
Da borrasca jamais enluctado,
Puro ceu; qual da candida virgem
O semblante singelo, extremado:

Mansa lua do ceu que assim corres
Tal choveiro nos vertes de luz
Que no peito mais duro, ou de bronze,
A saudade e o amor introduz

Vós, insontes, gentis avezinhas,
Da floresta suaves cantores,
Que ao eterno enviais vossos hymnos;
Entre aromas de nitidas flores

Almo sol, que detraz da montanha
Dos pesuros, vi sempre apontar,
Que esta terra tão placido afagas,
Té que vas na colina acabar:

Vós, estrellas d'um Deus pregoeiras,
Que brilhais n'este ceu docemente;
Eu vos deixo, mas lêvo comigo
Vossa imagem saudosa presente!

Adeus, ribas florentes do Cea,
Terra, adeus, que me viste nascer;
Eu vos deixo, e bem agras saudades
Sempre n'alma por vós hei-de ter

Patria aldea, humilde mas placida
N'este vall'tão risonho lavrada,
E á qual virgem martyr deu nome
Que ao ceu demandar foi morada;

D'avós meus fidelissima casa,
Que seu manso viver asylaste,
E cortada a urdidura da vida
Ea na loisa gelada os guardaste:

Onde honrados a vida quieta,
Qual o arroio tranquillo, escoaram,
Que no meio d'abraços amigos,
E memorias fagueiras passaram:

Onde ao orfam, ao pobre mendigo,
Compassiva sua mão estenderam,
E á infl'iz, foragida virtude
Com bondade mui rara acolheram.

Casa antiga de bençãos cercada,
Onde a infancia ditosa passei;
Eu te deixo c'os olhos em lagrimas
De ti sempre lembrança haverei.

Adeus, ribas florentes de Cea,
Terra, adeus, que me viste nascer;
Eu vos deixo, e bem agras saudades
Sempre n'alma por vós heide ter.

Manso espelho do frigido lago
Tantas vezes onde ia brincar,

E aos irmãos e a mim pequenino,
La no barco nos viste folgar.

Verdes muros de buxo abastado,
Que meu somno infantil acolheste,
E outras vezes dos socios no jogo
Ou do irado *messer* me escondeste:

Tremebunda folhagem das faias,
Fria sombra dos robles copados,
Onde sestas passei tam ditosas,
E folguedos por mim tem lembrados;

Vós ó troncos dos albidos choupos,
Onde uns nomes tam queridos sculpi,
Onde os versos que á noite dictava
Tantas vezes depois repeti:

Alvas pombas que eu tenro educava,
E depois que amostrava sorrindo
Aos irmãos, aos avós vacillantes...
Para longe de vós vou fugindo.

Adeus ribas florentes do Cea
Terra, adeus, que me viste nascer
Eu vos deixo e bem agras saudades
Sempre n'alma por vós heide ter.

Ó ribeiro que vais coleando
Docemente no prado florido,
Que a meu ninho paterno saudas
C'um adeus vezes mil repetido;

Fria fonte, que vezes cançado
Um ardor com libar-vos calmei,
E ao fragor que la dentro fazias
Curioso o ouvido prestei:

Vergelzinho da casa paterna,
Onde a meu bel-prazer discorria
Onde os versos que amor m'inspirava
Ou nos troncos ou folhas 'screvia:

Ó *vereda* perdida e angusta
Aonde eu divaguei tanto, tanto,
Asylado á verdura da mata
Para mim tão repleta d'incanto:

Vosso grato zumbido mil vezes
Um murmurio na lyra gerou;
Eu pensava... eu sentia... ja'gora
Illusão tam gostosa passou.

Adeus, ribas florentes do Cea,
Terra, adeus, que me viste nascer;
Eu vos deixo e bem agras saudades
Sempre n'alma por vós heide ter.

Da innocencia esse ponto fagueiro
Sôbre a frente ja vejo passada,
Ja troquei da ventura os carinhos
Por um triste viver torturado.

Dias ledos d'amor, de ventura,
E de riso, e de gosto passei;
Mas qual nevoa sumiram-se rapidos
E quiça outros taes não verei.

A minh'alma, a minh'alma se enturva,
C'os espinhos da dor estremece,
E o calix de fel esgotando
Anhelando morrer desfallece.

Jaz quebrada a cadea fallace
D'illusões que esta mente gerou;
Jaz por terra esse sonho dourado
Porque o pobre meu peito anciou.

So me cabe um viver desditoso,
E rancor, solidão — fados meus...
Eu ja parto: adeus cinzas queridas.
Paes, familia eu vos dou longo adeus!

Adeus, ribas florentes do Cea,
Terra, adeus, que me viste nascer;
Eu vos deixo, e bem agras saudades
Sempre n'alma por vós heide ter.

Sancta Eulalia de Cea, dezembro de 45.

.... *Ribeiro.*

VARIEDADES.

EDIFICIOS FUNDADOS PELAS SR.as INFANTAS DE PORTUGAL.

NO XIII SECULO.

548 O mosteiro de *Sancta Maria de Lorvão*(1), foi restaurado pela Sr.a Infanta *D. Thereza*, mulher de D. Affonso IX rei de Leão, filha d'el-rei D. Sancho I.

O mosteiro de *Sancta Maria de Arouca*, foi fundado pela Sr.a Infanta *D. Mafalda*, mulher de D. Henrique I rei de Castella, filha d'el-rei D. Sancho I, e la jaz.

O mosteiro de *San'Francisco*, na villa de Alemquer, foi fundado (em os seus proprios paços) pela Sr.a Infanta *D. Sancha*, filha d'el-rei D. Sancho I.

O mosteiro de *Sancta Maria de Cellas de Voimarães*, foi fundado (em uma quinta sua fóra da cidade de Coimbra) pela Sr.a Infanta *D. Sancha*, filha d'el-rei D. Sancho I.

NO XIV SECULO.

O templo da Invocação de *N. S. da Boa Nova*, na descida da villa de Terena, no bispado d'Elvas, foi fundado pela Sr.a Infanta *D. Maria*, mulher de D. Affonso XI de Castella, filha d'el-rei D. Affonso IV.

NO XVI SECULO.

O mosteiro da Invocação de *N. S. da Incarnação* (hoje das commendadeiras da ordem militar de San'Bento de Aviz), em Lisboa, foi fundado pela Sr.a Infanta *D. Maria*, filha d'el-rei D. Manuel. A tenção da Sr.a Infanta não foi edificar mosteiro para religiosas commendadeiras da ordem militar de Aviz;

(1) Da ordem de San'Bento, da congregação de Cister, que antes era de frades, e a fez de freiras. Ainda n'este mosteiro se conservará a grande coroa de ouro, cravejada de pedras preciosas, que fôra dos reis Godos, que a tinham dado aos monges Benedictinos?

o papa *Paulo V*, é quo fez a commutação a supplicas de Filippe II.

O mosteiro da invocação de *Sancta Elena do Monte Calvario*, em Evora, foi fundado pela Sr.ª Infanta *D. Maria*, filha d'el-rei D. Manuel.

O mosteiro da Invocação do *Sancto Christo do Milagre*, em Santarem, foi fundado pela Sr.ª Infanta *D. Maria*, filha d'el-rei D. Manuel.

O mosteiro dos capuchos, em Torres Vedras, foi fundado pela Sr.ª Infanta *D. Maria*, filha d'el-rei D. Manuel.

A capella-mór da igreja da invocação de *N. S. da Luz*, do convento da ordem de Christo, foi mandada edificar pela Sr.ª Infanta *D. Maria*, filha d'el-rei D. Manuel, e la jaz.

O hospital no sitio da Luz, foi fundado, pela Sr.ª Infanta *D. Maria*, filha d'el-rei D. Manuel; para n'elle se curarem sessenta pobres, além de um quarto separado para pessoas de qualidade, e lhe applicou bons rendimentos.

NO XVIII SECULO.

O convento do Desagravo, ou do Louriçal, em Lisboa, foi fundado pela Sr.ª Infanta *D. Maria Anna*, filha d'el-rei D. José I. e la jaz. Falleceu na côrte, do Rio de Janeiro, e d'alli veio trasladada em 1821, para o referido convento.

O Abbade de Castro.

Em additamento a *Relação dos Cardeas Portuguezes*, impressa na REVISTA n.º 38, de 12 de março de 1846, artigo 470. Depois de D. Francisco de Saldanha, 3.º patriarcha de Lisboa, deve seguir-se: D. Fernando de Sousa e Silva (da casa dos condes de San'Thiago), 4.º patriancha de Lisboa, desde 1776, até 1786, foi creado cardeal pelo papa *Pio VI*.

Ficando d'esta maneira D. Fr. Patricio da Silva, 7.º (e não 6.º) patriarcha de Lisboa.

O Abbade de Castro.

CEMITERIO DE BELEM.

549 O cemiterio de Belem está situado em uma collina, que fica para Oeste, e Nor'oeste d'este bairro da cidade, quasi proximo ao cume da mesma collina onde existem algumas casas, e a que se chama vulgarmente, casas ou alto de — *Pedro Teixeira*. — O cemiterio era um pequeno espaço de terreno cercado de altos muros que não podia satisfazer rigorosamente ás necessidades d'este bairro, porém graças á actual camara municipal, e ao seu camarista o sr. L. A. Martins, ja hoje Belem e Ajuda, tem um vasto e magnifico campo de mortos. O antigo cemiterio, além da pequenez um dos primeiros defeitos, não tinha uma so arvore em torno, as sepulturas não eram numeradas, e não se sabia o tempo em que alli tinha sido enterrado um cadaver. Hoje tudo isto está melhorado, ha um vasto terreno cercado de bem construidos muros, atravessado por largas ruas ornadas de melancholicos cyprestes, e todas as sepulturas são numeradas.

Hoje é justo confessar, que quem entrar no cemiterio d'Ajuda deve ficar arrebatado com a differença que ha tam poucos annos tem feito. Já alli se vem sepulcros, não riccos e soberbos, mas singellos e significativos. Ide alli um dia passear, logo ao entrar do lado esquerdo, vereis, sôbre um sepulcro uma cruz branca armada com uma corea de perpetuas, que está dizendo ao homem chorai! Aproximai-vos a esse triste e doloroso emblema, lede essa terna inscripção que está sôbre esse branco marmore, vereis que a morte cortou a existencia á virtuosa noiva do Sr. Boaventura Miguel Alvaro de Noronha e Silva no mesmo mez em que lhe devia dar a mão de esposo — á Exm.ª Sr. D. Maria Carolina Castellão — a qual em testemunho de seu amor lhe mandou levantar este monumento; porém deixemo-nos de contemplar este apparato de lucto e de dor, continuemos com a breve noticia do cemiterio de *Pedro Teixeira*.

O tumulo que fica referido acima é o que foi estreae o cemiterio, tem o n.º 1, porém já alli se acha outro que tem o n.º 2, que é dos filhos menores da Exm.ª Sr. D. Maria Rita de Carvalho Vasconcellos e Sousa 2.ª mulher do par do reino Luis de Vasconcellos e Sousa.

Ha escavações para muitos mais: entre ellas se contam para os tumulos do Sr. Paulo Victorino, mãe do Sr. Simões de Casellas etc. o que tudo dá idéa que o cemiterio de Belem, hade vir em bem poucos annos a rivalisar com os de primeira ordem.

Os lados menores do cemiterio estão virados um para o Norte outro para o Sul, e os maiores um para Leste, outro para Oeste. Todos os ventos aqui fazem grande impressão especialmente o Sul, Oeste, Nor'oeste, e Norte, sôbre os dous lados menores, e sôbre o outro o e Oste-Nor'oeste; e apezar de não estar collocado no alto do monte, a que chamam — *Pedro Teixeira* — comtudo, é suficientemente ventilado.

O seu terreno é todo argilloso, pouco silicioso, e pouco calcareo: não sendo dos melhores, é todavia soffrivel.

É fechado por um largo portico de ferro emblematico, defronte do qual está logo a capella, que me dizem vai ser removida para o meio do cemiterio. Todas as ruas estão cheias de flores.

(Communicado.)

CORREIO EXTRANGEIRO.

550 A população total da Irlanda é actualmente de 8,175,124 almas.

Uma nova modificação nas pautas da alfandega de Napoles reduz os direitos das fazendas importadas.

A Rossi-Caccia, a saudoza artista que fez as delicias de Lisboa e do Porto, acaba finalmente d'alcançar a coroa do seu distincto merito, sendo escripturada para a Grand'Opera de Paris em logar da Dorus-Gras, que sahe d'aquelle theatro. A Rossi devia debutar antes do dia 20 do corrente, na opera *La Juive*.

Desde o 1.º de março ultimo vigora na ilha de Cuba uma modificação na pauta das alfandegas. Todos os direitos d'exportação foram diminuidos 20 por cento. O direito de *visita* foi tambem reduzido.

O celebre pianista Liszt acha-se actualmente em Vienna onde tem causado grande enthusiasmo. O imperador presenteou-o com um ricco annel de brilhantes.

O exercito regular do Egypto compõe-se de 82,400

homens de infanteria, 12,600 de cavallaria, e 6 000 de artilheria; formando o total de 101,000 homens, porém d'estes nunca existem mais de 70,000 em armas. Além das tropas regulares, tem ainda o bachá do Egypto perto de 20,000 homens de tropas irregulares, compostas de albaneses, candiotas, e beduinos

O govêrno austriaco prohibiu a exportação de trigo da Gallicia.

O vice-rei do Egypto acaba de ter um grande desgôsto pela morte d'uma de suas mulheres. Em signal de lucto ordenou ao seu exercito que se não tocassem os instrumentos, nem mesmo tambores, por espaço de quarenta dias.

Os jornaes francezes dão fallecida em Namur uma mulher de 108 annos.

CORREIO NACIONAL.

551 No mez de março último entraram no Supremo Tribunal de Justiça 58 autos, foram julgados 76, ficaram pendentes 781.

Está a concurso a concessão d'um privilegio d'introducção d'uma machina a vapor para a fiação da seda. O concurso termina no último do corrente mez.

Na quarta-feira [15] veio paquete d'Inglaterra com folhas até 7; os fundos portuguezes tinham ficado a 38¼. Hoje [22] entrou outro paquete que deve trazer folhas até 17, as quaes ainda não recebemos.

O Sr. E. Doux voltou do Porto onde tinha ido para em sociedade com o Sr. Lombardi, estabelecerem no theatro de San'João companhias d'operá e de declamação; mas não lhes tendo sido possivel arrematarem a casa, ficou sem effeito este plano. O Sr. Doux continúa com o theatro do Salitre que parece que abrirá no domingo 26; e o Sr. Lombardi diz-se que virá a Lisboa fazer propostas para a empresa do theatro de San'Carlos.

Agora que começa o Theatro-nacional em casa propria, e debaixo da influencia directa do govêrno, talvez se lerá com gôsto a seguinte estatistica, que servirá d'esclarecer muito o ponto de partida artistico do nosso theatro-nacional. Eu começo depois da 1.ª restauração, por assim dizer *material*, do theatro, pelo estabelecimento do Sr. Doux na Rua-dos-Condes, em 1836

EMPRESA *Doux*.

(4 annos quasi.)

Tragedias originaes	1
Dramas ditas	9
» traduzidos	53
Comedias originaes	2
Comedias traduzidas	27
Farças ditas	32
	124

EMPRESA *Farrobo*.

(3 annos.)

Dramas originaes	10
» traduzidos	20
Comedias originaes	4
» traduzidas	12
Operas comicas	7
Farças originaes	4
» traduzidas	12
	78

EMPRESA *da Sociedade d'artistas*.

(3 annos.)

Dramas originaes	8
» traduzidos	32
Comedia original	1
» traduzidas	19
Farças lyricas	4
» originaes	2
» traduzidas	22
	88

No primeiro trimestre do corrente anno entraram no porto de Lisboa 508 embarcações e sahiram 443. Em janeiro entraram 105, sahiram 94; em fevereiro entraram 192, sahiram 131; em março entraram 211, sahiram 218. D'estas embarcações ha: portuguezas de guerra 6 entradas e 7 sahidas, da 1.ª classe 62 entradas e 52 sahidas, da 2.ª classe 172 entradas e 166 sahidas. Extrangeiras entraram: inglezas 125, francezas 69, americanas 8, dinamarquezas 8, suecas 9, belgas 2, hispanholas 4, sardas 2, hollandezas 13, russas 3, prussianas 10, brazileiras 1, austriaca 1, da Norwega 2, de Kniphasen 1, de Bremen 1, d'Hamburgo 1, de Hanover 1, e mais 2 de guerra inglezas. A sahida foi na proporção, havendo 2 tambem de Guering, d'onde não entrára nenhuma.

Pelo relatorio do commissario das caixas-economicas fundadas pela companhia Confiança-nacional (de que mais largamente nos occuparemos), consta que desde 20 d'abril e 15 de settembro de 1845, em que ellas foram estabelecidas, 1.º em Lisboa depois no Porto, tem havido 1,325 depositantes que teem entrado com 387-269$892 réis, sendo 1,054 depositantes de 276:495$472 réis, de Lisboa, e 271 de 110:774$420 réis do Porto. As restituições em ambas as cidades foram de 89:934$618 réis. Os juros importaram em 6:276$639 réis, dos quaes ficaram capitalizados 5.661$900 réis. O estado em 31 de dezembro último era o seguinte:

Lisboa, 877 depositantes de 204:921$079 réis.
Porto, 247 depositantes de 90:075$495 réis.
Total, 1,124 depositantes de 294 996$574 réis.

N. B. Estas cifras differem alguma coisa das do relatorio ou por êrro de calculo meu ou typographico d'elle.

Ensaia-se no theatro-nacional O *podêr dos remorsos*, drama que se diz ser do Sr. C. Perini.

Diz-se que o theatro do Gymnasio começará no 1.º de maio as suas representações de declamação.

CONHECIMENTOS UTEIS.

OBRAS-PUBLICAS.

EMPREGO PARA OS MENDIGOS.

552. Procurar os meios de empregar a classe indigente é hoje um dos primeiros cuidados do homem que estuda e medita as graves questões sociaes; manifestar as ideas que occorrem ou se conhecem a esse respeito será, pelo menos, contribuir para o bom resultado d'esse estudo. A REVISTA ja por vezes tem chamado a attenção sôbre os numerosos mendigos vadios que transitam pelo reino, e principalmente nas immediações de Lisboa e ainda pelas ruas da capital: tambem ja lembrou o emprego d'esses individuos pela companhia das obras-publicas.

Ha n'este objecto diversos esclarecimentos a dar para quem não comprehender os meios d'execução d'elle.

Como se podem compellir os mendicantes ao trabalho? Que genero de trabalho se lhes póde dar?

Sem insistir hoje demasiadamente n'um assumpto que se me affigura muito simples, direi singelamente o que me parece a respeito d'elle.

Ha mendigos (e eu tracto aqui so do sexo masculino) que não podem absolutamente trabalhar por sua idade, achaques ou aleijões; ha outros que não poderão executar senão certos trabalhos, e ha muitos que são aptos para diversos generos de trabalho.

Ora, para prohibir por lei a mendicidade vadia sería necessario podêr assegurar primeiro o trabalho a uns e o sustento aos outros.

Aquelles que pelo seu estado physico se acham impossibilitados de qualquer genero de trabalho, ou tambem d'aquelle que abaixo lembrarei, o Estado podería supprir-lhe a subsistencia nos asylos de Lisboa e Porto (e este último não póde tardar a formar-se) *e so a elles*, até ao número que os rendimentos d'estes institutos possam comportar; o resto d'estes mendicantes, havendo-os, sería distincto por meio d'uma medalha ou outro signal, e assim poderiam implorar livremente a charidade pública; havendo d'ante mão uma matricula d'elles pela qual podessem ser chamados e compellidos a recolher-se áquelles asylos, dadas as circumstancias de vagatura ou outras da possibilidade d'augmento de admissão.

Para todos os demais mendigos vadios, cujo estado physico podesse com o trabalho que vou indicar, sería estabelecido um convenio entre o govêrno e a companhia das obras-publicas, em consequencia do qual ésta sería obrigada a dar que fazer a todos os individuos que n'esse caso lhe fossem apresentados pelas auctoridades administrativas.

Ora, este trabalho que hade ser necessario durante todo o tempo do privilegio da companhia e ainda constantemente depois d'elle, é o de *britar pedra para as estradas*. Sabe-se que este trabalho póde ser feito por todo o homem que tenha o uso de um braço so que seja; póde fazer-se até sentado, e mesmo por quem tenha poucas fôrças, velhos e crianças, quando se tracta de lascar os pequenos pedaços da primeira quebra dos dos grandes schistos.

Ésta qualidade de trabalho assim feito figura-se-me que sería economico para a companhia mesma, porque estes operarios, segundo suas faculdades, ganhariam certamente menos do que um trabalhador ordinario; o seu trabalho sería tambem menor bem vejo; mas creio que sería ainda superior á economia do jornal pela natureza d'esse trabalho.

Até me parece que este alvitre se poderia executar a modo de systéma. N'este caso seriam estabelecidos em diversos pontos do reino, amplos depositos de pedra britada, juncto aos quaes haveria vastos telheiros onde estes operarios trabalhassem: e para que a mão d'obra podesse ser o menos dispendiosa possivel sem que todavia o seu producto escasseasse á subsistencia do operario, poderia estabelecer-se, nunca uma *reclusão* mas uma casa de refeitorio, onde em *rancho*, os operarios se alimentassem a expensas d'uma quota commum, que sería sem dúvida muito inferior ao que singularmente com o seu sustento dispenderiam; e mais poderia haver uma camarata onde tambem se abrigassem de noite.

Isto faz lembrar um pouco os devaneios da *organisação do trabalho*, convenho; mas revela tambem os desejos da minha parte de achar um meio que produza o importante resultado da extincção da mendicidade vadia. E comeffeito este alvitre não apresenta, ao que eu supponho, grandes difficuldades d'execução; e creio que tem demais a vantagem copulativa de acudir á verdadeira necessidade e d'evitar a ociosidade do maudrião. A mendicidade quasi nunca é pobre e a pobreza quasi nunca mendiga. N'este caso, o pobre abençoaría o ceu de achar meios de prolongar a vida, e o mendigo deixaria de ser importuno ou pesado aos seus similhantes, porque tinha a certeza de ser compellido ao trabalho de que elle se queria eximir especulando sôbre a charidade pública.

Antevejo ainda um argumento que não quero ommittir, o da superabundancia d'operarios d'ésta naturesa, a possibilidade de um número tal d'elles que excedesse muito as necessidades do serviço e fosse oneroso á companhia. Não creio na realidade de um número tam avultado d'estes individuos, mormente por emquanto que a companhia das obras-publicas tendo ainda grande parte das suas obras por começar, já tem sôbre onze mil homens empregados, e tem ainda resolvido mandar vir alguns centenares d'elles de paizes extrangeiros; e por outra parte, o consummo de pedra britada é immenso, e nem so a companhia das obras-publicas a necessita, as municipalidades etc. tem igual precisão d'ella, e uma vez estabelecidos os telheiros de britar em diversos pontos do reino, que ahi se fosse fornecer quem a necessitasse mediante uma indemnização estabelecida. Dado porém que apezar de todo o número dos mendigos attingisse á superabundancia, que se segue d'ahi? Que a mendicidade se não extinguira, é verdade; mas pelo menos teria sido tam consideravelmente diminuida e sem gravame do Estado, que este beneficio publico nem por não alcançar a perfectibilidade deixaria de ser um grande beneficio.

SCIENCIAS-NATURAES.

CALOR LUNAR.

553 Apezar das numerosas tentativas feitas até agora com os mais poderosos instrumentos, as lentes de maior diametro, os physicos não haviam podido fazer sensivel o calor lunar. Graças a um excesso de precaução e a seus instrumentos de mara-

vilhosa sensibilidade, M. Melloni, mais feliz que seus predecessores, tem provado que o calor dos raios da lua deve ser considerado d'hoje em diante como um facto reconhecido pela sciencia.

MACHINAS DE VAPOR.

554 Foi ultimamente presente á sociedade das artes, em Londres, uma memoria importante sôbre a formação das incrustações nas caldeiras das machinas de vapor. O doutor Ritterbrands, auctor d'esta memoria, estabelece que as explosões da caldeira são provenientes das incrustações muito grossas de carbonato-de-cal; e propõe o remediar este inconveniente deitando dentro da caldeira uma quantidade proporcionada de chloreto de ammoniaco.

ESTATISTICA-CLINICA.

(HOSPITAL DE SAN'JOSÉ.)

555 Dizem por ahi que ha mais quem critique do que quem seja escriptor' isto assim é: porém quando se comettem erros, que não so nos envergonham a nós, mas ainda mais, desacreditam nosso saber para com as nações mais cultas da Europa, (que tem conhecimento dos nossos escriptos) a critica deve ser exercida, e exercida sem piedade. porquanto mostrar toda a fealdade d'um erro, é fazer com que se procurem os meios de o evitar; assim rogo a V. o favor de inserir no seu jornal uma pequena analyse, feita ao mappa estatistico das molestias e dos seus resultados, no hospital de San'José, desde julho de 1844 até junho de 45.

.... Ridentem dicere verum
Quid vetat?..............
(*Horacio Liv.* 1.º *Satyr.* 1.ª *verso* 24.)

A importancia que os mappas estatisticos tem no estudo das doenças, e sobretudo em estudos clinicos praticos, não póde ser contestada por pessoa alguma, que tenha o menor conhecimento na arte de curar; porém quando esses mappas, não sendo feitos com o cuidado devido e intelligencia necessaria, se offerecem mentirosos e absurdos, são prejudiciaes ao estudo clinico; porque d'elles podemos tirar conclusões egualmente fallaces e paradoxas, e quando não sejam nocivos, ao menos são inuteis como objecto de estudo, e so servem para nos fazer córar de pejo deante do olhar compassivo, e ao mesmo tempo escarnecedor, dos medicos das nações europeas mais civilizadas. A commissão administrativa do hospital de San'José deu-nos uma estatistica das doenças, que n'elle houve, e dos resultados d'ellas; porém, com amargo pezar o dizemos, esse mappa so é um amontoado de mentiras e absurdos; — não é mentiroso por ideas systhematicas, porque queira provar que tal ou tal tractamento é mais proveitoso do que outro; porque pertenda demonstrar que as condições d'este estabelecimento são mais favoraveis á cura das molestias do que as de outro; não é a emulação que preside á sua mentira (como acontece em alguns hospitaes de França); é a crassa ignorancia a que essa mentira deve a sua existencia, e acontece isto porque ninguem póde ter conhecimentos n'aquillo em que não fez o menor estudo, e é um homem inteiramente alheio á medicina quem collige os nomes e terminações das doenças e vai estabelecer uma estatistica! Não é perciso grande esforço de intelligencia para fazer sobresahir as faltas que ha n'uma tal estatistica, o estudante o mais leigo em medicina será capaz de as apontar, o estudante o mais leigo não deixará de se rir, vendo n'esse mappa os resultados da phthisica pulmonar, e mais adeante as terminações dos tuberculos pulmonares, como se estes duis nomes indicassem cada um uma doença distincta!! E quereis saber a causa d'isto? A pessoa encarregada do tal mappa viu em algumas *papeletas* dos infermos — Phthisica pulmonar — e copiou; viu n'outras — Tuberculos pulmonares — e copiou, e assim; materialmente, e sem conhecer a synonymia das molestias, separou aquillo que é uma e a mesma affecção!! Mas ainda não ficamos aqui: — nas Phthisicas pulmonares houve 144 doentes e todos morreram; com tuberculos pulmonares offereceram-se 57 infermos, d'estes. 7 foram curados e 50 morreram; no hospital de San'José fazem-se milagres; curam-se em um anno 7 phthisicos, e isto apezar de nos dizerem os auctores os mais recommendaveis, que é muito raro que essas curas apparentes da phthisica não sejam mais do que temporarias — que é muitissimo raro que, essas chamadas curas, sejam mais alguma cousa do que uma suspensão, por um certo tempo, nos progressos da doença (24^me^ Livraison du Compendium de Medecine pratique pag. 522).

Continuando a percorrer a estatistica, o meu pasmo vai progressivamente augmentando; — 62 pleurodynias, — 49 curados e 13 mortos, — que maravilha!... No hospital de San'José cura-se a phthisica e morre-se de pleurodynia, que apenas é uma dor rheumatica dos musculos do peito; uma affecção que não offerece a menor gravidade e da qual não me consta que ainda alguem tivesse perecido!!! * Ao lado d'esta asserção opposta a todos os factos, que ha na sciencia; e que são por mim conhecidos, nós encontrâmos — 113 lesões do coração, 60 curados e 53 mortos — 23 epilepticos, 22 curados e 1 morto — 16 amauroses ou gottas serenas e todas curadas!... — 139 alienações mentaes, 97 curados e 42 mortos — 35 tinhosos, todos curados!! A minha admiração cresce, vendo não so curarem-se as lesões do coração, mas ainda o numero dos curados ser superior ao dos mortos; e admira-me isto — porque pela observação e pelo estudo tenho achado a terminação d'essas lesões sempre funestas, e que a unica cousa que nós podemos fazer, com aproveitamento, é debellar alguns dos terriveis symptomas que as acompanham — é dar algumas melhoras aos doentes, e assim prolongar-lhe um pouco mais a vida — se isto se chama curar muita cousa se cura!... E que diremos da cura dos 22 doentes affectados de epilepsia — d'essa cruel molestia que tanto atormenta a humanidade? So responderemos, que Esquirol, esse a quem os alienados tanto devem, ensaiou, sobre 339 epilepticos, não so os medicamentos os mais preconisados, mas até os remedios secretos; esses ensaios duraram muitos annos, e nem uma unica cura póde obter. E que diremos das 97 curas da alienação mental? Todos conhecem o armazem, o subterraneo infecto e immundo, em que os doudos estão albergados, e todos sabem quão parco é o tratamento medicio e hygenico d'esses infelizes, — não porque não

* Estes que morreram foram atacados da diarrhea endemica do hospital; mas não pereceram de pleurodynia como diz o mappa.

haja vontade de o fazer melhor, mas porque o local e mil outras taes circumstancias não o permittem; todos sabem que, como tractamento moral, apenas teem — andar á padiola, passear e gritar á vontade em um acanhado pateo, e, quando furiosos apanharem 2 ou 3 socos, serem mettidos nas palhas, la n'uma casinha muito bem fechada e muito bem trancada, e aonde, fazendo livremente as suas necessidades, acabam por se acharem em uma esterqueira! E curaram-se 97 alienações mentaes?!...

Passemos adiante, e digamos duas palavras a respeito dos tinhosos. Que a tinha se cura é fóra de dúvida, mas que nem todos os tinhosos que vem ao hospital de San'José sahem curados, não é menos certo: ora, a estatistica dá 35 e todos curados, analysemos isto... Houve uma epocha, e não muito longe de nós, em que os tinhosos iam para o armazem dos doudos, depois condoeram-se d'elles, tiraram-os de la, e distribuiram-os pelas infermarias, aonde o tractamento consiste em aceio da cabeça e promover-lhe a queda dos cabellos; mas este tractamento é alli bastante longo, os facultativos cançam, e os doentes aborrecem-se, e acabam por se irem, quando muito, melhores por alguns dias (podia citar factos observados por nós); e chama-se isto curar?

Mas eu vos explico a cura das doenças, que aqui nomiei: — assim como o hospital apresenta duas portas, a posterior por onde sahem os doentes que fallecem, e a principal por onde sahem os que sobrevivem, do mesmo modo o mappa estatistico se offerece duas casas ou columnas para a terminação das molestias, — uma para os que morrem, outra para os que sobrevivem; de maneira que todos os infermos que não falleceram estão curados — todos os que não sahiram pela porta de traz estão bons; por conseguinte no hospial de San'José os doentes não sahem ficando no mesmo estado, melhores ou peiores; nada; — não ha senão dois extremos, — ou curam-se ou morrem!!...

A commissão administrativa do hospital de San'José é por certo digna dos maiores encomios, não so pelos melhoramentos que tem feito no edificio, como por aquelles que tem dado ao serviço e tractamento dos infermos; mas não deve empregar em objectos de medicina, quem nada sabe n'esta sciencia — *suum cuique*; — entregue-se o trabalho a um ou mais facultativos, consagre-se a taes trabalhos a attenção e cuidado que elles requerem, e em vez de mappas que nos envergonham, nós os teremos bem feitos e fieis, e d'este modo preciosos como documentos scientificos e como objecto de estudo.

Lisboa 26 d'abril de 1846.

Miguel Januario Fernandes Branco.

AMOREIRAS NA ILHA DE SAN'MIGUEL — BICHOS DA SEDA.

« Entrando-se nos archivos das nações vê decifrar a custo, em venerandos codices cobertos de pó, factos até alli desconhecidos; e confrontando-os com o murmurio da tradicção..., dá a existencia á historia, seguindo-se em conclusão, encontrar na archeologia... as fontes genuinas d'essa perfeição do methodo etc. » (*Rev. Litt.*)

556 Tem havido tão divergentes opiniões sobre a origem da seda, que não é facil acertar com o seu principio. Os poetas fazem o *Pallas* auctorora d'ella, recebendo de *Saturno* em agradecimento de certa fineza, a semente de um bichinho, para que com a sua obra se vestisse com galas, que excedessem as de *Venus*, sua inimiga. Porêm deixando o fabuloso: *Plinio* com o auctor do *supplemento* das *chronicas*, diz que foi *Panfila* filha de Plates grego, no tempo de Salomão, a primeira, que colheu a seda volatil das arvores, que é differente da nossa. Começou a limpal-a com pentes, tirando-lhe a superfluidade com que se achava, até a pôr na roca, e depois no tear, fazendo participante ao mundo obra tão curiosa e linda; e tanto, que segundo conta *Flavio Vopisco*, não quiz o imperador *Aureliano* trocar tanta seda, com tanto oiro. Tirava-se esta das folhas das arvores em *Sera*, que era parte da *Scythia*, ou da grande *Tartaria*, e dos grandes reinos de *Tanguto*, e *Niucano*; cuja lanugem nacia nas dittas folhas, e que a seu tempo, depois de secca, se cardava; do que faz menção *Virgilio* no *liv.* 2.° das *Georgicas*. *Plinio* fallando das grinaldas preciosas, que se faziam de sedas de diversas cores, mostra expressamente no *liv.* 21, que se penteavam das folhas do *Nardo*. *Estrabão* no *liv.* 15, referindo a fecundidade de muitas arvores da India, diz, que se achavam entre ellas muitas faceis de dobrar, de que nasce lan, de que escreve *Nearco*, se teciam vestidos; e affirma que faziam os macedonios d'ella quantidade de pannos. O mesmo *Plinio* assevera, que a seda de certo bichinho peloso, chamado *bombix*, que se colhia na ilha de *Coo*, de cyprestes, terebentinas, freixos, e azinheiras; declarando tambem o modo que tinham para a tirar d'este bichinho. *Pausanias* aponta nascer na região de *Sera* certo bicho, duas vezes maior que o escaravelho, da feição de aranha, com oito pés; o qual criavam os *Sericos* com grande cuidado, e que lhe rompiam o ventre, donde lhe tiravam um novello de seda. Comtudo, quer *Corsuso*, que tudo isto seja antes algodão subtil, que seda, como a nossa. Alguns tiveram para si, que a seda se fazia com a lanugem de certas flores. O primeiro que a trouxe a Italia, por auctoridade de *Monsenhor Vita*, foi um chamado *Sera*, que veio de *Sero*, sua patria, so a este fim. Mas *Procopio* quer que fosse trazida a Italia a primeira vez, em tempo do imperador *Justiniano*, no anno de 700, por dois monges, que chegaram da India; os quaes trazendo a semente, de que se geram os bichos da seda, ensinaram o modo de os criar, e aproveitar; não obstante escrever *Lampridio*, que fora *Heliogabalo* o primeiro que trouxe a seda de Roma. Ha uma tradição antiga entre os *persas*, e outros povos orientaes, que *Tehin* filho primogenito de *Japhet*, o qual teve por patrimonio a *China*, ensinára a seus filhos, e estes a seus descendentes no Oriente, a arte de lavrar a seda; e a elle attribuem a invenção da maior parte dos pannos de seda, que vem da China... Conta-o a *Bibliotheca Oriental* de *Herbelot*.

Como quer que fosse, a plantação das amoreiras, a producção das sedas, e a arte de manufactural-as em Portugal, talvez a possamos datar desde os principios da monarchia; posto que haja quem lhes va buscar a origem á epocha dos antigos reis godos: todavia parece haver mais verosimilhança em ser este um d'aquelles productos de industria oriental que devemos ao estabelecimento dos arabes na Hispanha. Diz-se que o

rei Rogerio a introduzíra na Sicilia no anno de 1130, fazendo vir operarios de seda de Athenas, de Corintho, e de Thebas, e que é d'alli que este trafico se communicára á Calabria e á Italia.

Segundo os historiadores francezes, as primeiras fabricas de seda que se estabeleceram em França foi em Tours, em 1470, reinando Luiz XI e outros que, Henrique IV, fazendo plantar nas Tulherias, e Fontainebleau 20,000 amoreiras; mas ja tinham decorrido annos que se cultivavam as amoreiras, se criavam, e manufacturavam sedas em Portugal. Os inglezes pelo meiado do seculo XVII fizeram plantar amoreiras e criar os bichos da seda na *Virginia*, de que em pouco tempo se vestiu elrei d'Inglaterra. Vem roborar nossas asserções o *foral* que no anno de 1233 da éra christan, deu o arcebispo de Braga D. Silvestre Godinho aos moradores de Ervédedo, no qual se diz, que a folha das amoreiras se não vendesse para fóra do couto; e entre outras cousas logo se ordenou que do sirgo, que se criasse, lhe pagariam a sua parte em casulos.

Pela leitura do cap. 25 dos misticos das cortes de 1470 e 1473 se deprehende dos termos em que se expressaram os povos ao Sr. D. Affonso V, e pela resposta dada, que a riqueza do reino de Granada, devida á producção e lavra das sedas, causava emulação aos nossos antepassados. Elrei D. Affonso V fez cumprir suas ordens, afim de que em algumas comarcas do reino todos os vizinhos e moradores d'ellas plantassem cada um vinte pés de amoreiras, para assim se abrir caminho a uma avultada producção, e lavra de seda. Estas ordens dirigidas a todas as comarcas do reino, nos reinados posteriores, posto que não fossem extensivas á das ilhas dos Açores nos reinados d'elrei D. João II, D. Manuel, e D. João III, todavia, seu neto o *desejado*, seguiu o salutar quanto inquestionavel principio de que o commercio é o fundamento de toda a humana policia, e o meio com que se tracta amor entre os homens, e attrahe grande riquaza e consideração aos Estados, e que até as pequenas communidades de Italia se formaram pelo commercio tamanhas potencias (1).

A ilha de San'Miguel foi especialmente contemplada, com a nobilissima circumstancia, de que em quanto estas ordens forem endereçadas aos ministros territoriaes e ás camaras, por provisões ou alvarás, para a ilha de San'Miguel, veio a seguinte carta regia de elrei D. Sebastião, dirigida ao capitão donatario na data de 6 de maio de 1571.

« Manuel da Camara. Amigo: Eu elrei vos envio muito saudar. Eu sou informado que n'essa ilha de San'Miguel ha disposições e sitios em que se pódem plantar amoreiras, das quaes, havendo-as ahi em quantidade, se poderá fazer muita seda, e os moradores da terra se aproveitarão, pelo que vos encommendo e mando que parecendo-vos assim ....

....(2). façam plantar as dittas amoreiras nos marcos, e nas grotas que forem para isso, de maneira que *sem oppressão sua d'elles se lhes faça seu proveito, e ennobrecimento da terra*. Manuel da Lapa a fez em Lisboa a 26 dias do mez de maio de 1571. Fernam Nunes da Costa a fez escrever — Rei. Para Manuel da Camara — Martim Gonçalves da Camara. (3)

Este documento não é so um irrecusavel testemunho do interesse e paternal disvello que elrei D. Sebastião tomava pela prosperidade michaelense, fazendo introduzir na ilha de San'Miguel este novo ramo de industria e commercio, que tanto no reino como em Hispanha, tanto em França como em Italia, começava a ser lucroso; tambem é um estimavel padrão do apreço e sollicitude com que tractava estes povos ordenando ou antes aconselhando a cultura das amoreiras, de maneira que se não fizesse oppressão aos michaelenses. Estes factos incontrastaveis lançando uma luz meridiana sobre a historia açorense, deixa-nos ver todos os tortuosos e carregados traços do falso quadro historico, que publicou o auctor da corographia açoriana.

Não sabemos se effectivamente foram naquelle anno, ou em alguns dos immediatos, plantadas as amoreiras, nem temos a certeza dos logares da ilha em que se fizeram os primeiros ensaios. Desde o ja citado anno de 1571 até o de 1677 não deparámos n'estes 106 annos vestigio algum, que nos illucide cabalmente sobre este objecto, muito apenas podemos deprehender de alguns registros, que posteriormente ao anno de 1571, os corregedores das ilhas dos Açores tiveram regias ordens para proverem sobre a plantação das amoreiras na ilha de San'Miguel.

Os infortunios politicos que advieram á nação em consequencia da infausta morte de elrei D Sebastião, na sanguinolenta batalha de Alcaçer-quivir no anno de 1578, e que recresceram durante o cyclo da dominação hispanhola, baralhando e enfraquecendo todos os elementos da prosperidade publica; e subsequentemente a guerra da acclamação que abrangeu os dois reinados de D. João IV e D. Affonso VI, necessariamente seus funestissimos effeitos haviam de reflectir na ilha de San'Miguel; porque, como disse um sabio escriptor contemporaneo: — « Se a guerra é mui destra em inventar, e aperfeiçoar as artes que tem por fim a destruição; aquellas que se encaminham a produzir e conservar, so florecem á sombra da pacifica oliveira. »

A regencia de D. Pedro II trazendo a paz á nação reanimou a nossa amortecida industria, e levou a vitalidade a todos os elementos da prosperidade publica; pondo á testa dos negocios do Estado os homens mais habeis e probos do paiz: exercia as funcções de vedor da fazenda D. Luiz de Menezes, conde da Ericeira, o qual dando o maior impulso á plantação das amoreiras não se olvidou da ilha de San'Miguel, para a qual dirigiu uma ordem em 26 de março de 1677 (4) determinando que se plantassem amoreiras n'esta ilha (5).

O regente para fomentar este ramo de industria, por decreto de 22 de janeiro de 1678, ordenou a todos os ministros de justiça, que no districto de suas jurisdicções, fizessem plantar todas as amoreiras que fosse possivel, e concluiu determinando, que nenhu-

(1) Vide Barros, decada 1.ª, l. 5.°, cap. 1.°
(2) Não podémos ler as palavras, que omittimos.

(3) L. branco do Tombo e registro antigo da camara de Ponta Delgada, fólha 80 v. (lettra gothica)
(4) São dignas de ler-se a Resolução de 1677, e a provisão regia do conselho da fazenda, de 6 de outubro do dito anno, que versam sobre o assumpto de que tractamos.
(5) Fragmento do liv. d'accordãos da camara de Villa Franca do Campo, do anno de 1677, fl. 98.

na residencia d'estes ministros se julgasse sem constar por certidão do secretario Pedro Sanches Farinha haverem cumprido éstas ordens (6).

Este decreto servindo de forte incentivo aos corregedores, talvez a elle se deva o interesse que tomou na plantação das amoreiras a corregedor das ilhas dos Açores, Manuel Ferreira, o qual vindo á ilha de San' Miguel no anno de 1699, assim se expressa — « Fui informado que havia muito descuido na plantação das amoreiras, que sua magestade tanto tinha recommendado, mandei que se désse á execução o que estava provido pelos corregedores passados, e se mandasse de novo apregoar sob pena de se proceder, pela pena dos provimentos passados (7). »

Torna-se manifesto á face do que temos relatado, que repetidas providencias deu antigamente o govêrno para fazer propagar as amoreiras na ilha de San' Miguel, e promover a creação dos bichos da seda. Como quer que fosse, parece incontroverso, que Villa-Franca do Campo foi o logar selecto para se fazerem as primeiras plantações de amoreiras, pois segundo nossa lembrança demora extramuros d'esta Villa um sitio denominado das *amoreiras*, provavelmente, porque foi alli o logar em que se plantaram em maior copia, ou o em que se fizeram os primeiros ensaios.

O Stoskler, barão da Villa da Praia, quando governador e capitão general das ilhas dos Açores, projectou a formação d'uma companhia agricola e commercial, para em grande escalla fazer a plantação das amoreiras, e crear os bichos da seda em todas as ilhas do Archipelago, sendo a direcção central na cidade d'Angra.

Não obteve este projecto a regia approvação, porque ia desafiar as susceptibilidades, e porventura o orgulho de alguns riccos proprietarios das outras ilhas que talvez combateriam o projecto, unicamente por ser estabelecida a direcção central na cidade d'Angra: o que não padece dúvida, é que o nosso progenitor, o conselheiro José Joaquim da Silva Freitas, auctorizado pelo conde dos Arcos, quando ministro dos negocios da marinha, encarregára o conselheiro Jacob Frederico Torlade Pereira de Azambuja, de enviar para Angra uma grande porção de amoreiras e sirgos, o que porém não chegou a realizar-se. (8)

Não é o prurido de garabulharmos artiguinhos para periodicos o que nos instigou a escrever ésta narrativa: não, outro pensamento mais caro ao nosso coração nos aconselhou a isto, o desejo de sermos uteis á ilha de San'Miguel.

Faro 12 de abril de 1846.

B. J. de Senna Freitas.

Errata — No artigo 'Melhoramentos agrarios' do antecedente n.° da REVISTA, pag. 518 — col. 1.ª — onde se le: *sem garantia*, deve ser, *com garantia*.

(6) Veja-se tambem a provisão de 14 de junho de 1679.

(7) Correição do anno de 1689, fl. 23, archivo da camara de Villa Franca do Campo.

(8) O Dr. G. Fructuoso, no seu inedito intitulado — *Saudades da Terra* — no cap. em que tracta da ilha Terceira, diz que em San'Braz, na freguezia de San'Miguel na Terceira, se fabricavam tantos bichos da seda, e de tal seda, que não lhe excedia a de Granada.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO XXXV.

Reunião de toda a familia. — Explicação dos mysterios. — O coração da mulher. — Parricidio. — Carlos beija emfim a mão a Fr. Diniz e abraça a pobre da avó.

557 Georgina disse para Carlos:

— 'Dá a mão a esse homem, levanta-o e dize-lhe as palavras de perdão que te pede.'

Carlos fez um gesto expressivo de horror e de repugnancia. Georgina ajoelhou aopé do frade, tomou as mãos d'elle nas suas, e lh'as affagou com piedade; depois levantou-lhe o rosto, incostou-o a si e gradualmente o foi accalmando. O velho parecia uma criança mimada e sentida que se vai accalantando nos braços da mãe: agora so murmurava de vez em quando alguns soluços, a mais e a mais raros.

Estavam de joelhos ambos, o frade e a dama, elle mal se tinha; ella amparava em seus braços e contra seu peito o amortecido corpo do velho. E Georgina disse com aquelle som de voz irresistivel que as filhas de Eva herdaram de sua primeira mãe, e que a ella ou lh'o tinham antes ensinado os anjos, ou o apprendeu depois da serpente, — um som de voz que é a última e a mais decisiva da seducções femininas — disse:

— 'Este homem vai morrer, Carlos; e tu hasde-o deixar morrer assim, *meu Carlos*?'

Todo o odio, todas as offensas se callaram, desappareceram deante d'aquellas palavras do anjo supplicante. *Meu Carlos* ditto assim não o ouvíra elle ha muito tempo, não lhe póde resistir: estendeu os braços para o frade, cahiu de joelhos aopé d'elle, e um so abraço uniu a todos tres.

Como no eterno grupo de Lacoonte, o velho e os dous mancebos sentiam estreitar-se das cobras da mesma dor, e affogavam junctos da mesma angústia.

Assim estiveram longamente; e não se ouvia entre elles senão algum gemido sôlto, e aquelle sussurrar sumido das lagrymas que mais se ouve com o coração do que com os ouvidos.

O frade disse emfim com uma voz apenas perceptivel de timida e de fraca:

— 'Carlos, meu Carlos, perdoa tambem... oh perdoa á memoria de tua desgraçada mãe!'

O mancebo saltou convulsamente como o cadaver na pilha galvanica: Em pé, hirto, horrivel, tremendo, exclamou com um brado de trovão:

— 'Demonio! demonio encarnado em figura de homem, que vieste recordar-me? Dizias bem

indagora, monstro: so ás minhas mãos deves morrer. E hasde.'

Lançou-se a um enorme velador de pau-sancto que lhe jazia aopé, massa terrivel d'Hercules, e bastante a fender craneos de ferro, quanto mais a descarnada caveira do frade! D'ambas as mãos a levava no ar; e o velho estendeu pára elle a cabeça como na ancia de morrer... Georgina fechou involuntariamente os olhos, e um grande e medonho crime ia consummar-se...

Dous gritos agudissimos, dous gritos de desespêro e de terror, d'aquelles que so sahem da bôcca do homem quando suspenso entre a morte e a vida — soaram repentinamente no appesento; uma velha decrepita e meia morta, arrastada por uma criança de pouco mais de dezeseis annos, estava deante de Carlos, e ambas cubriam com seus debeis corpos a fragil e extenuada figura da sua victima.

— 'Filho, meu filho,' arrancou a velha com stertor do peito: 'é teu pae meu filho. Este homem é teu pae, Carlos.'

O ponderoso velador cahiu inerte das mãos do mancebo, e rolou pesado e baço pelo pavimento. Carlos cahiu por terra sem sentidos. De um pulo Georgina estava aopé d'elle, e o fez incostar na longa cadeira de braços. Estava lavado em sangue; era uma ferida do pescôço que o excesso da commoção lhe fizera rebentar. Os dous velhos vieram ajoelhar-se aopé d'elle. As duas mulheres moças lidavam pelo restaurar e lhe estancar o sangue. A cambraia dos lenços, as rendas do collo e das cabeças, tudo se fez em ataduras e compressas: o sangue parou emfim.

Admiravel belleza do coração feminino, generosa qualidade que todos seus infinitos defeitos faz esquecer e perdoar! Essas duas mulheres amavam esse homem. Esse homem não merecia tal amor: não, por Deus! o monstro amava-as a ambas: está tudo ditto. E ellas que o sabiam, ellas que o sentiam, e que o julgavam digno de mil mortes, ellas rivalizavam de cuidados e de ancia para o salvarem.

De tanto não somos capazes nós.

E por isso admirâmos tanto.

E perdoâmos tanto.

E esquecêmos tanto.

Mas amar tanto, não sabemos: verdade, verdade...

Amâmos *melhor*; sim, isso sim: *tanto* não.

O mancebo permanecia em deliquio. Fr. Diniz e a velha rezavam. Georgina e Joanninha — ja vereis que era Joanninha — olharam uma para a outra, coraram e ficaram suspensas. A inglexa extendeu a mão á amavel criança, estremeceu involuntariamente, mas disse-lhe com firmeza:

— 'O ditto ditto, Joanninha! Eu ja o não amo; prometto.'

— 'Eu amo-o cada vez mais, Georgina: elle é tam infeliz!'

— 'Juras-me tu de o não deixar, de velar por elle sempre, de o defender de si mesmo que é o peior inimigo que tem?'

— 'Se juro!'

— 'Então adeus Joanninha! Eu estou de mais aqui. Ja tenho ouvido o que não devia ouvir. Os segredos da tua familia não me pertencem. O coração d'esse homem não é meu, nem o quero. É um nobre e grande coração, Joanninha; mas... Não te deixes dominar por elle se o queres segurar. Adeus! — Santarem está desamparada pelos realistas; eu vou para Lisboa. Consola tua boa avó, e esse pobre velho. Elle não é tam criminoso, estou certa...'

— 'Oh não! Carlos cuida-o assassino de seu pae; e é falso. Minha avó ja me disse tudo.'

— 'Falso! murmurou Carlos sem abrir os olhos: 'é falso? Pois não foi elle que matou meu pae?'

— 'Não, filho — clamou a velha: 'não, meu filho; teu pae é este infeliz.'

— 'E minha mãe?'

— 'Tua mãe... e eu somos duas desgraçadas. Que mais queres saber? Tua mãe amou esse homem...'

— 'Ah!' disse Carlos: 'ah!' e abriu os olhos pasmados para a avó e para o frade que cravaram os seus no chão, e ficaram como dous réos na presença do seu inflexivel juiz.

— 'Mas esse homem que é... que por força querem que seja meu... meu pae... Sancto Deus! elle matou o outro.'

— 'Defendi-me, foi defendendo esta vida miseravel... Oh nunca eu o fizera! E para quê? Para que quiz eu viver? Para isto!'

— 'E meu tio o pae de Joanninha? Tambem esse era preciso que morresse?'

— 'Ambos se junctaram para me assassinar, e me accommetteram atraiçoadamente na charneca. Não os conheci; foi de noite escura e cerrada. Defendi-me sem saber de quem, e tive a desgraça de salvar a minha vida á custa da d'elles. Filho, filho, não queiras nunca sentir o que eu senti, quando pegando, um, a um n'esses cadaveres para os lançar no rio, conheci as minhas victimas... Era hynverno, e cheia ia de valle a

monte: quando abateu e se acharam os corpos ja meios desfeitos, ninguem conheceu a morte de que morreram; passaram por se ter affogado. Ninguem mais soube a verdade senão eu — e tua infeliz mãe a quem o disse para meu castigo, a quem vi morrer de pezar e de remorsos, que expirou nos meus braços chorando por elle, e maldizendo-me a mim. Não seria bastante castigo, meu filho? — Não foi, não. Este burel que ha tantos annos me roça no corpo, estes cilicios que m'o desfazem, os jejuns, as vigilias, as orações nada obtiveram ainda de Deus. A sua ira não me deixa, a sua cholera vai até a sepultura sôbre mim... Se me perseguirá além d'ella!..'

Fez-se aqui um silencio horroroso: ninguem respirava; o frade proseguiu:

—'Não me dei por bastante castigado com a agonia de tua mãe, a mais horrorosa e desesperada agonia que ainda presenciei, oh meu Deus!.. Tive o cruel ânimo de explicar a tua avó as negras circumstancias d'aquella morte; e de lhe patentear toda a fealdade e hediondez do meu crime. Rasguei-lhe o coração, e vi-lhe sahir sangue e agua pelos olhos, até que lhe cegaram. Que mais queres? Cuidei que podia morrer sem passar por ésta derradeira expiação. Deus não o quiz. Aqui estou penitente a teus pés, filho. Aqui está o assassino de tua mãe, de seu marido, de teu tio... o algoz e a deshonra de tua familia toda. — Faze de mim como fôr tua vontade. Sou teu pae...'

—'Meu pae!.. Misericordia meu Deus!'

—'Misericordia, filho e perdão para teu pae!'

Carlos levantou-se deliberadamente veio ao velho, tomou-o a pêso nos braços, foi sentá-lo na cadeira que acabava de deixar, e pondo-se de joelhos beijou-lhe a mão em silencio. Depois foi abraçar-se com a avó, que o apalpava soffregamente com as mãos tremulas, e murmurava baixo:

—'Agora sim, ja posso morrer, ja posso morrer porque o abracei, porque o senti juncto a mim, o meu filho, o filho da minha filha querida...'

Carlos é que não proferiu mais palavra; tinha-se-lhe rompido corda no coração, que ou lhe quebrára o sentimento ou lh'o não deixava expressar. Sahiu da cella fazendo signal que vinha logo: mas esperaram-n'o em vão... não tornou.

D'ali a tres dias, veio uma carta d'elle, de juncto d'Evora onde estava com o exército constitucional.

(Continúa.) A. G.

DO PARIATO. (*)

558 Tornando ao assumpto que deixámos, é certo que se muitos se locupletavam com as larguezas dos nossos soberanos, a todos sobrexedeu o condestavel. A soberania futura da casa de Bragança quasi que ficou asselada por elrei D. João I. Deu este rei a D. Nuno Alvares Pereira, (Hist. Geneal. T. 3, L. 6.) Villa-Viçosa, Borba, Estremoz, Evoramonte, Portel, Monte-Mór o novo, Almada, Sacavem com seus reguengos, Frielas, Unhos, Camarate, Collares, serviço real dos judeus da cidade de Lisboa, condado de Ourem, Porto-de-Mós, Rabaçal, Bouças, Alvaiazere, Pena-Basto, Barroso, Paiva, e Tendaes. Depois de serem duques, D. Fernando II o africano, possuia 50 villas cidades, e castellos, e logares fortes; quintas, herdades, devesas, e campos. Este duque tirava 3,000 de cavallaria e 10,000 de infanteria das suas possessões. [Tom. 5.° L. 6.°] D. Theodosio [an. 1563] deixou armas, artilheria, arcabuzes, e mosquetes em testamento ao filho [Tom. 4.°]. Estes senhores eram duques de Bragança, Barcellos, e Guimarães, marquezes de Villa-Viçosa, condes d'Arrayolos, Neiva, Penafiel, e Portalegre, Senhores da cidade de Bragança e seu termo, de 153 logares com 7,000 fogos, muitos de 600 e 800 vizinhos; tinham 21 villas das melhores do reino; eram Senhores da Villa de Chaves e seu termo com 188 logares muitos de 500 a 600 fogos e das Villas de Valença etc. No tempo de João II levantavam 80,000 vassallos, 32 bandeiras, e faziam alarde de 17,000 homens com armas. [Tom. 6.° L. 6.°] Davam 50,000 cruzados em commendas annualmente e tinham 480 moradores de sua casa. Tinham tambem chancellaria [Peg. ad. ord. T. 4. § 71.] Gosavam por 47 annos do privilegio de mandar vir 300 quintaes de especearia da India livres de direitos. [Hist. Geneal. T. 4, n.° 243, an. 1638.] Elrei D. Sebastião fez mercê de todas as mercadorias que viessem por terra de Badajoz, sem pagar decima, ao duque D. Jayme. [Id. T. 4, L. 6 an. 1502.] Em tempo de elrei D. Affonso V um dos duques d'esta casa achou-se fazendo cabeça com uns poucos de mil homens seus, ao regente D. Pedro. [cron. Affonso V por D. R. da C.ª]

Durante a dynastia de Aviz, houve em outro ducado que quiz rivalizar com o antecedente; mas não póde: foi o de D. Jorge, duque de Caminha, a quem elrei D. Manoel doou a casa d'Aveiro, e que obteve precedencia para os aggravos dos seus ouvidores. [Peg. ad ord. T. 4.°, § 65.°] Consistia a doação que lhe fizera aquelle monarcha, em: 'entradas e sahidas e pertenças, valles e montes, fontes, campos, termos, limites, mattos, soutos, recios, pacigos, logares, e montados, e portagens, e passagens, ribeiros, rios, e pescarias d'elles, tabaliados, e pensões d'elles, ficando a nós e a nossos successores a *confirmação* dos dittos tabaliados e serem escriptos em os livros da nossa chancellaria segundo é de costume. E com todas as jurisdicções do civil, e o crime mero mistico imperio a elle e tão compridamente como nós havemos e de direito e de feito devemos de haver: assim como todo elle melhor e mais compridamente póde e dever haver *resalvando para nós a correição e alçada.*' [Hist. Geneal. T. 6.°, L. 10.]

Aqui está a grande differença entre o systema feu-

(*) Continuado de pag. 436.

dal, isto é, o da independencia, em contraste com o systema patrimonial. A correição e alçada, é o ponto cardeal que um não admitte, e o outro exigia. Desde 1640, com a presente dynastia de Bragança, sophismou-se um pouco este direito, dando o privilegio de desembargadores aos duques de Cadaval, com o que validavam consideravelmente as suas jurisdicções, mesmo em contestação com as proprias rainhas [Peg. ad ord. T. 3.°, cap. unico.]

No interregno philiphino um arcebispo de Braga arrojou-se tambem a tanto que em 1607 teve a ousadia de degradar uma mulher por 10 annos. Vem o caso em Gabriel Pereira de Castro [Pars 2.°; C. 37.]

Elrei D. João I no seu contracto com o arcebispo D. M. Affonso Peres tinha é verdade concedido ao arcebispado concorrencia na eleição do alcaide para o castello d'aquella cidade; mas a concessão era quasi apparente. [D. R. da Cunha, Hist. Braga, pag. 2.° C. 53.)

O summo imperio illaqueou-se no primeiro reinado da dynastia actual, porque os ouvidores da rainha condemnavam para ella e não para a relação. Aggravou-se n'esta derelinquencia em 1646; devemos suppor que por circumstancias da pessoa á quem se tributava essa graça, mandando-se dar a mesma fôrça ás suas sentenças que ás do rei. [Peg. ad ord. T. 4.° e T. 12.°] E podiam os seus ouvidores mandar vir presos á relação [T. 4.° § 557.] O duque d'Aveiro pela relaxação talvez do exemplo, tinha e este tempo o privilegio de lhe não levarem custas. [Id. T. 6.°]

Com as conquistas, sendo impossivel governal-as desde a metropole, é que se aberrou da integridade do poder judiciario na coroa, e foi outorgado o exercicio da alta justiça de sangue aos paticulares que devem, em taes circumstancias considerar-se mais como logares tenentes do seu rei, do que chefes de per si, como os barões o eram no regimen feudal. A doação de Porto-Seguro é onde vejo pela primeira vez entre nós (entrada ja a Europa na carreira da sua civilização moderna) outorgada a alçada até á morte inclusive, e com toda a ampliação. (G. Geneal. Tom. 6.° L. 10.°) Ha outros exemplos depois mais recentes em Peg. ad Ord. [Tom. 10 e 11] de doações no Brasil a D. C. Pereira de 60 leg., e a P. L. de Sousa de 80 leg. com alçada de morte em escravos, gentios, e peões christãos, e sendo pessoas de maior qualidade, 10 annos de degredo e 100 cruzados de pena. Em uma obra publicada ultimamente pelo Sr. Varnhagen tambem se diz isto mesmo.

Ora, se em Portugal, entre particulares, como vejo em J. P. Ribeiro [T. 3 p. 2.) houve por vezes treguas que denotam taes ou quaes tendencias feudaes, nenhum fundamento se póde comtudo fazer n'esses convenios; porque nenhuma importancia tem, e são como a andorinha desgarrada do inverno.

Antes de concluir por hoje, notarei ainda os teres da ordem d'Aviz e suas rendas. Eram aquelles, segundo a Cron. Bened., 48 commendas, 168 prioradas, vigairarias, e beneficios. O seu rendimento pelo que diz Peg. ad Ord. (Tom. 2.° Gloss. 43.) Cruzados 770,350. * De resto pela Prat. dos Juiz. div. de A. C. de Menezes [1819], os donatarios da corôa eram: Bragança 56 villas; casa das rainhas 13; ditto Infantado 62; a ordem de Malta; as ordens militares de Christo, Aviz, e Santiago; a universidade de Coimbra, os duques de Cadaval, e Lafões, o arcebispo de Braga, Coimbra, Porto, e Alcobaça.

(Continua.) *(C. A. da Costa.)*

* Na Inform. em Dir. ord. Aviz, diz-se que elrei não póde como Mestre prejudicar o direito e exempção da ordem (fol. 53 n. 211.)

O MAGRIÇO E OS DOZE D'INGLATERRA.

(CARTA.)

559 *Sr. Redactor.* — O artigo 532 do n.° 43 da REVISTA, tracta do nosso theatro, e vem n'elle tão elogiada a peça — Alvaro Gonçalves, o Magriço, ou os dôze de Inglaterra — representada no dia 13 do corrente, destinado a festejar o aniversario de Sua Magestade a Rainha, que a muitos excitou a curiosidade do conhecimento d'esta peça, e mais por ter sido a unica que entre tantas que se apresentaram ao Conservatorio Dramatico, mereceu ser preferida para um dia tão solemne: eu não a vi em scena nem ainda d'ella tive algum conhecimento; mas como o artigo mencionado diz que é uma tradição das mais vistosas e agradaveis da nossa historia, fui logo ver se algum dos poucos livros que possuo me dava *alguma* noticia do Magriço, e afinal achei: que no reinado de D. João I de boa memoria, houve em Inglaterra uma grande reunião de damas e cavalleiros, e dôze d'estes moçoaram de certo modo igual numero de damas, chamando-lhes feias (nome que mais escandaliza a vaidade do sexo femenino ainda que isso se lhes diga com verdade) accrescentando que defenderiam com armas o que diziam. Resentidas as damas, convocaram os parentes e amantes para as dispicar, porém estes não acceitaram o convite. Valeram-se então ellas da protecção do duque de Lencastre, D. João, para fazer com el-rei seu genro que mandasse outros tantos cavalleiros defender aquella injuria. Divulgada esta nova em Portugal não houve fidalgo que não quizesse ser um dos escolhidos para aquella empresa; finalmente marcharam Alvaro Gonçalves Coutinho, chamado o Magriço, irmão do primeiro conde de Marialva, Alvaro Vasques de Almada, depois conde d'Abranches. Alvaro d'Almada o Justador. Lopo Fernandes Pacheco, Pedro Homem da Costa, João Pereira Agostim, sobrinho do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, Luiz Gonçalves Malafaia, Ruy Gomes da Silva. Alvaro Mendes Cerveira, Ruy Mendes Cerveira, Soeiro da Costa e Martim Lopes d'Azevedo. Partiram estes por mar e so o Magriço foi por terra, atravessando Hispanha e França. Chegaram os onze que foram bem recebidos pelo duque e damas. Veio o dia aprazado; e no campo destinado, de uma parte os doze inglezes acompanhados de parentes e amigos todos riccamente ajaezados ostentavam grande valor, por outra parte entraram os onze portuguezes, vestidos de grandes gallas acompanhados pelo duque. Era immenso o concurso de muitas nações, e assistia o rei de Inglaterra e toda a nobreza de aquelle reino: todos esperavam impacientes que o som da trombeta désse o signal do combate quando se viu com alvoroço que pela parte dos portuguezes pertendia entrar um novo cavalleiro. Era este o Magriço que logo foi recebido e egualou o numero dos portuguezes: principiou então o combate, primeiro com maças de ferro e depois á espada. Disputou-se com bravura a victoria até que se declarou por parte dos

portuguezes, lançando do campo os contrarios, dos quaes sahiram oito feridos gravemente. Foram geraes os vivas com que o povo acclamou os vencedores. Os juizes lhe deram a palma. El-rei e o duque os receberam nos braços e honraram com demonstrações d'estimação. As doze damas desempenharam agradecidas com prendas as dividas que confesavam a tam illustres cavalleiros. D'elles voltaram nove a Portugal, e trez ficaram proseguindo memoraveis façanhas com que adqueriram nome e gloriosa fama.

Eis-aqui está o que os meus alfarrabios dizem relativamente ao Magriço, e por isso julgo a peça d'este titulo boa e bem apropriada ao dia dos annos da nossa adorada Rainha, a abertura do primeiro theatro portuguez, e muito desejarei a sua breve publicação. Se pois V. julgar que ésta nota deve ser estampada nas columnas do interessante jornal que tam dignamente redige, muito agradecido lhe ficará o seu assignante.

Cazemiro Antonio Ferreira.

Estremoz 24 de abril.

BIBLIOGRAPHIA.

A ESTATUA DE NABUCHO — romance original pelo Sr. *Mendes Leal Junior.*

560 A edição nitida e elegante, bom papel e typo moderno, constará de cinco volumes em 8.° francez.

Entregar-se-ha um volume em cada mez, ao passo que for sahindo.

O preço é de 480 réis por volume, pagos no acto da entrega.

Assigna-se no escriptorio da *Restauração da Carta*, e nas lojas da viuva Henriques, rua Augusta n.° 1; de Plantier, na rua do Ouro; de Silva ao Rocio; e de Langlet, ao Pote das Almas; no Porto e Coimbra na de mr. Moré.

O editor
T. O. J.

Ha muito que os talentos poeticos do Sr. Mendes Leal são conhecidos e apreciados por todos. Desde o seu primeiro drama *Os Dois Renegados*, até hoje, o joven poeta tem sido incansavel em produzir: no theatro e na imprensa periodica tem sido constantes e sempre bellas as inspirações da sua musa e os rasgos da sua penna.

O romance de que se tracta, e que tem sahido em folhetim no jornal politico *A Restauração da Carta*, vem ainda abonar quanto deixâmos dito. Este romance tem algumas scenas de muita delicadeza e outras de grande interesse; o seu complexo promette ser excellente, e o estylo do illustre escriptor é sempre com admiravel ductilidade adaptado ao seu subjeito.

POESIA.

A CANÇÃO DO PIRATA.

(TRADUZIDO DO HESPANHOL.)

561 Com doze canhões por banda,
Vento em popa, a todo o panno
Voa, não corre, no oceano
Um velleiro bergantim;
Baixel pirata, que chamam
Por seus feitos o *Temido*:
Em todo o mar conhecido,
De Marselha á Bombaim.

Treme a lua sobre as aguas,
Nos rinzes suspira o vento,
E ergue, em brando movimento,
Orlas de prata e de azul.
Eil-o o capitão pirata
Que vai cantando na popa,
Asia a um bordo, ao outro a Europa
E pela proa Stambul. *

I

« Voga, meu barco, navega
« Sem temor.
« Nem forte nau na refrega,
« Nem procella, nem bonança
« Desviar teu rumo alcança
« Ou subjeitar teu valor
« Vinte presas
« Tenho feito
« Em despeito
« La do inglez;
« E abateram
« Pendões varios
« Cem contrarios
« A meus pés.

« O meu barco é meu thesoiro,
« A liberdade o meu Deus,
« É-me o pego unica patria,
« Lei a fôrça, o vento, e os ceus!

II

« Além móvam feroz guerra
« Cegos reis
« Por mais um palmo de terra;
« Que eu aqui tenho por meu
« Quanto abristo em mar e ceu,
« A quem nada vem dar leis.
« Nem ha praia
« Sobranceira,
« Nem bandeira
« De esplendor;
« Que não ceda,
« De repente,
« E me alente
« Meu valor.

« O meu barco é meu thesoiro,
« A liberdade o meu Deus,
« É-me o pego unica patria,
« Lei a fôrça, e vento, e os ceus!

* Constantinopla.

III

« Á voz — Davante uma vella! —
« É de ver
« Como vira e se acautella,
« Pannos cheios, a escapar;
« Que eu sou despota do mar,
« Minha furia é de temer.
« Nos despojos
« O colhido
« Eu divido
« Por egual;
« E so guardo
« D'essa prêsa
« A belleza
« Sem rival.

« O meu barco é meu thesoiro,
« A liberdade o meu Deus,
« É-me o pego unica patria,
« Lei a fôrça, o vento, e os ceus!

IV

« Condemnado estou á morte!
« D'isso rio.
« Se não me abandona a sorte,
« O mesmo que me condemna
« Penderá d'alguma entena
« Talvez no proprio navio
« Sucumbindo,
« Que é a vida?
« Ja perdida
« Não a vi
« Quando o jugo
« Vil de escravo
« Como um bravo
« Sacudi?

« O meu barco é meu thesoiro,
« A liberdade o meu Deus,
« É-me o pego unica patria,
« Lei a fôrça, o vento, e os ceus!

V

« São minha orchestra melhor
« Aquilões,
« Mais o horrisono tremor
« D'esses cabos sacudidos;
« E das vagas os bramidos
« E o rugir dos meus canhões.
« Quando o raio
« Cruza aos centos,
« Eu, dos ventos
« Ao troar,
« Adormeço
« Socegado,
« Embalado
« Pelo mar!

« O meu barco é meu thesoiro,
« A liberdade o meu Deus,
« É-me o pego unica patria,
« Lei a fôrça, o vento, e os ceus!

Mendes Leal.

EXPECTACULOS.

THEATRO DO SALITRE.

562 Este theatro tornou de novo a começar os seus trabalhos scenicos. A peça d'abertura foi *João de Calais*, ja antiga conhecida dos amadores do theatro de declamação porque foi uma das mais gostadas do velho repertorio. A farça, *O homem das fatalidades*, não deixa de ser engraçada e tem bons chistes.

Mas não é peça nem farça o mais importante que tenho a mencionar. Houve n'essa noite d'abertura dois debûtes, de duas actrizes; uma d'ellas, a Sr. Maria Isabel, é na verdade de muitas esperanças. A sua maneira de declamar é bastante natural e intelligente, tem fogo e sensibilidade, piza a scena com muita gravidade e desembaraço. A Sr.ª Maria Isabel tambem entrou na farça: mas fico que no drama será o genero em que hade fazer excellente figura. Aconselharei á joven debutante que falle com menos precipitação, mais pausadamente, em geral, e que se abstenha quanto lhe for possivel de fazer gestos com os sobrolhos e outros movimentos de physionomia, que muito repetidos degeneram em visagens.

A Sr.ª Maria Isabel parece comeffeito ser uma boa acquisição para a arte, e será mais uma actriz devida aos esfôrços do Sr. Doux.

VARIEDADES.

CORRESPONDENCIA.

563 Escrevem d'Estremoz á Revista louvando as virtudes, zêlo e aptidão do Sr. Alexandre Augusto da Costa, cirurgião-ajudante do 1.º regimento de Lanceiros. Dando satisfação ao nosso correspondente na publicação d'este testemunho da sua consciencia, sentimos nós mesmos muito gôsto em inscrever o nome d'um cidadão benemerito.

Ao Sr. Felix Baptista Vieira, de Leiria, dizemos que o seu excellente artigo, que ha tempos pára n'esta redacção, fica ainda demorado por occasião opportuna. A Revista tem ja publicado diversos artigos sobre o mesmo objecto, e por isso a Redacção julga dever espaçar mais a renovação d'este assumpto.

OREGON.

564 No momento em que a questão do Oregon é discutida no senado americano e, em que os augmentos successivos dos Estados-Unidos inquietam toda a Europa, julgo que os leitores da Revista não deixarão de ler com interesse as seguintes noticias.

O Oregon, parte da America Septentrional a que dão ordinariamente o nome de *territorio*, tem uma extensão muito maior do que se poderá suppor por essa palavra tão vaga.

O territorio do Oregon é cercado ao leste pelas montanhas penhascosas na extensão de 800 milhas; ao

norte a fronteira que pega com as possessões inglesas e russas não tem menos de 250 milhas; o lado que deita para o Oceano tem 700 milhas de comprimento; ao sul, finalmente, confina com as montanhas nevosas pelo espaço de 300 milhas. A sua superficie é de 360,000 milhas, isto é, tem de tammanho mais de tres tantos da Inglaterra e Irlanda reunidas, ou mais de duas vezes o tammanho da França. Poderia per si so formar sette estados como o de Nova-York que é como todos sabem, o maior dos Estados-Unidos, ou quarenta estados da grandeza de Massachusetts. Algumas das ilhas da sua costa são muito extensas e poderiam por si so formar estados separados.

Por este modo a ilha de Vancouver, situada ao norte do 48.° gráu de longitude, tem 260 milhas de comprimento, 50 de largura e 12.000 de superficie, é muito maior que qualquer dos dois estados da Massachusettes e Connecticut.

A ilha da rainha Carlota, ou antes a ilha de Washington, tem 150 milhas de comprimento, 30 de largura e 4.000 de superficie.

Postoque estas duas ilhas estejam situadas em os 48.° e 54.° parallelos do norte, dizem ser o seu torrão muito proprio para a agricultura.

Os estreitos e os mares proximos abundam em peixe da melhor qualidade. Encontra-se tambem ahi muito bom carvão e outros mineraes.

Numerosas emigrações se tem feito para o territorio do Oregon; todas favorecidas e provoadas pelo governo dos Estados-Unidos; — mas a maioria dos emigrados pouco satisfeitos com o paiz o tem abandonado para irem para a California.

Ninguem decerto ignora que o Oregon é um objecto de contestações ainda não terminadas entre os Estados-Unidos e a Inglaterra: ambos os paizes dizem ter direitos incontestaveis á inteira possessão d'esse territorio.

Aqui darei, segundo os documentos inglezes, alguns detalhos sobre este importante negocio.

Os americanos apoiam as suas reclamações: 1.° na compra da Louisania vendida pela França. 2.° nos direitos que adquiriram dos hispanhoes pelo tractado das Floridas; 3.° pelas descubertas e estabelecimentos dos cidadãos americanos.

Os ingleses respondem:

A compra da Louisania aos francezes em 1803 não póde dar titulo algum á posse do Oregon e ao districto de Colombia, porque os limites da Louisania nunca se extenderam além do Missouri e do Missisipi, e qualquer concessão que se queira fazer mais á Louisania, nunca poderá extender-se além das montanhas penhascosas.

Pelos direitos adquiridos dos hispanhoes, a Hispanha nunca reclamou estes direitos senão pelo tempo das descubertas dos seus navegantes. Francisco Drake porém foi sem duvida alguma o primeiro europeu que explorou as costas d'essa parte do Nor'Oeste do novo mundo. As viagens dos navegantes hispanhoes são posteriores á de Drake. A Hispanha reconheceu os direitos que a Inglaterra tinha áquelle territorio pela convenção de 1790 a qual foi confirmada pelo tractado de 1814. Ora o tractado da Hispanha com os Estados-Unidos não foi ratificado senão em 1820. Se a Hispanha tinha alguns direitos é a Gran'Bretanha que os adquiriu por uma cessão anterior.

Quanto ás descubertas e estabelecimento dos cidadãos americanos, se é a propriedade da exploração que dá direitos para a sua possessão, Sir Francisco Drake explorou as margens d'esse paiz em 1581, o capitão Cook em 1777, o capitão Meares em 1786, Vancouver e Broughton em 1791 e 1792. O primeiro navegante americano apenas appareceu alli em 1792. Se o direito de possessão compete áquelle que explora o paiz e os rios, o capitão Carver, subdito de Inglaterra visitou em 1768 a nascente do rio Oregon. A companhia estabelecida no Nor'Oeste para a exploração de pelles preciosas, estabeleceu o seu escriptorio nas margens do Colombia em 1804 e foi apenas em 1806 que M.M. Clarke e Lewis exploradores americanos, atravessaram o valle de Colombia proximo ao mar. Se os Estado-Unidos tem a pertenção da propriedade d'este paiz a titulo de que os seus cidadãos foram os primeiros descubridores e exploradores d'elle, este facto apenas lhe poderia dar direitos a uma pequena parte do seu territorio; os cidadãos dos Estados-Unidos visitaram apenas uma pequenissima parte do paiz; o resto tem sido explorado pelos agentes da companhia da bahia d'Hudson que estão sujeitos á Gran'Bretanha. A lei porque as nações se tem governado até aqui, a este respeito, é ésta: Que os primeiros navegantes que visitam as costas d'um paiz adquirem para os seus soberanos respectivos a posse não so d'essas costas, mas tambem as dos rios que correm para os mares por elles explorados. Segundo este principio é que a Hispanha, Portugal, França, Inglaterra e Russia tem o dominio das suas colonias.

MODAS.

565 A folhinha decidiu que não tivessemos bom tempo até vespora de San'João, e comeffeito ja la vai quasi ametade da estação que devia ser primavera sem que a atmosphera em guerra com as flores e com os rouxinoes, nos deixe gozar d'esses lindos dias e ainda mais lindas noites em que o horisonte brilhante de purpura ou scintillando estrellas n'um fundo d'azul, nos dá na terra a vista dos anjos; porque não ha dama nenhuma que por esses suaves dias tam meigos como ellas, deixe de passeiar, de dia vendo e procurando as modas pelas modistas, de noite em caminho dos theatros e das amigas. O inverno porém usurpou os dominios da primavera: eil-o ahi está de sobrecenho hyperboreo, ameaçando com suas nuvens carregadas o vestido leve e transparente, a gentil sombrinha, o çapato tentador...

Na ha remedio, em Lisboa não temos que fazer; e ja que estamos a ponto de possuir os carris-de-ferro da companhia-Bacon, antecipemos com a imaginação este rapido meio de vencer grandes distancias, voemos a Paris e vejamos o que a moda por la tem innovado, procurando so o que ainda póde ser usado sem prejuizo da estação que foge ainda mais rapida por sôbre as nossas cabeças do que a locomotiva da nossa penna escorrega pelo papel.

As nossas leitoras ja sabem que Paris é o centro *fashionable* da Europa elegante, e devem saber tambem que Lonchamp é uma linda, rua mui direita e comprida, toda bordada d'arvores, que vai desde a porta Maillot até ao sitio do mesmo nome, Lonchamp, juncto ás margens do Sena — é fóra das recentes muralhas que fortificaram ou aprisionaram Paris, ja se vê. Por ésta bella rua se

ostentam pela semana-maior todas as gallas e modas da primavera, e o que Lonchamp determina Paris executa e o mundo imita. Diz-se que este antigo costume vai decahindo d'anno para anno; mas como ainda não decahiu de todo, será la que vamos buscar as indicações para as nossas elegantes e tafues trajarem d'aqui até que a REVISTA tenho sôbre este importante objecto, mais e melhor que dizer.

Os homens... que rompam elles a marcha porque as pessoas mais respeitaveis costumam vir por último — os homens vestiam camizas bordadas adiante, usavam lenços de barra estampada com a ponta fóra da algibeira, gravata de séda com laço á *Joinville* [é o que nós intendemos pela phrase *ao negligé*]. As calças eram muito largas. Emquanto ao resto no statuquo.

As senhoras mostravam lindas camizitas ornadas de finississima renda, ou tambem bordadas de seda decor: lenço d'assuar pelo mesmo gôsto, com lettras ou brazões de suas familias bordadas n'elle com a maior magnificencia. Chapeo de palha d'arroz com um ramo e laços tambem de palha, ou de crêpe com plumas da mesma côr. Os corpos dos vestidos quasi que era cada um de sua fórma; n'este ponto está a moda em anarchia. Uns eram fechados todos e afogados até ao pescoço. Outros abertos adiante deixando ver a camizita. Uns de cintura muito comprida. Outros menos. Uns em fórma de bico outros não. Quasi todos porém de manga curta. A saia aberta ou fechada segundo o feitio do corpo. Nem menos de oito ordens de folhos cobriam éstas saias: n'algumas começavam maiores e iam cada vez diminuido mais na largura até ao último.

Viam-se bonitos chailes de cachemira branca, quasi inteiramente bordados de grandes flores da seda; e muitos *San' Fernandos*, especie de pelussa de veludo ou seda, guarnecida de renda ou passamanes.

A sombrinha com cabo de marfim custosamente lavrado, completava a *toilette* das mais elegantes. Ora, como este artigo nada tem d'elegante póde ficar aqui sem complemento...

CORREIO NACIONAL.

---

566 A 'Sociedade Thalia' deu a sua última representação e baile d'este inverno, no sabbado 25 do corrente. As peças foram: *La Boulangere*, vaudeville em francez, e *Bandarra* [pelo Sr. Garrett] comedia em portuguez. A reunião foi brilhante como sempre, numerosa como nunca.

Começaram as representações no elegante theatro do Sr. Conde do Farrobo ás Larangeiras. Ja teem havido tres d'estes agradaveis serões, e preparam-se outros.

O Sr. Doux arrematou a praça de Campo-de-Sanct' Anna. Diz-se que teremos n'este verão tardes muito agradaveis n'aquelle amphitheatro: os toiros serão o mais somenos dos seus espectaculos, preparam-se danças e outros jogos, terminando tudo com as côres e estalidos da pyrotechnica-Osti. Para complemento da satisfação pública os preços serão reduzidos.

Contam-se actualmente na praça de Lisboa 372 negociantes matriculados, 245 nacionaes e 127 estrangeiros.

Temos a satisfação de annunciar a todos os que apreciam as virtudes e extremado saber do nosso distincto publicista o Sr. Silvestre Pinheiro Ferreira, que S. Ex.ª se acha desde sabbado convalescendo da terrivel molestia, que ouvimos fóra — vomito preto — ou verdadeiramente — Hemathemese.

Os preciosos dias de S. Ex.ª correram grande risco até ao dia 19 do corrente, o que causou graves cuidados e receios aos seus numerosos amigos. Felicitámos porém a elles e ao paiz com a agradavel noticia do seu restabelecimento, e fazemos preces, para que a vida d'um cidadão tão caro á patria e ás lettras nos não seja por em quanto roubada.

Segundo lemos nos jornaes d'Hispanha, o tenor Moriani partiu para a Andaluzia, d'onde projecta vir a Lisboa.

O eclipse do sol de sabbado tornou-se na realidade *invisivel* apezar do vaticinio dos astronomos de que seria *visivel*: com as coisas la de cima não ha que contar. A atmosphera toldou-se completamente, e não so o sol mas todo o horisonte nos foi eclipsado pelas nuvens grossas e carregadas de materia electrica que desapontaram os curiosos.

Segundo se diz, o Sr. V. Corradini actual emprezario do theatro de San'Carlos, continuará a sel-o por mais dois annos. Accrescenta-se que o Sr. Corradini aproveitando alguns dos artistas da actual companhia a completará todavia com tres artistas de merito superior.

Ha em Portugal 41 escholas para meninas, que são frequentadas por 1.835 alumnas.

Hontem (28) deu-se em San'Carlos a linda Opera *Lucia*, em fragmentos: cantou a parte de Edgardo o tenor Paganini. Este artista não agradou: a sua voz parecia velada e carecendo de notas graves: notou-se-lhe falta de estyllo de canto, de expressão e d'outras qualidades dramaticas: e todavia o Sr. Paganini ha menos d'uma dezena d'annos que entre nós agradára muito.

Advertencia — Na estatistica dos navios entrados no porto de Lisboa no 1.º trimestre d'este anno, publicada no antecedente n.º da REVISTA, devem eliminar-se as duas últimas linhas.

CONHECIMENTOS UTEIS.

MONTE-PIO DOS OPERARIOS.

567. Dando hoje conta d'uma proposta feita n'uma das ultimas sessões do conselho-central d'agricultura, manufacturas e commercio, em França, parece-me dever chamar sôbre o seu proposito a attenção da companhia *Providencia*, que por meio similhante poderia elaborar um projecto applicavel ao estado-social do nosso paiz, e com que se obtivesse igual fim.

O projecto de M. Chavannes (a que me refiro) é o seguinte:

1.° Instituir um monte-pio geral em proveito da classe dos operarios especialmente: (O auctor do projecto colloca ésta *caisse général des retraites* sob a garantia do Estado; com uma organização gratuita analoga á das caixas-economicas. Como se sabe, as caixas-economicas em França estão a cargo do Estado. A nossa situação financeira não comporta actualmente similhantes organizações: é por isso que eu me lembrei acima da companhia *Providencia*, que me parece hoje a unica que sería propria pela sua instituição para ó estabelecimento de que tracto, uma vez que a intervenção do govêrno se manifestasse directamente em auxilio d'ella. E não so para este, mas ainda, porventura para todos os outros estabelecimentos da mesma natureza.)

2.° Prever ao primeiro fundo d'este monte-pio, tanto por meio d'uma subscripção aberta pelo Estado como com uma larga dotação votada pelas camaras. (Entre nós o primeiro meio lembrado pelo auctor do projecto sería mui pouco productivo, e o segundo escusado de lembrar. Parece-me comtudo que este fundo se poderia alcançar, ou por meio d'algumas loterias para isso applicadas, e d'alguns beneficios nos espectaculos-publicos, ou d'outro similhante modo; porquanto este fundo não carece de ser entre nós muito avultado. Ora, a Casa-pia tem hoje felizmente e pela boa gerencia da sua commissão-administrativa, um saldo annual a favor do seu cofre; parece pois que mesmo sem augmentar o número das loterias se poderia talvez applicar n'estes primeiros annos o producto d'algumas d'ellas para o monte-pio dos operarios. Eu *lembro o que me lembra*; mas realmente não tenho tempo d'estudar isso que me *lembra*.

3.° Proclamar a economia *obrigatoria*, por via de deduções feitas no salario dos operarios submettidos á formalidade dos *livretos* (Eu não sei até que ponto este artigo poderia ser adoptado entre nós. Parece-me todavia que pelo que toca aos estabelecimentos do Estado, arsenaes, obras-publicas, cordoaria, e ainda contracto-do-tabaco etc. etc., não poderia haver grande duvida em adoptar a providencia da deducação *obrigatoria*: sería um como contracto synallagmatico entre o Estado e os seus operarios, que assim lhes não coarctaria a *liberdade* do uso de seus rendimentos, propriedade d'elles. — O auctor do projecto refere-se aqui a operarios subjeitos ao *livrato*: direi aos leitores da Revista que não souberem o que isto é, que o livreto d'um operario é um caderno que contém o nome, idade, naturalidade e signaes d'esse operario, e no qual se inscrevem as datas da sua entrada e sahida nos estabelecimentos industriaes em que elle trabalha, o recibo dos seus salarios ou o seu credito sôbre o estabelecimento, se ha circumstancias em que isso aconteça.)

4.° Todo o operario que não estiver comprehendido pela lei na classe dos que estão subjeitos ao *livreto*, poderá ser admittido ao monte-pio requerendo essa admissão.

5.° A importancia da deducção será calculada d'esta maneira: cinco por cento sôbre o salario dos operarios casados, dez por cento sôbre o salario dos operarios menores, solteiros, ou viuvos sem filhos.

6.° O juro do capital formado pelas deducções successivas será capitalizado na razão de cinco por cento, até ao dia em que tenha logar o percebimento da pensão, ou da realização do maximo a que póde chegar esse capital.

7.° O maximo do capital que cada operario póde ter na caixa do monte-pio, não excederá a 3,600 francos.

8.° Todo o operario que se tornar invalido por effeito da idade ou doenças, gozará d'uma pensão de reforma, calculada na razão de cinco por cento do capital accumulado. Ésta pensão póde reverter a favor da viuva (ou viuvo) do operario.

9.° Os herdeiros maiores so terão direito a resgatar o capital depois da morte d'aquelle ou d'aquelles que houverem direito á pensão do fallecido.

10.° Um regulamento da administração-publica marcará os casos particulares em que um operario poderá resgatar todo ou uma parte do seu capital; assim como todos os mais detalhos d'applicação e prevenção.

Acham-se em Inglaterra, na Allemanha, já mesmo em França, e ainda entre nós, muitos exemplos de estabelecimentos *piedosos* e de mutualidade.

No nosso paiz muitas classes teem com effeito estabelecido monte-pios privados, por exemplo: as secretarias d'Estado, os criados da casa-real etc.; mas ha na realidade uma grande falta em deixar á classe dos operarios — a mais desamparada de todas — sem o abrigo d'um beneficio a que possa soccorrer-se.

O homem, que, pela sua avançada idade, ou ainda por um infeliz accidente ou pela natureza do trabalho em que se occupa, muitas vezes contrahe achaques, ou perde algum dos seus membros, com que se impossibilita de continuar a grangear os seus meios de subsistencia; merece na verdade a maior consideração, e é pouco quanto se faça para lhe alcançar os recursos de que sem culpa sua se vai ver privado no resto dos seus dias, que alias elle bem empregou em quanto póde.

Mas eu não quero entrar hoje na conveniencia d'este instituto, nem tambem sôbre a possibilidade de formar o monte-pio dos operarios independente do Estado e das companhias, como são os outros, e talvez sob a solicitude dos chefes dos diversos estabelecimentos industriaes do paiz: suscito apenas a idéa d'esta providencia benefica. Na Inglaterra a *sociedade dos amigos*, que tem reconhecido o principio da mutualidade, diz-se que, tem produzido os melhores effeitos nas classes operarias. Eu não sei até que ponto a companhia *Providencia* poderia extender a sua acção de generosidade-philantropica sôbre este objecto: talvez se dirá que ao cabo sempre é *companhia* e como tal não póde prescindir de *lucros*. Assim é; mas dizem, e é verdade, que o optimo é inimigo do bom: estamos n'esse caso. Oxalá que se possa agora executar o bom que so elle poderá depois produzir o optimo.

PREPARAÇÃO DAS GOMMAS ARTIFICIAES.

568 Este processo consiste em converter toda a especie de farinha ou fecula, principalmente a que se extrahe das batatas, por meio d'uma combinação d'acidos, em substancias gommosas proprias a substituirem as gommas adragantes, Senegalia etc., para condensação de côres, collação, preparações etc.

Tomam-se dois litros d'acido azotico, meio litro d'acido chlorhydrico, misturam-se com 400 litros d'agua da fonte, e ajuncta-se-lhe a farinha sufficiente para formar uma massa que deve ser bem trabalhada e deixa-se depois descançar por duas horas. No fim d'este tempo põe-se em cestos proprios para ella escorrer, e quando está sufficientemente enchuta deita-se em vasilhas e faz-se seccar a fogo lento. Reduz-se depois a pó que se aqueça por trez dias, em cada um d'elles com maior grau de calor: deixa-se esfriar, peneira-se, e leva-se a cozer ao forno. Com ésta ultima operação fica prompta a ser empregada, e estará bem feita se uma pitada d'ella se dissolver completamente sem deixar pé n'uma pouca d'agua filtrada.

Se a farinha for trigueira, por haver sido mal preparada, falsificada ou alterada, deve usar-se de meio litro d'acido sulfurico em logar do acido chlorhydrico, porque o acido sulfurico separa os principios heterogeneos da boa farinha. Em tudo o mais pratica-se como dissemos.

(*Le Technologiste* — avril, 1846.)

RAPIDEZ DE COMMUNICAÇÕES.

569 O espirito humano não descansa, nem cessam os esforços, para inventar e alcançar a maxima acceleração nas communicações, os meios mais rapidos d'aproximar os differente povos entre si, e haver conhecimento dos factos a grandes distancias, quasi ao mesmo tempo em que elles acontecem. Os carris-de-ferro e a telegraphia electrica, parece comeffeito terem alcançado este grande fim, mas para que a realidade d'elle seja completamente satisfatoria, é necessario que a execução d'estas descubertas maravilhosas corresponda em todas as suas partes ao grandioso pensamento da concepção d'ellas. Obter estes resultados em toda a sua extensão, é quotidianamente o objecto da meditação de muitos homens espaciaes, que na concepção de projectos gigantescos, exequiveis ou não, se occupam de todo o coração, ao menos com os mais sinceros desejos de alcançar o seu proposito.

Os jornaes extrangeiros d'este último paquete dão-nos noticia de trez d'estes projectos, que ainda mesmo quando elles não passem além de projectos são admiraveis pela idea, e curiosos de saber. Não quero privar da noticia d'elles os leitores da REVISTA. Um d'estes projectos é communicado pelo *Standard*: é nada menos do que o estabelecimento de um telegrapho submarino entre a França e a Inglaterra, por meio do qual Londres se communicasse instantaneamente com Paris. O jornal inglez falla mui seriamente d'este projecto de telegraphia dentro dos dominios de Neptuno. Diz mesmo que ja se tem procedido a trabalhos preparatorios; que, por exemplo : o da sonda do braço-de-mar que divide os dois paizes, Inglaterra e França, deu em resultado sette braças de fundo juncto ás costas, e trinta e sette na maior profundidade; que ésta, por conseguinte não offerecia difficuldade insuperavel: que o orçamento da despeza não era cifra espantosa etc. Os jornaes francezes *nacionalisaram* logo a idea, e fallam com o maior sangue-frio d'uma ampliação d'ella no estabelecimento d'uma linha telegraphica entre Paris e Argel por baixo do mediterraneo... N'outro tempo, não ha ainda dois mil annos, os homens minaram a terra para se esconderem dos outros homens, hoje querem minal-a para se ajunctarem todos, ou pelo menos para todos elles poderem conviver em commum.

Os outros dois projectos não menos colossaes, são tambem inglezes, era de crer; mas um d'elles *inglez dos Estados-Unidos*. Este consiste n'um carril-de-ferro do centro da confederação americana de norte até á China. Não dizem porém os jornaes d'onde extracto ésta noticia, se o estreito de Behring será atravessado por um tunel, ou se a idea é tam prodigiosamente efficaz que os *gauges* de carril sejam collocados *mesmo sôbre o gelo* d'esse estreito... Como quer que seja, falla-se d'isto com todo o ar de coisa muito séria.

O terceiro e último projecto é de um ingenheiro inglez da Jamaica. É um plano de communicações entre a Asia, America e Europa (não lhe vejo difficuldades para se lhe ajunctar a Africa tambem) por meio d'uma combinação ingenhosa de carris-de-ferro e barcos-de-vapor. Com este systema de communicações podia-se ir d'Inglaterra á Jamaica em dezoito dias, e da Jamaica á China em quarenta e dois dias. Este projecto diz-se, que ja fôra apresentado ao governo dos Estados-Unidos que o acolhêra favoravelmente, e que pelo último paquete transatlantico fôra remettido a Sir Robert Peel. Que diriam d'isto Colombo e Magalhães?

NOVA LOCOMOTIVA.

570 M. Coleman, ingenheiro-civil dos Estados-Unidos, que reside actualmente em Londres, inventou uma locomotiva, capaz, sem auxilio de nenhuma força motora externa, segundo se diz, de subir e descer com a maior facilidade os mais rapidos pendores. O inventor requereu privilegio d'invenção e introducção d'esta machina, que sería na realidade summamente util, satisfazendo o seu fim, porque evitaria na construcção dos caminhos-ferreos os aterros, viaductos e tuneis, que a tornam tam dispendiosa, visto que por esse modo se poderia estabelecer os carris por *montes e valles* sem necessidade d'esses trabalhos.

Parece que a sociedade polytechnica de Londres fizera construir na galeria do palacio que ella occupa um *railway* ascendente para ensaio da locomotiva de Coleman. Este carril deve ter settenta pés inglezes de extensão, e o seu pendor é na razão de oitocentos pés por milha, formando um arco de curva irregular.

ILLUMINAÇÃO A GAZ.

571 Consta que uma companhia existe formada, ou se pertende formar, com o fim de tomar a empreza de illuminar Lisboa por meio do gaz. A formação d'esta companhia é por certo um mal terrivel para o nosso paiz, tam fertil e abundante de azeite de azeitonas, e para as nossas colonias, hoje tam abundantes em semente de purgueira, da qual actualmente se está tirando em grande parte, se não no to-

do, o azeite que se consomme na illuminação das ruas d'esta cidade. Quanto a este ramo de industria colonial, a verificação e execução do tal projecto de illuminação a gaz corta-o pela raiz, destrue-o totalmente, pois que esse oleo não póde ter outra applicação, e por ésta forma as nossas ja tam desgraçadas colonias, se veem privadas de um recurso novo que encontravam em um producto do seu solo.

Este projecto, que como fica dito, importa a perda total d'aquella cultura e industria quanto ás colonias; pelo que respeita aos proprietarios de olivaes no reino, terá um effeito quasi igual. Da existencia da illuminação a gaz nas ruas publicas seguir-se-ha como necessaria consequencia, a introducção do mesmo modo de illuminação nos theatros, nas lojas, nos armazens de modas, nos caffés, e mesmo nas casas particulares, com exclusão quasi total do nosso azeite, que ficará reduzido unidamente ao consummo do prato, que hoje mais do que nunca é diminutissimo.

Pelo desgraçadissimo tractado da navegação do Douro, as nossas provincias do norte teem sido invadidas de cereaes hispanhoes, a tal ponto que ja não acham consummo aos seus productos d'esta especie, se não por preços que lhes não cobrem o grangeio, e a miseria total lhes bate á porta. Agora com ésta innovação do gaz, vai-se destruir o maior e melhor ramo de nossa riqueza nacional, depois do vinho, qual é o azeite; por quanto destruido o meio de dar consummo a qualquer genero, qual vem a ser o seu valor? Nenhum.

O nosso azeite, que hoje fornece os dois mercados principaes do reino, Lisboa e Porto, que além d'isso tem ainda no commercio alguma exportação; acha-se todavia mui decahido de preço, bem como todos os nossos productos agricolas; e em alguns annos mal cobre as despezas de apanha e fabrico, como succedeu na última colheita. Verificado o projecto da illuminação a gaz (o qual tambem ja existe para o Porto) os dois principaes consummidores d'este genero ficarão espantosamente, reduzidos; não se vendo por outro qualquer meio que o seu consummo possa ter augmento, nem interna nem externamente, é obvio que a superabundancia será excessiva, resultando d'ahi o depreciamento total d'este genero, que sem duvida é a base de muitos milhares de fortunas n'este paiz, as quaes vão ser anniquilladas por ésta fórma e muitas familias lançadas na miseria.

Vejamos agora qual é por outro lado a vantagem que offerece o projecto? Além de uma luz mais bonita, ainda que mal cheirosa e assaz nociva para a saude publica, não apresenta vantagem ou proveito algum, senão para a empresa especuladora. O melhor, o mais ricco producto da nossa terra fica destruido, ao passo que se vai augmentar extraordinariamente o consummo de um producto de que nós temos grande falta, qual é o carvão de pedra; pois que todos os dias, e em todos os portos do reino, se importa este combustivel, o que prova á evidencia que essas minas que existem são pouco abundantes, e ainda quando outras muitas se viessem a descubrir e explorar, lá teem ja um destino util e proficuo, qual o de supprir a escacez actual, e excluir dos nossos mercados o carvão extrangeiro, em troco do qual se vai o nosso numerario.

Mas quando mesmo se podesse demonstrar que este projecto era de grande interesse para os possuidores das minas de carvão, e que éstas superabundavam em a nossa terra, e que so com tal estabelecimento poderiam prosperar, (o que tudo se nega) seguir-se-ia d'ahi que tal projecto devesse adoptar-se? Não, e mil vezes não; porque de tal doutrina seria consequencia infallivel, que se poderia tirar a uns para dar a outros; que uma especulação proveitosa a poucos, poderia ir de encontro á riqueza publica d'uma nação, e sôbre suas ruinas erguer-se altiva e brilhante; o que seria um absurdo: importava o mesmo que sanccionar a expoliação.

Barão d'Almeirim.

CAMINHOS VICINAES.

572 Sr. Redactor. — A honrosa menção, que V. faz na REVISTA n.º 43 do meu projecto de lei sôbre caminhos *vizinhaes*, que eu apresentei na camara electiva, me obriga a significar-a V. o meu sincero reconhecimento. Tractando-se de um objecto de tanta importancia, os sentimentos que levaram a V. a occupar-se d'elle, tambem não recusarão algumas considerações, que eu intendo que convem fazer a respeito do juizo que V. teve a bondade de expôr sôbre o meu projecto.

Considerei sôbre este assumpto, e não podia deixar de considerar a legislação extrangeira. — Em França a primeira lei, que tractou n'esta materia, foi a de 9 de ventose do anno XIII; veio depois a de 28 de julho de 1824, e ainda a de 21 de maio de 1836. — Além d'estas, encontram-se, ou é preciso ir procurar em leis avulsas, — em ordenanças, — em circulares do govêrno, — e em decisões dos tribunaes administrativos, muitas disposições, que pertencem á materia dos caminhos *vizinhaes*.

Desprezar as leis dos outros povos não deve fazer o legislador prudente: mas copial-as, e adoptal-as, sem o exame do que convem, é um grande erro. — A experiencia, e as necessidades públicas ainda em 1836 produziram em França uma lei mais perfeita sôbre caminhos *vizinhaes*, e ja desde 50 annos, que o systema de communicações geraes se tinha alli adiantado muito. — Essa experiencia é uma licção para todos os povos, que quizerem tractar dos seus melhoramentos materiaes; mas as suas instituições, a sua organização social, e os principios da legislação particular, trazem a necessidade de um estudo muito reflectido d'essas leis extrangeiras, que achamos sôbre o objecto de que nos queremos occupar.

Emquanto á denominação, as nossas leis consignam a *vizinholidade*, e caminhos *vizinhaes* não é um nome extrangeiro; sendo certo, que as leis, e muitas instrucções ministeriaes da França usam frequentemente da palavra *communaes*. — Os caminhos *vizinhaes* de *grande communicação*, na verdade é denominação das leis francezas; pensei na conveniencia da sua adopção, e decidi-me por ella, porque eu não considero, nem podem considerar-se somente *caminhos de districto* aquelles, que alem de communicarem dois concelhos, communicarem tambem dois districtos.

A primeira necessidade, que eu reconheci, foi a de uma divisão conveniente, e a definição mais propria de caminhos *vizinhaes*. D'aqui tinha que provir todo o direito a estabelecer. Uma e outra eu tractei de fazer, em virtude d'isso, o mais simples que fosse

possivel, e nas leis francezas estes objectos são ainda pouco claros, além de dispersos, e tractados com menos methodo; porque sôbre a definição de caminhos *vizinhaes*, os escriptores, para intenderem a lei de 28 de julho de 1824, recorrem ao artigo 381 do projecto do *codigo rural*, e á circular do ministro do interior de 24 de julho de 1826, — e por fim quasi que se não sabe, o que são caminhos *vizinhaes*. O mesmo podemos dizer dos caminhos *vizinhaes de grande communicação*, porque é so pelo arbitrio do concelho geral, que o artigo 7.° da lei de 1836 os manda declarar, *segundo a sua importancia*.

Foi pois, segundo o que intendi de mais conveniente para a boa divisão da competencia das auctoridades, a cargo de quem devia ficar a construcção dos diversos caminhos *vizinhaes*, e a responsabilidade hierarchica, que podia estabelecer-se, para que ella se levasse a effeito, e fossem depois conservados, e reparados, — foi com relação á extensão, e limites dos mesmos caminhos, que regulei a sua definição, para assentar sôbre ella o direito, que prescrevesse a effectiva construcção, conservação, e reparo de cada um.

Essas definições, e a doutrina do meu projecto melhor se podiam avaliar, se os limites da REVISTA comportassem a impressão de todo elle nas suas columnas.

Separei as *grandes estradas* dos caminhos *vizinhaes*. Separei-as, porque estavam contractadas com uma grande companhia, e o contracto, e o systema da sua construcção approvados authenticamente. — Ainda que o não estivessem, os caminhos *vizinhaes* tem a mais absoluta independencia das *grandes estradas*, e hão-de sempre constituir em toda a parte uma legislação especial. — A das *grandes estradas* tambem convenho, que precisa estabelecer-se sôbre principios derivados de um systema, que possa reger no futuro.

Tendo presente a *nossa* organização administrativa; — a necessidade de se fazerem os caminhos *vizinhaes*, e de se conservarem, — e a efficacia de uma lei, que é feita, para providenciar uma grande necessidade, dividi o meu projecto em cinco titulos.

No titulo 1.° tractei da divisão, e definição de cada uma das especies de caminhos *vizinhaes*. — Como ja disse, intendi, que ésta devia ser a primeira, e a parte principal da lei, porque da sua divisão, e definição dependia todo o direito, que se tinha de estabelecer, e que as auctoridades, a quem incumbia a execução da lei, não tivessem arbitrio algum.

Em seguida cumpria tractar da construcção dos caminhos *vizinhaes*, e a este objecto dediquei o titulo 2.°. — Mas a clareza de uma lei tam importante (e a que exigem todas as leis) pedia, que se tractasse d'esta construcção com relação ás diversas especies de caminhos *vizinhaes*, que ella reconhecia. — O titulo 2.° foi pois dividido em tres capitulos; o 1.° em que se tracta da construcção dos caminhos *vizinhaes de grande communicação*; — o 2.° dos caminhos *vizinhaes*; — e o 3.° dos caminhos *ruraes*.

Classificados ja pela definição, que a lei dá de caminhos *vizinhaes*, nos respectivos capitulos se determinam as auctoridades, que são obrigadas á sua construcção, estabelecendo as regras convenientes de evitar todos os arbitrios, e abusos, e que a lei se illuda. — As receitas, e a responsabilidade das despezas ahi foram attendidas. — O systema da construcção foi considerado debaixo de um ponto de vista geral, para que de districto para districto não apparecesse uma differença talvez prejudicial; — considerei os caminhos *vizinhaes de grande communicação* debaixo de um systema para todo o reino; — os caminhos *vizinhaes* debaixo de outro para um districto inteiro; — e os caminhos *ruraes* finalmente debaixo de um systema tambem em cada concelho.

Nos primeiros, os governadores civis informam-se e propoem ás junctas-geraes, éstas consultam, o governo propõe, e o conselho d'Estado resolve. — Similhantemente nos outros, segundo as attribuições hierarchicas, dentro das quaes se comprehendem; observando-se em todos a pratica de relatorios, desde as primeiras propostas até ás últimas, — e sua publicidade, a das resoluções, do estado dos trabalhos, e das despezas, em que importaram.

O principio do artigo 1.° da lei franceza de 1836 é muito absoluto, e bastante indefinido, o que dispõem os artigos 7.° e 8.° da mesma lei. — Intendi, que a lei era regulamentar, e quiz exáctamente evitar uma immensidade de *portarias, ordens, e determinações*, que depois fossem precisas, se algumas fossem de natureza administrativa, para que se não devessem pedir do corpo legislativo.

No titulo 3.° tractei do direito de propriedade de todos os caminhos *vizinhaes*, e das expropriações objectos de grande importancia, que em França não estão ainda bem regulados, e em que ou fiz grande uso das nossas leis.

Seguia-se naturalmente tractar da conservação, e reparo dos mesmos caminhos, e a isto foi dedicado o titulo 4.° — Ás junctas-geraes é incumbida a obrigação de fazer os regulamentos para esse fim, com relação aos caminhos vizinhaes de *grande communicação*, — e ás camaras com relação aos *vizinhaes*, e *ruraes*. — Provê-se ahi á nomeação dos empregados, e ás despesas necessarias para esse fim, por meio de direitos de transito nos primeiros *somente*, cobrados e administrados pelas camaras, que ficam responsaveis pela conservação e reparo de uns e de outros; e pelo desempenho das obrigações de todos os empregados, incumbidos da administração e policia dos mesmos caminhos.

Destinei o titulo 5.° para as *disposições geraes*, e n'elle estabeleci os prasos, dentro dos quaes devem fazer-se, — remetter-se, — e serem resolvidas todas as propostas nos concelhos, nos districtos, e pelo conselho d'Estado sôbre caminhos *vizinhaes*; e o que deve praticar-se, passando esses prasos, sem ellas se adoptarem, ou resolverem. — Era este o meio de fazer a lei efficaz, e de prover promptamente á necessidade dos caminhos *vizinhaes*. — Os governadores civis, como primeiros magistrados administrativos dos districtos, deviam ter a suprema vigilancia sôbre a construcção, conservação e reparo de *todos* os caminhos *vizinhaes*; — consignei-lh'a, e o cuidado de proverem a isso, e á mais pontual execução da lei, pelos meios que achassem mais proprios.

Vê-se pois, que o *trabalho complexo*, ou um systema geral sôbre caminhos *vizinhaes*, foi o pensamento, e é a base, em que está fundado o meu projecto. — *A commissão de homens intendidos* convem distinguir, ou é necessaria, para propor os cami-

nhos, que são precisos; — ou para fazer o plano da sua construcção; — ou os regulamentos da sua conservação. — Para se proporem os de *grande communicação*, segundo o meu projecto, os governadores civis exigem dos administradores de concelho as necessarias informações; estes hãode obtel-as das pessoas intendidas, e das camaras; — os governadores civis fazem o seu relatorio; — as junctas-geraes, compostas dos grandes proprietarios, e das capacidades do districto, resolvem, como mais convem; — o governo adopta o plano geral, e o conselho d'Estado resolve. — Os caminhos *vizinhaes* seguem a mesma pratica, principiando nas camaras e acabando nas junctas-gereas; — os caminhos *ruraes* do mesmo modo, principiando nos regedores, e junctas de parochia, e acabando nas camaras.

O resultado de tudo é, que em todo o reino, em todos os districtos, e em todos os concelhos se procede á construcção dos caminhos *vizinhaes*, ao mesmo tempo, depois que em toda a parte, e ao mesmo tempo se procedeu aos mais escrupulosos exames d'aquelles, que era preciso, e convinha, que se fizessem, intervindo desde a sua origem os proprios interessados, e por conseguinte os *conhecimentos praticos de cada provincia*.

Pelo que respeita á *largura*, *plantação marginal*, e todo o mais, que pertence á construcção dos caminhos *vizinhaes*, tambem se vê, que isso pertence ao systema, que o governo adopta em presença das propostas de todas as junctas-geraes, e que elle propõe ao conselho d'Estado, em quanto aos de *grande communicação*, na conformidade do §. 1.° do art. 8.° do meu projecto; — ás junctas-geraes, com relação aos caminhos *vizinhaes*, segundo se propõe no §. 1.° do art. 15; — e ás camaras municipaes, a respeito dos caminhos *ruraes*, nos termos do art. 20.

Os *cantoneiros*, a *inspecção*, a *conservação*, os *concertos* tambem está visto, que este objecto fica pertencendo aos regulamentos, que as junctas-geraes, em quanto aos caminhos de *grande communicação*, tem de fazer, nos termos do art. 26 do projecto, para a sua conservação, e reparo, e as camaras municipaes, em quanto aos outros; provendo-se tambem á nomeação d'empregados, que ellas propoem para os primeiros, e nomeam para os outros, para esse fim; além de algumas providencias mais adoptadas no projecto.

Aqui está, como pensei sôbre o projecto, que me propuz fazer sôbre caminhos *vizinhaes*. — Comprehendi a necessidade de uma lei, e apresentar o projecto com as imperfeições, que elle hade ter, não deixou por isso de ser um dever, que não me dispensava de cumprir o conhecimento, que tenho do pouco cabedal, que essa empresa vinha achar em mim; — muito embora o trabalho, de que me encarreguei, não atteste do seu auctor mais, do que os desejos constantes, que o movem sempre, e nunca outros, de promover, como póde, a prosperidade do seu paiz. (1)

A. R. O. Lopes Branco.

Lisboa 1 de maio de 1846.

(1) O Sr. Deputado, assim como deve ter a convicção de que é effectivamente um dos membros mais prestaveis e trabalhadores do nosso parlamento, póde tambem ter a certeza de que o paiz conhece e muito aprecia os repetidos esforços de S. Ex.ª a bem dos interesses materiaes d'elle.

Da Redacção.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO XXXVI.

Que não se acabou á historia de Joanninha. — Processo ao coração de Carlos. — Immoralidade. — Defeito de organização não é immoralidade. — Horror, horror, maldicção! — Um barão que não pertence á familia Lineana dos barões propriamente dittos — Porta de Atamarma. — Senatus consulto santareno. — Nossa Senhora da Victoria *afferada*. — Threnos sôbre Santarem.

574 — Pois já se acabou a historia de Joanninha?

— Não, de todo ainda não.

— Falta muito?

— Tambem não é muito.

— Seja o que for, acabemos, que está a gente impaciente por saber como se concluiu tudo isso, o que fez o frade; o que foi feito da ingleza, Joanninha e a avó que caminho levaram, e o pobre Carlos se...

— Pois interessam-se por Carlos, um homem immoral, sem principios, sem coração, que fazia a côrte — fazer a côrte ainda não é nada — que amava duas mulheres ao mesmo tempo? Horror, horror! como dizem os dramaticos romanticos: horror e maldicção!

— Horror seja, horror será... e horror é, sem duvida. E maldicção que deitaram ao pobre homem. Mas immoralidade! Immoralidade é inganar, é mentir, é atraiçoar: e elle não o fez. Desgraça grande ter um coração assim; mas não me digam que é prova de o não ter. Eu digo que elle tinha coração de mais: o que é um deffeito e grande, é um estado pathologico e anormal. Physicamente produz a morte; e moralmente póde matar tambem o sentimento. Bem o creio: mas é molestia commum, e com que vai vivendo muita gente, até que um dia...

— Um dia, o orgam, que progressivamente se foi dilatando, não póde funccionar mais, cessa a circulação e a vida. Deve ser horrivel morte!

— Fallam physicamente?

— Physicamente. Mas no moral anda pelo mesmo. E se esse é o defeito de Carlos...

— Sentir muito?

— Não; ter sentido muito: que o coração, como orgam moral, não se dilata a esse ponto senão pelo demaziado excesso e violencia de sensações que o gastaram e relaxaram. Se esse é o defeito, a molestia de Carlos, digo que já sei o fim da sua historia sem a ouvir.

— Então qual foi?

— Que um bello dia cahiu no indifferentismo

absoluto, que se fez o que chamam sceptico, que lhe morreu o coração para todo o affecto generoso, e que deu em homem politico ou em agiota.

— Póde ser.

— Mas qual das duas foi, deputado ou barão? queremos saber.

— Saberão,

— Queremos ja.

— E se fossem ambas?

— Oh horror, horror, maldicção, inferno! Ferros em braza, demonios pretos, vermelhos, azues, de todas as côres! Aqui sim que toda a artelharia grossa do romantismo deve cahir em massa sôbre esse monstro, esse...

— Esse quê? Pois em se acabando o coração á gente...

— Eu não creio n'isso. Acaba-se lá o coração a ninguem!..

Houve gargalhada geral á custa do pobre incredulo, e levantamo'-nos para ir ver o Sanctomilagre, que era a hora apprazada, e estava o prior á nossa espera.

Ámanhan o fim da historia da menina dos olhos verdes.

No caminho incontrámos o nosso antigo amigo, o barão de P. — barão de outro genero, e que não pertence á familia lineana que n'esta obra procurámos classificar para illustração do seculo — cavalheiro generoso, e typo bem raro ja hoje da antiga nobreza das nossas provincias, com todos os seus brios e com toda a sua cortezia d'outro tempo que em tanto relêvo destaca da grosseria villan das nossas notabilidades improvisadas.

Vinha em nossa procura para nos guiar. Seguimo-lo.

Fomos de passagem observando algumas das mais interessantes coisas d'aquella interessantissima terra em que se não póde dar um passo sem que a refflexão ou a imaginação incontre objecto para se entreter. Inclinando um pouco á direita démos na celebrada porta de Atamarma.

Por aqui entrou D. Affonso Henriques, por aqui foi aquella destemida surpreza que lhe intregou Santarem, e acabou para sempre com o dominio arabe n'esta terra.

Os illustrados municipaes Santarenos, têem tido por vezes o nodre e generoso pensamento de demolir ésta porta! o arco de triumpho de Affonso Henriques, o mais nobre monumento de Portugal!

A idea é digna da epocha.

Felizmente parece que tem faltado o dinheiro para a demolição, e o senatusconsulto dos dignos padres conscriptos não póde ainda executar-se.

Não que eu creia este arco o genuino arco moiresco por onde entraram os bravos de D. Affonso; mas creio que essa porta da antiga villa se foi reparando, concertando e conservando em suas successivas alterações até chegar ao que hoje está: e ainda assim como está, é um monumento de respeito que so barbaros pensariam desacatar e destruir.

Por cima d'ella está uma capellinha de N. S. da Victoria: quer a tradicção que primeiro erguida e consagrada á Virgem pelo heroico fundador da monarchia e da independencia portugueza. Este é um dos muitos pontos em que a religião das tradições deve ser respeitada e crida sem grandes exames, porque nada ganha a critica em pôr dúvidas, e o espirito nacional perde muito em as acceitar.

Deixá-la estar a Virgem da Victoria sôbre o arco de Affonso Henriques. Prostremo'-nos e adoremos, como bons portuguezes, o symbolo da fé christan e da fé patriotica levantado pelas mãos insanguentadas do triumphador!.

Mas seria elle ou não que levantou essa capellinha? os documentos faltam, os escriptores contemporaneos guardam silencio; a historia deve ser rigorosa e verdadeira...

Deve: e os grandes factos importantes que fazem epocha e são balizas da historia de uma nação, tambem eu os regeitarei sem dó quando lhes faltarem essas authênticas indispensaveis. Agora as circumstancias, para assim dizer, episodicas de um grande feito sabido e provado, quem as conservará senão forem os poetas, as tradições, e os grande poeta de todos, o grande guardador de tradições, o povo?

Eu creio na Senhora da Victoria de Santarem, e em muitos outros sanctos e sanctas, que a religião do povo tem por esses nichos e por essas capellas e por esses cruzeiros de Portugal, a recordar memorias de que se não lavrou outro auto, não se escreveu outra escriptura, de que não ha outro documento, e que os frades chroniqueiros não julgaram dever escrever no livro de terça ou de noa, em nenhum livro preto nem incarnado, porque o tinham por melhor escripto e mais bem guardado nos livros de pedra em que estava.

Coitados! não contaram com os apperfeiçoadores, reparadores e demolidores das futuras civi-

lizações que para pôr as coisas em ordem, tiram primeiro tudo do seu logar.

A camara de Santarem, não podendo demolir o arco, tomou um meio termo que appósto que ninguem é capaz de adivinhar. Afforou a capella por cima d'elle, com altar com sanctos e tudo: e assim esteve afforada alguns annos, não sei para quê nem porquê; o caso é que esteve.

O anno passado porêm (1842) começou a manifestar-se ésta reacção religiosa que os especuladores quizeram logo converter em ganancia pessoal, descontando-a no mercado das agiotagens facciosas; mas perdem o seu tempo, inda bem! Veio, digo, ésta reacção nas ideas das gentes; e a capella da Senhora da Victoria sôbre o arco, não sei tambem como nem porquê, foi *desafforada*, e restituida ao culto popular.

Subimos a ver a capella por dentro: é um rifacimento ridiculo e miseravel, sem nenhuma da solemnidade do antigo, nem elegancia moderna alguma.

Desappontou-me tristemente. Vamos ao Sancto-milagre depressa, que me quero reconciliar com Santarem: e ja começa a ser difficil.

Mas é injustiça minha. Que culpa tem ella, coitada?

Ai Santarem, Santarem, abandonaram-te, mataram-te, e agora cospem-te no cadaver.

Santarem, Santarem, levanta a tua cabeça coroada de tôrres e de mosteiros, de palacios e de templos!

Mira-te no Tejo, princeza das nossas villas: e verás como eras bella e grande, ricca e poderosa entre toda as terras portuguezas.

Ergue-te, esqueleto colossal da nossa grandeza, e mira-te no Tejo: verás como ainda são grandes e fortes esses ossos desconjuntados que te restam.

Ergue-te, esqueleto de morte, levanta a tua foice, sacode os vermes que te poluem, esmaga, os reptis que te corroem, as osgas torpes que te babam, as lagartixas peçonhentas que se passeiam atrevidas por teu sepulchro deshonrado.

Ergue-te Santarem, e dize ao ingrato Portugal que te deixe em paz ao menos nas tuas ruinas, myrhar tranquillamente os teus ossos gloriosos; que te deixe em seus cofres de marmore, sagrados pelos annos e pela veneração antiga, as cinzas dos teus capitães, dos teus lettrados e grandes homens.

Dize-lhe que te não vendam as pedras de teus templos, que não façam palheiros e estrebarias de tuas egrejas; que não mandem os soldados jogar a pella com as caveiras dos teus reis, e a bilharda com as cannellas dos teus sanctos.

Tiraram-te os teus magistrados, os teus mestres, os teus seminarios... tudo, menos o intulho e a caliça, as immundices e os monturos que deixaram accumular em tuas ruas, que espalharam por tuas praças.

Santarem, nobre Santarem, a Liberdade não é inimiga da religião do ceo nem da religião da terra. Sem ambas não vive, degenera, corrompe-se, e em seus proprios desvarios se suicida.

A religião do Christo é a mãe da Liberdade, a religião do Patriotismo a sua companheira. O que não respeita os templos, os monumentos de uma e outra, é mau amigo da Liberdade, deshonra-a, deixa-a em desamparo, intrega-a á irrisão e ao odio do povo.................,

....

Vamos ao sancto-milagre.

Continúa. —— *A. G.*

BIOGRAPHIAS.

O CONDE DE LIPE

575 Os serviços prestados gratuitamente a Portugal pelo marechal-general. Conde Guilherme de Schaumburg Lipe: a educação militar que entre nós estabeleceu: o systema prussiano, que nos importou: mas sobretudo a campanha de 1762, que tão habilmente conduziu, em presença de circumstancias totalmente difficeis, com exercito inferior em numero, bisonho, e mal constituido: são ponderosos motivos para que sua memoria seja venerada, e, tambem com ella, a do reinado do Sr. Rei D. José, que para negocio de tal magnitude, qual o do restabelecimento do exercito, fizera tão feliz, e acertada escolha.

Ainda hoje se rege o exercito portuguez pelos artigos de guerra, que o Conde de Lipe redigiu, e que tão proveitosos foram, obrando com energia o renascimento da subordinação, e o do espirito militar, inteiramente prostrado depois da guerra da successão. Comtudo, as novas ideas, e a civilização actual, desde muito requerem, não so o supprimento de muitas lacunas, que as modernas organizações e necessidades demonstram; mas que se affeiçoe á indole da epocha, o codigo penal a que alludimos, mudando a lei por isso que tem mudado os costumes. —Tambem do mesmo general nos ficaram muitas instrucções scientificas, summamente apreciaveis, que se ainda até agora não foram revogadas, vão de todo preteridas.

Mas, porque a despeito da consciencia que havemos, dos muitos serviços d'aquelle benemerito extrangeiro, o seu nome, e as instituições por elle creadas, são alvo de repetidos motejos, como exoticas, antiquadas, e inadmissiveis, sem se curar de saber, se para seus contemporaneos foram as mais illustradas, e convenientes; pareceu-nos de justiça apresentar uma resumida, ainda que não completa, noticia da pessoa, qualidades, e intelligencia d'aquelle eminente general; afim de que se possa bem apreciar quanto, em relação não menos á sua epocha, que á dos dias em que

vivemos, fôra elle dotado de elevado, e trascendente genio.

Nasceu o Conde de Lipe em Londres, aos 14 de janeiro de 1724, residindo então seu pae o conde Alberto Wolfangio na Inglaterra, por desintelligencia com a sua familia, antes de lhe recabir o governo dos seus estados, o que lhe aconteceu com a morte de seu irmão primogenito. Admittido pela primeira vez á profissão publica da religião em Genebra, na Suissa, em 1738, seguiu os seus estudos em Leide, e depois na universidade de Montpelier, em França.

Concluidos elles assentou praça, e depois de servir um anno, ja como alferes, na primeira guarda ingleza, assistiu como voluntario á batalha de Dittingen ás ordens de seu pae, então tenente-general ao serviço da Hollanda.

Em 1744 alistou-se na marinha ingleza, para entrar em campanha, porém sobrevindo-lhe perigosa infermidade, o não poude vereficar; e so em 1745 fez outra campanha como voluntario na Italia, ás ordens do general austriaco, conde de Schulemburg.

Fôra até então o conde de Lipe um tanto aspero de costumes, e mesmo de conducta pouco regular, a ponto de ser despedido da companhia do Conde de Oeinhausen, como insubordinado, e não menos imprudente na propria valentia. Comtudo fizera elle tão bons serviços militares na Italia, que a corte de Vienna lhe offereceu successivamente as patentes de tenente coronel, e a de coronel, que ambas engeitou; assim como mais tarde não acceitou o posto de marechal de campo ao serviço prussiano.

Foi por este tempo que os annos, a experiencia, e a varia fortuna, assasonando o seu espirito, o determinaram a uma reforma de vida, que amparou, e amenizou com a leitura de philosophos, e moralistas. Foi tão sensivel ésta crise, que para logo lhe divisaram todos, grandes virtudes civis e militares, e começou de ser proclamado como homem justo, e prefeito.

Depois de 1753 viajou, para instrucção e recreio, quasi toda a Allemanha, Italia, e Hungria, e propunha-se mesmo visitar a Turquia, para o que o Hospodar de Valaquia lhe prepára lusido acompanhamento, quando apparecendo a peste, se recolheu a sua casa pela Prussia, para evitar o incommodo das precauções sanitarias. Logo que foi chamado á regencia dos seus estados, incliuou toda a sua attenção á economia politica, que se então não estava reduzida a principios, existia latente, e se fazia presentir dos homens illustrados. A organisação militar da sua pouca tropa, que muito se distinguiu depois entre a dos alliados, foi tambem uma de suas mais desveladas occupações.

Em 1757, logo depois da batalha de Hameln, foi pelo rei de Inglaterra nomeado gran'-mestre de artilheria do Hanover, e como tal assistiu ás batalhas de Crefelt, de Minden, de Lutterbergen, de Fellin-gaussen, á tomada de Munster, de Cassel, Wesel, e Marburg: commandou a retirada de Kanpen, e fez o plano do forte de San'Joge de Hameln; merecendo do rei Jorge II de Inglaterra, e do duque Fernando, notaveis recompensas, pela celebre batalha de Minden, bem como pelo seu intelligente zelo, coragem, e prestantes serviços.

Em 1762, rompendo a guerra de Hispanha contra nós, encarregou-se elle, por intervenção do mesmo Jorge II, do commando dos exercitos alliados portuguez e inglez, que em nossas fronteiras se reuniu contra o inimigo, sendo elevado a Feld-marechal do de Hanover, e a marechal-general do portuguez. Houve-se o conde com summa habilidade nas circumstancias desesperadas em que se achava Portugal, não havendo então mais que 9.000 homens de tropas nacionaes pouco destras, e de 6,000 inglezes: Não detalharemos a estrategia por elle seguida, porque anda ella historiada em um artigo especial por elle escripto; e diremos apenas, que depois de reorganizar o exercito em todos os seus ramos, foi entre nós elevado á dignidade de principe de sangue, com tractamento de alteza. Para si não quiz nunca quaesquer soldos ou gratificações; mas voltando a seus estados no anno de 1766, com saudade, e estima geral; elrei o Sr. D. José o presenteou com uma pequena bateria d'artilheria, sendo os canhões de oiro massiço, pesando cada um 32 libras, montados em reparos de ebano, chapeados de prata; e além d'isso um botão e presilha de brilhantes para o chapeu, e, com o retracto real, tambem cercado de brilhantes. Elrei de Inglaterra o mimoseou igualmente com uma espada cravejada de brilhantes.

Em 1767, voltou a Portugal para velar no andamento das suas reformas, e no progresso das obras de forte de Nossa Senhora da Graça, por elle então projectado juncto d'Elvas; e bem assim a estabelecer novas disposições e regulamentos.

Em 1773, instituiu, ou antes generalizou entre nós escholas militares para todos os regimentos; e da sua de Wilhelmstein despachou 16 officiaes para crearem um corpo especial de artilheria em Lisboa; sendo tal a reputação e estima que entre nós havia grangeado, que apesar de haver sido intimo amigo do marquez de Pombal, quando no reinado da Sr.ª D. Maria I, se recearam algumas hostilidades por parte de Hispanha, se lhe offereceu de novo o commando activo das nossas tropas; que todavia ja então não acceitou por seu mau estado de saude.

Foi o conde um grande reformador do seu Estado, fazendo alli prosperar as artes, e as sciencias, que cultiváva com esmero na sua academia militar, aonde tanto as naturaes, como as moraes e politicas se ensinavam por modo distincto. Elle proprio não so inspecionava aquelle estabelecimento, presidia os exames, propunha questões, e discutia com os mais intendidos, mas até escreveu em francez uma obra sobre tactica, artilharia e fortificação, rica de idéas, e de summa critica, que denominou *Nouveau systheme*, que foi impressa ainda que em poucos exemplares, em *Stadthagen*.

O marechal Lipe foi desde seus verdes annos muito inclinado ás sciencias, e sobretudo á mathematica, e suas applicações á artilharia; o que o não apartara comtudo da philosophia, em que foi profundamente versado; bem como na litteratura aleman, e até mesmo lido em medicina.

Debuxava com primor, e sabia presar as bellezas da pintura classica. Tocava bem cravo, e foi apaixonado da musica, sobretudo da italiana. Fallava por modo corrente o inglez, francez, italiano e portuguez cujos classicos, e poetas havia lido: sabia perfeitamente a latinidade, e explicava com facilidade qual-

quer dos antigos escriptores. Esta cultura de espirito lhe fez apreciar em muito os sabios, e determinou portanto aquella viva, e energica amizade que o ligou ao estudioso Abbt, professor em Rinteln, desde que este, na volta do conde do nosso Portugal, lhe leu a sua philosophia; e mui interessante obra — *Da morte pela patria*.

Foi o conde de estatura mais que ordinaria, de corpo secco mas vigoroso. Tinha a testa proeminente, olhos rasgados, e vista penetrante; nariz comprido e aquilino, e a bocca pequena. O seu aspecto não so era grave, mas talvez severo; porém quando tractado mostrava-se suave, polido, affavel, até muito lhano para com os inferiores. Era de poucas palavras, mas n'estas conceituoso e energico. — O seu coração foi dos mais bem formados, e chegou a ser rico de virtude, e da mais delicada sensibilidade, desde que as sciencias o formaram, e se uniu em casamento com uma senhora, de elevado espirito, ornada da melhor piedade e candura, e que elle muito idolatrou. Assim, por exemplo, quando no sitio de Munster, depois de alguns dias de suspensão de hostilidades, teve de romper de novo e activamente o bombardeamento, e a cidade ardia em chammas, o que lhe assegurava immediato triumpho, voltou por vezes o rosto, e lhe escaparam as lágrimas em presença de scenas tam desoladoras.

Pela maior parte do tempo trajava uniforme azul muito singello e todo abotoado; usava de cabelleira atada de seus proprios cabellos; chapéo sem cairel, e botas grandes. Por unico distinctivo trazia a aguia preta bordada em seus vestidos. Erguia-se ás 4 ou 5 horas da manhan segundo a estação, e almoçava cha com biscoitos. Trabalhava e escrevia na sua obra até ás 9 da manhan, em que despachava com os differentes chefes das repartições do seu condado, até que ía para a juncta da chancellaria, ou á parada militar. Jantava da 1 para as 2 horas, não tendo nunca mais de oito a dez talheres, e compondo-se a sua mesa apenas de cinco pratos, e á ceia por muitas vezes so de um. Ás 5 da tarde tornava a trabalhar, até que das 6 ás 8 ia para os aposentos da condessa, aonde sempre havia um concerto musical. Na sua corte não se davam outros festejos mais que o dos anniversarios dos reis de Portugal, e do de Inglaterra. Nos exercicios gimnasticos tambem foi perito, pois não so cavalgava com destreza, mas jogava primorosamente o florete, e saltava sem se valer das mãos, qualquer altura de 5 pés e meio, dando-se-lhe uma carreira de dez.

Tendo perdido a esposa em resultado de uma phtisica, e antes de ella sua unica filha; não poude resistir a taes desditas e entregando-se a profunda melancholia, com gradual apartamento do mundo, lhes sobreviveu apenas um anno, finando-se aos 10 de setembro de 1777, com 53 annos de edade.

Tal foi um dos mais intelligentes reformadores do exercito portuguez, e que deveu ao nosso bom poeta Diniz, umas das suas melhores odes.

Augusto Xavier Palmeirim.

BIBLIOGRAPHIA.

PRINCIPIOS DE GRAMMATICA PORTUGUEZA. — Por F. de Andrade. — Funchal.

575 Com este modesto titulo foi dada a luz no Funchal uma producção litteraria, cujo merito é por certo muito superior ao ennunciado pelo titulo.

Modelada pelos principios que a ideologia tem estabelecido como fundamentaes na classificação das operações do intendimento, é esta Grammatica muito superior a todas as outras que por ahi correm e de que temos noticia; mas este mesmo merito é, em nosso intender, um inconveniente.

O auctor começa por declarar que a sua Grammatica so pode ser perfeitamente intendida pelos principios de Grammatica geral conforme os ensina o distincto professor do lycêo do Funchal o Sr. Marcelliano; por conseguinte é applicação das regras da Grammatica geral feita á lingua portugueza, e n'este caso deve o estudo d'aquella precedêr o d'esta; ora não succedendo isto assim na pratica, segue-se que as classificações do Sr. Andrade (alias optimas) são inintelligiveis para a maxima parte dos leitores.

A Grammatica sendo uma sciencia em quanto que dá a conhecer os elementos constitutivos e principios geraes da linguagem, é tambem uma arte em quanto que expõe os processos diversos, e a pratica variavel segundo os logares e tempos, e por isso acompanha o homem no desenvolvimento da bella faculdade de communicar com os seus similhantes as suas idéas; e por isso a sua importancia eguala a da linguagem.

O homem sendo dotado das faculdades de sentir, comprehender, e querer, tudo quanto sente, comprehende, e quer, reflecte-se no pensamento, o qual depois é formulado pela linguagem. E d'est'arte a linguagem é a expressão sensivel da vida interna, o laço material das differentes intelligencias, o vehiculo da communicação das descubertas, e o instrumento dos progressos da humanidade. Estas verdades provam a importancia do estudo das leis que regulam o seu uso; e justificam o apreço que da Grammatica sempre fizeram os mais abalisados sabios; por isso que muito bem sabiam que os vicios da dicção reagem sobre o sentido das palavras, e que por conseguinte a logica padece os effeitos da incorrecção do stylo, porque o fallar não é em ultima analyse se não pensar ostensivamente.

Do que levamos dito segue-se que é analysando as funcções do nosso intendimento que nós devemos estabelecer as regras grammaticaes modificadas pela praxe estabelecida pelo uso, pois as linguas nascem e formam se anteriormente a todas as Grammaticas, as quaes pela sua natureza analytica estão condemnadas a nada crear.

Julgamos, (e a leitura da Grammatica do Sr. Andrade o attesta) que a obra sôbre que emittimos o nosso juizo foi concebida debaixo d'este pensamento, no entanto não appresenta, nem ainda summariamente, os traços geraes d'esta analyse.

Faremos ainda dois reparos a uma obra, alias tam acabada.

O Sr. Andrade juncta ás differentes fórmas verbaes os pronomes *eu*, *tu* etc. o que nos parece contrario á natureza etymologica e philosophica da nossa lingua. Nem o latim carece de similhantes accessorios para distinguir quem falla, aquelle a quem se falla, ou aquelles e aquillo de que se falle; nem os pensamentos exprimidos em portuguez d'elles carecem.

Outro, é em quanto ao systhema orthographico com respeito a desinencia em *am* de algumas terminações

verbaes. Na anarchia que n'esta parte existe entre nós, é por certo a adopção d'esta terminação a que apresenta mais unanimidade. Dos nosesos escriptores distinctos o numero é grande (como confessa o mesmo Sr. Andrade), os nossos corpos scientificos não curam de tal, assim mesmo muitas das obras impressas na Universidade ja a seguem, e o sonido de *ão* é bem differente do de *am*, e sensivel ainda para os ouvidos menos delicados, e dando-se elle realmente na pronunciação de algumas das fórmas verbaes, a orthographia philosophica, seguindo o preceito de Horacio em quanto á auctoridade do *uso*, não devia deixar de abraçal-a: tanto mais que reune um tal systhema a vantagem de evitar o equiveco de muitos preteritos com futuros, poupar o uso de accentos, e mesmo ter a seu favor a etymologia, pois a terminação *ant* dos verbos latinos é mais conforme com a portugueza *am*, como a *unt* com *ão*.

Salvos estes pequenos reparos (e talvez a razão não esteja da nossa parte) a obra do Sr. Andrade é de muito valor, e repetindo o que acima dissemos, a julgâmos muito superior a todas as outras que por ahi correm e de que temos conhecimento. Concluimos, pois, felicitando por tal obra o seu digno auctor.

S. B.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÃO.

DESCUBERTA DA ILHA DE GRACIOSA.

576 Parecé-me, que todos os corações nascidos n'esta nossa terra devem sentir certo desgosto por estarem ainda na obscuridade as datas de tantos dos famosos descubrimentos e conquistas, com que outr'ora apostámos nome perpetuo na historia contra a voracidade dos tempos,

Fallando verdade bem póde assimelhar-se, o esquadrinhar algumas das taes datas, a ir por ahi fóra n'um saveiro pescar, com vento e mar procellosos. Perde-se aqui uma vela, além um mastro, depois o rumo, por fim e em fim até succede perder-se a gente tambem, e resultado... nenhum se logra. Então eu por mim, quando muito procuro, sem nada achar, dou sempre á costa da desesperação. Com aquellas provas, contrárias umas ás outras e documentos manuscriptos e impressos, e opiniões encontradas de auctores *todos gravissimos* — o Senhor nos accuda — não se desembaraça, não se intende mesmo (que é peior) uma pessoa, nem por quanto ha, em similhante marulhada. O que sei porém é que me faz realmente pena não atinar com algumas datas, que parece de véras, parece impossivel, não serem conhecidas!

É o que succede á da descuberta da Ilha Graciosa. Não ha noticia certa do descubridor, nem do anno, nem do mez, dia e circumstancias do descobrimento!

Vejam como hade commemorar-se um feito tanto para ser gabado como este *é*: — feito bemaventurado, que nos deu a conhecer mais um hymno da divina poesia da natureza allí n'aquellas muitas e amenissimas pradarias, com characteres de hervas e de boninas; e que tantas, tantas vezes, é alli preludiado nas folhagens, e nas ondas pela brisa fresca da tarde... Que assim o tenho eu ouvido mais de uma vez, e lido n'alguns jornaes... extrangeiros, pois os nossos occupam-se — a maior parte — de cousas mais interessantes!

Não ha de feito mais que conjecturas sôbre a data verdadeira d'aquelle descubrimento, e em quanto não temos outra coisa... é contentar com o que ha...

Affirmam, que o descobridor fóra Diogo de Mello porque assim está esculpido na campa da sua sepultura, que *existia* na ermida de Sancto André, — a primeira que houve na Ilha — e que foi o dia o da invenção da Sancta-Cruz, no mez de maio, porque assim *é* a invocação da sua Igreja Matriz, e a denominação da sua principal villa. Quanto ao anno anda isso n'umas demandas, que... nem eu sei. O Sr. Bernardino de Sena Freitas declarou ja n'este jornal existirem motivos para se crêr, que fóra o de 1453.

Depois dos preciosos achados, que este nosso archeologo tem feito no seu incessante lavrar nas minas archeologicas, não posso deixar de ter a sua opinião, recentemente emittida, na conta da mais verosimil.

Agora e que eu tambem não posso deixar de fazer é de pagar aqui um tributo de bem-merecido louvor ao pensamento, á execução, e sôbre tudo ao auctor de um escripto, que ha pouco sahiu a lume, a respeito da Ilha, em que tenho fallado, com o titulo de — Memoria Estatistica e Historica da Ilha Graciosa. — É que toda a memoria, — obra do Sr. Felix José da Costa, — lhe dá sobrados direitos á nossa gratidão, pela curiosidade com que andou elle proprio enfeixando os dados estatisticos de que se compõe, pelo bom termo, com que a todos dispoz, e até pela correcção da linguagem, que não tem *mistura* quasi nenhuma, de vocabulos extranhos ao *nosso bello* idioma. N'isto favor, nem lisonja não n'a ha. Nem d'uma, ou d'outra cousa precisava o auctor. Ha se pura verdade, que por tal se dará a conhecer a todos os que lerem tão proveitoso escripto.

3 de maio de 1846.

J. M. Campêlo.

O MEZ DE MAIO.

577 O signo d'este mez são os *gemeos*. A origem do nome d'este signo é curiosa. Castor e Pollux foram dois irmãos filhos da formosissima Leda; mas aquelle tinha a Tindaro por pai, e o outro o tonante Jupiter, que dera a immortalidade a seu filho. O amoroso Pollux vendo seu irmão morto implorou de seu pai a immortalidade d'elle ou a perda da sua propria. A um filho querido não se nega nada: Jupiter, que era *ordeiro*, descobriu o *justo-meio* applicado á supplica do filho; concedeu a immortalidade a Castor com a condição de que os dois irmãos viviriam e morreriam alternativamente, ora um ora outro: e assim foram postos entre as costellações com o nome de *didumoi* (gemeos). Para os gregos este asterismo era o symbolo da amizade. Tambem o foi para o nosso astronomo que fallou assim de quem nasce sob a influencia d'este signo interessante:

Quem nasce sob este signo
É docil, respeita a lei:
É leal á seus amigos,
Á esposa, á patria, ao rei.

Á vista d'este feliz vaticinio os governos não deviam entregar os grandes cargos publicos senão a cidadãos nascidos em maio. Fallo desinteressadamente porque eu não nasci tal; mas ainda quando nascêra... Ora, se nascesse havia de ter outro demerito; as coisas são para quem são...

Tem maio 31 dias; e crescem elles n'este mez quasi uma hora ainda, 25 minutos de manhan e 23 de tarde. O seu maior dia é o último que tem 14 e meia horas de sol; porque este nasce então ás 4 h. e 40 m. e põe-se ás 7 h. e 18 m. A sua lua começa a 24 e acaba a 22 de junho.

Os trabalhos d'arboricultura e horticultura são muitos n'este mez. Ha ainda que fazer outros trabalhos ruraes muito importantes: tosquiar as ovelhas, crestar colmeias, etc.

Havia em Roma um costume original n'este mez: consagravam-no á velhice, e prohibiam os casamentos em todo o decurso d'elle. Deveriam de ter poderoso motivo para isso: eu é que o não sei, nem tenho tempo de o indagar. Quasi todos os dias d'este mez eram de ferias para os romanos. No primeiro d'estes dias offereciam elles sacrificios aos seus lares, festejando-os com jogos que duravam tres dias. Tinham tambem umas festas lugubres, que se dizem instituira Romulo, em honra dos manes de Remo. Havia tambem a festa de Marte, a de Mercurio, a das Vestaes, as de Vulcano e as de Jano. A mais alegre de todas porém era a festa republicana do *regifugium*, em que celebravam a expulsão dos reis; mas a mais notavel era uma dedicada á *Fortuna-publica*. Sería ésta uma festa muito digna de ser instituida *entre nós* os modernos...

Mas os gregos é que sabiam e sabem festejar este mez como elle merece. Antigamente tinham festas a Ceres e Proserpina, e outras em honra de Jupiter, e celebravam de tres em tres annos as pequenas panatheneas, que era uma linda funcção dedicada a Minerva; agora usam no 1.° de maio cubrir de boninas o pavimento de suas casas, e intertecer coroas de flores que penduram pelas portas das suas namoradas. Em Roma ha tambem alguma coisa d'isto, que dizem ser restos da festa pagan á nympha Egeria. Na Inglaterra, onde tanto se présam as flores e onde ellas tanto custam a obter, passeiam pelas ruas um *maio* ou arvore infeitada de fitas e flores, cercada de mascarados e *sweep-boys* (alimpa-chaminés). Ca em Portugal ha muita gente que se lembra ainda das festas de maio: dizem que eram muito vistosas, alegres, e floridas. Uma das circumstancias mais graciosas d'ellas era ornar de custosas gallas e flores uma linda menina que passeavam pelas ruas com folgazão acompanhamento. Depois isto degenerou em folguedo de rapazes; ornavam um d'entre elles com muitos mal-me-queres e boninas, e iam de roda d'elle entoando aquelle semsabor estribilho:

Viva o maio carambolla
Qu'elle vai jogando a bolla.

Até isso ja la vai... e eu vou-me tambem para não dar maior massada aos leitores.

EPHEMERIDES.

1, Descuberta das ilhas de Cabo-Verde (1460) — 3, Celebrou-se a primeira missa em terra do Brazil (1500) — 8, Descuberta da ilha de San Miguel (1444) — 13, Declaração da independencia do Brazil (1825) — 15, Fundação do hospital de Todos-os-Sanctos, em Lisboa (1473) — 16, Batalha d'Alboera (1811) — Batalha d'Asseiceira (1834) — 18, Chegada de Vasco da Gama á India (1498) — 20, Fundação do mosteiro de Lorvão (1200) — 26, Batalha do Montijo (1644) — 27, Convenção d'Evora-Monte (1834) — 30, Retira-se elrei D. João VI de Lisboa para Villa-Franca, e acaba o governo constitucional proclamado em 1820 (1823).

CORREIO EXTRANGEIRO.

578 O celebre *maestro* Verdi, que alguns dos nossos jornaes deram como morto, obteve ultimamente um d'esses triumphos que fazem epocha na vida de um compositor. A sua nova opera — *Attilla* foi executada no theatro Fenice de Veneza por artistas de primeira ordem: a Loeve, Guasco, Marini e Constantini (que ja ouvimos no nosso theatro) com um successo extraordinario. Todos os jornaes de Italia e França são conformes no triumpho do joven *maestro*, e em que ésta opera é uma das suas melhores inspirações. A *Gazeta Musicale de Milano*, diz o seguinte: 'Os romances, cavatinas, arias e duettos, são inspirações melodicas dignas de Belini, e as peças concertantes são as melhores que temos ouvido nos theatros d'Italia; n'uma palavra Verdi excedeu tudo o que até hoje tinha escripto... Foi chamado muitas vezes á scena, e no fim do espectaculo conduzido para casa entre dois renques de tochas e acompanhado por uma banda de musica militar.

Na conformidade da lei hade ter logar em França

no anno proximo, o recenseamento geral quiqnenal. Segundo as taboas de Mathieu, a população de Paris deve ser actualmente de um milhão, e a de toda a França de trinta e seis milhões d'habitantes.

O perfeito da policia de Paris fez conhecer que o número de carroagens etc. que circulam diariamente pelos *boulevarts* interiores é de vinte mil.

Gasta-se annualmente com a instrucção-primaria em França 16 milhões de francos. Ha 42,551 aulas de meninos e 17,287 aulas de meninas.

Ha nos Estados-Unidos 103 collegios com 9,936 alumnos, 28 escholas de medicina com 3,265 estudantes, 39 escholas de theologia com 1,305 estudantes.

No ducado de Milão, que contém 1,235,480 habitantes, existem presentemente 2,633 escholas que são frequentadas por 124,328 rapazes e 1,929 raparigas.

A rainha d'Hispanha condecorou o celebre tenor Moriani com a cruz d'Isabel-a-Catholica.

O imperio d'Austria tem apenas 498 navios mercantes, que prefazem 182 844 toneladas.

O celebre A. Dumas acaba de soffrer a queda de mais outra comedia sua, *A Filha do Regente*, dada no 'theatro-francez' com grande magnificencia.

A Rossi-Caccia debutou na grand'opera, em Paris, a 20 d'abril, na *Juive*. Ésta parte não é das mais convenientes á illustre artista, assim mesmo foi muito applaudida e as suas excellentes qualidades de cantora fizeram esquecer algumas impropriedades d'actriz.

A associação dos económistas de Paris, e varios negociantes da mesma cidade, parece que se occupam d'um projecto d'associação a favor da liberdade commercial.

O rei da Suecia, seguindo o exemplo do rei dos francezes, manda asseutar os principes seus filhos nos bancos das aulas publicas ao lado dos meninos da sua idade. O duque d'Oscar depois do seu exame publico passou a ir estudar na uinversidade.

Os jornaes de Paris dão fallecida n'aquella cidade uma mulher de 108 annos, que conservava todas as suas faculdades intellectuaes.

CORREIO NACIONAL.

579 No dia 2 do corrente entrou paquete d'Inglaterra com folhas até 27 d'abril. Os fundos portuguezes ficavam a 58¼.

No fim d'abril existiam no Terreiro-publico, abordo, nos depositos e alojamentos: 9,368 moios de trigo, 519 de cevada, 292 de milho e 253 de centeio. O trigo vendia-se de 380 a 600 réis o alqueire; a cevada de 280 a 320 réis, o milho de 260 a 320 réis, e o centeio de 260 a 300 réis.

No mez d'abril entraram no porto de Lisboa 219 embarcações e sahiram 220; d'estas são 110 portuguezas entradas e 118 sahidas: de guerra entraram 4 sahiram 6, da 1.ª classe entraram 17 sahiram 25, da 2.ª classe entraram 80 sahiram 77. As outras embarcações (entradas) são: inglezas 69, francezas 21, suecas 5, hawoverianas 3, russas 5, austriacas 2, hollandezas 8, oldeburguezas 1, americanas 2, brazileiras 1, prussianas 3, belgas 1, hamburguezes 1, norweguezes 1, sardas 1, bremezes 1.

A receita do asylo de mendicidade no mez de março último foi de 2:068$119 réis, além de varios objectos em especie. A despeza foi de 1:616$692 réis. Existiam 286 homens e 224 mulheres, total 510.

No dia 11 do corrente pagará a juncta do Creditopublico o juro de seis por cento do segundo semestre de 1845 dos titulos de Distrate: e cumulativamente os de 5, 3 e 2 por cento dos titulos dos Açores.

A 'Academia-philharmonica' celebrou sabbado (2) o anniversario da sua installação com a opera de Donizetti *Hugo, conde de Paris*. A reunião foi brilhante e numerosa, o serviço excellente, e a execução da Opera mui digna d'elogio.

O commercio de Portugal com o Brazil no anno de 1845 da os seguintes resultados: Sahiram de Portugal para o Rio-de-Janeiro 76 navios, entre estes 33 portuguezes; a sua lotação foi de 20,132 toneladas; o valor da carregação 2.995:154$540 réis: das ilhas da Madeira e Cabo-Verde, 22 navios com 5,703 toneladas e valor de 89:462$150 réis: dos portos d'Africa e Asia 9 navios com 1,846 toneladas e valor de 298:926$650 réis: total, 107 navios (36 portuguezes) que importaram o valor de 3,383:523$340 réis. Ha ainda mais a notar no detalho que a importação de vinho de Lisboa foi de 9,118 pipas, do Porto 1,842½ pipas, da Figueira 12 pipas, da Madeira 23½ pipas, total 10,996 pipas, importação quasi igual á da Hispanha, França e Sicilia, junctas. Este commercio augmentou (sôbre o anno de 1844) 805 pipas, como augmentou tambem em 684:043$210 o commercio dos demais valores, tendo todavia diminuido em especial o das ilhas da Madeira, Açores e Cabo-verde. Depois do vinho, o sal e a carne-ensaccada, são os productos de maior importação.

A exportação do Brazil para portos portuguezes fez-se por meio de 83 navios sendo d'estes 38 portuguezes e 24 brazileiros, com o valor de 2,763,328$440 rs. Balanço a favor do commercio portuguez 619:994$900 réis.

Mademoiselle Benitta Anguinet, a interessante *prestigiadora* de que ja fallámos, dará a sua primeira representação na quarta-feira (13) no real theatro de San'Carlos. As *novidades* que M.elle Anguinet assegura que apresentará ao nosso publico, devem tornar ésta noite muito agradavel; tanto mais que é este um genero de divertimento entre nós pouco visto, e que sempre tem sido mui mediocremente executado.

O theatro do Gymnasio abre no domingo. A representação constará da peça *Paquita*, que dizem ser do Sr. Perini, e d'uma comedia n'um acto, bastante chistosa, *A Herdeira*.

CONHECIMENTOS UTEIS.

AGRICULTURA.

SEMENTE DE BETARRABA.

580 O Sr. Francisco d'Assiz Boaventura, de Sacavem, acaba de obsequiar a REVISTA remettendo para o seu Escriptorio uma porção de semente de betarraba, que será distribuida pelos Srs. Assignantes d'este jornal que o solicitarem. A Redacção em nome d'elles, e seu, agradece ao Sr. Assiz Boaventura a sua generosa offerta.

LIBERDADE DE COMMERCIO.

581 A cidade de Bordeus, em França, acaba de imitar Manchester, na Inglaterra. Como todos sabem foi n'esta cidade que primeiro soou o grito dos *free-traders*, e a liga de que Cobden é chefe, tomou bem depressa n'aquelle paiz tal incremento e importancia que, hoje, parece que os seus principios estão apontо de arrastar após si toda a organização economico-industrial da Gran'Bretanha.

A questão theorica da liberdade de commercio era agitada ha muito entre os economistas. Os esforços de Cobden são todos para tornar praticos esses principios theoricos. Ultimamente o plano economico-financeiro de Peel apresentado ao parlamento inglez, elaborado, em grande parte, sob a influencia dos mesmos principios, provocou finalmente a questão prática da liberdade commercial. A voz ingleza fez ecco em França. O economista F. Bastiat é o campeão da liga franceza, mas ja Harcourt nas camaras havia apanhado a luva atirada por Cobden. Uma associação foi creada em Bordeus com o nome *de association pour la liberté des échanges*. Esta associação organizou-se emfim e a sua primeira assemblea-pública contava obra de quinhentos membros representantes do commercio, da agricultura e da industria. O principal fim d'esta reunião foi arranjar fundos para acudir ás grandes despezas do estabelecimento da liga: a subscripção excedeu a 52,000 francos. O estabelecimento da liga em França é pois, ao que parece, um facto consummado.

Extractarei agora alguns periodos do discurso de Bastiat n'esta grande reunião, e transcreverei depois uma parte do manifesto da associação.

« Ergamos principio contra principio (exclamou o orador a que me referi). É preciso que se saiba de que lado está a verdade. Se nós nos inganámos, se nos podem demonstrar que os povos se enriquecem isolando-os dos outros povos, então levem-se os direitos protectores até á última: reforcemos as nossas barreiras internacionaes, não deixemos entrar nada de fóra, intupam-se os nossos portos e rios, e façamos dos nossos navios lenha para a fornalha. Mais ainda. Porque não levantaremos tambem barreiras entre as provincias? Porque as não libertâmos dos *tributos* que pagam umas ás outras? Porque reouaremos ante a *protecção do trabalho local* em todos os pontos do nosso territorio, afim de que os homens obrigados a abastecerem-se per si mesmos, sejam *independentes* em toda a parte, e o algodão e o assucar sejam cultivados mesmo la na cima nevosa dos pyrineus? — Se a verdade porém está de nosso lado, ensinemos, reclamemos, trabalhemos para que os nossos interesses não sejam sacrificados, nem os nossos direitos desconhecidos.

« Proclamemos este principio de liberdade, e deixemos ao tempo tirar-lhe as consequencias. Imploremos a reforma, e deixemos aos monopolistas o cuidado de a demorar. Nós não somos legisladores; nem a luz apparecerá de repente: o privilegio terá todo o tempo de se acautellar. Este mesmo movimento lhe servirá de advertencia, e que o considerem como um d'esses meios tam estimados de transição. »

O manifesto é o seguinte:

« Os abaixo-assignados, negaciantes, proprietarios, industriaes, convencidos da necessidade d'organizar a Associação para a liberdade das permutações, julgam de seu dever expor os principios que os animam, e os projectos em cuja realização elles teem resolvido proseguir.

« So a liberdade das permutações póde assegurar o podêr das nações, a prosperidade do commercio, o bem estar do consummidor.

« Quando as sociedades reconhecem a utilidade do livre desenvolvimento das transacções, os obstaculos que se lhes oppoem devem successivamente desapparecer.

« Um povo não poderia hoje occupar um logar elevado na civilização e possuir os elementos de uma influencia real, continuando privado dos direitos de receber livremente os productos extrangeiros, e d'expedir em troca os seus para fóra.

« As relações do commercio internacional augmentam em importancia e actividade á medida que se abatem as barreiras restrictivas.

« Sem flagrante injustiça não se podenia manter, em proveito de certas industrias priviligiadas, um monopolio que pésa sôbre cadaum dos consummidores, não deixando á disposição d'elles senão productos insufficientes, de preço subido e de qualidade inferior, em quanto que todos deviam estar no pleno gôzo do direito de se abastecerem no mercado mais vantajoso.

« Por consequencia: formar-se-ha uma associação com o nome *d'associação para a liberdade das permutações*. O seu fim será promover por todos os meios legaes, a reforma das pautas das alfandegas, a suppressão dos embaraços postos ao commercio exterior ou interior, e a abolição tam cedo como seja possivel, das leis prohibitivas e direitos protectores.

« A Associação defenderá a causa da libardade das permutações contra os ataques interesseiros dos seus adversarios, e derramará por toda a parte o conhecimento dos verdadeiros principios d'economia-politica.

. . . . »

Eu sei que os nossos direitos protectores não aproveitam tanto como parece abem da nossa industria: é mau — mas antigo costume nosso — augmentar o custo do producto na razão de maior consummo d'elle. Estou tambem persuadido que seria mais conveniente *proteger e animar* aquellas industrias cujas materias-primas temos no país, do que gravar os consummidores com os elevados preços dos productos d'outras industrias em que nunca poderemos alcançar perfeição.

Não se pense porém que eu n'este artigo tive em vista outro fim que não seja o de dar noticia de um facto importante, e fazer conhecida dos leitores da Re-

VISTA uma das graves questões que hoje se agitam no mundo social. Devemos saber e começar a interessar-nos por estes debates, tomar conhecimento com elles, estudal-os, para podêrmos convenientemente applicar ao nosso paiz ou desviar d'elle, os resultados, proveitosos ou nocivos, que a prática d'esses principios n'outras partes produzir Já que, infelizmente, estamos atraz dos outros povos, tiremos o possivel partido da nossa posição aprendendo da experiencia d'elles. É uma triste vantagem; mas vantagem que deve ser aproveitada.

ROLO DE CALCAR PARA AS CALÇADAS EMPEDRADAS.

582 Uma boa parte das calçadas de Lisboa acham-se feitas pelo systema mac-adam, e não se póde duvidar que seja este um dos melhoramentos da capital de maior utilidade publica. Mas este melhoramento tinha sido feito a principio incompletamente, e quasi que o iam desconceituando na opinião vulgar. Algumas vezes era mal feito, não era regado nunca e quando o era os moradores é que o faziam a expensas suas, e tambem se não passava a galga por cima do empedramento.

Este ultimo aperfeiçoamento ainda hoje não está adoptado. Deixar totalmente a cargo do transito desfazer o empedramento, primeira e segunda vez, além do incommodo publico é demora para perfeição da calçada, e os perfis d'ella ficam muitas vezes por desfazer, ingratos ao pizo e á belleza da rua. Além d'isto, as ruas de menos transito serão privadas do pizo á mac-adam, ou motivarão assim por longo tempo o incommodo dos transeuntes. O emprego do rôlo de calcar é pois um complemento indispensavel das ruas mac-adamizadas; porque facilita o desfazimento das lascas de pedra, evitando consequentemente os incommodos do transito; porque aperfeiçoa consideravelmente a construcção das calçadas; e porque, finalmente, póde tornar extensivo a muitas ruas o systema á mac-adam, onde este não poderia ser empregado em razão do pouco transito.

O modo de construcção e de empregar as machinas ou rolos de calcar, tem sido objecto de controversias nos paizes extrangeiros, onde a adopção d'elles para aperfeiçoamento do pizo das ruas e praças, é hoje definitiva e approvada; e muitos homens especiaes se occupam da maneira da melhor construcção d'estas machinas. Ainda não ha dois annos que um tal M. Schattenman inventou uma d'ellas que foi empregada no sitio dos campos-elysios, em Paris, e de que me lembro de ler maravilhas; mas pelos fins do anno passado M. Houyau, ingenheiro mecanico d'Angers, communicou á 'sociedade promotora da industria-nacional,' em França, certos aperfeiçoamentos por elle feitos no rôlo de calcar, cuja noticia se lê no boletim da mesma sociedade.

O apparelho de M. Houyau está disposto de maneira, principalmente, para evitar os embaraços e tempo que se perde em attrellar e desattrellar o gado que arrasta éstas galgas, e cuja parda está avaliada na quinta parte do dia de trabalho. Ésta disposição é tal que a lança e o gado viram junctos com facilidade, e tomam assim uma posição diametralmente opposta áquella que tinham quando marchavam n'um sentido, podendo marchar immediatamente no sentido opposto.

Assegura-se que ésta machina calcára 22,000 metros quadrados d'empedramento com a pequena despeza de 7 centimes por metro. O perfil da calçada ficou perfeito, e o calcado o melhor possivel.

Éstas galgas, sendo cylindros de ferro, poderiam servir promiscuamente de regadores.

Ora, o que digo sôbre o uso das galgas para calcar o empedramento das ruas, melhor se applica ainda ás praças. A de 'D. Pedro,' por exemplo, não so necessita muito do emprego da galga e da rega, mas, previamente, de um nivellamento e preparação do solo, ou por meio da mistura d'areia com terra, que regada e calcada se condensa fortemente, ou d'outra qualquer mistura que evite as covas, lama e poeira, inconvenientes que destróem em grande parte as vantagens d'uma praça.

Eu acho que todos os embelezamentos que se façam na capital serão prematuros e ridiculos em quanto houver objectos da primeira necessidade a attender, e os canos e o nivellamento e bom pizo das praças e ruas estão n'este caso.

INGENHARIA-NACIONAL.

583 A ésta Redacção acaba de ser remettido um interessante opusculo do Sr. João Luiz Lopes, tenente do Corpo d'ingenheiros, com cujo trabalho muito sympathiso. Divide-se este opusculo em tres partes: tracta-se na primeira do estado actual d'organização do Corpo d'ingenheiros; discutem-se na segunda algumas das principaes bases em que se funda o novo projecto d'organização para um corpo d'ingenharia-nacional, e este projecto fórma a terceira e *última* parte do opusculo.

As idéas d'organização economico-social tantas vezes ennunciadas pela REVISTA, os seus esforços afavor dos melhoramentos materiaes do paiz, os seus contínuos discursos e incentivos para se obterem tão vantajosos fins, são a mais segura garantia da sinceridade com que acima disse que muito sympathisava com o interessante trabalho do Sr. Lopes, que sendo de natureza igual á dos desejos e esforços da REVISTA, tendendo ao mesmo fim a que ella encaminha as suas lucubrações, não podia comeffeito deixar de encontrar da minha parte o mais sincero apoio.

Brevemente se tractará n'este jornal mais extensamente, de todo o opusculo do Sr. Lopes; por agora terminando ésta simples noticia d'elle não posso resistir á vontade de transcrever aqui o primeiro paragrapho da sua introducção.

«N'uma epocha, em que tanto se falla em Portugal de interesses materiaes, e de trabalhos publicos de todo o genero; em que se formam ou se projectam poderosas companhias para a construcção de estradas, e de caminhos de ferro, abertura de cannaes, navegação de rios, melhoramentos de portos e barras, exploração de minas, etc. e em que a proposito d'estes vastissimos projectos, tão infeliz como exageradamente se tem pretendido vulgarizar a deficiencia de capacidades technicas nacionaes, repetindo-se incessantemente e assoalhando-se por toda a parte, que o nosso Corpo d'engenharia não póde satisfazer ás exigencias da epocha, porque limitado a estudos puramente militares, e a especulações theoricas, não se acha ao par da sciencia das grandes construcções publicas, e

impossibilitada por isso de funccionar praticamente, e associar-se á gerencia e direcção de todas essas obras d'arte que demanda o progresso civilizador do paiz; n'uma epocha, repito, em que este respeitavel corpo, que tão distinctos serviços tem prestado a Portugal na paz e na guerra, no gabinete e no magisterio, geme debaixo do peso de tão injustas apreciações, seja permittido a um dos seus mais infimos officiaes, erguer, como em desforço, um pequeno brado em sua defeza, e colligir se lhe fôr possivel, algumas das mais importantes considerações, que se acham envolvidas com a organisação actual d'este corpo, em referencia á grande questão, que se agita na conjunctura presente, sobre os melhoramentos sociaes do paiz.»

NOVO PROCESSO DE TINCTURARIA.

584 Este processo consiste em primeiro logar em produzir um sulfurio de chumbo com auxilio d'um mordente de chumbo, cuja receita se vai dar, e cuja applicação nova á tincturaria constitue um aperfeiçoamento; e em segundo logar no emprogo do sulfurio de calcium.

Os mordentes obteem-se do seguinte modo:

O subacetato de chumbo forma-se por combinação do acido acetico com o acido de chumbo em excesso; o plombato duplo de potassa de cal com o potassiato de cal e oxido de chumbo; o plombato duplo de soda e cal com o sodiato de cal e oxido de chumbo.

O sulfurio de calcium obtem-se fazendo ferver a cal caustica com a flor-d'enxofre.

Empregando um dos tres mordentes acima com o sulfurio de calcium, tiram-se os seguintes resulados, 1.° um cinzento azulado, composto so do sulfurio de chumbo: 2.° uma cor quasi preta, que tem por base o mesmo sulfurio: 3.° um amarello cuja base é o chromato de chumbo. Tudo isto ja tem sido obtido na tincturaria; mas o mordente que se empregava é menos economico do que o que hoje indicámos.

Quando se quer tingir começa-se por lavar muito bem a fazenda, depois deita-se de molho n'uma solução de um d'aquelles mordentes de chumbo que dissemos, tira-se, secca-se, e passa-se por agua.

Para tingir d'amarello, passa-se por uma solução de bichromato de potassa.

Para o cinzento azulado, composto so do sulfurio de chumbo, impregna-se o fio do mordente deita-se depois de molho n'uma solução de sulfurio de calcium.

Para o preto, faz-se o mesmo, depois do que lava-se, e deita-se n'um banho de ferro e pau de campeche. *(Le Technologiste—avril, 1846.)*

BICHOS DA SEDA.

585 A semente dos bichos da seda começou este anno a ser procurada; mas parece que infelizmente não foi possivel satisfazer a todos os pedidos que appareceram, e que apenas o Sr. Sales póde ceder alguma da que possuia.

Sabe-se porém que o Sr. Sales pelos desejos e efficacia com que tem promovido o desinvolvimento da industria sericicola entre nós, se dispõe a fazer uma reserva da criação d'este anno de porção maior de semente, a qual não poderá deixar de ser considerada muito especial, como apurada por tam excellente e zeloso conhecedor.

DOENÇA DAS BATATAS.

586 Consta que pelo sitio d'Alcantara, n'esta cidade, na Moita, Alhos-vedros, Lavradio, Bellas etc. começa a apparecer a doença das batatas. A rama sécca e d'um para outro dia morre a planta e definha o tuberculo. As batatas que hoje se vendem em Lisboa são em grande parte d'estas doentes. Os fazendeiros, assim que percebem o signal da folha murchar, arrancam o tuberculo, e vendem-no assim bem longe do estado de madureza conveniente.

Não sei até que ponto isto poderá influir na hygiena-publica; mas pareceu-me que deveria chamar sôbre este facto a attenção do conselho de saude.

INFLUENCIA DAS FRUIÇÕES MATERIAES SOBRE A MORALIDADE DE UM POVO.

587 Uma preocupação quasi exclusiva sôbre fruições materiaes é incontestavelmente o character distinctivo, o signal predominante da sociedade actual. O seu espirito, costumes e opiniões tomam, cada vez mais, a côr d'esta influencia que ella não so tem recebido; mas de que ja começa a fazer o seu brazão.

Antes de mostrar as consequencias, de expor os factos produzidos por ésta tendencia universal para as fruições materiaes, cumpre indicar primeiro porque razões em epochas anteriores, se não manifestava este desejo com tammanha energia, e não podia vir a ser, o que é mais, um character social. Este rapido lançar d'olhos sôbre o passado, afim de calcular melhor o movimento da nossa epocha, que não póde ser julgada abstractamente, nos levará com mais segurança; pelo menos assim o pensámos, ao exame prescripto pelo programma (1).

Ésta sollicitude das gentes para as fruições positivas, isto é: para as satisfações que podem mudar com os seculos, e ás vezes com o espirito de um reinado, ao contrario das satisfações moraes, immutaveis e limitadas por natureza, se porventura tem sempre existido, não poderia comtudo desinvolver-se senão sob o imperio de uma constituição-social que désse ao homem o direito ou lhe impozesse a obrigação de prover ás suas necessidades e ás da sua familia.

Na sociedade antiga, com bem poucas excepções, acha-se a escravidão estabelecida em toda a parte. O gôsto das fruições materiaes não passava de ser um sonho para alguns, assim como o luxo era um privilegio apenas dos senhores e potentados. Os primeiros não realizavam nunca as suas chimeras, os outros subiam o gôsto do luxo até ao grau de crime. D'este modo, entre a poesia do desejo e a realidade abusiva das fruições physicas, as masses nasciam e morriam tem extranhas ao desejo como á posse. Isto explica-se em parte pela condição d'ellas. Os escravos eram dispensados de prover á sua subsistencia e á de suas familias, porque o senhor, por interesse proprio e dever, tinha esse cuidado. Consequentemente, ésta primeira sollicitude que, dilatando-se e engrandecendo-se, póda vir a propender para os desejos de possuir as frui-

(1) Ésta memoria foi enviada ao concurso aberto pela academia das sciencias moraes e politicas de Paris; por isso ha ésta referencia a um programma.

ções materiaes, era desconhecida da sociedade antiga.

Na idade-media, vemos por consequencia a condição dos *servos*, denominação apênas de disfarce d'outra condição identica, produzir effeitos analogos á dos escravos. A ambição, e os milhares de modificações d'esta vasta inquietação, tam nobre quando germina em almas elevadas, não podia nascer nem derramar-se pelas massas oppressas sob a manopla do feudalismo. Para ellas a fruição era uma palavra tam vasia de sentido como a de nacionalidade. Observemos tambem (e ésta distincção vai dar fôrça á asserção precedente). que os proprios senhores, os privilegiados, mal conheceram as delicias domesticas. No meio d'uma vida agitada, toda cheia pelas preoccupações da guerra, ameaçada sempre por inimigos externos e internos, sim poderam elles crear um certo luxo, adornarem-se do fausto da representação; mas não tiveram nunca uma verdadeira propensão para as fruições materiaes como nós hoje as intendemos. Não queremos para prova d'isto senão éstas mesmas fruições: as suas caçadas, festins e torneios não eram tanto por divertimento como por manifestação orgulhosa das suas riquezas, do seu podêr, do seu valor.

Se nos aproximâmos dos tempos modernos, deixando muito para traz a data que confirmou a emancipação das massas; se entrâmos na epocha em que uma porção da classe media obteve, por sua instrucção e actividade, um logar notavel no centro da sociedade que lh'o não podia recusar, vemos immediatamente que uma parte da população se preocupa do desejo de conhecer as fruições e de possuir um estado melhor relativo. Este desejo não é ainda bem distincto, mas augmenta-se, dilata-se, amplia-se pela leitura de algumas obras em que elle é gabado pelos poetas, que são os precursores de todas as coisas. Chega até a perder-se tomando proporções incommodas em algumas pessoas da côrte que dão exemplo de um luxo excessivo, e tambem nos homens riccos que as imitam.

O complexo da nação porém conserva ainda uma especie de veneração para os seus antigos habitos de modestia, de sobriedade e submissão á condição em que Deus lhes deu nascimento. Herdeiro da profissão do pai, o filho adopta tambem os gôstos e necessidades d'elle, e, implicitamente, a obrigação de lhes ser fiel para os transmittir depois, intactos em sua unidade, aos seus descendentes. Por aqui se ve quanto as corporações dos officios, em que a immobilidade era um artigo de fé como nas familias, contribuiam para manter a sociedade nas restrictas leis do necessario.

Longes do foco onde tudo se transforma, sem que todavia se apure; os habitantes das provincias particularmente conservarão a simplicidade de existencia que não é excitada por nenhuma ambição buliçosa. O pouco que possuem lhes basta. Se teem algum desejo, é o da conservação; o de augmentar raras vezes é acompanhado do pensamento de accrescentar as suas fruições. Uma especulação vantajosa, uma herança consideravel, os ganhos, em nada mudarão os costumes d'aquelle a quem a fortuna assim favoreceu. A familia fica contente, novas terra se ajunctam ás terras que ja se possuiam, novas moedas d'oiro ou de prata vão ser accumuladas dentro da arca, talvez aope d'outras que ja la estivessem; mas em casa não entrou outra nenhuma tentação.

No número das causas permanentes que não deixam vencer a meta do necessario que se possue, conquista alias importante, e que importa notar, e as fruições materiaes como nós as definimos em 1846, convem não omittir o direito de primogenitura, principio eminentemente aristocratico. Pensar no primogenito, prèparar muito tempo antes a sua sorte futura; fazer-lhe o seu quinhão, que se compunha de quasi tudo dos outros quinhões, era uma obrigação de pai, um dever de familia. Sob o jugo d'esta lei, bem se ve quanto seria perigoso entregar o dinheiro á negociações arriscadas, ou dispendel-o em objectos de vaidade capricho ou simples gôsto.

Tudo, emfim, era para as precisões e nada para a imaginação: pouco para satisfação do presente, muito para as previsões do futuro. Tal era, com as modificações que ja indicámos, o character da sociedade antes da revolução de 89.

Mas rebenta a revolução franceza, generosos sentimentos exaltam e eleterizam as almas. Fazem-se profundas reformas; grandes, e algumas vezes terriveis, paixões se desineadeiam durante este esforço social sem exemplo nos annaes do mundo. Mas para honra da humanidade e glória da França é justo confessar que o amor do oiro, o desejo de passar na posse de riquezas immensas além d'aquelles que eram despojados d'ellas, não foi nunca o motor dos reformadores. É preciso dizer mais, para corresponder ás exigencias do nosso assumpto; que o pensamento das fruições materiaes não os occupou nunca. Todos teem direito a julgar ésta epocha e seus actos, segundo a sua opinião; mas o espirito mais prevenido contra ella será obrigado a convir no que deixâmos dito, com a historia na mão. Levados por este magnifico exemplo de desinteresse os povos da Europa fazem diligencias, dirão, por imitar o povo francez, no sentido de oppôrem principios armados contra principios aggressivos. Do Norte ao Meio-dia, troca-se então o ferro pela glória. As fruições materiaes, durante essa guerra que durou por um quarto de seculo, foi unicamente o pão.

Esta sincera avaliação do passado tinha o seu logar destinado, indispensavel no comêço do nosso trabalho sôbre o espirito da epocha actual. Havia de faltar-nos base e arrimo se a quizessemos julgar sem a trazer perante outras epochas e outros costumes.

Uma nação poderosa ha muito tempo por suas judiciosas instituições, que ja possuia uma industria fecunda quando os outros povos ignoravam ainda que o trabalho é a unica origem da riqueza publica, em quanto que outros, e póde ser que a França tambem, estavam na incerteza se essa industria desnobilitava ou não, essa nação convidava as classes medias para participarem dos beneficios das fruições materiaes. A Inglaterra é o paiz onde ellas nasceram, onde sem constrangimento se desinvolveram como uma producção do seu solo. (2)

(2) Comeffeito, quasi que unicamente ás producções agriculas, devidas aos methodos aperfeiçoados, a numerosos capitaes, e a uma serie de esforços habilmente dirigidos, é que se deve attribuir a fecundidade actual d'uma parte do terreno d'Inglaterra. E é isto tam verdadeiro, que mesmo apesar d'estas causas tam poderosas, a Inglaterra e o pais de Galles ainda hoje contam obra de sette milhões d'acres de maltagaes e terras maninhas, sôbre uma extensão de pouco menos de quarenta e sette milhões d'acres.

« O favor que ellas obtiveram n'aquelle paiz explica-se talvez, a muitos respeitos, pela estirilidade primitiva d'elle. Do alto de suas dunas, os inglezes desafiaram o espaço, e foram ao longe buscar o que não tinham. E por isso mesmo que estão privados da influencia do sol, que não teem verão senão brusco e infecundo, que não possuem terra senão misturada com ferro e carvão-de-pedra, é que elles levaram por teima e orgulho disfructar o luxo dos paizes riccos de bello clima. O mundo apresenta d'estas vontades formidaveis a que nada resiste, e que ora se chamam Napoleão ora Inglaterra.

N'este paiz para o qual a natureza parecia nada haver feito, as fruições materiaes são uma crença. Ellas tinham sido compradas tam caras! Deu-se-lhes uma definição exacta, vivamente formulada, um nome que é destinado a passar para a lingua de todos os paizes assim que a industria n'elles chegue a certo grau de universalidade, é o *comfort*. A Inglaterra, fabricando as suas manufacturas, construindo as suas forjas, fazendo as suas machinas, obrigando a gemer os cabrestantes de seus navios, e lançando a ancora nos portos mais longiquos, exclamou: 'Ao trabalho duro e pertinaz; — fruições certas, bem-estar material e sem limites!!...'

Os costumes inglezes ficaram desde logo assignalados por ésta revolução, por estes esforços immensos coroados de prodigiosos successos. E como o dinheiro é o symbolo mais limpido, mais real do bem-estar, tornou-se o idolo da nação. Attrahiu para si até os transportes do patriotismo. As recompensas conferidas a toda a qualidade de merito foram traduzidas invariavelmente por amplas concessões de dinheiro. As dignidades, as mais brilhantes distincções, deixaram de ter valor sem este acompanhamento indispensavel. A sociedade ingleza tomou esse character que faz que uma nação anteponha a tudo o que lhe é util e proveitoso. A mesma glória quasi que teve necessidade para ser tida como tal, de provar primeiro que não tinha tido unicamente por objecto o renome do paiz, mas tambem o augmento das suas riquezas. Conquistar meramente por conquistar, pareceu desde então um pensamento occo: a Inglaterra não quiz mais conquistar senão para escorrer n'essas conquistas os productos de suas manufacturas. Os seus navios foram outras tantas lojas á vella.

Ao lado do povo inglez levantou-se a um grandissimo grau de podêr outro povo cujas instituições democraticas se affastam bastante da constituição ingleza, mas que, pela sua actividade devoradora, sua constancia no trabalho, sua infatigavel tenacidade, apresenta em seus habitos certa similhança de familia com os costumes britannicos: são os americanos do Norte. Apenas escapos dos esforços que precederam a sua viritidade, sentiram logo a influencia sob que seus primogenitos se dobraram. Entre elles o gosto do bem-estar tomou, quasi sem transição, proporções inauditas. E como não encontraram nem nas tradicções, que não tinham por haverem nascido na vespora, nem na sua historia nacional, nenhum sentimento capaz de combater a invasão do industrialismo e apagar a sede das fruições materiaes, entregaram-se a éstas sem moderação.

Do que acabâmos d'escrever não se deve concluir, com os olhos fitos nos povos modernos, que condemnâmos cegamente a propensão das sociedades para acharem uma posição mais suave, um estado melhor, uma existencia mais feliz, emfim. É raro que os povos se inganem absolutamente quando seguem um caminho commum. Nenhum d'elles se atreveria a dizer, que a Inglaterra e a America citadas como exemplos, não virão a comprehender, que entre o meio puramente moral e o meio puramente material, ha um ponto de juncção em que o que é bom e o que é bello se podem misturar sem repugnancia.

É ésta a solução do problema do futuro: e quem melhor do que a Inglaterra e a America, uma tam piedosa outra tam proba em seus principios, teria possibilidade de o resolver com vantagem da moral universal dos povos?

(Continúa.) *Cailleu.*

ESTATISTICA NECROLOGICA

BAIRRO-ALTO.

588 Em abril último falleceram: do sexo masculino 19 — do feminino 21 — expostos da Sancta-casa-da-misericordia 23. — Total 63.

Celibatarios 12 — casados 8 — viuvos 11.

As molestias principaes de que falleceram foram: apoplexias cerebraes 5, das quaes 2 fulminantes — febres adynamicas 2 — febre ataxica 1 — phtisicas pulmonares 5 — diversas molestias dos orgãos respiratorios 6 — doenças abdominaes 14 — anasarcas 3 — sarampo 1 — congestão cerebral 1 — demencia 1: cachexia 1 — angina gangrenosa 1.

Entre os fallecidos do sexo masculino figuram: operarios e artistas 11 — commerciantes 3 — ecclesiastico 1 — E dentre os 63 fallecidos de ambos os sexos 31 eram menores de 7 annos de idade — 5 tinham de 60 a 70 — 1 de 70 a 80 — 6 de 80 a 90 — e 1 de 95. Pobres de bilhete gratuito 31.

M.

BAIRRO DO ROCIO.

Em abril último falleceram: do sexo masculino 23 — do feminino 21 — somma — 44 — expostos nos adros das egrejas 19 — total 63.

Celibatarios 15 — casados 15 — viuvos 12.

As molestias de que falleceram foram: apoplexias cerebraes 11 — das quaes 7 fulminantes — phthisicas pulmonares 2 — diversas molestias dos orgãos respiratorios 8 — doenças abdominaes 5 — lesões do coração e arterias 5 — anasarcas 3 — gangrenas 3 — convulsões 2 — cachexias 2 — sarampo 1 — rachites 1 — febre adenomeningeo 1.

Entre os fallecidos do sexo masculino figurem: operarios e artistas 3 — commerciantes 7 — empregados publicos 5 — de profissão scientifica 1. — E de entre os 44 fallecidos de ambos os sexos — 8 eram menores de 7 annos — 10 tinham de 60 a 70 annos — 10 de 70 a 80 — 2 de 80 a 90 — e 1 contava 100 annos completos. — Pobres de bilhete gratuito 8.

G. A.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO XXXVII.

A Graça e sua bella fachada gothica. — Sepultura de Pedr'alvares Cabral. — Outro barão que não é dos assignalados. — Egreja do Sancto-milagre. — Bellos medalhões mosarabes. — De como, chegando o prior e o juiz, houve o A. vista do Sancto-milagre, e com que solemnidades. — Monumento da muito alta e poderosa princeza a infanta D. Maria da Assumpção. — Casa onde succedeu o milagre, convertida em capella de stylo philipino. — O homem das botas, e o que tem elles que haver com o Sancto-milagre de Santarem. — Admiravel e graciosa esperteza da regencia do Rocio. — Aaroun-el-Arroschid: e thesis dos governos folgasões; os melhores governos possiveis. — Volta o paladio scalabitano de Lisboa para Santarem.

589 Inclinámos o nosso caminho para a esquerda, e fomos passar deante do arrendado e elegante frontespicio gothico da Graça. A ausencia de não sei que regedor, ou insignificante personagem de egual importancia que tem as chaves da egreja e convento, nos fez perder toda a esperança de visitar a sepultura de Pedr'alvares Cabral que alli jaz, assim como outras bellas e interessantes antiguidades de não menor preço.

Fomos seguindo até casa do barão d'A., outro illegitimo, porque não pertence aos barões assignalados.

> Que, sem passar além da Taprobana,
> No velho Portugal edificaram
> Novo reino que tanto sublimaram.

Incontrámo'-lo prompto a accompanhar-nos, e a presidir, como juiz da irmandade que é, á grande cerimonia da exposição e ostensão do Sancto-milagre.

Junctos descémos á egreja; que é perto.

A egreja é pequena e do peior gôsto moderno por dentro e por fóra. Notavel não tem nada se não uns quatro medalhões de pedra lavrada com bustos de trosneus e mulheres em relêvo que visivelmente pertenceram a edificação antiga e que actualmente estão incrustados na sua alvenaria do cruzeiro.

Os bustos são de puro e finissimo lavor gothico, altos de relêvo e desenhados com uma franqueza que se não incontra em esculpturas muito posteriores.

São talvez reliquias da primitiva egreja do Sancto-milagre que nas successivas reedificações se teem ido conservando. Abençoado seja o escrupuloso que as salvou d'este último *melhoramento* que houve no desgraçado e desgracioso templo, e que não foi ha muitos annos por certo.

Chamo gothico ao lavor d'aquellas cabeças por que é a phrase vulgar e impropria de toda a gente: segundo ja observei n'outra parte, com mais exacção se devêra dizer mosarabe.

Chegou o prior, o Sr. juiz deu as suas ordens, vieram uns poucos de irmãos com tochas, distribuiram-nos a cada um de nós a sua, e procesionalmente nos dirigimos a uma porta lateral do altar-mor, da qual se sobe, por uma escada assás larga e commoda, a uma especie de camarim parallelo com o mais alto do throno em que perpetuamente se conserva o grande paladio santareno.

Subimos seguidos do prior em sobrepeliz e estola; chegados ao alto, ajoelhámos em roda d'elle que subiu a uns degrausinhos abriu com a chave dourada que trazia pendente ao pescosso, uma como porta de sacrario, depois ajoelhou, insensou, tornou a ajoelhar, disse alguns versetos a que respondeu o sacristão, e finalmente tirou de seu repositorio uma especie de ambula de ouro de fábrica antiga, mas não mais antiga que o decimo sexto, ou decimo quinto seculo, quando muito.

Depois de nos inclinarmos e receber a bençam que o padre nos deitou com a reliquia, foi-nos permittido erguer-nos, e chegar perto para ver e observar.

Entre uns cristaes ja bem velhos e imbaciados se descobre comeffeito o pequeno vulto amarellado escuro que piedosamente se crê ser o resto da particula consagrada que a judia roubára para seus feitiços.

Escuso contar a historia do Sancto-milagre de Santarem que toda a gente sabe. O bom do prior, ex-frade trino gordo e bem conservado, não nos perdoou o menor ponto d'ella que tivemos de ouvir com a maior compuncção.

Incerrada outra vez a ambula com as mesmas solemnidades, entramos em conversação com o prior.

N'aquelle mesmo camarim juncto á devota reliquia se conservaram, por espaço de cinco ou seis annos, se bem me recordo do que o bom do parocho nos contou, os restos mortaes da senhora infanta D. Maria da Assumpção, que fallecêra em Santarem nos ultimos mezes da occupação d'aquella villa pelas fôrças realistas. O cadaver mal imbalsemado e com más drogas foi mettido n'um caixão de folha de Flandres. Em pouco tempo a corrupção estragou e rompeu a folha, e uma infecção terrivel apestava a egreja. Soffreu-se isto annos, representou-se ao governo por vezes, mas nenhuma resolução se pôde obter. Até que afinal, declarando o prior

que se não mandavam tomar conta d'aquelles tristes restos da pobre princesa, elle se via obrigado a mandal-os metter na terra, foi-lhe respondido que fizesse como intendesse; e elle intendeu que os devia sepultar no cruzeiro da egreja, como fez, do lado da epistola, isto é, á direita.

E ahi jaz em sepultura raza, sem mais distinção nem epitaphio, a muito alta e poderosa princeza D. Maria, filha do muito alto e poderoso principe D. João o VI, rei de Portugal, imperador do Brazil, e da conquista e navegação etc.

Assim é o mundo, as suas grandezas e as suas glorias!

A visita ao Sancto-milagre não é completa sem se ir ver a casa onde elle se operou. Conservou-se ella por alguns seculos em grande veneração e em mil seiscentos e tantos se converteu por fim em capella. Hoje está abandonada chove em toda ella, e apenas tem uma má porta que a defende das incursões dos animaes. Pena e desleixo grande, porque é elegante e graciosa a capellinha, lavrada de bons marmores, no melhor gôsto do decimo-sexto seculo, de renascença ja muito adiantada no classico: é um verdadeiro typo do stylo philippino, que tanto predomina n'essa epocha em toda a peninsula.

A historia do Sancto-milagre de Santarem muitas vezes tem andado ligada com a historia do reino; e ja n'este seculo no tempo da guerra da independencia veio prender com um dos factos mais importantes, e tambem com a mais curiosa e comica aventura de que em Lisboa ha memoria.

Alludo nada menos que ao 'homem das botas.' E perdoem-me os senhores beatos a irreverencia apparente, que bem sabem não ser eu de motejar com as coisas serias e sanctas. Mas o facto é que a historia do Sancto-milagre está ligada com a celebre historia do 'homem das botas.'

Saiba pois o leitor contemporaneo, e saiba a posteridade, para cuja instrucção principalmente escrevo este douto livro, que pela invasão de Massena, o grande paladio scalabitano foi mandado recolher a Lisboa e ahi se conservou alguns annos até muito depois da completa retirada dos francezes.

Passado todo o perigo de que o exercito invasor roubasse — ou profanasse — que era o mais provavel — a sancta reliquia, começou a reclamá-la o senado e povo santareno, e a mostrar muito pouca vontade de lh'a restituir o senado e povo ulyssiponense. Era uma questão d'entre Alba e Roma que dava serio cuidado aos reflectidos Numas da regencia do Rocio.

Em poucas preplexidades tam graves se viu aquelle pobre govêrno que tantas teve, e de quasi todas se sahiu tam mal.

Não assim d'esta, que a evitou com o mais inesperado e admiravel stratagema, digno de ornar os maravilhosos factos do grande Aaroun el Arraschid, ou de qualquer outro principe de bom humor, d'esses poucos felizes que em felizes tempos reinaram a brincar, e zombaram com o seu povo, mas fazendo-o rir.

Pois, senhores, apertada se via a regencia d'estes reinos com a restituição do Sancto-milagre que era de justiça fazer-se a Santarem, mas que Lisboa recusava, e ameaçava impedir. Temia-se alborôto no povo.

Não sei de quem foi o alvitre, mas foi de maganão de bom gôsto, e bom gôsto teve tambem o govêrno em o acceitar e approveitar. Para o dia em que o Sancto-milagre devia sahir de Lisboa Tejo acima, e que se esperava fosse com grande solemnidade e pompa ecclesiastica, — fez-se annunciar por cartazes que um fulano de tal passaria o rio de Lisboa a Almada em umas botas de cortiça nas quaes se teria direito e inchuto navegando a pé sem mais embarcação, vela nem remo.

A logração era gorda e grande; melhor e mais de pressa foi ingullida. No dia apprazado despovoou-se a capital e uns em barcos outros por navios, outros por essas praias abaixo, tudo se encheu de gente de todas as classes, e todos passaram o melhor do dia á espera do homem das botas.

No emtanto, muito surrateiramente embarcava o Sancto-milagre no seu barco de agua-arriba e navegava com vento e maré para as ditosas ribeiras de Santarem.

Ninguem o viu sahir, nem soube novas d'elle em Lisboa senão quando constou da sua chegada a Santarem, e das grandes festas que lhe fizeram aquelles saudosos e devotos servos ribatejanos.

Os Aarouns-el-arraschids do Rocio riram de soccapa: e nunca tam innocentemente se riu govêrno algum de ter inganado o povo.

Nós celebrámos a historia como ella merecia, e fomos jantar á Alcaçova, para irmos de tarde ver a Ribeira, e procurar os vestigios do seu inclyto alfageme.

(Continúa.) A. G.

UM AUCTOR E A CRITICA. (1)

Indoctum, doctumque fugat recitator acerbus.
HORAT.

590 A muita gente, aliás sisuda, — tenho eu ouvido queixar-se de não haver crítica n'esta nossa bôa terra. Por mim nunca tal accreditei. Suspeitei sempre, que quem enunciava este principio, dizia so metade da verdade, — e por conseguinte uma mentira inteira. Agora chego de todo a persuadir-me de que assim é. Portugal havia de ter, e tem, criticos, — criticos dignos do seculo, — mas não póde tê-los! Desgraçadamente para as suas artes, e sciencias, para a sua moral, e para a sua civilisação, é desenganar, — não póde tê-los! Em apparecendo um verdadeiro, que se não dobre a pequeninas querenças, e malquerenças, espirito de bairro, ou compadrego, que affiira a sua opinião pelo vero-peso da consciencia, que diga o bem com alegria, e sem lisonja, o mal com caridade, e sem sangue... passe muito bem! Póde contar, *sine remissione*, com uns agradecimentos pouco mais, ou menos, taes como os que se dão no 'Diario' de hontem a todos os que tiveram a *insignificante audacia* de disparar os *invulneraveis tiros da inexperiencia, da inveja, e da ignorancia* contra o drama — Magriço —, depois d'elle ter sido *officialmente* approvado, e preferido, e *saccionado*, de mais a mais, 'pela opinião geral dos homens illustrados, e sisudos, e pelo voto unanime das notabilidades escolhidas para decidirem sôbre a materia.' Arrojo inaudito! Attentado monstruoso, que faz tremelicar como varas verdes uma creatura temente a Deus! A Elle dou eu graças, que me livrou de contribuir para similhante escandalo, que — agora fallando serio — é um escandalo mesmo muito grande! Assim elle me tivesse dado forças para resistir a esta tentação, que me leva a retribuir os taes *agradecimentos*, especialmente em nome de um meu estimavel amigo, do qual a *ausencia se disse* respeitada, e o nome foi invocado oito vezes; e com cuja provada affeição me honro eu tanto, quanto deve prezar-se a nação de conta-lo entre os mais esperançosos esteios da nossa litteratura, e do nosso renome. O que me faz verdadeira pena é que não possa elle proprio dar resposta ao artigo do auctor do 'Magriço..' Tenho por certissimo, que elle sahiria a campo com gentil brio, com mais e melhores armas, do que eu, como quem é capaz de competir com o tal auctor, e nunca como um *aspirante a critico*, como *merecedor de desculpa pela sua inexperiencia*, ou como *parcial, leviano*, e de *fraco intendimento*. Nenhum d'estes immerecidos improperios, nenhuma das impolidas severidades, e desabrimentos, nenhuma das vaidades, muitas, e grandes como não sei que, de que estão atochadas, — póde dizer-se, — que todas as linhas d'aquelle artigo, me espantou; tudo isto era proprio de um auctor, — o primeiro, que teve a pertenção de dar a intender, que ou se havia accreditar perfeito o seu drama, ou se havia de passar por *ignorante, incapaz, miseravel, contradictorio, pedante, parcial, e despresivel.*

Mas deixemos estas pequenezes, e outras que taes soêzes ninharías. Bem me lembra, que ha lances taes, que o proprio auctor do preceito de perdoar sette vezes multiplicadas por settenta, leva do azorrague, mas eu desculpo o auctor do drama por causa da *sua inexperiencia*. Aquelles saberetes não incommodam ninguem; so fazem mal a quem os empréga em vez de razões, dando n'isto prova solemne de que as não tem. Báste-lhe esta punição; e vamos ao que deve importar.

O facto do torneio é, — como se sabe, — um facto duvidoso, porque completamente inverosimil, porque a Chronica de D. João I não o menciona, (e n'isto peço licença para dizer a S. S.ª, que *se a visse e lesse com attenção* não diria o contrario) porque finalmente até o mesmo Manuel Corrêa não o affirma, antes começa a sua narração, dizendo «conta-se, que acontecêra etc.» Cuido pois que é baldado apellar para o amor da patria afim de se crer uma cousa, que o simples amor da verdade regeita como não provada, nem provavel, e tanto mais, que, como notou o Sr. Herculano. «Portugal não precisa attribuir ás gerações antepassadas façanhas, que «não praticaram, virtudes, que não tiveram, porque «possuiram outras, que eram suas, e de que nun«ca os progressos da historia hão-de esbulha-las.» Nem por certo affronta a memoria de Camões quem nega a existencia do torneio, assim como a não affrontou este nosso historiador tachando de fabulas muitas das circumstancias, que aquelle nosso Homero referiu ácerca da batalha de Ourique, da tomada de Lisboa etc. etc.

No mesmo *fatal erro* incorre o auctor do 'Magriço,' quando diz, que a opinião de Manuel Corrêa é a favor de ter sido o torneio a pé, quando a verdade é que elle a pag. 177, — edição de 1613, confessa que «de tal *não tem certeza alguma* por ser cousa de que *não ha ca memoria*, e que Luiz de Camões *faria* talvez aquella differença para ornato da poesia! E mais *fatal é ainda o erro* do auctor, dizendo que bastava a palavra *torneio* para conhecer-se, que o combate fôra a pé, e não *justa*, que so tinha logar a cavallo!!! Para dizer isto, perdoe-me S. S.ª, mas é indispensavel *estar muito prevenido*, ou *não ter visto senão muito de leve*, 1.° os diccionarios, onde se diz que *torneio* póde significar peleja, pelejada a pé, ou a cavallo: 2.° os 'Ensaios sôbre alguns synonimos da lingua portugueza,' do respeitavel sabio D. Francisco de San' Luiz, tomo 2.°, paginas 189 a 190, onde se lê, que «justa é o combate, a pé ou a cavallo, de homem a «homem, e torneio o combate de muitos arranjados «em quadrilhas ou bandos, a pé, ou a cavallo.» 3.° os classicos, pelo uso que frequentemente fazem d'estas duas palavras cada uma no seu respectivo sentido. 4.° emfim, a propria etymologia do termo, que mesmo está dizendo andar em torno, ou de redor, e que mais proprio é d'um cavalleiro, que d'um peão.

(1) A REVISTA não é, nem póde ser, jornal de polemicas. N'esta convicção, em que estou, resisti á publicação d'este artigo, apezar das instancias do illustre collaborador que o escreveu, e que muito préso; e nem a reflexão de que a REVISTA devia sustentar o juizo que fizera do drama de que se tracta — juizo que fôra porventura infeixado no número dos cinco a que o auctor d'aquelle drama se refere na sua correspondencia do *Diario* — nem ésta reflexão, dizia eu, me fizera ceder de minha determinação, senão foram: as ponderosas razões da falta de outros jornaes em que este artigo podesse ser inserido, e de que elle so póde ser tido na conta de *defensa*, e demais a mais d'um *escriptor ausente*.

Da Redacção.

No mimoso episodio sôbre a vantajem de expor briosamente a vida pelo bello sexo, sou eu em tudo e por tudo do mesmo animo, que o piedoso auctor. Creio fazer-lhe n'isto mais recta justiça do que elle fez aos seus cinco — e todos infelizes! — censores, com nenhum dos quaes concordou em cousa alguma. A respeito dos threnos sôbre a fraqueza lastimosa das damas, li eu ja n'uma obrinha publicada aqui em 1682, *con las licencias necessarias*, um rifão, que assim Deus me salve em como se referia aos galanteadores universaes do *Madamismo*, como agora por ahi se diz, — « no hagas — resava a tal adágio — demasiado ruido con las cuentas, que no parecerá, que resas devoto, sinó, que elamas devotas..: »

Quanto ao entrecho do drama affadigou-se o auctor, para provar que não está dividido pelo quarto acto; mas... quando succédem, — digamo'lo assim, — fragilidades taes, não ha remedio. A gente

Suspira, e chora, e cança, e geme, e sua;

mas não chega a ter razão. Se algum maganão mettesse o drama em scena sem o quarto acto, com uma levissima alteração no quinto, — digo eu, e comigo muitas pessoas sensatas, — que havia de ficar tal qual está. Para isso não é preciso ser grande dramatico. Daria resposta mais cabal ao auctor n'este ponto se não fosse a escacez do espaço, e o *destruirem-se por si mesmos* os argumentos, que elle apresenta em prol da sua opinião.

A demasiada extensão dos dialogos do primeiro acto quer-se dar como precisa para a ponderação dos motivos, que promovem a acção; mas nem similhante culpa tem desculpa perante um publico imparcial, que não quer saber como o hão-de introduzir no conhecimento das causas, e so sim não adormecer ao som de opiadas parlandas; nem tal desculpa colhe, ou significa cousa alguma, quando todos se lembram ainda muito bem d'aquella conversa de extrema e extreme semsaboria entre o Anadel e as duas Beatrizes, em que o tal Sr. Simão Antão toma a palavra dezesette vezes somente!

Não menos errou o auctor dizendo, que era natural transparecesse ainda a puerilidade de Alvaro Gonçalves nos seus amores, em o segundo acto, pois que elle tinha dezesette annos. Entre os characteres do drama da idade media avulta, bem n'o sei, e de cavalleiro lidador e namorado; mas não ha, não póde, nem deve haver o de cavalleiro piegas. Além de que no terceiro acto, tendo ja Alvaro vinte e sette annos; por isso ja adquirida aquella experiencia, que o auctor conheceu bem de perto, ainda assim delira, desmaia, e conta a Beatriz contos da carochinha, o que tudo é, como disse a 'Chronica Theatral,' e eu repito, muito bello, porém nada dramatico, nem natural.

Chegâmos agora á *celébre contradicção*, que o auctor achou, em requerer-se n'um drama o maior rigor nos usos, e costumes, e censurarem-se alguns termos antiquados. Vista a cousa pela rama assim parece; não comtudo a quem se quizer dar ao cuidado de ler o drama, e confrontal-o... Hade então desenganar-se muito bem desenganado. 1.° — porque se se queria combinar as palavras com os usos d'aquelle sancto tempo, era tambem preciso combinar a construcção d'ellas, a sua ordem, disposição, e relações, e fallarem na scena todos os representantes, como Azurara e Fernão Lopes escreveram: 2.° — por que a grande parte dos vocabulos affonsinhos, que alli se acham, longe de *conservarem a illusão*, desfazem-a, porque estão mettidos de gorra com outros comtemporaneos, que saltam aos olhos do menos erudito leitor, (e, aqui para nós, até ha más linguas, que dizem haver tambem seu *francesismo* pelo meio, — se mentem Deus lhes perdoe): 3.° finalmente porque o Sr. A. Garrett muito bem soube indagar, e até rastrear per conveniencias, e conjecturas toda a pureza e elegancia da linguagem, as crenças e os habitos do tempo de Fr. Luiz de Sousa, para os fazer reviver no seu drama assim intitulado; mas assim como pôz na boca d'este nosso melhor prosador muitas das suavidades, com que elle nas suas obras, *enriquecendo a memoria, e affeiçoando a vontade, não cança o intendimento*; nunca o fez dizer, que os portuguezes tinham 'furado o Oceano' per tantas mil leguas; ou que a 'contemplação lhe trazia a viola doespirito bem temperada,' como Fr. Luiz de Sousa escreveu na vida do arcebispo, livro 1.° capitulo 27, e no livro 4.°, capitulo 3.°; ao passo que o auctor do 'Magriço' mostrou mesmo o ardente desejo de o parecer affonsinho, quando disse *abithado* em vez de trajada, (que ja n'aquelle tempo e muito ántes se usava) bem como outras muitas, que eu não quero repetir, pois que *só o riso lhe caberia por unica e merecida resposta*.

Acabando, declaro, que o — Magriço — *é* um drama merecedor de *quasi* todos os gabos, que lhe fez a 'Chronica Theatral;' e que escrevi-so em defensa do meu amigo ausente, na fé, que os mais censores saberão sustentar as suas opiniões dramaticas, como muito bem póde, e como todos — os que vimos a resposta, que se lhes deu — devémos esperar.

Em 10 de maio de 1846.

J. M. C......

POESIA.

591 Sr. Redactor. — Uma vez que V. tem a bondade de querer imprimir na Revista, periodico de tanta estimação e que tam dignamente redige, as minhas insignificantes poesias, e que ainda n'estes tempos não sei de quê sabe apreciar a lyra, e o alahude, devo corresponder a tanto favor offerecendo-lhe, sempre que possa, as minhas producções, debeis sons do meu triste alahude; oxalá que ellas lhe agradem, e não vão desconceituar a sua Revista.

A que agora lhe remetto é do genero *fugitivo*, que mais nos está agradando actualmente: cada epocha tem seus góstos e propensões, que a poesia tem de seguir para os representar. Inda mal, não se dá hoje grande appreço á poesia: ninguem le Homero, nem Virgilio; os classicos não agradam, e as epopeias, eglogas, sonetos, odes, etc. pouca gente les não, que para se entenderem algumas passagens dos classicos é preciso pensar; e é o que se não quer presentemente; não se quer ter trabalho de qualidade alguma; e quem le algum bocado de poesia, fal-o por distracção, e por pouco tempo; d'onde rezulta que somente agradam as poesias faceis e ligeiras. Isto não é dizer que este genero não seja bello; para quem fôr poeta lyrico póde colher d'elle grandes rezultados, sabendo aproveitar-se da sua fórma agradável, e da

variedade bem calculada do rithmo, para expressar sentimentos nobres, que interessem, prendam, e commovam: as imagens são tambem precizas, porém o sentimento é indispensavel, sem elle não ha poesia. O assumpto póde ser qualquer da nossa vida, do proprio coração; e é quando nos occupamos em descrever o que sentimos em nós mesmos que a musa nos favorece mais, o que é bem natural. A inspiração tambem chega quando um facto histórico nos impressiona; porque então nos identificamos com os nossos heroes. As producções d'este genero tem porém mais difficuldades pelos characteres a sustentar, os quaes tem de amoldar-se quanto á forma ao gôsto da epocha. Pelo terem assim entendido, e sobrar-lhe talento para o executarem, os Srs. Garrett, e J. F. de Serpa Pimentel, cada um por seu modo, mas com o mesmo fim em vista, conseguiram agradar muito; o 1.° com a sua Adozinda e o Bernal Francez, e o 2.° com os seus Soláus, tirados das tradições populares.

Mas deixemos éstas considerações, que levariam mui longe, talvez a uma classificação da poesia em histórica e sentimental, etc., etc., que nada vem ao cazo: mas se existe em nós um tal dezejo de classificar!

Não abusarei por hoje mais da sua paciencia, e do público, se V. tiver a condescendencia de fazer imprimir ésta minha carta com a poesia a que ella se refere: se ella é do genero fugitivo, ou de outro, ou de nenhum, o público intelligente o decidirá e não eu; e sôbre o seu merito e das que eu houver de lhe offerecer, elejo a V. para juiz.

Lisboa 10 de maio de 1846.

José Osorio.

O PASSADO.

(*A minha irman D. Carlota Augusta Osorio C. C. A.*)

I.

Felizes tempos da infancia,
Oh que tam grato folgar;
Em que a minha alma imbebida
Nos prazeres d'esta vida,
Eu com tigo, irman querida,
Dos folguedos companheira,
Depois de muito saltar,
E correr pelo jardim,
Tinhamos nosso festim
De fructas, e a merendeira,
Que nossa mãi extremosa,
A mais terna e digna esposa,
Em chegando a hora sabida
Da merenda appetecida,
Contente sempre trazia,
E nos beijava, e se ría
D'esse brincar infantil.
E ao tocar a hora saudosa
Do pôr-do-sol, nos chamava,
E com nosco ella rezava
A oração da Ave-Maria,
Que bello tempo era aquelle,
Oh que tam grato folgar!

II.

Cresceram depois os annos,
Veio o tempo d'estudar,
Custou-nos a separar,
Muito chorámos então!
E nossos pais carinhosos
De nós estavam saudosos;
E que ésta separação,
Chorando bem nos mostravam,
Lhes partía o coração!
Seguimos nossos destinos,
E sem grandes desatinos;
Pois os estudos findámos
Com geral approvação.
E voltámos tam contentes...
Nossos peitos innocentes
Ignoravam que perdiam,
Com os annos que la íam,
A ventura e alegria,
Que o mundo destruiría
Com seus inganos fataes!
Felizes tempos da infancia,
Porque tam breve passais?
Desde que vós acabasteis,
Conheci que na existencia
Ou prepondêra a demencia,
Ou ha muito que penar!
Que bello tempo era aquelle,
Oh que tam grato folgar!

III.

Seguiu-se o tempo d'amores,
Seguiu-se o tempo d'inganos,
Vieram dias de flores,
Vieram dias tyrannos!
Tu não soffreste os seus damnos,
Oh minha irman, foste a rosa
Ao desabrochar colhida,
Que nem rigores da vida,
Nem a ventura inganosa,
Oh! nada, nada soffreu!
Logo que a idade chegou
Em que a tua formosura
Radiante se mostrou,
Digno esposo te levou
Aos altares do hymeneu:
Inda algum dia hade o ceu
Tuas virtudes coroar!
Para mim quam differente
Minha sorte ha sempre sido!
Em paga dos meus affectos
Recebí falsos protestos;
Em troco d'amor ardente,
Ai de mim, que hei recebido
Traiçoeiro suspirar!
Aos sons do meu alahude
So responde tristemente
O echo triste do atahude
De algum amante infeliz!
Oh minha irman, eu te invejo,
Quando penso que a teu lado
Tens o esposo idolatrado,
E os filhinhos innocentes,
A quem dás um terno beijo!
Infeliz de mim, não tenho
Junto a mim querida esposa.
E o meu coração como um lenho,

Sem folhas ja, carcomido
Lentamente vai finando,
E sempre em vão suspirando!
Ai nem ao longe, se quer,
Uma esp'rança me reluz;
Que a flor que chega a murchar
Não póde ja reviver,
Nem o tempo hade tardar
Que á sepultura a conduz!
Saudosos tempos da infancia,
Oh que amenas illusões;
Que doce aquella ignorancia
De tantas ingratidões:
Esses tempos se acabaram
E as esperanças murcharam...
Mas não póde este meu peito
A imagem dos sonhos meus
Deixar agora d'amar!

Lisboa — abril de 1846.

José Osorio.

THEATRO-NACIONAL.

O PODER DOS REMORSOS. — Drama em 5 actos.

592 Houve um tempo, pouco ha, em que alguns celebres escriptores dramaticos, sem darem a devida consideração á influencia do christianismo na moral das sociedades modernas, quizeram plantar nos theatros do seculo XIX os horrores philosophicos do theatro grego. *Electra* e *Clytemnestra* foram excedidas por *Margarida de Borgonha* e *Lucrecia Borgia*; *Orestes* e *Egisto* por *Angelo* e *Antony*. Felizmente os *ensaios* d'esses escriptores não chegaram a formar *eschola*, porque os effeitos moraes d'esses ensaios eram repellidos, apezar de todas as bellezas de que vinham ornados, pelos sentimentos communs da sociedade, dominada por um espirito religioso diametralmente opposto ás idéas professadas pelos philosophos fatalistas da Grecia.

Digam o que quizerem os discipulos de Dalembert sôbre a moral do theatro — eu tambem creio n'ella; mas estou intimamente convencido que a *moralidade* d'uma peça está completamente subordinada ao *deleite*. E que deleite podem causar no expectador o homicidio, e demais crimes nefastos, a torpeza e os incestos? Ha sentimentos ternos que deleitam; muitas vezes derramam-se com gôsto lagrymas de dó. Mas estes effeitos, que produziriam, em quanto a mim, a tragedia moderna, estão muito longe, são mui diversos dos sentimentos de repulsão e horror que nos causam esses quadros de crimes e sangue, de infamias e vicios.

O drama de que tracto pertence ainda a esse cyclo dramatico, que eu creio acabado, mas cujos vestigios ainda assim vamos vendo. Se porém lhe reprovo o genero, não posso deixar de louvar-lhe a execução. É um drama *horrible*, *horrible*, *most horrible*, como diria a *sombra d'Hamlet*, mas as regras da arte estão guardadas, e como peça dramatica é excellente. O 2.º acto é sobre todos interessante; as suas situações, a sua peripecia, são d'aquellas que nunca se podem ver em scena sem deixar de as applaudir. O 3.º acto é igualmente interessante. Mas sobrevem o 4.º onde a verosimilhança moral não está escrupulosamente guardada; onde os crimes se atropellam, e o theatro fica por largo tempo insanguentado sem necessidade justificada. É na minha opinião o mais inferior de todos, e ainda mais pelo colorido *melodramatico* que o empana.

Eu estou que o drama lido ha de obter mais suffragios do que visto em scena. Aquelle personagem atroz, impudico, invejoso, malvado, de Claudio, é mau de ver, repugna a ouvir: o assassino que morre na scéna no meio das contorsões de veneno: o cadaver de uma mulher exposto por espaço aos olhos do espectador: aquella tumba que passa no fundo, eloquente mas lugubre espinho que mais punge o scellerado: os paroxismos d'este que ancea morte violenta, prêsa das torturas d'alma flagellada pelos remorsos; são quadros que a energia do estyllo, soube sim tornar excellentes, abstractamente analysados pelo lado da arte: mas que pelo lado moral não podem ver-se sem um doloroso esforço d'alma que assim se opprime e mortifica, em vez de se expandir e deleitar-se.

Com gôsto aqui registro as diligencias que os actores fizeram para bem desempenhar seus papeis. Á excepção da maior parte dos dialogos serem declamados com demasiada vivacidade, não ha em geral defeito importante a notar-lhes. Ao contrario, por vezes mereceram louvor, particularmente o Sr. Epiphanio na última scena do drama.

VARIEDADES.

FORÇAS NAVAES DE TODAS AS NAÇÕES.

593 INGLATERRA. — Conta 371 embarcações armadas com 4,718 peças, 300 em construcção ou desarmadas. N'este numero comprehendem-se 121 barcos-de-vapor; mas não são comprehendidos 26 paquetes transatlanticos, nem 72 navios do serviço da companhia-das-Indias, 22 dos quaes são a vapor. Tripulação — 40,000 homens.

FRANÇA. — Conta 187 embarcações armadas, com 4,157 peças, 129 em construcção ou desarmadas. N'este numero comprehendem-se 37 barcos-de-vapor. Tripulação — 27,551 homens.

RUSSIA. — Sem contar a esquadra do mar-caspio acha-se um total de 179 embarcações armadas, desarmadas ou em construcção, sendo 3 a vapor, com 5,996 peças e 59,000 homens de tripulação.

ESTADOS-UNIDOS. — Conta 47 embarcações armadas, com 1,157 peças e 30 desarmadas ou em construcção. N'este numero comprehendem-se 5 vapores; mas não se comprehendem mais 13 navios e 8 vapores do serviço d'alfandega. Tripulação 8,724 homens.

TURQUIA. — Conta 31 embarcações armadas com 1,520 peças, e no estaleiro ou desarmadas 12. Comprehendem-se 3 vapores. Não pude achar a cifra dos homens que tripulam estes navios.

EGYPTO. — Conta 35 embarcações armadas com 1,448 peças, 1 vapor, e 3 desarmadas ou em construcção. Tripulação, ignorada.

HOLLANDA. — Conta 48 embarcações armadas, sendo 4 a vapor com 308 peças, e 86 no estalleiro ou desarmadas. Tripulação ignorada.

SUECIA. — Conta 330 embarcações armadas, sendo 2 a vapor com 660 peças, e 50 no estalleiro ou desarmadas. Tripulação ignorada.

DINAMARCA. — Conta 90 embarcações armadas, com 344 peças, e 12 em construcção ou desarmadas. Tripulação ignorada.

AUSTRIA. — Conta 74 embarcações armadas, com 686 peças. Tripulação ignorada.

BRAZIL. — conta 31 embarcações armadas, com 450 peças, e 11 desarmadas ou nos estaleiros. Tripulação ignorada.

SARDENHA. — Conta 11 embarcações armadas, sendo 2 a vapor, com 226 peças, e 4 desarmadas ou no estalleiro. Tripulação ignorada.

NAPOLES. — Conta 17 embarcações armadas com 338 peças. Tripulação ignorada.

MEXICO. — Conta 23 embarcações armadas com 42 peças. Tripulação ignorada.

HISPANHA. — Conta 21 embarcações armadas, sendo 3 a vapor, com 348 peças. Tripulação ignorada.

PORTUGAL. — Conta 25 embarcações armadas, sendo 2 a vapor, com 310 peças, desarmadas, e nos estalleiros. Não se comprehendem n'este número o vapor, cabiques e canhoneiras do serviço d'alfandega, nem do contracto-do-tabaco. Tripulação 3,000 homens.

A REVISTA não responde pela exactidão d'estas cifras extrahidas de differentes jornaes. Em quanto a Portugal a fôrça que se dá em armamento é a que foi fixada pela última lei.

Eisaqui o que a respeito da nossa marinha, dos fins do seculo passado, se lia n'um folbetim do *Patriota* de 11 de março último:

« No meu tempo, desde além d'onde está a Cabrea até aqui á Cordoaria, tudo eram naus e fragatas, e esse rio estava povoado de embarcações mercantes, entrando e sahindo comboios de 120 e 130 navios; como aquelle de 20 de janeiro de 1797, comboiado pelas naus *Conde D. Henrique*, *Maria 1.ª*, *Vasco da Gama*, *Princeza da Beira*, *Rainha de Portugal*, *Infante D. Pedro*, e fragatas *Golfinho*, *San'João*, *Principe*, *Cisne*, *Venus*, e bergantins *Voador*, *Gaivota*, *e Europa:* como o outro de 9 de settembro de 1798, composto de 122 navios, comboiado pela *Vasco*, *e Princeza da Beira*, fragatas *Activa*, *Ulisses*, *e Carlota;* e finalmente como o outro de 21 d'outubro de 1799, composto de 130 navios, comboiados pela *Meduza*, e fragatas *Amazona e Thetis!*

« As nossas esquadras appareciam em toda a parte: fallava-se mesmo na esquadra do sul, na esquadra do Canal, na esquadra do Mediterraneo. A India tambem tinha sua esquadra de boas fragatas. Agora vinha uma prêsa, a fragata *Buonaventuro*, conduzida pelo *Balão*, tomada pela *Medusa;* logo a *Victoria* apresada pela fragata *Fenix*, o corsario *Leão* apresado pelo cahique de guerra *Andorinha*, o *Passaro* e a *Sancta Catharina*, pela fragata *Andorinha*, o *Epervier*, apresado pela fragata *Minerva!* Aquelle esteve na guerra do sul, ou no bloqueio de Malta, outros no de Napoles, e bombardeamento de Tripoli; este bateu-se na *Andorinha*, aquelle na *Tritão*, ou na *Carlota!* »

Em additamento direi mais alguma coisa sôbre a nossa antiga marinha. Deixando o podêr maritimo com que D. João I passou á Africa, que todos sabem, e ainda o do reinado de D. João III, em que havia constantemente cruzando em nossas costas, 20 naus e 4 galeões, para darem comboio ás frotas da India e Brazil, e aproximando mais á nossa epocha, contava Portugal no ministerio do marquez de Pombal, obra de 12 naus, 14 corvetas ou fragatas, e grande numero de embarcações menores. Em 1793 existiam em armamento 12 naus, 12 fragatas, e 10 navios menores, além d'hiates, charruas etc., com 1,556 peças. A esquadra que acompanhou a familia-real para o Brazil, em 1807, compunha-se de oito naus, 4 fragatas, 3 briguea e 1 escuna; e ficaram ainda em Lisboa 4 naus e 5 fragatas. Em 1821 contava a marinha portugueza, 4 naus, 11 fragatas, 7 corvetas, e 6 brigues, com 992 peças.

CORREIO NACIONAL.

594 Hoje (12) entrou no Tejo abordo do vapor de guerra inglez *Phenix*, Sua Alteza Real o Duque reinante de Saxe-Coburgo-Gotha, com Sua Esposa e dois Primos, e outras pessoas da comitiva. Desembarcou no Caes-de-Belem, tendo ido Sua Magestade El-Rei cumprimental-o primeiro abordo, e foi recebido com todas as honras devidas á sua alta gerarchia.

Hoje o numero das pessoas do serviço do Paço é apenas de 87, não contando os criados de fôro inferior a reposteiro, inclusivè, nem os de galão-branco: ha meio-seculo este número passava de 200 além 184 reposteiros e os empregados das reaes cavallariças, que acima se incluiram. Em 1500 os duques de Bragança tinham 480 moradores de sua casa.

Consta que o Sr. Verissimo Alves Pereira, que collocara na cidade do Porto uma Meridiana na tôrre dos Clerigos, sôbre o que se lerá breve um artigo na REVISTA, fizera uma proposta á camara-municipal d'esta cidade, offerecendo-lhe uma Meridiana igual áquella.

No supremo tribunal de justiça em abril último, entraram 47 autos, foram julgados 31, ficaram pendentes 799.

A emigração de portuguezes para o Brasil, no anno de 1845, foi de 3,355, assim divididos pelos differentes districtos: de Lisboa 125, Porto 1,706, Açores 1,284, Africa 98, Madeira 133, Setubal 1, Cabo-verde 3, Asia 6. Houve o augmento de 158 sôbre o anno de 1844.

M. Laribeau chegou finalmente a Lisboa com a sua companhia d'equitação. Parece que vão começar brevemente as representações no Circo.

Pede-se á REVISTA a publicação do seguinte:

Despedida. — Gavrelle, Doutor em medicina, tendo de se retirar de Lisboa para França com a maior brevidade, e faltando-lhe o tempo necessario para fazer pessoalmente as suas despedidas, roga a todos os seus illustres e numerosos amigos recebam de bom grado n'esta publicação um sincero testemunho do seu affecto e reconhecimento para com elles. — Lisboa 27 de abril de 1846.

Chegou hoje (13) paquete d'Inglaterra com folhas até 7. Não nos cabe no tempo consultar os jornaes.

AVISO ESSENCIAL.

Com este numero termina o volume V da Revista. Com o proximo numero começará o VI volume. Os esforços da Redacção continuarão a ser cada vez mais zelosos no desempenho de seus importantes encargos: não se faz programma porque o plano do jornal, com leves modificações, continuará a ser o mesmo.

Os Srs. que quizerem assignar, ou renovar as suas assignaturas poder-se-hão dirigir, em Lisboa, unicamente ao escriptorio da Redacção, rua dos Fanqueiros n.° 82 — 1.° andar.

Igualmente se assigna em casa de seus correspondentes: em Coimbra, na de J. M. S. de Paula, na Imprensa da Universidade: no Porto, na de Francisco José Coutinho, typographia commercial portuense, rua do Bellomonte n.° 57: em Faro na de José Coelho de Carvalho: em Braga na de Luiz do Amaral Ferreira, rua do Souto n.° 23: na Madeira, na de Christovão José de Oliveira: na Terceira, na de Lucas José Chaves: no Fayal, na de Manuel Maria Madruga de Bettencourt: em S. Miguel, na de Sebastião Tudury: no Rio-de-Janeiro, na de Agostinho Freitas Guimarães & Companhia; no Pará, na da viuva Collares & Companhia: em Pernambuco, na de Isidoro Luiz de Sousa Monteiro, rua da Cruz n.° 19.

Preços das assignaturas.

Por 12 n.os	$600	réis.
Por 24 »	1$200	»
Por 48 »	2$400	»
Avulso cada n.°	$080	»

As collecções completas de todos os annos da Revista, junctas, ou em separado, se vendem: cada volume em papel 2$400 — Em brochura 2$440 — Em meia encadernação 2$600 — Em encadernação inteira 2$700.

CONHECIMENTOS UTEIS.

STATISTICA CRIMINAL.

1845.

595 O 'Diario-do-Govêrno' de 16 do passado publicou a statistica criminal do reino e ilhas adjacentes em todo o anno de 1845. D'esse mappa resulta o seguinte:

Assassinios	250
Infanticidios	23
Propinação de veneno	11
Rixas e ferimentos	1,889
Moeda-falsa	8
Crimes politicos	10
Latrocinios, roubos e furtos	550
Incendios por malevolencia	28
Crimes contra a pudicicia	31
Arrombamentos	47
Resistencia ás auctoridades-publicas	62
Suicidios	11
Outros crimes	910
Total	3,861

No anno de 1844 a totalidade dos crimes foi de 4,798. Ja se ve que, acreditando-se nos dados officiaes houve no anno passado uma diminuição de criminalidade de 910.

Ésta differença da-se pelo modo seguinte:

Assassinios	15
Rixas e ferimentos	465
Moeda-falsa	8
Crimes politicos	8
Latrocinios, roubos e furtos	53
Incendios, por malevolencia	1
Arrombamentos	11
Resistencia ás auctoridades-publicas	54
Suicidios	2
Outros crimes	315
Differença para menos	926
Infanticidios	9
Crimes contra a pudicicia	3
Outros crimes	15
Differença para mais	27

Ora, na supposição de que Portugal tem uma população de 3,412,000 almas, vem a dar quasi um criminoso por cada 880 almas.

Éstas cifras podem tomar-se apenas, em quanto a mim, como dados aproximativos, e nunca como bases seguras para se conhecer com exactidão da criminalidade do paiz. Seria para desejar que éstas statisticas fossem mais minuciosas e explicitas. Deveria, por exemplo, haver a cifra de todos os crimes praticados no paiz, a dos criminosos, ou julgados taes, que foram presos, a dos condemnados e absolvidos, a differença entre os que foram julgados pelos tribunaes ou pelo correccional, e outras circumstancias essenciaes que devem acompanhar os documentos officiaes d'esta natureza; d'outro modo nunca por elles se poderá fazer obra. N'este mesmo mappa que tenho á vista, se não é êrro meu da-se uma pequena differença, como perventura o leitor ja terá reconhecido; porque sommando, em 1845, a estatistica 3,861, e 4,798 em 1844, a differença é de 937; mas como a differença para mais é de 27 e a para menos de 926, éstas duas differenças sommando junctas 953, bem se ve que os resultados são diversos operados de maneira differente.

Estabelecer a statistica entre os crimes e os criminosos, é absolutamente necessario para conhecer a marcha da criminalidade. Um mesmo crime póde ser perpetrado por muitos criminosos; e ao contrário. Logo, fundar a statistica unicamente no facto, será erral-a; e tambem porque não haverá (n'esse caso)

toda a certeza do facto ser realmente crime. Assim como será inexacto fundal-a no facto e na apprehensão d'aquelle a quem esse facto for attribuido; não so porque assim escaparão muitos factos, como tambem porque, não se dando o flagrante, o facto póde não ter sido crime, o apprehendido póde não ser criminoso. O julgamento é pois indispensavel para a confecção da statistica criminal.

Mas ha ainda outro ponto que nunca deixa bem liquidas éstas mesmas statisticas, ainda quando ellas sejam escrupulosamente confeccionadas, em resultado dos julgamentos; porque estes não são nem poderiam ser afferidos por uma unica bitola, e assim as provas condemnatorias variando, e variando tambem a applicação da lei, tal anno haverá que apresente mais condemnados tendo havido realmente menos crimes; e vice-versa.

Em Inglaterra e França, onde se põe todo o cuidado, a maior diligencia, na boa organização d'esta statistica, é ella todos os dias objecto de soluções diversas e contradictorias. Alguns exaggeram o progresso da criminalidade; outros congratulam-se pela sua diminuição. D'este modo uma questão que paracia ser unicamente d'arithmetica, á vista dos documentos officiaes, dá logar a dissertações moraes muito interessantes.

Bem se vê pois, que eu me não admiro de que faltando-nos ainda os meios de podêrmos ser exactos n'este ponto, não tenhamos uma boa statistica criminal; mas quizera que, ao menos, se pozessem mais e melhor os meios para a termos, e não apparecesse assim desacompanhada de todas as circumstancias que a podem fazer devidamente apreciar.

INFLUENCIA DAS FRUIÇÕES MATERIAES SOBRE A MORALIDADE DO POVO.

II.

596 Quando em 1814 cessaram as grandes luctas, que, por quasi um quarto de seculo, tinham provocado um por um, ou todos junctos, os differentes povos ao campo da batalha, quando o homem formidavel que subiu tam alto a glória da França teve de succumbir aos golpes reunidos de inimigos innumeraveis conjurados para consummar a sua ruina, e que a Inglaterra, instigadora d'esta vasta colligação formada contra um so paiz, contra um so homem, viu afinal os seus esforços coroados de feliz successo, então, outras necessidades se revelaram á Europa decidida ao repouso. Uma era nova ia inaugurar-se — a da industria. Se o passado apparecia glorioso para a França, estava ella todavia forçada a confessar que tantas victorias nobremente peleijadas tinham sido estereis. O triumpho util pertencia á Inglaterra. O seu dinheiro tinha-lhe alcançado allianças, obtido traições, franqueado cidades, ganhado batalhas. O oiro tinha vencido o ferro. A França intendeu tambem, depois, que o oiro lhe asseguraria o verdadeiro, o unico podêr destinado a ser para o diante o signal da fôrça.

Os acontecimentos que se seguiram a 1814 viram nascer na França o estabelecimento do govêrno representativo, e n'alguns outros Estados, nomeadamente na Allemanha, constituições novas, assembleas deliberativas em que o povo intervem para votar os tributos e participar da confecção das leis.

Estes grandes factos d'uma paz geral vindos após uma guerra universal, estabeleceram novas relações de povo para povo; e modificaram a face geral da sociedade europea.

Por outra parte o systema continental, actuando mais directamente sôbre a França, tinha-a dotado de manufacturas e fôrças industriaes para cujo desinvolvimento so faltava tempo. Incommodados pelo bloqueio continental com o mesmo torpeço que a França, outros pontos, submettidos por muitos annos á espada de Napoleão, tentaram prescindir dos productos inglezes e abastecerem-se a si mesmos. Esses povos deveram começar, como em França, a crear fabricas e manufacturas, preciosas balizas por onde em breve passariam todas as grandes vias do commercio.

Foi decerto sob ésta influencia e com todos os germens industriaes, prestes a desabroxar, que entre os povos começou a longa tregua que abrange os últimos trinta annos, depois d'essa memoravel data de 1815. E apezar de especiosas previsões ella se mantem por uma fôrça que escusado é de procurar no juizo e moderação dos governos, nem tambem attribuir como se tem pertendido, ao medo que inspira o horror da guerra. Se ésta tregua se não tem rompido, é porque nenhum sentimento energico veio ainda reanimar a resolução dos povos. Não são so os braços que levam canhões contra canhões, são tambem as ideas; e as ideas hoje não são de odio nem destruição. Não ha passado que torne a começar.

Os trabalhos da guerra estavam acabados, os da paz iam nascer. A actividade humana voltou-se para as artes uteis. A mocidade entregou-se á industria, ao commercio, á navegação e a todas as especulações cuja primeira palavra é trabalho, e a última, descanso, commodidades, bem-estar.

III

As precedentes noções contribuirão para melhor intelligencia de como o facto capital de que nos occupâmos, se deve ter produzido na epocha em que vivemos, sob uma fórma e um character de generalidade que elle anteriormente não podia tomar.

D'este modo, ainda mesmo quando nos não tivesse sido prescripta a indagação das causas do que assim se manifesta, julgámos que haveria verdadeira satisfação d'espirito em saber a intima ligação dos factos que se observam com as circumstancias especiaes que teem dado a esses factos tam consideravel influencia sôbre o estado da sociedade.

O que nos toca agora é dizer os variados e numerosos resultados que necessariamente produzem n'um povo a « diffusão universal do bem-estar, o gôsto singular que para elle tem o maior número, e a tendencia das almas e das intelligencias a se preoccuparem d'esse gôsto exclusivamente. » Porque se essa diffusão fosse completa, comprehenderia em si a solução de um dos problemas sociaes mais dignos de fixar as meditações do philosopho e do estadista.

Tractando d'esta questão, declarâmos que o nosso espirito está livre de qualquer prisão systematica, e sem partido exporemos as consequencias diversas mas graves, que fatalmente derivam, emquanto a nós, do grande accidente politico tam convenientemente notado pela academia das sciencias moraes e politicas.

Essas consequencias são as seguintes:

Influencia na marcha do govêrno — sôbre a sua politica — sôbre a sua legislação — sôbre o patriotismo

nacional — sôbre os trabalhos públicos emprehendidos pelo Estado — sôbre as lettras, artes e estudos — sôbre os costumes geraes e privados, as relações civis, os sentimentos de familia — emfim sôbre toda a sociedade.

Como se ve, é vasto o campo das observações. Nós o abrimos, procuremos agora passeial-o.

IV

Qualquer que seja o seu principio, feudal ou aristocratico, democratico ou monarchico constitucional, o govêrno cede insensivelmente e obedece ás tendencias da epocha sôbre que elle julga exercer uma acção independente. Até mesmo não vive senão com ésta condição. O impulso que o govêrno recebe d'esta necessidade de se conformar com as ideas do tempo, é mais immediata e mais viva se elle precisa, para executar a sua vontade, do concurso das assembleas deliberativas. N'este último caso, longe de combater os progressos da nação para as fruições materiaes, as suas vistas, os seus projectos, todos os actos da sua politica não terão mais que uma direcção: satisfazer ésta necessidade; nem mais que um fim: o maximo desenvolvimento da riqueza pública. A honra nacional, como por muito tempo foi deffinida, soffrerá modificações. Para que ésta honra nacional excite a sollicitude do govêrno, será necessario que um interesse palpavel, fortemente ligado com a prosperidade pública, seja ameaçado ou corra algum perigo. Ésta disposição, sem cessar de ter o seu valor, não affracará por ventura as susceptibilidade legitimas que um grande povo deve experimentar? Talvez que haja n'isto abatimento do brio nacional, e a dignidade altiva nas relações diplomaticas tenderá a perder esse explendor criado por Luiz XIV e sustentado por Napoleão.

É de receiar que os grandes pensamentos que muitas vezes senão recommendam senão pela generosidade ou pela delicadeza da honra nacional não sejam bem comprehendidos. Haverá ainda d'essas subitas resoluções, d'esses movimentos electricos que aconselhariam uma intervenção leal, desinteressada, algumas vezes até onerosa em favor de uma causa justa? Antes de emprehender os govêrnos virão a indagar que beneficios materiaes resultarão d'um acto seu. E terão razão em referencia ao meio que obrarem. Aliás, fica-se no direito de accressentar, para suavizar a tristeza d'esta supposição, que poderia chegar um dia em que a honra nacional perdesse a sua nobre irritabilidade, mudasse sem dúvida de motor, mas sem nada perder da sua vitalidade.

Quando chegar essa epocha, toda consagrada ao culto das fruições materiaes, os trabalhos públicos não serão emprehendidos senão com a clausula de offerecerem incontestavel character de utilidade. O gôsto geral servirá de molde á pedra, ao granito e ao bronze; e este gôsto se affastará mais de dia para dia dos typos so opulentos, ou exclusivamente inspirados pelo amor da arte, e renome do soberano ou o enthusiasmo do povo. E quem sabe se, implorando o seu appoio, ou fazendo-se seu commensal, esse gôsto não dará ao povo uma imaginação, uma poesia cuja fórma nós não temos a faculdade de adivinhar? Os Medicis eram negociantes florentinos, e foram os mais magnificos protectores que jamais tiveram artes e artistas. Do mesmo modo não se deve desesperar da arte ainda mesmo entre os povos mais mercantis; damos por testimunha a Inglaterra d'onde sahiram n'estes últimos tempos Byron e Walter-Scott.

Uma sociedade tocada pelo contagio industrial e cada vez mais avida sempre do seu bem-estar, apresentará serias difficuldades aos govêrnos. Os embaraços nascerão particularmente da obrigação de satisfazer essa necessidade excessiva de fruições materiaes exigidas pelas classes menos abastadas e que as não possuiram ainda. Mas por outro lado, como essas fruições objecto de tantos votos, se tornarão partilha das classes medias, parte muito notavel da nação, as resistencias serão sempre contidas, calculadas de maneira que não ponham temerariamente em perigo aquillo que ja se possue com toda a fortuna de uma conquista obtida a preço de mil disvellos na vasta arena da concorrencia. Os tributos poderão receber maior extenção, com a condição porém de que o emprego d'elles venha à fecundar os trabalhos de utilidade geral. As vias de communicação, cuja rede abrange vasta extenção de territorio, não serão realizaveis, por exemplo, senão com ésta reserva. As estradas de interesse simplesmente local, hão de abrir-se, porque o individualismo é uma das consequencias inevitaveis do amor das fruições materiaes que tendem completamente a completar-se.

Temos fallado da desordem de que as profissões estão ameaçadas. Se as que vivem da premutação e producção se enriquecerão depressa, algumas descerão do alto ponto em que brilharam outr'ora. A profissão das armas tenderá a cahir em descredito, o seu prestigio se dissipará porque o desejo de conquistar terá cessado de ser intelligivel. Os exercitos de terra principalmente serão apenas conservados por considerações secundarias. O commercio e a industria virão a tomar a marinha debaixo da sua protecção, porque o seu concurso é indispensavel para proteger e effectuar as premutações, e conservar as relações longiquas. O primeiro logar será d'ella. E essa vantagem lhe criará privilegios e valerá distincções como na America do norte onde o commodoro substituiu o fidalgo.

Os tractados reclamados do govêrno pelas assembleas deliberativas não tornarão a ter por objecto a accessão de uma provincia ao solo da patria. Mas serão requeridas as convenções que abrem aos productos mercados novos. A diplomacia cahirá do seu alto cortejo, os embaixadores serão como correspondentes officiaes, consignatarios de uma grande empresa commercial. . . . .

Tal será o espirito do tempo. Nós marchâmos para a realização proxima d'esta revolução. Ella terá as suas sombras mas hade ter tambem a sua luz viva. O longo repouso de paz tem seus incantos; elle tem procreado maravilhas hade dar-nos prodigios. Nem sempre é prudente tirar toda a moralidade a uma epocha que nasce: seria amaldiçoar o filho ainda no berço. A Providencia não permitte que se adivinhem as suas obras: como deixaria ella que as condemnassem sem remissão antes de as conhecer? . . . .

As funcções públicas, exceptuando as mais elevadas, serão similhantes ás outras carreiras que o trabalho deve, antes de tudo fazer fortificar. Serão sollicitadas não tanto por ellas em si como pelas vantagens de que serão origem. Ninguem terá tempo a dar-lhes a menos que esse tempo não seja riccamente recompensado. O legislador terá que inventar outra ordem de em-

bições se isso for necessario ás suas vistas. Veneza teve a sua aristocracia commerciante e ella obteve conjunctamente riqueza e grandeza, associação de trabalho e dignidade pessoal.

As distincções honorificas participarão, em certo grau, da sorte das funcções públicas, um pouco desleixadas. Até parece que seriam destinadas a ser inteiramente o superfluo da existencia, se se soubesse quanto a vaidade é immorredoira no coração do homem. Que constituição social a anniquillará jamais; principalmente n'aquellas nações em que ella tem produzido, bem dirigida, tantos grandes homens e tantas obras immortaes?

(Continúa.)

Barão de Chaillou.

ILLUMINAÇÃO A GAZ.

(*Carta.*)

597 *Sr. Redactor.* — Sabe-se muito bem de ha muito, que não são lindezas, não são proveitos não são urgencias de uma innovação, que evitam que ella tenha antagonistas. Ao que passa quasi sempre se acham bellezas que não existiram, e são estas que offuscam as perfeições do que vai desabroxar. Lendo o n.º 46 do seu jornal deparei um artigo sobre a illuminação a gaz, que julguei perfeitamente n'este caso, e como estou persuadido que tenho alguma finura para conhecer desarazoados, e como estes não se conformam muito commigo, resolvi-me a escrever este pouco dizer sobre elle, mas que alias intendo ser acertado, e a sollicitar a V. de o inserir no seu proximo numero.

Com a leitura do citado artigo comecei por sentir que no seculo XIX apparecesse ainda uma voz que votasse por devermos ficar semi ás escuras pelas ruas, theatros, armazens de modas etc., sitios estes que demandam assaz de brilho, e por conseguinte appoie que devamos jazer no nosso atraso de civilisação. Em quanto Lisboa não tiver bem luminosas noites, por certo não se confundirá com Paris.

Depois fez-me doer sensivelmente que o nobre auctor do artigo, não duvidando da decadencia do commercio do azeite, ouse sustentar que devemos acompanhar toda a decrepitude d'aquelle negocio, sem advertir que se deve tractar de supprir o logar que elle occupa, o qual será dignamente preenchido pelo novo projecto de gaz, visto que toda a Europa o pretelha.

Que o commercio do azeite está moribundo é tanto verdade que diz o nobre barão d'Almeirim, (e deverá sabel-o) que na colheita passada o producto do azeite não chegou para as despezas; além de que diz mais, não ha tanto quanto necessario para que nós possamos deixar de nos soccorrer das nossas colonias, com a semente da purgueira, que nos faculta a maior parte da luz. Para que servirá então aos possuidores dos olivaes sustentarem aquelle negocio nocivo?

Para que hão de os habitantes de nossas colonias occuparem os seus torrões com uma semente que se torna conveniente dispensal-a, quando tanto uns como outros podem occupar as suas possessões terreas com productos de mais carencia, e por conseguinte mais lucrativos? E isto prova-se tão bem, que até a zelva, o sparceto por exemplo, para pastos, de que hemos tanta precisão, nos attesta dever ser mais lucrativo.

Se o nobre barão redarguir que se deve dar incremento a esta industria para que os commerciantes d'ella lhe não sintam a decadencia, parece-me não ser acertado ir animar um commercio (e para isso seria necessario um projecto que ainda se não concebeu) quando elle nunca nos poderá facultar mais que uma oppaca luz, que não poderá jamais competir com aquella do gaz: parece-me pois incongruente ir buscar o meio de animar um commercio, que não poderá jamais satisfazer aos desejos do seculo: parece-me emfim fóra de toda a conveniencia dar logar aos extrangeiros poderem dizer que nós portuguezes nem siquer vemos. Mas ainda aqui não paro, porque, se me disserem que se ponham em competencia o gaz e o azeite multiplicando-se as luzes d'este, quererei saber quanto valem os riccos reverberos de uma unica luz a gaz, que custa pouco, a par de muitas de azeite que se pagam caras. Valerá então a pena Sr. Redactor, deixar-mos de ter grandes manadas applicando-se os cabedaes de taes negociantes para ellas, deixarmos de ter baratas carnes, finas lans, abundantes couros, para nós e para exportarmos, afim de que nos sirva o azeite tão mal a vista e bolça, e deteriore os seus commerciantes? Respondam os commerciantes a quem não chega o producte do azeite para as despezas; responda o povo a que se póde previr melhoramento de luz e economia com a extincção d'elle; tome tambem parte na resposta a civilização quando tivermos uma cidade vistosa, attrahindo a boa sociedade a um diambulatorio nocturno, *frequentando* nossas lojas, ás quaes a *concorrencia nas ruas* disporá a não se fecharem de dia.

Emquanto ao consummo do carvão, a companhia propõe-se a gastar do nacional, e d'esta fórma *não* sei como S. Ex.ª poderá provar que não será um *bem* vital para as minas d'elle, as quaes se as não houvesse não sei intender como a companhia podesse contractar com o governo a servir-se d'ellas, e servindo-se, parece-me que sou razoavel se infiro que deve prosperar este ramo. Se além d'isto não serve de mais a companhia do que sanccionar a espoliação, como diz a peroração do artigo, referindo-se ao mal que fará ao azeite o incremento d'este commercio, direi que, quando um objecto é nocivo, a idéa de outro que porventura o extinga é mui digna de louvor.

Occorre mais dizer o nobre barão que do depreciamento do azeite *deve provir o anniquillamento de muitos milhares de fortunas n'este paiz!*

Oh! que lhe parece Sr. Redactor, muitos milhares de fortunas em Portugal?!! E pelo commercio da azeitona!! Misericordia! — Isto foi sem duvida rasgo de imaginação! — Mas convindo eu mesmo que haja algumas fortunas provindas pelo azeite, S. Ex.ª não m'o consentirá, porque lá diz *que se acha muito decahido do preço, e que alguns annos, como aconteceu no proximo passado, mal cobriu a despeza de apanho e fabrico*: por conseguinte houve perda, e com perdas so se o Sr. Barão sabe como se sustentam fortunas!

De maneira que por todo o discursar do artigo do nobre barão so encontro razões repletas de saudades pelo azeite (que tambem não recende agradavel odôr) e um resentimento talvez contra a companhia,

que não posso deixar de notar, porque se se illuminam os theatros com gaz, teremos uma bella optica, se se illuminam os caffés, parecer-me-hão mui lindos, se igualmente as mais lojas, ainda bem, que ja não desespero de podêr vêr para comprar qualquer coisa de noute, e se o proscripto azeite ainda appellar para o prato, saiba Sr. Redactor que *je ne l'aime pas*, e tudo isto serão progressos. Accresse mais, que a acua pelo gaz, terá mais modico preço que pelo azeite. Este era nossa industria ancian, appareceu outra rival mais forte por tantos modos, bem se deprehende que deve ficar vencida. Nós tambem tinhamos o grande commercio com as Indias, hoje está nos paroxismos. Appareceram as companhias que tudo revolvem somente no reino, e vingam.

P. F. L.

Maio 12 de 1846.

COLLOCAÇÃO DE UMA MERIDIANA-SONANTE NA CIDADE DO PORTO.

598 Nem tudo será eivado do phrenisi do seculo, nem tudo será politica no nosso reino. N'esse vortice immenso em que girâmos, onde mais vezes se debatem as paixões que os interesses do paiz, tambem alguma coisa hade surgir de verdadeira utilidade. O Porto acaba de fazer uma adquisição d'esta especie, e por fortuna minha coube-me a mim o seu desempenho. Ahi tem elle uma Meridiana sonante, ahi tem elle portanto satisfeita uma das suas grandes necessidades.

A simples Meridiana é uma machina demasiado comprehensivel e de facil obra, mas não assim se este instrumento se encarrega tambem de transmittir a hora que marca para um ponto longiquo por meio do toque de sinos. A Meridiana que hoje tem o Porto pratica isto.

Acha-se ella collocada no magnifico, e a todos os respeitos mui appropriado edificio da Torre-dos-Clerigos, e a seguinte, é a descripção mais abreviada do seu machinismo e effeitos.

Passando o sol (segundo a phrase recebida) pela linha Norte-Sul da cidade, um de oito delgados cordões feitos de quatro fios de retrós preto que se acha na mesma linha, se queima quando ferido pelo fóco de uma lente, e immediatamente pelo espaço de quasi dois minutos, se faz ouvir um repique dado em muitos sinos, e a detonação de um morteiro. Isto se passa na altura de 52 metros, ou, pouco mais ou menos 235 palmos acima da base da Torre, e portanto dá aviso á maior parte da cidade de quando é o seu verdadeiro meiodia, e convida a todos para que regulem seus relogios talvez duzentas e tantas vezes por anno que tantos são os dias presumiveis em que a atmosphera do Porto deixa ver áquella hora a face do sol.

Não obstante estar a Meridiana collocada fóra da Torre, e distante da machina que tange os sinos coisa de 50 palmos, e ésta afastada d'elles uns 102, o que torna um pouco difficil a communicação entre as diversas partes d'este todo, tudo se venceu, e uma vez truncado o cordão que se propoz á acção dos raios solares convergidos pela lente, os sinos tocam, echoa o morteiro, e a peça que contem os 8 cordões, foge da sua posição para depois de dar tempo á deslocalisação do fóco, vir off recer por um outro movimento que faz sôbre o seu eixo, um novo cordão que detem a maquina, e que hade repetir no outro dia ésta mesma scena. E porque são 8 os cordões, e 8 tambem os dias de corda que a machina tem, so depois de seccionado o último cordão, é que é necessario refazel-a de novos cordões, e de nova corda que é preciso dar-lhe.

Se alguma Meridiana similhante a ésta existe na Europa ou na America, eu não tenho d'isso conhecimento, e se as leis da mecanica não fossem circumscriptas a certos respeitos, e portanto mais faceis de se repetirem seus resultados do que é possivel renovarem-se as figuras do Kaleidoscopio, eu não teria duvida em sustentar que decerto outra Meridiana igual não ha, por isso que ésta é de minha pura invenção e execução no mais delicado de suas partes. E ainda me lisongeio que tão feliz fui em minhas combinações que nenhuma me falhou, e não tive que perder uma unica peça, salvo as que ingeitei por menos consistentes, e ainda algumas outras que tive de abandonar em consequencia de novo acordo tomado de serem tangidos diversos sinos e não um so.

Conscio como estou de que a minha obra é de inquestionavel utilidade, não quererei so para mim o exclusivo dos gabos que d'ahi possam provir, e por tanto direi que o Porto a deve á exm.ª camara municipal que a mandou fazer; aos seus commissionados os illm.os srs. Antonio Alves de Sousa Guimarães, e Manuel Joaquim Gomes Guimarães que commigo tractaram; a s. ex.ª o sr. bispo da diocese, aos illustrissimos mesarios da irmandade dos clerigos e seu secretario o illm.º sr. D. Francisco da Piedade Silveira que prestaram o edificio, e finalmente aos meus amigos os illustrissimos srs. João Vieira Pinto, Francisco Joaquim da Silva Natividade e Luiz Ferreira de Sousa Cruz que particularmente me prestaram todo o auxilio de que careci para a levar ao cabo; devendo tambem mencionar que o sr. Manuel Bernardes Galinha, muito habil artista de Coimbra, muito me coadjuvou pondo á minha disposição a sua bem estabelecida officina de que eu me utilizei por não ter n'aquella cidade ja a minha, e finalmente a outras mais pessoas.

N. B. A Torre-dos-Clerigos (de 316 palmos de altura ou 70 metros pouco mais ou menos) é julgada a maior do reino, e a mais bem segura entre as principaes da Europa, excedendo n'esta singularidade as de Bristol, Utrecht, Hamburgo, Riga e Bologna, porque além de ser toda de cantaria tem multiplicados campanarios com 12 sinos (hoje tem 10). A igreja foi sagrada a 12 de dezembro de 1779 pelo reverendo Fr. João Raphael de Mendonça e concluida em 1763. A torre um dos maiores obeliscos, que se vê 10 leguas ao mar, serve igualmente de balisa ou marca para por ella se dirigirem as embarcações que entram no Douro. (Directorio Civil, Politico e Commercial de 1846).

Porto 8 de maio de 1846.

Verissimo Alves Pereira.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO XXXVIII.

Jantar nos reaes paços de Affonso Henriques. — Sautés e salmis. — Desce o A. á Ribeira de Santarem em busca da tenda do Alfageme. — A espada do Condestavel. — Desappontamento. — O salão elegante. Dissipam-se as ideas archeologicas. Os fosseis. — Tudo melhor quando visto de longe. — O baile público. — Soirée de piano obrigado. — Theatro. Desafinações da prima-dona. Syphlis incuravel das traducções. Destempêro dos originaes. — A xácara de rigor, o subterraneo e o cemiterio. — Sublime gallimathias do ridiculo. — A bella e necessaria palavra 'gallimathias.' — Se as saudades matam. — Perigo de applicar o scalpello ou a lente ao mais perfeito das coisas humanas. — De como a logica é a mais perniciosa de todas as incoherencias.

599 Esperava-nos comeffeito em casa do nosso bom hóspede, nos regios paços de Affonsô Henriques, um esplendido jantar a que assistiram quasi todos os cavalheiros da terra. — Não quero fallar de notabilidades por ser palavra peralvilha a que tenho invencivel zanga. — As iguarias de legítima eschola portugueza, não menos saborosas e delicadas por apparecerem estremes de *sautés e salmis* extrangeirados. Brilhavam sôbre tudo os productos das duas grandes vendimas rivaes, do Ribatejo e Ribadouro. Foi largo e alegre o jantar.

Acabámos tarde, montámos logo a cavallo, e pela porta de Atamarma descemos á Ribeira; era quasi sol pôsto quando la chegámos.

É o suburbio democratico da nobre villa, hoje o ricco e o forte d'ella. Faz lembrar aquellas aldeas que se criaram á sombra dos castellos feudaes e que, libertos depois da oppressora protecção, cresceram e ingrossaram em substancia e fôrça: o castello, esse está vazio e em ruinas.

Por aqui se faz todo o commercio da Extremadura e Beira com o Alémtejo. Os habitantes laboriosos e activos conservam os antigos brios e independencia do character primitivo: é a unica parte viva de Santarem.

Cruzámos a povoação em todos os sentidos, procurando rastrear algum vestigio, confrontar algum sitio onde podessemos collocar, pela mais atrevida suppozição, a tenda do nosso alfageme com as suas espadas bem 'corregidas', as suas armaduras luzentes e bem postas — e o joven Nun'alvares passeando alli por pé, ao longo do rio — como diz a chronica — namorado d'aquella perfeição de trabalho, e dando a 'correger' a bella espada velha de seu pae ao rustico propheta que tantos vaticinios de grandeza lhe fez, que o saudou condestavel, conde d'Ourem e salvador da sua patria.

Nada podémos descubrir com que a imaginação se illudisse ao menos, que nos désse, com mais ou menos anachronismo, uma leve baze siquer para reconstruirmos a gothica morada do célebre cutileiro-propheta que a historia herdou das chronicas romanescas, e hoje o romance outra vez reclama da historia.

Em Santarem ha poucas casas particulares que se possam dizer verdadeiramente antigas; na Ribeira, nenhuma. As implastagens e replastagens successivas teem anachronizado tudo. É uma feliz expressão do Sr. Conde de Raczinski bem applicada por elle ao estado de quasi todos os nossos monumentos, ésta de anachronismo.

Mas alli, na villa alta ou Marvilla, no Santarem propriamente ditto, ha os templos, os conventos, a cêrca das muralhas que todavia conservam a physionomia historica da terra; aqui nem isso ha.

Voltei completamente desappontado da Ribeira, isto é, da sua pedra e cal: gôsto immenso da sua gente.

Outra surpreza de mui differente genero nos esperava á noite em Marvilla, no elegante salão da B. d'A. com quem fomos tomar cha.

Em meio das ruinas e desconfôrto d'aquelles desertos e mortos pardeiros circumstantes, ir incontrar uma casa em plena florescencia de civilização e de vida; ver a amabilidade e a elegancia fazendo graciosamente as honras d'ella — por mais que se devesse esperar — sempre espanta á primeira vista: parecia golpe de varinha de condão.

Em tam agradavel e joven companhia todas as ideas archeologicas se desvaneceram, apezar de dous ou tres fosseis que alli appareceram para se não perder de todo a côr local.

Largamente se conversou, de Lisboa principalmente, dos nossos mutuos amigos, das festas do último hynverno, das probabilidades que se deviam esperar do futuro.

Ralhámos muito da sociedade portugueza; exaltámos París e Londres e não sei se Pekim e Nankim tambem, e concluimos que antes Timboktuo do que a seccante capital do nosso pobre reino. E comtudo estavamos com saudades d'ella; e concessão d'aqui, concessão d'alli, viemos a que não era tam má terra como isso.

Admiravel condição da natureza humana, que tudo nos parece melhor e menos feio quando visto de longe!

O baile público mais semsabor, detestavel de barulho e confusão, em que, para repousar os

olhos n'um rosto conhecido e agradavel, foi preciso furar por entre centenas de cotovellos barbaros que se não sabe d'onde vieram, levar desalmadas pisadellas do dançante noviço, do deputado recemchegado, e das botas novas do novo director da Galocha — e, mais horrivel que tudo! ver as absurdas toiletes, os penteados fabulosos, as caras incriveis e as antidiluvianas figuras de tanta mulher feia e desastrada... pois esse mesmo baile, quando ja não é senão reminiscencia que acorda no meio do infado ronceiro de uma terra de provincia, parece outro. As luzes, as flores, a musica, toda aquella animação lembra com prazer, o mais esquece, e involuntariamente se desvia um pobre homem a suspirar por elle. . . . .

A soirée mais massante, de piano obrigado, com dueto das manas, polka das primas e casino das tias velhas — recordada em eguaes circumstancias, tambem ja não accorde á memoria senão como uma reunião escolhida e intima, de facil e doce tracto... oh! o verdadeiro prazer da sociedade.

Pois o theatro... Que se lembre alguem na provincia dos martyrios que soffreu o ouvido com os berros da prima-dona, as desafinações do tenor, ou com o infadonho resonar d'aquella adormecida orchestra de San'Carlos!

A injoativa traducção de uma comedia da Rua-dos-condes, roída de incuravel syphlis, figura-se avelludada de todas as graças do stylo de Scribe.

E o destempêro original de um drama plusquam romantico, laureado das imarcessiveis palmas do Conservatorio para eterno abrimento das nossas bôccas, la de longe applaude-o a gente com furor, e esquece-se que fummou todo o primeiro acto ca fóra, que dormiu no segundo, e conversou nos outros, até á infallivel scena da xacara, do subterraneo, do cemiterio, ou quejanda, em que a dama, soltos os cabellos e em penteador branco, indoudece de rigor, — o gallan, passando a mão pela testa, tira do profundo thorax os tres *ahs!* do stylo e promette matar seu proprio pae que lhe appareça — o centro perde o centro de gravidade, o barbas arrepella as barbas... e maldicção, maldicção, inferno!... 'Ah mulher indigna tu não sabes 'que n'este peito ha um coração, que d'este coração sahem umas arterias, d'estas arterias " umas veias — e que n'estas veias corre san-'gue... sangue, sangue! Eu quero sangue, por-'que eu tenho sede, e é de sangue... Ah! 'pois tu cuidavas? Ajoelha, mulher, que te 'quere matar... esquartejar, chacinar!' — E a mulher ajoelha, e não ha remedio senão applaudir...

E applaude-se sempre.

E não é de mim que fallo, que eu gósto d'isto: os outros é que se infastiam e cansam de tanta barafusta, sempre a mesma...

Mas emfim o que digo é que na provincia não ha tal fastio, que esquece a canceira, e que nem o sublime gallimathias do ridiculo d'alli se percebe.

Peço aos illustres puritanos que, á fôrça de sublimado quinhentista, tem conseguido levar a lingua á decrepitude para a curar de suas infermidades francezas, peço-lhes que me perdoem o *gallimathias*, porque elle é muito mais portuguez que outra coisa. A célebre oração *pro gallo Mathiae* deu origem a ésta bella e expressiva palavra, foi sim pronunciada em francez; mas hoje precisâmos ca muito mais d'ella que em parte nenhuma.

Volto ja da digressão philologica: tornemos á optica e catoptrica.

Grande coisa é a distancia!

E dizem que saudades que matam! Saudades dão vida; são a salvação de muita coisa que, em seu pleno gôso e posse pacifica, pereceria de inanição ou morreria da oppressora molestia da saciedade.

Por isso eu não gósto de metter o scalpello no mais perfeito da construcção humana, nem de applicar a lente ao mais fino e delicado do seu funccionar...

Vamos usando d'estas palavras que herdámos, sem metter louvados na herança; não succeda descobrirmos que estamos mais pobres do que se cuidava... vamos repetindo éstas phrases que nos formularam nossos antepassados sem as analysar com muito rigor; não succeda vermos claro demais que temos passado a vida a mentir...

Detesto a philosophia, detesto a razão; e sinceramente creio que n'um mundo tam desconchavado como este, n'uma sociedade tam falsa, n'uma vida tam absurda como a que nos fazem as leis, os costumes, as instituições, as conveniencias d'ella, affectar nas palavras a exactidão, a logica, a rectidão que não ha nas coisas, é a maior e mais perniciosa de todas as incoherencias.

Não fallemos mais n'isto, que faz mal e acabemos aqui este capitulo.

(Continúa.) *A. G.*

ETHNOGRAPHIA DO JORNALISMO.

600 O jornalismo, o vapor e os carris-de-ferro são, segundo se diz, os tres mais poderósos agentes da civilização moderna que hoje se conhecem; e d'entre elles o jornalismo é o mais poderoso. Os artigos dos jornaes podem ás vezes mais que muitas machinas de vapor, e os seus libellos correm mais rapidos que uma locumotiva.

Dizem que o jornal nasceu da liberdade da discussão· Não contesto; mas peço tambem que me acceitem a opinião de que o jornal é tambem, n'uma de suas phases, alimentado pela licença dos costumes.

O principio do jornalismo foi bom, como quasi sempre são os começos de todas as coisas, Os jornaes litterarios foram os primeiros jornaes, a sua missão era boa e verdadeiramente civilizadora. Vieram depois os folliclos e os pamphletos; e eu creio n'uma desgraçada verdade, de que é principalmente pelos libellos que o jornalismo adquiriu grande parte da sua popularidade. Se porém não foi pelos libellos foi sem dúvida do espirito de curiosidade que entre os homens se tem desinvolvido a mais e mais n'estes tempos modernos, desde o *Curioso impertinente* de Cervantes e do *Diabo-coixo* de Le Sage.

Muita coisa bonita se tem ditto e diz, afavor do jornalismo: mas de ordinario quem escreve os jornaes é quem mais os louva. Tem-se fallado com emphasi na *nobre missão do escriptor público*, e as phrases retumbantes não tem faltado, assoalhadas pelo cadi do editor, do alto do minarete d'um escriptorio, para chamar os crentes não á oração do profeta mas ao obolo da redacção. Eu tenho de mim para mim que uma boa parte d'essa *nobre missão* consiste, judiciosamente, em ganhar alguns patacos. E é para notar que havendo tanta coisa que custa e tem custado, um certo dinheiro, ainda nenhuma d'ellas foi designada pelo nome da moeda do seu preço senão os jornaes. *Gazeta*, como todos sabem, e como até aos nossos dias se chamava a todos os jornaes indistinctamene, era o nome de certa moeda que custavam na Italia os jornaes logo á sua instituição.

Tambem se diz que o governo representativo é o verdadeiro elemento do jornalismo. Assim será, mas o facto demonstra que os jornaes nasceram nos paizes governados pelo systema absoluto, que nunca ahi foram interrompidos, e que hoje todos os povos que são governados ainda pelo systema do absolutismo teem jornaes e muito bons jornaes. Pelo que nos diz respeito, os jornaes datam do tempo de D. João IV; nasceram com a guerra da independencia; e regulares ou não regulares, publicavam-se então á maneira de jornal as noticias do exercito, e até julgo mesmo que algumas disposições governativas. Eu não posso dizer com certeza se ésta especie de jornalismo foi ou não interrompida até á creação da *Gazeta de Lisboa*, estitico jornal que deve toda a sua celebridade á exiguidade do seu plano e singularidade da sua fórma. Mas fosse ou não, que não vem isso agora para o caso, é certo que no começo d'este seculo, quando nas outras nações se principiou tambem a desinvolver o jornalismo, Portugal, que era então sob o regimen do absolutismo, ao menos nas *fórmas*, e dominado pelo supremo tribunal da inquisição, de que tanta coisa feia se tem ditto, e da mesa-censoria, e de não sei que mais obstaculos aos *progressos das luzes e da civilização*, contava n'esse tempo pelo mundo vinte e tantos, quasi trinta, jornaes escriptos em lingua portugueza; e hoje em todo o Portugal não ha mais do que então havia. A nossa vizinha Hispanha, sob o mesmo regimen e circumstancias, contava n'aquella mesma epocha tambem os seus trinta jornaes.

Eu não faço aqui a historia do jornalismo; nem tambem mais do que mencionar factos; mas não pensem os leitores (aquelles menos sabidos n'estas materias) que, come jornaes de tal epocha, seriam indigestos e mal escriptos aquelles: não eram tal. Havia o *Mercurio lusitano*, o *Telegrapho portuguez*, o *Correio de Lisboa*, e outros jornaes politicos de bom plano, e escriptos em muito boa linguagem. Tinhamos o *jornal de Coimbra*, o *Semanario d'instrucção e recreio*, e a *Gazeta d'agricultura e commercio*; e publicaram-se depois em Londres o *Investigador-portuguez*, *O Campeão etc.*, e em Paris os *Annaes das sciencias e artes*, *O Observador etc*.

Se eu tivesse tempo e espaço para desinvolver as ideias que d'este facto derivam teria agora occasião para uma larga analyse da impressa comparativa da epocha d'hoje com a d'então. Vejamos porém outra phase do jornalismo.

Com a introducção do systema liberal n'um paiz tomam grande incremento e desinvolvem-se os jornaes politicos; e nos tempos d'agitação ainda é maior o seu desinvolvimento. Assim, pelo que nos toca, vimos apparecer depois de 1820 mais de vinte jornaes em Portugal, afóra pamphletos etc., todos politicos, e quasi igual número em 1834. A Hispanha tem seguido identico movimento.

Ora, quando cessam as agitações politicas, ou a estabilidade dos governos firma o systema e resfria as paixões, os jornaes politicos cedem o passo, em toda a parte, aos jornaes dittos litterarios. E ainda mais, os mesmos jornaes politicos que subsistem, alimentados pelos partidos, que mais ou menos furibundos, não acabam nunca, veem-se na necessidade de se amphibiarem em jornaes tambem litterarios. D'aqui a origem dos folhetins, parte indispensavel hoje em todos os jornaes politicos, porque a secção politica d'elles não é bastante para dar interesse á sua leitura. E por isso vemos tambem que o jornalismo politico em França se vai todo transformando em jornalismo litterario; e, por mais que se queira, a parte politica d'elles, qualquer que seja o logar que occupe na folha, é sempre de mui secundario interesse para a *maioria* dos leitores. Assim vemos que, ou seja Odillon-Barrot, ou Thiers, ou Guizot, que redijam artigos de politica, os jornaes morrem se em auxilio d'elles não veem os Dumas, os Sand e os Sue. O *Constitutionnel* jaz moribundo, por exemplo, nos braços de Thiers, ressurge ovante sôbre as palmas de Sue.

Nas nações que leem (logo fallarei da nossa) não é so o romance e a litteratura que hoje dão interesse e se julgam parte essencial do jornalismo da epocha, os melhoramentos materiaes e as sciencias, são actualmente em toda a parte o complemento d'um bom jornal. Em França, por exemplo, não ha jornal d'uma certa importancia, ou que deligenceie obtel-a, que não traga o *compte-rendu* da academia das sciencias. Na Inglaterra, sóbe isso de ponto: os conhecimentos chamados *uteis*, a *parte positiva*, occupa as columnas dos seus jornaes com preferencia ostentosa sôbre to-

das as outras partes, principalmente litteratura. Nos Estados-Unidos, a litteratura é uma parte quasi nulla na maior parte dos seus jornaes. A Italia e a Hispanha são os paizes em que ainda a imprensa periodica é na maior parte exclusivamente litteraria; estão na mesma razão para a litteratura que toda a Allemanha está para as sciencias naturaes e moraes.

Em Portugal não posso eu dizer com exactidão qual é o character do nosso jornalismo: a fôrça de querer ter todos, parece-me a mim que quasi não tem nenhum. A parte politica nos jornaes está agora, por assim dizer, semi-cadaver. Os homens que se preconizam hoje como mais eminentes em politica, não escrevem para os jornaes. A parte scientifica, a não ser medicina, não tem, nem em sciencias naturaes nem moraes, um orgão seu na imprensa periodica. Os conhecimentos materiaes e positivos, apenas começam agora a serem tractados pelo jornalismo. A parte litteraria é a que mais tem distinguido sempre os nossos jornaes; mas ainda assim, não se julgue que eu a ache em geral muito importante. Alguns excellentes artigos que n'esta parte tem sahido nos jornaes portuguezes, não tem sido continuados nem numerosos.

Ha outra phase muito distincta no jornalismo de todos os povos, que tambem tem decerto contribuido poderosamente para a propagação da sua leitura: é a dos *costumes*. Em França o jornalismo é a este respeito verdadeiramente critico e curioso; na Inglaterra é licencioso, por vezes obsceno e quasi sempre ridiculo. Tenho pouca noticia dos jornaes d'Italia; mas nos que tenho visto ésta parte é pouco interessante. Em Hispanha o jornalismo quando tracta d'esta materia é quasi sempre petulante e satyrico.

O jornalismo em Portugal tem uma parte eminente considerado por ésta phase. *O almocreve das petas*, o *Demonstrador* de José Agostinho de Macedo, e muitos outros, occuparam d'antes um logar distincto como criticos de costumes. Pouco a pouco, ou porque as susceptibilidades se tenham tornado cada vez mais delicadas, ou porque a coragem e o atticismo tenham fallecido; ésta parte tem perdido muito, mas nunca de todo, a sua passada importancia. Ha annos, ainda o *Barbeiro* dos *Pobres no Porto* escrevia muitos chistes de merecimento real no seu genero; hoje são raros os gracejos de *Braz Tizana* que possam ser comparados com aquellas facecias. N'esta parte porém tem ainda o jornalismo em lingua portugueza um optimo representante, é o *Carapuceiro* do Rio-de-Janeiro.

Eu não sei onde me levariam éstas considerações. Vejo que é preciso acabar, e o meu ponto estava apenas incetado. A ethnographia do jornalismo não é coisa que se possa tractar rapidamente; mas como eu não estou escrevendo uma obra apenas escrevo um artigo, poderei quando tiver opportunidade voltar ao assumpto, ainda que torne uma ou mais vezes aos objectos que ficam esboçados. O que me custa porém é concluir sem dizer alguma coisa dos leitores dos jornaes: o jornalismo depende essencialmente d'elles. Em Portugal ainda se não lê. Ésta é que é a verdade, que a observação demonstra diariamente; diga-se o que se quizer. E não haverá bons jornaes porque não ha quem os leia; ou não ha quem os leia porque elles não são bons? A minha affirmativa é pela primeira parte da questão. É indubitavel que em Portugal tem havido muito bons jornaes, antiga e modernamente. Acho que citando os antigos, *Semanario d'instrucção e recreio*, e *jornal de Coimbra*, e o moderno *Panorama*, nos seus viçosos dias, ninguem me contestará.

Mas que fortuna fizeram elles?

Aqui está o facto visto por um lado; vejamol-o agora por outro. Portugal tem 3.400.000 almas; o jornal que teve maior número d'assignantes, tendo gravuras, e sendo baratissimo, foi o *Panorama*; pois não excederam a 3,000 nos seus melhores dias, não contando com a extracção do Brazil!

Ponhamos agora na presença d'este número os centenares de mil assignantes dos jornaes inglezes! Em França contam-se tambem os assignantes ás dezenas de mil. Ha n'aquelle paiz 400 jornaes, e so em Paris 300 d'estes; pois apezar d'este crescido número; apontam-se uns poucos com vinte, trinta mil assignantes etc.

É porque em França le-se. Os gabinetes de leitura estão sempre cheios de gente, ou sejam publicos ou particulares. N'aquelles é ás vezes preciso retalhar o jornal para acudir á anciedade da leitura d'elle. Em cima do fogão ha o jornal, á cabeceira da cama ha o jornal, á mesa do comer apparece o jornal. O cabelleireiro, o alfaiate etc., tem jornaes para os freguezes se interterem; e assim por diante. Onde está em Portugal o gabinete público de leitura? Quem le jornaes portuguezes n'um gabinete d'uma sociedade, d'uma philharmonica, ou sôbre a jardineira d'uma sala de visitas? Qual é o alfaiate que os compra, onde mora o cabelleireiro que os tem?

A verdade é que em Portugal ainda se não le. A REVISTA comtudo vai começar o seu volume sexto: ella não é dos mais queixosos. Eu estou que é conveniente teimar para alcançar... Algum dia será.

BIBLIOGRAPHIA.

LES ARTS EN PORTUGAL — *par le Comte de Raczinsky*. — Paris 1845.

601 Não se passa dia sem que os prelos da Europa deixem de gemer com a publicação de alguma obra descriptiva de algum paiz.

N'este seculo de caminhos-de-ferro e barcos de vapor, a facilidade das communicações tem derribado as barreiras que separavam as nações, e por isso augmentado sôbre maneira o número de viajantes, que levados pelo amor das sciencias e artes, ou mesmo por simples curiosidade, se teem dedicado a investigar quanto póde chamar a attenção dos eruditos.

Em meio porém, d'esta *locumoção* scientifica não tem cabido a melhor sorte a este nosso pequeno Portugal: Em quanto os desertos e mares da Asia, Africa e America, são percorridos em todos os sentidos por naturalistas e antiquarios; em quanto que os cartorios e museus de todos os paizes são revolvidos para descubrir um documento, uma medalha etc.: as nossas provincias e os nossos archivos são desconhecidos. D'onde isto proceda não vem agora para o caso examinar; basta que estabeleçamos este facto, o qual ninguem negará, mas que tambem notemos a excepção que apresenta a obra do C. de Raczinsky.

É muito para louvar que este auctor tendo de tractar de um objecto tam novo, como escrever ácerca das artes em Portugal, não seguisse o costume geralmente seguido pelos extrangeiros quando escrevem sôbre

coisas nossas: e vem a ser, tomarem Lisboa por Portugal; o que em rhetorica poderá ser desculpavel, mas que em historia, sciencias e artes, é absurdo.

Viajou e correu grande parte da Extremadura, Beira, Alemtejo, e esteve no Porto. O fim de todos os seus trabalhos era puramente artistico, e muito em especial decidir a questão da existencia do nosso pintor — Vasco — mais conhecido pelo epitheto de Gran'-Vasco.

Para conseguir este fim colheu com incansavel zèlo todos os soccorros que a sua posição social (ministro diplomatico da Prussia na côrte de Portugal) lhe facilitava achar; aproveitou os trabalhos d'alguns dos nossos distinctos litteratos; examinou como *artista* muitas das nossas collecções de quadros, e ajudado de uma critica severa mas justa, porque é imparcial e fundada, emitte a sua opinião.

Não nos é permittido pela natureza d'este artigo entrar em miuda analyse da obra, quanto mais que o que se acha impresso não é senão a introducção da obra toda, a qual com esta primeira parte contará outras duas. Contentar-nos-hemos com dar uma breve notícia, certos de que obras taes devem ser lidas, e por isso, mostrar a sua importancia e o methodo seguido pelo auctor, é quanto basta para se conseguir o fim indicado.

O auctor adoptou a fórma epistolar, por isso que mais facilmente podia saltar de uma a outra materia, e mesmo em logares rectificar o que em outros houvesse ditto de menos exacto.

Deixando de parte o que este systhema póde ter de vantajoso ou não, diremos somente que muito bom resultado tem n'esta obra, porque dá logar a conhecermos as gradações por que foi passando o juizo do auctor. Assim, com respeito á existencia do Gran'-Vasco, houve tempo em que o auctor accreditou que este nome *symbolisava* um modo de pintar, depois desenganou-se porque adquiriu a certeza da existencia de um pintor d'esse nome natural de Vizeu, foi lá, porque lá existiam quadros authenticos d'elle, e estudou-os. Por conseguinte de um modo agradavel e natural, e com uma candura que honra o verdadeiro merito, porque este não accredita na impecabilidade, leva o leitor ao exame das razões que moveram e seu juizo.

As vinte e nove cartas de que consta e primeiro volume são cheias de interesse pelas noticias e observações de que estão recheadas.

Acompanham éstas cartas varios appendices comprobativos. Este methodo de authenticar qualquer proposição é muito alleman, e ja foi muito portugueza, e quanto a nós (embora incorramos no anathema de pesados) muito digna de seguir-se. Não conhecemos nenhum meio de certificar um ennunciado de facto, senão junctar-lhe as peças todas do processo. Áquem do Rheno não é isto moda, mas acima das modas está a razão, que exige provas em vez de imagens e brilho quando se tracta de materias positivas.

Alguns d'estes appendices são muito curiosos, e notaremos principalmente o da primeira carta — Tractado da pintura, por Francisco de Hollanda — vertido em francez do original inedito existente na Bibliotheca da academia-real das sciencias.

O auctor ainda depois de verificada a existencia do Gran'Vasco, é de opinião que este pintor nunca formou *eschola*, bem como, que entre nós nunca houve eschola de pintura no sentido artistico d'esta phrase. Tracta de consolar-nos porém, mostrando que muitos e muito indisputaveis são os titulos que os portuguezes teem á gratidão da humanidade, para que devam querer usurpar uma glória que lhes não pertence.

Subscrevemos completamente á sentença do auctor — Para conservar illesa a nossa boa nomeada, é necessario manter illeso o nosso character, e esse foi (não diremos que é) dar a cada um o que é seu; póde ser que por muito riccos não carecessemos do que não nos pertencia, e que hoje a razão contrária produsa effeitos contrarios...

Como discussão artistica e litteraria julgâmos ésta parte da obra de C. de Raczinsky muito digna de elogio. Os pintores do nosso grande seculo adoptaram a *maneira* flamenga, e os que depois da infausta usurpação dos extrangeiros Philippes, pintaram, seguiram, a eschola italiana. Foi mau fado nosso que éstas duas epochas não fossem coevas das idades de oiro das duas escholas que nos serviam de modèlo, e por isso nem imitámos os optimos d'entre os flamengos e italianos.

É, porem, muito para notar que a eschola hispanhola nunca nos servisse de modèlo. O facto é indisputavel porque a comparação dos quadros não póde deixar hesitar o juiz imparcial; mas a explicação não nos parece muito obvia, a não recorrermos a causas politicas. E na verdade, quando as nossas relações com os Paizes-baixos soffriam quebra, era quando o jugo de Hispanha pesava sôbre nós, e por conseguinte quando (parece) nós deveriamos imitar os seus pintores; mas talvez que mesmo a natureza d'esse mesmo jugo per violento e ferreo, nunca podesse dobrar o genio das bellas artes, e antes desinvolvesse o espirito de resistencia e reacção. No emtanto seja o que fôr, julgâmos este ponto bem digno das investigações das pessoas intendidas.

Em quanto á nossa architectura e monumentos é o C. de Raczinsky severo juiz; mas nem por isso deixa de tributar os devidos louvores quando ha razão para isso. Nós folgâmos muito com algumas das suas criticas, e não podêmos deixar de notar a que faz ao insulto feito ao bom-gôsto, que se ve no edificio da igreja de Belem, cuja primorosa fabrica se acha deturpada pelas ridiculas vidraças que, ha pouco, lhe pozeram.

Não concluiremos ésta noticia, sem dar a conhecer o juizo que o auctor, com um verdadeiro amor da arte, dá a respeito dos elegios *animadores* dos nossos criticos áquelles, que se dedicam ás bellas-artes. Julga elle que taes elogios desmesurados em vez de produzirem o aperfeiçoamento, so podem produzir illusões, que depois serão destruidas pelo desengano, mas já quando, não houver remadio.

A muitos parecerá talvez errado este modo de julgar; a nós, porém, que estimâmos em muito a critica, quando justa, embora seja severa, parece-nos muito acertado; porque cremos firmemente que esses elogios so tendem a produzir mediocridades, coisa que repugna com bellas-artes.

Ao concluir éstas reflexões todas em abono da obra do C. de Raczinsky, desejaramos não ter que fazer reparo algum em seu desfavor; mas faltariamos ao nosso dever, se lhe não notassemos a infidelidade de quasi todas as versões que fez do portuguez, cujos originaes podémos examinar.

É pena que este defeito venha deslustrar uma producção, que julgâmos de mui subido merito.

S B.

POESIA.

O LYRIO.

602 Oh quanto és formosa
Innocente flor,
Terna imagem d'anjo,
Sorriso d'amor!

Tão linda pareces
Pela aura emballada
Á margem do rio,
Gentil, perfumada,

Qu'as rosas, os astros,
As aves e o ceu,
Invejam primores,
Qu'o Eterno te deu.

E o garbo que ostentas
Ao surgir d'aurora,
Co'as gotas brilhantes,
Qu'a noite vapora!

Então de teu cális
De brandura alpina
Desprendes essencia
Suave e divina.

E qual virgem casta
Do templo do sol,
Curvada saudando
Dourado arrebol:

Ao Senhor off'reces
A simples primicia,
Que os ceus embriaga
De sancta delicia.

E do lyrio branco,
Que jaz na soidão,
Acolhe o Senhor
A muda oração.

E do throno d'oiro
Onde é assentado,
De gemmas mui finas
E perlas ornado:

A chuva, o calor
Á terra lhe envia,
Com bençãos o cobre
De noite e de dia.

Sim, que ante seus olhos
Pequenos não ha;
So puros incensos
Recebe Jehovah.

Oh quanto és formosa
Innocente flor
Terna imagem d'anjo
Sorriso d'amor!

Lisboa 14 de dezembro de 1845.

João Augusto de Amaral Frazão.

VARIEDADES.

PHISIOLOGIA DO NARIZ.

603 Porque não havemos nós occupar-nos *do nariz?* — N'estes tempos poeticos em que d'um *monturo* se fazem jardins Elysios, póde-se muito bem fazer do nariz um artigo de jornal.

A these que estabelecemos não é todavia das mais faceis; a questão é quasi um novello de linha nas unhas d'um gato, como diz V. Hugo, e se não houver alguma Ariadna que nos livre d'este labyrintho estamos perdidos! Emfim o leitor hade ser indulgente: mesmo talvez tenha genio inglez, isto é, de gostar de jantar bem, beber melhor, e pôr de parte a politica para se encaixar no folhado das empanadas de — *anecdotes, birth's, mariages etc.* — como elles costumam, para dar noticia do *Fashionable world!* Ora pois, sirva-nos isso de animação, e va *o nariz para depois de jantar!*

Estamos sobremaneira embaraçados n'esta materia *nasologica*, é um problema que custa mais a resolver do que determinar todas as propriedades das curvas, e se não fossem alguns livrinhos que estão diante dos olhos, não escreviamos o artigo nem á mão de Deus padre.

O que é *o nariz?* Venham os Diccionarios, abra-se o Moraes. — *O nariz é o membro do rosto onde estão as ventas...* bravo! isto é que se chame deffinir! Talvez que julguem que ésta deffinição é inventada por nós, pois vejam a 4.ª edicção de A. de Moraes e Silva, pag. 349, e ahi a acharão *ipsis verbis*.

A nossa deffinição, com quanto não seja nova, ha-de ao menos ser mais exacta. Vejamos — O nariz é o ponto da perfeição physica, é o centro da harmonia visual, é o foco do sentimento e da intelligencia. — Isto agrada-nos; e não é por modestia que francamente confessâmos que *é ésta uma boa deffinição*, não nos venham com as mãos á cara: porque ainda não ha muito que um litterato disse: *sendo tão bonito e tão bem escripto, e tendo agradado tanto o meu drama que até fui coroado acho-me cercado de uma aureola de glória*; e outro n'um prologo d'uma traducção confessou, *que a extracção do seu primeiro romance* (venderam-se cremos eu que 6 exemplares) *o havia obrigado a satisfazer aos desejos do publico, publicando uma nova traducção!*

Maldita critica, malditas frioleiras! Se não fosse levarmos agora a mão á cara, ficavam os leitores desapontados. Mãos á obra e d'esta vez promettemos nem siquer tomar o folego.

Xenefonte quiz provar que um homem era falho de animação e chamou-lhe *homem sem nariz;* os latinos para dizerem de alguem que era intelligente chamavam-lhe: *homo emunctæ naris;* Marcial disse em uma occasião que estava de bom humor: *non datum est cuicumque habere nasum?* Os italianos para indicarem que este ou aquelle é homem de talento, servem-se da seguinte expressão: *Quegli ha buon naso.* — Está pois comprovada a grande estimação que entre os antigos e modernos tem um bom nariz.

A perda d'um olho causa dó, faz compaixão, mas, a perda do nariz causa tedio e horror. Por isso homens dos tempos passados castigavam arrancando o nariz; senão haja vista o que fez Megollo Lerccai a

Pedro Luiz Farnese, a quem o povo de Parma arrastou pelas ruas sem nariz.

Porventura um nariz grande não será signal de talento? Walter Scott e Schiller tinham grandes narizes? Lamartine e Victor Hugo, são conhecidos por homens de *narizes collossaes?* E Voltaire, Moliere e Boileau? Não se deu a Ovidio o cogonome de—Naso—por ter um *tremebundo nariz?* — Apezar disso é mister distinguir as especies de narizes, e é o que vamos fazer.

Um nariz grosso *sem modificações*, é o typo da ignorancia e da estupidez; — nariz comprido e delgado, indica astucia; — nariz perpendicular mostra uma constancia a toda a prova (esses narizes são raros nas senhoras!) nariz estreito na extremidade é signal de fraqueza; — nariz aquilino mostra espirito atilado, e a raiz do nariz angusta, quer dizer energia passageira — Deus nos livre de tal nariz!

Dizem muitos que o nariz nunca foi a séde d'amor, e que por isso Bernardim Ribeiro não fallou no nariz de D. Brites (ou Beatriz). Camões no de D. Catharina, Petarcha, no de Laura, Gonzaga no de Marilia, nem Tasso no de Leonor etc.; mas nós tambem perguntaremos como se namorava d'antes? Não era içando a *bandeira branca*, arrumando-se á esquina da rua, e arremelgando o olho á *menina*, que correspondia com um escarrinho ou igual dóze de *fluido mucoso*?

Sem duvida que hoje, que a economia politica está tanto em moda, sería trabalho digno d'um bom economista provar, e podia-o, que o nariz influe na agricultura, no commercio, na prosperidade publica, e nas relações sociaes. Senão veja-se: uma *assuadella*, como ja dissemos, produzia (e ainda produz) um namoro, um namoro traz comsigo, de ordinario, um casamento, um casamento os filhos; e eis-ahi a patria com cidadãos uteis so pelo effeito d'esse milagroso talisman — o nariz!

A estanqueira do Loureto fez a sua fortuna por ter nariz grande; e dizem que a familia Bringsingue aprendêra civilidade por o criado cossar no nariz. N'uma palavra se tentasse-mos mostrar as vantagens que o nariz tem produzido á sociedade, teria-mos de fazer um artigo que occupasse *vinte e quatro numeros* da Revista, *sempre* com o *continuar-se-ha*, obrigando assim o leitor a espreguiçar-se vinte e quatro vezes para chegar a salvamento ao fim d'esse mar de somno.

Nós o esperâmos; o nariz tambem ha de ter o seu *Say* e o seu *Smith*. O nariz adquirirá então grande importancia — essa chamar-se-ha *nasal*, e o seu progresso *narigal*. — Ja se nos afigura esse dia de regosijo em que a exemplo do tempo em que a França gritou: *Vive le bonnet rouge!* gritaremos todos: *Viva o nariz!* — Far-se-hão, tractados, encyclopedias, codigos, reflexões e folhetins: e os paes tractarão de examinar seus filhos ao nascerem, e contentes exclamarão: 'Bemditto sejas! tens um bom nariz!...'

* * *

CORREIO EXTRANGEIRO.

604 No caminho-de-ferro de Amsterdam para Haia foram transportados, no anno de 1845: 626,316 viajantes e 5,762,931 libras hollandezas de mercadorias. O rendimento foi de 643.983 florins.

A rede de caminhos de ferro actualmente em projecto na Prussia, deverá ter no espaço de dez annos 600 milhas de extensão e custará obra de 200.000.000 thalers. Hoje existem ja concluidas 150 milhas que tem importado em 64.000.000 thalers.

CORREIO NACIONAL.

605 Infelizmente quando mais queremos é que ordinariamente não podêmos. Ésta semana, foi um oitavario theatral dos mais interessantes: a *primeira physica* de França (os leitores bem sabem que éstas phrases são ornamentos de cartaz) a apresentar-nos os jogos do *passa traspassa* da madre Celestina ('incantadora e roubadora,' accrescenta a cantilena; mas no presente caso so se dá... a primeira d'estas qualidades); a abertura de um nova theatro de declamação, que é na verdade coisa memoranda entre nós; uma peça nova no Salitre; a continuação das representações lyricas em San'Carlos pela companhia do theatro de San'João do Porto; e ainda mais não sei quantos nem quaes sainetes d'este genero... vejam la os leitores em que faltas não fica a Revista sem poder dar-lhes pontual conta de tam lindas coisas! Para a semana serão satisfeitos, tenham a bondade de esperar; para lhes não faltar-mos a elles era preciso que primeiro nos não faltasse a nós a saude.

Ensaia-se no theatro-nacional um drama, em 5 actos original — A Madresilva — acção familiar, epocha 1668, que deve ter a sua primeira representação na noite de 30 do corrente em beneficio da Sr.ª Emilia.

Por edital da inspecção-geral dos theatros de 16 do corrente, foi posta a concurso a empresa de declamação e d'opera-italiana, do theatro do Porto, sem se fixar o subsidio, e deixando livre ao concorrente a proposta das condições.

A receita do asylo da mendicidade no mez d'abril último foi de 1:157$059 réis, além de diversos donativos e tomadias em generos. A despeza foi de 929$475 réis, e mais 403$808 réis dispendidos em obras e reparos do edificio: o deficit foi coberto pelo saldo do mez antecedente de que ainda sobraram 93$955 rs. Ficaram existindo 348 homens e 252 mulheres, total 600, e mais 4 menores em deposito, que foram encontrados ao desamparo nas ruas da capital.

O rendimento das alfandegas de Lisboa, Sette-casas e Porto no mez de abril último foi de 448,324$816.

No mez de abril último despacharam-se na alfandega das Sette-casas: 2,026 pipas de vinho e 308 de azeite, 25,124 arrobas de carne, 215 de porco, 1.455 de vitella e carneiro, e fructas e vegetaes no valor de 20,149$450 réis; tudo para consummo. E para exportação despacharam-se 1,861 pipas de vinho.

Ha hoje em Lisboa 120 boticas, 41 lojas de drogas, e 2,443 casas e lojas de alimentos e bebidas.